



O Novo

COMENTÁRIO
BIBLICO

NOVO
TESTAMENTO

com recursos adicionais

A Palavra de Deus ao alcance de todos

Editores

Earl D. Radmacher ▪ Ronald B. Allen ▪ H. Wayne House



O NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO

NOVO TESTAMENTO

com recursos adicionais

A Palavra de Deus ao alcance de todos

Editores

Earl D. Radmacher ▪ Ronald B. Allen ▪ H. Wayne House





REIS BOOK'S DIGITAL

O NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO

NOVO
TESTAMENTO

com recursos adicionais

A Palavra de Deus ao alcance de todos

Earl D. Radmacher

Doutor em Teologia / Editor Geral

Ronald B. Allen

Doutor em Teologia

Editor do AT

H. Wayne House

Doutor em Teologia e Direito

Editor do NT



Copyright 1999 por Thomas Nelson, Inc.
Copyright 2009 por Editora Central Gospel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Título original: *New Illustrated Bible Commentary –*

Spreading the light of God's Word into your life

Título em português: *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais*
— *A Palavra de Deus ao alcance de todos.*

Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House

Rio de Janeiro: 2010

864 páginas

ISBN: 978-85-7689-142-0

1. Bíblia – Comentário bíblico I. Título II.

Gerência Editorial

Jefferson Magno Costa

Coordenação do projeto

Patrícia Nunan

Tradução

Bruno Destefani

Eduardo M. Oliveira

Hivana Malafaia

Núria Soares

Patrícia Aguiar

Roberto Alves

Simone Campos

Valéria Lamim Delgado

Cotejamento, pesquisa e revisão

Andréa Ribeiro

Célia Nascimento

Claudia Lins

Joseane Cabral

Josemar Pinto

Judson Canto

Mike Martinelli

Nilda Nunes

Patrícia Calhau

Patrícia Nunan

Reginaldo de Souza

Rosa Maria Ferreira

Rosana Brandão

Tatiane Souza

Capa, projeto gráfico e diagramação

Joede Bezerra

Impressão e acabamento

Pro! Gráfica

1ª edição: janeiro/2010

Os textos bíblicos utilizados neste comentário foram os da Versão Almeida Revista e Corrigida (ARC). Eventualmente, foram comentados palavras e expressões da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Nova Versão Internacional (NVI), da New King James (NKJ) e outras versões assinaladas, sempre com o fim de ampliar o entendimento dos leitores a respeito de aspectos importantes dos textos originais da Palavra de Deus.

É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.

Este comentário está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor a partir de janeiro de 2009.

Editora Central Gospel Ltda

Estrada do Guerengê, 1851 - Taquara – Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 2187-7000 • www.editoracentralgospel.com

COLABORADORES

Ronald B. Allen, Th. D.
Ray Bakke, D. Min., Th. D.
Calvin Beisner, Th. D.
Barry J. Beitzel, Ph. D.
Darrel Lane Bock, Ph. D.
James Borland, Th. D.
Dick Chewning, Ph. D.
Robert B. Chisholm Jr. Th. D.
Michael G. Cocoris, D.D.
Ronald Dennis Cole, Th. D.
Joseph Edward Coleson, Ph. D.
W. Robert Cook, Th. D.
Sue Cotten
Barry C. Davis, Ph. D.
Darryl DelHoussaye, D. Min.
Gary Waine Derickson, Ph. D.
Joseph C. Dillow, Th. D.
Duane Arthur Dunham, Th. D.
David J. Eckman, Ph. D.
Stanley A. Ellisen, Th. D.
Arthur L. Farstad, Th. D. (in memoriam)
Dietrich Gruen, M. Div.
Pete Hammond, M. Div.
William Hendricks, M. A., M. S.
H. Wayne House, Th. D., J. D.
David M. Howard Jr., Ph. D.

Thomas Ice, Ph. D.
S. Lewis Johnson Jr., Th. D.
Sharon Johnson, D. B. A.
Walter C. Kaiser Jr., Ph. D.
Deborah Jane Kappas, Th. M.
J. Carl Laney, Th. D.
Donald H. Launstein, Th. D.
Asa Boyd Luter Jr., Ph. D.
Walter Creighton Marlowe, Ph. D.
Eugene H. Merrill, Ph. D.
Bruce M. Metzger, Ph. D.
Thomas Kem Oberholtzer, Th. D.
Gregory W. Parsons, Th. D.
Dorothy Kelley Patterson, D. Min., Th. D.
Richard D. Patterson, Ph. D.
Susan Perlman
Earl D. Radmacher, Th. D.
Neil Rendall, B. Div.
Moishe Rosen
Ray C. Stedman, D. D (in memoriam)
Clinton Stockweli, Ph. D., Th. D.
Stanley D. Toussaint, Th. D.
Willem VanGemerem, Ph. D.
Bruce K. Waltke, Ph. D., Th. D.
John F. Walvoord, Th. D., D. D., Litt. D.

ABREVIATURAS

Livros da Bíblia				Outras abreviaturas	
Antigo Testamento		Novo Testamento			
Gn	Gênesis	Mt	Mateus	a.C.	antes de Cristo
Êx	Êxodo	Mc	Marcos	d.C.	depois de Cristo
Lv	Levítico	Lc	Lucas	c. [circa]	Aproximadamente, por volta de
Nm	Números	Jo	João	comp.	comparar
Dt	Deuteronômio	At	Atos dos Apóstolos	cap.	Capítulo(s)
Js	Josué	Rm	Romanos	ed.	editado, edição, editor
Jz	Juízes	1 Co	1 Coríntios	ex.	exemplo
Rt	Rute	2 Co	2 Coríntios	gr.	grego
1 Sm	1 Samuel	Gl	Gálatas	hb.	hebraico
2 Sm	2 Samuel	Ef	Efésios	ibid.	ibidem, no mesmo lugar
1 Rs	1 Reis	Fp	Filipenses	i.e.	id est, isto é
2 Rs	2 Reis	Cl	Colossenses	lit.	Literal, literalmente
1 Cr	1 Crônicas	1 Ts	1 Tessalonicenses	NT	Novo Testamento
2 Cr	2 Crônicas	2 Ts	2 Tessaionicenses	AT	Antigo Testamento
Ed	Esdras	1 Tm	1 Timóteo	p.	página, páginas
Ne	Neemias	2 Tm	2 Timóteo	trad.	tradução, tradutor, traduzido
Et	Ester	Tf	Tito	vol.	volume
Jó	Jó	Fm	Filemom	v.	versículo, versículos
Sl	Salmos	Hb	Hebreus		
Pv	Provérbios	Tg	Tiago		
Ec	Eclesiastes	1 Pe	1 Pedro		
Ct	Cantares	2 Pe	2 Pedro		
Is	Isaías	1 Jo	1 João		
Jr	Jeremias	2 Jo	2 João		
Lm	Lamentações	3 Jo	3 João		
Ez	Ezequiel	Jd	Judas		
Dn	Daniel	Ap	Apocalipse		
Os	Oséias				
Jl	Joel				
Am	Amós				
Ob	Abadias				
Jn	Jonas				
Mq	Miquéias				
Na	Naum				
Hc	Habacuque				
Sf	Sofonias				
Ag	Ageu				
Zc	Zacarias				
Ml	Malaquias				

UM TIPO DIFERENTE DE COMENTÁRIO BÍBLICO

Todas as pessoas que leem a Bíblia têm o desejo saber mais sobre o que há nas Escrituras e entendê-la melhor. Diversos tipos de materiais de apoio vêm sendo desenvolvidos para atender a este propósito, embora a maior parte deles seja focada em categorias específicas de informação — *atlas*, mapas para o estudo de rotas; *dicionários*, para a perfeita compreensão das palavras; ou *livros* que tratam de temas específicos da Bíblia. No entanto, para um entendimento global e o estudo geral da Bíblia, a melhor fonte de informação é um comentário bíblico.

Os comentários podem ser de diversos tipos e são encontrados em uma grande variedade de formatos e tamanhos, desde aquele que foi publicado em apenas um volume até o que possui sessenta volumes. Infelizmente, eles também têm um estigma negativo, pelo menos para pessoas não muito esclarecidas. Basta citar a palavra *comentário* para pessoas leigas, e ouvirá algumas o classificarem de *longo*, *áspero*, *chato*, ou *confuso*. Isto porque muitos comentários são escritos e desenvolvidos para estudiosos e especialistas, e cumprem bem o seu objetivo de fornecer informações especializadas, específicas e detalhadas para teólogos e eruditos. Contudo, se você não pertence a este grupo de

elite, os comentários podem deixá-lo um tanto intimidado.

O *Novo Comentário Bíblico AT e NT com recursos adicionais* é diferente dos comentários tradicionais. Isto porque, desde a concepção até a produção final, ele foi projetado e desenvolvido para o público em geral — tanto para pessoas comuns que querem enriquecer seus conhecimentos acerca da Bíblia e da cultura antiga, como para estudantes da Bíblia, professores de escola dominical e líderes que trabalham com estudos bíblicos. A linguagem é clara, direta e acessível, não deixando a desejar em relação a nenhuma outra obra do gênero.

Mais de 50 renomados estudiosos contribuíram para este estudo, que é compacto e completo, com considerações importantes sobre cada versículo bíblico ou grupo de versículos, os personagens principais das narrativas bíblicas, questões e temas que continuam atuais e relevantes até hoje. É um comentário atraente e agradável, com informações extras e mapas, que tornam ainda mais fácil a compreensão dos fatos e das rotas seguidas por homens e mulheres de fé, que foram guiados por Deus rumo ao propósito maior que Ele tinha para a vida de cada um.

Ao longo dos comentários, há vários boxes com informações extras sobre a cronologia de cada livro bíblico, os principais assuntos abordados

em cada livro, a origem e o significado de palavras-chave nos versículos, e artigos classificados

de acordo com os tipos de assuntos abordados. Essas seções seguem a classificação a seguir:

	<h3>LINHA DO TEMPO</h3>		<h3>APLICAÇÃO</h3>
	<p>Esclarece a cronologia de cada livro da Bíblia, permitindo ao leitor perceber cada um em seu contexto histórico.</p>		<p>São artigos que enfatizam a aplicação dos princípios bíblicos na vida do leitor. Assim, este pode colocar a Palavra de Deus em ação na sua vida.</p>
	<h3>ESBOÇO</h3>		<h3>ENTENDENDO MELHOR</h3>
	<p>Contem tópicos com os principais assuntos abordados em cada livro bíblico.</p>		<p>São artigos que descrevem como os fatores culturais têm relação com acontecimentos bíblicos. Este tipo de análise dos tópicos permite ao leitor entender um pouco mais sobre mundo bíblico.</p>
	<h3>EM FOCO</h3>		<h3>COMPARE</h3>
	<p>Contém estudos sobre a origem das palavras que ajudam o leitor a compreender o que as expressões originais, em grego ou hebraico querem realmente dizer.</p>		<p>Nesta seção, são apresentados quadros e tabelas para que o leitor possa reconhecer a relação entre pessoas e eventos de forma rápida e fácil.</p>
	<h3>VOÇÊ SABIA?</h3>		<h3>PERFIL</h3>
	<p>Contém informações úteis e relevantes a respeito de certos aspectos que estão sendo abordados no texto bíblico.</p>		<p>São estudos da personalidade e do caráter dos protagonistas bíblicos, a fim de que o leitor possa percebê-los de forma mais profunda.</p>
	<h3>APROFUNDE-SE</h3>		
	<p>Contém informações teológicas e históricas que ajudam o leitor a entender melhor as passagens bíblicas.</p>		

Além de todos esses recursos, antes dos comentários por capítulo e versículo, há uma útil introdução de cada livro da Bíblia, informando sobre a autoria, a possível data em que foi escrito e outros fatos relevantes. Também há mapas, que estão distribuídos ao longo de toda a obra, e *artigos essenciais*, no início desta obra, que oferecem uma rica visão do Antigo e do Novo Testamento, assim como esclarecimentos sobre os principais temas e doutrinas bíblicas.

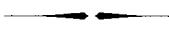
Ao fim dos comentários do Antigo Testamento, antes de serem iniciados os comentários sobre o Novo Testamento, há um artigo especial que ajudará o leitor a entender melhor os *400 anos do*

período intertestamentário. E, no final da obra, existe um apêndice, com duas seções com artigos relevantes sobre a *arqueologia bíblica* e a *história da Igreja*. Por fim, há uma extensa bibliografia, com outras excelentes fontes de consulta, para você aprofundar seus estudos.

Que *O novo comentário bíblico AT e NT, com recursos adicionais*, que é único no mercado, seja útil na vida de cada estudante da Bíblia, permitindo que a fé esteja aliada à verdade e à razão, a fim de que a Palavra de Deus ilumine todo o seu caminho, produzindo vida, saúde e crescimento em todos os sentidos!

SUMÁRIO

Índice de artigosxi	1 Tessalonicenses	555
Índice dos mapas	xvi	1 Tessalonicenses	571
Um olhar sobre o Novo Testamento	xvii	1 Timóteo	583
Período Intertestamentário	1	2 Timóteo	603
Comentário do Novo Testamento		Tito	619
Mateus	9	Filemom	629
Marcos	89	Hebreus	635
Lucas	139	Tiago	669
João	217	1 Pedro	685
Atos dos Apóstolos	285	2 Pedro	707
Romanos	357	1 João	721
1 Coríntios	407	2 João	739
1 Coríntios	449	3 João	743
Gálatas	479	Judas	747
Efésios	499	Apocalipse	755
Filipenses	517	Apêndices	
Colossenses	539	Descobertas arqueológicas importantes e a Bíblia	805
		Histórico da Igreja atual	825
		Bibliografia geral	831



ÍNDICE DE ARTIGOS



APLICAÇÃO

(Boxes de artigos que enfatizam a aplicação prática dos princípios bíblicos)

Como fica, então, a lei do Antigo Testamento?	25
Não julgueis!	30
O poder do perdão	34
Preparando outros líderes	38
O que significa ser como Jesus	39
Vivendo no limite	53
Compromisso	55
Pagamento injusto?	58
Como Jesus lidou com a fama	60
Um desafio à autoridade	62
O dízimo	69
A escolha de líderes	80
Todas as nações	87
Falta-te uma coisa	117
Qualidade, não quantidade	124
Adoração, não desperdício	127
A pobreza e o Reino	161
Marta: ocupada com o serviço?	175
Nem todos crerão	246
Senhor acima de qualquer dúvida	281
Compartilhando todas as coisas	300
O perigo de mentir para Deus	302
A educação de Moisés	309
Superando barreiras	321
A fé e os direitos legais	348
Salvação	362
Encarando a verdade a respeito do pecado	364
Boas-novas para os pecadores	368
A natureza perigosa do pecado	377
Um escravo do pecado	379
Dois tipos de pecado	380
Transformado pelo Espírito	383
Justiça	388
Antídoto contra a doença da comparação	395
O arco-íris de Deus	401
O cristianismo é uma muleta para os fracos?	413
De quem é o crédito?	415
O perigo vem de dentro para fora	419
Livres da tirania das coisas	420

Cuidado com a tentação	428
Algumas atividades são mais importantes?	435
Prestação de contas ao Corpo de Cristo	456
A importância da imagem	458
Auxílio para os pobres	470
A defesa de Paulo	472
Força na fraqueza	475
Direitos	491
O que vou ganhar com isso?	503
De improdutivo a ofertante	511
A perspectiva ampla de Paulo	522
Pensando no futuro	576
Bons conselhos para um novato	596
O desafio do contentamento	600
O manual de trabalho de toda uma vida	608
Falso cristianismo	612
Treinamento pessoal	623
A necessidade do ensino e aconselhamento de mulheres por mulheres	624
Unidos para a obra	627
Grandes lições desta pequena carta	633
Lições sobre liderança	647
A superioridade de Jesus	652
Um novo concerto	653
Fé crescente	659
Tempo de fazer um exame geral	666
O chamado cristão à santidade	693
Enfrentando dificuldades	695
O negócio da igreja	705
A Fonte do poder	711
Desejando ardentemente a eternidade	718
Libertando-se da culpa	724
Transmitindo Cristo a outras pessoas	726
Adoração ou ira?	772



APROFUNDE-SE

(Boxes com artigos com informações teológicas e históricas)

O nascimento de Jesus	14
Jesus, o Nazareno	19
O batismo de Jesus	21

O Sermão do Monte	27
Verdades sobrenaturais	33
Parábolas: mais do que histórias	63
Caifás, o sumo sacerdote	77
Judas Iscariotes, o traidor	79
O significado de Messias	83
Solta-nos Barrabás	133
Uma oferta maravilhosa	136
Boas-novas para os gentios	143
Demônios	178
Jerusalém solapada pelos gentios	204
Crucificação	211
Deus não faz acepção de pessoas	234
Alimentando cinco mil pessoas	243
Jesus e o sofrimento humano	256
Vida para Lázaro, morte para Jesus	260
As mulheres na vida de Jesus	279
Pedro é perdoado	283
Um evangelho com abrangência mundial	289
O Espírito da profecia	295
Discípulos transformados	304
Testemunho em Samaria	313
Pôr que João Marcos voltou para casa?	329
O evangelho em Éfeso, um caso a ser estudado	341
Submissão à Autoridade	396
O que importa é a mensagem, não o mensageiro	412
A corrida para obter a coroa	427
A nova aliança	432
Ofertas no Novo Testamento	468
Quem foram os gálatas?	485
O conceito de submissão	512
Os cristãos em Filipos	521
A cidade de Colossos	542
Falsos ensinamentos em Colossos	551
Imoralidade sexual	565
Descrições do fim dos tempos	567
Uma nova forma de adoração	591
Viúvas na família	597
Fé e obras	675
A perseguição em Bitínia	689
Apocalipse como literatura apocalíptica	774
Interpretando o Apocalipse	793

Os eventos da Semana Santa	121
Que Maria?	134
Da derrota à vitória: Adão e Jesus enfrentaram a tentação	154
Apresentando-se apenas em Lucas	174
Jesus em Isaías	215
Os sete sinais e seu significado	220
Jesus debate com os fariseus	251
As sete declarações de Jesus: Eu Sou	257
Os julgamentos de Jesus	275
Entendendo a morte de Jesus	280
O poderoso nome de Jesus	297
Comparação entre os ministérios de Pedro e Paulo	325
A vida cristã	393
As condições fundamentais da salvação	397
Dons espirituais versus responsabilidades espirituais	434
Fatos sobre a ressurreição	442
O tribunal de Cristo	463
Um ministro fiel	466
A graça <i>versus</i> a lei	494
A busca cristã	536
A preeminência de Cristo	550
Disciplina da Igreja	580
Conselhos práticos para o ministério	587
Descrições da vida cristã	609
A majestade de Cristo	643
O imperativo da fé	663
Rico ou pobre	672
Os líderes na igreja	704
Uma vida de retidão em um mundo mau	714
As sete igrejas em Apocalipse	767



EM FOCO

(Boxes de estudo das palavras)

Jesus (gr. <i>iesous</i>)	16
Tentado (gr. <i>peirazo</i>)	22
Bem-aventurado (gr. <i>makarios</i>)	23
Belzebu (gr. <i>Beelzeboul</i>)	38
Cristo (gr. <i>Christos</i>)	40
As chuvas e a colheita	44
O denário	59
Galinha (gr. <i>ornis</i>)	71
O Reino dos céus (gr. <i>he basileia ouranon</i>)	74
Sinagoga [gr. <i>sunagoge</i>]	105
Rabi [gr. <i>rabbí</i>]	132
Deus em carne	222
Cheios do Espírito Santo (gr. <i>plēthō pneumatos hagiou</i>)	299
Temente a Deus (gr. <i>phoboumenos tôn theón</i>)	319
A graça (gr. <i>charis</i>)	331
O Espírito (gr. <i>pneuma</i>)	333
Os filósofos epicureus e estoicos	

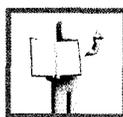


COMPARE

(Quadros e tabelas)

As profecias sobre o nascimento de Jesus	15
Os doze	37
As aparições de Cristo ressuscitado	86
O Batismo na Bíblia	94
Os deuses pagãos citados no Novo Testamento	100
Os milagres em Marcos	106

(gr. <i>Epikoureioi kai Stoikoi philosophoi</i>)	337	Clamores vãos (gr. <i>kenophōnia</i>)	601
Nazarenos (gr. <i>nazoraios</i>)	349	Que maneja bem (gr. <i>orthotomeō</i>)	611
Cristãos (gr. <i>chistianos</i>)	352	Divinamente inspirada (gr. <i>theopneustos</i>)	614
Propiciação (gr. <i>hilastērion</i>)	370	Aparição (gr. <i>epiphaneia</i>)	614
Justificação (gr. <i>dikaiōsis</i>)	373	Livros (gr. <i>biblion</i>)	615
Reconciliação (gr. <i>katallag</i>)	374	Servo (gr. <i>doulos</i>)	622
Unidos (gr. <i>sýmphytos</i>)	376	Deus, nosso Salvador (gr. <i>soter hemon theos</i>)	625
Lei (gr. <i>nómos</i>)	381	Lavagem da regeneração (gr. <i>loutron palingenesias</i>)	626
Adoção (gr. <i>huiiothesia</i>)	384	Resplendor (gr. <i>apaugasma</i>)	639
Predestinado (gr. <i>proorizō</i>)	385	Expressa imagem (gr. <i>charakter</i>)	639
Mistério (gr. <i>mystērion</i>)	392	Comandante (gr. <i>archēgos</i>)	641
Transformar (gr. <i>metamorphoō</i>)	394	Misericórdia (gr. <i>eleos</i>)	646
Esperança (Gr. <i>elpis</i>)	402	Palavras (Gr. <i>logion</i>)	648
Comunhão (gr. <i>koinonia</i>)	411	Feito semelhante (gr. <i>aphomoioo</i>)	651
Vãos (gr. <i>mataios</i>)	416	Conhecer (gr. <i>ginosko / oida</i>)	654
Templo (gr. <i>nāos</i>)	421	Redenção (gr. <i>apolutrōsis</i>)	656
Liberdade (gr. <i>exousia</i>)	425	Concerto (gr. <i>diathēkē</i>)	657
Idolatria (gr. <i>eidololatreia</i>)	429	Novo e vivo caminho (gr. <i>hodos prosphatos kai zōsa</i>)	658
Línguas (Gr. <i>glossa</i>)	438	Mediador (gr. <i>mesitēs</i>)	664
Ressurreição (gr. <i>anastasis</i>)	443	Boa dádiva (gr. <i>dosis agathē</i>)	673
Espírito vivificante (gr. <i>pneuma zoopoion</i>)	445	Semelhança de Deus (gr. <i>homoiosis theou</i>)	678
Selado (gr. <i>sphargizo</i>)	455	Senhor dos Exércitos (gr. <i>kurios Sabaōth</i>)	680
Vasos de barro (gr. <i>ostrakinos skeuos</i>)	460	Ungindo (gr. <i>aleipho</i>)	683
Justiça de Deus (gr. <i>dikaiosune theou</i>)	464	Palavra (gr. <i>logos</i>)	692
Generosidade (gr. <i>haplotes</i>)	467	Exemplo (gr. <i>hupogrammos</i>)	696
Serviço (gr. <i>leitourgia</i>)	471	Co-herdeiros (gr. <i>sunkleronomos</i>)	699
Apóstolo (gr. <i>apostolos</i>)	476	Amor (gr. <i>agape</i>)	701
Revelação de Jesus Cristo (gr. <i>apokalupsis iesou Christou</i>)	484	Poder divino (gr. <i>theios dunamis</i>)	710
Aio (gr. <i>paidagogos</i>)	490	Estrela da alva (gr. <i>phosphoros</i>)	713
Rudimentos (gr. <i>stoicheion</i>)	492	Conhecimento (gr. <i>gnosis</i>)	719
Carne (gr. <i>sarx</i>)	496	Advogado (gr. <i>parakletos</i>)	728
Propósito (gr. <i>prothesis</i>)	504	Unção (gr. <i>chrisma</i>)	730
Feitura (gr. <i>poiema</i>)	505	Pecado (gr. <i>hamartia</i>)	738
Dispensação (Gr. <i>oikonomia</i>)	506	Igreja (gr. <i>ekklesia</i>)	746
Novo homem (gr. <i>kainos anthropos</i>)	510	Sensuais (gr. <i>psuchikos</i>)	753
Socorro (gr. <i>epichoregia</i>)	524	O Dia do Senhor (gr. <i>kuriakos hemera</i>)	760
Combatendo juntamente (gr. <i>sunathleo</i>)	525	A árvore da vida (gr. <i>xulon tes zoes</i>)	763
Forma de Deus (gr. <i>morphe theou</i>)	527	Sete Espíritos (gr. <i>hepta pneumatá</i>)	769
Movendo-se para baixo	528	Hades (gr. <i>hades</i>)	771
Virtude (gr. <i>arete</i>)	535	O Todo-poderoso (gr. <i>pantokrator</i>)	786
Jesus Cristo (gr. <i>iesous Christos</i>)	543	Armagedom (gr. <i>armageddon</i>)	787
Primogênito (gr. <i>prototokos</i>)	544	Diabo (gr. <i>diabolos</i>)	795
Plenitude da divindade (gr. <i>pleroma tes theotetos</i>)	547	Nova Jerusalém (gr. <i>ierusalem kaine</i>)	797
Paz (gr. <i>eirene</i>)	552	O Alfa e o Ômega (gr. <i>to α kai to ω</i>)	798
Perfeito (gr. <i>teleios</i>)	553		
Exemplos (gr. <i>tupos</i>)	560		
Vinda (gr. <i>parousia</i>)	563		
Santificação (gr. <i>hagiasmos</i>)	564		
Espírito (Gr. <i>pneuma</i>)	569		
Epístola (gr. <i>epistolē</i>)	570		
Perdição (gr. <i>olethros</i>)	575		
O iníquo (gr. <i>ho anomos</i>)	577		
Redenção (gr. <i>antilutron</i>)	590		
Bispo (gr. <i>episkopos</i>)	594		



ENTENDENDO MELHOR

(Boxes de artigos que descrevem como os fatores culturais que têm relação com acontecimentos bíblicos)

Uma família pobre fica rica	18
Olho por olho?	26

Orando ao nosso Pai	28
Jesus, um pregador da cidade	36
Raça de víboras.	42
Os partidos políticos dos dias de Jesus	50
O significado de pequeninos	57
Os pátios do templo	61
Herodes, o grande construtor.	72
A sinagoga	96
O amigo de Jesus	116
Noivado.	145
O sustento tirado das águas do mar da Galiléia	157
O excesso fariseu.	164
Que tipo de tempestade era essa?	168
Honrando o Sábado	187
Apenas um retornou	193
Páscoa	205
Água em vinho	229
Os judeus não se comunicavam com os samaritanos	236
Deus trabalha aos domingos?	240
O Pão da vida	245
Interrompemos este pronunciamento.....	248
Jesus e <i>os judeus</i>	252
O poder com um propósito	291
Os judeus e os helenistas.	305
A sinagoga	307
Um evangelho para as cidades	323
O discurso de Paulo no Areópago	336
O tumulto em Éfeso	342
Paulo preso no templo	345
A cidadania romana de Paulo	350
De Malta a Roma	355
Lei	365
A unidade do Corpo de Cristo	391
É o domingo um dia especial?	400
Discernindo todas as coisas	414
As mulheres e o trabalho no mundo antigo	424
Ajuda para os cristãos necessitados	446
A coleta de Paulo para Jerusalém.	469
Como fazer uso da autoridade	477
A circuncisão	487
O poder da oração	507
Cristo, o Senhor do mundo	545
Expectativas dolorosas.	561
Ajudando os necessitados	568
Ocupados enquanto esperamos	579
O legado de Eva.	593
Heróis da fé.	661
Perfeição imaculada?.	732
Sendo firme em questões de fé	735
O discernimento cristão é necessário	742
O uso de fontes apócrifas.	751
Quadros simbólicos de conflitos celestiais	780
A cidade pecaminosa e o anticristo	790
O Milênio	796



LINHA DO TEMPO

(Cronologia dos livros da Bíblia)

Cronologia em Mateus	11
Cronologia em Marcos	91
Cronologia em Lucas	141
Cronologia em João	219
Cronologia em Atos.	287
Cronologia em Romanos	359
Cronologia em 1 Coríntios	409
Cronologia em 2 Coríntios	452
Cronologia em Gálatas	481
Cronologia em Efésios	501
Cronologia em Filipenses.	519
Cronologia em Colossenses	541
Cronologia em 1 Tessalonicenses	557
Cronologia em 2 Tessalonicenses	572
Cronologia em 1 Timóteo	585
Cronologia em 2 Timóteo.	605
Cronologia em Tito	621
Cronologia em Filemom	630
Cronologia em Hebreus.	637
Cronologia em Tiago	670
Cronologia em 1 Pedro	688
Cronologia em 2 Pedro	709
Cronologia em 1 João	723
Cronologia em 2 João	740
Cronologia em 3 João	744
Cronologia em Judas	748
Cronologia em Apocalipse	757



PERFIL

(Boxes de descrição das grandes personalidades bíblicas)

Estêvão, o primeiro mártir cristão	308
Filipe e o mordomo-mor etíope.	314
O trabalho missionário de Pedro	318
Paulo, o apóstolo aos gentios	328
Dionísio e Dâmaris	338
Agripa, o juiz de Paulo	351
Abraão, homem de fé	371
Febe, a ajudante de Paulo.	403
Amigos na fé	447
Evódia e Síntique	534
Legado de mãe	606
Alexandre, o inimigo	616
Onésimo, bispo?	631
A oração de Elias: um modelo	682
O exemplo de Sara	698
Gaio e a prosperidade	745
Jezebel	765



VOCÊ SABIA?

(Boxes com informações úteis)

Que significado tem um nome?	17
João, o pregador das ruas	20
A família de Pedro	32
As carpideiras	35
O Filho do Homem	41
A lealdade na família	43
Três medidas de farinha	45
A chave da Antiguidade.	52
As moedas romanas	66
A lei romana tradicional	67
Sepulcros caiados	70
O alabastro	78
A manhã de domingo no sepulcro	85
Os 12 apóstolos	99
Os sinais no Antigo Testamento	101
Um Messias trabalhador	107
O divórcio na época neotestamentária	115
Informações diferentes nos Evangelhos	137
Uma jornada difícil	147
Um fiel paciente	151
Por que fazer uso das parábolas?	166

Mais pobre que os pobres	202
Um erro fortuito.	208
João e os outros apóstolos	221
Um Deus em três pessoas	225
O templo construído com a ajuda de Herodes	230
O filho do oficial do rei	238
O paralítico de Betesda	239
Milagres no mar	244
Jesus cura um cego	253
O Consolador.	266
Temer a Deus	271
O evangelho toma novo rumo.	334
Olhando além de Roma	355
Divórcio e novo casamento.	423
Usando a autoridade com sabedoria	444
As igrejas da Galácia	483
A motivação de Paulo.	532
Obra, trabalho e paciência	559
Terminando bem	574
O fator <i>caráter</i>	595
O espírito de poder	607
O plano de Deus tem três fases.	671
Riqueza ilícita.	681
A promessa da vida eterna	731
Babilônia: um símbolo do mal	784

ÍNDICE DOS MAPAS

Roma controla a Palestina (63 a.C)	5	As nações do Pentecostes	293
A visita de Jesus a Tiro, Sídom e Cesaréia de Filipe	48	A cidade de Damasco	315
Prisão, julgamento e crucificação de Jesus	76	As viagens missionárias de Pedro	317
Ressurreição e ascensão de Jesus	84	A primeira viagem missionária de Paulo	326
Cidades onde Jesus exerceu Seu ministério na Galiléia	110	A cidade de Antioquia	327
O evangelho numa região remota do mundo	118	A cidade de Atenas	335
O reino de Herodes na época do nascimento de Jesus	144	A segunda viagem missionária de Paulo	339
O mar da Galiléia	158	Terceira viagem missionária de Paulo	344
Por que chove forte sobre a Galiléia?	167	A viagem de Paulo a Roma	354
A última jornada de Jesus a Jerusalém	196	A cidade de Corinto	453
João Batista e a tentação de Jesus	226	Galácia	482

UM OLHAR SOBRE O NOVO TESTAMENTO

Assim como o Antigo Testamento, o Novo Testamento possui diversas e notáveis divisões. Elas são: Evangelhos, História, Epístolas (Cartas) e Profecia (Apocalipse).

O que é exatamente um evangelho?

Os Evangelhos apresentam um tipo de literatura bastante diferente de outros escritos antigos e modernos. Eles não são uma biografia de Cristo; um relato minucioso que visa oferecer uma compreensão global da vida de Jesus, de Seus relacionamentos ou de Suas dimensões mentais e psicológicas. Tampouco são histórias de feitos heróicos ou coleções de citações famosas, apesar de algum conteúdo deste tipo ser encontrado em passagens dos Evangelhos.

Os quatro Evangelhos aparentemente se apresentam como um novo gênero, distinto de todas as outras categorias. Neles, as passagens acerca da vida, das obras e das palavras de Jesus apontam para a essência da pregação: a obra redentora de Deus por intermédio de Cristo. Assim, os Evangelhos são as boas notícias de

Deus manifestas na vida, no ministério, na morte, no sepultamento, na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo.

O crescimento do cristianismo aos olhos de Lucas

O livro de Atos foi escrito por Lucas, que dando continuidade à sua investigação acerca da vida e da obra de Jesus narrada no terceiro Evangelho, apresenta a Teófilo os resultados da obra dos apóstolos de Cristo pelo poder do Espírito Santo.

Em Atos é exposto o crescimento do cristianismo em seis estágios: Atos 1.1—6.7; Atos 6.8—9.31; Atos 9.32—12.24; Atos 12.25—16.5; Atos 16.6—19.20; Atos 19.21—28.31.

A natureza das epístolas do Novo Testamento

As cartas escritas pelos apóstolos e seus cooperadores são diferentes das cartas que a maior parte das pessoas escreveria hoje. Os instrumentos e materiais para a escrita não eram abundantes, assim os autores

procuraram conservar espaço quando escreviam. Além disso, os cumprimentos e os pedidos [por bênçãos espirituais] nas cartas do Novo Testamento são diferentes daqueles contidos nas correspondências que vemos nos dias de hoje. Entretanto, são similares às introduções e conclusões encontradas em outros escritos de mesmo gênero do primeiro século. Os escritores do Novo Testamento redigiram suas cartas a fim de solucionar problemas na Igreja e/ou transmitir o evangelho de Jesus Cristo àqueles que precisavam ouvir sobre Ele.

A revelação de Jesus Cristo

O livro do Apocalipse é singular entre todos os demais do Novo Testamento, embora represente um gênero de literatura familiar aos judeus: o apocalíptico. O livro transmite, em termos claros e comoventes, o triunfo de Cristo sobre Seus inimigos em consonância aos ensinamentos proféticos acerca da vitória do Messias e dos discursos de Jesus em Mateus 24 e Marcos 13, que falam da segunda vinda dele.

DIVISÃO CONVENCIONAL DOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

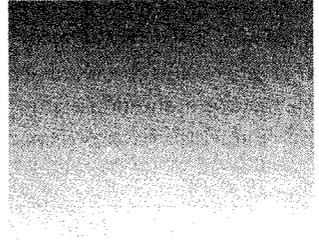
Tipo de Literatura	Livro
Evangelhos (as boas notícias sobre Jesus, o Messias)	Mateus Marcos Lucas João
História (história da disseminação do cristianismo pelo mundo)	Atos dos Apóstolos
Epístolas (as cartas pessoais dos apóstolos e as deles cartas às igrejas cristãs)	Romanos 1 Coríntios 2 Coríntios Gálatas Efésios Filipenses Colossenses 1 Tessalonicenses 2 Tessalonicenses 1 Timóteo 2 Timóteo Tito Filemom Hebreus Tiago 1 Pedro 2 Pedro 1 João 2 João 3 João Judas
Apocalipse (a vitória de Cristo e da Igreja sobre o pecado e o mundo)	Apocalipse

Tema	Autor	Data (aproximada)
Deus anuncia Seu Rei	Mateus, um ex-coletor de impostos	50 ou 60 d.C.
Deus apresenta Seu Servo	João Marcos, primo de Barnabé	60 d.C.
Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem	Lucas, médico e cooperador de Paulo	Início de 60 d.C.
Jesus é a encarnação do Verbo divino, o Emanuel	João, o amado discípulo de Jesus	Final de 80 d.C. ou início de 90 d.C.
Deus cria a Sua Igreja	Lucas, médico e cooperador de Paulo	Início de 60 d.C.
Deus defende Sua justiça	O apóstolo Paulo	Primavera de 57 d.C.
Deus corrige Sua Igreja	O apóstolo Paulo	Primavera de 56 d.C.
Deus defende Seu ministério	O apóstolo Paulo	Outono de 56 d.C.
Deus explica Seu evangelho	O apóstolo Paulo	48 d.C.
Deus revela Seu mistério	O apóstolo Paulo	60 d.C.
Deus traz contentamento por meio do esclarecimento	O apóstolo Paulo	61 d.C.
Deus exalta Cristo como o Senhor	O apóstolo Paulo	60 d.C.
Deus encoraja Sua Igreja	O apóstolo Paulo	51 d.C.
Deus ilumina Sua Igreja	O apóstolo Paulo	51 d.C.
Deus aconselha Seu ministro	O apóstolo Paulo	Outono de 62 d.C.
Deus recompensa Seus servos	O apóstolo Paulo	Outono de 67 d.C.
Deus recomenda o ensinamento sólido	O apóstolo Paulo	64 d.C.
Deus valoriza a dignidade humana	O apóstolo Paulo	60 d.C.
Deus certifica a supremacia de Cristo	Desconhecido	64 d.C.
Deus louva a fé em ação	Tiago, o irmão do Senhor	Metade de 40 d.C.
Deus compensa a resistência	Pedro, o apóstolo	64 d.C.
Deus mantém Suas promessas	Pedro, o apóstolo	65 d.C.
Deus esclarece o verdadeiro amor	João, o amado discípulo	90 d.C.
Deus adverte acerca da perda	João, o amado discípulo	90 d.C.
Deus encoraja as boas ações	João, o amado discípulo	90 d.C.
Deus recomenda a luta contra o mal	Judas, o irmão do Senhor	Começo de 60 d.C.
Deus completa Seu plano e recria todas as coisas	João, o amado discípulo de Jesus	96 d.C.

LINHA DO TEMPO NO NOVO TESTAMENTO

História secular	1 a.C./1 d.C.				Pilatos é afastado como procurador 36	Nasce Josefo 37	
a.C. / d. C.							
História bíblica e da Igreja	5 / 4 Nasce Jesus	27 Jesus inicia Seu ministério	30 Jesus é crucificado e elevado				
História secular	Claudius é o imperador 41—45	Herodes Agripa II 41—54			Nero assassina Herodes Agripa 59		
d. C.							
História bíblica e da Igreja	47 / 48 Primeira viagem missionária de Paulo	49 Concílio de Jerusalém	49—51 Segunda viagem missionária de Paulo	52—56 Terceira viagem missionária de Paulo			
História secular	Roma em chamas; Cristãos são acusados 64		Revolta judaica contra Roma 66—70		Destruição de Jerusalém 70		
d. C.							
História bíblica e da Igreja	62 Martírio de Tiago, irmão de Jesus; Paulo na prisão romana	67 O segundo aprisionamento romano de Paulo; execução de Pedro					
História secular	Queda de Massada 73	Destruição de Pompéia pela erupção do Vesúvio 79		Perseguição de Domiciano 85—95			
d. C.							
História bíblica e da Igreja	70—90 João reside em Éfeso	84 Nasce Marcião	85 A Didaquê é escrita				
História secular			Plínio, o Jovem 97	Sínodo de Jâmnia 100	O papel é inventado na China 105		
d. C.							
História bíblica e da Igreja	90 A primeira carta de Clemente é escrita	90-110 Inácio de Antioquia em ação na Igreja		98 Morre João			

Todas as datas são aproximadas.



PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO

O Novo Testamento apresenta um mundo bem diferente do mundo de Malaquias. Novos grupos políticos e religiosos estavam no poder. Uma nova potência mundial estava no controle agora. Até as interpretações dos judeus a respeito da Lei e do Messias prometido por Deus haviam mudado.

Não existe registro canônico algum do período de 400 anos entre o retorno da Babilônia e o nascimento de Jesus, mas conhecer os desdobramentos histórico-religiosos desse período é crucial para entendermos o mundo do Novo Testamento. O ministério de Jesus e o desenvolvimento da Igreja primitiva acontecem nesse novo contexto e são influenciados, pelo menos em parte, tanto por ocorrências desse período

histórico, como por acontecimento mais remotos, tais como o êxodo de Israel do Egito, o estabelecimento do reino e o exílio babilônico.

Um período, seis divisões

Se o livro de Malaquias foi concluído por volta de 450 a.C., então o período em questão começa aí e termina com o anúncio do anjo acerca do nascimento de João Batista (Lc 1.11-17).

Observam-se seis divisões históricas nesse período: a *era persa*, que data, na verdade, de 536 a.C., mas coincide com o período intertestamentário de 450 a.C. a 336 a.C.; a *era grega* (336—323 a.C.); a *era egípcia*

(323—198 a.C.); a *era siriaca* (198—165 a.C.); a *era macabeia* (165—63 a.C.); e a *era romana* (63—4 a.C.). Este estudo observará essas seis eras cronologicamente, atentando à situação histórica e aos desdobramentos religiosos em cada segmento.

A era persa (536—336 a.C.)

Situação histórica

Os persas eram o império dominante no Oriente Médio desde 536 a.C. Deus usou os persas para libertar Israel do cativeiro da Babilônia (Dn 5.30,31).

A postura persa era de tolerância aos remanescentes judeus da Palestina, até que rivalidades internas pelo poderoso cargo político de sumo sacerdote resultaram na destruição parcial de Jerusalém pelo governante persa. De resto, o povo judeu encontrou paz nesse período.

Desdobramentos religiosos

O cativeiro babilônico foi usado por Deus para expiar a idolatria de Seu povo. O povo voltou para Jerusalém com um temor às Escrituras renovado, especialmente à Lei de Moisés, e também decidiu firmar-se no monoteísmo. Essas decisões se prolongaram período intertestamentário adentro.

O surgimento da sinagoga como o centro de estudo é atribuído a esse período. Os escribas se tornaram importantes por sua interpretação das Escrituras nos cultos na sinagoga. Na época em que Jesus nasceu, a sinagoga tinha uma organização bem elaborada e espalhava-se por todas as comunidades judaicas do mundo.

Outra consequência que afetou a disseminação do evangelho durante a era neotestamentária ocorreu durante o fim do domínio persa. Edificou-se um templo em Samaria onde se estabeleceu uma forma de adoração que contrariava a do judaísmo. Isso encorajou a separação sócio-religiosa definitiva entre os judeus e os samaritanos.

A era grega (336—323 a.C.)

Situação histórica

Alexandre, o Grande, foi a figura central deste breve período. Ele conquistou a Pérsia, a Babilônia, a Palestina, a Síria, o Egito e a Índia Ocidental. Embora ele tenha morrido com 33 anos de idade, tendo reinado sobre a Grécia por apenas 13 anos, a sua influência o sucedeu por longos anos.

Desdobramentos religiosos

A ardente ambição de Alexandre era fundar um império mundial unido por um idioma, costumes e uma civilização em comum. Sob a sua influência, o mundo começou a falar e estudar a língua grega. Esse processo, chamado de helenização, incluiu a adoção da cultura e da religião gregas em todas as partes do mundo. O helenismo se tornou tão popular que persistiu e era estimulado pelos romanos até mesmo em tempos neotestamentários.

Uma longa e amarga luta foi travada entre os judeus e a influência helenística pela cultura e pela religião. Embora o idioma grego estivesse suficientemente disseminado em 270 a.C., para dar ensejo a uma tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), os judeus fiéis resistiam ferrenhamente ao politeísmo.

A era egípcia (323—198 a.C.)

Situação histórica

Com a morte de Alexandre em 323 a.C., o império grego foi dividido entre quatro generais: Ptolemeu, Lisímaco, Cassandro e Seleuco. Estes eram os *quatro reinos* revelados a Daniel que tomaram o lugar do [reino simbolizado pelo] *grande chifre* (Dn 8.21,22).

Ptolemeu Sóter, o primeiro da dinastia ptolemaica, recebeu o Egito e logo dominou o vizinho, Israel. Inicialmente, ele tratou os judeus com severidade, mas no final de seu governo e no

início do governo de Ptolemeu Filadelfo, o seu sucessor, os judeus foram tratados favoravelmente. Foi durante essa época que a versão em grego das Escrituras, a Septuaginta, foi autorizada.

Os judeus prosperaram quase até o final da dinastia ptolemaica, quando os conflitos entre Egito e Síria se agravaram. Mais uma vez, Israel ficou no meio. Quando os sírios derrotaram o Egito na batalha de Panion, em 198 a.C., a Judéia foi anexada à Síria.

Desdobramentos religiosos

A política de tolerância seguida pelos Ptolemeus — pela qual o judaísmo e o helenismo coexistiram pacificamente — minou seriamente a fé judaica. Causou o crescimento gradual da influência grega e uma assimilação quase despercebida do modo de viver grego.

A importância que o helenismo dava à beleza, à forma e ao movimento encorajou os judeus a negligenciarem os ritos religiosos judaicos que não eram esteticamente atraentes. Assim, estimulou-se uma adoração mais ritual do que espiritual, um impacto duradouro no judaísmo.

Dois grupos, então, surgiram: o dos pró-helenistas, que defendiam os sírios, e o dos judeus ortodoxos, particularmente os hassídicos ou *pios* (predecessores dos fariseus). A luta por poder entre esses grupos resultou em uma polarização dos judeus quanto a questões políticas, culturais e religiosas. Este mesmo conflito levou ao ataque de Antíoco Epifânio em 168 a.C.

A era siríaca (198—165 a.C.)

Situação histórica

Sob o reinado de Antíoco Magno, e seu sucessor, Seleuco Filopáter, permitiu-se aos judeus, embora maltratados, manter um governo local pelo seu sumo sacerdote. Tudo correu bem até os pró-helenistas decidirem indicar o seu favorito, Jasão, para substituir Onias III, o sumo sacerdote preferido dos judeus ortodoxos e, para que isto

acontecesse, subornaram o sucessor de Seleuco, Antíoco Epifânio. Isto detonou um conflito político que, no fim das contas, trouxe o enraivecido exército de Antíoco a Jerusalém.

Em 168 a.C., Antíoco começou a destruir toda característica marcante da fé judaica. Ele vetou todo o tipo de sacrifício, tornou ilegal o rito da circuncisão e cancelou a observância do Sábado e das outras festas religiosas. As Escrituras foram mutiladas ou destruídas. Os judeus foram obrigados a comer carne de porco e a oferecer sacrifícios a ídolos. O último sacrilégio de Antíoco Epifânio, aquele que decretou a sua ruína final, foi profanar o Santo dos santos, oferecendo ali no altar um porco em sacrifício a Zeus. Além disso, muitos judeus morreram nas perseguições subsequentes.

Talvez seja necessário lembrar, neste ponto, a forma como Deus age com o homem. Ele cria ou permite uma situação de desespero, e depois convoca um servo Seu especial e fiel. Mas muitas vezes o homem tenta salvar-se sozinho, chegando ao ponto de quase obter êxito, antes de acabar em situação ainda pior que a anterior. Isso estava prestes a acontecer na vida do povo de Deus, os judeus. Deus simplesmente estava armando o cenário para a vinda do verdadeiro Libertador.

Desdobramentos religiosos

A religião judaica ficou fortemente dividida quanto à questão do helenismo. Estavam lançadas as bases para um grupo ortodoxo liderado pelos escribas posteriormente denominado *fariseus*, a facção mais pragmática dos judeus, que ficou mais ou menos associada ao ofício sumo sacerdotal. A forma de pensar deste último grupo mais tarde cooperou para a ascensão dos saduceus.

A era macabeia (165—63 a.C.)

Situação histórica

Um sacerdote ancião chamado Matatias, da casa de Hasmon, morava com seus cinco filhos

na vila de Modin, a noroeste de Jerusalém. Quando um oficial sírio tentou decretar o sacrifício pagão em Modin, Matatias se revoltou, matou um judeu renegado que ofereceu sacrifício, assassinou o oficial sírio e fugiu para as montanhas com a família. Milhares de judeus fiéis o seguiram, e a história o registra como uma das demonstrações mais nobres pela honra de Deus.

Após a morte de Matatias, três filhos seus continuaram a revolta, sucedendo-se: Judas, apelidado de Macabeu (166—160 a.C.), Jônatas (160—142 a.C.) e Simão (143—134 a.C.). Esses homens tinham tido tanto êxito que, em 25 de dezembro de 165 a.C., haviam retomado Jerusalém, purificado o templo e restaurado a adoração. Este acontecimento é comemorado hoje com a *Festa da Chanucá* (ou Dedicção).

A luta continuou nas áreas que circundavam a Judéia, com diversas tentativas inúteis da Síria de derrotar os macabeus. Por fim, sob a liderança de Simão, os judeus conquistaram a sua independência (142 a.C.). Eles viveram independentes por quase setenta anos sob a dinastia hasmoneia, cujos líderes mais notáveis foram João Hircano (134—104 a.C.) e Alexandre Janeu (102—76 a.C.).

Desdobramentos religiosos

A consequência religiosa mais importante desse período resultou de uma forte diferença de opinião quanto ao posto de rei e sumo sacerdote da Judéia. Por centenas de anos, o ofício de sumo sacerdote havia ganhado óbvias conotações políticas. Não se havia dado relevância aos descendentes de Arão, mas sim à força política. Os judeus ortodoxos se ressentiram e resistiram a essa situação. Quando João Hircano se tornou governador e sumo sacerdote de Israel, conquistou a Transjordânia e a Iduméia e destruiu o templo samaritano. Seu poderio e popularidade fizeram-no autodeclarar-se rei. Isso foi uma afronta aos judeus ortodoxos que, nessa época, eram chamados de fariseus. Se não reconheciam reis fora da linhagem de Davi, como seriam os hasmoneus reconhecidos?

Quem se opunha aos fariseus e apoiava os hasmoneus foi chamado de *saduceu*. Essas denominações apareceram pela primeira vez durante o reinado de João Hircano, que se tornou também saduceu.

A era romana (63—4 a.C.)

Situação histórica

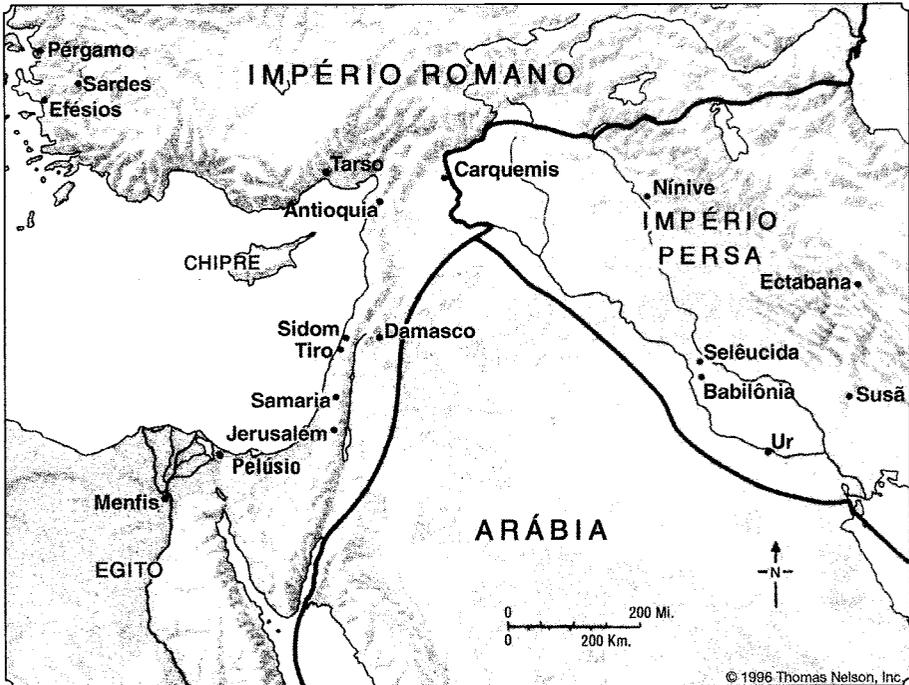
A independência dos judeus terminou em 63 a.C., quando Pompeu de Roma tomou a Síria e adentrou Israel. Aristóbulo II, autonomeando-se rei de Israel, impediu a entrada de Pompeu em Jerusalém. O líder romano, enfurecido, tomou a cidade à força e reduziu o tamanho da Judéia. Ao tentar libertar-se da opressão, Israel teve um sucesso temporário, mas agora as esperanças pareciam liquidadas.

Antípater, o idumeu, foi nomeado procurador da Judéia por Júlio César, em 47 a.C. Herodes, o filho de Antípater, por fim, tornou-se o rei dos judeus por volta de 40 a.C.

Apesar de Herodes, o Grande, ter planejado e realizado a construção do novo templo em Jerusalém, ele era um helenista devotado e odiava a família hasmoneia. Ele matou todos os descendentes hasmoneus, até mesmo a sua própria esposa Mariane, neta de João Hircano. Ele assassinou também os dois filhos que teve com Mariane, Aristóbulo e Alexandre. Herodes, o Grande, era quem estava no trono quando Jesus nasceu em Belém.

Desdobramentos religiosos

Além dos fariseus e dos saduceus, dois outros grupos formavam o cenário político dessa época: os *zelotes*, que eram bem menos tolerantes a mudanças do que os fariseus e que fortaleceram ainda mais o espírito nacionalista da devoção farisaica à Lei, e os *herodianos*, que foram além de munir-se de políticas pragmáticas, como os saduceus, apoiando abertamente o governo de Herodes e opondo-se a qualquer tipo de rebelião.



Roma controla a Palestina (63 a.C.)

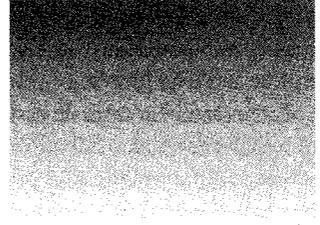
Um quinto grupo, os *essênios*, respondiam aos assuntos culturais e políticos sob um prisma monástico.

Apesar de suas discrepâncias, todos esses grupos tinham uma preocupação que lhes era comum: o futuro dos judeus. E cada grupo tinha as suas próprias expectativas acerca da vinda do Messias há muito prometido.

Conclusão

Mais de 400 anos depois de Malaquias, o período intertestamentário teve o seu fim quando Deus mandou João Batista anunciar a vinda de Seu Filho, o Servo fiel do Senhor, o Cristo — a maior revelação da pessoa de Deus ao homem.

Novo Testamento



O Evangelho segundo

Mateus

INTRODUÇÃO

A sucessão ao trono geralmente traz muitas incertezas e conflitos. Absalão, filho de Davi, tentou usurpar o trono de seu pai (2 Sm 15.1; 18.18). Uma escolha errada feita pelo sucessor de Salomão, Roboão, ao trono fez com que este perdesse metade de seu reino para um traidor (1 Rs 12.20). Manaém assassinou seu predecessor em Israel (2 Rs 15.14). Ser rei era um negócio muito perigoso.

E não foi diferente nem mesmo para o Rei dos reis, Herdeiro legítimo ao trono de Deus. Se já houve alguma vez uma sucessão tão conturbada, com certeza foi essa. Um homem [chamado Jesus] afirmou ser o Messias de Israel, e é claro que toda a nação quis tirar isso a limpo. E, obviamente, Ele teve de apresentar Suas credenciais. Quem deseja ter em seu meio um impostor? Assim, o livro de Mateus aponta as

credenciais de Jesus, apresentando-o como Rei, mas o Rei de um reino muito diferente — o Reino dos céus.

O Evangelho de Mateus tem muitas características judaicas. Por exemplo, o termo *Reino dos céus* aparece 31 vezes, e o termo *Reino de Deus*, cinco vezes. Nenhum outro Evangelho dá tanta ênfase ao Reino.

A esperança da restauração do glorioso reino de Davi era algo que ardia no coração dos judeus naqueles dias. E Mateus nos mostra claramente que essa esperança estava em Jesus ao usar nove vezes em seu Evangelho o título da realeza judaica *Filho de Davi*. Além disso, Mateus chama Jerusalém de *Cidade Santa* (Mt 4.5; 27.53) e *cidade do grande Rei* (Mt 5.35), duas formas exclusivamente judaicas de referir-se a ela. Os judeus do primeiro século davam muita importância à

justiça, e Mateus usa as palavras *justo* e *justiça* mais do que são usadas nos Evangelhos de Marcos, Lucas e João juntos.

Mateus também trata de assuntos como a Lei, a pureza cerimonial, o Sábado, o templo, Davi, o Messias, o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e Moisés — tudo isso de um ponto de vista judaico. Ele faz mais de 53 citações do Antigo Testamento e mais de 70 referências às Escrituras hebraicas. Seu livro enfatiza 33 vezes que as obras de Jesus foram um cumprimento das profecias do Antigo Testamento.

A genealogia no capítulo 1 é puramente judaica e descreve a descendência de Jesus de Abraão, o patriarca do povo judeu, até Davi. Além disso, Mateus menciona em seu Evangelho os governantes de Israel da época (Mt 2.1,22; 14.1) e alguns costumes, como lavar as mãos (Mt 15.2), sem explicá-los, indicando que seus leitores eram, em sua maioria, judeus já familiarizados com essas práticas.

O Evangelho de Mateus vai muito além de apresentar uma mera biografia de Jesus. Um de seus objetivos é provar ao povo judeu que Jesus é o Messias, o Rei que havia sido prometido. A genealogia no capítulo 1 aponta para Cristo como o herdeiro do Reino eterno que Deus prometeu a Davi.

Ao citar um salmo messiânico, em Mateus 22.41-44, Jesus demonstrou de modo bem claro aos judeus que Ele é o Herdeiro do trono de Davi. Embora muitos judeus da época de Jesus fossem “cegos” demais para reconhecer quem Ele realmente era, os gentios (como os três sábios) reconheceram-no como o Rei prometido a Israel quando Ele era um bebê. Enfim, a acusação pregada na cruz acima da cabeça de Jesus destacava nitidamente Sua realeza: *ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS* (Mt 27.37). No entanto, o mais importante no Evangelho de Mateus é que este documento prova a legítima autoridade de Jesus ao destacar Seus ensinamentos e Sua vida de retidão (Mt 7.28,29).

Outro objetivo do Evangelho de Mateus é descrever as características do Reino de Deus, tanto em relação a Israel quanto à Igreja. Os judeus ortodoxos sempre zombavam de todos os que afirmavam que Jesus era o Messias e ainda mais dos que

declaravam que Ele era o seu Rei. Eles diziam: “Se Jesus é Rei, onde está a restauração do reino de Israel que foi prometida?” Muitos judeus nos dias de Jesus o rejeitaram como Messias, embora tanto Ele como João Batista tenham pregado que o Reino dos céus estava próximo (Mt 3.2; 4.17; 10.7). A rejeição de Jesus pelos judeus é o tema principal de Mateus (Mt 11.12-24; 12.28-45; 21.33; 22.14). Por causa dessa rejeição, Deus adiou o cumprimento de Suas promessas a Israel e, por conseguinte, estendeu Suas bênçãos aos gentios.

Mateus é o único dos Evangelhos que fala especificamente da Igreja (Mt 16.18; 18.17), mostrando aos gentios como a Ecléssia é formada e descrevendo vários episódios em que gentios demonstraram fé em Jesus: os magos, o centurião e a mulher cananea. Mateus deixou registradas a profecia de Jesus de que o evangelho seria pregado a todas as nações (Mt 24.14) e a Grande Comissão, segundo a qual os apóstolos deveriam fazer discípulos em todas as nações (Mt 28.19). O ensinamento de Jesus mostrava que as bênçãos do Reino de Deus seriam estendidas aos gentios. No entanto, um dia, Israel seria restaurado e receberia todas as bênçãos prometidas (Rm 11.25-27; 15.8,9).

O objetivo final de Mateus é instruir a Igreja. Uma pista muito clara disso está na Grande Comissão, dada por Jesus: *Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenha mandado* (Mt 28.19,20). O processo de discipulado implica aprender e aplicar os ensinamentos de Jesus, e o Evangelho de Mateus enfatiza os principais discursos do Mestre, entre os quais: o Sermão do Monte (Mt 5.1—7.28); o comissionamento dos 12 apóstolos (Mt 10.5—11.1); a parábola do semeador, a do joio e do trigo, a do tesouro escondido e a da pérola de grande valor (Mt 13.3-53); o maior no Reino dos céus, a importância do perdão, ilustrada pela parábola do credor incompassivo (Mt 18.2—19.1); o sermão profético sobre o fim dos tempos (Mt 24.4—26.1).

Em vez de empreender uma narrativa sobre a vida de Jesus, como faz Marcos, Mateus usa os

elementos da narrativa em seu Evangelho como pano de fundo dos sermões de Jesus.

Este Evangelho não traz o nome de seu autor, mas deixa-nos pistas. Seu autor conhecia a geografia da Palestina muito bem (Mt 2.1; 8.5; 20.29; 26.6). Ele estava familiarizado com a história dos judeus, seus costumes, suas ideias e as classes sociais (Mt 1.18,19; 2.1; 14.1; 26.3; 27.2). Ele também conhecia muito bem o Antigo Testamento (Mt 1.2-16,22,23; 2.6; 4.14-16; 12.17-21; 13.35; 21.4; 27.9). E a terminologia do livro sugere que seu autor era um judeu da Palestina (Mt 2.20; 4.5; 5.35; 10.6; 15.24; 17.14-27; 18.17; 27.53).

Os detalhes apontam de modo bem específico Mateus, o discípulo de Jesus, como o escritor desse Evangelho. Por ser coletor de impostos, Mateus era culto e entendia muito bem de contabilidade. Não é surpresa alguma, portanto, que

este Evangelho contenha mais referências ao dinheiro do que todos os outros. Além disso, a cidade natal de Mateus era Cafarnaum, a qual, quando citada, vem sempre acompanhada de alguma explicação, como: *cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali* (Mt 4.13); *que te ergues até aos céus* (Mt 11.23).

Mateus escreveu seu Evangelho antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Ele descreve Jerusalém em seu livro como a *Cidade Santa*, pois ela ainda estava intacta (Mt 4.5; 27.53), e menciona os costumes judaicos que permaneciam *até o dia de hoje* (Mt 27.8; 28.15). Além disso, a profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém (descrita em Mateus 24.2) não traz indício algum de que já tinha sido cumprida quando Mateus registrou as palavras de Jesus. À luz de tudo isso, podemos concluir que o livro foi escrito entre 50 e 60 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM MATEUS



Ano 37—4 a.C. — Herodes, o Grande, reina em Jerusalém

Ano 31 a.C.—14 d.C. — Cesár Augusto é o imperador romano

Ano 5 d.C. — Jesus nasce em Belém

Ano 4—39 d.C. — Herodes Antipas reina na Galiléia e na Peréia

Ano 14—37 d.C. — Tibério César é o imperador romano

Ano 25—27 d.C. — O ministério de João Batista

Ano 26—36 d.C. — Pôncio Pilatos é o procurador da Judéia

Ano 27 d.C. — Início do ministério de Jesus na Judéia

Ano 27—29 d.C. — O ministério de Jesus na Galiléia

Ano 30 d.C. — Fim do ministério de Jesus na Judéia



ESBOÇO

- I - O nascimento de Jesus e Sua preparação — 1.1—4.11
 A - O nascimento de Jesus e Sua infância — 1.1—2.23
 B - A preparação de Jesus — Mateus 3.1—4.11
- II - O anúncio da doutrina de Jesus — 4.12—7.29
 A - O início do ministério de Jesus — 4.12-25
 B - A doutrina de Jesus: o Sermão do Monte — 5.1—7.29
 1 - O ambiente — 5.1,2
 2 - Os herdeiros do Reino dos céus — 5.3-16
 3 - A explicação do que é a verdadeira justiça — 5.17—7.12
 4 - As advertências de Jesus — 7.13-27
 5 - A resposta do povo — 7.28,29
- III - A manifestação de Jesus: Seus milagres e Seu comissionamento — 8.1—11.1
- A - A demonstração do poder de Jesus: alguns de Seus milagres — 8.1—9.34
 B - A declaração da presença de Jesus: o comissionamento dos discípulos — 9.35—11.1
- IV - A oposição a Jesus — 11.2—13.53
 A - A prova da rejeição a Jesus — 11.2-30
 B - Demonstrações de oposição a Jesus — 12.1-50
 C - A adaptação da mensagem de Jesus para Seus opositores: parábolas do Reino — 13.1-53
- V - A atitude de Jesus ante Seus opositores — 13.54—16.12
- VI - A apresentação oficial e a rejeição do Rei — 19.3—25.46
 A - A continuação dos ensinamentos aos discípulos — 19.3—20.34
 B - A apresentação oficial do Rei: a entrada triunfal — 21.1-7
 C - A nação rejeita o Rei — 21.18—22.46
 D - O Rei rejeita a nação — 23.1-39
 E - Profecias do Rei rejeitado: o discurso no monte das Oliveiras — 24.1—25.46
- VII - A crucificação e a ressurreição — 26.1—28.20

COMENTÁRIO

1.1 — A *genealogia* [NVI] ou o *livro da geração* [ARC] é um registro das origens familiares da pessoa. As genealogias eram muito importantes para os judeus no primeiro século. Uma genealogia: (1) provava que a pessoa era realmente israelita, (2) identificava a tribo à qual ela pertencia, e (3) qualificava certos judeus para os ofícios religiosos como levitas ou sacerdotes (Ed 2.61,62).

A genealogia de Cristo é essencial para a história do cristianismo. Mateus descreve a descendência de Cristo desde Abraão, Isaque e Jacó, para mostrar que Jesus era judeu, mas não deixa de mencionar Davi, para informar aos seus leitores que Jesus tinha direito ao trono de Davi (2 Sm 7.12), algo que aconteceria no futuro (Mt 18.28).

O fato de o *Filho de Davi* preceder o *Filho de Abraão* é muito significativo. A ordem dos nomes está invertida, pois cronologicamente Abraão precedeu Davi mil anos. A razão de Mateus inverter a ordem se encontra na natureza da promessa que Deus fez a Abraão e a Davi. As promessas que Deus fez a Davi foram mais específicas do que

as que Ele fez a Abraão. As promessas a Abraão foram de ordem pessoal, nacional e universal (Gn 12.1-3; 13;14-17; 15.1-21; 17.1-21; 21.12,13; 22.16-18); por outro lado, a aliança davídica previa bênçãos pessoais e o direito de sua descendência ao trono (2 Sm 7.13-16; Sl 89.1-4, 19-37; 132.11-18).

Assim, no Evangelho de Mateus, é enfatizado que o Senhor Jesus veio primeiro para Israel (Mt 10.5,6) e depois para o mundo (Mt 28.19,20). Como a salvação pessoal depende da resposta de cada pessoa ao evangelho, a promessa da vinda do Reino messiânico a esta terra está relacionada à aceitação de Jesus por parte de Israel como seu Messias (At 3.19-21; Zc 12.10—14.21).

Embora Jesus tenha sido rejeitado por Israel como seu Rei, Deus, por Sua graça, também enviou a mensagem do evangelho aos gentios (Rm 11.11-24). O fato de Jesus ter vindo primeiro para os judeus e depois para os gentios é a chave para entendermos os Evangelhos, Atos e, certamente, todo o Novo Testamento (Jo 1.11,12; At 13.45,46; 18.6; 28.26-28; Rm 11.7-36; 15.8,9).

1.2-7 — A citação de uma mulher na genealogia judaica é algo muito raro. No entanto,

além de Maria, quatro mulheres são mencionadas na genealogia de Jesus. E o mais interessante é o *tipo* de mulheres que Mateus cita aqui: *Tamar*, que se envolveu numa trama com Judá (Gn 38); *Raabe*, uma ex-prostituta cananeia que viveu em Jericó (Js 2); *Rute*, uma moabita que se casou com um israelita (Rt 1.4); e *Bate-Seba*, a mulher de *Urias*, que provavelmente era heteia e adulterou com Davi, acarretando terríveis consequências (2 Sm 11.1—12.23). No começo de seu Evangelho, Mateus nos mostra como a graça de Deus perdoa os pecados mais obscuros e alcança o mundo por meio da nação de Israel. Mostra-nos que Deus pode perdoar o pecado mais vil, resgatar o pecador e torná-lo parte da linhagem real.

1.8-16 — *E Asa gerou a Josafá, e Josafá gerou a Jorão, e Jorão gerou a Uzias*. Há três reis entre esses dois [Jorão e Uzias] que Mateus omitiu nessa lista: Acázias, Joás e Amazias (assim como Jeoaquim, pai de Jeconias). Apesar de ter plena consciência disso, Mateus relacionou 14 gerações em três períodos, talvez por ser mais fácil de decorar (ver comentário em Mt 1.17). Embora *todas as gerações* (Mt 1.17) de Abraão a Davi fossem 14, nem todas são relacionadas nos dois últimos versículos deste trecho (Mt 1.15,16).

Uma referência especial tem de ser feita a Jeconias (v. 11), pois José é mencionado como descendente desse rei de Judá. O problema é que Jeconias (chamado de *Joconias*, em Jeremias 22.24,28, e *Joaquim*, em 2 Reis 24.8, dependendo se a tradução do seu nome em português vem do hebraico ou do grego) trouxe maldição à descendência de Davi. Em Jeremias 22.24-30, essa maldição é mencionada. Ele não teria filhos e ninguém da sua descendência se sentaria no trono de Davi. O motivo dessa maldição se encontra em 2 Reis 24.9: *E fez o que era mal aos olhos do SENHOR*.

Não há detalhes aqui de seu pecado ou pecados, mas eles foram tão terríveis que Deus impediu sua descendência de herdar o trono de Davi. E já que a descendência humana de Jeconias foi proibida de assentar-se no trono de Davi, Jesus não poderia ser o Messias e, ao mesmo

tempo, vir da descendência desse rei por meio de José. No entanto, Maria era da descendência da Natã, filho de Davi (1 Cr 3.5). Por essa razão, Jesus pôde vir da descendência de Davi por meio de Maria e legalmente ser filho de Davi por meio de José.

1.16 — *José, marido de Maria*. A genealogia de Jesus nos leva até José, um legítimo herdeiro do trono de Davi. Mateus, entretanto, tem todo o cuidado de não citar Jesus como filho de José. O termo grego traduzido por *da qual* — *em Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS* — é um pronome relativo, no feminino, que só pode referir-se a Maria.

Se o escritor do Evangelho quisesse incluir José como pai de Jesus, poderia usar o mesmo sistema que havia usado em sua genealogia antes (Mt 1.16a), na qual ele usa a palavra *gerou*. Ficaria assim então: *Jacó gerou a José*, e José gerou Jesus. Do mesmo modo, Mateus poderia ter usado um pronome no plural, em vez de um pronome no singular feminino, e assim incluiria ambos os pais [José e Maria]. Mateus, porém, sabiamente refuta qualquer ideia de que Jesus tenha nascido de alguém mais, senão de Maria e do Espírito Santo.

Tanto o termo *Cristo* quanto *Messias* significam o *Ungido*; o primeiro é uma palavra grega, e o segundo, hebraica. No Antigo Testamento, a unção apontava para duas coisas: a escolha de Deus e Sua capacitação para uma obra. Tradicionalmente, as pessoas eram ungidas para exercer uma dessas três funções: profeta, rei ou sacerdote.

O Senhor Jesus foi ungido por Deus dessas três formas: foi escolhido pelo Pai para ser o Salvador, recebendo uma capacitação sobrenatural (Lc 4.18-21; At 10.38) para exercer as funções de Profeta, Rei e Sacerdote *por excelência* (embora Cristo seja Profeta, Rei e Sacerdote, a ênfase no evangelho de Mateus recai sobre Sua realeza.)

1.17 — A genealogia se divide em três listas de nomes que somam 14 gerações. Sem dúvida, assim fica mais fácil decorar. No entanto, essa divisão tem um significado muito importante. O somatório das letras do nome *Davi* é 14; pois, no alfabeto hebraico, cada letra equivale a um número.

Isso é significativo, já que o cabeça da lista é o *Filho de Davi* (Mt 1.1). Mateus pode estar chamando mais atenção para o significado davídico desse título de Jesus. O destino do trono de Davi também é aludido aqui.

Nas primeiras 14 gerações, o trono davídico é estabelecido; nas 14 seguintes, fica destituído, pois os israelitas são deportados para a Babilônia; nas últimas 14 gerações, o trono é confirmado com a vinda do Messias, descendente de Davi. Mais adiante, a promessa da aliança é confirmada em cada uma dessas três gerações: primeiro, na abraâmica (Mt 1.3-6); segundo, na davídica (Mt 1.6-11); e terceiro, na nova aliança (Mt 1.12-16).

1.18 — *Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo.* No mundo todo, o que geralmente oficializa um casamento é a assinatura de um contrato (Mt 2.14).

Na cultura judaica, essa aliança verbal era feita um ano antes da consumação do casamento e tinha o mesmo valor de um documento escrito. Foi nesse período de um ano em que Maria estava *desposada com José* que ela *achou-se ter concebido do Espírito Santo*.

É deixado bem claro nas Escrituras é que Maria era *virgem* nesta época. Isto é reforçado pelas palavras *antes de se ajuntarem* [José e Maria], e a



APROFUNDE-SE

O NASCIMENTO DE JESUS

Ninguém sabe exatamente quando Jesus nasceu. Até mesmo o ano de seu nascimento não passa de uma suposição baseada em informações disponíveis. Gregório, o inventor do nosso calendário, viveu na Era Medieval e estabeleceu a data do nascimento de Jesus em 1 d.C. Mas ele calculou errado.

O historiador judeu Flávio Josefo data a morte de Herodes, o Grande, em 4 d.C., e tanto Mateus (Mt 2.1) como Lucas (Lc 1.5) presumem que este Herodes governava na época do nascimento de Jesus. Mas algo que não está muito claro é quanto tempo antes da morte de Herodes, o Grande, Jesus nasceu. Sabemos que este se tornou "rei" dos judeus em 37 d.C. Contudo, não há nenhum registro histórico, a não ser em Mateus (Mt 2.16), que menciona o assassinato das crianças de Belém por decreto de Herodes.

Josefo observou que Herodes ordenou o assassinato dos membros da própria família para proteger seu trono. Dessa forma, não é de estranhar que o assassinato de algumas crianças plebeias de Belém passasse despercebido em meio às diversas atrocidades cometidas por este Herodes, deixando-nos assim sem saber quando isso aconteceu. Mas, tendo em vista que o medo de Herodes [de que o Messias lhe tomasse o trono] levou-o a decretar a morte das crianças com menos de dois anos de idade para baixo, o nascimento de Jesus deve ter acontecido um ou dois anos antes da morte deste monarca; provavelmente entre 5 ou 4 a.C.

A data de 5 a.C. se encaixa mais com a citação feita por Lucas de que Augusto, que reinou de 27 a.C. a 14 d.C., era o imperador romano quando Jesus nasceu (Lc 2.1). Mas, ao citar Cirênio (Lc 2.2), Lucas cria um problema. Após a morte de Herodes, o Grande, Roma dividiu seu território entre os filhos deste que sobreviveram. Arquelaus reinou na Judéia (Mt 2.22), até que foi deposto pelos romanos em 6 d.C. Só então Cirênio foi nomeado governador, depois de ter servido por mais de uma década como comandante do exército romano naquela região. No entanto, é possível que Lucas tenha feito referência a ele citando apenas sua última ocupação.

Outros estudiosos tentaram estipular a possível data do nascimento de Jesus com base em fenômenos astronômicos que pudessem explicar a estrela de Belém (Mt 2.2,7-10). O cometa Halley apareceu em 12 ou 11 a.C., e outro cometa, em 5 d.C. Contudo, na antiguidade, os cometas eram um presságio do mal, de eventos catastróficos. Em 7 d.C., uma rara conjunção entre os planetas Júpiter, Vênus e Saturno (que ocorre somente a cada 794 anos) aconteceu na constelação de Peixes. Porém, não passa de mera especulação a ideia de que a estrela com grande luminosidade que Mateus descreve era ou não um desses planetas. Para algumas pessoas da antiguidade [os sábios], a estrela era *um sinal* de que Jesus era o Messias, em cumprimento à profecia sobre a *estrela que subiria de Israel*, citada por Balaão (Nm 24.17; Mt 1.18-25; Lc 2.1-20).

Sobre como a profecia em Isaías 7.14, Mateus deixa bem claro que ela só foi cabalmente cumprida com o nascimento virginal de Jesus: o sinal aos povos de todas as épocas de que Deus estava se manifestando a eles.

concepção virginal, deduzida pelo relato de Mateus, é confirmada de modo bem evidente em Lucas 1.34,35.

Maria passou os três primeiros meses de gravidez na Judéia, com sua prima Isabel (Lc 1.36-56). Esta sabia que a gravidez de Maria era algo miraculoso, pois sua gravidez também havia acontecido por uma intervenção divina (Lc 1.39-45). Depois, quando Maria voltou para Nazaré, José soube que ela estava grávida. Sendo ele um homem justo e, não querendo infamá-la, *intentou deixá-la secretamente* (Mt 1.19). [Mas foi avisado em sonho para que não o fizesse, *porque o que nela está gerado é do Espírito Santo* (v. 20).]

1.19 — Respalado pela lei judaica, revelada em Deuteronômio 24.1 (Mt 5.27-32; 19.3-9; Jr 3.1,8), José poderia divorciar-se formalmente de Maria, alegando a infidelidade dela, uma vez que

eles já tinham feito uma aliança matrimonial, embora ainda não tivessem consumado o casamento. Ele poderia ter tornado público o divórcio, ou ter feito isso de uma forma mais discreta na presença de duas testemunhas. Mas como José *era justo e piedoso, e como a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente*.

1.20 — *Porque o que nela está gerado é do Espírito Santo*. Os versículos 1 a 17 provam que, legalmente, Jesus era filho de José, mas os versículos 18 a 25 negam que José era o pai biológico de Jesus.

Era necessário incluir o nome de José, descendente de Davi, na genealogia de Jesus a fim de enfatizar o direito legal deste ao trono como Rei de Israel. Contudo, aqui também era necessário esclarecer que Jesus é Filho de Deus, e não de José, tendo em vista Sua missão como o Salvador da humanidade. Assim, Mateus destaca



COMPARE

AS PROFECIAS SOBRE O NASCIMENTO DE JESUS

Jesus cumpriu centenas de profecias do Antigo Testamento. Muitas delas giram em torno das circunstâncias de seu nascimento. A seguir temos uma lista de várias dessas profecias. Veja como há semelhanças irrefutáveis entre as profecias do Antigo Testamento e os textos referentes a seu cumprimento no Novo Testamento.

Profecia	Profecia do Antigo Testamento	Cumprimento no Novo Testamento
O Messias viria da semente da mulher	Gn 3.15	Gl 4.4
O Messias seria descendente de Abraão	Gn 12.3	Mt 1.1
O Messias seria descendente de isaque	Gn 17.19	Lc 3.34
O Messias seria descendente de Jacó	Nm 24.17	Mt 1.2; 2.2
O Messias viria da tribo de Judá	Gn 49.10	Lc 3.33
O Messias seria herdeiro do trono de Davi	Is 9.7	Lc 1.32,33
O Messias seria ungido e eterno	Sl 45.6,7; 102.25-27	Hb 1.8-12
O Messias nasceria em Belém	Mq 5.2	Lc 2.4,5,7
O Messias nasceria de uma virgem	Is 7.14	Lc 1.26,27,30,31
O nascimento do Messias iria desencadear uma matança de crianças	Jr 31.15	Mt 2.16-18
O Messias também viveria no Egito	Os 11.1	Mt 2.14,15

a majestade de Jesus, ao passo que Lucas dá detalhes da miraculosa concepção do Messias pelo Espírito Santo.

1.21,22 — *E lhe porás o nome de JESUS.* Jesus significa *Yahweh é Salvação* ou *Salvador*, e seu equivalente no hebraico do Antigo Testamento é *Josué*. O fato de José dar esse nome a seu filho é algo muito importante. Quando o pai dava um nome a seu filho, estava afirmando que este fazia parte de sua família. Isso deu ao Senhor Jesus o direito legal de pertencer à descendência de Davi. E mesmo que José não tivesse pensado neste nome para a criança, teve de obedecer a Deus.

1.23,24 — *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL.* Essa é uma citação de uma profecia em Isaías 7.14, por meio da qual Isaías consola Acaz, o rei de Judá. Dois reis, Rezim, o rei da Síria, e Peca, o rei de Israel, uniram-se contra Acaz. Mas Isaías diz a Acaz para não temer, pois os planos de seus inimigos seriam frustrados. Como um sinal a Acaz, uma mulher teria um filho, e antes de o menino chegar à idade de discernir o certo do errado [por volta dos 12 anos], esses dois reis não seriam mais uma ameaça para ele.

Há muitas interpretações sobre o que teria levado Mateus a citar essa profecia do Antigo Testamento. Alguns veem a profecia de Isaías como uma referência específica à concepção virginal de Jesus, e nada mais. Segundo eles, somente o nascimento miraculoso de Jesus pode ser considerado o sinal que mais se parece com aquele por meio do qual *Yahweh* com consolou Acaz (compare com Isaías 7.11).

Como a palavra hebraica traduzida por *virgem* em Isaías 7.14 também significa *mulher jovem*, alguns sugerem que Isaías estava profetizando sobre um filho que Acaz teria ao longo de sua vida — ou talvez sobre o filho de Isaías *Maer-Salal-Has-Bas* (Is 8.3).

Outros interpretam as palavras de Isaías como uma profecia de que uma virgem, contemporânea a ele, casar-se-ia e teria um filho. Seja lá de quem esta criança fosse filho, esse foi sinal imediato para Acaz da dissolução repentina da aliança entre Rezim e Peca pela Síria. E embora esta profecia tenha sido cumprida nos dias de Isaías, Mateus deixa bem claro que ela foi cumprida cabalmente pelo nascimento virginal de Jesus; um sinal aos povos de todas as épocas que Deus estava entre eles.

De qualquer forma, no texto grego de Mateus, ele traduz essa passagem de Isaías da Septuaginta, fazendo uso da palavra grega *parthenos*, que significa *virgem*.

1.25 — José não *conheceu* Maria até que ela desse à luz. Este versículo deixa bem claro que Maria permaneceu virgem somente até o nascimento de Jesus. Os irmãos e irmãs que Jesus teve depois eram filhos de José e Maria (Mt 13.55,56). E José não poderia ter tido filhos de um casamento anterior, como alguns sugerem, pois assim Jesus não seria considerado herdeiro do trono de Davi se não fosse o primogênito.

2.1 — Os eventos relatados no capítulo 2 provavelmente aconteceram alguns meses após o nascimento de Jesus. Há muitas razões que podem levar a essa conclusão: (1) José e Maria estavam



EM FOCO

JESUS (GR. *IĒSOUS*)

(Mt 1.21; Lc 1.31; At 2.36; 4.18; 13.23; 17.3)

A palavra grega *iēsous* equivale ao nome *Yeshua* no hebraico, que significa *o Senhor salvará*. Apesar de ser um nome comum entre os judeus (Lc 3.29; Cl 4.11), o nome de Jesus expressa Sua obra na terra: libertar e salvar. Isso se confirma na explicação que os anjos dão a José depois de lhe dizer para dar o nome de Jesus à criança nascida de uma virgem: *Porque ele salvará o seu povo dos seus pecados* (Mt 1.21).

Depois que Jesus foi crucificado pelos pecados de Seu povo e ressuscitou dentre os mortos, os primeiros apóstolos declararam que Ele era o único e suficiente Salvador (At 5.31; 13.23).

vivendo em uma casa (Mt 2.1); (2) Jesus aparece como uma criança, não como um bebê (Mt 2.11); (3) Herodes mandou matar todos os meninos da idade *de dois anos para baixo* (Mt 2.16); e (4) não teria lógica nenhuma José e Maria oferecerem um sacrifício de pessoas pobres, um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 2.24; Lv 12.8), se os magos já tivessem dado a eles ouro, incenso e mirra. Portanto, os magos devem ter chegado depois dos oito dias de nascido, quando era oferecido o sacrifício cerimonial descrito em Lucas 2.22-24,39.

O rei Herodes descrito aqui é Herodes, o Grande, que reinou na Palestina de 37 a.C. até sua morte, em 4 d.C. Governante astuto e exímio construtor, Herodes teve um reinado marcado por crueldade e carnificinas. Augusto, o imperador romano, disse certa vez, usando um jogo de palavras de uma peça grega, que era melhor ser um porco de Herodes (*gr. hus*) do que seu filho (*gr. huios*). A maldade e os assassinatos cruéis desse Herodes são confirmados pelos relatos de Mateus nesse capítulo.

O termo *magos* também pode ser traduzido por *sacerdotes* (At 8.9,11; 13.6,8) ou *sábios*, místicos que tinham algum conhecimento sobre astronomia, como, com certeza, é o caso aqui. O fato de eles serem do Oriente (provavelmente da Pérsia) pode ajudar a explicar o motivo de seu interesse por um Messias judeu. Talvez esses homens tenham aprendido as Escrituras judaicas com os israelitas que foram deportados para a Babilônia e a Medo-Pérsia. De certo modo, é possível que os escritos de Daniel, que foi um sábio no Reino babilônico, tenham atraído o interesse especial desses *magos*. Daniel tinha muito a dizer acerca da vinda do Rei de Israel, especialmente sobre o tempo de sua chegada (Dn 9.24-26).

2.2,3 — *Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?* Essas palavras deixaram o coração de Herodes apavorado e cheio de ódio. Sua estrela no Oriente pode referir-se a uma estrela que apareceu no céu de modo sobrenatural. Depois a estrela reapareceu para guiar os magos ao lugar em que Cristo estava (Mt 2.9). O fato de ela ser chamada de *sua estrela* a associa à chegada do Rei dos judeus. Parece que Deus literalmente moveu os céus por ocasião do nascimento do Salvador do mundo.

2.4 — *Todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo.* Essa primeira referência ao conselho judaico revela que os líderes judeus foram informados antes sobre a vinda do Messias. A rapidez da resposta que deram a Herodes, citando Miquéias 5.2, demonstra que conheciam as profecias messiânicas (Mt 2.6).

2.5-9 — Mateus fala de modo bem claro sobre como as autoridades religiosas judaicas, que mais tarde se tornaram inimigos de Cristo, acabaram confirmando involuntariamente que o nascimento de Jesus havia cumprido a promessa messiânica. Deus pode usar até Seus inimigos para testificar da verdade (Jo 11.49-52).

2.10 — Aconteceram muitas coisas que certamente desanimaram os magos: seu fracasso ao tentar encontrar o rei de Jerusalém, a falta de informação sobre o nascimento do Messias junto às autoridades judaicas, o desinteresse que havia em Israel e o cansaço devido à longa viagem. Mas o reaparecimento da estrela lhes trouxe um novo ânimo e grande alegria. Devemos observar que o *júbilo* é sinal de uma resposta positiva à revelação de Deus, o que é notório em muitas passagens (1 Pe 1.6,8; At 2.46; 5.41; 8.8, etc).

2.11 — Tudo nesse versículo está direcionado ao Senhor. Maria não passa de uma coadjuvante; José não é mencionado; Cristo é quem recebe toda a honra e os presentes. É Ele quem deve ter a preeminência em tudo (Cl 1.18). O *ouro* é símbolo da realeza; o *incenso*, do sumo sacerdócio; a *mirra*, uma erva amarga usada na preparação dos mortos, o que aponta para a morte dolorosa e expiatória do Salvador.



VOCÊ SABIA?

QUE SIGNIFICADO TEM UM NOME?

Jesus era e sempre será Emanuel, *Deus conosco* (Mt 1.23). Em Jesus, Deus está entre nós, vive neste mundo e não nos leva a tentar o impossível, que seria ir até Ele. Jesus não nos livra dos nossos problemas e sofrimentos diários; Ele caminha conosco em meio a eles. A salvação não é uma fuga do mundo, mas Deus participando de nosso dia-a-dia. É aqui que Jesus está, como nos mostra Seu nome, e é aqui que Ele nos dá poder (At 1.8).

2.12-14 — *Avisados em sonhos.* Os cinco sonhos dados por revelação divina provam que Deus estava no controle de todos esses acontecimentos (Mt 1.20; 2.12,13,19-22).

2.15 — *Para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho.* Essa é a segunda profecia descrita no capítulo 2 que foi cumprida. A primeira, no versículo 6, é o cumprimento direto da profecia de Miqueias sobre o local do nascimento de Jesus; aqui em Mateus 2.15 trata-se do cumprimento de uma profecia tipológica. A profecia citada aqui, de Oséias 11.1, refere-se à nação de Israel, que deixou o Egito no êxodo como um Filho de Deus. Jesus é o legítimo Filho de Deus e, como Messias de Israel, é o verdadeiro Rei de Israel (Jo 15.1), dando, portanto, um sentido completo à profecia em Oséias 11.1.

2.16-21 — Essa profecia se encontra em Jeremias 31.15 e, de acordo com ela, Raquel, que foi sepultada perto de Belém, cerca de trinta séculos antes do cativeiro babilônico, é vista chorando por seus filhos, que foram levados para a Babilônia em 586 a.C. Na matança dos meninos nos dias do nascimento de Jesus, vemos novamente a figura de Raquel, uma matriarca israelita, sofrendo por causa da perda violenta de seus filhos.

2.22 — Assim como seu pai Herodes, *Arquelau* foi violento e cruel. Os romanos toleraram sua selvageria por dez anos, mas finalmente o depuseram em 6 d.C., depois que uma delegação judaica apresentou um protesto contra ele em Roma. José, já sabendo da reputação de Herodes Arquelau, e avisado por Deus em sonho, foi para as regiões da Galiléia.

2.23 — *Nazaré.* Por ser tão insignificante que jamais foi citado no Antigo Testamento, esse vilarejo era considerado o local mais incomum para o Messias ser criado (Jo 1.45,46). Era o local onde as tropas romanas se reuniam no norte da Galiléia, e todos os que viviam ali eram suspeitos de compactuar com o inimigo.

3.1 — Como precursor de Cristo, *João Batista* precedeu o Senhor Jesus em Seu nascimento, Seu ministério e Sua morte. Lucas descreve o nascimento de João (Lc 1), mas Mateus vai direto à proclamação da vinda do Reino dos céus. João é chamado de *Batista* porque batizava as pessoas. Diferente da prática comum dos prosélitos e da ministração do ritual de purificação dos judeus, João batizava todos os que iam a ele, demonstravam arrependimento e se identificavam com sua mensagem.

3.2 — A palavra grega para o verbo *arrepender-se* indica uma mudança de opinião e de atitude que pode muito bem levar a uma aflição profunda por causa do pecado. Mas a ideia principal é uma mudança na maneira de pensar, que transforma a vida da pessoa (Mt 3.8).

Reino dos céus geralmente é usado como sinônimo de Reino de Deus. Ambos os termos são muito usados ao longo de todo o Novo Testamento para se referir à implantação do Reino celestial de Deus na terra por intermédio de Jesus Cristo.

Esse Reino estava muito próximo porque foi oferecido a Israel na pessoa do Messias. Em nenhum outro lugar do Novo Testamento está escrito que o Reino havia chegado (as passagens que falam desse assunto serão tratadas ao longo



ENTENDENDO MELHOR

UMA FAMÍLIA POBRE FICA RICA

O que aconteceu com os presentes que os magos deram a Jesus (Mt 2.11)? A Bíblia não diz. Mas eles expressam nitidamente a adoração que os magos prestaram a Cristo por Seu nascimento. E ainda podemos supor que eles proveram os recursos para que Sua família fugisse para o Egito (Mt 2.13-15).

José não esperava o aviso e as instruções do anjo; foi pego de surpresa. Por essa razão, não havia tempo de guardar algum dinheiro para a longa jornada — se é que era possível guardar alguma coisa. Sua família era pobre, como podemos comprovar pelo sacrifício oferecido por eles, um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 2.24). Os presentes caros que Jesus recebeu provavelmente valiam mais do que tudo o que José e Maria já haviam tido na vida. Nesse caso, portanto, a oferta de adoração dos magos deve ter financiado a viagem dos pais de Jesus ao Egito e proporcionado a eles uma nova vida naquela terra estranha.

do evangelho de Mateus.) A verdadeira vinda e o surgimento do Reino dependiam da resposta de Israel ao Messias (At 3.19-23), e essa dependência perdura até os dias de hoje (Zc 12.10-14). O Reino havia *chegado* porque estava sendo oferecido a Israel pelo Messias.

A pregação de João pressupunha que o juízo aconteceria antes da vinda do Reino, algo que foi ensinado pelos profetas do Antigo Testamento (Is 4.4,5; 5.15,16; 42.1; Jr 33.14-16; Ez 20.33-38; Dn 7.26,27; Jl 1.14,15; 3.12-17; Sf 1.2-18; 3.8-13; Zc 13.2,9; Ml 3.1-5; 4.1-6). A essa altura, João pensava que a nação de Israel se arrependeria e o Reino viria. João disse aos judeus da sua geração que se arrependessem a fim de poder entrar no Reino de Cristo.

3.3-6 — As veredas foram endireitadas, reparadas, consertadas, aplainadas e niveladas antes da vinda do Rei. João estava, portanto, preparando o caminho espiritual do Messias

antes de Sua chegada. A citação aqui é de Isaías 40.3, passagem em que o profeta mostra a necessidade de preparar o caminho para a volta do povo judeu do cativo no exílio para sua terra natal, Israel.

3.7-9 — Os *fariseus* e *saduceus* eram dois grupos religiosos que dominavam nos dias de Cristo. Ambos os grupos afirmavam que eram os verdadeiros seguidores do judaísmo, mas suas crenças eram muito diferentes.

Os fariseus tinham o respeito dos leigos de Israel. Em termos de doutrina, não se apegavam somente à Lei de Moisés, aos profetas e às Escrituras, mas também ao conjunto completo da tradição oral. Suas atividades se concentravam nas sinagogas.

Os saduceus estavam ligados à casta sacerdotal, para quem a adoração estava centralizada no templo. Extremamente conservadores, suas crenças relacionavam-se essencialmente ao



APROFUNDE-SE

JESUS, O NAZARENO

Um decreto de morte nos dias de Jesus obrigou José a mudar-se com a família. De Belém, eles fugiram para o Egito. No retorno a Israel, cruzaram a Judéia e passaram a viver na aparentemente tranquila região da Galiléia, na cidade de Nazaré. Mateus consegue ver a providência de Deus nessa mudança. A profecia em Miquéias 5.2 dizia que o Messias viria de Belém (Mt 2.6), e Mateus fala sobre outra profecia: *Ele será chamado Nazareno*, o que se cumpriu quando José se mudou para Nazaré (Mt 2.23).

Uma pesquisa detalhada das Escrituras revela que essas palavras específicas não foram ditas por nenhum profeta do Antigo Testamento. Há duas explicações principais para esse mistério bíblico. Alguns descobriram que a origem da palavra *nazareno* no hebraico vem das palavras *raiz* ou *ramo*. A palavra *ramo*, ou *reberto*, é usada pelos profetas para falar sobre a vinda do Messias. Por exemplo, em Isaías 11.1, é dito que o Messias viria como um *ramo* [נֶבֶט], como a *raiz* de Jessé (Is 53:2). Como uma árvore que foi cortada, a linhagem real de Davi foi quase toda destruída durante o cativo babilônico; mesmo assim, um rebento brotaria de seu tronco. Este é Jesus, o descendente de Davi e Reis dos reis.

Outros apontaram a palavra *profetas*, em Mateus 2.23, que está no plural, como uma indicação de que Mateus não se referia a uma profecia específica, mas a um conceito que aparece em algumas profecias sobre o Messias.

A cidade de Nazaré abrigava as tropas romanas no norte da Galiléia. E os judeus odiavam tanto os romanos que a maioria deles evitava qualquer contato com alguém de Nazaré. De fato, o povo judeu que vivia em Nazaré era considerado como alguém que tinha parte com o inimigo. Naquela época, chamar alguém de *nazareno* era demonstração de grande desprezo.

Por ter vindo de Nazaré, Jesus era desprezado por muitos judeus. Até Seus discípulos, no início, não viam com bons olhos aqueles que vinham de Nazaré. Quando Natanael ouviu que Jesus era de Nazaré, escarneceu dizendo: *Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?* (Jo 1.46). O fato de Jesus ter sido desprezado por ter crescido em Nazaré se encaixa perfeitamente com várias profecias do Antigo Testamento sobre o caráter humilde do Messias (Sl 22.6-8; Is 42.1-4; Mq 5.2).

Ambas as versões, se a palavra *nazareno* estava ligada às profecias sobre o Messias por significar *raiz* ou, de uma maneira geral, dizia respeito ao Seu caráter humilde, certamente ficaram muito claras para a maioria dos leitores de Mateus. Caso contrário, ele teria dado mais informações a respeito.

Pentateuco — os livros de Gênesis a Deuteronomio (At 23.6-10).

3.10 — *Está posto o machado à raiz das árvores.* João comparou seu ministério com o machado de Deus que arranca de Seu jardim as árvores mortas, principalmente as que não produzem frutos de arrependimento.

3.11-14 — *Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.* João convocava as pessoas ao arrependimento mediante o batismo nas águas, mas aquele que viria após ele era tão grandioso que traria a si mesmo todas as pessoas e as batizaria com o Espírito Santo. João sabia que o Reino que viria seria marcado pela grande atuação do Espírito Santo na vida das pessoas (Is 32.15; 44.3; Ez 11.19; 36.26; 39.29; Jl 2.28; Zc 12.10).

Cabia ao Messias, então, realizar essa obra, batizar Seu povo com o Espírito. Mas aqueles que o rejeitassem, Ele os batizaria com fogo, o que provavelmente é uma alegoria do juízo de Deus (Mt 3.10-12).

Na Sua primeira vinda, Cristo batizou com o Espírito. Porém, quando vier novamente, Ele batizará com fogo.

O significado de *fogo* aqui é controverso, mas pode ser entendido como uma expressão do juízo proclamado por Deus antes (Mt 3.10) e depois (Mt 3.12). Uma comparação cuidadosa de três passagens semelhantes (Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33) revela que o batismo com fogo é mencionado somente quando o juízo aparece antes no contexto.

3.15 — *Cumprir toda a justiça.* Essa expressão não significa que o Senhor Jesus foi batizado porque

tinha pecado, pois Ele não tinha pecado (2 Co 5.21; Hb 4.15; 7.26). O batismo de Jesus provavelmente serviu a muitos propósitos: (1) Jesus se identificou com o remanescente fiel de Israel que havia sido batizado por João; (2) confirmou o ministério de João; e (3) cumpriu a vontade do Pai.

3.16,17 — *O Espírito de Deus descendo.* Essa é a prova cabal de que Deus reconheceu Jesus como o Messias.

4.1,2 — Não foi Satanás quem levou Cristo ao deserto para ser tentado, mas o Espírito Santo. No início de Seu ministério, Cristo teve Sua santidade colocada à prova diante das astutas tentações do diabo. Isso aconteceu logo depois de Jesus ter sido batizado (compare com Marcos 1.12).

Depois das vitórias espirituais vêm sempre grandes provações (veja o caso de Elias em 1 Rs 19). Depois do seu batismo público, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, que se refere a um monte do deserto da Judéia.

O local histórico da tentação, cujo alvo direto era a natureza humana de Jesus, indica que essa não foi apenas uma vitória mental sobre Seus pensamentos, mas uma experiência que Ele viveu de fato e da qual saiu vencedor.

O fato de Jesus ter sido *conduzido pelo Espírito* deixa bem clara a relação entre Jesus e o Espírito. Em sua obra terrena, Jesus dependia do Espírito Santo para capacitá-lo.

4.4 — *Está escrito.* A resposta de Jesus às três tentações foi tirada da Palavra de Deus, mostrando aos Seus servos o poder das Escrituras na batalha contra o Maligno (Dt 6.13; 8.3; Sl 91.11,12).



VOCE SABIA?

JOÃO, O PREGADOR DAS RUAS

Será que João Batista (Mt 3.4) se sentiria à vontade para usar a mídia nos dias de hoje, a fim de criar mais impacto na proclamação de sua mensagem? Não sabemos. Mas temos conhecimento de que ele não usou nenhum artifício para que seu ministério fosse bem-sucedido nem usou os métodos vigentes na época. Não era um rabino responsável por uma sinagoga de uma grande cidade. Não vestia roupas finas, não andava numa bela carruagem nem participava de banquetes com os cidadãos da alta sociedade. Mesmo assim, as notícias sobre Ele se espalharam rapidamente, e as pessoas de toda região ao redor de Jerusalém e do Jordão foram até Ele.

João Batista ilustra bem a verdade enfatizada por Paulo: *Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias* (1 Co 1.27).



APROFUNDE-SE

O BATISMO DE JESUS

Nos evangelhos sinóticos, o batismo de Jesus marca o início de Seu ministério messiânico e de uma nova era do Espírito. O céu se abrindo, a descida de uma pomba e a confirmação da voz celestial é o ponto alto da plena revelação do batismo. Jesus foi ungido pelo Espírito de Deus como o Messias e o Servo do Senhor descrito muito tempo antes pelo profeta Isaías (Is 11.2; 42.1; 61.1).

O relato abreviado de Marcos do batismo de Jesus dá abertura a muitas interpretações erradas. Seus leitores poderiam acabar achando que Jesus era um pecador arrependido (Mc 1.4,9), que Ele era inferior a João, que o batizara (Mc 1.9), ou que Ele se tornou Filho de Deus ao ser batizado (Mc 1.10,11).

Os outros evangelistas não deram margem a essas especulações logo no início do seu evangelho. A narrativa do nascimento em Mateus e Lucas dá ênfase ao fato de Jesus ter sido concebido pelo Espírito Santo (Mt 1.20) e que, mesmo sendo ainda um bebê, Ele já era o Cristo (Lc 2.11). Ele não tinha pecado nem era inferior a João Batista antes de seu batismo. O prefácio de João deixa bem claro que Jesus não se tornou o Filho de Deus ao ser batizado, mas que Ele sempre foi desde a eternidade (Jo 1.1-18).

Todos os evangelistas posteriormente reproduziram a história do batismo para eliminar qualquer confusão que o relato de Marcos pudesse trazer. Mateus reproduz uma conversa entre João e Jesus na qual Jesus explica o motivo de Seu batismo (para *cumprir toda a justiça*, Mt 3.15) e na qual João reconhece sua inferioridade diante de Jesus (Mt 3.14). Lucas relata a prisão de João Batista (Lc 3.19,20) antes de descrever o batismo de Jesus (Lc 3.21,22). Além disso, em nenhum lugar na narrativa do batismo Lucas se refere a João ou à vinda do Espírito sobre Jesus como uma resposta à Sua oração.

O quarto evangelho declara que João Batista era inferior a Jesus (Jo 1.6-8, 19-37) e não menciona João Batista batizando Jesus ou pregando sobre o arrependimento. João Batista não foi nada mais do que uma testemunha de Jesus: (1) de que Ele recebeu o Espírito; (2) de que Ele é quem batizaria com o Espírito; e (3) de que Ele é o Filho de Deus (Jo 1.32-34; Mt 3.13-17; Mc 1.9-11; Lc 3.21,22; Jo 1.29-34).

Não havia nada *moralmente* errado em transformar pedras em pão; o que o diabo estava tentando fazer era realizar um milagre fora do plano do Pai. Isso explica por que Jesus usou Deuteronômio 8.3.

A vida não depende só de pão; afinal de contas, Deus é Aquele que provê tudo em nossa vida. Portanto, nosso dever é confiar em Deus e permanecer na Sua vontade. Por mais inocente que uma atitude possa parecer, a questão fundamental se refere à fé (Rm 14.23) e à vontade de Deus.

4.5,6 — *Lança-te daqui abaixo.* Ao lembrar a Jesus a promessa da proteção de Deus no Salmo 91.11,12, o diabo omite as palavras *para te guardarem em todos os teus caminhos*. Ele tentou Jesus a atrair a atenção das pessoas fazendo algo espetacular, e não por Sua mensagem ou Sua vida de retidão. Esse é um perigo que todos nós temos de evitar, principalmente aqueles que estão sempre em lugar de destaque.

4.7 — Deuteronômio 6.16 destaca que ninguém deve tentar Deus. O Senhor disse ao povo

israelita para prová-lo somente em uma área: nos dízimos. Se eles dessem os dízimos, poderiam prová-lo para ver se Ele cumpriria Sua promessa e abençoaria a todos (Mt 3.10).

4.8-10 — Cristo repreendeu o diabo quando este o tentou a adorá-lo, algo que o levaria a pecar justamente naquilo que Deus disse aos israelitas para não fazer (Dt 6.13,15). No caso específico de Jesus, Satanás estava oferecendo-lhe uma coroa sem a cruz. Essa experiência de Jesus nos mostra um padrão de batalha espiritual para hoje: Jesus *resistiu* a Satanás (Ef 6.11,13,14; Tiago 4.7; 1 Pe 5.9). Desse modo, Ele *venceu* Satanás usando a eficaz e poderosa Palavra de Deus (Ef 6.17).

4.11 — *Eis que chegaram os anjos e o serviram.* Logo após ter rejeitado a oferta de Satanás, os anjos vieram até Jesus e o serviram.

4.12-16 — A passagem citada aqui, Isaías 9.1,2, é uma profecia do reinado do Messias em um Reino futuro. O ministério de Jesus na *Galiléia* foi um sinal do que estava por vir. A Galiléia era uma região



EM FOCO

TENTADO (GR. PEIRAZŌ)

(Mt 4.1; Lc 4.2; Mc 1.13; Hb 4.15)

Essa palavra quer dizer *testar* ou *fazer prova de e*, quando relacionada à maneira de Deus lidar com Seu povo, não significa nada além disso (Gn 22.1). Na Bíblia, porém, é geralmente usada com um sentido negativo e significa *seduzir, provocar ou incitar ao pecado*.

É por isso que a designação dada ao *maligno*, em Mateus 4.3, é o *tentador*. Desse modo, *ser tentado* (Mt 4.1) deve ser entendido de ambas as formas. O Espírito conduziu Jesus ao deserto para provar Sua fé, mas o instrumento nesse caso foi o maligno, cujo objetivo era fazer com que Jesus não fosse fiel a Deus. Esse foi o lado negativo da tentação, mas Jesus não desistiu, e passou no teste (2 Co 5.21; Hb 7.26).

populosa e fértil que tinha duas grandes rotas de comércio. O *caminho do mar* era uma delas.

4.17 — A frase *desde então, começou Jesus* é dita duas vezes em Mateus (aqui e em Mt 16.21), e ambas marcam uma direção fundamental no Evangelho. Essa menção em Mateus 4.17 aponta para o começo do ministério terreno de Jesus enquanto a de Mateus 16.21 fala de Sua crucificação e ressurreição. A exortação de Jesus, expressa no imperativo *arrependei-vos*, é igual à de João Batista (Mt 3.2).

4.18-22 — *Eu vos farei pescadores de homens*. Jesus aqui faz referência a Jeremias 16.16 para chamar Pedro e André ao discipulado e a viver para o ministério. Mas este não foi o primeiro encontro que o Senhor teve com Pedro e André (veja o primeiro contato entre eles em João 1.35-42). Podemos tirar muitas lições desse encontro: (1) Deus se alegra em usar pessoas simples; (2) tudo o que aprendemos na nossa vida e na nossa profissão tem valor quando servimos a Cristo. Os pecadores puderam usar sua experiência para pescar vidas para o Senhor; e (3) uma prova da verdadeira obediência é aceitar o chamado na mesma hora (compare com Mateus 4.20,22).

4.23-25 — *Ensinando[...], pregando[...], curando*. Esse é o resumo do ministério terreno de Jesus. Seu ensinamento é caracterizado pelo discurso; Sua pregação é caracterizada pelo que Ele anunciou em

Mateus 4.17; Sua cura é caracterizada pelos muitos milagres.

5.1 — A *multidão* estava presente no início e no final do Sermão do Monte, proferido por Jesus (o mesmo termo aparece em Mateus 7.28). Esse versículo também subentende que Jesus deixou a multidão. Certamente Ele se afastou do povo para ensinar Seus discípulos. Mas aonde quer que fosse para ensinar Seus discípulos, a multidão o seguia.

Assentando-se. Era normal um mestre ou rabino ficar sentado enquanto ensinava, tendo seus alunos ao redor.

Um monte. Provavelmente uma colina bem alta no litoral norte do mar da Galiléia, que deve ter servido como um anfiteatro natural.

Discípulos. Além da multidão que o seguia e ouvia Seus ensinamentos, Jesus tinha muitos discípulos. Porém, dentre todos eles, escolheu apenas doze para receber poder e instruções especiais.

5.2 — [Jesus] *os ensinava*. O Sermão do Monte descrito por Mateus (cap. 5—7) é um pouco diferente do sermão pregado à multidão em Lucas 6. A essência desse sermão provavelmente foi pregada muitas vezes durante o ministério terreno de Jesus.

O Sermão do Monte foi pregado com a intenção de mostrar o tipo de vida que os verdadeiros filhos do Reino devem levar. Foi um ensinamento para aqueles que disseram *sim* ao convite de Jesus e *se arrependeram* (Mt 4.17). É bem provável que eles tivessem dúvida sobre a verdadeira natureza da justiça e do Reino de Deus. Por essa razão, Jesus procurou esclarecer o tema central da Lei e a natureza da verdadeira religião no Reino de Deus (Mq 6.8). Desse modo, Ele esmiuçou a Lei, para mostrar que sua essência é boa (Mt 5.17).

5.3-12 — As bem-aventuranças (do latim *beatus*, que significa *abençoado*) englobam três elementos: um discurso de bênção, a qualidade de vida do discípulo e a razão pela qual alguém é considerado abençoado. O princípio da bênção é encontrado no termo *bem-aventurados*, que introduz cada uma das bem-aventuranças. Em grego, literalmente significa *oh, a felicidade do...* (Sl 1.1).

Era, na verdade, uma forma de saudar alguém, de desejar-lhe bênçãos.

O segundo elemento das bem-aventuranças não descreve vários tipos de pessoas, mas traz uma visão geral do tipo de pessoa que herdará o Reino de Cristo (1 Co 6.10; Gl 5.21).

A terceira parte de cada bem-aventurança nos dá uma visão de alguns aspectos da chegada do Reino. E já que cada um que se enquadra nessas bem-aventuranças herdará esse Reino, devendo ser saudado com votos de felicidade e bênção.

5.3 — Bem-aventurados os pobres de espírito. A ideia de Deus abençoar os humildes e resistir aos soberbos também pode ser encontrada em Provérbios 3.34 e Tiago 4.6.

5.5 — Os mansos [...] herdarão a terra. Refere-se novamente àqueles que são humildes diante de Deus e herdarão não somente as bem-aventuranças celestiais, mas também terão direito ao Reino de Deus que governará esta terra.

A palavra *terra* também é encontrada em outras passagens com o mesmo sentido (Sl 37.3,9,11,29; Pv 2.21). Encontramos aqui, no início do Sermão do Monte, um equilíbrio entre a promessa material e espiritual do Reino. O Reino que Jesus anunciou está tanto *em vós* como ainda *virá*. Desde agora, o cristão é o cidadão espiritual do Reino dos céus.

5.6 — Esses futuros herdeiros da terra recebem agora todo direito à herança de Deus, embora ainda tenham fome e sede de justiça. Eles têm um senso muito forte de justiça, que já é por si uma evidência do novo nascimento espiritual. Aqueles que são pobres e necessitados em sua espiritualidade reconhecem o quanto estão famintos e sedentos pela justiça que somente Deus pode dar.

Ter fome significa estar necessitado, que se relaciona com *ter sede* também; os nascidos de novo têm fome e sede (um desejo interior veemente) de justiça de Deus. Essa fome e sede continuam por toda a vida, embora eles sejam sempre saciados por Deus, que supre todas as suas necessidades espirituais diárias. Essa fome e sede de justiça é o resultado de uma vida regenerada.

Eles serão fartos (gr. *chortazo*) refere-se a uma satisfação plena. O salmista declarou: *Pois fartou a alma sedenta e encheu de bens a alma faminta* (Sl 107.9). Essa satisfação vem de Deus, pois é Ele quem sacia plenamente Seu povo. É assim agora e será por toda eternidade na vida daqueles que têm fome e sede de justiça.

5.7 — Os misericordiosos [...] alcançarão misericórdia. Refere-se àqueles que nasceram de novo pela misericórdia de Deus. E, como o amor divino foi estendido a eles, o Espírito Santo trabalha em seu ser gerando uma misericórdia que os ímpios não conseguem entender. O próprio Jesus se tornou o grande exemplo de misericórdia ao clamar na cruz: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lc 23.34).

A forma de ensino proverbial usada na sequência de palavras dessa declaração não deve criar confusão; por exemplo, o cristão não demonstra misericórdia para receber misericórdia; ele faz isso porque já a recebeu. E, enquanto continua dando provas da graça de Deus em sua vida, ele continua recebendo essa graça. Em outras palavras, ele não é salvo simplesmente porque demonstra misericórdia e é bom para as pessoas; ele é bom e demonstra misericórdia porque é salvo.

5.8 — Aqueles que são realmente salvos verão a Deus. Estes são os *limpos de coração*, cuja vida



EM FOCO

BEM-AVENTURADO (GR. MAKARIOS)

(Mt 5.3; Lc 6.20-22; Rm 4.7,8; Tg 1.12,25)

A raiz dessa palavra grega é *mak*, que significa *grande* ou *comprido*, mas também significa *afortunado* ou *feliz*. Essa palavra da literatura grega foi usada na Septuaginta (a tradução para o grego do Antigo Testamento), e no Novo Testamento descreve o tipo de felicidade que nos é dada quando recebemos a graça divina. A palavra também pode ser traduzida por *feliz*. Ela é bem específica no Novo Testamento: Deus é Aquele que abençoa e dá graça às pessoas.

foi transformada pela graça de Deus. Eles ainda não são totalmente puros, mas sua situação aos olhos de Deus mudou. Tiveram um novo nascimento, guardam a fé e buscam a santidade.

O processo de santificação os conforma continuamente à imagem de Cristo (Rm 8.29), a qual consiste em *verdadeira justiça e santidade* (Ef 4.24). A pureza de coração é o motivo de nossa eleição e o objetivo de nossa redenção.

Lemos, em Efésios 1.4, que Ele nos *elegeu* [...] *para que fôssemos santos*, e, em Tito 2.14, que Ele se deu a si mesmo por nós, *para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial*. Assim também nos diz Hebreus 12.14: *Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor*.

5.9 — Os *pacificadores* são aqueles que têm paz com Deus e vivem em paz com todos os homens (Rm 5.1). São chamados de pacificadores não porque foram regenerados pela sociedade, mas sim pelo poder transformador do evangelho. São pacificadores porque têm em si mesmos a paz de Deus. Receberam a paz de Cristo e se tornaram os embaixadores que levam Sua mensagem de paz a este mundo oprimido. Somente eles serão chamados filhos de Deus. Por meio das bem-aventuranças, Jesus deixa bastante claro que somente aqueles que demonstram as qualidades de uma vida transformada são cidadãos de Seu Reino.

5.10-12 — *Bem-aventurados os que sofrem perseguição*. A promessa de bênção para aqueles que são perseguidos por causa de Cristo parece a mais difícil de ser aceita, mas ela também reserva as maiores recompensas (a primeira de muitas promessas do Novo Testamento cumpridas em Apocalipse 22.12). Mas parece estranho realmente.

Quando vemos alguém passando por esse tipo de perseguição, pensamos: “Bem-aventurados? Acho muito difícil!” Mas por que pensamos assim? Porque, na verdade, nossa visão não está voltada para o Reino. Se crermos realmente no que Cristo disse aqui, isso vai revolucionar nossas atitudes diante dos problemas. A verdade é que nossa posição como servos no Reino e a extensão da glória que desfrutaremos nele são determinadas agora pela maneira de lidarmos com as experiências desta vida.

Contudo, isso é muito diferente das promessas de bênçãos materiais para os justos contidas na aliança, na qual se baseava a perspectiva materialista dos fariseus (Dt 7.12-16; Sl 84.11).

Jesus usou como argumento a perseguição que sofreram os profetas (Hb 11.32-40). Pela primeira vez o Senhor troca a terceira pessoa, *eles*, pela segunda pessoa, *vós*. Talvez Ele estivesse dizendo que, se Seus servos quisessem receber as bem-aventuranças em vida, deveriam estar preparados para sofrer perseguição. A perseguição não é algo incomum. Já a resposta correta diante dela é!

O Senhor começa Seu discurso com essa ênfase para mostrar que *ser* vem antes de *fazer*. Às vezes ouvimos que o mais importante não é o caráter da pessoa, mas seu ponto de vista, suas ideias e atitudes. As bem-aventuranças, contudo, refutam tal afirmação. O caráter está acima de nossos pensamentos e crenças.

5.13-16 — O texto após as bem-aventuranças apresenta duas comparações que ressaltam esse princípio do *ser* antes do *fazer*. O problema é que alguns cristãos se preocupam tanto em *ser* que acabam por não *fazer* nada, ou vice-versa.

5.13 — O *sal* puro conserva o sabor. Em Israel, havia um tipo de sal que era misturado com outros ingredientes. Quando misturado com outros elementos, o sal se tornava insalubre. Esse tipo de sal era usado para cobrir as estradas.

5.16 — *Assim resplandeça a vossa luz*. Da mesma forma que o sal pode afetar o ambiente para sempre, a luz deve ser usada corretamente para glorificar o Pai ao máximo. Jesus disse: *Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo* (Jo 9.5), mas como Ele não está mais no mundo, o cristão agora deve assumir seu lugar como a única *luz do mundo* para glorificar o Pai. O cristão não tem luz própria, e sim uma luz *refletida*. Já que temos a glória do Senhor, nós a refletimos. Portanto, não devemos permitir que nada nos impeça de refletir a luz do Senhor (2 Co 3.18; Fp 2.14-16).

5.17,18 — *Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas*. Jesus refutou a acusação dos fariseus de que Ele estava anulando a Lei. A Lei serviu de aio (Gl 3.19; Ef 2.15; Hb 7.12), mas é eterna (Mt 5.18; Rm 3.31; 8.4).



APLICAÇÃO

COMO FICA, ENTÃO, A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO?

Os acusadores de Jesus diziam que Seus ensinamentos encorajavam as pessoas a violarem a Lei mosaica, permitindo que saíssem livres mesmo tendo pecado. Mas o que Jesus queria, na verdade, era alertá-las para que evitassem a hipocrisia dos rabinos. Estes, enquanto faziam de tudo para mostrar sua justiça exterior, achavam brechas na Lei e maquiavam o mal. Em Mateus 5.17-20, Jesus virou o jogo contra Seus acusadores usando a própria Lei, a base do seu código moral. Não como eles a ensinavam, mas como era a vontade de Deus.

As palavras de Jesus são essenciais para os cristãos de hoje. Deus não exige que eles vivam segundo as rígidas exigências da Lei, mas espera que honrem os princípios do Antigo Testamento, tanto na vida pessoal quanto na vida pública.

Como base da aliança com Israel, a Lei foi cumprida na cruz, e um novo sacerdócio foi estabelecido. Como um conjunto de princípios morais e espirituais, a Lei é eterna.

Cumprir (*pleroo*) significa satisfazer, expandir, completar, não dar fim (*teleo*). Muito tem sido escrito sobre como Cristo cumpriu a Lei do Antigo Testamento (Gl 3.15-18). Ele o fez de várias maneiras: (1) obedeceu a ela de modo perfeito e ensinou seu significado corretamente (compare com Mt 5.19,20); (2) um dia cumprirá todo o projeto e as profecias do Antigo Testamento; e (3) preparou um caminho para a salvação que se ajusta a todos os requisitos e exigências do Antigo Testamento (Rm 3.21,31).

Nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Essa afirmação de Cristo nas traz uma das mais fortes convicções da infalibilidade das Escrituras. O *jota* (*hb. yod*) é a menor letra do alfabeto hebraico, assim como o *til* é um minúsculo sinal que há no final de outra letra hebraica. A revelação de Deus como é descrita pelos autores da Bíblia não tem erro nenhum, até mesmo em seus mínimos detalhes. Ela é totalmente digna de confiança.

5.19,20 — *A justiça dos escribas e fariseus era basicamente exterior e determinada pelas ações.* Cristo, todavia, disse que Deus exige mais do que isso, algo que deve ter abalado os discípulos, já que os supostos atos de justiça dos fariseus e mestres da Lei eram considerados muito superiores aos das pessoas comuns. Na verdade, porém, a única justiça que satisfaz o padrão de Deus é a pela fé em Jesus Cristo (Rm 3.21,22).

As palavras de Cristo também eram uma “declaração de guerra” contra o sistema legalista dos fariseus. Não eram as boas obras, como eles ensinavam, que engrandeciam alguém aos olhos de Deus, e muito menos o legalismo o levaria a entrar no céu.

5.21-48 — A fim de ir bem fundo em Sua mensagem, Jesus usou uma série de contrastes entre o aparente cumprimento da Lei e a motivação interior desejada por Deus. Aqui encontramos a aplicação prática do verdadeiro caráter cristão na vida espiritual. O cristão pode viver acima das exigências da Lei e das tentações porque tem gravado no íntimo a natureza divina que habita dentro dele.

LEI	ESPÍRITO
(Assim foi dito):	(Mas eu digo):
Não matarás	Nem te encolerizarás
Não adulterarás	Nem cobiçarás
Poderás dar carta de divórcio	Honrarás teus compromissos
Não jurarás em falso	Dirás a verdade
Dente por dente, olho por olho	Perdoarás e amarás seu inimigo

5.21 — *Ouistes que foi dito.* Refere-se aos ensinamentos de vários rabinos, não aos de Moisés. Jesus estava questionando a interpretação dos mestres judeus, não o Antigo Testamento.

5.22-24 — Os escribas e fariseus diziam que, se uma pessoa se referisse a alguém como *raca*, que



ENTENDENDO MELHOR

OLHO POR OLHO?

Ao que parece, exigiu algo absurdo, quase impossível: um filho de Deus jamais deve usar de violência para se defender (Mt 5.39); jamais deve pleitear com alguém (Mt 5.40); deve aceitar todo tipo de exigência (Mt 5.41); e deve emprestar sem nenhuma reserva (Mt 5.42). Será que Jesus estava falando sério?

Nessa parte do Sermão do Monte, o Senhor falou da justiça. Ele se referiu à maneira como o Antigo Testamento lida com a vingança *pessoal*. A Lei limitava os danos nos casos de crime a nada mais do que a perda sofrida — *olho por olho* (Mt 5.38; Êx 21.24,25). No entanto, como era de se esperar, as pessoas usavam esses mesmos textos para justificar vinganças *pessoais*, o que chamaríamos de fazer justiça com as próprias mãos.

Os princípios morais de Jesus desafiaram tal interpretação. É claro, no entanto, que algumas situações requerem resistência e autodefesa. A lei aceitava a autoproteção quando aparentemente não havia outro recurso (Êx 22.2). O próprio Senhor Jesus protestou quando foi esbofeteado (Jo 18.22,23). Contudo, Ele nos advertiu sobre o uso desnecessário da violência, especialmente em relação à vingança. Na autodefesa, muitas vezes, a única opção é ferir ou matar. Mas, na vingança, é possível ferir alguém mesmo que o perigo já tenha passado. Um tapa no rosto é um pouco pior do que um insulto, porém não há razão para usar a violência como resposta. Além disso, a vingança pertence a Deus (Dt 32.35; Rm 12.19-21), que geralmente usa as autoridades constituídas para executá-la (Rm 13.4).

Em Mateus 5.17-48, Jesus usou antíteses e muitas hipérboles. O segredo para entendermos esses versículos é guardar na mente a parte mais importante do ensinamento: fazer o bem, e não o mal; buscar a graça, e não a vingança; amar, e não odiar. Esse é o princípio ensinado por Cristo.

significa cabeça vazia, corria o risco de ser levado diante do *Sinédro* por difamação. Jesus, por outro lado, afirmou que todo aquele que chamasse o outro de *louco* teria de prestar contas a Deus. Isso não quer dizer que chamar alguém de louco condenará o cristão ao castigo eterno no inferno. Em vez disso, usando como ilustração a destruição do lixo no vale de Hinom, Jesus estava dizendo que dizer tais palavras levaria as pessoas a uma situação muito pior no dia do Juízo (1 Co 3.12-15).

5.25,26 — A melhor coisa é não ter inimigos. Temos de buscar sempre a paz, porque nossos inimigos podem causar-nos grandes danos.

5.27,28 — *Para a cobiçar*. Um homem que olha para uma mulher desejando-a sexualmente já cometeu adultério em sua mente.

5.29,30 — A metáfora hiperbólica sobre arrancar um olho é semelhante a Provérbios 23.2: *E põe uma faca à tua garganta, se és homem glutão*. Sendo enfaticamente exagerado, o conselho de Jesus é para que seja tirada toda tentação do mal, não importa o quanto isso custe. A advertência sobre o *inferno* (v. 22) nos mostra que aqueles cujo estilo de vida é marcado pela imoralidade descontrolada não são herdeiros do Reino (1 Co 6.9,10).

5.31,32 — *Relações sexuais ilícitas* é uma expressão genérica que abarca sexo antes do casamento, infidelidade extraconjugal, homossexualidade e bestialidade (Mt 19.3-12)

5.33-37 — *De modo algum jureis* não significa que não devemos prestar os juramentos solenes e oficiais (Gn 22.16; Sl 110.4; 2 Co 1.23), mas devemos evitar aqueles que fazemos em conversas normais. Tais juramentos demonstram que as palavras da pessoa não são confiáveis.

A lei de Deus diz: *Nem jurareis falso* (Lv 19.12; Nm 30.2). Jesus estava dizendo àqueles que o seguiam que eles *jamais* deveriam mentir, qualquer que fosse a situação.

As palavras *para com o Senhor* poderiam ser usadas para encobrir a falsidade. Todo juramento feito no nome de Deus era um compromisso legal; por outro lado, um compromisso sem o Seu nome o tornava ilegal. Isso explica a ênfase em Mateus 5.34-37.

5.38 — Essa lei é conhecida como *lex taliones* (lei de talião), que era muito importante no Antigo Testamento (Êx 21.24; Lv 24.20; Dt 19.21). Foi criada para a punição, mas também restringia a retaliação e, dessa maneira, coibia a vingança!

Uma pessoa não podia exigir mais do que um olho ou um dente.

5.39-42 — O Senhor parece estar falando de uma maneira exagerada aqui para nos ensinar a lição da não retaliação. Na maioria dos casos, Ele nos manda ter atitudes compassivas e cordiais com os necessitados. E faz uma aplicação desse princípio em quatro áreas: ataques físicos (Mt 5.39), assuntos legais (Mt 5.40), questões civis (Mt 5.41) e pedidos de empréstimo (Mt 5.42).

5.41,42 — *Obrigar* é um termo legal que se refere à lei de recrutamento. O governo romano podia recrutar qualquer um para carregar suas cargas pela distância de até uma milha, pouco mais de um quilômetro e meio. Mateus fala de um oficial romano que impôs essa lei a Simão Cirineu, em Mateus 27.32.

5.43,44 — *Odiarás o teu inimigo* é algo que não se encontra nos livros de Moisés. Esse foi um princípio acrescentado pelos escribas e fariseus, tomando como base Levítico 19.18.

5.45-47 — *Ser filho de* era o mesmo que ser igual a alguém ou a alguma coisa.

Para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste significa para que, como o nosso Pai celestial, demonstremos Seu amor sem fazer acepção de pessoas.

5.48 — Esse versículo, com base em Deuteronômio 18.13, refere-se à perfeição. No contexto de Mateus 5.43-48, parece que significa que os discípulos de Jesus devem ser maduros e perfeitos como Deus na sua maneira de amar. Deus não diminui Seus padrões para se adequar à nossa pecaminosidade. Ao contrário, Ele nos dá poder para mantermos Seu padrão de justiça. Foi por isso que



APROFUNDE-SE

O SERMÃO DO MONTE

Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus. Esse foi o clamor de Jesus ao iniciar Seu ministério público na Galiléia (Mt 4.17). Sua mensagem rapidamente se espalhou, e grandes multidões vieram ouvi-lo da Galiléia, de toda Síria e de Decápolis, e também de Jerusalém, da Judéia e além do rio Jordão (Mt 4.24,25). Todos iam a Ele para ouvir sobre o Reino; Jesus, em vez disso, falava sobre o estilo de vida daqueles que queriam viver no Reino. O Sermão do Monte contém a essência do ensinamento moral e ético de Jesus:

As bem-aventuranças (Mt 5.3-12). A verdadeira felicidade vem de olharmos a vida do ponto de vista de Deus, que é sempre diferente do ponto de vista humano.

Sal e luz (Mt 5.13-16). Jesus quer que Seus discípulos influenciem o ambiente moral e espiritual do mundo.

Os princípios do Reino (Mt 5.17-48). Aqueles que ouviam Jesus conheciam a Lei e as diversas tradições que gerações de rabinos acrescentaram a ela. Mas Jesus revelou um princípio espiritual que ia muito mais além da letra da Lei.

Disciplinas espirituais (Mt 6.1-18). Praticar a religião certamente tem a ver com o comportamento, mas vai muito além da religiosidade, abarcando a qualidade do caráter.

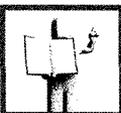
Tesouros na terra (Mt 6.19-34). A maneira de lidar com o dinheiro e com os bens materiais revela muito sobre o relacionamento com Deus. Jesus não criticou os bens materiais, mas foi bem firme ao dizer que a última coisa que Seus ouvintes deveriam valorizar eram os tesouros da terra.

Julgando o certo e o errado (Mt 7.1-6). A maioria de nós é rápida em apontar os defeitos dos outros. Mas Jesus nos advertiu a prestarmos mais atenção aos nossos próprios defeitos.

Pedindo e recebendo (Mt 7.7-12). Quando buscamos a Deus para lhe pedir algo, devemos ter sempre a certeza de que Ele nos tratará como um pai amoroso trata seu filho. E já que Deus nos trata com amor, Ele espera que tratemos os outros assim também.

Um desafio à obediência (Mt 7.13-29). Jesus conclui Sua mensagem com um desafio à mudança. As opções que Ele nos dá são muito claras: ter um estilo de vida digna do Reino, cheia de alegria e esperança, ou desprezar Seu estilo de vida, o que nos levará à morte e à ruína.

É assim que Jesus descreve o estilo de vida do Reino de Deus.



ENTENDENDO MELHOR

ORANDO AO NOSSO PAI

Jesus chamou a atenção dos discípulos para que não orassem *como os gentios*, usando *vãs repetições* (Mt 6.7). Quando gregos e romanos oravam, geralmente, invocavam seus deuses, usando vários nomes e todos os atributos possíveis. E, como ofereciam sacrifícios, sempre lembravam aos deuses algum favor não recebido.

O povo judeu não barganhava com Deus nem tentava impressioná-lo com tais bajulações. Buscava a Deus tendo a certeza de que Ele era seu Pai, como o Antigo Testamento lhes ensinava (Êx 4.22; Is 63.16). A maioria dos filhos na antiguidade via os pais como grandes provedores e protetores (com quem eles não precisavam barganhar). É por isso que, em suas orações, os judeus sempre invocavam Deus como o *Pai nosso que está no céu* e confiavam na Sua provisão (Mt 6.8,9; 7.7-11).

Ao ensinar Seus discípulos a orar (M 6.8-14), Jesus usou uma oração judaica muito comum chamada *Kaddish*, que geralmente era feita nas sinagogas e continha as palavras: *Exaltado e santificado seja Teu grandioso nome [...] que venha o Teu Reino*. O povo judeu ansiava pela vinda do Reino de Deus, quando Ele reinaria sobre a terra e restauraria a justiça e a misericórdia em todo o mundo. No tempo em que o nome de Deus fosse *santificado*, demonstrando o quanto Ele é santo (Ez 39.7,27), ninguém mais o profanaria, usando-o em juramentos ou vivendo de uma maneira que o desonrasse.

Santificar o nome de Deus era o princípio central da ética judaica, significando ter uma vida que honra a Deus mesmo vivendo entre os gentios. A atitude contrária, *profanar o nome de Deus*, era considerada algo tão hediondo, que os mestres diziam que aqueles que maquinavam o mal deviam disfarçar-se de gentios antes de fazê-lo.

Ele disse: *Perfeito serás, como o SENHOR, teu Deus*. E ele também nos escolheu *para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade* (Ef 1.4).

6.1-4 — Já receberam o seu galardão. O verbo traduzido por *receberam* era usado em recibos e significava *totalmente pago*. A única retribuição que os hipócritas receberiam era a glória dos homens (Mt 6.5,16). Compare tais recompensas com os galardões celestiais que Cristo dá a Seus servos (2 Co 5.10; Ap 22.12).

6.5-8 — Aqueles que oram com propósitos errados *já receberam o seu galardão* — assim como aqueles que praticam boas obras, mas com intenções indevidas (Mt 6.2).

6.7 — A partir dos *propósitos* de oração (Mt 6.1-6), Jesus voltou-se para os *métodos* de oração. O *propósito* da oração determina *como* alguém ora (Mt 26.39,42,44). Não há nada de errado em repetir uma oração. Jesus está falando aqui da repetição de palavras vazias.

Não é o tamanho da oração, mas, sim, o seu poder, que agrada a Deus. O próprio Jesus orou a noite inteira antes da crucificação e em outras ocasiões fez breves orações, na maioria das vezes. Ele não está criticando longas orações aqui, embora não haja nada de especialmente espiritual nelas. Ele está simplesmente dizendo que a oração deve expressar um desejo sincero do coração, não

apenas um monte de palavras. Deus não se impressiona com palavras, mas com o verdadeiro clamor de um coração necessitado.

6.8 — Muitos questionam o significado dessa afirmação de Jesus: *Vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes*. As pessoas se perguntam: “Por que devemos orar então?”. A oração não é uma tentativa do homem de mudar a vontade de Deus. O método que Deus usa para mudar nossa vontade é fazer com que ela se torne semelhante à dele. Mais do que mudar alguma coisa, a oração muda as pessoas. Oração não é dirigida a Deus para que Ele nos responda, mas para nos sintonizar com a Sua vontade, para que Ele nos ajude a obedecer-lhe. A oração na vida de um verdadeiro cristão é uma atitude de total confiança e conformidade aos planos e propósitos de Deus.

6.9,10 — *Orareis assim* não significa usar as mesmas palavras, mas sim seguir esse modelo de oração. As pessoas geralmente reduzem essa oração a uma recitação vazia — justamente o que o Senhor disse para *não fazermos* (Mt 6.7). A oração aqui é composta por seis pedidos. Os três primeiros são para que venha o Reino (Mt 6.9,10), e os três últimos para que Deus supra as necessidades de Seu povo até que o Reino seja plenamente estabelecido (Mt 6.11-13).

Santificado seja o teu nome não são palavras de adoração ao Pai. O verbo aqui está no imperativo e quer dizer *que o teu nome seja santificado!* Isso nos traz à mente a profecia em Ezequiel 36.25-32, em que o profeta diz que Israel profanou o nome de Deus entre as nações. Um dia Deus reunirá Seu povo dentre as nações, irá purificá-lo e, assim, vindicará santidade ao Seu santo nome. A santificação do nome do Pai significa a chegada do Reino de Deus.

6.11 — O *pão nosso de cada dia* é uma lembrança do maná que Deus enviava diariamente para alimentar o povo de Israel no deserto.

6.12 — Este pedido, que é explicado em Mateus 6.14,15, não se refere a como as pessoas são justificadas (compare com Romanos 3.21-26; Efésios 2.8-10), mas sobre como alguém que foi justificado deve andar todos os dias com Deus. Não se trata de um perdão posicional, forense (legal), mas de um preceito para preservar a comunhão familiar (1 Jo 1.9).

6.13 — A doxologia no final da oração vem de 1 Crônicas 29.11; alguns manuscritos antigos das Escrituras a omitem.

6.13-15 — *E não nos induzas à tentação* é um clamor para que Deus nos ajude a enfrentar a tentação diária do pecado. Em Tiago 1.13,14, fica bem claro que Deus não nos tenta com o mal, mas, ao contrário, nós é que somos tentados pelas nossas próprias concupiscências. No entanto, Deus nos testa para nos dar a oportunidade de provarmos nossa fidelidade a Ele. O desejo de Deus jamais foi induzir-nos a fazer o mal. Sendo assim, se resistirmos ao diabo, temos a promessa de que ele fugirá de nós.

6.16-18 — *Quando jejuardes* é uma referência ao jejum estabelecido pela Lei mosaica no Dia da Expição (Lv 16.29) e o jejum voluntário. Os fariseus acrescentaram dois dias de jejum, às segundas e terças-feiras de cada semana, para mostrar ao povo sua piedade. Mas o verdadeiro propósito do jejum era a contrição e a comunhão com Deus.

O jejum é especialmente citado como um meio eficaz de subjugar a carne e vencer a tentação (Is 58.6). Os fariseus consideravam a

prática do jejum uma maneira de demonstrar piedade e apareciam nas sinagogas vestidos de modo desleixado. A aparência abatida do rosto e as vestes maltrapilhas que usavam eram uma tentativa de mostrarem uma santidade maior diante do povo.

A frase *desfiguram o rosto* (gr. *aphanizo*) significa literalmente *cobrem o rosto*. Também é uma figura de linguagem que expressa os gestos de contrição e a aparência humilde daqueles que queriam que todos vissem que eles estavam jejuando. Isso também era feito com cinzas (Is 61.3).

6.19,20 — *Não ajunteis [...] ajuntai* pode ser parafraseado assim: “Não dê prioridade a isso, mas dê prioridade àquilo”. Essa passagem não quer dizer que é pecado ter certos bens ou provisões, como seguro, plano de saúde ou poupança. Afinal de contas, *o homem de bem deixa uma herança aos filhos de seus filhos* (Pv 13.22; 2 Co 12.14).

Para vós outros (ARA) deixa bem claro que o desejo de receber galardão no Reino não é pecado. O problema está em querer recebê-lo totalmente aqui e agora. Não podemos levar nada material conosco, mas podemos investir agora para colher bens imperecíveis no futuro.

6.20,21 — A atenção dos cristãos deve estar voltada para os *tesouros no céu*. A palavra *tesouros* implica o acréscimo ou acúmulo de bens. Ambos os tesouros estão condicionados ao lugar em que se encontram (na terra, ou no céu). O conceito de ajuntar tesouros no céu não é sinal de algo que merecemos, mas a recompensa pelas obras da fé, como nos mostram vários outros ensinamentos de Jesus. A concentração de nossos esforços é que revelará onde nosso coração está.

6.22,23 — Observe as palavras de Paulo em Gálatas 3.1: *Quem vos fascinou* (iludiu) [...] *perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado como crucificado?* O conceito aqui está baseado na antiga concepção de que os olhos são as janelas pelas quais a luz entra no corpo.

6.24 — *Mamom* se refere às riquezas, ao dinheiro ou bens materiais. Ninguém pode servir a dois senhores. Mamom nos encoraja a juntar bens

materiais para desfrutarmos deles agora. Mas Jesus nos aconselha a investir em nosso futuro com uma entrega total a Ele.

6.25,26 — Depois de mostrar-nos o perigo de viver em função de juntar bens materiais, Jesus agora trata de uma tendência igualmente perigosa: a preocupação! *Não andeis cuidadosos* (gr. *merimnao*) quer dizer *não fiquem ansiosos*. A ansiedade é uma preocupação exagerada e prejudicial com nossas necessidades imediatas. É diferente de ter cuidado, precaução e fé. Portanto, até mesmo os pobres não precisam preocupar-se com o que vão comer, beber ou vestir.

Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Essa pergunta indica que o equilíbrio mental e interior deve vir do espírito do homem, e não da provisão material. Colocar o coração nos bens materiais e preocupar-se com a falta deles é viver sempre inseguro e privar a si mesmo de receber as bênçãos espirituais de Deus.

6.27 — *Estatuta* aqui, provavelmente, alude ao tempo de duração da vida ou idade. *Côvado*, aqui, alude a um período de tempo, não uma distância.

6.28-30 — *Homens de pequena fé*. Estes são os que creem em Cristo, mas vivem ansiosos pelas coisas materiais (Mt 8.26; 16.8).

6.31,32 — *Gentios* aqui se refere não judeus — aqueles que não conhecem a Deus (3 Jo 7). O

povo judeu, devido à revelação dada a eles por Deus, pensava de uma maneira muito diferente dos gentios.

6.33,34 — *Buscai*[...] *o seu reino e a sua justiça* significa desejar que a justiça de Deus reine nessa terra (Mt 6.9,10).

7.1 — Essa restrição não quer dizer que um discípulo jamais possa julgar. Afinal de contas, é preciso algum tipo de julgamento para obedecer à ordem em Mateus 7.6. O ponto principal desse versículo é que o cristão não deve ter um espírito acusador, que o leva a julgar e a condenar as pessoas.

7.2-5 — Todo julgamento feito por alguém se torna a base de seu próprio julgamento (Tg 3.1,2).

7.6 — *Cães e porcos* se referem àqueles que são inimigos do evangelho, ao contrário daqueles que são simplesmente gentios. Esses inimigos de Deus serão rejeitados (Mt 15.14; 2 Co 6.14-18). Um exemplo de alguém assim é Herodes Antipas, que atentava para o que João Batista dizia (Mc 6.20), mas mandou decapitá-lo (Mt 14.1-12; Mc 6.14-28; Lc 9.7-9). Mais tarde, quando compareceu perante Herodes, Jesus não lhe disse nada (Lc 23.8,9). No contexto dessa passagem, Herodes se tornou um *cão* ou um *porco*.

A ideia aqui não é que devemos deixar de pregar para aqueles que são párias da sociedade,



APLICAÇÃO

NÃO JULGUEIS!

Para o que Jesus queria chamar a atenção de Seus discípulos quando disse a eles para *não julgarem* (Mt 7.1)? Será que Jesus queria que eles fizessem vista grossa para os erros e a maldade? Será que Ele queria que os patrões pensassem duas vezes antes de criticar o trabalho dos funcionários, ou os novos editores ou críticos de arte amenizassem suas críticas? E os jurados? Será que eles deveriam parar de julgar? Ou as pessoas deveriam ir ainda mais longe e não criticar mais ninguém, já que ninguém é perfeito?

Não, tudo isso não passa de um entendimento errado do que Cristo quis ensinar. Ele não estava dizendo que devemos aceitar as coisas como são, mas que devemos usar de compaixão com as pessoas. Já que todos nós somos pecadores, tudo o que temos a fazer é parar de nos preocupar com as falhas dos outros e começar a prestar atenção às nossas próprias falhas (Mt 7.3-5). As palavras de Jesus aqui se aplicam ao que Ele disse antes sobre a hipocrisia (Mt 6.1-18). Jesus disse que não devemos acusar nem desprezar ninguém, ao mesmo tempo em que, por outro lado, exaltamo-nos e ficamos arrumando desculpas.

Há espaço, então, para julgar as pessoas? Sim, mas somente à maneira de Jesus: com empatia e justiça (Mt 7.12), e com a intenção de perdoar totalmente (Mt 6.12,14). Quando tivermos de corrigir alguém, devemos agir como um bom médico, cujo objetivo é curar o paciente, não atacá-lo como a um inimigo.

pois Jesus mesmo foi até os pobres pecadores que havia no meio do povo. Ao contrário, a questão aqui é que é inútil continuarmos pregando a verdade àqueles que a recusam.

7.7-11 — Anteriormente, uma comparação foi feita entre as expressões de adoração (ofertar, orar e jejuar) e a consequência de uma vida com Deus (ter bom senso, julgar com justiça). É provável que a declaração que Jesus faz aqui é para enfatizar como é importante a oração. E essa declaração não foi feita fora de hora, como alguns presumem; ao contrário, ela dá ao cristão a capacitação para julgar com justiça. Se orássemos com toda a sinceridade por aqueles que são alvo em potencial de nossas críticas, no final, acabaríamos fazendo um grande bem a eles.

Os três imperativos *pedi, buscai e batei* estão, no original, no tempo presente, indicando que devemos orar sempre e nunca desistir daqueles a quem queremos bem. Tudo aquilo de que precisamos para ser bem-sucedidos espiritualmente já foi prometido a nós. As bênçãos e a provisão de Deus estão disponíveis para todos os Seus filhos.

7.12 — O termo *a Lei e os Profetas* é o mesmo de Mateus 5.17. A chamada *regra de ouro* é uma aplicação prática de Levítico 19.18: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*.

7.13-27 — A parte final do Sermão do Monte coloca diante de nós duas alternativas. E isso é feito por meio de algumas situações antagônicas: duas portas (Mt 7.13,14); duas árvores (Mt 7.15-20); e dois fundamentos (Mt 7.24-29). Esse era um método comum de ensinar, tanto no estilo judaico como no greco-romano.

7.13,14 — *Larga* [...] *espaçoso*. A maioria das pessoas neste mundo tem as mesmas atitudes dos escribas e fariseus. Elas simplesmente acreditam na salvação pelas boas obras. Jesus faz uma interpretação muito diferente da Lei, a regra de vida daqueles que o seguiam. Ele a coloca ao nível do coração e, ao fazer isso, exclui muitos de Seu Reino.

Estreita [...] *poucos*. Aqueles que põem sua confiança somente nas obras (1 Co 3.12-15; 6.9,10).

7.15-20 — *Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas*. Os textos em Deuteronômio 13.1-11 e 18.20-22 nos mostram como devemos discernir quem são os falsos profetas e enfrentá-los. É *pelos seus frutos* que discerniremos os falsos mestres dos mestres de verdade. *Frutos* aqui não é nada mais do que as obras, e isso inclui a doutrina que ensinam (16.12; 1 Jo 4.1-3). Aquele que fala em nome de Deus tem de ser provado pelas doutrinas bíblicas. O mesmo princípio continua valendo hoje em dia. Os pregadores e mestres devem ser provados pelas verdades da Palavra de Deus (Jd 3; Ap 22.18,19).

7.21-23 — Já que *muitos* ensinam o que é errado, a tendência é perguntar como todos eles podem estar errados, haja vista que fazem tantas coisas boas que parecem corretas. Por exemplo, eles *profetizam, expulsam demônios e fazem muitas maravilhas*. E realizam tudo isso *em nome* do Senhor, o que é enfatizado pela repetição do termo três vezes (compare com Mateus 24.4,5; 23-25). Aí surge a questão: existe prova maior de poder do que essas coisas? Devemos lembrar que Cristo estava interpretando a Lei para eles, e a Lei deixava bem claro que a Palavra de Deus é maior do que qualquer milagre. Por mais que os sinais acontecessem, eles deveriam ser rejeitados se a mensagem não estivesse de acordo com a Palavra de Deus, quando então o falso mestre seria executado (Dt 13).

7.24-27 — A diferença principal dessas duas casas não está na aparência. Os escribas e fariseus pareciam tão justos quanto os herdeiros do Reino. Mas a chave de toda questão é o fundamento. *A casa sobre a rocha* é o exemplo de uma vida edificada em um relacionamento verdadeiro com Cristo (Mt 16.18; 1 Co 10.4; 1 Pe 2.4-8). Ela passará pelo teste do juízo de Deus, mas a *casa sobre a areia* não (1 Co 3.12-15).

7.28,29 — *Não como os escribas*. Os escribas sempre viviam bajulando as autoridades para que elas dessem crédito àquilo que diziam. Mas as palavras de Jesus tinham autoridade em si mesmas. Observe as frases: *Eu, porém, vos digo*, em Mateus 5.22,28,32; *[Eu] vos digo*, em Mateus 5.20; e *em verdade te digo*, em Mateus 5.26.



VOGÊ SABIA?

A FAMÍLIA DE PEDRO

As famílias do tempo de Jesus tendiam a ser maiores do que as de hoje, com muitos filhos e muitos parentes próximos.

O lar de Pedro (Mt 8.14), no entanto, tinha algo de diferente: a sogra dele vivia com a família. Pedro não era obrigado pela Lei ou os costumes a providenciar um lar para a sogra. Uma viúva normalmente voltava a morar na casa de seu pai, caso este ainda estivesse vivo, ou ia morar na casa de um dos filhos.

Felizmente para a sogra de Pedro, o genro tinha Jesus como amigo, e a compaixão do Senhor a alcançou. Ele a curou da febre, e ela passou a servir-lhe. A resposta dela demonstra uma vida transformada e uma atitude profundamente grata.

8.1 — Em Mateus 8.1—9.38, temos o registro de dez milagres. Sua ligação com o Sermão do Monte é óbvia. O Rei, tendo apresentado Seu programa de governo — o Manifesto do Reino —, demonstra agora o poder para realizar o que havia dito. Sempre ouvimos grandes e maravilhosas promessas de muitos políticos que estão no poder, mas então pensamos: “Será que eles vão fazer isso mesmo?” Mas o Rei Jesus mostrou com milagres o poder de realizar o que estava em Seus planos. Esses milagres estão divididos em três grupos e apresentam duas discussões sobre o discipulado. Todos eles confirmaram o Senhor Jesus como Messias e Rei. Os três primeiros milagres são de cura (Mt 8.1-17). Curar *um leproso* era um ótimo começo, pois não havia registro de nenhum israelita leproso que tivesse sido curado em toda a história da nação, a não ser Miriã (Nm 12.10-15).

8.2,3 — Antes desse milagre, o único caso de um israelita curado de lepra foi o de Miriã, registrado em Nm 12.10-15. A frase *se quiseres* é importante porque demonstra fé genuína. Mas isso não significa necessariamente que, se alguém crer, Deus *fará* alguma coisa. Mas Ele *pode* fazer (Dn 3.17,18). Normalmente, tocar um leproso era algo que, pela Lei, tornava alguém imundo (Lv 14.45,46; Nm 5.2,3; Dt 24.8). Nessa ocasião, Jesus tocou o leproso, e este foi purificado.

8.4 — *Olha, não o digas a ninguém.* Talvez Jesus tenha dito isso ao leproso para que ele, em cumprimento à Lei, dissesse às pessoas que havia sido curado. *Vai, mostra-te ao sacerdote.* A ordem de Jesus não eximia o leproso da sua

responsabilidade de acordo com Lei. O ex-leproso teria de viajar dos arredores do mar da Galiléia até Jerusalém para ali oferecer o sacrifício requerido por Moisés (Lv 14.4-32). No entanto, a intenção de Cristo em dar-lhe essa ordem não era apenas obedecer à Lei de Moisés, mas também testificar junto às autoridades religiosas em Jerusalém que o Messias havia chegado. Jesus também mandou que o homem não dissesse nada porque não queria que os judeus agissem de forma precipitada e preconceituosa, tendo uma opinião errada do Messias e de Seu Reino (Jo 6.14,15).

8.5-9 — No Novo Testamento, os centuriões (oficiais que tinham ao seu comando cem soldados) sempre são vistos com bons olhos. Esses soldados eram como os sargentos hoje em dia. A resposta que o centurião deu a Jesus indica que o romano entendia muito bem o que é *autoridade*.

8.10 — *Maravilhou-se Jesus.* Somente uma vez as Escrituras dizem que Jesus se maravilhou: quando os moradores de sua cidade o rejeitaram (Mc 6.6).

Nem mesmo em Israel encontrei tanta fé. Esse elogio à fé do centurião gentio foi uma forte repreensão aos judeus. Os israelitas achavam que teriam prioridade no Reino (Is 45.14; Zc 8.23; Rm 9.3-5; Ef 2.11,12). Mas Jesus deixa bem claro que apenas ser um descendente de Abraão não garante a entrada no Seu Reino.

8.11 — *Assentar-se* literalmente significa *reclinar-se*, como se estivesse à mesa para um banquete. A vinda do Reino geralmente é retratada como uma festa, em especial uma festa de casamento (Mt 22.1-14; Is 25.6; Ap 19.7-10).

8.12,13 — Os filhos do Reino são os judeus que receberam a aliança e as promessas e que seriam herdeiros do Reino. A ideia de que os gentios teriam lugar no Reino vindouro era algo impensável para os judeus. *Trevas exteriores* significam a escuridão do lado de fora e se referem à experiência daqueles que não resistiram até o fim, e, por isso, não herdaram o Reino (Mt 22.13; Rm 8.17; 2 Tm 2.12,13; 2 Jo 8; Ap 3.11). Viver com Cristo no céu é uma dádiva (Jo 3.16; Rm 4.1-8; 6.23) recebida de graça. Mas reinar com Cristo é um prêmio conseguido só com muito esforço (compare com 1 Coríntios 9.24-27; Apocalipse 22.12).

8.14-17 — Essa intensa manifestação de curas antecipou as curas futuras que aconteceriam na época do Reino. O versículo 17 é uma citação de Isaías 53.4. A morte de Cristo na cruz tornou possível a cura dos filhos de Deus no Reino messiânico que viria e subsistirá por toda a eternida-

de. Os milagres subsequentes em Mateus 8.1-17 são muito importantes. Primeiro o Senhor Jesus se revelou a Israel em Seu ministério terreno. Mas, como foi rejeitado, Ele exerceu Seu ministério junto aos gentios (Mt 8.5-13). Posteriormente Ele virá para os filhos de Israel e os restaurará como o Messias e Redentor que lhes foi prometido.

8.17 — Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças. De que maneira Jesus levou nossas doenças e enfermidades? Ele com certeza não transferiu para Si mesmo a enfermidade de alguém quando o curou. O texto de Isaías sobre o Messias pode ter dois significados. Cristo tomou sobre si nossas enfermidades no sentido de compadecer-se de nossas fraquezas. Várias vezes vemos escrito que Jesus curava porque tinha compaixão das pessoas (Mt 9.36; 14.14; 20.34; Mc 1.41; 5.19; compare com Mc 6.34;



APROFUNDE-SE

VERDADES SOBRENATURAIS

Jesus frequentemente encontrava demônios como este que possuiu o homem de Gadara (Mt 8.28-34). A menção de demônios aqui é uma prova de que há forças espirituais poderosas no universo. A Bíblia tem muito a dizer sobre anjos e demônios.

Anjos fazem parte de uma ordem de seres celestiais que são superiores ao ser humano em poder e inteligência (Hb 2.7; 2 Pe 2.11; Zc 3.1). Entretanto, ao contrário de Deus, eles não são onipotentes nem oniscientes (Sl 103.20; 2 Ts 1.7). Deus sempre os enviou para anunciar boas-novas, como no nascimento de Jesus (Lc 1.30,31), ou para alertar sobre um perigo iminente, como na destruição de Sodoma (Gn 18.16—19.29).

Os anjos tiveram um papel muito importante nos eventos que acompanharam o nascimento de Jesus, Sua ressurreição e ascensão. Eles:

- aconselharam José a se casar com Maria (Mt 1.20);
- avisaram José para que ele fugisse com Maria e o menino Jesus para o Egito (Mt 2.13);
- disseram a José que ele poderia voltar à Palestina com sua família (Mt 2.19);
- disseram a Zacarias que ele teria um filho chamado João Batista (Lc 1.11-38);
- anunciaram aos pastores o nascimento de Jesus (Lc 2.8-15);
- apareceram para Jesus no Jardim do Getsêmani para fortalecê-lo (Lc 22.43);
- rolaram a pedra do túmulo de Jesus (Mt 28.2);
- apareceram às mulheres junto ao túmulo vazio para anunciar a ressurreição de Jesus (Lc 24.4-7,23; Jo 20.12);
- após a ascensão de Jesus, prometeram que Ele voltaria (At 1.9-11).

Depois de Pentecostes, a frequência das atividades angelicais junto ao homem parece ter diminuído, talvez por causa de uma atuação mais ampla do Espírito Santo na vida dos cristãos.

Os demônios são anjos caídos que foram expulsos do céu. Eles buscam atrapalhar a obra dos justos neste mundo (1 Pe 3.19,20; 2 Pe 2.4; Jd 6). A Bíblia os descreve com vários nomes: *espíritos imundos* (Mc 6.7), *espíritos maus* ou *malignos* (Lc 7.21; At 19.12,13), *espírito de adivinhação* (At 16.16), *espíritos enganadores* (1 Tm 4.1), e *espírito do erro* (1 Jo 4.6).

Lc 7.13). Ele também levou nossas doenças na cruz por meio de Seu sofrimento vicário pelo pecado. As doenças em si são resultado da queda, e o fato de sermos pecadores trouxe a maldição à nossa vida. Veja que Isaías 53.4,5 se reporta a essas duas dimensões.

8.18-20 — O termo *Filho do Homem* é muito importante. Em todos os evangelhos, essas palavras são pronunciadas somente pelo Senhor Jesus, e era assim que Ele mais gostava de chamar a si mesmo (80 vezes). Esse é o mesmo termo encontrado em Daniel 7.13,14 e se refere ao Reino messiânico de Cristo. Em Mateus 8.20, descreve a simplicidade do Messias em Sua primeira vinda, quando Ele não veio para reinar, mas para sofrer. A cruz vinha antes da coroa, mas era a coroa que lhe servia de motivação (Hb 12.2,3).

As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos. Enquanto ensinava sobre o discipulado, Jesus afirmou que era preciso fazer sacrifícios, a exemplo do próprio Senhor que, como homem, não tinha onde reclinar a cabeça (compare com Lc 9.57-62).

8.21,22 — Essa passagem descreve um discípulo cujo pai ainda estava vivo, porque, pela Lei levítica, ninguém poderia estar fora de casa, em meio ao povo, se seu pai tivesse acabado de morrer. Ele queria ir para casa a fim de esperar a morte de seu pai, que já era idoso, para depois então seguir a Cristo. A resposta de Jesus nos mostra que jamais devemos arrumar desculpas para não segui-lo. Não há melhor hora do que o tempo presente.

8.23-27 — Jesus criticou a *pequena fé* dos discípulos porque Ele mesmo lhes havia dito para atravessar o mar da Galiléia.

8.28 — A província dos gergesenos pode ser: (1) o vilarejo de Kersa, situado à costa oeste do mar da Galiléia; (2) Gerasa, cerca de 50Km ao sul do mar da Galiléia; ou (3) Gadara, cerca de 8Km dali. Era um território gentio.

8.29-34 — Aprendemos muitas coisas sobre os demônios nessa passagem: (1) eles reconhecem a divindade de Cristo; (2) o conhecimento deles é limitado; (3) eles sabem que no fim serão julgados por Cristo (Mt 25.41; Tg 2.19; 2 Pe 2.4; Jd 6; Ap 12.7-12) e (4) eles não podem agir sem a permissão da maior de todas as autoridades — a de Cristo.

9.1,2 — A *fé deles* se refere à fé do paralítico, assim como à dos homens que o levaram.

9.3-8 — A estratégia de Jesus deixou os líderes religiosos sem resposta. Embora eles negassem a capacidade ou o direito de Jesus de perdoar pecados, a cura do paralítico não podia ser negada. Era mais fácil dizer *perdoados te são os teus pecados* porque não haveria nenhuma prova visível de que isso tinha acontecido de fato. A cura do paralítico, porém, era a prova de que o perdão de pecados também acontecera. Nem a cura física nem a espiritual representavam dificuldade para o Filho de Deus.

9.9-11 — *Mateus* é chamado de Levi em Marcos 2.14 e Lucas 5.27. A *alfândega* era um posto que havia ao longo das estradas para cobrar



APLICAÇÃO

O PODER DO PERDÃO

A multidão que testemunhou a cura do paralítico ficou maravilhada com a grande demonstração do poder de Jesus (Mt 9.8). No entanto, eles não perceberam que Sua habilidade mais importante era perdoar pecados — um poder que deixou os escribas muito preocupados (Mt 9.2,3).

O poder do perdão é ilimitado. Como servos de Jesus, somos desafiados por Ele a perdoar àqueles que erram conosco e nos magoam (Mt 6.14,15; 18.21-35). Isso pode parecer simples, mas todo aquele que já lutou contra a dor e a angústia sabe que é preciso uma força descomunal para perdoar de coração — para deixar de lado a dor e liberar perdão a quem nos ofendeu. Do mesmo modo, o perdão pode libertar da escravidão da culpa aquele que nos ofendeu e até mudar o rumo de sua vida (Tg 5.19,20).

O perdão é tão poderoso e libertador quanto a cura do paralítico. E esse é um poder que Cristo concedeu a Seus servos (Jo 20.23). Nós fomos chamados para perdoar os outros como Cristo nos perdoou (Cl 3.13).



VOCÊ SABIA?

AS CARPIDEIRAS

Nos tempos antigos, carpideiras profissionais (Mt 9.23) eram pagas para ajudar a família a expressar publicamente o luto pela perda de um ente querido. Elas compunham poemas e cânticos de lamentação pelo falecido, e cantavam acompanhadas pelo toque de uma flauta e outros instrumentos para mexer com a emoção das pessoas. Geralmente usavam roupas de saco e jogavam pó para o alto, sobre a própria cabeça. Chorando, batendo no peito e pranteando, elas criavam um ambiente inegável de luto. Ali ninguém negava a morte nem o sentimento de perda.

Jesus pode ter usado a imagem das carpideiras quando falou no Sermão do Monte sobre os que choram (Mt 5.4).

impostos de toda mercadoria que por ali passasse. É bem provável que Mateus trabalhasse para Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia. Os coletores de impostos eram considerados traidores pelos judeus. Eram odiados porque, geralmente, cobravam mais do que o necessário e ficavam com o restante, o que os tornava muito ricos.

9.12,13 — Jesus citou Oséias 6.6 (e o fez novamente em Mateus 12.7) para enfatizar que Deus está mais interessado no amor sincero das pessoas do que na observância cerimonial, externa da Lei. Jesus se referiu aos fariseus chamando-os ironicamente de *os justos*. Na verdade eles não eram justos, mas consideravam-se justos e piedosos por serem zelosos com a Lei (Fp 3.6). Entretanto, Jesus explicou, usando as palavras do Antigo Testamento que eles conheciam muito bem, que Deus já há muito considerava sem valor os sacrifícios sem misericórdia.

9.14,15 — Jesus usou a figura do casamento como exemplo do relacionamento de Deus com Israel (Is 54.1-8; Jr 3.1-20; Os 2.1—3.5). Ao referir-se a si mesmo como o *esposo*, Ele estava afirmando que era o *Messias*. A frase *lhes será tirado* aponta para a morte violenta de Cristo.

9.16,17 — O princípio aqui representado é que Jesus veio para trazer uma nova dispensação, a qual não se enquadrava nos antigos conceitos judaicos. O conceito ensinado por essa ilustração é que os preceitos da Lei tinham de ser embuídos da graça, que a partir de então reinaria livremente no coração de todos os cristãos.

Remendo de pano novo significa um tecido que nunca foi usado. *Odres novos* geralmente eram usados no antigo Oriente para guardar líquidos.

A acidez do vinho novo em fermentação era tamanha que odres velhos, desgastados e sem elasticidade não aguentavam e estouravam.

9.18-26 — *Um chefe*. Esse homem era um magistrado. Os outros evangelhos dizem que seu nome era Jairo (M 5.22-43; Lc 8.41-56).

E o adorou. A frase indica que ele reconheceu o poder de Jesus e Sua divindade. Nas passagens paralelas dos outros evangelhos, vemos que sua filha estava enferma quando ele procurou Jesus, mas que ela morreu quando eles estavam a caminho. Mateus une essas duas etapas numa só frase, dizendo: *Minha filha faleceu agora mesmo*.

9.27-31 — *Olhai que ninguém o saiba*. Jesus não queria encorajar a multidão a segui-lo só por causa da cura das enfermidades, pois Seu objetivo principal era a cura espiritual. A cura física serviu apenas para provar que Jesus é o *Messias* prometido.

9.32-34 — Os fariseus não podiam negar a autenticidade dos milagres, mas os atribuíam ao *príncipe dos demônios*. A mesma declaração é encontrada em Mateus 12.24.

9.35 — Esse versículo é semelhante a Mateus 4.23. Assim como essa passagem fecha uma seção do livro e prepara o leitor para outro discurso, o mesmo acontece em Mateus 9.35. Os milagres em Mateus 8 e 9 provam que Jesus, o *Messias*, pode muito bem trazer até nós todas as maravilhas do Reino. No capítulo seguinte, vemos os doze sendo enviados para proclamar a presença do Rei e que o Reino estava próximo.

9.36 — Esse versículo é uma terrível alusão às autoridades religiosas de Israel, líderes que, mesmo se achando muito piedosos, não davam



ENTENDENDO MELHOR

JESUS, UM PREGADOR DA CIDADE

A opinião popular com frequência visualiza a Bíblia em geral e especificamente o ministério de Jesus num contexto rural. Mas isso é um tanto enganoso.

A Palestina dos tempos de Jesus estava passando por um rápido desenvolvimento urbano. Sua população, de cerca de 2,5 a 3 milhões de habitantes, vivia em numerosas cidades pré-industriais e vilas em torno de Jerusalém, o eixo central da região, que tinha uma população estimada pelos estudiosos modernos entre 55 mil e 90 mil pessoas (Josefo, historiador judeu do século 1, mencionou 3 milhões de habitantes; o Talmude registra o incrível número de 12 milhões.).

Conforme Jesus desenvolvia Seu ministério, foi focalizando os centros urbanos da Palestina (Mt 9.35; 11.1; Lc 4.43; 13.22) e visitou Jerusalém pelo menos três vezes. Isso o colocou em contato com um número maior e mais variado de pessoas — mulheres, soldados, líderes religiosos, gente rica, mercadores, coletores de impostos, gentios, prostitutas, mendigos, gente pobre — do que Ele teria encontrado numa zona genuinamente rural. Eram multidões dessas pessoas que Ele atraía quando visitava cada cidade.

A estratégia urbana de Jesus estabeleceu um modelo para Seus discípulos e a Igreja primitiva. Ao enviar os discípulos nas viagens de pregação, Ele os direcionou às cidades (Mt 10.5,11-14; Lc 10.1,8-16). Mais tarde, o movimento expandiu-se por todo o império Romano mediante uma estratégia urbana que implantou comunidades cristãs no mínimo em 40 cidades no final do século 1.

À luz do papel vital que as cidades cumpriram no ministério de Jesus, o exemplo do Senhor na Palestina urbana tem muito a ensinar-nos no mundo moderno.

nenhuma orientação espiritual ao povo. Encontramos aqui um aviso importante àqueles que hoje fazem de seu ministério um negócio.

Compaixão. O coração de Jesus foi tocado para que Ele revelasse a vontade de Deus àqueles que estavam sendo enganados pelos charlatães.

9.37,38 — A *seara* marca o início da era do Reino. Para os perdidos, ela significa condenação; para os salvos, bênçãos.

10.1,2 — Os *doze* são chamados *discípulos* em Mateus 10.1, mas no versículo 2 são chamados de *apóstolos*. A palavra *apóstolo* significa autoridade constituída (1 Ts 2.6). O termo *discípulos* enfatiza o aprendizado e a obediência. Por terem recebido poder, os discípulos passaram a ser chamados de apóstolos.

10.2-4 — Os discípulos foram enviados em duplas (Mc 6.7).

10.5,6 — Essa ordenança é totalmente contrária à em Mateus 28.19. Ela foi dada por Jesus nesse contexto para que a chegada do Reino só fosse anunciada aos judeus. Todavia, estava condicionada à resposta de Israel ao Messias (compare com Atos 3.19,20). Embora Jesus tenha mostrado claramente entre os capítulos 10 e 28

de Mateus que é o Messias, os líderes judeus e, por conseguinte, toda a nação, rejeitaram-no. Depois disso, o evangelho passou a ser pregado a todas as nações. Mas, quando Israel se arrependeu, o Reino virá para eles (Zc 12.10).

10.7-42 — As instruções dadas aos doze foram especificamente para a missão de anunciar que o Reino estava próximo. Se todas as ordens dadas por Jesus aqui fossem seguidas à risca hoje em dia, a Igreja não conseguiria fazer missões mundiais (compare com Mt 10.5).

10.7,8 — A mensagem aqui é a mesma proclamada por João (Mt 3.2) e pelo Senhor Jesus (Mt 4.17). O Rei foi apresentado, mas o Reino não; este estava perto e Sua vinda, preparada.

10.9,10 — A missão dos discípulos era de curto prazo. Basicamente, eles tinham de fazer uma pesquisa na nação para avaliar a resposta do povo ao Messias. Os doze não levariam muito tempo para cobrir uma área de 120 a 200 Km. Foi por essa razão que não precisaram de muitas provisões.

10.11 — Como o testemunho dos apóstolos era muito importante, eles tinham de procurar lares de boa reputação. Mais tarde, não precisariam

tentar constantemente encontrar uma residência mais adequada para pregar o evangelho.

10.12-14 — *Saudar* uma família era o mesmo que pronunciar uma bênção sobre ela: “Que a paz esteja convosco!”. Ao entrar nos lares, esses mensageiros deveriam receber o melhor tratamento por parte de seus anfitriões; contudo, se uma casa não fosse digna (e seus moradores rejeitassem a mensagem), os apóstolos deveriam poupar as palavras de bênção.

10.15 — Esse versículo, bem como o texto em Mateus 11.22,24, indica que haverá níveis de julgamento e tormento para os perdidos.

10.16 — As *cobras* normalmente são consideradas sagazes, talvez por serem silenciosas e perigosas, ou por causa da forma pela qual se movem (Gn 3.1). Ao *meio de lobos* significa que os apóstolos seriam expostos ao ódio e à violência dos homens. *Símplices* significa literalmente *sem mistura*, o que pode indicar pureza e inocência.

10.17 — *Acautelai-vos, porém, dos homens* ajuda a explicar o sentido de *lobos* em Mateus 10.16. A maior ênfase aqui é dada à perseguição, e isso parece referir-se ao período da tribulação profetizado no Antigo Testamento (Dn 9.26, 27; Jr 30.4-6). Foi profetizado que o Messias morreria e ressuscitaria (Dn 9.26; Sl 16.10; 22; Is 53.1-11), e justamente após Sua morte e ressurreição é que viria o tempo da tribulação (Dn 9.26,27; Jr 30.7). Então, o Messias voltaria, acabaria com a tribulação e julgaria o mundo (Dn 7.9-13,16-27; 9.27; 12.1; Zc 14.1-5) Assim, Cristo instituiria Seu Reino na terra (Dn 7.11-27; 12.1,2; Is 53.11, 12; Zc 14.6-11,20,21). Parece que é a esses acontecimentos que o Senhor Jesus está se referindo em Seu discurso. Mas, a essa altura, a era da Igreja e o fato de que Israel seria deixado de lado por algum tempo ainda não tinham sido revelados (Mt 16; Ef 3).

E vos açoitarão. Essa referência aos açoites na sinagoga mostra que: (1) haveria oposição à



COMPARE

Os DOZE

Apóstolo	Descrição
Simão (Pedro)	Pescador da Galiléia, irmão de André
André	Pescador da Galiléia, irmão de Pedro
Tiago	Filho de Zebedeu, irmão de João; de Cafarnaum
João	Filho de Zebedeu, irmão de Tiago; de Cafarnaum
Filipe	De Betsaida
Bartolomeu (Natanael)	De Caná da Galiléia
Tomé (Dídimo)	Provavelmente também um pescador
Mateus (Levi)	Coletor de impostos em Cafarnaum; filho de Alfeu, provavelmente irmão de Tiago
Tiago	Filho de Alfeu, provavelmente irmão de Mateus
Labeu Tadeu (Judas)	Pode ter recebido o nome Tadeu (<i>corajoso</i>) por causa do sentido pejorativo que o nome Judas adquiriu
Simão (o cananeu)	De Caná; um dos zelotes, judeus revolucionários contrários a Roma
Judas Iscariotes	De Queriotote; possivelmente o único da Judéia dentre os doze



APLICAÇÃO

PREPARANDO OUTROS LÍDERES

Jesus investiu no crescimento de outras pessoas, principalmente de Seus discípulos. Ele lhes deu responsabilidade e poder, resistindo à tentação de fazer todo trabalho sozinho. Agindo assim, correu o risco de que eles falhassem. É claro que Ele deu aos doze o treinamento adequado antes de enviá-los. Além disso, quando voltaram, Jesus confirmou que a missão deles havia sido bem-sucedida e corrigiu alguns erros. Se quisermos ser como Jesus, temos de compartilhar as alegrias e os riscos que corremos por trabalharmos junto com nossos irmãos.

mensagem dos apóstolos, e (2) que essa resistência viria primeiramente por parte dos líderes judeus. Mesmo durante a tribulação Israel continuará não crendo, até o final desse período de sete anos (compare com Zacarias 12.10 e todo o contexto).

10.18-22 — Deus usaria a rejeição dos judeus e sua perseguição para levar a mensagem do evangelho aos gentios. E foi exatamente isso que aconteceu com Paulo em Atos 21.26-36; 24.1-21; 25.13—26.32.

10.23 — Esse versículo tem causado muita discussão. Alguns até chegam a dizer que o Senhor cometeu um erro aqui! Todavia, a explicação mais plausível é que, como diz o comentário de

Mateus 10.17, a era da Igreja e a grande tribulação (Dn 9.27; Mt 24.15-31), que não tinham sido revelados até essa altura, aparentemente o seriam num futuro muito próximo. A maneira como Cristo apresenta os eventos que estavam por vir, que durariam muito mais tempo, está de acordo com o que disseram os profetas do Antigo Testamento. É como olhar para uma cadeia de montanhas e não ver o imenso vale que há no meio delas (compare Isaías 61.1,2 com Lucas 4.16-21). A era da Igreja é como um vale entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Esse era um mistério que Deus ocultou e não revelou no Antigo Testamento (Ef 3.1-12).

10.24-26 — *Não os temais*. Ou seja, não se deixem intimidar pelos seus opositores.

10.27,28 — *Temei [...] aquele* não se refere a Satanás, mas a Deus. *Perecer* não significa aniquilação, mas a ruína. O mesmo verbo no original é usado em Mateus 9.17 para se referir ao odre que se estragou.

10.29-31 — Esses versículos mostram que o Deus infinito se preocupa com os mínimos detalhes e cuida de cada um deles.

10.32-33 — Tudo o que fizermos em nossa vida será julgado perante o tribunal de Cristo (2 Co 5.10). Se o crente se recusar a falar de Cristo por causa de intimidação ou perseguição, acabará perdendo seu galardão e, conseqüentemente, perderá também a glória do Reino (Rm 8.17; 2 Tm 2.12).

10.34-36 — Para decepção de muitos cristãos, ao longo dos séculos, quase sempre foram os mais próximos a eles que rejeitaram sua mensagem e chegaram ao ponto de traí-los. O Senhor também provou do mesmo sentimento quando foi traído por Judas e Pedro o negro.



EM FOCO

BELZEBU (GR. *BEELZEBOUL*)

(Mt 10.25; 12.24-27; Mc 3.22; Lc 11.15-19)

Na maioria dos manuscritos gregos, lemos *Beelzeboul*, que provavelmente é a forma correta de escrever essa palavra. Outra forma de escrevê-la possivelmente venha da palavra do Antigo Testamento *Baal-Zebube* — um ídolo, considerado deus de Ecrom (2 Rs 1.2).

Toda idolatria é considerada adoração ao diabo (Lv 17.7; Dt 32.17; Sl 106.37; 1 Co 10.20) e, por essa razão, devia haver algo particularmente satânico no culto ao deus hediondo que levou seu nome a ser usado como sinônimo de *Satanás*.

Embora não esteja escrito em lugar algum que Jesus de fato tenha sido chamado de Belzebu, Seus opositores usaram esse nome abominável para acusá-lo de ter parte com Satanás (Mt 12.24,26). Em mais de uma ocasião, Jesus também foi acusado de estar possuído pelo diabo ou por um demônio (Mc 3.30; Jo 7.20; 8.48).

10.37 — *Não é digno de mim.* Aqueles que sofrem por Cristo é que serão glorificados no seu Reino (Rm 8.17; 2 Tm 2.12). Quem recusar esse tipo de discipulado terá grandes perdas (1 Co 3.15; 2 Co 5.10; Ap 3.11,12).

10.38 — Tomar a cruz significa assumir um compromisso até o ponto de morrer por causa dele. Esse versículo não está dizendo que os únicos salvos serão aqueles que o sempre foram totalmente comprometidos. Se isso fosse verdade, quem seria justificado? Na verdade, quando alguém que é salvo comete erros, como fez Pedro e faz o cristão carnal (1 Co 3.1-4), tal pessoa, com certeza, não é digna de Cristo, e esses atos fazem com que ela perca seu galardão. É claro que o mesmo vale para aquele que está perdido, cujas obras, por mais maravilhosas que sejam, no fim serão consideradas inúteis, pois foram feitas sem conhecimento e dependência de Cristo (Rm 3.12).

10.39 — *Achar a sua vida* significa viver não para ter bens materiais e desfrutar dos prazeres deste mundo, mas para investir hoje no Reino futuro de Cristo (Mt 6.19-21). É possível ter tudo isso aqui e lá também. Já que somos mordomos da nossa vida e de tudo o que diz respeito a ela, podemos avaliar como investir bem no Reino (Lc 19.11-26). Não somos capazes de levar nada conosco, mas podemos usar de sabedoria e fazer sábios investimentos para o futuro.

10.40-42 — *Um destes pequenos* é uma figura de linguagem para descrever os discípulos, identificados também pela descrição do profeta e do justo no versículo 41.

Galardão é a última palavra do capítulo e resume toda a motivação de Cristo passada aos discípulos. Ele não queria que eles perdessem o Reino por causa de uma atitude errada no presente. Além disso, Jesus esperava que eles entendessem que nada deveria fazê-los perder sua recompensa no *tribunal de Cristo* (2 Co 5.10), nem mesmo *um copo de água fria*.

11.1,2 — O versículo 2, na verdade, refere-se a Mateus 4.12 e já prevê a morte de João, em Mateus 14.1-12. É bem provável que João esperasse que o Messias viesse logo, julgasse Israel e estabelecesse Seu reino (compare com Mt 3.2-12). Mas, já que Cristo não agiu como seu predecessor esperava, João começou a duvidar em seu coração. Ele esperava que os infieis de Israel fossem logo julgados e naturalmente que os inimigos de Israel fossem derrotados, pois eles mereciam isso. Mas Jesus veio para sofrer e agir com misericórdia. Temos de ter cuidado para não duvidar do Senhor. Quando queremos trilhar um caminho que Cristo não traçou para nós, isso pode fazer com que dúvidas surjam em nosso coração.

11.3-6 — *Aquele que havia de vir* é uma referência ao Messias (Sl 118.26; Mc 11.9; Lc 13.35; 19.38; Hb 10.37).



APLICAÇÃO

O QUE SIGNIFICA SER COMO JESUS?

A declaração de Jesus em Mateus 10.25 significa que Seus discípulos devem ser como Ele. Para os seguidores de Jesus do primeiro século, isso incluía a possibilidade de serem perseguidos e martirizados. O testemunho ocular de Mateus traz oito perfis que nos dão uma pista do que significa ser como Jesus:

- #1: Ser como Jesus significa aceitar nossas raízes (Mt 1.1-17).
- #2: Ser como Jesus significa suportar as provações e lutas deste mundo (Mt 1.18—2.23).
- #3: Ser como Jesus significa ter compromisso com os outros cristãos, por mais “estranhos” que eles possam ser (Mt 3.1-17).
- #4: Ser como Jesus significa reconhecer que somos vulneráveis às tentações (Mt 4.1-11).
- #5: Ser como Jesus significa anunciar a todos a mensagem de Cristo (Mt 4.12-25).
- #6: Ser como Jesus significa firmar um compromisso consigo mesmo de mudar a maneira de pensar e de agir (Mt 5.1—7.27).
- #7: Ser como Jesus significa servir aos outros, principalmente àqueles que estão oprimidos e não têm Cristo (Mt 8.1—9.38).
- #8: Ser como Jesus significa preparar outros para exercer liderança (Mt 10.1-42).

11.7-15 — Analisando a pergunta de João, alguns podem até questionar seu compromisso com o Messias. Mas foi esse incidente que levou Jesus a confirmar tudo que tinha dito sobre João.

11.9,10 — João era *muito mais do que profeta* no sentido de que foi o precursor que anunciou a vinda e a presença do Messias. E, ao fazer isso, cumpriu Malaquias 3.1.

11.11 — *Entre os que de mulher têm nascido* significa que João Batista era um ser humano. Expressão similar foi usada pelo Senhor Jesus em Gálatas 4.4.

O *menor no Reino dos céus* diz respeito àqueles que viverão no reino de Deus. Por maior que João tenha sido nos dias de Jesus, sua posição de predecessor era inferior à do menor no Reino dos céus. Não foi à toa que Jesus fez uma séria exortação em Mateus 10.32-42 sobre o cuidado para não ficar de fora de Seu Reino futuro.

11.12 — *Se faz violência*, nesse contexto, provavelmente diz respeito àqueles que são hostis ao Reino e se opõem frontalmente a ele (23.13). Quanto mais o Reino de Cristo avança, mais é atacado.

11.13 — *Os profetas e a lei* referem-se ao Antigo Testamento, que previu a vinda do Messias. E, já que João Batista era o precursor de Cristo, seu ministério também foi previsto no Antigo Testamento.

11.14,15 — Malaquias 4.5,6 prevê a vinda de Elias antes do juízo que precederia a vinda do Reino. João Batista veio no espírito e poder de Elias. Mas já que a resposta de Israel não foi como

deveria ser, a profecia de Malaquias 4.5,6 ainda será cumprida (Mt 17.11; Ml 3.1).

11.16-19 — Por causa da dureza de coração, Israel não aceitou o ministério de João Batista nem o do Senhor Jesus Cristo.

11.20-22 — *Ai de ti*. Jesus pronunciou um juízo contra Israel. *Corazim* era uma vila que ficava a cerca de 4Km de Cafarnaum; *Betsaida* ficava cerca de 5Km ao leste. Ambas as cidades ficavam na Galiléia e foram as primeiras a testemunhar o ministério de Jesus. Elas seriam julgadas por terem visto o Messias e depois tê-lo rejeitado.

11.23,24 — *Cafarnaum*, no litoral norte do mar da Galiléia, era a base de operações do ministério de Cristo. Em Mateus 9.1, Cafarnaum é chamada de *sua cidade*.

11.25-28 — *Todos os que estais cansados e oprimidos* descreve todos os que sofriam com o peso das obrigações religiosas impostas a eles pelos sacerdotes, rabinos, escribas e fariseus (Mt 23.4; At 15.10). *Eu vos aliviarei* refere-se à libertação desse fardo.

11.29,30 — *Encontrareis descanso para a vossa alma*. Essas palavras foram tiradas de Jeremias 6.16. A Septuaginta diz: *Vós encontrareis purificação para vossa alma*, mas é corrigida por Mateus que a traduz conforme o original hebraico. *Suave* significa bom ou agradável. Os versículos 28 a 30 só são encontrados no evangelho de Mateus.

12.1,2 — A forma de Jesus guardar o Sábado foi o primeiro motivo de contenda entre Ele e as autoridades religiosas. Para os escribas e fariseus,



EM FOCO

CRISTO (GR. *CHRISTOS*)

(Mt 11.2; 16.16; Jo 1.41; At 2.36; 2 Co 1.21)

Muitos pronunciavam o nome Jesus Cristo sem perceber que o título *Cristo* é, em sua essência, uma confissão de fé. Essa palavra significa literalmente *o Ungido*. No Antigo Testamento, a palavra equivalente a ela no hebraico, *Messias*, era aplicada aos profetas (1 Rs 19.16), sacerdotes (Lv 4.5,16) e reis (1 Sm 24.6,10), no sentido de que todos eram ungidos com óleo, o símbolo de que Deus os havia separado para suas respectivas funções. Porém, o Ungido mais importante seria o Messias prometido, pois Ele seria ungido pelo Espírito de Deus para ser o maior Profeta, Sacerdote e Rei (Is 61.1; Jo 3.34). Ao fazer sua conveniente confissão: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo* (Mt 16.16), Pedro reconheceu Jesus como o Messias prometido.

o Sábado era um símbolo da aliança mosaica. Por essa razão, profaná-lo era o mesmo que desobedecer a toda a Lei de Moisés (Nm 15.30-36). Era proibido colher qualquer coisa no Sábado (Êx 34.21), mas os discípulos estavam colhendo espigas para comer, não para vender. Eles não estavam violando a Lei de Deus. Os escribas e fariseus determinaram 39 tipos de trabalho que eram proibidos no Sábado. Segundo eles, colher era um deles, portanto os discípulos estariam violando o Sábado. Os fariseus queriam que Jesus fizesse algo de errado para acusá-lo de ter violado a Lei.

12.3-5 — *Violam o sábado.* Era no Sábado que os sacerdotes desempenhavam suas funções ministeriais, demonstrando assim que o ofício religioso tinha prioridade sobre a observância regular desse dia sagrado.

12.7,8 — Veja Oséias 6.6 e compare também com Mateus 9.13.

12.14 — Devido ao conceito que Jesus tinha sobre o Sábado, os fariseus concluíram que Ele estava tentando acabar com o sistema da Lei mosaica e, portanto, tinha de ser destruído. A oposição deles a Jesus estava crescendo.

12.15,16 — *Retirou-se.* A partir de então, o ministério do Senhor foi marcado pela oposição, por Suas retiradas para evitar o confronto e pela ministração contínua a Seus discípulos.

12.17-21 — Essa citação de Isaías 42.1-4 mostra que a retirada silenciosa de Jesus retrata muito bem a descrição do Messias feita pelo

profeta. O aspecto mais importante dessa profecia é que a atitude discreta de Jesus ante a oposição dos judeus redundaria em bênçãos para os gentios.

12.22-24 — *Não é este o Filho de Davi?* poderia ser traduzido como *este não pode ser o Filho de Davi, pode?* A pergunta espera uma resposta negativa.

12.25-28 — A defesa de Jesus contém três partes: primeiro, um reino, uma cidade e até mesmo uma família não podem continuar existindo se estiverem divididas. Segundo, quando os discípulos dos fariseus exorcizavam demônios, os próprios fariseus afirmavam que aquilo era realizado pelo poder de Deus. Terceiro, o fato de o Messias expulsar demônios indicava que o Reino de Deus estava próximo.

12.27 — *Os vossos filhos.* É provável que os judeus expulsassem demônios em nome de Deus (At 19.13-18).

Eles mesmos serão os vossos juízes. O próprio povo reconhecia que somente Deus poderia expelir os demônios.

12.29,30 — Esse versículo mostra como o Rei Jesus enfrentou os poderes de Satanás. Ao expulsar demônios, Jesus estava destituindo Satanás. Mas, quando vier repentinamente para estabelecer Seu reino, Jesus aprisionará Satanás de uma só vez e para sempre (Ap 20.1-10).

12.31,32 — Essa passagem fala sobre o vergonhoso pecado que não pode ser perdoado. A primeira pergunta a ser respondida é: Por que

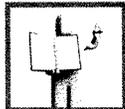


VOCÊ SABIA?

O FILHO DO HOMEM

Filho do Homem (Mt 12.8) é o título mais usado por Jesus em todos os Evangelhos para se referir a si mesmo. E ninguém além de Estêvão (At 7.56) se referiu a Ele dessa maneira. Parece que essas palavras tiveram início em Ezequiel (Ez 2.1), e exprimem o envolvimento total do profeta com o povo a quem falava. Em Daniel 7.13, *um como o filho do homem* pode referir-se a um ser divino ou angelical. Como Jesus sempre usava esse título, provavelmente apontava para natureza humana e divina.

Jesus também pode ter usado tal título porque a ideia pré-concebida das pessoas que viviam em Sua época as tinha levado a um entendimento errado de outros títulos. "Cristo", por exemplo, podia referir-se a qualquer um que edificasse um reino terreno. *Filho do Homem* era um termo mais flexível. Como *Filho do Homem*, Jesus exercia autoridade sobre o Sábado (Mt 12.8) e perdoava pecados (Mt 9.6). O Filho do Homem também tinha de sofrer e morrer em resgate dos pecadores (Mc 8.31). Contudo, Ele viria novamente em Sua glória divina (Mt 26.64) para reunir Seus servos (Mc 13.26,27) e julgar o mundo (Mt 13.41-43).



ENTENDENDO MELHOR

RAÇA DE VÍBORAS

As pessoas que viviam na época de Jesus consideravam os fariseus um modelo de homens religiosos. Porém, em Mateus 12.34, Jesus os chama de raça, ou filhotes, de víboras. Chamar alguém de víbora era um insulto, mas chamar alguém de filhote de víbora era um insulto maior ainda.

O conceito que o escritor grego Heródoto (484—425 a.C.) formulou sobre as víboras árabes era muito conhecido nos dias de Jesus. A maioria dos répteis põe ovos, mas acreditava-se que os ovos das víboras eclodiam ainda dentro do ventre da mãe. Então o bebê da víbora comia sua mãe por dentro antes de nascer, matando-a ao longo do processo. Do mesmo modo, segundo alguns escritores da Antiguidade, incluindo Heródoto, as mães víboras comiam os machos enquanto estavam grávidas, por isso os filhotes vingavam os pais matando a própria mãe.

Matar o pai ou a mãe era o crime mais terrível entre os povos da Antiguidade. E mesmo se um filho matasse um dos pais para vingar a morte do outro, os gregos acreditavam que ele seria atormentado por espíritos vingativos chamados *furiosos*. O povo judeu também considerava o assassinato dos pais ou de qualquer parente de sangue algo terrivelmente maligno.

Ao chamar os fariseus de *filhotes de víboras*, é possível que Jesus estivesse comparando-os com quem mata os pais, indicando assim que eles eram extremamente perversos e desprezíveis.

a blasfêmia contra o Filho do Homem é perdoada, mas não a blasfêmia contra o Espírito Santo? O segredo parece estar no título *Filho do Homem*, que descreve Jesus ou o Messias em termos humanos; Ele era um homem. Alguém pode analisar quem era Jesus e concluir que Ele não passava de um ser humano. No entanto, se o Espírito Santo convencer alguém de que Jesus é mais do que um simples mortal, mas essa pessoa se recusar a aceitar o ministério do Espírito Santo, certamente não haverá perdão para ela. O pecado contra o Espírito Santo é chamado de blasfêmia porque indica que uma decisão final e irrevogável foi tomada. O pecado que não é perdoado é a rejeição obstinada da obra do Espírito Santo em convencer-nos do perdão que Cristo nos oferece. Referindo-se especificamente aos líderes de Israel, Jesus ofereceu a todos eles as provas que estavam esperando — o ministério de João, o testemunho do Pai, as profecias do Antigo Testamento, Seu próprio testemunho e a autenticação do Espírito Santo. Mas, já que eles rejeitaram todas as evidências de que Jesus era o Messias, nada mais lhes seria concedido.

12.33-37 — *Por tuas palavras* não significa que alguém será justificado ou condenado pelo que diz, antes se refere às evidências externas que revelam a atitude interna do coração. Os fariseus

queriam uma prova material do que Cristo dizia, mas desprezaram a prova cabal que havia nos milagres realizados por Ele.

12.38,39 — O pedido de um sinal é prova de incredulidade, não de fé. O [sinal] do profeta Jonas é explicado em Mateus 12.40 como sendo a ressurreição.

12.40 — *Três dias e três noites* não significa necessariamente três dias completos. Em Israel, naquela época, uma parte do dia já era considerada um dia inteiro (Et 4.16; 5.1); sendo assim, um período de vinte e seis horas poderia ser chamado de *três dias*.

12.41,42 — Os ninivitas representam os gentios que receberam a fé por causa da palavra dos profetas de Deus e dos reis, pessoas menores que Jesus Cristo, o unigênito de Deus.

12.43-50 — Essa analogia, de uma maneira geral, descreve uma reforma moral que aconteceu em Israel como resultado do ministério de João Batista e de Jesus. A reforma, porém, não foi genuína (Mt 3.7-10), pois a incredulidade de Israel e sua dureza de coração tornaram-se piores do que antes.

13.1-58 — Os capítulos 12 e 13 do evangelho de Mateus são essenciais para entendermos seu evangelho, porque eles nos levam ao divisor de águas do ministério de Jesus. No capítulo 12, a incredulidade de Israel chega ao clímax com o



VOCE SABIA?

A LEALDADE NA FAMÍLIA

As sociedades antigas davam muita importância à lealdade entre os parentes de sangue (Nm 27.4). Por isso, as palavras de Jesus em Mateus 12.48-50 devem ter soado muito estranhas para a multidão. Parecia que Ele estava quebrando a tradição e desonrando Sua família. Mas, veja bem, Jesus não negou que as pessoas que o procuravam lá fora eram Seus parentes. Ele simplesmente ampliou o conceito que eles tinham de família para uma dimensão maior — o parentesco espiritual. Essa nova "família" incluía todos os que fizessem a vontade do Pai celestial.

Longe de negar os valores e benefícios de um relacionamento familiar sólido, Jesus, voltando toda a atenção para Seu Pai, estava realçando o significado de família.

pecado de negar o Messias. O capítulo 13 continua com a resposta de Cristo à incredulidade deles. Essa blasfêmia dos líderes religiosos no capítulo 12 é vista por Jesus como a rejeição oficial de Sua obra messiânica, o que o levou a rejeitá-los também. Depois disso, Jesus teve um grande desafio pedagógico ao ter de ensinar essa mudança a Seus discípulos mais chegados, e então explicá-la à multidão que o seguia. Seus seguidores enfrentaram um dilema: como Ele poderia ser o Messias já que fora rejeitado pelos líderes religiosos? E como isso afetaria o propósito de Seu Reino? Para resolver esses grandes problemas, Jesus recorreu às parábolas. Parábola é uma espécie de alegoria que retrata basicamente uma verdade central, a qual pode ser ilustrada por vários acontecimentos ao longo da história.

13.1-3 — *E falou-lhe de muitas coisas por parábolas.* O método de ensino por parábolas, comumente usado pelos rabinos, utilizava cenas reais do dia-a-dia para ensinar novas verdades sobre o Reino.

13.4 — *Uma parte da semente caiu ao pé do caminho.* A semente lançada no chão endurecido pela passagem de muitas pessoas e animais não pode penetrá-lo, ficando à mercê dos pássaros.

13.5,6 — *Pedregais* faz alusão ao solo que não é profundo por estar em meio às rochas. A fina camada de terra acelera o crescimento da semente sob o sol escaldante, mas a planta só consegue sobreviver por pouco tempo, porque o solo não é muito profundo.

13.7 — *Entre espinhos* faz menção de um bom solo, mas ocupado por ervas daninhas.

13.8 — *Boa terra* significa um solo arado e bem cuidado que produz uma farta colheita.

13.9 — A declaração *quem tem ouvidos para ouvir, que ouça* vai além da audição humana e expressa uma percepção espiritual da verdade. Isso levou os discípulos a perguntar a Jesus por que Ele lhes falava por parábolas. Embora Ele já tivesse usado parábolas para ilustrar Seus ensinamentos, agora elas formavam a base de Sua mensagem.

13.10-15 — *Porque a vós é dado conhecer [...], mas a eles não lhes é dado.* O objetivo dessa parábola era, ao mesmo tempo, revelar a verdade (Mt 13.11) e ocultá-la (Mt 13.13). O fato de Jesus ocultar a verdade serviu como juízo para os incrédulos, como aconteceu durante o ministério de Isaías (Is 6.9,10).

13.11 — *Os mistérios do Reino dos céus.* A palavra *mistério* representa a verdade que não foi revelada antes (Rm 16.25,26). O fato é que a mensagem do Reino começou a ser pregada em Mateus 3.1 sem nenhuma explicação adicional. Não havia necessidade disso, pois ela já havia sido ampla e repetidamente explicada no Antigo Testamento. Jesus também já se havia referido à chegada do Reino profetizada no Antigo Testamento, mas a expressão *os mistérios do Reino dos céus* se aplica às novas verdades do Reino prometido. O Reino estava próximo, e o Messias estava sendo rejeitado. Agora era hora de Jesus falar aos discípulos por meio de parábolas para ensinar-lhes algumas verdades do Reino de Deus que ainda

não haviam sido reveladas até aquela altura. Já que Israel rejeitou seu Rei, os planos do Reino de Deus tomariam outro rumo, e por tempo indeterminado. Isso é chamado de *período interadvento* do Reino.

13.12-17 — *Aquele que tem se dará.* Assim como rejeitar a verdade traz cegueira, aceitá-la de bom grado traz grande entendimento (Lc 8.16-18). Esse princípio se aplica aos líderes religiosos de Israel no que diz respeito ao cumprimento de muitas profecias do Antigo Testamento, principalmente Isaías 6.9,10. Ao rejeitarem a mensagem de Jesus, os líderes religiosos ficaram cegos e não puderam entender a natureza espiritual do Reino. Foi assim que as parábolas de Jesus se tornaram uma ferramenta eficaz para revelar a verdade aos fiéis e ocultá-la daqueles que a rejeitaram. Como vemos em Marcos 4.11,12, as parábolas de Jesus revelavam as verdades de Seu Reino assim como a incredulidade de muitos.

13.18-23 — A parábola do semeador (que ao todo vai dos versículos 3 ao 23) não traz nenhuma verdade nova; o que está escrito nesse texto sempre foi válido. As diferentes respostas à verdade sempre foram semelhantes a esses tipos de solo. Qual é então o propósito dessa parábola? Ela serve como introdução a uma série de parábolas. A produtividade do solo e o que colheremos sempre dependem daquilo em que cremos. Jamais podemos receber além do que cremos, e não podemos crer no que não entendemos (At 8.30,31). O segredo não está só na Palavra então, mas na preparação do solo para recebê-la (Tg 1.9-21).

13.24 — *O Reino dos céus é semelhante.* Essa frase apresenta uma nova verdade sobre a vinda do Reino. Porém, a forma em que ela é introduzida não significa que o Reino se identifique exatamente com um *homem que semeia*, um *grão de mostarda* (Mt 13.31) ou o *fermento* (Mt 13.33). Tais figuras são usadas apenas para ilustrar certas verdades sobre o Reino encontradas na história. A parábola foi contada basicamente com a intenção de ensinar algo específico, e não seu significado em detalhes.

13.25-30 — *Veio o seu inimigo, e semeou o joio.* O joio se parece muito com o trigo, mas é

prejudicial ao homem. Todavia, o joio e o trigo só podem ser distinguidos quando o grão finalmente brota. Os fazendeiros então separam o joio do trigo antes da colheita. Até a volta de Cristo, tanto os verdadeiros quanto os falsos cristãos permanecerão juntos.

13.31,32 — *O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda.* A parábola do joio e do trigo (Mt 13.24-30) revela que o Reino de Deus será precedido por um tempo em que os bons e os maus viverão juntos. A parábola do grão de mostarda afirma que, durante esse período, o número de pessoas que herdarão o Reino será muito pequeno, a princípio. Todavia, embora o Reino tenha início como a menor de todas as sementes, ele crescerá e superará em muito seu tamanho inicial. *As aves do céu* não representam o mal como na parábola do semeador (Mt 13.4,19). No Antigo Testamento, uma árvore grande e frondosa capaz de abrigar um ninho de pássaros era considerada boa e saudável (Sl 104.12; Ez 17.23; 31.6; Dn 4.12,21). O Reino, embora contando com um pequeno número de pessoas no começo dos tempos, no fim será muito grande e próspero.

13.33 — *O Reino dos céus é semelhante ao fermento.* Essa segunda parábola sobre o crescimento é menor do que as primeiras, mas está baseada nelas. É bem pequena, porém tem gerado muita discussão. Será que o fermento é um símbolo do pecado ou, como na parábola do grão de mostarda, retrata os grandes resultados que vêm depois de um pequeno começo?



EM FOCO

AS CHUVAS E A COLHEITA

As parábolas de Jesus ensinam verdades espirituais usando ilustrações práticas, como a semeadura. Antigamente em Israel, a terra não era arada tão profundamente, por isso esse processo podia ser feito antes ou depois de o semeador lançar as sementes sobre ela. As chuvas não caíam sempre e geralmente eram insuficientes. O sucesso de um bom plantio em determinado campo não podia ser predito, e, por essa razão, uma boa colheita era extremamente bem-vinda (Mt 13.8).



VOCÊ SABIA?

TRÊS MEDIDAS DE FARINHA

Quando Jesus contou a parábola do fermento (Mt 13.33), as mulheres que se encontravam em meio à multidão devem ter-se divertido muito com o que Ele disse. "Será que Ele não sabe cozinhar?", elas devem ter pensado, rindo baixinho, ou talvez Jesus estivesse mesmo contando uma "piada" para elas.

As mulheres judias não usavam fermento fresco para preparar bolos e pães todos os dias; elas usavam a pouca massa fermentada que sobrava do dia anterior. Portanto, três medidas era uma quantidade enorme de farinha, mais de 20Kg. Como é que uma quantidade assim tão grande poderia ser misturada com a massa fermentada do dia anterior?

As mulheres devem ter pensado por vários dias na parábola de Jesus e no seu significado enquanto preparavam a massa. Mais de vinte quilos de farinha para ser levedada com uma pequena quantidade de farinha já fermentada... O Reino de Deus começou assim, com uma pequena quantidade de pessoas fiéis.

O fermento na Bíblia geralmente é apresentado como um exemplo do mal. Uma interpretação frequente é que seu uso nesse versículo também serve para representar o mal que aos poucos vem sendo introduzido no cristianismo. Mas é difícil acreditar que o fermento nessa parábola se refira ao mal, ainda mais porque também o encontramos em Lucas 13.20, passagem em que ele representa o Reino dos céus, que dificilmente permitiria que o mal entrasse nele.

Devemos lembrar que, no contexto familiar da Palestina, o fermento só não era usado uma semana em todo o ano (na festa dos Pães Asmos). Jesus falava em parábolas para que as pessoas simples as entendessem, e não os líderes religiosos, que estavam mais preocupados em decifrar símbolos teológicos.

A capacidade dinâmica do fermento, que promove o crescimento da massa, pode ser um símbolo do crescimento numérico do Reino de Deus. Como a parábola em Mateus 13.31,32 trata da proporção em que o Reino cresce, esta fala do poder e do processo desse crescimento. Sua lição está relacionada com a ilustração anterior, que fala sobre quando esse grande crescimento acontecerá.

Entretanto, o crescimento do Reino não vem da força bélica ou de organizações seculares, e sim do seu agente interno, o Espírito Santo. Por isso, nenhuma oposição o deterá, ao contrário, contribuirá para o seu sucesso, porque a pressão faz com

que o fermento penetre ainda mais na massa, fazendo-a crescer muito.

13.34,35 — O que Asafe diz no Salmo 78.2 é uma profecia que se refere às parábolas de Jesus.

13.36 — *Tendo despedido a multidão*. As parábolas em Mateus 13.1-35 foram contadas à multidão. A frase *foi Jesus para casa* indica que as parábolas em Mateus 13.44-52 foram ditas somente aos discípulos. Durante essa instrução particular, Jesus explicou as histórias que tinha contado antes e depois contou mais quatro.

13.37,38 — *Filhos do Reino* são os herdeiros do Reino.

13.39-43 — *O fim do mundo* se refere ao tempo que o Filho do Homem virá e implantará definitivamente Seu Reino de justiça.

13.44 — *O Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo*. As parábolas de Mateus 13.44-52 tratam dos valores e responsabilidades do Reino. Elas se dirigem especialmente aos cristãos. As duas primeiras só se encontram no evangelho de Mateus e aparecem juntas. Vendo frustrados seus sonhos de que o grande reino de Davi fosse finalmente restaurado, os discípulos enfrentariam oposição de todos os lados e tinham de decidir se pagariam o preço. Na primeira história, um homem encontra um baú cheio de tesouros e faz de tudo para escondê-lo. A verdade principal ensinada aqui é o grande valor do Reino, de forma que vale a pena todo esforço e sacrifício para alcançá-lo.

13.45,46 — O Reino dos céus é semelhante ao homem negociante que busca boas pérolas. Essa segunda parábola sobre o valor do Reino tem como alvo contagiar os desanimados discípulos com o entusiasmo de Jesus sobre o Reino. O fato de Ele os encorajar duas vezes demonstra que era muito importante fazer isso naquele momento.

Contudo, essa parábola é um pouco diferente da que se encontra em Mateus 13.44. Enquanto o homem do versículo 44 encontra o tesouro por acaso, o personagem desta parábola vai à procura dele. Não importa como alguém encontra o Reino de Deus, pois não há como explicar a riqueza e a alegria que se tem ao encontrá-lo. Cristo ensinou esse princípio básico de investimento a Seus discípulos (Mt 6.19-21; 16.24-27). Mas há dois conceitos errados sobre essas parábolas que devem ser considerados. O primeiro foi proposto por Orígenes e afirma que Cristo é o tesouro escondido ou a pérola de inestimável valor que o pecador tem de encontrar e comprar. Na outra parábola, os papéis são invertidos, fazendo uma alusão descabida a Cristo como aquele que encontra a Igreja e a compra. Ambos, contudo, são conceitos errados (Cristo não está à venda nem vendeu Israel para comprar a Igreja) e lidam com questões que estão fora do contexto. O melhor aqui é simplesmente reconhecer o dilema dos discípulos àquela altura e a preocupação de Jesus de mostrar-lhes como era grandioso o chamado para participarem dos planos desse Reino.

13.47-50 — O Reino dos céus é semelhante a uma rede. As duas últimas parábolas falam das responsabilidades dos discípulos no Reino. Primeiro, Jesus descreve uma grande rede que cobria uma grande área e arrastava tudo que havia no fundo do lago. Essa rede *apanha toda qualidade de peixes*, sem distinção. Do mesmo modo, a responsabilidade dos discípulos seria pescar “peixes” de todos os tipos. Entretanto, o trabalho de escolher e separar os que não serviam não cabia aos discípulos, pois eles não foram chamados nem estavam preparados para fazê-lo. Esse trabalho estava destinado aos anjos, na volta de Cristo.

13.51,52 — *Coisas novas e velhas* se referem às verdades do Reino encontradas no Antigo Testamento e as que foram reveladas nessas parábolas. Então, o que há de novo aqui?

(1) Em vez de o Reino vir logo, haveria o intervalo de uma era (compare com At 1.6,7) em que o bem e mal habitariam juntos, mesmo entre aqueles que eram herdeiros do Reino (Mt 13.37-43).

(2) O número de herdeiros seria muito pequeno no início dessa nova era. Contudo, eles se tornariam um grupo enorme (Mt 13.31,32).

(3) O mal entraria nesse grupo e, por fim, faria muitos apostatar em (Mt 13.33).

(4) O tesouro do Reino, embora parecesse estar ligado ao ministério de Cristo, seria ocultado. Ele o comprou, porém só iria revelá-lo no futuro.

(5) O grupo de remidos não compreenderia apenas judeus; reuniria muitas pessoas em um só corpo espiritual.

(6) O juízo previsto aconteceria no fim da presente era. Assim como a parábola do semeador foi uma introdução para as seis *parábolas do Reino*, esta parábola é a conclusão. Ela chama os discípulos para a ação depois de tudo que aprenderam. Eles seriam os mordomos responsáveis por esses tesouros (*thesaurou*) do Reino.

O trabalho, contudo, deveria ser feito de acordo com tudo o que eles aprenderam antes. O conhecimento das *coisas novas e velhas* exige responsabilidade. Mordomos responsáveis saberiam discernir muito bem o plano da aliança com Israel (deixado de lado temporariamente) e o início do novo plano do Reino que Jesus apresentou. Ele conclui dizendo-lhes que esses dois planos não deveriam ser confundidos.

13.53-56 — O filho do carpinteiro. *Carpinteiro* era sinônimo de um trabalhador muito habilidoso. José deve ter sido um escultor ou outro tipo de artesão.

13.57,58 — *Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa*. Nessa segunda missão de Jesus em Nazaré, Sua cidade natal, Ele viu que a incredulidade das pessoas continuava a mesma (Lc 4.16-30). Por conhecerem Jesus, as pessoas ali não reconheceram quem Ele era. Seus

olhos estavam cegos por causa da incredulidade. Mateus relata que isso aconteceu inclusive com Seus familiares, *na sua casa* (compare com Jo 7.5). Embora tal incredulidade estivesse baseada no fato de Ele ser *o filho do carpinteiro*, Jesus não corrigiu o erro deles naquela ocasião. Ele interpretou tudo somente como uma desculpa para disfarçar a aversão que tinham ao arrependimento espiritual (Jo 6.42). Parece que, ao revelar Seu ministério, Jesus de certo modo inflamou a incredulidade daqueles que eram mais próximos a Ele.

14.1,2 — João Batista já tinha sido decapitado (os versículos posteriores relatam como isso aconteceu). Segundo Herodes, os milagres de Cristo eram tão maravilhosos que a única explicação para eles é que eram obra de um grande profeta ressuscitado, provavelmente João Batista.

14.3-12 — Herodes foi a Roma, onde encontrou Herodias, mulher de seu meio-irmão Filipe. Depois de seduzir Herodias, Herodes se casou com ela depois de divorciar se da própria esposa. O interessante é que os princípios da lei do matrimônio e do divórcio valem tanto para os salvos como para os perdidos, pois é uma lei que vigora desde a criação. Algo interessante também é que João Batista cria que seu dever era repreender as autoridades políticas pelos pecados morais deles e não apenas pregar o evangelho.

14.13-21 — O milagre pelo qual Jesus alimenta a multidão carrega vários significados: (1) Ele cumpriu as expectativas daqueles que esperavam um novo Moisés, conforme Deuterônimo 18.15 (Jo 1.21; At 3.22; 7.37); (2) Ele pôde prover o pão de cada dia, como Ele mesmo orou em Mateus 6.11; e (3) Ele é o Messias que prepara um banquete messiânico (Mt 22.1-14; 26.29; Sl 132.15; Is 25.6). Esse milagre é tão importante que é o único sinal antes da crucificação encontrado em todos os quatro evangelhos.

14.22-26 — *A quarta vigília da noite* era entre três e seis da manhã.

14.27 — *Sou eu* também pode ser traduzido como *Eu sou*. Alguns interpretam essas palavras como uma afirmação de Sua deidade (Êx 3.14).

14.28 — *Respondeu-lhe Pedro*. Reação característica de Pedro, em seu modo impulsivo de ser.

14.28-36 — Somente o Evangelho de Mateus relata o milagre de Pedro andando sobre as águas. Essa foi uma lição valiosa que os discípulos aprenderam; eles poderiam fazer no poder de Deus o que é humanamente impossível.

15.1 — O fato de os *escribas e fariseus* terem viajado *de Jerusalém* para a Galiléia para ver Jesus indica que Sua reputação já havia se espalhado.

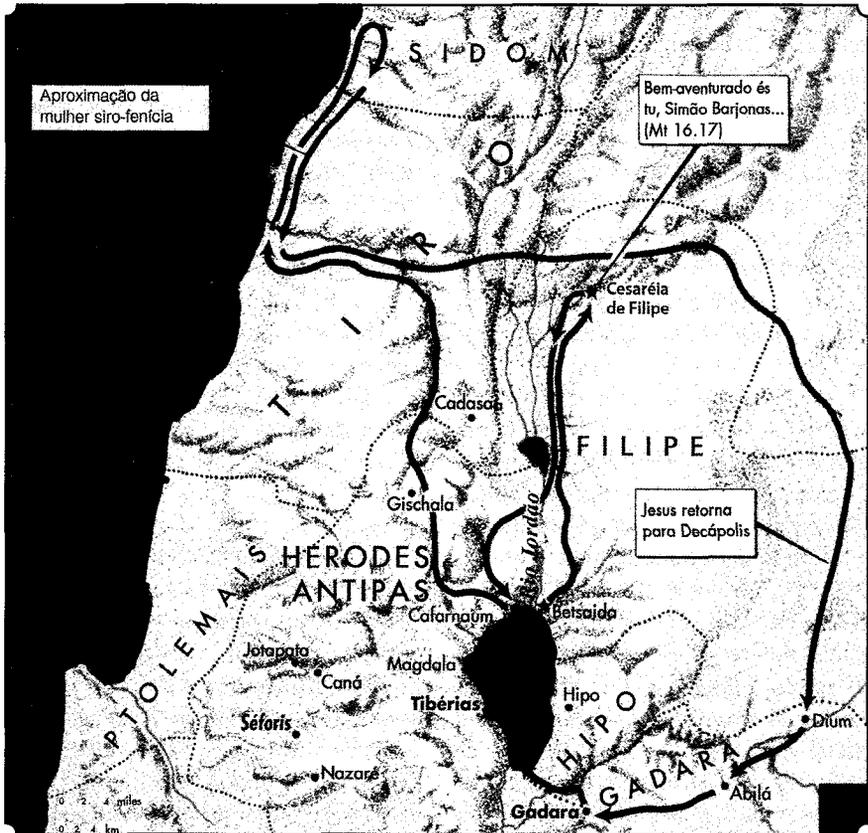
15.2 — *A tradição dos anciãos* não era a Lei de Moisés, e sim uma tradição oral baseada na interpretação da Lei. Eles lavavam as mãos como um cerimonial para remover as impurezas, não por higiene pessoal (Mc 7.2-4).

15.3 — Num estilo clássico dos rabinos, Jesus respondeu à acusação dos escribas e fariseus com uma pergunta. Já que eles haviam acusado Jesus e Seus discípulos de terem transgredido os ensinamentos antigos dos rabinos, Ele, por sua vez, acusou-os de terem transgredido *o mandamento de Deus*. Os escribas e fariseus colocavam seus conceitos acima da revelação de Deus, e ainda assim afirmavam que lhe obedeciam.

15.4-9 — Jesus estava se referindo a uma prática pela qual as pessoas consagravam seus bens a Deus a fim de usá-los em benefício próprio, e não em prol de outros. Por exemplo, se os pais precisassem de dinheiro, os filhos tinham uma desculpa para não ajudá-los, dizendo que seus recursos já tinham sido *consagrados* a Deus. Essa artimanha livrava os filhos de honrar os pais ao cuidar deles na velhice.

15.10-14 — Em Mateus 15.3-9, Jesus repreende os escribas e fariseus por estarem tão obcecados pela tradição que não conseguiam cumprir os mandamentos mais simples. Ele aqui os reprova por se preocuparem tanto com a lavagem cerimonial e suas regras alimentares rígidas e não darem importância ao caráter. Ambas as recriminações de Jesus foram consequência das acusações dos escribas e fariseus, descritas em Mateus 15.2.

15.15-20 — O que a pessoa pensa no seu *coração*, isso é o que ela é. Mas como é que os pensamentos nascem no coração, a fonte de toda



A visita de Jesus a Tiro, Sidom e Cesaréia de Filipe.

reflexão? Por meio da visão, da audição e dos demais sentidos. A matéria-prima de nossas ações é o que recebemos na mente e permitimos que chegue ao coração. Davi expressou tal verdade desta maneira: *Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti* (Sl 119.11). Encontramos o mesmo conceito, mas focalizando a ação negativa, no Salmo 101.3: *Não porei coisa má diante dos meus olhos*. Paulo descreve o cristão como aquele que *leva cativo todo entendimento à obediência de Cristo* (2 Co 10.5).

15.21-23 — Essa mulher era uma gentia que não tinha o direito natural de pedir algo ao Messias judeu.

15.24 — Esse versículo mostra o compromisso de Cristo com Israel, a quem ele chama de *ovelhas perdidas*. Jesus sempre deu primeiro

aos judeus a oportunidade de aceitá-lo como o seu Messias.

15.25-28 — Os filhos a quem Jesus se refere aqui são o povo de Israel. Os cachorrinhos diz respeito aos gentios.

15.29-31 — A cena muda da região de Tiro e Sidom para uma montanha próxima ao mar da Galiléia, mas continua sendo um território gentílico. Marcos 7.31 descreve essa região como sendo Decápolis.

E glorificava o Deus de Israel. Os gentios creram no Deus de Israel e o glorificaram, enquanto muitos em Israel continuavam cegos em relação ao Messias.

15.32-39 — Esse não é o mesmo milagre descrito em Mateus 14.14-21. Jesus mesmo nos mostra que a multidão foi alimentada em dois

milagres distintos (Mt 16.9,10). Este, em especial, supriu a necessidade de alimento dos gentios de modo sobrenatural. Os *sete* cestos de pedaços que sobraram aqui contrastam com os doze cestos do capítulo 14; e a palavra do original traduzida por *cestos cheios* em Mateus 15.37 é diferente da palavra traduzida da mesma forma em Mateus 14.20.

16.1-4 — *Sinal do céu*. Os escribas e fariseus talvez estivessem pensando em sinais como o fogo que desceu do céu em resposta à oração de Elias (1 Rs 18.36-38), as pragas do Egito (Êx 7—12) ou o sol que “parou” (Js 10.12-14).

16.4 — *Deixando-os*. Antes Jesus havia-se retirado porque os saduceus e fariseus se opuseram a Ele (Mt 12.15; 14.13; 15.21); mas o fato de Jesus tê-los *deixado* aqui significa que Ele os abandonou ou rejeitou. Jesus deixou esses líderes religiosos porque eles eram reprováveis.

16.5 — *Para a outra banda* se refere ao outro lado do mar da Galiléia, onde viviam os gentios.

16.6-12 — Na Bíblia, o *fermento* é usado como um símbolo do mal. O que fazia parte da doutrina dos saduceus e fariseus era a hipocrisia, o legalismo, o oportunismo político e a rigidez espiritual. Jesus adverte os fariseus aqui por causa do sinal que eles pedem para ver em Mateus 16.1-4.

16.13,14 — *Cesaréia de Filipe* ficava ao norte do mar da Galiléia, na base do lado sul do monte Hermom. Por muito tempo foi considerada um lugar de adoração a ídolos. Havia uma grande pedra no centro do local onde se realizavam os ritos pagãos, e Jesus aproveitou então para usar uma figura de linguagem e dar outro sentido à *pedra* em Mateus 16.18.

Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? Por estar cercado de ídolos, Cristo leva os discípulos a proclamar Sua deidade, mas antes lhes pergunta quem as pessoas dizem que Ele é. Mas no fim o mais importante era a fé dos discípulos em Jesus.

16.15,16 — O Espírito da graça revelou a Pedro a verdadeira identidade do Senhor Jesus. O *Filho do Deus vivo* diz respeito à deidade de Jesus. Muitos fatores levam a essa conclusão: (1) Ele nasceu de uma virgem (Mt 1.18-20); (2) foi

chamado de Emanuel, *Deus conosco* (Mt 1.23); (3) o título em grego é enfático: *o Filho de Deus, o Deus vivo*; e (4) as passagens posteriores a essa descrevem Cristo como Deus (Jo 20.27-29).

16.17 — *Não foi carne e sangue quem to revelou*. As pessoas não chegam à fé em Cristo por investigação e dedução, mas porque o Pai revela Seu Filho a elas (Jo 6.65).

16.18 — *Pedro* no original grego é *Petros*, e *pedra* é *petra*. *Petros* é uma pedra móvel, grande ou pequena, enquanto *petra* é uma rocha. Cristo pode ter feito essa declaração olhando para a estrutura rochosa que havia ali perto.

Alguns dizem que essa diferenciação não pode ser feita porque o Senhor falou em aramaico, uma língua na qual não há tais variações para essa palavra; no entanto, a inspiração do Novo Testamento veio do Espírito Santo, que *usou* um vocabulário diferente. Além disso, Jesus pode ter falado grego dessa vez, pois Ele era trilingue e falava grego, aramaico e hebraico. Por outro lado, o trocadilho — *petros e petra* — não faria sentido, e não há como citar a tradução em aramaico feita em outros trechos do livro porque isso não era comum, já que o grego era o idioma mais usado na época. A pedra sobre a qual Cristo edificaria Sua Igreja é a confissão de Pedro: *Tu és o Filho de Deus, o Cristo*.

Edificarei a minha igreja nos mostra que a igreja ainda não havia começado. Dos quatro Evangelhos, somente em Mateus a palavra *Igreja* é encontrada, inclusive num texto que trata de disciplina (18.17). É claro que os discípulos ainda não entendiam a *doutrina da igreja* no Novo Testamento, que pressupunha a igualdade entre judeus e gentios (Ef 2.11—3.7). Eles entenderam apenas que a Igreja seria um grupo de pessoas ou uma congregação do Senhor.

Alguns creem que *as portas do inferno* eram apenas uma forma judaica de referir-se à morte, e que Cristo só estava dizendo que a morte não venceria a Igreja. Um dia, no poder do Cristo ressurreto, a Igreja e todos os redimidos ressuscitarão. A morte não terá poder sobre a Igreja.

Outros creem que a frase significa que as forças do mal não vencerão o povo de Deus.



ENTENDENDO MELHOR

OS PARTIDOS POLÍTICOS DOS DIAS DE JESUS

Qual era a posição política de Jesus? Podemos até especular quais seriam Suas preferências hoje em dia, mas qual foi o ideal político, se é que houve um, que Ele apoiou durante Sua vida terrena? Quais foram os líderes que receberam Seu apoio, se é que houve algum? O que o levou a apoiá-los? Será que fazer uma escolha política era algo importante para Ele? A política era mesmo importante?

Seria muito difícil, ou mesmo impossível, determinar qual seria a melhor resposta a essas perguntas. Entretanto, Jesus parecia preocupar-se, e muito, com os poderes falidos de nossa sociedade e demonstrava ter muita habilidade para lidar com eles, quando necessário. Contudo, jamais falou de política ou se envolveu com ela num sentido comum. Mas é claro que Ele viveu num sistema totalmente diferente do nosso.

Apesar de não termos como saber exatamente se Jesus era simpatizante de algum partido, pelo menos podemos entender algo sobre o sistema político da Palestina na primeira metade do primeiro século. Por exemplo, sabemos que havia pelo menos cinco grandes partidos políticos entre os judeus naqueles dias.

Os herodianos — leais defensores do status quo

- Herdaram esse nome de Herodes, o Grande (37—4 a.C.), e seus seguidores.
- Defendiam a adoção da cultura e da política greco-romana na Palestina.
- Como os fariseus, preferiam uma política local autônoma. Temendo uma intervenção militar de Roma, resistiam frontalmente àqueles que procuravam mudar o *status quo* do povo judeu, como os zelotes.
- Uniram forças com outros partidos para tramar a morte de Jesus (Mt 22.16; Mc 3.6; 12.13).

Os fariseus — legalistas religiosos

- Provavelmente nasceram de um grupo chamado Hasidim.
- O nome significa *os separados*.
- Tinham uma visão parecida com a dos essênios, mas escolheram permanecer dentro da sociedade. No entanto, muitos resolveram estudar a Lei por si mesmos, corrompendo-se e perdendo assim o respeito pelo sacerdócio.
- Muitos faziam parte do Sinédrio (At 6.12).
- Consideravam-se doutores da Lei; os escribas eram considerados leigos.
- Reuniam e preservavam o Talmude e a Mishná, uma obra de vários volumes que continha a tradição oral e um comentário do Antigo Testamento.
- Tinham a reputação de legalistas e fanaticamente dedicados à tradição rabínica. Alguns até se recusavam a comer com quem não fosse fariseu, para não se contaminar com a comida que não havia passado por um ritual de purificação.
- Como os herodianos, preferiam uma política local autônoma.
- Divergiam dos saduceus em relação à doutrina da ressurreição.
- Entendiam que a vinda do Reino era o cumprimento literal da promessa feita a Davi de que ele reinaria sobre Israel para sempre.
- Criaram uma teologia muito bem elaborada dos anjos e criam que eles intervêm nos assuntos humanos.

Os saduceus — uma elite urbana

- Muitos vinham de Zadoque, sumo sacerdote no reinado de Davi.
- Comumente representavam os aristocratas, os sacerdotes, os mercadores e a elite urbana de Jerusalém e de outras cidades da Judéia.
- Eram hostis a Jesus e Seus seguidores.
- Muitos faziam parte do conselho. A maioria dos sumos sacerdotes e dos apóstolos nos dias de Jesus eram saduceus.
- Negavam a ressurreição ou a vida após a morte, assim como a doutrina do castigo eterno e do Reino literal.

- Negavam que Deus controla a história e defendiam o livre-arbítrio e a responsabilidade do homem de tomar decisões sábias segundo a Lei.
- Apegavam-se somente à Lei de Moisés (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento), pois a consideravam a autoridade suprema.
- Negavam a existência dos anjos.

Os zelotes — revolucionários

- Nacionalistas fervorosos que esperavam uma oportunidade para se rebelar contra Roma.
- Negavam-se a pagar tributos a Roma ou ao templo.
- Uma revolta em particular contra os tributos de Roma, liderada por Judas, o Galileu (6 a.C.) garantiu à Galiléia a má reputação de berço de revolucionários.
- Foram acusados por alguns pela derrota da Judéia para Roma na guerra de 66 a 70 d.C. Josefo, o historiador judeu, disse que eles não passavam de meros assassinos ou *sicarii* (terroristas).
- Apoiavam a Lei judaica, como os fariseus.
- Eram contrários aos herodianos e saduceus, que queriam manter o *status quo* político.
- Não toleravam os essênios e, mais tarde, os cristãos, por estes serem contrários à violência.
- Dois deles, Judas Iscariotes e Simão cananeu, foram escolhidos como discípulos por Jesus.

Os essênios — puristas declarados

- Uma seita de ascéticos que floresceu entre a metade do segundo século d.C. até a guerra judaico-romana de 66 a 70 d.C.
- Eram membros dos Hasidim, porém, ao contrário dos fariseus, viviam separados da sociedade, em comunidades monásticas como Qumran, onde foram encontrados os manuscritos do mar Morto.
- São muito conhecidos hoje, mas por fontes secundárias.
- Viviam em sociedades que adotaram a propriedade em comum.
- Criam na imortalidade da alma, nos anjos e num elaborado plano das profecias do final dos tempos. Alguns esperavam que houvesse até três Messias diferentes.
- Celibatários, eram pacíficos, contrários à escravidão, cuidavam dos doentes e dos idosos, faziam negócios somente com os membros de sua seita, comiam e se vestiam com simplicidade e desprezavam toda ostentação e luxo.
- Davam mais importância à pureza cerimonial do que os fariseus e guardavam o Sábado com muito zelo.
- Celebravam o ritual do batismo e da ceia comunitária, que chamavam de banquete messiânico.
- Possivelmente influenciaram algumas práticas e cerimônias dos cristãos da época.

16.19 — *As chaves do Reino* podem ter vários sentidos. Pode ser o acesso ao Reino de diferenciados grupos de pessoas (os judeus, em Atos 2—3; os samaritanos, em Atos 8.14-17; os gentios, em Atos 10). Essas chaves abririam as portas para os perdidos.

Todavia, esse termo pode ter outro significado. As chaves aqui podem ser explicadas como aquilo que liga e desliga nos céus. Na literatura rabínica, os termos *ligar* e *desligar* se referem àquilo que é proibido e aquilo que é permitido. No contexto de Mateus 16.19, eles são termos judiciais (Mt 18.18), o que explica o pronome indefinido

tudo, e não *todos*. Em outras palavras, o texto diz respeito à avaliação que Pedro faria daquilo que seria ligado ou desligado. Tal interpretação se ajusta muito bem ao conceito de *chave*, que basicamente significa autoridade.

Os termos *será ligado* e *será desligado* também são muito importantes, pois traduzem uma promessa de que seríamos guiados segundo o que a Igreja, representada aqui por Pedro, determinasse.

O terno *Reino dos céus* se refere ao Reino futuro. Foi dada a Pedro a promessa de autoridade no Reino futuro, bênção que também é estendida a todos os doze apóstolos em Mateus 19.28.



VOGÊ SABIA?

A CHAVE DA ANTIGUIDADE

A chave na antiguidade era um pedaço de madeira ou metal que passava no buraco da porta para abrir o trinco ou a fechadura. O segredo estava em fazer a chave com um formato complexo. Os egípcios colocavam pinos de madeira nos trinco que os impediam de rodar até que a chave certa os movesse para o lugar correto. O ensinamento sobre as *chaves* em Mateus 16.19 e Lucas 11.52 trata do acesso a uma instrução espiritual.

16.20 — Os discípulos não deveriam dizer a ninguém *que ele era o Cristo*, porque o povo não compreenderia o conceito de um Messias sofredor. Além disso, a nação tinha rejeitado Cristo. Eles já tinham entrado num caminho sem volta (Mt 12.31,32).

16.21 — A locução *desde então* marca uma nova direção no ministério de Jesus. Essa expressão é encontrada duas vezes no livro de Mateus, aqui e em Mateus 4.17, onde vemos o início do ministério de Jesus e o anúncio de que o Reino está próximo. Aqui, em Mateus 16.21, vemos a cruz e a rejeição do Messias sendo anunciadas. *Anciãos, principais dos sacerdotes e escribas* aqui se referem à trama do conselho judaico, também chamado de Sinédrio. Ao incluir *Jerusalém*, esse versículo nos mostra que a rejeição do Messias seria oficial. *Ser morto* é a primeira de três profecias em Mateus que falam da morte de Cristo (Mt 17.22,23; 20.18,19).

16.22 — Pedro evidentemente nem deu ouvidos ao que o Senhor falou sobre Sua ressurreição. Como muitos cristãos, ele só via as coisas pelo lado negativo.

Começou a repreendê-lo. A mesma boca que confessara Sua divindade antes (Mt 16.16) estava tentando ensinar o Mestre!

16.23 — Chamar Pedro de Satanás foi algo muito sério. Porém, quando Pedro se interpôs no caminho dos planos de Deus, estava falando como um adversário. A mesma boca que foi usada como um canal do oráculo de Deus se tornou instrumento da mentira de Satanás. Como as pessoas são inconstantes! E como Deus é paciente!

16.24 — Já que Cristo morreu pelos remidos, nada mais justo do que os salvos se entregarem a Ele, mesmo que tenham de morrer por Ele.

16.25-27 — *Vida* aqui se refere à alma, pois na versão original do grego a palavra em Mateus 16.25 significa *alma*. Podemos dizer que esse termo se aplica ao que somos realmente. O que Cristo está dizendo aqui é que temos que ter compromisso para ganharmos o galardão. Podemos ver isso claramente no versículo seguinte. A maneira com que dedicamos nossa vida é o que vai determinar nosso galardão na vinda de Cristo (Ap 22.12).

16.28 — *Até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.* Esse versículo aponta para a transfiguração no capítulo 17. Há vários motivos que nos levam a essa conclusão: (1) a interpretação de Pedro em 2 Pedro 1.16-18; (2) os três Evangelhos sinóticos (João não fala sobre a transfiguração) trazem a transfiguração logo após essa profecia; e (3) nem todos os apóstolos viram a transfiguração (Mt 19.27-30). Durante a transfiguração, Pedro, Tiago e João viram como seria o Reino.

17.1 — O *alto monte* era provavelmente alguma elevação do monte Hermon, que mede aproximadamente 2.865 m de altura.

17.2-4 — *Moisés e Elias.* A presença de tais personagens indica que as Escrituras do Antigo Testamento apontavam para o Messias e Seu Reino.

17.5-8 — *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.* São as mesmas palavras ditas em Mateus 3.17 (Sl 2.7; Is 42.1).

Escutai-o. Parece referir-se a Deuteronômio 18.15.

17.9 — *A ninguém conteis a visão.* A ordem para que ficassem em silêncio era porque Israel tinha um conceito errado sobre o Messias (Mt 8.4; 12.16). Os judeus esperavam um rei conquistador, não um Servo sofredor.

17.10 — Os três discípulos naturalmente não entenderam a referência à morte de Cristo em Mateus 17.9. O problema é que só estavam interessados na transfiguração em si. Eles tinham acabado de ver Elias no monte. Se os escribas estivessem corretos e Elias viesse mesmo antes da



APLICAÇÃO

VIVENDO NO LIMITE

As pessoas não costumam esperar muito para colocar seus planos em ação. Como mostra o diálogo entre Pedro e o Senhor em Mateus 16.22,23, Pedro às vezes gostava de assumir o controle da situação e decidir o que ele e os outros fariam. Mas, como sempre, acabava exagerando:

- Quando Jesus andou sobre as águas em direção ao barco, levado de um lado para outro por causa da tempestade que deixou os discípulos apavorados, Pedro pediu a Jesus que provasse que era Ele mesmo ao permitir que ele andasse sobre as águas. Mas, depois de dar alguns passos sobre as águas, ele olhou para as ondas e para o vento e começou a afundar na mesma hora, clamando a Jesus que o salvasse (Mt 14.22-32).
- Pedro reafirmou seu compromisso com Cristo dizendo: *Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei* (Mt 26.35). Contudo, poucas horas depois, ele negou ter qualquer envolvimento com o Senhor (26.69-75).
- Assumiu a defesa de Jesus diante dos soldados romanos quando eles foram prendê-lo, embora antes não tivesse orado nem vigiado com Jesus, como Ele havia pedido (Mt 26.36-46; Jo 18.1-11).
- Não quis deixar Jesus lavar-lhe os pés na última ceia, mas depois pediu que Ele lhe lavasse não somente os pés, mas a cabeça também (Jo 13.5-11).

Por fim, as habilidades da liderança de Pedro o levaram a controlar mais os ímpetos, e ele se tornou uma figura muito importante na Igreja primitiva. Como muitos de nós, embora Pedro tenha tido um começo com muitos erros por ter um temperamento difícil, Jesus confiou a este impulsivo, porém fiel seguidor, o cuidado de Suas ovelhas (Mt 21.17).

chegada do Reino, por que não deveriam dizer para todo mundo que ele aparecera no monte?

17.11 — O Senhor disse aos discípulos que os escribas estavam certos em sua interpretação de Malaquias 3.1; 4.5,6. Mas Cristo usou a frase *restaurará todas as coisas* para demonstrar que essa profecia só seria cumprida no futuro.

17.12,13 — Jesus revela que a profecia sobre *Elias* se cumpriu em *João Batista*. No entanto, já que a restauração não seria completa, alguns concluíram que uma das duas testemunhas de Apocalipse 11.3-6 cumpriria a função de Elias.

17.14-18 — Nesse caso, a epilepsia era causada por um demônio (v. 18).

17.19-21 — Os discípulos não puderam expulsar o demônio porque lhes faltou fé. O poder estava neles, porém eles não tomaram posse dele.

17.22,23 — Jesus e Seus discípulos começaram o que seria a última viagem dele a Jerusalém. Mais uma vez, Jesus anuncia Sua morte e ressurreição (Mt 16.21; 20.18,19). E, mais uma vez, os discípulos não entendem que Ele ressuscitaria; parece que ouviram apenas o que Jesus disse sobre Sua morte, pois *se entristeceram muito*.

17.24 — *As didracmas*, ou o *imposto do templo* [NVI], eram dadas por todo homem judeu acima de vinte anos de idade para sua manutenção. Esse imposto se encontra em Êxodo 30.13 e era o equivalente a dois dias de trabalho de um trabalhador comum. Está bem claro aqui que Jesus ainda não tinha pago esse imposto, e por isso os coletores de impostos vieram cobrá-lo.

17.25 — Pedro, querendo zelar pelo seu bom nome e pelo de Seu Senhor, disse ao coletor de impostos (Mt 17.24) que Jesus já tinha pago o imposto. *Jesus se lhe antecipou* indica que Pedro estava prestes a falar, certamente sobre a questão de Cristo pagar o imposto do templo, mas Jesus falou primeiro. *Seus filhos* pode estar referindo-se aos cidadãos da nação em contraste com os povos conquistados ou *alheios*. Todavia, os cidadãos sempre pagam suas taxas e seus impostos. O mais provável é que esse contraste seja entre a família imperial e o povo.

17.26 — Jesus demonstrou que, como Filho de Deus, não tinha obrigação nenhuma de pagar o imposto do templo. Na verdade, o templo pertencia a Ele (Mt 3.1). E o fato de Ele usar a palavra *filhos* no plural significa que Pedro e os

outros discípulos também estavam livres dessa obrigação.

17.27 — A moeda usada para pagar o imposto não estava mais em circulação, por isso era comum o imposto ser pago por dois homens com um *estater*, que valia quatro dracmas.

18.1-35 — (Mc 9.33-37; Lc 9.46-48) — Esse capítulo traz o discurso mais longo de Jesus sobre o princípio do perdão. Perdoar alguém, uma das maiores responsabilidades e atitudes espirituais em nossa vida, é algo que temos de fazer durante a vida inteira. Esse é o último grande discurso de Jesus antes de Sua viagem a Jerusalém; foi proferido em resposta ao ciúme que os discípulos tinham uns dos outros e para prepará-los para a crucificação, algo que eles teriam de aprender a perdoar. Marcos 9.33 nos mostra que esse discurso foi feito *em casa*, provavelmente na casa de Pedro.

18.1 — Em Mateus 18, encontramos o quarto dos cinco discursos que há nesse Evangelho (os outros são: Mt 5.1—7.27; 10.1-42; 13.1-53; 24.1—25.46). O tema desse discurso é a humildade. Jesus destaca cinco motivos pelos quais a humildade é essencial: (1) para entrar no Reino (Mt 18.2,3); (2) para ser grande no Reino (Mt 18.4); (3) para evitar escândalos (Mt 18.5-11); (4) para aplicar a disciplina correta na igreja (Mt 18.5-20); e (5) para perdoar uns aos outros (Mt 18.21-35). O *maior no Reino* significa posição, um conceito aplicado por Jesus a si mesmo em Mateus 5.19.

18.2-5 — *Converterdes*. O processo de *conversão* implica voltar atrás (Lc 22.32)

18.6,7 — *Escandalizar* significa literalmente armar uma cilada, preparar uma armadilha, pôr uma pedra no caminho para impedir a passagem de alguém. A *mó de azenha* era uma pedra de moer tão pesada que tinha de ser movida por um burro.

18.8,9 — Essa mesma declaração é encontrada em Mateus 5.29,30. Um dos segredos para entendê-la é atentar para o aspecto verbal empregado na frase: *Se [...] te escandalizar* (ou *fizer tropeçar*, NVI). Embora a advertência tenha sido feita aos discípulos, ela descreve alguém que vive pecando e precisa tomar uma atitude drástica para mudar (1 Jo 3.7-10).

18.10,11 — *Algum destes pequeninos* aqui diz respeito às crianças e também aos cristãos. Parece que Mateus 18.12-14 faz alusão aos cristãos. Jesus nos mostra aqui que os *anjos* guardam Seus servos na terra e servem a eles (Hb 1.14).

18.12-14 — *Um destes pequeninos* se refere novamente àqueles que creem (Mt 18.6). O Pai cuida de cada um de seus pequeninos.

18.15-17 — Jesus ensina aos Seus discípulos o processo de restauração do cristão que errou. Primeiro, deve haver uma confrontação amorosa e pessoal. O segundo passo descrito em Mateus 18.16 não está muito claro. O princípio das testemunhas vem de Deuteronômio 19.15. No entanto, o que as testemunhas declaravam? Naturalmente afirmavam que o irmão que havia sido ofendido estava agindo de boa-fé e com retidão de espírito para tentar uma reconciliação. Elas também serviam de testemunha para qualquer tipo de acordo. Mas, se mesmo assim a paz não fosse possível, o irmão que foi ofendido teria de levar sua causa até a assembleia. A Igreja então teria de fazer todo o possível para que o que pecou se reconciliasse ou corrigisse seu erro. No entanto, se aquele que errou não quisesse se consertar, seria disciplinado sendo tirado da comunhão. Tal perda seria extremamente dolorosa para o disciplinado (1 Co 5.11; 2 Ts 3.6,14,15).

18.18 — *Ligardes*. Como em Mateus 16.19, o aspecto verbal indica que o fato de ligarmos ou desligarmos algo na terra determinará como isso acontecerá no céu. Em outras palavras, essa é uma promessa da direção divina que a Igreja teria.

18.19,20 — Essa passagem geralmente é usada como uma promessa para a oração, mas não é. É bem óbvio que os filhos de Deus têm total acesso ao trono do Pai, e não é necessário que três ou quatro deles se reúnam para que Deus esteja presente. Esse texto se refere especificamente à disciplina na igreja. Trata-se de uma promessa de orientação para dois ou três que discordam um do outro e uma promessa para que a Igreja peça sabedoria para lidar com o irmão que errou, a fim que ele seja restaurado.



APLICAÇÃO

COMPROMISSO

Muitos a chamam hoje em dia de *palavra C*, como se fosse vergonhoso comprometer-se. As exigências e custos do compromisso parecem muito grandes para alguns, e o comodismo com frequência supera o sacrifício inerente a comprometer-se com alguém ou alguma coisa.

Também era assim nos dias de Jesus. Quando Ele começou a revelar uma nova maneira de viver, os críticos o desafiaram quanto às dificuldades de manter o compromisso do casamento (Mt 19.3,7). Mais tarde, os próprios discípulos tentaram afastar algumas "crianças importunas", a fim de tratar de coisas mais importantes (Mt 19.13). Jesus, porém, continuou comprometido com as crianças.

A necessidade vital de comprometer-se também é reforçada no encontro seguinte de Jesus, quando um jovem rico aproximou-se dele querendo assegurar-se da posse da vida eterna (Mt 19.16-30). O homem propôs a observância de regras como o padrão pelo qual seria julgado, mas Jesus, em contraposição, fez um apelo ao serviço (Mt 19.21). A verdadeira riqueza implicava um compromisso maior, servindo ao Senhor e aos outros, em vez de idolatrar os bens materiais (Mt 19.23,29).

Os seguidores de Cristo são conhecidos pelo compromisso com o casamento, a família, a comunidade, o trabalho e, acima de tudo, com Jesus Cristo. Tal lealdade é muito necessária nos dias de hoje, quando em geral as pessoas fazem votos mais por conveniência do que por compromisso.

18.20 — Essa não é a definição de uma igreja local, mas a promessa de que Cristo estaria no meio dos Seus atuando em todo o processo de disciplina, como foi descrito na nota anterior.

18.21 — A pergunta de Pedro é o resultado claro dos ensinamentos em Mateus 18.15-20. Na verdade, ele estava sendo muito complacente ao aceitar perdoar *até sete* vezes. O normal era perdoar três vezes, talvez por causa do que diz Amós 1.3,6,9,11,13; 2:1,4,6.

18.22 — *Setenta vezes sete* também pode significar *setenta e sete vezes*. A questão aqui não é quantas vezes se deve perdoar, mas estar sempre disposto a fazê-lo.

18.23-31 — *Dex mil talentos* era uma quantia exorbitante. Um denário era o salário de um dia de trabalho (Mt 20.2). Um talento valia cerca de seis mil denários. Dez mil talentos então eram o salário de sessenta milhões de dias de trabalho, uma quantia impossível de ser paga. Foi assim que Jesus retratou de modo bem claro a situação desesperadora do homem.

18.32-34 — Essa parábola ratifica o princípio de que devemos perdoar os outros (Mt 6.12) porque Deus nos perdoou.

18.35 — Esse versículo é um aviso do castigo que teremos se não perdoarmos uns aos outros (1 Co 11.30-32; Hb 12.5-11). Todos os pecados dos

cristãos foram perdoados e serão perdoados para sempre (Sl 103.12; Jr 31.34; Hb 8.12). Mas essa parábola ilustra a obrigação que o cristão tem de perdoar aos outros (Mt 6.12,14,15; 2 Co 2.10; Ef 4.32). Se nosso perdão seguir a mesma proporção da incrível quantidade de vezes em que fomos perdoados (Mt 18.22), então sempre estaremos dispostos a perdoar.

19.1-3 — Essa pergunta pode ser perigosa. A resposta de João Batista o levou a ser preso e resultou na sua morte (Mt 14.3-11). O problema aqui é que a pergunta foi feita com uma intenção maliciosa, e vemos isso quando o texto diz *tentando-o*. Eles estavam testando Jesus, e usaram para isso o texto de Deuteronômio 24.1.

Uma discussão muito comum entre os rabinos era o significado do termo *coisa feia* (Dt 24.1); literalmente, *a nudez de alguma coisa*, que se refere a alguma indecência, na opinião da maioria. Uma das escolas de pensamento, a escola de Shammai, era mais rígida e dizia que a única razão para o divórcio era a imoralidade. O outro ponto de vista, da escola de Hillel, era mais complacente e cria que tudo que desagradasse o marido era suficiente para provocar o divórcio. A pergunta aqui parece ter sido feita por alguém que adotou o ponto de vista de Hillel, já que pelo menos a maneira como ele aborda o tema caminha nessa direção.

19.4-6 — Jesus evitou a controvérsia Hillel-Shammai e foi diretamente às Escrituras. Ele nos dá três motivos para a continuidade do casamento:

(1) Deus fez o homem macho e fêmea. Se Ele quisesse que Adão tivesse mais de uma esposa, poderia e teria criado outras mulheres para Adão. Podemos dizer o mesmo em relação a um marido para Eva.

O *Criador os fez*. Isso significa que o Criador é Senhor e o Único que determina o que é ideal no casamento.

(2) Deus criou o casamento como o elo mais forte nos relacionamentos humanos (Mt 19.5).

Deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher. A linguagem é muito forte aqui. *Deixar* é o mesmo que abandonar, e *unir-se* significa estar colado a. O relacionamento mais duradouro na construção da sociedade não é entre pais e filhos, já que ele é quebrado por ocasião do casamento (Gn 2.24), mas, sim, o casamento entre homem e mulher.

(3) *E serão dois numa só carne* (conforme Gn 2.24). O elemento fundamental no casamento é o contrato ou a aliança (Ml 2.14), e o resultado dessa aliança é a relação sexual. A união física entre um homem e uma mulher representa a união de duas vidas e o compromisso um com o outro. É por isso que o adultério é algo muito grave (1 Co 6.16). A união física no casamento é o símbolo da união em várias áreas. Romper essa união é o mesmo que destruir a unidade da própria vida. Com o divórcio, o homem separa o que *Deus ajuntou*.

19.7 — Os acusadores de Jesus encontraram uma brecha na Sua resposta e o tentaram com outra pergunta.

19.8 — A resposta de Jesus foi que Moisés nunca mandou alguém se divorciar; Moisés só *permitiu*. E essa permissão só lhes foi dada por causa da dureza do coração dos seres humanos. O divórcio nunca esteve nos planos de Deus.

19.9 — Esse versículo traz à tona muitas discussões. Por exemplo, o que significa a palavra *mulher*? Alguns consideram a lei do divórcio válida somente no período de noivado, como no

caso de José e Maria (Mt 1). Nesse caso, *mulher* significa aquela com quem o homem está noivo, uma explicação até plausível. Todavia, Deuteronômio 24.1, cujo contexto histórico é aplicado nitidamente à discussão em Mateus 19, não está falando do período de noivado. Fala especificamente do marido que repudia sua mulher quando ambos já vivem juntos.

Outra questão é o significado de *prostituição*. A palavra aqui (que está dentro do contexto de Deuteronômio 24.1) tem um sentido amplo e pode referir-se a todo tipo de imoralidade sexual: sexo antes do casamento, adultério, libertinagem, homossexualidade e até bestialidade.

Um problema muito grande nessa cláusula de exceção é se ela dá direito ao homem apenas de divorciar-se ou também permissão para que ele se case novamente. É provável que ambos. Em outras palavras, a imoralidade de um cônjuge não somente serve como base para o divórcio, mas também dá respaldo ao traído para um novo casamento. Provavelmente o significado da última parte de Mateus 19.9 é que o homem que se casa com uma mulher divorciada após ele ter praticado imoralidade comete adultério ao casar-se com ela.

Algo que devemos considerar é que a carta de divórcio resguardava a mulher. Um marido não podia livrar-se de sua mulher de qualquer maneira, simplesmente mandando-a embora. Ele precisava ter motivos para fazer isso e também dar a ela uma carta por escrito. Porém, mesmo que ele tivesse muitas razões para se divorciar, o melhor seria que isso não acontecesse.

O plano de Deus era que o casamento durasse por toda a vida (Mt 19.8). Não é por acaso que a passagem sobre o divórcio no capítulo 19 vem logo após a discussão sobre o perdão no capítulo 18.

19.10 — Nesse ponto, os discípulos entram na discussão. Certamente eles ficaram surpresos com a opinião inflexível do Senhor. Se o único motivo para o divórcio era a imoralidade, eles concluem que *não convém casar*. Mas essa não era a intenção de Jesus, até porque Deus criou o casamento entre homem e mulher para o próprio bem deles (Gn 2.17).

19.11 — Jesus disse que permanecer solteiro é somente para poucas pessoas.

19.12 — Alguns não se casam porque não têm desejo sexual. Outros não se casam porque foram castrados. Outros ainda não se casam para servir a Deus; são os que se fizeram "eunucos" (1 Co 7.7).

19.13-17 — *Porque me chamas bom?* Pode significar o mesmo que "por que você está me perguntando o que é bom?". O único que pode responder a essa pergunta sobre a bondade é Deus. Mas o fato de Jesus ter respondido é uma afirmação silenciosa de Sua deidade.

19.18 — *Quais?* Na verdade é o mesmo que *quais destes?*

19.18,19 — O Senhor respondeu à pergunta citando a última parte do Decálogo, enfatizando o quinto mandamento e Levítico 19.18.

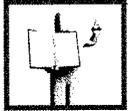
19.20-22 — Esses versículos não ensinam que a salvação é pelas obras (Rm 3.23,24; Ef 2.8,9).

Ao contrário, Jesus estava provando que o jovem rico estava errado ao pensar que tinha cumprido a Lei de Deus (Mt 19.20). Se o jovem amasse seu semelhante como era exigido pela Lei de Moisés (Mt 19.19; Lv 19.18), não teria dificuldade alguma em doar sua riqueza para os pobres.

19.23-26 — *É difícil entrar um rico no Reino dos céus.* Esse comentário provocou espanto nos discípulos: *Quem poderá pois salvar-se?* É que eles compartilhavam da opinião comum naquela época de que os ricos eram abençoados por Deus e, no fim, com certeza seriam salvos. Para corrigir esse erro, Jesus explicou a dificuldade humana que o rico tem de converter-se.

Difícil (gr. *duskolos*) expressa algo que é penoso de se alcançar, embora não seja impossível.

A ilustração do *camelo* passando *peelo fundo de uma agulha* tem sido interpretada de várias



ENTENDENDO MELHOR

O SIGNIFICADO DE PEQUENINOS

Quando Jesus permitiu que os pequeninos fossem até Ele (Mt 19.14), estava declarando como eles são preciosos e importantes. Provavelmente os discípulos, que repreenderam as mães por levarem seus filhos a Jesus (Mt 19.13), tinham a mesma opinião greco-romana de que a infância era uma fase insignificante na vida. Mas, com toda certeza, as crianças eram importantes para a continuidade da família, embora seu valor não fosse reconhecido.

As crianças não desejadas nas culturas pagãs geralmente eram abandonadas nas estradas ou nos depósitos de lixo. Tragicamente, o sexo e a classe social selavam seu destino, pois as meninas corriam muito mais risco do que os meninos, já que representavam um peso financeiro no futuro, enquanto eles contribuiriam para a renda familiar.

A maioria das crianças abandonadas morria, mas algumas eram "resgatadas" e, quando cresciam, tornavam-se escravos, gladiadores ou prostitutas. As crianças eram tão desprezadas nos dias de Jesus, que alguns mendigos profissionais recolhiam as que eram abandonadas e as mutilavam; depois, usavam sua miséria para tocar o coração das pessoas e, assim, aumentar seus lucros mendigando.

Entre os judeus, contudo, as crianças eram consideradas uma bênção de Deus, e a esterilidade, uma maldição. Os judeus desejavam tanto ter filhos, que a esterilidade era motivo de divórcio.

Os pais judeus eram a autoridade máxima sobre a vida de seus filhos em todos os aspectos, mas tanto os pais quanto as mães eram instruídos pela Lei de Moisés a educar seus filhos e cuidar deles. Os pais eram parcialmente responsáveis por ensinar a seus filhos os mandamentos do Senhor e criá-los como parte do povo escolhido de Deus (Dt 6.6-8). Os filhos, por sua vez, deveriam honrar o pai e a mãe (Dt 5.16). As mães judias normalmente cuidavam de seus bebês e em geral os amamentavam até dois ou três anos de idade.

Em alguns lares gregos e romanos abastados, as mães contratavam amas de leite e, conforme os filhos cresciam, seus cuidados ficavam totalmente a cargo de escravos. As mães que eram pobres trabalhavam com os filhos pendurados por tiras em suas costas, e assim que a criança tinha mais idade, aprendia a ajudar no trabalho também.

Os pais do primeiro século obviamente não tinham as dificuldades e os conflitos que os pais de hoje em dia enfrentam para criar seus filhos. Trabalho e família estavam mais interligados naquela época e, por essa razão, pais e filhos não tinham de superar os desafios da passar o dia longe uns dos outros, como acontece atualmente.

maneiras, como uma corda de pelo de camelo passando pelo buraco de uma agulha, ou mesmo como um camelo de verdade sendo espremido para passar por uma porta bem estreita chamada *fundo de agulha*, que ficava perto da entrada principal de Jerusalém.

Outra interpretação trataria da absoluta impossibilidade de um camelo (o maior animal da Palestina) tentar passar literalmente pelo buraco minúsculo de uma agulha.

Essa última é a interpretação mais provável, assemelhando-se a um provérbio do Talmude sobre o *elefante*. Observe que eles não estavam em Jerusalém nessa ocasião. A questão é que a salvação do rico parece humanamente *impossível*.

De fato, a humanidade inteira é incapaz de salvar a si mesma e precisa confiar na eficácia da graça de Deus, pois aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível. A salvação de um pecador rico é um milagre tão grande quanto a salvação de um pecador pobre. Um e outro só podem ser salvos pela ação de Deus.

19.23,24 — O comentário de Jesus sobre a salvação do jovem rico era algo difícil de aceitar por parte de muitos judeus da época porque eles tinham sua própria *teologia da prosperidade*. Se

alguém era próspero, isso era uma evidência da bênção de Deus sobre ele. Mas além de Mateus 19.23 dizer que é *difícil* um rico ser salvo, Mateus 19.24 afirma que isso é tão possível quanto um camelo passar *pelo fundo de uma agulha* (Mc 10.25; Lc 18.25).

19.25,26 — A resposta de Cristo é que nenhum ser humano pode salvar a si mesmo; a salvação vem de Deus (Ef 2.8).

19.27 — *Eis que nós deixamos tudo*. O que Jesus ensinou ao jovem rico foi justamente o que Pedro e os outros discípulos haviam feito (Mt 4.18-22). A pergunta mais apropriada então seria: *que receberemos?* Em vez de repreender Pedro por sua pergunta, que parecia tão egoísta, Jesus lhe garantiu que ele e os outros discípulos ganhariam *cem vezes tanto* (v. 29) pelo investimento que fizeram em vida (Mt 16.24-28).

19.28 — Os apóstolos jamais se esqueceram da promessa de Jesus sobre o lugar que ocupariam no Seu Reino; isso era algo que ainda estava muito vivo na mente deles em Atos 1.15-26.

Na regeneração aponta para a vinda do Reino prometido em Daniel 7.13,14.

Trono da sua glória. Cristo hoje está assentado à destra do trono eterno do Pai. Em Seu Reino



APLICAÇÃO

PAGAMENTO INJUSTO?

Todos os que já se sentiram mal por achar que não receberam o que era justo entendem bem a reação dos trabalhadores narrada por Jesus em Mateus 20.1-16. Ele nos conta sobre o pai de família que contratou trabalhadores para trabalhar o dia inteiro, outros por dois terços do dia, outros também por metade do dia, e ainda outros por muito menos. Todavia, ele pagou a todos eles o mesmo salário (Mt 20.9-11). É claro que aqueles que trabalharam mais reclamaram, em outras palavras, dizendo: "espere aí, o que é isso?" (Mt 20.11,12).

Observe que nenhum dos trabalhadores estava empregado quando o pai de família os contratou (Mt 20.3,6,7), e, portanto, conseguiram emprego por causa da boa vontade dele, não por mérito próprio. Além disso, o pai de família prometeu ao primeiro grupo um salário justo por um dia de trabalho, e aos outros uma quantia indeterminada (*o que for justo*). Mas depois ele acabou pagando todo o salário de um dia a eles.

Jesus estava tentando fazer com que as pessoas aprendessem algo importante sobre a graça no Reino de Deus. Seus discípulos já lhe haviam perguntado antes como seriam as recompensas e os benefícios do Reino (Mt 19.16,25,27). Contudo, nessa parábola, Jesus não está incentivando o pagamento injusto ou a discriminação. Ele está fazendo uma ilustração da graça de Deus de uma forma que seus discípulos pudessem entender.

No Reino de Deus, a graça é dada segundo a natureza do seu Doador, não porque quem a recebe é merecedor. Receber a graça de Deus é um privilégio para os pecadores, que, na verdade, não mereciam nada mais do que a condenação.

futuro, Ele ocupará o trono de Davi (Ap 3.21). E, nesse Reino, os doze apóstolos se assentarão sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.

19.29 — A expressão *cem vezes tanto* pode representar *incontáveis vezes*, mas isso em nada altera sua interpretação ou aplicação. Na família de Deus, se alguém perde um membro da família, esse membro é substituído inúmeras vezes, ou cem vezes, pelos servos de Cristo, pois Sua visão é de uma grande família, não de uma família comum.

19.30 — Esse ditado, ou provérbio, obviamente é semelhante a Mateus 20.16 e está ligado à parábola. Ele serve de introdução e é o tema principal da parábola. Aparece na ordem inversa em Mateus 20.16.

20.1-3 — A *hora terceira* era cerca de 9 da manhã.

20.4 — Esses trabalhadores, ao contrário daqueles de Mateus 20.2, não tinham nenhum contrato; eles somente confiaram no pai de família que os contratou.

20.5 — *Perto da hora sexta* era por volta de meio-dia.

20.6,7 — A *hora undécima* era cerca de cinco da tarde. Só faltava uma hora para acabar o dia de trabalho.

20.8-15 — Os primeiros trabalhadores reclamaram que seu salário foi o mesmo dos que foram contratados mais tarde do que eles. No entanto, o pai de família não os enganou; todos receberam o que foi combinado pelo trabalho. Os trabalhadores que começaram primeiro reclamaram porque eram mesquinhos em sua maneira

de ver as coisas; seu senhor, porém, era muito generoso.

20.16 — Segundo Mateus, os trabalhadores contratados representam Israel; eram eles que tinham as promessas e a aliança (Rm 3.1,2; 9.4; Ef 2.11,12). Aqueles que não tinham um contrato representam os gentios, que seriam semelhantes ao povo judeu quando a salvação fosse dada a todos mediante a fé em Jesus Cristo (Rm 11.16,17; Ef 2.13-15; 3.6).

20.17-19 — Mais uma vez, o Senhor prevê Sua morte e ressurreição (Mt 16.21; 17.9,22,23). Pela primeira vez Ele fala como vai morrer: crucificado.

20.20,21 — Que contraste com Mateus 20.17-19! É bem provável que Tiago e João tenham levado sua mãe a fazer isso. Mais à frente, ao compararmos Mateus 27.56, Marcos 15.40 e João 19.25, vemos que é bem possível que Maria, mãe de Jesus, e a mãe de Tiago e João, fossem irmãs. Se isso for verdade, os irmãos poderiam estar querendo levar alguma vantagem por causa de seu parentesco com Jesus.

20.22,23 — *Ser batizados com o batismo com que eu sou batizado* não consta nos primeiros manuscritos. Provavelmente foi tirado de Marcos 10.38.

20.24 — Os outros *dez* apóstolos devem ter ficado indignados porque eles mesmos queriam essa posição de honra. A resposta que Jesus deu foi para todos eles (Mt 20.25-28).

20.25-28 — A grandeza não é medida por posição, poder ou prestígio, mas pelo quanto servimos.

20.29-34 — Só Mateus menciona os *dois* cegos; Marcos e Lucas falam de um, provavelmente o que falou. O fato de Mateus falar de dois homens tem tudo a ver com seu Evangelho, que inicialmente foi escrito para os judeus, que faziam questão de duas testemunhas (Dt 17.6).

Filho de Davi, um título messiânico (2 Sm 7.12-16), deixa claro que Jesus é o herdeiro do trono de Davi. Esse clamor, repetido em Mateus 20.31, mostra o discernimento espiritual desses homens.



EM FOCO

O DENÁRIO

O denário (Mt 20.9) foi uma unidade monetária muito comum no Império Romano durante quase quatro séculos. Cunhado pela primeira vez em 211 a.C., essa moeda de prata pesava cerca de três gramas e meio, o peso de uma moeda de cinco centavos. Júlio César pagava aos seus soldados 225 denários por ano. Augusto pagava o mesmo, só que complementava essa renda com prêmios e recompensas.



APLICAÇÃO

COMO JESUS LIDOU COM A FAMA

É fácil ficarmos intimidados na presença de uma pessoa famosa. As pessoas com muito *status* facilmente nos fazem sentir inferiores, como se não tivéssemos nada que se comparasse a elas. Jesus, entretanto, que ficou famoso junto ao Seu povo, guardou para si a fama e a usou para dar um exemplo de compaixão e humildade.

Quando entrou em Jerusalém, a capital da Palestina, Ele nos mostrou uma nova forma de lidar com o assédio da multidão. A cidade estava superagitada porque vivia o ponto alto das festas, que eram muito celebradas e atraíam muitos visitantes. Que momento perfeito para Jesus levar Sua campanha ao apogeu! Ele ainda tinha as profecias de Zacarias 9.9 e Isaías 62.11 para lhe dar mais confiança ainda. Mas, em vez de um desfile com carros, trompetes e uma cerimônia bem preparada, Jesus resolveu entrar na cidade montado num jumentinho, um simples animal de carga; nenhum cavalo de raça lhe foi dado! Em vez de caminhar ao lado dos poderosos governantes da cidade e outras celebridades, Ele foi seguido por um pequeno grupo de pescadores, por galileus do campo e até por um ex-coletor de impostos. Pela primeira vez, as pessoas comuns exibiram-se em um desfile (Mt 21.8,10).

No final do cortejo, Jesus não entrou no salão dos poderosos. Foi direto para o lugar de adoração, o lugar mais importante para os judeus, e virou a mesa dos negociantes inescrupulosos que enganavam os pobres e usavam o templo para ganhar dinheiro (Mt 21.12,13). Ele voltou Sua atenção para os cegos, os coxos e as crianças (Mt 21.14-16). E, quando acabava Suas tarefas no fim do dia, não passava a noite numa casa confortável de um líder da cidade, mas numa casa simples no subúrbio, em Betânia (Mt 21.17).

Apesar da fama, as últimas obras de Jesus antes de Sua morte foram concentradas naqueles que mais estavam preparados para ouvir sobre Seu amor, sobre o perdão e a esperança — as pessoas simples (ou até mesmo desprezadas) numa sociedade de privilégios e poder (Lc 4.18). Vemos aqui uma nova abordagem da fama que pode ajudar-nos quando formos tentados a querer viver junto aos poderosos e famosos.

21.1 — O *monte das Oliveiras* ficava a leste de Jerusalém, logo após o vale de Cedrom. *Betfage* ficava no lado oriental do monte das Oliveiras.

21.2,3 — O *Senhor* aqui é Jesus. O dono do animal provavelmente era um seguidor de Jesus ou, pelo menos, um admirador Seu.

21.4,5 — Tudo isso aconteceu para que se cumprisse Isaías 62.11 e Zacarias 9.9. O que é mais enfatizado nessas profecias e nos atos de Jesus é Sua humildade.

21.6,7 — Os discípulos *puseram as suas vestes* sobre o animal para que Jesus pudesse montá-lo. Possivelmente a mãe do jumentinho ia na frente, seguido por ele carregando Jesus.

21.8 — *Muitíssima gente* não era os habitantes de Jerusalém (compare com Mt 21.10), mas uma grande multidão que seguia Jesus desde Jericó (Mt 20.29) até Jerusalém. A cena era digna de um rei (2 Rs 9.13). Surpreendentemente, pouco tempo antes Jesus tinha evitado toda essa exposição (Mt 8.4; 9.30; 12.16; 17.9). Por causa da oposição, Ele havia-se retirado (Mt 12.15; 14.13; 15.21). Agora, estava entrando em Jerusalém à

vista de todos como Rei! Mas a questão aqui é óbvia: o Senhor Jesus estava se apresentando a Israel como seu Messias e Rei. E é maravilhoso verificar que esse foi exatamente o dia que o profeta Daniel havia profetizado: 173.880 dias desde o decreto de Artaxerxes até então (Dn 9.25). Veja que Lucas 19.42 diz *teu dia*.

21.9 — *Hosana* significa literalmente *salve-nos agora*, como no Salmo 118.25, mas passou a ter o sentido de um clamor de júbilo; algo como: *salve!*; *seja louvado!*

Bendito o que vem em nome do Senhor é uma citação do Salmo 118.26. Esse salmo prediz a chegada da era milenial e, nesse dia, o Sábado traria descanso ao Reino (Hb 4.9) e todos diriam: *Este é o dia que fez o SENHOR* (Sl 118.24). A cena inteira prediz a chegada do Reino de Cristo.

21.10 — *A cidade se alvoroçou* significa literalmente *a cidade foiabalada*. O mesmo verbo é usado em Mateus 2.3, referindo-se à reação de Herodes diante dos magos que perguntavam sobre o nascimento do Rei de Israel.



ENTENDENDO MELHOR

OS PÁTIOS DO TEMPLO

O templo de Jerusalém era dividido em pátios. No templo exigido por Salomão havia um pátio cuja entrada não era permitida a certas pessoas. Todos tinham acesso ao pátio exterior, chamado de *pátio grande* (1 Rs 7.12), porém o pátio interior era reservado somente aos sacerdotes e era chamado de *pátio dos sacerdotes* (2 Cr 4.9).

O segundo templo de Herodes, embora ainda em fase de finalização no tempo de Jesus (Mt 21.12), era bastante impressionante e consistia em quatro pátios. O amplo pátio dos gentios era um quadrilátero ao ar livre que media cerca de 450 m de comprimento por 300 m de largura, fechado por fileiras de altas colunas. Essa era a única parte do templo aberta aos gentios (não judeus).

Cada um dos três pátios restantes era restrito a outros tipos de pessoas. Todos os três — o pátio das mulheres, o pátio de Israel e o pátio dos sacerdotes — estavam localizados no templo propriamente dito, que era um edifício majestoso medindo cerca de 135m por 90m. Esse conjunto se situava no meio do pátio dos gentios. Somente as judias tinham permissão de entrar no primeiro pátio, o pátio das mulheres, e somente judeus eram admitidos no pátio de Israel.

Quando Jesus viu as mesas dos cambistas que *vendiam* [...] *no templo*, Ele estava no pátio dos gentios. Apenas ali era permitido aos mercadores vender e fazer operações de câmbio. Foi nesse local que aconteceu a dramática purificação.

21.10,11 — Aqui existe um contraste entre as pessoas da *cidade*, que não sabiam quem era o Senhor, e a *multidão*, que dizia às pessoas quem Ele era. É provável que houvesse muitos galileus ali, que tinham ido para as festas e já conheciam o Senhor por causa de Sua pregação e de Seu ministério de cura ao norte da nação. Na tradição e na história judaica, o salmo citado era considerado um salmo messiânico, e o fato de Jesus ter montado um jumentinho (não um cavalo) marcou a entrada oficial do Rei em Jerusalém.

21.12 — Os Evangelhos falam de duas purificações do templo — uma em João 2.14-17, no começo do ministério de Jesus, e uma em outro Evangelho sinótico ao final de Seu ministério (Mc 11.15-17; Lc 19.45,46).

Vendiam e compravam. A corrupção comercial era um mal sem controle dentro dos átrios do templo. É bem provável que parte do lucro do que era negociado ali fosse para a família do sumo sacerdote.

Baseadas nesse episódio, algumas igrejas hoje em dia não permitem que nada seja vendido dentro delas. Mas há pelo menos duas coisas erradas nessa atitude. Primeiro, Jesus não estava condenando a venda de animais para o sacrifício nem as operações de câmbio. O que Ele condenou foi o engano, a extorsão e a comercialização corrupta. Segundo, a igreja hoje não é *templo de Deus*,

mas, sim, os cristãos. Deus habita naqueles que foram levados remidos por Cristo

Os *cambistas* aceitavam trocar moedas com símbolos pagãos para serem usadas no templo. Mas eles cobravam um pouco mais por esse serviço.

Os que *vendiam pombas* cobravam um preço exorbitante por elas.

21.13 — *A minha casa será chamada casa de oração* é uma citação de Isaias 56.7.

Covil de ladrões. O templo havia se tornado um antro de bandidos. Jeremias 7.9,10 diz que o povo judeu, após cometer todos os tipos de pecado, achava que ficaria livre das consequências simplesmente porque ia ao templo. Por essa razão, nos dias de Jeremias, o templo havia se tornado um covil de ladrões, como nos dias de Jesus.

21.14-16 — No Salmo 8.2, que é citado aqui, as criancinhas expressam louvor diante dos inimigos.

21.17 — A ideia aqui é que Jesus deixou os príncipes dos sacerdotes e escribas, o templo e a cidade de Jerusalém. Em vez de receber bem seu Messias, os líderes religiosos o rejeitaram e se colocaram contra Ele.

21.18,19 — *Teve fome.* Jesus queria comer o fruto de uma figueira, mas não pôde fazer isso. As figueiras não dão frutos na primavera, durante a Páscoa, mas no outono. Entretanto, as figueiras dão uns brotos pequenos e comestíveis que



APLICAÇÃO

UM DESAFIO À AUTORIDADE

Cedo ou tarde, quase todos os líderes têm sua autoridade questionada. Por vezes, eles são contestados de forma direta, porém, na maioria das vezes, isso acontece indiretamente por meio de boatos e insinuações.

Jesus enfrentou um desafio direto à Sua autoridade por parte dos anciãos e príncipes dos sacerdotes, a liderança suprema de Israel (Mt 21.23-27). Nessa ocasião, Ele não discutiu, mas simplesmente "passou a bola" para eles. Ele mostrou que um modo eficaz de responder a perguntas capciosas é fazendo outras perguntas de volta.

Observe dois aspectos dessa interação entre Jesus e os líderes judeus:

- (1) O motivo das contestações. O verdadeiro interesse dos escribas e fariseus não era entender a natureza ou a fonte da autoridade de Jesus. Eles só estavam preocupados em proteger seu poder e seus próprios interesses. Essa atitude retrata algumas situações em que questionamos ou nos opomos à autoridade de alguém por medo ou ciúme.
- (2) A segurança de Jesus. Jesus não foi pego desprevenido nem ficou irritado com Seus agressores. Por um lado, Ele já tinha suportado as críticas deles antes, e com toda certeza esperava que elas aumentassem. Por outro lado, Ele também tinha plena convicção quanto ao ponto que seus opositores estavam questionando: Ele sabia muito bem quem era e quem havia lhe concedido tal autoridade (Mt 28.18). Sua resposta nos mostra que nós permitimos ser intimidados ou não. As pessoas podem até nos desafiar e ameaçar, mas nós é que decidimos ficar temerosos ou não. A questão fundamental é: será que temos certeza de quem somos realmente como servos do Rei?

aparecem antes de suas folhas brotarem. Essa árvore estava cheia de folhas, mas sem nenhum fruto. Parecia uma árvore promissora, mas estava vazia, assim como a cidade de Jerusalém e seu lindo templo. Imediatamente não quer dizer necessariamente na mesma hora; pode significar *logo*, como em Lucas 19.11 (Mc 11.12-14,20-24). Esse milagre — o único milagre de Jesus onde houve condenação — é um exemplo do juízo de Deus sobre os israelitas que confessavam crer em Deus, mas não produziam nenhum fruto espiritual de verdade.

21.20-22 — O caso da figueira que secou é um exemplo do juízo de Deus sobre Israel por causa de sua incredulidade, mas também foi uma forma que Jesus usou para ensinar a Seus discípulos que a fé opera milagres e é a base para a resposta de toda oração. Por mais que alguém tente, não é pelo esforço que sua fé aumenta, mas sim pela Palavra que o leva a crer. É por isso que precisamos conhecer a vontade de Deus para crer de modo correto (Jr 9.23,24).

21.23 — Isso se refere à entrada triunfal, a purificação do templo e à aceitação da adoração feita pelas crianças. O fato de os *príncipes dos sacerdotes* e os *anciãos* terem-se voltado contra o Senhor Jesus demonstra todo o antagonismo do

Sinédrio em relação a Ele. Os sacerdotes, anciãos e escribas eram os três grupos que compunham esse conselho.

21.24,25 — Um método rabínico muito comum era responder a uma pergunta com outra pergunta.

21.26,27 — *Não sabemos*. Os líderes religiosos deixaram de responder à pergunta do Senhor não somente porque não sabiam a resposta para ela, mas também porque não tinham condição alguma de ser líderes espirituais.

21.28-32 — *Publicanos e meretrizes* é uma forma de expressar a reprovação moral de Jesus aos líderes judaicos. As palavras de Jesus *entram adiante de vós* não somente indicavam que os pecadores arrependidos entravam no Reino antes, mas também abria uma porta para que os líderes religiosos se arrependessem. No entanto, apesar de verem o exemplo dos publicanos e meretrizes que se arrependeram, esses líderes religiosos, que se achavam muito justos, recusaram-se a crer. A parábola condena a conduta deles. Algo notório é como Jesus se agrada do quebrantamento e da fé dos pecadores em Deus.

21.33-41 — O início da parábola dos lavradores maus traz uma linguagem parecida com a de Isaías 5.1,2. No entanto, há uma diferença. Em



APROFUNDE-SE

PARÁBOLAS: MAIS DO QUE HISTÓRIAS

Embora Jesus tenha vivido em meio a um povo acostumado a contar histórias, Seu método de ensino ainda era muito incomum. Suas histórias eram memoráveis, mas não transparentes. As pessoas as ouviam, mas não as entendiam necessariamente. Elas ficaram mais claras para nós por causa das cartas do apóstolo Paulo, porém poucos dentre aqueles que as ouviram pela primeira vez as entenderam. Em certa ocasião, os discípulos ficaram decepcionados e perguntaram: *Por que lhes falas (às pessoas) por parábolas?* (Mt 13.10). Os discípulos não entendiam as parábolas, assim como a multidão.

A resposta de Jesus aos discípulos revela muito sobre o objetivo de Seu ensinamento. Ele citou Isaías 6.9,10 para mostrar que aqueles que procurassem ver com os olhos e ouvir com os ouvidos de fato não poderiam entender as verdades ditas por Ele. Para Isaías, a cegueira ou dureza do coração do homem (Mt 13.15) afetava diretamente seu entendimento e discernimento espiritual. As pessoas precisam quebrantar o coração, humilhar-se diante de Deus e buscar a verdade com sinceridade para que possam encontrá-la.

As histórias de Jesus eram como presentes embrulhados. O pacote com a história podia ser atrativo ou não. De todo modo, se o pacote não fosse aberto, ninguém saberia o que era o presente. Da mesma forma, se não procurarmos entender o ponto central das parábolas — sua verdade e aplicação —, suas lições continuarão ocultas para nós. No entanto, quando as descobrimos, vemos que essas lições são muito valiosas. O testemunho de milhões de vidas transformadas por mais de dois mil anos é a prova disso.

Quando desembulhadas, as histórias de Jesus trazem inúmeras aplicações poderosas. A mesma parábola pode afetar as pessoas de várias maneiras. Por exemplo, a parábola do semeador (Mt 13.1-23) pode ser "ouvida" de maneira diferente por quatro pessoas, dependendo do tipo de solo com que elas mais se identificam. A parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32) toca o coração de um pai de uma forma muito diferente daquela em que um filho rebelde ou um irmão ciumento a recebem.

Quando Jesus ensinou em Jerusalém, na Sua última semana de vida, o foco de Suas parábolas era a aceitação ou a rejeição. Dessa vez, até os saduceus e fariseus entenderam que falava deles (Mt 21.45). Eles ficaram irados com as parábolas e desprezaram tanto Jesus como Sua mensagem. Não estavam dispostos a deixar de lado seu orgulho, aprender aos pés de Jesus e buscar o perdão de que precisavam desesperadamente. Por terem agido assim, encaixaram-se perfeitamente na descrição que Isaías fez das pessoas de coração endurecido, com os ouvidos e olhos fechados. Os líderes religiosos que deveriam levar o povo à verdade eram os que mais estavam cegos.

Isaías 5, a vinha e sua provisão representam Israel; aqui, a vinha representa o Reino de Deus (compare Isaías 5.7). A descrição detalhada da vinha revela que o pai de família cuidava muito bem dos seus e se preocupava com o bem-estar deles. O dono da vinha é Deus; os lavradores, a nação de Israel. Por ser o povo de Deus, Israel devia ser o primeiro a colher os frutos da vinda do Reino. Os servos são os mensageiros de Deus, os profetas que foram tratados muito mal pelos líderes judeus (1 Rs 18.4; 19.10; 22.24; 2 Cr 24.20,21; Ne 9.26; Jr 2.30; 20.1; 26.20-23; 37.15; 38.6). O filho é Jesus, o Messias.

21.42 — Esse versículo explica que a rejeição do Filho (Mt 21.38,39) foi profetizada no Salmo 118.22,23. A pedra rejeitada é o Messias, que veio a tornar-se a principal pedra, angular (ARA) (Mc 12.10,11; Lc 20.17; At 4.11; Ef 2.20; 1 Pe 2.7).

21.43 — Nação aqui se refere à Igreja (Rm 10.19; 1 Pe 2.9). Isso não significa, porém, que o Reino foi tirado para sempre de Israel (Rm 11.26,27). Isso seria impossível por causa da promessa feita por Deus a Abraão, a Davi e aos profetas. Israel, como povo e nação, seria restaurado e ocuparia novamente um lugar de bênção, como disse Paulo em Romanos 11.26,27. A vinha foi provisoriamente arrendada à Igreja para que possa produzir frutos de arrependimento. Um dia, o Reino será restaurado em Israel (Mt 19.28).

21.44-46 — Essa frase paradoxal indica que as pessoas tem duas opções diante de Cristo, a pedra. Elas podem quebrantar-se e arrepender-se, como resultado de sua conversão a Cristo, ou não se arrepender e acabar sendo condenadas. A referência ao pó parece vir de Daniel 2.35,44,45.

22.1 — O plural *parábolas* se refere às parábolas dos dois filhos (Mt 21.28-32), dos lavradores maus (Mt 21.33-44) e das bodas (Mt 22.1-14). Essa história não é a mesma de Lucas 14.15-24. A ocasião é diferente em Lucas e alguns detalhes variam.

22.2 — O *Reino dos céus é semelhante* demonstra que a história tem princípios relacionados ao Reino de Deus. *Bodas* se refere a uma festa de casamento (Ap 19.6-10). As bodas judaicas nos tempos bíblicos tinham muitas etapas. Primeiro, o casal fazia um contrato de casamento, que era a base do próprio casamento (Ml 2.14). Cerca de um ano depois, o noivo ia até a casa de sua noiva, onde ela era apresentada a ele. Depois disso, havia um cortejo na noite do casamento até a casa do noivo (Mt 25.1-13), onde havia um banquete para celebrar as bodas (Jo 2.1-11). O banquete podia durar até uma semana, dependendo da situação da família do noivo. Uma festa, principalmente uma de casamento, é usada com frequência nas Escrituras para representar o Reino de Deus na terra (Mt 8.11; 25.10; Is 25.6; Lc 14.15-24; Jo 2.1-11; Ap 19.7-9). Nessa parábola, o *rei* é Deus Pai e o *filho* é Jesus.

22.3 — Dois convites foram enviados. O primeiro foi enviado bem antes da festa, a fim de que as pessoas tivessem bastante tempo para se preparar para o banquete. Os *convidados* são aqueles que receberam o convite original. O segundo convite foi enviado para avisar a todos que o banquete estava pronto, e eles já poderiam ir.

22.4 — A declaração feita nesse versículo sem dúvida alguma faz menção ao ministério de João Batista (Mt 3.1-12), ao de Jesus (Mt 4.17) e ao dos discípulos (Mt 10.5-42).

22.5 — *Eles, não fazendo caso*, significa que eles não deram valor ao convite. Estavam tão preocupados com seus afazeres que não deram importância ao Reino de Deus.

22.6 — A indiferença da resposta em Mateus 22.5 descreve Israel nos dias do ministério terreno de Jesus; as atitudes que vemos nesse versículo podem ser atribuídas aos líderes religiosos. Tais líderes consentiram na morte de João Batista pelas mãos de Herodes Antipas (Mt 14.10), incitaram a crucificação de Jesus (26.3-5,14-16;

27.1,2), e foram eles também que iniciaram a perseguição à Igreja primitiva (At 4.1-22; 5.17-40; 6.12-15).

22.7 — O incêndio da *cidade* se refere à destruição de Jerusalém por Tito em 70 d.C. Uma profecia semelhante desse mesmo evento também é encontrada em Mateus 21.41.

22.8,9 — Esses versículos falam dos dias atuais. As *bodas* ou o Reino ainda virão no futuro, e o mundo, descrito por Cristo como *todos os que encontrardes*, está sendo convidado a participar do futuro Reino terreno de Cristo, que foi prometido a Israel.

22.10 — *Tanto maus como bons* provavelmente diz respeito a judeus e gentios. Ambos os grupos incluem alguns que são moralmente maus e outros que são moralmente bons. Qualquer que seja a situação das pessoas, elas precisam aceitar o evangelho. O mais importante aqui é que esse grupo aceitou o convite, ao passo que aqueles que receberam um convite especial não quiseram ir à residência do rei.

22.11 — *Não estava trajado com veste nupcial*. Como os outros, esse visitante havia sido convidado para o casamento, mas não se preparou como deveria (Ap 3.18). Em Apocalipse, as vestes de linho fino usadas pela noiva do Cordeiro são a justiça dos santos (Ap 19.8).

O *homem* não atentou para algo óbvio quando aceitou o convite gracioso do rei para a festa: ele tinha de usar roupa de casamento. Não se preparar para ir a um banquete ou ir malvestido é um insulto. Nessa parábola, a *veste* se refere à justiça graciosa de Cristo que nos foi dada por meio de Sua morte. Recusar-se a vesti-la é o mesmo que rejeitar o sacrifício de Cristo e ser arrogante a ponto de não perceber como a *veste* é importante. Se quisermos participar do banquete de Cristo, temos de *vestir-nos* da justiça que Ele nos deu (Ef 4.24; Cl 3.10). Como aquele homem não havia se preparado, o rei disse que ele era indigno. E por ter sido recusado pelo rei, ele foi tirado da sala do banquete.

22.12 — A palavra normalmente traduzida por *amigo* no Novo Testamento é *philos*; a palavra usada aqui é *hetaire*, um substantivo que aparece

somente em Mateus, mas que foi sempre usado pelo Senhor Jesus quando Ele queria corrigir alguém (20.13; 26.50).

O homem deixou de cumprir as obrigações básicas que lhe foram impostas ao aceitar o convite gracioso do rei para ir ao seu banquete. Mas não podemos confundir as coisas, achando que esse homem representa os não-salvos e os outros convidados, os salvos; todos os convidados receberam o convite. Além disso, ele não foi tratado como inimigo do rei. Porém, por não se ter preparado como deveria para participar daquela ocasião tão festiva, ele não pôde desfrutar da festa com os outros e foi lançado nas trevas exteriores.

22.13 — *Amarrai-o de pés e mãos* é um retrato nítido da incapacidade do homem de participar do Reino de Cristo. A frase *lançai-o nas trevas exteriores* (gr. *to skotos to exoteron*) significa literalmente *jogai-o na escuridão lá de fora*, e ocorre em Mateus 8.12; 22.13 e 25.30 (essa expressão grega não aparece mais em nenhuma outra parte do Novo Testamento) e é usada sempre antes do juízo que precede a era do Reino de Deus.

A expressão *pranto e ranger de dentes* é encontrada em Mateus 8.12; 13.42,50; 22.13; 24.51 e 25.30 e sempre se refere ao mesmo juízo. Muitos unem essas duas ilustrações e acreditam que ambas são uma alusão ao castigo eterno. Mas isso não faz sentido. Nessa parábola, o foco está naquele que aceitou o convite do rei. Embora estivesse nas bodas, ele não pôde participar delas por não estar trajado com vestes de casamento; as trevas exteriores contrastam com o brilho da festa lá dentro.

Há outros dois textos em Mateus que usam a figura das trevas exteriores e do pranto e ranger de dentes. Em Mateus 8.12, as pessoas em questão são os filhos do Reino (um termo usado para se referir aos cristãos na parábola do joio — compare com Mateus 13.38), e não os ímpios.

Em Mateus 25.30, aquele que foi lançado fora era um servo como os outros que participavam das bodas; ele simplesmente não agradou ao seu mestre. Em todas essas referências, vemos que o problema foi não se preparar adequadamente para o Reino, não a rejeição da salvação de Deus.

A menção ao pranto e ao ranger de dentes tem levado muitos a pensar no tormento do inferno (como se lá houvesse muita ira, não remorso).

Está faltando aqui algo muito importante praticado pela cultura judaica. A ilustração aqui se refere a algum grande remorso que as pessoas sentem ao perder algo de valor ou alguém que muito amavam. Quando aqueles que não estão preparados são proibidos de desfrutar de tudo que é oferecido aos que se prepararam — como na parábola das bodas —, há um grande sentimento de perda daquilo que poderiam ter (1 Co 3.15; 2 Co 5.10; 2 Tm 2.12; 1 Jo 2.28; 2 Jo 7,8; Ap 3.11). Quando apontam para eventos futuros, as parábolas ensinam que aqueles que falharem em seu discipulado também entrarão no Reino milenial de Cristo, só que não poderão participar de todas as vantagens que haverá nele.

22.14 — *Muitos são chamados, mas poucos, escolhidos*. A palavra *chamados* nesse caso significa *convidados* e não se refere ao chamado de Deus, como Paulo diz em Romanos 8.28,29. Todo Israel foi convidado, mas apenas alguns aceitaram o convite e seguiram Jesus. Nem todos que foram convidados farão parte do povo de Deus, pois nem todos crerão. Veja a resposta errada de Israel em Hebreus 3 e o aviso de Deus para não negligenciarmos nossa salvação.

22.15 — *Surpreender* originalmente significa *preparar armadilha*, como faz o caçador para pegar sua presa.

22.16 — Nada se fala sobre *os herodianos* fora da Bíblia. Mas, a julgar pelo seu nome, eles apoiavam a dinastia de Herodes em sua colaboração com o governo romano. Isso os colocava no lado oposto da posição política adotada pelos fariseus. Mas o ódio comum a Cristo era tão grande que os fariseus e herodianos uniram forças contra Ele.

Bem sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus. De certo modo, os herodianos e fariseus estavam dizendo: “Tu realmente ensinas a Palavra de Deus, não importa o que os outros pensem de ti”.

22.17 — O dilema aqui é óbvio: ficar ao lado dos fariseus e correr o risco de ser acusado de insurreição contra o governo romano, ou ficar ao



VOGÊ SABIA?

AS MOEDAS ROMANAS

As moedas em circulação na Palestina eram tanto romanas quanto locais. Uma típica moeda romana tinha de um lado a imagem do imperador ou de outra pessoa importante (Mt 22.20). O outro lado tinha uma figura simbólica, como o templo. As letras ao redor da figura do imperador depois de algum tempo passaram a trazer a inscrição DIV, ou seja, divino. Júlio César foi o primeiro imperador a aparecer numa moeda oficial romana.

lado dos herodianos e perder o apoio do povo. O *tributo* era um imposto anual pago por todo judeu adulto ao governo de Roma. Os judeus odiavam pagar esse imposto ao seu terrível opressor.

22.18 — *Experimentar* aqui significa incitar para o mal. O Senhor chamou os herodianos e fariseus de *hipócritas* porque eles fingiam ter boas intenções.

22.19,20 — *A moeda do tributo era um denário (um dinheiro)*, uma moeda com a imagem do imperador e uma inscrição com a palavra *divino*.

Esta efígie e esta inscrição eram algo repugnante para os judeus porque eles odiavam os imperadores romanos e adoravam somente o Deus de Israel.

22.21,22 — Em resposta aos Seus acusadores, o Senhor mudou o verbo que eles usaram de *pagar* (Mt 22.17) para *dar*, que literalmente significa devolver. Os servos de Cristo têm obrigação de obedecer aos governos terrenos e a Deus. Os cristãos hoje são cidadãos de um Reino celestial e estrangeiros e forasteiros nesta terra (1 Pe 1.1; 2.11). No entanto, é dever do crente obedecer à lei dos homens, a não ser que ela o leve a pecar (Rm 13.1-7; 1 Pe 2.13-17). Quando os dois reinos entram em conflito, os cristãos devem seguir apenas a Palavra de Deus (At 4.18-20; 5.29).

22.23 — Algumas das crenças dos *saduceus* são explicadas em Atos 23.8. Esses homens só consideravam como autoridade espiritual os cinco primeiros livros de Moisés. Para eles, todo argumento religioso tinha de vir do Pentateuco.

22.24 — Essa lei, que é a base da pergunta dos saduceus, é encontrada em Deuteronômio

25.5,6. É conhecida como a lei do levirato (Gn 38.1-26).

22.25-28 — Os saduceus devem ter usado esse enigma teológico para confundir os fariseus em outras ocasiões.

22.29,30 — *Errais* aqui significa falhar, desviar-se do caminho. Na verdade, Cristo disse: “Vocês estão errados”, uma repreensão dura aos fariseus, que eram conhecidos por gostar muito de um debate. Esses saduceus, embora fizessem parte da liderança de Israel, não entendiam ou não aceitavam os textos das Escrituras que ensinavam a doutrina da ressurreição e subestimavam o poder de Deus de fazer milagres. É algo muito fácil para Aquele que criou o homem e possui o poder da vida e da morte em Suas mãos ressuscitar um morto.

22.31,32 — Jesus citou o Pentateuco, Êxodo 3.6,15, para provar a doutrina da ressurreição. O Senhor é o *Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó*, e isso nos traz à memória que foi Ele quem fez a promessa aos patriarcas. Deus prometeu particularmente a Abraão, Isaque e Jacó a terra de Canaã (Gn 13.14-17; 15.7-21; 17.8; 26.2-5; 28.13-15; Dt 30.1-5). Mas é claro que os patriarcas não herdaram a terra em vida. Eles receberão as promessas de Deus plenamente quando ressuscitarem. O fato de Deus ser chamado de *Deus [...] dos vivos* indica que Seu Espírito está presente entre nós e, por meio dele, Deus gera vida e governa sobre tudo e todos.

22.33 — Jesus ensinou algo que ninguém havia entendido bem até então: que os patriarcas ainda estavam vivos. As multidões ficaram *maravilhadas* e todos também devem ter ficado surpresos por Jesus não ensinar como os escribas e fariseus, que faziam uso da autoridade rabínica ou começavam seus ensinamentos dizendo: *Assim diz o Senhor*. Jesus fez uso de Sua própria autoridade ao ensiná-los.

22.34 — Sem dúvida alguma, os fariseus estavam regozijando-se por verem seus rivais teológicos confusos; contudo, ainda queriam armar uma cilada para Jesus de alguma forma (Mt 22.15).

22.35,36 — Um *doutor da lei* era um estudioso da Lei de Moisés. Ele colocou o Senhor à



VOCE SABIA?

A LEI ROMANA TRADICIONAL

A lei tradicional de Israel fazia parte da educação judaica (Mt 22.40). Os romanos também tinham uma lei tradicional chamada as Doze Tábuas, que as crianças tinham de decorar. Ela continha estatutos criminais, civis e religiosos. Ao contrário da Lei de Moisés, somente alguns fragmentos do texto das Doze Tábuas foram preservados.

prova fazendo-lhe uma pergunta para saber o quanto Cristo sabia da Lei.

22.37 — Em resposta à pergunta do doutor da Lei, Jesus citou a grande confissão de fé judaica chamada *Shemá*. Essa confissão recebe tal nome por causa da palavra hebraica *shemá*, que significa *ouvir*: *Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR* (Dt 6.4,5; 11.13-21).

O *coração*, a *alma* e o *pensamento* representam a pessoa como um todo.

22.38 — Alguns textos gregos trazem *grande* antes de *primeiro*. No entanto, o amor a Deus tem prioridade sobre todos os mandamentos.

22.39 — Esse mandamento em Levítico 19.18 não é uma ordem para amarmos a nós mesmos. As pessoas que amam muito a si mesmas de certa forma acabam ficando egoístas. Por amarmos a nós mesmos, queremos o melhor para nós; devemos do mesmo modo preocupar-nos com o bem-estar das outras pessoas.

22.40 — Os Dez Mandamentos podem ser divididos em duas categorias: os que tratam do amor a Deus (os quatro primeiros) e os que tratam da responsabilidade que temos em relação às outras pessoas (os seis últimos). Podemos dizer o mesmo de *toda a lei e os profetas*.

22.41-45 — Depois de responder às três perguntas feitas pelos líderes religiosos de Israel (Mt 22.15-22,23-33,34-40), Jesus, por Sua vez, lançou uma pergunta aos fariseus. Sua pergunta tinha duas partes: a primeira sobre quem era o Messias, e a segunda sobre a interpretação do Salmo 110.

22.42 — A resposta de Jesus à pergunta sobre quem era o Messias se encontra em várias passagens do Antigo Testamento (2 Sm 7.12-16; Sl 89.3,4,34-36; Is 9.7; 16.5; 55.3,4). O Messias viria da linhagem real de Davi.

22.43 — Esse versículo afirma que Davi escreveu o Salmo 110. Além disso, ele diz que Davi o escreveu em *espírito*.

22.44-46 — O versículo 44, que cita o Salmo 110.1, nos fala da presença de Deus no céu até que Ele venha reinar na terra (Hb 10.11-13; Ap 3.21). Outros salmos messiânicos foram compostos descrevendo experiências do salmista (Sl 2; 16; 22; 45), mas o Salmo 110 parece ser totalmente profético e messiânico. O Salmo 110.1 usa duas palavras diferentes para Deus. A primeira, traduzida por *SENHOR*, é o nome *Yahweh*, o verdadeiro nome do Deus de Israel. O segundo *Senhor* significa *Mestre*. Davi, o grande rei de Israel, diz que alguém da sua descendência seria *SENHOR* ou *Mestre*, um título de divindade. O sentido aqui é que Jesus, o filho de Davi, é Deus. Ele é um descendente de Davi e, portanto, é humano, embora também seja divino.

23.1,2 — As sinagogas tinham um assento especial chamado de *cadeira de Moisés* (Lc 4.20). Os *escribas* eram os copistas oficiais do Antigo Testamento e também doutores da Lei (Mt 7.29; 8.19).

23.3 — Os escribas e fariseus levavam as Escrituras ao pé da letra para que todos fizessem o que eles diziam. Todavia, Jesus chamou a atenção dos fariseus por causa de seu *legalismo*, pois eles davam mais valor às suas próprias regras e determinações do que às Escrituras. Aparentemente eles seguiam suas leis com muito rigor e pareciam justos. Contudo, as pessoas não deveriam agir como eles, porque, embora parecessem justos, o coração deles era cheio de inveja, ódio e malícia.

23.4 — Compare as atitudes dos fariseus com o convite de Jesus às pessoas em Mateus 11.28-30.

23.5 — Uma característica peculiar da hipocrisia é fazer boas obras para receber o aplauso daqueles que as veem (Mt 6.1-18).

Filactérios eram caixinhas que continham passagens bíblicas e eram amarradas com tiras de couro no braço e na testa. Esse costume tinha como base Êxodo 13.9,16 e Deuteronômio 6.8; 11.18. Mas, por meio de passagens como Provérbios 3.3; 6.21; 7.3, os escribas deveriam saber que o Senhor queria muito mais do que um simples adorno externo.

Franjas, também traduzidas por *orla*, em Mateus 9.20, referem-se às franjas que eram usadas na borda das vestes para lembrar aos israelitas a Lei de Deus (Nm 15.38; Dt 22.12). Para que fossem vistos como especialmente justos, alguns hipócritas usavam filactérios bem maiores e franjas mais longas que as comuns.

23.6 — Os *primeiros lugares* eram os lugares de honra nos banquetes. As *primeiras cadeiras* ou melhores assentos era uma fila de cadeiras que ficava na frente da sinagoga, de frente para a congregação.

23.7 — *Saudações*, nesse contexto, significa mais do que um *olá*; era um cumprimento respeitoso a alguém superior. *Rabi* significa mestre.

23.8-10 — O princípio aqui exposto não pode ser aplicado de uma maneira geral, porque esse título é usado em outras passagens das Escrituras sem nenhuma restrição ou censura (Mt 15.4-6; 19.5,29; 2 Rs 2.12; 1 Co 4.15; Gl 4.2; Hb 12.9). Os hipócritas buscavam esses títulos não com o propósito de usar sua posição para servir aos outros, mas, sim, porque eles traziam muito prestígio e poder.

Mestres também pode significar líderes.

23.11 — As hierarquias deste mundo não acabarão (1 Ts 5.12,13; 1 Tm 5.17; Hb 13.17); contudo, toda liderança deve ser exercida com humildade e espírito de serviço.

23.12 — Haverá exaltação no Reino futuro de Cristo (Rm 8.17; 2 Tm 2.12).

23.13,14 — Jesus proclamou esses *ais* para os escribas e fariseus por causa de sua nítida oposição à verdade.

23.15 — *Percorreis o mar e a terra*. Os escribas e fariseus jamais poderiam receber a acusação de ser preguiçosos, mas estavam seguindo por um caminho totalmente perigoso e contrário aos planos de Deus.

23.16-22 — As autoridades religiosas ensinavam a jurar pelo *templo*, pelo *altar* e pelo *céu*; no entanto, os juramentos feitos pelo *ouro do templo*, pela *oferta* do altar ou por *Deus* eram a mesma coisa. Jesus expôs o absurdo de seus ensinamentos e chamou os líderes religiosos de *condutores cegos*.

23.23 — *Hortelã*, *endro* e *cominho* são plantas usadas como são temperos. *Cominho* é uma planta. Os *escribas* e *fariseus* eram muitos rigorosos em relação aos *dízimos* dos pequenos grãos, mas não se preocupavam com assuntos mais importantes, como se assegurar de que suas ações fossem pautadas conforme o *juízo*, a *misericórdia* e a *fé* (Mq 6.8). Jesus não estava dizendo que o *dízimo* não é importante; Ele só estava mostrando que os escribas e fariseus davam importância a uma área em detrimento da outra. Do mesmo modo, também podemos preocupar-nos demais com as regras e normas da igreja e esquecer os princípios que há por trás delas.

23.24 — Levítico 11.41-43 contém uma proibição de comer tudo o que anda sobre o ventre, que anda sobre quatro pés ou que tem muitos pés. Os fariseus usavam um pano para *coar* com todo o cuidado tudo o que fossem beber, especialmente o vinho, para tirar até os menores insetos, que eram impuros. Mas Jesus disse que, apesar disso, eles *engoliam* facilmente um animal muito maior, como um *camelo*. Jesus usou uma ilustração bem exagerada para mostrar como os fariseus desprezavam o *juízo*, a *misericórdia* e a *fé* (Mt 23.23). Ele usou o mesmo recurso em Mateus 19.24 para mostrar a dificuldade do jovem rico de receber a salvação.

23.25,26 — O *interior* do copo representa o caráter da pessoa. Às vezes, aqueles que mais acusam os pecados dos outros são culpados por ocultar os mesmos pecados, ou ainda piores, dentro de si.

23.27-33 — A geração dos escribas, fariseus e hipócritas do tempo de Jesus herdou toda a culpa de seus antepassados.

23.34 — *Eu vos envio* no presente do indicativo se refere aos *profetas*, *sábios* e *escribas* enviados por Deus à Igreja primitiva. O livro de Atos confirma essa profecia: os israelitas perseguiram os



APLICAÇÃO

O DÍZIMO

As palavras ditas por Jesus aos fariseus em Mateus 23.23 trazem à tona o assunto sobre o dízimo. Os cristãos de hoje devem dar o dízimo ou estamos isentos dessa prática? Aliás, o que é o dízimo? Essa palavra significa a décima parte. No Antigo Testamento, Deus mandou que os israelitas dessem o dízimo — um décimo de toda sua produção ou renda — com um desses três propósitos:

1. Para sustentar os levitas, que eram responsáveis pelo tabernáculo e pela adoração (Nm 18.20-24).
2. Para prover recursos para as diversas festas e sacrifícios (Dt 14.22-26), algumas das quais duravam mais de um dia de alegre celebração e ação de graças.
3. Para angariar fundos para ajudar os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros (Dt 14.28,29).

No Novo Testamento, nem Cristo nem os apóstolos dão alguma instrução específica sobre o dízimo. Entretanto, Jesus o confirma de modo bem claro, pois Ele cumpriu toda a Lei (Mt 5.17-20; 23.23). Ele condenou a maneira hipócrita com que os fariseus ignoravam o *mais importante* da Lei: o juízo, a misericórdia e a fé. Mas essas questões mais sérias de modo algum anulavam questões mais simples como o dízimo.

Então, onde o dízimo entra na vida dos cristãos hoje em dia? Há vários princípios que temos de considerar:

1. Como cristãos, nosso compromisso com a Lei do Antigo Testamento, que foi dada *a priori* a Israel, está relacionada a Cristo.
2. Nossas doações precisam nascer de nosso amor por Cristo, não por obedecermos a um padrão que especifica uma porcentagem. Quando o primeiro dízimo na Bíblia foi dado por Abraão (Gn 14.17-20), este o fez como expressão de gratidão por Deus tê-lo livrado numa guerra. O amor e a adoração a Deus é a razão principal do dízimo ao longo das Escrituras.
3. Tudo o que temos, na verdade, vem de Deus e pertence a Ele, não apenas o que damos, mas também o que mantemos conosco. Portanto, Ele tem todo o direito sobre os 100% de nossa renda, não apenas sobre os 10%.
4. Entregar 10% já é um grande começo. No entanto, estudos indicam que, de um modo geral, os cristãos não dão nem essa parcela de seu salário. Na verdade, por mais que a renda *per capita* tenha aumentado, os cristãos têm contribuído cada vez menos em suas igrejas.
5. O Novo Testamento deixa bem claro que o obreiro cristão vocacionado para o ministério tem direito à ajuda financeira daqueles a quem ministram (1 Co 9.13,14; Gl 6.6). Além disso, muitas igrejas e outros ministérios ajudam os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Portanto, nada mais justo do que esperar que os cristãos deem ofertas financeiras para ajudar nessas causas.
6. Independente de quanto damos ou para quem damos, Mateus 23.23 diz que nossa prioridade deve ser nos assegurarmos de que haja justiça entre nós, que demonstremos misericórdia a nossos semelhantes e coloquemos em prática nossa fé, e não apenas falemos dela. Afinal de contas, é por meio da obediência que Jesus aumenta nossa fé.

primeiros pregadores e mestres que anunciaram as boas-novas (At 7.51-60).

23.35 — Abel foi o primeiro homem assassinado no Antigo Testamento (Gn 4.8); Zacarias, o último. A morte de Zacarias é descrita em 2 Crônicas 24.20-22, o último livro do cânon hebraico. O que Jesus quer dizer aqui é que, do começo ao fim da Bíblia, os verdadeiros servos de Deus sempre foram tratados assim.

Filho de Baraquiás. Em 2 Crônicas 24.20, consta que Zacarias é filho de Jeoiada. O profeta Zacarias é chamado de filho de Baraquiás em

Zacarias 1.1. É provável que Jeoiada fosse avô do profeta Zacarias e Baraquiás fosse seu pai. Algo pouco provável, mas também possível, é que o pai de Zacarias tivesse dois nomes: Jeoiada e Baraquiás.

23.36 — Esse versículo é similar a Mateus 23.32 e prediz a destruição de Jerusalém em 70 d.C. (veja o comentário de 24.34).

23.37 — Dizer um nome duas vezes, como *Jerusalém, Jerusalém*, indica uma grande emoção (Mt 27.46; 2 Sm 18.33; At 9.4). As palavras *quis eu e tu não quiseste* mostram a oposição de Israel



VOCE SABIA?

SEPULCROS CAIADOS

Jesus usou um exemplo bastante rude para denunciar a pseudo justiça dos fariseus (Mt 23.27,28). No final de um cortejo fúnebre judaico, do qual todos tinham de participar, o corpo era colocado num túmulo cavado na rocha. Quando ele se decompunha totalmente, os ossos eram reunidos e removidos de lá, liberando-o para ser usado novamente. E como, segundo a Lei, os judeus ficavam impuros quando tocavam uma sepultura (Nm 19.16), as pedras usadas para fechá-los eram caídas, como um aviso para que eles não se aproximassem. A tinta branca dava aos sepulcros uma imagem de pureza por fora, embora houvesse cadáveres decompondo-se lá dentro.

à vontade de Cristo (para outra citação igual a essa, veja o Salmo 91.4).

23.38 — Casa pode estar referindo-se ao templo, porém é mais provável que seja uma referência à dinastia de Davi (2 Sm 7.16). Israel jamais deixou de ter um rei designado para reinar no trono de Davi, mas, com frequência, esse rei não se achava no trono por causa da desobediência do povo. Contudo, quando a nação se voltar para o Senhor, sua escravidão chegará ao fim, e Jesus reinará (Dt 30.1-6). Assim como o templo seria destruído, Israel também enfrentaria o juízo de Deus.

23.39 — Todas as esperanças de Israel estavam no termo *até que*. Um dia, a nação irá arrepende-se (Zc 12.10-14), e Israel ocupará novamente um lugar de destaque e de bênçãos (Rm 11.26). A citação aqui é do Salmo 118.26, um salmo messiânico que predisse o dia em que a pedra seria rejeitada pelos edificadores (Sl 118.22). *Este é o dia que fez o Senhor* (Sl 118.24) remete a um tempo de grande júbilo.

24.1 — O discurso de Mateus 23.1-39, com certeza, foi proferido nas dependências do templo. Mateus 24.1 nos mostra que o Senhor Jesus ia saindo do templo quando *aproximaram-se dele os discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo*. Aliás, o texto em grego deixa claro que isso aconteceu quando eles estavam partindo do conjunto do templo.

O primeiro templo construído por Salomão foi destruído em 586 a.C. O segundo templo foi construído com o encorajamento de Ageu e Zacarias e sob a liderança de Zorobabel e Josué (Ageu 1.1), embora tenha sido concluído com certo atraso em 516 a.C.

Esse segundo templo foi totalmente restaurado com a ajuda de Herodes, o Grande, um exímio construtor. Dez anos antes de morrer ele começou a restauração, que não foi concluída nos dias de Jesus (Jo 2.20). A restauração de fato só foi finalizada em 64 d.C. No entanto, toda essa difícil e dispendiosa construção não durou mais que seis anos. Os *discípulos* estavam compreensivelmente orgulhosos do templo e de suas dependências.

24.2 — A destruição do tempo, promovida pelos romanos em 70 d.C., foi tão devastadora que o local exato do santuário até hoje é desconhecido.

24.3 — Os discípulos, com certeza, ficaram confusos com a profecia do Senhor; entretanto, mantiveram silêncio até que deixassem o templo, cruzassem o vale de Cedrom e chegassem ao *monte das Oliveiras*. Ali, Jesus se sentou como os mestres costumavam fazer (Mt 5.1), e os *discípulos* finalmente lhe perguntaram sobre a destruição do templo.

Alguns dizem que há duas perguntas nesse versículo: “Quando o templo será destruído?” e *que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?* Outros veem aqui uma simples pergunta dos discípulos. Segundo Zacarias 14.1-9, a destruição de Jerusalém, a vinda do Messias e o fim do mundo acontecerão nessa ordem e rapidamente. Para os discípulos, a devastação da cidade e a vinda do Messias seriam as duas partes um único e grande evento. As perguntas, portanto, devem ser entendidas como uma, embora seu cumprimento vá acontecer em partes.

Contudo, uma questão muito importante a ser esclarecida, que geralmente tem sido mal



EM FOCO

GALINHA (GR. *ORNIS*)

(Mt 23.37; Lc 13.34)

Essa palavra grega significa simplesmente *ave*. A palavra *ornitologia* (ciência que estuda as aves) na língua portuguesa é derivada dela.

Em todo o Antigo Testamento, há passagens que nos mostram o cuidado que Deus tem para com Seu povo, comparando-o à maneira com que as aves cuidam de seus filhotes (Dt 32.10-12; Rt 2.12; Sl 17.8; 36.7; 61.4; 63.7; 91.4; Is 31.5; Mt 4.2). Muitos desses versículos falam das asas protetoras de Deus, sob as quais os oprimidos encontram refúgio. Os rabinos usavam uma expressão muito linda para os gentios que se haviam tornado prosélitos: "Estão debaixo das asas da *Shekiná*" (cf. Rt 2.12). Jesus veio para cuidar de Seu povo de uma forma maternal, mas este rejeitou repetidamente esse cuidado amoroso.

interpretada pelos professores bíblicos e pelos leigos, é que os ensinamentos e os sinais em Mateus 24 não têm nada a ver com o arrebatamento da Igreja, uma verdade que ainda não havia sido revelada (1 Ts 4.14-17; 1 Co 15.51,52). Ao contrário, eles se referem ao que acontecerá durante as setenta semanas de Israel, principalmente na grande tribulação. Para o leitor moderno do Ocidente, parece que Jesus está falando de eventos que acontecerão em sequência, mas, segundo o costume do Oriente (leia a introdução do livro de Jó), Ele traz uma visão mais cíclica e ampla de tudo o que vai acontecer, e Seu foco está nos detalhes.

24.4,5 — Essa advertência veio numa hora muito apropriada para os discípulos. A destruição de Jerusalém não significava necessariamente que o fim do mundo estava próximo. Tal questão os deixou confusos (Lc 19.11-27; At 1.6,7).

24.6 — Três indicadores de tempo são encontrados em Mateus 24.4-14. O primeiro está em Mateus 24.6, *mas ainda não é o fim*. O segundo, *todas essas coisas são o princípio das dores*, aparece em Mateus 24.8. E o último está em Mateus 24.14, *e então virá o fim*. É possível que Mateus 24.4-6 descreva a primeira parte das setenta semanas de Daniel (Dn 9.25-27), mas é mais provável que essa passagem se refira a uma visão dos dias atuais. Falsos messias, guerras e rumores de guerras são algo típico do homem decaído. Quando o Senhor disse: *É mister que tudo isso aconteça*, ele usou o termo *é mister*, que

demonstra uma necessidade racional e divina. Tudo isso é necessário por causa do pecado do homem. Apareceram falsos mestres antes (At 5.36,37; 21.38) e também aparecerão no futuro (At 20.29,30; 2 Co 11.13-15).

24.7,8 — Este parágrafo descreve as coisas que acontecerão no final dos tempos. Mateus 24.7, que menciona que *se levantará nação contra nação, e reino contra reino*, é um complemento de Mateus 24.6, mostrando que haverá guerras no mundo inteiro.

Fomes, e pestes, e terremotos são descritos de forma mais ampla em Apocalipse 6.1; 8.5-13; 9.13-21; 16.2-21.

A palavra *dores* em Mateus 24.8 significa literalmente *dores de parto*. Hoje a terra tem dores de parto contínuas (Rm 8.22), mas durante os sete anos de tribulação que virão essas dores aumentarão em intensidade e frequência até que chegue a era do Reino, o tempo da regeneração (Mt 19.28; At 3.21).

24.9-14 — Parece que esses versículos falam da última metade das 70 semanas, pois *então virá o fim*, como conclusão de tudo isso.

24.9-11 — Os servos de Deus serão odiados *de todas as gentes*, porque o homem do pecado governará o mundo. Ele perseguirá todos os que não o adorarem (Ap 13.7,8,17).

24.12 — O amor precisa de um solo de justiça para florescer. *Iniquidade e amor* não se misturam; na verdade, o último vence o primeiro.

24.13 — O *fim* aqui tem sido entendido de modo errado como se fosse o fim de toda a vida,



ENTENDENDO MELHOR

HERODES, O GRANDE CONSTRUTOR

A maioria das ruínas arquitetônicas em Israel data mais do reinado de Herodes, o Grande (37—4 a.C.) do que da época de qualquer outra personalidade histórica. Ele iniciou muitos projetos diversificados como templos, ginásios, portos e outras construções.

Em Jerusalém, havia um grande número de construções importantes feitas por ele. A fortaleza Antônia, que era um palácio e, ao mesmo tempo, uma fortaleza que ocupava o monte do templo, recebeu esse nome em homenagem a Marco Antônio. Também havia um palácio central, o maior de todos os palácios de Herodes, um teatro e um anfiteatro, e o mais famoso de todos os seus projetos: o templo do monte. Depois que Roma destruiu Jerusalém em 70 d.C., quase todos os objetos da época de Herodes desapareceram.

Quanto tinha dezoito anos (20—19 a.C.), Herodes começou a reconstruir o templo de Jerusalém e a aumentar os locais sagrados ao redor dele, provavelmente seguindo o plano original do templo, mas de uma forma mais elaborada. Escavações modernas revelaram muitas partes do lado sul e ocidental do muro do templo, assim como uma escada monumental, uma praça e evidências de uma estrada em anexo. As *construções do templo* (Mt 24.1, *nv*) eram a visão mais impressionante nos dias de Jesus, embora ainda não estivessem concluídas.

porém uma análise cuidadosa do contexto (Mt 24.3,6) deixa claro que é apenas o fim do mundo.

Perseverar aqui não se refere ao esforço das pessoas que leva à salvação eterna, como algumas seitas ensinam. Ao contrário, fala do livramento que haverá durante a grande tribulação, antes que o Reino milenar de Cristo tenha início nesta terra. As pessoas farão parte do Reino tendo um corpo físico.

24.14 — *Este evangelho do Reino*. A evidência final do fim do mundo será a proclamação do evangelho em todo o mundo. Mateus 24.13 mostra o que acontecerá antes que *este evangelho* seja pregado. O *evangelho*, literalmente *boas-novas*, não significa que o holocausto final da grande tribulação, conhecido como Armagedom, será o genocídio e a destruição de todas as pessoas, pois o Senhor Jesus Cristo intervirá para pôr fim à destruição e preservar algumas pessoas que farão parte de Seu Reino na terra. Ao que parece, isso se cumprirá com os 144 mil de Israel que serão selados, descritos em Apocalipse 7.4-8.

24.15 — Essa é a primeira vez que o tempo é citado de modo específico por Cristo. Em Mateus 24.4-14, o Senhor fala em termos gerais. Em Mateus 24.15, Ele dá mais ênfase ao templo. Muito pior do que a destruição do templo daqueles dias seria a profanação do templo que aconteceria no futuro. E isso ocorreria por causa da imagem da *abominação da desolação*, outro

sinal profético que as pessoas veriam. Esse termo significa *a abominação que traz devastação*. A afirmação do Senhor vem especificamente de Daniel 9.27; 11.31 e 12.11. Os textos de Daniel 9.27 e 12.11 são totalmente proféticos; no entanto, Daniel 11.31 aponta para Antíoco IV, que profanou o templo e colocou uma imagem de Zeus nele. Sua atitude foi um prenúncio do que o último homem do pecado faria. Com muita propriedade, Paulo usou o mesmo evento para indicar quando a verdadeira tribulação aconteceria (2 Ts 2.3,4,8; Ap 13.14,15).

O *lugar santo* é o templo.

24.16 — Nos dias em que o templo foi destruído, em 70 d.C., muitos cristãos judeus fugiram, em cumprimento às palavras de Jesus, e se esconderam nos montes de Petra. Isso aumentou mais ainda a animosidade que havia entre os judeus que criam em Jesus e os que não criam. O verdadeiro foco desse versículo, no entanto, está na futura profanação do templo, porque se refere à quebra da aliança (Dn 9.27), e logo depois à imagem do homem do pecado que será posta dentro do Santo dos Santos no templo. Quanto isso acontecer, todos *na Judéia* terão que fugir *para os montes*.

24.17-20 — Essas recomendações descrevem a gravidade da situação.

24.21 — *A grande aflição*. Alguns podem dizer que sempre houve aflições no mundo;

entretanto, esse período de provação será maior do que qualquer outro que já houve antes ou ainda haverá; será algo único na história (Dn 12.1; Ap 3.10)

24.22 — *Se aqueles dias não fossem abreviados* (encurtados). Refere-se ao período de sete anos da grande tribulação, especialmente os três últimos anos e meio. Se a tribulação durasse mais de sete anos, toda a humanidade seria destruída. Veja o que Mateus 24.13,14 fala sobre as boas-novas do Reino (Zc 14.2-4). Cristo vai intervir e dar um fim ao genocídio.

24.23-25 — Os milagres por si só não provam que algo é de Deus (Mt 7.21-23; 2 Ts 2.9; Ap 13.13-15). Eles têm de ser provados pela verdadeira doutrina (Dt 13.1-5; 1 Jo 4.1-3) e pelo testemunho do Espírito de Deus (Jo 3.3-5,27).

24.26,27 — Seria impossível Cristo estar no deserto ou no interior da casa após Sua morte e ressurreição, pois, quando Ele vier de novo, será de uma forma tão espetacular, que todos verão. Será algo incontestável (Mt 24.30).

24.28 — Similar à passagem em Mateus 24.37-44, assim como em Lucas 17.26-37, essa declaração de Mateus 24.28 vem depois da pergunta feita em Lucas 17.37 e traz a resposta de onde seriam reunidos aqueles que fossem julgados. Isso parece apontar para a terrível carnificina que acontecerá quando o Filho do Homem vier e trazer juízo a esta terra. Esse versículo, portanto, é o resultado final de todos os eventos proféticos que são descritos no restante do capítulo 24 e no capítulo 25 de Mateus.

24.29 — *Logo depois*. Essa é a segunda referência ao tempo (a primeira está no v. 15). O versículo 29 nos mostra o momento exato em que o período de sete anos terá fim. Ele será marcado por catástrofes de proporções monumentais (Is 13.10; 34.4; Ez 32.7,8; Jl 2.30,31; 4.15; Ag 2.6; Zc 11.6; Ap 6.12-14).

24.30 — Muitos acham que o sinal do Filho do Homem será uma cruz que aparecerá no céu, mas provavelmente é o próprio Cristo que virá em Sua glória (Mt 16.1; At 1.11).

Como vemos no contexto desse discurso feito por Ele em relação aos judeus, a expressão

todas as tribos da terra provavelmente se refere a Israel. Isso trará arrependimento a toda a nação de Israel, como foi profetizado em Zacarias 12.10-12.

O Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu é o cumprimento de Daniel 7.13,14.

24.31 — *Ajuntarão* se refere ao povo de Israel que será reunido, como foi profetizado muitas vezes no Antigo Testamento (Dt 30.1-6; Is 11.11,12; 43.5,6; 49.12; Jr 16.14,15; Ez 34.13; 36.24; 37.21-23). Muitos serão espalhados por toda a terra por causa da perseguição (24.16), mas o testemunho dos 144 mil trará incontáveis multidões a Cristo (Ap 7.1-10).

Escolhidos aqui se refere especificamente a Israel como povo escolhido de Deus.

24.32 — O Senhor havia instruído Seus discípulos sobre a tribulação; aqui, então, por meio de uma série de parábolas (Mt 24.32—25.30), Ele faz algumas aplicações.

A *figueira* não significa necessariamente Israel, mas as profecias (Mt 21.18-22; Lc 21.29 diz: *Olhai para a figueira, e para todas as árvores*). A lição ensinada aqui é sobre a proximidade do verão, quando os ramos das árvores se tornam *tenros* e *brotam folhas*.

24.33 — *Todas essas coisas* acontecerão antes que alguém possa dizer que o fim está próximo (ou seja, o início da grande tribulação, quando surgir a abominação da desolação).

Está próximo. Não se trata da iminente volta de Cristo para buscar Sua Igreja, que não depende de uma sequência de sinais para acontecer.

24.34 — *Geração* (gr. *genea*), que é usado em diversos contextos, pode significar raça ou geração mesmo. Alguns acham que aqui significa raça, pois Israel como povo jamais deixará de existir até que Deus cumpra as promessas feitas a eles. Outros povos, como os hititas e amorreus, já não existem mais, mas os judeus continuam vivos.

Outra possibilidade é que *genea* descreva um tempo em particular em que as pessoas verão o fim do mundo. Os eventos que hão de vir serão tão rápidos, que tudo acontecerá numa geração. Talvez ambas as teorias estejam certas.

Todas essas coisas inclui o anticristo, a grande tribulação e, o que é mais importante, a aparição de Cristo em toda a Sua glória.

24.35 — As palavras de Cristo são mais verdadeiras do que a própria existência do universo.

24.36 — *Ninguém sabe*. Apesar dessa declaração tão clara (Mt 24.42,44; 25.13; At 1.6,7), há multidões que seguem aqueles que, em desobediência à Palavra de Cristo, ainda estabelecem datas para a volta do Senhor.

A verdade é que nenhum evento profético acontecerá antes que Cristo volte para levar Sua Igreja. O arrebatamento será iminente, ou seja, pode acontecer a qualquer hora. Por essa razão, não devemos ficar procurando sinais além daqueles que Jesus predisse.

Os manuscritos gregos antigos acrescentaram *nem o Filho* depois de *anjos dos céus*. Como poderia Jesus, sendo Deus, dizer: “Eu não sei” (Mc 13.32)? Quando o Senhor assumiu a forma humana, Ele, por vontade própria, limitou o uso de Seus atributos divinos para fazer a vontade do Pai (Fp 2.5-8; Jo 17.4,5). Foi por isso que Ele teve fome, sede e cansaço. Lucas diz que Jesus cresceu em sabedoria e estatura (Lc 2.52). Essa afirmação de Mateus 24.36 foi feita, então, quando Jesus abriu mão de usar Sua onisciência divina.

24.37-39 — *A vinda do Filho do Homem* será como *nos dias de Noé*. A similaridade que Cristo está ressaltando aqui não se refere à maldade daqueles dias (Gn 6.5), mas especialmente à indiferença das pessoas nos dias de Noé.

Não há pecado algum em *comer, beber e dar-se em casamento*. O pecado do qual Cristo está falando aqui é viver como se o juízo não fosse acontecer. Será então que Jesus virá novamente.

A perversidade fatal é vista no fato de que eles não o perceberam, até que veio o dilúvio. Fico pensando se a falta de compromisso de alguns cristãos evangélicos vai durar até que não haja mais tempo e o fim chegue.

24.40,41 — *Levado* (gr. *paralambano*) é uma palavra sobre o juízo (Lc 17.36), não sobre o arrebatamento; Mateus 24 e 25 não falam do arrebatamento. O fato de as pessoas serem *levadas* refere-se ao juízo de Deus que virá sobre elas e faz um paralelo com o termo *levou* usado no versículo 39 para descrever o juízo que veio com o Dilúvio. É verdade que verbos diferentes no grego são usados, em Mateus 24.39, para *levou* e, em Mateus 24.40,41, para *levado*. Entretanto, a similaridade com o versículo 39 é bastante evidente para ser desprezada. Se este for o caso, os que foram *deixados* para trás farão parte do Reino milenial (Mt 13.30,40-43), assim como Noé e sua família foram deixados para repovoar a terra.

24.42-44 — Essa é uma aplicação de Mateus 24.36-41. Assim como Noé estava atento e se preparou para o Dilúvio, as pessoas que passarem pela tribulação também deverão estar atentas e preparar-se para a volta de Cristo.

24.45-51 — Esses dois servos que pertenciam a seu senhor (Lc 19.11-26) representam duas



EM FOCO

O REINO DOS CÉUS (GR. HE BASILEIA OURANON)

(Mt 3.2; 4.17; 5.3,10; 10.7; 25.1)

Essa expressão, usada quase exclusivamente no Evangelho de Mateus (33 vezes), é uma maneira judaica de dizer *o Reino de Deus*.

Os judeus evitavam dizer *Deus* por respeito a Ele. Por isso, sempre usavam a palavra *céus* como uma alternativa para evitar dizer o nome de Deus.

A palavra *céus* também aponta para a natureza celestial do Reino de Jesus. Não se tratava de uma restauração política da nação de Israel, como muitos judeus esperavam. Ao contrário, o Reino celestial viria para exercer um domínio espiritual no coração do povo de Deus. Um Reino dessa espécie exigiria arrependimento sincero, não apenas uma submissão exterior. Ele traria libertação do pecado, em vez de libertação política.

situações que acontecerão com as pessoas na volta de Cristo. As maiores responsabilidades no Reino do Senhor serão dadas aos fiéis e sábios. Os maus, contudo, serão *separados* (literalmente, cortados em dois), um tipo de castigo na antiguidade.

Haverá pranto e ranger de dentes é uma frase usada frequentemente no Evangelho de Mateus, expressando sempre um sentimento de remorso de alguém que teve uma grande perda. Aqueles que não foram servos de Deus prudentes não receberão todas as bênçãos divinas quando entrarem no Reino milenar (Mt 8.12; 13.42,50; 22.13; 25.30).

25.1 — As *dez virgens* dessa parábola estavam esperando o cortejo nupcial que ia da casa da noiva à casa do noivo. Como o cortejo era feito à noite, eram necessárias lamparinas para iluminar o caminho, pois as cidades antigas não tinham luz elétrica.

25.2 — O servo bom de Mateus 24.45 é descrito como *fiel e prudente*. A parábola das dez virgens nos mostra a importância da sabedoria e da unção (Mt 25.1-13). A parábola dos talentos, que vem a seguir (Mt 25.14-29), fala da importância da fidelidade. A palavra traduzida por *prudente* aqui e em Mateus 24.45 significa sábio.

25.3-9 — Levar consigo *azeite* reforça o conceito de que é preciso estar preparado. A falta de azeite significa não estar preparado, revestido de fé e de poder espiritual para a volta de Cristo.

25.10 — *Fechou-se a porta*. Remete ao fato de ser impedido de entrar no Reino de Deus. As *virgens imprudentes* não estavam preparadas para a volta de Cristo. Compare com as bodas em Mateus 22.1-14 e Apocalipse 19.7,8.

25.11 — *Senhor, senhor* é um clamor igual ao em Mateus 7.21-23, em que a mesma situação é retratada. A repetição de *Senhor* indica grande emoção.

25.12,13 — Assim como Jesus disse antes: *Nunca vos conheci*, em Mateus 7.23, Ele diz novamente aqui: *Em verdade vos digo que vos não conheço* (compare com Mateus 10.32,33; 2 Timóteo 2.11-13).

25.14 — A parábola dos talentos retrata a fidelidade que Deus quer de Seus servos. O fato de o Senhor ter viajado para *fora da terra* nos mostra que haverá muito tempo para que a fé de Seus servos seja provada.

25.15-17 — Um talento era uma grande soma de dinheiro, o equivalente a seis mil denários. Um denário era o pagamento de um dia de salário de um trabalhador comum (Mt 20.2).

25.18,19 — As pessoas acreditavam que era seguro guardar dinheiro debaixo da terra.

25.20,21 — *Sobre muito te colocarei* aqui diz respeito à recompensa que será dada no Milênio (compare com Mateus 24.45).

25.22,23 — O primeiro dos dois servos recebeu a mesma recompensa, embora a quantidade de dinheiro que receberam tenha sido diferente. A recompensa é baseada na fidelidade, não no tamanho da responsabilidade. A menor tarefa na obra de Deus pode levar-nos a receber uma grande recompensa se formos fiéis ao realizá-la (Mt 10.42).

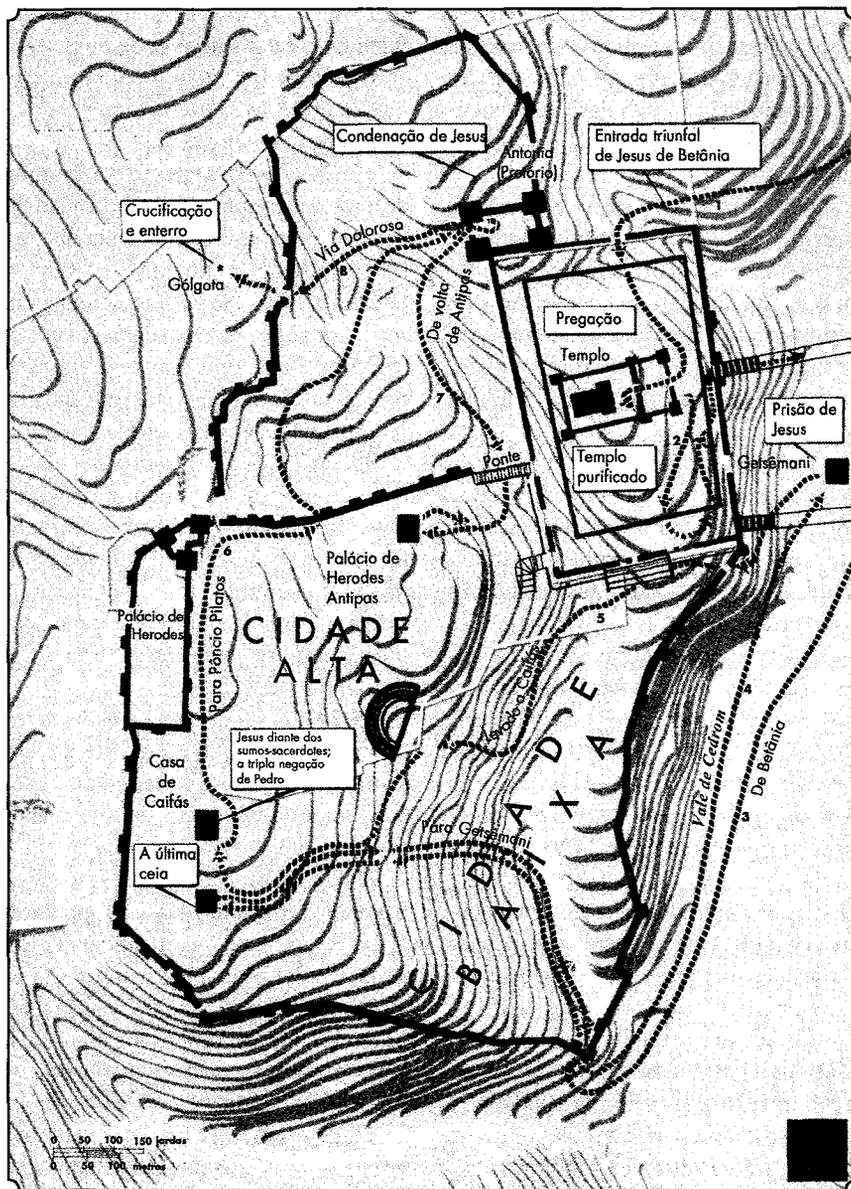
25.24-28 — Os servos maus eram infiéis e preguiçosos, pois, se realmente temessem a seu senhor, no mínimo, teriam dado o *dinheiro aos banqueiros*. Desse modo, o senhor *receberia* o dinheiro de volta *com os juros*.

25.29 — Esse provérbio nos mostra que, se não usarmos o que Deus nos deu, perderemos tudo (Hb 5.11,12). Isso inclui habilidades e dons espirituais, assim como bens materiais (1 Pe 4.10).

25.30 — O *servo inútil* é aquele que não é fiel às tarefas que seu senhor lhe confiou. Esse servo não receberá recompensa alguma (Mt 8.12; 13.42,50; 22.13).

25.31 — A parte final desse discurso fala sobre o juízo. Mateus tem sido chamado de *o evangelho do juízo*, porque esse assunto ocorre com frequência (3.12; 6.2,5,16; 7.24-27; 13.30,48,49; 18.23-34; 20.1-16; 21.33-41; 22.1-14; 24.45-51; 25.1-12,14-46). Mas isso já era de se esperar, pois Mateus dá muita ênfase à vinda do Reino e, consequentemente, ao juízo que virá em seguida.

Nas duas parábolas anteriores, Jesus fala do juízo que viria sobre os israelitas que não estavam preparados para a chegada do Messias. Contudo,



Prisão, julgamento e crucificação de Jesus

na última parábola desse discurso, Ele volta a atenção para todas as nações da terra.

E quando o Filho do Homem vier em sua glória lembra as palavras de Daniel 7.13,14,27 e nos dá uma visão do Reino futuro de Cristo (Ap 5.9,10; 19.11-18; 20.4-6).

25.32,33 — O termo *nações* aqui diz respeito ao gentios. *Bodes* e *ovelhas* não eram animais impuros segundo a lei levítica; no entanto, eram muito diferentes. Os pastores geralmente apascentavam os bodes e as ovelhas juntos, mas chegava uma hora que os dois grupos tinham de ser separados.

25.34-39 — O Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo indica que esse Reino sempre foi o objetivo de Deus para o ser humano.

25.40-45 — Mateus 25.31-46 se refere a três grupos: bodes, ovelhas e meus pequeninos irmãos. Certamente esses irmãos são crentes em Jesus Cristo.

25.46 — *Eterno* é usado para descrever tanto o sofrimento quanto a *vida*, mostrando que ambos terão a mesma duração. *Eterno* também é usado para Deus em Romanos 16.26.

26.1,2 — Bem ao seu estilo, Mateus descreve a conclusão do discurso do Senhor usando as palavras e aconteceu que, quando Jesus concluiu (Mt 7.28; 11.1; 13.53; 19.1).

26.3 — O maligno Caifás foi sumo sacerdote de 18 a 37 d.C. Contudo, Lucas diz que tanto Anás (sogro de Caifás) como o próprio Caifás eram sumos sacerdotes; em Atos 4.6, Anás é chamado de sumo sacerdote. Embora Caifás fosse oficialmente o sumo sacerdote, Anás tinha grande influência nesse ministério. Anás era tão desprezível que o imperador romano o depôs de seu cargo. No entanto, ele continuou trabalhando nos bastidores por meio de seu maligno genro.

26.4 — Os líderes religiosos sabiam que não podiam comprometer Cristo usando argumentos ou lógica (Mt 22.46), mas tinham medo de prendê-lo à força (Mt 21.46). Por isso, seu único recurso foi prendê-lo à traição [NVI].

26.5 — Esse versículo deve ser comparado com Mateus 26.2, que nos mostra que Cristo tinha pleno conhecimento do que estava por vir e aceitou tudo como parte do plano de Deus (Jo 10.18). Apesar de toda trama humana, Deus, em Sua soberania, ainda tinha o controle de tudo.

26.6 — Aparentemente, Jesus passava as noites na cidade de Betânia, que ficava a poucos quilômetros do monte das Oliveiras, em Jerusalém. Simão era um leproso que certamente tinha sido curado por Jesus. É bem provável que ele fosse o pai de Lázaro, Marta e Maria (Jo 12.1,2).

26.7 — O unguento de grande valor (Mc 14.3) era um perfume extraído do nardo puro. A mulher derramou o perfume sobre a cabeça e os pés de Jesus (Jo 12.3). Ela poderia ter aberto o frasco de uma forma que pudesse tampá-lo novamente, mas, ao contrário, quebrou a tampa e derramou o óleo sobre Jesus (Mc 14.3).



APROFUNDE-SE

CAIFÁS, O SUMO SACERDOTE

Como sumo sacerdote, Caifás era o membro mais influente do Sinédrio (At 6.12), que era a corte suprema, a instância de maior autoridade entre os judeus. No entanto, embora seu cargo lhe conferisse muito poder, não lhe dava muita segurança. Os sumos sacerdotes serviam sob o domínio de Roma e, de 37 a 67 d.C., o imperador nomeou não menos do que 38 homens para ocupar o cargo. Caifás manteve o cargo por 18 anos por causa de sua habilidade política, o que era uma prova, como muitos desconfiavam, de sua ligação com Roma.

Pode até haver um fundo de verdade nisso e, se ele agia assim realmente, sua preocupação era tanto proteger os interesses de Roma quanto os de Israel. Ele temia que, ao menor distúrbio civil, as tropas romanas fossem mobilizadas e levassem à destruição de Israel. Portanto, quando Jesus apareceu, atraindo a atenção de um grande número de pessoas por realizar milagres maravilhosos, principalmente a ressurreição de Lázaro, Caifás determinou que Ele fosse destruído (Jo 11.45-50).

Isso levou a uma trama muito bem elaborada na qual Jesus foi preso. Foi feito um julgamento ilegal e foram trazidas falsas testemunhas para depor contra Ele (Mt 26.3,4,57-68). Ao jogar Pilatos, que era o governador romano, e Herodes, o rei dos judeus, um contra o outro, e ao incitar o povo à desordem (Lc 22.66—23.25), Caifás tramou a condenação de Jesus, levando-o à execução.

Para surpresa de Caifás, entretanto, do “incêndio” que ele pensou ter apagado surgiu novamente um poder renovado. Os apóstolos começaram a pregar o evangelho em Jerusalém (e mais longe ainda) com muita eficiência. E, como Jesus, eles também passaram a realizar milagres que não apenas atraíram a atenção das pessoas, mas também as convenceram a aceitar a mensagem de Cristo (At 3.1—4.13).

26.8,9 — Assim como existe um contraste entre Mateus 26.2 e 26.5, vemos aqui que a atitude da mulher foi totalmente contrária à dos discípulos.

26.10-13 — Jesus viu que o derramamento do unguento sobre Seu corpo estava preparando-o para a morte (Mc 14.8). O óleo perfumado foi derramado em Jesus *antes* de Sua morte, o que normalmente seria feito depois dela. O grande valor da fragrância aponta para (1) o valor da morte de Jesus e (2) o alto custo da devoção a Ele.

26.14 — As palavras *um dos doze* expressam a sordidez do pecado de Judas. Jesus foi traído por alguém que fazia parte de Seu círculo íntimo. Judas certamente era considerado íntegro, ou a função de tesoureiro nunca teria sido dada a ele.

26.15,16 — *Trinta moedas de prata* era o preço de um escravo (Êx 21.32). Zacarias citou essa soma numa de suas profecias (Zc 11.12,13). Veja que contraste entre a devoção inestimável da mulher (Mt 26.7-13) e o valor ínfimo da traição de Judas.

26.17-19 — O *primeiro dia da Festa dos Pães Asmos* era o dia de Páscoa (Mt 26.18). Os discípulos eram Pedro e João (Lc 22.8).

26.20,21 — *Um de vós me há de trair* demonstra a presciência do Senhor. Mais uma vez — em submissão ao Pai —, Jesus deu provas de Sua messianidade aos discípulos.

26.22 — Os discípulos já sabiam que Jesus morreria em Jerusalém, mas a revelação de que Ele seria traído era algo novo (16.21; 17.12,22,23; 20.18,19; 25.2).

Porventura, sou eu? Essa era uma pergunta que esperava uma resposta negativa. Poderia ser feita assim: “Não sou eu, sou?”.

26.23 — O *prato* era uma bandeja onde se colocavam pedaços de pão.

26.24 — Esse versículo pode ser lido literalmente assim: “Por um lado, o Filho do homem vai, conforme foi escrito sobre Ele; mas, por outro lado...”. Sendo assim, a soberania de Deus não exime a responsabilidade do homem.

26.25 — Enquanto os outros discípulos chamavam Jesus de *Senhor* (Mt 26.22), Judas se dirigia a Ele como *Rabi*. Em Mateus, somente Judas chama Jesus de *Rabi* (26.49).



VOCÊ SABIA?

O ALABASTRO

O alabastro é uma pedra frágil, transparente, que pode ser facilmente polida ou esculpida. Ela era muito usada para substituir o vidro.

Os frascos com perfume de alabastro eram selados e descartáveis; eram quebrados ao abrir e jogados fora quando ficavam vazios (Mt 26.7).

O valor dos temperos, unguentos e perfumes era muito mais alto em comparação aos outros produtos do que hoje em dia.

Tu o disseste é uma afirmação branda. A ênfase está em *tu*; a frase poderia ser traduzida por *você mesmo disse*.

26.26 — *Isto é o meu corpo* quer dizer *isto simboliza o meu corpo* (1 Co 10.4).

26.27,28 — *Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança* [ARA] se refere à aliança que foi feita no Antigo Testamento (Jr 31.31-34; 32.37-44; Ez 34.25-31; 37.26-28).

O Senhor Jesus disse claramente que seu sangue [...] é derramado por muitos, para remissão dos pecados. A palavra *muitos* tem o mesmo sentido em Mateus 20.28 e aponta para a ordenança de pregar as boas-novas em todas as nações, conforme Mateus 28.19,20. *Muitos* era uma forma judaica de dizer *todos*. Em outras palavras, a bênção da nova aliança foi estendida a todos nessa era; e isso também se cumprirá em Israel no futuro.

A expressão *sangue da [nova] aliança* [ARA] parece apontar para a instituição da aliança mosaica em Êxodo 24.8.

26.29,30 — Esse versículo fala do Reino de Deus, quando Cristo reinará no trono de Davi. Hoje, Ele está assentado em Seu trono ao lado do Pai e intercede por nós.

26.31 — *Todos vós [...] vos escandalizareis*. Todos os discípulos, e não somente Pedro, iriam abandoná-lo.

Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. Essa profecia é encontrada no Antigo Testamento em Zacarias 13.7 (SI 118).



APROFUNDE-SE

JUDAS ISCARIOTES, O TRAIADOR

Quando o Novo Testamento fala de Judas Iscariotes, o leitor lembra-se na mesma hora do homem que traiu Jesus (Mt 10.4; Mc 3.19; Jo 12.4). E por uma razão muito óbvia, até hoje, o nome de Judas é um símbolo de traição.

Por que ele fez isso? Suas atitudes no Novo Testamento nos levam a pensar que ele tinha muito interesse em dinheiro. Mas a quantia que os sacerdotes pagaram a ele — trinta moedas de prata — era relativamente pequena. Além disso, ele tinha acesso à bolsa com o dinheiro dos discípulos e, conforme João 12.6, ele mesmo pegava algum para si.

Alguns acham que Judas pensava que, ao trair o Mestre, isso forçaria Jesus a usar Seu poder para derrotar os romanos. Outros acham que Judas se convenceu de que Jesus era um falso Messias e que o verdadeiro ainda estava para vir. Ou talvez ele tenha-se aborrecido com a atitude aparentemente descuidada de Jesus em relação à Lei, ao associar-se aos pecadores e violar o Sábado.

Ninguém sabe quais foram os verdadeiros motivos que levaram Judas a voltar-se contra Jesus. Ele continua sendo um personagem misterioso nos Evangelhos, não muito conhecido por aqueles com quem andou, infiel ao seu senhor e desprezado em sua morte (o Novo Testamento menciona mais de um Judas, como o irmão de Jesus, que talvez seja o autor do livro de Judas; Mateus 15.35).

26.32 — Há muitos argumentos que tentam explicar por que Jesus foi à Galiléia encontrar Seus discípulos: (1) todos eles eram da Galiléia; (2) eles queriam ficar longe de Jerusalém, o centro da oposição a Jesus; (3) eles queriam assumir o trabalho de apascentar o rebanho no mesmo lugar em que Cristo começara Seu ministério com eles; ou (4) o local mais apropriado para dar início à Grande Comissão em Mateus 28.19,20 era a Galiléia (Mt 4.12-16).

26.33-35 — O canto do *galo* se refere à terceira vigília romana, de meia-noite às três da manhã.

26.36 — Judas já tinha partido (Jo 13.21-30), então, o Senhor deixou oito discípulos vigiando.

Getsêmani (que significa *prensa de azeite*) ficava a leste de Jerusalém, no monte das Oliveiras. No lugar onde as azeitonas eram prensadas e esmagadas, o Ungido foi arrancado e esmagado.

26.37 — Essa foi a terceira vez que Jesus escolheu Pedro, Tiago e João para acompanhá-lo a um propósito específico (veja a transfiguração em Mateus 17.1-13 e a ressurreição da filha de Jairo em Lucas 8.49-56).

26.38 — *A minha alma está cheia de tristeza até à morte* parece apontar para os Salmos 42.5,6,11; 43.5). *Vigiai* significa literalmente *ficai acordados*.

26.39 — *Passa de mim este cálice*. Não foi seu iminente sofrimento físico, por pior que fosse, que levou Jesus a orar assim, mas o fato de o Filho de

Deus sem pecado ter de levar todos os pecados da humanidade e suportar a separação de Seu Pai (2 Co 5.21; Gl 3.13; Hb 2.12; 1 Pe 2.24). *Cálice* aqui representa a ira de Deus no Antigo Testamento (Sl 75.8; Is 51.17). Jesus se tornou maldição por nós e levou sobre si o peso da ira de Deus contra o pecado (Gl 3.13).

26.40 — *Nem uma hora pudeste vigiar comigo?* Jesus estava falando com todos os discípulos, embora a pergunta tenha sido dirigida a Pedro. Um pouco antes, Pedro havia dito que jamais abandonaria Jesus e até morreria por Ele (Mt 26.35); entretanto, nem conseguiu ficar acordado para orar com Jesus quando Ele mais precisava.

26.41 — Os discípulos precisavam ficar acordados e *orar* porque em breve seriam provados. A palavra *carne* aqui se refere à natureza humana. O contraste entre a natureza dos discípulos e a força do Senhor é impressionante. Já que a carne é *fraca*, todo filho de Deus precisa de poder sobrenatural (Rm 8.3,4).

26.42-44 — O fato de Jesus *orar* e dizer *as mesmas palavras* demonstra que não há nada de errado em repetir uma oração com o coração contrito. Na primeira oração, Jesus fez um pedido na forma afirmativa: *Passa de mim este cálice* (Mt 26.39). Na segunda e na terceira, Seu pedido foi na forma negativa. Por ser obediente ao Pai, Jesus se comprometeu a *beber o cálice*, não importa o que custasse.

26.45 — *Ainda dormis e repousais!* [ARA]. Os discípulos estavam dormindo enquanto Jesus suava sangue, em oração, até chegar à exaustão (Lc 22.43,44).

26.46 — Esse versículo mostra a submissão de Jesus à vontade do Pai, como Ele mesmo afirma em Mateus 26.42. Jesus não relutou, mas aceitou fazer a vontade do Pai com determinação.

26.47,48 — O fato de a multidão estar armada com espadas e porretes nos mostra que Judas não conhecia mesmo o coração de Jesus. Ele foi ao encontro da multidão não para lutar com eles, mas para se entregar.

26.49 — A única pessoa que chama Jesus de Rabi no livro de Mateus é Judas (Mt 26.25).

Beijou. Isto é, deu um beijo como uma demonstração de carinho. A mesma forma verbal é usada na parábola do filho pródigo, em Lucas 15.20.

26.50 — *Amigo.* Embora Jesus conhecesse as atitudes e o coração maligno de Judas, ofereceu-lhe sua amizade e lhe deu mais uma chance de mudar de ideia.

Para que vieste? Essa pergunta também pode ser traduzida por: “Faça o que você veio fazer!”.

26.51 — João 18.10 nos revela que o impetuoso espadachim era Pedro. Ele fez isso usando

uma das duas espadas que os discípulos possuíam (Lc 22.38).

26.52,53 — Uma legião do exército romano era composta por seis mil soldados. Se pararmos para pensar no poder que somente um anjo possui, como nos mostra o Antigo Testamento (Êx 12.23; 2 Sm 24.15-17; 2 Rs 19.35), o poder de mais de 72 mil deles está além de nossa compreensão. Jesus tinha todo o poder celestial a Seu dispor, mas mesmo assim se recusou a usá-lo. A vontade do Pai era que Ele fosse à cruz.

26.54 — Se Jesus tivesse pedido a ajuda angelical, os textos das Escrituras que profetizaram a traição que Ele sofreria, Sua morte e Sua ressurreição não seriam cumpridas. Essa verdade é tão importante, que é citada duas vezes (Mt 26.56).

26.55,56 — *Os discípulos todos, deixando-o, fugiram.* Compare a declaração de Pedro em Mateus 26.35 com as palavras de Jesus em Mateus 26.41: *O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.*

26.57 — O Senhor Jesus passou por seis julgamentos — três judeus e três gentios. O primeiro julgamento judeu foi diante de Anás, que não era o verdadeiro sumo sacerdote, mas alguém muito influente e poderoso no ministério do sumo



APLICAÇÃO

A ESCOLHA DE LÍDERES

Logo após a morte de Jesus, aqueles que foram treinados por Ele para o evangelismo, e essa missão não seria tão fácil assim. Não adiantou nada eles terem sido forçados a dispersarem-se por causa da hostilidade das pessoas, e algo mais preocupante ainda é que o grupo começou a se separar durante os últimos dias e horas de Jesus. Por exemplo:

- A presunção os levou a exagerar no compromisso (26.35). Quando chegou a hora da verdade, eles deixaram o Senhor (26.56).
- Embora o Senhor lhes tenha pedido que vigiassem com Ele nas Suas últimas horas de liberdade, eles caíram no sono duas vezes (26.40, 43).
- No exato momento em que Jesus estava enfrentando um julgamento e todo tipo de zombaria e escárnio, Pedro, que tomou a frente dos outros ao declarar sua lealdade (26.35), negou ter qualquer coisa a ver com Ele (Mt 26.69-75).

Em suma, os discípulos pareciam não ter nenhum talento para a liderança, para continuar a importante obra que Jesus começara. Mas Jesus voltou para aquele grupo depois de ressuscitar e declarou que eles ainda eram seus representantes, os escolhidos para dar continuidade à Sua obra. E confirmou seu compromisso permanecendo com eles até o fim (28.19,20).

A forma de Jesus tratar Seus discípulos nos mostra que o fracasso não é imperdoável. Ao contrário, parece fundamental para que o caráter seja forjado. E certamente não é um processo seletivo para eliminar os fracos ou ineptos. Cristo não está à procura de pessoas perfeitas, mas, sim, de pessoas fiéis que possam provar do seu perdão e alcançar o crescimento.

sacerdote. Esse julgamento é mencionado somente por João (João 18.12-23). O segundo julgamento foi diante de *Caifás* e do Sinédrio. Certamente o conselho teve de reunir-se às pressas para julgar Jesus. Mateus não menciona o julgamento diante de Herodes Antipas (Lc 23.6-12); ele também fala de dois julgamentos que houve diante de Pilatos como se fossem um (Mt 27.2,11-26). Os inimigos de Jesus estavam tentando desesperadamente encontrar alguma base legal para condená-lo à morte.

26.58 — João 18.15,16 explica que foi permitido a Pedro e João entrar no *pátio do sumo sacerdote* porque João o conhecia. *Os criados* provavelmente eram empregados do local e não faziam parte da multidão que prendeu o Senhor. Aparentemente, Pedro esqueceu o que Jesus disse sobre Sua ressurreição. Para ele, aquele era o fim.

26.59-61 — Esse é um testemunho mentiroso e uma aplicação errada das palavras de Cristo (Jo 2.19-21). De todo modo, dizer que Jesus falara algo contra o templo era suficiente para que o condenassem (At 6.13,14).

26.62 — *O sumo sacerdote* deve ter percebido que os que acusavam Jesus, na verdade, não tinham nada contra Ele. Sua indignação foi resultado de frustração e desespero. Ao ficar calado, Jesus cumpriu a profecia em Isaías 53.7.

26.63 — *Conjuro-te pelo Deus vivo*. O sumo sacerdote achava que era necessário pôr Cristo sob juramento para obter uma confissão verdadeira. Mas Jesus não precisava de nenhum juramento; Ele já tinha provado Sua natureza divina e que era um com o Pai em diversas ocasiões (Jo 8.58; 10.30-33).

26.64 — Jesus respondeu à questão do sumo sacerdote (Mt 26.63) de uma forma afirmativa e depois ratificou a resposta, aplicando duas passagens messiânicas a Si mesmo (Sl 110.1; Dn 7.13).

26.65,66 — A declaração de Jesus de que se assentaria à direita de Deus (Mt 26.64) era uma confirmação de Sua deidade, e, para o sumo sacerdote incrédulo, um exemplo claro de *blasfêmia*.

26.67,68 — *Profetiza-nos, Cristo, quem é o que bateu?* Esse foi um pedido sarcástico para que Ele

usasse Seu poder sobrenatural e dissesse o nome daqueles que bateram nele.

26.69-74 — O fato de Pedro ter praguejado significa que ele trouxe maldição sobre si mesmo, pois ele conhecia o Senhor. *Jurar* demonstra que, sob juramento, ele negou que conhecia Jesus Cristo.

E imediatamente o galo cantou. Alguns dizem que há uma contradição nessa passagem, na qual está escrito que o galo cantou (uma vez, presume-se) depois que Pedro negou Jesus três vezes, mas o Evangelho de Marcos declara que ele cantou duas vezes. Isso então nos leva a pensar que o galo cantou mais de três vezes, num total de seis (Mc 14.72).

Outros acreditam que ver contradição aqui é simplesmente forçar a leitura do texto. Mateus, Lucas e João dizem apenas que o galo cantou (Mt 26.75; Lc 22.61; Jo 18.27), ao passo que o Evangelho de Marcos, o que mais faz menção a Pedro, enfatiza quantas vezes exatamente o galo cantou. É claro que o número de vezes foi muito maior na mente de Pedro do que para qualquer outro escritor do Evangelho, pois sua única preocupação era o sinal de que ele havia negado o Senhor. De todo modo, não há motivo algum para supormos que o galo cantou duas vezes ou que Pedro teria negado Jesus seis vezes.

26.75 — *E, saindo dali, chorou amargamente* demonstra o verdadeiro arrependimento de Pedro. Por Sua graça, mais tarde, o Senhor lhe perdoou.

27.1 — Esse foi o terceiro julgamento judeu. Os dois primeiros foram ilegais porque foram à noite. Essa terceira reunião aconteceu durante a *manhã* e foi apenas uma repetição da que foi descrita em Mateus 26.57-68.

27.2 — *Pôncio Pilatos* foi *governador* da Judéia, Samaria e Iduméia de 26 a 36 d.C. Os judeus levaram Jesus a Pilatos porque não tinham autoridade para executá-lo (Jo 18.31).

27.3,4 — *Judas* ficou com remorso porque ele não esperava que isso acontecesse. Provavelmente, ele traiu Jesus para forçá-lo a tomar uma atitude contra Seus inimigos e estabelecer Seu Reino. Mas esse não era o plano nem a hora de Deus.

27.5 — Atos 1.18 diz que a morte de Judas foi devido a uma grande queda. A explicação mais detalhada diz que ele *foi-se enforcar* numa árvore e talvez o galho tenha quebrado ou a corda tenha arrebentado. Se a árvore estava sobre um alto precipício, o relato de Atos pode referir-se a isso.

27.6 — Os líderes religiosos, para quem não havia problema algum em condenar uma pessoa inocente à morte, de repente passaram a dar muita importância à Lei. Por causa de Deuteronômio 23.18, viram que dinheiro de sangue não deveria ser usado para propósitos religiosos.

27.7,8 — A princípio, esse campo foi chamado de *campo de um oleiro*, um lugar de onde os oleiros tiravam o barro. E como já estava cheio de buracos, passou a ser usado para enterrar as pessoas cuja família não tinha sepultura. Ele foi comprado como um cemitério para os estrangeiros que morriam em Jerusalém. Provavelmente os gentios também eram enterrados ali.

27.9,10 — Essa profecia se encontra em Zacarias 11.12,13; contudo, Mateus diz que ela foi feita por Jeremias. A melhor solução para o problema é que, ao que parece, a profecia foi proferida *por intermédio do profeta Jeremias* (ARA) e registrada por Zacarias. A segunda opção é que o nome de Jeremias aparece na coleção de manuscritos onde se encontram as profecias de Zacarias. Também pode ser que, nos dias de Cristo, o livro de Jeremias encabeçasse os livros proféticos. Desse modo, a profecia receberia o primeiro nome da seção, e não de um livro em particular que faz parte da coleção.

27.11-14 — O título *Rei dos judeus* não havia sido mais usado no Evangelho de Mateus desde 2.2. Com toda certeza, a acusação de Pilatos contra o Senhor Jesus foi trazida pelos líderes religiosos judeus.

27.15-18 — *Barrabás* era *bem conhecido* porque era um rebelde e assassino (Mc 15.7; Lc 23.19,25). Evidentemente, Pilatos achava que Jesus seria o escolhido para ser liberto, não o assassino Barrabás. Jesus só havia feito o bem.

27.19 — Somente Mateus relata o incidente ocorrido com a mulher de Pilatos. Ele mostra aqui o senso de justiça de Pilatos, que não queria condenar um homem inocente.

27.20-24 — As autoridades religiosas, que tentaram evitar um alvoroço antes, agora usam um *tumulto* (a mesma palavra no grego usada em Mateus 26.5) para cumprir seu objetivo. A estabilidade de Pilatos vinha sendo abalada por conflitos com os judeus desde o início. Ele não podia se dar ao luxo de ter mais um demérito em seu currículo. Mesmo assim, ele declara mais uma vez a inocência de Jesus. Somente Mateus relata que ele *lavou as mãos*. O governador tentou em vão livrar-se da culpa pela condenação de um homem inocente à morte (Dt 21.1-9; Sl 73.13).

27.25 — *O seu sangue caía sobre nós e sobre nossos filhos*. A destruição de Jerusalém foi uma das consequências desse pecado (Mt 23.32-39).

27.26 — *Tendo mandado açoitar a Jesus*. Os açoites eram um castigo que podia tirar a vida de alguém. Certamente, Pilatos mandou castigar Jesus de modo tão severo para que o povo tivesse pena dele e dissesse: “Já chega! Pode soltá-lo” (Jo 19.4,5). Todavia, a multidão gritava cada vez mais para que Ele fosse crucificado (Jo 19.6).

27.27 — O *pretório* [ARA] era a residência oficial do governador quando ele estava em Jerusalém. Foi originalmente construído como um palácio para Herodes, o Grande.

27.28-30 — Os soldados zombaram de Jesus chamando-o de rei. Observe as referências a *capa*, *coroa*, *cana* (cetro) e a saudação irônica.

27.31 — *Crucificado*. A crucificação, uma prática provavelmente vinda da Pérsia, era considerada pelos romanos o método mais cruel de execução. Essa pena era reservada apenas aos piores criminosos; os cidadãos romanos não eram crucificados. As vítimas geralmente morriam depois de duas ou três horas de agonia, tendo de suportar a exposição, a sede e a exaustão. Os braços das vítimas eram pregados numa trave de madeira, que depois era levantada e fixada numa haste vertical na qual seus pés eram pregados. O corpo da vítima ficava apoiado na haste onde era pregado.

27.32 — *Constrangeram*, o mesmo verbo no original usado em Mateus 5.41, refere-se a uma lei do governo romano que dava direito ao exército de recrutar qualquer pessoa quando precisasse. Os açoites, com toda certeza, deixaram



APROFUNDE-SE

O SIGNIFICADO DE MESSIAS

Mateus escreveu seu Evangelho para testificar a seus leitores judeus que Jesus era realmente o Messias que eles tanto esperavam. Quem era o Messias e por que os judeus esperavam tão ansiosamente por alguém assim?

O termo

Em hebraico ou aramaico, a palavra *Messias* significa *o Ungido*. A palavra que corresponde a essa no grego é *Cristo*.

O que diz o Antigo Testamento?

No Antigo Testamento, profetas, reis e sacerdotes eram literalmente ungidos com óleo para serem consagrados a uma função específica e confirmar sobre eles o dom do Espírito de Deus (Lv 4.3; 8.12; 1 Sm 10.1,6; Sl 105.15; Is 61.1). Essa prática apontava para a promessa da vinda do Ungido de Deus, Aquele que cumpriria essas três funções como o Profeta, o Rei e o Sacerdote.

Expressões atribuídas ao Messias

Descendência de Abraão (Sl 105.6), *Filho de Davi* (Mt 1.1); *Filho do homem* (Dn 7.13); *meu Filho* (Sl 2.7); *meu servo* (Mt 12.18); *meu Eleito* (Is 42.1); *o Renovo* (Zc 3.8; 6.12); *Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz* (Is 9.6).

As principais profecias sobre o Messias no Antigo Testamento

Gn 3.15; 9.27; 12.3; 22.18; 49.8,10; Dt 18.18; 2 Sm 7.11-16; 23.5; Sl 2; 16; 22; 40; 110; Is 2; 7; 9; 11; 40; 42; 49; 52; 53; Jr 23.5,6; Dn 7.27; Ag 2.9; Zc 12.10-14; Ml 3.1; 4.5,6.

A esperança dos judeus no Messias

No primeiro século, os judeus esperavam por um Messias que livrasse a nação do domínio de Roma, se tornasse seu Rei e restaurasse a glória que Israel tinha no passado. Por estarem à espera de um libertador militar e um Messias político, não deram muita importância às funções messiânicas de profeta e sacerdote. Portanto, muitos judeus rejeitaram Jesus como o Messias porque Ele veio como um Salvador humilde e espiritual, não como um conquistador político.

O reinado do Messias

Jesus demonstrou que era o Messias que os judeus esperavam. No entanto, Seu Reino não era terreno, mas, sim, celestial. Há 32 referências a *Reino dos céus* em Mateus. Esse termo, encontrado no Novo Testamento apenas no Evangelho de Mateus, provavelmente vem da descrição do reinado do filho do homem em Daniel 7.13-18. Refere-se ao reinado celestial sobre toda a terra (Mt 6.10).

A declaração de Jesus

Quando perguntaram a Jesus de modo bem direto se Ele era o Messias, Ele respondeu afirmativamente, despertando a ira dos judeus (Mt 26.63-65). Além disso, Jesus elogiou Pedro por este tê-lo reconhecido como o Ungido de Deus (Mt 16.15-20).

Significado

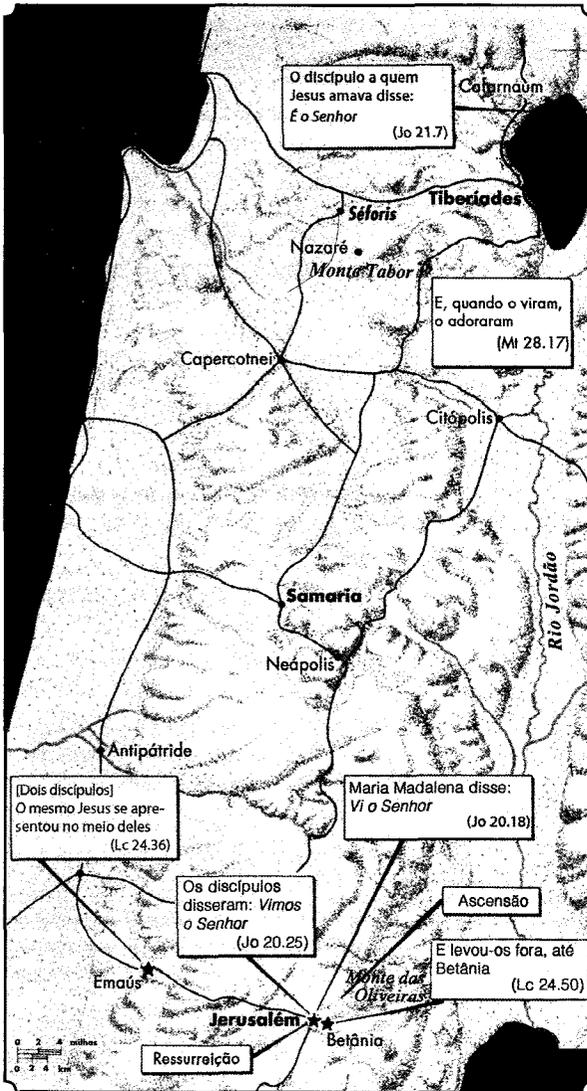
O título Messias dá uma ideia de deidade. O grande profeta Moisés, o sumo sacerdote Melquisedeque e até mesmo o glorioso rei Davi não se comparam ao Profeta, Rei e Sacerdote messiânico. Nas palavras de Hebreus 1.3, Jesus Cristo é *o resplendor da sua glória* [de Deus], e *a expressa imagem da sua pessoa*. Em suma, Jesus é Deus (Hb 1.8).

Jesus muito fraco, fazendo com que Ele não aguentasse carregar a cruz; foi por isso que um soldado mandou que Simão a carregasse. *Simão* devia ser (ou se tornou mais tarde) um cristão; é pouco provável que ele fosse citado pelo nome sendo um estranho na comunidade cristã. Este

Simão era pai de Alexandre e Rufo (Mc 15.21).

Um homem cireneu. Cirene, ao norte da África, era o lar de inúmeros judeus (At 6.9).

27.33 — Não se sabe ao certo porque esse local era chamado de *Lugar da Caveira*; talvez a colina ou o monte tivesse o formato de uma caveira.



Ressurreição e ascensão de Jesus

27.34 — Vinho misturado com fel aliviaria a dor de Jesus e o deixaria inconsciente. Mas Ele se recusou a tomá-lo, porque queria beber o cálice do sofrimento e permanecer totalmente a par do que estava acontecendo (Sl 69.21).

27.35 — Os carrascos tinha o direito de ficar com as roupas das vítimas. Lançando sortes para ver quem ficaria com as vestes de Jesus, os soldados cumpriram a profecia no Salmo 22.18.

27.36 — Os soldados guardavam Jesus talvez para que ninguém tentasse tirá-lo da cruz.

27.37 — Reunindo o relato de todos os Evangelhos, a acusação provavelmente era esta: “Este é Jesus de Nazaré, o Rei dos judeus” (Mc 15.26; Lc 23.38; Jo 19.19).

27.38 — E foram crucificados com ele dois salteadores. Esse é o cumprimento de Isaías 53.12: Foi contado com os transgressores. Lucas relata que um desses ladrões creu, e Jesus lhe prometeu que naquele dia mesmo eles estariam juntos no paraíso (Lc 23.39-43).

27.39 — No Salmo 22.7, são preditos os insultos que o Messias sofreria.

27.40 — Outra mentira contada no julgamento de Jesus também é encontrada em Mateus 26.61. As verdadeiras palavras de Jesus foram: *Derribai este templo, e em três dias o levantarei* (João 2.19). Em três dias, Jesus ressuscitou dos mortos, cumprindo assim essa profecia.

27.41-44 — Jesus não desceu da cruz porque Ele é o Filho de Deus, o Remidor e Rei de Israel (Jo 10.18). Ele estava seguindo obedientemente o plano de Deus para Ele, e Sua obediência o levou a ser exaltado como Rei sobre todos (Fp 2.8-11). Compare com a zombaria dos líderes religiosos no Salmo 22.8.

27.45 — A hora sexta era meio-dia. As trevas não foram resultado de um eclipse, já que a Páscoa acontecia quando era lua cheia. Esse fenômeno foi algo sobrenatural.

27.46 — As trevas eram uma metáfora da agonia da alma humana do Senhor.

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Ao dizer duas vezes: *Deus meu, Deus meu*, Jesus expressa grande aflição. O fato de Jesus citar o Salmo 22.1, usando uma frase em aramaico, também pode ser um sinal do enorme sofrimento ao qual Ele estava sendo exposto. Esse clamor Ele parece estar em concordância com 2 Coríntios 5.21. Contudo, esse não foi um clamor de



VOCÊ SABIA?

A MANHÃ DE DOMINGO NO SEPULCRO

Todos os Evangelhos dizem que Jesus ressuscitou no domingo de manhã. Eles também concordam que Maria Madalena foi a primeira testemunha a chegar ao túmulo vazio, e muito provavelmente a ver o Senhor ressuscitado. Essa é uma peça muito importante da evidência histórica, já que o testemunho de uma mulher não tinha nenhum valor legal na antiga sociedade judaica. Se alguns escritores da igreja primitiva tivessem inventado uma história da ressurreição, eles não dariam importância ao testemunho de Maria na narrativa.

Como os relatos da crucificação, os relatos da ressurreição também possuem alguns pontos divergentes. Somente Mateus fala do terremoto e da pedra que rolou (Mt 28.2). E como Mateus também fala do terremoto que ocorreu durante a crucificação (Mt 27.51), o segundo terremoto pode ter o mesmo significado para a ressurreição. Mateus e Marcos falam de um anjo no sepulcro (Mt 28.5; Mc 16.5). Lucas e João falam de dois (Lc 24.4; Jo 20.12). Mateus e Marcos falam de uma única mulher no sepulcro, Lucas e João falam da visita de Pedro. João também fala de uma corrida que Pedro e o discípulo amado disputaram até o sepulcro (Jo 20.3-8).

derrota. Cristo estava citando no Salmo 22 e devia estar fazendo alusão à grande vitória descrita ali (v.24-31).

27.47-49 — O *vinagre* era um vinho barato usado pelos soldados e classes mais baixas.

27.50 — Com *grande voz* indica que Jesus de certo modo ainda tinha forças quando *entregou o Espírito*. O clamor a que se refere Mateus, especificado no Evangelho de João pelas palavras: *Está consumado!* (Jo 19.30), não era um clamor de exaustão, e sim de vitória. O propósito pelo qual Jesus tinha vindo foi cumprido. A redenção da humanidade foi concretizada. A derrota de Satanás agora era um fato.

O verbo traduzido por *entregou* significa *encerrar*. Até mesmo ao morrer o Senhor demonstrou sua autoridade divina.

27.51 — *O véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo*. O templo tinha dois véus ou cortinas, um na entrada do Lugar Santo e outro que o separava do Santo dos Santos. Foi o segundo que se rasgou, mostrando que Deus nos deu livre acesso a Ele por intermédio de Seu Filho (Hb 6.19: 10.19-22). Somente Deus poderia ter rasgado o véu de alto a baixo.

27.52,53 — *Muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados*. Já que Jesus é o *primogênito dentre os mortos* (Cl 1.18; Ap 1.5) e *as primícias dos que dormem* (1 Co 15.20,23), esses irmãos não podem ter recebido corpos

glorificados, como os que experimentarão após a ressurreição final. Eles certamente foram ressuscitados, como aconteceu com Lázaro, para ter novamente uma vida física comum. O fato de que ressuscitaram e *entraram na Cidade Santa e apareceram a muitos* indica que eles viveram na mesma época daqueles que os viram.

27.54 — *O centurião e os que com ele guardavam a Jesus* devem ter ouvido o diálogo de Jesus com Pilatos (Mt 27.11); é bem provável que eles também tenham testemunhado as zombarias registradas em Mateus 27.40,43. Os sinais sobrenaturais os convenceram de que Jesus de fato era *Filho de Deus*. Significativamente, essa confissão de fé foi feita por um gentio.

27.55,56 — Três mulheres que eram fiéis ao Senhor Jesus são mencionadas aqui: *Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José*, esposa de Cleofas (Jo 19.25), e *a mãe de Tiago e João*, esposa de Zebedeu, chamada Salomé (Mc 15.40).

27.57-60 — *Arimatéia* ficava cerca de 32Km ao norte de Jerusalém. Marcos 15.43 descreve *José* como um *senador honrado, que também esperava o Reino de Deus*. Lucas 23.50 o descreve como um *homem de bem e justo*. Mateus, entretanto, descreve-o como um *homem rico*, em cumprimento à profecia de Isaías 53.9.

27.61 — Essas duas Marias, também mencionadas em Mateus 27.56, testemunharam o sepultamento de Jesus.



COMPARE

AS APARIÇÕES DE CRISTO RESSUSCITADO

A base da fé cristã é a ressurreição de Jesus. Ao deixar registradas as aparições depois da ressurreição, o Novo Testamento não deixa nenhuma dúvida sobre isso.

1. Em Jerusalém ou em seus arredores, Ele apareceu:
 - a Maria Madalena (Mc 16.9; Jo 20.11-18);
 - a outra mulher (28.8-10);
 - a Pedro (Lc 24.34);
 - aos dez discípulos (Lc 24.36-43; Jo 20.19-25);
 - aos onze, inclusive Tomé (Mc 16.14; Jo 20.26-29);
 - na ascensão (Mc 16.19,20; Lc 24.50-53; At 1.4-12);
 - aos discípulos na estrada de Emaús (Mc 16.12,13; Lc 24.13-35).
2. Na Galiléia (28.16-20; Jo 21.1-24):
 - a cinco mil pessoas (1 Co 15.6);
 - a Tiago e aos apóstolos (1 Co 15.7).
3. A Paulo na estrada de Damasco (At 9.1-6; 22.1-10; 26.12-18; 1 Co 15.8).

27.62 — O dia seguinte era Sábado. Os príncipes dos sacerdotes eram saduceus. O ódio comum que os fariseus e saduceus alimentavam contra Jesus os uniu.

27.63 — Os saduceus e fariseus se referem a Jesus como *aquele enganador*, quando, na verdade, eles eram enganadores (Mt 26.4) e hipócritas (Mt 23.13,15,23,25,27,29).

27.64 — Para dar bastante ênfase, o verbo *guardar* é usado duas vezes e a expressão *segurar com a guarda* uma vez em Mateus 27.64-66.

27.65 — O substantivo traduzido por *guarda* aqui é uma palavra em latim, haja vista que os soldados eram romanos e não faziam parte da guarda do templo.

27.66 — Para enfatizar que era impossível alguém roubar o corpo de Jesus, Mateus afirma que o sepulcro foi selado (Dn 6.17).

28.1-20 — Embora o discurso de Mateus sobre a ressurreição de Jesus seja bem breve, ele o defende com muita ênfase. A ressurreição foi comprovada por inúmeras testemunhas, inclusive anjos, vários soldados e a mulher no sepulcro (Mt 28.1-8).

O sepulcro com o corpo de Jesus foi selado como uma grande pedra (Mt 27.66), porém Ele não foi mais encontrado lá depois (Mt 28.6,8). A

desculpa dos soldados não tinha lógica alguma (Mt 28.11-15). Nenhum soldado romano admitiria ter dormido em seu posto, pois a punição para isso era a morte.

Finalmente, Jesus mesmo apareceu a muitos dos discípulos, dando, mais uma vez, testemunho de Sua ressurreição (Mt 28.16-20). Mateus apresenta a prova da ressurreição de Jesus com precisão porque essa doutrina é fundamental à fé cristã.

A ressurreição é a prova de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus (Mt 12.38,39), e a confirmação das próprias profecias feitas pelo Senhor (Mt 16.21; 17.22,23; 20.17-19). Em 1 Coríntios 15.12-19, Paulo enfatiza a importância da ressurreição, listando uma série de consequências que adviriam se essa doutrina fosse negada.

28.1 — *No fim do sábado*. O Sábado terminava ao pôr do sol do próprio sábado. Os eventos desse versículo aconteceram ao amanhecer de domingo. A duas Marias são identificadas em Mateus 27.56,61.

28.2 — *Um grande terremoto* marcou a morte do Senhor Jesus (Mt 27.51); aqui está uma prova de Sua ressurreição. O sepulcro não foi aberto para que Cristo saísse, mas para que os outros entrassem para ver que ele estava vazio.

28.3,4 — O aspecto de um *relâmpago* é uma característica dos seres celestiais (Mt 17.2; Dn 7.9; 10.5,6; At 1.10; Ap 3.4,5; 4.4; 6.11; 7.9,13; 19.14).

28.5,6 — *Já ressuscitou, como tinha dito*. Veja as profecias de Jesus sobre Sua ressurreição em Mateus 12.40; 16.21; 17.9,23; 26.32.

28.7,8 — As primeiras aparições de Jesus após Sua ressurreição foram em Jerusalém e na Judéia, depois na Galiléia, e novamente em Jerusalém. Tanto Mateus 28 quanto João 21 dão ênfase às aparições na Galiléia. A ordem dada por Cristo: *Vinde e vede* (Mt 28.6) é seguida aqui por: *Ide [...]* *dizei*. Esta será sempre uma ordenança divina: dizer a todos as boas-novas do Senhor.

28.9,10 — A *Galiléia* é apontada aqui como o local que Jesus marcou para encontrar Seus discípulos (Mt 26.32; 28.7). É também o local onde foi dada a Grande Comissão (Mt 28.18-20). Veja que o Senhor chama Seus discípulos de *meus irmãos* (Mt 12.48-50; Sl 22.22; Hb 2.11,12).

28.11 — Os guardas romanos *anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido* porque eles foram designados a realizar uma tarefa para as autoridades religiosas (Mt 27.65).

28.12-14 — *Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram*. Além de ser uma grande mentira, essa explicação era muito fraca. Se um soldado romano fosse encontrado dormindo em seu posto, ou se o prisioneiro escapasse, a pena seria a morte (At 12.19; 16.27,28; 27.42). Pode ser até que um soldado viesse a dormir, mas é pouco provável que todos eles estivessem dormindo ao mesmo tempo. Além disso, pessoas que estão dormindo não são testemunhas muito boas. Já que eles estavam dormindo, como é que sabiam o que aconteceu?

28.15 — *Até ao dia de hoje se refere exatamente até o dia em que Mateus escreveu seu evangelho; entretanto, essa explicação continua sendo aceita até hoje*.



APLICAÇÃO

TODAS AS NAÇÕES

Jesus enviou Seus servos para fazer discípulos em todas as nações (*ethne*, povos; Mt 28.19). Essa ordenança pode parecer óbvia para nós hoje em dia; afinal de contas, vivemos numa era cristã que já dura mais de dois mil anos. O cristianismo hoje é uma religião praticamente gentílica que representa aproximadamente um terço da população mundial. E, com a tecnologia moderna, a obra de anunciar o evangelho nos quatro cantos da terra parece uma tarefa relativamente muito simples.

No entanto, em certas áreas estamos como os primeiros discípulos de Jesus. Eles queriam um herói local, um Messias apenas para Israel, alguém que seguisse seus costumes e ratificasse seus preconceitos. Foi por isso que, sem dúvida alguma, ficaram estarelecidos com a visão transcultural proposta por Jesus de ultrapassar todas as fronteiras e levar a todos a mensagem da salvação pela cruz. Ele estava demonstrando ser muito mais do que o Rei dos judeus; Ele é o Cristo mundial, o Salvador do mundo inteiro.

Na verdade, Jesus vinha mostrando-lhes isso desde o início de Seu ministério. Mateus deixou registrada Sua obra entre os gentios (Mt 8.10; 15.24) e citou Isaías 42.1-4 para afirmar que Jesus anunciaria *aos gentios* [as nações] *o juízo* e que, *no seu nome, os gentios esperarão* (Mt 12.14-21). Todavia, os discípulos levaram muito tempo para acreditar nisso. Será que seu Senhor poderia estar mesmo interessado em “todas as nações”? Eles mesmos não estavam. Seria fácil aceitar a ideia de Jesus se importar com todo o mundo. Mas não seria mais fácil ainda seguir um Cristo que se adequasse apenas à cultura deles?

Cultura, afinal, é a chave de tudo. Jesus mandou Seus servos galileus “fazer discípulos”, e eles fizeram — discípulos judeus. Mas eles tiveram um grande choque cultural quando o Espírito Santo trouxe um novo grupo à comunhão, inclusive discípulos helenistas, samaritanos e, enfim, gentios de todos os tipos (At 6.1-7; 8.4-25; 10.1—11.18; 15.1-21).

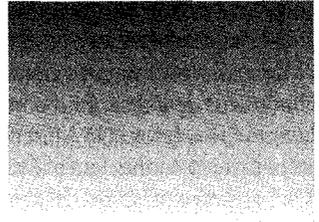
Hoje, a maior parte dos discípulos não é de origem caucasiana nem oriental [é semítica]. E não é de estranhar que eles tenham trazido à Igreja uma visão cultural diferente. Por essa razão, um dos maiores desafios que os cristãos enfrentarão nos próximos anos é o mesmo que os discípulos enfrentaram no início de seu movimento: não somente crer em Jesus, mas também reconhecer que Ele de fato veio para todas as nações. Deus nos mandou fazer discípulos em todo o mundo porque isso faz parte de Seu grande propósito de, a longo prazo, tornar Seu nome conhecido em todas as nações (Mt 1.11).

28.16,17 — Quando *os onze discípulos partiram para a Galiléia*, provavelmente foram acompanhados por muitas pessoas. E essa pode ter sido a aparição para mais de cinco mil pessoas mencionada por Paulo em 1 Coríntios 15.6. Isso pode explicar também por que *alguns duvidaram*; afinal, os onze confirmaram sua crença no Cristo ressuscitado nessa ocasião (Jo 20.19-28).

28.18 — *É-me dado todo o poder no céu e na terra*. Todo o poder foi dado a Jesus, embora Ele ainda não estivesse exercendo-o plenamente (Fp 2.9-11; Hb 2.5-9; 10.12,13; Ap 3.21). Ele manifestará Seu poder quando voltar em toda a Sua glória (Mt 19.28; 1 Co 15.27,28; Ef 1.10). A palavra *poder* geralmente se refere à autoridade delegada

(como em 8.9; 9.6,8; 10.1; 21.23,24,27). Foi o Pai quem deu essa autoridade ao Filho (Fp 2.9-11). É bem possível que o Senhor Jesus estivesse relembrando aqui a profecia em Daniel 7.13,14.

28.19,20 — Esse versículo geralmente é interpretado como se contivesse três mandamentos, ou seja: *ir, batizar, fazer discípulos* ou ensinar. Mas, na verdade, a Grande Comissão gira em torno do mais imperativo deles: *fazer discípulos*. Fazer discípulos envolve três passos: *ir, batizar e ensinar*, principalmente os dois últimos. O batismo aponta para a decisão de crer em Cristo. Quando uma pessoa cria em Cristo, ela deveria ser batizada; não há nenhum cristão no Novo Testamento que não tivesse sido batizado.



O Evangelho segundo

Marcos

INTRODUÇÃO

O Evangelho de Marcos é único. Não se trata de uma biografia de Jesus como a apresentada nos livros de Mateus e Lucas, mas relata as obras de Cristo e tudo o que Ele fez, apresentando Jesus como o Rei Salvador, Aquele que venceu os demônios, a enfermidade e a morte. Sua ênfase nas obras poderosas e miraculosas de Cristo torna esse livro repleto de ação, expressivo e muito atraente.

Marcos usa, constantemente, o presente do indicativo em sua narrativa, para dar a impressão de que o relato é de uma testemunha ocular — como, por exemplo, a apresentação de um repórter no exato local onde determinado fato está acontecendo. Então, assim como um repórter, Marcos fala diretamente aos seus leitores, usando perguntas retóricas que os próprios leitores gostariam de fazer a si

mesmos, tais como: *Mas quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?* (Mc 4.41). Às vezes, o autor até dirige-se ao seu público usando as palavras de Jesus: *E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai* (Mc 13.37). A intenção de Marcos é transformar os cristãos com seu relato, não apenas informá-los.

Além disso, o testemunho do autor nos dá detalhes muito importantes — a resposta emocional de Jesus e dos outros, o tamanho das multidões e suas reações, além de situações envolvendo homens e mulheres.

O episódio do endemoninhado gadareno é um exemplo da atenção que Marcos dá aos detalhes. Ele usa 22 versículos para narrar a história, enquanto Lucas utiliza 14, e Mateus, somente sete. Contudo, o Evangelho de Marcos é o menor de todos, pois omite os grandes discursos de Cristo.

De um modo geral, ele descreve as obras milagrosas do bom Mestre, não os Seus ensinamentos.

Marcos escreve para os cristãos gentios, especialmente os de Roma. Essa conclusão está baseada em vários fatos: (1) Marcos demonstra que seus leitores já conheciam a fé cristã. João (Batista), o batismo e o Espírito Santo (Mc 1.4,5,8) são mencionados, mas sem nenhum comentário a mais; (2) o autor mostra não ter muita familiaridade com as Escrituras judaicas. Por sinal, só cita uma passagem específica do Antigo Testamento (Mc 1.2,3); (3) além disso, explica regularmente a geografia e os costumes judaicos (Mc 7.2-4; 13.3; 14.12); (4) por fim, Marcos omite de propósito a proibição de pregar o evangelho aos samaritanos e gentios (Mc 6.7-11; compare com Mt 10.5,6).

Os leitores gentios de Marcos enfrentaram a perseguição e o martírio. O autor escreveu seu Evangelho para fortalecer e guiar os cristãos de Roma em meio à terrível perseguição de Nero. Antes de tudo, seus leitores precisavam saber que Jesus também tinha sofrido. No entanto, além disso, era preciso eles saberem que Cristo, depois de sofrer, havia vencido o sofrimento e a morte. O Jesus que sofreu também era o Filho de Deus (Mc 1.1,11; 14.61; 15.39), o Filho do Homem (Mc 2.10; 8.31; 13.26), o Cristo — o Messias (Mc 8.29) — e o Senhor (Mc 1.3; 7.28).

Após a morte de Pedro e das outras testemunhas oculares da vida de Jesus, a mensagem desse Evangelho precisava ser escrita. Marcos, então, escreveu a história para confirmar tais verdades e transmiti-las às novas gerações de cristãos.

Ele apresenta o personagem principal de sua narrativa cheia de ação — Jesus — em 13 pequenos versículos. Além disso, em sua introdução, ele vai da expectativa (*Preparai o caminho do Senhor*, Mc 1.3b) ao conflito (*E ali estive no deserto quarenta dias, tentado por Satanás*, v.13). A grande seção posterior (Mc 1.14 — 8.30) intensifica o enfrentamento, como em uma tragédia grega, relatando o sucesso de Jesus, além do aumento da hostilidade. Triunfo e oposição aparecem lado a lado. Essa longa seção culmina com o reconhecimento, por parte de Pedro e dos outros discípulos, de que Jesus é o Messias prometido (Mc 8.29).

Na sequência (Mc 8.31 — 15.47), Marcos descreve o capítulo final da vida do Messias: a paixão de Cristo e Sua morte. Em primeiro lugar, Jesus anuncia aos discípulos Sua morte (Mc 8.31; 9.31; 10.33) e prepara-os para ela. Depois, Ele viaja para Jerusalém, e tentam matá-lo. Mas, no epílogo do livro, o propósito de Sua morte torna-se bem claro. O drama chega a uma conclusão emocionante quando Jesus ressuscita dos mortos e encoraja Seus seguidores. Este é o Evangelho de Marcos, o Evangelho das boas-novas de Cristo.

Pedro foi o primeiro que contou a história a Marcos. De fato, a ordem dos eventos neste Evangelho segue exatamente a do sermão de Pedro na casa de Cornélio (At 10.34-43; compare com Atos 13.23-33). Naquela época, a pregação oral, como no sermão de Pedro, costumava adotar estilos e técnicas de retórica para ajudar no ensino e na recordação do que as pessoas aprendiam; o Evangelho de Marcos transmite esses estilos orais.

Ademais, Justino Mártir, escritor romano que viveu por volta de 150 d.C. em Roma, confirmou que Marcos escreveu os eventos que ouviu de Pedro. E, além dos relatos de Pedro, Marcos também acrescentou a seu Evangelho aquilo de que se lembrava e consultou em outros documentos.

Muitos concordam que Marcos escreveu este texto em Roma, sob a supervisão de Pedro. Um documento do segundo século chamado Prólogo de Marcos afirma que seu Evangelho foi redigido na Itália. Além disso, Irineu, escritor que viveu por volta de 180 d.C., afirma que foi, realmente, em Roma. E já que Marcos estava com Paulo em Roma por volta de 60—62 d.C. — e, talvez, tenha voltado cerca de 65 d.C. a pedido do próprio Paulo —, há poucas razões para duvidarmos dessa evidência.

Diversas fontes antigas e importantes, inclusive o Prólogo Antimarcionista e Irineu, afirmam que Marcos redigiu seu Evangelho após a morte de Pedro. De fato, Irineu datou sua composição após a morte de Pedro e Paulo, por volta de 67 d.C.

No entanto, Clemente de Alexandria e Orígenes, escritores que viveram alguns anos depois de Irineu, afirmavam que Pedro ainda estava vivo

enquanto Marcos escrevia o texto. Por outro lado, uma tradição posterior, descrita por Eusébio por volta de 340 d.C., afirmava que ele foi redigido antes, durante o reinado de Cláudio (41—54 d.C.). Por fim, a inscrição de um manuscrito encontrado mais tarde afirma que a composição de Marcos foi feita antes, por volta de 39—42 d.C. Essas datas anteriores, contudo, parecem duvidosas porque: (1) Marcos, talvez, não tivesse escrito seu Evangelho antes do fracasso de sua primeira viagem missionária; (2) é bem provável que Pedro não tenha chegado a Roma antes de 60 d.C.; e (3) a epístola de Paulo aos Romanos (cerca de 56—57 d.C.) saúda muitos cristãos, mas não menciona Pedro ou Marcos.

A estimativa mais provável é a de que Marcos escreveu sua obra um pouco após a morte de Pedro, em 64—65 d.C., antes de Jerusalém ter sido destruída em 70 d.C. O certo é que este livro foi escrito somente três ou quatro séculos depois que os eventos nele relatados aconteceram.

O Evangelho de Marcos não diz quem é seu autor. Todavia, vários documentos da Igreja do primeiro século anonimamente apontam Marcos como tal. Pápias, bispo de Hierápolis (140 d.C.), disse que Marcos, como intérprete de Pedro, escreveu um Evangelho muito preciso. O prólogo romano de Marcos, datado de 160—180 d.C., também o trazia como seu autor, e Irineu, por volta de 180 d.C. na França, disse que Marcos escreveu uma pregação de Pedro, o que também foi dito por Tertuliano e Clemente de Alexandria no norte da África por volta de 200 d.C.

Marcos é mencionado dez vezes no Novo Testamento. Seu nome judeu era João (At 13.5,13), mas seu nome romano era Marcos (At 12.12,25; 15.37). Ele viveu em Jerusalém e era primo de Barnabé (Cl 4.10). Provavelmente, ele foi o manco envolto em um lençol quando Jesus foi preso (Mc 14.51,52), pois isso só é mencionado em seu Evangelho, algo que aconteceu depois de todos os discípulos terem fugido. O fato de Pedro ter contado como foi libertado miraculosamente da prisão na casa de Maria, mãe de Marcos (At 12.12), indica que Marcos tinha muito contato com ele e com os outros líderes da Igreja em Jerusalém.

Em 46 d.C., Marcos passou um tempo com Barnabé e Paulo na Igreja em Antioquia. Antes ele os havia acompanhado como um cooperador em sua primeira viagem missionária. Entretanto, sua partida inesperada levou Paulo a perder a confiança nele (At 15.37-39). Mas, posteriormente, Marcos continuou sua atividade missionária com Barnabé em Chipre.

Em 60 d.C., Paulo demonstrou, mais uma vez, sua confiança em Marcos e referiu-se a ele como um cooperador (Cl 4.10,11; Fm 1.24). Além de ajudar Paulo e Barnabé, Marcos auxiliou Pedro na capital do império (1 Pe 5.13). Por fim, Paulo, durante a fase em que estava preso, pediu que João Marcos fosse ajudá-lo em Roma (2 Tm 4.11).

Essas referências pequenas, porém positivas, a Marcos no Novo Testamento mostram que ele serviu ao Senhor fielmente e de modo bem-sucedido como missionário, e ajudou os apóstolos enquanto viveu.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM MARCOS

- 4 a.C.—39 d.C. — Herodes Antipas reina na Galiléia e na Peréia
- 14—37 d.C. — Tibério César é o imperador romano
- 25—27 d.C. — O ministério de João Batista
- 26—36 d.C. — Pôncio Pilatos é o procurador da Judéia
- 27 d.C. — O início do ministério de Jesus na Judéia
- 27—29 d.C. — O ministério de Jesus na Galiléia
- 30 d.C. — Fim do ministério de Jesus na Judéia; Sua crucificação e ressurreição





ESBOÇO

PRÓLOGO

- I - A descrição do Filho de Deus — 1.1-13
- II - O ministério e a mensagem do Filho de Deus — 1.14—8.30
 - A - Fama e popularidade — 1.14-45
 - 1 - Pregação e discipulado — 1.14-20
 - 2 - Exercendo poder e autoridade — 1.21-45
 - B - Oposição e conflito — 2.1—3.35
 - C - Explicando o motivo da oposição — 4.1-41
 - 1 - As parábolas de Jesus — 4.1-34
 - 2 - O poder de Jesus sobre a natureza — 4.35-41
 - D - Fé e incredulidade — 5.1—8.30
 - 1 - Vitória sobre os demônios, a enfermidade e a morte — 5.1-43

- 2 - A incredulidade em Nazaré — 6.1-6
- 3 - O ministério cresce com os 12 discípulos — 6.7-56
- 4 - Os fariseus defendem a tradição — 7.1-23
- 5 - Jesus se retira e ensina — 7.24—8.26
- 6 - A confissão de Pedro — 8.27-30
- III - O Filho e Servo fica mais próximo da cruz — 8.31—10.52
 - A - Jesus anuncia Sua morte e ressurreição — 8.31—10.34
 - B - O ensino de Jesus e o exemplo da servidão — 10.35-52
- IV - O ministério do Filho e Sua morte em Jerusalém — 11.1—15.47
 - A - O início do ministério de Jesus em Jerusalém — 11.1-33
 - B - Cresce a oposição a Jesus — 12.1-44
 - C - O discurso no monte das Oliveiras — 13.1-37
 - D - A preparação de Jesus para Sua morte — 14.1-42
 - E - Jesus é abandonado pelos discípulos — 14.43—15.47
- V - O Filho vive e triunfa — 16.1-20

COMENTÁRIO

1.1 — Escrevendo três décadas após a ressurreição de Cristo, Marcos começa sua narrativa com uma simples declaração das boas-novas do Filho de Deus, o Senhor Jesus. Como nos diz Lucas em Atos 1.1, os relatos dos Evangelhos descrevem o que *Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar.*

O *Evangelho* é o simples relato das bem-aventuranças encontradas na vida, no ministério, na morte e na ressurreição de Cristo.

Jesus, que significa *Jeová é Salvador*, é o nome que o Filho de Deus recebeu ao nascer, enquanto *Cristo* é um título do Antigo Testamento que o descreve como o servo escolhido de Deus.

Filho de Deus deixa bem clara a deidade de Jesus e expressa Sua íntima comunhão com o Pai.

1.2,3 — Em vez de citar o que Jesus disse, Marcos faz apenas uma referência ao Antigo Testamento. Nessa citação do *profeta*, o escritor desse Evangelho relata, outra vez, a obra do antecessor de Cristo, João Batista.

A palavra *mensageiro* (ARA) e a frase *preparará o teu caminho* expressam a imagem de um rei visitando seu reino. Na Antiguidade, um mensageiro era enviado à frente do rei para anunciar

sua chegada. As comunidades locais costumavam reparar as estradas para garantir o conforto do governante enquanto ele viajasse.

Há quatro escritores — Isaías, Malaquias, João e Marcos — que anunciam a vinda do Rei dos reis, Jesus Cristo.

1.4 — A menção a *João* sem nenhuma introdução pressupõe algum conhecimento da fé cristã por parte dos leitores de Marcos.

O *batismo de arrependimento* de João não deve ser confundido com o batismo cristão. Este último sempre vem após a conversão, representa a morte, o sepultamento e a ressurreição espiritual com Cristo — a qual acontece na vida do cristão quando ele recebe a salvação (At 19.5; Rm 6.3-6), e é realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O batismo de João, por outro lado, preparava seus seguidores para receberem uma nova mensagem sobre Cristo e Seu Reino.

Para remissão de pecados não significa que as pessoas eram batizadas para receberem a remissão dos pecados. A preposição grega traduzida por *de* no português provavelmente significa *que aponta para*, demonstrando que o batismo aponta para o perdão que Deus concede por meio do dom do arrependimento.

1.5 — O batismo de João foi um movimento popular que atraiu multidões. Marcos descreve com muita propriedade o fluxo contínuo de pessoas que buscavam João. Podemos até vislumbrar multidões indo rumo ao deserto e esperando na fila para serem batizadas. Cada um reconhecia que era pecador e que precisava do Messias, ao ser batizado por João. O mar da Galiléia e o rio Jordão continuam sendo as únicas fontes de água doce na nação de Israel.

1.6 — O nome *Gabriel* (que significa *enviado de Deus*) é o do anjo que anunciou a Zacarias que seu filho, João, iria *adiante dele* (de Cristo) no espírito e na virtude de Elias (Mt 4.5; Mt 17.10-13; Lc 1.13-17). João não somente teve a personalidade forte de Elias, como também se vestiu igual a ele (2 Rs 1.8).

1.7 — O tempo verbal de *pregava* indica uma ação contínua no passado. O propósito da mensagem de João era criar uma expectativa quanto à vinda do Senhor Jesus Cristo e Sua aceitação. João disse que não era *digno* de desatar a *correia* das *sandálias* do Messias. Os discípulos estavam acostumados a realizar tarefas manuais para seus mestres, mas jamais se esperara que eles tirassem as sandálias dos pés de alguém; afinal, essa era uma tarefa dos escravos. João compreendeu sua função na vinda do Reino e sujeitou-se a ela humildemente.

1.8 — João enfatiza aqui duas tarefas que ele e o Messias realizariam. A predição de que Cristo *batizará com o Espírito Santo* aparece em todos os Evangelhos (Mt 3.11; Lc 3.16; Jo 1.33), e Cristo a repete em Atos 1.5, dizendo que ela aconteceria *não muito depois destes dias*. Embora a versão Almeida Revista e Corrigida use *com água* e *com o Espírito Santo*, daria um sentido mais cristão traduzir a preposição grega por *no*, em vez de *com* o. O cumprimento dessa profecia aconteceu no Dia de Pentecostes.

1.9 — O batismo de Jesus foi algo único, pois Ele não tinha pecado algum do que se arrepender. Isso mostrou que Ele se identificava com a obra de João e com o pecador por quem morreria. Também apontava para a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo, para salvar os pecadores.

1.10 — *Logo* aparece 41 vezes no Evangelho de Marcos para indicar a atitude imediata exigida de um servo (v.10,12,18,20,21). Deus levou Cristo a um confronto com Satanás logo no início do Seu ministério. O *Espírito Santo* veio para capacitar Cristo e dar-lhe poder para exercer Sua futura obra. Essa passagem (Mc 1.10,11) fala também da Trindade — um Deus que existe em três Pessoas distintas ao mesmo tempo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A fórmula do batismo em Mateus 28.19 e em muitos outros textos nos ensina tal doutrina (2 Co 13.14; 1 Pe 1.2).

1.11 — Por três vezes durante o ministério terreno de Cristo, *ouve-se uma voz dos céus*. Era a confirmação do Pai de que Cristo era Seu Filho unigênito. As outras vezes aconteceram na transfiguração (Mc 9.7) e no dia da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (Jo 12.28).

1.12 — Marcos afirma que *o Espírito o impeliu [Cristo] para o deserto*. O verbo *impelir* também é usado para descrever Cristo expulsando demônios, e aparece mais duas vezes neste capítulo (v.34,39).

1.13 — Marcos descreve uma situação de conflito para chamar a atenção dos seus leitores. *Ser tentado por Satanás* é algo que acontece com todos os cristãos, mas Jesus triunfou completamente sobre Seu inimigo. Somente Marcos menciona *os anjos* que serviram a Cristo por 40 dias. Ele, talvez, tenha mencionado *as feras* para se dirigir especificamente aos cristãos de Roma que viam coisas terríveis no Coliseu.

1.14 — Marcos começa sua narrativa do ministério de Cristo com os eventos que aconteceram *depois que João foi entregue à prisão*, assim como fizeram os escritores dos outros Evangelhos Sinóticos. João é o único que nos conta os eventos que aconteceram *antes* da prisão de João Batista (Jo 3.24). André, Pedro, João, Filipe e Natanael iam com Jesus aonde quer que Ele fosse, mas faziam isso de maneira inconstante. Eles estavam nas bodas de Caná (Jo 2.2), acompanharam Jesus a Cafarnaum (Jo 2.12), a Jerusalém (Jo 2.13-22) e em toda a Judéia, onde batizavam as pessoas (Jo 3.22,23).



COMPARE

O BATISMO NA BÍBLIA

Marcos começa seu relato do ministério de Jesus falando dos israelitas fiéis que iam até o rio Jordão para serem batizados por João. Segue abaixo um resumo do que as Escrituras falam sobre o batismo.

Etimologia

A palavra batismo vem do grego *baptizo*, que significa *mergulhar, imergir, submergir*.

Definição

O batismo era uma cerimônia sagrada para fins rituais de purificação, iniciação ou identificação de alguém com um líder, um grupo ou uma doutrina.

Os diferentes tipos de batismo nas Escrituras

- O batismo judaico: uma cerimônia de purificação estabelecida tanto para pessoas quanto para objetos (Mc 7.3; Êx 19.10-14; Lv 8.6; Hb 9.10).
- O batismo de João: um ato preparatório no qual os judeus expressavam sua fé na iminente vinda do Messias, além do seu desejo de deixar o pecado e levar uma vida de retidão (Mc 1.4-8).
- O batismo de Jesus: um ato cerimonial de justiça. Cristo, ao ser batizado, não estava admitindo que tinha pecado, como os outros que estavam sendo batizados por João. Ao contrário, por meio do Seu batismo, Ele estava consagrando a si mesmo ao ministério (Mc 1.9-11).
- O batismo espiritual: a obra sobrenatural do Espírito Santo, segundo a qual os cristãos se unem ao Corpo de Cristo (Rm 6.3,4; 1 Co 12.13; Gl 3.26,27; Ef 4.5; Cl 2.9-12).
- O batismo cristão: um ato cerimonial instituído por Cristo (Mt 28.19) e praticado pelos apóstolos (At 2.38), que retrata o reconhecimento e a união do cristão com Cristo em Sua morte, Seu sepultamento e Sua ressurreição.
- O batismo de fogo: uma referência à vinda do Espírito Santo no Pentecostes ou ao juízo de Cristo na segunda vinda (Mt 3.9-12; Lc 3.16,17).

Figuras do Antigo Testamento

Os escritores do Novo Testamento citaram vários eventos do Antigo Testamento que apontavam para a ordenança do batismo feita por Cristo, dentre eles:

- Noé sendo salvo das águas do Dilúvio (1 Pe 3.17-22).
- A passagem dos israelitas pelo mar Vermelho (1 Co 10.1,2).

1.15 — Jesus anunciou *o Reino de Deus*. Esse era o tema de muitas profecias do Antigo Testamento e algo muito familiar para aqueles que ouviam Jesus.

Arrependei-vos e crede são ambos atos de fé. Quando alguém aceita o único e verdadeiro objeto de sua fé, deixa, na mesma hora, de ser uma pessoa comum. Nada nem ninguém — a não ser Jesus — pode preencher o vazio de Deus que há em nós.

O *Evangelho*. As boas-novas de Jesus Cristo — nesse caso, como Rei.

1.16 — *André* era um dos discípulos de João Batista. Ele conhecia Jesus (Jo 1.35-42), mas,

agora, estava sendo chamado para servir-lhe por toda a vida.

1.17 — Jesus chamou pescadores, pessoas trabalhadoras e habilidosas, para o trabalho mais importante do mundo: serem *pescadores de homens*. Cristo geralmente usava figuras de linguagem para que seus ouvintes o entendessem mais rápido.

1.18-20 — *Deixando logo as suas redes e seu pai*. Não permita que seu trabalho ou sua família o impeçam de seguir Jesus.

Logo. Uma das palavras favoritas de Marcos (v.12,18,20,28). Essa é a única resposta sensata que podemos dar a Cristo.

1.19 — O que nos revelam os v.16-20 é muito significativo. Vemos que Simão e André estavam pescando; Tiago e João estavam consertando as redes. Tais detalhes nos mostram que havia uma testemunha ocular, provavelmente Pedro.

1.21 — *Cafarnaum* ficava às margens no lado norte do mar da Galiléia, um lago de águas límpidas, o qual possui a forma de pera e mede 20 Km de comprimento e 13 Km de largura. A cidade era um ponto de encontro das rotas de comércio entre o Egito e a Síria (Cairo e Damasco). Por estar junto ao mar da Galiléia, ela teve a primeira rota de comércio entre o Egito e Damasco e outros pontos do oriente. O nome da cidade significa *Vila de Naum*. Cafarnaum era o “quartel-general” do ministério de Cristo e é mencionada 22 vezes nos Evangelhos. Por outro lado, somente um evento no ministério de Cristo é citado em Nazaré (Lc 4.16). As ruínas de uma *sinagoga* em Cafarnaum, localizada apenas a 30 metros da superfície da água, datam do segundo ao quarto século a.C.

1.22 — Quarenta e dois por cento dos versículos de Marcos citam os ensinamentos de Cristo. No entanto, ele omite os principais discursos do Mestre para enfatizar Suas obras poderosas como Filho de Deus.

Maravilharam-se da sua doutrina. A doutrina de Cristo era diferente da dos escribas e fariseus, pois Ele não se baseava na sabedoria de outros mestres ou rabinos. Sua autoridade vinha de si mesmo.

1.23 — O termo *imundo* [gr. *akathartos*] tinha uma conotação muito importante no pensamento judaico. O Antigo Testamento frequentemente faz distinção entre o que é puro e o que é impuro, lícito e ilícito; portanto, esse termo também pode significar *iníquo*. *Demônio* é uma designação invariável de *espírito imundo*.

1.24,25 — O demônio exclamou: *Que temos contigo!*, não porque aquilo dizia respeito aos demônios que estavam naquele homem (como em Marcos 5.1-20), mas porque Jesus era uma ameaça a todos os demônios. Jesus sempre enfrentou os espíritos malignos, e cerca de 20% dos 35 milagres que Ele realizou foram para libertar os homens desses espíritos. O demônio reconheceu

Jesus como o *Santo de Deus*, mas Cristo recusou o testemunho de uma fonte tão indigna.

1.26,27 — *Espírito imundo*. Esse é outro termo usado para demônio. Em sua fúria impetuosa, esses espíritos malignos tentaram causar o maior dano possível naquele homem quando foram forçados a sair dele; eles resistiram muito, mas sabiam que sua derrota era certa (v.24).

1.28,29 — Marcos percebeu que esse milagre de Jesus teve proporções tão grandes que ele foi levado a dizer que *logo correu a sua fama* [de Jesus] *por toda a província da Galiléia*. Marcos cria um suspense ao comparar aqueles que aceitaram Cristo com os fariseus e os saduceus que se uniram para tramar Sua morte. A triste realidade é que os religiosos deste mundo afastam mais as pessoas de Jesus do que os próprios ateus. Porém, o evangelho não é uma religião; é as boas-novas que podem libertar o mais terrível pecador.

1.30 — *A sogra de Simão*. Paulo relata que Pedro (Cefas) era casado, assim como outros discípulos (1 Co 9.5).

1.31 — Jesus curou totalmente a sogra de Simão Pedro. Não apenas a *febre* passou, mas as forças daquela senhora foram renovadas, para que ela *servisse* a Jesus e aos Seus discípulos.

1.32 — Para não violarem a restrita lei do sábado carregando alguém (v.21; Ne 13.19), eles esperavam até *quando já estava se pondo o sol*.

1.32-34 — *Endemoninhados* (gr. *daimonizomai*). Tanto a cura dos enfermos como a expulsão de demônios das pessoas deve ter perdurado por toda a noite. Jesus tinha plena ciência de que só lhe restavam cerca de três anos e meio de vida aqui na terra para cumprir Sua missão.

1.35,36 — O tempo verbal de *orava* indica uma ação contínua, não apenas algo de momento. Jesus tinha uma vida de oração bem-sucedida porque Suas orações eram planejadas, íntimas e longas. Ele acordava bem cedo, dirigia-se a um lugar distante e passava um longo tempo orando.

1.37,38 — A fama de Jesus espalhou-se rapidamente, e a preocupação dos discípulos é evidente quando eles dizem: *Todos te buscam*. Cristo se recusou a ter uma vida confortável e levou a

sério Sua missão de alcançar as *aldeias vizinhas*. Ele veio para *pregar* e anunciar a mensagem de Deus.

Para isso vim. Cristo aqui mostra a simplicidade do Seu propósito. Ele não deixaria que nada o impedisse — nem as tentações de Satanás



ENTENDENDO MELHOR

A SINAGOGA

Nos dias de Jesus, era comum encontrar sinagogas (Mc 1.21) em toda a Palestina. Sinagogas [gr. *sunagoge*, cujo significado é *congregação ou lugar de reunião*] eram congregações locais de judeus que se encontravam para ler ou explicar as Escrituras e orar. Contudo, seu objetivo principal não era a pregação, mas o ensino da Lei de Moisés.

As sinagogas tiveram seu início durante o cativeiro babilônico. Sem possuírem um templo, porém ávidos para terem comunhão com Deus, os judeus cativos na Babilônia se reuniam em grupos locais para adorarem e lerem a Torá. Depois, alguns dos cativos acabaram voltando para sua terra, onde Zorobabel reconstruiu o templo e Esdras, o escriba, promoveu a leitura da Lei e a oração (Ne 8). Muitos judeus, entretanto, permaneceram na Pérsia e espalharam-se por todos os lugares, principalmente em Alexandria, no Egito. Os judeus continuaram reunindo-se nas sinagogas tanto da Palestina como de fora dela, e elas se tornaram o centro da vida em comunidade.

Algumas sinagogas funcionavam como tribunais de justiça locais que condenavam os culpados e também aplicavam penas com açoites (Mt 10.17; Mt 23.34). Elas também se tornaram escolas nas quais as crianças aprendiam a ler. A maior parte da vida social judaica girava em torno das atividades da sinagoga.

Na época de Jesus, a sinagogas eram bem organizadas e tinham uma ordem de oficiais como:

Anciãos – Um grupo composto por homens dedicados e honrados que regiam as políticas da sinagoga. Era costume eles se sentarem nos primeiros lugares nas sinagogas (Mt 23.6).

O dirigente da sinagoga – Escolhido pelos anciãos, cuja função era cuidar dos assuntos relacionados à congregação e à organização de tarefas. Era possível haver mais de um dirigente. Em certa ocasião, um dirigente chamado Jairo procurou Jesus, a fim de que Ele curasse sua filha (Mc 5.21-43; nvi).

O ministro (chazan) – Sua função era cuidar tanto dos rolos sagrados que ficavam na arca como das lâmpadas e da limpeza da congregação. Se alguém fosse considerado culpado pelo conselho de anciãos, era este oficial que aplicava o número de açoites que a pena demandava. Durante a semana, ele ensinava as crianças a ler.

O representante da congregação – Este não era um oficial permanente. Antes de qualquer reunião, os anciãos escolhiam um homem que pudesse ler a lição das Escrituras, dirigi-la em oração e pregar ou comentar a respeito do texto. Jesus foi escolhido para fazer esse serviço na sinagoga em Nazaré (Lc 4.16-20).

O intérprete – As Escrituras foram escritas em hebraico. Contudo, nos dias de Jesus, a maioria dos judeus na Palestina falava aramaico, uma língua parecida com o hebraico, mas diferente o bastante para que precisasse de um intérprete.

O esmoler – Duas ou três pessoas que recebiam dinheiro para cuidar das necessidades dos pobres.

Uma sinagoga não podia ser organizada a não ser que houvesse, no mínimo, dez judeus na comunidade — uma condição levada à risca pelo menos na maioria das grandes cidades do território romano, pois Paulo encontrou sinagogas em Damasco (At 9.2), Saíamina (At 13.5), Antioquia da Pisídia (At 13.14), Icônio (At 14.1), Tessalônica (At 17.1), Beréia (At 17.10), Atenas (At 17.16,17) e Éfeso (At 19.1,8). De fato, todas as vezes que este apóstolo entrava em uma cidade para pregar, ele sempre falava primeiro em uma sinagoga antes de alcançar toda a comunidade.

Não é de se estranhar que a adoração da sinagoga tenha influenciado bastante a adoração cristã. O culto judeu é iniciado com uma leitura do *Shemá* pelas pessoas. *Shemá* (ouvir) é a primeira palavra hebraica da passagem *Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR* (Dt 6.4-9). O orador do dia então levava a congregação a orar virada para Jerusalém e com as mãos estendidas. Ao final da oração, todos diziam: “amém”.

O orador escolhido ficava em pé e lia a Lei, enquanto o intérprete a traduzia para o aramaico. No caso de Jesus, uma passagem dos Profetas era lida e traduzida. Para comentar o texto ou pregar a respeito dele, o orador sentava-se. Após a pregação, um sacerdote, caso houvesse algum presente, dava a bênção, e todos diziam: “amém”. Como os primeiros cristãos eram judeus, naturalmente seguiam o modelo de culto das sinagogas em suas reuniões.

(Mc 1.12,13), nem os conselhos bem-intencionados de Pedro (Mt 16.22). Veja um exemplo disso em Hebreus 12.1-3.

1.39,40 — *Um leproso* era um pária. *Se queres, bem podes limpar-me* é uma prova da fé que esse homem tinha em Jesus.

1.41-43 — Jesus foi *movido de grande compaixão*. Ele não somente curou, mas também tocou o leproso. Quantas vezes vemos a necessidade de alguém, mas não nos sentimos tocados por ela nem nos envolvemos na situação? A Bíblia apresenta mais de 400 passagens que nos exortam a cuidar dos pobres (Mc 8.2; Dt 15.7-11).

1.44 — Depois de curar o leproso, Jesus mandou que ele *não dissesse nada a ninguém*. Sua exigência de que o homem ficasse em silêncio tem muitas explicações plausíveis: (1) se o leproso falasse que Cristo o havia curado antes que o sacerdote pronunciasse que ele estava puro, isso poderia prejudicá-lo; (2) o Mestre não queria ficar conhecido somente como alguém que fazia milagres; por isso, sempre mandava que os curados por Ele não dissessem nada a respeito; (3) o testemunho desse homem poderia levar Jesus e os líderes religiosos a um confronto.

1.45 — O leproso curado não obedeceu à simples ordem de Jesus para não dizer nada. Por essa razão, Cristo teve de permanecer *em lugares desertos*, pois as multidões o seguiam. O Mestre não queria fazer nada fora de hora, pois Sua hora ainda não tinha chegado.

2.1-28 — O primeiro capítulo de Marcos apresenta Jesus como uma figura popular que teve muitas experiências bem-sucedidas. Os capítulos 2 e 3 mostram a oposição que houve à Sua missão e aos Seus ensinamentos, e que há mais drama e suspense por vir.

2.2 — O livro de Marcos é um grande registro das obras de Jesus, mas o que Cristo disse também não é esquecido. O autor descreve aqui como o Mestre *anunciava-lhes a palavra*, a mensagem da chegada do Reino.

2.3 — O paraplético foi carregado por quatro homens, provavelmente em algum tipo de maca posta embaixo de sua cama (v.11).

2.4 — Muitos em meio à multidão procuravam Jesus na esperança de ver curas e milagres. O povo bloqueou a porta da casa, que já estava lotada. No entanto, a determinação daqueles homens é vista pelo fato de eles *descobrirem o telhado* do aposento onde Jesus estava pregando. É bem provável que aquela cobertura fosse de telhas e que sua superfície fosse plana.

2.5 — *Vendo-lhes a fé*. Não foram apenas os quatro homens que tiveram fé, mas o paraplético também. Quando Jesus lhe disse: *Perdoados estão os teus pecados*, dentro de si, Ele percebeu que o paraplético o reconhecia como o Messias.

2.6,7 — Marcos descreve a oposição dos *escribas*, que acusaram Jesus abertamente de blasfêmia. Na época de Cristo, estes costumavam ser chamados de *doutores*, porque estudavam a Lei de Moisés.

2.8-11 — Jesus fez a pergunta: *Qual é mais fácil?*, para mostrar que Ele podia mesmo perdoar os pecados do homem, algo que somente Deus pode fazer. Qualquer um seria capaz de dizer que podia perdoar pecados, já que não havia nenhuma forma humana de confirmar isso. Mas ao dizer: *Levanta-te, e toma o teu leito, e anda*, isso poderia ser provado na mesma hora, vendo se o paraplético iria andar ou não. Ao curá-lo, Jesus mostrou que Seu perdão tinha muito mais valor do que todos pensavam. *Filho do Homem* era um título muito usado pelo Messias (Mc 8.31; Dn 7.13).

2.12 — *Todos se admiraram e glorificaram a Deus*. A reação da multidão demonstrou que todos entenderam a importância do milagre de Jesus. É bem provável que alguns escribas e fariseus tenham dito o mesmo. Porém, o que Cristo sempre buscava era que as pessoas tivessem uma fé que transformasse sua vida, não a adoração momentânea do povo.

2.13 — Jesus geralmente ensinava à multidão em lugares afastados. Aqui, o tempo dos verbos (no pretérito imperfeito) mostra-nos isso: *A multidão ia ter com ele, e ele os ensinava*.

2.14 — Levi, também chamado de Mateus (Mt 9.9; 10.3), era judeu, mas cobrava impostos para Roma. Os judeus odiavam publicanos. Estes tinham a reputação de cobrar além do que deviam,

para aumentar sua fortuna. Ao dizer *segue-me*, Jesus deve ter mexido muito com Mateus, pois este deixou sua profissão e seguiu-o.

2.15,16 — Já que os *publicanos* trabalhavam para Roma ou para os seus representantes, como Herodes Antipas, os judeus os odiavam e consideravam-nos grandes pecadores. Ao comer com esse tipo de gente, Cristo mostrou que o perdão de Deus foi estendido às pessoas mais vis. Os cristãos é que devem ir em busca dos perdidos, já que eles raramente procuram Jesus.

2.17 — Nesse caso, Jesus estava sendo irônico quando usou a palavra *justos*. Não havia nenhum justo, embora alguns, como os fariseus, achassem que eram. Na verdade, Cristo veio chamar os *pecadores* ao arrependimento. O Mestre não concordava com as obras dos pecadores e queria que eles se arrependessem — uma mudança de coração pela qual eles admitissem que precisavam de um Salvador e reconhecessem Jesus como seu único Salvador.

2.18 — Se observarmos atentamente, Cristo não era contra o jejum. Aliás, Ele ensinou como jejuar no Sermão do Monte (Mt 6.16-18). O jejum dos fariseus aqui, feito provavelmente duas vezes por semana (Lc 18.12), contrastava com a refeição farta que Jesus fez supostamente na casa de Mateus. Alguns creem que o Antigo Testamento requeria o jejum somente em um dia do ano — o Dia da Expição (Lv 16.29); a *aflição da alma* se refere ao jejum. Esse era o único dia do ano concernente ao jejum citado no Novo Testamento (At 27.9).

2.19 — A presença de Jesus, assim como as bodas, era para ser comemorada, não lamentada.

2.20 — *Lhes será tirado* aponta para a partida de Jesus (Jo 14.19,20; Jo 16.5). Após a crucificação, os discípulos de Jesus *jejuariam*, talvez como uma demonstração de pesar por sua perda.

2.21,22 — Marcos relata somente quatro parábolas de Jesus — duas das quais ele inclui nestes versículos. A comparação feita aqui indica que a exclusividade de sua mensagem, ou da nova aliança que viria posteriormente, não tem como se adequar aos antigos moldes do judaísmo. O Antigo Testamento foi uma preparação para o Novo Testamento (Gl 3.19-25).

2.23 — As espigas colhidas inteiras eram muito saborosas e saudáveis. Colher grãos no campo para sobreviver era algo permitido pela Lei mosaica (Dt 23.25). Fazer toda a colheita e vendê-la, no entanto, era proibido.

2.24 — A razão da acusação dos fariseus contra Jesus e Seus discípulos era que eles estavam trabalhando no *sábado*, mas os motivos dos acusadores eram dúbios. O ato de colher grãos não pode ser confundido com o trabalho no sábado proibido pela Lei (Êx 31.15). Esse incidente é a prova cabal da oposição ao ministério de Cristo.

2.25,26 — Parte da defesa de Jesus foi baseada na lembrança de que Davi *comeu os pães da proposição* da casa de Deus. Já que este alimento era para os sacerdotes e os que com eles estavam, era *lícito* que os outros comessem dele também.

2.27,28 — Jesus não declarou abertamente a inocência de Davi e Seus discípulos, mas, ao contrário, lembrou àqueles que o acusavam o significado do sábado para o homem e que Ele estava acima disso. As necessidades humanas, às vezes, podem anular a observância cerimonial do sábado.

3.1,2 — A controvérsia sobre o *sábado* continuou quando Jesus visitou a sinagoga. Os fariseus (Mc 3.6) *observavam atentamente* (NVI), mas não para ouvir Suas palavras de vida, e, sim, *para o acusarem*. Do mesmo modo, ter uma atitude inflexível e procurar erro nos outros podem roubar a bênção de alguém e trazer amargura à sua alma.

3.3,4 — Jesus questionou o modo como se deveria guardar o sábado. O propósito da Lei seria muito mais valioso se a mão daquele homem fosse restaurada, mesmo no sábado, do que se a esperança dele fosse destruída só para seguir a tradição do homem. Os fariseus não responderam nada, pois sabiam que, assim, estariam condenando a si mesmos.

3.5 — Nós podemos, como Paulo afirma, irar-nos, mas não pecar (Ef 4.26). Aqui, Jesus demonstra Sua sincera indignação. Ele ficou *irado* (NVI) por causa do pecado, mas não pecou ofendendo alguém ou perdendo o controle de Suas emoções.

3.6 — Os fariseus eram religiosos experientes, cuja função era guiar o povo à justiça. Mas, ao



VOGÊ SABIA?

Os 12 APÓSTOLOS

Os 12 discípulos também eram chamados de *apóstolos* [gr. *apostolos, mensageiro*] porque foram enviados para pregar a mensagem de Cristo às pessoas, sobretudo para estabelecer as bases da Igreja. De fato, Marcos 6.30 usa a palavra *apóstolos* para descrever os 12 que foram enviados (Mc 6.7) para pregar o evangelho, expulsar os demônios e curar os enfermos. Essa mesma palavra também é encontrada em passagens semelhantes como Mateus 10.2 e Lucas 6.13; e o Evangelho de Lucas ainda a usa mais cinco vezes (Lc 9.10; 11.49; 17.5; 22.14; 24.10).

Muitos dos seguidores de Jesus poderiam ser chamados de discípulos porque ouviam o Mestre e criam no que Ele dizia. Entretanto, Cristo escolheu apenas um grupo seletivo para confiar a ele a tarefa de levar o evangelho a todo o mundo. Esses 12 formaram um círculo mais fechado junto a Jesus. (A linguagem usada em Mateus 19.28 sugere que os 12 podiam estar representando as 12 tribos de Israel. E, se levarmos em consideração o grande número de judeus a quem Mateus escreveu, esse simbolismo é muito forte.)

Esses 12 viveram com Cristo, comeram com Ele e, o mais importante, ouviram-no. Eles foram testemunhas do Seu ministério e desafiados por Ele. Juntaram-se ao Salvador para proclamar as boas-novas e servir aos outros. Desses 12, Pedro, Tiago e João foram aqueles em que Jesus mais confiava, pois somente eles testemunharam a ressurreição da filha de Jairo, a transfiguração e a oração de Jesus no Getsêmani.

Contudo, tragicamente, mesmo nesse círculo fechado de 12 homens, Satanás encontrou uma brecha para semear a discórdia, o que, no final, levou Judas a trair Cristo. Em três anos apenas, o Mestre transformou esses homens em líderes cheios de fé. Após Sua ressurreição, Ele lhes deu poder com o Espírito Santo e enviou-os para serem Suas testemunhas em todo o mundo (Mc 16.15,16; At 1.4,5; At 2.1-21).

contrário, *tomaram logo conselho com os herodianos* (seus inimigos declarados) para matarem Jesus. Eles estavam dispostos a deixar de lado suas diferenças com o propósito de destruir um adversário em comum. Os herodianos eram judeus que apoiavam Roma e, particularmente, Herodes. Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, governou a Galiléia na mesma época em que Pilatos serviu ao governador romano na Judéia e em Samaria.

3.7 — Em virtude dessa trama contra Sua vida, Jesus e Seus discípulos retiraram-se daquela região, embora as multidões ainda o seguissem do Norte (Galiléia), do Sul (Judéia) e de muito além.

3.8 — *Iduméia* (Edom no Antigo Testamento), cidade natal de Herodes, o Grande, ficava ao sul da Judéia. *Dalém do Jordão* se refere à Transjordânia, às cidades que ficavam às suas margens (Mc 10.1). *Tiro* e *Sidom* (a Fenícia no Antigo Testamento), ambas no litoral do Líbano, também foram cidades visitadas por Jesus durante Seu ministério terreno (Mc 7.24) e mencionadas em Seu ensino (Mt 11.21,22).

3.9 — *Um barquinho*. Cristo sabia muito bem do impacto que Seu ministério causava nas

multidões, mas sempre dava um jeito de ficar sozinho, o que Ele gostava muito de fazer.

3.10-12 — Algumas pessoas oprimidas que Jesus encontrou estavam possuídas por *espíritos imundos*. Esses seres espirituais não tinham um corpo físico; por isso, procuravam sempre habitar nas pessoas ou até mesmo em animais. Marcos diz que eles *prostravam-se diante dele*, levando ao chão aquele que estavam possuindo. Jesus repreendeu os demônios que declararam: *Tu és o Filho de Deus*, não porque eles estavam errados, mas porque seu testemunho não era confiável. Cristo não precisava do reconhecimento dos Seus inimigos. Porém, o autor deste Evangelho relata que até eles reconheciam quem era Jesus.

3.13 — Jesus tinha um grande número de seguidores. Em João 6.66, vemos que, mesmo depois que os 12 foram escolhidos, muitos continuaram seguindo-o. Em Lucas 10.1, é relatado que, depois, Cristo enviou mais 70 discípulos.

3.14 — Estes *doze* eram os apóstolos de Jesus — um grupo enviado para cumprir uma missão específica. Muitos poderiam ser discípulos, mas apenas um grupo seletivo de homens foi escolhido

para certas tarefas de liderança. Eles formaram um círculo mais fechado com Cristo, e, destes, Pedro, Tiago e João foram os que tiveram mais intimidade com Ele em certas ocasiões, como quando a filha de Jairo foi ressuscitada, quando Jesus foi transfigurado e quando Ele orou no Getsêmani.

Para que estivessem com ele destaca o princípio da união. Jesus trabalhou com o grupo principal dos 12, mas não com cada um deles em particular. Nós crescemos quando nos relacionamos, não quando nos isolamos. Precisamos uns dos outros porque não dispomos de todos os dons e, unidos como Igreja, o corpo espiritual de Cristo, refletimos melhor o caráter dele.

3.15 — Cristo deu *poder* ou autoridade aos 12 apóstolos (Mt 10.1-4). Paulo chama essa autoridade de *os sinais do meu apostolado* (2 Co 12.12). Cristo e Seus apóstolos confirmaram Seu ministério por meio de sinais, milagres e maravilhas (Hb 2.3,4).

3.16-19 — Jesus concedeu a *Pedro* um novo nome, pois era um costume judaico dar outro nome a alguém que tivesse tido uma experiência a qual houvesse mudado sua vida. Essa troca de

nomes é parecida com a que aconteceu com Abrão (Gn 17.3-5) e Saulo (At 9).

Jesus, com toda a certeza, enviou Seus apóstolos em duplas, como fez com os 70 discípulos (Mc 6.7-13; Mt 10.5-15; Lc 9.1-6). Isso explica a lista com o nome dos apóstolos em pares, os quais estão muito claros em Mateus 10.1-4: Pedro e André, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu (Nata- nael), Mateus e Tomé, Tiago (filho de Alfeu) e Tadeu, Simão cananeu e Judas.

Embora Judas Iscariotes tenha estado muito próximo a outro apóstolo por três dias, este não suspeitou que aquele seria o *traidor*. Estar muito próximo a outro irmão, ou até mesmo a Cristo, não é garantia de salvação. Além disso, um comportamento exemplar não prova que a pessoa foi, realmente, regenerada. Judas deve ter tido uma boa reputação para que o grupo confiasse a ele a bolsa com o dinheiro.

3.20,21 — A oposição a Jesus não vinha apenas dos Seus inimigos. *Os seus*, aqui, certamente eram Seus amigos mais chegados; talvez até Seus parentes (v.31-35). Eles ouviram Seus ensinamentos e presumiram que Ele estava *fora de si*. Isso deve ter acontecido por causa da agenda



COMPARE

OS DEUSES PAGÃOS CITADOS NO NOVO TESTAMENTO

Nome	Descrição	Referência
Belzebu	Um demônio que lidera outros, de acordo com a tradição dos judeus.	Marcos 3.22
Diana	A deusa da lua, da caça, dos animais selvagens e da virgindade na mitologia romana.	Atos 19.24,27,28
Hermes	Deus grego do comércio, da ciência, das invenções, da astúcia, da eloquência e do roubo.	Atos 14.12
Mamom	Essa palavra em aramaico significa <i>riquezas</i> ; de acordo com Jesus, elas foram personificadas como um deus falso.	Lucas 16.9,11,13
Moloque	Deus oficial dos amonitas, cujo culto envolvia sacrifício de crianças.	Atos 7.43
Renfã	Um ídolo adorado em Israel no deserto.	Atos 7.43
Castor e Pólux	Os filhos gêmeos de Zeus na mitologia grega.	Atos 28.11
Zeus	O deus supremo dos gregos na Antiguidade.	Atos 14.12,13

estressante que Cristo estava cumprindo. Ele tinha apenas três anos e meio para ministrar e precisava ganhar o máximo de tempo que pudesse. Até então, Ele ainda não se tinha retirado para se recompor física, mental e espiritualmente.

3.22 — Os *escribas*, ou mestres da lei judaica, eram mais rígidos e diretos ao se dirigirem a Jesus. Eles o acusaram de estar possuído por Belzebu (literalmente *o senhor das moscas*; 2 Rs 1.3), outro nome de Satanás. Essa falsa acusação mostra a dureza de coração e pode ser o mesmo que blasfemar contra o Espírito Santo (v.28-30).

3.23-26 — A resposta de Jesus *por parábolas*, na verdade, foi dada em três partes e mostrou a diferença entre a união e a desunião. Nada — inclusive o reino de Satanás — pode subsistir se for dividido.

3.27 — Todo aquele que quiser vencer o diabo tem de ser mais forte do que ele. Jesus mostrou aqui que Ele mesmo entrou na casa do *valente*, Satanás, para desfazer as obras deste (1 Jo 3.8).

3.28-30 — *Na verdade (amen, amen no grego)* indica a importância da declaração que viria a seguir. Enquanto os profetas diziam *assim diz o Senhor*, o que Cristo declarava era verdade por causa dele mesmo. Embora Jesus não diga que alguém da multidão tenha cometido o pecado descrito por Ele, afirma nitidamente que a pessoa nessa condição não tem mais esperança alguma.

Todo aquele que *blasfemar contra o Espírito Santo* se afastará totalmente da graça redentora de Deus. Aparentemente, isso não é apenas um simples caso de comportamento errado, mas uma oposição constante feita por vontade própria e, portanto, irrevogável.

O tempo verbal de *porque diziam* nos dá a ideia de uma ação contínua, não apenas algo que aconteceu uma vez só. As palavras e obras de Cristo foram ditas e realizadas pelo poder do Espírito Santo. Atribuí-las a Satanás é o mesmo que conferir uma autoridade celestial ao inferno. E, se alguém insistir nisso, não terá perdão.

Como, hoje em dia, alguém pode estar em uma situação parecida, é algo difícil de responder, mas aqueles que insistirem em denegrir o nome de Cristo, dizendo que Ele e Suas obras são motivados e outorgados por Satanás, e não pelo Espírito Santo, certamente estarão em uma posição de perigo, quase sem esperança de regeneração (Mt 12.31,32).

3.31,32 — Aqui, a oposição a Jesus veio de Sua própria família, *seus irmãos e sua mãe*. Não sabemos exatamente o que eles queriam falar com Cristo, mas, provavelmente, estavam preocupados com Sua segurança e reputação, já que Ele estava ficando conhecido em todos os lugares por pregar como um profeta (Mc 1.14,15) e realizar milagres (Mc 1.31; 2.12).

3.34,35 — *Qualquer que fizer a vontade de Deus* expressa a fidelidade espiritual que vai além da lealdade à família biológica. O parentesco espiritual é determinado não pelo sangue ou pela raça, mas pela obediência. Portanto, mesmo que tenhamos um lar muito rico, devemos manter o foco na família maior que temos, a Igreja de Deus, com quem teremos um relacionamento eterno.

4.1-34 — Marcos enfatiza em seu Evangelho tanto as obras como as palavras de Jesus. Ambas são importantes.



VOCÊ SABIA?

OS SINAIS NO ANTIGO TESTAMENTO

Marcos conta a história de Jesus assim como os discípulos a devem ter contato depois da ressurreição de Cristo. O autor toma como base do seu relato as promessas sobre o Messias do Antigo Testamento, começando exatamente onde Malaquias — o último livro do Antigo Testamento — termina. Ele inicia apresentando João Batista como precursor do Messias.

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que falava por meio de parábolas difíceis de entender, Ele disse que estava cumprindo a profecia de Isaias 6.9,10 (Mc 4.10-13). E quando avisou aos discípulos que fugiriam quando Ele fosse preso, Cristo confirmou isso ao citar o profeta Zacarias (13.7; Mc 14.27).

4.2 — As *parábolas* são muito mais do que uma história ilustrada ou com uma aplicação moral; elas ensinam verdades espirituais e essenciais do Reino de Deus.

4.3-9 — A história que Jesus conta aqui é muito fácil de entender. Na época do plantio, era comum ver pessoas lançando sementes em pequenos campos. Elas as lançavam nos tipos de solo descritos por Jesus — caminhos abertos ao longo do campo, terrenos com grandes rochas debaixo da superfície, campos repletos de ervas daninhas, e um solo excelente e rico. A ideia central da parábola é que a condição do solo determina como será o crescimento — e o princípio é o mesmo tanto para cristãos como para não cristãos. A Palavra não faz efeito algum na vida dos que são indolentes ou descompromissados (Tg 1.22-25).

4.10 — Aparentemente, o extensivo ensinamento de Jesus chegou ao fim, e a multidão que o seguia foi embora. Cristo deve ter ensinado por horas, contando muitas de Suas parábolas (v.2) nessa ocasião. Ele estaria sozinho aqui, se não fosse pelos que sempre o acompanhavam e *interrogaram-no acerca da parábola* (do semeador).

4.11 — Os *mistérios* na Bíblia são as verdades que foram e ainda serão reveladas em tempo oportuno (Rm 16.15-26). Jesus aparentemente usou parábolas por várias razões: primeiro, elas eram interessantes e atraíam a atenção dos ouvintes; segundo, essas histórias eram fáceis de se lembrar; terceiro, elas revelavam a verdade àquelas que estavam prontos espiritualmente para recebê-las; e, quarto, elas ocultavam a verdade dos que se opunham à mensagem de Cristo. Os inimigos de Jesus, geralmente, não entendiam o que elas queriam ensinar por causa da sua cegueira espiritual (Mt 21.45,46).

4.12 — Nem todos entenderiam os ensinamentos do Reino de Deus. Compare essa afirmação de Jesus com Isaias 6.9,10 e 43.8.

4.13,14 — Em resposta ao pedido dos discípulos, Jesus explica a parábola do semeador e os quatro tipos de solo (do coração; veja o versículo 15). O número quatro não é muito importante. Cristo poderia ter usado três, cinco ou seis tipos de solo para mostrar como as pessoas receberiam

a *palavra* (v.14), a mensagem de Jesus sobre a vinda do Reino, de várias maneiras.

4.15 — O solo junto ao caminho é sempre pisado, duro e quase improdutivo. As *aves* (v.4) representam Satanás, *que tira a palavra que foi semeada no coração deles*. Outro texto diz que Satanás pode cegar a mente daqueles que não creem (2 Co 4.4). A explicação meticolosa de Jesus acerca desse mesmo texto em Mateus 13.19 diz que, quando alguém não entende, *vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração*.

4.16,17 — O solo superficial sobre *pedregais* representa os que parecem desejosos de receber a mensagem de Cristo, mas que não têm um firme compromisso.

4.18,19 — O solo com espinhos representa os que *ouvem a palavra*, mas são inconstantes e, por isso, tornam-se improdutivo. A preocupação (geralmente com *os cuidados deste mundo*) e a busca pelo prazer (*os enganos das riquezas, e as ambições de outras coisas*) são o que causa uma apatia espiritual que leva à morte.

4.20 — Apenas um solo é produtivo. Cristo enfatiza a necessidade de *ouvir a Palavra, recebê-la e dar fruto*. Desse modo, a fé se torna realidade, começa a operar e a transformar vidas. O verbo *receber* é o mesmo que *crer*. Alguém só recebe algo de acordo com o que crê, e o valor de sua fé também só depende daquilo em que ele crê. As pessoas creem em muitas coisas, mas, no fim, a verdade é a única coisa em que vale a pena crer (Jo 8.31,32).

4.21-23 — A lição de Jesus sobre a *candeia* — um pequeno vaso de barro com um pavio na ponta que acende com óleo — é que a luz revela o que está oculto. Como a candeia, os ensinamentos de Cristo revelam as intenções do coração do homem. O tempo acabaria provando a veracidade de Seus ensinamentos e revelando os segredos ocultos do homem.

4.23 — *Ouçã* [gr. *akouo*] é usado quatro vezes em dois versículos. Ouvir o que é certo e responder corretamente é algo essencial à prosperidade espiritual. Como é importante sermos seletivos naquilo que ouvimos e buscamos! Nós sempre tomamos decisões pelo que vemos e ouvimos (Tg 1.19).

4.24 — Àquele que *ouve* — que recebe as boas-novas — mais bênçãos espirituais *ser-lhe-ão* dadas. Um cristão que deseja crescer deve ter um coração aberto e estar disposto a aprender.

4.25 — *Ao que tem*, referindo-se àqueles que têm uma vida espiritual no altar, continuarão aprendendo e crescendo. *O que não tem* uma vida espiritual abençoada perderá até o pouco interesse que tem por Deus.

4.26-29 — O crescimento das plantas é algo muito complexo, um processo complicado que o homem ainda não entende por completo, mesmo dois mil anos depois de Jesus ter dito tais palavras. As plantas crescem e dão frutos ao mesmo tempo. O Reino de Deus, do mesmo modo, está crescendo, embora não entendamos como isso acontece. Essa parábola, que se encontra somente no Evangelho de Marcos, fala do Reino do Senhor de uma forma breve, da semente à colheita final. Na verdade, nós trabalhamos com o Altíssimo, mas dependemos totalmente dele para crescer.

4.30-32 — A semente de mostarda é muito menor do que o grão de milho ou de trigo, mas cresce de um modo espetacular, chegando a uma altura de três a seis metros. A questão aqui é o grande crescimento de uma semente que, no início, é tão pequena e insignificante. O Reino que Jesus veio anunciar teve pouco apoio ao longo da história, mas cumprirá totalmente Seu propósito quando o Messias voltar. As aves que constroem seus ninhos *debaixo da sua sombra* (v.32) não devem ser confundidas com as da parábola do semeador (Mc 4.4). Na verdade, essas aves demonstram como a plantação de mostarda pode crescer.

4.33,34 — As *parábolas* eram uma ferramenta básica usada por Jesus em Seus ensinamentos.

4.35 — Passar para a outra margem do mar da Galiléia, que é um lago, significava velejar por oito milhas, o que, à primeira vista, podia parecer fácil. Entretanto, sua localização geográfica é capaz de surpreender com variações climáticas das mais diversas. O lago se encontra 700 pés abaixo do nível do mar e é cercado por montanhas de três a quatro mil pés de altura pelo leste, oeste e norte. Nessa região, o clima predominante é o tropical. Tanto é que bananas são ali plantadas

hoje em dia. Contudo, as noites podem ser bem frias, devido ao ar frio advindo das montanhas.

4.36,37 — Até hoje, não é algo incomum um *grande temporal de vento* acontecer durante a noite no mar da Galiléia. O ar quente tropical que surge da superfície do lago se junta ao ar frio das colinas ao redor, e o resultado turbulento disso faz com que se levantem grandes *ondas*, que tornam a navegação extremamente perigosa.

4.38 — O fato de Jesus estar *dormindo sobre uma almofada* demonstra Sua verdadeira humanidade. Ele era totalmente humano e precisava comer e descansar como qualquer pessoa.

4.39 — As ordens que Jesus deu ao vento e ao mar expressam como Sua deidade era completa. Somente o Deus Criador pode acalmar o vento e o mar.

4.40,41 — Marcos usa a pergunta dos discípulos — *Quem é este?* — para que seus leitores formulassem a mesma pergunta em sua mente. Ele relata as palavras e as obras daquele a quem chama de *Jesus Cristo, Filho de Deus* (Mc 1.1).

5.1—8.30 — Na maior parte da seção que começa aqui, Marcos fala sobre o resultado da fé e da incredulidade, tendo seu ponto alto na confissão de Pedro sobre a deidade de Jesus.

5.1-20 — Marcos descreve na íntegra como Cristo lidou com o endemoninhado de Gadara. Lucas relata toda a história em 11 versículos, enquanto Mateus usa apenas sete. Marcos, porém, conta-nos todos os detalhes.

5.1 — *A província dos gadarenos* ficava a sudoeste do mar da Galiléia. A palavra *gadarenos* é usada aqui e em Lucas 8.26,27. Não havia nenhuma vila ou cidade ao longo da estreita margem oriental do lago por causa dos enormes penhascos que se estendiam desde a superfície. Entretanto, tais penhascos íngremes eram em menor quantidade no lado sul, onde ficava Gadara, a muitos metros acima do nível do mar no vale do Jordão.

Jesus desembarcou na margem oriental, *que está defronte da Galiléia* (Lc 8.26), em uma comarca que não se pode determinar com exatidão, não obstante os três Evangelhos mencionarem Gadara. Os manuscritos gregos e suas versões nomeiam os gadarenos, os gerasenos, ou

os gergesenos, de maneira que se pode pensar nos distritos das cidades de Gadara, Gerasa e Gergesa.

Contudo, de imediato podemos descartar Gerasa, situada a 65 Km do lago de Tiberíades, em direção ao sudeste. Gadara, hoje *Mkes*, embora muito mais próxima, estava a três horas de caminhada (12 Km) da margem do lago, indo na direção do sul, quando o relato supõe uma localidade bem mais próxima. Resta, pois, Gergesa, que os estudiosos modernos identificam como o lugar chamado *Kersa* ou *Kursi*, onde há algumas ruínas que foram descobertas no ano de 1860, não longe da margem oriental, defronte a Magdala, indo na direção em que o rio *Semak* desemboca no lago. Não distante dali se veem nas rochas grutas naturais, que em outros tempos serviram de sepultura natural. Este é também o único lugar onde há uma colina que se ergue sobre o lago, cenário adequado para a cena final deste episódio.

5.2 — Parece que, logo após sair do barco e antes de ir para os montes ali perto, Jesus encontrou um homem com *um espírito imundo* (Mc 1.23), endemoninhado, como o versículo 15 deixa bem claro.

5.3,4 — Os *sepulcros* eram cavernas escavadas nas rochas, geralmente usadas para sepultar pessoas. Certamente, a força descomunal daquele homem vinha do demônio que o possuía.

5.6-8 — Jesus soube distinguir muito bem entre o homem e o demônio que o estava possuindo. Embora aquele homem tenha ficado prostrado diante de Cristo, Jesus sabia que quem falava com Ele era o demônio, e este, do mesmo modo, dirigia-se a Ele.

5.9 — *Legião é o meu nome*. Ao dizer seu nome a Jesus, o demônio estava reconhecendo a autoridade de Cristo. Uma legião do exército romano era composta por quatro mil a seis mil soldados. Os *muitos* demônios mostram o estado caótico da mente daquele homem.

5.10 — *Fora daquela província*. Eles consideravam aquela região gentílica seu território.

5.11 — A presença dos *porcos* mostra que, ali, o povo era gentio.

5.12,13 — Não há indícios de que os demônios precisavam da *permissão* de Cristo para entrar naqueles animais, mas tudo indica que, com isso, eles estavam tentando evitar serem presos por Ele para sempre. (O poço do abismo, em Apocalipse 9.1, pode ser um lugar de cativeiro.) Jesus não tinha nada a ver com a atitude que os demônios tomaram; não foi Ele que mandou os porcos se lançarem ao mar. Até hoje, dois mil porcos equivalem a uma manada muito grande. Seu valor poderia chegar, atualmente, a aproximadamente 500 mil reais — uma grande perda para seus proprietários.

5.14 — O Antigo Testamento proibia todo judeu de ter qualquer contato com porcos (Lv 11.7,8). Sendo assim, os donos desses animais, provavelmente, não eram judeus, pois essa região era habitada por muitos gentios (Mc 5.20).

5.17-20 — Jesus não foi bem recebido nessa região. Sua presença levou alguns a sofrerem perda financeira, embora o endemoninhado tenha sido liberto. Cristo poderia ter curado e salvado naquele lugar, mas seus habitantes ficaram temerosos e pediram-lhe que fosse embora. Mesmo assim, Ele deixou uma grande testemunha ali. *Todos se maravilhavam* quando ouviam *quão grandes coisas Jesus lhe fizera*.

Depois, então, o próprio Mestre foi a Decápolis (Mc 7.31), cujo nome significa literalmente *dez cidades*. A maior cidade era Citópolis (antiga Berseba), e incluía Damasco, mais ao norte, e Filadélfia (a moderna Amã, capital da Jordânia), no extremo sul. As outras sete cidades eram Pela, Abila, Gerasa (Jerash), Hipos, Dion, Rafana e Gadara. Essa enorme região gentílica na qual se falava o grego era um elo estratégico para a defesa militar romana.

5.21 — Jesus passou outra vez *num barco para o outro lado* e foi a Cafarnaum, embora Marcos não mencione essa informação aqui. Mateus 9.1 diz que Ele voltou *à sua cidade*, uma referência bem clara a Cafarnaum, quartel-general do ministério de Jesus.

5.22 — Jairo, *um dos principais da sinagoga*, era um líder leigo encarregado de supervisionar os serviços da sinagoga.



EM FOCO

SINAGOGA [GR. SUNAGOGÉ]

(Mc 1.21; 5.22; 6.2; 13.9)

Essa palavra significa, literalmente, *um lugar onde as pessoas se reúnem*. Depois que a Babilônia destruiu o templo (586 a.C.), as sinagogas começaram a surgir gradualmente em muitas cidades judaicas como local de adoração e escola para ensinar a Lei mosaica. Nelas, os judeus se encontravam no dia de sábado, recitavam orações e liam as Escrituras.

5.23 — Por já saber que Jesus tinha poder para operar milagres, Jairo foi ao Seu encontro, talvez com a maior necessidade que já havia tido em sua vida. Ele sabia que Cristo podia resolver o seu problema. Aquele homem cria — de modo errado, por sinal — que o Mestre tinha de tocar em sua filha que estava muito enferma, a fim de que ela fosse, realmente, curada. No entanto, sua fé era, certamente, inabalável.

5.24 — A multidão que aguardava ansiosamente por Cristo o *apertava*. O povo espremia Jesus de todos os lados.

5.24-34 — Em meio a esse evento com a filha de Jairo, vemos a história de uma mulher que tinha um fluxo constante de sangue, provavelmente, um terrível distúrbio menstrual. Por essa razão, era considerada impura, e, segundo a Lei, todos em que ela tocasse também se tornariam impuros por um dia (Lv 15.25-27). Mesmo assim, ela se misturou à multidão para tocar no Mestre.

5.26 — Marcos não foi complacente como os médicos que trataram a mulher, dizendo que ela havia *despendido tudo quanto tinha*. Lucas, que era médico, omite os detalhes relatados por Marcos de que a situação daquela senhora estava indo de mal a pior.

5.27 — A mulher *tocou na sua vestimenta*. Talvez, ela já tivesse ouvido que outra pessoa havia sido curada do mesmo modo — e ela, certamente, deve ter ficado com medo de sua situação constrangedora ser revelada em meio à multidão.

5.28 — O que a motivou a agir dessa forma foi a sua fé.

5.29,30 — A palavra *logo* é usada duas vezes nessa passagem. Tanto a mulher como Jesus sentiram na *mesma hora o que tinha acontecido*. Porém, ela não tinha a menor ideia de que o Mestre sabia que a havia curado. Enquanto aquela senhora procurava desaparecer em meio à multidão, Cristo se voltou para todos e perguntou: *Quem tocou nas minhas vestes?* Ele não queria que a mulher tivesse uma ideia errada de sua cura. Ela ficou sarada não porque Suas vestes tinham propriedades mágicas, mas por causa do Seu poder.

5.31 — Ninguém sabia que uma cura tinha acontecido. Os discípulos ficaram preocupados, talvez porque quisessem chegar logo à casa de Jairo.

5.32 — *E ele olhava em redor*, ou seja, ficou olhando em volta para as pessoas que estavam perto dele.

5.33 — A forma gentil como Jesus tratou essa mulher e Suas palavras carinhosas devem ter tirado dela o medo de ser descoberta. Aquela senhora, então, prostrou-se diante dele e *disse-lhe toda a verdade*. Naturalmente, o tempo que Cristo levou falando com a mulher deve ter preocupado ainda mais os discípulos, que já estavam tensos.

5.34 — Jesus usou uma palavra carinhosa — *filha* — para falar com a mulher, pois Ele percebeu que sua fé foi colocada corretamente nele — e foi isso que fez a diferença. A fé por si mesma não cura; ao contrário, o verdadeiro objeto da nossa fé é que cura: Jesus.

5.35,36 — O que eles ouviram foi que o estado da menina não tinha mais jeito, pois ela já estava morta e não havia mais nada a fazer. Jesus, na mesma hora, corrigiu o que estavam pensando e disse a Jairo: *Não temas, crê somente*.

5.37 — Jesus permitiu que somente três discípulos entrassem com Ele: *Pedro, e Tiago, e João*. Note que estes foram os mesmos que viram a transfiguração (Mc 9.2) e estiveram junto com o Mestre enquanto Ele orava no Getsêmani (Mc 14.32,33).

5.38-40 — O luto, naqueles dias, era algo impetuoso e proclamado em alta voz.

5.41 — *Talitá cumi* é uma expressão aramaica.

**COMPARE****Os MILAGRES EM MARCOS**

Marcos dedica a maior parte do seu Evangelho a contar os milagres de Jesus mais do que qualquer um dos autores dos outros Evangelhos. Para o autor, esses milagres eram a demonstração do poder de Cristo — Seu poder sobre as enfermidades, as forças do mal e, até mesmo, a natureza. Muitos o procuravam para serem curados e saciados. Alguns se perguntavam quem era Jesus realmente, e outros o seguiam.

Milagres	Referência	O que o milagre demonstrou	O resultado
Jesus liberta pessoas de espíritos imundos	Mc 1.23-28	O poder de Jesus sobre as forças do mal	Todos em Cafarnaum se admiraram e perguntaram: "Que nova doutrina é esta?"
Jesus cura a sogra de Pedro	Mc 1.29-34	O poder de Jesus sobre as enfermidades	As pessoas traziam os enfermos e endemoninhados para serem curados
Jesus purifica da lepra	Mc 1.40-45	A compaixão de Jesus e Seu poder sobre as enfermidades	O leproso contou a todos sobre Jesus, e as pessoas vieram de todos os lugares para vê-lo
Jesus cura um paraplético	Mc 2.1-12	O poder de Jesus sobre as enfermidades e Sua Autoridade para perdoar	Os fariseus questionaram a autoridade de Jesus para perdoar, mas as pessoas glorificaram a Deus
Jesus cura um homem com a mão mirrada	Mc 3.1-6	O poder de Jesus sobre as enfermidades e Sua autoridade para fazer o bem no sábado	Os fariseus quiseram acusar Jesus de violar o sábado e começaram a tramocar contra Ele
Jesus acalma a tempestade	Mc 4.35-41	O poder de Jesus sobre a natureza	Os discípulos ficaram com medo e perguntaram. "Quem é este?"
Jesus expulsa demônios	Mc 5.1-20	A compaixão de Jesus e Seu poder sobre as forças do mal	O homem libertado disse a todos o que Jesus havia feito por ele, mas eles pediram que Cristo deixasse a região
Jesus cura a filha de Jairo	Mc 5.21-24; 35-43	O poder de Jesus sobre a morte	A família de Jairo ficou maravilhada com o que Jesus fez
Jesus cura uma mulher com fluxo de sangue	Mc 5.25-34	O poder de Jesus sobre as enfermidades	
Jesus alimenta cinco mil pessoas	Mc 6.30-44	O poder de Jesus para prover alimento	O coração dos discípulos estava endurecido, e eles não entenderam o significado do milagre (v.52)
Jesus anda sobre as águas	Mc 6.45-52	O poder de Jesus sobre a natureza	Os discípulos ficaram maravilhados
Jesus expulsa os demônios da filha de uma mulher siro-fenícia	Mc 7.24-30	O poder de Jesus sobre as forças do mal mesmo à distância	
Jesus cura um surdo-mudo	Mc 7.31-37	O poder de Jesus sobre a capacidade de ouvir e falar	As pessoas ficaram impressionadas e espalharam as novidades sobre Jesus
Jesus alimenta quatro mil pessoas	Mc 8.1-10	O poder de Jesus para prover alimento	
Jesus cura um homem cego	Mc 8.22-26	O poder de Jesus sobre a visão	
Jesus expulsa um espírito imundo que causava mudez e surdez	Mc 9.14-29	O poder de Jesus sobre as forças do mal e a fonte do Seu poder: oração	Os discípulos perguntaram a Jesus de onde vinha Seu poder
Jesus cura o cego Bartimeu	Mc 10.46-52	O poder de Jesus sobre a visão	Bartimeu passou a seguir Jesus
Jesus amaldiçoa uma figueira	Mc 11.12-14; 20-24	O poder de Jesus sobre a natureza e a fonte do Seu poder: oração	Pedro ficou maravilhado



VOCÊ SABIA?

UM MESSIAS TRABALHADOR

À semelhança de Seu pai de criação, José, Jesus trabalhava como carpinteiro (Mc 6.3), e é bem provável que Ele tenha continuado Sua profissão enquanto viajava, ensinando e curando.

Certamente, Cristo não recebia nada por Seu ministério. Somente os oficiais do templo e os membros da corte tinham salários. O restante dos líderes e mestres religiosos já era rico ou vivia do comércio ou da sua profissão.

Jesus recebia ajuda financeira de irmãs que eram ricas, além de ser muito bem recebido como convidado em diversos lares. Seus inimigos podiam até fazer muitas acusações contra Ele — de que não guardava o sábado, comia e bebia com pecadores, e fazia a si mesmo Deus —, mas jamais poderiam acusá-lo de ser preguiçoso. Na verdade, os próprios conterrâneos de Cristo ficaram maravilhados com Seus ensinamentos, pois pensavam que Ele fosse *apenas um carpinteiro*.

5.42 — Já que a menina *se levantou*, isso mostra que sua vida foi restaurada, assim como aconteceu com o filho da viúva de Naim (Lc 7.15) e com Lázaro, que ficou morto por quatro dias (Jo 11.44). Um dia, todos os três morreram de novo. A ressurreição de Jesus, entretanto, foi única. E não somente Sua vida foi restaurada, mas também Seu corpo foi transformado, a fim de que Ele jamais morresse outra vez.

5.43 — A ordem que Ele deu para que o milagre fosse mantido em segredo era algo temporário, até porque a ressurreição da menina não poderia ser mantida em sigilo por muito tempo. Ele, porém, sempre dizia isso, para que pudesse ir embora com tranquilidade. Jesus não queria ficar conhecido como alguém que fazia milagres, a fim de que as pessoas não o buscassem por motivos errados.

6.1 — Jesus passa a ministrar em *sua terra*, na região de Nazaré, onde Ele havia crescido.

6.2 — As pessoas rapidamente reconheceram a *sabedoria* e as *maravilhas* de Jesus, mas rejeitaram Sua mensagem por causa da dureza de coração e frieza espiritual que possuíam. Cristo ensinou que Ele mesmo era o cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento (Lc 4.16-21).

6.3 — José talvez não tenha sido mencionado aqui porque já tivesse morrido. Marcos cita os quatro *irmãos* de Jesus pelo nome de cada um, assim como suas *irmãs*. Outro irmão, Tiago, não creu em Cristo antes da crucificação (Jo 7.5), mas, ao que tudo indica, ele passou a ter fé em Jesus após Sua ressurreição (At 1.14; 1 Co 15.7).

Mais tarde, ele se tornou um líder da Igreja em Jerusalém (At 15.13; Gl 1.19) e escreveu a epístola de Tiago. Posteriormente, Judas também escreveu um livro, o qual traz seu nome (Jd 1).

6.4-6 — *Não há profeta sem honra, senão na sua terra* é um provérbio verdadeiro, que ainda se repete muito hoje em dia. Talvez, o povo estivesse com inveja da popularidade de Jesus e das multidões que o seguiam. Esse mau sentimento até levou Seus conterrâneos a agirem de forma violenta contra Cristo (Lc 4.29).

6.7 — *Dois a dois* gera comunhão, apoio, encorajamento, prestação de contas e testemunho correto. Atualmente, este ainda é um bom princípio para a Igreja seguir em termos de evangelismo e visitação.

6.8-11 — Os Doze saíram levando essas instruções para sua missão, e o resultado se encontra em Marcos 6.30. Tais regras tornaram a missão mais fácil e encorajaram os discípulos a confiarem que Deus lhes proveria abrigo e alimento, pois os judeus fiéis que ouvissem sua mensagem lhes dariam tudo isso.

6.12 — Os apóstolos pregavam para que as pessoas *se arrependessem*, e esta era a prioridade da sua mensagem. Era necessário arrependimento para receber a nova vida oferecida por Cristo.

6.13 — Expulsar os demônios e curar os enfermos trariam autoridade à mensagem dos apóstolos (2 Co 12.12; Hb 2.3,4).

6.14-19 — Esses versículos dão uma pausa na narrativa para contar sobre a morte de João Batista. A fama repentina de Jesus foi tão alarmante

que Herodes temia que João tivesse ressuscitado dos mortos. Os discípulos que Cristo enviou (Mc 6.7-13) certamente fizeram a preocupação de Herodes aumentar. Parece que um dos objetivos de Marcos em descrever o falecimento de João era apontar para a morte cruel do próprio Cristo, e até mesmo de alguns dos Seus seguidores.

6.14 — O rei Herodes é Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande, o governante que tentou matar Jesus quando menino (Mt 2.1-18). Após a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C., seu reino foi dividido entre Arquelau, que recebeu a Judéia e Samaria; Filipe, que governou a Ituréia e Traconites, no norte e leste da Galiléia; e Antipas, que controlou a Galiléia e a Peréia desde 4 a.C. a 39 d.C. A maior parte do ministério de Cristo foi realizada no território governado por Antipas.

6.15 — Este versículo mostra o contraste da esperança que Israel colocava na vinda do Messias. Aqui, está óbvio que muitos não entenderam a missão divina que Jesus estava realizando.

6.16,17 — O cárcere onde João ficou preso era em Machaerus, nas colinas que davam para o mar Morto. Um palácio e uma grande fortaleza ocupavam essa região. Herodias era neta de Herodes, o Grande, e irmã de Herodes Agripa I (At 12.1-23). Ela era casada com Filipe, meio-irmão de Herodes Antipas, mas não o Filipe de Lucas 3.1. O primeiro marido de Herodias nunca chegou a ser um governante. Ela se divorciou dele para casar com Herodes Antipas. Este, por sua vez, divorciou-se de sua primeira mulher, a filha de Aretas IV, rei da Arábia (2 Co 11.32).

6.18-21 — O que João disse a Herodes foi que seu casamento não era *lícito* porque se tratava de seu segundo casamento. A afirmação de João podia estar baseada nas rígidas palavras de Jesus sobre o divórcio (Mc 10.11,12) ou em Levítico 20.21, que proibia um homem de tomar a esposa do seu irmão.

6.22 — A filha de Herodias, chamada Salomé, ainda não era casada naquela ocasião e fez uma dança sedutora para agradar Herodes Antipas. Mais tarde, ela se casou com Filipe, o Tetrarca, que governou Ituréia e Traconites, e é citado em Lucas 3.1.

6.23-25 — Por ter agradado a Herodes Antipas, ele jurou a Salomé que lhe daria até metade do seu reino (uma expressão que dava a ideia de uma quantidade enorme, porém dentro dos limites), o que lembra as palavras ditas por Xerxes a Ester (Et 5.3-6). Seu gesto, certamente, foi exagerado, mas Salomé aproveitou a oportunidade e usou-a em favor de sua mãe, Herodias, que odiava João Batista.

6.26 — *Entristeceu-se muito*. A morte de João ordenada por um governante que o considerava inocente é similar à morte de Jesus consentida por Pilatos (Mc 15.14,15).

6.27-29 — Para manter seu juramento, Herodes enviou o executor. Aqui, Marcos usa a palavra *spekoulatora*, que seus leitores romanos entenderiam facilmente.

6.30 — A palavra *apóstolos* [gr. *apostello, eu envio*] refere-se aos 12 discípulos enviados por Jesus no versículo 7. Esse termo, há muito, tem sido usado para designar os 12 que foram escolhidos por Cristo primeiro. É o mesmo encontrado em passagens semelhantes, como Mateus 10.2 e Lucas 6.13. Embora não seja muito usado por Marcos, o vocábulo é empregado com frequência por Lucas com o mesmo sentido (Lc 17.5; 22.14; 24.10).

6.31,32 — Os discípulos regressaram de sua viagem missionária na Galiléia, que começa no versículo 7. Jesus buscou a privacidade de um lugar deserto que ficava em Betsaida (Lc 9.10), mas, ainda assim, distante da cidade.

6.33-35 — Os Evangelhos relatam várias vezes que, quando Jesus via a necessidade das pessoas, Ele se *compadecia* delas (Mc 1.41; Êx 34.6). Essa compaixão o levou a agir, embora a falta de alimento naquela região fosse notória.

6.36-38 — Os discípulos não queriam assumir a responsabilidade de alimentar a multidão. Então, disseram: *despede-os*. Certamente, eles pensaram que estavam demonstrando compaixão com sua atitude. Mas a resposta de Jesus — *dai-lhes vós de comer* — deve tê-los deixado surpresos. A palavra *dinheiro* é *denário* no latim, uma moeda de prata muito comum. A quantia aqui mencionada era, basicamente, a que um trabalhador recebia por um dia de trabalho. Tomé calculou

que seria preciso o salário de dois mil dias de trabalho para alimentar aquele povo.

6.39,40 — Detalhes como *sentar sobre a erva verde*, o que só é possível no fim do inverno ou início da primavera, e o fato de os grupos terem sido repartidos *de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta* indicam que quem testemunhou isso, provavelmente Pedro, foi quem contou a história a Marcos. A Bíblia declara, em João 6.4, que isso ocorreu próximo à Páscoa, sempre celebrada em março ou abril.

6.41 — O tempo verbal de *deu*, usado tanto nesta passagem de Marcos como em Lucas (9.16), sugere que a multiplicação dos pães acontecia nas mãos de Jesus, enquanto Ele *prosseguia* ou *continuava dando* pão e peixe aos discípulos.

6.42,43 — Os *doze cestos cheios de pedaços* eram pequenos cestos geralmente usados pelos viajantes (compare com os cestos descritos em Marcos 8.8, os quais eram bem maiores). Podemos dizer que os cestos que sobraram foram suficientes para, posteriormente, alimentar os discípulos. Quando colocamos a vontade de Deus em primeiro lugar, Ele cuida das nossas necessidades (Mt 6.33) e dá-nos o pão de cada dia. O que o Senhor quer é que dependamos dele diariamente.

6.44 — Além dos *cinco mil homens*, Mateus 14.21 afirma que também havia mulheres e crianças, o que explica a presença do rapaz que doou seu lanche a Jesus (Jo 6.9).

6.45 — Cristo teve dificuldade para dispensar a multidão, porque o povo estava determinado a fazê-lo rei à força (Jo 6.15).

6.46 — Jesus passou muitas noites em oração durante Seu ministério. A oração é algo essencial para termos comunhão espiritual com o Pai e sempre precede situações difíceis que acontecem conosco. No entanto, depois desta noite em particular, o Mestre procurou ficar sozinho, mas não conseguiu. Ele também estava enfrentando a tentação de Satanás de deixar o caminho que levava à cruz para se tornar rei antes do tempo.

6.47 — *No meio do mar* não quer dizer no meio do lago, mas simplesmente em algum lugar dele. Provavelmente, eles estavam perto da costa ao norte.

6.48 — A *quarta vigília* ia das três às seis da manhã. O fato de querer *passar adiante deles* não significa que Ele estava indo para outro lugar. Ele queria revelar-se aos discípulos de forma milagrosa.

6.49 — Quando os discípulos viram Jesus, pensaram que era um *fantasma* (uma assombração), um sinal que era sempre considerado como um presságio do mal e até mesmo da morte.

6.50 — Marcos não fala que Pedro andou sobre o mar indo ao encontro de Jesus (Mt 14.28-31). Com toda a certeza, Marcos sabia que isso tinha acontecido, mas não quis exaltar o apóstolo.

6.51,52 — Esses três milagres são descritos nesse breve relato (v.47-51): (1) mesmo no escuro, Jesus viu os discípulos em meio à tempestade a quilômetros de distância; (2) Cristo caminhou sobre as águas; e (3) mostrou ter total domínio sobre a criação quando *o vento se aquietou*.

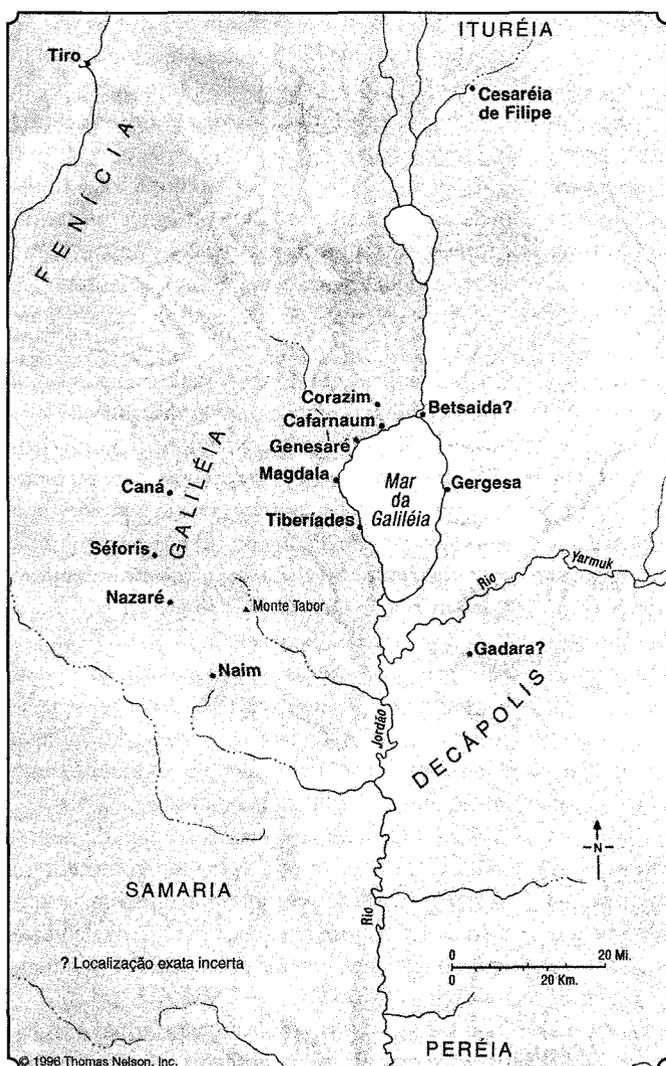
6.53 — Eles estavam indo para Betsaida (v.45), a nordeste da costa, mas parece que a tempestade mudou seu rumo. A *terra de Genesaré* ficava a noroeste da costa do mar da Galiléia, a oeste de Carfarnaum. Ela era, e ainda é, uma região muito fértil para a agricultura.

6.54-56 — Marcos faz um resumo do ministério de cura de Jesus mostrando como ele foi extenso. A orla dos vestidos era muito importante, pois era sempre feita com franjas que lembravam aquele que os vestia acerca dos mandamentos divinos (Mc 5.27; Nm 15.37-41).

7.1-23 — Nesse capítulo, os escribas e os fariseus tornaram mais notórias suas acusações contra Jesus. O abismo que há entre a verdadeira espiritualidade e as tradições criadas por homens é muito grande.

7.1 — *Jerusalém* era a principal cidade da fé judaica. Os fariseus (Mt 5.20) e os escribas (doutores da Lei), certamente, foram enviados pelas autoridades religiosas judaicas para se certificarem da posição de Jesus em relação aos assuntos que eles achavam importantes. Os Evangelhos mostram que havia tanto maus como bons escribas (Mt 7.29; 8.19).

7.2 — Os *repreendiam*. É muito mais fácil criticar do que motivar. Os terapeutas dizem que,



Cidades onde Jesus exerceu Seu ministério na Galiléia

Jesus iniciou Seu ministério público em Caná, onde agraciou um casamento com Sua presença e transformou a água em vinho (Jo 2.1-11).

Na sinagoga de Nazaré, Jesus anunciava que Ele era o cumprimento da profecia do livro de Isaías (Lc 4.16-22). Porém, como sua cidade natal o rejeitou, Ele foi para Cafarnaum, uma próspera cidade pesqueira situada ao longo de uma rota de comércio internacional. Lá, Ele estabeleceu a base de Seu ministério.

Em Cafarnaum, Ele convocou Mateus para ser Seu discípulo (Mc 2.14) e curou um paralítico que era servo de um centurião (Mt 8.5-13), assim como a sogra de Pedro (Mt 8.14,15).

O mar da Galiléia, com sua indústria pesqueira, foi palco de muitos milagres.

Em Naim, Jesus, por misericórdia, ressuscitou o único filho de uma viúva (Lc 7.11-17).

Corazim e Betsaida foram cidades que Jesus amaldiçoou pela falta de fé (Mt 11.21).

A área de Gergesa foi provavelmente onde Jesus curou os endemoninhados (Mt 8.28-34).

para vencer uma crítica, é preciso motivação, principalmente nas crianças, em uma proporção de oito para um. Contudo, nós encorajamos e incentivamos mais quando fazemos disso um hábito em nossa vida.

7.3,4 — Esses dois versículos explicam tanto a tradição de lavar as mãos como vários outros tipos de rituais para retirar as impurezas. A intenção de Marcos era que seus leitores em Roma conhecessem um pouco mais da fé e da tradição judaicas, para que entendessem essa controvérsia.

7.5 — A tradição dos antigos (Mt 15.2) era uma série de regras que serviam de base para a lei cerimonial dos judeus. Mas sua autoridade não era apoiada pelas Escrituras. A pergunta aqui é uma acusação indireta a Jesus, pois, como o Mestre de Seus discípulos, Ele era responsável pelas ações deles.

7.6,7 — Cristo não respondeu diretamente à pergunta; ao contrário, aproveitou para tratar de dois outros assuntos mais importantes: (1) a superioridade da Lei de Deus sobre a tradição criada pelo homem (v.6-13); e (2) a diferença entre o cerimonial e a verdadeira contaminação moral (v.14-23). Jesus entrou na discussão chamando Seus acusadores de hipócritas. Essa palavra, no original, diz respeito aos atores que usavam máscaras no palco enquanto representavam vários personagens. Na verdade, os fariseus não eram religiosos genuínos; eles estavam apenas representando para que todos os vissem.

7.8,9 — Naqueles dias, os judeus se apegavam à Lei escrita de

Deus, a Torá, com tanto zelo que nem expressavam suas opiniões sobre ela, a fim de que as gerações futuras não viessem a considerar suas palavras tão importantes como as do Altíssimo. Mas, com o passar do tempo, comentários escritos da Lei, reunidos no Talmude, começaram a ter mais importância do que a própria Torá.

7.10-13 — *Porém vós dizeis* mostra o grande contraste que há entre a vontade de Deus e as tradições vazias do homem. O *corbã*, evidentemente, era uma brecha religiosa para não cumprir a obrigação de ajudar os pais sustentando-os financeiramente.

7.14 — Uma simples pergunta na hora da refeição gerou uma controvérsia que chamou a atenção da *multidão* que seguia Jesus. O Mestre fez uma declaração pública que deve ter tirado o juço do povo e enfurecido os fariseus.

7.15,16 — Nenhum alimento que comemos nos contamina, mas o discurso e a conduta inapropriados sim. Eis aqui um princípio básico de comportamento. Nossas atitudes são guiadas por aquilo que pensamos; elas são o resultado dos nossos pensamentos mais profundos. Veja que as palavras do *homem* contaminam a si mesmo, antes de contagiar os outros.

7.17-23 — Jesus tinha de explicar tudo nos mínimos detalhes a Seus discípulos que eram desligados e lentos de raciocínio. Quantas vezes arrumamos uma desculpa, em vez de colocarmos em prática esse princípio?

7.20 — Essa pode ser a declaração de Cristo que marca a transição das leis sobre os alimentos de Levítico 11 para a mudança completa conforme os ensinamentos da Igreja em Atos 10—11.

7.24—8.26 — Após um confronto aberto e acirrado com as autoridades judaicas, Jesus se retirou para descansar e instruir Seus discípulos.

7.24 — As viagens de Jesus *para os territórios de Tiro e de Sidom* foram as mais distantes fora de Israel que Ele fez durante Seu ministério público. No entanto, é claro que, na Sua infância, Cristo viajou aproximadamente 500 Km para ir de Sua terra natal até o Egito. Sidom ficava cerca de 24 Km ao norte de Cafarnaum.

7.25 — Mesmo em uma casa na distante Sidom, Jesus não teve privacidade.

7.26 — A mulher que se aproximou de Jesus era gentia, como a palavra *grega* nos mostra aqui. Ela era habitante daquela região. *Siro-fenícia* (veja a história da viúva de Sarepta em 1 Reis 17.8-24) reflete a situação política do Oriente Médio naquela época. A Fenícia (atualmente o Líbano) fazia parte da província romana da Síria, que também incluía toda a Palestina — Galiléia, Samaria, Peréia, Judéia, Iduméia e outras regiões.

7.27 — Jesus estava ensinando ou comendo com Seus discípulos, os quais Ele chamava figuradamente de *filhos*. Durante a refeição, ninguém parava para alimentar seus animais de estimação, os *cachorrinhos*. Entretanto, o Mestre não queria ofender aquela senhora com essa metáfora. Na verdade, Ele estava provando a fé dela. Mateus descreve a reação de Cristo ao responder-lhe assim: *Ó mulher, grande é a tua fé* (Mt 15.28).

7.28 — A mulher entendeu que Jesus queria prová-la e respondeu com convicção que até os *cachorrinhos* comem debaixo da mesa *as migalhas dos filhos* durante a refeição.

7.29 — Como recompensa por sua persistência, Jesus atendeu a seu pedido. Ele expulsou o demônio de sua filha, embora ela não estivesse ali.

7.30 — A palavra *deitada* representa a posição em que a menina estava quando o demônio foi expulso dela.

7.31 — Jesus pegou um atalho de volta a Israel passando pela Galiléia. Ele foi para o leste, até a região de Decápolis, e, depois, passou pelo monte Hermom, ao sul, até chegar ao mar da Galiléia.

7.32-35 — A cura de um *surdo* (que também tinha um problema na fala) é um dos dois milagres descritos somente por Marcos. (O outro é a cura do cego descrita em Marcos 8.22-26.) As pessoas que não ouvem, geralmente, também têm problemas na fala.

7.34 — *Efatá* é uma palavra aramaica. Marcos explica o que ela significa a seu imenso público que não era judeu.

7.36 — A ordem de Jesus — que *a ninguém* fosse dita coisa alguma — era para que isso não

chamasse a atenção e, assim, Ele pudesse andar tranquilo naquela região. Afinal, Ele sabia que a curiosidade de algumas pessoas poderia atrapalhar Seu ministério.

7.37 — *Faz ouvir os surdos e falar os mudos.* Os sinais do Reino de Deus estavam acontecendo (Is 35.5,6).

8.1-30 — Marcos conclui a seção anterior de sua narrativa com a aclamação da multidão; depois, chega ao ápice dessa seção com a confissão de Pedro.

8.1-5 — O Mestre queria alimentar a multidão, mas Seus discípulos perguntaram *como* isso seria possível. Eles tinham sido testemunhas do milagre pelo qual cinco mil pessoas haviam sido alimentadas alguns dias antes, mas não imaginaram que Cristo poderia operar daquela forma novamente. Eles demoraram para entender quem, realmente, era Jesus.

8.6,7 — O tempo verbal das palavras traduzidas por *tendo dado* e *partiu* demonstra uma ação no passado. No entanto, o verbo traduzido por *pusessem* está no gerúndio, o que nos dá a ideia de uma ação que está em andamento. Portanto, podemos concluir que o milagre da multiplicação foi um processo contínuo, pelo menos, e, a princípio, nas mãos de Jesus.

8.8 — O que sobrou foi posto em *sete cestos*, uma cesta para cada pão que havia no início. Esse milagre, além de gerar um testemunho inesquecível, também era um conselho para não se desperdiçar alimento. Essas alcofas eram bem maiores do que os 12 cestos mencionados em Marcos 6.43. Foi em um tipo de alcofa como esse que desceram Paulo por um muro em Damasco (At 9.25).

8.9 — A quantidade *quatro mil* não especifica que foram homens, como no caso dos cinco mil. Então, nesse caso, o número de pessoas deve ter sido bem menor. Como muitos pensam que os dois milagres, na verdade, foram um só, temos de atentar para essas diferenças: o número de pessoas que foram alimentadas, o local, a hora e o número de peixes, de pães, de cestos.

8.10 — Aparentemente, *Dalmanuta* e *Magdala* (Mt 15.39) eram nomes diferentes da mesma região, os quais são citados apenas uma vez no

Novo Testamento. É bem provável que *Dalmanuta* ficasse no lado ocidental do mar da Galiléia, cerca de cinco quilômetros ao norte da atual Tiberíades e oito quilômetros a sudoeste de Cafarnaum.

8.11,12 — O pedido dos fariseus foi malicioso e astuto. Obviamente, esses homens não prestaram atenção aos sinais e milagres que Jesus já tinha realizado. João 20.30,31 indica que os sinais eram operados para gerar fé. Eu duvido muito que os fariseus mudassem de opinião, mesmo que presenciassem algum milagre.

8.13,14 — Depois de alimentar quatro mil pessoas no lado ocidental, Jesus foi com Seus discípulos de barco *para o outro lado*, perto de Betsaida (v.22).

8.15 — Jesus advertiu Seus discípulos várias vezes para que eles evitassem o *fermento*, a corrupção desmedida dos fariseus e de Herodes Antipas, a qual se espalhava por Israel.

8.16-21 — Os discípulos continuaram demonstrando falta de discernimento espiritual, apesar dos milagres que haviam testemunhado. Jesus os repreendeu para que eles se lembrassem do que Deus havia feito por eles. Assim como os apóstolos, temos uma memória curta e esquecemo-nos da provisão do Senhor. Porém, temos de confiar que Ele nos dará o *pão de cada dia*.

8.22-26 — De certo modo, a cura do cego faz alusão à visão imperfeita que os discípulos tinham de Cristo. Assim como aquele homem, eles não estavam mais cegos, mas também não conseguiam ver muito bem. Somente o Espírito Santo poderia clarear a visão deles.

8.27 — *Cesaréia de Filipe* ficava cerca de 40 Km ao norte de Betsaida e do mar da Galiléia. Hoje em dia, ela é chamada de Banias e fica no sul, na base do monte Hermom. Uma das fontes do rio Jordão nasce em um rochedo escarpado de 100 m de altura ou mais que fica próximo ao vilarejo. Muitos ídolos haviam sido esculpido na parede das rochas, mas o contraste entre Jesus e essas imagens era evidente — um lugar perfeito para Ele fazer a pergunta do versículo 29. O nome *Filipe* faz distinção dessa cidade com Cesaréia, que ficava na costa.

8.28 — A resposta que os discípulos deram a Cristo sobre quem Ele era reafirmou o conceito errado deles sobre Jesus. Eles se lembraram do que Herodes e outros haviam declarado sobre Jesus em Marcos 6.14,15.

8.29 — Jesus, então, faz uma pergunta direta aos discípulos, a fim de ver o que eles responderiam. O pronome *vós* é fundamental na pergunta de Cristo. Pedro responde pelo grupo e diz: *Tu és o Cristo*. Jesus queria que Seus discípulos entendessem bem quem Ele era realmente antes de revelar-lhes que iria morrer e ressuscitar. No Evangelho de Marcos, somente os discípulos compreendem quem é Jesus. A oposição dos líderes religiosos e a falta de discernimento dos discípulos são ofuscadas repentinamente pela declaração extraordinária de Pedro.

8.30 — A ordem de Jesus — que *a ninguém dissessem aquilo dele* — pode parecer estranha. Mas a explicação para isso está no fato de que os judeus ansiavam por um Messias que fosse um libertador político. A primeira vinda de Jesus ocorreu para realizar outro tipo de libertação: a do pecado. Por essa razão, Jesus tomava muito cuidado para não usar o termo *Messias* em público, pois isso poderia ser mal interpretado pelo povo judeu, por seus líderes e pelas autoridades romanas.

8.31 — Essa é uma das muitas profecias bem claras de Jesus sobre Sua morte e ressurreição (Mc 9.31; 10.33,34).

E começou a ensinar-lhes traz aos apóstolos uma nova revelação de Sua morte, Seu sepultamento e Sua ressurreição.

Filho do Homem era um título que somente Cristo usava para descrever a si mesmo. Com isso, Ele definiu Seu ministério como tendo um sofrimento no início, mas sendo seguido de uma glória futura, e evitou o uso de títulos como *Messias*, que poderiam ter outro significado na mente dos judeus.

Os *anciãos*, os *príncipes dos sacerdotes*, antigos sumos sacerdotes, e os *escribas* compunham o supremo conselho judeu, o Sinédrio. Foram estes que condenaram Jesus à morte (para cumprir a profecia de Cristo; veja Mc 14.53-64).

8.32 — Jesus *dixia abertamente*, ou seja, não por parábolas, para que todos entendessem. Pedro entendeu claramente a profecia de Cristo sobre Sua morte, contudo, por não aceitá-la, *começou a repreendê-lo*.

8.33 — O que Pedro disse, talvez por medo ou preocupação, pode até ter tido boa intenção, mas não estava dentro do propósito eterno de Deus. Aquele apóstolo não foi possuído por Satanás, mas, certamente, sua mente estava sendo sugestionada por ele. Se fosse pelo desejo de Pedro, a missão de Jesus não seria cumprida.

8.34 — *Negue-se a si mesmo* não significa odiar a si próprio ou rejeitar o básico de que precisamos para viver, mas entregar o controle da nossa vida totalmente a Cristo.

Tome a sua cruz. Quem carregava a cruz estava a caminho da execução. Portanto, isso representa aquele que está morto para suas próprias vontades, alguém que está disposto a assumir todos os compromissos para que seu viver cristão seja completo.

O chamado de Jesus ao discipulado foi feito a todos que quiserem *vir após mim*. Não há nada que possa impedir quem está disposto a fazer isso. Nos dias de Jesus, tomar *a cruz* era, antes de tudo, uma confissão pública, não uma decisão tomada em segredo.

8.35,36 — Para garantir a vida eterna, era preciso deixar de lado os bens materiais e os relacionamentos aos quais tanto nos apegamos (Mt 16.24-27). A aparente perda material significa ganho, enquanto o aparente ganho material pode ser considerado uma grande perda (Mt 19.21). Investimos nossos recursos a vida inteira, só que nossos ganhos vão depender da nossa habilidade ao investir.

8.37 — O valor de uma simples alma [gr. *psyque*] tem um significado extraordinário no Reino de Cristo (Mt 16.27). É interessante como a mesma palavra no grego é usada nos versículos 35-38, mas é traduzida como *vida* no versículos 35 e *alma* nos versículos 36,37. A ideia aqui não é a de que o lado espiritual de alguém se perderá por toda a eternidade, mas, sim, a própria vida de quem não foi fiel ao Rei e ao Seu Reino.

8.38 — *Quando vier na glória* é a parte principal de tudo que foi dito aos discípulos (v.34-38). É a primeira vez que se pode contemplar o cumprimento de toda a história (1 Co 15.24-28). Aqueles que reinarão com Cristo dedicam sua vida ao que vale a pena (v. 35). Quem estiver disposto a confessá-lo hoje será recompensado pelo Pai no céu (Mt 5.10-12; 2 Tm 2.11-13; Ap 2.26-28).

9.1 — Depois que Jesus predisse Sua própria morte, Pedro e os outros discípulos precisavam ter certeza de que, no fim, Ele triunfaria. Mas como Cristo disse que alguns veriam chegar *o Reino de Deus com poder*, isso deve ter aliviado seus temores.

9.2,3 — *Seis dias depois* é um elo entre a profecia de Jesus do v.1 e os eventos dos v.2-8. *Um alto monte* deve ter sido alguma elevação ao redor do monte Hermom. Eles, certamente, não devem ter subido o monte Hermom, pois seus cumes cobertos de neve medem aproximadamente 2.865m de altura. Aliás, trata-se do ponto mais elevado em toda a Palestina. Essas montanhas dão para a Cesaréia de Filipe, onde Pedro fez sua confissão (Mc 8.27-29). A transfiguração de Cristo afetou tão profundamente Pedro e João que eles escreveram sobre isso em seu livro (Jo 1.14; 2 Pe 1.16-18).

9.4 — *Elias* é citado em Malaquias 4.5,6 fazendo alusão à futura vinda de Cristo. Foi por isso que as pessoas perguntaram a João Batista se ele era Elias (Jo 1.21). *Moisés* foi aquele que recebeu a Lei e libertou o povo, enquanto Elias foi o primeiro dos grandes profetas. A presença deles confirmou a veracidade de que Jesus era o Messias da confissão de Pedro.

9.5,6 — Os Evangelhos sinóticos usam duas palavras diferentes para descrever a maneira como Pedro se referia a Jesus.

Mestre (nesse texto de Marcos e em Lucas 9.33) e *Senhor* (Mt 17.4) são duas traduções no grego da palavra em hebraico ou aramaico que Pedro usou para se referir a Cristo no monte. Marcos enfatiza aqui a atitude respeitosa que Jesus tinha diante de Seus discípulos como Seu líder. Natanael (Jo 1.49), Nicodemos (Jo 3.2) e até mesmo Judas (Mc 14.45) também usaram esse título para Jesus.

Embora soubesse que era bom estar ali, Pedro não entendeu o que estava acontecendo. As *três cabanas* indicam que ele queria ficar no monte. Porém, essa experiência era para capacitá-lo a carregar sua cruz enquanto vivesse neste mundo. Sua resposta colocava Jesus, Moisés e *Elias* no mesmo nível.

9.7-10 — A voz de Deus Pai foi ouvida três vezes, nitidamente, durante a vida de Cristo. As outras duas foram no Seu batismo (Mc 1.11) e durante Sua entrada triunfal em Jerusalém (Jo 12.28).

9.11,12 — Esta pergunta está baseada nas palavras de Malaquias 4.5,6.

9.13 — Ao dizer que *Elias já veio*, Jesus estava referindo-se a João Batista. No entanto, João não era a reencarnação de Elias, mas aquele que ministrava *no espírito e virtude de Elias* (Lc 1.17), preparando o caminho para Cristo.

Fizeram-lhe tudo o que quiseram diz respeito à forma cruel como João Batista foi preso e executado.

9.14-20 — O rapaz tinha muitos problemas. O *espírito mudo* era um demônio que o impedia de falar e que provocava nele ataques epiléticos. O versículo 20 diz que o espírito o agitava *com violência*.

9.21,22 — *Se tu podes*. Esta frase expressa, ao mesmo tempo, fé e dúvida.

9.23 — *Crer* é um verbo maravilhoso; não trabalhar, comprar, clamar nem fazer penitência, mas *crer!*

9.24-27 — *Eu creio e ajuda a minha incredulidade* demonstram que até mesmo pouca fé já é suficiente, mas também que ela precisa crescer e amadurecer. Alguém só recebe algo segundo o que crê. Em vez de tentarmos fazer tudo por conta própria, devemos crer mais; isso é algo essencial para nós.

9.28,29 — Jesus disse que certas dificuldades só podem ser superadas *com oração e jejum*. Jejuar nos ajuda a concentrar nossas energias nos recursos que o grande Deus tem disponíveis para nós.

9.30 — Quanto ao Seu retorno à Galiléia, *Ele não queria que alguém o soubesse*, pois precisava passar algum tempo sozinho com Seus discípulos.

9.31,32 — Pela segunda vez (Mc 8.31), Jesus fala abertamente sobre Sua morte e ressurreição, as quais estavam próximas.

9.33-35 — Os discípulos *calaram-se* e não quiseram dizer a Jesus o motivo da sua discussão. Todavia, o Mestre, mais uma vez, desafiou a compreensão desses homens, colocando diante deles um novo paradoxo: aquele que quisesse ser o maior no Reino de Deus deveria ser um servo; um exemplo personificado pelo próprio Cristo.

9.36,37 — *Uma criança*. As crianças tinham certo *status* no mundo antigo. Mas, aqui, elas representam todas as pessoas necessitadas, especialmente os cristãos. Os discípulos de Jesus devem preocupar-se com as necessidades das pessoas ao ministrar a elas.

Me recebe. Tudo que fizermos só terá validade se for para Cristo, pois Ele mesmo assumiu a forma de servo por todos nós.

9.39,40 — Nessas passagens, Jesus não está confirmando as obras de todos que afirmam segui-lo. Ao contrário, Ele disse isso a fim de lembrar aos Seus discípulos que a obra divina não estava restrita àquele pequeno grupo.

9.41 — *Um copo de água*. A atitude mais simples para ajudar um cristão geraria bênçãos de Deus. O mais importante para o Altíssimo não é a grandeza da obra em si, mas, sim, o amor e a fidelidade com que ela é realizada.

9.42 — Jesus usa uma hipérbole, um exagero, para mostrar a gravidade de se causar um mal espiritual aos outros. Uma *grande pedra de moinho* era uma pedra redonda muito pesada, que tinha cerca de 30 cm de espessura e mais de um metro e meio de altura, usada para moer grãos e fazer farinha.

9.43 — *Corta-a* deve ser entendido em um sentido figurado; significa tomar medidas drásticas, se necessário, para evitar o pecado. A visão do inferno (chamado em hebraico de *gehena*) refere-se a um depósito de lixo que ficava fora dos muros de Jerusalém. Os que ouviam Jesus estavam acostumados com o fogo intenso que sempre queimava ali. Obediência e temperança (v.41,47) são necessárias para vencer o pecado. O desejo de grandeza dos discípulos (v.33-37) precisava ser moldado de acordo com os propósitos de Deus.

9.44-48 — Muitas versões bíblicas modernas omitem os versículos 44 e 46, crendo que eles são as mesmas frases do versículo 48, porém repetidas de modo errado. Mas o que parece é que Jesus repete a frase três vezes para dar ênfase ao Seu argumento, uma característica típica do estilo poético hebraico. O mesmo acontece quando é repetido sete vezes em Apocalipse 2 e 3: *Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas*.

9.49 — A palavra *porque* nos mostra que Marcos queria que seus leitores fizessem uma aplicação dos versículos anteriores à sua própria vida.

Cada um será salgado com fogo pode estar referindo-se às provações e ao juízo que todos enfrentarão: as provações que purificarão a fé dos cristãos e o juízo do fogo eterno do inferno para os ímpios.

9.50 — *Paz, uns com os outros* encerra a explicação de Jesus sobre a importância de servir, que teve início no v.35.

10.1 — Jesus passou por Cafarnaum (Mc 9.33) e, depois, deu início à Sua viagem final a Jerusalém. Ele encerra Seu ministério na Galiléia, vai para o sul da Judéia e chega até Peréia, no lado oriental do rio Jordão.



VOCE SABIA?

O DIVÓRCIO NA ÉPOCA NEOTESTAMENTÁRIA

No primeiro século, os judeus podiam divorciar-se de sua esposa por diversas razões (Mc 10.2). Dependendo de como alguém interpretasse a Torá, um homem podia mandar sua mulher embora pelo simples motivo de ela ter estragado uma refeição.

Por outro lado, o direito das mulheres ao divórcio era muito restrito, mas um deles tinha a ver com a profissão do seu marido. Se ele fosse fundidor, curtidor ou lixeiro, ela poderia pedir o divórcio alegando que não sabia que o cheiro seria tão ruim assim, mesmo que soubesse antes qual era a profissão do seu esposo.

10.2 — A pergunta dos fariseus sobre o divórcio era uma armadilha; afinal, eles deviam estar esperando que o Mestre contradissesse Moisés (Dt 24.1-4) ou acusasse Herodes Antipas, como fez João Batista (Mc 6.18). Segundo a lei judaica, era permitido somente ao homem *divorciar-se de sua mulher* (NVI).

10.3,4 — A carta de divórcio era um documento assinado diante de testemunhas, o qual tinha o propósito de evitar divórcios por razões fúteis. Entretanto, nos dias de Jesus, a interpretação desse costume variava muito. Os discípulos de Hillel permitiam o divórcio em quase todos os casos, mas os seguidores de Shammai, só por causa de impureza sexual.

10.5,6 — Jesus declarou que o divórcio só foi permitido por causa da *dureza do coração* e, para afirmar isso, baseou-se no propósito original de Deus para o casamento descrito em Gênesis 2.21-25. O plano divino ao criar *macho e fêmea* foi que ambos tivessem o mesmo valor e importância, embora cumprissem um papel diferente no matrimônio.

10.7,8 — O homem irá *deixar* seus pais, unir-se à sua mulher e ter uma vida maravilhosa com ela. Jesus praticamente usa quase todo o texto de Gênesis 2.24 da Septuaginta sobre o casamento. *Uma só carne* representa um elo sexual que une totalmente o homem e a mulher; esse vínculo é comparado ao de irmãos de sangue.

10.9 — Jesus revela que o propósito original de Deus para o casamento não pode ser desfeito pelo homem. E, nesse caso, não há exceção. A exceção de Mateus 19.9 pode ser a descrição de um conceito do judaísmo (compare com Apocalipse 18).

10.10,11 — *Todo aquele que se divorciar de sua mulher* (NVI). Marcos não apresenta nenhuma exceção à proibição de Cristo ao divórcio, e também não há nenhuma em Lucas 16.18; Romanos 7.1,2 e 1 Coríntios 7.10,11. Compare a exceção judaica a essa regra em Mateus 5.32 e 19.9.

10.12 — Na sociedade judaica, uma mulher não podia *se divorciar de seu marido* (NVI), porém Marcos descreve as palavras de Jesus de uma forma que seus leitores em Roma as entendam.

10.13,14 — *Indignou-se* expressa a emoção de um verbo [gr. *aganakteo*] usado no Novo Testamento apenas nos Evangelhos Sinóticos. Jesus tinha dores emocionais como qualquer ser humano, mas, mesmo assim, Ele sempre controlou Seus sentimentos ao expressá-los. O termo *as crianças* (NVI) inclui todas até os 12 anos. A palavra usada para se referir à filha de Jairo (Mc 5.39), que tinha 12 anos, é a mesma.

10.15 — *Receber o Reino* nos mostra que Jesus continuava pregando a mensagem do Reino e preparando Seus discípulos para reinar quando Ele voltasse. As crianças são sinceras e alegres, demonstram confiança e dependem totalmente de seus pais. Portanto, elas têm as mesmas qualidades necessárias aos discípulos. Os adultos podem tornar-se arrogantes, autossuficientes e céticos em relação à religião e ao plano da salvação. A atitude do coração é algo essencial para exercer liderança no Reino.

10.16 — Somente Marcos menciona que Jesus *abençoou* as crianças. Ele usa um verbo composto [gr. *kateulogei*] que aparece apenas aqui em todo o Novo Testamento, e representa uma bênção carinhosa — mas poderosa — do Senhor. Cristo não se importava apenas com os adultos, mas também com as criancinhas.

10.17 — A intenção do jovem rico ao chamar Jesus de *Bom Mestre* (Mt 19.22; Lc 18.18) foi apenas cumprimentá-lo de forma respeitosa como



ENTENDENDO MELHOR

O AMIGO DE JESUS

Nos dias de Jesus, era comum as mães pedirem aos rabinos famosos que abençoassem seus filhos. Com Jesus, entretanto, elas queriam mais do que uma bênção: queriam que aquele rabino tocasse seus filhos (Mc 10.13). Certamente, o poder do Seu toque havia ficado muito conhecido.

Marcos não explica por que os discípulos tentaram impedir as crianças de aproximarem-se de Jesus. É provável que eles as considerassem cerimonialmente impuras ou, como a maioria das pessoas, indignas da atenção de um homem tão importante. Mas Cristo repreendeu Seus discípulos e tomou-as em Seus braços (Mc 10.16). A forma como Ele falou com elas e abraçou-as deve ter chocado todos que estavam ali. Uma atenção e um carinho dados assim aos pequeninos eram algo muito raro de ser visto naquela sociedade.

um mestre religioso. A resposta de Cristo — de que *ninguém há bom senão um, que é Deus* — pode ser interpretada como se Ele quisesse que o jovem rico reconhecesse a soberania divina.

10.18 — A resposta *Ninguém [há] bom senão um, [que é] Deus* pode ser interpretada como um apelo para que o jovem reconhecesse essa verdade.

10.19 — Jesus citou o sétimo, o sexto, o oitavo, o nono e o quinto mandamentos, mas, antes do quinto, Ele disse: *não defraudarás alguém*. Esses mandamentos, de um modo geral, referem-se ao tratamento justo e sincero que devemos dar aos outros (Êx 20.12-17).

10.20 — Em sua resposta, o jovem reconhece que é necessário algo mais do que seguir a Lei ao pé da letra para receber a vida eterna. Mateus ainda nos fala da pergunta que o rapaz fez a Jesus: *Que me falta ainda?* (Mt 19.20).

10.21 — Jesus não está ensinando aqui que a salvação é obtida mediante as obras, ou seja, dando dinheiro aos pobres, mas está mostrando que precisamos rejeitar nossa própria justiça e autosuficiência para que nossa confiança seja totalmente transferida para Cristo. Ao levar o jovem a encontrar uma resposta para aquilo que tanto desejava — *que me falta ainda?* (Mt 19.20) —, Jesus

lhe mostra o quanto ele precisava depender totalmente do Senhor, pois, fora isso, seria impossível aquele rapaz ser salvo.

10.22 — Essa condição foi demais para o jovem rico; então, *retirou-se triste*. Essa história ensina que a salvação é obtida pelas obras? Temos de lembrar que, antes de seguir o evangelho, o homem deve reconhecer que precisa dele. Jesus sabia que aquele rapaz se considerava muito justo porque procurava guardar a Lei. Então, o que ele precisava era que Cristo lhe mostrasse o que estava falando (v.21). O homem precisa reconhecer seu pecado e sua culpa antes de ouvir as *boas-novas*.

10.23,24 — *Os que têm riquezas* geralmente são *os que confiam nas riquezas*, algo perigoso para quem deseja ter uma vida espiritual.

10.25-27 — Essa comparação do *camelo* passando pelo *fundo* de uma agulha é literal (Mt 19.24). Humanamente, não é apenas difícil um rico ser salvo, mas quase impossível. Também não é possível alguém receber a salvação se não for pelo poder e pela graça de Deus. O Senhor provê os meios para a salvação, concede entendimento aos pecadores e regenera a alma daquele que crê.

10.28 — Pedro disse o que, provavelmente, todos os discípulos tinham em mente. Eles abriram



APLICAÇÃO

FALTA-TE UMA COISA

Ele era jovem, culto, educado e rico. Era sincero, honesto e irrepreensível. Também devia ser carismático e ter um sorriso cativante. O Mestre certamente o achou uma pessoa agradável, inclusive o convidou para se juntar a Ele (Mc 10.21). Aquele era um jovem que tinha tudo, menos a vida eterna. Poderia ter tido isso também. Tudo que ele precisava fazer era desfazer-se da sua riqueza e seguir Jesus.

No entanto, não era para ser assim. Cristo, em certa ocasião, já havia ensinado que não se pode servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6.24). Eis, aqui, a prova viva desse princípio. Ao procurar por Jesus, o jovem rico chegou a um momento decisivo de sua vida. Ele tinha de fazer uma escolha e decidir a quem iria servir: ao dinheiro ou a Jesus. Ele optou por servir ao dinheiro.

Jesus nunca reprovou as pessoas por serem ricas. Por sinal, nem as Escrituras condenam os bens materiais ou o fato de alguém ter muito dinheiro. Entretanto, Cristo as advertiu a respeito do que Ele chamava de *os enganamentos das riquezas* (Mc 4.19). Ele sabia que o poder e a sedução do dinheiro fatalmente acabariam tornando-se algo que substituiria Deus.

Jesus percebeu para que lado o coração do jovem rico estava mais inclinado: ele dava muito valor à sua riqueza. Então, o Mestre disse a ele que a deixasse e se libertasse desse embaraço. Vale a pena notar que Cristo não deu esse conselho a outras pessoas ricas que já tinha encontrado, mas essa condição foi algo que Ele requereu especificamente daquele rapaz.

Há muitos jovens ricos hoje em dia — pessoas que possuem uma vida financeiramente estável ou estão em busca disso. Alguns são cristãos; outros não. No entanto, mais cedo ou mais tarde, todos terão de fazer a mesma pergunta que o jovem rico fez a Jesus: *Que farei para herdar a vida eterna?* (Mc 10.17).



mão de muitas coisas para seguirem Jesus, ao contrário do que fez o jovem rico. Talvez, por isso, em outras palavras eles estivessem perguntando: “O que nós ganharemos em troca?”

10.29 — Na verdade, todo aquele que *tenha deixado* essas coisas não renunciou a elas, mas apenas colocou em ordem suas prioridades (Mt 19.29). Os apóstolos tiveram de fazer sacrifícios por amor a Cristo e ao evangelho. Porém, ao fazerem

isso, tornaram-se verdadeiros servos daquele que deixou Sua glória nos céus e se fez servo, sofrendo até a morte (Fp 2.6-11).

10.30 — Recompensas espirituais esperam por aqueles que seguirem Cristo *neste tempo*, ou seja, nesta era, entre Sua primeira e Sua segunda vindas. Somente Marcos fala das *perseguições* futuras — algo de que seus leitores em Roma já sabiam muito bem. Após a volta de Jesus, *no*

século futuro, haverá uma recompensa inigualável, *a vida eterna*, que não será apenas a continuidade da vida, mas também a qualidade de vida com a qual jamais sonhamos.

10.31 — O padrão humano de recompensa cairá por terra. A exaltação no Reino de Deus virá pela humildade e servidão, e não por prioridades humanas como riqueza, *status* social, fama, berço ou favoritismo pessoal. Mateus continua falando sobre isso contando uma parábola de Jesus (Mt 20.1-16).

10.32-34 — Jesus revelou pela terceira vez Sua morte e ressurreição, enquanto caminhava com os discípulos na estrada para Jerusalém, onde passaria a Páscoa (veja o que Ele disse antes sobre isso em Mc 8.31 e 9.31). As pessoas iam *subindo para Jerusalém* quando se aproximavam da cidade, pois esta ficava em um lugar alto (At 11.2; 21.4; 25.1), e, depois, desciam quando iam embora (Mc 3.22).

10.35 — Mateus 20.20 declara que foi a mãe de Tiago e João que procurou Jesus, mas é bem provável que seus filhos a tenham encorajado a fazer isso.

10.36,37 — Assentar-se à *direita* do rei era assumir o lugar de maior importância; a pessoa sentada à esquerda ficava logo abaixo em destaque (Lc 22.24-30). Jesus enfatizou a importância de servir porque os discípulos estavam querendo exaltar-se tanto em público como entre eles mesmos. Cristo teve de lembrar-lhes o preço do orgulho no Reino de Deus. Enquanto iam a Jerusalém, eles *cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus* (Lc 19.11). Talvez por isso tenham tentado garantir para si poder e autoridade o mais rápido possível.

10.38 — *Beber o cálice e ser batizados* são referências ao sofrimento e à morte que aguardavam Jesus (Mc 14.36). Jesus queria que Seus discípulos entendessem as zombarias, os açoites, a tortura e o sofrimento que Ele teria de enfrentar.

10.39,40 — O Mestre concordou com a resposta deles, apesar de não terem entendido o preço que Cristo precisaria pagar. Embora não fosse sofrer tanto nem passar pela mesma agonia espiritual que Jesus passou, Tiago logo seria

executado por Herodes Agripa I, em 44 d.C. (At 12.1,2). João foi o último apóstolo a morrer e foi exilado por algum tempo na ilha de Patmos (Ap 1.9). Ele foi muito perseguido e, provavelmente, testemunhou mais mortes de cristãos do que qualquer outro discípulo.

10.41 — Os dez discípulos que não participaram da discussão particular que envolvia uma posição especial no Reino *começaram a indignar-se* porque tinham as mesmas ambições.

10.42-44 — A questão aqui não é que os governantes gentios *têm-nos sob seu domínio* (ARA), mas que são eles que exercem autoridade. Jesus queria que cada um dos seguidores fosse *servo* — aquele que é servo tem prazer em servir aos outros. A palavra *serviçal* significa *sujeição*, não necessariamente *escravidão*.

10.45 — Este versículo é um divisor no livro de Marcos. A primeira seção dá ênfase à importância de servir, enquanto a segunda enfatiza a morte do Mestre. Jesus agora explica o propósito de Sua morte, depois de tê-la predito três vezes. Esse é um esclarecimento raro nos Evangelhos Sinóticos que ressalta o treinamento dos 12 e prepara o terreno para as explicações futuras nas epístolas. A vida de Jesus como um *resgate* [gr. *lutron*] era o preço pago para libertar escravos, reféns e outros. Essa palavra só é encontrada no Novo Testamento aqui e em Mateus 20.28, embora seja muito empregada em textos extrabíblicos. A vida de Cristo é dada *em* [gr. *anti*] resgate, no lugar de muitos, mostrando a natureza expiatória da Sua morte. A palavra *muitos* dá a ideia de muitos outros, algo sem limite. Cristo, certamente, morreu por todos (2 Co 5.14; 1 Tm 2.6; 1 Jo 2.2).

10.46 — *Depois, foram para Jericó*. A região de Jericó do Antigo Testamento foi removida cerca de um quilômetro e meio do seu local original. Marcos relata que esse milagre aconteceu quando Jesus estava *saindo* de Jericó, depois de ter cruzado o rio Jordão, indo para o leste. Lucas diz que Ele estava chegando *perto de Jericó* (Lc 18.35).

Já houve muitas “Jericós” ao longo da história. Havia a antiga Jericó assim como a nova Jericó,

construída por Herodes, o Grande, como sua residência de inverno, por causa do clima agradável do vale do Jordão, o qual se situava abaixo do nível do mar. Cristo deve ter entrado por um lado e saído pelo outro.

Bartimeu é um nome em aramaico traduzido por Marcos e significa *filho de Timeu*. Mateus fala de dois cegos (Mt 20.30), porém Marcos concentra seu relato em apenas um.

10.47,48 — *Filho de Davi* é um título messiânico. Marcos descreve a ironia de um cego que tinha visão espiritual, enquanto muitos não podiam ver — incluindo os líderes religiosos — porque estavam espiritualmente cegos.

10.49,50 — O relato de Marcos traz uma visão detalhada de alguém que foi testemunha ocular do que aconteceu: Jesus *parou* (ARA); Bartimeu então, *lançando de si a sua capa*, levantou-se e foi ao Seu encontro. Marcos também fala da mudança de atitude da multidão — ela antes do desprezo, mas depois o encorajou a seguir Jesus.

10.51 — *Mestre* é o mesmo que *raboni* em aramaico e também significa *professor* (Jo 20.16).

10.52 — Vemos que Bartimeu *seguiu* Jesus *pelo caminho* ao menos por algum tempo. Ele foi seguindo-o com a multidão até Jericó, mas tornou-se um discípulo? O fato de Marcos mencionar seu nome pode indicar que ele era conhecido na Igreja do primeiro século.

11.1—15.47 — A maior parte da narrativa de Marcos acontece durante um período de sete dias — a semana da Páscoa, quando Jesus finalmente enfrentou a morte. O Evangelho de Marcos é considerado a história da paixão de Cristo com uma longa introdução. E sua ênfase na semana da paixão é muito apropriada; afinal, foi nesse período que Jesus cumpriu Seu propósito na terra.

11.1 — *Betfagé* e *Betânia* ficavam a leste do monte das Oliveiras, a pouco mais de três quilômetros dos muros de Jerusalém. Lázaro foi ressuscitado em Betânia (Jo 12.1).

11.2-7 — A deidade de Cristo é algo evidente nessa passagem. *Encontrareis* mostra Seu prévio conhecimento sobre as situações. É normal um jumentinho *sobre o qual ainda não montou*

homem algum ser muito manso e solícito, mas o Mestre também é o Senhor da natureza e de todas as criaturas. Jesus *assentou-se sobre ele* tranquilamente.

11.8-11 — Essa foi a entrada triunfal no domingo de ramos. A multidão reconheceu Jesus como o Senhor repetindo um salmo messiânico (Sl 118.25,26). Cristo ia para *Betânia* todas as noites e ficava na casa de algum amigo Seu (provavelmente Lázaro ou Simão — Mc 14.3), mas, como não tomou café da manhã no dia seguinte (Mc 11.12), Ele e os 12 devem ter ficado acampados em algum lugar na noite anterior.

11.12 — *No dia seguinte* talvez fosse segunda-feira. Marcos dedica apenas oito versículos a esse dia. A terça-feira começa no versículo 20, mas os eventos que ocorreram na terça e na quarta-feira aparecem juntos nessa longa seção que vai até Marcos 13.37. Uma nova referência cronológica tem início em Marcos 14.1.

Dali a dois dias. O Mestre *teve fome* — o que, com certeza, mostra Sua humanidade; Ele não tomou café da manhã e, provavelmente, não teve uma boa refeição na noite anterior. Veja como essas evidências irrefutáveis da Sua humanidade vêm logo após as evidências da Sua plena deidade (v.2-10).

11.13,14 — Marcos explica aos seus leitores que *não era tempo de figos*. A Páscoa sempre acontecia em março ou abril, e a estação dos figos era só em maio ou junho. Mas as figueiras davam brotos em março, folhas em abril, e finalmente seu fruto. Jesus estava à procura dos brotos que eram comestíveis, mas a falta deles mostrava que aquela árvore seria infrutífera naquele ano.

11.15-18 — Ao purificar o templo, Jesus estava mostrando claramente que possuía a mesma autoridade de Deus, que havia enchido o templo com Sua glória anteriormente (2 Cr 5.13,14).

11.15,16 — *Vendiam e compravam* animais considerados puros para o sacrifício. *Cambistas*. O templo tinha sua própria moeda. Então, os que iam ali para adorar tinham de trocar suas moedas para oferecer suas ofertas. Essa foi a segunda



COMPARE

Os EVENTOS DA SEMANA SANTA

Os escritores dos Evangelhos dedicaram grande parte da sua obra a narrar os eventos que levaram à crucificação. A última semana do ministério terreno de Jesus começou com a Sua entrada triunfal em Jerusalém e gritos de *hosana* da multidão, a qual, depois, mudou seu clamor para *crucifica-o*, antes que a semana acabasse.

Aparentemente, Cristo passou a maior parte dessa semana ensinando nas dependências do templo durante o dia. À noite, Ele ficava na casa de Maria, Marta e Lázaro em Betânia.

Os eventos importantes dessa semana incluem a trama do Sinédrio, a traição de Jesus e Sua prisão, Seus julgamentos, Sua jornada até o Gólgota pelas ruas de Jerusalém (conhecida hoje como Via Dolorosa) e Sua ressurreição.

Depois de ressuscitar, Jesus ministrou por mais 40 dias antes da Sua ascensão.

Dia	Evento	Referência Bíblica
Domingo	A entrada triunfal em Jerusalém	Marcos 11.1-11
Segunda	A purificação do templo	Marcos 11.15-19
Terça	O Sinédrio desafia a autoridade de Cristo Jesus prediz a destruição do templo e Seu retorno Maria unge Jesus em Betânia Judas negocia com os líderes judeus para trair Jesus	Lucas 20.1-8 Mateus 24.25 João 12.2-8 Lucas 22.3-6
Quinta	Jesus celebra a Páscoa ceando com Seus discípulos e institui a santa ceia Jesus ora no Getsêmani por Seus discípulos	João 13.1-30 Marcos 14.22-26 João 17
Sexta	Jesus é traído e preso no Getsêmani Jesus é interrogado por Anás, o ex-sumo sacerdote Jesus é condenado por Caifás e pelo Sinédrio Pedro nega Jesus três vezes Jesus é formalmente condenado pelo Sinédrio Judas comete suicídio O julgamento de Jesus perante Pilatos Jesus comparece diante de Herodes Antipas Jesus é formalmente sentenciado à morte por Pilatos Jesus é escarnecido e crucificado entre dois ladrões O véu do templo é rasgado quando Jesus morre O sepultamento de Jesus no túmulo de José de Arimatéia	Marcos 14.43-50 João 18.12-24 Marcos 14.53-65 João 18.15-27 Lucas 22.66-71 Mateus 27.3-10 Lucas 23.1-5 Lucas 23.6-12 Lucas 23.13-25 Marcos 15.16-27 Mateus 27.51-56 João 19.31-42
Domingo	Jesus ressuscita dentre os mortos	Lucas 24.1-9

vez que Cristo colocou o templo em ordem. Um pouco antes de iniciar Seu ministério, Ele fez o mesmo (Jo 2.13-21). Ser carpinteiro (veja Mc 6.3) rendeu força física a Jesus, e isso lhe deu coragem para expulsar os que estavam profanando a casa de Deus. Jesus foi um bom exemplo de homem corajoso.

11.17 — Jesus citou os profetas Isaías e Jeremias (Is 56.7; Jr 7.11) para explicar a conduta

desprezível dos que compravam e vendiam no templo. *Covil de ladrões* se refere à prática de enganar as pessoas, tanto os israelitas como os de outras nações, trocando as moedas por um valor injusto ou vendendo produtos de má qualidade.

11.18 — O suspense aumenta no drama de Marcos com as reações contrastantes a Jesus. Os líderes religiosos *buscavam ocasião para o matar*, enquanto a multidão, que o havia recebido com

um cortejo triunfal, *estava admirada acerca da sua doutrina*.

11.19,20 — Marcos relata a transição da noite para o dia enquanto Jesus deixava a cidade, pois já era *tarde*.

11.21 — Por que a figueira foi *amaldiçoada e secou*? Esta passagem que mostra Jesus amaldiçoando a figueira, fazendo-a secar, enfoca o poder da fé verdadeira. Há quem sustente que a figueira representava Israel, em função de não dar fruto algum e ter de enfrentar o juízo de Deus que era iminente.

11.22,23 — A ilustração de um monte sendo lançado ao mar é o exemplo de algo simplesmente impossível. E essa é a questão: ter *fé em Deus* realiza o impossível. Marcos já havia ressaltado antes como Jesus insistia que era preciso somente crer (Mc 9.23,24).

11.24 — *Crer* é a chave para a oração. No entanto, todas as nossas petições devem ser feitas em nome de Jesus (Jo 15.16) e para que tudo seja *segundo a sua vontade* (1 Jo 5.14). O que nos leva a crer poderosamente é o objeto da nossa fé: a verdade.

11.25,26 — *Perdoar* é entregar tudo nas mãos de Deus, pois todo pecado acaba sendo contrário ao Altíssimo e a Ele pertence a vingança (Rm 12.19). O cristão só terá o perdão divino se estiver disposto a perdoar também.

11.27,28 — Os líderes religiosos (v.27), que nessa ocasião andavam tramando a morte de Jesus (v.18), perguntaram a Ele sobre (1) a natureza e (2) a fonte da Sua autoridade, provavelmente por Ele ter declarado abertamente que era o Messias. *Estas coisas* se referem à autoridade que Cristo usou para purificar o templo (v.15-17).

11.29,30 — O objetivo da pergunta de Jesus era expor mais uma vez a falsidade dos Seus acusadores. O *batismo de João* diz respeito à autoridade de João Batista. Era *do céu* — ou seja, algo determinado por Deus e digno de obediência — ou meramente *dos homens* — ou seja, uma invenção vazia e destituída de verdade ou autoridade?

11.31,32 — Os principais dos sacerdotes, os escribas e os anciãos arrazoaram entre si e rapidamente chegaram a um denominador comum:

o batismo de João era, de fato, do céu, e a autoridade de Jesus, tanto quanto.

11.33 — *Não sabemos* foi uma resposta mentirosa, mas, talvez, a única possível para aqueles homens que queriam apenas salvar sua reputação.

12.1 — *E começou a falar-lhes por parábolas*. Marcos descreve apenas uma parábola aqui, porém Mateus fala de mais uma (Mt 22.1-14). Essa parábola representa Deus cuidando muito bem da nação de Israel (a *vinha*) e deixando-a aos cuidados de outras pessoas (os *lavradores*; Is 5.1-7). Ele fez uma cerca para protegê-la, fundou nela *um lagar* para prensar as uvas e construiu *uma torre*, a fim de vigiar sua propriedade e protegê-la dos ladrões.

12.2-5 — Os *servos*, incluindo muitos outros que foram enviados, representam os profetas que viveram antes de Jesus, provavelmente culminando em João Batista, cujo batismo Jesus já havia mencionado (Mc 11.30).

12.6 — As parábolas sempre trazem verdades espirituais, mas seus detalhes nem sempre correspondem exatamente ao que elas representam. Por exemplo, nessa parábola, o dono da vinha simboliza Deus, mas Ele mesmo nunca se deixou enganar achando que todos respeitariam Seu Filho. Deus é onisciente, enquanto o dono da plantação na parábola não o é. Além disso, sabendo do perigo que havia, um pequeno número de proprietários de terra enviaria, dessa maneira, seus trabalhadores aos poucos para a morte. Essa história demonstra a imensa paciência que o Altíssimo tinha com Israel.

12.7-9 — O próprio Jesus responde à Sua pergunta retórica. A destruição dos *lavradores*, a *rejeição* do Filho de Deus por parte dos israelitas, aconteceu em 70 d.C., quando os romanos esmagaram a revolta em Jerusalém e destruíram o templo. *Dará a vinha a outros* se refere à importância que os gentios teriam no cristianismo.

12.10,11 — Jesus se tornou a *principal pedra, angular* (ARA), quando Deus o ressuscitou dos mortos. Sua vida, morte e ressurreição são a chave do plano da salvação.

12.12 — Os principais dos sacerdotes, escribas e anciãos *buscavam prendê-lo* para concluir sua

trama e destruí-lo de uma vez (Mc 11.18). Estes homens malignos só entenderam que Jesus *contra eles dizia esta parábola* quando Ele a concluiu. As parábolas atraem a audiência e disfarçam a verdade. Antes de entenderem, os inimigos de Cristo já eram o centro da Sua história.

12.13 — Os *herodianos* são citados três vezes no Novo Testamento, sempre com os fariseus. Eles queriam matar Jesus porque Ele era uma ameaça à sua autoridade (Mc 3.6; Mt 22.16). A tentativa de apanharem Cristo *em alguma palavra* era a esperança de que Ele dissesse algo que lhes desse um motivo para prendê-lo.

12.14 — Podemos entender *Mestre e não te importas com quem quer que seja* como um elogio. Eles reconheciam que Jesus era imparcial com todos. A pergunta, entretanto, foi um teste: um *sim* iria contra os judeus que se opunham a Roma, enquanto um *não* poderia ser considerado uma traição contra o estado. Tibério César, o filho adotivo de César Augusto (Lc 2.1), foi o imperador que reinou de 14 a 37 d.C. (Lc 3.1). Aqui, Marcos emprega a palavra *tributo* em latim para ser bem claro com seus leitores romanos.

12.15 — Um *denário* (ARA) era o salário de um dia de trabalho.

12.16 — A *imagem* e a *inscrição* na moeda eram de César. Sua face virada para a direita continha as expressões: *ti Caesar viti* à direita, e *Aug Augustus* à esquerda. Tais palavras significam *Tibério César, filho do divino Augusto*. O lado posterior continha as palavras *pontifex maximus*, cujo significado é *sumo pontífice*.

12.17 — A resposta à sua pergunta estava na própria moeda que eles mostraram a Jesus. Nós pagamos impostos para termos proteção, segurança e os serviços que o governo nos oferece, mas isso não quer dizer que concordamos com tudo que ele faz. A soberania de Deus estava acima da autoridade do imperador.

12.18 — Os *saduceus* eram a elite dos líderes religiosos que negavam a existência dos anjos, a imortalidade da alma e a ressurreição. Eles rejeitavam a tradição oral e só aceitavam a validade do Pentateuco, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Contudo, já que a ressurreição

é ensinada de modo bem claro em Jó 19.26, Salmos 16.10 e Daniel 12.2, eles provavelmente consideravam isso algo apenas espiritual. Além disso, achavam que a Lei de Moisés tinha mais autoridade do que os outros livros do Antigo Testamento.

12.19-22 — O costume de casar-se com a viúva do irmão falecido tinha base em Deuteronômio 25.5,6, mas, de modo algum, era obrigatório (Dt 25.7-10).

12.23 — O propósito da suposição desse caso envolvendo uma mulher que se casava algumas vezes era tirar o crédito da doutrina da ressurreição.

12.24 — Há duas coisas que apoiam a ressurreição. As *Escrituras* e o *poder de Deus*. Os saduceus, certamente, conheciam as Escrituras, mas não tinham discernimento espiritual para entender os propósitos divinos.

12.25 — Anjos não se casam nem procriam. Lucas 20.36 aplica esse conceito a todos os anjos, sem exceção.

12.26,27 — Jesus cita a Lei — o livro de Êxodo — para provar Seu argumento. Deus disse: *Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó* — e não “eu era o seu deus e, agora, estou morto”. Ele continua sendo o seu Deus porque ainda está vivo. Não apenas seu espírito será eterno, mas seu corpo será glorificado.

12.28-34 — Outro teste foi lançado na mesma hora. Como o Cordeiro pascal, Jesus foi provado por vários dias, a fim de verem se havia nele alguma imperfeição (Êx 12.5,6).

12.29 — *Ouve, Israel*, tirado de Deuteronômio 6.4, tradicionalmente é conhecido como *Shemá* (que tem sua origem na palavra hebraica que significa *ouvir*) e usado pelos judeus do mundo inteiro para expressar a essência da sua fé em Deus.

12.30,31 — O *primeiro mandamento* resume os quatro primeiros dos Dez Mandamentos. O *segundo* é a base dos mandamentos que vão do quinto ao décimo e referem-se à maneira como lidamos com nosso semelhante. Alguns estudiosos tentaram encontrar um terceiro mandamento:



APLICAÇÃO

QUALIDADE, NÃO QUANTIDADE

Qual foi a intenção de Jesus ao dizer que a viúva depositou mais dinheiro na arca do tesouro do que qualquer outro (Mc 12.43)? Com certeza, Ele estava mostrando que o valor econômico é algo relativo. A oferta da viúva pobre não era nada comparada à dos ricos que ofertaram antes dela. Mas, para ela, dois centavos tinham um valor enorme; eram *tudo* que aquela senhora tinha, *tudo* o seu sustento (Mc 12.44; grifo do autor). Substituí-lo seria muito difícil, quiçá impossível; por ser uma viúva pobre, certamente não tinha renda alguma. E, ao ofertar tudo que tinha ao Senhor, ela sabia que não poderia comprar nem mais um pão.

No entanto, Jesus mostrou que Deus atentou mais para o amor da sua pequena oferta do que para o seu valor econômico. A oferta de tal viúva demonstrava que ela estava entregando-se totalmente ao Altíssimo e confiando que Ele supriria suas necessidades. A maneira como ela usou seu dinheiro revelou a condição moral e espiritual do seu coração.

“ame a si mesmo”. No entanto, isso não é um mandamento, mas algo óbvio. Nós nos amamos mesmo. É por isso que corremos para pegar a caixinha de primeiros socorros quando nos machucamos.

12.32,33 — Aqueles que confessam amar a Deus trazem *holocaustos e sacrifícios*. Contudo, o mais importante não é confessarmos que amamos o Altíssimo, mas, sim, nós o amarmos de uma forma que nos leve a obedecer-lhe e a amar o nosso semelhante. É esse tipo de sentimento que faz com que nossa adoração seja aceita pelo Senhor.

12.34 — Por causa de sua humildade e seu entendimento acerca do verdadeiro propósito de Deus, esse escriba não estava *longe* de reconhecer que Jesus era o Cristo.

12.35 — *No templo* não quer dizer que ele estava dentro do santuário [gr. *naos*] propriamente dito, onde os únicos que podiam entrar para ministrar eram os sacerdotes. A área do templo [gr. *hieron*] possuía muitos pórticos e átrios: um separado especialmente para as mulheres (onde ficava a casa do tesouro, Mc 12.41), e outro para os homens. De fora, os gentios podiam ver o templo. Na verdade, nem Jesus podia entrar no *naos* porque Ele não era um sacerdote arônico. Ele adentrava o *hieron*. Todavia, quando as Escrituras se referem ao templo de Deus, usam a palavra *naos* (1 Co 3.16; 6.19; Ef 2.21).

12.36,37 — *O próprio Davi disse pelo Espírito Santo* é uma afirmação clara de Jesus sobre a doutrina da inspiração divina (2 Tm 3.16; 2 Pe

1.21). Ao dizer que o Messias era o Senhor e o Filho de Deus, embora fosse seu descendente, Davi declarou que Jesus era maior do que ele.

12.38-40 — Os *escribas* dos dias de Jesus eram mestres da Lei, mas dependiam das ofertas das pessoas para viverem. Outros, entretanto, levavam uma vida de humildade, santidade e dignidade, impondo respeito e confiança à posição que ocupavam. Os primeiros buscavam a glória que pertencia a Deus e ainda se aproveitavam das viúvas que os apoiavam e ajudavam no seu sustento.

12.42 — A viúva, por outro lado, adorou a Deus com muita humildade e verdadeira devoção. Marcos explica a seus leitores em Roma que suas *duas pequenas moedas* tinham o valor de *um quadrante* (ARA), uma unidade monetária romana mencionada por ele e Mateus (Mt 5.26) uma vez apenas. Valia somente alguns centavos.

12.43,44 — Nesta passagem, Jesus mostra que as medidas de Deus para o muito ou o pouco se dão de maneira diferente da nossa. Não se trata do quanto nós damos, mas do quanto nós retemos conosco. Ele espera que os ricos contribuam mais que os pobres para Sua obra.

13.1-37 — Jesus continuou a última semana do Seu ministério em Jerusalém ensinando Seus apóstolos sobre os eventos futuros. Seu discurso é conhecido como o sermão profético no monte das Oliveiras, chamado assim porque era lá que Cristo se sentava para ensinar (v.3).

13.1,2 — A empolgação dos discípulos com as *pedras* e os *edifícios* do templo era uma reação

natural diante de sua arquitetura esplêndida e majestosa; cada uma de suas pedras pesava toneladas. As descrições de Josefo (*Antiguidades judaicas*) expressam sua magnificência. Não havia nada como ele em todo o mundo.

Belíssimas pedras de mármore branco com ornamentação de ouro compunham a estrutura de mais de 30 m de altura que começou a ser construída por Herodes em 20 a.C. e foi completada por seu descendente em 66 d.C. Em sua área, havia passagens, escadas e átrios coloniais que ocupavam 20 acres da paisagem mais imponente de Jerusalém. Tudo isso ficava em um alto monte acima dos vales de Tiro e Cedrom.

Quando Jesus disse que *não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada*, isso certamente chamou muito a atenção. Porém, essa profecia se cumpriu em 70 d.C., quando o general romano Tito saqueou a cidade. O arco de Tito ainda continua em Roma, na via Ápia, diante da entrada do Fórum, em cujos muros está retratada a conquista de Jerusalém por Tito.

13.3,4 — Somente Marcos, que se apegava aos detalhes, cita os nomes dos quatro apóstolos que indagaram Jesus. Eles queriam saber: (1) a cronologia, o tempo exato; e (2) as circunstâncias, quando essa profecia se cumpriria. Uma terceira pergunta sobre a volta de Jesus está em Mateus 24.3. Sua resposta se encontra em Marcos 13.24-37. Sua pergunta pressupõe que a destruição do templo indicaria o fim dos tempos e o início do reinado do Messias. Eles queriam saber se aquilo aconteceria logo.

13.5-12 — De um modo geral, o que acontecerá nessa época envolve decepção religiosa, hostilidade entre nações, fome, terremotos, traição religiosa e a pregação do evangelho.

13.5-7 — O fim dos tempos (Mt 24.3,6,13,14).

13.8 — O princípio de dores nos mostra o início de muito sofrimento. Como as contrações de uma grávida, esses eventos apressarão o estabelecimento do Reino do Messias.

13.9,10 — Nesse discurso, Jesus advertiu Seus discípulos quatro vezes de que vigiassem ou ficassem atentos (NVI) [gr. *blepete*]. Aqui, as palavras de Cristo têm uma aplicação prática.

13.11,12 — Inicialmente, a promessa de que o Espírito Santo falaria pelos 12 discípulos nos momentos difíceis apenas se aplica a eles, e, somente depois, aos outros que sofreriam perseguições. Todavia, essa promessa não garante imunidade às lutas e até mesmo à morte.

13.13 — *Quem perseverar até ao fim, esse será salvo* não se refere à regeneração ou justificação, mas ao livramento da grande tribulação (v. 19,20). Aqueles que suportarem o sofrimento e perseverarem na fé serão libertos por Cristo e entrarão no Seu Reino (messiânico).

13.14-23 — Esses versículos respondem à terceira pergunta feita pelos discípulos no v.4, a respeito de *que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se* (ARA).

13.14 — O grande sinal para os judeus remanescentes no fim dos tempos será a *abominação do assolamento*. O profeta Daniel fala sobre isso em Daniel 11.31 e 12.11 (compare com Daniel 9.27).

Estar onde não deve estar é uma referência à presença do anticristo no templo judaico que será reconstruído no período da tribulação. Então, na metade dela, ele irá declarar-se deus e exigir adoração de todos os homens (2 Ts 2.3,4).

Quem lê, que entenda leva seus leitores à origem hebraica desse ensinamento de Jesus, ou seja, ao livro de Daniel.

O aviso de fugir *para os montes* é por causa do suposto protetor dos judeus, o príncipe romano de Daniel 9.26,27, que coloca suas garras de fora e começa a perseguir os judeus em Israel.

13.15-18 — Para escapar da morte nos últimos tempos, você deverá deixar tudo para trás, com exceção de sua própria vida. Até mesmo as grávidas e o tempo frio do inverno poderão pôr em risco sua vida. Deus não quer que você olhe para trás naquele dia.

13.19 — *Naqueles dias, haverá uma aflição*. Os eventos de Marcos 13.14 trarão um tempo de aflição sem precedentes. Mateus 24.21 (ARA) chama-o de *grande* [gr. *megale*] *tribulação*, e Jeremias 30.7, de *o tempo de angústia para Jacó*, dando ênfase à natureza judaica desse período. Esse tempo de aflição não será muito longo na história,

pois coincidirá totalmente, ou em parte, com as 70 semanas de Daniel (Dn 9.26,27; 7.25; 12.7; Ap 11.2,3; 12.6,14; 13.5).

13.20 — *Se o Senhor não abreviasse aqueles dias* aponta para o limite de Deus ou o término deste período da grande tribulação.

13.21-23 — *Para enganarem, se for possível*, mostra que o engano não cumprirá seu propósito em meio aos *escolhidos*. Uma das vantagens de ser salvo pelo Senhor é ser guardado por Ele (compare com 1 Pedro 1.3-5).

13.24,25 — *Ora* [gr. *alla*] expressa a diferença entre os falsos profetas do versículo 22 e a verdadeira volta de Cristo no versículo 26. *Depois daquela aflição* nos diz quando Cristo voltará para estabelecer Seu Reino milenar. Mudanças astronômicas acompanharão a gloriosa volta do Senhor. Um dos quatro propósitos para o sol, a lua e as estrelas mencionados nos dias da criação são estes sinais (Gn 1.14), os quais se cumprirão neste período. Imagine o espetáculo universal que Deus usará para marcar a segunda vinda do Seu majestoso Filho para reinar.

13.26 — Jesus refere-se a si mesmo como o *Filho do Homem* que virá *nas nuvens*. Essa terminologia vem especificamente de Daniel 7.13,14. Nessa passagem, o Filho do homem, que obviamente é divino, recebe o Reino de Deus Pai. Em Daniel 7.27, vemos que o Filho do homem compartilhará Seu Reino com os santos (compare com Apocalipse 2.26,27). Os mártires da tribulação são retratados como aqueles que *viveram e reinaram com Cristo durante mil anos* (Ap 20.4).

13.27 — Parece que a intenção de Jesus ao enviar os seus *anjos* é juntar os seus *escolhidos*, mas isso não se trata do arrebatamento. Este acontecimento será uma transformação repentina e instantânea dos cristãos, a qual os fará à imagem de Cristo no momento exato em que estiveram na Sua presença (compare com 1 Tessalonicenses 4.15-17; 1 Coríntios 15.51,52). Os anjos terão de transportar os escolhidos no fim do período da tribulação, pois ainda terão seu corpo físico. Eles continuarão vivendo em seu estado natural durante os mil anos do reinado de Cristo. Os anjos

irão levá-los para a inauguração deste Reino.

13.28,29 — Jesus compara os sinais dos futuros eventos astronômicos com a figueira cujos ramos já começam a brotar. Ambos significam algo que ainda virá: a chegada do verão ou a gloriosa volta de Cristo.

13.30 — Alguns eruditos afirmam que *esta geração* [gr. *genea*] refere-se àqueles que viveram na época de Jesus, ou a alguma raça ou povo, como os judeus, que são considerados pela sua raça. Veja uma discussão sobre isso em Lucas 21.32. A forma ampla como a profecia é cumprida aqui pode ser para reunir aqueles que viram a destruição de Jerusalém assim como os judeus que viverão na época da volta de Jesus e verão o cumprimento derradeiro de *todas essas coisas*. A locução *sem que* indica algo em que há muita convicção.

13.31 — A afirmação de Jesus — de que *passará o céu e a terra* — também é encontrada em Isaías 65.17, 2 Pedro 3.10 e Apocalipse 21.1. A nova terra terá uma área habitável aproximadamente sete vezes maior, porque os oceanos não mais existirão. As palavras de Jesus, contudo, ao contrário desse planeta perecível, *jamais* (NVI) [gr. *ou me*, que dá um forte sentido negativo] *passarão*. Que conforto termos palavras tão confiáveis como essas!

13.32,33 — Por ser Aquele que é totalmente Deus e, ao mesmo tempo, totalmente homem, Jesus possui todos os atributos da deidade, inclusive a onipotência e a onisciência. Ele, por exemplo, tanto sabia o que estava no coração do homem (Mc 2.8) como podia aquietar o vento (Mc 4.39). No entanto, quando Cristo se tornou homem, Ele voluntariamente se recusou a fazer uso dos Seus atributos (Fp 2.5-8). Ele é como um pai que chuta a bola bem devagar para seu filhinho, embora possa usar toda a sua força, se necessário, para segurá-lo quando ele tenta atravessar uma rua sozinho.

13.34-36 — A parábola do homem que deixou sua casa somente é encontrada em Marcos. A questão aqui é que ele voltaria a qualquer momento; então, todos os servos deveriam estar vigiando e atentos (compare com Lucas 19.11-27).

Os romanos dividiam a noite em quatro vigílias, como vemos no versículo 35: à tarde (das 18h às 21h), à meia-noite (das 21h à meia-noite), ao cantar do galo (da meia-noite às 3h) e pela manhã (das 3h às 6h).

14.1-42 — Nessa seção, Marcos descreve a preparação de Cristo para Sua morte. A carinhosa unção em Betânia (v.3-9) aparece entre a traição sofrida por Jesus e os principais dos sacerdotes e os escribas (v.1,2,10,11).

14.1,2 — *Dali a dois dias* é o outro tempo específico dado por Jesus, assim como Ele havia mencionado antes os eventos da terça e da quarta-feira (Mc 11.12,20). Se a crucificação aconteceu mesmo na sexta-feira, os eventos deste capítulo ocorreram na noite de quarta e quinta-feira.

A Páscoa era celebrada no décimo quinto dia do mês de Nisã (entre março e abril), enquanto a *Festa dos Pães Asmos* ia do dia 15 ao dia 22 desse mesmo mês. A festa judaica da Páscoa celebrava o dia em que o anjo da morte passou pelo Egito, e os lares dos que tinham o sangue sobre as vergas e os umbrais da porta foram poupados da morte (Êx 12.6-14). A Festa dos Pães Asmos representa a purificação do pecado (o fermento simboliza o orgulho) e lembra também a pressa com que os israelitas deixaram o Egito, como se seu pão com fermento não tivesse tido tempo de crescer (Êx 12.15-20).

Os principais sacerdotes *buscavam como prenderiam* Jesus. No grego, esse verbo dá uma ideia de agarrar alguma coisa ou pegar um objeto. Eles queriam agarrar Jesus, prendê-lo e matá-lo. Mas queriam fazer isso em segredo, longe da multidão.

Durante a festa (ARA), a quantidade de pessoas em Jerusalém aumentava muito por causa dos judeus piedosos que iam até a cidade para cumprir a Lei de Moisés (Dt 16.16). Muitos dos que admiravam Jesus também estavam lá, e, por essa razão, os líderes religiosos tiveram de adiar Sua prisão para evitar o confronto. Alguns naturalmente temiam uma represália de Roma, caso a prisão de Jesus acabasse gerando uma revolta civil.

14.3 — *Simão, o leproso* havia sido curado em alguma ocasião durante o ministério de Jesus. Marcos 1.40-42 fala de um leproso sendo sarado.

Alabastro é uma pedra transparente, que, ainda hoje, é usada para fazer caixas de joias e outros objetos de valor.

Nardo puro é um perfume caro, importado da Índia, feito com ervas que crescem nas partes mais altas do Himalaia. Esse perfume é mencionado nos Cânticos de Salomão (Ct 1.12; 4.13,14). Marcos nos diz que a mulher *derramou sobre a cabeça* de Jesus o unguento, enquanto João a identifica como sendo Maria, a irmã de Marta e Lázaro, e que ela ungiu os pés de Jesus e usou seus cabelos para enxugá-los (Jo 12.3).



APLICAÇÃO

ADORAÇÃO, NÃO DESPÉRDÍCIO

O que os discípulos viram como desperdício (Mc 14.4-9) o Senhor viu como adoração. O óleo precioso daquela mulher custava, aproximadamente, o salário de um ano de trabalho. Mesmo assim, ela o usou por inteiro, provavelmente prevendo que seus dias junto a Jesus estavam chegando ao fim.

Esse incidente levantou a questão de como algo valioso pode ser usado para a adoração. Enquanto Cristo ainda estava fisicamente presente e acessível àquela mulher, ela *fez o que podia* (Mc 14.8), pegando o que possuía de mais valioso e oferecendo a Jesus em uma atitude incomum de devoção. Isso seria um desperdício? Não para Aquele que ela estava honrando.

Cristo não está mais fisicamente entre nós hoje em dia. Todavia, enquanto estivermos vivos, teremos controle de certa porção dos recursos naturais deste mundo. Então perguntamos: "Que atitude de adoração devemos ter enquanto temos chance de fazer isso? O quanto temos honrado o Senhor materialmente?"

Não é fácil responder essas perguntas. Porém, Jesus nos deixou uma pista quando disse aos Seus discípulos que, assim como aquela mulher fez a Ele uma *boa obra*, eles também deveriam fazer o bem aos necessitados o tempo todo (Mc 14.6).

14.4,5 — *Alguns que se indignaram* eram discípulos de Jesus (Mt 26.8), e Judas Iscariotes — um ladrão que desprezava todos que ofertavam de coração — foi seu porta-voz naquela ocasião (Jo 12.4-6). Um único denário representava um dia de trabalho de um trabalhador comum; sendo assim, *trezentos denários* (ARA) eram uma quantia considerável.

14.6,7 — A resposta de Jesus não demonstra desprezo pelos pobres (Dt 15.7-11). Sua compaixão pelos que eram oprimidos por enfermidades e pela pobreza é vista com frequência nos Evangelhos; e Ele até encorajava os outros a suprir as necessidades dessas pessoas (Mc 10.21). No entanto, o Mestre também queria que ofertassem voluntariamente e de coração. Ninguém pode obrigar alguém a dar uma oferta; tampouco deve criticar a doação ou julgar a intenção daquele que oferta. Somente Deus conhece o que há no coração do liberal.

14.8 — Maria teve um tremendo discernimento espiritual ao unguir Jesus. Ela ungiu Seu corpo para a sepultura. Ela, ao contrário dos discípulos, entendeu que Cristo logo iria morrer.

14.9 — Tal história é contada em Mateus, Marcos e João porque é um grande testemunho do cumprimento dessa profecia sobre Jesus.

14.10,11 — Judas Iscariotes resolveu lucrar um pouco mais por andar com Jesus, traindo-o. Os principais dos sacerdotes mudaram seus planos quando Judas bateu à sua porta.

14.12 — O primeiro dia da Festa dos Pães Asmos era o décimo quinto dia do mês de Nisã (Lv 23.6). No entanto, como as festas da Páscoa e dos Pães Asmos estavam intimamente ligadas na mente de muitos judeus, Marcos deixou bem claro para os seus leitores quando isso aconteceu dizendo exatamente *quando sacrificavam a Páscoa*. O cordeiro pascal era sacrificado na noite do décimo quarto dia do mês de Nisã (entre março e abril). Marcos está referindo-se aqui aos eventos da quinta-feira.

A palavra *Páscoa* pode ter três significados distintos: (1) em Marcos 14.12, significa o cordeiro pascal, enquanto, (2) no mesmo texto (assim como *prepararam a Páscoa* em Marcos 14.16),

também significa a refeição da Páscoa; e (3) esse termo também pode ser usado para toda a celebração, como em Lucas 2.41: a *Festa da Páscoa*. E como a refeição da Páscoa era celebrada em Jerusalém (Dt 16.16, *no local que ele escolher* — NVI), os discípulos perguntaram a Jesus *aonde* eles deviam ir para fazer os preparativos.

14.13 — Ao que parece, Jesus já tinha arrumado um lugar para eles cearem. Com o intuito de preparar o local de uma forma bem discreta, Jesus enviou dois dos seus discípulos, Pedro e João (Lc 22.8). Era algo incomum um *homem levando um cântaro de água*, já que, normalmente, essa tarefa cabia às mulheres. Este homem, possivelmente, era um criado.

14.14,15 — Embora a identidade do *senhor da casa* não seja revelada, temos razão para suspeitar que ele fosse o pai de Marcos. O *apostento* é descrito detalhadamente como um *cenáculo mobilado e preparado*.

O próprio Marcos devia ser o mancebo mencionado nos versículos 51,52. Em Atos 12.12, é dito que essa casa foi usada futuramente como o local onde os irmãos se reuniam para orarem juntos. A tradição também considera este o *cenáculo* em Atos 1.13, onde mais de 100 pessoas se reuniram no Dia de Pentecostes.

14.16 — Embora o fato não seja mencionado aqui, Pedro e João devem ter ficado maravilhados com o conhecimento prévio de Jesus.

14.17,18 — Duas ceias memoriais foram celebradas *quando estavam assentados* (inclinados, literalmente) *a comer*. Primeiro, eles comeram a ceia normal em comemoração à Páscoa, durante a qual Jesus anunciou que seria traído por um dos discípulos. Depois que Judas saiu (Jo 13.30), Jesus celebrou a santa ceia, que era uma representação do Seu corpo, que seria partido, e do Seu sangue, que seria derramado. A frase *um de vós, que comigo come, há de trair-me* traz à lembrança a profecia messiânica do Salmo 41.9.

14.19 — *Sou eu*, em grego, é uma pergunta negativa que espera uma resposta também negativa. A frase equivale a *não sou eu, sou?*

14.20,21 — Mateus e João reconhecem Judas como o traidor, embora Marcos não o faça (Mt

26.25; Jo 13.26). *Ai* é um termo que expressa grande dor, aflição ou desgraça que pode vir sobre alguém. Marcos o usa somente aqui e para se referir às grávidas quando o anticristo se revelar (Mc 13.17), o que exigiria uma fuga rápida para se salvar. A afirmação de que *bom seria Judas não haver nascido* aponta para o terrível juízo que o aguardava. Judas era responsável por seus atos pessoais e morais, apesar de ter agido *como dele* (de Cristo) *está escrito*.

14.22 — Judas deixou o cenáculo depois de receber um pedaço de pão, mas antes de Jesus partir o pão e explicar seu significado (Jo 13.30). A ceia do Senhor é apenas uma cerimônia memorial para os cristãos e somente deve ser celebrada por aqueles que estão em comunhão com Cristo Jesus — que são salvos, batizados e membros de uma igreja evangélica. As palavras *isto é o meu corpo* obviamente são uma metáfora e significam que este pão representa o corpo de Jesus — não Seu corpo de verdade, pois não faltava nenhum pedaço dele. É também um modo de dizer que Seu corpo seria partido por eles.

14.23 — Somente um *cálice* foi passado e todos beberam dele. A frase imperativa *bebei dele todos* não significa que os discípulos deveriam beber tudo, mas apenas partilhar um pouco dele.

14.24 — Alguns interpretam *isto é o meu sangue* metaforicamente, crendo que o conteúdo desse cálice representa o sangue de Jesus, que foi derramado pelos nossos pecados. Outros consideram sua interpretação de modo mais literal. A aspersão de sangue em Êxodo 29.12,16,20 (Hb 9.18-22) era uma exigência para que a aliança mosaica fosse instituída. Da mesma forma, o sangue de Cristo derramado na cruz deu início a uma *nova aliança* (ARA). E a indicação de que Seu sangue *por muitos* [foi] *derramado* aponta para o fato de que Ele morreu na cruz em lugar de muitos pecadores de todas as nações e pagou o preço por todos os seus pecados. Portanto, todo aquele que crer nele receberá a vida eterna.

14.25 — Jesus antevia o *Reino de Deus* na terra. Ele o anunciava (Mc 1.14,15), prometia aos Seus discípulos o governo do mesmo (Mt 19.28)

e um dia o receberá e governará com os santos (Dn 7.13,14,27; 2 Tm 2.11,12; Ap 20.4). Jesus disse ainda que nesse Reino Ele se assentaria na companhia de Abraão, Isaque e Jacó (Mt 8.11).

14.26 — Sem dúvida alguma, o *hino* que eles cantaram foi um salmo. Os Salmos 113 ao 118 estavam comumente ligados à Páscoa, e todos cantavam: *Não morrerei, mas viverei; e contarei as obras do SENHOR*.

A *pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça de esquina* (Sl 118.17,22). Ao deixarem o cenáculo, eles passaram pelo vale de Cedrom e foram para o *monte das Oliveiras*. O Getsêmani (v.32) ficava logo após a Porta Oriental (às vezes, chamada de Porta de Ouro), em Jerusalém.

14.27 — Jesus sabia que aconteceria muito mais no futuro do que Ele havia predito nesse versículo que citou de Zacarias 13.7: *Ó espada, ergue-te contra o meu Pastor e contra o varão que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o Pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas; mas volvei a minha mão para os pequenos*. Cristo conhece por completo o nosso coração. Os discípulos iriam fraquejar, fugir, esconder-se e, no caso de Pedro, até trair Jesus. Realmente, a promessa foi cumprida, e as ovelhas, espalhadas.

14.28 — Essas palavras foram repetidas pelo anjo na sepultura de Jesus logo após Ele ter ressuscitado (Mc 16.7). No entanto, os discípulos ficaram mais de uma semana em Jerusalém antes de seguirem seu Pastor ressuscitado até a Galiléia (Jo 20.26; 21.1). Mateus relata o encontro dos discípulos com Jesus em um monte da Galiléia (Mt 28.16) antes de Sua ascensão em Betânia (Lc 24.50,51).

14.29 — O excesso de confiança é algo mortal. Pedro não deu atenção às palavras de Provérbios 16.18, que diz: *A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda*. Satanás caiu por causa do orgulho, e o mesmo pode acontecer conosco. Pedro, tão enfático em sua declaração, logo percebeu como eram vazias suas palavras ditas sem pensar.

14.30 — Somente Marcos diz que Jesus predisse que Pedro iria negá-lo *antes que o galo cantasse duas vezes*. Isso ainda estava muito vivo na

mente do discípulo quando ele contou sua história a Marcos. Por sinal, apenas Marcos nos conta que o galo cantou duas vezes (Mc 14.68,72).

14.31 — A intenção de Pedro era boa, mas ele não conseguiria cumprir sua palavra. *Diziam todos também* mostra como é fácil ser levado pela mente dos outros, até mesmo no que se refere a tomar boas decisões, mas quão difícil é manter o compromisso. Como nosso Deus é paciente conosco! E como temos de ser cuidadosos ao julgarmos as pessoas por seus frutos!

14.32-42 — *Assentai-vos aqui, enquanto eu oro.* A oração foi algo que exigiu tempo e energia de Jesus durante Sua obra terrena. E isso aconteceu desde o começo (Lc 3.21) até o fim (Lc 24.50,51) do Seu ministério público. Quando era necessário, Ele tomava medidas extremas a fim de ter privacidade para orar (Mc 6.46; Mt 14.22,23; Jo 6.14,15). Embora o Senhor Jesus tenha adorado a Deus (Lc 10.21) e sido grato ao Pai (Mc 8.6,7) em Suas orações, a maioria delas, na verdade, tratava-se de pedidos e intercessões.

14.32 — O *Getsêmani*, apesar de ser famoso hoje em dia, só é mencionado pelo nome duas vezes na Bíblia (aqui e em Mateus 26.36). João, porém, diz-nos que Jesus *muitas vezes se ajuntava ali com os seus discípulos* (Jo 18.1,2). O pedido — *assentai-vos aqui* — foi feito a todos, porém mais especificamente a Pedro, Tiago e João (Mc 14.33).

14.33 — Jesus queria *consigo* os discípulos com quem tinha mais intimidade, a fim de que eles estivessem ao Seu lado, dando-lhe apoio e orando por Ele. Todos nós precisamos de amigos íntimos, pois fomos criados para viver em comunhão, e não isolados.

14.34 — *Profundamente triste.* A ideia agonizante de ter de levar sobre si os pecados do mundo e perder, mesmo que temporariamente, a comunhão com Deus Pai era algo quase que insuportável para Jesus. E essa imensa agonia espiritual, certamente, abalou Sua condição mental, física e emocional.

14.35 — Provavelmente, Jesus passou algum tempo orando. O versículo 37 diz que isso aconteceu durante uma hora. Esse foi o tempo

suficiente para que os discípulos que o acompanhavam caíssem no sono e Ele os encontrasse dormindo quando voltasse. Marcos nos fala que Cristo pediu que *passasse dele aquela hora*, referindo-se à hora em que Ele seria castigado pelo pecado do mundo em Seu próprio corpo, tornando-se, assim, pecado por todos. João emprega bastante os termos *a hora* ou *a sua hora* em seu Evangelho (Jo 2.4; 7.30; 8.20; 12.23,27; 13.1; 17.1). Marcos os usa somente aqui e no v.41.

14.36 — *Aba* era a maneira como uma criança chamava seu pai. A relação de Jesus com Seu Pai era íntima e amorosa. Além do termo *hora* (v.35), *este cálice* aponta para a morte de Cristo, que estava muito próxima (Mc 10.38). O cálice é um símbolo do juízo de Deus sobre o pecado do mundo. Um dia, os maus beberão do *cálice da sua ira* (Ap 14.10) e do *vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso* (Ap 19.15). Jesus tinha a Sua própria vontade humana, mas Ele a rejeitou e rendeu-se à vontade do Pai (Fp 1.2-6).

14.37 — *Simão.* Pedro estava dormindo, e Jesus o chamou pelo nome antes de ele se tornar discípulo do Mestre (Mc 1.16). Naquele momento, ele não estava demonstrando ser uma rocha (Mc 3.16).

14.38 — É preciso vigiar muito para evitar a tentação, tanto que Cristo incluiu este assunto na oração que ensinou aos Seus discípulos (Mt 6.13; Lc 11.4). A dicotomia entre carne e espírito é notória. Nossa natureza humana decaída, mesmo depois da conversão, luta contra as obras de Deus.

14.39-42 — Várias vezes, Jesus pediu aos três apóstolos que orassem e vigiassem com Ele, e, certamente, eles queriam atender ao pedido do seu Senhor naquela hora em que Ele mais precisava. No entanto, o cansaço físico venceu seu desejo espiritual de vigiar com seu mestre. Eles tinham muitas obrigações, e seus dias eram bem agitados, como os nossos. Um bom sono, o descanso e uma alimentação adequada podem ajudar muito nossa vida espiritual.

14.43—15.47 — Marcos relata aqui como Jesus foi rejeitado por Seus discípulos, pelos líderes

religiosos e pelo povo, além do tempo em que o Pai se afastou dele.

14.43 — Judas foi até Ele com *uma grande multidão*, descrita por João como um *destacamento de soldados* (Jo 18.3 NVI). Era um décimo de uma legião romana, cerca de 600 homens. Embora seu número pudesse variar, dependendo da situação, o fato de Marcos ter dito que era uma multidão demonstra que, realmente, havia muitos soldados.

14.44 — Um *beijo*, que, geralmente, é sinal de carinho, foi o símbolo da traição. Aqui, *levai-o com segurança* não é algo que demonstra preocupação com a proteção de Jesus, mas, sim, como poderia ser difícil mantê-lo preso. Uma pessoa que fazia maravilhas como Jesus poderia escapar facilmente, se eles não tivessem um cuidado redobrado. Mas a verdade é que eles jamais conseguiriam prendê-lo se Ele não tivesse dito: *É chegada a hora*. Nós também servimos ao mesmo Deus soberano, e ninguém pode tocar-nos sem a Sua permissão.

14.45 — Essa palavra muito usada por Marcos, *logo* [gr. *euthus*], demonstra a pressa de Judas para prender Jesus.

14.46,47 — Apenas dois dos discípulos de Jesus carregavam uma espada naquela noite (Lc 22.38), e João nos diz que Pedro era um deles (Jo 18.10,26). Marcos foi muito discreto em não identificar Pedro como o culpado por este ato bem-intencionado, mas sem sentido algum. João, testemunha ocular do ocorrido, reconheceu o servo como sendo Malco e diz que sua orelha direita foi cortada (Jo 18.10). Pedro pode tê-lo atacado com todo o ímpeto para arrancá-lo a cabeça, mas conseguiu apenas feri-lo. Lucas, que era médico, diz que Jesus restaurou a orelha de Malco.

14.48,49 — Jesus não resistiu à prisão, mas envergonhou os que o prenderam. A multidão de soldados, o local cercado por eles, o fato de terem ido à noite e as *espadas* e os *porretes* indicam que eles pensavam que Cristo era algum revolucionário ou *salteador*. O interessante é que esta mesma palavra é usada para descrever Barrabás (Jo 18.40) e os dois homens que foram crucificados com Jesus (Mc 15.27).

A covardia dos que prenderam Jesus era algo evidente; afinal, que outra razão os levaria a prender com tanta brutalidade um mestre tão manso? Em meio ao tumulto, Cristo declara que tudo isso é para que *as Escrituras se cumpram*, demonstrando Sua tranquilidade e confiança, pois tudo estava acontecendo de acordo com o plano soberano de Deus. Talvez Ele tivesse em mente Zacarias 13.7, que diz: *Fere o Pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas*, conforme algo que o próprio Jesus já tinha previsto no versículo 27 e no contexto do versículo 50. Talvez Ele também estivesse lembrando que seria *contado com os transgressores* (Is 53.12), se levarmos em consideração Sua resposta aos que o prenderam no versículo 48.

14.50-52 — Jesus foi abandonado. Embora os 11 discípulos tenham partido, *um jovem o seguia*. Somente Marcos fala sobre isso, e muitos creem que este mancebo era o próprio Marcos; afinal, de que outra forma ele saberia dessa história e falaria sobre ela? Se era realmente Marcos, e se a santa ceia aconteceu em sua casa naquela noite, ele pode ter pulado da cama, ter se envolvido *em um lençol* e seguido Jesus e Seus discípulos. É possível também que Judas e a multidão tenham ido à sua casa primeiro para prender o Mestre; a mesma casa onde ele havia saído às pressas antes (Jo 13.30). Marcos confessa que também *fugiu* para não ser preso com Jesus.

14.53 — O *sumo sacerdote* naquela época era Caifás, 18—37 d.C. (ver Jo 18.13).

Todos os principais dos sacerdotes eram aqueles que haviam sido sumos sacerdotes antes, e os *anciãos* eram os chefes das famílias que dominavam a comunidade judaica. Os *escribas* eram judeus eruditos e mestres nos Dez Mandamentos, assim como na tradição dos homens (Mc 7.8,9,13). Juntos, esses grupos formavam o Sinédrio, sempre citado nos Evangelhos e em Atos como o *concílio* — ou o *conselho* (Mc 14.55; 15.1; At 5.27; 23.1).

14.54 — Apesar de sempre criticarmos Pedro, precisamos reconhecer que ele teve coragem de voltar para ver o que aconteceria com Jesus. João também voltou e *entrou com Jesus na sala do sumo sacerdote* (Jo 18.15). O relato de Marcos — de



EM FOCO

RABI [GR. RABBI]

(Mc 9.5; 10.51; 11.21; 14.45)

Nos dias do Novo Testamento, rabi não era alguém que exercia a função de ensinar, mas o título honroso de uma pessoa que conhecia profundamente a Lei mosaica.

Essa designação, a qual deriva da palavra hebraica que significa *grandioso*, geralmente é traduzida por *mestre*.

Rabboni, sua tradução no aramaico, expressa um grande respeito. Tanto os discípulos como os doutores da Lei honravam Jesus com esse título.

que Pedro seguiu de longe — pode ter vindo do próprio Pedro.

14.55,56 — A função do Sinédrio era aplicar a justiça, mas este conselho buscou *algum testemunho contra Jesus, para o matar*. Roma havia tirado das autoridades judaicas o direito de aplicar a pena de morte. Por isso, eles tiveram de apelar para Pilatos (Mc 15.1). No entanto, como não havia nenhuma testemunha que pudesse testificar algo verdadeiro para condenar Jesus à morte, muitos *testificavam falsamente*, mas seus depoimentos não eram coerentes.

14.57-59 — No fim, alguns tentaram acusá-lo de conspirar para destruir o templo (Jo 2.19-21), mas até esse testemunho foi inconsistente.

14.60-62 — *Ele calou-se* é o cumprimento de Isaías 53.7. Ele também ficou em silêncio perante Pilatos (Mc 15.3-5) e Herodes Antipas (Lc 23.9). Por fim, depois de não encontrarem nenhuma prova substancial com que pudessem acusá-lo, Jesus declarou que era *o Cristo, Filho do Deus Bendito*. Todavia, o que os levou a condená-lo foi o fato de Jesus ter declarado que era o ser divino descrito como *o filho do homem* em Daniel 7.13,14, a quem o Pai deu o domínio eterno, a glória e o Reino, e que era digno de toda a adoração. Essa era uma das maneiras como Jesus frequentemente se referia a si mesmo, em vez de usar o termo *Messias*. Entretanto, os líderes judeus não entenderam seu significado por completo, até que Jesus o explicou a eles dentro do contexto desse versículo.

14.63,64 — O julgamento chegou ao fim, e Jesus foi falsamente acusado de blasfêmia, o que significa que Ele havia declarado que era divino. Para eles, naturalmente, uma declaração como esta só poderia vir de um louco ou mentiroso — a não ser que Ele fosse mesmo o Deus todo-poderoso em carne, como Jesus era realmente (Jo 1.1-3,14; Fp 2.5-8).

14.65 — Aqueles que começaram a *cuspir* em Jesus e a dar-lhe *punhadas* não foram os mesmos que lhe infligiram os açoites, algo que poderia rasgar o corpo de uma pessoa. Compare com Marcos 15.15, onde os açoites são mencionados.

14.66-72 — Alguns acreditam que Pedro pode ter negado Jesus quatro vezes — três vezes quando ele estava perto do fogo ou dentro do átrio, e uma vez quando João diz que ele o negou já à porta, ao ser confrontado (Jo 18.16,17). Somente Marcos relata que Cristo predisse especificamente que Pedro o negaria três vezes antes que o galo cantasse duas vezes (Mc 14.30).

Marcos, que dá uma atenção muito especial aos detalhes, esclarece bem, nessa passagem, a primeira vez que o galo cantou, dizendo: *E o galo cantou*. Seria mesmo estranho se ele dissesse que o galo cantou pela *segunda vez* (v.72), mas não fizesse nenhuma referência ao primeiro canto.

Alguns acreditam que houve três negações de Pedro depois do primeiro canto do galo e três depois do segundo — tudo isso por causa das discrepâncias que há no relato de Marcos e nos outros Evangelhos. Outros creem que houve apenas três negações, em vez de seis, porque os autores dos outros Evangelhos podem ter falado do canto do galo de uma maneira geral, enquanto Marcos, que relatou o que Pedro lhe contou, é mais detalhista ao mencionar dois cantos do galo.

Ele, porém, começou a praguejar e a jurar (v. 71 ARA). Pedro deve ter dito a Marcos que incluiu isso em seu relato. Todas as atitudes de Pedro foram reprováveis, e o fato de ele jurar ilustra bem a verdade contida em Jeremias 17.9, que diz: *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?*

Não sabemos se Pedro se lembrou das palavras de Jesus quando *o galo cantou* a primeira vez.



APROFUNDE-SE

SOLTA-NOS BARRABÁS

Se não fosse esta série de acontecimentos extraordinários, Barrabás não passaria de um desconhecido na história. Ele era apenas um dos muitos *sicarii* (*terroristas*) que assassinavam oficiais romanos em sua vã esperança de expulsá-los da Palestina. Às vezes, quando as condições políticas eram favoráveis, eles conseguiam reunir uns poucos seguidores e criavam muitos problemas. Por exemplo, em 6 d.C., Judas Galileu liderou uma revolta contra os impostos, mas os romanos logo o executaram e dispersaram seus seguidores.

Foi por esta mesma razão que as autoridades romanas prenderam Barrabás e alguns outros, sob a acusação de rebelião e assassinato (Mc 15.7; Lc 23.19). E os prisioneiros sabiam muito bem que destino os aguardava: a crucificação, uma forma terrível de execução que os romanos reservavam para os criminosos políticos. O espetáculo público de pregar os rebeldes em uma cruz e de levantá-los era um bom exemplo para dissuadir a oposição política.

No entanto, Barrabás não morreria assim. Tanto a prisão de Jesus como a manobra política do sumo sacerdote Caifás, de Herodes e Pilatos (Lc 23.6-12), e a tradição de soltar um prisioneiro durante a festa da Páscoa (Mc 15.6) abriram uma porta para que Barrabás saísse ileso.

No fim, o clamor do povo para que ele fosse solto garantiu sua liberdade (Jo 18.40). Pilatos não acreditava que eles iriam mesmo escolher Barrabás, mas, quando eles continuaram gritando que Jesus fosse crucificado, ele perguntou: *Hei de crucificar o vosso rei?* (Jo 19.15). Nesse momento, os principais dos sacerdotes gritaram: *Não temos rei, senão o César*. Então, o governador libertou Barrabás. Que ironia do destino um revolucionário inimigo de Roma ser solto por causa do seguinte clamor: *Não temos rei, senão o César!*

Porém, se isso aconteceu, ele deve ter tentado esconder sua verdadeira identidade, mas sem sucesso. Todos os outros escritores dos Evangelhos nos dizem que o galo cantou logo após a última negação de Pedro (Mt 26.74; Lc 22.60; Jo 18.27). No entanto, dessa vez, ele *lembrou-se e chorou*.

15.1-47 — Rejeitado por Seus discípulos, condenado pelo conselho e negado por Pedro, Jesus, agora, enfrentaria as impiedosas autoridades romanas e a multidão enfurecida.

15.1-3 — Em vez de assassinar Jesus, os políticos judeus resolveram buscar a autorização de Pilatos para que pudessem executar o “blasfemo”, amparados pela lei. Suas acusações incluíam *muitas coisas*, mas, ao que tudo indica, traição era a principal. Jesus havia declarado que era um rei, desprezando César dessa maneira (Lc 23.2). Este crime era punido pelo império romano com a morte.

15.4,5 — *Nada mais respondeu*. Durante todo o Seu julgamento e Sua crucificação, Jesus foi o único que não agiu por medo, inveja ou pelos próprios interesses.

15.6-8 — Pilatos deve ter concluído que as acusações contra Jesus não tinham sentido, pois

Marcos nos diz que seu desejo era soltá-lo (v.9). Então, para que seus leitores pudessem entender como a situação era complexa, ele abre parêntesis para explicar a tradição de soltar um prisioneiro durante a festa da Páscoa e quem era Barrabás. Apesar de Mateus chamar Barrabás de um preso bem conhecido (Mt 27.16), somente Marcos o descreve como alguém que estava preso *com outros amotinadores* e que *tinha num motim cometido uma morte*.

15.9-14 — Pilatos tentou libertar Jesus, pois *bem sabia* que as acusações contra Cristo eram inconsistentes. Ele foi muito perspicaz ao perceber a *inveja* que os líderes judeus tinham de Jesus, e sutilmente escarneceu deles referindo-se a Ele como *o Rei dos judeus*.

15.15 — Pilatos fez com que Jesus fosse *açoiado*. Essa palavra, usada duas vezes apenas no Novo Testamento (aqui e em Mateus 27.26), descreve uma punição mais severa do que uma surra ou chicotada. O prisioneiro era açoiado com um chicote feito de várias tiras de couro, na ponta das quais eram atados vários pedaços de ossos e metais que rasgavam a carne e cortavam-na em pedaços. Pilatos tinha esperança de que os

judeus desistissem da crucificação de Jesus depois dessa punição brutal, mas ele não tinha como ir contra a vontade deles. Cristo ficou muito fraco depois dos açoites.

15.16 — O *palácio*, que é o *pretório* (ARA), era a residência oficial do governador. *Praetorium* é uma palavra latina encontrada oito vezes no Novo Testamento. Na ARC, a palavra é traduzida como *sala da audiência*. Em Filipenses 1.13, ela é traduzida como *guarda do palácio* na NVI.

Todo o destacamento (ARA), uma companhia romana, era composto por cerca de seis mil homens. Os que se encontravam ali naquela ocasião provavelmente eram os que estavam de serviço, mas, ainda assim, tratava-se de um número bem considerável.

15.17 — Eles o vestiram com um manto *púrpura* para escarnecê-lo como um rei. A *coroa de*

espinhos, certamente, foi feita de uma erva seca com espinhos afiados e entrelaçados, os quais mediam cerca de dois centímetros e meio. Toda picada de espinho é muito dolorosa.

15.18-21 — A reação de Jesus a todo este tratamento desumano foi muito tranquila, pois Ele tinha certeza de que estava no centro da vontade do Pai. [Eles] o *levaram para fora*, a fim de o *crucificarem* revela que o lugar da crucificação era fora da cidade (Hb 13.12). Todos os três Evangelhos Sinóticos dizem que foi Simão Ciri-neu quem carregou a cruz de Jesus, mas somente Marcos complementa essa informação dizendo que ele era pai de Alexandre e Rufo. Estes homens, certamente, eram conhecidos pelos leitores de Marcos em Roma, e o interessante é que o próprio apóstolo Paulo saúda Rufo em Romanos 16.13.



COMPARE

QUE MARIA?

Ao lermos o Novo Testamento, descobrimos que Maria era um nome muito popular na Palestina durante o primeiro século. Por exemplo, nós temos:

- Maria de Nazaré, mãe de Jesus (Lc 1.26 — 2.52);
- Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (10.38-42; Jo 11). Foi ela que ungiu Jesus com perfume antes da Sua morte (Mc 14.3);
- Maria Madalena, que ajudava Jesus financeiramente (Lc 8.2,3). O Senhor expulsou dela sete demônios. Ela também acompanhou a crucificação de Jesus e foi a primeira a testemunhar Sua ressurreição (Mc 15.40; 16.9);
- Maria, mãe de Tiago e José. Ela estava presente na crucificação de Jesus e é muito provável que fosse a mulher descrita como a *outra* Maria (Mt 27.61; 28.1) e Maria, mulher de Cleopas (Jo 19.25);
- Maria, mãe de Marcos, que era parente de Barnabé (At 12.12; Cl 4.10);
- Maria de Roma, conhecida apenas como uma mulher que trabalhou muito por Paulo e seus companheiros (Rm 16.6).

Por que há tantas mulheres judias chamadas Maria? Esta é a forma grega do nome *Miriã* em hebraico, que era o nome de uma das mulheres mais famosas de Israel.

- Miriã era irmã de Moisés (Nm 26.59) e uma das primeiras profetisas da nação de Israel (Êx 15.20).
- Ela, seu irmão e Arão foram os líderes que Deus escolheu para tirar Israel do Egito e guiá-lo através do deserto até a Terra Prometida (Mq 6.4).
- Desde cedo, Miriã já demonstrou ser muito corajosa ao salvar seu irmãozinho da morte (Êx 2.4-7).
- Mais tarde, depois que Israel cruzou o mar Vermelho e escapou do exército egípcio, ela levou o povo a louvar ao Senhor com cânticos e a adorá-lo (Êx 15.20,21).
- No entanto, em certa ocasião, ela falou contra Moisés e, como consequência, provou do juízo de Deus, contraindo a lepra. Por setes dias, ficou fora do arraial, o tempo exigido para que uma pessoa curada da lepra voltasse para junto do povo (Nm 12.1-15).
- Enquanto ela esteve isolada fora do arraial, o povo de Israel não partiu até que ela voltasse para seguir junto com ele (Nm 12.15).

15.22 — *Gólgota* é uma palavra em aramaico que significa *lugar da Caveira*. Este monte devia ter a aparência de uma caveira ou era chamado assim por ser um local de morte. O nome *Calvário* vem da palavra em latim *caveira*. Este lugar fica muito próximo aos muros da cidade (Jo 19.20).

15.23 — O *vinho* (ou vinagre) com *mirra* era usado para aliviar a dor. No entanto, Jesus se recusou a usá-lo e decidiu passar por todo o sofrimento.

15.24 — *Repartiram as suas vestes, lançando sobre eles sortes* cumpriu a profecia do Salmo 22.18. De fato, o Salmo 22 é o Salmo do bom Pastor, que retrata Aquele que deu a vida pelas Suas ovelhas (Jo 10.11).

15.25 — A *hora terceira* era nove horas da manhã; este era um sistema muito comum entre os judeus para marcar a hora. Jesus sofreu na cruz até três da tarde pelo menos, a nona hora do v.34. *E o crucificaram* é um resumo para os leitores de Marcos em Roma, pois eles conheciam muito bem os horrores da crucificação.

15.26 — A *acusação* posta sobre a cabeça de Jesus estava escrita em três línguas (Jo 19.20): hebraico (aramaico), latim, a língua oficial do império, e grego, a língua falada pela maioria do povo. Se pegássemos o que dizem os quatro Evangelhos e os colocássemos juntos, a inscrição ficaria assim: *Este é Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus*. Ele afirmou ser o Rei-Messias, e esta foi a acusação oficial que o levou a ser crucificado.

15.27-31 — Praticamente todos zombaram de Jesus e rejeitaram-no — Pilatos, Herodes, os soldados, a multidão e, até mesmo, os salteadores ao seu lado na cruz (v.32).

15.32 — Os principais dos sacerdotes e escribas escarneciam de Jesus chamando-o de *o Cristo*, ou o Messias. O fato de terem dito que *creriam* nele caso Ele *descesse da cruz* não passava de uma zombaria. Jesus havia realizado milagres diante dos seus olhos, mas, mesmo assim, eles se recusaram a crer. Uma prova verdadeira de um milagre não é suficiente para que uma alma se volte para Deus. Um coração pecaminoso tem de convencer-se de que precisa da salvação.

15.33 — Essas *trevas* foram uma escuridão sobrenatural que tomou os céus.

15.34 — Das sete palavras da cruz, esta quarta foi a mais comovente. Citando Salmos 22.1, Jesus demonstra Sua agonia por ter sido abandonado pelo Pai para levar sozinho os pecados do mundo. A aflição espiritual de Jesus foi imensa, mas, mesmo assim, Ele se dirigiu ao Pai chamando-o de *Deus meu*.

15.35,36 — Os que ouviram Jesus chamar pelo profeta *Elias* não entenderam o que Ele estava dizendo. A desidratação causada pela crucificação geralmente faz com que a pessoa tenha dificuldade de falar. Então, embeberam *uma esponja em vinagre*, prenderam-na em uma cana e deram-na a Jesus, pois Ele disse: *Tenho sede* (Jo 19.28). Isso fez com que Jesus pudesse dizer Suas últimas palavras: *Está consumado* (Jo 19.30) e *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* (Lc 23.46).

15.37 — Jesus, ainda consciente, *dando um grande brado, expirou*. A crucificação quase sempre fazia com que a pessoa perdesse os sentidos ou entrasse em coma antes de morrer, mas Jesus manteve todas as Suas faculdades até a hora de entregar voluntariamente Sua vida (Jo 10.17,18). Ele entregou Sua vida por nós de livre e espontânea vontade.

15.38 — O significado espiritual de *o véu do templo* ter sido rasgado é que, agora, todos têm acesso direto a Deus. Não precisamos mais de sacerdotes ou sangue de bois e carneiros para nos achegarmos ao Altíssimo, pois o véu foi rasgado, o que também simboliza o corpo de Jesus sendo rasgado na cruz (Hb 10.20). *De alto a baixo* indica que o próprio Deus jogou por terra essa barreira.

15.39 — Somente Marcos usa o termo em latim *centurião* (aqui e nos v.44,45), um capitão romano que comandava 100 soldados. As palavras do centurião — de que Jesus *era o Filho de Deus* — podem ser entendidas como uma confissão de fé na deidade de Cristo, embora *o Filho* também possa ser traduzido por *um filho*.

15.40,41 — Essas mulheres eram verdadeiras discípulas de Cristo. Elas supriam as necessidades de Jesus, e uma delas foi a primeira testemunha da ressurreição. Marcos não cita o nome da mãe de Jesus aqui, mas inclui o de outras mulheres importantes. O nome de três Marias aparece com



APROFUNDE-SE

UMA OFERTA MARAVILHOSA

Quanto estaríamos dispostos a gastar para fazer um funeral: uma fortuna ou apenas o essencial para um sepultamento simples?

Os escritores dos quatro Evangelhos dizem que o corpo de Jesus foi tratado como o de um homem rico — o que não é surpresa alguma para nós, haja vista que Ele foi enterrado por pessoas ricas.

- *José de Arimatéia* comprou um lençol fino para envolver o corpo de Jesus e colocou-o em uma sepultura muito valiosa que pertencia a ele (Mc 15.43-46; Mt 27.60).
- *Nicodemos* ajudou nos preparativos e levou quase 100 arráteis de um composto de mirra e aloés, produtos caríssimos usados para perfumar o corpo (Jo 19.39).
- As mulheres que apoiavam Jesus em Seu ministério — Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé — também levaram especiarias e unguentos para preparar Seu corpo, pois o sábado já havia passado (Mc 16.1; Lc 23.56).

Aqueles que cuidaram do sepultamento de Jesus fizeram isso por amor, não por culpa. E, devido às circunstâncias, obviamente eles não estavam querendo ostentar sua riqueza. Muito pelo contrário, estavam expressando devoção, pesar, adoração e desejo sinceros de proteger de Seus inimigos o corpo do Senhor. Eles fizeram tudo que podiam segundo seu desejo e seus recursos financeiros, além de guardarem a Lei, o costume e a tradição daquele dia.

muitas outras, além de *Salomé* — chamada pelo nome apenas por Marcos (Mc 16.1), a qual era mulher de Zebedeu e mãe dos discípulos Tiago e João (Mt 27.56). Alguns creem que ela poderia ser irmã da mãe de Jesus (Jo 19.25).

15.42 — Marcos explica aos seus leitores romanos, os quais não conheciam os costumes judaicos, que a crucificação aconteceu no *Dia da Preparação*, ou seja, na sexta-feira.

15.43 — *José de Arimatéia* (uma cidade a pouco mais de 30 Km ao norte de Jerusalém) é chamado de *senador honrado* (do Sinédrio). Ele, segundo Lucas 23.51, *não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros*. E pedir o corpo de Jesus a Pilatos não foi apenas um gesto de bondade, mas um ato de coragem que colocava José contra o Sinédrio e apontava-o como um seguidor de Jesus.

15.44,45 — Não era normal alguém morrer tão rápido quando crucificado. Geralmente, os corpos ficavam na cruz por vários dias. José teve pressa em tirar da cruz o corpo de Jesus por causa do que diz Deuteronômio 21.23 — que o corpo de alguém morto no madeiro deveria ser tirado e enterrado no mesmo dia.

15.46 — José, ajudado por outro discípulo que antes havia procurado Jesus em segredo — Nicodemos (Jo 19.39) —, envolveu o corpo de Jesus

em um *lençol fino*, ao que parece, com uma grande quantidade (quase 100 arráteis) de uma resina viscosa e pegajosa, misturada com mirra e aloés, para evitar o mau cheiro e a rápida decomposição do corpo. João explica que este era o costume dos judeus para o sepultamento (Jo 19.40). A *pedra* usada para fechar o sepulcro devia ter não mais do que um metro ou um metro e meio de diâmetro, já que a abertura dos sepulcros não era tão alta como a de uma porta. Na verdade, em João 20.5, é dito claramente que era preciso abaixar-se para entrar nela. Porém, quando uma pedra era encaixada nela, dificilmente conseguiria ser removida.

16.1-20 — Os leitores de Marcos, que conheciam Jesus como o Filho de Deus, viram antes como Cristo foi rejeitado e cruelmente executado. Agora, Sua ressurreição iria enchê-los de gozo e esperança.

16.1,2 — O sábado era o *Shabat*. O dia seguinte a ele era o *primeiro dia da semana*, o domingo. Os *aromas* serviam para evitar o mau cheiro do corpo em decomposição e eram um sinal de carinho e dedicação daquelas mulheres que tanto amavam o Mestre.

16.3,4 — As mulheres viram que a pedra era *muito grande* e como seria difícil removê-la da porta do sepulcro. No entanto, elas mostraram

que não estavam preocupadas com o selo no túmulo ou com a presença dos guardas romanos; e, ao que parece, não tinham conhecimento das precauções que haviam sido tomadas pelos judeus e romanos (Mt 27.62-66).

16.5,6 — Marcos não diz que o *jovem* que aparece vestido de *uma roupa comprida e branca* é um anjo, mas certamente ele estava ali para explicar aquilo que era um mistério para aquelas mulheres. A exclamação no grego, *ele ressuscitou!* (ARA), também poderia ser traduzida como *ele foi ressuscitado*, indicando que foi Deus quem ressuscitou Jesus. Aquela cena inesperada e incomum deixou as mulheres *espantadas*.

16.7 — Após Deus escolher essas mulheres para serem os primeiros seres humanos a testemunharem a ressurreição de Cristo, Ele lhes disse: *Ide, dizei*. O fato de o nome de Pedro ser mencionado à parte nos mostra que Cristo o aceitou mesmo depois de o discípulo tê-lo negado três vezes.

16.8 — A princípio, as mulheres ficaram com tanto medo que *nada diziam a ninguém*. Mas logo elas puderam recompor-se e correram para contar tudo aos 11 discípulos, inclusive a Pedro (Mc 16.10; Mt 28.8,9; Jo 20.2).

16.9-20 — A autenticidade dessa longa seção de 12 versículos tem sido muito discutida. Então, por causa dessa discussão, o melhor é não basear nenhuma doutrina nessas passagens. Os que duvidam da autoria de Marcos

citam dois manuscritos antigos (do quarto século) que não contêm esses versículos. Os que a defendem dizem que até mesmo esses manuscritos deram uma abertura para que todos esses versículos, ou alguns deles, fossem incluídos no texto original, e que os copistas sabiam da sua existência.

Difícil é saber se essa abertura foi dada para que a conclusão do Evangelho de Marcos fosse mais longa ou para trazer um dos finais alternativos encontrados no manuscrito. Praticamente todos os outros manuscritos contêm os versículos 9-20, e essa passagem é apoiada por alguns pais da Igreja, como Justino Mártir (155 d.C.), Tatian (170 d.C.) e Irineu (180 d.C.).

A evidência interna é mais difícil de avaliar do que a externa. Há uma mudança radical entre os versículos 8 e 9, e algumas palavras que aparecem nos versículos 9-20 não são encontradas no restante do Evangelho de Marcos; mas quanto a isso, o mesmo pode ser dito sobre qualquer seção de 12 versículos de Marcos. Também seria estranha a história de Marcos acabar no versículo 8 falando do medo que as mulheres sentiram.

16.9 — Embora as mulheres tenham sido incumbidas de contar sobre a ressurreição de Jesus, nenhuma delas o viu de fato até que Ele *apareceu primeiramente a Maria Madalena*. Somente Marcos e Lucas (Lc 8.2) dizem que Jesus expulsou sete



VOGÊ SABIA?

INFORMAÇÕES DIFERENTES NOS EVANGELHOS

Quando lemos os Evangelhos comparando uns com os outros, vemos que parece haver algumas discrepâncias entre eles. Por exemplo, Marcos afirma que havia três mulheres no sepulcro de Jesus no domingo da ressurreição, enquanto Mateus fala somente de duas. Marcos repete a citação de Pedro dizendo que Jesus é o Messias, enquanto Mateus cita a declaração dos apóstolos de que Jesus é o Messias e o Filho de Deus.

Se quatro membros de uma banda contassem a história do seu músico mais famoso durante uma turnê, certamente teríamos vários relatos com algumas diferenças. As pessoas veem as mesmas coisas de forma diferente. Entretanto, o mais importante é se os escritores dos Evangelhos respondem de modo correto a esta pergunta: *Quem é Jesus?*

Os Evangelhos foram escritos por aqueles que andaram com o Mestre; eles são o testemunho dos que estiveram com Cristo durante Seu ministério e depois da Sua ressurreição; além disso, (depois de Sua ascensão aos céus) são os que foram cheios do Espírito Santo. Apesar dessas diferenças, todos os Evangelhos concordam que Jesus ressuscitou dos mortos e, agora, é *Senhor e Cristo* (At 2.36). E eles também concordam que a forma como as pessoas respondem a esse Jesus é o que determina se elas vão viver ou morrer por toda a eternidade.

demônios de Maria, o que explica sua grande devoção a Ele.

16.10 — Apenas Marcos menciona que os discípulos choraram e ficaram muito tristes. A execução de Jesus lhes trouxe uma perda pessoal e psicológica muito grande.

16.11 — Na realidade, não se esperava que Jesus fosse mesmo ressuscitar, apesar de suas repetidas profecias. Só mesmo o próprio evento da ressurreição para que houvesse fé no Filho do Homem.

16.12,13 — A aparição de Jesus *em outra forma* [gr. *hetera morphe*] pode ser uma indicação de que Ele estava diferente de quando apareceu a Maria (v. 9) ou que Ele também se apresentou aos dois discípulos de uma forma diferente daquela como havia aparecido aos outros antes. A identidade dos *dois deles que iam de caminho* não é totalmente revelada aqui nem no relato de Lucas 24.13-35. Todavia, um é chamado de Cleopas (Lc 24.18).

16.14 — Depois da morte de Judas (Mt 27.3-5; At 1.16-18), os discípulos ficaram conhecidos, pelo menos por algum tempo, como *os onze*. Jesus repreendeu Seus discípulos por não terem crido no relato das testemunhas, mas pronunciou uma bênção sobre aqueles *que não viram e creram* (Jo 20.29). As palavras de Cristo se aplicam perfeitamente aos leitores de Marcos, assim como também aos cristãos de hoje.

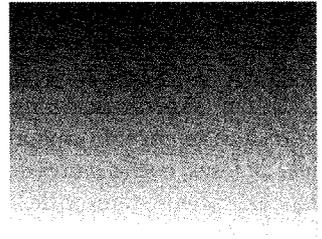
16.15 — A Grande Comissão é encontrada aqui e nos outros três Evangelhos (Mt 28.19,20; Lc 24.47; Jo 20.21).

16.16 — *Quem não crer será condenado*. Essa afirmação mostra que o batismo não é um requisito para a salvação. Caso contrário, ela diria que quem não crer e “não for batizado” será condenado. No entanto, o Novo Testamento ensina categoricamente que o batismo vem depois de se crer em Cristo.

16.17,18 — Cinco *sinais* [gr. *semeia*] dariam autenticidade à mensagem que seria pregada. Três deles aconteceram na Igreja do primeiro século: (1) expulsar *demônios*, demonstrando a vitória de Cristo sobre Satanás (At 16.18); (2) falar *novas línguas*, ou seja, aquelas conhecidas como em Atos 2.4-11; (3) curar *os enfermos*, como em Atos 28.8. Contudo, dois sinais — (1) pegar em *serpentes* e (2) beber *alguma coisa mortífera* — parecem ser algo que os seguidores de Cristo não fariam voluntariamente, mas que seriam forçados a fazer. Não há nenhuma garantia bíblica de que podemos pegar em serpentes ou beber algo mortal hoje em dia.

16.19 — Este foi o último sinal de que Jesus era o Filho de Deus: Ele *foi recebido no céu e assentou-se à direita de Deus* (uma posição de autoridade e poder). Os leitores de Marcos podiam ficar tranquilos, tendo plena convicção da deidade de Cristo e de Seu poder para salvar todos que nele creem.

16.20 — A obediência dos discípulos de Cristo que *pregaram por todas as partes* nos desafia a tomar a mesma atitude. Podemos estar seguros de que, assim como o Senhor estava *cooperando com eles*, Ele também fará o mesmo conosco.



O Evangelho segundo

Lucas

INTRODUÇÃO

Algumas vezes precisamos dar dois ou três passos para trás para podermos enxergar melhor, uma realidade vivida por três dos 12 discípulos de Cristo para escrever sobre a vida do Mestre. No entanto, deve ter sido algo totalmente diferente, para alguém que não conheceu Jesus, falar sobre Ele. Lucas não esteve pessoalmente com o Mestre, todavia escolheu segui-lo. O autor deste Evangelho, que era médico e altamente instruído (Cl 4.14), aprendeu tudo o que pôde a respeito do Filho de Deus e dividiu suas descobertas conosco. Assim, seu Evangelho provê uma perspectiva singular do nascimento de Jesus, Seu ministério, da Sua morte e ressurreição.

O Evangelho de Lucas é ímpar de várias formas. É o único que possui uma seqüência, o livro de Atos. Lucas

e Atos incluem a passagem da ascensão de Jesus, um acontecimento que apenas Lucas descreve em detalhes. Podemos também citar o fato de que Lucas é o mais longo dos quatro Evangelhos. Além disso, ele registra uma grande variedade de milagres, ensinamentos e parábolas, fazendo com que seus escritos sejam o retrato mais extenso do ministério de Jesus. Muito do conteúdo dos capítulos 9 a 19 aparece apenas em Lucas. No total, cerca de 1/3 deste livro é exclusivo. Por fim, é o único Evangelho endereçado a um indivíduo. Lucas escreve a Teófilo, que provavelmente era um cristão gentio.

Na visão de Lucas, Jesus é o Messias prometido (Lc 1.31-35), o Filho de Deus (Lc 9.35), o Servo por intermédio do qual Deus se manifesta aos homens (Lc 4.16-18), e o Senhor que é chamado para sentar-se à direita

de Deus, exercendo Sua autoridade e derramando do poder do Espírito Santo sobre aqueles que depositam sua fé nele (compare Lc 22.69 com At 2.30-36). Apesar de alguns aspectos do plano de Deus terem sido cumpridos na primeira vinda de Jesus, outras partes do desígnio divino serão realizadas no retorno de Jesus (Lc 21.5-36; At 3.14-26).

Lucas escreveu seu Evangelho para garantir a Teófilo que Deus ainda estava agindo na comunidade cristã fundada por Jesus. Lucas mostra como a graça divina foi revelada por meio do ministério terreno de Jesus, e enfatiza que esta benevolência está disponível para os gentios, mesmo que as promessas relativas ao ministério de Jesus remetam primeiro à história de Israel (Lc 1.1-4).

Por esta razão, Lucas também se concentra no relacionamento de Jesus com a nação e os líderes de Israel. A rejeição de Israel não significa o fracasso do plano de Deus. Embora os judeus não soubessem disso, a negação fazia parte do plano de Deus desde o início (At 2.22-39). Na verdade, a perseguição à comunidade cristã seria o meio pelo qual a Igreja espalharia as boas-novas de salvação pelo mundo. O próprio Jesus previu que isso aconteceria (Lc 24.45-48).

Os dois primeiros capítulos de Lucas enfatizam o Antigo Testamento e suas promessas de um Messias, enquanto Lucas 3.1 a 4.13 demonstram que Jesus é o Messias que pode resistir ao Maligno. Então, Lucas 4.14 a 9.50 apresentam o poder de Cristo e Seus ensinamentos. Nestes capítulos, Lucas registra as afirmações de autoridade do Filho de Deus e os milagres que as sustentam.

Mesmo com tais maravilhas como provas, o povo rejeitou o Salvador enquanto a fé dos discípulos cresceu consistentemente. A crescente diferença entre Jesus e os líderes judeus é vista em Lucas 9.51 a 19.44. Esta diferença é enfatizada, principalmente, nos capítulos 9 a 13, enquanto nos capítulos 14 a 19 a atenção se volta para a instrução de Jesus a Seus discípulos.

A última seção (Lc 19.45—24.53) exhibe as discussões finais, o julgamento, a morte de Jesus, a ressurreição e a ascensão. O livro termina com Jesus dizendo aos discípulos para esperarem a

vinda do Espírito Santo. Entrementes, eles deveriam ter percebido que tudo o que houve na vida de Jesus foi conforme a Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos (Lc 24.43-49).

Jesus é o Messias prenunciado. O perdão dos pecados só pode ser obtido por intermédio dele. Os discípulos foram testemunhas disso, e a missão deles era compartilhar as boas-novas de salvação com todas as nações, não apenas com os judeus. Cristo lhes deu esta tarefa, mas também os capacitou com o poder necessário para tal (Lc 24.47). Deste modo, fica claro que o Evangelho de Lucas enfatiza o desígnio divino de prover a salvação do mundo. O seu desfecho antecipa a difusão do evangelho que é registrada em sua continuação, o livro de Atos.

Lucas não identifica como seu autor, tampouco de Atos. Assim, deduz-se a identidade do escritor. O autor diz que não foi uma testemunha dos acontecimentos relativos a Jesus, mas que reuniu informações de outras pessoas. Entretanto, ele esteve presente, com Paulo, em alguns acontecimentos descritos em Atos, eventos estes que pertencem à seção “nós” do livro citado (At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1—28.16). Desta forma, o autor deve ter sido um cristão convertido que conheceu Paulo e viajou algumas vezes com ele.

Antigos escritos cristãos, desde os estudos de Justino Mártir até os de Tertuliano, apontam Lucas como o autor, uma identificação que foi firmemente colocada no século 3 d.C. Lucas foi um homem bastante educado para os padrões antigos. Ele era capaz de escrever em grego utilizando um estilo apurado. Colossenses 4.10-14 aparentemente indica que Lucas não era *da circuncisão*, isto é, não era judeu. Assim considerando, Lucas seria o único autor gentio de um livro do Novo Testamento. A tradição diz que, após acompanhar Paulo em algumas de suas viagens missionárias, Lucas ficou em Filipos, investindo sua vida no ministério da Igreja filipense.

O Evangelho de Lucas não possui nenhuma indicação de quando foi escrito, nem Atos. Desta maneira, tal informação também é deduzida. O último acontecimento registrado em Atos é a primeira prisão romana de Paulo. Assim, Atos

não poderia ter sido concluído antes de 62 d.C. Muitos estudiosos fazem sua escolha entre duas épocas para o Evangelho: uma que engloba o começo até o final dos anos 60, e outra que vai do meio dos anos 70 até o final dos 80. Dois fatores determinam a escolha: a data dos outros Evangelhos e a representação pictórica da queda de Jerusalém, em Lucas.

Quase todos os estudiosos consideram Lucas como o segundo ou o terceiro Evangelho a ser escrito, embora discutam se foi Marcos ou Mateus o primeiro redigido. O primeiro Evangelho, seja Marcos ou Mateus, é geralmente datado em 60 d.C. Aqueles que situam Mateus ou Marcos em 60 d.C. geralmente estipulam a data de Lucas para depois de 70 d.C., permitindo algum tempo de circulação de Mateus ou Marcos. Outra razão dada para datar Lucas após 70 d.C. é a afirmação de que este Evangelho apresenta as predições de Jesus da queda de Jerusalém (Lc 19.41-44; 21.20-24) de forma a indicar que a cidade já havia sido destruída.

Nenhum desses argumentos é definitivo. Considerando que os indivíduos mais importantes da Igreja primitiva tinham contato uns com os outros, não há razão para acreditar que tenha levado uma década para um Evangelho principal entrar em circulação. A predição da queda de Jerusalém em Lucas é singular dentre as passagens dos Evangelhos, pois foca a queda da cidade e não meramente a destruição do templo. Desta forma, o que Jesus descreve é um julgamento resultante da infidelidade à aliança, similar à destruição de Jerusalém em 586 a.C. O fato de Lucas incluir a predição de Jesus de uma segunda queda da cidade não quer dizer que esta já tivesse sido destruída quando o livro foi escrito. Levando em conta que a sequência de Lucas, o livro de Atos, não registra a morte de Pedro nem a de Paulo, ou até mesmo a queda de Jerusalém (em face à clara predição de Jesus), é bastante provável que Lucas tenha sido escrito até meados de 60 d.C. ou o final desse ano.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM LUCAS

Ano 37—4 a.C. — Herodes, o Grande, é nomeado rei de Jerusalém

Ano 31 a.C.—14 d.C. — César Augusto é o imperador romano

Ano 5 a.C. — Jesus nasce em Belém

Ano 4 a.C.—39 d.C. — Herodes Antipas governa a Galiléia e a Peréia

Ano 14—37 d.C. — Tibério César é o imperador romano

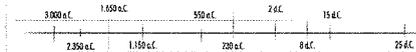
Ano 25—27 d.C. — O ministério de João Batista

Ano 26—36 d.C. — Pôncio Pilatos é o procurador da Judéia

Ano 27 d.C. — O primeiro ministério de Jesus na Judéia

Ano 27—29 d.C. — O ministério de Jesus na Galiléia

Ano 30 d.C. — O segundo ministério de Jesus na Judéia, a crucificação e a ressurreição





ESBOÇO

- I. Apresentação de João Batista e Jesus — 1.1—2.52
- A. Prefácio — 1.1-4
- B. O nascimento e a infância de João Batista e de Jesus — Lucas 1.5—2.40
- C. O sábio Jesus — 2.41-52
- II. Preparação do ministério — 3.1—4.13
- A. João Batista, aquele que vai à frente do Messias — 3.1-20
- B. Jesus, o Ungido — 3.21—4.13
- III. Ministério galileu: a revelação de Jesus — 4.14—9.50
- A. Visão geral do ministério de Jesus — 4.14-44
- B. A convocação dos discípulos — 5.1—6.16
- C. O Sermão do Monte — 6.17-49
- D. As primeiras ações da fé e as perguntas sobre Jesus — 7.1—8.3
- E. O chamado à fé — 8.4—9.17
- F. A confissão de Pedro e a instrução acerca do discipulado — Lucas 9.18-50
- IV. A jornada a Jerusalém: a rejeição dos judeus e a apresentação do novo Caminho — 9.51—19.44
- A. A rejeição de Jesus em Samaria e a missão dos Setenta — 9.51—10.24
- B. Discipulado: lições a respeito do amor ao próximo, de Jesus e de Deus — 10.25—11.13
- C. Discussões com os fariseus, correções e exortações à fé — 11.14-54
- D. Discipulado: crendo em Deus — 12.1-48
- E. Conhecendo a hora: lições de arrependimento e sobre o Reino — 12.49—14.24
- F. Discipulado em meio à rejeição: comprometimento com Cristo — 14.25-35
- G. A busca de Deus pelos pecadores — 15.1-32
- H. A generosidade em relação ao dinheiro e às posses — 16.1-11
- I. Lições sobre o falso ensinamento, o perdão, a fé e o serviço — 17.1-10
- J. A fé no Rei e a consumação do Reino — 17.1—18.8
- K. Humildade e confiança no Pai — 18.9-30
- L. A aproximação de Jesus de Jerusalém — 18.31—19.44
- V. Jerusalém: o inocente é morto e ressuscita — 19.45—24.53
- A. Discussão em Jerusalém — 19.45—21.4
- B. A predição de Jesus acerca da destruição de Jerusalém — 21.5-38
- C. A última ceia e o último discurso de Jesus — 22.1-38
- D. A traição, o julgamento e a morte de Jesus — 22.39—23.56
- E. A ressurreição e a ascensão de Cristo — 24.1-53

COMENTÁRIO

1.1,2 — *Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram.* Por meio desta expressão, Lucas deixa claro que ele não foi o primeiro a escrever um relato do ministério de Jesus.

Estes versículos sugerem que Lucas não foi uma testemunha dos acontecimentos do ministério de Jesus, mas ele teve acesso às declarações daqueles que foram. As fontes das histórias foram *os que presenciaram e transmitiram* os fatos à Igreja. O verbo *transmitir* alude à comunicação de uma passagem oficial.

1.3 — *Pareceu-me também a mim conveniente.* Lucas não expressou nenhuma insatisfação com os relatos anteriores do ministério de Jesus, e identificou-se com aqueles que o registraram antes dele.

Havendo-me já informado minuciosamente. Esta expressão representa duas das quatro características que descrevem o trabalho de Lucas neste

versículo: (1) Ele investigou o tópico e fez isso com cuidado; (2) Lucas não declarou saber tudo sobre Jesus, mas o que escreveu foi fruto de estudo e de um tratamento apurado.

De tudo. Esta expressão mostra que a terceira particularidade da obra de Lucas foi sua meticulosidade.

Desde o princípio. Aqui vemos que o quarto aspecto de Lucas foi seu interesse pelos acontecimentos mais remotos ligados à vida de Jesus Cristo.

Por sua ordem. Nesta expressão vemos que Lucas deu à sua narrativa uma estrutura básica. Nem todas as partes estão em ordem cronológica, mas o registro mais amplo é o ministério de Cristo na Galiléia, Sua viagem para Jerusalém, e Suas lutas lá. A disposição dos acontecimentos mostra como Jesus se revelou gradualmente e como a oposição a Ele cresceu proporcionalmente.

1.4 — *A certeza.* O propósito desta expressão foi dar uma garantia a Teófilo, que possivelmente

era um novo fiel e alguém muito interessado na mensagem cristã.

É provável que Teófilo fosse um gentio, considerando que muito de Lucas e Atos tem ligação com a relação entre gentios e judeus (At 10; 11; 15). Ele não precisava apenas saber a verdade e a exatidão do que a Igreja ensinava, mas também necessitava que isto fosse reafirmado.

Teófilo deve ter se perguntado o que ele, na condição de gentio, estava fazendo em um movimento que era originalmente judeu, especialmente quando muitos israelitas estavam rejeitando a mensagem.

Um Messias morto poderia realmente ser o centro da promessa de Deus? A perseguição da Igreja é um sinal do julgamento de Deus sobre um movimento que fez a Sua graça tão generosa, incluindo diretamente nela os gentios sem que estes precisassem tornar-se judeus primeiro? Lucas desejava garantir a Teófilo (e aos outros leitores deste trabalho) que Jesus de fato cumpriu a promessa do Senhor, que Seu ministério e, especialmente, Sua ressurreição mostram que Deus está por trás, e que qualquer gentio pertence a este movimento.

Além disso, como demonstra Atos, a perseguição da Igreja é como aquela com a qual Cristo se

deparou, e deu a oportunidade de que a Palavra de Deus fosse espalhada por toda região, até mesmo por lugares tão distantes como Roma.

1.5 — Lucas é muito preciso ao dar a exata informação histórica e cronológica. Tal fato pode ser observado nas palavras deste versículo, bem como em outras referências a importantes personagens históricos, eventos e datas, como acontece em Lucas 2.1-3; 3.1,2,19,23.

Este Herodes, conhecido como Herodes, o Grande, era descendente de Esaú (compare com Gn 27.39-40). Nascido em 73 a.C., ele foi designado rei dos judeus pelo senado romano em 40 a.C. Reinou até sua morte, em 4 a.C. Arquelau (Mt 2.22), Filipe (Lc 3.1) e Herodes Antipas (Lc 23.7-12,15) eram seus filhos. Herodes Agripa I, em Atos 12.1-6,19-23, foi seu neto, e Herodes Agripa II, em Atos 25—26, seu bisneto.

O sacerdócio de Israel estava separado em 24 divisões, e um dos grupos sacerdotais pertencia à família de Abias (1 Cr 24.10; Ne 12.17).

1.6 — *E eram ambos justos perante Deus.* Esta expressão indica que o sacerdote e sua mulher foram reconhecidos por Deus como cristãos. Eles andaram em fé junto ao Senhor e cumpriram Sua Lei (Dt 6.24,25). Isso não indica a impecabilidade,



APROFUNDE-SE

BOAS-NOVAS PARA OS GENTIOS

O Evangelho de Lucas (e também o livro de Atos) é endereçado a alguém chamado Teófilo. Pouco se conhece a respeito dessa pessoa, embora haja muita especulação. Seria ele, de fato, uma pessoa ou um grupo de cristãos? Teófilo, que significa *amigo de Deus*, designaria uma pessoa em particular ou um grupo de pessoas que eram amigas de Deus?

O tratamento, *excelentíssimo* (Lc 1.3), indica proeminência e um alto posto na sociedade romana. Entretanto, o título não é mencionado em Atos 1.1. Teófilo teria perdido sua importante posição nos anos seguintes?

Uma coisa parece evidente: Lucas estava escrevendo a um leitor gentio. Na verdade, a perceptível ênfase da passagem indica que o evangelho não se dirige apenas a uma nação escolhida. Jesus oferece perdão e salvação a toda a humanidade, independente de etnia, sexo ou classe social. Lucas mostra que as boas-novas são para:

- samaritanos (Lc 9.52-56; 10.30-37; 17.11-19);
- gentios (Lc 2.32; 3.6,8; 4.25-27; 7.9; 10.1; 24.47);
- judeus (Lc 1.32,33,54);
- mulheres (Lc 1.26-56; 7.36-50; 8.1-3; 10.38-42);
- rejeitados, como os coletores de impostos, as viúvas, os leprosos e aleijados (Lc 3.12; 4.27; 5.27-32; 7.11-15,22,23,37-50; 14.1-6; 15.1; 17.12; 19.2-10);
- pobres (Lc 1.53; 2.7; 6.20; 7.22);
- e os ricos (Lc 19.2; 23.50).



O reinado de Herodes na época do nascimento de Jesus

visto que cumprir a Lei também significava levar sacrifícios pelo pecado e responder apropriadamente a sua presença. Simeão (Lc 2.25), Cornélio (At 10.22) e José (Mt 1.19) são descritos desta forma.

1.7 — Ser estéril era um infortúnio muito grande no antigo Israel (1 Sm 1). As Escrituras registram um vasto número de mulheres inférteis que foram abençoadas por Deus e conceberam filhos (Gn 18.11; 21.2,3; 1 Sm 1.2). Este ato de Deus indica que Ele estava em ação, considerando também que Isabel e Zacarias eram de idade avançada.

1.8,9 — Duas vezes por ano, Zacarias servia durante uma semana no templo do Senhor, e era um dos talvez 18 mil sacerdotes que serviam lá. Os deveres sacerdotais eram designados por sorte, e oferecer o incenso era algo que o sacerdote poderia fazer apenas uma vez em sua vida — e, algumas vezes, nunca. Zacarias foi um dos contemplados com a permissão de fazer esta oferta ao Senhor, o que representou um grande momento para ele, sobretudo por causa do soberano plano de Deus para a vida dele e de sua família.

1.10,11 — A hora do incenso acontecia duas vezes por dia, provavelmente na parte da manhã e no meio da tarde. Não se sabe ao certo se Zacarias ofertou o incenso na hora matinal ou na vespertina.

1.12 — O temor diante da presença de Deus ou de Seu mensageiro (v. 11) é muito comum nas Escrituras (Lc 1.29,65; 2.9; 5.8-10,26; 7.16; 8.37; 9.34; Êx 15.16; Dn 8.16,17; At 5.5,11; 19.17).

1.13 — Os anjos geralmente acalmam os temores daqueles aos quais aparecem (Lc 1.30; 2.10; Gn 15.1; Dn 10.12; Mt 1.20; At 18.9; 27.24; Ap 1.17).

A tua oração foi ouvida. Com esta expressão, o anjo provavelmente estava fazendo referência ao clamor de Zacarias pela redenção de Israel, ou às suas preces anteriores por um filho. Na verdade, a ação de Deus começa um processo que responde aos dois pedidos de uma vez só. Possivelmente ele não estava orando por um filho, visto que o versículo 18 indica que Zacarias não tinha mais esperança quanto a isso.

E lhe porás o nome de João. Quando Deus nomeia uma pessoa, esta geralmente se torna em alguém grandioso (Gn 16.11; 1 Rs 13.2; Is 7.14).

1.14 — Alegria é um tema importante ao longo dos escritos de Lucas (Lc 1.44,47,58; 2.10; 10.20; 13.17; 15.5-7; 19.6; 24.52; At 5.41).

1.15 — João possuía um lugar de destaque nos desígnios de Deus, mas sua função era inferior ao papel singular de Jesus. João era um profeta, e como tal ele foi cheio com o Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (Is 49.1; Jr 1.5). Estar cheio do Espírito Santo significa ser dirigido por e obediente a Ele (Ef 5.18).

E não beberá vinho, nem bebida forte. Como aconteceu com Samuel e Sansão, um voto foi estabelecido para a criança, o qual indicava sua consagração especial ao Senhor. João seria preparado para sua missão por meio de uma vida consagrada. Não fica claro se este foi um voto de nazireado, visto que nada é dito acerca da proibição do corte de cabelo (Nm 6.1-4; Jz 13.5,7).

1.16 — João Batista prometeu a reconciliação com Deus àqueles que responderam ao seu chamado ao arrependimento (Lc 3.1-14). Converter é um termo que indica uma mudança de orientação,

a libertação do pecado e o olhar voltado para Deus (1 Ts 1.9,10). A missão do profeta João Batista foi preparar Israel para a vinda do Messias.

1.17 — *Irá adiante dele no espírito e virtude de Elias.* Esta descrição faz lembrar Malaquias 3.1 e 4.5, pois João era o precursor do Messias. O ministério de João Batista possuiu um paralelo com o de Elias, pois ambos os profetas chamaram Israel a arrepender-se (1 Rs 17.18).

A mensagem de reconciliação pregada por João Batista envolve tanto o relacionamento das pessoas com Deus (voltar à *prudência dos justos*) como o relacionamento dos indivíduos uns com os outros (*converter o coração dos pais aos filhos*).

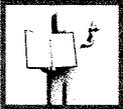
O fato de que João Batista agiria no mesmo poder e Espírito de Elias não significa que a esperança da vinda de um novo profeta como Elias esgota-se em João Batista. Este profeta e Jesus sugeriram o retorno de um indivíduo parecido com Elias no fim dos tempos (Mt 17.11-13; Jo 1.21). Como muitos elementos do plano de Deus, há um cumprimento inicial e um posterior, que é diferente, mas relacionado.

Preparar ao Senhor um povo. Esta expressão descreve o propósito do ministério de João Batista, que visava apresentar a Cristo um povo preparado, arrependido, convertido, justo e sincero, a fim de cumprir os propósitos especiais do Senhor. O paralelo mais próximo disso no Antigo

Testamento está em 2 Samuel 7.24, onde o povo preparado alegrou-se na esperança da promessa davídica. Conexões com esperança davídica reaparecerão em Lucas 1.31,32.

1.18 — *Como saberei isso?* Esta expressão mostra a dúvida de Zacarias, uma falta de fé que foi sanada nos versículos 64 e 65. Zacarias ignorou completamente a origem divina da promessa e o mensageiro angelical que a comunicou. A fim de que as palavras do anjo se tornassem realidade, seria necessário que Deus agisse sobre o processo natural de envelhecimento de Zacarias e que corrigisse a infertilidade do útero de Isabel. Este líder religioso não se lembrou de que uma situação similar aconteceu com Abraão, o pai do povo judeu?

Como David Gooding, em seu livro *Conforme Lucas*, disse pungentemente: “um milagre, de fato. Mas, se tal maravilha é impossível, como Zacarias pensou a princípio, toda a conversa sobre redenção é inútil, ou, na melhor das hipóteses, possui uma designação incorreta. Um novo corpo que não teve nada a ver com o velho, um novo mundo que não teve nada a ver com o antigo, isso certamente seria uma coisa maravilhosa — mas não seria redenção. A redenção deve significar abandonar a natureza corruptível, renovando corpos desfalecidos, ressuscitando os mortos e restaurando os espíritos caídos”.



ENTENDENDO MELHOR

NOIVADO

No mundo antigo, o termo *desposado* (Lc 1.27), ou *prometido em casamento* (nvi), implicava uma promessa recíproca de união, um contrato formal de casamento (Dt 20.7; Jr 2.2). Este conceito não pode ser totalmente equiparado ao atual conceito de *noivado*, pois os esposais seguiam-se à seleção da noiva pelo futuro marido. O contrato era negociado entre um amigo ou representante do noivo e os pais da noiva. A promessa era confirmada por um juramento, e a noiva (ou seus pais) recebia presentes.

Os noivados eram celebrados com uma festa. Em alguns casos, o noivo colocava um anel no dedo da noiva como um símbolo de amor e fidelidade.

No costume hebraico, os noivados faziam parte do processo de união matrimonial. A mudança de ideia por parte de um dos comprometidos era considerada uma questão muito séria; coisa que muitas vezes gerava uma penalidade.

Os noivados, no mundo antigo, estavam mais intimamente vinculados ao casamento do que modernamente. Entretanto, o casamento de verdade só acontecia quando o noivo levava a noiva para sua casa, e a união era consumada com a relação sexual.

1.19 — Gabriel, um dos dois anjos nomeados na Bíblia, foi o mensageiro frequente dos planos de Deus (Dn 8.16; 9.21). Miguel é o outro anjo cujo nome é mencionado (Dn 10.13,21; Jd 9; Ap 12.7).

1.20 — *Todavía ficarás mudo*. Este sinal também foi uma oportunidade para refletir sobre a falta de fé. Ao que tudo indica, Zacarias estava apenas incapacitado de falar (v. 62,63). A chegada do filho quebraria o silêncio de Zacarias. O sacerdote seria preenchido com alegria, louvando a Deus por Sua fidelidade (veja o cântico de Zacarias nos v. 68-79).

1.21,22 — O povo no templo esperava a bênção araônica do sacerdote (Nm 6.24-26). O término da oferta ocorria apenas quando os sacerdotes saíam do lugar santo.

1.23 — A casa de Zacarias estava localizada na área montanhosa ao sul de Jerusalém (v. 39).

1.24 — O motivo pelo qual Isabel se ocultou não fica claro. A sugestão mais aceita é que ela se retirou para louvar a Deus, como sugere o versículo 25, e para se preparar privativamente para a chegada de sua criança especial.

1.25 — No antigo Israel, a infertilidade era vista como *opróbrio* [humilhação, na NVI]. O fato de uma mulher estéril engravidar indicava a graça de Deus (Gn 21.6; 30.23; 1 Sm 1; 2; Sl 128.3). Neste versículo, Isabel louva ao Senhor por tê-la abençoado misericordiosamente.

1.26-38 — O anúncio feito a Maria apresenta a concepção virginal de Jesus (v. 27,34,35), mas relaciona-se ao Antigo Testamento pois, em Mateus 1.23, de fato é citado Isaías 7.14. A passagem de Lucas conta a história do ponto de vista de Maria, enquanto Mateus 1.18-25 foca em José. A narrativa traça um paralelo com mensagens similares do Antigo Testamento (Isaque: Gn 16.7-14; 17.15-22; 18.9-15; Gideão: Jz 6.11-17; Sansão: Jz 13.3-23; Samuel: 1 Sm 1.9-20).

O anúncio do anjo Gabriel enfatiza a magnífica condição de Jesus, bem como Sua origem singular. Lucas deixa claro que Maria não percebeu a importância teológica deste nascimento, algo que constatamos na resposta dela no capítulo 2, versículo 48. Lucas prefere mostrar como

Jesus se revelou gradualmente e como as pessoas travaram contendas por Ele ser quem era.

1.26,27 — O anúncio do anjo Gabriel ocorreu no sexto mês após João Batista ter sido concebido. Nazaré era uma pequena vila na Galiléia, uma região da parte norte de Jerusalém.

1.28-31 — *Bendita és tu entre as mulheres*. Maria, como todos os mortais, foi alvo da graça de Deus, e não uma concessora desta. Ela desempenhou um papel fundamental, da mesma forma que João Batista recebeu um chamado especial. Maria foi simplesmente agraciada por Deus (v. 30).

1.32,33 — *Grande [...]* Filho do Altíssimo. Ao compararmos com Lucas 1.15, Jesus é simplesmente chamado de *grande* (talvez haja uma alusão a Mq 5.3 aqui). A referência ao *Altíssimo* é outra forma de falar da majestade de Deus com a qual Jesus possui uma relação singular como *Filho*. Sua grandeza e Sua qualidade de filho são definidas pelo que se segue no versículo 32. Ele cumpre promessas, feitas a Davi, de um domínio eterno (isto é, Ele é o Messias). O Antigo Testamento apresenta e desenvolve esta promessa em detalhes (2 Sm 7.8-17, especialmente os v. 13,16; 1 Rs 2.24,25; Sl 2.1-12; 89.14,19-29,35-37; 110.1-7; 132.11,12; Is 9.6,7; 11.1-5,10; Jr 23.5,6). Já o Novo Testamento exhibe as manifestações mais visíveis dessa promessa apontando para a segunda vinda de Jesus (Ap 19 e 20).

Lucas expõe aspectos que evidenciam Cristo como Rei, Filho de Deus. Contudo, seus elementos serão expostos mais claramente no futuro (Lc 18.39; 19.38; 22.69; At 2.30-36). Lucas ainda enfatiza a conexão da aliança davídica com a promessa da vinda de Jesus (Lc 1.27,32,69; 2.4,11).

1.34 — *Como se fará isso?* Maria não pediu um sinal. Logo, essa pergunta não reflete uma descrença. Ela aceitou sua função sem questionar (v. 38) e deste modo se tornou um modelo de fé, mesmo que não possuísse a total compreensão do acontecimento. A obra de Deus em Maria apresentou algo inédito: o nascimento, por intermédio da raça humana, daquele que é Deus e homem.

1.35,36 — *Descerá sobre ti o Espírito Santo*. Esta é uma declaração direta da concepção divina de



VOCÊ SABIA?

UMA JORNADA DIFÍCIL

A viagem de Maria até a área montanhosa da Judéia (Lc 1.39) não foi um passeio sereno pela região. Dadas as dificuldades e os perigos que a localidade apresentava, seu apoio a Isabel deve ter sido de especial valia para esta.

O território acidentado que Maria atravessou certamente tinha sua beleza rústica: desertos amarelados, o vislumbre do mar Morto, montanhas violeta-avermelhadas, e, talvez, alguns bosques com árvores frutíferas. Uma principal rota norte-sul ligava as cidades mais importantes da região: Jerusalém, ao norte, e Belém, Bete-Zur e Hebrom, ao sul.

Fora isso, as áreas de colinas eram bastante desoladoras. Grande parte das encostas orientais consistia em um impassível deserto, estendendo-se por cerca de 16 a 24 km desde o ponto mais alto das montanhas, um cume de 900 m perto de Hebrom, e descendo até o mar Morto, o ponto mais baixo na terra, medindo aproximadamente 400 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo (Js 15. 2). A imensidão de terras desérticas era quebrada apenas por rochedos íngremes, desfiladeiros e algumas fortalezas e oásis, tais como En-Gedi (1 Sm 23. 29). Esta era uma área adequada para fugitivos, rebeldes e eremitas, mas certamente não para uma mulher grávida.

Jesus. A associação do Espírito com a *virtude* [poder, na NVI] é constante para Lucas (Lc 1.17; 4.14; At 1.8; 6.8-10; 10.38). A concepção virginal de Jesus indica que Ele é singularmente separado, o *Santo*, expressão que aqui é mais do que um título, é uma descrição da natureza sem pecado de Jesus. O nascimento ímpar é outra razão pela qual o menino pode ser chamado de *Filho de Deus*.

1.37 — *Porque para Deus nada é impossível.* O Senhor manteve a Sua promessa, independente de quão difícil as circunstâncias poderiam parecer. A declaração de fé de Gabriel a respeito de Deus deveria também ser a nossa afirmação de confiança: *para Deus nada é impossível.* A demonstração máxima do poder do Altíssimo foi o infinito Criador encarnar como criatura.

1.38 — A palavra *serva* indica a humildade de Maria perante o Senhor, a prontidão da fé e o serviço obediente, coisas que deveriam caracterizar todo aquele que crê. Paulo usa a mesma expressão para definir a si mesmo (Rm 1.1).

1.39-41 — *Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre.* A chegada de Maria causou uma reação em João, que estava na barriga de Isabel. O precursor do Messias deu testemunho de Jesus mesmo antes de nascer. O anjo tinha dito a Zacarias que esse bebê seria preenchido com o Espírito Santo desde o ventre (v. 15).

1.42-44 — *E de onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mão do meu Senhor?* Isabel maravilhou-se com a graça concedida a ela de fazer

parte do grande plano divino. Ela sabia que Deus não lhe devia nada, mas também estava convicta de que Ele lhe tinha dado misericordiosamente muita coisa.

1.45 — A confiança de Maria contrasta com a dúvida de Zacarias. *Bem-aventurada a que creu.* Esta resposta de fé de Maria foi exemplar. Ela estava somente servindo a Deus para que Ele fizesse *cumprir* Suas promessas.

1.46 — O termo *engrandece* deu origem ao nome do hino *Magnificat*, que vem da tradução em latim, a Vulgata. Este cântico é pessoal nos versículos 46 a 49, enquanto nos versículos 50 a 55 se volta para os princípios pelos quais Deus age. É um salmo de louvor, visto que Maria louva a Deus recitando o que Ele fizera. O cântico é um dos quatro hinos em Lucas 1 e 2. Os outros estão em Lucas 1.67-79; 2.14 e 2.29-32.

1.47 — *Deus, meu Salvador.* A ação de Deus como Salvador é destacada neste hino (v. 46-55). Maria considerou uma honra participar do desígnio divino. Deus, o Pai, é o foco deste cântico, pois Ele é a origem e o executor do plano. O atributo do Senhor (*Salvador*) não é declarado como abstração, mas relacionado ao Seu plano redentor.

As expressões *engrandece* e *se alegra* sugerem a contínua presença do louvor.

1.48 — *Desde agora.* Esta expressão também pode ser traduzida como “de agora em diante”. Ou seja, as coisas não seriam mais as mesmas (Lc 5.10; 12.52; 22.69; At 18.6).

Todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Maria deixou de ser uma pobre e desconhecida moça hebreia para se tornar a mulher mais honrada da história mundial.

1.49 — O Poderoso. Esta expressão realça que Deus é Aquele que protege Seus filhos e luta por eles (Sl 45.3; 89.8; Sf 3.17).

Santo é seu nome. Deus é único e distinto dos outros seres (Lv 11.44,45; Sl 99.3; Is 57.15).

1.50 — O termo *misericórdia* expressa os conceitos de lealdade, graça e amor fiel do Antigo Testamento (Sl 103).

Sobre os que o temem. Estas são as palavras-chave no cântico, pois mostram que Deus não está tratando de classes sociais nem dos humildes sem considerar sua orientação espiritual. O cântico reflete os comprometimentos da aliança (v. 54,55) bem como a orgulhosa resposta a Deus. A misericórdia é dada àqueles que procuram respeitosamente por Ele. Portanto, o uso do hino para demonstrar apenas pontos político-sociais não é apropriado.

1.51-53 — Estes versículos demonstram uma “reversão” no final dos tempos, quando aqueles que abusaram do poder serão julgados e os que sofreram perseguição serão exaltados. Embora seja usado o tempo verbal passado, os versículos vislumbram o futuro, visto que eles carregam os princípios pelos quais Deus age e são expressos com a certeza de um evento passado. Maria olhava adiante, para o dia em que o povo de Deus não seria mais oprimido, mas sim abençoado por Deus. *Com o seu braço, agiu valorosamente.* Esta expressão descreve, de forma figurada, a ação e o poder de Deus como Salvador de Seu povo (Lc 1.47; Dt 4.34; Sl 89.13; 118.15).

1.54-56 — *E auxiliou a Israel, seu servo.* A ideia de Israel como servo de Deus é frequentemente encontrada no livro de Isaías (Is 41.8,9; 44.1,2,21; 48.20; 49.3). Israel desempenhou um papel especial no serviço e na revelação do Senhor. Maria vê o dia em que Israel será liberto, e ela poderá concluir sua incumbência.

Como falou a nossos pais. As ações de Deus na vida de Maria foram baseadas nos compromissos que Ele fez séculos antes (Gn 12.1-3; 22.16-18).

Ele manterá Sua promessa, por isso Maria pôde ser tão confiante.

1.57-59 — *E lhe chamavam Zacarias.* É descrito aqui o antigo costume de dar o nome de um membro da família ao recém-nascido.

1.60,61 — O fato de Isabel não ter seguido os costumes — ao colocar em seu filho um nome que ninguém possuía em sua parentela — mostra a obediência dela e seu marido ao Senhor, que anunciara previamente o nome a ser posto na criança a Zacarias (v. 13).

1.62,63 — *E perguntaram, por aceno.* Isto pode indicar que Zacarias também ficou surdo, além de mudo (v. 20).

Tabuinha de escrever era uma placa de madeira coberta com cera.

1.64 — Zacarias aprendeu sua lição de fé, como o versículo 63 indica. Assim, sua punição chegou imediatamente ao fim.

1.65,66 — *Temor.* Esta é uma resposta natural à presença de Deus. O fato de Zacarias voltar a falar, louvando a Deus, gerou duas reações: temor e uma discussão reflexiva.

1.67 — A presença do Espírito aqui capacitou Zacarias para anunciar a promessa de Deus. Além disso, embora ele fosse um sacerdote, o Espírito o habilitou para profetizar. Há três tipos de profecias na Bíblia: a que prediz o futuro, a que proclama a Palavra de Deus e a que louva a Deus. A profecia de Zacarias inclui os três tipos.

O cântico de louvor a Deus entoado por Zacarias é chamado de *Benedictus* [Bendito], por causa da primeira frase do trecho na tradução da Bíblia em latim, a Vulgata.

1.68 — Como também aconteceu no cântico de Maria, Deus, o Salvador, é o objeto do louvor de Zacarias. A salvação à qual Zacarias se refere é o livramento dos inimigos (v. 71) e a salvação espiritual (v. 75,77,79).

1.69,70 — *Uma salvação.* O original em grego diz “um chifre de salvação”. O chifre de carneiro representa o guerreiro e o poder (1 Sm 2.10; 2 Sm 22.3; Sl 75.4,5,10; 132.17; Ez 29.21).

Davi. O ancestral real de Jesus é destacado aqui por Zacarias e vinculado à promessa de Deus (v. 70).

1.71 — Deus prometera libertar os israelitas de seus inimigos. Em Lucas, tais opositores incluem forças humanas e espirituais (Lc 4.16-30; 11.14-26).

1.72,73 — *E para manifestar misericórdia, e para lembrar-se do seu santo concerto.* Estas ações de Deus representaram Seu compromisso de amor fiel aos israelitas (v. 50) e o cumprimento de Suas promessas aos ancestrais deles (v. 54,73; Lv 26.42).

1.74,75 — Zacarias ansiava por servir a Deus em santidade e em justiça. Lucas mostra que o sacerdote aprendeu muito com o nascimento de seu filho. Cristo veio para nos dar a liberdade de *servir* ao Senhor *sem medo* [NVI] da perseguição de nossos inimigos, para viver em *santidade* de coração diante de Deus e em *justiça* na conduta perante os outros.

1.76 — *Hás de ir ante a face do Senhor.* Embora seja discutido se a alusão aqui é feita a Deus, o Pai, ou a Jesus, o objeto do louvor e da ação de graças é Deus, o Pai. Este comentário feito por Zacarias repete as referências de Lucas 1.16,17, onde fica claro que há a menção ao Pai. De forma bastante consistente, Lucas exhibe a salvação e os benefícios do Senhor por intermédio de Jesus (At 2.30-36). Por outro lado, João Batista deve preparar o caminho para *Yahweh*, uma referência à condição de precursor do Messias.

1.77 — *Dar ao seu povo conhecimento da salvação.* Esta também era a tarefa de João Batista como profeta — preparar as pessoas informando-as da necessidade do arrependimento (Lc 3.1-14) e da esperança que viria por intermédio daquele que se seguiria após ele (Lc 3.15-18). Um dos motivos para esta observação não se referir a Jesus é que o sujeito da frase encontrado no versículo 76 é João Batista.

O ministério de João Batista foi de suma importância para preparar o povo para a vinda de Jesus. A salvação, porém, viria pela remissão dos pecados, pois uma não poderia acontecer sem a outra. João Batista, com seus batismos, ilustrou esta possibilidade, enquanto o “grande batismo”, que Jesus trouxe com Espírito (Lc 3.15-18), reflete a presença da salvação.

1.78,79 — *O oriente* é uma referência ao Messias vindouro (Nm 24.17; Ml 4.2). A mesma pa-

lavra grega também foi usada para traduzir o termo hebraico que corresponde a *ramificar* ou *brotar*, um conceito com nuances messiânicas (Is 11.1-10; Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12).

Para alumiar [...] dirigir os nossos pés. Como o raiar do dia ou a alvorada, o Messias proverá a luz da verdade e o perdão àqueles cegos pela escuridão de seus pecados.

A palavra *paz* descreve a relação harmoniosa com Deus.

1.80 — *E o menino crescia.* Esta expressão finaliza a história do nascimento de João Batista. Dois refrões similares saúdam a passagem de Jesus (Lc 2.39,52), sendo que a duplicidade é outro toque estilístico que enfatiza a superioridade de Jesus em relação a João Batista, assim como a diferença do fraseado entre os versículos.

João Batista esperou 30 anos para que o Messias se manifestasse a Israel. Não teve apenas uma imensa humildade, mas também uma grande paciência.

2.1,2 — *César Augusto* foi o imperador de Roma (31 a.C. a 14 d.C.), e *Cirênio* [Quirino, na NVI] foi o empreendedor de um importante censo, organizado para facilitar o pagamento de taxas. O único recenseamento vinculado a Cirênio em registros não bíblicos data de 6 d.C., mas tal acontecimento é tardio para se tratar do referido aqui. Por causa disso, muitos estudiosos consideraram esta nota de Lucas como errônea.

Entretanto, é possível que Cirênio tenha atuado como governador por duas vezes em sua vida, visto que há uma lacuna de governança registrada entre 4 a.C. e 1 d.C., no período entre Varo e Gaio César. O problema é que este espaço se segue à morte de Herodes, e não a precede, como o ajuste de tempo do nascimento de Jesus exigiria (Mt 2). Pode ser que o censo tenha se estendido desde Varo até Cirênio, e fora associado com o nome daquele que o finalizou, no período seguinte à morte de Herodes. Neste caso, Lucas diminuiu historicamente a data, como era comum se fazer, e isso não é um erro.

Outra explicação possível é que o termo *primeiro* algumas vezes pode ser traduzido como *anterior* (Jo 15.18). Sendo assim, o que Lucas

possivelmente teria dito é que o recenseamento precedeu a administração de Cirênio, e isso também não configura um erro.

2.3,4 — O registro, seguindo o costume judaico, acontecia na cidade natal das pessoas (2 Sm 24). A viagem de Nazaré a Belém durava aproximadamente três dias, cerca de 145 km.

2.5 — O fato de Maria fazer a viagem com José sugere que eles já estavam casados. Entretanto, o casamento não tinha sido consumado (Mt 1.24,25).

2.6 — Há uma base histórica que explica o tradicional 25 de dezembro, aceita nas igrejas gregas e latinas, como uma data aproximada. O dia do nascimento de Jesus pode ser fixado com alguma precisão, considerando que Mateus 2.19 diz claramente que Ele nasceu numa época próxima à de Herodes, o Grande.

Estudiosos mencionam que a morte de Herodes aconteceu entre um eclipse e a Páscoa. O único eclipse mencionado neste período ocorreu em março de 4 a.C., enquanto a Páscoa teria acontecido no meio de abril. Então, Jesus nasceu pelo menos alguns meses antes da primavera de 4 a.C., no inverno de 5 a.C., ou na primavera seguinte. Por isso as datas do nascimento de Jesus compreendem de 5 a 4 a.C.

A fixação da data do Natal no dia 25 de dezembro aconteceu por volta da época de Constantino (306—337 d.C.). A celebração se tornou a maneira de a Igreja festejar o nascimento de Jesus e apresentar uma alternativa à comemoração de uma popular festa pagã.

2.7 — Os panos eram tiras de tecido enroladas ao redor do bebê para manter seus braços e pernas seguros. A *manjedoura* era provavelmente um cocho de alimentação dos animais. É possível que Jesus tenha nascido em um estábulo ou em uma gruta que servia como tal. A estalagem, ao que tudo indica, era um quarto para receber pessoas em uma casa particular ou um abrigo público, e não uma grande construção com vários quartos individuais.

A expressão *filho primogênito* indica que Maria teve outros filhos (Mt 1.25; 13.55; Mc 3.31-35).

2.8 — As *vigílias* eram feitas para proteger as ovelhas de ladrões e animais selvagens.

2.9 — A palavra *glória* faz referência ao sinal da presença majestosa de Deus, mais tarde associada a Jesus (At 7.55). Neste cenário, a glória é a aparição da luz em meio às trevas.

2.10 — *Novas de grande alegria*. A associação desses dois conceitos [boas novas de salvação e alegria] ocorre apenas aqui e em Lucas 1.14, mas eles resumem qual deve ser a resposta à presença de Jesus.

2.11,12 — *A cidade de Davi*, aqui, faz referência a Belém. Em outras passagens, a expressão quer dizer *Jerusalém* (2 Sm 5.7).

Salvador, Cristo e Senhor são três títulos que juntos sumarizam a ação salvadora de Jesus e Sua posição soberana. Deus foi chamado de Salvador em Lucas 1.47, e Jesus recebe o mesmo título aqui.

A palavra *Cristo* quer dizer *Ungido*, aludindo à posição real e messiânica de Jesus. A palavra *Senhor* era o título de um soberano. O significado do termo foi definido por Pedro em Atos 2.30-36. Jesus estava destinado a sentar-se ao lado de Deus e conceder-nos os benefícios da salvação reinando com o Pai.

2.13 — A expressão *exércitos celestiais* faz referência a um séquito de anjos.

2.14 — O termo *glória*, aqui, faz alusão ao louvor a Deus.

Boa vontade para com os homens. Esta expressão indica que as pessoas são os objetos da graça divina. No antigo judaísmo, esta frase descrevia um grupo limitado de indivíduos, os recebedores da graça especial de Deus. A promessa de paz (Lc 1.79) e de boa vontade chegaria àqueles que acolhessem o único Filho de Deus.

2.15-20 — De forma semelhante ao nascimento de João (Lc 1.65,66), o nascimento de Jesus gerou maravilha e admiração.

2.21 — De acordo com a Lei, um menino judeu deveria ser circuncidado no oitavo dia (Gn 17.12; Lv 12.3).

2.22-24 — O termo *purificação* faz referência ao rito no qual a mulher que deu à luz era declarada cerimonialmente pura de novo (Lv 12.6). A solenidade acontecia 40 dias após o nascimento.



VOCÊ SABIA?

UM FIEL PACIENTE

Não havia nada de especial em Simeão que o qualificasse para tomar o menino Jesus em seus braços e abençoá-lo (Lc 2. 28). Como sabemos, Simeão não era um líder religioso ordenado, não possuía credenciais e tampouco qualquer tipo de autoridade especial. O homem foi simplesmente *justo e piedoso*, iluminado pelo Espírito Santo (2. 25 – 27).

Desta forma, Simeão, cujo nome significa *Deus ouve*, é um exemplo de como o Senhor honra aqueles que lhe dedicam a vida e têm comunhão com Ele, orando e vigiando.

Simeão era uma pessoa de fé paciente, mesmo que sua espera pelo Messias pudesse parecer interminável. Ele provavelmente passou por muitas situações que geravam margem para as dúvidas, como inúmeros pretendentes a Messias que anunciavam falsos alertas na terra.

Entretanto, de certa forma o homem soube que o Redentor não chegaria primeiro como uma pessoa que aparentasse magnitude, um campeão celestial levantando estandartes de nacionalismo, nem viria com ordens políticas de violência, mas sim como um homem humilde e revestido do poder de Deus. Seu Reino provaria ser um obstáculo para alguns, e Rocha da salvação para outros, e incluiria judeus e gentios.

Simeão também sabia que o jovem casal diante dele naquele momento seria afligido pelas controvérsias que conseqüentemente surgiriam a respeito de seu filho (Lc 2.34,35).

Neste ritual, a mãe poderia oferecer um cordeiro ou dois pombinhos (Lv 12.8). A família de Jesus levou as aves (v. 24), indicando que ela não possuía nem podia comprar outro animal. A distância de Belém a Jerusalém era apenas 8 km.

A expressão *apresentarem ao Senhor* alude à apresentação comum do filho primogênito ao Senhor (Êx 13.2,12; Nm 18.6; 1 Sm 1; 2). Lucas mostra que os pais de Jesus eram judeus fiéis e que eles cumpriam as exigências da Lei.

2.25,26 — Simeão estava esperando pela *consolação de Israel*, o Confortador de Israel, uma esperança que tem paralelo com a esperança do resgate nacional expresso nos dois hinos do capítulo 1. Este resgate envolveria a obra do Messias, como o versículo 26 sugere, o mesmo trecho em que Lucas destaca a presença do Espírito no começo da obra de Deus em Jesus.

2.27,28 — O local para onde foram dentro do templo não é citado, mas a presença de Maria sugere ou o pátio dos gentios ou o pátio das mulheres.

2.29 — *Segundo a tua palavra*. Vemos aqui que Simeão agradece a Deus (glorifica a Deus) e recorda o cumprimento da promessa do Senhor (v. 26). Esta é a promessa que sugere que Simeão é um ancião, embora sua idade não seja mencio-

nada. Simeão, um exemplo de fé, poderia descansar sabendo que o plano de Deus seria cumprido, ainda que ele não visse toda a realização durante sua vida.

2.30 — Simeão identificou a *salvação* de Deus como personificada em Jesus. A vinda de Cristo era a vinda da salvação do Senhor.

2.31 — *Tu preparaste*. Esta expressão indica o desígnio de Deus e o cumprimento do plano.

2.32 — *Luz para alumiar as nações e para glória de teu povo Israel*. Esta é a primeira frase explícita em Lucas que inclui os judeus e os gentios. A salvação é ilustrada como luz (Lc 1.79). Isso era uma revelação para os gentios, pois eles poderiam participar da *bênção* de Deus com a *completude* que não fora revelada no Antigo Testamento (Êf 2.11-22; 3.1-7). Jesus é a glória porque, por intermédio dele, a nação veria o cumprimento das promessas de Deus. O papel especial da nação no plano do Senhor seria reivindicado (Is 46.13; 60.1-3; Rm 9.1-5; 11.11-29).

2.33,34 — *Eis que este é posto para queda e elevação de muitos*. Esta declaração de Simeão é o primeiro sinal de que a trajetória de Jesus não seria somente rosas. O plano é enfatizado pela expressão *é posto*. A ilustração da *queda e elevação* é conceitualmente paralela a Isaías 8.14,15 e

28.13-16, que são frequentemente usados no Novo Testamento para descrever a divisão que Jesus trouxe para a nação (Rm 9.33; 1 Pe 2.6-8; Lc 20.17,18).

Há uma discussão se a alusão se dá a um grupo em Israel que se eleva e depois cai, ou se a referência é feita em relação à divisão da nação em dois grupos. É mais provável que seja a segunda hipótese, visto que Lucas recorre à ideia da divisão causada por Jesus (Lc 6.20-26; 13.28,29,33-35; 16.25; 18.9-14; 19.44,47,48; 20.14-17, especialmente em Lc 12.51). A menção de que Jesus seria um *sinal que é contraditado* também acrescenta ênfase ao registro de divisão.

2.35 — A ilustração de uma espada usada por Lucas é para expressar que Maria sofrerá muito ao ver a rejeição de Jesus e ao vê-lo formar um novo grupo com prioridades que levam a tal rejeição. Esta observação, como o texto registra, é um parêntese.

A expressão *manifestem os pensamentos* é o reconhecimento de que Jesus é o meio pelo qual as pessoas se posicionam perante Deus. Ele é o Juiz que exporá os pensamentos do povo (At 10.42,43; 17.30,31).

2.36,37 — Não fica claro no texto se os 84 anos mencionados correspondem à idade de Ana, ou ao tempo que esta era viúva. O testemunho desta mulher devota complementa o testemunho de Simeão. Ambos perceberam a obra de Deus muito cedo na vida de Jesus. O trabalho de Ana como profetisa no templo indica que ela falava a todos que precisavam ouvi-la, como faziam Miriã (Êx 15.20), Débora (Jz 4.4) e Hulda (2 Rs 22.14). As filhas de Filipe também são exemplos de profetisas no Novo Testamento (At 21.9).

2.38 — A expressão *redenção em Jerusalém* é outra forma de falar da consolação de Israel (v. 25).

2.39 — A família finalmente retorna ao lugar que será seu lar em Nazaré. Lucas não registra nenhuma das visitas ou viagens que Mateus 2 relata.

2.40 — *E o menino crescia.* Com este comentário, a história da infância de Jesus termina. A

narrativa recomeça 12 anos depois, no versículo 41. Esses dois versículos revelam o crescimento da natureza humana de Jesus, enquanto, em Sua natureza divina, Ele era imutável e infinito. Os cristãos devem pesar estas duas naturezas quando falam do Senhor Jesus.

2.41 — A peregrinação anual a *Jerusalém* era costumeira para muitos que viviam fora da cidade. A Lei ordenava três peregrinações para os homens todos os *anos* : a da Páscoa, de Pentecostes e da Festa dos Tabernáculos (Êx 23.14-17). No primeiro século, a maioria dos homens judeus fez uma peregrinação anual por causa da distância que muitos tinham de percorrer devido à dispersão dos israelitas na Ásia Menor.

2.42 — Nesta idade (12 anos), Jesus começou a ter uma instrução intensiva, a fim de prepará-lo para a chegada da responsabilidade dos 13 anos, quando um menino era aceito na comunidade religiosa como um homem encarregado de cumprir a Lei.

2.43-45 — Membros de famílias inteiras frequentemente viajavam juntos. Essa situação pode ter contribuído para que os pais de Jesus não tivessem notado Sua ausência até o anoitecer no acampamento.

2.46-48 — Os *doutores* eram rabinos judeus. Note que Jesus não estava dando sermões, mas envolvendo os rabinos em discussões teológicas (v. 47).

2.49 — Apesar de ter apenas 12 anos, Jesus sabia que Deus o tinha encarregado de cumprir certas tarefas nesta terra (Lc 4.43; 9.22; 13.33; 17.25; 19.5; 22.37; 24.7,44). A primeira indicação no Evangelho de Lucas de que Jesus sabia que tinha uma missão singular e uma relação ímpar com o Pai é: *me convém tratar dos negócios de meu Pai.* O texto em grego é elíptico aqui e diz: "Eu devo estar no... de meu Pai", sem especificar um lugar ou uma atividade. Tanto Jesus pode estar próximo da obra de Deus, assim como a tradução sugere, quanto pode estar na casa de Deus, discutindo Sua verdade. No final, as duas possibilidades não diferem muito uma da outra.

2.50-52 — Apesar da revelação que os pais de Jesus tiveram, eles ainda estavam tentando entender os aspectos da missão de seu filho. Os discípulos passariam por problemas semelhantes (Lc 9.45; 10.21-24; 18.34). A compreensão de quem é Jesus, às vezes, leva algum tempo, considerando que a Pessoa e a missão são únicas e quebram alguns conceitos (Mt 16.21-23; Jo 18.10,11).

3.1 — *Tibério César* começou seu reinado após a morte de seu padrasto, Augusto, em 14 d.C. A Judéia era uma província senatorial, administrada por um *governador* ou um procurador. *Pôncio Pilatos* ocupava tal posição e era responsável por gerir a região e cobrar impostos para Roma. Herodes aqui é o Herodes Antipas, que governou a Galiléia e a Peréia de 4 a.C. a 39 d.C. O irmão de Herodes, Arquelau, teve o controle da Judéia e de Samaria até 6 d.C., quando foi banido. O outro irmão de Herodes, Filipe, controlou a área da parte norte, a leste do rio Jordão.

3.2 — *Anás*, o sumo sacerdote (7—14 d.C.), foi sucedido em seu ofício por Caifás, seu genro, por volta de 18 d.C. A partir de então, Caifás serviu com pequenas interrupções até 37 d.C. Além de Caifás, todos os cinco filhos de Anás exerceram o sumo sacerdócio em um determinado ponto. É bastante claro que Anás conservou a influência bem como o título de seu ofício anterior.

Os vários governantes que Lucas lista mostram a complexidade da situação política e histórica de Israel durante a época de Jesus. Um israelita do primeiro século tinha de lidar com os decretos do imperador romano, com as regulamentações do governo sobre o povo, e com os julgamentos e os líderes religiosos de Israel. A data estipulada destes acontecimentos relativos a João Batista, considerando o ano 33 d.C. da crucificação e a data base de chegada de Tibério ao poder total, é 29 d.C. (Lc 23.12).

3.3 — *Batismo* significa *ser identificado com*. De forma figurada, podemos dizer que acontece uma coisa similar quando um pano cru é identificado (tingido) com a cor do corante ao ser mergulhado em um recipiente cheio deste líquido. À medida que João Batista pregava e identificava o povo

com a sua mensagem, este era batizado como um sinal externo de seu arrependimento interior e de mudança de mentalidade.

3.4-6 — *Preparai o caminho do Senhor*. Esta citação de Isaías 40.3-5 declara a vinda da libertação de Deus. Lucas cita o texto de forma mais profunda que Mateus e Marcos. Ele estende a passagem até a menção de que a *salvação* será vista por *toda carne* (v. 6), enfatizando assim que o evangelho é para todas as pessoas.

A preparação para a chegada de um rei significava tipicamente que a estrada era preparada para uma jornada específica. A isso é que Isaías compara à chegada da salvação de Deus, após o cativeiro babilônico e na obra final de redenção. Isaías 40 introduz a totalidade do trecho bíblico que abrange os capítulos 40 a 66 de Isaías, onde discute ambos os acontecimentos (Is 49.8-11; 52.11,12; 62.6-10, especialmente Is 57.14-17). Um acontecimento ilustra, em um grau menor, o outro evento maior, visto que Deus trabalha com padrões. Os escritores do Evangelho comparam João àquele que anuncia o tempo certo para a preparação de tal chegada. A preparação aludida aqui é espiritual, a prontidão de coração, como sua pregação mostra.

3.7 — À medida que as multidões agrupavam-se para ouvir João Batista, muitas pessoas passavam pelos rituais exteriores do batismo, mas suas ações não representavam mudança de atitude interior. Elas não estavam verdadeiramente interessadas no tipo de rei e de reinado que João estava apresentando.

3.8,9 — João Batista avisou que os frutos do arrependimento eram necessários, não a afirmação de uma descendência de Abraão. A ligação genealógica não mudaria a atitude de alguém diante de Deus.

3.10-14 — *Mestre, o que devemos fazer?* Em resposta a esta pergunta das pessoas, João mostrou que uma mudança genuína de pensamento e comportamento, valorizando relacionamentos éticos e morais de umas com as outras, expressaria o real sentido do arrependimento e mudaria a ação da multidão, dos publicanos e dos soldados. O arrependimento era estipulado a fim de haver

doação para os necessitados, de fugir da ganância e desonestidade, de alcançar a integridade no desempenho do trabalho, de conseguir a contenção do abuso do poder e de obter a satisfação com o salário básico.

3.11 — Uma túnica era usada por baixo, e a outra era uma vestimenta externa. Um indivíduo não precisava de duas quando outra pessoa não possuía nenhuma.

3.12-14 — Os *publicanos* eram agentes judeus empregados por aqueles que adquiriram o direito de coletarem impostos para o estado romano. Os coletores de impostos frequentemente cobravam a mais para cobrir suas despesas pessoais e aumentar o seu rendimento. Eles eram malvistas tanto por suas práticas abusivas como por apoiarem o estado dominante.

3.15-17 — *Aquele que é mais poderoso do que eu.* Esta é a primeira menção direta a Jesus feita por João Batista. O batismo deste precursor do Messias era algo menor se comparado ao que estava por vir de Jesus, Aquele que traria o batismo com *Espírito Santo* e com *fogo* (Mt 3.11). Estas duas facetas da obra de Cristo relacionam-se com Sua primeira e segunda vindas.

A referência ao batismo com o Espírito Santo é feita sete vezes no Novo Testamento — quatro vezes nos Evangelhos (Mt 3.11; Mc 1.8; Jo 1.33), duas vezes em Atos (At 1.5; 11.16) e uma nas Epístolas (1 Co 12.13). Como consequência da obra de Cristo em Sua primeira vinda, os fiéis são inseridos em uma família (1 Co 12.13) aos cuidados do Espírito Santo.

Quando Cristo vier pela segunda vez, Ele virá com o fogo do julgamento. Note que nos Evangelhos, duas das quatro passagens paralelas que dizem respeito à hipocrisia também mencionam o fogo do julgamento. *Palha* aqui alude às cascas sem utilidade do trigo que são separadas da porção aproveitada do cereal com a joeira, uma ferramenta de madeira que levanta os grãos no ar para que o vento possa separá-las. A palha seria queimada, ilustrando aqueles que seriam submetidos ao julgamento.

3.18-20 — *Encerrar João num cárcere.* Este acontecimento é relatado mais cedo em Lucas do que em Mateus (Mt 14.3-5) e em Marcos (Mc 6.17-20). Tal fato está claramente adiantado cronologicamente, visto que João Batista não poderia batizar Jesus nos versículos 21 e 22 se estivesse na prisão! Herodes desposara primeiro a filha de Aretas IV da Arábia, mas divorciou-se dela para se casar com Herodias, que já era a mulher de seu irmão Filipe.

Não só a separação foi uma questão difícil, mas também o casamento com um parente tão próximo era problemático (Lv 18.16; 20.21). Lucas observa que esta foi uma questão levantada por João Batista, e este foi decapitado por causa disso. Seu ministério não foi muito aceito pelos poderosos, mas João foi muito fiel a Deus.

3.21,22 — *Ouviu-se uma voz do céu.* Este foi um dos dois endossos celestes do ministério de Jesus. O outro está em Lucas 9.35.

Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido. Esta frase combina duas ideias: a de que



COMPARE

DA DERROTA À VITÓRIA: ADÃO E JESUS ENFRENTARAM A TENTACÃO

1 João 2.16	Primeiro Adão – Gênesis 3.6	Segundo Adão (Cristo) – Lucas 4.1-13
<i>A concupiscência da carne</i>	<i>A árvore era boa para se comer</i>	<i>dize a esta pedra que se transforme em pão</i>
<i>A concupiscência dos olhos</i>	<i>agradável aos olhos</i>	<i>E o diabo [...] mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo</i>
<i>A soberba da vida</i>	<i>desejável para dar entendimento</i>	<i>Lança-te daqui abaixo</i>

Jesus é Rei e Servo. A primeira delas vem do Salmo 2.7; a segunda, de Isaías 42.1. Isto representa a eleição de Jesus por Deus, e o benefício especial do qual Ele gozava.

3.23-38 — *Como se cuidava.* As pessoas naturalmente achavam que Jesus era filho biológico de José e Maria. Lucas corrigiu este mal-entendido enfatizando que Jesus não era filho natural de José, apenas legal.

A genealogia de Lucas é distinta da de Mateus, embora ambas remontem a Davi e a Abraão. Lucas traça a genealogia de Jesus até Adão, mostrando a importância espiritual de Jesus para todas as pessoas. Mateus exibe a linhagem legal de Davi até José e, finalmente, até Jesus, enquanto Lucas enfatiza a descendência física, de Davi até Maria e, depois, até Jesus.

4.1,2 — A ordem das tentações difere em Mateus e Lucas. Este apresenta a tentação em Jerusalém por último, provavelmente porque ali é o lugar onde Jesus terá Seu confronto decisivo com Satanás (Lc 13.32-35). Em Sua tentação, Ele demonstrou não apenas Sua capacidade de resistir ao diabo, mas também Sua fidelidade a Deus. Aquilo que Adão não conseguiu cumprir, Jesus conseguiu. No que Israel falhou no deserto, Jesus foi vitorioso.

4.3 — *Se tu és o Filho de Deus.* Esta é uma expressão condicional. Em outras palavras, o diabo estava dizendo: “vamos presumir que você seja, por dedução, o Filho de Deus”. Na verdade, Satanás estava desafiando a autoridade e questionando a identidade de Jesus.

4.4 — Jesus respondeu à tentação de Satanás citando Deuteronômio 8.3. Ele se recusou a fazer qualquer coisa independente de Deus. O Espírito o levou ao deserto a fim de prepará-lo para Seu ministério. Assim, atender às instruções de Satanás mostraria insubordinação ao Pai.

4.5 — Esta tentação era uma forma de oferecer poder a Jesus pelos meios errados. Os métodos de Satanás envolveram “pular” a cruz, uma instigação para “tomar o caminho mais fácil” até o poder.

4.6,7 — *A mim me foi entregue.* A afirmação de Satanás aqui é exagerada. Ele tem muita influência

sobre a terra (Jo 12.31; 14.30; 16.11; 2 Co 4.4; Ef 2.2), mas não a autoridade de conceder reinos.

4.8 — *Vai-te, Satanás.* Posteriormente, Jesus repreendeu Pedro, quando ele se tornou o canal para a mensagem do diabo (Mt 16.23). Em resposta à segunda tentação de Satanás, Jesus citou Deuteronômio 6.13. O Salvador sabia que apenas Deus é merecedor de *adoração* e somente Ele deve ser inquestionavelmente obedecido.

4.9 — A expressão *pináculo do templo* pode aludir à entrada mais alta do templo ou à extremidade sudeste deste.

4.10,11 — *Mandarà aos seus anjos, acerca de ti, que te guardem.* Satanás citou o Salmo 91.11,12, lembrando Jesus da promessa divina de proteção. Entretanto, a mera utilização de palavras bíblicas nem sempre revela a vontade de Deus, principalmente se elas são ditas em um contexto errôneo.

4.12 — *Não tentarás ao Senhor.* Em resposta à terceira tentação de Satanás, Jesus citou Deuteronômio 6.16. Deus deve ser objeto de confiança, não de dúvidas. A passagem de Deuteronômio alude à tentativa de Israel de testar o Senhor em Meribá (Êx 17.1-7). Jesus não repetiria o erro da nação de infidelidade ao Pai.

4.13 — Este foi apenas o primeiro encontro que Jesus teve com Satanás (Lc 11.14-23).

4.14-17 — O serviço religioso da *sinagoga* envolvia uma leitura da Lei e uma dos Profetas, com um desenvolvimento que vinculava os dois textos. Jesus leu o trecho de Isaías 61. O rolo era mantido na sinagoga e foi entregue a Jesus como um presente.

4.18,19 — Ao citar Isaías 61, Jesus demonstrou que tinha consciência de estar cumprindo o ofício de Messias (v. 24). Ele curou os *quebrantados do coração*, o que faz referência àqueles desencorajados por causa de sua má situação de vida. Jesus proclamou *liberdade aos cativos*.

No Antigo Testamento, o cativo diz respeito ao exílio de Israel (Lc 1.68-74). Aqui, o cativo alude ao pecado (Lc 1.77; 7.47; 24.47; At 2.38; 5.31; 10.43; 13.38; 26.18). Jesus deu *vista aos cegos*, uma referência às Suas obras milagrosas (Lc 7.22), com implicações espirituais (Lc 1.78,79; 10.23,24;

18.41-43). Jesus pôs em liberdade os oprimidos. Esse era originalmente o chamado de Israel, mas a nação fracassou em sua tarefa (Is 58.6). O que Israel não conseguiu fazer, Jesus fez. A ilustração aqui remete à realidade física e espiritual. Jesus proclamou *o ano aceitável do Senhor*, uma alusão ao Jubileu. Este acontecia a cada 50 anos e, nesta época, os débitos eram perdoados, os escravos conseguiam sua liberdade, as terras voltavam para seus donos originais. O Ano do Jubileu permitia que se recomeçasse (Lv 25.10). Jesus ofereceu o cancelamento total da dívida espiritual e um novo começo àqueles que cressem em Sua mensagem.

4.20 — Jesus fechou *o livro* no meio da passagem (Is 61.2). Ele não continuou porque a afirmação seguinte — *o dia da vingança do nosso Deus* — não estava sendo cumprida até então. Este é um exemplo clássico de acontecimentos providentes que possuem expressivos intervalos de tempo entre si.

4.21 — Jesus proclamou o cumprimento do plano de Deus e da promessa em si mesmo, visto que Ele é aquele que fora descrito na passagem. Lucas geralmente registra a condição de cumprimento incluindo a referência *hoje* (Lc 2.11; 5.26; 12.28; 13.32,33; 19.5,9; 22.34,61; 23.43).

4.22 — As pessoas ficaram admiradas com o poder das palavras de Jesus e a natureza de Sua mensagem. *Não é este o filho de José?* Esta dúvida se fez presente, pois o filho de um humilde carpinteiro não poderia ser, da perspectiva limitada e humana, a figura central no plano de Deus.

4.23 — O pedido por mais sinais serviria para Jesus provar Sua alegação repetindo a obra miraculosa que Ele fizera em Cafarnaum (Mc 1.21-27). Tais solicitações por sinais geralmente eram ditas com um tom de ironia (Lc 11.16; 22.64; 23.8,35-37).

4.24 — Jesus deixou claro que Ele era o mensageiro das boas novas de salvação. Entretanto, Ele sabia que um *profeta* era frequentemente rejeitado. Esta é uma lição do Antigo Testamento à qual Jesus e os autores do Novo Testamento aludem (Lc 11.47-51; At 7.51-53).

4.25-27 — Jesus falou de um período de ampla infidelidade a Deus (1 Rs 17; 18; 2 Rs 5.1-14).

Durante este tempo, o julgamento veio sobre a nação em forma de *fome*. Os únicos que receberam a cura foram os gentios. Com tal alusão, Jesus avisou Seus ouvintes de que não deveriam ser infieis como seus ancestrais rejeitando Sua mensagem.

4.28-30 — A multidão, que conhecia a história do Antigo Testamento, não entendeu o sentido das palavras de Jesus. Ela queria jogá-lo do precipício. Esta é a primeira menção da desaprovação em Lucas, mas ainda não chegou o período da rejeição completa a Jesus. Em seguida, Ele é libertado de forma sobrenatural, apenas *passando pelo meio* da aglomeração violenta que o levava até o precipício.

4.31,32 — Lucas enfatiza a *doutrina* de Jesus (v. 15). A percepção da autoridade de Jesus provavelmente teve origem em Suas discussões diretas das questões, em vez da mera observação da tradição.

4.33,34 — *Que temos nós contigo, Jesus Nazareno?* Os demônios sabiam que Jesus possuía autoridade divina, e não queriam que Ele interviesse.

Bem sei quem és: o Santo de Deus. Até mesmo o temor que o demônio sentiu serviu como evidência da divindade de Jesus. No Antigo Testamento, o título *Santo de Deus* faz referência à pessoa que recebeu o chamado especial de Deus (veja *santo homem* em 2 Rs 4.9 e *santo* em Sl 106.16). Lucas registra o uso desta denominação como uma prova de que Jesus é o Messias prometido (Lc 1.31-35; 4.41).

4.35-37 — A palavra *repreender* em aramaico era um termo que trazia a ideia de *fazer com que o mal se submetesse*. A autoridade de Jesus sobre as forças malignas ficou clara. Ele possui a *autoridade e o poder* para dar a salvação, bem como para subjugar todos os Seus oponentes.

Cala-te. Por meio desta expressão, Jesus, não Satanás e seus demônios, controlava quem declararia Sua identidade messiânica. Por que Jesus silenciou tal confissão não ficou claro. Algumas possibilidades são consideradas: (1) uma confissão messiânica poderia rotulá-lo como um revolucionário político, algo que Jesus não era; (2) Jesus pode ter preferido que Suas obras indicassem Sua identidade messiânica (Lc 7.18-23);

(3) os israelitas poderiam vir a pensar que não era adequado um Messias ser anunciado antes de completarem as obras messiânicas. Outros que foram considerados Messias pelos judeus neste período, como o Mestre da Justiça de Qumran e Simeão Ben Koseba, também hesitaram em fazer afirmações messiânicas diretas; (4) talvez não agradasse a Jesus o testemunho de um demônio; (5) pode ser que não fosse a hora de Jesus revelar Sua identidade messiânica.

4.38,39 — O fato de a *sogra* de Simão ter se levantado e servido os convidados *imediatamente* [NVI] indica que sua recuperação da febre foi instantânea. As curas miraculosas na Bíblia eram sempre imediatas (Lc 5.13).

4.40,41 — *Tu és o Cristo, o Filho de Deus*. Esta confissão, exclusiva do Evangelho de Lucas, mostra a estreita ligação que Lucas faz entre as qualidades de filho e de messias de Jesus.

4.42,43 — O *Reino* é mencionado mais de 40 vezes em Lucas e oito vezes em Atos. Jesus anunciou o domínio de Deus por intermédio de Sua pessoa, lidando com o pecado (Lc 24.47), fazendo

chegar o Espírito à medida que Ele mediava as bênçãos da parte de Deus (Lc 24.49), e reinando com Seus seguidores de acordo com as promessas do Antigo Testamento (Sl 2.7-12; At 3.18-22).

4.44 — Neste contexto, *Galiléia* provavelmente faz referência a toda a Palestina (Lc 23.5; At 10.37; 11.1,29; 26.20).

5.1 — O *lago de Genesaré* também é conhecido como o mar da Galiléia ou mar de Tiberíades.

5.2,3 — Os pescadores estavam limpando as redes após o trabalho noturno (v. 5).

5.4 — *Lançaí as vossas redes*. Esta era uma ação alegórica. Jesus ordenou que Simão Pedro colocasse suas redes na água, a fim de ilustrar uma realidade espiritual. No versículo 10, Jesus explicou a verdade espiritual: a nova tarefa de Simão seria pescar homens; homens estes que fariam a vontade de Cristo.

5.5,6 — *Porque mandas, lançaí a rede*. Esta foi a declaração de fé de Pedro. O pescador observou que ele e seus companheiros não conseguiram fazer uma boa pescaria à noite, no melhor período para tal. No momento da ordem de Jesus,



ENTENDENDO MELHOR

O SUSTENTO TIRADO DAS ÁGUAS DO MAR DA GALILÉIA

Pescar no mar da Galiléia era um grande negócio. Este hoje famoso e imenso lago, que possui cerca de 20 km de extensão e 13 km de largura, fica ao lado de uma fértil planície famosa por sua agricultura. No tempo de Jesus, existiam nove cidades às suas margens, cada uma com não menos de 15 mil cidadãos, o que possivelmente fazia com que o total de pessoas na região fosse maior do que o de Jerusalém.

As cidades da Galiléia refletem a importância da pesca para a vida e a economia da área. Por exemplo, em *Tiberíades* os trabalhadores enviavam carregamentos de peixe para Jerusalém e exportavam para Roma; em *Betsaida* — onde pelo menos quatro pescadores deixaram seus trabalhos para seguir Jesus (Mt 4.18–22; Jo 1. 44) —, a maior parte das pessoas trabalhava com atividades pesqueiras.

Grandes cardumes encontrados perto da costa eram o paraíso dos pescadores. No tempo de Jesus, centenas de barcos de pesca jogavam suas redes no lago. Os galileus comiam pouca carne em relação ao peixe. O pescado sempre era salgado, pois não havia outra maneira de preservar o alimento.

Os pescadores usavam dois tipos de redes naquela época: pequenas redes circulares e redes de arrasto. As redes de arrasto (Mt 13.47) eram bem maiores do que as primeiras. Equipadas com pesos e peças flutuantes, os pescadores utilizavam estas redes para a captura de grande quantidade de pescado. Dentro da água, eias ficavam em posição quase vertical e capturavam os peixes à medida que eram arrastadas na parte de trás do barco (Mc 1.16).

O dia de trabalho dos pescadores não terminava com o retorno à costa. Os homens, em terra, ainda precisavam consertar e lavar as redes, salgar o peixe, fazer a manutenção dos barcos e dos equipamentos, treinar e supervisionar os auxiliares, negociar com os mercadores e desempenhar outras atividades da indústria pesqueira que exigiam muitas e cansativas horas.

as circunstâncias de pesca não eram propícias, mas Pedro escolheu obedecer à ordem do Mestre e lançar a rede na água.

5.7 — O sucesso da pescaria após a ordem de Jesus de lançar as redes ao mar foi avassalador; dois barcos ficaram cheios a ponto de afundar.

5.8,9 — A confissão de Pedro indica que ele reconheceu a obra de Deus por intermédio de Jesus. Pedro, na condição de *pecador*, não merecia estar na presença de Jesus, pois este era santo.

5.10 — Jesus não afasta o pecador que reconhece sua condição miserável. Ele aceita o pecador confesso e oferece a esta pessoa uma oportunidade de reconciliação com Deus. Então, manda o ofensor perdoado executar a obra do Senhor. No caso de Pedro, este seria um *pecador de homens*, ou seja, resgataria os homens do perigo do pecado.

5.11 — Seguir Jesus se tornou a grande prioridade na vida dos discípulos. Tal atitude é a essência da qualidade de discípulo.

5.12 — O termo *lepra* era usado amplamente no mundo antigo e poderia referir-se à psoríase, ao lúpus e a infecções cutâneas. Os leprosos ficavam isolados do resto da sociedade (Lv 13.45,46), mas poderiam ser reintegrados quando recuperassem a saúde (Lv 14).

5.13 — A moléstia *logo* deixou o homem assim que este foi tocado por Jesus (Lc 4.39). Cristo honrou o humilde pedido do leproso por saúde porque ele reconheceu a autoridade e o poder de Jesus.

5.14 — *Vai, mostra-te ao sacerdote*. Assim Jesus repetiu a instrução de Levítico 14. Quando pediu que o leproso não contasse nada, Jesus queria evitar chamar muita atenção para Seu ministério de cura. Ele desejava que as pessoas o procurassem por causa da cura espiritual, e não meramente pelo restabelecimento físico. O *testemunho* do leproso era uma prova da fidelidade de Deus e de Seu poder em Jesus (Lc 7.22).

5.15,16 — *Ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades*. Agora são os ensinamentos e a cura que atraem as multidões (compare com Lc 4.14,15, mas veja também Lc 4.40).



O mar da Galiléia

5.17-19 — A liderança religiosa de Israel começa a prestar atenção em Jesus. Os fariseus eram uma seita de aproximadamente seis mil mestres influentes nas sinagogas. Eles faziam parte do grupo de pessoas que seguiam meticulosamente a Lei. Adeptos das regras tradicionais, foram ardentes defensores da observância minuciosa.

Os *doutores da Lei* eram oficiais treinados na Lei de Moisés. Também conhecidos como escribas, estes homens foram, de fato, os advogados religiosos dos fariseus. No judaísmo do primeiro século, havia um grande número de facções, incluindo os saduceus e os essênios. Os fariseus, apesar de seu número relativamente pequeno, foram muito influentes.

5.20 — Lucas vincula fé e perdão diretamente aqui. De acordo com o Antigo Testamento, apenas Deus é capaz de perdoar os pecados (Sl 103.12). Em vez de anunciar que o Senhor perdoaria as ofensas do homem, Jesus declarou que os pecados das pessoas estavam *perdoados*. Esta atitude era uma blasfêmia aos ouvidos dos ouvintes de Jesus.

5.21 — Os *escribas* e os *fariseus* acusavam Jesus de blasfêmia, de desonrar o Senhor. Esta foi uma queixa muito séria. A condenação da blasfêmia levaria Jesus à morte (Lc 22.70,71).

5.22 — *Conhecendo os seus pensamentos.* A referência aqui se faz em relação à visão profética, visto que os pensamentos não foram mencionados. Jesus “sabia o que havia dentro do homem” (Jo 2.25).

5.23 — Jesus lançou um enigma para Seus ouvintes. Do ponto de vista externo, seria mais fácil declarar que os pecados estavam perdoados do que curar uma pessoa. Entretanto, para perdoar as ofensas, um indivíduo teria de possuir autoridade suprema. Cristo vinculou a cura ao que ela representava, o perdão dos pecados. Jesus perdoou os pecados do homem e, ao mesmo tempo, restabeleceu-o fisicamente.

5.24-28 — *Filho do Homem* é uma expressão aramaica que faz referência a um ser humano, com dons proféticos. Jesus usou tal termo como um título, retirado de Daniel 7.13,14 (Lc 21.27; 22.69; Mc 14.62). No livro de Daniel, a expressão *Filho do Homem* descreve uma figura que divide a autoridade com o *ancião de dias*. A associação com as nuvens dá uma aura sobrenatural ao *ancião de dias*, pois apenas Deus passeia nas nuvens (Êx 14.20; 34.5; Nm 10.34; Sl 104.3). Ao usar esta denominação aqui, Jesus afirmou a autoridade para perdoar o pecado, um poder que era limitado a Deus.

5.29 — Este versículo descreve a primeira das muitas festas e banquetes no livro de Lucas (Lc 7.36-50; 9.10-17; 10.38-42; 11.37-54; 14.1-24; 22.14-38; 24.28-32,41-43). Naquela época, a mesa era o lugar onde as questões espirituais eram ensinadas e a confraternização ocorria.

5.30 — Comer com os pecadores era uma questão delicada no judaísmo, porque tal atitude representava a aceitação do pecado da pessoa. Jesus preferiu estabelecer relações que poderiam fazer com que os ofensores buscassem a Deus, em vez de evitar a companhia desses indivíduos (1 Co 5.9-13).

5.31 — *Não necessitam de médico os que estão sãos.* Ao declarar isso, Jesus não estava dizendo que os fariseus e os escribas não precisavam de cura espiritual. Ele quis dizer que apenas aqueles que sabiam da sua necessidade espiritual poderiam ser tratados. Como os fariseus se consideravam

superiores e doutores na Lei, provavelmente não buscariam ajuda em Cristo. Na visão deles, não precisariam do Médico dos médicos.

5.32 — A missão de Jesus era chamar os pecadores ao *arrependimento*. Em Sua ascensão, Jesus encarregou Seus discípulos da mesma tarefa (Lc 24.47; veja também Lc 3.3,8; 13.1-5; 15.7-10; 16.30; 17.3,4; At 26.20). Neste versículo, o arrependimento é ilustrado como um paciente que reconhece que a moléstia está presente e só Jesus, o grande Médico, pode tratá-la. Uma aproximação humilde de Deus para a cura espiritual é a essência do arrependimento.

5.33 — Os fariseus jejuavam duas vezes na semana, segundas e quintas-feiras (Lc 18.12), bem como no Dia da Expição (Lv 16.29). Eles também jejuavam como um ato de penitência (Is 58.1-9) e para recordar, quatro vezes ao ano, a destruição de Jerusalém (Zc 7.3,5; 8.19). O objetivo do jejum era dedicar-se às orações e ao foco em Deus. João Batista viveu uma vida devota, a qual seus companheiros imitaram (Lc 7.24-28; Mt 11.1-19).

5.34 — Jesus comparou Sua presença ao alegre período de uma boda. No Antigo Testamento, esta ilustração era usada para demonstrar o relacionamento de Deus com Seu povo ou para descrever o período messiânico (Is 54.5,6; 62.4,5; Jr 2.2; Ez 16; Os 2.14-23). Jesus explicou que, enquanto Ele estava na terra, não era o tempo certo para jejuns.

5.35 — A ausência do *esposo* [*noivo*, na NVI] é o primeiro sinal da aproximação da morte, ressurreição e ascensão de Jesus (veja Lc 2.35 para a primeira alusão). A Igreja, então, irá (e o fez) jejuar (At 13.1,2; 14.23). Mesmo o jejum sendo praticado, este não seria exigido como no judaísmo.

5.36-38 — *Pois que romperá a nova.* Com esta expressão, Jesus quis dizer que não se pode misturar as coisas velhas (judaísmo) com as novas (o novo estilo de vida que Ele trazia). A tentativa de mesclar as duas situações é comparada ao remendo de roupas. Tirar um pedaço da roupa nova para remendar a velha não adianta. Além disso, os dois tecidos não combinam. O

ensinamento de Jesus aqui indica a descontinuidade da maneira antiga em relação à nova.

5.39 — Jesus explicou que alguém que gosta de *vinho velho* sequer provará o *vinho novo*, considerando que esta pessoa esteja satisfeita com o velho. Esta analogia esclarece por que algumas pessoas em Israel tiveram problemas em voltar-se para Jesus.

6.1 — De acordo com a tradição judaica, os discípulos estavam colhendo, debulhando e preparando comida. Assim, violavam o mandamento de não trabalhar no Sábado. É claro que a esta altura os fariseus já estavam observando Jesus atentamente (v. 7).

6.2 — Os fariseus queriam saber por que os discípulos tinham violado as tradições da Lei de Moisés (Lc 14.3; Mt 12.12; 19.3; 22.17; 27.6; Mc 3.4; 12.14).

6.3,4 — Em resposta às acusações dos fariseus contra Seus discípulos, Jesus recorreu a 1 Samuel 21.1-7 e 22.9,10. Davi e seus homens comeram os *pães da proposição*, coisa que só os sacerdotes podiam fazer. Isso *não lhes era lícito*, mas Deus não puniu Davi por tal. O alimento foi retirado dos 12 pães colocados sobre a mesa do lugar santo, os quais eram trocados uma vez por semana (Êx 25.30; 39.36; 40.22,23; Lv 24.5-9). Jesus explicou que, se Davi e seus soldados puderam violar a Lei para matar a fome, os discípulos poderiam fazer o mesmo. Jesus estava tentando mostrar que a Lei não deveria ser aplicada tão estritamente de modo a passar por cima das necessidades da vida diária (Mc 2.27).

6.5 — Apesar das leis e dos costumes que os fariseus citaram (v. 2), Jesus tinha autoridade sobre o *Sábado*. Aqui a afirmação de Jesus como uma autoridade divina é similar à Sua afirmação de autoridade para perdoar os pecados em Lucas 5.21,24.

6.6-8 — *Conhecendo bem os seus pensamentos* [dos fariseus]. Jesus age como um profeta e, toda vez que essa expressão aparece, pode-se esperar a ação dele ou a Sua correção de um pensamento inadequado (Lc 5.22; 9.47; 11.17; 19.15; 24.38; Jo 2.25). A ordem para o homem da mão mirrada *levantar* faz com que a cura seja um acontecimento público.

6.9 — A questão levantada por Jesus era para ressaltar a forma correta de agir em um Sábado (v. 2). O Mestre escolheu fazer o bem. A intriga dos fariseus representava o mal e a destruição. Era isso que verdadeiramente desrespeitava o sábado (v. 7).

Aqui a palavra *salvar* significa simplesmente *curar*, coisa que Jesus estava prestes a fazer.

6.10,11 — A palavra *furor* significa raiva irracional e irrefletida. Os trechos paralelos de Mateus 12.14 e Marcos 3.6 deixam claro que os fariseus começaram a conspirar de fato contra Jesus após este confronto.

6.12 — Vemos aqui um exemplo de Jesus passando um tempo com Deus antes de um importante acontecimento em Sua vida (Lc 3.21; 22.41-44).

6.13 — Jesus selecionou os Seus discípulos, aqueles que se tornariam responsáveis pela liderança no início da Igreja (Mt 10.2-4; Mc 3.16-19; At 1.13). A matéria-prima era a humanidade comum, mas Cristo moldou esses homens para serem os pilares de fundação da Igreja que nasceu no Pentecostes (compare com Ef 2.20).

6.14 — *Bartolomeu* provavelmente é Natanael, de João 1.45.

6.15 — *Mateus* é Levi, de Lucas 5.27-32 (Mc 2.14-17).

6.16 — *Judas, filho de Tiago*, provavelmente é Tadeu (Mt 10.3; Mc 3.18). Este não é o meio-irmão do Senhor.

6.17,18 — Um *lugar plano* provavelmente faz referência a um platô. A definição e o conteúdo a seguir indicam que Lucas está dando uma versão menor do Sermão da Montanha, omitindo a parte que tem a ver com a Lei. Os pontos similares entre esta passagem de Lucas e a de Mateus 5—7 são: (1) ambos começam com uma série de bem-aventuranças; (2) as duas passagens contêm os ensinamentos de Jesus a respeito de amar seus inimigos; (3) ambos terminam com a parábola dos dois construtores. A matéria do Sermão era o percurso dos discípulos. O público que assistia aos ensinamentos do Mestre era formado pelos *discípulos* e por uma *grande multidão*. A fama de Jesus se estendeu até as regiões gentias: *Tiro* e



APLICAÇÃO

A POBREZA E O REINO

Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Jesus foi um comunicador pleno e começou Seu Sermão com uma frase que certamente fixou a atenção de Sua audiência. Provavelmente a maior parte dos que ouviam Cristo era pobre. A vida destes homens e mulheres estava longe de ser fácil, e suas mãos ásperas e grossas confirmavam o fato. As dificuldades e o sofrimento cotidiano fizeram com que os menos abastados viajassem pelas estradas quentes e empoeiradas da Judéia para escutar o que o profeta Jesus tinha a dizer. Talvez Ele lhes falasse mais a respeito do Reino de Deus. Muitos deles depositavam toda a esperança na vinda do glorioso Reino. As pessoas ansiavam pelo dia no qual o justo Messias, e não o cruel governador romano, preencheria suas vidas.

Jesus começou Seu Sermão com uma série de bênçãos que prendiam a atenção, e tinham um teor irônico. Estas graças intrigaram e enredaram os estudiosos bíblicos e os leigos por muitos séculos. Frequentemente designadas como *Beatitudes*, ou *Bem-aventuranças*, estas declarações contrastam os valores e bens mundanos com a apreciação celestial de tais relações feitas pelas pessoas. As *Beatitudes* nos dão uma perspectiva do céu, avaliando o presente à luz da eternidade. Elas nos lembram que as coisas nem sempre são o que parecem ser, e certamente no futuro serão diferentes.

Analisando pelo valor do termo *pobre*, temos a impressão de que Jesus estava fazendo uma promessa de salvação e bênção a qualquer um que fosse pobre (Lc 6.20). Assim, alguns de fato adotaram tal interpretação, e sentiram um chamado especial para direcionar seus ministérios em função dos pobres e oprimidos. Julgando desta forma, os pobres são vistos como o povo escolhido de Deus. Embora eles sofram neste mundo, e talvez porque estejam padecendo agora, os menos abastados podem esperar a gloriosa bênção no mundo vindouro. E aqueles que concordam com esta visão acreditam que, enquanto estiverem neste mundo, o povo de Deus deve fazer tudo o que for possível para aliviar o sofrimento dos miseráveis. Desta forma, o Reino de Deus é estendido.

Outras pessoas interpretam a palavra *pobre* no contexto da *pobreza de espírito*, da qual Jesus fala em um sermão muito parecido, o Sermão do Monte (Mt 5.3). Em outras palavras, Cristo estaria oferecendo esperança e alegria àqueles que reconhecessem livremente sua penúria espiritual perante Deus. Estes indivíduos seriam abençoados porque iriam a Deus sem nada para lhe oferecer, senão sua grande necessidade dele. Assim, a oferta do Reino de Deus feita por Cristo não seria uma promessa a cada pessoa pobre. Em vez disso, seria uma declaração acerca da futura condição daquele que humildemente escolhessem segui-lo.

Quando uma pessoa rejeita valores materiais e abraça os divinos ensinamentos de Jesus, começa a experimentar o Reino de Cristo em sua vida. É desta maneira que desfrutamos do Reino de Deus neste mundo caído de agora. Um dia experimentaremos as alegrias de Seu Reino de uma maneira mais plena e gloriosa.

Em suma, qualquer um, rico ou pobre (e, no sentido espiritual, todos somos pobres), pode sentir o profundo júbilo do domínio de Deus e as bênçãos de Seu Reino. Todavia, para experimentar tal coisa, é preciso renunciar aos caminhos deste mundo e submeter-se humildemente ao caminho de Deus (Is 66. 2). É este tipo de pobreza, o esvaziamento dos nossos próprios desejos egoístas, que Deus espera de todos.

Sidom. As pessoas eram atraídas pelos Seus ensinamentos e Seu ministério de cura.

6.19 — O poder de cura de Jesus era uma obra especial do Espírito por intermédio dele (At 10.38).

6.20 — Embora Jesus estivesse falando com toda a multidão, as bem-aventuranças dos versículos 20 a 23 são direcionadas aos *discípulos*. *Bem-aventurados* quer dizer *felizes*, e diz respeito ao regozijo e ao benefício especial que vêm sobre aqueles que experimentam a graça de Deus.

De modo geral, os discípulos de Jesus não eram ricos (1 Co 1.26-29; Tg 2.5). Eles eram homens pobres que vieram humildemente a confiar em Deus. Todas as promessas do domínio do Senhor, agora e no futuro, pertenciam a esses discípulos.

6.21 — A razão para a *fome* e para a pobreza é encontrada no versículo 22: a perseguição. Jesus prometeu que Deus proveria o sustento de que necessitavam os discípulos. Qualquer sofrimento presente seria transformado em alegria.

6.22,23 — Neste trecho bíblico está a razão das precárias condições dos discípulos: a perseguição

por causa do Filho do Homem. A identificação com Jesus geralmente levava à rejeição e à dificuldade, mas o discípulo que deixou tudo para seguir a Cristo entende o que é colocar o Mestre em primeiro lugar; reconhece que Deus está ciente de todo sofrimento.

6.24 — As desventuras dos versículos 24 a 26 contrastam com as bem-aventuranças dos versículos 20 a 23. A desventura é o brado de dor resultante do infortúnio. Da mesma forma que Deus apresentou bênçãos aos obedientes e maldições aos desobedientes em Deuteronômio 28, Jesus mostrou graça e desventuras aos discípulos que estavam antecipando o Reino. As mesmas bênçãos e os mesmos infortúnios aplicam-se aos fiéis hoje, na avaliação de suas obras (1 Co 3.12-15; 2 Co 5.10; 1 Jo 2.28; Ap 22.12).

Mas ai de vós, ricos! Porque já tendes a vossa consolação. A base para esta observação é encontrada no cântico de louvor de Maria, em Lucas 1.51-53. Tudo o que os ricos recebem é aquilo que adquirem na terra (Mt 6.19-21). Lucas registra muitas das observações críticas de Jesus acerca da riqueza. A opulência dos ricos impede-os de enxergar sua pobreza espiritual e sua necessidade de salvação (Lc 1.53; 12.16-21; 14.12; 16.1-14, 19-26; 18.18-25; 19.1-10; 21.1-4).

6.25,26 — *Fartos e fome.* Isso é chamado de reversão escatológica. Aqui Jesus não condena os ricos, a abundância. O Mestre alerta que o sofrimento será o destino daqueles que valorizam mais as riquezas terrenas do que as espirituais.

Rides e lamentareis e chorareis. Novamente, o conforto e o bem-estar serão substituídos pela dor (1 Jo 2.28; Ap 3.17,18).

6.27,28 — *Fazei bem aos que vos aborrecem.* Esta expressão dá uma sensação tangível à prática do amor. A ameaça da perseguição religiosa era bastante real quando Jesus apresentou Seu extraordinário comando de *amar*. A referência ao inimigo amaldiçoador sugere o contexto de perseguição religiosa.

6.29 — *Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra.* Esta é a descrição de estar sempre vulnerável diante da injustiça. Aquele que busca amar sempre estará exposto e em risco.

A *túnica* era o que se vestia por baixo. A *capa* ficava por cima.

6.30 — *Não lho tornes a pedir.* A instrução de Jesus aqui era para esquecer e perdoar. As ordenanças dos versículos 29 e 30 são expressas em termos tão absolutos que forçam o ouvinte a refletir sobre elas, contrastando-as com as respostas normais que as pessoas dariam a tais injustiças.

6.31 — *Como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhes também.* Esta é a regra de ouro. Note que o comando de Jesus é estabelecido observando atitudes positivas (compare com Lv 19.18). O amor, tal qual Jesus descreve, reconhece as preferências das pessoas e é sensível a elas.

6.32-34 — Repetindo os exemplos, Jesus mostra que o amor do discípulo deve ser maior do que o do mundo e tal sentimento requererá sacrifícios.

6.35 — A prática de amar seu inimigo é moldada pelo próprio Deus, que é *benigno até para com os ingratos e maus*. Jesus também diz que *será grande o [seu] galardão* por causa das perdas sofridas por praticar este tipo de amor. A compensação divina será cem vezes maior (Mt 19.28,29).

6.36 — *Sede, pois, misericordiosos.* Esta é outra forma de definir a essência do amor — é o perdão. Os discípulos são instruídos a aplicar um padrão condizente com aquele que Deus exerce (*como também vosso Pai é misericordioso*).

6.37 — *Não julgueis [...] não condeneis [...] soltai.* A ideia aqui não é ignorar o pecado ou recusar-se a discutir suas consequências (Lc 11.39-52; Gl 6.1,2). Em vez disso, deve-se ser benevolente e perdoar rapidamente.

6.38 — *Boa medida, recalçada, sacudida e transbordando.* Esta ilustração vem do comércio de cereais, atividade em que os grãos eram derramados, sacudidos e, em seguida, colocados no recipiente até o transbordamento. Esta é a boa medida que retorna àqueles que são generosos.

6.39 — *Um cego.* Esta expressão faz referência aos mestres que não conseguem saber para onde vão e são incapazes de liderar os outros. Jesus estava advertindo acerca da arrogância. Discute-se, neste trecho, se Jesus estava aludindo aos fariseus, ou simplesmente alertando Seus discípulos

a respeito dessas perigosas atitudes. O foco nas ações dos discípulos sugere a última hipótese, embora a observação também se aplique aos mestres que conflitavam com Jesus.

6.40 — *O que for perfeito será como o seu mestre.* Aqui Jesus observa que normalmente o discípulo se torna como seu mestre. Conclusão: tenha cuidado em saber quem o instrui.

6.41 — *O argueiro*, que representa um pequeno defeito moral em alguém, está em contraste com a *trave*, que diz respeito a uma grande transgressão cometida por aquele que faz a crítica.

6.42-45 — *Tira primeiro.* Esta expressão deixa claro que o confronto acerca do pecado continua. Jesus diz que aquele que critica deve lidar com o pecado em sua própria vida, para então poder estar em posição de ajudar outra pessoa nesta questão.

6.46 — *Senhor, Senhor.* Jesus esclarece que aqueles que o chamam por este título de respeito reconhecem a submissão a Ele. Entretanto, quando as mesmas pessoas ignoram Suas instruções, elas são culpadas de hipocrisia.

6.47-49 — *Ouve as minhas palavras, e as observa.* Aquele que ouve os ensinamentos de Jesus e age de acordo com eles tem condições de enfrentar qualquer circunstância difícil.

Ouve e não pratica. Não agir conforme as instruções de Jesus fará com que a pessoa seja oprimida pelas circunstâncias. O resultado é, conseqüentemente, a derrota completa (1 Co 3.12-15; 2 Jo 8).

7.1 — *Cafarnaum* ficava na costa noroeste do mar da Galiléia. Era uma importante cidade na parte norte da província, e tinha sua economia centrada na pesca e na agricultura. Altamente judaica, foi o centro do ministério de Jesus na Galiléia (Lc 4.31-44).

7.2-4 — *Enviou-lhe uns anciãos.* O trecho de Mateus 8.5-13 não menciona os mensageiros. É possível que Mateus tenha reduzido esta passagem, como acontece frequentemente (Mt 9.2,18,19; 11.2,3), pois um emissário na cultura antiga falava oficialmente por aquele que o havia mandado (2 Rs 19.20-34). Isso também acontece hoje. Podemos citar o exemplo da assessoria de imprensa do governo, que muitas vezes fala pelo presidente da República. Lucas 7.2-4 também ilustra

uma cooperação exemplar entre judeus e gentios em uma cultura na qual a etnia era divisora.

7.5 — O governo romano considerava as sinagogas muito valiosas porque sua ênfase moral ajudava a manter a ordem.

7.6,7 — O centurião, por intermédio dos mensageiros, comunica sua atitude humilde exemplar e sua fé, sobre a qual Jesus comenta no versículo 9.

7.8 — O centurião comparou sua autoridade como comandante de *soldados* à autoridade de Jesus sobre a vida e a saúde. O homem sabia que apenas a palavra de Jesus era suficiente para curar seu servo.

7.9 — *Nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.* O exemplo de fé do centurião veio de fora da nação de Israel. Este é um dos dois únicos casos em que é dito que Jesus *maravilhou-se* (Mc 6.6).

7.10 — *Acharam são o servo enfermo.* A cura aconteceu sem que Jesus estivesse presente, da forma como o centurião creu.

7.11-13 — *Eis que levavam um defunto.* Este era um cortejo fúnebre. O cemitério ficava localizado fora dos muros da cidade. Os funerais eram normalmente realizados no dia da morte porque conservar um corpo em casa durante a noite fazia com que a casa ficasse impura. Antes do sepultamento, o defunto era ungido. Em uma cidade do tamanho de Naim (v. 11), muitas pessoas devem ter parado para compartilhar o luto.

7.14,15 — O fato de Jesus ter tocado o *esquife* indica que Ele preferiu ajudar o homem morto do que permanecer cerimonialmente puro (Nm 19.11,16).

7.15 — *E o defunto assentou-se.* Uma descrição surpreendente acontece aqui, e indica que o milagre foi a restauração da vida. Outros casos em que Jesus fez mortos ressuscitarem são o da filha de Jairo (Lc 8.40-56) e o de Lázaro (Jo 11.38-44). Observe, novamente, a ação imediata do milagre diante da intervenção de Jesus (Lc 4.39; 5.13,25).

7.16,17 — A multidão reconheceu o paralelo entre o restabelecimento da vida do filho da viúva realizado por Jesus e a obra dos *grandes* profetas Elias (1 Rs 17.17-24) e Eliseu (2 Rs 4.8-37).

7.18-21 — *És tu aquele que havia de vir?* A incerteza de João pode ter surgido porque Jesus não mostrava sinais de ser o Messias político e conquistador que a maioria dos judeus estava esperando naquela época.

7.22,23 — Jesus prefere que Sua obra fale por si, em vez de fazer afirmações messiânicas. Ele se vale da cura dos cegos, dos coxos, dos leprosos, dos surdos e da ressurreição dos mortos, bem como da ênfase de Sua pregação do evangelho. As alusões rememoram Lucas 4.18,19 e relembram os textos do Antigo Testamento, os quais descrevem o que acontecerá quando Deus trouxer a salvação (Is 35.5-7; 26.19; 29.18,19; 61.1). Os vínculos com Lucas 3 e 4 mostram que Jesus afirma trazer o fim e, deste modo, é o Messias que João Batista anunciou.

7.24-26 — As perguntas que Jesus fez enfatizaram que João Batista desempenhou uma função especial no plano de Deus. As multidões não foram ao deserto para ver a paisagem, tampouco para ver um homem vestido com roupas finas. As pessoas foram ver um profeta.

7.27 — *Eis que envio meu anjo [mensageiro, na NVI].* Esta é a mesma citação de Malaquias 3.1 (Mt 11.10; Mc 1.2). João Batista era a figura prometida, o precursor que prepararia o caminho para a chegada da salvação de Deus (Lc 1.16,17; 3.4-6). A expressão *preparará diante de ti o teu*

caminho tem relação com a preparação do povo (Lc 1.17). A referência a *ti* é exclusiva do Novo Testamento e pode fazer alusão a Êxodo 23.20, que diz que a nuvem foi diante do povo para guiá-lo e protegê-lo. O fato de o autor ter feito referência aqui ao povo, e não a Jesus, foi porque a passagem refere-se a Lucas 1.16,17, a qual fala de um povo preparado.

7.28 — *O menor no Reino de Deus é maior do que ele.* Apesar de João Batista ter sido o maior dos profetas, foi considerado menor que uma alma remida. João Batista foi o precursor de Jesus e um servo fiel de Deus. Já os remidos tornaram-se os verdadeiros filhos de Deus.

7.29,30 — Lucas, de forma geral, contrasta as respostas com a mensagem de João.

Os publicanos [...] justificaram a Deus. Isso significa que eles responderam ao comunicado de João, submetendo-se ao seu batismo. Os fariseus, entretanto, *rejeitaram o conselho de Deus*, o que indica que estes se recusaram a ouvir João e não foram batizados (Mt 3.7-12).

7.31-34 — Jesus fez uma comparação entre as crianças que brincavam na praça e a *geração* atual de Israel, ao referir-se especialmente aos líderes religiosos judeus. O Mestre ressaltou que os líderes agiam como crianças ao rejeitarem a missão dele e de João Batista. Uma hora reclamaram e disseram que João Batista, que não comia pão nem bebia



ENTENDENDO MELHOR

O EXCESSO FARISEU

O episódio em Lucas 7.36-50 contrasta um respeitado fariseu, Simão, com uma mulher pecadora e desconhecida. Lucas a descreve como uma *pecadora* (Lc 7.37), um termo geral que designava aquele que não seguia nem as leis rituais nem as leis morais de Deus.

Nesta passagem não é mencionada a maneira pela qual ela conseguiu ter acesso ao banquete de Simão, líder religioso que sequer falou com ela.

Várias leis religiosas judaicas foram desenvolvidas no primeiro século para assegurar a pureza moral. Muitos homens achavam que tais mulheres eram uma armadilha sexual, pois eram ávidas por encurralar os desavisados. Desta forma, os homens judeus em geral e, em particular, os mestres da Lei — como Simão e Jesus — deviam ter pouquíssimo contato com essas mulheres.

Jesus sabia o tipo de vida que a *pecadora* levava. Entretanto, Ele a aceitou da mesma forma e quebrou os tabus da época ao falar com a mulher e permitir que ela o tocasse. Em troca, a desconhecida deu a Jesus o que Simão, o anfitrião, deveria ter dado: o beijo de boas-vindas, a lavagem dos pés e a unção com perfume. Estas atitudes não eram meramente simbólicas, mas expressões práticas de hospitalidade.

vinho, tinha demônio. Depois, acusaram Jesus, que comia pão e bebia vinho, de viver dissolutamente e estar associado aos pecadores. Qualquer que fosse o estilo de vida do mensageiro de Deus, os líderes religiosos protestavam e rejeitavam o indivíduo.

7.35 — A *sabedoria* de Deus é comprovada por aqueles que respondem a ela e recebem suas bênçãos.

7.36 — Naquela época, a refeição feita com um religioso era realizada de forma que o convidado se assentasse à mesa principal enquanto os outros ficavam ao longo da parede externa ouvindo a conversa.

E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele. Este não é o mesmo acontecimento de Mateus 26.6-13; Marcos 14.3-9; Jo 12.1-8, pois estes ocorreram na casa de um leproso, lugar no qual nenhum fariseu iria.

7.37,38 — O pecado da mulher não é especificado. Esta não é Maria Madalena, em Lucas 8.2. A unção feita pela pecadora se deu em resposta à mensagem de compaixão de Jesus pelos que cometiam ofensas (v. 41-43,50).

Um vaso de alabastro era produzido com um tipo de pedra própria para lavar, por isso preservava a qualidade do caro e precioso perfume.

Há humildade e devoção no ato servil da mulher, bem como uma grande dose de coragem, pois ela realizou tal façanha em frente à multidão que sabia de suas ofensas. Embora a pecadora não fale uma palavra durante toda a passagem, sua ação diz muito a respeito de seu coração arrependido.

7.39 — *Se este fora profeta.* Vemos aqui que o fariseu duvidou da identidade de Jesus, porque o associara abertamente aos pecadores. A reunião de Jesus com os ofensores é um tema proeminente em Lucas (Lc 1.34; 5.8,30,32; 13.2; 15.1,2,7,10; 18.13; 19.7; 24.7). Um fariseu rejeitava tal agrupamento.

7.40 — Jesus responde indicando que sabia a respeito da reputação da mulher, todavia estava mais interessado no que a mulher poderia vir a ser por meio da graça de Deus.

7.41 — Jesus frequentemente comparava o pecado a um débito financeiro. Um *denário* [NVI] equivalia à diária de um trabalhador braçal.

Assim, quinhentos denários correspondiam aproximadamente ao ordenado de um ano e meio.

7.42,43 — *Qual deles o amará mais?* Aqui Jesus quis dizer que o tamanho do amor demonstrado pelo Salvador será diretamente proporcional à gravidade dos pecados que Ele perdoara. A mulher sabia que ela tinha sido perdoada por coisas graves, e, como consequência, ela mostrou ter um amor profundo pelo Senhor.

7.44-46 — Jesus contrastou as ações da mulher com as atitudes do fariseu *Simão*, dando a entender que a pecadora sabia mais a respeito de perdão do que aquele homem (v. 47).

7.47,48 — *Seus muitos pecados lhe são perdoados.* Jesus confirmou que o amor da mulher, demonstrado por suas ações, veio do perdão recebido.

7.49 — *Quem é este, que até perdoa pecados?* O murmúrio por causa da declaração de Jesus a respeito do pecado indica que pelo menos algumas pessoas no público rejeitaram Sua autoridade.

7.50 — *Fé é o meio humano de receber a benevolência de Deus* (Ef 2.8,9).

8.1-3 — O fato de *Maria, chamada Madalena*, ser apresentada aqui como se fosse sua primeira menção torna improvável que ela seja a mulher pecadora de Lucas 7.36-50. Maria Madalena também é distinta de Maria de Betânia, em João 12.3.

As notícias a respeito de Jesus chegaram ao palácio de Herodes, onde as mulheres *o serviam com suas fazendas*. Isto é um exemplo de como algumas mulheres que possuíam bens usavam sua riqueza para beneficiar a obra de Deus.

8.4-8 — As sementes a serem semeadas eram iguais. Entretanto, uma vez na mão do semeador, elas poderiam cair, contra sua vontade, nos caminhos que cortavam os campos. Algumas vezes, as sementes germinavam nestes caminhos, mas não amadureciam. Em outras, eram pisadas ou comidas. Além disso, quando caíam em solo rochoso também não havia a possibilidade do semeador colher os frutos.

8.9,10 — As parábolas de Jesus podiam ocultar e revelar verdades. Suas narrações alegóricas transmitiam ensinamentos recentes — *mistérios* — acerca do *Reino de Deus*. Os discípulos eram privilegiados por aprenderem as verdades das

parábolas. Para outros ouvintes, as narrações serviam como julgamentos que ocultavam a verdade, como a referência de Isaías 6.9 indica. De vez em quando, uma parábola era compreendida por um estranho, mas não era aceita. Deste modo, ela ainda funcionava como uma mensagem de julgamento (Lc 20.9-19).

8.11 — Mateus 13.19 faz um paralelo com este versículo e fala da semente como a *palavra do Reino*, algo que Lucas indica no versículo 10 deste capítulo. Tanto a semente como a Palavra de Deus são poderosas para produzir algo. Quando esta é semeada em terra fértil (num coração honesto, v. 15), nasce uma vida espiritual vigorosa.

8.12 — Aqueles *que estão junto do caminho* são os que nunca conseguiram de fato adquirir entendimento (Mt 13.19) da Palavra de Deus. Assim, não há nenhuma produtividade.

8.13 — Os que tiveram contatos rápidos e superficiais com a Palavra de Deus não resistem aos períodos de provação. Uma pessoa precisa meditar a respeito das verdades nas Escrituras e estabelecê-las como princípios de vida, a fim de não sucumbir às provações e tentações que inevitavelmente virão.

8.14 — De acordo com esta parábola, *os cuidados, e riquezas, e deleites da vida* são três grandes obstáculos à fertilidade espiritual. As preocupações com a vida podem prejudicar o amadurecimento espiritual. Este tipo de “solo” é visto como tragicamente infrutífero (2 Tm 2.4; 4.10).

8.15 — Este é o grupo louvável nesta parábola. A chave aqui é um *coração honesto*. Este “solo” permite que a Palavra de Deus se assente nele e torne-se produtiva (Jo 15.2,3; Cl 3.16,17; Tg 1.21).

8.16 — Ainda falando sobre a Palavra de Deus, tema que foi introduzido nos versículos 4 a 15, agora Jesus compara Seu ensinamento à *luz*. A Palavra de Deus não deve ser escondida, mas sim exposta, para que as pessoas possam beneficiar-se da clareza que ela traz.

8.17 — Tudo será revelado pela luz da Palavra de Deus (Hb 4.12,13).

8.18 — Jesus recomendou explicitamente a Seu público que este ouvisse e seguisse a Palavra de Deus (Tg 1.22-25).

O que parece ter lhe será tirado. Esta expressão introduz o princípio do julgamento. Aquele que obedece à Palavra de Deus recebe mais. O indivíduo que não é suscetível à Palavra de Deus perde o que ele pensava que tinha.

8.19,20 — A família de Jesus estava preocupada com o rumo de Seu ministério (Mc 3.31-35). Embora alguns estudiosos tenham sugerido que os *irmãos* aqui citados fossem os filhos de José de um casamento anterior ou os primos de Jesus, é mais provável que fossem os filhos de José e Maria. A ausência de José aqui pode indicar que ele já havia morrido nessa época.

8.21 — Em claro contraste ao versículo 19, Jesus declara que Sua verdadeira família é formada por aquelas pessoas que ouvem e praticam a Palavra de Deus.



VOCÊ SABIA?

POR QUE FAZER USO DAS PARÁBOLAS?

Jesus frequentemente fazia uso das parábolas e, no Novo Testamento, estão registradas cerca de 40 histórias diferentes.

Cristo utilizava as parábolas por várias razões: (1) para atrair a atenção. Elas eram muito interessantes e todos gostavam das narrativas; (2) para evitar que os ouvintes se afastassem rapidamente por ouvir frases diretas; (3) para estimular o questionamento e o ensinamento. As histórias poderiam ser lembradas facilmente, e assim tornavam-se bons veículos para preservar a verdade; (4) para revelar a verdade, visto que alguns conseguiam entender o preceito ensinado mais facilmente por meio de alegorias do que pelo ensino habitual; (5) para aludir a uma verdade maior, espiritual, por meio do natural.

Geralmente, este tipo de narrativa protegia a verdade do escárnio de um zombador que não pôde entender seu significado.

A condição espiritual de um indivíduo muitas vezes determinava qual nível de compreensão ele tinha de histórias simbólicas e alegóricas.

POR QUE CHOVE FORTE SOBRE A GALILÉIA?

As tempestades se formam rápido sobre o mar da Galiléia quando massas de ar vindas das altas planícies adjacentes e das montanhas afunilam-se nas profundas ravinas dos rios e se encontram com o ar quente que evapora do lago.



Por que chove forte sobre a Galiléia?

8.22,23 — O apaziguamento da *tempestade* é o primeiro dos quatro milagres, nos versículos 22 a 56, que demonstram a autoridade de Jesus sobre uma série de fenômenos — a natureza, os demônios, a doença e a morte. Cada inimigo quase domina as situações, mas todos são superados por Jesus, o que mostra a extensão de Sua autoridade. Este primeiro milagre aconteceu no mar da Galiléia. O ar frio que se precipitava das ravinas e colinas da área encontrava o ar quente, causando súbitas e fortes tempestades. Até mesmo os experientes pescadores no barco temiam este tipo de tormenta.

8.24 — Diante da palavra de Jesus, todo o caos da tempestade parou. Tal controle da natureza é atribuído a Deus no Antigo Testamento (Sl 104.3; 135.7; Na 1.4).

8.25 — *Onde está a vossa fé?* A pergunta de Jesus repreendia os discípulos. Deus estava ciente da situação, por isso eles puderam confiar em Sua proteção, pois Ele era poderoso o suficiente para controlar os ventos e as ondas.

Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem? Esta foi a verdadeira questão de todo o ministério de Jesus na Galiléia, o qual teve

início em Lucas 4.14. Todas as demonstrações da autoridade do Mestre foram moldadas para alçar a indagação acerca de Sua identidade.

E lhe obedecem. Esta reflexão sugere a resposta, considerando que Jesus controla a natureza. O precedente mais próximo de tal poder foi Elias (1 Rs 17), mas os milagres de Cristo vinham com tanta frequência e diversidade que mostraram o quanto o poder concedido a Elias era limitado. Os discípulos já tinham sentido que alguém maior do que um profeta estava presente. Lucas é honesto acerca de como os discípulos cresceram em seu entendimento a respeito de Jesus. Eles aprenderam sobre seu mestre gradualmente.

Quanto maior for nosso conhecimento de Deus, maior será a nossa fé. Cada pecado que cometemos é o resultado de pensamentos inadequados e errôneos com relação ao Senhor.

8.26 — A província dos *gadarenos* (Mt 8.28) provavelmente era uma cidade a cerca de 8 km a sudeste do mar da Galiléia. Independente da sua localização exata, era situada em uma região predominantemente gentia.

8.27 — Os demônios destroem a autoestima daquele que é possuído. O endemoninhado está mais perto da morte do que da vida. Este homem é um fantoche na batalha que o diabo trava desafiando a autoridade celestial. Apenas Mateus 8.28 menciona um segundo homem endemoninhado.

8.28 — A afirmação do demônio a Jesus, chamando-o de *Filho do Deus Altíssimo*, relembra o anúncio do anjo a Maria em Lucas 1.31,32 e as confissões demoníacas em Lucas 4.34,41.

8.29 — *Guardavam-no preso com grilhões e cadeias.* Esta expressão deixa bastante claro o poder dos demônios de “aprisionar” as pessoas.

8.30 — *Legião.* Este nome reflete o fato de que o homem estava possuído por muitos demônios.



ENTENDENDO MELHOR

QUE TIPO DE TEMPESTADE ERA ESSA?

Chuvas fortes no mar da Galiléia não eram novidade. Este tipo de tempestade que Jesus e Seus discípulos enfrentaram é uma ocorrência frequente naquela área.

A razão para essas ventanias é a área ao redor do lago. As águas naquela localidade ficam 213 m abaixo do nível do mar, e é naquele local que ocorre o desagramento de rios que cortam as profundas ravinas cercadas por planícies e montanhas. As ravinas funcionam como um funil, que conduz o ar frio das montanhas para baixo quando os ventos passam pelas planícies. Assim, quando o ar com temperatura mais baixa atinge a massa de ar quente da costa do lago, violentas tempestades são geradas sem aviso prévio.

Vários discípulos eram pescadores experientes, acostumados com o mau tempo. Entretanto, eles nunca tinham visto ventos como os que sopraram em direção à sua embarcação naquele dia (Lc 8.23), o que fez com que, aterrorizados, fossem acordar o Mestre, pois temiam não sobreviver. Todavia, seu medo dos ventos e das ondas deu lugar ao milagre e à admiração quando Jesus se levantou e acalmou as águas.

Uma *legião* era uma unidade militar romana de aproximadamente seis mil soldados. Desta forma, a designação indica uma batalha espiritual.

8.31 — A palavra *abismo* também pode fazer alusão ao mundo subterrâneo e à destruição do julgamento (Rm 10.7).

8.32 — Os *porcos* eram animais impuros para os judeus (Lv 11.7; Dt 14.8). Mesmo que este incidente tenha acontecido na área gentílica, é interessante notar que os espíritos imundos também buscaram animais impuros.

8.33 — Esta demonstração clara da destruição demoníaca dos porcos mostra que o homem fora liberto de seus atormentadores.

8.34-36 — *Em seu juízo, assentado aos pés de Jesus*. Esta afirmação está em contraste com a primeira descrição do homem, cuja anterior morada era os sepulcros (v. 27,29). A posição do homem, aos pés de Jesus, ilustra o verdadeiro discipulado (Lc 10.38-42).

8.37 — Especula-se que o motivo pelo qual o povo pediu que Jesus *se retirasse* tenha sido evitar maiores prejuízos econômicos a seus rebanhos. De acordo com Lucas, as pessoas estavam com medo da presença de Cristo.

8.38,39 — O homem que outrora estivera possuído pelos demônios quis partir com Jesus e Seus discípulos, mas o Mestre encarregou-o de testemunhar as *grandes coisas* que Ele *lhe tinha feito*. Embora Jesus quisesse que o Pai recebesse o crédito pela cura do homem, este não conseguiu

separar o que Deus fez e o papel que teve o Salvador neste caso. Ademais, é importante notar como Jesus prioriza Seu tempo e Sua energia. Deve ter havido muitos indivíduos como este homem, que quis ser um discípulo, mas Ele os limitou a 12.

8.40 — Ao que tudo indica, Jesus retornou ao território judeu.

8.41,42 — Jairo era o dirigente principal da sinagoga. Como tal, ele conduzia o culto e mantinha a ordem.

8.43 — Considerando que a filha de Jairo estava à beira da morte, a interrupção no atendimento de seu pedido deve ter sido algo aflitivo.

8.44 — A condição da mulher do fluxo de sangue não era apenas embaraçosa, mas também impura (Lv 15.25-31). Ela teve muita coragem de procurar por Jesus. Note que sua atitude não foi criticada, e sim louvada (v. 48). A cura veio instantaneamente. Doze anos de sofrimento cessaram de imediato (Lc 4.39; 5.13,25; 7.15).

8.45,46 — *Quem é que me tocou?* Por meio desta expressão, Jesus faz com que o contato da mulher consigo seja conhecido, especialmente porque Ele sentiu sair *virtude* dele (v. 46).

8.47 — A mulher sabia que não podia *ocultar-se*, então revelou tudo o que se passava com ela. A compreensão de que o poder de Deus está presente e que Ele sabe de tudo faz com que seja impossível esconder-se.

8.48 — *A tua fé te salvou.* Aqui Jesus exalta a mulher acanhada por ter sido corajosa ao procurar a ajuda de Deus.

8.49 — Ao que tudo indica, o atraso causado pelo episódio da mulher com hemorragia foi fatal para a filha de Jairo.

8.50 — *Crê somente.* Este milagre enfatiza não apenas a autoridade de Jesus, mas também uma resposta de fé que honra Deus.

8.51 — *A ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João.* A razão pela qual Jesus escolheu estes três discípulos não é dada. Lucas registra uma atitude similar no versículo 28 do capítulo 9. Mateus e Marcos falam de uma escolha parecida no Getsêmani (Mt 26.37; Mc 14.33). Nós fazemos bem ao acompanhar atentamente a prioridade estabelecida por Cristo no treinamento dos 12 discípulos.

8.52 — *Dorme.* Esta é uma metáfora comum para a morte, mas nesse caso indica que a morte da menina não foi definitiva.

8.53 — *E riam-se dele.* A expressão sugere que eles riram como forma de escárnio.

8.54,55 — Novamente, a cura foi instantânea (Lc 4.39; 5.13,25; 7.15; 8.44).

8.56 — O motivo pelo qual Jesus pediu que não contassem a ninguém o que tinha acontecido não fica muito claro, mesmo porque qualquer um poderia deduzir o que havia sucedido. A situação parece estranha diante da orientação que Ele tinha dado ao homem endemoninhado para contar o que havia ocorrido com ele (Lc 8.39,45-47) e da ressurreição pública do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17). Jesus pode ter tido a intenção de restringir a fama de tais curas para que elas não se tornassem o foco de Seu ministério.

9.1 — Agora Jesus mostra que Sua autoridade pode ser estendida aos 12 discípulos. A nação para a qual Ele veio como Rei (Mt 10.5,6) precisava testemunhar Seu poder e Sua autoridade. Os 12 foram encarregados de cumprir esta tarefa.

9.2 — Toda a nação de Israel necessitava conhecer o Reino de Deus e tomar uma decisão acerca dele e de seu Rei. Jesus encarregou Seus discípulos de propagar as verdades a respeito do Reino de Deus por meio da pregação e da cura.

9.3-6 — *Nada leveis convosco.* Provavelmente os discípulos não levariam muito tempo para cumprir a missão.

9.7-9 — No palácio de Herodes, especulava-se se Jesus era João Batista ressuscitado, Elias (Mt 3.1) ou um dos profetas. Embora esta passagem sugira que Herodes não tinha certeza da identidade de Jesus, Mateus 14.2 e Marcos 6.16 indicam que o tetrarca via o Salvador como João Batista ressuscitado dos mortos.

9.10-12 — O ministério dos discípulos estava firmado nos mesmos princípios do ministério de Jesus: pregação e cura (v. 2). O tema da pregação de Jesus era sempre o Reino de Deus.

9.13-17 — Este é o único milagre do ministério de Jesus que aparece nos quatro Evangelhos (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Jo 6.5-14). A alimentação dos cinco mil demonstrou o poder de Jesus para prover.

Abençoou-os, e partiu-os. Aqui alguns veem uma alusão à ceia do Senhor. Embora isso não seja deixado claro na narrativa de Lucas, a descrição é similar à da última ceia (Lc 22.19) e da refeição de Jesus com alguns dos discípulos após Sua ressurreição (Lc 24.30).

9.17 — *Doze cestos* é apenas uma soma impressionante gerada pelo excesso e não deve ser interpretada como nada além disso. A lição que ficou para os discípulos foi que Jesus era a fonte de seu sustento.

9.18,19 — *Que eu sou?* Esta é a maior indagação para Lucas. Quem é Jesus? A descrição do que Jesus faz é importante porque levanta a questão sobre quem é Ele.

9.20 — *O Cristo de Deus.* A ênfase aqui é na função messiânica de Jesus, que veio ao mundo para trazer redenção à humanidade. Entretanto, Ele logo revelaria aos discípulos que Sua condição de messias teria elementos de sofrimento pelos quais eles não esperavam (v. 22,23).

9.21 — Jesus sabia que a função messiânica que o povo e os discípulos esperavam era muito diferente de Seu papel atual como Messias. O sofrimento pelo qual o Messias passaria não fazia parte da expectativa popular. Além disso, a qualidade de Messias de Jesus não poderia ser

abertamente proclamada antes de a verdadeira natureza do Messias ser revelada.

9.22 — Esta é a primeira de muitas predições em Lucas a respeito do sofrimento e da ressurreição de Jesus (Lc 9.44; 12.50; 13.31-33; 17.25; 18.31-33). Os discípulos tentavam compreender o que Jesus estava dizendo (Lc 9.45; 18.34). Eles não conseguiam perceber como as predições do Salvador se encaixavam nos planos de Deus. Somente após a ressurreição e Suas explicações das Escrituras esses homens de fato começaram a entender (Lc 24.25-27,44-49).

9.23 — *Negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.* Aqui vemos a diferença real entre ser filho e ser discípulo. Recebemos a posição e o privilégio da filiação como uma dádiva (Jo 1.12), ao passo que obtemos o prêmio ou a recompensa de partilhar a glória de Cristo em Seu Reino vindouro (Mt 5.10-12; Rm 8.17; Ef 2.8,9; 1 Ts 2.12; 2 Ts 1.15; 2 Tm 2.12) enquanto permanecemos firmes na fé e suportamos as tribulações deste mundo por amor a Ele.

9.24,25 — Não faz sentido tentar salvar nossa vida na terra só para perder tudo quando a morte inevitavelmente chegar. A ação sábia é investir nossos recursos terrenos — tempo, talentos e prosperidade — no que é eterno. Mesmo que percamos nossa vida por amor a Jesus, este investimento gerará retorno para toda a eternidade (Lc 19.11-27; Mt 6.19-21; 19.27-30).

9.26 — O reconhecimento de Jesus será recompensado no julgamento vindouro. Não reconhecê-lo levará a uma grande perda (1 Co 3.12-15; 2 Co 5.10; 2 Tm 2.12; 1 Jo 2.28; 2 Jo 7,8; Ap 3.11; 22.12).

9.27 — *Até que vejam o Reino de Deus.* Considerando que estes discípulos morreram antes da volta de Jesus, a referência aqui é, sem dúvida, à transfiguração (v. 28-36). Com isso, provavelmente também há a predição da descida do Espírito no Dia de Pentecostes (Lc 10.9; 11.20; 17.21).

9.28,29 — Na transfiguração, Jesus mudou Sua aparência e transformou-se em uma figura radiante, a ponto de Suas vestes se tornarem brancas e muito resplandecentes. A descrição aqui é similar à da glória de Moisés após ver o Senhor (Êx 34.29-35).

9.30,31 — A palavra *morte* significa, literalmente, *êxodo*. Esta importante alusão ao evento principal de salvação do Antigo Testamento é exclusiva da passagem de Lucas sobre a transfiguração. Faz-se, então, a comparação entre a morte de Jesus e a jornada rumo à salvação da nação de Israel sob a liderança de Moisés. Só que a jornada de Jesus o levaria para o lado de Deus, de onde Ele retornará para exercer autoridade (At 2.30-36; 10.42; 17.31).

9.32,33 — Pedro quis construir tendas para os dois visitantes do Antigo Testamento e para Jesus, talvez como uma forma de prolongar a visita deles.

Não sabendo o que dizia. Esta repreensão a Pedro provavelmente aconteceu por causa de sua sugestão de igualdade entre Moisés, Elias e Jesus. Além disso, ele pode ter sido censurado por querer celebrar a chegada do *escatom* [este termo originalmente indicava uma pessoa ou um objeto que estava longe, no exterior, ou seja, fora do alcance visual. Esse é o sentido espacial do termo: extremidade, fim, o lugar mais distante. Neste caso, fazia referência ao sacrifício de Cristo na cruz, algo que ainda não estava na hora de acontecer] antes dos principais acontecimentos necessários à sua ocorrência.

Esta é a primeira das várias observações em Lucas 9 as quais sugerem que os discípulos tinham muito o que aprender. Precisamos conservar em nossa mente a ideia de que vemos nos Evangelhos Cristo instruindo os 12, que serão considerados os edificadores fundamentais (Ef 2.20) da Igreja a ser inaugurada em Atos 2, no Dia de Pentecostes. O ministério de Jesus não foi só ao alcance das massas, mas também instruiu os 12. Cristo trabalhava com o princípio de que qualidade gera quantidade, e não o contrário. Os líderes em crescimento na Igreja hoje precisam retomar este conceito.

9.34,35 — *Este é o meu Filho amado.* Aqui está o segundo endosso celestial de Jesus (Lc 3.22). A referência ao *Filho amado* relembra as palavras de Salmo 2.7 e Isaías 42.1. A expressão *a ele ouvi* alude a Deuteronômio 18.15-18 e identifica Jesus como o Profeta prometido na passagem anteriormente citada. Jesus, como o novo Profeta, lideraria

um novo grupo de pessoas à salvação (Mt 21.43; Rm 11.1-36; 1 Pe 2.9,10), da mesma forma que fizera Moisés com a nação de Israel. Na condição de Revelador da vontade de Deus, Jesus tinha muito para ensinar aos discípulos sobre o desígnio divino.

9.36 — *Não contaram a ninguém.* Nesta passagem, não somos informados do motivo pelo qual os discípulos permaneceram calados no que diz respeito à transfiguração. Mateus 17.8,9 e Marcos 9.9,10 observam que Jesus ordenou tal silêncio, e Marcos deixa claro que os discípulos não entenderam o acontecimento na ocasião (veja 2 Pe 1.16-21 para a reflexão de Pedro acerca da experiência).

9.37,38 — Enquanto três discípulos tiveram uma grande experiência com Jesus, os outros tentavam realizar a cura. O contraste e a falha são expressivos. Mais uma vez, os discípulos tinham muito a aprender.

9.39,40 — *Um espírito o toma.* Esta descrição detalhada dos sintomas demonstra a seriedade do caso. O fato de que o menino era filho único (v. 39) acrescenta gravidade ao acontecimento.

9.41 — *Ó geração incrédula e perversa!* Esta repreensão indica a falta de fé dos discípulos em relação à expulsão do espírito descrito nos versículos 38 a 40. Há também a sugestão de um clima competitivo entre eles (v. 46). O mesmo é verdadeiro hoje. Podemos realizar mais para Cristo e Seu Reino se não fizermos questão de quem leva o crédito.

9.42 — Neste versículo, a autoridade de Jesus está novamente em foco.

9.43 — A autoridade de Jesus revela a *majestade de Deus*. Há uma ótima reação popular a respeito de Jesus, mas Ele sabe que será de curta duração (v. 44).

9.44 — Observe que Jesus predisse que Ele seria traído, mesmo que muitos estivessem maravilhados com Seu ministério (v. 43).

9.45 — *É temiam interrogá-lo acerca dessa palavra.* A sugestão aqui é que os discípulos ainda tinham muito a aprender. O medo demonstra que eles entenderam alguma coisa acerca do que Jesus falara, mas não compreenderam como e por que o Mestre dizia tais coisas de si mesmo, visto que Ele

era o Messias. Os discípulos continuariam confusos a respeito do motivo pelo qual o sofrimento se enquadraria no desígnio divino até a morte e ressurreição de Jesus (Lc 24.25,26,43-49).

9.46 — *E suscitou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior.* Aqui está uma grande ironia. Jesus prediz Seu sofrimento, e os discípulos competem entre si a respeito do Reino (Lc 22.24; Mc 10.35-45). Os discípulos ainda tinham muito a aprender; e nós também temos quando tentamos construir nosso próprio reino, em vez de edificar o de Cristo. Não há nada de errado em desejar um lugar de glória e honra no Reino de Deus, mas eles não estavam cumprindo alguns princípios que Jesus lhes deu (Lc 22.14-25; Jo 13.12-17,33-35). É pela forma como buscamos servir ao próximo em amor que demonstramos nobreza de caráter. Todos esses princípios serão parte da avaliação final de Cristo de nossa obediência (Lc 9.23,24; 1 Co 4.5; 2 Co 5.10).

9.47,48 — *O menor, esse mesmo é grande.* O que Jesus quis dizer foi que a proeminência não é medida pelo poder e dinheiro que se possui, o que usualmente é a razão humana pela qual alguns são servidos. Ao contrário, o que engrandece um homem é a predisposição para servir o próximo.

9.49 — *Vimos um que em teu nome expulsava os demônios.* A questão aqui é que os discípulos achavam errado outros compartilharem de suas benesses, mas os 12 ainda estavam aprendendo. Os pastores de hoje também precisam entender que um ministério está sendo realizado não quando eles fazem tudo enquanto as pessoas meramente olham, mas quando treinam e capacitam os fiéis a usarem o dom que Deus lhes deu. Não é função de um líder ser substituído das pessoas, mas sim desempenhar o papel de gestor do povo para realizar o trabalho do ministério.

9.50 — Jesus ressaltou que todo aquele que exerce o dom de Deus, quando não está contra Seu ministério e o dos discípulos, está a favor deles e deve ser autorizado a ministrar. Ministrar para Jesus não é privilégio de uns poucos selecionados (Rm 12.3-8; 1 Co 12.3-27; Ef 4.1-16; 1 Pe 4.10,11). Novamente, não devemos preocupar-nos em construir nossos próprios domínios, mas

alegrar-nos na edificação do Reino de Deus, não importando quem a esteja fazendo.

9.51 — *Manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém.* Esta é a primeira indicação de que a atenção de Jesus estava voltando-se para Seu sofrimento final em Jerusalém (Lc 9.53; 13.22,33-35; 17.11; 18.31; 19.11,28,41). Entretanto, a jornada até Jerusalém não seria direta. Em Lucas 10.38-42, vemos Jesus na casa de Marta e Maria em Betânia. Em Lucas 17.11, encontramos Ele em Samaria e na Galiléia. A viagem até Jerusalém se realizaria de acordo com os desígnios e a vontade de Deus. Jesus estava aproximando-se do desfecho de Sua missão com Sua morte e ressurreição. O Evangelho de Lucas singularmente enfatiza esta jornada a Jerusalém. Lucas registra muito dos ensinamentos e das parábolas de Jesus em Seu trajeto, e como o Salvador contrastou Seu caminho de sofrimento com o caminho dos líderes religiosos judeus.

9.52 — Os *samaritanos* eram descendentes dos judeus que se casaram com os gentios depois da queda do Reino do Norte, Israel. Consequentemente, os samaritanos desenvolveram seus próprios rituais religiosos, os quais eles praticavam no monte Gerizim, em vez de no templo em Jerusalém. Embora tenha havido uma profunda hostilidade entre os judeus e os samaritanos, Jesus ministrou para ambos os grupos.

9.53,54 — *Senhor, queres que digamos que desça fogo e os consuma, como Elias também fez?* Com esta pergunta, Tiago e João mostraram que queriam que Jesus levasse o julgamento às vilas de Samaria que não os recebessem, assim como Elias fez em 2 Reis 1.9-16. Sua ânsia por julgamento era antiética em relação à resposta de amor de Jesus.

9.55,56 — A atitude de Jesus mostra que Ele recusou o pedido. Os discípulos não entendiam que sua função era disseminar graça. O direito de julgamento está em outras mãos para outras ocasiões.

9.57-62 — Aqui temos mais ensinamento com Jesus. Vemos que três homens poderiam ter-se tornado discípulos, mas eles não preenchiam os requisitos estabelecidos por Jesus. Cada um deles tinha um empecilho que o impedia de che-

gar ao próximo nível da condição de discípulo. Entretanto, todos os problemas individuais encontravam sua origem num ponto principal: faltava-lhes poder, amor e disciplina; essas deficiências entristeciam o coração do Senhor.

9.57 — O primeiro homem que se prontificou a seguir a Cristo era fervoroso, acalorado e entusiasmado. O problema foi que ele não se deu conta, de forma real, do alto preço a pagar por tal decisão. Logo, provou que seu entusiasmo era baseado no calor do momento, algo que não seria forte o suficiente para sustentá-lo na amplitude da batalha que ele enfrentaria ao tornar-se um seguidor de Cristo.

9.58 — Jesus informou a Seus discípulos que Ele não tinha sequer o conforto de uma casa comum, diferente do restante do povo. Desta forma, Cristo ressaltou que seguiu-o implicaria renúncia de alguns confortos e prazeres terrenos, algo que é válido para nós nos dias de hoje.

9.59 — O segundo homem que poderia tornar-se discípulo colocou a responsabilidade familiar antes de Jesus. A preocupação com a casa dele era a pedra no caminho deste homem. Ao contrário do primeiro voluntário (v. 57), este indivíduo era lento e pensativo. Ele pesava todo o custo da condição de discípulo. A pureza cultural era considerada muito importante nos círculos judaicos. Assim, um sepultamento rápido do morto se fazia necessário (Lc 7.11-17).

9.60 — *Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos.* Aqui Jesus deixa claro que um discípulo deve ter prioridades definidas e biblicamente fundamentadas. A observação é retórica, pois, na verdade, um morto não pode enterrar outro morto. Esta é uma forma enfática de dizer que o chamado de Deus deve ter primazia.

Em períodos de premência, como a época em curso aqui, o funeral não era necessário (Jr 16.5-7). A obrigação social não deve cancelar a imediação do ministério. Também pode ser que a observação retórica a respeito dos *mortos* faça referência aos espiritualmente mortos. Sendo assim, o mundo poderia tomar conta das questões materiais da vida e da morte, mas o discípulo deveria priorizar o ministério. O problema do

homem neste trecho é que ele não priorizou o que era correto e, deste modo, não compreendeu a urgência em tomar uma atitude quando Jesus o chamou. Tais ações inadequadas fazem com que percamos grandes oportunidades de investimento (Fp 4.15).

9.61 — *Deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.* Este pedido é parecido com o que Eliseu fez a Elias (1 Rs 19.19,20), o qual foi concedido. O período em curso aqui requeria maior urgência, por isso o pedido foi negado.

9.62 — *Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus.* Este terceiro homem que se ofereceu para ser discípulo era hesitante — “ficou em cima do muro”. No entanto, Jesus deixou claro que a condição para segui-lo é não permitir que os empecilhos interfiram na obediência a Ele.

O uso da expressão *olha para trás* recorda a esposa de Ló (Gn 19.26). A observação de ser *apto* (ou adequado) para o Reino de Deus mostra a forma séria como Jesus se compromete com ele. É um aviso de que aquele que vai até Jesus deve estar preparado para permanecer com Ele (1 Co 15.2; Cl 1.21-23; Mt 7.21-23; 22.11-13; Lc 13.25-27).

A expressão *lança mão do arado* significa engajar-se em uma tarefa. Aqui, o trabalho é servir ao Reino. Só que o primeiro discípulo não estava pronto porque não tinha avaliado as consequências. O segundo também não estava preparado, pois não percebeu a urgência de seguir Jesus quando Ele disse “siga-me”.

E o terceiro dispôs-se a partir, mas hesitou quando olhou para as coisas que deixaria para trás. Estas são lições muito valiosas para aqueles que aspiram à condição de discípulos e à integração no Reino de Deus.

10.1 — A passagem em que Jesus designou outros *setenta* discípulos é exclusiva do Evangelho de Lucas. As instruções que o Salvador lhes deu são similares àquelas que Ele transmitiu aos 12 em Lucas 9.1-6.

10.2 — A ilustração de uma grande colheita sugere aos discípulos levar a mensagem do evangelho, mesmo sabendo que haveria muita rejeição.

10.3-7 — A expressão *cordeiros ao meio de lobos* é derivada de Isaías 40.11. Jesus usa uma ilustração similar em João 10.1-18. Na verdade, ninguém de fato viu cordeiros em meio a lobos. Cordeiros *atacados por* lobos, sim! Cordeiros *entre* lobos, não! Isso é naturalmente impossível. Mas pode ser possível com a presença do pastor Jesus! A chave é o enfoque no Pastor.

10.8-12 — Da mesma forma que Lucas 10.11, 11.20 e 17.21, este trecho bíblico mostra como os aspectos da autoridade do Reino acompanharam o ministério terreno de Jesus. A cura que Ele trouxe ilustrava o que o Reino oferecia (Lc 11.20). O ministério do Salvador foi a chegada dos estágios iniciais do domínio de Deus, o qual Jesus consumará com Seu retorno (Lc 17.20-37). O Reino de Deus possui dois estágios: quando Jesus veio ao mundo pela primeira vez, Ele foi rejeitado. Na Sua segunda vinda, o Salvador estabelecerá Seu governo completo sobre tudo.

10.13,14 — As *maravilhas* de Jesus seriam tão grandiosas que, se fossem executadas perante os piores pagãos daquela época, estes se arrependeriam. A observação de Jesus foi feita para que os indivíduos soubessem o que a rejeição a Ele significava.

10.15 — Como em Lucas 10.13, o foco aqui é as cidades, não os indivíduos. Estes julgamentos têm relação com o perigo que corre a nação que rejeita Jesus, embora também carreguem efeitos que se aplicam às pessoas que rejeitam Sua oferta.

10.16 — Escutar os mensageiros é a mesma coisa que ouvir aquele que os enviou. A autoridade não está naquele que transmite a notícia, mas na pessoa representada pelo emissário, a fonte da mensagem.

10.17 — Os discípulos regozijam-se da autoridade que exercem. A chave, como eles observam, é a autoridade que possuem, em nome de Jesus.

10.18 — Este versículo oferece um comentário sobre o que o ministério de cura dos discípulos significava. A reversão dos efeitos do pecado e da morte, os quais foram introduzidos neste mundo pelas investidas de Satanás (Gn 3), é representada expressivamente como a queda

dele do céu. O ministério de Jesus e o que se origina dele representam a derrota de Satanás, do pecado e da morte.

10.19,20 — O versículo 19 registra a transmissão do *poder* de Jesus ao Seu imediato círculo de discípulos. É importante notar que uma autoridade similar não é concedida a outros que não este grupo de discípulos. Observe o poder que é dado aos 11 em Mateus 28.16-20 e Atos 1.8. Como Jesus deixou claro no versículo 20, a autoridade não foi a coisa mais importante que os

discípulos receberam. O mais valioso foi a posição destes como filhos de Deus. Seus nomes seriam conhecidos por Deus e escritos no Livro da Vida. Esta era a maior bênção dos discípulos.

10.21 — Aqui Jesus ora ao Pai e demonstra Sua alegria por Deus ter revelado Seu plano redentor às *criancinhas*. O que Jesus quis dizer é que não foram os maiores, em termos de conhecimento e/ou posição social, que receberam estas verdades extraordinárias, mas sim as pessoas simples, que vieram a Ele na condição de servos.



COMPARE

APRESENTANDO-SE APENAS EM LUCAS

No tempo de Jesus, os samaritanos eram desprezados pelos judeus (especialmente pelos ortodoxos) porque a maioria dos judeus que permaneceram em Samaria durante o exílio babilônico tinham se casado com estrangeiros e dado origem a mestiços, com uma religião sincrética. A ironia da *parábola do bom samaritano* reside no fato de que aquele que era menosprezado (o samaritano) soube demonstrar amor para com o próximo, enquanto o sacerdote e o levita, que possuíam conhecimento mais específico da Lei de Deus, não souberam.

O livro de Lucas enfatiza o amor de Jesus por todos os tipos de pessoa, inclusive os que não eram muito estimados na época [como as mulheres, os publicanos, os leprosos, paralíticos, cegos, coxos; os párias].

Mulheres contempladas com milagres, valorizadas e elogiadas por Jesus

Isabel	Lucas 1.5-25,39-45,57-66
Maria	Lucas 1.26-56; 2.1-20,41-52
Ana	Lucas 2.36-38
A viúva de Naim	Lucas 7.11-15
A pecadora que ungiu os pés de Jesus	Lucas 7.36-50
As discípulas mulheres	Lucas 8.1-3
A mulher que procurava por sua moeda	Lucas 15.8-10
A persistente viúva que pediu insistentemente a um juiz injusto que julgasse a causa dela	Lucas 18.1-8
As tristes mulheres que seguiram o Mestre até a cruz	Lucas 23.27
As mulheres que acharam o sepulcro vazio	Lucas 24.1-10

Os desvalorizados pela sociedade

Os gentios	Lucas 2.32; 24.47
Os pastores	Lucas 2.8-20
Os pobres	Lucas 6.20-23
Os samaritanos	Lucas 10.30-36; 17.16
Os coletores de impostos e os "pecadores"	Lucas 15.1
Os leprosos	Lucas 17.11-17

10.22 — *Tudo por meu Pai me foi entregue.* Esta é a declaração de autoridade plena de Jesus como Filho de Deus (Jo 10.18; 17.2). Ele fez uma declaração parecida em Mateus 28.18.

Ninguém conhece quem é o Filho, senão o Pai, nem quem é o Pai, senão o Filho. Jesus declarou Sua relação singular com o Pai. O Senhor revela-se apenas por intermédio de Jesus. Para conhecermos Deus, precisamos conhecer Seu Filho, Jesus.

10.23 — Jesus observou a honra de compartilhar aquilo que Ele oferece e ensina.

10.24 — Jesus contrastou a expectativa dos povos da época do Antigo Testamento, quando as pessoas desejaram ver o Messias e não o viram, com o tempo em que os discípulos estavam vivendo face a face com o Mestre. Se eles tivessem discernimento espiritual, poderiam testemunhar o cumprimento de muitas promessas de Deus em Jesus.

10.25,26 — A pergunta feita pelo *doutor da lei* representava, na verdade, um desafio, considerando que estes versículos falam da provação de Jesus. Este é um acontecimento similar àqueles de Mateus 22.34-40 e Marcos 12.28-34.

Herdar é receber algo. Em outras palavras, o homem estava perguntando: “o que eu devo fazer para receber a recompensa da ressurreição dos justos no final?” (Fp 3.11-14). O fundamento do Antigo Testamento para esta questão é a esperança da ressurreição em Daniel 12.2. Jesus contragolpeou a pergunta do doutor da Lei fazendo com que este respondesse a sua própria pergunta.

10.27 — O doutor da Lei respondeu à pergunta de Jesus citando Deuterônimo 6.5, um texto que era recitado duas vezes ao dia por todo judeu fiel. Este texto resumia o padrão ético central da Lei. O doutor também aludiu a Levítico 19.18.

O fundamento da resposta do homem é uma expressão de lealdade e devoção que também pode ser vista como a demonstração natural de fé, visto que a pessoa por completo — o *coração*, a *alma*, as *forças* e o *entendimento* — está envolvida.

O tema do amor a Deus é desenvolvido nos versículos 38 a 42, com sua ênfase na devoção a Jesus, e em Lucas 11.1-13, onde os discípulos são instruídos a serem devotos a Deus em oração. Em



APLICAÇÃO

MARTA: OCUPADA COM O SERVIÇO?

A visita de Jesus à casa de Marta (Lc 10.38-42) revelou esta como excessivamente ativa e prática, e Maria, sua irmã, como mais reflexiva e espiritual. Na verdade, alguns podem usar esta narrativa para reforçar a superior hierarquia do espiritual em relação ao natural, secular, ressaltando que é mais importante *sentar aos pés de Jesus*, concentrando-se na espiritualidade por meio da oração e do serviço cristão, do que “distrair-se” com tarefas diárias, tais como o trabalho e os afazeres domésticos. Entretanto, seria injusto entender as palavras de Jesus como uma repreensão às atividades de Marta. Afinal, Ele estava na casa dela na condição de hóspede com Seus discípulos. Alguém tinha de preparar as acomodações e a refeição para eles — e uma grande refeição.

Tendo em vista que, naquele dia, estavam no local pelo menos cerca de 16 pessoas (Jesus e os 12 discípulos, Maria, Marta e Lázaro), não é de se admirar que Marta tenha ficado *distráida* (literalmente, afastada, ocupada) *em muitos serviços* (Lc 10.40); daí ela não se dar ao luxo de sentar-se e conversar com seus convidados.

Então, do que Jesus falava nos versículos 41 e 42? A mensagem de Cristo para Marta, em outras palavras, foi: “além de seus maravilhosos preparativos, acrescente a sua vida a sensibilidade espiritual [para valorizar minha presença com a sua presença, e não apenas com o seu serviço]”. Ele não estava estabelecendo uma dicotomia entre o sagrado e o secular, mas simplesmente enfatizando que, em meio a seus afazeres, Marta não podia perder de vista quem o Salvador era e por que Ele veio. Sem dúvida, Maria percebeu tal coisa, e Jesus quis elogiar sua atitude.

Ao que tudo indica, Marta lucrou com os conselhos de Jesus, pois, quando seu irmão, Lázaro, morreu, ela reconheceu o poder de Cristo para ressuscitá-lo dos mortos (Jo 11. 27).

Da mesma forma que Marta, nós hoje somos chamados a estabelecer um equilíbrio entre nosso culto a Deus e serviço cristão diligente, nossas responsabilidades cotidianas e uma constante atitude de dependência do Senhor.

Lucas 10.30-37, Jesus desdobra o tema do amor pelo próximo.

10.28 — *Faze isso e viverás.* Aqui Jesus não estava dizendo que a retidão é o resultado das obras. Ele dizia que o amor e a obediência a Deus são as consequências naturais quando se coloca a fé no Senhor. Aqueles que acreditam em Jesus e seguem-no receberão recompensas eternas. Jesus estabeleceu este princípio a Pedro em Mateus 19.27-30.

10.29 — Lucas deixa claro que o doutor estava tentando colocar-se em posição de satisfazer as mais altas exigências da Lei.

E quem é o meu próximo? Esta pergunta era uma tentativa de limitar as demandas da Lei pela sugestão de que algumas pessoas seriam identificadas como o *próximo* e outras não. O doutor da Lei estava buscando a obediência mínima, enquanto Jesus queria a obediência absoluta.

10.30 — *De Jerusalém para Jericó* era uma jornada de 27 km em uma estrada conhecida por ter muitos ladrões. Eles se escondiam em cavernas ao longo do caminho e atacavam suas vítimas.

10.31,32 — *Ocasionalmente.* Este é um belo toque literário. O homem estava precisando de ajuda, e o socorro parecia estar vindo fortuitamente em sua direção.

Passou de largo. Esta expressão mostra que o sacerdote e o levita não socorreram o homem. É muito fácil para aqueles que lidam com os rituais religiosos se tornarem insensíveis e tratarem as oportunidades de ministrar como coisas comuns e triviais.

10.33 — Parte da beleza da história do bom samaritano é a reversão dos estereótipos. O sacerdote e o levita tradicionalmente seriam os “mocinhos”. O *samaritano* seria o “bandido”, um homem desprezado como raça mestiça e de religião profana. Entretanto, o samaritano sabia como tratar seu próximo. A pessoa em questão aqui não era ninguém que o samaritano conhecesse ou alguém da mesma etnia, era apenas um indivíduo que precisava de ajuda.

10.34 — O *azeite* foi usado para acalmar os ferimentos. O *vinho* foi utilizado como esterilizante.

10.35 — Considerando o fato de que o homem fora roubado, tal auxílio se fez necessário. A com-

paixão foi expressa concretamente em tempo e dinheiro. O samaritano também estava preparado para fazer mais, se fosse necessário. É bastante diferente de dizer: *ide em paz, aquantai-vos e fartai-vos* (Tg 2.16).

10.36 — A questão principal não é determinar quem é o próximo de alguém, mas fazer o bem a todos.

10.37 — Ao que tudo indica, o doutor da Lei não conseguiu dizer *samaritano* e ratificou a surpreendente reversão de estereótipos da história.

10.38 — Se estas fossem Marta e Maria de João 11.1—12.8, então o local seria Betânia, fora de Jerusalém (Jo 11.1,19; 12.1). Este texto sugere que a “jornada de Jerusalém” de Lucas 9.51—19.44 não teve uma rota direta a este lugar, mas foi uma viagem que teria como destino a hora da morte de Jesus.

10.39 — *Assentando-se também aos pés de Jesus.* Esta é uma ilustração da condição de discípulo, pois Maria ouvia os ensinamentos de Jesus.

10.41 — A resposta tenra de Jesus fica evidente quando Ele fala *Marta, Marta* (Lc 6.46; 8.24; 13.34; 22.31). O Salvador nota que Marta estava muito preocupada com questões naturais.

10.42 — Maria, em seu silêncio, foi um exemplo. Ela não disse nada, mas fez o que era certo e atentou para os ensinamentos de Jesus.

11.1 — A oração do Pai-Nosso ilustra a variedade dos pedidos que alguém pode e deve fazer a Deus, como também mostra a atitude humilde que precisa acompanhar a oração. O uso do pronome *nos* várias vezes ao longo da oração demonstra que não é apenas uma pessoa pedindo por seus próprios interesses, mas é uma oração comunitária.

11.2 — A palavra *Pai* realça a figura afetiva de Deus.

A palavra *santificado* quer dizer que Deus é santo, separado e único em Seu caráter e Seus atributos.

A expressão *venha o teu Reino* faz referência ao desígnio e à promessa divina. É mais uma afirmação do que um pedido, enfatizando a submissão daquele que pede a vontade de Deus e o desejo de ver a repercussão da obra do Senhor.

11.3 — *Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano.* Este pedido reconhece que somos dependentes

de Deus no que diz respeito ao suprimento de nossas necessidades diárias.

11.4 — *Perdoa-nos os nossos pecados.* Este pedido reconhece que o pecado é um débito para com Deus que precisa ser admitido, tendo como base a misericórdia do Pai.

Pois também nós perdoamos. Aquele que clama por perdão reconhece que deve liberar o perdão ao próximo para desfrutar da misericórdia de Deus. Precisamos agir com o próximo da mesma forma que esperamos que ele aja conosco.

Não nos conduzas em tentação. Esta expressão é frequentemente interpretada como a sugestão de que Deus pode conduzir-nos ao pecado. O que ela quer dizer é que, se alguém deseja evitar o pecado, essa pessoa deve seguir os mandamentos de Deus. Resumindo, aquele que ora pede a Deus a proteção espiritual necessária para que não cometa ofensas.

11.5,6 — Na cultura daquela época, os indivíduos deveriam ser bons anfitriões. Para a visita no meio da noite, o amigo que a recebeu pôde escolher: ser rude ou buscar alimento em algum lugar. Ele escolheu ser um bom anfitrião e procurar por pão tarde da noite.

11.7 — O homem que não quer ser incomodado responderia: *não me importunes.* Naquela época, todos os membros da família dormiam em um mesmo cômodo. Abrir a porta certamente acordaria algumas pessoas.

11.8 — A palavra *importunação* faz referência a uma audácia corajosa e não à tenacidade. Jesus quer dizer que o discípulo deve ser intrépido em oração. O exemplo na parábola do amigo importuno (v. 5-7) diz respeito a um homem que vai até seu vizinho, de forma arrojada, para buscar o que ele precisa. Da mesma forma, o discípulo deve ir valentemente até Deus para ter o que necessita.

11.9,10 — Este trecho bíblico não quer dizer que receberemos tudo o que pedirmos em oração. Como o versículo 13 demonstra, mencionando o recebimento do Espírito Santo, obteremos tudo o que é espiritualmente benéfico.

11.11,12 — Poderíamos entender esta ilustração como: qual pai dá ao filho coisas inúteis ou destrutivas quando as necessidades básicas são solicitadas?

11.13 — Se o ser humano, que é falho e pecador, pode dar *boas dádivas*, imagine o valor do *Espírito Santo* como presente de Deus. Se alguém não tem o Espírito Santo habitando em seu coração, não pertence a Cristo (Rm 8.9). Na trindade, o Espírito Santo é o distribuidor divino (1 Co 12.11) das coisas boas adquiridas pelo Filho (Ef 4.7,8) e ordenadas pelo Pai (Ef 3.1).

11.14,15 — A maior blasfêmia era atribuir a obra do Espírito Santo ao diabo. O nome em latim *Belzebu* foi originalmente uma referência ao deus filisteu Baal-Zebube adorado na cidade de Ecrom (2 Rs 1.2,3,6,16). O termo significa *senhor das moscas*.

11.16 — Outras pessoas queriam mais provas. Há uma ironia aqui, bem como uma obstinação, *como se os milagres não fossem suficientes* (Lc 7.22).

11.17,18 — A atribuição dos milagres de Jesus a Satanás não foi só uma blasfêmia, mas algo totalmente ilógico. Se Satanás tivesse expulsado o demônio (v. 14), ele teria destruído o resultado de seu próprio trabalho.

11.19 — *Se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos?* A pergunta de Jesus e a resposta implícita a ela podem ser analisadas de duas formas: (1) como os exorcistas judeus expulsam os demônios? Se a resposta é pelo poder de Deus, então por que não dar o mesmo crédito a Jesus? (2) Como os discípulos de Jesus, que eram os *filhos* de Israel, expulsavam das pessoas os demônios? Os hereges não tinham somente de explicar os milagres de Jesus, mas também dos Seus seguidores. Muitos especialistas preferem a primeira interpretação.

11.20 — A expressão *pelo dedo de Deus* é uma alusão ao poder do Senhor, como aquele demonstrado em Êxodo (Êx 8.19; Dt 9.10; Sl 8.3).

A vós é chegado o Reino de Deus. Os milagres de Jesus representaram a chegada da promessa e do poder de Deus — resumindo, Seu domínio. Este domínio vem por intermédio de Jesus. Os milagres do Salvador demonstraram a vitória divina sobre as forças do mal. O desígnio do Reino, ilustrado aqui como próximo, será consumado no retorno de Jesus, quando Seu domínio será manifesto sobre toda criatura.



APROFUNDE-SE

DEMÔNIOS

As Escrituras apresentam os demônios não como seres espirituais e etéreos que vivem em outra dimensão, mas como seres reais envolvidos nos acontecimentos diários e históricos. Jesus, por exemplo, teve frequentes confrontos com os demônios durante Seu ministério (Mt 4.24; 8.16,28; 9.32; 12.22; Lc 8.36; 11.14).

Os demônios são anjos caídos que se juntaram a Satanás na rebelião contra Deus. A Bíblia não comenta a origem destes seres, mas o Novo Testamento fala da queda e do aprisionamento de um grupo de anjos decaídos (2 Pe 2.4; Jd 1.6). A rebelião deles aparentemente ocorreu antes da criação do mundo por Deus. Mais tarde, Satanás e seus seguidores invadiram a terra, levaram Adão e Eva à queda, contaminando, assim, o ser humano com a perversidade (Gn 3; Mt 25.41; Ap 12.9). Desde então, eles continuam a opor-se aos propósitos divinos e a arruinar gradativamente a justiça entre os homens.

Possessão demoníaca

Um dos propósitos primordiais de Jesus foi suprimir o poder de Satanás, razão pela qual Cristo despojou e destituiu regularmente o reino satânico (Mt 12.25-29; Lc 11.17-22; Jo 12.31; 1 Jo 3.8). Assim, uma das atividades mais compassivas do Senhor era libertar as pessoas das possessões demoníacas.

Nossa cultura tende a repudiar a possessão demoníaca e considerá-la uma maneira bizarra e arcaica de explicar certas enfermidades psicológicas. Entretanto, a Bíblia nunca sugeriu que todas elas eram o resultado da atividade demoníaca, apenas que os demônios podem afligir as pessoas com problemas como a mudez (Mt 12.22; 9.17,25), a surdez (Lc 9.25), a cegueira (Mt 12.22) e a deformidade corporal (Lc 13.10-17). Na verdade, os Evangelhos distinguem as doenças das possessões demoníacas (Mt 4.24; Mc 1.32; Lc 6.17,18).

Os demônios também podem causar problemas mentais e emocionais (Mt 8.28; At 19.13-16). Pessoas endemoninhadas possuem uma tendência de tresvariar, têm acessos de cólera e zombaria (Mc 1.23,24; Jo 10.20), comportamentos incontroláveis (Lc 9.37-42; Mc 1.26) e agem de forma antissocial (Lc 8.27,35).

Para expulsar os demônios, Jesus e Seus discípulos usaram métodos que diferiam radicalmente dos ritos místicos que eram comumente empregados naquela época. Ao Seu simples comando, Cristo os repelia (Mc 1.25; 5.8; 9.25). Os discípulos faziam o mesmo em nome de Jesus, usando a autoridade do nome do Mestre conforme foram orientados a fazer (Lc 10.17; At 16.18). Até mesmo algumas pessoas que não eram seguidoras do Salvador invocaram o poder do Senhor (Lc 9.49; At 19.13).

Apesar de Jesus fazer uso desse método simples, os inimigos dele acusaram-no de estar aliado ao reino satânico (Mc 3.22; Lc 11.15; Jo 8.48). A mesma acusação foi feita contra o precursor do Messias, João Batista (Mt 11.18; Lc 7.33). Contudo, as obras justas e benevolentes de Cristo mostraram que tais afirmações não poderiam ser verdade (Mt 12.25-29; Lc 11.17-22).

A vitória final

Após a ressurreição de Jesus e Seu retorno aos céus, os demônios continuaram suas hostilidades contra Seus seguidores (Rm 8.38,39; Ef 6.12). Todavia, Satanás e seus aliados serão destruídos por Deus no final. Após o retorno de Cristo à terra, o maligno e seus anjos serão derrotados e jogados no lago de fogo e enxofre (Mt 25.41; Ap 6.12) – um destino do qual os demônios estão cientes (Mt 8.29). Deus alcançará a vitória em uma batalha que já previu desde o começo dos tempos.

11.21,22 — Jesus descreve-se como alguém *mais valente* do que Satanás, que invade a casa deste e reparte os despojos da vitória com aqueles que são por Ele (Ef 4.8,9).

11.23 — O ministério de Jesus instiga todos a fazerem uma escolha. Não é possível ficar neutro. Ou a pessoa se alia ao Salvador, ou está contra Ele.

11.24 — Aqui um espírito expulso procura por repouso depois de Deus ter agido em favor de

alguém. Não o achando, o espírito decide voltar para onde ele estava.

11.25 — A pessoa liberta se torna como uma casa limpa, embora vazia, se Deus não estiver presente, e por isso exposta ao perigo espiritual.

11.26 — *O último estado [...] é pior.* Nesta expressão, Jesus quer dizer que experimentar a bênção de Deus e depois ignorá-la deixa alguém indiferente à obra de Deus e exposto ao controle das forças demoníacas.

11.27,28 — *Bem-aventurado o ventre*. Aqui uma mulher em meio à multidão ofereceu louvor à mãe de Jesus. Embora o Salvador sempre tenha honrado Maria, Ele respondeu com cuidado à bênção, a fim de manter o foco na Palavra de Deus. É fácil permitir que práticas tradicionais tomem o lugar da autoridade nas Escrituras. Jesus oferece Sua bênção àqueles que respondem concretamente à vontade de Deus como está expressa na Bíblia.

11.29 — O *sinal do profeta Jonas*, aqui, faz referência ao seu chamado profético ao arrependimento, não à ressurreição prefigurada pelo retorno de Jonas da barriga do grande peixe.

11.30-32 — Jesus avisou que a recusa em ouvi-lo resultaria na condenação vinda daqueles que no Antigo Testamento responderam ao ensinamento de Deus. Os exemplos que Jesus ofereceu incluíam gentios, tais como a *rainha do Sul* (a rainha de Sabá em 1 Rs 10.1-10) e os *homens de Nínive* (Jn 3). Jesus é *maior* do que aqueles que proclamaram a Palavra de Deus nos tempos antigos — *Salomão e Jonas* —, por isso Sua palavra deveria ser ouvida pelos israelitas do primeiro século.

11.33 — A luz deve ser a fonte de orientação. Lucas 11.27-36 fala sobre a resposta à luz da Palavra de Deus como apresentada nos ensinamentos de Jesus. Deus deixou isso claro para que todos vissem.

11.34,35 — Nós já ouvimos muitas vezes a expressão “você é o que você come”. Entretanto, mais correto seria dizer “você é o que você vê”. Isso foi o que Davi falou: *não porei coisa má diante dos meus olhos* (Sl 101.3). Uma pessoa que se concentra no que é *bom* (o ensinamento de Deus) é saudável. Mas alguém que foca no que é *mau* (o falso ensinamento do mundo) é *cheio de trevas* [NVI].

11.36 — A pessoa se torna como a luz, uma ilustração viva do que a Palavra de Deus ensina, quando se concentra na luz da verdade.

11.37,38 — *Não lavara antes do jantar*. Esta limpeza espiritual é descrita no Antigo Testamento (Gn 18.4; Jz 19.21), mas não ordenada.

11.39 — *Limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade*.

Esta observação feita por Jesus é similar àquela em Mateus 23. Os fariseus limpavam o exterior do copo e do prato para garantir que estes não estivessem impuros por causa do contato com animais mortos (Lv 11.31-38). No entanto, Jesus frisou que os fariseus preocupavam-se com a aparência e os rituais de limpeza exteriores, enquanto o que estava por dentro, o que realmente importava, estava cheio de ganância e maldade.

11.40 — *O que fez o exterior não fez também o interior?* Jesus quer dizer que o exterior e o interior foram feitos da mesma maneira por Deus e ambos também precisavam ser cuidados da mesma forma.

11.41 — Dar esmolas ajudava os pobres. Como tal, isso ilustrava o trabalho de compaixão. Jesus disse que devemos praticar esse ato, pois ajudar uma alma necessitada nos torna humildes e amorosos perante Deus.

11.42 — *Desprezar*. Os fariseus preocupavam-se com o dízimo até mesmo em relação às menores ervas, o qual era pago de acordo com os ditames da tradição, não da Lei de Moisés (Nm 18.21-32; Dt 14.22-29; veja também Lv 27.30 para a prática do dízimo das hortaliças). A Lei falava de pagar o dízimo de toda produção, mas o que constituía comida era discutido. Alguns fariseus consideravam a interpretação mais estrita e contavam quase tudo, incluindo especiarias. Entretanto, eles negligenciavam duas coisas fundamentais das quais os profetas também falaram: amor e justiça (Mq 6.8; Zc 7.8-10).

11.43 — *Ai de vós [...] que amais os primeiros assentos nas sinagogas*. Isto condena o orgulho dos fariseus, mas também diz muito a todos os cristãos.

11.44 — Os fariseus eram como *sepulturas que não aparecem*. Ter contato com os túmulos ou com os mortos tornava uma pessoa cerimonialmente impura (Nm 19.11-19). Qualquer um ou qualquer coisa no mesmo ambiente que um morto era considerado impuro na tradição judaica. Esta é a mais forte censura de Jesus. Os fariseus, os modelos de pureza, estavam, na verdade, à altura da imundícia.

11.45 — Um doutor da Lei tentou defender os fariseus observando a relação próxima entre

estes e os escribas. Se um grupo era repreendido, o outro também era tacitamente.

11.46 — Jesus aplicou a desventura também aos *doutores da lei*, como tinha já feito aos fariseus. No grego usual, o termo traduzido como *cargas* faz referência ao carregamento de um navio. A ideia é que um grande peso estava sendo colocado sobre as pessoas e, mesmo assim, no final, este fardo não as levaria para perto de Deus. Neste ponto, Jesus repreendeu a tradição que cresceu em volta da Lei de Moisés.

Vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas. O significado desta expressão é discutido. Jesus estava acusando os escribas de hipocrisia por não praticarem o que ensinavam e por fazerem distinções que os liberavam das obrigações, da mesma forma que eles faziam com os juramentos (Mt 5.33-37)? Ou Jesus estava simplesmente acusando os escribas de não ajudarem e não terem compaixão por aqueles que tentavam seguir as regras deles? A segunda interpretação é mais provável, visto que os fariseus eram conhecidos por seguirem as leis.

11.47,48 — *Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram!* Aqui Jesus fez uma comparação aguda e irônica entre a então atual geração de Israel e as gerações do passado. Jesus quis dizer que a geração presente terminou o trabalho de matar os profetas que a passada começara. A edificação e o cuidado com os sepulcros deveriam ser atitudes de honra aos profetas, mas o Salvador apontou que algo além disso estava de fato acontecendo.

11.49 — A expressão *sabedoria de Deus* faz referência ao conhecimento de Deus acerca de Seu povo. Os *profetas e apóstolos* que seriam perseguidos e mortos eram os discípulos e profetas do início da Igreja. Esta é a base da repressão anterior de Jesus (v. 47,48). Aqueles que viriam, na geração presente, trazendo a mensagem de Deus teriam o mesmo destino das antigas gerações.

11.50 — Ao que tudo indica, o termo *geração* faz referência à nação ou ao povo de Israel. Ele recebeu e receberia o julgamento pela maneira como tratou os profetas de Deus. O julgamento

aqui alude especificamente à queda de Jerusalém em 70 d.C. e, conseqüentemente, ao julgamento final de Deus na grande tribulação.

11.50,51 — *Abel* é colocado como o primeiro profeta a ser morto, voltando assim à *fundação do mundo* (Gn 4.10). *Zacarias* provavelmente é o homem descrito em 2 Crônicas 24.20-25. Ele seria o último profeta morto no Antigo Testamento, se considerarmos a ordem hebraica dos livros do Antigo Testamento.

11.52 — Jesus acusou os *doutores da lei* de fazer o contrário do que alegavam ser o seu chamado. Em vez de levarem as pessoas para perto de Deus, eles tiravam todas as suas possibilidades de adquirirem conhecimento, e também impediam seu entendimento das questões.

11.53,54 — *A fim de apanharem da sua boca alguma coisa para o acusarem.* Os escribas e fariseus começaram a desafiar Jesus na esperança de que Ele pudesse cometer um erro que lhes permitisse destruir Seu ministério. Eles estavam *armando-lhe ciladas* (Lc 6.11; 19.47,48; 20.19,20; 22.2).

12.1,2 — O termo *fermento*, neste trecho, representa a presença da corrupção. O pão asmo era o alimento que os judeus consumiam na Páscoa (Êx 12.14-20). A corrupção é vista aqui como *hipocrisia*. Agir hipocritamente é insensato, porque no fim todas as atitudes — sejam elas boas ou más — serão reveladas.

12.3 — A expressão *sobre os telhados será apregoadado* quer dizer que todos os segredos serão revelados por Deus (Rm 2.15,16; 1 Co 4.5). O gabinete era uma despensa cercada por outros cômodos, além de ser a parte mais privada de uma casa.

12.4 — Este versículo antecipa a severa perseguição religiosa como consequência das afirmações de Jesus em Lucas 11.39-54.

12.5 — Mesmo em face à perseguição religiosa, aqueles que acreditavam no Salvador deveriam *temer* somente a Deus, que tudo vê e diante de quem estaremos um dia para prestar contas de todos os nossos atos. Jesus não estava garantindo a preservação física e temporal neste mundo, mas abrindo a possibilidade de desfrutar da vida eterna.

12.6 — Este versículo evidencia que Deus conhece o mais minucioso detalhe do que

acontece na terra. As *ceitis* [moedinhas, na NVI] mencionadas aqui eram as de menor valor em circulação e valiam aproximadamente um dezes- seis avos da diária básica de um trabalhador.

12.7 — Jesus enfatizou que Deus conhece as pessoas tão profundamente que sabe até mesmo a quantidade de cabelos que têm na cabeça. Não se deve temer, pois, quando se confia a vida aos cuidados do Senhor, pois Ele está ciente das necessidades humanas. Se Deus tem consciência do que acontece com os pardais, Ele sabe o que se passa com Seus filhos.

12.8 — A questão aqui é a fidelidade no testemunho a respeito de Jesus, especialmente no contexto da rejeição religiosa. Reconhecer Jesus perante os homens é ser reconhecido pelo *Filho do Homem* diante de Deus.

12.9 — Cada atitude de negação neste mundo em relação a Cristo terá uma negação proporcional como recompensa no Dia do Juízo final (1 Jo 2.28). Isso não diz respeito ao bem da salvação, mas sim ao preço ou à recompensa (1 Co 9.24-27).

12.10 — *Uma palavra contra o Filho do Homem* é perdoável porque Sua divindade era velada, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo é uma evidente rejeição às obras e à Palavra de Deus (Mt 12.31,32).

12.11 — *Quando vos conduzirem às sinagogas*. Esta é outra indicação de que a perseguição religiosa está em foco nestes versículos. *Magistrados e potestades* administravam os procedimentos civis, enquanto as sinagogas geriam os tribunais religiosos. Nestas situações os discípulos não deveriam preocupar-se com o que dizer, porque o Espírito Santo os inspiraria para defenderem-se perante os tribunais.

12.12 — *Na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo*. Quando os cristãos fiéis estivessem sendo julgados, o Senhor os inspiraria na defesa deles. Os exemplos de cumprimento desta passagem incluem Atos 3—5 (em especial At 4.8); 7.51,56; e os discursos de defesa de Paulo em Atos 21—28.

12.13 — Alguém pede a Jesus que intervenha em uma disputa familiar, como um antigo rabino faria.

12.14 — Jesus se recusou a entrar em uma disputa a respeito de dinheiro, a qual estava claramente dividindo a família. Tais contendas acerca de bens materiais destroem relacionamentos, por isso o Salvador conta a parábola que explica o perigo do enfoque na riqueza.

12.15 — *Acautelai-vos e guardai-vos da avareza*. Este aviso de Jesus é claro.

A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui. Jesus discorda da ideia que diz que “aquele que tem mais recursos prevalece”. O foco instituído por esta linha de pensamento estabelece que a vida se constitui das coisas da criação e da obra do homem, em vez de dar ênfase a Deus e ao povo que Ele criou. A criação não é um objeto para servir ao homem ou ser possuído por ele. A vida é estabelecida pelos relacionamentos que alguém desenvolve, enquanto a criação tem por finalidade a melhora dessas relações. As coisas não fazem a vida, mas sim Deus e as pessoas. Apenas as pessoas se perpetuam. Desta forma, o investimento deve ser feito naquilo que se eternizará (2 Pe 3.10-12).

12.16 — Jesus ilustra a ideia de que uma vida devotada ao acúmulo de riquezas só demonstra insensatez com a história de um homem que “fortuitamente” enriqueceu ainda mais, mas não usou sua fortuna adequadamente.

12.17 — *Que farei?* O homem se depara com um dilema, coisa que aconteceria com qualquer um na situação dele, e determina como preservar suas abundantes riquezas.

12.18,19 — O pronome (subentendido) *eu* aparece seis vezes, incluindo o versículo 17. Isso mostra o foco egoísta que este homem dá ao resultado de sua colheita. Sua intenção é armazenar tudo o que colheu para ele. O foco em si mesmo é o que Jesus condena neste trecho.

12.20 — O julgamento de Deus sobre o egoísmo é evidente. O que o rico tolo terá na próxima vida? Este não pode levar suas posses consigo. Tudo que o abastado possui não tem nenhum valor depois da morte. Um dia o homem que era rico se tornará pobre. Toda riqueza terrena é temporária e, conseqüentemente, inútil (Mt 6.19-21; 1 Tm 6.6-10,17-19; Tg 5.1-6).

12.21 — Jesus destacou o exemplo negativo do rico insensato. É claro que o oposto é aconselhado aqui, por indução. O rico insensato faz das riquezas o seu porto seguro e o foco principal de sua vida, já o justo é rico para com Deus, não sendo egoísta e procurando agradar-lhe em tudo.

12.22 — *Não estejais apreensivos pela vossa vida.* Este é um chamado à fé na provisão divina. Um dos motivos pelos quais uma pessoa deseja possuir bens é ter o controle de sua vida. Além disso, também anseia por conforto e segurança. Jesus disse que Deus proverá tais necessidades.

12.23 — *Mais é a vida do que o sustento.* Aqui Jesus menciona qual deve ser nossa principal preocupação. O Salvador disse que a vida é mais importante do que a alimentação e a vestimenta, que são as coisas básicas.

12.24 — Jesus descreveu o cuidado de Deus com os *corvos*, mesmo estes sendo criaturas impuras, de acordo com a Lei judaica, que estão entre os pássaros menos estimados (Lv 11.15; Dt 14.14). Se o Senhor se preocupa com estas aves, ainda maior é o cuidado dele para com aqueles que são a coroa da criação, os seres humanos. Então, os discípulos não precisariam estar ansiosos quanto às suas necessidades. O Senhor lhes proveria tudo o que era preciso.

12.25 — Neste versículo, Jesus deixou claro que a preocupação é completamente inútil e demonstra falta de fé no desígnio de Deus para nossa vida.

12.26 — Jesus novamente enfatizou a inutilidade da preocupação. Se ela não ajuda nem nas coisas básicas da vida, por que então se preocupar tanto?

12.27-29 — Até mesmo o rico rei Salomão não se vestiu como Deus vestiu os *lírios*. O exemplo da *erva* indica que o Senhor preocupa-se o bastante para prover beleza aos elementos de Sua criação que têm vida curta. Por que deveríamos preocupar-nos, se Deus toma conta até da menor erva? O Senhor conhece nossos problemas e proverá o que precisamos. Não devemos concentrar-nos nas coisas mundanas, tais como comida. Em vez disso, nossa prioridade precisa ser fazer a vontade de Deus (v. 31).

12.30 — O mundo materialista é como um grupo de passageiros que corre freneticamente para sentar na melhor espreguiçadeira em um navio afundando. Ele busca riquezas e luxo, coisas que findam em si mesmas. Assim, acaba por deixar de pensar em Deus e de agradecer-lhe por toda provisão. Isto acontece porque, quando somos dominados pelos bens materiais, resta pouco espaço em nosso coração para o Senhor. Não é errado ter posses, mas devemos conhecer nossas prioridades. E a prioridade do homem sensato é confiar no Senhor e em Sua provisão. Deus sabe, de forma precisa, do que necessitamos.

12.31,32 — Jesus contrasta o que o mundo persegue (v. 30) com o que os discípulos devem buscar (v. 31). Aqueles que colocam como prioridades as coisas certas e sobrepõem-se às mundanas receberão poder para reinar com Cristo em Seu Reino (Ap 2.25-29). Jesus deseja compartilhar Sua glória vindoura com os cristãos fiéis e tementes a Deus.

12.33 — Em contraste com a filosofia mundana de acúmulo de bens, o discípulo deve ser generoso com o que Deus dá. Servindo a Deus e ao seu próximo, você investe em seu futuro eterno. Ninguém pode levar os bens materiais consigo para a vida eterna, mas é possível acumular um tesouro eterno dando aos necessitados (veja a declaração de Paulo em Fp 4.17).

12.34 — Quando uma pessoa considera algo valioso, ela direciona seu poder para esta finalidade. Conhecer Deus e investir em Seus propósitos deve ser nosso objetivo, nosso *tesouro*.

12.35 — *Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas, as vossas candeias.* Esta ilustração de Jesus alertava que os discípulos deveriam estar prontos para o serviço. Cingir os lombos consistia em usar vestes longas, amarradas à cintura, que não impediam de fazer movimentos rápidos. Isto diz respeito à preparação, a estarem prontos para agir. Já as candeias eram lâmpadas usadas à noite, o que significa que a todo instante deveriam estar vigilantes, pois o Senhor poderia retornar a qualquer momento. Isto faz alusão à passagem de Mateus 5.15.

12.36 — Jesus comparou Seus discípulos a servos que estavam prontos para servir ao mestre.

Paulo também usou esta ilustração para descrever sua relação com Deus (Rm 1.1).

12.37 — Neste trecho, a bênção é para aqueles que esperam prontamente pelo retorno de seu Mestre. Jesus estava referindo-se ao servo fiel e obediente. Um dia Ele voltará e avaliará de que maneira as pessoas lhe serviram (Rm 14.10; 2 Co 5.10). Em contrapartida à imagem servil de um indivíduo, Jesus disse que o servo fiel será servido por Ele em Seu retorno. A fidelidade será recompensada.

12.38 — Este versículo fala do retorno de Jesus em uma hora incomum, tarde da noite. A hora exata falada aqui depende de qual sistema de tempo foi usado. No sistema romano, a *segunda vigília* e a *terceira vigília* estariam entre 21h e 3h. Pelo método judeu, ficariam entre 22h e 6h. Lucas geralmente usa o padrão romano (At 12.4). Contudo, quem estava falando era Jesus, por isso o método judeu também é possível. O fato é que a atenção constante era necessária.

12.39,40 — Jesus mudou um pouco a ilustração e agora usa a comparação da vigília como prevenção do roubo. Se alguém soubesse a hora que viria o ladrão, certamente vigiaria sua casa naquele instante. Entretanto, esta hora não é conhecida. O que aprendemos aqui é que, como um ladrão que aparece de forma inesperada, assim será a volta de Cristo para buscar Sua Igreja. Por isso, o cristão deve estar sempre vigilante para o retorno do Senhor.

12.41 — *Dizes essa parábola a nós ou também a todos?* Pedro perguntou se o ensinamento de Jesus era apenas para os discípulos ou para todas as pessoas. O Salvador não respondeu à questão diretamente. Em vez disso, Ele descreveu uma variedade de categorias de servos. Servos são aqueles que pertencem ao senhor e têm seu trabalho avaliado (Lc 19.11-27). Diversas respostas, desde a fidelidade até a desobediência ostensiva, são descritas nos versículos 42 a 48. A questão é: quem tem a vida voltada para — e leva a sério — o retorno de Jesus? (1 Jo 2.28)

12.42 — *Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente?* Este é o ponto fundamental. O mordomo fiel é aquele que aguarda o retorno do Senhor e serve

fielmente a Ele em Sua ausência, sabendo que lealdade é o que o Mestre deseja (v. 37,40,43,44).

12.43 — O servo que espera fielmente pela volta do Senhor é aquele que Jesus chama de abençoado.

12.44 — *Sobre todos os seus bens o porá.* Tal domínio será uma parte da administração do Reino de Jesus quando Ele retornar (Lc 19.11-27; 1 Co 6.2,3; Ap 20—22).

12.45 — A ilustração deste servo mostra-o fazendo exatamente o oposto do que se esperava que ele fizesse. Ele demonstra que o retorno do Mestre é irrelevante.

12.46 — A morte aqui — *separá-lo-á* — indica a severidade do julgamento, especialmente se contrastarmos com os açoites dos versículos 47 e 48. Os *infieis* são aqueles que não levam a sério as consequências do julgamento (2 Co 5.10; Ap 3.11).

12.47 — Esta categoria de desobediência, embora não tão extrema como a anterior, também indica infidelidade. O servo aqui é disciplinado com *muitos açoites*, mas não é rejeitado. Tal avaliação dos líderes da Igreja é descrita em 1 Coríntios 3.10-15 e é estendida a todos os cristãos em 2 Coríntios 5.10.

12.48 — A disciplina para o ignorante é menos severa: *com poucos açoites será castigado.* A parábola indica os níveis das punições de Deus: o fiel será recompensado; o ignorante castigado com poucos açoites; o desobediente, com muitos açoites; e o transgressor extremo receberá a execução. Em cada caso, a servidão do mordomo é avaliada.

12.49 — O fogo é uma imagem associada ao julgamento de Deus (Jr 5.14; 23.29). A segunda vinda de Jesus trará o julgamento sobre aqueles que se recusam a aceitá-lo e separará os cristãos dos infieis. Embora Jesus estivesse pronto para o julgamento da raça humana, outras coisas tinham de acontecer primeiro (v. 50).

12.50 — Como uma ilustração para a morte de Jesus (Mc 10.38,39), o *batismo*, neste versículo, faz referência à vinda das devastadoras águas do divino julgamento (Sl 18.4,16; 42.7; 69.1,2; Is 8.7,8; 30.27,28). Observe a declaração humana de Jesus sobre o que Ele reconheceu como Sua necessária morte.

12.51 — Jesus era motivo de *dissensão* na raça humana. Outros textos de Lucas falam de Jesus trazendo a paz (Lc 2.14; 7.50; 8.48; 10.5,6; At 10.36; Ef 2.13-17). Ele oferece a paz àqueles que respondem afirmativamente ao Seu chamado.

12.52,53 — Jesus descreve a divisão que haverá entre as famílias.

12.54,55 — Em Israel, a brisa do ocidente indica que vem chuva do mar Mediterrâneo. O vento do sul indica que o ar quente está vindo do deserto.

12.56 — Jesus censurou Seus ouvintes porque estes eram capazes de avaliar as condições do tempo, mas não o que Deus estava fazendo por Seu intermédio.

12.57 — *E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?* Esta é uma pergunta retórica para reflexão. Jesus convidou as autoridades religiosas daquela época a observarem os sinais dos tempos e considerarem a mensagem do evangelho, visando despertar a percepção espiritual delas, em vez do julgamento injusto e cheio de preconceitos.

12.58,59 — *Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho.* A figura aqui é de um magistrado que exerce a função de oficial de justiça, aquele que leva o devedor até a prisão. Considerando que o contexto desta passagem é a missão de Jesus, o Juiz, provavelmente, é representado por Deus. A mensagem desta parábola é: reconcilie-se com Deus antes que o julgamento venha.

13.1 — Os detalhes do acontecimento mencionado aqui, no qual sangue judeu foi derramado no templo, ou perto deste, durante a época dos sacrifícios, não são conhecidos. Pilatos era conhecido por sua insensibilidade em relação ao povo judeu em sua administração. O episódio provavelmente ocorreu durante a Festa da Páscoa ou dos Tabernáculos, quando os *galileus* estavam no templo.

13.2 — A pergunta de Jesus refletia a opinião de Seus ouvintes. A ideia de que o julgamento e a morte são as consequências do pecado levou à crença de que a morte trágica acontecia como resultado de uma ofensa extrema. Embora tal

concepção fosse comum no judaísmo, nem sempre era uma conclusão correta (Êx 20.5; Jô 4.7; 8.4,20; 22.5; Pv 10.24,25; Jo 9.1-3).

13.3 — Jesus quis dizer aqui que todas as pessoas estão à beira da morte até que o arrependimento aconteça. Essa morte é a espiritual, e não a física.

13.4 — O acontecimento mencionado aqui foi uma tragédia natural quando contrastado com o violento ato humano citado no versículo 2. Tanto no versículo 2 como no 4, a ideia central das perguntas é a mesma: as vítimas eram mais culpadas do que todos os habitantes de Jerusalém? O modo trágico como a pessoa morre não significa que se trata da justiça divina por causa do pecado. Antes é necessário que todos se arrependam, senão de igual modo todos perecerão.

Siloé localizava-se na parte sudeste de Jerusalém.

13.5 — A maneira como uma pessoa morre não é medida de justiça. O que é importante é não morrer “fora” da graça e do cuidado de Deus. A forma de evitar tal destino é arrepender-se (Lc 5.32).

13.6 — A *figueira* geralmente representa a bênção de Deus ou um povo que tem uma relação especial com Ele (Mq 7.1,2). Nesta parábola, o homem representa Deus, e a figueira, Israel.

13.7 — A figueira geralmente precisa de mais tempo para dar bons frutos, porque tem uma complexa estrutura de raízes que demora para se desenvolver. Três anos é o suficiente para que ela produza frutos.

13.8 — Aquele que cuidava da árvore pede que o homem deixe a figueira por mais um ano. É um apelo de compaixão. Ele cuidaria para que a figueira pudesse dar frutos.

13.9 — Caso a árvore, que simbolizava Israel, produzisse frutos, escaparia do julgamento. Se não se tornasse produtiva, o julgamento recairia sobre ela. O julgamento é descrito em Lucas 19.41-44. A queda de Jerusalém, que aconteceu em 70 d.C., está em foco. O tema também é abordado em Lucas 20.9-19.

13.10-12 — *Mulher, estás livre da tua enfermidade.* Esta foi uma declaração que disse que ela estava livre do poder de Satanás (v. 16).

13.13 — A cura, como era comum, ocorreu instantaneamente e foi seguida de um louvor de agradecimento a Deus (Lc 4.39; 5.13,25; 7.15; 8.44).

13.14 — O dirigente da sinagoga não ficou satisfeito e disse isso à multidão, ao mesmo tempo em que censurou Jesus por achar que tais curas não deveriam acontecer no Sábado, um dia que precisava ser honrado.

13.15 — Quando o dirigente da sinagoga se mostrou indignado por causa da cura de Jesus no Sábado (v. 10-14), o Salvador explicou que, se a compaixão fundamental era utilizada com os animais neste dia, uma compaixão muito maior deveria ser demonstrada com relação à mulher sofredora (v. 16). Na verdade, a prática judaica variava em tais casos.

Alguns textos da *Mishná* [principal e mais recente obra do judaísmo rabínico escrita em aramaico do segundo século após Cristo, uma fonte central do pensamento judaico posterior] mostram que certas atividades relativas ao rebanho eram permitidas, como por exemplo soltá-lo, alimentá-lo e levá-lo até a fonte de água, contanto que esta não fosse muito longe. Entretanto, em Qumran, uma atividade como a que Jesus descreveu era proibida no Sábado se a pessoa precisasse fazer um trajeto de mais de dois mil côvados (cerca de 1 km) para chegar até a água. Em Qumran, um homem só poderia afastar-se da cidade mil côvados no Sábado (Nm 25.4), enquanto, em alguns casos, permitia-se que os fariseus percorressem uma distância de até dois mil côvados.

13.16 — *Esta filha de Abraão.* Esta descrição da mulher indica quão especial era ela. Jesus quis demonstrar que não havia dia melhor do que o Sábado para triunfar sobre Satanás.

13.17 — As respostas contrastantes demonstram a divisão que Jesus originava (Lc 12.51).

13.18,19 — Jesus comparou o crescimento do Reino de Deus a uma pequena *semente* que se transforma em uma grande árvore, onde os pássaros encontram abrigo. A árvore da *mostarda* cresce até 3,5 m. A imagem de aves fazendo ninhos em árvores é frequentemente encontrada

no Antigo Testamento (Sl 104.12; Ez 17.22-24; Dn 4.10-12).

13.20,21 — Nesta ilustração, a mulher esconde o *fermento* em uma grande quantidade de farinha (em grego 3 *satos*. O *sato* era uma medida de capacidade para secos. As estimativas variam entre 7 e 13 litros). O fermento mistura-se com o alimento e faz com que este cresça. Geralmente esta imagem é negativa, como em 1 Coríntios 5.6. No entanto, nesta parábola é positiva. O Reino começaria pequeno, mas cresceria e, conseqüentemente, preencheria a terra. A ênfase não está no processo de crescimento, mas na diferença entre o início do Reino e o final.

13.22-24 — *Pela porta estreita.* Esta expressão quer dizer que uma pessoa desenvolve a salvação seguindo os mandamentos do Senhor. Os que querem entrar, mas não estão aptos, são aqueles que buscam entrar no Reino de Deus tentando utilizar seus próprios meios. Muitos perderão as bênçãos divinas porque pensam que podem alcançar a salvação por mérito próprio ou baseando-se em autopiedade, e não porque vieram a conhecer Deus por intermédio de Jesus (v. 25).

13.25 — Quando a vida de alguém chega ao fim, a *porta* da oportunidade para responder ao convite de Deus se fecha e o acesso à presença divina não pode mais ser obtido.

Não sei de onde vós sois. A mensagem aqui é: relacione-se pessoal e adequadamente com Deus por intermédio de Jesus Cristo. O versículo 26 esclarece que o *Senhor à porta* é Jesus, visto que Seu ministério é mencionado. Aqueles que buscarem ingressar depois que a porta se fechar serão rejeitados, pois eles não chegaram a Deus pelos Seus critérios, por intermédio de Jesus.

13.26 — *Temos comido e bebido na tua presença [...] tu tens ensinado.* O apelo aqui é feito pelas pessoas que experimentaram a presença de Jesus. Esse texto, originalmente, diz respeito àqueles judeus que testemunharam o ministério do Salvador. Eles estavam tentando entrar na presença de Deus simplesmente pelo fato de terem observado Jesus. O Senhor os recusou, alegando que isso não era suficiente para que eles pudessem

ficar perto dele. Para termos um relacionamento de verdade com Deus, devemos abraçar Jesus e conhecê-lo de fato.

13.27 — *Não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim.* Neste versículo, Jesus converte a questão relacionada à salvação (v. 23) em uma questão que diz respeito ao próprio conhecimento pessoal. Quando alguém falha na busca da salvação em Jesus significa que o pecado permanece na vida dessa pessoa.

13.28 — *Haverá choro e ranger de dentes.* Esta é uma ilustração que descreve a reação de alguém diante de uma notícia traumática. É um exemplo que mostra remorso, dor e frustração. Está claro aqui (embora não em todo lugar de sua ocorrência) que o cenário descreve a reação causada pelo fato de ser excluído da salvação, como a expressão *lançados para fora* evidentemente declara. Jesus diz que os grandes patriarcas e profetas estarão lá dentro, mas aquele que não entrou pela porta estreita será rejeitado.

13.29 — *Oriente... Ocidente... Norte... Sul.* A cena muda no versículo 29. Pessoas virão de todos os cantos da terra e entrarão no Reino de Deus. Essa passagem alude à inclusão dos gentios no Reino de Deus.

13.30 — *Haverá muitas surpresas no Reino de Deus.* Aqueles que são desprezados na terra — alguns gentios, por exemplo — serão grandemente honrados. De forma inversa, os que são considerados influentes e poderosos na terra podem não ter o nobre privilégio no Reino de Deus (compare com Jo 2.28).

13.31-33 — *Herodes quer matar-te.* Este aviso dos fariseus foi, aparentemente, uma tentativa de tirar Jesus da região, e também de fazê-lo “parar de atrapalhar”. Não fica claro se foi um aviso verdadeiro.

Raposa. O termo aqui alude à malignidade de Herodes. A resposta de Jesus aparentemente indica que Ele validou a avaliação dos fariseus.

Sou consumado. Jesus previu Sua ressurreição em Jerusalém. Por causa de Sua missão divina, o Salvador não poderia deixar de ministrar na região. O verbo traduzido como *consumado* indica

o ciclo completo de algo, motivo pelo qual faz referência à ressurreição de Jesus, o momento conclusivo de Seu ministério.

A expressão *hoje, amanhã e no dia seguinte* é figurada, visto que Jesus estava falando de mais de três dias restantes de ministério.

13.33 — *Para que não suceda que morra.* Jesus alude a uma longa linhagem de profetas que foram executados na capital da nação (1 Rs 18.4,13; 19.10,14; 2 Cr 24.21; Jr 2.30; 26.20-23; 38.4-6; Am 7.10-17).

13.34 — *Jerusalém, Jerusalém.* A repetição do nome revela a tristeza profunda de Jesus (2 Sm 18.33; Jr 22.19). A cidade executou muitos mensageiros de Deus. Estêvão faz uma abordagem similar a respeito da nação de Israel em Atos 7.51-53.

Quis eu ajuntar. Como profeta, Jesus falou por Deus, na primeira pessoa. Ele comparou o desejo divino de reunir o Seu povo ao ato de uma galinha que acolhe e protege seus pintinhos. Infelizmente, o Seu povo não quis ser reunido.

13.35 — *Eis que a vossa casa se vos deixará deserta.* Jesus declarou que a nação estava sob julgamento, similar ao que a levou ao exílio na Babilônia (Jr 12.7; 22.5). Deus abandonaria a nação, até que esta respondesse ao Messias.

Bendito aquele. Esta é uma citação de Salmos 118.26. O povo de Israel não veria o Messias novamente, até que estivesse pronto para recebê-lo e reconhecer que Ele fora enviado por Deus. O Salmo 118 retrata a saudação de um sacerdote a um grupo entrando no templo. Jesus usou a linguagem desse salmo para ilustrar a saudação de Deus a Ele.

14.1 — *Sábado.* Lucas registra outro acontecimento no Sábado (Lc 4.16-30; 4.31-38; 6.1-11; 13.10-17). O autor diz que os fariseus estavam *observando* Jesus atentamente. O termo usado significa espreitar e observar de perto.

14.2 — *Hidrópico* é um estado no qual a água acumula-se de forma anormal nos tecidos do corpo, o que faz com que este fique inchado (Nm 5.11-27). A hidropsia é um sintoma, mas não uma doença específica.



ENTENDENDO MELHOR

HONRANDO O SÁBADO

Num Sábado, a mão deformada de um homem foi restabelecida, e um indivíduo com hidropisia foi curado. A maioria das pessoas se alegraria com a restauração da saúde deles e ficaria maravilhada com o poder que Jesus tem de curar. Entretanto, muitos fariseus foram acometidos de ira (Lc 6.11) ou demonstraram um silêncio desaprovador (Lc 14.4) Por quê?

Para os líderes religiosos judeus do tempo de Jesus, curar no Sábado era um sacrilégio. Eles consideravam curar um trabalho e, portanto, uma violação do quarto mandamento do Decálogo (Êx 20.8-11; Dt 5.12-15). O Sábado era um dia separado para Deus, sagrado.

Da mesma forma que os israelitas deviam dar o dízimo de tudo quanto possuíam a Deus, eles também tinham de dedicar seu tempo a Ele. Assim, desonrar o Sábado era uma questão muito grave, e a Lei de Deus ordenava a morte para aqueles que a ignoravam (Êx 31.14,15; 35.2).

Após a edificação do segundo templo (515 a.C.—70 d.C.), escribas e rabis examinavam minuciosamente as Escrituras e interpretavam cada detalhe. O que se constituiria trabalho no Sábado? O que seria permitido fazer pela Lei? De acordo com a Lei, nenhum trabalho poderia ser realizado no Sábado. Mas o que poderia ser considerado *trabalho*?

Analisando superficialmente, os escribas tinham uma boa razão para observar a Lei: eles não queriam quebrá-la inadvertidamente. Entretanto, suas interpretações enfatizavam cada vez mais a aderência externa, superficial, à Lei, em vez de cultivarem uma atitude de submissão íntima a Deus. Assim, a ostentação da obediência à Lei e às inúmeras ordenanças que acrescentaram a ela tornou-se uma fonte de orgulho, e não uma demonstração de amor por Deus e pelo próximo [o *coração* da Lei].

No tempo de Jesus, os rabis e os escribas tinham se tornado tão legalistas que acusaram os discípulos de Cristo de não honrar o Sábado só porque eles tinham arrancado e debulhado algumas espigas com as mãos para comer quando passaram por uma lavoura (Lc 6.1,2).

As curas de Jesus no Sábado também encheram de ira os mestres religiosos. No conceito deles, tais atitudes eram classificadas como trabalho e proibidas pelo quarto mandamento (Dt 5.14). Contudo, para Jesus, elas representavam um gesto de amor, uma boa ação.

Cristo revelou a hipocrisia dos rabis, lembrando que, num Sábado, qualquer pessoa poderia ajudar um boi que tivesse caído num poço. Os fariseus seriam capazes de permitir que o animal fosse resgatado em um Sábado, mas queriam proibir Jesus de resgatar o ser humano. O repúdio farisaico pelas curas operadas por Jesus originou-se da autointerpretação da Lei, e não da Lei em si. Os escribas e os rabis interpretavam, categorizavam e definiam as minúcias da Lei, mas não compreendiam seu ponto central: o amor. Deus revelara a Lei para encorajar os israelitas a amar a seu criador e ao seu próximo (Mc 12.30,31). Ele nunca proibiu ninguém de fazer o bem no Sábado.

14.3 — *É ilícito.* Observe que Jesus levantou a questão acerca da lei sabática aqui, antecipando-se ao questionamento com que já havia se deparado anteriormente em Lucas 6.2 (Lc 6.9).

14.4 — *Calaram-se.* A ausência de resposta mostra certa hesitação em conversar sobre o assunto. Assim, Jesus cura o homem na presença dos fariseus.

14.5 — *Qual será de vós.* Jesus diz aqui que muitos judeus resgatariam um animal de um poço no Sábado. Como foi observado em Lucas 13.15, diversas regras existiam em diferentes grupos de judeus com relação a esse tipo de atividade no Sábado.

14.6-11 — *E nada lhe podiam replicar sobre isso.* Jesus silenciou Seus oponentes.

14.12,13 — *A hospitalidade e o favor deveriam ser oferecidos àqueles que não podiam retribuir.* Os discípulos precisavam dispensar uma atenção especial aos *pobres, aleijados, mancos e cegos*, da mesma forma que Jesus fazia (Lc 4.16-19).

14.14 — *É serás bem-aventurado.* Mesmo que não haja recompensa nesta vida, Deus não vai deixar passar em branco aquilo que Seus servos fizeram para levar Sua mensagem de amor e misericórdia aos necessitados (2 Co 5.10; Hb 6.20).

14.15 — *Bem-aventurado o que comer pão.* Um dos convidados do banquete retratou a glória de

estar sentado à mesa de Deus, uma imagem da salvação e da vida na presença do SENHOR. O homem provavelmente pensou que muitas das pessoas que estavam participando da refeição com o Salvador estariam presentes à mesa do banquete de Deus. Jesus respondeu à suposição do homem com um aviso.

14.16,17 — *Convidou a muitos.* No mundo antigo, os convites para as festas eram enviados com alguma antecedência ao banquete. Então, no dia da celebração, os servos anunciavam o início da refeição. Essa parábola é similar à de Mateus 22.1-14, mas foi provavelmente contada em uma ocasião diferente.

14.18 — *Preciso ir.* Algo interfere na celebração. No mundo antigo, fechar um negócio poderia exigir uma inspeção pós-compra. Outras atividades são mais importantes.

14.19 — *Vou experimentá-los.* Comprar cinco juntas de bois indicava riqueza, visto que a maioria dos donos de terra só possuía um ou dois desses animais. Novamente, outras coisas são mais urgentes.

14.20 — *Casei.* Mesmo que o Antigo Testamento liberasse um homem de seu dever militar por causa do casamento (Dt 20.7; 24.5), este não era desculpa para alguém evitar os compromissos sociais. O que se mostra aqui é que o homem considerava suas ocupações particulares mais importantes do que a celebração.

14.21 — *Pobres... aleijados... mancos... cegos.* Esta lista é igual à do versículo 13. Os aleijados eram excluídos da participação no culto judaico (Lv 21.17-23). O segundo convite do mestre foi dirigido aos rejeitados pela sociedade.

14.22 — *E ainda há lugar.* Nem todos os lugares haviam sido preenchidos.

14.23 — A ordem seguinte do mestre estendeu o convite para além dos limites da cidade, encorajando ainda mais pessoas a irem para a festa. Isto pode ilustrar a inclusão dos gentios na salvação de Deus (Is 49.6). A ordem de forçá-los a entrar não indica o uso de força, mas de estímulo. Na condição de estrangeiros, talvez as pessoas não se sentissem confortáveis para irem ao banquete.

14.24 — *Nenhum daqueles varões que foram convidados.* Esta mensagem fala dos judeus, aos quais o convite foi originalmente feito. Eles rejeitaram Jesus, por isso não compartilhariam do banquete.

14.25 — *Uma grande multidão.* Jesus não hesitou em apresentar as exigências do discípulo àqueles que estavam interessados em Suas declarações.

14.26 — *E não aborrecer.* A essência do discípulo é colocar Jesus Cristo em primeiro lugar. *Aborrecer* a família, ou até mesmo aborrecer a vida, é um recurso retórico. O verbo, nesse trecho, significa desejar menos algo, em relação a outra coisa. Essa instrução enquadrava-se especialmente aos dias de Jesus, pois ficar ao lado do Salvador poderia significar rejeição da família ou perseguição a ponto de morrer. Aqueles que temiam a desaprovação familiar, ou a perseguição, não seguiam Jesus.

14.27,28 — O chamado de Jesus aqui diz respeito a segui-lo no caminho da rejeição e do sofrimento. Um discípulo é rejeitado por aqueles que não honram Cristo. O Salvador não usa apelos emocionais para que alguém o siga. Ele pede que se analise cuidadosamente o custo de segui-lo; daí a evocação do cálculo de construção de uma torre (Lc 9.57,58).

14.29,30 — *Não pôde acabar.* O escárnio vem como resultado da inabilidade de completar uma tarefa. Seguir Cristo não é uma coisa que se possa fazer por experimentação. Seguir o Salvador é um compromisso supremo (Lc 9.62).

14.31,32 — A ilustração aqui é de um rei avaliando se pode entrar em batalha com outro rei, mais poderoso. O rei sai *ao encontro* do outro apenas depois de analisar o peso e as consequências de sua decisão. Jesus levou as pessoas a pensarem no que significava segui-lo, visto que não deveriam avaliar superficialmente a questão.

14.33 — *Renuncia a tudo.* A essência do discípulo é colocar todas as coisas nas mãos de Deus. Jesus queria que as multidões entendessem isso. Seguir o Salvador não era uma questão trivial. Não diz respeito ao mínimo que se pode dar a Deus, mas sim ao máximo que Ele merece.

Não pode ser meu discípulo. Alguém não será realmente um discípulo de Jesus Cristo se não estiver integralmente comprometido com o SENHOR.

14.34 — No mundo antigo, o *sal* geralmente era usado como um catalisador para a queima de combustível, tal como o esterco de gado. O sal, naquela época, era impuro e poderia perder suas propriedades ao longo do tempo, tornando-se inutilizável. A mensagem de Jesus ensina que o mesmo ocorre a um discípulo “insípido”.

14.35 — *Lançam-no fora.* Jesus avisou que um comprometimento frouxo leva ao banimento. Isto é, aparentemente, uma referência àqueles que são julgados como cristãos infiéis (1 Co 11.30). Ser ineficaz para Deus significa ser infiel a Ele (Lc 9.61,62).

15.1 — *Os publicanos e pecadores.* As três parábolas do capítulo 15 explicam por que Jesus se reunia com os grupos de pessoas rejeitadas enquanto os fariseus e os escribas não faziam o mesmo. As parábolas deste capítulo são encontradas apenas em Lucas.

15.2 — *Come com eles.* No mundo antigo, compartilhar uma refeição indicava aceitação daqueles que estavam reunidos à mesa. Por causa disso, os líderes religiosos judeus reclamavam dos companheiros de Jesus em Suas refeições (Lc 5.30-32; 19.10; Mc 2.15).

15.3,4 — *Cem ovelhas.* Esta quantidade representava um rebanho de porte médio. A média de animais em um rebanho desse porte variava de 20 a 200, enquanto um rebanho considerado grande possuía 300 animais ou mais.

15.5,6 — Reunir os amigos e vizinhos para se alegrarem por causa do animal encontrado era uma atitude bastante natural, visto que uma ovelha era um bem valioso no mundo antigo.

15.7 — *Que assim.* Jesus comparou a alegria do encontro da ovelha perdida com o júbilo do céu por causa do arrependimento de um pecador. A conclusão implícita indica que a esperança de tal conversão era a razão pela qual Jesus se reunia com os rejeitados da sociedade.

Justos que não necessitam de arrependimento é uma forma retórica de descrever os escribas e os

fariseus. Uma retratação similar é encontrada em Lucas 5.31, onde se afirma que alguns não necessitam de médico. Os escribas e os fariseus acreditavam que não precisavam arrepender-se porque não se consideravam perdidos.

15.8 — *Dex dracmas.* Uma dracma era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal. A mulher precisou de uma *candeia* porque possivelmente morava em uma casa sem janelas. A vassoura que utilizou para varrer era feita provavelmente de folhas de palmeira. Nessa segunda parábola do capítulo 15, maiores detalhes são dados acerca do esforço para encontrar o que fora perdido do que na primeira história, descrita nos versículos 4 a 7.

15.9 — *Já achei.* Esta afirmativa se assemelha à em Lucas 15.6.

15.10 — *Assim.* A comparação com os pecadores é feita novamente, como no versículo 7. Aqui, todavia, os anjos são citados como os representantes do céu.

15.11 — *Um certo homem.* A parábola de Lucas 15.11-32 diz respeito realmente ao pai, que ilustra a compaixão de Deus, e sua à atitude em relação aos filhos.

15.12 — *A parte da fazenda que me pertence.* Considerando os costumes do mundo antigo, podemos chegar à conclusão de que esse filho era bastante jovem e solteiro. Sendo o mais novo, ele provavelmente recebeu metade do que o primogênito receberia (Dt 21.17), ou seja, um terço das posses de seu pai. Os antigos judeus advertiam os chefes de família para que não dividissem o espólio prematuramente. Nesse trecho, entretanto, nós observamos o pai atendendo ao pedido do filho, o que ilustra a permissão que Deus dá a cada pessoa de seguir seu próprio caminho.

15.13 — *Desperdiçou a sua fazenda.* O verbo aqui significa dispersar ou espalhar algo. O termo traduzido como *dissolutamente* indica uma vida corrompida e libertina (Pv 28.7).

15.14 — *Fome [...] começou a padecer necessidades.* As dificuldades do filho pródigo tornaram-se piores por causa de circunstâncias que estavam além de seu controle.

15.15 — *Apascentar porcos* era um trabalho insultante para um judeu, visto que os porcos eram animais impuros de acordo com a Lei de Moisés.

15.16 — *As bolotas que os porcos comiam*. Os porcos, animais impuros, alimentavam-se melhor do que o filho daquele homem. Isso mostra a terrível situação em que ele se encontrava. Essas bolotas, ou vagens de alfarrobeira, eram consumidas apenas pelas pessoas mais pobres.

15.17 — *E, caindo em si*. Isto quer dizer percebeu o que estava se passando. Ele concluiu que até mesmo os empregados de seu pai estavam em uma situação melhor do que a que ele vivia.

15.18,19 — *Pequei*. As palavras do jovem representam a confissão de um pecador. O filho já não esperava mais nada daquela vida e, então, fiou-se completamente na misericórdia de seu pai. É o pecador que se arrepende.

15.20 — A descrição da *compaixão* de seu pai, correndo para o filho e beijando-o, ilustra a aceitação imediata de um pecador que se volta para Deus.

15.21 — *Já não sou digno de ser chamado teu filho*. Apesar de estar consciente de que fora aceito por seu pai, o filho continuou sua confissão de pecado. Então, pediu ao pai que pudesse ser um de seus trabalhadores. De maneira bastante parecida, o pecador percebe que não acrescenta nada a Deus e não merece nada dele, mas precisa apenas confiar inteiramente em Sua misericórdia.

15.22 — O pai aceitou a confissão do filho, mas recusou seu pedido de torná-lo um servo. Em vez disso, o filho arrependido retornou ao seio da família e foi considerado novamente um membro dela. A *melhor roupa* foi ofertada pelo pai, e o *anel* provavelmente possuía o selo familiar. Tudo isso significava a aceitação da volta do filho ao clã. A confissão de pecado do jovem ocasionou a completa restauração.

15.23 — *Bezerro cevado*. O pai deseja celebrar o acontecimento com um grande banquete. Normalmente, reservava-se o novilho gordo para os sacrifícios dos dias de celebração, pois o animal era engordado justamente para isso. Uma comemoração como a descrita aqui era muito rara na

antiga palestina. Essa festividade assemelha-se às descritas em Lucas 15.6,9.

15.24 — *Morto... reviveu... perdido... achado*. A mudança completa do filho pródigo é resumida com a utilização de contrastes. Uma transformação como essa era digna de celebração. Esse também é o motivo pelo qual Jesus escolheu reunir-se com os perdidos.

15.25-27 — *Ouviu a música e as danças*. A celebração aconteceu logo após o retorno do jovem perdido, por isso o outro filho, voltando do campo ao fim de um dia de trabalho, só escuta o barulho da festa à medida que se aproxima da casa.

15.28 — A indignação do irmão mais velho, ao ver que o novilho gordo (v. 27) fora abatido para celebrar o retorno do irmão rebelde, ilustra a resposta dos fariseus e dos escribas quando perceberam que os pecadores estavam sendo aceitos por Deus.

15.29 — *Sem nunca transgredir [...] e nunca me deste*. Observe o contraste entre a atitude do filho mais velho nesse trecho e a do mais novo nos versículos 19 e 21. O primogênito proclamou sua honradez e argumentou que a justiça não estava sendo feita.

15.30 — *Meretrizes*. Não há registro anterior que confirme a acusação do mais velho. Entretanto, o que está nas entrelinhas é: “Pai, você está honrando a imoralidade e não a fidelidade”.

15.31 — *Todas as minhas coisas são tuas*. O pai respondeu ao descontente filho mais velho explicando que quando alguém recebe uma bênção não quer dizer que não haja bênção para os outros. O pai também disse que o primogênito sempre teve a oportunidade de festejar compartilhando o novilho gordo, visto que os animais eram seus.

15.32 — *Mas era justo*. O pai alega que a justiça estava sendo feita e o júbilo tinha de ser celebrado, usando o mesmo contraste (morto/reviveu, perdido/achado) que aparece no versículo 24. Não há registro da maneira como o mais velho respondeu. A conclusão da parábola se dá de forma a provocar uma reflexão. Aquele que a lê tem a opção de decidir se fica alegre com o retorno do pecador, como fez o pai, ou se fica indignado, como fez o primogênito.

16.1 — O *mordomo* era um servo que supervisionava e administrava uma propriedade. A acusação contra o mordomo em questão era de incompetência.

16.2 — *Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo.* O homem rico reagiu à acusação de incompetência pedindo que o mordomo prestasse contas de seu trabalho, e, depois disso, este já não poderia mais continuar sendo o administrador.

16.3 — *Cavar não posso; de mendigar tenho vergonha.* O mordomo não queria desempenhar atividades comuns, tampouco admitir que estava pobre.

16.4 — *Eu sei o que hei de fazer.* Ele expressa algo como: “tive uma ideia”, e então prepara um esquema que faz com que os outros o ajudem.

16.5,6 — *Cem medidas de azeite... cinqüenta.* Três explicações são comumente dadas acerca do direito do mordomo de alterar a quantidade devida ao seu mestre: (1) o mordomo simplesmente reduziu o valor por conta própria; (2) o mordomo retirou a taxa de juros do débito, de acordo com a Lei (Lv 25.36,37; Dt 15.7,8; 23.20,21) ou (3) o mordomo retirou sua própria comissão, sacrificando apenas sua parte do dinheiro, e não a de seu senhor. Os três diferentes padrões para a redução do valor refletem diferentes índices para bens distintos.

16.7 — *Cem alqueires de trigo.* A medida hebraica utilizada aqui é o coró (ex.: 100 coros de trigo), que poderia corresponder a 10 efas ou 30 seás. Entretanto, há vários padrões para o coró, o que faz com que a medida apresentada não seja exata. Utilizando o maior padrão definido, a quantidade seria de 1.100 alqueires ou 3.930 litros do cereal, uma produção de 40 hectares de terra. Provavelmente valeria algo em torno de 2.500 a 3.000 denários. Usando o menor padrão, a quantidade seria apenas cinco por cento desse total. Contudo, mais importante do que o tamanho é a redução da conta.

16.8 — O mestre reconheceu a providência na generosidade do mordomo. Os estudiosos divergem se o administrador foi desonesto e roubou o mestre por meio de tais reduções ou se ele foi

prudente, usando sua autoridade para fazer os descontos (v. 6,7). O fato de o mestre ter elogiado o mordomo pode indicar que ele não foi roubado, e que as reduções dos débitos foram resultado do cumprimento da Lei ou do abatimento de sua própria comissão.

16.9 — *A riqueza* deve ser usada generosamente para construir obras que durem. O termo *riquezas da injustiça* é utilizado porque comumente essas riquezas geram perversidade e egoísmo nas pessoas (1 Tm 6.6-10,17-19; Tg 1.9-11; 5.1-6).

16.10 — *Fiel... injusto... mínimo... muito.* Pequenas atitudes desonestas podem gerar grandes desonestidades no futuro. Da mesma forma, exemplos mínimos de generosidade podem resultar em grandes benefícios mais tarde.

16.11 — *Riquezas injustas... verdadeiras.* Encontramos aqui o emprego do versículo 10. Uma pessoa que não sabe lidar com o dinheiro certamente não tem condições de usufruir das riquezas espirituais, que são muito mais valiosas.

16.12,13 — *No alheio.* Outra aplicação do versículo 10. Se alguém não é fiel com relação ao que pertence aos outros, por que deveria ser confiado a essa pessoa o risco de administrar suas próprias posses, em um contexto em que não há responsabilidade?

16.14-16 — Jesus demonstra a divisão básica dos planos de Deus aqui. O tempo da promessa se estendeu da Lei e dos Profetas até João Batista. Agora, a promessa do Reino de Deus é pregada. Uma nova era se aproxima. A expressão *todo homem emprega força para entrar nele* poderia ser traduzida como “todos são exortados insistentemente para entrar”, enfatizando a premência da mensagem.

16.17 — *E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei.* Aqui, a Lei é vista em termos de promessa, como o versículo 16 sugere. O que Jesus quis dizer foi que o objetivo da Lei, a promessa do domínio de Deus, seria concretizado. A nova aliança se consumaria e substituiria a antiga (At 2.14-40; 3.14-26). Esse versículo também é importante para a doutrina da inerrância da Bíblia. Cristo disse que a impressionante ação de destruição do universo

é mais provável de acontecer do que algo que Deus tenha falado em Sua Palavra não se cumprir ou ser impreciso.

16.18 — *Adultera*. Jesus ilustra as exigências morais da Lei citando a inviolável natureza do matrimônio, algo tão privilegiado que até mesmo um segundo casamento é visto como adultério.

Em outros textos (Mt 5.32; 19.9), Cristo fala que a imoralidade sexual é uma exceção, e pode ser um motivo correto para a permissão do divórcio, embora a separação nunca seja retratada como a opção preferencial.

A imoralidade sexual faz referência a quem, especificamente? O “divórcio permissível” existe? Uma pessoa pode casar-se novamente após tal divórcio? Estas são questões amplamente debatidas na Igreja. Jesus não dá aqui em Lucas uma explicação detalhada da questão, visto que os textos de Mateus são mais completos. Entretanto, tudo o que Ele diz nesse trecho serve como ilustração da autoridade moral de Seu ensinamento.

Outros escritos importantes a respeito do divórcio são: Dt 24.1-4; Mc 10.1-12; 1 Co 7. 7-16. No judaísmo, também havia debate sobre esse tema. A escola rabínica de Shammai permitia o divórcio apenas por imoralidade, enquanto a escola de Hillel o admitia por uma ampla variedade de razões (Mishná, Guittin, 9.10).

16.19 — *Vestia-se de púrpura*. As roupas púrpuras eram extremamente caras, porque o tecido era tingido com uma substância extraída de um molusco.

16.20,21 — Os cães lambiam as chagas de Lázaro. Isso piorava sua infecção e também o fazia permanecer ritualmente impuro, pois os cachorros se alimentam de lixo, e comem, inclusive, animais mortos.

16.22 — O *seio de Abraão* foi o lugar abençoado do morto. Acompanhantes angelicais para os mortos também são identificados no judaísmo. Esse versículo dá a entender que aqueles que morrem conhecem imediatamente seu destino.

16.23 — Observe a inversão da sorte nessa passagem. Aqui, o homem rico estava sofrendo e Lázaro, em paz. *Hades*, no Antigo Testamento, é o lugar onde os mortos são reunidos. Também é cha-

mado de *Sheol* em Salmos 16.10; 86.13. No Novo Testamento, Hades é quase sempre mencionado em um contexto negativo (Lc 10.15; Mt 11.23; 16.18). Hades é onde os mortos perversos residem.

16.24 — *Estou atormentado*. O homem rico desejava alívio de seu sofrimento. A imagem da sede na experiência do julgamento é comum (Is 5.13; 65.13; Os 2.3).

16.25 — O tratamento que o homem rico dispensava aos outros foi dado a ele próprio. Em toda a sua *vida*, o abastado faltou com a compaixão, e agora não havia nenhuma misericórdia para ele.

16.26 — *Um grande abismo*. Este detalhe ilustra o fato de que os injustos, quando morrem, não podem entrar na esfera dos justos.

16.27,28 — O homem rico pede que um mensageiro celeste seja enviado para dizer a seus irmãos que não cometam o mesmo erro irreversível. É difícil saber se a preocupação do abastado com os irmãos era sincera, ou uma maneira distorcida de dizer que, enquanto esteve vivo, ele não recebeu instrução apropriada sobre o julgamento.

16.29 — *Eles têm Moisés e os Profetas*. Abraão deixou claro que os irmãos do homem rico sabiam o que fazer, visto que possuíam a mensagem de Deus nos antigos escritos. A ideia aqui é que a generosidade em relação ao dinheiro e o cuidado com os pobres foram ensinados no Antigo Testamento (Dt 14.28,29; Is 3.14,15; Mq 6.10,11).

16.30 — *Algum dos mortos*. A premissa do homem rico era de que a ressurreição de *algum dos mortos* traria arrependimento aos seus irmãos.

16.31 — *Se não ouvem*. Uma pessoa que rejeita a mensagem de Deus não será persuadida pela ressurreição de *algum dos mortos*. Embora o pedido do abastado por um mensageiro celeste seja negado na parábola, ele foi honrado na narração da passagem, pois a história é parte de um evangelho que anuncia a ressurreição de Jesus Cristo.

17.1,2 — *Ai daquele*. Jesus avisou que o julgamento viria sobre aquele que fizesse com que os outros tropeçassem. Esta severa forma de aviso indica que a falsa instrução, ou a liderança até a apostasia, é o ponto principal aqui. *Uma*

pedra de moinho era uma peça pesada usada para moagem dos grãos.

17.3 — *Olhai por vós mesmos.* Esta advertência provavelmente fecha o aviso de Lucas 17.1,2.

Pecar contra ti, repreende-o... arrepender... perdoa-lhe. Jesus faz aqui com que os discípulos sejam responsáveis pelos outros, mas em um contexto que enfatiza o perdão, como o versículo 4 estabelece.

17.4 — *Perdoa-lhe.* O repetido apelo em favor do perdão tem de ser honrado. Um discípulo deve ser generoso e ter compaixão.

17.5 — *Acrescenta-nos a fé.* Os discípulos desejavam crescer em sua fé.

17.6-10 — Até mesmo a fé do tamanho de um grão de mostarda pode fazer coisas incríveis. A amoreira possui um complexo sistema radicular que lhe permite viver até 600 anos.

17.11-14 — *Samaria e Galiléia.* Embora Jesus estivesse viajando para *Jerusalém*, Sua jornada não teve uma rota direta.

17.15-18 — Os *samaritanos* eram uma etnia desprezada (Lc 9.52). O *estrangeiro* foi o único leproso curado que voltou para *dar glória a Deus*.

17.19 — Jesus reconhece a fé que salva, da mesma forma que Ele faz em Lucas 7.50 e 8.50. Claramente, o samaritano recebeu mais do que a cura física.

17.20 — Em Israel havia uma expectativa de que o *Reino de Deus* viesse acompanhado de sinais cósmicos. Tal imagem tinha origem nos textos vinculados às grandes anunciações da vinda de Jesus (Jl 2.28-32). Entretanto, o conceito de Jesus acerca do Reino de Deus era diferente da ideia relacionada à consumação final, quando tais sinais serão vistos (Mt 24.29).

17.21 — Jesus não diria aos fariseus que o Reino de Deus estava neles. Sua mensagem é que o Reino vem com Ele. Os fariseus não precisavam buscar para encontrar. Esse é um dos textos mais importantes sobre o Reino, pois indica que um aspecto desse Reino veio com Jesus, em Sua primeira vinda. O Reino é o governo de Deus manifestado sobre um setor (por fim, a terra; mas é especialmente manifestado no período atual entre os cristão da Igreja). O Reino de Deus está entre os reinos dos homens hoje, mas, um dia, o Reino de Deus engolirá os reinos dos homens (Ap 11.15).

Jesus deixa claro, nos versículos 22 a 37, que o Reino possui duas fases: uma agora e outra vindoura. No começo de Seu Reino na terra, Deus primeiro prepara um Rei para reinar; então, reúne pessoas para que Ele reine sobre elas; depois dá ao Governante um Reino (a terra), no qual reinar.



ENTENDENDO MELHOR

APENAS UM RETORNOU

Mais uma vez, Jesus escolheu uma rota que faria com que Ele possivelmente encontrasse samaritanos (Lc 17. 11). E, mais uma vez, há tensão entre os judeus os samaritanos.

É fácil perceber por que Jesus perguntou a um homem que Ele curou da lepra: *onde estão os outros nove?* (Lc 17.17). O Mestre ficou espantado com a falta de gratidão deles. Entretanto, por que Cristo chamou o único que retornou de *estrangeiro*? Lucas afirma que o homem era um samaritano. Isso significava que ele e Jesus estavam separados por uma barreira cultural. Na verdade, em Israel, ensinava-se até que era contrário à Lei um judeu se associar a um *estrangeiro* (compare com Atos 10.28). Mesmo assim, Jesus quebrou este tabu e mostrou-se maravilhado pela gratidão do samaritano.

E quanto aos outros nove homens curados? Seriam eles também samaritanos, uma vez que o incidente se passa em Samaria ou perto desta localidade? Provavelmente eram judeus, dados os comentários de Lucas quanto à ordem de Jesus para irem mostrar-se ao sacerdote e oferecer sacrifício para serem reintegrados à comunidade.

Se assim for, a atitude dos homens foi inescusável. Não havia nenhuma barreira racial separando-os de Jesus. O único obstáculo que havia era a lepra — e Jesus os livrou dela. Logo, eles tinham todas as razões para depositar sua fé no Senhor e reconhecê-lo como o Messias, mas, em vez disso, viraram-lhe as costas. [Resultado: todos foram curados, mas só o samaritano foi salvo.]

O rei Davi ilustra isso no Antigo Testamento. Ele foi declarado rei, depois reuniu um povo e tomou o Reino. Como tal, o Reino não é a mesma coisa que a Igreja, embora esta faça parte do Reino de Deus [sendo uma espécie de embaixada do Reino na terra].

O Reino agora é a presença de Deus ao lado dos reinos dos homens. O poder de Deus é demonstrado agora na distribuição e na obra do Espírito Santo (Rm 14.17; 1 Co 4.20). Um dia, entretanto, Jesus governará um Reino que engolirá os reinos dos homens e compartilhará esse Reino com os santos, que são os vencedores (Ap 2.26,27; 5.9,10; 20.4-6).

17.22-24 — Um *relâmpago* é um fenômeno repentino e visível a todos. De forma parecida, o súbito *dia do Filho do Homem* será evidente para todos. Quando o Senhor retornar, Ele virá de forma instantânea e perceptível. Não haverá dúvida sobre o que aconteceu.

17.25 — *Que Ele padeça*. Jesus deixa claro que Sua morte aconteceria primeiro.

17.26 — *Nos dias de Noé*, as pessoas não prestavam atenção às coisas de Deus e tiveram de enfrentar um julgamento como consequência (Gn 6.5-13). Haverá um cenário semelhante no retorno de Jesus.

17.27 — *Até ao dia em que*. Jesus descreve como a vida era levada corriqueiramente até a vinda do Dilúvio.

17.28 — *Da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló*. Um segundo exemplo de época ímpia, que teve seu desfecho com a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18.16—19.28).

17.29 — *Consumindo a todos*. O dia do Filho do Homem será uma época de julgamento completo, como aconteceu no tempo de Noé (Lc 17.27) e no de Ló.

17.30 — *Assim será*. Da mesma forma que Deus agiu no passado, Ele agirá quando o *Filho do Homem* se [há de] *manifestar* (isto é, quando Jesus retornar).

17.31 — *Não desça a tomá-los... não volte para trás*. Quando chegar o dia, não deveremos olhar para trás, nem ansiar pela vida antiga. O indivíduo deve fugir do pecado, da via pecaminosa

pregressa, para escapar da ira que virá sobre a terra.

17.32 — *A mulher de Ló* simboliza os indivíduos que estão presos às coisas terrenas, aqueles cujo coração ainda está no mundo. Da mesma forma que a mulher de Ló, essas pessoas perecerão (Gn 19.26).

17.33 — *Qualquer que a perder salvá-la-á*. Aqueles que investem sua vida no avanço do Reino de Deus, mesmo que tenham como consequência o sofrimento e a morte, receberão um grande privilégio e glória no Reino de Cristo (Mt 5.10-12; 19.27-30; 2 Tm 2.12; Ap 20.4-6).

17.34 — *Um será tomado, e outro será deixado*. Alguns interpretam essa ilustração como a separação que ocorrerá no arrebatamento. Entretanto, *tomado*, aqui, seria melhor entendido como julgado (da mesma forma que os soldados tomaram Jesus para crucificá-lo). Além disso, o versículo 37 deixa claro que os “tomados” serão aqueles levados ao julgamento final.

17.35,36 — *Uma será tomada, e outra será deixada*. Mais duas ilustrações são apresentadas. O dia do Filho do Homem dividirá a humanidade em dois grupos — aqueles que serão levados a julgamento e condenados e aqueles que viverão e reinarão com Cristo.

17.37 — *Onde, Senhor?* Os discípulos perguntam onde o julgamento irá ocorrer.

Aí se ajuntarão as águias. Jesus não responde à pergunta diretamente. O termo *águias* se refere aos abutres, que se reúnem sobre corpos mortos. Na verdade, o Salvador disse que quando o julgamento vier, este será conclusivo e trágico, com o cheiro da morte e a presença dos abutres em todo lugar.

Novamente, ninguém vai precisar buscar um cadáver, os pássaros revelarão a sua presença. A linguagem utilizada aqui é ilustrativa e demonstra uma condição prognosticada do ápice dos acontecimentos descritos. Jesus oferta a salvação, mas a rejeição desta oferta implica o julgamento, razão pela qual uma decisão a seu respeito é tão importante. Ele traz o Reino (Lc 17.20); assim, ou alguém está junto de Cristo, ou sofre o destino de seu julgamento.

18.1 — O *dever de orar sempre e nunca desfalecer*. Lucas deixa claro o motivo pelo qual Jesus conta essa parábola.

18.2 — Os romanos permitiam que os judeus gerenciassem grande parte de seus negócios. Esse juiz não temia a Deus. Por essa razão, era provavelmente um juiz secular, e não religioso. O magistrado desonesto representava o poder corrompido.

18.3 — A mulher na parábola é uma *viúva*, dependente do auxílio da sociedade. Lucas frequentemente observa, em especial, a condição das viúvas (Lc 2.37; 4.25,26; 7.12; 20.47; 21.2,3; At 6.1-7; 9.39,41).

Faze-me justiça. Talvez a mulher estivesse apelando para que se resolvesse algum problema financeiro.

18.4,5 — A insistência da viúva é a lição da parábola. Deus é um exemplo inverso desse juiz. Ele não responde a um pedido de má vontade. A mensagem de Jesus é clara: se até mesmo um juiz insensível atende às frequentes solicitações de alguém, Deus certamente responderá às contínuas orações dos cristãos.

18.6,7 — *E Deus não fará justiça aos seus escolhidos*. Deus responderá à injustiça e à perseguição religiosa que oprimem o Seu povo. No final, Ele se vingará.

18.8 — *Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça*. Jesus pergunta aqui se, no Seu retorno, os que creem ainda estarão buscando por Ele. A perseguição pode fazer com que um fiel perca seu entusiasmo. Ao indagar tal coisa, Jesus estava aconselhando os cristãos a não desanimarem (Lc 18.1).

18.9 — *Uns que confiavam em si mesmos*. Jesus sempre desafia o orgulho religioso e aqueles que honram a si mesmos, ao mesmo tempo em que aprova a humildade (Lc 5.29-32; 7.36-50; 14.1-14).

18.10-12 — *Ó Deus, graças te dou*. O tom da oração revela o problema do fariseu. Ele usa a primeira pessoa do singular cinco vezes nesses dois versículos. A atitude desse homem dá a impressão de que Deus deve sentir-se grato por causa de seu comprometimento. O fariseu provavelmente menosprezava as outras pessoas e

sentia-se orgulhoso por causa do jejum e do dízimo que dava.

18.13 — Aqui encontramos um exemplo do humilde espírito de arrependimento, o qual Jesus aprova. O publicano sabia que não podia influenciar ou dizer algo que melhorasse a sua reputação diante de Deus. O homem tinha consciência de que apenas a misericórdia e a graça de Deus, e não as obras realizadas por ele, poderiam libertá-lo.

18.14 — Jesus identificou a diferença entre o fariseu e o publicano: um era orgulhoso e o outro humilde. É o mesmo contraste entre aqueles que se exaltam e os que se submetem. Deus exalta quem se humilha e rebaixa quem se exalta (Lc 1.52; 14.11).

18.15 — *Reprendiam-nos*. Os discípulos supunham que Jesus era muito importante e ocupado para atender as crianças. Os pais delas provavelmente desejavam que Jesus as tocasse, a fim de abençoá-las.

18.16,17 — Jesus usou a repreensão dos discípulos para transmitir duas mensagens: (1) todas as pessoas, até mesmo as crianças, são importantes para Deus. (2) O Reino de Deus é formado por aqueles que respondem a Deus com a mesma confiança que os pequenos demonstram ter em seus pais.

18.18-21 — *Todas essas coisas tenho observado*. Agindo da mesma forma que o fariseu nos versículos 11 e 12, o príncipe tinha certeza de que vivia honradamente.

18.22 — *Vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres*. Esta prova testava radicalmente o interesse do homem importante pelo seu próximo (Lc 12.33,34). Jesus determinou, nesse trecho, se o tesouro do jovem rico (Mt 6.19-21) estava fundamentado em Deus ou no dinheiro (Lc 16.13). Cristo, por meio dessa ação, não estabeleceu uma nova exigência para a salvação. Ele estava checando se o jovem se orientava por Deus, confrontando-o com aquilo que obstruía seu caminho, isto é, sua riqueza. Zaqueu, ao contrário do jovem nessa passagem, foi um homem rico que respondeu bem a Jesus (Lc 19.8-10).

18.23 — *Ficou muito triste, porque era muito rico*. Encontramos aqui o lamentável comentário

sobre a forma como o jovem rico respondeu. Sua riqueza não o deixava sequer considerar a admoestação de Jesus.

18.24 — *Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!* Jesus sabe que a riqueza pode dar origem ao orgulho e ao sentimento de domínio. Uma pessoa abastada, muitas vezes, pensa que não precisa de Deus, que está no controle de sua vida ou a controla por intermédio de suas posses. Isto indica subserviência à criação, e não ao Criador. Por este motivo, Jesus diz que é difícil dar prioridade a Deus e ao Seu Reino quando se confia nos bens materiais. Tudo isso é ainda mais trágico quando se pensa que o Reino de Deus dura para sempre, e as riquezas deste mundo passam rápido (2 Pe 3.10-12).

18.25 — *É mais fácil.* Trata-se de uma hipérbole. É impossível que um camelo passe pelo fundo de uma agulha. Entretanto, até mesmo isso é mais fácil de acontecer do que um rico entrar no Reino de Deus. Tal afirmação deve ter chocado Seus ouvintes judeus, que acreditavam que riqueza significava a presença da bênção de Deus.

18.26,27 — *Logo, quem pode salvar-se?* Jesus respondeu a esta pergunta explicando que a mudança no coração que uma pessoa deve experimentar, a fim de conhecer a Deus, é possível por meio dele. Qualquer um que entra no Reino dos céus só o faz por causa da maravilhosa graça de Deus (Jo 3.3).

18.28 — *Eis que nós deixamos tudo e te seguimos.* Pedro queria que o sacrifício dos discípulos fosse assegurado, quando comparado ao do príncipe.

18.29 — *Pelo reino de Deus.* Jesus garantiu que o sacrifício que os discípulos fizeram, deixando tudo para segui-lo, seria eternamente recompensado em Seu Reino. O sábio e humilde serviço que os discípulos prestavam ao Senhor exemplifica o princípio de Lucas 9.24 e 17.33.

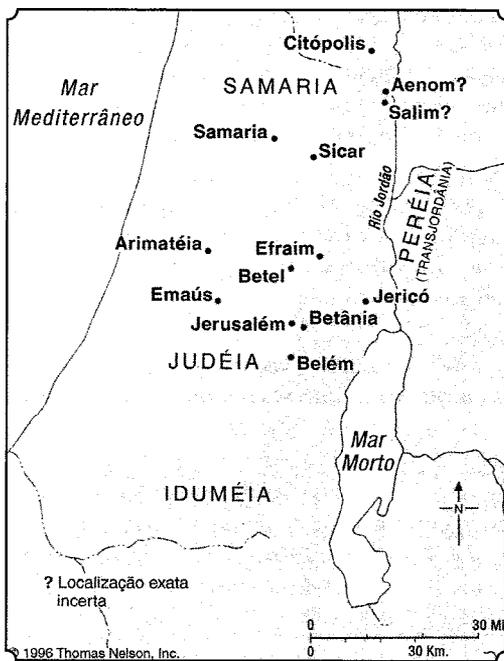
18.30 — *E não haja de receber muito mais... vida eterna.* Nós vemos aqui a clara divisão de tempo entre a presente era e a idade vindoura. As bênçãos são abundantes em ambos os períodos para os discípulos. Com o período vindouro chega a vida eterna, pela qual o jovem rico perguntou no versículo 18.

A qualidade de vida que há de vir será tão abundante (Jo 10.10) quanto o investimento de sacrifício do presente (Lc 9.24). Na verdade, Jesus cita a compensação divina como um ganho de muitas vezes mais (Mt 19.29). A remuneração é sempre maior com Deus do que a renúncia suportada.

18.31 — Embora Jesus tenha falado do sofrimento que iria enfrentar em *Jerusalém*, um padecimento predito pelos *profetas*, os discípulos não entenderam o sentido de Suas palavras, até depois da ressurreição. O tema do sofrimento de Jesus é repetido em Lucas 24.25,26,44-47.

18.32,33 — Toda a sequência dos acontecimentos que envolvem a morte de Jesus é citada aqui: o julgamento, a crucificação e a ressurreição.

18.34 — *Eles nada disso entendiam.* Os discípulos podem ter entendido literalmente as palavras



A última jornada de Jesus a Jerusalém

Durante a última jornada de Jesus a Jerusalém (Lc 9.51-56), Ele não foi recebido em uma vila samaritana, cujos moradores se mostraram pouco amistosos. Assim, em vez de passar por Samaria, Cristo aparentemente tomou uma rota mais longa de Citópolis, passando pelo rio Jordão a leste, e viajando rumo ao sul. Atravessando novamente o Jordão próximo a Jericó, Ele subiu a montanha rumo a Betânia, e finalmente chegou a Jerusalém.

de Jesus, mas não compreenderam porque o escolhido de Deus teria de passar por todo esse sofrimento. Para aqueles que esperavam que o Prometido fosse uma figura exaltada que libertaria o povo de Deus, deve ter sido muito difícil conciliar tal expectativa com o terrível sofrimento descrito.

Era encoberta. Os discípulos não compreenderam o contexto do padecimento e da morte de Cristo até que Ihes fosse explicado em detalhes depois que Jesus levantou dos mortos (Lc 24.25,26,44-47).

18.35-37 — Jesus estava próximo de Jerusalém. Jericó estava a aproximadamente 28 km desta cidade.

18.38 — Observe a ironia nesse versículo. O homem cego reconheceu quem era *Jesus*, o *Filho de Davi*, de forma mais clara do que muitas pessoas que tinham a bênção da visão física. O cego implorou por *misericórdia*, demonstrando sua crença de que Jesus Cristo tinha poderes para curá-lo.

18.39-41 — *Clamava ainda mais.* A repreensão da multidão não conteve a vibrante fé do homem cego.

18.42 — *Vê, tua fé te salvou.* Jesus, mais uma vez, destaca o valor da fé (Lc 7.50; 8.50; 17.19).

18.43 — A benevolente obra de Deus originou *louvores*, não apenas daquele que havia sido abençoado, mas também de todos que presenciaram a bênção.

19.1,2 — *Zaqueu*, na condição de *chefe dos publicanos*, provavelmente adquiriu o direito de coletar os impostos e, sendo assim, contratava outras pessoas para, na prática, realizarem esse trabalho.

19.3,4 — Uma figueira brava apresenta semelhanças com o carvalho. Ambas as árvores têm tronco curto e amplos galhos laterais.

19.5 — *Porque hoje me convém pousar em tua casa.* Jesus determina Sua hospedagem na casa de Zaqueu. O Senhor usa uma palavra-chave para Lucas: *hoje* (Lc 2.11; 4.21; 13.32,33; 23.43). O Salvador também diz que Ihe *convém* hospedar-se lá, usando outra expressão importante em Lucas (Lc 2.49; 4.43; 9.22; 13.33; 17.25; 22.37; 24.7,44). Juntas, elas indicam a necessidade urgente e o exercício da autoridade de Jesus ao relacionar-se com aqueles que eram rejeitados pela sociedade.

19.6 — *E, apressando-se.* Zaqueu faz exatamente o que Jesus lhe diz no versículo 5.

19.7 — A multidão não fica feliz com a escolha de Jesus de honrar o publicano com a Sua presença. Na opinião das pessoas presentes, Zaqueu era um pecador. O termo traduzido como *começou a se queixar* [NVI] lembra o murmúrio de Lucas 5.30 e 15.2, onde a mesma questão estava em vista. Considerando que os coletores de impostos geralmente embolsavam uma grande porcentagem do que cobravam, eles eram figuras odiadas e desprezadas em Israel.

19.8 — *Metade dos meus bens... quadruplicado.* Zaqueu estava determinado a relacionar-se generosamente com os outros. No antigo judaísmo, doar vinte por cento de suas posses era considerado uma atitude sublime. Julgava-se perigoso abrir mão de mais do que isso. A restituição legal por extorsão também era de vinte por cento (Lv 5.16; Nm 5.7).

19.9,10 — *Porque o Filho do Homem.* Jesus diz outra frase de desígnio. Ele fala que o *Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.* Zaqueu é um exemplo disso. Todo esse episódio lembra o ensinamento de Lucas 15, enquanto as raízes dessa imagem remontam a Ezequiel 34.2,4,16,22,23 (Jo 10).

19.11 — *Manifestar o Reino de Deus.* Jesus corrige o pensamento dos discípulos, pois estes imaginavam que, quando Ele chegasse a Jerusalém, a consumação do Reino (julgamento e domínio) aconteceria. Eles ainda vão fazer a mesma pergunta em Atos 1.6. A resposta do Senhor é bastante adequada para muitos que, ainda hoje, continuam estipulando datas para a vinda de Jesus.

19.12 — Essa parábola é similar à de Mateus 25.14-30, mas provavelmente a ocasião era diferente. Ela apresenta, em parte, um paralelo com o que aconteceu com Arquelau, filho de Herodes, o Grande, que chegou ao poder em 4 a.C. As pessoas não gostavam de Arquelau, e apelaram para que Augusto César não lhe desse autoridade.

Jesus não está recontando a história de Arquelau, mas os acontecimentos históricos indicam que essa parábola tinha um enredo bastante conhecido. Um detalhe significativo é que um reino é recebido durante a jornada longe da

terra em questão. Isto corresponde à partida de Jesus desta terra *a fim de tomar para si o reino*, após Sua ressurreição.

19.13 — *Negociai até que eu venha*. Este detalhe mostra que o retorno de Jesus não era tão imediato na época (Lc 19.11).

Os servos representam os seguidores de Cristo. Eles devem servir até que Jesus volte.

Dez minas. Cada servo recebeu uma mina, ou cerca de quatro meses da diária média de um trabalhador braçal. O mestre, que simbolizava Jesus Cristo, queria ver os frutos, ou os rendimentos, de seu investimento. Os servos fizeram bom uso do dinheiro que receberam?

19.14 — *Seus concidadãos aborreciam-no*. Este é um grupo separado dos servos, e a expressão faz referência àqueles que rejeitam as palavras de Jesus.

19.15 — *O que cada um tinha ganhado*. Tendo retornado com autoridade para reinar, o homem nobre pede que os servos prestem contas de seu trabalho durante sua ausência.

19.16 — O primeiro homem conseguiu fazer com que uma mina rendesse outras dez.

19.17 — *Foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade*. A fidelidade é louvada e recompensada com uma grande oportunidade. A autoridade dada ao servo representa uma função na gestão do Reino de Jesus Cristo (1 Co 6.2,3; Ap 2.26-28; 5.9,10; 20.1-6).

19.18 — *Cinco minas*. O segundo servo faz uma mina render outras cinco.

19.19 — *Cinco cidades*. A este servo também é concedida certa responsabilidade como recompensa.

19.20-23 — *Porque tive medo de ti*. A desculpa do servo infiel reflete uma visão negativa do nobre homem. Se o encarregado tivesse realmente temido o mestre, ele teria feito algo com o valor que recebeu. Até mesmo colocar o dinheiro *no banco* faria com que o senhor o recebesse de volta com os *juros*. Entretanto, o servo falhou em responder ao nobre homem e, até mesmo, em compreendê-lo.

19.24 — *Tirai-lhe... dai-a*. O terceiro servo termina sem nada, enquanto o fiel recebe ainda mais (1 Co 3.15).

19.25 — *Ele tem dez minas*. A multidão ainda faz um leve protesto acerca da recompensa adicional.

19.26,27 — *Qualquer que tiver ser-lhe-á dado*. A infidelidade acarreta a perda da recompensa (Ap 3.11). É possível que a perda de alguns seja tão grande que eles serão excluídos do Reino milenar de Cristo na terra (Mt 22.13). O último servo pode ser um exemplo daqueles que serão deserdados no período do Milênio.

19.28 — *Subindo para Jerusalém*. Jesus agora se aproxima da cidade em que deve morrer (Lc 13.33).

19.29,30 — Jesus estava no controle dos acontecimentos da última semana da Sua vida, mesmo com tais fatos levando à Sua morte. Ele se preparou para entrar na cidade montando um *jumentinho*.

Betfagé e *Betânia* estavam localizadas a leste de Jerusalém, a cerca de 3 km da cidade. O monte das Oliveiras ficava em uma cadeia de colinas fora de Jerusalém, em frente ao templo.

19.31 — *O Senhor precisa dele*. O empréstimo de um animal não era uma coisa tão estranha quanto possa parecer. Havia um costume antigo no qual um líder político e religioso poderia requisitar bens para utilização em curto prazo. Jesus estava entrando em Jerusalém para comemorar a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos, que celebravam a grande ação de Deus na libertação do Seu povo. Tais festivais eram frequentemente celebrados nessa época com a esperança de que a libertação final da parte de Deus chegasse.

19.32,33 — *Acharam como lhes dissera*. Jesus está no controle dos acontecimentos e ciente do que aconteceria. Os eventos não pegaram o Salvador de surpresa.

19.34 — *O Senhor precisa dele*. Este fato ocorre exatamente como o Senhor previu. Para controlar os maiores acontecimentos da história (Jo 10.18), é preciso ser capaz de ter o controle de tudo e de todos. Somente Deus pode fazer isso.

19.35 — *As vestes* eram, provavelmente, suas roupas de cima. Essa cena relembra o momento em que Jeú foi declarado rei em 2 Reis 9.13. Estar montado em um *jumentinho* rumo a Jerusalém

assemelha-se ao acontecimento de 1 Reis 1.33, no qual Davi faz o novo rei, Salomão, ir até Gion montado em uma mula. Zacarias profetizou que o rei vindouro iria humildemente até Jerusalém montado em um jumento (Zc 9.9). Entretanto, Lucas não enfatiza tais conexões com a profecia do Antigo Testamento, como fazem Mateus e João (Mt 21.5; Jo 12.15).

19.36 — *Estendiam no caminho as suas vestes.* A ação aqui indica que um nobre está sendo aclamado (2 Rs 9.13). É mais ou menos como se faz hoje em dia ao “estender o tapete vermelho” para alguém passar.

19.37 — *Começou a dar louvores.* Lucas fornece mais detalhes do que Mateus 21.8 e Marcos 11.8, que atribuem essa ação à multidão. Ao que parece, Lucas sugere que os discípulos começaram e a multidão se juntou a eles. Os discípulos, *regozijando-se*, começaram a dar louvores a Deus em alta voz, por todas as maravilhas que tinham visto. Aqui está a declaração sobre uma figura real (v. 38) que efetua uma grande obra (Lc 7.22). O último milagre que Lucas descreveu foi uma cura feita por Jesus ao ser chamado de Filho de Davi (18.38-43).

19.38 — Esse versículo é uma citação de Salmos 118.26, mas o título *Rei* é acrescentado aqui. Os discípulos reconheceram que Jesus era o Rei prometido e enviado por Deus. É Aquele que leva a paz ao relacionamento entre o povo e Deus (Lc 1.78,79).

19.39 — *Repreende os teus discípulos.* Alguns fariseus não estavam satisfeitos com o fato de Jesus ter se permitido receber tal honra; eles queriam que a multidão parasse.

19.40 — *As próprias pedras clamarão.* Jesus ironicamente respondeu que, se os discípulos não pudessem louvar, a criação clamaria. A criação é mais sensível do que aqueles que estavam reclamando!

19.41 — *Chorou sobre ela.* Jesus sabia que tantas pessoas de Israel o tinham rejeitado que a nação sofreria um julgamento, na forma da terrível destruição que se abateria sobre Jerusalém no ano 70 d.C.

19.42 — *Se tu conhecesses também.* Eles poderiam saber se tivessem permanecido na palavra

de Deus (Dt 9.24). Na verdade, *neste teu dia* foi uma data bastante específica da profecia. Foi o 173.880^o dia desde a saída da ordem de Artaxerxes até o Messias, o Príncipe (as 69 semanas de anos correspondem a 483 x 360, ou seja, 173.880). Deus escolheu um dia específico para a apresentação de Seu Filho como o Rei da nação, mas eles não souberam a época da “visitação” do Senhor (Lc 19.44).

19.43 — *Cercarão de trincheiras.* Esta é uma predição do bem-sucedido cerco de Roma a Jerusalém sob o comando do general Tito. Os detalhes refletem um julgamento divino por infidelidade à aliança, similar à destruição babilônica de Jerusalém em 586 a.C (Is 29.1-4; Jr 6.6-21; 8.13-22; Ez 4.1-3).

19.44 — *A ti e a teus filhos.* A amplitude da destruição é bastante clara nessa posterior descrição do cerco de Jerusalém. Até mesmo as crianças morreriam, e as construções seriam arruinadas.

Tua visitaçào. Jesus deu a razão da destruição. Eles não reconheceram o tempo da vinda de Deus no Messias.

19.45 — Com a entrada de Jesus em Jerusalém começa a seção final do Evangelho de Lucas. Jesus purifica o templo depois de ver que o local de oração passou a ser usado para a prática de um comércio corrupto. Mercadores estavam vendendo animais no pátio externo do templo (o pátio dos gentios), a preços exorbitantes. Os cambistas obtinham lucros excessivos fazendo a troca das moedas pelo ciclo do templo. João registra uma purificação do templo em João 2.13-22, mas não está claro se este acontecimento é o mesmo descrito em Lucas.

Considerando que João apresenta o fato em uma fase anterior no ministério de Jesus, o Salvador pode ter feito a purificação do templo duas vezes. Os Evangelhos Sinópticos colocam a purificação do templo na última semana do ministério de Jesus (Mt 21.12-17; Mc 11.15-19). Alguns estudiosos sugeriram que João pôs o referido acontecimento proposadamente fora da ordem cronológica como uma forma de antecipação do julgamento de Jesus das práticas religiosas da época.

19.46 — O templo de adoração tornou-se um local onde os exploradores obtinham vantagens financeiras das pessoas. A declaração de Jesus acerca da *casa de oração* alude a Isaías 56.7. A referência a *covil de salteadores* vem de Jeremias 7.11.

19.47 — A atitude de Jesus no templo, o lugar mais sagrado para os judeus, fez com que os líderes religiosos reforçassem a resolução de *matá-lo*.

19.48 — *E não achavam meio de o fazer*. A liderança religiosa judaica estava incapacitada de fazer alguma coisa contra Jesus diante do interesse do povo nele.

20.1-4 — Nesse ponto, como em vários ao longo do Evangelho de Lucas, os ministérios de João Batista e de Jesus vinculam-se (Lc 1.5-80; 3.10-18; 7.18-35). A pergunta que Jesus fez aos fariseus os deixou em um dilema. Se reconhecessem que o ministério de João vinha *do céu*, estariam admitindo a mesma origem divina do similar ministério guiado pelo Espírito, e “independente”, de Jesus. Entretanto, se os fariseus negassem que João fora enviado por Deus, eles corriam o risco de enfrentar a ira de grande parte da população, que acreditava que o ministério de João foi celestial (Lc 20.5,6).

20.5-8 — *E responderam que não sabiam*. Os peritos religiosos, por conveniência, alegaram ignorar essa questão.

20.9 — Em uma variação de Isaías 5.1-7, a *vinha* aqui representa a promessa feita a Israel, enquanto os *lavradores* são a nação de Israel. O *homem* que *plantou* a *vinha* simboliza Deus. A ilustração da vinha relembra o exposto por Jesus na parábola em Lucas 13.6-9. Esta parábola também é encontrada em Mateus 21.33-44 e em Marcos 12.1-12, com algumas sutis variações de detalhes em cada passagem.

20.10 — *Espancando-o, mandaram-no vazio*. O tratamento dispensado ao servo nesta parábola representa a atitude do povo de Israel em relação aos profetas do Antigo Testamento. Durante o tempo dos profetas, a nação de Israel não gerou frutos; a desobediência grassava (Lc 11.49-51; 13.34; At 7.51-53).

20.11 — *Afrontando-o, mandaram-no vazio*. Novamente, o servo é rejeitado. Isto mostra que a recusa se repetiu.

20.12 — *Ferindo também a este, o expulsaram*. O terceiro servo é tratado da mesma maneira.

20.13 — *Mandarei meu filho amado*. O filho simboliza Jesus (Lc 3.21,22; 9.35).

20.14 — *Este é o herdeiro... matemo-lo*. Os lavradores supunham que, matando o filho, a herança ficaria para todos aqueles que estavam trabalhando na terra, um tipo de transferência de propriedade possível no mundo antigo. Deve-se observar que os detalhes dessa passagem não representam o pensamento daqueles que crucificaram Jesus. Os líderes de Israel pensavam que estavam detendo um indivíduo que era perigoso para o judaísmo, e não que eles iriam herdar o Reino de Jesus.

20.15 — *Lançando-o para fora... o mataram*. Aqui é apresentada uma alusão à morte de Jesus.

Que lhes fará, pois, o senhor da vinha? A questão paralela é o que fará Deus, o Pai, àqueles que rejeitaram e assassinaram o Seu Filho?

20.16 — *Írá, e destruirá estes lavradores*. Deus exercerá Seu julgamento sobre aqueles que mataram o Seu Filho. Ele *dará a outros a vinha*. Jesus está referindo-se à inclusão dos gentios na promessa do Reino de Deus.

20.17 — *A pedra que os edificadores reprovaram*. Essa passagem, retirada de Salmos 118.22, ilustra a exaltação do honrado Jesus depois de Sua rejeição. A oposição não impedirá Deus de fazer daquele que foi rejeitado o centro de Sua obra de salvação.

Cabeça da esquina. Esta pode ser a grande pedra que liga a fundação de duas paredes de uma construção, ou a cimalha do topo de um portal.

20.18 — Jesus é a Pedra angular. Todo aquele que for contra essa pedra será destruído. A declaração de Jesus é similar a um posterior provérbio judaico: “Se uma pedra cai em uma panela, ai da panela! Se uma panela cai em uma Pedra, ai da panela!”. A imagem de Jesus como a Pedra também é encontrada em 1 Pedro 2.4-8, onde Pedro compara os cristãos a pedras vivas que edificam a casa espiritual para o Senhor.

20.19 — Os líderes religiosos judeus queriam conter Jesus, porque Ele representava uma ameaça direta a eles. Entretanto, *temeram* a reação da multidão. Assim, esperaram por um momento mais propício para destruí-lo.

20.20 — Os líderes religiosos observavam Jesus atentamente. Eles se fingiam de *justos*, coisa que, nesse contexto, indica que eles tentaram parecer sinceros. Na verdade, queriam pegar Jesus quando falasse qualquer coisa que fizesse com que Ele parecesse um revolucionário político, para assim o entregarem ao governador romano Pilatos.

20.21 — *Ensinas com verdade o caminho de Deus*. Esta é uma adulação hipócrita, considerando o contexto do versículo 20.

20.22 — *É-nos lícito dar tributo a César ou não?* Esta pergunta dizia respeito à cobrança do imposto de Roma, que era diferente dos impostos cobrados pelos coletores de impostos. Esse percentual era uma espécie de taxa paga diretamente a Roma, como uma indicação de que Israel estava sujeito à nação gentia. A indagação dos fariseus era bastante maliciosa. Se Jesus respondesse que sim, o povo ficaria irado, porque Ele estaria respeitando o poder estrangeiro. Se falasse que não, poderia ser acusado de sedição.

20.23 — *E, entendendo Ele a sua astúcia*. Jesus, que estava no controle, sabia a razão da pergunta dos fariseus.

20.24 — *De quem tem a imagem e a inscrição?* A resposta de Jesus foi muito sábia. Ele fez com que os fariseus lhe mostrassem uma moeda, demonstrando que eles próprios já haviam reconhecido a soberania de Roma, pois usavam seu dinheiro. O *denário* era uma moeda de prata que possuía a figura do imperador Tibério em sua face, naquela época. Em algumas delas, havia, no lado inverso, a imagem da mãe de Tibério, Lívia, ilustrada como a deusa da paz, com a inscrição *sumo sacerdotisa*.

20.25 — Os fariseus não puderam inverter a sábia resposta de Jesus e acusá-lo de sedição (Lc 23.2). De acordo com Jesus, o governador estabelecido pelo imperador César tinha o direito de cobrar os impostos. Todavia, Deus deveria ser

honrado acima de qualquer governante. Honrar a Deus não exime alguém de cumprir as funções básicas como cidadão (Rm 13.1-7), pois todas as funções de autoridade foram ordenadas por Deus.

20.26 — *Maravilhados da sua resposta*. Jesus escapa da armadilha e os ouvintes ficam admirados.

20.27 — Os *saduceus*, os fariseus e os essênios eram as três maiores facções do judaísmo do primeiro século. Os saduceus rejeitavam as tradições orais a que os fariseus obedeciam rigorosamente. Em vez de seguirem a tradição oral, eles baseavam seu ensinamento apenas nos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, os livros de Moisés. Os saduceus negavam que pudesse haver ressurreição, e inventaram um burlesco exemplo para sugerir que a doutrina era impossível.

20.28 — No judaísmo, uma viúva sem filhos deveria casar-se com o *irmão* de seu falecido marido, de acordo com um costume conhecido como levirato (Dt 25.5; Rt 4.1-12). A Lei foi elaborada para perpetuar o nome de um homem que morreu sem deixar filhos.

20.29-32 — *Sete irmãos*. O exemplo fala de sete casamentos sem filhos, e da posterior morte da mulher.

20.33 — *De qual deles será a mulher...?* Esta pergunta foi feita no intuito de mostrar que a ressurreição gera resultados absurdos.

20.34,35 — Jesus contrastou a vida na era presente e na que há de vir. O casamento não fará parte da era vindoura, por isso o exemplo dos saduceus (Lc 20.28-33) era sem cabimento. Jesus sustentou a doutrina da ressurreição em Sua resposta, falando do *mundo vindouro* e da *ressurreição*; isto mostra que os dois conceitos estavam claramente associados. Cristo também observou que apenas os que *forem havidos por dignos* receberão os benefícios da era que há de vir.

20.36 — *São iguais aos anjos e são filhos de Deus*. Paulo explica mais tarde que, na ressurreição, teremos corpos espirituais (1 Co 15.25-58). Esta será uma nova experiência, que não terá necessariamente comparação com as experiências humanas, tais como o casamento.

20.37 — *Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó.* A resposta de Jesus aqui é mais sutil. Ele diz que, se Deus é o Deus dos patriarcas, então eles estão vivos.

20.38 — *Deus... de vivos.* Deus só se relaciona com aqueles que estão vivos. A citação da Lei feita por Jesus (Êx 3.1-6,15) provavelmente causou impacto nos saduceus, que respeitavam os ensinamentos dos livros de Moisés.

20.39,40 — *Escritas.* Os escribas, que aceitavam a visão dos fariseus, derivada das Escrituras, sobre a ressurreição, ficaram satisfeitos com a resposta e louvaram a Jesus.

20.41-43 — Nesse trecho, Jesus levanta uma questão teológica. O dilema que Ele expõe é: como o Messias (a palavra hebraica para Cristo) pode ser chamado de *Filho de Davi*, quando o próprio Davi lhe deu o título de *Senhor*?

Meu Senhor. Esta é uma citação de Salmos 110.1 (Lc 22.69; At 2.30-36). O Messias era descendente de Davi e, mesmo assim, Davi lhe concedeu o respeito destinado a um superior, situação inversa da que normalmente acontecia nos tempos antigos. Jesus não estava negando a designação *Filho de Davi* para o Messias. Ele estava simplesmente observando que o título *Senhor* é mais central. Até mesmo Davi, um dia, se curvará aos pés do Messias e confessará que Ele é o Senhor (Fp 2.10).

20.44 — *Como Ele é seu Filho?* Jesus não responde a essa pergunta. Essa é uma questão para

reflexão. Para Jesus, o título-chave é *Senhor*. Como a discussão subsequente mostra, o Messias é Filho de Davi; mas aqui isso é menos importante do que ser Ele o Senhor de Davi.

20.45-47 — *Devoram as casas das viúvas.* Jesus observou a hipocrisia dos escribas e a atitude deles de tirar vantagem dos outros. Tal ação será julgada.

21.1 — Havia vários lugares no templo onde as pessoas poderiam deixar suas contribuições. Treze desses locais ficavam no átrio. Os gazofilícios eram feitos na forma de cornetas. Cada um representava um tipo diferente de oferta. Havia também uma arca do tesouro perto do pátio das mulheres.

21.2 — *A viúva pobre* contribuiu com duas pequenas moedas, que eram feitas de cobre. Elas representavam o menor valor corrente.

21.3 — *Lançou mais do que todos.* Jesus contrastou a contribuição dos ricos com o sacrifício da pobre viúva.

21.4 — *Deu todo o sustento que tinha.* A viúva não se recusou a contribuir, mesmo não tendo nada mais para viver. Sua devoção a Deus, representada aqui por meio da doação, era sua prioridade (2 Co 8.1-5; 9.6-9).

21.5 — *Que estava ornado.* Uma remodelação do templo teve início sob o domínio de Herodes, o Grande, recebendo novas fundações e áreas ampliadas em sua parte externa. Grandes pedras, com comprimento variando entre 3,5 m a 18 m, foram usadas. Todo o trabalho aconteceu desde 20 a.C.



VOCE SABIA?

MAIS POBRE QUE OS POBRES

Jesus classificou a viúva citada em Lucas 21.1-4 como *pobre*. A palavra que Ele usou faz referência a uma pessoa tão desamparada que literalmente corre perigo de morrer [de fome].

É difícil avaliar o quanto as duas moedas que aquela mulher ofertou no templo poderiam valer hoje. Todavia, mesmo antigamente, elas não tinham muito valor. Cada moedinha equivalia a aproximadamente 1/32 de um denário, a diária de um trabalhador; menos de um real hoje.

É importante notar que as duas moedas eram *todo o sustento que tinha* (Lc 21.4). A viúva era verdadeiramente pobre — o tipo de mulher que mais tarde seria qualificada para receber amparo da Igreja (1 Tm 5.5). Apesar disso, ela doou generosamente o que possuía a Deus, e Jesus a louvou por sua atitude, seu sacrifício. Ao fazer isso, o Senhor revelou que a contabilidade de Deus difere da nossa. Ele presta atenção a nossas atitudes e motivações, avaliando o quanto nos doamos no que oferecemos a Ele.

até, aproximadamente, 64 d.C. Portanto, a reformulação do templo ainda estava acontecendo durante a visita de Jesus, por volta de 30 d.C.

As *dádivas* eram ofertas dadas para a decoração do templo, tais como placas em ouro e prata, cachos de uva decorativos e tapeçarias babilônicas de linho, que ficavam penduradas no templo. Até mesmo Tácito, o historiador romano, chamou-o de “um templo imensamente opulento”.

21.6 — *Não deixará pedra sobre pedra.* Jesus observou que o magnífico lugar de adoração era temporário e seria destruído. Ele estava referindo-se à queda de Jerusalém em 70 d.C., que seria uma ilustração da destruição nos últimos dias.

21.7 — *E que sinal haverá.* Os discípulos queriam saber o que indicaria tal desastre e quando ele ocorreria.

21.8 — *Não vos enganem.* O primeiro século e o começo do segundo foram tempos de grande fervor messiânico no judaísmo, pois os israelitas buscavam libertar-se do domínio romano. Muitas pessoas alegavam ser o Messias. Jesus avisou a Seus discípulos que não fossem enganados por tais declarações.

21.9,10 — *Guerras.* Revoltas e outras sedições comuns também virão, mas tais eventos não são o fim.

21.11 — Uma grande variedade de fenômenos naturais e cósmicos acontecerá antes do fim dos tempos. Os versículos 8–11 falam dos sinais antes do fim, enquanto os versículos 12–19 englobam as ocorrências dos eventos antes dos sinais de 8–11.

21.12 — *Vos perseguirão... por amor do meu nome.* Jesus predisse as prisões e os sofrimentos que os discípulos enfrentariam por causa de sua identificação com o Salvador. Alguns desses acontecimentos são detalhados em Atos 3–5; 7; 21–28.

A referência a *sinagogas, reis e governadores* indica que todas as nações compartilhariam a responsabilidade pelo massacre dos discípulos.

21.13 — *E vos acontecerá isso para testemunho.* O sofrimento pode ser uma oportunidade para que o Reino de Deus avance. Este é o motivo pelo qual aqueles que resistem a grandes aflições e perseguições são chamados de abençoados (Mt 5.10-12).

21.14 — *Proponde, pois, em vosso coração.* Jesus fala aqui de um tempo futuro em que os discípulos devem estar de pé, prontos para exercitarem a fé, mesmo em meio à revolta.

21.15 — *Eu vos darei boca e sabedoria.* Jesus promete aos discípulos que o Espírito Santo os ajudará com as palavras (Lc 12.11,12). O cumprimento inicial dessa promessa é encontrado em Atos 4.8-14; 7.54; 26.24-32.

21.16 — *Sereis entregues.* A perseguição aos discípulos será dolorosa e severa. O vínculo com Jesus muitas vezes significa rejeição e reprovação da família, e, em alguns casos, martírio.

21.17 — *E de todos sereis odiados por causa do meu nome.* Jesus motiva uma escolha, e alguns indivíduos, que são contra a mensagem do Salvador, reagem desfavoravelmente contra aqueles que se juntaram a Cristo.

21.18 — *Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça.* Considerando que Jesus mencionou a morte de alguns no versículo 16, ele deve ser interpretado no contexto da vida eterna (Lc 12.4,5). Esta é uma garantia. O investimento que você faz nesta vida, para a próxima, não será afetado pela *traça e nem pela ferrugem* (Mt 6.19-21).

21.19 — *Possuís a vossa alma.* A fidelidade paciente a Jesus leva à vida eterna (Lc 9.24).

21.20 — Um cerco seria o sinal de que o fim estava próximo para *Jerusalém* e o templo. Os outros Evangelhos Sinópticos (Mt 24.15; Mc 13.14) aludem à *abominação* de que falou o profeta Daniel (Dn 9.25-27; 11.31). Essa passagem compara a profanação do templo com o que ocorreu em 167 a.C., quando Antíoco Epifânio erigiu um altar para Zeus no templo de Jerusalém. Um sacrilégio parecido no templo aconteceu durante a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

21.22 — *Dias de vingança.* Jerusalém tinha se tornado o objeto do julgamento divino por causa de sua infidelidade. Jesus avisou a respeito dessa consequência ao longo de Seu ministério (Lc 13.9,34,35; 19.41-44). A premissa para tal julgamento remete às maldições da aliança mosaica e aos avisos dos profetas do Antigo Testamento acerca do julgamento vindouro (Dt 28.49-57; 32.35; Jr 6.1-8; 26.1-9; Os 9.7).



APROFUNDE-SE

JERUSALÉM SOLAPADA PELOS GENTIOS

Aqueles que viviam em Jerusalém no tempo de Cristo tinham razões para acreditar em Suas predições de que a cidade sucumbiria diante de um exército invasor (Lc 21.20; 19.41-44). Tensas questões políticas estavam em ebulição.

Os judeus ressentiram-se amargamente por causa da ocupação romana, a qual trouxe a corrupta influência da cultura grega, impostos esmagadores e um governo cruel. Alguns, como os zelotes, ostentando a bandeira da revolução, lideraram motins contra os impostos e iniciaram ataques terroristas contra as tropas e os oficiais romanos.

O capítulo final do drama começou em 66 d.C., quando uma pequena batalha irrompeu entre judeus e gentios por causa da profanação da sinagoga em Cesaréia. Sem condições de prevalecer politicamente, os judeus retaliaram religiosamente os gentios, banindo todos os sacrifícios em favor dos estrangeiros, até mesmo em prol do imperador. Além disso, o acesso à área do templo em Jerusalém foi estritamente limitado aos compatriotas judeus.

Entretanto, o procurador romano ordenou uma grande oferta ao tesouro do templo. Os judeus impediram e quiseram que tal administrador se retirasse. Em vez disso, ele colocou as tropas na cidade, que roubaram e saquearam à vontade, lançando mão até de açoitamentos e crucificações. O massacre tirou a vida de cerca de 3.600 judeus, incluindo crianças.

A cidade estava um caos. Incendiários puseram fogo nos edifícios dos oficiais romanos e na casa do sumo sacerdote, pois suspeitavam de que estavam em conluio. Por toda parte, judeus se espalhavam nas fortalezas romanas e atacavam de tocaia os grupos de reforço, apropriando-se de armas para a revolta em Jerusalém. No final, os romanos retiraram-se, deixando temporariamente a Cidade Santa nas mãos dos rebeldes.

Não importa quão bravos ou comprometidos tenham sido os revolucionários judeus, eles não conseguiram sobrepujar os exércitos de Roma. O imperador Nero mandou seu maior general, Vespasiano, para a região. Começando pela Galiléia e trabalhando em todo caminho para o sul, este cortou sistematicamente as linhas de suprimento e escape da Babilônia, do Mediterrâneo e do Egito.

Por volta de 70 d. C., o general estava em posição de lançar seu ataque final sobre Jerusalém. Entretanto, Vespasiano retornou a Roma para suceder Nero como imperador, deixando que seu filho Tito terminasse a campanha militar. Avançando sobre as cidades do norte, do leste e do oeste, seus exércitos erigiram um cerco e, por fim, tomaram a cidade, cumprindo a profecia de Jesus. O templo foi destruído apenas seis anos após sua finalização (Lc 21.5,6), o sacerdócio e o conselho foram abolidos, e todos os judeus foram expulsos da cidade.

Judeus choraram por causa de tal massacre (Mt 23.37-39). Entretanto, foi um dos preços que aquela geração pagou por rejeitar Jesus como Messias.

21.23 — *Terríveis aqueles dias* [NVI]. Jesus diz que serão tempos difíceis para as grávidas e para as mulheres com filhos pequenos. Julgamento e guerra nunca são agradáveis. O julgamento divino não é uma exceção. Uma *grande aflição* seria o destino da nação.

21.24 — *Cairão... serão levados cativos*. Este versículo elabora a queda de Jerusalém. Haveria morte e prisões, algo semelhante ao que aconteceu quando a nação esteve sob o poder dos assírios e dos babilônios.

Até que os tempos dos gentios se completem. Haveria um período no plano de salvação de Deus em que os gentios dominariam, e a queda de Jerusalém seria um sinal claro disso. O fato de que *os tempos dos gentios se cumpriram* também sugere

que Israel novamente desempenharia um papel importante no desígnio de Deus (Rm 9—11).

21.25,26 — *Sinais*. Jesus muda Seu foco para o fim dos tempos, mencionando pela segunda vez os tumultos cósmicos (Lc 21.11; Is 24.18-20; 34.4; Ez 32.7,8; Jl 2.30,31).

Homens desmaiando de terror. O medo de um caos cósmico causará apreensão acerca do que está por vir.

21.27 — *Filho do Homem numa nuvem*. Faz-se referência aqui ao altivo retorno de Jesus. A alusão à nuvem e a ilustração vêm de Daniel 7.13,14, com a sua descrição daquele que recebe autoridade do Ancião de Dias. Jesus visualizou este texto em termos de libertação apocalíptica. A imagem da nuvem é importante, visto que Deus

é representado em nuvens no Antigo Testamento (Êx 34.5; Sl 104.3).

Com poder e grande glória. O Filho do Homem possui autoridade divina para julgar o mundo.

21.28 — *Olhai para cima... vossa redenção está próxima.* Este é o sinal de libertação dos seguidores de Jesus. O Filho do Homem age em favor daqueles que sofreram em Seu nome.

21.29,30 — Os tenros brotos que nascem das árvores a cada primavera anunciam que o verão se aproxima. O surgimento dos sinais preditos por Jesus marcará a chegada do fim dos tempos.

21.31 — *Sabei que... está perto.* Os sinais cósmicos e o caos terreno são indicações de que o domínio decisivo e consumado de Deus está aproximando-se.

21.32 — O significado mais provável deste versículo é que, quando o fim dos tempos chegar, ele virá instantaneamente. Os acontecimentos do fim dos tempos se abaterão sobre uma geração do início ao fim (Lc 17.22-24). A palavra *geração* também pode referir-se a uma raça. Desta forma, pode indicar que os judeus continuarão a existir como um povo até o final.

21.33 — *Não hão de passar.* Jesus garantiu aos discípulos que Suas promessas acerca do fim dos

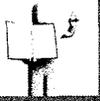
tempos eram mais certas do que a própria criação. Deus fez uma aliança incondicional e unilateral, e Ele a manterá (Gn 12.1-3; 15.18-21; Sl 89).

21.34 — Mesmo que o final dos tempos possa não vir a acontecer por um longo período de tempo, os cristãos devem continuar a esperar sua vinda. O *dia* do retorno de Jesus não deve pegarnos despreparados. Devemos viver cada dia como se fosse iminente a Sua volta.

21.35 — *Um laço.* O fim é algo com o qual todos têm de conviver. É como uma armadilha para as pessoas na terra. O julgamento chegará, e por isso deve-se estar preparado. A vida tem de ser vivida à luz da chegada do fim.

21.36-38 — *Vigiai... orando.* Jesus encorajou os Seus discípulos a perseverarem na oração e na fé, aguardando o dia em que o Filho do Homem livrará os fiéis do julgamento, para que eles possam *estar em pé diante dele* (1 Jo 2.28).

22.1 — Esse versículo inicia a narrativa da paixão, a passagem que mostra a morte e a ressurreição de Jesus. A *Festa dos Pães Asmos* (ou Festa do Pão sem Fermento) acontecia imediatamente após a *Páscoa*. Na verdade, as duas festas eram consideradas uma só. A Páscoa celebrava a noite da décima praga do Egito, quando Deus



ENTENDENDO MELHOR

PÁSCOA

A Páscoa — com a Festa dos Pães Asmos (Lc 22.7) — era uma das três grandes festas judaicas.

O termo *Páscoa* remete à libertação de Israel da escravidão no Egito (Êx 12.1—13.16). Deus enviou Seu anjo para matar todos os primogênitos egípcios, a fim de fazer com que o faraó deixasse Seu povo ir embora. As famílias hebraicas foram instruídas a sacrificar cordeiros e pintar com sangue o batente da porta de suas casas como um sinal para que o anjo *passasse por cima* delas durante o juízo divino.

A Páscoa judaica é comemorada no décimo quarto dia do primeiro mês, chamado de Abibe (que corresponde aos meses de março/abril de nosso calendário), e os rituais começam ao entardecer (Lv 23.6). Foi na noite desse primeiro dia de Páscoa que Israel deixou o Egito apressadamente. Os pães asmos são usados na celebração como um lembrete de que os israelitas não tiveram tempo de fermentar o alimento antes de comer sua última refeição como escravos no Egito.

Na época neotestamentária, a Páscoa atraía para Jerusalém judeus de todo o mundo. Grandes grupos de peregrinos se reuniam na Cidade Santa para celebrar a festividade anual. Assim, uma incomum multidão participou dos acontecimentos que envolveram a entrada triunfal de Jesus na cidade (Lc 19.37-39), Sua prisão, Seu julgamento e Sua crucificação (Lc 23.18,27,35,48). Ao que tudo indica, muitos ficaram em Jerusalém até a Festa de Pentecostes [comemorada 50 dias depois da Páscoa], quando ouviram o persuasivo sermão de Pedro (At 2.1-41).

Da mesma forma que o sangue dos cordeiros salvou os hebreus da destruição no Egito, o sangue de Jesus, o Cordeiro pascal, salvou-nos do poder do pecado e da morte.

passou pelos primogênitos de Israel e estes foram poupados pelo anjo da morte. A Festa do Pão sem Fermento comemorava o êxodo (Êx 12; Lv 23.5,6). Muitos judeus peregrinos viajavam até Jerusalém para participar das festividades.

22.2 — *Andavam procurando como o matariam.* Os líderes ainda queriam achar uma maneira de matar Jesus, mas o medo de Sua popularidade os impedia (Lc 19.47,48; 20.19).

22.3 — A jornada até a cruz não foi só uma conjunção de fatores humanos, ou a trama de Judas. Forças malignas estavam em ação contra Jesus. *Satanás* é mencionado nas tentações de Jesus, em Lucas 10.18 e em 13.16. O nome deriva do termo hebraico que significa *adversário* (Jo 1.9-11).

22.4 — O envolvimento de Judas na trama para trair Jesus foi bem-vindo, do ponto de vista dos líderes religiosos judeus. Eles puderam prender o Senhor em segredo e mais tarde alegar que a força motriz para detê-lo veio de Seu próprio grupo de discípulos. Os *capitães*, levitas que eram membros da guarda do templo, seriam aqueles que fariam a prisão.

22.5 — *Os quais se alegraram e convieram em lhe dar dinheiro.* Este detalhe mostra a razão por que Judas foi chamado de ganancioso. Mateus 26.15 registra que foi Judas quem levantou a questão do dinheiro. A oferta de Judas simplificou enormemente toda a situação. Desta forma, os líderes ficaram satisfeitos e quiseram recompensá-lo.

22.6 — *Para lho entregar sem alvoroço.* Os líderes não desejavam capturar Jesus em público, senão uma revolta popular aconteceria.

22.7,8 — Os Evangelhos Sinópticos deixam bastante claro que Jesus foi traído no dia da *Páscoa* (Mt 26.17-19; Mc 14.12-16).

22.9,10 — *Segui-o.* Jesus está novamente no controle dos acontecimentos e diz aos discípulos onde deveriam preparar a refeição.

22.11,12 — *Cenáculo.* Estes cômodos geralmente ficavam disponíveis para atender os milhares de peregrinos que iam até Jerusalém para as celebrações da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos. Tais acomodações eram normalmente mobiliadas com divãs para que os hóspedes, durante as festas, pudessem repousar e alimentar-se. O acesso

ao cômodo era provavelmente feito por uma escada construída na parte externa da casa.

22.13 — *Como lhes havia sido dito.* As declarações de Jesus eram certas, mesmo quando não tratavam de questões espirituais.

22.14-30 — Uma comparação dessa passagem com João 13.1-30 indica que Lucas reordenou os acontecimentos de maneira tópica. Em Lucas, a ceia é instituída e distribuída entre os convidados. Nesse momento, Jesus menciona o traidor. Na passagem de João, Judas já tinha ido embora no momento em que a ceia é compartilhada. O registro de Lucas não menciona a partida de Judas. Além disso, Lucas cita dois cálices, enquanto os outros três Evangelhos fazem referência apenas a um. Uma refeição de Páscoa tinha quatro pratos e quatro cálices. Desse ponto de vista, é claro que os escritores do Evangelho sintetizaram os acontecimentos da reunião. As palavras sobre a tomada do pão e do cálice em Lucas são muito parecidas com as em 1 Coríntios 11.23-26.

22.15 — *Desejei muito comer convosco esta Páscoa.* Jesus pôde gozar da companhia de Seus discípulos antes de Seu padecimento, e também lhes transmitiu preciosos ensinamentos antes de partir.

22.16 — *Não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus.* No Reino vindouro, quando a vitória final for celebrada, Jesus comerá novamente.

22.17,18 — *Já não beberei do fruto da vide.* Como já foi esclarecido no versículo 16, Jesus abster-se-á de celebrar uma refeição até que Ele retorne.

22.19 — *Isto é o meu corpo... fazei isso em memória de mim.* Jesus instituiu uma nova refeição, que não era apenas um memorial de Sua morte, mas também uma ceia de união solidária. É uma proclamação e um símbolo da esperança dos fiéis em Seu retorno, quando todas as promessas divinas serão cumpridas (1 Co 10.16,17; 11.23-26). O pão da ceia do Senhor representa o corpo de Cristo, oferecido em favor de todos os seus discípulos.

22.20 — *Este cálice é o Novo Testamento.* O vinho da ceia do Senhor ilustra a concessão da vida, um sacrifício de sangue, que inaugura a nova aliança para aqueles que respondem à oferta de

salvação de Jesus (Hb 8.8,13; 9.11-28). Esta é a mais forte imagem substitutiva do Evangelho de Lucas: Jesus morreu na cruz em nosso lugar para expiar nossos pecados (At 20.28).

22.21,22 — Jesus sofreria, como estava determinado no plano de Deus, e Seu traidor enfrentaria um terrível infortúnio.

22.23 — *Qual deles seria.* A revelação gerou uma discussão à mesa a respeito de qual dos companheiros de Jesus iria voltar-se contra Ele.

22.24 — *Qual deles parecia ser o maior.* Observe a triste ironia nesse versículo. Enquanto Jesus enfrentava a realidade de ser traído e morto, os discípulos discutiam qual deles era o maior.

22.25 — *Benfeitores.* Essa denominação sugere que as pessoas deviam ser gratas pelos líderes generosos de sua nação e que precisavam reconhecer seu poder e autoridade.

22.26 — *Como o menor... como quem serve.* Na Igreja, a liderança não se engrandece; ela serve. Isto mostra respeito pelos outros, como um jovem demonstra pelo mais velho. Os verdadeiros líderes trabalham pelos outros, como um servo faz. Em suma, a grandeza, do ponto de vista do Senhor, é exatamente o oposto da visão mundana.

22.27 — *Sou como aquele que serve.* Jesus cita Sua própria condição como um exemplo. É curioso considerar se Cristo estava referindo-se ao lava-pés, que somente João 13 registra, ou aludindo ao Seu ministério de forma geral.

22.29 — Jesus deu autoridade aos apóstolos, para que continuassem a edificar a Igreja, que é uma parte do Reino. A autoridade que Cristo lhes outorgou era semelhante ao poder que o *Pai* lhe destinou.

22.30 — *Comais e bebais... vos assenteis sobre tronos.* Esta é uma promessa de autoridade e bênção futura. Foi prometido aos discípulos um lugar no banquete da vitória e o direito de ajudar Jesus em Seu domínio sobre Israel, em Sua segunda vinda (Mt 19.28; 2 Tm 2.12).

22.31 — *Satanás vos pediu.* A palavra grega nesse trecho está no plural, sugerindo que Satanás pediu permissão para atormentar todos os discípulos.

22.32 — *Mas eu roguei por ti... te converteres.* A palavra grega, aqui, está no singular, referindo-se especificamente a Pedro. Na verdade,

Jesus orou ao Pai pelo restabelecimento de Pedro antes mesmo de ele cair (v. 54-62), e instruiu o discípulo a animar os santos, fortalecendo-os.

22.33 — *À morte.* Pedro superestima sua lealdade e não pressente o perigo nas observações de Jesus. Paulo também diz *estou pronto*, mas sua confiança estava na dinâmica do evangelho (Rm 1.15-17), e não no entusiasmo vacilante da carne.

22.34 — *Três vezes.* Jesus prediz que uma negação tripla aconteceria antes que o galo cantasse de manhã.

22.35,36 — *Quando vos mandei.* A referência aqui é à missão dos discípulos registrada em Lucas 9.1-6 e 10.1-24. Os discípulos dependiam de Deus para prover suas necessidades, e todas elas foram supridas por Ele por intermédio de pessoas generosas. Entretanto, a situação mudou. Aqui, Jesus os instrui a levar *bolsa*, *alforje* e uma *espada* em suas jornadas, para que estivessem preparados para a rejeição futura.

22.37 — *Aquilo que está escrito.* Jesus citou Isaías 53.12, que descreve um justo que sofreu como um criminoso. O Senhor observou que Sua morte cumpriria a predição de Isaías.

22.38 — Interpretando de forma equivocada as instruções de Jesus no versículo 36, os discípulos sinalizam que têm armas para lutar (v. 50,51).

22.39 — *Monte das Oliveiras.* Em Mateus 26.36, aparece *Getsêmani*, enquanto em João 18.1 é mencionado *um horto*.

22.40 — *Orai.* Jesus aconselha os Seus discípulos a clamarem pela proteção de Deus nessa hora.

22.41 — *Orava.* Jesus faz o que aconselhou aos Seus discípulos. *Um tiro de pedra* corresponde a alguns metros.

22.42 — Jesus agonizava por causa da proximidade de Sua morte e da consequência da ira de Deus. O *cálice* é uma figura de linguagem que simboliza ira (Sl 11.6; 75.7,8; Jr 25.15,16; Ez 23.31-34).

22.43 — *Que o confortava.* A resposta de Deus à oração de Jesus não permitiu que Seu Filho evitasse o sofrimento. Entretanto, Deus proveu auxílio celestial para Jesus em vista do que estava para acontecer. Algumas vezes, Deus responde às orações eliminando as provações; outras, Ele responde fortalecendo-nos diante delas.

22.44 — *E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue.* A oração e a intensa emoção de Jesus (v. 42-44) transformaram-se em uma reação física. Embora Jesus provavelmente não tenha sangrado aqui, Seu suor era como gotas de sangue.

22.45 — *Dormindo de tristeza.* Os discípulos ficaram cansados e dormiram por causa da emoção que os dominou, mas isso lhes custou um tempo útil de oração.

22.46 — *Orai.* Jesus repete Seu chamado à oração. Eles precisavam orar mais do que nunca nesses momentos que antecediam à grande aflição, quando a tentação espreitava.

22.47 — *Para o beijar.* A traição concretiza-se por meio de uma atitude falsa.

22.48 — Jesus não apenas relembra a Judas o que ele fez, como também observa a ironia de ser traído *com um beijo*.

22.49 — *Senhor, feriremos à espada?* Os discípulos perguntam se eles devem lutar.

22.50 — *E um deles feriu o servo.* Em João 18.10, é dito que este discípulo impetuoso foi Pedro (Mt 26.51; Mc 14.47). Sua violenta atitude poderia ter dado a impressão de que os discípulos eram sediciosos.

22.51 — *E, tocando-lhe a orelha, o curou.* Jesus misericordiosamente curou o ferimento da orelha daquele que estava ali para levá-lo à morte. O Senhor ilustra aqui o amor aos inimigos de que havia falado em Lucas 6.27-36.

22.52 — *Como para deter um salteador?* O termo grego para *salteador* era usado tanto para bandidos como para revolucionários. Jesus repreendeu Seus captores por tratá-lo como se Ele fosse um perigoso transgressor.

22.53 — *Não estendestes as mãos contra mim.* Jesus observa a covardia desses homens, pois eles não o perseguiram publicamente, nas ocasiões em que Cristo ensinava no templo.

Vossa hora... trevas. O Senhor Jesus aponta que as forças malignas estão em ação (Jo 8.44; 13.30; 14.30).

22.54 — Esta é a primeira vez que Jesus fica defronte a Anás (Jo 18.13).

22.55 — *Assentou-se Pedro entre eles.* O fogo indica que era uma noite fria. Pedro os seguira para saber o que aconteceria ao Senhor.

22.56 — *Este também estava com ele.* A criada identifica Pedro como um discípulo.

22.57 — *Negou-o.* Esta é a primeira negação.



VOCE SABIA?

UM ERRO FORTUITO

Uma grande confusão imperou no Getsêmani quando Judas levou até lá um grupo para prender Jesus. O caos emergiu completamente no momento em que Pedro sacou sua espada e desferiu um golpe que decepcionou a orelha de Malco, um servo do sumo sacerdote que estava ali para prender Cristo (Lc 22.50; Jo 18.10).

O ato impulsivo de Pedro poderia ter se tornado um desastre. Jesus e os onze estavam em número inferior e não poderiam defender-se contra o grupo de soldados do Sinédrio e da tropa romana. Aqueles que foram lá para prender Jesus aparentemente esperavam por um pretexto para usar de violência contra o Rabi. Felizmente, Jesus retomou o controle da situação de pronto curando a orelha de Malco e não resistindo à prisão (Lc 22. 51 – 53).

É interessante notar também que o ferimento aconteceu na orelha direita de Malco. Os leitores modernos podem pensar que Pedro desferiu um golpe lateral, com a lâmina paralela ao solo. Entretanto, um homem do primeiro século que usava este tipo de arma provavelmente sacaria sua espada para acertar o crânio do oponente com um golpe vertical e cortante. Em uma batalha, a ideia era lançar um ataque certeiro no sulco do capacete inimigo, rachando-o até abrir e atingindo a cabeça. Talvez esta tivesse sido a intenção de Pedro, mas a sua má pontaria tenha feito com que ele atingisse a orelha do inimigo. Ou pode ser que Malco tenha se esquivado do golpe, deixando exposta sua orelha direita.

De qualquer forma, Pedro não causou um ferimento mortal. Contudo, certamente atraiu as atenções para si. Malco era o servo de Caifás (Mt 26.3). Mais tarde, um dos parentes de Malco reconheceu Pedro aquecendo-se junto a uma fogueira na área externa do Sinédrio. *Eu não o vi com ele no olival?* — perguntou o tal parente desconfiado; o discípulo negou (Jo 18.26).

22.58 — *Tu és também deles... não sou.* A segunda negação acontece *um pouco depois*.

22.59 — *Pois também é Galileu.* De acordo com Marcos 14.70, o modo de falar de Pedro denunciava que ele vinha da mesma região em que pregava Jesus.

22.60 — *Não sei o que dizes.* A terceira negação confirma a palavra de Jesus.

Cantou o galo. O sinal que Jesus predisse aconteceu.

22.61,62 — *Olhou para Pedro.* Ao que parece, uma janela no pátio se abriu e Pedro soube que o Senhor estava ciente de suas negações.

Chorou amargamente. O Senhor conhecia Pedro melhor do que ele mesmo (v. 34). O discípulo ficou muito consternado por ter falhado com Jesus.

22.63 — *Zombavam dele, ferindo-o.* Mateus 26.67 e Marcos 14.65 ainda descrevem o abuso sofrido por Jesus nas mãos dos soldados. Estes insultavam o Senhor, cuspiam e batiam nele.

22.64 — *Profetiza-nos.* Os soldados iniciaram uma espécie de jogo para zombar de Jesus. Eles cobriram Sua cabeça e ordenaram que Ele adivinhasse quem o estava espancando.

22.65 — *Blasfemando.* Eles desonravam, ou difamavam, Cristo. Novamente, a ironia está presente, pois Jesus será acusado de blasfêmia no julgamento (Mc 14.64).

22.66-68 — Aqui, descreve-se um grande julgamento matutino que envolveu todos os líderes religiosos do Sinédrio. De acordo com antigas fontes, esse julgamento violou várias regras legais judaicas: realizar julgamento na manhã de uma celebração; encontrar-se na casa de Caifás; levar o acusado a juízo sem defesa e dar o veredicto em um dia, em vez de dois dias, exigidos em casos de crime com sentença de morte.

22.69 — *Desde agora significa de agora em diante.* Jesus dizia que a autoridade estava com Ele a partir desse momento. Embora estivesse sendo julgado, Cristo é, na verdade, o Juiz final.

Assentará à direita do poder de Deus. A resposta de Jesus aqui alude à no Salmos 110.1. Esta resposta foi o que o condenou. Ao que tudo indica, o que ofendeu a audiência foi a afirmação de Seu assentamento na presença de Deus e o exercício da

divina autoridade. Na realidade, a réplica à pergunta dos religiosos foi mais do que eles esperavam.

Não era uma blasfêmia alegar ser o Messias. Blasfêmia foi a afirmação de ser o Juiz do povo judeu, com a autoridade de Deus. A observação de Jesus também envolve a esperança de vindicação. Ainda que o povo o matasse, Jesus terminaria ao lado de Deus.

O título *Filho do Homem* é uma alusão a Daniel 7 (Mt 26.64; Mc 14.62).

22.70 — *Filho de Deus.* Os líderes judeus sentiram que Jesus estava afirmando grande autoridade aqui. Eles perceberam que Cristo declarava uma singular e sublime relação com Deus, colocando-se no mesmo nível dele. No modo de ver dos líderes, isso não era possível.

Vós dizeis que eu sou. Jesus observa que eles mesmos chegaram a tal conclusão, e não a rejeita.

22.71 — *Pois nós mesmos o ouvimos da sua boca.* Os líderes judeus concluíram que Jesus tinha feito uma declaração de culpa. Cristo foi condenado por Sua afirmação de possuir um relacionamento com Deus no qual Ele exerce autoridade da mesma forma que o SENHOR Jeová.

23.1 — O administrador romano Pilatos era responsável pela coleta dos impostos e pela preservação da paz. Pode ser que ele estivesse em Jerusalém para audiências judiciais. O fato de outros condenados serem crucificados com Jesus faz com que esta hipótese seja bastante provável.

23.2 — *Começaram a acusá-lo.* Três acusações foram feitas contra Jesus: (1) perverter a nação, (2) proibir o pagamento de tributo a César e (3) alegar ser o Cristo. A primeira acusação, que era uma queixa geral, envolvia a perturbação da ordem. As outras duas acusações podem ter sido interpretações de ameaça a Roma. A segunda denúncia era uma mentira deslavada (Lc 20.20-26). A terceira era verdadeira, mas não no sentido ameaçador com que fora apresentada. Um procedimento romano com três etapas foi seguido no julgamento: acusação, exame e veredicto.

23.3 — *Tu o dizes.* Jesus respondeu a Pilatos da mesma forma que fez com o Sinédrio em Lucas 22.67,68,70. O Senhor confirma ser Rei, mas não era uma ameaça a Roma (Jo 18.36).

23.4 — *Não acho culpa alguma.* O veredicto de Pilatos dizia que Jesus era inocente. Esta é a primeira de muitas declarações do tipo nesse capítulo (v. 14,15,22,41). O sofrimento e a morte de Jesus foram de um inocente, o Justo (v. 47).

23.5 — Quando os líderes mencionaram a acusação de que Jesus alvoroçava as *peçoas*, eles estavam sugerindo que Pilatos poderia arriscar-se a ser considerado negligente caso deixasse Jesus ir.

23.6,7 — *Jurisdição de Herodes.* Herodes era responsável pela Galiléia, por isso Pilatos passou a responsabilidade da decisão judicial e mostrou cortesia política ao mesmo tempo.

23.8 — *Alegrou-se muito.* A curiosidade de Herodes a respeito de Jesus é observada em Lucas 9.7-9.

23.9 — *Mas Ele nada lhe respondia.* Jesus pode ter permanecido em silêncio porque já havia sido declarado inocente e continuava sendo submetido a julgamento (At 8.32,33).

23.10 — *Acusando-o com grande veemência.* A pressão para declarar Jesus culpado continuava.

23.11,12 — Herodes e seus homens já não temiam a Jesus. Desta forma, decidiram divertir-se às Suas custas e puseram nele uma *roupa resplandecente*. Esta atitude provavelmente era uma referência sarcástica à Sua afirmação de ser rei.

23.13,14 — *Nenhuma culpa... acho neste homem.* Esta é a segunda declaração de inocência feita por Pilatos.

23.15 — *Nem mesmo Herodes.* O sentido da atitude de Herodes indica que Jesus *não fez coisa alguma digna de morte*.

23.16 — *Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei.* Pilatos esperava que um açoitamento público pudesse satisfazer o povo e “acalmar” Jesus, evitando assim lançar mão da pena de morte.

23.17 — *Era necessário... soltar-lhes um pela festa.* Pilatos desejava tirar vantagem desse costume e soltar Jesus (Mt 27.15; Mc 15.6).

23.18,19 — *Fora daqui com este.* A multidão grita querendo a morte de Jesus. Lucas deixa claro que a morte de Cristo não foi somente instigada pelos oficiais judeus, mas também pelo povo.

Barrabás. As pessoas preferiram que um assassino sedicioso fosse libertado no lugar de Cristo.

O conceito da substituição de Jesus por este homem prefigura a morte substitutiva do Salvador no lugar do povo pecador.

23.20-23 — Lucas menciona os *principais sacerdotes* à parte do povo, pois estes eram os principais instigadores da trama contra Jesus. Pilatos temeu a vontade das pessoas, por isso ele aderiu à conspiração e concordou em condenar Cristo à morte, mesmo sabendo que Ele era inocente (At 4.25-27).

23.24,25 — *Entregou Jesus à vontade deles.* Cristo está à beira da morte.

23.26 — Ao que tudo indica, Jesus não conseguia carregar Sua própria cruz.

Simão, Cireneu, um homem oriundo da Cirenaica, província situada na costa leste da África, ou talvez da própria capital, Cirene, foi escolhido para carregar a cruz de Jesus (At 6.9; 11.20; 13.1). Marcos 15.20,21 menciona que os filhos de Simão eram Alexandre e Rufo, dando a entender que foram cristãos conhecidos dos romanos.

23.27 — Os acontecimentos dos versículos 27-31 são exclusivos da passagem de Lucas. Embora o luto pelos mortos fosse exigido pelo costume do mundo antigo, a resposta de Jesus indica que o lamento das pessoas era de fato sincero.

23.28 — *Não choreis por mim.* Ainda que Jesus estivesse morrendo, Ele disse que o choro devia ser por Israel e seus habitantes, visto que o julgamento recairia sobre a cidade (Lc 19.41-44). Jerusalém, aqui, representa toda a nação de Israel.

23.29,30 — *Ventre que não geraram.* Nos dias do julgamento, as pessoas sem filhos, consideradas amaldiçoadas pelo resto da população, estariam em melhor posição do que os que possuíam família, porque o terror dessa hora seria muito grande.

Caí sobre nós. O medo do julgamento seria tão imenso que as pessoas prefeririam morrer a sofrer o que estava por vir. Há uma alusão aqui a Oséias 10.8 (Ap 6.16). As pessoas que enfrentam o julgamento de Deus preferem o alívio da morte a suportar Sua ira.

23.31 — *Que se fará ao seco?* A ideia aqui aparentemente é “se isso é feito a uma árvore viva, o que acontecerá a uma morta?”, ou, em outras palavras: “se Jesus, a árvore viva, não foi poupado,



APROFUNDE-SE

CRUCIFICAÇÃO

Os romanos usaram um dos mais dolorosos métodos para matar Jesus (Lc 23.33). A crucificação era utilizada por muitas nações no mundo antigo, incluindo a Assíria, a Média e a Pérsia. A ideia pode ter se originado da prática de pendurar o corpo das pessoas executadas em estacas, para a exposição pública. Isso desencorajava a desobediência e zombava dos inimigos derrotados militarmente (Gn 40.19; 1 Sm 31.8-13).

A crucificação foi praticada pelos gregos, notavelmente por Alexandre, o Grande, que pendurou cerca de duas mil pessoas em cruzes quando a cidade de Tiro foi destruída. Durante o período de controle grego e romano da Palestina, o governante judeu Alexandre Janeu crucificou 800 fariseus que se opuseram a ele. Entretanto, tais execuções foram consideradas detestáveis e anormais, tanto pelas pessoas da época como, posteriormente, pelo historiador helenista Flávio Josefo.

Desde o começo, a morte na cruz foi usada para punir os escravos rebeldes e os bandidos. A prática continuou para além do período neotestamentário, como uma forma de punição suprema de crimes militares e políticos, tais como a deserção, a espionagem, a rebeldia, a sedição e a delação. Entretanto, após a conversão de Constantino ao cristianismo, a cruz se tornou um símbolo sagrado e seu uso como um meio de execução foi abolido.

A crucificação consistia na fixação da vítima com pregos, ou tiras de couro, pelos punhos em uma estaca horizontal que era pregada a outra, na posição vertical, fincada no solo. Algumas vezes, hastes ou pinos eram colocados na cruz próximos aos pés da vítima, para que esta se apoiasse. Em certas ocasiões, os pés também eram pregados no instrumento de tortura. O condenado só tinha certo alívio se pudesse escorar os pés nas hastes ou nos pinos.

Com a vítima pendurada oscilante pelos braços, o sangue não conseguia mais circular normalmente, até os órgãos vitais. Com o passar do tempo, o esgotamento tomava conta do crucificado e, por fim, a pessoa morria. Contudo, esse processo demorava alguns dias. Se a vítima tivesse sido espancada severamente, ela não tardava muito a morrer. Assim, para acelerar a morte, os executores algumas vezes quebravam a perna do condenado com uma clava. Assim, o sangue circulava com mais dificuldade, e a morte por asfixia ocorria de forma mais rápida. Geralmente, eles deixavam os corpos apodrecerem ou serem devorados pelas aves de rapina.

Para o povo judeu, a crucificação representava a forma mais abominável de morte: *qualquer que for pendurado no madeiro está debaixo da maldição de Deus* (Dt 21. 23). Mesmo assim, o conselho judeu buscou e obteve a autorização romana para crucificar Jesus (Mc 15.13-15).

O apóstolo Paulo sintetizou a importância do modo pelo qual Jesus morreu: *mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus* (1 Cr 1.23,24). Por meio da crueldade e da agonia da crucificação que Jesus experimentou, Deus realizou o maior bem de todos: a redenção dos pecadores.

quanto mais se fará à madeira morta?" Este é o lamento final de Jesus sobre a nação de Israel.

23.32 — A predição de Jesus de morrer com os transgressores (Lc 22.37; veja também a profecia de Isaías em 53.12) é cumprida quando os dois criminosos o acompanham até a morte.

23.33 — O nome do lugar em aramaico é Gólgota, que quer dizer *caveira*. Calvário é o nome em latim para Gólgota. O termo provavelmente faz referência a uma característica geográfica do local, algo que se assemelhava a uma caveira.

23.34 — *Perdoa-lhes*. Aqueles que levaram Jesus à morte agiram em ignorância, não entendendo de fato quem estavam matando. O exemplo

de Cristo de intercessão por Seus executores foi seguido por Estêvão em Atos 7.60.

Repartindo os seus vestidos, lançaram sortes. A linguagem usada aqui alude ao sofrimento do Justo de Salmos 22.18.

23.35 — *Zombavam*. Jesus é chicoteado e alguns, com zombaria, pedem que Ele se salve se for mesmo o Cristo. Há uma ironia quando as autoridades escarnecem do Salvador, pois elas pensam que o detiveram e que Ele não pode salvar-se. Deus está preparando a vindicação pela qual Ele, como Salvador, salvará os outros.

23.36 — A bebida citada aqui, o *vinagre*, foi provavelmente uma mistura de vinho com mirra.

Costumavam ofertá-la aos condenados para abrandar o sofrimento.

23.37 — *Salva-te a ti mesmo.* A ordem sarcástica para que Jesus salvasse a si mesmo continuava, assim como a ironia.

23.38 — **ESTE É O REI DOS JUDEUS.** Esta inscrição, que acusava Jesus, foi escrita em três línguas. Ele foi morto por ser quem é.

23.39 — *Salva-te a ti.* O escárnio vinha das autoridades (v. 35) e dos soldados (v. 37). Agora, Lucas registra que a blasfêmia era dita por um dos criminosos.

23.40 — Nem todo mundo rejeitou Jesus em Sua crucificação. O outro criminoso repreendeu o companheiro, avisando que ele deveria temer a Deus. O ladrão sarcástico, que sofreria julgamento, não estava em posição de insultar o Senhor.

23.41 — *E nós, na verdade, com justiça.* Um dos criminosos sabia a diferença entre aqueles que tinham pecado e mereciam morrer e Aquele que não merecia.

23.42 — *Quando entrares.* Esta afirmação é surpreendente, por mostrar uma compreensão clara por parte do criminoso. Enquanto os outros zombavam de Cristo e de Sua aparente inaptidão para salvar-se, este ladrão reconheceu que Jesus viveria e reinaria. Ele quis ser salvo e participar do Reino de Cristo.

23.43 — *Hoje estarás comigo.* Jesus prometeu vida eterna ao ladrão, fazendo o que os zombadores pediram que fizesse no versículo 39.

23.44 — *Sexta hora... nona hora.* A primeira hora era o nascer do sol, então este período estava compreendido entre meio-dia e três da tarde. Durante este intervalo de tempo, não houve luz, mas sim trevas (Lc 22.53).

23.45 — *Escurecendo-se o sol.* Este testemunho da criação foi moldado para sinalizar a importância da morte de Jesus. A Páscoa ocorre na lua cheia, assim essa ocorrência não pode ter sido um eclipse do sol. Essa imagem é similar à associada ao dia do SENHOR (Jl 2.10,30,31; Am 8; 9; Sf 1.15). Não fica claro se o véu rasgado do templo foi o da entrada do tabernáculo, ou a cortina interna que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo. O rompimento

do véu simboliza o acesso renovado a Deus por meio da morte de Cristo (v. 43; Hb 9.10).

23.46 — *Nas tuas mãos entrego.* As palavras finais de Jesus são de Salmos 31.5, onde é registrada a oração de confiança de um sofredor justo. Jesus exercitou esta fé aqui.

23.47 — Em Mateus 27.54 e Marcos 15.39, a afirmação do centurião é registrada com uma confissão a respeito do Filho de Deus. Se Jesus era *justo* e inocente, então Ele era justamente quem afirmava ser. Desta forma, uma segunda pessoa, além do ladrão na cruz, soube discernir quem era Jesus.

23.48 — *Batendo nos peitos.* Um costumeiro rito de luto que se segue à morte.

23.49 — Os galileus *estavam de longe* observando a crucificação de Jesus. A tristeza deles é posteriormente explicada em Lucas 24.16-20.

23.50 — *José, um senador.* Nem todo líder religioso judeu se opôs a Jesus.

23.51 — *Que não tinha consentido.* José não havia concordado com a sentença de Jesus. Marcos 14.64 indica que “todos” os presentes consentiram com a execução de Jesus. Assim, José pode não ter participado do julgamento.

Também esperava o Reino de Deus. A descrição de José nos versículos 50 e 51 lembra as de Zacarias e Isabel (Lc 1.5,6) e Simeão e Ana (Lc 2.25,38). A definição sugere que José era seguidor de Jesus.

23.52 — *Corpo de Jesus.* Não há dúvidas de que Cristo morreu. Algumas pessoas querem explicar a ressurreição como a volta à vida de alguém em coma. Entretanto, isto é mais impossível do que a própria ideia da ressurreição.

23.53 — Jesus teve um sepultamento honrado (Dt 21.22,23). O lençol de linho era de boa qualidade. O *sepulcro* foi fechado com uma pedra para mantê-lo seguro (Mt 27.66). Guardas foram designados para vigiar o local e impedir que roubassem o corpo (Mt 27.65,66).

23.54 — Jesus foi enterrado perto do fim da sexta-feira, em um dia chamado de *dia da preparação*, quando tudo era preparado para o Sábado, o dia em que nenhum trabalho podia ser feito.

23.55 — *As mulheres... viram o sepulcro.* Não restaram dúvidas de que Jesus foi enterrado.

23.56 — *Prepararam especiarias e unguentos.* Na sexta-feira, as mulheres se organizaram para a unção do corpo de Jesus no dia seguinte ao Sábado, visto que elas não poderiam fazer os preparativos no Sábado. As especiarias eram usadas a fim de que a decomposição do corpo fosse retardada e o forte odor diminuído. Marcos 16.1 observa que as mulheres também compraram as especiarias depois do Sábado. Ao que tudo indica, as mulheres não esperavam a ressurreição.

24.1 — *Muito de madrugada.* As mulheres chegaram bem cedo para ungir o corpo de Jesus. João 20.1 observa que ainda estava escuro, enquanto Mateus 28.1 fala da alvorada. Marcos 16.2 diz que era muito cedo. Alguns manuscritos mencionam apenas a ida das mulheres de Lucas 23.55.

24.2 — Mateus 28.2 diz que um terremoto moveu a pedra, que deve ter sido encaixada na frente da passagem da entrada do sepulcro. Mover a pedra seria possível, embora trabalhoso, para um grupo de pessoas. O terremoto determina como a rocha foi removida.

24.3 — *Não acharam o corpo.* A primeira menção ao sepulcro vazio indica que a ressurreição ocorreu.

24.4,5 — Podemos admitir que os dois varões que apareceram eram anjos baseados na descrição de suas vestimentas como *resplandecentes* (v. 23).

Por que buscais o vivente. Os anjos anunciaram que Jesus estava vivo. Ungi-lo não seria necessário.

24.6 — *Ressuscitou... Lembrai-vos.* Os anjos lembram as mulheres de que Jesus havia predito Sua ressurreição ainda na *Galiléia* (Lc 9.22).

24.7 — *Entregue... crucificado... ressuscite.* O teor das predições é mencionado novamente de forma reduzida (Lc 9.22; 18.32,33).

24.8 — *E lembraram-se.* As palavras que ouviram fizeram com que elas se lembrassem do que o Senhor Jesus havia dito.

24.9 — *Anunciaram todas essas coisas.* As primeiras testemunhas do sepulcro vazio dão o seu depoimento, que é resumido em Lucas 24.23.

24.10 — Três mulheres são nomeadas: *Maria Madalena* (Lc 8.2; Mt 28.1; Mc 16.1; Jo 20.1), *Joana* (Lc 8.3) e *Maria, mãe de Tiago* (Mc 15.40; 16.1). Outras mulheres também estavam com

essas três durante o depoimento acerca da ressurreição de Jesus. Maria, a última ao pé da cruz e a primeira no sepulcro, teve o privilégio de transmitir a primeira mensagem da ressurreição.

24.11 — O ceticismo imperou entre os discípulos. É claro que eles não esperavam a ressurreição.

E não as creram. As palavras das mulheres pareciam loucura ao ouvido dos homens.

24.12 — *Levantando-se, correu.* Pedro, já tendo passado pela experiência do cumprimento da palavra do Senhor (Lc 22.54-62), correu até o túmulo para checar a história das mulheres. É difícil dizer se ele acreditou na ressurreição após deixar o sepulcro. O fato de ter ficado *admirado* indica surpresa ou fé?

24.13-35 — A história dos dois discípulos no caminho de Emaús é registrada apenas em Lucas.

24.13-16 — *Os olhos deles estavam como que fechados.* Os discípulos não puderam reconhecer que Jesus estava entre eles (v. 15). Isso indica que Ele estava no mesmo corpo, embora glorificado, com o qual morreu. De outra forma, não haveria necessidade de impedir que eles o reconhecessem.

24.17 — *Que palavras são essas.* Jesus perguntou sobre o teor da conversa deles, que os deixava tão *tristes*.

24.18 — *Não sabes as coisas.* Cleofas fica admirado porque o homem não sabia o que havia acontecido em Jerusalém.

24.19-21 — *Jesus Nazareno... um profeta.* Esses discípulos na estrada de Emaús consideravam Jesus como o Revelador do caminho de Deus e Executor de Sua obra.

Fosse Ele o que remisse Israel. Os discípulos esperavam que Deus mais uma vez salvasse Israel por intermédio de Jesus.

24.22,23 — *Visto uma visão de anjos... Ele vive.* As mulheres falaram que o corpo não foi encontrado no sepulcro de Jesus e que os anjos anunciaram que Ele estava vivo. No entanto, esses homens ainda estarem tristes indicava que não acreditaram no depoimento das mulheres. Eles estavam entre os céticos do versículo 11.

24.24 — Até onde os discípulos sabiam, ainda não havia provas da ressurreição de Jesus. Eles

quiseram ver o Cristo ressuscitado. Tomé não foi o único a ter dúvidas (Jo 20.25).

24.25 — *Tardos de coração para crer.* Jesus, que ainda não podia ser reconhecido pelos companheiros de trajeto, repreendeu os homens e lembrou-os das coisas que os profetas ensinaram.

24.26 — Os profetas ensinaram a respeito do sofrimento de *Cristo* e de Sua entrada na *glória*. As passagens mencionadas aqui incluíam Salmos 16; 100 e Isaías 53. Veja no livro de Atos a utilização dessas passagens pelos apóstolos, a fim de provar que Jesus é o Messias prometido (At 2.14-36; 8.32,33). Note como Jesus usou o título Cristo (Messias) para fazer referência a si próprio, enquanto os discípulos o chamavam meramente de profeta (v. 19).

24.27 — Começando por Moisés e passando por todos os profetas, Jesus explicou-lhes o plano de Deus nas Escrituras. Este desígnio está presente ao longo de todo o Antigo Testamento (At 3.22-26; 10.43).

24.28,29 — *Fica conosco.* Esta é uma utilização cotidiana de um verbo essencial no Evangelho e na primeira epístola de João (Jo 15.1-8; 1 Jo 2.6). Significa *permanecer* ou *aguardar em algum lugar*. Eles desejavam compartilhar uma refeição com a Sua interessante companhia.

24.30-32 — *Não ardia em nós o nosso coração.* Os homens sentiram, durante os esclarecimentos na caminhada, que estavam vivendo um momento especial.

24.33,34 — Antes que os dois viajantes pudessem expor sua experiência, os outros discípulos contaram que *Simão* também tinha visto Jesus ressuscitado.

24.35 — *E como deles foi conhecido.* O episódio de Emaús é reportado àqueles que sabiam que Pedro tinha visto o Senhor.

24.36 — *O mesmo Jesus se apresentou no meio deles.* Embora Jesus esteja com o Pai, Ele se faz presente e aparece novamente para os homens.

24.37 — *Espírito.* Os discípulos demoraram um pouco para compreender que quem estava no meio deles era Jesus, fisicamente ressuscitado. Os homens acharam, a princípio, que estavam tendo uma visão (v. 39).

24.38 — *Por que sobem tais pensamentos.* As aparições de Jesus foram designadas para garantir aos discípulos a realidade de Sua vindicação.

24.39 — Jesus mostra que um corpo ressuscitado não é um espírito sem matéria. O fato de Cristo estar presente em *carne e ossos* indica que Ele foi ressuscitado em Seu corpo, e não era uma alucinação. Jesus levantou dos mortos no mesmo corpo físico com que enfrentou a morte. Se não fosse dessa forma, seria um fenômeno de reencarnação, e não de ressurreição. A diferença é que Seu corpo ressuscitado não padece e não está sujeito à morte.

Algumas pessoas erroneamente ensinaram que o corpo ressuscitado tem como características o poder de atravessar paredes ou desmaterializar-se segundo sua vontade. Não há provas de que tais capacidades são inerentes ao corpo no referido estado. Lembre-se: Jesus andou sobre as águas, desafiando uma lei da física, antes de ressuscitar. Paulo fala sobre o corpo ressuscitado em 1 Coríntios 15.35-58.

24.40,41 — *Alegria... maravilhados.* Os discípulos são convencidos quando Jesus pede para comer na presença deles.

24.42,43 — A natureza física do corpo ressuscitado de Jesus foi confirmada quando Ele *comeu* um pedaço de peixe assado.

24.44,45 — O plano de Deus, como foi delineado na *Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos*, estava sendo cumprido em Jesus. Essa tripla categorização das antigas Escrituras sumariza o teor do Antigo Testamento.

Abriu-lhes o entendimento. Os discípulos compreenderam como o plano de Deus, da forma que é delineado nas Escrituras, encaixa-se.

24.46 — *Cristo padecesse.... ressuscitasse.* Duas partes do plano de Deus foram cumpridas. Jesus foi crucificado e levantou dos mortos. Os textos do Antigo Testamento que predizem esses acontecimentos são: Salmos 118.22 (At 4.11) e Salmos 22.

24.47 — Jesus foi considerado fingidor e blasfemador. Depois da ressurreição, as pessoas teriam de mudar sua forma de pensar e servi-lo pelo que Ele realmente é, o Filho de Deus. Esta é



COMPARE

JESUS EM ISAÍAS

Você seria capaz de explicar a alguém que textos das Escrituras falam sobre Jesus *começando por Moisés e por todos os profetas* (Lc 24.27)? Isso foi o que o Senhor fez com os dois discípulos a caminho de Emaús. Ele explicou como o Antigo Testamento — as únicas Escrituras existentes naquele tempo — predisse a Sua vinda como o Messias.

A lista completa dos textos que Jesus provavelmente citou seria muito longa para registrarmos aqui. Entretanto, um livro do qual Ele, indubitavelmente, falou bastante foi o de Isaías. Nenhum outro profeta do AT fez tantas referências ao Messias como este, dando ênfase ao Messias como *Servo sofredor*, função que Jesus desempenhou como ninguém.

Profecias de Isaías cumpridas em Cristo

<i>O Servo sofredor...</i>	<i>Jesus</i>
Seria amplamente rejeitado (Is 53.1,3)	Jesus <i>veio para o que era seu, e os seus não o receberam</i> (Jo 1.11; 12.37,38)
Seria desfigurado pelo sofrimento (Is 52.14; 53.2)	Pilatos mandou açoitar Jesus; os soldados romanos colocaram uma coroa de espinhos em Sua cabeça, bateram-lhe na cabeça com uma vara e cuspiram nele (Mc 15.15,17,19)
Aceitaria voluntariamente a dor, o sofrimento e a morte que os pecadores merecem (Is 53.7,8)	Como o bom Pastor, Jesus deu a Sua vida pelas Suas ovelhas (Jo 10.11; 19.30)
Faria a remissão dos pecados por meio de Seu sangue (Is 52.15)	Os cristãos são remidos e salvos pelo sangue de Cristo (1 Pe 1.18,19)
Tomaria sobre si a aflição causada pelo pecado humano (Is 53.4,5)	Jesus <i>foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação</i> (Rm 4.25); Ele <i>levou em seu corpo nossos pecados para o madeiro</i> e por suas feridas fomos sarados (1 Pe 2.24,25)
Morreria por causa da <i>iniquidade</i> (pecado) <i>de todos nós</i> (Is 53.6,8)	Jesus não conheceu pecado, mas Ele <i>se fez pecado por nós</i> (2 Cr 5.21)
Morreria a fim de fazer propiciação pelos transgressores (Is 53.12)	Jesus <i>foi crucificado entre dois ladrões</i> ; um à Sua direita, e outro à Sua esquerda (Mc 15.27,28; Lc 22.37). A ideia geral é que Ele foi o Mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2.5)
Seria enterrado no sepulcro de um rico (Is 53.9)	José de Arimatéia colocou o corpo de Jesus em num sepulcro novo que lhe pertencia (Jo 19.38-42)
Traria a salvação <i>àqueles que cressem nele</i> (Is 53.10,11)	Jesus <i>prometeu que todo aquele que nele cresse não pereceria</i> , mas teria a vida eterna (Jo 3.16). A Igreja primitiva proclamou a mesma mensagem (At 16.31)
Seria <i>engrandecido, e elevado, e mui sublime</i> (Is 52.13)	Deus <i>exaltou soberanamente, e lhe deu um nome para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho</i> (Fp 2.9-11)

a mensagem que Pedro pregaria no Pentecostes, uma pré-dica que faria com que milhares de pessoas declarassem Jesus como seu Senhor e Salvador. Cristo sintetizou a missão dos discípulos como a pregação do *arrependimento*, chamando as pessoas a saírem de seus caminhos egoístas e se voltarem para Jesus, aquele que havia morrido por elas.

Remissão dos pecados. O teor da pregação dos discípulos estaria centrado na benevolente oferta divina de perdão a todos os que acreditassem (At 2.38; 10.43).

Em seu nome. Esta é uma referência à autoridade de Jesus. O perdão e a bênção vêm somente por meio da obra de Cristo ressuscitado

(At 2.30-39). A mensagem da salvação de Jesus iria a *todas as nações*, e chegaria aos judeus e gentios da mesma forma.

A oferta seria feita a todos, pois todos a receberiam (At 10—15). A missão dos discípulos começaria em Jerusalém, onde Jesus morreu, e então se espalharia por todo o mundo (At 1.8).

24.48 — *Testemunhas*. Jesus diz que os discípulos foram chamados para testemunhar Sua obra (At 1.8,22; 3.15; 5.32; 10.39,41; 13.31; 22.15; 26.16).

24.49 — *A promessa de meu Pai*. Esta é uma referência ao batismo no Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2). Foi prometido em Joel 2.28 (At 2.14-18) e em Jeremias 31.31-33. Pedro chama esta vinda do Espírito de *o começo* (At 11.15), porque o real cumprimento da promessa de salvação se iniciaria nas pessoas unidas pelo Espírito para estabelecer a Igreja do Senhor.

Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. Os discípulos

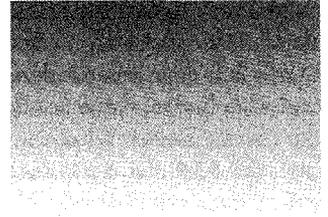
deveriam ficar em Jerusalém até que o Espírito os capacitasse no Dia de Pentecostes.

24.50 — *Betânia* ficava fora da cidade de Jerusalém (Lc 19.29).

24.51 — *Foi elevado ao céu*. Esta é a primeira das duas descrições da ascensão, em Lucas e Atos (At 1.9-11). Lucas pode estar sintetizando aqui o que aconteceu quarenta dias depois, a fim de estabelecer uma ligação com o livro de Atos.

24.52 — *Adorando... grande júbilo*. Esta é uma resposta adequada à realidade da ressurreição e ascensão de Jesus.

24.53 — *E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus*. A tristeza dos discípulos por causa da morte de Jesus chegara ao fim (v. 17). Agora, os seguidores de Cristo esperavam a promessa de Deus com alegria. A narrativa de Lucas continua no livro de Atos, onde ele registra a resposta inicial dos discípulos à ordem dada por Jesus de pregar o evangelho a todas as nações (v. 47).



O Evangelho segundo

João

INTRODUÇÃO

A frase *leia antes de usar* assumiu papel vital nas embalagens de vários itens de consumo hoje em dia. A maioria dos consumidores tem a vida tão corrida que não lhe sobra tempo para ler manuais; por essa razão, as embalagens trazem em destaque as palavras: *se você não pode ler o manual, leia essa parte, pois ela é muito importante*. As instruções descritas no *leia antes de usar* são para o bem do próprio consumidor.

O mesmo princípio é encontrado no Evangelho de João. Ele é o único livro da Bíblia que deixa claro o seu propósito: indicar a todos como obter a vida eterna (Jo 20.31). O propósito bem definido do Evangelho de João o diferencia dos outros Evangelhos. Ele não discorre exaustivamente sobre a vida de Jesus, mas apresenta a Sua divindade de maneira poderosa. Todos os capítulos trazem — tanto por

meio de relatos como de sinais — evidências da divindade de Jesus.

Segundo João, a vida eterna é uma dádiva divina para os cristãos que creem que Jesus é o Filho de Deus e o Salvador do mundo (Jo 3.14-17). O que poderia ser mais importante do que isso? O que João diz em seu Evangelho é tão relevante para a vida de uma pessoa quanto a etiqueta com a frase *leia antes de usar*.

O Evangelho de João é um argumento convincente da divindade de Jesus. Ele se dedica a apresentar Jesus como o *Verbo de Deus* (Jo 1.1), que *se fez carne* (Jo 1.14). Desse modo, João cita as declarações de Jesus e descreve em detalhes os Seus milagres, algo que só poderia ser atribuído ao próprio Deus.

Jesus chama a si mesmo de o *pão da vida* (Jo 6.35,41,48,51), a *luz do mundo* (Jo 8.12; 9.5), o *bom Pastor* (Jo 10.11,14),

a ressurreição e a vida (Jo 11.25), o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6), a videira verdadeira (Jo 15.1.5). Cada uma dessas declarações começa com a expressão *Eu sou*, o que nos faz lembrar do episódio em que Deus revelou Seu nome, EU SOU, a Moisés (Êx 3.14). Jesus não disse que daria o pão; Ele disse que *é o pão da vida*. Não disse que ensinaria o caminho, a verdade e a vida; Ele disse que *é o caminho, a verdade e a vida*. Foi assim que Jesus declarou de modo bem claro a Sua divindade; Ele não era apenas um homem comum.

Então vêm os sinais da divindade de Jesus. Os milagres descritos no Evangelho de João são chamados de *sinais* porque apontam para a natureza divina de Jesus. João narra sete desses sinais: a transformação da água em vinho (Jo 2.1-11), a cura do filho de um oficial (Jo 4.46-54), a cura de um paralisado (Jo 5.1-9), a multiplicação dos pães e peixes (Jo 6.1-14), o caminhar sobre as águas (Jo 6.15-21), a cura de um cego (Jo 9.1-7) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11.38-44). Tais milagres provam que Jesus é Deus, com poder sobre a natureza. Outras evidências da divindade de Jesus incluem o testemunho de João Batista (Jo 1.32-34), de Natanael (Jo 1.49), de um homem cego de nascença que foi curado (Jo 9.35-38), de Marta, irmã de Lázaro (Jo 11.27), e de Tomé (Jo 20.28) — sem contar as próprias palavras de Jesus (Jo 5.19-26).

Além de divino, Jesus também revelou ser totalmente humano, pois Ele ficava cansado (Jo 4.6), Sua alma se angustiava (Jo 12.27; 13.21 [ARA]) e Seu espírito se perturbava (Jo 11.33). O Deus-homem revelou ser o prometido Rei-Messias de Israel.

André disse a seu irmão: *Achamos o Messias* (Jo 1.41), e Natanael concluiu: *Tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel* (Jo 1.49). Até mesmo a mulher samaritana deu testemunho de quem era Jesus (Jo 4.25,26,29), o Messias, o Salvador do mundo (Jo 4.42; 11.27; 12.13).

João nos encoraja a confiar em Jesus para ter a vida eterna. E nossa confiança está firmada em nossa fé porque cremos que: (1) o Pai está em Cristo, e Cristo está no Pai (Jo 10.38; 14.10-11); (2) Cristo veio de Deus (Jo 16.17,30); foi Deus quem o enviou (Jo 11.42; 17.8,21; ver também

Jo 6.29); (3) Ele é o Filho de Deus (Jo 6.69; 11.27; 20.31). João revela a mensagem mais importante da Bíblia: creia em Jesus e siga-o, pois Ele é o caminho para Deus e para a vida eterna.

O autor deste Evangelho não se identifica pelo nome, mas indica quem ele é por meio do diálogo relatado em João 21.19-24. Ele se intitula o *discípulo a quem Jesus amava* (Jo 21.20). Esta expressão aparece quatro vezes no livro (Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.7). Esse é o mesmo *discípulo que testifica destas coisas e as escreveu* (Jo 21.24). E o autor tinha de ser mesmo um dos 12 apóstolos, pois é descrito como aquele que estava reclinado no seio de Jesus durante a última ceia, evento do qual somente os apóstolos participaram com Jesus (Jo 13.23; Mc 14.17).

Esses detalhes nos mostram que o autor desse Evangelho era um dos três discípulos mais próximos de Jesus: Pedro, Tiago ou João (Mt 17.1). Não poderia ser Pedro, porque é dito em João 21.20 que Pedro olhou e viu aquele a quem Jesus amava, e, em outra ocasião, fez-lhe uma pergunta (Jo 13.23-24). Também não poderia ser Tiago, pois este foi martirizado muito cedo para ser o autor do Evangelho (At 12.1,2). Sendo assim, a conclusão mais sensata é a de que o Evangelho de João foi escrito pelo apóstolo João. E tal hipótese é apoiada por cristãos da Igreja primitiva, como Policarpo (60—155 d.C.), que foi um seguidor de João.

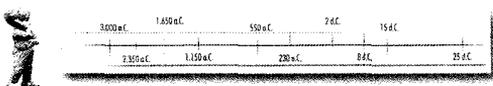
No século 19, muitos estudiosos afirmaram que o Evangelho de João fora escrito por volta de 170 d.C. Então, em 1935, C. H. Roberts descobriu uma tira de pergaminho no Egito que continha trechos de João 18.31-33,37,38 e que refutava tal teoria. Esse fragmento, o *papiro de Rylands*, havia sido escrito por volta de 125 d.C. O próprio evangelho deve ter sido escrito por volta desse ano, ou mesmo em 110 d.C., dando tempo para que fosse copiado e, depois, enviado ao Egito.

Eruditos conservadores geralmente datam o livro entre 85—95 d.C. E o livro também não faz referência nenhuma à destruição de Jerusalém, em 70 d.C., o que indica que tal evento aconteceu muitos anos antes de o Evangelho ter sido escrito. Além disso, o que o autor diz sobre Pedro em João

21.18-23 parece indicar que o Evangelho foi escrito quando João já era idoso. Só assim ele poderia narrar a morte de Pedro ou desfazer um antigo boato na Igreja primitiva acerca do fato.

Outros estudiosos sugerem uma data anterior a 70 d.C., baseados no que é dito em João 5.2, indicando que Jerusalém ainda não havia sido destruída. Mas há outra interpretação para o

tempo do verbo *há* nesse versículo. Ao que parece, João usou o verbo no presente do indicativo para descrever Jerusalém de uma forma bem expressiva, e não a sua verdadeira condição na época. Assim, como não há outra evidência além do tempo verbal empregado em João 5.2, a data mais provável para o Evangelho ter sido escrito seria por volta de 90 d.C.

LINHA DO TEMPO	
CRONOLOGIA EM JOÃO	
Ano 4 a.C.—39 d.C. — Herodes Antipas reina na Galiléia e na Peréia	
Ano 14—37 d.C. — Tibério César é o imperador romano	
Ano 25—27 d.C. — O ministério de João Batista	
Ano 26—36 d.C. — Pôncio Pilatos é o procurador da Judéia	
Ano 27 d.C. — O início do ministério de Jesus na Judéia	
Ano 27—29 d.C. — O ministério de Jesus na Galiléia	
Ano 30 d.C. — Fim do ministério de Jesus na Judéia; crucificação e ressurreição	



ESBOÇO

- I - Prólogo — 1.1-18
- II - O ministério público de Jesus — 1.19—12.50
 - A - O início do ministério de Jesus — 1.19—4.54
 - 1 - João Batista e os primeiros discípulos — 1.19-51
 - 2 - O primeiro milagre de Jesus e a purificação do templo — 2.1-22
 - 3 - O encontro de Jesus com Nicodemos — 2.23—3.21
 - 4 - O testemunho de João Batista acerca de Jesus — 3.22-36
 - 5 - Os samaritanos — 4.1-42
 - C - A cura do filho de um oficial do rei — 4.43-54
 - D - A controvérsia com os líderes religiosos — 5.1—12.50
 - 1 - A cura de um paralítico — 5.1-47
 - 2 - Jesus alimenta cinco mil pessoas — 6.1-71
 - 3 - O ensinamento de Jesus durante a Festa dos Tabernáculos — 7.1-53
 - 4 - O perdão à mulher adúltera — 8.1-59
 - 5 - A cura de um cego — 9.1-41
 - 6 - A pregação sobre o bom Pastor e a Festa da Dedicção — 10.1-42
 - 7 - A ressurreição de Lázaro — 11.1-57
 - 8 - O auge da incredulidade — 12.1-50
- III - O ministério particular de Jesus — 13.1 — 17.26
 - A - Jesus lava os pés dos discípulos — 13.1-30
 - B - Jesus anuncia Sua partida e prega sobre relacionamentos — 13.31—16.33
 - C - A última oração de Jesus — 17.1-26
- IV - A morte e ressurreição de Jesus — 18.1—20.31
 - A - A prisão de Jesus e Seus julgamentos — 18.1—19.15
 - B - A crucificação — 19.16-42
 - C - A ressurreição de Jesus e Suas aparições — 20.1-31
- V - Epílogo — 21.1-25

COMENTÁRIO

1.1-18 — Esses primeiros versículos são os mais lindos e profundos descritos em toda a Palavra de Deus. Eles nos transportam para antes do início da criação e nos fazem viajar no tempo e no espaço da história humana. Eles revelam, como em nenhuma outra parte das Escrituras, que o Jesus que fez parte da história da humanidade (Jo 1.14) é o Deus Criador, descrito em Gênesis 1.1. O texto em João 1.1-18 revela a relação eterna entre Pai e Filho e mostra que podemos andar na luz e ter a vida eterna quando aceitamos aquele que é a maior revelação do Pai: Jesus Cristo!

1.1 — *No princípio*. A narrativa em Gênesis 1.1 começa com a criação do universo e prossegue até a criação do homem (Gn 1.27; 2.22,23). O relato em João 1.1 relembra criação e revela a eternidade, enfatizando que, antes da criação deste universo material, o *Verbo* (gr. *Logos*) já existia. A *Palavra* já existia antes de tudo (compare com o versículo 14, em que o Verbo eterno se fez carne).

O substantivo *palavra* significa *aquilo que é falado, discurso, pregação*. Na tradução do Antigo Testamento do hebraico para o aramaico, esse vocábulo é traduzido por *Deus*. Já o termo grego *Logos* [que consta na Septuaginta] era usado nos

círculos intelectuais gregos para expressar a força imaterial que rege todo o universo, a mente soberana que governa e dá sentido a todas as coisas.

[Contudo, apesar de o Novo Testamento ser escrito em grego] O conceito que havia na mente de João era o do Antigo Testamento. O *Verbo* aqui é a expressão ou a manifestação de Deus (Jo 1.14, 18). Sem dúvida alguma, João se referia a Jesus (Jo 1.14; Ap 19.13). É por isso que esse Evangelho começa com a ideia de que Jesus, o *Verbo*, a maior manifestação de Deus ao homem, já existia quando o universo material foi criado.

O fato de que o *Verbo estava com Deus* expressa um relacionamento íntimo, uma ideia de comunhão face a face. No mundo antigo, as pessoas de mesma classe social deviam sentar-se no mesmo nível, uma de frente para a outra; e isso era algo muito importante. Portanto, a preposição *com* indica relação pessoal e também situação de mesmo *status*. O *Verbo*, o próprio Jesus Cristo, é alguém que tem íntima comunhão com o Pai (1 Jo 1.2).

Além disso, o *Verbo estava com Deus*. A construção grega dessa frase enfatiza que o *Verbo* tem as mesmas características de Deus. Desse modo, o Evangelho de João começa com uma frase simples, singela, confirmando a preexistência (a eternidade), a personalidade e a divindade do *Logos*, Jesus Cristo. Ele é diferente do Pai, mas ainda assim é Deus.



COMPARE

Os SETE SINAIS E SEU SIGNIFICADO

A água se transforma em vinho (Jo 2.1-12)	Jesus é a Fonte da vida
A cura do filho de um oficial (Jo 4.46-54)	Jesus é o Senhor [e exerce Sua autoridade] mesmo a distância
A cura de um paralítico no tanque de Betesda (Jo 5.1-17)	Jesus é o Senhor do tempo
Jesus alimenta cinco mil pessoas (Jo 6.1-14)	Jesus é o Pão da vida
Jesus caminha sobre as águas e acalma a tempestade (Jo 6.15-21)	Jesus é o Senhor da natureza
A cura de um cego de nascença (Jo 9.1-41)	Jesus é a Luz do mundo
Lázaro é ressuscitado dos mortos (Jo 11.17-45)	Jesus tem poder sobre a morte

1.2 — Cristo não veio a tornar-se uma Pessoa ou Filho de Deus em algum momento da história. Ao contrário, o Pai e o Filho sempre existiram e tinham um relacionamento amoroso um com o outro.

1.3 — *Todas as coisas foram feitas* (gr. *ginomai*) por ele. Antes da criação, o Verbo já existia (Jo 1.1). O tempo verbal aqui aponta para a Sua existência eterna. A criação, contudo, teve um início (Jo 1.3); ela não é eterna. Deus Pai criou o mundo (Gn 1.1) por meio do Filho (Cl 1.16; Hb 1.2). Jesus não foi parte da criação. Todas as coisas foram criadas por Jesus; Ele é o Deus Criador. O ensinamento bíblico sobre a criação, confirmado por esse versículo, esclarece que ela foi completa. Aqueles que creem na teoria da evolução e em reencarnação afirmam que a criação é uma obra contínua. No entanto, a criação foi realizada de forma plena, completa, por Deus, como vemos em Gênesis 1; Ele agora está apenas cuidando de tudo que criou (Jo 5.17).

1.4 — Veja que não está escrito aqui que a *vida* foi criada; ela já existia em Cristo (Jo 5.26; 6.57; 10.10; 11.25; 14.6; 17.3; 20.31). O homem depende de Deus para viver. Nossa existência, física e espiritual depende do poder provedor de Deus. Mas o Filho, por outro lado, em si mesmo tem a vida por toda a eternidade. A vida, Jesus Cristo, também é *a luz dos homens*. Essa figura de linguagem nos traz o conceito da revelação. Por ser *a luz*, Jesus Cristo releva ao homem tanto Deus como o pecado (Sl 36.9). Ainda nesse evangelho, pouco mais à frente, Jesus declara que é *a vida* (Jo

11.25) e *a luz* (Jo 8.12). A morte cessa, e as trevas se dissipam quando a vida chega e a luz começa a brilhar. Os mortos se levantam, e os cegos passam a ver, tanto física como espiritualmente.

1.5 — *A luz resplandece nas trevas*. Jesus veio a este mundo de trevas para trazer a luz espiritual (Is 9.2). O verbo *compreender* pode ser traduzido por (1) tomar posse, (2) dominar, ou (3) entender. Sendo assim, as trevas não sobrepujaram a luz; embora não a entendessem, não conseguiram vencê-la. Apesar de o homem [em trevas espirituais] não entender a luz nem a receber; apesar de Satanás e seus aliados resistirem à luz, eles não podem superar o poder da luz. Em suma, Jesus é *a vida e a luz*, e aqueles que o aceitam tornam-se *filhos da luz* (Jo 12.35-36). Quando os cristãos recebem a luz, Cristo, eles passam a fazer parte de uma nova criação (2 Co 4.3-6).

1.6 — Esse versículo mostra a diferença entre João e Jesus Cristo. Jesus é Deus (Jo 1.1), João Batista foi *um homem enviado por Deus*. Jesus é a luz dos homens (v. 4), João veio para testificar da luz (v. 7,8). Nossa função, assim como a de João, não é atrair as pessoas para nós mesmos, mas para Jesus. A escuridão era tão intensa que Deus teve de enviar Seu Filho para nos mostrar a luz. E a decadência moral não estava apenas no mundo, mas também em Israel e nos seus líderes religiosos.

1.7,8 — *Não era ele* [João Batista] *a luz, mas veio para que testificasse da luz*. A locução *para que testificasse* significa *dar testemunho* ou *declarar*.



VOCÊ SABIA?

JOÃO E OS OUTROS APÓSTOLOS

Embora os outros três Evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) procurem descrever o ministério de Jesus Cristo, o quarto Evangelho é diferente dos demais e quase todo o seu conteúdo é único. Diferente dos Evangelhos Sinóticos, que tratam de vários temas, o de João não inclui a genealogia de Jesus, Seu batismo, Seu nascimento, Sua tentação, a expulsão de demônios, Suas parábolas, Sua transfiguração, a instituição da Ceia do Senhor, o Getsêmani, Sua ascensão. Trata de assuntos que os outros Evangelhos não tratam, como a conversão de Nicodemos, a da mulher samaritana, as declarações de Jesus que apontam para Sua divindade como o *Eu sou*, Sua pregação no cenáculo, Sua oração sacerdotal (Jo 17).

Os Evangelhos Sinóticos dão ênfase ao ministério de Jesus na Galiléia; João dá ênfase ao ministério de Jesus em Jerusalém. Porém, tais diferenças não trazem contradição, e sim complementação. Cada escritor dos Evangelhos escolheu um tema que confirmasse o conteúdo de sua obra. No caso de João, o seu tema era Jesus, o Messias e Filho de Deus. O tema escolhido por João para escrever a sua obra é o melhor tema que pode existir!

João usou o verbo *testemunhar* cerca de 39 vezes e o substantivo *testemunho* aproximadamente 14 vezes em seu Evangelho. Isso era muito importante para ele alcançar o seu propósito, ou seja, dar testemunho correto de Jesus como o Messias àqueles que criam nele (Jo 20.30-31). *Crer* implica *confiar*. João usa o verbo *crer* quase 100 vezes para enfatizar o que uma pessoa precisa fazer para receber o dom da vida eterna. Não encontramos nesse Evangelho, porém, a palavra *fé* ou o verbo *arrepender-se*.

1.9 — *Ali [em Jesus] estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo.* Para trazer maior compreensão à encarnação do Verbo, esse versículo poderia ser assim traduzido: “Essa é a verdadeira luz [Jesus] que veio ao mundo para iluminar todos os homens”. Jesus se tornou homem para revelar a verdade a todas as pessoas. Ele revela *a todo homem que vem ao mundo* quem é o Criador, e a criação revela a todos na terra que há um Criador no céu (Rm 1.20).

A inclusão de todas as pessoas aqui contrasta com o exclusivismo por Israel no pacto antigo. Os profetas judeus ensinaram, e muitos judeus creram, que nos últimos dias as profecias em Zacarias 14 se cumpririam, e os gentios se converteriam. Isso também contrasta com a ótica das sociedades grega e romana. Os gregos jamais imaginariam que o conhecimento pudesse ser acessível a todos. Os romanos desprezavam os bárbaros, pois consideravam-nos uma raça inferior sem lei. Cristo

encarnou para trazer luz a todos, embora nem todos recebessem a Sua luz, pois nem todos creram nele. A função de João Batista [como a voz profética, o arauto enviado à frente do Messias] era dar testemunho dessa luz. E nós, hoje, temos de aproveitar toda e qualquer oportunidade para refletir essa luz e dar testemunho dela.

Dependendo do contexto, o termo *mundo* pode significar (1) o universo, (2) a terra, (3) a humanidade, ou (4) o sistema mundano contrário ao Reino de Deus. Neste texto de João, significa a terra, o local onde vive a humanidade.

1.10,11 — O verbo *conhecer* no versículo 10 significa não apenas ter o conhecimento, mas também *receber* [esse conhecimento, essa pessoa] *de bom grado*. Mas, em vez de receber a Jesus de braços abertos, o mundo virou as costas para Ele. A aceitação e a rejeição do Messias (v. 12) são os temas que começam nesse prólogo (Jo 1.1-18) e aparecem em todo o Evangelho de João.

1.12 — A frase *aos que crêem no seu nome* aparece três vezes no Evangelho de João (Jo 1.12; 2.23; 3.18). O termo *nome* nesse versículo não se refere à maneira como Jesus é chamado, mas ao que representa o Seu nome: *o Senhor é a salvação* (Jo 3.14,15). Nesse contexto, significa crer que Jesus é o Verbo, a vida e a luz, ou seja, que Ele é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). A expressão *deu-lhes o poder* refere-se ao direito legal de assumir a posição de *filhos de Deus*. Nenhum de nós era filho de Deus, na verdade. Por natureza,



EM FOCO

DEUS EM CARNE

João 1.1 talvez seja a passagem do Novo Testamento que declara de modo mais enfático a divindade de Jesus Cristo. Por essa razão, muitos que negam essa doutrina bíblica, principalmente os adeptos de algumas seitas, têm tentado refutá-la dizendo que essa passagem ensina apenas que Jesus é *um deus*, e não *Deus*. No entanto, tal argumento cai por terra em pelo menos dois aspectos. Primeiro, porque é uma visão politeísta a crença em mais de um deus. Segundo, porque tal argumento não leva em consideração a correta interpretação da gramática grega. O primeiro versículo do capítulo 1 de João diz: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*. O centro da discussão está na última parte do versículo. No grego escreve-se: *theos en ho logos*, literalmente, *o Verbo era Deus*. Só que Deus, ou *theos*, aparece nesse versículo sem o artigo *ho*, o que leva alguns a afirmar que a falta do artigo no texto grego dá base para a tradução *o Verbo era um Deus*. A melhor forma de entender a tradução, contudo, como os eruditos gregos afirmam, é que, como *theos* é um predicado e vem antes do substantivo *logos* e do verbo, é normal que a expressão apareça sem o artigo. Os eruditos concordam que esse versículo deve ser tido como as traduções antigas e atuais, declarando nitidamente que Jesus é realmente Deus [e não *um deus*].

éramos *filhos da ira* e estávamos condenados à morte e ao inferno. Imagine um miserável ser adotado como filho por um rei e receber o direito às suas riquezas e o status de realeza. Por meio da fé, crendo em Jesus, os pecadores, destituídos de todo e qualquer direito, tornam-se membros da família de Deus.

1.13 — *Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.* Esse novo nascimento que experimentam aqueles que creem em Jesus é espiritual.

Os nascidos do Espírito não *nasceram do sangue*, ou seja, não estão ligados por laços consanguíneos. Não são fruto da fecundação natural. Não foram gerados pela *vontade da carne*, isto é, pelas nossas próprias forças ou vontade. O novo nascimento é uma obra feita somente por Deus. É um dom que recebemos gratuitamente (Jo 4.10,14), e não uma recompensa pelo nosso esforço pessoal. O novo nascimento está baseado no *relacionamento* individual com Cristo, e não em nossa *condição* pessoal. Cristo é o único Mediador entre Deus e o homem. Cristo é a vida (Jo 1.4; 14.6). Aqueles que creem nele nasceram de Deus, pois receberam vida espiritual.

1.14 — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.* O Verbo (gr. *logos*), Aquele que sempre existiu se fez (gr. *ginomai*, uma ação concreta) *carne* (gr. *sarx*) e *habitou entre nós*.

O versículo 1 fala da natureza divina e eterna de Cristo e de Suas obras, que transcendem o tempo e o espaço. Aqui, no versículo 14, o Verbo entra na dimensão do tempo e do espaço, materializa-se, faz-se carne, e muda a história da humanidade. O Filho de Deus que existia desde a eternidade (Fp 2.5-9), por um tempo, abriu mão de Seu estado eterno e imortal e de Sua condição divina, e fez-se homem. Ele se tornou um ser humano, limitado pelo tempo e espaço, sujeito à dor e à morte.

Jesus Cristo se identificou completamente conosco como homem. Mas Ele não tinha pecado, pois o pecado não fazia parte da natureza humana antes da Queda. Sendo assim, João usou a palavra *carne* neste versículo para aludir à natureza humana, e não sua propensão para o pecado (diferente do apóstolo Paulo, em Romanos 8.1-11).

Deus *habitou entre nós*. O verbo traduzido como *habitar* é de origem grega e significa *tabernacular*, alude a ideia de *armar uma tenda*.

No Antigo Testamento, o tabernáculo era uma tenda móvel, armada no meio do acampamento dos israelitas e que representava a presença de Deus no meio do Seu povo. [Isto aponta para o desejo do nosso Criador de ter comunhão conosco.] Deus não é um tirano arrogante que fica ditando ordens do Seu trono no céu. Apesar de ser Rei e Senhor, Ele quer viver entre nós. Para isso, chegou a fazer-se homem, para habitar conosco.

E vimos a sua glória. No Antigo Testamento, a palavra *glória* estava ligada à *presença divina* (Êx 33.18). Assim como Deus manifestou a Sua glória no tabernáculo edificado por Moisés, em Cristo Ele revelou a Sua presença divina e o Seu caráter (Jo 18.6; 20.26,27).

Como a glória do Unigênito do Pai. Jesus é o *unigênito* de Deus (Jo 3.16,18); o único Filho. O mesmo termo é usado para Isaque (Hb 11.17), embora este não fosse o único filho de Abraão, mas era o único filho da promessa.

No evangelho de João, os que *não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus* (v. 13), pela fé em Cristo, foram chamados filhos de Deus (Jo 1.12,13). Mas Jesus Cristo é o *unigênito* de Deus, o único que sendo totalmente divino fez-se totalmente humano.

Cheio de graça e de verdade. Jesus é *cheio de graça e de verdade*. Quando Deus se revelou a Moisés, Ele revelou a si mesmo como *grande em beneficência e verdade* (Êx 34.6). Quando aplicado a Jesus Cristo, esse atributo divino o identifica como o Autor da revelação e redenção perfeitas.

1.15 — *O que vem depois de mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu.* Jesus nasceu depois de João Batista (Lc 1.36) e começou o Seu ministério depois do dele. Entretanto, João Batista disse que Jesus era *antes* dele, pois já existia desde a eternidade (v. 30). João Batista é um exemplo maravilhoso da humildade necessária para alguém cumprir seu ministério diante de Deus. Ele conhecia muito bem a mensagem específica que Deus havia designado para ele pregar, e não se desviou dela.

1.16 — A maioria das pessoas atribui as palavras do versículo 15 a João Batista. As palavras dos versículos 16-18, porém, são de João, o escritor deste Evangelho, embora também possam ter sido ditas por João Batista.

A expressão *graça sobre graça* significa várias manifestações da *graça* — termo também usado no versículo 17, que se encontra em Êxodo 32—34. Moisés e o povo de Israel receberam a *graça* de Deus, mas tinham uma grande necessidade de receber mais *graça* (Êx 33.13). [A plenitude da *graça* é a encarnação do *Verbo*.]

1.17 — Em todo o Novo Testamento, *graça* é o favor de Deus concedido ao homem pecador, independente de suas obras e de seus méritos.

A lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. João não está desmerecendo a Lei ou Moisés nesse versículo. A Lei e a *graça* não eram antagônicas no Antigo Testamento. Quem estava sob a Lei no Antigo Testamento também era salvo pela *graça* (veja Êx 34.6,7).

Em Êxodo 34.6,7a, *Yahweh* se revela como o Deus *piadoso e misericordioso*, embora na parte b do versículo 7 seja dito que Ele não tem o culpado por inocente [ou seja, Ele é justo e age com justiça]. Jesus reúne esses mesmos atributos divinos: a *graça* (que assegura o perdão) e a *justiça* (que garante o juízo previsto na Lei para aquele que comete pecado). Além disso, Jesus experimentou em Seu próprio corpo o castigo pelos pecados cometidos pelo homem e, desse modo, perdoou os transgressores.

Sendo assim, João não disse que a Lei começou com Moisés, e Jesus trouxe a *graça*. Ele assinalou que, em Cristo *graça* e *justiça* (ou a *verdade*) se manifestam como uma coisa só. Embora a *graça* e a *verdade* manifestadas por Deus por meio da Lei dada a Moisés fossem abundantes, é na pessoa de Jesus Cristo que elas alcançaram plenitude da revelação.

1.18 — *Deus nunca foi visto por alguém.* Deus é Espírito (Jo 4.24), é invisível (Cl 1.15; 1 Tm 1.17) e só pode ser visto quando se revela a alguém. Nenhum ser humano pode ver a face de Deus e viver (Êx 33.20). Abraão, o amigo de Deus, não o viu. Nem mesmo Moisés, aquele pelo qual a Lei foi

dada a Israel, não pôde ver a face de Deus (Êx 33.22,23). Mas o Filho tem um relacionamento íntimo com o Pai e o vê face a face (Jo 1.1; 6.46; 1 Jo 1.2). Deus se tornou compreensível aos olhos humanos por meio de Jesus. Nós podemos ver a face, o caráter de Deus, por meio de Seu Filho. É verdade que hoje não podemos ver Jesus, porém nós o conhecemos pela Sua Palavra [que é *espírito e verdade*].

O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer. O *seio* é aqui usado aqui para expressar uma íntima comunhão (Jo 13.23; Lc 16.23). Aquela que é o *Filho unigênito* do Pai e que o conhece intimamente veio a esta terra e o fez conhecer.

O termo *unigênito* significa único da espécie e expressa a ideia de intimidade, profunda comunhão que Jesus tem com o Pai. O verbo *conhecer* também pode ser traduzido por *revelar*. Portanto, Jesus Cristo, tendo a mesma natureza divina do Pai (Jo 1.1), tornou-se homem (Jo 1.14) para revelar Deus a nós (Jo 1.18) e também decidiu trazer-nos misericórdia e juízo (*graça e verdade*).

Uma das muitas bênçãos da *graça* (Jo 1.17) é o conhecimento de Deus (Jo 1.18). E, quanto mais conhecemos a Sua glória, como nos é revelado nas Escrituras, mais somos transformados na mesma imagem (2 Co 3.18). Imagine só! Nós, que fomos criados conforme a imagem de Deus, mas que nos tornamos vis por causa do pecado, agora somos restaurados por conhecermos a Cristo, possuidores da mesma natureza de Deus. Poderia haver algo melhor para investirmos o nosso tempo do que conhecer a Cristo? Essa é a chave da vitória (Hb 12.2,3).

1.19—2.11 — Esta passagem descreve o que aconteceu por uma semana no início do ministério do Senhor. No primeiro dia, João Batista deu testemunhou de Jesus aos líderes judeus (Jo 1.19-28). *No dia seguinte* (Jo 1.29), João testemunhou novamente (Jo 1.29-34). *No dia seguinte*, João testemunhou a dois dos seus discípulos que passaram a seguir a Cristo (Jo 1.35-42). *No dia seguinte* (Jo 1.43), Jesus chamou mais dois discípulos (Jo 1.43-51). *Ao terceiro dia* (Jo 2.1), ou seja, o terceiro dia após o último dia mencionado, Jesus foi para Canaã com Seus novos discípulos. A viagem de Betânia a Jericó, na Judéia (Jo 1.28), levava



VOCE SABIA?

UM DEUS EM TRÊS PESSOAS

O Evangelho de João afirma que o Verbo, Jesus, *era Deus* (Jo 1.1). Jesus também disse que era o Filho de Deus e estava *no Pai* (Jo 14.10). Entretanto, quando lhe perguntaram o que era mais importante na Lei, Ele citou o *shemá*, uma espécie de credo do povo judeu, em Deuteronômio 6.4: *Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder* (Mc 12.29,30).

O Senhor é um, e não dois ou três. Então, como pode o Senhor ser um e ainda assim manifestar-se como Pai, Filho e Espírito Santo? No Evangelho de João não é explicado como, mas em sua introdução é dito claramente que Jesus, o Verbo divino e Filho do Altíssimo, é Deus, ainda que distinto do Pai (Jo 1.1-18). E, no final do Evangelho, há outro testemunho de que Jesus é único.

Depois de tocar nos ferimentos do Cristo ressuscitado, Tomé declarou: *Senhor meu, e Deus meu!* (Jo 20.28). Ao revelar quem é Jesus, João mostra tanto a identidade de Jesus (como o *Senhor e Deus*) como a Sua diferenciação do Pai.

Os primeiros cristãos tiveram de conviver com os questionamentos pertinentes a essa questão complexa, e deixaram que teólogos dos séculos futuros se aprofundassem no assunto na tentativa de lançar um pouco de luz sobre a unicidade de Deus e a doutrina da Trindade.

cerca de três dias de caminhada. Desse modo, em João 1.19—2.11, são relatados em detalhes os testemunhos da primeira semana.

1.19,20 — Os judeus aqui são os líderes judeus que compunham o Sinédrio e opuseram-se ao Senhor Jesus. O Sinédrio era responsável por avaliar todo aquele que fosse acusado de ser falso profeta ou blasfemo, bem como outros crimes de natureza religiosa. O Sinédrio era composto sobretudo por membros de dois grupos religiosos influentes na época: os saduceus e os fariseus. A delegação que foi investigar João Batista era de fariseus (Jo 1.24). A pergunta que eles fizeram a João Batista foi: *Quem és tu?* João afirmou que não era o Messias.

No primeiro século, muitos esperavam a vinda do Messias anunciada pelos profetas do Antigo Testamento. E a preocupação principal dos líderes judeus era manter a paz sob os olhares de Roma; por isso estavam atentos a todos os supostos Messias. João foi rápido ao afirmar: *eu não sou o Cristo*.

1.21,22 — *És tu Elias?* Era uma promessa do Antigo Testamento que Elias viria antes do *dia grande e terrível do SENHOR* (Ml 4.5).

És tu o profeta? Moisés profetizou que o Senhor enviaria um profeta como ele (Dt 18.15). João Batista negou ser tanto um como o outro; ele não tinha nenhuma intenção de se passar pelo Messias. E, assim como João, não devemos ter de nós

mesmos *um conceito mais elevado* do que realmente somos, *mas ao contrário, devemos ter um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus nos concedeu* (Rm 12.3 — NVI).

1.23 — *A voz*. Cristo é o Verbo; João Batista, a voz. Quando foi pressionado a dizer quem era, João Batista afirmou ser o cumprimento de Isaías 40.3: *Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus*.

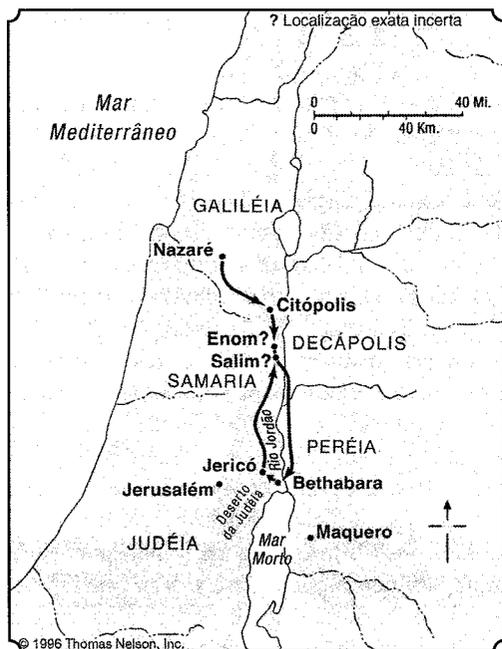
Nos dias de Isaías havia poucas estradas. Quando um rei viajava, estradas eram construídas para que a carruagem real passasse por elas e não ficasse atolada na lama. Isaías disse que antes de Deus aparecer para manifestar Sua glória, uma voz seria ouvida, convidando Israel a endireitar o caminho por onde o próprio Deus passaria. João identifica a si mesmo: *Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor*.

1.24 — Os fariseus constituíam uma seita muito influente com quase seis mil membros. Além de serem exímios intérpretes da Lei em Israel, eles também eram extremamente zelosos quanto aos costumes e às tradições. Nem todos os fariseus eram como os que foram descritos por João (Jo 5.20), porém, de maneira geral, esses líderes religiosos não aceitaram o Messias.

1.25 — Realizar o ritual do batismo era o mesmo que assumir uma posição de autoridade. Os fariseus questionaram João Batista quanto à

autoridade que ele possuía para realizar tal ato religioso: *Por que batizas [...] se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?* As autoridades judaicas achavam que eram os únicos detentores do direito de legitimar pregadores religiosos. A autoridade de João, contudo, havia sido dada por Deus. Ele conhecia muito bem Sua missão (Jo 1.26) e a realizou no espírito e na virtude de Elias (Lc 1.17).

1.26,27 — *Este é aquele [...] do qual eu não sou digno de desatar as correias das sandálias*. Desatar as correias das sandálias era trabalho de escravos. O Talmude judaico prescrevia: “Tudo que um servo faz para o seu senhor, o discípulo deve fazer para o seu mestre, menos a tarefa humilhante de desatar as correias das sandálias”. Com aquela declaração no versículo 26, João Batista estava dizendo: “Jesus Cristo é o Deus vivo, e eu sou a voz que clama no deserto, Seu servo e escravo”.



João Batista e a tentação de Jesus

Jesus saiu de Nazaré, na Galiléia, para ser batizado por João Batista. Embora João batizasse no rio Jordão, próxima a Enom e Salim (Jo 3.23), o local exato do batismo de Jesus é incerto. Logo após ser batizado, Jesus foi levado pelo Espírito Santo ao deserto da Judéia, ao sul de Jericó. Depois de ser tentado ali, Ele voltou para a Galiléia.

1.28 — A localização de Betânia é incerta. Alguns acham que Betânia aqui não é a mesma que conhecemos, próxima a Jerusalém. *Do outro lado do Jordão* significa no lado oriental do rio Jordão. E este, com toda certeza, era o local onde João batizava.

1.29 — *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!* No Antigo Testamento, os israelitas sacrificavam cordeiros na Festa da Páscoa (Êx 12.21) como ofertas a Deus (Lv 14.10-25). Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que foi oferecido como sacrifício pelos pecados não apenas de Israel, mas de toda a humanidade (Is 52.13—53.12). Com essa magnífica frase, na introdução do seu Evangelho, João revela resumidamente todo o plano da redenção do Antigo Testamento.

1.30 — *Um homem que foi antes de mim*. Jesus é superior em posição e honra.

Porque já era primeiro do que eu. Jesus já existia antes de João Batista.

1.31 — *Eu não o conhecia*. A princípio, João Batista não tinha certeza de que Jesus era o Messias. Ao que parece, embora Maria e Isabel fossem parentes (Lc 1.36), não há prova alguma de que Jesus e João tenham tido contato durante a infância. Tudo que João sabia é que devia batizar com água e que o Messias seria manifesto a Israel ao ser batizado. Deus deu um sinal a João para que este reconhecesse o Messias: o Espírito Santo desceu do céu como uma pomba e pousou sobre o Filho de Deus. Quando Jesus foi batizado, o Espírito Santo desceu sobre Ele (v. 32), revelando a João quem Ele era (v. 33). Mateus ainda fala de uma voz que veio do céu, dizendo: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mt 3.17).

1.32-34 — *Esse é o que batiza com* (gr. en) o Espírito Santo. O Novo Testamento menciona sete vezes esse ministério de Jesus. Cinco vezes em citações proféticas (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33; At 1.5), uma em citação histórica (At 11.16-18), e outra em texto doutrinário (1 Co 12.13). Embora a tradução em português varie entre *com* e *no*, o grego usa de um modo consistente a preposição *en*, que fala da esfera em que Cristo batizava. Todavia, o Messias não fez isso

enquanto estava nessa terra. O batismo com o Espírito Santo aconteceu pela primeira vez durante o Pentecostes que se seguiu à morte e à ressurreição de Jesus (At 1.5; 11.15,16), tornando-se uma realidade na vida de todos os cristãos por ocasião do novo nascimento (1 Co 12.13).

1.35 — *Estava João outra vez ali na companhia de dois dos seus discípulos.* Um dos dois discípulos de João era André (v. 40). O outro não é citado aqui, mas provavelmente era o próprio João, autor desse Evangelho.

1.36,37 — *Os dois discípulos [...] seguiram a Jesus.* João Batista estava disposto a perder seus discípulos, caso eles fossem seguir a Jesus. Depois de apresentar Jesus, João sai de cena e só aparece novamente no final do capítulo 3 (v. 22-36).

Seguiram a Jesus. Os discípulos a partir desse momento não somente passaram a seguir a Jesus, mas também tiveram a bênção de João Batista para que se unissem a ele.

1.38 — *E Jesus [...] disse-lhes: Que buscais?* Essa foi uma das perguntas mais importantes que os seguidores de Jesus tiveram de responder. No entanto, a pergunta de Jesus a esses discípulos foi mais profunda do que a resposta obtida — *onde estás hospedado?* (NVI). Em Sua pergunta Jesus intencionava deixar claro Seu propósito para os novos discípulos. Será que eles estavam procurando um revolucionário? Ou talvez um modo de vida mais fácil? Se assim fosse, Jesus não seria a melhor escolha certamente. Então, Jesus começou a ensinar-lhes que tipo de compromisso Seu discipulado exigiria.

1.39 — *E era já quase a hora décima.* Há seis referências a um período do dia no Evangelho de João (Jo 1.39; 4.6, 52; 18.28; 19.14; 20.10). Então, a questão é: que sistema João usava para contar o tempo?

Os judeus começavam a contar um novo dia ao pôr-do-sol do anterior. O dia dos romanos começava à meia-noite, como o nosso hoje. João, que provavelmente escreveu seu Evangelho em Éfeso, ao que parece, usava o sistema romano. E se ele não estivesse usando esse sistema, então, João 19.14 estaria em conflito com Marcos 15.25.

Pelo sistema judeu de contagem do tempo, a décima hora desse versículo seria quatro horas da

tarde. Segundo o sistema romano, a décima hora era dez da manhã. Sendo assim, fica claro que João estava usando o sistema romano; a décima hora era mesmo dez da manhã. Jesus convidou os dois discípulos para passar quase praticamente o dia inteiro com Ele.

1.40-42 — Um dos primeiros exemplos de evangelismo pessoal: André levou as boas-novas ao seu irmão, Pedro, dizendo que Jesus era o Messias. André ainda aparece mais duas vezes no Evangelho de João (Jo 6.4-9; 12.2-22) e, em ambas, ele está levando alguém até Jesus.

Veja como Jesus vai ao encontro da necessidade pessoal de cada um deles. A André, Jesus revelou Sua humildade. A Pedro, Jesus revelou Sua habilidade de mudar o caráter humano. A Filipe, Ele revelou Sua autoridade. A Natanael, Ele revelou Sua onisciência. Tais demonstrações levaram cada um desses discípulos a testemunhar que Jesus é o Filho de Deus.

Tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro). Cefas é uma palavra em aramaico que significa rocha (Mt 16.18). Jesus viu que o caráter de Pedro era como uma rocha, o que no futuro o levaria a tornar-se um líder e uma fiel testemunha.

1.43,44 — *Jesus [...] achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me.* Segundo esse versículo, parece que Filipe passou a seguir Jesus sem ter sido evangelizado por outro discípulo, mas há alguns fatores que indicam que André e Pedro estiveram com ele antes de ele se encontrar com Jesus. O versículo 44 diz que André e Pedro eram da mesma cidade de Filipe, o que sugere que eles tenham conversado. Além disso, quando Filipe disse a Natanael o que havia acontecido, ele disse: *Have-mos achado [...] Jesus de Nazaré* (v. 45).

1.45 — O nome Natanael não é mencionado nos Evangelhos Sinóticos. Mas em cada lista dos apóstolos registrada em Mateus, Marcos e Lucas o nome Bartolomeu é citado junto ao de Filipe. É bem provável que Natanael e Bartolomeu sejam a mesma pessoa.

Filho de José. Até então, Filipe não sabia acerca do nascimento virginal de Jesus. Todavia, todos os discípulos logo vieram a reconhecer Jesus como Filho de Deus (v. 49).

1.46 — *Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?* Natanael sabia que os profetas do Antigo Testamento haviam profetizado que o Messias nasceria em Belém; e Nazaré era um vilarejo inexpressivo. Por isso, Natanael não podia aceitar que alguém tão importante como o Messias viesse de um lugar tão insignificante como Nazaré.

Vem e vê. Percebe-se que Filipe não foi com Natanael. A verdade não é transmitida com mais eficácia por meio de uma argumentação impositiva, mas por meio de um gentil convite: *Vem e vê!*

1.47 — *Eis aqui um verdadeiro israelita.* Por um bom tempo, Jacó, um patriarca israelita, foi um homem astuto e cheio de *dolo*. Natanael era um israelita, um descendente de Jacó, porém, verdadeiro e sincero. Jesus viu o caráter de Natanael como um livro aberto (Jo 2.24).

1.48,49 — *Te vi eu estando tu debaixo da figueira.* No Antigo Testamento, esse termo sugere ideia de descanso e segurança (1 Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10). Natanael talvez estivesse meditando debaixo da figueira sobre o sonho de Jacó citado nos versículos 50 e 51.

Te vi eu. Jesus aqui demonstra Seu conhecimento sobrenatural. Ao que parece, foi o que convenceu Natanael; sabedor de tal detalhe de sua vida, Jesus tinha de ser o *Filho de Deus, o Rei de Israel* (Jo 20.31). Esses dois títulos se referem ao Messias.

1.50 — *Coisas maiores do que estas verás.* Jesus garantiu a Natanael que ele veria manifestações sobrenaturais ainda maiores no futuro. Jesus poderia estar referindo-se aos milagres dos capítulos 2 ao 11; Ele poderia estar se referindo também à futura glória de Cristo na vinda do Filho do homem (Jo 1.51; Dn 7.13).

1.51 — *Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descenderem.* Jacó teve uma visão de anjos subindo e descendo do céu por uma escada (Gn 28.12). E o sentido aqui é esse mesmo: uma ligação entre o céu e a terra.

Filho do Homem, a mesma expressão usada em Daniel 7.13 para se referir a um ser celestial, era a maneira que Jesus mais gostava de referir-se a si próprio (Mt 8.20; Mc 2.10).

2.1,2 — *Ao terceiro dia* significa o terceiro dia depois do último dia mencionado (Jo 1.43). Ir de onde João batizava até Caná levava acerca de três dias de caminhada. Caná ficava cerca de sete quilômetros ao norte de Nazaré. A *informações estava ali a mãe de Jesus e foram também convidados Jesus e os seus discípulos* nos dá a entender que Jesus e os discípulos haviam sido convidados por causa de Maria. O fato de ter pedido a ajuda de Jesus quando o vinho acabou também sugere que Maria fosse parente da família anfitriã.

2.3 — A hospitalidade no Oriente era um dever sagrado. As bodas geralmente duravam uma semana, e acabar o vinho em um evento tão importante era algo humilhante para os noivos. A família de Jesus não era rica, e certamente Seus parentes e familiares tampouco. Essa deve ter sido uma festa muito simples.

Embora Jesus ainda não tivesse se relevado como o Filho de Deus, o Messias, Maria sabia da condição divina dele, pois certamente jamais se esquecera do nascimento miraculoso do filho. Ela deve ter se lembrado das palavras do anjo Gabriel, registradas em Lucas 1.32,33: *Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.*

Mas amigos e familiares provavelmente não acreditassem nela. Por conta disso, talvez, Maria estivesse ansiosa pelo dia em que seria justificada perante eles. De todo modo, mesmo que tais pensamentos estivessem passando por sua mente, Maria não pediu a Jesus que Ele fizesse algo a respeito. Ela apenas disse a Ele o que estava acontecendo; ela deixou que Jesus agisse segundo Sua vontade e sabedoria. Quanto a isso, talvez tenhamos de aprender com Maria!

2.4 — *Mulher* era uma forma respeitosa de se dirigir a alguém (Jo 19.26). *Ainda não é chegada a minha hora* parece indicar que a hora de Jesus realizar Seus milagres, revelando-se como o Messias, ainda não havia chegado. A mesma expressão é usada em outras passagens; veja João 7.6,8,30; 8.20; 12.23; 13.1; 16.32; 17.1.

2.5 — A resposta de Jesus a Maria parece demonstrar que Ele se recusou a fazer algo a respeito.

Mas, ainda assim, ela esperava que Ele o fizesse. Talvez, o tom de voz de Jesus tenha feito com que Maria percebesse que Ele faria alguma coisa.

Fazei tudo quanto ele vos disser. Eis um conselho maravilhoso! E isso nos traz à memória passagens como Provérbios 3.5,6, Salmos 37.4 e Mateus 6.33. A plena obediência traz alegria, satisfação e transformação.

2.6 — *E estavam ali postas seis talhas.* Em cada talha cabia duas ou três metretas, o que perfazia um total de 480 a 720 litros do mais puro vinho (v. 10). A metreta era uma medida de capacidade de cerca de 40 litros (NVI).

Para a purificação dos judeus. A tradição judaica exigia vários tipos de rituais de purificação. Os judeus mais rígidos lavavam as mãos antes, durante e depois das refeições. E essa purificação não ficava apenas na lavagem das mãos, mas se estendia também aos copos, vasos, jarros e camas (Mc 7.3,4).

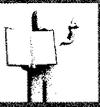
Já que as estradas não eram pavimentadas e as pessoas usavam sandálias, a água era muito importante para lavar os pés. Em circunstâncias como uma festa de casamento, que durava alguns dias, era preciso uma grande quantidade de água.

2.7-10 — *O mestre-sala.* Nas bodas judaicas, um dos convidados ficava responsável pela festa, como um mestre-de-cerimônias. Essa pessoa era encarregada de levar os convidados às mesas e de cuidar do perfeito andamento da festa.

O vinho bom. Geralmente, era servido primeiro o vinho de melhor qualidade. Então, depois de os convidados estarem satisfeitos, o vinho de qualidade inferior era servido. Na festa em questão, esse segundo vinho era tão bom que o mestre-sala ficou surpreso com o fato de o terem servido no fim da festa, e não no início.

2.11 — *Jesus principiou assim os seus sinais (gr. semeion).* No Evangelho de João, os milagres de Jesus são chamados de sinais para mostrar que Ele era o Messias. Há sete sinais no Evangelho de João que são descritos em sequência (Jo 4.46-54; 5.1-9; 6.1-14; 6.15-21; 9.1-7 e 11.38-44). O texto aqui deixa bem claro que os sinais eram para manifestar a glória de Cristo, ou seja, a Sua divindade. Quando Jesus transformou água em vinho, Ele demonstrou Seu poder criativo. Ele fez em poucos segundos o que geralmente era feito em semanas ou meses. Milton disse: “A água ficou ruborizada quando viu Seu Criador”. Essa é a primeira vez que o texto diz que Seus discípulos *creram* nele. Às vezes, seguir vem antes de crer; outras vezes, crer vem antes de seguir.

2.12 — *Desceu a Cafarnaum.* Caná ficava em uma região elevada de Israel e Cafarnaum ficava ao norte, às margens do mar da Galiléia, abaixo do nível do mar. Eles tinham de *descer* para ir de Caná a Cafarnaum. Jerusalém, por outro lado, ficava no topo de um monte e era preciso *subir* para se chegar nela (Jo 2.13).



ENTENDENDO MELHOR

ÁGUA EM VINHO

O milagre em que Jesus transforma água em vinho está repleto de simbolismos. E o fato de ele ter sido descrito logo no início do Evangelho de João é muito significativo.

Para os judeus, o vinho era símbolo de vida e abundância. Todas as bodas que se prezassem tinham de ter vinho. O vinho era a alegria da festa e representava a esperança de uma vida feliz para os recém-casados. Mas, em Caná, justo quando o jovem casal se preparava para começar uma nova vida, o inimaginável aconteceu — o vinho acabou.

Esse devia ser um problema comum naqueles dias, já que as festividades de um casamento geralmente levavam uma semana. No entanto, o incidente era muito inoportuno e constrangedor para o anfitrião, pois fazia com que a festa começasse a perder seu brilho.

Jesus aproveitou aquela oportunidade para revelar aos Seus seguidores quem ele era. Ao transformar água em vinho, Ele surpreendeu Seus discípulos e edificou a fé deles (Jo 2.11). De certa forma, Jesus também era o vinho novo que traria abundância de vida ao judaísmo, que, assim como bodas sem vinho, não tinha vida, e havia se tornado vazio espiritualmente.

2.13 — *E estava próximo a Páscoa dos judeus.* Todo homem judeu tinha de ir a Jerusalém três vezes por ano — para a Festa da Páscoa, a Festa do Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos (Êx 23.14-19; Lv 23).

Jerusalém. Os Evangelhos Sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas — dão mais ênfase ao ministério de Jesus na Galiléia. João se concentra mais no ministério de Jesus em Jerusalém. Entretanto, os vários relatos não se contradizem; ao contrário, se complementam.

2.14 — *E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados.* Os Evangelhos Sinóticos descrevem a purificação do templo no final do ministério de Jesus (Mt 21.12, 13), enquanto no de João esse episódio é mencionado no início (v. 14-17). Ao que parece, Jesus purificou o templo em duas ocasiões diferentes.

Os relatos dos Sinóticos e os de João diferem bastante, indicando que houve dois eventos distintos. A Lei de Moisés exigia que todo animal oferecido em sacrifício fosse sem mancha, e que todo varão judeu acima de 19 anos deveria pagar imposto ao templo (Lv 1.3; Dt 17.1). Por essa razão, era necessário que houvesse coletores de impostos e inspetores no templo para verificar os animais a serem oferecidos em sacrifício.

Tais oficiais, entretanto, não aceitavam moedas pagãs porque elas traziam a imagem do imperador romano, a quem os pagãos adoravam como um deus. Depositar essas moedas no gazofilácio do templo era considerado um insulto. Então, para suprir os visitantes com animais e moedas aceitáveis, vendedores de animais e cambistas

montavam suas bancas no átrio externo do templo. Os inspetores, coletores e cambistas, entretanto, agiam desonestamente, pois cobravam preços muito altos.

2.15 — *O chicote de cordas* (NVI) que Jesus usou era um objeto simples, e não uma arma propriamente dita. Contudo, serviu muito bem para espalhar as moedas dos cambistas e os animais que eram vendidos ali. Essa atitude de Jesus era um sinal de autoridade e juízo.

2.16,17 — *Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas.* A purificação do templo foi a primeira apresentação pública de Jesus a Israel; Ele se apresentou como o Messias. O ministério do Messias começou no templo; Ele veio para purificá-lo (Mt 3.1-3).

O termo *casa de meu Pai* era uma declaração bem clara de que Jesus é o Messias. Nas bodas de Caná, Ele mostrou Sua divindade e Seu poder; aqui, Ele mostrou Sua autoridade. E, ao se lembrarem das palavras do salmo 69.9 — *Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim* —, os discípulos entenderam que Jesus estava declarando ser o Messias.

2.18 — *Os judeus* provavelmente eram os líderes religiosos de Israel (Jo 1.19), que também entenderam que Jesus estava se apresentando como o Messias; foi por isso que eles pediram a Ele um sinal (1 Co 1.22).

2.19 — *Derribai este templo e em três dias o levantarei.* Jesus não estava falando do templo material, e sim do Seu próprio corpo, como João deixa bem claro no versículo 21. Jesus estava falando da Sua morte.



VOCE SABIA?

O TEMPLO CONSTRUÍDO COM A AJUDA DE HERODES

Nos dias de Jesus, o templo em Jerusalém estava passando por uma grande reconstrução e reforma. O rei Herodes, procurando conquistar a simpatia dos judeus, resolveu construir um templo magnífico que trouxesse à memória de todos o glorioso templo de Salomão (1 Rs 6.1).

A princípio, os sacerdotes foram contra Herodes, suspeitando que sua verdadeira intenção era acabar com o templo e construir algo profano em seu lugar. Mas Herodes provou que estava sendo sincero, contratando dez mil trabalhadores e empregando mil carroças para transportar pedras lapidadas. Quando a obra acabou, as portas (de metal reluzente) colocadas no templo brilhavam tanto quando o sol do Mediterrâneo batia nelas que era difícil fitá-las.

O *levantarei*. Jesus não disse: *Eu o construírei novamente*. Ele estava referindo-se à Sua ressurreição, três dias após Sua morte. O sinal que Jesus deu aos judeus foi Sua morte e ressurreição (Mt 12.39; 16.4).

2.20 — *Quarenta e seis anos*. Herodes começou a restauração do templo por volta de 19 a.C., e, até aquela altura, a obra ainda não tinha acabado. Na verdade, ela só foi concluída por volta do ano 64 d.C. por Herodes Agripa.

2.21,22 — *Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isso*. Os discípulos entenderam que Jesus era o Messias (v. 17; 1.41,45,49), mas não entenderam que Ele estava falando da ressurreição do Seu corpo até que isso de fato aconteceu.

2.23 — *Muitos [...] creram no seu nome*. O propósito de João em deixar registrado os milagres de Jesus era que as pessoas cressem e tivessem a vida eterna (Jo 20.30,31). Muitos afirmam que, embora o texto diga que muitos creram, as pessoas não exerceram a fé verdadeira em Jesus. Uma vez que se baseava apenas nos milagres de Jesus, não se tratava da fé salvadora. Além disso, muito concluem que Jesus não confiava nessas pessoas (v. 24). De todo modo, João declara que deixou registrado os milagres de Jesus para que todos cressem e tivessem a vida eterna (Jo 20.30,31).

O texto diz também que muitos *creram*, uma construção gramatical que em todo o Novo Testamento indica fé salvadora. Além disso, elas *creram no seu nome*, uma frase usada somente mais duas vezes no Evangelho de João, e que em ambas as ocorrências alude à fé salvadora (Jo 1.12; 3.18).

2.24 — *Jesus não confiava neles*. O verbo *confiar* aqui é o mesmo verbo grego traduzido por *creram* no versículo 23. Há um jogo de palavras. Essas pessoas criam em Jesus, mas Jesus não confiava nelas. Nicodemos é um exemplo disso. E João sabiamente une essa parte do seu Evangelho à história de Nicodemos. Ele diz que Jesus *bem sabia o que havia no homem* (gr. *antropos*, v. 25), e então continua: *E havia entre os fariseus um homem (gr. antropos) chamado Nicodemos* (3.1). Nicodemos, assim como José de Arimatéia, era um discípulo secreto (Jo 19.38,39). Por isso que o Senhor

não confiava neles como confiava em outros, como, por exemplo, os apóstolos (Jo 15.15).

Temos de perguntar a nós mesmos o quanto somos confiáveis (Lc 16.1-13). Talvez Jesus estivesse usando o princípio da disponibilidade para ver se havia verdade neles (veja, por exemplo, Jo 16.4 e Jo 15.5).

2.25 — *Porque ele bem sabia o que havia no homem*. No texto grego, o sujeito *ele* é bem enfatizado. Sem que alguém lhe dissesse coisa alguma, Jesus conhecia o coração das pessoas. Ele via tudo nas pessoas como se estivesse vendo um *outdoor*, outra indicação da Sua divindade. No Antigo Testamento, somente Deus disse ser conhecedor do coração de todas as pessoas (1 Rs 8.39).

3.1 — *Um home chamado Nicodemos, príncipe dos judeus*. O título *príncipe dos judeus* revela que Nicodemos era membro do conselho judaico, o mesmo que enviou um grupo para investigar João Batista (Jo 1.24). Nicodemos certamente sabia que João havia negado ser o Messias (Jo 1.20), mas também havia testificado que o Messias estava presente (Jo 1.26,27).

3.2 — O fato de Nicodemos ter procurado Jesus *de noite* revela medo ou a fraqueza de sua fé (Jo 12.42); embora depois ela tenha crescido (Jo 7.50,51; 19.39).

3.3 — *Nascer de novo*. A expressão grega traduzida como *de novo* pode significar *novamente* ou *do alto*. O novo nascimento, ou regeneração (Tt 3.5), é o ato pelo qual Deus concede uma vida espiritual àqueles que confiam em Cristo. Sem esse nascimento espiritual, ninguém pode conhecer as coisas espirituais (1 Co 2.10, 13-16) nem entrar no Reino de Deus (v. 5).

3.4 — *Como pode um homem nascer, sendo velho?* A pergunta foi feita de forma a receber uma resposta negativa. Nicodemos não entendeu o que Jesus lhe havia dito, pensando tratar-se de um segundo nascimento físico.

3.5 — *Nascer da água (gr. hudor) e do Espírito (gr. pneuma)*. A expressão *da água* tem sido interpretada como: (1) o batismo nas águas, embora o Novo Testamento ensine que alguém nasce de novo pela fé, não pelo batismo (At 10.43-47); (2) um símbolo do Espírito Santo: essas palavras

poderiam ser traduzidas como *nascer da água e também do Espírito*; (3) um símbolo da Palavra de Deus (Ef 5.26; 1 Pe 1.23); (4) nascimento físico; (5) o batismo de João Batista; (6) uma alusão do Antigo Testamento à obra de Deus, assim como o vento, que vinha do alto.

As três primeiras interpretações são questionáveis, já que dependem de uma futura explicação das Escrituras, algo que Jesus ainda não tinha dado àqueles que o ouviam.

A quarta interpretação diz respeito ao nascimento físico (Jo 3.4), o que deduziu Nicodemos e levou Jesus a dizer *o que é nascido da carne é carne* (Jo 3.6). Se alguém pudesse entrar de novo no ventre de sua mãe e nascer de novo, ainda assim, Ele seria carne. Mas essa é uma hipótese ilógica, pois torna as palavras de Jesus absurdas e distorce totalmente o que Ele de fato quis dizer.

As opções 5 e 6 são mais sensatas, pois é bem provável que Nicodemos conhecesse o batismo de João Batista. O que Jesus estava dizendo é que era preciso reconhecer a mensagem de João Batista e aceitá-la (o batismo), para depois então receber o batismo do Messias, no Espírito, como João havia predito (Jo 1.31-33).

Esse conceito é respaldado tanto pela história como pela teologia. Jesus enfatiza no versículo 6 que há duas dimensões, a carnal e a espiritual. O homem por si mesmo não pode se salvar, e por isso tem de confiar no Espírito de Deus para ser regenerado.

A opção 6 está baseada na tradução da palavra *pneuma*, que significa vento ou espírito. Entretanto, o termo grego aqui deve ser entendido como *vento*, e não *espírito*; assim como *água* é um termo aplicado a verdades espirituais no Antigo Testamento (por exemplo, Isaías 44.3-5 e Ezequiel 37.9,10). Jesus, desse modo, está mostrando a diferença entre as coisas que são de baixo (o ventre materno) e os elementos da água e do vento que são de cima (a obra divina do Espírito de Deus).

Um mestre de Israel deveria entender essa analogia do Antigo Testamento. Talvez, ainda, Jesus estivesse desafiando Nicodemos, já que ele era um mestre de Israel, a responder às perguntas de Provérbios 30.4,5: (1) *Quem subiu ao céu e*

desceu? (2) *Quem encerrou os ventos em seus punhos?* (3) *Quem amarrou as águas na sua roupa?* (4) *Quem estabeleceu todas as extremidades da terra?* (5) *Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho?* *Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele* (compare com João 3.15,16).

3.6 — *O que é nascido da carne é carne* (gr. *sarx*). A carne não pode se tornar espírito. É por isso que é preciso nascer de novo (v. 7).

3.7 — *Necessário vos é nascer de novo*. Ênfase para o pronome *vos*. No versículo 2, Nicodemos usou o verbo *sabemos*, provavelmente se referindo ao conselho judaico, o Sinédrio. Jesus fala aqui então não somente a Nicodemos, mas a todos quanto ele representava.

3.8 — A conversa entre Jesus e Nicodemos aconteceu de noite (v. 2). Conversas noturnas geralmente aconteciam no piso superior da casa. É bem provável que enquanto eles conversavam, o vento soprava.

Jesus usou o *vento* como um símbolo da obra do Espírito Santo. A palavra grega traduzida por *espírito* também significa *vento*. E como o vento sopra onde quer, de modo soberano, assim também opera o Espírito Santo. Ninguém sabe a origem ou o destino do vento, mas todos sabem que ele existe. O mesmo acontece com o Espírito Santo.

3.9 — *Como pode ser isso?* Nicodemos queria saber *como* ele poderia passar pelo novo nascimento sobre o qual Jesus lhe havia falado.

3.10 — *Tu és mestre de Israel e não sabes isso?* Jesus respondeu à pergunta de Nicodemos (v. 13-15), mas antes lhe chamou atenção pelo fato de ser ele um mestre das Escrituras hebraicas e não saber nada sobre o nascimento espiritual (Pv 30.4; Is 44.3; Ez 36.26,27).

3.11 — *E não aceitais o nosso testemunho*. Novamente a locução verbal [*não aceitais*] está no plural aqui (v. 7). Jesus tinha outros em mente além de Nicodemos. E Ele repreende não somente a Nicodemos, mas a todos os fariseus também.

3.12 — *Coisas terrenas se referem às coisas que acontecem na terra, como o novo nascimento* (v. 3,5-7), o vento (v. 8) e talvez até os milagres. As coisas *celestiais* se referem a eventos como a ascensão de Cristo (Jo 6.61,62) e a vinda do Espírito

Santo. Nicodemos pode até ter acreditado nos milagres de Jesus (v. 2), mas a maioria do conselho judaico não (v. 11).

3.13 — No versículo nove, referindo-se ao novo nascimento, Nicodemos pergunta: *Como pode ser isso?* Aqui, Jesus responde à pergunta dele. O novo nascimento é pelo *Filho*, pela cruz (v. 14) e pela fé (v.15).

3.14 — Toda vez que o verbo *levantou* aparece no Evangelho de João, ele é alusivo à morte de Jesus (Jo 8.28; 12.32,34). Quando *Moisés levantou a serpente no deserto* (Nm 21.9), aqueles que olharam para ela foram salvos. É assim com o Filho do Homem também (Jo 1.51). Olhe e seja salvo! Eis o Cordeiro de Deus!

3.15 — *Não pereça, mas tenha a vida eterna.* Essa é a primeira vez que a expressão *vida eterna* é mencionada no Evangelho de João (Jo 4.36; 5.39; 6.54,68; 10.28; 12.25; 17.2,3). Quando alguém confia em Cristo, este nasce de novo e recebe uma vida espiritual e eterna, a vida do próprio Deus. O foco então não está na nossa fé, mas em Cristo, o motivo da nossa fé. A fé por si só não salva. Ela é apenas um canal para aquele que salva — Jesus!

3.16 — *Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito.* O amor de Deus não se restringe a uma nação ou a elites espirituais. O termo *mundo* aqui pode ser alusivo a toda a criação (Rm 8.19-22; Cl 1.20).

A palavra grega para *unigênito* indica que Jesus era filho único; não comunica apenas a ideia de um nascimento. Por exemplo, Isaque é chamado de *unigênito* de Abraão em Hebreus 11.17 e na Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento (Gn 22.2,12,16), mas, na verdade, Abraão tinha dois filhos: Ismael e Isaque. O Filho de Deus é o Filho único do Pai, o Seu unigênito.

3.17 — Jesus veio a primeira vez *para que o mundo fosse salvo por ele.* Mas quando Ele vier novamente, Ele virá para julgar todos aqueles que recusaram Sua salvação.

3.18 — *Quem crê nele não é condenado.* Crer implica receber a vida (v. 15, 16).

3.19 — O termo *condenação* aqui se refere à razão que leva ao juízo de Deus. A *luz* é Jesus, a Luz do mundo (Jo 1.7-9; 8.12; 9.5).

3.20 — As pessoas inventam muitas desculpas para não aceitar a Cristo. Algumas dizem que há muita hipocrisia na Igreja. Outras dizem que não conseguem crer em algumas verdades de Jesus ou do evangelho. Mas isso é apenas uma desculpa para esconder a rebeldia delas contra Deus. Por fim, a última razão pela qual as pessoas não se rendem a Cristo é porque elas não querem mesmo.

3.21 — *Quem pratica a verdade* (1 Jo 1.5) com certeza já é um cristão porque *suas obras são feitas em Deus.* Sendo assim, *vir para a luz* é mais do que um exercício de fé. Aquele que *vem para a luz* não somente crê, mas também a recebe para que suas obras sejam vistas como algo feito em união com Deus. Deus confia naquele que crê no Filho e pratica a verdade, e lhe dá revelação e habilidade para fazer a obra dele.

3.22 — *E estava ali com eles e batizava.* A impressão que temos aqui é que Jesus batizava. Mas João corrige isso no capítulo 4, versículo 2. Jesus dava autoridade aos discípulos, e eram eles que batizavam.

3.23 — *João batizava em Enom.* Provavelmente esse lugar ficava a oeste do rio Jordão. *Muitas águas.* Havia muitas fontes em Enom. *E vinham ali,* ou seja, as pessoas daquela região.

3.24 — *Porque ainda João não tinha sido lançado na prisão.* Os Evangelhos Sinóticos, principalmente Mateus e Marcos, dão a impressão de que a prisão de João Batista aconteceu logo após o batismo de Jesus. Mas esse versículo esclarece que houve um intervalo entre o batismo de Jesus e a prisão de João, durante o qual ambos ministraram.

3.25 — *Howe, então, uma questão entre os discípulos de João e um judeu, acerca da purificação.* Tanto os discípulos de Jesus como os de João Batista estavam batizando, e, como resultado, surgiu uma questão levantada pelos discípulos de João quando estes entraram em discussão com um judeu. A palavra *purificação* aqui diz respeito ao batismo.

3.26 — *Foram ter com João e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão.* Os discípulos de João eram fiéis a ele. Eles estavam preocupados porque Jesus estaria competindo com



APROFUNDE-SE

DEUS NÃO FAZ ACEPÇÃO DE PESSOAS

O encontro com Nicodemos à noite (Jo 3.1-21) e com a mulher samaritana ao meio-dia (4.5-42) revela duas maneiras distintas de Jesus lidar com as pessoas. Não importa se fosse um respeitado líder do povo como Nicodemos ou uma mulher sofrida e solitária como a samaritana, Jesus lidava com as pessoas de uma forma muito particular e preocupava-se com a necessidade de cada uma delas. Ele nos ensinou o que significa viver, trabalhar e anunciar o evangelho em uma sociedade diversificada.

Nicodemos era um judeu de classe alta, fariseu de uma das famílias mais proeminentes de Jerusalém. Ele procurou Jesus à noite, sozinho. E o Senhor o confrontou com a sua própria necessidade de *nascer de novo*, e depois o deixou ir para pensar sobre tudo que haviam conversado. Quando o vemos novamente, ele está defendendo Jesus junto ao conselho judeu (Jo 7.45-52). No entanto, Nicodemos não assumiu que era seguidor de Jesus, a não ser depois da crucificação, quando ajudou a preparar o corpo do Senhor para o sepultamento (Jo 19.39).

A mulher samaritana, por outro lado, vivia com um homem e já tinha tido vários maridos; situação que lhe trazia muita vergonha. Daí o motivo de ela ser desprezada em sua cidade. Provavelmente, também, ela fosse fruto de uma miscigenação de raças diferentes; razão para os judeus a desprezarem. Jesus primeiro conversou com ela sozinho, à luz do dia, em público, e depois junto a outras pessoas. Ele lhe falou sobre a *água viva* e a necessidade de se adorar em *espírito e em verdade*. A samaritana, entretanto, foi muito mais rápida em sua resposta ao Senhor Jesus do que Nicodemos. Além disso, a decisão tomada por ela foi seguida da decisão de toda uma cidade (Jo 4.39-41).

O Evangelho de João relata ainda várias outras maneiras com que Jesus lidou com as pessoas, e também as diversas maneiras com que elas responderam a ele. Alguns creram em Jesus depois de serem alimentados (Jo 6.1-14), outros depois de serem curados (Jo 9.1-38), e outros ainda depois que Ele ressuscitou (Jo 20.24-29). Alguns responderam aos milagres de Jesus, outros responderam aos Seus ensinamentos. As pessoas respondiam a Jesus de muitas maneiras.

João e o superando. Tomados de espanto pelo o que estavam vendo chegaram a exagerar na argumentação: *e todos vão ter com ele*. Eles estavam preocupados porque acreditavam que João estava perdendo seu ministério para outro pregador.

3.27,28 — João Batista deixou bem claro a relação que havia entre ele e Jesus. Primeiro, ele fala de si mesmo (v. 27-29), depois, então, fala de Jesus (v. 30-36). João explicou que ele não podia aceitar a posição de supremacia que seus discípulos queriam conferir-lhe porque ele não a recebera *do céu*.

Nós devemos ter a aprovação divina para fazer o que quer que seja, até mesmo a obra de Deus. Muito do que fazemos, até mesmo na Igreja, segue as tendências deste mundo. Devemos ter sensibilidade para cumprir os mandamentos de Deus, mesmo que tais mandamentos entrem em choque com o que o mundo acredita ser certo. Não precisamos valer-nos dos padrões deste sistema mundano. Ao contrário, podemos ser transformados interiormente aplicando a Palavra de Deus à nossa vida (Rm 12.2).

3.29 — Ao explicar por que as pessoas estavam indo ter com Jesus (v. 26), João Batista sa-

lienta que *a noiva recebe o noivo* (ARA). Mas João se compara com *o amigo do noivo* (ARA), que é escolhido para fazer os preparativos para o casamento, cuidar de recepção e organizar a festa. O amigo do noivo só acabava seu trabalho quando deixava tudo preparado. E sua *alegria* vinha da felicidade do noivo. João Batista estava feliz com a posição que ocupava. Ele se sentia feliz por ser *a voz* (Jo 1.23) e o amigo do noivo.

3.30 — *É necessário que ele cresça e que eu diminua*. João Batista salientou que Jesus Cristo tinha de *crescer* em popularidade, enquanto ele, João, tinha de *diminuir*. João explicou que Jesus tinha de crescer por causa: (1) da Sua origem divina (v. 31), (2) do Seu ensinamento divino (v. 32-34), e (3) da Sua autoridade divina (v. 35,36). Embora João encorajasse seus discípulos a seguir Jesus, alguns deles ainda foram encontrados na condição de discípulo de João muitos anos depois em Éfeso (At 19).

3.31 — *Aquele que vem de cima* diz respeito a Jesus Cristo. *Aquele que vem da terra* diz respeito a João Batista. João deixou bem claro suas limitações e sua origem terrena. Ele anunciou a

verdade celestial na terra; por outro lado Jesus é *aquele que vem do céu* e que está *sobre todos*.

3.32 — *Ninguém aceita o seu testemunho*. Ninguém pode aceitar Jesus Cristo se a obra de Deus não for feita dentro da pessoa (Jo 6.44).

3.33 — *Confirmou que Deus é verdadeiro*. O termo *confirmou* também significa *selou*. Em uma sociedade em que muitos não sabiam ler, as correspondências recebiam um selo para autenticar sua mensagem. O selo era um marca de propriedade e representava algo pessoal de alguém. Quem aceita o testemunho de Jesus confirma que *Deus é verdadeiro* porque Ele o selou.

3.34 — Ao contrário dos mestres humanos, Jesus não dava o *Espírito por medida*, ou seja, de maneira limitada (Is 11.1,2). O Espírito Santo foi dado totalmente a Jesus. As três Pessoas da Trindade são citadas nesse versículo: Deus Pai enviou Jesus Cristo, o Filho, e lhe deu o Espírito Santo sem medida.

3.35 — Deus Pai não somente nos deu Jesus, como homem, e o Espírito Santo (v. 34), mas também nos deu *todas as coisas*, inclusive o poder de gerar vida (Jo 5.21) e julgar (Jo 5.22). A expressão *nas suas mãos* representa o poder que o Filho tem de fazer uso de *todas as coisas*.

3.36 — *Aquele que crê no Filho tem a vida eterna*. A tradução do verbo *ter* está no presente do indicativo aqui. Quem *crê tem* a vida eterna como uma herança já no tempo presente. Do mesmo modo, quem se recusa a crer em Jesus tem *a ira de Deus* já no presente.

4.1,2 — A descrição e *quando* leva o leitor de volta a João 3.22-36. O sucesso de Jesus ao fazer discípulos gerou certa inveja nos seguidores de João Batista e uma discussão com os fariseus. Mas, como Jesus não queria criar nenhuma controvérsia sobre o batismo àquela altura do seu ministério, Ele deixou a Judéia e foi outra vez para a Galiléia (v. 3).

4.3 — A locução *outra vez* indica que Jesus já havia estado na Galiléia antes (Jo 1.43—2.12). Ele havia deixado Cafarnaum para celebrar a Páscoa em Jerusalém.

4.4 — O caminho mais curto da Judéia, localizada ao sul, até Cafarnaum, ao norte, passava

por Samaria. A viagem levava três dias. Era *necessário* Jesus *passar por Samaria* se Ele quisesse pegar uma rota direto para a Galiléia. Os judeus, entretanto, evitavam passar por Samaria e a rodeavam pelo rio Jordão.

4.5 — Jacó comprou um pedaço de terra (Gn 33.18,19), e o deixou para José como herança em seu leito de morte (Gn 48.21,22).

4.6 — *Era isso quase à hora sexta*. Segundo o sistema judaico de medição do tempo, a sexta hora era o meio-dia. Pelo sistema romano seria seis da tarde. E, ao que parece, João estava usando o sistema romano (veja nota 1.39).

4.7-9 — (*Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos*). Quando a Assíria conquistou o Reino do Norte em 722 a.C., metade da população foi levada cativa para outros países e gentios foram trazidos para habitar ali. Os judeus que permaneceram no Reino do Norte se casaram com mulheres estrangeiras dando fim à pureza racial. Os judeus mestiços, fruto dessas uniões, eram os samaritanos.

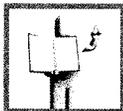
Quando a Babilônia conquistou a Judéia e levou cativos os habitantes do Reino do Sul, estes conservaram pura a raça. Após voltarem para a Terra Santa, os judeus que não se misturaram não mantinham contato nenhum com os samaritanos. Para piorar as coisas, os samaritanos construíram um templo no monte Gerizim. Como resultado de tudo isso, judeus e samaritanos passaram a se odiar.

4.10 — *Água viva* (Jo 7.37-39; Is 12.1-6) é aquela que jorra de uma fonte sem jamais cessar. Jesus, obviamente, estava falando da vida eterna.

4.11-15 — *Senhor [...] onde, pois, tens a água viva?* A mulher samaritana não havia entendido a mensagem espiritual de Jesus. Ela estava pensando apenas na água comum e não entendera que Jesus podia lhe dar água sem ter de tirá-la.

4.16 — *Vai, chama o teu marido e vem cá*. Jesus falou sobre o *marido* da mulher para expor o pecado dela (v.18).

4.17,18 — *Tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido*. A mulher com certeza era marginalizada, pois vivia com um homem que não era seu marido.



ENTENDENDO MELHOR

OS JUDEUS NÃO SE COMUNICAVAM COM OS SAMARITANOS

O ódio entre judeus e samaritanos era grande e de longa data. Começou com a queda do Reino do Norte de Israel em 722 a.C. A vitoriosa Assíria deportou 20 mil israelitas, a maioria deles das classes mais altas, e os substituiu por colonos da Babilônia, Síria e várias outras nações. As mulheres estrangeiras trouxeram seus ídolos pagãos e se casaram com os hebreus, gerando uma população etnicamente misturada.

Quando os judeus voltaram do cativeiro babilônico, eles enfrentaram a resistência dos samaritanos e do resto da sociedade por tentarem reconstruir o templo em Jerusalém. Eles desprezavam seus parentes do norte por causa do casamento com estrangeiros e práticas idólatras. Logo, uma barreira impenetrável de amargura se levantou separando ambos os lados. Nos dias de Jesus, a hostilidade entre eles era tão marcante que a mulher no poço ficou impressionada com o fato de Jesus ter falado com ela. Como explicou João: *os judeus não se comunicam com os samaritanos* (Jo 4.9).

4.19 — Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Devido ao que Jesus lhe dissera, a samaritana concluiu que Ele era um profeta, alguém divinamente inspirado e com conhecimento sobrenatural (1 Sm 9.9).

4.20 — Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém. Ao mencionar dois lugares distintos de adoração, a mulher devia estar tentando mudar de assunto para falar de questões religiosas, e não dos seus pecados. Ou talvez ela tenha entendido que era pecadora (v. 18) e que tinha de oferecer sacrifício. E, se assim fosse, sendo Jesus um judeu, Ele certamente diria a ela que o sacrifício devia ser oferecido no templo em Jerusalém. Os judeus insistiam que o único local de adoração era Jerusalém. Os samaritanos, por sua vez, criaram outro lugar de adoração no monte Gerizim, que, segundo a tradição deles, era o lugar onde Abraão fora para sacrificar Isaque, e onde encontrara Melquisedeque mais tarde.

Quando as bênçãos e maldições foram pronunciadas para as gerações de Israel no deserto, as bênçãos foram lidas no monte Gerizim (Dt 11.29; 27.12). No entanto, Deus ordenou em Deuteronômio 27.4 que, quando o povo passasse o Jordão, um altar fosse erigido no monte Ebal, não no monte Gerizim. Os samaritanos, entretanto, mudaram o versículo para que se lesse monte Gerizim. Eles mudaram a história e alteraram o texto das Escrituras para enaltecer o monte Gerizim. A samaritana havia sido ensinada a considerar o monte Gerizim o lugar mais sagrado do mundo e a desprezar Jerusalém. Não é de se

estranhar então ela ter falado sobre o lugar de adoração. Ela achava que o monte Gerizim era um lugar de adoração e sacrifício, mas agora estava diante de um judeu e tinha certeza de que Ele era Deus. Ela estava certa que Ele lhe diria para ir a Jerusalém.

4.21-23 — Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Jesus ensinou a mulher que o mais importante não é o lugar onde uma pessoa adora. A adoração não está limitada ao monte Gerizim ou a Jerusalém. Os samaritanos adoravam o que não conheciam; eles criaram sua própria religião. Os judeus tinham todas as orientações para a adoração. A declaração *a salvação vem dos judeus* significa que o Messias viria do povo judeu.

4.24 — Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. Deus não está limitado ao tempo e espaço. E quando alguém nasce no Espírito, Ele pode se comunicar com Deus onde quer que esteja. *Em Espírito* é contrário a tudo que é material e terreno, por exemplo, o monte Gerizim. Jesus disse que a adoração é algo do coração. *Em verdade* é o que está em harmonia com a natureza e a vontade de Deus. É o contrário de tudo que é falso. A verdade aqui é especificamente a adoração a Deus por meio de Jesus Cristo. A questão não é *onde* alguém adora, e sim *como* e *quem* alguém adora.

4.25 — Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Os samaritanos acreditavam que o profeta de Deuteronômio os ensinaria *tudo* quando Ele viesse.

4.26 — *Eu o sou, eu que falo contigo.* Usando as mesmas palavras que Deus usou quando se revelou a Moisés (Êx 3.14), Jesus afirma claramente ser o Messias.

4.27 — Os discípulos *maravilharam-se* por seu rabi estar conversando com uma mulher (Jo 4.27). Naqueles dias, conversar com uma mulher em público era algo considerado desonroso e de má reputação para um rabi. Mas Jesus decidiu ter uma atitude mais humana do que seus colegas religiosos.

4.28,29 — *Um homem que me disse tudo o quanto tenho feito.* A mulher ficou tão feliz que foi tomada de certo exagero. Ela não disse o que Jesus de fato lhe havia dito, mas o que Ele poderia ter-lhe dito. Veja a jornada espiritual da mulher. Ela primeiro viu Jesus como um judeu (v. 9), depois como um profeta (v. 19), e finalmente como o Messias.

4.30-33 — *Toux-lhe, porventura, alguém de comer?* Assim como a mulher samaritana não havia entendido a diferença entre a água comum e a vida eterna espiritual (Jo 4.15), os discípulos também não estavam entendendo a diferença entre o alimento material e o alimento espiritual. Eis outro exemplo de ignorância espiritual. Em João 2.20 foram os judeus. Em João 3.4 foi Nicodemos. Em João 4.11, a mulher samaritana, e, agora, os discípulos (Jo 11.12; 14.5).

4.34 — *A minha comida é fazer a vontade da-quele que me enviou.* No versículo 32, Jesus fala do alimento que Ele tinha de comer; aqui, Ele fala que alimento é esse — *fazer* a vontade do Pai. Jesus está novamente ensinando algo específico aos Seus discípulos. A *comida* não é simplesmente conhecer a vontade de Deus, mas cumpri-la. Veja a diferença entre o leite e o alimento sólido registrada em Hebreus 5.12. Leite é informação; alimento é conhecimento, aplicado de modo prático. Muitas vezes paramos na informação e não partimos para a prática.

4.35 — Dos versículos 35 ao 38, Jesus oferece aos discípulos uma oportunidade de *fazer* algo que serviria de alimento para eles, caso eles a aproveitassem. A primeira parte do versículo 35 foi tirada ou de um provérbio ou de um acontecimento real. Se foi de um provérbio não se tratava

de nenhum conhecido. Se foi de algo que de fato aconteceu, a conversa se deu em dezembro ou janeiro, pois a colheita começava em meados de abril. Não obstante, Jesus estava falando realmente dos samaritanos. Ele viu neles a oportunidade de uma colheita espiritual pela qual os discípulos não precisavam esperar.

4.36 — O que ceifa uma colheita espiritual *recebe galardão*, ou seja, frutos que trazem alegria. Nesse caso, Jesus plantou a semente ao pregar para a mulher. E grande seria a colheita porque toda a cidade seria salva. Os discípulos também iriam ceifar a colheita que Cristo semeou. Veja como Jesus promete cem vezes mais em Mateus 19.27-29 (1 Co 3.6-8; 2 Co 5.10).

4.37 — *Um é o que semeia, e outro, o que ceifa.* Uma lição crucial para os discípulos. Há várias tarefas e vários trabalhadores na obra do Senhor, mas todos serão honrados (1 Co 3.6,7).

4.38 — *Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes.* Jesus aqui faz uma aplicação do que havia acabado de ensinar aos discípulos.

Outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho. Os *outros* provavelmente eram João Batista e os discípulos dele. Eles trabalharam na Judéia (Jo 3.22-36), e, agora, os discípulos de Jesus estavam colhendo o que outros haviam semeado (v. 1,2).

4.39-41 — *Muitos mais creram nele, por causa da sua palavra.* Os samaritanos na mesma hora *creram* (gr. *pisteuo eis*) nele. Os judeus rejeitaram o testemunho das suas próprias Escrituras, de João Batista e dos milagres e ensinamentos de Cristo. Os samaritanos, por sua vez, aceitaram o testemunho de uma mulher desonrada. Às vezes, Deus usa os meios mais incomuns para fazer sua obra, pois aqueles que deveriam estar à frente dela não se dispõem a fazê-la.

4.42 — O título *Salvador do mundo* é usado somente aqui e em 1 João 4.14. Os judeus dos tempos de Jesus achavam que era preciso ser judeu para se aproximar de Deus. No entanto, ao incluir esse relato em seu Evangelho, João mostra que Jesus veio para todos neste mundo.

4.43,44 — A expressão *na sua própria pátria* pode significar (1) na Judéia, (2) em Nazaré, ou

(3) na Galiléia. Já que Jesus não foi honrado e bem recebido em Nazaré, Ele foi para a outra parte da Galiléia.

4.45 — A especificação *no dia da festa* se refere à Páscoa (Jo 2.13-25). Os galileus que haviam estado na festa receberam Jesus quando Ele foi para a Galiléia. Os sinais incontestavelmente sobrenaturais estavam cumprindo o propósito que Deus desejava (Jo 20.30,31). Isso é pré-evangelismo.

4.46 — Um *oficial do rei* era alguém que servia literalmente ao rei. Na verdade, Herodes Antipas era apenas o tetrarca da Galiléia, embora fosse chamado de rei.

4.47-49 — *Senhor, desce, antes que meu filho morra*. O oficial do rei estava errado em duas coisas sobre o poder de Cristo. Ele pensou (1) que Jesus teria de viajar para Cafarnaum para curar e (2) que Jesus não tinha poder sobre a morte (*antes que meu filho morra*). Jesus preocupou-se com a possibilidade de a fé daquele homem estar baseada apenas em Seus *sinais e milagres*.

4.50-54 — Está escrito que o oficial do rei creu duas vezes, uma vez registrada no versículo 50 e outra no versículo 53. Primeiro, ele creu na promessa de Jesus que seu filho não morreria. No entanto, crer que Jesus pode e irá curar não é suficiente para salvar. Quanto ao versículo 53, no que o oficial do rei creu? A explicação se encontra no 54. O sinal que Jesus realizou foi Seu

segundo milagre (Jo 2.11). Esses sinais foram realizados para que as pessoas cressem que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus, e que, por crerem, elas teriam vida (Jo 20.31). Quando o oficial do rei soube que seu filho tinha sido curado, ele viu que Jesus era mais do que um simples mortal. Ele e sua casa creram em Jesus e nasceram de novo (Jo 3.3). Muitas vezes, no Novo Testamento, famílias inteiras expressavam sua fé em Jesus (compare com At 10.44-48; 16.31-34).

5.1 — *A festa entre os judeus* provavelmente não era a Páscoa, a qual João quase sempre se refere pelo nome (Jo 2.13; 6.4; 11.55). Deve tratar-se do Purim, que não havia sido instituída por Deus, mas era uma festa criada pelos judeus para celebrar o livramento dos israelitas e da rainha Ester. Era uma festa instituída pelos judeus.

5.2 — *A Porta das Ovelhas* no muro de Jerusalém ficava próximo ao templo e era por onde as ovelhas passavam para o sacrifício. O tanque de *Betesda* era uma piscina dupla cercada por uma galeria de quatro colunas, construídas por Herodes, e por uma quinta galeria que dividia as piscinas do norte e do sul. Os *cinco alpendres* ficavam entre essas duas galerias de colunas, sendo duas em cada lado e uma no meio.

5.3,4 — Perto da piscina ficava uma multidão de pessoas enfermas *esperando o movimento das águas*. Todos os manuscritos antigos foram copiados sem a última parte do versículo 3 e todo o versículo 4 — *esperando o movimento das águas*. Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse.

5.5 — *Um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo*. Não se sabe qual a natureza exata da enfermidade desse homem, mas percebe-se que afetava sua capacidade de andar (v. 7).

5.6,7 — *Queres ficar são?* Por que Jesus perguntou a um homem enfermo se este queria ser curado? Alguns acusam o parálítico de ter perdido a esperança, entretanto, ele estava à beira da piscina tentando ser o primeiro a entrar quando a água fosse agitada — *enquanto eu vou, desce outro antes de mim* (v. 7). Jesus fez essa pergunta



VOCE SABIA?

O FILHO DO OFICIAL DO REI

A chave para entendermos o segundo sinal de Jesus (Jo 4.46-54) é a geografia. O oficial do rei e seu filho, que estava morrendo, moravam em Cafarnaum, a principal cidade da Galiléia (Lc 4.31). E Jesus estava a mais de 30 Km de distância, em Caná (onde aconteceu Seu primeiro milagre, registrado em Jo 2.1-12). Isso significa que o oficial do rei andou mais de 60 Km — uma viagem de dois dias a pé — para rogar a Jesus que curasse seu filho. Jesus, entretanto, apenas lhe disse algo — *Vai, teu filho vive* (Jo 4.50) —, produzindo um resultado a mais de 60 quilômetros de distância, em um mundo onde não havia telefones, fax ou internet. Não é de se admirar que tal episódio tenha gerado uma fé enorme em toda a família do oficial (Jo 4.53). Jesus é o Senhor mesmo à distância!



VOCÊ SABIA?

O PARALÍTICO DE BETESDA

Quando é narrado o terceiro milagre de Jesus a questão do tempo é mencionada. O paralisado no tanque de Betesda estava enfermo há 38 anos, e ninguém o ajudava a entrar no tanque. Imagine a decepção dele por não conseguir chegar às águas primeiro quando o anjo as agitava. Todavia, Jesus o curou, e o homem pôde andar no mesmo instante. Jesus mostrou que é o Senhor do tempo. Mas será que Israel estava preparado para Ele? (Jo 5.16)

para ver se o homem queria mesmo ser curado e para que ele se voltasse para o único capaz de realizar tal milagre.

5.8 — *Levanta-se, toma tua cama e anda.* A cama era uma maca, algo muito comum na Judéia.

5.9 — João fala desse milagre porque é um testemunho da divindade de Jesus. Jesus mesmo disse a João Batista que o fato de os coxos andarem era uma prova de que Ele era o Messias (Mt 11.1-5), pois o profeta Isaías havia profetizado isso há muito tempo: *Os coxos saltarão como cervos* (Is 35.1-6). Carregar uma cama no sábado era considerado uma violação à Lei de Moisés (v. 10).

5.10 — *Os judeus* aqui provavelmente eram os líderes de Israel, membros do conselho (veja nota 1.19). A Lei de Moisés ensinava que o Sábado tinha de ser diferente dos outros dias. Nele, nem pessoas nem animais podiam trabalhar. O profeta Jeremias proibiu que se carregassem cargas ou que se trabalhasse no Sábado (Jr 17.21,22).

Neemias deixou bem claro que negociar no Sábado, como se ele fosse um dia comum, era proibido (Ne 13.15-19). Com o passar dos anos, os líderes judeus reuniram milhares de regras e decretos concernentes ao Sábado.

Nos dias de Jesus, eles tinham 39 tipos diferentes de trabalho. Uma dessas categorias de trabalho incluía carregar alguma coisa, nem que fosse uma agulha no bolso. Ponderava-se até mesmo sobre a questão de alguém usar dente postiço ou uma perna de madeira no Sábado. Segundo eles, carregar algum móvel ou até mesmo fazer um tratamento médico no Sábado era proibido. Jesus não violou a Lei; Ele apenas quebrou a tradição dos fariseus acrescentada à Lei.

5.11-13 — *Aquele que me curou.* O paralisado foi curado sem nem mesmo ter colocado sua fé

em prática. Ele não sabia quem era Jesus quando Ele o curou (compare com Atos 3.1-10) e nem se mostrou grato a Ele depois (v. 14). Talvez tenhamos aqui um exemplo de como é importante suprir a necessidade de alguém sem esperar algo em troca; ajudar simplesmente porque a pessoa está necessitada. Isso é evangelismo.

Jesus se havia retirado. João relata como Jesus saiu em silêncio e deixou a multidão em quatro ocasiões (Jo 8.59; 10.39; 12.36). Posteriormente, Jesus acabou encontrando-se com esse homem (v.14).

5.14,15 — A advertência *não peques* (gr. *hamartano*) *mais* (literalmente, *pare de pecar*) demonstra que a enfermidade do homem era consequência do seu pecado, embora não fosse sempre assim (Jo 9.1-3).

Para que te não suceda alguma coisa pior deve ser uma alusão ao inferno. Há coisas piores na vida do que a enfermidade.

5.16 — *Por essa causa, os judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo.* Essa é a primeira vez que João fala abertamente em seu Evangelho acerca da hostilidade contra Jesus.

5.17,18 — *Meu Pai trabalha até hoje.* Jesus é o Filho unigênito (Jo 1.14,18; 3.16,18); o Filho único de Deus. Ele afirma aqui não somente que tem uma comunhão íntima com o Pai, mas que também é semelhante a Ele em Sua natureza. E já que Deus faz boas obras sem parar, e por si mesmo tem o direito de fazê-lo no Sábado, o Filho faz o mesmo, já que se assemelha ao Pai. Certamente os líderes judeus entenderam as implicações do que Jesus estava dizendo (v. 18).

5.19-47 — Por causa desse milagre (Jo 5.1-9) e da discussão que houve depois dele (Jo 5.10-18), Jesus fez um longo discurso (Jo 5.19-47).



ENTENDENDO MELHOR

DEUS TRABALHA AOS DOMINGOS?

Jesus deu uma resposta estranha àqueles que o criticaram na controvérsia sobre a observância do Sábado (Jo 5.16,17). Deus *descansou* de Sua obra no sétimo dia da criação e o *santificou* (Gn 2.2,3). Mais tarde, um dos Dez Mandamentos torna o sétimo dia um dia santo, o Sábado ou dia de descanso em Israel (Êx 20.8-11). Mas não devemos confundir esse dia com o domingo, no qual comemoramos a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Segundo a tradição rabínica, o paralítico estava violando o descanso do Sábado ao carregar sua cama (Jo 5.10), assim como Jesus por ter curado nesse dia (Jo 5.16). Mas Jesus disse que até mesmo Deus "viola" Seu próprio Sábado porque está sempre trabalhando em prol do bem da humanidade (Jo 5.17). Apesar de já ter completado a criação, Deus continua cuidando dela e provendo tudo às Suas criaturas — até mesmo aos domingos.

O que Jesus estava tentando fazer era revelar o cerne da questão, ou seja, que não havia dia certo ou errado para se praticar o bem.

Nesse discurso, Ele declara algumas coisas (Jo 5.19-30), prova o que está dizendo (Jo 5.31-39) e desafia Seus opositores (Jo 5.40-47).

5.19 — A primeira declaração diz respeito à sua comunhão íntima com o Pai — Sua igualdade com Ele. Posteriormente, Jesus explicou tal declaração dizendo quatro verdades (5.19b-22). Sua segunda declaração diz respeito ao seu relacionamento com as pessoas; Ele tem o poder de exercer o juízo e dar a vida (Jo 5.24-30).

A declaração *o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma* significa que é impossível o Filho fazer algo sem o Pai por causa da unidade que há entre eles (v. 17).

Tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente é uma afirmação da Sua divindade e da unicidade com o Pai.

5.20 — O Filho faz o que o Pai faz (v. 19) porque *o Pai ama ao Filho*. E, já que o Pai ama ao Filho, revela tudo a Ele. O Pai mostraria ao Filho *maiores obras* do que a cura do paralítico. Jesus ressuscitaria mortos (v. 21) e, no fim, julgaria a humanidade (v. 22).

5.21 — *Assim também o Filho vivifica aqueles que quer*, ou seja, o filho dá vida a quem quer. Assim como Deus ressuscita os mortos e lhes dá vida, Cristo também dá vida espiritual às pessoas (v. 24). Jesus declara que tem o mesmo poder de Deus, afirmando que é semelhante a Ele.

5.22 — *Deu ao Filho todo o juízo*. Os judeus sabiam que somente Deus tinha o poder de julgar o homem. Ao declarar que o Pai lhe tinha dado

tudo o juízo, Jesus afirma novamente que é semelhante a Ele.

5.23 — *Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai*. Dizer que tem a mesma honra que o Pai é o mesmo que afirmar ter o mesmo poder que Ele.

5.24 — *Crê naquele que me enviou* é uma frase incomum. Cristo, não o Pai, geralmente é o objeto desse verbo no Evangelho de João. O assunto dessa passagem é a unicidade do Pai e do Filho (v. 17-23). Todo aquele que crê em Jesus crê naquele que o enviou.

Não entrará em condenação. Aquele que recebeu a vida eterna não passará mais pelo julgamento que definirá o destino eterno do homem. Entretanto, todos os cristãos terão que comparecer diante do tribunal de Cristo (Rm 14.10; Co 5.10), não para serem punidos pelo pecado, mas para receberem a herança no Reino do Messias.

5.25 — *Vem a hora, e agora é*. Em outras palavras, é hoje que Jesus dá a vida eterna àqueles que estão mortos espiritualmente.

5.26,27 — *Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo*. A conjunção *porque* indica que esses versículos explicam o versículo anterior. Jesus pode dar a vida porque Ele mesmo a tem. E Ele não apenas a dá, como também é a própria fonte. Esse é outro testemunho da divindade de Jesus, pois somente Deus tem a vida em si mesmo.

5.28 — *Vem a hora*. Jesus não somente nos dá a vida espiritual agora (v. 25), mas também nos dará uma vida física no futuro.

5.29 — *Para a ressurreição da vida [...] para a ressurreição da condenação.* Duas ressurreições distintas (Ap 20.4,5), elas são descritas do mesmo modo como no Antigo Testamento: dois eventos futuros sem distinção de tempo (Is 61.2). Jesus estava ensinando a universalidade da ressurreição, não o tempo em que ela aconteceria.

Os que fizeram o bem. O maior *bem* que todos podem fazer é crer em Jesus, naquele que Deus enviou para salvar-nos (Jo 6.28,29). Todas as outras boas ações começam a partir dessa atitude. Tudo de bom que fazemos sem essa fé não significa nada para Deus, e o resultado será a ressurreição da condenação.

5.30 — O *juízo* de Cristo é *justo* porque está em conformidade com a vontade de Deus. Jesus diz no versículo 19: *O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma*, o que significa dizer que Ele não pode *fazer coisa alguma* fora da vontade do Pai. Esse versículo é o ponto alto e a conclusão dos versículos 19 a 29.

5.31-47 — A palavra *testemunho*, como no versículo 34, é um termo muito importante para João. Embora o testemunho de Jesus sobre si mesmo fosse verdadeiro, segundo a Lei judaica, não era permitido dar testemunho de si mesmo em questões legais.

Há outro que testifica de mim (v. 32). O Pai e o Espírito testificam de Cristo (v. 37). Jesus também fala àqueles que o ouviam de outras três testemunhas: *João [Batista]* (v. 33-35), as próprias *obras* de Jesus (v. 36) e as *Escrituras* (v. 39), especialmente os livros de Moisés (v. 45-47).

5.31,32 — A outra testemunha era João Batista (v. 33).

5.33,34 — *Vós mandastes a João.* Os líderes judeus enviaram uma delegação para interrogar João Batista (Jo 1.19). *Ele deu testemunho da verdade.* O testemunho de João era que Jesus era o Senhor (Jo 1.27,34; 3.31) e o Cordeiro de Deus (Jo 1.29). E Jesus declara que tal testemunho é verdadeiro.

5.35 — Jesus é a luz (Jo 1.4,5). João era a *candeia que ardia e alumiaava*. Jesus usa o verbo no passado porque naquela ocasião o ministério de João já tinha se cumprido; ele já estava preso ou talvez morto.

5.36 — *As obras que o Pai me deu para realizar.* João não realizou nenhum sinal (Jo 10.41). As obras citadas aqui são as que o Filho realizou, como profetizado no Antigo Testamento (Is 35.5,6) para confirmar que Ele havia sido enviado pelo Pai (v. 1-15; 2.1-11; 4.43-54).

5.37,38 — *O Pai [...] ele mesmo testificou de mim.* Nesse ponto Jesus não está se referindo à voz que veio do céu quando Ele foi batizado, mas às Escrituras (v. 39).

5.39 — Os líderes religiosos judeus deviam procurar cuidadosamente nas *Escrituras*, mas não viram que Jesus era o Messias nem creram nele (v. 38). Também há aqueles que hoje conhecem as Escrituras, mas não permitem que elas os guiem. A promessa de Deus é abençoar não aqueles que leem a Bíblia, mas aqueles que vivem segundo os princípios nela ensinados (Ap 1.3; Tg 1.22-25).

5.40 — *Não quereis vir a mim.* O problema daqueles homens não era a falta de provas; era a má vontade de considerar qualquer prova que os levasse a Cristo.

5.41 — *Eu não recebo glória dos homens.* Jesus disse que não recebia testemunho de homens (v. 34) nem glória por parte deles (v. 41), deixando bem claro que não era isso que procurava.

5.42 — *A constatação não tendes em vós o amor de Deus* não se refere ao amor *que vem* de Deus, mas o amor *a* Deus. A prova do amor de Deus está em Cristo (Jo 3.16; Rm 5.8). E, como Deus nos ama, temos de amá-lo também (Dt 6.5; 1 Jo 4.19).

5.43 — *Eu vim em nome de meu Pai.* Jesus veio em nome do Pai, revelando Deus a todos os homens, mas muitos o rejeitaram. Ironicamente, se alguém tivesse vindo *em seu próprio nome* e suas ideias estivessem de acordo com a vontade das pessoas, elas o aceitariam. Uma prova da decadência humana é ver como as pessoas rejeitam a verdade e aceitam a mentira, rejeitam Cristo e aceitam outros líderes religiosos.

5.44 — *As pessoas não creram em Jesus porque não buscaram a honra que vem só de Deus.* Essa glória é parecida com a glória que, segundo Paulo, será revelada a nós na presença de Deus (Rm 8.18). Como a glória humana é efêmera e fútil! Os astros do cinema são honrados por sua atuação

nos filmes, algo que em uma década será esquecido. Os ícones do esporte se deleitam com suas vitórias passageiras. As placas e os troféus que eles ganham um dia serão consumidos pelo fogo (2 Pe 3.10-13). Jim Elliot disse certa vez: “Sábio é aquele que dá o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder”.

5.45 — *Não cuideis que eu vos hei de acusar.* O verbo *cuidar* aqui tem o sentido de *ter esperança*. Jesus não terá de acusar ninguém no dia do juízo, pois aquele em quem eles depositaram a fé, a *Lei de Moisés*, fará isso. Eles serão condenados pela própria Lei que confessavam guardar.

5.46 — *Porque de mim escreveu ele.* Moisés escreveu acerca de Jesus na promessa feita aos patriarcas, na história da libertação do Egito, na instituição da Lei e na profecia sobre um Profeta como Ele mesmo (Lc 24.25,26). Se aqueles homens cressem mesmo em Moisés, eles teriam aceitado Jesus com alegria. Mais de três mil profecias do Antigo Testamento foram cumpridas na primeira vinda de Cristo.

5.47 — *Se não credes nos seus escritos.* O maior problema era que as pessoas não criam na Palavra de Deus escrita por Moisés.

6.1 — *Depois disso, partiu Jesus.* Cerca de seis meses se passaram desde o versículo anterior. Herodes Antipas havia matado João Batista e estava à procura de Jesus. Os discípulos estavam pregando em toda a Galiléia e muitas pessoas estavam curiosas sobre Jesus (v. 5).

João mais tarde identifica o *mar da Galiléia* como o de *Tiberíades*, mostrando que esse Evangelho estava sendo escrito para aqueles que não moravam na Palestina. O povo judeu chamava essa porção de água de lago de Genesaré. Os romanos a chamavam de *Tiberíades*, pois a cidade que foi construída por Herodes Antipas na costa oeste recebeu o nome do imperador Tibério.

6.2,3 — Esse era um local de cura conhecido no mundo inteiro por causa de suas fontes termais. Ao que parece, Jesus nunca foi àquele lado do Tiberíades para curar. Mas, se Ele quisesse ficar famoso por Suas curas, aquele seria o lugar perfeito. Não obstante, Sua missão tinha outro propósito.

6.4 — Essa é a segunda vez que João fala especificamente da *Páscoa* (Jo 2.23). Na ocasião em que os judeus lembravam do maná e do pão sem fermento, Jesus declarou ser o *pão da vida* (v. 35).

6.5,6 — *Mas dizia isso para o experimentar [Filipe].* Isso fazia parte do programa educacional de Deus (Tg 1.3, 13-15; 1 Pe 1.7). Jesus fez isso para moldar a fé de Filipe, não para tentá-lo a fazer o mal.

6.7 — Um denário era o salário de um dia de trabalho de um trabalhador comum ou do campo (Mt 20.2). *Duzentos dinheiros, denários* (ARA), era quase um terço do salário de um ano.

6.8,9 — *Cinco pães de cevada e dois peixinhos* eram um alimento barato das pessoas comuns e os pobres.

6.10 — *Os homens em número de quase cinco mil.* Mulheres e crianças não foram contadas aqui (Mt 14.21). A multidão talvez fosse de mais de dez mil pessoas. Eles se sentaram em grupos de 50 ou 100 (Mc 6.40), e, assim, foi mais fácil contar.

6.11 — O milagre da multiplicação dos pães mostrou a divindade de Jesus, pois somente Deus pode criar algo. Esse é o único milagre de Jesus que é contado nos quatro Evangelhos.

6.12,13 — *Ainda sobraram doze cestos* (Mc 6.43), um para cada discípulo talvez. Essas sobras nos revelam como é suficiente o alimento dado por Jesus.

6.14 — *Esse é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo.* Trata-se de uma alusão a Deuterônimo 18.15. Tal declaração não significa, entretanto, que eles criam que Jesus era o Messias. Alguns faziam diferença entre o profeta e o Messias (compare com Jo 1.20,21). Os pães (v. 11) podem ter feito com que eles se lembrassem de Moisés e do maná. Por isso, eles concluíram que Jesus era o profeta acerca de quem Moisés havia profetizado.

6.15 — *Para o fazerem rei.* Moisés não apenas proveu miraculosamente alimento para os israelitas, como também os libertou da escravidão no Egito. Essas pessoas devem ter pensando que Jesus as libertaria da escravidão dos romanos. Jesus estava no auge de Sua popularidade e a tentação para tomar o Reino sem ter de passar pela cruz



APROFUNDE-SE

ALIMENTANDO CINCO MIL PESSOAS

João conta que a multidão seguia Jesus por causa de Seus milagres (Jo 6.2), algo que também estava ligado à cura do paralítico (Jo 5.1-17). Isso nos leva então ao quarto milagre: Jesus alimenta cinco mil pessoas.

O que Jesus fez foi extraordinário em todos os sentidos. Veja que até hoje, por exemplo, poucos lugares no Brasil têm estruturas (física, logística etc.) para comportar cinco mil pessoas para uma refeição. No entanto, Jesus, milagrosamente, proveu alimento para esse número de pessoas — e ainda sobrou! João relata que foi possível encher doze cestos com as sobras — um para cada discípulo talvez, ou um para cada uma das doze tribos de Israel. O resultado final foi a fé: Jesus deve ser o profeta prometido por Moisés (Dt 18.15), concluiu a multidão (Jo 6.14).

Mas logo vieram dúvida e rejeição. Os caluniadores disseram que o milagre de Jesus podia ter sido impressionante, mas não passava de uma única refeição. Moisés, por outro lado, havia alimentado o povo no deserto por 40 anos (Jo 6.30,31). Por incrível que pareça, eles se esqueceram do ponto principal do milagre: Jesus não era apenas um profeta com poder de Deus para operar milagres, Ele era o próprio pão da vida (Jo 6.32-58).

deve ter sido muito grande (Mt 4.8-10). Passagens semelhantes registram que Jesus foi a um monte sozinho para orar (Mt 14.23; Mc 6.46).

6.16-18 — *Os seus discípulos desceram para o mar.* Em Marcos 6.45, vemos que os discípulos foram para o mar porque Jesus os mandou fazer isso. *Já se fazia escuro* quando eles foram para o lago. O *vento rijo que soprava* preparou o cenário para que Jesus se revelasse a eles de outra forma.

6.19-21 — Esse milagre, o quinto sinal descrito por João, aponta para a divindade de Jesus. Somente Deus poderia caminhar sobre as águas, acalmar o mar e, de modo sobrenatural, fazer com que os discípulos chegassem ao destino.

6.22-71 — Depois desses dois milagres, Jesus falou novamente à multidão (Jo 6.22-40), aos judeus que o questionaram (Jo 6.41-59), aos discípulos (Jo 6.60-66), e, finalmente, aos doze (Jo 6.67-71).

6.22-25 — *A multidão notou que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcava nele com seus discípulos.* Presumiram, então, que Jesus ainda estava ali e começaram a procurá-lo.

6.26 — *Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.* Jesus repreendeu a todos por causa da verdadeira intenção que guardavam no coração. Ele disse que, embora tenham visto sinais, eles não entendiam o que significavam realmente (a prova de que Jesus era verdadeiramente o Messias), mas, ao contrário, só estavam interessados nos benefícios materiais.

6.27 — *Trabalhai não pela comida que perece.* A impressão que se tem aqui de que é preciso trabalhar pela vida eterna é logo corrigida por Jesus quando Ele assegura: *o Filho do homem vos dará.* O Filho nos dá a *vida eterna* como um dom (Jo 4.10). Ele nos faz lembrar do servo que disse: *Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade* (Mc 9.24).

Nós vivemos em um mundo cheio de religiões que exigem obras para a salvação; por isso é tão difícil acreditar que é preciso crer apenas. A declaração *porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo* significa que o Pai autorizou e ratificou o Filho como o Doador da vida.

6.28,29 — Essa obra (gr. *ergon*) é de Deus, e não do homem para Ele (v. 28). A salvação vem exclusivamente do favor imerecido de Deus.

6.30 — Quando Jesus disse, *que creiais naquele que ele enviou* (v.29), as pessoas devem ter entendido que Jesus estava dizendo ser o Messias. Foi por isso que elas pediram um *sinal* — embora todos já tivessem visto o milagre que alimentou a multidão.

6.31 — Segundo uma tradição, o Messias faria cair maná do céu como Moisés (Êx 16.4,15). As pessoas também pensavam que esse “milagreiro” supriria sempre suas necessidades físicas, em vez de as espirituais.

6.32 — *Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu.* A multidão interpretara a verdade de forma equivocada; por isso Jesus a corrigiu. O maná não veio de Moisés;



VOCE SABIA?

MILAGRES NO MAR

O quinto milagre que João descreve em seu Evangelho foi presenciado apenas pelos discípulos (Jo 6.15-21). O que aconteceu no revolto mar da Galiléia revelou que Jesus era o Senhor da natureza. João não tece muitos comentários sobre o ocorrido, mas o impacto causado nos discípulos fica evidente nas palavras de Pedro: *Nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus* (Jo 6.69).

foi Deus quem o enviou. Além disso, Deus também nos deu o *verdadeiro pão* — ou seja, a vida eterna (v. 33).

6.33 — O pão agora é chamado de *o pão de Deus*, indicando que Ele é o pão que vem de Deus — ou do próprio Cristo.

6.34 — A expressão *Senhor* é uma referência à divindade de Cristo; o que sem dúvida alguma é o sentido aqui (Jo 4.11,15).

6.35 — *Pão da vida* significa *o pão que dá a vida*. O maná supriu as necessidades físicas por algum tempo; Jesus supre nossas necessidades espirituais para sempre (Jo 4.13,14).

6.36 — *Vós me vistes e, contudo, não credes*. Ver necessariamente não implica crer (v. 30; 11.46-57), embora algumas vezes isso aconteça (Jo 11.45; 20.29). Todavia, Jesus abençoa aqueles que creem sem terem visto sinais (Jo 20.29).

6.37 — *Tudo o que o Pai me dá é uma palavra de Jesus* alusiva à eleição divina. A eleição vem antes da resposta do homem (At 13.48).

6.38 — A exemplo da nota sobre João 5.26,27, a conjunção *porque* indica que esse versículo explica o anterior: *e o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora*. Jesus jamais desprezará alguém porque Ele veio fazer *a vontade* do Pai.

6.39,40 — *A vontade do Pai é*: (1) que todos que vierem ao Filho sejam aceitos e não se percam; (2) que todos que virem o Filho e creem nele recebam *a vida eterna*.

6.41 — Os *judeus* aqui são os representantes do Sinédrio. Eles começaram a *criticar* (NVI) Jesus por Ele ter dito ser *o pão que desceu do céu*. Embora não tenha sido exatamente o que Jesus havia declarado, essa frase é um resumo perfeito do que Ele disse (v.33,35,38). Jesus de fato declarou que descera do céu.

6.42 — *Não é este Jesus, o filho de José?* Para os líderes religiosos, o fato de eles conhecerem os pais de Jesus era a prova de que Ele não viera do céu. Para eles, não havia nada de sobrenatural na origem de Jesus.

6.43,44 — Jesus volta a falar da vida aqui. Ninguém pode receber o pão da vida se o Pai *não o trouxer*. Esse verbo (gr. *helkuo*) também é traduzido por *levar*, no sentido de ser arrastado (At 16.19; 21.30). Ninguém pode ser salvo, a não ser que seja levado a Jesus pelo Espírito Santo.

6.45 — Deus atrai as pessoas ensinando-as. Então, todo aquele que ouvir o Pai e aprender dele virá a Cristo.

6.46,47 — Ouvir e aprender (v. 45) não significa ver o Pai. João declara que *Deus nunca foi visto por alguém* (1.18; 5.37). Mas Jesus diz aqui que *ninguém viu o Pai* (NVI), a não ser o Filho. No entanto, ainda que ninguém tenha visto o Pai, é possível crer em Jesus e receber *a vida eterna*.

6.48,49 — Jesus é *o pão da vida*. Aquele que nele crê tem a vida (v. 47). *O maná no deserto* de modo algum podia dar a vida. Todos que o comeram um dia morreram porque ele não podia prover vida eterna.

6.50,51 — A expressão *para que o que dele comer não morra* é um sinônimo para fé (v.35,48-50).

6.52 — *Como nos pode dar este a sua carne a comer?* Aqueles homens estavam interpretando uma figura de linguagem ao pé da letra.

6.53,54 — Jesus complica ainda mais a situação ao dizer: *e não beberdes o seu sangue* [do Filho do Homem]. Os judeus não podiam beber sangue (Lv 7.26,27), e essa última declaração de Jesus deve os ter insultado ainda mais. De todo modo, os judeus não entenderam o que Ele disse. Levítico 17.11 afirma claramente que a vida



ENTENDENDO MELHOR

O PÃO DA VIDA

Quando Jesus disse que é o *pão da vida* (Jo 6.32,33,35,41,48), Ele não se referia a algo que é importante à nossa dieta, mas a algo que possuía um grande simbolismo na vida judaica.

O pão tinha um papel importantíssimo no cardápio e nos cultos de Israel. Durante a celebração do Pentecostes, dois pães levedados eram oferecidos como sacrifício (Lv 23.17). No tabernáculo, e mais tarde no templo, toda semana os levitas colocavam dois pães sem fermento, ou o *pão da proposição*, diante do Senhor como símbolo da presença dele entre as doze tribos (Êx 25.30).

Ao longo de todo o período do êxodo, Deus sustentou milagrosamente Seu povo enviando o maná do céu toda manhã (Êx 16). O maná se parecia com pão e era *uma coisa miúda, redonda, miúda como a geadá sobre a terra* (Êx 16.14). Era como *semente de coentro, branco, e de sabor como bolos de mel* (Êx 16.31) ou *como o sabor de azeite fresco* (Nm 11.8).

Era a esse maná que Jesus se referia quando disse ser o *verdadeiro pão do céu* (Jo 6.32), o *pão que desceu do céu* (Jo 6.41) e o *pão da vida* (Jo 6.48-51). Simbolicamente, Jesus é o maná celestial, o alimento espiritual e sobrenatural dado por Deus àqueles que pedem, buscam e batem (Jo 6.45; Mt 7.7,8).

Interessante enfatizar que o discurso do pão da vida (Jo 6.26-58) foi proferido por Jesus justamente durante a Páscoa, também conhecida como a Festa dos Pães Asmos (Jo 6.4; Lc 22.7). Na Páscoa se comemorava a libertação de Israel do cativeiro egípcio. Uma noite antes de deixarem o Egito, os israelitas comeram pães asmos, pois não havia tempo suficiente para esperar que o fermento levedasse a massa (Êx 12.8; 13.6,7).

Pouco tempo antes, Jesus havia alimentado pelo menos cinco mil pessoas (Jo 6.1-14), milagre que o levou a aludir ao pão da vida (Jo 6.22-27). Ele estava dizendo claramente aqui que é Deus, o que supriria as necessidades espirituais mais profundas das pessoas. Assim como Deus supriu Seu povo quando saiu do Egito, Jesus proveu alimento para cinco mil pessoas; e Ele estava pronto para prover alimento espiritual e vida a todos também.

Infelizmente o povo rejeitou o ensinamento de Jesus (Jo 6.30,31,41,42,52,60). O coração dos judeus estava endurecido pela incredulidade. Logo, muitos começaram a ir embora (Jo 6.66). Contudo, àqueles que creram, como Pedro ao declarar *Tu és o Santo do Deus*, Jesus deu uma vida abundante e eterna.

está no sangue. Sendo assim, aceitar o sacrifício do corpo e do sangue de Cristo é a base da vida eterna.

6.53-58 — Ao dizer *se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue*, Jesus não está se referindo à Ceia do Senhor, ordenança que Ele instituiria somente um ano depois. Por um lado, Jesus deixou bem claro nesse contexto que a vida eterna é alcançada quando se crê nele (v. 29,35,40,47). Esses versículos ensinam que cada um deve tomar posse dos benefícios que a morte de Cristo traz. E só se pode tomar posse desses benefícios pela fé.

6.59 — *Na sinagoga, ensinando em Cafarnaum*. Uma pedra enorme com a gravura de um pote de maná foi encontrada nas ruínas de uma sinagoga em Cafarnaum. Alguns acreditam tratar-se do símbolo da sinagoga mencionada nesse versículo.

6.60 — A palavra *discípulos* aqui significa *alunos* e é usada de várias maneiras no Novo Testamento. Pode referir-se aos que não creem (v. 64), ou aos que dão um passo maior na fé e se tornam verdadeiros discípulos (Jo 8.31), ou aos próprios apóstolos (Jo 2.11). O que define o significado é o contexto da passagem. Aqui significa simplesmente discípulos. Alguns da multidão eram discípulos; eles procuraram Jesus para aprender, embora nem todos tenham aprendido com Ele.

Duro é este discurso. Não foi fácil para os judeus aceitar a ideia de comer carne e beber sangue. Os judeus não podiam sequer tocar o sangue.

6.61,62 — *Isto vos escandaliza? Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do Homem para onde primeiro estava?* O que Jesus estava perguntando era se o simples fato de comer carne e beber sangue escandalizava-os. Acaso não se escandalizariam ainda mais com a Sua ascensão?

6.63,64 — Jesus queria que os líderes religiosos vissem além do aspecto físico e entendessem o verdadeiro sentido do Seu ensinamento — ou seja, que se cressem nele, teriam a vida eterna. Porém, muitos desses discípulos não mais o seguiam porque não *criam* nele (v. 66).

6.65 — *Ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não for concedido.* As pessoas não creram (v. 64) porque isso não lhes foi *concedido* pelo Pai. Essa é uma comparação, que há nesse capítulo, entre a iniciativa de Deus e a resposta do homem. Jesus falou à multidão sobre a eleição do Pai (v. 37), embora todos estejam convidados a crer (v. 40). O mesmo se aplica aos líderes judeus (v. 44,47) e aos próprios discípulos (v. 63).

6.66 — *Desde então, ou seja, por essa razão.* Muitos daqueles discípulos deixaram de seguir Jesus por causa do ensinamento dele.

6.67 — Essa é a primeira vez que os apóstolos são chamados de os *doze* no Evangelho de João.

6.68,69 — João disse que registrou tal relato para que todos cressem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). A similaridade entre a confissão de Pedro e o que João disse é inegável.

6.70,71 — Judas Iscariotes jamais fez uma confissão de fé em Cristo como Pedro o fizera. Embora fosse um discípulo, e um dos doze, Judas nunca disse ter crido.

7.1 — Os judeus aqui são as autoridades religiosas, não o povo em geral (Jo 5.18). Muitas

pessoas comuns ouviam Jesus de boa vontade (Mc 12.37).

7.2 — A *Festa dos Tabernáculos* era uma das três grandes celebrações judaicas (as outras duas eram a Páscoa e o Pentecostes). Era chamada de Festa dos Tabernáculos porque o povo ficava em tendas feitas de galhos e ramos por sete dias. Essa festa comemorava os dias em que os israelitas vagaram pelo deserto e moraram em tendas (Lv 23.40-43). A celebração ocorria entre setembro e outubro, cerca de seis meses depois dos eventos mencionados no capítulo 6.

7.3,4 — Em outras palavras os irmãos de Jesus estavam dizendo: “Já que você está fazendo milagres e dizendo que é o Messias, pare de esconder-se aqui na Galiléia. Já que você está fazendo muitos milagres, faça-os na festa em Jerusalém então, para convencer toda a nação”. Eles estavam sendo irônicos ao dizer tais palavras, como explica o versículo 5.

7.5 — *Porque nem mesmo seus irmãos criam nele.* Veja que o parentesco terreno não garante a vida eterna (Jo 1.13).

7.6 — Jesus havia dito à Sua mãe antes: *Ainda não é chegada a minha hora* (Jo 2.4; compare com Jo 12.23). Aqui, Ele diz aos Seus irmãos que ainda não era hora de relevar-se ao mundo. Jesus disse em várias ocasiões que a hora de Ele se manifestar publicamente seria no futuro, na cruz (Jo 2.4; 7.6,8,30; 8.20).



APLICAÇÃO

NEM TODOS CREDERÃO

Se você se frustra toda vez que um membro da sua família, um amigo ou um colega seu se recusa a aceitar o evangelho, saiba que até mesmo os meio-irmãos de Jesus não creram que Ele é o Cristo (Jo 7.5). Mesmo tendo testemunhado Seus milagres e ouvido Seu ensino, eles se recusaram a depositar sua fé em Jesus como o Filho de Deus.

Isso mostra que a pessoa que ouve o evangelho tem a responsabilidade de crer ou não, mas quem o anuncia tem a responsabilidade de comunicá-lo com fidelidade. Contudo, se achar que é responsabilidade sua a conversão de alguém, sua frustração será certa! Isso não quer dizer que não devemos importar-nos com dar o nosso testemunho ou com a nossa pregação do evangelho.

Os irmãos de Jesus o rejeitaram apesar de Suas obras e palavras. Será que o mesmo se dá conosco, ou as pessoas não creem porque acham que nossa vida não condiz com o que pregamos?

No final das contas, alguns dos irmãos de Jesus acabaram crendo nele. Tiago, provavelmente o mais velho, tornou-se um líder na Igreja primitiva (At 15.13-21) e escreveu a carta neotestamentária que leva seu nome. Da mesma forma, o autor da carta de Judas deve ter sido outro meio-irmão de Jesus.

7.7 — *O mundo não vos pode odiar.* Os irmãos de Jesus não eram odiados pelo mundo porque faziam parte dele.

7.8,9 — A Festa dos Tabernáculos também era uma celebração do trabalho concluído. Todavia, a obra de Jesus ainda não tinha sido concluída; o tempo dele ainda não tinha sido *cumprido*. Jesus dissera várias vezes que somente no futuro (na cruz) Ele se manifestaria publicamente (Jo 2.4; 7.6,8,30; 8.20). Nada poderia apressá-lo a cumprir antes Seu propósito. E somente quando Ele fez Sua oração de intercessão, pouco antes da prisão que culminaria na Sua morte, Ele disse que Sua hora havia chegado (Jo 17.1).

7.10 — Quando Jesus foi à festa, Ele o fez em *oculto*, justamente ao contrário do que Seus irmãos lhe haviam dito para fazer. Ele foi, mas não *manifestamente*, para não ser reconhecido.

7.11-13 — *Os judeus aqui é outra referência* aos líderes judeus, especialmente os membros do Sinédrio (Jo 1.19).

7.14 — *No meio da festa deve ter sido no quarto dia dos sete dias de celebração.* Na primeira metade da festa, Jesus permaneceu em oculto (v. 10), na segunda metade, Ele começou a ensinar abertamente. Essa é a primeira vez que o Evangelho de João fala de Jesus ensinando no templo.

7.15 — *Como sabe este letras, não as tendo aprendido?* O judeus se perguntaram como Jesus poderia saber tudo aquilo se nunca tinha frequentado uma escola rabínica. O mesmo foi dito mais tarde acerca dos discípulos de Jesus (At 4.13).

7.16 — *A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.* A declaração de Jesus indica que Ele não havia aprendido Sua doutrina com os rabinos, muito menos a inventado. Ao contrário, ela vinha do próprio Deus.

7.17 — *Quiser fazer a vontade dele [...] conhecerá* (gr. *ginosko*). A verdade só pode ser recebida por corações abertos. Deus nos faz conhecer a verdade segundo nosso desejo de recebê-la (Jo 2.24,25; 15.15-17; 16.4).

7.18,19 — *Mas o que busca a glória daquele que o enviou, é verdadeiro.* A prova para ver se um mestre é bom ou não é a maneira com que ele prega a mensagem de Deus. Jesus pregou a

mensagem de Deus, assim como Moisés. Portanto, os líderes religiosos estavam violando a Lei de Deus ao procurar matar Jesus.

7.20 — *A multidão* das províncias que tinha vindo para a festa não sabia do plano da cúpula judaica para matar Jesus. Foi por isso que eles pensaram que ele estava endemoninhado. Mas alguns da Judéia estavam mais informados (v. 25). Nem sempre nossa percepção corresponde aos fatos (v. 24).

7.21 — *Fix uma obra, e todos vos maravilhaiis.* Jesus se referia à cura do homem paralítico em Jerusalém que ocorrera há um ano (Jo 5.1-14; atente para v. 16).

7.22-24 — *A circuncisão* começou com Abraão (Gn 17.10). E a Lei de Moisés exigia que todo menino fosse circuncidado ao oitavo dia (Lv 12.3). Os judeus eram tão rígidos quanto ao cumprimento desse item da Lei que o faziam ainda que o oitavo dia caísse em um *Sábado*. Jesus perguntou aos líderes judeus por que estavam indignados por Ele *ter curado de todo um homem no Sábado*.

7.25,26 — Eles ficaram surpresos por Jesus falar *abertamente* (com ousadia), e por um momento chegaram a pensar que talvez os príncipes tivessem se convencido de que Jesus era mesmo o Messias.

7.27 — Ao que parece, o povo judeu esperava que o Messias aparecesse do nada, de repente. Eles achavam que, como sabiam da origem familiar de Jesus, Ele não poderia ser o Messias. Eles não conheciam as Escrituras, pois o profeta Miquéias havia profetizado que o Messias viria de Belém (Mq 5.2).

7.28,29 — *Clamava, pois, Jesus no templo.* O verbo clamar aqui alude a um clamor cheio de emoção.

Vós me conheceis e sabeis de onde sou. Jesus lembrou aos líderes judeus que eles sabiam de onde Ele era. Mas o problema é que eles não *conheciam* a Deus, que havia enviado Jesus. Ele explicou aos líderes que conhecia a Deus, que era de Deus e que havia sido enviado por Deus.

7.30 — *Procuravam, pois, prendê-lo.* Por afirmar Sua origem divina (v. 29), os líderes religiosos procuravam prender Jesus.

Porque ainda não era chegada a sua hora. João vai direto ao assunto aqui e explica por que eles não puderam prender Jesus (Jo 2.4). Deus é soberano e somente Ele controla o tempo. E, assim como Deus foi com Jesus, também é conosco: ninguém pode tocar-nos sem que Deus permita (Jo 10.29).

7.31 — Ao contrário dos líderes judeus, muitos da multidão creram nele. Creram por causa dos milagres que Jesus realizou (Jo 20.30,31).

7.32 — Mandaram servidores para o prenderem. Os líderes já tinham decidido que iriam matar Jesus (Jo 5.16), mas essa foi a primeira vez que eles atentaram contra a vida dele.

7.33 — Ainda um pouco de tempo. O tempo de Jesus na terra estava acabando; logo Ele seria crucificado, ressuscitaria e ascenderia ao Pai. Sua vida não estava nas mãos dos líderes religiosos (v. 32), e sim nas do Pai.

7.34-36 — *Vós não podeis vir.* Jesus iria para o céu, mas as pessoas ainda não poderiam ir com Ele para lá.

Para onde irá este? Os líderes judeus não entenderam o que Jesus estava dizendo. Eles pensaram apenas nos vários lugares por onde os judeus haviam sido espalhados.

7.37-39 — A cada dia da festa, o povo trazia ramos de palmeira e marchava ao redor do grande altar. Um sacerdote então pegava água do tanque de Siloé com um jarro de ouro, levava até o templo e a derramava sobre o altar oferecendo-a a Deus.

Essa cerimônia repleta de emoção era um memorial às águas que fluíam da rocha quando os israelitas vagaram pelo deserto. No último dia da festa, o povo marchava sete vezes ao redor do altar em memória às sete voltas dadas ao redor dos muros de Jericó. É bem provável que, no exato momento em que o sacerdote derramava a



ENTENDENDO MELHOR

INTERROMPEMOS ESTE PRONUNCIAMENTO...

O clamor de Jesus relatado em João 7.37 foi mais comovente do que a maioria dos leitores hoje em dia pode imaginar. Ele escolheu uma época em que Jerusalém estava repleta de visitantes para o feriado e um momento crucial nas festividades, quando seria possível atrair toda atenção de que precisava. Era como se Jesus interrompesse um pronunciamento do presidente da república feito em cadeia nacional e dissesse: *Interrompemos este pronunciamento para dar uma notícia urgente.*

A Festa anual dos Tabernáculos (ou das Cabanas ou das Tendas — Jo 7.2) era realizada em Jerusalém e recebia multidões para as celebrações. Toda família judaica que morava no âmbito de 32 Km da cidade tinha de ir a Jerusalém e ficar em cabanas ou tendas, em memória ao tempo em que Israel vagou pelo deserto. E muitos resolviam ficar na cidade por uma semana. Os cultos e celebrações incluíam cortejos solenes que iam do templo até o tanque de Siloé, uma espécie de reservatório (Jo 9.7). Comprimindo-se em meio à multidão nas ruas, as pessoas cantavam os Salmos 113 ao 118, celebrando a futura vinda do Reino de justiça de Deus em Jerusalém.

Jesus manteve-se oculto até a festividade daquele ano (Jo 7.2-10). Ele ensinou no templo (Jo 7.14), mas esperou o momento certo para se revelar publicamente. Isso aconteceu no último dia da festa (Jo 7.37), provavelmente no auge da celebração do dia.

Como nos seis dias anteriores, o sumo sacerdote enchia um jarro de água em Siloé e o levava de volta ao templo, onde ele a derramava sobre o altar diante de povo. Nesse momento, todos os dias, a multidão clamava: *Louvai ao SENHOR* (Sl 118.1) e *Oh! Salva, SENHOR, nós te pedimos; ó SENHOR, nós te pedimos, prospera!* (Sl 118.25). Diziam ainda: *Louvai ao SENHOR*. Então, eles agitavam murta, salgueiro e ramos de palmeiras sobre o altar, como se estivessem lembrando Deus das Suas promessas. Depois de uma pausa, então, o sacrifício era oferecido.

No último dia, entretanto, depois de a multidão não apenas agitar seus ramos, como de costume, como também os fazer em pedaços, levados pela grande euforia, uma voz de repente clamou: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba* (Jo 7.37). A ocasião não poderia ter sido mais propícia nem seu clamor mais claro; Jesus estava declarando ser nada menos do que o tão esperado Messias que derramaria o Espírito Santo, como muitos em meio à multidão perceberam na mesma hora (Jo 7.39-43).

De certo modo, o que Jesus disse é a base do relato do Evangelho de João. Depois disso, o ódio dos inimigos de Jesus aumentou até que eles finalmente o prenderam (Jo 18.12) em sua vã esperança de calar a *água viva*.

água sobre o altar, Jesus tenha clamado em alta voz: *Se alguém tem sede, que venha a mim e beba.*

7.38 — *Como diz a Escritura.* Essa referência não diz respeito apenas a essa passagem, mas também a outras passagens como Números 24.7; Deuteronômio 18.15; Isaías 58.11; Zacarias 14.8. Ao contrário da pequena quantidade de água derramada durante todos os dias da festa, haverá um rio de águas para aqueles que creem em Jesus. E elas não somente os saciarão, como também se tornarão em um rio em que outros poderão beber e se saciar também (v. 39).

7.39 — *João explica que Jesus estava falando do Espírito Santo* que saciaria nossa sede e seria uma fonte contínua a saciar a sede dos outros também. O Espírito Santo viria depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus. Ele mesmo já tinha preparado os discípulos para tal acontecimento certa feita no cenáculo (Jo 14.16-20; 15.26,27; 16.7-15).

7.40-44 — *Moisés predisse que o Cristo viria da descendência de Davi* (Dt 18.15-18; 2 Sm 7.14-16). Muitos da multidão sabiam que o Messias viria de Belém (Mq 5.2). Contudo, eles não sabiam que Jesus tinha nascido lá. Eles achavam que Jesus era da Galiléia (v.41; Mt 16.13,14). Eles conheciam as Escrituras, mas não dedicavam tempo para conhecer o Messias (Jo 5.39).

7.45,46 — Os guardas poderiam ter dito que não haviam prendido Jesus por medo da multidão, mas não fizeram isso. Ao contrário, disseram que Jesus era diferente de todos que eles tinham ouvido até então.

7.47,48 — Depois que os guardas disseram que não haviam prendido Jesus, os fariseus deram uma resposta cheia de arrogância; reação que lhes era bem peculiar: *Também vós fostes enganados?* Talvez os guardas tenham concluído: *Já que os líderes religiosos não creem em Jesus, ele não deve ser mesmo o Messias.* Na verdade, embora os pobres ouvissem Jesus com alegria, os líderes religiosos faziam parte da minoria que não cria nele. Jesus era uma ameaça para eles, pois haviam se corrompido por poder e riquezas.

7.49 — *Esta multidão [...] é maldita.* Os fariseus acusavam o povo de não conhecer a Lei e, por isso, estar sob a maldição de Deus (Dt 28.15). A

situação chega a ser irônica porque eram os fariseus, e não a multidão, que estavam sob maldição por terem rejeitado o Filho de Deus (Jo 3.36).

7.50,51 — *Nicodemos* apelou para a justiça (Jo 3.2; 12.42,43), mas seu apelo foi rejeitado.

7.52 — *Da Galiléia nenhum profeta surgiu.* Na verdade, os profetas Jonas, Oséias, Naum, e talvez Elias, Eliseu e Amós eram da Galiléia ou de algum lugar próximo a ela.

8.1 — As pessoas foram para casa (v. 53), mas Jesus, que não tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9.58), passou a noite no *monte das Oliveiras*.

8.2 — A locução *pela manhã cedo* significa literalmente *ao amanhecer*.

Todo o povo vinha ter com ele. Como a Festa dos Tabernáculos havia se encerrado no dia anterior (Jo 7.2,37), ainda havia muitos visitantes em Jerusalém. Atraídos pelo surgimento de um Rabi famoso, formou-se logo uma multidão.

Assentando-se. Os mestres antigamente em Israel costumavam sentar-se para ensinar. Jesus ficou na posição de um mestre que tinha autoridade.

8.3 — Trazer uma mulher apanhada em adultério e colocá-la no meio de todos foi uma maneira rude de interromper Jesus. Mas o que os fariseus queriam mesmo era confundi-lo (Jo 7.45).

8.4,5 — *As tais sejam apedrejadas.* O apedrejamento era a pena específica para alguns casos de adultério (Dt 22.23,24), mas não para todos. A Lei requeria que ambos os adúlteros fossem apedrejados. Mas onde estava o homem então? Eles já tinham violado a Lei por terem trazido somente a mulher. Por que as autoridades religiosas quiseram punir somente a mulher, e não também o homem?

Tu, pois, que dizes? O pronome *tu* está muito claro no texto grego. Os líderes religiosos estavam preparando uma armadilha para que Jesus dissesse algo que contrariasse a Lei.

8.6 — *Tentando-o.* Se Jesus dissesse que ela não deveria ser apedrejada, estaria opondo-se à Lei judaica. Se dissesse para apedrejá-la, Jesus estaria opondo-se à lei romana, que não permitia que os judeus aplicassem execuções (Jo 18.31).

Quanto ao que Jesus *escrevia com o dedo na terra* só se pode conjecturar. Alguns dizem que Ele escreveu os Dez Mandamentos registrados em

Êxodo 20. Mas se o que Ele escreveu fosse importante realmente teria isso registrado. Talvez a questão aqui não seja o que Ele escreveu, mas o fato de Ele ter escrito.

No Antigo Testamento, Deus escreveu a Lei com Seu dedo (Êx 31.8). É bem provável que, caso Jesus estivesse mesmo escrevendo a Lei, Ele simbolicamente estava dizendo ser não apenas um mestre da Lei, mas o próprio Legislador e Juiz. Se fosse um mero rabi, Ele teria dado Seu veredicto segundo a Lei mosaica. No entanto, como o Promulgador da Lei, Ele pôde agir com aquela mulher do mesmo modo como Deus agiu com Israel no deserto: perdoando!

8.7 — Depois de analisar a questão, Jesus respondeu a Seus acusadores. Mas Ele não aboliu a Lei de Moisés em sua resposta, ao contrário, Ele a aplicou à vida daqueles que acusavam a mulher.

8.8 — *Tornando a inclinar-se, escrevia na terra.* Deus escreveu os Dez Mandamentos duas vezes, e Jesus escreve duas vezes nesse mesmo episódio (Jo 8.6). Além disso, tanto em Êxodo como em João, o dedo só é mencionado na primeira vez.

8.9,10 — *Saíram um a um.* Jesus entrou no templo ao amanhecer (Jo 8.2), e essa cena deve ter acontecido minutos depois. Então, enquanto tudo isso acontecia, o sol devia estar nascendo. E quando tudo foi revelado pela luz do sol, a culpa dos fariseus foi exposta pela luz do mundo (v. 12).

8.11 — A advertência *não peques mais* indica que Jesus havia perdoado a mulher. Contudo, embora não a tenha condenado, Ele não foi condescendente com seu pecado. Alguns acham que o Senhor os perdoará depois que eles fizerem o melhor que puderem. Mas Jesus perdoou aquela mulher depois de ela ter feito o pior que podia. Jesus nos ama como somos (Rm 5.8), mas nos ama mais ainda para permitir que continuemos sendo os seres limitados que somos.

8.12 — *Eu sou a luz do mundo.* Assim como o sol é a luz natural deste mundo, Jesus é a sua luz espiritual. E por ser a luz do mundo, Jesus expõe o pecado (v. 1-11) e dá vista aos cegos (9.1-7).

8.13-59 — No trecho dos versículos de 1 a 11, os líderes judeus tentam difamar Jesus, mas não obtêm êxito. Aí, então, eles o atacam abertamente.

Em João 8.13-59, eles fazem uma série de acusações e perguntas: (1) Tu tens que provar o que estás dizendo? (v.12-18); (2) Onde está teu Pai? (v. 19,20); (3) Será que Ele vai se matar? (v. 21-24); (4) Quem és tu? (v. 25-32); (5) Como podes tu dizer que serás livre? (v. 33-38); (6) Eles se dizem filhos de Deus e Abraão (v. 39-47); (7) Tens demônio (v. 48-51); (8) És tu maior do que Abraão? (v. 52-57). Tinha visto Abraão? (v. 57-59).

Veja o que Jesus declarou nesse capítulo: *Eu sou a luz do mundo* (v. 12); *Sei de onde vim e para onde vou* (v. 14); *Eu a ninguém julgo* (v. 15); *Eu sou de cima* (v. 23); *Eu não sou deste mundo* (v. 23); *Falo o que dele tenho ouvido* (v. 26,29,30); *Eu vim de Deus* (v. 42); *Eu o conheço* (v. 55); *Antes que Abraão existisse, eu sou* (v. 58).

8.13 — A acusação *teu testemunho não é verdadeiro* aqui não significa que o testemunho de Jesus era falso, mas *insuficiente*. Os fariseus recorrem ao direito legal para desafiar Jesus, pois nenhum homem podia testemunhar a favor de si mesmo ao ser julgado pela corte judaica. A questão é que se Jesus era o único que podia testemunhar sobre quem Ele afirmava ser, isso não seria suficiente para provar Seu caso.

8.14 — *Meu testemunho é verdadeiro.* Em João 5.31, Jesus se baseia em um argumento legal e apresenta outro testemunho. Às vezes, somente a própria pessoa é que conhece a verdade sobre si mesma. Sendo assim, dar-se a conhecer é a única maneira de se chegar à verdade (Jo 7.29; 13.3).

8.15 — A expressão *segundo a carne* também pode significar *segundo a aparência* ou *pelos padrões humanos*. Os líderes religiosos tiravam suas conclusões baseados nos padrões humanos e análises externas, superficiais e imperfeitas. Jesus jamais fez algum julgamento pela aparência ou segundo os padrões humanos.

8.16-18 — *Não sou eu só.* Jesus podia afirmar que Suas palavras eram corretas e verdadeiras, embora a Lei de Moisés exigisse duas testemunhas para que algo tivesse validade (Dt 17.6; 19.15). Por meio dos sinais, tanto o Pai como Jesus haviam dado testemunho de que aquelas obras e palavras eram verdadeiras. Os fariseus acusaram Jesus de não ter trazido provas que corroborassem a Sua



COMPARE

JESUS DEBATE COM OS FARISEUS

Jesus disse aos fariseus...	Os fariseus responderam
Eu sei de onde vim e para onde vou (Jo 8.14-18)	Sua alegação é falsa (Jo 8.19)
Vocês não conhecem a Deus (Jo 8.9)	Nenhuma resposta
Vocês morrerão em seus pecados (Jo 8.21,24)	Quem é você? (Jo 8.25)
A verdade os libertará (8.31,32)	Nunca precisamos ser libertos (Jo 8.33)
Vocês são escravos do pecado (Jo 8.34-38)	Somos filhos de Abraão (Jo 8.39)
Vocês são assassinos e mentirosos, e fazem as obras do seu pai (Jo 8.39-41)	Não somos filhos bastardos [como você], ao contrário, Deus é o nosso Pai (Jo 8.41)
Seu pai é o diabo, que é assassino e mentiroso (Jo 8.42-47)	Você não passa de um samaritano e tem demônio! (Jo 8.48)
Eu tenho poder até sobre a morte (Jo 8.49-51)	Quem você pensa que é? (Jo 8.52-54)
Meu Pai me glorifica [como Seu filho], mas vocês são mentirosos (Jo 8.54-56)	Você ainda nem chegou à terceira idade, e ainda assim afirma ter visto Abraão! (Jo 8.57)
Eu sou (8.58; compare com Gn 17.1; Êx 3.14)	Eles pegaram pedras para apedrejá-lo (Jo 8.59)

argumentação (v. 13). Mas a resposta de Cristo foi: o julgamento de vocês é superficial (v. 14,15); eu e meu Pai somos a minha prova (v. 16-18).

8.19 — *Onde está teu pai?* Já que o Pai fazia parte do testemunho de Jesus, os fariseus queriam saber onde Ele estava.

Não me conheceis a mim nem a meu Pai. Mesmo que os fariseus pudessem ver o Pai, eles não creiam no que Jesus lhes estava dizendo. Jesus veio para que todos conhecessem o Pai (Jo 1.18), mas eles não o receberam.

8.20 — *Porque não era ainda chegada a sua hora:* Veja João 2.4.

8.21,22 — *Terá ele, acaso, a intenção de suicidar-se?* A crença judaica colocava o suicídio no mesmo nível do assassinato.

8.23 — *Vós sois cá de baixo.* Jesus não se referia ao inferno, mas a este mundo.

8.24,25 — *Eu sou* era uma designação do próprio Deus (Êx 3.14). Jesus estava dizendo ser Deus. Mas Sua afirmação não foi entendida pelos líderes judeus naquela ocasião. Tal declaração fez com que os líderes judeus atentassem contra a vida de Jesus (v. 59).

8.26,27 — Jesus tinha *muitas coisas* a dizer. E todas elas verdadeiras porque as recebera do Pai. O preconceito e a incredulidade cegaram os líderes judeus. Jesus explicou de modo bem claro, e por diversas vezes, que Ele havia sido enviado pelo Pai (Jo 5.36,37), mas eles não quiseram aceitar tal verdade.

8.28 — *Levantardes.* Uma alusão à crucificação.

8.29 — Imagine um simples mortal dizendo: *Porque eu faço sempre o que lhe agrada* [a Deus]. É uma declaração clara da divindade de Jesus.

8.30 — O verbo grego traduzido por *creram* aparece quase que exclusivamente no Evangelho de João (Jo 1.12; 2.11; 3.15,16,18,36; 6.29,35,40,47; 7.38,39; 9.35,36; 10.42; 11.25,26,45; 12.44,46). A frase descreve a fé na mensagem de Jesus (1 Co 1.21), o que resulta em vida eterna.

8.31 — *Aos judeus que criam* (gr. *pisteuo*) nele. Alguns afirmam que estes não criam nele realmente. E, para apoiar tal opinião, argumentam que o verbo *crer* nesse versículo não vem seguido da preposição *em* no original. Jesus, contudo, está falando aqui dos que verdadeiramente creem nele para a vida eterna. Sendo assim, pelo menos nesse

versículo, não há diferença alguma entre *creram* (v. 30) e *criam* (v. 31). *Permanecerdes*, ou seja, continuar, prosseguir.

8.32 — *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.* Aquele que permanece na Palavra de Deus conhece a *verdade* (v. 31; 17.17). Veja que Jesus não diz que devemos conhecer a *Palavra*, e sim a *verdade*. Os acusadores de Jesus procuraram nas Escrituras, porém não encontraram aquele que é a verdade. Os que creem em Cristo, como descrito no versículo 30, têm de permanecer nas palavras da Bíblia para conhecer a verdade. E essa permanência os leva a uma experiência com a verdade que os liberta. O capítulo 15, mais especificamente o versículo 10, explica como permanecer na verdade: *Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor.* O verbo *libertará* alude à libertação da escravidão do pecado. Obediência ao Senhor implica ter comunhão com Ele, ser protegido do pecado e provar do Seu amor.

8.33 — *Responderam-lhe.* Nesse capítulo todo, Jesus está envolvido em um debate com Seus acusadores, os fariseus (v. 13). Eles também são designados pelo termo *judeus* (v. 22,48,52,57) e pelo pronome *eles* (v. 19,25,27,33,39,41,59). Os versículos 30 a 32 abrem um parêntese para falar daqueles que, em meio à multidão, creram em Jesus depois de ouvir o que Ele disse aos Seus acusadores. No versículo 33, os líderes judeus

voltam a falar. Portanto, a objeção nesse versículo vem dos acusadores de Jesus, e não dos que creram, conforme os versículos 30 a 32.

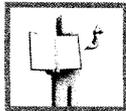
Nunca servimos a ninguém. A objeção dos fariseus é notória. No passado, os israelitas haviam sido escravos dos egípcios, dos assírios e dos babilônios. E naquela ocasião Israel estava sob o domínio de Roma.

8.34 — *Servo do pecado.* Jesus está falando aqui da escravidão espiritual. E dessa escravidão ninguém pode libertar-se sozinho; precisamos de alguém para nos libertar (Rm 8.34).

8.35,36 — *O servo não fica para sempre em casa; o Filho fica para sempre.* O *filho* sempre fará parte da família e terá todos os privilégios. Esse provérbio se encontra no versículo 36, e sua aplicação aqui prova que o *Filho* é Jesus Cristo (veja o *Filho do Homem* - v. 28). Como membro da família, o filho também pode conceder seus privilégios a outros.

8.37 — *Descendência de Abraão,* ou seja, herdeiros humanos de Abraão. Mas eles só seriam descendentes espirituais se tivessem fé. No entanto, em vez de confiarem em Jesus para terem seus pecados perdoados, os líderes judeus queriam matá-lo. Eles ouviram a *palavra*, mas não creram nela. E foi por isso que eles não conheceram a verdade (compare com o v. 31).

8.38 — Veja a diferença entre *meu Pai* e *vosso pai*. Posteriormente, Jesus acabou dizendo quem era de fato o pai deles (Jo 8.44).



ENTENDENDO MELHOR

JESUS E OS JUDEUS

João é mais duro com *os judeus* do que os escritores dos outros três Evangelhos. Quando os outros falam dos adversários de Jesus, eles especificam os líderes judeus, como os doutores da Lei e sacerdotes. Mas João os chama simplesmente de *os judeus* (Jo 5.16). No Evangelho de João, *os judeus* é um termo que descreve especificamente os adversários de Jesus, e não todos que eram de origem judaica.

João narra que Jesus chegou ao ponto de dizer que os judeus não descendiam de Abraão: *Vós tendes por pai ao diabo* (Jo 8.44). Humanamente, eles vieram de Abraão, mas espiritualmente não tinham laço nenhum com o patriarca. Contudo, nem todos os judeus eram contra Jesus. Na verdade, Jesus era judeu, assim como os doze apóstolos e a maioria dos Seus seguidores.

João deve ter escrito seu Evangelho no final do primeiro século, logo depois de os líderes judeus darem um basta à companhia de judeus cristãos e os expulsarem das sinagogas. Caso tenha sido de fato nessa época, esse livro foi escrito no auge da rivalidade entre judeus e cristãos. Muitos cristãos eram judeus, e, por esse motivo, continuaram a honrar as tradições judaicas, como o Sábado e os feriados religiosos. Mas eles começaram a perceber cada vez mais que eram diferentes. Segundo a religião, eles eram seguidores de Jesus. Os judeus, entretanto, embora adorassem nas sinagogas, não eram.

8.39 — *Nosso pai é Abraão.* Os fariseus acreditavam que, por serem descendentes de Abraão, o lugar deles estava garantido no céu. Mas honrar aqueles que falavam em nome de Deus também fazia parte das *obras de Abraão* (Gn 14 e 18).

8.40 — Apesar de toda a argumentação de Jesus, aqueles homens queriam matá-lo. As obras deles não tinham nada a ver com Abraão, e, por essa razão, eles não eram filhos dele.

8.41 — *Nós não somos nascidos de prostituição.* Desde os tempos antigos, isso tem sido interpretado como uma zombaria, como se eles estivessem dizendo a Jesus: *Não somos filhos bastardos como você.* Ao que parece, o boato de que Jesus fora concebido fora do casamento foi algo que o perseguiu por muitos anos.

8.42,43 — *Por não poderdes ouvir a minha palavra.* O pecado cegou tanto os olhos e endureceu tanto o coração daqueles homens que eles se tornaram incapazes de aceitar as palavras de Jesus.

8.44-47 — *Tendes por pai.* Jesus sabia o que estava no coração das pessoas (Jo 2.25), e é por isso que Ele conhecia a motivação das atitudes delas. O diabo é homicida, e seus agentes queriam matar Jesus.

8.48 — *Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio?* Os líderes judeus acusaram Jesus de ser samaritano e de ter demônio. Eles aproveitaram para fazer a mesma acusação que Jesus fizera contra eles antes, ou seja, de não serem filhos de Abraão (v. 39,40), e sim do diabo (v. 44). A discussão entre Jesus e os líderes judeus ficou muito acalorada. E os ânimos por parte dos fariseus se alteraram tanto que eles deixaram de lado a razão.

8.49 — *E vós me desonrais.* Os líderes judeus estavam desonrando Jesus, embora o destino eterno deles dependesse de como receberiam a mensagem do Cristo (v. 51).

8.50 — *Há quem a busque e julgue.* Deus Pai é quem buscava a glória de Cristo e julgaria aqueles que não o honrassem.

8.51 — Jesus, por Sua graça, estendeu aos líderes judeus a promessa do perdão e da vida eterna. A expressão *minha palavra* aqui se refere ao que Ele disse sobre si mesmo. Morte não se

refere à morte física, mas à morte espiritual que é resultado da separação eterna de Deus.

8.52,53 — *És tu maior do que Abraão?* Abraão e todos os profetas guardaram a Palavra de Deus e morreram. Jesus não estava dizendo que ia impedir a morte física, mas que daria a vida eterna. Para os líderes judeus, entretanto, essa era a prova de que ele estava endemoninhado.

8.54,55 — *Serei mentiroso como vós.* Veja como Jesus é duro ao confrontar os líderes judeus. A hipocrisia religiosa suscitava a ira de Jesus. Por outro lado, Ele não negou perdão à mulher apanhada em adultério.

8.56 — *Exultou por ver o meu dia.* Abraão procurou por aquele que cumpriria todas as promessas feitas a ele — as promessas que incluíam bênçãos a todas as nações (Gl 3.8,9, 29).

8.57 — Eles não entenderam o que Jesus disse. Por isso perguntaram: *Viste Abraão?* Mas o que Jesus disse, na verdade, foi que Abraão havia visto o dia dele (v. 56).

8.58,59 — *Eu sou.* Jesus não estava dizendo que viveu antes de Abraão; Ele estava dizendo que era eterno, que era o próprio Deus (Êx 3.14). Nessa hora, os líderes judeus entenderam que Jesus estava dizendo que era Deus, e por isso *pegaram em pedras* para apedrejá-lo por blasfêmia (Lv 24.16).



VOCE SABIA?

JESUS CURA UM CEGO

O sexto milagre descrito no Evangelho de João revela que Jesus é a luz do mundo (Jo 9.5). Ele foi o único entre todos os profetas a curar um cego de nascença até então (Jo 9.30-33).

A cura do cego trata do problema do sofrimento humano. Naquela época, a enfermidade era considerada um castigo divino pelo pecado de alguém. Como os amigos de Jó (Jó 4.7-9; 8.2-8; 11.4-20), os discípulos de Jesus perguntaram: *Rabi, quem pecou, este ou seus pais para que nascesse cego?* (Jo 9.2). E Jesus respondeu trazendo uma nova e surpreendente verdade: *Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus* (Jo 9.3). Jesus imediatamente mostrou na prática o que estava dizendo e curou a cegueira do homem, revelando-se assim como o Filho de Deus.

9.1 — O homem cego de nascença era um mendigo (v. 8). Os mendigos costumavam ficar nas portas do templo para receber esmolas dos que iam ali adorar. Sendo assim, é bem provável que isso tenha acontecido próximo ao templo, pouco depois do debate entre Jesus e os fariseus, registrado no capítulo 8.

9.2 — *Quem pecou?* Era comum supor que uma enfermidade era consequência do pecado. Todos acreditavam que os pecados cometidos por um bebê ainda no ventre ou por seus pais fariam com que ele nascesse com uma enfermidade. Jesus descartou ambas as possibilidades.

9.3 — Deus permitiu que aquele homem nascesse cego para que Jesus o curasse e, assim, revelasse as obras de Deus, ou seja, Seu poder de curar. Imagine por quantos anos aquele homem carregou o fardo da sua cegueira até chegar a hora de ser usado para a glória de Deus. Que esse exemplo sirva de consolo para aliviar nossa dor e nossas aflições enquanto esperamos no Senhor!

9.4 — *Que eu faça as obras [...] enquanto é dia; a noite vem:* uma referência à obra terrena de Jesus, que logo chegaria ao fim.

9.5 — Pela segunda vez Jesus declara: *Sou a luz do mundo* (compare com Jo 8.12).

9.6 — *Cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo.* Misturar terra e saliva era uma prática muito comum para tratar infecção nos olhos. Jesus deve ter usado o lodo para dar ao homem uma oportunidade de colocar em prática a sua fé ao lavar os olhos.

9.7 — *Siloé.* Ezequias cavou um túnel em meio à rocha firme para transportar água de Giom, até o tanque de Siloé (2 Rs 20.20; 2 Cr 32.30). João explica que o nome Siloé significa *enviado*, pois Jesus havia anunciado que fora enviado por Deus (v. 4).

9.8-12 — Os vizinhos relutaram em acreditar no milagre. Veja como o cego passa a conhecer mais de Jesus depois de ser curado: *o homem chamado Jesus* (v. 11), *um profeta* (v. 17), *um homem de Deus* (v. 33), *o Filho de Deus* (v. 35-38).

9.13,14 — Já que o homem fora curado em um Sábado, seus vizinhos o levaram aos fariseus. Era proibido trabalhar no Sábado.

9.15 — *Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo.* A resposta do homem aos fariseus foi mais curta do que a resposta dada aos amigos e vizinhos (v. 11). É bem provável que a impaciência do homem, exteriorizada com mais ênfase pouco adiante (v.27), tenha se iniciado nesse ponto.

9.16 — *Alguns dos fariseus diziam [...] Diziam outros.* Os fariseus não acreditaram que Jesus era de Deus porque Ele havia curado no Sábado, quebrando assim a tradição oral acrescentada à Lei com o passar do tempo. No entanto, aqueles que analisaram os milagres de Jesus com sinceridade chegaram à conclusão de que Ele é Deus.

9.17-21 — O cego concluiu que Jesus era um profeta. Mas isso não significa que Ele havia entendido que Jesus era o Messias (1.20,21; 6.14).

9.22,23 — *Ser expulso da sinagoga* era o mesmo que ser excluído. Os judeus adotavam três tipos de exclusão: (1) por 30 dias, quando o excluído tinha de ficar a dois metros de distância de qualquer pessoa, (2) por tempo indefinido, quando o excluído ficava apartado de toda comunhão e adoração, e (3) exclusão completa, quando o excluído era expulso para sempre. Tais condenações eram encaradas com muita seriedade porque ninguém podia ter negócio algum com alguém que fosse expulso da sinagoga.

9.24 — Os fariseus mandaram o homem dar glória a Deus porque assim todo o mérito pelo milagre seria reputado somente a Ele (Js 7.19; 1 Sm 6.5). E depois de tentarem colocar palavras na boca do homem, eles ainda disseram que sabiam que Jesus era pecador. Segundo eles, curar no Sábado era violar a Lei. Assim, segundo o julgamento deles, Jesus era pecador (Jo 5.16).

9.25 — Sem estar nem um pouco interessado em disputas doutrinárias, o homem deu seu testemunho irrefutável: *havendo eu sido cego, agora vejo.*

9.26 — *Que te fez ele?* Como um advogado que tenta enfraquecer a declaração de uma testemunha, eles tentaram mais uma vez refutar a prova do milagre.

9.27 — Ao perder a paciência com aqueles que não queriam crer no que estava diante de seus olhos, o homem se recusou a contar novamente

o que lhe tinha acontecido e disse sarcasticamente: *Já vo-lo disse e não ouvistes; para que o quereis tornar a ouvir? Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?*

9.28,29 — *Discípulo dele sejas tu.* O homem não havia dito que queria ser discípulo de Jesus; Ele apenas perguntou se, porventura, aqueles líderes judeus não estavam tão interessados no que havia acontecido porque tinham interesse em se tornarem discípulos de Jesus (v. 27).

9.30-33 — *Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu.* Não há nenhum relato da cura de um cego em todo o Antigo Testamento.

9.34 — Incapazes de responder à argumentação do homem curado, os fariseus o expulsaram.

Nascido todo em pecados. Com tal acusação, eles estavam dizendo que a cegueira do homem era a prova do seu pecado, justamente o que Jesus havia negado (v. 3).

9.35,36 — *Quem é ele, Senhor, para que nele creia?* A fé tem que ter um objeto. Não é a fé que salva, e sim Jesus. Portanto, a fé é apenas um meio que nos conecta ao Senhor Jesus Cristo.

9.37,38 — Veja como o homem que foi curado passa a entender melhor quem é Jesus ao longo desse capítulo. Primeiro, ele o chama de *um homem* (v. 11); depois de *profeta* (v. 17); e finalmente ele entende que Jesus é o *Filho de Deus* (v. 35-38). Esse entendimento é semelhante ao demonstrado pela mulher samaritana em João 4.

9.39,41 — *Eu vim a este mundo para juízo.* Jesus não veio a este mundo para exercer o juízo (Jo 3.17). No entanto, o desfecho inevitável de Sua vinda será o juízo, pois muitos se recusarão a crer (Jo 3.18). Já que Jesus é a luz do mundo, Ele veio para dar visão aos cegos e cegueira aos que pensam ver.

10.1 — Em João 7, Jesus viaja para Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos (Jo 7.2,10). E todos os eventos narrados entre João 7.10 e 10.39 aconteceram durante a visita de Jesus a Jerusalém. Portanto, os capítulos 9 e 10 estão intimamente ligados, indicando que Jesus tinha em mente os fariseus quando pronunciou publicamente as palavras do capítulo 10.

O *curral das ovelhas* era um local cercado por muros ou cerca; e, como geralmente só havia uma porta ou entrada, o curral às vezes ficava em uma gruta.

Por outra parte. Os fariseus mantinham seu poder por meios ilícitos. Um *ladrão* rouba em segredo; um *salteador* age abertamente e com violência.

10.2 — Ao contrário do ladrão, o verdadeiro *pastor* entra pela *porta*.

10.3 — O *porteiro* era o auxiliar do pastor. A descrição *chama pelo nome* expressa um convite pessoal, e não uma ordem autoritária dada a todos.

Pelo nome. Dar nome às ovelhas era uma prática antiga (Sl 147.4; Is 40.26). Essa era uma prática dos auxiliares dos pastores que tinham aos seus cuidados uma porção do rebanho de Deus (1 Pe 5.2).

10.4 — *Tira para fora* é a tradução das mesmas palavras que os fariseus usaram em João 9.34,35, para expulsar o cego de nascença. Os falsos pastores expulsam as ovelhas para se livrar de problemas. Os verdadeiros pastores levam as ovelhas para o campo para alimentá-las. As ovelhas conhecem a voz do verdadeiro pastor.

10.5 — *De modo nenhum, seguirão o estranho.* Estranho é todo aquele que as ovelhas não conhecem, e não necessariamente um ladrão ou salteador. As ovelhas não seguem o estranho mesmo que ele use o chamado do pastor ou imite sua voz.

10.6 — *Mas eles não entenderam.* Aqui Jesus está se referindo aos fariseus descritos em João 9.40.

10.7-18 — Todos os pastores de Deus devem ler 1 Pedro 5.1-4 junto com essa passagem.

10.7 — Nos versículos de 1 a 5, Jesus é o pastor; aqui, Ele é a *porta*. Alguns pastores passavam a noite deitados junto à porta do aprisco. Desse modo, as ovelhas não podiam sair e os animais selvagens ficavam com medo de aproximar-se. Portanto, o pastor também era a porta.

10.8 — Os *ladrões e salteadores* eram os fariseus (v. 1).

10.9 — Jesus, o *bom Pastor*, nos dá vida espiritual e acesso ao alimento espiritual.



APROFUNDE-SE

JESUS E O SOFRIMENTO HUMANO

- A maioria das curas que Jesus realizou foi para revelar Sua autoridade e poder divinos (Jo 9.2,3,32,33).
- Ele curou pessoas de várias classes sociais, tanto as desprezadas quanto as ricas e proeminentes.
- Mas Ele não curou a todos (Mt 13.58).
- Ele compreendeu as emoções das pessoas enfermas e soube lidar com elas — tristeza, ira, desespero, ansiedade, conflito, medo e agressividade.
- Ele demonstrou paciência e compaixão quando se deparou com os enfermos.
- Ele jamais usou encantamentos, magia, feitiços, remédios, incenso, ervas ou invocação de espíritos malignos para curar as enfermidades das pessoas. Seu poder vinha diretamente de quem Ele era.
- Ele traçou um paralelo entre a enfermidade física e a necessidade espiritual (Mc 2.15-17).
- Quando Ele curava uma enfermidade geralmente a cura vinha acompanhada de fé e perdão de pecados.
- Ele se recusou a ver todo tipo de enfermidade como um sinal do juízo de Deus.
- Ele jamais permitiu que costumes e tradições religiosas o impedissem de aliviar a dor e o sofrimento de alguém.
- Seu poder de curar ameaçava as autoridades constituídas.
- Seus seguidores experimentaram o mesmo poder sobre os males físicos, um sinal de que Sua mensagem era de Deus.
- Às vezes, a enfermidade e a morte representam o juízo de Deus (At 5.1-11; 12.19-23).
- Seus seguidores não foram poupados das aflições humanas. Mas Deus usou o sofrimento para moldar o caráter deles.
- Nós podemos ter esperança que um dia o sofrimento, a angústia, a dor e as enfermidades chegarão ao fim (Rm 8.18; Ap 21.4).

10.10 — *Com abundância.* Os ladrões tiram a vida; o pastor a concede. A vida abundante envolve salvação, provisão, cura (v. 9) e muito mais. *Vida* aqui é a vida eterna, a vida de Deus.

10.11 — Jesus é o *bom Pastor* que dá a sua vida pelas ovelhas (Jo 3.16; 1 Jo 3.16), ao contrário dos ladrões malignos que tiram a vida delas. Enquanto o substantivo *vida* expresso no versículo 10 se refere à vida eterna, aqui ele se refere à vida física. Jesus entregou Sua vida física para nos dar a vida eterna.

10.12,13 — O *mercenário* é um pastor contratado, um empregado que cuida do rebanho visando apenas aos seus próprios interesses. Quando um mercenário vê um lobo chegando, ele foge e deixa as ovelhas.

10.14,15 — O *bom Pastor* conhece muito bem Suas ovelhas e delas é *conhecido*. A comunhão entre Jesus e Seus servos é a mesma que há entre o Pai e Seu Filho.

10.16 — As *outras ovelhas* não eram os judeus que viviam em terras estrangeiras, mas os gentios. Os judeus perguntaram se Jesus partiria para

ensinar os gentios (Jo 7.35). Aí então Jesus declarou que tinha ovelhas entre os dispersos.

Um *rebanho* aponta para a salvação dos gentios e a fundação da Igreja, na qual judeus e gentios convertidos formariam um só corpo espiritual (1 Co 12.13; Gl 3.28; Ef 2.16).

10.17,18 — Por ser o *bom Pastor*, Jesus tem o poder — ou seja, a autoridade — e podia não somente entregar Sua vida voluntariamente pelas Suas ovelhas, (v.11,15,17), mas também de *tornar a tomá-la*. Ninguém mais, a não ser Deus, poderia fazer isso.

10.19-21 — Depois de narrar a metáfora do *bom Pastor* feita por Jesus, João faz um comentário muito apropriado. Na metáfora, Jesus é o bom Pastor cujas ovelhas ouvem a Sua voz, embora haja ovelhas que não lhe deem ouvidos.

O comentário de João, *tornou, pois, a haver divisão entre os judeus por causa dessas palavras*, verdadeiro, segundo o propósito do seu Evangelho, revela que alguns creem e outros não. Esse é o mesmo tipo de *divisão* relatada em João 9.16. Por mais que as pessoas vejam o mesmo milagre e recebam o



COMPARE

AS SETE DECLARAÇÕES DE JESUS: EU SOU

As declarações de Jesus, *Eu sou*, tiveram um significado muito importante para seu público judeu no primeiro século. Deus se revelou a Moisés dizendo de modo altissonante: *Eu sou* (Ex 3.14). E Jesus usa as mesmas palavras para descrever a si mesmo (4.26; 6.20; 13.19)

Declaração	Referência	Ocasião	Significado
<i>Eu sou o pão da vida</i>	João 6.35, 41,48,51	Depois que Jesus alimentou cinco mil pessoas e elas quiseram mais alimento.	Assim como o pão é alimento para o corpo, Jesus é quem nos dá a vida e o alimento espiritual.
<i>Eu sou a luz do mundo</i>	João 8.12	Durante a Festa dos Tabernáculos. Nessa festa, um grande candelabro era aceso no átrio das mulheres no templo. Ele lembrava aos israelitas a coluna de fogo que guiou seus ancestrais em sua caminhada no deserto.	Jesus se oferece para guiar um mundo mergulhado nas trevas do pecado. A luz também é um símbolo de santidade e verdade.
<i>Eu sou a porta das ovelhas</i>	João 10.7,9	Em debates com os líderes religiosos de Israel, quando Jesus declarou que eles, na verdade, eram pastores inaptos.	Os pastores guiavam as ovelhas para uma gruta e as protegiam todas as noites. Essas grutas não tinham porta, por isso, os pastores se sentavam ou deitavam à sua entrada para evitar ataques e predadores. Assim, Jesus demonstra Seu cuidado e constante devoção àqueles que são Seus.
<i>Eu sou o bom pastor</i>	João 10.11-14	Em debates com os líderes religiosos de Israel, quando Jesus declarou que eles, na verdade, eram pastores inaptos.	Ao contrário dos mercenários que fogem e deixam o rebanho desprotegido, Jesus sempre se empenha em cuidar do Seu povo e guardá-lo.
<i>Eu sou a ressurreição e a vida</i>	João 11.25	Após a morte de Lázaro.	Jesus é o Senhor de toda a vida e tem o poder de ressuscitar os mortos. A morte não é o destino final, pois todos que estão em Cristo viverão para sempre.
<i>Eu sou o caminho, a verdade e a vida</i>	João 14.6	Quando os discípulos estavam em dúvida sobre o que Jesus havia dito sobre o céu.	Jesus é o único caminho para o Pai. Ele é a fonte de toda verdade e de todo conhecimento de Deus. Ele oferece a todos que estão espiritualmente mortos a própria vida de Deus.
<i>Eu sou a videira verdadeira</i>	João 15.1, 5	No cenáculo, na noite em que foi preso.	O Antigo Testamento faz muitas referências a Israel como a vinha de Deus (Sl 80.8; Is 5.1-7; Ez 15; Os 10.1). Mas já que a nação não deu frutos, Jesus veio para cumprir o plano de Deus. Por estarmos ligados a Cristo, Sua vida flui em nós e através de nós. Desse modo, passamos a dar frutos que honram ao Pai. Nessa metáfora, Ele é o Agricultor.

mesmo testemunho, não significa que elas chegarão à mesma conclusão (Jo 12.9-11). Veja o que diz o apóstolo Paulo sobre isso em 2 Coríntios 2.15-17.

10.22 — Os eventos narrados em João 7.1 a 10.21 ocorreram durante a Festa dos Tabernáculos, em meados do mês de outubro. A Festa da

Dedicação era celebrada por oito dias no fim do mês de dezembro; então, havia se passado dois meses entre os versículos 21 e 22. João relata que os eventos de João 10.22 aconteceram no *inverno*, não para ser específico em relação ao tempo, mas para explicar por que o Senhor escolheu um lugar seguro para ensinar (v. 23).

10.23,24 — O templo era rodeado por um pavilhão chamado *Pórtico de Salomão* (NVI), uma longa galeria formada por colunas que ficava no átrio do templo, talvez no lado oriental.

10.25 — *Respondeu-lhes Jesus*. Jesus lembrou os líderes judeus de Suas palavras e obras. Ele era o Messias e havia dito isso. Ele dissera à mulher samaritana que era o Messias (Jo 4.25,26), bem como ao cego de nascença (Jo 9.35-37). Suas obras incluem todos os milagres que realizou, os quais atestavam ser Ele o Messias (Jo 20.31).

No entanto, Jesus não costumava dizer publicamente que era o Messias. Ele tinha controle emocional e não cedia à pressão das pessoas. Seu método consistia em dizer publicamente tudo sobre Ele próprio, o que levaria à conclusão de que Ele era de fato o Messias; embora Ele só tenha dito isso de forma direta àqueles que acreditavam nele ou estavam prontos para acreditar. Jesus não criou robôs para serem Seus seguidores, mas pessoas capazes de pensar. Ele instituiu um padrão de descoberta individual gradual para que as pessoas chegassem à descoberta por elas próprias.

10.26 — *Como já vo-lo tenho dito*. Durante a Festa dos Tabernáculos, Jesus disse aos líderes judeus que eles não faziam parte do Seu rebanho (v. 14,15; 8.2-44,47).

10.27-29 — Jesus citou três características de Suas ovelhas: (1) *Elas ouvem Sua voz* (v. 4) e Ele as conhece (Rm 8.29); (2) *Elas o seguem*. O seguir [das ovelhas] é uma metáfora sobre a fé. Outras metáforas sobre a fé nesse Evangelho são *beber água* (Jo 4.14), *comer o pão* (Jo 6.50,51), *comer a carne e beber o sangue* (Jo 6.54); (3) *Nunca hão de perecer*. No texto grego, há um duplo sentido para o verbo *perecer*: jamais perecerão e não perecerão por toda a eternidade. Ninguém pode

roubar-lhes a vida eterna. *As mãos do Pai* são mais poderosas do que qualquer inimigo.

10.30 — *Eu e o Pai somos um*. Os judeus que se opunham a Jesus entenderam muito bem que Ele estava afirmando ser Deus (v.31, 33).

10.31 — *Outra vez*. Essa não foi a primeira vez que os líderes judeus *pegaram em pedras* para atirar em Jesus (Jo 8.59). Aqueles que não podem resistir à verdade com seus argumentos sempre procuram silenciá-la pela força.

10.32,33 — *Mas pela blasfêmia*. Os líderes judeus revelaram o motivo de sua oposição a Jesus — Ele estava se igualando ao Pai, algo que indica claramente Sua divindade. Os inimigos de Jesus consideraram tal posicionamento uma *blasfêmia*.

10.34 — No Antigo Testamento, os juízes eram chamados de *deuses*, pois exerciam o direito de julgar de modo soberano como o próprio Deus. Foi assim com Moisés, a quem *Yahweh* disse que seria como um deus para Arão e este seria uma voz ou um profeta para Moisés. A passagem de Salmos 82.6, citada aqui, refere-se aos juízes que violavam a Lei. Em outras palavras, Jesus queria dizer que como o nome de Deus fora aplicado por Ele próprio a meros homens, não seria insensatez, ou até mesmo blasfêmia, aplicá-lo ao Filho encarnado.

10.35,36 — *A Escritura não pode ser anulada*, na verdade, não pode ser *desfeita, destruída*. Essa é uma poderosa declaração sobre a inerrância das Sagradas Escrituras. Veja como Jesus torna verdadeiro Seu argumento baseando-o na fidelidade das Escrituras.

10.37,38 — *Crede nas obras*. Jesus pediu aos líderes judeus que considerassem pelo menos Seus milagres, pois eles demonstravam Sua deidade. Veja que a questão principal aqui é *crer*. João jamais tirou de cena a condição única para se nascer de novo. O verbo traduzido por *crer* é usado 99 vezes nesse Evangelho.

10.39 — *Mas ele escapou de suas mãos*. Ninguém pode arrebatar as ovelhas das mãos de Jesus (v. 28).

10.40-42 — *Além do Jordão*. Essa permanência provisória na *Peréia* também é relatada em Mateus 19.1 e Marcos 10.1.

11.1 — *Betânia*, um pequeno vilarejo ao sul do monte das Oliveiras, ficava cerca de três quilômetros de Jerusalém (v. 18).

11.2 — *Maria era aquela que tinha ungião*. Quando João escreveu esse capítulo, o episódio da unção era bastante conhecido, então ele o usou para distinguir essa Maria das outras mulheres de mesmo nome.

11.3 — *Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas*. O recado simplesmente diz que Lázaro estava enfermo. Embora as irmãs não peçam nada a Jesus, a fé de que Ele poderia curar o irmão está implícita aqui.

11.4 — A declaração *não é para morte* significa que o resultado final não seria a morte.

Seja glorificado. Jesus revelaria Seu poder sobre a morte por meio da ressurreição de Lázaro.

11.5-8 — *Ficou ainda dois dias*. O propósito de Deus era glorificar Seu Filho (v. 4) e fazer com que os discípulos de Jesus crescessem na fé. Se Jesus tivesse se apressado para curar Lázaro, este não teria morrido, e, desse modo, Jesus não poderia manifestar Sua glória ao ressuscitá-lo. O tempo em que Deus cumpre Seus propósitos é perfeito. Entretanto, os discípulos estavam temerosos, pois sabiam que Jesus poderia ser morto se voltasse à Judéia.

11.9,10 — *Doze horas* era exatamente meio-dia, o horário mais adequado para trabalhar. O que Jesus está dizendo aqui é que a obra de Deus tem de ser feita sempre que houver oportunidade para fazê-la. Era como se estivesse dizendo: *Eu ainda tenho tempo; eu não vou morrer até que meu trabalho esteja terminado*.

11.11-14 — *Lázaro [...] dorme*. A Bíblia usa o verbo *dormir* em várias passagens para se referir à morte (Gn 47.30; Mt 27.52; 1 Ts 4.13). Todavia, nenhuma dessas passagens indica um estado de sono da alma ou de inconsciência. A morte para os santos é livramento dos problemas deste mundo, mas a plena consciência da vida eterna (Fp 1.23).

11.15 — *E folgo, por amor de vós*. Jesus não estava *contente* (NVI) por Lázaro ter morrido, mas pela chance que os discípulos logo teriam de testemunhar um milagre extraordinário. Eles já

criam (Jo 2.11), mas cada novo desafio era uma oportunidade para que a fé deles crescesse (compare com 2 Pedro 1.5-8).

11.16 — O nome *Dídimo* no grego significa *gêmeos*, termo sugestivo para demonstrar a luta interna de Tomé entre fé e incredulidade. Ao que parece, ele era dedicado a Jesus, mas também tinha a tendência de olhar para o lado ruim das coisas. Jesus disse *vamos ter com ele* [com Lázaro], para que os discípulos cressem também (v. 15). Porém, Tomé disse: *Vamos nós também, para morreremos com ele*. Enquanto Jesus via uma oportunidade para a fé de Tomé crescer, Tomé via apenas a possibilidade da morte. Contudo, por causa da lealdade que dedicava ao Mestre, ele foi.

11.17-20 — Veja o contraste de personalidades. Marta era uma mulher de ação, enquanto Maria era uma mulher de quieta reflexão (Lc 10.38-42).

11.24 — A fé dos judeus piedosos os levava a crer na ressurreição (compare com Daniel 12.13), mas essa fé era rejeitada pelos fariseus (compare com Mateus 22.23; Atos 23.8).

11.25-27 — Jesus é a *ressurreição* para todos que creram antes de morrer fisicamente e é a *vida* para aqueles que ainda estão vivos. Quando Jesus perguntou a Marta se ela cria, a resposta dela foi semelhante às palavras de João para descrever o propósito do seu Evangelho (Jo 20.31). Para receber a vida eterna, é preciso ter fé em Jesus, que é *o Cristo, o Filho de Deus*, que veio a este mundo para dá-la a todos que creem.

11.28-30 — *Em segredo*. Marta disse somente a Maria que Jesus viria, para que ela o encontrasse sozinha.

11.31 — *Seguiram-na*. A discipulação (v. 28) não deu certo. *Chorar* aqui significa prantear e lamentar. Refere-se a uma expressão profunda de pranto, lamento e pesar, não apenas ao derramar de lágrimas.

11.32 — *Se tu estivesses aqui*. Maria disse ao Senhor a mesma coisa que Marta tinha dito (v. 21). Certamente elas haviam falado sobre isso alguns dias antes.

11.33,34 — *Moveu-se muito em espírito*. Jesus ficou profundamente comovido. *Perturbou-se, ou*

seja, ficou tomado de emoção, abalado. Jesus se condeou do sofrimento de Maria e indignou-se com as lamentações hipócritas dos Seus inimigos.

11.35,36 — *Chorou* significa *derramou lágrimas*. Mas Jesus não pranteou um lamento sem esperança como os outros (v. 33). Ele sabia o que iria acontecer, mas Sua compaixão o levou às lágrimas. Ele sentiu a dor que a morte de Lázaro havia causado aos outros.

11.37 — *Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?* Alguns interpretaram as lágrimas de Jesus como sinal de que Ele não poderia fazer mais nada. E então reclamaram por Ele ter curado outros antes, e não ter feito o mesmo com Lázaro, impedindo que morresse.

11.38,39 — *Era uma caverna*. Ter um jazigo indica que se tratava de uma família rica.

11.40-42 — *Não te hei dito?* Ao que parece, a declaração de Jesus aqui é uma referência aos

versículos 25 e 26 e uma resposta aos mensageiros descritos no versículo 4. É bem provável que Ele tenha dito isso em outras duas ocasiões que não foram relatadas.

11.43,44 — *Clamou com grande voz*. Esse clamor em alta voz foi o resultado de uma forte emoção ou a tentativa de que todos pudessem ouvir. *Lázaro, vem para fora*. Agostinho disse certa vez que, se Jesus não tivesse chamado especificamente por Lázaro, todos os mortos sairiam dos túmulos em obediência ao comando da voz de Jesus (Jo 5.28). Ressuscitar Lázaro foi o sinal da soberania de Jesus como o Messias, pois o maior milagre de todos era trazer alguém de volta à vida.

11.45-48 — *Virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação*. O termo *lugar* aqui diz respeito a Jerusalém e ao templo. Pode-se observar nesse episódio a verdadeira preocupação dos líderes judeus. Eles não estavam indignados com



APROFUNDE-SE

VIDA PARA LÁZARO, MORTE PARA JESUS

Foi depois que Lázaro ressuscitou dos mortos que os principais sacerdotes, os fariseus e outros líderes religiosos resolveram matar Jesus (Jo 11.53). Até aquele momento, o conflito entre eles e o jovem rabi não havia passado de uma guerra de palavras. Mas a ressurreição de Lázaro foi um milagre extraordinário, testemunhado por muitos. Jesus já tinha ressuscitado pelo menos outras duas pessoas, mas isso aconteceu na longínqua Galiléia (Mc 2.22-24, 35-43; Lc 7.11-17). A ressurreição de Lázaro, ao contrário, ocorreu em Betânia, nos arredores de Jerusalém (Jo 11.18).

Não é de se estranhar que esse milagre tenha levado muitos a crer em Jesus (Jo 11.45). Ele foi a prova irrefutável de que a declaração ousada de Jesus era verdadeira: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crer em mim, ainda que esteja morto, viverá* (Jo 11.25). De fato, Lázaro se tornou motivo de curiosidade, atraindo diversas pessoas que queriam ver, por elas mesmas, aquele que Jesus havia trazido de volta à vida (Jo 12.9).

Era esse tipo de publicidade que os líderes religiosos mais temiam. O debate de questões religiosas era um fato; o rápido crescimento de um movimento popular baseado na figura de um Messias, entretanto, era algo bem diferente. Isso poderia gerar repercussões políticas, já que os romanos viviam atentos a todo sinal de rebelião (veja o quadro *Jerusalém destruída pelos gentios* em Lucas 21.20).

Foi Caifás, o sumo sacerdote (Mt 26.3), que viu como aquela situação era perigosa. Por que sacrificar toda a nação por causa de Jesus, já que Ele poderia ser sacrificado pelo bem da nação (Jo 11.49-52)? Então, os líderes religiosos começaram a tramar para ver como levariam Jesus perante os romanos e como se livrariam dele acusando-o de rebelião. E, uma vez ressuscitado dos mortos, eles conspiraram para matar Lázaro também, pois ele era a prova cabal do poder de Jesus (Jo 12.10,11). A intenção de matar um homem que tinha acabado de ressuscitar dos mortos, assim como aquele que o ressuscitara, revela a insensatez do coração incrédulo.

O plano transcorreu brilhantemente a não ser por um detalhe em que Caifás e seus aliados não atentaram ou recusaram-se a crer quando tramaram a morte de Jesus — a oportunidade de este provar de uma vez por todas que estava falando a verdade quando disse: *Eu sou a ressurreição e a vida*.

a suposta blasfêmia de Jesus, mas sim com a possibilidade de perderem seu status de líderes, sua posição de autoridade.

11.49-52 — Na opinião de *Caifás*, Jesus devia morrer para que a nação não fosse ameaçada. João ainda acrescenta que, pela posição que ocupava, *Caifás* usou a Palavra de Deus de maneira insensata: *que um homem morra pelo povo*. Mas, sem saber, *Caifás* assumiu a vez de um profeta. João também viu nas palavras do sumo sacerdote a profecia de que Jesus não apenas morreria por Israel, mas pelos gentios também.

11.53 — Pela perspectiva humana, a ressurreição de *Lázaro* foi o principal evento que levou os líderes religiosos a conspirar pela morte de Jesus. Foi por causa desse milagre que o Sinédrio decidiu informalmente, se não formalmente, que Jesus deveria morrer. João descreve passo a passo como o ódio daqueles homens passa a crescer (Jo 5.16; 7.1,32,45; 8.59; 9.22; 10.39). O irônico naquela situação toda é que eles achavam que poderiam matar para sempre *Aquele* que podia ressuscitar os mortos.

11.54 — *Jesus, pois, já não andava manifestamente*. Jesus se retirou da vida pública por algum tempo e encontrava-se em secreto com Seus discípulos. A descrição *terra junto ao deserto* geralmente se refere ao deserto da Judéia, que se estendia até a cidade de Jericó.

11.55-57 — *Subiram a Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem*. Por causa da Páscoa, os judeus se purificavam lavando seu corpo e suas roupas, a fim de entrar no templo para adorar. Alguns procuravam Jesus por curiosidade, outros, por lealdade (v. 56), mas os *principais dos sacerdotes* (v. 57) o buscavam para prendê-lo.

12.1 — *Seis dias antes da Páscoa*. Se a crucificação aconteceu mesmo na sexta-feira, essa ceia aconteceu na noite do sábado anterior. O versículo 12 parece apoiar essa conclusão, pois a entrada em Jerusalém aconteceu em um domingo.

12.2 — *Fizeram-lhe, pois, ali uma ceia*. O verbo *fizeram* aqui provavelmente se refere às pessoas da cidade. Os habitantes de Betânia queriam expressar sua gratidão a Jesus, que, por meio de

um milagre glorioso, havia tornado conhecida aquela cidade inexpressiva.

12.3-6 — *Nardo puro, de muito preço*. Judas Iscariotes disse que esse perfume custava *trezentos denários* (v. 5 — NVI). Um denário equivalia a um dia de trabalho de um trabalhador braçal (NVI). Sendo assim, aquele perfume custava aproximadamente um ano de salário.

Ungiu os pés. Maria também ungiu a cabeça de Jesus (Mt 26.7; Mc 14.3). Era um costume da época ungiu a cabeça dos convidados. Ungir a cabeça de Jesus era um gesto de honra; ungiu Seus pés era um gesto de devoção.

12.7 — *Para o dia da minha sepultura*. A unção era o primeiro passo do embalsamamento (Jo 19.39). Sabendo ou não, Maria estava prevendo a morte de Jesus, que aconteceria em uma semana.

12.8 — *Os pobres, sempre os tendes convosco*. Nós sempre teremos a chance de cuidar dos pobres (Dt 15.11).

12.9-11 — *Tomaram deliberação para matar também a Lázaro*. Os principais dos sacerdotes eram em sua maioria saduceus, por isso tinham um motivo a mais para matar *Lázaro*: ele era a refutação literal da doutrina que defendiam de que não havia ressurreição (Jo 11.57; At 23.8). No entanto, esse não foi um encontro do conselho judaico nem uma sentença oficial de morte.

Por causa dele [de *Lázaro*]. O motivo principal para matar *Lázaro* era que muitos passaram a crer em Jesus por causa dele. *Iam e criam*, ou seja, as pessoas estavam deixando de seguir os líderes judeus.

12.12-15 — *Tomaram ramos de palmeiras*. Isso aconteceu em um domingo antes da ressurreição de Jesus, o chamado domingo de ramos.

Clamavam: Hosana! Bendito o Rei de Israel. Até aquele momento, Jesus evitara toda e qualquer demonstração de apoio do povo (Jo 6.15; 7.1-8). Aqui, Ele consente com a euforia das pessoas. Ele entrou em Jerusalém montado em um jumentinho; uma alusão à profecia de Zacarias (Zc 9.9) e declaração simbólica de que Jesus era o Messias.

12.16 — *Não entenderam*. Os discípulos não entenderam o significado profético do ato de Jesus.

Quando Jesus foi glorificado. Após a morte, ressurreição e ascensão de Cristo, os discípulos finalmente entenderam as profecias do Antigo Testamento sobre o Messias que se cumpriram em Jesus.

12.17-19 — Esse trecho mostra a série de eventos que levou à condenação e crucificação de Jesus.

12.20 — O fato de gregos terem ido a Jerusalém para *adorar no dia da festa* indica que eram judeus prosélitos. Ao falar sobre isso, João talvez quisesse mostrar que a salvação, rejeitada por muitos judeus, já tinha sido dada aos gentios.

12.21,22 — *Estes, pois, dirigiram-se a Filipe.* Os gregos devem ter procurado Filipe por ele ter nome grego.

12.23 — *É chegada a hora.* Antes disso, Jesus disse várias vezes que Sua hora ainda não havia chegado (Jo 2.4; 7.6, 30; 8.20). Mas então chegou a hora de Ele morrer e ressuscitar dos mortos (Jo 13.1; 16.32; 17.1).

12.24 — *Se o grão de trigo [...] não morrer.* Quando uma semente morre, ela produz frutos. A vida vem da morte. Tal princípio é aplicável não apenas na natureza, mas também no âmbito espiritual. Jesus se referia a si mesmo. Ele é o *grão de trigo*. Sua morte produziria muitos frutos e resultaria em muitas vidas para Deus.

12.25,26 — A frase *ama a sua vida* refere-se àqueles que só querem servir a si mesmos. Em pouco tempo, Jesus daria aos Seus discípulos a chance de eles lidarem com esse problema em sua vida (Jo 13.1-7). Já a expressão *aborrece a sua vida* refere-se a servir a Jesus.

Todo cristão tem de definir suas próprias prioridades. Nós não podemos dedicar-nos inteiramente a esta vida e, ainda assim, ter compromisso com a vida futura. O imperativo *siga-me* aqui significa seguir o exemplo de Jesus ao sacrificar-se por nós (Jo 13.15). Jesus foi o exemplo vivo do que significa *aborrecer* a própria vida para cumprir o propósito eterno (Fp 2.5-8).

12.27 — *A minha alma está perturbada.* A agonia de Jesus com a aproximação da Sua morte não se limitou ao Getsêmani, onde Ele orou: *Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice* (Mt

26.39). Ele ficou aflito e expressou tal sentimento quase uma semana antes de chegar ali.

12.28,29 — O último desejo de Jesus era glorificar o nome do Pai. E o Pai respondeu do céu dizendo que Jesus já o tinha glorificado (por meio do Seu ministério obediente), e iria glorificá-lo novamente (por meio da morte, do sepultamento e da ressurreição).

12.30-33 — A voz também foi ouvida por todos, para que eles reconhecessem Jesus como Deus. *Agora é o juízo deste mundo.* Jesus está referindo-se aqui ao juízo do pecado que viria por meio da Sua morte e à derrota de Satanás (1 Co 15.54-57).

12.34 — *Cristo permanece para sempre.* O povo sabia que *ser levantado* significava morrer e deixar essa terra. Ele declarou que as Escrituras ensinavam que o Messias permaneceria para sempre (Sl 110.4; Is 9.7; Ez 37.25). Para os israelitas, o Messias jamais morreria.

12.35,36 — Em vez de responder às perguntas das pessoas, Jesus deu um aviso a elas: *Andai enquanto tendes luz.* Jesus queria que elas cressem e permanecessem nele (v. 46).

12.37 — *Não criam nele.* A incredulidade daquelas pessoas é notória. A ideia que elas tinham do Messias não se adequava à profecia de que Jesus sofreria e morreria.

12.38 — *Para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías.* João cita a passagem de Isaías 53.1 para provar que a incredulidade daquelas pessoas também havia sido profetizada.

12.39,40 — O resultado natural de tanta rejeição foi a perda da capacidade de crer. Isaías disse que alguns não creriam porque Deus *endureceu-lhes o coração* (Is 6.10), após eles terem rejeitado a verdade por diversas vezes.

12.41 — João usa a expressão *glória dele* para falar da manifestação do próprio Deus. Ele também cita Isaías 6.9 (v. 40) como uma profecia da incredulidade das pessoas e da rejeição de Cristo. Nesse versículo, Isaías está falando do próprio Deus. Desse modo, João está dizendo que Jesus é Deus.

12.42,43 — *Até muitos dos principais creram nele,* ou seja, muitos dos membros do conselho. *Eles não o confessavam,* e por isso alguns dizem

que a fé destes não era verdadeira. O texto, porém, diz que eles *creram nele*, uma construção que no grego geralmente indica fé salvadora (Jo 8.30). Além disso, a conjunção *mas* mostra a nítida diferença entre os cristãos e os incrédulos descritos nos versículos 37 a 41. Esses homens eram verdadeiros cristãos, mas temiam a opinião dos outros líderes. Cristãos assim ficarão confundidos quando Jesus voltar (1 João 2.28).

12.44,45 — *Não em mim, mas naquele que me enviou.* Jesus disse que todos que criam nele estavam ao mesmo tempo tendo fé em Deus Pai. Ele explicou que era a manifestação pessoal de Deus (Jo 1.18; Cl 1.15; Hb 1.3).

12.46,47 — A declaração *eu não o julgo* pode ser parafraseada como “eu não exerço juízo”. Cristo irá julgar, embora Ele não tenha vindo a primeira vez para fazer isso, mas para salvar (Jo 3.17).

12.48-50 — *A palavra que tenho pregado.* Jesus pregava o que havia recebido do Pai. Rejeitar a Palavra dele é o mesmo que rejeitar a Palavra de Deus.

13.1-6 — Um princípio importante sobre conhecer e fazer é demonstrado aqui. Veja que os versículos 1 e 3 dizem que Jesus *sabia*, e os versículos 4 e 5 dizem que Ele *fez*. Nossas ações são o resultado dos nossos pensamentos mais profundos. Jesus fez o que fez porque sabia o que sabia. O homem é o que imagina ser em sua alma (Pv 23.7).

13.1 — *Até ao fim* também significa *completamente* ou *até as últimas consequências*. O que vem depois dos versículos de 1 a 11 demonstra o imenso amor de Jesus. Ele amou Seus discípulos, embora soubesse que um deles o trairia, outro o negaria, e todos o abandonariam por algum tempo.

13.2 — A frase *Acabada a ceia* também poderia ser traduzida por *iniciada a ceia*. Era comum os escravos lavarem os pés dos convidados que chegavam antes de eles se sentarem à mesa para comer (v. 4,5). De todo modo, o que parece é que a ceia ainda não tinha mesmo acabado. A declaração do imenso amor de Jesus registrada no versículo 1 — *como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim* — é o oposto do gesto de Judas, que saiu apressado para traí-lo.

13.3 — *Sabendo* (gr. *oida*). Cristo amava todos (v. 1), conhecia o que de pior havia neles (v. 2) e o melhor que havia em si mesmo (v. 3).

13.4,5 — *As vestes.* Jesus *tirou* Suas vestes, ou seja, tirou o que atrapalharia Seus movimentos. *Toalha.* Após colocar um avental, Jesus parecia um escravo a quem fora dada a tarefa de lavar os pés dos convidados. Embora os discípulos soubessem o que Jesus estava fazendo, nenhum deles se ofereceu para realizar aquela tarefa. Servir não era algo que estava nos planos deles. No entanto, Jesus os amou mesmo sabendo tudo o que sabia acerca deles, até mesmo o que sabia sobre Judas.

Os discípulos sabiam o que tinha de ser feito. E todos eles poderiam ter feito, mas nenhum deles o fez. A passagem em Lucas 22.24 dá uma indicação do que pode ter acontecido. Eles estavam discutindo para ver quem seria o maior dentre eles. E esse tipo de preocupação não leva ninguém a servir (Fp 3.3,4).

Nossas ações são o resultado dos nossos pensamentos mais profundos. Por que Jesus fez o que fez, ou seja, a tarefa de um servo? Porque Ele sabia muito bem o que estava fazendo (v. 1-3). Fazer a tarefa de um servo por algum tempo não intimidou Jesus, pois Ele sabia de onde tinha vindo, para onde iria e o que estava determinado a fazer. É por isso que Paulo nos aconselha: *De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus* (Fp 2.5).

13.5 — *Começou.* João não diz por qual discípulo o Senhor começou, porém, desde o primeiro século, alguns acreditam que tenha sido por Judas. O fato é que ninguém, nem mesmo João, ofereceu-se para fazer a tarefa no lugar de Jesus. O tema dessa história é o amor. E o mais importante no amor é servir.

13.6,7 — O impulsivo Pedro rejeitou enfaticamente aquela atitude de humilhar-se. Mas Jesus respondeu a ele dizendo haver um significado mais profundo que o que parecia. Um dia Pedro entenderia que esse era um exemplo prático da humildade de Jesus.

13.8 — *Não tens parte comigo.* O ato de lavar era um símbolo de purificação espiritual (v. 10,11).

Se Pedro não participasse da purificação, ele não teria comunhão com Jesus (1 Jo 1.9).

13.9,10 — *Mas também as mãos e a cabeça.* Depois das palavras tão significativas de Jesus, Pedro não teve outra escolha a não ser aceitar. E, mais uma vez, ele extrapola, só que agora no sentido oposto.

A princípio, Pedro não quer ter os pés lavados pelo Senhor (v. 8); depois, ele quer ter não apenas os pés lavados, como todo o corpo. Então, Jesus lhe diz que não é preciso um banho; Jesus *não necessita de lavar senão os pés* para tirar a poeira da estrada.

Eis aqui um simbolismo. O cristão já foi *purificado*. Ele só precisa purificar-se dos seus pecados diários por meio da confissão (1 Jo 1.9). Sendo assim, o ato de Jesus de lavar os pés dos discípulos não é apenas um modelo de servidão, mas também o objetivo derradeiro do Seu serviço — perdoar pecados.

13.11 — *Nem todos estais limpos.* Essa é a segunda indicação de que havia um traidor entre os apóstolos (Jo 6.70). Porém, ao que parece, ninguém deu muita atenção a essas palavras.

13.12,13 — *Mestre e Senhor* eram títulos comuns dados aos rabis para honrá-los.

13.14-17 — *Vós deveis também lavar* (gr. *nipto*) *os pés uns aos outros.* Alguns dizem que o Senhor instituiu a ordenança de lavar os pés nesse episódio. Entretanto, lavar os pés não era uma ordenança judaica; Jesus só queria mostrar aos discípulos que aquela era uma atitude comum.

Jesus não disse que eles deveriam fazer o *que* Ele fez, mas *como* ou do mesmo modo que Ele fez. Eles não precisavam de uma ordenança, e sim de alguém que fizesse o que todos sabiam que precisava ser feito, embora ninguém o tivesse feito porque não estava disposto a servir, mas a ser servido.

Jesus não estava instituindo uma ordenança aqui, mas usando uma atitude prática para dar um *exemplo* de amor aos Seus discípulos (Jo 13.1). Cristo não estava sugerindo que um ritual de lavapés fosse estabelecido, mas que Seu exemplo de humildade em sacrificar-se e em perdoar fosse seguido. Aquele que praticar essas coisas será abençoado.

13.18 — Jesus citou Salmos 41.9 para explicar a atitude de Judas.

Levantou contra mim o seu calcanhar refere-se a um gesto de insulto ou de preparação para dar um chute. E, embora o pior ainda não tivesse acontecido, essa foi a atitude de Judas naquele momento. Ele estava comendo com os discípulos, mas já estava pronto para atacar.

13.19,20 — *O que eu enviar.* A traição de Judas não devia abater a fé dos discípulos (v. 19) ou impedi-los de servir (v. 20). Nem todos receberam Jesus, e nem todos o receberão (v. 16).

13.21 — *Turbou-se em espírito.* Prestes a ser abandonado, traído e morto (Jo 12.27), Jesus ficou angustiado (Jo 11.33).

13.22 — *Sem saberem de quem ele falava.* Os discípulos não tinham a menor ideia de que era Judas quem iria trair Jesus. Mateus e Marcos dizem que cada um deles começou a perguntar: *Porventura sou eu, Senhor?* (Mt 26.22; Mc 14.19).

13.23 — *Estava reclinado no seio de Jesus.* Naquela época, as pessoas não se sentavam em cadeiras junto à mesa para comer. Elas reclinavam seu corpo para o lado esquerdo, à beira de uma mesa baixa de madeira, próxima ao chão, apoiavam o ombro sobre ela e comiam com a mão direita, esticando seus pés para a extremidade oposta. Reclinando-se dessa maneira, a cabeça de alguém ficava próxima ao peito daquele à sua esquerda. O discípulo *a quem Jesus amava* jamais é revelado nas Escrituras, mas, segundo a tradição da Igreja primitiva, era João, o autor desse Evangelho.

13.24,25 — *Pedro fez sinal a este, para que perguntasse.* Evidentemente, Pedro não estava sentado ao lado de Jesus. Ele também não estava ao lado de João, e, por isso, pediu que João perguntasse a Jesus quem iria traí-lo.

13.26,27 — No início, Satanás manipulou o coração de Judas (v. 2), mas nesse ponto ele *entrou nele*. Veja que os atos de Judas foram o resultado dos desejos mais profundos do seu coração.

13.28,29 — Jesus já tinha falado com João sobre a questão do pão, e, por essa razão, ele foi o único que entendeu o que significava tudo aquilo.

13.30 — *E era já noite.* Judas não somente saiu para as trevas naturais da noite, como também entrou nas trevas espirituais, separando-se de Jesus, a luz do mundo (Jo 8.12; 9.5).

13.31,32 — *É glorificado o Filho do Homem.* Jesus se manifestaria como o Filho de Deus e o Salvador do mundo ao morrer, ressuscitar e enviar o Espírito Santo. Deus seria *glorificado nele* no amor, na verdade e na justiça que seria revelada no que Jesus iria fazer.

13.33 — Havia chegado a hora de Jesus anunciar Sua partida aos discípulos. *Filhinhos* é uma expressão de grande afeto usada somente nesse Evangelho. João não a esqueceu e usou-a várias vezes em 1 João.

13.34 — O mandamento de *amar* era algo novo porque Jesus estabeleceu uma nova condição para ele. Moisés disse: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Lv 13.34). Jesus disse que essa nova condição era amar *como eu vos amei a vós*. Jesus deu aos Seus discípulos o exemplo de amor que eles deveriam seguir (v. 1-17).

13.35 — *Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos.* Os ímpios reconheceriam os discípulos de Jesus não pela doutrina diferente, pelos milagres maravilhosos nem pelo amor aos perdidos; eles os reconheceriam pelos seus atos mútuos de amor (compare uma figura de linguagem correspondente ao significado literal desse princípio em João 15.8).

A Igreja primitiva tomou posse desse princípio maravilhoso do amor contagiante (At 4.32-37; 1 Ts 1.3). Francis Schaeffer chama isso de *marca do cristão*. E essa é a melhor maneira de defender a doutrina de Cristo.

13.36 — *Senhor, para onde vais?* Essa pergunta, já respondida por Jesus duas vezes, revela que Pedro não havia entendido nada do que Jesus dissera antes, nos versículos 34 e 35. O fato de, muitas vezes, não entendermos Seus planos é a razão que também nos leva a fazer sempre a mesma pergunta tola: “Por que, Senhor?”

13.37 — *Por ti darei a minha vida.* Pedro estava pronto para morrer por Jesus, mas ainda não estava pronto para viver para Ele. O apóstolo estava pronto para atacar um batalhão de soldados

somente com sua espada (Jo 18.10), mas não estava disposto a lavar os pés dos seus irmãos como Jesus fizera (Jo 13.4). Na verdade, Pedro ainda conservava muito do velho homem. Jesus daria Sua vida por Pedro, em vez de Pedro dar sua vida por Ele. Não obstante, Jesus não desistiu de Pedro (Jo 21.18,19).

A tradição da Igreja afirma que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, a seu pedido, pois achava-se indigno de ser crucificado como seu Senhor.

13.38 — *Enquanto me não tiveres negado três vezes.* Ao ouvir Jesus dizer isso, Pedro ficou chocado e não disse nada. Depois, Pedro só é citado novamente em João 18.10. Porém, Lucas nos leva a entender que Jesus o havia preparado para tal revelação estupefacente (Lc 22.31,32). Com toda certeza, Jesus era o mestre eterno, como Isaías (Is 42.3) e Mateus (Mt 12.20) profetizaram.

14.1 — Depois de anunciar a traição de Judas (Jo 13.21), Sua partida iminente (Jo 13.33) e a negação de Pedro (Jo 13.38), Jesus diz aos Seus discípulos para não ficarem *turbados*, mas para confiarem nele.

Crede em Deus, crede também em mim. A solução simples, porém profunda, para todos os problemas é simplesmente crer. Nós fazemos o que fazemos porque cremos no que cremos. Nossos atos não passam de um produto das nossas mais fortes convicções. No entanto, a questão principal aqui é no que cremos, qual o objeto da nossa fé.

Pensar da forma correta é a base de uma atitude correta, e nós começamos a pensar da forma correta quando pensamos em Deus. Assim, em todo o capítulo 14 do Evangelho de João vemos Jesus, o Mestre eterno, falando a nós acerca de Deus. E Ele não diz mais nada sobre a negação de Pedro. Ao contrário, Jesus revela ao discípulo uma verdade para que ele creia em Deus Pai (há 23 referências sobre isso no capítulo 14), Deus Filho e Deus Espírito Santo. Tudo isso faria com que Pedro continuasse confiando, até mesmo quando o diabo tentasse cirandá-lo como trigo (Lc 22.31,32).

14.2 — *Moradas*, na verdade, são mansões. Todos desejam ter um lugar tranquilo e seguro para morar. Mas um lugar assim já foi preparado para todos os filhos de Deus. Jesus já foi na frente para fazer isso. Pedro jamais deixou de pensar na sua morada pessoal, segura e eterna no céu (1 Pe 1.3,4). O Senhor estava dizendo aos Seus discípulos que, por mais que eles passassem por tribulações, teriam um lugar de paz e descanso no futuro.

14.3,4 — *Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo*. Pedro pode ter falhado com Jesus, mas Jesus não falhará com Pedro. Ele voltará para buscar Pedro e todos que creem nele (1 Ts 4.16,17). Essa, com toda certeza, é a essência do Seu amor incondicional. Ele nos ama como somos, mas ama-nos mais ainda para permitir que continuemos sendo o que somos. Eram essas as verdades que Jesus queria plantar definitivamente no coração dos 12. Elas fariam com que eles ficassem firmes (Fp 1.6).

14.5 — *Onde... como*. Jesus tinha acabado de dizer que ia para a morada do Pai, a fim de preparar-lhes um lugar (v. 2), e eles sabiam como chegar lá (v. 4). Mesmo assim, Tomé perguntou aonde Ele iria e queria conhecer o caminho (veja o comentário de 14.8).

14.6 — Jesus se tornou o *caminho* para o Pai por meio da Sua morte e ressurreição. Cristo também é a *verdade* e a *vida*. Por ser a verdade, Ele é a revelação de Deus. Por ser a vida, Ele é a ligação entre Deus e nós.

14.7,8 — *Também conheceríeis a meu Pai*. Jesus veio para revelar o Pai (Jo 1.18), e conhecer Jesus é o mesmo que conhecer o Pai (1 Jo 2.23).

Mostra-nos o Pai. Jesus tinha acabado de dizer que quem via a Ele via o Pai, mas, mesmo assim, Filipe pede para ver o Pai. Como Tomé, Filipe parecia ter dificuldade para apreender certas verdades (v. 5).

14.9 — O Senhor chamou a atenção de Filipe porque ele mesmo deveria saber a resposta para sua pergunta.

Quem me vê a mim vê o Pai. O Senhor explicou novamente, e com toda a paciência, que Ele estava revelando-lhes Deus (v. 7). Era impossível

não entender o que Jesus estava dizendo. Ele estava afirmando claramente ser Deus.

14.10,11 — *Crês... crede-me*. O Senhor fez um apelo para que eles cressem nele pelas Suas palavras (v. 10) e pelas Suas obras (v. 11). Suas palavras mostravam quem Ele era. Ele disse: *Eu sou a água da vida* (Jo 7.37), *o pão da vida* (Jo 6.48), *a luz do mundo* (Jo 8.12; 9.5) e *o bom Pastor que dá a sua vida pelas ovelhas* (Jo 10.11). Jesus declarou ser semelhante a Deus (Jo 7.28,29). Afirmou ser o *Eu sou* (Jo 8.24,28,58) e um com o Pai (Jo 10.30).

Além disso, Jesus disse que o Pai estava nele, e Ele no Pai (Jo 10.38). E Suas obras também revelam quem Ele é. Jesus transformou água em vinho (Jo 2.1-11), curou as pessoas (Jo 4.43-54; 5.1-9), multiplicou milagrosamente pães e peixes (Jo 6.1-12), acalmou o mar (Jo 6.15-21), ressuscitou mortos (Jo 11.38-44). Em todo o tempo, Jesus fez com que Seus discípulos soubessem de tudo isso e supriu a necessidade deles de conhecerem a verdade, a fim de crerem em Deus.

14.12 — Jesus realizou as maiores obras possíveis, inclusive ressuscitando mortos. Como Ele pôde dizer que os cristãos fariam *obras maiores*? A resposta se encontra em tudo que os apóstolos fizeram. As obras de Jesus na terra se limitaram à Palestina; os apóstolos pregaram em muitos outros lugares e viram a conversão de milhares de pessoas.

A pregação de Pedro no Pentecostes trouxe mais seguidores a Jesus do que Ele próprio conseguira em todo o Seu ministério terreno. Os discípulos fizeram tal obra porque Jesus foi para o Pai



VOGÊ SABIA?

O CONSOLADOR

Jesus chamou o Espírito Santo de *Consolador* (Jo 14.16,17). A palavra grega *parakletos* significa *alguém chamado para estar ao lado a fim de ajudar*. Ao nos dar o Espírito Santo, Jesus nos mostrou que liderança não é apenas ter habilidade para andar à frente de alguém, mas também para caminhar ao seu lado.

Aqueles que nos seguem precisam tanto de apoio como de direção, de uma mão que os ajude assim como de um dedo que aponte o caminho a seguir.

e enviou o Espírito Santo para conceder poder a todos eles.

14.13,14 — Veja a relação entre as obras e a oração (At 1.14; 2.42; 3.1; 4.31). A oração eficaz é feita em nome de Jesus. Essa é a oração que está de acordo com a vontade de Cristo. O resultado da oração é a glorificação do Pai, não a nossa própria glória.

14.15 — O amor não se resume apenas ao sentimentalismo, mas à obediência aos mandamentos de Deus.

14.16 — *Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.* Os três membros da Trindade são mencionados aqui. Jesus orou ao Pai para que enviasse o Espírito Santo.

14.16,17 — Os versículos 16 e 17 possuem três preposições que descrevem a relação entre o Espírito Santo e o cristão: o Espírito está *com* (gr. *meta*) os cristãos para ter comunhão com eles (v. 16); para permanecer junto a eles *para* (gr. *para*) defendê-los (v. 17); e estará neles [em eles] (gr. *en*) como uma fonte de poder (v. 17; At 2.1-4).

14.17 — O Espírito Santo é chamado de *o Espírito da verdade* (Jo 15.16; 16.13; 1 Jo 4.6) porque Ele é a verdade e guia-nos em toda a verdade (1 Co 2.13; 2 Pe 1.21).

A expressão *porque não o vê, nem o conhece* não significa que o mundo não pode identificar de modo visual o Espírito Santo, tendo-se em vista ser Ele espírito. O sentido aqui é outro: o Espírito de Deus está atuando neste mundo, mas o mundo não consegue ver o que Ele está fazendo (1 Co 2.14).

14.18 — *Órfãos.* Antes, Jesus havia chamado os discípulos de *filhinhos* (Jo 13.33). Aqui, Ele diz que não os deixaria órfãos, mas que voltaria para eles. Alguns propõem três interpretações para o tempo em que se cumpriria o que Jesus disse: (1) depois da ressurreição, (2) no Pentecostes, na pessoa do Espírito Santo, e (3) na Sua segunda vinda.

14.19 — *Vós me vereis.* Jesus voltaria para os discípulos, mas não da mesma maneira como eles o estavam vendo naquele momento. O mundo viu Jesus somente em carne, mas os discípulos o veriam no sentido espiritual.

14.20,21 — Esses dois versículos são a conclusão da resposta de Jesus à solicitação de Filipe: *Mostra-nos o Pai* (v. 8). Quando um cristão obedece aos mandamentos de Jesus com amor, ele tem uma experiência íntima com o Senhor e passa a conhecê-lo mais.

14.22 — Os discípulos esperavam que o Messias se revelasse publicamente e livrasse Israel de Roma e do sacerdócio corrupto que havia no templo. Jesus disse que os discípulos o veriam, mas o mundo não (v. 19). Judas, não o Iscariotes, perguntou como isso ia acontecer.

14.23 — *Se alguém me ama, guardará a minha palavra.* Ao responder à pergunta de Judas (v. 22), Jesus explica que se manifestaria aos discípulos em resposta ao seu amor e à sua obediência.

Faremos nele morada. Se um cristão ama e obedece ao Senhor, ele terá comunhão com Deus.

14.24 — *Quem não me ama não guarda as minhas palavras.* Se alguém não ama Cristo, não lhe obedece. A desobediência é algo muito sério, pois as palavras de Jesus são as palavras de Deus.

14.25,26 — *Tenho-vos dito isso, estando convosco.* Jesus disse *isso* aos discípulos enquanto estava com eles; quando o *Espírito Santo* viesse, Ele os faria *lembrar de tudo quanto* Jesus dissera, assim como lhes ensinaria *todas as coisas* (1 Co 2.13). Essa promessa se cumpriu primeiro na vida dos apóstolos, como é descrito no Novo Testamento. Mateus e João escreveram as palavras de Jesus. Pedro escreveu sobre o evangelho em suas duas epístolas e provavelmente contou a Marcos algumas de suas memórias sobre Jesus.

14.27 — *Paz.* Os judeus costumavam despedir-se dizendo *shalom*, que significa *paz*. O Senhor logo iria partir, então adicionou algo mais a esse adeus: *a minha paz*. O pronome possessivo *minha* é enfático. Esse não é um cumprimento comum; é a forma especial de Jesus nos conceder Sua paz. A paz que Jesus dá tira todo medo e toda aflição do coração, pois Ele está no controle de tudo.

14.28 — *O Pai é maior do que eu.* Não significa que Jesus é menor do que Deus. O adjetivo *maior* indica uma posição diferente. Já que o Filho é humilde e submisso, submeteu-se à autoridade do Pai (1 Co 11.3; 15.28).

14.29-31 — *Nada tem em mim* alude à ausência de pecado em Jesus. E o que Jesus disse que iria acontecer-lhe não significa que Satanás tinha poder sobre Ele. Jesus logo se entregaria voluntariamente para morrer na cruz por amor e obediência ao Pai (v. 31).

15.1 — *Videira*. Essa nomenclatura pode significar uma simples videira ou a vinha toda. Seja como for, a imagem aqui dá uma ideia de total dependência. Israel era a videira plantada por Deus, mas não conseguiu dar bons frutos (Is 5.1-7; Jr 2.19-21).

Jesus, com Seus “ramos”, todos os que creem nele, “enxertados” nele, é a *videira verdadeira*. Assim como todo o povo de Israel descende dos seus patriarcas, a nova geração do povo de Deus é apresentada aqui como descendência de Cristo, organicamente ligada a Ele, como ramos que nascem da videira. Esse é o cumprimento do Salmo 80, em que *o filho do homem* (Sl 80.17) é a videira plantada por Deus.

15.2,3 — *Toda vara* está ligada a Cristo. Paulo usa as palavras *em Cristo* para falar do direito legal dos cristãos e da sua posição na família de Deus, algo que lhes é dado pela graça. A ênfase de *em mim* nesse texto, contudo, está na comunhão profunda e permanente. O propósito de Jesus era fazer com que Seus discípulos passassem de Seus servos para amigos (v. 13-15). Mas isso envolvia um processo de disciplina relacionado aos Seus mandamentos.

Não dá fruto. Nenhuma árvore dá fruto de uma hora para outra; o fruto é resultado de um processo. O mesmo acontece com os cristãos. Aqueles que não dão frutos o lavrador os *tira* (gr. *airo*), o que tem o mesmo significado de *ser levantado*.

Quando termina o inverno e chega o tempo de plantar, o lavrador percorre a vinha levantando os ramos do solo, onde eles ficaram no inverno, e prendendo-os em estacas, para que eles sejam aquecidos pelo sol. O calor faz com que os ramos brotem.

Além disso, ao tirar os ramos do solo, o lavrador evita que eles criem raízes na superfície, onde não há umidade suficiente para produzir nada além de uvas duras e azedas.

Quando o ramo é levantado da terra suja, entretanto, ele é obrigado a procurar umidade nas raízes mais profundas da videira, produzindo assim frutos deliciosos.

Tira (gr. *kathairo*) significa *limpa*. Quando há fruto na videira, o lavrador a deixa limpa de pragas e doenças. A purificação de toda colheita espiritual é feita pela Palavra (v. 3).

O que Jesus diz aqui são as mesmas palavras ditas aos Seus discípulos no cenáculo para confortá-los (cap. 14). São palavras que fariam com que eles não fossem mais discípulos medíocres e covardes e se tornassem poderosos soldados de Cristo. Mas esse é um processo que se daria com o passar do tempo. O verbo usado nesse versículo também significa *limpar*. Portanto, o lavrador levanta os ramos sem fruto e limpa aqueles que dão frutos, para que frutifiquem ainda mais. A questão principal aqui não é a união, mas a comunhão que produz frutos.

15.4 — Para que o ramo dê mais frutos, ele tem de *estar* na videira, ou seja, ficar, fazer parte, permanecer, criar raízes. E a maneira como permanecemos em Cristo é obedecendo (Jo 15.10; 1 Jo 3.24). O cristão que obedece à Palavra de Deus com amor dá muitos frutos.

15.5 — *Nada podereis fazer*. Sem Jesus, o cristão não consegue fazer nada que tenha valor espiritual e que permaneça.

15.6 — *Se alguém não estiver em mim* [em Cristo], sofrerá diversas consequências: (1) será *lançado fora*, o que significa perda de comunhão; (2) *secará*, o que significa perda de vitalidade; (3) será *lançado no fogo*, o que significa perda da recompensa. O *fogo* aqui tem um sentido figurado e simboliza a ardente prova (1 Pe 1.7; 4.12) ou o juízo do tribunal de Cristo (1 Co 3.11-15). Não permanecer em Cristo traz consequências espirituais desastrosas. *E os colhem*: veja a mudança de *ele* (o Pai, que é o lavrador, v. 2) para *vós* (o cristão que está ou não em Cristo, v. 4) e depois para *eles* (os ímpios que buscam sinais em sua vida, Jo 13.35).

15.7 — *Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós*. Permanecer em Cristo traz seis resultados: resposta à oração (v. 7); frutos

(v. 8); cumprimento de propósito, portanto o Pai é glorificado (v. 8); amor (v. 9,10); plenitude de alegria (v. 11); evangelismo eficaz (Jo 13.35; 15.8). Permanecer em Cristo significa ter comunhão pessoal com Ele. Permanecer na Sua Palavra envolve obediência. Conhecer o Salvador gera em nós fé, que nos leva a uma atitude óbvia: obedecer-lhe por amor. Veja o que o apóstolo Paulo diz sobre esse processo (Fp 3.10).

15.8 — *Nisto é glorificado meu Pai.* Veja que semelhança interessante há entre esse versículo e o de João 13.35. O amor descrito em João 13.35 é representado como *fruto* aqui. O texto fica completo ao mostrar como é estratégico os discípulos amarem-se uns aos outros, pois esse é o método de evangelismo de Cristo para alcançar os perdidos. *Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se transforma em assim sereis meus discípulos.* Onde há bons frutos, há também sementes que se espalharão.

15.9 — *Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós.* O amor de Deus Pai por Deus Filho é a medida do amor do Filho pelos cristãos.

15.10 — *Permanecerei no meu amor.* Jesus ama os cristãos incondicionalmente (v. 9). E enquanto eles obedecerem a Sua Palavra e permanecerem no Seu amor, conhecerão e receberão o amor de Jesus cada vez mais (Ef 3.14-19).

15.11 — *E a vossa alegria seja completa* é uma frase muito comum nos escritos de João (Jo 3.29; 16.24; 17.13; 1 Jo 1.4; 2 Jo 12). Ela descreve o que o cristão experimenta com o amor de Jesus: a alegria completa.

15.12 — *Que vos ameis uns aos outros.* Para permanecer em Cristo, o cristão tem de obedecer (v. 10). Para obedecer, ele tem de amar os outros (Jo 13.34,35).

15.13 — *Dar alguém a sua vida.* Precipitadamente e confiando apenas no seu eu, Pedro se ofereceu para entregar sua vida por Jesus. Mas, na verdade, ele não estava pronto para morrer por Cristo; ele não estava pronto nem para viver para Ele (Jo 18.17,18, 25-27). O maior exemplo

do amor é a humildade de Jesus ao se sacrificar por nós (Jo 13.15).

15.14 — *Se fizerdes o que eu vos mando.* Jesus é o nosso modelo de amor (v. 13). E a comunhão com Ele é a razão para amar como Ele ama. Se os cristãos obedecerem ao mandamento de Jesus de amar, eles terão comunhão e amizade com Ele. Veja que amizade, ao contrário de filiação, não é um dom dado de uma vez por todas, mas algo que cresce conforme há obediência ao mandamento de Jesus para amar.

15.15 — *Já vos não chamareis servos.* Até aqui, Jesus tinha chamado Seus discípulos de servos (Jo 12.26; 13.13-16). Um servo recebe ordens para fazer as coisas e vê o que seu mestre faz, mesmo que não saiba o sentido ou propósito daquilo. Os amigos sabem o que acontece na vida dos outros amigos porque cultivam forte comunhão e conhecem uns aos outros.

15.16 — *Eu vos escolhi a vós.* Foi Jesus que começou um relacionamento com Seus discípulos (1 Jo 4.10). Isso se iniciou com a seleção, depois passou para a servidão, e então chegou à amizade.

Para que vades e deis fruto. Após escolher Seus discípulos, Jesus os comissionou para que dessem frutos, e que tais frutos permanecessem por meio da oração.

15.17 — *Que vos ameis uns aos outros.* Jesus volta a falar do amor. Amar uns aos outros é uma ordenança, não uma opção.

15.18-21 — *O mundo [...] me aborreceu a mim.* Enquanto Jesus dizia essas palavras, os fariseus estavam planejando matá-lo (Jo 11.45-57). Já que o mundo odiava Jesus, não era surpresa alguma que odiasse os seguidores dele também.

15.22-25 — *Não teriam pecado [...] não têm desculpa.* O fato de o mundo odiar Jesus era um pecado contra Deus, pois foi Jesus quem revelou o Pai ao mundo.

Também a meu Pai. Já que Jesus e o Pai são um, quem odiava Jesus odiava o Pai. O testemunho das palavras de Jesus (v. 22) e Suas obras (v. 24)

Já que o mundo
 odiava Jesus,
 não era surpresa
 alguma que odiasse
 os seguidores
 dele também.

tornaram aqueles que o rejeitaram culpados pelo seu *pecado*. No versículo 25, Jesus cita o Salmo 69.4 para mostrar como rejeitar o amor e a bondade dele torna-se algo maligno e irracional.

15.26,27 — Essa foi a terceira vez, durante as últimas horas de Jesus com Seus discípulos, que Ele falou do envio do Espírito Santo (Jo 14.16, 26). *Consolador* também pode ser traduzido por *advogado* ou *conselheiro*. O Pai e o Filho estavam envolvidos na vinda do *Espírito*. Tanto o Espírito como os discípulos capacitados por Ele testificariam de Jesus.

Testificará de mim. E vós também testificareis. Quando os discípulos pregassem, o Espírito Santo convenceria o coração dos ímpios acerca de Jesus. Isso, por sua vez, faria com que os discípulos testificassem ainda mais dele.

16.1 — *Para que vos não escandalizeis.* A rejeição do mundo edificaria, e não enfraqueceria, a fé dos discípulos. Ambas as predições do versículo 2 foram cumpridas na vida dos apóstolos.

16.2 — *Expulsar-vos-ão das sinagogas [...]* qualquer que vos matar. A perseguição que os discípulos sofreriam envolveria expulsão e até mesmo execução. A expulsão traria consequências econômicas e religiosas, pois a maior parte da vida do judeu girava em torno da sinagoga. *Um serviço a Deus* expressa a ideia de oferecer sacrifício. Os assassinos de cristãos iriam pensar que estariam oferecendo um sacrifício a Deus.

16.3 — *Não conheceram* (gr. *ginosko*) *ao Pai nem a mim.* A questão principal aqui é que os perseguidores não conheceram Cristo ou o Pai (1 Co 2.8).

16.4 — *Desde o princípio.* Jesus havia preparado os discípulos para compreender a verdade (Pv 22.6). Em Sua sabedoria, o Senhor jamais nos deu algo além do que pudéssemos entender. O processo de aprendizagem é tão importante quanto a própria aprendizagem.

16.5 — *Nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?* Pedro havia feito essa pergunta antes (Jo 13.36) e Tomé também a fizera indiretamente (Jo 14.5). Mas as coisas agora eram um pouco diferentes. Os discípulos aprenderam sobre a negação, o sofrimento e a morte. Seguir Jesus envolve as mais sérias consequências.

16.6 — *Vosso coração se encheu de tristeza* (gr. *lupe*). A perspectiva da separação e do sofrimento anulou todos os pensamentos de consolação e força dos discípulos.

16.7 — Os discípulos devem ter pensado: Já que vamos ficar sozinhos, como isso pode ser para o nosso bem? Em outras palavras: “Os romanos nos odeiam porque nos veem como perturbadores da paz. Os líderes judeus nos odeiam porque nos veem como blasfemos. Somente tu nos amas, mas estás nos deixando”.

Jesus então explicou os benefícios de Sua partida. Quando Ele partisse, os cristãos teriam (1) a provisão do Espírito Santo (v. 7-15); (2) o poder da verdadeira alegria (v. 16-24); (3) a possibilidade de ter o pleno conhecimento (v. 25-28); (4) o privilégio de ter a paz do Senhor (v. 29-33).

Enviar-vos-lo-ei. Jesus explicou que o Espírito Santo convenceria o mundo (v. 7-11) e ensinaria a verdade aos apóstolos (v. 12-15).

Não virá a vós. O Espírito Santo não seria dado ao mundo, mas aos cristãos. A vinda do Espírito Santo seria melhor para os cristãos do que a própria presença física de Jesus, já que Ele habitaria em todos eles.

16.8 — O termo *convencerá* significa *persuadir* e também *reprovar*. O Espírito Santo ensinaria a verdade de Cristo sem medo de contradições. Ele convenceria os ímpios por intermédio dos cristãos, que dariam testemunho de Jesus (Jo 15.26,27). Os cristãos são os embaixadores de Deus. E o conteúdo do Seu testemunho, que é confirmado pelo Espírito Santo, inclui a verdade sobre o *pecado*, a *justiça* e o *juízo*.

16.9 — *Do pecado.* Veja que a palavra *pecado* está no singular, a pecaminosidade. O foco do nosso testemunho está no fato de Cristo ter pago um alto preço por todo *pecado*. Aceitar Jesus é a única opção para ser liberto da escravidão.

16.10 — *Da justiça.* Depois que Cristo partisse, o Espírito Santo convenceria o mundo sobre a natureza da justiça e a necessidade de recebê-la. A obra de Jesus na cruz foi totalmente justa. Isso é demonstrado pelo Pai quando Ele esvaziava o sepulcro onde o corpo do Filho fora colocado,

revelando que ficou satisfeito com o pagamento justo de Cristo e o aceitando a junto a si novamente.

16.11 — *Do juízo*. Satanás, o dominador deste mundo, reina no coração daqueles que não foram regenerados e cega seu entendimento (1 Co 2.6-8). Satanás foi julgado na cruz, e o Espírito Santo convencerá as pessoas do juízo vindouro. Satanás já foi julgado, assim como serão todos que ficarem do seu lado. Não há como ser neutro: ou somos filhos de Deus, ou do diabo.

16.12 — O pronome *vós* aqui diz respeito aos apóstolos. O que o Senhor diz a respeito do ministério do Espírito Santo nos versículos 12 a 15 a princípio se aplica primeiro aos apóstolos.

O ministério do Espírito Santo na vida deles: (1) os guiaria em toda a verdade (v. 3); (2) lhes mostraria o futuro (v. 13); (3) os ajudaria a glorificar a Cristo (v. 14,15).

As palavras de Jesus foram cumpridas na pregação e nos escritos dos apóstolos. E o Espírito Santo os guiou revelando-lhes não somente a verdade contida na vida e morte de Jesus, como também o futuro glorioso de todos os cristãos. Os apóstolos, por sua vez, escreveram o Novo Testamento, que glorifica — ou seja, revela — Jesus Cristo.

A palavra *suportar* significa *carregar um fardo* e é usada depois para descrever Cristo carregando a cruz (Jo 19.17). Em outras palavras, havia verdades que eles não podiam entender (v. 13) ou

ainda não estavam prontos para lidar com elas, até que o Espírito Santo veio no Pentecostes.

16.13 — *Espírito da verdade*. Esse termo significa que o Espírito Santo é a fonte da verdade (Jo 14.17; 15.26).

Ele vos guiará. O Espírito Santo não imporá a verdade aos discípulos nem os obrigaria a crer nela; Ele os levaria à verdade, e tudo que eles tinham a fazer era segui-la.

Toda a verdade se refere à verdade necessária para se tornar um cristão maduro e totalmente capacitado (2 Tm 3.16,17).

O que há de vir inclui as verdades sobre a Igreja (Ef 3.1-7) e os eventos futuros.

16.14 — A conjunção *porque* indica que a última parte do versículo explica a expressão *me glorificará*. O Espírito Santo glorifica a Cristo revelando-o ou tornando-o conhecido. A obra do Espírito Santo é apresentar ao mundo Jesus Cristo, a imagem do Deus invisível. Jesus tem de estar no centro de tudo; essa é a vontade do Pai e do Espírito. Os apóstolos receberam a verdade do Espírito Santo, a verdade sobre as coisas que viriam, a verdade sobre Cristo. Então, guiados por Ele, os doze escreveram essas verdades em documentos conhecidos hoje como o Novo Testamento (Jo 14.25,26; 1 Co 2.13).

16.15 — Dizer que o Espírito Santo receberá tudo que pertence a Jesus (v. 14) não significa que tudo ficará concentrado em Jesus e no Espírito, e que o Pai ficará de fora. Não há divisão na



VOCE SABIA?

TEMER A DEUS

Outra tradução para a palavra *tristeza* (Jo 16.21) é *dor*. Havia poucos recursos para aliviar as dores de parto de uma mulher no primeiro século. E, já que os partos aconteciam em casa, todos os apóstolos certamente já tinham ouvido os gritos de dor de uma mulher dando à luz.

Nos tempos bíblicos, dar à luz era quase sempre um risco tanto para a criança como para a mãe. Muitas mulheres pagãs pediam ajuda aos seus deuses e faziam encantos para proteger a elas e ao bebê durante a gravidez e o parto.

Então, usando uma metáfora muito realista, Jesus compara a *tristeza* que Seus seguidores sentiriam com as dores de parto de uma mulher. Ele estava dizendo que a dor não poderia ser evitada, mas deu a eles uma esperança: prometeu que eles o veriam novamente e a alegria que experimentaríamos seria tão grande como a de uma mulher que finalmente consegue dar à luz ao seu filho em segurança.

divindade. O que pertence ao Pai também pertence ao Filho (Jo 17.10). E o que o Filho possui, o Espírito Santo declarará (1 Co 2.13). Entretanto, todo o foco deve estar em Cristo, pois Ele é a *imagem do Deus invisível* (Cl 1.15). Seus passos são os únicos que devemos seguir, pois Ele é o único que “vimos”.

16.16 — *Um pouco, e não me vereis.* O verbo *ver* tem sido interpretado de duas maneiras aqui: (1) os discípulos veriam Jesus literalmente depois da ressurreição; (2) eles o veriam espiritualmente depois da ascensão por meio das obras do Espírito Santo. No entanto, o versículo 22 parece apoiar a ideia de que Jesus seria visto literalmente depois da ressurreição.

16.17 — *Alguns... disseram.* Os discípulos ficaram confusos com a suposta contradição entre ver ou não ver. O que Jesus disse os confundiu porque Ele iria partir. Eles esperavam que o Messias fosse reinar e governar, e não morrer e partir (Lc 19.11; At 1.6).

16.18 — *Um pouco?* A grande dúvida que havia na mente dos discípulos tinha a ver com o fator tempo. Eles simplesmente não entenderam os intervalos que marcariam a separação entre eles e Jesus.

16.19-21 — *Vós chorastes e vos lamentareis.* Quando Jesus morreu, os discípulos demonstraram abertamente a imensa tristeza que sentiram. O mundo se alegraria pensando ter se livrado de Jesus, mas a tristeza dos discípulos se converteria em alegria.

Esse não seria apenas um simples evento em que a alegria viria depois da tristeza, mas um em que a tristeza se converteria em alegria. A tristeza sofreria uma transformação. A morte de Jesus seria primeiro motivo de tristeza e depois de alegria. Ele usou o exemplo de uma mulher grávida para explicar o que estava dizendo (v. 20). *A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, mas essa tristeza se transforma em alegria com o nascimento do bebê.*

16.22 — *Outra vez vos verei* se refere às aparições de Jesus após a ressurreição.

E a vossa alegria, ninguém vo-la tirará. A tristeza dos discípulos acabaria e a alegria deles permaneceria. A morte e ressurreição de Jesus traria a

alegria do perdão de pecados (1 Pe 1.8) que o mundo não poderia tirar.

16.23 — *Naquele dia,* ou seja, depois da ressurreição e ascensão.

Nada me perguntareis. Ao que parece, Jesus disse que eles não lhe perguntariam mais nada porque Ele não estaria mais fisicamente com eles depois da ascensão. Certamente, os discípulos fariam suas perguntas a Jesus por meio do Espírito Santo.

16.24 — *Em meu nome.* Depois da ascensão, os discípulos orariam como representantes de Jesus e as orações deles seriam respondidas *para que sua alegria se cumprisse.*

16.25 — Um exemplo de figura de linguagem é a ilustração da videira registrada em João 15.1-8, que representa a obra do Pai ao produzir o fruto do amor nos cristãos. Uma figura de linguagem pode tornar-se mais real e didática do que um exemplo comum.

16.26,27 — *Pedireis em meu nome* significa pelo poder de Jesus.

E não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai. Como Jesus nos deu o perdão de pecados por meio de Sua morte e agora intercede à destra do Pai por todos os remidos (Hb 7.25), nós temos acesso direto a Deus. Não precisamos mais que um sacerdote interceda por nós, pois Jesus é o nosso Sumo Sacerdote junto ao Pai.

A conjunção *pois* indica que o versículo 27 está explicando o versículo anterior. Após a partida de Jesus, os discípulos poderiam orar diretamente a Deus Pai, pois Ele os amava por eles terem crido no Seu Filho Jesus e o amado.

16.28 — *Sai do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai.* Esse versículo é um resumo da visita que o Filho de Deus fez a este mundo. Nele está sua missão, nascimento, paixão e ascensão.

16.29,30 — *Cremos.* Jesus discerniu o pensamento dos discípulos (v. 19) e respondeu às suas perguntas. Como a mulher samaritana, eles também viram que Jesus sabia todas as coisas (Jo 4.39). Para os discípulos, o conhecimento sobrenatural de Jesus era prova da Sua missão divina.

16.31 — *Credes, agora?* Nós prosseguimos em nossa vida cristã do mesmo modo como a iniciamos: crendo em Jesus. Quanto mais aprendemos de Jesus, mais cremos nele. Quanto mais confiamos em Jesus, mais recebemos dele. E, quanto mais recebemos, mais podemos realizar para a glória dele.

16.32 — *Sereis dispersos.* Os discípulos abandonariam Jesus. Entretanto, mesmo sabendo disso, Ele os amou, dando uma amostra maravilhosa do Seu amor incondicional.

16.33 — *Aflições* significa literalmente *pressões*, e figurativamente *tribulações* ou *sofrimentos*.

Tende bom ânimo, ou seja, *tenham confiança e sejam corajosos*. Quando colocamos nossa confiança em Deus, Ele nos dá a paz em meio às aflições.

Leia Filipenses 1.27-30 e veja a explicação de Paulo sobre o princípio da alegria em meio ao sofrimento.

17.1,2 — *É chegada a hora.* Ao longo de todo o Evangelho de João, Jesus se refere à cruz como sendo Sua *hora* (Jo 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 13.1). A hora da Sua morte havia chegado.

Glorifica a teu Filho. Jesus estava pedindo ao Pai que Sua missão se fizesse conhecida ao mundo por meio da cruz. Foram dois os motivos que o levaram a fazer esse pedido: (1) *Para que também o teu Filho te glorifique a ti.* Na cruz, Jesus revelaria o Pai ao mundo, ou seja, o amor e a justiça dele; (2) para que por meio da morte do Filho na cruz, Deus concedesse o perdão de pecados e a *vida eterna* a todos que cressem.

17.3 — *Que conheçam a ti.* A vida eterna está em conhecermos cada vez mais o *único Deus verdadeiro*, e não os falsos deuses.

17.4,5 — *Eu glorifiquei-te.* Jesus tornou o Pai conhecido de todos ao completar a obra que Ele lhe tinha dado.

Glorifica-me tu, ó Pai. Jesus pediu ao Pai que lhe desse novamente a glória que Ele tinha no céu antes de deixá-lo (Fp 2.6). Essa é outra prova da divindade e da pré-existência de Cristo (Jo 1.1-14).

17.6-8 — *Manifestei o teu nome aos homens*, ou seja, aos apóstolos, àqueles que Jesus preparou para serem colunas da Igreja que teria início no

Pentecostes. Jesus orou por aqueles que Ele deixaria na terra para cumprir Sua missão.

17.9,10 — A expressão *não rogo pelo mundo* revela que Jesus estava orando apenas pelos cristãos daquela época e do futuro (Jo 17.20; Lc 23.34).

Por aqueles que me deste. O apóstolo Paulo demonstra ter a mesma prioridade (Cl 1.4,9). Muitos cristãos oram para que os perdidos aceitem a Jesus, mas depois os relegam apenas a um caderno de oração. O momento em que Jesus e os discípulos começavam a orar mais intensamente é o mesmo em que temos a tendência de parar.

17.11 — Esse versículo revela a preocupação que Jesus teve com Seus discípulos antes de partir. Ele iria para o Pai, mas eles não poderiam ir. Jesus então pede ao Pai que *guarde* os discípulos em nome do Pai. Pede que os guardasse a fim de que permanecessem fiéis à revelação de Deus dada por Ele próprio [Jesus] enquanto esteve com eles. Os discípulos teriam um novo relacionamento com o Pai e o Filho no futuro, por conta do ministério do Espírito Santo.

17.12 — *Nenhum deles se perdeu.* Jesus protegeu os discípulos durante Seu ministério terreno (Jo 18.9). Judas, *o filho da perdição*, é citado à parte dos apóstolos. Ele nunca fez parte do grupo dado a Cristo (Jo 18.8,9). Ele nunca realmente se tornou um daqueles que creram (Jo 6.64-71), e muito menos um daqueles que foram purificados (Jo 13.11).

17.13 — *Digo isto no mundo.* Jesus orou em voz alta (v. 1) para que Suas palavras confortassem os apóstolos quando eles se lembrassem que Ele os havia entregado aos cuidados do Pai.

17.14,15 — *Não são do mundo.* Sem sombra de dúvidas, esse é o maior desafio de todo cristão ao travar suas batalhas espirituais. O Senhor não quer nos *tirar do mundo* (v. 15), tampouco nos quer fazendo parte *do mundo* (v. 16). Nós fomos enviados *ao mundo* (v. 18), mas não fazemos parte dele. No entanto, a tendência é perdermos para um dos extremos: ou fazemos parte do mundo e nos envolvemos com ele, a ponto de não haver diferença nenhuma entre nossa vida cristã e o sistema mundano, ou nos isolamos do mundo

para que nossa vida de retidão não seja afetada por ele. Contudo, tanto o envolvimento com o sistema mundano como o isolamento dele foge ao padrão que Cristo determinou para nós. Jesus disse: *Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos* (Rm 12.1,2; Fp 2.14-16).

Não peço que os tires do mundo. Embora caiba ao Pai a tarefa de tirar (gr. *airo*) os ramos do solo (Jo 15.2), Cristo não quer que eles sejam tirados (gr. *epairo*) do mundo. O verbo *tirar* nesse versículo é o mesmo registrado em João 15.2, e não significa *retirar* ou *cortar*.

Do mal. A designação mal aqui pode ser genérica (o mal) ou masculina (o maligno, ou seja, Satanás).

17.16-18 — O termo *santifica-os* significa *separa-os*. Nós podemos compreender essa declaração de duas formas: (1) separar para a santidade ou (2) separar para a obra. De acordo com a primeira definição, Jesus estava orando não apenas para que os discípulos fossem guardados do mal, mas para que eles também se santificassem mais. Contudo, no versículo 18, a santificação parece se referir à missão dos discípulos, indicando que o termo *santifica-os* também pode significar que Jesus estava separando Seus discípulos para isso mesmo. *A tua palavra é a verdade* é uma declaração poderosa da certeza que Jesus tinha da veracidade das Escrituras. A opinião das pessoas pode variar e suas atitudes podem ser nitidamente dúbias, mas a Palavra de Deus é sempre verdadeira.

17.19 — *Me santifico a mim mesmo.* Jesus não se referia a um processo de santificação. Ele se referia ao Seu autossacrifício e ao Seu total comprometimento com a missão que o Pai lhe designara. Esse é o exemplo que deveria fazer com que Seus seguidores se entregassem da mesma maneira.

17.20 — *Por aqueles que [...] não de crer.* Jesus orou não apenas por aqueles que o Pai lhe tinha dado (v. 9), mas por todos os futuros cristãos — pela unidade (v. 20-23) e glória futura deles (v. 24-26). Se você é um cristão, essa oração é por você também.

17.21 — *Para que todos sejam um.* O verbo *ser* no presente do indicativo mostra que Jesus orou pela unidade que haveria por meio da santificação

dos cristãos. E era exatamente isso que Jesus estava dizendo em João 13.34,35: Seus servos tinham que amar uns aos outros para que o mundo visse como o amor de Deus é verdadeiro. A relação de amor entre os cristãos é o maior testemunho de Jesus Cristo.

17.22 — *A glória.* A revelação de Jesus Cristo por meio dos discípulos é o caminho para a unidade. Essa unidade começa com a fé e o entendimento correto de Jesus e de Deus Pai, ou seja, da Sua doutrina. Não obstante, a fé correta tem de dar frutos — uma vida que expressa o amor de Deus e gera unidade entre todos os cristãos.

17.23 — *Eu neles, e tu em mim.* O Pai e o Filho existindo como um só, e o Filho existindo do mesmo modo na Igreja, também é um meio de se chegar à unidade, a maior expressão do amor de Deus (Jo 3.35; Rm 8.17).

17.24 — *Eles estejam comigo* é uma oração para que os cristãos sejam glorificados no futuro.

Para que vejam a minha glória. Os apóstolos viram a glória de Jesus em Suas palavras e em Suas obras (v. 22). Jesus orou para que todos os cristãos vissem Sua glória, manifestada na plena revelação da Sua divindade.

17.25,26 — Jesus concluiu Sua oração resumindo vários temas importantes: (1) conhecer o Deus *justo* (santo); (2) Sua origem divina; (3) a revelação do *nome* do Pai; (4) a unidade do amor mútuo entre o *Pai*, o *Filho* e os cristãos.

18.1,2 — O *ribeiro de Cedrom* era um pequeno córrego entre Jerusalém e o monte das Oliveiras.

18.3 — *Um destacamento* (NVI) era uma companhia com cerca de 600 soldados, um terço de uma legião romana. No entanto, às vezes essa palavra era usada para um terço de uma companhia, ou seja, 200 homens. Esses soldados deviam fazer parte da experiente tropa romana estabelecida na Fortaleza Antônia, próxima ao templo. Os *oficiais* que vieram com o destacamento eram membros da guarda do templo que atuava sob o comando do conselho judaico, o Sinédrio.

18.4,5 — *Sabendo, pois, Jesus todas as coisas.* Jesus sabia que ia ser preso, então podia ter escapado, mas não o fez. Ele se submeteu voluntariamente à missão que Deus lhe havia designado.



COMPARE

Os JULGAMENTOS DE JESUS

Diante das autoridades religiosas judaicas

A primeira audiência perante Anás (Jo 18.12-24)

Embora os romanos tivessem deposto Anás, aos olhos dos judeus ele continuava atuando como sumo sacerdote, pois essa função era vitalícia. Anás interrogou Jesus, mas ele exigiu uma audiência legal.

A audiência perante Caifás (Mt 26.57-67; Mc 14.53-65)

Caifás era o sumo sacerdote instituído por Roma. Duas falsas testemunhas depuseram contra Jesus e Caifás lhe perguntou se Ele era o Messias. Jesus respondeu que sim e Caifás concluiu que Ele era culpado por blasfêmia.

O julgamento diante do Sinédrio (Mt 27.1,2; Mc 15.1; Lc 22.66-71)

O conselho dos líderes religiosos judaicos confirmou o veredicto de Caifás. Nesse julgamento, Jesus reconheceu que era o Filho de Deus e declarou que se sentaria à destra de Deus Pai.

Diante das autoridades romanas

A primeira audiência perante Pilatos (Jo 18.28-37; Mt 27.11-14; Mc 15.2-5; Lc 22.66-71)

Os líderes religiosos judeus levaram Jesus a Pilatos para obter sua permissão para executá-lo. Eles o acusaram de traição. E embora Pilatos tenha visto que Jesus era inocente, ele ainda o interrogou brevemente. Nessa audiência, Jesus revelou a Pilatos que Seu Reino não era dessa terra.

A audiência perante Herodes (Lc 23.6-12)

Pilatos enviou Jesus para Herodes porque ele era da Galiléia, uma região governada por Herodes. Mas Jesus permaneceu em silêncio perante ele.

A última audiência perante Pilatos (Jo 18.38—19.56; Mt 27.15-26; Mc 15.6-15; Lc 23.13-25)

Pilatos não queria condenar um homem inocente, mas temia que os judeus se rebelassem novamente. Então, ele finalmente cedeu aos gritos da multidão: *Crucifica-o.*

18.6 — *Caíram por terra.* Por um momento, Jesus manifestou Seu poder. Ao declarar Sua divindade, *Sou eu*, tamanha foi a manifestação da Sua glória que os soldados literalmente *caíram por terra.*

18.7-9 — Pela terceira vez nesta passagem, Jesus diz *sou eu* (v. 5,6), fazendo ecoar a declaração do próprio Deus em Êxodo 3.14.

Deixai ir estes. Mesmo sendo preso, Jesus demonstrou Seu amor pelos apóstolos.

18.10,11 — Veja a diferença entre Pedro e Jesus. Ao atacar o guarda, *Simão Pedro* colocou impetuosamente em prática sua própria vontade; Jesus, ao contrário, submeteu-se voluntariamente à vontade de Deus. Um desembainhou a espada da sua própria vontade, o outro bebeu o cálice da vontade de Deus. Veja em Mateus 16.22,23 outra tentativa de Pedro de “mudar” os planos de Deus na vida de Jesus.

Cortando-lhe a orelha direita. Jesus, usando de misericórdia, restaurou a orelha (Lc 22.51) do *servo do sumo sacerdote* que Pedro havia cortado. Frequentemente Jesus faz o mesmo em nossa vida quando agimos precipitadamente. Ele cumpre Seus propósitos a despeito de nós.

18.12 — *O tribuno* era o oficial-chefe de uma corte romana (v. 3).

18.13 — *Anás* foi sumo sacerdote do ano 7 ao 14 d.C. Ele foi destituído pelos romanos. Então, Caifás, genro de Anás, foi indicado para a posição e serviu durante os anos 18 ao 37 d.C. Todavia, segundo a Lei judaica, a função de sumo sacerdote era vitalícia, e por isso os judeus ainda consideravam Anás sumo sacerdote. Foi por isso que eles levaram Jesus para Anás primeiro. Logo, Caifás se envolveria no caso, uma vez ser ele a autoridade para cumprir o que ele próprio planejava (v. 14).

18.14 — João aproveita para lembrar ao leitor uma predição feita por Caifás anteriormente (Jo 11.50-52): Jesus deveria morrer por toda a nação.

18.15 — *Outro discípulo*. Embora esse outro discípulo nunca seja identificado, o consenso geral é que ele era João, o autor desse Evangelho.

18.16-18 — *Não sou*. Essa foi a primeira negação de Pedro profetizada por Jesus (Jo 13.38). Há uma suposta contradição entre Mateus, Lucas e João (ao registrarem que *o galo cantou*) e Marcos (que diz *antes que o galo cante duas vezes* — Mc 14.72). Johnston M. Cheney e Stanley Ellisen nos dão uma possível solução para essa questão na obra *A maior de todas as histórias*.

18.19 — *O sumo sacerdote* aqui é Anás (compare com Jo 18.13). Esse não foi um julgamento verdadeiro, já que o Sinédrio não havia sido convocado. O objetivo desse interrogatório deve ter sido reunir provas. Anás estava interessado nos *discípulos* de Jesus e Sua *doutrina*. Ele queria saber quantos seguidores Jesus tinha.

18.20 — *Eu falei abertamente [...] e nada disso em oculto*. Jesus ensinava em lugares públicos e nunca escondeu o Seu propósito. Ele não queria fundar uma sociedade secreta.

18.21 — *Pergunta aos que ouviram*. Segundo a Lei, a testemunha de defesa devia ser chamada primeiro. Jesus não podia ser interrogado antes de as testemunhas serem ouvidas.

18.22 — *Um dos criados [...] deu uma bofetada em Jesus*. Segundo a Lei judaica, isso também era algo ilegal. Ninguém podia ser punido antes de ser condenado.

18.23,24 — *Dá testemunho*. Jesus pediu que Seus acusadores apresentassem alguma prova de que Ele havia feito algo errado.

18.25 — *Não sou*. Essa foi a segunda das três negações de Pedro profetizadas por Jesus (Jo 13.38).

18.26,27 — *E Pedro negou outra vez*. Pedro negou o Senhor pela terceira vez, como Jesus havia dito (Jo 13.38). No cenáculo, Pedro disse que seria fiel ao Senhor até o fim (Jo 13.37; Mt 26.33,35). No Getsêmani, ele cedeu à fraqueza física e dormiu quando Jesus pediu aos discípulos que permanecessem acordados para orar com Ele

(Mc 14.32-42). Aqui, ele cede à pressão do mundo, e nega o Senhor pela terceira vez.

18.28 — *O pretório* (NVI) era a residência oficial do governador romano, provavelmente a Fortaleza Antônia, próxima ao templo.

Pela manhã cedo se refere à quarta vigília da noite, entre três e seis da manhã. A corte romana deve ter se reunido logo após o nascer do sol, e essa cena deve ter acontecido por volta das seis da manhã.

Se contaminarem. Durante a Páscoa, se um judeu entrasse em uma casa onde houvesse fermento, ele ficaria ritualmente impuro e não poderia celebrar a festa. Por isso, nenhum judeu entrava na casa de um gentio para não se contaminar.

Páscoa. A principal refeição da Páscoa tinha acabado de ser celebrada. Os Evangelhos Sinóticos dizem que Jesus celebrou essa refeição uma noite antes (Mt 26.17-19; Mc 14.12-25; Lc 22.7-22). Mas havia outras refeições cerimoniais durante a Páscoa, que duravam a semana toda.

18.29,30 — *Que acusação trazeis?* Na verdade, Pilatos sabia qual era a acusação. Ele somente exigiu que ela fosse feita de modo formal.

Se este não fosse malfeitor. Os acusadores de Jesus não tinham de que acusá-lo na corte romana. Foi por isso que, em outras palavras, eles simplesmente responderam: *Se ele não fosse um criminoso, não o teríamos trazido a você, Pilatos*.

18.31 — *Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei*. Não cabia a Pilatos julgar Jesus por aquelas acusações.

A nós não nos é lícito. Os romanos proibiram os judeus de aplicar a pena capital. Esses líderes judeus não estavam interessados em um julgamento justo; eles simplesmente queriam a permissão de Roma para executar Jesus.

18.32 — *Significando de que morte havia de morrer*, Jesus disse: *E eu, quando for levantado da terra* (Jo 12.32,33), indicando o método que seria usado para matá-lo, a crucificação. O método de execução judeu era o apedrejamento. Contudo, Jesus já tinha dito que seria crucificado. João está destacando aqui que os líderes judeus não tinham permissão para aplicar a pena capital, cumprindo assim a profecia de Jesus sobre Sua morte.

18.33 — *Tu és o rei dos judeus?* Os judeus acusaram Jesus de ter dito ser o rei deles. Por esse ângulo, a acusação se tornou mais séria, pois isso era considerado traição pelos romanos, um crime punido com a morte. No texto grego, o pronome pessoal *tu* é bem enfático, indicando talvez que Pilatos não via em Jesus um rebelde que reivindicava o trono de Israel aos quais ele costumava combater.

18.34 — *Tu dizes isso de ti mesmo?* Ao responder a Pilatos, Jesus não protestou com violência alegando inocência nem se mostrou autoritário diante dele. Ele foi gentil, porém direto, e perguntou a Pilatos se ele estava dizendo aquilo de si mesmo ou por conta de algo que ele ouvira. Se a pergunta de Pilatos fosse fruto de iniciativa própria, ele estaria usando o termo *rei* no sentido romano, de um governante político.

Caso contrário, o termo *rei* estaria sendo usado no sentido judaico, de Rei messiânico.

18.35 — *Porventura, sou eu judeu?* Em outras palavras o que Pilatos estava perguntando era: *Por que eu, um governador romano, estaria interessado em um assunto dos judeus?*

18.36 — *O meu Reino não é deste mundo.* Jesus deixou bem claro que, embora fosse Rei, Ele não representava ameaça a Roma porque Seu Reino não era deste mundo.

18.37 — *A fim de dar testemunho da verdade.* A verdade era o selo de Deus.

Ouve a minha voz. Se Pilatos quisesse mesmo conhecer a verdade, ele teria entendido o que Jesus estava dizendo.

18.38 — *Que é a verdade?* Essa pergunta pode ser interpretada como (1) uma negação debochada da possibilidade de se conhecer a verdade; (2) uma brincadeira desdenhosa em relação à impraticabilidade de um algo tão abstrato como a verdade; (3) um desejo de conhecer algo que ninguém o fizera saber ainda.

Crime algum é um termo legal, jurídico, que significa que não havia base alguma para uma acusação criminal. Ensinar a verdade não era

contra a Lei. Pilatos pronunciou que Jesus era inocente.

18.39 — *Tendes por costume.* Parece que alguém em meio à multidão lembrou que fazia parte da tradição soltar um prisioneiro durante a Páscoa (Mc 15.8,5). Pilatos ficou exultante com essa possibilidade. Ao libertar Jesus, seguindo o costume da Páscoa, em vez de declará-lo inocente, Pilatos evitaria insultar os líderes judeus, que já o consideravam culpado.

18.40 — A multidão exigiu que Pilatos libertasse *Barrabás*, que era não apenas um *salteador* como também um rebelde (Mc 15.7) e assassino (Lc 23.19).

19.1 — *Pilatos mandou açoitar Jesus* (NVI) na esperança de que os judeus aceitassem o castigo no lugar da crucificação. O chicote era feito de tiras de couro na quais eram atados vários pedaços de ossos e metais. Os prisioneiros recebiam as chibatadas nas costas e as pontas do chicote pegavam por toda a volta do corpo, dilacerando a carne e, muitas vezes, atingindo seus órgãos internos. Muitos prisioneiros morriam ao receber esse castigo tão cruel.

19.2 — *A coroa de espinhos* era uma imitação de uma coroa real para escarnecer de Jesus. E a *veste de púrpura* fez dele uma figura grotesca de um grande conquistador.

19.3 — *Salve, rei dos judeus!* Os soldados provavelmente estavam imitando o que ouviram durante a entrada triunfal de Jesus ou no Seu julgamento.

19.4 — *Eis aqui vo-lo trago fora.* Pilatos talvez estivesse apelando para a compaixão do povo a fim de que pudesse soltar Jesus.

19.5,6 — *Crucifica-o!* Os líderes judeus não deram tempo para que houvesse compaixão e começaram a exigir a morte de Jesus.

Tomai-o vós e crucificai-o. Pilatos estava furioso.

Eu nenhum crime acho nele. Essa foi a terceira vez que Pilatos declarou que não havia base legal alguma para aplicar a pena capital (Jo 18.38; 19.4).

*Jesus deixou bem
claro que embora
fosse Rei, Ele não
representava ameaça
a Roma porque
Seu Reino não era
deste mundo.*

19.7 — *Nós temos uma lei.* Era isto que os líderes judeus estavam dizendo a Pilatos: *Segundo a nossa lei, ele tem que morrer, e é isso que faremos se você deixar por nossa conta.* Como governador, Pilatos era obrigado pelo governo romano a respeitar a Lei judaica. Ele *se fez Filho de Deus.* Os líderes judeus acusaram Jesus de violar a Lei por blasfêmia (Lv 24.16).

19.8 — *Mais atemorizado ficou.* Por mais que isso não tenha sido dito antes, Pilatos com certeza estava apavorado. E quando Jesus declarou Sua deidade mais tarde, aumentou ainda mais o medo de Pilatos.

19.9 — *Jesus não lhe deu resposta.* Por três vezes Pilatos declarou publicamente que Jesus era inocente (Jo 18.38; 19.4-6). Se ele quisesse mesmo conhecer a verdade, ele creeria no que Jesus já lhe tinha dito (Jo 18.37).

19.10 — *Tenho poder.* Pilatos se irritou por Jesus ter se recusado a responder.

19.11 — *Se de cima não te fosse dado.* Jesus reconheceu que Pilatos não tinha poder para tirar Sua vida, só porque Deus lhe tinha dado autoridade como governante.

Aquele que me entregou a ti se refere a Caifás (Jo 18.24,28), que *maior pecado tem* porque, como líder religioso, ele tinha muito mais responsabilidade de reconhecer o Messias.

19.12 — *Não és amigo de César!* Os judeus mudaram sua estratégia: deixaram de lado a acusação religiosa e partiram para uma acusação política (Jo 18.33), na qual apelavam para os interesses políticos de César. Essa nova abordagem levou Pilatos a ter de escolher entre agir segundo um profundo senso de justiça ou se livrar do perigo de uma acusação em Roma.

19.13 — *Litóstrotos.* Recinto conhecido como Pavimento de Pedra (NVI), um grande pavilhão na Fortaleza Antônioa.

19.14 — *Era a preparação da Páscoa,* ou seja, a sexta-feira de Páscoa (v. 31), a preparação para o Sábado de Páscoa. Alguns supõem que esse dia poderia ser a quinta-feira antes da Páscoa, na mesma época em que o cordeiro pascal era oferecido em sacrifício. No entanto, segundo os Evangelhos Sinóticos, Jesus teria sido crucificado na

sexta-feira (Mt 27.62). *A hora sexta* era seis horas da manhã, segundo o sistema romano de contagem do tempo.

19.15,16 — Os líderes judeus preferiam proclamar um imperador pagão como seu rei a reconhecer Jesus como seu Messias. Acuado pelo seu próprio medo, Pilatos entregou Jesus para ser punido por algo de que não era merecedor, pois era inocente.

19.17 — *Gólgota* ou *lugar chamado Caveira* (NVI) provavelmente recebeu esse nome por causa do seu formato.

19.18 — *Onde o crucificaram.* De todos os apóstolos, João foi o único que acompanhou a crucificação. No entanto, ele poupa seus leitores dos detalhes mais chocantes. Os *outros dois* eram salteadores (Mt 27.38; Mc 15.27).

19.19 — *Escreveu também um título.* Era um costume romano escrever o nome do condenado e o crime que cometera em uma placa para ser posta sobre a cabeça dele durante a execução.

19.20 — *Escrito em hebraico, grego e latim.* Essas inscrições nas três línguas eram muito comuns. As acusações costumavam ser escritas na língua local, na língua oficial e na mais usual da época. Desse modo, todos poderiam ler a mensagem na sua própria língua.

19.21 — A adição das palavras *dos judeus* ao termo *principais sacerdotes* (talvez uma referência a Caifás e Anás) não aparece em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. Essa adição provavelmente corresponde ao título dado a Jesus. Os principais sacerdotes dos judeus protestaram por Jesus ter sido chamado *Reis dos judeus*. Eles não queriam que um título messiânico estivesse ligado a Jesus.

19.22 — Pilatos se recusou a mudar o título. Como Caifás, Pilatos foi usado para declarar algo que jamais imaginara declarar: que Jesus de fato era o Messias prometido.

19.23 — *Os soldados.* Segundo as leis romanas, as *vestes* de um condenado à morte pertenciam aos seus algozes. Jesus usava duas peças de roupa. O manto era longo e vistoso. A *túnica* era uma vestimenta fina que ia do pescoço ao calcanhar.



APROFUNDE-SE

AS MULHERES NA VIDA DE JESUS

Jesus caminhou para a morte acompanhado por mulheres fiéis que permaneceram ao Seu lado durante todo o Seu ministério. As mulheres desempenharam papel vital na vida e obra de Jesus. Foi uma mulher ou algumas mulheres que:

- alimentaram-no enquanto Ele crescia (Lc 2.51);
- viajaram com Ele e deram apoio financeiro ao Seu ministério (Lc 8.1-3);
- ouviram-no ensinar (Lc 10.39);
- foram personagens de Suas parábolas (Mt 13.33; 24.41);
- anunciaram as boas-novas de que Ele era o Messias (Jo 4.28-30);
- ofereceram hospitalidade a Ele e aos Seus discípulos (Mc 1.29-31);
- foram tratadas por Ele com respeito e compaixão (Jo 4.5-27; 11.32,33);
- foram curadas por Ele (Mt 9.20-22; Lc 13.10-17);
- foram enaltecidas por Ele pela sua fé (Mc 7.24-30);
- foram elogiadas por Ele pela generosidade (Mc 12.41-44);
- adoraram-no e prepararam o corpo dele para o sepultamento antes da crucificação (Mt 26.6-13);
- permaneceram junto a Ele no momento da crucificação (Mt 27.55; Jo 19.25);
- assistiram ao sepultamento dele (Mc 16.1; Lc 23.55 — 24.1);
- viram-no primeiro depois de ressuscitado (Jo 20.16);
- correram para dizer aos outros discípulos que Ele tinha ressuscitado dos mortos (Jo 20.18).

19.24 — As vestes que Jesus usava podiam ser facilmente rasgadas, mas não a túnica. Foi por isso que os soldados dividiram as vestes e *lançaram sortes* sobre a túnica. Sem saber, os soldados cumpriram a profecia de Davi registrada em Salmos 22.18. Essa passagem é considerada uma profecia messiânica.

19.25,26 — *O discípulo a quem ele amava* era João, o autor deste Evangelho.

19.27 — *Eis aí tua mãe*. Jesus deixou Maria aos cuidados de João.

19.28 — *Para que a Escritura se cumprisse*. Tudo que havia sido dito sobre a vida terrena de Jesus foi cumprido.

19.29 — *Vinagre* aqui não é a mesma bebida oferecida a Jesus antes (*vinho com mirra*; Mc 15.23). Jesus não tomou o vinagre porque queria morrer plenamente consciente. Ele não tomou uma gota sequer desse vinagre; uma das aflições da crucificação era uma sede indescritível, aliada a uma dor terrível.

19.30 — *Está consumado* [...] *entregou o espírito*. Tendo cumprido toda a vontade do Pai e toda profecia das Escrituras, Jesus morreu voluntariamente. Esse Seu brado não foi de exaustão,

mas de missão cumprida. Jesus fez o que tinha de fazer.

19.31-33 — A *preparação* acontecia na sexta-feira, um dia antes do Sábado (v. 14).

Não ficassem os corpos na cruz. É irônico ver como os judeus, mesmo depois de terem armado uma trama para assassinar Jesus, ainda estavam preocupados em guardar a Lei cerimonial.

Segundo a Lei judaica (Dt 21.23), era necessário remover os corpos dos criminosos executados antes do pôr-do-sol. Então, para que a Lei não fosse quebrada, os judeus pediam que as pernas dos condenados fossem quebradas para que eles pudessem morrer mais rápido e ser tirados da cruz. Quebrar as pernas nem sempre fazia parte da crucificação. Entretanto, com as pernas quebradas, a vítima não conseguia mais erguer o corpo para tomar fôlego e logo morria sufocada.

Grande o dia literalmente o grande dia. Aquele Sábado era muito importante porque era o Sábado de Páscoa.

19.34 — Para se certificar de que Jesus estava morto, *um dos soldados lhe furou o lado com uma lança*. E, depois que ele fez isso, *logo saiu sangue e*

água, mostrando que Jesus já estava morto. Se Ele estivesse vivo, sairia somente sangue.

19.35 — *Aquele que o viu.* As palavras de João são totalmente confiáveis porque ele está relatando algo de que fora testemunha ocular, a fim de que seus leitores cressem que Jesus é o Salvador.

19.36,37 — Temos que crer em Jesus não somente porque João nos dá um relato apurado da Sua morte (v. 35), mas também porque Ele cumpriu a Escritura (v. 37), provando ser o Messias. O fato de Suas pernas não terem sido quebradas e de Ele ter sido furado do lado foi o cumprimento de profecias do Antigo Testamento (Êx 12.46; Zc 12.10).

19.38 — *José de Arimatéia*, um membro muito rico do Concílio judaico (Mt 27.57; Mc 15.43), que não havia concordado com a decisão (Lc 23.50).

19.39 — *Nicodemos*, assim como José de Arimatéia (v. 38), era membro do Sinédrio (Jo 3.1). Finalmente Nicodemos revelou crer naquele que viera do alto (Jo 12.42).

Quase cem libras era uma quantia enorme. Nicodemos queria cobrir todo o corpo de Jesus com especiarias — um costume comum para o sepultamento.

19.40 — *Como os judeus costumavam fazer*, ao contrário dos egípcios, que tiravam os órgãos

internos e conservavam o corpo com produtos específicos para isso.

19.41,42 — *Um sepulcro novo.* Mateus diz que o sepulcro pertencia a José de Arimatéia (Mt 27.60). Isso também foi o cumprimento de uma profecia: o Messias seria sepultado no túmulo de um homem rico (Is 53.9).

20.1 — *Sendo ainda escuro.* Ao que parece, *Maria Madalena* chegou antes das outras mulheres (Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 24.10). Ela, de quem Jesus havia expulsado sete demônios, foi a última a chegar à cruz e a primeira a chegar ao sepulcro.

20.2 — *O outro discípulo a quem Jesus amava* era João, o autor desse Evangelho.

Levaram o Senhor. Maria Madalena tirou uma conclusão errada. *E não sabemos.* Havia outras mulheres com ela (Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 24.10).

20.3,4 — João provavelmente *correu mais apressadamente* do que Pedro porque era mais jovem do que ele.

20.5 — *Os lençóis.* Ninguém iria roubar o corpo e deixar os lençóis enrolados e separados à parte.

20.6 — *Viu.* Esse verbo no grego descreve um olhar fixo, diferente do olhar comum descrito no versículo 5. Pedro *entrou no sepulcro* para dar uma boa olhada. Ele examinou meticulosamente o lugar onde o corpo de Jesus havia sido colocado.



COMPARE

ENTENDENDO A MORTE DE JESUS

Os judeus viam a morte de Jesus como um escândalo, mas a Igreja vê a morte dele como um cumprimento profético do Antigo Testamento.

Aspectos da morte de Jesus	Referência no Antigo Testamento
Em obediência ao Pai (Jo 18.11)	Salmos 40.8
Anunciada por Ele mesmo (Jo 18.32, veja 3.14)	Números 21.8,9
Em lugar do Seu povo (Jo 18.14)	Isaías 53.4-6
Com os malfetores (Jo 19.18)	Isaías 53.12
Sendo inocente (Jo 19.16)	Isaías 53.9
Crucificado (Jo 19.18)	Isaías 22.16
Sepultado no túmulo de um homem rico (Jo 19.38-40)	Isaías 53.9

20.7 — *Enrolado*. O lenço que estava na cabeça de Jesus estava à parte, como se um ladrão tivesse feito isso. O lenço foi enrolado e deixado à parte. A explicação para tal detalhe talvez seja o fato de Jesus não estar com pressa alguma para deixar o sepulcro, tendo tempo de deixar Suas roupas bem dobradas.

20.8 — *O outro discípulo*, que todos creem ser o apóstolo João, viu o sepulcro vazio e as roupas e creu que Jesus havia ressuscitado dos mortos.

20.9,10 — *Porque ainda não sabiam a Escritura*. Os discípulos creram por causa do que viram no sepulcro (v. 8), não porque conheciam os textos bíblicos do Antigo Testamento que falavam da ressurreição do Salvador (Lc 24.25-27). Jesus havia profetizado Sua morte e ressurreição na presença dos discípulos, mas eles não entenderam o que Ele estava dizendo. Mais tarde, Jesus os ensinou como Sua vida e Sua morte cumpriam as Escrituras (Lc 24.13-27, 44-47).

20.11-13 — *Maria* deve ter voltado com Pedro e João (v. 3,4), mas ficou *chorando fora, junto ao sepulcro*, depois que eles foram embora.

Anjos (v. 12) são, a princípio, mensageiros de Deus. A mensagem que eles transmitiram a Maria e aos outros se encontra na íntegra em Lucas 24.4-7.

20.14-16 — *Mas não sabia*. Vencida pela tristeza e cheia de lágrimas nos olhos, *Maria* não

reconheceu Jesus a princípio. Mas quando Ele disse o nome dela, *Maria* reconheceu a voz. Ela então o chama de *Raboni*, um termo em aramaico que João traduz para seus leitores gregos. *Raboni* em aramaico significa *meu senhor*, embora fosse comumente traduzido por *mestre*, devido a seu equivalente no hebraico *rabi*.

20.17,18 — *Detenhas* significa *agarrar* ou *segurar*. Maria queria abraçar Jesus e segurá-lo para jamais perdê-lo novamente. Mas Ele explicou a ela que não podia ficar porque tinha de ir para o Pai.

Meus irmãos diz respeito aos discípulos (v. 18). Jesus a enviou a eles para dar o primeiro testemunho depois da ressurreição. Embora Maria fosse uma mulher, isso não impediu Jesus de encarrégá-la para levar as boas-novas aos apóstolos (Mc 16.11).

Meu pai e vosso Pai. Deus é o Pai de Jesus e dos cristãos (1.14,18; 3.16,18).

20.19,20 — *Chegou Jesus, e pôs-se no meio*. A aparição de Cristo foi milagrosa, pois as portas estavam *cerradas*. Jesus, por ser Deus, podia realizar muitos milagres sem ter de mudar como homem. O corpo de Jesus aqui era um corpo físico, o mesmo corpo que experimentara a cruz e o sepulcro. O diferencial, agora, é que o corpo de Jesus assumiu a imortalidade e a incorruptibilidade (1 Co 15.53).



APLICAÇÃO

SENHOR ACIMA DE QUALQUER DÚVIDA

Você já teve dúvidas em algumas questões difíceis sobre Jesus, a fé cristã ou a Igreja? Você já percebeu que as questões mais complicadas não são bem vistas ou aceitas pelos cristãos?

Tomé (Jo 20.24) era um exemplo clássico de alguém cético. Embora tivesse andado com Jesus e aprendido com Seus ensinamentos por pelo menos três anos, ele precisou de tempo, de uma prova e de convencer-se a si mesmo antes de aceitar a ressurreição (Jo 20.25,26). Mas Jesus tirou a dúvida de Tomé convidando-o a tirar a prova. Ele se colocou diante de Tomé para que ele pudesse analisá-lo (Jo 15.26,27) e não o repreendeu por ele querer ter certeza.

Jesus procura honrar o coração e os pensamentos de todo aquele que o busca e tem dúvidas. Ele sabe como é difícil conquistar a confiança, e como é fácil perdê-la. No entanto, há muitas pessoas perseverantes que procuram entender seus medos e suas dúvidas e acabam encontrando a verdade — e a fé, na verdade, é o que Jesus mais deseja. Ele até prometeu que o Espírito guiará aqueles que buscassem a verdade (Jo 16.12-16).

O encontro de Tomé com Jesus nos mostra que todo cético pode levar suas dúvidas a Deus. Ele tem prazer em ouvir nossas perguntas e argumentos.

20.21 — *Assim como o pai me enviou* indica que os discípulos foram comissionados para continuar a obra de Cristo, não para começar uma nova.

20.22 — *Recebei o Espírito Santo*. O ministério para o qual Jesus chamou os discípulos (v. 21; veja também Mateus 28.16-20 e Lucas 24.47-49) requeria poder espiritual. Essa frase se refere a uma preparação especial dos apóstolos que se tornariam o fundamento da Igreja no Pentecostes. Jesus sopra o Espírito Santo em Seus discípulos.

No Pentecostes, o Espírito Santo uniu os cristãos em um só corpo espiritual e deu-lhes poder para dar testemunho de Jesus (1 Co 12.13). A maneira com o Espírito Santo foi recebido nos traz à memória o sopro de Deus que deu vida a Adão, segundo Gênesis 2.7. No entanto, o dom aqui não é um espírito humano, mas o Espírito do Deus vivo.

20.23 — *A quem perdoardes*. Os discípulos sabiam que as palavras de Jesus não lhes davam poder para perdoar pecados (At 8.22). Eles estavam cientes de que somente Deus podia fazer isso (Mc 2.7). Nem os apóstolos ou a Igreja tem poder de perdoar qualquer pecado que seja ou negar perdão a qualquer indivíduo. O que Jesus estava falando, na verdade, era da responsabilidade da Igreja de anunciar o evangelho em todo o mundo, a fim de que todo aquele que crer em Jesus possa encontrar o precioso dom do perdão (Mt 16.19).

20.24,25 — *Tomé* não estava presente quando Jesus apareceu aos discípulos estando eles escondidos (v. 19-23).

Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos. Quando Jesus apareceu aos outros discípulos, Ele mostrou a eles Suas mãos e Seu lado (v. 20). E eles com certeza contaram isso a Tomé; daí a razão da exigência.

20.26,27 — Apesar da desconfiança, Tomé estava *com eles*. Ele não deixou o grupo nem foi excluído dele (Rm 14.1).

20.28 — *Senhor meu, e Deus meu!* Profundamente maravilhado, Tomé não somente acreditou que Jesus havia ressuscitado dos mortos, como também constatou que a ressurreição provava Sua divindade.

20.29 — *Os que não viram e creram* são todos os que creem em Jesus desde que Ele ascendeu ao Pai (1 Pe 1.8,9).

20.30,31 — João aqui explica o objetivo do seu livro. Seu objetivo era convencer seus leitores de que Jesus é o Cristo, o Messias que cumpriu as promessas de Deus feitas a Israel. Jesus é o Filho de Deus, o Deus em carne. É crendo nisso que recebemos a vida eterna (Jo 1.12).

21.1 — *Mar de Tiberíades*. Os romanos deram ao mar da Galiléia o nome do imperador Tibério César.

21.2 — João, o autor desse Evangelho, era um dos *filhos de Zebedeu*. Seu nome não aparece aqui porque ele mantém sua discrição ao falar de tudo referente a ele mesmo em seu livro.

21.3 — *Disse-lhes Simão Pedro: vou pescar*. Pedro tem sido muito criticado por ter voltado para a ocupação que tinha antes, mas não há nada no texto que indique erro nessa atitude. O Senhor não o repreendeu por isso.

21.4 — *Os discípulos não reconheceram que era Jesus*. Os apóstolos provavelmente não reconheceram Jesus porque estavam preocupados com o trabalho, assim como Maria mergulhada em tristeza (Jo 20.14). Além disso, não havia muita luz àquela hora do dia. *E, sendo já manhã* se refere ao nascer do sol.

21.5 — *Tendes alguma coisa de comer?* Como eles estavam à beira do lago, Jesus talvez estivesse perguntando se havia peixe para comprar. Mas os discípulos disseram que não tinham nada para vender.

21.6 — *Lançai a rede à direita do barco*. Eles devem ter achado que aquele estranho tinha visto algum peixe. Os peixes às vezes eram vistos em cardumes no lago.

21.7 — *Aquele discípulo a quem Jesus amava* é comumente considerado João, o autor desse Evangelho.

Pedro [...] lançou-se ao mar. João foi o primeiro a reconhecer Jesus; Pedro foi o primeiro a agir. Embora Pedro tenha tomado decisões erradas, seu entusiasmo acabou levando-o a fazer coisas boas (At 2.14-41).



APROFUNDE-SE

PEDRO É PERDOADO

João é o único que nos conta em seu Evangelho que Jesus restaurou o ministério de Pedro depois que este o negou três vezes (Jo 18.17, 25-27; 21.15-19). Pouco tempo antes desse encontro dramático com o Senhor ressuscitado, Pedro disse com toda ousadia que, se preciso fosse, daria sua vida por Jesus. Mas Jesus disse a Pedro que este, na verdade, iria negá-lo três vezes naquela mesma noite (Jo 13.37,38).

Mais tarde, naquela noite, Jesus foi preso. E enquanto Ele era interrogado pelo sumo sacerdote, Pedro se escondeu no pátio. Por três vezes Pedro foi reconhecido como um dos seguidores de Jesus; e por três vezes ele negou que o conhecia, cumprindo assim as palavras de Jesus.

Lucas relata que, quando percebeu o que tinha feito, Pedro *chorou amargamente* (Lc 22.62). Imagine, então, como estavam as emoções de Pedro nesse encontro com o Senhor ressuscitado no mar de Tiberíades. Por um lado, Pedro estava profundamente feliz por ver o Senhor ressuscitado. Por outro lado, o discípulo ainda devia estar constrangido e envergonhado por ter abandonado Jesus na hora em que Ele mais precisava.

Por três vezes o Senhor perguntou a Pedro se este o amava. Nas duas primeiras vezes, Jesus usou o verbo *agapao*, que significa um amor divino, que se revela por um amor profundo, abnegado e comprometido com a vontade de Deus (ver 1 Co 13). Pedro, entretanto, respondeu usando o verbo *phileo*, que indica o sentimento forte de amizade que ele nutria pelo Senhor. No entanto, quando reconheceu que amava o Senhor, Pedro recebeu a tarefa de alimentar Seus cordeiros e apascentar Suas ovelhas.

Expressar amor a Jesus significa aceitar a tarefa de fazer a obra de Deus e ser fiel a Ele. Pedro teve dificuldades durante o ministério terreno de Jesus. Como estava prestes a partir, Jesus queria ter certeza do comprometimento de Pedro.

Na terceira vez que perguntou a Pedro se este o amava, Jesus usou o verbo *phileo*, que indica uma forte amizade. Jesus ensinou que aquele que realmente ama seu amigo entrega a vida por ele. Pedro, ao contrário, havia negado Jesus três vezes. Não obstante, com Sua última resposta, *Tu sabes que eu te amo* (Jo 21.17), Jesus viu o comprometimento de Pedro e assegurou os outros discípulos de que ainda havia união entre eles dois. Assim, Jesus mostrou que havia perdoado Pedro totalmente. Nesse diálogo, o Senhor deu Pedro a uma posição de liderança, a fim de que este exercesse seu futuro ministério de anunciar o evangelho.

21.8-10 — *Duzentos côvados* são cerca de 90 metros.

21.11-14 — A informação *a terceira vez* diz respeito a situações em que os discípulos encontravam-se reunidos. O próprio João citou duas aparições antes dessa, a primeira à Maria Madalena (Jo 20.19-23, 26-29).

21.15 — *Mais do que estes* quer dizer mais do que os outros discípulos (Mt 26.22). Em duas ocasiões diferentes, Pedro havia declarado seu grande amor por Jesus, mesmo comparando-se com outra pessoa (Jo 13.37; Mt 26.33).

21.16 — *Apascentar* significa *pastorear*. Os cordeiros precisavam ser alimentados (v. 5); as ovelhas precisavam ser guiadas. Pedro teria de cuidar de diferentes pessoas, assim como Jesus havia feito com os discípulos.

21.17 — Pedro negou o Senhor pelo menos três vezes. Aqui, ele declara seu amor por Ele três vezes.

21.18,19 — As palavras de Jesus devem ter deixado Pedro confuso. Jesus havia acabado de falar do seu futuro ministério, mas então falou da Sua morte. Quando jovem, Pedro andava *por onde queria* e fazia o que bem entendesse. Mas, quando ficasse mais velho, ele estenderia as mãos para ser guiado pelos outros e precisaria de ajuda.

Outro te cingirá quer dizer que Pedro seria preso como um criminoso condenado. Haveria um dia em que ele estaria totalmente à mercê de seus algozes romanos, que o levariam para onde ele não queria ir, para a morte (v. 19). Em 2 Pedro 1.13 temos um indício da morte de Pedro. As palavras de Jesus aqui confirmam a tradição da

Igreja primitiva de que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo.

21.20,21 — *Aquele discípulo a quem Jesus amava* é comumente tido como João, o autor desse Evangelho.

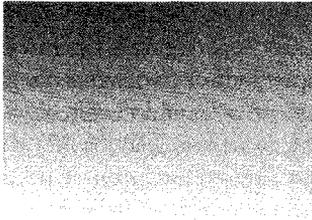
E deste que será? Pedro queria saber se João teria uma morte violenta.

21.22,23 — *Segue-me tu*. O Senhor disse a Pedro que ele deveria se concentrar na vontade de Deus sobre a Sua própria vida, e não na vontade de Deus sobre a vida das outras pessoas.

Aquele discípulo não havia de morrer. Eles pensaram que Jesus viria antes de João morrer.

21.24 — *Este é o discípulo*. O discípulo a quem Jesus amava (v. 20). Essa é praticamente a assinatura de João selando o seu Evangelho.

21.25 — *Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez*. O Evangelho de João é um relato verídico (v. 24), mas não exaustivo, no sentido de esgotar todos os atos e feitos realizados por Jesus durante Seu ministério terreno.



O livro de

Atos dos Apóstolos

INTRODUÇÃO

A contagiante notícia apareceu primeiro em Jerusalém e depois se propagou rapidamente de pessoa a pessoa, de cidade em cidade. Enfrentou oposição em todos os lugares por onde passou. Dominou um mundo que estava bem preparado para combatê-la. Fortalecidos pelo Espírito Santo, os seguidores de Jesus anunciaram as boas-novas acerca dele em todos os lugares. Em menos de 35 anos, o evangelho alcançou cidades de Jerusalém a Roma.

Lucas escreveu o livro de Atos para mostrar o cumprimento das palavras de Jesus, *eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt 16.18).

Antes de ascender aos céus, Jesus ordenou que Seus seguidores fizessem discípulos de todas as nações (Mt 24.46-49). Lucas iniciou o livro de

Atos reiterando essa comissão e descrevendo como tal ordem poderia ser realizada (At 1.8).

O *ide* de Jesus não apenas une o livro de Atos ao Evangelho de Lucas, mas também fornece as bases que conduzirão o livro: o testemunho em Jerusalém e em toda a Judéia (At 1.1—6.7); o testemunho na Judéia e em Samaria (At 6.8—9.31); o testemunho até nos confins da terra (At 9.32—28.31).

O livro de Atos tem início em Jerusalém, com os discípulos reunidos em um recinto no Dia de Pentecostes. Então, o Espírito Santo veio sobre eles, autorizando-os a serem Suas testemunhas. O restante do livro descreve as consequências desse grande evento.

Os seguidores de Jesus primeiro testemunharam aos judeus na cidade

de Jerusalém, tendo Pedro no centro do movimento. A perseguição logo teve início (At 7.60), dispersando os cristãos em direção a Samaria e ao restante do mundo conhecido. Saulo de Tarso, líder da perseguição movida contra os cristãos, converteu-se e tornou-se o líder daqueles que outrora perseguia (At 9).

No capítulo 11, o foco do livro de Atos é transferido do ministério de Pedro junto aos judeus para as atividades de Saulo junto aos gentios. Usando o nome Paulo, mais familiar entre os gentios para os quais anunciava o evangelho, o perseguidor que se convertera fundou igrejas na Ásia Menor e na Europa.

O livro de Atos apresenta três viagens missionárias de Paulo, assim como a sua viagem a Roma para enfrentar o julgamento diante das autoridades romanas.

O livro termina abruptamente, com Paulo em prisão domiciliar em Roma. Tal fim é apropriado porque o livro inteiro de Atos é, em si, apenas um prólogo. Jesus não terminou Sua obra na terra. A narrativa iniciada por Lucas em seu livro não terminará até que Jesus Cristo retorne em glória (At 1.11; 1Co 15.28).

O livro de Atos fornece uma história condensada da Igreja primitiva. Um testemunho da maravilhosa expansão do evangelho de Jerusalém a Roma. Atos dos Apóstolos narra como o Espírito Santo impeliu nossos irmãos em Cristo do passado a darem prosseguimento à ordem de Jesus de serem Suas testemunhas em todo o mundo.

Os relatos em Atos são exemplos encorajadores; entretanto, o tema recorrente no livro diz respeito àqueles que foram testemunhas porque estavam revestidos do Espírito Santo. Aquele mesmo poder que os movia está disponível a nós, pois Deus não nos deixou à mercê de nossas próprias fraquezas. Ele enviou o Espírito Santo para nos auxiliar a seguir os exemplos dos primeiros cristãos (Ef 5.17,18) e para sermos testemunhas de Jesus em toda a terra.

O livro de Atos é uma narrativa histórica e, ao mesmo tempo, contém um significado teológico profundo. A fé dos cristãos repousa nos fatos

históricos: vida, morte e ressurreição de Jesus. Esses eventos são narrados por Lucas em seu Evangelho com o propósito de despertar a fé.

Se o fato histórico da ressurreição de Cristo não fosse verdadeiro, então, a fé dos cristãos estaria destituída de fundamento, como afirma Paulo: *E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados* (1 Co 15.17).

O livro de Atos dos Apóstolos dá garantias aos cristãos de que a fé deles em Cristo se baseia em fatos. O crescimento extraordinário da Igreja primitiva está diretamente relacionado à ressurreição de Cristo. A grande comissão dada por Ele e o revestimento do Espírito Santo são as únicas explicações razoáveis para a rápida e inacreditável propagação do evangelho no primeiro século.

Os primeiros cristãos não estavam testemunhando um Cristo morto, mas davam testemunho de um Cristo que morrera e ressuscitara, e está vivo, do qual eles foram testemunhas oculares (At 1.1-5; Lc 24.36-53; 2Pe 1.16). O mesmo é verdadeiro para nós, pois Jesus vive e continua a operar por meio da Igreja.

O livro de Atos inicia-se com uma referência a um *primeiro tratado*, escrito a um homem chamado Teófilo (At 1.1), sendo uma evidência clara ao Evangelho de Lucas (Lc 1.3). Embora o autor não mencione seu próprio nome nem no Evangelho nem em Atos, a tradição da Igreja do primeiro e do segundo séculos identifica Lucas como o autor das duas obras — tal como afirma, por exemplo, Irineu de Lyon (cerca de 180 d.C.).

Chamado por Paulo de *médico amado* (Cl 4.14), Lucas foi um doutor que Paulo encontrou em Trôade (At 16.8,11). Ele cuidou de Paulo quando uma doença o acometeu durante seus empreendimentos missionários. As alusões feitas por Paulo a Lucas o retratam como um fiel companheiro de viagem (2 Tm 4.11 e Fm 24). Após dois meses em Trôade, Lucas participou do grupo missionário (At 16.10). A grande amizade entre Lucas e Paulo perdurou até a morte do apóstolo dos gentios em Roma, pois Lucas foi

uma das únicas pessoas que não o abandonaram (2 Tm 4.11).

O livro de Atos dos Apóstolos não faz qualquer referência direta à morte de Paulo, mas termina abruptamente fazendo menção à estada de Paulo em Roma (At 28.30). A prisão domiciliar de Paulo ocorreu em cerca de 61 d.C., marcando a mais antiga data possível para a composição do livro.

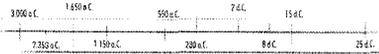
Atos não menciona a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., nem a perseguição movida pelo im-

perador romano Nero contra os cristãos após o incêndio em Roma, em 64 d.C.

É certo que Lucas mencionaria esses eventos significativos se eles tivessem ocorrido enquanto a obra era redigida. Além disso, as muitas menções feitas por Lucas aos testemunhos dados por Paulo diante das autoridades romanas não teriam sentido se Nero tivesse começado a sua severa perseguição aos cristãos. Logo, é razoável afirmar que o livro de Atos foi escrito no período entre 60 a 64 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM ATOS



- Ano 14—37 d.C. — Tibério César se torna imperador de Roma

- Ano 30—35 d.C. — Pentecostes; a Igreja primitiva em Jerusalém

- Ano 35—47 d.C. — A Igreja cresce na Judéia e em Samaria

- Ano 37—41 d.C. — Calígula se torna imperador de Roma

- Ano 37—44 d.C. — Herodes Agripa I governa a Judéia

- Ano 41—54 d.C. — Cláudio se torna imperador romano

- Ano 44 d.C. — Tiago, filho de Zebedeu, é martirizado

- Ano 47—49 d.C. — Primeira viagem missionária de Paulo

- Ano 50—53 d.C. — Segunda viagem missionária de Paulo

- Ano 52—60 d.C. — Félix se torna procurador da Judéia

- Ano 53—57 d.C. — Terceira viagem missionária de Paulo

- Ano 54—68 d.C. — Nero se torna imperador de Roma

- Ano 60—62 d.C. — Festo se torna procurador da Judéia

- Ano 60—62 d.C. — Paulo é posto em prisão domiciliar na cidade de Roma



ESBOÇO

- I - O testemunho dos apóstolos em Jerusalém — 1.1—6.7
 - A - Os atos do Espírito Santo — 1.1-26
 - B - O nascimento da Igreja — 2.1-47
 - C - A cura do coxo — 3.1-26
 - D - A salvação apenas em Cristo — 4.1-37
 - E - A prisão de Paulo e João — 5.1-42
 - F - A liderança da Igreja primitiva — 6.1-7
- II - O testemunho da Igreja primitiva em toda a Judéia e Samaria — 6.8—9.31
 - A - Defesa de Estêvão e seu mártirio — 6.8—7.60
 - B - A dispersão da Igreja — 8.1-40
 - 1 - O ministério de Filipe em Samaria — 8.1-24
 - 2 - O encontro de Filipe com o eunuco etíope — 8.25-40
 - C - A conversão de Saulo — 9.1-31
 - 1 - A visita celestial — 9.1-19
 - 2 - A obediência de Saulo a Jesus — 9.20-31
- III - A pregação do evangelho até nos confins da terra — 9.32—28.31
 - A - A expansão da verdade aos gentios — 9.32—11.30
 - 1 - A visão de Pedro — 9.32—10.22
 - 2 - A inclusão dos gentios — 10.23-48
 - 3 - A explicação de Pedro dada aos cristãos em Jerusalém — 11.1-18
 - 4 - A Igreja em Antioquia — 11.19-30
 - B - O maravilhoso livramento de Pedro da prisão — 12.1-25
 - C - A primeira viagem missionária de Paulo — 13.1—14.28
 - D - O Concílio de Jerusalém acerca dos gentios na Igreja — 15.1-35
 - E - A segunda viagem missionária de Paulo — 15.36—18.22
 - F - A terceira viagem missionária de Paulo — 18.23—21.26
 - G - A viagem de Paulo a Roma — 21.27—28.31
 - 1 - A prisão de Paulo em Jerusalém — 21.27-40
 - 2 - A defesa de Paulo diante dos judeus — 22.1-29
 - 3 - A defesa de Paulo diante do Sinédrio — 22.30—23.10
 - 4 - A proteção soberana de Deus atua em favor de Paulo — 23.11-35
 - 5 - A defesa de Paulo diante de Félix — 24.1-27
 - 6 - A defesa de Paulo diante de Festo — 25.1-27
 - 7 - A defesa de Paulo diante de Agrípa — 26.1-32
 - 8 - A viagem de Paulo a Roma — 27.1-44
 - 9 - O livramento de Paulo em Malta — 28.1-16
 - 10 - A chegada de Paulo a Roma — 28.17-31

COMENTÁRIO

1.1 — Lucas endereçou o seu Evangelho ao *excelentíssimo Teófilo* (Lc 1.3), utilizando um título que indicava ser Teófilo alguém pertencente ao alto escalão. Um título formal é empregado aqui. Teófilo, provavelmente, deve ter sido um prefeito, governador ou alguém que exercia outro cargo público. É possível que Teófilo tenha-se tornado cristão entre a composição do Evangelho de Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos, razão pela qual o autor refere-se ao destinatário como um irmão cristão apenas em Atos.

1.2,3 — *Até ao dia em que foi recebido em cima* é uma referência à ascensão de Cristo, aos últimos dias de Seu ministério na terra. Esses versos retomam Lucas 24.51 e Atos 1.9,22.

Aos apóstolos que escolhera; aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo. O Jesus ressurreto apresentou-se não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus (At 10.41).

Nos 40 dias que se seguiram à Sua ressurreição, são narradas de 10 a 12 aparições de Jesus aos cristãos, confirmando a Sua ressurreição dentre os mortos. Na última dessas aparições, Jesus reuniu os apóstolos e ordenou-lhes que não saíssem de Jerusalém (At 1.4).

Com muitas e infalíveis provas é um argumento que fundamenta a confiança dos cristãos na ressurreição de nosso Senhor. A expressão grega traduzida por *infalíveis provas* refere-se a uma *prova decisiva e convincente*.

A fé cristã não está edificada sobre especulações ou mitos, mas está firme sobre atos soberanos e testemunhos dados pelo Deus encarnado no universo espaço-temporal. Nascimento, ministério, morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo estão solidamente enraizados na história.

Reino de Deus é o tema central da pregação de Cristo aos Seus apóstolos durante os 40 dias que marcam o período entre a ressurreição e a ascensão.

O centro significativo da história de Jesus não é a cruz, mas a coroa, ou seja, o tempo em que o Rei Jesus se revelará em toda a Sua majestade e reinará em glória (Is 11; Dn 7.13,14; 1 Co 15.24-28; Ap 20.4-6).

1.4 — Como foi pregado por João Batista (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.13) e reiterado pelo próprio Jesus, a *promessa do Pai* é a promessa do batismo com o Espírito Santo. Há sete referências desse batismo na Escrituras, entre as quais cinco



APROFUNDE-SE

UM EVANGELHO COM ABRANGÊNCIA MUNDIAL

A grande estratégia

Falando no monte das Oliveiras em Betânia (At 1.4-12), Jesus esboçou uma visão que afetaria o mundo inteiro (At 1.8). Ele começou indicando o ponto inicial para a divulgação do evangelho: Jerusalém, situada a pouco mais de 3 km, a oeste. De Jerusalém, a mensagem se propagaria por toda a Judéia e Samaria. Eventualmente, alcançaria todo o mundo conhecido, embora a multidão citada no primeiro capítulo de Atos tenha entendido a expressão *confins da terra* como alusiva à extensão do império romano.

Ainda que hoje a ordem de Jesus pareça admirável, é provável que ela tenha gerado pouco entusiasmo naquela época. Todos os lugares mencionados representavam tribulações e perigos reais e imaginários para os ouvintes da comissão dada por Jesus. Os judeus — maioria dos ouvintes de Jesus — constituíam minoria no império romano.

Na verdade, a maioria dos apóstolos era proveniente da Galiléia, situada ao norte de Samaria. Os galileus continuaram a desprezar os seus irmãos judeus da Judéia, principalmente os de Jerusalém, pelo fato destes considerarem a si mesmos mais puros, ortodoxos e menos contaminados pelas influências estrangeiras. A região do lago era chamada de *Galiléia dos gentios* como forma de escárnio. Até mesmo o sotaque galileu era censurado.

Jerusalém

A cidade de Jerusalém não era o lar dos apóstolos, mas era a cidade principal da Judéia, o centro da vida religiosa, política, econômica e cultural dos judeus. A crucificação de Jesus tinha ocorrido na cidade recentemente, e os líderes judaicos ainda conspiravam para acabar com o movimento iniciado pelo crucificado.

Jesus disse aos Seus seguidores que testemunhassem a partir da cidade de Jerusalém, um lugar muito hostil e intimidador para a realização de tal missão. Então, os discípulos devem ter pensado: "Jesus poderá nos proteger de uma inevitável oposição? Nós sofreremos o mesmo fim terrível que Ele sofreu?"

Judéia e Samaria

A relação entre Jerusalém e Judéia era correspondente à relação entre um centro urbano e uma província, ou uma capital e as cidades do interior. Entrando na cidade, o evangelho também se espalharia pelos arredores desse centro urbano.

De qualquer modo, Jesus foi cuidadoso ao relacionar Judéia e Samaria. As duas regiões mantiveram forte rivalidade, datada do século 8 a. C., quando os assírios, após tomarem o Reino do Norte, colonizaram Samaria com estrangeiros, os quais se casaram com israelitas e acabaram por "corromper" a raça.

A Judéia, cujo nome significa *terra dos judeus*, considerava-se o lar do mais puro judaísmo e via Samaria com desprezo. Assim, João descreve em seu relato da mulher no poço de Sicar que *os judeus não se comunicam com os samaritanos*.

Alcançando a Judéia com o evangelho, os apóstolos galileus teriam de enfrentar o orgulho regional e a arrogância cultural dos judeus dessa região. Ao entrar em Samaria, os discípulos teriam de superar antigos preconceitos étnicos.

Confins da terra

Falar sobre a expansão do evangelho *aos confins da terra* é o mesmo que tratar da inclusão dos gentios pela Grande Comissão, sendo esse o derradeiro desafio posto diante dos apóstolos. Na mente dos apóstolos, o mundo estava dividido entre judeus e não-judeus (gentios ou estrangeiros). Os judeus extremamente ortodoxos não tinham nenhuma relação com os gentios. Até mesmo judeus como os apóstolos, criados em relativa proximidade com os gentios, evitavam ao máximo qualquer tipo de contato.

Desse modo, para que o evangelho se expandisse até os gentios, os seguidores de Jesus teriam de superar séculos de segregação e preconceito de natureza cultural, religiosa e racial, derrubando assim os muros de separação estabelecidos por séculos entre judeus e não-judeus. Os discípulos cumpriram sua missão, mas não sem grande conflito e tensão.

são proféticas (At 1.5; Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33); uma é histórica (At 11.15,16), e faz alusão ao Dia de Pentecostes, e outra é doutrinária (1 Co 12.13), explicando o significado e sentido do batismo com o Espírito Santo.

1.5 — *Vós sereis batizados com o Espírito Santo.* A voz passiva do verbo indica que o batismo não depende dos nossos esforços para alcançar a promessa, mas baseia-se na vontade do Senhor. O tempo futuro demonstra que não há incerteza ou dúvida na promessa. A palavra grega para *batizados* significa *imersos* ou *mergulhados*. A conotação dessa palavra grega também diz respeito a *identificar-se com alguém ou algo*. O batismo espiritual nos coloca em união espiritual uns com os outros no Corpo de Cristo, a Igreja (1 Co 12.12,13).

1.6 — *Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe.* A afirmação de Cristo de que o Espírito Santo estava para ser enviado evidentemente despertou os discípulos a respeito do estabelecimento do Reino. Eles esperavam que esse evento acontecesse durante o ministério de Cristo. Agora, após a ressurreição, certamente teria chegado o tempo. Relacionar a vinda do Espírito com a vinda do Reino se coaduna com o pensamento do Antigo Testamento (At 3.21; Is 32.15-20; 44.3-5; Ez 39.28,29; Jl 2.28—3.1; Zc 12.8-10).

A indagação, *Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel*, expressa a ansiedade dos apóstolos para a antecipação das normas do Reino sobre as quais Cristo havia falado nas semanas e nos dias anteriores (At 1.3). A expectativa popular e a esperança fundavam-se na crença de que Cristo estabeleceria o Reino de Deus imediatamente.

1.7 — *Não vos pertence saber.* Jesus não corrigiu o ponto de vista de Seus discípulos no que diz respeito à restauração do reino de Israel (At 1.6). Em vez disso, Ele tratou de corrigir o que eles consideravam acerca do tempo dessa restauração. Tratava-se de um equívoco semelhante ao que Ele tentara corrigir com a parábola registrada em Lucas 19.11-27, a parábola das minas.

Os tempos ou as estações. Essas duas palavras tratam do problema da datação de forma distinta

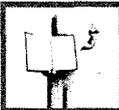
da anterior. *Tempos* é uma referência à cronologia ou à duração do tempo, referindo-se a *quanto tempo* durará a espera pela vinda. O termo *estações* é alusivo às épocas ou aos *eventos* que ocorrerão no tempo compreendido entre a ascensão e o evento escatológico. Os discípulos não sabiam quanto tempo levaria até Cristo estabelecer o Seu Reino, nem poderiam saber os eventos que deveriam ocorrer antes desse estabelecimento. Pedro afirma que mesmo os profetas do Antigo Testamento não tinham conhecimento do tempo compreendido entre os sofrimentos de Cristo e a Sua posterior glorificação (1 Pe 1.11). Todas as coisas acontecerão no tempo de Deus, e à maneira dele. Apenas esse verso deveria ser suficiente para que ninguém tentasse estabelecer datas para o retorno de Cristo.

1.8 — Em vez de tratar da data do retorno de Cristo, o trabalho dos discípulos deveria ser levar a mensagem do Senhor a todo o mundo.

Recebereis a virtude do Espírito Santo. Esse trecho refere-se ao poder necessário à vida piedosa, como demonstrado na vida dos homens do Antigo Testamento marcados pelo santo agir (ver os exemplos de Abraão em Gn 22; José em Gn 39; Moisés em Êx 14; Daniel em Dn 6). Essa foi a virtude ou o poder designado para a execução de uma nova tarefa: levar o evangelho até os confins da terra.

Ser-me-eis testemunhas é a ordem de Jesus aos Seus discípulos para que testemunhassem acerca dele aos outros, sem importar-se com as consequências. A tradição da Igreja nos diz que os 11 apóstolos que ouviram essa promessa, à exceção de João, morto no exílio, foram martirizados. Deus capacitou Seus discípulos para serem testemunhas fiéis e fervorosas, ainda que enfrentando a mais veemente oposição. Essa mesma virtude para testemunhar é acessível a nós hoje. Nossa tarefa não é convencer pessoas, mas testemunhar a verdade do evangelho.

1.9-11 — Jesus prometeu que não nos deixaria sozinhos, mas que Ele estaria conosco sempre, até a consumação dos séculos (Mt 28.20; Jo 14.18). Ele cumpriu Sua promessa por meio do Espírito Santo, que habita no convertido (Jo 16.4-7).



ENTENDENDO MELHOR

O PODER COM UM PROPÓSITO

No início do livro de Atos, os seguidores de Jesus parecem confusos e temerosos. Mas, no fim do livro, eles estão bem em seu caminho para transformar o império romano com o evangelho. O que é levado em consideração com essa mudança dramática? O texto de Atos 1.8 nos dá a resposta: *Recebereis a virtude do Espírito Santo.*

- (1) *A virtude ou poder prometido* não foi força ou autoridade política. Israel era proeminente quando reinavam Davi e Salomão, mas esses dias estavam distantes na memória. Jesus não está fazendo alusão ao retorno do domínio judeu. Em vez disso, a palavra *virtude* significa *habilidade* ou *capacidade*. Jesus prometeu que, depois que o Espírito Santo viesse sobre eles, Seus seguidores teriam uma nova habilidade.
- (2) *A habilidade tinha mais a ver com ser do que com fazer.* Os cristãos seriam *testemunhas*, não apenas *dariam testemunho*. O evangelismo é um processo, não apenas um evento. Ele envolve toda a realidade vivencial, e não apenas um esforço ocasional.
- (3) *A virtude veio de fora, não de dentro.* Os cristãos não tinham capacidade intrínseca de pregar o evangelho ao seu modo, mas tinham de buscar uma capacidade sobrenatural, proveniente do Espírito Santo, para fazê-lo de forma efetiva. O poder veio quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, não antes.
- (4) *Os cristãos tinham de ser testemunhas de Cristo, e não deles mesmos.* Eles tinham de fazer discípulos não para eles mesmos, mas para o Senhor ressurreto (Mt 28.18-20).

Foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. Essas três afirmações falam da partida gradual e majestosa de Jesus aos céus. A ascensão tem um pequeno espaço nas narrativas dos Evangelhos.

Em oposição a estes, Atos dos Apóstolos utiliza o relato como uma preparação para a narrativa dos eventos no Dia de Pentecostes, o dia do nascimento da Igreja, a qual tem como base fundamental a morte, ressurreição e ascensão de seu Líder, agora assentado à destra de Deus.

Jesus dissera anteriormente que o Espírito Santo não viria até que Ele partisse (Jo 16.7). Por essa razão, o livro de Atos dos Apóstolos apresenta a partida de Jesus no capítulo 1, e a vinda do Espírito Santo no capítulo 2, juxtapondo um relato ao outro.

Há de vir. A segunda vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu Reino (At 1.6,7) ocorrerá do mesmo modo como Jesus ascendeu — física e visivelmente nas nuvens.

1.12 — À distância do caminho de um Sábado. Era a distância permitida pelos judeus para uma viagem no Sábado (Êx 16.29; Nm 35.5; Js 3.4), cerca de 800 metros. Qualquer um que viajasse além desse percurso não estaria cumprindo o quarto mandamento.

1.13 — E, entrando, subiram ao cenáculo. Teria sido o lugar onde Jesus passou a última Páscoa com Seus discípulos, o lugar onde Ele apareceu a eles após ressuscitar (Lc 24).

É possível que o cenáculo tenha sido o mesmo lugar para ambos os eventos. Esse espaço teria pertencido a Maria, mãe de João Marcos. Sua casa é mencionada em Atos 12.12 como um lugar de encontro dos discípulos.

Os seguidores de Jesus *habitavam* nesse lugar, esperando em Jerusalém conforme o Senhor lhes havia ordenado, até que recebessem o poder que Ele prometera (At 1.5).

À exceção de Pedro, Tiago e João, essa seria a última menção nominal dos apóstolos. Eles não são mencionados no restante do livro porque entregaram sua vida ao cumprimento da grande comissão.

Segundo a tradição cristã, enquanto Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, Tomé foi transpassado pela espada por causa de sua fé. Mateus foi assassinado transpassado por uma lança. Matias foi decapitado. Tiago foi morto a chutes. Judas, Filipe e Bartolomeu foram crucificados.

A história da ressurreição é poderosamente autenticada pela preferência dos apóstolos de morrer a repudiar a verdade do seu testemunho.

As pessoas podem optar por mentir quando conveniente, mas aqueles homens alegremente sacrificariam a vida a fim de perpetuar conscientemente um engano? Nenhum dos apóstolos negou o que tinham testemunhado: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Nenhum deles deu as costas para o testemunho, ou voltou-se contra seu relato pessoal da ressurreição de Cristo. Eles preferiram selar sua pregação com o próprio sangue.

1.14 — *Unanimemente*. Essa expressão aparece mais dez vezes no livro de Atos, sendo usada para significar *de mesma mente, em conformidade*. Esse termo é alusivo ao compartilhamento de ideias ou pensamentos entre as pessoas com *conceitos comuns*. Não é uma referência às pessoas que pensam e sentem da mesma maneira a respeito de todas as coisas, mas àqueles que deixam de lado sentimentos pessoais e comprometem-se com uma única tarefa — nesse caso, com o testemunho aos outros acerca do Senhor Jesus Cristo (Rm 15.5,6). Jesus disse que o mundo saberia que Ele havia sido enviado pelo Pai celestial quando testemunhasse o amor entre os cristãos (Jo 17.21). A unidade entre os cristãos descrita em Atos era uma demonstração desse amor.

Maria, mãe de Jesus, recebe um reconhecimento especial no grupo. Na cruz, Jesus disse a João que tomasse conta de sua mãe (Jo 19.25-27).

1.15-17 — Pedro assumiu a posição de liderança desde os primeiros dias do chamado dos apóstolos. Apesar de seus frequentes erros, ele nunca deixou de ser ousado ao tratar de problemas. Era inevitável ter de lidar com a questão de Judas Iscariotes. No cenáculo, cento e vinte pessoas estavam reunidas, e a maioria delas, sem dúvida, eram aqueles que testemunharam a ascensão de Jesus Cristo (1 Co 15.6). Embora Jesus tivesse passado a maior parte do tempo com os 12 apóstolos, havia muitos outros discípulos que viajavam com Ele (Jo 6.66).

O *Espírito Santo predisse pela boca de Davi*. Pedro comparou o discurso de Davi com a voz do Santo Espírito. Esse é um exemplo da doutrina bíblica da inspiração, que assevera que as palavras

das Escrituras são a Palavra de Deus isenta de erros (2 Tm 3.16; 1 Pe 1.11; 2 Pe 1.20,21).

1.18,19 — *Adquiriu um campo com o galardão da iniquidade*. O campo obtido com o dinheiro que Judas recebera por trair Jesus foi realmente comprado pelos sacerdotes depois que Judas enforcou-se (Mt 27.6-8). Considerando que o dinheiro pertencia legalmente a Judas, os sacerdotes compraram o terreno no nome dele.

Rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. Aparentemente, a corda que Judas usou para se enforçar rompeu-se, e o seu corpo caiu, e ele se partiu ao meio. Por essa razão, o lugar era chamado de *Campo de Sangue*.

1.20-23 — Pedro aplicou os Salmos 69 e 109 à situação dos apóstolos. Um trecho do Salmo 69.25 fala da remoção de um inimigo do salmista. No Salmo 109.8, é mencionada a deposição de um inimigo de um ofício ou cargo. Pedro, iluminado pelo ensino de Jesus (At 1.3; Lc 24.44-46), observou essas referências como se tratassem de Judas, o traidor. A apostasia de Judas, e não a sua morte, foi o que motivou Pedro a pedir aos discípulos que escolhessem outro discípulo para ocupar o lugar de Judas como apóstolo.

Posteriormente, quando Tiago foi morto (At 12.2), ninguém foi escolhido para ocupar o lugar dele. Pedro especificou duas qualificações para o apóstolo a ser escolhido. A primeira dessas qualificações era: ele deveria ter acompanhado os apóstolos desde o começo do ministério de Jesus, desde o batismo. A substituição deveria ser feita por alguém que vira o que os apóstolos viram e ouvira o que os apóstolos ouviram. Enfim, ele deveria ser uma testemunha ocular dos milagres e dos ensinamentos de Jesus. Em segundo lugar, ele tinha de ser uma testemunha ocular da ressurreição de Jesus.

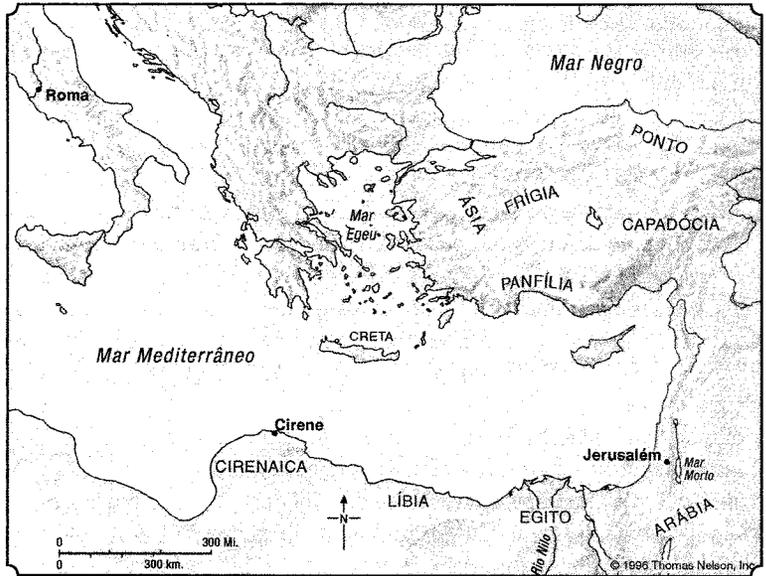
1.24-26 — *Lançando-lhes sortes*. Era um costume dos judeus o conhecimento da vontade de Deus em certas questões mediante esse método (como o Urim e o Tumim). Os nomes de Matias e José, provavelmente escritos em pedras, foram colocados em uma jarra que foi sacudida até que um dos nomes saísse. O sorteio era determinado não pela sorte, mas pela vontade de Deus.

2.1 — Pentecostes era uma das três maiores festas judaicas. As outras duas festas eram a Páscoa e a Festa dos Tabernáculos. Pentecostes é um nome advindo da palavra grega *cinquenta*, termo usado pelo fato de a festa ser celebrada no quinquagésimo dia após o Sábado de Páscoa. Essa celebração também era conhecida pelos nomes *Festa das Semanas*, *Festa dos Primeiros Frutos* ou *das Primícias*.

Durante essa celebração, os judeus levavam a Deus as primícias da terra em ação de graças, esperando que Ele desse ao resto da colheita a Sua bênção. Esse Dia de Pentecostes é o dia das primícias da Igreja de Cristo, o começo da grande colheita das almas que viriam a conhecer a Cristo e a unirem-se à Igreja por meio da obra do Espírito Santo.

Há também alguns estudiosos que acreditam que o Pentecostes era uma festa realizada em observância à entrega da Lei de Deus no monte Sinai. Esse dia, no livro de Atos dos Apóstolos, é significativo porque marca quando Deus começou a escrever a Sua Lei em nosso coração pelo Espírito Santo.

Estavam todos reunidos. Muitos afirmam que todas as 120 pessoas mencionadas em Atos 1.15 estavam presentes quando o Espírito Santo veio em Pentecostes. Provavelmente não é o caso, visto que vários dias tinham se passado entre a fala de Pedro a respeito de Judas até o dia dos acontecimentos em Pentecostes. Primeiro, Lucas não disse *no dia seguinte*, em Atos 1.26, mas *cumprindo-se o dia de Pentecostes*. Segundo, a descrição *estavam todos reunidos* deve naturalmente se referir ao último grupo mencionado: o grupo



As nações do Pentecostes

No primeiro século depois de Cristo, algumas comunidades judaicas localizavam-se basicamente na parte oriental do império romano, onde o grego era a língua oficial falada. Havia comunidades judaicas espalhadas até a Itália (a oeste) e a Babilônia (a leste). Além delas, os outros povos que estavam presentes no Dia de Pentecostes (At 2.9-11) eram visitantes da Mesopotâmia, de Pártia, de Média e de Elam (atual Irã).

de apóstolos referidos em Atos 1.26. Terceiro, aqueles que falaram em línguas em Atos 2.1-4 são descritos como galileus, sendo tal alusão uma reminiscência de Atos 1.11, que se refere somente aos apóstolos (compare com At 1.2,3). Por último, quando Pedro levantou-se para falar em Atos 1.14, ele falou como pertencente ao grupo dos 12 apóstolos, e não como pertencente ao grupo maior de discípulos.

No mesmo lugar. O lugar provável desses acontecimentos deve ter sido uma parte do templo de Jerusalém, pois é difícil imaginar como uma grande multidão (At 2.5) poderia ter observado as atividades no cenáculo ou se reunido nas ruas estreitas circunvizinhas à casa onde os apóstolos estavam.

2.2 — *Um som como um vento veemente e impetuoso* era necessário para atrair as multidões até a pequena reunião dos apóstolos, os quais *estavam assentados*, posição normal para ouvir alguém falar, em vez de estar de pé para a oração.

2.3 — *E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo.* A grande multidão, após ser atraída pelo grande som mencionado no versículo 2, contemplou a manifestação visual de Deus. O fogo frequentemente indica na Bíblia a presença de Deus. Deus apareceu a Moisés na sarça ardente que não se consumia (Êx 3). Deus guiou o Seu povo no deserto com uma coluna de fogo que brilhava à noite (Êx 13.21,22), e desceu a ele em fogo no monte Sinai (Êx 19.18). Deus enviou fogo para consumir a oferta de Elias no monte Carmelo (1 Rs 18.38,39), e ainda usou uma visão de fogo para avisar Ezequiel acerca de Seu vindouro julgamento (Ez 1.26,27). Esse fogo, em forma de línguas repartidas sobre cada um deles, traria de volta imediatamente a lembrança de todos esses exemplos do Antigo Testamento que diziam respeito ao fogo.

2.4 — A palavra traduzida como *línguas* é uma palavra grega usual para línguas conhecidas. *Falar em línguas* ou *em outras línguas* fez com que a Igreja ampliasse o seu alcance evangelístico. Essas testemunhas estavam falando línguas estrangeiras a pessoas de outras nações que estavam reunidas para o Pentecostes.

Essa festa, como uma das três maiores celebrações dos judeus, era caracterizada pela peregrinação de pessoas que viviam fora de Israel. Essas pessoas viajavam até Jerusalém para celebrar o Pentecostes. Elas eram provenientes da Arábia, Creta, Ásia e até mesmo de Roma. Muitas delas ficaram em Jerusalém durante os 50 dias de celebração [da Páscoa ao Pentecostes].

Conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Note que o texto não diz que o Espírito falou por meio dos apóstolos, mas que os capacitou para falarem línguas das quais não tinham conhecimento prévio.

2.5-11 — *Varões [...] de todas as nações que estão debaixo do céu.* Pessoas de todo o mundo conhecido estavam em Jerusalém. Muitas delas provavelmente sabiam o grego, mas também falavam outros idiomas do mundo mediterrâneo.

Cada um os ouvia falar na sua própria língua. Os visitantes esperavam que os apóstolos falassem a língua aramaica ou grega, mas, em vez disso, eles

os ouviram falando em seus próprios idiomas estrangeiros. Os visitantes estavam assustados porque sabiam que isso não era possível, a menos que os apóstolos fossem oriundos dos mesmos lugares que eles. Era um sinal vindo do céu, um evento sobrenatural.

Todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. Parece que *falar em línguas* consistiu em louvar a Deus por Suas maravilhosas obras (At 10.46; 1 Co 14.16).

2.12,13 — *E todos se maravilhavam e estavam suspensos [...] E outros, zombando, diziam.* Um contraste entre os dois grupos, os helenistas e os judeus (At 6.11). Ambos os grupos ouviram os apóstolos falando em línguas. O versículo 12 trata da reação dos helenistas, oriundos de várias partes do mundo: eles entenderam os dialetos falados pelos apóstolos e, conseqüentemente, o milagre do evento. Por outro lado, os mencionados no versículo 13 eram os judeus, que não compreendiam as línguas estrangeiras que os apóstolos estavam falando. Por essa razão, concluíram que os apóstolos estavam bêbados e falavam palavras sem nexos.

2.14 — *Pedro*, o primeiro discípulo a reconhecer a verdade sobre Jesus (Mt 16.13-19), foi também o primeiro a dar testemunho do Senhor. Pedro pregou um sermão para os *varões judeus* e para *todos os que habitavam em Jerusalém*, os quais julgaram o episódio inteiro como resultado do consumo de muito vinho (At 2.13-15).

2.15 — *Estes homens não estão embriagados.* Eram apenas nove horas da manhã quando esses fatos aconteceram. Os judeus abstinham-se de comer e beber em dias sagrados até o fim do dia.

2.16-21 — Pedro começou o seu sermão citando a passagem de Joel 2.28-32, da tradução grega do Antigo Testamento. Nessa passagem, Deus havia prometido que chegaria um tempo em que Seus seguidores receberiam o Seu *Espírito*, e não somente os profetas, reis e sacerdotes. Pedro indicou que aquele tempo predito pelo profeta tinha chegado. Deus falaria por meio de todos aqueles que fossem até Ele, ou por meio de *visões, sonhos* ou por profecia. Tal evento



APROFUNDE-SE

O ESPÍRITO DA PROFECIA

As passagens do Antigo Testamento associam o Espírito à criação, à nova vida e ao revestimento para o cumprimento de missões divinas variadas, mais frequentemente para a missão de um profeta.

No tempo de Jesus, os intérpretes judeus usualmente enfatizavam a capacitação profética: o Espírito capacitava os servos de Deus para ouvi-lo e para divulgar a Sua mensagem da maneira como o Senhor desejava.

Muitos judeus acreditavam que Deus tinha retirado o Espírito depois da morte dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias. O conceito geral era de que a profecia continuou ocasionalmente em uma escala menor, mas a restauração total do Espírito ainda estava por vir. Profetas como Isaías e Ezequiel tinham prometido a restauração do Espírito no tempo do fim (Is 44.3; Ez 39.29). De qualquer modo, o Espírito não era esperado antes do tempo do fim, no período da vinda do Messias, e boa parte do povo judeu não acreditava que o Messias tinha vindo.

Pedro, reconhecendo ser Jesus o Messias, e percebendo a total atividade do Espírito no meio do povo de Deus, escolheu para sua pregação um texto do Antigo Testamento que trata do derramamento do Espírito da profecia (Jl 2.28-32). Para tornar claro que a profecia de Joel se referia ao tempo do fim, Pedro acrescentou palavras explanatórias à sua citação do profeta do Antigo Testamento: *nos últimos dias* (At 2.17).

Em seguida, Pedro demonstrou que o tempo do fim já era chegado porque o Messias viera e tomara posse do Seu trono celestial (At 2.34-36). Portanto, *alguns sinais em baixo na terra* (At 2.19) cumpriram-se a partir de Jesus (At 2.22). Isso significava que o tempo da salvação acerca do qual Paulo falou também tinha chegado. Assim, Pedro viu o Espírito da profecia como uma dádiva do tempo final. Os servos de Deus deveriam buscar o fortalecimento nesse mesmo Espírito que outrora capacitara Isaías, Jeremias, Samuel, Débora e outros.

Foi por isso, pelo fato de Pedro desejar enfatizar detalhadamente esse assunto, que ele tomou da mesma liberdade usada algumas vezes pelos intérpretes judeus do seu tempo. Ele acrescentou mais palavras explicativas ao texto que estava citando: *e profetizarão* (At 2.18).

representa o começo dos últimos dias. O ato final da salvação de Deus começou com o derramamento do Espírito Santo e continuará até o fim desta era.

2.22,24 — *Este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência.* Jesus Cristo era a provisão de Deus para o perdão de todo o pecado; ainda que tenha sido a nossa natureza pecaminosa a conduzir o Senhor à morte. Em outras palavras, foi tanto a natureza pecaminosa da humanidade como o plano divino de salvação para todo o mundo que fizeram com que Jesus fosse crucificado (Is 53.10). Até mesmo na morte de Seu Filho, Deus manifestou Seu controle soberano sobre todos os eventos; ainda que as pessoas sejam responsáveis por suas próprias ações pecaminosas.

2.25-36 — Joel profetizou a vinda do Espírito, e tal promessa foi cumprida por Jesus (Jo 14.16). Se Jesus estivesse morto, Ele não poderia ter enviado o Espírito. Por isso, Ele está vivo. Jesus não

poderia ter enviado o Espírito, a menos que tivesse ascendido como Senhor aos céus. Eis a razão de Jesus ser tanto nosso Salvador como Senhor.

Seja-me lícito dizer-vos livremente. Pedro sabia (At 2.29) que ninguém poderia discutir a revelação no Salmo 16.8-11, de que o Messias não está morto. Davi foi enterrado e não tinha ressuscitado, por isso o Salmo fala a respeito de outra pessoa da descendência de Davi.

Pedro observou que esse descendente é Jesus, que foi morto e ressuscitou. Jesus não apenas ressuscitou dentre os mortos como também assentou-se e está agora à direita de Deus. Em seguida, Pedro expôs outro texto de autoria davídica (Sl 110.1), que relata que o Messias estaria assentado à direita do Pai. E deve ser levado em consideração que Davi não ascendeu aos céus, mas os apóstolos declaravam-se testemunhas da ascensão de Jesus em conformidade com a referência no Salmo. Baseado nessa argumentação, a conclusão de Pedro é clara: Jesus é o Único que

foi crucificado e, após ressuscitar, foi feito por Deus *Senhor e Cristo*.

2.37 — O argumento de Pedro era irrefutável: *Compungiram-se em seu coração*. Os judeus perguntaram o que deveriam fazer. Essa era uma marca do novo nascimento. O Espírito de Deus trouxe confirmação em seus corações, alavancando-os à ação.

2.38 — *Arrependei-vos*. O arrependimento envolvia, na crença judaica, a rejeição das atitudes formais e as suas opiniões concernentes a quem era Jesus. Na fé, eles o tinham aceitado tal como Ele se declarou ser enquanto estava na terra, em uma declaração confirmada por Sua ressurreição e ascensão.

E cada um de vós seja batizado. Quando uma pessoa reconhece quem Jesus realmente é, o resultado é o desejo de fazer o que Ele realmente ordena. A primeira ação que Jesus requer de um novo convertido é o batismo (Mt 28.19,20), uma expressão externa da graça interna. A ideia de um cristão não batizado é estranha ao Novo Testamento (At 2.41; 8.12,36; 9.18; 10.48; 16.15,33; 18.8). Fé e batismo estão intimamente conectados. O batismo vem depois da fé em Cristo, mas é o primeiro sinal da fé no Senhor.

A fé é para o batismo o que as palavras são para as ideias. É possível ter ideias sem palavras, mas, para que as ideias sejam compreendidas por outros, as palavras são necessárias. O mesmo se aplica ao batismo e à fé em Cristo. Se uma pessoa diz que tem colocado sua fé em Jesus Cristo como Salvador, essa pessoa deve querer obedecer a Ele como Senhor, fazendo o que agrada a Ele.

Para perdão dos pecados. Está Pedro dizendo que nós devemos ser batizados para recebermos o perdão de nossos pecados? As Escrituras ensinam com bastante clareza que somos justificados apenas pela fé, não mediante a prática de boas obras (Rm 5.1-8; Ef 2.8,9). O termo mais importante da frase para elucidar a questão é *para*, o qual também pode ser traduzido por *com vistas a*. Uma comparação com a mensagem de Pedro em Atos 10.34-43 torna claro que *perdão de pecados* é uma expressão utilizada para se referir a *qualquer que crê*.

Os cristãos são batizados com vistas a dar testemunho da ação perdoadora de Deus, e não para receber simplesmente um perdão eventual dos seus pecados. O perdão de Deus em Cristo é o que dá sentido ao batismo.

O batismo é a declaração pública de que os pecados da pessoa foram perdoados por causa da obra de Cristo na cruz do Calvário por ela.

Outra opção gramatical possível para se entender essa verdade é: *Arrependei-vos para remissão de vossos pecados e que cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo*.

Outros têm interpretado o batismo como sinal e selo da graça de Deus, similar à circuncisão, que era o sinal da aliança abraâmica.

O dom do Espírito Santo. Era a promessa de Jesus em João 14.16,17. O Espírito Santo nos coloca em comunhão com o Pai e com o Filho. A presença do Espírito em nós é uma bela promessa da nova aliança (Jr 31.33,34), sendo uma indicação não somente de que nossos pecados foram perdoados, mas também de que o Senhor colocou a Sua Lei dentro de nós.

2.39 — Pedro exortou os seus ouvintes ao arrependimento. Em outras palavras, cada pessoa deve fazer sua decisão de abrir mão de todos os seus sentimentos, pensamentos e desejos pecaminosos e voltar-se para Deus em fé (At 16.31,33,34). Assim fazendo, Deus concede o perdão dos pecados e declara essa pessoa justa por causa da obra de Jesus na cruz.

A promessa diz respeito a vós, a vossos filhos. No Israel do primeiro século, o pai exercia grande influência em seu lar. Quando acontecia de um pai decidir receber a Cristo e ser batizado, ele era seguido pelos seus filhos em sua decisão.

2.40-43 — *Quase três mil almas*. A resposta ao sermão de Pedro foi tremenda. O impressionante crescimento do número de convertidos criou novas necessidades e responsabilidades. Os apóstolos tinham o dever de treinar esse grande grupo e conduzi-lo à comunhão com os outros cristãos.

O processo se dava em quatro etapas: (1) Era ensinado aos novos convertidos que eles deveriam perseverar na *doutrina dos apóstolos*. A

uniformidade da crença em relação à pessoa de Jesus, baseada no testemunho ocular de Seus seguidores, era essencial. (2) Os novos convertidos eram incentivados a partilhar da *comunhão* da Igreja. A palavra grega traduzida por *comunhão* significa compartilhar sua vida com outros cristãos. (3) Os novos convertidos eram incentivados a *partir o pão*, provavelmente, uma referência à ceia do Senhor (1 Co 11.23,24). Alguns creem que essa é uma referência mais ampla à *Festa do Amor*, uma refeição de comunhão da Igreja primitiva. (4) Os novos convertidos eram ensinados na disciplina da oração. As orações coletivas eram vistas como parte essencial do crescimento espiritual da Igreja.

Muitas maravilhas e sinais aparentemente eram concedidos aos apóstolos pelo Senhor para validar a condição de ministros ordenados por Deus e para comprovar a veracidade do testemunho deles, objetivando o estabelecimento da Igreja primitiva (Hb 2.3,4).

2.44,45 — A disposição e distribuição dos bens na Igreja primitiva eram feitas entre *todos*,

segundo a necessidade de *cada um*. Quando uma carência física ou espiritual chegava ao conhecimento da Igreja, a ação era realizada, para que o problema fosse resolvido (1Jo 3.17).

Os cristãos do Novo Testamento demonstravam seu amor uns para com os outros por meio da doação deles próprios como sacrifício ao Senhor. Era essa uma forma de comunismo primitivo? Definitivamente, não! O comunismo ensina que os bens ou propriedades devem ser distribuídos igualmente entre todos, para que ninguém tenha mais que o outro. Aqui, a disposição e distribuição dos bens na Igreja primitiva eram baseadas na necessidade. No comunismo, o Estado utiliza-se da força para obter o resultado desejado. Aqui, a associação entre os irmãos não era obrigatória, mas, sim, uma expressão livre de amor em favor dos que eram pobres e necessitados. O comunismo objetiva uma constante reestruturação da sociedade; aqui, a distribuição foi pontual e temporária, ou seja, até que a severa crise decorrente do grande fluxo de convertidos em Jerusalém fosse resolvida.



COMPARE

O PODEROSO NOME DE JESUS

Despojado de qualquer uma das estratégias de *marketing* qualificado das grandes corporações de hoje, o nome de um carpinteiro de uma pequena cidade tornou-se emblemático no mundo do primeiro século. Por quê? Porque há poder no nome dele.

O nome *Jesus* significa *Deus é a salvação*. Os primeiros cristãos descobriram justamente quão verdadeiro é o nome de Jesus. Em Atos, capítulos 3 e 4, Lucas narra a sequência de eventos como uma peça desenvolvida em cinco atos, em que o nome de Jesus atua de modo proeminente.

A "peça" em cinco atos		
1º. Ato: Atos 3.1-10	Um coxo é curado junto à porta Formosa.	O nome de Jesus curou o coxo (At 3.6).
2º. Ato: Atos 3.11-26	O sermão de Pedro identifica Jesus com o <i>Eu Sou</i> da história de Israel. Jesus é Senhor!	A fé no nome de Jesus traz salvação (At 3.16,26).
3º. Ato: Atos 4.1-12	Pedro e João são presos e pressionados a negar o nome de Jesus.	Nenhum outro nome pode ser invocado, mas somente pelo nome de Jesus a salvação é trazida a todos (At 4.12).
4º. Ato: Atos 4.13-22	Pedro e João são avisados e libertos da prisão.	Apesar de sofrer oposição, o nome de Jesus contém a verdade — <i>Deus é salvação</i> (At 4.18-21).
5º. Ato: Atos 4.23-37	Os cristãos reagem adorando a Jesus, cuidando uns dos outros e testemunhando acerca de Cristo.	Sinais e maravilhas continuam a ser feitos por meio do nome de Jesus (At 4.30).

2.46,47 — *Perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo.* Eles se faziam presentes na comunidade e não se isolavam.

3.1 — *Subiam juntos ao templo.* Os discípulos de Jesus continuaram a seguir as tradições judaicas. O serviço de oração era acompanhado de dois sacrifícios diários: um pela manhã e outro à tarde. A *nona* é uma referência à hora, três horas da tarde.

3.2,3 — *O coxo foi trazido para perto da porta chamada Formosa.* Essa porta servia para dar acesso ao pátio das mulheres, no interior do templo, tendo ao lado de fora o pátio dos gentios. Esse pórtico era como uma porta frontal do próprio templo. A porta Formosa era um lugar ideal para o coxo mendigar. Os que ignoravam os pedidos dele podiam ter dificuldades em adorar a Deus pelo sentimento de culpa em recusar ajuda a uma pessoa tão necessitada. Além disso, enquanto as pessoas deixavam o templo, elas estavam mais propícias a dar alguma ajuda a alguém.

3.4,5 — *Olha para nós.* Era importante fazer com que o homem prestasse atenção, pois o que ele iria receber era mais importante do que uma mão estendida (Mc 10.51).

3.6 — *Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.* Os apóstolos indicaram imediatamente que eles não representavam a si mesmos naquilo que estavam prestes a fazer, pois estavam representando a Jesus Cristo. Por causa do nome de Cristo, o mendigo receberia o milagre de Deus. A frase *no nome de Jesus* não era uma fórmula mágica usada para dar alguma garantia à oração. O nome da pessoa representava a autoridade e a influência dela. O poder do nome de Jesus é proveniente do que o Espírito Santo está por fazer por causa desse nome. Observe que Pedro e João não colocaram suas mãos no mendigo e oraram para que Deus o curasse, mas, imbuídos do poder de Deus para realizar sinais e maravilhas, apenas disseram a ele: *levanta-te e anda.*

3.7,8 — *Seus pés e tornozelos se firmaram.* Lucas, um médico por profissão, descreveu o que

aconteceria. Instantaneamente foi concedida força às partes do corpo que precisavam de restauração. O suprimento sanguíneo foi estendido aos músculos. O cérebro enviou sinais para os nervos dos pés e tornozelos. O fluido necessário às articulações nas juntas foi restaurado, e os músculos e ligamentos atrofiados ganharam flexibilidade. Os pés repentinamente suportavam o peso do homem.

3.9 — *E todo o povo o viu andar e louvar a Deus.* A opinião pública foi um fator importante na decisão dos líderes, tanto na condenação de Jesus (Mt 27.24) como no tratamento que dispensavam aos apóstolos (At 4.16,17).

3.10 — *E conheciam-no, pois era ele o que se assentava a pedir esmola.* Dia após dia, o povo via o mendigo, talvez durante muitos anos. A cura dele não poderia ser uma encenação. Quando o mendigo ficou de pé e andou, a única explicação razoável para o fato foi que Deus o havia curado.

3.11,12 — *Todo o povo correu atônito para junto deles.* O povo estava seguindo os apóstolos, mas eles imediatamente deram toda a glória a Jesus.

3.13-16 — *Glorificou a seu Filho Jesus.* A referência de Pedro ao *Filho* é proveniente da leitura da passagem do servo sofredor de Isaías 52.13, um salmo messiânico. Jesus pode ser considerado o servo de Deus porque deu a Sua vida como oferta para o pagamento da dívida dos pecados de toda a humanidade.

O Pai levantou Jesus dentre os mortos como uma confirmação de que aceitara o sacrifício do Filho. Pedro disse que a cura do mendigo era um sinal da glorificação de Cristo. O povo entregou Jesus a Pilatos para ser crucificado. Ainda assim, Deus levantou dentre os mortos o Jesus crucificado. E foi no nome desse mesmo Jesus que o homem coxo fora curado.

3.17,18 — *Mas Deus assim cumpriu o que já dantes [...] havia anunciado.* Em seu sermão (At 2), Pedro coloca em pé de igualdade a responsabilidade humana tanto dos judeus como dos romanos com relação ao plano eterno de Deus.

3.19,20 — *Venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor.* A palavra traduzida por *refrigério* refere-se à restauração da força e do

vigor. A força é restaurada quando a esperança é restaurada. Pedro desafiou seus ouvintes a arrepender-se e a converter-se, a mudar o pensamento acerca de Jesus, considerando-o Messias, e a servir a Ele.

3.21 — A restauração pode ser uma alusão ao esperado governo do Messias quando Ele retornar (At 1.11; At 17.31).

3.22,23 — Os líderes judeus esperavam o cumprimento da predição feita em Deuteronômio 18.15 (Jo 1.21,22). Pedro anunciou esse cumprimento e identificou Jesus como o *profeta* predito por Moisés.

3.24-26 — *Vós sois os filhos dos profetas e do concerto que Deus fez com nossos pais.* Esses judeus eram os primeiros receptores das bênçãos prometidas a Abraão, prenunciadas pelos profetas e cumpridas em Jesus. *Todas as famílias da terra.* Nós também estamos incluídos na bênção da purificação da iniquidade, pois esse era o propósito de Deus ao enviar Jesus.

4.1-4 — Os saduceus estavam *doendo-se muito* por duas razões. Primeiro, os saduceus eram céticos, rejeitavam todo o Antigo Testamento, à exceção do Pentateuco, ou seja, os cinco livros de Moisés. Eles também não acreditavam na ressurreição. O ensinamento de Pedro acerca da ressurreição desafiou as crenças e os ensinamentos deles. Segundo, os saduceus eram os líderes dos judeus naquele tempo. Eles eram provenientes de famílias abastadas, ligadas ao governo romano. Eles se vincularam ao poder vigente para manter sua posição, influência e riqueza. A última coisa que os saduceus queriam era uma dupla de judeus declarando a ressurreição de um rei.

Lançaram mão deles e os encarceraram [...] muitos, porém [...] creram. A tentativa de silenciar a verdade de Deus prendendo as testemunhas de Jesus não foi capaz de reprimir a ação divina. Embora servos de Deus sejam encarcerados, a Palavra dele nunca é lançada em prisões (2 Tm 2.9). O resultado do aprisionamento de Pedro e João pelos saduceus foi a conversão de cinco mil pessoas à mensagem do evangelho.

4.5,6 — *Reunirem-se em Jerusalém os seus principais.* O Sinédrio, formado por 70 membros do sexo masculino e mais o sumo sacerdote, era a mais alta corte dos judeus. O grupo consistia dos mais ricos, mais bem-educados e mais poderosos homens de Israel.

Anás, o sumo sacerdote, ocupava o cargo de sumo sacerdote até 14 d.C., quando foi destituído pelos romanos. No tempo de Jesus, os sumos sacerdotes eram designados pelos governadores romanos. Aparentemente, Anás tinha-se tornado uma ameaça política para Roma. Entretanto, os judeus tendiam a rejeitar a autoridade romana em seus assuntos religiosos. Por essa razão, embora Anás tivesse sido oficialmente afastado do cargo, os judeus ainda o consideravam sumo sacerdote. Caifás, genro de Anás, foi o sumo sacerdote oficial no período de 18 d.C. a 36 d.C. João provavelmente foi o filho de Anás, que sucedeu Caifás em 37 d.C.

4.7 — *Pondo-os no meio, perguntaram.* A cura do coxo era inquestionável (At 3.1-10), de forma que a questão não era se o homem havia sido ou não curado, mas pela autoridade ou pelo nome de quem o milagre tinha sido operado.

4.8-10 — *Pedro, cheio com o Espírito Santo.* A referência feita à condição do apóstolo Pedro



EM FOCO

CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO (GR. *PLĒTHŌ PNEUMATOS HAGIOU*)

(At 2.4; 4.8,31; 9.17; 13.9; Lc 1.15,41,67)

O termo grego *plēthō* é utilizado para descrever o enchimento de algo (Mt 27.48; Lc 5.7). Lucas utiliza esse termo comum para descrever como o Espírito Santo influencia uma pessoa. Ele usa a expressão *cheios do Espírito Santo* oito vezes em sua narrativa. Em todas as ocorrências, o enchimento com o Espírito Santo capacita a pessoa para falar ou pregar com ousadia. Portanto, o preenchimento do Espírito está diretamente relacionado ao ministério profético, à revelação ou explanação da Palavra de Deus.

nessa passagem é a segunda menção no livro de Atos de alguém estar cheio do Espírito Santo (v. 31; At 2.4; 9.17; 13.9).

Grande satisfação inicial acompanhou o batismo no Espírito. A plenitude em Deus trouxe coragem aos primeiros cristãos para fazerem o trabalho de Deus. Jesus tinha prometido aos Seus discípulos que eles estariam diante dos governadores e reis, e que o Espírito de Deus colocaria em suas mentes tudo o que eles deveriam dizer (Mt 10.16-20). É interessante comparar as ações de Pedro quando dirigido pelo Espírito Santo de Deus, nesse episódio, e quando esteve assentado no pátio do templo, intimidado diante de duas criadas e outros que o questionaram a respeito de sua fé em Jesus (Mt 26.69-75). Naquela ocasião, Pedro negou a Cristo três vezes. Nessa ocasião (At 4.8-10), ele se levantou com coragem e intrepidez para testemunhar diante do Sinédrio, o mais importante tribunal judeu na terra.

4.11 — *A qual foi posta por cabeça de esquina.* O Antigo Testamento faz alusão à pedra de esquina ou pedra angular (Jó 38.6); a pedra fundamental em uma fundação (Is 28.16); a pedra que

serve para nivelar toda a obra (Jr 51.26); a pedra de esquina (Sl 118.22), ou a lápide (Zc 4.7). Assim, a imagem de uma pedra é usada para se referir tanto ao fundamento como ao nivelamento de uma fundação.

No primeiro século da era cristã, a referência à pedra principal era compreendida como alusiva à pedra colocada no ápice do templo de Jerusalém. A pedra angular era a pedra que unia duas paredes pelas suas extremidades, servindo para mantê-las ligadas uma à outra. Era também a pedra alicerçada em um dos cantos da construção de um edifício, servindo de ponto de partida para a edificação de todo o prédio. Pedro fez uso dessa metáfora para dizer que, quando as pessoas rejeitaram Jesus Cristo, elas rejeitaram o único capaz de levar a cabo o plano de Deus para a humanidade. O significado dessa ilustração era bem compreendido no primeiro século, especialmente entre os rabinos judeus e as pessoas que tinham conhecimento das Escrituras.

4.12 — *Nenhum outro nome há salvação.* Apenas mediante a fé no Jesus histórico — o Filho de Deus encarnado, que morreu e apareceu redivivo — é possível que alguém seja salvo.



APLICAÇÃO

COMPARTILHANDO TODAS AS COISAS

Os primeiros cristãos eram extraordinariamente generosos. Na realidade, *todas as coisas lhes eram comuns* (At 4.32-35), um ideal que o mais puro comunismo sempre defendeu, mas nunca foi capaz de alcançar. Logo, diante de tal condição solidária, cabe a pergunta: Os primeiros cristãos foram, de alguma forma, comunistas?

Não! Em primeiro lugar, eles não adotaram um sistema econômico, mas simplesmente estabeleceram um estilo de vida comunitária caracterizado pela cordialidade, pela compaixão e pelo amor cristão. Tal comportamento era um resultado poderoso do revestimento que eles receberam do Espírito Santo (At 2.1-4). Infelizmente, nem sempre no Novo Testamento os cristãos demonstraram essa postura de cuidado ou preocupação (At 5.1-11; 1 Co 6.8; Tg 4.1,2).

Além disso, a Bíblia não determina a distribuição igualitária de bens, nem pede a eliminação da propriedade ou do direito de propriedade. Essa passagem (com Atos 2.44,45) é um testemunho histórico, não um tratado doutrinário. É o relato documental do trabalho desenvolvido pela Igreja desde os seus primórdios.

Naqueles dias, como em nosso tempo, havia cristãos ricos e cristãos pobres (2 Co 8.2; 1 Tm 6.17-19). Quando o Novo Testamento focaliza assuntos como a riqueza, ele demonstra preocupação para com o pobre, o trabalho, a igualdade, as viúvas, os escravos e a justiça social. O Novo Testamento, especialmente o livro de Atos dos Apóstolos, convoca os cristãos a viverem inevitavelmente em compaixão e generosidade, e não a viverem em ascetismo, com a ideia de que os cristãos podiam tornar-se mais religiosos por meio da abnegação, da renúncia à riqueza mundana. Na verdade, Paulo adverte contra aqueles que assim procedem (Cl 2.18-23). A Bíblia condena o amor às riquezas, e não a riqueza em si, como a raiz de todos os males (1 Tm 6.9,10).

4.13 — Embora Pedro e João fossem pescadores galileus destituídos de educação formal, eles falaram com confiança e liberdade. A apresentação do evangelho feita por esses simples pescadores era poderosa porque eles eram testemunhas oculares de tudo o que falavam (At 1.22).

4.14-18 — *Nada tinham que dizer em contrário.* O Sinédrio reconheceu a veracidade do milagre operado. Os apóstolos ofereceram a explicação: os milagres eram obra do Cristo ressuscitado. Em vez de crer em Cristo, os membros do Sinédrio apenas demonstraram interesse em fazer um controle efetivo dos danos. Eles tentaram intimidar os apóstolos advertindo-os a não falar ou ensinar no nome de Jesus.

4.19-22 — *Julgai vós se é justo [...] ouvir-vos antes a vós do que a Deus.* Não há nenhuma autoridade que se compare à autoridade de Deus. Quando a autoridade humana rejeita a autoridade divina, ela perde todo o direito de exigir ou estabelecer normas (At 5.29). Desde o princípio, homens e mulheres de Deus resistiram às autoridades e às ordens que se manifestaram contra a vontade de Deus (por exemplo: as parteiras, Êxodo 1; os pais de Moisés, Hebreus 11.23; Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, Daniel 3).

4.23-31 — A resposta dos companheiros de Pedro e de João diante dos testemunhos dos apóstolos após a libertação deles foi uma manifestação espontânea de louvor, cânticos e oração.

4.32-37 — Lucas observa que, para os cristãos primitivos, estar cheio do Espírito Santo não significava apenas participar da proclamação da Palavra de Deus, mas também compartilhar as posses com todos aqueles que passam por necessidade.

5.1,2 — *Ananias e Safira* tinham o desejo de ter uma reputação semelhante à reputação de Barnabé (At 4.36,37), mas o casal não era dotado do mesmo caráter que ele. Enquanto os outros cristãos buscavam servir aos companheiros de fé, Ananias e Safira buscavam certo *status* para serem servidos.

5.3 — *Ananias, por que encheu Satanás o teu coração?* Ananias e Safira acreditaram no Senhor Jesus Cristo, porém acabaram por sucumbir às

tentações da ganância e do orgulho. Note que a palavra grega *encher* aqui, usada para denotar a ação de Satanás em Ananias e Safira, é a mesma palavra usada em Atos 4.8 para se referir ao enchimento do Espírito Santo. O termo significa o mesmo que *tomar posse* ou *deter o controle*. Os filhos de Deus que foram libertados de toda a tirania de Satanás têm a habilidade para escolher *que* ou *quem* eles desejam que os controle. Quando escolhemos praticar o pecado, nós abrimos uma porta a Satanás. A influência maligna que tentou Ananias e Safira a terem maus desejos e pensamentos foi eficiente porque os levou a mentirem contra o Espírito Santo.

Para que mentisses ao Espírito Santo? O autor de todas as mentiras é Satanás (Jo 8.44). Quando Ananias e Safira mentiram deliberadamente, eles tomaram para si o caráter moral daquele que está por trás de todas as mentiras, o diabo.

5.4 — *Não mentiste aos homens, mas a Deus.* O Espírito Santo é a terceira pessoa da trindade divina. Mentir ao Espírito é o mesmo que contar mentiras a Deus (v. 3).

Não estava em teu poder? Ananias e Safira poderiam ter mantido uma parte do dinheiro da venda da propriedade ou então poderiam ter ficado com todo o valor; a maneira como lidariam dizia respeito somente a eles e ao Senhor. O problema residia no fato de o casal querer demonstrar aos outros uma inverdade: que eles tinham depositado todo o valor quando, na verdade, tinham ofertado apenas uma parte dele a Deus.

5.5-7 — *E Ananias [...] caiu e expirou.* É possível que muitos achem esse castigo extremamente severo, semelhante à impressão causada pelo castigo dado a Acã (Js 7.16-26). Porém, a passagem de Provérbios 6.16-19 revela o pensamento de Deus a respeito do pecado e do falso testemunho.

A Igreja ainda estava muito vulnerável ao perigo espiritual. Ainda que Jesus tenha prometido que os poderes do inferno não poderiam prevalecer contra a Igreja do Senhor (Mt 16.18), ela era uma recém-nascida, ainda estava na primeira infância. Deus agiu com grande disciplina para assegurar a pureza e a sobrevivência de Sua Igreja.



APLICAÇÃO

O PERIGO DE MENTIR PARA DEUS

A dramática narrativa sobre Ananias e Safira (At 5.1-11), imediatamente após o relato a respeito de Barnabé (At 4.36,37), estabelece um evidente contraste entre dois tipos de pessoas. Por um lado, Barnabé é a vívida expressão de exemplo positivo de uma fé sincera, evidenciado por sua generosidade. Por outro lado, Ananias e Safira servem de exemplo negativo.

Externamente, Barnabé, Ananias e Safira são parecidos. Como Barnabé, o casal vendeu sua propriedade e trouxe o dinheiro para ofertar à Igreja, depositando o valor da venda aos *pés dos apóstolos* (At 4.37; 5.2). Entretanto, quando revelada a intenção interior dos três, uma diferença radical torna-se perceptível.

Os pecados mencionados por Pedro — a mentira contra o Espírito Santo (At 5.3) e a tentação contra o Espírito (At 5.9) — indica que Ananias e Safira estavam brincando com Deus. Pedro notou que a fonte daquela atitude deplorável era Satanás. Ele, o pai da mentira (Jo 8.44), tinha enchido os corações deles de mentiras, em contraste com o enchimento do Espírito Santo, que torna o coração cheio da verdade (At 14.16,17; Ef 5.6-21). Como Israel, o casal estava testando o Espírito (1Co 10:1-13), testando os limites da permissão divina, pensando na possibilidade de escapar do juízo divino.

Deus tratou severamente o casal mostrando o que acontece com aqueles que agem como eles agiram. O resultado da ação do Senhor foi o imediato temor que se disseminou por toda a Igreja (At 5.11) — não simplesmente o medo que leva à bajulação, mas o temor respeitoso, que conduz à ação em santidade para com Deus e à pureza moral. Esse episódio serve de advertência para os cristãos de hoje no que diz respeito à relação que devem estabelecer com Deus.

5.8 — *E disse-lhe Pedro: Dize-me, vendestes por tanto aquela herdade?* Pedro deu uma oportunidade para que a esposa de Ananias falasse a verdade. Safira não seria disciplinada por causa do pecado do marido caso desse um testemunho verdadeiro. Embora Ananias e Safira fossem casados, eles também eram irmãos em Cristo. Safira era responsável por si em relação a Deus. Quando Safira cometeu o mesmo pecado de rebelião e mentira que o marido cometera, ela recebeu igual castigo.

5.9 — *Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor?* Eles desafiaram Deus quando entraram em acordo sobre a mentira.

5.10,11 — *Houve um grande temor em toda a Igreja.* Eis uma evidência do grande respeito de que desfrutavam Ananias e Safira entre os cristãos. Se Deus fora tão severo com eles, os demais sabiam que tinham de agir de maneira correta.

5.12 — *E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos.* Os sinais são alusivos às ocorrências sobrenaturais que apontam para uma advertência, instrução ou encorajamento proveniente de Deus. O sinal torna evidente que a pregação de fato era proveniente de Deus. Os *prodígios* são respostas a um sinal. Por compartilhar da mesma natureza dos sinais,

os prodígios causaram grande temor naqueles que os contemplaram e naqueles que ouviram falar acerca deles. Sinais e prodígios foram determinados por Deus para confirmar Sua palavra (Mt 12.38,39).

5.13 — *Ninguém ousava ajuntar-se com eles* por causa da disciplina que recentemente sobreviera àqueles que pecaram contra o Espírito Santo (At 5.1-11).

5.14 — A despeito do temor que acometeu toda a Igreja por causa da disciplina, a *multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais.*

5.15 — No mundo antigo, muitas pessoas acreditavam nos poderes curativos e mágicos atribuídos à *sombra* de uma pessoa. As pessoas referidas nesse versículo não eram necessariamente cristãs, mas todas aquelas que acreditavam que Pedro, como o defensor de uma nova religião, era dotado de poderes mágicos. As pessoas impuseram suas superstições à nova fé.

5.16 — *Os quais todos eram curados.* Deus operava milagres em abundância por meio dos apóstolos, não deixando de trazer restauração física completa.

5.17 — *Saduceus [...] encheram-se de inveja.* Os principais líderes religiosos dos judeus sentiram-se

ameaçados pelo ensino dos apóstolos. A razão de tal ameaça residia na grande simpatia que as pessoas nutriam pelo movimento que, ao contrário da doutrina dos saduceus, afirmava a ressurreição e acusava os líderes judeus do assassinato do Messias.

5.18 — A prisão dos apóstolos pelas autoridades aparentemente era uma ocorrência comum no período da Igreja primitiva.

5.19 — *Um anjo do Senhor abriu as portas da prisão.* A palavra utilizada aqui para *anjo* significa basicamente *mensageiro*. A expressão *anjo do Senhor* é geralmente usada no Antigo Testamento para se referir ao mensageiro espiritual de Deus, e provavelmente diz respeito ao próprio Jesus na maior parte dos casos. Considerando os eventos dessa passagem em particular, está claro que a visita mencionada tem caráter sobrenatural.

5.20 — *Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida.* Note que a ordem do anjo não era para que fugissem da cidade, mas para que voltassem ao templo, lugar onde os discípulos tinham sido presos pela primeira vez, e pregassem ao povo. O fato de os discípulos terem de voltar ao lugar da prisão era um testemunho aberto aos líderes judeus e ao público em geral de que eles estavam dispostos a morrer pela verdade que proclamavam.

5.21-25 — Enquanto o conselho estava reunido com o propósito de lidar com o problema, os seus prisioneiros ensinam o povo no templo (v. 25).

5.26 — Sem nenhum tipo de violência, *porque temiam ser apedrejados pelo povo, o capitão e os servidores* conduziram as testemunhas do evangelho de Deus ao conselho.

5.27,28 — *Quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.* Essa é uma resposta do conselho à acusação dos apóstolos de que os líderes judeus tinham crucificado pessoalmente a Jesus (v. 30 e nota; At 4.10). Eles não conseguiram se livrar de Jesus e por isso se colocavam cada vez mais na defensiva. Eles se recusaram a aceitar Jesus como o Messias porque não queriam perder a autoridade que possuíam.

5.29 — *Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.* A respeito da acusação de terem

desobedecido às autoridades, Pedro declarou o custo de obedecer a elas nesse contexto. Jesus tinha dito: *Ser-me-eis testemunhas* (At 1.8). O conselho disse, *Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome?* (v. 28). Toda autoridade vem de Deus. Quando qualquer autoridade ordena que seja feito o que Deus proibiu, ou proíbe aquilo que Deus ordenou, o cristão deve obedecer ao Senhor de todas as autoridades, o próprio Deus. Nós nos submetemos à autoridade governamental porque quem instituiu a autoridade foi o próprio Deus. Quando nos submetemos a governo, estamos submetendo-nos a Deus.

5.30 — O termo *madeiro* aqui é uma alusão à cruz (Dt 21.22,23; 1 Pe 2.24).

5.31,32 — A declaração referindo-se a Jesus de que Deus *com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador* seria compreendida pelo Sinédrio como uma referência à ressurreição. A pregação dos apóstolos elevava o Jesus ressurreto à condição de igualdade em relação a Deus (Jo 5.18; 10.33).

5.33 — Os membros do conselho *deliberaram matá-los*, da mesma maneira como outrora agiram contra Jesus e, posteriormente, também contra Estêvão; tudo isso em nome da religião.

5.34 — *Gamaliel* era um fariseu altamente respeitado, neto do famoso rabino Hillel, um brilhante líder espiritual. Gamaliel foi o tutor de Saulo que mais tarde se tornaria o apóstolo Paulo (At 22.3). A Gamaliel foi atribuído o título honrado de *rabban*, que significa *mestre*. É dito na *Mishná* — o comentário da *Torá*, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento — que quando Gamaliel morreu, *a glória da Torá cessou, e a pureza e a santidade também desapareceram*. Esse é um elogio impressionante para um mestre judeu.

5.35-37 — Certo *Teudas* é mencionado pelo historiador judeu Flávio Josefo, quando da revolta de Teudas contra Roma em 44 d. C. De acordo com Gamaliel, a revolta promovida por Teudas aconteceu antes daquela movida por Judas, o galileu, que iniciara o movimento zelote em torno de 6 d. C. Os romanos rapidamente castigaram Teudas e seus seguidores, forçando o movimento a atuar na clandestinidade.



APROFUNDE-SE

DISCÍPULOS TRANSFORMADOS

Ao ler os primeiros capítulos de Atos, comparando-os aos capítulos finais de quaisquer dos Evangelhos, é possível notar uma mudança radical no comportamento e no testemunho dos discípulos. No final dos Evangelhos está relatado que eles procuraram preservar a própria vida quando Jesus foi preso, no fim de semana da Páscoa. Eles tiveram medo de permanecer ao lado de Jesus quando Ele teve de enfrentar a morte. Pedro, o líder dos discípulos, nem mesmo admitiu aos empregados ser um dos discípulos de Jesus.

Cinquenta dias depois, cada um dos discípulos estava disposto a enfrentar até mesmo a própria morte em nome de Jesus. No pátio do templo, ao ver os líderes judeus que planejaram a execução de Jesus, eles falaram as mesmas palavras usadas para a condenação do Senhor: eles o proclamaram Messias e Filho de Deus.

Algo aconteceu durante esses 50 dias, algo com poder suficiente para transformar os discípulos, algo que tirou o medo deles da morte. Eles tinham testemunhado a existência da vida após a morte. Eles falaram com Jesus ressuscitado e comeram com Ele à beira do mar. Meses antes, eles já tinham ouvido as palavras do Senhor: *Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma* (Mt 10.28). Mas agora eles acreditavam nessas palavras. Então, o Espírito Santo desceu sobre eles, capacitando-os para testemunhar a todos acerca de Jesus, que é Senhor sobre todos.

Despojados de qualquer temor da morte, os apóstolos testemunharam de Jesus dando prosseguimento a Seus ensinos e Suas ações. Eventualmente, conforme os primeiros escritores cristãos relataram, isso custou a vida deles, mas não a alma!

Alguns estudiosos acreditam que Lucas equivocou-se no momento da escrita colocando Teudas antes de Judas, o galileu. Porém, é mais provável que Gamaliel e Josefo tenham se referido a duas pessoas distintas. Teudas era um nome muito comum na Palestina do primeiro século. Há registro de várias insurreições e tentativas de revolução; o próprio Josefo menciona pelo menos dez mil delas. Provavelmente, a revolução promovida por Teudas, mencionada por Gamaliel, ocorreu antes de 6 d. C. e foi conduzida por um outro Teudas, distinto da pessoa a que Josefo faz menção em seus relatos.

5.38,39 — A intervenção do influente Gamaliel foi corajosa ao sugerir que o ensino dos apóstolos poderia ser proveniente de Deus. Nesse caso, ele sabia que tal ensino refutaria a doutrina dos saduceus quanto à negação da ressurreição.

5.40 — *E concordaram com ele* [com Gamaliel]. Primeiro, Deus livrou os discípulos da prisão por meios sobrenaturais, enviando um anjo (v. 19, 20). Depois, Deus livrou os discípulos por meios naturais, fazendo com que um inimigo do cristianismo (v. 34) sugerisse a libertação deles: *Dai de mão a estes homens, e deixai-os* (v. 38). Essa passagem é a prova da atuação indiscutível da mão

soberana de Deus na história. O Senhor pode usar a mente e a boca daqueles que se opõem ao evangelho para preservar e proteger os Seus servos.

5.41 — *Regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus*. Esse versículo fornece o primeiro exemplo de perseguição movida contra os seguidores de Jesus Cristo — nesse caso, contra os líderes do movimento cristão. A resposta dos apóstolos fixaria um precedente aos demais cristãos a serem perseguidos. Em vez de reclamarem ou de se arrependem, os apóstolos alegraram-se por serem considerados por Deus *dignos de padecer perseguição*. Os apóstolos sabiam que havia coisas mais importantes em questão do que a preservação da saúde ou da vida deles. Deus estava usando o sofrimento dos discípulos para trazer pessoas para o Seu Reino (Mt 5.10-12; Fp 1.29; 2 Tm 2.12).

5.42 — *E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo*. Contrariando a proibição a eles imposta, os apóstolos continuaram a *ensinar e de anunciar* diariamente, em particular ou em público, as boas-novas da vinda do Messias.

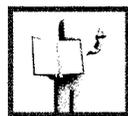
6.1 — Os *helenistas* eram homens e mulheres de descendência judaica que nasceram fora de

Israel. Eles falavam a língua grega, eram versados na cultura helenística e utilizavam a tradução grega do Antigo Testamento, Septuaginta (At 2.5). Os *hebreus* eram judeus palestinos que falavam o aramaico e utilizavam o texto hebraico. É possível que tenha havido certa animosidade entre os grupos — até mesmo entre os novos convertidos que se haviam vinculado mais recentemente ao movimento —; algo que tenha dado lugar à desconfiança quanto ao tratamento dispensado às viúvas negligenciadas. Na Lei judaica, uma mulher não recebia herança. Ela era dependente de seu marido ou de algum outro parente.

6.2 — *Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas.* O ponto aqui não era culpar, mas descobrir o que poderia ser feito para remediar a aparente injustiça. Os apóstolos sabiam que a resolução do problema carecia de apoio e atenção. Embora os apóstolos fossem sensíveis o bastante para reconhecer a natureza da questão, eles também foram cuidadosos para reconhecer as prioridades estabelecidas pela vontade de Deus sobre os líderes da Igreja. Eles não podiam deixar de fazer aquilo que Deus os vocacionara para

fazer — pregar e ensinar a Palavra de Deus, e conduzir a Igreja em oração — a fim de servir *as mesas*. Era preciso fazer algo para suprir as necessidades dos cristãos carentes. O trabalho de administrar e distribuir assistência aos necessitados teria de ser contínuo, portanto, um ministério de serviço, diferenciado do ministério da Palavra. A palavra *serviço* aqui e *ministério* (v. 4) é a mesma palavra traduzida em português, em outros contextos, por *diácono*.

6.3 — *Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões.* Os líderes da Igreja incluíram toda a congregação no processo de escolha. O conselho local das comunidades judaicas normalmente consistia de sete homens conhecidos como os *sete da cidade*. Os tais eram conhecidos pelo seu comportamento exemplar na comunidade. No caso dos diáconos escolhidos para servir à Igreja, eles deviam ser escolhidos entre as pessoas de *boa reputação*, e entre os *cheios do Espírito Santo e de sabedoria*. A vida desses homens deveria ser condizente com a fé que professavam. Eles sabiam qual era a vontade de Deus e estavam comprometidos em levar seu testemunho até o fim de suas



ENTENDENDO MELHOR

OS JUDEUS E OS HELENISTAS

As tensões que surgiram na Igreja de Jerusalém tinham ligação direta com a discriminação fundamentada nas diferenças de idioma e de cultura. Os estudiosos diferem em suas descrições dos dois grupos concorrentes: os *judeus* e os *helenistas*. Os judeus são descritos frequentemente como falantes do aramaico, sendo nativos da Palestina. Os helenistas eram falantes do grego e oriundos de regiões além Palestina. Tão provável quanto a proveniência dos judeus helenistas e de seus filhos das muitas cidades estrangeiras é o fato de que a maioria dos judeus residentes em Jerusalém fosse falante do grego. Alguns dos judeus estrangeiros eram provenientes de lugares como Cirene, Alexandria, Cilícia ou Ásia (At 6.9).

A condição social das viúvas era desvantajosa na sociedade antiga. As viúvas geralmente eram pobres e não raramente oprimidas. As viúvas judias geralmente eram acolhidas em sua pobreza pelas sinagogas locais, que promoviam ações solidárias de apoio e suporte. Porém, as sinagogas dos judeus helenistas tinham mais viúvas do que as outras sinagogas; uma quantidade que estava além da capacidade de fornecer alguma ajuda. Desde que considerados piedosos aqueles que viviam seus últimos dias em Jerusalém, muitos judeus estrangeiros se mudavam para lá quando se aposentavam, eventualmente deixando um número significativo de viúvas judias estrangeiras necessitadas de apoio.

Esse problema social que acometia a cidade de Jerusalém acentuava-se na Igreja: como eles deveriam tratar as viúvas judias estrangeiras? Como eles poderiam evitar que esse grupo minoritário se sentisse como um grupo de segunda classe? A maioria dos grupos sociais na Antiguidade simplesmente exigia submissão das minorias ofendidas, mas os apóstolos encontraram uma solução diferente, ou seja, selecionaram membros da minoria helenista para participar do programa de distribuição de alimentos. Os sete homens selecionados tinham nomes gregos (At 6.5), sugerindo que todos, ou a maioria deles, eram judeus estrangeiros. Os sete helenistas foram comissionados para o trabalho no centro de distribuição de alimentos, posição altamente respeitada em Jerusalém.

vidas (Ef 5.15-18). Assim, eles eram confiáveis para assumir tal responsabilidade e autoridade.

6.4 — *Oração e [...] palavra.* Note a ordem aqui. A oração era uma atividade fundamental para os apóstolos (At 2.42).

6.5 — *E elegeram Estêvão [...] e Nicolau.* Todos os nomes registrados nesse versículo são gregos. A escolha dos helenistas sem dúvida alguma foi um gesto sábio e cordial em favor daqueles que inicialmente tinham feito a reclamação relativa às viúvas (v. 1).

6.6 — Os apóstolos não *impuseram* as mãos para os homens receberem o Espírito Santo, porque os sete eleitos já estavam *cheios do Espírito Santo* (v. 3, 5). Em vez disso, os apóstolos conferiram a eles a responsabilidade de levar a cabo aquele ministério. A imposição de mãos era uma tradição muito importante que remontava aos dias de Moisés (Nm 27.15-23) e identificava as pessoas e os ministérios que elas deveriam exercer.

6.7 — *Crescia a palavra de Deus.* O que o Jesus Cristo tinha feito na vida das pessoas estava espalhando-se em toda a região. Homens e mulheres tornaram-se discípulos submissos ao senhorio de Cristo. Eles não estavam envergonhados da fé que professavam; ao contrário, com grande coragem suportavam o testemunho da verdade do evangelho que mudara suas vidas. Aquilo que Jesus havia prometido estava se cumprindo. Por causa dos salvos que partilhavam com os outros as boas-novas, a Igreja experimentou grande e extraordinário crescimento. Os que vieram a conhecer a Cristo não guardaram tal conhecimento para si, mas saíram e partilharam com os outros.

Grande parte dos sacerdotes. Calcula-se que havia em Jerusalém ao menos oito mil sacerdotes. Lucas não está fazendo menção aqui aos que atacaram a fé (At 4.1,2; 5.17,18). A maioria desses sacerdotes não era das mais altas famílias sacerdotais. Eles tinham vocações comuns que lhes permitiam servir no templo periodicamente — caso semelhante ao de Zacarias, o pai de João Batista. Tratavam-se de homens humildes, sacerdotes dedicados a Deus que se tornaram *obedientes à fé*, que reconheciam ser Jesus o Cristo. O significado do serviço deles no templo foi elevado

porque eles entenderam a verdade por trás dos rituais que executavam.

6.8 — *Estêvão* estava cheio de sabedoria (v. 3), cheio do Espírito Santo (v. 5) e *cheio de fé e de poder*. Ele tinha os dons, a coragem e o brilho necessários para ser uma testemunha poderosa; ainda que seu testemunho fosse rejeitado pelos líderes religiosos. Os corações só se abrem pela ação de Deus, não por nossos dons, nossa coragem ou nosso brilho.

6.9-11 — *Alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos.* A sinagoga era lugar de adoração, um centro comunitário para adoração e estudo das Escrituras. Em contraste, o templo era um centro de adoração para todo o judaísmo, o lugar exclusivo de certos rituais judeus como o sacrifício. Havia muitas sinagogas, tanto na Judéia como em toda a extensão do mundo romano. Esse versículo faz referência aos judeus do mundo helênico pertencentes aos muitos centros judaicos fora de Jerusalém.

6.12,13 — A resistência ao evangelho iniciara-se com o convite à discussão. Da discussão, partiram para o debate. Do debate, para a calúnia. Da calúnia, para a difamação e violência. Os antagonistas *excitaram o povo* e o convenceu de que a essência da fé judaica — aquilo que os judeus entendiam ser mais sagrado: o templo, a Lei, Moisés e o plano de Deus — estava sob ataque por meio da pregação de Estêvão. O assunto não era a obra de Cristo na cruz, mas o núcleo da religião judaica tradicional.

6.14 — *Este lugar.* A importância do templo seria destruída pelo poder do evangelho que Estêvão pregara (At 7.48). Aquele evangelho cumpriria a revelação de Deus a Moisés, mas também seria responsável por *mudar* os costumes mosaicos, especialmente a compreensão desses costumes por parte dos líderes judeus. O restante do livro de Atos descreve tais conflitos (At 15.22-29; 21.27-29; 24.5-21).

6.15 — Estêvão estava tão cheio do Espírito Santo que a sua face estava resplandecente (2 Co 3.18).

7.1 — O *sumo sacerdote* presumivelmente era Caifás, aquele que presidira o julgamento do



ENTENDENDO MELHOR

A SINAGOGA

Em quase todas as cidades citadas no Novo Testamento em que Jesus ou Paulo atuaram há pelo menos uma sinagoga acessível à população judaica — até mesmo em Jerusalém, a cidade do templo, o centro de adoração. Ninguém sabe quando as sinagogas surgiram. Alguns estudiosos acreditam que as sinagogas são provenientes de tempos mais recentes na história de Israel. Outros acreditam que as sinagogas são mencionadas em Salmos 74.8. É certo que instrução e debates devem ter acontecido de alguma forma organizada em algum edifício nas aldeias e nas cidades distantes de Jerusalém durante o período do Antigo Testamento.

A maioria dos estudiosos concorda que o Novo Testamento marca o tempo em que a sinagoga começa a tomar a forma que definitivamente assumiu após a destruição do templo de Jerusalém. Tal processo ter-se-ia iniciado na destruição do templo durante o exílio. Com o povo de Israel espalhado ao redor do mundo conhecido, os judeus precisaram separar um local para reunião nas suas novas comunidades, onde eles poderiam aprender sobre a fé de seus pais e adorar a Deus.

No tempo de Jesus e Paulo, as sinagogas serviram como centros locais de adoração, educação e governo para a comunidade judaica. Embora sujeito às leis da terra, cada sinagoga tinha seu próprio governo, conduzido por anciãos autorizados a exercer a disciplina e punir os membros. O templo reconstruído em Jerusalém permaneceu como centro de adoração e sacrifício, o local destinado à celebração dos banquetes designados ao povo de Israel na Lei. Mas a sinagoga exercia papel importante e cada vez mais elevado na instrução religiosa dos judeus. Na verdade, uma das indicações significativas da tradição judaica assevera a existência de 394 a 480 sinagogas judaicas na cidade de Jerusalém após o ano 70 d.C.

De acordo com a tradição, uma sinagoga era estabelecida em qualquer lugar com pelo menos dez homens judeus. A reunião principal era realizada no Sábado sagrado. O culto sinagoga típico consistia de: recitação do *Shemá*, a confissão da fé na unicidade de Deus (Dt 6.4-9); prática de orações; leitura das Escrituras, a leitura da Lei e dos Profetas; um sermão; uma bênção.

Foi nas sinagogas do primeiro século que a fé cristã começou a se disseminar. Paulo e outros missionários nunca rejeitaram a sua fé judaica, mas entendiam ser Cristo o cumprimento de todas as coisas ensinadas a eles nas sinagogas. Os judeus que viviam a fé nas sinagogas também acreditavam em um verdadeiro Deus, estudavam as Escrituras e acreditavam que a vinda do Messias era próxima. Para os missionários cristãos da Igreja primitiva, as sinagogas locais era o lugar mais apropriado para eles começarem seus ministérios.

Sinédrio desfavorável a Jesus, culminando em Sua morte.

7.2,3 — *O Deus da glória apareceu.* Deus interveio continuamente na história para falar com o Seu povo. Quando Deus falou primeiro com Abraão, Ele não estava no templo de Jerusalém; e nem mesmo residia ou estava na Palestina.

7.4 — *Saiu da terra dos caldeus e habitou em Harã.* O texto não explica por que Abraão instalou-se em Harã se a Terra Prometida era Canaã. Tudo o que se sabe é que Abraão escolheu esperar pela morte de seu pai antes de viajar para a Terra Prometida (Gn 12.1).

7.5 — *E não lhe deu nela herança.* Deus moveu Abraão ao longo de sua peregrinação espiritual abençoando-o continuamente. Aparentemente, a meta não era a posse da terra, pois Deus não deixaria Abraão instalar-se — estagna-se nas bênçãos do passado.

7.6,7 — Antes da *descendência* de Abraão desfrutar da terra prometida, ela seria testada a viver em aflição em uma terra estrangeira.

7.8 — *O pacto da circuncisão* era o símbolo dado a Abraão para que ele nunca se esquecesse daquele Deus que prometera abençoá-lo. O sinal dessa promessa foi transmitido de geração em geração, de Gênesis 17 para o tempo do confronto entre Estêvão e o Sinédrio. Abraão foi salvo pela fé (Gn 15.6), e o símbolo da circuncisão era um sinal externo que demonstra a autenticidade de sua fé. Semelhantemente, Deus não abençoaria os ouvintes de Estêvão por causa da circuncisão deles, mas por causa da fé.

7.9,10 — A alusão aos *patriarcas* é uma referência ao neto de Abraão e aos seus 12 filhos. O nome do pai dos patriarcas, Jacó, significa *usurpador*, e foi mudado por Deus para o Israel,



PERFIL

ESTÊVÃO, O PRIMEIRO MÁRTIR CRISTÃO

A tensão étnica desempenhou papel decisivo no interrogatório e no apedrejamento de Estêvão, o primeiro mártir da Igreja. Outros membros da Igreja primitiva enfrentaram o conselho (At 6.12; 4.1-23), mas foi Estêvão, provavelmente um helenista, que morreu primeiro por causa de sua fé.

Os helenistas, judeus nascidos fora da Palestina, estavam entre os primeiros atraídos pela mensagem do evangelho. Tratados como cidadãos de segunda classe pelos judeus nativos, muitos encontraram aceitação na Igreja primitiva. É possível que a nova fé tenha ameaçado afastar ainda mais judeus helenistas e judeus nativos; alguns helenistas (At 6.9), entretanto, acreditavam ter motivo para desacreditar do movimento cristão.

A oposição dos judeus recaiu sobre Estêvão, líder dinâmico e emergente que desfrutou de proeminência na Igreja, posição que certamente lhe seria negada na comunidade hebraica. O interrogatório e assassinato (cap. 7) de Estêvão revelaram que os helenistas estavam dispostos a sacrificar um dos seus como demonstração de lealdade ao sistema dominante.

A estratégia funcionou: a morte de Estêvão precipitou uma grande perseguição de cristãos, sancionada pelo conselho e conduzida por um novo e jovem líder, Saulo de Tarso (At 8.1-3; 9.1,2).

O conselho

O conselho, ou Sinédrio, era a mais alta autoridade no governo dos judeus, o seu tribunal supremo.

- Era liderado pelo sumo sacerdote, a autoridade judaica mais poderosa da cidade.
- Era composto por 71 membros, incluindo o sumo sacerdote, os principais líderes (os anciãos) e os peritos na lei mosaica (os escribas).
- No primeiro século, dois partidos detinham grande importância e influência, os fariseus e os saduceus (veja *Os partidos políticos do tempo de Jesus* em Mateus 16.1)
- Recebeu autorização de Roma para supervisionar assuntos de ordem religiosa, civil e criminal na província da Judéia.
- Politicamente, o conselho podia designar líderes e sumos sacerdotes, podia resolver conflitos, fazer recenseamentos na cidade e ampliar o templo.
- Judicialmente, o conselho podia julgar os sacerdotes traiçoeiros, os falsos profetas, os líderes rebeldes e as tribos rebeldes.
- Na esfera religiosa, o conselho podia ordenar certos serviços, como o Dia do Perdão.
- O conselho tinha uma polícia própria.
- Não era permitido ao conselho decretar a pena de morte.
- Membros proeminentes são mencionados na Bíblia:
 - » José de Arimatéia (Mc 15.43)
 - » Anás e Caifás, sumos sacerdotes (Lc 3.2)
 - » Nicodemos (Jo 3.1; 7.50)
 - » Gamaliel (At 5.34)
 - » Ananias (At 23.2)
 - » Possivelmente Tértulo, um orador (24.1,2)
 - » Possivelmente Saulo, um aluno de Gamaliel (22.3)

defensor de Deus. Os 12 filhos de Jacó foram os fundadores das 12 tribos de Israel.

7.11-13 — A fome provou ser um dos meios providenciais utilizado por Deus para trazer os irmãos de José ao Egito à procura de alimentos — e, o mais importante, foi o meio de promover reconciliação entre eles.

7.14,15 — Estêvão declarou que *setenta e cinco* pessoas foram para o Egito. A passagem de Gênesis 46.26 indica que 76 pessoas acompanharam Jacó na viagem ao Egito: não contando Jacó, José e seus dois filhos. Estêvão derivou o número 75 da Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento. Aparentemente, os tradutores

somaram 12 esposas (Gn 46.26 afirma que o número 76 não incluía as esposas). Entretanto, eram apenas nove esposas e não 12, porque as esposas de Judá e Simeão já tinham morrido, e a de José já estava no Egito.

7.16 — Por que o Estêvão fez a observação de que os patriarcas foram enterrados em *Siquém*? Naquele tempo, Siquém era o centro religioso dos samaritanos. Perto estava o monte Gerizim, local onde fora construído o templo dos samaritanos (Jo 4.20). Estêvão fora acusado de falar contra o templo de Jerusalém, o que tinha tanto peso quanto falar contra o próprio Deus. O aspecto central do argumento de Estêvão estava no fato de que Deus tinha falado com Seu povo fora de Jerusalém, com ou sem templo. O local mais importante determinado por Deus ao Seu povo era o monte Sinai, que sequer ficava perto Jerusalém.

7.17-19 — Os descendentes de Abraão desfrutaram de grande crescimento e prosperidade; *o povo cresceu e se multiplicou*, o que se tornou um grande inconveniente para os egípcios, especialmente a partir do faraó *que não conhecia a José*.

7.20,21 — É possível que se pense que não haveria situação menos favorável para o nascimento de Moisés. Na realidade, Moisés nasceu em um tempo muito oportuno.

7.22 — *Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios*. Ninguém obteve tanta atenção e importância na tradição judaica quanto Moisés. A tradição dos judeus diz que inicialmente o faraó não tinha filhos; por essa razão, Moisés estava sendo preparado pela filha do faraó para ser o sucessor do trono do Egito. Logo, Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios a fim de preparar-se para tão grande desafio. Mais tarde, o faraó teve um filho que se tornou o primeiro na sucessão do trono do Egito, assumindo assim o lugar de Moisés. A tradição judaica também afirma que Moisés tornou-se um grande líder entre os egípcios, conduzindo-os à vitória contra os etíopes. Portanto, *ele era poderoso em suas palavras e obras*.

7.23-29 — Na opinião de alguns rabinos, *quarenta* era a idade em que um homem já tinha atingido a maturidade. A vida de Moisés é dividida em três partes: os primeiros 40 anos são passados no palácio do faraó; os próximos 40 anos são passados no deserto; e os últimos 40 anos são aqueles em que Deus delegou a ele o cuidado do Seu povo. Moisés iniciou seu período de treinamento depois de tentar libertar os israelitas de um modo não determinado por Deus. Nós devemos ter o cuidado de fazer o trabalho de Deus da maneira como Ele quer, no tempo dele, pelas razões



APLICAÇÃO

A EDUCAÇÃO DE MOISÉS

"Não importa se você não tem formação, pois Deus pode usar você assim mesmo" — algumas pessoas dizem. É verdade, Deus pode usar qualquer um, tenha a pessoa recebido uma boa formação ou não. Entretanto, a educação de Moisés *em toda a ciência dos egípcios* (At 7.22) provou ser um valioso recurso quando Deus o chamou para conduzir Israel da escravidão para a liberdade.

Durante um terço da vida de Moisés, 40 anos, ele esteve no Egito. Membro da realeza, ele foi instruído na impressionante cultura dos faraós. O currículo educacional dos faraós incluía ciência política, administração pública e, provavelmente, religião, história, literatura, geometria, e ainda engenharia e hidráulica.

Mas esse não foi o fim da formação educacional de Moisés. Ele gastou outros 40 anos na *faculdade* do deserto, estudando agronomia e veterinária enquanto esteve dedicado às atividades pastorais. Ele também aprendeu sobre saúde pública e sobre comunidades primitivas. Portanto, dois terços da vida de Moisés foram dedicados à preparação para a obra mais desafiadora a ser entregue em suas mãos — liderar Israel através do deserto.

Inteligência e educação por si só não tornam ninguém pronto para servir a Deus. Na verdade, é possível que uma pessoa de boa formação se esconda atrás de sua erudição ou cultura para evitar um relacionamento com Deus. O jovem Saulo caiu nessa armadilha (At 22.3-5), assim como fizeram antes dele os fariseus que tinham a mesma condição que ele. Assim também fizeram os filósofos em Atenas (At 17.16-34). Mas, como Estêvão demonstrou que o problema não está no intelecto, mas na vontade; o perigo não está em abraçar o conhecimento, mas em resistir a Deus (At 7.51).

e motivações dele. Já se disse que Moisés passou 40 anos pensando ser alguém, passou mais 40 anos achando que não era ninguém e, finalmente, passou mais 40 descobrindo o que Deus pode fazer com alguém que não era ninguém.

7.30-34 — Fazendo menção ao episódio da sarça ardente, Estêvão sublinhou mais uma vez o fato de que Deus é livre para se revelar onde quer que deseje. Assim, seja qual for o lugar onde Deus se revele, esse lugar se torna *terra santa*.

7.35-41 — Estêvão demonstrou que Moisés, acerca de quem os líderes acusaram Estêvão de estar falando contra (At 6.11), havia sido rejeitado pelos antepassados dos líderes como líder e redentor apontado por Deus — de igual modo como eles estavam rejeitando Jesus. Era Jesus aquele de quem Moisés deu testemunho, prenunciando Sua vinda (Dt 18). Estêvão desafiou os líderes religiosos de seu tempo a acreditarem em tudo o que Moisés ensinara ou a rejeitarem tudo.

Nossos pais não quiseram obedecer. O *Talmude*, comentário judaico do Antigo Testamento, chama o episódio do bezerro de ouro de *ação indizível*. Os rabinos não tinham a intenção de falar sobre esse assunto, proibindo a tradução de tal citação no vernáculo para os serviços religiosos da sinagoga. Os líderes religiosos desejavam enterrar o incidente, mas Estêvão lançou-o diante do conselho dos judeus.

7.42,43 — *Deus [...] os abandonou.* Estêvão adverte seus acusadores quanto a possibilidade de Deus abandonar Israel caso a luz do evangelho fosse rejeitada, assim como uma vez Ele fizera enviando Israel ao exílio babilônio.

7.44,45 — O antigo *tabernáculo* tinha sido o núcleo da adoração nacional dos Israelitas. Até mesmo depois da libertação milagrosa ocorrida no Egito, havia uma tendência entre as pessoas de se esquecerem da presença de Deus. O tabernáculo era um testemunho constante da presença de Deus, independente dos locais para onde o povo fosse. Paulo diz que nós somos o tabernáculo, o templo de Deus (1 Co 3.16). Nunca podemos nos apartar da presença de Deus, porque levamos a presença dele em nós (Sl 139).

7.46-50 — Era o desejo de Davi dar para Deus um lugar de habitação permanente. O perigo do pedido de Davi estava na possibilidade de alguns identificarem a presença de Deus com o lugar edificado, como se Deus fosse limitado àquele local. Deus honrou o desejo de Davi permitindo que Salomão construísse o templo. Deus encheu aquele lugar da glória dele, da *Shekiná*, uma demonstração da Sua presença. Mas Deus não habitava no templo. O criador não pode ser limitado por nenhuma de Suas criações. A Sua presença enche todas as coisas criadas. Salomão entendeu isso muito bem quando dedicou o templo (1 Rs 8.27-30). Em sua fala, Estêvão enfatizou que *o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens*.

7.51 — *Vós sempre resistis ao Espírito Santo.* A partir desse ponto, Estêvão parou de narrar a história e voltou para a situação dos líderes judeus.

7.52 — *A qual dos profetas não perseguiram vossos pais.* Estêvão relacionou os antepassados dos judeus aos membros do conselho. Os membros do conselho queriam parecer abertos à verdade de Deus, mas tanto eles como seus antepassados raramente queriam ouvir a verdade acerca de Deus proferida pelos profetas e mensageiros. Jesus fez essencialmente as mesmas acusações em Mateus 23.34-36. Estêvão não temeu nem retrocedeu em seu ímpeto de acusar o Sinédrio de entregar Jesus para morrer pelas mãos das autoridades, tornando-se assassinos dele. Ele usou expressões até mais fortes do que aquelas utilizadas por Pedro (At 3.13-15).

7.53 — A culpa deles foi ampliada porque tinham recebido a *lei*, mas tinham-se recusado a obedecer a ela. Os *anjos* estavam presentes quando da entrega da lei no Sinai (Gl 3.19; Hb 2.2).

7.54 — *Enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele.* Uma expressão frequentemente usada para relevar convicção de pecado ou raiva (At 2.37). O Espírito Santo ainda trabalha desse modo nos dias de hoje.

7.55 — Estêvão, naquele momento, estava *cheio do Espírito Santo*, o que estava comprovado pelo fato de que tudo aquilo que ele desejou fazer foi motivado por Deus. Ele teve a oportunidade

de testemunhar, e o resultado da pregação foi a grande indignação dos judeus. Estêvão foi martirizado por fazer a obra de Deus, e o Senhor respondeu a ele naquele momento terrível revelando o modo pelo qual ele o glorificaria. Estêvão confiou no Espírito Santo completamente para responder de maneira apropriada ao conselho dos judeus.

7.56 — *Vejo [...] o Filho de Homem.* Aqueles que contemplam a morte podem ficar aterrorizados, mas contemplar a passagem da morte para a presença Jesus, que aguarda os salvos, é a esperança que dissipa o medo. Nós temos a oportunidade de glorificar a Deus em face à morte, declarando corajosamente nossa confiança no fato de que passaremos a eternidade na presença de Deus.

O título empregado por Estêvão, *Filho do Homem*, é o mesmo título que Jesus utilizou para si em Mateus 16.13, e o mesmo das declarações apocalípticas sobre o Messias em Daniel 7.13. O termo normalmente representava a ideia do governante que vem da parte de Deus. Incomum aqui é o fato de Jesus estar de pé e não sentado. A condição de estar sentado indica o governo de Jesus, enquanto que estar de pé pode ser uma alusão à Sua vinda, especialmente aqui talvez referindo-se a uma segunda vinda para receber o mártir Estêvão.

7.57 — *Taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele.* A verdade era muito dolorosa aos ouvintes, e a raiva os uniu em uma só disposição de acometer contra Estêvão.

7.58 — *E, expulsando-o da cidade, o apedrejaram.* Estêvão foi tratado como um violador da Lei. Os romanos não permitiam aos judeus infligir pena de morte. Pilatos teve de autorizar a morte de Jesus. Nesse versículo, é feita a primeira menção a Saulo de Tarso.

7.59,60 — A Lei dos judeus não permitia uma execução no interior da Cidade Santa, sendo necessário aplicar a pena de morte do lado de fora dos muros da cidade. Os líderes religiosos levaram Estêvão para fora dos muros de cidade. Pelo costume judaico, a primeira testemunha devia empurrar a pessoa condenada de cabeça para baixo em uma cova de aproximadamente 3,5 m de

profundidade. Se o condenado sobrevivesse à queda, seu corpo deveria ser colocado de cabeça para cima e pedregulhos deveriam ser jogadas no seu tórax para esmagar as costelas. Se ele permanecesse vivo, pedras deveriam ser lançadas por parte de todos da congregação. A situação pode ter sido um pouco diferente com Estêvão, talvez devido à pressa dos executores. O texto indica que Estêvão ajoelhou-se (v. 60).

Senhor Jesus, recebe o meu espírito. A obra de Estêvão estava concluída. Ele foi recolhido imediatamente à presença de Jesus (Lc 23.43; 2Co 5.8; Fp 1.21-23). *Senhor, não lhes imputes este pecado.* Como Jesus fizera, Estêvão rogou a Deus pelos seus assassinos.

8.1,2 — Agostinho, um dos pais da Igreja, escreveu que a conversão de Paulo deve-se à oração de Estêvão. Saulo, que depois se tornou o apóstolo o Paulo, nunca se esqueceu do modo como Estêvão morreu — ele também não escondeu o fato de ter consentido com tal sentença (At 22.20).

Deus promete em Romanos 8.28 que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam. Embora Paulo estivesse lutando contra o trabalho da Igreja primitiva e a Igreja estivesse experimentando a sua pior perseguição, esse embate é o que conduziria Paulo, o homem que escreveu pelo menos a metade de todo o Novo Testamento, à vida eterna.

E todos foram dispersos. Essa frase fala do espalhar de sementes no chão, de modo a crescer algo a partir delas. Os membros da Igreja de Jerusalém podem não ter entendido o que estava acontecendo com eles, mas Jesus não deixaria que Sua Igreja se limitasse a barreiras raciais, culturais ou geográficas.

Desde cedo, aqueles cristãos tornaram-se missionários bem como refugiados. Primeiro, os esforços para suprimir os seguidores de Jesus limitaram-se às agressões físicas e às prisões dos apóstolos. Entretanto, a partir desse momento, a Igreja inteira começou a pagar o preço do discipulado. Ainda hoje, Deus está edificando a Sua Igreja, e por meio de Sua soberania irá direcionar os nossos caminhos.

Exceto os apóstolos. O objetivo inicial da grande perseguição era os cristãos judeus helenistas, representados na pessoa de Estêvão.

8.3 — A morte de Estêvão forneceu a faísca que acendeu o fogo da perseguição, e Saulo passou a atuar como líder do movimento (v. 1). A expressão *assolava a Igreja* é semelhante à descrição de um javali selvagem que devasta algo na tentativa de destruí-lo (At 22.4,19; 26.9-11). Saulo tinha todos os documentos legais de que precisava para liderar essa perseguição, e ele tinha autoridade para lançar pessoas nas prisões. Saulo estava prendendo os cristãos, *homens e mulheres*, conduzindo-os ao cárcere. Depois da conversão de Saulo, Deus apareceu a Ananias, instruindo-o a respeito do que deveria dizer e fazer com o perseguidor recém-convertido. Porém, Ananias ouvira falar da tremenda dor que Saulo infligira aos cristãos judeus, e teve medo de ir até o perseguidor (cap. 9).

8.4 — *Iam por toda parte anunciando a palavra.* A Igreja cresceria indubitavelmente se mais cristãos fizessem isso nos dias de hoje.

8.5-12 — *Filipe* foi pregar o evangelho em Samaria como Jesus tinha comissionado (At 1.8). No primeiro século, judeus e samaritanos odiavam-se. Os judeus consideravam os samaritanos impuros racialmente e adeptos de uma falsa religião.

Após a queda do Reino do Norte, Israel, em 722 a.C., Samaria foi habitada por colonos trazidos pelos assírios. Esses colonos se casaram com os judeus remanescentes, e os samaritanos eram os descendentes nascidos desses casamentos mistos.

Os samaritanos rejeitaram todo o Antigo Testamento, à exceção do Pentateuco, os cinco livros de Moisés, reunidos no que se chama atualmente de Pentateuco Samaritano. Além disso, eles construíram um templo no monte Gerizim que rivalizava com o templo de Jerusalém.

Para expressar o seu desdém pelos samaritanos, os judeus que viajavam para a Galiléia evitavam passar por Samaria, atravessando o rio Jordão na Peréia. Entretanto, a mensagem de evangelho transcendeu a barreira existente no primeiro século entre judeus e samaritanos.

O Espírito de Deus despertou um companheirismo amoroso nos cristãos, que suplantou todo o ódio racial existente há séculos. A formação da Igreja em Samaria indica que não há nenhum espaço para o racismo na Igreja (1 Co 12; Gl 3.26-28), pois Jesus morreu pelos pecados do mundo inteiro.

8.13 — *E creu até o próprio Simão.* Embora esse homem tenha recebido o batismo, ele ainda tinha um longo caminho até compreender de modo mais claro a doutrina cristã e alcançar crescimento pessoal. Algumas pessoas acreditam que as palavras de Pedro (v. 21) indicam que a confissão e o batismo de Simão não eram genuínos. A história da Igreja dos séculos posteriores associa Simão a heresias e o identifica como um inimigo da fé cristã. As suas ações acabaram por fornecer ao léxico da Igreja a expressão *simonia*, alusiva à compra e venda de cargos eclesiais.

8.14 — *Os apóstolos [...] enviaram Pedro e João.* Jesus tinha dado as *chaves do reino* (Mt 16.19) a Pedro. Ele era aquele que Deus usaria para abrir as portas dos corações dos judeus (cap. 2), dos samaritanos (cap. 8) e dos gentios (cap. 10).

8.15,16 — *Oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo.* Pedro e João eram os mensageiros oficiais da Igreja de Jerusalém para anunciar aos samaritanos o que tinha acontecido em Pentecostes. Os samaritanos tinham de saber acerca da salvação proveniente dos judeus. Os judeus, por outro lado, tiveram de entender a respeito da salvação que alcançara os samaritanos.

Jesus disse em João 17 que o mundo saberia que Ele viera do Pai quando visse a unidade do corpo de Cristo. Sabendo do profundo ódio existente entre judeus e samaritanos, Deus manifestou-se a ambos para mostrar que eles estariam unidos como Igreja. A dependência dos samaritanos pela ação dos judeus para receber o dom do Espírito Santo era sinal da cura, ou seja, os dois povos estavam para se tornar apenas um.

Quando Pedro orou depois pelos gentios, eles acreditaram imediatamente e receberam o dom do Espírito Santo sem qualquer imposição de mãos (cap. 10). Isso serviu de sinal para que todos os judeus soubessem que o mesmo dom estava

sendo dado também aos gentios. O Espírito Santo era o fator unificador que traria judeus, samaritanos e gentios em um mesmo corpo.

8.17 — *Então, lhes impuseram as mãos.* Uma prática comum na Igreja primitiva (At 13.1-3; 1 Tm 4.14). Nesse caso, a imposição de mãos está claramente relacionada à oração para o que aos samaritanos recebessem o Espírito Santo.

8.18-25 — *E Simão, vendo que pela imposição das mãos [...] era dado o Espírito Santo.* O texto não revela exatamente o que Simão viu. O dom de línguas, até então, era um sinal concedido à nação de Israel (1 Co 14.20-22), assim como é provável que o mesmo sinal estivesse presente a cada passo do início da expansão do evangelho — em Jerusalém, Samaria e na casa de Cornélio (cap. 10). Por outro lado, a palavra *ver* aqui pode

significar simplesmente que Simão percebeu o que estava acontecendo.

Dai-me também a mim esse poder. O versículo 13 indica que Simão era um crente. Porém, ele confundiu o trabalho de Deus com suas práticas mágicas do passado. O fato de outros terem pago pelos segredos da sua magia motivou Simão a pensar que esse era o melhor modo para se aproximar de Pedro. Porém, ele logo aprendeu sobre o grave que estava cometendo.

8.26 — *Vai para a banda do Sul, ao caminho que desce.* Essa estrada descia de Jerusalém para Gaza, sudoeste de Jerusalém, aproximando-se da costa mediterrânea da Palestina. Gaza é o último lugar de solo improdutivo, é um deserto que faz fronteira com as terras produtivas do Egito. Este era o caminho mais usado pelos viajantes que iam para



APROFUNDE-SE

TESTEMUNHO EM SAMARIA

Jesus disse que Seus discípulos deveriam ser testemunhas não só em Jerusalém, como também em toda a Judéia, Samaria e até os confins da terra (At 1.8). É provável que vários anos tenham se passado entre o primeiro e o oitavo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, mas a Igreja ainda não tinha tomado a iniciativa de ultrapassar as fronteiras de Jerusalém a fim de cumprir a sua missão. Na verdade, a perseguição foi o motivo que moveu o povo de Deus à obediência.

Por que isso aconteceu? Jerusalém não era a casa dos apóstolos. A Igreja certamente não tinha nenhum edifício, pois as autoridades locais não permitiriam a sua construção. Eles não foram saudados com boas-vindas. Por que, então, a relutância em partir?

Um fator provável era que os apóstolos tinham crescido em uma cultura dividida em grupos étnicos bem definidos e determinados. Para eles, pregar o evangelho aos judeus em Jerusalém era um desafio, mas era perfeitamente aceitável. Entretanto, pregar aos samaritanos era algo muito mais difícil. Talvez seja por essa razão que os apóstolos tenham escolhido ficar em Jerusalém, apesar da perseguição movida por Saulo (At 8.10).

Filipe, um homem provavelmente pertencente ao grupo de judeus helenistas (de fala grega), cruzou a barreira que separava judeus de samaritanos. Sendo um veterano no trabalho transcultural (At 6.1-7), Filipe sabia por experiência própria como era ser tratado como cidadão de segunda classe. Quando ele anunciou a salvação em Jesus na cidade de Samaria, multidões acolheram a sua mensagem. O evangelho rompeu os muros de separação existentes até aquele momento. Notícias do avivamento em Samaria alcançaram os apóstolos em Jerusalém, e eles enviaram Pedro e João para investigar tudo aquilo que tinha ocorrido na cidade. O dois galileus sem dúvida alguma ficaram atordoados com o que viram, e não tiveram nenhuma dúvida acerca da obra de Deus entre os samaritanos. João, que certa vez pedira a Jesus que fizesse cair fogo de céu sobre os samaritanos incrédulos (Lc 9.52-54), e Pedro estavam agora juntos orando para que o Espírito Santo revestisse os novos irmãos de fé.

Ironicamente, Pedro condenou Simão, o mago, por tentar comprar o poder do Espírito Santo com dinheiro. Ele disse em Atos 8.23: *Pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade.* Mas fel de amargura e laço de iniquidade também estavam por trás daqueles que compactuam com as discriminações étnicas a fim de impedir que samaritanos e outros povos entrarem no reino.

De volta a Jerusalém, Pedro e João eram homens transformados. Note que finalmente eles começaram a pregar nas aldeias dos samaritanos (At 8.25). Os amplos e sólidos muros do ódio étnico estavam sendo demolidos. Os samaritanos agora estavam acolhendo o evangelho — e pelo menos dois dos apóstolos estavam começando a acolher os samaritanos.

a África. Deus comissionou Filipe a atender o eunuco etíope. O evangelho ia dar um salto de Samaria até os *confins da terra*.

8.27 – Levantou-se e foi. Compare a resposta de Filipe à obediência sem objeções de Abraão (Gn 22.3). Ter fé em Deus significa estar pronto para obedecer imediatamente a uma ordem.

Eunuco [...], o qual era superintendente. Um *eunuco* normalmente designava um homem castrado. Porém, até o primeiro século, o termo também foi utilizado para designar um cargo público, influentes autoridades militares e políticas.

O antigo reino etíope foi governado por *Candace*, a *rainha dos etíopes*, que governou em nome de seu filho, o rei. Como este era considerado o filho do sol, Ele era santo demais para lidar com assuntos seculares. Logo, sua mãe tomou para si essa responsabilidade.

O eunuco em questão era uma espécie de ministro de finanças; tinha um cargo privilegiado no regime etíope. Ele era responsável pela distribuição de fundos do tesouro, baseado na vontade da rainha.

Tinha ido a Jerusalém para adoração. Muitos gentios no primeiro século haviam-se cansado de seus inúmeros deuses e da falta de padrões morais de suas nações. Estavam buscando no judaísmo a verdade. Se eles seguissem o judaísmo,

obedeceriam a todos os estatutos da Lei de Moisés. Isso incluiria a circuncisão e o batismo. Esse tipo de convertido ao judaísmo era denominado *prosélito*. Os gentios que não se convertiam ao judaísmo, mas frequentavam as sinagogas para aprender as Escrituras, eram chamados de *tementes a Deus*. Quanto ao eunuco etíope, não se sabe se ele era um prosélito; provavelmente era apenas um homem temente a Deus que estudava as Escrituras.

8.28,29 – O carro nesta passagem era provavelmente puxado por bois. Por isso, pode-se dizer que o eunuco se encontrava em uma caravana que seguia na mesma direção. Era comum na época ler em voz alta. Filipe, guiado pelo Espírito, disse ao homem a respeito da profecia de Isaías, explicando as palavras proféticas que tratavam, na verdade, de Cristo.

8.30-34 — Entendes tu o que lês? Essa pergunta indica a diligência requerida no estudo da Bíblia (2 Tm 2.15). O Espírito de Deus não elimina a necessidade de professores ou do estudo cuidadoso. O Espírito Santo não é dado para tornar desnecessário o estudo, mas para fazê-lo efetivo.

8.35 — Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus. Os judeus do primeiro século não falavam muito a respeito do Messias sofredor. O povo judeu estava sob o jugo



PERFIL

FILIFE E O MORDOMO-MOR ETÍOPE

O mordomo-mor de Candace provavelmente era um convertido ao judaísmo. Ele tinha grande anseio de conhecer o Deus de Israel, como evidenciado pela leitura que fazia de Isaías 53 (At 8.28-33). Além disso, o fato de viajar mais de 1.200 km para adorar na cidade de Jerusalém revela a sua piedade. Ele e os seus criados levaram pelo menos 30 dias de viagem, no caso, em uma carruagem puxada por tração animal.

Quanto tempo ele teria ficado em Jerusalém? Um mês? Após todo esse grande esforço, o etíope teria de enfrentar a dura viagem de retorno. Fazendo as contas do tempo total, é provável que o ele tenha investido pelo menos um quarto do ano para essa viagem com a intenção de adorar Deus.

O que o etíope ouviu na cidade de Jerusalém a respeito dos seguidores de Jesus e da perseguição que estavam sofrendo não está registrado. Mas ele respondeu calorosamente a Filipe e a sua mensagem sobre Cristo, e tornou-se o primeiro cristão de que se tem notícia pertencente ao continente africano. Pela segunda vez em Atos 8, o evangelho moveu-se para fora dos estreitos limites de Jerusalém e da Judéia.

Mais uma vez, Deus usou Filipe, o servidor das mesas que falava grego, para realizar uma tarefa, em vez de usar Pedro, João ou qualquer outro apóstolo, os quais estavam começando a perceber que o evangelho, de fato, alcançaria todos os povos — helenistas, samaritanos e gentios de todas as cores e raças.



A cidade de Damasco

Damasco era um centro comercial de onde eram transportados produtos para a Palestina e Egito ao sul; vales dos rios Tigre e Eufrates ao leste; Antioquia e toda a Ásia Menor ao norte. Nessa cidade ocorria a interseção das duas principais rodovias internacionais no Antigo Oriente Próximo, a Rodovia do Mar e a Rodovia do Rei.

das leis e do governo romano, e por essa razão acreditava que o Messias viria como *Leão de Judá*, como Rei, com o propósito de governar e vencer — ele não viria como um simples e frágil cordeiro. Eles acreditavam e ensinavam que o sofrimento anunciado por Isaias era uma referência ao sofrimento da nação de Israel diante do domínio estrangeiro. É provável que o etíope tenha ouvido apenas o ensinamento oficial dessa passagem quando esteve em Jerusalém, mas ainda tinha algumas perguntas a esse respeito. Filipe mostrou para o etíope que o servo sofredor era Jesus. Ele teve de sofrer na cruz por causa dos pecados de toda a humanidade.

8.36-38 — *Que impede que eu seja batizado?* Tendo ouvido a mensagem do sacrifício de Cristo pelos pecados, o eunuco respondeu com convicção, demonstrando a atuação do Espírito Santo. Irineu, um dos pais da Igreja que viveu entre 130—202 d.C., escreveu que o eunuco voltou à Etiópia e tornou-se um missionário entre seu próprio povo.

8.39,40 — O Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco [...] E Filipe se achou em Azoto. A palavra grega traduzida por arrebatou também é usada em 1 Tessalonicenses 4.17, uma alusão ao arrebatamento da Igreja. Mesmo que a partir dessa passagem só seja possível dizer que Filipe foi do deserto a Azoto, a terminologia indica um transporte milagroso.

9.1 — Saulo ainda estava respirando ameaças e mortes contra dos discípulos do Senhor no intuito de defender a fé judaica da nova seita messiânica, supostamente perigosa (At 8.3).

Os discípulos. Os cristãos foram originalmente chamados de *discípulos* ou *os do caminho*. O próprio Jesus tinha usado ambas as designações (Mt 28.19; Jo 14.6). O termo *discípulo* significa seguidor, imitador, aquele que tem mestre, de quem se extrai exemplos e a quem se segue os passos.

9.2 — As cartas eram documentos que autorizavam Saulo a prender os cristãos em Damasco, cerca de 225 km a nordeste de Jerusalém. Roma permitiu ao Sinédrio o controle dos assuntos religiosos do povo judeu. Nesse momento, a nova Igreja era um empreendimento majoritariamente judaico.

Sinagogas. Os cristãos de origem judaica ainda estavam frequentando as sinagogas. As sinagogas em Damasco tinham a obrigação de cooperar com qualquer um que tivesse a autorização que Saulo possuía. Saulo planejou levar os seguidores de Jesus que tinham fugido de Damasco para Jerusalém e apresentá-los ao Sinédrio (At 26.9-11). Isso significava, provavelmente, que a esses cristãos seria imputada a pena de morte.

Os do caminho era uma designação que os judeus usavam para se referir aos seguidores de Jesus (At 19.9,23; 22.4; 24.14,22; Jo 14.6).

9.3-9 — *Resplendor de luz do céu*, um resplendor mais luminoso que a luz do sol e que continuou iluminando Saulo e tudo que estava ao redor dele (At 26.13). A luz era tão intensa e penetrante que Saulo e os demais caíram ao chão (At 26.14).

Por que me persegues? Perseguindo a Igreja, Saulo estava perseguindo o próprio Cristo (1 Co 12.27). Os argumentos de Estêvão no fim de seu discurso diante do Sinédrio, a expansão do

evangelho e a resposta extraordinária dos cristãos diante da perseguição impactaram Saulo, mas ele, em sua fúria e zelo religioso, continuou resistindo a tais ações e influências do Espírito Santo.

Ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Os homens que estavam com Saulo levantaram-se estupefatos, pois ouviam a voz, mas não viam aquele que falava. No capítulo 22, Paulo diz que aqueles que estavam com ele viram a luz, mas não entenderam a voz.

Abrindo os olhos, não via a ninguém. Ironicamente, durante o tempo em que Saulo esteve cego, ele pode enxergar a sua própria cegueira espiritual.

9.10 — Deus não chamou um apóstolo, mas um leigo, *certo discípulo chamado Ananias*, que estava pronto e disponível para ser usado por Deus. Ele não sabia que Deus o enviaria a Saulo, o homem que perseguia os cristãos com grande rigor.

9.11 — Na antiga cidade de Damasco, a *rua chamada Direita* está nas fronteiras entre a cidade de Damasco e outras cidades da região.

9.12 — *E numa visão ele viu que entrava um homem.* Saulo tinha recebido a revelação de Deus por uma luz, por um homem e, agora, por uma *visão*.

9.13 — *Quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém.* No decorrer do livro de Atos dos Apóstolos, os cristãos são chamados de *discípulos, cristãos e os do caminho* (At 5.14; 6.1; 9.2). Aqui, a palavra *santos* é usada como outro título importante dado aos cristãos, aqueles separados por Deus para Seu serviço. Eis um dos principais objetivos da vida de todo crente. Deus manifesta-se a nós para nos mostrar que devemos viver para Ele, desejando sempre agradar a Ele e fazer a Sua vontade.

9.14 — *Autoridade [...] para prender.* A hesitação de Ananias não é surpreendente. A referência aos *que invocam o teu nome* [o nome de Jesus] era uma das várias designações dos cristãos da Igreja primitiva (v. 21; At 11.26; 22.4; 24.5).

9.15,16 — *O quanto deve padecer.* O perseguidor tornar-se-á perseguido. *Padecer* foi o verbo proeminente na vida de Paulo e em sua teologia. Ele usou esse tema para demonstrar a autentici-

dade da sua pregação e para reivindicar o seu apostolado (2 Co 11.23-31; Fp 3.10).

9.17 — *Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas.* Saulo não estava sonhando quando, na estrada para Damasco, viu Jesus. Na verdade, ele certamente tinha visto o Cristo ressuscitado.

9.18-21 — O povo de Damasco ficou perplexo com a pregação de Saulo, pois ele tinha vindo para prender e matar os cristãos, e não para defender a fé deles. A fama de Saulo como perseguidor de cristãos era bem difundida entre os judeus de Damasco.

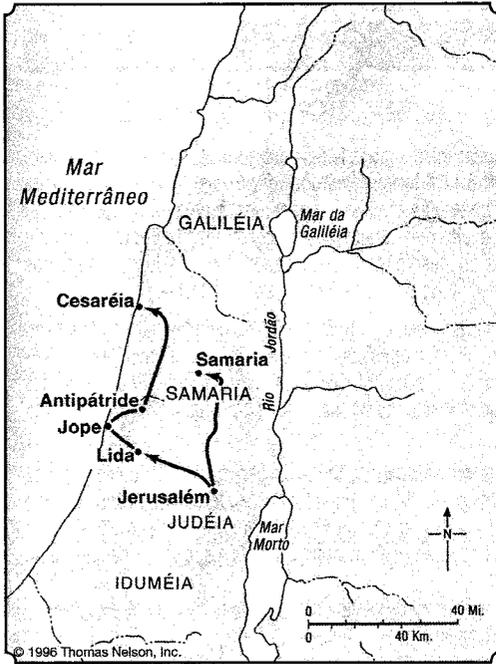
Os líderes das sinagogas provavelmente foram notificados da vinda de Saulo de Tarso, tendo sido instruídos pelo sumo sacerdote a dar as boas-vindas a esse zeloso defensor do puro judaísmo. É provável que eles tenham ficado muito nervosos no princípio, não só pelo fato de Saulo ter-se convertido, mas também pela força da sua fé e dos seus argumentos extraídos das Escrituras de que Jesus era realmente o Salvador prometido a Israel, o Messias.

9.22,23 — O argumento de Saulo a partir das Escrituras atestando Jesus como o Cristo foi tão poderoso, que os judeus *tomaram conselho entre si para o matar*. Eles contavam com a cooperação e o apoio do governador de Damasco e até mesmo do rei Aretas IV, da Arábia, que reinou entre 9 a. C. até 40 d. C.

9.24,25 — *O desceram, dentro de um cesto, pelo muro.* Se os líderes judeus tivessem prendido os discípulos de Damasco que ajudaram Saulo na fuga, e que o apoiaram em seu trabalho para o Senhor, o resultado provavelmente teria sido o início de uma perseguição generalizada.

Antigamente, os muros das cidades tinham vários tipos de aberturas — em especial, certos tipos de janelas sem vidros. A fuga de Saulo remete-nos à fuga dos espias da cidade de Jericó, registrada em Josué 2.15, e à fuga de Davi para longe da fúria do rei Saul, em 1 Samuel 19.12.

O *cesto* aqui mencionado é um recipiente largo, flexível, que levava grandes quantidades de produtos e utensílios. Esse foi o primeiro de muitos atentados contra a vida de Paulo. Mesmo com tal pressão e adversidade, Saulo não hesitava em viajar e pregar o evangelho, pois ele confiava na



As viagens missionárias de Pedro

Pedro e João viajaram até Samária para se unir a Filipe no avivamento que alcançou os samaritanos (At 8.14-25). Os esforços missionários de Pedro descritos em Atos 9.32-10.48 mostram o poder de Deus no trabalho da evangelização. Ele viajou para Lida, onde Enéias foi curado; para Jope, onde restabeleceu a vida de Dorcas e ficou muitos dias com Simão, o curtidor. A visão dos animais e pássaros imundos preparou Pedro para aceitar o convite de Cornélio de ir até a sua casa em Cesaráia, onde o evangelho foi poderosamente eficaz entre os gentios.

proteção de Deus e se colocava sob Suas mãos soberanas.

9.26,27 — Não é de se espantar que os discípulos em Jerusalém tenham inicialmente sido cautelosos a respeito da conversão de Saulo, pois desejavam saber se aquela transformação não era na realidade uma tentativa de ele se infiltrar entre os cristãos para depois prendê-los mais facilmente. Barnabé, que tinha o dom do encorajamento, percebeu que Paulo possuía um coração verdadeiramente sincero e o defendeu diante dos apóstolos.

9.28,29 — Estêvão também tinha debatido com os judeus helenistas (At 6.9). De certo modo, Saulo passou a sofrer o mesmo que Estêvão havia sofrido. A ira dos judeus, que se mostrara

perigosa e mortalmente intensa contra Estêvão, agora estava sendo dirigida contra Saulo.

9.30 — Tarso, o local de nascimento de Saulo, ficava cerca de 480 km ao norte de Jerusalém, aproximadamente 16 km do mar Mediterrâneo, no interior. Tarso era uma famosa cidade universitária, só ultrapassada em fama e oportunidades de educação e cultura por Atenas e Alexandria.

9.31-33 — Assim, pois, as Igrejas [...] tinham paz. Essa paz não era somente por conta da conversão de Saulo. Tibério, imperador de Roma, morreu nessa mesma época. Ele foi substituído por Calígula, imperador romano que quis erguer uma estátua sua no templo de Jerusalém. Nesse tempo, portanto, a força persecutória dos judeus deixou de ser empregada de forma tão intensa contra os cristãos, pois as autoridades judaicas estavam mais preocupadas em reagir contra as intenções de Calígula. Aqui, percebe-se claramente a ação soberana da mão de Deus auxiliando a missão dos cristãos, dando a todos os que abraçaram a fé um pequeno período de trégua.

9.34,35 — Enéias, Jesus Cristo te dá saúde; levanta-te e faz a tua cama. Todos aqueles que testemunharam tal cura acreditaram e se converteram ao Senhor. O resultado da cura física foi muitas curas espirituais. Muitos se voltaram para Deus porque viram mais que um homem aleijado caminhar diante dos seus olhos. Eles viram uma prova incontestável de que Jesus estava vivo e tinha autoridade sobre as doenças.

9.36-38 — E havia em Jope uma discípula chamada Tabita. Conhecida hoje pelo nome de Jaffa, Jope era uma cidade do litoral mediterrâneo, situada aproximadamente a 16 km do noroeste de Lida.

Na cidade de Lida também havia uma comunidade cristã da qual fazia parte uma discípula chamada Tabita ou Dorcas (do grego *dorkás*, que significa gazela). Dorcas desfrutava de excelente reputação naquela comunidade cristã por conta de suas boas obras e esmolas. Porém, certa feita, Dorcas adoeceu e veio a falecer. Prestes a ser sepultada, tendo-a lavado, a depositaram num quarto alto. Aparentemente, ouvindo os discípulos que Pedro havia curado Enéias, enviaram dois varões



PERFIL

O TRABALHO MISSIONÁRIO DE PEDRO

Os registros do livro de Atos dos Apóstolos fazem alusão a duas viagens missionárias feitas por Pedro. Na sua primeira viagem, Pedro confirmou o trabalho evangelístico de Filipe em Samaria (At 8.14). Depois, Pedro fez outra viagem ao longo da costa mediterrânea de Jope até chegar a Cesaréia, cidade em que uma guarnição romana era comandada pelo oficial Cornélio. O ministério de Pedro junto aos gentios na casa de Cornélio só foi aceito pela Igreja em Jerusalém quando Pedro conseguiu convencer os irmãos de que os gentios tinham-se tornado cristãos do mesmo modo que os seguidores de Jesus; os gentios também ficaram cheios do Espírito Santo como ocorrera com os discípulos no Dia de Pentecostes (At 11.1—18).

A Igreja continuou crescendo como resultado da perseguição, e os cristãos espalharam sua fé nas cidades para onde iam ao fugir dos conflitos em Jerusalém (At 11.19). Enquanto isso, em Jerusalém, a oposição contra a Igreja continuava intensa: Herodes Agripa, pessoa para quem o imperador Calígula dera o título de *rei*, executou Tiago e mandou prender Pedro. Herodes morreu em 44 d. C., de dores abdominais, de acordo com o historiador Josefo, conforme o relato presente no livro de Atos dos Apóstolos (At 12.23).

A Igreja de Antioquia foi a primeira a receber cristãos gentios. Mais inovadora que a Igreja em Jerusalém, Antioquia tinha-se tornado o centro missionário de pregação aos gentios, mas ainda mantinha laços com a Igreja de Jerusalém. Flávio Josefo e outros historiadores registraram o período de fome que acometeu a Judéia em 46 ou 47 d. C., durante o reinado de Cláudio César (At 41—54). Por intermédio de Barnabé e Paulo, os cristãos de Antioquia enviaram à Judéia a sua oferta de amor para aliviar as necessidades dos irmãos de lá (At 11.27-30).

a Lida para buscar o apóstolo, na esperança de que ele realizasse milagre ainda maior em favor da amada irmã Dorcas.

9.39,40 — *Tabita, levanta-te.* Pedro seguiu o exemplo do Mestre, porque, certa feita, ele estivera com Jesus quando Ele trouxe à vida outra menina que tinha morrido (Mc 5.38-42). Em aramaico, Jesus disse: *Talita cumi* (*pequena menina, levanta*). Em aramaico, Pedro teria dito: *Tabita cumi* — a diferença estaria apenas na letra *b*. Imediatamente, a vida da mulher foi restabelecida. O poder e a autoridade do Jesus ressuscitado suplantam a vida e a morte.

9.41-43 — *E ficou muitos dias em Jope, com um certo Simão, curtidor.* A atividade de curtidor não era desejável ou socialmente aceitável em Israel. O curtidor tinha de lidar com animais mortos, uma atividade contrária às práticas cerimoniais judaicas, para não mencionar o dissabor do trabalho em si e o odor desagradável com o qual tinha de lidar.

10.1,2 — Os dois capítulos seguintes marcam um momento decisivo e importante no Livro de Atos dos Apóstolos. Os irmãos dispersos por ocasião da grande perseguição em Jerusalém só tinham anunciado o evangelho aos judeus

(At 11.19). A partir desse momento, eles começaram a superar seus preconceitos e a levar a mensagem de Jesus aos gentios.

Sendo um *centurião*, Cornélio fazia parte da *coorte chamada Italiana*, um regimento do exército romano. Uma legião tinha aproximadamente seis mil homens. Cada legião tinha dez *coortes* de cerca de seiscentos homens cada. As *coortes* eram divididas em grupos de cem homens, e cada centúria era comandada por um centurião, alguém semelhante a um sargento dos dias de hoje.

Cornélio era um gentio de origem italiana. Ele era *piadoso e temente a Deus, com toda a sua casa*, à semelhança do eunuco etíope (At 8.27). Cesaréia ficava aproximadamente 48 km ao norte de Jope e servia de capital para a Judéia, região administrada por procuradores romanos.

10.3 — *Quase à hora nona.* A nona hora (três horas da tarde) era a hora de oração em Jerusalém (At 3.1).

10.4 — *Tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus.* Essa é uma figura de linguagem que evoca a imagem da subida de incenso no templo. As orações de todos os cristãos sinceros são eficazes, como Pedro aprendera para a sua própria surpresa.

10.5,6 — *Este está com um certo Simão, curtidor.* Deus pôs fim aos preconceitos de Pedro quando o fez permanecer muitos dias não apenas com um gentio, mas com alguém cujo ofício os judeus repudiavam.

10.7 — *Retirando-se o anjo que lhe falava, chamou.* O desejo de Cornélio era agradar a Deus. O fato de ter obedecido prontamente às ordens do anjo é um forte sinal do quanto ele desejava conhecer a verdade. Com essa atitude, Cornélio demonstrou estar aberto para receber a verdade do evangelho assim que ouvisse a respeito dele.

10.8 — *Jope.* Aproximadamente 48 km ao sul da cidade de Cesaréia (v. 1).

10.9-16 — Enquanto seu anfitrião preparava a refeição do meio-dia, Pedro teve uma visão em que via *um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra, no qual havia de todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro! Mata e come.*

Os animais estavam misturados: junto aos animais considerados puros estavam também outros que eram considerados impuros, ou imundos, impróprios para o consumo de um judeu (Lv 11).

Era ensinado aos judeus desde a infância que eles nunca deveriam comer ou até mesmo tocar em qualquer animal imundo. Porém, a ordem para que Pedro tomasse e comesse era divina. Três vezes a voz ordenou a Pedro que matasse e comesse, e Pedro resistiu às três ordens. Por fim, a voz o advertiu: *Não faças tu comum ao que Deus purificou.*

A questão do alimento em si pode ter sido a primeira preocupação de Pedro, mas ele entenderia logo o aspecto mais importante que tal experiência queria ensinar a ele. Essa visão era um sinal proveniente do céu para alertar o apóstolo de que os judeus não deveriam mais considerar impuros os gentios. Daquele momento em diante, esses dois grupos, judeus e gentios, teriam o mesmo valor diante de Deus, o Pai. Deus estava demolindo os preconceitos até então existentes no coração de Pedro.

10.17-23 — *Descendo Pedro para junto dos varões.* Embora Pedro tenha escolhido viajar em público com três gentios que vieram da parte de Cornélio, ele teve o cuidado de levar consigo seis irmãos judeus que eram convertidos ao cristianismo (At 11.12) para servirem de testemunhas. Agindo assim, ele teria o dobro do número de testemunhas requerido pela Lei (Dt 19.15) no caso de ser chamado a responder à acusação de ter entrado na casa de um gentio (At 11.2, 3).

10.24-26 — *Saiu Cornélio a recebê-lo e [...] o adorou.* O termo grego indica reverência dada a Deus ou a alguma pessoa importante. Mas Pedro rapidamente negou ser uma divindade (At 14.15).

10.27,28 — *Muitos que ali se haviam ajuntado.* A grande fé de Cornélio foi demonstrada pelo fato de ele estar em uma casa repleta de pessoas quando Pedro chegou. Eles estavam ansiosos para ouvir a mensagem de Pedro (v. 33).

10.29,30 — *Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora.* O jejum era praticado por judeus



EM FOCO

TEMENTE A DEUS (GR. *PHOBOÚMENOS TÒN THEÓN*)

(At 10.2,22; 13.16,26)

Essa expressão significa *temente a Deus*. Lucas identifica em tal categoria muitas pessoas no decorrer do livro de Atos (At 10.2,22,35; 13.16,26), e utiliza a expressão *o que teme a Deus*. Em Atos 13.43,50; 16.14; 17.4,17; 18.7, ele emprega a expressão *adorador de Deus*.

Os tementes a Deus eram todos aqueles gentios que estavam interessados no judaísmo, mas não eram necessariamente convertidos ao judaísmo ou prosélitos. Eles cultuavam o mesmo Deus que os judeus cultuavam e observavam as mesmas leis que os judeus observavam, mas não eram circuncidados. Muitos desses tementes a Deus foram os primeiros gentios a se tornarem cristãos. Cornélio é o protótipo dessa categoria de pessoas tementes a Deus.

devotos, como aqueles que comissionaram Paulo e Barnabé para a evangelização dos gentios. Por ser um temente a Deus, Cornélio também seguiu esse costume judaico.

10.31-42 — *Deus não faz acepção de pessoas.* As boas-novas do evangelho não são para um povo específico. Todas as nações e todos os tipos de pessoas são bem-vindos no Reino de Deus. É isso que Jesus já havia dito aos apóstolos quando da Sua ressurreição (Mt 28.19).

10.43 — Para receber o *perdão dos pecados* é necessário apenas que a pessoa que deseja essa dádiva creia. Ela não deve fazer mais nada além de crer.

10.44-46 — *Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.* Os cristãos de origem judaica estavam admirados porque viram que o Espírito Santo se manifestara também sobre os gentios; os gentios receberam o mesmo dom de falar em línguas que eles tinham recebido no Pentecostes (cap. 2).

Em ambos os casos, tanto aqui como em Atos 2.4, o Espírito Santo veio sobre os que escutavam a Palavra de Deus, e não sobre os que oravam no Espírito (compare At 11.17). Os cristãos judeus estavam perplexos, porque viram que os gentios tinham recebido o mesmo dom, e estavam falando em línguas como em Atos 2, exaltando a Deus por Sua graça em favor deles.

Tais evidências eram completamente satisfatórias. As boas-novas tinham alcançado os judeus, os samaritanos e agora os gentios. Todos eles estavam unidos pela mesma fé no mesmo Senhor e agraciados pelo mesmo dom do Espírito Santo.

10.47,48 — A vontade de receber o batismo é a resposta consistente no livro de Atos para todos os que colocam a sua fé em Cristo. É a resposta apropriada (Mt 28.19,20) de um coração regenerado (At 2.36-38).

11.1 — Os judeus não estavam interessados nos *gentios*. Em alguns escritos rabínicos, os gentios eram vistos como criados por Deus apenas para acender e alimentar o fogo do inferno. Eles eram chamados de cães (Mt 15.26) e imundos (At 10.14). Mais tarde, veremos que os judaizantes — judeus cristãos — eram tão legalistas que

queriam impor aos gentios tudo aquilo que eles seguiam, todos os ritos da Lei mosaica, incluindo a circuncisão, para então serem inseridos na Igreja. Esse era outro sinal do preconceito judeu contra os gentios.

11.2 — Os *da circuncisão* eram aqueles cristãos judeus que acreditavam ser necessária aos gentios convertidos ao cristianismo a observância das prescrições judaicas. Os cristãos judeus tinham sido circuncidados como selo da aliança de Moisés e observam rigorosamente as leis judaicas. Eles não estavam conformados com o fato de os gentios terem sido considerados iguais a eles diante de Deus, com base apenas na fé em Jesus Cristo. Eles queriam obrigar aos gentios a prática da circuncisão, a obediência da Lei mosaica para depois poderem se tornar cristãos.

Disputavam com ele [com Pedro]. Não se tratava de uma discussão educada, mas de uma ferrenha disputa. Os cristãos judeus estavam transtornados porque Pedro tinha quebrado a Lei judaica ao entrar na casa de um gentio e ao comer com ele. Os cristãos judeus justificaram seu preconceito reivindicando ter sido o próprio Deus a proibir a prática de refeições na companhia de gentios. Porém, as leis registradas no livro de Levítico não tinham como objetivo a prática do ostracismo.

11.3 — *Entraste em casa de [...] incircuncisos [...] comeste com eles.* Pedro tinha violado um dos três testes de fidelidade à Lei. Aos olhos daqueles judeus, tal fracasso invalidara o judaísmo de Pedro.

11.4-10 — *Tive, num arrebatamento dos sentidos, uma visão.* Por causa da importância do assunto do preconceito por parte dos judeus, Lucas repete o relato da visão do lençol e dos animais imundos, por meio da qual Deus livrava Pedro de sua intolerância racial (At 10.9-16).

11.11 — *Na mesma hora* (At 10.17). A ação de Deus no tempo é algo importante e belo de ser observado.

11.12-14 — Sabiamente, Pedro tinha levado seis testemunhas com ele quando visitou a casa de Cornélio (At 10.23). Ele se antecipou ao argumento daqueles que eram da *circuncisão* (v. 2).



APLICAÇÃO

SUPERANDO BARREIRAS

Um grande avanço quanto às questões étnicas está descrito em Atos 10. Durante anos, um muro de separação foi estabelecido entre judeus e gentios, o que impediu os apóstolos de partilhar Jesus com o mundo não judeu. Mas, quando Pedro conheceu Cornélio — oficial de um destacamento romano responsável pela Palestina — duas conversões aconteceram: Cornélio, sua família e seus amigos aceitaram a fé, e Pedro aceitou o fato de que Deus inserira os gentios em Sua Igreja.

Deus poderia ter usado Filipe, o evangelista (At 8.5), para levar o evangelho até Cornélio. Afinal de contas, Filipe vivia em Cesaréia e já tinha revelado sua vontade de compartilhar o evangelho a diferentes grupos étnicos. Mas não foi o que Deus fez. Ele chamou Pedro para levar Sua mensagem ao centurião romano. Aparentemente, o propósito do Senhor era demolir as barreiras existentes no coração de Pedro contra os gentios.

Como o Pedro via Cornélio

- Cornélio vivia em Cesaréia, a capital de exército romano na Palestina (At 10.1).
- Um centurião, chefe de 100 soldados de um destacamento romano (At 10.1).
- Sendo do regimento italiano, todos os seus homens eram provenientes da Itália (At 10.1).
- Um gentio (At 10.1).
- Imundo, como os animais imundos prescritos nas leis do Antigo Testamento (At 10.11-16).
- Ilegal para receber a visita de um judeu, pois pertencia a uma nação estrangeira (At 10.28).
- Incircunciso, portanto, indigno de compartilhar a mesa com um judeu (At 11.3).

Na mente de Pedro, se todos os itens anteriormente elencados desqualificavam Cornélio para lhe servir um jantar, muito mais ainda para abraçar a mesma fé que ele. Pedro estava seguindo um evangelho judaizante.

A intenção de Deus foi fazer com que os judeus tratassem com cordialidade seus vizinhos gentios (Nm 35.15; Dt 10.19; Ez 47.2). Obviamente Deus desejava mudar algumas práticas pagãs como, por exemplo, a idolatria (Lv 18.24—19.4; Dt 12.29-31). O casamento entre judeus e gentios também era condenado pela Lei, mas, em certos casos, essa união também estava prevista (compare Êx 34.16; Dt 7.3; Ed 9.12; 10.2-44; Ne 10.30). Porém, a principal preocupação era com a pureza moral.

Segundo a tradição rabínica, a separação rígida era necessária, e ela se tornou a regra de convívio entre judeus e não judeus. Bem antes do episódio que mudara a visão de Pedro quanto à condição dos gentios, os 400 anos de opressão grega e romana tinham servido para endurecer a resolução judaica de se evitar o quanto possível qualquer contato com estrangeiros.

Pedro e os outros cristãos de origem judaica levaram esse comportamento para dentro da Igreja, o que tornou praticamente impossível qualquer ação missionária em favor dos outros povos.

Como o livro de Atos dos Apóstolos descreve Cornélio

- Um homem temente a Deus (At 10.2).
- Um piedoso, tanto ele como sua família (At 10.2).
- Generoso para com os mais necessitados (At 10.2)
- Um homem de oração cujas súplicas e esmolas foram recebidas por Deus (At 10.2,4).
- Obediente às ordens do anjo de Deus (At 10.7,8).
- Purificado por Deus, e não um impuro (At 10.15).
- Imprescindível para receber a visita de Pedro (At 10.5,19,20).

A visão de Deus acerca de Cornélio era bem distinta da visão de Pedro. Por causa de Cristo, Deus estava pronto para manter as portas da fé abertas aos gentios: *Não faças tu comum ao que Deus purificou*, Deus declarou a Pedro (At 10.9-16). Por causa de Cristo, o centurião poderia ser purificado de todos os seus pecados e aceito por Deus.

Pedro, entretanto, estava confuso. Ele estaria quebrando a Lei ao visitar esse gentio, violando os códigos tradicionais como se menosprezando a força da lei de Deus? Ele teve dois dias pelo menos para organizar seus pensamentos, enquanto caminhava até Cesaréia para conhecer Cornélio. Sua luta emocional pode ser vista nas primeiras palavras dirigidas ao grupo que o acompanhava: *Vós bem sabeis que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros* (At 10.28).

Não obstante, Deus demoliu a parede no coração de Pedro derramando o Espírito Santo naqueles cristãos gentios (At 10.44, 45).

11.15 — *Quando comecei a falar.* Aparentemente, Pedro considerou as palavras faladas por ele em Cesaréia (At 10.34-43) a introdução do sermão que pretendia pregar, quando foi interrompido pelo derramar do Espírito Santo.

Como também sobre nós. A manifestação do Espírito Santo fora a mesma, tanto aos gentios de Cesaréia como aos judeus de Jerusalém (At 10.44).

Ao princípio é uma referência ao dia de Pentecostes (At 2.4), fato ocorrido aproximadamente dez anos antes desse testemunho.

11.16 — *Batizados com o Espírito Santo.* Essa declaração pode ser encontrada pelo menos sete vezes no Novo Testamento (At 1.5; Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33; 1 Co 12.13). A referência feita aqui é alusiva ao ato por meio do qual Cristo coloca os cristãos sob o cuidado e a custódia do Espírito Santo até que Ele volte.

11.17 — *O mesmo dom,* ou seja, o Espírito Santo dado aos cristãos judeus no dia de Pentecostes (At 2.4; 15.8). Está claro que nos versículos 15 a 17 Pedro demonstra ter considerado Cornélio e a casa dele pessoas cristãos no mesmo sentido que eram os seguidores de Jesus que tinham ficado cheios do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

11.18 — *Até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.* Esse reconhecimento marca um novo e corajoso passo na missão da Igreja. Os samaritanos de certo modo também eram judeus; o etíope e Cornélio eram prosélitos judeus. Finalmente os cristãos judeus que compuseram a Igreja em seu início entenderam a comissão de Jesus: eles deveriam levar a mensagem do evangelho também ao gentios (At 1.8).

11.19-21 — *E os que foram dispersos pela perseguição.* Essa perseguição começou quando Estêvão foi assassinado por causa de sua fé (cap. 7). Deus frequentemente usa os tempos de grande dificuldade para realizar a Sua vontade. Jesus disse, *ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra* (At 1.8). Deus permitiu a perseguição para despertar o ímpeto de espalhar por todos os lugares o testemunho de Cristo. Aqueles que

enfrentaram essa grande perseguição receberam *grande recompensa* nos céus (Mt 5.10-12).

Senão somente aos judeus. Nesse momento, eram principalmente os cristãos judeus que estavam sendo perseguidos. Por conseguinte, os únicos que estavam deixando suas cidades e, assim, anunciando o evangelho de Jesus Cristo em vários lugares. Eles partilharam o evangelho com os judeus porque ainda encontraram sinagogas locais e lugares seguros para judeus da diáspora.

11.22-24 — Selêuco fundou a cidade de *Antioquia*, e deu a ela o nome de seu pai. Essa cidade era cosmopolita, um centro de atração de povos provenientes de várias culturas e distintos grupos étnicos, inclusive um grande contingente populacional da Pérsia, Índia e China.

O evangelho proclamado em Antioquia tinha grande potencial para alcançar outras áreas do mundo. Além disso, a cidade era dotada de diversidade cultural e não era controlada por grupos religiosos majoritários, o que tornava os seus habitantes mais abertos à verdade da mensagem do evangelho.

Barnabé, apelidado de *Filho da Consolação* pelos apóstolos (At 4.36), foi enviado para discernir aquilo que Deus estava fazendo na vida dos novos convertidos. Quando Barnabé viu a graça de Deus nos convertidos, percebeu que a conversão deles era verdadeira e os encorajou a perseverarem na fé.

Firmeza de coração é uma expressão que descreve a resolução mental de fazer algo. A resolução aqui era permanecer no Senhor. Barnabé era um homem dotado de compromisso. Nós faríamos bem em receber o encorajamento de Barnabé em nossa vida. Muitas vezes, desperdiçamos muito de nossa vida quando duvidamos e adotamos um comportamento inconstante (Tg 1.6-8) quanto àquilo ao que crer e ao que fazer.

11.25 — *E partiu Barnabé [...] a buscar Saulo.* O fato de Barnabé ser sensível à direção do Espírito Santo (v. 24) permitiu que Deus pusesse em seu coração o desejo de trazer Saulo de Tarso novamente ao seu convívio. Os discípulos de Jerusalém tinham medo de Saulo e se recusaram a acreditar que ele era um discípulo (At 9.26).

Barnabé, porém, tinha defendido Saulo antes mesmo dos apóstolos (At 9.27).

11.26 — *Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.* Os crentes em Jesus foram *chamados cristãos* porque eles adoravam a Cristo, o Messias. O historiador Josefo os chamou de *tribo dos cristãos*. Tácito, o historiador romano, fez alusão a eles chamando-os de *cristãos, cujo nome derivou de Cristo*.

Originalmente, os cristãos receberam o nome de *os do caminho*. Mas, depois de terem começado a anunciar Cristo a outros povos e outras cidades, é possível que tenham adotado esse título, apesar da possibilidade de tal nome ter sido usado originalmente para ridicularizar os cristãos.

11.27-30 — *Naqueles dias, desceram profetas de Jerusalém para Antioquia.* Na Igreja do primeiro século, um profeta pertencia a uma classe reconhecida da Igreja (compare At 2.17,18; 13.1; 20.23; 21.9,10; 1 Co 12.28,29; Ef 4.11).

Um desses profetas era um homem chamado Ágabo que profetizou, pela influência do Espírito de Deus, acerca de uma grande escassez em todo

o mundo. Lucas está interessado em definir o tempo exato dessa escassez. Assim, ele localiza o evento historicamente, informando que aquele período aconteceu pelos dias de Cláudio César (41-54 d.C.).

Muitas fontes extrabíblicas fazem menção à sucessão de colheitas ruins e à escassez extrema ao longo de todo o Império Romano, especialmente na Palestina, durante o reinado de Cláudio.

Em resposta a essa profecia, *os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia.* Eles dedicaram parte de sua renda para reunir um valor e enviá-lo aos cristãos da Judéia. Esse fundo de auxílio seria entregue *aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo*.

Tal interesse social e comunal da Igreja em Antioquia pela Igreja em Jerusalém não foi apenas uma expressão do amor dos crentes em Jesus pelos irmãos necessitados (At 10.35), mas foi também o marco inicial da prática paulina de chamar para si a responsabilidade de cuidar não apenas das almas daqueles a quem ele pregava,



ENTENDENDO MELHOR

UM EVANGELHO PARA AS CIDADES

O cristianismo prevaleceu com força e expandiu-se adquirindo relevância no contexto social do mundo romano. E por uma razão: os cristãos plantaram Igrejas em dezenas das principais cidades do império até o fim do primeiro século. Os cristãos espalharam o evangelho até chegarem *aos confins da terra* (At 1.8) estabelecendo comunidades estratégicas em áreas urbanas, tais como Antioquia. Esses grupos de cristãos conheciam muito bem o ambiente cultural em que estavam inseridos, porém, mantiveram-se firmes em suas convicções e valores, refletindo-os na sua vida diária e no seu trabalho.

A palavra grega utilizada para designar *Igreja* no Novo Testamento é *ekklesia*, que significa assembléia ou congregação. No mundo grego, a *ekklesia* era uma assembléia pública convocada por um arauto, reunida com o propósito de discutir assuntos legais e tomar decisões pertinentes à vida comunitária. Por exemplo, Paulo participou de tal ajuntamento em Éfeso, reunião que posteriormente se transformou em um levante popular (At 19.32-41). Mas a palavra *ekklesia* sempre se refere a pessoas — originalmente aos cidadãos de uma cidade e, mais tarde, ao ajuntamento de cristãos. Não há nenhuma evidência de qualquer edifício construído pela Igreja cristã até o quarto século, o que nos permite afirmar que esse termo não servia originalmente para designar templos ou prédios de reuniões de adoração.

De modo interessante, oito em cada dez vezes no Novo Testamento o termo é empregado para designar uma reunião de cristãos em uma cidade específica, como a referência à *Igreja que estava em Antioquia* (At 13.1) ou à *Igreja de Deus que está em Corinto* (1 Co 1.2). Em outro lugar, refere-se a todos os cristãos, independente da sua vinculação local ou do período a que pertença — ajuntamento frequentemente chamado de Igreja universal (ou católica) (Ef 1.22; 3.10,21; 5.23-32).

Ainda que fundando igrejas desde muito cedo, os cristãos não se apartaram da vida em sociedade e nem formaram congregações para competirem entre elas (embora, às vezes, um membro competisse com outro membro; 1 Co 1.10-12). Em vez disso, os membros viviam e trabalhavam como participantes de uma comunidade ainda mais ampla. Por essa razão, eles se relacionavam com os cristãos de outras cidades como membros de uma única família: a família de Cristo.

como de seus corpos, dando-lhes alimento e auxílio. Que a Igreja do século 21 aprenda a lição da Igreja do primeiro século.

12.1-3 — *Herodes*, o rei, é Herodes Agripa II, o sobrinho de Herodes Antipas, o assassino de João Batista. Ele é o neto de Herodes, o Grande, aquele que tinha decretado a morte de todas as crianças de Belém por cauda de seu intento de matar o menino Jesus. Herodes não era um judeu, mas um edomita.

Os judeus se ressentiam com esse fato, e Herodes sabia disso. Tiago foi o primeiro dos 12 apóstolos a morrer por causa do evangelho, e o único cuja morte é registrada no Novo Testamento.

Ser morto à *espada* significa ser decapitado, sendo essa morte o cumprimento daquilo que Jesus dissera a Tiago e ao irmão dele, João, quando afirmou que os dois beberiam do mesmo cálice que Ele iria beber (Mt 20.20-23).

Para Tiago, esse cálice foi a sua execução por ordem de Herodes. Para João, foi o exílio. A morte de Tiago pelas mãos de Herodes foi uma tentativa desse líder estrangeiro ganhar a admiração dos líderes judeus.

12.4 — Foram enviados *quatro quaternos de soldados* para que Pedro não escapasse uma segunda vez (At 5.19).

12.5-10 — Pedro estava preso e certamente constava na lista das próximas execuções, tendo o mesmo destino que tivera Tiago (v. 2). Porém, a execução de Pedro estava atrasada porque havia uma lei judaica que impedia qualquer suplício de um condenado durante os banquetes feitos com pães sem fermento, período mais conhecido como Páscoa.

Essa fora a terceira prisão de Pedro (At 4.3 e 5.18). Durante o encarceramento anterior, Pedro tinha escapado milagrosamente com a ajuda de um anjo de Deus, que abriu os portões da prisão (At 5.19,20). Dessa vez, Pedro foi colocado sob segurança máxima, sob o cuidado de quatro esquadras de soldados de quatro homens cada. Os soldados trabalharam em turnos de três horas. Foram encadeados ambos os pulsos de Pedro, e ele tinha a companhia de dois soldados, cada um ficava de guarda ao lado dele na cela.

Fora da cela de Pedro, mais dois soldados também ficavam de guarda.

12.11 — *Me livrou da mão de Herodes*. Por que a vida de Pedro foi poupada enquanto a vida de Tiago foi ceifada? A resposta está na vontade soberana de Deus. Se acreditamos que Deus é bom e sábio, podemos confiar que aquilo que Ele permitiu acontecer era parte de Seus sábios planos para o bem de todo o Seu povo. Quando colocamos nossa inteira confiança na bondade de Deus, encontramos a verdadeira paz. Deus está no controle, apesar de muitas vezes todas as circunstâncias dizerem que não.

12.12-15 — *Estás fora de ti*. É interessante notar que os cristãos que estavam orando tão fervorosamente em favor da libertação de Pedro (v. 12) não deveriam considerar fora de si a pessoa que trazia a resposta das orações deles. *É o seu anjo*. Essa declaração parece referir-se à existência de anjos da guarda, os quais guardam individualmente a cada crente (Dn 10.21; Mt 18.10).

12.16 — *Mas Pedro perseverara em bater* porque aqueles que estavam lá dentro orando não acreditaram que as orações deles haviam sido respondidas.

12.17 — *Tiago* era irmão de Jesus (At 15.13; 21.18; Mc 6.3). *Aos irmãos*. Outros líderes da Igreja.

12.18,19 — *E, sendo já dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados*. Podemos imaginar o pavor que tomou conta dos dois soldados que ficavam ao lado de Pedro, agora liberto, em relação aos soldados que estavam de guarda do lado de fora da cela, quando viram que não tinha mais ninguém dentro dela, e em relação aos soldados que cuidavam do primeiro e do segundo portão que levava à saída da prisão. Ninguém tinha uma explicação para o que havia acontecido com o prisioneiro.

Quando Herodes quis saber o que houve e soube que Pedro havia escapado, *feita inquirição aos guardas, mandou-os justificar*. A pena do Império Romano por deixar um prisioneiro escapar era muito severa, daí a seriedade com que os soldados levavam a responsabilidade de guardar os prisioneiros. Mas, nesse caso, nada mais poderia ser feito. E, por essa razão, Herodes Agripa I partiu



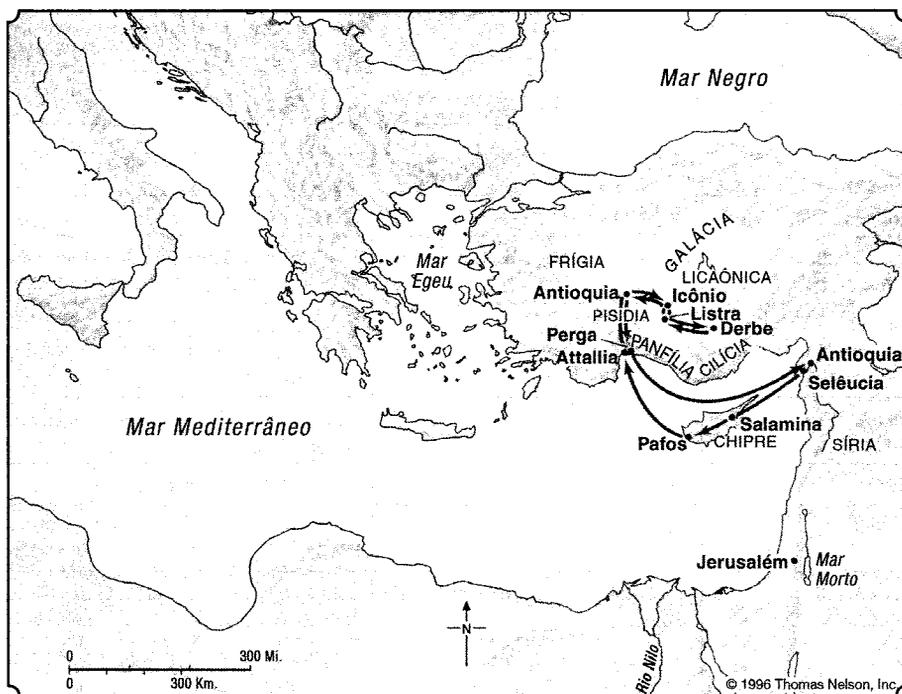
COMPARE

COMPARAÇÃO ENTRE OS MINISTÉRIOS DE PEDRO E PAULO

	Pedro	Paulo
Primeiro conhecido por:	Simão	Saulo
Primeiro encontro com Cristo	Estava com André, em Betânia (Jo 1.41)	Jesus apareceu para ele em uma visão sobrenatural na estrada de Damasco (At 9.1-6)
Profissão	Pescador (Lc 5.1-11)	Membro do Sinédrio; posteriormente trabalhou como fazedor de tendas, para não ser pesado para as igrejas (At 18.3)
Treinamento religioso formal	Um discípulo de Cristo (At 4.13; Mc 1.16,17)	Discípulo de Gamaliel (At 22.3); um fariseu (At 23.5,6; Fp 3.5)
Status	Missionário entre os judeus	Missionário entre os gentios
Habilidades	Grande pregador e educador. Líder da Igreja primitiva.	Um defensor inteligente da fé e um plantador de Igrejas.
Experiências ministeriais	Geralmente acompanhado pelo apóstolo João.	Geralmente acompanhado por Barnabé (At 13.1-15.39), Silas (At 15.40-17.14), e outros.
	Pregou o grande sermão do Dia de Pentecostes, em que quase três mil se converteram.	Pregou em muitos lugares, inclusive no famoso Areópago (At 17.16-33)
	Efetou curas (At 3.1-10; 5.15).	Efetou curas (At 14.8-10; 19.12)
	Ressuscitou Dorcas (At 9.36-42).	Ressuscitou Êutico (At 20.7-12).
	Foi preso muitas vezes (At 4.3; 5.18; 12.3).	Foi preso muitas vezes (At 16.23,24; 21.27-36).
	Demonstrou coragem para pregar mesmo diante de autoridades religiosas (At 4.5-12; 5.29-32).	Deu testemunho diante de autoridades religiosas e líderes (At 22.30-23.6; 26.1-29).
	Teve uma visão em que Deus o ordenara a pregar o evangelho a Cornélio (At 10).	Teve uma visão em que Deus o mandara pregar o evangelho na Europa (At 16.6-10).
Escritos	1 e 2 Pedro	Romanos; 1 e 2 Coríntios; Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemon
Morte	Segundo a tradição, crucificado de cabeça para baixo.	Segundo a tradição, foi decapitado.

de Jerusalém e foi para a sua residência em Cesaréia, sua outra capital. Embora a narrativa não continue nos versículos que se seguem, eles nos trazem muito esclarecimento sobre a morte de Herodes Agripa I. Lucas procura sempre mostrar o contexto histórico no livro de Atos. É por isso que ele incluiu tais versículos.

12.20 — Não se sabe ao certo por que *ele estava irritado com os de Tiro e Sidom*. Ambas as cidades eram portuárias, como Cesaréia, a capital da província da Judéia. A disputa provavelmente era por causa de negócios portuários, já que a competição era grande. Contudo, o mais importante é que essas cidades não queriam que um rei



A primeira viagem missionária de Paulo

Partindo da Igreja de Antioquia (At 13.1-3), Paulo e Barnabé foram para Chipre, e depois para as cidades da Galácia, na Ásia Menor. As sinagogas judaicas dessas cidades serviram de plataforma para Paulo pregar o evangelho. No entanto, às vezes, ele enfrentava oposição nelas.

irado impusesse algum embargo econômico contra elas. Por isso, os representantes de Tiro e Sidom, por intermédio de *Blasto*, oficial da corte, conseguiram uma audiência para apresentar seu caso ao rei.

12.21-24 — *E o povo exclamava: Voz de Deus, e não de homem!* Flávio Josefo, historiador judeu, também faz um relato sobre isso, dizendo que o povo procurou agradar ao rei declarando que ele era *mais do que mortal*. Herodes, ao invés de rejeitar a declaração de deidade, gostou da bajulação do povo — até vir a sofrer a consequência de tal blasfêmia. O desejo de ser divino, de ser tratado como um deus, é a raiz da soberba de uma pessoa. Por outro lado, a essência da humildade é lembrar-se de que somente Deus é Deus.

12.25 — *Havendo terminado aquele serviço*, ou seja, levado a oferta financeira da Igreja em Antioquia para saciar a fome na Judéia (At 11.29,30).

13.1 — Os *profetas* atuavam na Igreja primitiva como proclamadores das revelações de Deus. Os *doutores* explicavam o significado das revelações e ajudavam as pessoas a aplicá-las em sua vida. Na Igreja primitiva, os profetas eram pregadores — aqueles que comunicavam as revelações diretamente do Espírito de Deus. Evangelistas, pastores e doutores (Ef 4.11) valiam-se de tudo que era ensinado ou revelado e tornava aplicável à edificação da vida das pessoas.

Pastores e mestres são tidos hoje como sendo a mesma pessoa, e não como pessoas distintas. Em Atos, existem vários exemplos (veja *profetas e doutores*, Atos 13.1, e *apóstolos e anciãos*, Atos 15.6-22) em que esses dois títulos referem-se à mesma pessoa, ainda que ambos estejam ligados por uma conjunção. Parece que há dois serviços (anciãos ou bispos e diáconos); cinco funções ministeriais — apóstolos e profetas, que são o



A cidade de Antioquia

Antioquia da Síria era a terceira maior cidade do Império Romano, com 500 a 800 mil habitantes. Ali, pela primeira vez, os discípulos foram chamados de cristãos (At 11.26).

fundamento (Ef 2.20), evangelistas, pastores e doutores, que lideraram a edificação da superestrutura da fundação; dezesseis dons espirituais (quatro dons de sinais, cinco dons fonéticos e sete dons de serviço). *Antioquia* era a base de operação de Saulo.

13.2 — *Servindo eles ao Senhor.* Conforme as pessoas cumpriam aquilo que Deus lhes tinha dado para fazer, como as funções de profetas e mestres, o ministério pessoal tornava-se o ministério para o Senhor. Sempre que servimos aos outros é como se estivéssemos servindo a Deus (Mt 25.31-46).

Jejuando. O jejum era uma prática da Igreja primitiva, algo que vinha do judaísmo. A abstinência de alimento e de outras distrações era feita em prol da oração. O jejum também era feito para ajudar os cristãos a se concentrarem naquilo que eles estavam levando a Deus em suas petições. O intuito do jejum era o de se consagrar mais ao Senhor, evitando toda distração e focando as coisas espirituais.

13.3 — *A imposição de mãos* era a forma pela qual a Igreja primitiva reconhecia e confirmava a missão de alguém chamado por Deus.

13.4,5 — *João* era João Marcos, sobrinho de Barnabé (At 12.25).

13.6-12 — Lucas relata que *Sérgio Paulo* foi o primeiro monarca gentio a crer no evangelho. A ilha de Chipre era uma província senatorial, o que significa que era controlada pelo Império Romano. Então, como oficial romano, *Sérgio* era gentio. Ao contrário de *Cornélio* (At 10.2), não há prova alguma de que *Sérgio* ia ao templo ou temia a Deus. O oficial gentio do governo ficou maravilhado com o poder de Deus e creu na verdade.

13.9-11 — *Saulo, que também se chama Paulo.* Era comum uma pessoa ter dois nomes. Paulo usou o nome Saulo junto aos judeus. Mas, em sua missão junto aos gentios, ele usou seu nome romano, Paulo. O nome Paulo significa *pequeno*. Deixando de ser chamado de Saulo, que em hebraico também significa Saul, o primeiro rei de Israel, ele passa a usar o nome de Paulo, aquele que é pequeno em estatura e humilde de espírito.

13.12 — *O procônsul [...] creu.* A intenção de Lucas é fazer com que saibamos que *Sérgio Paulo* foi o primeiro monarca gentio a crer. E chegamos a essa conclusão por causa do título dado a *Sérgio*. A ilha de Chipre era uma província senatorial, governada diretamente por Roma. E já que *Sérgio* era um oficial romano, ele era gentio — ao contrário de *Cornélio* (At 10.2), não há prova alguma de que *Sérgio* ia ao templo ou temia a Deus. As raízes religiosas do procônsul não tinham nada a ver com o judaísmo. Esse oficial do governo, totalmente voltado para as tradições pagãs, ficou maravilhado com o poder de Deus e creu na verdade.

13.13 — *Mas João, apartando-se deles.* Qual quer que tenha sido o problema ocorrido entre Paulo e João Marcos, foi suficiente para Paulo não quer mais a sua companhia na viagem (At 15.36-39). Mas João Marcos provou ser fiel ao ministério de Paulo tempos depois (2 Tm 4.11).

13.14 — Por que Paulo e os que estavam com ele passaram por Perge, mas não pregaram o evangelho ali? Paulo deve ter tido algum problema de saúde que o forçou a passar direto pelas terras baixas de Perge e ir para *Antioquia da Pisídia*, um lugar mais alto, cerca de 3.600 m acima do nível do mar, e de clima mais agradável.

Mais tarde, quando Paulo escreveu às igrejas da Galácia, ele falou sobre uma *fraqueza da carne*



PERFIL

PAULO, O APÓSTOLO AOS GENTIOS

Ironicamente, o conhecimento de Paulo preparou-o para ser não somente o maior inimigo da Igreja primitiva, mas também para se tornar o seu maior porta-voz. Dedicado, resoluto, sincero, teimoso e exigente, Paulo tornou-se um problema muito maior para os judeus do que havia sido para os cristãos, não em termos de violência, mas de ideologia. Na verdade, ele vivia com sua cabeça "a prêmio", pois seus ex-colegas judeus queriam simplesmente destruí-lo (At 9.23-25, 29; 23.12-15; 2 Co 11.26, 32, 33).

Talvez o fato mais irônico na vida de Paulo tenha sido sua chamada para ser o *apóstolo aos gentios* (At 9.15; Gl 1.16; 2.7-9). Paulo era um fariseu, o que significa dizer que, na mais pura acepção da palavra, era um *separado*. Alguns fariseus até se recusavam a comer com quem não era fariseu, temendo contaminar-se com um alimento que não estivesse ritualmente puro. Eles também se afastavam das mulheres, dos leprosos, dos samaritanos e, principalmente, dos gentios (ou *estrangeiros*).

Por essa razão, levar o evangelho aos gentios para Paulo era uma grande mudança em sua vida e um repúdio total às suas raízes como fariseus. No mínimo, três pessoas foram indispensáveis para ajudar Paulo nessa mudança tão radical: Barnabé, que foi um judeu helenista como Paulo e tinha raízes levíticas — ele recebeu Paulo e o orientou na fé quando ninguém mais ousava sequer chegar perto dele (At 4.36,37); Priscila e Áquila, fazedores de tendas como ele — o casal convidou Paulo para participar do seu negócio em Corinto e provavelmente conversaram com ele sobre a fé e suas implicações, assim como fizeram com Apoio (At 18.1-3, 24-28; Rm 16.3-5).

Paulo acabou tornando-se um teólogo e evangelista que fazia parte da liderança do cristianismo. Mas, embora seu *status* na Igreja tenha crescido, sua visão sobre si mesmo havia mudado. No começo, ele se via como um importante líder cristão, mas depois como o *menor dos apóstolos* (1 Co 15.9). Mais tarde, ele entendeu que em sua carne não habitava *bem algum* (Rm 7.18) e que ele era o *mínimo de todos os santos* (Ef 3.8). No fim, ele descreve a si mesmo como o *principal* dos pecadores (1 Tm 1.15), entregando-se à misericórdia e à graça de Deus.

O temido fariseu de fariseus tornara-se o destemido apóstolo aos gentios cuja profissão de fé era: *O viver é Cristo, e o morrer é ganho* (Fp 1.21).

(Gl 4.13 ARC) ou *enfermidade física* (Gl 4.13 ARA), que pode ter afetado seus olhos de alguma forma. Alguns acham que Paulo teve malária, e isto o deixou com terríveis dores de cabeça e febre, que o impediram momentaneamente de pregar. Talvez, isto seja o que Paulo queria dizer quando se referiu ao seu *espinho na carne*

13.15 — Era costume os *principais da sinagoga* convidarem alguém para falar à congregação.

13.16-19 — *Levantando-se Paulo*. Os rabinos geralmente ensinavam sentados; Paulo talvez tenha-se levantado para que todos o ouvissem melhor (Lc 4.20-21).

13.20,21 — Alguns manuscritos antigos consideram os *quase quatrocentos e cinquenta anos* como o período antes dos *juízes*, citado dos versículos 17 a 19. Em ambos os casos, a referência ao período é algo muito vago.

13.22-35 — *Davi [...] varão conforme o meu coração*. O que Deus viu em Davi foi um grande desejo de fazer Sua vontade. E isso jamais mudou

durante toda a vida dele. Ao contrário do rei Saul, que era um homem guiado pela própria vontade, Davi confessou seus pecados e arrependeu-se na mesma hora (Sl 51).

13.36,37 — *Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu*. Paulo afirmou que Davi não podia estar falando de si mesmo em Salmos 16.10 (v. 35). Quando Davi morreu, seu corpo voltou ao pó como todas as outras pessoas (veja o que Pedro diz sobre isso em At 2.29-31). Davi estava falando do Messias, que ressuscitaria dos mortos como a derradeira prova de que era o Filho de Deus (Rm 1.4).

13.38-44 — *Por ele é justificado todo aquele que crê*: justificação é um termo legal que significa *declarado inocente*. É uma declaração legal de que a pessoa foi absolvida e não deve mais nada. É pela justificação que alguém se torna justo e é aceito por Deus. A morte de Cristo foi o pagamento pelo nosso pecado, o que fez com que nossos pecados fossem perdoados.

13.45 — Quando Lucas fala dos *judeus*, ele não está referindo-se a todos os judeus. Os judeus citados no versículo 43, aqueles que *os exortavam a que continuassem na graça de Deus*, queriam mesmo conhecer a verdade. Os judeus desse versículo eram os líderes, aqueles que tinham autoridade religiosa. Quando os líderes judeus viram que as multidões estavam seguindo Paulo, eles mudaram de opinião e ficaram cheios de ciúme, principalmente porque muitos do que o seguiam eram judeus.

13.46-50 — *Vos não julgais dignos da vida eterna.* Aquele que está convencido de que não precisa de perdão do Deus santo já condenou a si mesmo.

13.51,52 — Os judeus *sacudiam o pó dos pés* quando saíam de uma cidade gentia. Esses judeus

que rejeitaram o evangelho em nada eram diferentes dos gentios ímpios.

14.1-5 — Seguindo um plano previamente estabelecido, Paulo e Barnabé foram primeiro à *sinagoga dos judeus* que ficava em *Icônio*, uma província a leste da *Frígia*. O texto diz que *uma grande multidão* (v.1), tanto de judeus como de gregos, creu. No entanto, os *judeus incrédulos* começaram a se opor à mensagem dos apóstolos. Como tal oposição foi pequena no início, Paulo e sua equipe puderam permanecer ali pregando o evangelho por *muito tempo*. Em seu estilo de narrativa histórico, Lucas não diz quanto tempo esse período durou, tornando quase impossível fixar uma cronologia exata para as viagens de Paulo. Por fim, os judeus hostis conseguiram incitar um



APROFUNDE-SE

POR QUE JOÃO MARCOS VOLTOU PARA CASA?

Lucas não diz por que João Marcos voltou para Jerusalém (At 13.13), dando margem a todo tipo de especulação. Vejamos algumas possibilidades:

Hipótese 1: *Ele era jovem e sentiu saudade de casa.* Isso é bem provável, mas não temos como saber exatamente qual era a idade de Marcos. Ele tinha estado em Antioquia (At 12.25), mas também é possível que jamais tenha saído da Palestina.

Hipótese 2: *Sua reação ao lidar com os gentios não foi muito positiva.* Na primeira parte da viagem (Chipre), a pressão ética e cultural deve ter sido muito grande para ele. Nós sabemos a controvérsia que houve entre os cristãos em Jerusalém porque os gentios foram aceitos na Igreja (At 15.1-29). Se Marcos foi embora por preconceito, isso talvez explique o motivo de Paulo ter se recusado a levá-lo em uma viagem ocorrida posteriormente (At 15.37,38). Por outro lado, ele trabalhou com a Igreja multirracial de Antioquia e, ao que parece, não teve problema algum (At 12.25).

Hipótese 3: *Ele não queria trabalhar com Paulo.* Nós sabemos que Paulo era muito rígido e de padrões muito elevados. Talvez Marcos não tenha pensado bem antes, ou talvez não tenha havido boa interação entre eles, e por isso ele resolveu voltar para casa e não continuar aquela longa viagem com alguém tão exigente. Mais tarde, Paulo quis tê-lo por perto de novo (2 Tm 4.11) e o citou como um de seus cooperadores (Fm 24).

Hipótese 4: *Ele se sentia mal ao viajar de navio.* Não há nenhuma evidência em relação a isso a não ser que Marcos partiu assim que a comitiva chegou em terra firme, em Perge, na Panfília. Mas será que Marcos voltaria para casa só porque se sentia mal ao viajar de navio?

Hipótese 5: *Ele ficou com medo.* Em Antioquia, Marcos encontrou uma comunidade de cristãos muito diversificada, cheia de compaixão e de cuidados uns para com os outros. Em Chipre, no entanto, ele encontrou pessoas como Elimas, o encantador (At 13.6-12), e descobriu que a munição usada pelos inimigos do evangelho era muito pesada.

Hipótese 6: *O caminho era muito duro.* Lucas chama Marcos de *cooperador* (At 13.5) e provavelmente cabia a ele os preparativos para a viagem: cuidar da alimentação e da hospedagem e talvez até de algum ensino. Novamente, o ritmo de Paulo deve ter sido muito acelerado para que o rapaz pudesse suportar, e quando eles chegaram a Perge, ele decidiu "jogar a toalha". Mas isso não passa de especulação.

A Bíblia não diz por que João Marcos resolveu voltar para casa. Mas o que nos conforta aqui é saber que a desistência não enfraqueceu a sua fé nem o fez perder a sua espiritualidade, por mais que a desistência tenha aborrecido muito Paulo (At 15.38,39). Com o tempo, e motivado por Barnabé, Marcos tornou-se um dos principais líderes da Igreja primitiva e impactou a vida de muitos com sua fé.

motim que levou Paulo e Barnabé a fugir de Icônio. O versículo 3 diz que a mensagem do evangelho era a *palavra da sua graça* e que o ministério deles foi seguido por *sinais e prodígios*, ou seja, por milagres.

14.1-7 — Paulo e Barnabé *falaram* com autoridade porque pregavam a verdade. O poder de Deus não está na pessoa que testifica, mas no que é testificado.

14.8-13 — *Os deuses [...] desceram até nós*. Ovídio, um poeta romano, conta uma lenda em que Zeus e Hermes foram até a região da Frígia disfarçados como mortais em busca de abrigo. Depois de serem rejeitados em mil lares, eles encontraram abrigo na casa humilde de um casal já idoso. Em gratidão à hospitalidade do casal, os deuses transformaram a humilde casa em um templo com telhado de ouro e colunas de mármore. Por outro lado, todas as casas das pessoas que não haviam sido hospitaleiras foram destruídas. Essa antiga lenda pode ter sido a razão pela qual Paulo e Barnabé foram tratados como deuses. Depois de testemunharem a cura de um coxo, eles não queriam cometer o mesmo erro que cometera os seus ancestrais.

14.14 — *Rasgaram as suas vestes*. Rasgar as vestes era uma forma de os judeus demonstrarem consternação e sofrimento. Esse costume remonta a Josué e Calebe, que rasgaram suas vestes depois de ouvirem o povo de Israel dizer que queria voltar para o Egito ao invés de entrar na terra prometida (Nm 14.6). Mais tarde, ao acusar Jesus de blasfêmia, o sumo sacerdote também rasgou as suas vestes (Mt 26.65). As vestes eram rasgadas geralmente do pescoço até onde as mãos alcançavam. Os judeus também faziam isso em tempos de aflição (Js 6.7) e, principalmente, em épocas de grande sofrimento (2 Sm 1.11).

14.15-18 — O sermão de Paulo nesses três versículos é um resumo do sermão que ele pregou no Areópago (At 17.22-31). Esses gentios não conheciam as Escrituras nem criam nelas, então Paulo pregou verdades irrefutáveis e levou seus ouvintes à verdade bíblica.

14.19-22 — *Cuidando que estava morto*. Talvez, o que o médico Lucas queira dizer aqui é que

Paulo não estava morto. Entretanto, alguns creem que esse texto fala da ressurreição dele. Nós não sabemos se Paulo recebeu o milagre da cura ou da ressurreição.

14.23,24 — *Eleito anciãos*. É difícil saber se esses anciãos foram eleitos por Paulo e Barnabé ou por outros votos. Todavia, o processo descrito em Atos 6.1-7 para a escolha de sete homens nos dá uma pista do processo usada para a escolha dos anciãos aqui. Tanto a Igreja como os apóstolos estavam envolvidos no processo de seleção.

Em cada igreja. Esse é um texto que mostra claramente a diversidade de anciãos que havia na liderança de cada Igreja. Isso é muito parecido com o que vemos em Atos 20.17, que também fala sobre a diversidade de anciãos na Igreja de Éfeso.

14.25,26 — *E tendo anunciado a palavra*. As boas-novas que o Messias veio para salvar do pecado.

14.27-28 — *Quão grandes coisas Deus fizera*. A obra de Deus para salvar os gentios exigia uma mudança na teologia e na estratégia da Igreja.

15.1,2 — O Concílio de Jerusalém é um dos pontos cruciais no livro de Atos, assim como a conversão de Paulo e de Cornélio. O tema da discussão desse Concílio foi a posição dos judeus em relação à aceitação de gentios cristãos como membros da Igreja.

No começo, a Igreja era composta praticamente de judeus convertidos, que haviam sido circuncidados, segundo a lei do Antigo Testamento. Até mesmo Pedro, algum tempo antes, teve muita dificuldade para aceitar a comunhão com os gentios. O estabelecimento da Igreja predominantemente gentia em Antioquia e o sucesso da missão gentia na Galácia fizeram com que os judeus voltassem sua atenção para essas Igrejas e reconhecessem a importância de ter comunhão com elas.

O crescimento da Igreja é nitidamente a base dos temas principais abordados por Lucas no livro de Atos. O poder da mensagem do evangelho é demonstrado pelo fato de ela ser aceita e bem recebida em todos os lugares. Quando os judeus convertidos da Judéia chegaram a Antioquia, eles insistiam que os cristãos tinham que ser *circuncidados* para serem *salvos* (v.1). Logo depois (v. 5),

o texto mostra que esses convertidos eram da seita dos fariseus, a mais rígida dentre os judeus. As disputas também pareciam mostrar que alguns cristãos ainda viam o cristianismo como um movimento dentro do judaísmo.

15.1-4 — Mais tarde, aqueles que ensinavam acerca da necessidade da circuncisão para os novos cristãos ficaram reconhecidos como os judaizantes. Em outras palavras, eles queriam que os cristãos gentios se tornassem prosélitos judeus. E como prosélitos, os cristãos gentios precisavam ser circuncidados como sinal de que faziam parte da aliança de Deus com os judeus.

15.3-6 — A Igreja de Jerusalém recebeu de braços abertos a delegação de Antioquia e ouviu atentamente os relatos da evangelização bem-sucedida dos gentios na Galácia, o que levou *grande alegria a todos os irmãos*. No entanto, a objeção de alguns *fariseus que tinham crido* (ou cristãos convertidos entre os fariseus) levou os *apóstolos e anciãos* a fazer uma conferência formal com a delegação de Antioquia. E, embora os líderes estivessem diretamente envolvidos nessa discussão, os versículos 12 a 22 mostram que toda a Igreja participou da decisão final. Uma decisão errada àquela altura remeteria a Igreja ao jugo pesado da lei judaica e atrapalharia seu crescimento como o planejado pelo Senhor.

15.5,6 — *Alguns [...] da seita dos fariseus*. Esses homens criam em Jesus mas ainda estavam ligados aos fariseus. Os judeus que se tornavam seguidores de Cristo podiam continuar sendo fariseus. Mas o mesmo não poderia acontecer com os saduceus, pois eles negavam a ressurreição e, por essa razão, não poderiam crer que Jesus havia ressuscitado dos mortos.

Era mister circuncidá-los. Essa frase resume o problema. A salvação é recebida por meio da fé apenas? Ou a pessoa tem de ter fé e crer também nas obras da lei para ser perdoado por Deus?

15.7-9 — Foi pela *boca* de Pedro que Cornélio e seus amigos gentios ouviram o *evangelho* de Jesus Cristo (At 10.11-43).

15.10 — *Jugo* aqui diz respeito à Lei (Gl 5.1).

15.11 — *Seremos salvos pela graça [...] como eles também*. Essas são as últimas palavras de Pedro

no livro de Atos. Ele deixa para nós a verdade eterna de que seremos salvos somente pela fé, mediante a graça de Deus. O foco do livro de Atos agora sai de Pedro e vai para Paulo, ou seja, da apresentação da mensagem do evangelho entre os judeus para a sua apresentação aos gentios.

15.12 — *Barnabé e Paulo* contaram como Deus estava transformando a vida dos gentios por meio do evangelho de Jesus Cristo. Seu testemunho no Concílio foi crucial.

15.13,14 — O Concílio ouviu *Tiago* porque ele era o primeiro das três colunas da Igreja (Gl 2.9). Ele foi o líder da Igreja em Jerusalém até que morreu apedrejado por ordem do sumo sacerdote em 62 d.C. Tiago era meio-irmão do Senhor Jesus, aquele que não creu até que o Senhor apareceu-lhe pessoalmente depois da ressurreição (1 Co 15.17). É bem provável que ele seja o autor da epístola de Tiago, que explica aos cristãos judeus a essência da verdadeira fé.



EM FOCO

A GRAÇA (GR. CHARIS)

(At 5.11; Rm 3.24; 5.15; Ef 2.5; Tt 2.11):

A palavra grega traduzida por *graça* provavelmente equivale à palavra hebraica *chesed*, que significa *misericórdia*, um termo muito usado pelos salmistas para descrever o caráter de Deus. No Novo Testamento, a palavra *charis* geralmente quer dizer favor divino ou boa vontade, embora também signifique *o que traz grande alegria* ou *dom gratuito*.

A palavra *graça* é digna de toda atenção, porque, além de ser uma das palavras que Paulo mais gostava de usar para descrever o dom gratuito de Deus para a salvação, é usada por Pedro aqui com o mesmo significado.

15.15-18 — Embora o testemunho de Pedro, Barnabé e Paulo fosse muito importante para que o Concílio tomasse uma decisão, algo mais do que a experiência que eles tiveram com os gentios tinha de ser levado em consideração. O Concílio precisava saber o que dizia a Palavra de Deus. E Tiago afirmou que tudo que estava acontecendo entre os gentios estava plenamente de acordo com o Antigo Testamento (Am 9.11,12).

15.19,20 — O testemunho de Paulo e Barnabé — que trabalharam *dentre os gentios* —, e mais importante ainda, o testemunho das Escrituras, mostrou a Tiago que era Deus quem de fato estava operando (v. 17, 18). Sendo assim, ele sugeriu que uma carta fosse endereçada aos gentios que criam em Jesus para isentá-los das exigências da lei judaica.

Contudo, embora Tiago não quisesse perturbar os gentios com o cerimonial judaico, ele cria que certas práticas tinham de ser evitadas. Ele citou quatro delas: a carne oferecida aos ídolos, a *prostituição*, a carne de animal *sufocado* e a carne com *sangue*. Se os gentios continuassem com tais práticas, a tensão que havia entre eles e as comunidades judaico-cristãs continuaria existindo.

Há uma discussão sobre essas exigências, se elas eram cerimoniais ou de natureza moral. Se elas eram cerimoniais, as *contaminações dos ídolos* refere-se então ao alimento oferecido nos templos pagãos (1 Co 8—10).

A *prostituição* refere-se às leis do matrimônio de Levítico 18.6-10. A proibição de comer com sangue vem de Levítico 17.10-14. Por outro lado, se tais proibições eram de natureza moral, o alimento contaminado pelos ídolos refere-se ao problema citado em Apocalipse 2.14-20. Certamente, havia cristãos gentios que participavam de festas e banquetes nos templos pagãos, que na maioria das vezes envolvia imoralidade sexual. A proibição de comer sangue era anterior à Lei de Moisés e remonta ao pacto que Deus fez com Noé (Gn 9.3,4).

15.21 — *Porque Moisés [...] tem em cada cidade quem o pregue*. Tiago talvez estivesse dizendo que já que havia comunidades judaicas em todas as cidades, seria sábio que todos continuassem respeitando suas crenças. É provável que ele também estivesse dizendo que quanto mais os cristãos gentios aprendessem as Escrituras, mais o Espírito traria uma convicção santa ao coração deles.

15.22-27 — *Pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos*. É interessante observar como o Concílio procedeu para resolver esse conflito. Primeiro, o problema foi exposto de modo bem claro a todos: ambos os lados participaram da discussão.

Segundo, os fatos foram apresentados por aqueles que tinham pleno conhecimento deles. Terceiro, o Concílio foi presidido por uma pessoa de total confiança por sua objetividade e sabedoria. Esse mesmo método pode ser muito útil para resolver conflitos existentes na Igreja nos dias atuais.

Eleger varões dentre eles e enviá-los. Os apóstolos e anciãos enviaram representantes de ambos os lados que faziam parte da discussão — um judeu (Judas) e um helênico (Silas) — com Paulo e Barnabé para confirmar e reforçar a decisão do Concílio.

15.28,29 — *Ao Espírito Santo e a nós*. Os judeus cristãos demonstravam que eram totalmente dependentes do Espírito Santo. O Espírito exerce uma função de suma importância nas nossas decisões espirituais.

15.30-33 — *Alegaram-se*. Livres de exigências desnecessárias, a salvação pela graça e pela fé encheu-os de alegria.

15.34,35 — *Ensinando e pregando*. A pregação e o ensino são igualmente importantes.

15.36-38 — *Paulo recusou-se veementemente a levar João Marcos em sua próxima viagem, pois ele havia deixado Paulo e Barnabé na Panfília* (At 13.13). Não se sabe ao certo por que Marcos abandonou a viagem. Alguns dizem que ele voltou para Jerusalém porque não aceitava o fato de os gentios fazerem parte da Igreja somente por meio da fé. Mas, o que quer que tenha feito João Marcos ir embora, é interessante observar que posteriormente ele se reconciliou com Paulo e ajudou no ministério do apóstolo. Em 2 Timóteo 4.11, Paulo, que estava na prisão, escreve: *Toma Marcos, e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério*.

15.39-41 — *E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro*. Paulo e Barnabé tiveram uma discussão muito séria por causa de João Marcos. Mas veja que Lucas não aponta quem é o culpado por tal discórdia. Às vezes, os cristãos não chegam a um acordo em relação a alguns assuntos do ministério. E, quando isso acontece, talvez o melhor seja mesmo fazer a obra separadamente.

Barnabé continuou com João Marcos e não permitiu que aquela discórdia se tornasse um



EM FOCO

O ESPÍRITO (GR. PNEUMA)

(At 16.7; Rm 8.9; Fp 1.19; 1 Pe 1.11)

A palavra grega traduzida por *espírito* vem do verbo grego *pneo*, que significa *respirar* ou *soprar*. Ela, às vezes, é usada para se referir ao vento e, outras vezes, à própria vida (Jo 3.8; Ap 13.15). Ela também pode referir-se à vida dos anjos (Hb 1.14), aos demônios (Lc 4.33) e ao ser humano (At 7.59). E essa palavra também pode ser usada para o Espírito de Deus (1 Co 2.11), ou seja, o Espírito Santo (Mt 28.19), a terceira Pessoa da Trindade, aquele que habita nos cristãos (Tg 4.5; 1 Jo 4.13).

Esse mesmo Espírito também é chamado de *Espírito de Jesus Cristo* (Fp 1.19), e como vemos em Atos 16.7, muitos manuscritos antigos também trazem o título *Espírito de Jesus*. Esse título enfatiza a ação conjunta de Jesus e do Espírito, algo que se encontra em todo o livro de Atos e no volume que o acompanha, o Evangelho de Lucas. Nos dias do ministério terreno de Jesus, os discípulos foram guiados por Ele; mas depois da sua ressurreição e ascensão, isso ficou a cargo do Espírito de Jesus.

problema para a Igreja de Antioquia. Barnabé foi um dos líderes da Igreja primitiva (At 11.22-25). Ele foi o principal representante da Igreja no Concílio de Jerusalém, mas não usou seu prestígio para fazer com que Paulo fosse repreendido. Ao contrário, ele aceitou a situação e continuou servindo ao Senhor fielmente.

16.1 — *Timóteo era filho de Eunice, uma judia que era crente e cheia de fé* (2 Tm 1.5). Eunice ensinou as Sagradas Escrituras a Timóteo desde que ele era criança (2Tm 3.15). Já que o Novo Testamento não fala nada sobre a fé do pai de Timóteo, isso sugere que talvez ele não fosse convertido.

16.2 — *Do qual davam bom testemunho os irmãos* pode ser traduzido como *era bem visto*. Em outras palavras, ninguém precisa dizer que Timóteo era cristão.

16.3 — *Tomando-o, o circuncidou*. Segundo a lei judaica, Timóteo tinha de ter sido circuncidado e crescido como um judeu, embora seu pai fosse gentio. Mas segundo a lei grega, o pai era o senhor de sua casa.

A verdade é que o fato de Timóteo ser judeu, mas não ter sido circuncidado antes, atrapalhou muito seu ministério junto aos judeus cristãos. Entretanto, a questão aqui não tem nada a ver com a salvação. Ao contrário, Timóteo só foi circuncidado a fim de que Deus pudesse usá-lo para alcançar todas as pessoas — incluindo os judeus — com a mensagem do evangelho.

16.4,5 — A decisão do Concílio (At 15.24-29) trouxe grande conforto e alegria aos gentios.

Ao que parece, os decretos do Concílio de Jerusalém foram considerados razoáveis, e não pesados.

16.6-10 — *Procuramos partir para a Macedônia*. Já que o Espírito Santo fechara as portas tanto para o sul como para o norte (v. 6, 7), Paulo seguiu pelo único caminho que lhe restou — para noroeste — até chegar ao porto de Trôade, no mar Ageu, onde dali pôde prosseguir viagem. Paulo estava no lugar certo e na hora certa para receber o chamado para ir à Macedônia.

Nos chamava. Essa é a primeira das quatro seções do livro de Atos onde o autor usa o verbo na primeira pessoa do plural (At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1—28.16). Isso indica que Lucas, o autor de Atos, acompanhou Paulo pelo menos nessas quatro ocasiões.

16.11 — *Trôade* era uma cidade portuária da Ásia Menor próxima à antiga região de Tróia. *Samotrácia* era uma grande ilha entre a Ásia e a Europa. O nome *Neápolis* significa *cidade nova*. Era nela que ficava o porto de Filipos.

16.12 — *Filipos*, que recebeu esse nome em homenagem ao pai de Alexandre, o Grande, era uma *colônia* romana leal ao império. A própria cidade foi organizada pelo estado de Roma e funcionava como um posto militar. A cidade provavelmente era habitada por veteranos de guerra que haviam recebido os direitos de cidadão romano. Naturalmente, essa colônia tinha um governo autônomo e estava isenta de tributos e impostos.



VOCÊ SABIA?

O EVANGELHO TOMA NOVO RUMO

A visão de Paulo e sua viagem seguinte de Trôade a Neápolis (At 16.9-11) abriu caminho para o evangelho chegar às civilizações do Ocidente. Um pequeno passo de Paulo tornou-se um grande salto para o cristianismo, sendo anunciado no Ocidente, ganhou um novo ânimo em Filipos, na Macedônia, chegou até a Europa e, por fim, permeou todo o hemisfério ocidental.

Por causa de sua proximidade com o mar e com as maiores estradas da Europa, Filipos era o centro comercial da Macedônia. A influência que ela exercia em toda aquela região fazia dela um ótimo lugar para o início da pregação do evangelho de Jesus Cristo.

16.13 — *Onde julgávamos haver um lugar para a oração.* Segundo o costume judeu, uma congregação era formada por dez famílias. Se houvesse dez chefes de família em uma cidade, uma sinagoga podia ser formada. Caso contrário, era encontrado um lugar de oração, geralmente perto de um rio, a céu aberto. Paulo tinha como hábito ir primeiro à sinagoga da cidade em que chegava. Mas em Filipos ele procurou um grupo de oração de judeus.

16.14,15 — *Tiatira* era muito conhecida por causa da tinta *púrpura* e da coloração de roupas. A tinta *púrpura* tinha de ser extraída gota a gota de um certo molusco. E, por ser muito cara, era usada nas vestes usadas pela realeza. Sendo vendedora de *púrpura*, *Lídia* era uma mulher muito rica que foi a Filipos para ali abrir o seu negócio. Paulo pregou o evangelho para ela, mas foi o *Senhor* quem *lhe abriu o coração*.

16.16 — A descrição da *jovem* que Lucas faz nesse versículo indica que ela tinha o *espírito de Píton*. *Píton* era uma serpente mitológica morta por *Apolo*, que tirou dela o dom de adivinhação e, às vezes, assumia sua forma. *Apolo* ficou conhecido como *Apolo Píton*. Quando se dizia que alguém tinha o *espírito de Píton*, isso significava que ele era dominado por uma força maligna. Ao que parece, aqueles que conheciam a menina não achavam que ela era louca ou enganadora. Ao

contrário, eles viam sua habilidade de prever o futuro como algo genuíno. As pessoas pagavam à jovem para fazer *adivinhação*, o que rendia muito lucro aos seus *senhores*. Essa prática era muito popular na Grécia, principalmente em Corinto. O principal santuário de *Apolo* ficava em Delphi, além do istmo de Corinto.

16.17-19 — *Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito.* Paulo irritou-se não porque a jovem estava dizendo a verdade, mas porque ela era vista como a fonte da verdade.

16.20,21 — *Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade. E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos.* Essas acusações eram tão falsas como as que foram feitas contra Jesus, e depois contra *Estêvão*. Aqueles que desejam impedir a verdade de Deus são sempre inescrupulosos quanto ao que dizem. Paulo e Silas jamais pregaram algo sobre os *costumes* ou as leis dos romanos.

16.22-24 — *Rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas.* Antes de os prisioneiros serem *açoitados com varas*, suas vestes eram literalmente rasgadas para que sua carne ficasse totalmente exposta aos *açoitetes*. Paulo sofreu essa punição romana em três ocasiões diferentes. Mais tarde, ele fala sobre esses *açoitetes com varas* (2 Co 11.23, 25).

16.25 — *Oravam e cantavam [...] e outros presos os escutavam.* A palavra traduzida por *escutavam* significa *ouviam com prazer*, como que se ouvissem uma linda canção. Em tempos de escuridão é que a luz do testemunho cristão brilha mais intensamente (Fp 2.14-16).

16.26 — *E logo se abriram todas as portas.* Nos tempos antigos, as portas das prisões eram de barras. O terremoto, por ter abalado muito o solo, provavelmente forçou os *umbrais das portas* fazendo com que as barras caíssem.

16.27-29 — Segundo a lei romana, a pena para um guarda que deixasse um prisioneiro escapar era a morte. Prevendo que todos os prisioneiros tivessem escapado, o *carcereiro* pensou que certamente iria morrer.

16.30-36 — *Que é necessário que eu faça para me salvar?* Os eventos que aconteceram durante

a prisão de Paulo e Silas, a forma como eles aceitaram o sofrimento e os atos poderosos de Deus, fizeram com que o carcereiro caísse de joelhos, reconhecendo finalmente que precisava de salvação. Mas como ele poderia reconciliar-se com Deus? A resposta de Paulo e Silas foi muito simples: somente *crê no Senhor Jesus Cristo*. Não era preciso fazer mais nada. O carcereiro e a família dele confiaram em Deus e na mesma hora expressaram sua fé ao serem batizados.

16.37-40 — Quando os *magistrados* souberam que Paulo e Silas eram romanos, eles perceberam que estavam em perigo e temeram a fúria de Roma. Era ilegal açoitar um cidadão romano ou negar-lhe o direito a um julgamento justo. Paulo recusou-se a ir embora quando teve a chance objetivando proteger a Igreja recém-fundada em Filipos. Já que Paulo e Silas foram açoitados em público, as pessoas pensaram que eles tinham feito algo de errado. Se Paulo fosse embora sem dizer nada, todos iriam pensar que aqueles ligados a ele, principalmente os membros da Igreja em Filipos, haviam feito algo de errado também.

17.1-4 — *Disputou com eles sobre as Escrituras*. Havia muitas evidências nas Escrituras que Paulo podia usar para defender seus argumentos. Por exemplo, Salmos 22, escrito por Davi mais de mil anos antes, descreve a crucificação do Messias. Paulo também podia citar Isaías 53 e Zacarias 12 para falar do sofrimento, da morte e da ressurreição do Messias, cuja vinda foi predita pelos profetas. O Antigo Testamento está repleto de evidências sobre a natureza e a vida do Messias que conferem perfeitamente com Jesus (Lc 14.25-27).

17.5,6 — Os *judeus* aqui são os líderes da sinagoga que se sentiram ameaçados pelo evangelho, pois contrariava os ensinamentos deles.

17.7,8 — *Procedem contra os decretos de César*. Em 49 a. C., o imperador romano Cláudio expulsou todos os judeus de Roma por causa de tumultos causados por um grupo de judeus radicais. Esses revolucionários defendiam uma insurreição contra Roma e eram contra a instituição de um novo rei. Os acusadores de Paulo queriam que ele fosse visto como um revolucionário que estava levando um motim em Tessalônica.

17.9-10 — *Tendo, porém, recebido satisfação de Jasom e dos demais, os soltaram. Receber satisfação* é o mesmo que pagar fiança hoje em dia. Era uma segurança de que o apóstolo Paulo não causaria mais problemas e não voltaria mais a Tessalônica. Depois disso, Paulo e Silas viajaram 80 km a sudoeste para a cidade de Beréia.

17.11-14 — *Estes judeus examinavam cada dia nas Escrituras* para descobrir a verdade. E é isso que Deus deseja de todos os cristãos hoje também; foi por isso que Ele nos deu a sua Palavra.

17.15 — Chegando a *Atenas*, Paulo percebeu que precisaria da ajuda de *Silas* e *Timóteo*. Então, ordenou-lhes que viessem para ficar com ele.

17.16 — *O seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria*. Paulo sentiu-se muito incomodado ao ver tantos altares e templos pagãos em Atenas. Em sua carta aos coríntios, ele explica por que ficou tão indignado com aquela situação (1 Co 10.20). Os sacrifícios das pessoas eram oferecidos aos demônios. E, ao fazerem isso, os gentios estavam tendo comunhão com os poderes das trevas. Paulo ficou muito



A cidade de Atenas

Atenas era a principal cidade da Grécia antiga e a capital do distrito de Ática. Embora tenha havido muitas conversões ao evangelho em Atenas devido à pregação de Paulo, somente anos depois uma Igreja foi fundada ali.

conturbado porque aquelas pessoas estavam sendo enganadas pelo diabo.

17.17 — Paulo não era turista. Ele estava na praça pregando aos que passavam por ali.

17.18 — *Uns diziam: Que quer dizer este parolheiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos.* Alguns filósofos em Atenas zombaram de Paulo, chamando-o de “pardal”, um pequeno pássaro que junta migalhas. Paulo estava sendo acusado de reunir vários pensamentos, sem antes ter analisado ou meditado mais sobre o que estava ensinando. Por não falar de modo eloquente (1 Co 2.1), alguns filósofos soberbos de Atenas ridicularizaram Paulo, dizendo que não podiam levar a sério alguém tão simplório. Outros acharam que ele estava falando de deuses estrangeiros chamados Jesus e Ressurreição, incorretamente compreendidos como uma deidade masculina e feminina.

17.19-21 — *O Areópago.* A sudoeste da Acrópole em Atenas ficava uma colina chamada Colina de Ares (Marte em latim), deus da guerra. Era lá que se reunia o tribunal que tratava de assuntos relacionados a questões religiosas e morais. Em Atenas, a mensagem do evangelho foi examinada pelos supostos mestres em filosofia e religião.

17.22-31 — Já que as pessoas em Atenas não tinham conhecimento das Escrituras hebraicas, Paulo começou seu discurso dando um panorama geral sobre a criação. No sexto século a. C., havia uma história de que um poeta de Creta chamado Epimênides livrou o povo de Atenas de uma terrível praga clamando a um deus que o povo nunca

tinha ouvido falar. Um altar foi construído a esse deus então, e os atenienses passaram a chamá-lo de o DEUS DESCONHECIDO. Paulo certamente conhecia a história de Epimênides; é desse poeta que ele fala em Tito 1.12. Deste modo, Paulo começou sua apresentação do evangelho falando sobre a revelação natural e dizendo certas verdades aos poetas atenienses.

E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra. Em Sua soberania, Deus criou um homem, Adão. E, embora os descendentes de Adão tenham se multiplicado e se tornado nações, é Deus quem está no controle deles (Dn 2.20, 21).

Para que buscassem ao Senhor. Deus pôs dentro de cada um de nós o desejo de adorá-lo e buscá-lo. E, muitas vezes, o homem o busca criando imagens para adorar, sejam ídolos de cera sejam seus próprios desejos. Sem uma revelação definitiva de Deus, nós continuaríamos adorando esses deuses. Mas Paulo afirma que Deus não está longe; nós podemos ter comunhão com Ele. Na verdade, nós dependemos dele todos os dias para viver. Nosso amado Criador enviou Seu Filho, Jesus Cristo, para nos mostrar o Seu amor. O que precisamos fazer é aceitar Jesus como Salvador e segui-lo.

17.32,33 — Ao falar sobre a ressurreição dos mortos, Paulo fez com que os atenienses reagissem na mesma hora. Os gregos repudiavam a ideia de uma ressurreição física. Embora acreditassem no conceito de que a alma vive para sempre, eles negavam a ideia de uma ressurreição física porque consideravam o corpo maligno, algo a ser



ENTENDENDO MELHOR

O DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO

Não sabemos ao certo qual foi o propósito de Paulo ao visitar o Areópago e o conselho, mas ele pode ter sido levado a julgamento para defender a sua fé. Embora sejam poucas as referências que temos sobre o conselho do Areópago, está claro que se tratava de um corpo aristocrático que aconselhava o rei. Foi por isso que o conselho assumiu o governo depois que os atenienses depuseram sua monarquia (pouco antes de 800 a. C.). Com o surgimento da democracia em 500 a. C., o conselho perdeu parte de seu poder e ficou mais conhecido por suas funções religiosas.

No século 1 d. C., o conselho do Areópago havia recuperado muito do poder que possuía antes. A assembleia para a qual Paulo pregou era novamente o corpo governante em Atenas, uma posição que seria mantida até o cristianismo tornar-se a religião oficial no século 4 d. C.



EM FOCO

OS FILÓSOFOS EPICUREUS E ESTÓICOS (GR. *ΕΠΙΚΟΥΡΕΙΟΙ ΚΑΙ ΣΤΟΙΚΟΙ ΦΙΛΟΣΟΦΟΙ*)

(At 17.18)

Os epicureus eram aqueles que seguiam os ensinamentos de Epicuro (341—270 a.C.), que dizia ser o objetivo principal do homem ter prazer e ser feliz. Esse prazer, cria ele, era alcançado evitando excessos e o medo da morte, buscando a paz e a libertação da dor e amando os outros.

Os epicureus acreditavam que se os deuses de fato existiam eles não se envolviam com o que acontecia na terra. Os estóicos eram seguidores de Zeno (334—262 a. C.). Seu nome vinha da palavra grega *stoa* (que significa *varanda*), porque o lugar em que Zeno ensinava em Atenas era chamado de Stoa.

Os estóicos eram panteístas que achavam que o Universo era governado por um Propósito ou uma Vontade absolutos, com os quais as pessoas tinham de se conformar não se deixando levar pelas circunstâncias ou mudanças externas. Aquele que fizesse isso alcançaria a perfeição da virtude. O resultado dessa filosofia era o orgulho e a autossuficiência, como se pode ver na resposta arrogante que eles deram ao evangelho.

descartado. Esse conceito, conhecido como dualismo, advinha dos filósofos gregos Sócrates e Platão. Eles afirmavam que tudo que é físico é maligno e tudo que é espiritual é bom, não fazendo diferença alguma o que alguém faz com seu corpo, contanto que seu espírito seja bom. Infelizmente, a crença dos atenienses nessa filosofia os cegou para a verdade do evangelho.

17.34 — *Alguns [...] creram.* O sermão de Paulo não foi um fracasso, embora ele tenha pregado de outro modo para um público diferente em Corinto (1 Co 2.1,2). Havia entre os cristãos de Atenas pessoas muito influentes, inclusive um juiz chamado *Dionísio*.

18.1 — *Corinto* era a capital política de Acaia. Era também o centro de adoração de Afrodite, a deusa da fertilidade, e tinha o maior templo de Apolo. Por causa da natureza licenciosa do culto religioso a Afrodite, Corinto tinha a reputação de ser uma cidade imoral. Desde o quinto século a. C., os gregos usavam a expressão *agir como os coríntios* como sinônimo de imoralidade sexual.

18.2,3 — Todos os jovens que estudavam com os rabinos tinham de aprender uma profissão. *Fazer tendas* era um ofício de quem trabalhava com couro. A província da Cilícia, de onde era Paulo, era conhecida por sua fabricação de tecido feito do pelo de cabras.

18.4-6 — Sempre que Paulo entrava em uma cidade, ele costumava procurar os judeus primeiro.

Foi por isso que em Corinto ele começou a falar de Jesus nas sinagogas. Depois de muitas tentativas para alcançar os judeus em Corinto (v. 4), algo que lhe trouxe pouco resultado, Paulo voltou sua atenção quase que exclusivamente para os *gentios*.

18.7 — *Entrou em casa de um homem chamado Tito Justo, que servia a Deus e cuja casa estava junto da sinagoga.* A maioria dos romanos tinha três nomes. O nome desse homem era Tito Justo. Pelo que lemos na carta de Paulo aos coríntios, é bem provável que Justo fosse o mesmo homem chamado de Gaio em 1 Coríntios 1.14.

18.8-11 — *Não temas, mas fala e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal.* Tendo em vista o tratamento rude que recebia aonde quer que fosse, Paulo deve ter ficado muito confortado com a promessa divina de que ninguém lançaria mão dele para *lhe fazer mal* ou açoité-lo em Corinto (At 16.22-24).

18.12,13 — Na primavera de 51 ou 52 d. C, um *procônsul* chamado *Gálio* foi escolhido pelo senado romano para governar a província de *Acaia* (Grécia). Gálio era irmão do famoso filósofo estóico Sêneca, que tinha grande influência em Roma. Os líderes judeus acharam que aproveitariam o novo governador para se livrarem de Paulo e do evangelho de Jesus Cristo. Levar Paulo diante do tribunal do governador para ser julgado foi algo fabuloso para eles. Se o governador romano considerasse o cristianismo ilegal, isso

resultaria em grande motivação para os cristãos serem perseguidos.

18.14-17 — Paulo nem precisou abrir a *boca* para defender a sua fé. Deus já tinha providenciado a defesa; Ele fez com que Gálio tomasse a decisão correta. Nenhum crime havia sido cometido contra Roma. Gálio considerava o cristianismo uma seita judaica. E, como o judaísmo era uma religião reconhecida pelo Império Romano, essa *seita* em nada violava a lei romana. Gálio fez com que seus oficiais expulsassem os acusadores de Paulo da sua presença. Mais uma vez a soberana mão de Deus preservou a vida do Seu servo fiel.

18.18 — Paulo raspou a *cabeça* como parte do voto nazireu que havia feito (Nm 6). Esse voto seria cumprido em Jerusalém, onde o cabelo seria apresentado a Deus. Os votos eram feitos como ato de gratidão a alguma bênção recebida de Deus (como o livramento que Deus dera a Paulo em Corinto) ou como parte de uma petição para uma bênção futura. O voto envolvia não beber vinho e não cortar o cabelo por determinado período de tempo. Concluído o período, o cabelo era cortado e queimado com o sacrifício como se a própria

pessoa estivesse oferecendo-se a Deus em holocausto (At 21.23-26). Paulo refez todos os seus planos de viagem porque queria chegar a Jerusalém a tempo para cumprir seu voto.

18.19-21 — Paulo tentou ir para *Éfeso* antes, mas o Espírito Santo o impediu (At 16.6). Nós não sabemos como ou por que, mas durante a segunda viagem missionária de Paulo, o Espírito Santo impediu-o de ir para o sudoeste, que o levaria a *Éfeso*. Ao invés disso, Paulo foi para o noroeste, para o porto de Trôade no mar Egeu, onde recebeu o chamado para ir à Macedônia e pregar o evangelho na Europa. Se confiarmos nosso caminho a Deus e crermos que tudo acontecerá a Seu tempo, como fez Paulo, nós estaremos sempre no lugar certo na hora certa.

18.22 — Paulo cumpriu seu voto (v.18-21) quando foi a Jerusalém, *saudando a igreja* ali. Depois, ele voltou para a Igreja em *Antioquia*, que o enviara, e completou a sua segunda viagem missionária, onde percorreu mais de 500 km.

Desceu. Antioquia ficava ao norte de Jerusalém, mas em um nível mais baixo.

18.23 — *Partiu, passando sucessivamente pela província.* Em sua terceira viagem missionária,



PERFIL

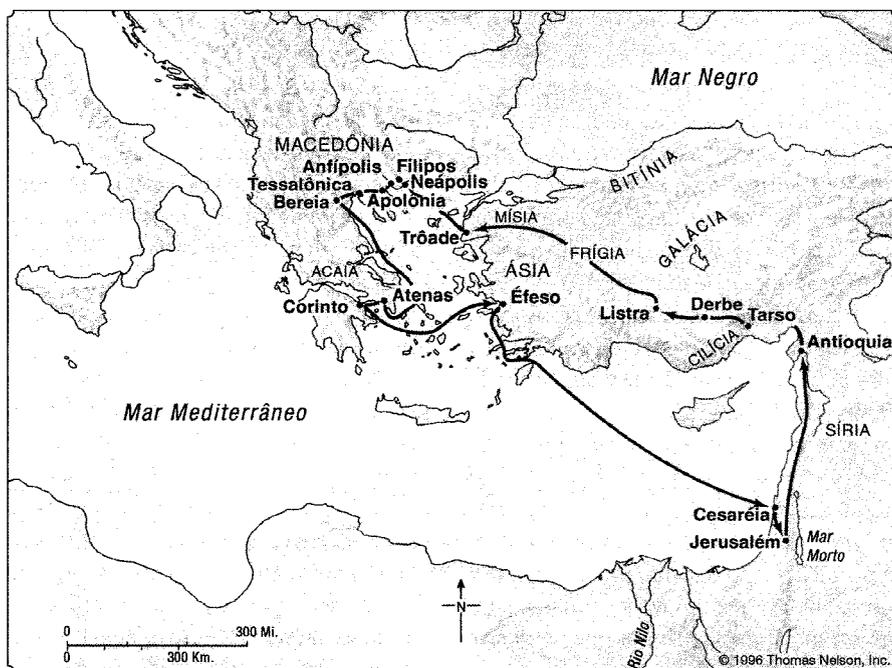
DIONÍSIO E DÂMARIS

Ao que parece, nenhum dos filósofos epicureus ou estoicos de Atenas aceitaram a mensagem de Cristo pregada por Paulo, mas Lucas nos diz o nome de um membro do conselho e de uma mulher que fizeram parte de um grupo que creu (At 17.34). Dionísio era um membro da corte e alguém de certa posição. Tempos depois, escritores o apontaram como o primeiro bispo da Igreja em Atenas.

No que se refere a Dâmaris, é maravilhoso saber que havia uma mulher entre os primeiros cristãos. As mulheres gregas raramente faziam parte de alguma discussão teológica naqueles dias. Elas geralmente ficavam reclusas em casas enquanto seus maridos, livres das tarefas domésticas do dia a dia, procuravam ocupar-se com coisas leves como ginástica, política e filosofia.

Há muitas suposições sobre como Dâmaris conseguiu ouvir Paulo e decidiu seguir a Cristo. Uma delas é que ela fazia parte de uma classe de mulheres conhecidas como *hetairai*, especialmente treinadas para acompanhar homens ricos e versados em assuntos normalmente reservados ao público masculino, como retórica e filosofia. A função dessas mulheres era entreter seu acompanhante. O papel de *hetairai* não era respeitado como o de uma esposa, mas elas gozavam de mais liberdade e tinham mais oportunidades — inclusive a de participar das discussões filosóficas que aconteciam diariamente na praça e no Areópago (At 17.17-19).

Obviamente, não se sabe ao certo se Dâmaris era uma *hetaira*. Todavia, independente do seu papel na sociedade, ela se opôs à cultura que prevalecia na época e posicionou-se corajosamente ao lado de Paulo, de Dionísio e da mensagem do Jesus ressurreto.



A segunda viagem missionária de Paulo

Partindo de Jerusalém, Paulo levou consigo Silas para visitar as igrejas da Galácia. Timóteo juntou-se a eles em Listra, e juntos foram para Macedônia e Acaia (a atual Grécia). Nessa viagem, o carcereiro filipense foi salvo, os berreanos examinavam cada dia nas Escrituras (At 17.11) e Paulo pregou no Areópago em Atenas.

Paulo voltou a Ásia Menor para visitar as igrejas que fundara em suas viagens anteriores. Algumas dessas cidades foram Derbe, Listra, Icônio, Antioquia e Éfeso.

18.24 — *Apolo, natural de Alexandria.* Esse judeu de nome grego era da segunda maior cidade do Império Romano. Alexandria era uma cidade portuária ao norte da costa do Egito. Fundada por Alexandre, o Grande, essa cidade era muito cosmopolita. Ali viviam egípcios, gregos e romanos, mas quase um quarto da sua população eram de judeus. A tradução grega das Escrituras hebraicas foi feita nessa cidade cerca de 150 anos antes do nascimento de Jesus. A cidade era famosa por sua grande biblioteca e considerada o centro cultural e educacional do mundo.

18.25-27 — *O batismo de João* era o batismo do arrependimento, uma preparação para a vinda do Messias. Os seguidores de João espalharam-se pela Ásia Menor e pelo Egito. Apolo era um

discípulo de João Batista. E, ao que parece, ele não sabia nada sobre a obra concluída por Jesus na cruz, a ressurreição, a ascensão e a vinda do Espírito Santo.

18.28 — *Com grande veemência convencia publicamente os judeus.* Muitos dos cristãos em Corinto eram gentios e oponentes fáceis de serem vencidos por alguém que conhecesse bem as Escrituras hebraicas. No entanto, os argumentos desses judeus eram refutados com brilhantismo por Apolo, um novo apologista judeu cristão (v.26).

19.1,2 — *Tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos.* Esses discípulos, *doze varões* (v. 7), haviam sido batizados no batismo de João, mas nunca tinham ouvido falar do *Espírito Santo*. Tudo que eles sabiam era que alguém mais poderoso que João haveria de vir. Eles não sabiam que Jesus, o Messias, Aquele que é mais poderoso que João, já tinha vindo. Jesus já havia morrido pelos

pecados deles, ressuscitado dentre os mortos, ascendido ao Pai e enviado o Espírito Santo. Eles precisavam ouvir o restante do evangelho. E, assim que isso acontecesse, eles poderiam ter fé em Jesus Cristo e receber o Espírito Santo.

19.3,4 — O *batismo* era um ritual usado pelos judeus como um símbolo de limpeza e purificação. Os judeus que se convertiam ao judaísmo tinham de passar por esse ritual de purificação como seu primeiro ato de adoração. Eles eram mergulhados nas águas, o que simbolizava que estavam sendo purificados de seu antigo modo de vida. Antes de entrarem no templo para adorar, os judeus mergulhavam em um tanque em um ritual que demonstrava seu desejo de purificação. Mas o mergulho realizado por João Batista era um chamado ao arrependimento, e não meramente um ritual de purificação. O batismo proclamado por ele era um clamor a que o povo se voltasse para Deus e crese na vinda do Messias que perdoaria os seus pecados (Mt 3.1-12).

19.5 — *Em nome do Senhor Jesus*. Essa frase é uma declaração de propriedade, a confissão de Jesus como Senhor e Salvador de nossas vida.

19.6,7 — *Impondo-lhes [...] as mãos*. O Espírito Santo foi recebido por imposição de mãos em Atos 10.44-48. Ao impor suas mãos aqui, Paulo estava mostrando sua autoridade apostólica. Ele também estava confirmando a união da nova Igreja em Éfeso com a Igreja de Jerusalém, cujos membros também tinham recebido o poder do Espírito Santo e falavam em línguas (At 2.4,11). Esse falar em línguas era um sinal para todos de que eles faziam parte do Corpo de Cristo (1 Co 14.22).

19.8-10 — A partir da Igreja de Éfeso, outras igrejas nasceram na Ásia Menor — em Colossos, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardis, Filadélfia e Laodiceia. Veja a sequência dos eventos. Paulo fala aos judeus *na sinagoga* por três meses *persuadindo-os acerca do Reino de Deus*. Depois que eles o rejeitaram totalmente, Paulo reuniu os que tinham crido e começou uma nova *escola* para estudar as Escrituras em um local cedido por um filósofo chamado Tirano. Durante os dois anos que Paulo dirigiu essa escola, *todos os que habitavam na Ásia* ouviram o evangelho. Isso mostra que

Paulo e seus alunos fizeram mais do que estudar; eles também evangelizaram.

19.11 — *E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias*. Deus confirmou a autoridade apostólica de Paulo ao realizar *maravilhas* por meio dele. O autor do livro de Hebreus nos ajuda a entender por que os milagres eram realizados por meio dos apóstolos (Hb 2.3,4). Os milagres confirmavam que os apóstolos eram representantes de Deus e que o evangelho pregado por eles vinha do céu.

19.12 — *Até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam*. Um lenço era um pedaço de tecido usado para secar o suor e geralmente era amarrado à cabeça. O avental era amarrado em volta da cintura. Paulo usava ambos quando fazia tendas, pois trabalhava com couro.

Mas qual o objetivo de Deus em realizar milagres dessa maneira? Éfeso era um local de encontro de sacerdotes andarilhos. A cidade era cheia de magos que buscavam o poder das trevas. Deus pode ter usado esse modo incomum para mostrar que Seu poder de operar milagres era maior do que o poder das trevas.

19.13-16 — *Tentavam invocar o nome do Senhor Jesus*. Era comum o uso de palavras mágicas em encantamentos no mundo antigo. Os judeus que praticavam magia gozavam de grande prestígio porque diziam saber a verdadeira pronúncia do nome sagrado de Deus, e por isso conseguiam liberar todo o poder dele. Esses magos pegaram o nome de Jesus para usá-lo como um encantamento.

Saltando neles o homem que tinha o espírito maligno [...], pôde mais do que eles. Os sete supostos exorcistas descobriram que não bastava conhecer o nome de Jesus; eles precisavam conhecer a Pessoa de Jesus.

19.17-19 — O *Aeropago*. A sudoeste da acrópole ateniense havia um monte chamado monte de Ares (Marte, em latim), o deus da guerra. Lá ficava a corte que tratava de questões religiosas e morais. Em Atenas, a mensagem do evangelho era examinada pelos supostos estudiosos de religião e filosofia.



APROFUNDE-SE

O EVANGELHO EM ÉFESO, UM CASO A SER ESTUDADO

O evangelismo em Éfeso foi explosivo e imprevisível. Pessoas de culturas muito diferentes formavam uma coligação de cristãos que exercia grande impacto na cultura e na economia da cidade (At 19.10).

Um fundamento colocado por leigos

O início foi com Priscila e Áquila, o casal empreendedor que Paulo encontrou em Corinto (At 18.1-3). Juntando-se à delegação de Paulo, foram com ele para Éfeso, uma grande cidade com 350 mil habitantes. E, enquanto viajavam para a Palestina e Galácia, eles estabeleceram contatos-chave trabalhando na fabricação de tendas (At 18.18-23).

Um dos que foram beneficiados pelo esforço do casal foi Apoio, um poderoso orador de Alexandria que cuidou das coisas na ausência de Paulo. Eloquentemente na pregação, mas incompleto em sua teologia, Apoio aprendeu de Jesus com Priscila e Áquila. Depois de doutriná-lo na fé, eles o enviaram à Grécia, onde ele fortaleceu os cristãos, inclusive os seus antigos amigos de Corinto (At 18.24-28; 1 Co 3.6).

A mensagem exerceu grande impacto

Voltando a Éfeso, Paulo encontrou um novo grupo religioso de zelotes. Como Apoio, eles não sabiam nada de Jesus, apenas conheciam João Batista. Mas eles ficaram muito motivados quando Paulo falou-lhes acerca de como o ministério de João Batista tinha se cumprido em Cristo. Doze deles receberam o Espírito Santo e ali o evangelho se firmou (At 19.1-7).

Paulo aproveitou o interesse das pessoas e por três meses pregou em uma sinagoga local. No entanto, seus argumentos foram confrontados pelos judeus radicais da sinagoga, que difamaram o movimento publicamente. Em resposta a isso, Paulo passou a ensinar na escola de Tirano, onde por dois anos fez estudos sobre o cristianismo com os cristãos de Éfeso durante o período do almoço, quando todos davam uma pausa no trabalho (At 19.8-10).

Um crescimento rápido

Os esforços concentrados trouxeram excelentes resultados. A mensagem cristã conquistou os judeus de mente aberta e os intelectuais gentios curiosos, impactando o sistema educacional da cidade. Moradores e negociantes de Éfeso e de toda a Ásia Menor receberam a mensagem. E como a Palavra foi anunciada entre trabalhadores do comércio regional, entre os que lidavam com arte e sistema de transporte, todos [...] na Ásia ouviram a palavra do Senhor (At 19.10). A Igreja de Laodiceia, que ficava na casa de Filemom, e provavelmente outras igrejas da Ásia começaram por aqueles que participaram dos estudos de Paulo.

Enquanto isso, Deus confirmava a mensagem de Paulo operando milagres extraordinários entre os enfermos e até mesmo entre os mortos. Mas isso ofuscou o brilho dos profissionais de saúde, inclusive dos magos esotéricos, que ficaram com ciúme. Outro grupo, os sete filhos de Ceva, tentou imitar o apóstolo Paulo fazendo um ritual oculto, mas foram envergonhados justamente pelos poderes que afirmavam dominar. Tal incidente contribuiu para que houvesse mais conversões ao cristianismo, acabando com o negócio dos magos e oculistas (embora não todos; 2 Tm 3.8). A comunidade de cristãos que crescia a cada dia acendeu uma fogueira que consumiu livros de magia avaliados em mais de 400 mil horas de salário (At 19.19).

O impacto econômico

A essa altura, os líderes civis começaram a receber queixas dos artistas e artesãos, principalmente dos artífices, por causa do impacto econômico que estava causando o evangelho. O hábito ousado de Paulo de condenar a idolatria ameaçou o próspero negócio turístico da cidade, que se concentrava ao redor do templo internacionalmente conhecido de Diana, uma das *Sete Maravilhas do Mundo Antigo*. Os artífices, liderados por Demétrio, mobilizaram toda a cidade para salvar seu principal negócio. Reunindo aqueles que tinham outros negócios também, eles foram para o anfiteatro e fizeram um tumulto.

Isso fez com que as autoridades agissem. Fazendo grande esforço para manter a lei e a ordem, assim como o seu emprego, um representante civil designado por Roma finalmente conseguiu calar a multidão, convencendo-a a usar os meios legais para fazer sua reivindicação. A atitude evitou a violência, ganhou tempo e salvou a economia; o que também livrou Paulo e seus companheiros (At 19.23-41).

Uma comunidade estabelecida

O tumulto interrompeu a série de estudos de Paulo, mas não o impacto do evangelho. Ao partir, ele deixou na cidade uma Igreja dinâmica e em franco crescimento, pastoreada por seu jovem pupilo, Timóteo (At 16.1-3; 1 Tm 1.3). Esses cristãos continuaram não somente alcançando outros com a mensagem de Cristo, como também todos os que passavam pela cidade ou a visitavam — turistas e peregrinos religiosos, comerciantes, marinheiros e outros trabalhadores da área de transporte, militares, refugiados políticos — pois se tratava de um local estratégico para importações e exportações. Várias igrejas espalharam-se pela Ásia Menor graças à ação coordenada de três fazedores de tendas guiados pelo Espírito Santo (Priscila, Áquila e Paulo), um evangelista destemido (Apolo) e um número incontável de leigos.

19.20 — *A Palavra do Senhor [...] prevalecia sobre as religiões pagãs nessa capital política e religiosa da província da Ásia (o atual oeste da Turquia).*

19.21,22 — *Paulo propôs, em espírito, dar continuidade ao seu ministério.*

19.23-27 — *Demétrio, que fazia, de prata, nichos de Diana.* Esses nichos eram pequenos amuletos que tinham uma imagem da deusa da fertilidade de Éfeso. Mas a venda desses ídolos começou a despencar à medida que as pessoas conheciam o evangelho de Jesus Cristo.

19.28,29 — *Correram ao teatro.* Esse teatro comportava cerca de 25 mil pessoas.

19.30,31 — *Os principais da Ásia eram cidadãos importantes, amigos de Roma.* Eles receberam o título honroso de *asiarca* e eram amigos de Paulo.

19.32-34 — *Os judeus queriam distância de Paulo, então levaram Alexandre para explicar que os judeus não tinham nenhuma ligação com o apóstolo. Mas Alexandre nem teve a chance de falar porque a multidão descobriu que ele era judeu.*

19.35-41 — *A imagem que desceu de Júpiter.* Alguns achavam que a imagem de Artemis possivelmente fora esculpida por um meteorito.

Até corremos perigo. O tumulto em Éfeso poderia fazer com que Roma castigasse a cidade por isso. A *pax romana*, a paz que Roma levou ao mundo mediterrâneo, era muito importante para o império. Por essa razão, eles castigavam severamente as cidades onde havia desordens. Os

romanos não toleravam qualquer tipo de levante ou rebelião. Éfeso corria o risco de perder sua liberdade e de ser governada diretamente por um exército romano.

20.1,2 — *Havendo andado por aquelas terras e exortando-os com muitas palavras, veio à Grécia.* O termo traduzido por *exortando-os* pode ter muitos significados, tais como *repreender* e *consolar*. A exortação inclui instrução, súplica, apoio, advertência e correção. O povo precisava saber que Deus tinha algo a dizer a ele e o fez de várias maneiras. Paulo não trouxe apenas palavras doces e suaves. Ele disse tudo o que o povo precisava ouvir — tanto palavras duras quanto palavras gentis.

20.3-6 — *Determinou voltar pela Macedônia.* Era comum navios de peregrinos judeus partirem da Síria a fim de levá-los para celebrar a Páscoa. A intenção de Paulo era partir em um desses navios, mas, depois que tramaram contra a sua vida, ele decidiu celebrar a Páscoa com seus amigos em Filípos. Seria fácil para os inimigos de Paulo fazer com que ele sumisse do navio e ninguém nunca mais ouvisse falar dele. Paulo era muito sensível à voz do Espírito Santo, tanto em sua vida quanto em seu ministério. Às vezes, o Espírito Santo colocava-o em situações difíceis; outras vezes, Ele o livrava de tais situações.

20.7 — *O primeiro dia da semana era o domingo.* As pessoas reuniam-se para adorar a Deus nesse dia pela mesma razão que nós fazemos hoje: comemorar o dia de ressurreição de Jesus Cristo. Os cristãos judeus continuaram a celebrar o *Shabat*, que é o Sábado. O livro de Hebreus diz que



ENTENDENDO MELHOR

O TUMULTO EM ÉFESO

A obra de Paulo em Éfeso durante sua terceira viagem missionária (54 d. C.) começou com a conversão de alguns do paganismo para o cristianismo. Mas, quando o sucesso do evangelho ameaçou o negócio dos artífices ali, a situação financeira levou-os a voltarem-se contra Paulo. A desordem civil foi incitada por Demétrio, um artífice que produzia amuletos sagrados para a adoração da deusa Diana (a deusa grega Artemis).

Diana dos Efésios (At 19.34) era a deusa-mãe da Ásia. Seu templo em Éfeso era uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, e as pessoas iam de todas as partes do Império Romano para adorá-la. Dizia a lenda que *uma imagem de Júpiter caiu do céu* e foi colocada no templo de Diana (At 19.35). A *imagem* devia ser um meteorito igual aos outros que eram venerados em vários lugares do mundo antigo. Sendo a mais notável, a *imagem da Grande Mãe* havia sido levada de Pesino a Roma.

Cristo e a obra que Ele completou é o nosso Sábado, o nosso repouso (Hb 4.8-10).

Partir o pão. O objetivo principal da reunião era a Ceia do Senhor.

20.8-12 — Já que havia *muitas luzes* no cenáculo, é bem provável que fosse um recinto abafado e quente. Não é de se estranhar que Êutico não tenha conseguido ficar acordado.

20.13-16 — *Indo ele por terra.* Lucas e os outros deixaram Trôade e foram para Assôs, quase 50 km ao sul indo pelo mar. Contudo, Paulo queria ir para lá sozinho, por terra. Talvez ele tenha sentido necessidade de passar um tempo a sós com Deus para orar e meditar acerca do que o Senhor queria que ele fizesse. Quando Paulo encontrou os outros em Assôs, com certeza já tinha recebido a orientação correta. Ele estava com pressa de ir a Jerusalém entregar a oferta que as igrejas gentias deram para aliviar o sofrimento da Igreja de lá.

20.17-21 — A palavra grega traduzida por *anciãos* é *presbiteros*, um termo emprestado da sinagoga judaica. Ele se refere àqueles que eram respeitados como líderes de uma determinada sociedade. No versículo 28, os anciãos são chamados de *bispos* (gr. *episkopos*, também traduzido por *bispos* em Tito 1.7). Os termos parecem variar no Novo Testamento (Tt 1.5-7).

20.22,23 — *Agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer.* Alguns dizem que Paulo não fez a vontade de Deus ao ir a Jerusalém depois de saber que lá passaria por prisões e tribulações. No entanto, não há prova alguma de que Paulo tenha desobedecido a Deus. Ao contrário, Jesus mesmo revelou que essa viagem fazia parte da sua boa e perfeita vontade (At 23.11). Quando Paulo estava preso em Jerusalém, Jesus apareceu e falou com ele para encorajá-lo. O Senhor explicou-lhe que, assim como ele tinha testificado fielmente da causa de Cristo em Jerusalém, também o faria em Roma. Não houve repreensão pelo que Paulo fez, ao contrário, somente confirmação do testemunho de Jesus Cristo que ele dera em Jerusalém.

20.24 — *Em nada tenho minha vida por preciosa.* Paulo não se apegava a mais nada nesta vida.

Ele só queria ter descanso no Reino de Deus e ser honrado por Cristo, não importando o que isso lhe custasse.

20.25-28 — *Com seu próprio sangue.* O sangue do Filho de Deus é que foi derramado pelos pecados da Igreja.

20.29,30 — *Lobos [...] homens.* Há sempre duas ameaças à Igreja, uma externa e outra interna. Os ímpios são uma perigosa ameaça externa; os soberbos e os que servem somente aos seus próprios interesses são a ameaça interna.

20.31-34 — *Vigiai* é o mesmo aviso dado por Pedro em 1 Pedro 5.8. Os anciãos deviam cuidar do rebanho ensinando e cuidando dele.

20.35 — *Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.* Essas palavras de Jesus não são encontradas nos evangelhos, mas foram escritas aqui porque Paulo as recebeu dele.

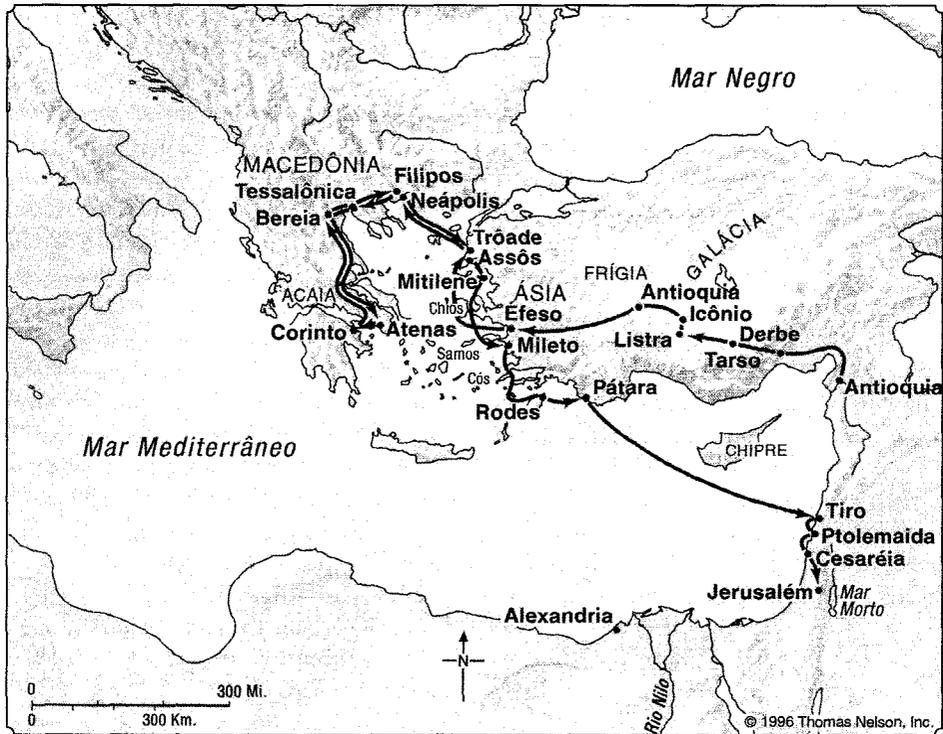
20.36-38 — Essa despedida comovente nos dá uma ideia clara da linda comunhão que havia na Igreja primitiva. Paulo *pôs-se de joelhos e orou* com seus irmãos, *levantou-se um grande pranto entre todos* e eles o *beijaram* (seguindo uma tradição da Igreja cristã de saudar com o *ósculo da paz*).

Também é interessante observar que eles ficaram tristes porque, mais do que a saudade que sentiriam de Paulo, sabiam que nunca mais voltariam a vê-lo. Podemos ver claramente aqui que a lealdade daqueles irmãos a Paulo estava baseada mais na veracidade da mensagem que o apóstolo anunciava do que na personalidade dele.

21.1 — A expressão *separando-nos deles* poderia ser traduzida por *depois que nos apartamos deles*. O carinho do apóstolo Paulo por seus irmãos era muito grande (At 20.37). A vida de Paulo deve ter sido muito difícil, sempre tendo que deixar a família e os amigos para viajar e pregar o evangelho.

Em *Pátara*, uma cidade portuária, Paulo e seus companheiros encontraram um navio que navegaria mais de 600 km direto à Fenícia, aos portos de Tiro e Sidom.

Nos meses do verão, o vento no mar Egeu soprava para o norte logo bem cedo pela manhã. Mas, no final da tarde, parava totalmente. O pôr-do-sol dava uma sensação de paz, e depois soprava uma brisa suave do sul. Se um navio navegava



Tercera viagem missionária de Paulo

Paulo visitou as Igrejas da Galácia pela terceira vez e permaneceu em Éfeso por dois anos. Após deixar Éfeso, Paulo viajou novamente para a Macedônia e Acaia (Grécia) e permaneceu ali por três meses. Depois ele voltou à Ásia passando pela Macedônia. Durante sua terceira viagem, Paulo escreveu 1 Coríntios na cidade de Éfeso, 2 Coríntios na Macedônia, e a carta aos Romanos na cidade de Corinto.

junto à costa, ele geralmente ancorava à noite e esperava pelo vento da manhã.

21.2,3 — Achando um navio. Paulo não perdeu tempo porque queria chegar em Jerusalém para o Pentecostes, que acontecia 50 dias depois da Páscoa. Ele havia celebrado a Páscoa com seus amigos em Filipos mais de três meses antes; então, ele tinha menos de 30 dias para chegar em Jerusalém a tempo da festividade.

21.4 — E eles, pelo Espírito, diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. Nesse versículo, o Espírito Santo avisa Paulo sobre o perigo que o aguardava em Jerusalém. Não se sabe ao certo se esse aviso de fato era para Paulo não ir, mas fez com que os discípulos, que o amavam e não queriam vê-lo sofrer, desencorajassem o apóstolo a não seguir viagem. Paulo já mostrara o quanto era

sensível a voz do Espírito Santo (At 16.6). Ele já tinha dito que iria a Jerusalém porque estava ligado [...] pelo espírito. Mais tarde, Jesus mesmo o encorajou acerca da decisão que ele havia tomado de ir realmente (At 23.11).

21.5,6 — Postos de joelhos [...] oramos. A posição que eles ficavam para orar devia ser sempre de joelhos (Ef 3.14).

21.7 — Ptolemaida. A antiga cidade portuária de Aco (a atual Acre) recebeu o nome de Ptolemaida do Egito para conservar sua história. Um dia. Eles estavam com pressa, e isso abreviou sua visita aos irmãos daquela cidade.

21.8 — Partindo dali Paulo e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesaréia. Alguns creem que era na casa de Filipe que os cristãos reuniam-se em Cesaréia para adorar a Deus.

21.9 — *Quatro filhas donzelas.* Vemos aqui o cumprimento do que Pedro disse no capítulo 2, que os filhos e jovens receberiam o dom do Espírito Santo para profetizar e proclamar a verdade de Deus.

21.10-14 — *Ágabo* profetizou em Atos 11.27-30 que a Judéia passaria fome. Em resposta a essa profecia, os cristãos gentios juntaram dinheiro para aliviar o sofrimento dos irmãos em Jerusalém. Aqui, Ágabo profetiza a prisão e aflição de Paulo. O Espírito Santo não proibiu Paulo de ir a Jerusalém, mas o avisou que isso lhe ocasionaria um alto custo.

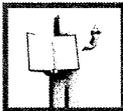
21.15,16 — *Havendo feito os nossos preparativos, subimos a Jerusalém.* Embora tenham sido avisados várias vezes que Paulo seria preso e afligido em Jerusalém, seus companheiros de viagem não deixaram de viajar com ele. Eles não o deixariam naquele momento difícil. Nas situações de aflição os verdadeiros amigos ficam ao nosso lado para nos confortar e ajudar (Pv 17.17). *Mnasom, natural de Chipre* devia ser um dos 120 mencionados em Atos 1.15.

21.17,18 — *Tiago e os anciãos* eram os líderes das igrejas que se reuniam nos lares em Jerusalém. O interessante é que nenhum dos apóstolos é citado aqui. Sete anos havia se passado desde a reunião do Concílio de Jerusalém registrado no capítulo 15. Naquela ocasião, os apóstolos e líderes da Igreja reuniram-se para definir quanto à necessidade ou não de os gentios terem de se

tornar judeus antes de cristãos. E a resposta foi não. Tanto as Escrituras como o Espírito Santo ensinavam que o evangelho era para todas as pessoas. Ao que parece, depois do Concílio, os apóstolos deixaram Jerusalém e foram cumprir a comissão dada por Jesus de anunciar o evangelho *até aos confins da terra* (At 1.8).

21.19 — *O que [...] Deus fizera.* A prova de como Deus havia mudado a vida dos gentios foi apresentada aos cristãos em Jerusalém. A mais forte evidência era os próprios cristãos gentios que estavam acompanhando Paulo. É provável que, nessa ocasião, Paulo tenha entregado o dinheiro que havia recolhido com os gentios cristãos (At 11.27-30; 1 Co 16.1). O amor que os gentios demonstraram aos seus irmãos judeus necessitados foi a marca da verdadeira conversão deles.

21.20,21 — *Acerca de ti foram informados.* Boatos circulavam de que Paulo estava encorajando os judeus a deixar as tradições mosaicas. Entretanto, Paulo jamais menosprezou a herança judaica ou mandou que os cristãos judeus renunciassem a Lei de Moisés. Ele somente deixou bem claro a todos que a Lei não funcionava como meio de salvação. Podemos ver a prova de que Paulo continuava guardando a lei no que ele disse a Félix (At 24.11,12). E o fato de estar indo a Jerusalém para adorar já era uma prova disso também. Entretanto, Paulo se opunha *frontalmente* contra toda tentativa de obrigar os gentios a se tornarem judeus. A salvação era somente pela fé. Exigir



ENTENDENDO MELHOR

PAULO PRESO NO TEMPLO

Depois que chegou em Jerusalém, Paulo foi ver Tiago, meio-irmão de Jesus, e os anciãos para contar a eles sobre a obra entre os gentios. Os líderes da Igreja se alegraram muito por saber da conversão dos gentios, mas ficaram preocupados com a hostilidade dos judeus. Estavam circulando boatos de que Paulo estava ensinando os judeus que não viviam na Palestina a não guardar a lei judaica. Para evitar qualquer problema, Paulo foi aconselhado a se juntar a quatro varões que haviam feito voto nazireu. Ao acompanhá-los ao templo e pagar seus votos oferecendo sacrifício, Paulo mostraria a todos que, como judeu, ele cumpria a Lei, apesar do seu ministério junto aos gentios.

Paulo também foi acusado de profanar o templo levando um gentio ao seu átrio interior. Os gentios só podiam ficar no átrio exterior do templo, chamado adequadamente de Átrio dos Gentios, e eram proibidos de entrar no Átrio das Mulheres e no Átrio de Israel. Havia placas avisando aos gentios que eles seriam mortos se entrassem nesses átrios.

Embora Paulo não tenha levado nenhum gentio ao templo, essas acusações fizeram com que ele fosse atacado. E a multidão só parou de espancar Paulo quando os soldados romanos intervieram para salvar a sua vida.

conversão ao judaísmo era um repúdio à mensagem do evangelho, que declara a salvação somente pela fé em Cristo.

21.22-24 — Paulo pagou os gastos dos quatro varões que fizeram o voto, pois, empobrecidos por causa da fome na Judéia, eles não tinham dinheiro suficiente para cumprir o voto oferecendo sacrifício no templo. Mas é bem provável que tenha havido outra razão também.

O historiador judeu Flávio Josefo conta que quando Herodes Agripa I começou a reinar na Judéia em 41 d.C., ele pagou um número bem considerável de votos nazireus para demonstrar seu respeito à Lei mosaica. Então, para mostrar aos seus irmãos judeus que não tinha esquecido a Lei de Moisés, Paulo fez o que eles pediram. A reputação do apóstolo Paulo era algo a que ele primava muito; exemplo a ser seguido por todo cristão (1 Tm 3.7).

21.25 — *Mas que só se guardem do que se sacrifica aos ídolos, e do sangue, e do sufocado, e da prostituição.* Os líderes cristãos não estavam pedindo aos gentios que vivessem como os judeus, e muito menos queriam obrigar os judeus a viver como os gentios. A unidade espiritual do corpo de cristãos pode ser vista na sua diversidade, não na sua conformidade. Apesar de termos raízes e culturas tão diversificadas, nós honramos o mesmo Deus.

21.26-29 — *E profanou este santo lugar.* O templo naquele período do Novo Testamento tinha três átrios ao seu redor. O átrio interior era o Átrio de Israel, onde os varões judeus ofereciam seus sacrifícios. Somente os sacerdotes consagrados podiam entrar no templo propriamente dito, e apenas os sumos sacerdotes podiam entrar no santuário interior, o Santo dos Santos, uma vez por ano no Dia da Expição (Hb 9.7). O segundo átrio era o Átrio das Mulheres, onde as famílias judaicas reuniam-se para orar e adorar. O átrio exterior era o Átrio dos Gentios, aberto a todos que desejassem adorar a Deus. Mas se algum gentio fosse um pouco mais além e entrasse no segundo átrio, ele estaria sujeito à pena de morte. As autoridades romanas, em respeito à religião judaica, autorizava a pena de morte para quem

ultrapasse os limites estabelecidos no templo, inclusive para os próprios cidadãos romanos.

21.30,31 — *Coorte.* Entre seiscentos a mil soldados ficam na Fortaleza Antônia, situada ao noroeste do templo. De uma torre que avistava todos os átrios do templo, os soldados podiam ver qualquer confusão. Quando o tumulto com Paulo começou, pelo menos duzentos soldados foram enviados da Fortaleza para o Átrio dos Gentios.

21.32-36 — *Cessaram de ferir a Paulo só porque os soldados intervieram para salvar a vida dele. Correu para eles.* Herodes construiu a Fortaleza Antônia perto da área do templo. Um túnel permitia que os soldados da coorte chegassem rapidamente ao templo para manter a ordem.

21.37-40 — Quando Paulo falou em grego, o tribuno percebeu que ele não era o assassino egípcio que tinha vindo para Jerusalém em 45 d. C. afirmando ser um profeta. Esse egípcio levou quatro mil fanáticos judeus para o Monte das Oliveiras, prometendo que, somente com uma palavra dele, os muros de Jerusalém cairiam e o Império Romano seria destruído. Félix, governador de Jerusalém naqueles dias, mandou seus homens ao Monte das Oliveiras e eles mataram quatrocentos judeus e prenderam outros duzentos. Todavia, o egípcio e alguns de seus seguidores fugiram para o deserto. Esses seguidores eram chamados de *sicarii*, que significa *terroristas*. Eles se misturavam às multidões em Jerusalém durante as festividades e assassinavam os judeus aliados de Roma.

22.1 — *Ouvi [...] a minha defesa.* Essa foi a primeira das cinco defesas que Paulo fez.

22.2 — Depois de falar em grego com o tribuno (At 21.37), Paulo se dirigiu à multidão na língua hebraica, e não em aramaico. E, quando ouviram Paulo falar em sua própria língua, lembraram-se de que Paulo não era um gentio, mas um judeu como eles. Sendo assim, eles ouviram o que ele tinha a dizer.

22.3-5 — *Como todos vós sois.* Paulo disse à multidão que entendia por que estavam espancando-o e tentando matá-lo. Eles eram zelosos para com Deus. Paulo não os acusou pelo que haviam feito, e disse que ele fizera o mesmo antes

por causa do seu zelo. Paulo mostrou compaixão até mesmo àqueles que o atacaram; e nós temos que ter o mesmo tipo de compaixão por todo aquele que ainda não tem fé em Jesus.

22.6-8 — *Ora, aconteceu que.* Paulo contou seu testemunho pessoal. Cada um de nós tem um testemunho para contar de como Deus mudou a nossa vida. E temos que partilhar esse testemunho com todos que nos ouvirem (At 1.8). Pedro nos exorta em 1 Pedro 3.15 a estarmos sempre preparados para responder a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós.

22.9,10 — *Mas não ouviram a voz.* Relatando sua experiência no caminho de Damasco, mais uma vez Paulo menciona que os homens que estavam com ele ouviram um som, mas não entenderam as palavras que foram tidas a ele. Não sabemos por que eles não puderam entender o som que ouviram.

22.11 — *Eu não via por causa do esplendor.* Jesus mandou Paulo levantar-se e ir a Damasco. Havia um compromisso divino esperando por ele lá. Paulo se levantou então, mas não podia ver. No silêncio de sua cegueira, ele se arrependeu profundamente ao enxergar as trevas do seu coração. Em momentos de quietude de honesta reflexão, um verdadeiro arrependimento pode ser experimentado.

22.12-16 — *Invocar o nome do Senhor é o que nos salva.* E o batismo é o que confirma a nossa confissão (Rm 10.9-13).

22.17 — *Tornando eu para Jerusalém.* Três anos depois (Gl 1.17-19).

22.18-21 — *Aos gentios.* Os judeus recusaram-se em ouvir Paulo porque criam que partilhar seus privilégios com não judeus colocaria em risco a relação de união que a nação tinha com Deus.

22.22,23 — *E ouviram-no.* Os judeus não odiavam todos os gentios. Eles até permitiam que os que temiam a Deus adorassem no Átrio dos Gentios. Um gentio podia até se tornar um prosélito, reconhecido como judeu, sendo circuncidado e obedecendo às leis de Moisés. Portanto, os judeus nessa passagem não estavam irritados com o fato de os gentios adorarem a Deus, mas com a ideia de eles terem os mesmos direitos

diante de Deus sem antes se converterem ao judaísmo. O fato de os gentios poderem ter acesso direto a Deus pela fé em Jesus Cristo era uma ofensa para os judeus.

22.24 — O chicote era feito de tiras de couro, com pedaços de metal e ossos na ponta e presos a uma haste de madeira. Paulo já tinha sido castigado antes com açoites e varas (2 Co 11.24,25). Mas os *açoites* eram muito piores. Essa punição era para matar ou deixar a pessoa aleijada. A vítima sofria essa tortura com o corpo ou esticado ao chão ou preso a uma coluna ou preso a um gancho fixado no teto.

22.25 — *É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado?* Segundo a lei de Roma, nenhum cidadão romano podia ser acorrentado, açoitado ou morto sem um julgamento adequado. E o não cumprimento dessa lei resultava em punição severa ao tribuno que impusesse o castigo ilegal. Paulo foi acorrentado e ia ser açoitado, embora nenhuma acusação formal tivesse sido feita.

22.26-30 — A princípio, somente as pessoas livres que vivam na cidade de Roma tinham direito aos privilégios da cidadania romana. Mais tarde, essa cidadania foi conferida a outros que viviam no Império Romano. Às vezes, o imperador oferecia cidadania àqueles que prestavam algum serviço extraordinário a Roma. É bem provável que o pai ou o avô de Paulo tenha-se tornado cidadão romano por esses meios, e por isso Paulo era romano *de nascimento*.

23.1-3 — *Deus te ferirá, parede branqueada!* A *parede branqueada* é aquela que leva uma fina camada de tinta para esconder a sujeira e parecer mais limpa. O fato de Ananias ter mandado alguém fazer *seu trabalho sujo* não o absolveu da culpa do seu ato. Ananias mereceu essa repreensão porque não podia ter mandado alguém esbofetear Paulo. Nenhum israelita podia ferir o outro na face (Lv 19.15).

23.4,5 — *Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote.* Veja que Paulo não justificou sua atitude (v. 3), mas se arrependeu do que disse.

Não sabia. Há muitas razões para explicar por que Paulo não sabia que Ananias era o sumo sacerdote. É possível que sua visão não estivesse



APLICAÇÃO

A FÉ E OS DIREITOS LEGAIS

Os *direitos humanos* não são um conceito novo. Quase toda nação, em sua estrutura social, possuía pelo menos algumas regras para proteger seus cidadãos.

Quando um tribuno romano prendeu Paulo e mandou açoitá-lo, ele se valeu da sua cidadania romana para proteger seus direitos (At 22.25-29). O apóstolo fez o mesmo em Filipos depois de ter sido preso ilegalmente (At 16.36-40). Em Jerusalém, ele decidiu não aceitar a acusação injusta da multidão e exigiu um julgamento justo. Ele deixou tudo bem claro para que as autoridades agissem corretamente.

As mentiras, o ódio e as distorções em relação à fé têm de ser enfrentados de modo bem franco, como Paulo nos mostra. Não há motivo algum para permitir que a discriminação impeça a atuação do cristianismo na sociedade, sobretudo em nosso local de trabalho. Como cristãos, precisamos entender muito bem a lei e as regras, assim como o uso delas. E, além disso, temos de garantir que elas sejam aplicadas a todos de modo justo — inclusive a nós.

boa e, por isso, ele não conseguiu vê-lo direito. Ou talvez essa não fosse uma assembleia formal do Sinédrio, e o sumo sacerdote talvez não estivesse usando suas vestes sacerdotais ou sentado no lugar habitual. Já se havia passado 20 anos que Paulo não fazia mais parte daquele conselho. É bem provável que ele não soubesse quem era o sumo sacerdote naquela ocasião.

23.6-8 — Os *saduceus* não criam na ressurreição dos mortos, em milagres, na vida após a morte e na existência dos anjos. Os *fariseus*, por outro lado, criam nas coisas sobrenaturais e aceitavam tudo que os saduceus negavam.

23.9,10 — *Não resistamos a Deus*. Eles devem ter-se lembrado do conselho do famoso mestre Gamaliel (At 5.39).

23.11 — *Testifique também em Roma*. Avisado por seus amigos para não ir a Jerusalém, Paulo deve ter colocado em dúvida sua decisão. Mas o Senhor o encorajou a não temer porque ele estava sob o cuidado soberano de Deus. Assim como Paulo tinha dado testemunho de Jesus como prisioneiro em Jerusalém, ele o faria em Roma. As prisões de Paulo o levariam a glorificar a Deus de uma maneira impossível de se fazer sem elas.

23.12-15 — A disposição do *conselho judaico* de ajudar na trama de assassinato de Paulo mostra que eles sabiam que o argumento empregado para acusá-lo era muito fraco.

23.16-24 — Paulo foi tirado da cidade na calada da noite escoltado por centenas de soldados.

Ao que parece, o tribuno percebeu que a trama para assassinar Paulo era algo tão sério que usou quase metade da tropa da Fortaleza Antônia para escoltar o apóstolo por pelo menos parte do caminho para Roma.

23.25-30 — *E escreveu uma carta que continha isto: Cláudio Lísias a Félix, potentíssimo governador, saúde*. A lei romana requeria que o oficial subordinado enviasse uma carta com o prisioneiro declarando o caso quando ele era enviado ao seu superior.

23.31,32 — Ao deixar Jerusalém quando toda a cidade estava dormindo, os soldados a pé e a cavalo atraíram pouca atenção. Cerca de 65 km à frente estava *Antipátride*, onde um desfiladeiro rochoso ao longo da estrada era o lugar perfeito para emboscadas. Antipátride era uma cidade usada pelos romanos como base de suas tropas.

O restante da viagem seria por um caminho plano, onde não seria necessário grande número de soldados. Os soldados que estavam a pé retornaram a Jerusalém, deixando a carga de 70 soldados a cavalo a escolta de Paulo até Cesaréia, a capital da Judéia. Podemos ver nessa proteção extraordinária que Deus providenciou o quanto a vida de Paulo estava em Suas mãos.

23.33,34 — *O governador*. Antônio Félix governou a Judéia de 52 a 60 d. C. Félix havia sido escravo, mas ganhou do imperador Cláudio a condição de homem livre. Como o irmão de Félix era amigo do imperador, sua carreira política

despontou, embora ele não fosse muito popular entre seus pares. Félix era conhecido por se envolver com todo tipo de libertinagem, tanto que o escritor Tácito o descreveu como alguém que *exercia o poder de um rei com o caráter de um escravo*. Ele era da Cilícia. Depois de ler a carta que recebeu de Jerusalém, Félix quis saber de que província era Paulo. E quando soube que Paulo era da Cilícia, ele decidiu ouvir o caso, porque a lei civil da Cilícia não exigia que seus cidadãos fossem enviados para serem julgados lá.

23.35 — O *pretório de Herodes*, o Grande, fora construído para ser sua residência oficial, mas tinha celas para prisioneiros (Jo 18.28; Fp 1.13).

24.1-5 — *Temos achado que este homem*. As acusações contra Paulo eram basicamente três: traição política, heresia religiosa e profanação do templo. Seus inimigos o acusaram de gerar tumultos em todo o império, de ter falado contra a Lei de Moisés e de ter levado um gentio para dentro dos átrios do templo judaico.

24.6-12 — Paulo, primeiro, respondeu à acusação de sedição, pois sabia que, se fosse considerado culpado por isso, perderia a vida. Ele mostrou como era absurda aquela acusação, já que tinha apenas *doze dias* que havia chegado a Jerusalém. Isso, não era tempo suficiente para criar tumulto ou começar uma revolução na Judéia.

24.13,14 — Paulo admitiu abertamente que era seguidor do *Caminho*, embora tenha afirmado

que ainda cria *na lei e nos profetas*. Ou seja, ele era seguidor do judaísmo, uma religião protegida por Roma.

24.15-17 — *Vim trazer à minha nação esmolas e ofertas*. Paulo levou uma oferta das igrejas gentias para os cristãos de Jerusalém como uma atitude de gratidão ao evangelho (1 Co 16.1-4; 2 Co 8—9; Rm 15.25-33).

24.18,19 — A referência aos *judeus da Ásia* mostrou a Félix que os verdadeiros acusadores de Paulo não estavam presentes, o que gerou certas suspeitas em relação à acusação feita contra o apóstolo.

24.20-22 — *Havendo-me informado melhor deste Caminho*. Como foi que Félix tomou conhecimento da fé cristã? Sua esposa Drusila era judia. Ela era bisneta de Herodes, o Grande, que tentou matar o menino Jesus. Ela também era sobrinha-neta de Herodes, que havia matado João Batista. Seu pai foi aquele que mandou matar o apóstolo Tiago (At 21.1,2). Félix também conhecia muito bem o cristianismo por ter governado Judéia e Samaria por seis anos.

24.23-25 — Félix tomou Drusila de seu ex-marido, o rei de Emesa, na Síria. Ela foi a sua terceira esposa. A primeira esposa de Félix era neta de Marco Antônio e Cleópatra. Sua segunda esposa era uma princesa de quem ele também se divorciou. Quando Paulo falou *da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro*, Félix deve ter-se lembrado da sua vida imoral. Ele se recusou a conversar mais sobre o *Caminho* porque se sentiu culpado.

24.26 — Félix, talvez, esperasse que Paulo lhe desse o *dinheiro* das igrejas gentias ou que seus amigos pagassem a fiança para libertá-lo. Félix queria conversar sobre pagamento; Paulo queria conversar sobre justiça (v. 25).

24.27 — *Passados dois anos*. E bem provável que Lucas tenha escrito a maior parte do livro de Atos nesse período, já que ele teve acesso a informações sobre a Igreja primitiva com as pessoas de Jerusalém e Cesaréia. Depois de dois anos, houve outro tumulto em Cesaréia. Félix reprimiu-o com tanta força que foi destituído do posto de governador por volta de 60 d.C.



EM FOCO

NAZARENOS (GR. NAZORAIOS)

(At 24.5; Mt 2.23)

Esse nome significa *aqueles que pertencem ao Nazareno*. Jesus era chamado de *Nazareno* (Mt 2.23). Mas esse não era um título honroso, e sim pejorativo. Os líderes judeus jamais imaginaram que o Messias poderia vir de Nazaré, pequena cidade na Galiléia, região habitada por muitos gentios e, portanto, não vista com bons olhos pelos judeus ortodoxos. A Igreja primitiva foi estigmatizada com o mesmo nome; ela ficou conhecida com *a seita dos nazarenos* (At 24.5). Isso significa então que os cristãos eram considerados um grupo de judeus dissidentes (ou seita) que cria que Jesus de Nazaré era o Messias.

25.1-4 — Os judeus odiavam Félix e enviaram cartas a Roma descrevendo a brutalidade com que ele os havia tratado. Como resultado, Félix foi substituído como governador por Pórcio Festo. Festo aprendeu com os erros de Félix. Três dias antes de chegar a Cesaréia, ele teve um encontro com os líderes judeus em Jerusalém para estabelecer algumas regras de trabalho com o sumo sacerdote e o Sinédrio.

E lhe rogaram. Os líderes judeus pressionaram Festo para que ele não libertasse Paulo nem lhe fizesse nenhum favor. Eles queriam que Festo o enviasse de volta a Jerusalém para ser julgado. Mas o plano deles era assassinar Paulo no caminho (At 23.15).

25.5 — *Se neste verão houver algum crime.* Festo reabriu o caso de Paulo em uma tentativa de acalmar os líderes judeus.

25.6-12 — Paulo sabia que, sendo cidadão romano, ele podia insistir em ser julgado por um tribunal romano, e não pelo Sinédrio judaico, onde ele encontraria pouca justiça.

O *apelo para César* era direito de todo cidadão romano. Se um cidadão achasse que o tribunal de alguma província não estivesse sendo justo, ele podia apelar para o próprio imperador.

E se o apelo fosse declarado legal, todo o processo na corte inferior era dado por encerrado e o prisioneiro enviado a Roma para lá expor o seu caso.

25.13 — *Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo.* Festo decidiu compartilhar o problema com o rei Agripa II. Ele e Berenice eram filhos de Herodes Agripa I, que havia morrido em Cesaréia (At 12.23). Embora Agripa fosse rei somente de uma pequena região ao norte da Palestina, ele tinha o direito de indicar o sumo sacerdote e era considerado um perito em assuntos judaicos (At 26.3).

25.14-22 — *Festo contou ao rei os negócios de Paulo.* Festo estava com um problema em mãos. No caso de um apelo, ele tinha que enviar uma carta a Roma contando os detalhes do caso. Festo não sabia o que estava acontecendo com Paulo e por que o adiavam tanto. Quando o rei Agripa foi visitá-lo para lhe dar as boas-vindas, ele teve a oportunidade de pedir a opinião de alguém que entendia bem do assunto.

25.23-26 — *Dele, porém, não tenho coisa alguma certa que escreva ao meu senhor.* Ou seja, Festo não tinha o que escrever ao imperador romano Nero (54-68 d.C.).



ENTENDENDO MELHOR

A CIDADANIA ROMANA DE PAULO

Quando algo ia contra às suas necessidades, Paulo se valia de sua condição de cidadão romano para frustrar seus adversários. Sua cidadania fez com que tribunos, soldados e sacerdotes, romanos e judeus, pensassem duas vezes antes de fazer algo contra ele. Mas o que significava ser um cidadão romano?

O Império Romano era o poder governante da época. E ser cidadão do império conferia certos direitos, responsabilidades e status. Um cidadão tinha de pagar taxas de propriedade e impostos municipais, mas também tinha o direito de voto em Roma (embora nos dias de Paulo as classes sociais tivessem direitos diferentes). Ao cidadão romano era garantido um julgamento justo e proteção contra certas formas severas de punição. Um cidadão romano não podia ser executado sem um julgamento nem ser crucificado, a não ser por ordem do imperador. Além disso, ele podia apelar para César a fim de ser julgado em Roma.

Paulo era cidadão romano de nascimento, mas não sabemos como sua família adquirira a cidadania. Havia várias formas de se tornar um cidadão romano. Nascer de pai ou mãe romanos era uma delas. Servir no exército romano era outra. A cidadania podia ser concedida pelo imperador ou por um general romano tanto a uma pessoa como a um grupo inteiro. Por fim, a cidadania também podia ser comprada.

O Império Romano era tão poderoso, que poucos estavam dispostos a quebrar a lei e trazer sobre si a ira romana. Paulo era inteligente o bastante para conhecer todos os seus direitos e experiente o suficiente para saber usá-los em seu favor, e, principalmente, em favor de Deus. Seus direitos de cidadão romano não apenas salvou a sua vida em situações de muito perigo (At 22.25), mas também permitiu que ele levasse o evangelho aos encarcerados, à tripulação de navios, a reis e ao imperador em Roma (At 25.11).

25.27 — *Contra a razão [...] não notificar contra ele as acusações.* Agripa teve aqui a oportunidade de ouvir Paulo, que deu as boas-vindas ao rei. Também agradou a Paulo testemunhar perante uma audiência tão ilustre e um rei relativamente amigável.

26.1 — *Então, Paulo, estendendo a mão em sua defesa.* Para saudar o rei.

26.2-5 — *Vivi fariseu.* O historiador Flávio Josefo descreve os fariseus como “um grupo de judeus cuja reputação excedia o resto da nação no que se refere à observância da religião, e que eram expositores precisos da Lei”. Paulo deixou bem claro que não era nenhum estranho ou estrangeiro que estava tentando criar uma nova religião. Ele era judeu, fariseu, que viveu segundo a fé judaica melhor do que muitos.

26.6-9 — *Pela esperança da promessa.* Paulo não estava sendo julgado por ter feito algo errado. Ele não se voltou contra sua herança judaica. Ao contrário, ele creu com todo o fervor nas promessas que Deus havia feito à nação de Israel: a promessa da vinda do Messias e o restabelecimento do Reino de Deus. Paulo não rejeitou a esperança da salvação de Israel. Ao contrário, ele viu essa

esperança cumprida na vida, morte e ressurreição de Jesus. O fato de Jesus ter ressuscitado dos mortos deu a Paulo a certeza de que todos os cristãos também ressuscitariam dos mortos e desfrutariam das bênçãos prometidas no Reino de Deus.

26.10 — *Eu dava o meu voto contra eles.* Alguns supõem que Paulo em algum momento deve ter sido membro do Sinédrio, já que ele disse que dava seu voto. Todavia, ele devia ser muito jovem para fazer parte de um grupo de idosos e anciãos. Paulo deve ter sido o procurador-chefe do Sinédrio, que julgava culpados todos os cristãos que caçava durante sua campanha de perseguição.

26.11 — *E tentava forçá-los a blasfemar* (NVI). O verbo *tentava* no pretérito imperfeito não nos dá a certeza de Paulo de fato conseguiu fazer com que os cristãos blasfemassem, somente que ele tentou obrigá-los a isso.

26.12,13 — *Uma luz do céu.* Nada mais do que um ato de Deus poderia transformar o zeloso Saulo no apóstolo Paulo.

26.14 — *Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões.* Um novilho, quando aparelhado pela primeira vez, geralmente rejeita o jugo e sai dando coices para tentar se livrar dele. Se o novilho



PERFIL

AGRIPA, O JUIZ DE PAULO

Marcus Julius Agripa era o nome romano de Agripa II, o último da dinastia dos Herodes designado por Roma como rei da Palestina. Ele e seu pai, Agripa I, eram descendentes de Herodes, o Grande, que nasceu judeu e era governador da Judéia quando Jesus nasceu (Mt 2.1).

Os escritos do historiador judeu Flávio Josefo (37—110 d. C.) nos dão muitas informações sobre Agripa. Como ele era jovem demais para assumir o trono da Judéia em 44 d. C., depois que seu pai morreu, os romanos designaram um governador para a região. Mas Agripa recebeu alguns territórios para governar, principalmente na Galiléia.

No início da revolta judaica em 66 d. C., Agripa foi a Jerusalém para sufocar a rebelião. Obtendo êxito em seu intento, ele se tornou simpatizante de Roma. Flávio Josefo (na obra *A guerra dos judeus*) atribui a Agripa um discurso no qual ele adverte os judeus quanto à força dos romanos e a possibilidade de os judeus não conseguirem resistir a eles; foi por isso que Agripa aliou-se aos romanos. Depois que a revolta acabou, em 70 d. C., os romanos deram a Agripa um território a mais como recompensa por sua lealdade.

Em 59 d. C., o apóstolo Paulo apresentou seu caso a Agripa, considerado um perito em assuntos judaicos e que se havia interessado por ele (At 25.13—26.32). O rei foi ao tribunal acompanhado por sua irmã Berenice (At 25.13,23). Os boatos de que Agripa, que, ao que parece, jamais se casara, tinha uma relação incestuosa com Berenice são negados por Josefo, mas sustentados pelo escritor romano Juvenal. O juiz de Paulo era um rei judeu, um simpatizante de Roma, um homem de reputação moral duvidosa. Ao defender sua fé cristã, Paulo apelou para as raízes judaicas de Agripa, desafiando-o até a se tornar um crente judeu (At 26.2, 3, 26, 27).

fosse atado a um arado simples, o lavrador prendia uma vara longa de ponta afiada bem perto do seu calcanhar. Toda vez que o novilho dava coices, a vara o furava. Caso o novilho fosse preso a uma carroça, uma ripa de madeira afiada era usada com o mesmo propósito. A questão aqui é que o novilho aprendia a ser submisso e a aceitar o jugo da pior forma possível. Antes de ter um encontro com Jesus na estrada a caminho de Damasco, Paulo estava resistindo a Deus da mesma maneira (1 Tm 1.13).

26.15 — *Eu sou Jesus, a quem tu persegues.* Você está pecando contra mim, mas eu lhe perdoo.

26.16,17 — *Os gentios, a quem agora te envio.* Paulo foi chamado primeiro para evangelizar os gentios (Ef 3.6,7). É o fato de ele ter nascido na cidade gentia de Tarso o qualificava de modo bem singular para esse ministério.

26.18 — *Para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz.* A promessa de Deus feita por meio dos profetas de que Ele traria luz a este mundo cumpriu-se (Is 42.6,7,16; Cl 1.12). Servir a Cristo significa deixar o reino de *Satanás* e submeter-se ao controle de *Deus*. Tanto a *remissão* quanto a *santificação* vêm pela fé em Cristo. E quem é perdoado recebe a *sorte entre os santificados pela fé*.

26.19 — *Não fui desobediente.* Nunca devemos esquecer a graça e a fé devem ser manifestas com a obediência a Deus.

26.20-22 — *Fazendo obras dignas de arrependimento.* *Arrependimento* significa uma completa mudança de mente. Em Romanos 12.2, Paulo fala da *renovação do vosso entendimento*. Nós sempre fazemos o que achamos ser o melhor, o que faz sentido para nós. Paulo estava matando os cristãos porque achava que isso era o melhor a fazer. Mas a revelação de Jesus mudou sua maneira de pensar, e sua pregação das boas-novas foi a prova de que ele havia-se arrependido do que fizera antes. A prova do verdadeiro arrependimento é a mudança de atitude.

26.23 — *Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz.* O evangelho é uma espécie de semente lançada em

nosso coração, a fim de gerar-nos para a vida eterna, na luz de Deus.

26.24-32 — Agripa percebeu que Paulo estava fazendo algo mais do que defender a fé; ele na verdade estava tentando convencê-lo a também se tornar um seguidor de Jesus Cristo. Se Agripa dissesse às pessoas que estavam ali que não acreditava nos profetas, ele suscitaria a ira dos judeus. Por outro lado, se ele reconhecesse que cria nos profetas, estaria dando peso às palavras de Paulo. Então, Agripa evitou o embaraço contornando a questão. A conversa estava ficando pessoal demais para Agripa, e ele logo encerrou a audiência.

27.1 — Lucas acompanhou Paulo nessa viagem (para outras passagens onde ele usa a primeira pessoa do plural, veja At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18).

Entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião. É provável que esses outros presos também tenham apelado para César, ou talvez tenham recebido a pena de morte e estavam a caminho de Roma para lutarem como gladiadores na arena.

27.2 — As palavras *nós* e *conosco* indica que Lucas também fazia parte da delegação que acompanhava Paulo.



EM FOCO

CRISTÃOS (GR. *CHISTIANOS*)

(At 11.26; 26.28; 1 Pe 4.16)

Essa palavra significa *aquele que pertence a Cristo*. Ela foi usada pela primeira vez como um termo pejorativo para designar os cristãos em Antioquia (At 11.26). No Novo Testamento, ela é encontrada somente em três lugares (At 26.28; 1 Pe 4.16).

Nos primórdios da Igreja, os cristãos não tinham uma designação específica. Eles chamavam uns aos outros de *irmãos* (At 6.3), *discípulos* (At 6.1), *fiéis* (1 Tm 4.12), seguidores do *Caminho* (At 9.2) ou *santos* (1 Co 1.2).

Os judeus que negavam que Jesus era o Messias nunca chamaram os crentes em Jesus de cristãos, mas, sim, de nazarenos (At 24.5). Em Antioquia, onde havia muitos gentios convertidos e a obra missionária começou a ir além da comunidade judaica, os cristãos não eram mais considerados uma seita judaica; então, seus vizinhos pagãos começaram a chamá-los de um novo nome, cristãos.

27.3 — *Júlio, tratando Paulo humanamente.* Os oficiais romanos tratavam seus prisioneiros com muito respeito (At 16.35-39; 18.12-16; 23.12-24).

27.4-6 — *Os ventos eram contrários.* Não era um bom momento para navegar. Isso aconteceu alguns meses antes do inverno, quando é muito difícil navegar por causa das tempestades. Devido aos ventos contrários, o navio teve de navegar pelo o norte da ilha de Chipre, usando o continente para amenizar assim a força da tempestade. Por fim, os viajantes chegaram ao porto de Mirra, onde encontraram um grande navio que ia para a Itália.

27.7-9 — Paulo e seus companheiros de viagem chegaram a *Cnido*, na extremidade sudoeste da Ásia Menor, cerca de 200 km de Mirra, o último porto de escala antes de navegarem pelo mar Egeu rumo à costa da Grécia. Mas o vento estava tão forte que forçou o navio a ir para o sul. Eles então navegaram ao longo da costa sul da ilha de *Creta*, usando a ilha novamente para diminuir a força do vento. Por fim, o navio ancorou em um pequeno porto chamado *Bons Portos*. E como a estação propícia para a navegação tinha chegado ao fim, continuar a viagem seria muito perigoso.

27.9-12 — *Paulo os admoestava.* Paulo já tinha navegado muitas vezes antes. E pelo menos duas vezes já tinha passado por naufrágio (2 Co 11.25). Sendo assim, ele tinha base para o que estava dizendo. No entanto, a tripulação não ouviu seu conselho. Como *Bons Portos* era um porto pequeno, a tripulação resolveu tentar chegar a *Fenice*, o maior porto no lado oeste de *Creta*, a 100 km dali. É bem provável que o dono do navio quisesse levar sua carga para vender em um porto maior. Além disso, *Júlio*, o centurião romano, também devia estar querendo um lugar melhor para abrigar seus soldados. Em outras palavras, a ganância e o desejo de conforto podem ter cegado o bom senso.

27.13-16 — Pela manhã, o mar ficou calmo e um vento suave soprou do sul, levando-os em segurança para perto da costa. Mas, de repente, uma violenta tempestade vinda do nordeste chamada *Euroequilão* (nome dado a todas as tempestades vindas do nordeste) atingiu o navio,

impedindo-o de navegar a favor do vento. A palavra traduzida por *tufão* (ARA) vem da mesma raiz da palavra *furação*. A tempestade levou o navio para o sul, a uma pequena ilha chamada *Cauda*, o que mais uma vez fez a força da tempestade diminuir o suficiente para que a tripulação tomasse algumas medidas para salvar o navio.

27.17,18 — *Usaram de todos os meios, cingindo o navio.* Já que os mastros do navio não estavam aguentando, os marinheiros recolheram as velas e as amarraram a fim de que não se perdessem.

Temendo darem à costa na Sirte. Os marinheiros estavam temerosos por causa dos bancos de areia de *Sirte*, que ficavam ao norte da costa da África. A tripulação do navio em que Paulo estava desceu âncora então, em uma tentativa de diminuir a velocidade.

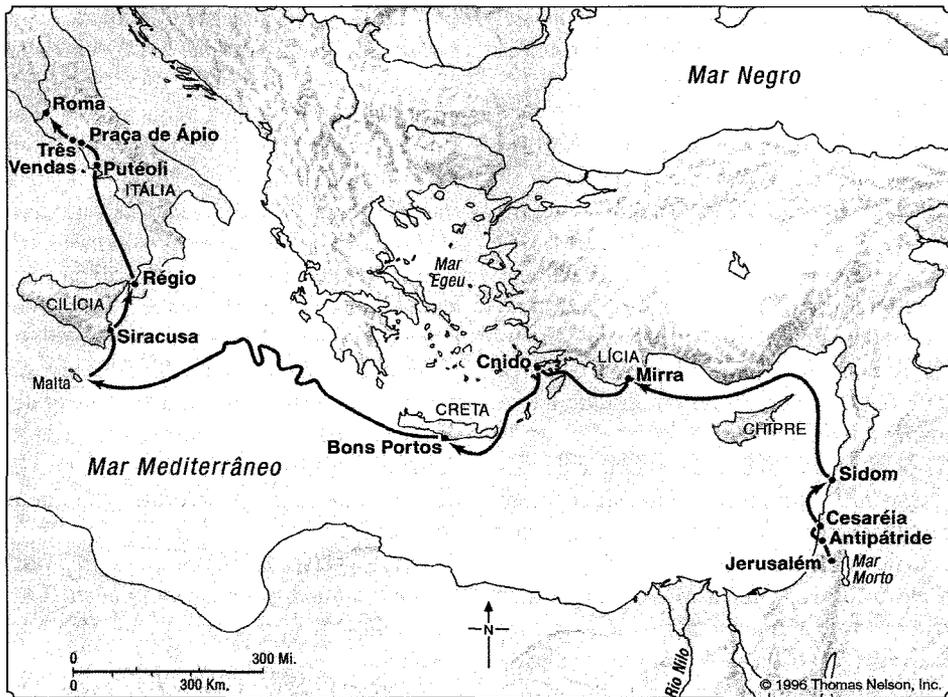
27.19 — *Nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio.* Ou seja, lançaram ao mar tudo que era um peso adicional no navio.

27.20-27 — *Não se perderá a vida.* O Deus onipotente e onisciente deu a Paulo a garantia absoluta de que ninguém do navio se perderia. Contudo, no versículo 31, Paulo disse ao centurião que se os marinheiros sássem do navio, seus soldados perderiam a vida. Desse modo, segundo o que Paulo havia dito, os soldados impediram os marinheiros de deixar o navio e todos chegaram a terra a salvo (v. 44). Deus cumpriu Sua palavra e Sua promessa por meio da advertência de Paulo e da escolha que os soldados fizeram.

27.28 — *Lançando o prumo, acharam vinte braças [...], tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças.* Uma braça equivale a aproximadamente 2m.

27.29-41 — *Num lugar de dois mares.* Um lugar de águas rasas ao norte de Malta recebeu o nome de *Baía de São Paulo*. Desde a visita de Paulo, em 60 d.C, até os dias atuais os habitantes dessa ilha são cristãos.

27.42,43 — A intenção dos soldados era matar os presos porque eles conheciam a lei do exército romano. Se um prisioneiro escapasse, o soldado de guarda receberia a punição devida àquele que escapou.



A viagem de Paulo a Roma

Depois de sua terceira viagem missionária, Paulo enfrentou os judeus em Jerusalém, pois eles o acusaram de profanar o templo (At 21.26-34). Ele foi colocado sob custódia em Cesaréia por dois anos, porém, depois de apelar para César, foi enviado de navio a Roma. Após partir da ilha de Creta, a delegação de Paulo sofreu um naufrágio em Malta por causa de uma tempestade. Mas três meses depois ele finalmente chegou à cidade imperial.

27.44 — E os demais, uns em tábuas e outros em coisas do navio. E assim aconteceu que todos chegaram à terra, a salvo. Talvez alguns se apoiaram em tábuas e outros destroços do navio naufragado.

28.1 — Malta fazia parte da província romana da Sicília e ficava cerca de 100 km ao sul dessa ilha, próxima à ponta da Itália.

28.2 — Bárbaros. Todo aquele que falava outro dialeto, e não o grego, a língua das pessoas ditas civilizadas.

28.3,4 — A justiça não o deixa viver. Justiça aqui pode ser o nome de uma deusa. Em todo o caso, os malteses acreditavam que havia uma lei moral que regia o universo.

28.5-8 — Enfermo de febres. É bem provável que essa febre fosse algo comum em Malta, Gibraltar e outras ilhas do Mediterrâneo. Um microorganismo foi encontrado no leite das cabras

maltesas. A febre geralmente durava quatro meses, mas às vezes podia durar até dois ou três anos.

28.9-11 — Este navio de Alexandria tinha uma insígnia dos filhos de Zeus chamados Castor e Pólux, figuras mitológicas reverenciadas pelos marinheiros como protetores dos mares.

28.12-15 — Alguns cristãos de Roma viajaram cerca de 50 km ao sul, a um lugar chamado Três Vendas, para se encontrarem com Paulo. Outros viajaram cerca de 16 km mais ao sul para encontrá-lo na Praça de Ápio. Três anos antes, em sua carta aos cristãos em Roma, Paulo expressa seu grande desejo de vê-los algum dia (Rm 15.24). Esse dia havia chegado.

28.16 — Já que Paulo não havia sido acusado de um crime violento e não era considerado uma ameaça política, se lhe permitiu morar por sua conta, em prisão domiciliar. Isso significa que ele



ENTENDENDO MELHOR

DE MALTA A ROMA

A estação da primavera no Mediterrâneo marcava a volta dos navios cargueiros de Alexandria, no Egito. Eles aproveitavam o vento ocidental para levar suas cargas a todos os portos do império.

Paulo foi levado de Malta a Roma em um desses navios, uma viagem que cobriu 180 milhas náuticas (1 milha náutica equivale a 1.85 km) em menos de dois dias no mar (At 28.11). Ao longo dessa viagem, ele pôde continuar seu trabalho de propagação do evangelho e visitar três cidades importantes: Siracusa, a principal cidade da Sicília; Régio, uma cidade portuária estratégica no lado italiano do Estreito de Messina; e Putéoli, porta de entrada para o sul da Itália, cerca de 50 km de Roma.

Ao longo da história do cristianismo, o evangelho passou por todas as rotas de comércio. Por exemplo, muitos têm conhecido as boas-novas por meio da pregação de:

- empresários que fazem negócios em países estrangeiros;
- funcionários de empresas multinacionais que trabalham em outros países;
- consultores que atuam junto a governos e corporações no mundo inteiro;
- equipes médicas que trabalham nos países em desenvolvimento;
- professores e alunos que, respectivamente, ensinam e estudam ao redor do mundo;
- soldados em terras estrangeiras durante uma guerra ou ocupação de um país.

podia receber seus amigos e ministrar para grupos como os judeus romanos e gentios.

28.17 — *Os principais dos judeus.* Nessa época, o decreto do imperador Cláudio (At 18.2) havia sido revogado e os judeus puderam voltar a Roma.

28.18-22 — Os líderes judeus não tinham recebido nenhuma carta da *Judéia* falando sobre Paulo. É bem que provável que Paulo tenha embarcado no primeiro navio para Itália depois que apelou para César. Ou os adversários de Paulo tenham desistido de atacá-lo, pois já tinham fracassado junto a Félix, Festo e Agripa. A terceira razão pode ter sido que os judeus, de volta a Roma há pouco tempo, depois da expulsão de Cláudio, quisessem evitar problemas.

28.23-25 — *Alguns criam [...] mas outros não criam.* Essas reações contrárias foram testemunhadas por Jesus e por todo evangelista depois dele.

28.26,27 — *De ouvido, ouvireis e de maneira nenhuma entenderéis; e, vendo, vereis e de maneira nenhuma perceberéis.* Essa citação (Is 6.9,10) foi feita cinco vezes no Antigo Testamento para explicar a rejeição da verdade do evangelho.

28.28-30 — *Dois anos inteiros.* Durante esse período, Paulo pôde ministrar a todos que vinham à casa que ele alugara. Foi nesses anos também que ele escreveu quatro quartas do Novo Testamento (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom).



VOCÊ SABIA?

OLHANDO ALÉM DE ROMA

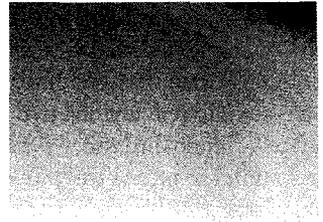
Paulo expressou o desejo de ir a Roma (At 19.21; Rm 1.15), sem dúvida, porque era a capital do império. Mas o que ele queria era apenas parar ali e depois ir para a Espanha (At 15.28).

Mas por que a Espanha era importante? É impossível dizer o que Paulo de fato tinha em mente. Mas o profeta Isaías profetizou no Antigo Testamento que, no final dos tempos, os gentios se reuniriam com os judeus em Jerusalém para juntos adorarem a Deus, inaugurando uma nova e maravilhosa era (Is 66.19-24). O texto de Isaías refere-se a *Tarsis*, termo que pode significar Espanha. Será que Paulo cria que levar o evangelho a Roma significava dar mais um passo para o cumprimento da gloriosa visão de Isaías (At 26.23; 28.28)? Ninguém sabe ao certo se Paulo conseguiu chegar até a Espanha.

28.31 — *Pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum.* Lucas não revela o que foi feito em relação ao caso de Paulo. Ao que parece, nada havia sido decidido ainda quando ele acabou de escrever o livro de Atos. Entretanto, há boas razões para crermos que Paulo foi libertado, já que, até aquele momento, ele havia sido considerado inocente por todos os oficiais romanos.

A tradição diz que Paulo foi à Espanha realmente como ele desejava (Rm 15.24). Em suas

cartas da prisão, Paulo expressa seu desejo de ser liberto (Fm 22) e sua confiança de que, de fato, seria (Fp 1.25). As epístolas pastorais de Paulo contêm artigos que não se encaixam no livro de Atos, o que sugere que foram escritos depois. Por exemplo, Tito 1.5 sugere que Paulo pregou na ilha de Creta, algo que não está registrado no livro de Atos. É bem provável que Paulo tenha reassumido suas viagens missionárias por mais dois anos antes de ser preso novamente, julgado, condenado e executado como mártir entre 64—67 d. C.



A carta aos

Romanos

INTRODUÇÃO

Romanos serve como a principal nau na esquadra de cartas paulinas do Novo Testamento. Esta epístola também tem grande importância na história do cristianismo. Uma quantidade inumerável de homens e mulheres de fé destacaram Romanos como uma arma usada poderosamente por Deus para trazê-los a Cristo. Agostinho, Martinho Lutero, John Wesley e outros receberam de Romanos um disparo de artilharia que rompeu suas defesas e pôs fim à sua rebelião contra Deus.

Romanos revela uma compreensão ampla, lógica e madura do Antigo Testamento, formando assim um poderoso arsenal à serviço do cristianismo. No tempo em que foi escrita, o Espírito Santo tinha transformado Paulo em um hábil comunicador da fé. Uma prova disso é a carta do apóstolo aos Romanos, um

tratado teológico que se encaixa perfeitamente na definição de Paulo da Escritura como *proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça* (2 Tm 3.16).

A epístola aos Romanos representa a mais completa expressão da teologia apostólica. Os argumentos usados por Paulo desafiam a mente secular e pagã, bem como a religião superficial de muitos neopagãos. Romanos é um poderoso nivelador, pois declara que *todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23). Visto que todos são pecadores, é uma agradável surpresa o fato de que *Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores* (Rm 5.8). Essa é a boa-nova que Paulo sistemática e tão eloquentemente defendeu em seu tratado teológico endereçado aos romanos.

Todas as outras cartas de Paulo surgiram em uma ocasião particular e tinham um propósito definido. Romanos é diferente, pois parece que o seu conteúdo tem um objetivo geral de natureza didática. Tendo dito isso, é possível observar que Paulo tinha ao menos três propósitos ao escrever esta carta.

O primeiro propósito foi o de preparar os romanos para a viagem que o autor da carta planejava fazer a Roma e depois à Espanha. Seu itinerário imediato envolvia uma viagem a Jerusalém, mas sua visão estava voltada para o oeste. Paulo asseverou claramente que ele esperava receber assistência em apoio ao seu esforço de levar o evangelho até a Espanha (Rm 15.24). Mas se esse fosse seu único objetivo, uma breve nota teria sido suficiente. Obviamente Paulo tinha outras coisas em mente.

Um segundo propósito envolvia a compreensão de Paulo de que os cristãos precisavam ser *confortados* (Rm 1.11). Paulo procurava dar a eles uma boa instrução a respeito da fé. A carta é uma espécie de plano de estudo da pregação apostólica de Paulo. Romanos é uma apresentação magistral do plano divino para a salvação de gentios e judeus.

O terceiro propósito da carta é pastoral. Paulo pretendia exortar os cristãos judeus e gentios a viverem em harmonia. Na Igreja primitiva, o evangelho uniu vários grupos, os quais de outra forma permaneceriam separados, quer por razões de nacionalidade, *status* ou cultura. Uma vez que eles estavam reunidos, o desafio passou a ser a preservação da unidade em Cristo. Assim, por meio desta epístola, Paulo abordou os problemas decorrentes das diferenças entre judeus e gentios. Ele enfatizou que cada um deles fazia parte da Igreja. Uma vez que existe apenas um Deus, Ele é Deus tanto dos judeus como dos gentios. Todos pecaram (Rm 3.9), e todos são salvos pela fé em Cristo (Rm 3.30). O tema da unidade e da convivência entre judeus e gentios aparece mais claramente nos capítulos 14 e 15 de Romanos, onde Paulo apresenta os aspectos práticos de viver como um só Corpo em Cristo. O tema central da epístola é: o Deus justo justifica e, por fim, une judeus e gentios pela graça, mediante a fé.

Como esta epístola provê um esboço sistemático dos aspectos essenciais da fé cristã, ela é útil tanto para o cristão maduro como para leigos que desejam uma breve introdução à fé cristã.

Já nos primeiros versículos da carta, o autor se apresenta, anunciando seu próprio nome (*Paulo*), sua identidade (*servo*), sua vocação (*apóstolo*) e seu propósito (*separado para o evangelho de Deus*). A carta aos Romanos foi reconhecida como uma autêntica epístola paulina no decorrer da história de Igreja. O caráter e a mensagem de Paulo, delineados em Atos, também estão presentes em Romanos, tal qual uma autenticação feita por ele na carta.

Romanos foi escrita para uma igreja vibrante, situada em Roma. Embora as origens dessa igreja não sejam conhecidas, ela pode ter sido fundada por novos convertidos que voltaram de Jerusalém após a ressurreição de Cristo e o derramamento do Espírito Santo no Dia de Pentecostes. Quando Paulo a escreveu, ele ainda não havia visitado Roma pessoalmente, embora nutrisse esse desejo há algum tempo.

Na epístola, há poucas informações sobre os romanos e os cristãos da Igreja ali. Paulo admirava a fé desses irmãos em Cristo e orava regularmente por eles. É evidente que a igreja em Roma era formada por cristãos judeus e gentios. Não há qualquer evidência clara de que esta epístola tenha sido motivada por qualquer problema na igreja. Há indícios, porém, de que os cristãos romanos precisavam ser exortados a viver em harmonia (Rm 14.1—15.13).

As evidências nas cartas aos Coríntios, aos Romanos e em Atos indicam que Paulo escreveu para a Igreja em Roma durante sua estada na cidade de Corinto, por ocasião da sua terceira viagem missionária. Quando redigiu as epístolas aos Coríntios, Paulo fez menção à coleta em favor dos cristãos pobres de Jerusalém, realizada por várias igrejas mediterrâneas (1 Co 16.1-3; 2 Co 8.1—9.1). Quando escreveu a epístola aos Romanos, essa coleta já havia sido concluída, e Paulo estava pronto para viajar para Jerusalém, a fim de entregar os recursos coletados aos irmãos daquela cidade (Rm 15.22-29).

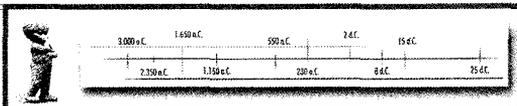
Parece que Paulo planejara navegar diretamente para a Judéia a partir de Corinto. Febe,

uma cooperadora do apóstolo, também estava prestes a ir de Corinto para Roma. Ela presumivelmente foi a portadora da carta de Paulo aos Romanos. A partir desse período, a navegação no mar Mediterrâneo praticamente cessou após 11 de novembro, sendo retomada apenas após 10 de março. A carta aos Romanos, portanto, provavelmente foi escrita no outono de 57 d.C.

Houve, porém, uma conspiração enredada pelos judeus, que mudou os planos de viagem de Paulo. Em vez de seguir de navio a partir de Corinto, ele atravessou a Macedônia a pé (At 20.3) e finalmente navegou para Jerusalém, a partir de Filipos depois da primavera (At 20.6). Mal sabia Paulo que ele chegaria a Roma sob cadeias (At 28.17-31).

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM ROMANOS



Ano 47—49 d.C. — Primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém

Ano 50—53 d.C. — Segunda viagem missionária de Paulo

Ano 53—57. — Terceira viagem missionária de Paulo

Ano 57 d.C. — A epístola aos Romanos é escrita

Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C. — Paulo é aprisionado em Roma

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Saudação — 1.1-7
- II. Ação de graças e oração — 1.8-17
- III. A exigência de justiça — 1.18—3.20

- A. Os gentios estão condenados — 1.18-32
- B. Os judeus estão condenados — 2.1—3.8
- C. Conclusão: todos estão condenados — 3.9-20
- IV. A justiça imputada — 3.21—5.21
 - A. A justificação pela fé é explicada — 3.21-31
 - B. A justificação pela fé é ilustrada — 4.1-25
 - C. A justificação pela fé é desfrutada — 5.1-11
 - D. Conclusão: todos podem ser declarados e feitos justos — 5.12-21
- V. A justiça consumada — 6.1—8.39
 - A. Primeira questão: devemos pecar para que a graça se evidencie? — 6.1-14

- B. Segunda questão: podemos pecar porque estamos sob a graça? — 6.15—7.6
- C. Terceira questão: qual é a relação entre a lei e o pecado? — 7.7-25
- D. O caminho da santificação — 8.1-39
- VI. A justiça reivindicada — 9.1—11.36
 - A. O passado de Israel: eleição — 9.1-29
 - B. O presente de Israel: rejeição — 9.30—10.21
 - C. O futuro de Israel: salvação — 11.1-36
- VII. A justiça praticada — 12.1—15.13
 - A. Na Igreja — 12.1-8
 - B. Na sociedade — 12.9-21
 - C. Em relação ao governo — 13.1-14
 - D. Em relação aos outros cristãos — 14.1—15.13
- VIII. Os planos de Paulo — 15.14-33
- IX. Saudações pessoais, advertências e bênçãos — 16.1-27

COMENTÁRIO

1.1-7 — Na época em que o Novo Testamento foi escrito, era comum indicar o nome e o destinatário na seção de abertura das cartas. Paulo (v. 1) endereçou esta carta a todos os cristãos que viviam em Roma (v. 7). Além das suas saudações, Paulo incluiu um breve resumo do evangelho a ser tratado na epístola. Esse evangelho, *prometido* no Antigo Testamento (v. 2), tratava de Jesus Cristo (v. 3,4) e era a base do apostolado e da missão de Paulo (v. 5,6).

1.1 — Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo. A palavra traduzida aqui como *servo* no texto original, em grego, significa *escravo*. Paulo está falando a respeito de um estado de servidão ao qual uma pessoa se submete voluntariamente e por amor (Êx 21.1-6), distinta da servidão imposta por outrem, forçada; situação bastante comum no império romano. Ao usar esse termo, Paulo enfatiza a sua sujeição pessoal a Jesus Cristo. E ao chamar a si mesmo de *apóstolo*, ele se coloca no mesmo nível dos doze apóstolos e das demais autoridades designadas por Deus para Seu serviço.

Separado para o evangelho de Deus. Paulo foi separado por Deus como ministro do evangelho antes mesmo de sua experiência com Cristo na estrada para Damasco (Gl 1.15). De origem nobre (Fl 3.5,6), Paulo poderia ser um excelente ministro para seu povo, os judeus. Mas, pela providência divina, ele foi separado como apóstolo para anunciar o evangelho ao gentios (At 9.15). Dessa maneira, um cisma desastroso entre as facções judias e gentílicas na Igreja primitiva foi evitado pelo ministério singular de Paulo.

1.2-4 — Humanamente falando, Jesus era descendente de Davi (Mt 1.1), sendo verdadeira e completamente humano, mas, ao mesmo tempo, o divino Filho de Deus. O fato de Jesus ser descendente de Davi o vincula à aliança davídica. Quando Cristo retornar para reinar sobre tudo e todos, Ele cumprirá a promessa feita por Deus a Davi de que confirmaria o trono de seu reino para sempre (2 Sm 7.13).

1.4 — A palavra traduzida por *declarado* significa *designado*. Jesus não se tornou o Filho de

Deus *pela ressurreição*. A ressurreição foi a prova de que Jesus é o Filho de Deus.

1.5,6 — *Pelo qual recebemos a graça e o apostolado.* Provavelmente a melhor tradução para *graça e apostolado* seja *graça do apostolado*, pois Paulo considerou o seu chamado um presente divino. O propósito do seu apostolado foi a *obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome* [o nome de Jesus]. Paulo queria levar todas as nações, incluindo judeus e gentios, à obediência a Cristo pela fé (de acordo com o sistema doutrinário que Jesus ensinou).

Entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo. A expressão *sois também vós chamados* é a preferida pelo apóstolo quando ele quer destacar aqueles que confiaram no Senhor Jesus como Salvador (ver também Rm 8.28).

1.7 — *A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos.* Aqui, são considerados santos apenas as pessoas que foram separadas para Deus. Como Deus é santo, Seu povo também deve ser santo (1 Pe 1.15,16).

Graça e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. A palavra traduzida como *graça* significa *favor imerecido de Deus*, que nos permite ser e fazer o que Deus quer. Já a *paz de Deus* é o elemento que nos permite estar em harmonia perfeita com o Senhor, com nós mesmos e com os outros. Essa *paz* implica a totalidade da vida cristã [saúde no corpo, na alma e no espírito; prosperidade espiritual e material; bons relacionamentos. Equivale ao termo hebraico *shalom*]. Somente após experimentarmos a *paz de Deus*, podemos experimentar a Sua graça.

1.8 — *Em todo o mundo é anunciada a vossa fé.* A fé dos cristãos romanos era tão vigorosa que Paulo fala a respeito dela mencionando seu amplo testemunho. O apóstolo age de forma semelhante ao referir-se à fé dos cristãos de Tessalônica (1 Ts 1.8). A expressão *em todo mundo* é análoga à expressão *em todos os lugares*.

1.9,10 — *Sempre em minhas orações.* Paulo pedia constantemente a Deus por esses irmãos quando orava; eles estavam na sua lista de oração. Os homens e as mulheres mais santos, e até mesmo nosso Senhor Jesus, sabiam que não é possível trabalhar para Deus ou até mesmo viver sem orar.

1.11,12 — A expressão *comunicar algum dom espiritual* não significa que Paulo ensinaria sobre dons espirituais, cura ou profecia. Significa que ele exercitaria os seus dons espirituais [compartilharia seus dons espirituais com os irmãos] e, ao fazê-lo, abençoaria os irmãos em Cristo.

1.13 — Aqui, Paulo deixa claro que desejou ir antes a Roma (Rm 15.22); contudo, foi *impedido* (gr. *kōlýō*).

1.14 — Paulo era sensível ao dever de pregar para o culto e para o inculto, para o instruído e para o não instruído. Embora muitas pessoas sábias não tenham sido chamadas por Cristo, algumas foram (1 Co 1.26-29); e todas precisam ouvir o evangelho.

1.15-17 — A afirmação *estou pronto para também vos anunciar o evangelho* é a declaração do compromisso de Paulo. Os versículos 16 e 17 apontam para a razão do seu compromisso e resumem a mensagem da epístola inteira: a salvação de todo aquele que crê em Jesus.

1.15 — [Eu] *estou pronto para também vos anunciar*. Essa expressão parece ser a declaração central de uma tríade de declarações em primeira pessoa que se referem ao próprio Paulo e à pregação do evangelho de Cristo. Na primeira seção, Paulo afirma: *Eu sou um devedor* (Rm 1.14). Na terceira seção, Paulo afirma: *Não me envergonho do evangelho de Cristo*. Todos nós somos os devedores a Cristo. Nenhum de nós deveria envergonhar-se do evangelho de Cristo. Nem todos, porém, estão prontos para pregar o evangelho. Paulo estava não apenas habilitado e disposto, mas também estava pronto, apto a pregar as boas-novas com êxito. Ele não era apenas um vaso escolhido, mas era também um vaso limpo. Ele estava pronto para ser usado por Deus.

1.16 — O Novo Testamento fala a respeito da *salvação* em diversos tempos verbais: o pretérito (Ef. 2.1-8), o presente (2 Co 2.15) e o futuro (Rm 13.11). No passado, o crente foi salvo da penalidade do pecado [a morte espiritual]. No presente, está sendo salvo do poder de pecado. No futuro, será salvo de cometer qualquer pecado (Mt 5.10-12; 8.17; 2 Co 5.10; 2 Tm 2.11-13; Ap 22.12).

Não me envergonho. Paulo estava pronto para pregar o *evangelho de Cristo*. Quando formos capazes de fazer nossas essas palavras ditas pelo apóstolo, nós também sentiremos um desejo ardente de tornar Cristo e Seu evangelho conhecidos em todo o mundo.

O poder de Deus. Paulo deixou a vergonha de lado e seguiu exercendo o ministério que recebera do Senhor. A *salvação* nos livra do juízo de Deus e do poder do pecado. Quando somos salvos por Jesus, tornamos filhos de Deus, temos paz com Ele e tornamo-nos aptos a receber do Senhor uma herança na glória futura. A expiação de Cristo torna a salvação disponível para todo aquele que aceitar a Sua oferta.

Todo aquele que crê. Ou seja, aqueles que aceitam a verdade a respeito de Jesus, revelada na Palavra de Deus, e agem em conformidade com essa verdade.

Primeiro do judeu. Os judeus são os primeiros porque Deus trabalhou com eles durante o tempo do Antigo Testamento para preparar a salvação para todo o gênero humano. Para Paulo, o termo grego inclui todas as pessoas que não são judias.

1.17 — *Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé*. Isso quer dizer que a fé está no começo do processo de salvação. A salvação é resultado da fé. Ao exercitar a fé em Cristo, a pessoa é salva das consequências do pecado e declarada íntegra. Como os cristãos vivem pela fé, Deus está continuamente salvando-os do poder do pecado para que eles vivam em justiça.

A justiça de Deus. Este é um conceito fundamental na carta aos Romanos. Deus é íntegro. Ele sempre age em conformidade com o Seu caráter santo e de acordo com as Suas promessas. Porque Ele é justo, condena o pecado e julga os pecadores (Rm 1.18—3.20). Deus provê, por intermédio de Cristo, o perdão para todos os que creem, a partir da mesma justiça (justificação; Rm 3.21—5.21) e dá poder para que os Seus filhos vivam em santidade, em uma relação correta com Ele, separados do mundo para servi-lo (santificação; Rm 6.1—8.39). A justiça de Deus revela a fidelidade divina, que sustenta as promessas aos judeus (Rm 9.1—11.36) e instrui

cuidadosamente os cristãos para que caminhem diariamente em santidade (Rm 12.1—15.13).

1.18-32 — O juízo de Deus é um fato (v. 18). A rejeição do conhecimento de Deus é a causa do Seu julgamento (v. 19-23), e o aumento da iniquidade é o resultado trágico dessa rejeição (v. 24-32). As frases *Deus os entregou* (v. 24, 28) e *Deus os abandonou* (v. 26) são traduções de um mesmo termo grego que se repete. A cada vez que a frase é usada, o seu contexto indica o crescimento progressivo da degeneração humana.

1.18 — Como o próximo versículo indica, o termo a *verdade* refere-se, obviamente, à verdade

sobre Deus. Uma vez que rejeitaram a piedade e a retidão, as pessoas *detêm* a verdade a respeito de Deus; ou seja, que Deus é o seu Criador amoroso e merece a adoração e o louvor delas. Os pecadores são perfeitamente capazes de perceber, de forma racional, a verdade revelada por Deus (v. 19,20), mas eles escolheram suprimir tal revelação. Sendo assim, tais pessoas são indesculpáveis.

A ira de Deus se manifesta. Refere-se ao tempo presente. É a ira divina manifestando-se contra o pecado e a rejeição da verdade.

1.19,20 — *Porquanto o que de Deus se pode conhecer.* Os atributos divinos são vistos claramente



APLICAÇÃO

SALVAÇÃO

Na carta aos Romanos é onde encontramos a explicação mais clara, feita pelo apóstolo Paulo, da mensagem do evangelho. Após a sua saudação habitual, Paulo explica a sua paixão inabalável por levar as boas-novas da salvação em Cristo até os confins da terra: *Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê* (Rm 1.16).

O termo grego usado para *salvação*, conforme utilizada por Paulo, significa literalmente *libertação*, ou *preservação*. No contexto espiritual, a ideia é a da salvação do poder e domínio do pecado. O fervor de Paulo para pregar o relacionado ao poder que o evangelho tem de *libertar e resgatar* as pessoas das consequências trágicas e inevitáveis de seus próprios pecados.

Paulo e os demais escritores do Novo Testamento retratam Jesus Cristo a partir de Sua morte sacrificial na cruz no lugar dos pecadores, tornando-se autor e provedor da salvação (Rm 3.24,25; 5.21; At 4.12; Hb 12.2). Essa libertação espiritual é graciosa e amorosamente oferecida por Deus a todas as pessoas, mas apenas aquelas que se arrependem e confiam em Jesus experimentarão os seus benefícios (Jo 3.16; Ef 2.8,9; Hb 2.3).

Alguns especialistas em Bíblia resumem esses benefícios como sendo a salvação das penalidades do pecado, a salvação do poder do pecado e a salvação da presença de pecado. Teólogos usam os termos *justificação*, *santificação* e *glorificação*.

A *justificação* é o ato divino de declarar os pecadores íntegros por causa da sua fé em Jesus. Ele pagou na cruz, de forma completa e definitiva, a dívida proveniente do pecado. Pela fé em Jesus, os cristãos podem receber o perdão por seus pecados (Rm 3.21,22; 4.5; 5.1).

A regeneração está relacionada à justificação. É a transformação pela qual o Espírito de Deus passa a habitar no pecador arrependido, concedendo-lhe a vida eterna e vivificando a sua alma espiritualmente morta (Ef 2.1-5).

A *santificação* é o processo pelo qual Deus desenvolve a nova vida do cristão, conduzindo-o gradualmente à perfeição (Rm 6.11; Fl 1.6).

A *glorificação* é a salvação definitiva e integral do cristão. Ela ocorrerá por ocasião da vinda do Senhor, quando estaremos face a face com o nosso Salvador no Seu Reino vindouro. Naquele momento, Deus *transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso* (Rm 8.29,30; Fl 3.21). A partir de então, desfrutaremos plenamente da amizade com Deus e cantaremos em Seu louvor para sempre.

Outros benefícios da salvação incluem a reconciliação e a adoção. Antes de receber a Cristo, todo homem é inimigo de Deus; mas, quando recebemos o perdão de nossos pecados, tornamo-nos Seus filhos amados (Jo 1.12,13; Gl 4.4,5; Ef 1.5).

De fato, não devemos estranhar que Paulo estivesse tão entusiasmado com o evangelho e com o Seu poder para salvar pecadores? A medida que atentamos para a verdade maravilhosa a respeito da salvação, ficaremos cada vez mais entusiasmados com a vida cristã, seremos muito mais gratos a Deus e estaremos mais ansiosos por compartilhar com os outros a esperança que há em nós (1 Pe 3.15).

não apenas na humanidade, mas também podem ser apreciados no universo material; a criação divina os declara vividamente (Rm 1.20; 10.18; Sl 19.1-4). A natureza fala, de forma eloquente, sobre o seu Criador. Começando pela engenharia complexa da célula humana e indo até a grandeza majestosa das montanhas rochosas, todas as obras de Deus testemunham de Sua sabedoria e Seu poder.

Os atributos invisíveis de Deus (v. 20 NVI), o *Seu eterno poder* e a *Sua divindade*, que refletem Sua natureza divina, podem ser claramente vistos quando contemplamos as Suas obras poderosas em toda a criação.

1.21,22 — *Tendo conhecido a Deus*. Ou seja, eles conheceram a verdade sobre Deus por meio da criação (v. 18). A natureza revela um Deus grandioso e bondoso. A chuva branda e as terras férteis proporcionam aos seres humanos todas as variedades de alimentos deliciosos. Deus é bom. Mesmo com todas as evidências presentes na criação, há quem se recuse a reconhecer seu Criador; decidem conscientemente não adorá-lo ou glorificá-lo como Deus.

1.23 — A idolatria é a derradeira expressão da loucura humana (v. 22).

1.24 — Deus, em sua ira, *os entregou*, ou seja, deixou-os a mercê de seus pecados (v. 26,28). A ira de Deus já se manifesta em nossos dias (v. 18), porém, ela se manifestará plenamente por ocasião da volta de Cristo (1 Ts 1.10). A Bíblia nos afirma que Deus não desistiu da humanidade, mas Ele permitiu que ela se aprofundasse no pecado, de acordo com os desejos pecaminosos do coração humano. Frequentemente, Deus dá ao homem novas oportunidades de este enxergar toda a malignidade do pecado.

1.25 — A mentira diz respeito aos ídolos. Eles são falsos deuses de origem satânica, sem qualquer verdade ou poder.

1.26 — Este versículo claramente trata-se de uma alusão às relações sexuais antinaturais entre mulheres. O lesbianismo é *contrário à natureza*; está na contramão da vontade do Criador.

1.27 — As práticas homossexuais são pecado (Lv 18.22). O versículo 27 de Romanos enfoca não o fato de o homossexualismo ser um pecado

que deve ser castigado, mas afirma que o homossexualismo por si mesmo já é um castigo. Por terem rejeitado a Deus e se tornado idólatras, alguns homens e algumas mulheres tornaram-se escravos de *paixões infames* (v. 26). Logo, eles recebem *em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro*.

1.28 — *Um sentimento perverso*. Uma mente totalmente destituída de sensibilidade moral.

1.29-32 — Esses versículos contêm uma das mais extensas listas de pecados de toda a Bíblia. Essa lista mostra a grande amplitude da depravação moral humana (observe o termo *toda* no versículo 29). Note que enquanto a sociedade exercita a tendência de justificar certos pecados, Deus julga todos os pecados sem distinção. Tais pecados revelam em particular a rebeldia existente em nosso coração. Todos, sem exceção, merecem o castigo de Deus.

2.1-16 — Como Deus julga? Ele julga com justiça (v. 2), segundo *as obras* de cada pessoa (v. 6-10) e a partir do que cada uma conhece (v. 11-16).

2.1 — Em Romanos 1.18-32, Paulo declarou que todas as pessoas injustas são inescusáveis. Aqui, ele demonstra que o farisaísmo também é *inescusável*, e assim revela os padrões pelos quais todo o mundo será julgado. O julgamento será: (1) de acordo com a verdade (v. 1-5); (2) de acordo com as obras (v. 6-11); e (3) de acordo com o conhecimento que se tinha da Lei (v. 12-16).

2.2 — *A verdade*, no sentido utilizado nesse versículo, é distinta daquela apresentada em Romanos 1.18,25, onde Paulo recorre à evidência de Deus na criação. Aqui, Paulo faz alusão à verdadeira condição da humanidade.

2.3 — *E tu, ó homem*. Refere-se ao homem que conhece o certo e o errado, pratica o que é errado, mas condena os outros pelos mesmos erros que ele também comete, pensando que os seus próprios pecados não serão julgados por Deus.

2.4 — *Ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento*. O termo *arrependimento* significa literalmente *mudança de mente*. Neste contexto, significa rejeitar os hábitos pecaminosos e voltar-se para Deus. Essa palavra ocorre uma única vez no livro de Romanos.



APLICAÇÃO

ENCARANDO A VERDADE A RESPEITO DO PECADO

A Bíblia é clara sobre a causa originária de todo sofrimento humano e do mal. A Bíblia informa que nós, seres humanos, fomos criados como criaturas puras e nobres, e tornamo-nos criaturas cruéis e nocivas uns aos outros. O livro de Romanos fala abertamente sobre a nossa condição devido ao pecado (Rm 3.23). O pecado separa o homem de Deus, o que provoca estes pensamentos fúteis e obscurecimento do coração (Rm 1.21). Assim, Deus o entrega à disposição de agir cada vez mais em rebelião contra Ele (Rm 1.24). Esses fatos resultam em:

- *Imoralidades sexuais*. Por meio delas, nós desonramos o nosso corpo, que é templo do Espírito Santo (1 Co 3.16) e dádiva dada por Deus (Rm 1.24).
- *Idolatria*. Por meio dela nós nos afastamos do nosso Criador e exaltamos as obras de nossas próprias mãos, em vez de dar glória a Ele (Rm 1:25). Além disso, a Bíblia nos chama a atenção para a gravidade do pecado da idolatria, comparando-o ao pecado da feitiçaria (1 Sm 15.23)
- *Paixões vis*. Por meio delas, sentimos prazer em especulações irracionais e somos, com frequência, dominados por uma sensualidade pervertida (Rm 1.26,27), em lugar de uma sexualidade sadia [pautada nos padrões que Deus estabeleceu] e de servirmos uns aos outros como mordomos responsáveis pelas boas dádivas recebidas das mãos de Deus.
- *Sentimentos perversos*. Submetem-nos à terrível escravidão espiritual, tornando-nos incapazes de fazer o bem; transformamo-nos assim escravos do pecado e do mal (Rm 1.28).

Paulo conclui essa severa, mas esclarecedora avaliação da condição em que se encontra a humanidade, listando uma série de terríveis consequências de cada pecado (Rm 1.29-32). Essa lista pode ser um tanto rude, porém é honesta e expressa a mais pura realidade. Qualquer resistência ao pecado parece ser anulada por uma busca compulsiva pela liberdade total, com o propósito de obter desenfreadamente o prazer. Regras, leis, valores, tradições ou quaisquer outras prescrições são continuamente afastadas.

A descrição da situação em que a humanidade se encontra nos coloca no mesmo nível que os habitantes de Sodoma e Gomorra. Estamos em alta velocidade, percorrendo a estrada que vai em direção ao desastre. Deus declara que isso ocorre por causa dos nossos pecados. É o pecado que nos faz merecedores da morte (Rm 1.32), torna-nos indesculpáveis (Rm 2.1) e traz sobre nós a ira e o juízo divinos (Rm 2.5). A verdade a respeito do ser humano é que *Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus* (Rm 3.10-12; compare com Sl 51.4).

Romanos adverte severamente a respeito das implicações eternas dessa rebelião pecaminosa. Alerta-nos para a realidade do pecado. As consequências dessa rebelião contra o Criador não são resultado de sentimentos ruins ou a evidência de uma consciência sensível demais. A verdade é que a humanidade está separada do Deus íntegro e santo, o que acarreta sobre ela uma dívida e uma pena. Há um alto preço a ser pago pelo pecado: a morte eterna do pecador e sua separação de Deus para todo o sempre.

Felizmente, Paulo não para sua mensagem neste ponto. A carta aos Romanos também apresenta a provisão maravilhosa de Deus, afirmando que ela está disponível para toda a humanidade em Jesus Cristo. Essa provisão divina proporciona a cada um de nós a oportunidade de restabelecer a paz com Deus e o acesso pela fé à Sua graça, gloriando-nos na esperança da Sua glória (Rm 5.1-5). Jesus demonstrou o Seu grande amor por nós, pagando, na cruz, o preço pelo perdão dos nossos pecados (Rm 5.8). Assim, nossa voz faz coro a de Paulo, que disse: *Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável!* (2 Co 9.15).

2.5 — O sentido do termo *ira* utilizado aqui é diferente da *ira de Deus* citada em Romanos 1.18. Em Romanos 1.18, a *ira de Deus* é a sua cólera atuante no tempo presente. Aqui, em Romanos 2.5, a palavra é uma menção à ira futura de Deus, que muitos consideram uma referência ao Dia do Juízo. Sendo assim, as pessoas que continuam em sua rebelião contra Deus estão acumulando a ira divina sobre sua própria cabeça.

2.6 — *O qual recompensará cada um segundo as suas obras*. Quando os não-salvos comparecerem diante do trono branco, no Dia do Juízo final, para serem julgados, a salvação não estará mais disponível. A porta da graça terá sido fechada. Esse julgamento servirá para determinar o grau do castigo imputado a eles. Assim, Deus atribuirá punições que são compatíveis às más ações de cada indivíduo. Enquanto isso, o tribunal de Cristo será restrito aos cristãos, que serão

recompensados por Deus e receberão galardões conforme as suas obras.

2.7 — A partir deste versículo, podemos deduzir que a *vida eterna* pode ser obtida por meio da prática das boas obras. Mas Paulo ensina claramente que a justificação se dá pela fé (Rm 3.22; 5.1a). Ele não se contradiz. O tema tratado aqui, em Romanos 2.7, é o juízo divino, não a justificação. Os cristãos que praticarem boas obras serão recompensados na vida do porvir.

O Novo Testamento sempre se refere à vida eterna como algo de que o cristão deve usufruir já no presente; essa vida é uma dádiva recebida mediante a fé (Jo 3.16). Contudo, sempre que o Novo Testamento menciona a vida eterna como algo a ser recebido no futuro por aqueles que já

são cristãos, refere-se a recompensas eternas (Rm 5.21; Gl 6.8; 1 Tm 6.17-19; Tt 1.2; 1 Pe 1.7). O galardão terá por base as boas obras realizadas pelos cristãos aqui na terra.

2.8,9 — *Mas indignação e ira aos que são contenciosos e desobedientes.* Pessoas com essas características experimentarão o castigo de Deus. *Tribulação e angústia* estão reservados para todos os que fazem o mal. A *verdade* (v. 8) é uma alusão à mensagem de evangelho (ver Gl 2.5).

2.10 — Todo cristão que faz o bem será recompensado.

2.11 — *Porque, para com Deus, não há aceção de pessoas.* Uma verdade eterna é que Deus lida com a condenação sem favoritismo e, da mesma forma, Ele lida com a salvação sem qualquer favoritismo. Deus é imparcial. Ele não muda o Seu



ENTENDENDO MELHOR

LEI

A referência que Paulo faz da palavra *Lei* (Rm 2.12) não diz respeito às leis em geral, mas a um código específico de regras que Deus deu a Moisés no monte Sinai. A Lei fez parte da aliança que tornou Israel o povo escolhido por Deus. A Lei orientava o seu culto, o relacionamento com Deus e as relações sociais de Israel. Os Dez Mandamentos formam um resumo dessa Lei.

Israel não foi a única nação da Antiguidade a ter um código de leis; tais regras eram comuns no mundo antigo. A maioria dos códigos começava com a explicação dos motivos que levaram os deuses a conceder o poder ao rei para que ele governe, acompanhado de um pronunciamento sobre como tal rei era bom e capaz. Em seguida, as leis eram declaradas, agrupadas por temas. Finalmente, a maioria dos códigos terminava com uma série de maldições e bênçãos.

O que diferenciava a Lei mosaica dos outros códigos legais era, em primeiro lugar, sua origem. A Lei de Moisés foi dada pelo próprio Deus. Ela emanou do Deus santo e, como Ele, a Lei também era santa, íntegra e boa. Sendo assim, todos os crimes praticados em Israel eram crimes contra o Senhor (1 Sm 12.9,10). Ele esperava que todas as pessoas o amassem e servissem (Am 5.21-24). Como juiz mais importante e final, Deus disciplinou os que violaram a Lei (Êx 22.21-24; Dt 10.18; 19.17), entretanto, Ele também atribuiu ao Seu povo a responsabilidade por levar à cabo a justiça (Rm 13.6-10; Nm 15.32-36).

Além disso, Deus reinou sobre Israel, ou seja, foi efetivamente o Rei da nação. Os reis da Antiguidade promulgaram com frequência leis para tentar superar os seus antecessores em fama, poder econômico e influência política. Porém, Deus deu a Sua Lei como uma expressão do Seu amor pelo Seu povo, para atender as suas necessidades (Êx 19.5,6).

A lei pode ser dividida em três categorias: leis morais, leis cerimoniais e leis civis. Esta última tratava dos grandes temas relacionados aos líderes, ao exército, aos casos criminais, aos crimes contra propriedade, ao tratamento humanitário, aos direitos pessoais e familiares, aos direitos de propriedade e aos comportamentos requeridos em reuniões e encontros sociais.

As leis cerimoniais continham especificações relativas ao culto público e aos rituais, sendo uma legislação que priorizava principalmente o conceito de santidade. Porque Deus é santo (Lv 21.8), Israel devia ser santo em todas as suas práticas.

A Lei foi determinada especificamente para Israel, mas tem em seus fundamentos princípios morais eternos que são compatíveis ao caráter de Deus. Sendo assim, ela é um resumo dos fundamentos e padrões morais universais. Ela expressa a essência daquilo que Deus requer das pessoas. É por isso que, quando Deus julga, por exemplo, Ele age com imparcialidade. Os gentios não serão julgados como conhecedores da Lei (Rm 2.12), pois ela não foi dada a eles, mas eles ainda serão julgados a partir do mesmo padrão de integridade que sustenta a Lei.

padrão. Tanto a retidão como a injustiça são consideradas, e julgadas.

2.12 — Os que sem Lei refere-se aos gentios (v. 14); os que sob a Lei, aos judeus.

2.13 — Os que ouvem a Lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a Lei não são justificados. Não é suficiente saber o que Deus quer que façamos; só os que praticam a Sua vontade agradam a Deus (Lc 6.46).

Serão justificados. Pelo perdão de seus pecados e da aceitação de um relacionamento correto com Deus.

2.14 — *Fazem naturalmente as coisas que são da Lei.* Os gentios que ainda não têm a Lei fazem coisas boas, como, por exemplo, honrar os seus pais. Isso é uma evidência de que eles acreditam em uma lei moral básica (v. 15). Eles sabem em seu coração que há diferença entre o certo e o errado. Essa lei da consciência serve como juiz para eles, em lugar da Lei de Moisés.

2.15 — Não é a Lei que está inscrita em nosso coração, mas a obra da lei. A Lei de Moisés foi gravada em pedras, porém há também uma lei moral, semelhante a ela, escrita no interior de todas as pessoas.

2.16 — Conforme o evangelho que Paulo pregou, Deus não julgará apenas os atos das pessoas, mas as suas motivações e seus segredos; julgará aquilo que está oculto (1 Co 4.5).

2.17-29 — Paulo aplica os padrões do julgamento de Deus diretamente ao Seu povo escolhido. Os judeus reivindicam privilégios pelo fato de terem sido instruídos diretamente por Deus, de forma que se tornaram capazes de distinguir com exatidão o certo e o errado. Eles aspiram ensinar os outros (v. 17-20), porém, sua conduta incompatível contradiz o seu conhecimento (v. 21-24). A aliança feita por meio da circuncisão torna-se inútil diante da conduta inadequada dos judeus (v. 25). Os pagãos incircuncisos tornam-se aceitáveis a Deus por causa da sua conduta íntegra (v. 26, 27). Deus olha para as atitudes presentes no coração das pessoas (v. 28,29).

2.17 — *Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na Lei, e te glorias em Deus.* Os israelitas que permaneceram em Israel e os que retornaram

após o período do cativeiro babilônico receberam a designação *judeus*, embora estivessem inclusas sob esse epíteto pessoas pertencentes a várias outras tribos que não Judá. Paulo se autodenomina *judeu* (At 21.39), mas também se considera *israelita* (Rm 11.1) e *hebreu* (Fl 3.5). Todos os três termos referem-se ao mesmo povo, porém o *hebreu* é o termo técnico para designar a etnia, enquanto *Israel* é o epíteto de alcance nacional, e *judeu* é a designação religiosa de filhos de Jacó.

Os judeus descansaram na Lei porque essa foi descrita como *sabedoria e... entendimento perante os olhos dos povos* (Dt 4.6). Os judeus não tiveram de viajar ao redor do mundo para estudar em uma universidade distante. Eles não tiveram de confiar na filosofia dos gentios. Os judeus confiaram em sua Lei para se tornarem tudo aquilo que precisavam ser e ter a melhor educação que pudessem receber. Eles celebravam ao Deus que havia lhes dado a Lei.

2.18 — *Aprovas as coisas excelentes.* Aquelas coisas que são moralmente importantes.

2.19,20 — Os judeus aos quais Paulo se dirigiu não estavam apenas seguros ou repousando diante de Deus (v. 17,18), mas também se sentiam superiores aos outros, considerando-se guias, luzes, faróis, instrutores e mestres.

2.21-23 — *Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?* Há certo grau de ironia nessa pergunta de Paulo. Os judeus estavam preparados para ensinar aos gentios os mandamentos da Lei, mas eles próprios quebravam tais mandamentos. Observe: *Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?* (o oitavo mandamento). *Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras?* (o sétimo mandamento). *Tu, que abominas os ídoles, cometes sacrilégio?* (o segundo mandamento). Os judeus estavam prontos para pregar a moralidade, mas não estavam prontos para praticar a mensagem que eles próprios pregavam. Eles estavam roubando uns aos outros, ou talvez mantinham em si grande cobiça; eles cometiam adultérios; eles profanavam a casa de Deus, transformando-a em local de comércio. Sendo assim, Paulo fez a provocadora pergunta: *Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?* *Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?* *Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras?* *Tu, que*

abominas os ídolos, cometes sacrilégio? A transgressão da Lei traz desonra a Deus. Os judeus reivindicam ter o conhecimento da Lei, embora não a pratiquem. Eles se esquecem de que a Lei habita onde ela é silenciosamente praticada.

2.21 — Privilégios especiais, como, por exemplo, ter a Lei, não garantem que haja na vida de seus detentores a prática da justiça ou o estado de retidão.

2.22 — Aparentemente não era comum que os inimigos dos judeus os acusassem de idólatras. É possível que Paulo tenha usado a frase *Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio* em seu sentido figurativo como um equivalente a ser sacrílego ou incrédulo.

2.23,24 — Paulo assevera que os judeus se consideravam os exclusivos na ação de guiar os cegos (v. 19). A verdade, porém, é que eles estavam transgredindo e desonrando as próprias leis de Deus (Mt 15.3-9). O apóstolo aplica o texto em Isaías 52.5, a fim de provar a veracidade do seu ponto de vista. O resultado da hipocrisia dos judeus era a *blasfêmia* contra Deus feita pelos gentios.

2.25,26 — A *circuncisão* é um ritual sem qualquer valor, a menos que a pessoa desenvolva um coração obediente, completamente submisso ao querer de Deus (1 Sm 15.22; Is 1.11-20). Por outro lado, se um gentio praticasse a Lei, a circuncisão não importaria tanto. Deus estabelece Seu juízo às pessoas em conformidade com o estado ou com o coração do julgado, e não em concordância à aparência externa.

2.27 — *Não te julgará...?* Os judeus adeptos do farisaísmo acreditavam que escapariam do julgamento divino. Eles afirmavam que o julgamento de Deus estava restrito aos gentios. Paulo, contudo, confrontou a hipocrisia deles. Um gentio que praticasse a Lei poderia julgar um judeu que tivesse a transgredido.

2.28,29 — Paulo afirma que a *circuncisão*, em si mesma, não tem qualquer valor (v. 25-27). A circuncisão externa não tem nenhum proveito diante de Deus, porque o desejo dele é que seus filhos demonstrem exteriormente as mudanças ocorridas em seu interior, bem como as intenções

e os sentimentos que eles nutrem no coração. O ensino de Paulo é coerente e está em concordância com a Lei e com o ensino dos profetas no Antigo Testamento, pois estes demandavam uma circuncisão no interior (Dt 10.16; Jr 4.4).

Circuncisão[...].no espírito, não na letra. A transformação do coração, que Paulo descreve com a imagem de circuncisão interior, é o trabalho do Espírito Santo, não o resultado da obediência externa da Lei. Na realidade, Deus só aprova a observância externa da Lei se essa for produto de um coração íntegro (Is 1.10-18).

3.1 — *Qual é, logo, a vantagem do judeu?* Se os judeus tivessem sido logo condenados, para que serviria a nação escolhida de Deus? *Ou qual a utilidade da circuncisão?* Partindo do fato de que a circuncisão é o sinal da aliança entre Israel e Deus, que utilidade teria, a não ser apontar uma aliança ainda mais profunda, pelo sacrifício de Jesus, que permitiria a circuncisão do coração do ser humano para obedecer voluntariamente a Deus?

3.2 — *Muita, em toda maneira.* Esse verso indica que o povo judeu tem numerosas vantagens (Rm 9.4). Os *oráculos de Deus* são referidos em todo o Antigo Testamento, sendo leis e alianças que foram determinadas pelo próprio Deus para nação de Israel. Esta frase reafirma que os apóstolos estavam convictos da inspiração divina do Antigo Testamento. A Bíblia é a Palavra de Deus dirigida a nós.

3.3,4 — Até mesmo no caso de alguns judeus serem *incrédulos* em relação à Palavra divina, Deus será fiel ao que Ele prometeu (Sl 89.30-37).

3.5 — A partir de um ponto de vista meramente humano, Paulo pergunta: *E, se a nossa injustiça for causa da justiça de Deus, que diremos? Porventura, será Deus injusto, trazendo ira sobre nós?* Paulo explica que essa é uma pergunta absurda, porém feita frequentemente por muitos, de forma que ele acrescenta parenteticamente a expressão *falo como homem*. A sugestão de que Deus seja injusto é simplesmente absurda.

3.6 — Paulo responde a sua própria pergunta, feita no versículo 5, com outra questão. Se Deus não submeter a injustiça ao julgamento, então Ele deixará de ser justo, e o Dia do julgamento, na

verdade, não acontecerá. A falha lógica é evidente, já que as demandas da justiça de Deus exigem que ele julgue a injustiça. A acusação de que Deus é injusto porque Ele julga só pode ser um argumento sem fundamento.

3.7 — A questão aqui é a mesma objeção básica presente no versículo 5, exceto pelo fato de que, desta vez, os atos pecaminosos cometidos pelo *pecador* servem para realçar a verdade de Deus.

3.8 — Paulo leva o argumento errôneo mais um passo à frente. Se Deus pusesse extrair o bem a partir do mal, então nós não deveríamos ser julgados por praticar o mal, pois esses atos seriam realizados *para que venham bens*. Deus seria considerado justo e, desse modo, será glorificado por meio do nosso pecado. Obviamente, tal ideia é equivocada. Paulo sequer faz questão de tentar discutir ou combater essa visão insensata. Ele simplesmente chama a atenção para esses que valorizam mais esse tipo de pensamento que o julgamento de Deus.

3.9-20 — Os judeus não são melhores que os gentios. Ambos são culpados devido à prática do pecado (v. 9). As citações do Antigo Testamento, livro sagrado para os judeus (v. 10-18),

provam a sua culpa (v. 19). Nenhum homem pode estabelecer uma relação correta com Deus a partir do cumprimento das exigências da Lei de Moisés (v. 20).

3.9 — A questão *somos nós mais excelentes? é semelhante à pergunta qual é, logo, a vantagem do judeu?* (v. 1). Em outras palavras: “Há qualquer outra coisa a que possamos agarrar-nos para nos proteger?” A resposta é: Nada! Porque todos os seres humanos, sem exceção, estão sob o domínio, a lei, do pecado.

3.10-18 — No afã de provar que todos estão debaixo do poder do pecado, Paulo fez citações sem qualquer introdução, coligindo vários versículos distintos do Antigo Testamento. A coleção de citações pode ser dividida em duas partes. A primeira parte é composta por declarações negativas, que enfatizam as deficiências da humanidade (v. 10-12); a segunda série de citações destaca principalmente a depravação humana (v. 13-18).

3.10 — Essa é uma citação do Salmo 14.3, que afirma: *Desviaram-se todos e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não há sequer um*. Paulo utiliza-se do termo *justo* porque está discutindo a condição de todas a humanidade,



APLICAÇÃO

BOAS-NOVAS PARA OS PECADORES

É comum hoje em dia as pessoas se desculparem de suas faltas com a frase “ninguém é perfeito!”. Isso é verdade. Das pessoas só devemos esperar que elas sejam humanas, pois elas são falíveis.

Infelizmente, porém, poucas pessoas percebem a gravidade da situação em que se encontram. Na verdade, quando essas pessoas chegam diante de Deus, cada uma delas usa uma estratégia diferente; afinal, elas podem não ser perfeitas, mas são suficientemente boas.

A questão é: Será que elas são suficientemente boas para Deus? Romanos afirma categoricamente que não. Toda a humanidade está inclusa nesta declaração de Paulo: *Todos estão debaixo do pecado* (Rm 3.9). Todos encaixam-se nas passagens do Antigo Testamento de que o apóstolo lança mão para reafirmar sua acusação (Rm 3.10-18).

Isso não significa que as pessoas sejam totalmente más, ou que elas nunca façam qualquer ato de bondade moral. Ao contrário. O ser humano é capaz de realizar atos impressionantes de coragem, compaixão e justiça. Mas à luz do caráter santo de Deus (moralmente perfeito), o qual é o derradeiro modelo a seguir e a partir do qual a bondade das pessoas será avaliada, percebe-se que elas estão muito distantes da perfeição. Seu bom comportamento torna-se claramente mais uma exceção do que uma regra.

A boa-nova que Paulo descreve em Romanos, porém, afirma que Deus alcançou a humanidade, despindo-a de seus caminhos imperfeitos. Sua atitude não foi de rejeição, como se dissesse: “Eles não são bons o suficiente para mim”. Em vez disso, movido por Sua infinita graça e compaixão, Deus diz: Eu farei que, por intermédio de Cristo, o meu Filho amado, eles sejam declarados justos como *EU SOU* e suficientemente bons.

caracterizada pela prática da injustiça (Rm 1.18). Ninguém pode ser justificado através das próprias obras ou através da sua própria retidão diante de Deus.

3.11 — O homem natural não tem capacidade para entender as verdades espirituais (1 Co 2.14), pois não busca diligentemente seguir a Deus. Ou melhor, as pessoas estão satisfeitas com a aparência exterior, com a religiosidade.

3.12 — *Todos se extraviaram.* Desviaram-se para longe do caminho de Deus.

Inúteis. Ou seja, sem utilidade para Deus e Seus bons propósitos.

Não há quem faça o bem. Apartadas de Deus, falta às pessoas a verdadeira bondade e benignidade. Ainda que algumas delas ajam com cordialidade e amor, seus atos, no fim das contas, são destituídos de qualquer valor, por não serem provenientes de um coração que conhece a Deus e quer glorificá-lo (Rm 1.21). Até mesmo um bom sujeito pode estar se rebelando contra Deus ou buscando os seus próprios interesses ao praticar atos de bondade.

3.13 — Para mostrar a total depravação da humanidade, Paulo cita passagens dos Salmos que descrevem o mal que pode vir da garganta, da língua, dos lábios, da boca, dos pés e dos olhos do ser humano. O coração é comparado a um *sepulcro* onde foi enterrada a semente da morte. A *garganta* revela em seu interior a corrupção, a decadência espiritual. Os *lábios* estão cheios de peçonha de áspides; a raça humana é fonte de veneno mortal.

3.14 — Os seres humanos, quando separados de Deus, não abençoam uns aos outros. Eles se *amaldiçoam* mutuamente com frequência. São amargos, não amorosos.

3.15-17 — *Ligeiros para derramar sangue.* Pessoas distanciadas de Deus são propensas à violência. Eles cometem crimes e matam porque não têm nenhum respeito pela vida de seu semelhante.

3.18 — *Temor de Deus* é uma expressão do Antigo Testamento referente à reverência devota a Deus. No testemunho veterotestamentário se diz que esse temor é o princípio do conhecimento, ou da sabedoria (Jó 28.28; Pv 1.7). As

pessoas sem Deus estão espiritualmente mortas; assim, só lhes é possível produzir engano, dano e destruição.

3.19 — *Ora, nós sabemos que tudo o que a Lei diz.* Esta sentença é uma alusão aos versículos 10 a 18.

Todo o mundo. Sejam judeus ou gentios, todo ser humano é *condenável diante Deus*.

3.20 — *Justificado.* Este é um termo legal, utilizado pelo advogado em um julgamento. A palavra significa *ser declarado íntegro*. Ninguém será declarado íntegro fazendo o que Deus requer na Lei. Esse fato confirma que a Lei não foi dada para justificar os pecadores, mas expor os seus pecados (v. 19).

3.21 — Neste contexto, a *justiça de Deus* não se refere ao atributo divino, mas ao ato divino através do qual Deus declara um pecador íntegro. Essa é a *justiça de Deus*. Uma *justiça sem a Lei*. Essa última expressão é forte, pois consiste na declaração de que a retidão é categoricamente determinada separadamente de qualquer lei. Vê-se o uso dessa mesma expressão em Hebreus 4.15, onde o escritor afirma que o Senhor Jesus foi tentado em todas as coisas de forma semelhante a nós, *mas sem pecado*. Da mesma maneira que Jesus Cristo e o pecado não têm qualquer ligação, a *justiça* não foi manifestada pela observância da Lei, mas através da cruz quando *Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus* (2 Co 5.21).

3.22,23 — Deus revelou às pessoas a forma pela qual eles deveriam viver, mas ninguém pode obedecer as normas de Deus com perfeição.

Todos pecaram. Somos incapazes de satisfazer os propósitos para os quais Deus nos criou; todos nós estamos destituídos da glória de Deus. Sendo assim, não podemos salvar a nós mesmos, uma vez que sendo pecadores, jamais satisfaremos às exigências divinas. Nossa única esperança é a *fé em Jesus Cristo*.

3.24 — Aqueles que creem (v. 22) estão *justificados*. São *declarados íntegros, justos*; são libertos, gratuitamente, pela *graça* de Deus, alcançados pelo Seu *favor*. *Cristo Jesus* morreu para promover a *redenção*, ou seja, Ele morreu para



EM FOCO

PROPICIAÇÃO (GR. *HILASTĒRION*)

(Rm 3.25; Hb 9.5)

Esse termo é derivado da palavra grega *hiláskomai*, um verbo que tem três significados: (1) *aplarar* ou *satisfazer*; (2) *ser propício e misericordioso*; ou (3) *fazer propiciação por alguém*.

No Novo Testamento não há qualquer menção de alguém que tenha satisfeito plenamente a Deus. Em lugar disso, Lucas 18.13 e 1 João 2.2 deixam claro que o Novo Testamento qualifica a Deus como aquele que age misericordiosamente, ou aquele que faz propiciação por nós. Deus proporciona de modo misericordioso a expiação ou reparação pelos pecados de cada cristão mediante a morte de Cristo.

Paulo fala acerca da ira de Deus, mas também disserta a respeito do aplacamento dessa ira por meio de um sacrifício — a saber, o sacrifício do Seu Filho. João declara que Deus demonstrou o Seu amor por nós enviando o Seu Filho, para que ele se tornasse a *propiciação pelos nossos pecados* (1 João 4.10). Da mesma maneira que no Antigo Testamento, onde Deus ia ao encontro do Seu povo quando o sangue era derramado no altar para que houvesse o perdão dos pecados, a morte de Cristo nos torna amigos de Deus.

pagar o preço exigido para o resgate dos pecadores. Pagando o preço do pecado com Sua morte, Jesus pode livrar as pessoas dos seus pecados e transferir para aquelas que creem nele a Sua retidão. A partir da justiça de Cristo, e somente dela, os cristãos podem chegar ao trono de Deus com louvores. Por iniciativa divina, nossa comunhão íntima com o Senhor foi restabelecida.

3.25,26 — Pela Sua morte, Cristo satisfaz a justiça de Deus. Ele pagou a dívida decorrente do pecado por completo. Paulo cita duas razões pelas quais a justiça de Deus é concedida através da morte de Cristo. A primeira é “demonstrar” que Deus é justo, pois não julga os pecados cometidos antes da cruz. A segunda razão para a cruz é que por ela Deus quis mostrar a Sua justiça e, ao mesmo tempo, declarar que os pecadores são íntegros. Por causa da morte de Cristo, Deus não compromete Sua santidade quando Ele perdoad um pecador.

3.27 — *Lei da fé*. Paulo utiliza aqui um jogo de palavras. A *Lei*, ou a norma de Deus, geralmente

é associada às *obras*. Mas Paulo afirma que alguém só pode estar de acordo com o padrão estabelecido pela vontade de Deus quando se apartar da justificação através das *obras* humanas. Logo, essa *lei* é a *fé* (João 6.28,29). Paulo conclui este versículo com uma resposta que silenciou os judeus que depositavam a sua confiança no seu próprio conhecimento e na sua fidelidade à *Lei* (Rm 2.17,23). A *Lei* apenas poderia resultar em sua condenação, mas Deus operava para a sua salvação. A glória dos judeus deveria estar apenas em Deus.

3.28 — *Nenhuma carne será justificada*. Ou seja, ninguém será *declarado íntegro* (v. 20) *pelas obras da Lei*. Sendo assim, a salvação é apenas pela *fé* (Rm 4.23-25; 5.1). Nada que fizermos nos tornará capazes de alcançarmos nossa própria salvação. Só Deus é capaz de salvar, e a salvação é um dom gratuito que somente Ele pode nos conceder. Ninguém poderia estar diante de Deus gloriando-se pelas suas próprias boas ações. Deus é o único que é integralmente justo e, por essa razão, Ele deve ser louvado.

3.29 — Se Deus desse a salvação através da *Lei* de Moisés, Ele seria Deus apenas dos *judeus*, porque a *Lei* mosaica foi dada aos judeus.

3.30 — *Deus é um só*. Ele é o Deus de judeus e gentios. Ele justificará a ambos pela *fé*.

3.30 — É possível fazer uma distinção entre *por* e *por intermédio*. Paulo, porém, usa ambos os termos provavelmente para expressar a mesma ideia, já que tanto os circuncidados quanto os incircuncisos são salvos da mesma maneira — pela *fé*.

3.31 — A *lei* pode ter três significados diferentes nesta passagem, e o evangelho satisfaz todos eles. Se a palavra *lei* aqui é uma alusão à *Lei* de Moisés, ou seja, ao Pentateuco, então a passagem diz respeito ao modo pelo qual Jesus cumpriu completamente as exigências da *Lei*. Se, porém, o termo *Lei* referir-se a todo o Antigo Testamento, então o evangelho cumpre as promessas da vinda de Cristo e resulta no perdão dos pecados. Se a palavra *lei* for uma norma moral, então o evangelho a cumpre, porque é através de Cristo que as pessoas são capacitadas, pelo Espírito Santo, a viverem de modo agradável a Deus.



PERFIL

ABRAÃO, HOMEM DE FÉ

Abraão (Gn 12.1; Rm 4.1) destaca-se no Novo Testamento como o *pai dos que creem*. Em Romanos 4, ele é considerado novamente o *pai da fé*. Em qualquer outra parte, ele é mencionado como o representante de todo o povo de Israel e aqui, especialmente, ele é citado por causa de sua fé em Deus (Rm 9.7; Gl 3.6-9).

Não há dúvidas de que a fé de Abraão é o fator que o torna tão importante para os escritores do Novo Testamento. Deus fez importantes promessas a ele e aos seus descendentes, Isaque, Jacó e os doze filhos de Jacó, que deram origem ao povo israelita — promessas que Deus repetiu no decorrer da história de Israel. Abraão é lembrado como o homem que creu na capacidade de Deus de fazer tudo o que disse que faria — algo notável para considerarmos, pois no tempo em que as promessas foram feitas, Abraão teve muito menos evidências de que Deus estava inclinado a agir a seu favor do que temos hoje e os escritores do Novo Testamento tiveram em sua época.

Uma das mais importantes promessas que Deus fez a Abraão e à nação de Israel dizia respeito ao Messias, o Ungido que Ele enviaria para reinar sobre eles e todos os povos. Jesus confirmou ser esse Messias. Assim, a questão central do Novo Testamento é se cremos ou não nisto. Se aceitamos Jesus e Seu testemunho. Se acatamos suas exigências e as implicações destas. Abraão cria em Deus. E nós?

Outra importante questão desde a primeira vinda de Jesus é *o que acontecerá a Israel?* Muitos judeus aceitaram o chamado de Jesus e o seguiram, mas, de um modo geral, a nação o rejeitou. O que isso significa? Como se cumprirão as promessas de Deus a esta nação? Paulo tratou desses assuntos em Romanos 9—11.

4.1-25 — Este capítulo é central para a afirmação de que a justificação ocorre apenas pela graça de Deus, mediante a fé. Os versículos 1 a 8 demonstram que a justificação é um presente, não algo que se obtém pela realização de obras. Os versículos 9 a 12 afirmam que Abraão estava justificado antes mesmo de ter sido circuncidado, o que implica em dizer que a circuncisão não é o fundamento da justificação. Os versículos 13 a 17 provam que a justificação existe desde a época de Abraão; ou seja, centenas de anos antes da Lei de Moisés, já havia justificação. Logo é impossível que a justificação esteja baseada na Lei. Os versículos 18 e 25 resumem o argumento de Paulo, concluindo que Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras.

4.1 — A declaração *nosso pai segundo a carne* significa de acordo com o seu próprio labor. Como indica o versículo seguinte, Paulo levanta esta questão: Abraão foi justificado diante de Deus pelas suas obras?

4.2,3 — Paulo cita Gn 15.6 para provar que Abraão não foi justificado pelas obras que praticava. Deus fez uma promessa a Abraão, e Abraão confiou em Deus para o seu cumprimento. Por causa da fé deste patriarca, Deus creditou a ele a

justiça. Para receber de Deus a condição de justo, Abraão não teve de obedecer qualquer lei ou executar qualquer circuncisão ritual; ele simplesmente creu em Deus.

4.4,5 — *Imputado*. A justiça foi imputada a Abraão. Isso significa que o patriarca não precisou trabalhar para ganhar essa justiça. Deus justifica aqueles que creem (v. 3). Todo aquele que vem a Deus pela fé, é considerado justo. Não é necessário praticar obras e rituais, ou ser um seguidor das leis judaicas, para ser justificado. Paulo continua construindo o conceito de que a justificação está apartada das obras da Lei.

4.6-8 — Conforme a lei judaica, uma questão deve ser decidida através do testemunho de duas ou três pessoas. Paulo convoca duas personagens do Antigo Testamento para testemunhar a favor da justificação pela fé: uma é mencionada nos livros da Lei (Rm 4.1-5) e a outra no dos Profetas (Rm 4.6-8; Rm 3.21; e Atos 2.29,30 onde Davi é chamado de profeta).

4.9,10 — Como é bastante conveniente às pessoas que elas possam ser justificadas somente pela fé, sem a necessidade de obedecerem à Lei judaica, surge a pergunta: Essa justificação está atualmente disponível à *incircuncisão*? Muitos

judeus do tempo de Paulo entendiam que a bênção e o perdão de Deus são aplicáveis somente aos que haviam sido circuncidados, os judeus. Porém, Abraão recebeu a justiça de Deus antes mesmo de ser circuncidado. Esse fato abre espaço para uma nova compreensão da graça de Deus. A graça está disponível a todas as pessoas, sejam judeus ou gentios.

4.11,12 — Abraão é *pai* dos que creem, sejam eles circuncisos ou incircuncisos. A circuncisão é *senal* e *selo*. Como *senal*, ela apontava para o fato de que Abraão foi justificado. Como *selo*, ela atestava que Abraão era justo. Tecnicamente, a circuncisão foi um *senal* e um *selo* da aliança que Deus fez com Abraão e, por extensão, com todo o que crê. Deus não faria uma aliança com um injusto. Note que a promessa de Gn 12.1-3 se torna uma aliança incondicional em Gn 15.18. Deus declarou a Sua aliança incondicional com Abraão depois de declarar que ele fora justificado por causa da sua fé (Gn 15.6).

4.13 — A *promessa* feita a Abraão não era proveniente da circuncisão (v. 9-12) ou da *Lei* (v. 13-16), mas da *justiça da fé*. *Herdeiro do mundo* significa que Abraão e a sua *posteridade*, em particular, Cristo, herdarão a terra; essa promessa se cumprirá no reino que será estabelecido por ocasião da volta de Cristo.

4.14 — *Pois, se os que são da Lei*. Essa não é uma referência ao povo judeu, mas a qualquer indivíduo que dependa da Lei para obter a sua justiça.

4.15 — *Transgressão* significa *andar sobre*. A Lei desenha a linha que não deveria ser cruzada.

4.16 — *Portanto, é pela fé*. Paulo conclui que as promessas de Deus feitas a Abraão estavam fundamentadas apenas na fé. Assim, fica estabelecido que a salvação só é possível pela graça, ou seja, pelo favor de Deus. Já que a promessa não se baseia na observância de qualquer lei ou na execução de qualquer ritual, como, por exemplo, a circuncisão, Abraão é o precursor de todos os que creem.

4.17 — *Deus, o qual vivifica os mortos*. É uma referência ao nascimento de Isaque do corpo amortecido de Abraão e do ventre amortecido de Sara; ambos já haviam passado da idade de ter filhos (v. 19).

4.18 — Quando Abraão estava fisicamente impossibilitado e sem qualquer esperança de ter um filho, ele baseou sua esperança nas alternativas provenientes das promessas que recebera de Deus. Ele creu que sua descendência seria tão numerosa quanto as estrelas dos céus, porque o Senhor Deus todo-poderoso havia prometido.

4.19 — *Amortecimento do ventre*. Enquanto era jovem, Sara não tinha gerado filhos, até que Deus lhe prometeu um herdeiro quando ela já havia passado da idade para engravidar.

4.20 — *Dando glória a Deus*. Ou seja, declarando quem Deus é. Pela fé, Abraão reconheceu que Deus era fiel e suficientemente poderoso para cumprir Sua promessa.

4.21 — Abraão não estava apenas desejoso de que Deus o fizesse o pai de muitas nações. Ele também estava *certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer*. A história nos ensina uma preciosa lição: aquilo que Deus promete, ele também executa.

4.22 — A fé de Abraão foi imputada a ele como *justiça* (veja nota do versículo 3).

4.23,24 — Deus teve a fé de Abraão registrada na Bíblia não para imortalizá-lo, mas para que ele fosse um modelo para os outros.

Que dos mortos ressuscitou a Jesus. A fé de Abraão é um modelo porque ele creu em um Deus que pode ressuscitar mortos. Nós seguimos o exemplo de Abraão quando exercitamos nossa fé; quando cremos que o Deus que ressuscitou a Jesus dentre os mortos também nos concederá vida eterna. A convicção da ressurreição de Jesus, e da nossa, é central para o evangelho (1 Co 15.4).

4:25 — *Jesus foi entregue à morte*, tomando para si o castigo decorrente dos nossos pecados. Da mesma maneira que Deus vivificou o corpo de Abraão e Sara quando eles pensaram que não podiam mais ter filhos, Deus *ressuscitou* Jesus, trazendo-o novamente à vida, para nunca mais morrer. Quando Deus ressuscitou Cristo, ficou claro que o Pai havia aceitado o sacrifício de Seu Filho. A ressurreição de Jesus nos trouxe a justificação diante de Deus.

5.1-11 — A justificação traz *paz com Deus* (v. 1), *graça* para a vida presente (v. 2), *esperança* para

o futuro (v. 2), vitória nas *tribulações* (v. 3,4) e a esperança trazida pelo amor de Deus derramado em nosso coração pelo *Espírito Santo* (v. 5). Por causa do grande amor justificador de Deus (v. 6-8), podemos nos alegrar, pois a nossa esperança de receber uma recompensa eterna se cumprirá (v. 9-11).

5.1 — Paz com Deus. A paz mencionada aqui não é um sentimento subjetivo de sossego, mas um estado. É estarmos em paz, em vez de estarmos em guerra. As hostilidades entre Deus e o cristão cessou. O cristão foi reconciliado com Deus.

5.2 — Temos entrada pela fé. Ou seja, podemos entrar e estar na presença de Deus. Significa aproximar-se, ter acesso à sala do trono real. Aos cristãos foi concedido o direito de estarem de pé diante de Deus. Embora, tenham sido rebeldes no passado, os cristãos não precisam enfrentar o julgamento divino. Pelo contrário, eles se aproximam do Seu trono real pela *graça*, ou pelo favor do Rei.

Nos gloriamos. Equivale a jactar-se, orgulhar-se.

Esperança. Ou seja, expectativa. Os cristãos gloriam-se na clara expectativa da *glória de Deus*. Eles estão seguros, porque o próprio Deus colocou, no coração de cada um, o Espírito Santo (v. 5).

5.3 — Gloriamos. É a mesma palavra grega usada no versículo 2. Os cristãos podem se alegrar, podem se gloriar, vangloriando-se não apenas diante da sua esperança futura (v. 2), mas também nas suas dificuldades no presente. As tribulações mencionadas aqui são alusórias às dificuldades físicas, como o sofrimento e a angústia. *Paciência* significa *resistência*. As tentações e as tribulações produzem resistência, quando a fé é exercitada durante esses tempos difíceis (Tg 1.2,3). Semelhante fé produz sua própria recompensa (Mt 5.10-12; 2 Tm 2.12).

5.4 — A paciência desenvolve o caráter, a qualidade de ser aprovado. Uma vez que os cristãos suportam a tribulação, Deus trabalha neles para que desenvolvam certas qualidades e virtudes, que os fortalecerão e os atrairão para um relacionamento mais íntimo com ele. O resultado é o fortalecimento da esperança em Deus e em Suas promessas.

5.5 — A esperança que os cristãos têm da glória futura com Deus não traz confusão, pois ela certamente se cumprirá. Os cristãos não serão envergonhados ou humilhados por causa da sua esperança. A razão de tamanha confiança por parte dos que têm fé é que *o amor de Deus está derramado em nosso coração*. Quando a pessoa confia em Cristo e o recebe, ela recebe o Espírito Santo (Rm 8.9), que constantemente a encoraja a manter sua esperança em Deus.

5.6 — Aqui, Paulo explica a natureza do amor de Deus. Ele nos amou *estando nós ainda fracos* e quando éramos ainda *ímpios*. Deus nos amou tanto que enviou o Seu Filho para morrer por nós (v. 8). Ele nos ama como somos, mas nos ama tanto que transforma o nosso modo de viver (Jo 15.16; Fl 1.6).

5.7,8 — O amor de Deus é verdadeiramente notável. É possível que alguém se encoraje a morrer por um *justo* (gr. *dikaiōs*), ou seja, por um homem íntegro e honesto, um cidadão respeitável e bom, uma pessoa útil ou benevolente (gr. *agathós*). Porém, *Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores* (gr. *hamartōles*). Essa é uma demonstração clara do amor de Deus. Ele nos recebe do jeito que estamos e, a partir daí, começa a fazer algo novo e belo.



EM FOCO

JUSTIFICAÇÃO (GR. *DIKAIŌSIS*)

(Rm 4.25; 5.18)

O termo grego para *justificação* é derivado do verbo grego *dikaiō*, que significa absolver ou ser declarado justo (Rm 4.2,5; 5.1). Trata-se de uma terminologia legal, usada para fazer referência a um veredicto favorável em um julgamento. A palavra descreve a configuração de uma corte, onde Deus preside como juiz, determinando a fidelidade de cada pessoa em relação à Lei. Na primeira seção de Romanos, Paulo deixa claro que ninguém pode escapar do julgamento divino (Rm 3.9-20).

A Lei não serve para justificar os pecadores, mas para expô-los seus pecados. Para remediar essa deplorável situação, Deus enviou seu Filho para morrer pelos nossos pecados. Quando nós cremos em Jesus, Deus imputa a nós a Sua justiça, declarando-nos justos diante dele. Sendo assim, Deus demonstra que ele é tanto um juiz justo, quanto o único que pode nos declarar justos; ele é o nosso Justificador (Rm 3.26).

5.9,10 — Se Deus nos amou quando nós estávamos desamparados, quando éramos *inimigos ímpios*, Ele não nos amará mais ainda agora que somos os Seus Filhos?

Pelo seu sangue... pela morte de seu Filho nós somos *justificados*, declarados justos e *reconciliados*. Ou seja, nosso estado de alienação de Deus foi transformado. Os cristãos não são mais inimigos: eles estão em paz com Deus (v. 1).

Seremos por ele salvos. Muitos acham que esses versículos fazem referência à salvação final da presença do pecado. No entanto, neste contexto, Paulo começa a falar sobre a salvação do poder do pecado (Rm 6). Portanto, a *ira* mencionada aqui é a ira de Deus no presente (Rm 1.18), e a *sua vida* é a vida de Cristo nos cristãos (v. 18).

A questão é: Se o amor de Deus e a morte de Cristo trouxeram justificação, o resultado desse amor é que nós podemos esperar a salvação da ira de divina. Para experimentar essa verdade, o cristão deve cooperar completamente com o processo descrito em Romanos 6.1-14 (ver também Jo 8.32). O cristão deve morrer para o pecado e apresentar-se a Deus como *instrumentos de justiça* (Rm 6.13).

5.11 — A pessoa justificada não só está livre da ira de Deus por causa da morte de Cristo, mas também deve gloriar-se em Deus por causa da vida de Cristo. A palavra traduzida por *gloriamos* é a mesma do versículo 3. As bênçãos que a justificação traz aos que a recebem culminam na alegria por nosso Senhor Jesus Cristo. Esta última

expressão é idêntica a de Romanos 5.1. Devemos tudo o que temos ao Senhor Jesus Cristo.

5.12-21 — Esse parágrafo contém uma comparação entre Adão e Cristo, sendo a perícope interrompida por uma reflexão parentética (v. 13-17). A comparação começa no versículo 12, é enunciada formalmente no versículo 18 e é explicada no versículo 19.

5.12 — *Um homem*. Isto é, Adão. Através dele entrou o pecado no mundo. O pecado trouxe a morte. A consequência do pecado é que a morte tornou-se uma experiência universal. A frase *porque todos pecaram* não é uma referência a qualquer pecado que alguém cometa em algum momento da vida, como se fosse alusiva aos pecados individualmente cometidos. Paulo está conduzindo seus leitores ao início da história humana, conduzindo-os ao pecado original, aquele que acarretou a morte de todos nós. Aqui se manifesta a unidade do gênero humano. Em Adão, todos nós pecamos (1 Co 15.22). O resultado é a morte física e espiritual do ser humano. Todos nós herdamos de Adão a natureza pecaminosa. Além disso, como resultado do nosso pecado em Adão, nós enfrentamos um castigo comum a todos — a morte.

5.13,14 — *Até à Lei*, porque antes da Lei de Moisés ter sido determinada, o pecado humano não foi *imputado*. Ou seja, não foi lançado na conta de alguém, ou atribuído a alguém, como se fosse feita uma anotação em um livro-caixa. Em outras palavras, o pecado estava presente no



EM FOCO

RECONCILIAÇÃO (GR. KATALLAG)

(Rm 5.11; 11.15; 2 Co 5.18,19).

A palavra grega significa basicamente mudança ou troca. No contexto dos relacionamentos entre pessoas, o termo insinua uma mudança de atitude por parte dos indivíduos envolvidos, uma mudança do estado de inimizade para o estado de amizade. Quando é utilizado para descrever a relação que existe entre Deus e o ser humano, o termo insinua uma mudança de atitude por parte dessa pessoa em relação a Deus.

A necessidade que o ser humano tem de mudar os seus hábitos pecaminosos é óbvia; mas alguns entendem que não é necessária nenhuma mudança de atitude por parte de Deus na relação com o pecador transformado. Contudo, é inerente à doutrina da justificação a mudança de atitude de Deus em relação àquele que se converte. Deus, que outrora tinha o pecador como Seu inimigo, agora o considera íntegro.

mundo desde Adão até Moisés, mas Deus não levava em consideração os pecados cometidos antes do estabelecimento da Lei porque não havia nenhuma legislação que pudesse ser obedecida ou desobedecida.

Não pecaram. É uma referência àqueles que, depois de Adão e antes de Moisés, não cometeram qualquer transgressão, pois não havia qualquer regulamentação semelhante à Lei de Moisés estabelecida para eles. Mas eles pecaram, e a forma pela qual sabemos disso é que a *morte* também *reinou* sobre eles.

5.15 — Através de um único homem, Adão, veio a morte. Também por intermédio *de um só homem, Jesus Cristo, a graça* e o *dom* de Deus, a vida eterna, foi concedida.

Muito mais. As obras de dois homens, Adão e Jesus, não são meramente antitéticas. As obras de Cristo são maiores, e por isso a *graça* de Deus em Cristo pode suplantar a pecaminosidade que tem por origem as obras de Adão.

5.16 — A *condenação* veio ao mundo através de Adão. O termo *condenação* é utilizado apenas três vezes em todo o Novo Testamento, sendo todas essas ocorrências em Romanos (v. 18; 8.1). A palavra é alusiva à punição que segue uma sentença judicial. Assim, por intermédio de Cristo, recebemos o *dom gratuito* que resultou na nossa *justificação*. Ou seja, o objetivo ou a meta do *dom* é a *justificação* ou a atribuição de retidão. No versículo 18, a mesma palavra é traduzida por *ato de justiça*. Em outras palavras, a resposta que segue o recebimento do *dom* da vida eterna é a vida em integridade e justiça. Não é uma referência à justificação por fé, mas ao aspecto mais prático da fé, caracterizado por atos de justiça (Rm 6.16). Logo, esse versículo contrasta a servidão penal de um pecador com a vida íntegra de um cristão.

5.17 — Quando a *morte* reina, há destruição. Quando Cristo reina, somos guiados à *vida* eterna e passamos a compartilhar da Sua glória.

5.18 — Aqui Paulo conclui a comparação, que iniciou no versículo 12, entre as obras pecaminosas de Adão e a obra completa de Jesus. Por meio de Adão veio a *condenação*. Por meio de Cristo

veio a *graça* sobre todos os homens para *justificação de vida*, ou seja, a justificação que produz como resultado a vida.

5.19 — O verbo *fazer, constituir*, aparece neste versículo traduzido como *foram feitos*. Em consequência do pecado de Adão, as pessoas se tornaram — foram feitas — pecadoras. Através da morte de Cristo, *muitos serão feitos justos* (em contraste com a justiça imputada, citada em Rm 4.3). Ou seja, os cristãos são cada vez mais constituídos ou feitos justos. Por meio da obra santificadora do Espírito Santo, os cristãos que foram declarados justos por Deus tornam-se continuamente mais íntegros.

5.20 — *Para que a ofensa abundasse.* A Lei amplificou o pecado. O que já estava inerentemente errado se tornou formal e explicitamente pecaminoso uma vez que a Lei foi revelada. *Superabundou a graça.* O termo grego usado por Paulo é proveniente do verbo *hyperperisseuomai*, que significa ser muito abundante, ter muita quantidade. O pecado não apenas está impossibilitado de exceder a *graça* divina, mas também perde seu poder ameaçador quando comparado à *graça* superabundante de Deus.

5.21 — Esse versículo contém duplo contraste: entre o pecado e a retidão, e entre a morte e a vida. A partir do momento em que o pecado entrou no Universo e tornou-se imperante, trouxe consigo a morte, tanto física quanto espiritual. Seu princípio de autoridade estava em separar o gênero humano do Seu Criador e causar o seu fim, tornando-o mortal. Mas, pelo sangue de Jesus Cristo, o pecado foi destronado e a justiça passou a reinar em seu lugar. Considerando que a morte era a ordem do dia na sociedade adâmica, a vida eterna é a ordem do dia para todos os que aceitaram a Jesus Cristo.

É significativo esse contraste. É a diferença entre o pecado cometido pelos homens e a obediência a Cristo, entre o salário do pecado e a dádiva de Deus. Alguns entendem que nesta passagem é ensinada a salvação universal, pois pensam que a amplitude da *condenação* — todos estavam condenados — é análoga à amplitude da *salvação* — todos estão salvos. No entanto, isso

não é verdade. O novo nascimento é obrigatório para que se obtenha a vida eterna; a expressão qualificativa dessa necessidade é a declaração do versículo 17: *os que recebem*. Essa expressão ensina que a fé em Jesus Cristo é absolutamente essencial para salvação.

6.1-14 — Como cristãos, nós morremos para o pecado quando nos identificamos com Cristo pela fé (v. 1-4). Assim, fomos libertos do domínio do pecado para viver uma vida de obediência a Deus (v. 5-11). Esse novo início deveria se tornar uma realidade contínua em nossa vida (v. 12-14).

6.1 — A partir do fato de que o pecado torna, de certo modo, a graça mais abundante (Rm 5.20,21) por que não permanecer no pecado? Essa é, certamente, uma conclusão possível, mas equivocada, do ensino a respeito da graça presente no capítulo 5 de Romanos. Aparentemente, Paulo tinha sido acusado de ensinar essa falsa doutrina chamada de antinomismo. Para silenciar seus acusadores, Paulo demonstra, neste capítulo, que um cristão que permanece no pecado está negando a sua própria identidade em Cristo.

6.2 — *De modo nenhum*. Na língua grega, essa resposta denota um choque, podendo ser traduzida como *Deus me livre*. A ideia de que um cristão estivesse vivendo em pecado a fim de tirar proveito da graça divina era detestável a Paulo. Os

cristãos verdadeiros não deveriam viver em pecado, pois eles já morreram para o pecado, como afirmam os versículos 3 e 4.

6.3 — *Batizados*. Paulo usa a experiência do batismo, comum a todos os cristãos, como um tipo que deve ser identificado com a experiência que tivemos com Jesus Cristo. O batismo expressa a fé da mesma maneira que uma palavra expressa uma ideia. É possível que haja um conceito sem a existência de palavras, mas as ideias são normalmente expressas através das palavras. O batismo nas águas é um símbolo da união espiritual de Cristo com o cristão. Quando alguém confia em Cristo, une-se a Jesus Cristo; isso inclui unir-se com Ele em Sua morte. A morte de Jesus torna-se a nossa morte. O batismo cristão torna vívidas essas realidades espirituais.

6.4,5 — *Novidade de vida*. Se a identificação do cristão com Cristo implica em ele ser identificado com Sua morte, também implica, logicamente, em ele identificar-se com Sua ressurreição. Uma vez tendo morrido e tendo sido ressuscitado com Cristo, o cristão deve viver uma nova vida.

6.5-11 — O versículo 5 trata da nossa participação na morte de Cristo. É isso que nos assegura o compartilhar de Sua ressurreição. Os versículos 6 e 7 demonstram que, pela sua crucificação, nós somos libertados (ou seja, *justificados*) do pecado. Os versículos 8 a 10 nos asseguram que, tendo sido feitos livres do pecado, nós estamos preparados para viver com Cristo. O versículo 11 diz como essa experiência de morrer para o pecado se torna uma realidade em nossa vida diária.

6.6 — Alguns afirmam que o *velho homem* é uma referência a uma parte de nós, a saber, nossa velha natureza, nossa disposição para o pecado. Porém, o termo *homem* aqui mencionado não se refere a uma parte da pessoa; pelo contrário, essa palavra descreve a totalidade interior de uma pessoa que ainda não se converteu a Cristo e, por isso, está vinculada à natureza pecaminosa de Adão.

O *velho homem* foi crucificado com Cristo (Gl 2.20). Em suma, o cristão não é a mesma pessoa de antes de sua conversão; ele é uma nova criatura em Cristo (2 Co 5.17). Há duas razões (Veja



EM FOCO

UNIDOS (GR. *SÝMPHYTOS*)

(Rm 6.5).

A expressão, que ocorre apenas aqui em todo o Novo Testamento, significa *crescer em união*. A palavra descreve duas plantas que foram cultivadas juntas e cresceram próximas, entrelaçadas ou até mesmo ligadas.

O contexto fala de união, nossa união com Cristo em Sua morte (Rm 6.4) e em Sua ressurreição (Rm 6.5). Nossa união com Cristo, em Sua morte, é semelhante a sermos plantados *juntamente com ele*. Tal como ocorre com a semente, nossa natureza pecadora deve morrer com Cristo, pois somente assim nós podemos crescer em Cristo e dar frutos espirituais (Jo 12.24;15.16). Nossa união com Cristo é agora uma união de amor, na qual nós crescemos com Ele e assumimos a semelhança da Sua ressurreição.

as duas orações presentes neste versículo: a primeira iniciada com *para que* e a segunda, com *a fim de que*.) para que o velho homem seja crucificado. A primeira delas é *para que o corpo do pecado seja desfeito*.

O *corpo do pecado* é uma referência ao corpo físico, ou seja, ao corpo que está escravizado pela prática do pecado. É uma expressão figurada para se referir ao pecado na vida de um cristão.

Colossenses 2.12 indica que o pecado na vida do cristão é insignificante. A natureza pecaminosa é abolida quando a pessoa recebe a Jesus, e o *velho homem* é crucificado com Cristo. O segundo propósito descrito assevera *que não sirvamos mais ao pecado*. Os cristãos são novas pessoas, pois já não estão escravizadas à velha natureza pecadora.

6.7 — A palavra *justificado* aqui utilizada é análoga à palavra traduzida por *justificação*, sendo ambos vocábulos do campo semântico jurídico.

A ideia é que o cristão já não tem nenhuma imposição que o leve a pecar.

6.8 — A síntese dos versículos 3 a 7 é morrer e viver com Cristo. *Cremos* é a introdução de uma nova ideia. Os cristãos não devem saber apenas que eles morreram para o pecado (v. 6-8), mas que também foram vivificados com Cristo, e eles devem crer nisso.

6.9,10 — Cristo morreu uma vez pelos pecados de todos. Ele agora está vivo, à destra de Deus. A partir do momento em que o cristão é unido a Cristo, em Sua morte e ressurreição, ele pode crer que também está vivo para Deus.

6.11 — *Considerai-vos*. Esta é a tradução de um termo grego contábil que significa *levar em conta, calcular* ou *decidir*. Os versículos 3 a 10 revelam a verdade sobre os cristãos: eles participaram da morte de Jesus quando morreram para o pecado. A partir do momento em que o cristão



APLICAÇÃO

A NATUREZA PERIGOSA DO PECADO

Algumas pessoas ridicularizam o conceito de pecado, definindo-o como uma mera proibição, feita pelos judeus, contra a diversão. Esses indivíduos dizem algo semelhante àquilo que a serpente disse a Eva no jardim do Éden. A serpente sugeriu que Deus estivesse impedindo Eva de ter algo verdadeiramente necessário e que lhe traria grandes benefícios (Gn 3.4,5).

As Escrituras, porém, afirmam que o pecado é perigoso e destrutivo, e não algo divertido ou benéfico. O pecado tem consequências devastadoras, que devem ser alvo da nossa atenção. Como o livro de Romanos afirma, o pecado escraviza as pessoas e exige que elas obedeam a sua concupiscência (Rm 6.6,12,20).

Várias passagens no Novo Testamento aludem à natureza perigosa do pecado:

- Os que pecam *destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23). As pessoas, apanhadas na dura armadilha do pecado, não podem mais ter nem desenvolver em sua vida a santidade que Deus pretendeu quando elas foram criadas.
- O *pecado é iniquidade* (1 Jo 3.4). O pecado diz respeito a uma vida que busca agradar primeiramente o *eu*, em lugar de agradar a Deus, constituindo uma "lei para si mesmo".
- *Toda iniquidade é pecado* (1 Jo 5.17). Quando nós pecamos, ofendemos ao Deus que ama a justiça e a retidão, e não a *impiedade e a injustiça* (Rm 1.18).
- Se apenas soubermos o que é bom, isso não faz de nós pessoas boas, mas pecadores (Tg 4.17). Sendo assim, o pecado envolve a desobediência consciente. É agir contra o que é certo, chegando mesmo a aprovar o pecado cometido pelos outros (Rm 1.32).

Essa é uma situação muito séria. Mas chega a ser surpreendente que todo ser humano seja parte dessa situação. A Bíblia declara: *Não há um justo, nem um sequer* (Rm 3.10; compare com 2 Cr 6.36a; Rm 5.12b) e, também, que *todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23).

O pecado está longe de ser uma simples matéria de qualquer religião ou um conjunto de hábitos pessoais. Pelo fato de Deus ser soberano sobre todo o mundo - sobre países, nações, povos e tudo mais - o mau uso de qualquer item da criação implica em pecar contra ele. Nós somos responsáveis por todas as dimensões da vida. Nada é realmente secular, no sentido de estar apartado dos cuidados do Senhor.

morre com Cristo e é ressuscitado com Ele, Paulo os admoesta a considerarem a si mesmos *mortos para o pecado*. Embora antes de sua conversão eles tenham sido escravos do pecado, agora eles são livres para resisti-lo.

6.12 — Ainda que o crente em Cristo tenha morrido para o pecado, este ainda constitui um problema. A influência do pecado ainda está presente e pode ser expresso no *corpo mortal*, o corpo que está sujeito à morte. A diferença é que o pecado sobre ele não tem nenhum domínio. Assim, Paulo chama a atenção dos cristãos, dizendo: *Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências*.

6.13 — O versículo 12 enfatiza todo o corpo; o versículo 13, porém, enfatiza as partes do corpo, como as mãos ou a boca. Os cristãos não devem apresentar as partes dos seus corpos como instrumentos para o pecado. Ou seja, não deve usar suas mãos para roubar ou a sua língua para mentir. Antes, devem apresentar a Deus cada parte de seus corpos como *instrumentos de justiça*.

6.14 — *Pois não estais debaixo da Lei*. Isto é, os cristãos não estão sob a *lei do pecado*. Apenas sob a Lei de Deus, que é imutável (Rm 3.31; 13.8-10). Essas leis revelam a *lei do pecado* prevalecente no coração humano que não é crucificado com Cristo e guiado pelo Espírito de Deus. É a graça de Deus que faz com que o Espírito Santo passe a habitar no cristão e torna possível a ele nascer de novo em Cristo. Assim, o cristão não deve pecar; ele pode resistir à tentação e fazer aquilo que é certo (2 Co 3.15-18).

6.15 — Já que não estamos *debaixo da Lei, mas debaixo da graça* (v. 14), e considerando que a graça cancela o pecado (Cl 2.14), por que não continuamos a pecar? Essa questão é semelhante àquela apresentada em Romanos 6.1. Nesse texto, o assunto era se os cristãos devem pecar para que a graça possa ser mais abundante. Aqui, no versículo 15, o assunto é se os cristãos devem pecar porque não estão debaixo do sistema legal mosaico.

6.16 — *Servos para lhe obedecer*. Paulo realça o princípio de que tudo no mundo serve a alguém ou a algo — seja a uma pessoa, a uma possessão

ou atividade. Mas o cristão deve ser um servo de Deus.

6.17 — *Tendo sido servos do pecado*. Paulo volta ao princípio (v.16), à experiência inicial dos cristãos romanos.

Obedecestes de coração. Os cristãos romanos obedeceram à mensagem voluntariamente. Não havia nenhuma lei externa imposta a eles. A *forma de doutrina* é uma expressão única. *Forma* significa padrão, tipo ou exemplo. A mensagem do evangelho é o padrão. É a mensagem a respeito do Cristo que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos (1 Co 15.3,4). Essa mensagem exige uma resposta dos ouvintes, que são convocados a crer em Jesus (Atos 16.31).

6.18 — *Servos da justiça*. Em tempos antigos, ser um servo ou escravo significava pertencer a um senhor, um mestre. Obedecendo ou não, o escravo continuaria sendo, mas o modo como o mesmo servia podia afetar a sua relação com seu senhor (Lc 19.20-26). A questão apresentada aqui versa unicamente sobre a obrigação. Uma pessoa que foi liberta do pecado poderia agir como se ainda fosse escrava do pecado (v. 16), ou tal pessoa deveria viver como um escravo da justiça, como um servo de um mestre amável que dá grandes recompensas?

6.19 — *Falo como homem*. É uma referência à ilustração de Paulo sobre a escravidão. A analogia entre a escravidão e a vida cristã é limitada, porque os cristãos são filhos de Deus (Rm 8.15,16). Uma vez libertos do pecado e tendo se tornado escravos da justiça (v. 18), os cristãos deveriam servir à justiça da mesma forma que outrora serviram ao pecado antes de serem em Cristo. O resultado será a *santificação*.

6.20,21 — O resultado do pecado é a *morte*. O filho de Deus que vive na prática do pecado vive na esfera da morte (1 Jo 3.14,15). O último resultado disso é a morte física (Tg 1.14,15).

6.22 — *Libertados do pecado*. A nova relação com Deus resulta em uma nova criatura, que gera uma nova espécie de *fruto*: a retidão. Os versículos 22 e 23 apresentam o início e o fim do processo da salvação. Os cristãos foram libertos do pecado para que possam receber gratuitamente a



APLICAÇÃO

UM ESCRAVO DO PECADO

Paulo estava disposto a olhar o nível mais profundo do seu ser e examinar o que estava oculto em seu interior. O que ele viu em si mesmo não era agradável, porém verdadeiro: ele era escravo do pecado (Rm 7.15). Na realidade, ele percebeu que nada de bom havia em sua carne (Rm 7.18) — um fato que o fez afirmar a sua própria miséria (Rm 7.24).

Paulo não estava tendo um dia meio ruim quando ele escreveu Rm 7. Ele não estava sofrendo simplesmente de um terrível senso de imperfeição, ou passando por uma simples crise de baixa autoestima. A avaliação realista que o apóstolo fez de sua própria vida espiritual vai na direção oposta às expectativas elevadas e santas que Deus tem para cada um de nós, aquilo que o livro de Romanos chama de Lei (Rm 7.7). Assim, quanto mais Paulo se conscientizava daquilo que Deus desejava dele, mais convencido ficava de sua incapacidade e impotência para viver em conformidade com a vontade de Deus.

A única resposta para a condição miserável de Paulo — e, por extensão, para a nossa também — é Jesus Cristo (Rm 7.25). Somente Jesus torna possível ao homem cumprir integralmente as exigências de um Deus santo (Rm 8.3,4). Desta forma, a honestidade de Paulo o conduziu à esperança.

A atitude de Paulo serve-nos como exemplo. Através da confissão, nós podemos encontrar o perdão de Deus. Admitindo nossa fraqueza, nós podemos achar a Sua força. Se negarmos a nossa verdadeira condição, estaremos enganando a nós mesmos e sentenciando-nos a viver sob a escravidão do pecado (1 Jo 1.8-10).

vida eterna. A vida eterna é um presente (Jo 3.16) de Deus para cada um de Seus filhos.

6.23 — Neste versículo, Paulo explica que o *pecado* tem como recompensa a *morte*, mas Deus concede gratuitamente o *dom da vida eterna*. Frequentemente este versículo foi usado como uma promessa de regeneração.

Vida eterna. Mencionada mais de 40 vezes no Novo Testamento. Na maioria das vezes, essa frase se refere ao presente que nós recebemos quando cremos no evangelho (Jo 3.16; 5.24; 6.40). Há, porém, mais de 10 outras menções em que a *vida eterna* nos é apresentada como algo a ser conquistado (Rm 2.7; 6.22; Mt 19.16,29; Mc 10.17,30; Lc 10.25; 18.18-30; Jo 12.25,26; Gl 6.8). Assim, nós aprendemos a partir da Bíblia que a *vida eterna* não é simplesmente algo estático, e sim dinâmico, que está diretamente relacionado a Jesus Cristo (Jo 10.10; 17.3). Por meio da fé e da obediência, os cristãos podem desfrutar completamente o dom gratuito de Deus, a vida eterna.

7.1-3 — Aqui, Paulo retoma a questão apresentada em 6.15: nós continuaremos pecando enquanto estamos debaixo de graça? A resposta do apóstolo é um incisivo *não*, ilustrado por meio de uma comparação com o matrimônio. O matrimônio é vitalício. Mas se um cônjuge morre, o

outro já não está mais impedido pela Lei, está livre para se casar com outra pessoa.

7.4 — Uma aplicação exata da ilustração seria que a Lei morreu, e agora o cristão é livre para “se casar” com a graça. Paulo está dizendo que os cristãos estão *mortos para a Lei* e, por isso, estão livres para “se casar” com Deus e dar *fruto* para Ele. Em uma relação matrimonial há filhos. Da mesma maneira, a intimidade com Cristo gera frutos da justiça posta em prática (Rm 6.22).

7.5 — *Na carne* é uma referência ao período anterior à conversão. Neste contexto, os que estão na carne são os não-regenerados, ou aqueles que não nasceram de novo, e os convertidos são os regenerados. Cabe destacar que cristãos e não-cristãos podem viver segundo os desejos da carne, porém apenas os cristãos podem andar em conformidade com o Espírito. Os desejos pecaminosos, despertados pela Lei, *operavam* no pecador, e essa tendência para o pecado era revelada nos *membros* do seu corpo, resultando em morte.

7.6 — Pela conversão, a pessoa morre para a Lei (v. 4). O resultado disso é que agora ela está apta a andar com Deus e servir a Ele em novidade de vida (Rm 6.4). Eles têm uma nova vida no Espírito Santo, não na *velhice da letra* — o velho modo de tentar ganhar a vida eterna por meio da observância da Lei.



APLICAÇÃO

DOIS TIPOS DE PECADO

A existência do pecado tornou necessário o plano de salvação de Deus em Cristo. Tecnicamente, o pecado é qualquer falta de conformidade com a vontade de Deus ou com Seus padrões — com tudo aquilo que está de acordo com o plano de Deus para nós. No Antigo Testamento, havia sacrifícios pré-ordenados para que fossem perdoados os pecados cometidos por ignorância. É essa concepção mais abrangente de pecado que leva alguns a acreditarem que todos os cristãos pecam diariamente em palavras, pensamentos e ações. Porém, a Bíblia indica que Deus nos torna particularmente responsáveis pelos atos *conscientes* de transgressão, rebelião ou omissão (Jo 9.41; Rm 1.20,21; Tg 4.17).

A segunda forma de pecado descrita na Bíblia é decorrente da natureza humana decaída, a inclinação de todas as pessoas para cometerem atos individuais de pecado. Todos têm essa inclinação para o mal; essa é uma herança recebida de Adão (Rm 5.12,18,19). Essa tendência universal para a oposição à vontade de Deus recebe nomes como: *pecado original*, *mente carnal*, *herança pecaminosa*, *velho homem*, *pecado inato*, *depravação moral* e *natureza pecaminosa*. É uma disposição inerente para o pecado, uma inclinação de todos para o cometer atos pecaminosos.

É importante observar que a Bíblia distingue os atos pecaminosos da natureza pecaminosa. Os pecados que geralmente cometemos, mas nem sempre, são mencionados no plural: *Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado* (Jó 13.23); *perdoa-nos os nossos pecados* (Lc 11.4). Em contraste, a natureza pecadora normalmente é caracterizada como uma qualidade ou disposição singular do espírito humano (Rm 7.14,17,20,25; 8.2).

A distinção entre o pecado como disposição natural e o pecado como um ato não é indicada apenas pela menção no singular e no plural do termo "pecado", mas deve ser analisada pelo contexto, que permite interpretar o pensamento do escritor. O pecado como inclinação da natureza fica evidente quando o contexto enfatiza uma disposição inerente para o mal, como na crítica feita por Paulo aos coríntios em 1 Coríntios 3.3: *Porque ainda sois carnis, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnis e não andais segundo os homens*. O clamor de Davi — *Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto* (Sl 51.10) — reflete uma realidade do pecado que é mais profunda do que as meras ações; diz respeito a uma pecaminosidade inerente, que requer uma completa limpeza.

7.7-12 — O pecado e a Lei mantêm as pessoas em escravidão. A Lei é, então, algo mal como o pecado?. Não. Os mandamentos específicos da Lei trazem o conhecimento claro do pecado. A tendência que temos para pecar tira proveito desse conhecimento para nos agitarmos e nos rebelarmos, conduzindo-nos assim para pecados ainda maiores. O bom propósito da Lei era tornar conhecido a nós o modo como poderíamos agradecer a Deus e receber dele a vida. O pecado torceu esse propósito divino, a ponto de atualmente conduzir apenas para a *morte* espiritual (v. 10).

7.7 — A próxima pergunta lógica (Rm 6.1,15) é: *É a Lei pecado? De modo nenhum!* (Rm 6.2,15). Paulo nega enfaticamente que a Lei seja por si mesma pecado. A partir daqui, o apóstolo utiliza a sua experiência pessoal como uma ilustração. A Lei revela o pecado.

7.8 — *Sem a Lei, estava morto o pecado*. A Lei também incita o pecado (v. 7). O pecado pode existir ainda que não exista a Lei (Rm 5.13),

embora sem a ela, o pecado permaneça adormecido. Sem os padrões de direito e de justiça, não é possível haver qualquer julgamento em relação ao que é ou não é pecado. Porém, a Lei, com seus mandamentos direcionados contra certos hábitos, pode despertar o desejo de executar essas práticas (v. 5).

7.9 — *E eu, nalgum tempo, vivia sem Lei*. Houve um tempo em que Paulo estava vivo para Deus (Rm 6.8,11,13) e sem qualquer Lei (Rm 4.6; 6.14). Então algum tempo depois da sua conversão, enquanto ele desfrutava da comunhão com Deus, ele foi confrontado pela Lei e morreu. Ou seja, a sua natureza pecaminosa quebrou a sua comunhão com Deus.

7.10,11 — *E o mandamento que era para a vida*. Os itens mencionados na Lei apontavam para o caminho da retidão, logo, eles apontavam para a vida. Quando, porém, o pecado passa a reinar em nossa natureza, a Lei se torna para nós apenas juízo e morte. Quando procuramos observar a Lei,

nós somos enganados pelo pecado, que mortifica vida espiritual.

7.12 — A conclusão é que, em sua totalidade, a *Lei é santa; e o mandamento, santo, justo e bom*. Nosso problema com pecado não é decorrente da ausência da Lei divina, e sim, resultado da nossa natureza pecaminosa (v. 8,11,13), que responde à Lei.

7.13-25 — O versículo 13 retoma o tema tratado no versículo 5: a vida na carne sob o domínio do pecado, que foi explicitado devido às demandas da Lei. Os versículos 14 a 25 pintam um quadro da experiência de um indivíduo. É a descrição de uma pessoa moralmente reta, que procura lidar com as demandas da Lei e com o poder do pecado. Mas ela está usando apenas os seus próprios recursos, sem poder contar com o poder de Cristo e a capacitação do Espírito Santo. Ele quer fazer o que Deus requer, mas não é capaz disso. Os não-cristãos, aqueles que ainda não foram convencidos pelo Espírito Santo, vivem sob essa luta. De igual modo, os cristãos que ainda não estão vivendo uma vida vitoriosa por meio da ação do Espírito passam por lutas semelhantes, embora Deus tenha lhes dado uma certa medida de vitória sobre o pecado (Rm 8.9; 1 Co 3.1-4).



EM FOCO

LEI (GR. *NÓMOS*)

(Rm 6.14; 7.21-23, 25; 8.2-4; Gl 2.16; 5.3; Hb 8.4).

O termo grego para *Lei* citado aqui refere-se a um princípio operante no exercício de uma ação — seja ela boa ou má — princípio esse que opera com a regularidade de uma lei. O termo também designa um padrão estabelecido para a vida de uma pessoa. Paulo descreveu três dessas leis. A primeira é chamada *lei do pecado*, a qual era operante em sua carne, pois o conduzia ao pecado. Paulo, como todos os outros cristãos, precisava de uma outra lei para que pudessem superar a lei do pecado pela *lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus*, que torna cada um de nós livres *da lei do pecado e da morte* (Rm 8.2). Seguindo *lei do Espírito de vida*, os cristãos estão aptos para cumprirem de forma integral e completa a Lei de Deus (Rm 8.4) — que é a terceira lei nessa seção. A *Lei de Deus* é o paradigma para a ação humana, o correspondente à justiça natural de Deus.

7.13 — Aqui, Paulo faz outra pergunta retórica (ver Rm 7.7; 6.1,15): *Logo, tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum!* Certamente essa não é a mesma negação enfática já feita por Paulo (Rm 7.7; 6.2,15). O problema não está na Lei. O problema é o *pecado*. O pecado usou a Lei, que é inerentemente boa, para produzir o mal, ou seja, a morte. Mas, pela Lei, o pecado é revelado da maneira como verdadeiramente é. Também são reveladas as suas consequências más e trágicas de forma bem clara.

7.14 — *Espiritual*. A Lei vem de Deus. Em contraste, Paulo afirmou que o seu problema (e de todos os cristãos, conforme 1 Co 3.1-3) é que ele era carnal. Ou seja, sua situação era a mesma de um escravo, ele estava sujeito a render-se à prática do pecado. Embora Paulo fosse um cristão dedicado ao serviço de Deus (v. 25), ele continuava em falta com os padrões morais de Deus.

7.15-17 — Ser carnal ou estar entregue à prática do pecado, envolve um conflito que causa espanto tanto em Paulo quanto nos outros cristãos. O apóstolo sente que não há como entender a si mesmo. Ele se acha um derrotado, pois não consegue fazer aquilo que ele deseja, mas faz aquilo que ele odeia. Essa situação indica a existência de uma batalha constante entre as duas naturezas no cristão. A primeira natureza [a espiritual] reconhece que a *Lei... é boa*. A segunda, indica que há algo em nosso interior, chamado *pecado*, que produz em nós o mal.

7.18 — O problema é a *carne*, aquela parte do cristão em que *não habita bem algum*. A vontade é o desejo de fazer o bem (v. 12,15). Porém, a capacidade para realizar o bem está em falta.

7.19 — Basicamente uma repetição do versículo 15.

7.20 — É exatamente a mesma conclusão mencionada no versículo 17.

7.21 — Paulo confessa que ele é carnal e está *vendido sob o pecado* (v. 14). Ele declara que seu problema está localizado mais especificamente na sua carne, onde *não habita bem algum* (v. 18), enquanto o *mal* (gr. *kakón*) está presente e operante nele.

7.22 — O *homem interior*. Expressão que é análoga a dizer *com a mente* (v. 23; 2 Co 4.16; Ef 3.16), a capacidade de ter *prazer na lei de Deus*. Esse prazer faz que os crentes em Cristo queiram se alinhar com a nova natureza que Deus lhes deu.

7.23 — *Lei do pecado* que está nos *meus membros*. É referência à rejeição que a natureza pecaminosa tem a qualquer outra lei que busque seguir a vontade de Deus. A natureza pecaminosa busca nos distanciar de Deus e impedir Sua ação em nós.

7.24 — *Miserável homem*. Ou seja, desventurado, infeliz. Assim é o cristão que sempre é derrotado pelo pecado (v. 14,23). Essa derrota acontece sempre que o cristão decide não viver sob o poder do Espírito.

Corpo desta morte. Esta é uma expressão figurativa, referente à natureza pecaminosa. Paulo quer ser liberto do pecado que conduz à morte.

7.25 — *Dou graças a Deus*. Irrompe de Paulo uma gratidão exultante a Deus pela vitória que ele obteve por intermédio de *Jesus Cristo*, que liberta os cristãos do corpo da morte, a saber, a carne. *Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à Lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado*. Paulo conclui que o problema não é a Lei; o problema é a carne. A partir deste argumento, Paulo passa à solução — a salvação obtida em Jesus Cristo.

8.1-30 — Em Romanos 7.5, Paulo descreveu a vida *na carne*. Agora, ele descreve uma vida que segue em sentido oposto: a vida *em novidade de espírito* (Rm 7.6). A pessoa controlada pelo Espírito não está condenada pela Lei porque o seu passado foi perdoado. Pelo Espírito, o cristão recebe permissão para fazer aquilo que a Lei requer até que ocorra a sua esperada ressurreição final em glória (v. 1-11). O Espírito nos faz filhos de Deus (v. 12-17) e assegura a nós uma maravilhosa esperança futura (v. 18-30).

8.1 — *Portanto*. No original grego, essa palavra não faz alusão a uma conclusão formal, mas a uma conclusão informal de Romanos 7.25. Em contraste com a descrição vívida feita anteriormente à pecaminosidade, Paulo descreve a liberdade de viver no Espírito.

Nenhuma condenação. Em Cristo, nós não estamos mais sujeitos a viver sob a sentença condenatória da Lei, mas o Espírito nos capacita a viver para Cristo.

8.2 — *A lei do Espírito*. O Espírito é uma referência ao Espírito Santo, que potencializa o nosso espírito renovado. Também é possível que a palavra seja uma referência ao espírito humano, o sopro de vida divino.

8.3 — A Lei tinha o poder de estabelecer o juízo sobre os pecados cometidos, mas *era impossível* a ela fazer qualquer coisa a respeito do pecado propriamente dito. Ela não tinha poder algum de expiar pecados. Deus realizou o que era impossível à Lei, *enviando o seu próprio Filho* ao mundo. Jesus veio *em semelhança da carne do pecado*. Jesus, como Deus, assumiu nossa natureza humana, uma natureza que era suscetível à tentação. Embora Ele tenha sido tentado, nunca cedeu à tentação. Ele nunca cometeu qualquer pecado.

8.4 — O propósito da vinda de Cristo foi fazer *que a justiça da Lei se cumprisse em nós*. O cristão cumpre integralmente a exigência da Lei — o amor (Rm 13.8-10). Ou seja, estamos sob a Lei, mas estamos em Cristo e caminhamos *segundo o Espírito*.

8.5 — A palavra grega traduzida por *segundo a carne* inclui as vontades, pensamentos e emoções de uma pessoa. Também inclui suposições, valores, desejos e propósitos. Fixar a mente nas *coisas da carne* ou nas *coisas do Espírito* significa estar orientado para coisas nas quais colocamos o nosso foco, ou ser governado por elas.

8.6 — *Paz* (gr. *shalom*). É o fim do conflito intenso descrito no capítulo 7, bem como a harmonia e a tranquilidade que existem no interior do cristão; isto é, o resultado do ato de se render a Deus.

8.7-11 — Um cristão pode viver de acordo com a carne, tendo como resultado a morte (Tg 1.13-15), ou então pode ter o seu espírito renovado, para receber a vida. Nos versículos 7 a 11, Paulo elabora essas duas possibilidades, enquanto demonstra a possibilidade e o benefício de viver em conformidade com o Espírito.



APLICAÇÃO

TRANSFORMADO PELO ESPÍRITO

As palavras de Paulo a respeito da Lei, e a sua ineficiência para gerar a justiça por causa da fraqueza da carne (Rm 8.3), não devem ser interpretadas como se ele pensasse que a Lei tivesse pouco valor. Pelo contrário, ele levou a sério o alto chamado e as expectativas que Deus revelou por meio de Moisés. De fato, a expressão caminhando *segundo o Espírito* (Rm 8.4) envolve o cumprimento dessas expectativas. Isso se dá porque Paulo desejava que os cristãos:

- Convertessem-se do mal para a prática do bem (Rm 12.2,9).
- Procurassem viver em amor (1 Co 13).
- Não abusassem da sua liberdade (Gl 5.13-16).
- Escolhessem fazer o bem para todas as pessoas (Gl 6.10).
- Vivessem com um novo estilo de vida religiosa (Ef 2.1-3; 4.1-3).
- Aprendessem a servir aos outros em humildade, com amor (Fl 2.1-7).
- Desfizessem os padrões do pecado dentro de si mesmos (Cl 3.5-11).
- Desenvolvessem o contentamento piedoso com aquilo que possuem (1 Tm 6.6-11).

Assim é a vida no Espírito — uma empreitada que dura por toda a vida, com o objetivo de nos transformar, a fim de que sejamos o que Deus planejou para nós desde o princípio (Ef 5.8-10).

8.7 — Viver segundo a inclinação da carne resulta em morte (v. 6). A razão disso é que a *inclinação da carne é inimizade contra Deus*. É a disposição para ser hostil aos desígnios divinos. Quem possui tal tendência nunca pode se submeter à *Lei de Deus*.

8.8 — Estar *na carne* é diferente de andar *segundo a carne*. Estar *na carne* significa ser um não-regenerado, ou ser um pecador. As pessoas nessas condições *não podem agradar a Deus*.

8.9 — Os cristãos já não vivem em conformidade com a *carne*, sob o controle da sua natureza humana pecadora. Em vez disso, por terem o *Espírito* habitando em si e os capacitando, eles podem viver de uma forma que agrade a Deus.

8.10 — *Está morto por causa do pecado*. Não é uma alusão à morte física, mas ao *corpo desta morte*, mencionado em Romanos 7.24 (v. 6). O problema que Paulo está tratando nesta passagem é: Como o corpo *morto*, onde habita o pecado, pode ser transformado em um veículo que expressa a vida de Deus?

8.11 — A solução para o problema da carne é o Espírito Santo. Ele *vivificará o vosso corpo mortal*. Ter uma mente espiritual significa superar a morte do corpo e receber a vida e a paz. Essa é a ressurreição dos mortos (Fl 3.11).

8.12,13 — *Se viverdes segundo a carne, morrereis*. A morte descrita aqui não é de natureza física, porque aqueles que vivem segundo o Espírito morrem apenas fisicamente. É uma alusão à experiência daqueles que vivem uma vida apartada de Deus. *Pelo Espírito*. Caminhando de acordo com o Espírito (v. 4) e tendo uma inclinação espiritual (v. 6), o cristão pode mortificar as ações pecadoras e pode viver para Deus.

8.14 — *Sermos guiados pelo Espírito de Deus é o mesmo que caminhar em conformidade com o Espírito Santo*. *Caminhar* implica a participação ativa e o esforço do cristão. *Ser conduzido* sublinha o lado passivo, a dependência submissa de cada cristão ao Espírito.

Esses são filhos de Deus. Aqueles que são conduzidos pelo Espírito são os filhos de Deus, e o Deus soberano, por sua vez, é o seu Pai (2 Co 6.18).

8.15 — Os cristãos são filhos de Deus porque eles receberam o *Espírito de adoção*. Na Roma Antiga, um filho adotado possuía todos os direitos de um filho nascido na família. Os cristãos foram adotados na família de Deus, o que os faz receber uma herança eterna.

Aba. O próprio Jesus, ao orar a Deus, utilizou essa expressão aramaica para se referir ao Pai (Mc 14.36).

8.16 — Uma indicação adicional de que os cristãos são filhos dirigidos por Deus está no fato de que o *Espírito Santo testifica com o seu espírito* quanto a essa realidade espiritual. Quando, em oração, os cristãos clamam ao Pai em oração (v. 15), o Espírito Santo intercede por eles (v. 26).



EM FOCO

ADOÇÃO (GR. *HUIOTHESÍA*)

(Rm 8.15; Gl 4.5; Ef 1.5).

A palavra grega para *adoção* é derivada de dois termos gregos. O primeiro é a palavra grega *huíos*, que significa *filho*. O segundo, a palavra grega *thésis*, que significa *em lugar de*. É um termo legal que, neste contexto, indica o fato de aos cristãos serem determinados privilégios de filiação na família de Deus. Simultaneamente a essa posição filial, Deus coloca o Espírito do Seu Filho no coração de cada cristão, de forma que ele se torna, de fato, filho Seu filho. Quando isso ocorre, nos tornamos não só filhos adotivos (no sentido que a palavra tem atualmente), mas somos *genuinamente gerados* por Deus. Deus faz que os filhos dos homens se tornem filhos de Deus; o processo inverso aconteceu apenas com Cristo, quando o Filho de Deus se tornou o Filho do Homem.

8.17 — *Herdeiros*. Todos os filhos de Deus têm uma herança baseada na sua relação com Deus, herança de natureza incorruptível, imaculada, reservada no céu (1 Pe 1.4). A herança dos filhos de Deus inclui uma expectativa de vida eterna (Tt 3.4-7). Como *herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo*, os filhos de Deus compartilham, agora, dos sofrimentos de Jesus (Fl 3.10) e, no futuro, compartilharão também da Sua glória (Fl 3.11-14).

8.18 — *As aflições* do presente são leves quando comparados com a *glória* que há de vir. Paulo chama os sofrimentos que passamos nesta vida de *leve e momentânea tribulação*, quando comparados ao *peso eterno de glória mui excelente* (2 Cor. 4.17). O plano de compensação divino é tal que aquele que suporta os sofrimentos *receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna* (Mt 19.29).

8.19-27 — A criação, ou criatura (v. 19-22), os cristãos (v. 23,24) e até mesmo o Espírito Santo (v. 25-27) agora gemem por causa da glória que há de vir.

8.19 — *Ardente expectativa* significa, literalmente, “assistir com o pescoço esticado”. A *criatura* está impaciente para ver a *manifestação dos filhos de Deus*.

8.20 — *Porque a criação ficou sujeita à vaidade*. Neste versículo, o termo *vaidade* significa *vani-dade, vácuo*, sendo uma referência à maldição que recaiu sobre a criação (Gn 3.17-19).

8.21 — A criação — ou criatura — aguarda a glória vindoura porque ela também *será libertada*. A *servidão da corrupção* é uma alusão à futilidade descrita a partir do versículo 20. A natureza é sujeita à deterioração e à morte por causa do pecado.

8.22,23 — A alusão às *primícias do Espírito* pode ser uma referência às primeiras obras do Espírito Santo (Rm 8.9-11), que é o penhor mais operoso da realidade que há de vir, bem como da *redenção do nosso corpo*. Caso contrário, as *primícias* pode ser uma palavra que está em oposição à palavra *Espírito*; se assim for, o termo as *primícias* é uma referência ao próprio Espírito. As primícias de uma colheita eram uma amostra da colheita que estava por vir. Sendo assim, o Espírito, ou a Sua operação, é a garantia de Deus de que maiores bênçãos estão para chegar. Em outro texto bíblico, o Espírito é chamado de *penhor da nossa herança* (Ef 1.14).

8.24 — *Esperança* é uma expectativa constante de uma realidade ainda não vista. Nós somos salvos por meio da fé, mas nossa esperança está no retorno de Cristo em Sua glória e na nossa completa libertação da natureza pecadora.

8.25 — Se nós estamos esperando algo que ainda não vimos, nós fazemos isso com *paciência*; quer dizer, nós estamos dispostos a suportar o presente.

8.26 — Há outras coisas que podem ser incluídas no conceito de *fraquezas*, mas, neste texto, a referência primária é à nossa ignorância. O contraste oferecido por Paulo neste versículo está entre a nossa inabilidade de saber orar e as orações efetivas feitas pelo Espírito por nós, ou em nosso favor. A ênfase está em que o Espírito ora por nós quando somos incapazes orar. Ele intercede junto por nós diante do trono de Deus (1 Jo 2.1). Mas a intercessão do Espírito se dá por

gemidos inexprimíveis, de forma que ela está no campo daquilo que “não está expresso” ou daquilo que *não é dito*. Nenhum idioma é mencionado aqui, apenas os gemidos do Espírito.

8.27,28 — Como filhos de Deus, nós nem sempre sabemos pelo que orar, ou como podemos orar melhor (v. 26). Podemos saber, porém, que quando oramos, por desígnio do próprio Deus, o Espírito aperfeiçoa o que falamos em oração.

Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus. A referência feita primeiramente a *todas as coisas* diz respeito às *aflições deste tempo presente* (v. 18). Todas as circunstâncias trabalharão juntas e cooperarão para o bem do cristão; ou seja, o cristão será moldado, no presente momento, por Jesus Cristo e, no porvir, reinará com Ele.

Daquelles que amam a Deus. É uma referência àqueles que *são chamados por seu decreto*. Nosso amor é a nossa resposta à operação do Espírito Santo em nossa vida. Nós somos *chamados de acordo com o seu propósito* (NVI). Tudo o que Deus faz, inclusive a redenção, é para realizar Seu plano.

8.29 — *Dantes conheceu.* Isso significa que Ele *conheceu anteriormente*, o que é mais do que um mero conhecimento a respeito das pessoas e dos eventos. Ele conheceu as pessoas, não meramente conheceu a respeito delas. Essa expressão foi interpretada por alguns como uma referência à escolha gratuita e misericordiosa de Deus de certas pessoas, que receberam como presente a

salvação independente de quaisquer obras que eles tenham feito. O Seu conhecimento dos eventos futuros e das pessoas, porém, não determina a Sua escolha (1 Pe 1.2). Pelo contrário, Ele escolheu os que seriam salvos a partir de Sua própria vontade e a partir de Seu próprio propósito. Somente Deus salva; as pessoas nunca ganharão a salvação mediante o exercício de quaisquer obras.

8.30 — Deus não só conheceu de antemão e predestinou os cristão (v. 29), mas também os *chamou* os cristãos para pregar a mensagem do evangelho (2 Ts 2.14). Porém, esta não é a chamada geral do evangelho a todas as pessoas. Se fosse, nós seríamos forçados a aceitar o universalismo, a visão de que todo o mundo será salvo. Em vez disso, esses que são chamados por Deus foram de antemão conhecidos, predestinados; Deus os *justificou*. Essa vocação é uma referência ao trabalho do Espírito no interior do coração dos eleitos de Deus, fazendo-os ter a convicção em Cristo (At 16.14). Ser justificado significa *ser declarado íntegro*. Finalmente, Deus os *glorificou*. Embora a glorificação esteja no futuro, ela é declarada aqui no tempo passado. Todos aqueles que foram de antemão conhecidos por Deus, no passado da eternidade em que Deus vive, têm certeza quanto ao futuro de tal forma que o apóstolo fala da sua glorificação como um ato já realizado.

8.31 — Paulo faz quatro perguntas retóricas, todas elas feitas para elucidar a questão do propósito eterno de Deus.



EM FOCO

PREDESTINADO (GR. *PROORÍZŌ*)

(Rm 8.29,30; At 4.28; 1 Co 2.7; Ef 1.5,11).

Predestinar significa marcar de antemão, estabelecer limites para alguém ou limitar alguém de antemão. A palavra portuguesa *horizonte* é derivada dessa palavra grega. O destino, ou horizonte, do cristão foi estabelecido por Deus desde a eternidade: tornar-se semelhante ao Seu Filho.

Note como os termos *predestinou*, *chamou*, *justificou* e, especialmente, *glorificou* em Rm 8.29,30 estão todas no tempo passado. Isso se dá porque Deus, de Sua perspectiva eterna, vê o processo da salvação como já tendo sido completado. Da perspectiva de Deus, já fomos glorificados porque Ele nos vê como justos por causa da obra de Cristo na cruz. Mais ainda, enquanto vivemos nossa vida, caminhando com o Senhor, nós devemos passar pelo processo de sermos conformados à imagem do Filho de Deus.

Que diremos, pois, a estas coisas? Em essência, este versículo é a conclusão que Paulo apresenta para os oito primeiros capítulos de Romanos. Essa pergunta significa: Qual será a nossa resposta ao que foi dito? Paulo continua, dizendo: *Se Deus é por nós, quem será contra nós?* Essa não é uma das quatro perguntas retóricas, mas é a resposta à primeira pergunta feita. Paulo apenas responde que ele tem confiança plena de que o propósito eterno de Deus será realizado porque Deus é Deus.

Quem será contra nós? Não significa que nós não temos nenhum adversário. Os versículos 35 e 36 listam um grande número de adversários. Paulo deseja afirmar que não há nenhuma acusação que seja tão grande que possa contrariar o propósito eterno de Deus.

8.32 — Paulo responde à pergunta retórica do versículo 31 com uma nova pergunta. Considerando que Deus nos fez o maior bem, pois entregou o *Seu próprio Filho*, não nos dará também *com ele todas as coisas?*

8.33 — Essa é outra pergunta retórica, equivalente a uma negação enfática. Os *escolhidos* recordam o plano eterno de Deus (v. 28-30). Se Deus, o Juiz Supremo, justificar-nos, então quem poderá agir contra nós e prosperar, ou ter sucesso em sua empreitada?

8.34 — *Cristo quem morreu [...] também intercede por nós.* A partir do momento em que Cristo nos justificou e passou a interceder por nós, ninguém mais pode nos condenar. A morte do Senhor Jesus em nosso favor teria pouco proveito caso ela fosse considerada separadamente da Sua valerosa ressurreição. É o Deus vivo que garante, seguramente, o cumprimento do propósito eterno de Deus. Assim, Ele está sentando agora à destra de Deus, cheio de glória e soberania, e de onde Ele é eternamente exaltado. O Senhor Jesus intercede por nós, junto a Deus Pai, pela autoridade que é inata à Sua divindade. Por causa da Sua morte vitoriosa, da Sua ressurreição vitoriosa, da Sua ascensão vitoriosa aos céus e da Sua intercessão vitoriosa por nós, o Senhor Jesus selou o propósito eterno de Deus. Em todo universo não há nada que possa prover maior garantia que a obra perfeita de Cristo.

8.35 — Se ninguém pode se opor a nós e prosperar (v. 31), ou nos acusar (v. 33), ou ainda nos condenar (v. 34), então é fato visível que nós temos uma relação pessoal com Deus. Devido a esse relacionamento, ninguém pode nos *separar do amor de Cristo* por nós. A enumeração de adversidades constantes neste versículo cobre a gama de experiências que poderiam parecer desafios consideravelmente grandes à realidade do amor de Cristo.

8.36 — *Ovelhas para o matadouro.* Aqueles que amam a Deus (Sl 44.17-22) sempre têm de enfrentar a morte, dia após dia (2 Co 4.11).

8.37 — As provações e as dificuldades listadas no versículo v. 35 não apenas não podem nos separar do amor de Cristo, mas também nos tornam *mais do que vencedores*, pois elas nos forçam a depender cada vez mais de Deus.

8.38,39 — Absolutamente nada poderá *separar* o cristão do amor de Deus. O apóstolo usa de grande esforço para escolher as palavras que descrevem a certeza absoluta da existência do amor de Deus em favor do cristão. Nada é tão difícil ou perigoso, nem a morte, nem a vida, que possa nos separar de Deus. Se Deus, o único ser não-criado, é por nós, nada neste mundo pode nos separar dele, o que torna a nossa segurança nele absoluta.

9.1-3 — No final do capítulo 8, Paulo estabeleceu as seguintes ideias: (1) Deus tem um propósito na vida de cada cristão, (2) nada pode impedir que esse propósito se cumpra e (3) ninguém pode separar as pessoas de Deus e do Seu amor. Mas o que há para ser dito a respeito dos judeus? Deus tinha um propósito para Israel, ele havia dito que amava Israel. Até agora, parece que Israel foi excluído do projeto de Deus. Paulo dá atenção a essa questão nos capítulos de 9 a 11 de Romanos.

Separado de Cristo. A dor de Paulo era tão grande que ele estava disposto, se possível, a ser separado de Cristo se isso contribuísse para a união de Israel com Ele (Êx 32.32).

9.2,3 — *Grande tristeza* (gr. *lypē*) e *continua dor* (gr. *odynē*). Paulo começa com uma expressão da sua tristeza diante do quadro de incredulidade do povo de Israel.

9.4,5 — Paulo lista alguns dos grandes privilégios de Israel. Por exemplo, eles foram chamados de israelitas. Israel foi o nome dado a Jacó, um antepassado dos judeus, como uma expressão do favor de Deus (Gn 32.28).

Cristo. O maior privilégio para os judeus foi o fato do Messias ter vindo de Israel.

Deus bendito eternamente. Jesus Cristo é Deus feito carne.

9.6 — *A palavra de Deus.* Neste contexto é uma referência às promessas de Deus para Israel. Paulo está declarando que os propósitos e as promessas feitas por Deus nunca falharam. *Nem todos os que são de Israel são israelitas.* Nem todos aqueles que são descendentes de Jacó (Israel) segundo a carne herdaram as promessas de Deus.

9.7 — *Abraão* é outra ilustração feita por Paulo para mostrar que ser da descendência física do patriarca não é a garantia de ter um lugar na família de Deus. Abraão teve dois filhos, Ismael e Isaque, mas apenas Isaque herdou as promessas.

9.8 — *Filhos da carne.* Ser um descendente de Abraão, por ter o mesmo sangue que ele, não significa ter direito de herdar a promessa de Deus feita a esse patriarca e sua descendência.

9.9 — *Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho.* Essa citação de Gênesis 18.10 diz respeito à promessa do nascimento de Isaque; algo tão improvável que provocou risos em Sara (Gn 18.12). Não obstante o caráter improvável da promessa, Isaque nasceu e, embora não tenha sido o primogênito de Abraão, ele era o escolhido de Deus para receber as promessas. Era aquele em quem as promessas se cumpriram. Deus escolheu Isaque. Paulo afirma: *Em Isaque será chamada a tua descendência* (Rm 9.7), ou seja, a descendência de Abraão. O apóstolo utiliza Isaque como uma ilustração de como Deus não negocia a Sua soberania, impedindo qualquer interferência ou iniciativa humanas.

9.10 — Os filhos de *Isaque* também são mencionados nessa nova ilustração feita por Paulo. Nunca foi o propósito de Deus que Sua promessa feita a Isaque fosse cumprida por Esaú.

9.11 — *Porque, não tendo eles ainda nascido.* Deus escolheu Jacó em posição superior a Esaú antes que ambos nascessem. Antes que tivessem feito bem ou mal, a escolha já havia sido feita. Essa escolha não estava baseada em qualquer obra, mas unicamente no Deus que fez o chamado. Deus não elegeu Jacó por causa de qualquer coisa que ele tivesse feito; a eleição dele estava baseada na graça.

9.12 — *O maior.* Os descendentes de Esaú. *O menor.* Os descendentes de Jacó (Gn 25.23 e sua respectiva nota).

9.13 — *Aborreci.* É fato que Deus fez provisão para Esaú (Gn 27.39; 36; Dt 23.7). O verbo *aborrecer* utilizado aqui é uma forma de dizer que ele era amado em menor grau. Gênesis 29.30, por exemplo, diz que Jacó amou Raquel mais do que amou Leia (ou Lia), mas o versículo 31 (traduzido literalmente) diz que Leia foi aborrecida. O que Paulo está querendo dizer é que Esaú não foi objeto dos propósitos eletivos de Deus.

9.14 — Se Deus escolheu alguns dos descendentes de Abraão (v. 6), como Isaque em detrimento de Ismael (v. 7-9), ou Jacó em detrimento de Esaú (v. 10-13), então *há injustiça da parte de Deus?* A questão que pode ser levantada aqui é que, se Deus escolhe Isaque ou Jacó sem levar em conta as suas obras, então essa escolha não foi correta ou foi injusta. Se a eleição e a rejeição divinas estivessem baseadas nas más ações de um ou nas boas ações do outro, a questão a respeito da justiça de Deus nunca teria surgido. Essa questão é o tema dos capítulos 9-11.

9.15 — Paulo responde à questão lançada no versículo 14 não para justificar as ações ou escolhas de Deus, mas para declarar a soberania inequívoca do Senhor em cumprir a Sua vontade.

Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Nessa passagem do Êxodo, Deus declara o Seu direito absoluto de não ser interrogado pelas Suas criaturas a respeito das Suas decisões (Êx 33.19). Com essas palavras a respeito do compadecimento e da compaixão, Deus revelou o Seu caráter para Moisés quando ele pediu para ver a glória de Deus. Os que questionam Deus nesses assuntos

não viram a Sua glória, a glória que foi permitido a Moisés ver.

9.16 — *Mas de Deus.* A base da escolha soberana de Deus não é a conduta de uma pessoa, mas a Sua compaixão. Deus é livre para mostrar a Sua misericórdia a quem Ele escolher.

9.17,18 — O Faraó recusou-se a obedecer a Deus (Êx 5.2) e endureceu o seu coração (Êx 7.13,14,22; 8.15,32; 9.7). Deus usou o pecado do Faraó para demonstrar o Seu *poder* e mostrar a grandeza do Seu *nome*.

Endurece. Deus apenas deu ao Faraó o que esse governante já havia escolhido fazer. Não obstante, é preciso ressaltar o fato de que Deus soberanamente escolhe ter clemência de alguns, ao mesmo tempo que escolhe retê-la de outros.

9.19,20 — *Por que se queixa ele ainda?* O verbo traduzido aqui por *queixar* significa culpar. Paulo lança aqui questões humanas que ele responderá nos versículos 20 e 21. Se Deus endurece quem ele quer (v. 18), porque culpar aquele que foi endurecido ou que resiste à Sua vontade? Se Deus



APLICAÇÃO

JUSTIÇA

O que é justiça? A maioria de nós pensa imediatamente em alguém que procura obedecer a um conjunto de regras, tal qual uma criança que brinca de amarelinha e procura vencer sem nunca pisar na linha. Quando Paulo fala a respeito da justiça em Romanos, ele vai muito além desse mero senso comum que geralmente se tem em relação a essa palavra. Ele extrai o conceito do Antigo Testamento, onde *retidão* diz respeito ao relacionamento entre Deus e uma pessoa, ou entre Deus e o Seu povo.

No Antigo Testamento, a justiça é fundamentalmente um atributo de Deus (Sl 71.15; 119.42). Apenas Deus é verdadeira e totalmente justo. Ele é aquele que permanece fiel, tanto às suas promessas, quanto à aliança que estabeleceu com Israel, e também em relação à Lei. Em resposta a Deus, os Israelitas como povo de Deus tinham a responsabilidade de vivenciar a justiça para refletir a justiça de Deus nesta terra. No fim das contas, isso significou que eles tiveram que amar e adorar apenas ao Deus vivo. A Lei de Moisés, pode ser resumida em um mandamento e ao seu corolário: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* (Lv 19.18; Mc 12.31).

Tragicamente, os israelitas não guardaram a aliança. Eles provaram sua infidelidade para com a aliança, embora Deus tivesse permanecido fiel. Enviando os profetas ao Seu povo, Deus os advertiu dia após dia, apontando o seu pecado. Finalmente, Deus teve que os disciplinar com escassez, derrotas militares e até mesmo com o exílio na Babilônia. Mas Deus permaneceu fiel e restabeleceu o Seu povo à terra quando eles se arrependeram e se voltaram para Ele.

Depois do seu retorno da Babilônia, os israelitas confundiram a justiça com a observância rígida da Lei, como ela foi estabelecida no Pentateuco. Os líderes religiosos judeus acrescentaram numerosas emendas à Lei para assegurar que ninguém a quebraria inadvertidamente. A obediência zelosa da Lei foi logo comparada à justiça. A mera observância externa de um conjunto de regras não agradou a Deus. O que Deus queria e quer é um coração verdadeiramente arrependido, humilhado e que respeita a Sua vontade. Ele quis ser o Deus do coração e da mente dos israelitas, e o centro da devoção desse povo.

Na sua carta aos cristãos romanos, Paulo afetuosamente advertiu que ninguém havia alcançado esse padrão. Ninguém conseguia amar completamente e adorar a Deus como era exigido (Rm 3.23). Todos pecaram. Nenhuma boa obra ou devoção, ou mesmo qualquer aparência externa, pôde restabelecer a relação com o Deus Santo (Is 64.6). Os gentios não procuraram uma relação correta com o Seu Criador, o que acabou por incliná-los à realização de toda sorte de males (Rm 1.18-31). Por outro lado, os judeus procuraram mediante a obediência apenas exterior à Lei e às suas tradições, a autojustificação diante de Deus (Rm 9.31,32). Tanto os gentios quanto os judeus falharam em suas tentativas.

Jesus é o único que pode estar diante do Deus glorioso; Ele é o único que é verdadeiramente justo. Notavelmente, Ele nos ofereceu um modo de nos libertar de nossa escravidão em relação ao pecado. Ao colocar em Jesus a nossa fé e a nossa confiança, nós podemos ser declarados justos. Nós podemos ter uma justiça que não tem nada a ver com nossas próprias obras, apenas mediante a confiança na vida sem pecado de Jesus e na Sua morte expiatória em favor dos nossos pecados. Deus nos perdoa e nos justifica por causa de nossa identificação, mediante a fé, com a justiça de Seu Filho (Rm 4.5). Através de Jesus, nós podemos, finalmente, ser libertados da culpa decorrente dos nossos pecados. Nós não apenas podemos chegar ao Santo Deus em louvor e gratidão, mas também podemos fazer a Sua vontade.

endurece, como pode ser dito que a pessoa está resistindo a Deus? O endurecido não está fazendo apenas aquilo que Deus determinou que ele fizesse? A pergunta retórica com o verbo *replicar* significa dar uma resposta. Paulo está afirmando que tal inquiridor assume uma atitude argumentativa. O apóstolo reprova qualquer um que eleve tais objeções, que no fim são apenas protestos contra o modo divino de agir, não um pedido sincero a Deus para que Ele dê uma explicação.

9.21 — A palavra traduzida por *poder* pode significar direito ou autoridade. Paulo insiste no direito de Deus de fazer tudo aquilo que o agrada.

9.22,23 — *E que direis se Deus*. Alguns insistem que Paulo esteja apontando apenas para a possibilidade de que um vaso seja feito para a destruição. Outros consideram a passagem literalmente, como uma afirmação de que Deus prepara alguns para a destruição eterna.

Vasos da ira, preparados para perdição [...] vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou. A estrutura gramatical do primeiro versículo, que menciona os vasos preparados para a ira, é distinta do segundo versículo, que menciona os vasos de misericórdia. É possível que o primeiro seja uma alusão àqueles que prepararam a si mesmos, enquanto o segundo é uma menção aos que foram preparados por Deus. Se estamos condenados, isso se dá por nossa rejeição a Deus; se nós somos salvos, isso se dá devido à graça de Deus. A pergunta não é: Por que alguns são salvos e alguns condenados? Todos no mundo merecem a condenação. Apenas pela graça de Deus é possível que alguém seja salvo.

9.24-29 — Deus chama *judeus* e *gentios*. Paulo cita várias passagens do Antigo Testamento para confirmar essa afirmação.

9.29 — *Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência*. Caso Deus não tivesse sido misericordioso, Israel teria sido totalmente destruído como foram as cidades de Sodoma e Gomorra.

9.30-32 — A questão é: *Se Israel* recebeu a Lei e buscava a *justiça*, por que eles nunca chegaram à *lei da justiça*? Isso se deu porque eles não eram verdadeiramente eleitos? A resposta é que eles não obtiveram a justiça porque eles não

creram. Eles tentaram obter a justiça pelas obras da Lei. Tentando obter a justiça através das obras, eles *tropeçaram* na justiça da fé oferecida por Cristo.

9.32,33 — A grande tragédia que acometeu a nação judaica foi que o Messias tão esperado e desejado por essa nação se tornou para ela uma pedra de tropeço, em lugar de ser um abrigo em que ela poderia proteger-se. A citação aqui é do texto de Isaías 28.16, que tem por contexto a esperança de Israel na aliança com o Egito contra a ameaça assíria, em lugar de colocarem a sua esperança no poder de Deus. Os que nunca confiam em Deus, no momento adverso temem que sua confiança seja colocada em algo frágil ou sem fundamentos.

E todo aquele que crer nela não será confundido. Se Israel tivesse confiado no Seu Deus em lugar de confiar na Sua Lei e em seus vizinhos, a nação não teria sido amaldiçoada e dispersada por todo o mundo. Mas a cegueira parcial de Israel, em relação ao propósito eterno de Deus, resultou em bem para os gentios e para o mundo. Agora, Deus está convocando para Si pessoas tanto dentre os judeus quanto dentre os gentios.

10.1-21 — A base para o capítulo 10 de Romanos já foi mencionada, no mesmo livro, em 9.30-33. A ênfase dada aqui está no tema da justiça e na razão pela qual Israel não conseguiu obtê-la. Paulo põe a responsabilidade da falta de retidão nos ombros de cada indivíduo. Ele sabe que quando os pecadores são trazidos à presença da soberania divina, a sua reação mais frequente é tentar se justificar, colocando a responsabilidade pelo seu pecado em Deus. De modo algum Paulo se desculpa pelo que disse sobre a soberania de Deus no capítulo 9. Ele não se aparta em momento algum da sua forte convicção de que Deus sempre agiu a partir do princípio da eleição. Porém, ele demonstra que Deus não é responsável pela condição decaída do incrédulo. O ser humano é o único responsável pelo seu estado. Qualquer tentativa de se ocultar atrás da soberania divina e da doutrina de eleição é inútil, pois não há como se desculpar pelo pecado pessoal ou se olvidar dele.

10.1 — *Salvação*. Essa palavra é usada no Novo Testamento de várias formas diferentes (Rm 1.16). Em Romanos, Paulo parece fazer uma distinção entre a justificação e a salvação (Rm 5.9,10); o leitor deve prestar atenção ao contexto. A justificação é o que acontece no momento em que eu creio ou deposito a minha fé em Cristo. A salvação é uma referência à ação de Deus no indivíduo, operação que continua depois da justificação. É a libertação da ira de Deus (Rm 1.18; 5.9,10). A conclusão lógica do capítulo 9 é que Israel está sob a ira divina (Rm 9.22). O *desejo* mais profundo de Paulo e a sua *oração* é que Israel possa ser justificado e possa ser salvo da ira de Deus.

10.2 — Israel tinha *zelo de Deus*; exteriormente, os israelitas eram muito religiosos. Mas o seu esforço não era acompanhado de *entendimento*. Falta a eles uma compreensão correta do tipo de culto que Deus queria deles. Paulo explica a ignorância de Israel nos versículos 3 a 13.

10.3 — *A justiça de Deus*. É a retidão que é própria ao ser divino, mais especificamente nesse contexto, a justiça que Deus concede quando uma pessoa confia em Cristo.

Não se sujeitaram. Significa que não desejavam obedecer. Israel não obedeceu à ordem de Deus para que eles cressem (Rm 1.5; 6.17; At 16.31).

10.4 — *Fim*. Pode significar *cumprimento*; ou seja, que Cristo cumpriu todas as exigências da Lei. Também pode significar *meta*, ou seja, Cristo era o objeto para o qual a Lei conduzia. O ponto em questão é que Israel era ignorante em relação à justiça de Deus porque eles não compreenderam o propósito que a Lei pretendia cumprir. A Lei revelou o pecado e mostrou que as pessoas não podiam ter a esperança de cumpri-la integralmente. Cristo veio e cumpriu-a, então nos ofereceu a sua retidão pela fé nele.

10.5-8 — Há dois tipos de justiça: a obtida através das obras e a obtida pela fé. A primeira é inacessível para nós, enquanto a segunda está disponível. Paulo usa as palavras de Deuteronômio 30.11-14 para demonstrar que a justiça proveniente da fé não está distante nem é inacessível, mas está tão próxima quanto a *boca* de uma pessoa está próxima ao seu *coração*. Tudo o que a

pessoa deve fazer é se arrepender, acreditar em Jesus e confessar essa convicção (Rm 10.10).

10.9 — *Confessares* aparece, neste versículo, antes de *creres* porque a boca precede o coração em Deuteronômio (Rm 10.8). A pessoa deve primeiro confessar com a *boca* para depois obter a *salvação*. Essa ordem é invertida no versículo 10.

10.10 — A frase *para a salvação*, mencionada aqui é a explicação do versículo 9. A condição para justiça, para que alguém seja justificado, é a fé interior. A condição para a *salvação*, que significa a libertação da ira de Deus e do poder de pecado, é a confissão externa (v. 1; 5.9,10), é o clamor pelo auxílio do Senhor (v. 12,13).

10.11-13 — Paulo enfatiza a oferta universal de salvação. *Aquele*, termo usado nos versículos 11 e 13, significa *todos*. O versículo 12 explica que esse termo inclui o *judeu* e o *grego* (os pagãos).

10.14 — Se a salvação passou a estar disponível para todo o mundo, Deus deve enviar os pregadores para que as pessoas possam ouvir o evangelho e crer nele, atendendo à sua mensagem.

10.16 — *Todos*. Refere-se a Israel. Nem todos os judeus atenderão ao chamado e crerão em Cristo.

10.17 — É preciso ouvir a *palavra de Deus* e crer nela.

10.18-21 — Os israelitas *ouviram* o evangelho, mas se mostraram um povo *rebelde*; apenas um remanescente creu nele e acolheu sua mensagem.

11.1-36 — Embora Israel tenha ouvido e rejeitado o evangelho (Rm 10.16-21), Deus não os rejeitou completamente. Até mesmo hoje alguns Israelitas aceitaram a graça de Deus (v. 1-10). Além disso, a rejeição da nação como um todo não é final (v. 11-24), porque a vontade de Deus é salvar judeus e gentios pela graça (v. 25-32). Louvado seja o nome do Senhor (v. 33-36)!

11.1 — Uma das provas de que Deus não *rejeitou* o povo judeu é o próprio Paulo. Ele era um *israelita*, um descendente de *Abraão*, um membro da tribo de *Benjamim*. Ele era um judeu e foi escolhido por Deus para ser um cristão e um apóstolo.

11.2 — Neste versículo, a frase *o seu povo* é uma referência à nação de Israel e não só aos



ENTENDENDO MELHOR

A UNIDADE DO CORPO DE CRISTO

No tempo em que Paulo escreveu sua carta aos romanos, é provável que os gentios estivessem se tornando uma maioria entre os cristão da Igreja. Os judeus tinham cada vez menos influência teológica, cultural e política. Gradual e tragicamente, as atitudes de orgulho e de preconceito dos judeus contra os gentios estavam voltando a incomodar, e os cristãos de origem pagã começaram a se distanciar cada vez mais dos seus irmãos judeus.

Em Romanos, capítulos de 9 a 11, Paulo suplicou aos seus leitores pagãos que se lembrassem de que Deus não se esqueceu de Israel. Deus fez promessas à nação das quais Ele não pode arrepender-se, não pode voltar atrás (Rm 11.29). Além disso, os gentios não têm nenhuma razão para se arrogantes; afinal, originalmente, eles não faziam parte do povo de Deus, mas foi-lhes permitido se enxertados nele, como ramos em uma árvore (Rm 11.17,18).

Paulo viu a possibilidade de que a Igreja se dividisse, tornando-se dois grupos, um contendo judeus, outro contendo pagãos; ambos vivendo separadamente. Se isso acontecesse, os gentios ignorariam a comunidade judaica completamente, em vez de terem compaixão e comunicarem o evangelho de forma que os judeus fossem salvos. Essa é a razão pela qual Paulo, tanto aqui como em outras partes de suas cartas, desafiou os cristãos a procurarem a unidade no corpo de Cristo e a caridade entre os povos do mundo.

eleitos pertencentes a essa nação. Nos versículos 4 a 7, Paulo estabelece a distinção entre a nação e o remanescente, mas a ênfase dada por ele está no fato de que Deus salva o remanescente como uma prova de que ele não abandonou o seu projeto para a nação (v. 26).

Que antes conheceu. Veja Romanos 8.29.

11.3-5 — Paulo cita Elias como uma ilustração. Elias pensou que a nação inteira de Israel tinha apostatado, mas ele estava errado. O remanescente (resto) dos dias de Elias era prova de que Deus não tinha rejeitado o Seu povo, e o remanescente do tempo de Paulo continuava a ser uma evidência de Sua fidelidade.

11.6 — *Mas, se é por graça, já não é pelas obras.* Graça e obras aqui são mutuamente excludentes. A eleição de Deus foi estabelecida apenas sobre a graça (v. 5).

11.7 — Aquilo que Israel *buscava* era a justiça (Rm 9.31—10.3). Os *eleitos* são os que *alcançaram* a justiça mediante a fé. Os outros foram *endurecidos* porque eles não creram.

11.8-10 — Paulo cita Isaías e Davi para mostrar que a indiferença espiritual de Israel foi um padrão que se manteve ininterruptamente. A rejeição de Cristo pelos judeus traria uma enorme miséria sobre a nação.

11.11 — *Tropeçaram.* A rejeição de Israel significa o fim do programa de Deus para a nação?

Certamente não! A incredulidade de Israel trouxe *salvação aos gentios*, e conduzirá, no fim das contas, à salvação de Israel (v. 26).

11.12,13 — *Plenitude.* A nação de Israel, escolhida por Deus para receber a salvação, será salva com os gentios cristãos, resultando em uma grande bênção para todo o mundo (v. 26).

11.14 — *Salvar alguns.* Paulo está revelando o seu grande desejo de ver a salvação de todo o povo de Israel (v. 12,26).

11.15 — *A vida dentre os mortos.* O fracasso de Israel, decorrente de sua rejeição de Cristo, se tornará a sua posterior aceitação do evangelho. Essa recepção do evangelho por parte dos judeus será tão vívida e maravilhosa quanto será a ressurreição que todos os cristãos experimentarão; será como se eles tivessem retornado da morte.

11.16 — *Primícias e raiz* são referências à conversão de alguns judeus (v. 14) e dos gentios (v. 15).

11.17 — O *zambujeiro* é uma referência aos cristãos de origem gentílica. A oliveira é uma alusão a Israel, aos que herdaram as promessas estabelecidas na aliança abraâmica (Gn 12.1,2; 17.7,8; Os 14.6).

Enxertado em lugar deles. Paulo intencionalmente estende a analogia para o enxerto com o propósito de comunicar aqui que os gentios foram sobrenaturalmente ligados à família de Deus.



EM FOCO

MISTÉRIO (GR. *MYSTĒRION*)

(Rm 11.25; 16.25; 1 Co 2.7; Ef 1.9; 3.3,4,9).

A palavra *mistério*, com frequência usada por Paulo, não significa algo incompreensível, mas algo que tinha sido mantido em segredo e agora veio a ser revelado. No ambiente cultural e religioso de Paulo, o termo era muito usado como referência às religiões de mistério. Partidários dessas religiões usavam o termo para falar do conhecimento secreto da sua religião, conhecimento revelado apenas ao iniciado. Em contraste, Paulo usa a palavra para falar de um segredo que foi revelado abertamente a todos.

11.18-24 — Se não tivesse sido pela graça de Deus, os gentios nunca teriam sido enxertados na vida de Deus, que os judeus anteriormente desfrutaram. A nova vida que os permite produzir frutos cresce da mesma raiz em que o antigo Israel foi cultivado. Os cristãos do Novo Testamento não devem presumir que são melhores que os judeus, porque eles haviam sido cortados por causa da sua incredulidade.

A igreja pagã nunca deve esquecer que a sua confiança está na graça de Deus, sob a pena de ser cortada da árvore e ter um final semelhante ao dos ramos naturais. O processo de ser recebido na vida de Deus tem por fundamento a graça de divina. Nós nunca devemos ter o afã de sermos senhores da graça de Deus, impedindo que aqueles que foram cortados cheguem à árvore, porque é muito mais fácil repor os ramos naturais que enxertar os ramos em seu lugar. Nós devemos, portanto, depender totalmente da graça de Deus para a nossa salvação, como fazem os remanescentes de Israel.

11.18 — Os gentios, os quais foram enxertados a partir da aliança abraâmica, passaram a receber a bênção de Deus, o que não deveria ser motivo para eles se gloriarem. Os gentios não deveriam menosprezar os judeus, os ramos da videira de Deus.

11.19 — A razão dos israelitas terem sido *quebrados* (v. 17), terem sofrido *rejeição* (v. 15) e terem sofrido uma *queda* (v. 12) foi a possibilidade de os gentios serem enxertados na árvore.

11.20 — *Está bem*. Paulo concorda, com a objeção, que Israel estava *quebrado* (v. 19) e que fora por causa da incredulidade deles que os gentios estavam *em pé pela fé*. Mas ele vai advertir que os gentios não deveriam ser arrogantes, deviam temer. Estar de pé diante de Deus é um ato que só é possível mediante a fé. Sentimentos de superioridade não têm vez.

11.21 — Paulo estava advertindo os gentios para que eles não fossem arrogantes (v. 20), mas se lembrassem que eles dependiam de Deus e eram responsáveis diante dele da mesma maneira que os judeus o eram.

11.22,23 — Se *permanecerem* na *bondade* de Deus, eles não serão cortados, e se os judeus se voltarem a Deus pela fé, eles poderão ser enxertados novamente na árvore. Essa não é uma referência à salvação individual, mas ao plano de Deus para judeus e gentios.

11.24 — É muito mais natural esperar que Israel, o ramo *natural*, seja *enxertado* na árvore, do que esperar que os gentios, provenientes do *zambujeiro*, sejam incluídos.

11.25 — Se os cristãos não entenderem *este segredo*, eles correm o risco de serem presunçosos em si mesmos, o que significa se tornarem arrogantes (v. 20) e ostentadores (v. 18). O mistério é que Israel foi temporária e parcialmente endurecido, mas Deus não os rejeitou.

11.26 — *Todo o Israel* não quer dizer que todos os indivíduos na nação se voltarão para Deus. Significa que a nação será salva como um todo (mas nem todos os indivíduos da nação o serão).

11.27 — *E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados*. Paulo continua a citar o texto de Isaías 59.21, entretanto faz também a citação da promessa de Jeremias 31.33, que indica que Deus manterá Sua aliança com Israel.

11.28,29 — Os judeus são os *inimigos* porque eles rejeitam o *evangelho*.

Por causa dos pais é uma alusão às promessas que Deus fez aos patriarcas.

Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Ou seja, Deus não muda a Sua mente. Ele fez promessas aos patriarcas (v. 28) e as cumprirá.



COMPARE

A VIDA CRISTÃ

Descrição do cristão	Resultado
Apresenta a si mesmo para Deus (Rm 12.1)	Torna-se um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12.1)
Recebe a transformação mediante uma mente renovada (Rm 12.2)	Descobre e revela a vontade de Deus (Rm 12.2)
Tem dons espirituais em conformidade com a graça de Deus (Rm 12.6-8)	Usa os dons espirituais como parte do serviço ao corpo de Cristo (Rm 12.6)
Honra a lei civil (Rm 13.1)	Honra a Deus (Rm 13.1)
Ama ao próximo (Rm 13.8)	Cumpra a Lei de Deus (Rm 13.8)
Busca a paz (Rm 14.19)	Serve para edificar a todos (Rm 14.19)
Simpatiza-se com os outros (Rm 15.5)	Glorifica a Deus com os outros (Rm 15.6)

11.30-32 — Os *desobedientes* de Israel (gr. *apeitheia*) não têm o poder de mudar o fato de que Deus ainda pode ter misericórdia deles, como fez com os gentios que eram desobedientes.

11.33 — O método de Deus lidar com judeus e gentios é uma demonstração da grande sabedoria divina.

11.34,35 — O Antigo Testamento indica em várias partes que a sabedoria de Deus não pode ser obtida pelo homem a partir de sua própria força.

11.36 — Deus é a origem, o meio e o fim de todas as coisas. Ele é o Criador, o Sustentador, Ele leva tudo a bom termo. Sendo assim, Ele deve ser louvado e, *eternamente*, glorificado.

12.1—15.13 — A transformação feita por Deus no espírito do cristão deve ser demonstrada na vida diária. As instruções práticas presentes em Romanos 12.1—15.13 estão baseadas no ensinamento doutrinário de Paulo (Rm 1.18—11.36). A doutrina cristã deve conduzir à observância da ética cristã. Em Romanos 12.1 e 2 está o compromisso básico requerido do cristão, o qual deve levar em conta tudo aquilo que Deus fez. O resto desta seção descreve como esse compromisso é levado a cabo nas diversas situações da vida diária.

12.1 — A partir da misericórdia de divina (Rm 9.11,15,16,18,23; 11.30-32), Paulo pede

aos cristãos que *apresentem* os seus corpos como um *sacrifício vivo*, ou seja, eles deveriam usar os seus corpos para servir e obedecer a Deus (Rm 6.13). Entregar de tal maneira o corpo a Deus é mais do que um contraste estabelecido por Paulo entre o corpo vivo do cristão e o sacrifício de um animal morto; é o apelo à *novidade de vida* (Rm 6.4). *Santo* é uma alusão ao lugar reservado exclusivamente para o serviço ou uso de Deus. *Agradável* é uma referência àquilo que é aceitável, aquilo que agrada. *Racional* indica que ofertar é a única reação possível de ser pensada diante de todas as boas dádivas que Deus nos deu.

12.2 — *Conforméis* significa formar ou moldar. *Mundo* é a palavra normalmente utilizada para era. Em vez de ser moldado pelos valores do mundo, aos cristão é dito *transformai-vos*, ou seja, eles devem mudar *pela renovação do entendimento*. A transformação espiritual começa na mente e no coração. Uma mente dedicada às coisas do mundo e às suas preocupações produzirá uma vida lançada de um lado para o outro pelas tendências da cultura. Mas uma mente dedicada à verdade de Deus produzirá uma vida que não se limitará ao tempo. Nós podemos resistir às tentações da nossa cultura meditando na verdade de Deus e deixando que o Espírito



EM FOCO

TRANSFORMAR (GR. *METAMORPHOÏ*)

(Rm 12.2; Mt 17.2; 2 Co 3.18)

A palavra grega para *transformar* significa mudar a forma, o mesmo sentido do termo *metamorfose* da língua portuguesa. No Novo Testamento, essa palavra é usada para descrever uma renovação dentro de nossa mente, através da qual nosso espírito interior é mudado para que assuma a semelhança de Cristo. Paulo recomendou aos cristãos romanos o seguinte: *transformai-vos pela renovação do vosso entendimento* (Rm 12.2).

Nossa vida cristã deve estar sempre em progresso. A cada dia, devemos procurar viver uma vida segundo a vontade de Deus. A transformação não acontece da noite para o dia. Nossa regeneração é instantânea, mas a nossa transformação é contínua. Quanto mais tempo passamos em intimidade com Cristo, mais somos conformados gradualmente à Sua imagem (2 Co 3.18).

Santo guie e molde nossos pensamentos e comportamentos.

12.3-13 — O texto traz instruções em relação à forma como se deve viver na comunidade cristã. Nós, os cristãos, estamos fortemente unidos porque todos somos membros do *Corpo de Cristo* (v. 3-8). Nós podemos usar com toda a humildade os dons espirituais recebidos de Deus para fortalecermos uns aos outros. A conduta que devemos ter uns com os outros tem de expressar de forma perfeita o *amor* (v. 9-13).

12.3 — *Cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber.* O cristão dotado de uma mente renovada (v. 2) pensa com sobriedade a respeito de si mesmo. O primeiro passo para uma mudança de comportamento é a auto-observação (1 Co 11.28-32).

A cada um. Deus deu para cada cristão um ou mais dons espirituais que podem ser usados ao seu serviço.

Mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé. A medida é uma alusão à soberania de Deus, que determina os dons já mencionados nos versículos 6 a 8. Esses dons não são o resultado de uma oração ou espiritualidade intensa. Pelo contrário, Deus simplesmente dá a *cada um* os dons espirituais necessários para que cada cristão possa fazer a sua parte no Reino e a Igreja seja fortalecida (1 Co 12.11,18,28).

12.4,5 — Da mesma forma que o corpo humano é uma unidade com *muitos membros*,

tendo cada um deles uma função específica, assim é o corpo de Cristo. A igreja é um corpo unido, que vive sob a autoridade de Cristo, o cabeça, mas os membros têm diferentes funções (1 Co 12.12-31).

12.6 — *Dons.* A palavra grega (*chárisma*) é uma referência às habilidades determinadas por Deus, as quais deveriam ser utilizadas para edificar os membros do corpo de Cristo. Embora os dons de Deus não possam ser cancelados ou mudados (Rm 11.29), eles podem ser administrados e podem ser desenvolvidos (1 Pe 4.10).

Profecia. Esta palavra é usada aqui como uma referência geral a todos os dons espirituais que envolvem o anúncio da Palavra de Deus. Por exemplo, em 1 Co 14.3, o termo *exortação* é um dom relacionado à profecia. Em um sentido mais estrito, profecia significa a revelação da vontade de Deus em uma situação particular (At 13.1-3).

12.7,8 — *Ministério.* Ou seja, serviço. Esse é um dom que está em contraste com os dons relacionados ao falar, ou anunciar, algo (1 Pe 4.11). A Bíblia lista cinco dons relacionados com a pregação: profecia, ensino, encorajamento, palavra de sabedoria e palavra de conhecimento. Além disso, são nomeados sete dons de serviço: socorro, misericórdia, fé, discernimento de espíritos, liderança, administração e mordomia.

12.9 — *O amor cristão não é de forma alguma mera emoção, mas ação.*



APLICAÇÃO

ANTÍDOTO CONTRA A DOENÇA DA COMPARAÇÃO

Uma das doenças que têm debilitado o mundo moderno é a da comparação — a tendência de medir-se comparando-se aos outros. Você não achará essa doença em qualquer lista de enfermidades de livros médicos, muito menos conseguirá aposentar-se em consequência desse mal ou receber algum tratamento especializado para essa doença. Tampouco será possível se abster do trabalho por conta dessa moléstia. Mas não se engane: a prática de fazer comparações é um mal bastante difundido e uma prática tão destrutiva quanto qualquer outra moléstia física ou emocional conhecida.

Essa doença ocorre quando as pessoas encontram maneiras de olhar os outros de cima; quando acham que, em comparação aos outros, elas têm mais habilidades, maior inteligência, mais condições ou maior riqueza. Ela é uma doença antiga. Certamente, Paulo estava atento ao caráter mortal desse mal. Por isso, o apóstolo oferece um antídoto para essa enfermidade: não nos enxergarmos a partir de comparações com os outros, muito menos a partir da avaliação feita por terceiros, mas a partir da forma como Deus nos enxerga (Rm 12.3). E mais ainda: o que realmente importa é o valor que Deus nos dá. Para Ele, nós somos muito importantes!

Deus não nos define a partir de critérios culturalmente definidos, ou quaisquer critérios externos. Nem mesmo a partir do nosso gênero, etnia, herança familiar ou formas corporais. Nada disso tem qualquer importância para ele. Deus utiliza critérios completamente diferentes, critérios que servem como base para o Seu relacionamento conosco, como é possível perceber pelo exemplo de vários personagens bíblicos. Veja:

Paulo entendeu que a graça de Deus o havia transformado no que ele era (1 Co 15.10). Ele também descobriu que, apesar do seu passado, Deus tinha feito dele uma nova criatura (2 Co 5.17).

- Pedro aprendeu que, pelo poder de Deus, ele tinha recebido tudo aquilo de que necessitava *para viver sua vida* e praticar a *piedade* (2 Pe 1.3).
- Jó percebeu que podia ter tudo — uma família maravilhosa, amigos sinceros, muitos bens materiais e muita saúde —, mas Deus é realmente o mais importante (Jó 1.21).
- Um dos salmistas entendeu que Deus o tinha formado *de um modo terrível e tão maravilhoso*. Imagine o que isso representava para a sua autoestima! (Sl 139.14).

Aborrecei o mal. O cristão evita *toda aparência do mal* (1 Ts 5.22).

12.10 — Há pelo menos quatro palavras gregas que podem ser traduzidas por *amor*, mas nem todas elas são utilizadas no Novo Testamento. (1) A forma mais elevada de amor é representada pelo termo grego *ágape*. Esse termo denota um amor sacrificial. Diz respeito a um ato da vontade por meio do qual uma pessoa busca o melhor para a outra. *Ágape* é o termo utilizado no versículo 9 deste capítulo de Romanos. (2) A palavra grega *phílos* significa *consideração afetiva*, e a forma derivada *philadelphía* é traduzida por *amai-vos cordialmente* neste versículo. (3) *Philóstorgos* quer dizer *afeto familiar*, sendo traduzido no versículo por *amor fraternal*. (4) *Éros* é a palavra utilizada para se fazer referência ao amor físico. Tal palavra não ocorre no Novo Testamento.

Preferindo-vos em honra uns aos outros. A maior prova da verdade da mensagem do evangelho é

da realidade do amor de Jesus é que os cristãos demonstrem amor uns pelos outros. Cristo é o maior modelo de amor sacrificial (Fl 2.3-8).

12.11 — *Vagarosos no cuidado.* Os cristãos não devem oferecer o seu serviço com indiferença ou de forma preguiçosa. Em vez disso, Paulo encoraja os cristãos romanos para que sirvam avidamente e com seriedade.

12.12 — O cristão que ora *sem cessar* (1 Ts 5.17) certamente se alegra *na esperança* e exerce a *paciência* (do grego *hypoméñō*), ou seja, tem condições de suportar provas quando passar por *tribulação*.

12.13 — *Hospitalidade* implica amar os estrangeiros. A referência primária é ao ato de acolher os viajantes, mas todas as formas de acolhimento estão inclusas no campo semântico dessa palavra. A progressão nesse versículo é significativa. Na medida em que nós nos dedicamos a satisfazer as necessidades dos outros irmãos em Cristo, devemos aproveitar as oportunidades para servir



APROFUNDE-SE

SUBMISSÃO À AUTORIDADE

A Bíblia desafia a nós como cristãos a nos sujeitarmos a qualquer governo sob o qual vivamos (Rm 13.1-7). A submissão à autoridade nunca é fácil. A natureza humana tende à resistir e agir com rebeldia, especialmente no caso de governos ditatoriais, incompetentes e/ou corruptos. Mas como nós estamos em busca das respostas certas aos sistemas em que vivemos, essa passagem oferece algumas perspectivas muito úteis:

(1) Deus é a maior autoridade (Rm 13.1). O governo como uma instituição foi estabelecido por Deus para servir aos Seus propósitos. Deus levanta líderes e, também, os destitui.

(2) Os liderados e os líderes são, no fim das contas, responsáveis diante de Deus (Rm 13.2). A submissão às autoridades humanas reflete a nossa submissão à autoridade de Deus.

(3) Deus usa os governos para levar a cabo os Seus bons propósitos na terra (Rm 13.3). Sem dúvida, alguns governos às vezes perseguem aqueles que fazem o bem. Paulo que o diga. Mas, é o transgressor da lei, não o cidadão obediente a elas, quem deve temer o governo.

(4) A obediência é uma questão de convicção interna de uma lei externa (Rm 13.5). Nossa motivação para obedecer deve ir além do medo do castigo. Como cristãos, servimos à mais alta de todas as autoridades, o próprio Deus.

Só quando um governo ordena que façamos aquilo que Deus proíbe (idolatria, atentado contra a vida de pessoas inocentes etc.), ou nos proíbe de fazer aquilo que Deus ordena que façamos, é que temos a permissão divina para desobedecê-lo.

aos estranhos e assim testemunhar a eles sobre o amor de Deus.

12.14-21 — Já que nós nos relacionamos com não-cristãos, devemos responder em amor aos nossos perseguidores (v. 14), e procurar viver em paz com incrédulos.

12.14 — *Abençoi*. Isto é, falar bem a respeito de alguém, ou elogiar.

12.15 — *Alegrai-vos [...] chorai*. Quando uma parte do corpo de Cristo sofre, todas as demais também sofrem, porque os cristãos são membros uns dos outros. Quando um dos membros do corpo se alegra, todos podem se alegrar. Os cristãos não podem permanecer indiferentes ao sofrimento ou à alegria uns dos outros, aqueles com os quais compartilham da mesma fé (1 Co 12.25,26).

12.16 — *Sede unânimes entre vós*: É uma orientação aos cristãos para que mantenham a harmonia que existe entre eles. O cristão não deve ser arrogante, convencido, nem somente se associar com pessoas aparentemente mais importantes.

12.17 — A palavra *honestas* neste versículo significa moralmente boa, nobre, ou louvável. Esse é o lado positivo do mandamento em forma

de negação — no caso, de que ninguém deve tornar o *mal por mal* (1 Pe 3.9). Um cristão não deveria se concentrar no mal praticado pelos outros, buscando uma forma de vingar-se; ao contrário, deveria focalizar sua atenção naquilo que é bom. Agindo assim, nós encorajamos os outros em nosso redor a aspirarem à prática do bem.

12.18 — A aspiração do cristão deveria ser a de viver uma vida em *paz*. Mas, às vezes, a paz não depende unicamente de nós; é por isso que Paulo limita assim o mandamento: *Se for possível*.

12.19 — Os cristãos não devem buscar a vingança pessoal, mas devem deixar que Deus promova a punição devida à iniquidade.

12.20,21 — Liberto da necessidade de vingar-se, o cristão pode exercer misericórdia, até mesmo em favor dos seus inimigos. Por meio de atos de bondade, os cristãos podem amontoar *brasas de fogo* sobre a cabeça dos seus inimigos, ou seja, levar vergonha e talvez arrependimento a eles. É possível que um inimigo se torne um amigo. Esse é o fenomenal poder do amor de Deus, a quem os cristãos estão conectados por Cristo.

13.1 — Deus, o supremo Soberano, ordenou (v. 2) que deveria haver *autoridades superiores*.



COMPARE

AS CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS DA SALVAÇÃO

Paulo, na Epístola aos Romanos, tenta retratar o plano de Deus para a salvação de uma forma concisa e clara. Fazendo assim, ele utiliza palavras gregas, desconhecidas em nossos dias, com a necessária amplitude. O que apresentamos a seguir é um breve glossário das condições fundamentais para a salvação presentes nesse livro:

Termo em português	Termo em Grego	Referência	Significado
Fé	<i>pístis</i>	(Rm 1.17; 4.9, 12.6)	Convicção, confiança — Fé é o meio pelo qual os pecadores podem experimentar e desfrutar de todas as bênçãos da salvação. É a confiança plena em Jesus para salvação do pecado e do juízo que se aproxima.
Evangelho	<i>euangélion</i>	(Rm 1.16, 11.28)	Boas-novas — Paulo usa esta palavra para se referir à maravilhosa mensagem de perdão e de vida eterna em Cristo.
Graça	<i>cháris</i>	(Rm 1.5; 5.2; 12.3)	Favor gratuito de Deus — Refere-se à dádiva inexplicável de Deus. Ele dá coisas boas (especialmente a salvação) a pessoas que são indignas que jamais poderiam receber qualquer coisa por seus próprios méritos. A salvação é gratuita. É um presente de Deus, que se tornou acessível a todos pela morte de Cristo em nosso favor.
Justificação	<i>dikaïōsis</i>	(Rm 4.25; 5.18)	O ato de ser declarado justo — É um termo legal usado por Paulo para descrever a transação espiritual por meio da qual Deus (o Juiz) declara justos, ou aceita diante dele, todos aqueles que confiam em Cristo e aceitam a obra que Ele realizou na cruz. Tal veredicto só é possível porque Cristo cumpriu todas as reivindicações da Lei, as quais atestavam contra os pecadores.
Lei	<i>nómos</i>	(Rm 2.12; 4.13; 7.12; 10.4; 13.8)	A legislação promulgada por Deus — Paulo enfatiza o caráter santo da Lei e a inabilidade dos pecadores para viverem de acordo a vontade de Deus. Por causa disso, a Lei se torna um fardo e uma maldição, e assim permanece até que aceitemos a Cristo, o único que cumpriu perfeitamente todas as exigências da Lei.
Propiciação	<i>hilasterion</i>	(Rm 3.25)	A satisfação da ira santa de Deus contra o pecado — A rebelião contra Deus resulta na ira divina, que será manifesta de forma clara no juízo. Quando morreu em nosso lugar, levando nossos pecados, Jesus satisfaz integralmente a ira de Deus, anulando os efeitos dela em favor de todos os que nele acreditam.
Redenção	<i>apolytrōsis</i>	(Rm 3.24; 8.23)	O ato de livrar alguém pagando o preço requerido para a compra — Este termo de natureza econômica é usado por Paulo em um sentido teológico para descrever como Cristo pagou a penalidade requerida por Deus para os nossos pecados (a saber, a morte), entregando a Sua própria vida na cruz. Quando nós aceitamos a Jesus, Ele nos livra do pecado.
Retidão	<i>dikaïosýne</i>	(Rm 3.5; 5.17; 9.30)	O padrão divino de pureza, que revela a santidade e fidelidade de Deus — Deus é santo, então Ele não pode tolerar o pecado. É por Jesus Cristo que nós podemos encontrar a justiça que é aceitável a Deus. Cristo não apenas toma nosso pecado, mas também nos concede a Sua pureza perfeita.
Salvação	<i>sōtēria</i>	(Rm 1.16; 10.10)	Libertação, livramento da escravidão e da morte — Palavra frequentemente usada na Bíblia para descrever alguém que foi salvo de algum dano. A palavra é usada por Paulo principalmente para denotar a libertação do pecado e de suas consequências mortais.
Pecado	<i>hamartia</i> ; <i>hamártēma</i>	(Rm 3.9; 5.12; 7.11; 8.2; 14.23)	Errar o alvo, desobedecer à Lei de Deus — Várias palavras diferentes na língua grega são usadas por Paulo para descrever a tendência dos seres humanos para se rebelarem contra Deus. O pecado pode ser definido amplamente como qualquer atitude ou ação que se opõe ao caráter e à vontade de Deus. Pecado é o que traz a morte — ou seja, que traz a separação de Deus.

Todos os cristãos devem estar sujeitos a essas várias autoridades, até mesmo quando elas forem más, como o foi Nero (54—68 d.C.), o imperador romano que cruelmente perseguiu os cristãos. Quando Paulo escreveu esta carta, Nero já estava no poder. Ainda que Paulo tenha exortado os cristãos de Roma a se submeterem à autoridade de Nero, porque a sua autoridade era proveniente do próprio Deus, isso não quer dizer que Deus aprovasse todos os atos do seu governo, bem como os atos cometidos por qualquer governo ou líder.

13.2 — A *condenação* não inclui necessariamente o castigo eterno dado por Deus. Ele pode julgar as pessoas pelas autoridades humanas que Ele próprio designou.

13.3 — Os governos devem ser obedecidos, pois eles foram ordenados para castigarem o *mal* (gr. *kakón*) e promover o *bem* (gr. *agathós*).

13.4 A *espada* é um instrumento de morte. Na época de Paulo, a forma mais comum de executar a pena de morte era decapitação com a espada.

13.5 — *É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência.* Os cristãos não devem obedecer ao governo apenas por ser um dever cívico, mas porque esse é o seu dever espiritual diante de Deus.

13.6 — Pagar *tributos* é um hábito comum, utilizado universalmente para dar apoio a um governo civil.

13.7 — A lealdade a Deus e a obediência civil geralmente estão associadas (Mc 12.17). Nós devemos *temor e honra* a Deus acima de tudo, mas o pagamento do *tributo* e do *imposto* cobrado pela autoridade civil é igualmente uma obrigação cristã. Em uma sociedade democrática, o cristão tem parte na administração civil, devendo fazer tudo aquilo que lhe é possível para que as ações dessa autoridade estejam em conformidade com a Lei moral de Deus.

13.8 — Neste contexto, *a ninguém devais coisa alguma* é uma alusão ao respeito e à honra (v. 7). Não ficar devendo qualquer quantia em dinheiro, sem dúvida, está incluído na orientação, mas essa passagem não proíbe a obtenção de empréstimos (Sl 37.21; Mt 5.42).

A não ser o amor com que vos ameis uns aos outros. O amor é uma dívida que nunca é liquidada por completo.

13.9 — *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.* Esse versículo não é uma ordem para que amemos a nós mesmos. É, antes, o reconhecimento de que nós nos amamos; por isso, somos ordenados a amar aos outros da mesma maneira que genuína e sinceramente amamos a nós mesmos.

13.10 — *Aquele que ama não comete assassinato ou adultério, não pratica o roubo ou a mentira (v. 9).* Logo, quando praticamos o amor, nós automaticamente cumprimos as determinações *da Lei*. Se tentarmos viver em observância estrita à Lei, nós rapidamente descobriremos que a estamos transgredindo (Rm 7.5). Mas quando agimos em conformidade com o amor de Deus, sem estarmos sob a Lei, nós a cumprimos.

13.11 — *Despertarmos do sono.* Os cristãos são retratados como pessoas que adormeceram, ou seja, que estavam em estado de inatividade. A *salvação* aqui é uma referência ao futuro, quando os cristãos serão salvos do pecado. Sendo assim, a salvação mencionada aqui diz respeito ao retorno iminente de Cristo.

13.12,13 — *A noite* é o tempo presente, o tempo em que vivemos. Esse é o período em que Satanás ainda exerce o seu domínio. O *dia* é o começo de uma vida nova com Cristo em Seu reinado glorioso.

O dia é chegado. Ou seja, é iminente. A afirmação refere-se ao fato de que o Senhor poderia retornar a qualquer momento (Fp 4.5; Tg 5.8; 1 Pe 4.7). Note-se que Paulo afirma que as *contendas* e a *inveja* estão no mesmo nível que as *glotonarias, bebedeiras, desonestidades e dissoluções*.

13.14 — *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.* Os cristãos deveriam se revestir de Cristo — ou seja, deveriam assumir em seu caráter valores como a verdade (Jo 14.6), a justiça (1 Co 1.30), e a paz (Gl 5.22, 23; Ef 2.14; 6.10-17).

14.1—15.13 — Nestes versículos, Paulo dá instruções àqueles que são chamados pelo apóstolo de *fortes* na fé (Rm 15.1), para que eles se relacionem devidamente com os *fracos* na fé (Rm 14.1).

14.1-13 — Paulo faz referência às disputas entre os chamados fortes e os fracos na fé (Rm 15.1). Os fortes eram os cristãos que consideravam certas proibições dispensáveis. No caso, aquelas que não foram declaradas especificamente na Bíblia. A sua fé era forte o bastante para cometerem tais atos sem que tal conduta gerasse neles culpa em sua consciência (v. 22).

Os *enfermos na fé* eram os cristãos cuja consciência estava preocupada com essas mesmas proibições. Alguns cristãos pensavam que podiam comer qualquer coisa servida como comida; outros pensavam de maneira oposta (v. 2). Uns pensavam que os dias festivos dos judeus deveriam ser observados, enquanto outros não (v. 5). Paulo se ocupa de trazer, à consciência de ambos, seus deveres: nesses assuntos, os fortes não deveriam desprezar os fracos, como se eles fossem meros ignorantes; ao mesmo tempo, os fracos não deveriam julgar os fortes, afirmando serem eles profanos ou mundanos (v. 3). Ele nos lembra que ambos, tanto os fortes quanto os fracos, prestarão contas a Deus (v. 12; 1 Co 8.4-13).

14.1,2 — Aquele que assumia a condição de *enfermo na fé* tinha fé: ele colocava sua confiança em Cristo. É possível que alguém dentre os cristãos romanos pudesse não ter recebido bem o ensino do apóstolo a respeito de certas práticas, como a instrução de que toda comida é boa e deve ser recebida com ações de graças (1 Tm 4.4,5). Em lugar disso, é possível que alguns comam apenas *legumes*. Os *fortes* na fé são admoestados a receberem (*recebei-o*) aqueles que são fracos, sem fomentarem contendas sobre assuntos que causam *dúvidas*. Tais assuntos podem ser traduzidos, neste contexto, como *raciocínios* ou *opiniões*. Os cristãos maduros não devem fazer julgamentos, e muito menos devem entrar em disputas com aqueles que são menos maduros que eles.

14.3 — A ordem de Paulo é que o forte não *despreze* o fraco, ou seja, que ele não o trate com desprezo. A ordem para o fraco é que ele não *julgue* o forte, tentando determinar a ele quaisquer proibições excessivas.

14.4 — *O servo alheio*. O discípulo de Cristo. Em um sentido estrito, o juízo quanto a alguém

estar *em pé* devido à aprovação de Deus, ou contra alguém que pretensamente *cai* em pecado, pertence apenas a Deus, não é da nossa alçada. Paulo proíbe qualquer interferência que censure a liberdade alheia.

14.5 — *Um faz diferença entre dia e dia*. Este versículo provavelmente diz respeito aos muitos dias considerados santos pela Lei cerimonial do Antigo Testamento.

Inteiramente seguro. A exortação não significa que seja errado ter convicções fortes, mas significa que todas as pessoas têm direito às suas próprias convicções. Esse princípio é fundamental quando se lida com disputas.

14.6 — O assunto aqui não é o hábito de guardar dias e dietas alimentares, mas é saber se aquilo que esta sendo observado é realizado *para o Senhor*.

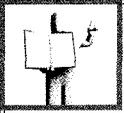
14.7-9 — *Nenhum de nós* é uma referência aos cristãos, não às pessoas em geral. Os cristãos pertencem a Deus. Eles vivem para o Senhor e morrem para o Senhor. Logo, deveriam procurar tudo aquilo que o agrada.

14.10 — Novamente (v. 3) Paulo se dirige ao fraco e ao forte. O fraco não deve julgar, e o forte deve desprezar. Aqui, o verbo *desprezar* poderia ser traduzido como *menosprezar* (ver v. 3). A razão é que *todos* os cristãos são responsáveis diante do seu Senhor, Jesus Cristo, diante de quem comparecerão um dia. Diante do *tribunal de Cristo*, a vida de todo cristão será avaliada para determinar a cada um a sua recompensa (1 Co 3.11-15; 2 Co 5.9,10).

14.11 — *Todo joelho*. Um dia todos no mundo se submeterão à autoridade de Deus. Ele julgará todas as pessoas diante do Seu grande trono (Ap 20.11-15).

14.12,13 — *Assim que não nos julgemos mais uns aos outros* é o resumo da instrução de Paulo presente nos versículos 1 a 12, referente ao comportamento exigido dos cristãos fracos em relação aos fortes, e dos fortes em relação aos fracos.

Antes, seja o vosso propósito. Admoestação dirigida principalmente aos cristãos fortes, que serão objeto de orientações específicas nos versículos 14 a 23.



ENTENDENDO MELHOR

É O DOMINGO UM DIA ESPECIAL?

Deus ordenou, no Antigo Testamento, que os hebreus separassem um dia da semana para ser o *Shabat*, um dia santo de repouso (Êx 20.8-11; Is 58.13,14; Jr 17.19-27). Ainda na carta aos Romanos, Paulo parece ter uma postura não-conclusiva a respeito da observância do *Shabat* (Rm 14.5). Isso significa que não há qualquer dia que deva ser considerado o *dia do Senhor*. Será que ao povo de Deus não é exigida a observância de um *Shabat*, seja ele o sábado ou o domingo?

Não exatamente. Para Paulo, cada dia deveria ser vivido para Deus, porque nós somos a possessão do Senhor (Rm 14.8). Se nós agirmos como se o domingo fosse o dia do Senhor, mas vivermos os outros seis dias da semana como se eles pertencessem a nós, então estaremos cometendo um grande equívoco. Todos os dias da semana pertencem ao Senhor. A razão por que o culto da Igreja primitiva acontecia no primeiro dia da semana era porque foi esse o dia da ressurreição.

Sendo assim, a questão é: algum desses dias deve ser observado de um modo especial, levando em conta as instruções de Deus relativas ao *Sabbath*? Paulo afirma que nenhuma pressão de qualquer pessoa ou tradição deve restringir nossa consciência. Em vez disso, nós devemos buscar a orientação do Espírito de Deus sobre o que devemos ou deveríamos fazer. Por ser quem inspirou a Bíblia, o Espírito de Deus nos ajudará a determinar o que devemos fazer diante de tudo aquilo que lemos nela.

Seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão. Qualquer ação que faça com que alguém cometa um pecado.

14.14 — *Imunda* aqui faz alusão às coisas proibidas pela Lei cerimonial dos judeus.

A não ser para aquele que a tem por imunda. Caso alguém considere que o exercício de uma atividade qualquer seja ilegal, então é errado para essa pessoa se ocupar de tal atividade que ele condenou (Rm 14.23).

14.15 — *Não destruas.* Equivale a *não façam perecer*. Paulo trata aqui do princípio da convicção, unindo-o ao princípio da consideração para com o irmão que é fraco. Esse é um passo em direção à maturidade. Se comer carne (v. 2; 1 Co 8.7-11; 10.25-28) escandaliza o cristão fraco, então o que é forte não deveria comê-la.

14.16 — *O vosso bem* é aquilo que o cristão considera ser bom.

Não seja, pois, blasfemado quer dizer insultado ou caluniado. Que o modo como cada cristão utiliza sua liberdade, que é boa, não seja causa de insulto pelo seu irmão.

14.17 — *Porque o Reino de Deus* não é constituído de coisas externas, como a comida, mas que seja constituída de realidades espirituais como a *justiça* nas ações e nos pensamentos; a *paz* que procura viver em harmonia; e a *alegria* que vem do *Espírito Santo*. Os que entendem as realidades espirituais do reino não se entregam à satisfação

meramente passageira, pois evitam a realização dos seus desejos egoístas, escolhendo privilegiar a alegria espiritual de abster-se de tais desejos por causa dos outros.

14.18 — *Agradável é a Deus.* Porque o nosso serviço para Cristo está fundamentado na *justiça*, na *paz* e na *alegria* (v. 17).

Aceito aos homens. Em oposição à prática da justiça a partir dos próprios interesses (v. 16).

14.19,20 — O cristão deve viver e agir em prol da *edificação*, ou seja, ele deve praticar ações que edifiquem.

Não destruas. Quer dizer, não pôr abaixo ou demolir. Paulo exortou os cristãos maduros a ter consideração pelos cristãos fracos (v. 15). Aqui, ele exorta os cristãos maduros a identificar os modos como eles podem cooperar para a *edificação* dos mais fracos na fé.

14.21 — Há uma pequena distinção entre tropeçar, ofender e enfraquecer. Paulo usa as três palavras para reiterar que um cristão maduro não deveria provocar a queda de seu irmão na fé (v. 12,13,20).

14.22 — Paulo não requer que o cristão forte abandone suas convicções sobre aquilo que não é condenado pela Lei. Em vez disso, ele o encoraja a ter fé acima dessas coisas. Embora os cristãos maduros tivessem de se abster de comer carne diante dos cristãos mais fracos, eles ainda podiam acreditar que Cristo lhes havia concedido

a liberdade para comerem todos os tipos de alimentos (v. 2), ainda que reservadamente *perante* Deus (v. 6).

14.23 — *E tudo o que não é de fé é pecado.* Qualquer ação que viola a consciência cristã é um pecado.

15.1,2 — *Fraquezas.* A ausência de diretrizes claras na Bíblia a respeito de alguns assuntos tornaram os *fracos* excessivamente cautelosos. Nós não devemos *agradar a nós mesmos* à custa dos outros. Pelo contrário, nós devemos ajudar o nosso *próximo* fazendo que aquele que esteja cansado se fortaleça espiritualmente.

15.3 — *Cristo é o principal modelo para os cristãos fortes.* Ele renunciou toda autossatisfação, assim pôde representar claramente Deus e a Sua causa (Fp 2.5-8)

15.4 — *Através da paciência (perseverança) e da consolação (ou encorajamento) da Escritura, os cristãos aprendem a ter esperança.* Se os cristãos fortes aprendem a ter paciência com os questionamentos dos cristãos *fracos*, eles têm a esperança de serem recompensados (Rm 14.10; 1 Co 9.17,24-27).

15.5 — *O Deus da paciência.* Atribuindo a Deus as mesmas virtudes atribuídas aos justos nas Escrituras (v. 4), Paulo ora pela unidade de todos os cristãos.

15.6 — *Se os cristãos não estiverem unidos em torno de algum tema referente à moralidade, Deus não será glorificado por eles quando estiverem juntos (Fp 1.27—2.2).*

15.7 — *Portanto é uma introdução à conclusão da discussão que começou em Romanos 14.1.* Aqui, Paulo apresenta o mandamento para que os cristãos fortes recebam os cristãos mais *fracos*. Sendo assim, a ordem para receberem uns aos outros não é endereçada apenas aos cristãos fortes, mas para todos os cristãos.

15.8-13 — *Jesus Cristo se tornou um ministro aos judeus para que se cumprissem dois propósitos: (1) A confirmação das promessas feitas por Deus a Abraão, Isaque e Jacó; e (2) a demonstração da misericórdia de Deus aos gentios de forma que eles glorificassem ao Senhor.* Paulo cita quatro passagens do Antigo Testamento para provar que Deus pretendeu que tanto gentios como judeus glorificassem o Seu nome.

Como está escrito. Paulo apresenta citações de textos pertencentes a todas as três divisões do Antigo Testamento (a Lei, os Profetas e os Salmos ou Escritos), e de três grandes líderes judeus (Moisés, Davi e Isaías), com o propósito de demonstrar que o plano de Deus era abençoar os gentios através de Israel. Embora a nação de Israel esteja apartada da salvação presente por tê-la rejeitado (Rm 11.1-31), a Igreja reúne em seu interior judeus e gentios (Rm 3.1-12; Ef 2.14-22).

15.12 — *Raiz em Jessé.* Este é um título dado ao Messias. Jessé era o pai de Davi, e o Messias prometido deveria ser Filho de Davi. Jesus é descendente de Davi.

15.13 — *Paulo conclui suas exortações com uma oração. Somente pelo poder do Espírito*



APLICAÇÃO

O ARCO-ÍRIS DE DEUS

As sociedades e seus sistemas tendem a encorajar as pessoas a observar divisões raciais, étnicas e culturais; ou a abandonar suas características distintivas, assimilando-se ao grupo dominante no poder. Paulo requer uma postura diferente. Ele não pediu para que os judeus deixassem sua herança judaica e se tornassem gentios, muito menos solicitou que os gentios se tornassem judeus. Em lugar disso, ele afirmou a riqueza dos fundamentos étnicos de ambos os grupos e os desafiou a viverem juntos em unidade (Rm 15.7).

Esse tipo de unidade é cara, traz grandes dificuldades, e as tentativas de praticá-la estão sempre sob ataque. Ainda assim, a Igreja de que Deus nos chama a fazer parte é um corpo múltiplo; ela agrega as pessoas que estão unidas a Cristo. Nossas culturas são dádivas de Deus dadas para cada um de nós e para a Igreja. Deus nos colocou como parte de uma família, e nós podemos alegrar-nos porque Ele nos deu essa multiplicidade e enriqueceu-nos pela cultura que deu a cada um de nós.

Santo nós seremos capazes de cumprir a vontade de Deus.

15.14 — Essa é, provavelmente, uma referência às exortações de Paulo concernentes às questões mais difíceis. Paulo afirma que eles estavam aptos para admoestarem (gr. *nouthetēō*) uns aos outros. Ou seja, eles não podiam ignorar a vida espiritual dos fracos.

15.15 — *Trazer outra vez isto à memória* (gr. *epanamimneisko*). Paulo não escreveu para lhes ensinar algo que eles não sabiam, mas para fazê-los lembrar do que eles já conheciam (2 Pe 3.1). É preciso recordar os cristãos continuamente acerca das verdades divinas.

15.16 — *Ministro* é uma referência àquele que executa um serviço sacerdotal. Paulo se retrata como um sacerdote que oferece um serviço a Deus. A oferta proveniente dos cristãos gentílicos era agradável, pois tinha sido santificada pelo Espírito Santo; isto é, fora dedicada pelo Espírito Santo para o serviço de Deus.



EM FOCO

ESPERANÇA (GR. *ELPÍΣ*)

(Rm 15.13; 1 Co 9.10).

O termo grego denota a expectativa confiante ou a antecipação, e não o pensamento tendencioso como no entendimento a partir do senso comum. O uso da palavra esperança nesse contexto é incomum e irônico, pois ele sugere que os gentios, que nada sabiam sobre o Messias, ou aqueles que pouco sabiam a respeito dele, anteciparam-se e aguardavam a Sua vinda. Porém, para nós, é suficiente refletir sobre os atos de Cornélio (Atos 10) a fim de percebermos que alguns dentre os gentios tinham esperança na vinda do Messias judeu. Jesus foi enviado não só para a salvação dos judeus, mas também dos gentios. Considerando que Deus é o autor da nossa salvação, podemos chamá-lo de o *Deus da esperança*, porque foi isso o que Ele nos deu (Rm 15.13).

15.17 — Como o ministério de Paulo era pela graça de Deus (v. 15), o apóstolo poderia se gloriar (gr. *kaúchēsis*) nisso (v. 18).

15.18 — *Para conduzir os gentios à obediência* (gr. *hypakoe*), quer dizer, para ordenar-lhes que creiam em Cristo.

15.19 — Realizando *sinais e prodígios*, Paulo demonstrou que Deus havia concedido a ele o poder apostólico (2 Co 12.12). *Ilírico* é uma localidade situada nos dias atuais na Albânia, entre a Grécia e a Itália.

15.20,21 — Paulo esforçou-se para *anunciar o evangelho* onde esse ainda não tinha sido anunciado, o que é expresso no versículo 21 pela citação de Isaías.

15.22 — *Muitas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco*. O desejo de Paulo de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido (v. 20,21) foi o motivo apresentado pelo apóstolo para justificar o fato de ele ainda não ter ido até Roma.

15.23 — *Sítios* (gr. *tópos*). Ou seja, o lugar em que Paulo anuncia a Cristo é o lugar onde o evangelho ainda não foi pregado (v. 20).

Não tenho mais demora nestes sítios. Paulo já havia concluído seu trabalho nesses lugares.

15.24 — Paulo desejava gozar da companhia dos Romanos, ministrar a eles (Rm 1.10,11) e ser ajudado por eles (gr. *propémpō*). Ele não especificou o tipo de ajuda que tinha em mente. Paulo tinha os olhos postos na Espanha, a região limítrofe do império romano no ocidente. Ele esperava que os romanos o auxiliassem em sua missão nessa remota fronteira.

15.25,26 — Paulo planejava *ministrar aos santos* em Jerusalém levando a contribuição da Macedônia e da Acaia (1 Co 16.1-4; 2 Co 8 e 9). Esse dinheiro não era só uma ajuda dos cristãos gentios para os cristãos de origem judaica, mas era uma expressão de amor que até mesmo unificaria ainda mais a Igreja.

15.27 — Como os cristãos judeus compartilhavam o evangelho com os gentios, Paulo entendia ser correto que as igrejas de origem gentílica auxiliassem nas necessidades materiais dos seus irmãos judeus.

15.28 — *Este fruto*. É uma alusão à coleta referida no versículo 26.

Espanha. Ninguém sabe ao certo se Paulo chegou à Espanha, mas ele tinha o propósito de visitá-la, tanto que a havia incluído em seu itinerário de viagem.

15.29 — *Indo ter convosco*. Paulo chegou a Roma, mas não no prazo ou da maneira que ele tinha planejado. Deus tinha um plano especial para o apóstolo. Deus lhe daria a oportunidade de testemunhar a respeito da sua fé no tribunal do imperador, mas para isso ele deveria se tornar um prisioneiro (At 27—28).

15.30-32 — *Combatais comigo nas vossas orações*. Paulo falava seriamente quando solicitava dos cristãos a sua intercessão em favor dos planos que tinha para Jerusalém. Ele expressou três preocupações: (1) a libertação de incrédulos da Judéia, (2) o sucesso da sua missão em Jerusalém e (3) uma visita satisfatória à Igreja em Roma.

15.31 — *Seja livre dos rebeldes*. Isto é, a salvação de um perigo muito sério. Paulo já havia sido advertido a respeito dos perigos de uma viagem para Jerusalém (At 20.22,23).

15.32 — *Possa recrear-me convosco*. É a descrição de um quadro de repouso e relaxamento. Paulo entendeu previamente que a situação de Jerusalém era conflituosa. Ele esperava um tempo de refrigério para os cristãos em Roma.

15.33 — Essa é uma bênção proferida por Paulo com intenção de santificá-los.

16.1,2 — *Serve* é um verbo ligado ao termo utilizado para o ofício de diácono (Fp 1.1; 1 Tm

3.8,10,12). O fato de esse termo ser utilizado aqui com a expressão *na igreja* parece sugerir que Febe ocupava uma posição oficial. Ao afirmar que Febe teria *hospedado a muitos* (v. 2), Paulo deseja afirmar que ela exercia a atividade de “patrona” ou “benfeitora”, insinuando que ela era alguém dotada de posses e de boa posição social.

16.3-16 — Essa lista de saudações é a mais longa quando comparada a quaisquer das listas presentes nas cartas paulinas. São mencionadas 26 pessoas, sendo um terço delas composto por mulheres.

16.3,4 — *Priscila e Áquila* exerciam a mesma atividade que Paulo: eles eram fazedores de tendas (At 18.1-3). Eles trabalharam com Paulo em Corinto e Éfeso (At 18.1-3,18,26). Eles eram casados e seus nomes nunca são mencionados separadamente, talvez porque eles serviam e trabalhavam sempre juntos. O Novo Testamento não registra como ou onde Priscila e Áquila arriscaram as suas próprias vidas em favor de Paulo, porém é provável que isso tenha ocorrido em Éfeso.

16.5 — *A igreja que está em sua casa*. No tempo do Novo Testamento, as igrejas funcionavam em residências privadas, sendo nessas realizado o culto.



PERFIL

FEBE, A AJUDANTE DE PAULO

Paulo chama Febe (Rm 16.1) de *diákonos* (termo traduzido aqui e em outras referências pelos termos *mordomo*, *diácono* ou *ministro*) da Igreja na Cencrêia, o porto oriental de Corinto. Isso pode significar que ela ocupasse um cargo formal. Paulo frequentemente faz alusão a ela como *diákonos*, usando o mesmo termo utilizado por ele para se referir aos colaboradores do sexo masculino como Apoio, Tíquico, Epáfras e Timóteo (1 Co 3.5; Ef 6.21; Cl 1.7, 4.7; 1 Ts 3.2).

Não é possível termos hoje uma ideia plena do que significava exatamente ser um *diákonos* na Igreja primitiva.

Essa palavra faz alusão, na literatura grega secular, a qualquer tipo de servo que não estava sujeito a escravidão. Como era requerido para os que exerciam tal função, Paulo recomendou Febe aos cristãos de Roma, afirmando ser ela uma irmã colaboradora valiosa e alguém que merecia ser estimada.

Uma das principais maneiras pela qual Febe pode ter auxiliado Paulo era assumindo a tarefa de portar sua carta, levando-a até Roma. Os termos que a descrevem sugerem que ela era uma rica mulher de negócios e tinha alguma influência social. Talvez Febe tenha concordado em levar a carta de Paulo aproveitando uma viagem de negócios na capital. Como faziam os mensageiros da Antiguidade, ela provavelmente representou o apóstolo, não apenas como portadora do documento, mas também como a responsável por lê-lo para diferentes grupos cristãos; é provável que ela tenha discutido o teor da carta paulina com cada um desses grupos.

16.6 — *Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós.* O trabalho que essa mulher provavelmente fez diz respeito à sua associação com Priscila e Áquila na implantação da Igreja em Roma. Nós não conhecemos mais nada a respeito dessa mulher chamada Maria, uma das seis pessoas com esse nome no Novo Testamento.

16.7 — *Os quais se distinguiram entre os apóstolos.* Essa frase pode significar que eles eram bem conhecidos dos apóstolos, ou que eles eram apóstolos. É provável que eles sejam conhecidos dos apóstolos porque não há qualquer menção deles nos Evangelhos ou em Atos como apóstolos de Jesus.

16.8-10 — *Ampliato... Urbano... Estáquis... Apelles.* Parecem nomes de escravos comuns. Esses mesmos nomes foram achados em listas de escravos que serviram na casa imperial. *Aristóbulo* era um nome grego bem familiar. É bem verdade que esse nome foi usado pelos descendentes de Herodes, o Grande. Alguns sugeriram que esse *Aristóbulo* fosse o neto de Herodes, o Grande, e o irmão de Agripa.

16.11 — *Herodião, meu parente.* Esse era provavelmente alguém de origem judaica, como Paulo. Sugere-se que esse homem chamado *Narciso* era o mesmo liberto famoso que foi condenado à morte por Agripa logo após Nero ascender ao trono de Roma.

16.12 — *Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor.* Trifena (graciosa) e Trifosa (delicada) provavelmente eram irmãs, possivelmente gêmeas. Era uma prática comum nomear os gêmeos com nomes advindos da mesma raiz. Ambos os nomes estão relacionados ao termo grego *tryphaō* que significa viver luxuosamente, viver vida fácil, ou ainda, viver voluptuosamente.

É provável que o apóstolo tenha feito um jogo de palavras aqui, querendo dizer que essas mulheres não viviam de acordo com o significado de seus nomes. Embora esses nomes tenham origem pagã, de raiz anatolia, Paulo associa tais nomes ao labor no Senhor.

Saudai à amada Pérside. Esse nome significa mulher Persa. Diz-se que ela é amada; Paulo, porém, tem o cuidado de não chamá-la de *minha amada*. O nome dela surge em inscrições gregas e latinas atribuído a escravas e a mulheres livres.

16.13 — *Rufo* é um nome comum. O *Rufo* aqui citado é geralmente identificado como o de Mc 15.21.

Eleito no Senhor. Essa expressão é considerada verdadeira para todos os cristãos, podendo significar, nesse caso específico, excelente ou eminente, significados, estes, atribuídos por muitos intérpretes. Mas é possível que, da mesma maneira que alguns cristãos demonstram o amor de Deus e outros refletem a justiça divina, Rufo tenha demonstrado de forma especial a eleição de Deus.

16.14 — *Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermas, a Pátrobas, a Hermes.* Pouco se sabe desses cristãos, exceto que eles formavam um grupo à parte (o que se sugere pela expressão *e aos irmãos que estão com eles*) e que eram todos homens. *Hermas* é uma abreviação de alguns nomes como Hermógenes ou Hermodoro, sendo um nome ou abreviatura muito comum (Compare *O pastor de Hermas* da literatura apócrifa). *Pátrobas* é um apelido de Patróbio. *Hermes* é o nome do deus grego da sorte e tornou-se também um nome dado comumente aos escravos.

16.15 — *Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas.* Filólogo e Júlia talvez fossem casados. Ambos os nomes surgem várias vezes quando analisados os nomes usados com frequência pela casa imperial de Roma. Nereu, de acordo com uma tradição que remonta ao quarto século, é associado com Flávia Domitila, uma mulher cristã que foi banida para a ilha de Pandatéria por Domiciano, imperador de Roma e seu tio, por volta do ano 95 d.C. Ela foi libertada no ano seguinte à morte desse governante. Olimpas é a abreviação do nome Olimpodoro. Esses nomes parecem ser de membros da comunidade de fé.

16.16 — *Santo ósculo.* Esse beijo, dado na bochecha, foi praticado pela Igreja primitiva como um símbolo do amor e da unidade entre os antigos cristãos (1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14).

16.17 — A frase *os que promovem dissensões* significa estar apartados, ou causar divisão. No Novo Testamento, o termo grego com tais traduções possíveis só aparece aqui e em Gl 5.20. A discussão e a dissensão são as causas das

rivalidades que, eventualmente, conduzem às divisões em uma igreja (Rm 13.13; Gl 5.20). Tal dissensão causa *escândalos* — ou seja, torna-se uma armadilha. É o mesmo que colocar tropeço no caminho alheio (essa palavra é utilizada em Rm 14.13). Os contenciosos — as pessoas que gostam de fomentar divisões — podem fazer os outros tropeçarem, e por causa disso eles devem ser evitados. Paulo ensina esse tipo de disciplina como necessária à Igreja em outras de suas cartas (1 Co 5:9-13; 2 Ts 3.6; 2 Tm 3.5; Tt 3.10).

16.18 — A motivação dos que promoviam dissensões estava errada. Eles não estavam servindo a *nosso Senhor Jesus Cristo*. Eles estavam servindo ao seu próprio *ventre*, não por serem sensuais, mas por serem egoístas. Eles estavam caminhando em conformidade com a carne (Rm 8.4,5). Além disso, os seus métodos eram enganosos.

Palavras (gr. *chrēstologia*) significa bom, amável, cortês. *Lisonjas* (gr. *eulogia*) significa suave, palavra elogiosa, ou seja, por meio de elogios e cordialidades eles *enganam* (gr. *exapatáo*) os *simplices* (gr. *ákakos*) e os crédulos.

16.19 — Paulo rapidamente explicou que ele não pretendia insinuar que os romanos eram esses tais chamados por ele de *simplices*. A *obediência* (gr. *hypakoe*) dos romanos indica que não havia qualquer dissensão na Igreja romana, o que fazia Paulo dizer: *comprazo-me, pois, em vós* (gr. *cháirō*). O apóstolo, porém, queria que esses irmãos fossem *sábios* (gr. *sóphos*), ao mesmo tempo que obedientes e simples nas coisas referentes ao *mal*.

16.20 — As pessoas que motivam dissensões e divisões destroem a paz e a unidade da Igreja. Mas *Deus*, a fonte da paz, *esmagará* todas essas obras de *Satanás* através da sabedoria e da obediência dos cristãos. Finalmente, Deus derrotará totalmente *Satanás* e trará paz para toda a Igreja. Paulo termina essa seção com a sua *bênção* habitual, desejando que a *graça de nosso Senhor Jesus Cristo* estivesse com eles.

16.21 — *Timóteo* trabalhou com Paulo e depois foi o destinatário de duas de suas cartas. Alguns pensam que o *Lúcio* aqui mencionado é Lucas, o

autor do terceiro Evangelho e do livro de Atos. Mas Paulo inclui esse *Lúcio* entre os seus *parentes*, o que significa que ele era um judeu. Lucas, o autor dos textos supracitados, era um gentio. *Jasom* é mencionado em Atos como o anfitrião de Paulo na sua primeira viagem para Tessalônica (At 17.5,7,9). *Sosípatro* é, provavelmente, *Sópatro*, um cristão da Beréia (Atos 20.4).

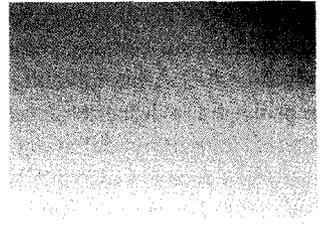
16.22 — Paulo, o autor de Romanos, ditou a carta a um secretário chamado *Tércio*, que a escreveu. *Tércio* envia as suas saudações aos romanos.

16.23 — *Gaio*, de Corinto, (1 Co 1.14) é aquele que não só hospedou a Paulo, mas também ofereceu a sua casa como um lugar de reunião para a Igreja. Em Atos 19.22, um homem chamado *Erasto* foi enviado por Paulo à Macedônia. É possível que esses dois nomes se tratem da mesma pessoa.

16.24,25 A palavra *confirmar* aparece apenas duas vezes em Romanos. A primeira delas surge no começo da carta, onde Paulo expressa o desejo de visitar os romanos, com os quais ele poderia compartilhar algum dom espiritual de forma a confirmá-los (Rm 1.11). Agora, Paulo louva ao Senhor, aquele que pode confirmar os cristãos. Deus usou o *evangelho* e a *pregação de Jesus Cristo* para confirmar os cristãos romanos. Paulo fala da sua mensagem como um *segredo*, ou mistério, (Rm 11.25) porque o plano de salvação divina estava, no princípio, oculto, mas agora estava sendo revelado. O mistério revelado é que a Igreja será constituída por judeus e gentios, ambos unidos em um só corpo, o corpo de Cristo (Ef 3.1-13).

16.26 — *Pela Escrituras [...] a todas as nações para obediência da fé*. Deus ordenou nas Escrituras que o evangelho do reino seja pregado a todas as nações, a fim de que todas as pessoas possam obedecer à Sua ordem de crer.

16.27 — *Deus*, em sua sabedoria, salva aqueles que, ao ouvirem a pregação da Sua Palavra, a Bíblia, especialmente o evangelho, confiem em *Jesus Cristo para todo o sempre*.



A primeira carta aos

Coríntios

INTRODUÇÃO

A igreja de Corinto era uma congregação com sérios problemas. Influenciada pela imoralidade sexual, dividida por facções que se arrastavam ao tribunal e mutilada por usar mal os dons espirituais, ela precisava de uma cirurgia espiritual radical. Embora fossem verdadeiros cristãos, os coríntios tinham de crescer. Entretanto, eles já haviam deixado de seguir os costumes imorais, egoístas e contenciosos de seus vizinhos pagãos em Corinto, a cidade notoriamente imoral daquela época. É possível perceber a decepção de um pai ressentido nas palavras sérias de Paulo aos coríntios. Contudo, o apóstolo, como um cirurgião, diagnosticou o problema e concentrou seus esforços diretamente na fonte: orgulho e falta do verdadeiro amor na igreja.

A primeira epístola aos Coríntios é uma resposta a duas cartas. Paulo

deixou a igreja de Corinto sob a liderança de Áquila e Priscila, na primavera de 53 d.C., para continuar sua segunda viagem missionária. Em sua terceira viagem, durante o tempo em que permaneceu em Éfeso, ele recebeu duas cartas dos cristãos coríntios. Uma trazia notícias inquietantes dadas pela família de Cloe (1 Co 1.11). Essa carta detalhava as divisões e a imoralidade na igreja. Esses problemas surgiram porque a jovem igreja de Corinto não se protegera contra a decadente cultura da cidade. A imaturidade dos coríntios deu lugar a divisões sectárias. Os cristãos se identificavam como seguidores de determinados líderes cristãos, em vez de seguidores de Cristo (1 Co 3.1-9). Além disso, arrastavam-se para o tribunal (1 Co 6.1). O desejo que tinham de processar uns aos outros, em vez de resolver

suas diferenças dentro da igreja, denunciava sua imaturidade e sua confiança equivocada na sabedoria humana. A imoralidade sexual se tornou um problema, a despeito de uma carta anterior (que não foi preservada), na qual Paulo advertia contra esse pecado (1 Co 5.9-11).

A segunda carta que Paulo recebeu era uma série de perguntas que Estéfanos, Fortunato e Acaico haviam levado de Corinto (1 Co 16.15-18). [As questões detalhadas tinham a ver com casamento e celibato (1 Co 7.1-40), e com a liberdade cristã (1 Co 8.1—11.1).]

Paulo escreve esta primeira epístola aos Coríntios para responder às duas cartas e dar mais algumas instruções. Ele instruiu sobre a decência nos cultos de adoração (11.2-16), a seriedade da ceia do Senhor (1 Co 11.17-34) e o lugar que ocupam os dons espirituais. Embora os coríntios tivessem muitos dons, por causa de sua imaturidade e orgulho, eles faziam mau uso de suas habilidades. Assim, Paulo lembrou aos coríntios que os dons vêm de Deus (12.11) e devem unir e edificar a Igreja (1 Co 12.24,25; 14.1-4).

Concluindo sua carta, o apóstolo corrigiu uma questão doutrinária ao escrever a explicação mais detalhada do Novo Testamento sobre a ressurreição de Cristo e dos cristãos (1 Co 15.1-28). Embora a igreja estivesse cheia de problemas, Paulo concluiu sua carta de confronto com uma nota de esperança. Os coríntios podiam ter vitória sobre o pecado e a morte, porque Jesus, em Sua morte e ressurreição, já havia decisivamente obtido a vitória (1 Co 15.57).

Corinto foi uma cidade importante na Grécia antiga. Geograficamente, foi um centro ideal para o comércio entre a Itália e a Ásia. Com o fluxo de negócios, Corinto recebia viajantes do Oriente e Ocidente, criando toda uma diversidade étnica entre os habitantes da cidade. Embora tivesse sido saqueada pelos romanos em 146 a.C., Corinto foi reconstruída por Júlio César, em 46 a.C. O controle de Corinto permitia aos romanos dominar o comércio entre o Oriente e Ocidente, como também os jogos ístmicos (1 Co 9.24-27), que eram superados em termos de importância somente pelos famosos jogos olímpicos.

O êxito comercial de Corinto era desafiado apenas por sua decadência. A imoralidade de Corinto ficou tão conhecida, que Aristófanes usou a expressão *korinthiazomai* (que significa *agir como um coríntio*) como um sinônimo de imoralidade sexual. As peças gregas da época, muitas vezes, descreviam os coríntios como bêbados e réprobos. Eles chamavam a atenção para sua lascívia por meio de sua adoração a Afrodite, deusa do amor e da beleza. Contudo, Corinto também era um lugar estratégico para a propagação do evangelho. A natureza corrupta da cidade contribuía para uma oportunidade única de mostrar ao mundo romano o poder transformador de Jesus Cristo.

Em Atos 18.1-18, há uma referência à instituição da Igreja em Corinto. Paulo visitou Corinto em sua segunda viagem missionária, depois de deixar Atenas. Essa visita inicial, provavelmente, ocorreu no outono de 52 d.C. Paulo, Silas, Timóteo e Lucas partiram de Trôade para a Macedônia cerca de oito meses antes e fundaram igrejas em Filipos, Tessalônica e Beréia. Lucas permaneceu em Filipos, e Silas e Timóteo em Tessalônica, enquanto Paulo seguiu viagem para Atenas.

O ministério desse apóstolo em Atenas veio a ser uma frustração, talvez deixando Paulo desanimado ao entrar em Corinto, onde fazia tendas durante a semana e pregava na sinagoga no sábado. Depois de ter sua mensagem rejeitada pelos judeus de Corinto, Paulo começou sua tentativa de alcançar os gentios. Ministrou em Corinto por 18 meses, implantando, no final, uma igreja, a qual, como a cidade, tinha uma mistura de nacionalidades. Embora alguns judeus tivessem se convertido, a maioria dos cristãos era formada de gentios (1 Co 12.2).

Enquanto a igreja coríntiana refletia o caráter cosmopolita da cidade, também transparecia a imoralidade dos coríntios. Assim, o tom incisivo de 1 Coríntios é consequência do desejo urgente de Paulo de pôr a igreja nos eixos novamente.

A primeira epístola aos Coríntios cita duas vezes o apóstolo como seu escritor (1 Co 1.1,2; 16.21). Assim, a autoria de Paulo é algo quase

unanimemente aceito pelos estudiosos da Bíblia. Uma das primeiras testemunhas desse apóstolo como autor foi Clemente de Roma (95 d.C.).

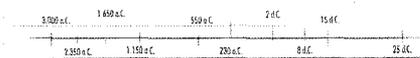
É muito provável que Paulo tenha escrito a carta enquanto ministrava em Éfeso durante sua terceira viagem missionária. Em 1 Coríntios 16.8,

o apóstolo disse que permaneceria em Éfeso até o Pentecostes. Isso, e o texto em Atos 20.31, indica que ele escreveu a epístola no último dos três anos em que ficou em Éfeso, talvez na primavera de 56 d.C. A igreja de Corinto teria cerca de quatro anos naquela época.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 1 CORÍNTIOS

- Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — O concílio de Jerusalém
- Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 52 d.C. — A igreja de Corinto é iniciada
- Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 56 d.C. — Primavera – a epístola de 1 Coríntios é escrita
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Introdução — 1.1-9
- II. A resposta de Paulo às notícias de Cloe — 1.10—6.20
 - A. Divisões na igreja — 1.10—4.21
 - 1. Notícias sobre dissensões — 1.10-17
 - 2. Causas das dissensões — 1.18—4.21
 - B. Incesto na igreja — 5.1-13
 - C. Demandas entre os membros da igreja — 6.1-11
 - D. Imoralidade sexual na igreja — 6.12-20
- III. As respostas de Paulo às perguntas dos coríntios — 7.1—14.40
 - A. Obrigações no casamento — 7.1-40
 - B. Liberdade cristã — 8.1—11.1
 - 1. Carne sacrificada a ídolos — 8.1-13
 - 2. Liberdade apostólica — 9.1-27
 - 3. Sacrifícios pagãos — 10.1-22
 - 4. Restrição à liberdade — 10.23—11.1
 - C. A devida adoração — 11.2-34
 - 1. O uso do véu pelas mulheres — 11.2-16
 - 2. A ceia do Senhor — 11.17-34
 - D. Dons espirituais — 12.1—14.40
 - 1. A Fonte dos dons espirituais — 12.1-11
 - 2. Unidade e diversidade nos dons — 12.12-31
 - 3. O amor e os dons — 13.1-13
 - 4. Diretrizes sobre os dons — 14.1-25
 - 5. O uso disciplinado dos dons — 14.26-40
- IV. A ressurreição de Cristo e dos cristãos — 15.1-58
 - A. A ressurreição de Cristo — 15.1-11
 - B. A importância da ressurreição — 15.12-34
 - C. A ressurreição dos cristãos — 15.35-58
- V. Conclusão — 16.1-24
 - A. A oferta para os santos — 16.1-4
 - B. Pedidos pessoais — 16.5-18
- VI. Saudações finais — 16.19-24

COMENTÁRIO

1.1-3 — As palavras iniciais de Paulo são mais do que simples termos de saudação. Os primeiros versículos introduzem os temas de sua carta. Portanto, em sua saudação, Paulo estabelece sua autoridade apostólica (1 Co 9.1-27), a santificação de seus leitores (1 Co 5.1) e a unidade de todos os cristãos (1 Co 1.10-17) — temas principais da carta e preocupações com os cristãos coríntios.

1.1 — *Pela vontade de Deus.* A igreja de Corinto valorizava muito a sabedoria humana. Essa ênfase equivocada levou alguns da igreja a questionarem a autoridade de Paulo (v. 12; 9.1,2). Eles se esqueceram de que Jesus Cristo o chamou para seu ministério como *apóstolo de Jesus Cristo* (Paulo usa o mesmo título em 2 Co 1.1).

1.2,3 — A igreja de Deus local é composta de pessoas que se identificam com Deus e se reúnem para adorar e servir a Ele.

Santificados em Cristo Jesus. A santidade dos coríntios era fruto de seu posicionamento em Cristo, não de sua própria bondade. O tempo do verbo *santificados* indica que Deus santificou os coríntios em um momento específico no passado, criando uma condição que eles ainda desfrutavam no presente.

Chamados santos. A obra de Jesus Cristo santifica para sempre o cristão aos olhos de Deus. No entanto, no viver cotidiano, santificação envolve pequenas mudanças diárias (Hb 10.14). É por isso que Paulo pôde convidar os cristãos de Corinto a se tornarem santos, ainda que os problemas na igreja deles atestassem que eles estavam longe do alvo da santificação. É muito provável que *em todo lugar* seja uma referência a igrejas locais espalhadas por todo o Império Romano (1 Tm 2.8).

1.4-9 — A ação de graças que Paulo oferece a Deus pelos coríntios parece estranha, considerando os muitos problemas que a igreja estava vivenciando. No entanto, o apóstolo não concentra seu louvor nos cristãos atribulados, mas no Deus eternamente fiel. Paulo não elogia os coríntios por suas boas obras, como faz com algumas outras igrejas (Ef 1.15); em vez disso, ele louva o Senhor que trabalha neles. Quando nos concentramos nas

falhas das pessoas, a esperança logo desvanece, e o desânimo vem em seguida. Contudo, quando nos concentramos no Senhor, até os momentos mais sombrios podem ser cheios de louvor.

1.5,6 — *Enriquecidos* significa que os coríntios eram espiritualmente pobres, mas se tornaram abundantemente prósperos por meio da graça de Deus.

1.7 — Neste contexto, *dom* é, provavelmente, uma referência aos dons espirituais descritos nos cap. 12—14. A despeito da jactância dos coríntios, suas muitas aptidões vieram de Deus (1 Co 12.11,18,28). Os coríntios foram ricamente abençoados com dons espirituais, porque o Senhor lhes dava tudo de que precisavam para fazer a vontade dele (12.14-27).

1.8,9 — Uma vez que Deus é fiel à Sua Palavra, Paulo estava convencido de que até os coríntios contaminados pelo pecado seriam *irrepreensíveis* diante do Senhor. Essa irrepreensibilidade não se refere às obras dos coríntios, mas ao seu posicionamento em Cristo, sua justificação (1 Co 3.14,15).

1.10-17 — Paulo começou a responder às notícias preocupantes acerca da igreja de Corinto ao atacar a sabedoria do mundo que havia dividido a igreja.

1.10 — Paulo rogava uma expressão exterior que fosse fruto de uma disposição interior.

Digais todos uma mesma coisa. Paulo não somente incentivou os coríntios a fazerem isso e a terem uma unidade externa, mas também os encorajou a serem *unidos* de coração e mente, expressando a unidade do Corpo de Cristo.

1.11 — Para evitar boatos ou falar em segredo, Paulo citava abertamente sua fonte: a *família de Cloe*. Sabemos pouco sobre essa mulher e seus familiares, exceto o que sugere este versículo. Cloe vivia em Corinto ou Éfeso, e os coríntios respeitavam o que ela dizia.

1.12,13 — A igreja de Corinto estava dividida, pelo menos, em quatro facções, que seguiam quatro líderes notórios.

1.14-16 — Paulo disse: *Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós batizei*, pois os coríntios haviam criado o hábito de se identificar com seus mentores espirituais, e não com Cristo. *Crispo* era o chefe da



EM FOCO

COMUNHÃO (GR. KOINONIA)

(1 Co 1.9; At 2.42; Fp 2.1; 1 Jo 1.3,6,7)

Esse termo significa *aquilo que se tem em comum*. No Novo Testamento, a palavra *koinonia* era usada para denotar a participação comum dos cristãos no Corpo de Cristo. O Pai e o Filho já desfrutavam da comunhão de um com o outro antes da criação do mundo. Quando o Filho entrou no tempo, sua comunhão com o Pai também ficou sujeita ao tempo. Durante os dias de Seu ministério, Jesus apresentou o Pai aos discípulos e iniciou-os nessa comunhão. Então, uma vez restaurados à vida eterna, os discípulos, na verdade, entraram na comunhão com o Pai e o Filho. Consequentemente, esse relacionamento singular entre o Pai e o Filho, o qual começou na eternidade, manifestou-se no tempo por meio da encarnação do Filho, foi apresentada aos apóstolos e, depois, por meio destes, estendeu-se a cada cristão por meio da habitação do Espírito Santo neles (2 Co 13.14; Fp 2.1).

sinagoga em Corinto quando Paulo começou a pregar lá (At 18.8). Ele colaborou para a conversão de muitos outros coríntios. *Gaio* pode ser a mesma pessoa que hospedou Paulo e toda a igreja (Rm 16.23). *Estéfanos* foi um dos primeiros convertidos de Paulo em Acaia, a região da qual Corinto era capital. O apóstolo fez elogios a ele e sua família pela devoção ao ministério e pela assistência que deram (1 Co 16.15). *Estéfanos* foi um dos mensageiros que levava e trazia correspondências de Corinto.

1.17 — A principal missão do ministério de Paulo era *evangelizar*. O batismo era uma consequência natural da conversão, mas secundário em termos de importância. Com a expressão *não em sabedoria de palavras*, Paulo tratou da tendência que os coríntios tinham de dar ênfase exagerada à sabedoria humana. Os coríntios imaturos ficavam tão impressionados com uma boa retórica e com discussões cultas, que muitos deles ignoravam a mensagem relativamente “simples” da *cruz*.

1.18-25 — Nesta seção, Paulo enfatiza que a salvação está na mensagem de Cristo, não em filosofias humanas. A simplicidade poderosa de Jesus sobre a sabedoria humana nega às pessoas qualquer motivo para se vangloriarem. Muitas tropeçam nessa simplicidade, porque as religiões

do mundo baseiam a fonte de salvação em obras que nós fazemos, e não na graça na qual cremos.

1.18 — A *palavra da cruz* é o evangelho, as boas-novas sobre a morte e a ressurreição de Cristo por nossos pecados. O evangelho penetra a essência do egocentrismo. Para aqueles que exaltam o ego, a mensagem parece absurda; porém, para os que se curvam humildemente com fé, ela se torna o *poder* capaz de arrebatá-los da morte e dar-lhes a vida eterna. Não é de se admirar que Paulo tenha depositado tal confiança nesta mensagem (Rm 1.16).

1.19 — Em Isaias 29.14, o Senhor repreendeu o povo de Israel do Antigo Testamento por sua adoração hipócrita e suas regras humanas para a salvação (Is 29.13). Ele declarou que confundiria a sabedoria carnal deles. Paulo usou essa citação para ilustrar sua ideia de que Deus anulou qualquer tentativa humana de achar graça diante do Senhor.

1.20,21 — O *sábio*, provavelmente, seja uma referência aos filósofos gregos. O *escriba* é um termo técnico que se refere a um estudioso judeu instruído a tratar dos detalhes da Lei. O *inquiridor* se refere a um grego, especialmente o que é instruído na retórica. Esses profissionais tentavam resolver todos os problemas com a lógica e o debate. O que interessa nesta passagem é que todos os esforços humanos para achar graça diante de Deus, infelizmente, são insuficientes (Rm 3.9-28). Somente por meio da fé em Cristo podemos ser libertados de nossos pecados.

1.22,23 — Os *judeus* buscavam sinais milagrosos do Messias como indicação de que o livramento que Deus tinha prometido havia começado (Mc 8.11; Jo 6.30). Os *gregos*, especialmente os filósofos, buscavam usar a sabedoria para responder às suas perguntas sobre Deus e a vida. Para os judeus, que esperavam um salvador político, Jesus era um *escândalo*. Para os gregos, cuja sabedoria egocêntrica não dava sentido à cruz, crer em Jesus era *loucura*.

1.24,25 — Paulo usa um paradoxo para dizer que a ideia ou obra mais insignificante de Deus é maior do que a realização mais extraordinária do homem.

1.26 — *Sábios* se refere aos filósofos gregos; *poderosos* se refere às pessoas influentes e com poder político e *nobres* inclui todas as classes altas formadas por aristocratas. A maioria dos coríntios vinha das classes baixas.

1.26-31 — Embora os coríntios se achassem melhores, Paulo desafiou-os a examinar sua própria congregação e perceber que a maioria deles não vinha das classes altas, mas dos humildes do mundo. Paulo atacou o orgulho que era a causa de divisões ao comparar o homem com Deus (1 Co 1.20-25). Depois, ao comparar a Igreja com o mundo ao seu redor (1 Co 1.26-31). Ambos os argumentos revelam a grandeza da sabedoria de Deus ao salvar os desprezíveis do mundo para que ninguém tenha em que se apoiar para se vangloriar.

1.27 — O plano de salvação de Deus não se conforma às prioridades do mundo. Na verdade,

parece *loucura* (NVI). Contudo, na realidade, a salvação eterna é mais valiosa do que toda a fama, riqueza e todo sucesso que o mundo busca.

1.28 — *Vis... desprezíveis*. Ao usar esses dois termos para se referir à classe de escravos, Paulo prenderia a atenção de seus leitores em Corinto, onde viviam muitos escravos.

As que não são. Sem dúvida, muitos cristãos coríntios eram pessoas que não tinham valor aos olhos do mundo, mas acharam graça aos olhos de Deus.

1.29-31 — Deus usa o que é considerado louco e desprezível neste mundo para revelar Sua verdade, a fim de que somente Ele receba a glória. Do contrário, os poderosos se vangloriariam por terem descoberto a verdade. Em vez disso, Deus enviou Seu Filho para se tornar um carpinteiro humilde e morrer em uma cruz da maneira mais desprezível.



APROFUNDE-SE

O QUE IMPORTA É A MENSAGEM, NÃO O MENSAGEIRO

Um dos maiores problemas que a igreja de Corinto do primeiro século enfrentava era a divisão. Quando Paulo escreveu para Corinto, a igreja estava dividida, pelo menos, em quatro facções, estando cada uma delas aliada a um de quatro líderes cristãos proeminentes. Um grupo identificou-se com o apóstolo Paulo. Os membros dessa facção podem ter sido atraídos pela ênfase do apóstolo em seu ministério voltado para os gentios. Um segundo grupo identificou-se com Apoio, um dos companheiros de missão de Paulo. Apoio, talvez, tenha atraído seguidores por causa de seu dom de falar com eloquência (At 18.24-28). Um terceiro grupo identificou-se com Cefas, outro nome do apóstolo Pedro. Esse grupo, provavelmente, pode ter sido de origem judaica em sua maioria. Um quarto grupo identificou-se especificamente com Cristo. Embora, à primeira vista, a impressão era de que esse grupo era o contingente “devoto” da igreja de Corinto, isso, talvez, não fosse a realidade. Paulo não elogiou nenhum dos grupos, nem mesmo a facção “eu sou de Cristo”, sugerindo que todos os que haviam professado fidelidade estavam causando divisão e dissensão naquela congregação.

O apóstolo usou três perguntas retóricas, esperando uma resposta negativa a cada uma delas, para mostrar como as divisões em Corinto eram absurdas: *Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?* (1 Co 1.13). Paulo mostrou que, no ato do batismo, a pessoa identifica-se com Cristo, mas não associa o cristão a um líder humano nem a alguma facção do cristianismo, mas ao próprio Senhor. Os coríntios, que se orgulhavam de sua sabedoria e entendimento, interpretaram mal essa verdade. Eles começaram a se identificar com os homens que realizaram os batismos, e não com o próprio Jesus.

Poderíamos ser tentados a esquecer esse problema, atribuindo-o “àqueles coríntios néscios e imaturos”, não fosse o fato de que a tendência de exaltar líderes dinâmicos ainda predominasse hoje. Palestrantes cristãos espirituosos e envolventes, bem como líderes espirituais vibrantes e carismáticos, ainda têm o poder de impressionar e motivar cristãos atualmente. Não há nada inerentemente errado com esse poder, porém, o perigo surge quando o pregador, e não a mensagem, torna-se o foco da atenção.

Palestrantes e líderes cristãos são, simplesmente, vasos por meio dos quais a Palavra de Deus é revelada. Exaltá-los pela mensagem que anunciam é equivocar-se quanto ao propósito desses homens. Simplificando, o que importa é a mensagem, não o mensageiro.

Como cristãos, hoje, devemos ter cuidado para não nos identificarmos muito com líderes humanos nem darmos muita ênfase a eles. Nossa lealdade e identificação pertencem somente a Jesus Cristo e à Sua mensagem.

A vida e a morte de Jesus revelam Deus e Sua *sabedoria*. Uma vez que Cristo não somente transmite sabedoria, mas também justiça, o cristão não se pode vangloriar, a não ser *no Senhor*.

2.1-5 — Paulo continuou a ilustrar a futilidade da sabedoria humana ao usar seu próprio ministério em Corinto como exemplo. A pregação desse apóstolo, segundo os padrões humanos, não era impressionante (1 Co 2.1), mas era o veículo do Espírito de Deus para salvar os coríntios. A fraqueza visível do apóstolo havia levado seus leitores a confiarem não nele, mas em Deus.

2.1,2 — *Sublimidade de palavras ou de sabedoria*. Paulo não se apoiava em sua eloquência ou na sabedoria grega para convencer seus ouvintes. Em vez disso, ele deu o *testemunho de Deus* que não havia sido explicado antes, mas estava sendo revelado pelo Espírito Santo (v. 10-14). O ponto principal da pregação de Paulo era *Jesus Cristo*.

2.3-5 — Enquanto os coríntios se gloriam de sua força, suas riquezas e seus dons, Cristo foi glorificado em Sua humildade e morte. Paulo queria servir de exemplo da humildade de Cristo ao apresentar suas fraquezas. Então, a força da mensagem do evangelho poderia ser claramente vista. A *minha palavra*, provavelmente, refere-se ao modo como Paulo falava; a *minha pregação* talvez faça menção ao conteúdo de sua mensagem.

Em palavras persuasivas [...] mas em demonstração do Espírito. Mesmo tendo muitos pontos fortes

(Fp 3.4-9), Paulo queria ser achado entre aqueles que confiavam na força de Deus. Em vez de usar a retórica da época para ganhar convertidos, ele entregou uma mensagem clara.

Poder de Deus. Sinais miraculosos, às vezes, acompanhavam a pregação de Paulo (2 Co 12.12; 1 Ts 1.5; Hb 2.3,4). Esses sinais tinham por objetivo engrandecer o Senhor, e não o homem que pregava.

2.6 — *Entre os perfeitos*. Depois de terem ouvido discursos eloquentes feitos por homens como Apolo, é possível que os coríntios tenham considerado a mensagem de Paulo elementar ou inculca. Esse apóstolo assegurou aos coríntios que ele estava transmitindo palavras de *sabedoria* — a instrução que cristãos maduros valorizavam.

Príncipes deste mundo. Em algumas passagens, Paulo usou a palavra *poderosos* para se referir a seres espirituais (Ef 6.12; Cl 2.15). Neste versículo, ele se refere a governantes terrenos, os líderes romanos e judeus que estiveram à frente da crucificação de Jesus. Se tais governantes estivessem entre os sábios, eles teriam adorado o Senhor, em vez de crucificá-lo.

Que se aniquilam. As pessoas olham para a beleza, a riqueza e o poder como coisas muito desejáveis. No entanto, a morte e o juízo de Deus que há de vir deixará todo o esplendor terreno sem sentido e sem valor (Lc 16.19-29; 2 Pe 3.10-13).



APLICAÇÃO

O CRISTIANISMO É UMA MULETA PARA OS FRACOS?

O cristianismo é somente mais uma muleta para pessoas que não conseguem se dar bem sozinhas? De certo modo, sim. Jesus disse: *Não necessitam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento* (Lc 5.31,32). Jesus evita aqueles que fingem ser invencíveis, aqueles que acham ter tudo sob controle. Em vez disso, ele tenta alcançar aqueles que sabem que algo está errado, que a vida deles está enferma, cheia de ganância, luxúria, crueldade e egoísmo.

Jesus sabe que ninguém está espiritualmente saudável. Ninguém é justo o suficiente para se colocar diante de um Deus santo. É por isso que Jesus veio a este mundo: para restaurar as pessoas a Deus. A boa notícia é que Cristo nos dá poder para vencer o pecado e os meios que Ele usa para frequentemente nos abater.

De certo modo, o cristianismo é uma muleta para os "fracos" [os que sabem que apenas em Deus podem ser feitos fortes]. Contudo, aqueles que rejeitam o cristianismo com essa alegação normalmente fazem isso para negar sua própria imperfeição. Eles usam essa desculpa como um meio de esquivar-se dos direitos que Deus tem sobre a vida deles. Eles não conseguem aceitar que Deus transforma pessoas pecadoras e feridas em sadias.

2.7 — O *mistério* a que Paulo se referiu neste contexto está definido em Romanos 16.25,26 como *a revelação [...] que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora*. A mensagem, que estava oculta, era conhecida somente por Deus, até que Ele optou por revelá-la (Ef 3.1-11). Isso contrasta com os ensinamentos dos gnósticos, um grupo de falsos mestres religiosos que se infiltrou na Igreja do primeiro século (1 Jo 2.18-27). Eles afirmavam que lá existia um conjunto de conhecimentos secretos, o qual só estava à disposição daqueles iniciados em um círculo interno de mestres espirituais.

2.8 — *Senhor da glória*. Mesmo se tendo esvaído de Sua majestade quando se fez homem, Jesus permaneceu totalmente igual ao Pai.

2.9-12 — *Pelo seu Espírito*. Somente o Espírito Santo poderia revelar as verdades de Deus (2 Pe 1.19-21).

Sabe [...] sabe. O primeiro verbo se refere ao conhecimento inato; o segundo, ao conhecimento experimental. Sozinhos, jamais poderíamos ter descoberto os mistérios de Deus ou os benefícios da morte de Cristo. Contudo, podemos conhecê-los por experiência, porque esse conhecimento nos foi *dado gratuitamente* por Deus.

2.13 — *O Espírito Santo ensina*. Paulo enfatizou que os intelectuais deste mundo não poderiam

ensinar o conhecimento que ele estava passando para os cristãos coríntios. Observe que o Espírito, simplesmente, não ditou palavras para Paulo e os outros apóstolos, mas lhes ensinou. Os apóstolos contaram com seu próprio vocabulário e estilo o que aprenderam com o Espírito.

Comparando as coisas espirituais com as espirituais. Essas palavras são difíceis de traduzir e interpretar. O termo grego *sugkrino* traduzido por *comparando* também pode significar *combinar* ou *interpretar*. O significado das duas referências a *espirituais* pode ser interpretado por: *verdades espirituais para pessoas espirituais* ou *combinar verdades espirituais com palavras espirituais*. A última versão parece melhor. Em outras palavras, a expressão ensina que as verdades espirituais de Deus são combinadas com o vocabulário espiritual dos apóstolos (2 Pe 1.20,21; 2 Tm 3.16).

2.14-16 — *Homem natural*. A pessoa natural não tem o Espírito de Deus, ao contrário do cristão (1 Co 15.44-46).

O termo *compreende*, neste contexto, significa *receber*. Esse verbo não se refere a descobrir o significado de uma passagem, mas *aplicar* o significado à vida.

3.1 — Paulo declara que não pode falar com eles como a *espirituais*, mas como a *carnais*. Como uma pessoa pode ser espiritual e também carnal?



ENTENDENDO MELHOR

DISCERNINDO TODAS AS COISAS

A afirmação de Paulo sobre a questão de discernir bem todas as coisas (1 Co 2.15) parece muito presunçosa. Ele está incentivando os cristãos a se tornarem policiais éticos, julgando todos e tudo ao nosso redor? Sim e não. Paulo estava desafiando os cristãos espiritualmente imaturos em Corinto a crescerem enquanto aplicavam o discernimento espiritual no mundo que os cercava. Nesta passagem, ele menciona três categorias de pessoas:

- *naturais* (1 Co 2.14): os que não têm Cristo e ainda estão vivendo na condição perdida em que nasceram;
- *espirituais* (1 Co 2.15): os cristãos que nasceram do Espírito e em quem o Espírito de Deus vive e está efetuando o crescimento, e
- *carnais* (1 Co 3.1): cristãos que ainda são imaturos na fé, porque não permitem que o Espírito opere na vida deles.

As pessoas espirituais discernem todas as coisas que lhes acontecem (1 Co 2.15) no sentido de esquadrinhar, examinar e investigar o valor e as implicações espirituais. Não se trata de algo que devemos fazer simplesmente como indivíduos, mas também de forma coletiva com outros cristãos. No local de trabalho, por exemplo, os cristãos, em vários cargos, precisam unir-se para examinar como a fé se aplica a vocações específicas. Ao analisarmos situações de trabalho à luz das Escrituras, podemos discernir quais são os problemas e como podemos responder com uma atitude própria de Cristo.

Discernir bem todas as coisas não tem nada a ver com censurar os outros, mas com reconhecer e fazer o que Deus desejaria. Em vez de orgulho, isso requer humildade, uma vez que Deus julgará tudo o que fazemos (2 Co 5.10).

Observe que os termos específicos, *carnal* e *natural*, não exprimem a mesma verdade. Aquele que é natural (1 Co 2.14) não possui o Espírito de Deus. O carnal não é igual ao homem natural, mas é semelhante a uma criança *em Cristo*. A pessoa não atingiu a maturidade espiritual, mas é considerada alguém que está unida a Cristo. O indivíduo carnal é espiritual no sentido de ter o Espírito de Deus, mas não de viver com consistência ou maturidade. Isso, muitas vezes, é o que acontece com os cristãos hoje, mas era igualmente o problema de muitos cristãos do primeiro século (Hb 5.11-14).

3.2 — *Leite [...] criei*. Paulo não esperava que os coríntios se tornassem maduros em Cristo no momento em que eles se convertiam. Ao depositarem sua fé em Cristo, eles foram justificados, uniram-se com Cristo e com Sua morte na cruz (Rm 6.3-5), e, então, o Espírito de Deus passou a viver neles (1 Co 2.12; Rm 8.9). Eles foram considerados justos diante de Deus por causa da justificação de Jesus. Portanto, quando Paulo instituiu a igreja de Corinto, ele lhes ensinou como a novos convertidos, a justificados. Contudo, ele esperava que eles crescessem em sua fé, ou seja, que se santificassem. O comportamento dos cristãos em Corinto deveria ter começado a se alinhar com a posição que eles tinham como justos em Cristo.

3.3,4 — *Porque ainda sois carnais*. Naturalmente, faltam ao cristão imaturo muitas características cristãs, mas ninguém deve esperar que essa condição perdure. Paulo ficou surpreso ao ver que

os coríntios ainda não haviam chegado à maturidade nem sido capazes de fazer distinção entre o bem e o mal (Hb 5.14).

3.5-10 — Paulo *plantou*, ou iniciou, a igreja de Corinto; Apolo *regou* — teve um ministério importante ali depois da partida de Paulo —, mas ambos foram somente servos por intermédio de quem Deus operou. Os que plantaram e regaram a igreja não têm do que se vangloriar, porque é o Senhor quem dá o *crescimento*: somente Ele atrai os incrédulos para si. É nossa responsabilidade fazer nosso trabalho, sejam lá quais forem os resultados, pois Deus irá recompensar-nos por nossos esforços e pela qualidade de nosso serviço (1 Co 9.24-27). Somos como ferramentas nas mãos do artífice. Enquanto pudermos ser usados, Deus nos usará. Quando deixarmos essa função, poderemos ser colocados na prateleira ou desqualificados (1 Co 9.27). Paulo desenvolve quatro conclusões a partir de sua observação no versículo 6: (1) somos servos de Deus, auxiliares de Cristo, que cumprem a tarefa que lhes foi designada. Sem Ele, não podemos fazer nada (Jo 15.5). Até a fé daqueles que creem por nosso intermédio é um dom de Deus; (2) os servos em suas diversas tarefas são, na verdade, um só. Eles não estão competindo uns com os outros. Todos estão fazendo a obra de Deus, o qual é aquele que dá o crescimento; (3) embora os servos sejam um, o galardão de cada pessoa estará fundamentado na qualidade do trabalho realizado. O tipo de material usado determinará o tipo de galardão que a pessoa terá; (4) Paulo conclui



APLICAÇÃO

DE QUEM É O CRÉDITO?

Paulo mostrou que o trabalho de implantar a igreja de Corinto foi um esforço conjunto entre ele, Apolo e o Senhor (1 Co 3.5-8). Na verdade, muitos outros se envolveram também. No entanto, a questão é que aquilo que Deus deseja é essa cooperação, não competição.

O apóstolo estava falando sobre o início de uma igreja, mas os princípios se aplicam no local de trabalho também. Uma atitude competitiva visa buscar quem fica com o crédito pelo sucesso, o que é, na verdade, uma preocupação egoísta. Em contrapartida, a cooperação ao longo do tempo, normalmente, resulta em realizações muito maiores do que as que qualquer indivíduo poderia ter sozinho. Isso acontece porque os conhecimentos, a visão e a energia investidos na mão-de-obra de uma organização têm um grande potencial. Contudo, esse potencial nunca será viabilizado se cada um tiver como principal objetivo receber o crédito pelos resultados.



EM FOCO

VÃOS (GR. *MATAIOS*)

(1 Co 3.20; 15.17; Tt 3.9; Tg 1.26),

Esse termo grego significa *sem sentido e sem propósito*. Os escritores do Novo Testamento, especialmente Paulo, usavam-no para descrever a falta de sentido que permeia a vida do ímpio. Paulo caracteriza os *pensamentos dos sábios* como sendo vãos (1 Co 3.20) e descreve que os gentios estão vivendo *na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento*, porque estão *separados da vida de Deus* (Ef 4.17,18).

As ideias dos que não são regenerados são vãs e sem propósito, pois lhes falta revelação divina. Elas geram uma vida marcada pela falta de propósitos e pela ineficácia. O meio de livrar-se dessa futilidade provém do Espírito de Cristo que habita nos cristãos (Rm 8.10,11,26,27).

que a igreja é o *edifício de Deus* a ser edificado pelos *cooperadores de Deus* (ou seja, Paulo, Apolo e outros ministros — v. 9).

3.11-15 — Paulo havia estabelecido a igreja de Corinto sobre o *fundamento* de Cristo.

Ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha. Esses materiais de construção referem-se à qualidade do trabalho feito pelos coríntios e, possivelmente, também às suas motivações ou aos tipos de doutrinas que eles ensinavam.

O *Dia* fala sobre o momento em que Cristo julgará os méritos do trabalho de Seus servos (2 Co 5.10), e não se eles receberão perdão pelos pecados. De igual modo, *fogo* não se refere ao fogo eterno da condenação (Ap 20.10), mas à avaliação das obras dos cristãos (Ap 2.18,19; 3.18; 22.12). O fogo prova a qualidade do ouro, mas consome a madeira, o feno e o restolho. Algumas “boas obras”, na verdade, consistem em uma busca por reconhecimento. O verdadeiro valor desse “serviço” ficará óbvio para todos no dia do Juízo de Deus (Ap 3.17,18).

3.16,17 — *Não sabeis*. Essa expressão, encontrada em outras nove passagens em 1 Coríntios 5.6; 6.2,3,7,15,16,19; 9.13,24, sempre introduz uma afirmação incontestável.

Templo. Existem duas palavras gregas traduzidas como *templo* no Novo Testamento. Uma [*hieron*] se refere ao edifício do templo e a todos os seus átrios; a outra se refere mais estritamente ao santuário [*nãos*], o Santo dos santos onde ninguém, exceto o sumo sacerdote, podia entrar [uma vez no ano, no Dia da Expição]. Paulo

usou o último termo para descrever o santuário no qual *Deus habita*. Em 1 Coríntios 6.19, essa palavra [*nãos*] que designa o *templo* se refere a cada cristão; em Efésios 2.21, refere-se à igreja local, ao templo físico onde Deus é cultuado, assinalando que o Senhor leva muito a sério as nossas ações na igreja e como Igreja.

Destruir. Quem perturba e destrói a Igreja por meio de divisões, maldades e outros atos prejudiciais pede a disciplina de Deus (1 Co 11.30-32).

3.18-23 — A sabedoria deste mundo não corresponde à sabedoria de Deus, a loucura do Cristo crucificado (1 Co 1.18-25). Paulo cita Jó 5.13 e Salmo 94.11 para exortar os membros da igreja de Corinto a se humilharem.

Tudo é vosso. A literatura estoica da época, a qual os coríntios teriam conhecido, muitas vezes, falava que o sábio tinha tudo. Tudo o que Deus tem feito na igreja, e em todo o universo, beneficia os cristãos. Não há espaço para a vanglória insensata nem para a competição entre cristãos.

3.21-23 — *Ninguém se glorie nos homens*. Essa é a conclusão do capítulo 3. Os coríntios limitaram-se seriamente ao se gloriarem em diferentes mestres, quando Cristo é a Fonte de *tudo*. Os mestres terrenos são simplesmente servos do Senhor para o bem do povo de Deus (v. 5). A *vida* e a *morte* pertencem ao cristão que vive e morre vitoriosamente pelo poder de Cristo (1 Co 15.55-57). Nele, não temos nada a temer no *presente* nem no *futuro*.

4.1-21 — Estes versículos ampliam a discussão sobre os obreiros como ministros de Cristo. A

primeira epístola aos Coríntios 4.1-5 afirma que os chamados ministros de Cristo também são considerados despenseiros ou administradores a quem foi confiada uma responsabilidade. Portanto, não nos devemos comparar com outros ministros. Nossa responsabilidade é com Cristo.

4.1 — Os *ministros* não tinham uma posição especial, ao contrário dos *despenseiros*. O despenseiro era um escravo que administrava todas as questões relacionadas à família de seu senhor, embora ele mesmo não tivesse nada (compare o testemunho da igreja do primeiro século em At 4.32). José ocupava essa posição na casa de Potifar (Gn 39.2-19). Como despenseiros, os cristãos administram a mensagem e o ministério que Deus lhes confiou.

4.2-5 — *Cada um receberá de Deus o louvor*. O despenseiro não deveria preocupar-se com a avaliação daqueles à sua volta nem mesmo em avaliar a si mesmo; ele precisava somente agradecer ao seu senhor. De igual modo, embora os cristãos possam beneficiar-se de avaliações construtivas de seus irmãos cristãos, seu supremo Juiz é o próprio Senhor. Uma vez que Deus é o Juiz, devemos ter cuidado para não fazermos uma avaliação dos outros antes do tempo.

4.6-13 — Paulo repreendeu os coríntios por causa do orgulho deles (v. 6). Ele fez com que se lembrassem de que eles se gloriam dos dons que Deus, generosamente, havia-lhes distribuído (v. 7,8). Então, quase de um modo sarcástico, o apóstolo comparou a “grandeza” deles com a atitude servil de Apolo e dele mesmo (v. 9-13). Os homens que eles exaltavam a ponto de causar divisões na igreja (1 Co 1.11-17) viam-se como servos necessitados de Deus (v. 10-13).

4.6,7 — O termo grego *manthano* traduzido por *aprendais* está relacionado à palavra *matheteuo* traduzida por *discípulos* em Mateus 28.19. Implica o uso de uma habilidade e não apenas de conhecimento. Os coríntios sabiam o que era humildade, por isso, Paulo pediu que eles fossem humildes. Para os gregos, a humildade era um defeito, uma característica de escravos. Para os cristãos, no entanto, ela exemplifica a atitude de Cristo (Fp 2.5-8).

Em nós. Paulo apresentou a si mesmo e Apolo como exemplos a serem seguidos (1 Co 4.16; 11.1).

Do que está escrito. Essa expressão, muitas vezes, é usada para introduzir uma citação do Antigo Testamento (Rm 14.11). Paulo estava exortando os coríntios a não irem além dos ensinamentos das Escrituras. Então, eles evitariam o orgulho e as dissensões que estavam dividindo a igreja. O verdadeiro ministro da Palavra de Deus usará as Escrituras para unir e fortalecer a igreja. Somente aqueles que desejam exaltar a si mesmos usarão indevidamente a Bíblia e, conseqüentemente, enfraquecerão e dividirão a igreja.

4.8 — Os coríntios acreditavam que os cristãos tinham de estar *fartos*, ser *ricos* e reinar no presente. No entanto, Paulo sabia que devemos passar por *provações* agora, se quisermos reinar quando Cristo voltar. *Prouvera Deus* que vocês estivessem, de fato, envolvidos no Reino de Cristo e pudéssemos estar unidos no verdadeiro Reino de Cristo.

4.9,10 — *Espetáculo* se refere às execuções públicas realizadas pelos romanos. Nessas execuções, homens condenados eram levados ao Coliseu, onde eram atormentados e mortos por animais selvagens enquanto a multidão eufórica assistia a tudo. Paulo mostrou que todo o mundo e os anjos eram testemunhas da humilhação dos servos de Deus. Com um sarcasmo mordaz, o apóstolo comparou a avaliação superior que os coríntios faziam de si mesmos com a que o mundo fazia dele. Paulo sabia que o cristão encontra a verdadeira força quando entende as próprias fraquezas e a suficiência de Cristo (2 Co 12.7-10; Fp 4.11-13).

4.11-13 — Paulo lista as dificuldades que ele sofrera no ministério de Cristo, tanto problemas físicos como insultos verbais (2 Co 11.22-30).

4.14 — Embora os coríntios, provavelmente, tivessem vergonha de sua conduta, o objetivo de Paulo quando escreveu era advertir-lhes sobre as sérias conseqüências de seus atos. A expressão *Como meus filhos amados* enfatiza a responsabilidade que os pais têm de aplicar a disciplina correta com amor.

4.15 — *Aios... pais.* Paulo usou esses dois termos para fazer a distinção entre seu papel e o dos mestres coríntios, escravos que cuidavam dos filhos de seus senhores. O apóstolo era o líder espiritual dos coríntios. Era dele a responsabilidade final por eles e o direito de ordenar que seguissem seu exemplo.

4.16 — Paulo incentiva seus leitores a serem seus *imitadores* enquanto ele seguia Cristo (1 Co 11.1). A palavra se refere ao modo como um aluno imitaria um professor ou ao modo como um ator desempenharia um papel (1 Co 11.1).

4.17 — Por alguma razão, Paulo não pôde ir de imediato a Corinto, mas confiava em Timóteo para ensinar devidamente aos coríntios. Timóteo já estava fazendo o que apóstolo esperava que seus leitores comessem a pôr em prática: seguir o bom exemplo de Paulo.

4.18-20 — *Alguns* em Corinto, provavelmente, os preceptores que causaram dissensões (v. 15), agiam como se Paulo nunca mais fosse voltar para exigir explicações para as ações deles.

Inchados. Tais pessoas eram convencidas e propensas à jactância. Neste contexto, o *Reino de Deus* não se refere ao reino futuro de Cristo, mas ao domínio presente de Cristo no coração de Seu povo. Essa realidade era a garantia de que Paulo teria poder para expor e disciplinar aqueles que atribulavam a igreja de Corinto.

4.21 — Paulo usa, neste versículo, a mesma palavra grega *rhabdos* para *vara*, usada por Lucas para descrever o instrumento utilizado para espancar Paulo e Silas (At 16.22-24). O termo também é usado de forma figurada para referir-se à autoridade de Cristo para julgar (Ap 19.15). Deus deu a Paulo autoridade para punir os agitadores em Corinto, ainda que o apóstolo preferisse não fazer valer tal poder.

5.1-13 — Paulo acaba de concluir um longo segmento que trata das divisões dentro da igreja de Corinto (1 Co 1.10—4.21). Agora, ele passa para o problema do incesto na igreja e para o fato de os coríntios não conseguirem lidar com esse mal.

5.1 — *A fornicação e fornicção tal* do incesto era proibida pela Lei do Antigo Testamento

(Lv 18.8; Dt 22.30) e pela lei romana. Paulo usou a expressão *mulher de seu próprio pai*, em vez de *sua mãe*, provavelmente, para indicar que a mulher era madrasta do transgressor. A falta de disciplina para a mulher implica que ela não era cristã. A igreja é responsável por disciplinar somente seus membros, não os incrédulos.

5.2 — *Inchados.* Os coríntios tinham uma visão distorcida da graça que os levou a se orgulharem de sua tolerância com relação ao homem que cometia o pecado sexual. Eles acreditavam que, uma vez que a graça de Deus não tem limites, a liberdade de que todo cristão desfruta também não tem limites.

5.3-5 — O apóstolo revela o poder apostólico do qual falou anteriormente (1 Co 4.20,21). Ele já havia julgado o pecado e dado à igreja, com a aprovação de Deus, a ordem para remover o homem da congregação. Quando uma pessoa está vivendo em pecado, ela está aberta para Satanás.

5.5 — *Destruição da carne* pode referir-se ao ato de Deus entregar quem cometeu o pecado sexual a *Satanás* para sua aflição ou mesmo morte física. Depois de estar afastado da proteção espiritual da igreja, o transgressor estaria em condições ideais para reconhecer seu pecado, arrepender-se e voltar para a igreja. Toda a disciplina da igreja tem como seu principal objetivo a restauração.

5.6-8 — O contexto para esta passagem é a Páscoa (Êx 12), quando os israelitas tiravam o fermento de sua casa para se prepararem para a festa. A retirada do fermento era para lembrar os israelitas de sua rápida partida do Egito. Eles não tinham tempo para esperar o pão com fermento crescer. A questão aqui é que um pouco de fermento tem um grande impacto ou influência sobre aquilo que o contém. A igreja de Corinto estava tolerando o pecado sexual. O fermento do pecado, embora pequeno no tamanho, era perigoso, pois poderia espalhar-se pela igreja. Como o câncer, a iniquidade exige uma cirurgia drástica.

5.6 — Como uma pitadinha de *fermento* espalhando-se por um pão, o pecado que não foi questionado pode rapidamente contaminar toda a igreja. Quem cometeu o pecado sexual tinha culpa, mas toda a congregação também era



APLICAÇÃO

O PERIGO VEM DE DENTRO PARA FORA

O mal nunca pode ser reparado quando o ignoramos ou ocultamos. Na verdade, encobri-lo é a pior coisa que pode acontecer, pois, como o fermento, o mal realiza seu terrível trabalho de dentro para fora (1 Co 5.6-8).

O mesmo se aplica aos cristãos que vivem constantemente em desobediência à vontade expressa de Deus. Seu comportamento contaminará seriamente os grupos maiores dos quais eles fazem parte. Pode até levar a uma percepção distorcida do pecado, a qual o grupo pode tolerar ou até aprovar a desobediência entre seus próprios membros, mas condenar os de fora por cometerem o mesmo pecado (Rm 1.32; 1 Co 5.9,10).

Paulo desafiou os coríntios a confrontarem a sutil deterioração que eles haviam admitido dentro de sua congregação (1 Co 5.5). No entanto, uma vez que o transgressor se arrependesse, eles deveriam, então, procurar restaurá-lo. Ainda que a atividade corretiva entre os cristãos possa ser severa, a confrontação sempre deve ter por objetivo promover a cura, e não expulsar os transgressores (compare com Mt 18.15-22; 2 Co 10.8). Não existem pessoas que possam ser rejeitadas no Reino de Deus.

responsável por ignorar a desobediência do homem e não exigir que ele prestasse conta. Se não fosse reprimido, essa transgressão poderia ter levado muitos novos convertidos a cometerem imoralidade sexual.

5.7 — O povo judeu devia tirar todo o fermento de casa ao se preparar para a Páscoa (Êx 12.15). Neste contexto, o fermento simboliza a influência poderosa do pecado.

5.8 — A festa é uma figura de linguagem para tipificar Cristo. Assim como Israel deveria retirar todo fermento na celebração da Páscoa, os coríntios não deveriam contaminar seu relacionamento com o Senhor com nenhuma maldade nem malícia.

5.9-13 — Nesta passagem, Paulo corrigiu um mal-entendido resultante de sua carta anterior (v. 9). Ele havia ordenado aos coríntios que se afastassem de pessoas sexualmente imorais. Nesta carta, Paulo explicou que não se referia à cultura pagã à volta deles. Se eles se afastassem totalmente, não poderiam agir no mundo. Pelo contrário, o apóstolo falou sobre a imoralidade no meio deles. Eles deveriam considerar o pecado entre eles, enquanto tentavam, ao mesmo tempo, alcançar os perdidos em Corinto.

5.9 — Por carta se refere a uma carta anterior de Paulo aos coríntios que não existe mais.

5.10 — Sair do mundo. Os cristãos são chamados a influenciar o mundo, e não fugir dele (Mt 5.13-16). São agentes de Deus para levar a luz de

Jesus Cristo a um mundo em trevas (Fp 2.14-16; 1 Pe 2.11,12).

5.11 — Com o tal nem ainda comais. Comer com os outros é uma parte fundamental da comunhão e da proximidade. Os coríntios não deveriam ter comunhão com os que se diziam cristãos, mas tinham a vida dominada pelo pecado.

5.12,13 — Não julgais vós [...] Deus julga. A responsabilidade da igreja é disciplinar seus membros enquanto confia ao Senhor a responsabilidade de julgar o mundo (Mt 13.30).

6.1-11 — Nestes versículos, Paulo instrui os coríntios a deixarem de levar suas discussões pessoais aos tribunais pagãos. Os coríntios levavam seus conflitos aos tribunais romanos e, consequentemente, expunham o cristianismo ao ridículo ao contenderem em público. Sua incapacidade de resolver suas discussões pessoais ilustrava as divisões exacerbadas na igreja (1 Co 1.10-17). O apóstolo queria esclarecer várias ideias importantes aos coríntios: o litígio público era uma vergonha para uma congregação cristã (v. 1); as discussões pessoais deveriam ser resolvidas dentro da igreja (1 Co 6.2-6); o fato de existirem contendas indica derrota espiritual (1 Co 6.7,8), e todas as injustiças, como as contendas, deveriam ter sido superadas quando os coríntios se tornaram cristãos (1 Co 6.9-11).

6.2 — Não sabeis. Paulo usa essa expressão seis vezes neste capítulo (v. 3,9,15,16,19) para apresentar verdades que os coríntios já deveriam

saber. Essa expressão deve ter diminuído o orgulho de uma igreja que se enfatizou de seu conhecimento e sua sabedoria.

6.3 — Os cristãos também julgarão os *anjos* caídos (Ap 19.19,20; 20.10). Paulo sugeriu que, se os coríntios haveriam de julgar com Cristo em Seu futuro Reino (Mt 19.28), eles, certamente, tinham os meios para acertar suas diferenças pessoais.

6.4-6 — A frase *Aos que são de menos estima* se refere a juízes em cortes civis. Embora eles mesmos tivessem capacidade para julgar os casos, os coríntios levavam suas contendas ao tribunal pagão para que os juízes de lá decidissem os casos.

6.7,8 — *O dano [...] o dano*. Em todas as brigas, os coríntios faziam acusações levianas e até desonestas uns contra os outros. Paulo sugeriu que era melhor o indivíduo *sofrer o dano* causado por uma das pessoas desonestas do que desonrar seu testemunho cristão diante de pagãos.

6.9,10 — *O Reino de Deus*, neste contexto, parece referir-se a um tempo no futuro em que Deus governará a terra com justiça (Mt 6.10; Lc 11.2).

Não erreis. Tragicamente, os cristãos, às vezes, enganam-se ao pensar que Deus não requer que

levem uma vida reta. Paulo enfatizou que os tipos de pessoas listados nestes versículos não *herdarão* ou possuirão o Reino de Deus.

6.11 — Neste versículo, Paulo usou três termos para descrever a conversão dos coríntios. O tempo de todos os verbos indica uma ação no passado que está completa. *Lavados* significa *espiritualmente purificados por Deus*. *Santificados* significa *separados como povo de Deus*. *Justificados* significa *declarados justos por Deus por causa da obra de Cristo na cruz*.

6.12-20 — Paulo deixou de lado sua discussão sobre a relação dos coríntios com os tribunais de justiça e passou a falar da integridade pessoal no corpo e no espírito. O apóstolo lidou com a questão da liberdade cristã ao tratar de três lemas dos coríntios que refletiam as atitudes deles para com pecados sexuais (v. 12,13,18). No processo, ele apresentou um conceito muito elevado sobre o corpo humano como algo criado por Deus Pai, resgatado por um alto preço e redimido para o serviço de Cristo, o Filho, e transformado em templo de Deus por meio do Espírito que nele habita. Assim, o Deus trino está envolvido naquilo que fazemos com nosso corpo. Chamamos o espaço onde a igreja se reúne de santuário. Na



APLICAÇÃO

LIVRES DA TIRANIA DAS COISAS

Como cristãos, vivemos debaixo da graça, não da Lei. Desfrutamos de certa liberdade de escolha e responsabilidades. Contudo, Paulo nos lembra que nossas escolhas e responsabilidades, embora sejam feitas *com liberdade*, *nem sempre trazem liberdade* (1 Co 6.12). Muitas vezes, elas nos dominam: não mais somos nós que possuímos nossos bens — são eles que nos possuem! Podemos ser consumidos por nosso trabalho, nossa riqueza, nossa casa, nosso passatempo preferido e até por nossa igreja.

Há alguma maneira de lidar com esse problema? Seguem algumas sugestões:

- 1) Estabeleça seus limites. Com o que você, de fato, lida? O que está fundamentado em dados reais?
- 2) Dê tempo ao tempo antes de tomar decisões e assumir responsabilidades. Mais cedo ou mais tarde, você precisará tomar resoluções, mas das escolhas feitas rapidamente poucas são as melhores.
- 3) Preste atenção na concordância ou na divergência de opinião com seu cônjuge e/ou um amigo próximo ou sócio. É prudente tomar decisões mútuas.
- 4) Ao gerenciarmos a responsabilidade que estamos assumindo, do que estamos dispostos a abrir mão? Assumir novas obrigações significa trocar uma série de problemas por outra. Estamos preparados para isso?
- 5) Comprometa-se a abrir mão de uma responsabilidade assim como você se compromete a assumir uma responsabilidade. Isso revela que você está livre da tirania das coisas e das responsabilidades.

verdade, nós somos santuário de Deus — Seu templo. Que diferença faria se vivêssemos com essa consciência! Nosso corpo não é depósito de lixo. Ele é um templo!

6.12 — *Todas as coisas me são lícitas* era um lema que os coríntios haviam forjado para justificar sua conduta imoral. Paulo fez com que eles se lembrassem de que o fato de estarem livres das leis cerimoniais de Moisés não lhes dava licença para pecar ou se entregar ao próprio egoísmo. Isso só iria escravizá-los no pecado do qual Jesus os havia libertado.

Dominar por nenhuma. O único poder que nos deveria controlar é o Espírito Santo. A iniquidade nunca deveria dominar nossa vida, porque o Espírito nos capacita para lutar contra a tentação.

6.13,14 — *Os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares* era outra expressão que os coríntios usavam para justificar seu estilo de vida dominado pelo pecado (1 Co 6.12). O alimento é gratificante e essencial para a vida. Quando os coríntios ficavam com fome, eles comiam. Seguindo a mesma lógica, toda vez que desejavam ter relações sexuais, eles se entregavam ao desejo. Na opinião deles, nenhuma atividade física deveria afetar a vida espiritual de uma pessoa, assim como comer alimentos não afetava a espiritualidade de ninguém. O raciocínio dos coríntios tinha duas falhas: (1) O estômago e o processo digestivo, de certo modo, não passam de coisas terrenas e de nada servem na eternidade. Mas o corpo, por meio do poder de ressurreição de Cristo, é eterno. Ele foi santificado por Deus para render-lhe glória (v. 20). (2) Embora a finalidade do estômago seja digerir alimentos, não é o objetivo do corpo envolver-se com a imoralidade. Além disso, segundo Seu próprio intento, Deus pôs restrições ao ato de comer e à atividade sexual. Comer a ponto de se tornar gula e ter relações sexuais levianas fora do casamento são atos que violam o intento do Senhor e, portanto, são pecados.

6.15-17 — A vida dos cristãos sofre uma mudança muito grande quando eles estão unidos a Cristo. A união afeta tanto o cristão como Cristo. Quando o cristão se envolve com a imoralidade, ele está arrastando a união com o Salvador



EM FOCO

TEMPLO (GR. NAOS)

(1 Co 3.16; 6.19; 2 Co 6.16; Ef 2.21; Ap 21.22)

O termo *naos* foi mais usado para referir-se ao edifício *templo* em si do que a *hieron*, o qual era usado para indicar todo o complexo do templo.

Paulo disse aos cristãos que o corpo de cada um deles era um *naos*, um santuário de Deus (1 Co 6.19). O apóstolo também declarou que a Igreja, como Corpo de Cristo, é um *templo* espiritual do Altíssimo (1 Co 3.16,17; 2 Co 6.16; Ef 2.21).

Ser a morada espiritual de Deus, tanto individual [o cristão] como coletivamente [a Igreja], é um privilégio especial.

A glória do Senhor enchia o tabernáculo (Êx 40.34) e o templo (1 Rs 8.10,11). Agora, a glória de Deus na pessoa do Espírito Santo habita dentro de cada cristão (Jo 14.16,17) e, conseqüentemente, habita em toda a Igreja, como Corpo espiritual de Cristo. Na Nova Jerusalém, não haverá necessidade de um templo físico, porque Deus e o Cordeiro serão o templo eterno (Ap 21.22).

para o relacionamento ilícito. Ao citar: *Serão[...] dois numa só carne*, fazendo menção ao texto de Gênesis 2.24, Paulo ilustrou a seriedade do pecado sexual.

6.18 — *Todo pecado que o homem comete é fora do corpo* era outro lema usado pelos coríntios para justificar sua imoralidade (1 Co 6.12,13). Paulo mostrou que o contrário é verdadeiro: o pecado sexual é cometido *contra* o corpo, não fora dele.

Fugi. Paulo exortou os coríntios a fugirem de qualquer tentação de ceder ao pecado sexual (Gn 39.1-12).

6.19 — O *templo* (1 Co 3.16,17) era a congregação de cristãos, reconhecido como a habitação sagrada de Deus. A glória (*shekinah*) do Senhor encheu o tabernáculo (Êx 40.34) e o templo (1 Rs 8.10,11). Agora, a glória de Deus, por intermédio do Espírito Santo, habita em cada cristão (Jo 14.16,17) e, conseqüentemente, em toda a igreja. Os sacerdotes do Antigo Testamento não poupavam esforços para manter o santuário puro para a presença de Deus. Todo cristão também deveria cuidar com diligência de seu corpo, o templo do Espírito Santo, para honrar o Senhor e à Igreja.

6.20 — *Comprados por bom preço* se refere a alguém que está comprando um escravo em um leilão. Com Sua morte, Jesus Cristo pagou o preço para nos resgatar da escravidão do pecado (Ef 1.7; 1 Pe 1.18,19). Embora seja verdade que essa obra se aplique a todas as pessoas, mesmo àquelas que negam o Senhor (2 Pe 2.1), isso tem um significado muito singular e especial para o cristão (compare com 1 Pe 2.9; 1 Tm 4.10). Paulo conclui com o imperativo *glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*. Em outras palavras, use seu corpo para que outras pessoas possam ver que você pertence a Deus.

7.1 — *Coisas que me escrevestes*. Depois de falar sobre os problemas mencionados pela família de Cloe (1 Co 1.11), Paulo começou a responder a perguntas que lhe foram enviadas (1 Co 7.1—14.40).

Bom seria que o homem não tocasse em mulher. Havia duas posições extremas na igreja de Corinto. Os dois grupos falsamente separavam o físico e o espiritual, acreditando que um não afetaria o outro. O que era hedonista alegava que o pecado só tinha a ver com o corpo físico, e os cristãos podiam pecar no corpo sem nenhuma consequência para sua vida espiritual. Paulo corrigiu esse mal-entendido no capítulo 6. O outro grupo acreditava que as coisas espirituais eram boas, e as físicas, más. Além disso, criam que, para ser realmente espiritual, o indivíduo teria de reprimir todo desejo físico. Os proponentes dessa visão alegavam que o celibato era o único estilo de vida correto, porém, o apóstolo também corrigiu esse equívoco, explicando que, embora as relações sexuais no casamento sejam boas, ele optou pelo celibato por vontade própria.

7.2 — Por causa da *prostituição* desenfreada em Corinto, Paulo incentivou os que poderiam ser tentados a cometer o pecado sexual a casarem-se. É melhor desenvolver um relacionamento permanente com uma esposa ou um marido do que cair no pecado sexual.

7.3-5 — *Benevolência*. Marido e esposa têm o dever de manter relações sexuais um com o outro para que nenhum deles seja tentado por *Satanás* a ter relações fora do casamento.

7.6-9 — *Digo, porém, isso como que por permissão e não por mandamento*. Essa sucinta oração revela-nos um importante entendimento acerca do método de argumentação que Paulo usou e também do que nós, cristãos, devemos considerar como mandamento e como opção. Se Paulo tivesse indicado que esse ensino fosse um mandamento, estaríamos debaixo de uma obrigação. O apóstolo, por vezes, deu ordens diretas ou falou de modo tão direto sobre uma questão, que isso se tornou um ensino do Senhor. A passagem de 1 Coríntios 11.28-34, por exemplo, apresenta ordens sobre como as coisas deveriam ser conduzidas à mesa do Senhor. Os ensinamentos de Paulo sobre os dons em 1 Coríntios 12—14 não são meras opiniões, mas verdades apostólicas. No versículo 7, ele afirmou preferir que os solteiros *fossem como ele*, mas reconheceu que Deus tem propósitos e habilidades diferentes para Seu povo.

Bom. Para os que eram casados, mas agora estão viúvos, é *bom* ser como Paulo, pois estar sozinho dá uma oportunidade maior para trabalhar para Cristo. Por outro lado, ele reconhece que são poucos os que podem *conter-se* no sentido de ficar sem relações sexuais. O *bom* do versículo 8 deve ser equilibrado com o ensino de Gênesis 2.18, no qual Deus diz que *não é bom* que o homem esteja só.

É melhor casar do que abraçar-se. Os que ardem de paixão devem ir em frente e se casar, em vez de lutar contra o desejo sexual.

7.10-16 — Paulo deixou de se preocupar com os celibatários e passou a falar dos casados. Ele discorreu sobre os mandamentos que Cristo deixou sobre o tema enquanto esteve na terra, além de apresentar a visão que ele tem como apóstolo do Senhor.

7.10,11 — *Não eu, mas o Senhor*. Quando Cristo esteve na terra, Ele disse que não nos devemos *divorciar* de nosso cônjuge. Em vez de *divórcio*, Paulo usou a palavra *chorizo* traduzida pelo verbo *apartar-se*. A ideia é a mesma: o marido e a esposa cristãos não devem deixar um ao outro. A afirmação adicional de que, se o casal se divorciar, deve ficar *sem casar* condiz com o ensinamento de Jesus (Mc 10.9-12).

7.12,13 — *Digo eu, não o Senhor.* Paulo apresentou um problema que não foi discutido por Jesus. Às vezes, o marido ou a esposa se converte, mas o outro não. Paulo exorta o cristão a continuar casado se o cônjuge não cristão não quiser divorciar-se.

7.14 — O principal significado de *santificado* é *separado*. Aqui, o termo se refere à situação especial de que a esposa ou o marido incrédulos desfrutam quando seu cônjuge é cristão, sendo expostos aos ensinamentos de Deus.

Imundos, neste contexto, provavelmente, significa o oposto de *santificado*. Os filhos com um dos pais que seja cristão podem aprender coisas sobre Deus e achegar-se a Cristo.

7.15 — Se o descrente quiser se divorciar do cônjuge convertido a Cristo, o cristão *não está sujeito à servidão* ou obrigação de continuar casado. Acerca disso, não há conflito entre o conselho de Paulo e o de nosso Senhor em Mateus 5.32. A questão é que o padrão divino não pode ser imposto a quem não é regenerado. Não há nada que o cristão possa fazer a não ser se submeter ao divórcio. O princípio mais importante é que *Deus chamou-nos para a paz*.

7.16 — *Donde sabes.* A gramática grega sugere que Paulo tenha feito a pergunta esperando uma resposta negativa. A promessa dada em 1 Pedro 3.1-6, no entanto, lembra-nos que a constante obediência a Deus pode transformar um cônjuge cético em um cristão.

7.17-24 — *Assim, cada um ande.* Esta seção desenvolve o tema da fidelidade ao chamado cristão, e não à posição social. Não interessa se você é *servo* ou *liberto* — pertence à classe alta ou à baixa, tem poder ou não, é casado ou solteiro —, o importante é o chamado que recebeu de Deus (Cl 3.11).

7.25-40 — *Não tenho mandamento do Senhor.* Paulo claramente distingue suas palavras como apóstolo das palavras de Cristo.

Virgens. Essa classificação das solteiras na igreja, provavelmente, seja menor do que a mencionada no versículo 8, que incluía viúvas e as que foram casadas antes. Embora Paulo esteja preocupado com homens e mulheres solteiros, a atenção, neste trecho, está nas mulheres. Embora o termo grego usado no versículo 25 possa referir-se a homens ou mulheres, os outros exemplos,



VOCÊ SABIA?

DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO

A lei judaica permitia que somente o marido tomasse a iniciativa de pedir o divórcio. Somente sob circunstâncias extremas é que a esposa poderia solicitar ao tribunal que obrigasse o marido a divorciar-se dela.

Em contrapartida, a lei romana via o casamento como uma questão de consentimento mútuo e, assim, desfazia o casamento se qualquer uma das partes solicitasse a dissolução. No divórcio romano, os filhos ficavam com o pai. Era comum a pessoa se casar de novo rapidamente, e a sociedade incentivava isso (especialmente no caso de mulheres jovens); assim, era provável existir na igreja de Corinto alguns novos convertidos que já se haviam casado uma ou mais vezes antes de sua conversão.

Paulo se dirigiu aos cristãos que queriam divorciar-se de cônjuges espiritualmente incompatíveis. Dando a própria opinião, ele afirmou que a incompatibilidade espiritual não provia razões suficientes para o divórcio (1 Co 7.12-14). Além disso, ao ratificar o mandamento do *Senhor* (1 Co 7.10,11), o apóstolo citou a declaração geral de Jesus que proibia o divórcio (Mc 10.11,12).

Os intérpretes antigos normalmente determinavam princípios gerais, modificando-os ou reinterpretando-os com o intuito de esclarecer situações específicas. Desse modo, Paulo explicou que o fato de Jesus ser contra o divórcio não poderia levar a Igreja a discriminar aqueles membros que haviam se divorciado por vontade do outro cônjuge incrédulo, que abriu mão do casamento. Paulo declarou que o cristão *não está sujeito à servidão* (1 Co 7.15).

Ao usar a expressão *não está sujeito à servidão*, Paulo estava repetindo os mesmos termos de antigos contratos de divórcio, que se referiam ao casamento como "amarrar" a mulher ao seu marido, e ao divórcio como soltar ou liberar a mulher para se casar novamente. Essa terminologia do divórcio aparece em termos judaicos, como o *mishnah*, e em autênticos contratos de divórcio judaicos do primeiro século que foram recuperados. Os leitores antigos teriam entendido a expressão *não está sujeito à servidão* como a permissão de Paulo para que a pessoa abandonada se casasse novamente.

nesta passagem, fazem menção a mulheres (v. 28,34,36,37). Por volta do segundo século, foram criados cargos importantes na igreja para virgens, viúvas e diaconisas. Uma vez que elas estavam livres dos deveres de esposa, podiam auxiliar os pastores e diáconos em batismos, no cuidado dos doentes e em outras obras de caridade.

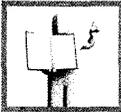
7.26,27 — *Instante necessidade.* Paulo viu que os cristãos casados teriam dias turbulentos pela frente, porque, em tempos de perseguição, a consideração pela família pode fazer com que seja difícil pôr totalmente em prática as convicções cristãs. A virgem teria responsabilidades familiares menores e não se deixaria deter pela possibilidade de repercussões que afetassem seu marido ou seus filhos.

7.28-35 — Paulo não quis que se entendesse que ele estava proibindo o casamento de virgens. Mais uma vez, a castidade foi uma preferência do apóstolo, não um mandamento apostólico. Se a virgem ou o solteiro vierem a casar-se, eles não cometerão pecado. Tendo-se casado, no entanto, eles devem considerar-se iguais aos solteiros

quanto à sua dedicação na obra de Deus. Paulo exortou-os a não se deixarem envolver pelo mundo, porque ele é temporário.

7.36-38 — Uma interpretação desta passagem é que *alguém* se refira ao pai de uma *virgem* solteira. *Se tiver passado a flor da idade* indica que a virgem está chegando à idade na qual o casamento seria pouco provável. Sob essas circunstâncias, seria perfeitamente aceitável que o pai *a desse em casamento*. Uma segunda interpretação sugere que *alguém* do verso 36 se refere a um noivo que está mantendo a condição de celibato com a *virgem*, mas está tendo dificuldade para isso. Nessa visão, o termo grego normalmente traduzido por *tiver passado a flor da idade* é traduzido por *ele tem fortes desejos*. Se o homem tem dificuldade para controlar seu impulso sexual, ele deveria casar (v. 9). Por outro lado, se ele consegue se controlar (*com poder sobre a sua própria vontade*), ele deveria manter seu celibato (v. 8).

Não tendo necessidade. Se o homem consegue se controlar e se abster de atos imorais, ele deve



ENTENDENDO MELHOR

AS MULHERES E O TRABALHO NO MUNDO ANTIGO

A observação de Paulo de que a mulher casada deve cuidar *das coisas do mundo* (1 Co 7.34) deixa implícita a vida ocupada que as mulheres do século 1 viviam, especialmente nas grandes cidades do Império Romano.

O Novo Testamento mostra que elas realizavam as mais variadas tarefas: por exemplo, pegar água, moer grãos, fabricar tendas, receber hóspedes, administrar e influenciar assuntos cívicos, fazer roupas, ensinar, profetizar e desempenhar outras funções espirituais, sepultar os mortos e realizar o trabalho de escravos, para citar apenas algumas. Outras evidências do período revelam que as mulheres também trabalhavam com lã, faziam partos, arrumavam cabelos, eram amas-secas, vendiam, entretinham, eram líderes políticas e até trabalhavam em construções, dentre outras ocupações.

Se estivesse entre as classes altas, a mulher desfrutaria de relativa segurança econômica e privilégios sociais. De acordo com o ideal romano, seu papel na sociedade era casar-se com um cidadão, gerar herdeiros legítimos para ele e cuidar da casa de acordo com as ordens dele. No entanto, no século 1, poucas famílias atingiram esse ideal.

As mulheres ricas usavam as escravas para tarefas domésticas, como cozinhar, costurar, lavar roupas e cuidar de crianças. As escravas também trabalhavam como amas-secas, parteiras, cabeleireiras, estenógrafas e secretárias, e era comum designar uma escrava de posição elevada para a administração da casa.

As escravas não eram somente consideradas bens da família, mas também propriedade sexual. O senhor da casa poderia obrigar legalmente uma escrava a ter relações sexuais com ele, ou com alguém que ele escolhesse. Os filhos que ela tivesse tornavam-se bens do senhor. Desse modo, o cidadão poderia aumentar seu número de escravos.

As ex-escravas, ou aquelas que nasciam livres, perdiam a segurança econômica tanto de cidadã quanto de escrava. Entretanto, muitas tentavam comprar um modo de sair da escravidão. Algumas dessas mulheres da classe trabalhadora ganhavam a vida vendendo peixes, cereais, verduras, roupas ou perfumes. Outras se tornavam amas-de-leite, e algumas preferiam ser acompanhantes ou prostitutas — ocupações que eram consideradas inferiores à dignidade de mulheres respeitáveis.

permanecer solteiro. Por outro lado, se for fraco para controlar sua vontade, ele deve ir em frente e se casar.

7.39,40 — *Ligada pela lei.* Esta passagem é similar a Romanos 7.2, na qual Paulo usou o casamento para ilustrar o compromisso com a lei. Aqui, ele enfatiza que o casamento deve ser para toda a vida. Caso um dos cônjuges morra, a única restrição com relação ao novo casamento é que a pessoa se case com um cristão. Mesmo sendo permitido que a pessoa se una em matrimônio novamente, Paulo ainda acredita que é mais prudente que ela permaneça solteira (v. 8).

Também [...] tenho o Espírito de Deus. O Espírito Santo capacitava Paulo não só para falar com autoridade apostólica, mas também com sabedoria espiritual.

8.1-13 — O capítulo 8 responde às perguntas dos coríntios sobre as liberdades cristãs que aparecem em 1 Coríntios 11.1, tendo como primeiro tema a carne sacrificada a ídolos. Na antiga cidade de Corinto, quando uma pessoa ia ao mercado para comprar alimento, em meio à carne vendida, estava uma parte que havia sido oferecida a um deus pagão. Teoricamente, uma porção do sacrifício seria levada pelo deus, sendo o restante deixado para que os sacerdotes comessem. O que eles não comiam era levado para o mercado. É possível que o cristão que comprasse a carne estivesse, inadvertidamente, comendo carne oferecida a um falso deus. Surgiram duas escolas filosóficas em Corinto que discutiam essa questão. A primeira perspectiva era de que tal carne estava contaminada pela adoração pagã, enquanto a outra visão sustentava que os cristãos poderiam comer de tal alimento.

8.1 — A declaração *Sabemos que todos temos ciência* parece ter sido um lema usado por certos cristãos coríntios como uma afirmação arrogante contra cristãos mais fracos, os quais acreditavam que era pecado comer alimentos oferecidos a ídolos. Outros coríntios convertidos a Cristo consideravam que tais preocupações eram absurdas, pois afirmavam que, se os ídolos não tinham valor, então, a carne oferecida a eles era apropriada para o consumo. Paulo concordava no sentido de que



EM FOCO

LIBERDADE (GR. EXOUSIA)

(1 Co 7.37 [*domínio ou poder*]; 1 Co 8.9 [*liberdade*]; 9.18 [*poder*]; Mt 7.29 [*autoridade*]; Rm 9.21 [*poder*])

O termo grego *exousia* normalmente indica *direito, autoridade* ou mesmo *privilegio*. Em certos contextos, como este, *ele sugere a liberdade de a pessoa exercer seu direito*. Especificamente, Paulo estava falando sobre o direito que os coríntios tinham de comer a carne a qual poderia ter vindo de templos pagãos. Para ser claro, ingerir alimentos oferecidos em sacrifício — em rituais em templos pagãos — era censurado por Paulo, porque se entendia que os que participavam desses sacrifícios se ligavam a demônios (1 Co 10.19-21). No entanto, o apóstolo não tinha problema algum com os que compravam alimentos que sobravam desses eventos e, mais tarde, eram vendidos no mercado. No raciocínio de Paulo, se eles comiam esses alimentos em casa, não estavam participando da idolatria. Eles tinham liberdade — ou direito — de comê-los com a consciência tranquila. A exceção era se, ao fazerem isso, estivessem destruindo cristãos mais imaturos na fé. Então, por causa destes, o indivíduo deveria abster-se.

o alimento oferecido a ídolos não estava contaminado, mas queria que os cristãos mais esclarecidos não ostentassem seu ponto de vista.

A ciência incha, mas o amor edifica. Esse é um dos cinco ataques de Paulo à arrogância de alguns membros da igreja de Corinto (1 Co 4.6,18,19; 5.2). Essas pessoas menosprezavam, com seus conhecimentos, seus irmãos e irmãs mais fracos na fé. Na verdade, deveriam usar seu saber para ajudar outros cristãos na igreja.

8.2 — Não sabemos nada sobre Deus como nos convém a menos que nosso conhecimento nos leve a amar os outros.

8.3-6 — Os cristãos coríntios que alegavam ter conhecimento admitiram prontamente que *o ídolo nada é* (Is 37.19; Jr 16.20; Gl 4.8) e que só existe um Deus (Dt 6.4). Contudo, Paulo não rejeita totalmente a ideia de ídolos, porque, embora esses deuses não sejam verdadeiros, eles existem na mente daqueles que os adoram (1 Co 10.20).

8.7-13 — Os cristãos instruídos estavam corretos em sua visão acerca do *ídolo*, mas isso não tinha importância. Se os irmãos e as irmãs mais

imaturas na fé vissem outros cristãos comendo *manjar* oferecido a ídolos, eles também poderiam fazer isso, violando sua própria consciência. Por meio de seu conhecimento, os cristãos mais maduros estavam levando os mais fracos a tropeçarem. Paulo exortou os cristãos mais fortes a demonstrarem amor pelos mais fracos, deixando de levá-los a pecar.

9.1,2 — *Não sou eu apóstolo?* Paulo respaldava seu apostolado com dois argumentos: (1) ele viu o Senhor ressurreto (At 1.21,22) e (2) a igreja de Corinto era obra de Paulo no Senhor, um selo do seu apostolado.

9.3-18 — Paulo tinha *direito de comer e de beber* o que quisesse, ter uma *mulher* e receber salário por seu ministério; no entanto, ele não exercia esses direitos.

Tem Deus cuidado dos bois. Deus requer que os ministros sejam pagos por seu trabalho, assim como ele requer que os animais de carga sejam compensados pelo trabalho deles.

Aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho. Prover aos ministros do evangelho o que necessitam é uma ordem dada por Deus. Assim como os sacerdotes em Israel eram mantidos por seu trabalho, os ministros do Novo Testamento também deveriam ser sustentados (1 Tm 5.17,18).

9.19-23 — *Fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais.* Paulo colocou seu ministério na obra de Deus acima de seus desejos pessoais e estava disposto a se adaptar aos costumes de outros povos, fosse judeus ou gentios, para levá-los a Cristo. Para se relacionar com os judeus em Jerusalém, por exemplo, ele fez um voto de nazireu no templo (At 21.23,24). Quando estava perto daqueles que estavam debaixo da Lei — os judeus —, Paulo obedecia à Lei. Quando estava perto daqueles que estavam fora da Lei — os gentios —, Paulo não observava o costume judeu. O apóstolo esclareceu isso, no entanto, para que ninguém entendesse mal suas ações. Por meio da obediência a Cristo (v. 21), Paulo obedecia à lei de Deus, a qual era mais ampla do que a legislação mosaica; era o cumprimento da vontade de Cristo (1 Co 11.1; Rm 13.8; Gl 6.2).

9.24-26 — Paulo tinha o desejo de cumprir seu ministério a qualquer preço. Seu desejo era semelhante ao tipo de compromisso assumido na preparação para uma competição atlética.

Eu assim corro, não como a coisa incerta. O apóstolo tinha um alvo bem definido e sabia que era necessário perseverança para alcançá-lo. Para se preparar adequadamente para a corrida ou luta, ele sabia que tinha de se esforçar para manter a prática árdua e consistente necessária ao êxito.

9.27 — *Eu mesmo não venha [...] a ficar reprovado.* A palavra grega *adokimos* para *reprovado* significa *desaprovado depois de ser testado*. Embora alguns cite este versículo como evidência de que os cristãos podem perder a salvação, é muito provável que esta oração não se refira à salvação. Deve-se fazer uma distinção cuidadosa entre o *prêmio* e o *dom*. O dom gratuito da justificação não pode ser resultado de boas obras (Rm 4.1-8). No entanto, o prêmio ou a coroa é a recompensa pela persistência e pelo sofrimento pela causa de Cristo (Fp 1.29; 2 Tm 2.12).

10.1-5 — Paulo inseriu a história da infidelidade de Israel com relação a Deus após sua exortação aos coríntios a fim de que perseverassem na obra divina. O apóstolo enfatizou as bênçãos das quais os israelitas desfrutaram no deserto: todos eles tiveram a proteção e a direção do Senhor, experimentaram o milagre do livramento do Altíssimo, identificaram-se com seu líder espiritual — Moisés —, comeram o pão do céu e, por fim, beberam a água que Deus proveu. O fundamental no que o apóstolo declarou foi que, embora todos os israelitas tivessem recebido essas maravilhosas dádivas de Deus, a maioria não conseguiu agradar ao Senhor.

10.1 — Para os antigos israelitas que estiveram *debaixo da nuvem* no deserto, a *nuvem* tinha duas funções: (1) ela oferecia proteção (Êx 14.19,20), fogo durante a noite em meio ao frio do deserto e sombra durante o dia do sol forte e (2) guiava o povo pelo deserto (Êx 13.21).

Todos passaram pelo mar. Todo israelita que partiu do Egito no Êxodo conheceu o livramento de Deus no mar Vermelho.



APROFUNDE-SE

A CORRIDA PARA OBTER A COROA

O que é necessário para se tornar um campeão em um determinado esporte? É preciso, por exemplo, ter dedicação para vencer, custe o que custar. O entusiasmo pelo jogo, sem dúvida, é essencial, assim como o é a firme decisão de realizar a tarefa em vista. A disposição de treinar incessantemente também é necessária, e o desejo ardente de conquistar o troféu ou prêmio dado ao vencedor faz-se dever absoluto.

Em sua carta aos coríntios, o apóstolo Paulo fez uma comparação direta entre a vida cristã e uma competição atlética. Essa comparação teria tido repercussão imediata nos leitores coríntios. Corinto era o lugar dos jogos ístmicos, um grande festival atlético que era muito semelhante aos jogos olímpicos. Os competidores nos jogos ístmicos suportavam dez meses de treinamento obrigatório. Quem não completasse esse treinamento era proibido de competir na ocasião. O destaque dos jogos ístmicos era uma grande corrida de resistência. Foi essa corrida que Paulo usou como ilustração para descrever a vida cristã fiel.

Nos jogos ístmicos, vários atletas competiam por um prêmio; só poderia haver um vencedor. Da mesma forma, a vida cristã oferece a oportunidade para que muitas pessoas sejam vencedoras. Todavia, o ganhador dos jogos ístmicos recebia uma coroa feita de ramos de pinheiro. Os que fielmente completarem a vida cristã, por outro lado, receberão uma coroa imperecível.

Paulo ilustrou a atitude do campeão necessária para completar fielmente a vida cristã com suas afirmações: *Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar* (1 Co 9.26). O apóstolo não era um competidor sem objetivo. Ele tinha um alvo claramente definido. Como um atleta se preparando para uma corrida ou uma luta, ele sabia que tinha de disciplinar seu corpo e esforçar-se ao máximo para ter sucesso.

A corrida para a qual Paulo se preparava — para a qual todos os cristãos precisam preparar-se — era o chamado de Deus. Esse servo do Senhor ensinou que os cristãos são recompensados pelo chamado que o Pai lhes dá. O apóstolo tinha um ministério apostólico pelo qual sacrificou todas as coisas e sabia que, se fosse fiel ao seu chamado, receberia uma recompensa do Senhor por seu serviço (1 Co 4.2). Paulo também estava ciente de que, se ignorasse ou tratasse sua missão de modo negligente, não receberia de Deus a coroa de vencedor pelo serviço. Tendo visto alguns de seus amigos próximos renunciarem ao chamado (2 Tm 4.10), Paulo reconheceu que perder a coroa de vencedor era uma possibilidade muito real para qualquer servo de Deus, por maior que fosse sua posição na comunidade cristã. O forte desejo do apóstolo era cumprir seu ministério a qualquer preço, permanecer fiel ao combate (1 Co 9.26) até o fim. Na última carta de Paulo, escrita pouco antes de sua morte, descobrimos que ele cumpriu seu objetivo (2 Tm 4.6-8).

O treinamento espiritual desse apóstolo era o melhor possível. Contudo, ele não acreditava que perseveraria automaticamente até o fim da corrida. Ele continuou a se disciplinar, lutar e cumprir o chamado que recebeu de Deus. Ao fazer isso, Paulo ofereceu um modelo ideal para todos os cristãos que lutam para se tornar vencedores.

10.2 — *Todos foram batizados em Moisés.* Os atos de Deus na nuvem e no mar uniram o povo ao seu líder espiritual, Moisés.

10.3-5 — *Um mesmo manjar espiritual [...] uma mesma bebida espiritual.* Todos seguiam o mesmo Deus e as mesmas leis (Jo 4.13,14; 6.32-35).

10.6-10 — *E essas coisas foram-nos feitas em figura [Exemplos para nós (ARA)].* A disciplina que Deus aplicou aos israelitas desobedientes deveria ser uma advertência aos cristãos de que o Senhor castigará o pecado de Seu povo.

10.6 — Os antigos israelitas falharam pela primeira vez quando *cobiçaram*. Eles não estavam satisfeitos com a provisão de Deus, mas lembraram-se da provisão que tinham no Egito (Nm 11.4-34).

10.7,8 — Os antigos israelitas eram notórios idólatras. Embora o Deus verdadeiro os tivesse tirado do Egito, eles insistiam em adorar ídolos sem vida. Além disso, os antigos israelitas se envolviam com *imoralidade* (ARA), um pecado que também contaminava os coríntios (1 Co 5.1; 6.18).

Vinte e três mil. O registro em Números menciona 24 mil (Nm 25.6-9). Há várias razões possíveis que explicam a diferença. Alguns sugerem que o número de Paulo reflete o número de pessoas que morreram *num dia*, enquanto o relato de Números pode ser um registro de todos os que morreram por causa da praga. Outra explicação possível é que o relato de Números incluía a morte dos líderes (Nm 25.4), ao contrário do número de Paulo.



APLICAÇÃO

CUIDADO COM A TENTACÃO

Oportunidades para cair em tentação quase não têm fim. Visto que a natureza humana não melhora nem um pouco e nenhum de nós está imune aos desejos corruptos da carne, precisamos levar a sério a advertência de Paulo e tomar cuidado com a tentação; do contrário, certamente, cairemos. Contudo, as Escrituras oferecem várias alternativas para lidarmos com a tentação quando estivermos diante dela:

(1) Devemos *evitar* a tentação sempre que possível. O texto de Provérbios 4.14,15 exorta-nos: *Não entres na vereda dos ímpios, nem andes pelo caminho dos maus. Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo.* Muitas vezes, sabemos, de antemão, se determinada série de situações poderá levar-nos ao pecado. Portanto, a maneira óbvia de fugir da iniquidade é evitar tais circunstâncias. Paulo descreveu um "escape" da tentação (1 Co 10.13). Há ocasiões em que o escape é ficar longe do lugar ou das pessoas nos quais a tentação se esconde.

Como cristãos, podemos ajudar os outros nesse sentido. Podemos evitar criar situações que incentivem as pessoas a agirem mal. Os professores, por exemplo, podem auxiliar seus alunos a evitarem colar ao dar tarefas, aplicar testes e expressar expectativas de maneiras diversas que diminuam a necessidade ou o incentivo a enganar. De igual modo, os proprietários de empresas e gerentes podem definir procedimentos que não ponham desnecessariamente funcionários em uma posição na qual eles podem ser tentados a furtar dinheiro, estoque ou equipamentos. A questão não é que o professor ou patrão não possa confiar em alunos ou funcionários, mas que ninguém pode acreditar que a natureza humana está imune à tentação.

(2) Devemos *fugir* de fortes tentações. No início desta carta, Paulo advertiu os coríntios a se desviarem da imoralidade sexual (1 Co 6.18). Nesta passagem, ele os advertiu a fugirem da idolatria (1 Co 10.14). Em outro trecho, ele admoestou Timóteo a fugir não somente da cobiça por bens materiais e riquezas (1 Tm 6.9-11), como também dos desejos da juventude (2 Tm 2.22). A mensagem é clara: não brinque com a tentação. Fuja dela!

(3) A tentação é algo que precisamos *confessar*, apresentar a Cristo e pedir que Ele venha com Sua obra purificadora. Algumas tentações são terríveis lutas interiores, como pensamentos e atitudes, os quais, claramente, lembram-nos de como estamos, de fato, corrompidos. O que devemos fazer com esse tipo de tentação? Em vez de a negarmos ou tentarmos reprimi-la, devemos levá-la a Cristo. Somente Ele é capaz de purificar o que está dentro de nossa mente.

(4) Por fim, devemos *resistir* à tentação até que ela desapareça. Quando Cristo foi tentado pelo diabo, Ele resistiu até Satanás ir embora (Mt 4.1-11). Tiago incentivou-nos a fazer o mesmo (Tg 4.7). A resistência começa quando lavamos nossa mente com a Palavra de Deus e permanecemos firmes nela. Afinal, temos a promessa de que as tentações que sofremos nunca vão além das experiências comuns dos outros, ou além de nossa capacidade de lidar com elas (1 Co 10.13). Essa é uma grande notícia!

10.9 — *Tentemos a Cristo.* Ao que parece, essa expressão está relacionada ao fato de os israelitas questionarem o plano e o propósito de Deus enquanto estavam seguindo para Canaã (Nm 21.4-6).

10.10 — Os antigos israelitas *murmuraram* tanto contra os líderes, que Deus lhes enviou uma praga, e muitos *pereceram* (Nm 16.41-49).

10.11 — *Como figuras [como exemplos, ARA].* Paulo enfatizou novamente que as situações as quais aconteceram a Israel não são simplesmente eventos históricos a serem interpretados, mas advertências a serem consideradas com atenção. Isso é especialmente verdadeiro na visão de Paulo, uma vez que *são chegados os fins dos séculos.* Os planos do Senhor estavam chegando ao clímax. O

Deus que estava provocando o fim de todas as coisas é o mesmo que trouxe juízo sobre os israelitas ao matá-los — Ele poderia fazer o mesmo novamente (compare com 1 Co 11.30; Rm 11.22).

10.12 — *Que não caia.* Os coríntios, talvez, tivessem a atitude de que, uma vez que foram justificados por Deus, nada lhes poderia acontecer. A disciplina do Senhor, no entanto, não deve ser considerada de forma leviana. Ninguém pode pecar e permanecer impune (Gl 6.7,8).

10.13 — Paulo deu aos coríntios uma palavra de conforto. As várias tentações que eles estavam sofrendo eram normais; todos os cristãos, no decorrer dos séculos, tiveram de resistir à tentação. Deus é tão bom, que não deixará que os cristãos passem por algo para o qual Ele não os

preparou. O Senhor dará a todo cristão a graça e o poder para resistir. Além disso, a resistência trará sua própria recompensa (1 Co 9.24-27).

10.14—11.1 — Nesta seção, o apóstolo Paulo discutiu o problema da idolatria na igreja de Corinto. A adoração de vários deuses estava totalmente arraigada na cultura grega. No mundo da Grécia antiga, havia ídolos nas esquinas das ruas e nas casas. Várias sociedades cívicas prestavam homenagem aos seus deuses favoritos. Cidades adotavam alguns como seus protetores especiais. Os templos pagãos eram quase sempre frequentados, especialmente em Corinto, por causa de seus atos de prostituição no templo. Além disso, grande parte do alimento no mercado havia sido oferecida em adoração a diferentes ídolos. Paulo, primeiro, discutiu a natureza demoníaca da adoração aos ídolos e, depois, expôs a natureza da liberdade cristã, especialmente no que diz respeito à comida oferecida a ídolos.

10.14-22 — *Fugi da idolatria.* A adoração pagã é uma violação da união do cristão com Cristo (v. 21). Os ídolos em si não são uma ameaça (v. 19); o perigo está nos *demônios* (v. 20), que, sem serem percebidos pelos adoradores, são os verdadeiros objetivos da adoração a ídolos.

10.21 — *Não podeis beber.* Paulo fez os coríntios se lembrarem da comunhão e da unidade que eles tinham quando participavam da ceia do Senhor. A participação na adoração a ídolos era uma violação dessa unidade.

10.22-24 — *Todas as coisas me são lícitas.* Embora tendo liberdade, também temos a responsabilidade de ajudar os outros em seu crescimento cristão. Nosso primeiro dever é com os outros, não com nós mesmos.

10.25,26 — *Comei de tudo quanto se vende.* Paulo não perguntou se a carne era sacrificada no templo, porque a adoração pagã não poderia contaminar o que Deus havia purificado (Sl 24.1; At 10.15).

10.27-30 — Estes versículos apresentam um cenário em que um cristão esclarecido é convidado para jantar em uma casa particular. Se ninguém fizer caso da carne oferecida no templo, o cristão não deve insistir nessa questão, mas precisa aceitar



EM FOCO

IDOLATRIA (GR. *EIDOLOLATREIA*)

(1 Co 10.14; Gl 5.20; Cl 3.5)

As palavras gregas que têm relação com o vocábulo citado são traduzidas por *ídólatras* (1 Co 5.10,11; 6.10; 10.7); *ídolo(s)* (1 Co 8.4,7; 10.19; 12.2); *coisas sacrificadas aos ídolos* (1 Co 8.1,4,7), e *sacrificado(s) ao ídolo(s)* (1 Co 10.19,28). Toda a discussão no Novo Testamento acerca da idolatria é encontrada em 1 Coríntios. Paulo disse aos coríntios que não se associassem com aqueles que se diziam cristãos, mas ainda eram *ídólatras* (1 Co 5.9-11). É provável que os coríntios tenham pedido que o apóstolo esclarecesse essa questão, pois, em 1 Coríntios, Paulo adverte os cristãos a deixarem todas as formas de adoração a ídolos.

as verdades enunciadas no verso 26. Por outro lado, se um cristão imaturo na fé, ou sem conhecimento, estiver presente e chamar a atenção daquele que é amadurecido em relação à carne oferecida na adoração pagã, o cristão esclarecido deve deixar de comê-la em consideração ao mais fraco.

10.31—11.1 — *Fazer tudo para a glória de Deus* inclui incentivar os irmãos cristãos e propagar as boas-novas acerca de Cristo. Paulo fez isso quando se recusou a escandalizar *judeus, gregos* ou a *igreja de Deus*, ainda que, para isso, sua liberdade tivesse de ser restrita. Como *Cristo*, Paulo não procurou fazer as coisas como bem entendia para agradar a si mesmo; pelo contrário, ele desejava ajudar os outros (v. 24). Esse deve ser nosso desejo também.

11.2-34 — Estes versículos seguem uma seção extensa, a qual trata do modo descabido com o qual os coríntios haviam-se aproveitado de sua liberdade em Cristo. Após uma série de repreensões leves (1 Co 1.10,11; 3.1; 4.7-13,18; 5.1-3; 6.1-6; 7.1-5; 8.9-12; 10.1-14), o apóstolo começou essa seção louvando os coríntios, porque eles estavam obedecendo a certas tradições que o apóstolo lhes havia ensinado.

11.2 — *E louvo-vos* é uma expressão que relete o verdadeiro apreço da parte de Paulo. Os coríntios haviam cometido muitos erros, mas não

estavam totalmente corrompidos, pois tinham seguido as instruções do apóstolo em determinadas áreas.

11.3 — Mas introduz uma exceção ao elogio que Paulo havia feito aos coríntios no verso 2. Ele queria instruir os coríntios sobre outro ponto que causava confusão. *Cabeça*, primeiro, significa *autoridade* quando é usada no contexto de relacionamentos humanos. Alguns dizem que *cabeça* também pode significar *fonte* ou *origem*, uma afirmação que, agora, é rejeitada por autoridades no léxico grego.

O varão, a cabeça da mulher. Os relacionamentos entre homens e mulheres não envolvem inferioridade, pois, na oração paralela, Cristo não é inferior a Deus, o Pai. Submissão não indica inferioridade, mas subordinação. Assim como Cristo e Deus são igualmente divinos, homens e mulheres são seres semelhantes. Contudo, assim como Jesus e Deus Pai têm papéis diferentes no plano de salvação do Senhor, homens e mulheres receberam papéis diferenciados.

11.4 — *Que ora ou profetiza* pode referir-se especificamente à oração de intercessão similar àquela dos profetas do Antigo Testamento (Gn 20.7; 1 Sm 12.23; Jr 27.18) ou de Ana (Lc 2.36-38), ou à combinação de línguas e oração (1 Co 14.13-16; At 2.4; 10.46).

Tendo a cabeça coberta, provavelmente, refere-se ao homem cobrindo os cabelos de sua cabeça.

Desonra a sua própria cabeça. É impossível dizer se *cabeça* aqui faz menção à cabeça física do homem ou a Cristo, a Cabeça inquestionável do homem (v. 3). Qualquer uma das duas interpretações é possível. Talvez, Paulo quisesse que a palavra tivesse um sentido duplo.

11.5,6 — *Toda mulher que ora ou profetiza.* As mulheres, obviamente, tinham permissão para orar e profetizar na congregação em Corinto, porque não teria sentido Paulo dar instruções para algo que elas não tinham permissão para fazer.

Desonra a sua própria cabeça se refere à cabeça física da mulher ou ao seu marido como sua cabeça, ou, possivelmente, às duas opções (v. 4). Não cobrir a cabeça com o próprio cabelo era tão

vergonhoso para a mulher quanto ter a cabeça *rapada*, um sinal de desonra pública.

11.7-9 — *O varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão.* A mulher foi tirada de um dos lados do homem (Gn 2.21). *A mulher, por causa do homem* é uma maneira de Paulo expressar o conceito da *auxiliadora*, presente em Gênesis 2.20. Isso não significa que a mulher seja inferior ao homem; refere-se apenas aos propósitos de Deus para o homem e para a mulher na ordem da criação.

11.10 — As mulheres deveriam cobrir a cabeça *por causa dos anjos*. É óbvio que os anjos de Deus estão presentes na reunião da igreja e, na verdade, aprendem com a obra de graça do Senhor por meio da vida e da adoração do povo de Deus (Ef 3.10).

Símbolo de poderio. Este poderia ser um símbolo da autoridade da mulher para profetizar na nova era da igreja, a qual foi inaugurada quando o Espírito Santo foi dado no Pentecostes (v. 5). Também poderia referir-se a um símbolo da autoridade do homem sobre a mulher (v. 3).

11.11,12 — *Nem... sem.* Homem e mulher precisam um do outro, e, como criaturas de Deus, ambos dependem dele. Nem o homem nem a mulher podem ter algum direito a uma posição especial a não ser o que Deus intentou para eles como seu Criador.

11.13-15 — Parece que *natureza* se refere, segundo o uso de Paulo, ao modo como as coisas naturalmente deveriam ser (compare com Rm 1.26; 2.14,27; também leia 11.21,24; Gl 2.15; 4.8). Para Paulo, é natural que homens e mulheres sejam diferentes. As mulheres podem expressar isso ao usarem o cabelo mais longo que o dos homens.

11.16 — *Não temos tal costume.* O que Paulo diz aqui pressupõe sua pergunta direta no verso 13 e sua visão do que seja natural no versículo 14. Para a pergunta: “É decente que a mulher ore a Deus descoberta?”, a resposta deve ser ressonante: “É claro que não!”, isto é, se alguém quiser dar algum sentido para a discussão de Paulo sobre esta questão. Os cristãos em Corinto deveriam observar este costume universal. Nenhuma outra igreja permitia a uma mulher

profetizar sem cobrir sua cabeça, e a igreja em Corinto não era diferente.

11.17-34 — Esta passagem diz respeito às atividades impróprias que estavam ocorrendo quando a igreja se reunia para participar da celebração da eucaristia ou ceia do Senhor.

11.17 — *Não vos louvo*. Em contraste com o elogio de Paulo no versículo 2, de que os coríntios haviam obedecido a muitos de seus ensinamentos, aqui ele expressa preocupação pelas práticas pecaminosas dos coríntios durante a adoração. *Ajuntais* é um termo técnico que se refere à reunião da igreja e é usado três vezes nesta passagem (v. 18,20).

11.18 — *Dissensões*. É tentador compararmos as dissensões aqui com os problemas que aparecem no capítulo 1, mas parece que as dissensões, nesse versículo, estão relacionadas aos eventos que aconteciam quando a igreja se reunia para a ceia do Senhor. É possível que as dificuldades estivessem acima de distinções referentes a classes de ricos e pobres, ou judeus e gentios. Quando a Igreja se reúne, todos devem se ajuntar como irmãos, mas, ao que parece, não era isso que acontecia em Corinto. Em vez da união recomendada por Paulo em 1 Coríntios 11.17 e enfatizada novamente nos capítulos 12—14, havia divisão entre os cristãos.

11.19 — *Os aprovados* (ARA). Um dos resultados positivos decorrentes da divisão ou dos *partidos* (ARA) na igreja é que se torna óbvio quem são os verdadeiros cristãos na congregação.

11.20-22 — *A Ceia do Senhor* era a peça central da adoração da igreja do primeiro século. Reunidos em torno de uma mesa, os irmãos se encontravam com o Senhor e uns com os outros em unidade. Cristo havia expressado esse tipo de humildade e unidade quando instituiu a ceia (Mt 26.26-30; Mc 14.22-26; Lc 22.14-23). Os cristãos coríntios estavam tomando *antecipadamente a sua própria ceia*, violando o espírito e o propósito da refeição. Ao agirem assim, eles mostravam desprezo pela *Igreja de Deus* e envergonhavam aqueles que *nada têm* (v. 22).

11.21 — *Porque, comendo [...] um tem fome, e outro embriaga-se*. Na igreja do primeiro século, a ceia do Senhor normalmente era precedida por

uma refeição para comunhão, mais tarde conhecida como a Festa Ágape. No final, tantos problemas acompanhavam essas festas, que, no Concílio de Cartago (397 d.C.), elas foram estritamente proibidas. E foi o que aconteceu em Corinto. Quando se ajuntavam, os coríntios não comiam juntos; conseqüentemente, isso não podia ser chamado de comunhão, e o comportamento deles desonrava tanto o Senhor, que a reunião dificilmente poderia ser chamada de ceia do Senhor. Alguns, na verdade, ficavam embriagados.

11.22-25 — *Eu recebi do Senhor* se refere à revelação que Paulo recebeu de Cristo sobre o significado da morte e da ressurreição do Senhor representado pelos elementos da santa ceia; simbolismo que Paulo *ensinou* aos irmãos, explicando-os novamente.

11.24,25 — *Tomai, comei [...] partido* são palavras omitidas nos melhores manuscritos. *Isto é o meu corpo*. Sem dúvida, uma expressão não literária, mas figurativa. Ele estava ali, no meio dos discípulos, participando com eles do elemento do pão, que significa Sua encarnação.

Que é [...] por vós. Isso significa o caráter sacrificial e vicário da morte de Cristo. Ele é lembrado nesta mesa, não como um grande exemplo, ou mestre, ou mesmo profeta, mas como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Contrastando com a reunião muitas vezes impensada e negligente dos cristãos coríntios em sua chamada *feita do amor*, Jesus pediu aos Seus discípulos: “Lembra-vos de mim”.

11.26 — *Anunciais a morte do Senhor, até que venha*. A ceia do Senhor remonta à morte de Cristo e aguarda Sua Segunda Vinda (Mt 26.29; Mc 14.25; Lc 22.18).

11.27-29 — *Indignamente* se refere ao modo como uma pessoa participa da ceia do Senhor. Os coríntios estavam transformando a refeição em um momento para exagerarem na comida e se embriagarem, em vez de fazerem daquela ocasião um tempo para refletirem na morte e na ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

11.30 — *Dormem*, neste contexto, refere-se à morte de cristãos (1 Co 15.18; 1 Ts 4.15,16). Esta



APROFUNDE-SE

A NOVA ALIANÇA

O Novo Testamento descreve a nova aliança (1 Co 11.25), ou Acordo, que Deus fez com a humanidade, com base na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

Na Bíblia, uma Aliança envolve muito mais do que um simples contrato. Este tem data para expirar, mas a aliança é um acordo permanente. Além disso, o contrato, normalmente, envolve apenas um aspecto de uma pessoa, como uma habilidade, enquanto a aliança inclui todo o ser da pessoa.

Deus fez inúmeras alianças com o povo no Antigo Testamento. Por exemplo: com Adão e Eva (Gn 3.15); com Noé (Gn 8.21,22; 2 Pe 3.7,15); com Abraão (Gn 12.1-3); com Israel (Dt 29.1—30.20) e com Davi (2 Sm 7.12-16; 22.51).

O acordo com Israel foi, sobretudo, importante, porque estabeleceu um relacionamento especial entre o Altíssimo e os hebreus. Eles foram feitos “povo escolhido” de Deus, por meio do qual ele traria bênção e esperança ao mundo. No entanto, uma vez que os que receberam a Lei de Deus não puderam cumpri-la à risca, foi necessária outra provisão para eles, como também para o restante da humanidade.

Foi por isso que o Senhor prometeu uma nova aliança, por meio do profeta Jeremias. Sob a nova aliança, Deus escreveria Sua Lei no coração dos homens. Isto sugeria um novo nível de obediência e um novo conhecimento do Senhor.

A obra de Jesus Cristo estabeleceu a nova aliança prometida. Quando Jesus fez Sua última refeição de Páscoa com os 12, Ele Se referiu ao cálice como a *nova aliança no meu sangue* (Lc 22.20 ARA), as palavras que Paulo citou aos coríntios para lembrá-los de que pureza e retidão eram qualidades necessárias na adoração deles (1 Co 11.25-34).

A nova aliança no sangue de Jesus está diretamente fundamentada na obra sacrificial de Cristo na cruz (que foi prefigurada pelo sistema de sacrifícios de Israel), tira o pecado e purifica a consciência por meio da fé nele (Hb 10.2,22). Assim, toda vez que celebram a Ceia do Senhor, os cristãos se lembram de que Deus cumpriu Sua promessa: *E eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo [...] porque serei misericordioso para com as suas iniquidades e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais* (Hb 8.10,12; compare Jr 31.33,34).

passagem se refere à morte precoce, um castigo sofrido por alguns cristãos que não se examinavam à mesa do Senhor (v. 28).

11.31,32 — *Se nós nos julgássemos a nós mesmos*, o Pai não precisaria corrigir-nos. Mas, quando os cristãos não estiverem dispostos a fazer este autoexame, Deus mesmo irá corrigi-los.

11.33,34 — *Esperai uns pelos outros*. Paulo conclui sua discussão sobre a ceia do Senhor com uma exortação prática, para que os cristãos coríntios demonstrassem a devida preocupação uns pelos outros. Ele insinua, nas palavras *coma em casa*, que desaprova as frequentes festas do amor. E ele mostra novamente uma preocupação pastoral quando expressa a ideia *para que vos não ajunteis para condenação*. Paulo não se deleita com a mão disciplinadora do Senhor. *Ordená-las-ei* (do grego *diatasso*) refere-se às providências visivelmente práticas (1 Co 16.1; Gl 3.19). Qualquer outro detalhe relacionado à ceia do Senhor, Paulo esclareceria em sua visita à cidade.

12.1—14.40 — Paulo continua a discutir sobre a devida ordem na igreja com o tema do exercício dos dons espirituais na casa de Deus. Ele apresenta a inter-relação correta entre unidade do corpo, mas com a diversidade de dons, a função apropriada dos dons e a primazia do amor no uso dos dons espirituais.

12.1 — *Acerca*. O apóstolo está respondendo à outra pergunta na carta aos Coríntios (1 Co 7.1, 25; 8.1). *Dons espirituais*. O texto grego não contém a palavra *dons*, mas, simplesmente, diz *espirituais* (*pneumatikon*), que pode se referir a coisas ou pessoas espirituais. Muitos acreditam que se refira aos *dons* (*charismata*) de 1 Coríntios 12.4-11 (Mt 7.7-11; Lc 11.9-13), mas é provável que este não seja o caso, por causa do modo como o termo é usado nos capítulos 12—14, especificamente em 1 Coríntios 12.1-3; 14.1-3 e 14.37.

12.2 — Os *gentios* eram considerados bárbaros ou incultos, termo que Paulo usa para enfatizar o estado de ignorância deles. Infelizmente, os que

são ignorantes não gostam de admitir isso, assim, Paulo tem de deixar isso bem claro. Por causa de sua ignorância, eles foram *levados* ou ficaram entusiasmados. Paulo considera as forças demoníacas que estão por trás da adoração a ídolos (1 Co 10.20). Assim, é possível que esta ação pessoal de ser violentamente atraído esteja por trás de sua expressão. O termo reflete o erotismo de grande parte da religião pagã, no qual o participante era arrebatado e não mantinha o autocontrole característico da obra do Espírito, como ensinou o apóstolo no capítulo 14.

Ídolos mudos é uma expressão que seria imediatamente reconhecida pelos coríntios familiarizados com a idolatria do Antigo Testamento (compare com 1 Rs 18.26-29; Sl 65.4-8; Is 46.7). Bruce sugere que Paulo tenha comparado o silêncio dos ídolos ao grande alvoroço (inspirado por demônios) dos adoradores desses objetos de adoração.

12.3 — *Jesus é anátema!* [...] *dizer que Jesus é o Senhor.* Uma pessoa que realmente esteja falando por intermédio do Espírito Santo nunca amaldiçoará (isto é, depreciará ou difamará) Jesus, e todos os que genuinamente proclamam o senhorio de Cristo agem assim graças à capacitação do Espírito.

12.4-6 — *Dons.* A palavra usada para dons, pela primeira vez, contrasta com *pneumatikon* de 1 Coríntios 12.1. *Charismata* se refere a *dons da graça* de Deus em cada cristão, por meio dos quais Deus pode fortalecer Seu povo.

Diversidade aparece nos versículos 4, 5 e 6 sob a forma da mesma palavra grega. Observe a diversidade na obra da Trindade. No versículo 4, o Espírito distribui cada um deles ao cristão (1 Co 12.11). No versículo 5, o Filho de Deus determina ao cristão o modo específico como o dom é manifestado no corpo (1 Co 12.12-27).

No versículo 6, o Pai provê a força ao cristão no exercício do dom (1 Co 12.28). Deus opera Sua vontade por meio de Seu povo de muitas maneiras. Ninguém foi colocado no corpo para ser igual a outro membro nem para exercer a mesma função.

O *Espírito é o mesmo* [...] o *Senhor é o mesmo* [...] o *mesmo Deus*. Embora as pessoas recebam dons diferentes do Altíssimo, Deus e Sua obra

estão unidos. Sejam quais forem os dons que diversas pessoas tenham ou não, o único Deus *opera todas essas coisas* (v. 11).

12.7-11 — *A cada um para o que for útil* expressa o principal ensino de Paulo sobre a obra do Espírito. Deus opera nos cristãos para beneficiar todo o corpo, não simplesmente o cristão isoladamente (v. 25,26). O cristão é um veículo por meio do qual Deus opera a fortificação e unidade de todo o corpo, e não a finalidade da obra de Deus.

Porque a um [...] e *a outro*. As duas palavras gregas (*allos* [...] *heteros*) enfatizam a diversidade e iniciam uma lista de *charismata* que são distribuídos por Deus por todo o Seu Corpo. A ninguém é dado todos os dons, nem a todos é dado um único dom, como o de línguas. Pelo contrário, os vários *charismata*, ou dons da graça, são distribuídos para que haja diversidade no corpo unificado. Os vários dons — de *ciência, sabedoria, fé, de curar, operação de maravilhas, profecia, o dom de discernir os espíritos, a variedade de línguas, a interpretação das línguas* — provavelmente, eram muito perceptíveis para os coríntios, mas é difícil para nós, dois mil anos depois, conhecermos sua natureza exata.

Palavra da ciência parece ser a capacidade de discursar a respeito da doutrina; não o conhecimento em si, mas a habilidade do discurso.

Palavra da sabedoria é completamente o oposto da *palavra da ciência* e se refere às obras práticas ou éticas do conhecimento, similares ao que se observa em Provérbios. Este dom ajudou a solucionar o problema da distribuição de alimento em Atos 6. *Fé* parece ser a capacidade de crer que Deus é capaz de feitos extraordinários.

Operação de maravilhas, provavelmente, seria a capacidade de realizar obras como as de Moisés, os profetas, ou talvez alguns milagres da natureza que se observam nos Evangelhos. Note que Deus particularmente usou estes dons para confirmar a verdade proferida por meio dos primeiros apóstolos (Hb 2.3,4).

Profecia é o prenúncio ou a predição da revelação de Deus, seja a “nova” revelação ou a elucidação divina do que já se sabe. Mais do que um

simples ensino ou pregação, esta ação é fruto da capacitação, mas não da inspiração, do Espírito. Pedro demonstrou este dom no Pentecostes.

O dom de discernir os espíritos pode referir-se à capacidade de distinguir as obras de Deus da atividade demoníaca na igreja.

A variedade de línguas, provavelmente, faz menção à capacidade de o indivíduo falar várias línguas que jamais estudou. A interpretação de línguas é a capacidade de explicar ou interpretar as línguas faladas na congregação, para que todo o grupo de cristãos possa beneficiar-se com a oração feita (1 Co 14.16) por quem fala em línguas (1 Co 14.13,28). Como quer, não como nós queremos. Se os cristãos devem ou não buscar algum dos dons do Espírito é uma questão discutida em 1 Coríntios 12.31.

12.12-31 — Paulo tenta ajudar os cristãos coríntios carnis a abandonarem seus desejos carnis e buscarem a unidade do corpo e servirem com os dons que Deus lhes dera (v. 7,25,26).

12.12-14 — *Porque [...] pois [...] Porque.* Observe o desenvolvimento da ideia enquanto o Espírito de Deus continua a dar a Cristo a glória (Jo 16.12-14; 1 Co 12.3).

12.12,13 — *Assim é Cristo também.* A analogia do corpo humano ilustra a necessidade de unidade na diversidade no Corpo de Cristo.

12.13 — *Um.* O apóstolo continua a enfatizar a unidade: um Espírito, um corpo, um Espírito. Paulo nega que o Espírito esteja dividido nos grupos mencionados nos capítulos 3 e 4. Todos os cristãos (v. 3) estão cheios do mesmo Deus.

Todos nós fomos batizados em um Espírito. Cristo, a Cabeça do Corpo, exaltada e que ascendeu ao céu, é o Agente ativo que põe o novo membro do Corpo na esfera do Espírito Santo, para que ele seja cuidado e protegido. Todos os cristãos são batizados, formando o Corpo, na esfera do Espírito Santo e, por isso, fazem parte do Corpo de Cristo, *quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres.* Ninguém é superior a ninguém na Igreja de Cristo; todos entram da mesma forma: pela fé na promessa de Abraão (Gl 3.26-29). Cada um de nós tem a mesma porção do mesmo Espírito de Deus: *todos temos bebido de um Espírito* (v. 13c).

Alguns dos coríntios — provavelmente os *pneumatikon* (v. 1) — acreditavam que somente determinados indivíduos com dons estavam, especialmente, em harmonia com o Espírito, mas



COMPARE

DONS ESPIRITUAIS VERSUS RESPONSABILIDADES ESPIRITUAIS

Os dons espirituais — ou, mais precisamente, dons da graça — são habilidades extraordinárias que o Espírito dá aos cristãos para edificar a Igreja. Mesmo tais atributos sendo considerados dons, todos os cristãos são exortados a desenvolverem estas qualidades, como fé, ensino e doação.

Alguns cristãos recebem...	Mas todos os cristãos são chamados a...
Sabedoria divina (1 Co 12.8)	Viver com sabedoria (Rm 16.19; Ef 5.15; Cl 4.5)
Fé extraordinária (1 Co 12.9)	Andar pela fé (2 Co 5.7) e abundar na fé (2 Co 8.7); tomar o escudo da fé (Ef 6.16) e buscar a fé (1 Tm 6.12; 2 Tm 2.22)
Dons especiais para ensinar (1 Co 12.28; Rm 12.7)	Ensinar aos outros as verdades de Deus (Mt 28.20; 2 Tm 2.2,24)
Capacidade sobrenatural para ajudar (1 Co 12.28)	Servir uns aos outros com amor (Gl 5.13) e ministrar aos outros (Rm 12.7)
O dom da exortação (Rm 12.8)	Exortar uns aos outros diariamente (Hb 3.13)
A capacidade de dar com liberalidade (Rm 12.8)	Dar <i>não com tristeza ou por necessidade</i> , mas com alegria (2 Co 9.7)
Poder divino para exercer misericórdia (Rm 12.8)	Ser misericordiosos (Lc 6.36; Tg 2.13)

Paulo põe cada cristão em pé de igualdade no Espírito. Dificilmente, *beber* se refere ao fato de todos participarem do mesmo cálice da ceia do Senhor. O Espírito não somente nos envolve no batismo, mas, uma vez que temos bebido dele, também habita em nós.

12.14-27 — Estes versículos enfatizam uma ideia central: o corpo é uma imagem magnífica da unidade e da diversidade ao mesmo tempo (v. 14-19, *unidade na diversidade*; v. 20-27, *diversidade na unidade*). Ninguém deve exaltar-se por causa do dom que lhe foi dado, nem deve achar-se inferior por ter recebido um dom que alguns consideram menos importante.

12.25-27 — *Para que* introduz o objetivo principal, ou seja, *não haja divisão no corpo*. A frase *Tenham os membros igual cuidado uns dos outros* enfatiza o objetivo dos dons, como afirma o versículo 7: *Para o que for útil*. Em vez de brigar-

mos com outros cristãos e termos ciúme da posição ou dos dons de outras pessoas, nossa tarefa é dar algo de nós mesmos aos outros, a fim de que, se alguma parte do corpo tiver dificuldade ou sofrer danos, busquemos ajudá-la e curá-la.

12.28-30 — A expressão *pôs Deus* ainda enfatiza a designação soberana de dons feita pelo Espírito (v. 11), pelo Filho (v. 18) e pelo Pai (v. 28). Os dons não são de acordo com nossa escolha. *Apóstolos, profetas e doutores* são listados primeiro e com números ordinais, provavelmente, porque sejam fundamentais para o Corpo de Cristo, embora os coríntios os tenham valorizado menos que os dons extraordinários, como o de línguas. Às vezes, *apóstolos*, usado de um modo geral, aproxima-se de *missionário* (compare com 1 Co 15.7; 2 Co 11.5; 12.11; Gl 1.17,19; Rm 16.7); usado de forma mais específica, refere-se a um pequeno grupo que testemunhou o Cristo ressurreto e foi especialmente



APLICAÇÃO

ALGUMAS ATIVIDADES SÃO MAIS IMPORTANTES?

A hierarquia de dons (1 Co 12.28-31) significa que Deus valoriza mais algumas atividades do que outras? A julgar pela opinião popular, o indivíduo pode concluir que sim. Na verdade, há séculos, os cristãos têm apoiado uma hierarquia sutil, mas forte, em se tratando de vocações.

Em nossa cultura, essa hierarquia, muitas vezes, põe o *sacerdócio* (missionários e evangelistas, pastores e sacerdotes) no topo, os membros que têm *profissões de ajuda* (médicos e enfermeiras, professores e educadores, assistentes sociais) em segundo lugar e os trabalhadores *seculares* (executivos, vendedores, operários e fazendeiros) por último.

Assim, o que determina o valor espiritual de um trabalho? Como Deus determina sua importância? A hierarquia admite distinções sacras e seculares, e confere prioridade à atividade sacra. No entanto, o Senhor vê as vocações dessa maneira? Não, porque *todo trabalho legítimo é importante para o Senhor*. O próprio Deus é um trabalhador. Na verdade, as ocupações humanas têm sua origem na criação do mundo (Sl 8.6-8). O trabalho é um dom que vem de Deus com o intuito de suprir as necessidades de pessoas e da criação.

Deus cria as pessoas para realizarem tipos específicos de trabalho e concebe cada um de nós de uma maneira única, preparando-nos para determinados tipos de tarefas. Ele distribui conhecimentos, habilidades, interesses e personalidades entre nós para que possamos realizar Sua obra no mundo. Essa obra inclui tarefas *espirituais*, mas também se estende à saúde, educação, agricultura, comércio, leis, comunicação, artes e assim por diante.

Deus preocupa-se mais com o caráter e a conduta do que com a posição profissional. O ensino de Paulo nesta passagem tem a ver com dons, não com vocações. Na época em que Paulo o escreveu, havia poucos sacerdotes *profissionais* na igreja, se é que havia algum. Ele mesmo fazia tendas por profissão, com seus amigos, Áquila e Priscila (Rm 16.3-5; 1 Co 16.19). Outros líderes da igreja exerciam uma variedade de profissões e ocupações. Deus pode determinar uma classificação entre os dons espirituais, mas não há indicação de que ele veja as vocações desta forma.

Além disso, as Escrituras dizem que há algo *mais excelente* do que exercer determinados dons (1 Co 12.31). O capítulo 13 revela que esse algo é ter o amor e o caráter próprios de Cristo. Implicação: se quisermos posição na economia de Deus, devemos distinguir-nos no amor, independente do trabalho que exercermos. O amor tem o maior valor para Deus (1 Co 13.13; Mt 22.35-40).

designado por Ele como Seus representantes (os 12 e Paulo; 1 Co 15.5,8 e 9.1).

O apóstolo fala dos profetas do Antigo Testamento em outras passagens (Rm 1.2; 3.21; 9.3; 1 Ts 2.15), mas, em 1 Coríntios e Efésios 2.20, é possível que ele use o termo como referência somente aos profetas do Novo Testamento, cuja atividade é mencionada no capítulo 14. Como na profecia do Antigo Testamento, a principal tarefa dos profetas não era profetizar, e, sim, prenunciar. Os profetas do Novo Testamento, com os apóstolos, guiaram a igreja enquanto ela era jovem.

Os doutores expõem a verdade da revelação escrita de Deus, como mostram Gálatas 6.6 e 2 Timóteo 2.2. Depois dessas três principais posições, o apóstolo Paulo menciona vários outros dons úteis, colocando o de línguas, dom preferido deles, como último da lista.

As perguntas finais — devemos esperar que todos sejam apóstolos, ou profetas, ou doutores, ou operadores de milagres? Todos temos vários dons, como o de cura, ou de línguas ou de interpretação? — esperam uma resposta negativa. Que tipo de Corpo seria se ele fosse uma grande mão, ou um dedo do pé, ou uma língua? Esse corpo não seria funcional. Seria grotesco!

12.31 — A tradução *procurai com zelo* (na ARC) está correta, pois trata-se de um imperativo, ou poderia ser traduzida como uma indicação, uma afirmação do fato: *Vós estais procurando os dons excelentes?* A palavra grega *zeloo*, normalmente, um termo negativo, admite as duas ideias. A maioria dos intérpretes opta pelo imperativo, mas o indicativo é possível e corresponderia à correção que os capítulos 12—14 têm em vista. Em contraste com essa procura inútil, Paulo direciona os coríntios a *um caminho ainda mais excelente* no capítulo 13, o caminho que consiste em exercer todos e quaisquer dons somente com amor.

13.1-13 — O capítulo do amor está dividido em três seções: (1) a futilidade dos dons sem o fruto do Espírito, o amor; (2) a natureza do amor e (3) o caráter eterno do amor em contraste com a temporalidade dos dons.

13.1 — *Línguas dos homens e dos anjos*. O dom miraculoso de *falar em línguas* (*glossolalia*) incluía

línguas humanas, óbvias segundo as palavras aqui (línguas dos homens) e também em outras passagens (At 2.4,6,8,11; 10.46). Contudo, as línguas na igreja de Corinto eram línguas angelicais ou provenientes de Deus, incompreensíveis pelos homens? Quem falava em línguas poderia ter pensado assim, mas Paulo talvez tenha usado uma hipérbole: “Ainda que eu falasse em alguma língua celestial”. De qualquer modo, sem amor, esse dom não teria valor.

O *metal que soa ou [...] o sino que tine* eram instrumentos normalmente usados na adoração pagã. O exercício dos dons da graça, sem o amor cristão, seria pouco diferente das atividades de várias religiões pagãs ou religiões de mistério.

13.2 — *O dom de profecia [...] todos os mistérios e toda a ciência [...] toda a fé*. Os três aparecem na lista do capítulo 12. Usados sem amor, esses dons não têm valor.

13.3 — *Distribuiu toda a minha fortuna*. As pessoas podem fazer obras de caridade sem a motivação correta (1 Co 4.5). *O meu corpo para ser queimado*. Com esta imagem, Paulo usou uma hipérbole para mostrar que os dons não têm valor sem amor. Os dons são *madeira, feno, palha* (1 Co 3.12-15) perante o tribunal de Cristo.

13.4-7 — Agora, Paulo deixa de lado a superioridade do fruto do Espírito, a *caridade* (ou o *amor*, na ARA), e avança para características importantes dele. A *caridade é sofredora*, ou tolera pessoas de quem é fácil desistir. É *benigna*, ou seja, trata bem as pessoas que nos trataram mal. A *caridade não é invejosa* (do grego *zeloo*), não *trata com leviandade*, nem *se ensoberbece*. Promover-se a si mesmo foi uma praga que contaminou Corinto e que nos desafia hoje.

Portar-se com indecência significa agir de um modo injusto ou impróprio, como discutiu Paulo em 1 Coríntios 7.36.

Busca (do grego *zeteo*) *os seus interesses*. Uma pessoa que ama se dispõe a pôr de lado seus próprios planos ou direitos pelo bem do outro. *Não se irrita* se refere a não se exasperar nem ser excessivamente melindroso com os outros; quer dizer não irar-se facilmente.

Não suspeita mal. Quando amamos uma pessoa, não imaginamos de imediato nada de mal da parte dela. Além disso, se entendermos *suspeitar* (*logizomai*), ou *pensar*, como um termo que sugere prestar contas, o texto significa que não fazemos um registro nem um relatório das maldades que nos são feitas.

Não folga com a injustiça [...] folga com a verdade. O amor não tem prazer no mal, de forma alguma. Quem ama não se alegra diante da queda de um irmão ou de uma irmã. Pelo contrário, o amor tem prazer em tudo o que expresse o evangelho, tanto em palavras, como em obras.

Tudo sofre [...] crê [...] espera [...] suporta. O significado literal da palavra usada para *suporta* é *apoia*. O amor é o fundamento de todos os atos que agradam a Deus. O amor crê que todas as coisas nesse amor nunca desistem e nunca perdem a esperança. O amor suporta qualquer dificuldade ou rejeição, revelando sua força superior. Diante da confrontação, o amor simplesmente persiste. Amar é o grande mandamento (compare com Jo 13.34,35) e nenhuma outra força promove mais justiça.

13.8-10 — Esta terceira seção do capítulo 13 passa da natureza do amor para seu caráter permanente.

A caridade nunca falha. A consistente afirmação contrasta com os dons da graça, que, na melhor das hipóteses, são transitórios. Um dia, todos os dons não serão mais necessários, mas o amor continuará para sempre.

Profecias, línguas, ciência. Paulo concentra-se em três dos 16 dons para mostrar que todos eles são temporários.

Profecias, serão aniquiladas. A palavra traduzida por *aniquiladas* (*katageo*) está na voz passiva. A tradução literal é *as profecias serão interrompidas*. *Línguas, cessarão [...] ciência, desaparecerá* [será suspensa]. Profecia e ciência (que estão entre os 12 dons do Corpo para edificação) existem *em parte* (do grego *ek merous*). Eles, com todos os dons do capítulo 12, servem ao Corpo de Cristo, mas somente por hora.

Conhecemos em parte, profetizamos em parte. Esses dons considerados *em parte* (*ek merous*)

continuarão até quando *vier o que é perfeito* (do grego *teleios, completo*) (v. 10). A perfeição em vista aqui tem sido interpretada de maneiras muito diferentes: (1) o fim da era apostólica, na qual as doutrinas centrais da Igreja foram reveladas e ensinadas; (2) o fim do cânone das Escrituras, que assegurou a fonte inspirada e fidedigna de toda a doutrina cristã verdadeira, e (3) a segunda vinda de Cristo, momento no qual o papel e o relacionamento de todos os cristãos e a Igreja serão transformados, e o que é *parcial* não mais será necessário. Este tempo do fim (seja qual for a visão aceita) supera e substitui todos os dons considerados *em parte*. Ao contrário deles, o amor dura para sempre.

13.11,12 — *Menino* foi usado cinco vezes no versículo 11. Paulo utilizou a passagem da infância à fase adulta como uma ilustração para explicar seus comentários nos versículos 8-10 sobre os passos em direção ao fim. É normal e esperado que uma criança aja e pense como tal. Mas, quando uma pessoa se torna adulta, ela precisa abandonar as ações e os brinquedos da infância.

Agora (usado duas vezes), *vemos por espelho em enigma*. É provável que o espelho seja a revelação de Deus, que, embora incompleta, está acompanhada por estes três dons. *Mas, então* (usado duas vezes em harmonia com *agora*) refere-se ao *perfeito*, quando conheceremos como somos conhecidos. Portanto, não haverá mais necessidade dos dons no Corpo.

13.13 — *A maior [...] é a caridade.* A fé, a esperança e a caridade são virtudes cristãs permanentes, mas a caridade, claramente, vem antes das outras duas. A fé é o fundamento (Hb 11.6), e a caridade é a pedra principal. A doutrina é o fundamento (1 Co 3.10; Jd 3), e a experiência é a expressão prática que atrai (Jo 13.35).

14.1 — Assim como 1 Coríntios 12.31, este versículo é um eixo que liga o anterior ao seguinte.

14.1,2 — *Segui a caridade.* A palavra grega usada para seguir (*dioko*) carrega significados como *apressar, correr, perseguir, aspirar*. Podemos levar ou deixar muitas coisas na vida, mas não a caridade. Devemos buscar a caridade como um tesouro

inestimável. O fruto do Espírito prepara os cristãos para o exercício dos dons da graça do Espírito.

Procurai com zelo os dons espirituais (*pneumatikon*; compare com 1 Co 12.1). Para a maioria dos intérpretes, a expressão significa que os cristãos devem buscar certos dons — a profecia, especialmente — para servir ao Corpo de Cristo. Dois problemas podem ir de encontro a essa visão. Primeiro, a palavra grega usada para procurar com zelo (*zelo*) é a mesma usada em 1 Coríntios 12.31 e pode indicar um desejo negativo. Então, a passagem de 1 Coríntios 14.1 diria: *Segui a caridade, mas vós estais procurando com zelo os espirituais, quando deveríeis, em vez disso, profetizar*. Segundo, o termo *dons* não está no texto grego e, como em 1 Coríntios 12.1, deve ter sido omitido. O contexto parece indicar que *espirituais* (*pneumatika*) é um adjetivo que descreve expressões específicas, talvez, línguas estranhas. Consequentemente, em contraste ao termo *espirituais* que eles procuram de forma imprópria, eles deveriam procurar com zelo o dom de profetizar. Por quê? Porque o principal objetivo dos dons é edificar uns aos outros, mas só Deus entende quem *fala língua estranha*. Assim, *ninguém o entende [...] em espírito*.

14.3-5 — O que *profetiza* aqui pode ter todos os dons de falar em línguas (Rm 12.6; 1 Pe 4.11) que edificam os outros, como mostram os resultados nos versículos 3 e 4. *Edificação, exortação e consolação*: Paulo prefere que o cristão coríntio exerça este dom no meio dos coríntios, em vez de *falar língua estranha*, por meio do qual o cristão simplesmente *edifica-se a si mesmo*. *Eu quero que todos vós faleis línguas estranhas*. Talvez, o apóstolo esteja comparando o dom de línguas dado pelo Espírito (observe o plural) com o falar língua estranha (o singular). Ou, talvez, Paulo reconheça o valor na oração pessoal em particular, feita em língua estranha, ainda que ele tenha por objetivo corrigir o abuso das línguas na adoração pública. Outra possibilidade é que não devemos extrair um sentido não explícito neste comentário. Em outra passagem, o apóstolo desejou que todos fossem celibatários como ele (1 Co 7.7), mas, sem dúvida, não esperava que as coisas fossem assim. Para Paulo, o verdadeiro

dom de línguas era proveitoso, porém, seu proveito era limitado. *Profetiza é maior [...] a não ser que também interprete*. Quando for interpretado, o dom de falar línguas será proveitoso para a igreja.

14.6 — *Que vos aproveitaria*. Se Paulo tivesse chegado aos coríntios falando línguas estranhas, de que isso serviria para eles? Os coríntios, provavelmente, teriam respondido com desinteresse (v. 11) ou com escárnio (v. 23). Em vez de usar esta abordagem inútil, ele veio com uma *revelação* (compare com 1 Co 2.10), *profecia* (1 Co 12.29), *ciência* (compare com 1 Co 2.12) e *doutrina* (1 Co 12.29; compare com 1 Co 14.26).



EM FOCO

LÍNGUAS (GR. *GLOSSA*)

(1 Co 12.10; 14.2, 4-6, 9, 13, 14, 18, 27; At 2.4; 10.46; 19.6)

O termo grego *glossa* significa *língua* ou *idioma*. Quando os primeiros cristãos receberam poder do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, eles receberam a capacidade de falar em muitas línguas diferentes, de modo que os visitantes de cidades em torno do mundo romano puderam ouvir glórias sendo dadas a Deus em sua língua nativa (At 2.4-11).

Os da casa de Cornélio também falaram em línguas diferentes quando foram batizados no Espírito Santo (At 10.46). E o mesmo aconteceu com os novos discípulos de Éfeso (At 19.6).

Além desses exemplos, a primeira menção ao dom de falar em línguas é em Corinto, onde eles falaram em línguas diferentes como uma maneira de orar a Deus. Quando essas línguas eram faladas fora do ambiente coletivo de adoração, a interpretação não era necessária; quando eram faladas nas reuniões, Paulo exigia a interpretação para que os outros pudessem entender e ser edificados (1 Co 14.2-27).

14.7-9 — Como instrumentos musicais que devem ser usados no momento adequado e da forma correta para que cumpram sua devida função, assim as línguas, sendo exercidas fora destas diretrizes, são como *que falando ao ar*. Ainda que pareçam bonitas, sejam faladas com fluência ou contenham grandes ideias, ou mesmo louvem a Deus, as línguas são irrelevantes se ninguém puder entender o que está sendo dito.

14.10,11 — Paulo novamente usa uma analogia para deixar a questão ainda mais clara. *Tanta espécie de vozes*. Ninguém pode dominar todas as línguas do mundo, mas elas têm um ponto em comum: todas transmitem um significado (*significação*). O *sentido* é essencial para a comunicação na língua, e não é diferente com as línguas do Espírito. Sem sentido, elas transformam quem fala em um *estrangeiro* (ARA) (literalmente, fazendo sons sem sentido como um *bárbaro*) para os ouvintes.

14.12 — *Dons espirituais*. A palavra usada para espirituais aqui é diferente da que Paulo usou até o momento (o vocábulo *dons* não aparece no texto grego). Em vez de *pneumatikon* ou *pneumatika*, ele usa a palavra comum *pneuma*, com o sentido de *espíritos*. Eles desejavam espíritos (v. 2). Paulo, talvez, esteja falando com ironia, descrevendo que eles haviam voltado às antigas práticas da adoração pagã dos gregos. Ou ele, talvez, use *espíritos* para dizer que eles estavam falando em línguas. Paulo procura redirecionar o zelo deles às manifestações legítimas do Espírito Santo, que seriam úteis para os companheiros de adoração.

14.13 — *Ore para que a possa interpretar*. Se alguém *fala língua estranha* (ainda que em êxtase), ninguém à sua volta consegue entender (1 Co 14.2). Consequentemente, quem fala deveria pedir a Deus a capacidade de interpretar, para que toda a Igreja possa beneficiar-se.

14.14 — *Orar em língua estranha*. Mas se alguém ora em língua estranha, isto é, sem a interpretar, (o que parecia ser a prática dos coríntios), então, não há entendimento e, consequentemente, nenhum benefício para a pessoa ou para a Igreja.

14.15 — *Orarei com o espírito* se refere, segundo o contexto, ao espírito pessoal, não ao Espírito de Deus (v. 2). Paulo deseja orar a Deus com seu espírito e com *entendimento*. Paulo não está disposto a se tornar um louco em sua vida espiritual, deixando sua mente de lado enquanto dá total poder ao seu espírito.

14.16,17 — *Doutra maneira*. Do versículo 12 em diante, Paulo mostra a falta de senso dos coríntios em promoverem seu *dom* favorito de um

modo que não edifica, em vez de levarem o Corpo à unidade, como ensina o capítulo 2. Aqui, então, ele os força a entenderem sua lógica para que canalizem o zelo que têm (1 Co 12.31; 13.5; 14.1; 14.12). O *lugar de indouto*. Possivelmente, trata-se de um novo convertido. No entanto, também pode ser alguém que não tem o dom de interpretação. O *Amém sobre a tua ação de graças*. Era comum na adoração judaica e, ao que parece, na Igreja primitiva, a congregação mostrar que estava de acordo com a oração ao responder dizendo *amém* (Dt 27.14-26; Ap 5.14). Essa resposta seria impossível se ninguém entendesse a oração.

14.18,19 — *Mais [...] do que vós todos*. Ao que parece, falando quantitativamente, Paulo falava inúmeras línguas. Ou ele falava em línguas com mais frequência até do que os coríntios que falavam em línguas com zelo. De qualquer modo, *na igreja*, falar cinco palavras que pudessem ser entendidas (provavelmente profetizando) era mais útil do que uma série de palavras *em língua desconhecida*. A ocasião em que todos falaram em línguas, em Atos, ocorreu em público. O ensino de Paulo aqui se concentra no discurso público, embora o verso 18 possa referir-se a Paulo falando em línguas em uma oração pessoal e particular. Possivelmente, em vista dos versículos 20-22, o apóstolo orava em público em várias línguas quando visitava as diferentes sinagogas enquanto percorria o Império Romano de cidade em cidade.

14.20-22 — *Irmãos*. Neste novo parágrafo (possivelmente, retomando, agora, a ideia de 1 Co 13.11), Paulo desafia os coríntios a reorientarem suas ideias. Eles deveriam ser *adultos*, enquanto, na *malícia*, deveriam ser *meninos*. Os coríntios ainda tinham muito o que aprender. Na época em que Paulo escreveu esta carta, eles não tinham discernimento ético, embora se tivessem em alto conceito.

Na lei. Paulo avalia o propósito das línguas e o uso maduro delas pelas Escrituras, e não pela experiência pessoal. A citação de Isaías 28.11 indica que *lei* aqui se refere ao Antigo Testamento, e não simplesmente ao Pentecostes.

14.23-25 — Neste ponto, Paulo passa da discussão teológica para a aplicação na congregação. Tendo mostrado que o fato de eles falarem em línguas tinha valor limitado para a igreja e ainda era prejudicial a ela, Paulo mostra vividamente o que o modo desordenado de falarem em línguas estava causando aos incrédulos. Toda vez que a igreja se reunia, os *indoutos ou infieis* participavam da reunião, e os coríntios estavam falando em línguas (possivelmente sem interpretação), esses cristãos pareciam loucos. No entanto, quando esses não cristãos ouviam os cristãos *profetizarem* na congregação, a mensagem os convencia, de modo que, *lançando-se* sobre seu rosto, eles adoravam a Deus.

14.26 — Paulo, agora, apresenta aos coríntios um exemplo de como deveria ser conduzida a reunião de uma igreja local. Se *cada um de vós* trouxer para o culto a habilidade especial que Deus vos deu e tudo for feito para *edificação*, a igreja como um todo será beneficiada.

Salmo, provavelmente, refere-se a um salmo cantado do Antigo Testamento (compare com Cl 3.16; Ef 5.19). É muito provável que o *ensino* consistisse de uma apresentação de alguma verdade do Antigo Testamento ou ensinamento dos apóstolos. Embora o apóstolo tenha procurado cortar o excesso, ele ainda reconhece que havia um lugar apropriado para o dom de línguas (*tem língua*) com *interpretação*. Aquele que recebe uma *revelação* pode ser o profeta que fala a palavra de Deus (v. 29-32).

14.27 — O apóstolo apresenta algumas diretrizes que tinham por objetivo manter o dom de línguas sob controle e, não obstante, permitir ao Espírito de Deus usar o dom por meio da igreja. Ele limita a *três* o número de manifestações desse dom em uma reunião da igreja e diz que elas devem ser em ordem (*por sua vez*), e cada uma dessas manifestações deve ser interpretada. Antes de falarem em línguas, eles precisam ter certeza de que há algum *intérprete* ou de que quem fala em línguas irá interpretar (compare os versículos 5 e 13).

14.28 — *Se não houver intérprete, esteja calado*. Se ninguém é capaz de interpretar o que é dito,

então, quem fala línguas não deve falar. A palavra grega usada para *calado* (*sigao*) significa *não dizer nada*.

14.29 — *Falem dois ou três profetas*. Por mais benéfico que seja profetizar, até aqui Paulo procura ordenar a atividade. Há pouco tempo em um culto e há muito a ser feito. Os *outros julguem* indica que ninguém, nem mesmo uma pessoa exercendo um dom da graça, está isento de julgar a igreja (1 Co 6.5; 11.29,31). Esse julgamento poderia ser feito pelos outros profetas presentes.

14.30 — *Revelada*, sem dúvida, mostra que profetizar é mais do que consideramos pregar ou falar sobre os textos das Escrituras. Assemelha-se à profecia do Antigo Testamento, na qual Deus dá a revelação a um servo para que ele a entregue ao povo de Deus.

Cale-se o primeiro é similar à admoestação no versículo 28 com relação a quem fala em línguas. Quem fala em línguas não deve interromper o outro. Todas as coisas devem ser feitas com ordem (v. 40).

14.31,32 — *Uns depois dos outros* é semelhante ao *por sua vez* do versículo 27 no que diz respeito a quem fala em línguas. Uma vez que a profecia serve para que todos na congregação *aprendam e sejam consolados*, somente este procedimento ordeiro garantirá o resultado. *Sujeitos aos profetas* é acrescentado para que ninguém possa afirmar: “Eu simplesmente não consigo me controlar quando Deus me dá uma revelação do Espírito”. Paulo ensina que o Espírito Santo não se apodera do indivíduo a quem Ele dá poder. A vontade do cristão não é violada, mas deve cooperar para a obra de Deus.

14.33 — *Deus não é Deus de confusão*. Confusão é exatamente o que os coríntios estavam experimentando. Isso não vem de Deus, mas da carne pecaminosa.

Como em todas as igrejas dos santos pode combinar com a primeira parte do versículo 33, ou servir como começo do versículo 34. A oração parece se ajustar melhor ao versículo 34, em se tratando da conduta dos cristãos nas reuniões da igreja.

14.34 — Paulo ordena que as *mulheres* estejam *caladas* nas reuniões da igreja. Esta afirmação

é mais forte e mais abrangente do que a feita em 1 Timóteo 2.12. Em 1 Timóteo, ela se refere ao ensino dos homens; aqui todo tipo de conversa parece proibido. Isso parece não estar de acordo, no entanto, com a permissão anterior dada às mulheres para profetizarem em 1 Coríntios 11.5. Alguns afirmam que falar se refere a falar em línguas, enquanto outros acreditam que Paulo esteja proibindo que se fale de modo contestador. Há ainda quem acredite que Paulo tenha tentado inibir um grupo feminista em Corinto. O contexto, entretanto, diz respeito a autocontrole e a julgar os profetas. A proibição tem a ver com mulheres não se envolvendo no julgamento dos profetas. Tal julgamento seria uma expressão de autoridade sobre os homens, o que era proibido.

14.35 — *Interroguem em casa a seus próprios maridos* parece indicar que se trata de *mulheres* mais velhas, que já são casadas. A ideia de mulheres mais novas e solteiras tentando se dirigir à igreja provavelmente nunca passou pela cabeça do apóstolo. *Indecente* indica o forte sentimento do apóstolo e da igreja do primeiro século em geral, no sentido de ter mulheres instruindo homens na igreja, ou exercendo autoridade sobre eles. No entanto, quando as mulheres estavam cobertas e profetizavam, isso era aceitável e não era visto como exercer autoridade sobre os homens (compare com 1 Co 11.3-10).

14.36 — *Saiu dentre vós* é outro argumento para que os coríntios aceitem o ensino de Paulo. Os coríntios não inventaram a verdade que Paulo ensina. Ela começou em Jerusalém e, naquele momento, havia percorrido grande parte do mundo romano.

14.37 — Para estabelecer também seus argumentos e a autoridade de seu ensino, Paulo declara que, como apóstolo, o que ele ensina são os *mandamentos do Senhor*. Não são opiniões nem uma opção.

Cuida ser profeta ou espiritual também mostra que as duas principais classes de pessoas com dons estão em vista no capítulo 14, ou seja, o profeta e quem fala em línguas.

14.38-40 — Para a pessoa que se nega a dar atenção à admoestação do apóstolo, Paulo simplesmente diz que, se aquela pessoa quiser ignorar, *que ignore*.

15.1,2 — O *evangelho* de Paulo aos coríntios centrava-se na morte física e na ressurreição de Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, que Se fez homem, mas nunca pecou (Gl 1.6-10). Paulo iniciou a igreja de Corinto; o evangelho que os coríntios originalmente receberam vinha dele (1 Co 2.2).

15.3 — Não procedia de Paulo a proclamação de Jesus que ele entregou aos coríntios; ele simplesmente deu aos coríntios o que ele mesmo havia recebido. Ele se via como um aro em uma longa corrente de testemunhas da verdade acerca da morte e da ressurreição de Cristo. *Cristo morreu por nossos pecados*. A morte de Cristo cuidou definitivamente de nossos pecados. Ele sofreu em nosso lugar, a fim de suportar a ira justa de Deus contra nós. *Segundo as Escrituras*. Cristo viveu e morreu de acordo com as profecias a Seu respeito no Antigo Testamento (Sl 16.10; Is 53.8-10).

15.4 — A ressurreição confirma o fato de que a morte de Cristo pagou todo o preço pelo pecado. O termo grego traduzido por *ressuscitou* aqui está no tempo perfeito, enfatizando os efeitos contínuos deste evento histórico. Hoje, Cristo é o Salvador ressurreto.

15.5-8 — Na época em que Paulo escreveu esta carta, é possível que uma pessoa tenha confirmado a autenticidade das afirmações do apóstolo. A maioria dos *quinhentos* irmãos que viram o Cristo ressurreto, bem como *todos os apóstolos* e *Tiago* (meio-irmão de Jesus), ainda viviam.

Abortivo, provavelmente, seja o comentário de Paulo sobre o modo único pelo qual ele se tornou um apóstolo. Ao contrário dos outros apóstolos, que tiveram o benefício de um período de treinamento inicial com Cristo, Paulo se tornou apóstolo de modo repentino, sem oportunidade de ter contato terreno com Cristo ou com Seus ensinamentos.

15.9 — Paulo considerava-se o *menor dos apóstolos*, porque, antes, havia perseguido a Igreja (At 22.4; Ef 3.8; 1 Tm 1.15,16).



COMPARE

FATOS SOBRE A RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Cristo foi proclamada com entusiasmo pela Igreja primitiva. Esse milagre foi considerado uma parte essencial da mensagem do evangelho. Sem dúvida, Cristo morreu, mas, o mais importante, Ele ressuscitou. Mais do que um Salvador que sofreu, Jesus é nosso Senhor que vive.

A ressurreição de Cristo foi profetizada nas Escrituras do Antigo Testamento (Sl 16.10).	1 Co 15.4
O Cristo ressurreto apareceu para mais de 500 testemunhas, incluindo Paulo.	1 Co 15.5-8
Se Jesus não ressuscitou dos mortos, a mensagem do evangelho é inútil, vazia e desonesta. Jesus Cristo não estaria vivo, intercedendo por nós, e não poderíamos depositar nossa esperança em um futuro glorioso com Ele. A ressurreição é central para o evangelho.	1 Co 15.14,15
De acordo com Paulo, <i>se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados</i> (1 Co 15.17; Rm 4.25). A ressurreição de Cristo, não simplesmente Sua morte na cruz, assegurou nossa justificação. Sua ressurreição foi um sinal de que Deus aprovou o sacrifício de Cristo por nossos pecados. Em suma, não haver ressurreição seria o mesmo que não haver perdão de pecados.	1 Co 15.17-19
A ressurreição de Cristo tinha por objetivo revelar o que está à espera daqueles que depositam sua confiança em Jesus (1 Co 15.20-27). Paulo chamou Cristo de <i>primícias dos que dormem</i> (1 Co 15.20). Esta imagem do Antigo Testamento (Êx 23.16-19) significa que Cristo serve como exemplo e garantia daquilo que podemos esperar. Uma vez que Ele venceu a morte (1 Co 15.26,27,54-57), é preciso que não tenhamos a morte. Uma vez que, agora, Ele desfruta de um corpo glorificado, também podemos esperar herdar um <i>corpo espiritual</i> (1 Co 15.44-46) depois que este corpo mortal se consumir.	1 Co 15.20-26
Depois da morte, nosso corpo, um dia, ressuscitará.	1 Co 15.42
Mais uma vez, seremos os seres material e imaterial, tendo nossa alma reunida ao nosso corpo ressurreto.	1 Co 15.43,44
O poder que subjaz a este evento maravilhoso, porém misterioso, é Jesus, <i>a ressurreição e a vida</i> (Jo 11.25) que se manifestou.	1 Co 15.45
Nosso corpo será modificado e transformado, a fim de preparar-nos para a vida que há de vir. Se Jesus for o protótipo, ainda seremos reconhecíveis, mas nosso novo corpo será capaz de realizar atividades sobrenaturais (Lc 24.31,36,51).	1 Co 15.51-54
Nossa ressurreição acontecerá quando Jesus voltar (1 Ts 4.13-18).	1 Co 15.53

15.10 — *Trabalhei muito.* Mesmo tendo começado tarde e não tendo o treinamento no disciplinado que os outros apóstolos tiveram, Paulo viajou mais, fundou mais igrejas e escreveu mais livros bíblicos do que todos eles (2 Co 11.23-27). Mas Paulo atribuía seu êxito à *graça de Deus*.

15.11 — *Seja [...] ou sejam eles.* Paulo não se importava com quem levava o crédito pela fé dos coríntios. Para ele, importava apenas que os coríntios cressem.

15.12,13 — Alguns dos coríntios estavam ensinando *que não há ressurreição*. É possível que estes oponentes de Paulo estivessem negando a

realidade da ressurreição de Cristo. É possível também que eles estivessem ensinando que a ressurreição é apenas espiritual, e não física. Ou é possível que estivessem ensinando que a ressurreição já havia acontecido (2 Tm 2.18). Seja qual for o caso, eles contradiziam o ensino essencial de que Cristo ressuscitou fisicamente dentre os mortos e que, quem crer nele, algum dia, também ressuscitará.

15.14 — *É vã a nossa pregação [...] é vã a vossa fé.* Não é suficiente crer em algo. É absolutamente essencial que *aquilo* em que uma pessoa crê seja verdadeiro. O objeto de nossa fé é importante.



EM FOCO

RESSURREIÇÃO (GR. ANASTASIS)

(1 Co 15.12,13,21,42; At 17.32; Rm 1.4; 1 Pe 1.3)

Muitas vezes, as Escrituras falam da ressurreição de Cristo usando a expressão que é, literalmente, *ressurreição dentre os mortos*. Essa é a expressão na primeira metade de 1 Coríntios 15.12 e em outros versículos (At 17.31; 1 Pe 1.3). Quando as Escrituras falam da ressurreição em geral, normalmente, a expressão é a *ressurreição dos mortos*. Essa é a expressão na segunda metade de 1 Coríntios 15.12 (13,42). Em Romanos 1.4, menciona-se a ressurreição de Cristo como *ressurreição dos mortos*. A mesma terminologia é usada em 1 Coríntios 15.21, na qual o texto grego, literalmente, diz: *Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem*. Isso mostra que a ressurreição de Cristo incluía a ressurreição de cristãos para a vida eterna. Quando Ele ressuscitou, muitos se levantaram com Ele, pois eles se uniram ao Filho de Deus em Sua ressurreição (Rm 6.4,5; Ef 2.6; Cl 3.1).

Um salvador morto não pode levar os pecados, livrar-nos da ira de Deus ou desenvolver um relacionamento conosco.

15.15 — *Falsas testemunhas*. Nos versículos De 5 a 8, Paulo listou várias pessoas, incluindo ele mesmo, que testemunharam o Cristo ressurreto. Negar a ressurreição era negar a veracidade do testemunho deles.

15.16,17 — *Ainda permanecéis nos vossos pecados*. A morte de Cristo sem Sua ressurreição não nos teria livrado de nossos pecados.

15.18 — Sem a ressurreição de Cristo, aqueles que *dormiram em Cristo* — os mortos — estariam *perdidos* ou destruídos. A palavra grega traduzida por *vã*, nesta passagem, fala de algo que não gera resultados. Sem a ressurreição de Cristo, a fé cristã não traz perdão nem vida futura na presença de Deus.

15.19 — *Somos os mais miseráveis de todos os homens*. Se os cristãos não tiverem esperança para o futuro, os pagãos podem, legitimamente, considerá-los tolos, uma vez que eles sofrem por nada.

15.20-28 — Paulo muda o clima e o tom nestes versículos. Ele declara a veracidade da ressurreição de Cristo e faz o mesmo em relação à do cristão.

15.20 — Jesus é as *primícias* de todos os outros que creem nele. Isso é uma metáfora no Antigo Testamento do pagamento inicial de uma colheita que prevê e garante a oferta definitiva de toda a colheita (1 Co 16.15; Rm 8.23). Uma vez que Cristo ressuscitou dos mortos, aqueles que

dormem em Cristo (v. 18; 1 Ts 4.15,16) têm a garantia de sua própria ressurreição.

15.21,22 — *A morte veio por um homem*. O primeiro homem, Adão, transgrediu a Lei de Deus e trouxe pecado e morte ao mundo (Gn 2.17; 3.19; Rm 5.12-21); o Segundo Homem, Jesus Cristo, foi o sacrifício perfeito para levar embora o pecado e trazer vida e ressurreição àqueles que creem nele (Rm 5.15-21).

Todos serão vivificados em Cristo. O princípio aqui é similar àquele registrado em Romanos 5.18,19, em que Paulo explica que, pelo pecado de um homem (Adão), muitos foram feitos injustos, enquanto que, pela obediência de um Homem (Cristo), muitos serão feitos justos.

15.23 — *Cada um por sua ordem* indica que Deus tem um determinado desígnio para a ressurreição. A palavra *ordem* é um termo militar grego que também poderia ser traduzido por *posição*. O Comandante ressuscita primeiro; Suas tropas ressuscitam depois. Em 1 Tessalonicenses 4.13-18, *Sua vinda* é descrita como a volta de Cristo com aqueles que *dormem* (os mortos), seguida da retirada da terra de todos os cristãos vivos.

15.24 — *O fim* aqui se refere a todos os eventos proféticos restantes que ocorrerão após o Arrebatamento da Igreja e durante o clímax da história, quando Cristo *houver aniquilado todo império* (v. 25-28).

Tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai. Quando Cristo e a Igreja estiverem juntos na vinda de Cristo, Deus estabelecerá Seu Reino na terra, culminando em um novo céu e uma nova terra.



VOCÊ SABIA?

USANDO A AUTORIDADE COM SABEDORIA

Um dia, toda autoridade, todo domínio e poder chegarão ao fim (1 Co 15.24). Pedro mencionou uma ideia similar quando perguntou, considerando o fim do tempo presente, que tipo de pessoa deveríamos ser (1 Pe 3.10-13). Como deveríamos viver? Por mais que trabalhemos para ganhar e acumular poder e posição, isso, no final, terá fim. Essa ideia deveria desafiar-nos a não nos apegarmos muito às regalias da autoridade e a usarmos essa autoridade com sabedoria e responsabilidade para os propósitos de Deus.

Houver aniquilado todo império e toda potestade. Até o tempo do fim, o Pai subjuga tudo ao Filho (Sl 110.1; Dn 2.44; 7.14, 27). Cristo é Senhor sobre o universo (Cl 1.15-17).

15.25,26 — *Todos os inimigos.* Deus permitiu que Seu inimigo, Satanás, governasse como o príncipe das potestades do ar (Ef 2.2) e o deus deste século (2 Co 4.4), mas seu juízo final diante do Todo-Poderoso é certo.

O último inimigo [...] a morte. A conquista da morte é a prova final da vitória de Deus e a inauguração do novo dia do Senhor (Ap 20.14).

15.27,28 — *Claro está.* Paulo esclareceu os versículos do Antigo Testamento que vinha citando. Os textos dizem que tudo está sujeito ao Filho, mas Deus Pai se excetua, ou se exclui desta sujeição, porque o Filho se sujeitará ao Pai. Para que Deus seja tudo em todos indica que não haverá oposição ao domínio soberano de Deus sobre todo o universo. Haverá paz e prosperidade universais.

15.29 — Há dezenas de interpretações para o significado da expressão *os que se batizam pelos mortos* neste versículo. A interpretação mais natural é que alguns dos coríntios, em conformidade com suas práticas pagãs anteriores que permitiam tais ritos, batizavam-se por alguns na igreja de Corinto que haviam morrido sem o batismo. Sem dúvida, se eles agiam ou não assim não tem relação alguma com o fato de serem justificados ou não, mas pode ter servido a alguma função ritualista dentro da igreja. O apóstolo não aprova nem desaprova, de maneira franca, a prática incomum, embora seja dada a informação de que ele diz *eles*, e não *nós*, quando se referia à cerimônia. Nenhuma outra evidência de tal prática é encontrada na Igreja no primeiro século,

exceto uma seita herege (isto é, os marcionitas). Paulo deseja, de certa forma, chegar ao âmago do problema: *Se [...] os mortos não ressuscitam [...] Por que [...] então.* Negar a ressurreição e, não obstante, estar envolvido nessas atividades seguramente faz com que isso pareça tolice.

15.30-32 — *Por que estamos nós [...] em perigo.* Paulo arriscava a vida a cada dia. Fazer isso não teria sido de proveito algum sem a esperança de uma ressurreição. Por que Paulo teria de suportar dificuldades como combater em Éfeso contra as bestas? Teria sido melhor que ele adotasse a postura dos epicureus, que buscavam o prazer e evitavam a dor. A referência a *bestas* pode ser uma alusão aos inimigos humanos de Paulo em Éfeso. O texto de Atos 19 não registra confrontação com animais.

15.33,34 — Paulo já havia advertido os coríntios de que evitassem os irmãos cristãos que levavam uma vida imoral (1 Co 5.9-13). Citando um provérbio do poeta Menander, *as más conversações corrompem os bons costumes*, Paulo advertiu os coríntios a manterem distância daqueles que ensinam falsas doutrinas (2 Co 6.14—7.1).

15.35-37 — Algumas pessoas se opunham à ressurreição com o pretexto de que era muito difícil entender essa doutrina. Paulo chamou essas pessoas de insensatas. A dificuldade de entender a natureza da ressurreição não deveria levar uma pessoa a duvidar de sua realidade mais do que não entender como uma semente se torna uma planta deveria levar a pessoa a duvidar da colheita futura.

15.38-41 — A variedade encontrada na natureza entre seres vivos, como *homens, animais, peixes e aves*, e entre objetos, como *corpos celestes*



EM FOCO

ESPÍRITO VIVIFICANTE

(GR. *PNEUMA ZOOPOIOUN*)

(1 Co 15.45; 2 Co 3.6; 1 Pe 3.18)

Essa expressão denota *o espírito que dá vida* ou *o espírito que preserva a vida*. O Senhor Jesus entrou em um novo tipo de existência quando ressuscitou dos mortos, porque ele foi glorificado e, ao mesmo tempo, tornou-se espírito vivificante. O versículo não diz que Jesus se tornou *o Espírito*, uma vez que a Segunda Pessoa da Trindade não se tornou a Terceira Pessoa. Melhor dizendo, Jesus se tornou espírito no sentido de que Sua existência e forma mortais foram transformadas naquilo que é espiritual. Como Aquele que, agora, está unido com o Espírito em um corpo glorificado, Jesus não está mais preso ao aspecto mortal. Ele está vivo no Espírito (1 Pe 3.18) para dar vida a todos os que nele creem. É por isso que Paulo fala do Espírito de vida em Cristo Jesus (Rm 8.2).

e corpos terrestres, reflete o poder e a vontade do Criador. O brilho variado do *Sol*, da *Lua* e das *estrelas* serve como uma boa ilustração das diferenças entre o corpo humano terreno e o corpo humano celestial. Todos esses corpos celestes e terrestres diferentes são evidências de que Deus, o Criador, pode, sem dúvida, criar um novo corpo humano glorificado de nosso velho corpo.

15.42-44 — O corpo terreno tem várias fraquezas, enquanto o celestial não as tem. O que vem da terra é corruptível, é fraco e controlado por instintos naturais. O corpo que provém do céu é incorruptível, glorioso, poderoso e controlado pelo espírito fortificado por Deus.

15.44-49 — *Animal [...] espiritual*. O contraste não é entre um corpo material e um imaterial, mas entre aquele sujeito à morte e o que é imortal. O termo grego traduzido por *espiritual* aqui se refere a um corpo controlado pelo Espírito, em oposição ao dominado pela carne (1 Co 2.15; 10.4). *O primeiro homem [...] o segundo homem* contrasta a natureza pecaminosa que toda pessoa herda com a nova e justificada natureza que obtemos por intermédio de Cristo.

15.50 — Mera *carne e sangue* não podem entrar na existência gloriosa de um corpo imortal (v. 35-49). Algo deve acontecer a essa *carne* para que ela se torne incorruptível (v. 42).

15.51,52 — *Todos seremos transformados*. O ensino aqui é similar ao fornecido aos tessalonicenses (1 Ts 4.13-18). Enquanto os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, o cristão vivo será

instantaneamente transformado em seu corpo imortal na volta de Jesus.

15.53-57 — Os vivos receberão um corpo que não está sujeito à morte (v. 50). As visíveis vitórias de Satanás no jardim do Éden (Gn 3.13) e na cruz (Mc 15.22-24) se inverteram na morte de Jesus (Cl 2.15) e em Sua ressurreição. Pela perspectiva da volta vitoriosa de Jesus, a *morte* e o *inferno* (o túmulo) não têm poder sobre os cristãos, porque Jesus já venceu os dois. Participamos da *vitória* de Jesus.

15.58 — Os coríntios deveriam continuar *firmes* na obra de Cristo, especificamente por causa da ressurreição. *O vosso trabalho não é vão*. Toda a obra que fazemos para Cristo será recompensada (2 Co 5.10; Ap 22.12).

16.1-4 — *Ora, quanto*. Mais uma vez, Paulo tratou de uma pergunta feita pelos coríntios (1 Co 7.1,25; 8.1; 12.1) com relação à oferta (At 11.29,30; 24.17; Rm 15.25-28; 2 Co 8.9). *No primeiro dia da semana* era o dia da reunião semanal da Igreja primitiva.

Ponha de parte expressa o conceito da oferta cristã no Novo Testamento. O dízimo no Antigo Testamento (de um modo geral, chegando a quase 23%) não era adotado pela Igreja do Novo Testamento, embora, obviamente, Cristo o tenha dado. Os cristãos do Novo Testamento eram incentivados a dar com liberalidade, mas nunca uma quantia ou porcentagem especificadas (Rm 12.8). Paulo queria ter certeza de que a oferta dos coríntios fosse dada antes de sua chegada, para



ENTENDENDO MELHOR

AJUDA PARA OS CRISTÃOS NECESSITADOS

O dinheiro é poderoso. Pode trazer à tona o que há de melhor ou de pior em uma pessoa. Em nosso impulso por ganhá-lo em grande quantidade ou usá-lo para nosso conforto e nossa comodidade pessoais, podemos tornar-nos muito frios e manipuladores (1 Tm 6.10). Mas isso não deveria acontecer por quem segue a Deus.

Em 1 Coríntios 16, vemos que Paulo estava coordenando uma campanha para angariar fundos com o intuito de ajudar alguns cristãos necessitados. Ele poderia ter-se concentrado na terrível situação de quem se beneficiaria com os fundos. Eram cristãos em Jerusalém, que, talvez, estivessem sofrendo perseguição ou passando fome. Mas, em vez disso, ele se concentrou em como os coríntios deveriam começar um esquema regular de ofertas para suprir necessidades (1 Co 16.2). A participação deles seria um ato de adoração com amor enquanto estivessem reunidos no primeiro dia da semana.

Paulo também mostrou que a transferência de fundos seria feita por pessoas idôneas, escolhidas pelos coríntios (1 Co 16.3). Isso garantia transparência e integridade. Ao que parece, Paulo era muito realista com relação à propensão humana à manipulação e à ganância.

que ele não precisasse pressionar as pessoas quando as visse (2 Co 9.5).

Os que [...] aprovardes se refere às pessoas que acompanhariam Paulo (v. 4) a *Jerusalém* para entregar a dádiva em nome da igreja de Corinto.

16.5-7 — *Irei, porém, ter convosco.* Paulo esperou sair logo de Éfeso para visitar Corinto, talvez até passando o inverno com os coríntios. Viajar por mar durante o inverno era perigoso (At 27.9-44). Paulo, por fim, conseguiu chegar a Corinto, mas não conforme o cronograma que traçou aqui. O fato de não conseguir chegar no tempo planejado causou-lhe problemas mais tarde com os coríntios (2 Co 1.15—2.1).

16.8,9 — As oportunidades para Paulo ministrar em *Éfeso*, uma cidade importante da Ásia Menor, eram grandes, assim como o era a perseguição que ele sofreu ali.

16.10-12 — Embora não pudesse partir de imediato para Corinto, Paulo queria ser representado entre os coríntios por seus cooperadores. Ele planejou enviar *Timóteo*, um jovem nesta época. Paulo incentivou os coríntios a não o desprezarem, pois, mesmo sendo digno de confiança, ele era mais tímido do que Paulo.

16.13,14 — O termo *vigiai*, muitas vezes, é usado no Novo Testamento para indicar o prenúncio de algum evento futuro (Mc 13.37; Ap 3.3). A exortação de Paulo para que eles estivessem *firmes na fé* é especialmente importante

diante da suscetibilidade dos coríntios a falsos ensinamentos (2 Co 11.3).

Portai-vos varonilmente também pode ser traduzido por *portai-vos como homens*, enfatizando não somente a coragem, mas também a maturidade. A ordem de Paulo para que fizessem tudo *com caridade* serve como um equilíbrio para essas fortes exortações.

16.15-18 — A *família de Estéfanos* estava entre os primeiros cristãos na *Acaia* a responder à pregação de Paulo. *Estéfanos*, *Fortunato* e *Acaico*, provavelmente, foram os que confirmaram a má notícia trazida pela família de Cloe, em 1 Coríntios 1.1. Eles provavelmente também foram os portadores da carta que os coríntios enviaram a Paulo (1 Co 7.1).

16.19,20 — *As igrejas da Ásia* podem ser aquelas mencionadas em Apocalipse 2 e 3.

Áquila e *Prisca* eram fabricantes de tendas que conheceram Paulo em Corinto. Eles o seguiram até Éfeso e colocaram sua casa à disposição para as reuniões da igreja (Rm 16.3-5). Eram conhecidos de muitos na igreja de Corinto.

Ósculo santo. Esse costume, adotado pelos primeiros cristãos, simbolizava amor, perdão e unidade.

16.21-24 — *Minha própria mão.* Deste momento em diante, Paulo deixou de ditar (Rm 16.22; Gl 6.11) e concluiu a carta de próprio punho.

Seja anátema. Talvez pareça cruel o fato de Paulo ter desejado a condenação de Deus para aqueles



PERFIL

AMIGOS NA FÉ

Paulo outrora foi um inimigo perigoso para os seguidores de Cristo. Mas seu encontro decisivo com o Salvador e sua subsequente mudança de atitude trouxeram-no para a família de Deus (At 9.1-30). Cristãos corajosos como Ananias (At 9.10) e Barnabé (At 4.36,37) começaram a cuidar do novo cristão e a ajudá-lo. Paulo tornou-se um irmão.

Do mesmo modo, Cristo converte os cristãos, hoje, em uma nova família. Tendo experimentado a mesma dádiva de Deus — o perdão e a esperança —, agora somos irmãos e irmãs em Cristo.

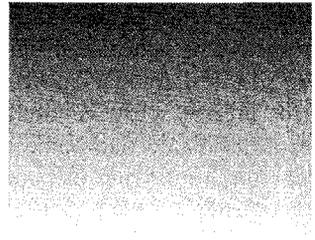
Paulo reconheceu vários de sua família na fé ao concluir 1 Coríntios:

- *O jovem Timóteo* (1 Co 16.10,11), que precisava de aceitação e afirmação.
- *O hábil Apolo* (1 Co 16.12), um dos primeiros líderes dos coríntios (1 Co 1.12), que não pôde ir até eles naquela época (At 18.24-28).
- *Estéfnas* (16.15,16), batizado por Paulo nos primeiros dias da igreja de Corinto; os coríntios precisavam respeitá-lo.
- *Fortunato e Acaico* (16.17,18), incentivadores de Paulo, que, talvez, tenham-lhe entregado a carta dos coríntios, à qual ele estava respondendo com 1 Coríntios; como Estéfnas, eles também precisavam ser reconhecidos.
- *Prisca e Áqüila* (16.19), cofundadores da obra em Corinto e sócios comerciais de Paulo (At 18.1-4); naquele momento, eles estavam à frente de uma obra similar em Éfeso e enviaram saudações calorosas aos seus irmãos e irmãs do outro lado do mar Egeu.

Antes um inimigo, posteriormente, Paulo se tornou um verdadeiro amigo, parceiro e defensor de outros cristãos. Assim como os outros haviam cuidado, antes, dele e de suas necessidades, ele escreveu aos coríntios falando sobre as necessidades e problemas de seus irmãos e irmãs em Cristo.

que não amam Jesus. Mas a aceitação ou rejeição de Cristo é algo sério. Aqueles que rejeitam o Senhor Jesus são inimigos de Deus (Gl 1.8,9).

No momento seguinte, Paulo deseja a vinda de nosso Senhor com uma expressão em aramaico: *Maranata*, que significa *Senhor, venha!*



A segunda carta aos

Coríntios

INTRODUÇÃO

A segunda epístola aos Coríntios é a mais autobiográfica das cartas de Paulo, e provavelmente a mais difícil que ele teve de escrever. Em cartas anteriores, Paulo havia exortado a igreja de Corinto a corrigir alguns abusos que estavam ocorrendo na congregação. No entanto, alguns falsos mestres na igreja ficaram insatisfeitos com a repreensão de Paulo e rejeitaram suas advertências. Como resultado, nessa carta ele foi forçado a defender seu caráter e sua autoridade como apóstolo, diante de acusações caluniosas. Sua defesa revela as provações e tribulações, os problemas e as pressões de seu ministério itinerante, mais que qualquer outro livro bíblico. No entanto, como o restante das cartas de Paulo, 2 Coríntios vai muito além de uma descrição do sofrimento do apóstolo e re-

vela o poder que havia por trás de suas atitudes e palavras: o Senhor Jesus Cristo.

Em 1 Coríntios, Paulo havia instruído os cristãos de Corinto a disciplinarem um membro que cometera incesto (1 Co 5), e a fazerem uma coleta em favor dos santos de Jerusalém que passavam necessidade (1 Co 16.1-4). Tito apresentou um relatório bastante encorajador a Paulo (2 Co 2.14; 7.5-7). Os coríntios haviam reagido de maneira satisfatória e apropriada à primeira carta. Havia levado a termo, com fidelidade, a disciplina necessária (2 Co 2.5-11). No entanto, Tito também informou a respeito da presença de *falsos apóstolos* (2 Co 11.13) que acusavam Paulo de andar segundo a carne (2 Co 1.12,17; 10.2), de ser enganoso (2 Co 2.17; 4.2; 12.16), de intimidar a Igreja com suas

cartas (2 Co 10.9,10), de tratar injustamente uma pessoa ao ponto de arruinar a vida dela (2 Co 7.2) e de defraudar o povo (2 Co 7.2). Esses falsos mestres provavelmente lembravam à Igreja que Paulo não havia retornado como prometera, e usavam isso como evidência de uma vida dupla (2 Co 1.15-17,23,24). Chegaram até a tentar denegrir a imagem do apóstolo, acusando-o de recolher as ofertas para enriquecimento próprio (2 Co 7.2; 8.16-23). Inevitavelmente as acusações fomentaram dúvidas na mente dos cristãos coríntios a respeito da integridade do apóstolo.

Paulo escreveu a segunda epístola aos Coríntios devido à sua preocupação com aquela igreja (2 Co 7.12). Ele desejava oferecer aos seus irmãos em Cristo mais instruções sobre o pecador que havia se arrependido (2 Co 2.5-11) e a respeito da coleta para os irmãos necessitados em Jerusalém (2 Co 9.1-5). No entanto, o principal propósito de Paulo ao escrever 2 Coríntios era defender seu ministério. Os oponentes do apóstolo na cidade de Corinto o haviam atacado de modo ferrenho. Ele escreveu esta carta para provar que seu ministério era sincero e genuíno, e para assegurar sua autoridade como apóstolo de Cristo.

A segunda epístola aos Coríntios é basicamente uma carta de cunho pessoal em que Paulo defende seu ministério entre os coríntios e apela para que as facções que haviam surgido na igreja se reconciassem. Entretanto, Paulo ainda se vale da doutrina para corrigir os problemas daquela congregação. Ele fala a respeito das crenças fundamentais da fé cristã: a Trindade (2 Co 1.21,22; 13.14), a divindade (2 Co 4.5), a humanidade (2 Co 8.9), a morte (2 Co 5.19,21) e a ressurreição de Cristo (2 Co 5.15). Reafirma que todos os cristãos foram selados pelo Espírito Santo (2 Co 1.22) e receberam esse Espírito como um *penhor* (2 Co 1.22; 5.5).

A igreja de Corinto estava em Cristo (2 Co 5.7), e Cristo nela (2 Co 13.3,4). Todos os membros do Corpo de Cristo ressuscitariam (2 Co 4.14; 5.1-8) e seriam avaliados diante do trono de Cristo (2 Co 5.10). Os falsos cristãos seriam

envergonhados (2 Co 5.3); os verdadeiros seriam recompensados (2 Co 5.9,10).

Paulo revela que parte das dificuldades e divisões enfrentadas pelos coríntios era causada por oposição da parte de Satanás, que cega os descrentes para que não vejam a verdade (2 Co 4.4), valendo-se o inimigo de todas as oportunidades para dividir os cristãos (2 Co 2.11). É por isso que o apóstolo exorta os coríntios a terem uma vida santa, arrependem-se dos seus pecados e reconciliarem-se uns com os outros.

Portanto, nesta carta em que Paulo defende seu ministério e sua autoridade, ele defende doutrinas. Para o apóstolo, a essência da fé cristã alcançava todas as facetas da vida, e não era bom dar lugar a divisões e controvérsias como as que perturbavam a congregação de Corinto.

A segunda carta aos Coríntios começa identificando Paulo como o autor (2 Co 1.1; 2.1). O estilo da epístola comprova a autoria do apóstolo, assim como o testemunho da Igreja primitiva. Alguns críticos afirmam que os capítulos 10—13 não faziam parte da carta original, porque o tom deles é bastante diferente do presente nos capítulos 1—9. O espírito dos primeiros nove capítulos é jubiloso, enquanto o dos últimos quatro capítulos é cheio de tristeza e severidade. Muitos desses críticos alegam que os capítulos 10—13 seriam parte de uma carta perdida, mencionada em 2 Coríntios 2.4. No entanto, os capítulos finais de 2 Coríntios têm um discurso firme, e não tristonho. Além disso, não existe manuscrito antigo algum ou autor que possa ser citado para defender tal teoria. A diferença de tom pode dar-se devido à mudança de assunto nesses capítulos.

Paulo escreveu 1 Coríntios durante o primeiro ano de seu ministério em Éfeso, em sua terceira viagem missionária, provavelmente no início da primavera de 56 d.C. A epístola de 2 Coríntios foi escrita pouco tempo depois. Portanto, sua segunda carta foi provavelmente escrita no outono de 56 d.C.

Para compreendermos o propósito de 2 Coríntios, temos de conhecer as circunstâncias que havia por trás do registro desta carta, ou seja, o

que havia acontecido com Paulo entre a redação de 1 e de 2 Coríntios. Todavia, é bastante complicado reconstruir esse pano de fundo.

As questões são: (1) quantas visitas Paulo fez a Corinto antes de escrever a segunda carta para aquela igreja (2 Co 2.1; 12.14)? (2) Quantas cartas ele havia escrito (2 Co 2.3,4,9; 7.18)? (3) Quem era o tal ofensor de 2 Co 2.5; 7.12?

Existem duas maneiras básicas de revermos alguns fatos da vida de Paulo narrados em suas cartas, para explicarmos essas questões. Especificamente quanto à terceira questão, a visão tradicional relaciona as referências de 2 Coríntios a uma carta anterior, no caso, 1 Coríntios. Assim o ofensor seria a pessoa que cometera o incesto citado em 1 Coríntios 5. Uma interpretação mais recente contesta o fato, afirmando que os dados em 2 Coríntios não têm a ver com o episódio na primeira carta; portanto, deve ter havido outra epístola escrita por Paulo para aquela igreja, enviada antes de 2 Coríntios, a qual teria se perdido ou faria parte dos capítulos 10 a 13 de 2 Coríntios. Os que defendem essa teoria geralmente afirmam que Paulo deve ter visitado Corinto por um período curto entre a redação de 1 e 2 Coríntios, com base na palavra *não irei mais ter convosco*, em 2 Coríntios 2.1. Essa visita foi apelidada de “visita dolorosa” por alguns comentaristas. De acordo com essa visão, o tal ofensor não seria o indivíduo que cometera o tal incesto, mas o líder de um grupo que se opunha a Paulo.

Contudo, a visão tradicional afirma que os dados presentes em 2 Coríntios estão de acordo com os mencionados em 1 Coríntios. Portanto, a primeira epístola seria 1 Coríntios mesmo, e o ofensor era um membro da igreja que cometera o incesto. De acordo com essa visão, não houve “visita dolorosa” alguma, porque a palavra *não irei mais ter convosco*, em 2 Coríntios 2.1, não significa necessariamente que Paulo tenha ido até a cidade no período que antecedeu sua segunda

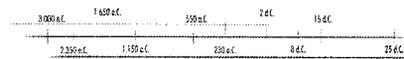
carta. Significa simplesmente que ele não desejava retornar em tristeza.

A referência em 2 Coríntios 12.14 e em 2 Coríntios 13.1,2 a uma terceira visita não significa que Paulo estava indo uma terceira vez lá, e sim que ele estava disposto a visitar a igreja uma terceira vez. Ele havia planejado fazer isso (1 Co 16.5-9), com certeza estava pronto para ir (2 Co 12.14), todavia não fez tal viagem (2 Co 1.15-17,23).

Sendo assim, o pano de fundo de 2 Coríntios pode ser entendido da seguinte maneira: Paulo havia fundado a igreja em Corinto (At 18.1-17; 1 Co 3.6,10). Após um ano e meio, ele deixou a cidade e escreveu uma carta que se perdeu (1 Co 5.9). Então, Paulo conversou com alguns membros da família de Cloé a respeito de disputas na igreja de Corinto (1 Co 1.11). Talvez nessa época, Paulo tenha enviado Timóteo em uma viagem que incluía uma passagem por Corinto (1 Co 4.17; 16.10). Então, um comitê de Corinto tenha ido até Paulo com questões doutrinárias (1 Co 7.1; 16.7). Assim, Paulo teria escrito a carta conhecida como 1 Coríntios para corrigir as desordens na igreja e responder aos questionamentos da congregação. Provavelmente, o apóstolo enviou Tito até Corinto levando consigo a primeira carta aos Coríntios. Após enviá-lo, Paulo ficou profundamente preocupado com o modo como os cristãos de lá reagiriam ao que ele havia escrito. O apóstolo os chamara de *carneis* (1 Co 3.1) e *inchados*, arrogantes (nvi) (1 Co 4.18). Enquanto isso, graves dificuldades surgiram em Éfeso, e Paulo partiu para lá antes do previsto (At 20.1), parando em Trôade para pregar o evangelho (2 Co 2.12). No entanto, por não ter encontrado Tito ali e ainda estar desejoso de ouvir a respeito dos cristãos coríntios, Paulo se apressou em direção à Macedônia (2 Co 2.13). Ali, encontrou Tito. De acordo com a tradição antiga, o apóstolo Paulo escreveu 2 Coríntios em Filipos.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 2 CORÍNTIOS



Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — O concílio de Jerusalém

Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo

Ano 52 d.C. — A igreja de Corinto é iniciada

Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo

Ano 56 d.C. — Primavera — a epístola de 1 Coríntios é escrita

Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

I. Saudação e ação de graças — 1.1-11
 II. Consolo: conforto no ministério — 1.12—7.16

- A. A conduta de Paulo — 1.12—2.11
1. A explicação de Paulo por não haver retornado — 1.12—2.5
 2. A instrução de Paulo a respeito do indivíduo que fora disciplinado — 2.6-11
- B. O caráter do ministério de Paulo de pregar o evangelho — 2.12—6.10
1. Triunfo do ministério — 2.12-17
 2. Credenciais para o ministério — 3.1-3
 3. O privilégio do ministério — 3.4-18
 4. A sinceridade no ministério — 4.1-6
 5. Pressões no ministério — 4.7-15
 6. A falta de estímulo para o ministério — 4.16—5.10
 7. Motivações para o ministério — 5.11-21
 8. A conduta no ministério — 6.1-10
- C. O apelo aos coríntios — 6.11—7.4

1. O apelo por simpatia — 6.11-13
 2. O apelo para se separarem para o Senhor — 6.14—7.1
 3. O segundo apelo por simpatia — 7.2-4
- D. O consolo no ministério — 7.5-16
1. A obediência dos cristãos — 7.5-12
 2. O amor dos cristãos — 7.13-16
- III. A coleta: o ministério de ofertar — 8.1—9.15
- A. Preparativos para a coleta — 8.1-24
 - B. Argumentos a favor da coleta — 9.1-15
- IV. Correção: A defesa do ministério de Paulo — 10.1—13.10
- A. A posição de Paulo — 10.1—12.18
 1. A autoridade de Paulo — 10.1-18
 2. Paulo se gaba do apoio — 11.1-15
 3. Paulo se gaba do serviço — 11.16-33
 4. Paulo se gaba da fraqueza — 12.1-10
 - B. O propósito de Paulo — 12.11—13.10
 1. A ambição de Paulo: servir — 12.11-18
 2. O objetivo de Paulo: a edificação dos coríntios — 12.19—13.10
- V. Saudações pessoais, admoestação e bênção apostólica — 13.11-14

COMENTÁRIO

1.1,2 — A segunda epístola de Coríntios começa da maneira como a maioria das cartas da antiguidade eram escritas: com saudação, informações sobre o autor, destinatário.

O autor é *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo*. Sua identificação com *Jesus Cristo* é especialmente importante nesta carta porque falsos apóstolos (2 Co 11.12-15; 1 Co 4.14-16) estavam opondo-se a ele em Corinto e causando confusão na igreja.

Timóteo é listado como portador. Esse companheiro de Paulo não é mencionado na introdução de 1 Coríntios supostamente porque já havia sido enviado até aquela cidade anteriormente (1 Co 4.17; 16.10). O fato de seu nome aparecer aqui indica que ele havia se unido ao apóstolo, apresentado seu relatório com respeito à situação da igreja em Corinto e viajado com Paulo até a Macedônia.

Paulo destinou esta carta para a Igreja em Corinto e todos os cristãos que se encontravam na *Acaia*; atualmente é a parte sul da Grécia.

Graça a vós e paz era a saudação padrão de Paulo. Por meio dela, o apóstolo expressava suas orações para que os coríntios experimentassem o favor de Deus e o gozo resultante de terem um relacionamento com o Senhor.

1.3 — Uma palavra de agradecimento geralmente vinha em seguida à saudação da carta (v. 1,2). *Bendito* expressa adoração e louvor. Paulo chama o Senhor de *Deus*

e *Pai de Cristo*. Embora Jesus seja divino, como o Filho de Deus encarnado Ele dependia do Pai. Portanto, o Deus Pai era o Seu Deus.

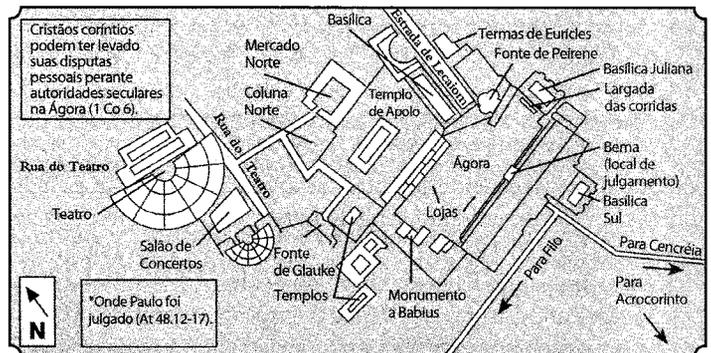
Consolação aqui significa exortação, encorajamento e ânimo. Paulo faz uso dessa palavra e de suas variantes oito vezes nos cinco versículos seguintes (v. 3-7). Este é o propósito de nossas reuniões na igreja (Hb 10.24,25) e também é o assunto do apóstolo no capítulo 7 (2 Co 7.12,13).



A cidade de Corinto

Corinto era uma importante cidade da Grécia situada no istmo de Corinto, entre o mar Jônico e o mar Egeu. Rota de transportes terrestres e aquáticos. Ela também se destacava como um local de afluência de religiões pagãs.

Já foram descobertos mais de doze templos em escavações em Corinto, incluindo o magnífico templo de Apolo, com suas 38 colunas dóricas de oito metros de altura. O templo de Afrodite, a deusa do amor, empregava pelo menos mil prostitutas cultuais. A cidade era bastante conhecida pela imoralidade de seus habitantes.



Quando se encontram, os cristãos devem estimular uns aos outros na fé.

1.4 — *Tribulação* implica dificuldades e aflição. Deus não só consola Seus filhos, mas também os torna consoladores. O consolo que Deus nos concede passa a ser um dom que podemos oferecer a outros (2 Co 7.6; At 9.10-19). Nossa disponibilidade para compartilhar o consolo divino reflete a sinceridade de nossa fé (Jo 13.35).

1.5 — A tribulação (v. 4) é chamada de *aflições de Cristo*. Jesus sofreu ao levar sobre si nossos pecados (1 Pe 3.18) e ao servir a todos (Jo 13.1-17). Os que seguem a Cristo também experimentarão o mesmo sofrimento em seu serviço em prol do Reino (Jo 15.20), mas receberão uma recompensa, um *peso eterno de glória mui excelente* (2 Co 4.17).

1.6 — O exemplo de Paulo quando era *atribulado* estimulava os coríntios a permanecerem firmes.

1.7 — *Nossa esperança acerca de vós*. Todos os que tomam parte nas *aflições* de Cristo têm certeza da recompensa eterna.

Consolação aqui significa toda a graça, força e liberdade que Cristo concede aos Seus servos (Lc 9.23,24).

1.8 — O compromisso de Paulo para com Cristo e seu serviço não o eximiam de enfrentar problemas.

Com o termo *Ásia*, Paulo se referia à província romana na porção ocidental da *Ásia Menor*, território da atual Turquia.

Não se sabe exatamente onde Paulo experimentou essa *tribulação*. Talvez tenha sido em Éfeso, provavelmente com o tumulto causado contra ele por Demétrio, o ourives (At 19.23-41; 1 Co 15.31,32).

1.9,10 — *A sentença de morte*. Paulo volta ao tema da morte e da ressurreição várias vezes nesta carta (2 Co 2.16; 4.7-14; 5.1-10; 13.4). Aqui, o apóstolo provavelmente se referia às ameaças contra sua vida que enfrentou enquanto pregava o evangelho (At 14.19,20).

1.11 — Enquanto Paulo confiava no Senhor e os cristãos coríntios oravam, Deus o libertou (v. 10). Devemos orar uns pelos outros para que *sejam*

dadas graças a Deus. Se muitas pessoas intercederem, muitas também darão graças a Deus quando Ele responder às nossas orações. Sempre que enfrentamos dificuldades, devemos contar aos irmãos nossa situação para que eles possam orar, e Deus ser louvado. Respostas a *orações* sempre devem ser seguidas de louvor público, porque nosso Libertador merece nossa adoração.

1.12 — Os críticos de Paulo o acusavam de viver para seus próprios interesses egoístas (2 Co 10.2). Citavam o fato de ele não ter retornado a Corinto como evidência de sua falta de sinceridade. Por isso, Paulo inicia sua carta defendendo sua integridade (2 Co 1.12—2.4).

Sabedoria carnal diz respeito aos interesses egoístas (compare com a advertência de Paulo e o exemplo de humildade de Cristo em Filipenses 2.3-8).

A *sinceridade de Deus* demonstrada por Paulo estava mais evidente aos coríntios do que a quaisquer outras pessoas. Ele havia passado um ano e meio entre eles (At 18.11).

1.13,14 — Os críticos de Paulo o acusavam de não estar sendo sincero em suas cartas, de *escrever* incentivando uma coisa e agir de modo contrário ao que exortava (2 Co 10.10). Paulo nega tais acusações. Ele cumpria de fato o que recomendava; não havia outros objetivos em suas cartas.

1.15,16 — *Paulo* pretendia visitar os coríntios (1 Co 16.5-7), mas não conseguiu fazê-lo. Isso levou alguns dos membros da igreja de Corinto a acusá-lo de viver de acordo com a *sabedoria carnal* (v. 12,17).

A *segunda graça* era a graça da segunda visita (v. 16).

1.17 — *Deliberando isso*. Paulo apresenta uma pergunta retórica. Quando planejou visitar os coríntios, por acaso estaria brincando, levado por interesses próprios ou sendo inconsistente? O texto grego indica que essas perguntas esperavam uma resposta negativa. Mais adiante, Paulo explica por que mudou seus planos (2 Co 1.22—2.4).

1.18 — Antes de encerrar a defesa de sua integridade (2 Co 1.23,24), Paulo defendeu sua pregação: ela era verdadeira e confiável (v. 18-22).

Nossa palavra é uma referência ao ensinamento de Paulo (v. 19).

1.19 — A pregação de Paulo não era *sim* e não ao mesmo tempo — não era inconsistente nem contraditória. Em vez disso, suas palavras refletiam a fidelidade de Deus, porque seus ensinamentos se baseavam nas Escrituras e nas doutrinas de Cristo.

1.20 — *Todas quantas promessas há de Deus* com relação a Cristo são verdadeiras e confiáveis: um *sim*.

1.21,22 — No texto grego, *ungiu* está relacionado a *confirma*. Deus confirmou o ministério de Paulo e de seus companheiros ao ungi-los. Essa unção provavelmente se refere a uma capacitação especial dada pelo Espírito Santo, semelhante à unção que João descreve em 1 João 2.20,27.

Selou. O selo indica posse e segurança.

O selo e a *descida* do Espírito Santo também estão interligados. O Espírito Santo é um *penhor*, uma garantia que demonstra que há mais bênçãos espirituais no futuro e que o cristão receberá a vida eterna.

1.23 — Paulo havia prometido ir a Corinto e fazer uso de sua autoridade, caso necessário, para corrigir os problemas na igreja local (1 Co 4.21). Para *poupar* seus irmãos do sofrimento da correção e dar-lhes oportunidade de corrigirem-se, Paulo não fora lá. Deus também é paciente conosco.

Todavia, Paulo havia advertido os coríntios anteriormente de que suas fraquezas, doenças e até mesmo a morte de alguns se deviam ao fato de eles estarem rejeitando a correção (1 Co 11.30).

1.24 — Como apóstolo, Paulo tinha autoridade para disciplinar (2 Co 10.2), mas não tinha direito de manipular os coríntios.

2.1 — Paulo mudou seus planos de viagem em parte porque não desejava retornar a Corinto em *tristeza*. Alguns interpretam este versículo afirmando que a visita anterior a Corinto tinha sido tão dolorosa que Paulo desejava evitar outra. Embora a narrativa de Atos não mencione tal visita, alguns supõem que Paulo esteve em Corinto antes de escrever 1 e 2 Coríntios. No entanto, o texto não afirma necessariamente que ele tinha feito uma *visita dolorosa* anteriormente. Diz apenas que ele não desejava que isso acontecesse em sua próxima ida a Corinto.

2.2 — Se havia alguém na congregação que pensava que o apóstolo sentira satisfação em sua visita anterior, Paulo assegura aos coríntios que havia sofrido bastante com as exortações anteriores.

Se eu vos entristeço, quem é que me alegrará? A maior alegria que um ministro do evangelho pode experimentar é ver que as ovelhas de Cristo que estão sob seus cuidados estão caminhando na verdade (compare com 2 João 1.4). Ao mesmo tempo,



EM FOCO

SELADO (GR. SPHARGIZO)

(2 Co 1.22; Ef 1.13; 4.30)

GARANTIA (gr. *arrabon*) (2 Co 1.22; 5.5; Ef 1.14)

O vocábulo grego traduzido como *selou* em 2 Coríntios 1.22 é um termo técnico que descreve a garantia dada por um vendedor de um objeto comercializado por ele. Da mesma maneira, a dádiva divina do Espírito Santo é a nossa garantia do que Deus fez e ainda fará por nós.

No mundo antigo, as pessoas normalmente marcavam seus bens pessoais e lacravam as cartas com um selo que identificava o proprietário ou remetente. Nesta passagem, Paulo afirma que os cristãos são marcados como possessão divina com o selo do Espírito Santo. Esse selo irá permanecer até que nós, como propriedade de Deus, sejamos completamente redimidos (Ef 1.13,14; 4.30).

Paulo geralmente usava outro termo junto a *selado*, a saber, *arrabon*, traduzido como *penhor*. Esse vocábulo grego era utilizado comumente para descrever o primeiro pagamento de uma aquisição, o qual garantia a quitação integral de uma dívida. Essa palavra também era utilizada pelos antigos para se referir a um anel de noivado. Como cristãos, recebemos o Espírito como esse primeiro pagamento, ou garantia, uma experiência prévia da herança plena que nos será concedida (Ef 1.13,14).

nada é mais penoso do que ter de aplicar a vara da correção. Paulo não tinha prazer nesse último encontro por causa disso. Ele continuava ansioso, como se pode constatar nestes versículos.

2.3,4 — *Escrevi-vos*. Segundo a tradição, os comentaristas identificam a carta anterior a que Paulo se refere nestes versículos como sendo 1 Coríntios. Muitos comentaristas recentes, porém, acreditam que o apóstolo estivesse falando a respeito de uma carta escrita no intervalo entre 1 e 2 Coríntios, a qual teria se perdido. Afirmam que os capítulos 10 a 13 são parte dessa carta perdida, pois o tom desse trecho não parece estar

de acordo com a descrição dos capítulos anteriores, sendo uma mensagem de *muita tribulação e angústia do coração*.

2.5-11 — Paulo escreveu a respeito de alguém que *havia contristado*. A interpretação tradicional afirma que esse ofensor foi o homem que cometera o incesto, citado em 1 Coríntios 5. Recentemente alguns comentaristas sugeriram que esse ofensor podia ser outra pessoa que causara algum tipo de mal a Paulo durante a tal “visita dolorosa” (v. 3,4).

2.6 — *Repreensão* significa advertência, censura. Esta é uma referência à disciplina eclesiástica



APLICAÇÃO

PRESTAÇÃO DE CONTAS AO CORPO DE CRISTO

A disciplina de um membro da igreja de Corinto (2 Co 2.6) demonstra uma das funções mais importantes do Corpo de Cristo: estimular os membros a prestarem contas da maneira como conduzem sua vida.

No caso mencionado aqui, a censura da igreja fez com que o ofensor se arrependesse e mudasse de vida, restaurando assim sua vida espiritual e trazendo alegria à congregação.

A prestação de contas é muito fácil na teoria, mas bastante complicada na prática. Ninguém gosta de ser julgado pelos outros. Em nossa sociedade, é muito fácil acharmos que nossa vida pessoal não diz respeito a mais ninguém. Todavia, um estudo das Escrituras revela vários princípios importantes a respeito da prestação de contas:

(1) *Como cristãos, devemos prestar contas não apenas de nossas ações, mas também de nossas atitudes*. Neste nosso mundo, em que o desempenho no trabalho torna-se o mais importante, as avaliações pessoais tendem a enfocar apenas os resultados — alta nas vendas, controle de custos, maior número de clientes satisfeitos. Tudo tem a ver com a quantidade. No entanto, Deus está interessado em nosso íntimo. Ele observa a qualidade do nosso caráter. E como Deus disse a Samuel: *O SENHOR não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração* (1 Sm 16.7).

(2) *A prestação de contas depende da confiança*. Se prestamos contas a outros, isso significa que confiamos em seu julgamento e acreditamos que essas pessoas vivem de acordo com a mesma verdade e os mesmos valores que nós. É muito bom quando podemos perceber que tais indivíduos buscam nosso bem. Por isso, Paulo rogou aos coríntios que deixassem de lado as divisões e fossem *unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer* (1 Co 1.10). Sem essa união, eles nunca se submeteriam uns aos outros.

(3) *A prestação de contas está diretamente relacionada ao princípio da submissão*. Todos nós temos dificuldade de lidar com nossa tendência natural de rebelar-nos contra Deus. A prestação de contas implica permitir que outros entrem nessa batalha conosco. No entanto, significa que às vezes teremos de submeter-nos à avaliação ou ao conselho de outras pessoas, e será mais difícil principalmente quando elas nos confrontarem com uma verdade bíblica muito clara respaldada pela sabedoria adquirida com uma experiência pessoal. Paulo disse aos efésios que viver de acordo com a vontade de Deus envolve, entre outras coisas, *sujeitar-nos uns aos outros no temor de Deus* (Ef 5.21).

Não devemos surpreender-nos ao descobrir que a nossa participação no Corpo de Cristo envolve prestação de contas, porque todos nós experimentamos isso em muitas áreas da vida. Por exemplo, o governo exige que façamos prestação de contas em relação ao cumprimento da lei e ao pagamento de impostos; oficiais governamentais têm de prestar contas ao público pelas decisões tomadas; os funcionários prestam contas ao patrão por seu trabalho; os administradores de empresas prestam contas aos acionistas. Em suma, estamos às voltas com a prestação de contas em casa, no trabalho, na igreja e até em nossos momentos de lazer. Todavia, nossas atitudes diante dessas obrigações da vida em geral, em última instância, refletem nossa atitude em relação à prestação de contas a Deus. Se formos rebeldes para com aquele que nos criou e nos ama intensamente, como poderemos submeter-nos uns aos outros?

que Paulo instruíra os coríntios a aplicar à pessoa mencionada no versículo 5. Era um castigo severo, mas que deu resultado, pois o homem se arrependeu.

2.7,8 — *Perdoar-lhe e consolá-lo.* O propósito da disciplina eclesiástica é o arrependimento e a restauração do disciplinado. O perdão sempre deve vir seguido de correção, assim como Cristo nos instruiu (Mt 18.15-35). Não há espaço para vingança; o amor de Cristo deve ser expresso por nós. Graves consequências aguardam aqueles que não liberam o perdão. O fracasso contínuo em perdoar nos trará prejuízos quando nos apresentarmos perante o trono de Cristo.

2.9,10 — *Em tudo.* Por terem seguido as instruções de Paulo para disciplinarem o ofensor, os coríntios provaram sua obediência. Para o apóstolo, a obediência sempre era devida a Cristo. Deviam obedecer ao apóstolo somente se este estivesse seguindo a Cristo (2 Co 10.5; 1 Co 11.1).

2.11 — Um dos *ardis* de Satanás, de seus desígnios, é enganar os cristãos para que não perdoem genuinamente. O diabo tenta dividir a Igreja de todas as maneiras.

2.12,13 — *Trôade* era uma cidade na costa do mar Egeu, onde Paulo havia recebido o chamado para pregar o evangelho na Macedônia (At 16.8). Paulo *não teve descanso* porque estava profundamente preocupado com os coríntios e procurando Tito, que retornava de Corinto. Então, o apóstolo cruzou o mar Egeu e chegou à *Macedônia*, provavelmente na cidade de Filipos.

2.14 — Quando Tito apresentou as boas notícias a Paulo a respeito dos cristãos coríntios (2 Co 7.5-7), o apóstolo exultou e louvou a Deus com um hino de louvor. Essa digressão no texto da carta foi mais longa do que o esperado. Paulo só retoma o relato de sua viagem à Macedônia e de seu encontro com Tito em 2 Coríntios 7.5 (2 Co 2.14—7.4 trazem um longo relato de seu ministério).

Deus...nos conduz em triunfo. Para louvar a Deus, o apóstolo Paulo utiliza a metáfora de uma procissão triunfal romana. Quando um general romano obtinha vitória numa batalha, liderava seu exército e os cativos num desfile pela principal

rua da cidade. Cristo, no contexto do versículo, é o General que conquistou a vitória. Paulo é um de Seus oficiais que seguem nas fileiras. Na procissão romana, os sacerdotes carregando incensários seguiam o conquistador. O sacerdote Paulo levava adiante o *bom cheiro* de Cristo ao pregar o evangelho.

2.15 — No versículo 14, o *bom cheiro* é o conhecimento de Cristo; ali estava Paulo, sendo um aroma suave a Deus por causa de sua fidelidade em pregar o evangelho. A fragrância é agradável por causa da fidelidade na pregação do evangelho, e não pelas respostas favoráveis dos ouvintes. Geralmente o ministério de alguém é avaliado com base na quantidade de pessoas que ele reúne, em construções grandiosas que ergue e/ou pelas atividades eclesiásticas que promove. Os padrões de Deus são um tanto quanto diferentes. Ele busca fidelidade à verdade e ao nosso chamado. Apenas o Senhor pode conceder aumento de acordo com Seus propósitos soberanos.

2.16 — O líder militar em uma procissão romana era seguido por sacerdotes (carregando incenso), oficiais, soldados e cativos. O *cheiro* desse acontecimento representava a vida vitoriosa para os soldados, e o cativo ou a *morte* para os prisioneiros. Da mesma maneira, a mensagem do evangelho traz vida para aqueles que a aceitam, mas representa morte e julgamento para os que a rejeitam. A resposta ao questionamento de Paulo — *para essas coisas, quem é idôneo?* — é apresentada em 2 Coríntios 3.5. É Deus quem nos torna idôneos.

2.17 — *Falsificadores.* Algumas pessoas fazem uso da religião para ganho pessoal. Para elas, o evangelho é um produto que deve ser vendido. Por isso elas o corrompem ou fazem concessões a ele. Esta é a primeira referência na epístola a falsos mestres. Pode ser uma referência sutil aos opositores de Paulo. O apóstolo, diferente de outros, era idôneo para o evangelho porque era sincero; suas intenções eram puras.

3.1-18 — Paulo contrasta aqui a obra transformadora do Espírito na vida de seus leitores com as cartas de *recomendação* levadas por outros

mestres religiosos (v. 1-6), bem como com a Lei de Moisés *gravada em pedras* (v. 7-18).

3.1 — Tendo declarado mais uma vez sua sinceridade (2 Co 2.17), Paulo pergunta se precisava de cartas de *recomendação* para lhe garantir apoio, *como alguns* faziam. A linguagem indica que os falsos apóstolos mencionados mais adiante na carta (2 Co 11.13) tentaram obter aceitação valendo-se de tais referências eclesiásticas.

3.2 — *Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações*. Os coríntios eram a “carta de recomendação” do apóstolo Paulo. Esta passagem não condena as cartas de recomendação. O próprio Paulo se valeu delas antes e depois de sua conversão (At 9.1,2; 2 Co 8.22; Rm 16.1; 1 Co 16.10; Cl 4.10). Neste caso, o apóstolo não necessitava de cartas de recomendação pois já possuía uma: os cristãos de Corinto e seu ministério entre eles.

O amor de Paulo pelos coríntios era conhecido por todos que tinham contato com seu ministério. Uma das qualificações que se deve ter para se exercer o evangelismo é justamente o amor pelo próximo, tanto pelo povo de Deus como pelos perdidos.

3.3 — *A carta de Cristo*. Paulo apelou aos próprios coríntios em busca de provas da autenticidade de seu ministério. Deus havia transformado a vida deles, o que qualquer um podia constatar.

3.4 — *Confiança*. Paulo estava convencido de que Cristo tornaria eficiente seu ministério.

3.5,6 — *Capaz* nesse trecho significa adequado, competente. Paulo depositava sua confiança não em si próprio, ou em suas capacidades, mas no Senhor. Essa é a resposta à pergunta feita em 2 Coríntios 2.16: *para essas coisas, quem é idôneo?*

A *letra* é uma referência à antiga aliança, ou seja, aos Dez Mandamentos escritos em pedra. A *letra mata* porque todos infringem a Lei e a punição para isso é a morte.

3.7-11 — Agora Paulo apresenta três contrastes entre o Antigo e o Novo Testamento. Cada contraste começa com *se* (v. 7,9,11). Nestes exemplos, o Novo Testamento é mostrado como sendo mais glorioso do que o Antigo (v. 8,9,11).

3.7,8 — Paulo lista o primeiro dos três contrastes entre o Antigo e o Novo Testamento (v. 7,9,11). Primeiro, o Antigo Testamento, *gravado com letras em pedras* (uma referência aos Dez Mandamentos), era glorioso, mas o ministério do Espírito é *de maior glória*, porque a glória da dispensação da Lei entregue a Israel por intermédio de Moisés *era transitória*. Além disso, embora a Lei em si seja santa (Rm 7.12), a dispensação da Lei opera morte [por causa do pecado, que vem pelo conhecimento da Lei], enquanto a dispensação da graça pelo Espírito opera vida (v. 6). O Espírito Santo produz vida eterna.

3.9,10 — O segundo contraste (v. 7,11) é que o Antigo Testamento era o *ministério da condenação*, mas o Novo Testamento é mais glorioso porque é o *ministério da justiça*. Deus



APLICAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM

Em suas viagens pelas cidades do império romano, Paulo sempre imaginava como seria visto pelas pessoas. No entanto, sua principal preocupação era saber se seus observadores podiam enxergar Jesus na vida dele.

Para ilustrar esse princípio, Paulo faz menção de um fenômeno ocorrido durante o período em que Moisés recebeu a Lei (2 Co 3.7,13). Enquanto Israel peregrinava pelo deserto, Deus se revelou ao povo por meio de um fogo consumidor (Êx 24.17). Entretanto, com Moisés falou face a face (2 Co 3.11). Esse encontro com o Deus vivo foi tão marcante para Moisés que seu rosto brilhava quando retornou ao acampamento. Para que o povo não ficasse com medo, ele colocou um véu sobre sua face, para esconder a glória de Deus que resplandecia nele.

Paulo argumentou que nós, como cristãos, temos uma proximidade com Deus ainda maior do que a que Moisés experimentou, porque o Senhor em pessoa vive dentro de nós, por intermédio de Seu Espírito (2 Co 3.8). Por isso, as pessoas devem ver a glória de Deus brilhando em nós (2 Co 3.9-11,18). Em outras palavras, elas precisam ver Jesus.

declara justos aqueles que acreditam em Seu Filho, e então o Espírito Santo capacita o cristão a viver corretamente. A primeira obra de Deus é chamada *justificação*, e a segunda é chamada *santificação*.

3.11 — O terceiro contraste (v. 7,9) é que um ministério era *transitório* enquanto o outro, *permanece*. O novo concerto superaria o antigo, estabelecido no monte Sinai entre Deus e a nação de Israel.

3.12 — Paulo teve *ousadia no falar*, expressão grega que significa *liberdade de expressão*, ou *franqueza*. Em vez de mostrar-se temeroso ou relutante, Paulo foi sincero e corajoso.

3.13 — *Não somos como Moisés*. Em seguida, vem uma alegoria a respeito do relato apresentado em Êxodo 34.29-35.

Punha um véu sobre a sua face. O véu não servia para esconder a glória, mas para obscurecê-la. O povo pôde ver o brilho, porém não diretamente. Esse véu não apenas encobria o brilho da glória, mas também escondia *o fim daquilo que era transitório*. Essa temporariedade da glória que acompanhava o antigo concerto não estava evidente aos filhos de Israel. Para Paulo, isso tinha um significado bastante claro.

3.14,15 — O *véu* na face de Moisés lembrava Paulo de outro véu. Assim como o que cobria o rosto de Moisés escondia a glória temporária do ministério daquele ministro, também existia um “véu” sobre o coração do povo escondendo o desvanecer do antigo concerto.

3.16 — *Então... se tirará*. Sempre que Moisés se voltava para o Senhor, retirava o véu (Êx 34.34). De maneira semelhante, temos liberdade em Cristo de “olharmos” diretamente para Deus, tendo acesso direto a Ele e à Sua glória.

3.17 — O *Senhor é Espírito*. O Espírito Santo é o próprio Deus, assim como o Pai e o Filho.

Liberdade. O Espírito nos liberta do pecado, da morte e da condenação da Lei [do pecado] (v. 7-12).

3.18 — *Todos os cristãos contemplam a glória do Senhor* nas Escrituras, e são *transformados* à imagem de Deus. Cristo é essa imagem exata do caráter de Deus-Pai (2 Co 4.4).

De glória em glória indica uma glória sempre crescente. Assim como os cristãos contemplam a glória de Deus na Sua Palavra, o Espírito de Deus os transforma para que alcancem a semelhança de Jesus Cristo. Essa é uma descrição do processo gradual de santificação. Se desejamos tornar-nos como Cristo, devemos dedicar-nos a aprender sobre Ele na Palavra de Deus. Esse reflexo, então, torna-se a matéria-prima que o Espírito de Deus utiliza para moldar a semelhança de Cristo em nós.

4.1-3 — Paulo agora apresenta uma conclusão a partir do que disse sobre seu ministério em 2 Coríntios 3.4-18. *Este ministério* é o ministério do Novo Testamento (2 Co 3.6), o ministério do Espírito (2 Co 3.6), de vida (2 Co 3.7) e de justiça (2 Co 3.9). É um ministério glorioso (2 Co 3.7-12) de liberdade (2 Co 3.17). Paulo não obteve esse ministério por suas habilidades humanas, mas pela *misericórdia* de Deus (2 Co 3.5,6).

Desfalecer significa ficar cansado, ou desesperar-se. Não importa o quanto seja difícil a tarefa ou a intensidade da oposição, Paulo não bateu em retirada, mas falou com ousadia, pois estava motivado e sustentado pela graça de Deus (2 Co 3.12; 1Ts 2.1-12).

Oculto aqui significa secreto. Paulo rejeitava a *astúcia* para *falsificar a palavra de Deus* (2 Co 2.17). Aparentemente o apóstolo havia sido acusado disso (2 Co 12.16) e de enganar o povo pela maneira como pregava. O apóstolo defendeu seu ministério, que era baseado na verdade da Palavra de Deus.

4.4,5 — Os ímpios têm uma barreira a ser transpassada: *o deus deste século cegou* a mente deles. Em função do engano de Satanás, às vezes, o que o mundo pensa ser uma verdade óbvia é um tremendo engano (Pv 14.12).

Imagem de Deus. Jesus Cristo é o Filho de Deus, e revela-nos com perfeição Deus Pai. Embora os seres humanos tenham sido criados à imagem de Deus, por causa do pecado perderam o relacionamento perfeito com Deus e a imagem do Criador ficou ofuscada no homem. Por isso, Jesus Cristo restaura os cristãos à condição em que foram originalmente criados para desfrutarem das bênçãos divinas em sua plenitude (2 Co 3.18; Gn 1.26).

Cristo Jesus, o Senhor. A mensagem de Paulo é que Jesus é divino.

Servos. Paulo descreve a si próprio e aqueles que ministravam com ele como *escravos* do povo. Eles serviram aos coríntios *por amor de Jesus*.

4.6 — Assim como Deus ordenou que a luz brilhasse nas trevas na criação (Gn 1.3), também ele acende a luz nos *corações* do povo para que todos possam ver quem Jesus Cristo é. As pessoas que não acreditam são cegas por Satanás (v. 4). Entretanto, os cristãos veem a luz.

4.7 — O *tesouro*, a revelação divina de Jesus Cristo, está em vasos de barro comuns! O motivo por que Deus coloca um tesouro tão valioso em um jarro simplório é para que a riqueza não possa ficar aparente, demonstrando que o poder [e a glória] do evangelho vem de Deus, e não do utensílio.

4.8 — *Atribulados.* No texto grego, uma expressão idêntica aparece em 2 Coríntios 7.5, onde é traduzida como *em tudo fomos atribulados*. Entretanto, nesse mesmo trecho Paulo acrescenta: *por fora combates, temores por dentro*. Portanto, *em tudo* significa interiormente e exteriormente. Todavia, Paulo não estava *angustiado* (palavra composta no idioma grego pelos vocábulo *estreito espaço*).

Perplexos deriva de dois vocábulo gregos: *não* e *caminho*. Logo, alguém fica perplexo quando não encontra uma saída. No entanto, Paulo não estava *desanimado*, que em grego significa *totalmente perdido*. Como cristãos, iremos enfrentar tribulações. Todavia, devemos lembrar que Deus controla essas provações e faz uso delas para nos fortalecer. A glória do Senhor se manifesta por meio de vasos quebrantados, em pessoas que suportam as dificuldades confiando no poder divino.

4.9 — O que está por trás do significado da palavra *perseguidos* é a ideia de alguém que é caçado como um animal. Paulo não foi *desamparado* pelo Senhor, mas sim *abatido*. Isto aconteceu literalmente (At 14.19). Na cidade de Listra, uma multidão o apedrejou, deixando-o à morte. Entretanto, ele não foi *destruído*, pois conseguiu sobreviver (2 Co 11.23-33). O Senhor poupou a vida do apóstolo para que ele continuasse a pregar as boas-novas e testificasse sobre a libertação divina.

4.10,11 — A frase *trazendo sempre... a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo* significa estar *sempre entregues à morte por amor de Jesus*. Em seu serviço para Cristo, Paulo constantemente enfrentava risco de morte para que a *vida de Jesus* fosse manifesta. A libertação divina do apóstolo foi uma evidência de que Jesus vive (2 Co 1.8-10). Para Paulo, a morte e a ressurreição de Jesus eram um exemplo para seu ministério. Em suas aflições, o apóstolo participou do sofrimento e da morte de Jesus. Entretanto, o fato de Paulo suportar todos os tipos de provações cooperou para que a vida eterna fosse experimentada por aqueles a quem ele pregava o evangelho. Da mesma maneira, a morte de Cristo foi apenas um precursor de Sua ressurreição para a vida eterna.

4.12 — *Em vós, a vida.* Caso Paulo não estivesse disposto a arriscar sua vida para levar o evangelho a Corinto, os coríntios não teriam ouvido falar de Jesus, crido nele e recebido a vida eterna.

4.13 — *Por isso, falei.* Citando o Salmo 116.10, Paulo explicou por que estava disposto a colocar a vida em risco pelo Reino de Deus: sua crença no evangelho o estimulava a contar isso a outros.



EM FOCO

VASOS DE BARRO (GR. *OSTRAKINOS SKEUDS*)

(2 Co 4.7; 2 Tm 2.20)

Nos tempos antigos, era uma prática comum enterrar tesouros em vasos de cerâmica. Duas descobertas recentes de manuscritos bíblicos — o papiro *Chester Beatty* e alguns Manuscritos do mar Morto — revelam que esses documentos ficaram escondidos em jarros por quase dois mil anos. Assim como esses tesouros ficavam guardados em vaso de barro, também o Espírito de Cristo vive em nosso corpo terreno, um “vaso de barro”.

4.14 — *O que ressuscitou.* A fé de Paulo estava no poder de Deus para ressuscitá-lo, o que o motivava a enfrentar dificuldades, perigos e até a morte em favor de Cristo.

Sabendo. Paulo confiava naquilo que conhecia a respeito de Deus, e não em suas próprias emoções.

4.15 — *Por amor de vós.* Todo o sofrimento que Paulo enfrentou (v. 8-11) promoveu o bem para ele e outros, glorificando a Deus.

4.16 — Paulo concluiu que os coríntios não deveriam *desfalecer*, porque Deus os vivificaria em Cristo (v. 14). Este é um excelente princípio. O enfoque apropriado em nosso futuro glorioso com Cristo nos capacita a suportar qualquer tipo de tribulação.

O *homem exterior* aqui é o aparente, que está relacionado aos vocábulos *vaso de barro* (v. 7), *corpo* (v. 10), *carne mortal* (v. 11), *casa terrestre* (2 Co 5.1) e *tabernáculo* (2 Co 5.1). As aflições (2 Co 4.17) que Paulo experimentou (2 Co 4.8-10) contribuíram para essa mortificação. As pressões afligiam apenas seu exterior, pois o homem interior *se renovava* diariamente. Embora o exterior esteja definhando e morrendo, o interior não se deixa abater pois está sendo renovado e revitalizado por Deus.

4.17 — *Produz* aqui significa operar. As aflições produzem glória. Entretanto, esta última tem uma proporção muito maior que as aflições: as tribulações são leves e temporárias se comparadas à glória eterna que iremos receber (Mc 10.30). O enfoque de Paulo no futuro o capacitava a avaliar os problemas da maneira correta e perceber como eram pequenos em comparação aos resultados *eternos* que produziam.

4.18 — O verbo *atentar* significa *manter os olhos em*, considerar, contemplar. A forma substantiva desse verbo significa *objetivo* (Fp 3.14). Para não desanimar, o cristão precisa mudar seu foco, *não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem*, e enxergar as recompensas eternas que irá receber (v. 17).

5.1 — Paulo explica em mais detalhes o que acabou de dizer (2 Co 4.16-18). O corpo humano, como uma casa demolida ou uma tenda

desmontada, será destruído a menos que o arrebatamento preceda a morte. A habitação futura do cristão, seu corpo ressurreto, é nova criação de Deus, é eterna.

5.2 — Os sofrimentos fazem os cristãos *gemem*, ansiando por seu futuro glorioso no céu (Rm 8.22,23).

5.3 — *Não formos achados nus.* Paulo esperava ansiosamente não apenas pelo seu corpo ressurreto, mas também pela recompensa que receberia. O que o cristão faz com a salvação que recebe determina o que irá “vestir” quando estiver reinando com Cristo.

5.4 — A experiência futura do cristão é chamada de *vida eterna*, significando a experiência plena da vida em Cristo. Esta é determinada pelo modo como vivemos atualmente (2 Co 4.17).

5.5 — *Penhor.* A obra do Espírito Santo na vida do cristão pode ser comparada a um depósito ou uma garantia (2 Co 1.22). A presença do Espírito de Deus garante aos cristãos que o Senhor os comprou. Eles não são mais escravos do pecado, mas filhos de Deus. Irão receber todos os direitos e privilégios como filhos de Deus quando seu Salvador retornar.

5.6 — Pelo fato de o cristão ter a garantia divina (v. 5), pode estar *de bom ânimo*, um vocábulo grego que significa *confiante*.

5.7 — *Vista* significa *aparência*. Cristo não está presente fisicamente, portanto os cristãos vivem pela fé (Jo 20.29).

5.8 — Após o pensamento parentético no versículo 7, Paulo retoma o assunto do versículo 6, em que afirma que estava não apenas *confiante* de que estaria partindo para estar com Deus, mas que *desejava* estar *com o Senhor* após sua morte. Essa é uma das passagens no Novo Testamento que indicam para onde os cristãos seguem imediatamente após a morte; estarão com Jesus no paraíso (Fp 1.23). A promessa de Cristo ao criminoso arrependido na cruz ao Seu lado confirma-nos isso: *Hoje estarás comigo no Paraíso* (Lc 23.43).

5.9,10 — O desejo de estar com Cristo (v. 8) produz em nós a vontade de agradecer-lhe (Lc 19.17). Esforçamo-nos para agradecer ao Senhor não apenas porque sabemos que estaremos com

Ele (v. 8), mas também porque Ele irá avaliar nossas obras — *ou bem ou mal* — e nos recompensará da maneira devida. A pessoa que não se importa com a realização de boas obras demonstra uma grave falta de percepção.

Comparecer significa fazer conhecido. Aqui, pode referir-se simplesmente a uma aparição, tal como a um tribunal, perante o juiz. Também pode significar que os cristãos se apresentarão perante o Senhor com seu verdadeiro caráter exposto.

Receber aqui significa ter de volta, obter algo equivalente ou o que é devido. O cristão ou será aprovado ou reprovado por Deus (2 Co 5.3; Lc 19.11-26; 1 Co 3.14,15; 9.27; 1 Jo 2.28; 2 Jo 7,8). Esta verdade deveria mudar drasticamente a maneira como vivemos, pois todas as nossas ações serão avaliadas por nosso Mestre.

5.11-21 — Tanto a certeza do julgamento (v. 11) como do *amor de Cristo* por nós (v. 12-15) motivavam Paulo a proclamar a obra transformadora (v. 16,17,21) e reconciliadora (v. 18-20) de Cristo.

5.11 — A expressão *assim que* indica que este versículo apresenta uma conclusão baseada no anterior. O *temor que se deve ao Senhor* é o medo de comparecer perante Deus e ter a vida exposta e avaliada. A realidade de ter de fazer um relato ao Senhor motivava Paulo a *persuadir* seus ouvintes, neste caso os coríntios, de sua sinceridade e integridade como apóstolo.

5.12 — Paulo defendia a integridade de seu ministério não para ganhar a aprovação dos coríntios outra vez (2 Co 3.1), mas para que aqueles cristãos pudessem responder aos que se gabavam de sua aparência de piedade, tais como os falsos profetas que havia entre eles (2 Co 11.18).

Ocasão aqui significa literalmente *base de operações*. Esta carta seria o alicerce ou base para aqueles que desejavam defender a autoridade e o ministério de Paulo na igreja de Corinto.

5.13 — Se Paulo estava louco ao expor-se a perigos, era *para Deus*. Se *conservava o juízo*, era pelo bem dos coríntios e de outros que seriam salvos por Cristo. O fato é que a motivação do apóstolo no ministério era buscar a glória de Deus e o bem de seus semelhantes, e não sua própria

glória. Portanto, os coríntios poderiam defendê-lo sem receios.

5.14 — A expressão *o amor de Cristo* pode significar: (1) o amor de Cristo por nós; e (2) o nosso amor por Cristo. A última parte do versículo indica que Paulo tinha em mente o primeiro sentido.

Morreu por todos diz respeito à morte de Cristo por todos os que nele creem.

Todos morreram. Em Cristo, morre-se para o pecado (Rm 6.1-14).

5.15 — *Para*, em *para que*, indica que o propósito da morte de Cristo era possibilitar que as pessoas não mais vivessem para si mesmas, mas para Deus.

5.16 — Os cristãos não devem avaliar Cristo ou qualquer outra pessoa de acordo com a carne, ou seja, da maneira como as pessoas normalmente avaliam umas às outras (v. 12).

5.17 — *Em Cristo*. Paulo apresenta os resultados da morte de Cristo a favor dos cristãos e da morte dos cristãos em Jesus (v. 14). Pelo fato de estarem unidos com Cristo em Sua morte e ressurreição, os cristãos participam da nova criação, e recebem os benefícios de serem restaurados por Cristo à condição que Deus estabelecera em Seu plano original (Gn 1.26; 1 Co 15.45-49).

Tudo se fez novo. A vida do cristão deve mudar porque ele está sendo transformado à semelhança de Cristo (2 Co 3.18). Em vez de viver para si próprio, a nova criatura agora vive para Cristo (v. 15). Em vez de avaliar os outros com base nos padrões deste mundo, o cristão enxerga este mundo com os olhos da fé (v. 16).

5.18 — *Deus [...] nos reconciliou consigo mesmo*. Por causa da propiciação de Cristo — e de ter satisfeito às exigências do Pai — Deus agora pode voltar-se para nós. Deus nos faz novas criaturas em Cristo e concede-nos o ministério da *reconciliação*, uma palavra que significa *mudança de um relacionamento de inimizade para um relacionamento amistoso, pacífico*. Aquele que foi reconciliado com Deus tem o privilégio de contar aos outros que eles também podem reconciliar-se com o Criador.

5.19 — Deus pode mudar Seu relacionamento para conosco porque nossos pecados foram



COMPARE

O TRIBUNAL DE CRISTO

O que implica?	Apenas os cristãos comparecerão perante o trono de Cristo. O <i>grande trono branco</i> descrito em Apocalipse 20.11-15 é para os ímpios.
O que é?	Nesse tribunal, Jesus julgará a fidelidade dos cristãos para com Ele e recompensará cada um de acordo com suas obras (1 Co 3.11-15). Esse julgamento não diz respeito ao destino eterno das pessoas; isto é definido no momento em que a pessoa crê em Cristo e aceita-o (ou não) como seu Senhor.
Quem irá presidir?	O Cristo ressurreto.
Onde ocorrerá?	No céu (2 Co 5.10).
Quando ocorrerá?	As Escrituras não afirmam quando irá ocorrer. Obviamente se dará quando todos os cristãos estiverem reunidos no céu.
Qual é a natureza das recompensas eternas?	Alguns comentaristas consideram que as muitas "coroas" mencionadas no Novo Testamento sejam recompensas (1 Co 9.25; 2 Tm 4.8; Tg 1.12; 1 Pe 5.4; Ap 2.10). Essas coroas eventualmente serão colocadas perante o trono de Deus (Ap 4.10). Outros comentaristas citam a parábola das minas em Lc 19.11-27 e entendem que as recompensas eternas estão diretamente ligadas à nossa fidelidade a Deus neste mundo. Não podemos determinar a natureza exata dos <i>novos céus e nova terra</i> ou do <i>reino de Deus</i> . Todavia, as Escrituras parecem sugerir que na eternidade iremos servir e reinar (Mt 25.21,23; Ap 22.3,5).
Por que essa doutrina é importante?	Saber que no futuro iremos comparecer perante Jesus Cristo e rever nossa vida deve servir de motivação para vivermos de modo justo e reto atualmente.
Como podemos preparar-nos para essa "auditoria celestial"?	Caminhar pela fé, e não por vista (2 Co 5.7). Ansiar pelo céu (2 Co 5.8). Estabelecer como nosso principal objetivo na vida a prática de agradar ao Senhor (2 Co 5.9). Lembrar constantemente que compareceremos perante o tribunal de Cristo (2 Co 5.10).

imputados a Cristo. O Senhor lançou nossos pecados sobre Cristo, que nunca pecou, e a morte de Jesus em nosso lugar garantiu o perdão de nossos pecados. Ao cremos em Jesus, Deus imputa a justiça de Cristo a nós (v. 21).

A *palavra da reconciliação* que nos foi confiada consiste em pregarmos o evangelho, contando às pessoas que Deus deseja restaurá-las a um relacionamento correto com Ele (Rm 5.8). Essas são as boas-novas que todos precisam ouvir.

5.20 — *Embaixadores* são mais do que simples mensageiros. São representantes do soberano que os enviou. No império romano, havia dois tipos de províncias: a senatorial e a imperial. As províncias senatoriais eram geralmente pacíficas e bem-vistas por Roma, pois haviam se submetido ao governo romano e estavam sob o controle do senado. As províncias imperiais, no entanto, haviam sido

adquiridas mais tarde, e não eram tão pacíficas; por isso ficavam sob a autoridade do próprio imperador. A Síria, incluindo a Judéia, era uma província imperial, e o imperador enviava embaixadores para governá-la e preservar a paz. Os cristãos haviam sido chamados por seu Rei, Cristo, para servirem como embaixadores em um mundo que se rebelara contra Deus. No entanto, o Senhor deu aos Seus representantes uma mensagem de paz e reconciliação. Dessa maneira, os cristãos são embaixadores de Deus, cuja missão é conclamar as pessoas a reconciliarem-se com Deus e darem ouvidos à voz do Criador, que é perdoador.

5.21 — *Não conheceu pecado*. Jesus nunca cometeu erro algum; no entanto, morreu por causa de nossos pecados, para que pudéssemos ser declarados justos, ao sermos justificados por Ele, o Justo (v. 19).

6.1 — *Exortamos*. Em 2 Coríntios 5.20, Paulo evoca a imagem de Deus estimulando as pessoas a reconciliarem-se com Ele. Aqui o apóstolo implora isso (o mesmo vocábulo grego aparece em 2 Coríntios 5.20).

Em vão. Se os cristãos viverem para si próprios (2 Co 5.15), receberão a graça de Deus, mas não obterão a recompensa celestial por seus serviços ao Senhor (2 Co 5.10; 1Co 3.15). Em Filipenses 2.12 Paulo estimula os salvos a trabalhar para alcançar seu galardão. Os coríntios fracassavam nesse aspecto. Haviam sido salvos, mas estavam estagnados, por assim dizer. Não se esforçavam continuamente pelo *prêmio de sua soberana vocação*. Paulo os estimula a reconsiderar suas metas e corrigir sua rota, para que se assemelhassem mais com o objetivo traçado por Cristo.

6.2 — Paulo cita Isaías 49.8 para lembrar os cristãos coríntios de que Deus estava pronto a ouvi-los e ajudá-los. A salvação (gr. *soterias*) começa com a justificação, continua com a santificação e termina com a glorificação. O Senhor os teria livrado, se eles tivessem se voltado para Ele com fé.

6.3 — *Escândalo* significa ocasião de tropeço. Paulo não fez pessoa alguma tropeçar na fé.

Seja censurado. O vocábulo significa *encontrar erros em* e implica chacota. Em outras palavras, ninguém podia encontrar erros no ministério de Paulo.

6.4-10 — Em inúmeras situações (2 Co 11.23-28), Paulo e seus auxiliares se portaram como

verdadeiros ministros de Deus. Esta passagem apresenta uma lista dos vários tipos de experiências que Paulo e seus colegas de ministério tiveram: (1) os versículos 4,5 descrevem o sofrimento por que passaram; (2) os versículos 6,7 descrevem como se portaram; e (3) os versículos 8-10 descrevem suas experiências paradoxais.

6.4-10 — A expressão *na muita paciência* vem seguida por situações específicas nas quais Paulo e seus auxiliares demonstraram perseverança: 1º) *na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias* (v. 4); 2º) *nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns* (v. 5); 3º) *na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido* (v. 6); 4º) *na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, à direita e à esquerda* (v. 7); 5º) *por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros* (v. 8); 6º) *como desconhecidos, mas sendo bem conhecidos; como morrendo e eis que vivemos; como castigados e não mortos* (v. 9); 7º) *como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo* (v. 10). *Vigílias* indica que permaneciam acordados voluntariamente para se dedicar por mais tempo ao ministério (2 Co 11.27).

6.11—7.4 — Esse trecho é o ponto emocionalmente mais intenso de toda a epístola. Ele começa e termina com Paulo pedindo àqueles cristãos que abrissem o coração para Deus, e



EM FOCO

JUSTIÇA DE DEUS (GR. *DIKAIOSUNE THEOU*)

(2 Co 5.21; Rm 1.17; 3.21, 22; 10.3)

A *justiça de Deus* é a justiça *que vem* do Senhor; é a maneira de Deus fazer com que um pecador seja justificado e torne-se um justo perante Ele.

Lutero definiu a justiça de Deus como “uma justiça válida perante Deus, que o ser humano pode possuir por meio da fé”. Lutero afirmou que essa justiça é a primeira e última necessidade de qualquer pecador.

A palavra *justiça* na carta de Paulo aos romanos carrega um duplo sentido e pode ser definida como a justiça legal e moral. Em outras palavras, o vocábulo se refere tanto às atitudes legais que Deus toma ao declarar que os cristãos estão justificados como à justiça perfeita, que pode ser atribuída apenas ao próprio Deus, e é requerida como o padrão mais elevado de comportamento do ser humano. Como esse padrão elevado não pode ser alcançado por esforços humanos, Deus tem de intervir para justificar Seu povo e levá-lo a um relacionamento correto com Ele em amor, verdade e santidade.

demonstra o intenso desejo do apóstolo de reconciliar-se com os *coríntios*. As acusações contra ele e as práticas pecaminosas daqueles cristãos haviam feito com que se afastassem do apóstolo, pelo menos emocionalmente. Ele havia aberto seu coração para eles, diferente dos coríntios, tentando uma reaproximação.

6.11 — *Ó coríntios*. Paulo convoca seus leitores pelo nome em apenas duas outras ocasiões (Gl 3.1; Fp 4.15). Ao fazer isso, ele estava expressando forte emoção.

6.12,13 — As suspeitas lançadas pelos inimigos de Paulo haviam *estreitado os afetos* dos coríntios pelo apóstolo (2 Tm 4.10). Paulo estava sendo franco para com aqueles cristãos (v. 11) e pedia aqui que agissem da mesma maneira com ele.

6.14 — *Jugo desigual*. O uso que Paulo faz do termo *jugo* é retirado de Deuteronômio 22.10, onde os israelitas são instruídos a não colocar bois e jumentos juntos no arado. O boi era considerado um animal puro, mas o jumento não (Dt 14.1-8). Além disso, a partir de um ponto de vista prático, os dois animais tinham tamanho, natureza e estilo de trabalho diferentes.

Com relação à cidade de Corinto, a história revela que os habitantes eram notáveis pelas associações que tinham. Eles possuíam sindicatos, sociedades e grupos organizados para praticamente tudo. Cada organização tinha seu próprio ídolo ou divindade protetora. O fracasso em obedecer a um ídolo fomentava a ira da divindade e trazia consequências negativas sobre os membros. Portanto [ao formarem grupos, facções, dentro da igreja, que só podia ter um Deus, o verdadeiro], os coríntios adotavam aquele costume idólatra, mesmo afirmando não acreditar mais em doutrinas pagãs. Evidentemente, os coríntios estavam expulsando Paulo de seu coração (v. 11-13) e desenvolvendo uma afeição perigosa pelos falsos apóstolos (2 Co 11.4,13; Pv 4.23).

6.15 — O termo *Belial* utilizado para Satanás ocorre apenas neste versículo no Novo Testamento. Refere-se a uma pessoa vil e iníqua que causa destruição.

6.16 — *Vós sois o templo*. Uma referência a Levítico 26.11,12 e a outras passagens, tais como Jeremias 32.38 e Ezequiel 37.27, para relembrar os coríntios de seu relacionamento com Deus. Como o Espírito Santo estava habitando neles, eram a mais nova morada do Senhor (1 Co 6.19).

6.17,18 — O texto do versículo 17 foi retirado de Isaías 52.11, com o acréscimo de algumas palavras de Ezequiel 20.34. O texto do versículo 18 foi extraído de 2 Samuel 7.14, com acréscimo de palavras de Isaías 43.6.

Sai...e apartai-vos. Paulo não estimulava o isolamento em relação aos descrentes (1 Co 9.5-13), mas desaconselhava o envolvimento com os valores e as práticas pecaminosas deles. Ele instigava os cristãos a preservar a integridade, assim como fez Cristo (Jo 15.14-16; Fp 2.14-16).

6.18 — *Pai*. Essa passagem não traz o ensinamento de que Deus agiria como pai se a pessoa se afastar dos descrentes. Paulo afirma simplesmente que, quando Deus habita a alguém, essa pessoa deve agir como filho de Deus. Assim, terá a experiência plena de ter Deus como pai. Ele irá cuidar dela.

7.1 — Baseado nas promessas de que Deus ia receber os coríntios favoravelmente (2 Co 6.17), sustentá-los e protegê-los como um pai faz com os filhos (2 Co 6.18), Paulo exorta-os a purificarem-se *de toda imundícia*. Em outras palavras, deveriam retirar toda a sujeira *da carne e do espírito*, banir as ações e atitudes estimuladas por falsos mestres em seu meio (2 Co 6.14). O objetivo da purificação é *aperfeiçoar a santificação*. Isso implica dedicar-se a Cristo e viver em retidão (Hb 6.1).

7.2 — Com a admoestação aos coríntios para recebê-lo em seus *corações*, Paulo continua o assunto discutido em 2 Coríntios 6.11-13.

Corrompemos. Talvez os falsos mestres estivessem acusando Paulo de ter recolhido o dinheiro para os cristãos pobres em Jerusalém (1 Co 16.1-4) e tê-lo gastado consigo mesmo.

7.3 — *Não digo isso para vossa condenação*. Paulo não culpava ninguém; estava defendendo a si próprio apenas.

7.4 — Paulo estava *cheio de consolação* e gozo por causa do relato que recebera de Tito a respeito dos cristãos coríntios (v. 7).

7.5 — Paulo se importava muito com seus irmãos de Corinto.

Nossa carne não teve repouso. Anteriormente, o apóstolo havia escrito: *não tive descanso no meu espírito* referindo-se a sua passagem por Trôade (2 Co 2.12,13).

Em tudo fomos atribulados. A mesma expressão em grego, embora traduzida de modo diferente, é utilizada em 2 Coríntios 4.8 para expressar o sofrimento do apóstolo em seu ministério.

7.6 — O Senhor *nos consolou*, ou seja, encorajou Paulo, permitindo que ele visse Tito outra vez.

7.7 — *Mas também pela.* Paulo se animou ao saber como Tito havia sido recebido pelos coríntios,



COMPARE

UM MINISTRO FIEL

Em sua epístola mais autobiográfica, Paulo defende seu ministério, dando-nos informações claras a respeito das inúmeras dificuldades que enfrentava como servo de Cristo.

Referências	Dificuldades enfrentadas por Paulo	A reação de Paulo
2 Co 1.3-7	Tribulação, sofrimentos	Buscou consolo em Deus
2 Co 1.8-11	Ameaças à vida	Confiou em Deus
2 Co 1.12-24	Acusações de opositores, alegando que ele não era digno de confiança	Explicou sua motivação ao mudar o itinerário e adiar a viagem a Corinto
2 Co 2.1-4	Angústia por causa de uma visita desagradável à igreja de Corinto	Expressou seu grande amor
2 Co 2.5-12	Situação desagradável com relação à disciplina eclesiástica	Rogou por perdão e consolo para o pecador arrependido
2 Co 2.17; 4.2,5	Suspeitas sobre sua motivação	Esclareceu sua motivação sincera
2 Co 4.7—5.11	Provações, perseguição e pressões	Perseverou, apegando-se à verdade de que Jesus se manifestava e Deus era glorificado
2 Co 6.3-10	Questionamento de suas credenciais apostólicas	Listou episódios em que sua fidelidade foi testada de várias maneiras, em circunstâncias difíceis, e aprovada por Deus
2 Co 7.2	Alegações de conduta imprópria	Preservou a inocência; declarou sua afeição; rogou por uma reação mais amorosa
2 Co 7.5-7	Conflitos, temor e falta de estímulo	Encontrou consolo na chegada de Tito e nas notícias de que os coríntios se preocupavam com sua situação
2 Co 8.1	Ter de escrever a respeito do complexo tema <i>ofertar</i>	Citou o genuíno exemplo dos cristãos macedônios; desafiou corajosamente os coríntios a ofertarem
2 Co 10.9	Críticas dos falsos apóstolos	Recusou fazer comparações; buscou a recomendação divina
2 Co 11.5	Comparações com os falsos apóstolos	Apresentou seu longo histórico de serviço sacrificial
2 Co 12.1	Um <i>espinho na carne</i>	Orou pedindo a remoção dessa aflição constante e desagradável, então percebeu que era fruto da graça de Deus para com ele, compelindo-o a confiar na força de Deus, e não em sua própria

e ao perceber que aqueles cristãos tinham aceitado suas exortações.

7.8,9 — Paulo se entristeceu por ter sido necessário escrever uma carta ríspida aos coríntios. Entretanto, como ela fez com que eles se arrependessem e se voltassem para Deus, a tristeza do apóstolo foi transformada em alegria. Tradicionalmente, esta *carta* tem sido identificada com 1 Coríntios. Alguns comentaristas mais recentes sugerem que seria outra carta que Paulo teria escrito logo após 1 Coríntios, e que não foi preservada (2 Co 2.3,4).

7.10 — *A tristeza segundo Deus*: A genuína tristeza gerada pelo arrependimento quanto ao pecado cometido leva a pessoa a uma mudança de mentalidade e a uma reconciliação com Deus. Como o termo *arrependimento* significa *voltar-se para Deus*, que é o Salvador, o arrependimento resulta em libertação espiritual e *salvação* (2 Co 6.2). Infelizmente, o tipo de tristeza que o mundo gera *opera a morte*.

7.11 — *Segundo Deus, fostes contristados*. Embora Paulo tenha sido ríspido em sua carta anterior (v. 8), elogiou bastante os coríntios pela maneira como reagiram às suas admoestações.

7.12 — *Cuidado*. Paulo escreveu a carta usando a vara (v. 8) não apenas para corrigir a pessoa que havia pecado, mas também para dizer aos coríntios que se importava com eles (1 Co 4.14).

7.13 — *Por isso, fomos consolados pela vossa consolação*. O consolo que Paulo não pôde alcançar anteriormente (v. 5) veio após o relato de Tito sobre o progresso espiritual em Corinto.

7.14 — *Se nalguma coisa me gloriei*. Paulo se gabara para com Tito de que os coríntios seriam obedientes às suas instruções de 1 Coríntios 5. Essa previsão se tornou realidade.

7.15,16 — *Com temor e tremor*. Sempre devemos receber os mensageiros de Deus e a Palavra do Senhor com reverência e respeito. Tais atitudes trazem bênçãos de Deus (Lc 18.13,14) e aumentam a *confiança* dos líderes cristãos em seus liderados.

8.1—9.15 — Em sua terceira viagem missionária, Paulo levantou uma oferta para aliviar o sofrimento [com a fome] dos cristãos em Jerusalém

e demonstrar a unidade das igrejas judaicas e gentílicas (1 Co 16.1-4; Rm 15.25-28). Aqui ele encoraja os coríntios a participarem dessa coleta e explica como será realizada.

8.1 — A *Macedônia* corresponde à porção norte da atual Grécia. Paulo havia fundado igrejas nas cidades de Filipos, Tessalônica e Beréia.

8.2-5 — Os macedônios eram um excelente exemplo de pessoas generosas porque contribuíam: (1) durante a *tribulação*, (2) apesar de grande *pobreza*, (3) com extremo gozo, (4) além do que podiam, e (5) *voluntariamente*. Na verdade, (6) eles ansiavam pelo privilégio de compartilhar suas provisões com outros cristãos, e (7) *se deram primeiramente ao Senhor* e também aos outros.

8.6 — *Tito* havia dado início à coleta quando estava em Corinto (2 Co 2.13; 7.6,7,13,15). Paulo desejava concluí-la.



EM FOCO

GENEROSIDADE (GR. HAPLOTES)

(2 Co 8.2; 9.11,13; 11.3; Rm 12.8)

Esse vocábulo grego deriva de *haplous*, que significa simples, ou singular. Portanto, *haplotes* expressa a ideia de simplicidade e generosidade. Combinando essas duas ideias, a palavra *haplotes* transmite o sentido de uma oferta dada com satisfação.

Paulo é o único autor do Novo Testamento a fazer uso dessa palavra. Normalmente ele a emprega para descrever a maneira como determinados cristãos contribuíam com satisfação em prol de irmãos que atravessavam períodos difíceis.

8.7 — Os coríntios possuíam dons espirituais e graça divina em abundância (1 Co 1.4-7). Eles tinham o dom da *fé* (1 Co 12.9; 13.2), dons de *palavra*, tais como profecia (1 Co 1.5; 12.10), e o dom de *ciência* (1 Co 1.5; 12.8). Também eram abençoados com *diligência* (2 Co 7.11) e *caridade* para com Paulo (2 Co 7.7).

8.8-15 — Algumas das diretrizes para as coletas são: (1) serem motivadas por amor (2 Co 8.8, 9); (2) serem determinadas pela disposição e capacidade de contribuir (2 Co 8.10-12); e (3) serem estimuladas pela igualdade (2 Co 8.13-16).

8.8 — *Provar.* A generosidade resulta naturalmente do amor sincero.

8.9 — Os coríntios não precisavam de uma ordem (v. 8), pois o exemplo de Cristo lhes ensinou a respeito da oferta de sacrifício.

Sendo rico. Veja João 17.5; Colossenses 1.16.

Fez [-se] pobre. Veja Filipenses 2.7,8, para uma descrição eloquente de tudo que Jesus abriu mão para vir a este mundo.

Para que... enriquecessem se refere às riquezas espirituais que Jesus concede a todos que confiam nele: perdão, justificação, regeneração, vida eterna e glorificação. Jesus nos comprou e livrou do cativo do pecado, tornando-nos filhos de Deus.

Ele nos dá o direito e o privilégio de aproximarmos do Senhor com petições e louvor.

8.10-15 — Ofertar redundaria em galardão para os coríntios quando se apresentassem diante do trono de Cristo no dia do juízo (Fp 4.17). Tal oferta poderia ser considerada um investimento lucrativo (Mt 6.19-21; Ap 22.12).

8.16-23 — Este trecho serviu de carta de recomendação para três homens que seguiram até Corinto com o intuito de recolher as ofertas. O primeiro era Tito, que se importava com os coríntios (2 Co 8.16,17). O segundo era um irmão com excelente reputação, escolhido pela igreja para acompanhar Tito (2 Co 8.18-21). O terceiro



APROFUNDE-SE

OFERTAS NO NOVO TESTAMENTO

O trecho mais detalhado do Novo Testamento a respeito de ofertas encontra-se em 2 Coríntios 8—9. A razão primordial de Paulo ter abordado esse assunto na carta foi o fato de falsos mestres em Corinto estarem questionando a motivação dele para exercer seu ministério. Eles levantaram a suspeita de que Paulo estava embolsando as contribuições destinadas aos cristãos pobres em Jerusalém. Consequentemente, os coríntios, apesar de sua disposição em ajudar, não haviam feito doações em favor daquela causa.

Tomando a pena, Paulo escreve para defender sua integridade (2 Co 1.12). Usando as igrejas da Macedônia como exemplo, o apóstolo descreve aos coríntios por que e como os cristãos devem contribuir.

A seguir segue um resumo do sermão de Paulo:

Quem deve contribuir? Todos os cristãos podem e devem contribuir para a causa de Cristo. A igreja da Macedônia era notoriamente pobre, no entanto pedia para ter o privilégio de ofertar (2 Co 8.4), apesar de *sua profunda pobreza* (2 Co 8.2).

Qual deve ser nossa motivação ao contribuir? Devemos ofertar voluntariamente (2 Co 8.12; 9.2) e com alegria, *não com tristeza ou por necessidade* (2 Co 9.7). É um privilégio participar da obra de Deus. Além disso, é a atitude adequada para com o *dom inefável* de Deus, Seu próprio Filho (2 Co 9.15).

Que quantia devemos dar? Em nenhum trecho no Novo Testamento existe uma alusão à porcentagem ou quantidade específica. Neste trecho, Paulo simplesmente exorta os membros da igreja de Corinto a dar *segundo propuseram no seu coração* (2 Co 9.7). O ideal é que nossas ofertas sejam generosas (2 Co 9.5) e dadas com liberalidade (2 Co 9.11).

O tom geral desta passagem sugere uma oferta de sacrifício. Novamente, os macedônios, como a viúva pobre elogiada por Cristo em Lucas 21.1-4, não doaram o que lhes sobejava; deram mais do que poderiam dispor (2 Co 8.3).

Como essas ofertas devem ser aplicadas? Paulo explicou cuidadosamente que a contribuição dos coríntios seria administrada com integridade por Tito (2 Co 8.16-20,23) e por outros irmãos cujos nomes não são mencionados (2 Co 8.22). Esses homens de caráter inquestionável, confiáveis e irrepreensíveis podiam cuidar de dinheiro. Devemos confiar as finanças da igreja a homens desse calibre moral.

Por que a oferta é tão importante? Nas palavras de Paulo, ela testa a sinceridade de nosso amor por Deus e pelos nossos semelhantes (2 Co 8.7,8). Parafrazeando as palavras de Cristo (Mt 6.19-21), a maneira como lidamos com as riquezas materiais é um "termômetro" de nossa saúde espiritual.

Quais são os resultados de nossas ofertas? Não devemos contribuir visando receber algo em troca, mas Paulo deixa claro que a oferta produz suprimento de necessidades e prosperidade. O ofertante experimenta o amor de Deus de uma maneira especial (2 Co 9.7). Desfruta de bênçãos espirituais por participar de uma rica colheita de justiça (2 Co 9.10).

era outro irmão que, como os demais, era digno de confiança (2 Co 8.22,23).

8.16,17 — *Graças a Deus*. Paulo pediu a Tito que fizesse a viagem, mas este *partiu voluntariamente*, provavelmente custeando a viagem com suas próprias finanças. Paulo atribuiu esse desejo *no coração de Tito* a Deus (Fp 2.12,13).

8.18 — Há várias hipóteses sobre quem era *aquele irmão*. Ele já foi identificado com Lucas, Barnabé, Silas, Timóteo, João Marcos e outros. As igrejas do primeiro século sabiam quem ele era, mas atualmente não se sabe.

8.19 — Como Tito, ele foi *escolhido pelas igrejas para companheiro da nossa viagem*, para auxiliar os apóstolos na coleta de ofertas para os cristãos de Jerusalém. Provavelmente era um dos homens citados em Atos 20.4.

8.20-24 — Esses homens honestos foram enviados para recolher as ofertas e fazer o que era *honesto diante do Senhor e dos homens*; além disso, evitariam que qualquer pessoa pudesse culpar Paulo de má utilização dos recursos [em benefício próprio]. O versículo 21 é uma citação de Provérbios 3.4.

9.1 — Neste versículo, a oferta em favor dos cristãos em Jerusalém é chamada de *administração... a favor dos santos*.

9.2 — A disposição dos coríntios levou a maioria dos macedônios a contribuir.

9.3,4 — Paulo estava na Macedônia quando escreveu esta carta (2 Co 2.13; 7.5). Ao partir de lá para ir a Corinto, alguns dos macedônios certamente foram com ele. O apóstolo não desejava que estes homens chegassem sem que os coríntios tivessem completado a coleta das ofertas (2 Co 8.11), para não ficarem *envergonhados*.

9.5 — *Estes irmãos* são a delegação em 2 Coríntios 8.16-20.

9.6 — *Semeia pouco*. A lei da sementeira é mencionada repetidas vezes nas Escrituras (Pv 11.24, 25; 19.17; Lc 6.38; Gl 6.7). Paulo a relacionou ao ato de ofertar. Contribuir é como lançar sementes. A quantidade da colheita é determinada pelo número de sementes plantadas.

9.7 — Conhecendo a *lei da sementeira* (v. 6), cada cristão deve dar *segundo propôs no seu coração*. O cristão deve contribuir voluntariamente e com alegria, não por compulsão e remorso.

9.8 — Se ofertamos, *Deus é poderoso* para nos dar mais, para que possamos realizar outras boas obras. Em outras palavras, Deus garante que o ofertante generoso não passe necessidades. Em vez disso, o Senhor sustenta aqueles que ofertam para que continuem a fazê-lo.



ENTENDENDO MELHOR

A COLETA DE PAULO PARA JERUSALÉM

A coleta de ofertas feita por Paulo para a Igreja em Jerusalém parece ter se iniciado no chamado Concílio de Jerusalém (At 15; Gl 2.1-10). Os apóstolos e anciãos do conselho concordaram que Paulo devia realizar sua missão entre os gentios, e pediram que ele se lembrasse dos pobres (Gl 2.1-10), referindo-se indiretamente à coleta de ofertas em favor da Igreja em Jerusalém. Essa coleta, portanto, estava no cerne da obra missionária de Paulo.

Essa oferta permaneceu como um dos alicerces do ministério do apóstolo. Ele faz menção disso ao escrever às igrejas de Corinto (1 Co 16.1-4) e de Roma (Rm 15.25-27). Ele elogiou as igrejas da Macedônia e da Acaia por sua generosidade em ofertar (Rm 15.26; 2 Co 8.1-4).

Por que os cristãos de Jerusalém pediram tal oferta, e por que Paulo manteve isso como um tema central de seu trabalho entre os gentios, os não judeus? Provavelmente porque considerava que seu ministério cumpria as promessas das Escrituras judaicas, o Antigo Testamento. Paulo cria que o final dos tempos tinha tido início com a ressurreição de Jesus Cristo e que, por intermédio de Jesus, Deus havia começado a cumprir as promessas do fim dos tempos descrito nas Escrituras. Entre essas promessas escatológicas, reveladas principalmente no livro de Isaías, Jerusalém receberia destaque especial. Isaías fala de uma nova era na qual Deus iria unir tanto judeus como gentios na adoração a Ele em Jerusalém (Is 66.16-21).

Não é de se admirar que essa coleta tenha sido de fundamental importância para a missão de Paulo. As ofertas levavam riquezas dos gentios para Jerusalém, assinalando o cumprimento do plano de Deus para Israel por intermédio de Jesus. Por fim, Paulo retornou a Jerusalém com as ofertas, entregando-as à Igreja naquela localidade por volta do ano 57 d.C. (At 21.15-17; 24.17).

9.9 — Sua justiça diz respeito aos atos de generosidade das pessoas boas.

Permanece para sempre. O ato de ofertar traz bênçãos eternas para os que recebem e também para os que contribuem (Mt 25.31-40).

9.10 — Este versículo é a oração de Paulo para que a bênção de Deus seja derramada sobre os coríntios. As frases *dá a semente ao que semeia e pão para comer* são adaptações do texto em Isaías 55.10. A última parte do versículo remete a Oséias 10.12.

9.11 — *Em tudo enriqueçais.* O cristão generoso na obra de Deus será abençoado. O Senhor conhece nossas necessidades e as supre.

A qual faz que [...] se dêem graças. Aqueles que experimentam a generosidade do povo de Deus geralmente dão graças ao Senhor (v. 12-14).

9.12,13 — A oferta redundante em uma graça dupla. Ela *supre as necessidades dos santos* e também *redundante* (transborda) em *muitas graças, que se dão a Deus*. Consequentemente, o Senhor é glorificado. Podemos notar que esse é um processo cíclico. A partir das riquezas de Sua graça, Deus supre as necessidades do cristão. Este, como uma expressão de gratidão e liberalidade, compartilha dessa abundância com outras pessoas que, por sua vez, direcionam suas expressões de

gratidão (ações de graça) a Deus, em quem a bênção se originou. Assim o ciclo se completa.

Paulo diz que *os santos [...] glorificam a Deus pela submissão que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles*. O ato de contribuir com a obra de Deus é uma prova de obediência ao evangelho.

9.14 — *Sua oração por vós.* Paulo já antecipava que a graça de Deus levaria os cristãos de Jerusalém a orar pelos cristãos de Corinto e importar-se profundamente com o bem-estar desses irmãos.

9.15 — *O dom inefável* de Deus é Seu Filho, Jesus Cristo. Nossas ofertas nunca irão comparar-se ao sacrifício que Deus fez por nós.

10.1 — *Eu, Paulo.* Paulo, de certo modo, atribui o conteúdo desta epístola a ele e a Timóteo, nos nove capítulos (2 Co 1.1). Neste trecho da mensagem, o apóstolo enfatiza que apenas ele se dirige aos coríntios.

Quando presente... humilde... ausente, ousado. Essa é uma citação do argumento dos críticos de Paulo na igreja de Corinto. Eles o acusaram de ser fraco [tímido] quando estava presente, e ousado [duro, áspero] apenas em suas cartas (v. 9,10).

10.2 — Ao dizer *rogo-vos*, Paulo estava pedindo gentilmente aos coríntios que lidassem com



APLICAÇÃO

AUXÍLIO PARA OS POBRES

Em comparação a muitos dos cristãos modernos, que vivem confortavelmente, nossos irmãos de Corinto pareceriam pobres. Mas Paulo descreveu os cristãos da Macedônia como indivíduos que viviam em *profunda pobreza* (2 Co 8.2). Portanto, estes eram muito mais pobres que os coríntios. Então, o que as Escrituras querem afirmar quando dizem que Deus *deu aos pobres* (2 Co 9.9)? E o que significa para os cristãos dos dias de hoje, que são relativamente abastados?

O vocábulo traduzido como *pobre* (2 Co 8.9) descreve alguém que trabalha para ganhar a vida. Essas pessoas distinguem-se dos realmente desafortunados, miseráveis. Talvez os coríntios tivessem alguns dias difíceis, mas, ao menos, não corriam o risco de morrer. Em contraste, os pobres da Macedônia se encontravam em perigo iminente de perecer, caso não recebessem alguma ajuda financeira.

Paulo falou sobre a dispensação de Deus aos pobres, os trabalhadores diários. Comparou a oferta não a sementes (2 Co 8.9,10). Com isso ele queria afirmar que Deus auxiliaria os coríntios aumentando a sementeira, os recursos deles, para que pudessem ajudar mais os cristãos realmente necessitados em Jerusalém.

Então, qual a implicação disso para os cristãos da atualidade, que têm um emprego relativamente estável, um bom salário, casa própria e conseguem guardar pelo menos um pouco de dinheiro para a aposentadoria? Com certeza, Paulo nos consideraria ricos, pois podemos até trabalhar duro, mas temos uma renda satisfatória, com a qual os cristãos do primeiro século sequer sonhavam. [Portanto, estamos aptos a contribuir com a obra de Deus e ajudar os irmãos menos abastados].

esses opositores antes que Paulo visitasse a congregação, para não ter de ser ríspido com eles. Os oponentes de Paulo afirmaram que ele *andava segundo a carne* e que pensava apenas em si próprio por não ter feito a visita como havia prometido (2 Co 1.17).

10.3 — *Andando*. Paulo afirma que, como ser humano, vivia na carne (gr. *sarx*), mas insiste que não guerreava de acordo com a carnalidade (gr. *sarx*). Com isso ele queria dizer que não conduzia seu ministério para agradar a si mesmo, pois isso era o oposto da vontade divina.

10.4,5 — *Fortalezas... altivez*. Próximo à antiga cidade de Corinto, havia uma colina com mais de 600 metros de altura. No topo dela, havia uma fortaleza. Paulo usou essa imagem como uma ilustração da batalha espiritual que travava. Ele destruíra fortalezas, derrubava torres [símbolos de altivez] e fazia prisioneiros. A fortaleza, as torres e os cativos representavam os *conselhos*, pensamentos e planos aos quais Paulo se opunha. O apóstolo derrubou todo tipo de ideologia [contrária ao evangelho e que impedia às pessoas o conhecimento da verdade]. Ele levou cativos à *obediência de Cristo* todo argumento e toda intenção do coração que antes eram contrários a Deus. Nossas ações revelam nossos pensamentos. Não devemos apegar-nos a ideias que não se conformam com a vida e os ensinamentos de Cristo.

Paulo não caminhava de acordo com a carne e os desejos mundanos; em vez disso, derrotava a carne. Ele explica sua estratégia em 1 Coríntios 9.24-27, ao declarar: *subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão*.



EM FOCO

SERVIÇO (GR. LEITOURGIA)

(2 Co 9.12; Fp 2.17, 30; Hb 8.6)

Este termo significa *ministério público* ou *dever oficial*. O vocábulo relacionado *leitourgos* é usado com frequência na literatura grega para designar um homem que realizava algum serviço público (Rm 13.6). Em geral, descreve um servidor ou administrador público. Paulo fez uso do termo *leitourgia* com relação ao serviço daqueles que trabalhavam em prol da Igreja.

10.6 — Após Paulo destruir fortalezas, derrubar torres e fazer prisioneiros, estava pronto para fazer justiça à *desobediência* de *alguns* (2 Co 10.2).

10.7 — Neste contexto, *ser de Cristo* significa mais que meramente pertencer a Ele. Quer dizer agir como Seu servo ou Seu discípulo (v. 8).

10.8,9 — Paulo tinha *poder* [autoridade] como apóstolo *para edificação*. Sua exortação nesta carta se destinava a corrigir abusos, e não a promover a *destruição* da congregação. Paulo reforça sua autoridade ao final de sua carta (2 Co 13.10).

10.10 — *Dizem*. Paulo falava de maneira simples, para que o poder de Deus ficasse evidente. Não usava técnicas complexas de retórica para influenciar seus leitores e ouvintes. Os críticos do apóstolo na igreja de Corinto tentavam usar esse estilo simples e desprezioso contra ele (2 Co 11.6; 1 Co 1.17; 2.1-5).

10.11 — Paulo pretendia demonstrar que suas atitudes correspondiam às suas palavras.

Tais seremos também por obra, estando presentes. Ele não fazia ameaças infundadas.

10.12 — *Esses*, os críticos de Paulo, recomendavam a si próprios (2 Co 3.1), julgavam a si mesmos com base em suas próprias opiniões pessoais e comparavam-se aos demais. Confronte essa atitude com o conselho de Paulo para estimarmos os semelhantes acima de nós mesmos (Fp 2.3,4).

10.13-15 — Paulo se gabava apenas no âmbito do ministério que Deus lhe concedera, mas isso incluía os coríntios. Já os críticos de Paulo gabavam-se de algo com o qual não tinham trabalhado ou que não tinham cultivado, provavelmente os resultados ministeriais do apóstolo em Corinto.

10.16 — *Lugares que estão além de vós*. Em Romanos, carta que Paulo escreveu por volta dessa época, ele afirma seu desejo de pregar o evangelho na Espanha (Rm 15.24).

10.17 — O líder cristão não *se gloria* em suas próprias realizações, mas *no Senhor* e no que Ele faz.

10.18 — Paulo começa este trecho da mensagem afirmando que não se incluirá entre os que recomendavam a si próprios (v. 12). O motivo de não fazê-lo era que *o Senhor* o declararia um

obreiro fiel (1 Co 4.5). Ao longo deste trecho, Paulo se mostra bastante cauteloso em gloriar-se apenas no Senhor e em Sua obra para estabelecer suas credenciais como apóstolo aos coríntios.

11.1-15 — Paulo se gaba de seus princípios com relação às finanças. Ele apresenta três motivos para isso: (1) ele se importava profundamente com os coríntios (2 Co 11.2,3); (2) os coríntios pareciam dispostos a tolerar aqueles que pregavam um outro evangelho (2 Co 11.4) e (3) ele, Paulo, não era inferior aos apóstolos de maior destaque (2 Co 11.5, 6).

11.1 — Paulo precisa citar algumas de suas virtudes para combater as críticas que recebera. Em sua opinião, gabar-se de si próprio era *loucura*, embora neste caso fosse necessário, como um mecanismo de autodefesa.

11.2 — Paulo amava os coríntios e realmente sentia-se *zeloso* [enciumado] porque, como seu “pai espiritual” (1 Co 4.15), os havia *preparado* para Cristo e desejava apresentá-los ao Senhor como uma *virgem pura*. Ele não queria que os coríntios se deixassem corromper pelos ensinamentos de falsos mestres (v. 3,4).



APLICAÇÃO

A DEFESA DE PAULO

Falo como fora de mim (2 Co 11.23). Estas palavras parecem saltar das páginas de 2 Coríntios. Aparentemente não deveriam constar na Bíblia. Por que algum apóstoloalaria como se tivesse perdido o juízo? Contudo, uma observação mais refletida revela o motivo por trás das palavras de Paulo: combater os falsos mestres que haviam se infiltrado na igreja de Corinto.

Embora não saibamos a que grupo filosófico ou teológico tais indivíduos pertenciam, podemos identificar algumas de suas crenças a partir das duas cartas de Paulo aos coríntios. Evidentemente, eles se orgulhavam de sua herança judaica (2 Co 11.22). Esse grupo também podia estar envolvido com o chamado “gnosticismo incipiente”. Davam muito valor ao conhecimento e às experiências espirituais (1 Co 8.1), para eles, acessíveis apenas a mestres talentosos, provavelmente os que tivessem um domínio especial da retórica grega (2 Co 11.6). Esses falsos mestres não apenas caluniavam Paulo. Eles negavam também a autoridade espiritual do apóstolo (2 Co 12.11) e a veracidade do que Paulo pregava.

Alguns teólogos afirmavam que havia vários grupos que lançavam oposição a Paulo. Provavelmente isso é verdade, porque o apóstolo menciona a existência de divisões na igreja coríntia (1 Co 1.12,13). Assim, para combater tais acusações contra ele, Paulo enfrentou grande oposição e apresentou suas credenciais apostólicas, de maneira que sua vida e seu ministério ficassem como um livro aberto, para quem desejasse examiná-lo. No entanto, mais que defender a si próprio, o grande apóstolo estava escrevendo com mais outro objetivo em mente. Ele desejava advertir os coríntios a respeito dos perigos que os falsos ensinamentos traziam. Portanto, Paulo, ainda que relutante, apresentou o contraste entre seu próprio ministério e o de seus rivais. De acordo com o apóstolo, aqueles falsos mestres pregavam *outro Jesus* e *outro evangelho* (2 Co 11.4). Paulo os considerava *obreiros fraudulentos* (2 Co 11.13). Diferente de Paulo, aqueles impostores exigiam pagamento por seus serviços (2 Co 11.7-9) e tinham um ministério bastante cômodo e tranquilo.

Para se defender, o apóstolo foi forçado a “gloriar-se” de seu trabalho missionário. No entanto, a forma como o fez foi bastante incomum: ele se gabou de suas fraquezas e de seu sofrimento. Paulo não se gloriou de suas próprias realizações, mas do que Deus realizou por intermédio dele em meio a provações e dificuldades, que claramente demonstravam o poder de Cristo na vida do apóstolo (2 Co 12.9).

Muitos séculos mais tarde, os personagens mudaram, mas a história continua a mesma. Nossas igrejas continuam sendo invadidas por pessoas que divulgam ideias contrárias à Bíblia. Muitos desses falsos mestres da atualidade parecem bastante sinceros. Falam com grande envolvimento emocional e eloquência. Suas ideias parecem fazer perfeito sentido. Todavia, temos de agir com muita cautela. O potencial dos meios de comunicação de massa modernos tem atraído falasões que amenizam o *comichão nos ouvidos* (2 Tm 4.3) de seus ouvintes para obter um ganho pessoal. Cada mensagem que ouvimos deve ser sempre confrontada com a Palavra de Deus.

E o que devemos fazer quando detectarmos falsos mestres em nosso meio? Sobre esse assunto, o Novo Testamento é bastante claro: aqueles que causam divisões na igreja, defendendo crenças antibíblicas, devem ser excluídos da comunhão (2 Co 6.14; Rm 16.17, 18; 1 Tm 6.3-5; Tt 3.9-11; 2 Jo 9-11). Não deve haver tolerância. Se não tomarmos essa atitude, as falsas doutrinas se espalharão como um câncer que invade o corpo humano, enfraquecendo-o e causando sua morte.

11.3 — Paulo tinha receio de que Satanás enganasse os coríntios, corrompendo a mente deles e afastando-os da simplicidade que há em Cristo. O vocábulo grego traduzido como *simplicidade* é usado em 2 Coríntios para descrever a sinceridade (2 Co 1.12) e a generosidade (2 Co 8.2,9). Os coríntios tinham um coração sincero para Cristo, e expressavam isso por meio da generosidade. Se Satanás os levasse a acreditar em alguma mentira, ele poderia destruir o amor genuíno deles pelo Senhor. Um efeito prático seria fazê-los desistir do compromisso de completar a coleta das ofertas. Nunca devemos subestimar as estratégias do grande enganador. Devemos manter os olhos em Cristo e Sua luz, que dissipa as trevas.

11.4 — *Outro Jesus* seria um Cristo apenas humano, mas não divino; crucificado, mas não ressurreto. *Outro espírito* aqui seria um de medo, e não de fé (2 Co 4.13); de escravidão, e não de liberdade (2 Co 3.17; Gl 5.1). *Outro evangelho* seria um baseado na Lei, mas sem a graça; fundamentado em obras, mas sem a fé.

11.5 — Alguns consideram a referência a *mais excelentes apóstolos* como uma expressão de sarcasmo sobre os falsos apóstolos em Corinto (v. 13). Outros, que Paulo estava comparando-se aos genuínos apóstolos de Cristo, como faz mais adiante na carta (12.11,12).

11.6 — Ao usar a expressão *rude na palavra*, Paulo queria dizer que ele não era um orador profissional, cheio de retórica mundana. Isso não significava que fosse um mau orador, apenas que não usava as técnicas de oratória grega, para convencer seus ouvintes. Não lhe faltava *ciência*, ou conhecimento, pois havia recebido revelações diretamente do Senhor (Gl 1.11,12).

11.7,8 — *De graça*. Nos dias de Paulo, os filósofos e mestres profissionais na sociedade grega cobravam para ensinar. Paulo não. Ele tinha sua própria fonte de renda (At 18.3), pregava o evangelho voluntariamente (1 Ts 2.9) e recebia apoio financeiro de outras igrejas. Aqueles que pregam o evangelho devem tirar do próprio evangelho o sustento (1 Co 9.14). Embora Paulo tivesse o direito de ser sustentado pelos coríntios, escolheu não fazê-lo para demonstrar sua integridade e

desinteresse em aproveitar-se da boa-fé de seus ouvintes para lucrar materialmente com o evangelho (1 Co 9.12).

11.9 — *Os irmãos que vieram da Macedônia* provavelmente eram de Filipos (Fp 4.14-18).

11.10 — Paulo se *gloriava* porque pregava sem cobrar por isso (v. 7,8).

11.11 — Paulo pergunta retoricamente por que não havia aceitado dinheiro dos coríntios e rejeita a sugestão de que assim o fez porque não os amava.

11.12 — Paulo não aceitou dinheiro dos coríntios porque não desejava dar aos seus críticos *ocasião*, ou oportunidade, de colocarem-se em pé de igualdade com ele.

11.13 — Os críticos de Paulo aparentemente se intitulavam *apóstolos de Cristo*, mas Paulo afirmou que estavam apenas *transfigurando-se* [em anjos de luz]. Essa palavra significa mudar de aparência, disfarçar-se, pois na verdade eles eram falsos mestres.

11.14,15 — *E não é maravilha*. Se Satanás, o príncipe das trevas, pode disfarçar-se de anjo de luz (v. 14), então seu servos, os ministros do mal, também podem passar por *ministros da justiça*. A principal arma de Satanás é o engano.

11.16 — O uso do termo *também* indica que os oponentes de Paulo estavam gabando-se.

11.17 — *Não [...] segundo o Senhor* significa em desacordo com os padrões divinos. Esse tipo de elogio pessoal não era característico de Deus. Jesus Cristo foi exemplo de humildade, e não de orgulho pessoal (Fp 2.5-11).

11.18,19 — Os falsos apóstolos se gabavam *segundo a carne*, ou seja, avaliavam-se de acordo com seus próprios padrões, em vez de adotarem os de Deus. Infelizmente os coríntios estavam dando ouvidos a eles (v. 19,20).

11.20 — Os coríntios faziam mais do que apenas ouvir. Estavam dispostos a ser insultados, escravizados, dominados e, até mesmo, abusados.

11.21 — Os críticos de Paulo o haviam acusado de ser fraco (2 Co 10.10). Ele afirma de modo sarcástico, então, que era fraco demais para dominar os cristãos coríntios de modo tão agressivo como os falsos apóstolos haviam feito.

11.22—12.10 — Esta passagem às vezes é conhecida como o “discurso do tolo” (2 Co 11.23; 12.6,11). Nele Paulo se gloria de sua herança (2 Co 11.22), de seu sofrimento como ministro de Cristo (2 Co 11.23-33) e de suas experiências espirituais (2 Co 12.1-10). Entretanto, todas essas coisas demonstram como a força divina manifestava-se por meio da fraqueza do apóstolo (2 Co 12.10).

11.22 — *Também eu*. Os adversários de Paulo eram judeus e aparentemente consideravam que isso os tornava superiores não apenas aos gentios, mas também aos judeus de fala grega. Paulo se gabou de ser tão judeu quanto seus oponentes. [Mas não usava isso para se julgar superior a ninguém.]

11.23-33 — A longa lista de problemas apresentada por Paulo inclui sofrimento físico, viagens longas e difíceis, esforço e desgaste. Ele sofreu intensamente por seguir a Cristo. Quem imagina que a fé cristã trará saúde, riquezas e circunstâncias confortáveis se esquece do que Paulo passou. O apóstolo não se deixava levar por esse engano. Ele sabia muito bem que a fidelidade a Deus pode atrair dificuldades, e não facilidades (2 Co 12.9,10). Todavia, as provações temporárias sofridas em favor do evangelho produzem recompensas eternas.

11.23-26 — Os opositores de Paulo não eram *ministros de Cristo*, mas apenas *falsos apóstolos* (v. 13), *ministros de Satanás* (v. 15). Entretanto, para servir ao debate, Paulo respondeu às afirmações daqueles indivíduos como se o que dissessem fosse verdade.

Falo como fora de mim. Paulo hesitava em vangloriar-se de suas realizações espirituais, porque sabia que Deus é quem havia tornado eficientes a pregação e os serviços do apóstolo. Paulo era apenas um instrumento nas mãos do Senhor, e Deus era quem merecia a glória. Paulo se orgulhava, *vangloriava*, no Senhor (2 Co 10.17).

11.27 — *Fome e sede* implica ficar sem comer e beber involuntariamente; *jejum* implica ficar sem alimento voluntariamente, em prol do ministério (2 Co 6.5).

11.28,29 — A ansiedade de Paulo em cuidar de *todas as igrejas*, principalmente dos cristãos

mais fracos, é citada no clímax de sua lista de provações. Ele se importava com os fracos de tal maneira que se identificava com sua fraqueza e ficava indignado com aqueles que os faziam *escandalizar* pelo pecado.

11.30,31 — *Fraqueza*. Paulo descreve sua fraqueza com mais detalhes em 2 Coríntios 12.7-10.

11.32 — *Rei Aretas*. Aretas IV (9 a.C.—40 d.C.), sogro de Herodes Antipas, foi rei de Nabatéia, cuja capital era Petra. A Nabatéia incluía a cidade Damasco antes de esta ter sido incorporada à província romana da Síria. Aretas pôde designar um governador para Damasco, pois o imperador Calígula (37—41 d.C.) deu àquele governante controle sobre a cidade.

11.33 — Escapar de Damasco *num cesto* foi um episódio que Paulo citou para ilustrar por que podia gloriar-se em sua fraqueza (v. 30) [porque esta atraía o favor de Deus; neste caso, o escape que o Senhor lhe dera].

12.1 — Paulo decidiu citar as *visões e revelações* que recebera de Deus provavelmente para combater afirmações semelhantes dos falsos mestres; todavia, ele as contrastou com as provações que já havia sofrido no ministério (v. 7-10).

12.2 — Mais adiante (v. 5-7), fica aparente que Paulo estava falando de si próprio, mas apresentava suas experiências com modéstia, mencionando *um homem em Cristo* como se esses acontecimentos tivessem ocorrido com outra pessoa.

Paulo escreveu 2 Coríntios aproximadamente em 56 d.C.; *catorze anos* antes teria sido o ano 42, quando ele estava em Antioquia (At 11.26).

Terceiro céu. Naquela época as pessoas comumente falavam sobre três céus: o primeiro, o atmosférico, onde os pássaros voam; o segundo, o cósmico, o espaço ocupado pelo sol, a lua e as estrelas; e o terceiro, o celestial, onde Deus habita.

12.3,4 — O céu (v. 2) aqui é chamado de *paraíso*. Esta experiência pode ser comparada a outras na Bíblia. Deus “desceu” à terra e encontrou-se com Moisés no monte Sinai. Moisés e Elias desceram do céu para encontrar-se com Cristo. Pedro, Tiago e João viram o Cristo transfigurado no monte. João teve visões do trono celestial. Paulo afirma ter sido transportado em

espírito ao céu, de lá retornado com revelações extraordinárias. A experiência provavelmente ajudou o apóstolo a suportar seu sofrimento pela causa de Cristo. Todavia, ele nunca enfatizou a própria experiência em suas mensagens; em vez disso, sempre pregou sobre Cristo crucificado (2 Co 4.1-5).

12.5 — *De um assim* (gr. *hyper tou toioutou*, levando em consideração alguém assim). Novamente Paulo não se gabava de si próprio, mas da experiência que o Senhor lhe permitiu ter.

Me gloriarei eu. Tal favor e privilégio divinos justificam a reação do apóstolo.

Mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. Paulo tem o cuidado de manter a atenção dos seus leitores no verdadeiro objeto de seu “orgulho”.

12.6 — *Que em mim vê.* É muito fácil afirmar ter tido uma experiência espiritual, mas os outros só podem verificar nossa fé observando nossa vida. Paulo desejava ser avaliado com base em suas palavras e seus feitos.

12.7 — *Espinho* significa farpa, estaca ou algo pontiagudo. [Aqui, pode ser uma alusão a inimigos, como em Números 33.55.] *Carne* aqui pode referir-se ao corpo físico ou à natureza pecaminosa.

Existem três interpretações básicas para o significado do *espinho na carne* de Paulo, e são as seguintes: (1) Se o termo *carne* é uma referência ao corpo, então o *espinho* pode ter sido uma doença, como dor de ouvido, de cabeça, problemas na vista, epilepsia ou febre crônica. (2) Se o termo *carne* é uma referência à natureza pecaminosa,

então esse *espinho* pode ter sido algum tipo de tentação. (3) Se a expressão é figurativa, pode referir-se à perseguição ou às oposições. A maioria dos comentaristas acredita que o *espinho* era ou uma doença [problemas na vista, com base no texto de Gálatas 4.15], ou inimigos, dado o contexto bíblico em que está inserido e a interpretação comum dos judeus para o termo *espinho*.

Mensageiro de Satanás. Deus permitiu que o diabo afligisse Paulo, como fez com Jó (Jó 1; 2).

Esbofetear significa golpear com o punho (Mt 26.67). O *espinho na carne* de Paulo era uma experiência dolorosa e humilhante com o intuito de evitar o orgulho pessoal.

12.8 — *Orei.* Apresentei meu caso, requisitei ao Senhor.

12.9 — *Fraquezas... poder.* Quando os cristãos estão sem forças e olham para o Senhor (v. 8), Ele lhes transmite poder por meio de Sua graça.

12.10 — Paulo não apenas se gabava de sua fraqueza (v. 9), ele afirmou que sentia *prazer*, pois pela sua fraqueza o poder de Cristo na vida de Paulo tornava-se mais aparente às pessoas. Isso poderia trazer louvor ao Único que merecia recebê-lo.

12.11 — Os coríntios *constrangeram* Paulo a gloriar-se, porque deram ouvidos aos falsos profetas (2 Co 11.4) e foram ludibriados por eles (2 Co 11.12).

12.12 — Quando Paulo plantou a Igreja em Corinto, realizou *sinais do... apostolado*, milagres ou evidências sobrenaturais que demonstravam sua autoridade como um apóstolo (At 14.3).



APLICAÇÃO

FORÇA NA FRAQUEZA

O mundo valoriza a força. A força física de atletas, a força financeira de empresas, a força política dos cargos governamentais e a força militar dos exércitos são valorizadas. Todavia, Paulo apresentou um conceito de força diferente. Ele afirmou que a fraqueza pode atrair o poder de Deus, tornando um indivíduo forte (2 Co 12.7-10).

A maioria de nós não teria problema algum se Deus usasse apenas nossos pontos fortes, tais como a capacidade de pregar, organizar, gerenciar ou vender. No entanto, suponhamos que Ele escolha usar-nos naquelas áreas em que temos mais dificuldade. Moisés afirmava ser um mau orador (Êx 4.10), mas o Senhor o usou como porta-voz dele em Israel. Pedro era impulsivo e impaciente, porém Deus o usou como um dos principais líderes da Igreja primitiva.

Nossas fraquezas podem levar-nos a confiar em Deus muito mais do que nossos pontos fortes o fariam.

12.13 — *Em que tendes vós sido inferiores às outras igrejas.* Em outras palavras, Paulo perguntou: “De que modo vocês consideram sua igreja deficiente por não ter sido fundada por um dos outros apóstolos?” (veja 1 Co 1.6,7).

A *não ser que eu mesmo vos não fui pesado.* A única “falha” do ministério paulino em Corinto foi o fato de ter dado tratamento preferencial àqueles cristãos. Contra tamanha ingratidão, a ironia de Paulo lança um golpe mortal. E, como se a lâmina não tivesse sido profunda o suficiente, ele intensifica sua ironia com as palavras: *Perdoai-me este agravo.*

12.14 — *Eis aqui estou pronto para, pela terceira vez, ir ter convosco.* A primeira visita de Paulo a Corinto ocorreu em sua segunda viagem missionária (At 18.1-18). Pelo fato de o apóstolo ter mencionado uma “visita dolorosa” em 2 Coríntios 2.1, considera-se que a segunda ida de Paulo à cidade tenha ocorrido num período em que estava hospedado em Éfeso, antes de ter escrito esta carta (At 19.1-14). Por outro lado, há quem pense que uma segunda visita antes dessa época não teria acontecido e que o termo *pronto* nesse versículo indica que Paulo havia se preparado para ir a Corinto uma terceira vez, mas que, na verdade, não fez tal viagem (2 Co 1.15,16,23; 2.1-4).

Ele prometeu não ser *pesado*, ou seja, estava recusando o sustento financeiro dos coríntios.

12.15 — *Pelas vossas almas* quer dizer para o total bem-estar dos coríntios. Às vezes parece que, quanto mais dedicamos *amor* a algumas pessoas, menos somos *amados* por elas. Entretanto, Paulo não deixou de amar os coríntios, mesmo não havendo aparente reciprocidade.

12.16,17 — Anteriormente, Paulo afirmara que não estava *andando com astúcia* (2 Co 4.2). Ele também havia destacado que Satanás era enganador (2 Co 11.3) e que os falsos apóstolos eram como anjos do diabo (2 Co 11.13,14). Agora ele repete a afirmação de seus opositores de modo sarcástico sobre ele estar *sendo astuto*. Mas como ele pôde enganar os coríntios? Paulo teria feito isso convencendo-os a não lhe dar dinheiro. Com sarcasmo, o apóstolo se defende da acusação de engano e fraude.



EM FOCO

APÓSTOLO (GR. APOSTOLOS)

(2 Co 1.1; 12.12; Mt 10.2; At 2.37; Rm 1.1; Hb 3.1)

Este vocábulo grego significa *enviado*. Dentre todos os Seus discípulos, Jesus selecionou doze para serem Seus apóstolos. Esses foram homens enviados por Jesus para levar Sua mensagem ao mundo e fundar igrejas. Paulo também se tornou apóstolo por designio do Cristo ressurreto, que se encontrou com ele na estrada para Damasco (At 9). O apostolado de Paulo foi acompanhado por um grande sofrimento e muitos sinais e milagres. Não bastasse isso, alguns falsos mestres na igreja de Corinto também duvidavam da autoridade paulina. Por isso, em 2 Coríntios, Paulo defendeu inúmeras vezes a legitimidade de seu apostolado.

12.18 — Aparentemente, *Tito* também foi mencionado nas acusações dos falsos apóstolos, haja vista que fora Paulo quem o havia recomendado para fazer a coleta das ofertas (2 Co 8.16,17). No entanto, os críticos do apóstolo não tinham qualquer prova contra Tito. Ele era irreprensível.

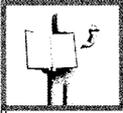
12.19 — *Ainda nos desculpamos convosco.* Paulo não tentava justificar a si mesmo perante os coríntios. Deus era seu juiz. Ele desejava fazer o que estivesse ao seu alcance para promover o crescimento espiritual daqueles cristãos.

12.20—13.10 — Paulo explica em detalhes o motivo de ter escrito esta mensagem. O que ele tinha a dizer pode ser resumido pelos verbos que ele usou ao falar de si mesmo: (1) *recear* (2 Co 12.20), (2) *chorar* (2 Co 12.21), (3) *não perdoar* (2 Co 13.2), (4) *rogar* (2 Co 13.7) e (5) *escrever* (2 Co 13.10).

12.20 — *Como eu queria... como não quereríeis.* Se Paulo não tivesse encontrado os coríntios vivendo corretamente como cristãos, teria de discipliná-los; então, não ficaria satisfeito com isso.

Pendências e outras atitudes desaconselháveis mencionadas surgem a partir do orgulho e da busca pela autossatisfação.

Detrações diz respeito ao ato de criticar pessoas em sua ausência ou de levantar calúnias contra as mesmas.



ENTENDENDO MELHOR

COMO FAZER USO DA AUTORIDADE

Se você é líder de algum departamento ou grupo na igreja, fará bem em estudar cuidadosamente os comentários de Paulo a respeito de sua autoridade (2 Co 13.10). Como muitos de nós, Paulo gostava de estar na liderança e às vezes se sentia frustrado quando as pessoas não seguiam suas instruções, como fizeram os coríntios. Como apóstolo, ele tinha autoridade espiritual sobre aqueles indivíduos, o que, às vezes, obrigava-o a agir de maneira firme com eles (1 Co 4.21; 5.5; compare com Tt 1.13).

Entretanto, é importante notarmos como Paulo exercia sua autoridade, principalmente à medida que se aprofundava na fé. Ele não manipulava seus liderados nem tentava usar dessa autoridade para ganho pessoal. Também não abusava de seu poder, dando vazão à ira. Em vez disso, reconhecia que a autoridade espiritual nos é entregue *para edificação e não para vossa destruição* (2 Co 10.8; 13.10), para edificar vidas, e não para destruí-las.

12.21 — *Deus me humilhe.* Paulo ficaria humilhado se seus “filhos na fé” não estivessem vivendo como deveriam. A conduta deles faria com que o apóstolo *chorasse*, não podendo gloriar-se neles. Em vez de ir lá em alegria (2 Co 3.2), teria de apresentar-se em tristeza (2 Co 2.1-3).

Imundícia descreve o tipo de imoralidade sexual com a qual os coríntios haviam se envolvido antes de converterem-se. Talvez Paulo temesse que alguns já estivessem outra vez envolvidos com esses pecados e não tivessem se arrependido.

13.1 — A expressão *a terceira vez* é interpretada de duas maneiras. Aqueles que sustentam que Paulo havia visitado Corinto duas vezes antes de escrever esta carta entendem o trecho de modo literal, afirmando que o apóstolo havia estado ali duas vezes e, agora, estava pronto para uma terceira visita. Os que afirmam que Paulo havia estado em Corinto apenas em uma ocasião baseiam-se no texto de 2 Coríntios 12.14 e consideram que ele estava preparado para ir novamente, mas não o fizera.

13.2 — *Anteriormente o disse.* Em 1 Coríntios, Paulo advertiu seus leitores contra a imoralidade sexual (1 Co 6.12-20). Ao escrever esta carta, estava advertindo-os uma segunda vez (2 Co 12.21). *Não lhes perdorei* significa que os confrontaria, caso fosse necessário.

13.3 — Paulo confrontaria os pecadores (v. 2), uma vez que os coríntios estavam buscando *uma prova de Cristo* nele. Aparentemente, os críticos de Paulo afirmavam que o apóstolo tinha de mostrar-se forte, duro. Paulo afirma que, quando os visitasse novamente, agiria assim.

13.4 — O termo *porque* indica que Paulo explicaria como Cristo, que é forte, podia falar por intermédio dele, que era fraco. Como Cristo aparentou ser fraco na cruz, mas foi ressuscitado pelo *poder de Deus*, assim também Paulo era fraco, mas por meio do poder do Senhor viveria com Cristo, em força, diante deles. Paulo não estava falando da ressurreição futura, mas de sua vida no poder de Cristo e da próxima visita àqueles irmãos.

13.5 — Os coríntios tinham buscado provas de que Cristo falava por intermédio de Paulo; o apóstolo lhes disse que examinassem a si próprios e vissem se estavam *na fé* (1 Co 16.13; Tt 1.13). Paulo não duvidava de que os coríntios fossem cristãos genuínos (2 Co 1.1,24; 7.1; 8.1; 12.14). No entanto, desejava que fizessem uma autoavaliação e determinassem se estavam caminhando de acordo com o evangelho em que declaravam crer. Paulo desejava que eles aplicassem a si próprios os mesmos padrões que exigiam dele.

13.6 — *Mas espero que entenderéis que nós não somos reprovados.* Independente de como os coríntios se saíssem nessa avaliação, tinham de ser assegurados de que o apóstolo era um servo do Deus genuíno.

13.7-9 — Paulo orava para que eles *não fizessem mal algum*; provavelmente uma referência aos pecados citados em 2 Coríntios 12.20,21, e para que fossem *achados aprovados*. O vocábulo grego traduzido como *aprovados* era utilizado para descrever a calcificação de ossos e a reconciliação de amigos. Paulo estava orando para que houvesse o fim das divisões (2 Co 12.20), bem como a

restauração do amor e da fé. Se sua oração fosse atendida, ele aparentaria estar *reprovado*, pois não teria de exercitar sua autoridade apostólica para disciplinar os coríntios.

13.10 — *Escrevo*. Paulo confronta os coríntios por meio dessa carta para que não tivesse de fazer isso pessoalmente (v. 2; 10.11; 12.20).

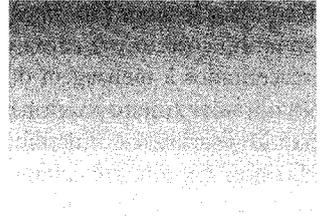
13.11 — Aqui, como em outros trechos, *adeus* (na ARC) sem dúvida significa *regozijem-se* (Fp 3.1; 1 Ts 5.16).

13.12 — Paulo desejava que houvesse *comunhão* entre os irmãos. Eles deveriam amar-se mutuamente e conviver bem uns com os outros, em vez de brigarem e digladiarem-se (2 Co 12.20). Eles necessitavam de graça, e não de buscar seus próprios interesses; de amor, e não de ira; e de comunhão, não de contenda.

13.13 — *Todos os santos* diz respeito aos outros cristãos da localidade de onde Paulo estava escrevendo.

13.14 — A bênção final evoca a bênção do Deus trino: a *graça do Senhor Jesus Cristo* (2 Co 8.9), o *amor de Deus* (v. 11) e a *comunhão do Espírito Santo*.

Ao final de sua carta, Paulo identifica a solução para muitos dos problemas dos cristãos de Corinto. O Espírito Santo, que habitava em cada um deles, poderia capacitá-los a viver retamente. Além disso, o Espírito poderia reconciliá-los uns com os outros. Eles poderiam transmitir amor e estímulo, em vez de brigarem uns com os outros (2 Co 12.20). Os coríntios necessitavam da graça de Deus, e não do egoísmo; do amor do Senhor, e não da ira; de comunhão, e não de conflito.



A carta aos

Gálatas

INTRODUÇÃO

Em toda a Bíblia, não há nenhuma declaração tão veemente, ampla e concisa sobre a verdade do evangelho do que Gálatas. A salvação dá-se por meio da fé em Jesus Cristo, e em ninguém mais (Gl 2.16; 3.11,12). Nenhuma obra [humana] pode levar à salvação. A sucinta refutação de Paulo aos judaizantes nesta carta transformou a vida de muitos cristãos — de Martinho Lutero a John Wesley. Em geral, as pessoas querem ganhar a salvação por meio de obras que possam ser facilmente identificadas. Nesta epístola, Paulo revela a arrogância de tal atitude, que implica o abandono da verdade do evangelho e o afastamento de Deus (Gl 1.6). Podemos ser justificados diante de Deus somente pela fé em Jesus Cristo; por nada mais.

Ao que parece, Paulo tomou conhecimento de uma distorção do

evangelho da graça que efetivamente estava contaminando as igrejas gálatas. Os falsos mestres que tinham ido para a Galácia desde que o ministério de Paulo se concentrou ali estavam defendendo a salvação pelas *obras da lei* — ou seja, pela observância da Lei. A ênfase específica era dada ao rito judaico da circuncisão.

A carta de Paulo aos gálatas era uma tentativa rápida e decisiva de opor-se a essa mensagem, que era um evangelho diferente. Paulo tinha de convencer seus *filhinhos* na fé, os quais ele havia evangelizado pessoalmente, de que o novo ensino era, na verdade, uma distorção do evangelho de Cristo. Em sua argumentação, Paulo reafirmou a autoridade que tinha como apóstolo, a qual aparentemente fora subestimada pelos mestres judaizantes. Paulo não escreveu motivado pela

raiva, mas pelo amor. Ele via os gálatas deixando o caminho correto por causa de falsos ensinamentos acrescentados à mensagem do evangelho, e o apóstolo amava muito seus irmãos em Cristo para deixá-los desviar-se do caminho da salvação.

Gálatas contém três elementos comuns de uma típica carta do século 1: introdução (Gl 1.1-5), desenvolvimento (Gl 1.6—6.10) e conclusão (Gl 6.11-18). No entanto, Gálatas é diferente de muitas outras cartas de Paulo. Por exemplo, grande parte das demais cartas de Paulo contém uma seção introdutória com ação de graças, que serve como um prólogo (Fp 1.3-11). É provável que a surpreendente ausência de ação de graças no início de Gálatas indique a gravidade da situação aos olhos de Paulo. Ele precisava ir direto ao assunto, uma vez que alguns gálatas estavam abandonando o evangelho que antes aceitaram. De igual modo, a carta não contém saudações no final, sejam longas, como em Romanos 16.3-23, ou curtas, como em 2 Coríntios 13.12,13. Há somente uma bênção sucinta e uma saudação final (Gl 6.16,18).

Se existe uma expressão frequente que resume o tema de Gálatas, essa expressão é *a verdade do evangelho*. Ao contrário de Romanos, carta em que Paulo apresenta o evangelho como o remédio para a pecaminosidade universal do homem (Rm 3.23; 6.23), em Gálatas, ele ministra a mensagem do evangelho contra o perigo sutil, porém fatal, da salvação pelas obras. Nenhum pecador jamais recebeu a vida eterna com base em suas obras. Além disso, todo o que vive segundo essa confiança nas próprias obras é *maldito*, porque ninguém pode obedecer à Lei à risca (Gl 3.10). Portanto, acrescentar obras, rituais ou leis à mensagem de Cristo é invalidar as boas-novas. Cabe efetivamente à Lei apontar nosso pecado e a necessidade urgente da redenção, oferecida por Jesus Cristo.

Qual é, então, o cerne do evangelho que Paulo não mede esforços para esclarecer e defender? A única maneira pela qual a pessoa pode ser justificada diante de Deus é por meio da fé em Jesus Cristo (Gl 2.16). Paulo enfatiza esse ponto várias vezes. A fé em Cristo é a única resposta adequada ao evangelho. Essa ênfase na fé nada tem a ver

com a dimensão histórica do evangelho que está aberta à investigação lógica: Jesus cumpriu perfeitamente a Lei de Moisés (Gl 4.4), morreu na cruz (Gl 2.20) e ressuscitou dos mortos (Gl 1.1). Paulo enfatiza a fé em Cristo porque as controvérsias na Galácia giravam em torno da aceitação do evangelho na vida dos novos cristãos.

Paulo também discute temas que tratam da vida cristã ou de como viver a nova liberdade que o cristão possui em Cristo. Entre os extremos da santificação legalista e a liberdade hedonista, Paulo apresenta um meio-termo da *fé que opera por caridade* e poder do Espírito Santo (Gl 5.5,6). Portanto, não só a justificação se dá pela fé, mas a santificação também.

De várias maneiras Paulo descreve essa vida de fé como andar *em Espírito* (Gl 5.16,25), ser guiado *pelo Espírito* (Gl 5.18), produzir *o fruto do Espírito* (Gl 5.22,23) e semear *no Espírito* (Gl 6.8). Concretamente, *a fé que opera por caridade* (Gl 5.6) se expressa quando amamos nosso próximo, especialmente outros cristãos, e quando levamos o fardo uns dos outros (Gl 5.14; 6.2,6). O perigo constante é que, em vez de confiar no poder do Espírito, o cristão comece a manifestar *as obras [corruptas] da carne*. As obras só podem ser realmente boas quando realizadas no poder do Espírito Santo, dado àqueles que depositam sua fé em Cristo (Gl 6.7-10).

O escritor de Gálatas identifica-se como Paulo (Gl 1.1). Ele alega ser o apóstolo e, em seguida, continua a argumentar detalhadamente a favor da autoridade apostólica implícita em sua mensagem. Grande parte das informações pessoais que ele oferece durante sua defesa corresponde às narrativas sobre Paulo no livro de Atos, bem como ao material autobiográfico em Filipenses 3.4-6. Citações do Antigo Testamento, nos capítulos 3 e 4, condizem com o treinamento rigoroso que Paulo recebera no judaísmo. Por fim, a teologia apresentada nesta carta corresponde perfeitamente à teologia que Paulo expressa em outros textos dele, particularmente a epístola aos Romanos.

Paulo endereça sua carta *às igrejas da Galácia* (Gl 1.2) e aos leitores que ele expressamente chama de *gálatas* (Gl 3.1), mas não é fácil definir

o que isso significa precisamente. Na época em que Paulo escreveu esta carta, a palavra *gálatas* poderia ser usada com um sentido étnico ou político.

Em grande parte, estipular uma data para Gálatas depende de uma definição sobre o destino da carta. Se as igrejas da Galácia foram fundadas durante a segunda viagem missionária de Paulo pela região norte da Galácia (At 16.6), a data mais antiga em que a epístola pode ter sido escrita é 52 d.C. A semelhança no conteúdo entre Gálatas e Romanos, entre outras questões, levou alguns a estipular a data de meados de 50 d.C. para a carta. Por outro lado, se considerarmos a Galácia como sendo a Galácia do Sul, incluindo Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia

(At 14.21), congregações fundadas na primeira viagem missionária de Paulo, a carta pode ter sido escrita em 48 d.C.

Para estipular a data, o possível papel do Concílio de Jerusalém (At 15) nas controvérsias tratadas em Gálatas também deve ser considerado. Se a carta aos gálatas tivesse sido escrita depois que o Concílio de Jerusalém tomou suas decisões abalizadas, Paulo muito provavelmente teria centrado sua argumentação naquelas decisões ou, pelo menos, teria feito uma referência inconfundível a elas. Uma vez que isso não aconteceu, é provável que a data de Gálatas seja 48 d.C. Isso significa que é um dos textos mais antigos do Novo Testamento.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM GÁLATAS

- Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 48 d.C. — Se a epístola aos Gálatas foi escrita para as igrejas da Galácia do Sul
- Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém
- Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 52 d.C. — Se a epístola aos Gálatas foi escrita para as igrejas da Galácia do Norte
- Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Introdução — 1.1-9
 - A. Saudação e apresentação prévia dos temas da carta — 1.1-5
 - B. Contexto da carta: condenação do erro — 1.6-9
- II. Defesa da autoridade apostólica da mensagem do evangelho — 1.10—2.21
 - A. Chamado apostólico: a fonte divina do evangelho de Paulo — 1.10-16
 - B. Confirmação apostólica: concordância humana com o evangelho anunciado por Paulo — 1.17—2.21
- III. Base bíblica da mensagem do evangelho — 3.1—4.31
 - A. Identificando as raízes do evangelho no Antigo Testamento — 3.1-25
 - B. Esclarecendo o significado do evangelho: filiação *versus* escravidão — 3.26—4.31
- IV. Implicações da mensagem do evangelho para a vida cristã — 5.1—6.10
 - A. Evitando os extremos do legalismo e da liberdade — 5.1-15
 - B. Andando no poder do Espírito Santo — 5.16-26
 - C. Servindo uns aos outros de acordo com a Lei de Cristo — 6.1-10
- V. Conclusão — 6.11-18
 - A. Marca pessoal — 6.11
 - B. Resumo do problema da igreja: legalismo — 6.12,13
 - C. Resumo da solução do evangelho: a cruz e a nova criação — 6.14,15
 - D. Bênção, pedido e saudação — 6.16-18

COMENTÁRIO

1.1-5 — A introdução da carta inclui os três elementos comuns encontrados em seções de saudação epistolar: (1) o escritor — *Paulo* (Gl 1.1), (2) os destinatários — *às igrejas da Galácia* (Gl 1.2) e (3) a saudação — *graça e paz* (Gl 1.3).

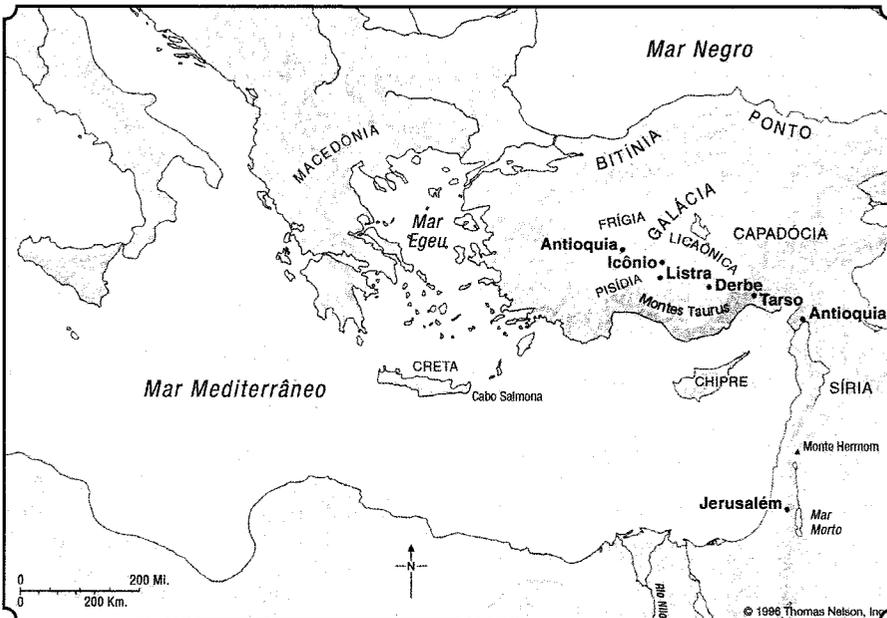
1.1 — *Paulo* denomina-se *apóstolo* para afirmar sua autoridade dada por Deus, a fim de tratar do problema que as igrejas da Galácia enfrentavam. Ele foi constituído apóstolo *não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai*. Essa é a origem do chamado especial de Paulo para ser apóstolo (Gl 1.15,16); chamado que ele recebeu quando teve um encontro com Cristo na estrada para Damasco (At 26.12-18). A expressão *que o ressuscitou dos mortos* é uma referência à ressurreição de Jesus Cristo, crença central da fé cristã (1 Co 15).

1.2 — *E todos os irmãos que estão comigo*. Paulo sugere que havia com ele um número considerável de cristãos, membros da família na fé. Ele se associa a esses cooperadores anônimos quando envia saudações às *igrejas da Galácia*. Gálatas é

uma carta circular, destinada a várias igrejas de uma mesma região.

1.3 — *Graça e paz, da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo*. Essa é uma variação da saudação padrão nas cartas da época de Paulo. O termo *paz* é a tradução grega da saudação tradicional em hebraico [*shalom*]. Paulo normalmente combina as duas ideias de *graça* e *paz* na introdução de suas cartas (1 Co 1.3; 2 Co 1.2). A verdadeira mensagem de salvação está baseada somente na graça de Deus (Gl 1.6; 2.21), recebida pela fé (Ef 2.8), e ela traz paz com Deus (Rm 5.1).

1.4 — *O qual [Cristo] se deu a si mesmo por nossos pecados*. Essa frase antecipa a discussão de Paulo sobre a redenção, em Gálatas 3.13,14. É um breve resumo das boas-novas: a morte de Cristo é para vocês (1 Co 15.3). A afirmação de Paulo aqui — *para nos livrar do presente século mau* — é semelhante à passagem de Colossenses 1.13 — [Deus] *nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor*. As duas citações desenvolvem essa verdade com base na obra redentora de Cristo (Cl 1.14), sugerindo



Galácia

que o verbo *livrar* refere-se à separação e livramento das tentações deste presente século.

1.5 — [Deus, nosso pai] *ao qual glória para todo o sempre*. Essa doxologia mostra que Deus (Gl 1.4) merece *glória* em todos os momentos da nossa vida (*glória para todo o sempre*). O evangelho e o ministério de Paulo claramente cumpriram esse propósito (Gl 1.23,24).

1.6,7 — O uso da expressão *maravilho-me* revela o espanto contínuo de Paulo com os gálatas por abandonarem o *evangelho da graça* imerecida de Deus. Inconscientemente, os gálatas haviam se encantado com *outro* evangelho, que *não* era o evangelho verdadeiro de salvação de forma alguma. Os que *inquietavam* os gálatas eram culpados de tentar *transtornar o evangelho de Cristo*, sem, no entanto, apresentar-lhes uma alternativa melhor.

1.8,9 — Paulo passa do hipotético (Gl 1.6,7) para o real ao denunciar que os gálatas transtornaram o *evangelho*. Se *alguém* (até mesmo os apóstolos, ou um *anjo do céu*) quisesse anunciar outro evangelho, deveria ser considerado *anátema*. Sendo assim, *alguém* que anunciasse uma mensagem diferente daquela que os gálatas receberam (NVI) de Paulo [o evangelho *que não é segundo os homens [...] mas pela revelação de Jesus Cristo* (Gl 1.11,12)] merecia efetivamente a destruição eterna. A preocupação de Paulo com a pureza da mensagem do evangelho é revelada quando ele afirma que quem ensinasse um evangelho falso seria destruído por Deus.

1.10 — *Agradar a homens* não era nem a motivação de Paulo nem a fonte de sua autoridade (Gl 1.1). Paulo constantemente procurava a aprovação de Deus. Ele não baseava suas decisões nas opiniões de outras pessoas. Em vez disso, tinha o firme objetivo de agradar a Deus (Fp 3.14).

Como apóstolo, Paulo era um líder, mas sempre foi *servo de Cristo*.

1.11—2.14 — Essa extensa passagem é uma das seções autobiográficas mais longas nas epístolas de Paulo (2 Co 11.22—12.10).

1.11,12 — Nenhuma criatividade humana estava tornando mais atraente o *evangelho anunciado* por Paulo. Ele só o conheceu porque o recebeu por *revelação* especial de *Jesus Cristo* em sua conversão (At 26.12-18).

1.13,14 — *Judaísmo* aqui significa o estilo de vida judaico, que se baseava em parte na obediência ao Antigo Testamento e em parte em outras *tradições dos pais*, ou líderes do povo (Mt 15.2). A *conduta* de Paulo antes de sua conversão fez com que ele se sobressaísse no judaísmo de duas formas: (1) ele era cuidadoso ao guardar a Lei e as tradições, certamente mais cuidadoso do que os judaizantes na Galácia (Gl 6.13); (2) ele *perseguia a igreja de Deus para destruí-la* (NVI), fazendo isso sob a autoridade de líderes religiosos judeus (At 8.3; 9.1,2).

1.15-17 — Com palavras que fazem eco ao chamado do Servo messiânico (Is 49.1) e do profeta Jeremias (Jr 1.5), Paulo relata que Deus o escolheu para ser um apóstolo (Gl 1.1) antes de seu nascimento. Paulo, como os judaizantes na Galácia, já havia tentado obter a salvação por meio de boas obras (Gl 1.14). No entanto, seu chamado apostólico e sua conversão se deram por meio da *graça*, o favor imerecido, de Deus. Se a mensagem do evangelho de Paulo viesse de homens, ele teria precisado consultar outras pessoas para recebê-la ou validá-la. Para isso, teria tido de viajar *a Jerusalém*, onde estavam os outros *apóstolos*, para participar de tal discussão. Em vez disso, quando partiu de *Damasco*, onde havia ficado logo depois de sua conversão ao cristianismo



VOCE SABIA?

AS IGREJAS DA GALÁCIA

Sugerem-se dois possíveis locais para as *igrejas da Galácia*. A Galácia do Norte era uma região no centro da Ásia Menor, cujas fronteiras incluíam Bitínia e Ponto, ao norte; Frígia, a sudoeste; e Capadócia, a leste. A Galácia do Sul provavelmente era uma província romana, chamada Galácia, que incluía a Pisídia, a Licônia e partes da Frígia e da Capadócia.



EM FOCO

REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO (GR. *APOKALUPSIS LESOU CHRISTOU*)

(Gl 1.12; 1 Pe 1.13; Ap 1.1)

Em grego, essa expressão poderia ser um genitivo objetivo — uma revelação acerca de Jesus Cristo — ou um genitivo subjetivo — uma revelação vinda de Jesus Cristo. As duas ideias condizem com o contexto. A *revelação de Jesus Cristo* feita por Paulo permitiu-lhe ver que Cristo era o Filho de Deus (Gl 1.16), o único objeto de nossa fé (Gl 2.16) e a fonte exclusiva de unidade de todos os cristãos — sejam eles judeus ou gentios, escravos ou livres, homens ou mulheres (Gl 3.27,28; Ef 3.1-11). Paulo recebeu seu conhecimento por meio de uma revelação especial de Deus (1 Co 11.23; 15.3; Ef 3.3; 1 Ts 4.15). Era, portanto, uma testemunha independente do evangelho; e, embora não tivesse recebido instruções diretamente dos apóstolos, mas somente do Espírito Santo, seus ensinamentos estavam de acordo com os deles.

(At 9.1-22), ele foi *para a Arábia* (2 Co 11.32,33). Esse era o reino dos nabateus, que se estendia de Damasco até o mar Vermelho, incluindo partes da atual Síria, Jordão, Israel e Arábia Saudita.

1.18 — *Passados três anos*. Poderiam ser 36 meses, ou um período mais curto começando no final de um ano, atravessando um ano inteiro e terminando no início do terceiro ano. Os três anos podem ter sido contados a partir da conversão de Paulo (Gl 1.15,16), ou de sua partida para a Arábia (Gl 1.17). Sem dúvida, Paulo e *Pedro* conversaram demoradamente sobre Cristo e o evangelho durante os *quinze dias* em que Paulo esteve em *Jerusalém*.

1.19,20 — A visível referência a *Tiago, irmão do Senhor*, como sendo um dos outros *apóstolos* mostra que a palavra *apóstolos* nem sempre se restringia aos *doze* (Mt 10.1-4; 1 Co 15.5). A sequência, em 1 Coríntios 15.7-9, na qual *Tiago*, Paulo e *todos os apóstolos* aparecem na lista dos que viram o Cristo ressurreto, implica que Paulo pode ter aceitado que *Tiago* tinha, pelo menos em parte, qualificações apostólicas comuns às dele (At 1.21-26).

1.21 — Após sua breve viagem a *Jerusalém* (Gl 1.18,19), Paulo foi para a *Síria* e a *Cilícia*, provavelmente a mesma viagem mencionada em Atos 9.30, na qual foi de *Jerusalém* ao lugar onde passou a infância, *Tarso*, na *Cilícia* (At 22.3).

1.22,23 — Ao que parece, notícias sobre o ministério contínuo de Paulo em *Tarso* e nas regiões vizinhas chegavam constantemente às *igrejas da Judéia* (*Jerusalém*), uma vez que *Barnabé*

teve a confiança de procurar Paulo para ajudar na obra na Antioquia da Síria (At 11.25,26).

1.24 — *E glorificavam a Deus a respeito de mim*. Isso foi resultado do ministério de evangelismo de Paulo, de acordo com a *glória* constante e eterna que Deus tem (Gl 1.5).

2.1-10 — Essa seção da narrativa pode corresponder a Atos 11.30; 12.25, se a carta foi escrita antes, ou a Atos 15, se foi escrita mais tarde. Parece que o contexto favorece a visita narrada em Atos 11 e 12, embora o tema seja o mesmo de Atos 15.

2.1 — *Depois, passados catorze anos* pode referir-se a doze anos inteiros, a partir da conversão de Paulo, ou dos últimos [três] anos mencionados em Gálatas 1.18. Esse período de tempo poderia datar da visita anterior de Paulo a *Jerusalém* (Gl 1.18,19), mas muito provavelmente é contado a partir de sua conversão (Gl 1.15,16). Foi nesse momento que Paulo recebeu a mensagem do evangelho, o foco de discussão de toda essa extensa seção (Gl 1.11—2.14).

Subi outra vez a Jerusalém. Se a carta aos gálatas foi escrita antes do Concílio de *Jerusalém*, essa viagem é a que está registrada em Atos 11.30. Do contrário, é uma referência ao Concílio de *Jerusalém* (At 15).

Barnabé é um codinome hebraico que significa *filho da consolação* (At 4.36). *Barnabé* encontrou-se rapidamente com Paulo em *Jerusalém* durante a primeira visita deste após sua conversão (At 9.26,27). Mais tarde, serviram juntos nos episódios narrados em Atos 11.25-30; 12.25—15.39.

Tito não é mencionado em Atos, mas se converteu graças à pregação de Paulo (Tt 1.4) e foi um eficiente companheiro de ministério deste ao longo de vários anos (2 Co 2.13).

2.2 — *E subi por uma revelação.* Revelação aqui pode referir-se à profecia de Ágabo em Atos 11.27-30, ou pode referir-se a uma revelação particular do Senhor a Paulo, talvez semelhante à que ele recebera antes, em Jerusalém (At 22.17-21). Mais tarde, Jesus apareceu a Paulo em outra visão (At 23.11).

E lhes expus o evangelho que prego entre os gentios. O pronome *lhes* aqui pode referir-se à Igreja em Jerusalém, ou *particularmente aos que estavam em estima*, provavelmente o círculo interno formado por Tiago, Cefas (Pedro) e João (Gl 2.9). O

fato de Paulo ter exposto seu evangelho a esses líderes *particularmente* não significa que Paulo pensou em alterá-lo, como mostra com clareza a seção seguinte (Gl 2.3-10).

Para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão. A expressão *em vão* não se refere à eficácia do *evangelho* de Paulo, mas, em vez disso, a seus esforços para manter uma unidade na Igreja sem sacrificar a *verdade do evangelho* (Gl 2.5).

2.3 — Tito (Gl 2.1) era um gentio que estava sendo provado. O termo *circuncidar-se* introduz um tema central dos falsos mestres judaizantes, que Paulo discute repetidamente em Gálatas (Gl 5.2,3,6). Ao contrário de Timóteo, a quem Paulo circuncidou porque a mãe de Timóteo era judia,



APROFUNDE-SE

QUEM FORAM OS GÁLATAS?

É difícil concluir para quem Paulo estava escrevendo Gálatas. Na época de Paulo, a palavra *gálatas* tinha um sentido étnico e político.

Etnicamente, os gálatas eram os celtas que migraram da Europa central para a Ásia Menor no século 3 a.C. Eles se estabeleceram na região em torno de Ancara, a capital da atual Turquia. Na época de Paulo, o dialeto gálatas nativo ainda era falado lá, embora o grego tivesse sido aceito como a língua do comércio e da diplomacia.

Nos tempos do Novo Testamento, havia uma província romana chamada Galácia que era maior do que a região étnica original. O território ao sul, que não era gálatas do ponto de vista étnico, estava incluído na província. A Pisídia e regiões da Frígia e Licônia eram formalmente partes da Galácia política.

Saber se os gálatas eram os habitantes da província da Galácia ou o povo gálatas nos permitiria saber quais foram os primeiros leitores da carta aos Gálatas. A visão comum até os últimos dois séculos era de que Paulo se dirigiu aos habitantes da Galácia do Norte, ou seja, a congregações de gálatas localizadas na parte norte da província. O contato pessoal do apóstolo com essas igrejas pode ser visto em Atos 16.6 e 18.23. No entanto, uma teoria sobre a Galácia do Sul é mais difundida hoje. De acordo com essa visão, Paulo escreveu às igrejas da parte sul da província, ou seja, às igrejas que ele fundou em sua primeira viagem missionária (At 13.14—14.24) e, mais tarde, tornou a visitar (At 16.1-5).

Obviamente, um ponto forte da visão da Galácia do Norte é que a parte norte da província era a Galácia em ambos os sentidos: étnico e político. Além disso, afirmou-se que a descrição de Paulo acerca da inconstância de seus leitores era uma característica bem conhecida dos povos gálatas do norte.

Por outro lado, um forte argumento pode ser apresentado em favor da visão da Galácia do Sul. Paulo normalmente usava nomes provincianos romanos, como fez Lucas em Atos. Além disso, a maneira mais natural de entendermos Atos 16.6 e 18.23 é que Paulo refez seus passos da primeira viagem missionária (At 13; 14) no início de sua segunda e terceira viagens.

Com essas evidências bíblicas e históricas díspares, há estudiosos notáveis que apoiam tais teorias. Nenhuma teoria é claramente superior, embora pareça que a visão da Galácia do Sul seja mais compatível com Atos. A questão é importante para que uma data para a carta seja estipulada.

Em ambos os casos, é óbvio que a epístola foi destinada a uma igreja que estava enfrentando os judaizantes, um grupo que insistia em que os cristãos gentios cumprissem as exigências da lei mosaica. A carta de Paulo foi uma dura repreensão a essa facção da igreja. Ao impor a lei cerimonial ao evangelho, esse grupo de mestres judeus estava, na realidade, rejeitando a oferta gratuita de salvação feita por Deus por intermédio de Jesus.

Tito não foi circuncidado. Circuncidá-lo teria sido um sinal para todos os outros gentios de que o homem deveria seguir a Lei judaica para se tornar cristão. Como Paulo explica nesta carta, isso seria uma rejeição das boas-novas de que a salvação é dom de Deus para aqueles que creem em Seu Filho.

2.4 — *Falsos irmãos*. Ao que parece, essa expressão indica que, embora essas pessoas se passassem por cristãos de maneira convincente, havia razão para ver a profissão de fé delas como um fingimento. Esses pseudocristãos não anunciavam seu objetivo, que era restringir a *liberdade* cristã (Gl 5.1,13) e levar Paulo e os novos convertidos à *servidão* do legalismo judaico (Gl 6.12-15). Esses *falsos irmãos* afirmavam que o cristão tinha de cumprir a Lei judaica para ser salvo. Eles se recusavam a confessar que a salvação era dom de Deus por meio da fé em Cristo, e nada mais. Por essa razão, Paulo não os reconhecia como verdadeiros cristãos.

2.5 — A mensagem de Paulo sobre *a verdade do evangelho* nunca cedeu à mensagem dos falsos mestres, fosse em Jerusalém (Gl 2.1-10), na Antioquia da Síria (Gl 2.11-14), ou na Galácia. Os cristãos gálatas podiam confiar na constante defesa que Paulo fazia de seu evangelho, que era revelado por Deus (Gl 1.11,12).

2.6 — Embora reconhecesse a liderança de Tiago, a de Cefas (Pedro) e a de João (Gl 2.9) como *colunas* da Igreja em Jerusalém, Paulo mostrou que eles não eram, de modo algum, superiores a ele quanto à compreensão do evangelho. Tampouco o eram aqueles que se vangloriavam e aparentavam ser alguma coisa. Sobre estes, Paulo declara: *Não me acrescentaram nada* (NVI). Por outro lado, os outros apóstolos estavam satisfeitos com o modo de Paulo entender o evangelho.

2.7-10 — Não havia dois evangelhos diferentes, um para os gentios *incircuncisos* (NVI) e outro para os judeus *circuncisos* (NVI). Mas o ministério apostólico de Paulo tinha como principal alvo os gentios (Rm 11.13), enquanto o *apostolado* de Pedro estava, em primeiro lugar, voltado para os judeus. O fato de que Deus *operou eficazmente* por meio de Pedro para alcançar os judeus e com a

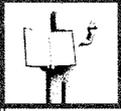
mesma eficácia por meio de Paulo para alcançar os gentios era uma prova convincente da comissão apostólica de Paulo para os líderes em Jerusalém (Rm 1.5).

E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que se me havia dado, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios e eles, à circuncisão (v. 9). As *destras, em comunhão* eram um sinal de aceitação e amizade entre eles. Indicava o pleno reconhecimento de Paulo pelos representantes da igreja de Jerusalém. Segundo Paulo, o pedido de Tiago, Cefas e João foi apenas para que ele e Barnabé se lembrassem *dos pobres* — provavelmente dos pobres da Igreja na Judeia (At 11.29,30)—, o que reflete uma constante preocupação de Paulo (Rm 15.26).

2.11,12 — *Antioquia* era a maior cidade da província romana da Síria. Tornou-se um centro missionário para outras cidades gentílicas na Ásia Menor e na Macedônia (At 13.1-3). Após o encontro anterior em Jerusalém (Gl 2.1-10), a conduta de Pedro na Antioquia foi contraditória e hipócrita (Gl 2.12,13). Considerando a grande influência de Pedro, Paulo não teve outra escolha senão expor a hipocrisia de forma direta (Gl 2.11,14). O apóstolo confrontou Pedro porque antes este até *comia com os gentios*, mas depois passou a contradizer o que há muito ele mesmo havia reconhecido: que o evangelho era também para os gentios.

Antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago. Esse trecho indica que eles vinham com a autoridade de Tiago, um dos líderes da igreja de Jerusalém (Gl 2.9). No entanto, é pouco provável que representassem exatamente as concepções de Tiago (Gl 2.7-10). Seja o que for que tenham dito para Pedro, suas palavras causaram-lhe uma reação tão forte que ele *se foi retirando e se apartou* da comunhão com os gentios. Ao que parece, Pedro estava *temendo* manchar sua reputação como apóstolo *da circuncisão* (Gl 2.7,8).

2.13 — O exemplo de Pedro foi tão decisivo que os *outros judeus* da igreja em Antioquia da Síria, incluindo *Barnabé*, fizeram o mesmo que



ENTENDENDO MELHOR

A CIRCUNCISÃO

O fato de um determinado grupo na igreja primitiva ser mencionado como *os que eram da circuncisão* (Gl 2.12) reflete como a prática antiga da circuncisão havia se tornado muito controversa por volta do século 1 d.C. Originalmente ordenada por Deus como um sinal de seu relacionamento com Israel por meio da aliança (Gn 17.9-14), a circuncisão tornou-se uma marca de exclusividade, não somente entre os judeus, mas também entre os primeiros cristãos judeus.

A circuncisão implicava a remoção cirúrgica do prepúcio de um menino. O povo hebreu passou a ter muito orgulho desse rito, que na verdade tornou-se um sinal de sua superioridade espiritual e nacional. Essa atitude, por fim, fomentou um espírito de exclusivismo, em vez de um espírito de compaixão para tentar alcançar outras nações, como Deus intentava. Os hebreus passaram a considerar os gentios, os da *incircuncisão*, um termo de desrespeito, implicando que os não judeus estavam fora do círculo de amor de Deus. Portanto, os termos *circuncisos* e *incircuncisos* adquiriram uma conotação espiritual, como pode ser claramente visto na discórdia que a questão provocou na igreja primitiva.

Uma crise irrompeu em Antioquia quando os cristãos da Judeia, conhecidos como judaizantes, ensinaram aos demais cristãos: *Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos* (At 15.1). Na realidade, os judaizantes insistiam em que o indivíduo de origem não judaica primeiro se tornasse um judeu, passando pelo cerimonial da circuncisão, para que depois pudesse ser aceito na fé cristã.

Um concílio de apóstolos e presbíteros se reuniu em Jerusalém para resolver a questão (At 15.6-29). Entre os presentes estavam Paulo, Barnabé, Simão Pedro e Tiago, líder da igreja de Jerusalém. Pedro argumentou que insistir na circuncisão dos gentios seria o mesmo que pôr um jugo pesado sobre eles (At 15.10). Essa foi a base da decisão tomada pelo concílio.

Anos mais tarde, reforçando aquela decisão, o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos em Roma que Abraão, o *pai da circuncisão* (Rm 4.12), foi salvo pela fé, e não pela circuncisão (Rm 4.9-12). Ele declarou que a circuncisão não tem nenhum valor a menos que esteja acompanhada de um espírito obediente (Rm 2.25,26).

Paulo também mencionou a *circuncisão de Cristo* (Cl 2.11), uma referência à Sua morte expiatória, que *condenou o pecado na carne* (Rm 8.3) e cravou na cruz a *escrita de dívida, que consistia em ordenanças* (Cl 2.14, *nv*). Em essência, Paulo declarou que a nova aliança feita com o sangue de Cristo derramado colocava o perdão à disposição tanto de judeu como de gentio e tornava a circuncisão desnecessária. Tudo o que, no final, é importante para judeu e gentio é uma natureza transformada – uma nova criação que os torne um em Jesus Cristo (Ef 2.14-18).

ele. Todavia, as ações de Pedro não expressavam convicção, mas *dissimulação*.

2.14 — O exemplo hipócrita de Pedro sugeria que os gentios tinham de se comportar como judeus para receberem a graça do Senhor. Dessa forma, Pedro *não* estava andando *bem e diretamente conforme a verdade do evangelho* da graça de Deus. Já havia sido decidido (Gl 2.1-5) que não convinha *obrigar gentios a viverem como judeus* (NVI) porque a salvação se dava apenas por meio da fé.

2.15-21 — Essa seção pode representar a continuação do confronto de Paulo com Pedro ou pode representar uma afirmação do ponto central de sua carta: que os cristãos são justificados pela fé em Jesus Cristo somente.

2.15-17 — Paulo não está negando que os judeus de nascença sejam *pecadores*, como são

todos os *gentios* (Rm 3.23). Ao contrário, ele está sugerindo que os judeus desfrutavam de privilégios espirituais (Rm 9.4,5) que deveriam fazer com que eles entendessem mais a questão de como ser justificados diante de Deus (Rm 3.6; Gn 15.6). Os judeus deveriam saber que ninguém pode ser declarado justo ou justificado pela obediência à Lei de Moisés (Rm 3.10-21).

2.16 — Pela graça de Deus (Gl 2.21), a única maneira de ser *justificado* (declarado justo ou perdoado) é por meio da *fé em Jesus Cristo*. Qualquer outra maneira dá margem a que as *obras* – seja guardar a *lei* de Moisés ou fazer boas ações, em geral – desempenhem um papel na justificação. Este é o ponto principal da carta de Paulo aos Gálatas: a salvação ou a justificação não podem ser obtidas pela observância da Lei. A salvação só se dá por meio da fé em Jesus Cristo (Rm 3.20).

2.17-19 — Paulo contundentemente rejeita a conclusão equivocada de que ser *justificados* pela fé em Cristo, na verdade, tornava os judeus *pecadores*, retratando, assim, Cristo como um promotor do *pecado*. Aqueles que tentam ser justificados pelas *obras da lei* são *malditos* (Gl 3.10). Se o indivíduo tenta reafirmar que as *obras da lei* têm algum papel na justificação diante de Deus, a própria *lei* o culpa de ser um *transgressor* (Gl 3.19-25). A Lei em si não é pecaminosa; seu objetivo é convencer o indivíduo de sua morte espiritual no pecado fora da fé em Cristo (Rm 7.7-13).

2.20 — Paulo e todos os cristão foram *crucificados com Cristo* a fim de morrer para o pecado, para a Lei e para o *presente século mau* (Gl 1.4). Embora os cristãos vivam no corpo físico, Cristo também *vive* neles espiritualmente. O poder da ressurreição de Cristo, por meio do Espírito, opera no cristão (Rm 6.4-11) que opta por viver *na fé do Filho de Deus*.

2.21 — Se a *justiça* pode ser alcançada pela observância *da lei* de Moisés, então o ato gracioso de Deus de enviar Cristo para morrer na cruz a fim de pagar pelo pecado foi desnecessário e em vão (Rm 3.4-26).

3.1 — A palavra *insensatos* não indica falta de inteligência, mas falta de sabedoria. Paulo queria saber se era alguma espécie de feitiço que impedia os gálatas de se lembrarem do evangelho do Cristo *crucificado*, que já havia sido *representado* ou pregado para eles. O apóstolo usa um jogo de palavras — *perante os olhos de quem* — para enfatizar a duplicidade deles diante da verdade que lhes havia explicado com cuidado.

3.2 — Nesse versículo, Paulo compara a obediência à Lei com a fé. É provável que a *pregação da fé* fosse o que Paulo tinha em mente em Romanos 10.17, quando disse: *De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus*. A pregação da fé também pode estar muito relacionada com o conceito de Paulo sobre a obediência à fé, uma vez que a palavra grega para *ouvir* também pode ser traduzida por *prestar atenção* ou *obedecer* (Rm 1.5; 16.26).

3.3 — Paulo lembra aos gálatas que a vida cristã deles havia *começado pelo Espírito* por meio

da fé unicamente (Gl 3.2; 2.16). A expressão *acabeis agora pela carne* indica que os gálatas estavam enganados quando tentavam alcançar a perfeição mediante os próprios esforços, especialmente por meio da circuncisão.

3.4 — Essa afirmação implica que os cristãos gálatas já haviam *padecido* por causa de sua fé, antes de serem enganados pelo falso evangelho.

3.5 — O que Paulo queria dizer aqui com a operação de *maravilhas* é incerto. Talvez o fato de ter ressuscitado da experiência de quase-morte depois de ser apedrejado (At 14.19,20) seja parte do que ele tinha em mente.

3.6 — Há várias razões para Paulo se referir à fé de Abraão como exemplo. (1) Abraão era o pai da nação judaica (Gn 12.1-3). (2) Abraão é o exemplo mais claro de justificação no Antigo Testamento. (3) É quase certo que os judaizantes estivessem recorrendo a Abraão, provavelmente no que dizia respeito à circuncisão (Gl 2.3; 5.2,3). O exemplo da fé de Abraão também é desenvolvido em Romanos 4; Hebreus 11; Tiago 2. Paulo cita Gênesis 15.6 na tradução grega do Antigo Testamento para mostrar que *Abraão* foi justificado somente pela fé. Esse versículo expressa precisamente o que Paulo chamou de *a verdade do evangelho* (Gl 2.5,14).

3.7 — *Os que são da fé são filhos* [espirituais] *de Abraão*, ainda que não sejam judeus. Eles fazem parte do povo de Deus.

3.8,9 — A *Escritura* é representada como um pregador que prenuncia que *Abraão* e seu exemplo de fé (Gn 15.6) se tornariam uma bênção para todas as *nações* com consequências para toda a vida (Gn 12.3; Mt 28.19) enquanto o *evangelho* se propagasse. Todos os que têm fé, como Abraão teve, participam de sua condição como *benditos*.

Crente (gr. *pistos*). Esse termo também poderia ser traduzido por *fiel*, mas o contexto favorece *crente* ou *cristão*. Essa é a única forma em que a palavra é usada em Gálatas.

3.10 — Estar *debaixo da maldição* por tentar ser justificado pelas *obras da lei* é comparado com ser abençoado como um cristão (Gl 3.9). A citação de Deuterônimo 27.26 diz que aquele que não cumpre toda a Lei é *maldito*, provando que

todos os que seguem estritamente a Lei são *malditos*, porque todos estão aquém dos padrões da Lei (Rm 1.17; 3.10-18,23).

3.11,12 — Paulo cita Habacuque 2.4 para mostrar que o indivíduo só pode ser *justificado* por meio da *fé*. Ele menciona Levítico 18.5 com o intuito de provar que guardar a *lei* para ganhar a salvação é totalmente contrário à *fé*.

3.13,14 — Paulo sabia que muitos de seus leitores perceberiam que estavam, na verdade, debaixo da *maldição da lei* (Gl 3.10; Dt 27.26). Para eles, assim como para nós, é muito cômodo saber que *Cristo* se tornou maldição *por nós* na cruz (Dt 21.23). A imagem é a da ira de Deus pairando sobre nós — como a espada de Dâmocles —, mas *Cristo* levou aquela ira. Portanto, a *maldição* é suspensa *pela fé* na redenção de *Cristo*, na *bênção de Abraão* e na *promessa do Espírito* para todos os cristãos. É provável que os falsos mestres judeus estivessem afirmando que a *bênção* era fruto da observância da Lei mosaica e que o povo seria *maldito* se não a cumprisse.

3.15 — É provável que o significado de *testamento* aqui seja o “último desejo”, que não pode ser mudado depois de *confirmado*. Grande parte dos empregos da palavra no Novo Testamento refere-se a uma aliança ou um acordo que Deus fez com Seu povo.

3.16 — *Jesus Cristo* é o cumprimento da aliança (Gl 3.15) que Deus fez com *Abraão*. Embora, de certo modo, todos os judeus sejam a descendência física de *Abraão*, *Cristo* é o foco final das *promessas* de Deus, a maior *posteridade*. Os cristãos são descendentes espirituais de *Abraão* (Gl 3.29).

3.17 — *Quatrocentos e trinta anos* foram o período de tempo que Israel permaneceu no Egito antes do Êxodo (Êx 12.40,41). A *lei*, que foi validada no final desses séculos, não anula nem *invalida a aliança* (NVI) permanente com *Abraão* (Gn 15.18).

3.18 — A *lei* de *Moisés* e a *promessa* que Deus fez a *Abraão* estavam em desacordo uma com a outra. Paulo mostrou que a visão dos falsos mestres de que a Lei era o cumprimento da aliança abraâmica não tinha base nas Escrituras.

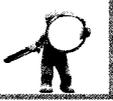
3.19,20 — O *propósito da Lei* (NVI) de *Moisés* não era justificar a humanidade aos olhos de Deus (Gl 2.16). Em vez disso, a Lei foi *acrescentada* (NVI) depois da promessa de Deus a *Abraão* (Gl 3.16,17) para esclarecer a questão do pecado até que viesse *Cristo*, a *posteridade* (Gl 3.16). De acordo com o sermão de Estêvão, em Atos 7, a Lei foi dada por *anjos* a *Moisés* como o *medianteiro* humano (At 7.38). Essa visão estava de acordo com o ensino judaico da época do Novo Testamento. Nenhum mediador, ou intermediário, era necessário com a aliança abraâmica, uma vez que a *promessa* era totalitária, ou unilateral. Deus pôs um “profundo sono” sobre *Abraão* e consumou o decreto cerimonial da aliança sozinho (Gn 15.12-17).

3.21,22 — A relação da *lei* e das *promessas de Deus* não é de competição, mas de necessidade e cumprimento. A Lei não foi idealizada por Deus para dar *vida* (NVI) eterna e *justiça*. Ao contrário, mostrava a necessidade que a humanidade tinha da *promessa de vida* (NVI) *pela fé em Jesus Cristo* (Gl 3.9 ; 2.16), uma vez que *encerrou* todas as pessoas *debaixo* de seu *pecado* (Rm 3.23; 6.23).

3.23-25 — Paulo dá duas ilustrações diferentes sobre a função da *lei* antes da vinda de *Cristo* (Gl 4.4,5). A Lei funcionava como um guarda que mantinha a humanidade sob *custódia* até que a *fé* em *Cristo* viesse a se *manifestar*. Mas a Lei também servia de *aio*, ou tutor. Na antiga cultura grega, o tutor acompanhava as crianças que estavam sob seus cuidados, instruindo-as e disciplinando-as quando necessário. A Lei era como um tutor porque corrigia e instruía os israelitas nos caminhos de Deus até que *Cristo* fosse revelado, e esse tutor não era mais necessário (Gl 4.1,2).

3.26,27 — *Pela fé em Cristo Jesus*, os cristãos não somente são abençoados como filhos de *Abraão* (Gl 3.7,9), mas também como *filhos de Deus* (Jo 1.12) e Seus herdeiros (Gl 4.7). Os cristãos foram adotados pelo próprio Deus. Embora fôssemos seus inimigos, fomos feitos Seus filhos. Ainda que mereçamos o juízo, receberemos a herança eterna de nosso Pai.

3.28 — O contexto desse versículo é a justificação *pela fé em Cristo Jesus*, o fato de *Jesus* ter redimido todos aqueles que creem nele, seja judeu



EM FOCO

AIO (GR. PAIDAGOGOS)

(Gl 3.24,25; 1 Co 4.15)

O termo grego significa *aio*, uma pessoa que cuida de uma criança. Nas famílias gregas, era confiada a um servo fiel a responsabilidade de cuidar de um menino da infância à puberdade. O servo o protegia contra danos físicos e morais e acompanhava-o às suas diversões e à escola.

Paulo usou a palavra para dizer que a Lei funcionava como alguém que guardava e acompanhava o crescimento/a educação de uma criança. A Lei agia como um controle externo de desejos, tornando, assim, a consciência do pecado mais aguçada. E, uma vez que nenhum de nós pode lidar com o pecado sozinho, a Lei nos guia a Cristo, nosso único Redentor e Salvador.

ou gentio (Gl 3.26—4.27). Distinções raciais, sociais e sexuais que tão facilmente causam divisões não impedem uma pessoa de chegar a Cristo para receber sua misericórdia. Todas as pessoas podem se tornar herdeiros de Deus e receber suas promessas eternas (Gl 4.5-7).

3.29 — Ser de Cristo por meio da fé (Gl 3.26,27) também significa ser filho (*descendência*) de Abraão (Gl 3.7) e abençoado (*herdeiro*) com Ele (Gl 3.9), conforme a promessa de Deus (Gn 12.3).

4.1,2 — Baseando-se na ilustração do *aio* e dos *herdeiros* em Gálatas 3.24-29, Paulo desenvolve a ideia do que significa ser um filho adotivo de Deus. Na sociedade antiga, o *menino* tinha de esperar o momento certo para que pudesse herdar o que era seu. Paulo usa esse exemplo para explicar por que Deus postergou a vinda de Jesus Cristo, deixando Sua Lei como guia para as pessoas (Gl 3.23-25).

4.3 — Nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão faz um paralelo com menino e servo de Gálatas 4.1. Alguns acreditam que os *rudimentos* aos quais Paulo se refere nesse versículo sejam as forças espirituais básicas. Como na astrologia hoje, os povos antigos associavam forças espirituais aos elementos, como a terra, o ar, o fogo e a água. Mas o contexto e a palavra usada por Paulo em outra passagem (Cl 2.8,20) favorecem uma compreensão de *rudimentos* como prin-

cípios ou ordenanças elementares; talvez a Lei judaica ou aspectos dela (compare Hb 5.12—6.3). Isso se confirma no contexto, pois *rudimentos do mundo* fazem um paralelo com *tutores e curadores* em Gálatas 4.2, bem como a função da Lei em Gálatas 3.23-25. Esses rudimentos são descritos como *fracos e pobres* de Gálatas 4.9 e estão ligados ao que parecem ser observâncias do calendário judaico de Gálatas 4.10.

4.4,5 — A plenitude dos tempos é o tempo perfeito na história, o tempo determinado por Deus Pai (Gl 4.2) para seu Filho nascer e, mais tarde, morrer pelos pecados do mundo.

Nascido de mulher fala da humanidade de Cristo e talvez se refira ao Seu papel como a maior posteridade da mulher (Gl 3.16; Gn 3.15).

Nascido sob a lei significa que Cristo estava sujeito à Lei judaica (Mt 5.17-19), confirmando, mais adiante, sua identificação com todas as pessoas que estão sujeitas à Lei.

Remir, com o sentido de comprar do mercado de escravos, é um termo usado somente por Paulo no Novo Testamento (Gl 3.13; Ef 5.16; Cl 4.5). O verbo descreve o pagamento mais alto e definitivo de Cristo pelos pecados da humanidade (Rm 3.23-25). Esse pagamento, a morte de Cristo na cruz, liberta da maldição da Lei e da escravidão do pecado os que creem nele. Esse pagamento decisivo e sua consequente liberdade abrem caminho para que os cristãos se tornem filhos de Deus. Embora haja somente um Filho natural na família de Deus, Jesus Cristo (Gl 4.4,6), Deus, por sua bondade, adotou todos os cristãos como Seus filhos. Não somos mais escravos do pecado, nem filhos que estão sob a tutela da Lei.

4.6 — Assim como Deus enviou seu Filho na plenitude dos tempos na história do mundo (Gl 4.4), assim Deus enviou [...] o Espírito de Cristo no momento certo para todo aquele que nele crê.

O fragmento *aos nossos corações* atesta que os cristãos podem experimentar a intimidade com o Pai por causa do Espírito que habita neles (Rm 8.1-17).

4.7 — Paulo resume as ilustrações e o ensino da seção anterior (Gl 4.1-6) ao falar da



APLICAÇÃO

DIREITOS

Vivemos em uma época em que parece que todos estão preocupados com o exercício de seus *direitos*. Na verdade, a sociedade tem ficado um tanto polarizada, uma vez que vários grupos se formam em torno de suas percepções de direitos que, segundo eles, estão sendo lhes negados. Quanto mais acirrada a luta para obter tais direitos, o conflito social parece se agravar cada vez mais.

Paulo mostrou aos gálatas que, diante de Deus, ninguém tem nenhum direito, seja qual for o direito que a humanidade já tenha perdido como consequência do pecado. Para deixar essa situação bem clara para seus leitores, Paulo usou a metáfora de um servo (Gl 4.1-3), uma ilustração que os gálatas provavelmente conheciam bem, uma vez que o Império Romano dependia muito do trabalho escravo (Rm 6.16).

Os gálatas tornaram-se filhos de Deus, mas, antes disso, foram escravos do pecado, dos *rudimentos do mundo* (Gl 4.3; compare com Cl 2.8,20). Como escravos do pecado, eles não tinham direitos diante de Deus. Ele não lhes devia nada. Os gálatas pertenciam ao pecado, ao qual eram forçados a servir. A libertação daquela posição tinha de vir de uma fonte que não fosse seu próprio poder, sua habilidade ou sua moralidade.

Essa é a situação de todos os pecadores diante de Deus — impotentes e sem esperança (Rm 3.23; Jo 3.19,20). Mas, assim como Deus deu vida, recursos e responsabilidade à humanidade no princípio (Gn 1.26—2.4), agora deu Cristo, seu Filho, para resgatar ou *remir* as pessoas do pecado e dar-lhes todos os privilégios da adoção na família de Deus (Gl 4.4-7). Ninguém merece isso, o que explica por que receber a nova vida em Cristo com seus direitos é, na verdade, uma dádiva.

Se, como cristãos, recebemos esses tesouros de Deus, devemos então fazer com que os outros saibam que eles têm a mesma oportunidade.

transformação do cristão quando deixa de ser um *servo* espiritual para ser um *filho* com plenos direitos. Ser *herdeiro de Deus* aplica-se a todos os *filhos* de forma incondicional. No entanto, é preciso distinguir esse título do de herdeiro do reino. As Escrituras falam de duas heranças (Rm 8.17). Todos os filhos de Deus pela fé (Jo 1.12) têm uma herança no céu que jamais poderá perecer (1 Pe 1.3-5), mas a herança no reino terreno de Cristo é obtida como consequência de nossos sofrimentos por Ele (2 Tm 2.12).

4.8,9 — As palavras *servir* e *rudimentos* remetem a Gálatas 4.3. Paulo estava, na verdade, perguntando aos gálatas: “O progresso espiritual deve se deixar escravizar *outra vez* por observâncias e rituais *fracos e pobres* (Gl 4.10)? *Conhecendo a Deus* (NVI), como vocês podem voltar às coisas de menino (Gl 4.3)?” Os gálatas vieram a conhecer a Deus por meio da fé em Jesus Cristo (Jo 17.2,3), que os adotou como Seus filhos, mas eles estavam voltando à Lei que antes os havia escravizado. Estavam no processo de deixar a luz e a liberdade do cristianismo pela sombra e escravidão do legalismo. As observâncias ritualísticas

são pagãs em princípio. São um sistema de escravidão contrário à graça de Deus. Como alguém pode querer trocar o manto de justiça de Cristo pelo trapo imundo do paganismo, do judaísmo ou de qualquer outro *ismo*?

4.10 — A palavra *dias* provavelmente se refere aos sábados ou a festas especiais. *Meses e tempos* dizem respeito a observâncias mais longas, como as celebrações entre a Páscoa e o dia de Pentecostes. *Anos*. Provavelmente indica o Ano do Jubileu, o quinquagésimo ano no qual os escravos deveriam ser libertos, as terras das famílias, devolvidas aos seus primeiros proprietários e a terra, alqueivada (Lv 23—25). Os judeus comemoravam todas essas festas para agradar a Deus.

4.11 — Nessa seção (Gl 4.8-20), Paulo usa duas variações sobre o conceito de trabalho: (1) Inicialmente, ele fala de ter *trabalhado em vão para convosco* quando *vos anunciei o evangelho* (Gl 4.13); (2) Em seguida, ele usa a analogia das dores de parto para descrever a dificuldade de promover o crescimento cristão dos gálatas *até que Cristo seja formado em vós* (Ef 4.13).



EM FOCO

RUDIMENTOS (GR. *STOICHEION*)

(Gl 4.3,9; Cl 2.8,20; Hb 5.12; 2 Pe 3.10)

Esse termo grego pode significar (1) princípios elementares ou rudimentares; ou (2) espíritos primitivos. Em sentido literal, a palavra significa coisas colocadas em uma fila ou em uma sequência, como um alfabeto. Era usada como referência a princípios rudimentares (Hb 5.12) ou elementos básicos do universo, seja físico (2 Pe 3.10) ou espiritual. Se Paulo se referia a princípios elementares, ele estava dizendo que as pessoas são escravas dos elementos básicos da religião (Cl 2.20); se se referia a espíritos, o apóstolo estava dizendo que as pessoas são escravas dos espíritos primitivos, no sentido de certos deuses ou demônios. *Princípios* corresponde ao contexto geral de Gálatas, enquanto *espíritos* está de acordo com 4.8-10. Em todo caso, Paulo estava dizendo que as pessoas estavam presas antes de Cristo se manifestar.

4.12 — *Rogo-vos*. Para ir além do presente dilema, Paulo apela aos gálatas para que sigam seu exemplo (1 Co 11.1). Ele havia abandonado as regras e as ordenanças cerimoniais ligadas ao judaísmo para que pudesse pregar livremente o evangelho de Cristo para judeu e gentio de igual modo nas cidades da Galácia. Os gálatas também não deveriam criar empecilhos para o evangelho de Cristo com leis e ordenanças.

4.13-15 — Paulo descreve a proximidade e o entendimento que existiam entre ele e os gálatas quando ele lhes anunciou o *evangelho* inicialmente. Ele lembra como os gálatas cuidaram dele em sua doença, tratando-o como fariam a *um anjo*, ou até ao próprio *Cristo*. A *fraqueza da carne* de Paulo poderia ter sido uma doença contraída a caminho da Galácia, uma consequência de ter ficado cego na estrada para Damasco (At 9.3,8) ou uma consequência de ter sido apedrejado (At 14.19). Alguns sugerem que Paulo estava praticamente cego. Isso explicaria a referência aos *olhos*, bem como ao tamanho de suas letras, mencionado em Gálatas 6.11. Poderia ter sido a enfermidade sobre a qual Paulo escreveu em sua carta aos Coríntios. Paulo pediu várias vezes a cura para o Pai, mas Deus se negou a curá-lo porque a fraqueza do apóstolo mostrava a força do Senhor (2 Co 12.7-10).

4.16 — Uma pessoa com motivos puros e amizade verdadeira nem sempre diz coisas que são agradáveis de ouvir. Paulo estava dizendo a *verdade* aos gálatas, e, conseqüentemente, estava sendo chamado de *inimigo* deles. Às vezes, a

verdade dói, mas um amigo fiel diz a verdade com coragem.

4.17,18 — A própria ocupação de Paulo de perseguir os cristãos provava que o *zelo* pode ser tragicamente mal orientado (Gl 1.13,14). Paulo foi contundente em sua declaração de que os falsos mestres na Galácia estavam cometendo o mesmo erro que ele havia cometido antes de sua conversão. O zelo que tinham pela Lei os estava deixando cegos para a liberdade e a verdade encontradas em Jesus Cristo.

4.19 — De um modo mais carinhoso, Paulo chama os cristãos gálatas de seus *filhinhos* por causa da falta de crescimento espiritual e profundidade deles. O apóstolo também descreve a si mesmo como a *mãe espiritual* dos gálatas. Paulo estava sentindo as *dores de parto* por causa deles *de novo* porque eles haviam caído em um erro sério.

4.20 — Paulo conclui seu apelo bastante pessoal aos gálatas (Gl 4.8-20) ao declarar que deseja *estar presente* com eles e que as coisas sejam diferentes. Mas, considerando o falso ensino que havia no meio deles, o apóstolo tem um bom motivo para estar *perplexo* com a condição espiritual dos gálatas.

4.21-31 — Nessa seção, Paulo desenvolve uma alegoria para complementar seu argumento de que a justificação sempre foi pela fé e que isso não mudou por causa do surgimento da Lei (Gl 3.6-25). Embora haja outros exemplos bíblicos de alegoria — ou seja, dar um sentido figurado aos detalhes de uma história (Is 5.1-7) —, Paulo não está recomendando, nem mesmo aceitando, o uso da



APLICAÇÃO

DIREITOS

Vivemos em uma época em que parece que todos estão preocupados com o exercício de seus *direitos*. Na verdade, a sociedade tem ficado um tanto polarizada, uma vez que vários grupos se formam em torno de suas percepções de direitos que, segundo eles, estão sendo lhes negados. Quanto mais acirrada a luta para obter tais direitos, o conflito social parece se agravar cada vez mais.

Paulo mostrou aos gálatas que, diante de Deus, ninguém tem nenhum direito, seja qual for o direito que a humanidade já tenha perdido como consequência do pecado. Para deixar essa situação bem clara para seus leitores, Paulo usou a metáfora de um servo (Gl 4.1-3), uma ilustração que os gálatas provavelmente conheciam bem, uma vez que o Império Romano dependia muito do trabalho escravo (Rm 6.16).

Os gálatas tornaram-se filhos de Deus, mas, antes disso, foram escravos do pecado, dos *rudimentos do mundo* (Gl 4.3; compare com Gl 2.8,20). Como escravos do pecado, eles não tinham direitos diante de Deus. Ele não lhes devia nada. Os gálatas pertenciam ao pecado, ao qual eram forçados a servir. A libertação daquela posição tinha de vir de uma fonte que não fosse seu próprio poder, sua habilidade ou sua moralidade.

Essa é a situação de todos os pecadores diante de Deus — impotentes e sem esperança (Rm 3.23; Jo 3.19,20). Mas, assim como Deus deu vida, recursos e responsabilidade à humanidade no princípio (Gn 1.26—2.4), agora deu Cristo, seu Filho, para resgatar ou *remir* as pessoas do pecado e dar-lhes todos os privilégios da adoção na família de Deus (Gl 4.4-7). Ninguém merece isso, o que explica por que receber a nova vida em Cristo com seus direitos é, na verdade, uma dádiva.

Se, como cristãos, recebemos esses tesouros de Deus, devemos então fazer com que os outros saibam que eles têm a mesma oportunidade.

transformação do cristão quando deixa de ser um *servo* espiritual para ser um *filho* com plenos direitos. Ser *herdeiro de Deus* aplica-se a todos os *filhos* de forma incondicional. No entanto, é preciso distinguir esse título do de herdeiro do reino. As Escrituras falam de duas heranças (Rm 8.17). Todos os filhos de Deus pela fé (Jo 1.12) têm uma herança no céu que jamais poderá perecer (1 Pe 1.3-5), mas a herança no reino terreno de Cristo é obtida como consequência de nossos sofrimentos por Ele (2 Tm 2.12).

4.8,9 — As palavras *servir* e *rudimentos* remetem a Gálatas 4.3. Paulo estava, na verdade, perguntando aos gálatas: “O progresso espiritual deve se deixar escravizar *outra vez* por observâncias e rituais *fracos e pobres* (Gl 4.10)? *Conhecendo a Deus* (NVI), como vocês podem voltar às coisas *de menino* (Gl 4.3)?” Os gálatas vieram a conhecer a Deus por meio da fé em Jesus Cristo (Jo 17.2,3), que os adotou como Seus filhos, mas eles estavam voltando à Lei que antes os havia escravizado. Estavam no processo de deixar a luz e a liberdade do cristianismo pela sombra e escravidão do legalismo. As observâncias ritualísticas

são pagãs em princípio. São um sistema de escravidão contrário à graça de Deus. Como alguém pode querer trocar o manto de justiça de Cristo pelo trapo imundo do paganismo, do judaísmo ou de qualquer outro *ismo*?

4.10 — A palavra *dias* provavelmente se refere aos sábados ou a festas especiais. *Meses e tempos* dizem respeito a observâncias mais longas, como as celebrações entre a Páscoa e o dia de Pentecostes. *Anos*. Provavelmente indica o Ano do Jubileu, o quinquagésimo ano no qual os escravos deveriam ser libertos, as terras das famílias, devolvidas aos seus primeiros proprietários e a terra, alqueivada (Lv 23—25). Os judeus comemoravam todas essas festas para agradar a Deus.

4.11 — Nessa seção (Gl 4.8-20), Paulo usa duas variações sobre o conceito de trabalho: (1) Inicialmente, ele fala de ter *trabalhado em vão para convosco* quando *vos anunciei o evangelho* (Gl 4.13); (2) Em seguida, ele usa a analogia das dores de parto para descrever a dificuldade de promover o crescimento cristão dos gálatas *até que Cristo seja formado em vós* (Ef 4.13).



EM FOCO

RUDIMENTOS (GR. *STOICHEION*)

(Gl 4.3,9; Cl 2.8,20; Hb 5.12; 2 Pe 3.10)

Esse termo grego pode significar (1) princípios elementares ou rudimentares; ou (2) espíritos primitivos. Em sentido literal, a palavra significa coisas colocadas em uma fila ou em uma sequência, como um alfabeto. Era usada como referência a princípios rudimentares (Hb 5.12) ou elementos básicos do universo, seja físico (2 Pe 3.10) ou espiritual. Se Paulo se referia a princípios elementares, ele estava dizendo que as pessoas são escravas dos elementos básicos da religião (Cl 2.20); se se referia a espíritos, o apóstolo estava dizendo que as pessoas são escravas dos espíritos primitivos, no sentido de certos deuses ou demônios. *Princípios* corresponde ao contexto geral de Gálatas, enquanto *espíritos* está de acordo com 4.8-10. Em todo caso, Paulo estava dizendo que as pessoas estavam presas antes de Cristo se manifestar.

4.12 — *Rogo-vos*. Para ir além do presente dilema, Paulo apela aos gálatas para que sigam seu exemplo (1 Co 11.1). Ele havia abandonado as regras e as ordenanças cerimoniais ligadas ao judaísmo para que pudesse pregar livremente o evangelho de Cristo para judeu e gentio de igual modo nas cidades da Galácia. Os gálatas também não deveriam criar empecilhos para o evangelho de Cristo com leis e ordenanças.

4.13-15 — Paulo descreve a proximidade e o entendimento que existiam entre ele e os gálatas quando ele lhes anunciou o *evangelho* inicialmente. Ele lembra como os gálatas cuidaram dele em sua doença, tratando-o como fariam a *um anjo*, ou até ao próprio *Cristo*. A *fraqueza da carne* de Paulo poderia ter sido uma doença contraída a caminho da Galácia, uma consequência de ter ficado cego na estrada para Damasco (At 9.3,8) ou uma consequência de ter sido apedrejado (At 14.19). Alguns sugerem que Paulo estava praticamente cego. Isso explicaria a referência aos *olhos*, bem como ao tamanho de suas letras, mencionado em Gálatas 6.11. Poderia ter sido a enfermidade sobre a qual Paulo escreveu em sua carta aos Coríntios. Paulo pediu várias vezes a cura para o Pai, mas Deus se negou a curá-lo porque a fraqueza do apóstolo mostrava a força do Senhor (2 Co 12.7-10).

4.16 — Uma pessoa com motivos puros e amizade verdadeira nem sempre diz coisas que são agradáveis de ouvir. Paulo estava dizendo a *verdade* aos gálatas, e, conseqüentemente, estava sendo chamado de *inimigo* deles. Às vezes, a

verdade dói, mas um amigo fiel diz a verdade com coragem.

4.17,18 — A própria ocupação de Paulo de perseguir os cristãos provava que o *zelo* pode ser tragicamente mal orientado (Gl 1.13,14). Paulo foi contundente em sua declaração de que os falsos mestres na Galácia estavam cometendo o mesmo erro que ele havia cometido antes de sua conversão. O zelo que tinham pela Lei os estava deixando cegos para a liberdade e a verdade encontradas em Jesus Cristo.

4.19 — De um modo mais carinhoso, Paulo chama os cristãos gálatas de seus *filhinhos* por causa da falta de crescimento espiritual e profundidade deles. O apóstolo também descreve a si mesmo como a *mãe espiritual* dos gálatas. Paulo estava sentindo as *dores de parto* por causa deles *de novo* porque eles haviam caído em um erro sério.

4.20 — Paulo conclui seu apelo bastante pessoal aos gálatas (Gl 4.8-20) ao declarar que deseja *estar presente* com eles e que as coisas sejam diferentes. Mas, considerando o falso ensino que havia no meio deles, o apóstolo tem um bom motivo para estar *perplexo* com a condição espiritual dos gálatas.

4.21-31 — Nessa seção, Paulo desenvolve uma alegoria para complementar seu argumento de que a justificação sempre foi pela fé e que isso não mudou por causa do surgimento da Lei (Gl 3.6-25). Embora haja outros exemplos bíblicos de alegoria — ou seja, dar um sentido figurado aos detalhes de uma história (Is 5.1-7) —, Paulo não está recomendando, nem mesmo aceitando, o uso da

interpretação alegórica. A alegoria é uma legítima figura de linguagem para expressar uma verdade literal, enquanto a alegorização é uma distorção ilegítima de fatos históricos para criar um sentido espiritual oculto mais profundo. Paulo está baseando-se em uma perspectiva judaica comum na época, provavelmente usada pelos falsos mestres na Galácia para tentar respaldar as concepções deles. Paulo talvez esteja “invertendo as posições” ao usar o próprio método deles para levá-los ao descrédito.

4.21,22 — Mais uma vez, Paulo menciona a lei e a experiência de Abraão, dando atenção ao respeito fundamental dos falsos mestres por Abraão (Gl 3.6-9) e à obsessão dos gálatas por viverem *debaixo* da Lei. Para encerrar seu extenso argumento sobre a escravidão da Lei e a liberdade encontrada em Cristo, Paulo usa como exemplos os dois filhos de Abraão: Ismael, que nasceu da escrava Agar (Gl 4.24), e Isaque, que nasceu de Sara, a esposa legítima e livre. De um modo adequado, Paulo se opõe ao zelo dos falsos mestres judeus pela Lei com um argumento baseado na Lei, o Pentateuco (Gn 16.15; 21.2). Ele usa a alegoria para provar o que quer dizer porque era uma técnica retórica que os falsos mestres usavam. Em outras palavras, Paulo estava mostrando que, assim como eles, também poderia argumentar com a Lei, mas para provar que a Lei de Moisés apontava para o Messias, Jesus Cristo.

4.23 — Em Gênesis 16, Abraão e Sara tentaram cumprir a promessa de Deus por meio da própria força, usando Agar, uma escrava. A despeito das complicações causadas por aquela alternativa carnal, Sara, a livre, no final viu o milagre da promessa de Deus sendo realizado no nascimento de Isaque (Gn 12.2; 15.4).

4.24 — *Alegoria*. Paulo estava usando o método alegórico comum dos judeus da época para defender seu ponto de vista. Ele usou essa figura de linguagem para fazer um forte contraste entre dois concertos bíblicos divergentes nas igrejas na Galácia: a promessa abraâmica (Gn 12.1-3) e a Lei de Moisés que Deus deu a Israel no monte Sinai.

4.25 — Paulo comparou *Jerusalém*, o centro da vida judaica, ao monte Sinai, o lugar onde surgiu a Lei de Moisés.

4.26 — *A Jerusalém que é de cima* representa a esperança judaica do céu finalmente vinda à terra (Ap 21; 22). Uma vez que a expressão *todos nós* obviamente se refere ao que é livre por meio da fé em Cristo (Gl 4.7), para Paulo, o que estava em questão não era a lealdade a Jerusalém, mas a lealdade à qual Jerusalém – a nova ou a velha? Os gálatas seguiriam a presente Jerusalém, legalista e de visão estreita, ou a liberdade da Jerusalém celestial?

4.27 — Paulo cita Isaías 54.1, usando a profecia segundo a qual Israel seria restaurado do juízo e do exílio para ilustrar como os filhos da promessa que nasceriam mais tarde, por fim, acabariam excedendo em número a descendência anterior.

4.28-30 — Essa parte da alegoria de Paulo está baseada em Gênesis 21.9,10. Ismael continuamente persegue seu meio-irmão mais velho, Isaque. Por fim, Ismael e sua mãe, Agar, foram expulsos porque Ismael não era visto por Deus como herdeiro (nvi) de Abraão. Ao criar um paralelo entre a história de Gênesis e a situação dos gálatas, Paulo mostra que (1) já era de se esperar a perseguição pelos legalistas judeus de sua época e (2) ela não continuaria por tempo indeterminado porque os legalistas logo seriam expulsos.

4.31—5.1 — *Assim* representa a conclusão da seção anterior, enquanto *pois* sinaliza que Paulo vai aplicar essa verdade espiritual à vida dos cristãos gálatas. Ser filhos da escrava (nvi) é ser escravos da aliança feita no monte Sinai (Gl 4.24,25), a Lei de Moisés. Ser filho da livre é seguir o exemplo de fé de Abraão (Gl 3.6-9), ser nascido segundo o Espírito (Gl 3.2; 4.29) e estar destinado à *Jerusalém que é de cima* (Gl 4.26). Ao entender essas realidades, os crentes em Cristo devem estar sempre firmes na liberdade de não terem de cumprir a Lei de Moisés para serem salvos. Os gálatas estavam na iminência de se tornar escravos da Lei novamente.

5.2-4 — Os mestres judeus legalistas na Galácia estavam incitando os cristãos a se deixarem circuncidar (Gl 6.12,13). Paulo ressalta que ser circuncidado muda inteiramente a orientação da salvação, que, em vez de ser pela graça de Deus,

passa a ser pelas ações do indivíduo. Quem é circuncidado na tentativa de obter a aceitação de Deus é obrigado a *guardar toda a lei*, o que a história mostrou amplamente que ninguém pode fazer (Rm 3.10-18). É uma perda dupla: não podemos ser *justificados pela lei* (Gl 2.16, NVI), e os que tentam fazer isso *separam-se* [totalmente] *de Cristo* (NVI), fazendo com que Sua morte redentora na cruz de *nada* lhes sirva. O que os mestres legalistas judeus fizeram com respeito à circuncisão não é diferente em princípio do que fazem mestres legalistas de todas as épocas.

5.4 — Alguns entendem a expressão *caíram da graça* (NVI) como uma referência à perda da salvação. No entanto, *caíram da* pode referir-se à atitude deles e à mensagem que essa atitude transmite, e não à sua salvação eterna.

5.5 — A *fé* em Cristo suscita não somente a justificação diante de Deus, mas também o

crescimento na vida cristã até sermos completamente glorificados por Deus e estarmos livres da presença do pecado. Essa é a *esperança da justiça*. Podemos ter a certeza de que seremos declarados justos diante do Senhor naquele último dia, porque já podemos usufruir agora daquela justiça vinda do Espírito que vive em nós (2 Co 5.5).

5.6 — Pela *fé* é possível cumprir a ordem de *amor* ao próximo dada por Cristo (Gl 4.13,14; Jo 13.34,35).

5.7,8 — *Corriéis bem*. A forma promissora com que os gálatas iniciaram a corrida da vida cristã não teve continuidade. Sem dúvida, seu retorno ao legalismo não era da vontade de Deus.

5.9,10 — O *fermento* simboliza os intrusos, com sua falsa doutrina e má influência. Eles estavam tirando dos gálatas o evangelho do perdão gratuito. Quem causa um mal assim sofrerá a *condenação* de Deus (2 Co 5.10).



COMPARE

A GRAÇA VERSUS A LEI

Os cristãos gálatas, sob pressão de legalistas judeus, estavam pensando em rejeitar o evangelho da graça e voltar à dependência da Lei mosaica para obter salvação. Paulo escreveu esta carta para definir as diferenças radicais entre as duas perspectivas de Deus.

A graça...	A Lei...
• está baseada na fé (Gl 2.16).	• está baseada em obras (Gl 2.16).
• justifica pecadores (Gl 2.16,17).	• não pode resultar em justificação (Gl 2.16; 3.11).
• começa e termina com Cristo (Gl 2.20).	• faz com que Cristo não seja nada (Gl 5.3).
• é o caminho do Espírito (Gl 3.2,3,14).	• é o caminho da carne (Gl 3.3).
• é uma <i>bênção</i> (Gl 3.14).	• é uma <i>maldição</i> (Gl 3.13).
• é o fim desejado por Deus para Seu povo (Gl 3.23-25).	• tinha por objetivo ser apenas um meio para um fim (Gl 3.23-25).
• resulta em intimidade com Cristo (Gl 3.27).	• resulta em distanciamento de Cristo (Gl 5.4).
• torna o indivíduo um filho de Deus e herdeiro de Cristo (Gl 4.6,7).	• mantém escravo o indivíduo (Gl 4.7).
• traz liberdade (Gl 5.1).	• resulta em servidão (Gl 5.1).
• depende do poder do Espírito Santo (Gl 5.16-18,22,23).	• depende de esforço humano (Gl 5.19-21).
• é motivada pelo amor (Gl 5.13,14).	• é motivada pelo orgulho (6.3,13,14).
• centra-se na cruz de Cristo (Gl 6.12-14).	• centra-se na circuncisão (5.11; 6.12-15).

5.11 — *Eu, porém, irmãos.* Paulo compara-se com os legalistas. Os legalistas acusavam Paulo de inconsistência e duplicidade. Eles interpretaram mal o ato de Paulo de ter circuncidado Timóteo (At 16.3). Paulo não poderia pregar a circuncisão e a cruz ao mesmo tempo, pois ambas são contraditórias. A *cruz* causa *escândalo* porque proclama a graça imerecida da parte de Deus (Gl 2.21), não deixando espaço para as boas obras do homem.

5.12 — *Cortados.* O dano espiritual causado pelo ensino legalista com relação à circuncisão e à Lei era tão sério que Paulo usou palavras fortes e sarcásticas para enfatizar seus argumentos. Os falsos mestres deveriam ir além da mera circuncisão e mutilar a si mesmos. Essa afirmação exagerada revela a frustração de Paulo com aqueles que enlameavam a clara mensagem do evangelho da graça de Deus.

5.13,14 — A *liberdade* apresenta uma tentação contrária ao legalismo. A pessoa pode ser tentada a ver a liberdade em Cristo como uma *ocasião* [egoísta] à *carne*, em outras palavras, uma oportunidade para fazer tudo o que queira fazer. Contudo, Paulo mostra que a verdadeira *liberdade* cristã serve para que os cristãos *servam uns aos outros* (NVI) em *caridade* (Gl 5.5,6).

5.15 — Quando os cristãos seguem seus desejos pecaminosos (Gl 5.13), eles começam a criticar *uns aos outros* e a contender entre si. Essa conduta egoísta causa seu próprio fracasso. Aqueles que criticam e atacam normalmente acabam por se *destruírem* (NVI) em brigas inúteis.

5.16-18 — Esses versículos introduzem o contraste entre a obra do *Espírito* e a obra da carne na vida do cristão. O *Espírito* deveria ser entendido como uma referência ao *Espírito* Santo ou ao *espírito* humano? A carne é a propensão pecaminosa que habita em nós como consequência da queda. Satanás opera por meio da carne para nos levar ao pecado, enquanto Deus trabalha por meio de nosso *espírito* humano pelo seu *Espírito* Santo para produzir virtudes cristãs que lhe agradem. Independente de ser *Espírito* ou *espírito*, a verdade desses versículos permanece imutável.

5.16 — A única maneira consistente de vencer os desejos pecaminosos de nossa natureza humana (a *carne*) é vivermos dia após dia no poder do *Espírito* Santo enquanto Ele opera por meio de nosso espírito (Gl 5.25). A forma futura na negativa (*não cumprireis*) é uma notável promessa. Andar a cada momento pela fé na palavra de Deus sob o controle do *Espírito* é garantia de vitória absoluta sobre os desejos de nossa natureza pecaminosa.

5.17 — O potencial da *carne* estimulada por Satanás na vida do cristão não deveria ser subestimado. Se não tiver rédeas, a carne controlará nossas escolhas, levando-nos a fazer o que sabemos que não deveríamos fazer. Esse conflito interior entre a carne e o *Espírito* é muito real, mas as opiniões sobre seu significado preciso divergem consideravelmente. Alguns acreditam que *carne* aqui se refira a uma “natureza pecaminosa” que persiste após a salvação, enquanto outros a veem como simplesmente a carne física e suas tendências naturais. Há ainda quem se concentre nos hábitos e padrões “carnais” ou “mundanos” que persistem após a justificação. Embora o significado preciso de *carne* seja incerto, a intenção de Paulo é clara. Os desejos de nossa carne estão em conflito com o que o *Espírito* Santo deseja para nós: sermos livres do pecado.

5.18 — Aqueles que são *guiados pelo Espírito* Santo exibem uma qualidade de comportamento (Gl 5.22,23) que vai além das exigências do código mosaico.

5.19-21 — *As obras da carne* incluem *porfias* e *emulações* destrutivas, mas vão muito além delas. Onde existe esse comportamento existe a prova de que a pessoa não está vivendo no poder do *Espírito* Santo (Gl 5.16,18,22,23), mas está sendo instigada por Satanás e suas hostes (Mt 16.23; At 5.3). A *carne* se expressa na imoralidade sexual e na indecência (*prostituição*, *lascívia*), na adoração a ídolos e no ocultismo (*feiticiarias*), e em outros atos como *homicídios*, *bebedices* e festas extravagantes (*glutonarias*). Mas ela também se manifesta nestes pecados socialmente aceitos como *inimizades*, *iras*, *pelejas*, *dissensões*, *heresias* (gr. *haireseis*, falsas crenças), e até *invejas*.



EM FOCO

CARNE (GR. *SARX*)

(Gl 5.19,24; 6.8,12,13; Rm 7.18; 8.3,13)

Na literatura grega, a palavra *sarx* normalmente não significava nada mais que o corpo humano. Também foi usada dessa forma no Novo Testamento (Jo 1.14; Ap 17.16; 19.18,21). No entanto, Paulo muitas vezes usou a palavra para representar todo o ser humano corrompido — não somente o corpo pecaminoso, mas todo o ser, incluindo a alma e a mente, como elementos afetados pelo pecado. Portanto, Paulo muitas vezes opôs a *carne* ao *Espírito*, considerando-os forças diametralmente opostas. O incrédulo só pode viver na carne, mas o cristão pode viver na carne ou no Espírito. Paulo repetidamente encoraja o cristão a vencer as obras da carne ao viver no Espírito.

E coisas semelhantes a estas mostram que essa é uma lista representativa, e não uma lista completa desses pecados (veja outra lista em 1 Co 6.9,10).

5.22,23 — *Espírito*. A dúvida aqui é se Paulo se refere especificamente às obras realizadas pelo espírito humano regenerado ou às obras realizadas pelo Espírito Santo na vida do cristão. A analogia do *fruto* relembra o ensino de Jesus sobre a videira, as varas e a boa colheita (Jo 15.1-5). Convém ao cristão lembrar que, sem Cristo e sem o Espírito Santo (Gl 4.6), *nada [poderá] fazer* (Jo 15.5). Uma vez que *fruto* está no singular, tudo indica que as seguintes características (*caridade, temperança*) são vistas como uma unidade harmoniosa. Trata-se de um prisma multifacetado que exhibe sua beleza de formas diversas, porém integradas. Portanto, haverá temperança na mesma medida em que houver caridade. Uma vez que a *caridade* foi mencionada em Gálatas 5.6,13,14 de um modo que resume a qualidade da vida cristã, é provável que a *caridade* apareça como o item mais abrangente da lista. Sem dúvida, essa complexa descrição do caráter assemelha-se à de Jesus, a qual se ajusta ao cristão que está em *Jesus Cristo* pela fé (Gl 5.5,6) e que tem o Espírito de Cristo em seu íntimo (Gl 4.6) e guiando seus passos (Gl 5.18).

5.24 — O cristão está espiritualmente *crucificado com Cristo* (Gl 2.20). Ele não mais precisa

obedecer aos valores ou desejos do mundo (Gl 6.14). No entanto, ainda lhe é difícil aplicar a realidade espiritual às *paixões* (afeições) e *concupiscências* (desejos) da *carne* (v. 16). Os que dominaram esses desejos pecaminosos são os que mantiveram o foco em Deus (Jr 9.23,24; Dn 11.32; Jo 17.3; Hb 12.1-3).

5.25,26 — Nesses versículos, Paulo exorta os gálatas para que andem no Espírito porque eles já estão vivendo no Espírito. Essa ação deveria ser natural, mas, infelizmente, estamos em guerra com a carne. *Andemos também no Espírito* significa obedecer ao impulso do Espírito Santo. Os cristãos que seguem a direção do Espírito (v. 16) não serão *cobiçosos*, não provocarão os outros nem terão inveja.

6.1-5 — Paulo deixa de falar da responsabilidade do cristão para com o pecado a fim de discutir a restauração espiritual dos pecadores (Gl 6.1) e dos *irmãos* sobrecarregados (Gl 6.2) antes de considerar também a responsabilidade pessoal (Gl 6.3-5).

6.1 — Alguma *ofensa* provavelmente evoque as *obras* [pecaminosas] da *carne* em Gálatas 5.19-21. *Chegar a ser surpreendido* significa ser pego desprevenido, talvez em um momento vulnerável. Os irmãos precisam abordar com *mansidão* (Gl 5.22) o cristão que teve a vida destruída pelo pecado. Aqueles que não são controlados pelo Espírito Santo muitas vezes se vangloriam quando se comparam com o cristão que caiu (Gl 6.3,4). Assim como um médico pode contrair uma doença enquanto está tratando de um paciente, aquele que está restaurando um pecador caído pode ser *tentado* a cair em pecado. *Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado* (NVI). Vale a pena considerar esse perigo.

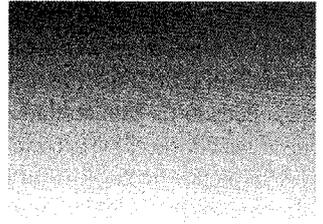
6.2 — É provável que *a lei de Cristo* mencionada aqui seja a suma da Lei: *Amarás o teu próximo* (Gl 5.14; Mt 22.39; Jo 13.34,35). O termo *cumprireis* sugere que optar por levar os *fardos* (Gl 6.2, NVI) de outro cristão (ou restaurar outro cristão de um pecado grave, Gl 6.1) é exatamente o que *Cristo* espera de todos os cristãos. A palavra grega usada para *fardos* refere-se a algo

que vai além da capacidade normal de carregar, em oposição a uma *carga* (Gl 6.5), que é o que se espera que uma pessoa possa carregar.

6.3,4 — Quem conclui ser *alguma coisa* especial, por meio de autocomparação com aqueles que parecem ter caído, na verdade *engana-se a si mesmo*. Em vez de examinar e julgar os outros, o cristão deve sempre examinar *a sua própria obra*

para ver se ele está seguindo à risca o exemplo de Cristo (1 Co 11.31; 2 Co 13.5).

6.5 — *Cada qual levará a sua própria carga* para não sobrecarregar outros cristãos, ou pôr um *fardo* indevido (Gl 6.2, *NVI*) sobre eles. Embora seja uma prioridade fazer o bem, principalmente para outros cristãos (Gl 6.10), há limites de tempo e de outros recursos que devem ser considerados.



A carta aos

Efésios

INTRODUÇÃO

Em Roma, Paulo estava oficialmente sob custódia. Mas, embora seus movimentos fossem restritos, ele continuou a orientar a Igreja primitiva e a pregar o evangelho. Os romanos podiam prendê-lo, mas não podiam deter a propagação das boas-novas.

Inúmeras congregações locais surgiram ao longo dos caminhos percorridos pelo apóstolo em suas três viagens missionárias. Os membros dessas igrejas anunciavam o evangelho não somente por meio de suas palavras, mas também com a vida que levavam. Paulo escreveu a carta aos Efésios para fortalecer essas congregações, que eram o Corpo de Cristo. Ele queria que elas entendessem o poder espiritual, Cristo, por trás dos inúmeros grupos que se reuniam em casas por todo o mundo e que se encorajassem mutuamente na fé.

Como grande parte dos textos de Paulo, a epístola aos Efésios enfatiza a verdade de que a salvação se dá somente pela fé, e não por meio de obras ou do esforço humano. A primeira metade da carta (cap. 1—3) trata das doutrinas centrais da fé cristã, enquanto a segunda (cap. 4—6) descreve como essas verdades espirituais devem refletir-se na conduta do cristão. Assim, alguns estudiosos dividiriam a segunda metade dessa carta paulina em duas seções: 1ª) a conduta do cristão; 2ª) o conflito espiritual com as forças do mal, com a passagem bem conhecida que descreve a armadura espiritual de um cristão (Ef 6.10-18). Mas toda a carta enfatiza a verdade de que todos os cristãos estão unidos em Cristo porque a Igreja é o Corpo de Cristo.

Nos primeiros capítulos de Efésios, Paulo descreve como Deus formou

esse novo Corpo com judeus e gentios, colocando Jesus, Seu Filho, como a Cabeça. Explica que, por meio da morte de Jesus, Deus proveu a expiação para o pecado da humanidade e reconciliou-se com os pecadores. Essa reconciliação com Deus tem seus efeitos práticos na terra. Povos que normalmente eram divididos, como os judeus e os gentios no primeiro século, reconciliaram-se uns com os outros por meio de Cristo.

Na epístola aos Efésios, Paulo exortou seus leitores a colocar em prática a verdade espiritual e estar unidos com Cristo. Fossem judeus ou gentios, os cristãos tinham de trabalhar juntos para a unidade da Igreja.

No fim de sua carta, Paulo apresenta muitas maneiras de os membros da Igreja unirem-se contra as forças do mal. Cada cristão tem de fazer sua parte para que todo o Corpo funcione de forma adequada. Cada pessoa tem de demonstrar o amor de Cristo, a paciência, humildade e bondade, usando seus dons para edificar a Igreja. Maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos, todos têm uma tarefa no Corpo de Cristo e devem exercê-la bem (Ef 5.22,23).

Paulo se identifica como o autor da epístola aos Efésios no início e no meio do texto (Ef 1.1; 3.1), e evidências internas dão respaldo a essa autoria. O fato de o autor descrever que estava preso aponta mesmo para Paulo, pois, na descrição de Lucas em Atos 28, Paulo estava em prisão domiciliar em Roma. Além disso, a carta enviada aos efésios é similar à escrita aos colossenses em termos de conteúdo, o que sugere que ambas foram escritas durante a mesma prisão em Roma, por volta de 60 d.C. O vocabulário e a ideia da carta aos efésios também são típicos de Paulo, com sua ênfase característica na justificação pela fé (Ef 2.8). E as novas maneiras de usar palavras antigas são alguns exemplos da genialidade e da versatilidade do apóstolo. Assim, os pais da Igreja foram unânimes em atribuir a Paulo a autoria da carta escrita aos Efésios.

Estudiosos modernos também reconheceram os temas claros de Paulo na carta aos Efésios, mas alguns usaram essa característica para provar uma teoria alternativa sobre a autoria desse texto.

Esses estudiosos afirmam que, quando o conjunto de epístolas de Paulo foi reunido, outra pessoa elaborou Efésios como uma introdução aos textos de Paulo. No entanto, essa teoria não resiste à força das convincentes evidências a favor de Paulo como autor da carta.

Éfeso era a capital da província romana da Ásia (hoje, parte da Turquia). Localizada na interseção de várias rotas comerciais importantes, era um centro comercial vital do império romano. Era o local em que se encontrava uma das sete maravilhas do mundo antigo, um templo famoso dedicado a Diana (ou Afrodite). O mais importante, no entanto, é que Éfeso figurou de forma notável e impressionante na história da Igreja primitiva, pois Paulo usou a cidade como base de sua obra missionária naquela região.

Paulo fez uma breve visita a Éfeso no final de sua segunda viagem missionária. Quando partiu, deixou para trás Priscila e Áquila, a fim de que continuassem o ministério naquela cidade (At 18.18-21).

Em sua terceira viagem missionária, o apóstolo passou cerca de três anos em Éfeso. Quando a mensagem do evangelho foi rejeitada pelos judeus na sinagoga de Éfeso, ele passou a ensinar as Escrituras para judeus e gregos na escola de Tirano.

O ministério de Paulo em Éfeso foi marcado por vários milagres realizados no poder do Espírito. Consequentemente, a cidade se tornou um centro missionário para o restante da província da Ásia (At 19.18-20). Na verdade, tantas pessoas em Éfeso se converteram a Cristo e renunciaram a seus valores e práticas pagãos que alguns artífices da cidade iniciaram um tumulto, porque o evangelho ameaçava o comércio de ídolos.

Em Atos 20.17-38, Paulo advertiu os presbíteros da igreja de Éfeso acerca dos *lobos cruéis* que não poupariam a congregação. Cerca de quatro décadas mais tarde, o Senhor Jesus ditou para o apóstolo João uma carta dirigida à mesma congregação (Ap 2.1-7), elogiando os efésios por terem dado ouvidos a Paulo examinando as Escrituras e não tolerando falsos mestres, mas exortou-os a voltar ao seu primeiro amor por Deus.

Há muitas provas de que a epístola aos Efésios foi originalmente uma carta circular, enviada a várias congregações na província da Ásia, da qual Éfeso era a principal. Uma dessas provas é a ausência em alguns manuscritos, em Efésios 1.1, da expressão *em Éfeso*. Outro indício de que Efésios é uma carta circular é não ter sido endereçada a uma pessoa em particular. E o emprego do verbo *ouvir*, em Efésios 1.15 e 3.2, sugere que Paulo havia apenas ouvido falar dos destinatários da carta, mas nunca os havia encontrado. Isso é particularmente digno de nota, pois, uma vez que o apóstolo passara três anos ministrando em Éfeso, parece estranho não ter mencionado o nome de alguns desses efésios em sua carta.

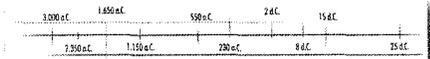
Além da falta de referências pessoais, o conteúdo e o ensino da carta são muito gerais. Paulo se refere à Igreja como o Corpo de Cristo, e não como uma igreja local específica. E, se as cartas aos Coríntios estão repletas de problemas na congregação local, em Efésios essas alusões não aparecem de modo algum.

A ideia de que Efésios é uma carta circular não é inédita. De certo modo, todas as epístolas do Novo Testamento são circulares, no sentido de que circularam em muitas igrejas. Embora a questão sobre o destino da carta seja interessante, não afeta muito seu significado ou relevância. Em maior ou menor escala, todas as cartas do Novo Testamento servem para a edificação geral da Igreja.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM EFÉSIOS

- Ano 47–49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém
- Ano 50–53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 53 d.C. — A igreja em Éfeso é iniciada
- Ano 53–57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 54–56 d.C. — A estadia prolongada de Paulo em Éfeso
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60–62 d.C. — Paulo é preso em Roma; a carta aos Efésios é escrita
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Doutrinas para os membros do Corpo de Cristo – 1.1–3.21
 - A. A saudação de Paulo – 1.1,2
 - B. A eleição de Deus – 1.3-12
 - C. O selo do Espírito – 1.13-23
 - D. A salvação pela graça por meio da fé – 2.1-10
 - E. A unidade do Corpo de Cristo – 2.11-22
 - F. O ministério do Corpo de Cristo – 3.1-21
- II. Deveres dos membros do Corpo de Cristo – 4.1–6.24
 - A. Andar de maneira digna – 4.1-6
 - B. Edificar o Corpo por meio dos dons pessoais – 4.7-16
 - C. Revestir-se da nova criatura – 4.17-32
 - D. Ser imitadores de Cristo – 5.1-21
 - 1. Andando em amor – 5.1-7
 - 2. Andando na luz – 5.8-14
 - 3. Andando em sabedoria – 5.15-17
 - 4. Andando no Espírito – 5.18-21
 - E. Promover a harmonia no lar – 5.22–6.9
 - 1. Entre esposa e marido – 5.22,23
 - 2. Entre filhos e pais – 6.1-4
 - 3. Entre servos e senhores – 6.5-9
 - F. Revestir-se de toda a armadura de Deus – 6.10-20
 - G. A saudação final de Paulo – 6.21-24

COMENTÁRIO

1.1—3.21 – Na primeira metade da carta aos Efésios, como em outras várias epístolas de Paulo, são enfatizadas as doutrinas e crenças nas quais se baseiam os deveres e o comportamento comentados na segunda metade da epístola.

1.1,2 – As saudações nas epístolas do Novo Testamento seguem a forma de uma carta típica do primeiro século: o escritor é mencionado primeiro, e o destinatário em seguida; depois vem uma bênção ou votos desejando que todos estejam bem de saúde. A diferença está no conteúdo da bênção: as cartas pagãs mencionavam deuses e deusas que não existiam, como Diana ou Apolo; os apóstolos invocavam o único Deus verdadeiro e Seu Filho Jesus Cristo para abençoar seus leitores. Em Efésios, Paulo se refere a si mesmo como um *apóstolo* porque ele foi pessoalmente comissionado por Jesus Cristo com autoridade especial para pregar o evangelho. O termo *santos*, no Novo Testamento, refere-se a todos os cristãos separados por Deus em Cristo.

Éfeso. Esta carta pode ter sido uma carta circular para a Igreja em Éfeso e em todas as cidades próximas.

1.2 – O dom gratuito da salvação, que é a *graça* de Deus, leva o ser humano à *paz* com Deus e com seus semelhantes e a uma vida plena. A deidade do *Senhor Jesus Cristo* fica clara quando o associamos ao *Pai*.

1.3-12 – Logo no início da carta, Paulo começa a louvar a Deus, que o escolheu antes da fundação do mundo. Foi em Cristo que Deus elegeu ele, Paulo, e os cristãos para serem abençoados e serem uma bênção para os outros. A ênfase não está no simples fato de escaparmos do castigo eterno, mas no fato de agirmos como verdadeiros santos e rendermos louvor à glória de Deus com a nossa maneira de viver.

1.3 – As bênçãos do cristianismo são, sobretudo, *espirituais*. Deus não promete saúde, riqueza e prosperidade aos cristãos no Novo Testamento. A expressão *nos lugares celestiais* sugere que o cristão, vivendo em qualquer lugar do mundo, já

está, neste momento, em um sentido espiritual, assentado com Cristo nos céus.

1.4,5 – Aqui, *caridade* corresponde ao termo *agape* no grego, ou seja, ao amor divino que é gerado em nós pelo Espírito Santo, quando, por escolha e vontade própria, entregamo-nos a Cristo; não é um sentimento romântico.

Nos predestinou. A predestinação aqui não indica determinismo insensível ou um destino predeterminado. Consiste numa escolha amorosa da parte de Deus.

Segundo (gr. *kata*) é um termo significativo em Efésios, mas pode não ser notado, já que se trata de uma preposição comum. Paulo o emprega 14 vezes nesta epístola. No capítulo 1, lemos *segundo o beneplácito de sua vontade* (v. 5), *segundo as riquezas da sua graça* (v. 7), *segundo o seu beneplácito* (v. 9), *segundo o conselho da sua vontade* (v. 11) e *segundo a operação da força do seu poder* (v. 19). No capítulo 3, lemos *segundo a operação do seu poder* (v. 7), *segundo as riquezas da sua glória* (v. 16) e *segundo o poder que em nós opera* (v. 20). Tudo isso quer dizer que Deus não nos dá Sua graça simplesmente *por causa* (*ek*) de Sua abundância, mas *de acordo com* (*kata*) Sua abundância.

1.6 – *Amado* também poderia ser traduzido por *aquele que Deus ama*, ou seja, Jesus Cristo. Em Colossenses 1.13, Paulo usa uma expressão similar: *Filho do seu amor*. O *Amado* é um “título” messiânico que se refere ao Filho de Deus. Jesus não é simplesmente um no meio de outros que são amados por Deus, é o Filho amado.

1.7,8 – *Redenção*. Esse termo significa *comprar de volta, resgatar*. Nos tempos antigos, era possível comprar de volta uma pessoa que havia sido vendida como escrava. Do mesmo modo, Cristo, por meio de Sua morte, comprou-nos para Deus, resgatou-nos da escravidão do pecado.

Seu sangue. O sangue de Cristo é o meio pelo qual se realiza a nossa redenção. O Antigo e o Novo Testamento ensinam claramente que não há perdão sem o derramamento de sangue, que implica a morte de alguém. Isso faz alusão ao sistema de sacrifícios da antiga aliança, que apontava para o autossacrifício de Jesus Cristo, o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*.



APLICAÇÃO

O QUE VOU GANHAR COM ISSO?

Pedro e os outros discípulos queriam saber o que ganhariam por seguir Cristo. *Nós deixamos tudo e te seguimos*, disse Pedro a Jesus. *Que receberemos?* (Mt 19.27). Em outras palavras: "que proveito há nisso?", "o que vou ganhar com isso?"

Paulo fala sobre parte da recompensa dos cristãos aqui, em Efésios 1.3-14. Uma vez que grande parte dela será concedida no futuro, na eternidade, a linguagem paulina é estranha e difícil de entender. Mas, em Efésios 1.11, Paulo menciona a herança que está à nossa espera. O que vamos receber *em Cristo*? Tudo o que Deus preparou para Cristo na *plenitude dos tempos* (Ef 1.10) vai ser nosso também (Rm 8.15-17). Isso inclui a libertação do pecado (Hb 1.14), a vida eterna (Mt 19.29) e o Reino de Deus (Mt 25.34).

Isso é pura ilusão? Não, Deus já nos dá vislumbres daquele futuro imaginável. O Espírito Santo vive dentro de nós como uma garantia das coisas que não de ser nossas (Ef 1.14). Ele nos sela, assegurando que permaneçamos na família de Deus e não percamos a nossa herança. E, enquanto seguimos em frente a cada dia, Ele opera em nós para tornar-nos parecidos com Cristo. Paulo descreve como isso acontece do quarto ao sexto capítulo de Efésios.

1.9 – O *mistério* não é um enigma a ser decifrado nem um tipo de conhecimento comum aos iniciados em uma seita ou religião pagã. No uso que o apóstolo faz do termo, *mistério* denota um aspecto da vontade de Deus que antes estava oculto ao ser humano, mas foi revelado por Ele em Cristo (Rm 11.25).

1.10 – A palavra grega traduzida por *dispensação* significa *regra da casa*. Refere-se ao modo como Deus administrou ou dispôs toda a história para cumprir Seu plano de salvação da humanidade, o qual tem fases distintas, embora o Senhor nunca mude. Neste contexto, *dispensação* provavelmente se refere ao tempo em que Deus estabelecerá Seu Reino eterno.

1.11,12 – *Nós* (sujeito oculto), judeus, em Cristo fomos feitos herança, o que é muito melhor do que a herança prometida na antiga aliança. Não se trata de algo novo, mas em Cristo fomos *predestinados* (planejados), *conforme o propósito* de Deus, desde o começo.

1.13-23 – Neste trecho, Paulo se refere aos gentios (*vós*). A ênfase está na obra do Espírito Santo. Este sela cada cristão, transformando-o em um bem especial de Deus por meio da fé; representa a garantia de que somos aceitos por Deus por meio da fé em Cristo. O objetivo do Espírito Santo é produzir uma Igreja totalmente perfeita, sendo Jesus Cristo a cabeça dela e os cristãos os membros desse Corpo espiritual. Que ideia maravilhosa saber que nós, que antes estávamos

alienados de Deus, agora ajudamos a preencher o que Paulo chama de *Corpo de Cristo*.

1.14 – *O penhor da nossa herança* é o próprio Espírito Santo. O interessante é que a palavra grega usada para *penhor* também pode ser usada para indicar um anel de noivado. Como Cristo é o Noivo, e a Igreja é a noiva, o Espírito Santo é o sinal, o pagamento antecipado para o casamento há muito esperado entre os dois (Ap 19.7,8).

Possessão. O Antigo Testamento descrevia a nação de Israel como o tesouro particular de Deus, que foi adquirido por Ele por meio de Seus feitos poderosos de libertação do Egito, no êxodo (Êx 19.5; Dt 7.6). Aqui, Paulo descreve os cristãos como bens do Senhor, que custaram o sangue de Seu próprio Filho.

1.15-23 – Aqui está a oração de intercessão mais ardente de Paulo por estes cristãos. Depois de agradecer por eles (v. 15,16), o apóstolo ora para que tenham discernimento espiritual (v. 17) quanto à *glória da sua herança* (v. 18) e à *sobreexcelente grandeza do seu poder* (v. 19-23).

1.15 – *Ouvindo eu* (Cl 1.5,9). Paulo não menciona que orou por esses cristãos antes de tomar conhecimento da fé deles. Como a oração de Paulo é diferente de grande parte das nossas! Muitas vezes, pedimos a salvação de pessoas perdidas e, depois, quando elas passam a crer em Cristo, nós as abandonamos. Paulo fazia justamente o contrário. Talvez ele tenha se inspirado no modelo de oração do Senhor (Jo 1.7,9,20).

1.16,17 – *Minhas orações.* Quando examinamos as orações de Paulo, aprendemos sobre a natureza da intercessão. Grande parte de nossas orações fica aquém da intercessão eficaz.

1.18,19 – A expressão *os olhos do vosso entendimento* se refere ao entendimento espiritual. Para descrever isso, Paulo usa palavras capazes de retratar o coração que enxerga iluminado pela luz divina. *Qual seja a esperança* significa que os cristãos podem esperar muitas coisas, mas há uma esperança que todos têm em comum (Ef 4.4), o Senhor Jesus Cristo (Cl 1.5,27). Nele encontramos a verdadeira esperança e as verdadeiras riquezas.



EM FOCO

PROPÓSITO (GR. PROTHESIS)

(Ef 1.9,11; 3.11; Rm 8.28 nvi)

Conselho (gr. *boule*)

(Ef 1.11; 1 Co 4.5 nvi; Hb 6.17)

Vontade (gr. *thelema*)

(Ef 1.1,9,11; 2.3; 5.17; Rm 1.10; 1 Co 1.1)

Essas três palavras fundamentais, relacionadas de modo conceitual, aparecem no versículo 11. Uma delas (*thelema*) foi usada anteriormente por Paulo duas vezes neste capítulo (Ef 1.1,9). A palavra dá ideia de desejo, um desejo do coração, pois ela, em primeiro lugar, expressa emoção, e não apenas volição. Portanto, a vontade de Deus representa o desejo de Seu coração.

A palavra *prothesis* indica uma intenção ou um plano; seu significado literal é *planejamento prévio*, como um projeto. Esse plano foi criado segundo o *conselho* de Deus, tradução da palavra grega *boule*, que significa *resultado de uma decisão pensada*. Contudo, por trás do plano e do conselho, não havia simplesmente um cérebro, mas um coração amoroso.

1.20 – *Manifestou em Cristo.* A ressurreição de Cristo dentre os mortos foi a expressão do poder de Deus e a prova do que o Senhor pode fazer em nós e por nós.

Pondo-o. Cristo Jesus não somente ressuscitou dos mortos. Deus lhe deu um lugar *à sua direita*. Jesus assentou-se à destra do Pai, lugar de honra e poder, como o Filho de Davi, em cumprimento

às profecias messiânicas nos Salmos 2 e 110. Jesus Cristo permanecerá à direita do Pai até que os inimigos de Deus sejam subjugados e chegue o momento da volta de Cristo, para estabelecer plenamente o Reino de Deus entre os homens.

1.21 – Para os judeus da época de Cristo, o final dos tempos estava dividido em dois períodos: a era na qual eles viviam e o porvir. O Messias, chamado *aquele que havia de vir* (Mt 11.3; Lc 8.19,20), reinará plenamente na terra [como já reina no céu] no século *vindouro*.

1.22,23 – Em Efésios, Paulo enfatiza Cristo como *cabeça* [da Igreja], e em sua carta aos Colossenses, escrita durante o mesmo período em que ele estava preso, Paulo enfatiza a unidade do Corpo de Cristo. A Igreja aqui, em Efésios, não se refere a nenhuma congregação local, mas a todos os cristãos, o Corpo espiritual de Cristo.

2.1-10 – Esta provavelmente é a exposição mais clara do evangelho em todas as epístolas de Paulo: somos salvos pela graça, por meio da fé, e não por méritos humanos ou boas obras. Não que os cristãos não façam boas obras (fomos criados para esse fim), mas as obras não são exigências para que eles sejam aceitos por Deus nem são provas disso [são o resultado e a prova de que eles foram salvos, não a condição]. Lutero resumiu a questão de forma sucinta: “não é contra as obras que lutamos, mas contra a *confiança* nas obras”.

2.1 – A expressão *mortos em ofensas e pecados* significa espiritualmente mortos e perdidos.

2.2 – *Noutro tempo, andastes.* O verbo *andar* normalmente é usado na Bíblia para descrever o progresso normal e firme de um cristão com Deus (Sl 1.1). Aqui, Paulo se refere à antiga caminhada do cristão. Seja um caminho de negligência moral ou a viela escura do mal, os cristãos não devem mais andar nos maus caminhos do passado (Ef 4.17). Eles são salvos para que possam ter um estilo de vida pautado nas boas obras (v. 10). Devem andar de maneira digna de sua vocação (Ef 4.1), o que significa andar em amor (Ef 5.2), na luz (Ef 5.8) e em sabedoria (Ef 5.15). Paulo enfatiza para os efésios que antes eles andavam segundo os caminhos do mundo e seguiam o *princípio das potestades do ar*, ou seja, Satanás.

A expressão *filhos da* é um hebraísmo, uma forma de dizer que as pessoas [os filhos] *têm como característica e caráter os mesmos traços de outrem* [o pai]. Portanto, os *filhos da desobediência* são pessoas que desobedecem a Deus, sejam cristãos ou não (Mt 16.23; Lc 22.31,32; At 5.3).

2.3 – *Vontade, em vontade da carne, significa desejos fortes.* Mesmo com o modificador *da nossa carne*, essa palavra é mais do que uma referência a desejos humanos. Refere-se também a algo mais profundo, à concupiscência da carne, o desejo veemente por fama, poder e riquezas (Gl 5.19-21).

2.4-7 – *Estando nós ainda mortos.* Em virtude do pecado de Adão, toda a humanidade está espiritualmente morta. Somente Deus pode dar-nos a nova vida e salvar-nos dessa terrível situação. Por Sua imensa misericórdia, o Senhor entregou Seu Filho por nós quando ainda éramos Seus inimigos. Ele nos amou muito antes de nós o amarmos (1 Jo 4.9,10). Ele nos *vivificou* e *salvou*, a fim de que nos assentemos nos *lugares celestiais* em Cristo.

Nos séculos vindouros. Deus deseja demonstrar sua *benignidade* por intermédio de Cristo Jesus, Seu Filho. Isso não tem nada a ver com nosso próprio mérito; o Senhor estende a mão para nos salvar porque Ele é misericordioso e bondoso.

2.8-10 – Os cristãos foram *salvos* pela *graça*. A graça de Deus é a fonte de salvação; a *fé* é o meio para obtê-la, não a causa. A salvação não provém dos esforços das pessoas; ela é fruto da benignidade de Deus. Na verdade, Deus é quem nos salva – *do Senhor vem a salvação* (Jn 2.9).

O particípio do verbo *salvar* (*salvos*) nesta passagem indica que a salvação do cristão já ocorreu no passado, quando Jesus morreu por nós na cruz.

Dom de Deus. Não há nada que possamos fazer para obter a nossa salvação. Alguns sugerem que o *dom de Deus* modifica a palavra *fé* neste versículo. Portanto, Paulo estava dizendo que nem nossa fé em Deus [que permite que tomemos posse da salvação] provém de nós mesmos. Ela também é um *dom*, por isso ninguém pode orgulhar-se de sua condição de membro do Corpo de Cristo. Recebemos tudo de nosso Pai misericordioso e bondoso.

2.11-22 – Nos versículos 1-10, Paulo ensinou que a salvação de cada judeu e de cada gentio se dá pela graça, por meio da fé. Na segunda metade do capítulo 2, ele ensina como é formado o novo e santo *templo de Deus* com judeus e gentios, unidos na Igreja, cujo fundamento, a Pedra angular, Cristo, é comunicado pelos apóstolos e profetas.

2.11 – Uma vez que o sinal da aliança abraâmica era a circuncisão, os judeus orgulhosamente se referiam a si mesmos como os da *circuncisão*. De um modo muito menos delicado, eles chamavam os gentios de os da *incircuncisão* [ou incircuncisos].

2.12,13 – Paulo fez uma descrição vívida da triste condição dos não-judeus. Eles não tinham esperança, pois Deus não lhes estendeu a mão para estabelecer uma relação baseada em uma aliança. No entanto, o *sangue* [derramado] *de Cristo* poderia trazer os gentios de volta ao seu Criador.

2.14 – A *parede de separação que estava no meio* de judeus e gentios era retratada de forma vívida por uma parede separando o átrio dos gentios do átrio dos judeus, no templo. Havia um aviso de que qualquer não-judeu que ultrapassasse o pátio dos gentios receberia a morte imediata e súbita.



EM FOCO

FEITURA (GR. POIEMA)

(Ef 2.10; Rm 1.20)

O significado literal dessa palavra, da qual se origina, no português, a palavra *poema*, é *uma obra criada*. Ela indica um trabalho artesanal, uma obra-prima. A Igreja de Deus é Seu "poema", Sua obra-prima, Sua feitura, assim como toda a criação (Sl 19.1; Rm 1.20). Uma vez que Deus é o autor da obra que fez com Suas mãos, Ele deve receber todo o crédito, toda a honra e toda a glória por isso (Sl 19.1-6).

2.15,16 – *Desfez a inimizade... a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças.* Paulo não estava dizendo que Deus rejeitou os padrões justos da Lei. Pelo contrário, em Cristo, os padrões justos que as pessoas nunca poderiam alcançar foram atingidos. Jesus é a nossa justiça. Nele, os cristãos cumprem a Lei (Mt 5.17,20; Rm 3.21,22,31). [Aqui, *lei dos mandamentos* diz respeito mais especificamente às *ordenanças* do que aos mandamentos propriamente ditos.]

A Igreja cristã, formada por judeus e gentios, é descrita como um *corpo*. E o ser humano convertido a Cristo [em quem *não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea* (Gl 3.28)] é descrito como *um novo homem*.

Nos primórdios do cristianismo, a Igreja era, principalmente, composta de judeus. Mas, pela ação do Espírito de Deus, os cristãos testemunharam sobre Jesus aos gentios (At 10), que se converteram e excederam o número de membros judeus.

2.17,18 – A expressão *acesso ao Pai* aponta para o bendito privilégio de todo cristão. O Pai, o Filho e o *Espírito Santo* estão envolvidos em nossa salvação.

2.19 – Quando gentios se tornam povo de Deus, eles não são mais vistos como *estrangeiros* nem *forasteiros*, e sim como *concidadãos dos santos e família de Deus*.

2.20 – Os *apóstolos* e os *profetas* são citados aqui como *fundamento [edifício]* da Igreja porque eles ajudavam a edificar a Igreja sobre a *Pedra angular*, que é Cristo, e eram Suas testemunhas. Em outras palavras, a Igreja primitiva foi estabelecida a partir dos ensinamentos e da pregação dos

apóstolos e profetas (At 2). Contudo, o próprio Cristo é a *Pedra* sobre a qual a Igreja está edificada (1 Co 3.11). A *pedra da esquina* era a primeira pedra, a base, o alicerce, colocada no ângulo de uma construção [para dar-lhe firmeza, solidez]. Os construtores alinhavam o restante da estrutura sobre a pedra angular, principal (1 Pe 2.1-9).

2.21,22 – A expressão *bem ajustado* descreve, na construção romana, o processo pelo qual os trabalhadores (normalmente escravos) giravam grandes pedras até que elas se encaixassem perfeitamente umas nas outras. As colunas, por exemplo, pareciam ser uma peça única, mas eram, na verdade, cilindros de pedra que se apoiavam um sobre o outro. De um modo similar, Deus ajusta os cristãos no *templo santo* que Ele está edificando *para morada de Deus no Espírito*.

3.1-21 – *Por esta causa*. Tudo o que está entre os versículos 1 e 14, que se iniciam com a expressão *por esta causa*, é uma digressão. Esse é um recurso comum do estilo de escrita do apóstolo. Seus textos são cartas reais, não livros de teologia sistemática (embora Romanos e Efésios contenham os princípios teológicos que foram mais cuidadosamente considerados no Novo Testamento). Nesse “parênteses” é detalhada a revelação de Deus a Paulo acerca do *mistério de Cristo*, ou seja, o segredo de Deus, de que, na dispensação da graça, judeus e gentios se tornariam um só corpo.

3.1-4 – A *dispensação* (administração) que Deus permite a Paulo para o bem dos efésios antes era um mistério, mas, agora, Deus estava revelando esse mistério de forma mais plena por meio do ministério de Paulo de evangelizar os gentios.



EM FOCO

DISPENSAÇÃO (GR. OIKONOMIA)

(Ef 1.10; 3.2; 1 Co 9.17)

Essa palavra significa *administração*. Nos tempos antigos, era muitas vezes usada para descrever o trabalho de uma pessoa que cuidava de todos os assuntos financeiros de uma família grande ou de um negócio (Lc 16.1,2). Foi confiada a Paulo a administração da graça de Deus, para que ele compartilhasse as riquezas de Cristo com a família do Senhor e pregasse as boas-novas (Ef 3.2-11). Paulo usa essa mesma palavra para descrever a própria administração ou controle do tempo por parte de Deus (Ef 1.10).

Assim, judeus e gentios deveriam ter a mesma posição na Igreja, o Corpo de Cristo.

3.5,6 – As pessoas que viveram *noutros séculos*, antes do Pentecostes, tinham muito conhecimento sobre Deus e Sua graça, como mostra o Antigo Testamento. No entanto, aquele conhecimento não era tão abrangente como a revelação que recebemos em Cristo Jesus. O Antigo Testamento prenunciou que a graça de Deus seria estendida aos gentios (Gn 12.3), mas a igualdade com os judeus em um só Corpo era um segredo nunca revelado antes.

3.7 – A palavra traduzida por *ministro* aqui significa *servo*.

Dom da graça. Coube à graça divina transformar Paulo. De blasfemo, ele se tornou um santo; de fariseu, um apóstolo; e de perseguidor de cristãos, um perseguido por pregar sobre Cristo. Em seguida, coube ao poder e à autoridade divina capacitar Paulo para que este trabalhasse como um ministro de Deus.

3.8 – Paulo não estava expressando uma falsa humildade quando disse que era *o mínimo* [menor] *de todos os santos*. Ele realmente foi humilde porque havia perseguido a Igreja de Cristo antes. Em outra passagem, ele se refere a si mesmo como o principal dos pecadores (1 Tm 1.15). Ele sempre estava ciente de que não merecia nada e nunca se achou melhor do que realmente era (Rm 12.3).

Quando Paulo diz *as riquezas incompreensíveis de Cristo*, refere-se à riqueza da revelação de que Deus sustenta todos os homens na pessoa e na obra de Cristo. O amor e a graça de Deus são recursos imensos e incomensuráveis. Se Cristo não fosse grandioso demais à nossa compreensão, seria pequeno demais para nossa necessidade espiritual.

3.9 – A missão de Paulo como apóstolo era esclarecer a todas as pessoas o *mistério* da graça de Deus em Cristo, que não foi compreendido nos tempos passados, mas tornou-se claro com a vinda de Jesus Cristo.

3.10-13 – A *multiforme sabedoria* de Deus deve ser manifesta aos seres angelicais pela operação do Espírito de Deus nos membros do Corpo de Cristo e por intermédio deles. Os caminhos do Senhor não são somente misteriosos, mas também diversificados. Os anjos também estão aprendendo sobre a Sua sabedoria enquanto observam a graça divina operando em nós (1 Co 11.10).

3.14-21 – Estes versículos expressam a essência da oração de Paulo pelos cristãos efésios. Ele reconhece Deus como Pai e a posição de Deus como o grande Criador e Sustentador de todas as coisas. O apóstolo não pede provisão material para esses cristãos, mas que eles sejam *corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior* (v. 16), ou seja, que sejam fortalecidos no íntimo



ENTENDENDO MELHOR

O PODER DA ORAÇÃO

Nossos problemas podem facilmente levar-nos a deixar de ver a vida por uma perspectiva mais ampla. As rotinas e pressões diárias podem criar dúvidas quanto à nossa importância. E, uma vez que estamos num mundo em que o tempo é um fator importante, é fácil acreditarmos que dificuldades como doenças, conflitos, solidão, insegurança ou medo podem atrapalhar nossa vida.

Os cristãos efésios viviam sob muita pressão. Sua fé nasceu no calor de perseguições, conflitos, demandas em tribunais e em meio à mudança econômica (At 19.23-40). Mais tarde, quando Paulo escreveu essa carta aos efésios, ele os incentivou a desenvolver e manter em sua vida e sua fé a perspectiva de Deus:

- Olhando para trás, Paulo assinala o que Deus lhes havia feito antes de serem salvos (Ef 1.3-8).
- Olhando para frente, Paulo lista os benefícios que a fé traria aos efésios (Ef 1.9-14).
- Atentando para o momento, o apóstolo orou para que os cristãos tomassem conhecimento dessas realidades e as compreendessem e sentissem o poder de Deus (Ef 1.15-23). Ele também orou para que a identidade deles estivesse arraigada nas verdades eternas e no poder de Deus que estava presente neles (Ef 3.14-21).

de seu ser, espiritualmente. Paulo deseja que eles *compreendam a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade* do amor de Deus e possam *conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento* (v. 18,19), para que sejam *cheios de toda a plenitude de Deus*. O apóstolo encerra com uma bela declaração de como ele vê a obra de Deus nos cristãos (v. 20,21). Esse é um excelente modelo de oração em que todos os cristãos poderiam basear-se quando estivessem orando pelos outros.

3.14,15 – *Pai e família* são palavras que estão relacionadas no texto original. Todas as famílias formadas por pessoas e anjos provêm de Deus, seu Criador.

3.16,17 – Parece que Paulo estava falando daquela segunda experiência do cristão na qual o Espírito Santo purifica e fortalece o coração. Portanto, ser *corroborados pelo Espírito*, ter *Cristo no íntimo* e estar *arraigados em amor* é o princípio básico para o crescimento cristão. Devemos estar *arraigados* como uma árvore e *fundados* no amor que Deus tem por nós e nos dá.

O verbo *habite* vem de uma palavra grega usada para designar moradia, residência permanente.

3.18,19 – O *amor de Cristo* é tão grande que vai além de nosso entendimento. A *plenitude de Deus* implica a abundância de dons que procedem dele.

3.20,21 – Esses dois versículos formam uma doxologia, louvor, a Deus, em que Paulo mostra que o Senhor pode *fazer tudo muito mais abundantemente além* de qualquer coisa que *pedimos*. Nem o amor de Deus nem Seu poder são limitados pela imaginação humana.

4.1 – A segunda metade de Efésios, como a de muitas epístolas de Paulo, enfatiza a conduta cristã como evidência das doutrinas e crenças expressas na primeira metade da carta. Observe que a vida cristã não é comparada aqui ao ato de correr ou ficar parado, mas ao ato de andar. A expressão *andéis como é digno* significa que a vida do cristão deve condizer com a excelência do chamado que ele recebeu de Cristo.

4.2 – *Humildade e mansidão, com longanimidade*. Essas são as virtudes divinas que Jesus demonstrou (Fp 2.5-8). Elas não são virtudes inatas

ao homem, mas devem ser cultivadas pelo Espírito de Deus em nós ao cooperarmos com Ele sendo altruístas. Mas somente o Espírito pode fortalecer-nos para que tratemos as pessoas como *superiores* a nós (Fp 2.3).

Suportando-vos aproxima-se de nossa expressão *tolerar*; o uso que Paulo faz do verbo também tem conotações positivas. Assinala que devemos ter paciência com os outros e dar-lhes suporte. Muitas vezes, pedimos que Deus seja paciente para conosco e com nossas falhas. Não obstante, nós mesmos não exercemos o mesmo tipo de paciência. Não deve ser assim.

4.3 – *A unidade do Espírito*. Todos os cristãos são um no Espírito. É nosso dever *guardar* ou observar essa unidade, reconhecendo que ela existe e colocando-a em prática ao abandonar o sectarismo (Jo 17.20-26). *Procurando* implica fazer todo o esforço, empenhar-nos, para manter a unidade do Espírito.

4.4 – A expressão *há um só corpo* significa que a Igreja é um organismo vivo composto por membros vivos (os santos que foram comprados com sangue de Jesus, nasceram de novo e creem na Bíblia). Esse Corpo espiritual tem uma Cabeça, Cristo, e muitos membros, os cristãos (1 Co 12.12,13).

Quando Paulo afirma que *há um só Espírito*, refere-se ao Espírito Santo, que é a vida e o fôlego desse Corpo, o Agente da regeneração de cada cristão, e que agora mantém uma conexão vital entre cada um desses membros e os demais, e entre estes e Cristo.

A expressão *uma só esperança da vossa vocação* revela que essa realidade suprema e gloriosa é para judeus e gentios.

4.5 – *Um só batismo* pode referir-se ao batismo com o Espírito, que insere todos os cristãos no Corpo de Cristo, a Igreja (1 Co 12.13). Também pode referir-se ao batismo nas águas, o sinal externo de que a pessoa deseja ingressar espiritualmente no Corpo de Cristo. Naquela época, o batismo público claramente identificava o indivíduo como um cristão.

4.6 – Quando Paulo diz *um só Deus e Pai de todos*, esclarece que há apenas um Deus para todos os povos, e não um Deus diferente para cada nação.

O *qual é sobre todos* fala da transcendência de Deus e do poder soberano que Ele não divide com ninguém. E *por todos* fala da imanência de Deus, de Sua ação dominante. E *em todos* fala de Sua presença dentro dos cristãos, Seu relacionamento pessoal. O único Deus reina sobre todos, opera por meio de todos e habita em todos.

4.7 – *Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo.* Como Pedro (1 Pe 4.10), Paulo ensinou que todos os cristãos recebem dons espirituais pelo favor imerecido, a graça, de Deus. Os dons são dados de forma soberana por Cristo para edificar Sua Igreja (1 Co 12.11). Portanto, o Corpo de Cristo deve funcionar como uma máquina na qual cada peça é essencial para que o trabalho seja realizado. E cada membro do Corpo de Cristo deve manter-se em sintonia com a Cabeça e edificar um ao outro, para que todos possam cumprir a missão que lhes foi proposta por Deus no Corpo, e suas boas obras atestem ao mundo sobre a nova criação e redundem em glória para Deus (1 Co 12.7).

4.8 – *Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens.* Aqui, Paulo cita o Salmo 68.18 para descrever o Messias *subindo ao alto*, levando *cativo o cativo*, triunfante sobre Satanás e suas hostes, e distribuindo *dons* espirituais ao Seu povo. A administração fiel de nossos dons na terra determinará a posição que ocuparemos no Reino messiânico de Cristo.

4.9 – Para muitas pessoas, esta descida se refere à ida de Jesus ao *Hades* (literalmente, *o lugar abaixo de*, o reino dos mortos), após Sua crucificação e morte, a fim de conduzir os santos que lá estavam ao Paraíso, ao ressuscitar. A expressão *as partes mais baixas da terra* também poderia ser traduzida como *as partes mais baixas, a terra*, de modo a referir-se à vinda de Cristo ao nosso humilde mundo, como homem. Esse é o significado mais provável aqui (Fp 2.5-8).

4.10 – *Aquele que se humilhou como Servo humilde e sofredor é o mesmo que subiu acima de todos os céus em supremacia universal* (Fp 2.9-11; Cl 1.18).

4.11 – *Apóstolos*, com o sentido de *emissários*, ou *embaixadores*, em seu sentido mais estrito, re-

fere-se àqueles que viram o Cristo ressurreto, realizaram milagres e foram especialmente escolhidos por Ele para anunciar as boas-novas a todos como testemunhas oculares de Jesus e “plantadores” de igrejas. Nesse sentido mais específico, não existem apóstolos hoje [existe apenas o ministério apostólico].

Profetas são aqueles que entregaram revelações diretas de Deus (1 Co 14), preanunciando as ações do Senhor e reforçando o que Ele já havia dito nas Escrituras.

Evangelistas são os pregadores do evangelho que evangelizaram e evangelizam pessoas, cooperando com o Senhor para que elas creiam e tornem-se membros do Corpo de Cristo (Ef 2.8,9). Os evangelistas também podem ensinar outros cristãos a compartilharem sua fé de forma eficaz.

Pastores fazem pela Igreja tudo o que um pastor no sentido da palavra faz pelas ovelhas: alimentam, amparam, cuidam e protegem contra os inimigos. Não cabe necessariamente ao pastor ganhar ovelhas, mas, sobretudo, cuidar delas para que sejam fortalecidas, fiquem saudáveis, e seu rebanho cresça.

Doutores. São os ministros [mestres] que receberam dons especiais para ensinar aos membros do Corpo de Cristo.

[A cada um desses dons ministeriais estão associados dons espirituais listados em 1 Coríntios 12.]

4.12,13 – Três etapas de crescimento são apresentadas aqui: líderes instruídos são responsáveis pelo *aperfeiçoamento dos santos*; estes, estando bem preparados, fazem *a obra do ministério* e, conseqüentemente, o *corpo de Cristo* é edificado. O objetivo final é a maturidade cristã, a verdade e o amor.

4.14 – Os *meninos* são ingênuos, vulneráveis e tornam-se vítimas fáceis. A Igreja precisa trabalhar com diligência no sentido de conduzir à maturidade os que são crianças em Cristo (1 Pe 2.2).

4.15 – A expressão *segundo a verdade em caridade* sugere que tudo o que os cristãos dizem ou fazem deve ser honesto e verdadeiro e dito ou feito com amor.

4.16 – Observe o uso da metáfora do *Corpo* aqui para apresentar a mesma verdade análoga à expressa pelo termo *edifício*, em Efésios 2.21.

Todas as juntas de cada parte desse corpo são essenciais para seu pleno crescimento, nenhuma de suas partes é insignificante (1 Co 12.14-27). Pode-se dizer que tudo que fortalece os cristãos e a Igreja é para sua *edificação*.

4.17-19 – Aqueles que *andam na vaidade do seu sentido* (v. 17), a ponto de terem *perdido todo o sentimento*, estão *entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus*, tendo um coração endurecido devido a anos de pecado, imoralidade e devassidão.

4.20,21 – Pressupõe-se que, ao usar a expressão *se é que* [em *se é que o tendes ouvido e nele fostes ensinados*], Paulo não estivesse pondo em dúvida a experiência cristã daqueles a quem falava.

4.22-24 – Paulo comparou a vida cristã ao ato de despir-se das vestes sujas de um passado marcado pelo pecado e vestir-se com as vestes da justiça de Cristo, que são brancas como a neve.

4.25 – Citando Zacarias 8.16, Paulo pede que os cristãos falem a *verdade* uns aos outros, porque todos eles estão unidos em Cristo. Em Provérbios 6.17, a língua mentirosa é indicada como uma das seis coisas que Deus odeia.

4.26 – Paulo usa um texto do Salmo 4.4 para indicar que sentir *ira* não é pecado [e sim, dar lugar a ela, agindo motivado por ela, ainda que esta motivação esteja oculta, recalçada, com o passar do tempo]. Não devemos permitir que a ira envenene nosso espírito ou persista por muito

tempo (Mc 11.25). Os cristãos podem sentir uma “ira justa” ante a injustiça e o pecado, mas nunca devem deixar-se dominar e levar pela ira. Em vez disso, devem procurar oportunidades para expressar o amor de Cristo a todos.

4.27 – *Não deis lugar ao diabo*. Satanás espera a oportunidade para dar o primeiro passo em nossa direção. O verbo, no imperativo presente, em grego significa *não tenha o hábito de dar lugar a Satanás*. A ira descontrolada é uma brecha pela qual o inimigo de nossa alma entra em nosso coração com o intuito de destruir e corromper o Corpo. Ele só pode atingir e ferir quando encontra um lugar na vida de alguém para fazer sua obra maligna.

4.28 – A frase *trabalhe, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade* significa que, em vez de tomar o que é de outra pessoa, o cristão deve ganhar o suficiente para dividir parte de seus ganhos com os necessitados. Não se trata de um simples chamado para que o indivíduo deixe de roubar ou ser ganancioso, mas, sim, para que ele seja generoso e tenha uma verdadeira mudança de atitude.

4.29 – Os padrões para o modo de falar do cristão são extremamente altos. Ele não deve emitir *nenhuma palavra torpe*, pois até por meio de sua fala o cristão deve representar Cristo, expressando bondade, brandura, paciência e cordialidade.

4.30 – Nunca devemos repelir, ignorar ou rejeitar o *Espírito Santo de Deus*. Se nos lembrarmos que Aquele que vive em nós é o próprio



EM FOCO

NOVO HOMEM (GR. *KAINOS ANTHROPOS*)

(Ef 4.24; Cl 3.10)

A palavra grega que designa *novo* aqui não significa algo recente no sentido temporal, mas algo que tem uma qualidade ou natureza diferente. Portanto, a expressão *o novo homem* corresponde à nova natureza humana criada por Deus e manifestada em Cristo; natureza da qual todos os cristãos participam de forma individual [como templos do Espírito Santo e membros do Corpo de Cristo] e coletiva [como Igreja].

Uma vez que Paulo já falou do *novo homem criado em Cristo* sob o aspecto de uma nova natureza humana que está coletivamente unida em Cristo na Igreja (Ef 2.14,15), o novo homem em Efésios 4.4 também deve ser visto de modo coletivo (Cl 3.9-11). Neste contexto, Paulo está exortando cada cristão para que se revista de sua nova natureza espiritual.



APLICAÇÃO

DE IMPRODOTIVO A OFERTANTE

Cristo influencia o comportamento das pessoas? Sim, e Paulo dá uma ilustração concreta do que significa a expressão *vos revistais do novo homem* (Ef 4.24,28). Depois que Cristo entra na vida de um pecador, este não é mais dominado pelo pecado, podendo levar uma vida justa, em santidade e amor. Assim, uma pessoa que roubava não pratica mais esse delito; antes, muda sua maneira de pensar e agir, ocupando-se em um emprego digno e honesto, para sobreviver. Ela se torna um membro produtivo que trabalha e contribui para o desenvolvimento da sua família e da sociedade.

Mas a transformação que Deus opera no homem submisso a Cristo que nasceu de novo não para por aí. Uma vez que Deus faz uma pessoa prosperar materialmente por meio do trabalho, ela pode contribuir com suas ofertas e esmolas para suprir as necessidades de outros.

Cristo transforma um improdotivo em um ofertante!

Espírito de Deus, seremos muito mais seletivos quanto ao que pensamos, lemos, vemos, dizemos e fazemos. Observe que Paulo reconhece que os maus pensamentos e ações são tentações viáveis até para os que são *selados* pelo Espírito Santo.

4.31,32 – A antiga vida é fruto de um coração hostil que sente *amargura*, segue seu próprio caminho, profere *blasfêmias* e deseja o mal aos outros. Como podemos deixar de lado *toda* amargura? Deixando que Deus encha nosso coração com Seu amor perfeito. A nova vida nos leva a ser *benignos*, manifesta-se em atos de bondade e capacita-nos a perdoar as ofensas cometidas pelos outros.

5.1,2 – Os cristãos devem seguir o exemplo de Deus, que nos amou quando ainda éramos Seus inimigos. Como *imitadores* do Senhor, os cristãos devem demonstrar esse mesmo amor e negar a si mesmos.

5.3 – A cidade de Éfeso, com seu templo pagão dedicado a Diana (At 19.23-31), é uma alegoria da nossa sociedade, entregue à imoralidade sexual e à ganância desenfreada. Paulo advertiu os cristãos em Éfeso para que evitassem essas concupiscências.

5.4 – A vida cristã não deve ser degenerada por *torpezas*, *nem parvoíces*, *nem chocarrices*, pois essas coisas não honram a Deus nem redundam em *graças* a Ele pela nossa redenção.

5.5 – Em muitos círculos religiosos, a falta de princípios morais revela a contradição à Palavra de Deus. O *impuro* e ganancioso não terá *herança no Reino*.

5.6 – Observe o comentário sobre a expressão *filhos da desobediência* em Efésios 2.2. A *ira* de Deus está sobre aqueles cujas práticas pecaminosas são mencionadas em Efésios 5.5.

5.7-10 – O cristão passou das *trevas* (o reino do pecado e do diabo) para a *luz* (o reino da *justiça*). Quando Paulo utiliza o verbo andar (*andai*), está dizendo que os cristãos devem mudar seu modo de pensar, sentir, agir e comportar-se, para que sejam condizentes com a posição que agora ocupam em Cristo (Rm 12.2).

5.11 – *Não comuniquéis* aqui implica não ter comunhão com as obras más de pessoas más, não participar da maldade delas.

Condenai-as. Reprovamos as obras más quando as evitamos e fazemos com que os outros saibam como Deus se sente com relação a elas.

5.12,13 – *Em oculto*. O versículo 12 proíbe veementemente os cristãos de cederem à preocupação moderna de examinar os mistérios sombrios de coisas malignas, como o ocultismo, o espiritismo, a astrologia e outras práticas satânicas (veja Dt 18.9-22).

5.14 – *Desperta, ó tu que dormes*. Esse clamor pode ser um trecho de um hino cristão do primeiro século ou uma reflexão original de Paulo ao fazer alusão a Isaías 26.19, a uma promessa da salvação de Deus que haveria de manifestar-se.

5.15 – Andar *prudentemente* significa pisar com cautela. Devemos observar por onde andamos para não termos contato com influências indesejáveis.

5.16 – *Remindo o tempo* significa aproveitar bem o tempo e as oportunidades que Deus nos dá para servir-lhe. Cada um de nós tem um tempo limitado neste mundo, e Paulo exorta-nos a usar o máximo possível desse tempo, da melhor forma possível, para promover os objetivos de Cristo.

5.17 – *Não sejais insensatos, mas entendei*. Discernir a vontade do Senhor não é uma questão de sentimento ou emoção, mas de entendimento [racional] e discernimento [espiritual]. Para tal, é necessário aplicar nossa mente à compreensão das Escrituras.

5.18 – Assim como a pessoa embriagada *com vinho* está sob o efeito do álcool, o cristão cheio do Espírito é controlado pelo Espírito Santo.

Enchei-vos. Encher-se indica uma ação que vai além de receber o selo do Espírito Santo (Ef 1.13). Selar é uma ação feita por Deus no momento de nosso novo nascimento. O tempo e o modo do verbo grego traduzido como *enchei-vos* [imperativo afirmativo] indica que a ação no presente de encher-se pode ser repetida, acontecendo em vários momentos. É algo que Paulo ordena que os cristãos de Éfeso façam. Em outras palavras, nem todos os cristãos são cheios do Espírito, mas todos foram selados com o Espírito quando se entregaram a Cristo (Ef 4.30).

5.19 – Cantar e salmodiar *ao Senhor* é uma das práticas naturais de quem é cheio do Espírito. Alguns estudiosos acreditam que as três formas de música mencionadas por Paulo neste



APROFUNDE-SE

O CONCEITO DE SUBMISSÃO

Que tipo de submissão Paulo está defendendo nesta carta? Alguns estudiosos afirmam que, em Efésios 5.21—6.4, Paulo está falando de submissão mútua. Eles apontam a expressão *sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus* (Ef 5.21) como o tema geral dos versículos seguintes (Ef 5.21—6.4). De acordo com essa visão, todos – marido e esposa, pais e filhos, senhor e servo – sujeitam-se uns aos outros de maneiras diferentes.

Essa passagem, sem dúvida, ensina a resposta que os cristãos devem dar uns aos outros, conforme a visão da sujeição mútua. Está claro que Paulo desenvolve duas ideias em paralelo: a sujeição e a resposta apropriada daquele a quem a sujeição é dada.

Contudo, a visão sobre a sujeição mútua não reflete adequadamente o significado de *sujeição* no grego. O termo grego usado para *sujeição* tem origens militares, enfatizando a posição de quem está sob a autoridade de outro. Na Bíblia, essa palavra não implica uma sujeição forçada; pelo contrário, é uma sujeição voluntária a uma autoridade apropriada. Portanto, parece que Paulo está dizendo que a esposa deve colocar-se voluntariamente sob a autoridade do marido.

A mesma palavra é usada para descrever a sujeição voluntária de cristãos às autoridades governamentais (1 Pe 2.13) e a sujeição de pessoas mais novas à sabedoria dos anciãos que presidem sobre elas (1 Pe 5.5).

Nesta passagem, Paulo ilustra a sujeição da Igreja a Cristo. Depois de encorajar a esposa a sujeitar-se ao marido, ele afirma que os filhos devem obedecer aos pais, e os servos aos seus senhores. O apóstolo descreve a sujeição deles sob o aspecto da obediência devida.

Contudo, a ênfase maior de Paulo nesta passagem não está na sujeição do subordinado, mas no dever daqueles que exercem autoridade [de submeterem-se a Cristo, para exercer essa autoridade em amor]. Assim, o marido deve imitar o amor de Cristo. Os pais não devem provocar a ira nos filhos. Os senhores não devem ameaçar e maltratar seus servos.

O apóstolo afirma que servir é mais importante do que dominar sobre outros e, também nesse sentido, Cristo deve ser nosso exemplo. Embora, como Filho de Deus, Ele pudesse exigir a obediência de todos, serviu à humanidade [para dar o exemplo e ganhar nossa obediência voluntária]. Ele chegou a lavar os pés de Seus discípulos [para ensinar-lhes que, mesmo tendo sido constituídos por Ele como líderes do rebanho, deviam ser humildes e servos de todos, como seu Mestre (Jo 13.12-16)].

[Tendo em vista esses aspectos da submissão em Cristo] O marido deve amar a esposa e exercer uma autoridade temente a Deus; deve ser líder e servo ao mesmo tempo. Seu papel é estar *sobre e junto a* ela, presidindo, mas também levando-a em consideração; usando sua posição para dar-lhe a maior oportunidade de ter êxito.

versículo se referem às partes diferentes do livro de Salmos. A maioria, porém, crê que essas palavras se referem a três categorias mais amplas: (1) os 150 *salmos* no saltério, além de outros poemas no estilo dos salmos ao longo de toda a Escritura; (2) *hinos*, composições dirigidas a Deus, como os hinos da Harpa; (3) *cânticos espirituais*, canções inspiradas sobre a experiência cristã.

5.20 – *Dando sempre graças por tudo*. Quando realmente crermos no que é dito em Efésios 1.11, teremos muito menos dificuldade para entender Efésios 5.20.

5.21,22 – O versículo 21 completa a ideia dos versículos anteriores (v. 18-20), que falam sobre como ser cheio do Espírito pode manifestar-se na vida do cristão. Ele também introduz a próxima seção (Ef 5.22—6.4), sobre como os membros de uma família cristã devem relacionar-se uns com os outros.

Sujeitando-vos. A palavra grega usada para *sujeitando-vos* não indica, neste contexto, que o indivíduo está sob o controle absoluto de outra pessoa, mas que ele se coloca voluntariamente sob a autoridade de outra pessoa.

5.22-24 – Assim como Cristo não é inferior ao Pai, mas submete-se a Ele, as *mulheres*, embora sejam iguais ao *seu marido* enquanto pessoas, têm papéis diferentes na relação conjugal. A expressão *ao Senhor* revela que a submissão voluntária da mulher provém de sua submissão primeva a Cristo.

5.25 – *Maridos, amai*. Paulo não enfatiza a autoridade do marido; pelo contrário, ele exorta os maridos a amar a esposa sacrificando a si mesmos por ela. Eles devem imitar o amor de Cristo, o tipo de amor que está disposto a entregar a vida pela outra pessoa e servir-lhe, ainda que isso signifique sofrimento.

5.26,27 – Nestes versículos, Paulo sintetiza o que Jesus fez pela Igreja. Em primeiro lugar, Ele a amou tanto que se dispôs a sofrer e a morrer por ela. Suas ações não somente a salvaram, mas também a santificaram. Em outras palavras, Jesus queria levar a Igreja a ser o que ela deveria ser, o templo santo de Deus.

5.28 – Quando Paulo exorta os maridos a amar a esposa *como a seu próprio corpo*, está de fato dizendo que eles devem amá-la do mesmo modo que amam a si mesmos. Nunca se esperou que o homem tivesse esse amor profundo pela esposa no mundo pagão de Roma e da Grécia.

5.29 – O marido que percebe que sua esposa é, na verdade, *a sua própria carne* irá tratá-la com amor e cuidado.

5.30 – Nós, cristãos, somos *membros do corpo* de Cristo.

5.31 – *Serão dois numa carne*. Paulo cita Gênesis 2.24, que ensina que a união singular entre marido e esposa substitui os laços familiares originais.

5.32 – O *mistério* que foi revelado, a união espiritual entre Cristo e a Igreja, é comparado à união entre um homem e uma mulher pelo casamento.

5.33 – Homens precisam de respeito; a mulher que humilha o marido, principalmente em público, destrói sua união íntima com ele. O mesmo vale para o marido. O homem que trata a esposa de um modo insensível ou indelicado também está pondo a felicidade conjugal em risco.

6.1-4 – Esse trecho tem o belo equilíbrio que esperamos encontrar na Palavra de Deus: os filhos devem obedecer aos pais, e os pais devem tratar os filhos de tal modo que estes se submetam àqueles. Os *filhos* devem obedecer aos *pais* por amor a Cristo, mesmo que os pais não sejam cristãos. Honrar pai e mãe é o único dos Dez Mandamentos que é seguido por uma *promessa* (Dt 5.16) e respalda essa ideia. Sem dúvida, os filhos cristãos não devem fazer nada imoral, ainda que os pais ordenem que façam. Nesse caso, os filhos devem obedecer a Deus, e não aos homens (At 5.29). Os pais, por sua vez, não devem ser excessivamente severos com os filhos nem ridicularizá-los: *não provoquem*.

6.5 – Grande parte da população do império romano era de *servos* ou escravos. Essas pessoas eram consideradas meros bens e podiam sofrer abusos e até ser mortas por seus senhores sem nenhuma investigação do Estado. Em contrapartida, a despeito das funções distintas, na Igreja,

os senhores ricos e seus escravos partiam o pão juntos e comiam-no à mesa do Senhor, como pessoas com o mesmo valor. Sem dúvida, alguns escravos eram líderes espirituais com dons e ministravam a Palavra a pessoas que estavam muito acima deles na escala social.

6.6 – *Não servindo à vista.* Servos e senhores devem servir fielmente a Cristo, mesmo quando ninguém está observando. Afinal, Deus vê tudo o que fazemos [e lhe prestaremos contas].

6.7 – Como a qualidade de nosso trabalho seria melhor se o fizéssemos em dedicação *ao Senhor!*

6.8 – A expressão *receberá todo o bem que fizer* se refere às recompensas futuras (Cl 3.23-25) que serão dadas por Deus àqueles que aqui nesta terra tiverem vivido de acordo com a Sua Palavra e, por meio de suas ações e palavras, tiverem dado testemunho de Seu evangelho.

6.9 – Os senhores cristãos não devem fazer *ameaças* aos seus servos, mas devem lembrar-se de que eles também são servos de um *Senhor no céu* muito superior, que é totalmente justo. O *Senhor* que está no céu é muito superior e totalmente justo.

6.10-20 – Esta passagem é uma das mais conhecidas e mais gratificantes de todo o Novo Testamento. Paulo provavelmente teve muito tempo para observar as partes da armadura de um soldado romano; afinal, por um longo período ele foi vigiado por um guarda durante sua prisão domiciliar em Roma.

6.10 – *Fortalecei-vos* também poderia ser traduzido por *sede feitos fortes*. A voz passiva do verbo no original grego sugere que nós mesmos não podemos fazer isso; só podemos ser fortalecidos pela graça do Senhor em nós, por meio de nossa fé que coopera com Ele.

6.11 – *Toda a armadura de Deus* é a proteção do cristão contra o mal e o maligno. Paulo usou a armadura usada pelo soldado romano em combate como uma alegoria da proteção espiritual que o cristão desfruta, tendo a salvação, a justiça, o evangelho e a Palavra, a fé, a paz como poderosas armas à sua disposição para combater o *bom combate* e vencer.

Ciladas do diabo são truques sutis de Satanás para enganar e enredar os cristãos na guerra espiritual (2 Co 11.3).

6.12 – Nossa verdadeira batalha não é contra seres humanos, mas contra os seres espirituais, demoníacos, que estão operando no mundo espiritual e por intermédio de pessoas que não se submetem a Cristo, embora elas talvez nem tenham consciência disto.

6.13 – Para alguns, o *dia mau* é uma referência ao final dos tempos, quando o maligno iniciará uma campanha violenta contra Cristo e Seu exército. Uma visão mais comum é que qualquer luta espiritual na vida de um cristão pode estar em questão aqui.

6.14 – Os versículos 14-17 apresentam as seis “peças” da armadura espiritual. Quatro são mencionadas de modo específico, mas o cinturão e as sandálias estão implícitos.

Tendo cingidos os vossos lombos com a verdade. Os soldados cingiam-se com um cinto, do qual pendiam tiras de couro para proteger a parte inferior do corpo. A *verdade* é considerada fundamental por Paulo (Ef 4.15,25), porque um cristão desonesto não pode esperar resistir ao pai da mentira, o diabo. A *verdade* em questão aqui também é a integridade, demonstrada por meio da autenticidade e honestidade.

E vestida a couraça da justiça. Nos tempos romanos, a *couraça*, feita de couro duro ou metal, envolvia o corpo todo do soldado, para que todo o tórax dele [onde estão concentrados os órgãos vitais] fosse protegido. A *justiça* que a couraça representa é tanto a justiça de Cristo, imputada a todos os cristãos, como as boas obras dos cristãos.

6.15 – *Calçados os pés na preparação do evangelho da paz.* Os *pés* de um soldado romano eram *calçados* com sandálias duras, de couro, que tinham tachas. Paulo usou essa imagem para representar a *preparação do evangelho da paz*. Isso pode significar que o evangelho é o firme fundamento no qual os cristãos devem apoiar-se, ou que o soldado cristão deve estar preparado para seguir o evangelho e levá-lo por onde andar, para propagá-lo.

6.16 – *Tomando sobretudo o escudo da fé.* *Sobretudo* pode significar que o *escudo* deve ser usado contra tudo, mas também que ele deve proteger toda a armadura. Normalmente, o escudo de um soldado romano media cerca de 80 cm por 120 cm. O escudo do cristão oferece proteção contra *todos os dardos inflamados do maligno*. As flechas com fogo não podiam atravessar o escudo do soldado da Roma antiga, nem os ataques de Satanás podem penetrar o coração e a mente do cristão que deposita sua fé em Deus.

6.17 – *O capacete da salvação.* O capacete romano de modelo complexo protegia a cabeça do soldado e também o fazia parecer mais alto e imponente.

A espada do Espírito é arma de defesa e de ataque para o cristão. É a Palavra específica que precisamos desembainhar numa determinada situação para combater um golpe desferido contra nós e desarmar nosso oponente, fazendo-a penetrar nele. Para ter a Palavra precisa à mão, o cristão deve conhecer intimamente toda a Bíblia e saber manejá-la, usá-la bem.

6.18-20 – Paulo, um homem de oração (Ef 1.15-23; 3.14-21), termina esta grande seção de sua carta para os cristãos de Éfeso com uma exortação para que se dediquem à oração.

6.18 – Sem a *oração*, toda a armadura seria inútil para os filhos de Deus. As orações gerais e as petições específicas no Espírito devem ser feitas *por todos* os cristãos e em todas as ocasiões, o que significa que eles devem manter-se *orando em todo tempo*. Eles devem lembrar-se ainda de que, além das orações, perseverança e paciência são essenciais.

6.19 – O apóstolo Paulo não se envergonhou de pedir aos outros cristãos que orassem para que ele tivesse a coragem e oportunidade de anunciar o evangelho. Mesmo estando na prisão, ele queria continuar a ser uma testemunha fiel do Senhor.

6.20 – Paulo era um *embaixador em cadeias* do evangelho de Cristo em Roma. Sua oração era para que ele pudesse *falar livremente*, como *convém falar* um embaixador do Rei dos reis.

6.21-24 – Os últimos versículos de Efésios revelam o apreço de Paulo pelo ministério de outros, especialmente o ministério de Tíquico (Cl 4.7). O fato de esta carta não terminar com saudações pessoais, como outras epístolas de Paulo (Rm 16), pode indicar que essa era uma carta circular, destinada a várias igrejas em torno de Éfeso.

Sinceridade também poderia ser traduzida por *sem corrupção*.



A carta aos

Filipenses

INTRODUÇÃO

De açoitamentos à prisão, Paulo suportou muito sofrimento pela causa de Cristo. Essas provações o ensinaram a viver contente em todas as circunstâncias, uma habilidade que ele incentivou os filipenses a cultivarem (Fp 4.11). Na verdade, sua carta aos filipenses é um testemunho dessa atitude. Mesmo estando no cárcere, diante de um futuro incerto, o apóstolo escreveu essa epístola de agradecimento aos cristãos em Filipos, a qual expressa sua abundante alegria com o que Deus estava realizando por meio deles.

O tema que mais se destaca nessa epístola é a alegria, especificamente a alegria de servir a Jesus. O tom geral da carta reflete a gratidão de Paulo aos filipenses e sua alegria em Deus. Isso pode parecer estranho porque Paulo escreveu essa carta enquanto

estava na prisão. No entanto, o apóstolo tinha a capacidade de reconhecer oportunidades para compartilhar o evangelho mesmo em meio ao que pareciam ser adverso. Foi assim que começou a alegria de Paulo: ele viu Deus operando por meio das situações difíceis que enfrentava.

Outro tema da carta de Paulo é a *parceria no evangelho*. O apóstolo usa a palavra grega *koinonia* nessa carta de várias formas: *cooperação* (Fp 1.5), *comunhão* (Fp 2.1), *comunicação* (Fp 3.10), *participantes* (Fp 1.7) e *comunicou* (Fp 4.15). Todas essas passagens enfatizam o envolvimento ativo dos filipenses no ministério de Paulo. Ao apoiarem-no, os filipenses se tornaram seus parceiros no sentido de promoverem as boas novas de Jesus Cristo.

Paulo ilustra esse conceito de *parceria* ou *comunhão* com a vida de Jesus

Cristo (Fp 2.5-11), de Timóteo (Fp 2.19-23), de Epafrodito (Fp 2.25-30) e de Evódia e Síntique (Fp 4.2,3).

Uma vez que os cristãos filipenses já desfrutavam grande alegria e haviam demonstrado sua parceria na proclamação do evangelho, Paulo aproveitou a oportunidade para identificar algumas áreas deficientes que poderiam ser aperfeiçoadas (Fp 4.2). Por exemplo, a comunhão tem dois componentes: caridade e ciência. Os filipenses expressaram o primeiro, mas faltava-lhes o segundo (Fp 1.9; 4.10-16). Portanto, Paulo os exortou a crescerem em *ciência* e em *conhecimento*, termos que no grego referem-se a um entendimento relacional (Fp 1.9).

Em outras palavras, o vocábulo usado no grego para *ciência* se concentra no relacionamento de uma pessoa com Deus, enquanto o usado para *conhecimento* indica o relacionamento de uma pessoa com outra. Paulo queria que os filipenses não somente abundassem em caridade, mas também conhecessem mais a Deus, para que pudessem chegar a um entendimento maduro dos caminhos divinos.

Tudo isso mostra que Paulo tinha mais de um objetivo para sua carta aos filipenses. Os leitores de hoje continuarão a encontrar passagens maravilhosas de incentivo nessa epístola concisa e alegre. Temas como, por exemplo, presenciar contendas entre membros da igreja, viver neste mundo perverso, fazer doações a missionários e encontrar contentamento ainda são questões atuais para os cristãos. Nessa carta, Paulo oferece a sabedoria e o encorajamento de Deus. Contudo, o mais importante é que ele apresenta a vida de Jesus como o modelo para os cristãos.

A tradição da Igreja é unânime ao concordar com a afirmação em Filipenses 1.1 de que Paulo escreveu essa carta. Os eventos descritos nela são paralelos à vida do apóstolo. Para determinarmos a época em que Paulo escreveu sua carta aos filipenses, precisamos identificar o local de onde ele escreveu. Ele disse que estava na prisão (Fp 1.13). Mas a que prisão ele se referia? A resposta deve ser norteada por três fatores: evidências da prisão de Paulo em uma determinada cidade, sinais que comprovem que a guarda pretoriana estava nesse

lugar e a distância entre essa cidade e Filipos, a qual deve permitir várias viagens entre as duas localidades.

Alguns especulam que Paulo estava escrevendo de Corinto e, portanto, afirmam que a carta data de aproximadamente 50 d.C. Proponentes dessa visão normalmente se referem a Atos 18.10, passagem em que o Senhor mostra a Paulo que iria protegê-lo do mal em Corinto. No entanto, o texto não fala explicitamente sobre prisão.

Outros apontam a cidade de Éfeso (e, conseqüentemente, uma data entre 53 e 55 d.C.), com base em sua proximidade de Filipos e na clara possibilidade de que a guarda pretoriana estivesse a postos nesse local. Mais uma vez, embora várias passagens revelem que Paulo passou por dificuldades em Éfeso (Rm 16.4,7; 1 Co 15.32; 2 Co 1.8-23), não há nenhum registro claro de que tenha sido preso nesse lugar.

Há ainda quem defenda Cesaréia como o local de onde Paulo escreveu a carta (entre 58 e 59 d.C.). É possível que a guarda pretoriana tenha sido guarnecida em Cesaréia, e a guarda às vezes era considerada como parte da casa de César (Fp 4.22). No entanto, a expectativa de Paulo de que logo seria libertado (Fp 1.19,26; 2.24) não condiz com as circunstâncias da prisão dessa cidade. Em Cesaréia, ser solto da cadeia era apenas uma possibilidade remota. Na verdade, Paulo teve de apelar para César a fim de escapar da influência judaica sobre o processo judicial (At 25.6-11). Além disso, Cesaréia ficava longe de Filipos. É improvável que Paulo tenha escrito sua breve carta aos filipenses nessa cidade.

A maioria dos estudiosos é a favor de Roma (cerca de 60 a 62 d.C.) como a cidade onde Paulo escreveu essa epístola. Embora a distância entre Roma e Filipos seja grande, Paulo ficou tempo suficiente em Roma para que as mensagens chegassem àquela cidade e voltassem. Além disso, a prisão do apóstolo em Roma é comprovada pelas Escrituras (At 28.16-31). Uma vez que sua situação lhe dava liberdade para pregar o evangelho (Fp 1.12,13; At 28.23-31), é óbvio que Paulo estava plenamente certo de que logo seria libertado da prisão.

Enquanto realizava sua segunda viagem missionária, e em resposta a uma visão de Deus, Paulo partiu de Trôade, na província da Ásia (parte da atual Turquia), e viajou para a Macedônia (na atual Grécia), a fim de implantar a primeira igreja na Europa, na cidade de Filipos (At 16.6-12).

Tendo recebido seu nome em homenagem a Filipe II da Macedônia, o pai de Alexandre, o Grande, Filipos estava estrategicamente localizada em uma estrada principal, a Via Egnatia, que ligava as províncias do leste do império romano a Roma. Assim, Filipos se tornou a cidade mais importante da Macedônia.

Em 42 a.C., os romanos lhe conferiram o maior *status* possível para uma cidade provinciana: a posição de colônia. Isso significava que os cidadãos de Filipos poderiam comprar, ter ou transferir propriedades. Também teria o privilégio de mover processos civis em tribunais romanos e estaria isenta de pagar capitação e impostos territoriais. Sua ascensão e riqueza lhes deram não somente confiança, mas um orgulho que beirava a arrogância.

Filipenses segue à risca o formato padrão das cartas de Paulo: (1) a identificação do autor e dos leitores; (2) o pronunciamento da graça e da paz de Deus; (3) os agradecimentos a Deus por causa dos leitores; (4) o corpo da carta; (5) o desejo

pessoal de ver os leitores ou de enviar alguém até eles; (6) as saudações dos que estavam com Paulo aos leitores e (7) a declaração de bênção que funciona como conclusão da carta. A única variação dessa estrutura básica é a inserção por Paulo, no corpo da carta, da seção em que ele expressa o anseio por enviar seus cooperadores a Filipos (Fp 2.19-30). O apóstolo faz isso para ilustrar com a vida de Timóteo e de Epafrodito sua questão acerca do serviço humilde.

Embora a epístola obedeça ao modelo já conhecido adotado por Paulo, alguns sugerem que ela seja, na verdade, três cartas combinadas em uma só. Essa interpretação se baseia no emprego que Paulo faz das palavras gregas usadas para *resta* (Fp 3.1) e *quanto ao mais* (Fp 4.8). Alega-se que esses termos levam a verdadeiras conclusões nos trechos em que constam, indicando, assim, que a carta aos Filipenses seriam três cartas diferentes.

Contudo, os vocábulos gregos usados para *resta* e *quanto ao mais* podem funcionar como um conectivo (1 Ts 4.1), significando, em essência, *além de* ou *além disso*. A evidência mais forte que favorece a unidade de Filipenses é um manuscrito grego de aproximadamente 200 d.C. que inclui as três seções da carta (Fp 1.1—2.30; 3.1—4.7; 4.8-23). Mas, seja uma unidade ou uma compilação de várias cartas, Filipenses contém verdades eternas registradas pelo apóstolo Paulo.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM FILIPENSES

Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — O concílio de Jerusalém

Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — A Igreja em Filipos é implantada

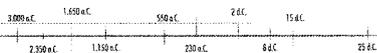
Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo

Ano 56 d.C. — Paulo volta a visitar Filipos

Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma; a carta aos Filipenses é escrita

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados.



2.350 a.C., 1.350 a.C., 230 a.C., 8 d.C., 25 d.C.



ESBOÇO

I. Saudação — 1.1,2

II. Orações de Paulo pelos filipenses — 1.3-11

A - Palavras de louvor aos filipenses — 1.3-5

B - Promessa: a confiança de Paulo em Cristo e em Sua obra — 1.6,7

C - Oração pelos filipenses — 1.8-11

III. A biografia de Paulo — 1.12-26

A - Êxito na prisão: o evangelho proclamado por Paulo e outros — 1.12-18

B - Êxito em Jesus: o desejo e a determinação de Paulo de glorificar a Cristo — 1.19-26

IV. O corpo da carta — 1.27—4.9

A - Excelência na conduta — 1.27—2.18

1 - O privilégio de sofrer por Cristo — 1.27-30

2 - A prioridade de submeter-se aos outros — 2.1-4

3 - A descrição do sofrimento humilde de Cristo — 2.5-11

4 - A prioridade de santificar-se — 2.12-18

B - Exemplos de boa conduta: Timóteo e Epafrodito — 2.19-30

C - Exemplo de compromisso: Paulo rejeita o mundo por causa de Cristo — 3.1-21

D - Excelência no compromisso: dedicação a Cristo — 4.1-9

V. Bênçãos — 4.10-20

A. Para Paulo — 4.10-18

B. Para os filipenses — 4.19,20

VI. Bênção e saudações — 4.21-23

COMENTÁRIO

1.1-11 – Nos primeiros versículos, Paulo revela seu grande amor pelos filipenses. O apóstolo pensa neles com frequência (v. 3-6), preocupa-se com eles (v. 7,8) e ora constantemente por eles (v. 9-11). Esses textos revelam não só a relação de Paulo com os filipenses, mas também sua visão sobre Deus. O Senhor não apenas começa uma obra maravilhosa em nós; Ele termina o que começa. Isso é um consolo para os cristãos que estão passando por momentos de angústia ou sofrimento. Deus continuará Sua obra em Seus filhos.

1.1 – Em suas outras epístolas escritas na prisão (Efésios, Colossenses e Filemom), Paulo se considera um apóstolo. Nesta carta, ele começa intitulado a si mesmo e a Timóteo de *servos*. Esse título confirma Timóteo (Fp 2.19-23), Epafrodito (Fp 2.25-30) e Paulo (Fp 3.7-9) como indivíduos que demonstram a mesma atitude de um servo de Cristo (Fp 2.5-8).

O termo *santos* significa *aqueles que são separados para Deus* e refere-se a todos os cristãos em Filipos. A palavra *bispos* remete àqueles que cuidavam do bem-estar espiritual da igreja local (sinônimo de *anciãos* e *presbíteros* em outras passagens, At 20.17 e Tt 1.5,7, respectivamente). Eram os principais administradores da igreja. O vocábulo *diáconos* alude aos que serviam à congregação

em funções especiais no culto. Eram responsáveis por tratar das questões materiais da igreja (At 6.1-7). A menção desses dois grupos sugere que a igreja de Filipos havia crescido consideravelmente desde a primeira visita de Paulo (At 16.12-34).

1.2 – Paulo combina a palavra *graça* com uma tradução grega da saudação hebraica *shalom*, ou *paz* (2 Co 1.2; Gl 1.3). A associação que o apóstolo faz do *Senhor Jesus Cristo* com *Deus, nosso Pai*, enfatiza a igualdade e a unidade dessas duas pessoas divinas.

1.3 – Na expressão *dou graças*, o tempo do verbo grego indica que Paulo agradecia continuamente a Deus pelos cristãos filipenses. Sempre que o Senhor os trazia à sua mente, o apóstolo dava graças, por *todas as vezes que por se lembrava deles*.

1.4 – A *alegria*, um tema que se destaca em Filipenses, marcava as orações de Paulo pelos cristãos em Filipos, mesmo quando ele intercedia pelas necessidades deles. Essa é a primeira das cinco vezes em que a palavra grega para *alegria* é usada na carta (v. 25; 2.2,29; 4.1). Paulo também emprega o termo grego para *regozijo* nove vezes nessa epístola (v. 18; 2.17 [duas vezes], 18 [duas vezes], 28; 3.1; 4.4 [duas vezes]).

1.5 – *Cooperação* é um termo usado para caracterizar uma parceria num empreendimento

comercial no qual todas as partes têm participação ativa, a fim de assegurar o sucesso do negócio. Entre os cristãos, o vocábulo expressa intimidade com Cristo (1 Co 1.9) e com outros irmãos na fé (2 Co 8.4; 1 Jo 1.7). Nesse caso, é possível que Paulo esteja usando a palavra *cooperação* para se referir às contribuições financeiras que os filipenses lhe haviam ofertado *desde o primeiro dia até agora* (Fp 4.14,15). Desde que se tornaram cristãos, os filipenses se dedicaram continuamente a viver e proclamar a verdade sobre Jesus Cristo, e, em especial, a ajudar Paulo em seu ministério.

1.6 – Em algum momento do passado, Paulo se convenceu de que Deus completaria Sua boa obra entre os filipenses, e sua confiança permaneceu inabalável, o que se verifica na declaração *tendo por certo*. Quanto à expressão *em vós*, uma vez que *vós* é um pronome plural, a boa obra que Deus estava realizando acontecia *entre* os cristãos, e não *em* algum cristão isolado.

A preposição *até* expressa avanço em direção a um objetivo e, neste versículo, indica que está chegando o tempo em que Deus terminará plenamente Sua obra entre os cristãos filipenses. O

ministério do qual estes participaram continua (como uma corrida de revezamento) até o momento e continuará até a volta de Cristo, o *Dia de Jesus Cristo*. Paulo se refere a esse advento em outra passagem também como o *Dia de Cristo* (Fp 2.16). Quando ocorrer esse glorioso retorno, Jesus julgará os não cristãos e avaliará a vida dos que se tornaram Seus seguidores (2 Tm 2.11-13).

1.7 – A palavra *justo* expressa um sentido de retidão moral (de acordo com a Lei de Deus) e muitas vezes é traduzida dessa forma em todo o Novo Testamento. Neste contexto, indica que os pensamentos de Paulo com relação aos filipenses estavam perfeitamente de acordo com a vontade de Deus.

Na sentença *porque vos retenho em meu coração*, o termo *coração* se refere à parte mais profunda de uma pessoa, a sede dos pensamentos e das reflexões. Logo, podemos concluir que Paulo nutria extrema consideração pelos filipenses, principalmente porque estes haviam participado da graça dele, tanto nas prisões quanto na sua defesa e confirmação do evangelho. Uma vez que *defesa* implica discurso, podemos estar certos de



APROFUNDE-SE

OS CRISTÃOS EM FILIPOS

A segregação racial, étnica e social é tão antiga quanto a própria sociedade. Onde quer que vivam, as pessoas formam grupos considerando esse aspecto diferenciador e depois levantam muros à sua volta, para impedir que outros, que não seguem o padrão estabelecido, unam-se a elas.

Em Filipos, como em qualquer outro lugar, Paulo ofereceu o evangelho primeiro aos judeus. Provavelmente havia poucos na cidade, porque não existia sequer uma sinagoga. No judaísmo do século 1, dez homens que seguiam essa crença já eram suficientes para justificar a construção de uma sinagoga para os cultos de adoração. Os judeus que viviam em Filipos atravessavam o portão da cidade e seguiam em direção às margens do rio Gangites para adorar a Deus e orar. Contudo, a Igreja cristã à qual Paulo escreveu deve ter prosperado, porque, em sua carta, ele se referiu aos níveis de liderança na Igreja, como bispos e diáconos.

Filipos era uma cidade romana com diversas culturas que ficava na estrada principal (a Via Egnatia), estendendo-se desde as províncias do leste a Roma, e sua igreja tinha um grupo distinto de cristãos. O Novo Testamento menciona especificamente três pessoas: uma asiática, uma grega e uma romana. A princípio, tinham pouca coisa em comum. A primeira era uma mulher de negócios que vendia roupas de púrpura aos ricos; a segunda, uma jovem escrava que estava possuída por um espírito de adivinhação; e a terceira era um carcereiro. Três raças, três classes sociais e, provavelmente, três formas de devoção religiosa diferentes, antes de ter um encontro com Cristo.

Mas Paulo lhes ensinou que todos eram iguais no Corpo de Cristo; todos eram pecadores salvos pela graça de Deus. Eles deviam humilhar-se como Jesus fizera e estar unidos no amor de Cristo. Em um mundo segregado no tocante à classe social e à etnia, a igreja em Filipos violava as regras: *nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre [...] porque todos vós sois um em Cristo Jesus* (Gl 3.28). Essa igreja era um dos lugares mais integrados do mundo mediterrâneo.

que Paulo não ficou em silêncio enquanto permanecia na prisão, mas falou com ousadia sobre Jesus Cristo. É possível que o apóstolo também estivesse mostrando que testemunharia acerca de Cristo em seus processos judiciais.

A palavra *confirmação*, usada somente nesta passagem e em Hebreus 6.16 no Novo Testamento, é um termo legal e comercial que significa *uma garantia válida*. *Defesa e confirmação* são os aspectos negativo e positivo do ministério de Paulo. Ele defendia o evangelho contra os ataques de seus oponentes e confirmava-o por meio de sinais poderosos. Uma vez que ambos são termos legais, o modo como são usados por Paulo pode indicar que ele estivesse antecipando seu iminente julgamento.

1.8 – Deus me é testemunha. Como se tivesse feito um juramento em um tribunal de justiça, Paulo expressou a seriedade e a verdade do que estava para dizer: *das saudades que de todos vós tenho*. O apóstolo desejava ardentemente estar com os filipenses; ele ansiava pelo bem-estar espiritual deles. Neste sentido, o termo *todos* enfatiza que cada um dos cristãos em Filipos (não somente a liderança) era o foco da atenção de Paulo.

Quanto à expressão *afeição de Jesus Cristo*, o significado literal da palavra traduzida como *afeição* remete aos órgãos internos, considerados pelo leitor do século I como a sede dos sentimentos mais profundos. Visto que o coração era o centro da reflexão, Paulo, neste versículo, falou

de sua afeição, seus sentimentos entranhados pelos cristãos. Segundo a terminologia moderna, Paulo revelou que tinha o *coração* de Jesus Cristo. Seus sentimentos pelos filipenses eram como os de Jesus, que os amou e morreu por eles.

1.9 – E peço isto. Os versículos 9-11 apresentam o conteúdo da oração de Paulo pelos filipenses. Ele desejava que a fervorosa caridade deles continuasse acesa, mas dentro do esplendor da plena ciência e do conhecimento espiritual. Amor sem ciência é como um rio sem curso. As águas incontroladas são desastrosas, mas eficazes quando controladas. A *caridade* que Paulo buscava para os cristãos é a forma mais sublime de amor em Cristo, baseada num compromisso duradouro e incondicional, não numa emoção instável.

O vocábulo *ciência* é o primeiro de dois termos nos quais se edifica uma caridade direcionada. A *ciência* sugere um entendimento íntimo pautado numa relação com o próximo. Neste caso, o ponto para onde converge essa ciência é Deus. Encontrada no Novo Testamento somente nesta passagem, a palavra grega traduzida como *conhecimento* significa *entendimento moral ou ético fundamentado no intelecto e nos sentidos*. O termo indica percepção ou visão de situações sociais.

1.10 – Para que aproveis. O verbo *aprovar* é usado na literatura antiga em referência ao teste do ouro que determina sua pureza e ao experimento com bois que avalia se eles são úteis para a tarefa prestes a ser feita. A proposta do versículo anterior de aumentar a caridade, controlada pela ciência, tem por objetivo a capacidade de avaliar pessoas e situações de um modo correto.

O termo *sinceros*, cujo significado literal é *julgados pela luz do sol*, não significa esforçar-se com honestidade; em vez disso, quer dizer *puros*, sem mistura, e livres de falsidade. Qualquer mancha em uma roupa ou imperfeição em uma mercadoria poderia ser vista quando o objeto fosse colocado contra a luz do sol. Neste sentido, Cristo morreu para, com Seu sangue, purificar a Igreja de toda mácula (Ef 5.27).

Usando ainda outra expressão explícita para descrever o cristão, *sem escândalo*, Paulo esclarece o sentido de não escandalizar alguém. Neste



APLICAÇÃO

A PERSPECTIVA AMPLA DE PAULO

Paulo estava profundamente comprometido com a verdade e a integridade do evangelho. Mas, conforme Filipenses 1.12-18, ele generosamente deu crédito a outros que estavam pregando a Palavra de Deus, ainda que por motivos impuros.

Isso é um exemplo para os cristãos que hoje se sentem muito leais à sua tradição ou instituição particular. Como Paulo, precisamos aceitar e celebrar o fato de que é possível que outros cristãos com diferentes perspectivas e visões estejam ajudando e realizando tarefas que jamais poderíamos realizar.

versículo, significa os filipenses *não induzirem os outros a pecarem por causa da conduta pessoal*. Isso é de extrema importância porque o alvo que o cristão tem à sua frente é o *Dia de Cristo*, no qual ele se colocará diante do Salvador, que é a testemunha fiel e verdadeira (Fp 1.6; 1 Co 1.8; 5.5), para ser avaliado. Essa possibilidade regozijadora, porém séria, deveria motivar-nos a purificar nossa vida (1 Jo 2.28; 3.2,3).

1.11 – Entendemos melhor a expressão *frutos de justiça* como *frutos resultantes de nossa justificação ou frutos caracterizados pela conduta moralmente correta*. O termo *justiça* descreve a fonte ou a natureza dos frutos: o comportamento. Crescer em caridade [amor] e buscar uma vida sábia e pura, que transborde justiça, resultam em *glória e louvor de Deus*. Assim, a cada dia aumentamos nossa capacidade de agradar ao Senhor e glorificá-lo para sempre.

1.12-26 – Paulo revela as pressões externas e internas que estava enfrentando. Ele se alegra porque, a despeito da perseguição física e do ostracismo social, a Palavra de Deus estava sendo proclamada com muito êxito. Além disso, embora tivesse o desejo de estar no céu com Jesus, o apóstolo percebeu que Deus o estava mantendo na terra para ajudar os filipenses a continuarem sendo bem-sucedidos na anunciação do evangelho.

1.12 – *E quero, irmãos, que saibais*. Paulo usa essa afirmação ou outras similares para apresentar uma importante declaração com respeito a uma questão mal-entendida. Por causa do amor por Paulo e da confiança que depositaram em seu ministério, os filipenses fizeram doações repetidas vezes e de forma generosa, mesmo vivendo em meio à pobreza, para o sustento da campanha missionária do apóstolo. Viam isso como um grande investimento no Reino.

Paulo queria que os filipenses soubessem que a prisão dele, em vez de impedir a expansão do evangelho, estava colaborando com ela, por isso o uso da forma verbal *contribuíram*. Essas palavras confortariam os cristãos de Filipos, que estavam preocupados com o bem-estar de Paulo e precisavam ter certeza de que suas orações por ele e suas dádivas não haviam sido em vão.

A expressão *maior proveito* poderia sugerir o trabalho pioneiro de abrir um caminho por uma floresta densa. A prisão de Paulo era um avanço estratégico no Reino de Deus porque estava permitindo que o evangelho entrasse nos escanões do exército romano (v. 13) e até no palácio real (Fp 4.22). Essas eram duas áreas que, sob circunstâncias normais, estariam fechadas para a Palavra de Deus.

1.13 – *As minhas prisões em Cristo*. A expressão *em Cristo* mostra que Paulo considerava sua prisão como o resultado da vontade soberana de Deus, pois promoveu o evangelho de duas formas. Primeiro, a guarda do palácio o ouviu enquanto Paulo pregava no cárcere. A *guarda pretoriana* era composta de milhares de soldados de elite altamente treinados do império romano cujo quartel-general ficava em Roma.

Durante os dois primeiros anos em que Paulo ficou em prisão domiciliar em Roma, diferentes soldados se revezaram para vigiá-lo. Uma vez que permaneciam acorrentados a Paulo, eles não tinham outra opção senão ouvi-lo proclamar o evangelho; não podiam bater nele para que ficasse em silêncio porque ele era um cidadão romano (At 16.37,38). Apesar de Paulo não poder sair para pregar ao mundo, Deus levou o mundo a Paulo. Em uma inversão irônica, os soldados ficavam cativos e Paulo ficava livre para pregar. Segundo, *todos os demais lugares* – os que visitavam Paulo – ouviram o evangelho. Alguns dos visitantes eram líderes dos judeus em Roma (At 28.17).

1.14 – *Muitos dos irmãos no Senhor [...] ousam falar a palavra*. Muitos cristãos que viram Paulo algemado em Roma foram incentivados a pregar o evangelho com ousadia, enfatizando a demonstração audaz exterior de um caráter interior e o sentimento de coragem. Embora também pudessem ser presos, eles foram impulsionados pela intrepidez de Paulo e proclamaram a mensagem sobre Jesus Cristo *sem temor*.

1.15 – Os que pregavam *por inveja e porfia* não eram hereges, uma vez que pregavam acerca de Cristo. Mas, ao que parece, tinham ciúmes da atenção que Paulo recebia e decidiram plantar sementes de dissensão, a fim de causar problemas

ao apóstolo. Outros cristãos, *de boa mente*, anunciavam a mensagem a respeito de Jesus com bons motivos. Eles admiravam Paulo e o evangelho, e dedicavam-se a servir a Deus com fidelidade.

1.16,17 – Alguns manuscritos invertem a ordem dos versículos 16 e 17. Os motivos dos cristãos que anunciavam Cristo por *contenção* podiam ser considerados qualquer coisa, exceto bons. O termo *contenção* significa que eles não pregavam para honrar a Deus ou ajudar Paulo, mas para ganhar aplausos e seguidores para si mesmos (Fp 2.3). A expressão *não puramente* enfatiza o modo como esses cristãos estavam agindo. Em *julgando acrescentar aflição às minhas prisões*, o significado literal do verbo *acrescentar* é *levantar* ou *causar*. Em outras palavras, Paulo acreditava que esses pregadores, na verdade, desejavam causar-lhe mais problemas enquanto ele estivesse na prisão.

1.18 – Com o questionamento *Mas que importa?*, Paulo, em essência, estava dizendo: “Os motivos dos que anunciam a Cristo por *contenção* estão entre eles e Deus”. Independente de as pregações serem feitas *com fingimento* ou *em verdade*, por aparência ou pelo que era correto, Paulo se satisfazia com o fato de que o evangelho estava sendo propagado.

Observe que o apóstolo não estava fechando os olhos para o erro. Ele amaldiçoou aqueles que corrompiam o evangelho (Gl 1.6-9). O problema tinha a ver com motivo e atitude, não com doutrina. Quanto à expressão *me regozijo*, significa simplesmente *alegrar-se*. Como o espírito nobre e

magnânimo de Paulo era diferente! Em vez de irritar-se e ser vingativo, ele se regozijou. Isso aconteceu porque seu foco estava em Jesus Cristo (Hb 12.2,3).

1.19-26 – A vida de Paulo é um exemplo de como render glória a Cristo, seja *pela vida* ou *pela morte* (v. 20).

1.19 – *Disto me resultará salvação*. Paulo expressou sua atitude positiva e sua confiança com relação ao modo como o Deus soberano resolveria essa situação difícil. A palavra grega traduzida como *salvação* neste versículo normalmente é traduzida dessa forma. No Novo Testamento, é usada como referência à cura física, ao livramento do perigo ou da morte, à justificação, à santificação e à glorificação. Neste texto, Paulo alude ao seu fortalecimento diário para suportar a situação complicada que estava diante dele. É possível que o apóstolo também estivesse mostrando sua convicção de que seria libertado da prisão (v. 25).

Vossa oração. Este seria o canal para sua libertação. A oração de cristãos em nome de outros irmãos na fé é essencialmente importante porque, por meio dela, e *pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo*, Deus produz resultados positivos. Originalmente, a palavra *socorro* era usada como referência a um benfeitor rico que pagava as despesas de um coral ou de uma companhia de dança. Tempos depois, e de um modo mais geral, passou a significar prover os generosos recursos que supririam as necessidades de alguém.

1.20 – A expressão *intensa expectativa* traduz uma palavra grega que descreve a mão estendida de alguém chamando a atenção para um objeto. O termo *esperança* não é simplesmente excesso de otimismo, mas uma expectativa confiante. Paulo estava decidido a não ser envergonhado em nada e por ninguém, o que se verifica na declaração *em nada serei confundido*. De um modo vívido, demonstrou que as ações corretas não são determinadas pelo meio em que se vive, mas pelo pensamento correto.

Paulo estava empenhado em assegurar que Cristo seria, mais do que nunca, manifesto em sua vida, *engrandecido*. Ele não confiava em si mesmo para exaltar Jesus, mas no Espírito Santo (v. 19)



EM FOCO

SOCORRO (GR. EPICHOREGIA)

(Fp 1.19; Ef 4.16)

A oração dos filipenses geraria o *socorro* do Espírito. Essa palavra grega foi usada para descrever o que o dirigente de um coral daria aos membros que executassem um drama grego. Em suma, ele cuidaria de todas as despesas deles. Neste sentido, o termo passou a significar a provisão total de qualquer tipo. Paulo esperava ansioso receber a provisão do Espírito de Jesus Cristo como resultado das orações dos cristãos de Filipo.

para engrandecer Cristo nele (Jo 16.14; 2 Co 3.18). Para o apóstolo, não havia diferença entre vida e morte, desde que *pela vida* ou *pela morte* dele Cristo fosse engrandecido, glorificado e exaltado diante dos outros.

1.21 – *Para mim* é similar à expressão *no que me diz respeito*. Paulo sabia o que era o *ganho* em sua morte porque estaria com Cristo (v. 23). Na verdade, talvez ele estivesse expressando sua confiança de que, uma vez que sua prisão havia promovido o evangelho, Deus também usaria sua morte para promover Seu Reino.

1.22 – *Fruto da minha obra*. Se Paulo continuasse a viver, ele teria a oportunidade de pregar o evangelho para mais pessoas e veria a vitória espiritual na vida dos filipenses. De acordo com a sentença *o que deva escolher*, Paulo estava em um dilema porque claramente via as vantagens tanto da vida como da morte para o cristão. A vida significava uma chance de ministrar às pessoas como os filipenses (v. 24), enquanto a morte significava estar com Cristo, seu Salvador.

1.23 – Paulo se sentia *em aperto* de todos os lados, como uma cidade sitiada sem esperança de ver-se livre de sua aflição. Ele estava dividido entre a possibilidade de encontrar-se com o Senhor e a sua paixão por ministrar aos filipenses. Neste versículo, *o desejo* significa mais do que uma vontade; indica uma forte ânsia. Em relação à profissão de Paulo como fabricante de tendas, o termo *partir* quer dizer *levantar acampamento* ou *desfazer a tenda com o intuito de preparar-se para viajar para outro lugar*.

Paulo via a morte não como o fim da vida, mas como um momento de transição de um lar para outro. Em sua mente, não havia uma comparação

real entre a vida e a morte porque esta era *muito melhor* (literalmente, “muito mais superior”). Jesus disse que prepararia um lugar para nós (Jo 14). Esse lugar já está preparado na casa do Pai.

1.24 – A palavra grega traduzida como *mais necessário* contrabalança a expressão *muito melhor* do versículo 23. A ideia contida no verbo *ficar* é *permanecer completamente* ou *perseverar*. É uma forma intensiva do termo grego usado para *permanecer* no versículo 25. O fato de que Deus queria que ele continuasse a viver era, de acordo com Paulo, totalmente necessário para o crescimento espiritual dos filipenses (v. 25).

1.25 – *Proveito vosso*. Paulo não estava satisfeito com o fato de os cristãos filipenses serem simplesmente salvos, mas queria que eles progredissem rumo à maturidade em Cristo. Por isso, sentia a responsabilidade de continuar a ensinar-lhes.

1.26 – *A vossa glória [...] por mim*. Paulo sabia que, uma vez que os filipenses o amavam muito, eles ficariam contentes em ver que Deus havia preservado a vida dele na prisão, e que o apóstolo estava certo de que o ministério com eles continuaria. O significado literal de *glória* é *ostentação* ou *exaltação*. A glória dos cristãos de Filipos aumentaria drasticamente por causa da obra do Senhor.

1.27—4.9 – Paulo dedica a principal seção de sua carta à instrução dos filipenses sobre a importância de conduzir a vida como servos que se dedicam ao seu Senhor. O apóstolo ilustra esse ensino ao referir-se ao modo como Jesus Cristo, Timóteo, Epafrodito e ele mesmo viveram.

1.27 – A expressão *deveis portar-vos* poderia referir-se ao cumprimento das obrigações de um



EM FOCO

COMBATENDO JUNTAMENTE (GR. *SUNATHLEO*)

(Fp 1.27;4.3)

No grego, a ideia contida nessa expressão é extraída de competições esportivas. Normalmente, os atletas competiam um contra o outro. Em Filipenses 1.27, Paulo pede à igreja em Filipos que compita como uma equipe de atletas, a fim de contribuir para o avanço da fé que vem por meio da pregação da Palavra de Deus. Na mesma epístola, ele também menciona Evódia e Síntique como mulheres que estavam lutando ao seu lado na causa do evangelho (Fp 4.2,3).

cidadão. Uma vez que Filipos tinha a posição privilegiada de uma colônia romana, seus habitantes entendiam as responsabilidades associadas à cidadania. Neste versículo, Paulo lhes ordenou (a primeira ordem na carta) que mudassem sua perspectiva da esfera terrena para a celestial. Eles deveriam viver neste mundo como cidadãos de outro mundo, o reino celestial. Sua conduta deveria revelar sua cidadania celestial.

Neste sentido, os filipenses não deveriam permanecer isolados, mas juntos num mesmo espírito e numa mesma mente, unidos por um objetivo comum, *combatendo juntamente*. Trabalho em equipe é o conceito fundamental transmitido por essa expressão grega, cujo significado literal é *envolver-se juntamente em uma competição esportiva*. Deus nunca tencionou que os cristãos ficassem sozinhos. Seu plano é que nós nos reunamos para fortalecer e encorajar uns aos outros (Fp 2.2) *pela fé*. Paulo estava pedindo que eles combatessem juntamente não só pelo crescimento da fé de cada um, mas também pela verdade do cristianismo, a fé comum de todos.

1.28 – A palavra traduzida como *espanteis* é um termo forte usado como referência ao medo de um cavalo em pânico. Os filipenses não deveriam ficar aterrorizados diante de seus inimigos. Sua coragem seria prova de sua salvação e do terrível fracasso de seus adversários.

Indício de perdição. Ao combaterem juntamente com amor e confiança, os filipenses seriam uma *prova viva* (termo legal simbolizando a prova obtida por uma análise dos fatos) para seus oponentes de que a mensagem de Jesus Cristo é verdadeira. Isso confirmaria a condição perdida de seus opositores. Uma vez que Paulo fez um contraste entre *salvação* e *perdição*, seu foco neste versículo, sem dúvida, estava em questões eternas. Confronte isso com a ênfase do apóstolo em sua própria salvação no versículo 19.

1.29 – *Padecer*. O sofrimento é, na verdade, uma dádiva de Deus, pois nele o Senhor nos consola (2 Co 1.5) e consente que nos regozijemos (1 Pe 4.12,13). Esse sentimento é uma bênção porque traz recompensa eterna (Mt 5.1-12; 2 Co 4.17; 2 Tm 2.12; Ap 22.12). Deus o vê como

uma ferramenta para cumprir Seus propósitos tanto em Seu Filho (Hb 2.10) como em Seus filhos (1 Pe 1.6,7). Além disso, o sofrimento nos amadurece como cristãos no presente (Tg 1.2-4) e permite que sejamos glorificados com Cristo no futuro (Rm 8.17).

1.30 – *O mesmo combate*. Os filipenses enfrentariam as mesmas lutas que Paulo. Eles precisavam aprender a ser vitoriosos em meio às provações seguindo o exemplo de Paulo diante de sua perseguição.

2.1 – A maior luta dos filipenses não era contra suas circunstâncias externas, mas contra aquelas atitudes internas que destroem a unidade. Paulo demonstrou que ele mesmo se negou a deixar que as situações controlassem seus atos (Fp 1.12-18). A conjunção *portanto* liga o conflito do apóstolo ao dos filipenses. A repetição da conjunção condicional *se* neste versículo indica certezas, e não possibilidades. Cada *se* expressa a ideia de *uma vez que*, e cada oração subsequente pode ser considerada como verdadeira.

As Escrituras ensinam que nossa *comunhão* não é somente com Deus, o Espírito Santo, mas também com Deus-Pai (1 Jo 1.3) e Deus-Filho (1 Co 1.9; 1 Jo 1.3) bem como com outros cristãos (1 Jo 1.7). Sobre o significado do termo *afetos*, veja o comentário de Filipenses 1.8. O vocábulo grego *compaixões* significa *desejos compassivos que se desenvolvem em resposta a uma situação e que estimulam uma pessoa a suprir necessidades reconhecidas naquela situação*.

2.2 – Neste versículo, o apóstolo apresenta um apelo que consiste em quatro partes e expressa uma ideia importante: a unidade da Igreja. O termo *o mesmo* expressa a preocupação de Paulo com a humildade (Fp 4.2). Paulo ilustra essa atitude nos versículos 3 e 4 e depois descreve o maior exemplo de humildade, o próprio Jesus Cristo, nos versículos 5 a 8. Quanto à expressão *o mesmo amor*, veja o comentário de Filipenses 1.9.

Ao incitar os cristãos de Filipos a sentirem *o mesmo ânimo*, Paulo está enfatizando uma unidade de espírito entre eles (Sl 133), literalmente *uma união da alma*. As palavras que o apóstolo usa para indicar *uma mesma coisa* são praticamente

idênticas às traduzidas como *o mesmo* no início deste versículo. Paulo estava salientando de maneira contundente a unidade que deveria existir entre os cristãos e como eles deveriam combater juntamente com determinação para o avanço do evangelho de Jesus Cristo.

2.3 – Neste versículo Paulo tenta corrigir algum mal-entendido que possa surgir acerca do que ele disse no início da carta sobre algumas pregações feitas por motivos egoístas (Fp 1.15,16). Sua preocupação era que alguém pensasse que ele estaria aceitando a *contenda*, desde que o evangelho estivesse sendo pregado. O termo grego traduzido como *vanglória* significa *orgulho vazio* ou *autoestima infundada*. O orgulho não deve ser uma motivação do cristão; pelo contrário, tudo deve ser feito no poder do Espírito Santo.

A palavra grega traduzida como *humildade* sugere um profundo senso de submissão. Embora os escritores pagãos a usassem de forma negativa, com o sentido de humilhação ou abjeção, não era assim que Paulo a empregava. O que ele estava pedindo era que cada indivíduo fizesse uma avaliação sincera de sua própria natureza. Essa avaliação deveria sempre conduzir a uma glorificação de Cristo, pois, sem Ele, nada podemos fazer (Jo 15.5).

Cada um considere. Este verbo indica uma análise completa dos fatos para se chegar a uma conclusão correta sobre a questão. Em outras palavras, cada cristão filipense deveria avaliar-se da maneira apropriada, o que o levaria a valorizar os outros. O autoexame sincero que Paulo estava aconselhando produz a verdadeira humildade. Isso permite ao indivíduo considerar o próximo

antes de si mesmo, valorizar mais as pessoas do que os bens materiais ou planos pessoais, considerar *os outros superiores a si mesmo*.

2.4 – O verbo *atente* significa *dirigir a atenção para algo*. Uma vez que implica o exercício de intensa concentração mental, Paulo queria que seus leitores fizessem tudo que estivesse ao alcance deles para se envolverem com o suprimen- to das necessidades dos outros, assim como com as deles.

2.5 – Os versículos 5 a 8 apresentam uma das afirmações mais significativas de todas as Escrituras sobre a natureza da encarnação divina, o fato de Deus ter se tornado homem. Além disso, por meio desta maravilhosa descrição de Cristo, Paulo ilustra, de modo vívido, o princípio da humildade (v. 3,4). *De sorte que haja.* Toda ação misericordiosa começa com a *renovação da mente*. Pensamentos corretos geram atitudes corretas. Nossos atos são frutos de nossos pensamentos mais profundos. Pensar e ser como Cristo são exigências não apenas para um indivíduo, mas também para a Igreja, por isso o uso da expressão *em vós*. Juntos, precisamos pensar e agir como um ser, como a pessoa de Jesus Cristo.

2.6 – *Forma.* Paulo usa de modo cuidadoso a palavra grega *morphe* com o gerúndio para mostrar que a natureza de Cristo possui *é o caráter específico ou a substância essencial* de Deus. Essa palavra sempre expressa a natureza do ser com o qual está associada. O *status quo* que Deus possui, Jesus possuiu. Portanto, se a natureza de Jesus é a natureza de Deus, Jesus é Deus.

Sendo Deus, Cristo não partilhou a natureza divina por *usurpação*, ou seja, *algo a ser tomado pela força*, como se já não o tivesse, ou *algo a ser*



EM FOCO

FORMA DE DEUS (GR. MORPHE THEOU)

(Fp 2.6)

A palavra grega para *forma* geralmente era usada para expressar o modo como uma coisa existe e parece segundo o que ela é em si mesma. Portanto, a expressão *forma de Deus* pode ser corretamente entendida como a natureza essencial e o caráter de Deus. Sendo assim, dizer que Cristo existiu na *forma de Deus* é dizer que, à parte de sua natureza humana, Jesus possui todas as características e qualidades próprias de Deus, porque, na verdade, Ele é Deus.



EM FOCO

MOVENDO-SE PARA BAIXO

Em contraste com as muitas pessoas que hoje procuram ascender, Jesus, de certo modo, fez o inverso (Fp 2.5-8), passando de uma posição de poder absoluto à total falta de poder. Ao fazer essa transição, Ele deu o melhor exemplo possível de um líder que é servo (Mt 20.25-28; Jo 13.2-17). No entanto, Paulo faz uma descrição diferente do Senhor em Colossenses.

retido, como se Ele pudesse perdê-lo. Conforme foi usada neste versículo, a palavra *igual* fala de igualdade em termos de existência. Cristo era totalmente divino, mas se limitou de tal modo que pudesse também ser completamente humano. Em Cristo, Deus se tornou homem.

2.7 – A expressão *aniquilou-se a si mesmo* pode ser traduzida como *esvaziou-se a si mesmo*. Cristo fez isso ao assumir a forma de servo, um simples homem. Ele não se esvaziou de alguma parte de Sua essência como Deus. Pelo contrário, assumiu a existência como homem. Embora ainda fosse completamente divino, Ele se tornou completamente humano. Jesus acrescentou à Sua essência divina (v. 6) a essência de um servo, a *forma*, ou seja, as características essenciais de um ser humano, procurando cumprir a vontade de outro.

Paulo não diz que Cristo trocou a forma de Deus pela forma de servo, implicando uma perda da deidade ou dos atributos da deidade. Em vez disso, na encarnação, Cristo continuou com a mesma natureza de Deus, mas acrescentou a si mesmo a natureza de um servo. Neste contexto, o termo *servo* se refere à posição mais baixa na progressão social (Hb 10.5), exatamente o oposto do termo *Senhor*, um título pelo qual todos, um dia, reconhecerão o Cristo ressurreto e exaltado (v. 11). É surpreendente, portanto, que o Deus que criou o universo (Jo 1.3; Cl 1.16) e reina sobre toda a criação (Cl 1.17) escolheria acrescentar à Sua pessoa a natureza de um servo.

A palavra *semelhante* não significa que Cristo apenas parecia um homem. Antes, o termo enfatiza a identidade. Ele era um homem, com todos os aspectos essenciais de um ser humano, embora,

ao contrário de todos os outros, não tivesse nenhum pecado.

2.8 – *Forma*. Essa é a terceira palavra que Paulo usa para mostrar aos filipenses que Jesus Cristo, que é completamente Deus desde toda a eternidade, também foi completamente homem. Nos versículos anteriores, Paulo descreveu Jesus como alguém que possui a natureza de Deus e assumiu a natureza de servo. Jesus veio a terra com a identidade de um homem. Neste versículo, o vocábulo *forma* indica as características externas de Jesus: Ele tinha o porte, as ações e os modos de um homem.

Jesus voluntariamente assumiu o papel de servo, *humilhou-se a si mesmo*; ninguém o forçou a isso. Embora nunca tivesse pecado nem feito algo para merecer a morte, Ele escolheu morrer, sendo *obediente*, para que os pecados do mundo lhe pudessem ser imputados. Subsequentemente, Cristo poderia creditar Sua justiça na conta de todos os que cressem nele (2 Co 5.21; Gl 1.4).

Usando a declaração *até à morte e morte de cruz*, Paulo descreve o sentido profundo da humilhação de Cristo ao lembrar seus leitores que Ele morreu pela forma mais cruel de pena de morte, a crucificação. Os romanos reservavam a morte agonizante pela crucificação para escravos e estrangeiros, e os judeus a viam como uma maldição de Deus (Dt 21.23; Gl 3.13).

2.9 – Observe o contraste entre Jesus se colocando em uma posição humilhante (v. 8) e Deus, o Pai, elevando-o a uma posição em que o *exaltou soberanamente*. Na terra, Cristo era Deus, mas parecia um homem; de volta ao céu, Ele manteve Sua humanidade, mas manifesta Suas prerrogativas de deidade. Deus graciosamente lhe deu o nome. Na terra, Cristo foi coroado com espinhos (Mt 27.29); de volta ao céu, Ele é coroado de glória e de honra (Ap 5.12-14). Ao afirmar *e lhe deu um nome que é sobre todo o nome*, Paulo está referindo-se à passagem do Antigo Testamento que fala do nome divino *Yahweh* (Senhor).

2.10 – *Todo joelho*. Embora todos, um dia, adorarão Cristo, somente aqueles que depositaram sua fé nele nesta vida terão uma relação eterna com Ele após a morte (Ap 20.13-15). Dos

que estão [...] *debaixo da terra*. Paulo se refere àqueles que já terão morrido no momento da volta de Cristo, em contraste com os anjos no céu e aqueles que ainda estarão vivendo na terra.

2.11 – *Confesse* é um verbo forte e intenso que significa *concorde* ou *diga o mesmo*. Em essência, Paulo está dizendo que todos serão unânimes em afirmar o que Deus, o Pai, já afirmou (Is 45.23): que Jesus Cristo é Senhor.

2.12 – *De sorte que*. Paulo deseja que os filipenses respondam de um modo positivo à sua admoestação quanto a terem a mente de Cristo (v. 5-8). A ordem é para todo o grupo, uma vez que o sujeito oculto (vós) é plural. O tema é a salvação mútua e coletiva deles (Fp 1.19,28; Lc 22.24-30). O termo grego traduzido como *operai* alude à presente libertação dos filipenses. Ele foi usado por Estrabão, autor do século 1, como referência à escavação de minas de prata. Portanto, a salvação pode ser comparada a um grande presente que precisa ser aberto para a total alegria do indivíduo. Observe que Paulo está incentivando os filipenses a desenvolverem e *operarem* sua salvação, mas não a trabalharem *para obtê-la*.

Demonstrar a graça e o poder de Deus ao mundo por meio de nossa unidade e nosso amor (compare com Jo 13.34,35) é uma responsabilidade muito séria, por isso requer *temor e tremor*. Não se trata do medo como covardia, mas de respeito pelo grande valor da tarefa. Os filipenses deveriam esforçar-se e tratar de cumprir suas obrigações corretamente. Não deveriam ter medo da responsabilidade, mas tratá-la como uma comissão de primeira ordem. Os resultados determinariam sua posição de privilégio e de glória no Reino de Cristo.

2.13 – O próprio Deus está agindo em nossa vida, e tudo o que Ele faz nela se dá segundo a Sua *boa vontade* (Rm 8.28). Deus se agrada em fazer o bem a nós, mas Ele só pode abençoar-nos quando há obediência à Sua vontade (Jo 15.10). Nosso maior objetivo deve ser agradar-lhe em tudo o que fizermos. O Senhor supre tanto o desejo como a capacitação para cumprirmos Sua vontade. Só precisamos apropriar-nos da providência dele.

2.14-16 – Estes versículos contêm instruções específicas sobre como os filipenses deveriam fazer todas as coisas. O apóstolo lhes mostrou em 1.27—2.13 o tipo de atitude que deveriam desenvolver. Os cristãos de Filipos teriam de adotar em sua vida coletiva e individual uma conduta digna do grande chamado de Deus para eles. Paulo usa a expressão *todas as coisas* para enfatizar o caráter inclusivo dessa ordem.

2.14 – Os filipenses não expressavam insatisfação nem *murmurações* (Fp 2.1-4), mas esta palavra sugere que a escandalosa dissensão ainda não havia se manifestado.

2.15 – Este versículo se concentra no testemunho da Igreja. O objetivo da ordem no versículo 14 era que os filipenses fossem *irrepreensíveis* portadores da luz no mundo. Eles não deveriam merecer censuras porque estariam livres de falhas ou defeitos em relação ao mundo (Fp 3.6). Se os cristãos filipenses quisessem dar testemunho em sua comunidade, teriam de ser irrepreensíveis em suas ações e atitudes, tanto dentro como fora da igreja (1 Tm 3.2). O adjetivo *inculpáveis* é um termo técnico usado como símbolo de algo apropriado para ser oferecido como um sacrifício a Deus, sem mancha ou defeito, não contaminado pelo pecado.

Paulo descreve o mundo como algo contrário ao cristão, uma *geração corrompida e perversa*. Por um lado, o mundo se afasta da verdade; por outro, exerce uma influência perversiva contrária à verdade. Logo, para fazer a diferença, era necessário que os filipenses agissem como Paulo declara nesta passagem: *resplandeceis como astros*. Ele os descreve como estrelas cuja luz penetra a escuridão espiritual de um mundo pervertido. Jesus disse: *Eu sou a luz do mundo*. Ele também disse: *Vós sois a luz do mundo* (Mt 5.14). Em essência, Cristo é luz. Seremos a luz do mundo desde que refletamos Cristo.

2.16 – O verbo grego traduzido como *retendo* contém duas ideias: *retendo* e *oferecendo*. O primeiro conceito sugere uma firmeza na qual nossa luz (v. 15) brilha continuamente para Deus. O segundo implica projetarmos nossa luz na escuridão deste mundo. A forma verbal *corrido*

indica uma atividade enérgica, enquanto *trabalhado*, a labuta do ministério de Paulo.

2.17 – *Seja oferecido.* Judeus e gregos às vezes derramavam vinho sobre um altar concernente a sacrifícios religiosos (Nm 15.1-10). Alguns interpretam essa figura de linguagem como uma descrição do próprio martírio de Paulo pela causa de Cristo. No entanto, o conteúdo da carta revela, em contrapartida, que Paulo acredita que viverá (Fp 1.25) e espera ser libertado da prisão em breve (v. 24). Portanto, é provável que Paulo estivesse dizendo que ele estava, neste momento, sendo oferecido como *libação* viva em nome da fé dos filipenses.

O termo *sacrifício* significa basicamente o ato de oferecer algo a Deus. No tocante à palavra *serviço*, Paulo escolhe um vocábulo grego que remete a uma pessoa que cumpre os deveres de um cargo público à própria custa. No contexto cristão, essa palavra fala da adoração humildemente oferecida ao Senhor.

2.18 – *Por isto mesmo.* Uma vez que Paulo estava alegre em meio aos seus sofrimentos em favor dos filipenses (v. 17), ele esperava que os filipenses considerassem seu sofrimento não como um motivo de tristeza, mas como uma fonte de contentamento. O apóstolo havia adquirido de Jesus o espírito da verdadeira bênção (Mt 5.10-12).

2.19-30 – Paulo enviou dois de seus companheiros de ministério, Timóteo e Epafrodito, para ministrar aos filipenses. Os dois eram exemplos de humildade, unidade, e do serviço sacrificial que Paulo estava ensinando (Fp 2.1-18). Esses homens poderiam servir como lições práticas do ensino de Paulo, epístolas vivas a serem lidas pelos filipenses. Nossa vida pode falar de um modo mais poderoso que o maior pregador.

2.19 – Paulo equilibrou a passagem sombria anterior (v. 12-18) com a esperança otimista de enviar seu colaborador *Timóteo*, cujo nome significa *aquele que honra a Deus*, que era de uma família de cristãos. Sua mãe, Eunice, e sua avó, Lóide, tornaram-se cristãs (2 Tm 1.5). Ele havia acompanhado Paulo na segunda viagem missionária, durante a qual implantaram a igreja em Filipos. Ao que parecia, Timóteo era benquisto

pelos filipenses e, por sua vez, demonstrava uma grande preocupação com eles (v. 20-22).

2.20 – *De igual sentimento.* Timóteo e Paulo tinham o mesmo tipo de preocupação com os filipenses (leia a segunda ordem de Paulo no versículo 2 para que os filipenses sentissem o mesmo).

2.21 – O termo *todos* é uma forma exagerada para dar ênfase. A maioria das pessoas muitas vezes é egoísta, mas Paulo sabia que Timóteo era diferente. Ele exorta os filipenses (v. 3) a também se libertarem desse modo de vida, se tiverem a mente de Cristo (Fp 2.5-8). Essa ainda é a vontade de Cristo para nós.

2.22 – Timóteo mostrou sua *experiência* fiel aos filipenses, que sabiam de seus dez anos de ministério com o apóstolo Paulo. A expressão *como filho* foi usada porque, na época do Novo Testamento, o filho *servia* ao pai para aprender os negócios da família. Servir dessa forma significava aprender tudo sobre o assunto e dispor-se a obedecer ao mestre para se tornar o mais habilitado possível no trabalho.

2.23 – *Tenha provido a meus negócios.* Antes de enviar Timóteo aos filipenses, Paulo precisava avaliar com cuidado sua própria situação. Ele explicou essa necessidade por meio do uso de um termo grego que significa *manter os olhos fixos em uma única coisa e desviá-los das demais*.

2.24 – Paulo aguardava o resultado de seu caso para enviar Timóteo. Ao que parece, ele ansiava por uma decisão judicial sobre sua prisão, por isso afirmou *confio no Senhor*. Todos os pensamentos, as atitudes e as ações dos cristãos devem nascer do fato de que eles estão *no Senhor* (Fp 2.19). Pelo uso da expressão *em breve*, observa-se que Paulo esperava ser libertado da prisão num futuro próximo.

2.25 – *Epafrodito* foi um cristão filipense enviado pela igreja de Filipos para levar as ofertas a Paulo (Fp 4.18) e ajudá-lo em seu ministério. É descrito com uma série de elogios: *irmão, cooperador, companheiro nos combates, enviado* aos filipenses e um homem para *prover* a Paulo. É mencionado na Bíblia somente nesta carta. Paulo considera Epafrodito de igual para igual na obra de proclamar o evangelho, por isso o chama de *cooperador*.

A expressão *companheiro nos combates* era usada para referir-se somente àqueles que haviam lutado honradamente ao lado de outro. Paulo, portanto, faz seu maior elogio a Epafrodito por seu serviço fiel na causa de Cristo. Denominando-o *vosso enviado*, Paulo usa o termo grego normalmente traduzido como *apóstolo*, mas não em seu sentido técnico. Tanto Paulo como Epafrodito eram mensageiros, mas a autoridade daquele era maior do que a deste. Paulo tinha sido comissionado diretamente por Jesus Cristo, enquanto Epafrodito, enviado pelos filipenses.

2.26 – Saudades. Paulo declarou que Epafrodito demonstrava a mesma preocupação que a dele com os filipenses (Fp 1.8). Portanto, eles foram um em seu trabalho para o Senhor (v. 25) e são um em seu amor pelo povo de Deus.

2.27 – Doente e quase à morte. Paulo estava certificando-se de que os filipenses haviam entendido o esforço de Epafrodito pela causa de Jesus Cristo. O estado de saúde de Epafrodito estivera muito pior do que eles haviam imaginado. Paulo via a cura de Epafrodito como intervenção direta de Deus. Embora Paulo exercesse poderes apóstólicos (2 Co 12.12), esses poderes eram inúteis fora da vontade e do tempo de Deus.

2.28 – Vo-lo enviei mais depressa. Paulo devolve Epafrodito aos filipenses antes do que eles esperavam. Ele faz isso por duas razões: (1) para incentivar os filipenses a alegrar-se, fazendo-os saber que Epafrodito está fisicamente bem e cumpriu o serviço espiritual que lhe haviam designado, e (2) para aliviar o fardo que ele, Paulo, estava carregando (isto é, para que ele *tenha menos tristeza*) por se preocupar com a possibilidade de os filipenses respeitarem menos Epafrodito do que deveriam.

2.29 – Recebei-o. Esse termo contém a ideia de uma recepção favorável, um abraço naquele que chega. Os filipenses deveriam nutrir uma grande estima por Epafrodito, considerá-lo um servo *precioso, estimado* ou *de grande valor*, tendo-o *em honra*.

2.30 – Não fazendo caso da vida. Paulo falou aos filipenses sobre o compromisso que Epafrodito tinha com o trabalho que eles lhe haviam designa-

do para fazer. Paulo reconheceu o esforço que os filipenses já haviam feito por ele. Epafrodito pôde realizar o que os cristãos de Filipos não podiam: estar fisicamente presente para ministrar à vida de Paulo, *para suprir [...] a falta do vosso serviço*.

3.1 – Para resumir tudo o que disse sobre uma vida digna de Cristo, Paulo acrescenta *que vos regozijeis no Senhor*. Este regozijo é no Senhor, não nas circunstâncias. Deus sempre está no comando, por isso, mesmo na prisão, Paulo pode regozijar-se. Consequentemente, ele não se *aborrece* (incomoda) de incentivar os filipenses a regozijar-se. Seria uma garantia para a conduta deles porque eles tomariam a atitude correta. A preocupação de Paulo era que os filipenses não caíssem na armadilha preparada por aqueles que estavam dentro da igreja e apoiavam a heresia, por isso o apóstolo disse que seus conselhos são *segurança*.

3.2 – Nos tempos do Novo Testamento, *cães* eram animais odiados. O termo passou a ser usado como referência a todos os que tinham uma mente impura no que diz respeito à moral. Uma vez que o termo *obreiros* era usado ocasionalmente para identificar aqueles que propagavam uma religião, é provável que as palavras *maus obreiros* aludem a mestres que estavam espalhando doutrinas destrutivas.

Empregando o vocábulo *circuncisão*, Paulo expõe de um modo sarcástico e específico aqueles que desejavam restabelecer práticas religiosas judaicas como sendo necessárias para a salvação. Ele escolhe um termo cujo significado literal é *cortar*. Ao fazer isso, o apóstolo sugere que essas pessoas sequer entendiam a verdade sobre a prática da circuncisão no Antigo Testamento, compreendendo-a simplesmente como um corte da carne.

3.3 – Paulo define a verdadeira *circuncisão* como uma questão do coração, e não da carne. Ele revela três aspectos dessa prática: (1) servir a *Deus no Espírito*; (2) gloriar-se em *Jesus Cristo* e (3) *não confiar* em nenhuma honra ou realização humana como um meio de chegar a Deus. O Antigo Testamento também ensinava que a circuncisão era mais do que um ritual da carne (Lv 26.41; Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; Ez 44.7).



VOCÊ SABIA?

A MOTIVAÇÃO DE PAULO

Ao lermos a descrição de Paulo acerca do tempo em que ainda não havia sido chamado por Cristo (Fp 3.4-6), descobrimos uma profunda motivação, como se ele quisesse provar algo. Vários indícios sugerem que provavelmente fosse isso. Paulo nasceu fora da Palestina, em Tarso, e não na Judéia. Dedicou sua vida ao estudo intensivo da Lei. Atacou cristãos com uma voracidade fora do comum. Talvez tudo isso significasse um forte desejo de ser aceito pela sociedade judaica em Jerusalém. Há duas principais formas pelas quais minorias e outros excluídos lidam com a rejeição ou a discriminação por parte da maioria da sociedade. Uma é voltar-se para dentro de si e recusar-se a participar da cultura dominante. Outra é eliminar ou diminuir diferenças e misturar-se à maioria. Talvez o indivíduo pudesse ser aceito, ainda que nunca fosse tratado de igual para igual. Parece que Paulo escolheu a segunda alternativa.

3.4-7 – Paulo fala como se pudesse *confiar na carne* para mostrar que a razão por que ele não confiava nas credenciais judaicas não era o fato de que não as tinha, mas de que elas não poderiam cumprir a justiça que somente Deus podia prover.

3.5 – *Circuncidado ao oitavo dia*. Os pais de Paulo obedeceram à Lei de Deus e circuncidaram-no no dia apropriado após seu nascimento (Lv 12.2,3). O povo de Israel era chamado povo de Deus. O fato de Paulo afirmar que faz parte da *linhagem de Israel* indica que ele pode remontar suas origens à verdadeira descendência desse povo, a Jacó, e não a Esaú. *A tribo de Benjamim* era muito respeitada pelos israelitas porque essa linhagem havia gerado o primeiro rei de Israel e permanecido leal a Davi. Além disso, essa tribo havia se unido a Judá após o exílio para formar o alicerce para a nação restaurada (1 Sm 9.15-21; 1 Rs 12.21-24).

Hebreu de hebreus. Esta descrição de Paulo pode indicar que (1) seus pais eram judeus, (2) ele era um judeu exemplar ou (3) ele foi totalmente educado como um judeu. Quanto ao termo *fariseu*, este se refere a líderes judeus muito instruídos que encabeçaram a oposição contra Jesus enquanto Ele esteve na terra e, tempos depois, contra a Igreja. Seguiam à risca e defendiam a carta da Lei judaica. O próprio Paulo veio de uma linhagem de fariseus (At 23.6) e havia estudado com Gamaliel, um fariseu muito respeitado daquela época (At 22.3).

3.6 – *Perseguidor da igreja*. Antes de tornar-se um cristão, Paulo atacava energeticamente aqueles

que criam em Cristo, a ponto de levá-los à morte (At 7.58—8.3;9.1,2).

3.7 – Para saber o significado do termo *ganho*, veja o comentário de Filipenses 1.21. A palavra *perda* indica aquilo que foi danificado ou não serve para mais nada (v. 8; At 27.10,21). Aquelas coisas que Paulo considerava importantes perderam a importância depois que ele confrontou o Messias ressurreto.

3.8 – A palavra *excelência* indica que o valor de conhecer Cristo excede todas as outras coisas (Fp 2.3; 4.7). O termo *esterco* significa algo detestável ou sem valor. Todas as coisas deste mundo são esterco comparadas a Cristo. Até *as nossas justicas [são] como trapo da imundícia* (Is 64.6). No tocante à sentença *para que possa ganhar*, o primeiro *ganho* (v. 7) é substituído pelo último *ganho*: Cristo Jesus (Fp 1.21).

3.9 – *A minha justiça que vem da lei*. Nos versículos 6 e 7, Paulo revela o caráter inútil da justiça que estava na Lei. Neste versículo, ele comenta que sua própria justiça, que se baseava naquela Lei, também era vã. Neste sentido, Paulo reconhece que a verdadeira justiça é uma questão de fé, *pela fé em Cristo*, não de obras. É a justiça de Deus que vem por meio de Cristo, não a nossa.

3.10 – Paulo mostra que rejeitou sua própria justiça para obter não simplesmente um conhecimento intelectual de Cristo, mas também um conhecimento relacional; na verdade, para *conhecê-lo [Jesus] intimamente, e a virtude da sua ressurreição*. O apóstolo não diz virtude *na* Sua ressurreição, o que especificaria a virtude do fato da ressurreição de Jesus. Em vez disso, Paulo procura

a constante virtude que é a experiência diária de estar em Cristo. É possível que ele também esteja referindo-se ao desejo de ser revestido de seu próprio corpo ressurreto.

A expressão *comunicação de suas aflições* denota que Paulo reconhece o valor de participar das perseguições ou lutas que naturalmente acompanham quem está em parceria (ou seja, *cooperação*, de acordo com Fp 1.5) com Cristo e Seus sofrimentos (Tg 1.2-4; 1 Pe 2.21-24). Paulo deseja imitar Cristo, mesmo na morte do Senhor, *sendo feito conforme a sua morte*. Em outras palavras, o apóstolo anseia por ser totalmente obediente a Deus, o Pai, assim como Jesus, o Filho unigênito, foi (Lc 22.42).

3.11 – *Chegar* significa *alcançar*, bem como *tornar-se participante de*. Paulo não estava duvidando de sua participação na ressurreição, mas, em vez disso, vendo-a com expectativa (1 Co 15.1-34). Paulo desejava estar com aqueles cristãos que, por meio de sua vitória em Cristo, receberiam a recompensa especial na *ressurreição* (Hb 11.35).

3.12 – *Não que já a tenha alcançado*. Paulo escolheu uma palavra grega diferente daquela traduzida no versículo 11 como *chegar*. Neste texto, ele indica que ainda não *se apoderou de* ou *conquistou* tudo o que ele procurava ser. O termo grego traduzido como *perfeito* significa *maduro* ou *completo, acabado*. Não denota especificamente uma perfeição moral ou pura. Paulo não está falando de justiça ou perfeição moral, mas de alcançar o estado de perfeição como cristão.

A forma verbal *prossigo* indica que Paulo *persegue com toda a velocidade intencional*, continuamente, o objetivo que tem diante dele. A palavra *alcançar* acrescenta ao sentido de apoderar-se de algum objeto a ideia de apanhar de surpresa. Paulo quer urgentemente estar com Deus, uma vez que foi *conquistado* por Ele (At 9.1-22). Cristo se apoderou de Paulo de forma drástica e súbita na estrada para Damasco, e a vida do apóstolo nunca mais foi a mesma depois disso.

3.13 – Paulo não podia apagar o passado de sua memória, mas se recusou a deixar que ele o impedisse de avançar em direção ao seu objetivo. O apóstolo queria esquecer seu passado moralista

(v. 4-7). Ao usar o verbo *esquecendo-me* no tempo presente, Paulo estava indicando que se trata de um processo contínuo. Talvez ele até estivesse indicando que queria esquecer-se de tudo para não apoiar em seu passado os êxitos em Cristo, mas continuar a trabalhar para o Senhor. A expressão verbal *avançando para* significa *completamente estendido*. É usada para se referir a um cavalo que se estica e esforça-se para conquistar a vitória em uma corrida.

3.14 – A palavra *alvo* se refere especificamente à linha de chegada em uma corrida, na qual os corredores atentamente fixam os olhos. O *prêmio* é a recompensa pela vitória. Paulo evidentemente levava a sério o que ensina em 1 Coríntios 9.24. No Novo Testamento, a expressão *soberana vocação* alude ao chamado divino à completa salvação. Pode remeter ao tribunal de Cristo, o lugar da recompensa. Paulo não disse que estava prosseguindo pelo chamado de Deus, mas pelo prêmio desse chamado. Ele não está trabalhando para obter sua salvação, mas uma recompensa eterna.

3.15 – Quanto ao termo *perfeitos*, Paulo usa a forma adjetiva (gr. *teleios*) da forma verbal (gr. *teleioo*) que ele registra em Fp 3.12 (*perfeito*). Um modo de entender como essas palavras estão relacionadas é reconhecer que no versículo 15 Paulo está falando sobre a postura ou posição de alguém em Cristo, enquanto no versículo 12 está discutindo o nível de crescimento espiritual de um cristão.

Outra forma de associar esses dois vocábulos é imaginar que Paulo está usando um toque de sarcasmo ou ironia no versículo 15. Assim, quando ele comenta sobre aqueles que são *perfeitos*, é possível que esteja zombando dos que espalhavam heresias entre os filipenses que acreditavam que já haviam alcançado a perfeição.

3.16 – *Andemos segundo a mesma regra*. Paulo ordena aos filipenses que se comportem como soldados que *marcham em fila* juntos, organizados, cada um em sua própria posição.

3.17 – A palavra *exemplo* indica uma representação exata do original. O exemplo de vida de Paulo é tão evidente que é possível vê-lo de pronto e usá-lo como um padrão de conduta.

3.18-21 – Ao contrário de Paulo, de Timóteo e de Epafrodito (2.17—3.17), muitos *só pensam nas coisas terrenas* (v. 19). Como cristãos, devemos concentrar nossa atenção e nossos esforços em alcançar o céu, que é onde temos nossa cidade (v. 20).

3.18 – O termo *chorando* revela a compaixão e preocupação de Paulo com aqueles que, de forma mais trágica, são *inimigos da cruz*. No v. 2, ele faz uma séria advertência contra eles, mas aqui ele chora por eles.

3.19 – Neste versículo, *perdição* indica o oposto de salvação eterna (Fp 1.19,28). Ao declarar o *deus deles é o ventre*, Paulo afirmou que os desejos físicos de *muitos* (v. 18) os controlam e consomem. *A glória deles é para confusão deles mesmos*, ou seja, as coisas das quais eles têm orgulho, na verdade, são as que acarretarão *desgraça* ou *humilhação* para eles, coisas das quais esses *inimigos da cruz de Cristo* deviam ter se envergonhado.

3.20 – Os cristãos precisam lembrar-se de que, embora estejam neste mundo, não são dele; sua cidade [definitiva] *está nos céus*. Com o uso do verbo *esperamos*, Paulo estabelece um contraste direto com o foco terreno dos inimigos da cruz no

versículo 19. O desejo ardente dos cristãos não são as coisas terrenas, mas uma Pessoa celestial, o Salvador, o *Senhor Jesus Cristo* (Rm 8.19-25).

3.21 – Paulo assegura que Jesus *transformará* o cristão, ou *mudará sua aparência*. O que Deus transformará é o corpo físico, o *corpo abatido*. No versículo 10, os cristãos se conformam à morte de Jesus; neste versículo, eles se conformam à Sua vida, ao *seu corpo glorioso*. Nosso corpo agora é fraco e suscetível ao pecado, à doença e à morte. Mas Deus o transformará para que seja semelhante ao glorioso corpo de Cristo na ressurreição.

4.1 – A transição de Paulo (*portanto*) encerra a seção anterior (Fp 3.17-21) e introduz as exortações subsequentes. O apóstolo considerava a vida dos amados filipenses como *alegria e coroa*, a recompensa que premia o trabalho que ele tem feito. Com a ordem *estai assim firmes*, que exige ação contínua da parte dos cristãos de Filipos, Paulo inicia uma série de dez ordenanças, que se estende até o versículo 9.

4.2,3 – *Rogo*. Esta palavra indica certo nível de familiaridade; introduz um pedido, não uma exigência. Quanto à denominação *verdadeiro*



PERFIL

EVÓDIA E SÍNTIQUE

As cartas de Paulo fornecem uma noção da estrutura social das pequenas comunidades cristãs incipientes no mundo greco-romano. Em sua epístola à igreja filipense, as duas primeiras pessoas que o apóstolo menciona pelo nome são mulheres: Evódia e Síntique (Fp 4.2). Ao descrevê-las como *essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho* e incluí-las na categoria de *cooperadores* (Fp 4.3), Paulo mostra que elas se uniram a ele como companheiras de igual valor em sua atividade e em seu ensino missionário.

A natureza exata do papel de liderança que Evódia e Síntique exerciam na igreja em Filipos é incerta. A autoridade delas era suficiente, no entanto, para Paulo incentivá-las a procurar harmonia uma com a outra (Fp 4.2). Ele até pediu a alguém a quem chama de *verdadeiro companheiro que ajudasse essas mulheres* (Fp 4.3). Provavelmente a preocupação dele era que a competição entre elas pela lealdade e pelo afeto aos filipenses pudesse dividir a jovem igreja. Talvez a igreja se reunisse na casa dessas duas mulheres; a disputa entre elas, então, teria sido uma tentação.

A ânsia de Paulo era que Evódia e Síntique *sentissem o mesmo no Senhor* (Fp 4.2). Entretanto, talvez seu cuidado não fosse tão grande. Ele acreditava que o nome de Evódia e o de Síntique estivessem *no livro da vida* (Fp 4.3), com o de Clemente. Contudo, elas precisavam buscar a mente de Cristo, não a delas.

As mulheres desempenhavam funções de liderança importantes nas igrejas, sendo dois exemplos Febe, na igreja de Cencréia (Rm 16.1), e Prisca, em Éfeso (1 Co 16.19). Particularmente na Macedônia, onde as mulheres muitas vezes assumiam posições de destaque em cultos religiosos, era natural encontrá-las como líderes em uma igreja. Paulo apoiou o papel das mulheres nas comunidades cristãs e instruiu os cristãos: *Não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus* (Gl 3.28).

companheiro, a identidade dessa pessoa é desconhecida. Pode ser uma pessoa específica chamada Syzygos (a palavra grega para *companheiro*), outra pessoa particularmente próxima a Paulo, ou algum dos cristãos fiéis da igreja que poderiam ajudar a resolver a disputa. O verbo traduzido como *ajudes* literalmente significa *assistir por meio da união* e sugere que a competição entre as mulheres não era pequena, mas poderia causar divisão. O termo *livro da vida* se refere a um livro no céu em que o nome dos cristãos está registrado (Dn 12.1; Ap 21.27).

4.4-8 – Paulo exortou os filipenses a esforçar-se para obterem quatro virtudes cristãs básicas: (1) *regozijar-se, sempre, no Senhor* (v. 4), (2) serem moderados com todas as pessoas (v. 5), (3) serem constantes na oração, não ansiosos (v. 6), e (4) meditarem em coisas excelentes (v. 8).

4.4 – Em meio às dificuldades, a todas as situações, os cristãos devem *regozijar-se*. A alegria deles não deve ser baseada em circunstâncias favoráveis; em vez disso, deve ser fundamentada em seu relacionamento com Deus. Os cristãos enfrentarão tribulações neste mundo, mas devem regozijar-se nas provações porque sabem que o Senhor as usa para aperfeiçoar o caráter deles (Tg 1.2-4).

4.5 – O substantivo *equidade* identifica a pessoa que revela calma e clareza de espírito. O indivíduo moderado está disposto a sacrificar tudo a que tem direito para mostrar consideração aos outros. O advérbio *perto* sugere que a volta do Senhor poderia ocorrer a qualquer momento. Paulo usa esse fato para motivar os filipenses a honrarem a Deus com a própria vida.

4.6 – Paulo exorta os filipenses a orem por suas circunstâncias, em vez de preocuparem-se com elas. Por isso, aconselha: *não estejais inquietos por coisa alguma*. Embora a palavra em Filipenses 2.20 descreva a preocupação de Timóteo com os filipenses, neste versículo Paulo usa o termo *inquietos* para se referir à ansiedade. Ele proíbe os cristãos de Filipos de perturbarem-se com seus próprios problemas. Em vez disso, devem entregá-los a Deus em oração, confiando que Ele proverá o livramento.

4.7 – *Guardará*. Ao escolher um termo militar, Paulo indicou que a mente está num campo de batalha e precisa ser *protegida por um exército*. Visto que o objetivo de uma guarda desse tipo numa situação de guerra é evitar uma invasão hostil ou impedir que os habitantes de uma cidade sitiada escapem, a *paz de Deus* opera da mesma forma: defende a mente de influências externas que corrompem e mantém-na concentrada na verdade de Deus.

4.8 – O termo *honesto* se refere àquilo que tem caráter honroso. A palavra *puro* está intrinsecamente ligada ao vocábulo grego usado para *santo* e, portanto, significa *sagrado* ou *imaculado*. Com o verbo *pensai*, Paulo ordena aos filipenses que *delibere*m, *avaliem*, *considere*m repetidas vezes o que é bom e puro. Desse modo, os cristãos podem renovar sua mente para que não se conformem com os maus hábitos deste mundo (Rm 12.2).

4.9 – O verbo *aprendestes* expressa não só o conceito de *crescer no conhecimento intelectual*, mas também a ideia de *aprender por meio da prática habitual*. Em algumas áreas de seu desenvolvimento cristão, os filipenses foram excelentes discípulos de Paulo, praticando o que ele havia ensinado. O sentido literal do verbo *recebestes* (gr. *paralambano*) é *levar consigo mesmo*. Indica receber sem rejeição ou desobediência. Ao ordenar aos filipenses *fazei*, Paulo os exortou a *pôr em prática* ou *encarregar-se de fazer* tudo o que haviam obtido dele. Se fizessem tudo o que Paulo instruiu, os cristãos de Filipos perceberiam a presença do *Deus de paz*, que é a única fonte da verdadeira paz.



EM FOCO

VIRTUDE (GR. ARETE)

(Fp 4.8; 1 Pe 2.9; 2 Pe 1.3)

Rara no Novo Testamento, mas frequente em escritos gregos, essa palavra indica excelência moral. Em sua primeira carta, Pedro a usa para descrever a natureza excelente ou as *excelências* de Deus (em 1 Pe 2.9, a palavra é traduzida como *virtudes*). Diz-se que várias pessoas tinham tal excelência, mas ela é uma qualidade que vem do Senhor. Somente aqueles que recebem poder divino podem ser moralmente excelentes nesta terra (2 Pe 1.3).

4.10-20 – O que Paulo discute nesta seção talvez seja a razão de ele ter escrito esta carta. Os filipenses lhe deram ofertas, e ele queria agradecer-lhes. Neste segmento, o apóstolo mostra que os cristãos de Filipos seriam recompensados por suas dádivas e que Deus supriria todas as necessidades deles.

4.10 – *Reviver*. Paulo usa um termo aplicado à agricultura encontrado somente neste versículo no Novo Testamento para retratar uma planta que *crece* ou *brotava novamente*, descrevendo uma condição de prosperidade ou abundância. Com distinção, por meio da declaração *não tínheis tido oportunidade*, Paulo mostra aos filipenses que está ciente da constante preocupação destes com ele.

4.11 – O significado literal da palavra *contentar-me é autossuficiente*. Na filosofia estoica, esse termo grego descrevia uma pessoa que, de modo imparcial, aceitava toda e qualquer circunstância. Para os gregos, tal contentamento derivava da suficiência pessoal. Mas, para Paulo, a verdadeira suficiência é encontrada na força de Cristo (v. 13).

4.12 – A expressão *estar abatido*, em sua forma passiva, significa *ser rebaixado de posto* ou *ser humilhado por circunstâncias frugais*. Paulo também sabia o que significava *ter abundância, viver na fartura, estar tão suprido a ponto de viver na abundância*. De acordo com este versículo, o apóstolo sabia o que Jó havia aprendido séculos antes: O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR (Jó 1.21).

O verbo grego *estou instruído* mostra que Paulo *era iniciado nos mistérios* de lidar com uma

barriga cheia ou vazia. Ele estava, como sugere esse verbo, *intimamente familiarizado* com as duas condições. Ao afirmar que sabe *padecer necessidade*, Paulo mostrou que havia momentos em que ele se encontrava *desprovido, tendo falta* ou *sofrendo com a falta* do que os outros chamariam de coisas essenciais.

4.13 – *Posso*. O significado básico desse verbo é *ter poder*, especialmente ter a força física que permite à pessoa realizar tarefas difíceis.

4.14 – *Tomar parte*. Embora confiasse que Cristo o sustentava, Paulo queria que os filipenses soubessem que as dádivas deles foram apreciadas.

4.15 – *Dar e receber*. Paulo considerava a relação entre ele e os filipenses como uma via de mão dupla, com ambas as partes ativamente envolvidas no sentido de partilhar tanto dádivas materiais como espirituais.

4.16 – *O necessário*. Até o apóstolo tinha necessidades, e Deus usou outros para supri-las.

4.17 – Neste versículo, Paulo tem em mente as *dádivas* materiais que os filipenses lhe enviaram. Ao referir-se ao *fruto que aumente a vossa conta*, Paulo usou a terminologia comercial. As ofertas dos filipenses estavam rendendo lucros espirituais, assim como o dinheiro depositado em uma conta bancária rende juros. Mas Paulo não estava tão preocupado com as *dádivas* deles como estava com que se desenvolvesse neles a capacidade espiritual de dar.

4.18 – *Cheiro de suavidade*. Paulo apreciou as dádivas que os filipenses lhe enviaram porque as vê mais como uma oferta a Deus do que um



COMPARE

A BUSCA CRISTÃ

BUSQUE

Cristo acima de tudo (Fp 1.21; 3.7,8), e ENCONTRE justiça em Cristo e o poder de Sua ressurreição (Fp 3.9-11).

A humildade própria de Cristo (Fp 2.5-7), e ENCONTRE a vontade de Deus no cristão (Fp 2.12,13).

Um objetivo estabelecido por Deus (Fp 3.14), e ENCONTRE o prêmio da salvação eterna (Fp 3.14).

Tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável, virtuoso e louvável (Fp 4.8) e ENCONTRE a presença do Deus de paz (Fp 4.9).

presente para ele. Ao doarem a Paulo, os cristãos de Filipos se ofereceram como *sacrifício agradável* ao Senhor (Rm 12.1,2).

4.19 – No versículo 18, Paulo disse que está cheio porque os filipenses lhe enviaram ofertas. Neste versículo, ele escreveu que Deus *supriria todas* as necessidades deles. Os filipenses, por sua vez, estariam cheios por causa das dádivas que o Senhor lhes daria. *Segundo as suas riquezas*, Deus cuidará dos filipenses de maneira extraordinária.

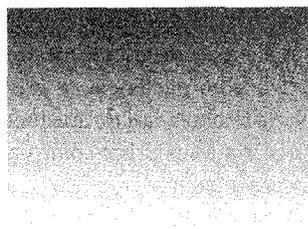
4.20 – A prática judaica de terminar orações com a palavra *amém* foi adotada pela Igreja cristã. Quando encontrado no final de uma frase, como acontece neste versículo, o termo pode ser

traduzido como *que assim seja* ou *que isso se cumpra*. No início de uma sentença, significa *sem dúvida, verdadeiramente* ou *em verdade*.

4.21 – *Irmãos*. Paulo fez com que eles se lembrassem de que faziam parte da família do Senhor Jesus Cristo.

4.22 – *Os que são da casa de César*. É possível que estes cristãos tenham sido oficiais no governo romano (como membros da guarda pretoriana; Fp 1.13) ou servos que viveram e serviram no palácio do imperador.

4.23 – Assim como começou, a carta também termina com uma bênção graciosa. É uma prática própria da vida cristã.



A carta aos

Colossenses

INTRODUÇÃO

Assim como uma criança necessita de instruções apropriadas em seus primeiros anos de vida, os primeiros cristãos também precisaram ser guiados no caminho adequado, por meio de ensinamentos corretos. O apóstolo Paulo escreveu esta carta para tratar de uma heresia doutrinária que se estava infiltrando na igreja de Colossos. Embora o texto não a mencione especificamente, podemos imaginar, com a resposta do apóstolo, que heresia seria essa. Provavelmente, o erro era uma mistura de judaísmo com uma antiga forma de gnosticismo. A igreja colossense estava passando pelos mesmos problemas que outras igrejas do primeiro século haviam enfrentado. Certos membros ensinavam que a observância das ordenanças judaicas com relação à

comida, ao sábado e às festas especiais ajudaria os cristãos a obterem a salvação (Gl 3.23-25; 4.10,11). Em Colossos, no entanto, alguns dos membros gentios também estavam, ao que parece, promovendo uma forma de misticismo segundo a qual Jesus era um ser superior, mas não Deus. Paulo refuta essas falsas doutrinas apontando para Cristo, o foco de sua pregação desde o começo. Em Colossenses, o apóstolo reitera a supremacia de Jesus. Por ser Ele divino é que Sua morte reconcilia os cristãos com seu Criador.

Como em todas as suas epístolas, parece que Paulo escreve como se tivesse em mente nossa própria sociedade. Mesmo hoje, novos cultos afirmam ser cristãos, mas negam a deidade de Cristo e as crenças básicas

do cristianismo. Atualmente, muitos não veem Jesus além de um grande mestre. O fato de Paulo corrigir com paciência os cristãos colossenses deveria lembrar-nos de que precisamos manter a adoração a Jesus Cristo como uma prática central em nossas igrejas.

A cidade de Colossos ficava a, aproximadamente, 160 quilômetros a leste de Éfeso, no vale do rio Lico. Durante as guerras persas do século V a.C., Colossos era uma cidade grande e estratégica. Na época de Paulo, no entanto, ela havia desaparecido à sombra de suas duas cidades-irmãs, Laodiceia e Hierápolis, e tornou-se uma pequena cidade mercantil na rota comercial de Roma ao leste.

A evangelização de Colossos provavelmente aconteceu durante os três anos em que o apóstolo permaneceu em Éfeso. Lucas registra em Atos 19.10 que as pessoas por toda a região asiática ouviram o evangelho. Ao que parece, Epafras converteu-se em Éfeso e, após ser instruído por Paulo, voltou para casa em Colossos a fim de proclamar as boas-novas da salvação. É evidente que a igreja que surgiu era formada, em grande parte, por gentios, pois o apóstolo se refere à *incircuncisão* deles, uma palavra empregada por Paulo para designar os gentios (Cl 2.13; Rm 2.24-27; Ef 2.11).

A autoridade paulina desta carta foi universalmente reconhecida ao longo de toda a história eclesiástica. Paulo identifica-se como o autor da carta em três momentos diferentes, descrevendo-se como *apóstolo de Jesus Cristo* e como servo do evangelho. Além disso, ele encerra a epístola com uma saudação escrita de próprio punho, uma característica de muitas de suas cartas (1 Co 16.21; 2 Ts 3.17). O fragmento muratoriano (um documento escrito por volta de 180 d.C. que lista livros considerados inspirados por Deus pela Igreja do primeiro século) inclui Colossenses como uma epístola paulina. Muitos pais da Igreja também defenderam Paulo como o autor de Colossenses – dentre eles, Justino Mártir, Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e Orígenes.

Paulo provavelmente escreveu Colossenses enquanto estava preso em Roma, por volta de 60 d.C. Há quem defenda outros lugares de origem, como Éfeso e Cesaréia, mas não há evidências suficientes para refutar a teoria tradicional de que o apóstolo escreveu em cárcere romano. Colossenses é uma das quatro epístolas de Paulo escritas na prisão, junto com Efésios, Filipenses e Filemom. Uma vez que Colossenses, Efésios e Filemom têm várias semelhanças, muitos acreditam que as três foram escritas por volta da mesma época.

Os muitos paralelos entre Colossenses e Efésios indicam que as duas cartas foram redigidas por volta da mesma época. Elas revelam a centralidade de Jesus e Sua relação com a Igreja. Efésios apresenta Cristo como Cabeça da Igreja, enquanto Colossenses estende essa imagem da autoridade de Cristo sobre toda a criação (Cl 1.16-18; 2.10). Em Efésios, Paulo enfatiza de que modo os cristãos são os membros do Corpo de Cristo, que é a Cabeça. Em Colossenses, sua ênfase está em Jesus, a Cabeça do Corpo, do qual os cristãos são membros.

As diferenças nas epístolas são significativas também. Colossenses enfatiza a plenitude do cristão em Jesus; Efésios, a unidade cristã encontrada em Cristo. O mistério em Colossenses é que Cristo está nos cristãos (Cl 1.26,27), enquanto o mistério em Efésios é a unidade de judeus e gentios em Cristo. Colossenses fala de Jesus como Senhor sobre toda a criação, enquanto Efésios trata da autoridade de Cristo sobre a Igreja. Finalmente, Colossenses tem um tom mais forte porque confronta um falso ensino específico em Colossos. Por outro lado, Efésios tem um tom mais leve porque não trata de uma heresia específica.

Mas, com todas as suas semelhanças e diferenças, juntas, as cartas aos Efésios e aos Colossenses apresentam uma compreensão madura de quem é Cristo e do significado de Sua vida e morte para o cristão. Da prisão, Paulo ensinava às igrejas na Ásia Menor como a pessoa de Jesus Cristo é central para a fé cristã. Ele é

a imagem de Deus, a fonte de toda a sabedoria e a Cabeça da Igreja. É aquele que nos reconcilia com o Altíssimo e com nossos irmãos

cristãos. Como nosso Salvador e Libertador, Jesus merece nossa sincera adoração e nosso louvor.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM COLOSSENSES

- Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém
- Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 54—56 d.C. — A Igreja em Colossos é iniciada
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma; a carta aos Colossenses é escrita
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Introdução 1.1,2
- II. A preeminência de Cristo na vida dos colossenses — 1.3-14
 - A. Gratidão de Paulo pela fé que os colossenses tinham em Cristo — 1.3-8
 - B. Oração de Paulo pelo entendimento e pelos frutos dos colossenses — 1.9-14
- III. A preeminência de Cristo em Sua natureza e obra — 1.15-29
 - A. A natureza divina de Cristo — 1.15-20
 - B. A obra gloriosa de Cristo — 1.21-23
- IV. O ministério de Paulo em geral e para os colossenses — 1.24—2.7

- V. A preeminência de Cristo sobre a falsa religião — 2.8-23
 - A. A superioridade de Cristo em relação à falsa filosofia — 2.8-15
 - B. A realidade de Cristo no lugar da falsa adoração — 2.16-19
 - C. O poder de Cristo *versus* o falso ascetismo — 2.20-23
- VI. A preeminência de Cristo na vida cristã — 3.1—4.6
 - A. Cristo, o alicerce da vida do cristão — 3.1-4
 - B. As virtudes da vida do cristão em Cristo — 3.5-17
 - C. Cristo nos relacionamentos — 3.18—4.6
 - 1. Familiares — 3.18-21
 - 2. Profissionais — 3.22—4.1
 - 3. Pessoais — 4.2-6
- VII. Conclusão — 4.7-18

COMENTÁRIO

1.1 – Paulo considera-se *apóstolo*, uma palavra cuja raiz significa *enviar*. Esse termo grego foi usado pela primeira vez como referência a um navio ou uma frota de carga, porém, mais tarde, como símbolo de um comandante de uma frota. O Novo Testamento emprega o vocábulo com o sentido de um porta-voz aprovado e enviado como um representante pessoal. Embora nem todo cristão seja chamado por Deus para ministrar como Paulo ou como os 12 apóstolos, todo cristão é enviado por Ele para representá-lo diante das pessoas com quem chega a ter contato.

Pela vontade de Deus refere-se à designação divina de Paulo. Não foram os 12, os líderes religiosos ou sua família que o designaram – nem foi ele mesmo. Essa é uma afirmação de sua autoridade divina, uma declaração de sua independência de toda autoridade humana, e ele renuncia a qualquer mérito individual ou poder pessoal.

E o irmão Timóteo. Timóteo não era um apóstolo, mas um irmão. Esse companheiro de confiança estava com Paulo em Roma. Como um gesto de cortesia, Paulo o inclui na saudação. Timóteo era filho espiritual de Paulo (1 Tm 1.2,18; 2 Tm 1.2; 1 Co 4.17).

1.2 – O termo grego traduzido por *santos* significa *povo santo*. A essência da santidade é estar separado para Deus. Todos os cristãos são santos,

não porque sejam perfeitos, mas porque pertencem ao Altíssimo. A expressão *em Cristo* é a favorita do apóstolo Paulo, usada cerca de 80 vezes em suas cartas. Ele via toda a experiência cristã como fruto da posição do cristão em Cristo.

Graça e paz. O apóstolo combina a palavra grega empregada para graça com a saudação hebraica padrão: *paz*. Ele amplia e aprofunda o que quer dizer ao lembrar seus leitores de que a maior fonte de graça e perfeição está em *Deus, nosso Pai*, e no *Senhor Jesus Cristo* (Rm 1.7).

1.3 – Paulo revela a cuidadosa preocupação que tem com estes cristãos, por quem ele está *orando sempre*. Essa expressão comum do apóstolo (Ef 1.16; Fp 1.4; 1 Ts 1.2), que combina oração intercessora e ações de graças, significa que, toda vez que orava, intercedia pelos colossenses e oferecia louvores pela obra do Senhor entre eles.

1.4-8 – *Fé, caridade e esperança*. Muitas vezes, Paulo usa esses três termos juntos (Rm 5.2-5; 1 Co 13.13; 1 Ts 1.3; 5.8). A *fé* está em Cristo – e esse é o tema principal da passagem. A fé que os colossenses possuíam estava alicerçada na natureza e na obra de Jesus Cristo. A *caridade* flui da fé e prova a genuinidade da fé própria de alguém (Tg 2.14-26). O amor sacrificial dos colossenses *para com todos os santos* provava que eles, realmente, criam em Cristo. A *esperança* refere-se ao resultado da fé, a riqueza *reservada nos céus*, onde nossa fé encontrará seu cumprimento na presença



APROFUNDE-SE

A CIDADE DE COLOSSOS

- Uma cidade romana da Ásia Menor localizada na base de um monte com pouco mais de 2.400 metros de altura chamado Cadmo, no vale do rio Lico, ao leste de Éfeso.
- Abastecida pela água de uma cascata que descia por um estreito do monte Cadmo.
- Um próspero centro industrial, sobretudo famoso por seus tecidos, mas visivelmente em decadência na época de Cristo, por estar comprimido por Laodicéia, sua vizinha cada vez mais competitiva.
- Sobreviveu a um terremoto devastador em 61 d.C., porém, mais tarde, sua população se mudou para *Chonai* (moderna *Honaz*), cerca de cinco quilômetros ao sul.
- O judaísmo, o platonismo e os cultos de mistérios dos povos das regiões montanhosas vizinhas se fundiram em práticas religiosas estranhas e, muitas vezes, contraditórias. A adoração ritual a anjos persistiu, tendo Miguel como o favorito, a quem era atribuído o mérito de poupar a cidade em uma época de desgraça.
- Lar de Arquipo e Epafras, companheiros de Paulo que ajudaram a espalhar o evangelho por toda a Ásia, de ponta a ponta do vale Lico. A região também era lar de Onésimo, um escravo fugitivo que se tornou cristão.



EM FOCO

JESUS CRISTO (GR. *IESOUS CHRISTOS*)

(Cl 1.1; Mt 1.1,18; Mc 1.1; Jo 1.17; 17.3; 1 Co 1.2-10)

Jesus Cristo não é o primeiro nem o último nome de Jesus, como é comum muitas pessoas se chamarem hoje. *Jesus* é Seu nome humano, cujo significado está relacionado à Sua missão de salvar-nos (Mt 1.18).

Cristo é uma designação de Seu ofício: ele é o *Ungido* – por Deus – para ser rei, profeta e sumo sacerdote. A combinação de nome e título é rara nos Evangelhos (ocorrendo apenas cinco vezes) porque Jesus ainda estava no processo de revelar-se como o Cristo. Uma vez reconhecido isso por Seus seguidores, a combinação passa a ser usada copiosamente no livro de Atos e nas epístolas para expressar a crença de que Jesus é o Cristo, o Messias prometido. Paulo usa a forma combinada no início de Colossenses para indicar o tema de sua carta: a supremacia de Jesus Cristo.

de Cristo. Epafras também é mencionado em Colossenses 4.12 e Filemom 1.23. Epafras possivelmente era convertido e companheiro de Paulo na prisão. É muito provável que tenha dado início à igreja em Colossos, sua cidade natal.

1.9-12 – A oração de Paulo pelos cristãos colossenses é um modelo para nós. Assim que teve ciência da nova fé dos colossenses, o apóstolo começou a interceder a Deus por eles, pedindo-lhe que lhes desse conhecimento, sabedoria, força e alegria. Orou para que os novos cristãos em Colossos chegassem à maturidade cristã, a fim de poderem andar diante do Altíssimo agradando-lhe e realizando boas obras.

1.9 – A principal preocupação de Paulo era que os colossenses tivessem pleno *conhecimento da vontade de Deus*. O desejo de servirmos ao Senhor será em vão se não entendermos corretamente Aquele a quem queremos servir. Portanto, o apóstolo ora para que os colossenses sejam cheios do pleno conhecimento que inclui *toda a sabedoria e inteligência espiritual*. Sabedoria é a manifestação prática do conhecimento (Tg 3.17), e esse conhecimento não pode estar desvinculado da *inteligência espiritual* obtida pelo discernimento dado pelo Espírito Santo.

1.10 – Além do pleno conhecimento da vontade do Senhor mencionado no v. 9, Paulo deseja que os colossenses possam *andar dignamente diante do Senhor*. Ele queria que os irmãos de Colossos vivessem de um modo que refletisse adequadamente o que Deus havia feito por eles e estava fazendo na vida deles. Ser digno de Deus

é uma expressão encontrada em inscrições pagãs antigas por toda a Ásia e descreve a vida de uma pessoa sendo pesada na balança para que seja determinado o seu valor. Se estes devotos de falsos deuses sabiam que tinham de andar de modo digno, sem dúvida os cristãos deveriam dedicar a vida ao Deus vivo a fim de lhe agradarem.

1.11 – A expressão *segundo a força da sua glória* significa que os cristãos são fortalecidos não em proporção às suas necessidades, mas segundo a força do Altíssimo. Assim, Paulo não deseja ver nada menos que o poder do próprio Deus agindo nos cristãos de Colossos. Como a força de Sansão (Jz 14.19), a força de um cristão é proveniente somente do Senhor.

Ter *paciência* é permanecer debaixo de algo – o oposto de covardia e desânimo. É tolerância, constante persistência, firmeza e capacidade de ir até o fim. Significa permanecer sob as dificuldades sem sucumbir a elas.

Longanimidade é o contrário de ira e vingança. É ter autodomínio e calma; é resistir por muito tempo. A longanimidade não revida, a despeito dos danos ou ofensas (compare com Tiago 5.7-11).

Com *gozo*. Não com um semblante triste nem com um sorriso forçado, mas com salmos no meio da noite. *A alegria do SENHOR é a vossa força* (Ne 8.10).

1.12 – *Fez idôneos*. Esta expressão significa estar apto ou autorizado para uma tarefa. Sem a ajuda divina, os cristãos jamais poderão ser idôneos; é o Senhor quem deve torná-los suficientes

por intermédio de Jesus Cristo. O tempo do verbo indica um ato no passado, e não um processo. Normalmente, para estarmos qualificados para um evento ou uma posição, temos de provar nosso valor. No entanto, a *herança* (v. 5) que os cristãos recebem não é algo que conquistaram, mas está baseada no fato de Deus tê-los feito *idôneos*. O Pai nos qualifica para a vida eterna com Ele, enquanto o Filho nos recompensará no final da corrida (Ap 22.12).

O termo *santos* provavelmente não se refere aos anjos de Deus, como em 1 Tessalonicenses 3.13. Pelo contrário, Paulo usa a palavra para se referir aos cristãos em Colossos.

1.13 – Tirou e transportou. Deus libertou os cristãos do domínio das trevas. O apóstolo usa o simbolismo comum da luz e das trevas como referência ao bem e ao mal, ao Reino de Deus e ao reino de Satanás, que é encontrado ao longo do Novo Testamento. O Reino das trevas é aquele do qual os cristãos foram resgatados (veja esta imagem em João 1.4-9; Efésios 5.8; 1 Tessalonicenses 5.5; 1 Pedro 2.9; 1 João 1.5).

Esse reino das trevas teve um aparente triunfo contra o nosso Senhor (Lc 22.53), mas a vitória final de Jesus na cruz traz vitória aos Seus santos sobre o reino das trevas. Esta libertação transferiu-os para um novo reino. *Transportou* é usado como referência ao reassentamento de colonos como cidadãos de um novo país. Ainda não se trata da consumação final, mas, de certo modo,

os cristãos já são levados ao Reino de Cristo. Aqui, há uma tensão cuidadosamente equilibrada por Paulo em sua teologia. A manifestação do Reino na terra está próxima, mas já existe um antegozo da glória desse tempo futuro.

1.14 – A palavra grega para *redenção* indica naturalmente que um preço ou resgate é pago pela libertação de um escravo. A servidão da qual os cristãos são libertos não é física, mas espiritual. Eles estão livres da escravidão do pecado pela *remissão dos pecados* por meio do sangue de Jesus Cristo (Ef 1.7). Hoje, evita-se falar de pecado. Muitas vezes, quando uma pessoa comete erros ou até crimes, esses são considerados como doenças ou disfunções. No entanto, a Bíblia é direta ao falar de pecados pelos quais o homem deve ser perdoado. *O salário do pecado é a morte* (Rm 6.23). A única forma de libertação ocorre a partir do perdão de Deus com base na morte de Seu Filho (Rm 3.24,25).

1.15-20 – Paulo interrompe a descrição que faz de suas orações pelos colossenses com um cântico de louvor. Esses versículos normalmente são reconhecidos como um antigo hino cristão que celebra a supremacia de Jesus Cristo.

1.15 – O *primogênito de toda a criação*. *Primogênito* pode aplicar-se a uma prioridade em termos de tempo ou de posição. A palavra não descreve Cristo como o primeiro ser criado em se tratando de tempo, porque o hino proclama que todas as coisas foram *criadas por Ele* e que *Ele é antes de*



EM FOCO

PRIMOGÊNITO (GR. *PROTOTOKOS*)

(Cl 1.15; Rm 8.29; Hb 1.6)

A primeira parte dessa palavra (*proto*) pode indicar *o primeiro em termos de tempo* (prioridade temporal) ou *o primeiro em termos de lugar* (preeminência). Neste contexto, a preeminência é que está em destaque. Além disso, a expressão traz um sentido ativo ou passivo de alguém que carrega o que nasceu. Aqui, vale o sentido ativo. Assim, o Filho do Homem é *o primeiro a carregar* todas as criaturas de Deus.

Em Êxodo 4.22, Deuteronômio 21.16,17 e Salmo 89.27, a palavra grega *prototokos* do Antigo Testamento é usada para expressar a ideia de preeminência e causa primária. Essa designação, de forma alguma, indica que o próprio Cristo foi criado por Deus; o versículo, além disso, afirma que todas as coisas foram criadas em Cristo, por Ele e para Ele. Como participante da criação de todas as coisas, Jesus não pode ser um ser criado. Em vez disso, Ele é o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, Aquele que existe desde a eternidade.

todas as coisas. Jesus é o Eterno que existia antes de toda a criação. A ideia de *primogênito* na cultura hebraica não exigia que o filho tivesse sido o primeiro a nascer.

Esse não era o caso de Isaque ou de Jacó. Mas eles eram os *primogênitos* no sentido de serem herdeiros legítimos da linhagem de seus pais. Ser *primogênito* referia-se mais à posição e ao privilégio do que à ordem de nascimento. Sendo Deus, Cristo tem a posição mais alta em relação a toda a criação. Contudo, Ele não é apenas a divindade transcendente que nos criou; é Aquele que morreu em nosso favor (Fp 2.6-18) e, em seguida, ressuscitou dos mortos. Portanto, Ele também é o *primogênito* dentre os mortos (Cl 1.18), o primeiro a passar pela verdadeira ressurreição (1 Co 15.20).

1.16 – Este antigo hino cristão enfatiza a superioridade de Cristo em relação a toda a criação. Jesus é Aquele que criou todas as coisas, materiais ou imateriais, visíveis ou invisíveis. Essa ideia contradiz diretamente o falso ensino, mais tarde conhecido como gnosticismo, que estava surgindo na igreja de Colossos. Em geral, os gnósticos acreditavam que vários seres angelicais eram os criadores da Terra e que Cristo estava entre muitos desses anjos.

Tudo foi criado por ele e para ele. Jesus não somente criou todas as coisas; tudo foi criado para Seus propósitos (Hb 1.2, segundo o qual Cristo é *herdeiro de tudo*). Mas a glória da terra, dos céus,

do sol, da lua e das estrelas não pode ser comparada à da nova criação de Cristo (2 Co 5.17).

1.17 – *Antes de todas as coisas*, tanto no sentido de tempo como no de supremacia. Graças à autoridade suprema e à supervisão de Cristo, todas as coisas *subsistem* (mantêm-se unidas).

1.18 – Após a celebração da autoridade de Jesus sobre toda a criação, este antigo hino cristão ainda proclama Sua autoridade sobre toda a Igreja. Cristo é a *cabeça do corpo*, que é a Igreja. Ninguém deve subestimar o significado da Igreja, pois ela é, na verdade, o Corpo de Cristo. O Criador soberano do universo, como Cabeça da Igreja, é quem a lidera e supervisiona. Não é de admirar que Ele tenha tanto zelo por ela (1 Co 3.16,17).

Primogênito dentre os mortos. Cristo foi o primeiro a ressuscitar dos mortos. Sua própria ressurreição é garantia de que a Igreja, um dia, ressuscitará (1 Co 15.12-28).

1.19 – *Plenitude*. Parece que os adversários de Paulo – e, mais tarde, os gnósticos gregos – usaram essa palavra como um termo técnico para se referir à esfera entre céu e terra, onde vivia uma hierarquia de anjos. Os gnósticos viam Cristo como um dos muitos espíritos que existiam nessa hierarquia entre Deus e todas as pessoas. No entanto, Paulo empregou o termo *plenitude* para se referir à encarnação do Verbo de Deus. Cristo é o único mediador entre o homem e Deus e possui a natureza divina (1 Tm 2.5). Nenhum outro intermediário, seja pessoa ou grupo, pode



ENTENDENDO MELHOR

CRISTO, O SENHOR DO MUNDO

Em Colossenses 1.15-18, Paulo apresenta Jesus como o Cristo cósmico, o Criador do universo, o Sustentador da terra e de todo o seu sistema ecológico, e a Autoridade sobre todas as redes do mundo que competem por poder. Essa ilustração é muito diferente da de Jesus, o Servo, apresentada em Filipenses 2.5-8. Naquela passagem, Cristo é Senhor do que é pessoal e particular, Aquele que fala ao coração de uma pessoa. No entanto, aqui, em Colossenses, o apóstolo apresenta o Senhor do público, que transcende as necessidades individuais para lidar com questões globais.

Não existem dois Cristos diferentes, mas o mesmo Cristo, Senhor de tudo. Sua autoridade sobre ambos os domínios – o público e o privado – sugere os tipos de atividades com os quais Seus seguidores precisam envolver-se. Por um lado, Jesus vive em nós para nos transformar de forma pessoal. Ele deseja influenciar-nos como indivíduos em nosso trabalho, em nossa família, em nossa comunidade local e em nossas relações pessoais. Por outro, Ele está agindo de forma global, usando pessoas para transformar as sociedades e seus sistemas, confrontar principados e potestades, e trabalhar em prol da justiça e dos direitos humanos.

colocar-se em nosso lugar diante do Pai. Somente Jesus pode fazê-lo.

1.20,21 – *Reconciliasse consigo mesmo todas as coisas e agora, contudo, vos reconciliou.* Essa expressão mostra o significado da obra de Cristo na cruz. Não quer dizer que todas as pessoas serão salvas, uma vez que muitas passagens claramente dizem que os incrédulos sofrerão a separação eterna de Deus (Mt 25.46). A obra de Jesus destruirá o mal causado pela queda e fará toda a criação passar de uma posição de inimizade para uma relação de paz e amizade (Rm 8.20-23; 2 Co 5.18-20).

1.22 – *Corpo da sua carne.* Os falsos mestres em Colossos estavam dizendo aos cristãos que a redenção só poderia ser cumprida por meio de um ser espiritual. Eles rejeitavam a encarnação de Cristo, afinal, para eles, Jesus não poderia ter tido um corpo físico. Assim, Paulo usa dois termos, *corpo* e *carne*, para afirmar claramente que Cristo se fez homem e passou pela morte física. Santos, *irrepreensíveis e inculpáveis*. Nós, que antes éramos inimigos de Deus e estávamos alienados por causa de nossas obras más, seremos, um dia, apresentados como inculpáveis graças à morte de Jesus por nós.

1.23 – *Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé.* A perseverança dos colossenses era prova da obra de reconciliação de Cristo em favor deles (v. 21,22).

Toda criatura que há debaixo do céu. Aqui, Paulo usa essa forma extrema para ilustrar a rápida propagação do evangelho. Compare com Atos 17.6, que diz que os apóstolos causaram um alvoroço por todo o mundo, embora seu ministério, até aquele momento, estivesse limitado a uma pequena parte da região mediterrânea oriental.

1.24-29 – O apóstolo recebeu uma *dispensação de Deus* (v. 25) para pregar este Cristo divino (v. 9-18), que reconciliou o mundo (v. 19-23). Esse era o ministério de Paulo, mas nós também temos a responsabilidade para com o Altíssimo de pregar as boas-novas de Cristo.

1.24 – Nesse versículo, Paulo não está dizendo que a morte de Cristo foi insuficiente (Cl 2.11-15) nem que, de algum modo, ele fez a obra de redenção com Cristo, mas está expressando a

ideia de que um cristão suportará os *sufrimentos* (NVI) que Jesus estaria suportando se ainda estivesse no mundo (2 Co 1.5; 4.11). Cristo disse aos Seus discípulos que o mundo, se o odiasse, também odiaria Seus discípulos. Caso as pessoas o perseguissem, elas também perseguiriam Seus seguidores (Jo 15.19,20). O apóstolo acreditava que estava sofrendo as aflições que Deus queria que ele sofresse. Em vez de enfrentar suas dificuldades com temor, Paulo via suas tribulações como momentos de alegria (Rm 8.17; Fp 1.29; 1 Ts 1.6; 2.2; 3.3-5; 2 Tm 3.12), porque estavam gerando uma recompensa eterna (2 Co 4.17).

1.25 – *Eu estou feito ministro* significa tornar-se um servo. A designação de Paulo transformou-o em um ministro do evangelho (Ef 3.7; Cl 1.23); um ministro de Deus (2 Co 6.4); um ministro de Cristo (1 Co 4.1) e um ministro da Nova Aliança (2 Co 3.6).

Dispensação é ordenação divina (gr. *oikonomia*), administração, curadoria. Era o grande privilégio e a confiança sagrada de Paulo, o qual era um despenseiro na obra de Deus; um mordomo na casa do Altíssimo e um administrador dos assuntos divinos. O apóstolo estava cuidando daquilo que dizia respeito ao Rei.

Concedida. Não usurpada.

Para convosco. Para seu benefício e sua bênção.

Para cumprir a palavra de Deus. O propósito de Deus era o propósito de Paulo, e a Palavra do Senhor era a mensagem do apóstolo. Portanto, o que Paulo pregava era puro e não estava contaminado por falsos ensinamentos (Rm 15.19; 2 Tm 4.2-5).

1.26,27 – O *mistério* em questão nesses versículos é similar ao mencionado em Efésios 3.8-10. Nas religiões pagãs gregas, mistério era um ensino secreto reservado para alguns mestres espirituais que haviam sido iniciados em um círculo privado. Paulo usa a palavra para se referir ao conhecimento que esteve *oculto desde todos os séculos e em todas as gerações* (Cl 2.2; 4.3; 1 Co 2.7; 4.1; Ef 3.4,9; 5.32; 6.19; 1 Tm 3.9,16), mas que, agora, estava sendo revelado pelo Altíssimo. O Senhor revelou esse mistério a Paulo e chamou-o para ser o despenseiro desse mistério (Ef 3.5). O mistério é que Cristo agora vive no coração dos cristãos

gentios. *Cristo em vós, esperança da glória*. Isso está de acordo com Efésios, em cuja carta o apóstolo afirma que o mistério é a união de judeus e gentios em um Corpo, a Igreja de Cristo (Ef 3.6).

1.28 – Este é um ótimo versículo de disciplina. Paulo não estava satisfeito somente em ver as pessoas nascerem de novo. Ele assumiu a responsabilidade de levá-las à maturidade; tirou-as da “infância” e levou-as à “infantaria”. Os bebês espirituais têm grande potencial, mas se tornam um sério dreno na Igreja e uma fonte de problemas incalculáveis, caso permaneçam para sempre no berçário.

Perfeito. O conceito de perfeição no Novo Testamento significa completude ou maturidade. Aqui, é provável que a referência seja à volta de Cristo, quando todo cristão conhecerá nele próprio o término da obra de Cristo (1 Co 13.10).

1.29 – Paulo esforçava-se e agonizava pela perfeição de seus irmãos cristãos (v. 28), não em sua própria força, mas pelo poder de Deus operando nele.

2.1-5 – O ministério de Paulo incluía cristãos como os colossenses que nunca o *viram*. Ele tinha um *grande combate* por eles no sentido de cuidado, desejo e oração (v. 1-3). Sua preocupação era que ninguém os *enganasse* (v. 4), e ele estava *regozijando-se na firmeza* deles (v. 5). Esse apóstolo é um modelo de preocupação como pastor.

2.1 – *Laodicéia* era uma cidade-irmã de Colossos, a qual ficava a quase 18 quilômetros de distância. As duas igrejas deveriam compartilhar as cartas que receberam de Paulo (Cl 4.16).

2.2,3 – Embora os falsos mestres em Colossos falassem em iniciar pessoas em um conhecimento superior, Paulo diz aos seus leitores que eles podem entender o *mistério* (Cl 1.26,27) de Deus sem esta falsa filosofia. Os gnósticos procuravam o conhecimento como um fim em si mesmo, mas o apóstolo lembra os colossenses de que o verdadeiro conhecimento se manifestará quando unir as pessoas na caridade cristã na Igreja.

Observe como Paulo une *Deus e Cristo*, enfatizando a divindade e a unidade comum. Os gnósticos viam Jesus somente como uma emanação vinda do Pai, dividindo uma parte dos atributos da divindade. Paulo não só enfatiza a divindade de Cristo, mas também explica que Ele possui toda a sabedoria e o conhecimento. Os gnósticos acreditavam que somente determinadas pessoas entendidas poderiam juntar-se ao seu grupo de elite. Já Paulo ensina que qualquer cristão tem acesso a toda a sabedoria encontrada em Jesus.

2.4 – Não deixe que as *palavras persuasivas*, mas enganosas, dos falsos mestres desviem você da verdadeira *sabedoria* (v. 3) em Cristo.

2.5 – *Ausente e convosco*. Embora Paulo não conhecesse os colossenses de nem os laodicenses pessoalmente (Cl 2.1), os sentimentos fortes que tinha por eles e o vívido relato de Epafras (Cl 1.7) fizeram-no sentir-se presente com eles em espírito (1 Co 5.3-5).

2.6,7 – Assim como os cristãos colossenses começaram com Cristo, Paulo incentivou-os a continuar a *viver* (NVI), ou a andar, em Cristo. Paulo emprega quatro palavras para descrever a caminhada dos colossenses em Cristo. O tempo



EM FOCO

PLENITUDE DA DIVINDADE (GR. *PLEROMA TES THEOTETOS*)

(Cl 2.9)

A palavra grega *pleroma* indica *plenitude* e *totalidade*. Os gnósticos usavam-na para descrever a totalidade de todas as divindades. Paulo e João empregaram-na para descrever Cristo, que é a plenitude, a perfeição divina, pois toda a plenitude da Divindade habita em Cristo em Sua forma física (Cl 1.19; 2.9). Uma vez que toda a plenitude divina reside em Jesus, toda a realidade espiritual é encontrada nele. Em Cristo, não nos falta nada. A palavra grega *theotetos* em referência à Divindade é usada somente aqui no Novo Testamento e designa a totalidade da natureza e da pessoa de Deus. Toda a plenitude da Divindade habita ou *reside permanentemente* no corpo de Jesus, o Homem-Deus.

do verbo traduzido como *arraigados* indica (no particípio) uma ação completa; os cristãos *foram* arraigados em Cristo. Os três verbos seguintes – *edificados*, *confirmados* e *crescendo* – também indicam o crescimento contínuo que deveria ser característica da caminhada de todo cristão em Jesus.

2.8 – Esse versículo é usado às vezes para ensinar que os cristãos não se devem ater a filosofias, mas não é isso que Paulo está dizendo. O próprio apóstolo era perito em filosofia, o que fica evidente por causa de sua interação com os filósofos estoicos e epicuristas de Atenas (At 17.1-34).

Paulo estava advertindo os cristãos a não se deixarem levar por nenhuma filosofia que não estivesse de acordo com um conhecimento adequado de Cristo. Os falsos mestres em Colossos haviam combinado pensamentos mundanos com o evangelho, os quais são mencionados por Paulo como os *rudimentos* do mundo, que alguns interpretam como espíritos, ou anjos, que, supostamente, controlam a vida de alguém (Gl 4.3,9). É mais provável que o termo *rudimentos* se refira às regras e ordenanças elementares que determinados mestres procuravam impor aos cristãos de acordo com os ditames de filosofias humanas. A acusação mais séria de Paulo contra os hereges foi que o ensino deles *não era segundo Cristo* e, portanto, eles não estavam andando em Cristo (Cl 2.6,7).

2.9 – Nesse versículo, Paulo claramente proclama a encarnação, o fato de Deus se tornar um homem *corporalmente*. Isso contradiz a ideia gnóstica do mal inerente ao corpo físico e a afirmação de que Jesus é simplesmente um espírito. Os gnósticos acreditavam que a *plenitude* divina havia sido dividida entre vários seres angelicais, os quais eram os responsáveis pela criação do mundo material. Em contrapartida, o apóstolo diz que a plenitude de Deus existe em Cristo.

2.10 – Paulo ilustra a suficiência de Jesus ao demonstrar como os cristãos colossenses são *perfeitos*. Em Cristo, os irmãos de Colossos haviam abandonado o poder do pecado e da carne (Cl 2.11), recebido a nova vida (v. 12,13), sido perdoados, libertos das exigências impostas por tradições humanas (v. 14) e libertos dos poderes de seres espirituais (v. 15). Não há nada que o cristão

precise acrescentar ao que foi recebido em Cristo no momento da conversão. O apóstolo enfatiza a suficiência de Jesus para refutar os gnósticos e os judaizantes, os quais, respectivamente, acreditavam que o conhecimento especial e as obras eram necessários para tornar um cristão perfeito.

2.11 – Enquanto se exigia que todos os homens judeus recebessem a *circuncisão* física, a circuncisão proveniente de Cristo *não é feita por mão* (Dt 10.16). Em vez de uma simples remoção de carne, a circuncisão cristã é a remoção espiritual do pecado que está no coração, participando da Nova Aliança de Jesus Cristo.

2.12,13 – *Sepultados com ele no batismo*. O batismo é o símbolo da associação do cristão com a morte de Cristo na cruz. O batismo nas águas não traz perdão de pecados, mas Paulo usa o ritual para explicar a obra do Espírito. A Igreja do primeiro século jamais teria entendido a ideia de um cristão que não foi batizado, afinal, batismo e fé eram considerados as realidades externa e interna de um cristão (At 2.38; 10.47,48; 16.33; Rm 6.3-5). Alguns enfatizaram a associação próxima que Paulo faz do batismo e da circuncisão nessa passagem como uma indicação de que o batismo nas águas é um sinal da Nova Aliança, assim como a circuncisão era um sinal da aliança abraâmica.

2.14 – *Cravando-a na cruz*. Não apenas nossos pecados pessoais foram perdoados na cruz, mas também estas regras que nos condenavam foram eliminadas pela morte de Cristo.

2.15 – *Principados e potestades* aludem a Satanás e aos anjos caídos. Paulo está descrevendo a vitória de Cristo na cruz sobre as potestades que se opunham a Ele e que eram contra o povo fiel de Deus. Para descrever esse êxito, o apóstolo usa a cena do triunfo militar, quando prisioneiros de guerra eram despidos e desfilavam atrás do general vitorioso diante do povo. O diabo e suas forças acreditavam que a cruz seria a vitória deles e a derrota de Cristo.

Na realidade, na cruz, o Senhor venceu Seus inimigos, tirou-lhes as armas e *os expôs publicamente*. É um contraste impressionante com a vitória que o inimigo teve sobre nossos primeiros pais no jardim. Satanás foi o vencedor naquele

caso, mas, na cruz, ele foi claramente o perdedor. Diante dessa conquista que obtemos por intermédio de Cristo, devemos ter cuidado com os que enfatizam o demonismo ou chamam a atenção dos cristãos para o poder dos espíritos malignos. Ao darmos reconhecimento ao diabo, nós lhe damos poder. Isso não significa negar as forças malignas; somente manter na perspectiva correta o fato de que o poder deles sobre o reino de Cristo está limitado agora e de que seu destino no fim do mundo será o fim.

2.16-19 – Diante da vitória de Cristo sobre Seus inimigos, não devemos ser controlados por aquelas potestades e práticas sobre as quais Ele já triunfou. Os falsos mestres em Colossos estavam tentando os colossenses a prender-se às observâncias externas do judaísmo, como, por exemplo, as restrições judaicas acerca da dieta. Essas eram simplesmente *sombras* de Cristo.

O judaísmo e seus ritos apontavam para Jesus. Paulo adverte os cristãos em Colossos a não deixarem outros os prenderem a ordenanças das quais Cristo já os havia libertado.

Pretexto de humildade. Aqueles que não defendem a salvação somente em Cristo muitas vezes parecem ser humildes. Contudo, ao buscarem uma nova experiência espiritual ou defenderem certas obras como sendo necessárias para a salvação, eles revelam, na verdade, o orgulho humano, pois não querem submeter-se ao plano de salvação divina revelado na Bíblia.

2.20-23 – *Ordenanças.* Uma vez que os cristãos foram libertos de observâncias ritualistas, por que deveriam deixar que outros os prendessem a elas novamente (Rm 6.3-14)? Nenhuma atitude humana pode ser acrescentada ao mérito da morte de Cristo, a qual é a única obra aceitável aos olhos de Deus. Os mandamentos legalistas de outros são *devoção voluntária* e *não são de valor algum* para a salvação.

3.1-4 – As exortações de Paulo no capítulo 3 são aplicações práticas da doutrina que ele apresentou no capítulo 2.

Se já ressuscitastes com Cristo. O apóstolo associa seu ensino ético (v. 5) à doutrina da ressurreição (Cl 2.12, 13).

Pensai nas coisas que são de cima. Os falsos mestres estavam instruindo os colossenses a concentrar-se em observâncias temporais; em contrapartida, Paulo os instruía a concentrar-se nas realidades eternas do céu.

O verbo grego usado para *pensai* enfatiza uma decisão contínua. Os cristãos devem ter a disciplina constante de concentrar-se nas realidades eternas, e não nas temporais, desta terra.

A vida de um servo do Senhor não é mais ditada por este mundo, mas está *escondida com Cristo*. A palavra grega usada para *escondida* indica que Deus fez isso no passado para que fosse uma realidade presente.

3.5-8 – Embora a obediência às ordenanças não possa trazer salvação, os que são salvos devem levar uma vida digna dessa salvação. Portanto, Paulo transmite aos colossenses instruções acerca da conduta correta. Ele afirma em termos negativos e positivos o tipo de vida que Deus deseja que os Seus servos levem. Embora estivessem antes fascinados com as práticas do mal listadas nos versículos 5, 8 e 9, os cristãos em Colossos deveriam abandonar tais práticas.

3.9 – As analogias entre o *velho homem* e nossas velhas práticas de pecado e o *novo* [homem] e nossa nova vida em Jesus Cristo fazem um paralelo com a discussão de Paulo em Romanos 6 sobre a questão de morrer para o pecado e viver para Cristo. As duas palavras – *velho homem* e *novo homem* – não se referem às naturezas carnal e espiritual do cristão. Pelo contrário, o apóstolo descreve nossa velha vida não redimida como o *velho homem*, e nossa vida como filhos de Deus como o *novo homem*. O velho homem carrega a imagem de nossa natureza caída e está sob a autoridade de um velho senhor, Satanás. Já o novo homem tem a imagem da nova criação em Cristo e possui um novo Senhor, o Espírito de Deus, que vive dentro dele.

3.10 – *Vestir-se do novo* significa pôr a roupa do novo homem, quem o indivíduo passa a ser depois de ter sido salvo. Você recebe de Cristo o novo homem – o homem regenerado, a nova natureza – no momento do segundo nascimento. *Se renova.* Esse tempo verbal (gr. *anakaino*) indica



COMPARE

A PREEMINÊNCIA DE CRISTO

No governo universal:	Na reconciliação:	Na sabedoria e na ciência:	Na observância religiosa:	Na vida cristã:
<ul style="list-style-type: none"> • A imagem visível de Deus (Cl 1.15). • O agente da criação (1.16). • O Sustentador (1.17). • A Cabeça da Igreja (1.18). 	<ul style="list-style-type: none"> • Agrada ao Pai (1.19,20). • Reconcilia-nos por meio de Sua morte (1.21,22). • Vive em nós como nossa esperança da glória (1.27). 	<ul style="list-style-type: none"> • A fonte de todos os tesouros (2.2,3). • A filosofia do mundo não nos conforma a Ele (2.8). 	<ul style="list-style-type: none"> • Estamos vivos nele (2.11-13). • Legalismo e ritualismo são desnecessários (2.16-23). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ele é a nossa Vida (3.3). • Podemos evitar a imoralidade e abençoar os outros (3.5-14).

que a pessoa está sendo sempre renovada, o que denota um processo contínuo, afinal, o novo homem ainda não amadureceu e encontra-se continuamente em estado de desenvolvimento.

3.11 – Bárbaro. No império romano, quem não falasse grego era desprezado.

Citas eram pessoas incultas que vinham da região em torno do mar Negro.

Grego, judeu, servo e livre. Essa lista é similar à encontrada em Gálatas 3.28. Nas duas passagens, a questão não diz respeito às funções das pessoas no Corpo de Cristo, mas ao fato de todos os grupos serem igualmente aceitos na família de Deus.

3.12 – Eleitos de Deus. O Senhor chama todas as pessoas à salvação; aquelas que a aceitam são os eleitos desde a fundação do mundo (compare com Efésios 1.3-14), tornando-se o povo especial de Deus. Uma vez que o Senhor é *santo*, nós, que somos *amados* pelo Pai, também devemos ser santos e *revestir-nos* de Suas características. Explorar os outros fazia parte do antigo modo de vida, enquanto a característica do novo deve ser o cuidado.

3.13 – Perdoando-vos. O espírito dado ao perdão é uma característica essencial para quem foi perdoado por Cristo.

3.14 – E, sobre tudo isto. Sobre todas estas coisas, como uma peça de roupa.

Revesti-vos de caridade, a qual é a base e o manto de todas as graças (1 Co 13.13). O *vínculo* é o que une os outros.

Perfeição significa completo, desenvolvido, maduro.

3.15 – A paz de Deus domina nosso coração quando estamos completamente entregues à vontade divina, e, assim, todo o nosso ser se une em obediência a Ele. A obra de reconciliação de Cristo é o que possibilita essa entrega.

3.16 – Ao que parece, a frase *a palavra de Cristo habite em vós abundantemente* traça um paralelo com a afirmação de Paulo em Efésios 5.18, passagem na qual o apóstolo diz: *Enchei-vos do Espírito*. Tanto em Colossenses como em Efésios, estar cheio do Espírito ou da palavra de Cristo resulta em cânticos (Ef 5.19-21).

Os *salmos* são aqueles encontrados no Antigo Testamento, o hinário da Igreja do primeiro século como também de Israel. Os *hinos* seriam os cânticos da Igreja que refletiam a nova verdade em Cristo. Exemplos deles são encontrados em Colossenses 1.15-20; Filipenses 2.5-11 e 1 Timóteo 3.16.

Os *cânticos espirituais* talvez tenham sido outros tipos de cânticos em louvor a Deus.

3.17 – Nesta passagem, Paulo resume como os cristãos devem viver: temos de entregar a *Jesus* tudo o que fazemos ou dizemos e sempre agradecer a Deus por todas as Suas dádivas (Ec 12.13,14).

3.18—4.1 – Esses versículos mostram aos cristãos como fazer tudo no lar *em nome do Senhor Jesus* (Cl 3.17). Todos os membros da casa têm

responsabilidades para com Cristo. Há três pares equilibrados de exortações: às mulheres e maridos (v.18,19); aos filhos e pais (v.20,21) e aos servos e senhores (v.22—4.1).

3.18,19 – Com base no tipo de vida cristã para o qual os cristãos são chamados, Paulo fornece algumas orientações práticas. Aplicações gerais como fazer o bem e amar todas as pessoas são muito difíceis de serem seguidas; por isso, o apóstolo procura aplicar verdades morais à vida diária dos colossenses (Ef 5.21—6.9). Normalmente, o lar colossense era formado por pai, mãe, filhos e servos. Paulo concede instruções a cada grupo. A primeira delas diz que as *mulheres* devem estar *sujeitas*.

Sujeitar-se significa *pôr-se debaixo da autoridade de outro* e indica uma submissão voluntária, não uma obediência impensada. Obviamente, a submissão não denigre quem está submisso. Já a ordem ao marido é que ele *ame* (NVI) sua esposa (segundo Efésios 5.25, como Cristo amou a Igreja). Em sua posição de cabeça, o esposo deve procurar o bem maior de sua companheira – em vez de seu próprio bem-estar –, honrando-a e sendo atencioso com ela, não sendo amargo nem áspero.

3.20,21 – *Filhos e pais* também recebem admoestações do apóstolo. Os filhos devem obedecer. Porém, *nem tudo* deve ser tido como absoluto. Quando a verdade do Senhor e as exigências de



APROFUNDE-SE

FALSOS ENSINOS EM COLOSSOS

Boas verdades, muitas vezes, são deturpadas. O apóstolo Paulo passava grande parte de seu tempo combatendo falsos mestres que surgiam depois dele e acrescentavam sua própria versão ao evangelho. Em parte, ele escreveu aos cristãos em Colossos para corrigir uma heresia referente a Deus e à espiritualidade que havia começado a criar raízes ali. Mesmo nesse estágio inicial da vida da igreja, antes que qualquer pensamento herético se desenvolvesse a ponto de ser reconhecido por um nome, o misticismo judaico, o legalismo judaico e a filosofia grega se misturaram à verdadeira doutrina cristã.

O tipo doutrinário que estava contaminando Colossos, por fim, seria conhecido como gnosticismo, uma heresia cristã proeminente nos séculos 2 e 3, a qual ensinava que era necessário o conhecimento especial para que a alma rompesse a esfera física e entrasse na espiritual. Enquanto se desenvolvia, essa falsa doutrina afirmava que a salvação somente poderia ser obtida por meio desse conhecimento especial. Desse modo, os gnósticos substituíram fé por intelecto.

O gnosticismo seguia a filosofia grega de que a matéria era inerentemente má. Somente as realidades espirituais, e não físicas, seriam boas. Consequentemente, os gnósticos não acreditavam que Deus havia criado o mundo ou que Jesus tinha vindo em um corpo físico. De acordo com os gnósticos, um anjo ou deus subalterno havia criado o universo material. Paulo corrigiu esse erro em Colossos ao afirmar claramente que Cristo é o Criador e o Sustentador de tudo, a Cabeça suprema da Igreja e de todas as outras autoridades.

O gnosticismo influenciava os princípios morais do homem de uma dessas duas maneiras. Uma tendência era a indulgência. Para esse tipo de gnóstico, uma vez que o corpo era mau e o espírito era bom, nada que fosse feito pelo corpo poderia prejudicar o espírito. Em geral, eles se entregavam a todos os desejos sexuais, sem privar-se de nada, acreditando que, por terem a graça de Deus e pelo fato de que o corpo físico não tinha importância, podiam fazer tudo o que quisessem com o próprio corpo. O apóstolo João tratou desse tipo de gnosticismo em 1 João, como fez Paulo em 1 Coríntios.

A segunda consequência moral do gnosticismo era o ascetismo. Para os ascetistas, uma vez que o corpo era mau, toda forma de prazer lhe deveria ser negada, pois esperavam que a negação do corpo elevasse o espírito. Os adversários de Paulo em Colossos eram seguidores dessa doutrina. Para eles, o legalismo era fascinante, e as rígidas leis judaicas (Cl 2.16) adaptavam-se facilmente aos seus rituais rigorosos marcados pela autonegação. Porém, Paulo advertiu seus leitores dizendo que esses ritos são inúteis e não têm nenhum valor espiritual (Cl 2.20-23).

O principal problema encontrado na heresia em Colossos era a negação da divindade de Cristo. Esses falsos mestres não reconheciam Jesus como o Criador que veio na carne, Aquele que é Deus e que se fez homem. O fato de rejeitarem a deidade de Jesus levou-os a procurar a salvação por meio de seu intelecto ou de agressões contra o próprio corpo. Tais esforços serviam apenas para esconder a verdade de que a salvação é encontrada somente em Cristo Jesus.



EM FOCO

PAZ (GR. EIRENE)

(Cl 1.20; 3.15; Ef 2.17; Fp 1.2; 4.7)

Domine (gr. brabeuo)

(Cl 3.15)

O termo grego *eirene* tem vários significados, dentre eles o de *unidade, tranquilidade e concordância*, e corresponde ao hebraico *shalom*, cujo sentido principal é *totalidade*.

No Novo Testamento, a palavra grega é usada como referência a uma relação harmoniosa entre as pessoas (Rm 14.19), à ordem estabelecida pelo governo no poder (At 24.3) e à reconciliação entre Deus e uma pessoa por meio da obra de salvação de Cristo (Ef 2.17).

Em Colossenses 3.15, Paulo encoraja os cristãos a deixarem que a *paz de Deus* domine no coração deles. A palavra grega empregada para *domine* significa *agir como árbitro ou arbitrar*. A paz do Senhor deve agir como nosso árbitro quando a raiva, a inveja e outros sentimentos impetuosos surgem em nosso coração.

uma pessoa entram em conflito, o filho deve obedecer a Deus. Além disso, o pai precisa ser razoável – e não arbitrário –, educando os filhos do mesmo modo que o Pai celeste o disciplina e ensina a ele.

3.22-25 – Servos, obedeci... a vosso senhor. Talvez a questão dos escravos e dos senhores pareça ultrapassada e inaplicável à sociedade moderna, mas, se considerada pela segunda vez, há princípios importantes nesta passagem. Ainda que a escravidão não possa ser oficialmente aceita ou praticada hoje, a admoestação para que o indivíduo se dedique ao seu senhor como se estivesse trabalhando para Deus, e não para pessoas, aplica-se aos empregados.

O *galdão da herança*. A forte motivação para servir bem a alguém é encontrada no futuro galardão que Jesus concede àqueles que são fiéis nesse serviço. Normalmente, pensamos que recebemos recompensas eternas graças a práticas espirituais como leitura bíblica, oração ou evangelismo. Aqui, Paulo afirma que todo trabalho feito para a honra de Cristo trará uma recompensa eterna.

4.1 – Senhores. Paulo não se preocupa somente com os servos. Os patrões também têm o dever de não se aproveitarem dos empregados. Eles

devem oferecer um salário justo, benefícios cabíveis e descanso adequado. Na sociedade contemporânea, muitos desses benefícios são exigidos por leis governamentais. Contudo, é muito melhor quando os patrões cristãos tratam bem seus funcionários por amor ao Senhor, sabendo que eles também têm *um Senhor nos céus*.

4.2 – Paulo encoraja os colossenses a serem diligentes na ação de graças e na oração, especialmente orando por ele e por seus colaboradores enquanto eles trabalham na propagação do evangelho. Até o apóstolo pediu intercessões de outros e precisava delas para sustentá-lo.

4.3 – Mesmo na prisão, Paulo sente a necessidade de orar a fim de que Deus *abra a porta* – conceda uma oportunidade para propagar o evangelho. *Mistério de Cristo*. As boas-novas da salvação para todos podem ser conhecidas e experimentadas somente por intermédio de Cristo.

4.4 – *Para que o manifeste*. A principal preocupação do apóstolo é transmitir a mensagem clara e simples.

Como me convém falar. Conforme é meu dever e me é necessário falar (1 Co 2.4; 2 Co 2.14,17).

4.5 – *Andai com sabedoria para com os que estão de fora*. Muitas vezes, os primeiros cristãos eram vistos com suspeita, desconfiança e desdém. Eram considerados ateus porque não adoravam os deuses de Roma e da Grécia. Muitos os rotulavam de antipatriotas por não queimarem incenso diante da imagem do imperador. Alguns os acusavam de participar de orgias pois falavam em *festas de caridade* (Jd 12). Outros fomentavam suspeitas de que os cristãos eram, na verdade, canibais, que comiam e bebiam do sangue e do corpo do Senhor. Com essas deturpações das crenças e das práticas cristãs proliferando-se, era muito importante que mal-entendidos fossem esclarecidos por meio da vida virtuosa e impecável dos servos de Deus.

4.6 – *A vossa palavra seja sempre agradável*. Cristo era repleto de graça e verdade (Jo 1.14). Da mesma forma, os cristãos devem ser bondosos, agradáveis, simpáticos e amáveis.

Temperada com sal. Não insípida nem insossa, mas com sabor, com gosto. Os servos de Deus



EM FOCO

PERFEITO (GR. TELEIOS)

(Cl 1.28; 4.12; Rm 12.2; Fp 3.15; Tg 1.4)

Essa palavra grega é um adjetivo derivado de *telos*, que significa *fim, limite ou cumprimento*. Paulo usa *telos* para falar de Jesus Cristo como o cumprimento total da Lei de Deus (Rm 10.4). Em sua carta aos colossenses, o apóstolo utiliza *teleios* para falar do aperfeiçoamento ou da perfeição dos cristãos (Cl 1.28; 4.12).

O cristão perfeito é um cristão maduro, que suportou provações (Tg 1.4) e aprendeu a expressar aos outros o amor de Deus (Cl 3.14). Ao amarmos os outros, não somente somos aperfeiçoados em Cristo e por intermédio dele, mas também vemos o amor divino *aperfeiçoado* em nós (1 Jo 4.12). Assim como Paulo prosseguiu em direção ao alvo da perfeição (Fp 3.12-14) para o qual Cristo o chamou, também devemos fazer da perfeição em Cristo nosso objetivo, um alvo que será completamente alcançado quando vier o *que é perfeito* (1 Co 13.10).

devem ter vitalidade e apresentar a marca da pureza, da salubridade e de uma perspicácia santa.

Para que saibais... responder a cada um, a fim de que adaptemos a mensagem à situação e falemos de modo apropriado com cada pessoa.

4.7,8 – *Tíquico* era um amigo íntimo de Paulo vindo da província da Ásia. Ele havia acompanhado o apóstolo em parte de sua terceira viagem missionária. É provável que tenha entregado esta carta e respondido às perguntas sobre o estado de Paulo na prisão.

4.9 – O escravo Onésimo provavelmente acompanhou Tíquico a Colossos. A epístola de Paulo a Filemom teria sido levada junto com a carta aos Colossenses. Tratava de uma situação pessoal entre Filemom e seu escravo Onésimo; por isso, Paulo escreveu uma missiva à parte para ele.

4.10-15 – Paulo saúda diversos amigos, além de apresentar e recomendar vários que trabalham com ele. O grande afeto e o verdadeiro apreço do apóstolo por seus amados cooperadores são notórios nesses versículos. Isso deveria lembrar-nos de que ninguém é uma ilha, afinal, todos precisamos do apoio uns dos outros na obra de Deus. *Aristarco*, um judeu de Tessalônica, estava viajando com Paulo desde o tumulto que ocorreu em Éfeso em sua terceira viagem missionária (At 19.29; 20.4). É óbvio que ele permaneceu com Paulo mesmo estando o apóstolo preso em Roma (At 27.2). *Marcos* é o autor do evangelho de Marcos. No

começo de sua segunda viagem missionária, Paulo recusou-se a levá-lo com ele (At 15.37-40). É óbvio que os dois se reconciliaram, pois Paulo o recomenda aqui e em 2 Timóteo 4.11. *Lucas* é o autor do evangelho que leva seu nome e do livro de Atos. Acompanhou Paulo em muitas de suas viagens missionárias. *Demas*, mais tarde, abandonaria Paulo (2 Tm 4.10).

4.16 – Há inúmeras teorias sobre a identidade da carta de Laodicéia mencionada neste versículo. Talvez não seja possível precisar se ela é uma das outras cartas do Novo Testamento, como 1 ou 2 Tessalonicenses ou Efésios, nem se é uma *epístola* perdida.

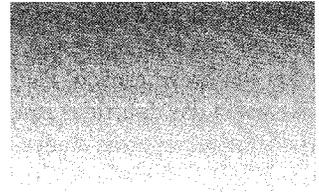
4.17 – *E disse a Arquipo*. Ele é mencionado em Filemom 2 de modo a sugerir que era membro da casa de Filemom, provavelmente seu filho.

Atenta significa vigia.

Recebeste no Senhor. Arquipo foi chamado pelo Senhor, e é muito provável que tivesse alguma responsabilidade ministerial na igreja em Colossos.

Para que o cumpras. A fim de que continue a desempenhá-lo ao máximo, a realizá-lo plenamente. Trata-se de um trabalho para toda a vida. Deus não demite Seus servos.

4.18 – *Saudação de minha mão*. O apóstolo ditava suas cartas a um secretário, mas, no final, tinha o costume de fazer uma saudação de próprio punho (2 Ts 2.1,2; 3.17), o que servia para personalizar e autenticar a carta.



A primeira carta aos

Tessalonicenses

INTRODUÇÃO

É comum encontrarmos cristãos com dúvidas acerca de sua fé. Como um missionário experiente, Paulo sabia bem disso. Por essa razão, ele enviou Timóteo de volta a Tessalônica logo depois de implantar a Igreja nessa cidade. Cabia a Timóteo descobrir como estava a jovem igreja. Assim que ele chegou lá, os irmãos sobrecarregaram-no com perguntas. A primeira epístola aos Tessalonicenses é a resposta paciente de Paulo àqueles cristãos. Ele reforça a mensagem básica do evangelho, instrui a Igreja na fé e apresenta aplicações práticas das verdades espirituais.

A primeira epístola aos Tessalonicenses sumariza o modo como Paulo instruiu os jovens cristãos. Como mostra essa epístola, seus ensinamentos aos novos convertidos eram ricos em termos de doutrina e aplicação

prática desta, descrevendo precisamente a salvação em todas as suas dimensões.

Em 1 Tessalonicenses, Paulo recapitulou alguns dos fundamentos da fé e aplicou estas verdades à vida dos cristãos. Desafiou-os a perseverarem em uma vida dedicada a Deus, a despeito da perseguição. Estendeu o consolo da ressurreição àqueles que estavam de luto e falou sobre detalhes da segunda vinda de nosso Senhor. Além disso, Paulo respondeu aos ataques indignados de seus oponentes judeus, que estavam enciumados porque os cristãos estavam afastando gentios tementes a Deus da sinagoga local. É possível que os oponentes de Paulo estivessem dizendo que o fato de Paulo não conseguir voltar a Tessalônica era prova de que ele não era sincero. Nos três

primeiros capítulos de sua carta, Paulo se dedica a corrigir essa falsa impressão.

Em um breve espaço, Paulo tratou de uma vasta gama das doutrinas essenciais do cristianismo. Entre elas estão crenças como a Trindade (1 Ts 1.5,6), a deidade de Cristo (1 Ts 3.11,12), o poder do Espírito Santo (1 Ts 1.5,6), a natureza das Escrituras (1 Ts 2.13), o tempo e os eventos da segunda vinda (1 Ts 1.10; 2.19; 3.13; 4.13-17; 5.23), o dia do Senhor (1 Ts 5.1-3), a certeza de salvação (1 Ts 1.5), a conversão (1 Ts 1.9), a santificação (1 Ts 4.3; 5.23), a ressurreição (1 Ts 4.14-18), a relação da fé com as obras (1 Ts 1.3), a relação da caridade com o serviço (1 Ts 1.3) e a relação da paciência com a esperança (1 Ts 1.3).

Uma vez que é uma das primeiras cartas de Paulo, 1 Tessalonicenses revela muito do que Paulo pregou durante sua segunda viagem missionária. É óbvio que a volta de Cristo era crucial para sua mensagem, pois Paulo responde a muitas perguntas sobre a segunda vinda. Na verdade, talvez a contribuição doutrinária mais significativa dessa breve carta seja sua explicação detalhada sobre a volta do Senhor.

O fato de Paulo ser o autor de 1 Tessalonicenses não foi seriamente questionado, exceto por alguns estudiosos liberais modernos. Paulo refere-se a si mesmo como autor dessa carta (1 Ts 1.1; 2.18), e a Igreja primitiva o reconhecia como tal. Na lista do cânon de Marcião, essa epístola aparece como uma obra de Paulo. Os primeiros pais da Igreja, como Ireneu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, também reconheceram Paulo como autor do livro.

A carta provavelmente foi escrita em Corinto, em cerca de 51 d.C., e é considerada como uma das primeiras epístolas de Paulo. Na verdade, é possível que Gálatas seja a única escrita antes dela.

Tessalônica foi uma das primeiras cidades a serem evangelizadas por Paulo e Silas quando eles chegaram ao continente europeu. Uma visão divina em que um homem da Macedônia convidava Paulo para pregar o evangelho havia atraído os dois missionários para aquela região

(At 16.9,10). Depois de pregar em Filipos, Paulo viajou mais de 160 quilômetros para ir a Tessalônica. Essa era uma cidade portuária e um centro comercial localizado no extremo noroeste do mar Egeu. A Via Egnatia que ligava Roma a Bizâncio passava por ela. Essa estrada importante e o porto próspero transformaram Tessalônica em um dos centros comerciais mais ricos do império romano. Tessalônica era a capital e a maior cidade da província da Macedônia, com aproximadamente 200 mil habitantes.

Por causa de sua localização estratégica, Tessalônica tornou-se uma base para a propagação do evangelho na Macedônia e na Grécia. Isso fazia parte do plano de Paulo. Uma igreja implantada em um centro geográfico se tornaria o centro evangelístico das regiões vizinhas. É óbvio que isso se aplicava especialmente a Tessalônica, pois Paulo elogiou os tessalonicenses por sua obra evangelística (1 Ts 1.8).

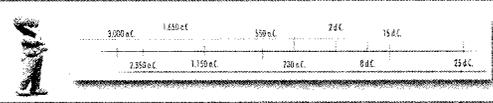
Paulo fundou a igreja tessalônica pregando por três sábados na sinagoga judaica. Ele teve grande êxito, não somente entre os judeus, mas também entre os gregos que temiam a Deus. Alguns judeus, porém, que rejeitavam a mensagem do apóstolo e tinham inveja de seu êxito contrataram homens perversos para o atacarem. Não conseguindo encontrar Paulo, os judeus levaram Jasom, dono da casa onde esse antigo perseguidor do evangelho estava hospedado, à presença dos magistrados e acusaram-no de traição porque ele havia hospedado alguém que ensinava que havia outro rei, Jesus. Os magistrados receberam de Jasom a fiança estipulada e soltaram-no. Em consequência disso, Paulo e Silas acharam melhor partir imediatamente e foram para Beréia, a próxima cidade importante. Aqui também tiveram uma boa recepção. Mas, quando ficaram sabendo disso, os judeus de Tessalônica foram até lá para provocar mais oposição a Paulo e Silas. Paulo seguiu para Atenas, onde ficou durante pouco tempo. Depois, ele seguiu para Corinto e ali se uniu a Silas e Timóteo (At 18.5). Preocupado com o bem-estar dos convertidos tessalonicenses, Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para ver como estavam os novos cristãos.

Após uma rápida ministração de encorajamento em Tessalônica, Timóteo tornou a unir-se a Paulo em Corinto e trouxe boas notícias acerca da fidelidade dos tessalonicenses, mesmo estando

eles sob perseguição. Havia algumas dúvidas no coração desses irmãos quanto à fé que haviam abraçado. Paulo, então, comprometeu-se a responder às perguntas.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 1 TESSALONICENSES



Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém

Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo

Ano 51 d.C.— A Igreja em Tessalônica é iniciada

Ano 51 d.C.— A primeira epístola aos Tessalonicenses é escrita

Ano 53—57 d.C.— A terceira viagem missionária de Paulo

Ano 58 d.C.— Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C.— Paulo é preso em Roma

Ano 67 d.C.— Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Ação de graças pela salvação dos tessalonicenses — 1.1-10
- II. Paulo defende seu ministério em Tessalônica — 2.1-12
 - A. Sua integridade no ministério — 2.1-4
 - B. Seu ministério altruísta e amoroso — 2.5-9
 - C. Seu comportamento irrepreensível — 2.10-12
- III. A oração de Paulo pelo crescimento espiritual dos tessalonicenses — 2.13—3.13
 - A. Sua preocupação com o sofrimento deles — 2.13-16
 - B. Seu desejo sincero de vê-los — 2.17-20
 - C. Sua expressão de amor por meio de Timóteo — 3.1-8
 - D. Sua oração — 3.9-13
- IV. A exortação de Paulo acerca da santificação dos tessalonicenses — 4.1-12
 - A. Sua instrução para que eles se abstenham da imoralidade sexual — 4.1-8
 - B. Sua exortação para que tenham amor fraternal, e não impureza sexual — 4.9,10
 - C. Sua exortação acerca da vida cristã que convém — 4.11,12
 - D. A volta de Cristo — 4.13-18
- V. O dia do Senhor — 5.1-11
- VI. As exortações finais de Paulo — 5.12-28

COMENTÁRIO

1.1 — Paulo segue o formato habitual de cartas antigas, apresentando primeiro o escritor, em seguida, o destinatário e, por fim, dando uma breve saudação. Paulo menciona *Silvano*, nome romano de Silas, e Timóteo, mas é ele o autor da epístola (Rm 4.9). Ao usar o pronome oculto *nós* (v. 2), é possível que o apóstolo esteja dizendo que Silas e Timóteo redigiram a carta com ele. Depois que Paulo se separou de Barnabé (At 15.36-40), Silas tornou-se seu novo companheiro na segunda viagem missionária e talvez tenha trabalhado como seu secretário. Silas era líder da Igreja em Jerusalém (At 15.22,23) e acompanhou Paulo e Barnabé a Antioquia para transmitir o decreto do Concílio de Jerusalém (At 15.22,23). Ele ajudou a fundar a Igreja em Tessalônica (At 17.1-4) e foi açoitado, com Paulo, em Filipos (At 26.22-24).

Timóteo também estava com Paulo na segunda viagem missionária. Paulo considerava-o como um filho e amava-o muito (At 16.3; 1 Tm 1.2). Esta carta é uma resposta ao relato de Timóteo acerca da Igreja em Tessalônica.

À *igreja*. A palavra grega *ekklesia* era um termo familiar que significava qualquer ajuntamento ou assembleia. Do modo como é usada no Novo Testamento, essa palavra grega comum traz à lembrança a relação dos cristãos uns com os outros e com Cristo. Observe que Paulo se dirige aos cristãos em Tessalônica como um Corpo, e não como cristãos individuais. Na Igreja primitiva, a crença em Cristo sempre levou ao ajuntamento de cristãos, o Corpo de Cristo (At 2.42-47; 2 Co 12.27).

A expressão *graça e paz tenhais*, embora similar a saudações comuns, expressa de forma eloquente os principais conceitos da fé cristã. A palavra *graça* significa favor e bênção imerecidos, e a palavra *paz* [que equivale ao termo hebraico *shalom*] descreve a relação que os cristãos têm com Deus e deveriam cultivar com outras pessoas. A ordem dos dois termos na saudação sempre é mantida no Novo Testamento, uma vez que a graça de Deus é a única base para a paz de Seu povo.

1.2 — *Orações*. Seguindo o padrão da Igreja em Jerusalém, estes primeiros homens a implantar

igrejas entregavam-se à oração, bem como à pregação do evangelho (At 6.4). Como em outras cidades, eles sofreram dores de parto para dar à luz a Igreja em Tessalônica, e essa jovem igreja estava profundamente arraigada no coração deles (1 Ts 2.13, 17; 3.5,6).

1.3 — *Lembrando-nos*. A vívida lembrança que Paulo tem da excelência espiritual dos tessalonicenses leva o apóstolo a usar pela primeira vez a tríade fé, caridade e esperança, que apresenta a causa imediata e a essência das orações incessantes deles. Observe que não são somente as virtudes que chamam a atenção do apóstolo, mas o modo como estão voltadas para Cristo. A fé dos cristãos em Tessalônica havia produzido o verdadeiro arrependimento. Quando se voltaram para Deus, eles abandonaram os ídolos (v. 9). Note que Paulo vê o arrependimento dos tessalonicenses como consequência da fé deles, não o contrário.

Trabalho da caridade. O amor dos tessalonicenses por Cristo resultou em serviço (v. 9) em meio à perseguição (v. 6). Observe o contraste entre *obra* e *trabalho*. Enquanto a obra pode ser agradável e estimulante, o trabalho muitas vezes implica um esforço tão árduo a ponto de chegar à fadiga e até à exaustão.

Paciência da esperança. Os cristãos em Tessalônica depositavam firmemente sua esperança na volta de Jesus Cristo (v. 10). Note que cada uma das virtudes tem Cristo como Seu objeto. Jesus sempre é o foco. Um bom padrão para avaliar qualquer serviço cristão deve ser: o que estou fazendo glorifica a Cristo?

1.4 — *Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição*. Os missionários dão graças não somente pelas boas obras resultantes da fé dos tessalonicenses (v. 3), mas, o mais importante, pelo que Deus havia feito por estes. Deus os havia escolhido para ser Seu povo santo. Nos versículos 5 a 10, Paulo lista a prova incontestável de que os tessalonicenses foram eleitos por Deus: sua resposta alegre ao evangelho, sua fé sólida e seu avanço em termos de santidade. Deus foi generoso ao escolhê-los, uma clara razão para se alegrar (v. 2; Ef 1.3-14).

1.5 — Paulo não define seu *evangelho* neste momento, mas pregou-o de modo claro quando

esteve com eles. Por três semanas ele *disputou com eles sobre as Escrituras, expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos* (At 17.2,3). A mensagem de um Cristo crucificado era muito diferente das expectativas messiânicas que Paulo tinha em sua própria instrução como fariseu. Os judeus daquela época não estavam à procura de um salvador sofredor, mas de um herói conquistador. Portanto, Paulo teve de demonstrar por meio das Escrituras do Antigo Testamento que os profetas haviam pre-nunciado o sofrimento, a morte e a ressurreição do Messias.

Não foi a vós somente em palavras, mas também em poder. Paulo não deixou de usar as Escrituras de um modo cuidadoso, preciso e persuasivo em suas pregações. Contudo, ele percebeu que, não fosse a obra de convicção do Espírito Santo, ninguém poderia ou iria voltar-se para Cristo (Jo 16.8). Mas, com a bênção de Deus, a pregação de Paulo convenceu alguns dos judeus na sinagoga, *também uma grande multidão de gregos religiosos e não poucas mulheres distintas* (At 17.4).

1.6 — *Nossos imitadores e do Senhor.* Todos precisam de mestres, especialmente os novos convertidos. Algumas vezes, Paulo incentivou os novos cristãos a imitem-no (1 Co 11.1), assim como ele estava imitando Cristo. Todos os escritores do Novo Testamento conduzem seus leitores às pegadas de Cristo, como mostram as Escrituras (Fp 2.5; Hb 12.2; 1 Pe 2.21; 1 Jo 2.6). Este deveria ser nosso alvo também: levar os outros a Cristo por meio de nosso próprio exemplo virtuoso. Enquanto nos concentrarmos em Jesus, refletiremos Sua imagem para os outros (2 Co 3.18).

Recebendo não é a palavra comum para recepção, mas uma palavra que expressa uma acolhida calorosa. Os tessalonicenses recebiam o evangelho com alegria, ainda que isso significasse enfrentar perseguição.

1.7 — O efeito do evangelho foi tão poderoso na vida dos tessalonicenses que eles se tornaram exemplos para toda a província da Macedônia, da qual sua cidade era a capital. A palavra *exemplo* [gr. *typos*] é singular no original e refere-se não somente a um número de exemplos individuais

da vida cristã, mas, melhor dizendo, ao padrão único de resposta à Palavra. Era essa disposição de obedecer às boas-novas e crer em Cristo como o Messias prometido no Antigo Testamento que Paulo elogiava.

1.8 — *A vossa fé [...] se espalhou.* O testemunho da fé extraordinária dos tessalonicenses percorreu toda a Grécia e a Macedônia. Uma vez que Tessalônica era uma cidade portuária e ficava na movimentada Via Egnatia, os que viam a vida virtuosa e a fé persistente dos cristãos tessalonicenses espalhavam a Palavra de Deus por toda a região. O mesmo havia acontecido na igreja de Jerusalém (At 6.7); ou seja, a vida cristã plena daqueles irmãos estava causando um impacto nas pessoas que viviam na cidade e passavam de viagem por ela.



VOCE SABIA?

OBRA, TRABALHO E PACIÊNCIA

É fácil ver a ênfase que Paulo dá à fé, à *esperança* e à *caridade* — a trindade das virtudes cristãs (1 Ts 1.3). Contudo, observe as palavras que acompanham essas qualidades: *obra da [vossa] fé, trabalho da caridade e paciência da esperança*. Esses são termos que indicam atividade. Cristãos úteis em seu local de trabalho entendem que bons resultados vêm somente com esforço, trabalho diligente e paciência. O mesmo se aplica ao crescimento espiritual. (Hb 6.9-12 menciona esses mesmos valores.)

1.9 — *Eles mesmos anunciam de nós.* Estes relatos não eram de missionários, mas de viajantes comuns que estavam dando suas impressões acerca dos cristãos tessalonicenses. *Dos ídolos vos convertestes a Deus.* A verdade do evangelho expôs a falsidade da idolatria. Uma vez que os judeus evitavam a idolatria, Paulo estava, basicamente, falando a um público de gregos (At 17.4).

1.10 — *E esperar dos céus a seu Filho.* Paulo esperava que a volta do Senhor ocorresse a qualquer momento. A expressão *esperar* descreve a expectativa ansiosa e cheia de esperança pela volta de nosso Senhor Jesus, que *nos livra da ira futura*. Esse é um livramento futuro, mas o versículo em questão não deixa claro se Paulo está referindo-se a um momento específico ou à ira de

Deus sendo derramada sobre os incrédulos em um sentido mais geral. O ensino geral de 1 Tessalonicenses favoreceria a primeira opção. Uma vez que Cristo suportou a ira de Deus no calvário, todos os que estão em Cristo escaparão de todos os aspectos da ira divina (1 Ts 5.9). Portanto, eles não têm nada a temer.

2.1-12 — O ministério de uma pessoa não será *inútil* (NVI) se ela tiver motivos puros (v. 3), se buscar a aprovação de Deus (v. 4-6) e se amar seu povo com o amor abnegado de uma mãe (v. 7-9) e o amor encorajador e corretivo de um pai (v. 10-12).



EM FOCO

EXEMPLOS (GR. *TUPOS*)

(1 Co 10.6; 1 Ts 1.7; 2 Ts 3.9; 1 Pe 5.3).

A palavra grega *tipos* deriva de uma raiz que significa ataque, ou pancada. Significa uma impressão deixada por um golpe e, por extensão, uma amostra, um exemplo ou modelo. Os membros da igreja tessalônica transformaram-na em um modelo para as outras igrejas da região. Tessalônica não apenas era a maior cidade na Macedônia e a capital da província, mas também o centro da atividade evangelística na região. A extraordinária perseverança dos membros daquela igreja era considerada exemplar ou típica daquilo que uma igreja deveria ser.

2.1,2 — Parece que os motivos de Paulo para ir a Tessalônica foram atacados, depois de sua partida, por gentios pagãos e por judeus apegados à sua fé tradicional. Paulo mostrou o que os tessalonicenses sabiam — que sua pregação não havia sido *vã* (1 Ts 1.9) —, mas anunciou sua mensagem diante da oposição, incluindo a dolorosa experiência de ser açoitado e lançado na prisão em *Filipos* (At 16.22-24). Somente os incrédulos questionaram os motivos de Paulo na tentativa de enfraquecer a fé dos cristãos tessalonicenses. A resposta de Paulo foi bem diferente da nossa. Ele deixou que seu testemunho falasse por si mesmo. Uma simples crítica ou um olhar repulsivo podem ser como um balde de água fria em nosso testemunho. Que Deus nos ajude a anunciar as boas-novas dele em Cristo, a despeito da perseguição que enfrentemos.

2.3,4 — Respondendo às críticas quanto aos seus motivos para pregar, Paulo afirmou ter usado a verdade, não o *engano*; seus motivos eram puros, não eram fruto de *imundícia*; sua apresentação era feita com sinceridade, não com *fraudulência* (uma palavra usada também como referência a uma isca para pegar peixe, sugerindo engano). Em contraste a essas críticas, Paulo afirmou que ele e seus colaboradores eram mensageiros *aprovados*, missionários que as provações revelaram ser sinceros. O ministério que eles tinham não era escolha pessoal deles, mas designação de Deus.

2.5-8 — Paulo negou que, em sua visita aos tessalonicenses, tenha usado lisonjas. Pelo contrário, pregou com ousadia que todos eram pecadores que precisavam ser salvos pela graça de Deus. Suas pregações não serviam como um *pretexto de avareza*, ou seja, como uma máscara para esconder a ganância. Aqui ele apela a Deus como sua *testemunha*, porque ninguém poderia examinar seus motivos. Além disso, ele e seus companheiros não estavam buscando louvor nem desejando posições de autoridade. Paulo nem exercia seu direito ao suporte financeiro (1 Co 9.3-14; 2 Co 11.7-11). Pelo contrário, aqui, como em Corinto, ele arcava com suas próprias despesas. Em contraste às acusações dos inimigos, Paulo e seus companheiros demonstraram seu amoroso cuidado com os tessalonicenses. Uma ama profissional pode e sabe suprir as necessidades físicas de um bebê, mas somente uma mãe *cria seus filhos* com amor maternal. Paulo enfatiza a extensão de seu amor: ele teria sacrificado sua vida por eles, se necessário fosse.

2.9 — O afeto de Paulo pelos tessalonicenses era demonstrado por seu *trabalho*. Como em 1 Tessalonicenses 1.3, essa palavra indica um trabalho árduo que produz cansaço e fadiga. Paulo fazia tendas para suprir suas necessidades financeiras, trabalhando noite e dia, para não ser um fardo para seus convertidos. As ações de Paulo mostravam que seu ministério era motivado por um desejo altruísta de promover o bem-estar dos outros, e não investir em suas próprias necessidades.

2.10-12 — Além de evitarem qualquer necessidade financeira (v. 9), os princípios morais e a

devoção a Deus demonstrados por Paulo e seus companheiros respaldavam sua mensagem. Consolavam e desafiavam os tessalonicenses como uma mãe amorosa (v. 7; NVI). O principal objetivo de Paulo era que eles se conduzissem *dignamente para com Deus*, ou vivessem de um modo que estivesse à altura do Deus a quem serviam. Parece um padrão impossível de ser alcançado. Mas Paulo lembra os tessalonicenses de que Deus os havia chamado para esse propósito, e Ele, sem dúvida, iria capacitá-los, pois *aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até o Dia de Jesus Cristo* (Fp 1.6). Os cristãos deveriam ter os mesmos objetivos que Paulo tinha: receber a aprovação divina e a recompensa diante do tribunal de Cristo (2 Co 5.9,10).

2.13 — Paulo e seus companheiros eram gratos pelo modo como os tessalonicenses haviam recebido a Palavra de Deus.

Operando eficazmente em vós (ARA). Os cristãos gentios de Tessalônica podiam comparar a Palavra pura de Deus, e seu efeito transformador, com as religiões pagãs imorais, que somente pervertiam ainda mais as pessoas. De igual modo, os cristãos judeus podiam comparar o amor e a graça de Deus no evangelho com o legalismo e o orgulho que a

religião judaica muitas vezes produzia. O que era verdadeiro acerca da Palavra pregada em Tessalônica também é verdadeiro acerca da Palavra escrita de Deus, que *é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes* (Hb 4.12).

2.14 — Assim como a Igreja na Judéia foi perseguida por judeus incrédulos, os tessalonicenses estavam sendo perseguidos por judeus e gentios, e tornaram-se *imitadores* daqueles na Judéia (1 Ts 1.6). Às vezes, o sofrimento vem por causa de nossas próprias falhas (1 Pe 4.15), mas esses cristãos estavam sofrendo porque representavam a verdade de Deus (1 Pe 4.16).

2.15 — *E nos têm perseguido*. Paulo diz aos tessalonicenses que eles não devem surpreender-se com o sofrimento por causa de Cristo, uma vez que os irmãos cristãos da Judéia, incluindo ele mesmo, também haviam sofrido pela causa do evangelho. Tal hostilidade à Igreja, na verdade, representa a hostilidade a Cristo (leia as palavras de Cristo para Paulo em At 9.4,5).

2.16 — *Encherem sempre a medida de seus pecados*. A implicação é que Deus permitirá que uma nação, um grupo ou indivíduo acumulem apenas certa quantidade de pecados antes que



ENTENDENDO MELHOR

EXPECTATIVAS DOLOROSAS

Tessalônica demonstrou ser um ambiente hostil ao evangelho. Paulo e Silas não somente tiveram de deixar a cidade antes do tempo previsto, como também seus adversários os seguiram até Beréia e criaram problemas para eles lá (At 16.35—17.15).

Paulo fez seus amigos tessalonicenses se lembrarem de que eles agora eram cristãos e que enfrentariam duras provas (1 Ts 2.14) e tentou fortalecer a jovem fé deles com advertências sobre o sofrimento que teriam (1 Ts 3.4). Contudo, estava preocupado com a sobrevivência da Igreja porque ele havia tido pouco tempo para estabelecer um alicerce sólido.

Paulo decidiu tomar uma atitude. Viajou sozinho para Atenas enquanto Timóteo foi para Tessalônica, a fim de *confortar e exortar* (1 Ts 3.2) os cristãos de lá e depois, sem dúvida, trazer para o apóstolo as últimas notícias sobre aquela igreja. Paulo baseou sua primeira carta aos tessalonicenses no relato animador que recebeu de Timóteo.

A experiência dos tessalonicenses ilustra um aspecto fundamental da propagação do evangelho. A verdade cria raízes em solo resistente. Quando o *tentador* (1 Ts 3.5) não consegue impedir que as boas-novas tragam vida a uma pessoa, sua tática muda para deixar o novo convertido sem ação. Pressão e perseguição são inevitáveis. Podem vir disfarçadas de desaprovação cultural vaga ou podem ser atitudes hostis declaradas, mas, de qualquer maneira, o crescimento espiritual sempre encontrará resistência.

A perseguição causa desânimo, mas também pode ser motivadora de grande coragem. Sem resistência, como o crescimento pode ser reconhecido? Provações e tribulações provam o caráter (Tg 1.2-4). A falta de pressão pode indicar falta de crescimento. As palavras de incentivo de Paulo ainda parecem verdadeiras hoje. A comunhão que é fruto do sofrimento conjunto promove maturidade cristã (1 Ts 2.14-16; 3.3, 7).

Seu juízo venha sobre eles (Gn 15.16). Neste caso, Paulo diz que o juízo está próximo. Assim como andar em Cristo levará à completa salvação e a uma recompensa, os pecados dos ímpios levarão ao castigo final.

2.17,18 — Ao contrário do que os acusadores de Paulo estavam declarando, o apóstolo desejava ansiosamente voltar a ver os cristãos tessalonicenses. Mas, entre outras coisas, provavelmente a fiança que Jasom havia pagado por ele (At 17.9) o *impedi*u (Dn 10.13). Se Paulo voltasse e houvesse um tumulto, a fiança de Jasom teria sido confiscada (At 17.1-9). O significado literal de *sendo privados* é ficar sem alguém especial, como no caso de um pai separado de um filho (1 Ts 2.7; 2.11). Paulo estava com o coração partido por ser tirado do meio deles, especialmente quando eles estavam começando a andar em Cristo. As muitas expressões de afeto nesta carta mostram a preocupação genuína que Paulo tinha com esses novos convertidos.

2.19,20 — A despeito da perseguição e da oposição satânica, Paulo enxergava além das provocações do presente (2 Co 4.16-18). Ele via a alegria de estar *diante de nosso Senhor Jesus Cristo* e com os novos cristãos que haviam encontrado o Senhor por meio dele. Os tessalonicenses seriam a *coroa* (o laurel concedido ao vencedor de competições esportivas gregas) de Paulo porque provariam a genuinidade de sua obra em Cristo.

3.1 — Quando forçados a deixarem Tessalônica, Paulo e Silas foram para a Beréia, a cidade vizinha ao oeste de Tessalônica. Os judeus em Tessalônica que se opunham ao apóstolo, ao ficarem sabendo que ele estava em Beréia, foram para lá também e incitaram uma oposição. Os amigos de Paulo, então, escoltaram-no pelo sul até *Atenas* (At 17.13-15). Lá, o apóstolo mandou recado para que Silas e Timóteo se juntassem a ele. Mas antes de eles chegarem, Paulo partiu para Corinto, uma curta distância ao oeste de Atenas.

3.2 — Uma vez que não podia ir para Tessalônica, Paulo enviou Timóteo em seu lugar. Ao que parece, Silas voltou para Filipos, a primeira parada deles na Macedônia. O apóstolo enviou Timóteo para fortalecer a Igreja em Tessalônica e para *confortar* e *exortar* a fé dos novos converti-

dos. Os tessalonicenses, agora que eram salvos, precisavam ser edificados na fé e fortalecidos contra a constante oposição. Uma vez que Timóteo era jovem e não tinha a mesma maturidade que Paulo, uma palavra especial de recomendação foi expressa a ele como *irmão* em Cristo e, o mais importante, como *ministro de Deus* e *cooperador no evangelho*. Paulo mostrou que confiava plenamente em Timóteo ao enviá-lo não somente aos tessalonicenses, mas, mais tarde, aos coríntios (1 Co 16.10,11) e aos filipenses (Fp 2.19-23).

3.3,4 — Dificuldades eram previstas na vida cristã, e Paulo alertou a congregação a respeito de suas *tribulações*. As Escrituras ensinam que aqueles que levam uma vida piedosa devem esperar a perseguição (2 Tm 3.12). Na verdade, Cristo advertiu Seus discípulos dizendo que eles receberiam o mesmo tipo de rejeição que ele recebeu (Jo 15.18-21). Sofrer por causa da perseguição não deveria levar os cristãos a ficar abatidos. Em vez disso, eles deveriam alegrar-se por terem sido considerados dignos de compartilhar os sofrimentos de Cristo (Mt 5.10-12).

3.5-8 — *O nosso trabalho viesse a ser inútil*. A preocupação de Paulo era que os tessalonicenses pudessem sucumbir à tentação de Satanás e abandonar a fé cristã. *Se estais firmes no Senhor*. A alegria de Paulo estava baseada na fidelidade dos tessalonicenses a Cristo.

3.6 — *Vindo, porém, agora, Timóteo de vós*. O sentido do original aqui é que Timóteo havia acabado de chegar com as notícias quando Paulo se sentou para escrever. Isso mostra claramente a ocasião e o objetivo da carta. Quando Timóteo chegou, suas notícias foram boas; tão boas, na verdade, que *trazendo-nos boas-novas* é a mesma expressão muitas vezes traduzida por “pregar o evangelho”. Paulo alegrava-se por ouvir a respeito da fé e do amor desses novos cristãos. O apóstolo queria muito ver os tessalonicenses e estava contente por saber que esses irmãos nutriam o mesmo desejo a respeito dele.

3.7,8 — *Por esta razão, irmãos, ficamos consolados* (gr. *parakaleō*) *acerca de vós*. Essa é novamente a palavra que significa ajuda, incentivo. Outra tradução possível seria: “fomos *encorajados* acerca

de vós". O incentivo era muito necessário. O próprio Paulo estava em *aflição e necessidade*. Essas duas palavras são fortes. A primeira (gr. *anankē*) está relacionada à palavra da qual deriva *ansiedade*, enquanto a segunda (gr. *thlipsis*) significa *pressão*, e é a palavra muitas vezes traduzida no Novo Testamento por *tribulação*. O que deu ao apóstolo o incentivo necessário foi a fé desses convertidos.

3.9 — Paulo fez da oração uma prioridade. Em suas orações, ele não se esqueceu de agradecer a Deus pelo que o Senhor estava fazendo. Os cristãos devem seguir o exemplo desse apóstolo ao oferecerem louvor e ação de graças com suas petições.

3.10 — O desejo de Paulo de ver os tessalonicenses não tinha como objetivo principal satisfazer seu ego, mas *suprir* (NVI), ou completar, a fé deles. Sempre há oportunidade de aperfeiçoamento. A resistência dos tessalonicenses sob perseguição demonstrava o crescimento de sua fé, mas Paulo queria que eles amadurecessem nela.



EM FOCO

VINDA (GR. *PAROUSIA*)

(1 Ts 3.13; 4.15; 5.23; 2 Ts 2.1, 8; 2 Pe 1.16)

O significado literal da palavra grega *parousia* é presença. A palavra era normalmente usada na época do Novo Testamento para descrever a visita de um rei ou de outra pessoa importante. Portanto, a palavra não indica uma vinda comum. Os escritores do Novo Testamento também usam a palavra para descrever a segunda vinda de Cristo, quando ele voltará à terra como o Rei sobre todas as coisas.

3.11-13 — Cristo disse aos Seus discípulos que Seus seguidores seriam identificados pelo amor de uns para com os outros (Jo 13.35). Aqui, Paulo ora para que os tessalonicenses amassem uns aos outros cada vez mais. Finalmente, o apóstolo expressa seu desejo de que eles, em seu *coração*, fossem *irrepreensíveis em santidade*, não simplesmente diante das pessoas, mas diante de Deus. A palavra *santos* pode referir-se aos salvos e aos santos anjos. Os anjos participarão da segunda vinda (1 Ts 4.16; Jd 14; Ap 19.14).

4.1,2 — O termo *finalmente* não significa que Paulo estivesse chegando a uma conclusão, mas

serve como uma transição para a principal seção da carta, que trata da doutrina e de sua aplicação à vida. Nos três primeiros capítulos, Paulo lidou com os leitores como uma *ama* que cuida carinhosamente de seus filhos (1 Ts 2.7). Agora, nesses dois últimos capítulos, ele os encoraja e exorta com a autoridade de um pai (1 Ts 4.1,2). Paulo normalmente usa o verbo *andar* como uma descrição da vida cristã (Rm 6.4; 2 Co 5.7; Gl 5.16; Cl 1.10; 2.6; 4.5). A vida cristã não somente começa com fé, mas continua como uma caminhada diária de fé. Assim como as pessoas dependem de seus membros para sustentá-las em cada passo, os cristãos caminham na dependência de Deus. Assim como a caminhada tem uma direção, a vida cristã também tem. Os cristãos não devem andar como gentios que não são salvos (Ef 4.17); pelo contrário, devem andar de maneira digna do chamado que receberam de Deus (Ef 4.1). João exorta os cristãos a andarem na luz, ou seja, na vontade revelada de Deus (1 Jo 1.7).

4.3-8 — Um grande problema para a Igreja primitiva era manter a pureza sexual (1 Co 5.1, 9-11). As religiões pagãs muitas vezes justificavam a *prostituição* como parte de seus ritos, e a cultura romana antiga tinha alguns limites sexuais. Em contrapartida, Paulo exortou contundentemente os tessalonicenses a não participarem de nenhuma atividade sexual fora do casamento. Ele os fez se lembrarem de que o corpo humano é templo de Deus e deve ser mantido santo (1 Co 6.18-20). Devemos honrar nosso corpo como algo criado por Deus e santificá-lo de acordo com sua finalidade santa. Os cristãos devem ter um desejo pessoal pela pureza sexual maior do que o desejo que o mundo tem por experiências sexuais. O envolvimento sexual fora do casamento desonra a Deus, ao cônjuge ou futuro cônjuge de uma pessoa e até ao próprio corpo dela. Há sempre um preço a ser pago, pois Deus muitas vezes permite que os cristãos colham aquilo que semeiam.

4.6-8 — *Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum*. Muitas palavras precisam ser explicadas aqui. Primeiro, o significado literal de *oprima* é passar dos limites, violar leis. Nesse contexto, é óbvio que significa violar esta lei



EM FOCO

SANTIFICAÇÃO (GR. HAGIASMOS)

(1 Ts 4.3,4,7; Rm 6.19,22; 1 Co 1.30; 2 Ts 2.13; Hb 12.14)

O termo grego usado para *santificar* significa separar para uso especial de Deus, distinguir daquilo que é comum — consequentemente, tornar-se semelhante a Deus, que se distingue de todas as demais coisas e, portanto, é santo. A palavra grega usada para *santificar* refere-se a um processo que é perfeito em princípio, embora não tenha ainda sido realizado.

Ainda que não sejamos completamente santos, é exatamente assim que Deus nos considera. Hebreus 10.10, onde a palavra *santificados* está em um tempo que indica o resultado presente de uma ação do passado, mostra isso. Portanto, Cristo nos santificou por meio de Seu único sacrifício, uma *santificação instantânea*, e continua santificando-nos durante nossa caminhada cristã, uma *santificação progressiva*. Cristo, por meio de Seu sacrifício na cruz, santificou-nos e agora, por intermédio de Seu Espírito, continua operando em nós essa santificação. A santificação foi feita de uma vez por todas, mas seu efeito ainda continua atuando nos que *estão sendo santificados* (Hebreus 10.14 NVI).

moral. Segundo, se violar essa lei moral, o indivíduo irá, por causa desse fato, enganar (gr. *pleonekteō*) seu irmão. Essa palavra denota a ação de roubar ou trair alguém por causa de ganância.

Em negócio algum. Uma análise profunda do texto original do Novo Testamento permite-nos ver somente um significado aqui. Não é apenas algum negócio que está em questão, mas, especificamente, esse negócio que foi mencionado: a atividade sexual imoral. O texto dá o sentido de que, quando um homem não vive com sua esposa como ele deveria, mas, em vez disso, comete adultério, ele deve saber que violou a Lei e defraudou seu irmão nisso, merecendo a vingança de Deus.

Para mostrar a seriedade desse pecado, Paulo faz alusão ao Salmo 94.1, no qual Deus é chamado de *Deus, a quem a vingança pertence*. Observe que, de acordo com o versículo 7, este tipo de conduta é o oposto de *santificação* e é chamado de *imundícia*. Ser santificado segundo a vontade de Deus deverá significar ser puro ou limpo também nessa questão. Rejeitar a *santificação* é rejeitar Deus e o ministério do Espírito Santo dentro de nós.

4.9,10 — Os cristãos tessalonicenses já tinham um bom histórico de que amavam uns aos outros, mas, pela vontade de Paulo, esse amor deveria *progredir cada vez mais*. Esse era o mandamento de Jesus (Jo 13.34,35; 15.12,17) e é uma base importante para o evangelismo. Em um mundo cheio de indivíduos que só pensam em si mesmos, o amor genuíno dos cristãos deve atrair outros à fé.

4.11,12 — Resumindo suas instruções anteriores, Paulo exortou os cristãos tessalonicenses a procurarem *viver quietos*, não se referindo a uma falta de atividade, mas, em vez disso, a uma tranquilidade interior e paz condizentes com a fé cristã (2 Ts 3.12; 1 Tm 2.11). Eles não deveriam ocupar-se com a vida dos outros, mas deveriam *tratar dos seus próprios negócios*. Normalmente as pessoas que se ocupam com assuntos de outras pessoas não cuidam bem daquilo que diz respeito a elas. A casa de um cristão deve estar em ordem como testemunho para os outros. Paulo também exortou os tessalonicenses a *trabalhar* com as *próprias mãos* como ele havia feito entre eles (1 Ts 2.9). É possível que por causa de seu entusiasmo com a volta do Senhor, alguns tessalonicenses tivessem ficado ociosos. É possível também que tivessem sido influenciados pela aversão geral dos gregos pelo trabalho físico. Mas Paulo admoestou os cristãos a serem trabalhadores dedicados e produtivos para que pudessem honrar o nome de Cristo. Os cristãos devem trabalhar com dedicação e ser produtivos. Não trabalhar com afinco é um testemunho negativo para o mundo. Isso também gera uma dependência prejudicial de outros cristãos. Paulo deu um bom exemplo em seu trabalho como construtor de tendas.

4.13 — *Já dormem*. Uma metáfora para a morte. Embora Paulo tivesse ensinado aos tessalonicenses acerca da volta de Cristo enquanto estava com eles, parece que Timóteo havia se deparado

com outras perguntas sobre o assunto, possivelmente levantadas por causa da morte de alguns dos novos convertidos. Em resposta a essas perguntas, o apóstolo afirmou que queria que eles fossem informados e também fossem confortados com a esperança de ver novamente seus entes queridos. Essa era uma esperança que os vizinhos pagãos dos tessalonicenses não tinham.

4.14 — Esta *esperança* (v. 13) para os cristãos mortos era tão certa quanto o fato da morte e o da ressurreição de Cristo. Paulo diz que *aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele*. A partir dessa afirmação, alguns deduzem que os cristãos que já morreram ficam inconscientes até

a segunda vinda. Mas a Bíblia mostra que estarmos ausentes de nosso corpo presente é estarmos presentes com o Senhor Jesus (1 Ts 5.10; 2 Co 5.8; Fp 1.23). Consequentemente, quando um cristão morre, é o corpo que dorme; a alma vai para o céu. Portanto, quando Cristo voltar, Ele precisará trazer com ele do céu para a terra a alma dos cristãos que morreram, confirmando que eles estavam antes na presença de Deus. Essa volta de Cristo também é física e corporal, embora Cristo esteja presente por toda a parte em Sua divindade (Mt 28.20) e habite no cristão (Jo 14.23). A vinda física de Cristo do céu para a terra a fim de receber os cristãos será um evento apoteótico.



APROFUNDE-SE

IMORALIDADE SEXUAL

Embora os tessalonicenses estivessem vivendo em uma cultura sobrecarregada com apelos sexuais, o apóstolo Paulo apelou para que eles se abstivessem da prostituição (1 Ts 4.3). De acordo com a Bíblia, o que é exatamente prostituição? Segue um breve resumo.

O que é prostituição?

A palavra grega usada por Paulo é o termo de onde vem a palavra *pornografia* (1 Ts 4.3). É um termo amplo que inclui qualquer atividade sexual ilícita.

Quais são as atividades sexuais que as Escrituras proíbem?

- A concupiscência pode ser um desejo ardente de possuir alguma coisa. Mas, em contextos sexuais, é definida como o desejo pecaminoso de sexo ilícito. A concupiscência é proibida pelas Escrituras porque dá origem ao pecado, que leva à morte (1 Ts 4.5; Mt 5.28; Rm 13.13; Tg 1.14,15; 1 Pe 4.3).
- Adultério é o sexo extraconjugal. É estritamente condenado nas Escrituras. A seriedade desse pecado é ilustrada pelo fato de ele estar incluído nos Dez Mandamentos (Êx 20.14) e justificar a pena de morte sob a Lei do Antigo Testamento (Lv 20.10). O livro de Provérbios afirma que ele destrói a alma de quem tem essa culpa (Pv 6.32).
- O incesto, relação sexual com um parente próximo e não com o cônjuge, é proibido e, segundo a Bíblia, merece a pena de morte (Lv 18.6-18; 20.11,12,17; Dt 27.20,22,23).
- O homossexualismo, relação sexual com uma pessoa do mesmo sexo, é categoricamente condenado em várias passagens do Antigo e do Novo Testamentos (Lv 18.22; 20.13; Rm 1.26,27; 1 Co 6.9; 1 Tm 1.10).
- Bestialismo é a relação sexual com um animal. Esse desvio do comportamento sexual é ilícito na Bíblia. Era punido com a morte na antiga nação de Israel (Êx 22.19; Lv 18.23; 20.15,16; Dt 27.21).

A Bíblia tem uma visão puritana do sexo?

Não. O sexo dentro do casamento é visto como uma boa dádiva de Deus a ser desfrutada e celebrada pelo marido e pela esposa (Pv 5.15-20; Hb 13.4).

Como os cristãos permanecem puros em um mundo impuro?

- Quando vivem com cuidado de acordo com a Palavra de Deus (Sl 119.9) e a guardam no coração (Sl 119.11).
- Quando fazem a escolha consciente de não cobiçar (Jó 31.1).
- Quando andam sob o controle do Espírito Santo (Gl 5.16-25).
- Quando fogem das tentações sexuais e seguem a justiça (2 Tm 2.22).

4.15 — Paulo acreditava que Cristo pudesse vir enquanto ele ainda estivesse vivo, e os tessalonicenses também (1 Ts 1.10).

Precederemos os que dormem. É óbvio que a preocupação dos tessalonicenses era que os cristãos que haviam morrido deixassem de ver a glória associada à volta de Cristo para a Igreja. Paulo responde à pergunta deles ao afirmar que, na verdade, aqueles que estavam mortos iriam antes (v. 16) dos que vivem na terra.

4.16 — Acompanhando a descida de Cristo do céu estará a voz de um arcanjo, talvez Miguel, que é descrito como o líder do exército de Deus (Dn 10.13,21; Jd 9; Ap 12.7-9). O outro anjo mencionado nas Escrituras é Gabriel, que recebe um papel importante como mensageiro de Deus (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19,26). A voz do arcanjo será de triunfo por causa da grande vitória na volta de Cristo, chegando ao clímax de milhares de anos de conflito espiritual com Satanás. O último sinal será a trombeta de Deus. Os três elementos que consistem no *alarido* do próprio Senhor, na voz de um arcanjo e na *trombeta* de Deus talvez sejam eventos distintos ocorrendo em rápida sequência. A Ressurreição é uma doutrina central da fé cristã, incluindo a ressurreição de Cristo e, por fim, a ressurreição de todas as pessoas. A resposta à pergunta sobre como os mortos podem ressuscitar quando o corpo deles estiver totalmente deteriorado não é um problema para o Deus sobrenatural que criou o mundo e tudo o que nele há. Evidentemente, a ressurreição trará uma nova realidade à existência humana glorificada, como confirma 1 Coríntios 15.51-53. O corpo ressurreto dos cristãos será semelhante ao de Cristo ressurreto (1 Jo 3.2), incorruptível e imortal (Lc 24.39,40; Jo 20.20,25,27). Todos poderão ser reconhecidos, como foi Cristo.

4.17 — Os cristãos vivos serão *arrebataados* com os outros cristãos nas nuvens para se encontrarem com o Senhor nos ares. É provável que *nas nuvens* se refira às nuvens atmosféricas, que também estarão presentes na segunda vinda (Ap 1.7), ou talvez às multidões ressurretas que são mencionadas como uma nuvem (Hb 12.1). Na Bíblia, o Senhor muitas vezes é acompanhado de nuvens,

manifestando Sua glória (Sl 68.4; 97.2). O resultado importante é que *estaremos sempre com o Senhor.*

4.18 — A maravilhosa verdade descrita nos versículos 13 a 17 deve ser um consolo para os tessalonicenses e para todos os cristãos. Eles se enganaram ao pensar que somente aqueles que estivessem vivos no momento da volta de Cristo testemunhariam a glória desse retorno triunfal e participariam dela. O fato é que os cristãos que morreram ressuscitarão primeiro e, assim, irão ao encontro de Cristo nos céus antes dos vivos. Observe que Paulo espera uma resposta prática e imediata para esse grande ensino doutrinário acerca da segunda vinda. Os tessalonicenses deveriam lembrar uns aos outros dessa verdade como uma fonte de consolo diante da morte. A frase está no presente, indicando que pensar a cada dia que o Senhor pode voltar a qualquer momento deveria ser um constante consolo para nós.

5.1 — Mas [...] *acerca.* Essa expressão caracteristicamente introduz um tópico diferente. Da discussão acerca do Arrebatamento, o apóstolo passa para o tema do dia do Senhor. *Dos tempos e das estações.* Isso nos lembra da mesma expressão usada por nosso Senhor em Atos 1.7. É provável que *tempos* enfatize quantidade, duração ou medida, enquanto *estações* chame a atenção para a qualidade, o caráter ou a natureza crítica dos tempos.

Não necessitais de que se vos escreva. Nos versículos anteriores (v. 13-18), Paulo falou sobre a ignorância; agora ele fala sobre o conhecimento. Ele não os está informando tanto quanto os está exortando para que vivam à luz do que já sabem.

5.2-11 — Nesses versículos, Paulo desenvolve o tema do dia do Senhor. Essa expressão era familiar para aqueles que conheciam as Escrituras em hebraico. Duas fases caracterizavam o dia do Senhor no Antigo Testamento: o juízo de Deus contra os pecadores e o Reino eterno de Deus sobre Seu povo. O juízo de Deus será um momento de trevas e uma expressão da ira divina (Jl 2.1,2; Am 5.18-20; Sf 1.14-16). Seu reinado será um



APROFUNDE-SE

DESCRIÇÕES DO FIM DOS TEMPOS

A voz de arcanjo e a trombeta de Deus (1 Ts 4.16) enfatizam a autoridade divina que está por trás da descrição de Paulo acerca da volta de Jesus. As imagens e ilustrações que o apóstolo usa para o fim dos tempos se sobrepõem àquelas dos outros judeus de sua época, embora ele omita grande parte dos elementos encontrados em descrições judaicas contemporâneas. O que Paulo descreve corresponde especialmente à descrição de Jesus a respeito do fim dos tempos (trombeta, nuvens, anjos, tempos e estações, súbita destruição).

Os leitores judeus familiarizados com o Antigo Testamento reconheciam a importância das trombetas para reunir a assembleia, às vezes, para a batalha. Os leitores gentios provavelmente sabiam que os romanos usavam trombetas para reunir tropas ou enviar sinais na batalha. A tradição judaica mais relevante, como a que era enfatizada em uma oração diária na sinagoga, descrevia a reunião de Israel no fim dos tempos como algo acompanhado pelo som de uma trombeta.

O anjo mais elevado, segundo a tradição judaica, era Miguel (Dn 10.13), que também era o protetor especial de Israel. Cada nação tinha um anjo, mas Miguel era, sobretudo, poderoso, como o guardião do povo escolhido de Deus. As tradições judaicas, às vezes, dão destaque especial a Miguel na batalha final, embora, para Paulo, o próprio Jesus cumpra essa função (1 Ts 4.16).

O *alarido*, com a trombeta, pode descrever o grito de guerra dado por um comandante. Algumas vezes, o Antigo Testamento descreve Deus como um guerreiro, mencionando ocasionalmente Seu grito de guerra (Is 42.13).

É provável que o ensino de Jesus a respeito do fim dos tempos (Mt 24) seja o pano de fundo para o próprio ensino de Paulo, que, segundo o apóstolo, era pela *palavra do Senhor* (1 Ts 4.15). Enquanto descrevia o Filho do Homem prometido, Jesus aplicava a si mesmo várias descrições do fim dos tempos que o Antigo Testamento e o judaísmo normalmente reservavam somente para Deus (Mt 24.30,31). De igual modo, Paulo aplica essas mesmas descrições ao Cristo esperado.

momento de bênção (Is 2.1-3; 11.1-9; 30.23-26; Zc 14.1,7-11,20,21; Mt 19.28; At 3.19-21).

5.2 — Em contraste com a certeza do parágrafo anterior acerca da volta de Cristo, Paulo agora trata da incerteza do momento do *Dia do Senhor* que há de vir. Esse período é o tema de consideráveis profecias do Antigo Testamento (Is 13.9-11; Jl 2.28-32; Sf 1.14-18; 3.14,15). O livro de Joel como um todo é uma exposição do dia do Senhor, descrevendo-o como um momento terrível de juízo. No Antigo Testamento, a expressão *o Dia do Senhor* é usada para se referir a qualquer período em que Deus intervém para julgar a terra. Houve *dias do Senhor* prenunciados no Antigo Testamento que já se cumpriram (Am 5.18). Aqui Paulo usa a expressão para se referir à volta de Cristo e ao juízo iminente.

O ladrão de noite. O dia do Senhor virá quando ninguém o esperar. O dia do Senhor como um período de tempo começa antes que aconteçam os eventos do dia do Senhor, como ilustra um dia comum começando à meia-noite com poucos eventos sinalizando o começo do novo dia. Mas

quando a luz do dia chega e os eventos começam a acontecer, é claro que o dia do Senhor vem. Assim será o fim dos tempos.

Quando ocorrer o Arrebatamento, é provável que não haja eventos imediatos de abalar a terra, mas, no devido tempo, acontecerão eventos sérios que deixarão claro que o dia do Senhor começou. Esses eventos são mencionados em 2 Tessalonicenses 2 como a aparição do homem do pecado (v. 3) e a retirada daquele que detém o pecado (v. 7). Esses dois grandes eventos deixarão claro que o dia do Senhor já começou, ainda que todos os eventos não aconteçam ao mesmo tempo.

5.3 — *Quando disserem.* Paulo não se inclui nem inclui seus leitores no sujeito oculto (eles). É evidente que ele está referindo-se aos incrédulos. O mundo estará absorto nas preocupações desta vida e será levado a ter uma falsa sensação de segurança e proteção. *Paz* dá a ideia de não ter a sensação de alarme, e *segurança* expressa uma ideia de estar protegido de ameaças externas de Deus ou de pessoas. O mundo não terá dado ouvidos às repetidas advertências acerca do iminente

juízo. Paulo usa a imagem das *dores de parto* para enfatizar o caráter súbito do dia do Senhor. A primeira contração de uma mulher vem de forma súbita e inesperada.

5.4,5 — *Mas vós, irmãos.* Embora o dia do Senhor surpreenda os não salvos de uma forma inesperada, ele não surpreenderá os cristãos, porque eles estarão ansiosos e esperando esse dia. Em seu estilo característico, Paulo primeiro discute as crenças dos leitores (v. 1-5) e depois o comportamento deles (v. 6-11). O fato de que Cristo poderia vir a qualquer momento deveria motivar os incrédulos a aceitarem Seu perdão e os cristãos a viverem diariamente para Ele.

5.6,7 — Uma vez que estão a par dos eventos futuros, os cristãos não deveriam estar espiritualmente adormecidos, mas deveriam vigiar e estar sóbrios. Embora todo cristão esteja preparado para ir para o céu no sentido de ter sido salvo, nem todo cristão está preparado a qualquer momento para apresentar a qualidade de sua vida espiritual a Deus. Consequentemente, esse é um chamado para que enfrentemos o fato de que nossa vida será julgada por Cristo (Rm 14.10,11; 1 Co 3.11-15; 9.24-27; 2 Co 5.10).

5.8 — Em contraste ao que os incrédulos fazem, os cristãos deveriam ser *sóbrios*, levando uma vida disciplinada, não somente livre de embriaguez, mas atenta para as realidades espirituais. O cristão deve vestir a *couroça da fé*. Aqui, mais uma vez, está presente a conhecida tríade de fé, esperan-

ça e caridade, os elementos básicos de uma vida cristã. Em contraste com a incredulidade do mundo, com seu amor egoísta e seu apego à riqueza material (1 Ts 1.3), os cristãos devem depositar sua fé em Deus e dar seu amor a Deus e aos outros. Além de mostrar fé e amor, os cristãos devem adotar a *esperança da salvação* e viver à luz da volta do Senhor.

5.9,10 — Paulo afirma que *Deus não nos destina* (a nós, cristãos) *para a ira* (1 Ts 1.10). Haverá ira no dia do Senhor, mas será a ira de Deus contra o mundo incrédulo que desprezou Cristo e zombou dele (Ap 6.12-17). Quando pensamos em juízo divino, devemos dar graças a Cristo por Ele ter nos salvado desse horrível destino ao morrer *por nós* (v. 10). Quer ainda estejamos vivos na volta de Cristo, quer tenhamos morrido e nosso corpo esteja no túmulo, é certo que viveremos *juntamente com ele* para sempre.

5.11 — Enquanto o Arrebatamento é uma esperança alentadora (1 Ts 4.18), o mesmo acontece com a perspectiva da volta do Senhor. Estar livre dos juízos do dia do Senhor deveria ser um constante incentivo. Trata-se também de uma doutrina que irá exortar, ou edificar um ao outro. Ensinar acerca de eventos futuros é algo idealizado por Deus para produzir resultados presentes em forma de vida piedosa (2 Pe 3.11). A verdade doutrinária não tem por objetivo apenas satisfazer nossa curiosidade, mas transformar nossa vida.



ENTENDENDO MELHOR

AJUDANDO OS NECESSITADOS

Paulo começa as últimas palavras de sua carta com quatro exortações contundentes (1 Ts 5.14). Os *desordeiros* — os preguiçosos, os indisciplinados, aqueles que procuram vida mansa — precisam levar uma sacudida. (Paulo fez isso mais tarde em 2 Ts 3.6-12). Aqueles que estão perdendo o ânimo precisam de incentivo. E todos precisam de paciência.

Mas a terceira diretriz de Paulo, *sustenteis os fracos*, tem a ver com as responsabilidades de uma pessoa para com os pobres. Toda vez que as Escrituras levantam essa questão, elas nos desafiam a compartilhar, pelo menos, parte de nossa riqueza material com pessoas que estão em terrível necessidade. É a única resposta digna de Cristo e que se espera dos cristãos.

Na verdade, Cristo serve como o modelo supremo de compaixão. Ele até arriscou Sua reputação quando foi até os oprimidos e desamparados, os párias e publicanos para pregar o evangelho.

Paulo quase não precisou desafiar os cristãos tessalonicenses a serem generosos. Ele sabia por experiência que, ainda que vivessem na total pobreza, eles estavam dispostos a dar *acima do seu poder* (2 Co 8.3) para ajudar outras pessoas necessitadas.

5.12-19 — Paulo passa de sua apresentação do ensino profético para a admoestação prática. O importante é que ele tem em mente dois públicos diferentes ao dar suas instruções. Os *irmãos* do versículo 12 são toda a comunidade de cristãos em Tessalônica. Eles devem honrar seus líderes e viver em paz uns com os outros. Os *irmãos* que aparecem na segunda vez são os líderes da congregação. Eles têm várias responsabilidades para com o povo, a fim de assegurar o crescimento espiritual dos cristãos e manter a ordem na igreja. A liderança da igreja pode levar o rebanho a glorificar a Cristo e crescer espiritualmente ou pode destruir a eficiência do povo de Deus. Nem todas as divisões e dificuldades que a Igreja enfrenta hoje são causadas por falsos mestres que se infiltram nela ou por membros contenciosos da igreja. Às vezes, a liderança não está seguindo as orientações do Espírito Santo ou dando ouvidos à admoestação dos apóstolos acerca do modo de conduzir o povo de Deus (1 Pe 5.2,3).

5.12,13 — De um modo significativo, Paulo combina profecia com ensinamentos práticos para a vida cristã. A intenção de Deus nunca foi que a profecia fosse uma área para debate acadêmico, mas uma verdade que daria aos cristãos esperança e direção na vida. Nos versículos 12 a 22, Paulo descreve as características de uma pessoa que está vivendo à luz da volta iminente de Cristo.

Reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós. Uma vez que todos os que estavam na igreja tessalônica eram novos convertidos, talvez alguns tenham tido dificuldade para reconhecer a liderança de outros. Paulo ensina aos tessalônicos submissão, em vez de individualismo e rejeição à autoridade (Ef 5.21). Ele enfatiza que a autoridade dos líderes vinha do Senhor. Paulo admoesta os cristãos a reconhecerem aqueles líderes congregacionais e a submetem-se a eles. Eles deveriam tê-los na mais alta estima por causa do trabalho importante que estavam fazendo. Ao mesmo tempo, os cristãos deveriam trabalhar juntos a fim de manter a paz. Observe os pronomes plurais; os tessalônicos seguiam o modelo da igreja de Jerusalém e das

igrejas do Novo Testamento ao terem mais de uma pessoa na liderança (At 6.1-7).

5.14 — Os tessalônicos tinham de enfrentar o fato de que alguns deles não estavam vivendo como os cristãos deveriam viver, mas eram *desordeiros*. Eles precisavam ser advertidos de seu comportamento. Alguns tinham *pouco ânimo* e precisavam de consolo. A congregação também deveria sustentar *os fracos* e ser paciente para com *todos*, reconhecendo que todos os cristãos têm falhas. Para serem mais eficientes no sentido de promover a mudança positiva na vida das pessoas, os cristãos deveriam responder a elas de acordo com as necessidades específicas de cada uma.

5.15 — *Vede que ninguém dê a outrem mal por mal.* A tentativa do cristão de vingar-se é uma negação do amor cristão básico (Rm 12.17; 1 Pe 3.9) e vai contra o ensino de Jesus (Mt 5.38-42; 18.21-35).

5.16 — Apesar das circunstâncias difíceis (1 Ts 3.2,3), o cristão *sempre* tem razões para se alegrar. O Senhor é soberano e cumprirá Seu



EM FOCO

ESPÍRITO (GR. *PNEUMA*)

(1 Ts 5.23; Lc 8.55; 1 Co 5.5)

Alma (gr. *psuch*)

(1 Ts 5.23; Ef 6.6; Fp 1.27)

Corpo (gr. *sôma*)

(1 Ts 5.23; Mt 6.22; Hb 4.12)

1 Tessalonicenses 5.23 é a única passagem no Novo Testamento em que a natureza tricotômica (corpo, alma e espírito) do homem é mencionada. Contudo, nessa passagem, as três instâncias do ser constituem uma pessoa em sua totalidade. O *espírito* capacita-nos a entrar em contato com o Espírito de Deus. É essa parte de nosso ser que o Espírito desperta na regeneração (Jo 3.6; Rm 8.16). A palavra grega *psuch* traduzida por *alma* significa vida. Os escritores do Novo Testamento usam essa palavra para se referirem à personalidade ou essência interna e viva de uma pessoa (com suas faculdades: pensar, sentir, desejar).

Finalmente, os escritores do Novo Testamento identificam o *corpo* humano como templo do Espírito. E, como mostra esse versículo, Deus opera de dentro para fora, santificando todo o nosso ser (espírito, alma e corpo), para que possamos viver com Ele para sempre.

propósito. A alegria cristã não está baseada em circunstâncias, mas em um conhecimento de Deus e no futuro garantido de vida eterna com Cristo (Ap 21.1-7).

5.17 — Paulo exorta os tessalonicenses a manterem uma vida de oração fiel como a dele (1 Ts 1.2,3; 2.13; Rm 1.9,10; Ef 6.18; Cl 1.3; 2 Tm 1.3). Orar *sem cessar* não significa orar constantemente, mas ser persistente e constante na oração.

5.18 — A gratidão deveria ser uma característica da vida cristã em todas as circunstâncias; não é dar graças *por tudo*, mas *em tudo*. Paulo enfaticamente afirma que *esta é a vontade de Deus*. Um exemplo disso, no Antigo Testamento, foi quando Jó perdeu seu dinheiro, seus filhos e sua saúde. Ele bendisse o nome de Deus, a despeito de suas tragédias pessoais, e não por causa delas. Nada revela de forma mais poderosa uma caminhada com Deus do que a contínua gratidão.

5.19,20 — *Não extingais o Espírito*. Ou seja, não resistir à Sua influência, como tentar abafar o fogo. Uma das regras fundamentais da caminhada com Deus é que jamais devemos dizer não ao Espírito de Deus.

5.21,22 — É difícil determinar o valor eterno de muita coisa em nosso mundo moderno. A Bíblia ordena que os cristãos examinem *tudo*. Para isso é preciso tempo e um sistema de valores. Aquilo que passa no teste deve ser mantido. Os versículos 12 a 22 oferecem inúmeras características de uma pessoa que está vivendo à luz da iminente volta de Cristo.

5.23 — A oração de Paulo pelos tessalonicenses é que eles possam ser santificados em todas as instâncias de seu ser, *espírito, e alma, e corpo*. Cada uma deve dar evidências de que ele está separado como uma pessoa santa para Deus. Como resultado, os cristãos serão *irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*. Os cristãos já são santos no sentido de que foram separados para Deus. Paulo exorta os tessalonicenses a expressarem santidade nesta vida para que o Senhor aprove a conduta deles em Sua volta. *Irrepreensíveis* significa livres de motivos para repreensão e arrependimento.

5.24 — O cristão sabe que sozinho não pode realizar a obra de santificação. Mas, enquanto segue na caminhada cristã, ele pode ter certeza de que Deus é *fiel* e que *fará* essa obra em Sua vida.

5.25 — *Orai por nós*. Paulo era fiel na oração pelos tessalonicenses, mas também reconhecia a necessidade e importância das orações desses irmãos em favor dele.

5.26 — Era costume saudar um ao outro *com ósculo santo*, algo como nosso aperto de mão moderno. Talvez tivesse mais importância do que um simples aperto de mão, significando reconciliação espiritual.

5.27 — *Esta epístola* não era uma carta particular. Era destinada a todos os cristãos em Tessalônica — e a nós.

5.28 — A maior bênção que Paulo poderia expressar era que a *graça* de Jesus Cristo estivesse com eles. Os cristãos são salvos pela graça e vivem pela graça, desfrutando da bênção imerecida que vem das mãos de seu Deus amoroso.



EM FOCO

EPÍSTOLA (GR. EPISTOL)

(1 Ts 5.27; 2 Co 3.1-3; 2 Ts 2.2, 15; 2 Pe 3.1, 16)

Essa palavra grega chegou ao português como *epístola*. Significa uma carta escrita (como At 15.23-29; 23.26-30) ou um tratado formal (como em Rm 16.22). Às vezes, as cartas de recomendação eram enviadas com os emissários para confirmar suas credenciais entre aqueles que eles estavam visitando. Em 2 Coríntios, Paulo chamou os cristãos de Corinto de *suas epístolas*, suas cartas vivas de recomendação de Deus (2 Co 3.1-3). Aqui, Paulo exorta os tessalonicenses a lerem sua carta para toda a Igreja, a fim de que todos pudessem beneficiar-se dos ensinamentos dela.



A segunda carta aos

Tessalonicenses

INTRODUÇÃO

Um simples telefonema poderia ter resolvido alguns dos problemas encontrados pelos cristãos da Igreja primitiva. Mas é claro que não havia telefones no mundo antigo. Era necessário pessoalmente localizar Paulo e entregar-lhe uma carta com perguntas. O apóstolo então tinha de ditar sua resposta e mandar alguém devolver em mãos a carta. Por causa das distâncias e dos meios de transporte lentos, este processo levava semanas ou até meses. O tempo para intervir em alguma situação muitas vezes permitia que falsas crenças se disseminassem e criassem raízes nas congregações novas. A segunda epístola aos Tessalonicenses é um exemplo dessa situação. Paulo teve de escrever essa carta para corrigir falsas ideias sobre a segunda vinda de Cristo que haviam surgido naquela igreja.

Paulo enfrentou uma oposição tão séria quando pregou o evangelho pela

primeira vez em Tessalônica (At 17.1-9) que foi obrigado a fugir à noite para Beréia. Suas viagens logo o trouxeram para Corinto. Daquela cidade, ele enviou Timóteo de volta a Tessalônica para averiguar a situação da igreja ali. Timóteo voltou com um relato animador: os cristãos tessalonicenses eram perseverantes, a despeito da perseguição. Não somente isso, mas o testemunho acerca da firmeza da fé desses novos cristãos espalhava-se por toda a Macedônia (1 Ts 1.8). Paulo escreveu uma carta para incentivar a jovem igreja e responder a algumas perguntas que certos irmãos haviam enviado por meio de Timóteo. Paulo escreveu 2 Tessalonicenses logo depois de corrigir alguns mal-entendidos sobre os finais dos tempos e rebater falsos ensinamentos que haviam se infiltrado na igreja.

Desde que havia escrito 1 Tessalonicenses, chegavam a Paulo relatos

acerca do contínuo avanço da igreja tessalônica, indicando a fidelidade desses irmãos ao evangelho. No entanto, também surgiram problemas doutrinários. Falsos mestres haviam começado a dizer aos cristãos em Tessalônica que o Dia do Senhor já estava perto. Esses mestres estavam usando de maneira errada e talvez até distorcendo o ensino de Paulo de que o Dia do Senhor viria repentinamente (1 Ts 5.2). É muito provável que, por causa disso, alguns dos cristãos tivessem deixado de trabalhar e estivessem simplesmente esperando o Senhor regressar. A perseguição cada vez maior talvez também tenha ajudado a fomentar essas crenças radicais acerca da segunda vinda.

Em 2 Tessalonicenses, Paulo afirmou de forma enfática que nunca havia ensinado que o Dia do Senhor já havia chegado. Para combater a falsa doutrina, o apóstolo deu aos tessalonicenses uma boa dose da verdade, explicando-lhes que o *homem da iniquidade* surgiria, e o pecado prevaleceria durante o fim dos tempos. Além disso, fez que se lembrassem de que haviam sido chamados por Deus e salvos por meio da obra de Cristo. Diante desse fato, ele os exortou para que ficassem firmes em Cristo (2 Ts 2.13) e trabalhassem muito (2 Ts 3.12), sempre esperando com paciência a volta de Jesus.

Paulo identifica-se como o autor de 2 Tessalonicenses e até chama a atenção para sua escrita de próprio punho no final da carta (2 Ts 1.1; 3.17). Embora muitos dos primeiros pais da Igreja, entre eles Ireneu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, confirmem que essa carta foi escrita por Paulo, alguns estudiosos modernos questionam a autenticidade da carta. Alguns afirmam que 1 e 2 Tessalonicenses ensinam doutrinas contraditórias sobre a segunda vinda. Dizem que a primeira carta ensina uma volta iminente de Cristo, mas a segunda inclui um período intermediário de “iniquidade” antes da volta de Cristo. Uma análise mais detalhada da questão revela que as instruções das duas cartas acerca do fim dos tempos são complementares, não contraditórias. A primeira epístola aos Tessalonicenses enfatiza o caráter repentino da vinda do Senhor para aqueles que não estão preparados, enquanto 2 Tessalonicenses ressalta alguns dos eventos que irão ocorrer antes da volta de Jesus. Uma vez que Paulo escreveu 2 Tessalonicenses para corrigir um mal-entendido que surgiu a partir de sua primeira carta, a diferença entre as duas cartas é compreensível.

A segunda epístola aos Tessalonicenses foi escrita em Corinto logo depois de 1 Tessalonicenses ou por volta de 51 ou 52 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 2 TESSALONICENSES

Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — O concílio de Jerusalém

Ano 50-53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo

Ano 51 d.C. — A Igreja em Tessalônica é iniciada

Ano 51 d.C. — A primeira epístola aos Tessalonicenses é escrita

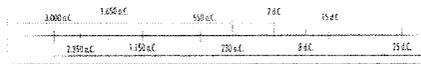
Ano 51—52 d.C. — A segunda epístola aos Tessalonicenses é escrita

Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo

Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados





ESBOÇO

- I. Incentivo à fé a despeito da perseguição — 1.1-12
- A. Saudação — 1.1,2
- B. Graças pela fé dos tessalonicenses — 1.3-5
- C. Certeza de que os perseguidores serão julgados — 1.6-10
- D. Oração pela glorificação dos tessalonicenses — 1.11,12
- II. Explicações acerca do Dia do Senhor — 2.1-17
- A. Correção do falso ensino de que o Dia do Senhor havia começado — 2.1,2
- B. Prova de que o dia do Senhor não havia começado — 2.3-12
- C. A obra de Deus nos cristãos e a resposta deles — 2.13-17
- III. Exortação à contínua fidelidade a Deus — 3.1-15
- A. Desejo de orar e servir continuamente a Deus — 3.1-5
- B. A ociosidade é condenada — 3.6-15
- IV. Bênção de graça e paz — 3.16-18

COMENTÁRIO

1.1 — Paulo, Silvano e Timóteo também foram os autores e editores de 1 Tessalonicenses. *Silvano* (termo latino para Silas) foi companheiro de viagem de Paulo desde o início da segunda viagem missionária. Participou da fundação da Igreja em Tessalônica (At 17.1-4). *Timóteo* também estava acompanhando Paulo em sua segunda viagem missionária. Seu relato acerca da igreja tessalonicense foi a razão de 1 Tessalonicenses ter sido escrito (1 Ts 3.6-8).

À igreja. A palavra grega *ekklesia* significa ajuntamento ou assembleia. Embora os tessalonicenses estivessem sofrendo perseguição, e falsos mestres estivessem se infiltrando entre eles, Paulo ainda se dirige a eles como uma assembleia em *Deus, nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo*. As circunstâncias conturbadas que eles estavam passando não mudavam sua posição diante de Deus.

1.2 — A saudação de Paulo é similar àquelas em outras cartas antigas (Gl 1.3; Cl 1.2; 1 Ts 1.2), mas sua expressão está cheia de significado espiritual. *Graça* é o favor imerecido que Deus concede aos cristãos por meio de Jesus Cristo. *Paz* refere-se ao fim da inimizade entre Deus e as pessoas. Os tessalonicenses podiam sentir paz com Deus mesmo durante a terrível perseguição.

1.3-12 — Paulo agradece a Deus pelo progresso dos cristãos tessalonicenses, especialmente por resistirem à perseguição (v. 3,4). Ele os incentiva

ao revelar como aqueles que são perseguidos agora serão glorificados na volta de Cristo (v. 5-10). O apóstolo ora para que continuem em santidade e, conseqüentemente, estejam prontos quando o Senhor vier (v. 11,12).

1.3 — A fidelidade da igreja tessalonicense na perseguição deu a Paulo razão para louvar a Deus. Satanás persegue os cristãos para desanimá-los e derrotá-los. Estes cristãos haviam sofrido perseguição, mas continuaram a crescer em Cristo, de acordo com a primeira oração do apóstolo em sua primeira carta dirigida a eles (1 Ts 3.10; 4.9,10). Aqui o apóstolo louva a Deus porque a fé dos tessalonicenses está crescendo *muitíssimo*. O crescimento deles vai além de todas as expectativas naturais. *Aumenta* descreve um crescimento expansivo similar ao aumento repentino das águas de uma enchente. A firmeza da fé dos tessalonicenses não somente os fortalecia para resistir a situações difíceis, mas também os motivava a expressar o amor genuíno pelos outros. A fé do cristão em Cristo deve sempre culminar no verdadeiro amor pelos outros (leia o mandamento de Cristo em Jo 13.34,35).

1.4 — A perseguição não somente prova a fé, mas a revela e a faz crescer. Fé contínua e perseverança durante as *perseguições* dão testemunho de Cristo, do qual Paulo estava se orgulhando para as outras igrejas.

1.5-10 — Paulo incentiva os tessalonicenses a perseverarem diante do juízo iminente na volta de Cristo. O artigo definido junto com o uso do



VOCE SABIA?

TERMINANDO BEM

Quando Paulo escreveu aos cristãos em Tessalônica, eles estavam em meio a um terrível sofrimento (2 Ts 1.4,5). Mas Paulo os incentivou para que olhassem além de suas aflições imediatas e vissem a volta de Cristo e a confirmação que receberiam de Jesus naquele momento (2 Ts 1.6,7). Seus inimigos, que, na verdade, eram inimigos do Senhor, seriam julgados e tratados (2 Ts 1.8,9). Em contrapartida, os tessalonicenses se juntariam ao seu Senhor com alegria e louvor (2 Ts 1.10). No próximo capítulo, Paulo continuou a expandir esse tema e seu impacto sobre as dificuldades dos tessalonicenses naquele momento (2 Ts 2.1-12).

Deus nos chama como Seu povo para que terminemos nossa vida bem, apegando-nos às verdades eternas (2 Ts 2.15). Ele nos desafia a sermos fiéis durante toda a nossa vida e a não nos deixarmos envolver totalmente com o aqui e o agora, seja bom ou ruim.

singular não deixa dúvida de que ele está se referindo a um evento no futuro em que o justo Juiz corrigirá as terríveis disparidades que existem agora.

1.5,6 — Embora os tessalonicenses estivessem resistindo à perseguição (At 17.5-9; 1 Ts 2.14), Paulo explica que os perseguidores deles receberiam o troco de Deus. O *justo juízo de Deus* requer que os injustos sejam castigados por perseguirem os justos (Sl 9; 10; 17; 137; Ap 6.9,10). Além disso, se souberem lidar com suas perseguições, os cristãos serão considerados dignos da grande recompensa no reino vindouro de Deus (Mt 5.12; 1 Pe 2.19,20). Os cristãos são chamados a resistir ao sofrimento neste mundo, pois receberão uma recompensa muito maior no mundo que há de vir (2 Tm 2.12).

1.7-9 — *Descanso* é estar livre da aflição que virá na volta de Cristo (Ap 6.11). A luta dos cristãos nesta terra necessariamente inclui tensão. Na vinda de Cristo, nós nos sentiremos livres dessa tensão para sempre, mesmo permanecendo ativos em Seu serviço. Esta promessa de descanso eterno no futuro ajuda o cristão que sofre a resistir às provações do presente (v. 4).

Quando se manifestar o Senhor Jesus. Neste momento, o Senhor Jesus está entronizado na glória, à destra do Pai (Jo 17.5). Estêvão viu essa glória antes de ser martirizado (At 7.55,56), mas, um dia, e talvez seja logo, *todo olho o verá* (Ap 1.7). Observe a descrição em três partes da aparição de Jesus: *desde o céu, com os anjos da sua poder, como labareda de fogo.* Embora

outras passagens retratem Sua vinda nas nuvens, segundo a descrição dessa passagem Jesus está cercado de chamas flamejantes, vingando-se daqueles que o rejeitaram. João Batista profetizou acerca desse batismo com fogo (Mt 3.11,12; Lc 3.16,17).

Neste exato momento, Cristo batiza com o Espírito Santo aqueles que vêm a Ele; mas, quando vier para julgar, Ele batizará com fogo. Hoje é o dia de salvação, mas aquele será o dia de vingança contra os *que não conhecem a Deus* (gentios que não creram; Ef 2.11,12) e os *que não obedecem ao evangelho* (judeus incrédulos que conheciam Deus, mas que rejeitaram Seu Filho; Rm 10.1,16). Havia tanto judeus como gentios convertidos na igreja tessalônica (At 17.1-5). Portanto, os cristãos tessalonicenses perseguidos poderiam ser encorajados pelo fato de que, quando Jesus for revelado no céu com Seus anjos, Ele trará labareda de fogo e *eterna perdição* sobre os inimigos de Deus, os que perseguiram os cristãos (Ap 19.12,17-19; 20.10-15). A palavra *perdição* não significa aniquilação; refere-se ao terrível destino daqueles que rejeitam a Jesus, a separação eterna de Deus (Mt 25.42-46).

1.10-12 — Em contraste com a destruição dos ímpios, Cristo será *glorificado nos seus santos*. Cristo será glorificado não somente entre os santos, mas também neles, pois os cristãos refletem Sua glória. Paulo continuou a orar para que os cristãos tessalonicenses vivessem de modo digno *para com Deus*, de um modo que glorificasse a Cristo (1 Ts 2.12). Os cristãos estão determinando



EM FOCO

PERDIÇÃO (GR. *OLETHROS*)

(2 Ts 1.9; 1 Co 5.5; 1 Ts 5.3; 1 Tm 6.9).

A palavra grega usada para *perdição* não significa aniquilação no sentido de não mais existir, mas a perda de tudo o que tem valor.

Em 1 Coríntios, Paulo usa essa mesma palavra para falar das consequências temporais devastadoras do pecado (1 Co 5.5). Aqui e em 1 Timóteo 6.9, Paulo a usa para referir-se às consequências eternas do pecado. O castigo do pecado não é a aniquilação, mas a separação eterna do amor de Cristo e a perda de todos os benefícios que isto implica. Assim como a vida eterna é a herança dos cristãos, a destruição eterna está destinada àqueles que se opõem a Cristo.

hoje, pelo que fazem com a graça que lhes foi dada, até que ponto serão dignos de glorificar a Cristo no Reino que há de vir (2 Tm 2.12).

2.1-12 — Este parágrafo é a essência da carta. Não somente é muito estratégico se em termos proféticos, mas nenhum outro trecho das Escrituras proféticas trata dos pontos específicos de revelação que são encontrados aqui.

2.1,2 — Depois de escrever 1 Tessalonicenses, Paulo foi informado que os cristãos em Tessalônica estavam sendo enganados por falsos mestres, que estavam confundindo os cristãos com ideias equivocadas acerca da segunda vinda de Jesus. A segunda carta de Paulo foi sua tentativa de corrigir estes mal-entendidos.

A palavra grega traduzida por *reunião* aqui e *congregação* em Hebreus 10.25 é encontrada somente nessas duas passagens do Novo Testamento. Na segunda referência, ela se refere à congregação local, enquanto aqui se refere à Igreja de Cristo. Essa será a primeira vez que toda a Igreja (incluindo todo cristão) estará reunida diante do Senhor para adorá-lo. A expressão parece referir-se ao evento descrito em 1 Tessalonicenses 4.17, no qual Paulo fala do encontro com o Senhor nos ares. O falso ensino era de que o Dia do Senhor, chamado de *Dia de Cristo* aqui, (compare com 1 Ts 5.2-4) já havia chegado, trazendo com ele as tribulações pelas quais eles estavam passando. Portanto, alguns cristãos tessalonicen-

ses acreditavam que a vinda de Cristo já havia passado. Paulo afirma que eles não deveriam acreditar nesse ensino, *quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola*, como se ele o tivesse dado. Paulo ensinou-lhes que o Dia do Senhor começa após o Arrebatamento (1 Ts 5.1-11). Contudo, se o Dia do Senhor já veio, eles perderam o Arrebatamento ou, anteriormente, o tema *Arrebatamento* não foi ensinado de forma correta pelo apóstolo. Paulo sentiu a necessidade de dar mais instruções para acalmar o coração dos novos convertidos.

2.3 — Quando Paulo escreveu 1 Tessalonicenses, os cristãos corriam o risco de perder a esperança na segunda vinda. Nessa carta, o apóstolo estava corrigindo algo totalmente oposto — que Jesus já havia vindo. Paulo restaura o equilíbrio na Igreja ao descrever alguns dos principais eventos que precederiam o dia do Senhor (1 Ts 5.1-11), em particular a *apostasia* e a manifestação do *homem do pecado*. Segundo o que Paulo declara, a apostasia deve acontecer primeiro.

O termo grego traduzido por *apostasia* normalmente significava uma rebelião militar. Mas, nas Escrituras, a palavra é usada para se referir à rebelião contra Deus. Portanto, alguns interpretam esse versículo como uma referência a um abandono geral da verdade. Essa apostasia rebelde prepararia o caminho para o Anticristo. Outros traduzem o termo como *partida* e entendem que seja uma referência ao Arrebatamento. Isto é, o homem do pecado não poderá ser revelado até que Cristo venha com o intuito de levar sua Igreja para estar com Ele. No que diz respeito à palavra propriamente dita, ela poderia referir-se a uma partida (apostasia) espiritual ou poderia referir-se a uma partida física (o Arrebatamento).

Independente do modo como o termo seja entendido, trata-se de um evento que ocorre antes de o homem do pecado ser revelado. Paulo não usa o título Anticristo para esse homem, mas a descrição que faz dele forma um paralelo com a descrição do Anticristo feita por João (1 Jo 2.18; Ap 13). O homem do pecado levará o mundo à rebelião contra Deus (v. 10), realizará milagres por meio do poder de Satanás



APLICAÇÃO

PENSANDO NO FUTURO

Como muitas pessoas hoje, os cristãos de Tessalônica eram vulneráveis a advertências e anúncios urgentes relacionados ao futuro (2 Ts 2.1,2). Na verdade, certos falsos mestres da época se aproveitavam do interesse das pessoas por essas coisas, brincando com suas maiores esperanças e piores medos sobre a volta de Cristo (2 Ts 2.3; 1 Ts 5.2-5). Em resposta, Paulo apelou à razão e ao pensamento crítico com base nas instruções claras que havia dado (2 Ts 2.3-12,15).

Quando lemos 2 Tessalonicenses hoje, nós, como os primeiros leitores da carta, precisamos estar *firmes e reter as tradições* que nos foram ensinadas, as verdades da Palavra de Deus. Devemos evitar suposições fantasiosas e espantosas sobre eventos relacionados à volta do Senhor e, em vez disso, ocupar-nos com as responsabilidades que temos nas mãos (2 Ts 3.6-13).

(v. 9) e, finalmente, se apresentará como um deus para ser adorado (v. 4).

2.4 — O homem do pecado irá declarar-se divino e sentar-se *no templo de Deus*, agindo como se fosse um deus. Muitos líderes na história se consideraram deuses, e o Anticristo é a declaração final dessa blasfêmia. Ele não tolerará que ninguém, a não ser ele mesmo, seja adorado (Ap 13.6-8). Observe os contrastes entre o verdadeiro Deus e o Anticristo.

Embora muitos quisessem ser considerados deuses, o verdadeiro ser divino se fez homem, humilhou-se e nos redimiu por meio do derramamento de Seu próprio sangue (At 20.28; Fp 2.6-8). Aquele que merece toda adoração e louvor não ordena adoração, mas, em vez disso, veio a este mundo como servo. Em contrapartida, aquele que merece apenas desprezo se apresenta como deus.

O *homem do pecado* provavelmente permanecerá em um templo físico em Jerusalém para se declarar deus, o cumprimento final da *abominação desoladora* mencionada por Daniel (Dn 7.23; 9.26,27; 11.31,36,37; 12.11) e por Jesus (Mt 24.15; Mc 13.14). É possível que essas profecias já tenham parcialmente se cumprido quando Antíoco Epífanes ergueu um templo pagão a Zeus no templo em Jerusalém, em 167 a.C. (175—164 a.C.), e quando Tito destruiu o templo em 70 d.C.

Outros interpretam a referência de Paulo ao templo de Deus como uma referência à Igreja. Em outras palavras, o homem do pecado tentará desviar a verdadeira adoração da Igreja para si mesmo.

2.5 — *Não vos lembrais*. Paulo faz os tessalonicenses se lembrarem de seu ensino anterior sobre a segunda vinda de Jesus, confirmado em sua primeira carta para eles (1 Ts 4.13—5.11). Ele lhes havia ensinado que não passariam pela noite do juízo que viria sobre o mundo no dia do Senhor nem seriam objetos da ira de Deus (1 Ts 5.9).

2.6 — Este poder que *detém* não é identificado. Talvez seja a ordem civil estabelecida por Deus para conter o poder do mal (Rm 13.1-7). Uma vez que o versículo 7 se refere ao poder que detém como sendo uma pessoa, talvez seja o imperador romano, a personificação da lei romana. Outros acreditam que Paulo tem em vista a soma total do poder moral que existe na Igreja por meio da pessoa do Espírito Santo. Seja qual for o caso, Deus está no controle. O homem do pecado não poderá aparecer até que Deus o permita.

2.7 — *Já o mistério da injustiça opera*. O mal e o engano que o homem do pecado representa já existem neste mundo. João afirma que há muitos anticristos em ação no momento (1 Jo 2.18). Quem se opõe a Cristo e à Sua Igreja e procura enganar os outros para que adorem falsos deuses é contra Cristo e, nesse caso, é um anticristo.

Um que, agora, resiste. Havia uma boa razão para explicar por que o homem do pecado não havia sido revelado. Aquele que o detinha naquele momento, provavelmente o Espírito de Deus, tinha de ser tirado do mundo. Deus tem restringido o pecado no mundo por meio do poder do Espírito Santo. O Espírito trabalha diretamente por meio da Palavra, de pessoas piedosas e de Seus

santos anjos para fazer avançar o Reino de Deus e deter o mal.

Alguns interpretam a expressão *seja tirado* nesse versículo como uma referência ao Arrebatamento, pois a Igreja não poderá existir sem a presença do Espírito. Portanto, a retirada da Igreja por meio do Arrebatamento será, na verdade, a retirada de tudo o que detém o poder do pecado neste mundo. Há várias outras interpretações para esse versículo e a identidade de quem detém o pecado. O Estado romano, o imperador de Roma, a obra missionária de Paulo, o Estado judeu ou o princípio da Lei e do governo incorporado no Estado foram propostos como aquilo que detém a injustiça.

2.8,9 — Embora seja revelado como alguém extremamente poderoso (Ap 13.7), o homem do pecado será destruído por Cristo e lançado no lago de fogo quando o Senhor vier (Ap 19.19,20). O *poder*, e *sinais*, e *prodígios de mentira do iníquo* serão ofuscados pela glória e esplendor de Cristo em Sua segunda vinda. É significativo observar que Satanás, a fim de promover sua mentira no final dos tempos e se passar como um deus, usará o mesmo tipo de poder, sinais e prodígios que o Espírito de Cristo usou no início dos tempos para autenticar a verdade sobre si mesmo como Deus (2 Co 12.12; Hb 2.4).

2.10,11 — A condenação do homem do pecado se estende a seus seguidores, que não receberam o amor de verdade a fim de serem salvos [e rejeitaram]. Embora muitos venham para Cristo após o Arrebatamento, aqueles que rejeitam a Cristo antes deste acontecimento também não irão recebê-lo depois. Sem dúvida, muitos que ouviram falar superficialmente do evangelho e afastaram-se ainda poderão ser salvos após o Arrebatamento; ao contrário daqueles que foram convencidos pelo Espírito e, intencionalmente, se afastaram.

2.11,12 — *Deus lhes enviará a operação do erro*. Deus não é o autor do engano, mas permite que aqueles que rejeitam a verdade sejam enganados pela falsidade. Seguindo essa falsidade, eles serão eternamente *condenados* (NVI). Nós nos perdemos quando optamos pela *iniquidade* e



EM FOCO

O INÍQUO (GR. *HO ANOMOS*)

(2 Ts 2.8; 1 Tm 1.9; 2 Pe 2.8)

O significado literal da palavra grega *anomos* é sem lei. Portanto, essa palavra está descrevendo *o homem da rebelião*. Assim como Cristo personifica a justiça, *o homem da injustiça* personificará a rebelião contra a lei justa de Deus. É provável que essa figura seja a mesma pessoa descrita por João como o *anticristo* (1 Jo 4.2,3) e *uma besta* (Ap 13.1). Desafiando abertamente o Soberano do Universo, esse homem é a personificação do mal e o grande adversário de Cristo e de Seu reino.

ela se torna nossa fonte de *prazer*. O ensino de Paulo sobre a segunda vinda de Jesus, de acordo com 1 e 2 Tessalonicenses, pode ser integrado. Os cristãos que morreram, sem dúvida, participarão da volta de Cristo (1 Ts 4.13-18). Os cristãos que estiverem vivos deverão se preparar para não serem apanhados de surpresa pela volta de Cristo, como acontecerá com os incrédulos (1 Ts 5.1-11). Por outro lado, os cristãos não devem pensar que a segunda vinda ocorreu e eles foram deixados. Embora Cristo possa vir muito em breve, primeiro o *iníquo* se levantará para liderar uma grande rebelião contra Deus (2 Ts 2.1-12).

2.12 — Os incrédulos também receberão a condenação daqueles que rejeitaram a verdade e tiveram *prazer* em sua própria *iniquidade*. Rejeitar à verdade do evangelho sempre resulta em condenação. Até aqueles que nunca ouvem o evangelho podem rejeitar à revelação de Deus na natureza (Rm 1.18-21).

2.13 — Nestes versículos, Paulo enfatiza a importância de crer na verdade. Mais uma vez, ele começa com ações de graças (2 Ts 1.3; 1 Ts 1.2; 2.13; 3.9). Paulo estava sempre dando *graças* ao Senhor pelos cristãos. Ele sempre agradecia pela *salvação* deles, que estava baseada na escolha deles por Deus, na obra divina realizada neles por meio do Espírito e da Palavra, e na glorificação final deles.

Elegido. O tempo grego deste verbo indica que, no passado, Deus escolheu os tessalonicenses para serem Seu povo, separado como santo para

Ele. A salvação deles foi realizada pelo Espírito quando eles depositaram sua fé em Cristo. Contudo, observe o equilíbrio do Espírito e a *verdade* (a Palavra). O Espírito sem a Palavra é mudo; ele não tem nada a dizer. A Palavra sem o Espírito não tem vida; ela não tem poder para agir. A obra do Espírito está sempre ligada à obra da Palavra para convencer o cristão da verdade.

2.14 — *Nosso evangelho*. Em 1 Ts 1.5, Paulo usa essa expressão para falar da boa notícia de que Jesus morreu por nós. Em outras passagens, ele a chama de evangelho de Cristo (1 Ts 3.2) e evangelho de Deus, o Pai (1 Ts 2.8). Essa é a mensagem que Paulo confiantemente proclamou entre os tessalonicenses *em poder, e no Espírito Santo* (1 Ts 1.5).

Para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Paulo deixa claro que os tessalonicenses já foram salvos (v. 13) e que somente Deus os *chamou*. Agora, porém, ele mostra a responsabilidade que os tessalonicenses têm de responder à obra de Deus realizada neles. Por meio do poder do Espírito (v. 13), os tessalonicenses devem se preparar nesta terra para um futuro glorioso com Cristo, vivendo de um modo santo (2 Ts 1.10; 1 Ts 4.1,2).

2.15 — *Tradições* referem-se às instruções passadas de uma pessoa para outra. Às vezes, a palavra se refere a tradições humanas, opiniões de pessoas e especulações. Mas, nesse caso, Paulo está se referindo à verdade revelada de Deus que não contém erro. Foi isso que Paulo passou para eles. Ele comunicou parte da verdade de Deus quando esteve pregando entre eles, mais um pouco de verdade por meio de sua primeira *epístola* e, agora, estava comunicando mais verdade por meio de uma segunda carta.

O Novo Testamento ainda não havia sido escrito, e as crenças essenciais da fé cristã estavam sendo comunicadas por meio de pregações e cartas dos apóstolos. Tendo crido na verdade, os cristãos tessalonicenses agora deveriam guardá-la e permanecer firmes em sua fé. Usar a verdade é uma maneira garantida de retê-la. Se não a usar, a pessoa a perde. Se os tessalonicenses tivessem permanecido firmes na verdade, a confusão sobre

a vinda de Cristo que Paulo agora estava tendo de corrigir teria sido evitada.

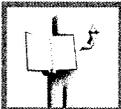
2.16,17 — Enquanto se prepara para as instruções que seguem no capítulo 3, Paulo ora para que Deus encoraje os tessalonicenses e os firme na verdade (uma oração similar é encontrada em 1 Ts 3.11-13). Eles só poderiam ter *esperança* porque Deus com graça os escolheu como Seu povo, os *amou* e *lhes deu* a salvação eterna. Paulo usa *console* e *conforte* no singular com o sujeito no plural, *Jesus Cristo* e o *Pai*, para indicar a unidade e a igualdade dessas duas pessoas da deidade (1 Ts 3.11).

3.1,2 — Paulo não somente orou pelos tessalonicenses, mas também sentiu a própria necessidade de contar com as orações deles. Ele lhes pediu que orassem pelo avanço do evangelho e pela libertação dele da oposição humana.

Tenha livre curso refere-se à rápida propagação do evangelho, enquanto *glorificada* expressa a ideia de ser triunfante. Os verbos não sugerem uma única vitória, mas uma série contínua de vitórias, marcando o avanço do evangelho por todo o mundo.

Dissolutos significa homens capazes de cometer maldades, enquanto *maus* indica que eles mesmos são maus e desejam corromper outros. Esses homens talvez fossem judeus incrédulos em Corinto que estavam perseguindo Paulo na época em que ele escreveu esta carta (At 18.12,13). É possível que os cristãos nunca tenham justiça neste mundo, mas eles podem, sem dúvida, orar para que estejam livres dos maus.

3.3 — Embora esteja ciente de que os tessalonicenses podem ser tentados e se mostrar infiéis, Paulo tem certeza de que Deus os *confortará* ou *fortalecerá* (2 Ts 2.17; 1 Ts 3.2,13). Ele sabe que Deus os *guardará* ou *protegerá* (Fp 1.6; 1 Ts 5.24). No versículo anterior, ele os advertiu acerca dos homens maus (v. 2). Aqui, Paulo lhes assegura que Deus fielmente irá guardá-los para que nem o *maligno*, o próprio Satanás, se apodere deles. Deve ter sido confortante para os tessalonicenses ouvir isso, pois eles ainda estavam passando por uma terrível perseguição por causa de sua fé (2 Ts 1.4).



ENTENDENDO MELHOR

OCUPADOS ENQUANTO ESPERAMOS

Toda geração de cristãos deve enfrentar o dilema acerca de como viver na tensão entre a possibilidade do retorno imediato de Cristo e a impossibilidade de preannunciar o momento. Muitos cristãos, infelizmente, resolvem o problema ao viverem como se Cristo não fosse voltar. Enquanto isso, outros se interessam por vários esquemas inúteis, mas persistentes, para descobrir o momento da volta de Cristo.

A jovem igreja tessalonicense enfrentou a perseguição desde o início. Diante dessas dificuldades, muitos dos cristãos encontraram esperança na promessa da volta de Cristo. Outros aplicaram mal a lição, tornando-se ociosos. Afinal, pensavam eles, se Cristo já está a caminho, por que cuidar dos detalhes e responsabilidades da vida? Por que plantar se não estaremos aqui para colher?

Para aqueles que haviam preferido acomodar-se até a volta de Cristo, Paulo tinha palavras duras: *Se alguém não quiser trabalhar, não coma também* (2 Ts 3.10). O apóstolo entendia a grande tentação de esconder a irresponsabilidade debaixo de uma capa de espiritualidade. A integridade do evangelho estava em jogo.

Em suas últimas palavras de incentivo em 2 Tessalonicenses, Paulo falou do desafio diário que toda pessoa tem de procurar viver para Cristo: *E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem* (2 Ts 3.13). Nisso está o segredo de estar preparado para a volta de Cristo. Se a esperança da vinda de Cristo despertar um compromisso sincero de fazermos o bem por amor a Ele, estaremos preparados para quando Ele voltar. Devemos estar ocupados enquanto esperamos.

3.4 — *Confiamos* mostra que Paulo acreditava que os tessalonicenses obedeceriam às suas ordenanças, mas sua confiança estava no Senhor e se baseava no que o Senhor faria para ajudar esses irmãos a permanecerem fiéis. Paulo tinha uma confiança similar com relação à Igreja em Filipos (Fp 1.6).

3.5 — Com a oração para que *o Senhor encaminhe o vosso coração*, Paulo estava mostrando que o coração, o centro da vontade de uma pessoa, é o lugar onde começa a renovação espiritual. Lá, Deus gera Seu amor e paciência, atributos que produzirão uma colheita de boas obras. O apóstolo usa a palavra *encaminhe* para mostrar que Deus removerá os obstáculos que talvez estejam impedindo o avanço deles em direção à *caridade* e *paciência*. Paulo ora para que os tessalonicenses, quando estiverem diante da perseguição, possam mostrar o mesmo tipo de paciência que Jesus expressou quando as pessoas o rejeitaram.

3.6 — Paulo usa aqui uma palavra forte, *mandamo-vos* (v. 4; 1 Ts 4.2, 11). Não é simplesmente uma sugestão, mas uma ordem obrigatória com a autoridade do Senhor Jesus Cristo. A mesma palavra, encontrada também nos versículos 10 e 12, é usada como referência a uma ordem

militar que o indivíduo deve obedecer, senão terá de enfrentar a pena de traição. Paulo instrui os tessalonicenses para que *se afastem* (NVI) de uma pessoa desobediente ou deixem de ter comunhão com ela. Entre outras coisas isso incluiria não permitir que a pessoa participasse de festas de caridade e da Ceia do Senhor (1 Co 5.9-13). Leia as instruções de Jesus em Mateus 18.15-17.

3.7,8 — Alguns tessalonicenses, talvez usando como pretexto a iminente volta do Senhor, se recusavam a trabalhar e esperavam que outras pessoas da igreja os alimentassem. Em sua carta anterior, Paulo já os havia exortado a trabalhar (1 Ts 4.11,12). É óbvio que não haviam dado ouvidos à instrução de Paulo, pois, nessa carta, Paulo pede à Igreja para discipliná-los (v. 6). Como um exemplo para todos, Paulo estava *trabalhando noite e dia* quando pregou entre eles. Seu objetivo era evitar ser um fardo para alguém. Tanto os gregos como os romanos detestavam trabalho manual; normalmente usavam escravos para todas as tarefas do tipo. Em contrapartida, os judeus consideravam o trabalho como uma prova de bom caráter e instruíam seus filhos a trabalharem em um ofício. Paulo fazia tendas para suprir suas necessidades toda vez que isso

se fazia necessário em suas viagens missionárias (At 18.1-3).

3.9 — Os obreiros cristãos podem contar com o suporte financeiro, e a Igreja tem o dever de pagar aqueles que lhe servem (Lc 10.7; 1 Co 9.6-14; Gl 6.6; 1 Tm 5.17,18). Contudo, Paulo não queria usar sua *autoridade* para exigir pagamento. Pelo contrário, ele queria ser um *exemplo* para os outros seguirem. O fato de que ele trabalhava também eliminaria qualquer oportunidade de acusá-lo de ganância. Ele não queria que nada impedisse a propagação do evangelho (1 Co 9.12).

3.10 — Mais uma vez usando a expressão *vos mandamos isto*, Paulo declarou a lei de que se alguém não trabalhar, também não deve comer. Isso se aplica àqueles que não estão dispostos a trabalhar, e não àqueles que não podem trabalhar.

3.11 — Ociosidade gera pecado. Aqueles que andam *desordenadamente*, não trabalhando de forma alguma, fazem *coisas vãs*, causando problemas e divisão na Igreja.

3.12 — Novamente Paulo diz *mandamos e exortamos* (v. 6,10). Ele exorta os tessalonicenses para que *comam o seu próprio pão* e façam isso em silêncio, sem causar divisão e transtorno. Segundo Paulo, a cura para mexericos é o trabalho duro.

3.13 — Os cristãos tessalonicenses foram exortados a não ficarem desanimados no trabalho por causa daqueles que não trabalhavam, mas também a continuarem a fazer o bem.

3.14 — *Não vos mistureis com ele*. Mais uma vez (v. 6), os cristãos deveriam deixar de ter comunhão e não se associar com quem desrespeitasse as palavras desta carta inquestionável do apóstolo Paulo. Do contrário, seus vizinhos



COMPARE

DISCIPLINA DA IGREJA

Em 2 Tessalonicenses 3.14, Paulo instrui os tessalonicenses a disciplinarem um dos membros de sua igreja. O que a disciplina da Igreja inclui? Quando ela deve ser empregada? O que as Escrituras dizem sobre ela? O seguinte quadro tenta organizar um processo frequentemente equivocado.

A definição	A disciplina da Igreja é, basicamente, negar a comunhão a um crente em Cristo que está envolvido em um pecado visível.
A ocasião	A disciplina da Igreja inclui cristãos envolvidos em um pecado público (Mt 18.15-17; 1 Co 5.9-13), especialmente a imoralidade sexual; aqueles que estão criando divisão dentro do corpo de Cristo (Rm 16.17; Tt 3.10) e aqueles que desafiam abertamente o líder da Igreja designado por Deus (2 Ts 3.6,7, 14; Hb 13.17).
A razão	A Igreja deve exercer a disciplina porque deve permanecer pura (1 Co 5.8).
O objetivo	O objetivo da disciplina da Igreja é levar a pessoa em pecado a se arrepender (Tg 5.19,20); "reconquistar" ou restaurar um irmão que está no erro (Mt 18.15; Gl 6.1); fazer que a pessoa em pecado se sinta envergonhada a ponto de mudar (2 Ts 3.14).
Os passos	Há diversos passos para a disciplina da Igreja. Primeiro, converse em particular com a pessoa. Segundo, se necessário, converse com a pessoa e outro membro da Igreja. Terceiro, se não houver mudança de comportamento, leve o problema à congregação para que toda a Igreja possa incentivar de forma coletiva a pessoa a se arrepender. Por fim, se todas as opções falharem, remova a pessoa em pecado da congregação (Mt 18.15-17).
A atitude	O tom da disciplina da Igreja deve ser cuidadoso, porém firme (Gl 6.1). As pessoas que exercem a disciplina na Igreja devem pôr de lado qualquer ressentimento, ódio ou má-fé para que possam facilitar a verdadeira restauração.
Os mandamentos	Mt 18.15-17; Rm 16.17; 1 Co 5.1-13; Gl 6.1; 2 Ts 3.6,7,14,15; Tt 3.10,11; Hb 13.17; Tg 5.19,20.

pagãos poderiam pensar que a igreja tessalonicense aprovava as ações daquela pessoa.

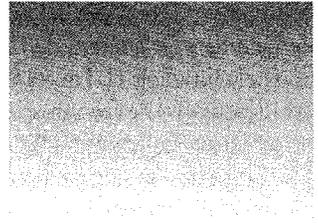
3.15 — *Admoestai-o como irmão.* O desobediente não é um inimigo, mas aquele que precisa de correção. Embora a rebelião devesse ser tratada, Paulo demonstra sua grande compaixão pelos irmãos. Ele odiava o pecado, mas não o pecador.

3.16 — Diante da possibilidade de uma desarmonia na Igreja, Paulo orou para que o *Senhor da paz* guiasse as ações deles, concedendo paz e unidade à Igreja.

3.17 — *Da minha própria mão.* Paulo ditou muitas de suas epístolas para um secretário. Ele acrescenta de próprio punho uma palavra pessoal como prova da autenticidade desta carta

(Cl 4.18). Essa prova era necessária porque Paulo suspeitava que os tessalonicenses pudessem ter recebido uma carta falsamente atribuída a ele (2 Ts 2.2). Para prevenir-se contra isso, o apóstolo explicitamente diz aos tessalonicenses que suas palavras de próprio punho no final de uma carta são o *signal* oficial de que a carta era dele.

3.18 — Para todas as dificuldades que os tessalonicenses, e também Paulo, enfrentavam a solução era a *graça de nosso Senhor Jesus Cristo*. Jesus não somente era a maior esperança dos tessalonicenses, mas era ele que amorosamente lhes dava força para suportar as provações. Paulo orava para que isso fosse visível no meio deles.



A primeira carta a

Timóteo

INTRODUÇÃO

As vezes, a parte mais difícil do trabalho de um professor é deixar os alunos que se formam e que partem para conquistar seu lugar ao sol. É possível sentir esse tipo de inquietação na primeira carta de Paulo a Timóteo. De forma carinhosa, ele o chama de *meu verdadeiro filho* (1 Tm 1.2), exortando-o várias vezes a permanecer fiel ao que lhe havia ensinado (1 Tm 1.18; 5.12-16,21; 6.11-13). A carta termina com um sincero apelo: *Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado* (1 Tm 6.20).

Timóteo o havia acompanhado durante anos (At 16.1-3; 17.10; 20.4), ajudando-o e agindo como seu contato em várias igrejas. Paulo não somente lhe havia ensinado os princípios básicos da fé cristã, mas também servido de modelo de liderança cristã. Agora, estava deixando Timóteo no

comando da igreja de Éfeso. Da Macedônia, Paulo escreve para incentivar esse seu filho na fé. Esta carta, na verdade, constitui a comissão dada pelo apóstolo a Timóteo; são as ordens de seu preocupado professor para o exercício eficaz do seu ministério.

O objetivo central de 1 Timóteo é encontrado em 3.14,15: *escrevo-te [...] para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade*. A igreja é o principal veículo de Deus para a realização de Sua obra na terra (Mt 16.18-20). O Senhor determinou que homens e mulheres que confiassem nele como Salvador se envolvessem na execução de Sua vontade em comunidades locais por todo o mundo (1 Ts 1.1; Hb 10.24,25).

Paulo escreveu 1 Timóteo, portanto, para instruir seu jovem discípulo

sobre como a igreja deverá funcionar e sobre como mulheres e homens de Deus maduros deverão nela interagir (1 Tm 6.11-16). Especificou como desenvolver e reconhecer líderes piedosos e evitar falsas doutrinas na igreja (1 Tm 3.1-13; 4.1-6). Insistiu em que se deve esperar maturidade da liderança, embora seja desenvolvida na vida de todos os cristãos (1 Tm 4.6-10). Ofereceu a Timóteo uma lista completa de conselhos extremamente práticos para liderar uma congregação. Ao enfrentar problemas e dificuldades próprios do ministério de uma igreja local, Timóteo deve ter lido repetidas vezes a carta de Paulo para rever as lições valiosas que ela oferece (1 Tm 4.15).

Timóteo era natural de Listra, na Frígia; seu pai era grego e sua mãe, Eunice, e a avó materna, Lóide, judias piedosas, sendo a mãe convertida cristã (At 16.1-3; 2 Tm 1.5; 3.14,15). Por intermédio delas, aprendeu as Escrituras quando menino. Paulo o chama de *filho na fé*, mas, ao que Atos dá a entender, Timóteo já havia se convertido quando de sua segunda visita a Listra, quando então o conheceu (At 14.6,19; 16.1). No começo dessa segunda viagem missionária, Paulo, ao conhecê-lo, chamou-o para acompanhar a ele e a Silas (At 16.3); e porque Timóteo estaria pregando junto com eles para os judeus, Paulo o circuncidou, formalizando-o judeu (At 16.3), e depois lhe impôs as mãos, para o exercício do ministério (4.14; 2 Tm 1.6).

Viajando com Paulo e Silas, Timóteo os ajudou na evangelização de Filipos e Tessalônica. Ao que parece, permaneceu em Tessalônica (At 17.10) e depois se juntou novamente a Paulo e Silas em Beréia. Em Corinto, o apóstolo o usou como meio de contato entre ele e a igreja de Tessalônica. Veio a usá-lo como seu contato novamente mais tarde, desta vez para com a igreja de Corinto, a fim de ensinar aos cristãos dali (1 Co 4.17; 16.10). O livro de Atos não registra as viagens de Timóteo durante esse período. Ele reaparece em Éfeso (At 19.22), onde Paulo o comissiona com Erasto para que preparem as igrejas da Macedônia para sua chegada. Timóteo permaneceu na Macedônia e acompanhou Paulo a Corinto, onde é provável

que o apóstolo haja escrito sua carta aos cristãos de Roma (Rm 16.21).

Timóteo e outros seis anteciparam a viagem de Paulo a Tróade (At 20.4,5). Mais tarde, ele ajudou e consolou Paulo em Roma durante a primeira prisão do apóstolo (60-62 d.C.), inclusive redigindo suas cartas, certamente por ele ditadas, aos colossenses (Cl 1.1), a Filemom (Fm 1) e aos filipenses (Fp 1.1). Durante essa prisão, Timóteo viajou para Filipos a fim de encorajar os cristãos, trazendo de lá um relatório para Paulo em Roma (Fp 2.19). Após a libertação, Timóteo viajou com Paulo para Éfeso, onde permaneceria, para confrontar falsos mestres que estavam infiltrando-se naquela igreja, enquanto Paulo seguia para a Macedônia. Ali, Paulo escreveu então esta sua primeira epístola a Timóteo (1 Tm 1.3).

De sua segunda prisão em Roma, Paulo escreveria a segunda carta a Timóteo (2 Tm 1.8), pedindo-lhe que viesse logo ter com ele. É essa considerada, e com toda a certeza, a última carta de Paulo, que logo depois morreria executado. Se Timóteo tivesse vindo a tempo, teria estado com o apóstolo na condição de seu *verdadeiro filho* nos últimos dias que antecederam sua morte (2 Tm 4.11,21).

A primeira carta a Timóteo menciona Paulo como seu autor, e as afirmações do autor sobre sua vida em 1 Timóteo 1.12,13 condizem com o que se sabe sobre ele. Clemente de Roma e Policarpo, dos primeiros pais da Igreja, assim como Ireneu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, aceitaram 1 Timóteo como uma das legítimas cartas de Paulo.

No início do século 19, alguns estudiosos começaram a questionar a autoria de Paulo das chamadas epístolas pastorais — 1 e 2 Timóteo e Tito. Segundo eles, essas cartas seriam documentos religiosos falsos escritos no segundo século. Desfecharam quatro ataques diferentes à integridade e autenticidade dessas cartas.

O primeiro desses ataques levanta um problema histórico. Uma vez que as referências cronológicas nessas missivas não correspondem ao livro de Atos, acreditavam os críticos que elas teriam sido escritas muito tempo depois, por um impostor.

No entanto, podem ter sido produzidas logo depois dos eventos descritos no livro de Atos. Muitos estudiosos sustentam que Paulo foi absolvido e libertado da prisão descrita em Atos 28 e então viajou por muitos anos pela Ásia Menor e à Macedônia. Durante esse tempo, escreveu cartas controversas. Por fim, foi novamente preso em Roma, vindo a ser morto durante a perseguição de Nero.

O segundo questionamento dos críticos era que as epístolas pastorais não combinariam com o estilo de escrita de Paulo. Conteriam várias palavras que ocorrem somente nelas no Novo Testamento, mas que são comuns em escritos do século 2. Era essa considerada uma incontestável prova de que as cartas seriam datadas daquele século. A falha desse argumento, no entanto, é o fato de ser bem limitado o conjunto dos textos literários do século 2 a partir do qual seria possível chegar a tal conclusão.

O terceiro ponto está relacionado à forma de liderança da igreja descrita nas epístolas pastorais. A estrutura de autoridade, incluindo presbíteros e diáconos, parece representar uma igreja do século II, mais desenvolvida. No entanto, está

claro em Filipenses 1.1 que os cargos de presbítero e diácono já estavam funcionando durante o ministério de Paulo.

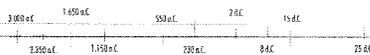
O quarto argumento envolve questões teológicas. Os críticos afirmam que a heresia combatida nas epístolas pastorais é o gnosticismo, totalmente desenvolvido no século 2. Embora seja verdade que tal heresia não se desenvolveu plenamente antes do século 2, também é certo que o gnosticismo começou a aparecer aos poucos, desenvolvendo-se antes de tornar-se todo um sistema teológico. Paulo trata de falsos ensinamentos similares que se manifestavam em Colossos (Cl 1.9-15), e a heresia referida em 1 Timóteo parece ser uma forma antiga de ensino gnóstico, que combinava elementos do judaísmo (1 Tm 1.7), do pensamento persa e do cristianismo.

Não há motivo racional, portanto, para concluirmos que 1 e 2 Timóteo não sejam epístolas autênticas de Paulo. A primeira epístola a Timóteo foi provavelmente escrita logo depois que Paulo foi solto de sua primeira prisão em Roma. Isso significa que o livro foi escrito na Macedônia em 62 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 1 TIMÓTEO

- Ano 47—49 d.C. — A primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém
- Ano 50—53 d.C. — A segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — Timóteo se junta a Paulo e Silas em Listra
- Ano 53—57 d.C. — A terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 54 d.C. — Timóteo novamente se junta à comitiva de Paulo
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma
- Ano 62 d.C. — Paulo é libertado; a primeira carta a Timóteo é escrita
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados





ESBOÇO

I. Atenção no ministério — 1.1-20
 A. Advertência acerca de falsas doutrinas — 1.1-17

B. Advertência acerca do bom combate — 1.18-20

II. Ordenanças quanto ao ministério — 2.1—3.16

A. Mulheres na adoração — 2.1-15

B. Liderança na casa de Deus — 3.1-16

III. Responsabilidade no ministério — 4.1—6.21

A. Responsabilidade pessoal — 4.1-16

B. Responsabilidade para com diversos grupos na igreja — 5.1-25

C. Responsabilidades definitivas de Timóteo — 6.1-21

COMENTÁRIO

1.1 — Paulo começa sua primeira carta a Timóteo declarando sua autoridade como *apóstolo de Jesus Cristo*. A palavra grega usada para *apóstolo* significa *embaixador*, ou *enviado*. Portanto, Paulo declara ser embaixador enviado por Cristo. *Mandado de Deus* se refere à comissão soberana de Deus ao ministério de Paulo (At 9). A autoridade do ministério de Paulo procedia de duas fontes: *de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo*. O título *Salvador* identifica Deus como a fonte de nossa salvação, tanto de nossa justificação quanto santificação. Paulo chama Cristo *esperança nossa*, uma vez que é a razão pela qual podemos aguardar com expectativa a vida eterna em glória.

1.2 — *Timóteo* foi um jovem cristão, de Listra, que viajou e atuou junto com Paulo durante sua segunda e terceira viagens missionárias (At 16.2,3). *Verdadeiro filho* se refere ao filho legítimo, que possuía todos os direitos e privilégios como membro da família. Paulo queria mostrar que aceitava totalmente Timóteo como cristão, como *filho na fé*. A saudação *graça* (gr. *charis*) era o *olá* dos gregos. Mas significa *receber o que não se merece*. A salvação em Cristo é pela *graça* (Ef 2.8,9).

Misericórdia (gr. *eleos*) significa *não receber* [a punição] *que na verdade se mereceria*. Somente nas epístolas pastorais Paulo quebra seu padrão usual de saudar com a expressão *graça e paz*, incluindo, na saudação, também *misericórdia*. Evangelistas e pregadores, certamente, precisam de misericórdia. *Paz* (gr. *eirênē*) significa *reunir o que foi separado*. Cristo é *a nossa paz* (Ef 2.14), porque nos une a Deus.

1.3-11 — Paulo exorta Timóteo para que corrija falsos ensinamentos, pois conduzem a um estilo de vida corrupto.

1.3 — Não se sabe ao certo quando Paulo viajou para a *Macedônia*. Seu pedido a Timóteo para que *ficasse em Éfeso* ministrando aos cristãos dali mostra sua confiança no jovem discípulo.

1.4 — A palavra *fábulas* é usada em Tito 1.14 em relação a *fábulas judaicas*. *Genealogias*, por sua vez, é usada em Tito 3.9 no contexto da Lei. Parece, assim, que os erros que Paulo desejava que Timóteo corrigisse em Éfeso eram, em essência, de natureza judaica, envolvendo especulação inútil sobre genealogias e interpretações alegóricas da Lei, como as encontradas em textos literários rabínicos. Em Éfeso, é possível que isso estivesse associado a especulações de caráter gnóstico acerca de uma série de seres espirituais. A palavra grega usada para *edificação* significa *administração*, expressando o conceito de supervisão metódica de uma casa. Na concepção de Paulo, a igreja é a *casa de Deus* (1 Tm 3.14,15). Discussões não promovem ordem *na casa*, na igreja. O foco da vida do cristão deve ser a clara e sã doutrina presente na Palavra de Deus, não a fútil especulação humana.

1.5 — O *fim do mandamento* de Cristo, o mesmo de Paulo a Timóteo, é *a caridade*, ou seja, o amor procedente de Deus, no coração, na consciência e na fé sincera, no seio da Igreja (Jo 13.34,35).

1.6 — *Vãs contendas* significam *conversas vazias*. Mexericos, especulações e críticas malsãs não devem jamais estar na boca do cristão.

1.7 — *Doutores da lei*. Esta expressão, derivada do judaísmo, é usada em Lucas 5.17 e Atos 5.34 em relação aos fariseus. Eram indivíduos que Timóteo deveria instruir e corrigir e cujos erros resultavam de seu relacionamento distorcido com a Lei. Eram homens sem amor, mestres legalistas, com o coração e motivos impuros. A instrução sem amor leva ao legalismo.

1.8-11 — Algo bom, como era a lei, pode ser usado de forma distorcida e inapropriada. O objetivo da Lei era ensinar o que era certo e errado, coibindo o erro dos *ímpios e pecadores*. Não foi dada, porém, para levar à escravidão legalista quem já é *justo* mediante Cristo (Rm 7.12,13). Os praticantes de pecados listados nos versículos 9 e

10 não são justos nem salvos, mas violadores dos mandamentos de Deus.

1.8 — A função correta da lei é conscientizar os pecadores de seus pecados (Rm 3.20).

1.9 — A lista de Paulo dos violadores da Lei parece estar em paralelo com a ordem dos Dez Mandamentos (Êx 20.3-17). Os três primeiros pares lembram os quatro primeiros mandamentos, que tratam da relação do homem com Deus, a saber: *os injustos e obstinados [...] os ímpios e pecadores [...] os profanos e irreligiosos*. Seguem-se oito títulos de praticantes de iniquidades que fazem paralelo com cinco dos seis últimos Dez Mandamentos. Somente a referência à cobiça não é mencionada.



COMPARE

CONSELHOS PRÁTICOS PARA O MINISTÉRIO

Timóteo era um jovem ministro, designado para liderar a igreja de Éfeso, que, segundo consta, era contenciosa. Já havia aprendido os princípios básicos do evangelho; agora, tinha de aprender a liderar. Na primeira carta enviada a Timóteo, Paulo lhe passa toda a sabedoria que havia acumulado em seus anos de ministério. Suas visões são extremamente práticas e valiosas para todos nós, cristãos, até os dias de hoje.

Exortações: o que fazer	Advertências: o que evitar
Ordene aos outros que não ensinem outra doutrina que não seja a verdadeira doutrina de Cristo (1 Tm 1.3).	Não dê ouvidos a fábulas, genealogias intermináveis e outras especulações inúteis, que só causam discussão (1 Tm 1.4).
Ensine as boas-novas de que Cristo salva o pecador (1 Tm 1.15-18).	Rejeite fábulas, crenças, superstições (1 Tm 4.7).
Ore e interceda por todos (1 Tm 2.1).	Não despreze os dons que Deus lhe concede (1 Tm 4.14).
Escolha líderes em sua igreja que sejam dignos do seu cargo (1 Tm 3.1-15).	Não repreenda os idosos, mas, sim, exorte-os com amor (1 Tm 5.1).
Instrua todos na sã doutrina (1 Tm 4.6).	Não aceite acusação alguma contra ministro ou líder, a menos que haja duas testemunhas idôneas (1 Tm 5.19).
Exercite-se na prática da piedade (1 Tm 4.7,8).	Não use sua autoridade nem dirija sua membresia com preconceito; seja sempre imparcial (1 Tm 5.21).
Seja um exemplo na palavra, no trato, no amor cristão, no espírito, na fé e na pureza (1 Tm 4.12).	Não imponha precipitadamente as mãos como bênção ou unção sobre qualquer um (1 Tm 5.22).
Honre as viúvas (1 Tm 5.3).	Aparte-se dos que rejeitam a sã doutrina ou estão sempre buscando dissensões e contendas (1 Tm 6.4,5).
Permaneça puro (1 Tm 5.22).	Afaste-se dos que se mostram gananciosos e querem ficar ricos com o ministério (1 Tm 6.5-11).
Siga a justiça, a fé, o amor cristão, a paciência, a mansidão (1 Tm 6.11).	Evite conversas vãs e profanas e que geralmente são chamadas falsamente de ciência (1 Tm 6.20).

1.10 — *Fornicadores* são aqueles homens e mulheres envolvidos com imoralidade sexual em geral. *Sodomitas* são especificamente homossexuais masculinos (1 Co 6.9). Mas tanto a imoralidade heterossexual quanto a homossexual, de homens e mulheres, são violações do sétimo mandamento.

Roubadores de homens... mentirosos... perjuros. São violadores do oitavo e do nono mandamentos. *Sã doutrina* também pode ser traduzida por *ensino saudável*. A doutrina é tema fundamental nesta carta (1 Tm 4.1,6,13,16; 5.17; 6.1).

1.11 — *Conforme o evangelho da glória.* Essa expressão deve ser interpretada em seu contexto imediato, que é a discussão sobre o objetivo da Lei. O uso adequado da Lei consiste em mostrar a pecaminosidade humana, assim como nossa necessidade das boas-novas de que Cristo nos libertou da escravidão da própria Lei e dos nossos pecados.

1.12 — *Dou graças [...] a Cristo Jesus, Senhor nosso.* Não havia arrogância em Paulo. O mundo, sim, é ingrato. O apóstolo não achava que seu privilégio era uma coisa natural; muito pelo contrário.

Me tem confortado (literalmente, *me tem dado força*). Paulo sabia perfeitamente que seu poder se *aperfeiçoava na fraqueza* (2 Co 12.9).

Fiel. Isso é o que se requer do despenseiro, ou mordomo, de confiança (1 Co 4.1,2).

Ministério. Ninguém toma esta honra para si mesmo (Hb 5.4), e Paulo não estava *falsificando a palavra de Deus* (2 Co 4.2), como o faziam os legalistas.

1.13 — Antes de ter fé em Cristo como Salvador, Paulo era um *blasfemo*, que falava contra Deus; um *perseguidor*, que se mantinha no encaicho dos cristãos como um caçador perseguindo uma presa (At 8.3; 9.1-5); e um *opressor*, um homem violento que agia com opressão para com os outros, motivado por egoísmo e orgulho pessoal.

Mas alcancei misericórdia. Se o apóstolo Paulo pôde encontrar misericórdia depois das coisas terríveis que fez contra Cristo, então Deus certamente oferece salvação de braços abertos a todas as pessoas (1 Tm 2.4).

1.14 — *Graça* é favor, por nós imerecido e inalcançável, que recebemos gratuitamente de

Deus. A graça dada a Paulo, segundo ele mesmo, com a fé *superabundou*, excedeu, indo além de todas as expectativas.

1.15 — Paulo resume a essência do evangelho (v. 11): *Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores.* *Mundo* se refere a toda a humanidade. *Salvar* significa libertar, resgatar. Cristo veio morrer pelos pecados e pelos pecadores de toda a humanidade.

Dos quais sou o principal. Paulo sofria com a degradação causada pelo pecado, entendendo a gravidade da pecaminosidade dos seres humanos. E colocava-se, então, como o maior dos pecadores.

1.16 — *Crer nele.* Por mais de 180 vezes no Novo Testamento, a condição única apresentada ao ser humano para receber a salvação é crer, tendo fé em Jesus Cristo. O evangelho diz que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia. Todos os que depositam fé em Jesus para receberem salvação serão salvos do juízo que há de vir. Acrescentar qualquer outra condição à fé para receber a salvação é fazer da justificação uma questão de obra humana (Rm 11.6; Gl 2.16).

1.17 — No meio de sua explicação do evangelho, Paulo não consegue conter-se. Ele precisa render louvor a um Deus tão misericordioso.

1.18 — Ao que parece, no início do ministério de Timóteo, foram feitas *profecias* sobre seu futuro papel na Igreja. Paulo o encoraja a que combata o bom combate (2 Tm 4.7). O ministério cristão é uma incessante guerra espiritual contra os inimigos de Deus.

1.19 — *Conservando a fé.* O artigo definido aqui deixa claro tratar-se da fé que *uma vez foi dada* (Jd 3). Permanecer fiel à Palavra é o seu significado hoje.

Boa consciência. Paulo fala de consciência seis vezes nas epístolas pastorais. Muita gente parece que precisa usar de um amplificador para poder ouvir sua voz, baixinha. A consciência só se mostra clara quando a pessoa cai em si mesma e confessa seus pecados (1 Co 11.30-32; 1 Jo 1.9). Se a consciência for mantida cauterizada (1 Tm 4.2), até um ministro ou evangelista é capaz de

cometer terríveis pecados. A consciência de Davi não estava limpa: seu pecado estava sempre diante dele (Sl 51.3) — até que ele o confessou.

Naufrágio. Muitos naufrágios espirituais começam com pequenos pecados não confessados.

1.20 — *Himeneu e Alexandre.* Paulo dá o exemplo de dois homens (2 Tm 2.17,18; 4.14) que não estavam de modo algum combatendo o bom combate, mas, sim, procurando prejudicar a causa de Deus (v. 18,19).

A expressão *entreguei a Satanás* é a mesma de 1 Coríntios 5.5. A autoridade para essa entrega era, por natureza, apostólica. Paulo não os entrega porque sejam incrédulos, mas para que *aprendam a não blasfemar*. No Novo Testamento, a palavra traduzida por *aprendam* é usada somente como referência à disciplina de Deus para com cristãos (1 Co 11.32; Hb 12.6,7,10). Paulo queria expressar que esses homens deveriam ser excluídos da Igreja, para que aprendessem a lição, se arrependessem e viessem a abandonar seu mau caminho (1 Co 5.1-5).

2.1,2 — *Antes de tudo.* Aqui, Paulo indica aquilo que pode edificar a Igreja (1 Tm 1.4). Nesses versículos, Paulo usa quatro dos sete termos do Novo Testamento para a oração. *Deprecações* enfatiza súplicas em favor de necessidade pessoal. O verbo do qual deriva o substantivo dá ideia de petição. *Orações* é o termo geral para as preces do povo de Deus. As orações são sempre dirigidas a Deus com reverência ou adoração. *Intercessões* sugere *aproximar-se com confiança*, com livre acesso a Deus. *Ações de graças* são uma atitude de gratidão, o ato de louvar a Deus pelo que tem feito por nós. Cada um desses aspectos da oração deve estar presente na vida de uma igreja.

Por todos os homens é o primeiro objeto da oração. Essa expressão genérica é usada para homens e mulheres, indiferentemente, não sendo restrita aos cristãos, mas abrangendo não cristãos, inclusive reis e [...] *todos os que estão em eminência*. *Vida quieta e sossegada* refere-se a uma atitude ou situação interior aprazível. A ideia de orar pelos reis, ou pelas autoridades, tem uma ênfase dupla. Primeiro, é uma forma específica de orar por todos os homens, porque as ações dos governantes

afetam a sociedade como um todo. Segundo, faz com que os cristãos se lembrem de que Deus é o grande Soberano, acima de todos os governantes. Ele está no controle de tudo e de todos, e nossas orações afetam as decisões das autoridades em nível mais elevado.

2.3 — *Bom* (gr. *kalos*) significa, aqui, útil, excelente ou conveniente (compare com 1 Tm 1.8). A oração é boa por estar de acordo com a vontade de Deus. *Diante de Deus, nosso Salvador* lembra o poder de salvação do Senhor (1 Tm 11.15).

2.4 — *Que quer que todos os homens se salvem* não significa que Deus quer que todos, mesmo os persistentes na impiedade, recebam indiscriminadamente a salvação. Em outra passagem, Paulo ensina claramente que somente os que creem em Cristo a receberão (Rm 1.16,17; 3.21-26; 5.17). Isso também é o que Jesus ensina (Jo 3.15-18). Portanto, não é a vontade definitiva de Deus, por meio da qual Ele governa de forma soberana o mundo, a salvação sem seleção. O que Paulo está dizendo aqui é que o Deus Salvador *estende sua oferta de salvação* a todos. Por isso, Cristo morreu pelos pecados de todos, mas somente os que creem recebem o benefício desse sacrifício (Jo 3.16; 2 Co 5.14,15).

Conhecimento da verdade refere-se ao crescimento cristão após a salvação. Deus não deseja somente nossa salvação (justificação), mas também nosso crescimento na verdade (santificação), para que não sejamos mais enganados pelo pecado e por falsos mestres (1 Tm 1.3,4).

2.5 — *Um só Deus* é uma verdade central das Escrituras hebraicas. O único Deus vivo deseja que todos sejam salvos. Ele é o Único a quem nossas orações devem ser dirigidas. *Mediador* é um conceito oriundo da adoração cerimonial prescrita no Antigo Testamento. No tabernáculo e, mais tarde, no templo, os sacerdotes mediavam entre Deus e o povo, oferecendo sacrifícios animais para expiar os pecados de todos e intercedendo pela nação. Na posição de mediador, o sacerdote era o único que podia entrar no Santo Lugar, onde Deus manifestava Sua presença. Nosso único Mediador é *Jesus Cristo, homem* (Hb 9.11-15). Há um só Deus, em quem se encontra

a salvação. Há um só caminho que leva a Ele, por meio do Mediador, Cristo Jesus, que tem a natureza plena de Deus e a natureza plena do homem. Cristo se identificou conosco; Ele nos entende perfeitamente e representa-nos à destra de Deus, o Pai (Rm 8.34).

2.6 — Coube ao único Mediador nosso (v. 5) dar-se *a si mesmo em preço de redenção por todos*. A palavra grega aqui correspondente a *redenção* é encontrada somente nesta passagem, no Novo Testamento. Refere-se especificamente a resgate pago por um escravo. No grego, é formada por um prefixo que reforça a ideia de substituição (Mt 20.28; Mc 10.45). Em outras palavras, Cristo substituiu nossa vida pela dele. Nossos pecados nos separaram de Deus. Cristo sofreu o castigo por nossos pecados, para que pudéssemos ser reconciliados com o Pai.

2.7 — *Doutor dos gentios* descreve o ministério para o qual Paulo havia sido comissionado (At 9.15; Rm 11.13). *Fé* se refere à crença na salvação (justificação), enquanto *verdade* se relaciona com o crescimento espiritual cristão (santificação). Paulo foi chamado não somente para pregar o evangelho aos gentios, mas também para guiar seu crescimento na verdade. Foi para isso que ele deixou Timóteo em Éfeso. Timóteo deveria advertir os efésios de não ensinarem outras doutrinas, nem fábulas ou genealogias inúteis e intermináveis (1 Tm 1.4).

2.8-10 — Estas instruções se referem ao modo como uma pessoa deve comportar-se na adoração pública, mas os princípios ensinados têm aplicação mais ampla no comportamento cristão. Santidade de vida (v. 8) e modéstia no traje (v. 9, 10) são especialmente adequadas para o cristão.

2.8 — A expressão *os homens* se refere àqueles que se envolvem na condução da adoração pública. Liderar a adoração pública não é algo restrito a alguns de nós com dons específicos. A oração é um dos aspectos centrais da adoração cristã. A palavra grega traduzida por *homens* nesse versículo se refere literalmente a homens, não a mulheres. Alguns interpretam como se isso significasse que os homens deveriam ser os únicos líderes na adoração pública. No entanto, Paulo fala de



EM FOCO

REDEÇÃO (GR. ANTILUTRON)

(1 Tm 2.6)

A palavra *redenção* em grego é formada por *anti* (significando substituição) e *lutron* (palavra usada para significar o resgate de um escravo ou prisioneiro). *Antilutron* representa, assim, um pagamento feito como resgate, ou substituição, de um escravo ou prisioneiro liberto — ou seja, em troca dele. Quem detinha o escravo recebia o pagamento como ressarcimento, ou substituição. Como diz Gálatas 3.13, *Cristo nos resgatou da maldição da lei*. A Lei nos mantinha cativos de sua condenação. Ninguém, senão Cristo, poderia pagar o preço para nos libertar dessa escravidão.

mulheres orando em público em outras de suas cartas (v. 9; 1 Co 11.5).

Levantando mãos santas é uma forma hebraica de orar (1 Rs 8.22; Sl 141.2). *Santas* significa *moral e espiritualmente limpas*. A oração bíblica deve ser feita com a vida e o coração limpos (Hb 10.22).

Sem ira nem contenda. A ira é um tipo lento de raiva em ebulição. O sentido literal de *contenda* é *pensar de modo contrário*. Carrega a ideia de discussão. Toda oração deve ser feita sem qualquer ressentimento ou discussão entre os que oram. Aqueles que acaso não tenham boas relações com outros com quem irão orar juntos devem evitar conduzir a adoração pública.

2.9 — *Do mesmo modo*. Essa expressão continua a abordagem a respeito de oração, iniciada no versículo 8. Em outras palavras, assim como os homens ao orar devem ter uma atitude sincera e santa, as mulheres, ao orar, devem ser modestas.

Traje honesto. A ênfase é que as mulheres devem vestir-se de forma apropriada para a adoração, ou seja, sem o uso de roupas extravagantes, que possam chamar atenção para si mesmas.

Pudor significa decoro, reverência e respeito.

O termo traduzido como *modéstia* também poderia ser entendido como *equilíbrio, humildade e autocontrole*.

2.10 — Paulo exorta as mulheres de Éfeso a vestir-se de modo decoroso, piedoso, em vez de usar roupas inapropriadas e extravagantes.

Com boas obras. A beleza de uma mulher cristã é encontrada em seu caráter piedoso e em seu amor pelo Senhor, como pode ser demonstrado em toda boa obra.

2.11-15 — É possível que estas restrições se baseassem no comportamento inadequado de algumas mulheres, que certamente se haviam recentemente convertido. Paulo não era propriamente contra o fato de as mulheres orarem e profetizarem em público, desde que estivessem trajadas adequadamente (1 Co 11.4,5). Paulo foi espontâneo em reconhecer sua dívida para com um grupo considerável de mulheres que ajudaram a consolidação da Igreja do Novo Testamento (Rm 16.1-15).

2.11,12 — Paulo usa um recurso literário nestes versículos para construir seu argumento de que as mulheres não deveriam ensinar nem exercer autoridade sobre os homens na igreja. Ele usa dois pares de palavras para expressar o que quer dizer, como se segue. No versículo 11: *a mulher aprenda (manthaneto)*; *em silêncio (hēsuchia)*; *com toda a sujeição (en p̄ase hupotagē)*.

No versículo 12: *nem ensine (didaskēin)*; *nem exerça autoridade (authentēin)*; *mas permaneça em silêncio (hēsuchia)*.

2.11 — *A mulher aprenda* é uma determinação. Paulo deseja que as mulheres aprendam a doutrina cristã na congregação local, mas com uma atitude adequada. Aqui ele se coloca acima da cultura grega, já que a mulher do século 1 na Grécia não era considerada capaz de aprender. Paulo rejeita esse mito e exorta Timóteo a dar oportunidade às mulheres. Tendo aproveitado plenamente o potencial das mulheres em seu ministério (Rm 16.3-15), o apóstolo dá um grande exemplo a Timóteo.

Em silêncio (gr. hēsuchia) deve ser a atitude ou disposição da mulher (como *sosegada* em 1 Tm 2.2 ou *de um espírito manso e quieto* em 1 Pe 3.4) enquanto estiver aprendendo, como, aliás, deveria ser a de todos os cristãos, mulheres ou homens. Paulo não está dizendo que a mulher não pode falar na congregação local (compare com 1 Coríntios 11.2-16). Um termo grego diferente (*sigas*) é que significa nada dizer ou falar. Mesmo tendo



APROFUNDE-SE

UMA NOVA FORMA DE ADORAÇÃO

Qual é a forma correta de adorar a Deus? Para aqueles que haviam crescido na atmosfera religiosa de Éfeso antes do evangelho, a adoração cristã exigia um comportamento completamente diferente do que estavam acostumados. Por isso, Paulo oferece diretrizes acerca da adoração para homens e mulheres na igreja de Éfeso (1 Tm 2.8-15).

Éfeso era conhecida no mundo por seu magnífico templo dedicado à deusa Ártemis [Diana]. Os cultos pagãos eram ali intensos, bem como práticas diversas de ocultismo. De tal modo que livros contendo receitas mágicas vieram a ser conhecidos como *livros efésios*.

O evangelho produziu ótimos frutos em Éfeso, e a comunidade de cristãos cresceu rapidamente. Alguns dos novos convertidos, no entanto, levaram para a igreja local o seu velho estilo de vida e começaram a ensinar doutrinas distorcidas (1 Tm 1.3-7). Em se tratando de adoração, muitas práticas inadequadas eram usadas, gerando ritos e festas extravagantes. As mulheres de Éfeso, em particular, não estavam familiarizadas com a discreta e modesta conduta pública que o cristianismo exige.

Paulo descreve, assim, a forma correta de adoração. Os homens, que, ao que parece, eram muito dados à ira e a contendas, deveriam deixar de brigar e começar a orar (1 Tm 2.8). As mulheres, por sua vez, precisavam concentrar-se mais na prática da piedade e de boas obras, e não em roupas extravagantes, joias e penteados (1 Tm 2.9,10). Como algumas, ao que tudo indica, eram indisciplinadas, precisavam desenvolver seu autocontrole (1 Tm 2.11) — não necessariamente mantendo silêncio absoluto, mas, pelo menos, em *sosego* (segundo a tradução da palavra em 2 Ts 3.12), pois provavelmente participavam das orações e de outras atividades expressivas das reuniões de adoração (compare com 1 Coríntios 11.5; Efésios 5.19).

Ainda hoje, a mensagem de Cristo atrai pessoas das mais variadas formações. Algumas delas, assim como os efésios, precisam aprender o modo cristão e apropriado de adorar a Deus. Outras trazem consigo alguns aspectos culturais de ordem positiva que podem ser usados na experiência da adoração cristã, desde que mantidas, no entanto, as diretrizes bíblicas, como as que foram dadas por Paulo aos efésios.

lhes dado privilégio e liberdade, Paulo adverte que as mulheres devem aprender com *toda a sujeição*, não de um modo irrequieto, contencioso ou rebelde. Essa novidade em matéria de liberdade, para os que continuarem na ignorância e, conseqüentemente, imaturos, pode ser facilmente usada de forma incorreta, como aconteceu, por sinal, em Éfeso (5.11-15).

2.12 — *Não permito* está no tempo presente e indica uma atitude constante. O apóstolo expressa sua constante autoridade pessoal como apóstolo em relação à questão das mulheres ensinarem aos homens na igreja local (compare com Romanos 12.1).

Ensinar (gr. *didaskain*). O apóstolo usa a palavra grega para expressar o tipo de ensino encontrado nas comunidades judaicas de que ele procedia. Mais do que dar informação aos alunos, incluía o apelo feito por um rabino, ou mestre, para que seus discípulos ouvissem, cressem e praticassem suas palavras. Era um ensino baseado na revelação de Deus, usando das mesmas funções exercidas na Igreja primitiva pelos anciãos: doutrina, correção, disciplina e repreensão (compare com 1 Timóteo 4.11; 4.16—5.2; 2 Timóteo 3.17; 4.1-4; Tito 2.15; 3.8-11). Geralmente, os que exerciam essa responsabilidade na Igreja primitiva tinham o dom espiritual de ensinar (compare com Romanos 12.7; 1 Coríntios 12.28), mas nem todo exercício desse dom espiritual, por homens ou mulheres, teria de ser, necessariamente, na congregação.

Autoridade. Aqui, a palavra grega (*authentain*) não é normalmente a usada para autoridade, que é *exousia*, significando *ter o direito*. A palavra aqui usada é somente encontrada nesta passagem, no Novo Testamento, sendo, por isso, objeto de interpretações incorretas. O que geralmente é aceito com relação a *authentēō* em dicionários acadêmicos reconhecidos e estudos recentes mostra, com quase toda a certeza, que a ideia é que as mulheres não devem exercer autoridade sobre os homens. A conjunção *nem* (gr. *oude*) indica que *ensine* é definido pela expressão *use de autoridade*.

Alguns têm se equivocado, julgando que os dois termos deveriam ser unidos e traduzidos por

ensinar de modo dominador. Se ensinarem, portanto, com uma atitude correta, as mulheres o podem fazer aos homens, na congregação. Isso introduz uma ideia gramatical que simplesmente não é encontrada neste texto e que não é característica do estilo de escrita do apóstolo. Sem dúvida, Paulo não queria que ninguém — homem ou mulher — ensinasse de forma incorreta. Além disso, em nenhuma passagem o texto indica que o apóstolo está proibindo o ensino de falsas doutrinas (o que seria igualmente proibido para homens e mulheres). Em vez disso, o apóstolo está proibindo qualquer ensino aos homens dado por mulheres (na congregação, evidentemente, v. 8-12), ou qualquer ensino de mulheres na congregação com autoridade sobre os homens.

Quando examinamos 144 exemplos do Novo Testamento que usam a mesma construção encontrada aqui no versículo 12, descobrimos que o *nem* é usado para reforçar ou intensificar um conceito com o qual ambos os elementos se relacionam (sendo o primeiro específico e o último geral: aqui, ensinar e exercer autoridade), e não para indicar uma única ideia (ou seja, no caso, ensinar de um modo dominador). Paulo, então, não desaprova aqui o ensino ministrado por mulheres por causa de razões culturais ou aptidão ou instrução das mulheres.

A exortação está relacionada simplesmente à teologia, à ordem da criação e à queda, sendo um aspecto significativo do julgamento da mulher o de ela exercer autoridade em uma área aparentemente reservada para o marido — uma inversão da ordem da criação (compare com Gênesis 3.16; 4.7). O melhor é entendermos essa passagem como um ensino de que, quando os ministérios forem exercidos sob a liderança adequada de um homem (ancião), as mulheres podem exercer qualquer dos dons espirituais que receberem e que possam desenvolver nos mais variados ministérios de uma comunidade local (2 Tm 3.14; Tt 2.3,4) — exceto ensinar aos homens. As mulheres podem, enfim, servir no Corpo de Cristo em muitos ministérios, mas os homens devem funcionar como líderes oficiais de Deus na congregação local.



ENTENDENDO MELHOR

O LEGADO DE EVA

Ao escrever que Eva *caiu em transgressão* (1 Tm 2.14), Paulo estava mostrando como uma pessoa pode ser facilmente levada à tentação e ao pecado, com consequências desastrosas. No caso de Eva, Paulo explicitamente afirma que, ao contrário, *Adão não foi enganado* (compare com 2 Coríntios 11.3).

O apóstolo está fazendo uma afirmação sobre as mulheres em geral? As opiniões divergem, mas, em todo caso, parece claro que está usando de Eva para ilustrar um ponto importante com relação às mulheres na congregação em Éfeso.

A maioria das mulheres no primeiro século não possuía educação formal. Na Grécia, levavam uma vida relativamente isolada em casa e nem sempre participavam de eventos públicos. Grande parte do que sabiam aprendiam com o marido ou com outras mulheres. Isso fazia com que ficassem suscetíveis ao engano. Não é de admirar, portanto, que Paulo tivesse recomendado que as mulheres de Éfeso não devessem ensinar. Além de reconhecer a prioridade de Adão na criação como base para as mulheres não ensinarem aos homens, Paulo queria também que evitassem o erro de Eva, que ajudou a trazer o pecado para o mundo por aceitar as mentiras da serpente.

2.13,14 — *Porque*. Paulo apresenta razões para as diretrizes dadas nos versículos 9-12.

Primeiro foi formado Adão se refere a Gênesis 2.7-25. Na ordem da criação de Deus (1 Co 11.9), Adão foi criado antes de Eva. Esta é uma referência implícita quanto aos privilégios que o primogênito recebia na sociedade judaica. Esses privilégios não eram dados com base na superioridade inerente ao indivíduo, mas, em vez disso, pelo fato de ele ter nascido primeiro, algo controlado pelo próprio Deus. A segunda razão para as proibições apresentadas nos versículos 9-12 se relaciona à queda do homem. *Adão não foi enganado* mostra o fato de que Adão pecou de olhos abertos; sabia o que estava fazendo (Rm 5.12).

A mulher, sendo enganada. O verbo indica que Eva foi completamente enganada. Partindo da criação e da queda, nestes versículos, o argumento de Paulo parece indicar que as proibições dos versículos 9-12 devem ser permanentes. (Alguns alegam que Paulo estava fazendo uma analogia entre criação e queda e a situação então existente na igreja de Éfeso, onde os homens estavam ensinando e algumas mulheres estavam sendo enganadas por falsos mestres, mas nenhuma passagem em 1 Timóteo respalda essa visão.)

2.15 — *Salvar-se-á [...] dando à luz filhos*. Alguns acreditam que esse versículo se refira ao nascimento de Cristo e que a mulher seja Maria. No entanto, pode referir-se à missão especial da mulher de conceber (Tt 2.3-5). A salvação em

questão aqui não é propriamente a justificação, mas a santificação diária. É provável que Paulo esteja referindo-se a estar livre a mulher do desejo de dominar, por reconhecer seu devido lugar na ordem da criação de Deus. *Se permanecer* sugere que essa salvação (santificação) está condicionada à caminhada contínua da mulher na fé, no amor, na santidade e no autocontrole.

3.1-16 — Na discussão sobre como se portar na casa de Deus, Paulo se volta agora para o líder. Há dois oficiais na igreja, segundo as Escrituras: o bispo (gr. *episkopos*), pastor, ministro ou presbítero e o diácono (gr. *diakonos*). O pastor ou pregador do evangelho deve viver para o evangelho e do evangelho (1 Co 9.14). É este o seu chamado. O diácono serve na igreja local, mas não vive somente para esse fim nem desse serviço; nenhuma passagem diz que seja chamado para isso, inclusive como forma de sustento. Não há padrões duplos de vida cristã. O que *deve* se aplicar a todo cristão *tem de* se aplicar aos líderes na casa de Deus. É muito adequado que haja padrões de conduta para os líderes em uma igreja local. Aqui está uma boa lista como referência.

3.1 — *Episcopado*. Esta palavra grega se refere a uma pessoa que se encontra na posição de supervisionar uma congregação cristã. Em muitas passagens do Novo Testamento, as palavras gregas para *bispo* e *presbítero* são usadas de forma alternada como referência ao mesmo cargo (Tt 1.5-7).



EM FOCO

BISPO (GR. EPISKOPOS)

(1 Tm 3.2; At 20.28; Fp 1.1; Tt 1.7)

O termo grego *episkopos* significa *aquele que supervisiona*. No Novo Testamento, o bispo ou ancião é aquele que supervisiona uma congregação. Em Atos 20.17,28, os anciãos, os bispos, da igreja em Éfeso são chamados a cuidar do rebanho. Tais presbíteros eram responsáveis pelas questões internas da igreja; e, ao que parece, havia vários deles em posição de tal responsabilidade em toda igreja local (At 14.23; Tt 1.5-7). Após a época inicial do Novo Testamento, tornou-se costume, então, designar um presbítero especificamente como dirigente e dar-lhe o título próprio de *bispo*.

3.2 — *Irrepreensível* significa alguém não sujeito a punição ou repreensão. A ideia não é que um bispo ou ministro não cometa mais pecado, mas, sim, que mostre uma conduta cristã madura e consistente que não dá margem para vir a ser acusado de algum erro grave. O sentido literal de *marido de uma mulher* é o tipo de homem de uma só mulher. Essa expressão tem sido interpretada como uma forma de excluir do cargo todos os que sejam imorais ou polígamos, ou como referência específica àqueles que se casem novamente após uma separação ou divórcio. É uma qualificação também para os diáconos (v. 12). *Sóbrio* significa *sem bebida*, lúcido; significa ter controle do próprio corpo e da mente. É um estado de espírito de equilíbrio, resultante de autocontrole. *Honesto* significa sincero e disciplinado. *Hospitaleiro* significa *que recebe bem os estranhos*. A casa de um ministro cristão deve estar aberta aos propósitos do ministério. *Apto para ensinar* também poderia ser traduzido por *qualificado* para ensinar ou *que se dispõe* a ensinar. Uma vez que tem a ver com caráter, parece melhor entender essa qualificação como de alguém que se dispõe a ensinar, como uma necessidade para o homem de Deus (1 Timóteo 5.17; 2 Timóteo 2.24; Tito 1.9 mostram a exigência de o presbítero ser capaz de ensinar).

3.3 — *Não dado ao vinho* significa *não viciado em bebida alcoólica*. *Não espancador* tem sido traduzido também por *não violento*. O bispo ou

presbítero não deve ser propenso a briga, a violência e a querer agredir fisicamente as pessoas.

Não cobiçoso de torpe ganância. Não deve ter uma atitude egoísta em relação ao dinheiro ou aos bens. Isso é também uma advertência para os líderes de igrejas quanto à devida administração das finanças da casa de Deus.

Não contencioso significa *que não discute, não cria problemas*; é a qualidade do homem pacífico. O bispo ou presbítero deve contender pela fé, sem ser contencioso. *Não avarento* significa literalmente *que não ama a prata* (1 Tm 6.9). Observe que essa é a segunda advertência aqui sobre dinheiro. Alguns presbíteros em Éfeso estavam recebendo ajuda financeira para o ministério (1 Tm 5.17,18). Paulo os exorta para que não deixem que o desejo de obter seu ganho se torne sua maior prioridade.

3.4 — *Governe* significa *que se coloque diante de*, ou administre.

A sua própria casa. O presbítero deve administrar bem sua própria família. Seus filhos devem submeter-se à sua liderança com *modéstia* e respeito.

3.5 — Se um ministro for incapaz de governar a própria família, *não terá cuidado* devidamente de sua igreja. Ao passar de *governar* para *ter cuidado*, Paulo enfatiza o carinho do presbítero em sua função de apascentar a igreja local.

3.6 — *Neófito* significa novo, *recém-plantado*. O presbítero não deve ser um cristão novo, recentemente convertido. *Ensoberbecendo-se* prevê a situação delicada em que pode se colocar um líder se for um novo convertido. A soberba é considerada como a condenação do diabo (Ez 28.11-19).

3.7 — *Bom testemunho*. O presbítero deve ter boa reputação na comunidade (At 6.3). Não deve dar motivo para *afronta* ou insulto de descrentes a ele. O bom testemunho do presbítero evita o *laço do diabo*, ou seja, a cilada, ou armadilha, de Satanás (2 Tm 2.26).

3.8-13 — *Da mesma sorte*. Qualificações similares aplicam-se aos *diáconos*, que também eram ministros na Igreja primitiva. Eles tinham a responsabilidade especial de visitar e ministrar a palavra e ajuda aos necessitados. Os sete



VOCE SABIA?

O FATOR CARÁTER

Em 1 Timóteo 3.3, Paulo define os critérios que qualificam pessoas para liderança na comunidade eclesial. Todas as características mencionadas dizem respeito ao caráter. Parece que Deus está muito mais preocupado com a integridade pessoal dos líderes do que com a instrução, a eloquência ou o carisma desses líderes.

Sem dúvida, os padrões são altos, mas isso não implica um padrão mais elevado para o líder de uma igreja do que para o cristão comum. *Todos* os cristãos são chamados a esses mesmos padrões de semelhança com Cristo. Paulo não está criando uma elite espiritual; está simplesmente mostrando que a igreja local deve escolher seus líderes dentre pessoas que estão vivendo realmente de acordo com os ideais do evangelho.

escolhidos em Atos 8.3-6 para aliviar a carga dos apóstolos na distribuição de comida são considerados como os primeiros diáconos da história da Igreja (At 6.2-4).

3.8 — Os *diáconos* ocupam a segunda posição de liderança na congregação local. A palavra grega usada para *diácono* significa *servo*. Este versículo e Filipenses 1.1 demonstram que esse cargo foi realmente estabelecido na Igreja primitiva.

De língua dobre. Esta expressão se refere ao mexerico, mais especificamente quando se diz uma coisa a uma pessoa e outra diversa a outra pessoa.

3.9 — *O mistério da fé* é a doutrina esclarecida no versículo 16 como a encarnação de Deus. Ao tornar-se carne para servir à humanidade (Mc 10.43-45), o Filho de Deus tornou-se a personificação do serviço.

3.10 — *Provados.* Os diáconos devem ser avaliados, observados e aprovados antes de designados para o cargo. Por esse processo de aprovação, devem ser considerados *irrepreensíveis* ou inculpáveis em seu caráter.

3.11 — *Da mesma sorte as mulheres.* A expressão similar do versículo 8 parece indicar que Paulo estava falando de outro cargo no corpo local: a diaconisa. Tal como os diáconos (v. 8-10,12,13), essas mulheres dedicavam-se ao serviço sob a liderança de presbíteros. Alguns interpretam esse versículo como referência não a um cargo, mas às esposas dos diáconos.

3.12,13 — Um incentivo duplo é oferecido aos diáconos que servem bem. Primeiro, receberão boa *posição*, ou respeito. Isso está relacionado

principalmente à sua posição na congregação, mas também à sua recompensa maior pelo serviço ante o tribunal de Cristo (Rm 14.10; 1 Co 3.10-15; 2 Co 5.10). Segundo, desenvolverão sua *confiança na fé*. Os servos fiéis desenvolvem sua fé e convicção em sua caminhada cristã.

3.14 — Paulo deseja unir-se a Timóteo em Éfeso (1 Tm 1.3).

3.15 — O objetivo de Paulo ao escrever sua primeira carta a Timóteo era dar-lhe instruções sobre como uma congregação local e sua liderança deveriam funcionar.

Igreja do Deus vivo. A Igreja se manifesta em reuniões locais por todo o mundo.

A coluna e firmeza da verdade. Comportamento impróprio e desordem na igreja local enfraquecem a sustentação da verdade de Deus no mundo. Mulheres e homens piedosos que se reúnem em congregações locais para adorar ao Senhor formam uma igreja que testifica da verdade de Deus para todos os outros.

3.16 — Este versículo contém um hino antigo da Igreja. O hino consiste em três parênteses de versículos. *Que se manifestou em carne* se refere, naturalmente, à encarnação de Cristo, ao fato de que Deus se fez homem e habitou entre nós (Jo 1.14). *Justificado em espírito* diz respeito à obra do Espírito Santo no ministério e na ressurreição de Jesus (Mt 3.15-17; Jo 16.7,10; Rm 1.4). *Visto dos anjos* fala do testemunho angelical do ministério e da ressurreição de Cristo. *Pregado aos gentios* se refere à proclamação de Cristo às nações (Cl 1.23). *Crido no mundo* é a resposta dos homens e dos povos ao plano de salvação de

Deus (1 Co 1.18-25). *Recebido acima, na glória* se refere à ascensão de Cristo, que está sentado na presença de Deus, no céu (At 1.9; Hb 1.3,4).

4.1 — Paulo dá início aqui a uma série de instruções especiais a Timóteo.

O *Espírito expressamente diz*. Paulo pode estar referindo-se a profecias inspiradas pelo Espírito Santo acerca do abandono da verdade de Deus (Dn 7.25; 8.23; Mt 24.4-12) ou a uma revelação que o Espírito lhe deu.

O significado literal de *apostatarão* é *se afastarão*. Haverá muitos momentos em que *alguns* se desviarão da fé (1 Tm 1.19,20). A referência aqui não é propriamente à perda da salvação, mas ao fato de deixarem de andar em obediência (Jo 19.25-27; 1 Co 3.1-3; 11.29,30). O impacto da influência e do ataque satânicos está descrito nos versículos 1-3.

Doutrinas de demônios se refere a seguir práticas ocultas.

4.2 — *Cauterizada a [...] consciência*. Como poderiam acreditar nessas coisas? Assim como se costuma ficar com o dedo dormente ao queimá-lo no ferro de passar, sua consciência tornou-se adormecida, cauterizada pelo pecado.

4.3,4 — Os falsos mestres em Éfeso menosprezavam o mundo material como se fosse somente mau. Isso se tornou doutrina central do gnosticismo desenvolvido no século 2. Todavia, em Gênesis 1.31, tudo o que Deus criou foi por Ele

considerado *muito bom*. Os cristãos devem desfrutar de tudo o que Deus criou e deu-lhes para usar e administrar.

4.5 — *Santificada* significa *separada*. Casamento, alimentos e bens são, na realidade, assuntos espirituais. Devem ser desfrutados pelo cristão, sempre reconhecendo seu correto objetivo perante Deus.

4.6—6.21 — Paulo instruíra antes Timóteo sobre como deveria portar-se *na casa de Deus* (1 Tm 3.15). Aqui, trata da vida pessoal de Timóteo (1 Tm 4.12-16; 5.23-25; 6.11-16,20,21) e de como deveria lidar com diversos tipos de pessoas (1 Tm 5.1,2), especialmente as *viúvas* (1 Tm 5.3-16), os *presbíteros* (1 Tm 5.17-22), os *servos* (1 Tm 6.1,2), os *questionadores e contenciosos* (6.3-5) e os *ricos* (6.6-10,17-19).

4.6 — O crescimento constante da Igreja ocorre por meio da pregação de *palavras da fé* e instrução na *boa doutrina*. A *sã doutrina* é a base de um ministério saudável e de seu correto exercício.

4.7 — *Exercita-te* seria uma recomendação comumente usada para se referir ao treinamento físico dos atletas gregos. A verdadeira espiritualidade exige que a pessoa se exercite na piedade em sua caminhada com o Senhor.

4.8 — *Para pouco aproveita* contrasta o valor de curto prazo do exercício físico com os benefícios de longo prazo da *piedade para tudo*. A disciplina na piedade influencia a vida do cristão, tanto no



APLICAÇÃO

BONS CONSELHOS PARA UM NOVATO

Timóteo era jovem em se tratando de idade e relativamente inexperiente como aprendiz de Paulo, seu mentor. O pastorado em Éfeso foi sua primeira missão *solo*. Por isso, Paulo lhe oferece palavras de sabedoria e a perspectiva de quem detinha maior experiência:

- Esperar tempos difíceis em um mundo destruído (1 Tm 4.1-3).
- Aceitar as dádivas de Deus com ação de graças (1 Tm 4.4,5).
- Declarar sempre a verdade às pessoas que compartilham sua fé (1 Tm 4.6).
- Evitar envolver-se com fábulas, crendices e tradições folclóricas (1 Tm 4.7). Não se trata propriamente de histórias ruins, mas que a nada levam. Buscar somente a verdade e fazer dela sua característica pessoal (1 Tm 4.8-11).
- Vencer o ceticismo alheio com os princípios básicos de fé, amor cristão, falas edificantes e pureza (1 Tm 4.12).
- Aplicar-se em seus conhecimentos e habilidades em Cristo com diligência (1 Tm 4.13,14).
- Conselhos e perspectivas como esses são da maior utilidade para todos nós.

presente como no futuro. O aspecto presente inclui obediência e uma vida de propósitos (Jo 10.10). O futuro envolve maiores recompensas no Reino de Cristo, que está por vir (1 Co 3.10-15; 2 Co 5.9,10).

4.9 — *Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação e isso ninguém pode negar. Homem sábio é o que a acata, obedece-lhe e cumpre-a.*

4.10,11 — *Salvador de todos os homens* descreve Deus como Aquele que deu e dá vida, fôlego, existência e salvação a todos. *Principalmente dos fiéis* faz um contraste entre a graça comum de Deus para todos e a graça especial de salvação para aqueles que nele confiam como Salvador.

4.12 — *Mocidade* era um termo então aplicado aos homens até os 40 anos. É possível que Timóteo tivesse entre 35 e 40 anos nessa época. A contrapartida para sua *mocidade* ou inexperiência seria a vida que deveria levar. Deveria dar o exemplo em seis áreas: (1) *na palavra*, com o sentido de conversa; (2) *no trato*, ou atitude para com os outros; (3) *na caridade*, que é o amor de Deus; (4) *no espírito*, ou seja, no poder do Espírito Santo; (5) *na fé*, no sentido de total confiança em Deus; (6) *na pureza*, tanto em ação e palavras quanto em pensamentos (1 Tm 5.2). Esses elementos, todavia, são indicados não somente

para os jovens, mas desejáveis de serem praticados por todos, e devem ser desenvolvidos, de preferência, logo no início da vida cristã.

4.13 — *Persiste* (gr. *proseche*) é uma determinação de que haja preparação e constante diligência pessoal. Aqui se definem três áreas específicas de responsabilidade na casa de Deus. *Ler* — uma ordem à leitura pública das Escrituras (At 13.15). *Exortar* — incentivo a que se obedeça às Escrituras. *Ensinar* — doutrinação e instrução da Palavra de Deus (1 Tm 2.12).

4.14 — Paulo incentiva Timóteo a ser diligente. O *dom* é a dádiva espiritual que Timóteo recebeu de Cristo (Ef 4.7,8) *por profecia*. O dom de Timóteo foi dado por meio de uma mensagem profética (1 Tm 1.18) e *com a imposição das mãos*, provavelmente em Listra (At 16.1). A imposição de mãos significava a comissão, com o reconhecimento por parte de Paulo da obra de Deus na vida de Timóteo (2 Tm 1.6).

4.15 — *Meditar* (gr. *meleta*) é a recomendação para que Timóteo sempre reflita sobre as instruções de Paulo. *Ocupa-te* (gr. *isthi*) é outra recomendação. O cuidado de Paulo com Timóteo, seu *filho na fé*, é óbvio. Porque estava instruindo Timóteo, esperava confiante de que seu *aproveitamento* fosse *manifesto* a todos na igreja local.



APROFUNDE-SE

VIÚVAS NA FAMÍLIA

A instituição social fundamental do mundo greco-romano era a família. A família antiga incluía um número muito maior de pessoas do que a família moderna, constituída de marido, esposa e filhos. Todos os envolvidos no *negócio* da família, sob a autoridade de um administrador chamado *pai*, faziam parte dela. Assim, a família greco-romana era constituída de muitos parentes, além de vários dependentes: a esposa, os filhos, os escravos, bem como clientes — aqueles que prestavam ao pai toda a honra, obediência e o reconhecimento em troca de apoio e favores materiais.

As famílias, principalmente quanto ao pai, classificavam-se socialmente em termos de honra, prestígio e influência. Quanto mais honrarias recebia o pai, mais prestígio e influência ele detinha e acumulava. Não era tão importante acumular riqueza para obter mais riqueza. O bem mais valioso e importante para o pai era ostentar a sua honra. A riqueza permitia-lhe encher seus dependentes de presentes, levando com isso mais pessoas a honrarem-no como seu benfeitor.

Um membro da família que precisava especialmente de proteção era a viúva. Nos tempos do Novo Testamento, as viúvas praticamente não tinham como se sustentar. A Igreja primitiva sentiu-se responsável por cuidar das viúvas cristãs, mas surgiram problemas para atender às suas carências. Como novas estruturas e diretrizes teriam de ser criadas, a Igreja, por fim, fez distinção entre viúvas que realmente precisavam de sustento e as que deveriam ficar aos cuidados de sua família (1 Tm 5.3-5.8). O pai cristão que não sustentasse uma viúva de sua família seria considerado *pior do que o infiel* (1 Tm 5.8). Mesmo em famílias não cristãs, no mundo greco-romano, o chefe da casa sustentava viúvas pobres.

4.16 — *Tem cuidado* (gr. *epeche*) — eis outra ordem, alertando Timóteo para si mesmo, seu caráter e suas ações, junto com a *doutrina*, o ensino (gr. *tei didaskalia*). *Persevera* (gr. *epimene*) é uma ordem para que permaneça nas coisas que Paulo lhe escreve. *Te salvarás* não é uma proposição à justificação pelas obras, mas, sim, à santificação, à caminhada diária de fé do cristão (Mc 8.34-38; Jo 12.25,26). *Aos que te ouvem* se refere aos membros da igreja local que ouviam as leituras, as exortações e os ensinamentos de Timóteo.

5.1-25 — Paulo aconselha Timóteo quanto a diversos relacionamentos na igreja local: homens e mulheres mais velhos e mais novos, viúvas, presbíteros.

5.1 — *Não repreendas* (gr. *epiplēsō*) significa não atacar de forma abrupta os idosos. Homens mais novos não devem repreender severamente os mais velhos.

5.2 — *Toda a pureza* é uma advertência típica feita a um homem moço como Timóteo. Paulo manda-o respeitar a pureza das jovens como a pureza de uma irmã.

5.3 — *Honra* é a recomendação para que mostre respeito a alguém, seja pela atitude, seja por meio de ajuda (v. 4,8). O termo *viúvas* aqui se refere às que tenham família para sustentá-las (v. 4,16), enquanto a expressão *verdadeiramente são viúvas* se refere às que não têm sustento. Se esse tipo de cuidado fosse exercido pelos cristãos de hoje, especialmente para com seus pais, a quem devem honrar, haveria pouca necessidade de contar com o auxílio de instituições do governo ou particulares às viúvas e idosos em geral que não têm sustento próprio.

5.4 — Os membros da família são instruídos a cuidar das viúvas. *Piedade* é respeito, reverência ou obrigação. *Recompensar* é honrar nossos pais, cuidar deles física e financeiramente quando envelhecem. Na verdade, estamos devolvendo o tempo e a energia que nos deram quando jovens.

5.5 — *Espera* significa ter esperança e confiança em Deus.

5.6 — Este versículo identifica viúvas que levam uma vida ímpia e não devem ser sustentadas pela Igreja. A expressão *vive em deleites* se

refere a uma vida de conforto, centrada nos próprios desejos. *Morta* significa separada da comunhão da Igreja (Tg 2.26). As viúvas na igreja que optem por viver para si mesmas estão separando-se da comunhão com Deus e com os irmãos em Cristo.

5.7 — *Irrepreensíveis*. Mantendo boa reputação para si e para a igreja a que pertencem.

5.8 — O cristão deve ter *cuidado* dos seus (dos parentes próximos) e *da sua família* (imediate). Não cuidar da família é como negar a fé (Êx 20.12; Mc 7.9-12; Ef 6.2). Se o cristão não cuida de sua própria família, como pode amar sinceramente os outros e cuidar deles?

Pior do que o infiel. Não cristãos existem que cuidam bem melhor de sua família do que alguns cristãos.

5.9 — *Seja inscrita* significa ser registrada em uma lista. É bem provável que o rol aqui seja de viúvas às quais a igreja local deveria assistir. A viúva inscrita deveria ter, pelo menos, *sessenta anos* e ser *mulher de um só marido*. Alguns acham que esse registro poderia ser de uma espécie de departamento de viúvas, naquela igreja. Elas deveriam orar pela igreja (v. 5) e fazer obras de caridade (v. 10).

5.10 — *Filhos* se refere aos filhos das viúvas. *Exercitou hospitalidade* indica acolher estranhos. *Lavou os pés aos santos* é demonstração de um coração de serva. *Socorreu os aflitos* sugere ter ajudado aqueles que enfrentavam adversidade. *Praticou toda boa obra* indica compromisso total com o serviço a Deus e ao próximo.

5.11,12 — *Não admitas* é ordem para não incluir *viúvas mais novas*, ou seja, com menos de 60 anos, na lista de viúvas a serem sustentadas pela igreja local. O motivo para essa rejeição é que as viúvas mais novas poderiam tornar-se *levianas*, o que significa entregar-se a desejos sexuais, ou querer *casar-se*, possivelmente, até, com um incrédulo, já a se dizia que o segundo casamento nada tinha a ver com a primeira fé.

5.13,14 — Para Paulo, é melhor até que viúvas mais novas voltem a casar (1 Co 7.39,40). Do contrário, podem tornar-se *ociosas*, sem trabalho, *paroleiras* e *curiosas*. Sua preocupação era que as

viúvas mais novas não tivessem coisas suficientes para fazer e, assim, importunassem os demais com conversas inúteis ou mesmo palavras nocivas, causando problemas e dissensão.

5.15 — Algumas dessas viúvas mais novas ignoraram o modelo bíblico para um novo casamento e se *desviaram, indo após Satanás*.

5.16 — A responsabilidade pelo sustento da viúva cabe, em primeiro lugar, à família (v. 4,8). Quando as famílias cristãs cumprem suas responsabilidades, a igreja pode cuidar daqueles que não têm nenhum recurso familiar.

5.17-20 — Paulo agora discute a questão dos presbíteros.

5.17 — A principal função dos *presbíteros* é governar bem. A palavra *honra* era usada em textos antigos fora da Bíblia como referência à remuneração financeira. *Duplicada* se refere a dois tipos de honra: (1) respeito por governar bem e (2) pagamento adequado por cuidar com diligência da igreja (1 Co 9.1-14). *Os que trabalham na palavra e na doutrina* eram os presbíteros que se dedicavam a pregar e ensinar continuamente as Escrituras.

5.18 — *Porque diz a Escritura*. Com duas citações, uma delas de Deuteronômio 25.4 e a outra das palavras de Cristo em Lucas 10.7, Paulo apresenta evidências que favorecem o princípio de oferecer remuneração financeira aos presbíteros pelo seu serviço. A passagem de Lucas é especialmente digna de nota porque mostra que já para Paulo, na época, aquele evangelho era considerado tanto Escritura quanto o livro de Deuteronômio.

5.19 — Os ministros tornaram-se protegidos de ataques maliciosos com esta ordem, que diz *não aceites acusação contra o presbítero*, quer um ataque quer uma acusação legal, a não ser se contar com *duas ou três testemunhas* idôneas (Dt 19.15; Mt 18.16). As acusações contra os pastores devem basear-se em fatos reais, não em suposição, opinião ou boato.

5.20 — A frase *aos que pecarem* se refere aos presbíteros que fracassem como líderes, seja na igreja local, seja em sua vida social ou familiar. *Repreende-os* recomenda que se traga o pecado

à tona e seja exposto diante de *todos*, incluindo outros presbíteros e membros da igreja.

Para que também os outros tenham temor. A repreensão pública de um ministro em pecado tem por objetivo servir como séria advertência a todos os outros cristãos. A disciplina de Deus é firme, desde líderes até leigos. O pecado é uma questão grave na vida do cristão, principalmente se for líder (1 Pe 4.17). Quando os líderes pecam e ficam impunes, os membros da igreja podem, erroneamente, começar a querer justificar seus próprios pecados.

5.21 — *Conjuro-te*. A disciplina deve ser exercida na igreja; mas deve ser feita sem *prevenção* (preconceito pessoal) ou *parcialidade* (tratamento preferencial).

5.22 — Este versículo adverte de não se reintegrar *precipitadamente* um líder que caiu. Corrigi-lo com amor e restaurá-lo à comunhão deve ocorrer tão logo seja possível, mas sua reintegração à liderança não deve ser feita sem que haja tempo e avaliação bíblica. Outra interpretação sugere que se avalie com cuidado qualquer pessoa que seja considerada para a liderança, não somente ex-líderes que desejam ser reintegrados (1 Tm 3.1-14). *Conserva-te a ti mesmo puro* é advertência para que Timóteo não seja responsável pelos pecados de outros, ao reintegrar ou designar alguém não devidamente qualificado.

5.23 — Paulo lembra Timóteo da propensão deste a um problema de estômago. Isso certamente pode ter fundamento por estar ele dedicadamente envolvido na disciplina necessária a um presbítero e principalmente por causa de sua possível timidez. O apóstolo incentiva Timóteo a usar *vinho* como um remédio *por causa do [...] estômago* e das *frequentes enfermidades*. Nossos problemas de saúde muitas vezes afetam nossa capacidade de atuação. Ter a sabedoria de cuidar-se e buscar a cura é sempre uma atitude prudente.

5.24,25 — *Não podem ocultar-se*. As boas obras que passem despercebidas se tornarão evidentes, se não nesta vida, certamente perante o tribunal de Cristo (1 Co 3.10-15).



APLICAÇÃO

O DESAFIO DO CONTENTAMENTO

Timóteo, o jovem discípulo de Paulo, tinha muito o que fazer em Éfeso. O apóstolo o havia deixado naquela cidade para supervisionar a organização da igreja local. Deveria dar ensino consistente, ajudar a congregação a escolher seus líderes e ser um exemplo de integridade pessoal como presbítero.

A primeira carta de Paulo a Timóteo contém direção e incentivo nesse sentido. Entre seus memoráveis conselhos, Paulo inclui o seguinte: *Mas é grande ganho a piedade com contentamento* (6.6). De fato, a ausência de piedade e de contentamento indica uma grande perda em nossa vida cristã. Piedade sem contentamento é praticar uma justiça legalista e sem alegria. Já o contentamento sem piedade é próprio de uma pessoa desligada da verdade de Deus.

Que tipo de vida Paulo então descreve quando fala desse contentamento piedoso? Paulo descreve a pessoa que o possui como a que entende perfeitamente a natureza passageira da vida humana. As coisas deste mundo estão aqui quando chegamos e são deixadas para trás quando partimos. Não é possível encontrar piedade nem contentamento em seu acúmulo. As coisas que vão além de nossas necessidades básicas supridas por Deus (*sustento, e com que nos cobrimos*, 1 Tm 6.8) podem ser desfrutadas sem tornar-se necessidade. Na concepção de Paulo, se a piedade (nosso desejo de ver o caráter de Deus reproduzido em nós) e o contentamento (nossa aceitação da vontade de Deus em nossa vida) dependerem do meio em que vivemos ou das circunstâncias, serão ambos, sempre, instáveis.

Em outra passagem, Paulo mostra que o contentamento piedoso deve ser uma resposta ao que já adquirimos pela experiência (Fp 4.11-13). Desenvolver tal contentamento está além de nossa capacidade. Por isso, com Paulo, devemos apelar à fonte correta para obtermos este traço de caráter: *Posso todas as coisas naquele que me fortalece* (Fp 4.13).

6.1 — *Servos [...] debaixo do jugo* se refere a cristãos que trabalhavam realmente como escravos. Os escravos cristãos deveriam dar *toda a honra* ou respeito aos seus senhores. A vida e as ações de um escravo cristão deveriam representar a fé cristã e o próprio Cristo. Do mesmo modo, devemos observar como agimos em nosso trabalho. É extremamente importante que nossas ações testemunhem a realidade do poder de Cristo em nossa vida.

6.2 — *Ensina*. Paulo passa para a conclusão com uma última advertência para que Timóteo instrua sua congregação a fim de combater os falsos ensinamentos que estavam infiltrando-se na igreja de Éfeso (v. 4,5). A palavra grega usada para *ensinar* significa apresentação formal da doutrina (2.12), enquanto a palavra grega usada para *exortar* implica uma instrução menos formal, uma *aproximação* com o fim de orientar.

6.3,4 — *Se alguém ensina alguma outra doutrina*. Aqui Paulo se refere diretamente aos falsos mestres e instrutores. Contrasta o ensino doentio deles com as *sãs palavras* (sã doutrina, em 1.10) do *Senhor Jesus Cristo*. Esses falsos mestres estavam mais interessados em teorias e discussões

inúteis do que em colocar em prática a verdade cristã. Mantinham um desejo mórbido de contentar com palavras.

6.5 — *Privados da verdade* descreve a futilidade das discussões religiosas especulativas. Além disso, os falsos mestres estavam usando a religião em seu próprio benefício e *ganho* financeiro. É provável que esperassem que suas discussões lhes rendessem lucros. Sã doutrina e exortação são a base de uma igreja saudável — não o falso e atraente brilho e a ganância desses pseudomestres.

6.6 — O verdadeiro ganho está na piedade com *contentamento* (gr. *autarkeia*), ou seja, na suficiência das necessidades da vida.

6.7 — Esta é a razão por que devemos estar sempre contentes — pois, afinal, todos nós, um dia, morreremos!

6.8 — Nossas necessidades básicas como pessoas são, em resumo, *sustento*, ou alimento, e *com que nos cobrimos*, roupa e abrigo. Para os cristãos, essas duas únicas áreas, com piedade, já oferecem totalmente a base para nos mantermos realmente contentes (Fp 4.12).

6.9 — Dois tipos de pessoas são aqui descritos com relação à riqueza (v. 17). O primeiro tipo são

aqueles que *querem ser ricos*. A falta de piedade e de contentamento em seu íntimo lhes deixa um vazio, preenchido pela ganância. A ganância leva as pessoas à *tentação*, a armadilhas e a *concupiscências loucas e nocivas*. O significado literal de *submergem* é que são arrastados para o fundo. Paulo faz uma descrição explícita da pessoa gananciosa afundando sob o terrível peso dos seus desejos materiais. *Perdição e ruína* são sinônimos de destruição e perda irreparável. Tal perda pode ser sofrida nesta vida, como, por exemplo, por meio de um propósito errado, ou na vida após a morte, se os desejos materiais acabarem por afastar o indivíduo de Cristo (1 Tm 1.16; 2.4; Lc 16.1-14).

6.10 — O dinheiro em si não é um problema, mas o *amor do dinheiro* é. O amor ao dinheiro é a *raiz dos males*. O amor ao dinheiro pode levar uma pessoa a todo tipo de males. A *cobiça* pode levar um cristão até a desviar-se *da fé*. A ganância e o materialismo podem cegar o cristão a ponto de ele se distanciar de sua fé.

Muitas dores. Uma vida centrada em coisas materiais produz somente dor.

6.11 — Paulo faz uma séria advertência contra o materialismo. *Foge* é uma ordem firme. *Segue* é determinação para perseguir ou ir atrás de algo ou alguém. A *justiça*, a *piedade* e a *fé* são qualidades de caráter. A *caridade*, a *paciência* e a *mansidão* são frutos da vida controlada pelo Espírito (Gl 5.22). Homens e mulheres de Deus devem, com todo o seu ser, seguir a piedade, não objetivos puramente materiais.

6.12 — *Toma posse da vida eterna*. A vida eterna é vista como um dom gratuito (Jo 3.16; Ef 2.8-10), uma experiência presente (Jo 10.10) e uma recompensa (Mc 10.29,30; Lc 18.29,30). Aqui, Paulo não está falando da salvação de Timóteo, mas, sim, de seus frutos espirituais nesta vida e suas recompensas na vindoura. *Boa confissão* é o atendimento de Timóteo ao chamado e ministério. Paulo o encoraja a continuar seu ministério de pregação da Palavra de Deus.

6.13 — *Mando-te*. Exorto, ordeno. Mais uma vez, Paulo enfatiza a seriedade do que diz. Timóteo deve então cumprir esta ordem não por causa

de Paulo, mas diante do Deus que *vivifica* ou preserva a vida e de Cristo Jesus, que deu o mais excelente testemunho diante de *Pôncio Pilatos*, o qual chegou a declarar: *não acho nele crime algum* (Jo 18.38).

6.14 — No contexto imediatamente anterior, Paulo exorta Timóteo a evitar a discussão religiosa vazia (1 Tm 6.3-5) e a cobiça causada pelo materialismo (1 Tm 6.6-10). Aqui, exorta Timóteo a guardar esse mandamento, permanecendo fiel a Cristo até que o Senhor volte, apareça novamente. Portanto, encoraja Timóteo agora a concentrar-se na volta de Cristo, não no ganho temporário. A iminente volta de Cristo deve ser um forte motivo para manter uma vida piedosa (2 Pe 3.10-16; 1 Jo 2.28).

6.15,16 — Deus *mostrará* a volta de Cristo *a seu tempo*. Isso acontecerá em um momento específico que, segundo Jesus, seria conhecido somente pelo Pai (At 1.6,7). A última metade do versículo 15 e todo o versículo 16 formam uma doxologia de louvor ao Senhor Jesus. *Imortalidade* também poderia ser traduzido por *sem morte*. Jesus é Deus e, portanto, nunca há de morrer.



EM FOCO

CLAMORES VÃOS (GR. *KENOPHŌMA*)

(1 Tm 6.20; 2 Tm 2.16)

O significado literal desse termo, em grego, é: *palavras vazias*. Nos textos de Paulo, a palavra grega *kenos* expressa o terrível vazio de tudo o que não é preenchido pelo sentido espiritual. Em outras palavras, a realização humana não significa nada se não for fruto da vontade de Deus. Nada provém desse vazio; é futilidade. Paulo usa um derivado dessa palavra para descrever as palavras vazias (1 Tm 6.20; 2 Tm 2.16) proferidas por judaizantes, que tentavam atrair os cristãos com suas filosofias vãs (Ef 5.6; Cl 2.8). Mas o ensino com o qual Paulo e os apóstolos estavam comprometidos não era vão; ele perduraria por toda a eternidade porque se originara na vontade imutável de Deus (Mt 5.18; 1 Co 15.12-15).

6.17 — *Os ricos*. Paulo já havia condenado aqueles que tentavam enriquecer à custa do ministério (v. 6-10). O segundo grupo de pessoas

do qual Paulo trata com relação à riqueza (v. 9) são aqueles já ricos. Paulo aconselha Timóteo a dizer aos ricos que não sejam altivos ou orgulhosos nem *ponham a esperança na incerteza das riquezas*. Somente Deus pode suprir todas as nossas necessidades.

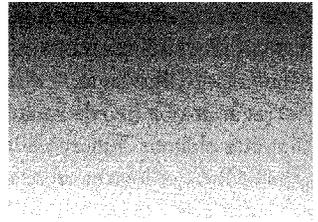
6.18 — Os que detêm riquezas têm de reconhecer Deus como a fonte verdadeira de toda a sua opulência e ser generosos com seus bens. As bênçãos materiais de Deus devem ser desfrutadas e usadas, sobretudo, para o avanço do Seu Reino, não para uma inútil vida egocêntrica.

6.19 — *Entesourem* também pode ser traduzido por *acumulem*, expressão similar ao desafio de Jesus em Mateus 6.19-21, para que acumulemos tesouros verdadeiros no céu. A obediência diária do cristão a Deus produz um *bom fundamento* para o seu futuro. As Escrituras ensinam que a obra do cristão será um dia avaliada para

ser verificado o que a sua vida em Cristo produziu (1 Co 3.10-15).

6.20 — O termo grego usado para *confiado* é encontrado somente aqui e em 2 Timóteo 1.12,14. O depósito que Timóteo é conclamado a guardar é a verdade revelada nesta carta. *Ciência* é a palavra grega *gnōsis*, da qual se deriva a palavra gnosticismo. Certamente uma forma antiga de gnosticismo se infiltrara na igreja de Éfeso. Esta heresia ensinava que a salvação vinha por meio do *conhecimento* de mistérios espirituais. De forma clara, Paulo adverte Timóteo de não se deixar enredar por esse falso ensino (1 Tm 1.3,4; 6.3-5).

6.21 — A primeira epístola a Timóteo termina como começou (1 Tm 1.2) — com ênfase na *graça* de Deus. A palavra usada para *contigo*, aqui, está em grego no plural (*convosco*), indicando talvez que esta carta deveria ser lida para toda a igreja em Éfeso.



A segunda carta a

Timóteo

INTRODUÇÃO

Quando a morte se aproxima, mudam as prioridades. Em face de nossa mortalidade, aquilo que parecia importante pode perder o brilho se comparado ao nosso destino final. Eis por que se levam em conta as *últimas palavras* de uma pessoa. Por elas, pode-se saber o que vale ou traz esperança àquela pessoa, diante da morte.

A segunda epístola a Timóteo são as últimas palavras de Paulo. De uma prisão fria e solitária em Roma, o apóstolo, já idoso, escreve suas últimas instruções a seu discípulo. Paulo sabia que esta carta poderia ser seu último contato com Timóteo; o mais provável é que sua execução estivesse iminente. Implora a Timóteo que venha o mais depressa possível para o seu lado. Caso não o consiga, no entanto, Paulo, de todo modo, dá suas últimas palavras de incentivo a seu *filho na fé*.

O objetivo primacial de Paulo ao escrever esta carta foi oferecer a Timóteo instruções finais com relação à vida cristã. A carta tem uma natureza e um tom intensamente pessoais. O leitor sente o profundo amor cristão e a preocupação do apóstolo por seu seguidor. Paulo incentiva o amigo a usar seus dons espirituais. Procura fortalecer a lealdade de Timóteo a Cristo ante o sofrimento e a perseguição que estavam por vir. Exorta o jovem presbítero a manejar a Palavra de Deus com exatidão e a instruir fielmente os outros nas verdades da fé. Dá advertências e instruções sobre como deve o cristão se relacionar com o mundo em tempos de apostasia. No capítulo final, Paulo oferece a Timóteo um último e valioso conselho: *que pagues a palavra, instes a tempo e fora de tempo*. Esta fora sua própria missão:

pregar o evangelho aos gentios, a todo instante e sob quaisquer circunstâncias; agora, ele a passava ao seu amado filho na fé.

O segundo objetivo de Paulo com esta carta foi realmente chamar Timóteo a ir ter em sua companhia. Sabia que logo morreria e ansiava por revê-lo e usufruir de sua comunhão pela última vez.

Sabia o apóstolo muito bem que adversidades e conflitos fazem parte do ministério cristão. Uma das características essenciais de um servo fiel de Cristo é a perseverança em meio às dificuldades. Para incentivar Timóteo nessa virtude, ele lembra que Jesus Cristo é *da descendência de Davi* e *ressuscitou dos mortos* (2 Tm 2.8). A menção à descendência de Davi liga Cristo à aliança davídica (2 Sm 7.11-16), segundo a qual um Filho de Davi governaria sobre seu trono para sempre. Além disso, no entanto, Cristo ressuscitou — Ele está vivo. A promessa de governar e reinar com Ele (2 Tm 2.11-13) é apresentada então a Timóteo como forte motivo para perseverar no ministério. Uma coroa especial está reservada àqueles que fielmente servirem ao Senhor e esperarem a Sua volta (2 Tm 4.8).

O capítulo 3 desenvolve o tema da apostasia nos últimos dias. Paulo adverte Timóteo das dificuldades que os cristãos terão de enfrentar e o instrui sobre como deverão responder e portar-se. Jesus já havia predito que esses momentos viriam (Jo 15.18-25; 16.33; 17.15-18), e o próprio Paulo havia se referido anteriormente a eles (1 Ts 3.1-8). Embora não fosse viver para ver esses dias terríveis, Paulo ainda se preocupava o bastante para exortar Timóteo a ser destemido na obra do Senhor, mesmo em meio a momentos difíceis.

O livro de Atos termina com a prisão domiciliar de Paulo em Roma (At 28). Muitos estudiosos, no entanto, acreditam que Paulo haja sido absolvido, como esperava, de tal detenção (Fp 1.19). Lançando mão de evidências esporádicas nas epístolas pastorais, é possível traçar as viagens de Paulo após essa libertação. Ele provavelmente teria visitado Creta (Tt 1.5), Éfeso (1 Tm 1.3), a Macedônia e talvez Colossos (Fm 22) e a Espanha (Rm 15.24). Timóteo certamente viajou com Paulo para Éfeso e por ele foi ali deixado para

confrontar falsos mestres, que se estavam infiltrando na igreja daquela cidade (1 Tm 1.3).

Acredita-se, porém, que Paulo já estava preso de novo, agora de forma definitiva, quando Nero começou sua campanha de perseguição, pouco depois de Roma ser incendiada, em 64 d.C. Nero culpou os cristãos de começarem o incêndio e executou muitos deles, com extrema crueldade. Logo depois, outro grande apóstolo, Pedro, morria por causa de sua fé, crucificado de cabeça para baixo, segundo Orígenes, pai da Igreja. Assim, enquanto escrevia esta segunda carta a Timóteo na prisão, Paulo provavelmente sabia de sua morte iminente (2 Tm 4.6-8). Muitos de seus companheiros o haviam deixado (2 Tm 4.16) e somente Lucas estava com ele (2 Tm 4.11). No final do texto, é possível perceber toda a sua solidão e tristeza: *procura vir ter comigo depressa* (2 Tm 4.9). Ele não queria deixar este mundo sem rever Timóteo e Marcos, para lhes transmitir pessoalmente suas últimas palavras de sabedoria (2 Tm 4.9-13).

A ligação de sólida amizade de Paulo com Timóteo resultaria de um longo relacionamento fraterno entre eles. Desde o início da segunda viagem missionária, Timóteo passou a atuar junto com o apóstolo, ajudando-o em seu ministério, agindo como seu contato e aprendendo com seu elevado exemplo de devoção. Eunice, piedosa mãe de Timóteo, e Lóide, sua avó, haviam-lhe dado seguro alicerce nas Escrituras hebraicas e crença em Cristo, sobre o qual Paulo iria então poder desenvolver seu ensino (2 Tm 1.5; 3.14,15). Apesar de Timóteo ser, no começo, pouco destemido, certamente por conta de sua juventude (2 Tm 1.7; 1 Tm 4.12), Paulo pôde desenvolver a coragem nesse seu filho na fé, dispondo de responsabilidades cada vez maiores sobre seus ombros. Assim, Timóteo, entre outras atividades, acabaria por agir como representante legítimo do próprio Paulo em Tessalônica (1 Ts 3.2) e em Corinto (1 Co 4.17). Deixá-lo em Éfeso foi um passo importante para Paulo, assim como para Timóteo. Como mentor responsável, o apóstolo escreveu então uma carta a Timóteo ordenando-lhe repetidas vezes a permanecer fiel

aos princípios essenciais da fé cristã (1 Tm 1.18; 5.12-16,21; 6.11-13). Paulo foi mentor espiritual de Timóteo durante toda a vida deste. Agora, à medida que a morte se aproximava, Paulo queria revê-lo pela última vez e, mesmo se isso não fosse possível, legar a Timóteo suas últimas palavras de estímulo e fé.

O autor de 2 Timóteo identifica-se como Paulo (2 Tm 1.1). Outras observações no livro são características de seu ministério (2 Tm 3.10,11; 4.10,11,19,20). Além disso, muitos dos primeiros pais da Igreja, como Policarpo, Justino Mártir e Ireneu, defendem que Paulo é o autor da carta. Na introdução ao comentário de 1 Timóteo,

podemos ver a explicação quanto a contestações de que Paulo seria o autor desta segunda epístola. Grande parte dessas contestações baseou-se em uma suposição, equivocada, de que os aspectos teológicos e o estilo grego da carta somente poderiam corresponder ao contexto do século 2. A maioria dos estudiosos acredita seguramente que ela foi escrita durante a segunda prisão de Paulo em Roma (2 Tm 1.8,16,17; 4.6-13). Segundo Eusébio, historiador da Igreja no século 4, Paulo foi martirizado durante o regime de Nero, antes de 68 d.C. Uma vez que a carta deve ter sido escrita pouco antes da morte de Paulo, é bem provável que o tenha sido, então, em 67 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 2 TIMÓTEO

Ano 47—49 d.C. — Primeira viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — Concílio de Jerusalém

Ano 50—53 d.C. — Segunda viagem missionária de Paulo

Ano 50 d.C. — Timóteo se junta a Paulo e Silas em Listra

Ano 53—57 d.C. — Terceira viagem missionária de Paulo

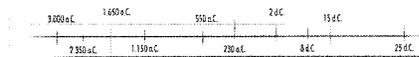
Ano 54 d.C. — Timóteo se junta novamente à comitiva de Paulo

Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém

Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma

Ano 62 d.C. — Paulo é libertado; escreve a primeira epístola a Timóteo

Ano 67 d.C. — Paulo é preso novamente em Roma; escreve a segunda carta a Timóteo. Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

I. Incentivo ao ministério — 1.1-18

A. Usando os dons espirituais — 1.1-7

B. Sofrendo pelo evangelho — 1.8-18

II. Exemplos no ministério — 2.1-26

A. Comparação com soldado, competidor esportivo e lavrador — 2.1-13

B. Apelo e instrução ao manejo da Palavra de Deus com exatidão — 2.14-26

III. Exortações quanto ao ministério — 3.1-17

A. Advertência sobre apostasia — 3.1-17

B. Formas de enfrentá-la — 3.10-17

IV. Impulso ao ministério — 4.1-22

A. Pregação da Palavra — 4.1-5

B. Exortações e incentivos finais — 4.6-22

COMENTÁRIO

1.1 — Paulo se apresenta em 1 Timóteo como *apóstolo de Jesus Cristo segundo o mandado de Deus* (1 Tm 1.1). Em 2 Timóteo, declara-se *apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus* (2 Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1).

Segundo a promessa da vida. Paulo se considera portador de mensagem que dá vida. Esta sua mensagem de vida contrasta de forma dramática com o fato de estar escrevendo de dentro de uma prisão romana, faltando pouco para sua execução. A expressão característica *em Cristo*, encontrada em outras cartas de Paulo, também aparece nesta, sendo mais uma indicação da autoria de Paulo.

1.2 — *Meu amado filho.* Na primeira carta a Timóteo, Paulo refere-se a ele como *meu verdadeiro filho na fé* (1 Tm 1.2). O profundo amor e a consideração de Paulo por esse seu discípulo são demonstrados nesta segunda carta.

1.3 — *Servo* é uma expressão sacerdotal, muitas vezes associada à adoração. *Antepassados* se refere aos patriarcas da fé: Abraão, Isaque e Jacó. Paulo tinha grande amor por seu povo Israel (Rm 9.1-5). O motivo de Paulo se referir aqui aos antepassados possivelmente é demonstrar não estar propugnando uma nova religião, mas, sim, uma fé da qual os fiéis do passado também participaram.

Faço memória de ti nas minhas orações. Embora provavelmente vivendo em um cárcere frio e

úmido (2 Tm 4.13), o apóstolo, já idoso, ainda assim adorava a Deus e fazia orações em favor de Timóteo. Adoração e serviço andam de mãos dadas no ministério cristão. Quaisquer que sejam as circunstâncias, os cristãos devem orar sempre ao Pai celestial e a Ele servir, entregando tudo em Suas sábias e amorosas mãos.

1.4 — *Desejando muito ver-te.* Paulo ansiava por rever Timóteo talvez por perceber que sua vida logo findaria (2 Tm 4.6-17).

1.5 — A expressão traduzida por *fé não fingida* significa, de fato, fé autêntica, não hipócrita. Paulo se alegra em lembrar-se das fiéis *avó Lóide e mãe Eunice*, de Timóteo, cujo nome significa *Boa Vitória*. As orações, o testemunho e a fé da mãe e da avó devotas foram fatores essenciais para o desenvolvimento espiritual de Timóteo (1 Tm 2.15).

1.6 — *Despertes o dom.* Timóteo é incentivado a reacender seu dom espiritual (essa ideia é expressa também em 1 Tm 4.14, embora de forma negativa). O desejo de descobrirmos, desenvolvermos e dispormos nossos dons espirituais específicos deveria ser como uma chama flamejante dentro de nós. Nossa luta constante como cristãos é sermos diligentes com relação à nossa obra para com Deus e não diminuirmos nossos passos nessa corrida espiritual. Precisamos fazer um esforço consciente para exercer nossos dons, para o bem comum do Corpo de Cristo.

1.7 — O Espírito Santo é Aquele que nos concede dons espirituais e capacita-nos para usá-los.



PERFIL

LEGADO DE MÃE

Eunice (2 Tm 1.5) era judia, mas, ao que parece, seu pai não foi muito ortodoxo, transgredindo um dos mandamentos claros da Lei mosaica, ao dar sua filha em casamento a um gentio (At 16.1). Quando seu filho, Timóteo, nasceu, não foi circuncidado (At 16.3). Portanto, não somente o pai de Eunice, mas ainda seu marido não observavam o judaísmo.

Eunice, no entanto, observava zelosamente os mandamentos da Lei de Deus e, mais ainda, tinha fé no Salvador, Cristo Jesus (At 16.1). Paulo a elogia por sua *fé não fingida*, fé autêntica, que Eunice tinha em comum com sua mãe, Lóide (2 Tm 1.5). Ela transmitiu essa fé a Timóteo e mais do que ninguém o preparou para uma vida dedicada de serviço ao Senhor.

Eunice é um incentivo para toda mulher cristã que se vê diante da difícil tarefa de desenvolver a vida espiritual de seus filhos, especialmente se não puder contar com a ajuda de um marido sem fé. Embora Eunice tenha tido pouco incentivo à sua própria fé, e tão-somente por parte de sua mãe, ela, contudo, tal como Lóide, possuía duas qualidades fundamentais a seu favor e que até hoje dão esperança a todas as mães que creem — o poder inerente de ser mãe e o poder dinâmico do seu Deus, soberano e amoroso.



VOCE SABIA?

O ESPÍRITO DE PODER

Em 2 Timóteo 1.6,7, há incentivo e ao mesmo tempo exortação ao ministério cristão. Paulo liga o poder — capacidade de realizar as coisas — ao amor e à moderação em realizá-las. Do contrário, o poder, exercido sem amor e sem sabedoria será inevitavelmente destrutivo.

O Espírito de Deus não dá *temor* nem covardia, mas, sim, *fortaleza* [...] *amor* e *moderação* ou autocontrole. O Espírito nos confere poder para enfrentarmos as mais diversas circunstâncias do nosso ministério. O amor que o Espírito nos dá deve ser direcionado a outros indivíduos. Todavia, enquanto usamos nossos dons espirituais para edificar a Igreja, devemos, ao mesmo tempo, exercitar nosso autocontrole, usando de nossa capacidade e nossas habilitações em momentos e situações realmente apropriados.

1.8 — *Não te envergonhes*, ou não recues, do *testemunho de nosso Senhor* — este, o encorajamento que Timóteo recebe. O *testemunho* é a prova do Senhor — o termo grego é a mesma fonte da palavra *mártir* e, segundo a tradição da Igreja, os apóstolos, em sua maioria, morreram martirizados por causa de sua fé. A preocupação de Paulo é que, diante de veemente oposição, Timóteo possa temer testemunhar Cristo. *Participa das aflições do evangelho* indica que a testemunha fiel do Senhor pode ter de suportar adversidades. O chamado de Paulo ao destemor, nos versículos 7-9, mostra ser Timóteo, talvez, um tanto tímido, precisando de um eventual empuxo como este para vir a ser ousado.

1.9 — A salvação e o chamado de Deus para os cristãos se dão *não segundo as nossas obras*. É impossível a qualquer um de nós chegar ao céu por si mesmo. A salvação se dá segundo o *próprio depósito*, ou o plano soberano, de Deus (Rm 8.28-30; Ef 1.11). *Graça* é o favor imerecido de Deus a nós. O Senhor nos chama e salva *em Cristo Jesus* desde, até mesmo, *antes dos tempos dos séculos*.

1.10 — A revelação do plano e da graça de Deus foi *manifesta*, ou trazida à luz, com a terrena

aparicação de nosso Salvador Jesus Cristo. Ele *aboliu a morte* — no entanto, é possível que, mesmo assim, até hoje, o medo da repressão e da morte seja a causa de alguns cristãos evitarem dar o testemunho de sua fé. O termo grego aqui traduzido por *vida* é geralmente usado no Novo Testamento como referência à vida eterna. A vida de Deus, ao contrário da vida dos seres humanos, é imortal. Mediante a fé em Cristo, o cristão herda a vida eterna. Nada temos, pois, a temer — nem mesmo a morte. Podemos, portanto, proclamar com ousadia toda a nossa fé e confiança em Cristo.

1.11 — A missão de Paulo em prol do evangelho se compunha de três aspectos: como *pregador*, e *apóstolo*, e *doutor dos gentios* (1 Tm 2.7).

1.12 — A total e ampla confiança de Paulo no evangelho e em seu Salvador permitiu-lhe passar por humilhações e sofrimentos, sem disso se envergonhar. A expressão *em quem tenho crido* expressa a fé inabalável de Paulo em seu Salvador. *O meu depósito* não se refere a algo que Paulo haja feito por Cristo, mas, sim, pelo contrário, a algo que ele confiou ao Senhor, como se fora um depósito em um banco. Não se trata, assim, da confiança de Paulo em si mesmo, mas da fidelidade de Cristo. Ele tinha a certeza de que Deus iria *guardar* o seu depósito, a sua vida e a recompensa eterna do seu ministério. Estava preparando-se para a morte iminente, e, apesar disso, mantinha viva sua esperança. O apóstolo havia investido seu tempo, seus recursos, sua própria vida na proclamação do evangelho, e esse investimento no Reino de Deus lhe renderia uma recompensa generosa na eternidade (Lc 19.15; 1 Co 3.10-15; Ap 11.15,18). Deus nos protege tanto na vida como na morte. E, quando Jesus voltar, não se esquecerá das vidas que lhe tenham servido fielmente. Há pessoas ingratas ou que se esquecem do bem que fazemos a elas; mas nosso serviço fiel a nosso Salvador será por Ele lembrado e recompensado (Mt 10.42).

1.13 — *Conserva* é a exortação para que Timóteo persista nas *sãs palavras*, na *sã doutrina*, no ensino sadio (1 Tm 1.3-10). Há alguns que dizem falar em nome de Cristo e que proclamam falsas doutrinas. Como Timóteo, é

preciso seguirmos o ensino puro, evitando toda sorte de ensinamento que não esteja de acordo com as Escrituras, por mais doutos ou melhores que determinados mestres ou pregadores possam parecer, ou por maior que seja o número de seus adeptos e seguidores.

1.14 — O *bom depósito*, aqui, refere-se ao ensino recebido de Paulo por Timóteo (1 Tm 6.20). *Guarda* significa *retém, conserva, protege*. *Que habita em nós* descreve a habitação do *Espírito Santo* não apenas em Paulo e/ou em Timóteo, mas em todo cristão.

1.15-17 — Estes versículos falam daqueles que deixaram Paulo. Contudo, ele lembra com gratidão *Onesiforo* (nome que significa *aquele que traz ajuda*). Este homem, de Éfeso, *recreou*, reanimou Paulo, como se tivesse, por exemplo, lhe servido um copo de água fresca. Assim também

devemos ser — um refrigério — uns para com os outros cristãos.

1.18 — *Quanto me ajudou*. Paulo parece referir-se a uma série de problemas, mas sem queixar-se, e sobretudo à ajuda dada por Onesiforo. Poucos se dão conta das pressões e dos problemas que um pastor enfrenta como parte do cuidado de sua igreja (2 Co 11.28). Que excelente recompensa hão de receber certamente, *naquele dia*, os que ministram ajuda na vida de um ministro!

2.1-13 — Paulo continua a incentivar Timóteo a perseverar e propagar fielmente o evangelho (v. 1,2). Cita três exemplos, tirados da vida diária (v. 3-7), e refere-se a seus próprios sofrimentos e aos sofrimentos e à vitória de Cristo (v. 8-13).

2.1 — Ao exortar Timóteo a ser fiel, Paulo considera provavelmente o abandono que teve de outros parceiros (2 Tm 1.15). Contudo, ao



APLICAÇÃO

O MANUAL DE TRABALHO DE TODA UMA VIDA

Em sua segunda e última carta ao seu *amado filho*, Paulo lembra a Timóteo os princípios essenciais da fé, base do ministério cristão. Paulo não queria que Timóteo se afastasse da verdade, como Figelo e Hermógenes, por exemplo, se haviam afastado dele (2 Tm 1.15). Assim, é veemente ao exortar Timóteo para que se apegue firmemente à fé e ao *são ensino* que lhe havia confiado (2 Tm 1.13).

Paulo sabia que consistência e integridade pessoal (2 Tm 2.22-26) seriam fatores significativos na eficácia do jovem pastor. Por isso, Paulo adverte Timóteo da associação com outros (2 Tm 3.1-5), recomendando-lhe refletir sobre os anos em que atuaram juntos, como exemplo de consistência ética em meio às dificuldades (2 Tm 3.10-15). Na verdade, lembra Paulo, *todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições* (2 Tm 3.12). *Timóteo, sem dúvida, guardava ainda vividas as lembranças de provações durante aquele ministério para entender perfeitamente o que Paulo queria dizer* (At 19.2—20.6).

Paulo, porém, tinha a certeza de que, independente dos conselhos que desse ao seu discípulo, Timóteo encontraria por trás de todos eles uma sólida dependência da Palavra de Deus. A autoridade de Timóteo não viria de sua própria sabedoria, nem do endosso de Paulo, tampouco da aceitação dos outros. Seu ensino só permaneceria enquanto baseado nas Escrituras.

O tributo de Paulo à autoridade e ao sentido prático da Palavra de Deus em 2 Timóteo 3.16,17 encerra uma seção, que começa em 2.2, com sua exortação a Timóteo para *confiar* o que havia aprendido *a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros*. Logo depois, em 3.17 de 2 Timóteo, Paulo apresenta o teste crucial para a verificação de se a tocha do evangelho teria sido passada de uma geração a outra. A aplicação da Palavra de Deus de quatro formas distintas asseguraria a todo cristão da geração seguinte tornar-se *perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra*. A doutrinação eficaz deveria incluir: (1) *ensinar* as verdades básicas da fé; (2) *redarguir*, ou seja, desafio e confronto mútuo com a Palavra de Deus; (3) *corrigir*, com orientação procedente da verdade presente nas Escrituras; e (4) *instruir em justiça*, ou seja, aplicação pessoal e prática das verdades bíblicas.

Paulo recomenda a Timóteo não somente transmitir à próxima geração a verdade das Escrituras, mas o próprio alicerce dessa verdade, a Palavra de Deus. Ao mesmo tempo que seguimos os passos de um Paulo, devemos deixar claro que a autoridade do nosso ensino vem, essencialmente, da Bíblia. Se ensinarmos a verdade, mas não a fonte dessa verdade, não conseguiremos transmitir nossa fé. Nossas afirmações e ações devem estar fundamentadas na Palavra de Deus; do contrário, não passarão de pouco mais que um sonho.

conclamar: *fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus*, a ênfase está na força de Cristo, não na de Timóteo. Se confiarmos em nós mesmos, estaremos fadados ao fracasso.

2.2 — Confia-o. Eis a ordem dada por Paulo a Timóteo para que transmita seu ensino a *homens fiéis*. Todo cristão fiel tem a responsabilidade de ensinar a sã doutrina aos outros. Essa determinação



COMPARE

DESCRIÇÕES DA VIDA CRISTÃ

Ao descrever como os cristãos deveriam viver, Paulo muitas vezes recorre a analogias ou metáforas. Este quadro lista algumas das metáforas da vida cristã encontradas no Novo Testamento.

O cristão é chamado para ser como um...	Texto	Significado
Soldado	2 Tm 2.3,4	Como um soldado determinado, devemos responder às ordens de nosso comandante, o Senhor Jesus, com obediência incondicional.
Lavrador	2 Tm 2.6	O lavrador trabalha árdua e persistentemente para ter uma colheita farta. Devemos também trabalhar com afincamento ao servirmos ao Senhor.
Competidor, ou militante, de disputa atlética	2 Tm 2.5	O competidor de disputa atlética segue regras rígidas de treinamento para não ser desqualificado de sua corrida e poder vencer; do mesmo modo, devemos desenvolver nossa capacidade de autocontrole para chegarmos à vitória.
Obreiro	2 Tm 2.15	Cabe-nos saber usar corretamente a Palavra de Deus para evitarmos constrangimento.
Vaso	2 Tm 2.20,21	Devemos procurar manter-nos puros, como uma vasilha limpa, a fim de que possamos ser sempre úteis ao Senhor.
Pescador de homens	Mt 4.19	Como se fôssemos pescadores, somos chamados a captar vidas para Deus ao proclamarmos as boas-novas de Cristo.
Sal	Mt 5.13	Como o sal, devemos agir como temperos de Deus nessa sociedade insossa e indiferente para com o mal, deixando, além disso, as pessoas com grande sede de vir a conhecer seu Criador e Salvador.
Luz	Mt 5.14-16	Como luz, temos de apontar o caminho para a reconciliação da humanidade com Deus, refletindo o caráter de Cristo, luz do mundo (Jo 1.7).
Vara, ou ramo	Jo 15.5	Como varas ou ramos enxertados na Videira Verdadeira, Cristo Jesus, daremos muitos frutos piedosos, desde que estejamos sempre nele e Ele esteja em nós.
Dispenseiro	1 Co 4.1,2	Como mordomos ou administradores dos dons que Deus nos tem concedido, cabe-nos a responsabilidade de saber ministrá-los. Deus há de avaliar o modo de gerenciarmos esses recursos, que colocou sob nossos cuidados.
Embaixador	2 Co 5.20	Somos embaixadores, representantes, do Reino de Deus junto aos cidadãos perdidos deste mundo, levando-lhes a mensagem de salvação do nosso Rei.
Pedra viva	1 Pe 2.5	Nos tempos antigos, Deus habitava em um templo físico, formado por pedras; agora, habita em meio ao Seu povo, a Igreja viva, formada por nós.
Sacerdote	1 Pe 2.5,9,10	Como sacerdotes, temos o privilégio de nos aproximarmos de Deus e a responsabilidade de ajudarmos os outros a reconciliarem-se com Ele.
Peregrino	1 Pe 2.11	Como filhos de Deus, não somos deste mundo. O mundo não é o nosso lar; estamos aqui somente de passagem, com vistas à nossa pátria celestial.

de Paulo serviria de base a uma cadeia interminável de discipulado cristão, com o ensino de mestres e instrutores cristãos (Mt 28.18-20).

Entre muitas testemunhas. O discipulado pode ocorrer em grupos grandes ou pequenos ou na reunião de apenas duas pessoas. Paulo enfatiza aqui o contexto de um grupo.

2.3-6 — Três ilustrações são dadas aqui para a fidelidade. A primeira é a do *soldado*. A caminhada cristã é muitas vezes representada como uma guerra espiritual. O serviço a Deus eficiente requer de nós que persistamos em um só objetivo. A segunda ilustração é a do *competidor*, ou *militante*, de uma disputa atlética. Os jogos atléticos gregos eram importantes, exigindo dos competidores um árduo treinamento (1 Co 9.25). Nenhum competidor poderia chegar à vitória e vir a ser *coroadado* se não participasse dos jogos *legitimamente* preparado. Em *coroadado*, a referência é feita à grinalda floral colocada na cabeça do vencedor da competição, consagrando-o assim como campeão. O cristão fiel receberá também de Deus sua própria coroa de vitória — não, naturalmente, a coroa real, que pertence unicamente a Jesus. Paulo está dizendo, enfim, que a atividade espiritual deve ser pautada pelas diretrizes de fé e doutrina bíblicas. Abandonar a verdadeira fé é perder a devida recompensa (2 Jo 7,8). A terceira ilustração é a do *lavrador que trabalha* arduamente. O trabalho árduo e consciente é necessário, para que o lavrador possa desfrutar de boa colheita. A negligência ou a preguiça não pode ser um traço de caráter de um cristão fiel.

2.7 — *Considera* significa *observa* o ensino recebido (de Paulo); *reflete* nele.

2.8 — *Lembra-te* da ressurreição de Cristo — eis a principal conclamação, aqui, a Timóteo. *Descendência de Davi* enfatiza a humanidade de Jesus e o fato de que Ele cumpriu todas as promessas que Deus havia feito a Davi quanto à sua linhagem e a seu trono (2 Sm 7.11-16). *Ressuscitou dos mortos* enfatiza, então, que o nosso Salvador vive hoje e já reina, sentado à destra de Deus Pai.

2.9 — As circunstâncias humanas não podem confinar a *palavra de Deus*. Ele usa de Sua palavra para cumprir os Seus propósitos. Inúmeros são os

exemplos de pessoas, antes contrárias à verdade de Deus, que lhe entregaram a vida quando Ele as buscou e conquistou (ver, por exemplo, a conversão de Paulo, em Atos 9.1-25; 22.3-21). Não devemos ocultar o evangelho que está em nós, mas, sim, devemos deixá-lo transparecer e agir livremente, a despeito de nossas próprias limitações.

2.10 — *Tudo sofre*. Paulo é capaz de suportar as mais difíceis circunstâncias pelas quais possa passar no momento — incluindo sua prisão —, porque sabe que a obra de Deus está avançando cada vez mais entre os *escolhidos*, os eleitos de Deus. E que o resultado final da salvação deles será para a *glória eterna* do Reino de Deus, que está por vir.

2.11-13 — É bem possível que esta seção seja um hino ou uma confissão, próprio da Igreja primitiva. Assemelha-se em sua forma ao paralelismo típico da poesia hebraica. Aborda os temas da morte e ressurreição de Cristo, introduzidos por Paulo no versículo 8.

2.11 — *Se morrermos* [...] *também* [...] *viveremos*. Os cristãos estão unidos ao Senhor em Sua morte e ressurreição (Rm 6.8), as quais se tornam nossa morte e ressurreição no momento em que cremos (Rm 6.1-4).

2.12 — *Se sofrermos*. Perseverarmos na fé diante do sofrimento e da perseguição resultará em generosa recompensa para nós quando Cristo voltar (Lc 19.11-27; Rm 8.17; Ap 3.21).

2.13 — O termo *infiéis* refere-se a falsos cristãos, imaturos, que vivem para si mesmos, e não para o Senhor e o próximo (1 Co 3.1-3,15).

Ele permanece fiel. Todavia, mesmo quando os pseudocristãos o desapontam, o Senhor permanece leal, pois abandonar-nos seria contrário à Sua natureza (Jo 10.27-30; Hb 10.23; 13.5). A relação de Cristo com Pedro é um ótimo exemplo da fidelidade de Deus (Lc 22.31-34).

2.14-26 — A vida moral e espiritual do líder cristão é bastante importante ao lidar com falsos mestres e aqueles que por eles foram enganados.

2.14 — *Estas coisas*. As afirmações decisivas apresentadas nos versículos 11-13 são tão importantes que tornam uma verdadeira imprudência e perda de tempo nos envolvermos em contendas,

com palavras insignificantes, que não nos trazem proveito algum. O pastor e o cristão fiéis se mantêm longe de questões e assuntos insensatos e sem qualquer valor. Paulo aconselha a Timóteo que lembre àqueles a quem prega e ensina a fazerem o mesmo.

2.15 — Aquele que é *aprovado* é o que permanece firme na fé depois de *provado*, como metal refinado no fogo. O significado literal da expressão *que maneja bem* é: *que corta em linha reta*.

A *palavra da verdade*. É a verdade que define a natureza das Escrituras. A Palavra de Deus é um farol irradiando a luz da verdade, em meio à escuridão de todo tipo de engano e mentira. Por isso, o mestre ou instrutor da Palavra deve fazer o possível para saber utilizar a verdade de Deus com toda a exatidão. Não fazê-lo com prudência e discernimento é arriscar ser levado a juízo (Tg 3.1).

2.16-18 — Paulo adverte aqui Timóteo dos dois homens, *Himeneu e Fileto*, que ensinavam que a ressurreição dos cristãos já havia ocorrido (1 Tm 1.20). Era provavelmente uma forma de gnosticismo, heresia que enfatizava a ressurreição espiritual, em contraste com a crença cristã na ressurreição futura do corpo.

2.19 — A despeito dos atos infiéis de alguns, o *fundamento de Deus fica firme*. O tempo do verbo aqui indica que Paulo vê a verdade de Deus permanecendo firme não somente no passado, mas também no presente. Isaías 40.8 revela que a Palavra de Deus há de permanecer firme também no futuro, pois é eterna.

O *Senhor conhece os que são seus*. Eis um conhecimento pessoal e empírico, somente obtido

mediante uma relação, como a de Paulo, íntima com Deus.

Aparte-se da iniquidade. O relacionamento íntimo, garantido, com o nosso Pai no céu deve motivar-nos a uma vida inteira de pureza.

2.20,21 — A imagem da *grande casa* é usada aqui para descrever duas categorias de cristãos. No caso, os vasos de *ouro* e [...] *prata* representam os cristãos fiéis e úteis no serviço a Deus; os de *pau* e [...] *barro*, aqueles que não honram ao Senhor (1 Co 3.12-15). *Senhor* é um termo suficientemente forte para se referir à autoridade de Deus sobre a vida do cristão, seja qual for o nível de sua maturidade espiritual. Optemos por servir com pureza, santificados no poder do Espírito Santo, para sermos realmente úteis ao nosso Senhor.

2.22,23 — *Foge [...] segue [...] rejeita*. Nestes versículos, Paulo descreve em termos práticos como Timóteo pode ser um vaso útil a serviço de Deus.

2.24 — *Contender* corresponde a um termo de natureza militar, usado para o combate corpo a corpo. O servo do Senhor não deve entrar em contenda, ou combate pessoal, mas, sim, ser *manso* e amável para com todos.

2.25,26 — *Instruindo* significa aqui também *treinando* ou *conduzindo à maturidade*. *Os que resistem* refere-se aos que se colocam em conflito ou em posicionamento contrário para com a pregação da verdade de Deus, como, por exemplo, os já citados Himeneu e Fileto (v. 17). O objetivo de sua correção é o seu *arrependimento*, ou seja, sua *mudança de pensamento*, para o seu bem.



EM FOCO

QUE MANEJA BEM (GR. *ORTHOTOMEŌ*)

(2 Tm 2.15)

A palavra *orthotome*, em grego, que ocorre somente aqui no Novo Testamento, significa *cortar em linha reta*, como cortar uma estrada reta ou manter um curso em linha reta. A ideia pode ser também a de abrir uma vala reta, ou, ainda, ajustar e cortar uma pedra para encaixá-la no devido lugar. No Antigo Testamento em grego (Septuaginta), a palavra é usada em Provérbios 3.6; 11.5 para declarar que Deus provê um caminho reto para os justos.

Paulo incentiva Timóteo a manejar a palavra da verdade de forma reta, como uma estrada que vai diretamente ao seu destino, sem se deixar voltar para um lado ou para o outro por discussões inúteis.

Paulo exorta Timóteo que persevere em corrigir seus adversários por ser imperativo *conhecerem a verdade*, a fim de que não mais se oponham a ela, devido a falsos ensinamentos, como aqueles sobre a ressurreição (v. 18), e venham, assim, a ser salvos. Paulo tem a esperança de esses equivocados, finalmente, *tomarem a despertar* de seus enganos. De fato, as falsas doutrinas produzem como que um efeito intoxicante, que entorpece a mente para as verdades de Deus. Timóteo deveria então persistir em corrigi-los, para que pudessem desprender-se *dos laços do diabo* que constituem essas ilusões fatais.

O diabo deixa *presos* os cristãos e todos os outros que adotem e ensinem falsas doutrinas, desviando-os, e aos que os seguem, da sã doutrina. Afinal, é essa uma das táticas preferidas de Satanás: causar divisão e confusão na Igreja e na vida dos cristãos.

3.1-9 — O surgimento de falsos mestres e instrutores e a decadência moral cada vez maior que os acompanha são fatos comprovados de nossa era cristã. O líder cristão deve esperar por essas coisas, mas saber lidar com elas de modo decisivo.

3.1 — As exortações de Paulo a Timóteo para suportar as aflições, ser diligente, manejar bem a Palavra e ser um vaso adequado e útil ao Senhor

são dadas no contexto de *tempos* difíceis e até *trabalhosos*. Os *últimos dias* incluem todo o tempo a partir daí, desde a escrita desta carta até a volta de Cristo.

3.2-5 — Uma longa lista de traços característicos daqueles que não servem a Cristo.

3.2 — *Amantes de si mesmos, avarentos*. Veja 1 Timóteo 6.10. O egocentrismo encabeça essa lista de más atitudes.

Blasfemos. Indivíduos abusivos e irreverentes, sem respeito por Deus ou pelas pessoas.

Desobedientes. Os que infringem os mandamentos de Deus.

Ingratos, profanos. Deus requer e deseja de nós exatamente o contrário.

3.3 — *Sem afeto natural* denota a pessoa desafeiçoada, tanto no que se refere a amigos e conhecidos quanto a cônjuge, parentes, pais e filhos (Rm 1.31).

Irreconciliáveis. Os que se mostram nada dispostos a chegar a um entendimento razoável com as outras pessoas, implacáveis sempre. *Incontinentes* são aqueles sem autocontrole, contrastando com o fruto do Espírito (Gl 5.22,23).

3.4 — *Orgulhosos*. Os soberbos (1 Tm 6.4).

Mais amigos dos deleites. A busca constante e quase exclusiva de satisfação própria se torna o deus de muitos.



APLICAÇÃO

FALSO CRISTIANISMO

Onde e quando as pessoas aceitam a verdade de Deus e começam a praticá-la, tem-se visto que as imitações logo aparecem. Foi o que Paulo encontrou em Éfeso e é sobre isso que adverte Timóteo (2 Tm 3.8,9). Menciona ele dois personagens, Janes e Jambres, cujos nomes significam, respectivamente, *aquele que seduz e aquele que é rebelde*. Nenhum dos nomes aparece no Antigo Testamento, mas reza a tradição judaica serem esses os nomes de dois dos magos egípcios que se opuseram a Moisés quando foi pedir ao faraó que libertasse os israelitas. Esses dois magos tentaram reproduzir os milagres de Moisés, em uma tentativa de desmoralizá-lo. Mas Deus mostrou que a autoridade de Moisés era mais poderosa (Êx 7.11,12,22).

Paulo enfrentou experiência similar em Éfeso. Por dois anos, proclamou ali a mensagem de Cristo, em uma cultura excessivamente imersa na idolatria pagã e no ocultismo. Deus confirmou sua autoridade e seu ensino por meio de milagres poderosos, como a libertação de muitas pessoas de espíritos malignos, que o Senhor, por meio de Paulo, operou. Exorcistas locais tentaram fazer o mesmo; no entanto, para o bem do evangelho, seu esquema não funcionou (At 19.8-20).

O que não faltam atualmente são imitações da verdade de Cristo, como Paulo prenunciou que aconteceria. Sempre que partilharmos eficazmente o evangelho, poderemos perceber que falsos sistemas e visões deste mundo para concorrer com nossa mensagem logo se manifestarão. Eis por que temos de permanecer firmes naquilo que aprendemos e de que fomos inteirados, baseando nossa vida e nosso testemunho no seguro e certo fundamento das Escrituras (2 Tm 3.14-17).

3.5 — Este versículo é o clímax de três, que contêm descrições sombrias a respeito da humanidade decaída. *Aparência de piedade* é uma aparência externa e falsa de reverência a Deus. *Negando a eficácia dela*, ou seja, da piedade, refere-se à atitude de cunho religioso não ligada a um vivo relacionamento com Cristo. Com o passar do tempo, na Igreja primitiva, falsos convertidos começaram a participar de atividades religiosas inteiramente vazias. Suas ações nada tinham a ver com o verdadeiro relacionamento com Deus ou com a verdadeira fé em Jesus Cristo. Esse tipo de religião ou religiosidade provoca, na verdade, a ira de Deus (Is 1.10-18; Mt 23.25-28). *Afasta-te* é uma ordem para que Timóteo evite a má companhia desse tipo de pessoas, descritas nos versículos 2-5. Jamais devemos unir-nos em causa comum com elas (1 Co 15.33).

3.6 — *Introduzem pelas casas*. Os indivíduos religiosos vazios dos versículos 2-5 usavam e usam de engano para serem ouvidos, fazendo amizade e penetrando nos lares e famílias. *Levam cativas* usa de uma expressão militar da época, referente a fazer prisioneiros de guerra — a imagem de combate espiritual está clara aqui. *Mulheres néscias*, vaidosas ou ingênuas, são sempre alvo dos ataques desses falsos mestres. É bem provável que falsos mestres em Éfeso tivessem feito investidas significativas junto a um grupo de mulheres naquela comunidade ou mesmo na igreja local (1 Tm 5.13-15). Aqui, Paulo mostra o alto perigo de ignorância da Palavra, falta de humildade, vaidade e insensatez. Eis por que já antes instruíra Timóteo, dizendo: *a mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição* (1 Tm 2.11).

3.7 — Este versículo descreve mulheres que, como muitas outras pessoas, apenas aparentam o desejo de aprender a Palavra, mas que não se empenham em querer compreender realmente a verdade. *Conhecimento* (gr. *epignōsin*) inclui, aqui, o conhecimento tanto intelectual quanto empírico.

3.8 — Paulo dá o exemplo específico de dois homens que resistiram à verdade na época de Moisés. *Janes e Jambres* não são citados no Antigo Testamento, mas, de acordo com a tradição judaica,

foram dois dos magos egípcios que se opuseram a Moisés (Êx 7.11). *Homens corruptos de entendimento* resistem à verdade porque ela revela seus pensamentos e comportamento vergonhosos.

3.9 — *Será manifesto o seu desvario*. O caráter vazio e a religião vazia dos falsos mestres serão, por fim, expostos como tais, pois nossas ações são simplesmente fruto dos nossos pensamentos (Pv 23.1-8).

3.10-17 — A vida de Timóteo deve contrastar com a dos falsos mestres. Tendo ele seguido até agora cuidadosamente o exemplo de Paulo, no sentido de suportar as aflições por causa de Cristo (v. 10-13), deverá, doravante, continuar firme no ensino que recebeu. A verdade desse ensino pode ser atestada pelo caráter daquele que lhe tem ensinado (v. 14), mas, sobretudo, por sua base nas Escrituras (v. 15-17).

3.10,11 — *Tu [...] tens seguido*. Paulo faz aqui um nítido contraste entre o testemunho cristão e o caminho dos falsos mestres (v. 2-9). Observa dez qualidades diferentes de seu próprio ensino e de sua vida que Timóteo havia tido oportunidade de observar.

3.12 — Aqueles que desejam levar uma vida piedosa devem estar preparados para as *perseguições*, cujo significado literal é *serem caçados*. Deus não promete que seremos livres da perseguição, mas promete-nos, sim, livramento em meio a ela. A perseguição é um dos meios que Deus usa para desenvolver nossa capacidade de reinarmos junto com Ele em Seu futuro Reino (2 Tm 2.12; Mt 5.10-12; Ap 2.10).

3.13 — A palavra grega traduzida por *enganadores* também pode significar tanto *feiticeiros* quanto *trapaceiros*.

Enganando e sendo enganados. Os falsos mestres enganam tanto a si mesmos como aos outros (Mt 15.18-20). Engano e autoengano são elementos intrínsecos ao pecado.

3.14 — *Permaneça*, ou continua firme, em todas as coisas que *aprendeste* (2 Tm 2.2) é mais uma exortação feita a Timóteo. Permanecer na verdade de Deus é essencial à vida piedosa.

3.15 — *Desde a tua meninice*. Paulo enfatiza a herança piedosa de Timóteo (2 Tm 1.5). Sua mãe,



EM FOCO

DIVINAMENTE INSPIRADA (GR. *THEOPNEUSTOS*)

(2 Tm 3.16)

A palavra grega *theopneustos* significa *soprada por Deus* — de *theos* (Deus) e *pneo* (soprar). Embora seja difícil recriar plenamente a ideia contida nessa palavra, é certo que Paulo quisesse dizer que toda a Escritura é inspirada por Deus. É este o principal sentido: Deus não somente inspirou os autores que escreveram as palavras da Bíblia, mas também ilumina aqueles que a leem com o coração cheio de fé.

Eunice, e sua avó, Lóide, haviam ensinado fielmente as *sagradas letras* a Timóteo, e a mãe, certamente, também o direcionara a Cristo, em quem cria (At 16.1). A Palavra e o Espírito de Deus são essenciais à nossa salvação. A Palavra de Deus sem o Espírito de Deus não tem vida; não tem poder para agir. Mas a Palavra de Deus fortalecida pelo Espírito de Deus se torna força viva em nossa vida.

3.16 — Paulo enfatiza a preeminência de *toda a Escritura*.

Inspirada por Deus. O Senhor se envolveu ativamente na revelação de Sua verdade aos apóstolos e profetas que a escreveram. O Autor da Bíblia é o próprio Deus. Portanto, as Escrituras são verdadeiras em tudo o que afirmam e totalmente fidedignas (1 Pe 1.20,21).

O estudo da Bíblia é proveitoso em, pelo menos, quatro formas diferentes. *Ensinar*, ou seja, doutrinar. Paulo enfatiza em primeiro lugar o ensino correto; em Atos, Lucas também enfatiza o compromisso da igreja de Jerusalém com a doutrina (At 2.42). *Redarguir*, no caso, é não apenas argumentar, mas argumentar com convicção uma verdade incontestável. *Corrigir* é disciplinar, endireitar (2 Tm 2.15). *Instruir* refere-se a ensinar a um novato ou uma criança. Note-se que somente um destes termos está voltado simplesmente para a informação — *ensinar* (1 Pe 2.2); os demais implicam mudança de vida. O conhecimento completo que não promova mudança de vida de uma pessoa é inútil. Por outro lado, viver sem entendimento de quem é Deus e do que espera de nós é arriscado e perigoso.

3.17 — O estudo das Escrituras torna o cristão *perfeito*, no sentido de capaz ou eficiente.

Perfeitamente instruído significa plenamente preparado. A pessoa que domina a Palavra de Deus nunca perde seu caminho.

Toda a boa obra. Paulo enfatiza a ligação essencial entre conhecer a Palavra de Deus e aplicá-la à vida pessoal do dia-a-dia. A doutrina correta deve produzir a prática correta.

4.1-8 — Estes versículos são o clímax da carta. Paulo faz a Timóteo uma última exortação para que cumpra seu ministério (v. 1-5) e respalda essa exortação com seu próprio testemunho de fidelidade diante de seu iminente martírio (v. 6-8).

4.1,2 — *Conjuro-te*. Paulo enfatiza aqui a seriedade e a importância de sua exortação a Timóteo, apresentando-a diante de Deus Pai e Jesus. Lembra que Jesus voltará para juízo de todos.

Pregues a palavra. O alicerce de qualquer ministério é a Palavra de Deus. Pregar a verdade de Deus é tarefa árdua e sagrada, que requer perseverança e coragem. *Instes* significa tomar atitude firme e persistente na pregação. Timóteo deveria estar atento todo o tempo à sua responsabilidade,



EM FOCO

APARIÇÃO (GR. *EPIPHANEIA*)

(2 Tm 1.10; 4.1,8; 2 Ts 2.8; 1 Tm 6.14; Tt 2.13)

O significado literal dessa palavra é *um brilho exposto*. Utilizada na literatura grega para indicar uma aparição divina, é neste sentido quase sempre traduzida por *epifania*, no uso cristão. Os escritores do Novo Testamento a empregam, geralmente, para se referir à primeira aparição de Jesus, ou seja, à Sua primeira chegada a este mundo, como homem (2 Tm 1.10), mas alguns também para falar de Sua segunda vinda, especialmente de Sua segunda aparição a todos (Mt 24.27).

mesmo quando pudesse parecer ser inoportuno. Esse tipo de ministério não era para novatos (Tg 3.1).

Longanimidade e doutrina. Paciência e instrução são os dois componentes essenciais de um ministério eficaz. O verdadeiro crescimento espiritual ocorre ao longo de determinado tempo, por meio de ensino consistente e aplicação correta da Palavra de Deus.

4.3 — Timóteo precisa estar atento e pronto a pregar a Palavra de Deus. Todavia, a *sã doutrina*, essencial à maturidade espiritual, nem sempre será aceita. Chegará a época em que as pessoas procurarão falsos mestres, para dizer-lhes somente aquilo que querem ouvir e que as faça sentir-se bem.

4.4 — As pessoas *desviarão os ouvidos* para evitarem escutar a *verdade*. Essa é a sexta vez que Paulo usa a palavra *verdade* nesta breve carta (2 Tm 2.15,18,25; 3.7,8). Usa-a cinco vezes na primeira carta a Timóteo (1 Tm 2.4,7; 3.15; 4.3; 6.5). Por estar diante da execução, sua preocupação era que seu filho na fé não fosse tentado a apartar-se da verdade, atraído por afirmativas de mestres falsos e enganadores.

4.5 — *Sóbrio*, aqui, significa *vigilante*.

Sofre as aflições. Refere-se às perseguições ao trabalho árduo do ministério, o qual, porém, terá recompensa (2 Tm 2.12).

Obra de um evangelista. O evangelista é um dos cinco cargos ou títulos de ministérios mencionados por Paulo em Efésios 4.11. É aquele que,

pregando a Palavra, prepara e incentiva os cristãos a compartilharem as boas-novas.

4.6 — Paulo sabe que o momento de sua morte está próximo. *Aspersão de sacrifício* era uma oferta feita derramando-se vinho no chão ou sobre o altar (Nm 28.11-31). A vida de Paulo era como se estivesse sendo derramada no serviço a Jesus Cristo, o Cordeiro (Ap 5.4-6).

O tempo da minha partida está próximo. Paulo tinha certeza de que ninguém poderia tocá-lo até que o Pai celestial houvesse por bem conduzi-lo ao seu lar eterno com uma celebração de vitória.

4.7 — Paulo foi extremamente e fiel vigilante em seu serviço a Deus. Observe que Paulo não faz esse tipo de comentário antes de chegar ao final de sua corrida e estar pronto para morrer. Não salienta seu serviço nem exalta-se nele. Mostra apenas que perseverou, lutou e serviu a Deus até o fim (1 Co 9.24-27).

4.8 — Paulo se refere ao potencial eterno de uma vida de serviço fiel a Cristo. O Senhor voltará, trazendo recompensa a todo aquele que persista na fé e no serviço até o fim.

A coroa da justiça será o galardão especial ofertado a todos os que sirvam a Deus com fidelidade (Mt 5.10-12). Haverá coroa para todo corredor que termine bem sua corrida.

Todos os que amarem a sua vinda são justamente esses cristãos que hajam vivido fielmente em Cristo, na esperança de Sua volta (1 Tm 2.11-15; 1 Jo 2.28).



EM FOCO

LIVROS (GR. *BIBLION*)

(2 Tm 4.13; Lc 4.17; Jo 20.30; 21.25; Ap 1.11)

Pergaminho (gr. *membrana*)

(2 Tm 4.13)

A palavra *biblion* é comum no Novo Testamento, mas não a palavra grega *membrana*, que ocorre somente em 2 Timóteo 4.13. Trata-se de palavra derivada do latim, que significa pergaminho, ou seja, pele animal usada, na época, para escrita.

As duas palavras gregas nessa passagem têm sido interpretadas de formas diversas: (1) *os livros* — *rolos* contendo livros do Antigo Testamento; (2) *os pergaminhos* — material para escrita em branco ou cadernos contendo esboços; (3) as duas palavras significando a mesma coisa: os livros — ou seja, cadernos em pergaminho. Se a terceira interpretação estiver correta, sugere que Paulo estava ansioso por recuperar esboços de texto que havia deixado quando preso.

4.9 — *Vir [...] depressa.* Paulo, da prisão, envia um apelo sincero a seu jovem amigo Timóteo. Desejava ter ainda comunhão com Timóteo e provavelmente receber algumas palavras de consolo daquele a quem tanto havia ensinado a ter fé.

4.10 — *Demas, colaborador de confiança de Paulo (Cl 4.14; Fm 24), tinha ido embora, amando o presente século.* Não conseguindo suportar as aflições do ministério, preferiu o conforto e o prazer passageiros deste mundo, em troca da recompensa eterna.

4.11,12 — *Só Lucas está comigo.* Não se pode deixar de ressaltar o valor de um amigo confiável em meio aos momentos difíceis. A referência de Paulo também a Marcos como *útil para o ministério* é sinal de carinhosa restauração. O fato de Marcos o haver abandonado na Panfília, na primeira viagem missionária do apóstolo, levou à separação de Paulo e Barnabé no começo da segunda viagem (At 15.36-40). Mais tarde, porém, Paulo e Marcos se reconciliaram, e este lhe serviu no ministério (Cl 4.10). Agora, no final de sua vida, Paulo expressa seu apreço pelo serviço do evangelista. A *Éfeso*. Paulo estava enviando Tíquico, colaborador fiel (At 20.4; Ef 6.21; Cl 4.7), para substituir Timóteo em *Éfeso*.

4.13 — *A capa.* Paulo provavelmente se encontrava em uma prisão fria. O nome de *Carpo* aparece somente aqui, nas Escrituras.

Livros... pergaminhos. Talvez documentos legais de Paulo, Escrituras do Antigo Testamento, relatos escritos acerca das palavras e obras de Jesus ou outros materiais do Novo Testamento, inclusive cópias das próprias epístolas de Paulo.

4.14,15 — Timóteo é advertido acerca de *Alexandre*. É possível que seja a mesma pessoa mencionada em 1 Timóteo 1.20 ou Atos 19.33, que causou *males* ao ministério de Paulo em *Éfeso*. Jesus advertira os apóstolos de que eles poderiam esperar oposição (Jo 15.18-21). Não precisamos procurar oposição; todavia, se não sofrermos alguma, é bem provável que não estejamos na linha de frente do ministério.

4.16 — Paulo faz eco à atitude compassiva de Cristo na cruz. Embora muitos o tivessem abandonado, Paulo pediu a Deus que não sejam cobrados por suas ações.

4.17 — A despeito do abandono de seus amigos, Paulo tem sido sustentado pelo Senhor, que sempre o fortalece e capacita. As pessoas podem nos desapontar nos momentos difíceis; mas o Senhor nunca abandona Seus filhos, por mais difíceis que sejam as circunstâncias (Lc 22.32; Hb 7.25).



PERFIL

ALEXANDRE, O INIMIGO

Em toda parte e toda época em que o evangelho tem alcançado êxito, os cristãos têm encontrado sempre pessoas determinadas a opor-se à sua pregação. Quanto maior o impacto da mensagem de Cristo, mais implacável parece ser a oposição.

Alexandre (1 Tm 4.14) tornou-se inimigo de Paulo e da igreja em *Éfeso*. Alguns o identificam como um judeu ali presente durante os tumultos instigados por Demétrio e pelos ourives em oposição à pregação de Paulo (At 19.21-41). Os judeus tentaram usar Alexandre para convencer os gentios de que eles, judeus, nada tinham a ver com Paulo e o emergente movimento cristão (At 19.33).

Outros, no entanto, acreditam que Alexandre era um dos dois mestres hereges em *Éfeso* mencionados por Paulo (1 Tm 1.19,20). Com seu parceiro Himeneu, Alexandre teria vindo a fracassar quanto à fé, o que mostra que, em determinado momento, é possível que houvesse estado entre os cristãos. Paulo, usando sua autoridade apostólica, entregou-o a Satanás, o que talvez fosse alguma forma de excomunhão da igreja.

Independente de quem foi Alexandre, Paulo o considerava como inimigo inveterado, advertindo Timóteo de que tomasse cuidado com ele (2 Tm 4.15). No entanto, nesse caso, em vez de atacá-lo, Paulo deixa seu destino nas mãos do Senhor, para que *lhe pague segundo as suas obras* (v. 14).

Existem inimigos inveterados do evangelho onde você vive, estuda, trabalha? Já se preveniu contra as tentativas deles de atacarem a causa de Cristo?

Deus sempre fortaleceu Paulo durante sua vida, para que pudesse continuar a pregar a verdade aos gentios. *Leão* pode ser uma referência à execução na arena romana por leões, mas é bem possível que Paulo esteja usando a palavra como metáfora para o conflito espiritual do qual fora liberto.

4.18 — A expressão de confiança de Paulo em Deus vai aumentando e transformando-se em louvor, terminando com *Amém*.

4.19-21 — Paulo encerra a epístola com uma série de saudações e recomendações a irmãos que muito o ajudaram em seu ministério.

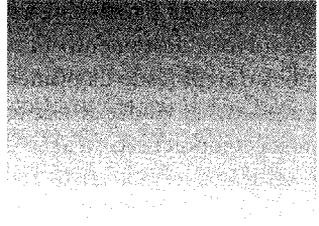
Saúda a Prisca e a Áquila. Prisca é outro nome para Priscila. Paulo conheceu Priscila e Áquila

em Corinto em sua segunda viagem missionária (At 18.1-3), e eles auxiliaram na obra de Deus em Éfeso (At 18.18,19).

Onesíforo. Esta saudação mostra que Timóteo provavelmente ainda estava em Éfeso, pois Onesíforo era de lá (2 Tm 1.16-18; 1 Tm 1.3).

Trófimo era membro da igreja de Éfeso (At 21.29) e viajou com Paulo para Jerusalém (At 20.4).

4.22 — A marca final deste livro e do ministério de Paulo é a *graça*, conclusão apropriada para esse homem de Deus e seu fiel serviço ao *Senhor Jesus Cristo*. O fato de o pronome aqui, *convosco*, ser plural pode indicar que Paulo queria que essa carta fosse lida perante toda a congregação.



A carta a

Tito

INTRODUÇÃO

Uma pessoa de ação, um homem-chave, pulso firme, despachado; alguém com quem se pode contar, que sabe o que fazer, como fazê-lo, e que trabalha incansavelmente para realizá-lo. Tito era – e tinha de ser – assim.

Seu trabalho, como o do apóstolo Paulo, era em grande parte perigoso, malvisto, difícil e cansativo. Ele incluía fazer viagens, apresentar ideias novas a desconhecidos, fazer amizades o tempo todo, lutar sem cessar contra os inimigos que surgissem e até defender-se de ameaças contra a própria vida. O número de pessoas capaz de suportar este fardo era pequeno, mas a Igreja do primeiro século precisava delas desesperadamente. Nem todo mundo conseguia abrir uma congregação e mantê-la naquele mundo hostil, mas Tito estava à altura do desafio.

Os cristãos de Creta estavam sem líder e, por isso, sofriam. Falsos mestres estavam aproveitando-se da ausência da sã doutrina, e, a julgar pelas exortações de Paulo, a harmonia e a moral da jovem congregação estavam abaladas. Então, o apóstolo confiou a Tito a missão de ajudá-los a estabelecer seus líderes e a compensar suas outras deficiências. Suas batalhas voltam a ser travadas a cada era, e, ainda hoje, esta carta continua tendo a mesma relevância que tinha para Tito.

Embora contenha apenas 46 versículos, a epístola trata de uma imensa variedade de tópicos. É um dos livros do Novo Testamento mais importantes para a organização de igrejas, com suas orientações para presbíteros, pastores e demais cristãos. Além disso, contém uma das

afirmações mais claras sobre a graça de Deus em todo o Novo Testamento (Tt 2.11-14; 3.3-7), explica o significado da primeira (Tt 2.11) e da segunda (v.13) vindas de Cristo e contribui para a nossa compreensão da ação do Espírito Santo na salvação e na vida cristã (Tt 3.5). Mas é mais conhecido por suas instruções práticas sobre os papéis do homem, da mulher e dos servos (Tt 2.2-10) e seu conselho para lidar com os falsos mestres (Tt 1.9-16; 2.1,7,8,12,15; 3.2,8-11,14). Uma igreja precisa ser organizada, ter sã doutrina e bom ensino para subsistir. Nesta carta, Paulo dá a Tito uma visão sucinta de como liderar uma igreja.

Enquanto as cartas a Timóteo enfatizam a sã doutrina, a epístola a Tito ressalta as boas obras (Tt 1.16; 2.7,14; 3.1,5,8,14). Havia gente influente na igreja cuja motivação era interesseira: a busca de vantagem pessoal (Tt 1.11). Em sua carta, Paulo expõe as formas pelas quais isto estava afetando a doutrina (v.11) e prática (v.16) da igreja e roga a Tito que promova a pureza, a abnegação e a bondade de uns para com os outros (Tt 2.11-15; 3.3-7). Paulo recorda a Tito que a salvação não vem pelas nossas *obras de justiça* (Tt 3.5), mas resulta, isso sim, do amor e da bondade de Deus para conosco (v.4). Somos incapazes de boas obras em nosso estado desobediente e egoísta (v.3). A salvação em Cristo nos liberta para as boas obras, e a *lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo* nos capacita para elas.

Deus quer que Seu povo se dedique às boas obras (Tt 2.11,12; 3.1,8,14). Tanto homens (Tt 2.2) e mulheres de idade (v.3) como moças (v.4,5), rapazes (v.6-8) e servos (v.9,10) devem ser *ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador* (v.10). Em sua carta, Paulo exorta os cristãos de Creta a dar o testemunho das boas obras aos que estão de fora (Tt 2.11, 12; 3.1, 8, 14). Se, por um lado, boas obras são um dever cristão, por outro, também são um dom divino. Como nos justificamos por intermédio de Cristo (3.7), Deus nos declarou justos. Precisamos ter essa situação legal para nos qualificar perante Deus

para realizar as boas obras. A redenção (Tt 2.14) nos retira da jurisdição de Satanás por ter pago a dívida de nossos pecados. Ao mesmo tempo, integra-nos à família de Deus, para que nos tornemos “um povo seu especial, zeloso de boas obras” (v.14).

Esta carta alega ter sido escrita pelo apóstolo Paulo (Tt 1.1), e há poucos motivos para se duvidar de que ele a tenha realmente redigido. Embora alguns estudiosos tenham levantado objeções nos últimos 200 anos, elas se devem principalmente à pressuposição de que Paulo teria morrido ao fim da prisão descrita em Atos 28 e não teria realizado a viagem implícita nas cartas a Timóteo e Tito. Os detalhes históricos dentro do próprio livro de Tito não nos dão qualquer motivo para abandonar a visão tradicional de que Paulo escreveu tal carta. Como os argumentos contra a autoria paulina são os mesmos que se levantam contra as epístolas pastorais como um todo, consulte a introdução a 1 Timóteo para mais informações.

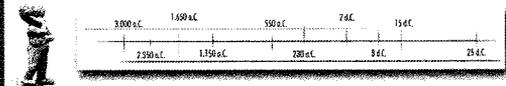
Parece que Paulo escreveu a Tito em algum momento entre suas duas detenções em Roma, entre 62 d.C. e 65 d.C. A tradição diz que a epístola a Tito foi redigida pouco depois de 1 Timóteo, por volta de 63 d.C.

Creta é uma grande ilha no mar Mediterrâneo, localizada a 160km a sudeste da Grécia e que possui cerca de 260km de comprimento por 55km de largura. Os cretenses desenvolveram uma economia agrocomercial relativamente próspera, gerando um dos centros de negócios mais conhecidos da antiguidade. Tal prosperidade acabou dando azo a grandes excessos. Em 1.12, Paulo cita o poeta grego Epimênides, que escreveu: “Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos”.

Paulo pode ter iniciado uma igreja na ilha de Creta durante uma viagem missionária depois de sua primeira prisão em Roma, que terminou por volta de 62 d.C. Quando saiu de Creta, deixou Tito em seu lugar *para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restavam* na igreja (Tt 1.5).

Tito é citado muitas vezes no Novo Testamento como um dos auxiliares mais confiáveis de Paulo. Ele era grego e fora convertido pelo apóstolo (Gl 2.3), ajudando-o em algumas de suas viagens missionárias (2 Co 7.6,7; 8.6,16) e acompanhando-o no Concílio de Jerusalém (At 15.2; Gl 2.1-3). Paulo mencionou Tito muitas vezes na

segunda epístola aos Coríntios (2 Co 2.13; 7.6, 13,14; 8.6,16,23; 12.18). Tito levou a carta a Corinto e, lá, ele estava incumbido de coletar fundos da igreja coríntia. Depois, foi à Dalmácia a pedido de Paulo (2 Tm 4.10). A tradição da Igreja do primeiro século diz que Tito retornou a Creta e passou o resto de sua vida ali.

LINHA DO TEMPO	
CRONOLOGIA EM TITO	
Ano 47—49 d.C. — Primeira viagem missionária de Paulo	
Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém	
Ano 50—53 d.C. — Segunda viagem missionária de Paulo	
Ano 53—57 d.C. — Terceira viagem missionária de Paulo	
Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém	
Ano 60—62 d.C. — Paulo fica preso em Roma	
Ano 63 d.C. — A carta a Tito é escrita	
Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados	



ESBOÇO

- I. Saudações — 1.1-4
- II. O caráter dos presbíteros e dos cretenses — 1.5-16

- A. O caráter dos presbíteros — 1.5-9
- B. O caráter dos falsos mestres cretenses — 1.10-16
- III. A graça de Deus demonstrada na igreja — 2.1-10
- A. O dever de Tito de ensinar a sã doutrina — 2.1

- B. Orientações para cada grupo etário — 2.2-6
- C. O exemplo pessoal de Tito — 2.7,8
- D. Exortação aos escravos — 2.9,10
- IV. A graça de Deus demonstrada a toda a humanidade — 2.11—3.11
- A. Orientações baseadas na graça de Deus — 2.11-14
- B. Reafirmação dos deveres de Tito — 2.15
- C. Exemplos de boas obras — 3.1-11
- V. Orientações de despedida — 3.12-15

COMENTÁRIO

1.1-4 — O formato padrão para iniciar cartas gregas (1) identifica *Paulo* como o remetente, (2) nomeia *Tito* como o destinatário e (3) apresenta uma breve saudação. Ao identificar-se, Paulo ressalta o objetivo de seu apostolado de uma forma que torna esta introdução mais detalhada e solene do que as das epístolas a Timóteo.

1.1 — Neste versículo, Paulo introduz o tema do livro, as boas obras, com o termo *piiedade*. *Boa obra, boas obras* ou *obra* aparecem oito vezes nesta epístola (duas vezes no v. 16, além de serem mencionadas nas seguintes passagens: Tt 2.7,14; 3.1,5,8,14). Pelo menos duas outras expressões fazem paralelo com o tema das boas obras: *sérias no seu viver* (Tt 2.3) e *ornamento da doutrina de Deus* (v.10). Nem a verdade nem a fé significam isolar-se do trabalho prático da vida cristã.

1.2 — A expressão *não pode mentir* traduz uma única palavra grega que significa *verdadeiro* ou *livre de todo engano*. A salvação que o Altíssimo prometeu a todos nós que conhecemos Seu Filho será concretizada. Ele é fiel às Suas promessas. A primeira ação disciplinar de Deus registrada contra a igreja foi por motivo de mentira (At 5.3). Um dos indícios dos últimos tempos é a *hipocrisia de homens que falam mentiras* (1 Tm 4.2). Não costumamos levar a mentira tão a sério quanto os pecados sexuais, mas o Senhor sabe que, se a palavra do homem não é digna de confiança, então nada mais importa.

1.3 — O termo grego traduzido como *pregação* significava uma mensagem proclamada por um arauto público. Paulo dá ênfase à mensagem, e não ao mensageiro. Os cristãos devem sempre pôr Cristo em destaque, porque Ele — e nenhum outro pastor — é o Centro de nossa fé (1 Co 9.16; 2 Co 4.5). O poder está na veracidade do que é pregado: as boas-novas de que Cristo nos salvou dos nossos pecados (Rm 1.15,16; 1 Co 2.4).

Que me foi confiada. A incumbência de um rei é um ato definitivo e oficial, que dá à pessoa uma missão e a autoridade para cumpri-la. A incumbência de Paulo, como secretário imperial de Deus, era transmitir a mensagem da salvação.

1.4 — *Verdadeiro filho*. Nascido legitimamente, Tito era mais uma pessoa que Paulo havia convertido — uma ocorrência maravilhosa.

A fé comum. A fé tida em comunhão.

Graça, misericórdia e paz. Essa era a saudação costumeira de Paulo nas epístolas pastorais.

1.5-9 — Paulo orienta Tito a indicar líderes para as igrejas de Creta, os quais deviam ter sua vida familiar em ordem (v.6), evitar os vícios apresentados no v. 7 e cultivar as virtudes mencionadas no v.8. Seu ministério devia ensinar fielmente a verdade do evangelho (v.9).

1.5 — *Restam* indica que a organização das igrejas de Creta estava incompleta devido à pequena duração da visita de Paulo, o qual identifica deficiências em três áreas específicas: (1) falta de organização nas igrejas (v.5-9); (2) falsos mestres sem ninguém para enfrentá-los (v.10,11; 3.10,11); (3) necessidade de ensino da doutrina e de habilidades para a vida prática (2.1-10; 3.1,2). Tito foi deixado ali para pôr *em boa ordem* tais deficiências. O primeiro passo dele para concluir essas tarefas foi estabelecer *presbíteros* em cada *cidade* (At 14.23). Ao que parece, naquela época, havia diversos líderes para cada igreja, em vez de um principal. As palavras *presbítero* e *bispo* (literalmente, *supervisor*) em grego parecem ter sido usadas alternadamente por Paulo (v.7). *Presbítero* talvez se refira mais ao cargo e à sua autoridade, enquanto *bispo* trate mais da função da pessoa e do ministério da supervisão (At 20.17).



EM FOCO

SERVO (GR. DOULOS)

(Tt 1.1; Jo 13.16; 1 Co 7.21; Fm 16; Ap 6.15; 13.16)

Esta palavra grega significa *servo de confiança*, *alguém que está sujeito à vontade do seu amo*. O império romano dependia da escravidão, e muitos dos cristãos eram escravos. O Novo Testamento nem apoia a escravidão nem promove uma cruzada política contra ela. Em vez disso, Paulo incentivava os escravos a obterem sua liberdade se pudessem fazê-lo dentro dos limites da lei (1 Co 7.21), e parece que o apóstolo estava pedindo a Filemom que libertasse Onésimo (Fm 15.16). Para exprimir sua total submissão à vontade divina, Paulo se descrevia como servo do Senhor (Rm 1.1; Gl 1.10).

1.6 — *Irrepreensível* significa não ter nada que possa servir de base para acusar a a conduta de alguém (1 Tm 3.2). Esta deve ser a principal característica do presbítero. No entanto, Paulo define melhor esta irrepreensibilidade com outras 16 qualidades, as quais fazem parte de três áreas: vida familiar (v.6), vida pessoal (v.7,8) e crenças doutrinárias (v.9). O contraste entre o comportamento irrepreensível dos presbíteros da igreja e o comportamento vil dos falsos mestres deveria ficar claro para todos (v.10-16).

A expressão *marido de uma mulher* só se encontra nas epístolas pastorais (1 Tm 3.2,12; 5.9). Seu sentido exato é controverso. O apóstolo pode estar proibindo um polígamo, um homem divorciado ou casado pela segunda vez, ou um homem conhecido por sua infidelidade à mulher. Seja qual for o significado exato desta expressão, Paulo está claramente ressaltando, como Jesus fizera (Mt 19.5), a importância da fidelidade conjugal.

O casamento reúne o homem e a mulher *numa só carne. Filhos fiéis*. Este homem não só precisava ter um bom relacionamento com sua esposa, como também devia ter filhos que demonstrassem fidelidade a Deus. Se um pai tem filhos que rejeitam os caminhos do Senhor, isso se reflete na sua capacidade de guiar outras pessoas que não façam parte do seu lar. Esta regra valeria para crianças que ainda não chegaram ao termo de seu crescimento, e não, provavelmente, para filhos adultos.

1.7-9 — O presbítero não devia ser *soberbo*, e, sim, *temperante*. Se só pensasse no seu lado, como os falsos mestres de Creta (v.10-16), não teria o caráter necessário à promoção das boas obras e da sã doutrina entre os cristãos. *Convencer* significa censurar de forma tal a produzir arrependimento e confissão do pecado (Jo 16.8). Censurar pode ter resultados positivos e mudar a vida do homem.



APLICAÇÃO

TREINAMENTO PESSOAL

Em um mundo no qual a educação parece ser oferecida em toda a parte, a descrição bíblica da igreja como centro de treinamento de Deus para que o homem viva em santidade costuma ser ignorada (Tt 2.1-15). Este erro se torna óbvio quando uma congregação fica sem líderes. Uma boa liderança eclesial é produto de um treinamento de qualidade. Quando os jovens cristãos não são bem treinados, a igreja começa a ruir.

Paulo era um dos líderes mais eficazes da Igreja do primeiro século. Ele pregava o evangelho sem cessar; além disso, por toda a Ásia Menor e na Grécia, fundou uma miríade de igrejas, fundamentando-as na Palavra de Deus e na essência da fé cristã. Porém, para ser realmente eficiente, ele precisava gerar outras pessoas que seguissem seus passos e conduzissem, com fé, a Igreja ao próximo século. Tito, um dos jovens que o apóstolo treinou para ser líder e que o acompanhou no começo de seu ministério (Gl 2.1-3), havia servido como representante de Paulo (2 Co 7.5-16) e era considerado um *companheiro* seu (2 Co 8.23). Quando o apóstolo escreveu esta carta, havia começado a transmitir as rédeas da liderança para este jovem capaz, o qual estava supervisionando as igrejas na ilha de Creta.

Em suas orientações a Tito, Paulo lhe recorda as características do líder espiritual (Tt 1.5-16). Ele escolheu Tito como ajudante porque este demonstrara estas qualidades. Agora, era a sua vez de ser exemplo dessas virtudes para outros, buscando por aqueles que poderiam tornar-se líderes nas igrejas recém-semeadas.

Paulo instruiu Tito a conceder a responsabilidade pela liderança moral aos idosos. Os homens e mulheres de idade (Tt 2.1-5) deveriam ser lideranças em matéria de santidade pessoal. Os jovens que vissem os mais velhos conservarem diligentemente a fé em Cristo fariam o mesmo (v.2). As moças que ouvissem as senhoras exortá-las a *amarem seus maridos, a amarem seus filhos* (v.4) estariam mais dispostas a aceitar o conselho de coração, se vissem suas mentoras fazerem o mesmo. O próprio Tito deveria alertar os *mancebos* (v.6), assegurando-se, ao mesmo tempo, de que seguiam o modo de vida que ele pregava (v.7).

O grau em que o bom treinamento existe em uma igreja local praticamente determina a saúde dela. O pastor pode ser o mestre designado, mas a Bíblia diz que todos são treinadores e treinados. Os membros da igreja devem amparar-se uns aos outros para orientações espirituais. A geração mais antiga deve transmitir à mais recente sua fé cristã vital por meio de palavras e exemplos. O caráter que resulta deste processo de treinamento espiritual é uma publicidade verdadeiramente atraente do evangelho.

1.10-16 — Os líderes devem ser nomeados (v.5-9), para que impeçam os falsos mestres de disseminarem uma doutrina imoral.

1.10,11 — *Muitos desordenados*. Nestes versículos, Paulo trata das características dos falsos mestres, cujos ensinamentos iam de encontro à verdade e estavam minando a autoridade dos líderes da igreja.

Os da circuncisão. Ao que parece, havia judeus cristãos nas igrejas de Creta que estavam limitando a liberdade dos cristãos gentios, exigindo que obedecessem às leis judaicas (Gl 3).

1.12 — *Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos*. Aqui, Paulo cita o poeta cretense Epimênides, que escreveu tais palavras por volta de 600 a.C. O povo de Creta tinha tanta fama de mentiroso no mundo mediterrâneo que a expressão *cretanizar* significava *mentir*. Paulo estava comparando a reputação daqueles habitantes com a de Deus. O Senhor é incapaz de mentir (v.2).

1.13 — *Este testemunho é verdadeiro*. Paulo os confirma como fatos e diz: *repreende-os severamente*. Não era ocasião para timidez. Agir *severamente* (gr. *apptomôs*) quer dizer *interromper abruptamente*. Para que significava que o objetivo da reprimenda era fazer com que o cristão fosse *são* ou *saudável* na fé. *Repreende-os* tem sentido não vingativo, mas curativo, como sempre deve ser.

1.14 — A palavra *fábulas* sempre é usada em contraste à doutrina cristã (1 Tm 4.6,7). Essas *fábulas judaicas* deviam ser lendas sobre figuras do Antigo Testamento, como algumas que sobrevivem até hoje em escritos não bíblicos. Tal especulação não só contrariava a *verdade*, como também minava a fé (v.13).

Mandamentos de homens. As normas que provêm da falsa doutrina são contrapostas às boas obras (v.16) que devem proceder da doutrina sã (veja exemplos de fábulas e mandamentos do homem em Marcos 7.1-16).

1.15 — Neste versículo, Paulo destaca o equivocado ascetismo dos falsos mestres cretenses, que haviam apontado certas práticas e alimentos como impuros quando, na verdade, seus espíritos que eram *contaminados e infiéis*. Por outro lado, *todas as coisas são puras para os puros*. Como os cristãos de Creta haviam depositado sua confiança em Cristo e se voltado para Ele, teriam o poder do Espírito de Deus para viver de forma pura. Jesus ensinou o mesmo princípio em Mateus 15.11. Nem objetos físicos, nem práticas externas aviltam a pessoa; o que a corrompe completamente é uma mente voltada para o mal. Embora geralmente os cristãos de hoje não se preocupem em cumprir ritos judaicos, o princípio ainda se aplica. Temos de preocupar-nos mais em renovar nossa mente e concentrá-la em Jesus do que em observar uma lista de regras sem fundamento bíblico.

1.16 — *Confessam... mas*. A confissão e a prática não devem ser contraditórias, pois a fé e as obras precisam andar juntas. A fé verdadeira produz obras verdadeiras. *Reprovados* são aqueles que são testados, mas não passam.

2.1-10 — Paulo concede orientações a Tito, a fim de serem repassadas aos vários membros do lar cristão — idosos, jovens e servos.

2.1 — Normalmente, depois das reprimendas à falsa doutrina, Paulo orienta o que o cristão deve fazer (2 Tm 3.10,14). *Sã* significa saudável e é um termo frequentemente utilizado por Paulo nas epístolas pastorais — encontrado cinco vezes



APLICAÇÃO

A NECESSIDADE DO ENSINO E ACONSELHAMENTO DE MULHERES POR MULHERES

Em Tito 2.3, Paulo explica a necessidade de um ministério especial na igreja — o de idosas ensinando e aconselhando outras mulheres, pois elas conhecem e entendem melhor as outras mulheres do que os homens. *Toda mulher precisa de outra como confidente* — e que lugar melhor para isso ocorrer do que na igreja?

A expressão *mulheres idosas* refere-se à maturidade necessária à mulher que conduz esse ministério para as outras. Ela deve ser uma cristã madura, justa, temente, e estar em constante oração.

em Tito (1.9,13; 2.1,2,8). O apóstolo vê a sã doutrina como a raiz que produz os frutos da boa prática (boas obras), tais como a fé, o amor e a paciência (v.2), assim como a boa fala (v.8). Pensar com retidão é a matéria-prima da boa ação (Sl 119.11; Pv 23.7; Rm 12.2; Tg 1.13-15). Nossos atos revelam naturalmente a direção de nossos pensamentos.

2.2 — A expressão *os velhos* refere-se aos homens maiores de 50 anos. O mesmo vale para *as mulheres idosas* (v.3). O caráter dos maduros deveria ser exemplo para todos. Não se mede a maturidade simplesmente pela idade nem mesmo pelo saber de alguém, mas, sim, pela capacidade que a pessoa tem em aplicar a verdade à vida e em distinguir o bem do mal (Hb 5.13,14).

2.3 — Ainda tratando do tema das boas obras (v.1,2), as *mulheres idosas* não devem praticar infâmias como a calúnia, a fofoca ou a bebedice; em vez disso, é papel delas ensinar às moças (v.4). Neste ponto, Paulo delineia um amplo currículo que pode ser implantado com grandes vantagens em qualquer igreja local. Se houvesse mais ênfase em colocar as mulheres para ensinar às mulheres, especialmente no que diz respeito a relações íntimas e domésticas, é provável que a tentação masculina para desrespeitar a fidelidade conjugal fosse muito menor.

2.4 — Neste versículo, *ensinem* significa estimular por meio de conselhos. As idosas devem transmitir suas descobertas para as mais jovens.

Amarem seus maridos. Paulo não está tratando de amor romântico, e, sim, do compromisso da esposa com o bem-estar do companheiro. O marido e a mulher devem, de sua própria vontade, estar motivados a aprender e a praticar este amor.

2.5 — *Boas donas de casa*. A importância que Paulo dá ao papel da mulher no lar pode ser observada também em 1 Timóteo 5.2-16 e Provérbios 31.

Sujeitas a seu marido. As mulheres não estão sob a autoridade do homem em geral, mas, sim, sob a autoridade de seu esposo. A palavra grega traduzida como *sujeitas* é um termo militar que denota submissão voluntária a quem tem autoridade (Ef 5.21).

A fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. Paulo queria que as idosas ensinassem as jovens a glorificar o Senhor por meio de seus atos, ajudar a construir o Seu Reino e fortalecer a família. Descumprir as orientações do apóstolo resultaria na maldição à Palavra de Deus pela comunidade pagã. Quando os filhos do Altíssimo não seguem a instrução de Seu Pai em Sua Palavra, os descrentes são levados a duvidar da sinceridade da religião professada e da veracidade da Palavra do Senhor.

2.6 — Os *jovens* devem buscar obter as qualidades de caráter que os idosos já deveriam possuir.

2.7,8 — *Exemplo de boas obras*. Paulo encerra suas instruções aos diversos grupos etários relembando a Tito que sua vida pessoal é um aspecto essencial ao seu ensino. Mais pessoas aprendem com nossos atos diários do que com o que dizemos. Sendo assim, devemos tomar cuidado extremo para nossa vida estar alinhada a nossas crenças.

2.9,10 — *Servos*. Cerca de metade dos habitantes do império romano na Igreja do primeiro século eram escravos. As boas obras do escravo cristão atrairiam o amo não cristão à *doutrina de Deus*. Crer nos ensinamentos da Escritura é certo



EM FOCO

DEUS, NOSSO SALVADOR (GR. *SOTER HEMON THEOS*)

(Tt 1.3; 2.10; 3.4; 1 Tm 1.1; 2.3)

Nas epístolas pastorais, esta expressão e similares aparecem bastante. Em cada versículo citado, o epíteto parece descrever Deus Pai. Os escritores do Antigo Testamento falam de Deus como *Salvador* (Sl 24.5; Is 12.2; 45.15,21), e alguns autores do Novo Testamento também o fazem (Lc 1.47; Jd 25). O *Filho* é chamado de *Salvador* nas epístolas pastorais (Tt 1.4; 2.13; 3.6; 2 Tm 1.10); em 2 Pedro 1.1, é chamado de *nosso Deus e Salvador*, identificando claramente Jesus como Deus.



EM FOCO

LAVAGEM DA REGENERAÇÃO (GR. LOUTRON PALINGENESIAS)

(Tt 3.5)

A palavra grega traduzida como *lavagem* pode significar o receptáculo da lavagem (a bacia) ou o ato de lavar em si. Em Efésios 5.26, a única outra ocorrência desta palavra no Novo Testamento, o sentido natural é *lavagem*. Aqui, também se fala do ato de lavar-se. O texto simplesmente diz que a regeneração é caracterizada pelo ato de lavar ou acompanhada dele. A atividade regenerativa do Espírito Santo caracteriza-se em outras partes da Escritura como limpadora e purificadora (Ez 36.25-27; Jo 3.5).

O termo grego para *regeneração* significa, literalmente, *ser nascido de novo*, indicando um novo nascimento realizado pelo Espírito Santo (Jo 3.6; Rm 8.16; Gl 4.6). Portanto, Deus nos salvou por meio de um processo com dois aspectos: a lavagem da regeneração e o renovo do Espírito Santo.

e bom, mas viver a verdade que ela prega influenciará os descrentes com quem temos de conviver todos os dias.

2.11 — *Manifestado*. Paulo fala da aparição de Cristo no tempo histórico duas vezes, nesse contexto. A primeira vez em que Jesus veio foi com *graça*, para salvar as pessoas do pecado; da segunda vez, Ele virá em *glória* (v.13), para reinar.

2.12,13 — A manifestação da graça divina produzirá dois resultados na vida dos cristãos: primeiro, seremos capazes de resistir às tentações malignas, viver justamente nesta era atual. Depois, deveremos ansiar pelo retorno de Cristo. Paulo lembrou a Timóteo que há uma coroa brilhante esperando *todos os que amarem a sua vinda* (2 Tm 4.8).

Do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo. Esta é uma das mais fortes declarações do Novo Testamento sobre a divindade de Cristo.

2.14 — *Remir* significa adquirir. Ao morrer na Cruz, Cristo pagou o preço que nos libertou do jugo do pecado (Ef 1.7), do qual todo descrente é escravo (Rm 6.6,7,17,20). O propósito de Deus em redimir-nos não é apenas salvar-nos do inferno; Ele também quer libertar-nos do pecado para que produzamos boas obras que o glorifiquem (Ef 2.8-10).

2.15 — *Repreende*. Pela terceira vez nesta carta (Tt 1.11,13), Paulo ordena veementemente a Tito que enfrente os falsos mestres.

3.1-11 — A graça divina em nós deve transparecer pelo respeito que temos pelos *principados*

(v.1) e pela forma como tratamos os outros (v.2). Já fomos iguais aos nossos próximos ímpios (v.3), mas Deus nos modificou totalmente (v.4-7). Portanto, devemos aplicar-nos às *boas obras* (v.8), evitar *coisas inúteis* (v.9) e admoestar o herege (v.10,11).

3.1,2 — *Admoesta-os*. Paulo já instruíra os cretenses quanto à submissão e obediência às autoridades em suas comunidades. Tito deveria lembrar-lhes que era seu dever serem bons cidadãos, uma virtude que os cretenses sabidamente não tinham (Tt 1.12). A expressão *principados e potestades* costuma referir-se ao domínio dos anjos, tanto os bons (Ef 3.10) quanto os maus (Ef 6.12). Aqui, ela faz referência aos líderes e às instituições civis. A desobediência permeava o estilo de vida cretense, tanto na igreja (v.10) como no governo. Tito deveria aconselhá-los a manter boas relações com as autoridades civis e a viver em paz com seu próximo. Viver assim refletiria positivamente na fé cristã e, dessa forma, glorificaria Deus.

3.3 — Paulo dá outro motivo para praticar boas obras explicando como funciona a vida cristã. Os cristãos deviam tratar os outros da mesma forma como, em Sua graça, Deus os tratara quando se envolviam nas atividades ímpias assinaladas neste versículo (Rm 5.8).

3.4 — A expressão *mas*, quando fala da graça maravilhosa! *Deus, nosso Salvador* refere-se ao Pai (Tt 1.3). A *caridade* de Deus por nós se manifestou com Jesus Cristo, que é, por isso, chamado de nosso Salvador (Tt 3.6).



APLICAÇÃO

UNIDOS PARA A OBRA

Trabalhando sem telefones, faxes, carros nem aviões, uma equipe dedicada e variada de cristãos do primeiro século disseminou as boas-novas de Jesus por todo o mundo romano. Paulo mencionou vários desses colegas a Tito – Ártemas, Tíquico, o advogado Zenas (Tt 3.12,13) –, mas havia muitos outros; por exemplo, Barnabé (At 4.36,37), Priscila e Áquila (Rm 16.3-5), Silas (At 15.34) e Júnica (Rm 16.7).

A tarefa de proclamar o evangelho em face à oposição (às vezes, feroz) estreitou os laços entre estes cristãos. Eles planejavam suas viagens não só pensando nas tarefas do ministério, mas também em suas relações uns com os outros. Por exemplo, Paulo incentivou Tito a visitá-lo em Nicópolis durante um recesso de temporada (Tt 3.12). Eles também atentavam para as necessidades uns dos outros (v.13).

Desses fatos, emerge o princípio de que a causa de Cristo avança, mesmo enfrentando oposição, quando os obreiros estão unidos para fazerem a obra.

3.5 — *Não pelas obras de justiça.* Como Paulo andara exortando Tito a enfatizar as boas obras no seu ministério junto aos cretenses, ele quer deixar claro que tais obras não têm valor para salvar o homem. É somente pela *misericórdia* divina que somos libertos da pena de nosso pecado. A expressão *lavagem da regeneração* se refere à obra do Espírito Santo, que, em um momento, renova a pessoa por meio da limpeza da regeneração (o novo nascimento). Essa nova natureza é a base para uma vida cristã e a realização das boas obras.

Renovação do Espírito Santo. O processo contínuo da vida cristã existe graças ao Espírito Santo, resultando no crescimento de caráter e nas boas obras.

3.6 — *Abundantemente ele derramou sobre nós.* Rica e sobejadamente (At 2.33). O Pai enviou o Espírito Santo prometido por meio do ministério de Jesus (Lc 24.49; At 1.4,5).

3.7 — *Sejamos feitos herdeiros.* Deus justifica os cristãos para que se tornem co-herdeiros de Jesus Cristo em Seu Reino futuro (Rm 8.17; 2 Tm 2.12).

3.8 — *Fiel é a palavra.* Paulo ressalta que o que escreveu (v.4-8) é uma declaração confiável, crucial para a fé cristã. Há quatro outros pontos das epístolas pastorais em que o apóstolo rotula seu ensinamento de *fiel* (1 Tm 1.15; 3.1; 4.9; 2 Tm 2.11-13). É significativo que a palavra *fiel* de Tito inclua uma admoestação para *aplicar-se às boas obras*, tema desta carta. A expressão *estas*

coisas são boas e proveitosas ressalta o benefício prático das boas obras.

3.9-11 — Paulo estava admoestando Tito a evitar tudo que pudesse promover a perversidade entre os cristãos.

Ao homem herege [...] evita-o. Tito devia cortar a relação da igreja com qualquer pessoa que não se sujeitasse à correção após dois avisos (2 Ts 3.14,15).

A palavra *perverso* em grego sugere que Satanás está perversando esta pessoa.

Peca indica que este homem não sairá desse mau caminho de rebeldia contra Deus.

3.12,13 — *Tíquico*, um dos auxiliares de Paulo, também é mencionado em Atos 20.4, Efésios 6.21, Colossenses 4.7 e 2 Timóteo 4.12. A cidade de *Nicópolis* ficava na costa grega do Adriático. *Apolo* era um companheiro de trabalho de Paulo (At 18.24; 19.1; 1 Co 1.12; 3.4-6, 22; 4.6; 16.12), um alexandrino que tivera como mestres Priscila e Áquila e havia pregado o evangelho com eloquência em Éfeso e Corinto (At 18.24—19.1).

3.14 — Paulo encerra sua carta a Tito com ênfase nas *boas obras*, tema desta carta (Tt 1.1).

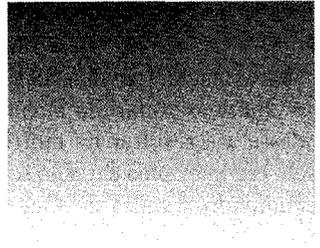
Nas coisas necessárias. Paulo sugere aos cretenses uma maneira prática de começar a demonstrar sua fé nas boas obras: atender às necessidades de outros.

Para que não sejam infrutuosos. Um tema recorrente em todo o Novo Testamento é que os cristãos precisam viver à altura de sua sagrada missão.

Eles devem permanecer em santidade (Hb 10.14,23-26). A justificação é um dom exclusivo de Deus, mas seremos recompensados segundo o que tivermos feito nesta terra (Ap 22.12). Será uma tragédia para certas pessoas a vergonha que

sentirão na volta de Cristo (1 Jo 2.28). É muito melhor sobejar nas boas obras que o Espírito Santo nos capacitou a praticar (Fp 4.17).

3.15 — *Os que nos amam* refere-se aos amigos cristãos de Paulo em Creta.



A carta a

Filemom

INTRODUÇÃO

Segundo a legislação romana, o escravo que fugisse de seu senhor podia ser condenado à morte. Apesar desta possibilidade, o apóstolo Paulo mandou Onésimo, um escravo fugitivo e recente convertido ao cristianismo, de volta a seu patrão, Filemom, para restituir-lhe.

A Epístola a Filemom é o apelo de Paulo para que Onésimo não seja mais visto como escravo fugido, e sim *como irmão amado* (v.16,17; Cl 4.9). Obedecer a esses pedidos dependeria de perdão e esforço de reconstrução, atos que nenhum outro dono de escravos teria de pensar em praticar na antiguidade. Mas os cristãos haviam atendido a um chamado maior que contradizia as expectativas gerais daquela cultura. Enquanto o mundo daquela época buscava poder e glória, os cristãos seguiam o trajeto da cruz — um caminho de perdão, servidão, sofrimento e amor.

A saudação e o teor da carta indicam que seu destinatário é Filemom, um proprietário de escravos cuja casa servia como ponto de encontro da Igreja. Provavelmente, Filemom morava em Colossos, cidade da província romana na Ásia Menor. Ele se convertera ao cristianismo por meio do ministério de Paulo, possivelmente durante a estadia do apóstolo em Éfeso (At 19.26). Possivelmente, Áfia era sua esposa, e Arquipo talvez fosse seu filho, que poderia estar trabalhando como pastor da Igreja que se reunia sob o teto de Filemom (Cl 4.17).

Filemom possuía um escravo chamado Onésimo, um nome comum entre criados naquela época. Onésimo fugiu e, ao que parece, havia furtado algo de seu amo. Tendo partido para Roma, o fugitivo recebeu a bênção de encontrar-se com Paulo e tornar-se cristão; então permaneceu com o

apóstolo por algum tempo, servindo-lhe na prisão. Mas era preciso um esforço para reparar o malfeito e pagar o devido. Foi combinado, então, que Onésimo voltaria a Filemom, embora isso pudesse até resultar na morte do ex-escravo. Paulo escreveu uma carta ao seu amigo Filemom defendendo a causa de Onésimo. Na mesma época, ele também escreveu uma carta à igreja de Colossos mandando-a por Tíquico (Cl 4.7-9). O Novo Testamento não revela o que aconteceu depois com aquele criado fugido. Alguns consideram que ele seja o Onésimo que acabou virando bispo de Éfeso, mencionado por Inácio no começo do século 2.

A Epístola a Filemom não foi escrita para refutar erros teológicos, nem para ensinar a doutrina. Porém, Paulo mescla habilmente a esta carta os conceitos de salvação (v.10,16), substituição (v.17), imputação (v.18) e redenção (v.19). Embora aqui essas ideias tratem do relacionamento de Paulo e Onésimo, também nos lembram o relacionamento de Cristo conosco (Gl 4.1-7). Já fomos escravos do pecado, mas Cristo nos remiu de nosso terrível destino: a morte.

Basicamente, esta carta é um apelo honesto por um amor cristão que enfrentasse a crueldade

e o ódio incrustados nas instituições culturais daquela época. Paulo elogia Filemom por já estar exprimindo esse tipo de amor (v.5,7). Mas, para garantir que esse sentimento se aplicaria a Onésimo, o apóstolo se oferece para pagar a dívida do escravo (v.19). O amor entre eles dois não era insincero; o apóstolo, realmente, estava disposto a gastar parte de suas poucas posses para garantir o bem-estar daquele criado de Filemom.

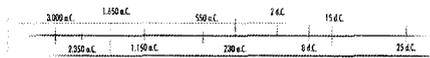
Paulo se identifica como autor do livro três vezes (v.1,9,19). O vocabulário e o estilo são claramente próprios dele, pois muitas expressões dessa carta se encontram nas outras epístolas de Paulo (compare o v.4 com Filipenses 1.3,4). Muitos dos que mandaram lembranças nesta missiva são os mesmos que o fizeram na carta aos irmãos de Colossos — fato que demonstra a íntima relação entre as duas cartas (Cl 4.12-15).

O apóstolo estava preso quando redigiu esta epístola, mas não se sabe onde era a sua prisão. Supostamente, há possibilidades: Éfeso, Cesaréia (At 24–26) e Roma (At 28). Mas a maioria sustenta que Paulo teria escrito essa epístola durante a primeira vez em que foi preso em Roma, por volta de 60 d.C., junto com outras Epístolas da Prisão — Efésios, Filipenses e Colossenses.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM FILEMOM

- Ano 47—49 d.C. — Primeira viagem missionária de Paulo
- Ano 50 d.C. — O Concílio de Jerusalém
- Ano 50—53 d.C. — Segunda viagem missionária de Paulo
- Ano 53—57 d.C. — Terceira viagem missionária de Paulo
- Ano 58 d.C. — Paulo é preso em Jerusalém
- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma; escreve Filemom
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados



ESBOÇO

- I. Saudações iniciais — 1.1-3
- II. Paulo ora por Filemom — 1.4-7
- III. Paulo faz um apelo a Filemom — 1.8-22
- A. A autoridade por trás do apelo — 1.8,9

- B. A pessoa em questão no apelo — 1.10,11
- C. A explicação necessária ao apelo — 1.12-14
- D. A providência por trás do apelo — 1.15,16
- E. O conteúdo do apelo — 1.17-21
- F. A prova do recebimento do apelo — 1.22
- IV. Bênção de encerramento — 1.23-25

COMENTÁRIO

1.1 — Paulo se identifica não como apóstolo, mas como *prisioneiro*, devido à sua dedicação à causa de Cristo e ao fato de estar escrevendo da cadeia romana (v. 9,10,13,23). *Timóteo* estava com Paulo em Roma (Cl 1.1) e em Éfeso. Tudo o que sabemos sobre *Filemom* está nesta breve carta. Morador de Colossos, Filemom era, ao que parecia, um cristão exemplar. Ele trabalhava ativamente em prol de Cristo e era, também, dono do escravo Onésimo, que fugira. Filemom é chamado de *amado*. O apelo de Paulo (v.9,10) será fundamentado no conceito de amor. *Cooperador* indica alguém que está unido com o apóstolo no trabalho pró-Cristo.

1.2 — *Áfia* pode ter sido a esposa de Filemom. É provável que *Arquipo* tenha sido o filho de Filemom ou, talvez, um ancião da igreja colossense (Cl 4.17).

Nosso companheiro é uma expressão mais significativa do que *nosso cooperador* (v. 1). A palavra *companheiro* é usada no Novo Testamento outra vez apenas quando Paulo fala de Epafrodito (Fp 2.25).

À igreja que está em tua casa. A Igreja se reunia na casa de Filemom, e este pode ter sido um líder ativo dela.

1.3 — *Graça a vós e paz*. *Graça* (gr. *charis*) era a saudação grega usual, assim como *paz* (hb. *shalom*) era a saudação usual hebraica. Paulo combina ambos os termos, reforçados pelo sentido cristão absoluto de todas as bênçãos de salvação que nos che-

gam, livremente, por meio de Cristo, e a paz de Deus, que obtivemos porque Cristo fez as pazes com Deus em nosso nome. O fato de Deus Pai e o Senhor Jesus Cristo juntos nos concederem graça e paz ilustra Sua igualdade.

1.4-7 — Nos versículos 4-7, Paulo estabelece os fundamentos do apelo, elogiando Filemom.

1.4,5 — *Nas minhas orações*. A vida cristã de Filemom era uma causa contínua para dar graças sempre que Paulo orava.

Ouvindo. Paulo ouvia falar muito da fé que Filemom possuía e de seu amor pelas pessoas ao seu redor. Ele era um crente exemplar, tanto perante o Senhor como na visão de outros cristãos. Naturalmente, isso tem um peso no pedido que Paulo lhe fez.

A tua caridade e a fé [...] para com todos os santos. Isso pode ser um exemplo do recurso literário chamado quiasmo, no qual frases paralelas são conectadas em ordem contrária. Assim, a palavra *fé* se refere a Cristo, enquanto que a palavra *caridade* faz alusão aos santos. *Santos* são todos os cristãos. O verdadeiro amor é expresso em atos, não apenas em palavras (1 Co 13.1-7).

1.6 — Paulo ora para a *fé* do amigo Filemom ser *eficaz* — um termo que significa estar em boas condições de funcionamento (Hb 4.12, onde se repete o mesmo termo). A *fé* que funciona é a que se partilha; é o *conhecimento* daquilo que Cristo operou na vida do cristão (Ef 3.17-19). Este tipo de *fé* também significa partilhar os pertences com outros irmãos (v.17,18).



PERFIL

ONÉSIMO, BISPO?

Cerca de 50 anos depois de Paulo, um líder da Igreja chamado Inácio escreveu uma carta ao bispo Onésimo, líder da igreja de Éfeso.

Não há certeza se este bispo é o mesmo escravo que já havia morado próximo a Colossos, mas é provável. Se Paulo escreveu todas as cartas de Éfeso, Colossenses e Filemom durante o seu período de encarceramento em Roma — como muitos creem —, o povo efésio pode ter vindo a conhecer Onésimo no meio do caminho de volta a seu mestre. Isto é perfeitamente possível, já que Onésimo viajou com Tíquico, o qual entregou as cartas aos Efésios e aos Colossenses (Ef 6.21; Cl 4.7-9).

Diversos sábios, duvidosos de que Paulo tenha escrito Filemom em Roma, suspeitam que ele o tenha feito em Éfeso. Se for este o caso, os efésios teriam conhecido Onésimo durante a sua conversão e, talvez, depois de ele ter retornado a Paulo, caso Filemom tenha aceitado a interferência e libertado Onésimo.

1.7 — Em vez de simplesmente ficar feliz pelo amor de Filemom, o apóstolo afirmou enfaticamente ter tido *grande gozo*, mesmo acorrentado (v.1). A alegria do cristão em circunstâncias difíceis era um testemunho da paz com Deus. *Consolação* também pode ser traduzido como estímulo. A *caridade* de Filemom deixou Paulo alegre e animado. O *coração* aqui é a natureza emocional da pessoa (v.12,20). O apóstolo ouvira dizer que o coração dos santos também estava sendo recreado pelo amor de Filemom (Mt 11.28; 1 Co 16.18). Paulo não desejava debater teologia com Filemom, e sim falar-lhe do fundo do coração. Caso Filemom demonstrasse esse tipo de amor para com Onésimo, ele estaria recuperado e Paulo ficaria feliz e animado. Aceitar de volta um escravo sem castigá-lo de forma alguma era chocante no contexto socioeconômico romano.

1.8 — *Pelo que*. Devido à fundação que foi criada (v.4-7), o apóstolo está pronto a fazer seu apelo. A expressão *grande confiança* quer dizer *ousadia no falar* (2 Co 3.12; Ef 6.19). A autoridade apostólica de Paulo e a condição espiritual de Filemom deram confiança a Paulo para *mandar* Filemom fazer o que era certo (Cl 3.18).

1.9 — Em vez de dar uma ordem a Filemom (v.8), Paulo preferiu pedir-lhe em nome do amor. *Peço-te* é a mesma palavra traduzida como *consolação* no versículo 7.

Paulo, o velho. O apóstolo está referindo-se ou ao seu cargo de ancião, ou à sua velhice.

1.10 — *Peço-te*. Perceba o cuidado do apóstolo Paulo em nunca fazer valer sua autoridade ao levar Filemom a aceitar sua posição. Nesta epístola, todos nós podemos receber uma aula de diplomacia observando os modos do apóstolo. A violência costuma gerar só violência; o amor pode derrubar as barreiras divisoras.

Meu filho é a palavra grega que significa *criança*. A imagem do pai e do filho é usada em outros pontos por Paulo ao falar de seus convertidos (1 Tm 1.2; Tt 1.4).

Gerei. O apóstolo possuía responsabilidade pessoal ao apresentar Onésimo a Cristo (1 Co 4.15; Gl 4.19).

1.11 — Paulo faz, aqui, um interessante jogo de palavras. Tendo acabado de mencionar Onésimo, cujo nome significa *útil* (v.10), o apóstolo o descreve como alguém que já fora *inútil* (não aproveitável), mas que, agora, é *útil*. Paulo está dizendo que o escravo fugido se tornara bom e útil, até mais do que o próprio Filemom poderia ter imaginado. Este é um exemplo da graça de Deus.

1.12 — *E tu torna a recebê-lo*. Paulo está encaminhando o caso de volta a Filemom, a fim de que ele tome sua decisão. Ele aconselha o dono de Onésimo a não considerá-lo como escravo fugitivo. De fato, Onésimo tornara-se parte do próprio *coração* de Paulo (v. 7,20).

1.13 — *Bem o quisera*. Paulo queria manter Onésimo em Roma, ajudando no ministério, confiante na aprovação de Filemom. Onésimo vinha servindo ao apóstolo no lugar de Filemom, auxiliando-o como Filemom não podia.

1.14 — Paulo exprimiou o seu desejo de incluir Filemom na decisão de poder manter ou não Onésimo consigo. Sendo assim, ele só agiria com o *parecer* de Filemom. O *benefício* de Filemom tinha de ser *voluntário*. Servir a Cristo nunca é obrigatório. Paulo dera a Filemom vários bons motivos pelos quais o escravo fugido devia ser perdoado, mas aqui ele volta à base de seu argumento: as atitudes de Filemom tinham de emanar de sua caridade pessoal (v.9).

1.15 — *Pode ser*. Depois de apelar para a confiança de Filemom em Paulo, o apóstolo se volta para a mente de Filemom e a sua visão de Deus. “Filemom, você já pensou por que Onésimo foi embora?” pode ser uma boa forma de parafrasear o que Paulo queria dizer.

Separado de ti por algum tempo. A fuga de Onésimo fazia parte do plano de Deus.

Para que o retivesses para sempre. Paulo contrapõe a separação temporária devido à fuga de Onésimo com o benefício eterno de sua salvação, de escravo temporário a filho eterno, de uma condição degradante a uma eterna relação com Cristo e os demais cristãos. Esse é o poder transformador da graça divina.

1.16 — *Não já como servo; antes, mais do que servo, como irmão amado*. Paulo contrapõe a posição



APLICAÇÃO

GRANDES LIÇÕES DESTA PEQUENA CARTA

A história de Onésimo e Filemom contém diversas lições importantes. Ela demonstra:

- Que, em Cristo, sempre há espaço para reconciliação e uma segunda chance para as pessoas.
- Como Deus trabalha nos bastidores para levar as pessoas à fé e restabelecer relacionamentos.
- O poder do evangelho à distância e de que forma ele opera a mudança de cidade em cidade, costa em costa, e continente em continente.
- O valor dos relacionamentos mentor-discípulo, da forma como crentes mais antigos e experimentados podem ajudar jovens seguidores de Cristo a trabalhar seus problemas e conflitos.
- Uma dose de ironia subjacente à paciência e à providência de Deus: Ele precisou colocar Onésimo a milhares de quilômetros de seu amo para levá-lo à fé!
- Que, em Cristo, as pessoas podem mudar. Note as diversas fases por que passou Onésimo: de escravo a ladrão e fugitivo a, então, refugiado, convertido, penitente, irmão e, possivelmente, bispo.

humilde do escravo com o alto privilégio do irmão cristão. Embora as religiões pagãs da época reconhecessem o escravo iniciado como livre do seu último proprietário, a perspectiva cristã é mais sublime. Em Cristo, o escravo se torna verdadeiramente parte da família de seu antigo amo cristão e irmão de todos os santos.

Na carne como no Senhor. Onésimo não seria útil apenas no nível humano; também teria utilidade para a obra do Senhor.

1.17,18 — *Companheiro [...] deve.* Provavelmente, Onésimo havia roubado algo de Filemom ao fugir. Além disso, ele devia a seu senhor pelo tempo que passou longe dele. O apóstolo emprega metáforas comerciais ao oferecer pagamento por qualquer prejuízo que Filemom tenha sofrido em consequência dos atos do escravo fugido. Filemom devia receber Onésimo da forma como receberia Paulo, seu companheiro em Cristo.

Põe isso na minha conta. Esta metáfora contábil nos recorda da verdade teológica de que nossos pecados foram cobrados da conta Cristo, embora Ele não os tivesse praticado. O perdão custa caro (Is 53.6).

1.19 — *De minha própria mão.* Paulo escreveu esta mensagem de próprio punho em parte por ser um recado pessoal, mas também porque a carta poderia ser considerada um documento legal que o obrigaria a pagar os danos causados por Onésimo.

Eu o pagarei. Paulo promete pagar a dívida de Onésimo para garantir a boa recepção do escravo fugitivo.

A mim te debes. A menção do débito espiritual de Filemom a Paulo não é uma tentativa de cancelar sua própria promessa de pagamento; o apóstolo decide não apelar a Filemom com base nesta obrigação.

1.20 — A palavra traduzida como *regozijarei* neste versículo é diferente da usada no v.7. O termo também pode significar *beneficiarei*. Se Filemom restabelecesse Onésimo, beneficiaria também Paulo.

Reanima. Tratando Onésimo com gentileza, Filemom poderia fazer por Paulo o que fizera por outros cristãos (v.7).

1.21 — *Obediência.* Paulo espera que Filemom seja compassivo para com seu ex-escravo Onésimo (v. 5,7,9).

Mais do que digo. O apóstolo dá a entender sua expectativa pela liberação do fugitivo. A obediência custa caro. Amar significa empenhar-se.

1.22 — *Prepara-me também pousada.* A hospitalidade é uma virtude cristã (Rm 12.13; 1 Tm 3.2). A menção de uma possível visita de Paulo dá lastro a seu pedido a Filemom. O termo traduzido aqui como *concedido* está ligado à palavra grega que significa *graça*. Paulo esperava ser libertado da prisão (Fp 2.24).

1.23 — *Epafras, meu companheiro de prisão.* Epafras era conhecido pelos colossenses (Cl 1.7; 4.12,13). Chamá-lo de companheiro de prisão (como Paulo fez com Aristarco, Cl 4.10) provavelmente quer dizer que esses homens passavam tanto tempo com Paulo, que pareciam ser prisioneiros também.

1.24 — *Marcos.* João Marcos recuperara-se do fracasso de sua primeira jornada missionária (At 13.13; 15.36-41) e estava agora novamente com Paulo (veja 2 Tm 4.11).

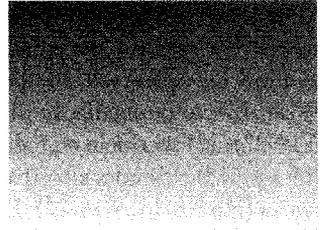
Aristarco era um dos que se converteram pela pregação de Paulo em Tessalônica e havia acompanhado o apóstolo em boa parte da terceira jornada missionária (At 20.4) e na viagem a Roma (At 27.2; Cl 4.10).

Demás, é triste dizer, mais tarde desistiu de seguir Cristo (2 Tm 4.10).

Lucas, o querido médico, autor do Evangelho de Lucas e do livro de Atos, foi fiel até o fim (2 Tm 4.11). Todas essas pessoas mandaram lembranças a Filemom. Das 11 mencionadas nesta pequena carta, Onésimo está precisamente no foco, e é o personagem principal.

1.25 — Paulo encerra a carta da mesma forma como a começou, com a *graça de nosso Senhor Jesus Cristo* dirigida ao lar inteiro de Filemom. Toda a graça reside em Cristo, que nos deu tudo o que tinha.

Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável (2 Co 9.15). A retribuição de Filemom à graça seria doravante tratar Onésimo como seu irmão.



A carta aos

Hebreus

INTRODUÇÃO

O cristianismo no início era praticado por judeus. Jesus era judeu, Seus discípulos eram judeus, e judeus eram os primeiros convertidos. Suas primeiras reuniões realizaram-se em sinagogas, e suas primeiras controvérsias referiam-se a leis judaicas. Os primeiros críticos consideravam o cristianismo uma seita. Todavia, para os primeiros cristãos crer em Cristo levantava muitas questões. E quanto ao templo e ao sacrifício de animais? E quanto à lei de Moisés? Os cristãos deveriam negar tudo aquilo em que haviam crescido acreditando? Era suficiente confiar apenas em Cristo? O Antigo Testamento não respondia a essas perguntas.

Os que viviam na época em que o livro de Hebreus foi escrito precisavam de respostas imediatas. A tolerância logo daria lugar a tortura e

execuções. Nero não deixaria de lado para sempre esse grupo bizarro. Crer em Cristo se tornaria uma questão de vida ou morte, e para os judeus cristãos seria irresistível a tentação de voltar à sua antiga vida, a não ser que pudessem ter a certeza de que haviam feito a escolha certa.

O livro dos Hebreus foi escrito para dar cabo das dúvidas dos que estivessem questionando sua própria conversão ao cristianismo. E como se lhes dissesse: “Vocês começaram dentro do plano de salvação de Deus, creram na Sua palavra e seguiram Seu plano de salvação por meio dos sacrifícios no templo. Então, quando o Seu sacrifício final, definitivo, foi consumado em Jesus Cristo, vocês creram. Era para ser assim. Era esse o plano de Deus. Não voltem atrás na decisão que já tomaram!”

O escritor de Hebreus principia mostrando que o cristianismo é o verdadeiro sucessor do judaísmo. Ele centra seu enfoque em três tópicos: (1) sacerdócio ou mediação divina (Hb 7.1-28; 10.19-22); (2) sacrifício ou redenção divina (Hb 9.11—10.18); (3) concerto (pacto) e promessas divinas (Hb 8.8-13; 9.15-22). Lança mão de três passagens do Antigo Testamento para provar o seu ponto de vista: (1) Salmo 110.4, anunciando um novo sacerdócio, que concede a mediação divina necessária; (2) Salmo 40.6-8, falando do novo e definitivo sacrifício, que concede a redenção divina e (3) Jeremias 31.31-34, proclamando um novo concerto, que concede o pleno e definitivo perdão de Deus à humanidade.

Segundo o escritor de Hebreus, tudo isso aponta para a supremacia e suficiência de Cristo. A verdadeira espiritualidade é alcançada pelo acesso a Deus (Hb 7.19; 10.19-22); e essa espiritualidade somente pode ser encontrada mediante o Filho de Deus, Jesus Cristo. O livro estabelece a supremacia e a suficiência de Cristo sobre tudo (Hb 1.1-4; 9.11-14). Seu sacrifício foi suficiente para tirar todos os nossos pecados; Ele é tudo de que precisamos para chegarmos a Deus.

Não se conhece o primeiro público a que se destinava Hebreus. Alguns teólogos afirmam que a carta foi escrita para os gentios cristãos, baseando-se no uso da Septuaginta pelo autor e na ausência de qualquer menção de controvérsia gentílico-judaica. Outros sugerem que a carta haja sido endereçada a um grupo misto de judeus e gentios.

A maioria dos teólogos, no entanto, acha que foram os cristãos judeus os destinatários, devido à sua grande ênfase em tópicos e temas judaicos, principalmente a discussão, detalhada, sobre a superioridade de Jesus Cristo sobre os anjos, Moisés, Josué e os crentes do Antigo Testamento. Citações de passagens do Antigo Testamento ocorrem no decorrer da carta toda. A maioria dos temas abordados pelo autor manifesta profundo conhecimento sobre o sacerdócio e os sacrifícios no Antigo Testamento. Aos judeus que viviam fora de Jerusalém era comum falar grego, o que explica o uso da Septuaginta. Os destinatários são

chamados todo o tempo de *irmãos*, o que na Igreja primitiva incluía um grande número de judeus. O título *aos hebreus* não foi dado pelas mãos do autor, mas é encontrada já no século 2.

Onde viviam seus leitores? A expressão *os de Itália* (Hb 13.24) pode referir-se àqueles que ali habitavam ou àqueles que fossem de origem italiana, mas no momento se achassem longe dali. Mais razoável é deduzir que os leitores fossem cristãos judeus que viviam em Roma. A carta foi recebida inicialmente naquela cidade, e a saudação final confirma essa ideia (Hb 13.24; At 18.2). A referência a uma falsa doutrina sobre alimentos, em Hebreus 13.9, pode ser confrontada com problema semelhante existente na Igreja em Roma (Rm 14.1—15.3).

A estrutura da Epístola aos Hebreus é única entre as epístolas do Novo Testamento. É uma carta ou um sermão? Tem a conclusão de uma carta, mas não a saudação típica de uma missiva. Não menciona o autor nem os prováveis destinatários; ainda assim, contém saudações pessoais, assume que os leitores soubessem quem lhes estava escrevendo e menciona pessoas conhecidas em comum, como Timóteo (Hb 13.23). Essa mistura de elementos tem causado muitos debates sobre o que Hebreus realmente é, sem nenhuma conclusão sólida. O próprio autor o chama de *palavra de exortação* (Hb 13.22).

Não se sabe com certeza quem escreveu a epístola. Ninguém na Igreja primitiva poderia afirmar com segurança que o soubesse, embora a Igreja em Alexandria (Egito) acreditasse firmemente ser um escrito do apóstolo Paulo. De todo modo, tem sido considerada uma das partes mais respeitáveis de toda a Bíblia. Um texto que ganhou seu lugar no Novo Testamento pelo seu mérito, não por consideração ao autor.

Paulo escreveu Hebreus? O vocabulário, o estilo e a teologia da epístola diferem das cartas do apóstolo. De modo diverso do escritor de Hebreus, Paulo sempre se identificava em suas correspondências; na verdade, em uma de suas cartas apresenta até a própria assinatura como prova de autenticidade (2 Ts 3.17,18). A linguagem de Hebreus, além disso, é refinada, ponderada e sem

os rompantes emocionais tão característicos de Paulo. Típico de Paulo, também, era usar o grego, o hebraico e outras fontes em suas citações do Antigo Testamento, enquanto o autor de Hebreus usa apenas o grego da Septuaginta. Hebreus 2.3 parece dar a entender que o autor não ouviu a palavra de salvação diretamente do Senhor, enquanto Paulo a ouviu. Se Paulo escreveu a epístola aos Hebreus, enfim, não deixou nela registrada nenhuma das evidências que geralmente usava para sua identificação.

Tertuliano sugere que Barnabé a tenha escrito. Barnabé era de Chipre, onde o grego era de boa qualidade, e a epístola aos Hebreus reproduz, melhor do que qualquer outra carta do Novo Testamento, o grego das classes instruídas e cultas. Barnabé era, além disso, um levita (At 4.36), pessoa que teria muita familiaridade com o sistema sacrificial do judaísmo, tema central do livro. O nome de Barnabé é traduzido em Atos 4.36 como *Filho da consolação* ou *da exortação*, o que se pode associar com o que é dito em Hebreus 13.22.

Martinho Lutero e vários teólogos contemporâneos seus especularam que Apolo houvesse escrito Hebreus. Apolo era judeu alexandrino, homem instruído e eloquente (At 18.24). Mas nenhum dos pais da Igreja o mencionam. E se ele de fato o tivesse redigido, a Igreja em Alexandria provavelmente saberia disso.

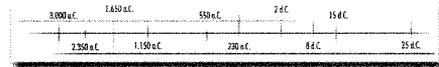
Poderia a autoria ser de Priscila (At 18.26), conforme sugeriu o teólogo Adolf Harnack? A forte presença masculina em Hebreus 11.32 certamente elimina essa hipótese.

Os destinatários originais provavelmente sabiam quem escreveu a carta (Hb 13.18,22-24), mas não nos deixaram sugestão alguma.

Não se sabe também exatamente quando a epístola foi escrita, embora supor uma data seja mais fácil do que presumir o autor. Se foi escrita para os judeus cristãos em Roma, como geralmente é aceito, o fato de que a comunidade não havia sido ainda chamada a enfrentar a morte por causa da fé sugere ser a carta datada de antes da perseguição de Nero aos cristãos, que ocorreu no ano 64 depois de Cristo.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM HEBREUS



- Ano 50 d.C. — Concílio de Jerusalém

- Ano 51 d.C. — Barnabé e João Marcos partem em viagem missionária

- Ano 53—54 d.C. — Apolo prega em Éfeso e Corinto

- Ano 60—62 d.C. — Paulo é preso em Roma

- Ano 64 d.C. — Perseguição de Nero ao cristianismo; Hebreus é escrito

- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados

- Ano 70 d.C. — O templo em Jerusalém é destruído



ESBOÇO

I. Prólogo: Deus tem falado por intermédio de Seu Filho — 1.1-4

II. A superioridade e o trabalho sacrificial de Cristo — 1.5—10.18

A. A superioridade de Cristo — 1.5—7.28

1. A superioridade de Cristo sobre os anjos — 1.5-14
2. Exortação a que se dê a devida atenção a tão grande salvação — 2.1-4
3. Cristo como o Homem perfeito — 2.5-18
4. A superioridade de Cristo sobre Moisés — 3.1-6
5. A superioridade de Cristo sobre Israel — 3.7—4.13
6. Cristo como Sumo Sacerdote da ordem de Melquisedeque — 4.14—5.10
7. Repreensão pela falta de entendimento e imaturidade — 5.11—6.20

8. O sacerdócio de Melquisedeque — 7.1-28

B. Cristo, Ministro e Sumo sacerdote da nova aliança — 8.1-10—10.18.

1. O novo concerto em relação ao antigo — 8.1-9.

2. O concerto melhor explicado — 8.10-13.

3. O novo santuário e o sacrifício perfeito — 9.1-28

4. O novo concerto em ação — 10.1-18.

III. Elementos da fé — 10.19—13.17

A. Descrição de fé — 10.19-25.

B. Aqueles que rejeitam a fé — 10.26-39.

C. Exemplos da vida de fé — 11.1-40.

D. Cristo, o supremo exemplo de fé — 12.1-4.

E. O amor do Pai se fez conhecido por meio da disciplina — 12.5-11.

F. A conduta cristã sob a nova aliança — 12.12-29.

G. A vida cristã na prática diária — 13.1-17

IV. Epílogo — 13.18-25

COMENTÁRIO

1.1 — A expressão *muitas vezes* se refere a períodos da história do Antigo Testamento, e *muitas maneiras* se refere aos diferentes métodos que Deus usou para se comunicar, entre os quais visitasões, sonhos, sinais, parábolas e acontecimentos (Is 28.10).

Pelo Filho. Essa expressão poderia ser traduzida como *por uma pessoa tal como um Filho*. A ênfase aqui se dá no caráter da revelação. É uma revelação do Filho, nem tanto sobre o que Ele disse, mas sobre quem Ele é e o que fez.

1.2 — *Herdeiro de tudo.* Jesus é o herdeiro de todas as coisas, pois é o próprio eterno Filho de Deus (Is 9.6,7; Mq 5.2). Sua herança é o domínio universal. Há de reinar sobre todos e tudo (Rm 4.13; Ap 11.15).

Fez também o mundo. A palavra grega para *mundo* pode significar também *séculos*. Assim, *mundo* indica aqui tanto todo o universo criado quanto o tempo todo ao longo de todas as épocas. O Filho é o Senhor de toda a história. Controla o universo ao longo de toda a história como o Mediador junto ao Pai.

1.3 — O Filho é o *resplendor da sua glória*, da glória de Deus. Isso significa ser o Seu brilho emanado da glória essencial de Deus (Jo 1.14;

2 Co 4.4,6). O autor de Hebreus enfatiza que esse brilho não é refletido, como da luz da lua, mas sim um brilho inerente, como dos raios do sol. O brilho glorioso de Jesus se deve ao fato de ser Ele essencialmente divino.

A locução *expressa imagem* ocorre somente nesta passagem do Novo Testamento, significando *representação exata* ou *exata natureza*. Em grego, era usada para se referir à imagem gravada em uma moeda. O Filho é a representação exata de Deus porque é o próprio Deus (Cl 1.15). Na verdade, a palavra grega traduzida aqui por *pessoa* significa *natureza* ou *ser*. Como disse Jesus, *quem me vê a mim, vê o Pai* (Jo 14.9).

Sustentando significa *suportando* ou *carregando*, em alusão ao movimento ou progresso em direção ao fim. O Filho não somente criou o universo, mediante Sua poderosa Palavra, mas também mantém e dirige seu curso. É Ele o Governante do universo. As leis da natureza são Suas e operam sob Seu comando.

Purificar significa *limpar* ou *purgar*. A glória da redenção é muito maior do que a glória da criação: o Filho de Deus não veio para nos ofuscar com Seu esplendor, mas para a *purificação dos nossos pecados*.

Assentou-se sugere o ato formal de assumir o ofício de Sumo Sacerdote, em contraste com o

sacerdote levítico, que jamais poderia dar por terminado seu trabalho, e então se assentar (Hb 10.11-13). Encontramos no Antigo Testamento um santuário sem assentamento; mas no Novo Testamento, um Salvador assentado.

1.4 — O Filho é *mais excelente do que os anjos*, ou seja, detém posição mais elevada, por estar assentado à direita de Deus Pai (v. 3) e devido à Sua herança eterna. O Filho obteve um nome maior do que dos anjos. Este retrato majestoso fortalece o dramático convite em Hebreus 4.16 para que *cheguemos com confiança ao trono da graça*, à presença do Filho.

1.5-14 — O autor de Hebreus usa sete citações do Antigo Testamento para explicar por que o Filho é superior aos anjos.

1.5 — Anjos são *filhos* coletivamente, no sentido de que foram criados por Deus (Jó 1.6). Mas Cristo é, única e eternamente, *o Filho*. Ele é superior aos anjos.

Hoje te gerei provavelmente se refere ao dia em que Cristo assentou-se à direita do Pai, após consumado Seu trabalho na terra como Messias. Nesse dia, o Filho eterno participou da plena experiência de Sua filiação.

Eu lhe serei por pai. Esta passagem cita 2 Samuel 7.14, sendo uma profecia de Cristo como Pessoa eterna em quem a linhagem e o reino davídico culminam.

1.6 — *E quando outra vez introduz no mundo* é uma referência à volta de Cristo. *Primogênito* se refere à Sua posição, significando Aquele que está acima de todos os outros (Sl 89.27). O Filho não adora, mas é adorado pelos anjos. A citação neste versículo é da versão Septuaginta de Deuterônimo 32.43 ou do Salmo 97.7, onde corretamente é usado o termo *anjos* no texto hebraico. Que os anjos *adorem* o Filho quando for coroado como Rei sobre toda a terra (Hb 2.5-9), depois de levar a vingança sobre Seus inimigos e restaurar Seu povo!

1.7 — O Filho é superior aos anjos porque é o Soberano que é adorado, enquanto os anjos são *ministros*, ou seja, servos de Deus. O autor de Hebreus cita o Salmo 104 porque esse salmo relaciona os anjos em uma longa lista da criação que Deus, soberanamente, controla.



EM FOCO

RESPLENDOR (GR. APAUGASMA)

EXPRESSA IMAGEM (GR. CHARAKTER)

(Hb 1.3)

Somente aqui aparecem estas duas expressões no Novo Testamento. A palavra grega para *resplendor* expressa o brilho emanado de uma fonte gloriosa de luz, como os raios de sol. Cristo, sendo o esplendor da glória de Deus, é o brilho de Deus, revelando a glória divina para a humanidade.

A palavra grega traduzida por *expressa imagem* pode significar o instrumento usado para gravar ou cunhar uma moeda, mas geralmente significa a própria imagem nela gravada ou cunhada. Neste sentido, significa que Cristo é a representação exata da natureza de Deus. Como a essência, a natureza e o ser de Deus são invisíveis, o Filho revela a Deus para nós, por ser a imagem exata visível de Deus.

1.8 — *Ó Deus*. Jesus Cristo recebeu o grau de divindade plena. O Filho tem um *trono* eterno, o que significa que possui um Reino eterno.

1.9 — *Companheiros* provém de uma palavra que quer dizer *amigos próximos* ou *parceiros*. O conceito de os crentes como companheiros de Cristo é fundamental em Hebreus (3.1,14; 6.4; 12.8). O termo se refere àqueles que serão participantes com Cristo em Seu Reino. Assim como o Filho, que obteve o direito de reinar e jubilar graças à Sua vida íntegra, assim também o obterão os Seus companheiros — os crentes que vivam vida santa e que hão de reinar com o Filho em Seu Reino.

1.10-12 — O contexto do Salmo 102, de onde esses versos foram extraídos, indica claramente que o *Senhor* é Aquele que haveria de vir para Israel e as nações (Sl 102.12-16). O salmo só pode estar se referindo, portanto, a Jesus, a Segunda Pessoa da Trindade, o Único que veio em carne. Jesus é um ser divino feito humano. O universo *perecerá* (2 Pe 3.10-13; Ap 21.1), mas o Filho *permanecerá* para sempre. O universo *mudará*, mas o Filho *permanecerá o mesmo* (Hb 13.8).

1.13 — Cristo se *assentou à destra* de Deus até a vitória final sobre todos os Seus *inimigos* (1 Co 15.25-28).

1.14 — Os anjos são meros servos (v. 7), atuando em favor *daqueles que não herdarão a salvação*. Salvação aqui não se refere à justificação, porque o verbo está no futuro, não no passado. Refere-se à condição dos crentes quando vierem e herdar o Reino e a reinar com Cristo, como recompensa por seu serviço ao Filho (Hb 9.28; Cl 3.24). O autor está falando sobre *o mundo futuro* (Hb 2.5). Outras referências à salvação, em Hebreus 2.3,10; 5.9; 6.9, provavelmente também dizem respeito ao futuro.

2.1 — O autor emite a primeira de cinco exortações (Hb 2.1-4; 3.1—4.16; 5.11—6.20; 10.19-39; 12.1-29). Nós, cristãos, *temos ouvido* o Senhor Deus, porque ouvimos a mensagem do evangelho. A majestade de Deus requer que ouçamos com toda a atenção o que Ele nos diz. *Desviar*. O público destinatário da epístola era certamente marcado, em grande parte, por imaturidade e negligência espiritual (Hb 5.11,12). O autor alerta seus leitores para que não sejam levados pela opinião popular dos que os rodeiam; deveriam, pelo contrário, apegar-se às palavras de Cristo, por serem as palavras de Deus. É fácil se deixar levar pela corrente. Lembre-se de como foi fácil para o *justo Ló* se afastar de Abraão e dirigir seus olhos para Sodoma. Estamos todos expostos continuamente às correntes de opinião, aparentemente razoáveis e confortáveis, se comparadas à tarefa de lutar contra a correnteza, tendo os olhos voltados para o nosso Comandante (Rm 12.12).

2.2 — *A palavra falada pelos anjos*. Deus entregou a Lei a Moisés por intermédio de Seus anjos (Dt 33.2; At 7.38,53; Gl 3.19). A desobediência ou obediência à Lei era punida ou recompensada. Em Hebreus 12.5-11, tal disciplina é discutida detalhadamente (Dt 28—30). Se a pessoa transgredisse a Lei, sua punição não era a perda da justificação ou regeneração, mas sim das bênçãos temporais e ela era disciplinada. Compare Deuterônimo 28—30 com Hebreus 12.5-11.

2.3 — *Como escaparemos*. Se o povo que ouviu a mensagem entregue pelos anjos era justamente punido quando desobedecia à Lei, como acham os cristãos que podem escapar da punição

se negligenciarem a mensagem, maior ainda, entregue pelo mais importante Mensageiro, o Filho? O pronome *nós* é referido cinco vezes nos versículos 1 a 3. O autor adverte a nós, cristãos, incluindo a si mesmo, sobre o erro de descuidarmos da salvação e perdermos a oportunidade de reinar com Cristo.

A grande salvação (Fp 2.12,13) não se refere, aqui, propriamente, à justificação, já que, no caso, a salvação *começou a ser anunciada pelo Senhor*. A justificação é apresentada desde o Antigo Testamento (Gn 15.6), mas é o Senhor Jesus quem primeiro fala a respeito de Seus seguidores herdarem o Seu Reino e reinarem com Ele (Hb 2.10; Lc 12.31,32; 22.29,30).

Pelos que a ouviram. O autor inclui a si mesmo entre aqueles que não ouviram do Senhor pessoalmente a respeito da salvação. O fato de a terceira geração ter tido a mensagem confirmada pela segunda geração, a qual, por sua vez, ao que parece, realizou milagres, indica que muitos milagres podem ter cessado na terceira geração.

O tempo verbal de *confirmada*, no passado, pode levar a essa suposição. Os primeiros leitores podem até ter presenciado milagres, mas não os ter realizado.

2.4 — *Sinais e maravilhas* se referem aos milagres realizados pelo *Espírito Santo* por intermédio do Senhor e de Seus apóstolos, em cumprimento das antigas promessas relativas à vinda do Messias (At 2.22,43; 4.30; 5.12; 6.8; 14.3; 15.12; 2 Co 12.12).

2.5 — O autor retorna ao tema do capítulo 1: o Filho é superior aos anjos. *De que conecta* esta passagem com Hebreus 1.4-14, como indicam a menção dos anjos e a alusão ao Salmo 110 (v. 8), neste versículo. *O mundo futuro* é o Reino futuro do Filho e de Seus companheiros (Hb 1.9) na terra.

2.6-8 — Como se a humanidade do Filho pudesse representar um aparente empecilho para a declaração de Sua superioridade, o autor de Hebreus cita o Salmo 8, uma reflexão lírica sobre Gênesis 1, para provar que Deus colocou a humanidade acima de toda a criação, o que inclui o mundo angelical.

2.8 — *Mas agora*. O domínio dos seres humanos sobre a criação de Deus foi adiado por causa do pecado (v. 15). A conivência da humanidade com Satanás levou-a a entrar em conflito com Deus. *Ainda não* indica que essa demora, porém, é apenas temporária.

2.9 — Os seres humanos dominarão a criação, mas mediante Jesus Cristo.

Vemos, porém [...] *aquele Jesus*. O autor usa o nome humano de Cristo, Jesus, pela primeira vez nesta carta. Citando passagens do Salmo 8, chama a atenção para o fato de que Cristo, por Sua humilhação e exaltação, recuperou o que Adão havia perdido — o chamado original para que os seres humanos reinem sobre a criação de Deus (Fp 2.6-11; Ap 5.1-14).

2.10 — *Trazendo muitos filhos à glória* não é propriamente uma referência a conduzir os cristãos ao céu, mas sim a levar os companheiros sofredores à glória futura (2 Co 4.17). Ao sofrerem, os cristãos se tornam *filhos*, no sentido de que se identificam com Cristo. Jesus usou também a palavra *filhos* nesse sentido (Mt 5.44,45).

A palavra grega aqui para *príncipe* significa, na verdade, *capitão, comandante, chefe, criador* ou *autor*. Descreve um pioneiro ou desbravador. A aceitação de Jesus das *aflições* na terra faz dele nosso líder. Ele experimentou os sofrimentos a que estamos sujeitos a passar. E não somente os suportou, como também, por intermédio deles,

triufo sobre o pecado, a morte e Satanás. Sua vida sem pecado marcou o caminho até Deus, caminho que devemos seguir.

Jesus é o nosso modelo, nosso líder, nosso Comandante. Entende nossa dor porque Ele mesmo a sentiu e vivenciou.

Salvação, aqui, se refere à nossa salvação futura, à nossa glorificação no Reino vindouro de Cristo.

2.11-13 — Com uma declaração seguida de três citações de apoio do Antigo Testamento, o escritor demonstra a unidade entre o Filho e os muitos filhos de Deus.

2.11 — *Todos de um*. Esta expressão se refere à humanidade que Jesus compartilha com todos os cristãos, ou ao fato de Jesus e os cristãos pertencerem todos a Deus. Por serem os filhos de um mesmo Pai (Jo 20.17), Jesus pode chamar todos os cristãos de Seus *irmãos*.

2.12 — O Salmo 22, aqui citado, descreve a agonia de um justo sofredor. O salmo, em última análise, é messiânico. Descreve os sofrimentos de Cristo. Jesus cita o Salmo 22.1 na cruz (Mt 27.46). Nele, o salmista, como o próprio Messias, se refere a *meus irmãos*, identificando-se com todos aqueles que depositam sua fé em Deus.

2.13 — As citações aqui são de Isaías 8.17,18 e dizem respeito a um profeta, que, tal como Jesus, é perseguido e rejeitado, mas se torna uma referência para o fiel.

2.14-16 — Tendo estabelecido a unidade entre o Filho e os cristãos, o autor conclui que existem dois propósitos nessa identificação. O Filho se tornou humano para que, por Sua morte, pudesse destruir o diabo (v. 14) e libertar todos os que estavam presos ao pecado (v. 15).

2.14 — *Participou das mesmas coisas*. Jesus Cristo compartilhou de nossa humanidade, humilhando-se para tornar-se igual a nós (Fp 2.5-11).

Império da morte. O diabo tenta as pessoas ao pecado e depois as acusa de rebelião contra Deus (Gn 3; Jô 1). Ao induzi-las ao pecado, Satanás entrega as pessoas à morte, pena devida pelos seus pecados (Rm 5.12). O diabo está ativo ainda hoje (1 Pe 5.8), mas seu poder sobre a morte lhe foi tirado. A morte de Cristo pagou por nós a penalidade do pecado. Podemos, assim, ao



EM FOCO

COMANDANTE (GR. ARCHÉGOS)

(Hb 2.10; 12.2; At 3.15; 5.31).

A palavra grega para *comandante*, ou *capitão*, significa pioneiro ou chefe. Literalmente, significa *o primeiro, aquele que comanda o caminho*, de *arché* (*primeiro*) e *ago* (*chefiar*). A fim de expressar a ideia de comando, a palavra é traduzida em Atos 3.15; 5.31 e Hebreus 2.10 por *príncipe* e em Hebreus 12.2 por *autor*. Hebreus enfatiza, assim, que Jesus suportou o sofrimento e a tentação na terra para que se tornasse um perfeito comandante. Jesus não só não tem pecado, mas também é compassivo para com as nossas dificuldades e nos ajuda a seguir Seu caminho perfeito, o Caminho que leva à glória.

depositarmos nossa confiança em Cristo, ficar livres do perverso domínio de Satanás (Lc 10.18; 2 Tm 1.10; Ap 1.18). O julgamento de Satanás foi feito na cruz, mas sua execução será no futuro (1 Co 15.54-57; Ap 20.10).

2.15 — O diabo usa o *medo da morte* para nos escravizar. O Filho de Deus, porém, mediante Sua morte na cruz (v. 14), eliminou o *medo* e quebrou nossa *servidão* ao pecado e à morte.

2.16 — A *descendência de Abraão* se refere tanto aos descendentes humanos do patriarca quanto a seus filhos espirituais — aqueles que, como Abraão, depositam sua fé em Deus (Gl 3.7,29). O autor pode ter usado essa expressão por serem os destinatários dessa carta principalmente judeus cristãos. O autor ressalta que Cristo veio para ajudar os filhos de Abraão, e não os exércitos angelicais.

2.17 — *Em tudo* inclui a humanidade de Jesus (v. 14) e Seu sofrimento (v. 18). Jesus partilhou de nossa natureza e nossos sofrimentos para que pudesse ser um Mediador compassivo entre Deus e a humanidade. Ele entende nossa fraqueza e intercede por nós na presença de Deus Pai. É, assim, um *misericordioso* [compassivo] e *fiel* [confiável] *sumo sacerdote*. Esta é a primeira vez em que o título de sumo sacerdote aparece em Hebreus e a primeira vez em que é aplicado a Jesus Cristo na Bíblia.

Expiar, ou seja, fazer expiação, significa satisfazer as exigências de um Deus santo e justo contra os pecadores que violaram Sua lei. Cristo aplacou a justa ira de Deus ao morrer na cruz em nosso lugar (Rm 3.21-26). Embora inteiramente perfeito e sem pecado, Ele voluntariamente se submeteu à penalidade do pecado, ao experimentar a agonizante morte na cruz. Esse sacrifício voluntário do próprio Filho em nosso favor satisfaz a justiça e santidade de Deus. E os benefícios de Seu sacrifício são para todos aqueles que nele depositarem sua fé.

2.18 — *Sendo tentado*. O sofrimento de Cristo incluiu a tentação. Ele experimentou a sedução do pecado, mas jamais se rendeu a ele. Cristo conhece o que é ser tentado; sabe, então, como ajudar aqueles que caem em tentação.

3.1—4.16 — É esta a segunda exortação na epístola (Hb 2.1-4). *Irmãos santos* a interliga ao conceito de santificação em Hebreus 2.11.

3.1,2 — *Participantes* é a mesma palavra grega traduzida por *companheiros* em Hebreus 1.9. A *vocação celestial* desses *companheiros* é a de herdar a salvação (Hb 1.14) e a glória futura em Cristo (Hb 2.10). O autor de Hebreus convida os cristãos judeus a *considerar* a fidelidade de Jesus Cristo. *Apóstolo* significa *aquele que é enviado*. Essa é a única passagem no Novo Testamento que designa Jesus como o Apóstolo. O título indica que Jesus foi enviado por Deus para revelar o Pai (Jo 4.34; 6.38; 7.28,29; 8.16).

A frase *em toda a sua casa* é retirada de Números 12.7, onde *casa* se refere à Casa de Deus, ao tabernáculo, centro da adoração israelita. Moisés havia obedecido fielmente às instruções de Deus em relação ao tabernáculo. Da mesma forma, Jesus obedeceu em tudo à missão que o Pai lhe dera. Como resultado de Sua obediência, Deus pôde estabelecer Sua nova casa, a igreja.

3.3,4 — *Mas o que edificou todas as coisas é Deus*. O autor iguala Jesus a Deus. Deste modo, Ele, certamente, *é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés* (Hb 1.2,8,10). Conclui-se que o concerto estabelecido mediante a morte de Jesus é mais glorioso do que o estabelecido no monte Sinai.

3.5 — O autor de Hebreus continua a comparação entre Moisés e Jesus. Enquanto Moisés foi fiel *como servo*, a fidelidade de Cristo foi maior porque exercida pelo Filho.

Coisas que se haviam de anunciar indica que o trabalho de Moisés apontava para Cristo (Hb 9.10; 10.1-3). Os preceitos da Lei de Moisés chamam a atenção tanto para o pecado humano quanto para a necessidade de um sacrifício perfeito, a fim de reconciliar o povo com o seu santo Criador.

3.6 — *Como Filho sobre a Sua própria casa*. O Filho se assentará no trono no Reino vindouro (Hb 1.8). No momento, reina sobre a Igreja. Reinará sobre toda a criação quando Seus oponentes forem completamente derrotados. Sua habitação consiste em todos os que nele creem.



COMPARE

A MAJESTADE DE CRISTO

Hebreus talvez seja o texto mais cristológico da Bíblia, dando-nos uma descrição detalhada dos atributos e feitos de Jesus Cristo. O quadro a seguir é um resumo deles:

Cristo é...	Significando que...
Herdeiro de tudo (Hb 1.2)	Como Filho <i>primogênito</i> de Deus, Cristo é o herdeiro de glória e honra infinitas.
Por quem Deus fez também o mundo (Hb 1.2)	Cristo foi o Agente que criou o universo.
O resplendor da glória de Deus (Hb 1.3)	Cristo reflete a majestade divina, do Pai.
A expressa imagem da Sua Pessoa (Hb 1.3)	Cristo é Deus visível à humanidade.
Sustentando todas as coisas, pela palavra do Seu poder (Hb 1.3)	Cristo sustenta o universo (Cl 1.17).
Assentou-se à destra da Majestade nas alturas (Hb 1.3)	Cristo reina e governa com Deus Pai como Senhor de tudo.
Mais excelente do que os anjos (Hb 1.4)	Cristo deve ser exaltado mais do que os anjos sempre, não importa quão gloriosos e imponentes possam ser os seres angelicais.
Príncipe da salvação (Hb 2.10)	Cristo é o líder e o agente para <i>trazer muitos filhos à glória</i> (Hb 5.9).
Para que pela morte aniquilasse [...] o diabo (Hb 2.14)	Ao morrer pelos nossos pecados, Cristo destruiu nossos maiores inimigos — a morte e o diabo.
Misericordioso e fiel Sumo sacerdote (Hb 2.17)	Cristo ofereceu Seu sangue como sacrifício final diante de Deus, para que pudéssemos ter comunhão com o Pai.
Digno de maior glória do que Moisés (3.3)	Diferente de Moisés, que foi um simples servo de Deus, Cristo é o <i>Filho sobre a Sua própria casa</i> (3.6).
Um sumo sacerdote que se compadece das nossas fraquezas (4.15)	Enquanto na terra, Jesus experimentou as tentações e a condenação por vivermos neste mundo arruinado. Ele compreende as lutas que enfrentamos e tem compaixão de nós.
Vivendo para sempre para interceder por nós (7.25)	O sacerdócio de Cristo é eterno. Podemos contar com Ele sempre como nosso Representante perfeito ante o trono de Deus.
Mediador de um melhor concerto (8.6)	O antigo concerto ou pacto, com seu tabernáculo terreno e sacerdotes imperfeitos, foi substituído pelo de Cristo, sem pecado. É Ele o mediador neste pacto, o nosso Sumo sacerdote, que intercede por nós diante de Deus.
Nosso exemplo para suportar a hostilidade dos pecadores (12.2,3)	Sempre que nos sentirmos desencorajados, podemos encontrar força e inspiração na disposição de Cristo em perseverar.
Grande Pastor das ovelhas (13.20)	Cristo cuida sempre de nós e nos há de guiar ao nosso lar eterno.

Conservarmos firme a confiança [...] até ao fim. Aqueles que perseverarem até o fim, colocando sua esperança firmemente no Filho, viverão com Ele na eternidade.

3.7-11 — O autor de Hebreus cita Salmo 95.7-11 para alertar os cristãos judeus de não *endurecerem* o coração para com Deus e a salvação que Ele oferece. A geração de Moisés se recusou

a crer que Deus supriria suas necessidades no deserto (Êx 17.1-7), e os leitores desta carta estariam igualmente em perigo não crendo na salvação oferecida por Deus mediante Seu Filho. Para que permanecessem firmes até ao final (v. 6), não poderiam *endurecer* o coração para com Deus (v. 8,13,15). Pelo contrário, teriam de renovar sua fé na Palavra de Deus (v. 12,19), depositá-la em Cristo e obedecer a Ele (v. 18).

Repouso é um conceito fundamental em Hebreus. No Antigo Testamento, a conquista da Terra Prometida e o fim das lutas na terra eram vistos como uma forma de repouso (Dt 3.20; 12.9; 25.19; Js 11.23; 21.44; 22.4; 23.10). No Novo Testamento, significa o lar eterno do cristão e a alegria que há de experimentar na presença de Jesus (Hb 4.1).

3.12 — O autor fala claramente a legítimos cristãos. Dirige-se a eles como *irmãos* (gr. *adelphoi*; compare com *irmãos santos* no versículo 1), que é o tratamento padrão em todo o livro. Não existe a menor sugestão, em parte alguma da epístola, de que se tratasse apenas de cristãos nominais, e não genuínos, como tem sido por vezes suposto.

Um coração mau e infiel. Refere-se a um sério problema espiritual. Um coração descrente é mau porque a incredulidade é má.

Apartar (gr. *aphistemi*). Esta palavra dá a ideia de *manter-se à distância* do Deus vivo. Os incrédulos, aqueles que se recusam a ouvir e são indiferentes a Deus, sofrem com isso sérios prejuízos. Aqui se trata, naturalmente, da descrição de uma recaída do cristianismo para o judaísmo. Jesus é Deus. Afastar-se dele é afastar-se do Deus vivo, o que certamente contraria o *conservar-se firme* no versículo 6.

3.13,14 — Exortarmo-nos uns aos outros para permanecermos na fé é importante. Os cristãos devem permanecer firmes na fé até o fim de sua vida para que sejam *participantes de Cristo* (v. 15-19). *Participantes* é a mesma palavra traduzida por *companheiros* em Hebreus 1.9. Os fiéis serão participantes com Cristo do Seu Reino futuro (Ap 2.26,27).

3.15-19 — O autor de Hebreus fala da incredulidade dos israelitas como sendo pecado (v. 17)

e desobediência (v. 18). Muitos israelitas não *entraram no repouso de Deus*, a Terra Prometida (v. 11), porque não creram nas promessas de Deus para eles (Nm 1.1-34). Deixaram de possuir a herança reservada para eles porque não creram em Deus (Dt 12.9; Js 13.7).

Cristãos a quem esta carta foi endereçada estavam provavelmente em perigo de seguir os passos dos israelitas. Estavam tentados certamente a duvidar das palavras de Jesus. Ao apresentar questões retóricas nestes versículos, o autor da carta os encoraja a depositar firmemente toda a sua fé em Cristo (Hb 10.26; 12.1,2).

4.1-11 — Em Hebreus 3.12-19, o fracasso de muitos de Israel em entrar no repouso que Deus lhes concedera serve de séria advertência aos cristãos. O autor explica o que esse *repouso* significa para os cristãos e mostra por que e como se encontra disponível para nós hoje.

4.1 — A trágica incredulidade de uma geração inteira de israelitas no deserto (Hb 3.7-19) age como um aviso aos cristãos de hoje para que possam entrar no *repouso* de Deus, ainda oferecido a Seu povo fiel (v. 6-11).

4.2 — *Foram pregadas as boas novas* é tradução de uma única palavra grega, que significa que *as boas novas foram anunciadas*. As boas novas do repouso de Deus (v. 1) foram proclamadas aos israelitas. A geração mais antiga, liderada por Moisés, falhou em entrar no repouso, a Terra Prometida (Dt 12.9), por causa de sua falta de fé. Do mesmo modo, o evangelho de Cristo foi proclamado aos leitores da carta, e o autor os convida então para o repouso de Deus, antes que sua incredulidade venha a impedi-los, também, de nesse descanso entrar.

4.3 — *Desde a fundação do mundo*. O repouso da criação de Deus é o arquétipo e tipo de todas as experiências de repouso posteriores.

4.4 — *E repousou Deus*. O tema tem início no repouso do próprio Deus logo após a criação. O fato de Gênesis não fazer menção à noite do sétimo dia da criação forneceu a base para alguns comentaristas judeus concluírem que o repouso de Deus há de durar por toda a eternidade.

4.5,6 — *Aqueles*. Havia um repouso esperado pelo povo de Deus, mas grande parte da geração do Êxodo não conseguiu entrar nele.

4.7,8 — Assim como muitos israelitas não haviam entrado no repouso de Deus, na Terra Prometida, Davi, longos anos depois de Josué haver liderado os israelitas a ingressarem na terra, advertia sua geração para não *endurecer* seu coração, a fim de que pudesse entrar no repouso de Deus (Hb 3.7-11). É tal como Davi, o autor de Hebreus convoca a geração atual a responder a Deus *hoje* (Hb 3.13), que é o dia do arrependimento.

4.9 — A palavra grega para *repouso*, neste versículo, é diferente da palavra usada em Hebreus 4.1,3,5,10,11; 3.11,18. A palavra, aqui, significa *descanso do sábado* e somente nesta passagem é encontrada no Novo Testamento. Os judeus geralmente ensinavam que o Sábado prenunciava o mundo vindouro, falando de *um dia que seria sempre sábado*.

4.10 — *Repousou de suas obras*. Pode ser que se refira ao repouso no qual os cristãos entrarão quando terminarem seu trabalho para o Reino de Deus na terra (Ap 14.13).

4.11 — *Procuremos*. Ao incluir a si mesmo junto com seus leitores, o autor quer exortar os crentes a serem diligentes, a fazer todo o esforço para *entrar naquele repouso*. Pois o repouso não é automático; exige empenho e dedicação. O perigo está em que os cristãos de hoje, como os israelitas do passado, não persistam, mas *caíam em desobediência*.

4.12 — A *palavra de Deus* é o padrão de medida que Cristo usará no juízo (2 Co 5.10). A mensagem de Deus é *viva e eficaz*, penetrando as partes mais íntimas do ser. Diferencia o que é natural do que é espiritual, assim como os *pensamentos* (as reflexões) e as *intenções* (desejos) de cada pessoa. A palavra de Deus, enfim, expõe as motivações naturais e as espirituais do *coração* do crente (Hb 4.7; 3.8,10,12,15; 8.10; 10.16,22; 13.9).

4.13 — A expressão *nuas e patentes* significa uma completa exposição e clareza diante de Deus. Todos terão de prestar contas a Deus, que tudo vê e tudo conhece (Rm 14.10-12; 2 Co 5.10).

4.14—10.18 — Esta parte, que discorre sobre o sumo sacerdócio de Cristo, é o âmago de Hebreus. O assunto, mencionado em Hebreus 2.17, é reintroduzido, aqui, em Hebreus 4.14-16, discutido resumidamente em Hebreus 5.1-10 e considerado detalhadamente em Hebreus 7.1—10.18. Nosso Sumo Sacerdote é exatamente tal como dele precisamos: Ele pode purificar o pecaminoso coração humano.

4.14 — *Visto que* significa voltar ao assunto do sumo sacerdócio de Cristo (Hb 2.17—3.6). *Temos* indica propriedade. No Antigo Testamento, o sumo sacerdote de Israel atravessava o pátio e o véu, no tabernáculo, para então penetrar no Santo dos Santos. Nosso Sumo Sacerdote *penetrou nos céus*, na presença de Deus, onde se assentou à destra do Pai (Hb 1.3). Seu nome e título, *Jesus, Filho de Deus*, enfatizam Suas duas naturezas — Sua humanidade e divindade.

4.15 — *Compadeecer* implica *sofrer com*. Expressa o sentimento por outro de quem já experimentou também sofrimento.

Em tudo foi tentado. Jesus passou por todos os graus de tentação (Hb 2.18).

Sem pecado (Hb 7.26; 2 Co 5.21). Somente quem não se rendeu ao pecado pode conhecer a intensidade total da tentação. Jesus não se rendeu à tentação.

4.16 — *Cheguemos* é a mesma palavra grega traduzida em Hebreus 10.22. Que contraste com o *ficar afastado para que não morra* do Antigo Testamento, que os leitores judeus da epístola e seus antepassados certamente cresceram ouvindo! João Batista resume admiravelmente essa diferença, em sua apresentação de Jesus: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29). Não haverá mais a morte de animais em sacrifício. Nunca mais o sumo sacerdote terá acesso exclusivo ao Santo dos Santos.

Confiança é a mesma palavra traduzida por *ousadia* em Hebreus 10.19, significando, aqui, coragem, audácia, destemor. Os cristãos devem aproximar-se corajosamente de Deus em oração, porque dele é o *trono da graça* e nosso Sumo Sacerdote se assenta à Sua direita, intercedendo por nós.



EM FOCO

MISERICÓRDIA (GR. *ELEOS*)

(Hb 4.16; Rm 15.9; Ef 2.4; Tt 3.5; Jd 21).

A palavra grega para *misericórdia* denota uma demonstração de pena, uma compaixão que se expressa ao ajudar-se uma pessoa em necessidade, em vez de permanecer passivo. A palavra *eleos* é geralmente usada em conjunção com a palavra grega *charis*, traduzida por *graça* (Ef 2.4,5; 1 Tm 1.2; 1 Pe 1.2,3). Ideia semelhante é expressa pela palavra hebraica *chesed*, geralmente traduzida por *bondade* ou *benignidade*. É o *amor fiel* que Deus graciosamente demonstrou aos israelitas em virtude de Seu pacto, ou concerto, com eles.

A expressão definitiva da misericórdia de Deus é a oferta voluntária de Seu único Filho como sacrifício pelos nossos pecados, mesmo quando ainda éramos Seus inimigos (Ef 2.4,5). E porque Jesus, nosso Intercessor, assentado à direita de Deus (Hb 7.25), experimentou todo tipo de tentação que sofremos (Hb 4.15), podemos aproximar-nos dele com confiança, sabendo que encontraremos compaixão e misericórdia. Nos, que temos experimentado a misericórdia e o perdão de Deus devemos, em troca, demonstrar misericórdia uns pelos outros (Tg 2.13).

5.1-4 — Estes versículos explicam o que significa ser um *sumo sacerdote*. Um sumo sacerdote deve ser uma pessoa (v. 1-3) chamada por Deus (v. 4). Ele representa o povo e, assim, deve identificar-se com sua natureza humana. Mas também representa Deus para o povo e, por isso, deve ser chamado por Deus para Seu serviço.

5.1 — *Dons e sacrifícios*. A principal referência aqui é a do trabalho do sumo sacerdote no Dia da Expição, único dia do ano em que um sacerdote entrava no Santo dos Santos (Hb 9.7-10) para expiar os pecados do povo e interceder por ele.

5.2 — A expressão *ignorantes e errados* refere-se àqueles do povo que houvessem pecado sem querer, sem a real intenção de fazê-lo (Nm 15.30-36).

5.3 — Era exigido que o sumo sacerdote oferecesse um sacrifício, *tanto pelo povo, como também por si mesmo*, no Dia da Expição (Hb 9.7; Lv 16.6).

5.4 — *Chamado por Deus*. Arão foi nomeado para a função de sacerdote pelo próprio Deus (Êx 28.1); assim também seus sucessores (Nm 20.23-28; 25.10-13). Aqueles que desafiaram o chamado de Arão ou nomearam a si mesmos como sacerdotes foram mortos por Deus (Nm 16).

5.5-6 — Cristo não chamou a si mesmo para o ofício de *Sumo Sacerdote*; o Pai o chamou. Tanto Salmo 2.7 como o Salmo 110.4 são citados aqui para provar esse fato. O Salmo 2.7 também é citado em Hebreus 1.5, para provar a superioridade

de Cristo em relação aos anjos; agora, o autor usa a citação para afirmar o relacionamento especial de Jesus com Deus Pai. A citação de Salmo 110.4 destaca a natureza eterna do sacerdócio de Jesus. Ele é e será o Mediador entre nós e Deus para sempre.

5.7 — Cristo não ofereceu sacrifício por si mesmo, mas ofereceu por nós *clamor, lágrimas, orações e súplicas* de uma vida e morte de obediência. Foi *ouvido* e Seu sacrifício aceito por causa de Seu *temor* (obediência reverente). Foi resgatado *da morte* pela ressurreição.

5.8 — *Aprende a obediência*. Jesus não precisava aprender a obedecer como se antes fosse desobediente, mas teve de passar pela experiência de obedecer à vontade do Pai como homem. Ele aprendeu a natureza da obediência.

5.9 — *Sendo ele consumado*. Esta frase não sugere que Jesus não fosse antes consumadamente perfeito. Significa que cumpriu com total sucesso o plano de Deus para Ele. Suportou sofrimento e tentação como ser humano para que pudesse agir verdadeiramente como nosso Sumo Sacerdote, compreendendo nossas fraquezas e intercedendo por nós diante de Deus.

Causa aqui significa *fonte*. A obediência de Jesus ao Pai o conduziu ao Calvário, à própria morte na cruz. O sacrifício do único ser humano sem pecado em nosso lugar tornou-o a causa, a fonte, de nossa *salvação*.

5.10 — Chamado aqui significa designado, ao introduzir o título formal de Cristo, *Sumo Sacerdote*.

5.11 — Embora o autor de Hebreus tenha muito mais para dizer sobre o sacerdócio de Jesus, será de difícil interpretação para os leitores desta carta, que são classificados como negligentes para ouvir.

Negligente significa descuidado. Quando essas pessoas ouviram a Palavra de Deus, não devem ter-se mostrado certamente prontas e aptas a aceitá-la (Hb 6.11,12). Mostraram-se descuidadas, preguiçosas, na fé. Seria então tarefa difícil explicar a verdade para elas.

5.12—6.20 — O autor prepara seus leitores para receber o ensinamento sobre o sumo sacerdócio de Cristo. Primeiro, reprovava a imaturidade espiritual deles (Hb 5.12—6.3) e o fato de terem abandonado o progresso à maturidade (Hb 6.4-8; observe que todos os verbos nos v. 4-6 estão no passado). Recordava, então, alguns feitos espirituais dignos, da parte deles (Hb 6.9-12), e faz com que se lembrem das promessas que Deus lhes tinha ofertado (Hb 6.13-20).

5.12 — Devendo já ser mestres pelo tempo sugere que muitos dos cristãos já deveriam ser instrutores, não no sentido formal (compare com 1 Co

12.29; Tg 3.1), mas já transmitindo a outros o que aprenderam mediante os dons que Deus lhes havia concedido.

Primeiros rudimentos significam as verdades básicas aprendidas pelo crente sobre a fé (Hb 6.1,2). A expressão como que se refere ao *bê-á-bá* na alfabetização ou à tabuada das quatro operações fundamentais em aritmética. Os primeiros rudimentos são, enfim, os elementos básicos a partir dos quais tudo o mais no saber se desenvolve.

Necessitais. Esses cristãos haviam regredido, por causa do não uso do que aprenderam. Se uma pessoa não pratica o que aprende, esquece, e é preciso que lhe ensinem novamente a mesma coisa. Não usar, não pôr em prática, não exercer, é esquecer.

Leite [...] alimento sólido. O autor ilustra deste modo os ingredientes do crescimento espiritual. O leite equivaleria aos primeiros rudimentos. O alimento sólido, à revelação mais ampla. Começamos então com o processamento da verdade (1 Pe 2.2), exercitando o princípio da prontidão para aprender. Gradualmente, ativamos o princípio da prática para retenção da verdade. A prática consistente e persistente da verdade resulta em crescimento e a maturidade (esta mesma fórmula é apresentada aos coríntios por Paulo em 1 Co 3.1-4).



APLICAÇÃO

LIÇÕES SOBRE LIDERANÇA

Liderança geralmente é entendida em termos de poder, manipulação, assertividade e ambição. A literatura do mundo empresarial é cheia de livros do tipo autoajuda que traçam o perfil de pessoas famosas e bem-sucedidas que lutaram e venceram de acordo com esses valores. No primeiro século, o império romano foi dominado por dinastias familiares muito poderosas e manipuladoras, permeadas por competição, violência, ambição e golpes baixos. Mas Jesus serviu de modelo a uma forma diferente de liderança. Ao longo do Novo Testamento, vemos reflexos de Sua vida e de Seu caráter. Neles, descobrimos forte contraste em relação à nossa história mundial de abuso e distorção.

Hebreus 5 é um quadro desse modelo. Descreve um verdadeiro líder como um sacerdote que é:

- concentrado nas pessoas e em como elas se relacionam com Deus (Hb 5.1).
- compassivo com o fraco e ignorante (Hb 5.2).
- pronto a enfrentar o pecado face a face (Hb 5.3).
- não automeado, mas chamado por Deus a esse encargo (Hb 5.4).

Jesus é o Sacerdote perfeito (Hb 5.5-10). O autor de Hebreus admite que este quadro é de difícil compreensão (Hb 5.11-14). No entanto, os que buscam crescer em maturidade em Cristo devem contar com o Seu sacerdócio, tendo-o sempre em máxima consideração. Jesus cuida daqueles que creem em Sua ajuda e a Ele recorrem. Tudo que precisamos fazer é pedir (Hb 4.14-16).

5.13 — *Não está experimentado na palavra da justiça.* Grande parte dos primeiros leitores desta carta não tinham necessariamente falta de informação em relação à justiça; o que não tinham era experiência em praticar a informação que possuíam. A maturidade vem com a prática. Ao praticarmos a justiça, teremos menos dificuldade em distinguir o bem do mal.

Menino, aqui, é qualificação da imaturidade cristã. A criança, geralmente, tem pouco discernimento e autodisciplina. Precisa ouvir *não* constantemente, para poder vir a entender. O crente maduro está apto a saber a diferença entre o bem e o mal e controlar seus apetites pecaminosos.

5.14 — *Perfeitos* refere-se aos cristãos espiritualmente maduros. *Costume* significa a prática ou o hábito. Aqueles que têm o costume ou hábito de obedecer à mensagem de justiça amadurecem na fé e estão prontos *para discernir tanto o bem quanto o mal.*

6.1,2 — O autor insiste em que os leitores de sua carta deixem o que é primário e prossigam *até a perfeição*, no sentido de maturidade. Ele lista então seis pontos doutrinários, que chama de *os rudimentos da doutrina de Cristo* (*os primeiros rudimentos*, em Hb 5.12): (1) *Arrependimento de obras mortas* se refere à mudança de pensamento quanto às exigências da Lei de Moisés (Hb 9.14). Embora a Lei seja boa (1 Tm 1.8), era fraca, por causa da fraqueza de nossa natureza pecaminosa (Rm 8.3). (2) O que é necessário para a salvação não são as obras mortas, que não podem salvar, mas *a fé em Deus*. (3) *Batismos* pode referir-se aos vários batismos citados no Novo Testamento (o batismo de Cristo, o de João, o batismo do crente nas águas, e o espiritual, do crente pelo Espírito Santo), ou também aos diversos ritos de purificação praticados pelos judeus. (4) No livro de Atos, a *imposição das mãos* era usada para transmitir o Espírito Santo (At 8.17,18; 19.6), assim como para ordenação ao ministério (At 6.6; 13.3). Essa prática é encontrada também no Antigo Testamento, para a delegação de poderes a alguém para serviço público (Nm 27.18,23; Dt 34.9) e no contexto de apresentação do holocausto ao Senhor (Lv 1.4; 3.2; 4.4; 8.14; 16.21).

(5) *Ressurreição dos mortos* se refere à doutrina da ressurreição de todos no final dos tempos (Ap 20.11-15). É um ensinamento do Antigo Testamento (Is 26.19; Dn 12.2), amplamente difundido no judaísmo do século 1, principalmente pelos fariseus. Para os cristãos, tornou-se essencial a crença na ressurreição de Jesus, sem a qual não existiria o perdão dos pecados (1 Co 15.12-17). (6) *Juízo eterno* se refere à crença de que todos seremos julgados pelo grande Juiz. As Escrituras indicam que existirão dois tipos de julgamento final: o dos cristãos, no qual Jesus determinará a recompensa de cada um (1 Co 3.12-15), e o juízo dos descrentes (Ap 20.11-15).

6.3 — O autor inclui ainda a si mesmo na ação que deva ser realizada pelos cristãos. *Se Deus permitir* — ou seja, se for da vontade de Deus (Tg 4.15) — indica o imperativo necessário da autoridade divina para que algo aconteça.

6.4-6 — Esta passagem, tão difícil com respeito a *recair*, tem sido interpretada de diversas maneiras. Alguns afirmam que o autor de Hebreus está falando de cristãos nominais, que ouvem a verdade e aparentam crer em Cristo, mas, por fim, demonstram sua superficialidade em relação a Ele, renunciando-o publicamente. Outros interpretam estes versículos como argumento hipotético que o autor de Hebreus estaria usando para advertir àqueles espiritualmente imaturos (v. 1-3) que não rejeitem a oferta de salvação de Deus (v. 6;



EM FOCO

PALAVRAS (GR. *LOGION*)

(Hb 5.12; At 7.38; Rm 3.2; 1 Pe 4.11). O termo grego *logion* é um diminutivo da palavra *logos* (Hb 5.13). Aqui, não significa a Palavra de Deus, mas sim *palavras que vêm de Deus*, comunicações divinas. Pedro usa esse vocábulo para ensinamento aos pregadores cristãos (1 Pe 4.11), enquanto Paulo o emprega para se referir aos escritos dos profetas do Antigo Testamento (Rm 3.2), e Estêvão, para falar das manifestações de Deus no monte Sinai e Sua promessa em relação à vinda do Messias. O autor de Hebreus usa esse termo em relação ao que é básico na doutrina cristã, talvez conscientemente contrastando-o com o *logos*, a *palavra divina*, entendida pelo cristão maduro (Hb 5.13).

Hb 3.12). Os que postulam essas duas posições citam, caracteristicamente, as diversas passagens bíblicas que falam da verdadeira segurança eterna do crente (Jo 6.39,40; 10.27-29; Rm 8.28-30). Uma vez que Deus nos salvou, nada pode separar-nos do Seu amor (Rm 8.35-39). Outros ainda, porém, preferem que o autor esteja falando de cristãos genuínos que renunciam a Cristo e deixam de ser cristãos. Alegam ser esta uma leitura clara deste texto, citando várias advertências no Novo Testamento para resistirmos aos enganos de falsos mestres, como evidência adicional a esta sua interpretação (2 Co 11.1-4,13-15; 2 Tm 2.17,18; 1 Jo 2.21-25). É mais provável que a passagem diga respeito a judeus, verdadeiros crentes em Jesus, que, ao sofrerem perseguição, vejam-se tentados a novamente se envolver com a religião judaica e seus ritos, de que haviam sido libertos em Cristo. Em vez de falar da perda da justificação, a passagem se refere ao fracasso de um crescimento à maturidade. O crente que, tentado, é levado a *cair* (como traduz melhor o grego), depois de já haver obtido progresso na caminhada cristã, como se evidencia nas características do crescimento cristão indicadas nos versículos 4 e 5, após a queda (o abandono não de Cristo, mas da corrida cristã) coloca-se em risco de ficar estagnado no crescimento cristão.

6.6 — A expressão *e recaíram* pode ser traduzida de forma melhor por *e caíram de lado*, representando um corredor que cai ao lado da pista durante uma corrida. A expressão, neste caso, pode ser entendida aqui como referindo-se a pessoas para as quais é impossível ter uma *mudança de opinião*, ou arrependimento, por estarem envolvidas em atividades que contrariam sua confissão de Cristo como seu Salvador.

Renovar (gr. *anakainizō*) significa restaurar, restabelecer. É impossível ao empenho de quem quer que seja na comunidade cristã restabelecer a comunhão de alguém com Deus. Este, o motivo da forte advertência em Hebreus 3.13 de que exortemos uns aos outros, a fim de evitarmos um coração endurecido.

A imaturidade constante é sempre perigosa. Pense em pessoas que você possa ter conhecido,

exultantes testemunhas de Cristo, que se desviaram do caminho e se tornaram frias como pedra. Para o autor, essas pessoas *de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério*. Ao se afastarem do crescimento cristão, tais apóstatas se colocariam na posição dos que, na prática, crucificaram Jesus e o expuseram à humilhação pública. Em outras palavras, se os leitores originais são cristãos judeus que estão pensando em retornar ao judaísmo, estarão se juntando às fileiras daqueles que crucificaram Cristo, pois sua atitude corresponde, em importância, a uma rejeição pública, a uma nova crucificação (simbólica) do Senhor.

6.7,8 — Aqui, uma ilustração baseada na natureza transmite duas verdades: (1) um pedaço de terra que recebe chuva (um *dom celestial*, v. 4) e que é produtiva e útil para muitos e abençoada por Deus (v. 7); (2) um pedaço de terra (v. 8) que recebe chuva (um *dom celestial*, v. 4), mas é improdutiva, é *reprovada* (gr. *adokimos*), palavra que significa *desqualificada*, usada em relação a cristãos desqualificados para receber recompensas (1 Co 9.27; 2 Co 13.5,7). Essa terra não é amaldiçoada, mas *perto está da maldição* (1 Co 11.29-31). A consequência é *ser queimada*, o que não significa o inferno, mas um juízo temporal de Deus.

No Antigo Testamento, o juízo de Deus sobre Seu povo está associado a queima dos campos (Is 9.18-19; 10.17), o que representa morte física, mas não morte espiritual. Talvez exista aqui também uma alusão ao fogo do juízo, quanto ao fundamento de Cristo (1 Co 3.11-15). Existia uma prática antiga de queimar a terra para destruir as ervas daninhas e fazer que o campo fosse útil novamente. Se essa é a alusão pretendida, então a passagem ensina que, embora todas as tentativas humanas de restaurar os apóstatas sejam inúteis (v. 6), existe a esperança de que possam voltar a produzir novamente. É possível a uma pessoa naufragar na fé e aprender, então, com essa ruínosa experiência (1 Tm 1.18-20).

6.9 — Com o calor e a afeição do título *amados*, o autor garante aos hebreus que *espera coisas melhores* deles. Suas boas obras são sinais, para o autor, de que eles teriam recebido Cristo verdadeiramente (v. 10).

6.10 — Serão então recompensados, porque Deus não é injusto. Ele os recompensará pelo que tiverem realizado.

6.11 — Os cristãos correm constantemente o perigo de não permanecer inteiramente fiéis na *esperança* que devem ter em Cristo. Devemos manter nosso compromisso com Cristo firme até o fim.

6.12 — *Negligentes* é a mesma palavra usada em Hebreus 5.11, que deu início a esta exortação para que os hebreus crescessem na fé em Cristo (Hb 5.11—6.12).

6.13-15 — Abraão é um exemplo de fé e paciência para com a *promessa* de Deus (v. 12). Ele esperou 25 anos desde que foi feita a promessa até Isaque, o filho prometido, nascer (Gn 12.4; 21.5).

6.16,17 — *Confirmação* significa *garantia*. O *juramento* é usado para garantir o cumprimento do acordo.

6.18 — O Senhor confirmou Seu juramento a Abraão ao jurar por si mesmo (v. 13) porque Ele, por si só, é maior do que tudo. As *duas coisas imutáveis* são a Palavra de Deus e o juramento de Deus. Como Deus não mente e é todo-poderoso, há de cumprir todas as Suas promessas. Essa natureza imutável de Deus é a *consolação* e o fortalecimento do crente.

6.19 — A *esperança* do crente em Cristo é segura como uma *âncora*. Essa âncora não está na areia, mas na presença do Todo-poderoso. *Interior do véu* se refere ao Santo dos Santos, o lugar onde Deus habita.

6.20 — A palavra grega para *precursor* era usada no século 2 d.C. com relação a barcos menores enviados para o porto pelos grandes navios impossibilitados de lá atracar devido ao mau tempo. Esses barcos carregavam a âncora através da arrebentação para o porto e a prendiam lá, segurando assim o navio maior. *Precursor* pressupõe que outros o seguirão. Deste modo, Jesus é não somente a própria âncora do crente, mas também o barco que leva a âncora para o porto e a segura firmemente. Não há dúvida de que o nosso navio está indo para o porto. A única questão é se está indo com a tranquilidade de um navio bem

posicionado nas águas. Os cristãos que conservam sua esperança na presença de Deus hão de chegar com confiança ao trono da graça (Hb 4.14-16). Como a esperança dos cristãos é segura e não pode ser abalada, devem usá-la com perseverança.

7.1-25 — O capítulo 7 é o início do ensino avançado para a maturidade (Hb 5.14). Os versículos 1 a 10 descrevem a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque. Segundo informa Gênesis 14.18-20, Melquisedeque foi maior que Abraão e Levi. Os versículos 11 a 25 descrevem a superioridade de Cristo, o sacerdote como Melquisedeque. Como diz Salmo 110.4, Cristo é *sacerdote eterno*. E é maior que os sacerdotes levíticos, descendentes de Arão (v. 11-25).

7.1 — A menção de Melquisedeque lembra a referência já feita a esse antigo sacerdote em Hebreus 5.10,11. Melquisedeque foi tanto *rei* quanto *sacerdote*, uma combinação comum nos tempos antigos. *Salém*, tempos depois, foi chamada Jerusalém.

7.2 — O nome *Melquisedeque* significa *rei de justiça*. *Salém* significa *paz*. O rei ideal reina em justiça, o que assegura a paz (Is 32.17).

7.3 — *Sem pai, sem mãe, sem genealogia*. Gênesis, um livro com muitas genealogias, não tem nenhuma para Melquisedeque. O autor não está dizendo que Melquisedeque nasceu sem pai e mãe, o que seria um absurdo, apenas que não existe nenhum registro de seu nascimento nas genealogias de Gênesis. Essa descrição de Melquisedeque prefigura o sacerdócio eterno de Jesus. E tal como ele, Jesus é tanto Sacerdote como Rei, pertencendo a um sacerdócio de justiça independente do de Arão. Alguns comentaristas referem-se a essa passagem com a suposição de que Melquisedeque seria uma manifestação pré-encarnada de Jesus, o que é improvável, pois, como o autor afirma aqui claramente, ele é *semelhante ao Filho de Deus*, não o mesmo que Ele.

7.4-7 — Melquisedeque foi *grande* porque Abraão deu a ele os dízimos. No texto grego, a palavra *patriarca* é enfática. A grandeza de Abraão, aquele que possuía as promessas de Deus (v. 6), ressalta a posição ainda maior de Melquisedeque, o sacerdote de justiça.



EM FOCO

FEITO SEMELHANTE (GR. *APHOMOIOO*)

(Hb 7.3)

Literalmente, essa palavra grega significa *fazer uma reprodução*, ou *produzir um modelo ou cópia*. Deste modo, o autor de Hebreus estava destacando a semelhança entre o Filho de Deus e a maneira como as Escrituras apresentam Melquisedeque. Em outras palavras, o antigo sacerdote-rei de Salém pode ser considerado uma cópia de Jesus.

7.8-10 — Melquisedeque era não apenas superior a Abraão, mas superior ao sacerdócio levítico de duas maneiras. Primeiro, os sacerdotes levíticos eram homens comuns, *que morrem*, e, deste modo, diferentes sacerdotes representavam o povo em diferentes épocas; Melquisedeque, pelo contrário, *vive*, no sentido de que o Antigo Testamento não registra sua morte (v. 3). Em segundo lugar, *até Levi deu o dízimo a Melquisedeque por meio da oferta de Abraão*. A epístola usa da expressão *e, para assim dizer*, para afirmar que Levi, embora ainda não nascido naquela época e não tendo, assim, dado o dízimo literalmente, pelo fato de descender de Abraão deve ser contado como tendo dado o dízimo a Melquisedeque também.

7.11-25 — Por que Cristo, o Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, substituiu o *sacerdócio levítico*? Interpretando o Salmo 110.4 frase por frase, o autor de Hebreus dá a resposta: O sacerdócio de Cristo foi profetizado (v. 11-14); Seu sacerdócio era baseado na *virtude da vida incorruptível* (v. 15-19); o *juramento* de Deus estabeleceu o sacerdócio de nosso Senhor (v. 20-22); Cristo não tem sucessor, mas *permanece eternamente* (v. 23-25). Debajo desse novo plano, a Lei (v. 12) foi substituída por uma *melhor esperança* (v. 19) e um *melhor concerto* (v. 22).

7.11 — Se o *sacerdócio levítico* tivesse sido capaz de levar as pessoas à *perfeição*, não seria necessário um sacerdote superior, *da ordem de Melquisedeque* (Sl 110.4). Se os sacerdotes sob a Lei de Moisés pudessem oferecer reconciliação entre Deus e Seu povo, não haveria necessidade da vinda de um Messias, Aquele que restabelesse o relacionamento dos israelitas com Deus.

7.12 — *Mudança* significa *remoção* (Hb 12.27). Se o sacerdócio de Melquisedeque removeu o

sacerdócio levítico, então a lei de Moisés foi também removida. Em suma, o crente não está sob a lei, mas sim sob a justiça de Cristo (Rm 6.14; Gl 3.24-25). Qualquer sistema religioso que tente permanecer sob a Lei não pode ter Cristo porque Cristo foi o único que cumpriu plenamente a Lei e pode justificar-nos.

7.13-19 — O autor fornece dois argumentos para demonstrar que a antiga aliança foi substituída. A primeira está nos versículos 13 e 14, e a segunda, nos versículos 15 a 19.

7.13,14 — *Aquele de quem estas coisas se dizem* é o Senhor, que se levantou de *outra tribo*, a de Judá. De acordo com a lei, a tribo de Judá não tinha a ver com o sacerdócio. O argumento se baseia no Salmo 110.4 (Hb 5.6). Se o Antigo Testamento dizia que outro sacerdote de outra tribo estava por vir é porque, claramente, aquela aliança estava por ser substituída.

7.15-19 — A lei que regulava o sacerdócio era *carnal*, no sentido de que regulava as ações externas das pessoas. O Senhor, no entanto, é um Sacerdote *segundo a virtude da vida incorruptível*, como afirma o Salmo 110.4, citado no versículo 17. Jesus é um tipo diferente de Sacerdote — outra indicação de que a aliança mudou. O *mandamento* não foi *ab-rogado*; houve uma reinterpretação da lei.

7.20-28 — Tendo provado que a antiga aliança foi substituída, o autor argumenta ter sido trocada por algo melhor.

7.20-22 — O sacerdócio de Cristo é superior ao sacerdócio levítico porque foi estabelecido por um juramento de Deus (*jurou o Senhor*, em Salmo 110.4).

7.23,24 — Como Cristo vive *eternamente*, Seu sacerdócio é *perpétuo*. No sistema levítico, a função de sumo sacerdote estava sempre mudando

de mãos. Ao morrer um sumo sacerdote, outro assumia a função. Flávio Josefo avalia que existiram 83 diferentes sumo sacerdotes de Arão até a queda do templo, no ano 70 d.C.

7.25 — Cristo *pode também salvar* por ser inteiramente divino e inteiramente humano (Hb 2.18; 4.15). Se este versículo for tomado como se referindo à presente intercessão de Jesus por nós, a palavra *salvação* adquire o significado de *santificação*, processo contínuo pelo qual somos libertos do poder do pecado. Esse processo deverá ser um dia completado com a nossa glorificação, quando formos enfim resgatados totalmente do poder do pecado. A palavra *perfeitamente* talvez se refira a essa glorificação, à nossa salvação completa, integral.

Que se chegam. O verbo grego para *chegar* está no presente, o que indica que Jesus continua a salvar aqueles que se chegam a Ele. Em outras palavras, nossa justificação é um acontecimento definitivo, consumado na cruz, mas a santificação é um processo contínuo. Como Cristo tem um

sacerdócio eterno, Ele pode salvar *perfeitamente* (gr. *panteles*), palavra que significa *completamente* ou *inteiramente*. Para sua salvação completa (1 Ts 5.23), deve o crente se chegar a Deus por meio de Cristo, que intercede por ele. É essa a última e a maior das três grandes *aptidões* ou *possibilidades* que se oferecem ao crente, apresentadas neste texto (Hb 2.18; 4.15).

7.26-28 — O autor conclui este capítulo com um resumo de por que o sacerdócio de Jesus é superior a qualquer outro.

Mais sublime do que os céus significa que Cristo é exaltado acima de tudo e se assenta na glória, à direita do Pai (Hb 1.3; 2.9; 4.14).

Como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios. O sumo sacerdote oferecia um sacrifício contínuo, anualmente, no Dia da Expição, por si mesmo e pelos pecados do povo (Hb 9.7; 10.1), enquanto os demais sacerdotes ofereciam sacrifício contínuo diariamente pelas culpas e pecados diante do Senhor (Êx 29.36).



APLICAÇÃO

A SUPERIORIDADE DE JESUS

Quando se trata de questões espirituais, as pessoas costumam mostrar-se um tanto estranhas. Uma se tornam, por exemplo, obcecadas por anjos, e de alguma forma ignoram ou se esquecem do próprio Deus que criou e controla tais mensageiros celestiais. Dedicam-se a buscar entender a *verdade*, mas nunca buscam ter um encontro com o santo Deus que encerra toda a verdade. Engajam-se com todo tipo de rituais e práticas, tentando alcançar seu Criador, mas não percebem que Ele já as alcançou.

O que acontece hoje em dia já acontecia no século 1. Essa *peculiaridade* espiritual foi, na verdade, uma das razões pelas quais o Espírito de Deus inspirou a Epístola aos Hebreus. Para os judeus cristãos, que enfrentavam perseguições e provações, que ainda tinham dúvidas sobre a verdade do evangelho e o novo concerto e consideravam a ideia de retroceder ao judaísmo, o escritor de Hebreus tem uma mensagem bastante clara: Cristo é o Fundamento.

Mais do que um mero profeta, Cristo é Deus em carne (Hb 1.2,3,8). É o Criador (Hb 1.10-12) e Sustentador de todas as coisas (Hb 1.3). Como Sumo Sacerdote, *santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e que não necessita oferecer cada dia sacrifícios [...] por seus próprios pecados* (Hb 7.26,27), Jesus Cristo é capaz de prover salvação e santificação (Hb 2.10,11).

A partir desses fatos, é fácil entender por que o autor de Hebreus declara ser Cristo melhor que os anjos (Hb 1.4). Fica claro também por que até mesmo Moisés, comparativamente, perde em importância. Não é de admirar, enfim, que Hebreus declare ser Cristo o Autor e Mediador de um *melhor concerto* (Hb 7.22; 8.6); que Ele ofereceu *sacrifício melhor* pelo pecado (Hb 9.23); que possui *mais excelente nome* (Hb 1.4) e que realizou *ministério mais excelente* (Hb 8.6).

Devemos resistir à tentação de nos acomodarmos a uma espiritualidade superficial. Anjos, rituais e modelos humanos têm sua função. Mas nada se compara a Cristo. Nisso se baseia a admirável promessa do evangelho: Jesus Cristo veio para nós e ofereceu a si mesmo. Por causa do Seu perfeito sacrifício para expiar nossos pecados, podemos obter o perdão de que tão desesperadamente precisamos. Mais do que isso, podemos experimentar vida eterna, que o próprio Jesus descreveu como sendo um relacionamento pessoal e eterno com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Com tão fascinante oportunidade diante de nós, por que procurarmos por qualquer outra coisa ou nos conformarmos com menos?

Jesus, porém, ofereceu sacrifício de si mesmo *uma única vez*, sacrifício não por pecado próprio, mas suficiente e perfeito pelos pecados de todos nós. Por ser Ele perfeito, não precisou oferecer sacrifício por pecado próprio. A natureza estável, permanente e eterna do sacerdócio de Jesus, estabelecido por juramento de Deus, contrasta com a natureza frágil e temporal do sacerdócio levítico.

8.1-6 — O ministério sacerdotal de Cristo pertence ao Reino celestial. Ele ministra no céu, e não no *tabernáculo* de Moisés (v. 1,2,5). Seu sacrifício foi algo eterno, não oferecido como *dons segundo a lei* (v. 3,4). Pois Ele é o Mediador de um *novo concerto* (v. 6). Esses tópicos são desenvolvidos mais adiante, em Hebreus 8.7—10.18.

8.1 — O tema *mais importante* desta parte de Hebreus (v. 1-6) é o sumo sacerdócio de Cristo, mencionado antes, em Hebreus 2.17—3.1, e desenvolvido em Hebreus 4.14—7.28.

8.2,3 — *Santuário* se refere à realidade celestial, representada na terra no Santo dos Santos (Hb 9.2,8,24; 10.19; 13.11). Esta realidade é a presença de Deus. Nosso Sumo Sacerdote serve lá e é para lá que nos levará (Hb 10.19).

8.4 — *Segundo a lei*. Tão-somente os da tribo de Levi podiam servir como sacerdotes. Cristo, homem, não era levita, mas da tribo de Judá (Hb 7.13,14).

8.5 — O sacerdócio levítico servia de *exemplo* do futuro sacerdócio *celestial*. O mesmo, em relação ao tabernáculo. A Moisés foi apresentado um *modelo*, uma amostra do verdadeiro tabernáculo (Êx 25.40).

8.6 — Cristo não apenas serve em um santuário melhor (v. 1-5), como também exerce um *ministério mais excelente e é mediador de um melhor concerto*, tendo por base *melhores promessas* (v. 10-12).

8.7 — *Aquele primeiro* refere-se ao primeiro concerto, feito por meio de Moisés (v. 9; Êx 19.5).

8.8-12 — A citação de Jeremias 31.31-34 demonstra que mesmo no Antigo Testamento já era reconhecido que haveria de vir um outro ou *segundo* (v. 7) concerto.

8.8,9 — O *novo concerto* é o mesmo *melhor concerto* do versículo 6. Esse pacto foi feito com os antigos *Israel e Judá*, mas é a Igreja que desfruta das bênçãos espirituais desse concerto. O concerto abraâmico, feito com Abraão e seus descendentes (Gn 17.7), que herdariam a terra (Gn 12.7; 13.14,15), continha também promessas espirituais (Gn 12.3), das quais a Igreja participa (Rm 11.11-27; Gl 3.13,14). O novo concerto é, de fato, o cumprimento da redenção espiritual, prometida nos pactos de Deus com Abraão e Davi (Mt 26.26-29; Lc 22.20).

8.10-12 — Existem quatro pontos característicos no novo concerto: (1) a lei de Deus ser escrita na mente e no coração dos cristãos, em contraste com a lei de Moisés, escrita em tábuas de pedra; (2) os cristãos terem um relacionamento com Deus, em cumprimento à promessa em Levítico 26.12 (2 Co 6.16); (3) *todos conhecem* a Deus — os fariseus e escribas não precisariam mais ensinar a complexidade da Lei ao povo; (4) Deus perdoaria os pecados dos remidos e de seus pecados



APLICAÇÃO

UM NOVO CONCERTO

Milhares de anos de história judaica foram construídos com base no concerto, ou pacto, de Deus com Israel. Cristo veio para reescrever o roteiro da história. Veio oferecer um concerto superior, baseado em promessas melhores e *irrepreensível* (Hb 8.6,7). Como fora anunciado pelo profeta Jeremias, nesse novo sistema o mal seria perdoado, os pecados seriam esquecidos e o antigo concerto submergiria nas sombras antes de desaparecer por completo (Hb 8.12,13; Jr 31.31-34).

Que mensagem maravilhosa! Podemos ter um novo começo. A escravidão aos antigos e aparentemente indestrutíveis padrões foi quebrada e substituída. Todavia, necessário se faz que, antes de mais nada, confessemos a Deus nossa condição de pecadores, aceitando a provisão de Deus, inclusive Sua agenda para a mudança (1 Jo 1.8-10). Nisso se baseia o novo começo em nossa vida.

não se lembraria mais. O contínuo sacrifício de animais para expiação dos pecados cessaria.

8.13 — A presença de um novo e melhor concerto demonstra não só que o primeiro concerto não era mais suficiente (v. 7), mas também que foi tornado velho e perto de acabar. Na época em que o autor de Hebreus escreveu essas palavras, é possível que as leis cerimoniais ainda fossem observadas no templo em Jerusalém. Em 70 d.C., no entanto, o general romano Tito destruiria o templo, cumprindo essas palavras.

9.1—10.10 — Os versículos 1 a 10 do capítulo 9 descrevem os sacrifícios no Dia da Expição, no tabernáculo terreno (Lv 16). Esses sacrifícios não eram capazes de limpar a consciência. Em contraste, o oferecimento de Cristo de si mesmo, conquistando Sua entrada no santuário celestial (Hb 9.11-14), estabeleceu um novo concerto (Hb 9.15-22), provendo nossa salvação de uma vez por todas (Hb 9.23-28). Sua obediência tornou eficaz Seu sacrifício (Hb 10.1-10).

9.1 — O primeiro concerto incluía um santuário terreno, o tabernáculo (v. 2), no qual eram oferecidas ordenanças de culto divino.

9.2-5 — Esses versículos descrevem de forma simples o material principal que havia no tabernáculo. No pátio do tabernáculo, encontravam-se um altar para o sacrifício de animais, uma bacia para lavagem cerimonial e a tenda em si (a palavra tabernáculo significa, literalmente, tenda).



EM FOCO

CONHECER (GR. *GINOSKO* / *OIDA*)

(Hb 8.11; Jo 21.17; Gl 4.9).

(Hb 8.11; Jo 21.15-17; 2 Co 5.16; Gl 4.8,9)

Na declaração *Conhece o Senhor; porque todos me conhecerão* (Hb 8.11), existem duas palavras gregas diferentes para *conhecer*. A primeira palavra, *ginosko*, significa *vir a saber* ou *conhecer pessoalmente*. Pode significar um conhecimento pessoal e progressivo, que implica um relacionamento entre quem conhece e quem é conhecido. A segunda palavra, *oida*, deriva do verbo grego que significa *ver*. Designa *perceber* ou *conhecer absolutamente*, sugerindo um conhecimento completo, enquanto *ginosko* significa um conhecimento crescente.

O tabernáculo era dividido em dois cômodos por um véu. A primeira parte era o santuário ou Lugar Santo, onde ficava o candelabro, a mesa com os pães da proposição e o altar de incenso. O segundo cômodo [mais íntimo] era o Santo dos Santos (v. 3), onde se achava a arca do concerto, ou arca da aliança, na qual estavam guardados símbolos do pacto feito por Deus com Israel por meio de Moisés.

O vaso do maná lembrava o povo de Israel da provisão miraculosa de Deus para ele no deserto. A vara de Arão era sinal da autoridade do sacerdote: Deus havia ordenado que Arão e seus filhos fossem os representantes do povo perante Ele. As tábuas eram os Dez Mandamentos, dados à nação no monte Sinai. Sobre a arca ficava o propiciatório, lugar onde Deus tornava Sua presença conhecida.

Incensário de ouro. Nessa passagem, parece como se o incensário estivesse no Santo dos Santos, quando, na verdade, estava ao lado do véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo. Por causa de sua função, no entanto, o incensário era normalmente associado ao Santo dos Santos (Êx 30.6; 40.6).

9.6 — Entravam os sacerdotes no Lugar Santo pela manhã e à tarde para queimar incenso no altar de ouro e acender as lâmpadas (Êx 30.7,8). Toda semana, no Sábado, eram trocados os pães da proposição (Lv 24.5-8).

9.7 — Só o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos. Uma vez por ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote oferecia sangue sacrificial por si mesmo e pelas culpas do povo de Israel (Lv 16). No antigo concerto, o acesso a Deus era limitado (compare com as promessas do novo concerto, em Hb 8.10,11).

9.8 — O fato de que o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos apenas uma vez por ano indica o evidente propósito divino de a Lei não visar propriamente a levar os crentes à presença de Deus.

9.9 — O tabernáculo era uma alegoria, uma ilustração das verdades espirituais. Para o tempo presente se refere à época do tabernáculo, ou seja, a do Antigo Testamento.

Não podem aperfeiçoar. O concerto feito mediante Moisés cobria temporariamente os pecados e a culpa (v. 7), mas não os pecados premeditados, tampouco o pecado inato de todas as pessoas (Sl 51). Em outras palavras, o sistema era falho, não reconciliando propriamente o pecador com Deus.

9.10 — *Justificações da carne.* Isso indica que eram ordenanças externas e temporárias. *Correção* (gr. *diorthōsis*) significa *nova ordem*. Aqui, é realçada novamente a natureza temporária do concerto via Moisés.

9.11-14 — O primeiro concerto (v. 1) contava com um santuário (v. 2-5) e um serviço de adoração sacrificial (v. 6-10). Cristo, do mesmo modo, teve santuário (v. 11) e ofereceu sacrifício (v. 12-14).

9.11 — O tabernáculo de Cristo é *mais perfeito*, bem melhor, do que o tabernáculo do Antigo Testamento (v. 1-5). Os *bens futuros* incluem o acesso a Deus (Hb 8.10-12).

Por um maior. A preposição *por*, neste contexto, significa *em conexão com*. Assim, *o maior e mais perfeito tabernáculo* não é uma referência ao corpo de Cristo, mas sim ao *verdadeiro tabernáculo* celestial (Hb 8.2).

9.12 — A cerimônia sacrificial do sacerdote levítico alcançava um tipo de redenção simbólica, limitada e recorrente. Cristo, *por seu próprio sangue*, alcançou para nós *eterna redenção*. Seu sacrifício jamais precisará ser repetido, porque foi perfeito. Milhões e milhões de sacrifícios animais para a expiação dos pecados foram dispensados e substituídos pelo sacrifício único e culminante de Jesus, nosso perfeito Salvador. Seu sangue derramado foi o caminho de nosso acesso a Deus.

9.13 — De acordo com a lei, *o sangue de touros e bodes* dos sacrifícios feitos no Dia da Expição era um pagamento temporário pelos pecados do povo (v. 12). Já *a cinza de uma novilha*, misturada com água, era usada para a purificação de alguém que tivesse se tornado imundo, pela lei, por haver tocado uma pessoa morta (Nm 19). Destaca o autor de Hebreus que essas cerimônias alcançavam apenas o exterior do ser, não o seu coração.

9.14 — O *Espírito eterno* é o Espírito Santo — as três pessoas da Trindade estão envolvidas na purificação.

Purificará a vossa consciência. A contaminação espiritual de alguém é interna, não externa (v. 13). A morte de Cristo tem o poder de purificar a mente e a alma da pessoa.

Obras mortas referem-se aos rituais da Lei de Moisés, que não podiam dar vida (Hb 6.1). Depositar fé e confiança naquilo que já serviu ao seu propósito e já se extinguiu é inútil. É desobediência a Deus. O autor de Hebreus conclama seus leitores a libertarem sua consciência das regras da lei e se apearem a Cristo, para sua purificação. Ao fazê-lo, poderiam, em vez de servir às obras mortas, *servir ao Deus vivo*, verdadeiramente.

9.15 — O *novo testamento* apresenta duas bênçãos para o crente: redenção e herança. Os crentes recebem *redenção* dos pecados cometidos sob a lei. Cristo pagou o preço para nos libertar de nosso próprio pecado. Sua morte substitui nossa morte, a pena pelos nossos pecados. Como os israelitas, os cristãos recebem uma herança, mas a uma herança é *eterna* (v. 14). Ao imitar a fé e a paciência de Abraão, os cristãos têm a garantia de que herdarão as maravilhosas promessas que Deus lhes fez (Hb 6.12; 8.6-12).

9.16,17 — *Testamento* significa uma vontade manifesta legalmente. Antes que a vontade manifesta em um testamento tenha efeito, aquele que fez o testamento deve morrer.

9.18-21 — O testamento feito mediante Moisés foi ratificado pelo *sangue*, isto é, pela morte. Não, porém, a morte daquele que fazia o testamento, mas dos animais oferecidos como sacrifício a Deus (Êx 24.1-8). Para confirmar a proposição de que a morte é necessária para a ratificação de um testamento, o autor ilustra o assunto recorrendo à ratificação do antigo concerto (Êx 24.3-8).

9.22 — *Quase* indica que existiam exceções para a purificação com sangue (Lv 5.11-13), mas eram poucas em comparação com a importância dos sacrifícios feitos para a remissão de pecados (Lv 17.11).



EM FOCO

REDEÇÃO (GR. *APOLUTRŌSIS*)

(Hb 9.15; Rm 3.24; Ef 1.14; Cl 1.14).

Duas palavras relacionadas, *lutrōsis* e *apolutrōsis*, são ambas traduzidas pelo termo *redenção* e muito usadas pelos escritores do Novo Testamento. A primeira indica o ato de libertar ou liberar pagando um resgate; a segunda, o ato de resgatar pagando um preço. Cristo pagou o resgate com Seu próprio sangue (1 Pe 1.18,19) e, então, nos libertou das exigências da lei e das maldições do pecado, para nos tornar filhos de Deus (Gl 3.13; 4.5).

9.23 — Se as *figuras* tinham de ser purificadas pelo sangue, então um sacrifício ainda *melhor* era necessário para a realidade do verdadeiro santuário.

9.24 — O sacrifício de Cristo foi melhor do que os feitos sob o antigo concerto porque, ao fazê-lo, Ele não entrou em um santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas ingressou no verdadeiro santuário, que está no céu — *perante a face de Deus*.

9.25,26 — O sacrifício de Cristo foi melhor do que os feitos sob o antigo concerto porque Ele não ofereceu um sacrifício de animais periódico, anual, mas ofereceu sacrifício de *si mesmo* e de uma só vez.

Na consumação dos séculos. A vinda de Cristo marca o clímax da época do Antigo Testamento.

9.27,28 — Como as pessoas *morrem uma vez só*, Cristo morreu uma só vez — não como os repetitivos sacrifícios do sistema levítico. Todavia, diferente das demais pessoas, Cristo não morreu e enfrentou o juízo. Ele morreu uma vez, para então vir a aparecer uma segunda vez *para a salvação* (Hb 1.14).

Aqueles que o esperam não são propriamente todos aqueles que se dizem *crentes*, mas somente os que se mantêm firmes até o fim.

10.1-4 — *E não a imagem exata das coisas significa não a sua representação exata*. *Aperfeiçoar* quer dizer remover o sentimento de pecado (v. 2; 8.12; 9.9). Os sacrifícios do concerto mosaico prefiguram o sacrifício final de Cristo. Eles não podiam purificar por completo os pecadores que

os ofereciam; do contrário, já *teriam deixado de se oferecer*. Em vez de expiar de forma completa os pecados do povo, o sacrifício anual no Dia da Expição era mais, na verdade, um lembrete visível dos pecados de todos.

10.5-7 — *Então*. Dada a inadequação dos sacrifícios animais, chega-se a uma conclusão.

Está escrito de mim. O autor apresenta o Salmo 40 como um cântico messiânico, já que tão somente Cristo, e não Davi, poderia vir a cumprir as profecias do *livro*, ou seja, das Escrituras.

Para fazer, ó Deus, a tua vontade. Profetas no Antigo Testamento advertiram os israelitas de que sacrifícios somente não agradariam a Deus. Ele desejava obediência (Sl 51.16,17; Is 1.13-17; Mc 12.33).

Esse salmo messiânico revela que a extrema obediência de Jesus ao Pai foi também uma das razões pelas quais Seu sacrifício foi melhor do que os sacrifícios do Antigo Testamento.

10.8,9 — O autor explica o Salmo 40, concluindo que Deus *tira o primeiro*, significando o sistema sacrificial levítico, para *estabelecer o segundo*, ou seja, o sacrifício obediente do Filho. O verbo traduzido por *tirar* significa *abolir*. Os sacrifícios imperfeitos foram abolidos, para que o sacrifício perfeito pudesse conceder vida verdadeira.

10.10 — *Santificados* significa literalmente *separados* [para Deus]. Pelo sacrifício definitivo de Cristo, os crentes foram afastados de seus pecados e separados para Deus.

10.11,12 — O autor de Hebreus contrasta os sacerdotes levíticos com Jesus, nosso Sumo Sacerdote. Os sacerdotes levíticos sempre ficavam de pé diante de Deus. Não havia assentos no santuário, porque o serviço dos sacerdotes nunca terminava. Havia sempre pecados para serem expiados. Por sua vez, Cristo se assentou à destra do Pai (Hb 1.3; 8.1) depois de haver oferecido a si mesmo como sacrifício. Isso indica que Seu trabalho de expiação terminara. Suas palavras finais na cruz, *está consumado* (Jo 19.30), declaram essa realidade espiritual.

10.13 — O ato de redenção de Cristo está consumado, e tudo o que Ele tem a fazer é esperar



EM FOCO

CONCERTO (GR. *DIATHĒKĒ*)

(Hb 9.15-18,20; 13.20; Mt 26.28; Gl 3.17).

A palavra *diathēkē* pode referir-se tanto a um acordo como a um testamento. Em Hebreus 9.15-20, o autor explica por que o segundo concerto (Hb 8.7) substituiu o primeiro, estabelecido no monte Sinai. A explicação utiliza uma analogia para *testamento*. Assim, o autor usa a palavra *diathēkē* todo o tempo, empregando e misturando os dois diferentes significados da palavra. Tal como as cláusulas de um testamento só têm efeito quando alguém morre, também Cristo morreu para que tivesse início o novo concerto, que nos liberta das rigorosas imposições do primeiro.

até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés.

10.14 — O ato de Cristo ao morrer pelo pecado (v. 10) *aperfeiçoou* (v. 1) *para sempre os que são santificados*, isto é, aqueles que foram separados para Deus (v. 10). Observe que a santificação citada no versículo 10 é posicional; refere-se à nossa justificação, ao fato de que fomos declarados justos. No versículo 14, porém, santificação se refere ao processo gradual pelo qual os cristãos se tornam cada vez mais perfeitos.

10.15-18 — Uma vez que foi alcançado perdão completo e final, Deus não se lembra mais do pecado (v. 17), e nenhum outro sacrifício se faz necessário. *Jamais me lembrarei de seus pecados* não significa propriamente esquecer, mas sim não manter mais o pecado voltado contra nós.

10.19-25 — Nestes versículos, o autor de Hebreus demonstra a relação entre fé, esperança e amor. A fé em Deus leva o crente a depositar sua esperança nas promessas dele. O restabelecimento de um relacionamento apropriado com Deus motiva o crente a restabelecer seu bom relacionamento com as outras pessoas. O amor por Deus é demonstrado em amor pelo próximo. O autor exorta seus leitores a terem fé, esperança e amor, por meio de três conclamações: *cheguemo-nos* (v. 22); *retenhamos firmes* (v. 23); *consideremo-nos* (v. 24).

10.19 — *Pois lembra o pois* em Hebreus 4.16. O autor usou cinco capítulos para explicar a superioridade do sacerdócio de Cristo em relação ao sacerdócio levítico, e a do novo concerto em relação ao antigo. Diferente dos israelitas, que temeram aproximar-se de Deus no monte Sinai (Êx 20.18-21), nós podemos aproximar-nos do

Senhor até com *ousadia*, com total confiança (Hb 3.6; 4.16; 10.35), pois a justiça que possuímos é de Cristo, não nossa.

Santuário se refere à presença de Deus. A maioria de nós provavelmente não tem acesso imediato aos governantes de nossa nação ou comunidade. No entanto, mediante o *sangue* de Cristo, temos, acesso imediato e perpétuo ao próprio Deus!

10.20 — O sacerdote do Antigo Testamento tinha de passar por um véu divisório, no tabernáculo, para ingressar no Santo dos Santos. Já o crente entra na presença de Deus por intermédio da *carne* de Cristo, ou seja, de Sua morte sacrificial.

10.21 — Os cristãos têm um *grande sacerdote* que, tendo sido tentado, pode compadecer-se da fraqueza deles e representá-los perfeitamente diante de Deus (Hb 4.14,15).

10.22 — *Cheguemo-nos* é a mesma palavra usada em Hebreus 4.16. *Inteira certeza* significa *segurança* (Hb 6.11).

Os corações purificados [...] o corpo lavado. Nossa consciência pode ser purificada pelo sangue de Cristo (Hb 9.14). Assim como o sumo sacerdote se purificava antes de entrar no Santo dos Santos (Lv 16.3,4), também são os crentes purificados antes de chegar à presença de Deus.

10.23 — *A confissão da nossa esperança* é o testemunho da expectativa confiante do crente em relação ao seu futuro. *Prometeu*, aqui, pode referir-se à promessa de Deus de entrarmos em Seu repouso (Hb 4.1).

10.24,25 — *Considerar* significa, no caso, *ter em boa conta, ser compreensivo para com, olhar sob uma perspectiva favorável*.



EM FOCO

NOVO E VIVO CAMINHO (GR. *HODOS PROSPHATOS KAI ZŌSA*)

(Hb 10.20).

A palavra grega, aqui, para *novo* é *prospatos*, que significa *recém-falecido*, ou *morto há pouco tempo*. Tendo Cristo derramado Seu sangue para preparar o caminho para entrarmos no Santo dos Santos, este é um *caminho inaugurado recentemente*, um *caminho novo*, por causa da eficácia eterna do sangue de Jesus. Ao mesmo tempo, porém, é um *vivo caminho*, porque é o que nos leva à nossa fonte de vida espiritual, o próprio Deus. Esse caminho, preparado pela morte de Jesus, leva-nos à vida eterna.

Observe que *caridade e boas obras* precisam ser *estimuladas*, pois não acontecem por acaso. A palavra grega traduzida por *estimular* em português significa mais *paroxismo*, *convulsão*. Neste contexto, fala do tremendo impacto benéfico que os cristãos podem causar uns aos outros. Eis por que o autor exorta os hebreus a congregar e a manter-se unidos. É provável que alguns cristãos deixassem de comparecer às reuniões da Igreja por talvez temerem perseguições.

O autor não usa a palavra usual para igreja em grego, porque pode ser que o termo já tivesse passado a significar o corpo espiritual e invisível de crentes. Em vez disso, usa uma forma composta da palavra *sinagoga* para significar especificamente o local de reunião dos cristãos (Sl 40.9,10; 42.4). A congregação local é onde a mensagem do evangelho é pregada e a Palavra de Deus é aplicada às circunstâncias de nossa vida.

Aproximando poderia ser traduzido também por *chegando* (Rm 13.12; Fp 4.5; Tg 5.8; 1 Pe 4.7; Ap 1.3). Por saberem que a volta de Cristo pode ser iminente, os cristãos têm de encorajar cada vez mais uns aos outros para que permaneçam todos fiéis a Ele (Hb 3.13).

10.26-39 — As advertências encontradas nestes versículos se assemelham às de Hebreus 6. O que há de adicional em Hebreus 10 é a declaração sobre pecado intencional e linguagem dura usada em relação ao julgamento do transgressor. Há comentaristas que chegam a considerar os versículos 26 a 39 como direcionados diretamente aos não regenerados; na verdade, porém, são endereçados aos cristãos.

A palavra *porque* mostra que a passagem completa e explica a anterior, que é uma exortação aos cristãos (v. 19-25).

O verbo flexionado na primeira pessoa do plural (*nós*) indica que o autor se inclui, tolerantemente, entre aqueles passíveis de receber a advertência.

Quanto à frase *depois de termos recebido o conhecimento da verdade*, pode-se argumentar que a palavra grega para *conhecimento* aqui empregada significa *conhecimento pessoal experimental*. Além disso, conforme se admite, os cristãos aos quais se dirige a passagem são santificados pelo sangue de Cristo (v. 29), são chamados povo de Deus (v. 30) e sofreram por causa de Cristo (v. 32,34). Do que precisam, enfim, é de paciência (v. 36).

10.26 — *Se pecarmos voluntariamente*. A referência aqui não é a um ato ocasional de pecado (que pode ser confessado e perdoado — 1 Jo 1.8,9), mas a uma rejeição consciente de Deus. O Antigo Testamento fala, em Números 15.30,31, sobre cometer pecado deliberadamente. Uma pessoa que pecasse de forma arrogante seria extirpada do meio do povo.

Neste versículo, sobre a centralidade da congregação para o fortalecimento e amadurecimento dos santos, o pecado voluntário depois de *termos recebido o conhecimento da verdade* é considerado rejeição desse conhecimento e querer seguir seu próprio caminho individualista, esquivo e egoísta. Não é do plano de Deus promover o isolamento, mas sim a ligação dos cristãos uns com os outros.

Se o cristão se rebela contra a provisão de Deus, *já não resta mais sacrifício pelos pecados*. Não existe sacrifício disponível, portanto, para o

pecado da arrogância (Nm 15.29-31). Tal ato é desprezo pela Palavra do Senhor.

10.27 — Sem esperança de perdão (v. 26), tudo o que se pode esperar é o juízo, para o qual, é dito aqui, há uma *expectação horrível*. Acredita-se que essa seja uma referência ao inferno. Mas o fogo é mencionado nas Escrituras para outras coisas. O fogo aqui pode ser o juízo temporal ou o tribunal de Cristo, semelhante ao Antigo Testamento, em que a ira de *Yahweh* contra Seu povo que havia pecado é descrita pela metáfora do fogo (Is 9.18,19; 10.17). Aqueles que escolhem desobedecer a Deus se tornam Seus *adversários* (Tg 4.4).

10.28,29 — O pecado específico do Antigo Testamento que requeria *duas ou três testemunhas* era a idolatria (Dt 17.2-7). O castigo previsto era a morte por apedrejamento. Uma vez que a idolatria era punida com a morte física, quanto maior punição deve receber alguém que trate a palavra de Cristo com desrespeito e desdém!

Tiver por profano o sangue do testamento significa tratar o sangue de Cristo sem diferenciá-lo do sangue de um homem comum ou mesmo do sangue do sacrifício de um animal.

Fizer agravo ao Espírito da graça é uma referência ao Espírito Santo, Agente do gracioso dom de salvação de Deus. Quem comete essas ofensas está sujeito a ser sentenciado com punição pior do que morte física. Não é propriamente uma referência à morte espiritual ou ao inferno. Existem formas de juízo temporal de Deus piores do que a morte física — algumas até que fazem da morte física um alívio bem recebido (Lm 4.6,9; compare com 2 Cr 26.21).

10.30,31 — O autor cita duas passagens de Deuteronômio 32 para sustentar que o juízo pertence ao Senhor e que o povo de Deus não está livre desse julgamento. *Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo*, porque não existe mais qualquer outro sacrifício pelo pecado além do sacrifício já feito por Cristo na cruz (v. 26), apenas uma *expectação horrível de juízo* (v. 27). Todo pecado



APLICAÇÃO

FÉ CRESCENTE

Para alguns seguidores de Cristo, a fé é um assunto privado e discreto. É como se a fé fosse uma coisa delicada que, a não ser que seja cuidadosamente protegida, o mundo com certeza a destruirá.

No entanto, Hebreus desafia os cristãos a uma maneira diferente de viver. A fé que está viva e crescente não precisa ser tratada como um bichinho de estimação, periodicamente retirado da gaiola para ser admirado e alimentado em ocasiões especiais e, então, rapidamente recolocado em seu refúgio seguro. Com certeza, vivemos em um mundo de leões rugidores (1 Pe 5.8) e devemos estar atentos. Mesmo assim, a maneira mais segura de viver em um mundo de perigos espirituais é intensificar nossa força e não fazer de nossa fé um segredo. A Epístola aos Hebreus oferece algumas sugestões:

- Podemos *ter confiança* em entrarmos livremente na presença de Deus mediante Cristo (Hb 10.19,22).
- Nossa fé pode descansar totalmente na segurança de que os nossos pecados estão perdoados por causa do ato de Cristo em nosso favor (Hb 10.21,22).
- Podemos segurar-nos *com firmeza* na base de nossa fé, que se apoia na integridade de Cristo (Hb 10.23).
- Como cristãos, podemos *estimular uns aos outros* a uma fé mais amorosa e ativa (Hb 10.24).
- Podemos *reunir-nos com outros crentes* regularmente para encorajamento, prestação de contas, adoração e oração (Hb 10.25).
- Podemos *deixar o juízo e a recompensa para Deus*, que é o Juiz do Seu povo (Hb 10.29-31).
- Podemos *deixar um pouco de lado* nossos privilégios, conforto e bens e mostrar compaixão por aqueles em necessidade, como os abandonados e os que estão nas prisões (Hb 10.35-39).
- Podemos *preparar-nos para o longo caminho a percorrer*, a fim de o terminarmos bem ((Hb 10.35-39).

Força e saúde espirituais implicam integrar nossa fé com todas as áreas de nossa vida. Fé não é apenas mais um item de uma longa lista, mas, de preferência, o fundamento de quem nós somos. Se o nosso caminhar com Cristo é real, deve tornar-se evidente para as outras pessoas (Tg 2.14,26; 3.13). Fé viva e em crescimento é fé liberada!

não expiado pelo sangue de Cristo resultará em grande expiado para quem o tiver cometido, no tribunal de Cristo (1 Co 3.15; 2 Co 5.10).

10.32—12.17 — Aqueles que têm uma vida de fé em Deus estão sempre sujeitos a sofrer. Entre esses sofrendores, estão desde os leitores aos quais se dirige Hebreus (Hb 10.32-39) até os fiéis do Antigo Testamento (Hb 11.1-40) e, mais do que ninguém, o próprio Jesus (Hb 12.1-4). Deus usa o sofrimento para fortalecer Seus verdadeiros filhos (Hb 12.5-11). Sejamos, então, corajosos (Hb 12.12-17).

10.32,33 — Para encorajar seus leitores, o autor insiste em que se *lembrassem* de sua própria perseverança *dos dias passados*, ocorrida logo após terem sido *iluminados*, *Elesh* (Hb 6.9-12). Haviam perseverado mesmo sendo ridicularizados por causa de sua fé.

10.34 — As pessoas para quem Hebreus foi escrito haviam mostrado *compaixão* pelos *que estavam nas prisões*, e *com gozo* souberam passar por dificuldades econômicas.

10.35,36 — *Rejeitar a confiança* é perder a convicção no valor do compromisso cristão. Para os destinatários de Hebreus, retornar à suposta segurança do judaísmo significaria a perda de um *grande e avultado galardão* eterno no tribunal de Cristo.

10.37,38 — Estes versículos concentram sua atenção no enfrentamento do julgamento pessoal, ante a iminente volta do Senhor, e na necessidade de o justo viver *pela fé* (Hb 3.12,13).

10.39 — *Aqueles que se retiram* estão em perigo de destruição. O escritor tem confiança de que ele e seus leitores *creem para a conservação da alma*. Aqueles que vivem *pela fé* (v. 38) investem sua vida para receber dividendos eternos.

11.1-39 — Tendo concluído a quarta exortação com a declaração de que os crentes deveriam viver *pela fé* (Hb 10.38-39), o autor, agora, discute a fé em detalhes, dando exemplos diversos, extraídos do Antigo Testamento, de pessoas que confiaram em Deus.

11.1 — Este versículo não constitui propriamente uma definição de *fé*, mas a descrição do que a fé pode fazer.

Fundamento significa *essência* ou *realidade*. A *fé* trata as *coisas que se esperam* como realidade.

Prova significa *evidência* ou *convicção*. A própria fé prova que o que é invisível é real, como serão, por exemplo, as recompensas do crente na volta de Cristo (2 Co 4.18).

11.2 — Os *antigos* são os fiéis do tempo do Antigo Testamento. *Testemunho* se refere à aprovação de Deus. Ele os considerou justos por causa da fé que manifestaram (v. 4,5,7).

11.3 — *Mundos*. Pela *fé* entendemos que o nosso Deus, invisível, criou esse vasto universo.

11.4 — O sacrifício de Abel foi aceitável a Deus por causa de sua fé, ele foi então declarado *justo*. Caim oferecera seus sacrifícios sem fé (Gn 4). Abel *ainda fala* pelo seu exemplo, pois seu ato justo ficou registrado nas Escrituras.

11.5,6 — *Aquele que se aproxima de Deus*. A palavra *aproximar* é usada repetidamente em Hebreus para se referir ao privilégio de chegar perto de Deus (Hb 4.16; 7.25; 10.1,22). Aqui o autor de Hebreus explica que a fé é obrigatória àqueles que se aproximam do Senhor (Hb 10.22).

Galardoador. Deus dá a recompensa, o galardão, àqueles que o buscam e que praticam boas obras no poder do Espírito Santo (Ap 22.12).

11.7 — *Noé* nunca tinha *visto* (v. 1) o dilúvio que Deus lhe revelou. Ainda assim, acreditou em Deus e deu toda a atenção a Seus avisos. Sua fé não só o salvou da inundação, mas também do juízo de Deus, pois se tornou *herdeiro da justiça*.

11.8,9 — *Abraão* não sabia *para onde ia*, mas depositou sua total confiança em Deus. Fé significa entrar obedientemente no desconhecido (v. 1). Abraão agiu assim, e Deus o considerou justo por causa disso (Gn 15.6; Rm 4.1-12).

11.10 — *A cidade* é a Nova Jerusalém (Ap 21.2,10). Abraão viveu na terra esperando pela futura, e ainda invisível, cidade que virá.

11.11,12 — Embora o livro de Gênesis não fale explicitamente, Sara evidentemente acreditava que nada era difícil para o Senhor (Gn 18.15). Como resultado, Deus a abençoou com o filho prometido, apesar de ela estar *fora da idade* de conceber.



ENTENDENDO MELHOR

HERÓIS DA FÉ

Os judeus cristãos a quem a Epístola aos Hebreus é endereçada foram desmoralizados e desencorajados. O cristianismo provou ser difícil para eles. Era radical. Deixava de lado séculos de tradição. Enfatizava uma nova e preocupante espécie de liberdade espiritual. Em resumo, provocou a ira dos religiosos judeus estabelecidos.

Muitos convertidos estavam prestes a desistir e abandonar as águas desconfortáveis e desconhecidas da fé para a confortável e familiar vida de obras e esforço moral. Essa era a escolha que tinham pela frente: depender da religião ou seguir Jesus, tentar agradar a Deus ou confiar nele, um sistema religioso complicado ou um relacionamento simples com o Deus vivo por meio de Cristo.

Após lembrar àqueles crentes imaturos a superioridade de Jesus Cristo, o escritor de Hebreus, começando em 10.19, demonstra a superioridade da fé. *Fé significa antever o resultado, embora não se saiba o que teremos pela frente. Mas estamos convencidos da realidade de Deus (Hb 11.6).* Em outras palavras, *não temos certeza do que o futuro detém, mas sabemos quem detém o futuro.* Fé significa agarrar-se à esperança de que Deus triunfará um dia; Ele voltará à terra para o juízo e para recomendar aqueles que o seguiram (Hb 11.6). E, então, obedecemos. Fazemos a vontade de Deus mesmo quando submeter-se é difícil.

É a resposta da obediência que qualifica os personagens no capítulo 11 como pessoas de grande fé. Abraão e Sara creram em Deus; conseqüentemente, obedeceram a Ele, sem levar em consideração as conseqüências. É esse tipo de disposição para crer que agrada a Deus (Hb 11.6). Nada menos do que isso.

Aqueles que não têm fé não podem ver além do mundo físico ao redor. São limitados por suas circunstâncias temporais e tornam-se cegos para o que Deus está fazendo. Mas os que abrem seus olhos espirituais podem ver as realidades espirituais que transcendem este mundo. Sua esperança está na força e na fidelidade de Deus. Nessa esperança, encontram forças para resistir. Quando se trata de fé, o mundo zomba. Fé, na melhor das hipóteses, parece ser um grande desperdício; na pior das hipóteses, parece loucura. Queremos realmente desistir de todos os prazeres deste mundo por algo evasivo e etéreo?

Fé nunca é fácil. Mas, quanto mais convencidos estivermos da realidade de um Deus bom e todo-poderoso, mais a nossa confiança crescerá e seremos cada vez menos dominados pela dúvida e pela tentação.

Como as estrelas do céu, e como a areia [...] na praia do mar. Essa comparação costumava ser ridicularizada quantitativamente pela ignorância humana com relação às estrelas. Hoje, os astrofísicos reconhecem a real legitimidade numérica nessa admirável comparação das estrelas do céu com os grãos de areia da praia do mar.

11.13,14 — *Todos estes* se referem a Abraão, Sara, Isaque e Jacó (v. 8,9,11), que morreram antes de tomar posse da terra ou ver qualquer outra das provisões do concerto de Deus. Apesar disso, persistiram na fé até o fim de sua vida terrena.

Estrangeiros e peregrinos na terra. Esses homens e mulheres de fé sabiam que este mundo é temporário e que seu lar eterno seria junto a Deus.

11.15,16 — Os patriarcas e Sara não retornaram para Ur, embora pudessem tê-lo feito se quisessem. Os leitores destinatários da Epístola aos Hebreus deveriam seguir o exemplo dos patriarcas, recusando-se a retornar à religião de seus

ancestrais, um sistema religioso que não oferecia a expiação do pecado (Hb 8.7-13). Da mesma forma, os cristãos devem recusar-se a retornar às atrações e perdições deste mundo (2 Tm 2.3,4; 4.10).

11.17-19 — Quando *Abraão* foi provado, creu que Deus, se necessário, podia fazer *Isaque dos mortos ressuscitar* (Gn 22.5). O incidente é uma metáfora do que Deus tem feito por nós. Isaque não seria tão bom se morto, de modo que Deus providenciou um *cordeiro* para ser sacrificado em seu lugar (Gn 22.9-14). Para Deus, tudo é possível. É Ele o Todo-poderoso, e Seu Filho triunfou sobre a morte (Jo 11.38-44; 1 Co 15.54-57; Ap 1.18).

11.20-22 — *Isaque, Jacó e José* acreditaram até o final de sua vida no futuro invisível que Deus lhes havia prometido com relação a Seu povo.

11.23 — Os *pais de Moisés* tiveram fé em Deus, sem temerem a opressão de Faraó.

11.24-28 — *Moisés* creu em Deus ao recusar alta posição na corte de Faraó. Em vez disso, escolheu sofrer com seu povo, abandonar o Egito e aceitar a Páscoa.

11.25 — Para Moisés, teria sido grave pecado abandonar o povo de Deus (Hb 10.25).

11.26 — O *vitupério* de Cristo se refere à terrível morte que Cristo receberia. Tal como Cristo, Moisés escolheu sofrer o ultraje do povo de Deus, em lugar de abraçar os prazeres terrenos da corte do Egito. A possibilidade de recompensa espiritual é a grande motivação para permanecermos na fé (Mt 5.10-12; 16.24-27; 1 Co 3.12-15; 2 Co 4.16-18; 2 Tm 2.11-13; 1 Jo 2.28; Ap 22.12).

11.27 — *Deixou o Egito*. Alguns comentaristas interpretam isso como uma referência à fuga de Moisés para Midiã. No entanto, a menção de *não temendo a ira do rei* se encaixa melhor com os acontecimentos do Êxodo. Naquela ocasião, Moisés mostrou verdadeira coragem e fé resoluta no Senhor (Êx 14.13,14).

11.28 — Deus ordenou a Moisés que o povo israelita aspergisse *sangue* nos umbrais de suas portas. Moisés creu na palavra de Deus, e o povo deu também atenção e obedeceu à advertência; como resultado, os primogênitos de todas as famílias judias foram salvos (Êx 12.1-13).

11.29 — *Terra seca* [...] *se afogaram*. Já houve quem tentasse *explicar* o milagre da travessia do mar Vermelho dizendo que o local era pantanoso. Se assim fosse, teria sido um milagre maior ainda que o exército egípcio tivesse se afogado em um pântano!

11.30-34 — Foi preciso *fé* para que os guerreiros de Israel destruíssem os muros da cidade de *Jericó* de maneira tão incomum. Seu ato de fé produziu os resultados que desejavam; Deus deu-lhes a vitória sobre seus inimigos (Js 6). Os caminhos de Deus nem sempre parecem ser os mais lógicos para a compreensão humana (Is 55.8), mas cumprem sempre os propósitos divinos.

11.35,36 — A referência a *mulheres* que *receberam pela ressurreição os seus mortos* é provavelmente uma alusão à ressurreição do filho da viúva de Sarepta (1 Rs 17.17-24) e à do filho da

mulher sunamita (2 Rs 4.32-37). Mas o autor de Hebreus ressalta também que nem todos que tiveram fé alcançaram vitórias — pelo menos, não de imediato.

Torturados. É geralmente entendido como sendo uma alusão aos mártires da época dos macabeus, bem conhecidos do povo judeu.

Uma melhor ressurreição é referência à ressurreição final e entrada magnífica no Reino (2 Pe 1.11), nossa aguardada recompensa eterna.

11.37,38 — Zacarias foi *apedrejado* (2 Cr 24.20,21). De acordo com a tradição judaica, o profeta Isaías foi *serrado ao meio*. Urias foi *morto a fio de espada* (Jr 26.20-23). *Andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras* é provavelmente uma referência a Elias (2 Rs 1.8).

11.39,40 — *Aperfeiçoados* significa *tornados completos*. Essa finalização, a realização de todas as promessas de Deus na vinda do Reino de Cristo, aguarda todos os crentes.

12.1 — *Tão grande nuvem de testemunhas* se refere às pessoas de fé mencionadas no capítulo 11. Não são meros espectadores; são testemunhas comprovando a verdade da fé (Hb 11.2,4-6). *Embaraço* é todo e qualquer empecilho que nos impeça de crer.

12.2 — *Olhando*, aqui, significa *fixando os olhos de forma confiante*. Precisamos concentrar-nos de forma constante em Cristo, em lugar de nas circunstâncias.

Consumador. Cristo fez tudo o que foi necessário para que ganhássemos fé e nela permanecêssemos. É Ele nosso exemplo e modelo, porque se concentrou no *gozo que lhe estava proposto*. Sua atenção não estava enfocada na agonia da cruz que o esperava, mas na vitória sobre o mal, para glória do Pai; não no sofrimento, mas na salvação que iria propiciar à humanidade e na recompensa que isso traria para todos.

Assentou-se. Jesus está à destra do trono do Pai, para, ao final, vir a ser entronizado também (Ap 3.21).

12.3 — *Considerar* envolve a ideia de ponderar, como, por exemplo, um contador que compara e pondera sobre as várias colunas numéricas em um balanço. Os cristãos deveriam ponderar,



COMPARE

O IMPERATIVO DA FÉ

O que é fé?	<ul style="list-style-type: none"> Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem (Hb 11.1).
Por que a fé é importante?	<ul style="list-style-type: none"> Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).
Em que a fé acredita?	<ul style="list-style-type: none"> A fé acredita que Deus existe e que Ele é o galardoador dos que o buscam diligentemente (Hb 11.6).
Como a fé se apresenta na vida de uma pessoa?	<ul style="list-style-type: none"> Abel ofereceu um sacrifício valioso (Hb 11.4). Enoque viveu de uma maneira que agradava a Deus (Hb 11.5). Noé obedeceu aos avisos divinos e construiu uma arca imensa (Hb 11.7). Abraão deixou Ur obedecendo ao chamado de Deus e saiu sem saber para onde estava indo (Hb 11.8). Sara deu à luz Isaque em sua velhice (Hb 11.11). Abraão estava disposto a oferecer Isaque, seu único filho, confiando em que Deus seria capaz de ressuscitá-lo (Hb 11.17-19). Isaque abençoou seus filhos e os exortou a obedecer ao concerto de Deus (Hb 11.20). Jacó, da mesma forma, lembrou seus filhos das promessas divinas (Hb 11.21). José manifestou sua confiança de que Deus tiraria os israelitas do Egito (Hb 11.22). Os pais de Moisés se recusaram a obedecer às ordens de Faraó para matarem o filho (Hb 11.23). Moisés recusou os prazeres passageiros do pecado e ficou do lado dos oprimidos filhos de Israel, liderando-os para fora do Egito e cumprindo obedientemente os difíceis mandamentos de Deus (Hb 11.24-29). Os israelitas, liderados por Josué, confiaram em Deus para lhes dar a vitória sobre a cidade de Jericó (Hb 11.30). Raabe acreditou no poder de Deus e ajudou os espiões israelitas (Hb 11.31). Muitas outras pessoas de fé, no Antigo Testamento, confiaram em Deus para obterem poder e vitória sobre o mal e se recusaram a abrir mão de sua fé em Deus, mesmo em meio a circunstâncias que ameaçavam a sua vida (Hb 11.32-38).
O que acontece ao fiel?	<ul style="list-style-type: none"> Alguns morreram sem ter recebido as promessas nesta vida (Hb 11.13). Alguns encontram consolo na verdade de que não alcançariam as bênçãos completas de Deus até entrarem no céu (Hb 11.14-16). Alguns experimentam livramentos milagrosos nesta vida (Hb 11.33-35). Outros, contando com sua confiança inabalável em Deus, experimentam tortura, zombaria, açoites, prisão, apedrejamento, privações, aflições e tormentos (Hb 11.35-38).
Qual o veredicto de Deus para aquelas que permanecem fiéis?	<ul style="list-style-type: none"> Eles são aqueles dos quais o mundo não é digno (Hb 11.38).
Como a vida dos crentes fiéis deveria afetar-nos?	<ul style="list-style-type: none"> Deveríamos ser motivados a deixar todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e correr, com paciência, a carreira que nos está proposta (Hb 12.1).

comparando seus sofrimentos às torturas que Cristo suportou por nossa causa (v. 4).

12.4 — Ainda não resististes até ao sangue. Cristo derramara por todos o Seu sangue (v. 3);

mas a comunidade judaica que o havia aceito, e que recebeu a Epístola aos Hebreus, ainda não havia sofrido perseguição mortal.

12.5-11 — Cristãos são *filhos* adotados de Deus mediante o sumo sacerdócio de Cristo, o Filho eterno. Os pecadores nos perseguem para fazer o mal (v. 3). Mas Deus transforma tal perseguição em *correção* — Sua disciplina paterna própria, que nos ensina a tornar-nos como Jesus.

12.5,6 — Provérbios 3.11,12 ensina que a disciplina divina demonstra o amor divino. *Açoites* significa *chicotadas*, aqui usado metaforicamente para designar *punição*. No contexto destes versículos, a disciplina inclui a perseguição (v. 3,4).

12.7 — *Que filho há*. Os filhos são disciplinados por causa do amor de seus pais. Têm de aceitar e aprender pela disciplina paterna. Da mesma maneira, Deus nos disciplina porque nos ama como Pai e quer que sejamos perfeitos.

12.8 — Nas sociedades antigas, geralmente o filho *bastardo*, ou ilegítimo, não tinha direito à herança. Sem sofrer disciplina (literalmente, educação infantil), os crentes não poderão ser considerados filhos legítimos, mas sim bastardos, no sentido de que não serão como o Pai (Hb 2.10). Não irão, portanto, receber herança nem recompensa (Hb 1.14) no Reino.

12.9 — Os cristãos devem não só receber disciplina de Deus, mas *estar sujeitos* inteiramente ao Pai celestial.

12.10,11 — *Para nosso proveito*. Embora os pais disciplinem os filhos como acham melhor, Deus nos disciplina tendo em vista todo o nosso bem. A cada experiência, Deus nos molda como povo santo, separado para os Seus bons propósitos (Hb 12.14; 10.10).

Fruto pacífico de justiça indica que o resultado da *correção* de Deus é paz e justiça.

12.12,13 — Tomando emprestada a linguagem de Isaías 35.3, o autor adverte seus leitores a renovar suas forças para que possam suportar a carreira da fé (v. 1).

12.14 — *Ver às vezes* significa, como aqui, *estar na presença do Senhor*. Daí se deduz que *sem santificação* não se pode permanecer em Sua santa presença. Na verdade, até Satanás chega

diante de Deus (Jó 1), e um dia todos dobrarão seus joelhos diante do Senhor (Fp 2.10,11). Mas o versículo fala em santidade querendo significar que *a retidão prática determina a percepção de uma pessoa*. Tal retidão nesta vida nos permite ver o Senhor agora (Gn 32.30; Êx 24.9-11).

12.15-17 — O crente que segue a paz e a retidão prática (v. 14) deve ter cuidado com três perigos: (1) o de se *privar* da graça de Deus — isto é, recusar a graciosa oferta de Cristo da salvação e Sua provisão para suas necessidades (Hb 4.16); (2) permitir que uma *raiz de amargura* brote no seu coração ou na sua congregação — talvez permitindo idólatras na igreja (Dt 29.18); (3) tornar-se descrente ou sexualmente imoral. Esaú exemplifica aqueles que são descrentes. De acordo com a lei, o filho mais velho receberia uma herança em dobro (Dt 21.17). Esaú perdeu sua herança, que incluía as promessas preciosas de Deus, ao desprezá-la e trocá-la por um prato de lentilhas, por valorizar muito mais o prazer físico pela comida (Gn 25.34).

12.18-24 — Nestes versículos, o autor de Hebreus contrasta o concerto feito mediante Moisés com o novo concerto [ou nova aliança], comparando dois montes: o Sinai e o Sião. No monte Sinai, os israelitas receberam a lei da parte de Deus, com temor e tremor, porque Deus lhes revelava então Seu maravilhoso poder (Êx 19.10—20.26). Já os cristãos chegam à Jerusalém



EM FOCO

MEDIADOR (GR. MESITÉS)

(Hb 8.6; 9.15; 12.24, Gl 3.19,20; 1 Tm 2.5).

Esta palavra grega significa *árbitro*, ou seja, um intermediário conciliador entre duas partes em litígio. Paulo descreve Moisés como sendo o mediador do primeiro concerto: ele servia de conexão entre Deus e o povo israelita, comunicando a Israel os deveres e obrigações resultantes do pacto com Deus e defendendo os israelitas diante do Senhor (Gl 3.19,20). Assim também, Jesus é o Mediador do novo concerto. Ele assim o estabeleceu, com Sua própria morte, comissionando depois Seus discípulos a pregar as boas novas. Agora, está assentado à direita do Pai, intercedendo continuamente por nós.

celestial, no monte Sião, por meio do sangue de Jesus. Este monte é uma verdadeira celebração de Deus Santíssimo, com a presença de anjos e justos. O autor torna vívido o contraste entre os dois concertos, para, mais uma vez, exortar seus leitores a não rejeitarem a salvação oferecida por Cristo (v. 25-29).

12.23 — No Antigo Testamento, os *primogênitos* recebiam a herança em dobro (Dt 21.17). São estes os herdeiros das promessas, que estarão no céu aguardando o Reino (Hb 1.14).

Justos aperfeiçoados se refere aos crentes que já deixaram esta vida. São justos porque foram justificados, e perfeitos porque, agora, são *completos* no céu.

12.24 — O sangue de Abel clamou por vingança (Gn 4.10); o de Cristo fala de redenção.

12.25 — *Aquele que é dos céus* é, naturalmente, Cristo, que advertiu na terra e agora está junto ao Pai.

Muito menos nós. Quanto maior a revelação, maior a responsabilidade (Hb 2.1-4). Se os israelitas foram sentenciados por não acreditarem nas promessas de Deus (Nm 14.20-25), muito mais o seremos por incredulidade.

12.26-28 — A terra tremeu no monte Sinai. A terra e o céu tremerão nos últimos dias (Mt 24.29). Mas o Reino de Deus não se abalará, porque durará por toda a eternidade (Lc 18.29).

12.29 — *O nosso Deus é um fogo consumidor*. O autor conclui sua longa advertência àqueles tentados a abandonar a fé (Hb 2.1—12.29) com uma descrição vívida do juízo de Deus (Dt 4.24). O Senhor julgará Seu povo (Hb 10.27,30).

13.1-19 — Estas instruções práticas conclusivas nos mostram como *servir a Deus agradavelmente* (Hb 12.28).

13.1 — *Permaneça*. Os destinatários dessa carta certamente exerciam com constância o amor fraternal (Hb 6.10); mas o autor temia que a ideia de retornarem de alguma forma ao judaísmo pudesse impedi-los de encorajarem uns aos outros na fé (Hb 10.24,25).

13.2 — *Hospedaram anjos* é uma referência aos homens do Antigo Testamento que foram visitados por seres celestiais. Dentre esses, estão

Abraão (Gn 18), Ló (Gn 19), Gideão (Jz 6) e Manoá (Jz 13). A ideia, aqui, é a de que, quando você pratica a hospitalidade, pode estar recebendo um apóstolo, um mensageiro de Deus, sem perceber.

13.3 — *Lembraí-vos dos presos* provavelmente se refere aos então perseguidos por causa da fé. Os destinatários dessa carta deveriam também se lembrar dos enfermos e de todos que estivessem sofrendo na carne (Hb 10.32-34). *No corpo* não é uma referência ao corpo de Cristo, mas sim ao corpo físico das pessoas. Deveriam ter em conta, sempre, serem também vulneráveis a perseguições e sofrimentos similares.

13.4 — *Venerado seja entre todos o matrimônio*. O autor agora se volta para alguns problemas relacionados ao amor humano. Para determinar a intenção completa deste versículo, um ponto gramatical deve ser resolvido. Na original, em grego, o verbo é omitido e deve ser fornecido pelo leitor, como é comum no hebraico e no grego. Pode-se fornecer um verbo no subjuntivo, *seja o matrimônio*, e transformar a frase em uma exortação. Ou pode-se usar um verbo no indicativo. O *casamento deve*, e passar a ter um imperativo, como ocorre, aliás, em algumas versões e traduções das Escrituras. O primeiro caso parece ser o mais adequado, uma vez que o contexto é de admoestação e o autor está levantando novo tópico de exortação. Além disso, sendo a primeira metade do versículo uma exortação, a segunda metade se adapta melhor. É este, assim, um mandamento de purificação, em vez de ser uma declaração contra o ensino ascético, que considerava as relações matrimoniais como sendo prejudiciais. O ensino ascético era um sério problema naquela época (compare com 1 Tm 4.3); mas não parece ser a intenção do autor. O casamento, para ele, é nobre, e o leito matrimonial, imaculado. Deve ser mantido assim.

Porém (gr. *gar*) poderia ser traduzido pela conjunção *porque*. Manter o relacionamento matrimonial, *porque* Deus julgará os que assim não o fizerem.

Os que se dão à prostituição são aqueles que fazem concessões, geralmente de modo excessivo



APLICAÇÃO

TEMPO DE FAZER UM EXAME GERAL

Um antigo provérbio, que faz muito sentido no mundo dos negócios e da indústria, diz: *Se não está quebrado, não conserte!* Todavia, com certeza, não se aplica no que diz respeito à saúde de alguém. Na verdade, especialistas em saúde afirmam que cuidados preventivos não só podem proporcionar uma saúde melhor e reduzir o risco de doenças, como também diminuir drasticamente as despesas com remédios. A maioria das pessoas, dizem eles, mostra-se imprudente, negligenciando, geralmente, sua condição física.

Essa realidade tem seu paralelo no reino espiritual, como mostra o escritor de Hebreus. O livro adverte mais de uma vez seus leitores a darem maior atenção à sua condição espiritual (Hb 6.1-20; 12.14-29). Observe a linguagem firme usada em Hebreus 12 para descrever o que nos pode acontecer se nos descuidarmos em nossa caminhada com Cristo:

- Podemos privar-nos da graça de Deus (Hb 12.15).
- Amargura poderá enraizar-se e brotar, causando problemas (Hb 12.15).
- Muitas pessoas podem ser contaminadas (Hb 12.15).
- Podemos cometer um erro tolo ou mesmo catastrófico, como Esaú cometeu (Hb 12.16-17; Gn 25.27-34; 27.1-45).
- Podemos negar-nos a ouvir quando Deus fale conosco (Hb 12.25).
- O juízo de Deus poderá consumir-nos (Hb 12.29).

São, sem dúvida, consequências terríveis! Felizmente, o escritor oferece também algumas maneiras de verificarmos o estado de nossa espiritualidade e fazermos as correções necessárias onde quer que tenhamos detectado problemas:

- Estamos procurando ter paz com os outros (Hb 12.14)? Por exemplo: Como respondemos aos conflitos em casa, na escola, no trabalho?
- Estamos buscando a santificação (Hb 12.14)? Por exemplo: Nossos pensamentos estão focados naquilo que realmente nos purifica (Fp 2.1-13; 4.8,9; 1 Ts 4.1-8)?
- Estamos ouvindo atentamente a Deus (Hb 12.25)? Por exemplo: Lemos regularmente as Escrituras permitindo que elas nos desafiem e nos mantenham responsáveis?
- Vivemos na graça, servindo a Deus de maneira agradável, com reverência e respeito (Hb 12.28)? Por exemplo: Estamos crescendo em nossa apreciação por Deus e Sua salvação e por outros irmãos? Manifestamos isso claramente e com regularidade? Outras pessoas nos considerariam realmente agradecidos a Deus (1 Tm 4.4; Cl 3.17)?

Enfim, como anda a nossa condição espiritual? Existem sintomas a serem levados em conta? Alguma função parece fraca ou falha? Que mudanças, de fato, precisamos fazer para desenvolvermos nossa saúde espiritual e nos fortalecermos em Cristo?

e sem controle, aos desejos sexuais, sejam heterossexuais ou homossexuais, fora dos laços do matrimônio.

Adúlteros são os infiéis aos seus votos matrimoniais.

13.5,6 — A *avareza* é tratada no último dos Dez Mandamentos (Êx 19.17). Essa atitude destrói a herança de uma pessoa no Reino (1 Co 6.9-10).

Não te deixarei, nem te desampararei. Esta citação é uma das mais enfáticas declarações no Novo Testamento. No grego, há duas negativas duplas, o que, traduzido, equivaleria a *nunca, jamais, te deixarei*. Jesus usa o mesmo tipo de locução enfática para expressar, por exemplo, a certeza de vida eterna para o crente (Jo 10.28).

13.7 — *Dos vossos pastores.* Também traduzido por *vossos guias*. A referência, provavelmente, é a líderes cristãos que já haviam morrido. Talvez fossem aqueles que primeiro *falaram a palavra de Deus* para os leitores de Hebreus. A *maneira* de viver dos santos a quem tenhamos conhecido nos inspira a sermos persistentes na fé. O versículo 17, adiante, irá falar sobre o respeito aos líderes atuais.

13.8 — *O mesmo.* A natureza imutável do Filho é mencionada no início do livro (Hb 1.12).

Ontem. Cristo deu Sua graça a todos os que confiaram nele (v. 7).

Hoje, e eternamente. A graça de Cristo continua, agora e permanentemente, disponível para todos os que nele creem.

13.9 — *Doutrinas vazias e estranhas* se refere a ideias que nada têm que ver com a verdadeira mensagem do evangelho e que podem até distorcê-la ou contrariá-la. Assim, por exemplo, são muitas das ideias que o autor de Hebreus apresenta e confronta no livro, originariamente judaicas, relacionadas sobretudo a práticas rituais, sacrifícios e diversas leis que classificavam o que era limpo e o que era imundo.

13.10,11 — A palavra *altar* é usada de forma figurada em relação ao sacrifício de Cristo. No Dia da Expição, o sumo sacerdote não tinha o direito de comer o animal sacrificado, porque havia expiado os pecados do povo. Em vez disso, o holocausto era *queimado fora do arraial*. O crente tem o sacrifício, já realizado, em Jesus Cristo. Ele expiou os pecados da humanidade com Sua morte na cruz. Todavia, diferentemente dos sacerdotes do Antigo Testamento, os crentes recebem seu alimento de Cristo, de maneira simbólica, ao crer nele (Jo 6.41-58).

13.12,13 — Estar *fora da porta* era considerado uma desgraça para os judeus porque significava estar separado da comunidade. Mas o autor exorta seus leitores a saírem a Cristo, levando consigo seu *vitupério*, sua desgraça (Hb 11.26). Na verdade, este chamado para *sair a Cristo* é uma forte conclamação a abandonarem o judaísmo. Qualquer um achado com Cristo — fora da porta da cidade — seria, naturalmente, considerado excluído da comunidade judaica.

13.14 — Os crentes não têm um lar permanente na terra. Buscam a *cidade eterna*, que é o eterno Reino (Hb 11.10,16; 12.22,28).

13.15,16 — Embora os sacrifícios do Antigo Testamento houvessem se tornado, com Cristo, obsoletos (Hb 8.13), os crentes poderiam e deveriam oferecer a Deus sacrifícios *espirituais*, entre os quais seu *louvor*, seus bens, sua vida (Rm 12.1,2).

13.17 — Os líderes atuais prestarão contas do seu serviço no dia do tribunal de Cristo (Rm 14.10-12).

13.18,19 — *Boa consciência* é aquela que não acusa quem a possui.

Para que eu mais depressa vos seja restituído. Alguma coisa parece que impedia o retorno do autor à comunidade a que se dirige na carta, e à qual certamente devia pertencer, muito embora provavelmente não fosse o caso de prisão (v. 23).

13.20 — A expressão *Deus de paz* é usada cinco outras vezes no Novo Testamento (Rm 15.33; 1 Co 14.33; 2 Co 13.11; Fp 4.9; 1 Ts 5.23). Toda vez que era usada, algum tipo de dificuldade existia entre os destinatários da carta. É esse também o caso aqui: os leitores de Hebreus estavam pensando muito se deveriam abandonar o cristianismo e retornar ao judaísmo, por causa, certamente, do acirramento da perseguição aos cristãos. Nosso Senhor Jesus Cristo é o *grande pastor das ovelhas* porque deu Sua vida por elas, conforme havia previsto (Jo 10.15); e continua a interceder por elas, sempre (Hb 7.25). O novo concerto é um *concerto eterno*; nunca será superado ou obsoleto, como o antigo (Hb 8.13).

13.21 — O propósito dessa bênção é que Deus nos pode *aperfeiçoar*. Não a perfeição que o autor declara antes, como resultado do sacrifício único de Cristo (Hb 10.14; 11.40). Aquela (gr. *teleiōō*) envolve a santificação do remido. A palavra para *aperfeiçoar* aqui, em Hebreus 13.21 (gr. *katartizō*) dá mais a ideia de preparar ou equipar para uma tarefa. É necessário equipar-se para se poder *fazer toda a boa obra*.

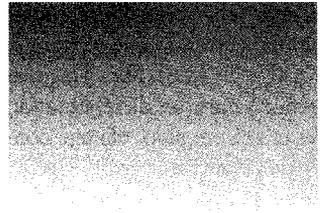
13.22 — A *palavra desta exortação* se refere à própria epístola. É uma exortação de encerramento aos leitores para que não se afastem do Deus vivo (Hb 3.12), mas alcancem a maturidade (Hb 6.1) e permaneçam na fé até o fim (Hb 3.6,14). *Abreviadamente* é uma justificativa de não ser necessário uma carta mais extensa do que parece ter sido ou poderia ser (Hb 5.11; 9.5).

13.23 — *Timóteo* é o mesmo e bem conhecido companheiro de jornadas de Paulo, a quem o apóstolo dedicou duas de suas cartas. *Já está solto* provavelmente significa que Timóteo estava livre da prisão.

13.24 — *Os de Itália* pode referir-se a irmãos que ali residiam, ou que talvez fossem nascidos lá, mas estivessem até morando em outro lugar.

Tal ambiguidade é mais uma das dificuldades em se identificar ou localizar o autor ou os destinatários da carta.

13.25 — À luz do que já foi dito sobre *a graça*, na carta (Hb 13.9; 2.9; 4.16; 10.29; 12.15), eis um encerramento especialmente apropriado.



A carta de

Tiago

INTRODUÇÃO

Do concerto de um carro à colocação de papel de parede em um quarto, manuais práticos explicam como as coisas são feitas, com sugestões úteis e ilustrações coloridas. A epístola de Tiago é o “manual prático” da vida cristã. É um dos livros mais práticos no Novo Testamento por oferecer instruções e exortações aos cristãos que estão passando por problemas, como todos nós passamos.

Como se as provações em si já não fossem ruins o bastante, Tiago mostra os perigos que as acompanham. Além do perigo óbvio de não conseguirmos depositar nossa confiança no Senhor e, conseqüentemente, não perseverarmos, Tiago fala de preconceito, palavras impróprias, julgamento do outro, deixar Deus de fora de nossos planos e até de amargura. Como o autor de um manual prático, Tiago explica em poucas palavras as responsabilidades de um cristão, enquanto apresenta ilustrações apropriadas de

categorias da vida real, como viajar de navio e andar a cavalo.

A epístola de Tiago traz em si mais prática que doutrina. Contudo, Tiago contém afirmações teológicas. Deus é *o Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação* (Tg 1.17). Jesus é *o Senhor da glória* (Tg 2.1), uma referência à divindade de Jesus. Tiago sustenta que Jesus está voltando (Tg 5.7,8), e, em Sua segunda vinda, julgará toda a humanidade (Tg 5.9).

Mas a grande questão teológica em Tiago é o binômio fé e obras (Tg 2.14-26). Muitos argumentam que Tiago esteja falando sobre a verdadeira fé *versus* a falsa fé. Mas parece óbvio que Tiago não está questionando se quem recebia a fé eram cristãos autênticos; ele, por repetidas vezes, chama-os de *irmãos, meus irmãos* ou *meus amados irmãos* (Tg 2.1,14). É claro que se tratam de pessoas que estavam exercitando a fé salvadora. Portanto, o que Tiago está discutindo é a fé por si só,

ou seja, sem obras. Ele chama a fé sem obras de *morta*, mostrando que se trata da fé que antes era viva (Tg 2.17,26). Para Tiago, as obras são consequências naturais da fé. Quando uma pessoa realmente crê em algo, ela age com base naquilo em que crê. Com essa carta, Tiago estava emitindo um alerta para todos os cristãos: *faça com que sua vida esteja de acordo com aquilo em que você crê!*

A saudação identifica os leitores de Tiago como *as doze tribos que andam dispersas*. Alguns acreditam que essa carta tenha sido endereçada a todos os judeus que viviam fora da Palestina, incluindo judeus cristãos e não-cristãos. No entanto, dificilmente seria o caso, uma vez que Tiago se identifica como um seguidor de Cristo e refere-se aos seus leitores como uma comunidade de cristãos (Tg 1.18; 2.1,7; 5.7). Outros afirmam que a saudação é uma referência figurada a todas as igrejas cristãs, representadas simbolicamente pelo antigo povo de Israel. Isso também é improvável uma vez que na carta podem-se reconhecer elementos judaicos. Há também uma terceira possibilidade, de que os leitores fossem cristãos judeus que viviam fora da Palestina. Como essa era uma carta circular que passava de igreja para igreja, nenhum destino geográfico é demarcado.

Parece que a maior parte dos destinatários era pobre e estava sofrendo com a opressão imposta por seus companheiros judeus, entre os quais eles estavam vivendo. Evidentemente, alguns desses cristãos judeus foram presos e perderam seus bens. Sob tais condições, eles caíram nas garras do mundanismo, brigaram entre si, favoreceram os ricos em detrimento dos pobres e perderam seu primeiro amor uns pelos outros.

O autor desta epístola identifica-se com a expressão *Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus*

Cristo. Tiago é um nome comum no Novo Testamento. A expressão que o acompanha poderia ser uma descrição de qualquer cristão, sugerindo que esse Tiago em particular deve ter sido um líder na igreja que não precisava de mais referências.

Quatro "Tiaços" são mencionados no Novo Testamento: (1) o filho de Zebedeu e irmão de João (Mt 4.21), um discípulo e apóstolo de Cristo; (2) o filho de Alfeu (Mt 10.3), chamado *o menor* ou *o mais moço*, também um dos apóstolos; (3) o pai de um apóstolo chamado Judas (Lc 6.16) e (4) o meio-irmão de Jesus, tradicionalmente chamado *o justo* (Mt 13.55). Ele se tornou o líder da igreja de Jerusalém (At 15.3; Gl 2.9) e parece ser o autor mais provável desta epístola. Se ele for o autor, é digno de nota o fato de ele não ter mencionado sua relação com Jesus nesta carta. Em vez disso, a única coisa que ele declarava ser a base de sua autoridade era sua disposição espiritual de ser servo do Senhor Jesus Cristo (Tg 1.1).

Embora não seja um consenso, é forte a evidência de que Tiago é um dos livros mais antigos do Novo Testamento. Uma vez que a carta não contém referências específicas à época e aos eventos que indicariam uma data específica, deve-se considerar o tom judaico da carta e a reflexão precisa da carta acerca da situação geral encontrada na Igreja primitiva. Muitos estudiosos estipulam uma data entre 44 e 62 d.C. A primeira data é a época em que Tiago se tornou o líder da igreja de Jerusalém, assumindo o lugar de Pedro depois que este foi solto da prisão no ano em que Herodes Agripa I morreu (At 12.5-23). A segunda data é a dada por Josefo, historiador judeu do século 1, para o martírio de Tiago. Por fim, uma data próxima a 46 d.C. parece aceitável para esta carta.

LINHA DO TEMPO	
CRONOLOGIA EM TIAGO	
Ano 30 d.C. — O Senhor Jesus ressurreto aparece a Seu irmão Tiago	
Ano 44 d.C. — Tiago é mencionado na função de líder de uma igreja	
Ano 46 d.C. — Data aproximada em que a carta de Tiago foi escrita	
Ano 50 d.C. — Tiago lidera o Concílio de Jerusalém	
Ano 62 d.C. — Tiago é executado por autoridades sacerdotais em Jerusalém	



ESBOÇO

- I. Saudação — 1.1
- II. Prólogo — 1.2-18
 - A. Respondendo às provações — 1.2-11
 - B. Respondendo às tentações — 1.12-18
- III. Os temas: sendo pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar — 1.19,20
- IV. Sendo pronto para ouvir — 1.21—2.26
 - A. Fazendo boas obras como consequência de ouvir a Palavra de Deus — 1.21-27
 - B. Excluindo a parcialidade — 2.1-13
 - C. Integrando fé e obras — 2.14-26
 - V. Sendo tardio para falar — 3.1-18
 - A. Controlando a língua — 3.1-12
 - B. Agindo com sabedoria antes de falar — 3.13-18
 - VI. Sendo tardio para se irar — 4.1—5.12
 - A. Resolvendo conflitos por meio da humildade — 4.1-10
 - B. Evitando o julgamento — 4.11,12
 - C. Reprimindo a arrogância com a confiança em Deus — 4.13-17
 - D. Sendo pacientes quando tratados injustamente — 5.1-12
 - VII. Epílogo: oração final — 5.13-20

COMENTÁRIO

1.1 — A tradição da Igreja primitiva identifica o autor *Tiago* como sendo meio-irmão de Cristo (1 Co 15.7).

Às *doze tribos*. Essa saudação provavelmente significa que a carta está destinada a cristãos judeus que vivem fora da Palestina. A carta não se destinava a uma igreja específica, mas deveria circular entre várias congregações locais.

1.2-27 — Tiago instrui-nos acerca de como enfrentar dificuldades (v. 2-4), da necessidade de visão espiritual e de fé (v. 5-8), da atitude adequada com relação a riquezas (v. 9-11) e de como vencer a tentação (v. 12-18). Ele nos adverte contra o coração cheio de ira (v. 19,20) e exortamos a viver uma vida que cumpra a Palavra de Deus (v. 21-27).

1.2 — As *provações* (NVI) são circunstâncias externas — conflitos, sofrimentos e aflições — com as quais todos os cristãos se deparam.

As *provações* não são agradáveis e podem ser extremamente dolorosas, mas os cristãos devem considerá-las como oportunidades de alegrar-se. Aflições e dificuldades são ferramentas que refinam e purificam nossa fé, produzindo paciência e perseverança.

1.3 — A palavra traduzida por *prova da vossa fé* ocorre somente aqui e em 1 Pedro 1.7. O termo, que significa *provado* ou *aprovado*, era usado para designar moedas que eram legítimas, e não falsificadas. O objetivo da *provação* não é destruir ou afligir, mas purificar e refinar. É essencial à maturidade cristã, pois até mesmo a fé de Abraão teve de ser *provada* (Gn 22.1-8). O significado de *paciência* transcende a ideia de suportar a aflição; diz respeito a manter-se firme sob pressão, com uma resistência que transforma adversidades em oportunidades.

1.4 — Quando os cristãos resistem à *provação*, eles são feitos *perfeitos*, no sentido de *terem chegado ao fim*, e *completos*, no sentido de *inteiros*.



VOCE SABIA?

O PLANO DE DEUS TEM TRÊS FASES

Deus tem para os cristãos um programa de *desenvolvimento de recursos humanos* com três fases (Tg 1.2-5). A primeira fase inclui *provações* — quantas precisarmos e com o grau de dificuldade necessário. Isso leva à segunda fase, a *paciência* — esperar em Deus com confiança e perseverança. A terceira e última fase é a *sabedoria*, que é o objetivo de Deus para o crescimento do Seu Reino.

Desejamos *sabedoria*? Devemos ter cuidado quando a pedimos, pois podemos receber uma boa dose de *provações* que requererão *paciência*. Por fim, o processo leva à *sabedoria* — se lidarmos com ele com compreensão.

1.5 — A *sabedoria* que Deus dá não são necessariamente informações sobre como se livrar das dificuldades, mas, em vez disso, é discernimento sobre como aprender com as dificuldades (Pv 29.15). Não se trata de mais informações sobre como evitar momentos de prova, mas uma nova perspectiva a respeito das provações. A sabedoria de Deus começa com uma genuína reverência pelo Todo-poderoso (*o temor do SENHOR*, no Salmo 111.10; Provérbios 9.10) e uma firme confiança de que Deus está no controle de todas as circunstâncias, guiando-as para Seus bons propósitos (Rm 8.28).

1.6,7 — *Duvidando* diz respeito a *estar com o pensamento dividido* ou *debater*. O termo não

descreve uma dúvida momentânea, mas a lealdade dividida, uma incerteza.

1.8 — O significado literal de *coração dobre* é *com duas almas*. Se uma parte da pessoa se encontrar em Deus e a outra estiver neste mundo (Mt 6.24), haverá um constante conflito interior.

1.9-11 — Tiago oferece dois exemplos de provações (v. 2-8): um está relacionado a um *irmão abatido* e o outro é sobre um *homem rico*. Provavelmente *abatido* significa *pobre*, em contraste com o outro homem, que é *rico*.

Glorie-se (tende grande gozo, no v. 2) é um imperativo que concerne ao que deve fazer o cristão pobre, pois Deus o exaltou ao permitir-lhe passar por circunstâncias difíceis, pois elas somente



COMPARE

RICO OU POBRE

Em Israel, brotavam certos tipos de grama no chão de manhã e, à tarde, eles já estavam secos sob o intenso calor do sol de verão. Tiago compara a instabilidade das riquezas com esse tipo de grama; ela está aqui hoje e, amanhã, já se foi. O seguinte quadro delinea o que as Escrituras dizem sobre a riqueza.

A visão das riquezas segundo o mundo	A visão das riquezas segundo a Palavra
• O dinheiro traz liberdade.	• O desejo de ter dinheiro pode escravizar e levar à destruição; somente Cristo traz a verdadeira liberdade (1 Tm 6.7-10).
• O dinheiro traz segurança.	• A riqueza do mundo é muito instável; ela logo passará (Tg 1.10). A verdadeira segurança é encontrada no conhecimento e na confiança em Deus (Jr 9.23,24; 1 Tm 6.17-19).
• O dinheiro é tudo o que importa.	• Cristo e o Reino de Deus são tudo o que importa (Mt 6.33; Fp 3.7-10).
• Dinheiro é poder.	• O poder vem quando a pessoa é cheia do Espírito (At 1.8; 3.1-10).
• O dinheiro determina não somente seu patrimônio líquido, mas seu valor como pessoa.	• Seu valor está baseado naquilo que Deus diz, não no que diz seu extrato bancário (Jo 3.16; Ef 1.3-14).
• O dinheiro faz de você uma pessoa de sucesso.	• O sucesso é fruto de conhecer e fazer o que Deus diz (Js 1.8).
• O dinheiro dá-lhe opções.	• Deus é quem, por fim, dá-lhe opções (Ef 3.20).
• O dinheiro traz felicidade.	• A felicidade que o dinheiro traz é passageira. E, com o tempo, o dinheiro pode, na verdade, produzir "muitas dores" (1 Tm 6.10). A alegria duradoura é fruto do conhecimento de Deus (Tg 5.1-6; Jo 15.11; 16.24).
• O dinheiro é sua recompensa. Economize-o e gaste-o com você.	• Dê o quanto puder (Mt 6.19-24; At 20.35; 2 Co 9.6-11; 1 Tm 6.18).
• O dinheiro é seu bem. Gaste-o naquilo que você quiser.	• Tudo o que você tem é de Deus para você usar como agrada a Ele. Você é simplesmente um administrador dos bens de Deus (Sl 24.1; Lc 19.11-27; 2 Co 5.10).

aperfeiçoarão seu caráter e sua fé (v. 4). O cristão rico também pode gloriar-se quando uma provação o abate, porque ela lhe ensina que a vida é curta, e que ele, em *seus caminhos*, ou seja, em seus afazeres, *se murchará*. O rico deveria sempre confiar no Senhor, não em si mesmo, muito menos em seu dinheiro.

1.12 — O cristão que *sofre* provações mostra que ama Jesus e, portanto, *receberá a coroa da vida* (Ap 2.10) diante do tribunal de Cristo. A Bíblia descreve a recompensa do cristão (2 Co 5.10; Ap 22.12) sob várias imagens vívidas, como metais preciosos (1 Co 3.8-14), vestes (Ap 3.5,18; 19.7,8) e coroas (1 Co 9.25; Ap 2.10; 3.11).

1.13 — O foco do capítulo passa das provações (v. 2-12) para a tentação (v. 13-18). Deus *a ninguém tenta*. A tentação não vem de Deus. Deus nunca intencionalmente levará uma pessoa a cometer pecado porque isso não somente iria contra Sua natureza, mas seria contrário ao Seu propósito de moldar Sua criação à Sua imagem santa. Contudo, Deus às vezes coloca Seu povo em circunstâncias adversas com o propósito de burlar o seu caráter (Gn 22.1,12). Essas recompensas serão nossas respectivas capacidades ou posições de privilégio e serviço para a glória de Cristo em Seu Reino vindouro (Ap 4.10; 5.10).

1.14,15 — Transformar uma provação em uma tentação para fazer o mal só é possível se a pessoa permitir que o desejo assumo o controle.

Atraído e *engodado* expressam a intensidade com que o desejo seduz um indivíduo até ele se envolver de forma trágica. O pecado não se impõe a quem reluta, mas é fruto de uma escolha em função de seus atrativos.

Concebido sugere a imagem da vontade de uma pessoa pendendo para o mal e, finalmente, sendo dominada por ele. Essa mesma ideia é vividamente ilustrada pelo trágico caminho de um viciado: uma vez adquirido, um hábito, no final das contas, controla completamente o *indivíduo*.

Consumado sugere concluir um objetivo. A ideia aqui é que o pecado alcançou a maturidade e apoderou-se do caráter do indivíduo. A *morte* aqui se refere à morte física (Pv 10.27; 11.19; Rm 8.13).

1.16-18 — Tiago novamente faz uma ilustração (v. 9-11). Deus não tenta com o mal (v. 13), mas dá a vida espiritual (v. 18), a *boa dádiva* e o dom *perfeito*.



EM FOCO

BOA DÁDIVA (GR. *DOSIS AGATHĒ*)

Dom perfeito (gr. *dōrema teleion*)

(Tg 1.17)

No texto grego há duas palavras separadas para descrever a dádiva de Deus. A primeira palavra (*dosis*) significa o ato de dar e é acompanhada pelo adjetivo *boa*, enquanto a segunda (*dōrema*) indica os dons naturais e é seguida pelo adjetivo *perfeito*. A primeira expressão ressalta o bem de receber algo de Deus, enquanto a segunda enfatiza a perfeita qualidade daquilo que Deus dá. A dádiva de Deus é continuamente boa; e Seus dons sempre são perfeitos.

1.19 — A introdução de Tiago (v. 2-18) conclui que suportar as provações dá direito a uma coroa da vida (v. 12), e que ceder à tentação pode levar à morte física (v. 15). O cristão em meio a uma provação precisa ser *pronto para ouvir*, *tardio para falar* e *tardio para se irar*. Essas três exortações revelam o esboço desta carta (Tg 1.21—2.26 no que se refere a *pronto para ouvir*; Tg 3.1-18 a *tardio para falar*; e Tg 4.1—5.18 a *tardio para se irar*).

1.20 — Quando o cristão se irrita com circunstâncias difíceis, a *justiça* [prática] de Deus não se evidencia em sua vida. Quando alguém nos faz mal, a reação natural é revidar, pelo menos com palavras (v. 19). Mas essa atitude não glorifica a Deus. Refrear a língua, tentar entender a posição da outra pessoa e deixar que Deus exerça a justiça demonstram o amor divino em situações de tensão (Rm 12.17-21).

1.21 — A *palavra* de Deus que foi *enxertada* no coração do cristão deve ser recebida com *mansidão* — o que denotaria um espírito de discípulo —, sem resistência, desacordo ou dúvida. Receber a Palavra de Deus dessa forma irá *salvar a alma* do cristão, ou seja, sua *vida*. O pecado leva à morte (v. 15). Já a obediência evita a morte, protegendo o cristão de um comportamento

pecaminoso que pode levar direta ou indiretamente à morte física (v. 15; 1 Co 11.30).

1.22 — *Sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes.* Os cristãos que ouvem a Palavra de Deus (v. 9) devem recebê-la com um espírito receptivo (v. 21), aplicando-a em sua vida diária. Ouvir e não obedecer é enganar a si mesmo.

1.23,24 — Aquele que segue esta forma de pensamento irracional age como quem viu ao espelho o seu rosto natural e foi-se. Ele observou, conscientizou-se plenamente das falhas e se esqueceu de pronto.

1.25 — *A lei perfeita da liberdade é a lei do amor.* Amar a Deus e amar ao próximo resumem a Lei (Mt 26.36-40). Mas é o amor de Cristo (Ef 3.17-19) que nos liberta de nossos pecados para verdadeiramente amarmos os outros (Jo 8.36-38; Gl 5.13).

1.26,27 — *Pura* (gr. *katharos*) versus impura é o objeto da discussão, não verdadeira versus falsa. Algumas pessoas passam pela religião (gr. *thrēskos*) ou pelos aspectos externos da adoração com um coração impuro. Tiago está confirmando que os aspectos externos de atividades religiosas não são aceitáveis para Deus a menos que estejam acompanhados de uma vida santa e um serviço de amor. Ritos e rituais nunca foram um substituto adequado para serviço e sacrifício. A adoração coletiva dentro da igreja não pode ocupar o lugar de obras individuais fora da igreja. A profissão pessoal de fé deve estar associada à expressão pública da fé pessoal.

Visitar vem da palavra grega normalmente traduzida por *bispo*, uma pessoa que supervisiona o povo de Deus (1 Tm 3.1).

Os órfãos e as viúvas estavam entre as classes mais desamparadas e necessitadas nas sociedades antigas (Ez 22.7). A religião pura não simplesmente dá bens materiais para socorrer os necessitados, mas também atenta para o cuidado deles (At 6.1-7; 1 Tm 5.3-16).

2.1-13 — Tiago exemplifica a parcialidade com o rico (v. 1-4), acrescentando quatro razões pelas quais não devemos mostrar favoritismo: (1) Deus aceitou muitos pobres como Seus filhos (v. 5); (2) os ricos muitas vezes perseguem os cristãos

(v. 6,7); (3) ser parcial é uma atitude que viola a lei do amor de Cristo (v. 8-11); e (4) Deus julgará aqueles que transgredirem essa lei (v. 12,13).

2.1 — *A fé de nosso Senhor Jesus Cristo* inclui o fato de que Deus ama o mundo e de que Cristo morreu por ele. Se Deus e Cristo mostram graça e misericórdia sem acepção de pessoas, assim também os cristãos o devem fazer (v. 8,13).

2.2-4 — Ilustrações claras dispensam quaisquer desculpas e exceções. Imagine dois visitantes chegando a uma igreja em uma manhã de domingo. Uma limusine com chofer traz um homem usando um terno impecável. Outro carro se aproxima também, só que já bem velho e gasto, e traz um homem em um terno barato e já surrado. Ao prestarem melhor atendimento ao homem rico, os porteiros fazem *distinção* e tornam-se, assim, *juizes de maus pensamentos*. A *distinção* vem do mesmo verbo que vagar (Tg 1.6). Por meio de sua parcialidade, os transgressores “cambalearam” em sua fé.

2.5 — Deus escolheu usar indivíduos *pobres* financeiramente, mas *ricos na fé* para expandir Seu Reino. Aqueles que *o amam*, obedecem-lhe (Jo 14.15; 15.9-17) e resistem à provação de sua fé (Tg 1.12) herdarão o Reino. Essa herança significa mais do que entrar no Reino; inclui também governar com Cristo (1 Co 6.9; Gl 5.21; 2 Tm 2.12).

2.6 — *Desonrastes* envolve não somente atitudes, mas um tratamento vergonhoso, como quando Jesus foi *desonrado* pelos líderes judeus (Jo 8.49). *Oprimem* refere-se à ostentação arrogante da autoridade governamental sobre os cristãos, como tiranos sobre camponeses indefesos. Tiago tem em mente os oficiais judeus quando diz que eles *vos arrastam aos tribunais*. Atos 9.2, passagem que relata a viagem de Saulo para Damasco com cartas oficiais para prender cristãos, testifica a autoridade que Roma deu aos judeus.

2.7 — Não somente desprezavam os pobres e oprimiam os cristãos, mas os ricos direcionavam seus ataques contra o próprio Senhor. *Blasfemam* (gr. *blasphēmēō*) ou *falam mal do bom nome que sobre vós*, ou seja, os cristãos, *foi invocado* (At 11.26).

2.8,9 — A lei real é a lei do amor (Tg 1.25; Lv 19.18; Mt 22.39), uma lei superior a todas as outras leis.

Se *fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado*. Tiago fez referência a Levítico 19.15, que proíbe o favorecimento aos pobres ou aos ricos.

2.10 — *Tornou-se culpado de todos*. Deus não aceita a obediência seletiva. Não podemos optar por obedecer às partes da Lei que nos convêm e desconsiderar o restante. Alguns dos fariseus agiam assim. Observavam com cuidado algumas das exigências da Lei, como guardar o sábado, e ignoravam outras, como honrar seus pais (veja comentários de Jesus em Mt 15.1-7). O pecado é a violação da justiça perfeita de Deus, que é o Legislador. Tiago sustenta que toda a Lei divina tem de ser aceita como uma expressão da vontade de Deus para Seu povo. A violação ainda que de um único mandamento é o bastante para separar o indivíduo de Deus e de Seus propósitos.

2.11 — No basquete, se a bola não entrar na cesta por um centímetro ou por um metro, o time não marca ponto. De igual modo, aquele que faz acepção de pessoas é tão *transgressor* quanto alguém que assassinou outrem ou cometeu adultério.

2.12,13 — Os cristãos serão *juizados pela lei da liberdade*, que é a lei do amor (Tg 1.25). Os cristãos que não fazem acepção de pessoas, mas que praticam o amor (v. 5,8) e a *misericórdia*, triunfarão diante do tribunal. Aqueles que não usaram de misericórdia não receberão misericórdia.

2.14-19 — A fé é mais do que uma crença intelectual em Deus. Se essa crença não nos leva a uma santa vida de justiça e misericórdia, ela não é a fé salvadora (Mt 7.21-23). Tiago apresenta três argumentos para respaldar essa verdade: (1) A fé sem obras é tão boa quanto palavras sem ações (v. 15-17). (2) A fé não pode ser vista nem comprovada a menos que se manifeste em obras (v. 18). (3) Até os *demônios* creem em Deus, mas essa crença não leva à salvação deles (v. 19).

2.14 — Alguns afirmam que a fé mencionada nesta passagem não é a fé genuína que produz a vida eterna. Mas Tiago endereça esta seção aos cristãos (*meus irmãos* no v. 14), isto é, pessoas que exercitavam a fé genuína. O ponto em questão nesse parágrafo não é a verdadeira fé *versus* a falsa fé, mas a fé pura e simplesmente, sem obras (v. 17), *versus* a fé que é acompanhada de obras.



APROFUNDE-SE

FÉ E OBRAS

O grande reformador Martinho Lutero, defensor da doutrina da salvação por meio da fé e nada mais, nunca se sentiu à vontade com a epístola de Tiago. Ele a chamou de uma *epístola cheia de palha* no prefácio de sua edição Número 1522 do Novo Testamento e pôs o livro no apêndice. Ele preferia as palavras de Paulo acerca da equação fé e obras: *o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei* (Rm 3.28).

De certo modo, Lutero não tinha muita escolha. Ele estava cercado de homens que diziam que as boas obras poderiam salvar o homem. Ele sabia que somente Deus poderia salvar por meio da fé e nada mais, e sua missão era dizer isso a eles.

Porém, Lutero foi longe demais quando pôs Tiago no apêndice do Novo Testamento. Nem a fé nem as obras podem ser cortadas e lançadas fora. Tiago tinha na mira os aproveitadores, aqueles que diziam não haver necessidade de boas obras, uma vez que tinham fé. A realidade é que, se a pessoa tiver fé, as obras serão consequências naturais. Não se pode desfazer das obras só porque elas não salvam o indivíduo. Não se pode desfazer o efeito da causa. Assim como uma macieira produz maçãs, a fé produz boas obras (Lc 6.43,44).

Paulo tinha em vista um problema totalmente diferente quando escreveu Romanos. Sua carta visava aqueles que depositavam sua fé na Lei de Moisés. A confiança deles estava em suas próprias boas obras, e não em Deus. Foi por isso que Paulo escreveu uma defesa de fé, e foi por isso que Lutero preferiu a defesa de fé de Paulo à defesa das obras de Tiago.

A fé e as obras não são inimigas. A fé verdadeira e as obras justas andam de mãos dadas. São duas partes da obra de Deus em nós. A fé leva uma pessoa à salvação, e as obras levam essa pessoa à fidelidade. A fé é a causa e as obras são as consequências. Tiago acreditava nisso, assim como Paulo.

O verbo *salvar* (gr. *sōzō*) é usado cinco vezes em Tiago (Tg 1.21; 2.14; 4.12; 5.15; 5.20). Toda vez, ele se refere à salvação da vida temporal, não ao livramento do castigo do pecado (Tg 5.15). Nesse contexto, Tiago está referindo-se a *salvar* do juízo sem misericórdia diante do tribunal de Cristo (v. 13) e possivelmente a salvar a vida de uma pessoa da morte física (Tg 1.21).

Obras são ações que seguem a *lei real* do amor (v. 8,15,16). Tiago está sugerindo neste versículo que a fé em Cristo se manifestará no amor pelos outros (veja a ordem de Jesus aos Seus discípulos em Jo 13.34,35).

2.15,16 — Se os cristãos disserem coisas superficiais e vazias, sem de fato ajudar aqueles com verdadeiras necessidades materiais, *que proveito virá daí?* Quantas palavras são necessárias para encher uma barriga vazia?

2.17 — É provável que a fé que agora está morta (gr. *pistis*) já tenha estado viva. As obras mantêm a fé em plena atividade (1 Pe 1.5-9). A ausência de obras causa a morte (Tg 1.14,15) da fé (Tg 2.26).

2.18 — A expressão *mas dirá alguém* introduz um opositor (1 Co 15.35). Alguns manuscritos trazem a palavra *sem*, enquanto outros têm uma palavra grega traduzida por *fora de* (gr. *ek*). Se a última estiver implícita, então não há diferença alguma visível no português entre as duas afirmações do opositor. No texto grego, no entanto, o opositor muda a ordem das palavras. Em uma das afirmações, ele começa com fé e na outra, com obras. Parece que ele está dizendo que não importa com a qual você começa — não há relação alguma entre fé e obras. Esta explicação condiz com a resposta de Tiago.

2.19 — O opositor ainda sugere que a pessoa chamada por *tu*, ou seja, Tiago, acredita *que há um só Deus* e, conseqüentemente, *ela faz bem* (gr. *kalos*), o que significa que ela faz algo bom (3 Jo 6). Por outro lado, os demônios creem que há um só Deus e não fazem boas obras. A fé deles tem o objeto errado. Eles não creem que Jesus morreu por eles. Eles apenas estremeçam. O opositor está alegando que não há relação alguma entre fé e obras.

2.20 — Tiago agora responde ao opositor (v. 22,23): *homem* (gr. *anthrōpos*) está no singular, e Tiago chama esse indivíduo de *vão* (gr. *kenōs*), com o sentido de que ele tem a cabeça vazia.

2.21 — Tiago claramente ensina a justificação pela fé, pois cita Gn 15.6 no v. 23, que obviamente liga o crédito da justiça, isto é, a salvação, à fé de Abraão (veja a explicação de Paulo sobre Gn 15.6 em Rm 4.1-12).

A justificação *pelas obras* da qual Tiago está falando é um tipo diferente de justificação. Esse tipo de justificação está diante de outras pessoas. Em outras palavras, Tiago está usando a palavra *justificado* com o sentido de *provado*. Provamos aos outros nossa genuína fé em Cristo por meio de nossas obras. Mas a justificação que vem por meio da fé está diante de Deus, e nós não nos *provamos* a Ele; em vez disso, Deus nos declara justos por meio de nossa associação com Cristo, Aquele que morreu por nossos pecados (Rm 3.28).

2.22 — A ideia que Tiago está defendendo para o opositor é que a fé trabalha junto com as obras, ou seja, há uma relação entre as duas, e a relação é que as obras aperfeiçoam (gr. *teleioō*) a fé, ou seja, amadurecem-na.

2.23 — Ao oferecer Isaque (Gn 22.1-12), *Abraão* passou no teste e mostrou sua total confiança em Deus. Sua obediência tornou-o amigo de Deus (Jo 15.14).

2.24 — O sujeito está no plural, indicando que Tiago agora volta sua atenção para o leitor. *Vedes* (não Deus) que uma pessoa é justificada pelas obras.

2.25 — As obras de *Raabe* se deram pela fé (Hb 11.31), mas foram necessárias ações para confirmar sua mudança interior. Se tivesse permanecido no pecado enquanto proclamava sua fé, ela nunca teria sido declarada justa (justificada).

2.26 — O *corpo* (gr. *sōma*) representa a fé (gr. *pistis*). O fôlego mostra que o corpo está vivo. As obras mostram que a fé está viva.

3.1-12 — Os *mestres* cristãos (v. 1) e os pregadores serão mais cobrados (Lc 20.47) porque seu ofício tem grande influência sobre os outros. É fácil pecarmos naquilo que falamos (v. 2), e uma palavra pecaminosa tem amplas conseqüências

(v. 3-6). Sozinhos, não podemos controlar o que falamos (v. 7,8); nossas palavras ainda serão uma mistura hipócrita de bem e mal (v. 9-12). Somente a graça de Deus e a sabedoria do alto (descrita no v. 17) podem dar-nos poder para controlar a maledicência.

3.1 — *Receberemos mais duro juízo.* Tiago não dá o alerta de juízo aos outros sem antes dá-lo a si mesmo. Os mestres estarão diante do tribunal de Cristo e serão julgados com maior rigor do que os outros. Sua maior influência se traduz em maior responsabilidade. É mais provável que o juízo aqui não se refira à separação eterna de Deus; pelo contrário, sugere um julgamento minucioso de mestres diante de Cristo (Mt 5.19; Rm 14.10-12).

Liderança requer responsabilidade. Quando a honra é grande, a responsabilidade é ainda maior; quando as exigências são sérias, o castigo por não atender às exigências é, da mesma forma, mais severo. Todas as heresias, grande parte das divisões e muitas das falhas da Igreja ao longo da história se deram por causa de mestres sem entendimento ou sabedoria provenientes de Deus.

3.2 — A oração cujo verbo é *tropeçar* pode ser traduzida como “nós todos tropeçamos em muitas áreas. Nenhum de nós alcançou a perfeição”.

Perfeito (gr. *teleōis*) descreve o homem que alcançou seu objetivo, o homem que tem domínio próprio. Sendo assim em seu falar, ele é *poderoso para também refrear todo o corpo*, porque a língua resiste ao controle mais do que qualquer outra área do comportamento.

Refrear descreve uma direção controlada.

3.3,4 — Duas ilustrações reforçam que muitas vezes o que tem a maior influência pode parecer insignificante. Como diz o ditado, “tamanho não é documento”. Levando-se em consideração as dimensões de um cavalo, por exemplo, um *freio* em sua boca parece algo trivial, mas faz o animal obedecer-lhe. As *naus*, que são enormes e *levadas* por ventos impetuosos, podem ser guiadas por um *bem pequeno leme*. *Para onde quer a vontade daquele que as governa*, na linguagem contemporânea, pode ser traduzido por *para onde o piloto quiser que elas vão*.

3.5 — *Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia.* A língua pode ser comparada a um fósforo em termos de tamanho, mas seu efeito é como um grande incêndio em uma floresta.

3.6 — *A língua desenfreada pode contaminar todo o corpo*, ou toda a pessoa. O *curso da natureza*, por sua vez, pode ser traduzido por *roda da vida*, com o sentido de todo o curso da vida. A língua pode prejudicar uma pessoa como um todo, bem como toda a sua vida. Além disso, *pelo inferno* indica que Satanás pode pôr palavras na boca do cristão ao pôr ideias em sua mente (Mc 8.33; At 5.3).

3.7,8 — *Nenhum homem pode domar a língua.* Os instintos dos animais podem ser dominados por meio do condicionamento e da punição, mas a natureza pecaminosa que inspira palavras más foge ao nosso controle. Somente a obra do Espírito Santo dentro de nós pode assumir o controle desta força destrutiva.

3.9 — *Bendizemos a Deus* pode referir-se à prática judaica de dizer *bendito seja* toda vez que o nome de Deus era mencionado. Tiago está mostrando a incoerência de se bendizer a Deus enquanto se amaldiçoa pessoas que são criadas à imagem dele.

Semelhança de Deus. Deus criou os seres humanos, tanto homem como mulher, à Sua própria imagem (Gn 1.26). Hoje, as pessoas ainda refletem a imagem de Deus, embora bastante desfigurada pelo pecado (Gn 9.6).

3.10-12 — Derramar água salgada em água doce resulta em água salgada, e misturar fruto ruim com fruto bom resulta em uma mistura de frutos podres. De igual modo, misturar palavras contraditórias de *bênção* e *maldição* só produzirá resultados negativos.

3.13-18 — Aqui se tem um contraste entre a sabedoria que Deus dá (v. 13,17,18) e a sabedoria da humanidade caída (v. 14-16).

3.13 — A solução para o problema de controlarmos nossa língua é buscarmos a *sabedoria divina* (Tg 1.5). A pessoa que tem a sabedoria que vem de Deus (v. 17) irá mostrá-la humildemente com obras, não somente com palavras. Ou seja, o cristão deveria ser tardio para falar (Tg 1.19).

3.14 — Se você tem a sabedoria do mundo (v. 15,16), que nada mais é que interesse próprio, não se vanglorie dela. Não seja apenas tardio para falar, mas deixe também a mentira!

3.15 — Se a sabedoria se manifesta sem boa conduta e mansidão, ela não vem do alto. Na verdade, ela é caracterizada como terrena; prudente, segundo os padrões do mundo; sensual (gr. *psuchikos*), no sentido de natural em oposição a espiritual, e *diabólica*.

3.16 — *Obra perversa* produz confusão. Por outro lado, Deus traz harmonia e sabedoria (1 Co 14.33). Quem está envolvido com *inveja* e contenda está confuso. Essa confusão corrompe os relacionamentos humanos. É provável que os cristãos judeus para os quais Tiago estava escrevendo estivessem passando por confusões por causa de atos pecaminosos como os mencionados aqui. Tiago queria que seus leitores deixassem de lado suas fúteis atitudes e buscassem reconciliação.

3.17 — A principal característica da sabedoria que vem de Deus é que ela é *pura*, no sentido de *livre de contaminação*. Amargura, inveja e conduta egoísta corrompem completamente uma pessoa (v. 14,16). A sabedoria que vem de Deus também é *pacífica*, descrevendo um espírito de tranquilidade e calma. Não sugere comprometer a verdade só para que se mantenha a paz, o que promoveria o engano. Além disso, a sabedoria que procede de Deus é completa, não faz acepção de pessoas, é sólida e consistente.

Sem hipocrisia. A verdadeira sabedoria é sincera e despreziosa.

3.18 — Esta seção, *tardio para falar* (Tg 1.19), gira em torno da língua desenfreada. São nossas qualidades inerentes que temperam nossas palavras, e aqui a *paz* é enfatizada de duas formas: (1) *[a] justiça semeia-se*, ou seja, ela se origina em condições de paz, não de *inveja* ou *espírito faccioso* (v. 16) e (2) a justiça aparece naqueles que praticam a paz. Os defeitos flagrantes das igrejas evangélicas são a confusão e a disputa internas, mas a vida cristã depende de *paz*.

4.1-10 — Purificação para cristãos (1 Co 3.1-4): (1) a luta com o pecado (v. 1-4); (2) o desejo de Deus de liberar *maior graça* (v. 5,6); (3) o caminho da *bênção* (v. 7-10).

4.1 — O conflito *dentro* de nós está entre nossos *deleites* pecaminosos e o desejo de cumprir a vontade de Deus, uma atitude que o Espírito Santo colocou dentro de nós (v. 5).

4.2 — A fonte do conflito *entre* os cristãos muitas vezes são coisas materiais. Tiago atribui dissensões, assassinatos e guerras ao materialismo. João também adverte os cristãos sobre cobiçar *o que no mundo há* (1 Jo 2.15,16).

4.3 — *Porque pedis mal*. Há quem discorde da admoestação de Tiago (v. 1,2), alegando não ter recebido uma resposta às suas orações (Mt 7.7). Tiago sustenta que esse é o caso de orar pelas coisas erradas. Em vez de orar por seus desejos pecaminosos, muitos deveriam orar pela boa vontade de Deus para com eles. Por vezes, a razão por que Deus não dá o que uma pessoa deseja é simplesmente o fato de que isso não seria bom para ela (Fp 4.19). Outrossim, Deus não é obrigado a



EM FOCO

SEMELHANÇA DE DEUS (GR. *HOMOIÖSIS THEOU*)

(Tg 3.9)

A expressão grega significa *imagem de Deus*. Embora os seres humanos tenham perdido muito da semelhança com Deus, ainda resta o suficiente em nosso modo de ser para indicar nas entrelinhas como éramos antes e no que podemos tornar-nos novamente por meio da obra de Cristo. É interessante o modo como os cristãos da antiga Alexandria entendiam a passagem de Gn 1.26, na qual homem e mulher são criados à *imagem* e *semelhança* de Deus. A *imagem* era aquela parte de nós semelhante a Deus que nunca perdemos na queda, enquanto a *semelhança* era aquela parte do ser humano semelhante a Deus que ainda estamos por adquirir. A *imagem* se refere à natureza física e intelectual de uma pessoa e a *semelhança*, ao ser moral de uma pessoa.

responder às nossas orações de forma afirmativa. Ele não agirá de maneira contrária à Sua vontade, nem que esteja cercado de orações fervorosas. Toda vez que buscamos promover nossos *deleites* pessoais por meio da oração, estamos pedindo *mal* (Mt 6.33). Na oração, Deus não se curva à nossa vontade; pelo contrário, nós é que devemos submeter-nos à Sua boa vontade para nossa vida.

4.4 — Esse versículo não fala da atitude de Deus para com o cristão, mas da atitude do cristão para com Deus. A diferença entre o mundo e Deus é tão grande que, enquanto seguimos para o *mundo*, nós nos apartamos de Deus. No mundo, o pecado é considerado aceitável e aprazível.

Por fim, os cristãos perdem sua noção de pecado e, assim, o pecado se torna habitual. Tiago não está preocupado com pecados ocasionais, mas com a atitude do coração que leva uma pessoa a dar as costas para Deus e voltar-se para o mundo. Em vez de conhecer o pecado pela observação ou pela experiência pessoal, o cristão deve usar sua mente dada por Deus para discernir o bem do mal, sem provar o mal por si mesmo.

4.5 — *Diz a Escritura*. Aqui, Tiago provavelmente não tem referência do Antigo Testamento alguma em mente; em vez disso, ele está falando de um conceito geral nas Escrituras. É muito provável que o ciúme nesse versículo se refira ao zelo de Deus por Seu povo, um conceito comum no Antigo Testamento (Êx 20.5; 34.14; Sl 78.58; 79.5) e uma ideia que condiz com o contexto. A amizade com o mundo, mencionada no versículo 4, naturalmente despertaria ciúmes em Deus. No entanto, a expressão *o Espírito que em nós habita* também poderia indicar o espírito humano. Então, o ciúme seria o desejo cobiçoso das pessoas, retomando o tema do versículo 2.

4.6 — *Deus resiste aos soberbos*. Tiago citou Provérbios 3.34 para mostrar que estava certo. Aqueles que se submeterem à sabedoria divina receberão a *graça* necessária de Deus para pôr em prática o tipo de vida que Tiago descreve (Tg 3.13-18). Por outro lado, aqueles que se puserem em altos patamares se verão diante de um terrível inimigo (v. 4). O próprio Deus lutará contra os planos destes por não estarem do Seu lado.

4.7 — *Sujeitai-vos... a Deus*. Devemos obedecer aos dois mandamentos desse versículo na ordem: primeiro, devemos sujeitar-nos a Deus, abandonando nosso orgulho egoísta (v. 1-6). Sujeitar-se ao Senhor também implica revestir-se de toda a armadura de Deus, uma imagem que inclui tudo, desde depositarmos nossa fé nele a mergulharmos na verdade da Palavra de Deus (Ef 6.11-18). Segundo, devemos resistir a qualquer tentação que o *diabo* lançar em nosso caminho. Então o maligno não terá outra escolha: ele *fugirá*, pois pertenceremos ao exército do Deus vivo.

4.8 — *Ele se chegará*. Deus está sempre pronto a aceitar aqueles que realmente se chegam a Ele.

Limpai as mãos... purificai o coração. Os de *duplo ânimo* são aqueles cristãos que têm em seu coração o amor dividido entre Deus e o mundo.

4.9 — *Senti as vossas misérias, lamentai, e chorai*. Quando o cristão que caiu em pecado responde ao chamado de Deus ao arrependimento, ele deve pôr de lado o riso e a alegria para refletir no pecado com genuína vergonha (2 Co 7.9,10).

Neste versículo, *riso* se refere a uma farra imoral, em que pessoas celebram seus pecados na tentativa de esquecer-se do juízo de Deus. O cristão nunca deve rir do pecado. No entanto, a tristeza do cristão leva ao arrependimento; o arrependimento leva ao perdão e o perdão leva à verdadeira alegria com a reconciliação de uma pessoa com Deus (Sl 32.1; 126.2; Pv 15.13).

4.10 — *Humilhai-vos*. O homem que se submete ao Senhor será exaltado de um modo que ele jamais poderia ser. Isso basicamente refere-se à relação espiritual de uma pessoa com Deus.

4.11,12 — *Há só um Legislador e um Juiz*. O Novo Testamento ensina-nos a não julgar (Mt 7.1) porque Deus é o supremo Juiz e Aquele que se vingará daqueles que praticam o mal (Rm 12.9; Hb 10.30). Contudo, as Escrituras também exortam a igreja a exercer juízo sobre seus membros (1 Co 6.2-5). Esse tipo de juízo é a disciplina coletiva exercida de acordo com verdades bíblicas e o modelo em Mt 18.15-20.

4.13-16 — Estas pessoas não pecaram porque fizeram planos, mas, em vez disso, porque ignoraram a brevidade da *vida* humana (v. 14) e não

consultaram o *Senhor* quando fizeram seus planos (v. 15). Essa espécie de orgulho é *maligna* (v. 16).

4.13 — *Iremos... ganharemos*. O problema aqui não é o plano nem o conceito de planejamento; é deixar Deus fora do plano (v. 15).

4.14 — *Não sabeis*. A despeito da fragilidade humana e da ignorância acerca do amanhã, o homem arrogantemente prediz o curso de sua vida.

Porque que é a vossa vida? Essa pergunta pretende despertar a pessoa em meio à sua apatia e levá-la a reavaliar suas prioridades.

Vapor (gr. *atmis*) é usado como referência a fumaça (At 2.19), incenso (Ez 8.11) e névoa. Não faz diferença qual referência seja escolhida, pois todos são transitórios e se vão em um instante. À luz da eternidade, nossa vida parece insignificante.

4.15 — A ordem não significa que a pessoa deve continuar a acrescentar a expressão *se o Senhor quiser* a tudo o que diz. Fazer isso poderia tornar-se uma forma de orgulho. Ao mesmo tempo, a conduta e as ações de uma pessoa deveriam sempre mostrar dependência do Senhor. Ela pode chegar à conclusão, por exemplo, de que a paciência durante a tribulação (Rm 5.3) é uma necessidade maior do que alcançar objetivos.

4.16 — *Gloriais* poderia ser traduzido por *alegrais*. O substantivo *glória* (gr. *alazoneia*) denota vãs pretensões. Um homem que se vangloria de planos futuros enquanto ignora a soberania de Deus é tolo, mas, mais do que isso, sua atitude é *maligna*. A extensão disso marca a degeneração da sociedade contemporânea.

4.17 — *Pois*. Não se faz referência a pessoas em geral aqui, mas a um negociante particular que fez planos sem Deus. Ao que parece, ele

conseguiu ganhar dinheiro, o que ele pressupôs ter sido consequência de sua própria engenhosidade, e não uma dádiva de Deus. A ideia é que o negociante decidiu ganhar dinheiro e depois gastá-lo consigo mesmo. Tiago resume o que já foi dito a cada leitor de sua epístola: é pecado duvidar se uma ação é correta e, não obstante, ir em frente e realizá-la; também é pecado saber o que é certo e, mesmo assim, não o fazer (Rm 14.23). Essa é uma séria advertência contra pecados de omissão (veja em Lc 16.19-31 uma condenação disso).

5.1-6 — Com o mesmo sentimento dos profetas do Antigo Testamento, Tiago pronuncia o juízo contra patrões que tratam seus funcionários de forma injusta (Is 3.14,15; 10.2). Deus julgará aqueles que oprimem os pobres (Ez 18.12,13).

5.1-3 — No mundo antigo, alimento, *vestes* caras e metais preciosos eram sinais visíveis de riqueza. Tiago pronuncia juízo e destruição sobre os três.

5.4 — O desejo desenfreado de acumular riquezas no mundo levou-nos aos piores extremos. Os patrões não só se esforçam por conseguir maiores lucros, mas exploram os funcionários para isso.

Com fraude (NVI), eles enganam os trabalhadores retendo-lhes o salário.

Os *clamores* desesperados resultantes foram em vão, mas a eternidade revela que eles *entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos*.

Esse título de *Senhor dos Exércitos* enfatiza a onipotência de Deus. A despeito de como as coisas possam parecer, Ele é soberano!

5.5 — *Num dia de matança* pode ser interpretado de duas formas. Alguns explicam a



EM FOCO

SENHOR DOS EXÉRCITOS (GR. *KURIOS SABAŌTH*)

(Tg 5.4; Rm 9.29)

O nome também significa *o mestre da criação*. Convinha que Tiago usasse esse título familiar do Antigo Testamento (Si 24.10) em uma carta aos cristãos judeus, pois eles entenderiam que a escolha desse nome específico de Deus fora especialmente apropriada neste contexto. Os ricos oprimem os pobres porque pensam que ninguém irá defendê-los. Mas o Senhor de todos os exércitos do céu e da terra é Defensor dos pobres, e Ele está voltando para endireitar todas as coisas (Tg 5.7).

matança como um abate em massa de animais, em preparação para uma grande festa. Portanto, parece que os preparativos para outros impulsos da carne funcionam perfeitamente. Outros encontram significado escatológico para a expressão (Jr 12.3), fazendo com que se refira ao processo de engorda deles mesmos para seu próprio abate. Talvez o autor tivesse as duas ideias em mente. Eles ansiosamente se preparam para outro “dia de matança” e banquete, enquanto ignoram seu próprio juízo como consequência.

5.6 — O *justo* não se refere a Cristo. É uma expressão comum do Antigo Testamento que enfatiza a vida fiel do cristão. *Resistiu* não diz respeito à oposição do homem bom à maldade do opressor. Trata-se da resposta calada da vítima ao abuso do tirano.

5.7-11 — A volta iminente de Cristo incentiva-nos a suportar os sofrimentos com paciência (v. 8).

Vos queixeis. Não devemos deixar que os momentos difíceis nos levem a queixar-nos ou ser amargos com nossos irmãos em Cristo (v. 9).

O *lavrador* (v. 7), os *profetas* (v. 10) e *Jó* (v. 11) são modelos dessa tolerância paciente para nós.

5.7 — *Sede... pacientes*. Tiago admoesta os cristãos a manterem uma atitude de paciência enquanto sofrem injustiças. Embora deva ser feito todo esforço para melhorar as condições e obter justiça, os cristãos devem manter um espírito de tolerância paciente, mesmo em meio a um cruel tratamento. A Igreja primitiva vivia na expectativa da iminente *vinda do Senhor*. Sua esperança era que, naquele momento, a justiça seria feita tanto para o opressor como para o oprimido. Na volta de Cristo, os erros serão corrigidos e os cristãos, recompensados por sua fidelidade a Cristo (Pv 14.14; Mt 5.12).

5.8,9 — Expressões como *próxima* e *o juiz está à porta* mostram que o Senhor poderia voltar a qualquer momento.

5.10 — O homem que está passando por provações pode consolar-se em saber que outros já enfrentaram situações ainda piores. A palavra *exemplo* (gr. *hupodeigma*) é posicionada antes no grego para nela haver ênfase. O testemunho sincero de um homem pelo Senhor não somente



VOCÊ SABIA?

RIQUEZA ILÍCITA

Ao amaldiçoar os ricos (Tg 5.1-6), Tiago está condenando a posse de bens? A riqueza é inerentemente má? Não, mas Tiago está claramente advertindo aqueles que enriquecem ilicitamente (Tg 5.4) e levam uma vida extravagante enquanto ignoram o próximo (Tg 5.5,6). Esse tipo de pessoas ricas está acumulando juízo para si mesmo (Tg 5.1). Deus irá chamar-nos a prestar contas pelo modo como ganhamos e gastamos nosso dinheiro.

é um ponto positivo para o evangelho; ele frequentemente é a causa da dura oposição de seus inimigos. *Aflição* e *paciência* vêm ambos acompanhados por artigos definidos no original, desta forma: *um exemplo da aflição sofrida e da paciência* acerca da qual Tiago vinha discutindo. *Os profetas* permaneceram leais ao seu Senhor, sofreram por causa disso e agora sua experiência pode encorajar-nos.

5.11 — *Temos por bem-aventurados* contém, de certa forma, um paradoxo, embora seja possível que essa não tenha sido a intenção. De um modo objetivo, enquanto observamos o sofrimento nos outros, nós os encorajamos a suportá-lo, porque a vitória, por fim, virá. No entanto, *quando* [caímos] *em várias tentações* (Tg 1.2), nossa resposta humana imediata muitas vezes é negativa. Jó, que suportou a perda de bens, família e saúde, destaca-se como um exemplo de homem de fé. Seu caso não somente expressa sua paciência, mas demonstra o objetivo e o caráter de seu Senhor.

Uma melhor tradução para *o fim que o Senhor lhe deu* (gr. *telos*) poderia ser “o objetivo do Senhor”. Nosso Senhor permite o sofrimento, porque o sofrimento leva aos propósitos excelentes do Senhor (Rm 8.28; Fp 1.6). Além disso, enquanto os críticos blasfemam Deus por causa do sofrimento humano, o registro de Jó mostra que o Senhor é *misericordioso e piedoso*. O sofrimento, então, deve ser atribuído ao meio para alcançar os supremos propósitos de Deus ou (com mais frequência) à própria ação do homem por meio de líderes corruptos ou do próprio pecado.



PERFIL

A ORAÇÃO DE ELIAS: UM MODELO

Que tipo de pessoa é capaz de orar com eficácia? Tiago apresenta Elias como um exemplo (Tg 5.17,18).

De certo modo, Elias não pode ser tido como um exemplo de pessoa comum. Afinal, ele foi um dos maiores profetas de Israel. Ele enfrentou o perverso casal Acabe e Jezabel, trouxe o castigo da seca sobre a terra, fez descer fogo do céu e foi transportado ao céu em um redemoinho acompanhado por carruagens de fogo (1 Rs 17—22; 2 Rs 1; 2). Quanta coisa temos em comum com esse homem? Como nossas orações poderíamos imitar as dele?

Contudo, Tiago insiste que *Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós*. Assim, ao que parece, ele não orou porque era um grande homem; talvez ele tenha se tornado um grande homem porque orou.

Tiago apresenta algumas razões que explicam por que a vida de oração de Elias era tão eficaz:

- Ele orou; não se pode ser eficaz na oração a menos que se ore, em primeiro lugar.
- Ele orou com fervor, sabia pelo que estava orando e continuou a orar com diligência e disciplina.
- Ele fez uma oração que *pode muito em seus efeitos* (Tg 5.16); ou seja, ele esperou resultados.
- Ele era um homem justo (Tg 5.16); não permitiu que o pecado ofuscasse sua conversa com Deus.
- Ele orou de forma específica, primeiro por uma seca, depois pela chuva, de acordo com a palavra de Deus (por exemplo, Dt 28.12,24); ele orou de acordo com as Escrituras.

Elias foi um grande profeta a quem Deus concedeu resultados extraordinários. Entretanto, não há razão para um cristão hoje não poder orar mediante o uso dos mesmos princípios que ele usou. Imagine o que Deus poderia fazer em nosso mundo se os cristãos comessem a orar como Elias!

5.12,13 — *Não jureis*. Tiago não está proibindo o cristão de fazer um juramento em um tribunal ou invocar Deus como testemunha de alguma declaração significativa (1 Ts 2.5). Em vez disso, ele está proibindo a prática antiga de apelar a vários objetos diferentes para confirmar a veracidade da declaração de alguém. Essa prática se aproximava muito da idolatria, pois implicava que tais objetos tinham espíritos. A advertência nesses versículos pode servir como um lembrete para que observemos aquilo que dizemos. Não devemos usar o nome de Deus de um modo impulsivo; e devemos ter cuidado para falar sempre a verdade.

5.14 — Literalmente, o termo grego traduzido por *presbíteros* referia-se àqueles de idade avançada (1 Tm 5.1). No entanto, a palavra também se referia àqueles que ocupavam posições de autoridade na comunidade ou em uma congregação local. Como oficiais da igreja, os *presbíteros* eram responsáveis pela supervisão pastoral e liderança espiritual. O termo é usado alternadamente com *bispo* no Novo Testamento (1 Tm 3.1 [NVI]; 5.17; Tt 1.5-9).

Ungindo-o com azeite pode referir-se ao tratamento medicinal (Lc 10.34). Contudo, nessa passagem, é muito provável que se refira ao poder de cura do Espírito Santo, pois o v. 15 fala que a oração salva a pessoa. Em todo caso, não há indicação alguma de que chamar os presbíteros seria uma atitude que excluiria a medicação ou a consulta a um médico. *Ungindo-o com azeite* podia ser um procedimento medicinal (Lc 10.34), mas, nessa passagem, simboliza, sem dúvida, o Espírito Santo, porque não é o azeite que cura, mas sim a oração (v. 15).

5.15 — Tiago obviamente não vê a oração e o azeite, ou somente o azeite, como um sacramento, mas atribui a cura em si à oração da fé. A linguagem parece aplicar-se a todo caso de doença, mas a conexão implica que o doente mencionado, além de sua doença física, também estava sofrendo espiritualmente. A Bíblia ensina que a doença pode ser consequência do pecado (Mt 9.2). Nesses casos, a confissão de pecados é um pré-requisito para pôr fim a uma doença conforme a prescrição feita aqui por Tiago, no versículo 16.



EM FOCO

UNGINDO (GR. ALEIPHŌ)

(Tg 5.14; Mt 6.17; Mc 6.13; Lc 7.38; Jo 11.2; 12.3)

A palavra grega *aleiphō* era normalmente usada na literatura grega para denotar uma unção medicinal. Outra palavra grega, *chriō*, era usada para descrever uma unção sacramental. A distinção ainda é observada no grego moderno, com *aleiphō*, que significa *revestir* ou *untar*, e *chriō* que significa *ungir*. Além disso, o azeite era um dos remédios mais comuns dos tempos bíblicos. Portanto, Tiago estava prescrevendo tanto a oração quanto o remédio nesse versículo.

Orar para que as pessoas fiquem boas não deveria ter como objetivo que elas fossem restauradas ao seu velho estilo de vida, mas que seus pecados fossem perdoados e a sua vida consagrada ao serviço de Deus.

A oração da fé. Se o cristão é curado por meio de remédios ou de um milagre, toda cura, por fim, vem do Senhor. É por isso que sempre se devem

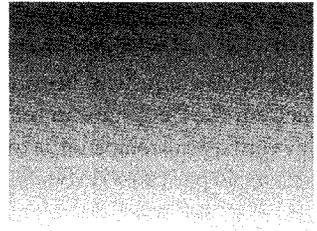
fazer orações pelos doentes (veja uma atitude imprópria com relação à oração em 4.3).

Se hower cometido pecados. O Novo Testamento ensina que a doença pode ser consequência do pecado (Mt 9.2), mas não o é sempre (Jo 9.1-3). Porém, no caso do pecado, a confissão é um pré-requisito para a cura (v. 16).

5.16-18 — *Confessai.* Essa confissão não se dá necessariamente entre a pessoa doente e os presbíteros, embora isso não seja totalmente descartado. Em vez disso, essa exortação se dirige à pessoa doente e a qualquer pessoa com quem o doente precisa reconciliar-se.

A oração... pode muito em seus feitos. Pode significar que (1) a oração é eficaz quando é usada ou (2) a oração fervorosa gera grandes resultados. A ilustração de *Elias* pode favorecer o último significado, pois ele orou *fervorosamente* (NVI).

5.19,20 — *A morte* (gr. *thanatos*) mencionada aqui é a morte física (Tg 1.14,15; 1 Co 11.30; At 5.1-11). Cobrir *pecados* é uma imagem do Antigo Testamento para o perdão (Sl 32.1).



A primeira carta de

Pedro

INTRODUÇÃO

Pagar o mal com o bem parece algo muito nobre, e todos os cristãos concordam que isso é o certo a fazer realmente; no entanto, em meio a lutas e perseguições, demonstrar afeto àqueles que nos perseguem pode ser algo muito difícil.

Os cristãos da Ásia Menor que receberam esta carta de Pedro sabiam disso. Eles descobriram que ter uma vida voltada para Deus quase sempre é o mesmo que ter uma vida cheia de dificuldades. Alguns dos seus problemas vinham do próximo; outros vinham das autoridades governamentais. Pedro escreveu para esses cristãos para encorajá-los, para explicar-lhes a razão do sofrimento e lembrá-los da eterna recompensa que os esperava ao término de sua vida terrena.

Pedro abordou cinco temas diferentes em sua carta.

(1) Ele enfatizou que os cristãos podiam ter por certo que o sofrimento era algo natural em uma vida dedicada a Cristo. O sofrimento estava sendo usado como uma ferramenta por Deus para moldar o caráter divino nos cristãos (1 Pe 1.6-7; 3.14; 4.12-14).

(2) Ele continuou a exortar os cristãos a continuarem tendo uma vida de retidão mesmo diante da maldade que eles estavam enfrentando (1 Pe 1.13-16, 22; 2.1, 5, 11,12; 3.15; 4.1,2, 7-11; 5.8-10). Os cristãos não deviam pagar o mal com o mal, por mais que fossem tentados a agir assim. Mal por mal é uma resposta mundana, e não cristã, à perseguição.

(3) Pedro deixa bem claro a todos os cristãos da Ásia Menor que, por mais que eles sofressem, isso não era um castigo de Deus. Esse sofrimento era consequência da obra que eles

estavam fazendo para Deus e Seu Reino (1 Pe 2.20; 3.16,17; 4.15-19). Embora os cristãos sofressem perseguições e injustiças nessa terra, haveria um tempo em que Deus colocaria em ordem tudo que estava errado e recompensaria todos que sofreram perseguição por causa de Seu nome.

(4) Por essa razão, Pedro encoraja os cristãos a submeter-se aos outros para o bem do evangelho e para que houvesse uma relação harmoniosa entre eles (1 Pe 2.13-19; 3.1-9; 5.1-7). No final, Cristo julgaria seus atos e de modo algum aceitaria as dificuldades que eles enfrentaram como desculpa para sua rebeldia e dissensão.

(5) Pedro então aproveita sua carta para destacar a verdade central do evangelho, que Jesus suportou a agonia da cruz para nos salvar da escravidão do pecado (1 Pe 1.2-5, 7-11, 17-21; 2.21-24; 3.18-22). O exemplo de Jesus — Sua vida sem pecado, Seu silêncio ao passar pelo sofrimento e Seu compromisso com a verdade — era o modelo que deveríamos seguir diante de todas as dificuldades desta vida.

Para alcançar a região central das províncias da antiga Ásia Menor (a atual Turquia), para a qual Pedro escreveu, sua carta teve de viajar milhares de quilômetros por estradas acidentadas e mares revoltos, talvez esbarrando em judeus e gentios, cristãos e pagãos, cidadãos livres e escravos ao longo do caminho. Alguns dos lugares onde a carta foi lida eram centros comerciais cosmopolitas que uniam o Oriente Médio à Europa. Outros lugares eram vilas isoladas. Mas era na Ásia Menor que pequenos grupos de cristãos de classes sociais, étnicas e culturais muito variadas se reuniam para ouvir a Palavra de Deus, louvar a Ele e encorajar uns aos outros na fé.

Embora o progresso cultural não tenha alcançado muitas das cidades em que os cristãos viviam, a hostilidade contra eles e o evangelho era algo constante. Os cristãos eram alvos de ataques porque não participavam mais das práticas religiosas pagãs. E já que eles haviam abandonado os supostos deuses do povo, eles levavam a culpa por todos os desastres naturais e problemas econômicos. E eles ficavam ainda mais vulneráveis em função de serem estranhos onde moravam, pois frequentemente vinham

expulsos de outras cidades por perseguição ou por terem descendência judaica. Esses primeiros cristãos muitas vezes tinham pouca segurança, eram de classes sociais inferiores (muitos eram escravos), e tinham pouco acesso à proteção do governo. Pedro então escreve para encorajá-los. Eles eram peregrinos neste mundo, mas estavam a caminho do seu glorioso lar celestial.

A tradição da Igreja primitiva afirma que o apóstolo Pedro é o autor desta carta conhecida como 1 Pedro. Estudiosos da era Moderna duvidam da sua autoria, sustentando que seu vocabulário e estilo literário são muito rebuscados para um pescador *sem letras e indoutos* (At 4.13 ARA). Muitos desses críticos também argumentam que a teologia da carta se parece mais com a de Paulo. Ela reflete mais o pensamento de Paulo que as experiências da vida terrena de Jesus, o que se esperaria de Pedro, um dos amigos mais chegados de Jesus. Por fim, esses críticos afirmam que as perseguições descritas nesta carta não podiam ter acontecido enquanto Pedro estava vivo. Contudo, nenhum desses argumentos é conclusivo.

Pedro era da Galiléia, uma região que era bilingue. Aqueles que cresciam ali tinham de falar dois idiomas, o grego e o aramaico. Como Pedro era pescador em plena atividade nos seus dias, ele devia falar razoavelmente bem o grego. Além disso, por ter *estado com Jesus* (At 4.13), Pedro deve ter aprendido a expressar-se com o próprio Mestre da comunicação. Como um dos primeiros mestres e pregadores do evangelho, Pedro podia expressar-se fluentemente em grego (At 2). E por mais que seu estilo grego não fosse muito rebuscado, Pedro podia muito bem ter ditado sua carta, talvez para Silvano (1 Pe 5.12), que deixou mais clara sua apresentação (At 15.22-29). O fato de as ideias de Pedro expressas em sua carta serem parecidas com as de Paulo é compreensível, tendo em vista que se conheciam (Gl 2.7-9).

Pedro havia lido as cartas de Paulo (2 Pe 3.15,16), e ambos foram guiados pelo Espírito Santo para escrever suas epístolas. Portanto, encontrar conceitos paulinos na carta de Pedro não é razão suficiente para afirmar que ele não seja seu autor.

A melhor maneira de tratar a questão sobre a suposta falta de conhecimento do autor sobre a vida terrena de Jesus é analisando a própria carta, que revela que ele conhecia plenamente os sofrimentos terrenos de Cristo e fora testemunha ocular de tudo que aconteceu (1 Pe 2.21-23; 3.18; 4.1; 5.1).

Além disso, o propósito de sua carta não era trazer um relato da vida de Cristo. Ao contrário, Pedro queria encorajar os cristãos com o conforto da realidade espiritual que havia por trás da perseguição que eles estavam enfrentando.

Enfim, a perseguição a que Pedro se refere em sua carta é provavelmente aquela local e esporádica, anterior ao reinado de Nero (antes de 68 d.C.) E embora essa terrível perseguição não tenha começado oficialmente até o reinado de Domiciano (95 d.C.) ou de Trajano (112 d.C.), os primeiros cristãos sofreram forte perseguição local desde o início (At 14.19). Para concluir, não há prova substancial alguma que contradiga a consenso de que a carta fora escrita pelo apóstolo Pedro (1 Pe 1.1).

A tradição eclesiástica diz que Pedro morreu em Roma durante a perseguição anticristã que aconteceu no reinado de Nero (54—68 d.C.). Portanto, sua última carta só pode ter sido escrita até 67 d.C.

Muitos são os indícios de que Pedro escreveu esta carta por volta de 62-64 d.C. Primeiro, Paulo não fala coisa alguma a respeito de Pedro estar em Roma, onde escreveu suas cartas (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom) no período de 62—64 d.C. Além disso, Pedro também não menciona o fato de Paulo estar em Roma nesta carta, e menciona apenas Silvano e Marcos como seus companheiros (1 Pe 5.12,13). Isso tudo indica que Pedro escreveu depois de 62 d.C. Mas o fato de ele exortar os seus leitores a submeterem-se às autoridades humanas em 1 Pedro 2.13-15 pode

indicar uma data anterior à perseguição mais cruel que aconteceu depois que Roma foi incendiada em 64 d.C.

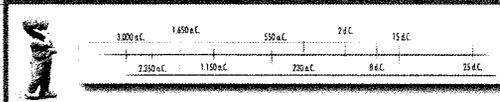
Essa data indica que Pedro escreveu sua carta de Roma, e não de outro lugar. Ele conclui sua carta enviando saudações da *vossa co-eleita em Babilônia* (1 Pe 5.13). Há três suposições sobre o lugar mencionado nesse versículo: Babilônia, às margens do rio Eufrates na Mesopotâmia, uma cidade inexpressiva no mundo antigo também chamada de Babilônia e Roma.

O argumento a favor da Babilônia é que ela é citada no Antigo Testamento como uma cidade de grande poder, uma cidade temida e odiada pelos israelitas (2 Rs 24;25; Is 39; Jr 25). Todavia, no primeiro século, a Babilônia era uma cidade insignificante, sem poder algum. E o mais importante, não há relato algum de que Pedro tenha estado lá. Outras cidades chamadas Babilônia (como o posto militar romano que ficava no Egito, perto de onde hoje se encontra a atual Cairo) também estão fora de cogitação, pois nenhuma delas teve papel relevante na história da Igreja cristã.

Roma, por outro lado, era um centro de oposição ao Cristianismo conhecido em todo o mundo, assim como o coração do império romano. No Novo Testamento, a Babilônia é usada como um pseudônimo da cidade de Roma, o centro do reino das trevas (Ap 14.8; 16.19; 17.5; 18.2,10,21). Além disso, os leitores de Pedro entenderiam Babilônia como um lugar de exílio, algo com que eles mesmos podiam identificar-se, já que ele os chama de peregrinos espalhados por toda a Ásia Menor. Deste modo, Pedro conclui sua carta onde começou, expressando o sentimento de que eles e seus irmãos em Cristo ainda não tinham chegado em “casa”. Pedro usa a palavra Babilônia como um código que os primeiros cristãos entendiam facilmente como sendo Roma, e, ao mesmo tempo, algo mais que uma cidade terrena.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 1 PEDRO



Ano 27 d.C. — André leva Simão Pedro, seu irmão, a Jesus

Ano 29 d.C. — Pedro testemunha a transfiguração

Ano 30 d.C. — Pedro nega seu Senhor às vésperas da crucificação

Ano 30 d.C. — Pedro se torna um dos líderes da Igreja após o Pentecostes

Ano 41 d.C. — Pedro leva pela primeira vez o evangelho aos gentios

Ano 50 d.C. — Pedro fala ao Concílio de Jerusalém

Ano 62—64 d.C. — A primeira epístola de Pedro é escrita

Ano 64—67 d.C. — A segunda epístola de Pedro é escrita

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados em Roma



ESBOÇO

- I. Conforto no sofrimento —1.1-25
 - A. Saudação —1.1,2
 - B. Conforto na graça e salvação de Deus —1.3-12
 - C. Conforto na santidade —1.13-25
- II. A santidade na prática —2.1 — 3.22
 - A. A base da santidade —2.1-3
 - B. A participação em uma comunidade santa —2.4-10
 - C. Uma vida irrepreensível, a resposta à perseguição —2.11 — 3.13

- D. A vitória no sofrimento injusto —3.14-22
- III. A significância espiritual do sofrimento —4.1-19
 - A. O sofrimento físico, uma forma de mortificar a carne —4.1-6
 - B. O amor de uns pelos outros mesmo no sofrimento —4.7-11
 - C. O fogo purificador da perseguição —4.12-19
- IV. O amor divino como um guia na vida da igreja —5.1-11
 - A. Os pastores devem apascentar com amor —5.1-7
 - B. O diabo deve ser resistido por meio da graça divina —5.8-11
- V. Bênção e saudações finais —5.12-14

COMENTÁRIO

1.1 — *Pedro*, o autor desta carta, escreve aos cristãos que viviam na *Ásia Menor* (a atual Turquia). Como um modo de encorajá-los, ele se identifica com aqueles que vivem à luz de seu relacionamento com Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (v. 2).

Apóstolo. Pedro recebe uma missão especial do Senhor para atuar como uma autoridade oficial e um representante de Deus entre os cristãos, a fim de levar a mensagem de Deus a eles.

Estrangeiros. Esses cristãos não pertenciam ao mundo em que viviam, mas a um mundo celestial.

Dispersos. Esse termo nos remete àqueles que estavam espalhados entre os estrangeiros, como os judeus exilados do Antigo Testamento que não viviam em sua terra natal, mas na Babilônia.

Ponto... Bitínia. Pedro endereça sua carta aos cristãos da província da *Ásia Menor*. Essa região havia sido amplamente evangelizada por Paulo durante suas viagens missionárias (At 2.9-11; 16.6,7; 18.23; 19.26).

1.2 — Os cristãos são escolhidos para fazer parte da família de Deus não porque fizeram alguma coisa para merecer isso ou porque são especiais, mas por causa da infinita misericórdia do Senhor e de Seu amor incondicional.

Santificação é o processo contínuo pelo qual o Espírito Santo trabalha na vida dos cristãos, tornando-os santos e separando-os de seus caminhos maus, para que eles se pareçam cada vez mais com Deus.

Obediência. Um dos motivos pelos quais Deus nos escolhe é para que sirvamos a Ele.

Aspersão do sangue. Esse conceito, o segundo motivo pelo qual Deus nos escolhe, chama nossa atenção para três situações no Antigo Testamento em que os israelitas aspergiavam sangue de animais: (1) A aspersão de sangue sobre os israelitas no monte Sinai por Moisés para simbolizar a sua iniciação à aliança (Êx 24.5-8); (2) A aspersão de Arão e seus filhos para serem sacerdotes de Israel (Êx 29.19-21); e (3) A aspersão de sangue feita pelos sacerdotes sobre os leprosos para simbolizar sua purificação (Lv 14.1-9). Pedro aqui tinha em mente um desses três casos.

1.3-11 — Deus supre todas as nossas necessidades nesta vida e fará isso na vida futura também. É por isso que podemos enfrentar nossos problemas diários com alegria, sabendo que nossa existência e nosso destino estão nas mãos de Deus. O que Ele nos deu é algo especial — tão especial que os santos do Antigo Testamento desejavam entender e os anjos do céu maravilham-se.

1.3 — *Segundo a sua grande misericórdia.* Nossa salvação está fundamentada na misericórdia de Deus, na atitude de compaixão que Ele teve para conosco, embora fôssemos pecadores.

Nos gerou de novo. Deus deu aos cristãos uma nova vida espiritual, que os leva a viver de uma maneira totalmente diferente da que viviam antes.

Para uma viva esperança. *Esperança* aqui não significa apenas um desejo, mas uma forte convicção de que a vida não acabará com a morte, mas continuará por toda a eternidade. C. S. Lewis disse que *a esperança é uma das virtudes teológicas*. Isso significa que a busca constante do mundo eterno não é (como alguns acham hoje em dia) um sentimento ou uma forma de escapismo da realidade, mas algo que é essencial para os cristãos. No entanto, isso não significa que devemos conformar-nos com o mundo do jeito que ele está. Se estudarmos a história, veremos que os cristãos que mais fizeram por este mundo foram aqueles que mais pensaram no futuro. Os próprios apóstolos, que deram início à conversão do império romano, os grandes homens que constituíram a Idade Média e os evangélicos ingleses que aboliram a escravidão, todos deixaram sua marca nesta terra, justamente porque sua mente estava no céu. E foi justamente por terem deixado de



APROFUNDE-SE

A PERSEGUIÇÃO EM BITÍNIA

Bitínia, junto com o território do Ponto que ficava próximo a ela, formava uma província romana a noroeste de Anatólia. Durante o período helenista, ela havia sido um reino importante, bem como um centro da língua e da cultura grega. Apesar de Paulo não ter evangelizado essa região (At 16.7), a saudação em 1 Pedro 1.1, endereçada aos cristãos de Ponto e de Bitínia, mostra-nos que o Cristianismo chegou até lá de outra forma.

Uma das primeiras evidências de que Roma tinha conhecimento do Cristianismo vem da Bitínia. As cartas que Plínio, o moço, enviou a Trajano descrevem várias razões que defendem a perseguição aos cristãos (*Epistulae* 10.95-96). Plínio foi o governante das províncias do Ponto e da Bitínia de 111 a 113 d.C. Em sua correspondência oficial, ele relata a Trajano sua preocupação com o rescimento do Cristianismo.

A correspondência entre esse governante e seu imperador nos mostra como os romanos lidavam com a religião cristã naquela região. De acordo com Plínio, a perseguição imposta aos cristãos gerou um resultado contrário ao que se esperava. Trajano responde a Plínio dizendo que os cristãos não deveriam ser perseguidos diretamente. Entretanto, ele dá sua permissão para que sejam punidos aqueles cristãos que não obedecessem a certas ordens romanas. A carta de 1 Pedro aos cristãos na Bitínia, no Ponto e em outras regiões foi um verdadeiro encorajamento para que eles pudessem estar preparados para mais perseguições no futuro (1 Pe 1.6,7).

pensar no mundo vindouro que os cristãos se tornaram tão ineficientes como são hoje. Almeje o céu e você o “trará” à terra; almeje a terra, e você não trará coisa alguma.

Pela ressurreição. Embora esta frase possa alterar o sentido de *para uma viva esperança*, seu contexto sugere que isso deva ser entendido como um meio de alcançarmos a salvação, e não um meio de levar-nos a ter esperança (1 Co 15.12-19).

1.4 — A palavra grega traduzida como *herança* aqui indica uma realidade tanto do presente quanto do futuro. Deus já determinou que um dia gozaremos dessa herança em toda a sua plenitude. Veja que Pedro diz que um dos motivos pelos quais Deus nos deu uma nova vida em Jesus Cristo (v. 3) foi para que recebêssemos essa maravilhosa, perfeita e eterna herança.

Guardada. Pedro aqui deve ter se lembrado do compromisso incondicional que o Senhor assumiu com ele, conforme vemos em João 14.1-4, depois de profetizar que ele o negaria três vezes.

1.5 — *Estais guardados.* Deus guarda Seu povo dos ataques externos e protege-o dentro dos limites do Seu Reino. É por isso que Pedro usa aqui essa expressão.

Revelar. Nós ainda não podemos ver ou compreender plenamente a salvação que Deus preparou para nós, mas um dia poderemos (1 Co 4.5; 1 Jo 3.2).

1.6 — *Contristados.* Embora haja muita alegria pela salvação que Deus nos preparou, também haverá muita aflição por causa das lutas e dificuldades dessa vida.

Com várias tentações. *Tentações* aqui, assim como no versículo 7, refere-se às experiências que temos em nossa vida, e não àquilo que nos induz ao pecado. Veja que nenhum problema é citado aqui em particular, mas todas as provações que enfrentamos na vida.

1.7 — *Prova.* Assim como o ouro é purificado pelo calor intenso, a veracidade e a pureza da nossa fé também são reveladas pelas ardentes provas por que passamos. Por fim, a prova da nossa fé não somente nos leva à salvação eterna, mas também desenvolve nossa capacidade de glorificar ao Senhor *Jesus Cristo*, a fim de que

reinemos com Ele quando entrarmos em Seu Reino (Rm 8.17; 2 Tm 2.12; Ap 5.9-12).

1.8 — *Não o havendo visto.* Poucos crentes tiveram o privilégio de andar e conversar com Jesus quando Ele esteve nesta terra (Jo 20.29). Muitos de nós nos enquadrámos no que Pedro diz aqui, pois, embora nunca tenhamos tido um contato físico com Jesus, cremos nele e o amamos de igual forma.

Gozo inefável. Essa expressão só aparece aqui em todo o Novo Testamento. Ela expressa uma alegria indizível. Tão grande que toma conta de nós, de forma que nem conseguimos demonstrar nossa gratidão ao nosso glorioso Deus.

1.9,10 — *Alcançando o fim.* Por mais que passemos por dificuldades nesta vida, o resultado por termos confiado em Deus em meio a tudo isso é maravilhoso — a nossa *salvação*, que aqui tem um sentido escatológico.

A salvação da alma. Esta expressão aponta para a nossa glorificação no céu e, talvez, para a recompensa que receberemos por termos seguido a Jesus (Mt 16.24-27; Tg 1.21).

Os profetas. Pedro nos leva a entender que os profetas do Antigo Testamento conheciam a graça salvadora que um dia nós receberíamos e, por essa razão, estudaram-na detalhadamente e com muito afincamento.

1.11 — O foco do estudo dos profetas do Antigo Testamento (v. 10) não era saber o *que* os levaria à salvação, mas *sim quando* eles seriam salvos. Eles queriam saber quando o Messias sofreria e a glória do fim dos tempos seria revelada. Veja que o *Espírito de Cristo*, e não os profetas, é que estava profetizando (2 Pe 1.20,21). Os profetas eram porta-vozes de Deus, e não inventores de ideias.

1.12 — *Foi revelado.* Deus deixa bem claro aos profetas que eles não teriam as mesmas experiências em Cristo que nós teríamos, que eles estavam servindo a Ele para o nosso bem.

Pelo Espírito Santo. O homem pode até pregar a mensagem de salvação de Deus, mas no fim é o Espírito Santo que proclama essas grandes verdades. Até os anjos ficam impressionados com a maravilhosa salvação que Deus preparou para nós (Ef 3.10).

1.13-25 — Os cristãos são desafiados a levar vidas santas e servir fielmente ao Senhor por causa da obra extraordinária que Ele fez por nós na cruz e porque nosso tempo nesta terra é muito curto.

1.13 — *Cingindo os lombos do nosso entendimento.* Assim como as pessoas nos tempos bíblicos juntavam suas vestes e as cingiam ao redor da cintura a fim de que pudessem mover-se mais rápida e livremente, nós temos de fazer o que for preciso para que nosso coração esteja naquilo que nos leva a servir a Deus fielmente, e, ao mesmo tempo, rejeitar todo o embaraço do nosso pensamento (Hb 12.1).

Sede sóbrios. A preocupação de Pedro aqui é que sejamos sensatos em nosso julgamento, usando tanto nossa mente quanto nosso espírito.

Esperai inteiramente. Precisamos mostrar o quanto temos certeza de que Deus fará tudo que Ele nos prometeu (v. 3; Rm 8.24,25).

Graça [...] na revelação de Jesus Cristo. Do começo ao fim, somos o alvo da abundante graça de Deus (Rm 8.28-30).

1.14 — *Como filhos obedientes.* Isto nos mostra que devemos sempre obedecer a Deus porque, segundo nossa nova natureza, somos filhos da obediência.

Não vos conformando. A vida do cristão não deve ter como padrão os desejos que o dominavam antes de sua conversão, quando ele, até então, ainda não conhecia a vontade de Deus (Rm 12.2).

1.15-19 — Há três motivos pelos quais devemos ser santos. Deus é santo (v. 15,16); Deus nos conhece e julga cada um de maneira justa (v. 17); e somos remidos pelo sangue de Jesus (v. 18,19).

1.15 — *Mas.* Pedro usa essa conjunção para nos mostrar o modo como devemos ser diferentes (isto é, santos) do que éramos antes (1 Pe 1.14).

Santos se refere a alguém separado, destacado. Nós temos de viver totalmente separados dos pecados deste mundo, para nos dedicarmos inteiramente a Deus.

1.16 — *Porquanto está escrito.* A vinda de Cristo não diminuiu ou mudou o que Deus

esperava do Seu povo. Nos dias do Antigo Testamento, ele tinha de ser santo; nos dias do Novo Testamento, ele tinha de ser santo; e hoje, nós também temos de ser santos (Lv 11.44).

1.17 — *Julga segundo a obra de cada um.* Nosso Pai celestial é também Juiz. Apesar do relacionamento que temos com Ele, como filhos, não estamos isentos do juízo. Deus não demonstra favoritismo ao julgar, mas aplica Sua sentença a todos nós, *segundo* as nossas obras.

Em temor. Os cristãos devem entender estas palavras como misto de medo e reverência. Jamais devemos esquecer-nos de que Deus é o nosso misericordioso Salvador (v. 3; 18-21), mas também um juiz justo (v. 15-17). Sendo assim, não devemos vê-lo apenas como alguém que nos causa pavor e fugir dele por causa disso, nem vê-lo somente como alguém que devemos respeitar.

1.18 — *Resgatados* nos dá a ideia de algo que é oferecido, geralmente em dinheiro, em troca da liberdade de um escravo ou prisioneiro de guerra. Deus comprou nossa liberdade, pagou por nós com a vida de Seu próprio Filho (v. 19).

Vossa vã maneira de viver. Pedro não está falando de uma ação específica aqui, mas de uma maneira de viver que seus leitores herdaram de seus pais. Seu modo antigo de viver era fútil, sem poder algum e incapaz de garantir-lhes a salvação. Os leitores de Pedro precisavam ser tirados daquela situação onde não havia esperança alguma.

1.19 — *O precioso sangue.* A maneira que Deus usa para nos salvar é diferente das tentativas que o homem faz para receber a salvação usando meios humanos (v. 18).

Um cordeiro. Pedro descreve Jesus como o Cordeiro sacrificial definitivo, que foi oferecido em nosso lugar para pagar pelos nossos pecados. Essa analogia aqui pode ser uma referência ao cordeiro pascal (Êx 12.3-6) ou aos inúmeros cordeiros que foram oferecidos como parte do sistema sacrificial do Antigo Testamento (Lv 23.12; Nm 6.14; 28.30). Os cristãos do primeiro século reconheciam Jesus como o Cordeiro de Deus sem defeito que pagou o preço pelos pecados do mundo (Jo 1.29).

1.20 — *Conhecido antes da fundação do mundo.* Deus já conhecia aquele que nos traria a salvação (v. 2), e também aqueles a quem ela estava assegurada (Rm 11.2).

Mas manifestado. Isto contrasta com a primeira parte deste versículo. O que somente Deus sabia antes da fundação do mundo é revelado a nós agora.

1.21 — *Para que.* A vinda de Cristo levou-nos a pôr nossa confiança em Deus.

1.22 — Pedro não está dizendo aqui que somos nós mesmos quem purificamos nossa *alma*, mas que ela é totalmente purificada quando somos obedientes à *verdade* de Deus. Contudo, não fica claro aqui se essa obediência é uma referência ao processo de conversão ou ao processo de santificação que ocorre depois da conversão. Este parece adequar-se mais ao contexto dos v. 20,21, já aquele parece adequar-se mais ao conceito geral sobre a santidade de que Pedro trata em sua carta.

Não fingida. O verdadeiro amor é aquele que é puro e sincero, sem hipocrisia.

Amai-vos ardentemente uns aos outros. Nós devemos amar nossos irmãos intensamente, tendo um verdadeiro compromisso de amor para com eles.

1.23 — *De novo gerados.* Embora essa ideia de nascer de novo seja muito utilizada pelos cristãos hoje em dia, ela raramente é encontrada no Novo Testamento (veja como Jesus a usa em João 3.3-8). Os cristãos estavam mortos em seus pecados antes de sua vida ter sido renovada pelo Espírito Santo (Ef 2.1). A ideia aqui é a mesma contida na *lavagem da regeneração* (Tt 3.5) e o mesmo conceito de *filhos de Deus* que há na primeira epístola de João (1 João 3.1,2).

1.24 — *Secou... caiu.* Pedro exemplifica nossa natureza transitória citando o Antigo Testamento, comparando-nos com as coisas passageiras deste mundo — em oposição à constante obra de Deus e Sua Palavra eterna (v. 23,25; Is 40.6-8).

1.25 — *A palavra que entre vós foi evangelizada.* Esta frase é melhor entendida assim: *a palavra, o evangelho que foi pregado.* Portanto, o que permanece para sempre é o evangelho, ou seja, as boas novas de Jesus Cristo.



EM FOCO

PALAVRA (GR. *LOGOS*)

(1 Pe 1.23; 2.8; 3.1, 15; 4.5; Rm 9.6; Ef 1.13)

Palavra (gr. *rhema*)

(1 Pe 1.25; Rm 10.17; Ef 5.26)

Em 1 Pe 1.23, o substantivo grego traduzido por *palavra* é *logos*, que inicialmente se referia a um conceito. Em 1 Pe 1.25, o substantivo grego é *rhema*, que inicialmente se refere à palavra falada. A palavra falada é o evangelho pregado e anunciado (*rhema* é o termo usado em Romanos 10.17,18).

A *palavra do Senhor* é a mensagem do evangelho sobre o Senhor Jesus Cristo. Essa é a palavra que faz com que homens e mulheres nasçam de novo. Pedro faz uma adaptação do texto do Antigo Testamento (que diz: *a palavra de nosso Deus* em Isaías 40.6-8) para seu contexto no Novo Testamento.

2.1-10 — O desejo de Deus é que os cristãos deixem as coisas do mundo e voltem-se totalmente para Ele. E quando fizerem isso, eles entenderão que receberam o que o mundo rejeitou, e o que eles rejeitaram é o que o mundo recebeu. Eles verão que isso é uma realidade em sua vida porque foram escolhidos por Deus para não mais fazerem parte deste mundo, a fim de que pudessem viver não mais como as pessoas que aqui vivem, mas como filhos de Deus.

2.1 — *Malícia.* Essa é uma palavra que nos traz, de modo geral, um sentido de maldade ou impiedade, que engloba tanto o desejo (desejar o mal a alguém) quanto a ação (fazer mal a alguém de fato).

Engano é uma palavra que, também de um modo geral, representa o pecado (1 Pe 2.22; 3.10) e sugere o uso deliberado de truques e artimanhas para enganar alguém.

Fingimentos. Pedro usa essa palavra no plural para expressar que toda atitude para esconder as más intenções contra alguém atrás de uma máscara de santidade é errada e tem de ser evitada.

Invejas. Também no plural, essa palavra representa um sentimento de ciúme e de má-fé que um indivíduo tem por outra pessoa, por algo que ela tem a mais do que ele.

Murmurações. Essas são palavras ditas para denegrir ou acabar com a reputação de alguém (ou seja, calúnias).

2.2 — *Desejai* não quer dizer meramente querer alguma coisa, mas ansiar com todo o nosso ser.

Para que [...] vades crescendo. O objetivo de estudar a verdade de Deus não é apenas aprendê-la mais, e sim amadurecer na fé.

2.3 — *Se é que já provastes.* A construção gramatical grega aqui pressupõe que isso seja verdade: os leitores de Pedro tiveram uma experiência pessoal que os levou a entender na prática a graça de Jesus.

2.4 — *Pedra viva.* Esse termo aponta para a citação do Antigo Testamento que há nos v. 6-8. Jesus, a pedra viva, é maior que o templo do Antigo Testamento. Isso pode ser também uma crítica sutil aos ídolos de pedra que os gentios adoravam antes de tornarem-se cristãos. Portanto, Jesus é maior que a tradição que eles receberam de seus

pais (v. 18), Ele é maior que o templo em Jerusalém e que as tradições dos gentios com seus ídolos de pedra e sem vida. Há uma nova casa de Deus, da qual Jesus é a pedra angular, que está viva: a assembleia de todos os cristãos, a Igreja (v. 5).

Reprovada. Não receber a Jesus é o mesmo que rejeitá-lo (Jo 3.18; Rm 1.18-23).

2.5 — Os cristãos são parte do grande projeto da casa espiritual de Deus.

As pedras aqui se referem às pedras que eram moldadas e preparadas para serem usadas em construções.

Um *sacerdócio santo*. Diferente do sacerdócio do Antigo Testamento, em que somente aqueles que nasciam de uma certa tribo podiam ser sacerdotes, todos que nasceram de novo e fazem parte da família de Deus, ou seja, todos os cristãos, são sacerdotes que têm o privilégio e a responsabilidade de oferecer a Deus *sacrifícios espirituais* (Rm 12.1,2; Hb 13.15,16).



APLICAÇÃO

O CHAMADO CRISTÃO À SANTIDADE

Ao escrever aos cristãos que estavam sofrendo uma terrível perseguição da cultura pagã, Pedro os exorta a levar uma vida santa. Encontramos a palavra *santo* (gr. *hagios*) sete vezes na primeira epístola de Pedro referindo-se à conduta ou comportamento. E até mesmo quando essa palavra não é usada explicitamente, a pureza de conduta é prescrita várias vezes.

Santo significa sagrado, ser consagrado a Deus ou ser digno de Deus. Para ser compatível com esse adjetivo, algo ou alguém não deve ter impureza alguma. Não pode haver também mácula alguma, seja ela de ordem moral ou espiritual. Ser santo é ser livre de tudo que ofende o Deus perfeito.

Isso pode parecer um estado impossível de se alcançar, afinal de contas, como criaturas decaídas e imperfeitas como nós podemos guardar o mandamento de *ser santos em toda {nossa} maneira de viver* (1 Pe 1.15)? A resposta se encontra no segundo versículo da carta de Pedro: a *Santificação*, o processo pelo qual somos feitos santos, *do Espírito* (1 Pe 1.2). O Espírito de Deus, que passa a habitar em nós desde o momento em que somos salvos, é que pode transformar-nos. Pelo poder do Espírito Santo, somos capazes de abster-nos *das concupiscências carnis, que combatem contra a alma* (1 Pe 2.11). Quando nos rendemos a Deus, e quando resistimos ao diabo e às suas tentações de modo sóbrio e vigilante (1 Pe 5.9), acabamos descobrindo que Deus pode e nos *aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá* (1 Pe 5.10).

Uma vida santa deve ser nosso objetivo, não somente porque Deus nos manda viver assim, mas porque isso é o que mais se adequa à nossa verdadeira identidade. Em Cristo, não somos mais cidadãos de um mundo pecaminoso, mas o *povo de Deus* (1 Pe 2.10). Nós somos *peregrinos e forasteiros* nesta terra, a caminho do nosso verdadeiro lar, que está no céu (1 Pe 2.11).

Além disso, a santidade serve ao propósito evangelístico. É a *geração eleita* e a *nação santa* que deve anunciar a *virtude daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz* (1 Pe 2.9). E é o nosso *viver honesto* e as nossas *boas obras* que levam os malfetores a glorificar a Deus (1 Pe 2.12).

Por fim, Pedro fala do dia em que estaremos diante de Deus e daremos conta a Ele pela maneira como vivemos. Aqueles que tiveram uma vida de temor (reverência) a Deus, o que os levou a ter uma vida santa, foram os que melhor se prepararam durante o tempo de sua *peregrinação* (1 Pe 1.17)

2.6 — *Pedra principal da esquina.* Jesus é a base de sustentação onde o alicerce de todas as pedras vivas da casa espiritual (v. 5) é assentado (Is 28.16). Nas construções antigas, a pedra da esquina era a primeira a ser colocada sobre a fundação, e só depois todas as outras pedras eram alinhadas a ela. Sendo assim, já que somos parte da casa de Deus, nosso olhar deve estar sempre voltado para essa pedra (Hb 12.2).

Confundido. Aqueles que confiam em Jesus nunca serão envergonhados por tê-lo como alvo de sua vida.

2.7 — *Para vós, os que credes, é preciosa.* O grego diz exatamente assim: *a honra é para vocês que creem.* A honra ou privilégio que temos é que jamais nos envergonharemos do nosso relacionamento com Jesus Cristo (v. 6) ou tropeçaremos por causa dele (v. 8).

Para os rebeldes. Isto (no grego, uma palavra só: *apistousin*) representa aqueles que são contrários *aos que creem* e significa literalmente *aqueles que não creem.*

Reprovaram indica que os descrentes, depois de analisarem Jesus para verem se Ele se adequava às suas necessidades, viram que era inútil ou que não valia a pena crer nele. Embora ele não fosse o que eles esperavam, foi Ele a quem Deus Pai escolheu especificamente para ser o fundamento da Sua obra eterna.

2.8 — *Pedra de tropeço e rocha de escândalo.* Os descrentes, por não crerem na Palavra de Deus, acham Jesus repugnante, uma barreira no seu caminho e o motivo do seu ódio e da sua rejeição.

Para o que também foram destinados. O grego não deixa claro se os que são descrentes hoje em dia (v. 7) são eleitos para tropeçar, ser desobedientes, ou ambos. No entanto, o contexto revela que Deus é quem determina isso.

2.9 — *Mas vós.* Este versículo é completamente oposto ao anterior, e mostra a diferença entre os que creem em Jesus Cristo e os que não creem.

Geração eleita. Deus não deixou de lado aqueles que farão parte de um grupo específico de pessoas, aqueles que irão servir-lhe; ao contrário, Ele mesmo os escolheu.

Sacerdócio real. Os cristãos não são transformados apenas por dentro (o v. 5 nos descreve como *sacerdócio santo*), mas por fora também. Somos sacerdotes dotados da capacidade de governar, como reis.

Nação santa. Os cristãos são um grupo especial de pessoas separadas como instrumentos de Deus.

Povo adquirido. Deus protege aqueles a quem Ele adotou e que agora fazem parte de Sua família.

Para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou. Nós fomos transformados dessa forma maravilhosa para que pudéssemos proclamar ao mundo as obras desse Deus glorioso.

2.10 — *Alcançado misericórdia.* Embora merecêssemos ser condenados por causa da nossa incredulidade (Jo 3.18,36; Ef 2.1-3), nós não estamos mais debaixo dessa acusação (Ef 2.4-7).

2.11-15 — *Permanecer fiel a Deus* significa ter uma vida que sempre segue o que é certo — uma vida submissa aos outros em nome de Deus. *Permanecer fiel a Deus* também significa sofrer por Ele e tomar as mesmas atitudes que Jesus tomou ao sofrer em Seu ministério terreno (Rm 8.17; Fp 1.29).

2.11 — *Peregrinos e forasteiros.* Com essas palavras, Pedro lembra aos cristãos (1 Pe 1.1) que nosso lar não é nessa terra. Nós somos estrangeiros aqui, viajando para nosso lar celestial, o céu. A palavra traduzida como *abster* significa literalmente “manter-se afastado de outra pessoa”. Em outras palavras, nós temos de afastar-nos dos nossos desejos egoístas.

Combatem. A vida não é um jogo, mas uma batalha a ser travada; e essa batalha é uma questão de vida ou morte (Rm 7.23; Tg 4.1). Mas essa batalha não é travada em um plano físico ou temporal, mas espiritual.

2.12 — *Tendo o vosso viver honesto.* Pedro dá ênfase aqui à verdadeira conduta dos cristãos. Quando temos uma luta interior (v. 11), o mais importante é agirmos da maneira correta, pois vivemos num mundo onde somos considerados estranhos.

Gentios aqui se refere àqueles que não creem em Jesus, não aos não-judeus.

Falam mal de vós, como malfeitores. Por mais que façamos boas obras, nós seremos perseguidos pelos ímpios.

Que em vós observem. O verbo grego traduzido como *observar*, usado somente aqui e em 1 Pe 3.2, significa um exame detalhado e constante — neste caso, da conduta dos cristãos.

O *Dia da visitação* provavelmente se refere ao dia do juízo final, quando todas as pessoas, cristãs e não cristãs, dobrarão seus joelhos diante de Jesus Cristo e reconhecerão quem Ele é e o que Ele fez por meio de Seu povo.

2.13 — Pedro praticamente ordena aos cristãos que se submetam às autoridades humanas. Ele não fala de submissão como uma escolha ou uma convicção pessoal. Ele deixa bem claro que isso é uma obrigação de todo cristão.

A toda ordenança humana. Isso indica que a submissão dos cristãos não deve ser exercida somente em relação às autoridades civis (v. 14), mas a todo tipo de governo que eles encontrarem (1 Pe 2.18; 3.1).

Por amor do Senhor. Não devemos submeter-nos por força ou por coação, mas de bom grado e com alegria, para que Deus seja glorificado. Os cristãos jamais devem ter uma atitude de rebeldia.

2.14 — *Governadores.* Esse termo era usado pelos gregos para designar qualquer pessoa, e não o governante supremo de uma nação (v. 13), que exercia autoridade em nome de um governo ou uma nação.

Para castigo dos malfeitores. Uma das funções dos governantes era julgar aqueles que faziam algo errado.

Para louvor dos que fazem o bem. Pedro não está dizendo aqui *para aqueles que são cristãos*, mas *para aqueles que fazem o bem*, sendo eles cristãos ou não. Uma das responsabilidades mais básicas do governo é recompensar aqueles que agem como bons cidadãos.

2.15 — *A vontade de Deus.* A autoridade que respalda a ordem de Pedro para sermos obedientes às autoridades civis vem do Deus do universo, do Governador soberano sobre todos os governos e cidadãos, todos os cristãos e não-cristãos.

Tapeis a boca. Nossa conduta deve deixar nossos acusadores sem palavras, boquiabertos.

Ignorância dos homens loucos. O mundo está totalmente inserido em trevas (v. 9) quando se trata de reconhecer que a mão de Deus está constantemente operando.

2.16 — *Não tendo a liberdade.* A liberdade em Cristo deve ser usada com sabedoria (1 Co 6.12,13; 10.23-31).

Por cobertura da malícia pode ser entendido como uma desculpa diante de alguma situação (por um erro cometido) ou depois de algo acontecer (para esconder um erro). O contexto aqui parece dizer respeito à segunda hipótese.

Como servos de Deus. Nós temos de submeter todas as nossas ações a Deus, pois Ele é o nosso Senhor.



APLICAÇÃO

ENFRENTANDO DIFICULDADES

Como os cristãos devem reagir às injustiças no seu local de trabalho? Com bom senso. Há sempre a ocasião certa para que lutemos pelos nossos direitos ou pelos direitos dos outros. As Escrituras nos fornecem muitos exemplos e orientações sobre isso. Por exemplo, Jesus nos ensinou a como lidar com um cristão em pecado (Mt 18.15-17), e Paulo apelou para César quando percebeu que estava sendo furtado do seu direito à justiça (At 25.8-12).

Por outro lado, há ocasiões em que devemos sofrer injustiça calados para darmos testemunho, como Pedro nos ensina (1 Pe 2.18-21). Jesus disse o mesmo àqueles que o seguiam (Mt 5.38-42) e Paulo exortou os cristãos a evitarem os processos civis uns contra os outros para não mancharem seu testemunho (1 Co 6.7).

Seja como for, os cristãos jamais devem fazer vista grossa diante da injustiça. Se nosso patrão estiver sendo muito injusto, o melhor a fazer é deixar o emprego. Devemos fazer isso não por covardia ou por não quisermos enfrentar dificuldades, mas para honrarmos a Cristo ou talvez encontrarmos uma alternativa mais justa e edificante.

2.17 — *Honrai a todos.* Nós devemos tratar todos com muito respeito.

Amai a fraternidade. Precisamos ter um relacionamento especial com nossos irmãos em Cristo (Gl 6.10).

Temei a Deus. Nossa reverência a Deus deve ser a base de nossos relacionamentos. Todos nós fomos criados à Sua imagem, e foi Ele quem elegeu nossas autoridades. Deste modo, temos de tratar todos com amor e respeito.

Honrai o rei. Temos de demonstrar grande respeito por aqueles que estão em posições de autoridade.

2.18-20 — A conduta dos cristãos tratada nesta passagem diz respeito à relação patrão-empregado de hoje em dia.

Servos. Aqui, este termo denota escravos de uma família.

Com todo o temor. Significa com reverência a Deus.

Fazendo o bem (v. 20). Isto é, aos olhos de Deus. Quando nós, fazendo o bem, suportamos perseguição injustamente, Deus agrada-se por ver que Sua graça está agindo em nossa vida.

2.18 — *Servos.* De um terço a um meio da população do império romano era formada de escravos. E a porcentagem de cristãos que eram escravos devia ser ainda maior.

Sujeitai-vos com todo o temor. Todo trabalhador deve levar suas responsabilidades a sério.

Mas também ao mau. Os cristãos devem servir com respeito até mesmo aos piores patrões.

2.19 — Aqueles que são fiéis quando servem a Deus, mesmo sofrendo injustiça, agradam a Ele. Esse sofrimento proporcionará uma grande recompensa (Mt 5.10-12; Rm 8.17,18; Fp 1.19; 2 Tm 2.12). O próprio Pedro perguntou a Jesus sobre isso e foi encorajado por Ele ao ter a certeza de que receberia a recompensa divina (Mt 19.27-30).

Sofra agravos. Os cristãos não devem meramente sobreviver às dificuldades da vida, mas têm de carregar pacientemente seus fardos.

Padecendo aqui não tem um sentido de perda, mas de ser afligido mesmo.

Injustamente. Este versículo fala da injustiça na vida daqueles que não são tratados como deveriam.

2.20 — *Glória* significa algum benefício ou ganho pessoal. Não há glória alguma nos cristãos que são punidos por algo que fizeram de errado; contudo, o grande mérito está em honrarmos a Deus com nossa conduta quando somos injustamente acusados (1 Pe 3.17).

Fazendo o bem. A tolerância e a perseverança nas aflições agradam a Deus.

2.21 — *Porque para isto sois chamados.* Ser cristãos em parte nos proporciona o grande privilégio de servir a Deus fielmente quando somos julgados injustamente (Fp 1.29).

Deixando-nos o exemplo. Quando observarmos como Cristo lidou com o castigo injusto, isso nos mostra como podemos suportar as aflições também.

2.22 — *O qual não cometeu pecado.* Jesus foi perfeito em tudo que fez, até mesmo quando foi condenado à morte injustamente pelo mundo.

Nem na sua boca se achou engano. Jesus sempre foi perfeito em Seus atos e pensamentos.

2.23 — *Não injuriava.* Apesar de ter sido injuriado, Jesus manteve o total controle de Suas palavras e não pagou a pessoa alguma com a mesma moeda.

Não ameaçava. Apesar de toda dor, Jesus não disse que se vingaria ou que desejava que aqueles que o afligiam passassem pelo mesmo sofrimento.

Entregava-se. No grego, a língua em que o texto foi redigido originalmente, este verbo se apresenta apenas como *entregava*, e, portanto, não especifica quem ou o que Jesus estava entregando a Deus. É bem provável que Ele estivesse



EM FOCO

EXEMPLO (GR. *HUPOGRAMMOS*)

(1 Pe 2.21)

No grego, esta palavra designava uma tábua que continha todo o alfabeto grego. Por ela, os alunos aprendiam as letras que iam de alfa a ômega. A vida de Jesus, uma vida de sofrimento, é como essa tábua, e nós, os discípulos dele, devemos aprender com Seu exemplo, o Alfa e o Ômega.

entregando a si mesmo e Seus agressores às mãos de Deus, a fim de que Ele lidasse com ambos como justo juiz. Quando oramos, temos de perdoar (ou seja, entregar nas mãos de Deus) todas as ofensas. Não podemos ter coisa alguma contra alguém (Mc 11.25,26).

2.24 — *Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados.* Esta frase no grego enfatiza o envolvimento pessoal de Jesus em pagar o preço pelos nossos pecados. Enfatiza também que foram os nossos pecados que Jesus levou na cruz.

O *madeiro* diz respeito à cruz.

Para que... pudéssemos viver para a justiça. O propósito de Cristo ter levado sobre si nossos pecados foi para que vivêssemos para agradar-lhe.

Pelas suas feridas. A palavra grega traduzida como *feridas* está no singular, e não no plural. Portanto, nossa cura espiritual não vem dos sofrimentos diários de Jesus nem dos sofrimentos que o levaram à cruz, mas de Sua maior ferida — Sua morte.

2.25 — *Pastor.* Esse título retrata Jesus como aquele que supre todas as nossas necessidades de uma maneira sábia e carinhosa.

Bispo. Jesus também é nosso Guardião, nosso Protetor, aquele que nos guarda. Esta é a única vez em que os termos Pastor e Bispo são usados no singular. Ninguém mais está capacitado para ser o Pastor e o Bispo de nossas almas, a não ser Jesus Cristo. É por essa razão que o Novo Testamento geralmente descreve a Igreja e suas congregações como tendo mais de um líder (Tt 1.5).

3.1-7 — Tanto os maridos como as esposas devem fazer do seu casamento um reflexo de Jesus Cristo, até mesmo quando surgirem dificuldades, tomando como exemplo o que Ele fez por nós na cruz (Ef 5.32,33).

3.1 — As esposas devem sujeitar-se aos seus maridos do mesmo modo que os cidadãos se sujeitam aos líderes do governo (1 Pe 2.13-17) e os empregados aos seus patrões (1 Pe 2.18-25).

Sede sujeitas. As esposas devem aceitar de bom grado a orientação e a liderança dos seus maridos, vivendo de modo a incentivá-los a andar em obediência à verdade de Deus.

Não obedece à Palavra. Pedro se refere aos maridos não-cristãos aqui (v. 20; 2.7,8; 4.17).

Seja ganho. O objetivo principal de uma esposa cristã é a conversão do seu marido ímpio (1 Co 9.19-22).

Sem palavra. Uma esposa santa não ganha seu marido com palavras, mas dando um testemunho cristão em sua vida diária.

3.2 — *Vida casta.* A vida de uma esposa cristã deve ser moralmente reta e justa. *Temor* aqui se refere ao respeito a Deus.

3.3 — *O enfeite delas não seja o exterior.* Os cristãos devem passar mais tempo desenvolvendo sua vida espiritual que sua aparência (1 Sm 16.7). Mas Pedro não está acusando aqui as mulheres de adornarem-se com joias. Ele está enfatizando apenas como é importante o caráter da mulher. Nós podemos passar a vida inteira nos preocupando com coisas que são passageiras — como as roupas que vestimos ou o carro que dirigimos —, e não com aquilo que durará para sempre. Não é errado querer ter bens materiais, porém nosso maior esforço deve ser para termos nosso caráter transformado (compare com 1 Timóteo 2.9,10).

3.4 — *O homem encoberto no coração.* As esposas cristãs devem procurar tratar dos aspectos de sua vida que não aparecem, mas que podem comprometê-las para o resto de sua vida.

O incorruptível [trajó] representa as qualidades internas que não se estragam ou gastam com o tempo, como *jóias e vestes* (v. 3), por exemplo.

Um espírito manso e quieto. Pedro exorta as esposas cristãs para que não tomem atitudes irritantes ou inflexíveis, mas que procurem ser meigas e sábias.

3.5 — *Porque assim.* Esse estilo de vida foi testado e aprovado por mulheres espirituais de gerações passadas e tido como eficiente; ele honra a Deus.

3.6 — *Chamando-lhe senhor.* Sara não adorava Abraão; ela simplesmente o respeitava.

Não temendo. Não deve ser o medo do marido o que leva uma esposa cristã a colocar em prática os princípios de um relacionamento conjugal santo.

3.7 — Os maridos cristãos devem cuidar de suas esposas com o mesmo espírito altruísta que

os cristãos cidadãos (1 Pe 2.13-17), os cristãos subalternos (1 Pe 2.18-25) e as esposas cristãs (v. 1-6).

Com entendimento. O marido cristão deve ser sensível às necessidades de sua esposa, a suas forças e fraquezas, e seus objetivos e desejos. Ele tem de conhecê-la o máximo que puder, para fazer com que ela se sinta plenamente realizada.

Dando honra. O marido cristão tem de honrar sua esposa porque ela merece ser honrada (v. 1-6).

Vaso mais fraco. Esta fraqueza diz respeito à física, pois o termo *vaso* aqui se refere ao corpo humano.

Sendo vós seus co-herdeiros. O relacionamento descrito aqui é entre o marido e a esposa cristãos, já que todos os cristãos, e somente eles, são os herdeiros da graça da vida (Rm 8.17).

Para que não sejam impedidas as vossas orações. O relacionamento espiritual do marido cristão com Deus é diretamente influenciado pelo modo como ele trata sua esposa.

3.8 — *Sede todos de um mesmo sentimento.* A ideia aqui é de duas pessoas que compartilham o mesmo modo de pensar (Fp 2.1-4).

Compassivos, amando os irmãos. Usada somente neste versículo no Novo Testamento, essa

palavra grega (*sumpatheis*), que em português rende essas quatro palavras, significa literalmente *ter o mesmo sentimento* ou *sofrer junto com outra pessoa* (Rm 12.15).

Misericordiosos. Os cristãos devem demonstrar seu afeto a todas as pessoas.

Afáveis. O termo grego *tapeinophrones* significa literalmente *ter uma mente que nunca se distancia muito da terra*, ou seja, ter uma atitude de humildade.

3.9-17 — Somente quando pagamos o mal com o bem recebemos a bênção que Deus tem para nós (v. 9). Os versículos 10-12, tirados de Salmos 34.12-16, confirmam essa verdade. Os versículos 13-17 afirmam que é melhor fazer o que é certo, mesmo que venhamos a sofrer por causa disso.

3.9 — *Tornando mal por mal.* Pedro encoraja os cristãos a agir como o Senhor Jesus. Ele suportou o sofrimento e a humilhação em silêncio, confiando Sua causa ao supremo Juiz (1 Pe 2.23).

Pelo contrário, bendizendo. Pedro deixa bem claro aqui o contraste entre a tendência natural que temos como seres humanos de revidarmos quando somos ofendidos e a maneira como devemos agir como cristãos: fazendo o bem àqueles que nos ofendem (Ef 4.25-29).



PERFIL

O EXEMPLO DE SARA

Sara (1 Pe 3.6), sem dúvida alguma, era muito conhecida pelos judeus cristãos a quem Pedro escreveu. Assim como os homens judeus valorizavam a ligação que tinham com Abraão (compare com Mateus 3.9; João 8.39; Atos 13.26), as mulheres judias se consideravam filhas de Sara. Pedro expressa esse sentimento ao descrever o que significaria uma perseguição severa às mulheres cristãs: fazer o bem e não se entregar ao medo.

Em nenhum lugar do livro de Gênesis está escrito que Sara chamava seu marido de *senhor*, mas esse termo era comumente usado pelos membros de um clã para demonstrar estima pelo seu líder. Ao usar esse título respeitoso, Sara estava honrando Abraão e demonstrando sua submissão a Deus ao sujeitar-se à liderança de seu marido (1 Pe 3.1, 5).

Sara de certa forma também exerceu liderança ao fazer com que sua serva Hagar gerasse um filho de Abraão (Gn 16.2-4), e mais tarde fez com que ele a enviasse embora com seu filho, Ismael (1 Pe 21.10-14). E o interessante é que Deus aconselha Abraão a ouvir (obedecer) a Sara, por mais que ele não estivesse de acordo com o plano.

Ao tomar Sara como exemplo, Pedro destaca suas boas obras e sua fé corajosa (compare com Hebreus 11.11). Ela seguiu Abraão em situações tão arriscadas que só quem tinha coragem e uma vida de retidão podia encarar (Gn 12.15; 20.2). Do mesmo modo, os leitores de Pedro estavam passando por uma *ardente prova* devido à sua fé em Cristo (1 Pe 4.12). O segredo para a sobrevivência não era ceder aos padrões culturais vigentes na época, mas sim ter um caráter como o de Cristo, manso e, ao mesmo tempo, vigoroso.

Para que... alcanceis a bênção. Jesus nos recompensará por todo sofrimento por que passarmos por causa do Seu nome (Mt 5.10-12; 19.27-30).

3.10 — *Refreie.* Os cristãos devem parar e desistir de falar o que pode enganar ou prejudicar alguém.

Não falem engano. Engano significa iludir alguém com algum truque, falcatura ou trapaça.

3.11 — *Aparta-se do mal.* Os cristãos devem evitar o que for pecaminoso.

Busque a paz e siga-a. Os cristãos não devem meramente desejar a paz; eles *devem* buscá-la com todo afinho, mas sempre honrando a Deus em tudo que fizerem.

3.12 — Pedro usa a figura dos *olhos* e dos *ouvidos* para lembrar seus leitores cristãos de que Deus sabe tudo sobre eles, principalmente o quanto eles sofrem, e também que Ele ouve seu pedido de socorro e responde-lhe (Hb 4.12-16).

O rosto do Senhor é contra. Vemos aqui o contraste entre o grande desejo de Deus de cuidar de Seus filhos que o servem e protegê-los e o modo como Ele se opõe frontalmente àqueles que não andam pelo Seu caminho de retidão.

3.13 — *Que vós fará mal.* De maneira geral, aqueles que fazem o que é certo são menos passíveis de prejudicarem-se que os que fazem o que é errado.

Se fordes zelosos do bem. Esta frase nos dá a ideia de alguém que está sempre disposto a fazer o bem.

3.14 — Já que nem tudo nesse mundo é como deveria ser, até mesmo aqueles que fazem a vontade de Deus passam por dificuldades.

Por amor da justiça. O que os cristãos precisam entender é que eles sofrem porque estão servindo

a Deus fielmente, não porque fizeram algo errado (1 Pe 4.14,15).

Sois bem-aventurados. Deus honra de uma forma especial aqueles que sofrem por estarem fazendo o que é certo (Mt 5.10-12).

3.15 — *Santifica a Cristo.* Os cristãos devem reconhecer a eterna santidade de Cristo adorando-o como o Senhor do universo, que está no controle de todas as coisas.

Preparados para responder. Pedro pressupõe aqui que a fé cristã sofrerá falsas acusações. Por isso, ele encoraja os cristãos a respondê-las de modo sensato.

Mansidão é a mesma palavra grega traduzida como *manso* no v. 4. Mas mansidão não é fraqueza. A Bíblia nos mostra que tanto Jesus quanto Moisés eram homens mansos. Entretanto, eles não eram fracos. Ter temor significa ter um alto grau de reverência e respeito.

3.16 — *Naquilo que falam mal de vós.* Aqui Pedro usa um termo diferente do que ele usa em 1 Pe 2.23 e 3.9. Neste versículo, “falar mal” (gr. *epreazo*) significa vir com falsa acusação ou maltratar.

3.17 — *Porque melhor.* Pedro não sustenta aqui que os cristãos devem buscar situações em que possam experimentar sofrimento. Pelo contrário, o que ele está dizendo é que precisamos entender que nosso sofrimento é porque somos fiéis a Deus, não porque fazemos o mal (1 Pe 2.19,20).

3.18 — *Uma vez pelos pecados.* A morte de Cristo na cruz foi algo que aconteceu de uma vez por todas. Ele morreu uma só vez pelos nossos pecados e não tem de ser *crucificado novamente* toda vez que pecamos.

Para levar-nos a Deus. Cristo morreu para que fôssemos reconciliados com Deus.



EM FOCO

CO-HERDEIROS (GR. *SUNKLERONOMOS*)

(1 Pe 3.7; Rm 8.17; Ef 3.6; Hb 11.9)

Esta palavra grega significa *herdeiros com mais alguém*. Os cristãos são *co-herdeiros* porque terão a mesma porção e participação no Reino do Pai. O conceito de herança tem relevância tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Nm 26.56; Sl 25.13; Is 60.21; Mt 5.5; Gl 3.29). Jesus prometeu aos cristãos uma herança eterna no Seu Reino. E Paulo usa a mesma palavra grega para descrever nossa participação com Cristo em glória (Ef 3.6).

3.19,20 — Há muitas interpretações para o significado desta passagem, principalmente por causa da ambiguidade que há em *espíritos em prisão*. A palavra grega traduzida como *espíritos* pode estar referindo-se a espíritos, anjos ou demônios. As três interpretações principais são essas: (1) que esta passagem versa sobre Jesus indo ao lugar onde os anjos caídos estão aprisionados para declarar Sua vitória final sobre o mal por meio da Sua obra na cruz. Os comentaristas que sustentam esta tese sugerem que Pedro se refere aos *dias de Noé* porque a característica desses dias era a grande imoralidade daquela geração, como a exemplificada pelos *filhos de Deus* que [que, segundo alguns, eram anjos] *tomaram para si mulheres de todas as que escolheram* (Gn 6.1-4; ver também 2 Pe 4.4; Jd 1.6).

Dependendo do comentarista, isso é situado entre a época da crucificação e da ressurreição de Jesus, ou em algum momento após Sua ascensão aos céus. (2) Outros creem que *espíritos* diz respeito ao espírito humano. Deste modo, Jesus pregou a seres humanos que haviam morrido na época de Noé e estavam no mundo dos mortos (no inferno ou hades). Embora alguns tenham insistido que a pregação de Jesus também era um convite para que essas pessoas fossem salvas, na melhor das hipóteses, isso é pouco provável, e na pior das hipóteses, isso é, no mínimo, muito improvável, pois as Escrituras não concedem uma “segunda chance” aos pecadores após a morte.

O conteúdo da mensagem de Cristo foi, provavelmente, uma proclamação de Sua vitória sobre o pecado. (3) Por fim, outra grande interpretação dessa passagem entende que Jesus pregou por meio de Noé aos ímpios daqueles dias. Mas como eles rejeitaram a mensagem de salvação de Noé, eles estavam, na verdade, *em prisão* — ou seja, no inferno.

3.21 — *Uma verdadeira figura, agora vos salva*. O ato simbólico do *batismo* é a *indagação de uma boa consciência* daquele que foi salvo da condenação do pecado (Rm 4.1-6) e confia na morte e *ressurreição* de Cristo (Rm 6.4,5). O Dilúvio é um símbolo do batismo nas águas, que por sua vez simboliza a salvação, alcançada pela morte de Cristo (Mt 28.19,20; At 2.38).

3.22 — O fato de Cristo estar *à destra de Deus* significa que Ele está numa posição de autoridade e poder.

Havendo-lhe sujeitado. Um dia, não somente as autoridades e poderes — autoridades e poderes significam diferentes classes de seres angelicais — reconhecerão a autoridade de Cristo, assim como todas as pessoas, ímpios e cristãos (Fp 2.9-11).

4.1-11 — O sofrimento ensina os cristãos a viverem de maneira que agrade a Deus. Os cristãos devem levar uma vida cheia de seriedade e alegria, a fim de revelar o amor e as habilidades espirituais que Deus lhes concedeu.

4.1 — *Na carne*. O sofrimento de Cristo foi real porque Ele tinha uma natureza humana.

Armai-vos também vós. Os cristãos precisam ter o mesmo *pensamento* de Cristo (Fp 2.5) para combater o bom combate e sair vitoriosos.

Aquele que padeceu neste contexto refere-se aos cristãos que sofreram.

Já cessou o pecado. Aqueles que servem a Deus fielmente em meio ao sofrimento tomam diferentes atitudes com relação ao pecado. Este não mais tem poder sobre eles. *Cessou* não significa que aqueles que sofrem não têm mais pecado ou jamais pecarão novamente.

4.2 — *Para que*. Aqueles que sofrem por Cristo devem estar com sua vida voltada para fazer a vontade de Deus, não para seguir seus desejos pecaminosos.

4.3 — *Dissoluções* falam de um comportamento vergonhoso e insolente na vida de uma pessoa.

Orgias (NVI) refere-se a festas intermináveis onde abundam bebedeiras e imoralidade.

Abomináveis idolatrias. A ideia aqui é que algumas formas de idolatria são tão terríveis que até as autoridades civis as abominam. Deus, naturalmente, odeia todo tipo de idolatria (Êx 20.3-5; Dt 7.25; 32.16,17).

4.4 — *Acham estranho*. Os ímpios não conseguem entender a vida transformada dos cristãos.

Desenfreamento de dissolução. Ao contrário dos cristãos, que vivem para agradar a Deus, os ímpios vivem sem pensar na consequência eterna que

terão seus atos. Eles enchem sua vida de más obras, que não têm valor eterno algum.

Blasfemando de vós. Os ímpios geralmente zombam daqueles que se recusam a seguir seu estilo de vida frívolo e maligno.

4.5 — *Hão de dar conta.* Os ímpios pensam que podem fazer o que bem entendem, mas estão muito enganados. Tudo que fazem acarretará duras consequências. Um dia, eles estarão diante de Deus, não terão desculpas e darão conta de toda sua maldade (Ap 20.11-15).

4.6 — São quatro as principais interpretações sobre o que Pedro quer dizer com *mortos* nesse versículo. (1) Que há uma relação entre o evangelho pregado neste versículo e a declaração que Jesus faz em 1 Pe 3.19,20. Portanto, tem-se que este versículo se refere a Cristo oferecendo a salvação àqueles que viveram antes da era cristã (1 Pe 3.19,20). No entanto, nada nas Escrituras indica que alguém recebe uma “segunda chance” para ser salvo depois da morte. (2) Que essa pregação está ligada a 1 Pe 3.19,20, mas que este versículo trata de Jesus pregando somente para os justos do Antigo Testamento. As duas outras interpretações consideram que este versículo não está ligado a 1 Pe 3.19,20. (3) Que Pedro está falando do evangelho que foi pregado aos cristãos que morreram *até então*, mas que agora estão vivendo com Deus. Mas talvez a melhor interpretação seja a de (4) que Pedro está referindo-se àqueles que estavam mortos *espiritualmente*. O evangelho foi pregado a eles a fim de que eles pudessem renascer espiritualmente.

4.7-11 — Nós só estaremos preparados para o fim se mantivermos uma relação íntima com Deus, sendo *sóbrios* e vigiando *em oração*; e também se tivermos o que a versão ARA chama de um *amor intenso* uns para com outros (v. 8, que é explicado nos v. 9,10).

4.7 — Jesus pode vir trazendo consigo Seu juízo a qualquer momento. Por essa razão, todos precisam estar preparados para dar conta do que fizeram em sua vida.

Sóbrios. Os cristãos devem controlar seus desejos pecaminosos porque não tarda a volta do Senhor.

Vigiai. Pedro exorta seus leitores para que sejam prudentes e estejam empenhados em buscar a Deus *em oração*.

4.8 — *Tende amor intenso uns para com os outros* (ARA). Os cristãos devem fazer o máximo que puderem para manter seu compromisso de fazer o bem uns aos outros, e não devem deixar que coisa alguma os impeça de fazer isso.



EM FOCO

AMOR (GR. AGAPE)

(1 Pe 4.8; Rm 5.5, 8; 1 Jo 3.1; 4.7, 8, 16; Jd 21)

Esta palavra raramente era usada na literatura grega antes do Novo Testamento. E quando isso acontecia, ela era usada para expressar um ato de gentileza aos estrangeiros, oferecer hospitalidade e ser caridoso. No Novo Testamento, a palavra *ágape* ganhou um sentido muito especial: ela é usada pelos escritores do Novo Testamento para indicar um amor altruísta, diferente do amor puramente emocional. É um amor autossacrificial, que Deus consegue demonstrar naturalmente, ao contrário dos seres humanos.

O amor cobre multidão de pecados (ARA). O que Pedro está dizendo aqui não é que o amor de um cristão pode expiar os pecados de outros cristãos. Ao contrário, ao citar um provérbio do Antigo Testamento (Pv 10.12), ele nos faz lembrar que o amor nos leva a não pecar. Todos nós podemos demonstrar amor aos nossos irmãos em Cristo, perdoando-os de coração e não falando abertamente dos seus pecados do passado.

4.9 — *Sendo hospitaleiros.* Nos dias do Novo Testamento, a hospitalidade significava apenas prover teto e alimento aos viajantes por dois ou três dias, sem esperar pagamento algum em troca.

Sem murmurações. Ser hospitaleiro de fato era algo que requeria sacrifício. Por esse motivo, muitos que demonstravam esse ato de gentileza aos estrangeiros às vezes reclamavam pelas suas costas do trabalho que eles estavam dando. Em sua carta, Pedro exorta os cristãos a servir uns aos outros de bom grado.

4.10,11 — Essa é uma das passagens mais sucintas, porém abrangentes, que falam sobre os

dons espirituais dos cristãos. Outras passagens principais que falam sobre isso também são Romanos 12.3-8; 1 Coríntios 12—14 e Efésios 4.1-16.

4.10 — *Cada um administre aos outros.* Isto é algo tremendo, ainda mais em uma sociedade que se torna cada vez mais seletiva e individualista. O plano de Deus para nós é que cresçamos por meio dos relacionamentos, não de isolamento.

Cada um conforme o dom que recebeu (ARA). A cada cristão é dado um ou mais dons, para que um possa edificar o outro. *Despenseiros* são mordomos ou administradores que darão conta por terem usado ou não seu dom para a glória daquele que o concedeu a eles.

4.11 — *De acordo com os oráculos de Deus* (ARA). Aqueles que ensinam aos outros a verdade de Deus devem fazê-lo com reverência, para que seus ouvintes respeitem a Palavra de Deus.

Segundo o poder que Deus dá. Os cristãos devem usar o poder que Deus lhes deu para fazer Sua vontade nesta terra, e não confiar em suas próprias forças.

4.12-19 — Pedro instrui os cristãos acerca do sofrimento. Algumas aflições por que passamos por amor a Cristo são consequências naturais. Devemos esperá-las. Outras, contudo, virão especificamente de Jesus e terão consequências graves e eternas. Essas aflições virão sobre os ímpios e os cristãos, mas com resultados bastante diferentes.

4.12 — *Não estranheis.* Ao que parece, os leitores de Pedro ficaram surpresos ao saber que teriam de sofrer por serem cristãos, principalmente pelo modo como já estavam sofrendo. A palavra grega traduzida como *ardente prova* é a mesma que foi usada para descrever o fogo intenso que purifica o ouro de suas impurezas (1 Pe 1.6,7).

Para vos tentar. O objetivo do sofrimento na vida do cristão é provar seu verdadeiro caráter, limpá-lo das manchas do pecado e fazer com que a pureza da natureza de Cristo nele se revele.

Como se coisa estranha vos acontecesse. Os cristãos devem esperar o sofrimento e preparar-se para ele.

4.13 — *Alegrai-vos.* O fato de que esses cristãos se alegravam em meio às aflições é algo evidente.

Pedro, ao usar o verbo grego *alegrar-se* no modo imperativo, exorta-os a continuar alegrando-se.

Na revelação da sua glória. O sofrimento fará parte da vida do cristão até a volta de Jesus (Rm 8.18-22).

4.14 — *Vituperados.* Os cristãos podem ser acusados injustamente por estarem associados a Cristo. No entanto, Pedro os chama de *bem-aventurados*, porque grande será o seu galardão no mundo vindouro (Mt 5.10-12).

Sobre vós repousa. Quando os cristãos sofrem injustiças por amor a Jesus, eles acabam descobrindo que a íntima comunhão que têm com Deus durante esse período será um refrigério para seu espírito.

4.15,16 — *Que nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como o que se entremete em negócios alheios.* Pedro volta a falar da verdade antes mencionada em 1 Pe 2.20 e 3.17, para mostrar que a virtude não está no sofrimento propriamente dito, mas o que conta realmente é o sofrimento por que passamos pelo nome do Senhor como cristãos. Nenhum de seus leitores devia supor que a simples punição pelo pecado aplicada pelas autoridades civis traria alguma honra a Deus. O termo *cristão* no Novo Testamento era pejorativo (At 11.26; 26.28). O simples fato de ser cristão já era motivo de punição com a morte ou com penas mais brandas. A história nos mostra que muitos foram mortos por terem admitido ser cristãos nos tempos em que eles eram perseguidos pelo governo.

Não se envergonhe, ou seja, não tenha vergonha alguma de ser um “cristão”. Ao contrário, tenha orgulho disso, e use este nome que é escarnecido como um meio ou instrumento para glorificar a Deus.

4.17 — *Já é tempo que comece o julgamento.* Julgamento na Bíblia nem sempre significa condenação. Quando se refere aos cristãos, ele significa a avaliação das obras dos cristãos, para que eles recebam seu galardão (1 Co 3.10-15).

Casa de Deus aqui não diz respeito ao templo, mas aos cristãos.

Daqueles que são desobedientes. Ao longo de toda a sua carta, Pedro diz que aqueles que ainda

não fazem parte da família eterna de Deus estão sendo desobedientes (1 Pe 2.7,8; 3.1,20).

4.18 — *Apenas se salva.* Ninguém merece ser salvo ou pode ser salvo por meio de suas próprias obras (Ef 2.8,9). E já que todos merecem ser condenados, a única forma de sermos salvos é pela graça de Deus.

Aparecerá. Se Deus não poupou Seu próprio povo do julgamento, imagine qual será o fim dos Seus inimigos que não forem justificados por Ele? (Sl 1.4-6; Ap 20.11-15).

4.19 — Os cristãos devem confiar sua vida a Deus, principalmente em meio ao sofrimento, sempre reconhecendo que Ele é o *fiel Criador* que está no controle de todas as coisas. Deus jamais nos prova além do que podemos suportar (1 Co 10.13); tudo que Ele faz contribui para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28).

5.1-4 — Os líderes cristãos devem servir a Deus fielmente, lembrando-se sempre de que o que Ele tem preparado para nós é imensurável. Jesus deixou isso bem claro para Pedro em Mateus 19.27-29.

5.1 — Pedro se via no mesmo patamar que o resto dos *presbíteros*.

Participante é a palavra-chave da epístola aos Hebreus (Hb 3.1,14). Ela nos mostra que faremos parte do Reino de Cristo quando Ele voltar (Rm 8.17; Ap 2.26-28; 5.9,10). Pedro já sentia que em parte estava participando *da glória* que um dia ele experimentaria totalmente.

5.2 — *Apascentai o rebanho de Deus.* Um pastor israelita nos tempos antigos ia à frente de suas ovelhas para guiá-las; ele jamais deixava que elas seguissem diante dele. Do mesmo modo, os líderes cristãos devem guiar o povo de Deus: alimentando-o, protegendo-o e guiando-o (Jo 21.15-17). Eles também devem sempre se lembrar de que têm a responsabilidade de apascentar o rebanho que pertence a Deus, não a eles.

Tendo cuidado. Os líderes eclesiásticos têm de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para cuidar de suas ovelhas e assegurar que elas vivam de acordo com a Palavra de Deus.

Não por força. A obra do ministério deve ser feita com alegria, não por obrigação.

Nem por torpe ganância. Os líderes cristãos devem estar seguros de que seu ministério não é motivado pelo dinheiro, mas pelo desejo de fazer o bem àqueles que estão sob sua responsabilidade (1 Tm 3.3, 8; Tt 1.11).

5.3 — *Nem como tendo domínio.* Repetindo o que ouviu de Jesus em pessoa durante Seu ministério terreno, Pedro lembra a todos os líderes cristãos que eles devem portar-se como servos junto àqueles que Deus entregou aos seus cuidados, não como senhores (Mt 20.25-28; Mc 10.42-45).

Servindo de exemplo. Os líderes cristãos devem ser um modelo de santidade para os outros cristãos (Fp 3.17; 2 Ts 3.9; 1 Tm 4.12). O próprio Cristo deu exemplo a todos nós (Jo 13.15).

5.4 — *Sumo Pastor.* Jesus também é chamado, em outra ocasião, de Pastor (1 Pe 2.25), de bom Pastor (Jo 10.11-14) e de o grande Pastor (Hb 13.10).

Coroa de glória. Deus garante que os pastores que lhe servem fielmente, segundo o que dizem os v. 2-3, receberão um galardão eterno quando vier o Reino de Cristo.

5.5-11 — O povo de Deus deve humilhar-se diante de Deus, não dar lugar ao diabo e, ao mesmo tempo, ter a certeza de que Deus dá a vitória que dura por toda a eternidade.

5.5 — *Humilhai-vos.* Pedro lembra especificamente aos jovens aqui que eles não devem desrespeitar a autoridade dos líderes da igreja, mas submeter-se a eles como seus liderados. O *pronto para ouvir e tardio para falar* de Tiago se encaixa perfeitamente aqui.

Resiste. Deus age de um modo totalmente contrário aos presunçosos, arrogantes e soberbos — características estas que são nitidamente encontradas naqueles que não têm uma atitude de submissão.

5.6 — *Humilhai-vos.* Todos um dia se humilharão diante do poder de Deus (1 Pe 3.21; Fp 2.9-11). Mas nós que somos cristãos temos de fazer isso agora.

5.7 — *Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade.* Nós temos de entregar a Deus nossas preocupações, nossos problemas e nossas ansiedades, para que Ele cuide de tudo.

5.8 — *Sede sóbrios.* Isso significa ter disciplina, pensar de maneira sensata, e não tola.



COMPARE

Os Líderes na Igreja

Pedro conclui sua primeira carta com uma exortação aos pastores para que eles *apascentem o rebanho de Deus* (1 Pe 5.2). Abaixo vemos um quadro com as responsabilidades e qualificações dos pastores, diáconos e outros líderes da igreja mencionados no Novo Testamento

	Pastores / Bispos / Anciãos	Diáconos
Significado	A palavra grega <i>presbiteros</i> significa literalmente <i>idoso</i> , e essa é a razão pela qual é traduzida mais comumente como <i>ancião</i> .	A palavra grega <i>diakonos</i> significa literalmente <i>servo</i> .
Responsabilidades	<ul style="list-style-type: none"> • Pastorear o rebanho ou a igreja de Deus – alimentar, guiar, orientar e apascentar (At 20.28; 1 Pe 5.2) • Governar ou administrar a igreja de Deus (1 Tm 5.7) • Pregar e ensinar (Ef 4.12,13; 1 Tm 3.2; 5.17) • Representar a igreja (At 20.17) • Orar pelos enfermos (Tg 5.14) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidar para que as necessidades básicas dos cristãos sejam supridas (At 6.1-6) • Deixar os anciãos livres para o ministério da pregação e do ensino (At 6.1-6)
Qualificações em 1 Timóteo 3	<ul style="list-style-type: none"> • Irrepreensível (v. 2; Tt 1.6) • Marido de uma mulher (v. 2; Tt 1.6) • Vigilante (v. 2) • Sóbrio (v. 2; Tt 1.8) • Honesto (v. 2) • Hospitaleiro (v. 2; Tt 1.8) • Apto a ensinar (v. 2; Tt 1.9) • Não dado ao vinho (v. 3; Tt 1.7) • Não espancador (v. 3; Tt 1.7) • Não cobiçoso de torpe ganância (v. 3; Tt 1.7) • Moderado (v. 3) • Não contencioso (v. 3) • Não avarento (v. 3) • Que governe bem sua própria casa (v. 4) • Que tenha seus filhos em sujeição (v. 4; Tt 1.6) • Não neófito (v. 6) • Que tenha bom testemunho (v. 7) 	<ul style="list-style-type: none"> • Irrepreensíveis (v. 10) • Maridos de uma mulher (v. 12) • Não dados a muito vinho (v. 8) • Não cobiçosos de torpe ganância (v. 8) • Que governem bem seus filhos e sua própria casa (v. 12) • Honestos (v. 8) • Que não tenham língua dobre (v. 8) • Com uma pura consciência (v. 9) • Provados (v. 10)
Qualificações em Tito	<ul style="list-style-type: none"> • Não soberbo (v. 7) • Nem iracundo (v. 7) • Justo (v. 8) • Santo (v. 8) • Temperante (v. 8) 	

Vigiai. Devemos estar atentos a toda cilada espiritual que a vida nos prepara e andar corretamente, para evitarmos tropeçar.

Vosso adversário. Satanás é nosso inimigo declarado. Ele nunca deixa de ser hostil para conosco

e está constantemente nos acusando diante de Deus (Jó 1.9—2.7; Zc 3.1; Lc 22.31; Ap 12.10).

Bramando como leão. Satanás é astuto e cruel. Ele nos ataca quando menos esperamos e sua intenção é destruir-nos completamente.



APLICAÇÃO

O NEGÓCIO DA IGREJA

Há muitas razões pelas quais as pessoas almejam um cargo de autoridade na igreja. Alguns fazem isso porque já possuem essa autoridade em seu trabalho secular, e, por isso, acham que devem tê-la na igreja também. Outros fazem isso justamente pelo contrário: já que não ocupam um cargo de liderança em seu trabalho, eles procuram tê-lo na igreja.

Pedro lembra aos presbíteros (1 Pe 5.2-4) que a presença ou ausência de autoridade, ou o sucesso na carreira, não têm muita influência no cargo que eles ocupam na igreja. E isso pode até chocar alguns membros ou líderes de igrejas que adotaram um modelo secular de administração em suas igrejas. Com toda certeza, no que se refere à administração e finanças, a igreja tem muito a aprender com as eficientes políticas de gerenciamento do mercado. Só que a igreja não é um negócio, e as filosofias e práticas deste segmento precisam ser cuidadosamente avaliadas e selecionadas à luz das Escrituras antes de serem colocadas em prática.

5.9 — *Resisti firmes*. O que esse versículo está dizendo é que devemos resistir, e não fugir — lutar ao invés de sair correndo. A vitória vem quando permanecemos firmes com Deus, pois Ele é maior que o nosso inimigo (1 Jo 4.4).

Sabendo. Ter conhecimento do fato de que outros cristãos também estão sofrendo ataques de Satanás e conseguindo obter sucesso nos encoraja a prosseguir e dá-nos a certeza de que também seremos vencedores.

5.10 — *Aperfeiçoará*. Assim como um ortopedista coloca no lugar um osso quebrado, Deus colocará no lugar nossa vida desestruturada e nos tornará completos.

Confirmará. Deus nos dará estabilidade, apesar de toda instabilidade em que estamos inseridos neste mundo, que está sempre nos fazendo sofrer.

Fortalecerá. Deus nos capacitará para que sejamos bem-sucedidos em tudo que fizermos para Ele.

Fortificará. Como somos atacados pelo inimigo, Deus nos firmará para que não venhamos a cair.

5.11 — *A glória e o poderio*. Deus tem o controle de todas as coisas neste mundo e em toda a eternidade.

Amém. O ato de responder *amém* à Palavra de Deus vem de uma prática judaica que declara que tudo que foi dito é verdade e que agora é tempo de colocar em prática essa verdade (Fp 4.20).

5.12-14 — Na conclusão da carta, Pedro lembra seus leitores de que os cristãos devem edificar uns aos outros pelo exercício da graça e do amor de Deus.

5.12 — *Silvano*, cujo nome em aramaico significa Silas, trabalhou com Pedro e Paulo (At 15.40; 16.19, 25, 29; 2 Co 1.19; 1 Ts 1.1).

Testificando. Pedro usa o verbo no gerúndio aqui para mostrar que ele estava realmente comprometido a testemunhar a verdade de Deus e não tinha vergonha disso. Que diferença da atitude covarde de Pedro antes da crucificação de Jesus! (Mt 26.69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.54-62; Jo 18.25-27).

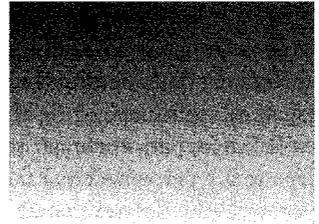
5.13 — *A vossa co-eleita* se refere à igreja da qual Pedro estava escrevendo (a palavra grega para igreja é um substantivo feminino). Pedro usa a palavra *Babilônia* se referindo a Roma. No primeiro século, a Babilônia havia sido uma pequena e insignificante cidade.

Todo o povo de Deus foi escolhido por Ele para ser Seu povo (1 Pe 1.2).

Meu filho Marcos. João Marcos (At 12.12, 25; 15.37, 39) era filho espiritual de Pedro, não seu filho consanguíneo. O que vemos aqui é que Pedro e Marcos tinham uma relação próxima à de pai e filho.

5.14 — *Com ósculo de amor* (como diz a versão ARA). Os judeus e primeiros cristãos saudavam seus irmãos com um beijo no rosto. O que Pedro está fazendo aqui é exortando os cristãos a tratar seus irmãos como parte da grande família espiritual de Deus (Rm 16.16; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26).

Paz. Mais uma vez, o desejo de Pedro é que todos esses cristãos que estavam sofrendo experimentassem a perfeita paz de Deus em sua vida (1 Pe 1.2).



A segunda carta de

Pedro

INTRODUÇÃO

O ensino e o aprendizado são importantes porque tratam sobre a verdade e o erro. O que um aluno aprende fica gravado no seu coração e na sua alma. O aluno retém tudo que recebe. Porém, se esse aprendizado for errado e o aluno crer em algo que não é verdadeiro, a consequência será desastrosa, pois será difícil convencê-lo do contrário. E se a verdade ou o erro envolver nosso destino eterno, a questão se torna ainda mais relevante.

A fé cristã que Pedro pregou com tanta fidelidade não era apenas uma questão filosófica. Era uma questão de vida ou de morte eterna. Todavia, havia aqueles que faziam propaganda de si mesmos, usavam de engano e contrariavam a verdade. Pedro tinha muito a dizer. Ele tinha de confrontar esse engano, para que não fosse confundido com a verdade.

Dando ênfase ao viver santo e ao seu esforço para refutar falsos ensinamentos, a segunda carta de Pedro é marcada pelo tema *santidade*. Pedro associou a motivação que nos conduz a ter uma vida santa e a iminente volta de Cristo ao juízo final e ao galardão que Ele trará.

Essa carta agrupa esses ensinamentos em cinco temas diferentes:

(1) Inicialmente, Pedro reafirma sua autoridade e a autoridade dos ensinamentos dos apóstolos, e seu ensino ajuda seus leitores a discernirem entre a verdade e o erro.

(2) Evidentemente, esta carta foi endereçada àqueles que estavam tendo dificuldade de seguir a Cristo e levar uma vida santa ao mesmo tempo. Pedro então reitera que ser discípulo de Cristo significa rejeitar todo tipo de imoralidade.

(3) Pedro não queria que seus leitores tivessem a mesma arrogância dos falsos mestres, que estavam difamando os apóstolos e aqueles que eram realmente espirituais.

(4) Então, para encorajar seus leitores a perseverarem e permanecerem fiéis às verdades da fé cristã, Pedro descreve como será o Dia do Senhor, que resultará num novo céu e numa nova terra.

(5) No final de sua carta, Pedro também encoraja seus leitores a serem pacientes. Deus tem boas razões para retardar a volta de Cristo e o cumprimento de todo o Seu plano escatológico. Mas, embora tenha sido postergado, o Dia do Senhor ainda é algo iminente. Sendo assim, os cristãos deveriam continuar vigiando, para não serem traídos pelo engano e perderem a fé e o galardão que lhes está proposto.

As similaridades que existem entre a segunda carta de Pedro e a epístola de Judas requerem uma explicação (compare o capítulo 2 de 2 Pedro com Judas 1.4-18). Sugere-se que Pedro usou o que Judas escreveu, ou justamente o contrário. Supõe-se também que ambos muniram-se de uma fonte anônima comum. Esse tipo de empréstimo era algo recorrente no primeiro século. É evidente, por exemplo, que Lucas usou de outras fontes [além do relato dos apóstolos] quando escreveu seu Evangelho (Lc 1.1-4). A maioria dos estudiosos concorda que as palavras de Judas são mais completas e precisas, o que indica que Pedro bebeu da fonte de Judas. O fato de a Igreja primitiva tratar Tiago, o meio-irmão de Jesus, com muito respeito (At 12.17; 15.13; 21.18; Gl 1.19) pode explicar por que Pedro repetiu, reforçando, o que Judas, outro irmão de Jesus, escreveu à Igreja.

A segunda carta de Pedro é um dos textos que mais demoraram a ser aceitos no cânon neotestamentário. Líderes da Igreja, como Orígenes (por volta de 240 d.C.), aceitaram-no como canônico, mas alegaram que era um texto controverso.

Alguns críticos acreditavam que essa carta havia sido escrita no segundo século por um discípulo de Pedro que tinha o mesmo nome que seu mestre. Eles basearam sua tese na diferença de

linguagem e estilo entre a segunda e a primeira epístola de Pedro, bem como na diferença dos temas e na abordagem. Além disso, eles perceberam as semelhanças entre 2 Pedro e Judas, e afirmaram que o autor desconhecido de 2 Pedro usou o que Judas disse; algo que o apóstolo Pedro nunca faria.

No entanto, no quarto século d.C., a segunda carta de Pedro foi aceita pelos concílios da Igreja como uma epístola legítima de Pedro. E estudos modernos têm mostrado que as diferenças entre 1 e 2 Pedro não são tão grandes assim, como afirmavam os críticos antigos, e a diferença de estilo pode ser explicada pelo fato de as cartas terem sido transcritas por pessoas diferentes. A primeira carta de Pedro pode ter sido escrita com a ajuda de Silvano (1 Pe 5.12). Mas é bem provável que a segunda carta de Pedro tenha sido escrita por ele mesmo, ou transcrita por alguma outra pessoa; talvez Marcos. Embora em 2 Pedro não sejam mencionados tantos eventos da vida de Jesus quanto em 1 Pedro, na segunda epístola são mencionadas a transfiguração, a profecia sobre a morte do próprio Pedro, o Dia em que o Senhor virá como um ladrão à noite, e a profecia de que apareceriam falsos profetas. Todas essas são claras alusões à vida de Jesus, assim como se pode observar nos Evangelhos.

Algo muito evidente nos primeiros séculos do cristianismo é que a Igreja não tolerava quem escrevia, seja o que fosse, em nome de algum apóstolo. Em certa ocasião, o autor de uma obra (*Atos de Paulo e Tecla*) foi disciplinado por ter feito isso. Paulo também condena essas práticas na sua segunda carta aos Tessalonicenses (2 Ts 3.17). Todavia, devido à evidência mostrada antes, o mais sensato é crermos que 2 Pedro foi mesmo escrita por Simão Pedro, como é afirmado nela (2 Pe 1.1).

A segunda epístola de Pedro pode ser datada entre 64—68 d.C. E é bem provável que tenha sido escrita em Roma, onde a tradição da Igreja primitiva acreditava que Pedro passara seus últimos dias de vida. Pedro morreu como um mártir em 68 d.C., e sua epístola foi escrita algum tempo antes (2 Pe 1.14,15).

Pedro endereçou sua carta *aos que conosco alcançaram a fé igualmente preciosa* (2 Pe 1.1), uma maneira de dizer que é endereçada a todos os cristãos. Ele escreveu 1 Pedro aos cristãos espalhados por todas as províncias da Ásia Menor, no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na Ásia e na Bitínia. E, quando escreveu 2 Pedro, com certeza esses irmãos estavam ainda mais espalhados.

A segunda epístola de Pedro parece ter sido escrita para um grupo que o apóstolo conhecia muito bem e que estava enfrentando um falso ensinamento específico. Mas mesmo que isso seja

verdade, seus leitores parecem ter sido majoritariamente gentios (por causa das muitas referências ao modo de vida liberal, algo característico dos gentios), ou um grupo misto de judeus e gentios que vivia numa das províncias citadas acima. A notícia sobre as dificuldades que tais cristãos estavam passando devido aos falsos mestres infiltrados no meio deles chegou a Pedro em Roma, e ele mandou sua segunda carta para avisar os irmãos do perigo que estavam enfrentando e encorajá-los na fé e na fidelidade ao evangelho de Cristo.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 2 PEDRO

Ano 27 d.C. — André leva seu irmão, Simão Pedro, até Jesus

Ano 29 d.C. — Pedro testemunha a transfiguração

Ano 30 d.C. — Pedro nega seu Senhor às vésperas da crucificação

Ano 30 d.C. — Pedro se torna um dos líderes da Igreja após o Pentecostes

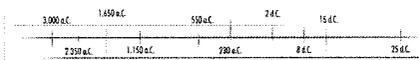
Ano 41 d.C. — Pedro leva pela primeira vez o evangelho aos gentios

Ano 50 d.C. — Pedro fala ao Concílio de Jerusalém

Ano 62—64 d.C. — A primeira carta de Pedro é escrita

Ano 64—67 d.C. — A segunda carta de Pedro é escrita

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados em Roma



ESBOÇO



- I. Saudação: os recursos espirituais de um cristão — 1.1-4
- II. As virtudes cristãs essenciais — 1.5-15
 - A. Os esforços da fidelidade cristã — 1.5-9
 - B. A confirmação da eleição — 1.10,11
 - C. A necessidade de lembretes — 1.12-15
- III. A autoridade divina de Cristo — 1.16-21
 - A. Testemunhado pelos apóstolos — 1.16-18

- B. Provado pela profecia divina — 1.19-21
- IV. Falsos mestres e profetas — 2.1-22
 - A. Algumas advertências contra os falsos profetas — 2.1-3
 - B. O juízo contra os falsos profetas no passado — 2.4-9
 - C. A imoralidade dos falsos profetas — 2.10-16
 - D. A inutilidade dos falsos ensinamentos — 2.17-22
- V. A volta de Cristo — 3.1-18
 - A. A certeza do Dia do Senhor — 3.1-10
 - B. As implicações éticas do Dia do Senhor — 3.11-16
 - C. A necessidade de precaver-se contra o engano — 3.17,18

COMENTÁRIO

1.1 — *Apóstolo*. Com esse título, Pedro se identifica como pregador da verdade que Cristo revelou. Nos versículos 1-4, o apóstolo descreve os recursos que seus leitores possuem para crescer na graça e no conhecimento de Jesus. Seu apostolado é o primeiro desses recursos.

Fé igualmente preciosa. Todo aquele que tem fé em Jesus tem acesso direto a Deus. Esse acesso, o segundo recurso citado, foi obtido quando houve a justificação. E a justiça que os cristãos recebem é a imputação da justiça do próprio Cristo.

Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Este “título” de Jesus remete à grande confissão de Pedro em João 6.69: *tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*.

1.2 — *Graça e paz* é uma saudação muito comum nas epístolas, unindo em si o modo de saudar grego e o hebraico. Contudo, para Pedro, essa saudação observa a graça e a paz como bênçãos advindas do *conhecimento de Deus* e de Jesus. O substantivo grego traduzido por *conhecimento* é a palavra-chave desta carta. Ela descreve um tipo especial de conhecimento; um conhecimento pleno, que obtemos à medida que amadurecemos na fé e experimentamos a graça e paz de Deus em diversas ocasiões ao longo da nossa caminhada cristã.

1.3 — O apóstolo Paulo identificou o *divino poder* citado aqui como *a virtude de Sua ressurreição* [de Cristo] (Fp 3.10; 4.13). Esse poder é o terceiro recurso para levar uma vida santa que Pedro lista em sua carta (v. 1).

Por sua glória e virtude. Estas palavras falam das qualidades de Jesus que atraem os que nele creem.

A glória que João viu em Jesus (2 Pe 1.14) era Sua autoridade e Seu poder. A glória que Pedro viu provavelmente se manifestou na transfiguração (v. 16-18). O poder de Jesus é Sua excelência moral, que continuamente inspirava Seus discípulos.

1.4 — *Grandíssimas e preciosas promessas* se referem às inúmeras dádivas da provisão divina que se encontram nas Escrituras. A glória e o poder de Cristo nos são oferecidos nessas promessas como a base da nossa crescente participação na natureza divina. Cristo habita em nós pelo Seu Espírito, como Ele nos havia prometido (Jo 14.23), para que sejamos transformados de glória em glória na Sua mesma imagem (2 Co 3.18). Por termos nos tornado novas criaturas em Cristo, já *escapamos da corrupção* (da ruína moral), *que, pela concupiscência, há no mundo* (o desejo depravado). Nós temos de mostrar a todos que não temos parte com este mundo por meio da nossa conduta santa e da renovação da nossa mente (Rm 12.2). Esta conduta e renovação espiritual são o quarto recurso (v. 1,3) que os cristãos podem usar para obter a ajuda de Deus.

1.5 — *Acrescentai*. Esta palavra tem o mesmo significado de *concedida*, no versículo 11. Quando adicionamos essas qualidades à nossa fé, temos *amplamente concedida a entrada* no Reino eterno de Deus.

O verbo *epichorego* traz consigo uma história fascinante. Na dramaturgia grega, as peças dependiam do esforço do poeta (que escrevia o roteiro), do Estado (que providenciava o teatro) e de patrocinador, chamado de *choregos*, que bancava as despesas. Este último contribuía com sua



EM FOCO

PODER DIVINO (GR. *THEIOS DUNAMIS*)

(2 Pe 1.3)

Natureza divina (gr. *theios phusis*)

(2 Pe 1.4)

Essas expressões são únicas no Novo Testamento. Esse *theios dunamis* é o poder de Deus que foi usado para ressuscitar Jesus dos mortos e que foi colocado à disposição da Igreja (Ef 1.19,20), dando-nos condição espiritual de levar uma vida santa.

A natureza divina [*theios phusis*] é o que caracteriza Deus; é expressa em Sua santidade, virtude, justiça, graça e Seu amor (2 Pe 1.5-7). Ao serem regenerados segundo a natureza divina, os cristãos podem demonstrar essas mesmas características.



APLICAÇÃO

A FONTE DO PODER

Será que sabemos viver? Em 2 Pedro 1.3, nós temos a resposta. Pedro afirmou que o poder de Deus nos dá o que precisamos para experimentar uma vida que verdadeiramente agrade a Ele. Deus quer estar presente em cada área da nossa vida, no trabalho, no casamento, na família, nos relacionamentos, na igreja etc.

Mas como podemos ter o poder de Deus operando em nossa vida? Pedro disse que recebemos esse poder *pelo conhecimento daquele que nos chamou*. Em outras palavras, devemos crescer a cada dia tendo mais comunhão com Jesus. Nós obtemos o verdadeiro poder quando entendemos nosso lugar nos planos de Deus e confiamos em Sua provisão.

generosidade e, muitas vezes, um alto valor. Na visão de Pedro, Deus escreveu o fascinante roteiro da vida cristã com o sangue de Jesus Cristo; o mundo é o teatro onde essa realidade é representada, e os cristãos devem fazer sua parte, dedicando-se ao máximo para tornar o roteiro uma peça digna de aplausos. Esta exortação dá início a uma passagem (v. 5-11) em que Pedro descreve as responsabilidades que temos por possuímos os recursos descritos nos versículos 1,3,4.

A fé marca o início da vida cristã (At 3.16; Rm 3.28; Hb 11.6). Por meio da fé genuína, Deus concede a vida eterna àqueles que estão mortos espiritualmente (Ef 2.1).

Virtude é a mesma palavra usada no versículo 3 para se referir ao caráter de Cristo. Nós mesmos não podemos produzir virtude, mas podemos escolher obedecer às orientações cheias de virtude do Espírito Santo, que habita em nós.

A *ciência* (a sabedoria prática) é obtida quando nos dedicamos a aprender a verdade revelada por Deus nas Escrituras e quando a colocamos em prática.

1.6 — *Temperança* implica dominar suas próprias emoções, em vez de ser dominado por elas. Os falsos profetas, cujas ideias Pedro estava expondo, acreditavam que o conhecimento libertava as pessoas da necessidade de controlar suas paixões.

Paciência. Aquele que tem domínio próprio dificilmente se sentirá desencorajado ou tentado a desistir. O segredo da paciência é compreender que tudo que acontece está no controle de um Deus amoroso, que tem tudo em Suas mãos.

1.7 — A palavra grega traduzida como *piedade* era usada antigamente pelos pagãos para

descrever uma pessoa religiosa que tinha uma íntima comunhão com os deuses. Pedro usa essa palavra aqui para falar da necessidade que os cristãos têm de estarem sempre na presença de Deus. Já que sabemos que tudo está nas mãos de Deus, isso deve influenciar todas as áreas da nossa vida. Nós temos de viver para Deus, não para nós mesmos.

O *amor fraternal* está intrinsecamente ligado ao amor descrito em 1 João 4.20: *se alguém diz: eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso*. Como Jesus ensinou em João 15.12-17, o amor envolve servir um ao outro, compartilhar um com o outro e orar um pelo outro. O *amor* aqui se refere ao amor de Deus, cuja origem está não em quem é amado, mas naquele que ama. Deus ama porque Ele é amor, e nós devemos amar porque somos de Deus. E esse amor não deve ficar restrito à Igreja, mas fluir por meio dela para alcançar todos, em todos os lugares, buscando sempre o melhor para os outros, por mais que isso tenha um alto custo para nós.

1.8 — *Não vos deixarão ociosos nem estéreis*. As qualidades encontradas nos versículos 5-7 descrevem um cristão sadio e frutífero. Logo, aquele que quiser ser também deve seguir esse processo passo a passo.

1.9 — Não dar frutos na vida cristã pode resultar em duas coisas: cegueira e esquecimento. *Cego* é aquele que olha apenas para as coisas terrenas e materiais, o que ele tem em mãos, e não para as realidades espirituais e eternas. Preocupado somente com sua vida aqui, ele se torna cego para as coisas de Deus, esquecendo-se também do maravilhoso sentimento de paz que temos quando nos entregamos a Cristo.

1.10 — No versículo 10, Pedro exorta seus leitores a estarem cada vez mais firmes na sua *vocação e eleição*. É claro que uma pessoa não se esquece de que seus pecados foram apagados pela morte expiatória de Cristo, mas a questão aqui é que isso pode não estar muito evidente em sua vida, caso ela não seja exortada a crer sempre nisso. Nós não podemos ter certeza da nossa *vocação e eleição* se nos esquecermos da *purificação* dos nossos antigos pecados (v. 9). Por outro lado, se tivermos certeza de que fomos purificados de todos os nossos pecados do passado, é certo que *jamais tropeçaremos*.

1.11 — *Amplamente concedida a entrada no Reino eterno*. Pedro aqui faz distinção entre uma porta estreita (que conduz ao Reino eterno) e outra bem larga (que conduz à perdição). A Bíblia nos diz que aquele que for fiel a Deus e der muito fruto enquanto viver aqui será recompensado com grandes privilégios e galardões na glória (Ap 22.12).

1.12 — *Não deixarei de exortar-vos sempre*. Por três vezes, nos versículos 12-15, Pedro expressa seu desejo de sempre lembrar seus leitores da verdade que outrora já havia compartilhado com eles. E ele seria negligente se não fizesse isso, já que todo cristão não pode esquecer-se da importância de manter-se firme até o fim. É bem provável que Pedro estivesse pensando na sua própria inconstância, algo que o levou a negar seu Senhor três vezes, mesmo quando ele tinha convicção de que jamais faria isso.

1.13,14 — Pedro estava ciente de que restava pouco tempo de vida. Paulo também via seu corpo como um *tabernáculo*, uma residência temporária (2 Co 5.1). Jesus dissera a Pedro que este, em sua velhice, seria preso e levado à morte (Jo 21.13,19). Como agora lhe restava pouco tempo de vida, Pedro encoraja seus leitores a aproveitar cada oportunidade para demonstrar o amor de Jesus enquanto pudessem.

1.15 — *Procurarei [...] tendes lembrança destas coisas*. Muitos cristãos no passado consideraram essas palavras uma promessa de que Pedro deixaria um testemunho da verdade a seus leitores, talvez o Evangelho de Marcos (o testemunho de Pedro sobre a vida de Jesus). Pedro descreve

sua *morte* como uma viagem ou partida (termo que Paulo usa em 2 Timóteo 4.6).

1.16-21 — Pedro lembra seus leitores de que eles devem ser fiéis porque a segunda vinda de Cristo não é uma *fábula*. Há três coisas que nos dão certeza de Sua volta: (1) Pedro já tinha testemunhado a *magnífica glória* de Jesus quando Ele se transfigurou (v. 16-18), o que foi um prenúncio da Sua segunda vinda em glória. (2) O próprio Jesus garantiu que retornaria (Jo 14.18); e (3) A *palavra dos profetas* do Antigo Testamento também previu a volta de Cristo (v. 19).

1.16 — Os falsos mestres estavam sustentando que a ressurreição e o retorno de Jesus, assim como o Espírito Santo que habita nos cristãos, eram *fábulas artificialmente compostas*. Pedro refutou o que eles estavam dizendo sobre a *fé* ao relatar o que ele havia testemunhado. O próprio Pedro vira a *majestade* de Jesus Cristo, que *recebeu de Deus Pai honra e glória* (v. 17). Estes são os temas de sua carta: o poder e a glória de Jesus, que nos possibilitam ter uma vida santificada, e a volta dele, que serve de esperança a todo cristão.

1.17,18 — Assim como Tiago e João, Pedro ouviu a *voz* do Pai durante a transfiguração de Jesus (Mt 17.1-13). Essa voz conferiu *honra e glória* a Jesus, pois Deus disse [o mesmo que João Batista ouvira após o batismo do Mestre]: *este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mt 17.5). A *glória* de Jesus fez com que Suas vestes resplandescessem (Mc 9.3). Logo, o testemunho dos apóstolos se dá por meio de três verdades: (1) eles *viram* o Senhor transfigurado; (2) *ouviram* a voz do Pai (e a conversa entre Moisés e Elias, embora Pedro não mencione isso aqui); (3) e *lembraram-se* do evento no monte. Isto confirma que esse evento de fato aconteceu, não sendo uma fábula ou um mito.

1.19 — A frase *temos, mui firme, a palavra dos profetas* poderia ser parafraseada assim: “Nós temos a palavra dos profetas como uma confirmação segura”. Tão forte quanto o relato de uma testemunha ocular (v. 16-18), existe uma confirmação ainda mais forte no fato de Jesus ser quem Ele mesmo diz ser. Além disso, a Bíblia é muito mais confiável do que a experiência pessoal do



EM FOCO

ESTRELA DA ALVA (GR. PHOSPHOROS)

(2 Pe 1.19)

Essa palavra no grego significa *aquele que traz a luz ou portador da luz*. Jesus é a *Estrela da alva*. Ele também é chamado de a *resplandecente Estrela da manhã* (Ap 22.16) e o *orientado do alto*, ou seja, o sol nascente (Lc 1.78). Hoje, Cristo brilha em nosso coração, mas quando Ele voltar, além de brilhar no nosso coração, Ele nos trará o dia perfeito. Sua volta visível culminará em uma ressurreição invisível, *uma transformação radiante* do nosso espírito.

apóstolo Pedro. Ela faz brilhar *uma luz que alumia um lugar escuro* e continuará fazendo isso até que a *estrela da alva apareça* (Rm 13.12-14). Em outras palavras, as verdades bíblicas continuarão apontando para a Fonte de toda verdade, Jesus Cristo, até que Ele volte em glória. No

1.20 — *Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação*. Apesar da crença de que esta frase signifique que nenhum cristão tem o direito de interpretar a profecia por si mesmo, seu contexto e a palavra grega traduzida como *interpretação* também pode significar *origem*. No contexto do versículo 21, fica claro que Pedro estava falando da origem das Escrituras, que está no próprio Deus, e não do direito que alguém tem de interpretá-las. Nenhum homem tem o direito autoral da Bíblia; não foram os profetas que trouxeram solução ou explicação sobre os mistérios da vida. Ao contrário, foi Deus que falou por meio deles. O Senhor é o único responsável pelo que está escrito nas Escrituras. É por isso que os cristãos devem estudar a Bíblia com afinco. Ela é a Palavra de Deus.

1.21 — *A profecia nunca foi produzida pela vontade de homem algum*. Nenhum mortal pode dizer que seus pensamentos são como os pensamentos de Deus. Pelo contrário, é Deus que escolhe homens santos para serem Seus porta-vozes, homens que dizem o que receberam por inspiração do Espírito Santo. As palavras *produzida* e *inspirados* nos dão uma ideia de um navio içando as velas e indo a favor do vento. Isso pode ser uma lembrança que Pedro teve das palavras que Jesus disse a Nicodemos em João 3.8.

2.1-22 — Pedro descreve os *falsos mestres* como aqueles que levam os cristãos a desviarem-se da verdade (v. 1-3, 11-22), e garante a seus

leitores que esses mestres serão julgados por Deus (v. 4-10).

2.1 — Assim como os falsos profetas no passado se levantaram contra os profetas de Deus, os *falsos doutores* estavam levantando-se contra os cristãos. A diferença na terminologia indica que os falsos mestres, que estavam entre os leitores de Pedro, não se consideravam profetas, mas distorciam as Escrituras com interpretações heréticas. A certeza de Pedro de que havia falsos mestres se baseava na advertência de Jesus (Mt 24.4,5). Os falsos mestres podiam ser reconhecidos por suas abordagens particulares e seus erros doutrinários (como negar Cristo) e por sua repentina entrada na comunidade cristã (1 Jo 2.19).

2.2 — *Dissoluções*. Pedro estava referindo-se aqui às implicações éticas dos falsos ensinamentos. No sentido original, a palavra traduzida como *dissoluções* designa coisas vergonhosas, imorais, *práticas libertinas* (ARA). Os falsos mestres gloriam-se nos privilégios que havia no cristianismo, embora tratassem suas exigências morais com indiferença.

Blasfemado. A verdade da redenção cristã é desacreditada por muitos em função da conduta imoral de muitos que se dizem cristãos.

2.3 — *Avareza*. Os falsos mestres não hesitavam em explorar seus seguidores para enriquecer.

Condenação... destruição. Pedro deixa de descrever os falsos mestres e passa a descrever seu destino. Os versículos 4-8 nos dão três exemplos claros do juízo que falsos profetas tiveram no passado.

2.4-9 — Pedro se utiliza de três ilustrações do juízo de Deus contra o pecado para provar que Ele punirá esses falsos mestres: a dos *anjos que*

pecaram (v. 4), a do mundo antigo dos dias de Noé (v. 5; Gn 6.5—8.22), e a de Sodoma e Gomorra (v. 6; Gn 19.1-26). Então, Pedro usa mais duas ilustrações para mostrar que Deus livra os Seus quando estes provam ser fiéis em meio às provocações (v. 9): Noé (v. 5) e o justo Ló.

2.4 — Os anjos que pecaram. Dependendo de como se compreende o texto em Gênesis 6.1-6, há duas interpretações possíveis para esta passagem. Talvez Pedro estivesse referindo-se aos filhos de Deus, aludidos em Gênesis 6.2. Segundo essa interpretação, os filhos de Deus eram anjos que se rebelaram contra o Criador. Eles começaram a ter relações sexuais com as filhas dos homens. Então, o juízo de Deus veio sobre eles para puni-los por causa da sua conduta vergonhosa. Eles foram lançados no inferno (gr. *ταρταρώσας*, *tártaro*), o lugar do castigo final.

[De acordo com a cultura grega] O *tártaro* é um lugar abissal no reino dos mortos [uma prisão no lugar mais profundo do Hades], para onde os mortos [que haviam cometido crimes capitais] eram enviados e presos em *cadeias e escuridão*. Um segundo grupo de comentaristas nega veementemente a ideia de que houve relação sexual entre os anjos e as mulheres. Eles consideram esse versículo apenas como uma referência aos anjos que caíram com Satanás.

2.5 — E não perdeu o mundo antigo. O segundo exemplo de Pedro do juízo de Deus (v. 4) é o *dilúvio* que veio sobre os *ímpios* nos dias de Noé (2 Pe 3.6; 1 Pe 3.20).

Noé é chamado por Pedro de *pregoeiro da justiça* porque a vida de retidão deste era luz para as pessoas imorais que viviam ao seu redor. Ao construir a arca, Noé certamente teve a chance de explicar



COMPARE

UMA VIDA DE RETIDÃO EM UM MUNDO MAU

Pedro escreveu a cristãos que coexistiam com falsos mestres que difundiam perigosas heresias com muito sucesso, exortando-os assim: *crescei na graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* (2 Pe 3.18).

O quadro abaixo traz os seguintes componentes do crescimento espiritual ensinados por Pedro.

Prática	Referência	Princípios
Uma vida santa	2 Pe 1.1-15	<ul style="list-style-type: none"> Em Cristo, temos tudo que precisamos para levarmos uma vida santa. Somos participantes da natureza divina. Fomos libertos do poder da nossa velha natureza pecaminosa.
A confiança nas Escrituras	2 Pe 1.16-21; 3.1,2	<ul style="list-style-type: none"> A doutrina cristã não é apenas mais uma religião, uma fábula. A Bíblia é confiável porque foi escrita por profetas e apóstolos inspirados pelo Espírito Santo. Ela é como uma luz num tempo de trevas; ela é soberana num mundo relativista.
A luta contra os falsos ensinamentos	2 Pe 2.1-22	<ul style="list-style-type: none"> Não devemos ser influenciados pelo grande número de pessoas que se deixam levar por conceitos antibíblicos. Certa é a condenação de todos que se opõem às verdades de Deus. Temos de buscar discernimento no Espírito Santo para reconhecermos os falsos ensinamentos e as promessas mentirosas dos ímpios.
A vigilância	2 Pe 3.3-18	<ul style="list-style-type: none"> Nós só podemos escapar das ciladas deste mundo quando temos esperança na volta de Cristo. Precisamos cuidar para que nunca deixemos de estar atentos — Deus tem preestabelecido o dia para o fim deste mundo que hoje conhecemos. A promessa de que Deus trará juízo a esta terra deve levar-nos a encorajar os outros a arrepender-se e crer em Cristo.

àquelas pessoas que o juízo de Deus era iminente e convidá-las a arrepende-se e crer em Deus. Mas ninguém deu ouvidos às súplicas de Noé, assim como os falsos mestres nos dias de Pedro não deram ouvidos à verdade sobre a expiação de Cristo. Foi essa indiferença e incredulidade que trouxeram destruição aos ímpios nos dias de Noé.

2.6 — *Sodoma e Gomorra* é o terceiro exemplo que Pedro nos dá do juízo de Deus (v. 4,5). Em Gênesis 19, está bem claro que a perversão sexual foi a razão principal pela qual Deus *condenou* Sodoma e Gomorra. Isso aconteceu para nos dar um exemplo de como é perigoso a imoralidade, a perversão sexual e o homossexualismo. Desde o início dos tempos, essas práticas perversas têm sido praticadas, e inevitavelmente abalada as estruturas da sociedade em que vivemos.

2.7,8 — *Ló* é mencionado três vezes nesta passagem como um homem *justo*. O relato sobre ele em Gênesis parece mostrar que *Ló* compartilhava a fé de Abraão, mas em algum grau foi influenciado pelos valores deste mundo. Aqui, em 2 Pedro, é revelado como *Ló* se sentia em relação à maldade: ele *afligia todos os dias a sua alma justa, pelo que via e ouvia sobre as suas obras injustas*. *Ló* foi considerado justo por Deus porque se recusou a participar das práticas imorais e perversas daquela cidade onde vivia. Por essa razão, *Ló* foi salvo do juízo divino sobre Sodoma. Esse exemplo nos mostra como é importante lamentarmos a condição dos perdidos e não nos acomodarmos aos padrões imorais deste mundo.

2.9-11 — *Sabe o senhor*. Deus está no controle de todas as coisas. Ele dá livramento *aos piedosos*, mas não os priva de suas lutas. Ele também sabe que *os injustos* não escaparão do *Dia de juízo*. Haverá dois grupos em particular quando vier o juízo: os que vivem segundo suas *concupiscências de imundícia* e aqueles que não respeitam autoridades ou *dominações* [instituídas por Deus].

Atrevidos, obstinados. Estas palavras descrevem o caráter e os métodos dos falsos mestres. Suas ações são caracterizadas pelo atrevimento. Eles desafiam Deus e os homens abertamente. E o que se esconde por trás da sua presunção é um comprometimento com seus próprios desejos.

As *autoridades* que os falsos mestres desprezam podem ser os anjos, embora essa palavra possa referir-se também a pessoas no poder [ou aos apóstolos]. É quase certo que essa referência aqui seja uma alusão a Judas 1.9, onde é dito que o arcanjo Miguel, apesar de estar investido da autoridade divina, ao disputar com Satanás o corpo de Moisés, não pronunciou juízo contra o inimigo, mas disse apenas: *o Senhor te repreenda*.

2.12 — *Animais irracionais*. Os falsos mestres são comparados a animais por causa de sua conduta, pois contrariam as verdades sobre a vida e o juízo, demonstrando agir sem entendimento delas. Como animais, eles reagem somente às circunstâncias do momento, sem pensar nas consequências de seus atos. Eles lidam com coisas que não entendem, como um cão raivoso que ataca alguém por pensar que ele representa alguma ameaça. E já que os falsos mestres agem como animais, seu fim será como o destes; a corrupção do seu coração será a causa da sua destruição, como um cachorro louco que é sacrificado para não voltar a machucar pessoa alguma.

Perecerão na sua corrupção poderia ser traduzido como “corrompidos pelo seu modo corrupto de viver”. Esta é a ironia de uma vida pecaminosa: ela pode ser muito prazerosa, mas, no fim, será muito desagradável. A imoralidade em si é algo destruidor.

2.13 — Os falsos mestres são perversos e não escondem sua maldade, como os que *têm prazer nos deleites cotidianos*. Até as sociedades pagãs achavam estranho bebedices à luz do dia. No entanto, os falsos mestres não tinham limites no que dizia respeito a deturpar os preceitos da liberdade cristã à vista de todos. Como resultado, receberiam *o galardão da injustiça*, ou seja, a morte espiritual (Rm 6.23).

Os *deleites* mencionados aqui podem ser as festas de caridade (Jd 12), celebradas na ocasião da ceia do Senhor. Por outro lado, o termo pode referir-se simplesmente ao contato social com os mestres hereges. Os hereges se iludiam pensando que celebravam sua liberdade em Cristo ficando bêbados à mesa do Senhor. Na verdade, isso não

passava de *nódoas e máculas* que desfiguravam e degradavam a pureza da ceia do Senhor.

2.14 — Os olhos dos falsos mestres eram cheios de *adultério*, pois não cessavam de pecar desejando as mulheres. Suas fantasias já tinham se tornado algo habitual. Por causa disso, converteram algumas *almas inconstantes* na igreja de que o adultério era uma atitude aceitável e induziram-nas à imoralidade sexual.

Engodar significa pegar com uma isca. Os novos convertidos inconstantes, que ainda não estavam muito firmes em Cristo, eram atraídos facilmente por esse modo de vida imoral.

Exercitado na avareza. A última parte do versículo 14 está ligada aos versículos 15,16, pois Balaão é um exemplo daqueles que deixaram o caminho correto e tornaram-se hereges [por torpe ganância]. A acusação de Pedro é séria, pois reafirma que o *coração* dos falsos mestres estava deliberadamente calcado em práticas gananciosas.

A *avareza* (gr. *pleonexia*) é usada para aludir tanto à ganância por dinheiro como por sexo, a lascívia. Neste contexto, a ganância é por dinheiro, *status* e conforto. Por isso, Jesus afirmou enfaticamente: *não podeis servir a Deus e a Mamom* [ou *as riquezas*] (Mt 6.24). Fazer isso é o mesmo que se colocar debaixo da maldição de Deus, e ser condenado a perecer com este mundo por rejeitar a graça de Deus.

2.15,16 — A história de Balaão, em Números 22, é citada aqui, assim como em Judas 11 e Apocalipse 2.14, para mostrar o perigo de deixar o *caminho direito*. O primeiro erro de Balaão foi que ele *amou o prêmio da injustiça*. Ele vendeu seus poderes proféticos a Balaque, um rei pagão, por dinheiro e tentou amaldiçoar o povo de Deus. Quando estava a caminho para fazer isso, Balaão foi repreendido pela sua jumenta, que viu o que ele não podia ver: um anjo poderoso com uma espada desembainhada parado no caminho. Pedro usou essa história para fortalecer as *almas inconstantes*, que ficavam facilmente impressionadas com os ensinamentos dos hereges. Embora o pecado que Balaão cometeu (levar imoralidade ao acampamento de Israel) não seja mencionado aqui, fica claro que a ganância e a

luxúria eram a principal motivação dos falsos mestres citados aqui. Esses dois pecados geralmente estão ligados.

2.17 — *Fontes... nuvens.* Pedro acusa os mestres hereges de criarem falsas expectativas, como fontes que não têm água ou nuvens escuras que não dão chuva alguma.

2.18 — *Engodar*, o mesmo verbo usado no versículo 14, significa *pegar com uma isca*. A “isca” aqui são as *coisas mui arrogantes de vaidade*, promessas grandiosas que no fim não têm valor, sentido algum. O “anzol” são as *concupiscências da carne*, os desejos sexuais, que são comuns aos que andam por caminhos errados. Os mestres hereges ensinavam abertamente que, uma vez que a alma fosse salva, o que se fazia com o corpo não tinha importância alguma.

Aqueles que andam em erro. Proteger o rebanho dos lobos em pele de ovelhas, como Jesus descreveu os falsos mestres, era uma das principais preocupações dos apóstolos e uma das funções mais importantes dos pastores.

2.19 — A ironia dos falsos ensinamentos é que prometiam muita liberdade, embora aqueles que os ensinassem fossem *escravos* do pecado. O evangelho nos oferece a libertação da *corrupção* do mundo, mas os falsos mestres já estavam corrompidos moralmente por causa das suas práticas imorais (v. 14-18) e das suas motivações gananciosas (v. 3). É bem provável que esses falsos mestres estivessem distorcendo o preceito cristão de liberdade numa licenciosidade para pecar (vemos como essa maneira de pensar é condenada por Paulo em Romanos 6).

2.20-22 — As *peessoas* aqui são motivo de divergência de opiniões entre vários comentaristas. As suposições levantadas são geralmente quatro: (1) que seriam os falsos mestres citados nos versículos anteriores, e não aqueles que foram enganados por eles; (2) que a aparente ligação que há entre a parte final do versículo 18 — *aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro* — e o início do versículo 20 — *se, depois de terem escapado das corrupções do mundo* — provavelmente indica que as *peessoas* citadas nesse versículo seriam aquelas que ainda não tinham sido

salvas, mas que ainda eram simplesmente ouvintes do evangelho (v. 18); (3) que as *peçoas* seriam os falsos mestres e seus seguidores, que poderiam perder a salvação; ou (4) que seriam os novos convertidos, os quais eram exortados a não deixar que a sensualidade dominasse sua vida, a fim de que não tivessem uma vida mais vazia ainda do que tinham antes de terem sido salvos.

2.20 — *Terem escapado*. O sujeito dessa frase são os mestres hereges que são chamados de *servos* [escravos] *da corrupção* no versículo 19. Este versículo parece estar dizendo que anteriormente eles haviam deixado a sujeira deste mundo por meio da experiência que tiveram com Cristo e o pleno conhecimento sobre Ele. Todavia, acabaram caindo de novo na imoralidade e tornando-se mestres de modos de vida pecaminosos. Por esse motivo, *tornou-lhes o último estado pior do que o primeiro*. É quase certo que essa frase tenha sido tirada das palavras de Jesus registradas em Mateus 12.45 e que provavelmente expressem o que Pedro se lembrava daquela ocasião.

2.21 — *Melhor lhes fora não conhecerem*. Conhecimento sem obediência é algo muito perigoso. Jesus disse que seria melhor que Judas Iscariotes não tivesse nascido a negar a verdade que conheceu (Mt 26.24).

As expressões *o caminho da justiça* e *o santo mandamento* dão ênfase ao conteúdo ético do conhecimento que os falsos mestres tinham (v. 20). Eles sabiam o que era certo e santo, mas escolheram deliberadamente fazer o que era errado e corrupto.

2.22 — *Que por um verdadeiro provérbio*. Os judeus consideram cães e porcos animais mais desprezíveis. Foi por isso que Pedro escolheu esses animais para descrever aqueles que conhecem a verdade, mas desprezam-na. O primeiro provérbio encontra-se em Provérbios 26.11; o segundo vem da história síria de Aicar, conhecida por Pedro e seus leitores. Jesus também usou *cães* e *porcos* como alegoria para retratar a humanidade afastada de Deus (Mt 7.6).

Uma análise de todo o capítulo 2 de 2 Pedro mostra-nos que o desejo por dinheiro, a obsessão por sexo, o materialismo e o egoísmo que dominou

a sociedade moderna indicam que o coração do homem não aceitou o senhorio de Cristo, mas sucumbiu diante das ilusões do diabo. O orgulho por causa do conhecimento é o ponto exato de seu ataque.

3.1-18 — Pedro nos faz lembrar novamente da segunda vinda de Cristo (v. 3-9) e de como devemos viver à luz desse fato (v. 10-18).

3.1 — Pedro volta a exortar os cristãos, chamando-os de *amados* (v. 8,14,17).

Esta segunda carta. Naturalmente, a primeira carta a que Pedro se refere é 1 Pedro. No entanto, 1 Pedro não foi escrita para nos lembrar de algo, como Pedro sugere aqui (2 Pe 1.12-15). Além disso, 1 Pedro foi enviada a vários grupos de leitores que viviam em cinco províncias diferentes (1 Pe 1.1), enquanto esta carta parece ter sido enviada a uma só igreja (ou a igrejas próximas), cujas pessoas e circunstâncias Pedro conhecia muito bem. Por essa razão, *crê-se* que a primeira carta mencionada aqui é 1 Pedro ou outra carta posterior a esta que talvez tenha sido perdida (veja a referência que Paulo faz a uma carta antiga em 1 Coríntios 5.9). De qualquer forma, por meio dessas cartas, Pedro buscou despertar o *ânimo sincero* de seus leitores com relação ao perigo que representavam os falsos líderes que afirmavam ser cristãos.

3.2 — *As palavras que primeiramente foram ditas*. A única maneira por que os leitores de Pedro podiam identificar os erros dos mestres hereges era comparando os ensinamentos destes com o ensinamento dos *santos profetas* e *apóstolos*. Como Pedro já havia lembrado aos seus leitores em 2 Pedro 1.21, as palavras dos *homens santos* foram inspiradas pelo Espírito Santo, ou seja, eram a Palavra de Deus, algo totalmente confiável.

O *mandamento* dos apóstolos provavelmente se refere ao novo mandamento dado por Jesus de amarmos uns aos outros (Jo 13.34,35). Como os apóstolos discorreram muito sobre isso em suas cartas, fica claro que esse amor tinha de ser limpo e puro, livre de pecados sexuais (1 Tm 1.5).

3.3 — A maior motivação da vida do justo deve ser a esperança da volta de Cristo (1 Jo 3.2,3). Porém, a inesperada demora dessa volta



APLICAÇÃO

DESEJANDO ARDENTEMENTE A ETERNIDADE

Já que Pedro estava aproximando-se do fim de sua vida, ele escreveu uma carta esclarecendo a questão do tempo e da eternidade. Ele assinala que o tempo passa tão rápido que mil anos parecem alguns dias (2 Pe 3.8), lembrando o início da criação (2 Pe 3.4-6). Ele também nos leva a vislumbrar o futuro, quando virá o juízo, e novos céus e nova terra serão o lar daqueles que temem a Deus (2 Pe 3.10-13). Pedro também nos lembra que um dia para Deus é como se fossem mil anos. Mas ele também declara que Deus já estava em plena atividade muito antes de irmos a existir (2 Pe 3.9).

A visão de Pedro nos desafia a viver tendo como alvo a eternidade e valorizar certas virtudes, como a pureza, a santidade e a justiça (2 Pe 3.11, 14). Nós não podemos ficar presos ao que acontece aqui e agora e desviar nosso olhar do destino eterno que nos aguarda. Nem as alegrias do presente nem os problemas que temos no dia-a-dia podem comparar-se com o que Deus preparou para nós na eternidade. Pedro nos encoraja a permanecermos firmes no fundamento da nossa fé e resistirmos às tentações passageiras que vêm sobre nós nesta vida (2 Pe 3.17,18).

faria com que aparecessem *escarnecedores* que zombariam dela, pois estes só queriam viver de maneira que satisfizesse seus desejos egoístas. A hipótese é que os *escarnecedores* aqui são os mesmos mestres hereges mencionados no capítulo 2. Os apóstolos previram que esse tipo de escárnio aconteceria (2 Tm 3.1-5; Tg 5.3; Jd 18).

Os *últimos dias* referem-se à presente era (Hb 1.2). Ao longo dos séculos, os *escarnecedores* negaram a segunda vinda de Cristo sempre que o hedonismo e o humanismo prevaleciam na igreja.

3.4 — *Todas as coisas permanecem.* A base que alguns tinham para negar a volta sobrenatural de Jesus estava no fato de que nada do tipo havia acontecido no passado. Muitos cristãos, e até documentos seculares dos dois primeiros séculos, relatam o pavor que se espalhou entre os cristãos quando pareceu que a promessa da segunda vinda de Jesus não se cumpriria. Os *pais* que *dormiram* provavelmente é uma alusão aos patriarcas do Antigo Testamento.

3.5,6 — *Eles voluntariamente ignoram.* Os mestres *escarnecedores* decidiram desprezar eventos como a Criação e o Dilúvio. As pessoas nos dias de Noé não creram nos alertas desse justo, porque nunca houvera um Dilúvio até então. Mas esqueceram, assim como os falsos mestres, mais tarde, que Deus criou todo o universo com Sua *palavra*, algo que eles também não viram. Da mesma forma que tudo foi criado pela *palavra* de Deus, tudo também é sustentado por ela. Do mesmo modo, o juízo e a destruição do

mundo serão operados de acordo com Sua *palavra*. O que quer que aconteça neste mundo, Deus está no controle.

3.7 — *Pela mesma palavra.* Pedro desloca sua visão profética do mundo que antes existia (v. 6) para *os céus e a terra* que agora existem. A água foi o principal elemento que destruiu o mundo antigo, mas o atual perecerá pelo fogo. No entanto, assim como as águas do mundo pré-diluviano estavam sob o controle de Deus, o fogo destinado à era atual está *reservado* (contido) pela mesma *Palavra*.

O juízo pelo fogo é tão certo como o que foi efetuado pela água (v. 5). Desde a explosão da bomba de hidrogênio [e a deflagração do aquecimento global], as pessoas não têm mais motivo algum para duvidar dessa profecia. Não podemos esperar que a natureza assegure a vida humana na Terra para sempre. Em vários livros bíblicos, há profecias sobre o dia do juízo, quando os ímpios sofrerão os horrores da condenação por terem feito a escolha de viver sem Deus.

3.8-10 — *Pedro novamente lembra a seus leitores que eles precisam guardar algo no coração sobre a volta de Cristo.* Nos versículos 1-7, eles são assegurados de que a zombaria dos *escarnecedores* é infundada, pois é calcada em tolos que desprezam a verdade (v. 5), e de que um dia a fé deles nas verdades de Deus será reivindicada quando o Senhor destruir este mundo junto com os ímpios. Há uma grande diferença entre as perguntas *onde está a promessa da vinda do*

Senhor? e quando Ele voltará? A primeira é de um ímpio; a segunda é de um cristão confuso. Quanto a isso, Pedro dá uma resposta acerca da demora da segunda vinda de Cristo.

3.8 — *Mil anos.* Deus com certeza cumprirá Seus propósitos e Suas promessas, por mais que pareça que Ele demora a fazer isso. Seu tempo é sempre perfeito.

3.9 — Deus não está retardando Seu juízo porque ele é *tardio*, mas porque o Senhor é *longânimo*, paciente, com Seu povo.

Não querendo que alguns se percam. Esta passagem não quer dizer de modo algum que Deus determinou que todos sejam salvos (universalismo). Este texto não está referindo-se a um decreto de Deus, mas a um desejo Seu. Mas é claro que tudo que o Deus soberano determinou irá cumprir-se. O que Pedro quer expressar aqui é o desejo soberano de Deus de que todos deixem sua vida desregrada e voltem-se para Ele (1 Tm 2.4).

3.10 — O *Dia do Senhor* diz respeito aos eventos do fim dos tempos e da segunda vinda de Cristo. (Relatos sobre o fim dos tempos são encontrados em Daniel 9.24-27; 1 Tessalonicenses 5.2; 2 Tessalonicenses 2.1-12.)

Quando esta era chegar ao fim, no dia do Juízo, os céus passarão com grande estrondo, e os elementos [...] se desfarão pelo fogo (v. 12). A descrição de Pedro nos dá uma ideia do juízo de Deus sobre a antiga terra e o antigo céu. Alguns acham que Pedro estava profetizando que a terra será destruída por uma guerra atômica. Entretanto, isso aqui é algo muito mais destruidor do que qualquer ser humano já viu.

3.11 — *Que pessoas vos convém.* O objetivo principal do ensinamento profético não é satisfazer nossa curiosidade, mas encorajar-nos a buscar uma mudança de vida. Em vez de trabalharmos para obter coisas que no fim serão destruídas, devemos trabalhar pelas coisas que são eternas.

3.12-14 — No versículo 12, há diferenciação entre como os ímpios e como os santos veem o Dia do Senhor; os primeiros tremem porque isso significa para eles castigo e destruição, enquanto



EM FOCO

CONHECIMENTO (GR. *GNOISIS*)

(2 Pe 1.5; 3.18; Ef 3.19; Fp 3.8; Cl 2.3)

A palavra grega traduzida como *conhecimento* geralmente tem uma conotação progressiva, experimental, de um conhecimento pessoal; é o conhecimento que pode desenvolver-se. Portanto, nosso conhecimento verdadeiro e pessoal de Jesus Cristo deve crescer cada vez mais, pois esse conhecimento é a maior proteção que temos contra os falsos ensinamentos. Um dos temas mais importantes desta epístola é a exortação de Pedro para que os cristãos busquem um conhecimento mais completo e pleno de Jesus Cristo (2 Pe 1.8; 2.20; 3.18).

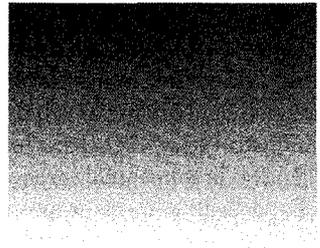
os cristãos estão *aguardando*, e *apressando*[-se] para a vinda do dia de Deus.

Aguardando (gr. *prosdokao*) é usado neste contexto com o sentido de antecipação. Junto à palavra *apressando* (gr. *pseudo*), significa acelerar ou ocupar-se com, embora tenha sido traduzida como *procurai* (v. 14).

A esperança ou expectativa dos cristãos por *novos céus e nova terra, em que habita a justiça* é a base da exortação para que tenhamos um conduta pura e irrepreensível. Não haverá falsos mestres no céu.

3.15,16 — Veja que Pedro iguala as cartas de Paulo às outras Escrituras, mostrando que considerava as epístolas de Paulo como Palavra de Deus. E Pedro considera o que Paulo escreveu sobre o fim dos tempos *difícil de entender*. Isso é um alívio para todos nós que tentamos interpretar o que Paulo escreveu sobre a volta de Cristo, visto que até Pedro o achou difícil. É por isso que ele diz que aqueles que são *indoutos* e *inconstantes* acabam destruindo a si mesmos. *Indoutos* aqui se refere àqueles cuja mente não é treinada nem disciplinada para pensar. *Inconstantes* diz respeito àqueles cuja conduta não está de acordo com a Palavra de Deus.

3.17,18 — Pedro admoesta seus leitores, que já conhecem a verdade, a guardar-se do *engano dos homens* e a crescer na *graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*.



A primeira carta de

João

INTRODUÇÃO

Faz parte da arrogância humana pensar que sabemos mais do que os outros. Nesta carta, o apóstolo João enfrenta o problema dos falsos mestres que andavam fazendo alegações soberbas sobre seu conhecimento da divindade e da natureza de Cristo. João contradiz as declarações mentirosas deles lembrando aos leitores os relatos dos apóstolos que testemunharam os acontecimentos, entre eles o próprio João. Jesus Cristo veio à terra em um corpo humano, viveu como homem, morreu e ressuscitou dos mortos. Ele era plenamente humano e plenamente divino. O que quer que estivesse sendo ensinado por outras pessoas era mentira. Nesta carta, João lançou o alerta: não se pode ter tolerância com ensinamentos falsos. As mentiras levariam à imoralidade, e a imoralidade levaria à morte eterna.

Por outro lado, a verdade se faria demonstrar pelo amor, e o amor levaria à vida eterna. Para João, as crenças pessoais realmente importavam.

É provável que João tenha escrito esta carta com dois objetivos em mente: um pastoral e outro apologético. O objetivo pastoral de João era incentivar a comunhão (1 Jo 1.3). Mas, para os cristãos alcançarem a comunhão, precisavam compreender a verdadeira natureza de Deus (1 Jo 1.5; 2.29; 4.7,8). Sendo assim, o propósito pastoral naturalmente leva ao propósito apologético (1 Jo 2.26), que era proteger seus leitores contra as ideias enganadoras dos falsos mestres. Se os cristãos fossem enganados pelas falsas doutrinas, acabariam por comprometer sua união, que só era possível no amor de Cristo. Evidentemente alguns enganadores haviam surgido entre os

cristãos (1 Jo 2.18,19,26). Caso os cristãos conseguissem separar a verdade da mentira, seriam capazes de manter a unidade na fé e teriam oportunidade de demonstrar seu amor pelos irmãos em Cristo (1 Jo 3.11). Para João, a conduta se originava diretamente da crença pessoal.

De acordo com os propósitos do autor, na primeira parte da carta predomina o tema da comunhão (1 Jo 1.5—2.27), ao passo que o tema da certeza da salvação predomina na segunda parte. Entre os conceitos mais importantes do texto estão a vida eterna, o conhecimento de Deus e a obediência na fé. Além disso, João desenvolve ideias teológicas nesta carta por meio de antíteses, temas contrastantes, tais como o caminho da luz ou das trevas, filhos de Deus ou do diabo, vida ou morte, amor ou ódio. A partir desses contrastes, João diferencia claramente os falsos mestres dos verdadeiros. João escrevia a cristãos que lidavam com um tipo específico de ensinamento deturpado, a heresia contagiosa do antigo gnosticismo. Ele escreveu esta carta para incentivá-los a continuar obedecendo ao que ouviram desde o princípio, a fim de que mantivessem sua comunhão com Deus e seu amor pelos irmãos na fé. Em suma, ele os exortou a deixar evidente a todos sua crença em Cristo, para que a doutrina correta fosse identificável pela vida regrada e pelo amor integral que demonstrariam às outras pessoas.

O gnosticismo era um problema que ameaçava a igreja da Ásia Menor ao longo do século 2 d.C. Tratava-se de um ensinamento que misturava o misticismo oriental e o dualismo grego (que defendia que o espírito era inteiramente bom, mas a matéria era inteiramente má). Essa perspectiva esteve presente de forma seminal na Igreja nos últimos anos do primeiro século. Na metade do segundo século, o gnosticismo já havia se tornado um sistema teológico completamente desenvolvido, gerando até mesmo evangelhos e epístolas gnósticos. João percebeu o perigo do gnosticismo e escreveu para combater sua influência antes que se disseminasse pelas igrejas da Ásia Menor. A partir do conceito de que a matéria é má e o espírito é bom, alguns gnósticos concluíram que, se Deus fosse bom mesmo, Ele não poderia ter criado

o universo material. Sendo assim, algum deus menor deve tê-lo criado. Segundo eles, o Deus do AT seria esse deus menor. A visão dualista do gnosticismo também gerou a difusão da crença de que Jesus não tinha um corpo físico. Esse ensinamento, chamado de docetismo, alegava que Jesus apenas parecia ter um corpo físico e nunca chegara a sentir dor nem a morrer na cruz.

Outra heresia com que João lidou nesta carta e que enfrentou pessoalmente em Éfeso foi a do cerintianismo. Essa corrente [liderada por Cerinto] ensinava que Jesus era só um homem no qual o Espírito de Cristo teria repousado ao ser batizado e que esse Espírito de Cristo teria saído de Jesus pouco antes de Ele ser crucificado. Dessa forma, o Cristo espiritual não teria sofrido nem morrido realmente pelos pecados da humanidade na cruz, mas simplesmente aparentado fazê-lo.

Há diversas indicações de que João se referia a heresias como esta em sua carta. Observe o uso de expressões como *o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram* (1 Jo 1.1); *todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus* (1 Jo 4.2); e *aquele que veio por água e sangue* (1 Jo 5.6). Todas essas expressões usam termos vívidos e explícitos para descrever a encarnação, reafirmando a verdade de que Jesus é tanto plenamente divino quanto plenamente humano.

João, o discípulo amado, é considerado o autor desta carta. Embora ele não se identifique, a semelhança de vocabulário e de estilo da escrita entre esta epístola e o Evangelho de João é um bom argumento em favor da tese de que são do mesmo autor. Os escritos dos pais da Igreja, de Inácio a Policarpo, também apontam João como autor desta carta. Além disso, nos primeiros versículos da epístola (1 Jo 1.1-4), o autor se identifica como testemunha ocular da vida terrena de Cristo, como alguém que literalmente teria visto e tocado a *Palavra da vida*. Obviamente, essa descrição cabe a um apóstolo, mas não a um líder eclesialístico de segunda geração. Por fim, o autor praticamente se autodenomina apóstolo (o *nós*, em 1 João 1.1-3; 4.14, parece referir-se aos apóstolos).

Embora haja quem alegue que a carta tenha sido escrita antes de Jerusalém ser destruída em

70 d.C., uma data mais para o final do século 1 possibilita a introdução das ideias que mais tarde se conjugaram no gnosticismo, provavelmente as mesmas que João estava combatendo aqui. Por outro lado, a carta não pode ter sido escrita depois do fim do primeiro século, quando João faleceu. Além disso, os indícios dos autores do segundo século, que conheciam a epístola e citavam partes dela, demonstram que foi escrita antes desse tempo. Sendo assim, 1 João deve ter sido escrita poucos anos antes de Apocalipse.

Ao determinar a data em que o texto foi escrito, devem-se considerar diversos fatores. Primeiro, o tom do livro e, especialmente, a postura do autor quanto aos leitores sugerem que se trata de um idoso falando a uma geração posterior. Segundo, Ireneu assinala que João

morou em Éfeso e escreveu às igrejas da Ásia. As cartas de João às igrejas da Ásia em Apocalipse (Ap 2 e 3) reforçam o comentário de Ireneu. A conclusão natural é de que 1 João se dirige aos mesmos cristãos. Terceiro, Paulo visitou Éfeso várias vezes entre 53 e 56 d.C., usando a cidade como centro de seus empreendimentos evangélicos. Timóteo esteve em Éfeso com Paulo por volta de 63 d.C. e ainda estava lá quando Paulo lhe escreveu por volta de 67 d.C. Não há indicativo de que Timóteo e João tenham estado ao mesmo tempo em Éfeso; portanto, João deve ter visitado Éfeso depois que Timóteo partiu. Isso fixaria a data da redação de 1 João depois de 67 d.C., mas antes de 98 d.C. Parece razoável presumir uma data por volta de 90 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 1 JOÃO

Ano 27 d.C. — Jesus chama João, filho de Zebedeu, para segui-lo

Ano 30 d.C. — João se torna líder da Igreja primitiva

Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados; João estabelece residência em Éfeso

Ano 70 d.C. — Os romanos destroem Jerusalém e a Igreja é dispersa

Ano 90 d.C. — João escreve seu Evangelho e suas cartas

Ano 100 d.C. — João falece



ESBOÇO

I. Introdução: a mensagem da vida eterna —1.1-4

II. Princípios básicos da carta —1.5—2.11

A. Princípios da comunhão com Deus —1.5—2.2

B. Princípios para conhecer a Deus —2.3-11

III. Propósito da carta —2.12-27

A. Motivações para João escrever a carta —2.12-14

B. Amar o mundo *versus* amar a Deus —2.15-17

C. Negação, pelos não cristãos, de que Jesus é o Cristo —2.18-23

D. Obedecendo à Palavra de Deus —2.24-27

IV. Justiça de Deus —2.28—4.6

A. Viver em justiça e obedecer a Deus —2.28—3.3

B. Dois tipos de pessoa: os justos e os ímpios —3.4-9

C. Duas famílias: filhos de Deus *versus* filhos do diabo —3.10-15

D. Amor e obediência: um indicador de que se pertence a Cristo —3.16-23

E. Confissão ortodoxa: um indicador de que se pertence a Cristo —3.24—4.6

V. O amor de Deus —4.7—5.13

A. Amor: um indicador do relacionamento com Deus —4.7-16

B. Amor maduro e certeza da salvação —4.17-19

C. Relação entre o amor por Deus e o amor pelo próximo —4.20—5.5

D. O testemunho do Pai acerca de Jesus —5.6-13

VI. Epílogo: oração e conhecimento —5.14-21

A. A segurança produz confiança e oração eficaz —5.14-17

B. Conhecendo bem a Deus —5.18-20

COMENTÁRIO

1.1-4 — Esses versículos têm semelhanças com o prólogo do Evangelho de João (João 1.1-18). No entanto, enquanto o Evangelho de João ressalta a natureza metafísica de Jesus, o *Verbo*, esses versículos ressaltam a experiência pessoal dos apóstolos com o Verbo encarnado.

A lembrança de Jesus Cristo estava ainda muito vívida na mente de João enquanto ele refletia sobre os três anos e meio que ele e os demais discípulos passaram junto ao Senhor. Agora ele queria assegurar-se de que as igrejas sob seu cuidado teriam *comunhão* com o Senhor ressurreto e com outros discípulos.

Os versículos 1-4 também esboçam a mensagem do livro. O prólogo contém uma declaração de missão no versículo 3, que há quem veja como a dominante da epístola, fazendo da comunhão a principal mensagem do autor. Por outro lado, a maior parte dos estudiosos vê 1 João 5.13 como a declaração de missão da epístola, ressaltando a necessidade de crer em Cristo para obter a salvação eterna. Na verdade, ambos os objetivos são trabalhados na carta.

1.1 — O *que* pode referir-se: (1) à revelação sobre Cristo, (2) aos ensinamentos de Cristo, (3) à vida eterna manifestada por Cristo, ou (4) a Cristo em pessoa.

As palavras *ouvimos* (1 Jo 1.4), *vimos*, *contemplado* e *tocaram* indicam que provavelmente se trata da pessoa de Jesus Cristo. O *princípio* pode estar aludindo à criação ou ao início do ministério de Cristo. Se for à criação, é semelhante à declaração a respeito de Cristo e à criação no Evangelho (Jo 1.1). Mas o contexto torna provável que a referência seja ao princípio do ministério de Cristo, semelhantemente a 1 João 2.7,24 e 3.11. O uso da primeira pessoa do plural provavelmente se refere aos apóstolos.

Palavra da vida pode estar referindo-se a Jesus, que é o *Verbo* (Jo 1.1) e a *vida* (Jo 14.6), ou talvez ainda à mensagem do evangelho e a tudo o que ela diz sobre a vida eterna. Provavelmente a referência é a Jesus, o Verbo que traz a vida, a qual é uma dádiva de Deus que não pode ser obtida por mérito nem arrancada de nós.

1.2 — A *vida* que *foi manifestada* aos apóstolos agora é declarada por eles. A vida não estava oculta nem camuflada para que poucos ou ninguém a



APLICAÇÃO

LIBERTANDO-SE DA CULPA

Ninguém gosta de sentir culpa. Como um convidado importuno, a culpa aparece nos momentos mais impróprios e não vai embora não importa o quanto você queira.

Mas a verdade é que precisamos da culpa. É a única reação cabível a qualquer lapso, seja ele um pensamento egoísta, seja um assassinato premeditado. Até mesmo o descrente quer que o ladrão sinta remorso por seus roubos. Por quê? Porque é o *certo*. A culpa expõe a verdade que gostaríamos de ocultar: todos nós pecamos. João diz isso da seguinte forma: *se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós* (1 Jo 1.8).

Porém João não nos deixa com essa imagem desanimadora de nós mesmos. Ele prossegue esboçando o glorioso retrato de um Deus que perdoa. Essa é nossa única esperança: *se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda injustiça* (1 Jo 1.9). A culpa não serve apenas para dar as más notícias; ela também abre a porta para o perdão. O progresso, a mudança, a recuperação e, o que é mais importante, o perdão de Deus, tudo isso começa pela confissão.

A confissão funciona opondo-se à pior parte da natureza humana, aquela que se imagina melhor do que realmente é. Quem nunca pensou: “não sou perfeito, mas não sou tão ruim quanto meu vizinho de porta”? Essa mentalidade nunca quer enfrentar a confissão de frente; ela prefere ignorar ou apaziguar a culpa a admiti-la. Mas apenas a confissão franca de nossos pecados nos limpa completamente. Só quando admitimos ser pecadores, indignos da graça de Deus, podemos recomeçar do zero.

C. S. Lewis afirmou: “nenhum homem sabe o quanto é mau até que tenha tentado de toda maneira ser bom”. Da mesma forma, talvez nunca saibamos o quanto precisamos de liberdade até tentarmos desfazer-nos de nosso fardo de pecados. Mesmo assim, o perdão de Deus nos libertará para recomeçarmos a trilhar o caminho da justiça.

encontrassem. Essa vida foi, antes, dada a conhecer abertamente e originava-se de Deus.

Pai. Deus expôs a verdade sobre si mesmo na natureza e por meio dos antigos profetas, mas a revelação de Seu Filho (Hb 1.1,2) é a melhor e mais clara apresentação que Deus faz de si próprio. Essa relação pessoal com Jesus não dava a João qualquer vantagem indevida sobre os demais cristãos, nem mesmo sobre aqueles a quem escrevia, que nunca haviam estado com o Cristo humano.

A experiência de João com Jesus foi de revelação e fé (Mt 16.17; 1 Pe 1.7-12). Não devemos pensar que ter conhecido Jesus pessoalmente resultaria numa fé maior nele. Muitos dos que viram Jesus fisicamente o rejeitaram. Aceitar Cristo é um ato de fé, é receber a revelação de Deus nas Escrituras. Até mesmo quando a experiência pessoal com Cristo estava distante no tempo, os apóstolos e os que conheceram Jesus apegavam-se a Ele pela fé, e não pelo que viram (João 20.29). Deus deu certeza de que a revelação de Cristo garantiria o testemunho por meio dos Evangelhos escritos.

1.3 — A razão principal por que João escreve é orientar seus leitores quanto ao que devem fazer para ter *comunhão* com os apóstolos e com Deus. *Comunhão* transmite tanto a ideia de um relacionamento positivo compartilhado pelas pessoas como a participação em um interesse ou objetivo comum. A comunhão promovida por João não é apenas vertical, entre o cristão e Deus. Ele escreve que os cristãos podem ter comunhão *conosco*. Como João considerava que seus leitores seriam cristãos (1 Jo 2.12-14), não devemos interpretar ter *comunhão* como sinônimo de ser cristão.

1.4 — O cristão não pode sentir gozo verdadeiro sem relacionar-se bem com Deus e os outros (Sl 16.11; 51.12; Jo 15.11). Se os falsos mestres contra os quais João escreve tiverem um excessivo impacto sobre os leitores, estes podem não conseguir manter os laços de comunhão nem a alegria cristã. Sendo assim, ele escreve para lhes dizer a verdade de que precisam para conservar seu relacionamento com o povo de Deus e com os apóstolos.

1.5 — *Deus é luz* por natureza, em Seu ser essencial, bem como também é Espírito (Jo 4.24) e amor (1 Jo 4.8). *Luz* refere-se ao caráter moral de Deus.

Não há nele treva nenhuma. Deus é santo, intocado por qualquer tipo de mal ou pecado. Como Deus é luz, quem deseja ter comunhão com Ele também deve ser puro. *Nenhuma* ressalta que a ênfase dada por João é absoluta, o que é essencial para o livro ter o peso que tem.

1.6 — Os versículos 6 a 10 contêm três contrastes entre palavras e obras, ou entre dizer uma coisa e fazer outra. Depois de cada comparação há o produto da ação.

Se dissermos. A primeira falsa alegação é a de que *temos comunhão* com Deus ao mesmo tempo em que não refletimos Seu caráter moral.

Andarmos refere-se a uma forma de vida ou prática cotidiana. Andar *em trevas* significa viver contrariamente ao caráter moral de Deus, viver em pecado. Alegar ter comunhão com Deus sem levar uma vida moral correta nem praticar a *verdade* é viver uma mentira, pois Deus não pode comprometer Sua santidade sendo complacente com o pecado.

1.7 — Andar *na luz* é viver de tal forma que se esteja iluminado pela verdade da pessoa de Deus. João não disse “conforme” a luz, o que implicaria uma exigência de perfeição livre de todo pecado.

Uns com os outros. Quando a conduta do cristão reflete o caráter moral de Deus, é possível uma verdadeira comunhão com os demais cristãos. Nossa comunhão com Deus depende de andar na luz de Deus, onde o pecado fica evidente. Essa evidenciação nos permite permanecer limpos perante Ele. Só o *sangue de Jesus Cristo* pode purificar-nos *de todo pecado*, tornando possível aos cristãos imperfeitos manter a comunhão com um Deus santo.

1.8 — A segunda declaração falsa (1 Jo 1.6) é a de que *não temos pecado*. A ideia é de que nossa natureza pecaminosa estaria completamente extinta. Dizer isso é nos enganarmos (2 Cr 6.36; Jo 9.41). O fato de não termos consciência do pecado não significa que estejamos livres dele. É

muito fácil encobrir o pecado (Pv 28.13). Não enganamos os outros, no entanto; eles costumam ver-nos com clareza. O problema é não nos vermos como somos de verdade. Todo cristão pode identificar-se com Davi porque ele é um excelente exemplo do crente que cometeu um grande pecado, mas não via que era pecador. Ele tentou continuar agindo como o ungido do Senhor sem ter a Sua bênção. Quando o profeta Natã o confrontou, Davi indignou-se com o homem que tirou e matou a ovelha de outro homem, mas ainda assim não enxergou a si mesmo na história de Natã (2 Sm 11; 12). A *verdade* é a revelação de Deus, que diz exatamente o contrário. Não ter pecado é não precisar de um Salvador, o que tornaria a vinda de Jesus desnecessária.

1.9 — Embora João use mais a primeira pessoa do plural (nós) para se referir a si próprio e aos outros apóstolos como testemunhas oculares de Cristo (1 Jo 1.1), aqui o tratamento abarca todos os cristãos que confessarem (reconhecerem) o pecado. Deus diz que somos pecadores e precisamos do perdão. Confessar é concordar com Ele, admitir que somos pecadores e que necessitamos de Sua misericórdia. Se o cristão confessar seus pecados específicos a Deus, Ele purificará *toda injustiça* dessa pessoa. O cristão não precisa martirizar-se pelo pecado que não conhece.

O perdão e a purificação estão garantidos, pois Deus é *fiel* às Suas promessas. Tais promessas são legítimas, pois Deus é *justo*. Deus pode conservar Seu caráter perfeito e ainda assim nos perdoar por causa do sacrifício perfeito e justo de Jesus, Seu próprio Filho (1 Jo 2.2). Nossa salvação não custa nada para nós; é uma dádiva de Deus. Mas a salvação tem um preço; ela custou a Deus a morte de Seu Filho. Como João está falando aos cristãos, o perdão aqui não se refere à sua justificação e salvação iniciais. Ele está preocupado com a salvação e santificação deles. Cristo concretizou a primeira parte de nossa salvação na cruz aqui na terra (Jo 17.4). A segunda parte de nossa salvação é diante do trono de Deus, onde Cristo intercede por nós (Hb 4.15,16; 7.23-28).

Os pecados. O texto em grego de fato não diz *ossos* pecados na segunda ocorrência da palavra. Provavelmente isso quer dizer que os pecados de que João está falando são aqueles que confessamos, e não simplesmente todo e qualquer pecado que cometemos. João prossegue e diz que Cristo, além de dar-nos o perdão, purifica nosso coração de toda impiedade. Devemos ter o cuidado de distinguir este perdão familiar do Pai a Seus filhos do perdão que recebemos ao sermos redimidos. Essa passagem foi escrita para aqueles que já estão salvos do juízo eterno por causa de seus pecados,



APLICAÇÃO

TRANSMITINDO CRISTO A OUTRAS PESSOAS

O que significa exatamente *testemunhar*? Muita gente associa o termo a evangelismo de rua. Mas os pregadores de rua às vezes afastam as pessoas, embora o vigor de sua fé seja reconhecido por todos. Então o que é mais necessário para a pessoa ser uma boa representante de Cristo?

João era um dos companheiros mais próximos de Jesus. Nesse primeiro capítulo de sua primeira carta, João distingue diversos traços básicos do que significa comunicar Cristo a outras pessoas:

- Nossa mensagem provém de nosso conhecimento e de nossa experiência em Cristo (1 Jo 1.1-4).
- Deixamos claro às outras pessoas aquilo que ouvimos de Cristo (1 Jo 1.5).
- Vivemos nossa fé continuamente, evitando, assim, a conduta que contrarie nossa mensagem (1 Jo 1.6,7). *Andar* é um sinônimo de *viver* muito usado no Novo Testamento (Jo 8.12; Rm 4.12; Cl 3.7).
- Quando não conseguimos cumprir as metas (como acontece com todos nós, segundo 1 Jo 1.10), admitimos o erro, evitando enganos a respeito de nossa caminhada ou da obra de Cristo (1 Jo 1.8-10).

Ser verdadeiro, claro, coerente e honesto devem ser as qualidades básicas dos seguidores de Cristo. São características fundamentais aos olhos de Deus e importantíssimas para quem está analisando o valor de nossa fé. Não devemos oferecer menos do que isso.

mas agora são filhos de Deus que precisam ser perdoados dos tropeços em sua caminhada na fé.

1.10 — *Se dissermos que não pecamos*. Podemos admitir que temos uma natureza pecaminosa e, ainda assim, negar qualquer pecado pessoal e, portanto, a necessidade de confissão. O verbo grego traduzido como *não pecamos* indica uma negação no passado que continua valendo no presente. Diferente de 1 João 1.8, que trata da culpa pelo pecado ou pela natureza pecaminosa, este versículo fala sobre a negação de qualquer tipo de pecado individual. Negar tal realidade é chamar Deus de *mentiroso*, porque a *palavra* de Deus ressalta como o pecado é traçoeiro (Rm 7.14-24). Negar que o pecado está em nós indica que a *palavra* de Deus *não está em nós*. Em outras palavras, a pessoa que nega pecar não tem a Palavra de Deus transformando sua vida.

2.1 — Preocupado como um pai, o velho apóstolo João chama afetuosamente seus leitores de *filhinhos*. Ele é o apóstolo de idade avançada com a preocupação de um pai. Essa palavra grega aparece sete vezes em sua carta (1 Jo 2.1,12,28; 3.7,18; 4.4; 5.21) e uma vez em seu Evangelho (Jo 13.33). Ele também emprega dois termos parecidos: *tekna*, em João 1.12; 11.52; 1 João 3.2,10 (duas vezes); 5.2; 2 João 1,4,13; e *paidia* em 1 João 2.13,18.

Para que não pequeis. As declarações de João sobre o pecado (1 Jo 1.8,10) tinham o objetivo de conscientizar os cristãos do perigo constante que ele representava e deixá-los em contínua vigilância. Os botes salva-vidas estão no navio não para afundá-lo, mas por precaução no caso de ele afundar. Segundo a gramática grega, o *se* antes de *alguém pecar* passa o sentido extra de *e presume-se que todos pecamos*. Esta afirmação não é um incentivo ao pecado, e sim um alerta a todo cristão para que fique em guarda contra tendências pecaminosas.

Advogado. Essa palavra grega também é usada referindo-se ao Espírito Santo em João 14.16, descrevendo Aquele que nos ajuda a entendermos a verdade da Palavra de Deus. Nesta passagem, a palavra descreve o trabalho de intercessão do Filho. Quando pecamos, Jesus nos representa

como nosso *Advogado para com o Pai*, para defender nossa causa na corte celeste. Satanás, por outro lado, é o acusador dos cristãos (Zc 3; Ap 12.10).

2.2 — *Propiciação* introduz o tema da remoção piedosa da culpa por meio do perdão divino. No Antigo Testamento em grego (a Septuaginta), o termo *propiciação* era usado para o propiciatório sacrificial onde o sumo sacerdote depositava o sangue das ofertas israelitas (Êx 25.17-22; 1 Cr 28.2). Ao ver esses sacrifícios, a ira justa de Deus era desviada de Israel. Às vezes, as pessoas entendem o termo como referente ao apaziguamento da ira de um deus que poderia ser apaziguado com dádivas de seus devotos. Isso é estranho à perspectiva bíblica. A palavra indica, isto sim, que a ira de Deus contra o pecado deve ser aplacada. Ao vir ao mundo como homem, Deus tornou-se receptor de Sua própria ira e dos meios de conceder libertação dessa ira (o justo e o justificador, Rm 3.26). Jesus Cristo tornou-se esse sacrifício ao morrer e aplacar a ira de Deus na cruz. O sacrifício da vida sem pecado de Jesus foi tão eficaz que gerou perdão para *todo o mundo* (2 Co 5.14,15,19; Hb 2.9). A morte de Cristo é suficiente para todos, mas só é eficiente para os que creem nele. Nem todos serão salvos, mas Jesus oferece salvação a todos (Ap 22.17).

2.3-11 — Nessa seção, são expostas três declarações falsas, cada uma iniciada pela expressão *aquele que diz*.

2.3 — *E nisto sabemos que o conhecemos*. O Novo Testamento fala de conhecer a Deus em dois sentidos. A pessoa que confiou em Cristo o conheceu (Jo 17.3), ou seja, foi apresentada a Ele. Alguém que já foi apresentado ao Senhor também pode tornar-se amigo íntimo dele (Fp 3.10). Neste versículo, João fala de conhecer a Deus intimamente. Em toda a carta o apóstolo usa *conhecer* nesse segundo sentido. Por exemplo, ele diz que todos os que amam nasceram de Deus e conhecem a Deus (1 Jo 4.7), e ainda assim ele diz que não amar não significa que a pessoa não nasceu de Deus, mas apenas que ela não conhece a Deus (1 Jo 4.8). Portanto, em 1 João conhecer a Deus é conhecê-lo com intimidade. A certeza de que o cristão conseguiu



EM FOCO

ADVOGADO (GR. *PARAKLETOS*)

(1 Jo 2.1; Jo 14.16,26; 15.26; 16.7)

A palavra grega significa, literalmente, *aquela que é chamado para estar ao nosso lado*. Pode ser um confortador, consolador ou um advogado de defesa. Em João 14.26 e 15.26, o Espírito Santo é chamado de nosso *parakletos*, nosso Consolador. Aqui, Cristo é chamado de nosso *parakletos*, nosso Advogado. Enquanto o Espírito Santo trabalha dentro de nós para nos consolar e ajudar, Cristo nos representa perante o Pai no céu. Os dois *parakletos* trabalham juntos, em harmonia perfeita (Rm 8.26,27,34).

mesmo tornar-se íntimo de Deus é sua disposição e vontade de obedecer aos mandamentos de Deus (Jo 14.15,20,23,24; 15.10-17).

2.4 — *Não guarda os seus mandamentos*. A desobediência demonstra a falta de conhecimento pessoal de Cristo. Alegar que se conhece a Cristo e continuar a desobedecer à Sua Palavra é mentir.

Nele não está a verdade. Não só a discrepância entre palavras e ações faz do indivíduo em questão um *mentiroso*, como também demonstra que a verdade não é uma influência predominante na vida dele (1 Jo 1.6,8,10).

2.5 — *Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado*. Contrastando com o mentiroso, guardar os mandamentos de Deus demonstra uma relação válida com Cristo e que o amor de Deus se expressa integralmente no cristão. O termo *aperfeiçoado* transmite a ideia de maturidade e completude.

O amor de Deus está [...] *aperfeiçoado* pode significar: (1) que o amor do cristão por Deus cresce conforme ele guarda a Palavra de Deus, ou (2) que, conforme o cristão busca a comunhão e a obediência, o amor de Deus por ele se vai tornando mais completo. A segunda interpretação é a mais provável. O cristão começa a saber, por meio da experiência, que está *nele* (em Deus). Conforme João explana no versículo seguinte, estar *nele* significa obedecer a Ele, ou seja, guardar Seus mandamentos, conforme 1 João 2.3,4. *O amor de Deus*, aqui, pode estar aludindo (1) ao amor de

Deus pelos homens, (2) a um gênero virtuoso de amor ou (3) ao amor da pessoa por Deus.

2.6 — *Está nele*. Estar nele é obedecer continuamente a Ele. Transmite a noção de estabelecer-se em Cristo ou de descansar nele. Evidencia-se por uma vida vivida segundo o exemplo de Cristo. O cristão pode deixar de estar em Cristo, como fica claro pelas repetidas exortações do Mestre em João 15.4-10.

Deve andar como ele andou. Essa admoestação a viver segundo Jesus ensinou revela que a obediência provém de nós mesmos. Os escravos têm de seguir as ordens de seus donos, senão são castigados. Os assalariados precisam cumprir suas tarefas ou serão despedidos. Mas o cristão, sendo filho de Deus, tem de obedecer a Deus porque deseja sinceramente fazê-lo. Seguir as pegadas daquele que morreu por deve ser um prazer.

2.7 — *O mandamento antigo*. Em 1 João 2.3-6, o autor insiste em que o teste da intimidade e do conhecimento pessoal é obedecer aos mandamentos de Cristo. Mas quais seriam eles? João enfatiza que não tem em mente nenhuma nova obrigação, mas sim aquilo que os cristãos conhecem desde o princípio (1 Jo 2.24; 1.1; 3.11; 2 Jo 5). Essa pode ser uma referência ao mandamento de Jesus de amar uns aos outros em João 15 ou à Lei mosaica (Lv 19.18). Seja como for, eles tinham ouvido esse mandamento desde o começo de sua vida cristã.

2.8 — *O mandamento novo* a que João se refere é o amor (1 Jo 2.10). Pode ser que João esteja simplesmente repetindo o que Cristo disse em João 13.34, quando Ele chama o amor recíproco de “novo” mandamento que deu a Seus discípulos.

Moisés disse: *amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Lv 19.18). Jesus disse: *que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis* (Jo 13.34). É por aí que o mundo saberá que pertencemos a Cristo. Esse é o maior argumento apologético do cristão e o imperativo divino às missões, absolutamente essencial ao avanço do Reino de Cristo.

Verdadeiro nele e em vós. O mandamento do amor atingiu sua maior e mais plena expressão na vida de Cristo. Ele demonstrou o que é o amor

verdadeiro vindo ao nosso mundo e dando Sua vida por nós. Os cristãos devem seguir Seu exemplo supremo. Sabemos que o novo mandamento está valendo *porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia*. Esse novo mandamento de amor pertence à nova era que Cristo iniciou.

2.9 — *Irmão*, aqui, refere-se a um irmão cristão. A pessoa pode crer em Jesus Cristo e odiar seu irmão ao mesmo tempo? Parece que sim, já que João tem seus leitores como cristãos. Além disso, não seria cabível dizer aos descrentes para não odiarem irmãos em espírito. Infelizmente, tal fato não só é possível como muitas vezes acontece. O histórico da Bíblia dá exemplos de crentes no Deus verdadeiro que agiram como descrentes. O rei Davi, por exemplo, cometeu assassinato, a expressão mais extrema do ódio (Mt 5.21,22). Porém, não podemos mais cultivar o ódio e dizer que andamos com Deus. Se o cristão mantém um bom relacionamento com o Cristo de amor, ele amará seu irmão.

2.10 — *Nele* se refere ao cristão fervoroso. Ele não faz com que seu irmão peque. *Nele* também pode ser traduzido como *nisso*, com o sentido de que a luz oferece um ambiente que ajuda o cristão a evitar o pecado.

2.11 — *Aquele que aborrece a seu irmão está em trevas*. Odiar o próprio irmão contraria o ensinamento de Cristo de amarmos uns aos outros. A ideia de que a pessoa possa odiar seu irmão e ainda assim alegar ter comunhão com Deus demonstra que as *trevas cegaram* o cristão para a verdade.

Não sabe para onde deva ir. O cristão que odeia seu irmão perdeu a perspectiva espiritual e o senso de direção (2 Pe 1.9). Quem ama seu irmão caminha na luz de Deus e não tem a *pedra de tropeço* interna que o faz recair em todo tipo de pecado.

2.12-14 — Esses versículos contêm dois grupos de três itens cada, descrevendo os leitores de João como *filhinhos*, *pais* e *jovens*. Essas três categorias não são nem grupos etários nem de estágios espirituais. Parece que cada grupo faz referência a todos os leitores de João. Por exemplo: vistos como crianças pequenas, eles sabem que seus

pecados estão perdoados. Vistos como pais, não só eles sabem que têm um relacionamento com Deus como também têm o conhecimento de Deus que vem de obedecer a Seus mandamentos. Vistos como jovens, eles são fortes. A repetição na tríade é para efeito enfático. João argumenta que o objetivo de ter escrito a epístola era o progresso espiritual deles. A segunda referência a crianças (1 Jo 13) deveria ser traduzida como *escrevi-vos* e não *escrevo-vos*, no presente, aumentando o equilíbrio entre os três grupos.

2.15-17 — Tendo reafirmado seus laços espirituais com veemência, agora João alerta os leitores a respeito dos perigos que rodeiam os cristãos, apesar de seu estágio na caminhada em Cristo. Amar o mundo nega o amor por nosso santo Deus e identifica-nos com um sistema fadado à condenação.

2.15 — *Não ameie o mundo* poderia ser reformulado como “parem de amar o mundo”. Os leitores de João estavam agindo de forma incoerente com o relacionamento com Cristo. *Mundo*, aqui, é o sistema moralmente corrupto em oposição a tudo o que Deus é e preza. Nesse sentido, o *mundo* é o sistema satânico que se opõe ao Reino de Cristo na terra (1 Jo 2.16; 3.1; 4.4; 5.19; Jo 12.31; 15.18; Ef 6.11,12; Tg 4.4).

Amor do Pai. Refere-se ou ao amor direcionado a Deus em resposta a Seu amor, ou ao amor que Deus sente por nós. É mais provável que o sentido seja o primeiro. Não é possível amar o mundo e amar a Deus ao mesmo tempo (Tg 4.4).

2.16 — *A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*. O mundo é caracterizado por essas três concupiscências, que têm sido interpretadas como correspondentes às três diferentes formas como Eva foi tentada no jardim (Gn 3.6), ou às três diferentes tentações por que Cristo passou (Lc 4.1-12). Mas as correspondências não são assim tão exatas para afirmar que João esteja aludindo a qualquer uma delas. João provavelmente estava citando uma pequena lista das tentações que poderiam atrair os cristãos e levá-los para longe do Deus amoroso. A *concupiscência da carne* se refere ao desejo por prazeres pecaminosos [principalmente os de natureza

sexual]. A *concupiscência dos olhos* se refere à ambição ou ao materialismo. A *soberba da vida* se refere ao orgulho que a pessoa sente de sua situação no mundo.

2.17 — *O mundo passa.* João ressalta a brevidade da vida. Ser consumido por esta vida é estar despreparado para a vindoura. É uma tragédia investir nossos recursos no que não há de durar.

2.18-23 — Agora João entra nos bastidores do sistema do mundo falando do diabo, o deus deste mundo, e de seus porta-vozes, os *anticristos*. O *anticristo* faz-se revelar por sua negação do fato de Jesus ser o Cristo. Esses versículos não ensinam que ninguém que sai de determinada igreja deixa de ser cristão, e sim que aqueles que deixam os ensinamentos apostólicos e negam a divindade de Jesus se opõem a Cristo, mesmo que digam que são cristãos.

2.18 — *Última hora.* João vê o surgimento de pessoas dentro da comunidade cristã que negam a verdade de Cristo como indício do princípio do fim de todas as coisas. Não devemos tomar *hora* como símbolo de um período determinado, e sim indeterminado. A contagem regressiva de Deus já começou, mas Ele não conta o tempo como nós (2 Pe 3.8). Qualquer tentativa de datar o fim do mundo ou a volta de Cristo está condenada ao fracasso e costuma levar a proclamação de Cristo ao ridículo.

Anticristos é a junção de duas palavras gregas: *anti*, que significa *em vez de* ou *contra*, e *christos*, que significa *o ungido*. *Anticristos* são aqueles que procuram ocupar o lugar de Cristo. Os *muitos anticristos* são os falsos mestres a quem João se opôs nesta carta (1 Jo 2.22; 4.3; 2 Jo 7). Eles lembram os *falsos cristos* sobre os quais Jesus alertou os discípulos (Mt 24.24). São precursores do futuro *anticristo*, também conhecido como a *besta* do livro do Apocalipse (Ap 13.1-18), que tentará exaltar-se acima de Deus (Dn 9.27; 11.31; 12.11; Mt 24.15). Quando estivermos esperando pela volta de Jesus Cristo a qualquer momento, os falsos cristos começarão a aparecer em número cada vez maior (Mt 24.4,5,23-26).

2.19 — Quando os falsos mestres *saíram* do meio dos cristãos, revelaram que não pertenciam



EM FOCO

UNÇÃO (GR. CHRISMA)

(1 Jo 2.20; 2 Co 1.21)

O termo grego *chrisma* está ligado ao título Cristo, que significa *Ungido* e é usado no AT em grego (a Septuaginta) para falar da unção do sumo sacerdote (Êx 29.17). A *unção*, neste contexto, refere-se à transmissão do conhecimento do Espírito Santo para a pessoa (Is 61.1). Como cristãos, nos quais o Espírito Santo habita, estamos ligados ao Ungido e compartilhamos de Sua unção (2 Co 1.21,22). Assim sendo, sabemos de todas as coisas com relação à verdade e à mentira. Como o Espírito vive em nós, sabemos tudo de que precisamos para resistir às tentações dos falsos mestres e viver uma vida justa neste mundo.

à comunidade cristã; nunca tinham sido verdadeiros cristãos.

Não são todos de nós. Nos primeiros versículos deste livro, João fez uma distinção entre *nós* e *vós* (1 Jo 1.1,3). *Nós* se referia aos apóstolos, que eram as testemunhas da vida de Cristo; *vós* se referia aos leitores. Provavelmente essa mesma distinção continua aqui (1 Jo 2.20). Assim, quando diz que esses falsos mestres *não eram de nós*, João quer dizer que eles não concordavam com o que era ensinado pelos apóstolos. Esses anticristos tinham deixado as igrejas apostólicas, e suas posturas e atos não eram compatíveis com o ensino dos apóstolos. Se estivessem em harmonia com os apóstolos, teriam continuado em comunhão com eles (1 Jo 1.1-3).

2.20,21 — *Unção*, aqui, refere-se ou ao Espírito Santo ou à Escritura. Essa unção é a proteção dos cristãos contra os falsos mestres. João diz que esses cristãos se opõem àqueles que saíram (1 Jo 2.19), que eram representantes do anticristo. O verdadeiro Ungido, Jesus, também tem representantes ungidos. Como só Deus sabe tudo, a expressão *tudo* tem limitações. Neste contexto, *tudo* é toda a verdade de que os cristãos precisavam para resistir aos anticristos (1 Jo 2.21). Uma das principais heresias que a Igreja do século 1 enfrentou foi o gnosticismo, cujos seguidores alegavam possuir conhecimentos secretos da verdade que levavam à salvação. Aqui, João estava opondo-se a esse ensinamento ao reafirmar que

todos os cristãos conheciam a verdade. Como apóstolo, João estava simplesmente lembrando a eles aquilo que já sabiam, sem agir como fonte exclusiva da verdade.

2.22,23 — Negar a divindade de Jesus é o mesmo que negar o *Pai e o Filho*. Nas epístolas de João, negar que *Jesus é o Cristo* inclui negar que Ele veio em carne (1 Jo 1.1-3; 4.3; 2 Jo 7). A pessoa não pode adorar a Deus negando a Jesus plena divindade e plena humanidade.

2.24 — *O que desde o princípio ouvistes permanece em vós*. Se os leitores de João deixassem as verdades do evangelho permanecer neles, também permaneceriam no Filho e no Pai. Aqui novamente não se trata de uma referência à vida eterna, que é um dom, mas a uma verdadeira comunhão com Deus. A mensagem *que desde o princípio ouvistes* era que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (1 Jo 2.22) que viera ao mundo em carne (1 Jo 1.1-3). Se os leitores de João resistissem às mentiras dos anticristos e se apegassem às verdades que haviam aprendido desde o início, continuariam a ter comunhão com o *Filho* e com o *Pai*.

2.25 — *A vida eterna* trata tanto da qualidade da vida presente, uma vida cheia da alegria de Deus, como da promessa de uma futura vida na eternidade.

2.26 — *Dos que vos enganam* refere-se aos falsos mestres, ou anticristos. O pronome *vos* indica que é possível os cristãos serem enganados por ensinamentos falsos.

2.27 — Devemos basear nossa caminhada com o Senhor na verdade que Ele nos concedeu. Os cristãos que conhecem os estatutos e desejos de Deus para eles, mas deixam de praticar tais

verdades em sua vida, não alcançarão a maturidade em Cristo (Hb 5.11—6.12).

2.28—4.6 — Como Deus é reto, a filiação divina dos cristãos fica patente por meio da vida reta, que inclui amar os irmãos e crer de forma ortodoxa na divindade de Jesus. Esse trecho passa da ênfase de João na comunhão à sua base, a certeza da salvação.

2.28 — Até então, João exortara seus leitores a permitir que aquilo que haviam ouvido desde o princípio habitasse neles (1 Jo 2.24-27). Aqui, ele os aconselha a permanecer *nele*, no próprio Cristo. Se permanecermos em Cristo, evitaremos constrangimentos por ocasião de Sua volta.

Confundidos. Essa confusão ou vergonha resultará, quando Cristo voltar, de não ter vivido em obediência.

2.29 — Como Deus é justo, quem *pratica a justiça* será reconhecido como *nascido* de Deus. Esse versículo não diz que todos os que nasceram de Deus praticam a justiça. Os cristãos podem caminhar nas trevas e no pecado (1 Jo 1.6,8; 2.1). A mensagem aqui é que, quando o filho manifesta os traços de caráter do pai, percebe-se que ele é mesmo filho daquele pai.

3.1 — *Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai*. João observa extasiado o amor de Deus. Mas o maior êxtase e a maior gratidão provinham do fato de Deus expressar amor pelos seres humanos e de os cristãos integrarem Sua família. Deus ama todos os cristãos, fortes ou fracos. João diz que Jesus, na noite em que foi traído, *havia amado os seus que estavam no mundo e amou-os até ao fim* (Jo 13.1). O amor de Deus contrasta fortemente com o amor deste mundo. O mundo



VOCÊ SABIA?

A PROMESSA DA VIDA ETERNA

De cremes estéticos e vitaminas a ginástica, atualmente muita gente busca uma fonte de juventude. Quer evitar a velhice, talvez porque ela leve à realidade última e definitiva da morte. Essa realidade é tão dolorosa para a maior parte das pessoas que chegam a evitar pensar no assunto. Quase nunca se preparam para a morte e o que vem depois dela.

João propõe a única maneira pela qual alguém pode fazer algo a respeito de sua morte que seja de fato relevante. Ele fala da promessa revolucionária feita por Deus — de que poderemos viver felizes para sempre (1 Jo 2.24,25). Deus faz tal promessa de vida eterna a quem depositar sua fé em Jesus Cristo.

ama quem o ama, mas Deus ama até os que lhe desobedecem.

3.2 — Quando João admite ignorar o que seremos quando Jesus voltar, sua afirmativa deve tornar-nos humildes e precavidos quanto a anunciar detalhadamente acontecimentos futuros e a natureza de nossa existência celestial. Deus decidiu não nos dizer muitas coisas, ou porque não as entenderíamos, ou porque poderiam distrair-nos de nossas responsabilidades como cristãos (At 1.6-8).

Seremos semelhantes a ele. Embora não conheçamos todos os detalhes de nossa futura existência, sabemos que teremos um corpo como o de Cristo (Fp 3.21). Os cristãos terão imortalidade e estarão livres de sua atual natureza pecaminosa, que tanto os incomoda.

3.3 — *Qualquer que [...] tem [...] esperança* de ver Cristo e ser como Ele (1 Jo 3.2) percebe que Cristo é moralmente puro. Compreender isso ajuda a pessoa a procurar ser cada vez mais pura.

3.4-9 — Os dois tipos de pessoas descritos são aquele cujo estilo de vida se caracteriza pela justiça e aquele que se caracteriza pelo pecado. O relacionamento vital com Deus fica patente por

meio de uma vida reta. Quem vive no pecado nega o relacionamento com Jesus porque Ele veio para levar embora o pecado.

3.4 — O *pecado* de que trata este versículo não é aquele ocasional, mas uma vida de persistente pecado. *Iniquidade* não significa falhar em relação à Lei, mas rebelar-se contra ela.

3.5,6 — Se Cristo não tem pecado e o objetivo de Sua vinda foi tirar o pecado do mundo, então *qualquer que permanece nele não peca*. A conduta pecaminosa costuma indicar falta de comunhão com Cristo. Assim, se nos dizemos cristãos, mas temos uma vida na prática do pecado, pode-se questionar legitimamente nossa condição de filhos de Deus. Sendo assim, a afirmativa em 1 João 1.9—2.2 demonstra que os cristãos pecam ocasionalmente, mas não vivem no pecado, como antes faziam quando estavam sob o jugo do pecado [daí a tradução do versículo 6 na ARA: *aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu*].

[Há quem entenda que a frase *qualquer que permanece nele não peca* se refira também à impossibilidade de pecar até ocasionalmente. Isto se baseia no fato de que o novo homem, o ser espiritual



ENTENDENDO MELHOR

PERFEIÇÃO IMACULADA?

A maioria dos seguidores de Cristo concordaria que se deve buscar a maior integridade moral possível. Mas as declarações de João em 1 João 3.6 parecem elevar esse padrão ao ponto da perfeição imaculada. De fato, se a pessoa que peca não viu [Cristo] *nem o conheceu*, que esperança resta aos cristãos que tropeçam?

O caso aqui é que nosso idioma nos induz ao engano. Em português, o verbo *pecar* soa absoluto, definitivo: basta um pecado e você se apartou de Deus. Mas a forma do verbo em grego (*hamartanei*) tem um sentido de ato contínuo: "ninguém que permanece em Cristo tem o hábito de pecar constantemente". A mensagem é de que o verdadeiro cristão vai afastando-se de seus antigos caminhos pecaminosos, já que, conforme cresce em Cristo, vai substituindo-os por novos caminhos de amor e fé.

A situação se assemelha à da pessoa que perde peso mudando os próprios hábitos alimentares. Ninguém fica saudável da noite para o dia, mas, com o tempo e mantendo uma dieta disciplinada, a pessoa pode caminhar para seu objetivo a passos largos.

Claro, o fato de não sermos imaculadamente perfeitos nesta vida não significa que devamos ser permissivos em relação ao pecado. Fazer isso seria ofender a Deus e destruir a nós mesmos. Sim, Deus perdoa um ou outro pecado ocasional, mas, se insistirmos em trilhar a via do pecado, impediremos que o poder de Cristo aja sobre nossa vida. Também nos exporemos a graves consequências espirituais como perder a capacidade de arrepender-se (Hb 6.1-12).

Será que não conseguimos parar de cair em determinado tipo de pecado? João diz que a saída dessa situação frustrante está em aprender a "permanecer" continuamente em Cristo. Precisamos confessar nossos pecados a Jesus e concentrar-nos não tanto em evitar o pecado, mas sim em manter nosso relacionamento com Ele. Afinal, Cristo não veio para nos impedir de pecar (1 Jo 2.1,2). Mas, se nos voltarmos contra o Senhor e nos deixarmos subjugar pelo pecado, então, como João escreveu, não seremos capazes de vê-lo operando em nossa vida nem conhecer a alegria de Sua presença.

gerado por Deus em nosso interior, o ser criado à imagem de Cristo, não pode pecar no sentido de não consentir com o pecado quando eventualmente o cristão peca sob domínio do velho homem, de sua natureza carnal, como sugere o texto em 1 João 3.9: *qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus.*]

Não o viu nem o conheceu. Ao pecar, falta-nos visão de Deus. Pecar resulta da cegueira e da ignorância a respeito dele (2 Pe 1.9). Todo pecado cometido por cristãos é consequência de eles pensarem erradamente a respeito de Deus. De fato, se o cristão nunca pensasse nada errado a respeito de Deus, ele nunca pecaria. Não é de admirar que o apóstolo Paulo nos conclame a levar *cativo todo entendimento à obediência de Cristo* (2 Co 10.5). Qualquer pensamento nosso que não passe por esse teste pode muito bem ser uma abertura para o ataque de Satanás (At 5.2,3).

3.7 — *Filhinhos, ninguém vos engane.* Evidentemente, os anticristos que estavam negando a doutrina de Cristo (1 Jo 2.22) também alegavam conhecer a Deus, mas ainda assim viviam na iniquidade (1 Jo 1.6). João insiste em que negar a doutrina de Cristo é não ter Cristo (1 Jo 2.23) e que, como Deus é justo (1 Jo 2.29) e Cristo é puro (1 Jo 3.3) e sem pecado (1 Jo 3.5), quem nasceu de Deus (1 Jo 2.29) possui a natureza de Deus e, como habita em Cristo, não peca (1 Jo 3.6). Os verdadeiros cristãos praticam a *justiça* porque Aquele em quem permanecem é *justo*. A justiça de Deus se manifesta nas atitudes de Seus filhos. A conduta reta não *produz* um caráter justo, mas sim o revela em nós.

3.8 — A natureza pecaminosa de Satanás evidencia-se por meio da vida daqueles que lhe pertencem. O propósito da vinda de Jesus era *desfazer as obras do diabo*. Aquele que *comete o pecado*, mesmo que seja cristão, é *do diabo* no sentido de que participa da atividade do diabo (1 Jo 2.19). Assim, João está indicando que é possível cristãos fazerem o que é do diabo (Mc 8.31-33; Tg 3.6).

3.9 — A *semente* que *permanece* é, provavelmente, a *natureza divina* a qual os cristãos receberam ao serem gerados por Deus (2 Pe 1.4). Mas

a *semente* tem sido interpretada também como uma alusão a Jesus, ao Espírito Santo, às Escrituras ou ao evangelho. Em outras palavras, esse versículo estaria dizendo que o hábito do *pecado* não combina com a identidade cristã.

3.10 — Os cristãos *manifestam* sua natureza regenerada por meio da prática da *justiça* (1 Jo 2.7), ao passo que os *filhos do diabo* demonstram sua natureza decaída pecando. Os cristãos que pecam não estão expressando sua natureza como *filhos de Deus*; estão, isto sim, seguindo o caminho do diabo.

3.11 — João identifica amar *uns aos outros* como absolutamente básico a viver para Cristo e a fazer progredir o Seu Reino.

3.12 — *Caim* é identificado como filho espiritual do diabo, já Abel é identificado como filho de Deus. O ato assassino de Caim foi a epítome do ódio, e, portanto, proveio *do maligno* (1 Jo 3.8).

3.13 — Aqui, faz-se referência a 1 João 3.1. O *mundo* é o sistema mundial maligno cujo povo reage aos cristãos justos como Caim reagia a Abel (1 Jo 3.1; Jo 15.18-20).

3.14 — O *amor* pelos irmãos é a comprovação pela experiência de que a pessoa passou do reino da *morte* para o reino da *vida*. O tempo verbal assinala que algo vivido no passado — *passamos da morte para a vida* — rende resultados contínuos e duradouros no presente — *amamos os irmãos*. Os cristãos passam de forma permanente da morte para a vida na ocasião de sua salvação, a qual é comprovada por nosso amor pelos irmãos. A salvação não é resultado de nosso amor. A pessoa que odeia seu irmão habita na morte. Dito isso, é importante perceber que garantir a salvação seria impossível caso se baseasse apenas no amor de um cristão pelos outros. Assim, João está dizendo que os cristãos que já tiveram a experiência da salvação de Cristo devem agora demonstrar que estão salvos amando seus irmãos. Já vimos na epístola (1 Jo 1.8,10; 2.2) que ninguém vive sem pecar.

Um juízo subjetivo como o de amar aos irmãos nunca traria a segurança da vida eterna, porque como a pessoa teria certeza, o tempo todo, de que cumpriu essa ordem? O que João ressalta nessa passagem, portanto, é que a pessoa não pode viver a vida concedida por Deus se, ao mesmo tempo,

não estiver amando seus irmãos no Senhor; o tema aqui não é a posição da pessoa em Cristo.

3.15 — *Nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna.* Quem não ama seu irmão em Cristo não está vivendo na luz, mas na escuridão (1 Jo 2.11); não vive na vida, mas na morte (1 Jo 3.4); o que faz não é de Deus, mas do diabo (1 Jo 3.8). A vida eterna não é *permanente* nesses cristãos no sentido de que não é um fator dominante em sua vida.

3.16-23 — O amor demonstrado pelos irmãos e a obediência aos desígnios divinos revelam uma boa relação com Deus. O homicídio e o ódio tiram a vida; a *caridade* dá a vida a alguém. Jesus é o exemplo supremo. Caím sacrificou seu irmão; Cristo sacrificou a si mesmo. O exemplo de Cristo não deve ser apenas admirado, mas imitado (1 Jo 2.6).

3.16 — O amor de Deus se exprime por meio do autossacrifício, não por meras palavras. Uma atitude vale muito mais do que todas as promessas e discursos que fizemos. Em 1 João 3.14,15 o autor declarou que precisamos amar os outros cristãos como amamos a nós mesmos. Aqui, porém, ele dá um passo além, conclamando-nos a amar os irmãos mais do que nos amamos, a estar dispostos a dar nossa vida pelos outros, assim como Cristo deu Sua vida por nós.

3.17 — *Bens* significa sustento ou meios de vida. Essa mesma palavra grega é traduzida como *vida* em 2.16. Refere-se aos objetos materiais que sustentam a vida. Assim sendo, o *irmão necessitado* mencionado aqui é o que precisa de comida, água e abrigo. O cristão dá sua vida (1 Jo 3.16) dando aquilo que sustenta parte dela e sustentará a vida de outros. A seguir João usa uma pergunta retórica para transmitir que o amor altruísta significa tanto partilhar bens materiais quanto morrer por alguém. Se uma pessoa declara que ama seu irmão ou irmã em Cristo, mas suas atitudes desmentem tal afirmativa, o amor de Deus habita nela? A resposta à pergunta é não. O amor se dá a conhecer pelo seu fruto.

Caridade de Deus. Não se trata, aqui, de o cristão ser amado por Deus nem de nosso amor por Deus. A expressão provavelmente refere-se ao amor de Deus que opera por meio das ações.

Se o cristão não agir com amor, é porque o amor de Deus não encontrou espaço nele.

3.18 — *Amar de palavra* é sentir amor e dizer palavras amáveis, mas não chegar a demonstrar o amor com ações. *Amar de língua* é professar algo que a pessoa absolutamente não possui. O oposto de *amar de palavra* é *amar por obra*, e o oposto de *amar de língua* é *amar em verdade*, amar de coração e com atitudes.

3.19 — Podemos estar certos da presença da vida eterna em nós quando demonstramos amor altruísta pelos outros. Os cristãos que começarem a amar de verdade (1 Jo 3.18) saberão que seu amor se origina na verdade e, sendo assim, terão confiança perante Deus (1 Jo 3.21). Portanto, o amor tanto beneficia quem o oferece como quem o recebe.

Da verdade significa identificados com Ele, que é a Verdade.

Diante dele remete a 1 João 2.28,29 e refere-se ao comparecimento do cristão no tribunal de Cristo.

3.20-22 — *O nosso coração nos condena* quando reconhecemos que não estamos à altura do amor ideal e nos sentimos inseguros ao falar com Deus. Nossa consciência pode não registrar as atitudes amorosas que tomamos pelo poder do Espírito Santo, mas *Deus* as registra, e *Ele* é maior que nosso coração. Diferente de nossa consciência, Deus leva tudo em conta, inclusive o trabalho de expiação feito por Cristo em nosso favor. Às vezes, Deus é mais compassivo e compreensivo para conosco do que nós mesmos.

3.23 — Neste contexto, a *fé no nome de seu Filho Jesus Cristo* relaciona-se à oração (Jo 14.12-15; 16.24, 1 Jo 5.5,13-15). Observe que, apesar de *crer* ser suficiente para receber a vida eterna (Jo 20.30,31), *crer e amar uns aos outros* é essencial para vivenciar os resultados dessa vida (1 Jo 3.19,22).

3.24—4.6 — A profissão ortodoxa da fé revela um relacionamento vívido. A comunhão com Deus é evidenciada por aqueles que ouvem os apóstolos, e não os falsos mestres.

3.24 — *Nele está, e ele nele.* Tais palavras exprimem o fato de Jesus e o cristão habitarem um no outro mutuamente. O cristão está em



ENTENDENDO MELHOR

SENDO FIRME EM QUESTÕES DE FÉ

O cristianismo tem sido caracterizado corretamente como uma religião do amor, mas é importante não levar essa ênfase ao amor a extremos. Se, em nome do amor, aceitamos sem criticar todas as ideias ou os valores de outras pessoas, deixamos a porta aberta para o erro. Deus nunca nos pede para encarar questões de fé com postura neutra.

João apela repetidas vezes em favor do amor (1 Jo 2.10; 3.3, 10-24; 4.7-12,16-21), mas também dá grande valor à verdade — não às opiniões pusilânimes que passam por verdade em nossa sociedade, mas às verdades absolutas e eternas da Palavra de Deus. Por exemplo, João nos desafia a testar os espíritos (1 Jo 4.1) e aprender a discernir entre verdade e erro (1 Jo 4.6). Ele nos conclama a evitar o pecado, o que requer que percebamos aquilo que é pecaminoso (1 Jo 2.1; 3.4-10). Ele nos diz para distinguir entre as coisas deste mundo e a vontade de Deus (1 Jo 2.15-17), e orienta-nos a identificar os enganadores e a evitá-los (1 Jo 2.18-29; 3.7).

Paulo repete esse apelo para ser rígido quando se trata de fé. Ser espiritual, escreve ele, significa ser capaz de discernir todas as coisas (1 Co 2.15). Da mesma forma, devemos ter em nós a mente de Cristo: firme quanto ao discernimento, amorosa com todos e destemida diante do juízo (Fp 2.5-11,17,18).

Cristo ao guardar *os seus mandamentos*. Cristo está no cristão obediente como um morador que está em casa. Jesus falou dessa moradia do Espírito em João 15.4,5,7. Isso fica ainda mais evidente pela referência do *Espírito* que é dado ao cristão (1 Jo 4.1-3).

A *prova* de que a pessoa está salva é a obediência. (O *fundamento* da salvação é a graça de Deus em Cristo, e o *meio* da salvação é a fé, Ef 2.8,9.) Isso não significa que a pessoa não está redimida se julgarmos que seus atos não estão de acordo com Cristo — mas somente que a obediência indica que uma nova vida foi criada por Deus, e a desobediência provoca questionamentos a respeito da presença ou não dessa nova vida. O assunto remete às promessas do cenáculo, em João 14—16. Este versículo conecta o parágrafo à seção anterior pelo emprego de *Espírito*, referência ao Espírito Santo, opondo-se aos espíritos dos falsos mestres.

4.1 — João fala dos *espíritos* dos mestres de forma semelhante ao que Paulo disse sobre os espíritos dos profetas em 1 Co 14.32. João não se refere, aqui, à possessão demoníaca, mas a mestres que induzem ao erro. Os cristãos possuem o Espírito Santo (1 Jo 3.24), mas os *falsos profetas* obedecem a espíritos malignos. O verdadeiro profeta recebe revelações diretas de Deus. O falso profeta alega ter recebido revelações diretamente de Deus, mas, na verdade, promove ideias errôneas.

4.2 — *Nisto conhecereis o Espírito de Deus*. O teste para saber se a pessoa está sendo guiada pelo Espírito Santo é conferir se as crenças dela concordam com a verdade da Palavra de Deus (1 Jo 2.22; 1 Co 12.3).

Jesus Cristo veio em carne. Esse teste parece ser direcionado aos docéticos, os quais ensinavam que Jesus não tinha corpo físico. O teste também poderia ter como alvo os seguidores de Cerinto, que alegavam que Jesus e Cristo eram seres independentes; um físico, e outro espiritual. Nessa carta, João tem o cuidado de empregar o nome e o título de *Jesus Cristo* juntos para expressar claramente que os dois títulos se reúnem numa única pessoa.

4.3 — Cerinto, um falso mestre do tempo de João, negava a encarnação do verbo, ensinando que o Cristo divino desceu sobre o Jesus humano quando este foi batizado e, depois, deixou o corpo de Jesus antes de Sua crucificação (1 Jo 2.22). João ensina que Jesus não entrou num ser humano preexistente; antes, veio como ser humano.

O tempo grego do verbo *veio* e o sentido do substantivo *carne* indicam que Jesus não só veio como ser humano, mas também ainda era um ser humano quando João escreveu esta epístola. Deus-Filho possui eternamente a plena divindade e a plena humanidade. Ele é imortal e recebeu um corpo humano ressurreto que não envelhece nem morre. Negar a verdadeira e integral humanidade de Cristo prova que o mestre *não é de Deus*.

4.4 — *De Deus* significa mais do que *pertencente a*. Indica que a fonte da postura e das atitudes do leitor original era Deus (1 Jo 2.19). Nós nos identificamos necessariamente seja com Deus, seja com o diabo. Podemos vencer reconhecendo os falsos mestres e recusando-nos a segui-los.

O *que está em vós* é o Espírito Santo. O *que está no mundo* é o diabo (1 Jo 5.19).

4.5 — A terceira pessoa do plural nesse versículo se refere aos falsos profetas (1 Jo 4.1), que possuem o espírito do anticristo (1 Jo 4.3). Os falsos mestres, integrando-se ao sistema do *mundo* governado por Satanás, são aceitos pelo mundo. O *mundo* crê em seus ensinamentos falsos e recebe-os em comunhão.

4.6 — *Nós* se refere aos apóstolos, que só encontram aceitação entre os que conhecem a Deus.

Aquele que conhece a Deus (1 Jo 2.3) ouve o que os apóstolos têm a dizer. Essa passagem, então, oferece dois testes ao espírito: (1) a confissão de Jesus como o Cristo, o Filho de Deus que veio em carne (1 Jo 4.1-3); (2) a aceitação do ensinamento dos apóstolos.

4.7 — O amor de *uns aos outros*, que, aqui, significa pelos irmãos cristãos, prova nosso nascimento espiritual e nossa relação com Deus.

Nascido de Deus remete à conversa de Jesus com Nicodemos em João 3.3-6.

Conhece a Deus remete às palavras de Jesus em João 14.7.

4.8 — *Não conhece a Deus*. Conhecer a Deus aqui refere-se a um conhecimento íntimo, vivenciado (1 Jo 4.6; 2.3) de Deus, e não a mera informação sobre Deus. João nunca diz que quem não ama não é nascido de Deus (1 Jo 4.7). Mas é impossível conhecer a Deus com intimidade sem amar outras pessoas, porque *Deus é caridade*. Aquele em quem Deus está reflete Seu caráter. Afirmar conhecer a Deus e ao mesmo tempo não amar os outros é mentir (1 Jo 1.6).

4.9 — A *caridade de Deus* por Seus filhos ficou nitidamente demonstrada pelo suplício de Jesus na cruz em nosso favor.

Seu Filho unigênito exprime a noção da singularidade, não um nascimento literal (Hb 11.17).

João é o único autor do NT que chama Jesus por esse título (João 1.18; 3.16,18). Em outras palavras, Jesus é o Filho único de Deus; nenhum outro é filho de Deus da forma como Ele o é.

4.10 — *Propiciação*. Leia 1 João 2.2. Deus preparou a provisão para nossas necessidades.

4.11 — Uma exortação a recordar quando estivermos tentados a não exercer o amor. Nosso amor não deve ser um mero sentimento. Deus pede para nos doarmos pelo bem dos outros, assim como Ele se doa.

4.12-16 — Amar os outros e professar a fé ortodoxa evidenciam uma relação viva com Deus, com Ele habitando em nós e nós, nele.

4.13 — *Nisto* remete ao trecho adiante, ao sinal do Seu Espírito, e não ao trecho anterior, sobre o sinal do amor (1 Jo 4.7-11), como comprovação de que *estamos nele, e ele em nós* (1 Jo 3.24). Habitar um no outro se refere à comunhão que temos com Deus como produto de nossa salvação. A prova de que Deus habita em nós e nós nele é a experiência do *Espírito Santo* em nós. No restante dessa passagem (1 Jo 4.12-16), João explica como o cristão pode saber que o Espírito está operando em sua vida (1 Jo 4.15,16).

4.14 — A primeira pessoa do plural se refere a João e às outras testemunhas oculares de Jesus (1 Jo 1.1; 4.6). Embora Jesus tenha vindo como *Salvador do mundo*, isso não quer dizer que todo mundo esteja automaticamente salvo, o que fica claro no versículo 15.

4.15 — A profissão sincera da fé indica que o que a professa está salvo. *Está nele*, nesse contexto, refere-se à salvação, e não à comunhão que resulta da salvação. Para ser cristã, a pessoa deve crer que *Jesus é o Filho de Deus*.

4.16 — *E nós conhecemos* faz paralelo com *e vimos* no versículo 14. *Está em caridade* significa que o cristão vive dentro da esfera do amor de Deus. Esse amor é vivenciado e expresso por intermédio da vida do cristão.

4.17-19 — Quando exprimirmos um amor maduro uns pelos outros e compreendermos o amor de Deus para conosco, vivenciaremos a certeza da salvação.

4.17 — A expressão madura da *perfeita* caridade ou amor (1 Jo 4.12) produz confiança, já que o cristão está antevendo o *Dia do Juízo*, quando Jesus julgará o *mundo*. A pessoa que permanecer no amor não ficará envergonhada quando Jesus voltar (1 Jo 2.28; Jo 15.9-17).

4.18,19 — A compreensão madura da *caridade* de Deus remove todo *temor* do juízo de Deus.

4.20—5.5 — A falta de amor pelos demais cristãos desmente o amor por Deus. A comunhão com Deus se dá a conhecer por nossa confissão de Jesus como o Cristo e por nossa obediência a Ele e nosso amor aos irmãos.

4.20,21 — Se traduz uma construção da língua grega que indica que há alguns que pensam e dizem o que se segue. João usa *alguém* em vez de nós, apartando-se, assim, desse grupo. O pano de fundo da questão devia ser o fato de que os anticristos alegavam amar a Deus embora tivessem atitudes obviamente sem amor.

5.1 — A condição para ser *nascido de Deus*, para ser filho de Deus, é crer ou confiar em Jesus Cristo. Só a crença correta e sincera produz um nascimento espiritual. Esse nascimento reflete-se no amor por outras pessoas que também nasceram na família de Deus (1 Jo 2.3-11).

5.2 — *Nisto* se refere ao restante do versículo, que desenvolve o tema do amor. O alvo dessa mensagem devem ser os falsos mestres. É provável que tivessem culpa de excluir outros cristãos da congregação. Amar os filhos de Deus tem um vínculo direto com a obediência.

5.3 — A *caridade de Deus* requer obediência (Jo 14.15). Contudo, os mandamentos de Deus *não são pesados*; antes, libertam os cristãos para ser as pessoas que Deus idealizou na criação: seres santos, que refletem limpidamente a imagem de Deus.

5.4 — *Todo o que é nascido de Deus* trata da nova natureza do filho de Deus. A regeneração (isto é, nosso renascimento espiritual) concede a *vitória* sobre o *mundo* que se opõe a Deus. A *fé* que vence o mundo é a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus (1 Jo 5.5), que morreu por nós (1 Jo 5.6). Aquele que supera o *mundo* obedece a Deus, em vez de cumprir as expectativas do mundo. Se amarmos a Deus, obedecer-lhe será um prazer para nós.

5.5 — A fé que vence o sistema maligno do *mundo* envolve a convicção ortodoxa de que *Jesus é o Filho de Deus*.

5.6-13 — O Pai é testemunha de que Jesus veio ao mundo em carne e é fonte de vida eterna para todos os que nele creem.

5.6 — *Água e sangue* têm sido interpretados pelo menos de quatro formas: (1) como o batismo e a morte de Jesus; (2) como Sua encarnação; (3) como a água e o sangue que fluíram de Seu flanco na cruz; e (4) como o batismo do cristão e a ceia do Senhor. A maior parte dos estudiosos favorece a primeira interpretação. João está corrigindo o falso mestre Cerinto, que alegava que o Espírito entrou em Jesus por ocasião de Seu batismo, mas abandonou-o antes de Sua morte (1 Jo 4.2,3).

5.7,8 — O *Espírito Santo* testifica, de acordo com a *água e o sangue* (1 Jo 5.6), que Jesus é o Filho de Deus.

5.9 — Aceitamos o *testemunho dos homens*; logo, devemos aceitar o *testemunho de Deus*.

5.10 — O *testemunho* remete à unção do cristão descrita em 1 Jo 2.27 e refere-se ou ao Espírito Santo, ou ao testemunho da Escritura. A última parte do versículo sugere que se está falando da Escritura. João está comparando quem aceita o que Deus diz a quem o rejeita. A pessoa que tem fé em Jesus possui o testemunho, ou seja, a verdade de Deus (1 Jo 5.9). Aquele que rejeita o *testemunho* de Deus está chamando Deus de *mentiroso*.

5.11 — O *testemunho é este* é a mesma expressão traduzida de forma similar no versículo 9. O *testemunho de Deus* é que Ele *nos deu a vida eterna [...] em seu Filho*. A vida eterna não é um salário que devemos esforçar-nos para receber, mas sim uma dádiva a ser recebida de Deus (Rm 6.23).

5.12 — João declara com clareza que nosso relacionamento com o *Filho* determina se possuímos a *vida* eterna.

5.13 — Há quem julgue que a expressão *estas coisas* se refere a todo o livro de 1 João e conclua que a forma pela qual a pessoa pode saber se tem a vida eterna é não só crer no Filho como também viver a vida justa e amar os cristãos, seus irmãos. Mas essa expressão não se refere ao livro todo, apenas aos versículos imediatamente anteriores



EM FOCO

PECADO (GR. HAMARTIA)

(1 Jo 1.7,9; 2.2; 3.4,9; 4.10; 5.16; Gl 1.4)

A palavra significa literalmente *errar o alvo*, errar. Nesse versículo, há um tipo de pecado de que a pessoa pode recuperar-se e outro de que a pessoa não pode recuperar-se. Esperava-se que os leitores de João soubessem a diferença entre os dois tipos. Tudo o que podemos fazer é lançar hipóteses. O conteúdo da carta sugere que os que haviam abandonado a comunidade cristã (1 Jo 2.18,19) para seguir ensinamentos hereges, anticristos, eram irrecuperáveis. Ao negar o verdadeiro caráter de Jesus (1 Jo 4.1-3), pecaram de forma irreversível, que, no fim, leva à morte espiritual.

e às expressões semelhantes ao longo da carta (1 Jo 5.9-12; 2.1,12-14,21,26; 4.1). Em outras palavras, a base da certeza da salvação é a crença na Palavra de Deus e em Seu Filho, de quem o Espírito e a Escritura testificam (1 Jo 5.11,12). Quem tem fé em Cristo sabe que terá vida eterna porque Deus diz que terá.

5.14-17 — A certeza de nosso relacionamento com Deus produz confiança na oração e uma genuína preocupação pelos irmãos que pecaram.

5.14,15 — A conjunção *e* vincula a *confiança* do cristão em oração com a certeza de uma relação vívida com Deus, o que inclui desfrutar da vida eterna. Continuar a crer no nome do Filho de Deus significa continuar praticando as orações com fé (1 Jo 3.22; Jo 14.12-14). A chave para saber se Deus *ouve* nossas orações é *orar segundo a sua vontade*.

5.16,17 — O cristão deve interceder por um irmão cristão que peca desde que (1) o cristão veja *seu irmão cometer pecado* e (2) o pecado não leve à *morte*. A *morte* pode significar a morte física ou a espiritual, embora provavelmente a morte física seja o caso aqui.

Dará a vida. O cristão pode orar com confiança, sabendo que é da vontade de Deus que os cristãos porem de pecar.

Pecado para morte pode significar blasfemar contra o Espírito Santo, rejeitar Cristo como Salvador, rejeitar a humanidade ou a divindade de Jesus, um pecado específico como o homicídio (1 Jo 3.12,15) ou uma vida de contínuo pecado. Qualquer que seja ele, o pecado parece ser uma violação flagrante da santidade da comunidade cristã (At 5.1-11; 1 Co 5.5; 11.30). Em outras palavras, João está incentivando-nos a ajudar os irmãos que estejam desviando-se; podemos ser instrumentos de Deus na restauração de nossos irmãos à verdadeira comunhão.

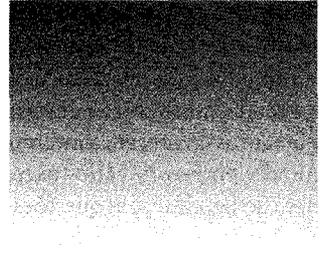
5.18-20 — Esses versículos contêm três conclusões que são verdades absolutas, cada uma delas introduzida pela expressão *sabemos*. A ideia geral dessa seção de encerramento é que um bom relacionamento com Deus resulta na certeza de nossa posição em Cristo em meio a um mundo hostil. O uso da primeira pessoa do plural deve ser mais uma referência aos apóstolos (1 Jo 1.1).

Não peca passa a ideia de não cometer pecados habitualmente na vida. A expressão não pode significar que os cristãos não pecam porque João acaba de falar sobre ver um cristão pecar (1 Jo 5.16).

5.19 — Os apóstolos são *de Deus*, ou seja, Ele é a fonte de suas atitudes e posturas (1 Jo 2.19). Satanás não toca naquele que nasceu de Deus (1 Jo 5.18), mas tem *todo o mundo* em suas garras e sob seu domínio.

5.20 — O *entendimento* concedido por Cristo nos permite *conhecermos* Deus pessoal e intimamente. *Jesus Cristo é o verdadeiro Deus*; conhecê-lo é ter a *vida eterna*.

5.21 — *Ídolos*, aqui, pode referir-se a ídolos literais, a alimentos sacrificados a ídolos, a ideias falsas, que se opõem às verdades de Deus, ou às doutrinas dos falsos mestres. João fez seus leitores se recordarem de quem é o verdadeiro Deus (1 Jo 5.20). Era de se esperar que ele encerrasse exortando-os a ficar longe de falsos deuses.



A segunda carta de

João

INTRODUÇÃO

A igreja do primeiro século teve muito trabalho com falsos mestres. O primeiro embate foi com os judaizantes, os quais sustentavam a ideia de que os gentios que não cumprissem os rituais judaicos não podiam ser cristãos. Depois, falsos apóstolos especializaram-se em atacar a credibilidade de Paulo. Mais tarde, foi a vez de os docetas, os gnósticos e muitos outros distorcerem a verdade, cada qual com sua própria versão dos fatos.

A segunda epístola de João é prova de que nenhuma questão consumia mais tempo do que *quem era Jesus*. Como resposta a tal pergunta, os falsos mestres que levaram João a escrever esta carta promoviam uma heresia chamada docetismo, a qual ensinava que Cristo não veio realmente em carne. Em outras palavras, Ele não tinha corpo; apenas *parecia* ter corpo, e *pareceu* sofrer e morrer na cruz (v. 7). Mesmo assim, esses professores se

diziam cristãos, ensinando verdades sobre a vida e a morte de Jesus.

João não queria saber dessa história. Ele exortava os crentes a se apegarem à verdade: que Jesus Cristo veio em carne. A palavra *verdade* é mencionada cinco vezes nos quatro primeiros versículos. O apóstolo João queria ver os crentes em guarda contra a enganação, e a melhor maneira de fazer isso seria armá-los com a verdade.

A Igreja do primeiro século tornou habitual o apoio aos ministros e aos mestres em trânsito com presentes e hospitalidade. Os cristãos dessa época acolhiam seus missionários e supriam suas necessidades (3 Jo 5,6). Como os falsos mestres também dependiam desse gesto hospitaleiro, o evangelista urgiu seus leitores a terem discernimento e não ajudarem mestres em trânsito que não confessassem que Jesus Cristo veio em carne (v.7).

João escreveu esta carta à *senhora eleita e a seus filhos*. Trata-se ou de uma associação figurativa a uma comunidade eclesíástica ou de uma referência literal a uma pessoa em particular. Diversos argumentos favorecem a interpretação no sentido figurado, enquanto vários outros, no literal. Em defesa do figurativo, as questões tratadas parecem refletir mais as dificuldades enfrentadas por uma igreja, em vez das individuais.

Os pronomes plurais dos versículos 6,8,10 e 12 deixam implícito um público maior do que uma pessoa. Nem a senhora nem seus filhos são identificados pelo nome, embora apareçam três nomes na terceira epístola de João. O fato de que tanto Paulo como João tenham personificado a Igreja como mulher em outros trechos ampara a teoria de que esta carta teria sido destinada à igreja como um todo (2 Co 11.2; Ef 5.25-27,31,32; Ap 21.2,9; 22.17). Por fim, a despedida no versículo 13 faz mais sentido caso lida como cumprimento de uma congregação a outra do que de um grupo de parentes à sua tia.

No entanto, também é possível que João tenha escrito essa carta a uma mulher real. A expressão *senhora eleita* faz sentido como epíteto para uma dama conhecida e respeitada. A alusão ao fato de seus filhos conhecerem a verdade também faz sentido quando encarada literalmente. O cumprimento dos filhos de sua irmã no versículo 13 se encaixaria nesta interpretação.

A palavra grega traduzida como *eleita* poderia ser um nome de mulher, com *dona* acrescentado como epíteto respeitoso, traduzindo-se como “dona Eklekta”. Quanto à saudação, Paulo encaminhou

lembranças mandadas por outras pessoas em sua carta pessoal a Filemom (Fm 23-25); então, haveria precedentes para João fazer o mesmo no versículo 13 desta carta. Finalmente, as referências no plural dos versículos 6,8,10 e 12 poderiam muito bem se referir à mulher e a seus filhos. As provas são inconclusivas para ambas as possibilidades, e, assim, a verdadeira identidade do público-alvo de João pode nunca ser conhecida. Porém, a mensagem da epístola é clara: vigie para não cair por ensinamentos errados; persevere na verdade.

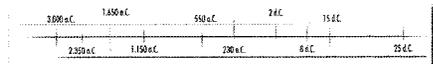
Os sinais, contudo, são de que o apóstolo João escreveu esta carta, embora alguns digam que existiram dois “Joões”: (1) o apóstolo e (2) um líder eclesíástico conhecido como *João, o velho*. Entretanto, assim como em 1 João, os vestígios da igreja do primeiro século sinalizam que a missiva foi escrita pelo apóstolo. Outro indício identificando o João desta carta como o apóstolo é a semelhança dos termos e do teor entre 1 João e 2 João. O autor pode ter usado o título *ancião* como um apelido carinhoso para si próprio, já que sua autoridade como apóstolo não sofreria questionamentos em uma data tão avançada.

Esta epístola deve ter sido escrita pouco depois de 1 João, porque presume que os leitores entenderão o que *anticristo* significa no versículo 7. É impossível determinar uma data exata, pois a informação é insuficiente tanto da própria carta como dos pais da Igreja. Seria possível uma data entre 80 d.C. e 100 d.C. Escritores da igreja do primeiro século afirmaram que João foi morar em Éfeso depois da queda de Jerusalém, em 70 d.C., e, provavelmente, esta epístola foi redigida ali.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 2 JOÃO

- 27 d.C. — Jesus convoca João, filho de Zebedeu, para segui-lo
- 30 d.C. — João se torna líder da igreja do primeiro século
- 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados; João estabelece residência em Éfeso
- 70 d.C. — Os romanos destroem Jerusalém, e a Igreja é dispersa
- 90 d.C. — João escreve seu Evangelho e suas cartas
- 100 d.C. — João falece





ESBOÇO

- I. Saudação inicial — 1.1-3
 II. Andando na verdade — 1.4-11

- A. Andando na verdade e no amor — 1.4-6
 B. Respondendo aos enganadores — 1.7-11
 III. Saudação final — 1.12,13

COMENTÁRIO

1.1-3 — O início desta epístola segue a fórmula grega clássica de identificar remetente e destinatário, saudando-o. A abertura que João faz é semelhante às introduções das cartas de Paulo: ele identifica a si e aos seus leitores, e garante-lhes que Deus dá *graça, misericórdia e paz*. No versículo 3, encontram-se os dois temas mais marcados dessa carta: (1) a *verdade* sobre Jesus Cristo; e (2) a necessidade da *caridade* pelos outros.

1.1 — O *ancião* deve fazer referência ao apóstolo João. O título pode referir-se a um idoso — a uma pessoa mais velha que merece respeito, ou a um presbítero da igreja. Aqui, a palavra, provavelmente, faz alusão à autoridade do autor na igreja. A *senhora eleita* pode ser uma pessoa em especial, ou uma descrição figurativa da congregação local.

Amo na verdade. João vincula a verdade ao amor. O segundo uso de *verdade* faz referência ao teor da doutrina que é a verdade. Trata-se da revelação de Deus, dos claros ensinamentos e mandamentos das Escrituras.

1.2 — *Verdade*. O motivo pelo qual os crentes têm amor mútuo é a *verdade* intrínseca a eles — que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade.

1.3 — Se quisermos vivenciar a *graça*, a *misericórdia* e a *paz* de Deus, temos de nos comprometer com a Sua *verdade* e transmitir a Sua *caridade*. A bênção provém igualmente do *Pai* e do *Filho*. João afirma a divindade de Jesus afirmando a igualdade do Filho com o Pai.

1.4 — A expressão *andam na verdade* significa que os filhos de Deus têm um autêntico relacionamento com Ele. Nossa caminhada

com o Senhor, para ser genuína, deve basear-se em Sua Palavra.

1.5 — Mais especificamente, nossa caminhada com Deus fundamenta-se em Seu *mandamento* para que *amemos uns aos outros* (Jo 13.34,35).

1.6 — O amor de Deus se baseia em Seu desejo pela nossa obediência e é o motivo pelo qual Ele revelou a Sua vontade por meio de Seus *mandamentos* contidos em Sua Palavra. Provamos que somos obedientes a Ele demonstrando pelos outros o amor, um recurso infinito que nos está disponível a qualquer momento e que é tremendamente eficiente para avançar a obra de Cristo.

1.7-11 — Andar na verdade significa reagir corretamente aos enganadores, pondo-se em guarda contra eles e rejeitando-os. Tendo estabelecido que devemos obedecer a Deus demonstrando amor uns pelos outros, agora João tratará do problema dos falsos mestres na Igreja. Ele mostra que amar o Senhor significa apoiar a Verdade e rejeitar quem está contra ela.

1.7 — Uma das pedras de tropeço para os cristãos são os *muitos enganadores*, que, sutilmente, encobrem a verdade sobre Jesus. Andar na verdade implica também reagir contra os enganadores, pondo-se em guarda contra eles e rejeitando-os. A expressão *veio em carne* refere-se à encarnação, ao fato de que Jesus é o Deus-homem. A humanidade de Cristo é um teste pelo qual os falsos mestres podem ser identificados. A heresia gnóstica, contra a qual João escreveu em 1 e 2 João, incluía a negação do corpo físico de Jesus. No entanto, quem nega a realidade física de Cristo não é cristão.

1.8 — A sedução pelos falsos mestres é uma forma pela qual os cristãos podem perder seu galardão no juízo. Com isso em mente, João escreve que o motivo para se guardar contra enganadores é a nossa própria vontade de que *não percamos* nossa recompensa diante da tribuna de julgamento de Cristo. Jesus alertou a igreja de Filadélfia: *Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa* (Ap 3.11a). Todo crente tem potencial para o *inteiro galardão* ou a perda total dele (1 Co 3.15); o fator determinante é nossa fidelidade a Cristo. Não se trata, aqui, de justificação, porque não é algo



ENTENDENDO MELHOR

O DISCERNIMENTO CRISTÃO É NECESSÁRIO

Vivemos dias em que tudo é tolerado. Não obstante o quanto discordemos frontal ou exaustivamente daquilo que outros amam ou pregam, aceitamos o direito deles a ter sua própria opinião. Não parece haver mais base para se dizer *não*. A nossa era é a do *tudo bem para mim, tudo bem para você*.

No entanto, isso não é verdade. Seria mais honesto dizer *não está tudo bem para mim, assim como não está tudo bem para você. Nós dois precisamos de uma fortaleza para nos amparar*.

A igreja do primeiro século enfrentava uma situação semelhante. Depois que Jesus morreu e ressuscitou, muitos disseram conhecer tanto o Mestre como Sua mensagem, embora houvesse versões muito diferentes da Sua história. Por exemplo, Paulo, deparando-se com um evangelho contrariador na Galácia e em Filipos, questionou veementemente as alegações de seus oponentes (Gl 1.6-9; Fp 3.1-4). Da mesma maneira, João fez alertas contra os que distorcem a verdade (1 Jo 2.18-29; 4.1-6; 3 Jo 9-11).

O destinatário de 2 João, possivelmente uma mulher (2 Jo 1), era hospitaleiro (v.10), uma virtude sobejamente cristã. Mas o autor estava preocupado em ajudá-la a ter mais discernimento e a não emprestar a reputação de sua morada àqueles que distorcem a verdade sobre Cristo (v.7,11). Ele sabia que nem todos os que alegam seguir Jesus o seguem de verdade. Assim sendo, é melhor os crentes adquirirem sabedoria para permanecerem fiéis à Verdade.

que tenhamos *ganhado* pelo nosso trabalho, e, sim, de um presente de Deus (Rm 4.1-6; Ef 2.8).

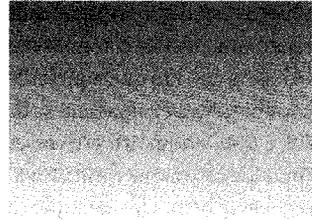
1.9 — A expressão *prevarica* tem uma carga forte de afastar-se da linha reta, desviar-se. Provavelmente, alude aos gnósticos, que se consideravam mais avançados do que os cristãos básicos. Deixar Cristo e abraçar uma doutrina errada demonstra que quem o faz *não tem a Deus*. Amar o Altíssimo significa apoiar a Verdade e rejeitar quem a ataca.

1.10 — *Esta doutrina* trata da crença cristã de que Jesus é Deus *em carne* (v.7), de que Ele é plenamente humano e divino. O servo do Senhor deve não só se recusar a receber os falsos mestres no sentido de ampará-los quando vierem visitar a comunidade, mas também evitar parecer apoiar seus ensinamentos. A resposta certa aos enganadores é rejeitá-los como descrentes. Isso

demonstra o quanto devemos levar a sério as Escrituras e o cuidado que devemos ter ao avaliar os ensinamentos de qualquer pessoa.

1.11 — *Quem o saúda tem parte*. Saudar alguém quer dizer identificar-se publicamente com ele. Isso se refere tanto à saudação pessoal a um indivíduo (v.1) como à recepção pública de um falso mestre por parte da igreja (v.10).

1.12,13 — *Tendo muito que escrever-vos*. A segunda epístola de João é uma mini versão de 1 João. O autor está dizendo que, mesmo que pudesse prosseguir escrevendo, preferia ir ter com eles e tratar *boca a boca* consigo (sinônimo do século I para “face a face”), a fim de que fosse possível, de certa forma, restaurar a vida espiritual deles em Cristo. A saudação da *eleita* é, obviamente, outra congregação, talvez uma maior, onde João morava.



A terceira carta de

João

INTRODUÇÃO

As batalhas com forças estranhas à igreja já são bastante prejudiciais aos cristãos, mas divisões dentro da própria congregação podem ser devastadoras. A terceira epístola de João foi escrita em resposta a esse tipo de luta dentro de uma igreja local. Diótrefes, um dos líderes eclesiais, havia estabelecido um controle tal que chegava a proibir que representantes de outras igrejas ministrassem em sua congregação. E ainda pior, ele começou a afastar membros de sua própria igreja que se atreviam a auxiliar esses representantes depois que ele se recusara a ajudá-los. As atitudes de Diótrefes burlavam o mandamento de Cristo a respeito de nos amarmos uns aos outros.

Não era caso de desvio doutrinário, e, sim, de falha moral. Mas era uma ameaça tão grande à vida eclesial quanto a dos falsos mestres atacados

em 1 e 2 João. Os fiéis da comunidade da igreja estavam magoados pela postura arrogante de Diótrefes. Então, o apóstolo João sentiu necessidade de interferir no problema e planejou uma visita pessoal. Nesse meio tempo, o destinatário da carta, Gaio, precisava de incentivo, e Demétrio precisava ser amparado em seu ministério.

O contexto dessa epístola assemelha-se ao das duas primeiras epístolas de João, embora o problema que ameaçava os destinatários de 3 João seja mais explicitado pelo teor da carta.

A igreja do primeiro século tinha o hábito de despachar ministros itinerantes como mensageiros dos apóstolos ou das igrejas. Esses homens ministrariam em uma congregação local por um certo tempo, dando-lhe apoio espiritual e instrução doutrinária. Equivaliam aos nossos atuais evangelistas,

ministros e missionários, os quais partem de suas igrejas para ensinar e animar outros crentes.

O esperado era que aqueles ministros itinerantes soubessem e ensinassem as doutrinas dos apóstolos e que, enquanto estivessem na igreja, a comunidade cristã que desfrutava de seu ministério o recebesse bem. Um exemplo disso é o ministério de Tito como representante de Paulo na igreja em Corinto (2 Co 2.12,13; 7.6-15; 8.6) e nas igrejas de Creta (Tt 1.5). Conforme os ministros itinerantes viajavam de um ponto a outro de seu ministério, buscavam auxílio e consolação das igrejas das comunidades por que passavam. Essa prática é exposta nas instruções de Paulo a Tito para que ajude Zenas e Apolo em suas jornadas (Tt 3.13).

Assim como acontece hoje, alguns líderes, cheios de ambição pessoal em vez do amor de Cristo, procuravam dominar suas congregações locais com punho de ferro. No caso em questão, era um homem chamado Diótrefes que procurava afirmar sua liderança, indo até mesmo contra os apóstolos. Esse líder estabelecera sua influência e estava afastando representantes legítimos dos apóstolos para manter o controle nas próprias mãos.

O destinatário dessa carta era o cristão Gaio, embora não se tenha localizado outro registro

dele até hoje. Provavelmente, era membro de uma das igrejas da Ásia Menor na qual se disseminara a influência de João durante seu ministério em Éfeso. Ele parece ter tido os recursos necessários para oferecer hospitalidade a pastores itinerantes; decerto, era uma pessoa de destaque e de confiança para João incumbi-lo da tarefa de posicionar-se contra o autoritarismo de Diótrefes até que o apóstolo pudesse chegar para tratar do problema.

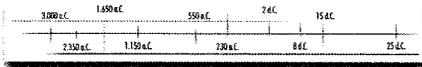
Assim como em 1 e 2 João, em geral se aceita que o autor dessa epístola seja o apóstolo João. As semelhanças entre as cartas e as tradições da igreja do primeiro século indicam fortemente que a autoria é de João. Embora se tenha sugerido que existiram dois “Joões”, o apóstolo e um líder eclesiástico chamado *João, o velho*, há o consenso de que o apóstolo teria redigido essa epístola.

Não há informações indicativas de data na epístola. As circunstâncias em questão em 3 João são bem diferentes das citadas nas duas primeiras cartas de João, tornando difícil dizer se foi escrita antes ou depois de 1 ou 2 João. Provavelmente, a carta foi remetida de Éfeso, onde a tradição da igreja do primeiro século diz que o apóstolo fixou ministério depois da queda de Jerusalém em 70 d.C.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM 3 JOÃO

- 27 d.C. — Jesus convoca João, filho de Zebedeu, para segui-lo
- 30 d.C. — João se torna líder da igreja do primeiro século
- 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados; João estabelece residência em Éfeso
- 70 d.C. — Os romanos destroem Jerusalém, e a Igreja é dispersa
- 90 d.C. — João escreve seu Evangelho e suas cartas
- 100 d.C. — João falece



ESBOÇO

- I. Saudação de abertura a Gaio — 1.1-4
- II. A responsabilidade de Gaio — 1.5-12

- A. Apoio de Gaio a seus irmãos crentes — 1.5-8
- B. A oposição de Diótrefes — 1.9-11
- C. Endosso a Demétrio — 1.12
- III. Despedidas — 1.13,14

COMENTÁRIO

1.1-4 — Introdução: a reação de João à caminhada na verdade de Gaio era motivo de alegria e oração por essa bênção.

1.1 — O apóstolo João é o *presbítero*, palavra que pode referir-se a um idoso, um senhor que merece respeito, ou a um líder eclesiástico. Aqui, o termo apela à autoridade do escritor na igreja. *Gaio* era um nome comum romano. O Gaio a quem João escreveu era um cristão de uma das igrejas da Ásia Menor. Não se pode dizer ao certo se esse é o mesmo Gaio de Derbe (a visão tradicional, compare com Atos 20.4), da Macedônia (At 19.29) ou de Corinto (1 Co 1.14; Rm 16.23). É bem possível que a visão tradicional tenha razão; ao menos sabemos que Gaio era líder da igreja, um homem muito hospitaleiro e amigo querido, talvez convertido por João.

1.2 — *Que te vá bem [...] que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma.* A saudação de João pode deixar implícito que Gaio tinha fraquezas físicas, embora, espiritualmente, fosse forte. No entanto, é mais provável que o apóstolo apenas estivesse seguindo o protocolo de saudação das cartas gregas.

1.3 — O motivo da oração de João era o testemunho dos outros de que Gaio andava *na verdade*. *Verdade*, aqui, refere-se ao conjunto da verdade transmitido à igreja por intermédio dos apóstolos e profetas, ou seja, as Escrituras. Gaio anda conforme a Palavra de Deus, e não segundo os caminhos do mundo.

1.4 — A expressão *meus filhos* é utilizada por Paulo para ele se referir aos que levou a ter fé na salvação em Cristo (1 Co 4.14-17) e pode indicar que Gaio foi convertido por João. Também é possível que seja um termo usado por este apóstolo para descrever quem está sob seus cuidados pastorais, conforme fica explícito em 1 João 2.1,12,18,28; 3.7,18; 4.4; 5.21. *Andam na verdade* significa andar segundo a Palavra de Deus, a revelação de Sua verdade.

1.5-12 — Nestes versículos, João afirma a responsabilidade de Gaio em ajudar Demétrio apesar da oposição de Diótrefes e de este homem ter expulsado aqueles que receberam missionários em viagem. Na primeira parte desta seção (v.5-8), João diz que o apoio de Gaio a pastores itinerantes deve ser contínuo para que ele seja um obreiro irmão na fé. Na última parte da seção (v.9-11), o apóstolo promete que o embate de Diótrefes



PERFIL

GAIO E A PROSPERIDADE

A saudação de João (3 Jo 2) levanta uma questão importante: fica patente que ele espera que Deus dê conforto físico e material a Gaio. Será que é isso que os crentes de hoje devem pedir ao Altíssimo? Nós devemos esperar que o Senhor nos dê prosperidade física e financeira? Este versículo indica que Ele o fará? Atente para alguns detalhes importantes:

- 1) É João quem está orando pela prosperidade de Gaio, e não Gaio quem roga pela própria prosperidade;
- 2) Isso faz parte de uma saudação ou bênção formal. Dizemos muitas coisas parecidas hoje, tais como *boa sorte!*, *tenha um bom dia!*, *saúde!*
- 3) A palavra grega usada aqui (*que te vá bem*) significa viajar bem em uma jornada, o que se encaixa com o fato de ser empregada em uma bênção. Além disso, não é algo que alguém deva buscar ansiosamente, mas, sim, uma dádiva que ele deve fazer por merecer, uma sensação de completude tal como o conceito de *shalom* no Antigo Testamento, algo que as pessoas sentem quando seguem os preceitos do Senhor e vivem sob Seu poder;
- 4) Não temos conhecimento de quais seriam as circunstâncias de Gaio; sabemos apenas que sua alma prosperava. João pode estar dizendo: "você está caminhando tão bem na fé; eu queria que o irmão estivesse tão bem de saúde e nas outras áreas de sua vida quanto está na fé";
- 5) A principal preocupação de João é que Gaio caminhe na verdade (v.3.4), e não que tenha uma grande conta bancária ou esteja no ápice de sua forma física.

Por tudo isso, seria tolo derivar desse versículo um princípio geral de bênçãos materiais, especialmente quando muitos outros alertam precisamente contra esse tipo de coisa.

será resolvido por ele quando lá chegar. Enquanto isso, João endossa que Demétrio é um mestre legítimo e merece abrigo e apoio (v.12).

1.5 — *Procedes fielmente.* O apoio de Gaio aos irmãos, inclusive aos que não conhecia pessoalmente, refletia sua fidelidade ao Senhor. Assim, ressalta-se a importância em servirmos a Deus sendo fiéis em nossas responsabilidades dentro de nossas igrejas locais.

1.6 — *Digno para com Deus.* Esses irmãos haviam falado a outras pessoas a respeito do ministério de Gaio na vida deles.

1.7 — Aqui, a expressão *gentios* se refere aos descrentes, e não aos cristãos gentios. A maioria dos cristãos nas igrejas da Ásia Menor era convertida gentia, e não judia.

1.8 — Nós nos tornamos *cooperadores* a serviço do Senhor quando apoiamos os ministérios de outros, pública e financeiramente. *Receber* significa identificar-se publicamente com as pessoas, recebê-las em nossos lares e atender às suas necessidades.

1.9 — *Tenho escrito.* João havia redigido outra carta, a qual foi extraviada ou, possivelmente, destruída por Diótrefes, que mantinha estrito controle sobre a igreja devido a suas ambições pessoais (1 Pe 5.1-5). Provavelmente, João escrevera à igreja de Diótrefes pedindo hospitalidade para os missionários em trânsito, os quais o apóstolo enviara (v.10), e Diótrefes se recusara a atender ao pedido de João.

1.10 — *Se eu for* transmite a ideia de *quando eu for*. João pretende ir repreender Diótrefes por

seus atos e exercitar sua autoridade apostólica para castigá-lo. Trata-se de um alerta semelhante ao daqueles feitos por Paulo em 2 Coríntios 10.2; 13.1,2. Dentre os pecados de Diótrefes, constavam ataques verbais a João e a seus representantes, bem como oposição ativa aos que queriam ajudar ministros legítimos.

1.11 — A prova de nosso compromisso com o Senhor é rejeitar pessoalmente o mal e adotar uma vida pautada pelo *bem*. A ideia de alguém que *não tem visto a Deus* é melhor explicada em 1 João 3.4-9. A vida que mostramos é reflexo direto do quanto temos visto Deus. Se o vissemos perfeitamente, nunca pecaríamos. Nosso erro, contudo, resulta de uma visão distorcida do Altíssimo. Assim sendo, as Escrituras incentivam-nos a olhar para Cristo (2 Co 3.18; 4.16-18; Hb 12.2,3), porque no dia em que o virmos com perfeição, seremos iguais a Ele (1 Jo 3.2,3).

1.12 — Gaio pode confiar no endosso feito por João a *Demétrio*, que tem não só boa reputação, mas também testemunho da mesma verdade. Em outras palavras, a vida de Demétrio estava de acordo com os ensinamentos das Escrituras e os mandamentos de Cristo. Sua conduta coincidia com sua teologia.

1.13-15 — A concisão da carta reflete que João tem o plano de falar logo a seguir com Gaio. O apóstolo encerra a epístola com uma saudação de *paz*, característica de cartas gregas. A expressão *pelos seus nomes* demonstra que, provavelmente, João conhece bem os membros da Igreja e pede a Gaio que saude cada um pessoalmente.

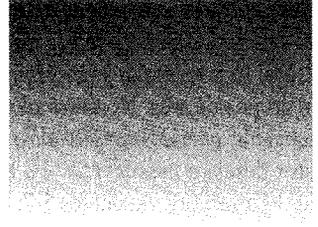


EM FOCO

IGREJA (GR. EKKLESIA)

(3 Jo 1.6,9,10; Mt 16.18; At 8.1; Rm 16.1; Ap 1.4)

O termo em grego significa simplesmente *assembleia*. Usava-se no grego secular para falar de qualquer agrupamento de pessoas com fins políticos ou festivos. Era empregado pelos autores do Novo Testamento para denotar uma assembleia local de cristãos ou todo o corpo de cristãos. Na terceira epístola de João, vemos exemplo de ambos os usos: a *igreja* nos versículos 9,10 tem de referir-se a uma determinada igreja local. Segundo o padrão geral do Novo Testamento, parece que os crentes de cada cidade estavam unificados sob um grupo de presbíteros (At 14.23; 15.2,4; 20.17,18; Tt 1.5). Dentro da igreja local da cidade, devia haver diversas assembleias ou reuniões de crentes, realizadas em diferentes casas.



A carta de

Judas

INTRODUÇÃO

Este texto no Novo Testamento tem muito a dizer à nossa geração. Para os que distorcem a fé, esta carta é detestável por causa de suas advertências e posição firme contra os que abandonam a verdade de Jesus Cristo. Mas para aqueles que a leem com o coração receptivo, as palavras de Judas falam com a mesma clareza com que falaram a outros cristãos há quase dois mil anos.

Esta pequena epístola desperta a nossa imaginação com suas ilustrações vívidas sobre os falsos mestres. O escritor exige nossa atenção com seus apelos para que defendamos a fé e cresçamos na graça. O principal foco está na fé, nos cristãos e em Deus, não nos erros e no caráter dos hereges. É notável que, com todas as descrições contundentes acerca dos falsos mestres, Judas não nos dê uma ordem

sequer para confrontarmos esses rebeldes (somente para os evitarmos), muito menos fornece um plano de ação disciplinar. Ele simplesmente mostra que os hereges e apóstatas estão sob a condenação de Deus.

O estilo literário dessa carta de Judas é comum às correspondências da época. A epístola começa com o nome do autor, uma alusão aos destinatários e os votos de que eles estejam bem. Contudo, como acontece com outras epístolas do Novo Testamento, a eloquência e a profundidade da reflexão estão muito acima da vida comum e da correspondência pessoal. Judas chega rapidamente onde quer chegar. Não contente com a exposição do erro, ele exorta seus leitores de forma enérgica e conclui com uma eloquente bênção.

Inicialmente, o autor ataca o erro, lembrando sobre o juízo divino e

promovendo a santidade. A descrição dos erros dos falsos mestres é poética em suas imagens (v. 12,13). Judas gosta de organizar seus pensamentos em grupos de três. No versículo 1, os cristãos são chamados, queridos, conservados; no versículo 2, o autor deseja a misericórdia, e a paz, e a caridade a seus leitores; nos versículos 5-7, há três ilustrações de pecado e juízo oriundos do Antigo Testamento; segundo a descrição no versículo 8, os falsos mestres contaminam a carne, rejeitam a autoridade e difamam as autoridades; no versículo 11 são dados três exemplos de rebeldes, Caim, Balaão e Corá. Toda essa prosa persuasiva resulta num forte incentivo para que os fiéis batalhem pela fé (v. 3).

As semelhanças óbvias entre a carta de Judas e a segunda epístola de Pedro parecem mostrar que um autor se valeu de ensinamentos do outro. O vocabulário dos dois é semelhante, e ambos usaram exemplos do Antigo Testamento para respaldar seus comentários, embora nenhum tenha citado o outro de forma direta. Em ambas as cartas são combatidos os falsos mestres, embora o enfoque seja distinto. Parece que Pedro localizou a situação crítica no futuro, afirmando que muitos seguirão as dissoluções dos falsos mestres (2 Pe 2.2), enquanto Judas usou o verbo no passado — *Porque se introduziram alguns [...] homens ímpios* (v. 4) — para aludir à situação grave em que a Igreja já se encontrava. Por outro lado, por causa da linguagem mais precisa em Judas, muitos estudiosos acreditam que este tenha sido o primeiro a abordar o assunto, e Pedro o tenha usado como referência. Mas isso não é possível provar.

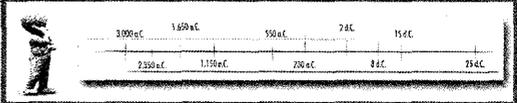
O autor desta epístola se autodenomina Judas, e não há razão para pensarmos que se trate de um pseudônimo. Há seis Judas no Novo Testamento, mas somente dois podem ter escrito esta carta: (1) o apóstolo Judas (Lc 6.16; At 1.13), o Tadeu mencionado em Mateus 10.3; ou (2) o Judas, irmão de Tiago e meio-irmão do Senhor Jesus. Os irmãos do Senhor são mencionados em Mateus 13.55 como *Tiago, e José, e Simão, e Judas*.

Uma vez que o redator desta carta não declara sua autoridade apostólica e, no versículo 17, são mencionados os apóstolos como um grupo que não inclui o escritor, resta-nos Judas, irmão do Senhor e de Tiago, como o possível autor. Esta identificação é confirmada pela referência do redator ao seu irmão Tiago (v. 1) e por uma referência a ele em uma carta de Clemente de Alexandria (entre 153—217 d.C.). O motivo pelo qual Judas não declarou explicitamente ser o irmão do Senhor Jesus é porque seus primeiros leitores já deviam saber isso. Além disso, anos depois da ressurreição de Cristo, já havia algumas superstições sobre a “sagrada família”, as quais Judas deve ter tentado desejar evitar.

Embora seja impossível estipular uma data exata para o texto de Judas, é provável que esta carta tenha sido escrita entre 60—64 d.C. É quase certo, porém, que tenha sido escrita antes de 70 d.C., uma vez que Judas não faz referência alguma à queda de Jerusalém, em 70 d.C. Se a tivesse escrito depois desse evento, ele, sem dúvida, teria mencionado o fato, visto que serviria como mais um exemplo do juízo de Deus cumprido.

LINHA DO TEMPO

CRONOLOGIA EM JUDAS



- Ano 30 d.C. — O Cristo ressurreto aparece para Judas e outros membros da família
- Ano 54–68 d.C. — Nero governa como imperador romano
- Ano 60–64 d.C. — Judas escreve sua carta
- Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados
- Ano 70 d.C. — Os romanos destroem Jerusalém e a Igreja se dispersa



ESBOÇO

- I. Introdução — 1.1,2
 II. O perigo vigente dos falsos mestres — 1.3,4

III. O juízo de Deus por causa do pecado — 1.5-7

IV. A maldade dos falsos mestres — 1.8-16

- A. Sua oposição à autoridade — 1.8-10

B. Sua versatilidade no pecado — 1.11-13

C. Seu juízo em justiça — 1.14-16

V. O chamado para que os cristãos fiquem alerta — 1.17-23

A. Atentando para as palavras dos apóstolos — 1.17,18

B. Tendo cuidado em relação aos hereges — 1.19

C. Crescendo na graça — 1.20,21

D. Importando-se com os outros — 1.22,23

VI. Doxologia — 1.24,25

COMENTÁRIO

1.1 — Em vez de ostentar seu honrado privilégio de ser meio-irmão de Jesus, Judas se autodenomina um *servo* do Filho de Deus. Basicamente, existiam dois tipos de servos no mundo romano: o que era forçado a ser escravo e o que se fazia servo por escolha própria. O último se ligava ao seu senhor por toda a vida. Isso ilustra o tipo de escravo que era Judas (ver Êx 21; Dt 15).

Chamados. Essa é a principal descrição dos leitores de Judas: eles foram escolhidos e chamados por Deus para representá-lo neste mundo.

1.2 — *A misericórdia, e a paz, e a caridade [...] sejam multiplicadas.* Essas palavras no grego expressam um forte desejo. Embora a *misericórdia* seja mencionada em uma saudação somente quatro vezes no Novo Testamento, essas ocorrências são importantes porque também precedem uma advertência contra os falsos ensinamentos (1 Tm 1.2; 2 Tm 1.2; Tt 1.4; 2 Jo 3). A *misericórdia* é um favor imerecido que Deus nos concede. *Paz* é o estado de espírito da pessoa que descansa completamente em Deus para obter salvação e proteção. *Misericórdia* e *paz* resultam espiritualmente em amor. O *amor* é uma resposta à obra de Deus dada pelo cristão a Ele e às pessoas que o cercam. A *misericórdia* poderia ser vista como algo voltado de cima para baixo; a *paz*, como algo voltado para dentro; o *amor*, como algo voltado para fora.

1.3-16 — Esta passagem serve como a base da argumentação e do objetivo de Judas de escrever sua epístola. O versículo 3 revela a profunda preocupação, bem como a forte personalidade

do escritor. Embora ele queira dedicar-se a um assunto de importância teológica para seus leitores — nossa *comum salvação* — a urgência de dar-lhes um aviso é prioritária. Ele diferencia seus leitores dos falsos mestres contra os quais ele os adverte. Em várias passagens na carta, Judas volta sua atenção para seus leitores com os pronomes *vos, vossos, vós* (v. 3,5,12,18,20-22,24), a fim de contrastar como os ímpios que os distraem (v. 4,8,10-12,14-16,19). A atenção constante no sentido de exortar, informar e confortar seus leitores revela que Judas tinha a mente de um teólogo, mas o coração de um pastor.

1.3 — Judas tinha a intenção de escrever uma carta doutrinária mais geral, mas a crise exigia esse ataque curto e certo contra o erro doutrinário. Quando fala da *comum salvação*, Judas se refere à unidade que todos os cristãos têm em Cristo. Mas, por causa da crise que envolvia os hereges que estavam infiltrando-se no meio deles, Judas não se estende no tema da salvação comum.

Batalhar é a tradução de uma palavra grega que é a base da palavra *agonizar*. Os cristãos não são chamados ao serviço passivo, mas à vigilância na causa de Cristo (Fp 1.27).

A *fé* aqui não tem seu sentido comum de crença pessoal em Cristo para obter a salvação; significa o conjunto de ensinamentos transmitidos à Igreja pelos apóstolos (v. 17). Assemelha-se às tradições sobre o Senhor Jesus, mencionadas pelo apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 11.1; 15.3-8. A revelação não foi contínua, mas, *uma vez* [que] *foi dada*, foi definitiva e completa (Hb 1.2). O mundo está sempre em processo de mudança. Novas modas e ideias vêm e vão com tanta rapidez que é difícil acompanhá-las. A verdade de Deus, no entanto,

nunca muda. Podemos confiar sempre no que Deus disse. Isso dá um grande conforto ao povo de Deus.

1.4 — Os hereges agiam sutilmente. Quando pervertiam a *graça* de Deus e negavam a autoridade do Senhor (Pv 1.29), eles estavam usando suas principais táticas. Foram astutos o suficiente para se infiltrar na comunidade cristã, mesmo sendo *ímpios*. Jesus falou sobre esse tipo de pessoas quando falou de lobos com vestes de ovelhas (Mt 7.15).

Convertem em dissolução a graça de Deus. O ensino da graça pode ser perigoso quando pervertido por falsos mestres ou pessoas carnais que acreditam que, por terem sido salvas pela graça, podem viver como bem entendem (Rm 6.1,2).

Único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo. Esses falsos mestres não somente viviam de modo imoral, mas rejeitavam a autoridade de Cristo.

A primeira palavra grega traduzida como *Senhor* aqui significa *Mestre*. Identifica alguém que tem poder absoluto e, conseqüentemente, exige obediência. No texto original, está claro que toda a afirmação se refere a Cristo: Jesus é nosso Soberano absoluto e nosso Deus.

Em Tito 2.13, Paulo usa uma construção grega semelhante em outra passagem importante que ensina sobre a divindade de Jesus.

1.5-11 — Estes versículos ampliam a afirmação dupla no versículo 4, que relata que os homens ímpios eram carnais. Nos versículos 5-7, Judas ilustra essa atividade pecaminosa com três exemplos do Antigo Testamento: os israelitas, os anjos expulsos do céu e os moradores de Sodoma e de Gomorra. Nos versículos 8-11, há menção da rejeição ao Senhorio de Cristo (v. 4). Essas pessoas injuriavam a liderança da Igreja de Cristo (v. 11), apesar de o anjo Miguel não ter espraguejado nem mesmo contra Satanás. Três exemplos de tal rebelião são vistos nas histórias de Caim, Balaão e Corá.

1.5 — *Como a quem já uma vez soube isto.* Esses cristãos foram devidamente avisados sobre os falsos mestres por Cristo e pelos apóstolos (v. 17,18), mas se tornaram negligentes e não mais vigiaram.

Destruíu [...] os que não creram. Os israelitas tiveram um começo maravilhoso no êxodo do Egito, mas um fim desastroso no deserto. O fato de começarmos com o Senhor não significa que teremos um fim glorioso que imaginamos no começo de nossa jornada rumo à salvação. Os falsos cristãos que se infiltraram no meio do povo de Deus seriam julgados, assim como os falsos crentes que rejeitaram a Deus no deserto (Nm 25.1-9).

1.6 — O significado deste versículo é contestado, assim como uma referência similar em 2 Pedro 2.4. É claro que os *anjos* aos quais Judas se refere não são anjos santos de Deus. Pelo contrário, esses anjos podem ser os que haviam caído juntamente com Satanás. Alguns acreditam que esses anjos sejam os *filhos de Deus* mencionados em Gênesis 6.2, que assumiram a forma humana e casaram-se com mulheres, antes do dilúvio. De acordo com essa interpretação, esses anjos caídos foram condenados por Deus à *escuridão* e às *prisões* e, no momento, estão esperando o juízo final de Satanás e seus anjos (2 Pe 2.4).

1.7 — *Como aqueles.* Os cidadãos de Sodoma e de Gomorra cometeram todos os tipos de perversão sexual (aqui *outra carne* refere-se a atos homossexuais; Gn 19.5). Eles também foram julgados por Deus com fogo do céu (Gn 19.24).

1.8 — *Estes, semelhantemente adormecidos, contaminam a sua carne.* Os falsos mestres eram arrogantes e tinham suas próprias prioridades. Não haviam sido comissionados pela Igreja nem chamados pelo Espírito Santo. Judas chama esses ímpios de *adormecidos*, talvez porque se apropriassem da revelação divina, mas muito provavelmente porque negavam o Senhor e, portanto, estavam vivendo em um mundo de ilusão. Eles estavam criando seu próprio mundo de engano. Para eles, entregar-se à imoralidade era compatível com a nova vida, após a salvação.

Rejeitam a dominação, e vituperam as autoridades. Os falsos mestres rejeitavam até mesmo aqueles que eram colocados em posições de autoridade em congregações locais. Não somente preferiam o erro à verdade, mas também humilhavam e rejeitavam aqueles que ensinavam a verdade.

1.9 — É provável que a descrição de Judas aqui seja extraída de um livro apócrifo chamado *A assunção de Moisés*, escrito no primeiro século d.C. Não há registro na Bíblia sobre o encontro do arcanjo com Satanás, ou um relato detalhado sobre a morte de Moisés (há uma pequena alusão a isto em Deuteronômio 34.6). Embora Judas possa ter usado uma fonte extrabíblica para ilustrar a arrogância dos falsos mestres, isso não invalida a inspiração desta carta e não significa que a fonte da qual Judas fez a citação não fosse inspirada (veja a citação de textos de autores seculares por Paulo em Atos 17.28; Tito 1.12).

O nome Miguel significa *quem é como Deus?*. O desejo de ser como Deus foi o primeiro pecado de Satanás (Is 14.14). Foi também com isso que Satanás tentou Eva: *Sereis como Deus* (Gn 3.5). Embora o arcanjo Miguel tenha se oposto a Satanás, negou-se a pronunciar *juízo de maldição* contra ele. Miguel nem acusou Satanás, o principal dos blasfemos. Em vez disso, disse: *O Senhor te repreenda*, deixando que Deus ditasse o juízo.

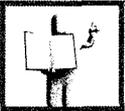
Esse respeito pelas prerrogativas de Deus contrasta com o comportamento dos hereges, que estavam difamando toda e qualquer pessoa e não respeitavam as autoridades (v. 8,10).

1.10 — Os falsos mestres *não sabem* a verdade do evangelho. Eles falam sobre questões que não entendem, como pessoas carnais, e não-espirituais (1 Co 2.14). Não entendem o Espírito de Deus. São como *animais irracionais*, corrompidos pelas próprias concupiscências e o autoengano.

1.11 — Os hereges são comparados a três rebeldes do Antigo Testamento:

(1) *Caim*, um lavrador, que não depositou sua fé no Senhor. O caminho de Caim é o caminho do orgulho e do falso moralismo (Gn 4.3-8; Hb 11.4; 1 Jo 3.12);

(2) *Balaão*, que personificou o pecado da ganância. Era um profeta pagão, um inimigo de Deus, que acreditava que podia beneficiar-se às custas do povo de Deus (Nm 31.16; 2 Pe 2.15; Ap 2.14). Tal como Balaão, os mestres ímpios na igreja pareciam ser piedosos. Eles procuraram



ENTENDENDO MELHOR

O USO DE FONTES APÓCRIFAS

Os apócrifos judaicos consistem em livros e textos que nunca foram reconhecidos como parte do cânon bíblico, mas que serviram a um propósito devocional para muitos crentes na antiguidade, incluindo alguns autores do Novo Testamento.

Ao que parece, Judas cita textos de dois livros apócrifos em sua carta. Em Judas 1.9, o conteúdo se assemelha ao do livro *A assunção de Moisés*, e no versículo 14 a temática é similar a do *Livro de Enoque*. Hoje, não se tem mais o texto completo de *A assunção de Moisés*, mas dois líderes da Igreja primitiva, Clemente de Alexandria e Orígenes, afirmam que o Judas 1.9 é baseado nesse livro.

Judas não é o único autor do Novo Testamento que cita fontes extrabíblicas. Em 1 Coríntios 10.4, Paulo parece fazer uso de um comentário hebraico (o *Midrash*) para respaldar sua interpretação sobre as peregrinações de Israel no deserto. Em Atos 17.28 e Tito 1.12, há menção de frases de poetas gregos no discurso de Paulo, quando ele defende o evangelho. Embora não saibamos a origem de *Janes e Jambres* (2 Tm 3.8), Paulo não hesitou em usar a história deles como um exemplo de impiedade para prevenir Timóteo.

Os escritores do Novo Testamento deveriam ter feito citações de fontes apócrifas? Sem dúvida, Deus não teve dificuldade alguma em guiar os escritores bíblicos na seleção de material dessas fontes.

Lucas sabia de *muitos* fatos da vida de Cristo (Lc 1.1), os quais ele pesquisou por sua própria *diligência* (Jd 1.3). Da mesma maneira, Paulo escreveu 1 e 2 Coríntios à igreja de Corinto para sanar as dúvidas dos coríntios. Isso não significa que essas fontes sejam menos inspiradas. Significa que, às vezes, os escritores do Novo Testamento basearam-se em fontes escritas, que Deus lhes trazia à mente, para comunicar com eficácia àquelas pessoas [respeitando o contexto cultural delas] o que Ele queria que eles dissessem e elas entendessem.

Os escritores sagrados escreveram aquilo, estritamente aquilo, que Deus os inspirou a dizer. Devemos afirmar, como Pedro, que *toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça* (2 Pe 3.16).

misturar-se ao povo de Deus e até foram aceitos pelos cristãos. No entanto, seu verdadeiro motivo era a ganância.

(3) *Corá*, que era um levita (Nm 16.1-3,31-35) e ressentiu-se pela proeminência de Moisés e de Arão como representantes de Deus. O Senhor trouxe juízo sobre Corá e seus seguidores por eles se rebelarem contra os que o Senhor elegera como autoridades. Os cristãos precisam ter cuidado para não falar contra líderes espirituais de um modo negligente (Tt 3.1,2).

1. 12,13 — *Manchas em vossas festas de caridade*. O povo de Deus era enganado por pessoas que aparentavam ser mensageiros de Deus, mas, em vez disso, eram ministros de Satanás (2 Co 11.4, 13-15). A palavra grega traduzida como *manchas* também significa *recifes escondidos*, e serve como uma forte advertência para que estejamos atentos aos impostores, a fim de não naufragarmos na fé.

Nuvens sem água... árvores infrutíferas. Por vezes, parece que as nuvens darão chuva, até que vem o vento e as leva embora (Pv 25.14). As árvores parecem dar frutos, mas chega o outono, e os frutos não aparecem. Os ministros de Satanás prometem crescimento espiritual, mas não satisfazem a fome do povo de Deus com a verdade. Eles não somente são infrutíferos, mas não têm raízes, não estão enxertados na Videira verdadeira, Cristo; logo não podem dar frutos, uma vez que não podem recorrer à verdadeira Fonte (Sl 1.3). Falam sobre Deus, mas, na verdade, não têm Deus.

Ondas impetuosas que escumam... estrelas errantes. Essas pessoas sem Deus dão um grande espetáculo, mas lhes falta verdade. Elas se vangloriam da liberdade, mas são cativas do mal e colocam o povo de Deus sob a escravidão do pecado (2 Pe 2.19). Depois de cometerem suas maldades e obterem seus lucros indevidos, elas, como estrelas errantes, mudam-se para outros lugares, a fim de explorar novamente outros.

Eternamente... trevas. Esses impostores talvez não sejam punidos agora por suas maldades neste mundo, e seu verdadeiro caráter e ações talvez não sejam descobertos pelos cristãos, mas seu castigo eterno será certo.

1.14 — *Enoque, o sétimo depois de Adão*. Nesta passagem, Judas usa uma informação do apócrifo *Livro de Enoque*; uma pseudobiografia de Enoque, que foi levado ao céu pelo Senhor antes de morrer (Gn 5.21-24).

Milhares é uma expressão hebraica com o sentido de um número ilimitado.

1.15 — *Ímpios*. Essa palavra e suas variações repetem-se quatro vezes, transformando o versículo em um dos mais impressionantes da carta. Diante da natureza pecaminosa de homens maus, como a Igreja pôde permitir que eles ficassem em seu meio? Eles são ímpios, mas estão entre o povo de Deus, alegando serem representantes de Deus. Assim como Judas Iscariotes pareceu ser um seguidor de Cristo, o mesmo se deu no caso desses líderes religiosos (observe o contraste com os cristãos em Judas 1.1; João 13.18-30).

1.16 — *Murmuradores, queixosos*. Neste versículo, são descritas várias formas pelas quais pessoas más usam indevidamente a língua. Em vez de louvarem a Deus, elas se vangloriam; em vez de encorajarem umas às outras, elas se lamentam e reclamam. Sua vida se caracteriza por um profundo egoísmo e pela escravidão aos desejos carnis. Ao usarem palavras de bajulação, elas tentam angariar apoio para si mesmas de outros que se oponham às autoridades.

1.17 — *As palavras dos apóstolos* são importantes, pois expressam a vontade de Deus. Para discernimos o espírito que atua em alguém que alega falar e agir em nome de Deus [mas não o faz], devemos usar como parâmetro seguro a verdade bíblica e o discernimento que o Espírito Santo concede aos fiéis. Devemos evitar aqueles que atacam as verdades centrais das Escrituras, as que dizem respeito a Deus, a Cristo e à salvação pela graça de Deus por meio da fé.

1.18 — Judas mostra que nada que tenha sido observado com relação aos falsos mestres devia surpreender os cristãos. Os apóstolos já haviam advertido (v. 17) que, no final dos tempos, surgiriam enganadores entre eles. A descrição dos hereges como *escarnecedores* mostra que uma de suas principais táticas para se adquirir credibilidade era destruindo líderes tementes a Deus.

1.19 — Ao declarar que os falsos mestres não tinham o *Espírito*, Judas não deixou dúvida alguma quanto ao destino eterno deles. Eles eram simplesmente pessoas mundanas que não pertenciam a Deus.



EM FOCO

SENSUAIS (GR. *PSUCHIKOS*)

(Jd 1.19; 1 Co 2.14; 15.44; Tg 3.15)

O significado literal do termo grego é *da alma*, ou *natural* em oposição à *espiritual*. É traduzido como *o homem natural* em 1 Coríntios 2.14.

De acordo com as Escrituras, o ser de uma pessoa, tanto a alma como o corpo, deveria ser dominado pelo *espírito*, a parte da pessoa que é influenciada pelo Espírito Santo. Mas, na pessoa natural, o espírito é subserviente à alma, que é mundana em seus motivos e objetivos.

1.20,21 — Judas diz-nos como conservar-nos na *caridade de Deus*. É claro que o autor da carta incentiva-nos a cultivar nosso amor por Cristo, pois nada pode separar-nos de Seu amor (Rm 8.35-39).

1.22,23 — *E apiedai-vos de alguns que estão duvidosos; e salvai alguns [...]; tende deles misericórdia com temor*. Temos certas obrigações para com outros cristãos. Primeiro, precisamos demonstrar misericórdia para com nosso próximo. Segundo, precisamos usar de paciência com os *que estão duvidosos*, ajudando nossos irmãos e irmãs na fé. Alguns precisarão de um tratamento cuidadoso e de nossa paciência para crescerem em Cristo. Com outros, talvez precisemos tomar

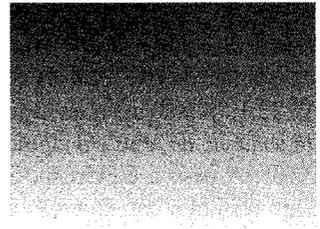
medidas mais firmes para que se desvencilhem do pecado, *arrebatando-os do fogo*. Quando resgatamos nossos irmãos cristãos, há sempre a necessidade de usarmos sabedoria e termos cuidado para não nos envolvermos no pecado que os levou a cair.

Aborrecendo até a roupa manchada da carne é uma forma metafórica de enfatizar que o cristão deve ficar atento e fugir do pecado, atentando para o disse Paulo: *olhando por [si] mesmo, para que não [seja] também tentado* (Gl 6.1).

1.24,25 — Judas conclui sua carta com um exuberante louvor ao Senhor, que incentiva os leitores.

Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar. *Tropeçar* provavelmente refere-se à possibilidade de cair no erro dos falsos mestres. Observe que Judas não usa a palavra *cair*, mas *tropeçar*. Somente uma pessoa que já está andando ou correndo (imagens bíblicas frequentes acerca da vida cristã) pode tropeçar (Gl 5.7; 1 Ts 4.1; Hb 12.1; 1 Jo 2.6). Deus é poderoso para nos impedir de tropeçar e de cair (Sl 37.23,24; 121.3; Pv 4.11,12). Ele nos guarda nesta vida, a despeito de todos os perigos e armadilhas que os enganadores colocam em nosso caminho.

E apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória. *Irrepreensíveis* é uma palavra grega usada como referência a animais separados para o sacrifício que não tinham defeito algum e, portanto, serviam para ser oferecidos a Deus. Somente Deus pode salvar-nos, purificar-nos de nossos pecados e apresentar-nos a si mesmo como irrepreensíveis, pois Deus é o Autor e Consumador de nossa fé (Hb 12.2).



O livro de

Apocalipse

INTRODUÇÃO

Com a intensificação da perseguição aos cristãos, a Igreja do primeiro século também enfrentou problemas internos. Ela passou a batalhar contra o pecado, as doutrinas e práticas heréticas, bem como contra a apatia espiritual.

Cristo havia prometido voltar, mas quando e como? Além disso, o que Jesus faria em relação aos problemas pelos quais a Igreja passava quando Ele, de fato, retornasse?

Em meio a essas circunstâncias, os primeiros leitores de Apocalipse precisavam ser encorajados e exortados. Por um lado, a mensagem se revelou uma promessa de proteção divina em relação ao juízo divino sobre o mundo. Por outro, aqueles que a lessem deveriam guardá-la no coração, obedecendo reverentemente ao Senhor, à Palavra de Deus e atentando para o

testemunho de Jesus, como fizera o apóstolo João, o qual, ao escrever Apocalipse, queria renovar a confiança de seus leitores de que Cristo tem o controle do curso da história.

O propósito primordial do Altíssimo em toda a história é o estabelecimento do Reino messiânico prometido. Associada a esse objetivo final está a oportunidade para os cristãos perseverarem na fé e na obediência. A expectativa desses vitoriosos é, no futuro, reinar com Cristo como co-herdeiros de Seu reino.

Em Apocalipse, livro da *revelação de Jesus Cristo* (Ap 1.1), Jesus é descrito como o Filho do Homem glorificado (v.12-16), o Leão da tribo de Judá (Ap 5.5), o Cordeiro que foi morto e reviveu e é digno de abrir o livro da vida (v.8-13), o Filho que regerá todas as nações (Ap 12.5), o

Noivo (Ap 19.7-9), o vitorioso Rei dos reis e Senhor dos senhores (v.16), o justo Soberano do Reino milenial (Ap 20.4-6) e do Reino eterno (Ap 22.1,3). Não deve ser esquecido nunca que *o testemunho de Jesus é o espírito de profecia* (Ap 19.10). A pessoa de Cristo, Sua vitória e Seu Reino resultam em adoração e louvor a Ele do começo ao fim desse livro.

Em Apocalipse, são detalhadas as instruções de Cristo às sete igrejas (Ap 2—3) e enfatizada a *ira do Cordeiro* (Ap 6.16), Seu juízo sobre o mundo pecador (Ap 6; 8; 9; 14; 16—18) antes de Sua segunda vinda (Ap 19.11-21). Esse foco nos últimos tempos é completado com uma breve descrição dos mil anos de reinado do Senhor (Ap 20.2-6) e do julgamento de todas as criaturas existentes (Ap 20.4, 11-15), além de um panorama do Reino eterno dele (Ap 21.1—22.5).

A morte, a ressurreição (Ap 1.5) e a ascensão (Ap 12.5) de Cristo são o pano de fundo histórico para a Sua graciosa oferta de redenção do pecado e de vida eterna (Ap 22.14,17). Os crentes (Ap 2.5) são impelidos a vencerem pelo *sangue do Cordeiro* (Ap 12.11). Aqueles que obedecem ao Senhor são um sacerdócio real para Ele (Ap 1.6; 5.9,10) e com Ele reinarão (Ap 20.4,6). Suas orações estão continuamente diante do trono celestial de Deus (Ap 5.8; 8.3,4).

No poder do Espírito Santo, João recebeu grandes visões (Ap 1.10; 4.2; 17.3; 21.10), assim como mensagens cruciais que a Igreja precisava ouvir (Ap 2.7). Quanto ao reino espiritual, em Apocalipse é descrita uma batalha divina contra Satanás e seus demônios (Ap 2.9,10,13,24; 3.9). Mas esta guerra contra o enganador e o *acusador de nossos irmãos* já foi vencida pelo Cordeiro (Ap 12.9-11). Assim, o diabo e seus seguidores serão sentenciados ao castigo justo e eterno pelo Senhor (Ap 19.20—20.3,10). A destruição deles é certa.

Por volta de 53 d.C., Paulo usava a grande cidade de Éfeso como um ponto de partida para o evangelismo e a implantação de igrejas ao longo de toda a província romana da Ásia (At 19.10). Provavelmente, as sete igrejas do Apocalipse foram fundadas durante esse período, ou logo depois.

Enquanto estava aprisionado em Roma (por volta de 60–62 d.C.), o apóstolo Paulo escreveu suas cartas aos Efésios, aos Colossenses, aos Filipenses e a Filemom. A epístola aos Colossenses era para ser lida na igreja dos laodicenses, e a de Laodicéia devia ser lida pela congregação em Colossos (Cl 4.16). Aparentemente, a prática de escrever cartas para uma circulação mais abrangente do que apenas para um único indivíduo ou grupo era aceita, como vemos nos capítulos 2 e 3 de Apocalipse.

Confiáveis fontes históricas datando do segundo século d.C. situam o apóstolo João em Éfeso e ministrando por toda a província da Ásia por volta de 70—100 d.C. Aparentemente, as epístolas 1, 2 e 3 de João foram escritas pelo apóstolo aos cristãos naquela região por volta de 80—100 d.C. Durante a segunda parte desse período, o imperador Domiciano intensificou a perseguição aos cristãos. João estava exilado, sem dúvidas, na ilha de Patmos por causa de seu testemunho como servo do Senhor. Ele foi libertado após 18 meses pelo imperador Nerva (96—98 d.C.), retornando para Éfeso, a fim de reassumir sua liderança lá.

O autor do Apocalipse se refere a si mesmo como João. Ele está unido às sete igrejas na província romana da Ásia (atualmente sudoeste da Turquia) tanto no seu sofrimento quanto nas bênçãos e na perseverança. Seu posicionamento *por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo* (Ap 1.9) fez com que ele fosse exilado em Patmos, uma pequena ilha localizada a cerca de 97km a sudoeste de Éfeso, no mar Egeu.

Alusões ao Antigo Testamento e à literatura judaica extrabíblica impregnam Apocalipse, sugerindo que o autor, que escreve com autoridade profética, fosse um judeu. Além disso, existem paralelos impressionantes entre o Evangelho de João e o Apocalipse. Assim, é bem possível que ambas as obras tenham sido escritas realmente pelo mesmo autor.

Tais linhas de evidência não provam que João escreveu Apocalipse; no entanto, esse apóstolo, que era um dos impetuosos *filhos do trovão* (Mc 3.17) nos seus dias de juventude, é o candidato mais provável. Testemunhas mais recentes da história da Igreja — como Justino Mártir, no

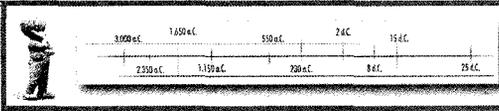
segundo século depois de Cristo — concordam que o apóstolo escreveu Apocalipse. No entanto, um século mais tarde, Dionísio, bispo de Alexandria, sugeriu que a mensagem pode ter sido escrita por outro João, “João, o ancião”. Esta ideia foi baseada nas diferenças entre a linguagem, o estilo e o pensamento em Apocalipse e nos escritos mais comumente reconhecidos como de João.

Durante os séculos subsequentes, a conclusão de Dionísio atraiu muitos seguidores, incluindo Martinho Lutero, durante a Reforma. Apesar disso, as evidências históricas ainda apoiam fortemente que João, filho de Zebedeu, foi o autor inspirado por Deus para escrever o Apocalipse.

Quanto à época de sua escrita, o Apocalipse foi redigido durante um período no qual os cristãos estavam sofrendo dura perseguição. As datas mais amplamente sugeridas são uma mais antiga, antes de 70 d.C., e uma posterior, por volta de 95 d.C.

O que reforça uma data no final de 60 d.C. é que, nessa época, os pagãos acreditavam que o irracional imperador Nero seria ressuscitado. Isso explicaria as representações no capítulo 13 de Apocalipse. A referência ao *templo de Deus* e ao *altar* (Ap 11.1) em Jerusalém, que só foram destruídos no ano 70 d.C., também apoiam a data mais antiga. Mas os fatos relativos ao fim do reinado de Domiciano como imperador (81–96 d.C.) sugerem que Apocalipse pode ter sido escrito por volta de 95 d.C.

A descrição do sofrimento em Apocalipse parece mais próxima do que se sabe sobre a perseguição sob o domínio de Domiciano. Existe também uma declaração de Irineu (de Lião, teólogo e escritor cristão), por volta de 185 d.C., dizendo que João escreveu o Apocalipse “ao fim do reinado de Domiciano”, o que seria por volta de 95 d.C.

LINHA DO TEMPO	
CRONOLOGIA EM APOCALIPSE	
Ano 27 d.C. — Jesus chama João, filho de Zebedeu, para segui-lo.	
Ano 30 d.C. — João se torna um líder na Igreja do primeiro século.	
Ano 67 d.C. — Pedro e Paulo são executados; João fixa residência em Éfeso.	
Ano 70 d.C. — Os romanos destroem Jerusalém, e a Igreja é dispersa.	
Ano 90 d.C. — João escreve seu evangelho e as cartas pastorais.	
Ano 93 d.C. — João é exilado na ilha de Patmos.	
Ano 95 d.C. — João escreve Apocalipse.	
Ano 100 d.C. — João morre.	



ESBOÇO

- I. Introdução — 1.1-20
 - A. Prólogo — 1.1-3
 - B. Saudação e doxologia — 1.4-8
 - C. O Filho do Homem e as igrejas — 1.9-20
 - II. Cartas às sete igrejas da Ásia — 2.1-3.22
 - A. Para a igreja de Éfeso — 2.1-7
 - B. Para a igreja de Esmirna — 2.8-11
 - C. Para a igreja de Pérgamo — 2.12-17
 - D. Para a igreja de Tiatura — 2.18-29
 - E. Para a igreja de Sardes — 3.1-6
 - F. Para a igreja de Filadélfia — 3.7-13
 - G. Para a igreja de Laodiceia — 3.14-22
 - III. Visões do fim dos tempos e o novo céu e a nova terra — 4.1-22.5
 - A. A sala do trono celestial, o livro selado e o Cordeiro — 4.1-5.14
 - 1. O cenário junto ao trono de Deus — 4.1-11
 - 2. O livro selado com sete selos e o Cordeiro triunfante — 5.1-14
 - B. A abertura dos sete selos do livro — 6.1-8.1
 - 1. Os primeiros seis selos: preparação para o dia da ira de Deus — 6.1-17
 - 2. Interlúdio: os 144 mil são selados — 7.1-17
 - 3. O sétimo selo: silêncio no céu — 8.1
 - C. O som das sete trombetas anunciando o juízo — 8.2-11.19
 - 1. Os anjos, o incensário de ouro e as orações dos santos — 8.2-5
 - 2. As primeiras seis trombetas: intensificação da destruição e desgraça — 8.6-9.21
 - 3. Interlúdio: o livrinho e as duas testemunhas — 10.1-11.14
 - 4. A sétima trombeta: grandes vozes no céu — 11.15-19
 - D. Os sete sinais e figuras antes do juízo final — 12.1-14.20
 - 1. A Igreja e o dragão — 12.1-17
 - 2. A besta do mar e a besta da terra — 13.1-18
 - 3. O Cordeiro e os 144 mil remidos — 14.1-5
 - 4. A proclamação culminante do evangelho — 14.6-20
 - E. As sete taças da ira de Deus — 15.1-19.5
 - 1. Os sete anjos com as taças — 15.1-8
 - 2. As primeiras seis taças: a justa ira de Deus — 16.1-16
 - 3. A sétima taça: o culminante juízo sobre a Babilônia — 16.17-21
 - 4. A mãe das prostituições e a besta — 17.1-18
 - 5. A queda da grande Babilônia — 18.1-19.5
 - F. A segunda vinda e o Reino do Rei dos reis — 19.6-20.15
 - 1. O anúncio das Bodas do Cordeiro — 19.6-10
 - 2. A vitória do Rei dos reis sobre a besta — 19.11-21
 - 3. O Reino milenar de Cristo — 20.1-6
 - 4. A rebelião final e o destino de Satanás — 20.7-10
 - 5. O juízo do grande trono branco — 20.11-15
 - G. O novo céu, a nova terra e a Nova Jerusalém — 21.1-22.5
 - 1. A proclamação do novo estado eterno — 21.1-8
 - 2. A glória da Nova Jerusalém — 21.9-27
 - 3. O rio da água da vida e a árvore da vida: um Éden eterno — 22.1-5
- IV. Conclusão — 22.6-21
 - A. A garantia da iminente volta de Cristo — 22.6-15
 - B. A oferta final da água da vida — 22.16-19
 - C. Bênção final — 22.20-21

COMENTÁRIOS

1.1 — *Revelação* (palavra que significa algo *desvelado, descoberto*) indica que esse texto é um tipo de literatura conhecido como apocalíptica. A *Revelação de Jesus Cristo* pode significar que vem dele e é sobre Ele, porque Cristo é o assunto do livro inteiro. Os servos de Cristo são os crentes.

A frase *que brevemente devem acontecer* é uma alusão a Daniel 2.28,29,45, visto que parece indicar que as coisas que devem acontecer nos últimos dias acontecerão em rápida sucessão.

João é o escritor humano do Apocalipse, enquanto Jesus é o Autor divino.

1.2 — A *palavra de Deus* e o *testemunho de Jesus Cristo* são as razões pelas quais João foi exi-

lado na ilha de Patmos (v. 9) e, também, o motivo por que os crentes são perseguidos hoje em dia.

A expressão *de tudo o que tem visto* refere-se às visões relatadas em Apocalipse.

1.3 — *Bem-aventurado*, significando *espiritualmente feliz*, de acordo com a perspectiva de Deus ler e reter essa revelação é a primeira das sete bem-aventuranças citadas em Apocalipse (14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 27.7,14). Esse é o primeiro de muitos grupos de sete encontrados em todo o livro, número este que significa completude, perfeição.

1.4 — João endereçou Apocalipse às *sete igrejas* na província romana da *Ásia*, área que atualmente corresponde ao sudoeste da Turquia. As igrejas localizavam-se em uma região de uns 80km², e seus nomes estão dispostos em ordem, no sentido dos ponteiros do relógio, partindo do sudoeste.

Graça é a versão cristã para uma saudação comum no grego, e *paz* [hb. *shalom*] é uma típica saudação hebraica.

Aquele que é, e que era, e que há de vir designa Deus, que não só existe agora, mas sempre existiu e existirá eternamente (Hb 13.8).

A expressão *os sete espíritos* pode referir-se aos anjos das sete igrejas (cap. 2 e 3), a sete outros anjos (Ap 8.2), ou à plenitude do Espírito Santo (Is 11.2).

1.5 — Jesus Cristo, o *primogênito dos mortos*, garantiu a ressurreição futura do cristão por meio de Sua própria ressurreição (1 Co 15.20,23). Embora Ele seja o legítimo *príncipe*, até a Sua segunda vinda, não exercerá Sua autoridade (Mt 28.18) de maneira completa sobre os *reis da terra* (Ap 19.17-21). Mas, quando votar, Ele estabelecerá Seu Reino de forma plena na terra (Ap 1.6) e nomeará correntes preparados, os quais compartilharão de Sua autoridade para governar nações em submissão a Ele (Ap 2.26,27; 3.21; 5.10; 20.4; 21.24).

1.6 — *Reis e sacerdotes* lembram o desígnio de Israel em Êxodo 19.6, o qual também é aplicado à Igreja pelo uso da expressão *sacerdócio real* em 1 Pedro 2.9. Cristo, ao sacrificar a si mesmo (Ap 1.5), salvou e separou para si um povo especial, os cristãos, sacerdotes reais, para oferecerem sacrifícios espirituais a Deus (Rm 8.17; Hb 3.1,14; 13.15,16).

1.7 — A frase *vem com as nuvens* lembra a visão que Daniel teve acerca do Filho do Homem (Dn 7.13; Mt 24.30). Jesus associa a visão de Daniel à Sua gloriosa segunda vinda (Mt 24.30; At 1.11).

A expressão *todo olho* indica que Cristo será visível universalmente na Sua segunda vinda, ao contrário do que ocorreu em Sua primeira vinda.

A frase *até mesmo os que o traspassaram* alude à crucificação de Cristo (Jo 19.34), por influência dos líderes judeus, e aponta para a profecia de Zacarias que diz que Israel se lamentará por ter rejeitado o Messias (Zc 12.10; Jo 19.34,37). De fato, não apenas Israel, mas também *todas as tribos da terra se lamentarão* por terem rejeitado Cristo e se arrependirão por sua incredulidade.

1.8 — A autodescrição de Deus como o *Alfa* e o *Ômega* (a primeira e a última letra do alfabeto grego), *princípio e o fim*, indica que Ele é o

Todo-poderoso e eterno, já existindo que tudo fosse por Ele criado. Esse conhecimento pode ser um grande conforto para quem está sofrendo (v. 9). O Senhor está guiando a história de maneira soberana em direção à sua consumação, à vitória de Cristo sobre tudo e todos (1 Co 15.24-28).

1.9 — João se identifica fortemente com seus leitores como *um irmão e companheiro na aflição*, uma tribulação que alguns já estavam sofrendo (Ap 2.9,10). Paulo disse que haveria muitas tribulações (At 14.22) para os cristãos antes da vinda do *reino* (Ap 11.15). Tais provações servem para desenvolver *paciência* e maturidade cristã (Tg 1.2-4); afinal, suportá-las é um pré-requisito para reinar com Jesus (Rm 8.17; 2 Tm 2.12). O sofrimento imediato de João estava relacionado ao seu exílio na pequena *ilha de Patmos*, no mar Egeu. Embora o apóstolo tivesse sido exilado como uma tentativa de silenciar a *palavra de Deus* e o *testemunho de Jesus Cristo* (a palavra grega traduzida como *testemunho* significa literalmente *testemunha*, e está associada à palavra *mártir*), João, continuou escrevendo o Apocalipse (1,2) como testemunha de Cristo.

1.10 — A expressão *em espírito* alude ao estado de exultação espiritual no qual João se encontrava quando recebeu as visões do Apocalipse (Ap 4.1,2).

1.11 — Cada uma das *sete igrejas* na província da Ásia recebeu uma cópia completa de Apocalipse e uma mensagem individual da parte de Cristo (Ap 2.1—3.22).

1.12 — Os *sete castiçais de ouro* representam as sete igrejas nomeadas no versículo 11 (v.20).

1.13 — *Semelhante ao Filho do Homem* é uma referência a Daniel 7.13. Comparando-se essas duas passagens, além do uso da expressão *Filho do Homem* por Jesus (Mt 20.28) em relação a si mesmo, notamos que Cristo é o sujeito dos versículos de 12 a 18 de Apocalipse 1. Jesus tem uma natureza completamente humana e completamente divina.

A *veste comprida* e o *cinto de ouro* indicam que o Cristo glorificado está vestido como um sumo sacerdote (Êx 28.4).

1.14 — A aparência *branca* da cabeça e dos cabelos é um paralelo à descrição do *ancião de dias*, em Daniel 7.9, e à aparência gloriosa do Cristo transfigurado no monte (Mt 17.2). As descrições demonstram a pureza e imortalidade, tanto de Deus-Pai como do Deus-Filho. Adicionalmente, o cristão vencedor será *vestido de vestes brancas* (Ap 3.5; 19.8), um símbolo de pureza, e estará na presença de Cristo.

Os olhos de Cristo são *como chama de fogo*. Isso indica Sua justiça, assim como Seu juízo sobre todas as coisas impuras (Dn 10.6; 1 Co 3.13).

1.15 — *Seus pés, semelhantes a latão reluzente* podem significar respeito ou poder, assim como domínio sobre todas as coisas, já que tudo está debaixo de Seus pés (1 Co 15.25).

1.16 — *As sete estrelas são os anjos das sete igrejas* (v. 20). Esses anjos podem designar literalmente seres espirituais, guardiões daquelas igrejas.

Uma aguda espada de dois fios era uma espada longa e afiada dos dois lados, a qual, saindo da boca de Cristo, simboliza o poder e o juízo que a Palavra de Deus promove ao penetrar no profundo do coração humano (Is 49.2; Hb 4.12).

1.17,18 — Quando Cristo fala de si mesmo como *aquele que vive, foi morto e viverá para todo o sempre*, Ele está referindo-se à Sua existência eterna, à Sua vinda como homem, à Sua morte na cruz e à Sua condição gloriosa de ressurreto.

As *chaves da morte e do inferno* apontam para a autoridade de Cristo sobre aqueles que morreram fisicamente e sobre os seus lugares atuais de descanso, os quais serão esvaziados na época do juízo do grande trono branco (Ap 20.11-15).

1.19 — A frase *escreve as coisas que tens visto* engrandece e esclarece a ordem anterior de Cristo: *o que vês, escreve-o* (v. 11). Aparentemente, a

expressão *as coisas que tens visto* se refere à visão relatada nos versículos 10-18.

A frase *as que são, e as que depois destas hão de acontecer* pode referir-se à condição das igrejas na Ásia (Ap 2—3), seguida das visões do futuro (Ap 4—22).

O uso de *depois* em combinação com a visão de *um semelhante ao Filho do Homem* (v.13) é um empréstimo do texto em Daniel 2.29,45.

1.20 — Os *anjos das sete igrejas* têm sido entendidos algumas vezes como mensageiros celestiais. O significado usual da palavra *anjo* no Novo Testamento e em Apocalipse é o de seres espirituais que ministram aos que herdarão a salvação (Hb 1.14).

As *sete igrejas* têm o Filho do Homem glorificado em seu meio (v.12,13), lembrando a promessa de Cristo que diz: *Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles* (Mt 18.20).

2.1—3.22 — As sete igrejas eram congregações existentes na época de João, as quais se situavam na Ásia Menor. As sete mensagens são, com poucas exceções, organizadas no seguinte padrão: (1) uma descrição de Cristo em conformidade com a visão relatada no capítulo 1; (2) uma recomendação à congregação; (3) uma repreensão por causa das deficiências espirituais; (4) uma proposta de correção para o que está errado; e (5) uma promessa para os que vencerem.

Às vezes, essas mensagens são tidas como a representação dos sete estágios da história da Igreja. Porém, como não existe um consenso entre os intérpretes sobre cada período histórico, é mais aceita a interpretação literal, que considera as sete congregações como exemplos dos tipos de igrejas existentes durante toda a história. Isso



EM FOCO

O DIA DO SENHOR (GR. KURIAKOS HEMERA)

(Ap 1.10)

Aqui, em Apocalipse, o Dia do Senhor provavelmente é uma referência ao domingo, o primeiro dia da semana, ocasião em que os cristãos costumavam ajuntar-se para adorar o Altíssimo e celebrar a ceia do Senhor (1 Co 11.20), pois Jesus havia ressuscitado dos mortos num domingo. [Aqui, em Apocalipse 1.10, não é uma alusão ao Dia do Juízo.]

significa que as advertências às sete igrejas servem para todas as igrejas de todas as épocas (Ap 2.7).

2.1 — O *anjo da igreja* aqui pode referir-se a um anjo designado pelo Senhor para guardar a Igreja naquela região em meio à guerra espiritual (ver Hb 1.14; Dn 10.13). [Alguns intérpretes também veem a possibilidade de *anjo da igreja* aqui ser uma referência ao pastor humano, instrumento e representante desse ser celestial designado por Cristo para presidir sobre as assembleias locais. Contudo, isso é improvável.]

Éfeso era a cidade mais importante na Ásia Menor quando Apocalipse foi escrito. Tratava-se do centro de adoração a Artemis (ou Diana; Atos 19.28), a deusa da guerra e da fertilidade. Era um ponto comercial estratégico e um grande porto — e estas são algumas das razões pelas quais o apóstolo Paulo investiu quase três anos no estabelecimento da Igreja em Éfeso e nas cidades circunvizinhas na província (At 19.10; 20.31).

2.2 — A frase *eu sei as tuas obras* aparece nas mensagens a cada igreja (Ap 2.9,13,19; 3.1,8,15), como uma declaração de reconhecimento da parte do Juiz onisciente e onipresente.

2.3 — *Sofreste e tens paciência [...] e não te cansaste*. Essas são qualidades que moldam o caráter do cristão (Rm 6.3,4) geram maturidade (Tg 1.3,4) quando ele enfrenta provas e sofrimento.

2.4 — O *primeiro amor* pode ser uma referência tanto ao tempo inicial da conversão como à qualidade e intensidade do amor dedicado a Deus pelo cristão recém-convertido.

Eis o maior mandamento: *Amarás o Senhor, teu Deus* (Mt 22.37,38). Deixar o *primeiro amor* significa diminuir consideravelmente o amor inicial ou distanciar-se do amor de Deus.

2.5 — *Lembra-te, pois, de onde caíste* fala de um considerável declínio do amor (v.4) na igreja de Éfeso. Na geração anterior, a mesma congregação foi recomendada a amar (Ef 1.15,16; 6.24), embora tivesse sido ordenada com veemência a crescer em amor (Ef 4.2,15,16).

Arrependimento implica mudança de pensamento e está claramente associado à mudança de comportamento, como sugere a frase e *prática as primeiras obras*. Os cristãos em Éfeso deviam

recuperar o estilo de vida que tinham antes de deixarem o primeiro amor (v. 4).

Dizer que *tiraria do seu lugar o teu castiçal* era o mesmo que julgar a Igreja dentro de pouco tempo ou imediatamente.

2.6 — Mesmo que a igreja de Éfeso não amasse como deveria (v. 4), pelo menos o Senhor podia dizer que ela odiava *as obras dos nicolaitas*, os quais eram um grupo ateísta que perturbava as congregações em Éfeso e Pérgamo (v.15). Aparentemente, os ensinamentos e as práticas dele eram imorais, talvez até mesmo idólatras (v.14). Alguns pais da Igreja associam esse grupo a Nicolau, um dos sete líderes eleitos na igreja de Jerusalém (At 6.5).

2.7 — A expressão *quem tem ouvidos ouça* é uma referência às palavras de Jesus aos Seus ouvintes depois de contar-lhes a Parábola do semeador (Mt 13.9). Quando o *Espírito* de Deus fala às igrejas, é para representar Cristo (v.2), porque Ele é o Espírito de Cristo (Gl 4.6) que guia os cristãos à verdade, não falando por si mesmo, mas em nome do Senhor (Jo 16.13).

Ao que vencer refere-se ao cristão que persevera na obediência e é vitorioso em meio às provações. Existem três opiniões principais acerca da natureza do *vitorioso* nos versículos 7, 11, 17 e 26 do capítulo 2 de Apocalipse, bem como nos versículos 5,12 e 21 do terceiro capítulo: (1) a promessa para o vitorioso é experimentada por todos os cristãos, pois todos os cristãos genuínos são vencedores e quem fracassou na fé não experimentou a verdadeira salvação; (2) as promessas são vivenciadas apenas pelos cristãos fiéis e obedientes. Se alguém fracassou na fé é porque perdeu a salvação; (3) as promessas são experimentadas apenas pelos cristãos fiéis e obedientes até o fim e quem fracassou sofreu uma perda de *recompensas*, mas não da salvação (1 Co 3.15).

Nenhuma das opções é isenta de dificuldades, mas a interpretação correta seria aquela que é mais consistente com os detalhes de todas as sete passagens sobre a vitória. Isso significa que a última hipótese é a mais provável. Algumas promessas para o vencedor são claramente condicionais (Ap 2.26) e não podem ser atribuídas a todos os cristãos. A promessa parece ser uma recompensa por

fazer algo que nem todos os cristãos fazem. O vencedor é o cristão que vence a ameaça específica para ele e sua igreja por meio de sua conduta fiel e obediência.

Se todo servo de Deus é um *vencedor*, o leitor de Apocalipse deveria aguardar pela frase “aquele que crê”, em vez de *aquele que vencer*, que sugere uma distinção entre crer e vencer. Além disso, o singular de *aquele que vencer* dá a entender que a vitória é de cunho individual e que nem todos os cristãos irão perseverar até o fim e obter a vitória.

Fuller [um comentarista bíblico] observou que “um mandamento que todos cumprem é supérfluo, e uma recompensa que todos recebem por causa de uma virtude que todos têm é tolice”. Não existe objetivo em advertir os cristãos sobre algo que todos eles farão nem há motivação para obedecer às advertências se todo cristão recebesse a *recompensa*. De tal forma, não haveria recompensa de verdade.

Alguns argumentam que a expressão *aquele que vencer*, em Apocalipse 2 e 3, aplica-se a todos os cristãos por causa de seu uso em 1 João 5.4,5, onde, claramente, todos os cristãos são considerados. No entanto, vale lembrar que certas declarações assumem certos significados dependendo do contexto em que estão inseridas. A não ser o uso da mesma palavra, não existe nada sobre o contexto de 1 João 5 que lembre o de Apocalipse 2 e 3. O sentido da declaração em 1 João 5 é uma promessa comum a todos os cristãos, sem uma condição. Por outro lado, nas declarações de Jesus em Apocalipse 2 e 3, existem advertências e mandamentos específicos ligados às promessas.

De forma geral, pela fé, todos os fiéis a Deus vencerão e viverão para sempre com Ele (1 Jo 5). No entanto, nem todos alcançarão o mesmo patamar espiritual nesta vida, tampouco farão as mesmas obras. Sendo assim, não serão recompensados de igual maneira (Ap 2 e 3).

Em 1 João 5.4,5, é enfatizada a vitória pela fé e o recebimento de um galardão. Já em Apocalipse 2—3, é enfatizada a vitória por meio da fidelidade a Cristo e o recebimento de vários tipos de recompensa. Existem dois aspectos da vitória para o cristão: (1) Pela fé em Jesus, o cristão é vencedor

e receberá a vida eterna (1 Jo 5.4,5); (2) Pela fé e fidelidade constantes, o cristão pode vencer tentações e provas específicas, recebendo, no final de sua carreira, recompensas eternas. Esse ponto de vista parece adequar-se melhor ao contexto de cada promessa concernente à vitória em Apocalipse.

Especificamente em relação à igreja de Éfeso, os cristãos tinham obstáculos espirituais a serem vencidos. O problema nessa igreja, especificamente, era a falta de um amor ardente por Cristo, tanto que ela é exortada a arrepender-se e a praticar as primeiras boas obras (v. 5), o que indica um declínio na vida cristã. A recompensa para aqueles que obedecerem ao Senhor é a certeza de que comerão da *árvore da vida*, uma promessa de intimidade especial com o Senhor e de restauração da comunhão perdida antes da queda (Ap 22.14; Gn 2.9; 3.22,24; Pv 11.30). O acesso privilegiado à árvore da vida, negado a Adão (Gn 3.24), será desfrutado pelo cristão vencedor. (O próprio Jesus prometeu ao ladrão que creu nele que estaria com Ele no Paraíso após a morte (Lc 23.43), e Paulo usou o termo *paraíso* como sinônimo de *terceiro céu*, em 2 Coríntios 12.2,4.)

2.8 — *Esmirna* era uma importante cidade portuária 56Km ao norte de Éfeso. O culto ao imperador romano e a presença de uma grande população judaica tornava a vida difícil para os cristãos em Esmirna. No entanto, essa igreja e a de Filadélfia são as duas únicas das sete que não foram repreendidas por Cristo em nenhum aspecto.

2.9 — Ainda haverá uma grande tribulação (Ap 7.14) sem paralelo na história do mundo (Mt 24.21), e os cristãos devem esperar sofrer muita *tribulação* até mesmo na época atual (At 14.22). Os cristãos acometidos pela *pobreza* nessa vida podem consolar-se pelo fato de que possuem grandes riquezas espirituais em Cristo (Ef 1.18).

Aqueles que se dizem judeus e não o são ou são judeus prosélitos, ou judeus que se recusam a crer nas profecias, nas Escrituras que apontam para Jesus como o Messias prometido (Rm 2.28,29). Chamar esses judeus de *sinagoga de Satanás* indica, provavelmente, que eles estavam perseguindo os cristãos.



EM FOCO

A ÁRVORE DA VIDA (GR. XULON TES ZOES)

(Ap 2.7; 22.2,14,19)

O termo grego significa *uma árvore que dá vida*, isto é, vida eterna (Jo 20.31). Essa árvore, que simboliza a vida eterna que Deus tornou acessível à humanidade, estava presente no jardim do Éden, mas seu fruto não foi comido porque Adão e Eva caíram em pecado (Gn 2.9; 3.24). Jesus veio a terra restaurar a humanidade à comunhão com o Criador e possibilitar-lhe desfrutar novamente da árvore da vida (Ap 2.7). Aqueles salvos que viverão na Nova Jerusalém partilharão da árvore da vida para sempre (Ap 22.2).

2.10 — A expressão *tereis uma tribulação de dez dias* tem sido entendida como dez curtos ataques de perseguição durante a época do Novo Testamento, mas é mais provável que signifique sofrimento durante dez dias, dez meses ou um breve período na época atual.

A *coroa da vida* pode ser a coroa da vitória do mártir, acompanhando o costume grego comum de dar uma coroa de flores ou louros aos vencedores nos eventos atléticos.

Em Tiago 1.12, também é prometido a coroa da vida aos que perseverarem na fé durante as provações. Tal perseverança resultará na satisfação suprema de vida no Reino de Deus.

2.11 — *O que vencer pela fé* (1 Jo 5.4,5) não precisa temer o tormento interminável pelo qual o infiel passará no lago de fogo, a *segunda morte* (Ap 20.14). Algumas pessoas entendem, por essa declaração, que os cristãos que não vencerem serão afligidos no lago de fogo, caso suas obras se mostrem perecíveis ao serem submetidas ao teste do fogo (1 Co 3.11-15) e eles perderem a recompensa. No entanto, a segunda morte se refere à experiência da morte eterna no lago de fogo (Ap 20.14,15). Nenhum cristão irá experimentá-la, pois o vencedor não sofrerá nenhuma perda de qualquer espécie; afinal, ao crente fiel está reservada a coroa da vida, uma experiência maravilhosa de vida no futuro. Assim, ele alcança não só a isenção da segunda morte, mas também uma experiência de vida mais abundante (Jo 10.10).

2.12 — *Pérgamo*, que, em grego, significa *fortaleza*, era o nome da antiga capital da província da Ásia, a qual ficou conhecida como o lugar

onde o pergaminho foi usado pela primeira vez. Ficava a 80km ao norte de Esmirna, em uma alta colina dominando o vale abaixo.

A *espada aguda de dois fios* é a poderosa Palavra proveniente da boca de Cristo (Ap 1.16; Hb 4.12).

2.13 — O *trono de Satanás* indica que a auto-ridade e o poder do diabo eram honrados abertamente ou pelas práticas implementadas ali.

Antipas (um cristão, e não o Herodes Antipas) já havia sofrido o martírio, recebendo a prometida coroa da vida.

A frase *e reténs o meu nome* pode muito bem se referir à controvérsia ariana (relativo a Arius) — que durou mais de um século e foi finalmente debatida em 325 d.C. pelo Concílio de Nicéia (sudeste da França, no mar Mediterrâneo) — e indica que os cristãos de Pérgamo não negaram o nome de Cristo, já que a divindade essencial do Senhor Jesus Cristo foi aceita.

2.14 — A *doutrina de Balaão* é explicada pela sua origem no Antigo Testamento (Nm 22—24.25; 31). *Balaque* contratou Balaão para desviar o coração de Israel para longe do Senhor. Aparentemente, uma sedução parecida estava acontecendo na igreja de Pérgamo, principalmente em relação aos *ídolos* e à prostituição (At 15.20).

2.15 — Ao que tudo indica, a *doutrina dos nicolaitas*, já vista na igreja de Éfeso (v. 6), era parecida com a de Balaão (v.14).

2.16 — *Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a ti*. Houve uma exigência para que a Igreja exercitasse a disciplina. A vinda de Cristo mencionada aqui se refere a uma visitação judicial em rápido juízo de acordo com a Palavra de Deus.

2.17 — Quem, em meio a terríveis circunstâncias, *vencer* pela fé (v.13-15) receberá o privilégio de *comer do maná escondido*, que, assim como a *pedra branca* e o *novo nome*, é uma recompensa futura pela fidelidade a Deus.

O maná escondido lembra o alimento celestial que sustentou Israel no deserto (Êx 16.4,14,15,31), uma porção do qual foi colocado dentro da arca como um memorial (Êx 16.32,33; Hb 9.4).

Os crentes em Pérgamo estavam envolvidos com festividades pagãs, nas quais eles comiam alimentos sacrificados aos ídolos e cometiam imoralidade sexual (Ap 2.14). A promessa de Jesus, então, é destinada aos que se recusavam a aceitar tais convites e a participar dessas festas. Para esses, haveria um banquete melhor no céu.

O maná escondido também sugere uma comunhão especial com Jesus (Lc 14.7-11; 22.28-30). Aos vencedores é prometido o alimento sobrenatural na condição ressurreta para capacitá-los efetivamente à função de corregentes no Reino de Cristo.

Na época de João, a *pedra branca* podia significar isenção de custas legais, mas parece mais adequado relacioná-la ao costume, nos jogos atléticos gregos, de se oferecer uma pedra branca ao vencedor de uma competição, ou aos gladiadores que tinham conquistado a admiração do público e recebido permissão para se retirarem de combates futuros. Esse símbolo da vitória sobre os inimigos de Deus não pode ser separado de um novo nome, que identifica o cristão obediente cujo caráter é fiel até o fim, diferenciado da maioria.

2.18 — *Tiatira* era uma cidade com um grande destacamento militar, que ficava cerca de 50km a sudeste de Pérgamo. Reconhecida por suas indústrias de lã e tintas, Tiatira também era notória por suas associações comerciais. A descrição de Cristo como tendo *os olhos como chama de fogo* e *os pés semelhantes ao latão reluzente* repetem praticamente as palavras em Daniel 10.6.

2.19 — A igreja de Tiatira estava contaminada pelo mal, mas Cristo destacou primeiro o que podia ser elogiado nela: *a fé, a paciência* e as *obras* de alguns cristãos fiéis.

As tuas últimas obras são mais do que as primeiras. Quanto mais se levantavam dificuldades, mais ardente era a fé e mais abundante o trabalho dos fiéis a Deus.

2.20 — Não se sabe se *Jezebel* era o nome de alguma mulher mal-intencionada, cujas ações malignas são comparadas às da rainha Jezebel (1 Reis 16; 2 Reis 9), ou apenas uma designação simbólica das práticas pecaminosas de membros daquela igreja sob domínio do “espírito de Jezebel”.

Imoralidade sexual e *sacrifícios da idolatria* estavam associadas às atividades de Jezebel e aos pecados em Pérgamo (Ap 2.14). Essa descrição é parecida com a da Babilônia, a *grande prostituta*, mencionada em Apocalipse 17.1-6. O comportamento dessa igreja podia, de vez em quando, ser tragicamente parecido com o dos inimigos do Senhor.

2.21 — *Dei tempo para que se arrependesse [...] e não se arrependeu.* Por Sua graça e paciência, o Altíssimo concedeu tempo aquela igreja, a fim de que ela se arrependesse. Mas ela se recusou a fazê-lo. Então, não existe nenhum apelo para o arrependimento nessa mensagem; apenas anúncio do juízo. Essa igreja permaneceria separada da verdade de Deus enquanto estivesse associada a todos os sistemas religiosos malignos do mundo (compare com Ap 18; 19).

2.22 — Estar em uma *cama* [aqui, símbolo de dores, enfermidades, angústia], prostrado, é onde pode terminar o quem se envolve muito tempo com o pecado, sem arrependimento, confissão e abandono do mal.

O próximo passo da disciplina de Deus é a morte (1 Co 11.30). O pecado pode trazer *grande tribulação* na vida do cristão, ainda que não seja a Grande Tribulação que virá sobre o mundo antes da volta de Cristo (Ap 7.14).

2.23 — Aparentemente, os membros da igreja de Tiatira haviam cometido pecado *de morte* (Tg 5.20). A *morte* é a consequência para as *obras* do pecado (Rm 6.23).

2.24 — As *profundezas de Satanás* podem ser os segredos conhecidos por aqueles iniciados nos assuntos demoníacos. Na época de João, havia uma considerável influência satânica na Ásia

Menor (v.9,13; 3.9). Contraste as profundezas de Satanás com as *profundezas de Deus* (1 Co 2.10).

2.25 — *Retende-o até que eu venha*. Como não existe esperança se uma congregação corrompida não se arrepender, os que pertencem a Deus nela podem apenas esperar a volta do Senhor guardando fielmente a verdade. O fato de os santos de Tiatira acreditarem que permaneceriam até a volta de Cristo revela que a Igreja como tal permanece além de seu tempo original.

2.26,27 — Observe que aquele *que vencer* é identificado mais adiante por Jesus como aquele que irá *guardar até ao fim as* [Suas] *obras*. A esse crente fiel Cristo promete o privilégio de governar e reinar com Ele no Seu Reino, além de compartilhar de Seu esplendor real (Lc 16.11; 19.17-19; Rm 8.17; 2 Tm 2.12). Apesar de todos os cristãos compartilharem a glória de Cristo ao serem glorificados, parece que nem todos compartilharão de Seu resplendor real e do privilégio de reinar com Ele.

A frase *poder sobre as nações* e a citação do Salmo 2.9, que profetiza a atuação cheia de poder do Messias, associa a vitória dos crentes ao Reino milenial de Cristo, em Apocalipse 20.4,6. Apenas os que vencerem e perseverarem em obediência até o final da vida têm a promessa de serem coherdeiros com Cristo desse Reino. Jesus compartilhará a Sua soberania com os companheiros que provaram a sua fidelidade nessa vida ao fazer a vontade de Deus até o fim. Esse é o destino exaltado a que todos os cristãos devem aspirar.

2.28,29 — *A estrela da manhã*, também citada em Apocalipse 22.16, é o próprio Cristo. Para o que vencer, a presença dele será a luz no tempo de trevas e dificuldades, antes do amanhecer da volta do Filho de Deus. Além disso, a *estrela da manhã* se refere ao prêmio do fiel na glória ou no resplendor de Cristo. Jesus oferece a cada servo fiel o privilégio de ser como Ele em resplendor real, em várias medidas (Dn 12.3).

3.1 — *Sardes*, situada a 50 Km a sudeste de Tiatira, era a capital de Lídia. A adoração ao imperador romano e a Artemis, deusa da guerra e da fertilidade, era efetiva ali. Os *sete espíritos* podem ser um símbolo do Espírito Santo [e da plenitude do conhecimento divino], ou, talvez, sete anjos (Ap 1.4). As *sete estrelas* são os anjos das sete igrejas (Ap 1.20).

3.2 — *As obras do homem não são completamente perfeitas diante de Deus* (Rm 3.23). Os incrédulos, aqueles cujos nomes não estão escritos no *livro da vida* (Ap 20.15), serão julgados somente de acordo com as suas obras (Ap 20.12,13).

3.3 — A advertência de Cristo de que Ele *virá* de modo inesperado, *como um ladrão*, reforça a repetitiva ênfase em Mateus 24.36—25.13: estejam alertas e prontos para a vinda de Jesus (Ap 16.15).

3.4 — Aqueles que *não contaminaram suas vestes* são os que permaneceram fiéis a Cristo. Diferente de alguns cristãos, eles venceram o pecado e demonstraram uma retidão prática. O Senhor promete que as pessoas que não contaminarem



PERFIL

JEZABEL

O nome *Jezabel* (Ap 2.20; 1 Rs 19.1) soava mal para os leitores de João, pois era o nome da cruel e idólatra esposa do rei Acabe, que perverteu a adoração em Israel e cometeu crimes gravíssimos contra a lei de Deus (1 Rs 16.31; 21.25; 2 Rs 9.7-10,22). Assim, depois da morte dela, os judeus evitavam colocar em suas filhas o nome dessa mulher.

Em Apocalipse 2, uma Jezabel estava ensinando o povo a adorar falsos deuses e incentivando a imoralidade. As religiões pagãs da época, incluindo a adoração aos imperadores romanos, geralmente envolviam veneração a ídolos e, algumas vezes, atividades sexuais.

Essa Jezabel não era uma seguidora de Cristo, mas uma falsa profetisa guiando o povo para fora do caminho da salvação. Apesar disso, os cristãos de Tiatira a apoiaram, dando ouvidos a seus ensinamentos e promovendo a promiscuidade sexual em nome da religião.

as suas vestiduras *andarão de branco, porquanto são dignas disso*. Provavelmente, essas roupas ilustram os atos de justiça, e não a justiça imputada por Cristo (Ap 19.8).

3.5,6 — As *vestes brancas* podem simbolizar o reconhecimento do Senhor quanto ao caráter reto e ao serviço fiel dos cristãos (v. 4; 6.11; 19.7-8). Branco é a cor das vestes que o redimido vestirá na presença do Senhor (Ap 7.13,14).

O *Livro da vida* é a lista dos redimidos eternamente (Ap 20.12,15). Não *riscar* o nome é um modo do Senhor dizer que Ele conservará a memória dos redimidos; a cidadania celestial, bem como os direitos e privilégios que eles terão em Seu Reino. Cristo garantirá que o nome e as obras do crentes não sejam apagados, mas lembrados e honrados.

Já o ato de *riscar o nome* provavelmente faz alusão ao texto em Êxodo 32.32,33, passagem na qual Deus diz que riscará o nome dos pecadores, mas não dos fiéis como Moisés, de Seu Livro.

Confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. O texto não declara que qualquer cristão terá seu nome riscado do Livro da Vida (Lc 10.20). Mas o fiel terá o seu nome confessado diante dos santos, dos anjos e do Pai pelo Filho (Mt 10.32,33; 2 Tm 2.12,13).

3.7 — *Filadélfia*, que, em grego, significa *amor fraternal*, era uma pequena cidade localizada a cerca de 65km a sudeste de Sardes. Sua localização, o cultivo de vinhas e a produção de vinho fizeram dela uma cidade rica e comercialmente importante. A *chave de Davi* representa a autoridade daquele que *abre e fecha* a porta no Reino [eterno] de Davi (Is 22.22), uma prerrogativa de Cristo como o justo *Filho de Davi* (Mt 1.1).

3.8 — A *porta aberta* que *ninguém pode fechar* parece, nesse contexto, ser a entrada para o céu e para a *Nova Jerusalém* (v. 12,21,22). É possível que essa porta seja também uma abertura para o testemunho ou serviço (Cl 4.3). Apesar de terem *pouca força*, os cristãos de Filadélfia haviam *guardado* a Palavra de Cristo obedientemente (Ap 1.3; Mt 28.20) e *não tinham negado* o Seu nome.

3.9 — No final, aqueles de Filadélfia que pertenciam a *Satanás*, embora alegassem ser *judeus*

[não sendo verdadeiramente adoradores de Deus] (Rm 2.28,29), seriam forçados a *adorar prostrados* diante da Igreja, reconhecendo que Cristo *ama* os Seus (Ap 20.4,6).

3.10 — A garantia de que Cristo irá *guardar* os fiéis da *hora da tentação* parece uma promessa de que Ele os arrebatará antes do tempo da grande tribulação. No entanto, para alguns comentaristas bíblicos, essa promessa não significa que os cristãos serão arrebatados, e sim protegidos durante esse período de angústia na terra.

A *hora da tentação* é outra maneira de referir-se ao inigualável juízo durante a *grande tribulação* (Ap 7.14), profetizado em Daniel 12.1 e em Mateus 24.21.

3.11 — O cristão deve estar sempre preparado para a *volta* de Jesus (v. 3). A forma surpreendente como se dará essa volta incentiva-nos à perseverança no amor, na fé e no serviço fiel. Por meio de um comportamento impróprio, pode-se perder a *coroa* que foi previamente conquistada (2 Jo 8), a qual indica a autoridade real dada aos vitoriosos co-herdeiros do Senhor Jesus. O tribunal de Cristo será uma ocasião de recompensa, ou punição; alegria, ou pesar (2 Co 5.10).

3.12 — *A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus*. Cristo promete que o fiel será uma *coluna*, a parte mais estável e permanente de uma construção. Ser uma *coluna no templo* indica ter um lugar de honra, autoridade e estabilidade devido à fidelidade e firmeza demonstrada no serviço proeminente prestado ao Reino de Cristo (Is 22.23; Lc 19.16-19). [Também indica unidade, comunhão profunda e íntima com Deus; infusão da natureza divina na humana, pela habitação do Espírito.]

A quem vencer, [...] escreverei sobre ele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém. Sobre o vencedor [uma coluna no templo] será inscrito o nome de Deus (símbolo de identificação e pertencimento), o nome da Nova Jerusalém (indicando a nova cidadania) e o novo nome de Cristo (indicando a revelação completa de Sua pessoa e natureza). [Nos templos antigos eram gravados, além dos nomes das divindades ali

adoradas, os nomes dos sacerdotes, heróis e outros personagens importantes.]

O vencedor é associado Ao Rei dos reis, Seus governantes e ao centro governamental do Reino por toda a eternidade (Ap 21.9—22.21).

3.13 — *Quem tem ouvidos ouça.* Aqui, notamos que a receptividade às verdades da Palavra de Deus é uma necessidade para que se compreenda o destino especial dos cristãos vitoriosos.

3.14 — Laodiceia ficava 75km a sudeste de Filadélfia e 145km a leste de Éfeso. Era uma cidade rica, com bancos prósperos, uma indústria têxtil e uma escola de Medicina. No entanto, apesar de desenvolvida, também era conhecida por sua escassez no abastecimento de água. Essas características são mencionadas na mensagem de Cristo para a Igreja (v.15-18).

Referências a Cristo como o *Amém* [o que confirma a mensagem do evangelho e o ministério da Igreja; o Deus que confirma, diz amém (ver Is 65.16)], a *testemunha fiel e verdadeira*, o *princípio*

da criação de Deus [o Criador]; logo a letárgica igreja de Laodiceia deveria prestar atenção às palavras dele e corrigir-se.

A frase sobre a criação tem sido interpretada por alguns para ensinar que Jesus é o primeiro ser que Deus criou, o que, certamente, não é comprovado pela gramática grega e contraria outras passagens bíblicas. Cristo é descrito em outras passagens do Novo Testamento como eterno (Jo 1.1-3); o próprio Deus (Jo 8.58; Fp 2.6; Tt 2.13). Em Apocalipse, há referências a Ele como o *Primeiro* e o *Último*, o *Alfa* e o *Ômega*, o *Princípio* e o *Fim*. Na verdade, a palavra grega *arché*, nesse versículo, traduzida como *princípio*, significa originador, criador; assim, a frase poderia ser melhor traduzida como: “Aquele que origina a criação”.

3.15,16 — Água fria é refrescante, e água quente é útil para aplicações médicas, mas a água morna não é nem uma coisa nem outra. Por analogia, as obras da igreja de Laodiceia fizeram com que Cristo quisesse vomitar os pseudocristãos para



COMPARE

AS SETE IGREJAS EM APOCALIPSE

	<i>Elogios</i>	<i>Crítica</i>	<i>Instrução</i>	<i>Promessa / Prêmio</i>
Éfeso (Ap 2.1-7)	A rejeição do mal, a perseverança e a paciência	O amor por Cristo não é mais ardente	Fazer as obras que fazia no início	Direito à árvore da vida
Esmirna (Ap 2.8-11)	O fato de suportar o sofrimento	Nenhuma	Ser fiel até a morte	A coroa da vida
Pérgamo (Ap 2.12-17)	A perseverança na fé do Senhor Jesus	A tolerância à imoralidade, à idolatria e às heresias	Arreponder-se	O maná escondido e a pedra branca com o novo nome
Tiatira (Ap 2.18-29)	A intensificação do amor, do serviço, da fé e da paciência maior do que no início	A tolerância ao culto de idolatria e à imoralidade	Juízo futuro; manter a fé	A soberania sobre as nações e a estrela da manhã
Sardes (Ap 3.1-6)	A perseverança na fé por parte de alguns	A morte da igreja	Arreponder-se e obedecer a Deus	A honra e as vestes brancas
Filadélfia (Ap 3.7-13)	A perseverança na fé e na palavra de Cristo, e a honra ao Seu nome	Nenhuma	Guardar a fé	Um lugar na presença de Deus, um novo nome e a Nova Jerusalém
Laodiceia (Ap 3.14-22)	Nenhum	A indiferença	Zelar e arreponder-se	O compartilhar do trono de Cristo

fora. Falando claramente, o Senhor rejeita as tentativas de cristãos satisfeitos, indiferentes, mornos espiritualmente, superficiais e apáticos, que não fazem diferença alguma no mundo.

3.17,18 — A igreja de Laodiceia era espiritualmente morna e autoiludida. Como era *rica*, achava que *não precisava de nada*, quando, na realidade, era espiritualmente empobrecida. Acreditava que, como possuía *vestes caras*, estava bem vestida, quando, na verdade, encontrava-se espiritualmente *nua*. Ela cria que a visão física indicava a habilidade de *enxergar* espiritualmente, quando, de fato, era *cega* para as realidades espirituais. Felizmente, Cristo oferece a todos que se arrependem *ouro* espiritual, *vestes brancas* celestiais (Ap 7.13,14; 19.7,8) e *colírio* restaurador (v.18).

3.19 — O amor de Deus por Seus filhos se manifesta até em *repreensão* e castigo quando estes se desviam do caminho (v.15-18). O objetivo da correção do Senhor é para o nosso *proveito, para sermos participantes da sua santidade* (Hb 12.10). A reação adequada à disciplina amorosa do Pai é o *arrependimento* (a mudança de nossa percepção errada), bem como o *zele* para se afastar da perigosa e morna condição espiritual (v.15,16).

3.20 — *Eis que estou à porta e bato* retrata o Senhor Jesus procurando entrar em sua própria Igreja (v.14), com o propósito de renovar a comunhão. Embora seja normalmente entendido apenas no sentido individual, como Cristo batendo à porta do coração de uma pessoa. Mas o sentido de ambos é o mesmo: a busca pela comunhão vital com aqueles que lhe derem ouvidos.

3.21,22 — *Ao que vencer*. A promessa para o cristão fiel atingirá o clímax quando ele compartilhar o *trono* com Jesus. Aqueles que partilham a experiência vitoriosa de Cristo na terra obterão vitória parecida com a dele. A vitória do Salvador o conduziu à Sua atual posição à destra de Deus, no céu, enquanto o triunfo dos crentes os conduzirá ao privilégio de compartilhar o trono terreno do próprio Cristo (Ap 2.26,27; Lc 19.16-19; 2 Tm 2.12).

Jesus *venceu* por meio da obediência humilde até a morte (Fp 2.6-8). Como resultado, o Senhor, que *se assentou em seu trono*, será soberanamente exaltado (v.9-11). Assim como Cristo alcançou a

vitória por meio da obediência, hoje, Seu servo que vencer pela *fé humilde e obediência* irá assentar-se com Cristo em Seu trono (Ap 20.4,6). O propósito de Deus com a Igreja é levantar coherdeiros que compartilharão da autoridade de Cristo no Seu Reino. Esses devem vencer como Jesus venceu: perseverando na fé, apesar do sofrimento (Rm 8.17; 2 Tm 2.12).

4.1 — Esse versículo sinaliza o início de uma nova seção do livro de Apocalipse, que revela os acontecimentos aterrorizantes que ocorrerão no futuro. Essa parte, que é a principal do Apocalipse, continua até o capítulo 22.5.

Sobe aqui é também a ordem dada para as duas testemunhas que ressuscitaram em Apocalipse 11.12. Algumas pessoas consideram que essa ordem se refere ao arrebatamento da Igreja antes da *grande tribulação* (Ap 7.14; Mt 24.21). No entanto, pode ser simplesmente uma frase no estilo apocalíptico que introduz a visão reveladora de João (Ap 4.2).

4.4 — *Vinte e quatro anciãos* ocupam outros tronos. A identidade deles não é exata, e algumas pessoas acreditam que eles representem a Igreja [do AT e do NT, a soma das 12 tribos de Israel e os 12 apóstolos da Israel neotestamentária], ou anjos que fazem parte de um concílio governamental celestial (Jr 23.18,22).

De autoridade são investidos aqueles que, pela idade e experiência, são mais qualificados para governar. Se os referidos *anciãos* representam a Igreja, deve-se notar que a septuagésima semana de Daniel está prestes a começar e que Deus está mais uma vez referindo-se a Israel, enquanto a Igreja no céu está num outro tempo e dimensão.

Também é improvável (lógica e sequencialmente) que a Igreja, como a Noiva a ser entronizada diante de seu Senhor e esposo, fosse reconhecida como sendo digna para reinar (Ap 5.8,9). Ao contrário, até a passagem de Apocalipse 19.7,8, a Igreja ainda não está preparada para reinar. De fato, ela compartilhará de Seu trono futuramente (Ap 3.21).

As *vestes brancas* e as *coroas de ouro* apontam para aqueles que são confirmados em justiça e que possuem autoridade para governar. O uso dessas



EM FOCO

SETE ESPÍRITOS (GR. HEPTA PNEUMATA)

(Ap 1.4; 3.1; 4.5; 5.6)

Esse termo se refere às sete manifestações do Espírito. Como o número sete representa perfeição ou completude, essa descrição do Espírito divino retrata a força, multiplicada por sete, do Santo Espírito; Sua força perfeita, completa e universal. Sete vezes refere-se, provavelmente, à citação anterior das sete igrejas. O Espírito de Deus é um em Sua essência, mas muitos em Suas generosas influências. A origem dessa interpretação pode ter sido uma interpretação popular de Isaías 11.1,2 no Antigo Testamento grego, que foi aceita como uma referência às sete bênçãos espirituais.

coroas indica que os anciãos já foram julgados e recompensados. Esses anciãos já exercem um papel de sacerdotes-governantes.

4.5 — *Relâmpagos e trovões* refletem a maravilhosa majestade de Deus e lembram a autoridade divina para julgar (Ap 6.1; 8.5; 11.19; 14.2; 16.18; 19.6).

Os *sete Espíritos de Deus* — simbolizados por *sete lâmpadas*, as quais tipificam o papel exclusivo do Espírito Santo na execução do juízo — apresentam a plenitude das sete características do Espírito Santo (Is 11.2,3).

4.6 — *O mar de vidro, semelhante ao cristal*, torna a aparência da sala do trono celestial ainda mais imponente. Será a vitória para os mártires crentes, relatada em Apocalipse 15.2.

Os *quatro animais* (gr. *criaturas viventes*) são impressionantemente parecidos com os querubins que Ezequiel viu perto do trono de Deus (Ez 10.1-20). O fato de serem *cheias de olhos* significa que essas criaturas veem tudo.

4.7 — *O leão, o bezerro, o homem e a águia* têm sido entendidos como uma referência aos quatro Evangelhos com seus diferentes retratos de Cristo. No entanto, a descrição lembra os quatro querubins mencionados em Ezequiel 1.4-10, e, assim, as quatro figuras provavelmente representam quatro diferentes anjos (Ez 10). Essas criaturas viventes ou anjos parecem ter associação com a criação e sua redenção final.

4.8-11 — *Descanso* é uma necessidade física da vida terrena, mas ele é desnecessário no céu, onde existe adoração constante *dia e noite*.

Santo, santo, santo lembra o cenário celestial similarmente descrito em Isaías 6.1-10.

Que era, e que é, e que há de vir fala da natureza eterna do Altíssimo, passado, presente e futuro.

Os anciãos *lançavam as suas coroas diante do trono*, o que simbolizava a entrega voluntária da autoridade deles ao Criador. Como ninguém, a não ser o Todo-poderoso, pode criar, apenas Ele deve ser adorado e reconhecido como Rei soberano.

5.1 — *Um livro [...] selado com sete selos* não pode ser lido até que todos os selos tenham sido abertos. Ele contém, aparentemente, os juízos e a redenção vistos nos capítulos seguintes. Pode ser também o livro que foi selado em Daniel 12.4, e parece ser uma alusão ao livro que o Senhor entregou a Ezequiel (Ez 2.9,10).

5.2-4 — Em toda a criação, nenhuma criatura foi achada *digna de abrir o livro* que estava nas mãos de Deus (v. 1) e *de desatar os seus selos*.

5.5,6 — Aqui vemos a consumação dos dois propósitos de Deus na história: recuperar Seu Reino e redimir Seu povo. Essa dupla vitória sobre Satanás é profetizada, a princípio, em Gênesis 3.15 e, então, no concerto com Abraão com a promessa de uma terra e uma Semente (Gn 12.1-3, Dt 30.1-5, 2 Sm 7.12-16).

5.5 — *O Leão da tribo de Judá* (Gn 49.8-10) e a *Raix de Davi* (Is 11.1,10) são títulos messiânicos para Jesus Cristo. *Venceu* se refere à morte e à ressurreição de Cristo em favor dos que seriam redimidos (v.9).

5.6 — *O Cordeiro* que foi morto é Jesus, a quem João Batista chamou de *o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29). Como é impressionante que o mérito de Cristo seja visto por João

mais em termos de um Cordeiro humilde do que de um Leão real (Ap.5.5)!

Na Bíblia, *pontas* (ou *chifres*, na versão ARA) representam poder, força e autoridade para reinar (Dn 7.8,20,24).

A expressão *enviados a toda a terra* indica que o *Cordeiro* sabe exatamente o que está acontecendo no restante do Reino criado enquanto Ele está na sala do trono celestial.

5.7 — Receber o *livro* do Pai demonstra que o juízo e a autoridade sobre a terra são transmitidos para as mãos do Filho (Dn 7.13,14). O livro é bem parecido com o que foi selado por Daniel (Dn 12.9).

5.8 — As *orações dos santos* (crentes) têm um importante papel na abertura do *livro* pelo Cordeiro e o subsequente juízo (Ap 8.1-6). Taças de ouro também são usadas para derramar a ira de Deus sobre a terra (Ap 15.7; 16.1-21).

5.9 — O *novo cântico* celebra a obra redentora do Filho como a base de Seu direito de julgar. O governo divino tem o seu fundamento na criação (cap. 4) e redenção. Cristo é *digno* de abrir o *livro* porque Ele foi morto na cruz, comprando, com o Seu sangue, crentes de todas as nações. A verdadeira autoridade une soberania e amor, poder e moralidade.

5.10 — Um grande número de pessoas alega que o *reinado dos santos na terra* é uma fantasia, dizendo que isso é carnal. Os santos no céu, feitos *reis e sacerdotes* (Ap 1.6), não são considerados assim. Esse Reino não é citado pela primeira vez em Apocalipse 20.4, porque, em Apocalipse 3.21, ele foi estabelecido em uma promessa e, aqui, em glória (compare com Mateus 25.31).

5.11,12 — Muitos *anjos* se juntam aos *seres viventes* (ARA) e aos *anciãos* para oferecer louvor a Cristo. Eles, que têm um novo apreço pelo coração amoroso de seu Criador e soberano Senhor, reconhecem Seu merecido direito de reinar e relacionam a Ele todos os atributos necessários para governar. A expressão *milhares de milhares* denota uma multidão que não podia ser contada.

5.13,14 — Altos louvores ao Cordeiro são derramados da sala do trono celestial, e a eles se

junta *toda criatura* [...] *na terra, debaixo da terra e no mar*, como observado nos Salmos 148 e 150.

Ações de graças, e honra, e glória, e poder. Sob o ponto de vista do céu, esses versículos antecipam o apogeu, quando *toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor* (Fp 2.11).

6.1—8.1 — Essa seção detalha a abertura dos sete selos do livro pelo Cordeiro que foi achado digno. O livro não pode ser aberto e lido até que todos os selos sejam abertos. Então, a narrativa de Apocalipse 6.1—8.1 aparentemente representa os eventos antes do derramar do juízo de Deus contido no livro. A retirada dos selos do livro segue o padrão geral dos sinais chamado de *o princípio das dores* (Mt 24.8) no Sermão do Monte (Mt 24.1-31). Alguns estudiosos defendem que alguns desses eventos já aconteceram ou acontecerão antes que a tribulação comece; outros acham que essa parte descreve o princípio do período da tribulação.

6.1,2 — Como o primeiro cavaleiro está montado em um *cavalo branco e vencendo*, alguns acreditam que ele seja Cristo (Ap 19.11). O *arco* indica que o cavaleiro é um guerreiro que lança flechas à longa distância, abrindo caminho à vitória, e a coroa sugere que ele é um rei. O arco sem a flecha poderia apontar para uma pacífica conquista política apoiada em forças militares. O surgimento desse primeiro cavaleiro mais provavelmente ocorre no início da sétima semana de Daniel (Dn 9.25-27).

[Os cavalos na visão de Zacarias 1.7-17 são sobrenaturais, símbolos de verdades místicas, que percorrem a terra por ordem de Deus, a fim de trazer restauração dos judeus a Jerusalém após os 70 anos do exílio babilônico. Em Zacarias 6.1-8, os cavalos/as carruagens patrulham a terra, executando os juízos de Deus contra as nações pagãs e rebeldes.]

6.3,4 — *Vermelho* é a cor do segundo cavalo, que representa derramamento de sangue e mancha com a *espada*, guerra no lugar de *paz na terra*. Os esforços do homem para obter paz duradoura serão frustrados. Agora, a humanidade será apresentada a uma versão da história separada da influência do divino Redentor (2 Ts 2.7,8).

6.5,6 — O *cavalho preto* aparentemente simboliza a fome, já que os preços do *trigo* e da *cevada* estão extraordinariamente altos, e será uma época de extrema aridez.

6.7,8 — *Amarelo* é a cor do cadáver. Assim, é apropriado que o *cavalho amarelo* seja montado por uma figura nomeada de Morte.



EM FOCO

HADES (GR. HADES)

(Ap 6.8; 20.13,14; Lc 16.23; At 2.27,31)

O termo grego *hades* designa o *reino dos mortos*, ou sepultura, da mesma forma que a correspondente palavra hebraica *sheol*.

Infelizmente, a palavra *hades* foi traduzida [na versão latina, a Vulgata, e desta para as versões em português] como *inferium* [lugar abaixo de], *inferno*, com a ideia de um lugar de castigo eterno.

Na Bíblia, existe uma palavra diferente para inferno: *geenna* [lugar de castigo eterno, que corresponde ao lago de fogo e enxofre, onde será lançado Satanás, seus anjos e todos aqueles ímpios que, antes de morrerem, não se arrependerem e voltarem-se para Cristo].

Talvez [se não formos arrebatados], não tenhamos como fugir do reino dos mortos, mas podemos evitar o inferno ao crer em Jesus e obedecer-lhe para herdar a vida eterna.

O *Hades* segue após a Morte para reivindicar aqueles que tinham morrido. Esse quarto juízo, consequência inevitável dos três primeiros, é a maior destruição da vida humana registrada na história. Até este ponto, os três são caracterizados como a espada, a fome e a pestilência — os mesmos meios que Deus usou para levar a nação de Israel ao arrependimento (1 Rs 8.33-39; 1 Cr 21.12), e, no Apocalipse, um núcleo temente ao Senhor surge como resultado desses juízos (Ap 7.3-8).

6.9,10 — O *quinto selo* chama-nos a atenção para a morte dos mártires por causa da *Palavra de Deus* e do *testemunho* de Cristo, as razões pelas quais João foi exilado para Patmos (Ap 1.9).

A alma desses homens está *debaixo do altar* porque o sangue dos sacrifícios era derramado na *base do altar* no templo (Êx 29.12). Os mártires estão impacientes esperando o *Senhor vingar* seu

sangue e *julgar* todos *aqueles* que não estão entre os Seus redimidos (Ap 5.9). Essa vingança não será cumprida completamente até que se realize o que está escrito em Apocalipse 19.2.

6.11 — A cada mártir é dada *uma comprida veste branca* do vencedor (Ap 3.5) e dito que *repousem até* o tempo estabelecido por Deus.

Minha é a vingança, diz o Senhor (Dt 32.35; Rm 12.19); ela virá no Seu tempo perfeito.

6.12,13 — *Um grande tremor de terra* também ocorrerá, conforme Apocalipse 11.13 e 16.18. Os efeitos do *sol*, da *lua* e das *estrelas* são formulados de forma similar aos descritos em Mateus 24.29, situando esses acontecimentos próximos à vinda do Filho do Homem (Mt 24.30).

Figos verdes, que aparecem no inverno, fora de estação, são facilmente sacudidos para fora da árvore.

6.14 — A descrição do *céu* [...] *que se enrola* poderia ser relacionada aos efeitos do sol, da lua e das estrelas (v.12,13). Pode tratar-se também da reprodução da cena do Filho do Homem vindo nas nuvens do céu (Mt 24.30). O movimento de *todos os montes e ilhas* causará dano sísmico maior do que qualquer terremoto já registrado.

6.15-17 — *Ira* significa raiva. A ira de Deus é manifestada hoje em dia contra os infiéis ao deixá-los seguir seu caminho e enfrentar as consequências de seu comportamento (Rm 1.18-32). No entanto, o *grande Dia da Sua ira* (Rm 2.5) ainda está por vir. O verbo *é vindo* pode significar que algo aconteceu ou já começou.

Quem poderá subsistir é respondido no contexto que envolve a frase. Os infiéis, por mais fortes que sejam, não poderão resistir. Já os protegidos pelo Senhor serão capacitados a resistir, tanto na terra (Ap 7.1-8) quanto na presença de Deus no céu (v.9-17).

7.1 — Existem duas visões nesse capítulo: os 144 mil servos de Deus (v.1-8) e a incontável multidão agora no céu (v.9-17). Os *quatro anjos* parecem ser agentes do Senhor associados aos juízos, e os *quatro ventos* representam forças destrutivas de todas as direções.

7.2,3 — Antes de os juízos serem desatados, Deus prepara os 144 mil de Seus servos para



APLICAÇÃO

ADORAÇÃO OU IRA?

Para alguns, Cristo faz pouquíssima diferença na maneira como eles encaram a vida. Segundo esses, a fé não tem nenhuma importância. Mas, em Apocalipse 4-10, João nos concede um vislumbre do futuro e da possibilidade de vida ou morte eterna. Evidentemente, o tempo que passamos na terra é apenas um preâmbulo de algo muito maior.

Essa parte nos oferece uma visão panorâmica da vinda do Apocalipse na terra e da prometida alegria do céu (Ap 4.1). Os contrastes são gritantes. Aqueles que aceitam Cristo e Sua provisão para o pecado podem antecipar uma celebração que excede suas maiores expectativas. Já os que não o aceitam têm motivos para tremer, afinal, recusaram Sua oferta de livramento da ira futura.

A mensagem é simples: existe esperança apenas em Jesus para fugirmos da ira. Esse meio de escape é oferecido agora. Esperar para aceitar a oferta do Salvador apenas aumenta o risco de experimentar o adverso juízo, além de privar a homem de ter uma nova vida hoje.

serem selados na frente. Os selos são sinais de posse ou autoridade, que, nos tempos antigos, eram estampados em documentos pressionando-se um carimbo ou cilindro em um pedaço de argila no local onde o documento era aberto ou fechado. O Altíssimo tem autoridade para abrir qualquer selo que Ele desejar (Mt 27.66) ou colocar em Seus filhos um selo que ninguém mais pode quebrar (Ef 1.13; 4.30). As duas perspectivas proporcionam confiança e segurança aos crentes. Nesse caso, o selo garante-lhes a preservação durante a tribulação. A identificação deles, como servos de forma declarada (em suas frentes), indica que estão regenerados por meio da fé em Cristo e que confessam sua fé abertamente.

7.4 — O número *144 mil* pode ser considerado tanto um número real como um símbolo de totalidade (12x12x1000), referindo-se a todos que serão salvos (no AT e no NT). A primeira opção é mais provável por causa dos detalhes desenvolvidos nos v.5-8. Os *filhos de Israel* são entendidos por alguns como a Igreja, a nova Israel (Gl 6.16), e por outros como a nação de Israel [ou ambos]

7.5-8 — *Judá* está em primeiro lugar nessa lista das tribos de Israel porque Cristo, o Messias, é o *Leão da tribo de Judá* (Ap 5.5; Gn 49.8-10). *Rubem* é a seguinte, como o primogênito de Jacó (Gn 49.3,4). As tribos de Dã e Efraim são omitidas, talvez por causa da idolatria deles no período dos Juízes, ilustrada pelo incidente em Dã (Jz 18).

José e seu filho *Manassés* estão incluídos, assim como Levi, chegando a 12 o número das tribos.

7.9,10 — A grande *multidão*, além de louvar o Altíssimo e o *Cordeiro* pela *salvação*, mais adiante, glorificará a Deus por julgar a Babilônia (Ap 19.1-3) e proclamará as *bodas do Cordeiro* (v.6,7). Essa multidão de caráter multinacional poderia muito bem representar o fruto evangelístico do trabalho dos 144 mil durante o período de sete anos de tribulação. Em Seu furor, Deus se lembrará da misericórdia. As *vestes brancas* podem ser as dos crentes vencedores (Ap 3.5,18) ou as dos mártires (Ap 6.11). *Palmas* eram normalmente agitadas pela multidão em celebrações de vitória (Jo 12.13).

7.11,12 — A intensificação do cenário de adoração continua na sala do trono celestial (Ap 4; 5) com a adição do elemento das *ações de graças* (Ap 7.12), aparentemente por causa da salvação da grande multidão (v. 9). Salvação em Cristo é algo pelo qual se deve ser eternamente agradecido!

7.13 — *Um dos anciãos* (como ele faz parte da Igreja no céu, sabe a resposta. Compare com 1 Coríntios 13.12) perguntou a João a identidade da grande multidão, evidentemente para chamar a atenção para a natureza básica deles.

7.14 — Essa vasta multidão vem da *grande tribulação*, referindo-se à *hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo* (Ap 3.10). Como resultado da grande perda de vidas durante esse período, o martírio é, provavelmente, o meio de

escape deles. A tribulação já foi experimentada pela Igreja na época de João (Ap 2.10; At 14.22).

No entanto, a grande tribulação, profetizada em Daniel 12.1, será de uma intensidade tão grande, *como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais* (Mt 24.21).

Lavaram as suas vestes [...] no sangue do Cordeiro pode indicar martírio, mas é mais provável que se refira a perdão de pecados por meio da fé em Cristo e de Seu sangue derramado (Ap 1.5; 5.9).

7.15 — A grande multidão (v.9) *servirá* ao Cordeiro *de dia e de noite*. Os 144 mil são descritos mais adiante como *os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai* (Ap 14.4). *Servir* indica serviço sacerdotal diante do Senhor (Ap 1.6; 5.10). O sacerdócio dos cristãos atingirá uma nova fase na presença de Deus no céu. O *templo*, na verdade, refere-se ao santuário interior do templo, e não ao pátio externo (Ap 11.19). Dizer que *Ele os cobrirá com a sua sombra* significa que viverão em uma tenda. Esse versículo remete a João 1.14. Os crentes que não viram Jesus quando Ele viveu na terra em Sua primeira vinda irão para o céu, onde Cristo habitará *entre eles*.

7.16,17 — *E lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida* lembra o Salmo 23. O Senhor, que é o Pastor no Salmo 23.1, é identificado aqui com o Cordeiro. Tanto o rei Davi quanto a grande multidão (v.9) *habitarão na Casa do SENHOR por longos dias* (Sl 23.6), com Cristo como seu Pastor. As *águas da vida* explicam por que não se tem sede (Ap 7.16). A água da vida está disponível livremente a todos que se achegarem a Cristo pela fé (Ap 22.17). A declaração de que *Deus limpará de seus olhos toda lágrima* significa que não haverá choro, tristeza nem dor na presença do Altíssimo.

8.1 — O *sétimo selo* no livro (Ap 5.1) é aberto, permitindo finalmente que o livro seja aberto. *Fez-se silêncio no céu quase por meia hora* parece marcar um breve — mas significativo — intervalo entre a abertura do livro (Ap 6.1—8.1) e o juízo das trombetas (Ap 8.6—11.19). Esse silêncio é quebrado apenas por uma oferta celestial, pelas *orações de todos os santos* (Ap 8.3,4). É, no entanto,

o assustador silêncio antes da tempestade enquanto todo o céu aguarda o juízo vindouro.

8.2 — Os juízos das sete trombetas se desenvolvem em um modelo paralelo à abertura do livro selado com sete selos (Ap 6.1—8.1), o que levou algumas pessoas a concluir que ambas descrevem o mesmo período de tempo de diferentes pontos de vista, mas a crescente severidade dos juízos das trombetas torna essa possibilidade improvável. O som de uma trombeta tinha mais de um significado no Antigo Testamento. Ela era usada para reunir o povo de Deus (Nm 10.7,8), para convocar o exército do Senhor (v.9), para anunciar um novo rei (1 Rs 1.34-39) e para proclamar o Ano do Jubileu (Lv 25.9). Nesse contexto, o som das trombetas indica uma declaração de guerra.

8.2-6 — Os *sete anjos que estavam diante de Deus* são como os *anjos das sete igrejas* (Ap 1.20). As *orações dos santos* do Senhor parecem ter participação no juízo divino. O *incensário* é um utensílio usado para queimar *incenso*.

O *altar de ouro* reflete o esplendor da sala do trono celestial (Ap 4.2,3).

Incenso, aqui, pode referir-se à fragrância da infinita perfeição de Cristo, que acompanha as orações de todos os santos ou está misturada com as orações deles. A adição desse incenso é necessária para fazer com que nossas súplicas sejam aceitáveis diante do trono. Ao quebrar o silêncio no céu (Ap 8.1), as orações do povo de Deus para que Ele aja e julgue justamente (Ap 6.10) são ouvidas e respondidas com *vozes, trovões, relâmpagos e terremotos*.

8.7-12 — Como em uma sequência dos primeiros quatro selos, os anjos soam as quatro primeiras trombetas em uma rápida sucessão. No entanto, os efeitos dos juízos das trombetas são muito mais devastadores do que os juízos dos selos.

A terça parte das árvores, e toda a erva verde; a terça parte do mar, as criaturas que tinham vida no mar, a terça parte das naus a terça parte dos rios, as fontes das águas e, aparentemente, a terça parte do sol e a terça parte da lua são afetados pelos juízos das trombetas. Os primeiros quatro juízos parecem ter sido determinados para reverter, em



APROFUNDE-SE

APOCALIPSE COMO LITERATURA APOCALÍPTICA

A palavra *revelação* (Ap 1.1) é uma tradução da palavra grega *apokalupsis*, de onde vêm as palavras *apocalipse* e *apocalíptico*. Um apocalipse é um tipo especial de profecia; ele retrata o que muitas pessoas associam com obras proféticas de todos os tipos — profecias simbólicas e dramáticas sobre o futuro, comunicadas a um profeta por meio de uma visão.

O Antigo Testamento contém trechos apocalípticos em Daniel, Ezequiel e Zacarias, os quais foram escritos por volta do sexto século antes de Cristo. A maioria do livro de Apocalipse é apocalíptico.

A literatura apocalíptica judaica, além da bíblica, cresceu do segundo século antes de Cristo até pelo menos o primeiro século depois de Cristo. Na maioria dos casos, esses trabalhos foram redigidos para encorajar e confortar o povo judeu, que estava sofrendo as dificuldades de um governo estrangeiro opressivo. Alguns desses trabalhos são encontrados nos livros apócrifos e nos Pergaminhos do Mar Morto.

Por causa de seus muitos símbolos, a profecia apocalíptica é mais difícil de ser interpretada do que qualquer outro tipo de profecia nas Escrituras. Algumas vezes, interpretações explícitas (Ap 1.20) ou uma referência óbvia a imagens ou visões do Antigo Testamento interpretadas em passagens anteriores (Dn 7) oferecem fortes indícios. Em outros casos, temos de supor ou deduzir o significado. Os quatro cavaleiros do apocalipse, os gafanhotos, o dragão e as bestas têm desafiado comentaristas desde que João escreveu sobre eles em Apocalipse.

Ajuda lembrar que, como a literatura não bíblica apocalíptica de sua época, o objetivo do livro do Apocalipse é confortar e desafiar os seus leitores. Confirma o controle soberano de Deus sobre a história e a certeza de Seu plano para o futuro. Lembra que as nossas dificuldades atuais têm uma conexão com o futuro, um futuro firmemente guardado nas mãos do Altíssimo.

A maior parte do livro do Apocalipse é apocalíptica, mas nem todo ele. O Apocalipse também contém profecias diretas (Ap 1.3) e sete cartas de admoestação (v.4). Como profecia, concentra-se em nossas responsabilidades atuais e em sua relação com o futuro. Como carta, oferece conselho e encorajamento aos cristãos das sete igrejas (Ap 1.4,11; 2.1–3.22). Na análise final, o livro do Apocalipse é um híbrido de apocalipse e profecia escrito com a estrutura de uma antiga carta grega, cujo objetivo é inspirar-nos a superar todos os obstáculos apoiando-nos com firmeza em nossa fé (Ap 2.7,17,25,26; 3.5,11,12,21). A mensagem principal da carta é clara: Deus está no controle de toda a história. O Senhor está voltando; e Ele virá em juízo, recompensando aqueles que permanecerem fiéis a Ele (Ap 22.7,12,13,20).

parte, a criação original de Deus. O Senhor, inicialmente, ataca o meio ambiente. O alimento é destruído; a distribuição de mercadorias é enfraquecida; o suprimento de água é severamente limitado, e a produção é cortada drasticamente.

8.7 — Quando o *primeiro anjo* soa a trombeta, *saraiva e fogo misturado com sangue* são lançados. Essa terrível mistura de destruição e horror soa como uma combinação das imagens da primeira (Êx 7.19,20) e da sétima (Êx 9.22-25) pragas de Deus sobre o Egito. Aqui, a *terça parte* poderia ser figurativa para uma destruição extensa, mas não completa ainda.

8.8,9 — *Um grande monte ardendo em fogo* sugere uma ilha vulcânica massiva irrompendo explosivamente sobre uma vasta parte das águas do mar. A descrição dos efeitos sobre o mar, no entanto, indica que é muito mais do que poluição das cinzas vulcânicas levada pelo ar. O mar

tornando-se *sangue* e as *criaturas do mar* morrendo são como uma extensão da primeira praga sobre os egípcios, a transformação das águas do rio Nilo em sangue (Êx 7.17-21).

8.10 — *Estrela*, aqui, traduz o mesmo termo usado para a estrela do céu em Apocalipse 9.1 e para Cristo como a *resplandecente Estrela da manhã* em Apocalipse 22.16. Porém, o significado preciso de cada palavra deve ser cuidadosamente interpretado em seu contexto. Nesta passagem, a estrela parece ser um imenso asteróide que cai do céu para a terra, *ardendo* como uma tocha ao entrar na atmosfera.

A estrela poderia cair sobre a *terça parte dos rios e sobre as fontes das águas* ao se desintegrar ao atravessar a atmosfera terrestre. Também é provável que a poluição das fontes dos principais rios do mundo e das fontes subterrâneas possam espalhar-se rapidamente para um terço das águas do planeta.

8.11 — *Absinto* é uma planta encontrada no Oriente Médio, conhecida por seu gosto amargo. Aqui e em outras passagens (Lm 3.19), o termo é figurativo para amargura. Normalmente, o absinto não é venenoso, mas a praga da terceira trombeta envolve efeitos muito mais potentes do que o gosto de uma planta amarga.

Muitos homens morreram das águas. A poluição rápida de um terço da água potável do mundo desencadearia uma crise caótica. O Senhor agora revelará a infidelidade do coração humano de uma forma clara (Ap 9.21).

8.12 — A referência ao escurecimento do sol, da lua e das estrelas é uma reminiscência da nona praga sobre o Egito (Êx 10.21,22) e da efervescência celestial relativa à descrição da segunda vinda de Cristo (Mt 24.29,30). É parecido também com o fenômeno do sexto selo (Ap 6.12).

A terça parte do dia não brilhou pode significar que o sol, a lua e as estrelas não serão vistos por várias horas do ciclo normal do dia e da noite. No entanto, o que provavelmente significa é que a intensidade de luz durante o dia e a noite é reduzida em um terço por causa das alterações atmosféricas e cósmicas (Ap 8. 7,8,10).

8.13 — *Ai! Ai! Ai!* Essa interjeição fala do impacto dos três juízos das trombetas restantes sobre os infiéis que *habitam sobre a terra*. O primeiro *ai* é a quinta trombeta (Ap 9.12); o segundo *ai* é a sexta trombeta (Ap 11.14). O terceiro *ai* é considerado como o que *vem depressa* e pode ser o mesmo que a sétima trombeta (v.15-19), embora não seja declarado assim. Se não, o último *ai* pode ser focado na Babilônia, a grande meretriz, devido ao clímax no uso do *ai*.

9.1 — *A estrela que do céu caiu na terra* pode ser um demônio (v.11), o próprio Satanás (Ap 12.9), ou um anjo servindo a Deus (Ap 20.1). É mais provável que seja o diabo ou um de seus subordinados a quem foi dada autoridade para libertar uma vasta multidão demoníaca que tinha sido aprisionada no abismo. Satanás iniciará uma tentativa massiva final para impedir o estabelecimento do Reino de Deus na terra. O *poço do abismo* é a prisão temporária de alguns demônios (Lc 8.31). É também o lugar de origem da besta

(Ap 11.7; 17.8). Além disso, será o lugar onde Satanás será aprisionado durante o reinado de Cristo (Ap 20.2,3).

9.2 — *Fumaça* é a descrição visual exata de uma enorme nuvem de gafanhotos vista à distância. Como a fumaça *subiu do poço*, a nuvem é, sem dúvida, demoníaca (Ap 11.7).

9.3 — Os *gafanhotos* eram muito temidos nas sociedades agrícolas antigas porque eles devoravam as colheitas. Em Êxodo 10.12-15, uma praga de gafanhotos destruiu o que restou das colheitas do Egito. Joel 1.2 fala de uma invasão de gafanhotos que o Senhor usou para julgar a impenitente Judá, que foi um prenúncio do Dia do Senhor. Talvez aquela passagem seja uma base para as imagens nos versículos 2-10. Ferrões de *escorpiões* e suas caudas, causando grandes dores e até mesmo a morte (Ap 9.10). A única comparação entre os gafanhotos e os escorpiões são as caudas com ferrões (v.10).

9.4 — Deus controla as ações dos gafanhotos, fazendo com que eles evitem aqueles que *têm na testa o sinal de Deus* (Ap 7.2-4). Como nenhum *dano* será acarretado *à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma* — apenas os infiéis que não possuem o selo de Deus —, esses insetos não são gafanhotos comuns (Ap 9.7-10). Um selo é colocado nos 144 mil *de todas as tribos dos filhos de Israel* (Ap 7.2-4) para protegê-los durante a “grande tribulação” (v.14). Todos aqueles que acreditaram no evangelho da salvação por intermédio de Jesus Cristo são *selados com o Espírito Santo* (Ef 1.13) até o dia final da redenção e herança (v.14).

9.5,6 — Aparentemente, o *tormento* dura *cinco meses* porque esse é o tempo de vida de um gafanhoto. Muitos *homens* infiéis *buscarão a morte*, mas sem sucesso. A passagem não diz como o desejo de morte deles é frustrado, mas esse período de tempo é uma oportunidade adicional para que esses se arrependam diante do Senhor (v. 20,21) e sejam salvos por intermédio de Cristo.

9.7 — A frase *semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra* pode ser explicada mais adiante no versículo 9 como *courças de ferro*. Sendo assim, significa que os *gafanhotos* têm uma espécie de armadura.

Coroas semelhantes ao ouro podem indicar que os gafanhotos têm um grande prestígio entre os demônios, mas ainda estão uma categoria abaixo de seus reis, Abadom e Apoliom (v.11). Rosto como o *de homem*. Os gafanhotos têm algumas características parecidas com as dos seres humanos.

9.8 — *Cabelos como cabelos de mulher* pode referir-se à longa antena dos insetos. Os *dentes* como os de *leão* sugerem força e crueldade, uma descrição parecida com a das bestas em Apocalipse 13.2.

9.9-11 — A organização dos gafanhotos fora do poço do abismo (Ap 9.2) sob a liderança de um *rei* e o fato de eles mesmos usarem *coroas* (v.7) indicam que eles podem fazer parte de uma hierarquia como *principados, potestades, príncipes das trevas* (Ef 6.12).

O *anjo do abismo* é um demônio que controla os demoníacos gafanhotos (v.3-10). Se esse anjo serve a Deus, esse é outro caso onde a atividade de Satanás ou de seus demônios está sob o controle soberano do Altíssimo (2 Co 12.7,9). O nome do anjo em *hebraico* e em *grego* significa destruição.

9.12 — O primeiro *ai* citado em Apocalipse 8.13 é a praga demoníaca dos gafanhotos, que compreende a quinta trombeta (Ap 9.1-11), o que indica que os *dois ais* restantes são a sexta e a sétima trombetas (Ap 11.15-19).

9.13 — O fato de João ter ouvido *uma voz*, no lugar de uma sinfonia das vozes de todos os mártires (Ap 6.9,10), e uma voz de autoridade, no lugar da voz de um anjo (Ap 8.3-5), indica que o locutor é o Cordeiro que foi morto e redimiu o Seu povo (Ap 5.9).

9.14-16 — O *grande rio Eufrates* é a fronteira oriental da terra prometida a Abraão e aos seus descendentes em Gênesis 15.18, assim como a área geográfica de onde inimigos poderosos como a Assíria e a Babilônia saíram para invadir Israel (Is 8.5-8). Ele pode representar o local da vitória anterior de Satanás (no jardim do Éden).

A *soltura dos quatro anjos* naquela *hora e dia* exatos está em harmonia com o retrato que a literatura apocalíptica faz do controle soberano de Deus em determinar o tempo de Seu plano (Dn 9.24-27).

O *exército de duzentos milhões* matará a *terça parte dos homens*, sob o comando ou a influência dos quatro anjos que foram soltos. Um terço da humanidade poderia ser numerado em bilhões. Junto com a destruição anterior de um quarto da humanidade, mais da metade da população mundial terá sido morta. Dizem que a *terça parte* aqui é apenas uma característica estilizada dos juízos das trombetas (Ap 8.7-12).

Observe também que o alastramento da manança já tinha chegado a um quarto da terra durante a abertura do quarto selo (Ap 6.8), e muitos morreram durante as catástrofes das três primeiras trombetas (Ap 8.7-11), reduzindo mais ainda a população mundial.

9.17-19 — Embora os cavaleiros sejam os que são numerados em duzentos milhões (v.16), os *cavalos* que eles montam e seu *poder* de matar é que são descritos. Existem semelhanças entre os cavalos do juízo da sexta trombeta e os gafanhotos *semelhante a cavalos* (v.7) da quinta trombeta.

A menção de *courças* (v.9), a comparação com o *leão* (v.8) e o poder de suas *caudas* (v.5,10) poderiam sugerir que essas duas passagens oferecem diferentes perspectivas sobre a mesma força demoníaca. No entanto, isso é improvável porque os gafanhotos não recebem autoridade para matar (v.5), mas apenas para atormentar, enquanto os cavalos matam a *terça parte dos homens*.

9.20,21 — Os *outros homens*, que *não se arrependeram*, não incluem aqueles que *têm na testa o sinal de Deus* (v.4; 7.2-4). A má vontade para se arrepender apesar da terrível devastação das pragas é uma reminiscência da atitude de Faraó em relação à maioria das pragas que foram lançadas sobre o Egito (Êx 7.22; 9.7). Aqui, *arrepender-se* significa mudar de pensamento em relação às *obras*, a fim de deixar de adorar aos *demônios* e aos *ídolos*, e para se voltar para o Senhor Jesus Cristo em fé (Lc 24.47; At 26.20).

10.1—11.14 — Essa parte serve como um interlúdio entre os juízos da sexta e da sétima trombetas (Ap 11.15-19), assim como Apocalipse 7 o foi entre o sexto e o sétimo selo. Mais uma vez, existem dois cenários: o *livrinho* (cap. 10) e

as duas testemunhas (Ap 11.1-14), da mesma maneira que existia no primeiro interlúdio (Ap 7.1-8; 7.9-17).

10.1 — Esse *anjo forte* poderia ser aquele mencionado em Apocalipse 5.2 ou o *que tinha grande poder*, descrito em Apocalipse 18.1. É improvável que ele seja Miguel, citado pelo nome em outro lugar (Ap 12.7; Dn 12.1), ou Cristo, já que Ele nunca é chamado de anjo no Novo Testamento. Além disso, diferente de Jesus, esse anjo vem a terra antes que o tempo da tribulação termine.

10.2 — O *livrinho* não é o mesmo de onde foram retirados os selos em Apocalipse 6.1—8.1. É mais provável que seja o livro engolido por Ezequiel (Ez 2.9—3.3), embora esse livro fizesse com que o *ventre* de João ficasse amargo (Ap 10.9,10), e não apenas o seu *espírito* (Ez 3.14).

O anjo com o seu *pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra* simboliza o controle de Deus sobre os acontecimentos. Um representante majestoso do trono de Deus está intervindo nos assuntos terrenos.

10.3,4 — O diabo e seus demônios se apresentam como leões ferozes (1 Pe 5.8; Ap 9.8,17). Mas o vitorioso *Leão da tribo de Judá* (Ap 5.5) também tem um servo angelical que *brama* como um leão. Não é possível saber o que os *sete trovões* soaram porque uma *voz* celestial, provavelmente a de Cristo, ordenou que João *selasse* o que ele tinha ouvido (Dn 12.4,9). Talvez os sete trovões constituam justiça absoluta sem espaço para a misericórdia ou qualquer outra coisa que Deus não desejava que fosse revelada ao homem.

10.5,6 — *Jurou por aquele que vive para todo o sempre*. Apenas por meio da autoridade todopoderosa do Criador eterno, o *anjo forte* (v.1) pode fazer a declaração sobre como e quando se *cumpriria* o mistério divino (v.7). Após soar a sétima trombeta (Ap 11.15-19), não haverá mais demora no desenrolar dos acontecimentos que levam ao retorno de Cristo (Ap 19.11-21). Tudo acontecerá rapidamente. Atraso (gr. *chronos*, tempo) aqui implica um prolongamento do tempo da obra final de Deus, não um retardo causado pelo Altíssimo, arbitrariamente adiando a

estância final da história profetizada pelos profetas (v.7).

10.7 — O *segredo* (gr. *mistério*) de Deus — a verdade que ainda não foi totalmente revelada (Ef 3.9) — será manifesto e *cumprido* conforme a sucessão dos acontecimentos da metade para o final de Apocalipse. Os aspectos significativos desse mistério já têm sido revelados por intermédio dos *profetas* do Antigo e do Novo Testamentos, mas muitos ainda restam, os quais serão compreendidos plenamente apenas quando os eventos ocorrerem.

10.8-11 — Como palavras de juízo, o livro *faria amargo o ventre* de João, da mesma maneira que o espírito de Ezequiel se tornou amargo (Ez 3.14). Os acontecimentos em Ezequiel 2 e 3 ocorreram antes do juízo de Deus sobre Judá e Jerusalém, e tiveram efeito na comissão do profeta. João pode ter sentido uma comissão parecida aqui para *profetizar* essa mensagem de juízo para o mundo. A profecia de João para *muitos povos, e nações, e línguas, e reis* pode referir-se especificamente ao restante do segundo *ai* (Ap 11.1-14), já que existe um enfoque nas duas testemunhas. No entanto, o uso de expressões parecidas em Apocalipse 13.7; 14.6 e 17.15 indicam a comissão de João para profetizar a maior parte ou todo o livro de Apocalipse, uma profecia que fala de todos os acontecimentos ligados à segunda vinda de Cristo (Ap 19.11-21).

11.1 — João recebeu *uma cana semelhante a uma vara*, muito parecida com aquela usada por Ezequiel (Ez 40.3,5) em sua visão das medidas do templo (Ez 40—48).

Mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Esse é o templo do período da tribulação que em algum momento será edificado (Ap 13.14,15; Dn 9.27; Lc 21.24; 2 Ts 2.4). A medida dos *que nele adoram* pode significar avaliação daqueles que prestam adoração ao Senhor no templo, bem como proteção para os fiéis e juízo, para os infiéis.

11.2 — Em Lucas 21.24, é profetizado que os *gentios pisarão a Cidade Santa* até que os *tempos dos gentios se completem*. Aparentemente, o período de *quarenta e dois meses* é a conclusão do tempo dos gentios. A palavra *gentios* aqui pode ser traduzida também como *nações* (Ap 11.9; 10.11).

11.3 — Quarenta e dois meses (v.2) é o mesmo período que *mil duzentos e sessenta dias* (Ap 12.6). É quase certo que *um tempo, e tempos, e metade de um tempo* (v.14) seja também um período de três anos e meio formado por quarenta e dois meses lunares. Essas expressões também se encontram nas profecias em Daniel (Dn 12.6,7,11,12).

As duas testemunhas profetizarão durante 1260 dias com impressionante *poder* (Ap 11.5,6). Então, parece que o período de dominação da besta (v.7; 13.5) se dá durante a missão das testemunhas, cada uma ocupando em termos gerais metade do período da tribulação.

As duas testemunhas sem nome são extraordinariamente semelhantes a Elias e Moisés (ver Êx 7-11; 1 Rs 17; Ml 4.5), que apareceram com Cristo no monte da transfiguração (Lc 9.29-32). É possível também que essas duas testemunhas simbolizem todos os crentes fiéis[do AT e do NT] (bem como a Lei e os Profetas) testificando durante a tribulação.

Vestidas de pano de saco significa que as testemunhas estão de luto pelo mundo que não expressa arrependimento (Mt 11.21).

11.4 — As testemunhas são descritas como *duas oliveiras e dois castiçais*, associando-as à visão em Zacarias 4, sobre os *dois ungidos, que estão diante do Senhor de toda a terra* (Zc 4.14). Lá, os dois ungidos são Zorobabel e Josué, o sacerdote. Mas o princípio universal para essas e todas as outras testemunhas do Senhor é que o testemunho delas pela verdade não é *por força, nem por violência, mas pelo Espírito* do Senhor (Zc 4.6).

11.5 — O fogo saindo da boca das duas testemunhas para que, se alguém se opuser a elas, seja morto é parecido com a descrição da praga de morte trazida pelo exército de cavaleiros em Apocalipse 9.16-18. Aparentemente, a missão delas é impossível de ser interrompida durante três anos e meio (Ap 11.3) até *quando acabarem o seu testemunho* (v.7). O fogo também lembra dois dos milagres de Elias (1 Rs 18; 2 Rs 1).

11.6 — As duas testemunhas têm a autoridade para impedir a *chuva* durante os *dias da sua profecia*, identificando-as com Elias, cuja oração fez com que não chovesse durante três anos e

meio (Tg 5.17). Transformar as *águas em sangue* (Êx 7.17-21) e assolar a terra com *pragas* (Êx 7—11) lembra a experiência vivenciada por Moisés no Egito.

11.7,8 — O verbo traduzido como *acabar* é o mesmo que Jesus usou quando gritou triunfantemente na cruz: *Está consumado* (Jo 19.30).

A *besta* tem a permissão para *matar* as duas testemunhas na cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito. A besta, que vem à tona como um governante mundial satanicamente autorizado nos capítulos 13 e 17, emerge do *abismo*, assim como a praga dos gafanhotos demoníacos da quinta trombeta (Ap 9.1-10). A grande cidade no Apocalipse geralmente é a Babilônia (Ap 14.8), que provavelmente representa Roma[ou qualquer grande império mundial, ou sistema satânico] (1 Pe 5.13).

Porém, a descrição mais adiante, de *onde o seu Senhor também foi crucificado*, parece referir-se a Jerusalém. Alguns estudiosos entendem a frase como simbólica, significando o mundo pecaminoso no qual Cristo foi crucificado. *Sodoma* foi o primeiro modelo de degeneração moral em uma grande cidade (Gn 19); o *Egito* era o protótipo da idolatria desenfreada e da escravidão imposta.

11.9,10 — *Povos, e tribos, e línguas, e nações* são aqueles para quem o testemunho do evangelho deve continuar *até à consumação dos séculos* (Mt 28.19,20). *Os que habitam na terra* são aqueles sobre quem o juízo de Deus recairá (Ap 6.10; 8.13). *Estar morto por três dias e meio* lembra os três anos e meio da missão das testemunhas (v.3). A morte das *duas testemunhas* (v.7) iniciará uma celebração global entre os infiéis que odiaram a mensagem verdadeira delas.

11.11 — O *espírito de vida, vindo de Deus*, lembra a profecia dos ossos secos (Ez 37). Uma ressurreição pública assim poderia causar um *grande temor* por todo o mundo se fosse transmitido com a ajuda da tecnologia moderna de satélites. A sequência completa dos acontecimentos servirá para lembrar Israel da missão de Jesus Cristo — Sua morte, ressurreição e ascensão.

11.12 — *Subi cá* é a mesma ordem dada a João em Apocalipse 4.1.

Subiram ao céu em uma nuvem lembra a descrição da ascensão de Cristo (At 1.9) e o ensino de Paulo sobre o arrebatamento, em 1 Tessalonicenses 4.17. Alguns estudiosos acreditam que o arrebatamento da Igreja acontecerá nesse momento. Mas é difícil conciliar essa descrição de morte e ressurreição (At 11.9-11) com o recolhimento dos crentes vivos (quer dizer, o arrebatamento).

11.13 — *E naquela mesma hora*. Logo após as duas testemunhas ascenderem ao céu, *um grande terremoto* (Ap 6.12) destruirá a *décima parte da cidade*, resultando em *sete mil mortes*. Aqueles que sobreviverem ficarão apavorados e glorificarão a Deus.

11.14 — O *segundo ai* inclui a sexta trombeta (Ap 9.12-21) e um segundo interlúdio (Ap 10.1—11.13). O *terceiro ai*, ao que tudo indica, é a sétima trombeta (v.15-19), pois é dito que *cedo virá e*, como Apocalipse 8.13, relacionados aos *aís* aos três últimos sopros de trombeta. O último ai pode estender—se, já que a palavra *ai* aparece novamente em Apocalipse 12.12.

11.15 — *Nosso Senhor [...] reinará para todo o sempre* antecipa o retorno de Cristo (Ap 6.12-17; 19.11-21).

11.16-18 — Os *vinte e quatro anciãos* foram previamente vistos adorando a Deus (Ap 4.10,11) e ao Senhor Jesus (Ap 5.8-10) continuamente. Aqui, a ação de graças deles ao Senhor *Deus todo-poderoso* entra em uma nova fase: eles glorificam o *poder* e a *ira* de Deus e a correspondente distribuição de *galardão* e juízo. Essa estrofe de ações de graças parece refletir no cumprimento da grande profecia messiânica no Salmo 2.

11.17 — *Reinaste* pode referir-se a um governante atual no céu, ou ao fato de Cristo já ter vindo à terra para subjugar as nações (v.18) a essa altura. Também é possível que o tempo verbal no passado aluda à certeza, um acontecimento futuro tão certo quanto outros planos de Deus cumpridos para o mundo. Por exemplo, em Romanos 8.30, é dito que o crente é *justificado* e já está *glorificado* (tempo passado), embora a glorificação de fato acontecerá mais tarde, quando o cristão entrar na presença de Jesus, com um corpo incorruptível.

11.18 — *Veio a tua ira* (Ap 6.16,17). A ira de Satanás também será vista em Apocalipse 12.12, mas a ira divina não pode ser rivalizada (Ap 14.19). O *tempo dos mortos* inclui a entrega dos galardões ao povo de Deus, Seus *profetas, servos e santos* (2 Co 5.10), e o pronunciamento do castigo eterno das *nações* infiéis (Mt 25.46). Isso é pelo que os mártires oraram em Apocalipse 6.10; não está terminado até Apocalipse 20.12-15. Aqueles *que temem o nome* de Deus são os que responderam com fé ao *evangelho eterno* (Ap 14.6,7), possivelmente incluindo os que temeram e glorificaram a Deus no versículo 13.

11.19 — O *templo de Deus*, nesse caso, não é o mesmo dos versículos 1 e 2. Aquele templo terreno tinha um *átrio externo dado às nações* (v.2); este templo está *no céu*. Uma *arca do concerto* é citada aqui, embora a arca do concerto feita por Moisés, ao que tudo indica, foi destruída pelos babilônios quando eles saquearam e queimaram o templo em Jerusalém (2 Cr 36.18,19). A arca representava a presença, liderança e proteção de Deus sobre Israel no deserto (Nm 10.33-36) e na Terra Prometida (Js 3.3,15-17). Aqui, a arca pode representar bênçãos parecidas relacionadas ao novo concerto e à volta de Cristo (Hb 9.1,4,11,23-28). Pode também antecipar a proteção divina à *mulher* que deu à luz o Messias no deserto em Apocalipse 12.5,6,14.

Relâmpagos e *trovões* provinham do trono de Deus no céu (Ap 4.5) e foram lançados sobre a terra no início do juízo anunciado pelas trombetas (Ap 8.5), juntamente com *terremotos* (v.5) e a *saraiva* (v.7).

12.1 — Em Apocalipse, um *senal* é uma pessoa ou um acontecimento que parece ter um significado maior do que ele mesmo. No Evangelho de João, cada *senal* aponta para a divindade de Cristo (Jo 2.11). Em Apocalipse, além dos *grandes* sinais adicionais no céu (Ap 12.3; 15.1), existem sinais demoníacos na terra (Ap 13.13,14; 16.14; 19.20).

A *mulher vestida do sol* é interpretada por alguns estudiosos como a Igreja, por outros como os judeus cristãos e, por outros como israelitas, os descendentes humano de Abraão, Isaque e Jacó.

A coroa de doze estrelas é uma referência às doze tribos de Israel, ou talvez aos doze apóstolos (Ap 21.12-14). As estrelas lembram a visão de José (Gn 37.9-11), que significava a supremacia deste sobre seus irmãos.

12.2 — A descrição de *dores de parto* antes de *dar à luz* a Criança que se torna o regente das nações (v.5) pode referir-se especificamente a Maria, mãe de Jesus (Mq 5.3; Lc 2.5-7). Detalhes posteriores (Ap 12.6,13-17), no entanto, sugerem que a mulher provavelmente tem uma referência mais ampla. Como uma representação semelhante é usada em relação a Israel em Miquéias 4.9-10, pode ser uma representação da nação judaica ou do remanescente fiel dentro da nação. Além disso, a primeira profecia da Bíblia, Gênesis 3.15, serve como um lembrete da batalha entre a Semente da mulher e Satanás.

12.3 — O *sinal do grande dragão vermelho* é interpretado no versículo 9 como Satanás, que inicialmente aparece nas Escrituras como uma serpente no jardim do Éden (Gn 3). A imagem está de acordo com o Antigo Testamento e com o uso extrabíblico (Is 27.1).

O dragão com *sete cabeças e dez chifres* se refere a Satanás e ao império sobre o qual ele governa durante o curso de tempo.

Sete cabeças, dez chifres e sete diademas referem-se ao esplendor, ao poder e à glória de Satanás (v.9) como *deus deste século* (2 Co 4.4). Essa descrição é quase idêntica à da besta que subiu do mar em Apocalipse 13.1.

12.4 — A referência à *terça parte das estrelas do céu* pode ligar esse acontecimento ao juízo das trombetas no qual a *terça parte* é a proporção característica de destruição (Ap 8.7), incluindo a *terça parte das estrelas* (v.12). No entanto, também é entendida como uma referência à rebelião da *terça parte* dos anjos que seguiram Satanás. A tentativa do *dragão* de *tragar* o Cristo recém-nascido revela que a estratégia de Herodes para matar Jesus, quando este era um bebê (Mt 2.3-16) foi satanicamente inspirada.

12.5 — O *varão que há de reger* [...] com *vara de ferro* é uma figura messiânica do Salmo 2.8,9; no entanto, a essa altura, não existe nenhum regente terreno acima de *todas as nações*. Da perspectiva desse cenário celestial, o Filho Regente é logo *arrebatado* para o *trono* de Deus, aparentemente, referindo-se à ascensão de Cristo (At 1.9).

12.6 — O *deserto* aqui é *um lugar* de proteção *preparado por Deus* (Os 2.14) para a mulher. A referência ao Senhor alimentando a mulher no deserto lembra a provisão milagrosa dele para



ENTENDENDO MELHOR

QUADROS SIMBÓLICOS DE CONFLITOS CELESTIAIS

O livro do Apocalipse usa frequentemente visões, símbolos e imagens que os primeiros leitores entendiam. A visão da mulher vestida com o sol, a lua e as estrelas (Ap 12.1) retrata a luta entre o bem e o mal.

Por todo o mundo greco-romano, as pessoas contavam histórias de salvadores divinos destinados a derrotar os dragões do mal. O dragão tentava destruir o salvador recém-nascido, mas este sobrevivia miraculosamente, crescia e voltava para destruir o animal. Em uma das versões da história, o imperador parece ter alegado ser o destruidor de dragões. No Apocalipse, o imperador perverso é, ele mesmo, um fantoche do dragão, e o verdadeiro regente, Jesus, é Aquele que triunfará sobre todos os reinos do mundo (Ap 12.5).

O Apocalipse está entremeado de alusões ao Antigo Testamento. A mulher com o sol, a lua e as doze estrelas pode ser interpretada como Israel (Gn 37.9), como indicam algumas tradições judaicas posteriores sobre doze estrelas. O Antigo Testamento retrata o remanescente fiel de Israel como a Noiva virgem de Deus, em contraste com a retratação do Israel infiel como uma prostituta. O Antigo Testamento e os manuscritos do mar Morto descrevem o remanescente fiel de Israel em trabalho de parto e dando à luz uma criança, simbolizando a restauração futura do povo de Deus (Is 66.7-10; Mq 5.3).

No Apocalipse, o primeiro filho da mulher (Ap 12.2-5) é interpretado normalmente como sendo Jesus, e sua outra prole, como os cristãos (v.17).

Quando João escreveu às igrejas do primeiro século na Ásia (Ap 1.4,11), a imagem dele de uma mulher dando à luz seu Filho e do conflito com o dragão teria sido familiar aos seus leitores.

Israel no deserto do Sinai (Êx 16). *Mil duzentos e sessenta dias* é o período de provisão e proteção para a mulher no deserto. A maneira detalhada na qual esse mesmo período de tempo é expresso (*um tempo, e tempos, e metade de um tempo*, no v.14) sugere metade de um período literal de sete anos de tribulação (Dn 9.27).

12.7,8 — *Miguel* é um arcanjo (Jd 9). De acordo com Daniel 12.1, ele é um anjo guardião especial da nação de Israel. Aparentemente, comanda um exército de *anjos*. Miguel e os exércitos celestiais são vitoriosos, deixando Satanás e seus demônios fora dos limites do céu.

12.9 — A expulsão do diabo para a *terra* significa que esse mundo se tornou a sua base de operações e que a sua ira é descarregada em direção aos habitantes da terra (v.12). Desse modo, é provável que o fim dos tempos seja o período de guerra espiritual mais acirrada da história (Ef 6.10-18).

12.10,11 — A derrota final de Satanás (v.7-9) é acompanhada da referência a outras derrocadas dele pela crucificação de Cristo (*o sangue do Cordeiro*), pela *palavra do seu testemunho* e pelo testemunho fiel de alguns dos *irmãos* que mesmo sendo martizados não negaram a verdade. Todos esses acontecimentos precedem a vinda *do reino do nosso Deus*.

12.12 — Aqueles que estão nos céus têm um bom motivo para se *alegrarem* por causa da expulsão permanente do *diabo*. Por outro lado, a *terra* e o *mar* (criação natural), agora, têm um *ai* adicional (Ap 8.13; 9.12; 11.14) para enfrentar — a *grande ira* do diabo, que *sabe que pouco tempo lhe resta*. Logo, Satanás será amarrado no abismo por mil anos (Ap 20.1-3).

12.13-16 — Muitas das representações nesses versículos parecem um paralelo com o período que antecedeu o êxodo, quando Israel foi perseguido por Faraó e seu exército (Êx 14). A referência posterior ao *cântico de Moisés* (Êx 15), em Apocalipse 15.3, oferece apoio a essa interpretação.

12.13 — O derrotado *dragão*, *precipitado na terra* (Ap 12.9), *persegue* agora o povo que pertence ao Messias representado pela *mulher* que deu à luz o filho *varão* regente (Ap 12.1,2,4,5).

É provável que seja o povo judeu, ou, se esse grupo for o citado em Apocalipse 12.10,11 refere-se aos cristãos.

12.14 — A *mulher* (v.1-6) é, de alguma forma, levada para o *seu lugar* de proteção contra a *serpente*, o *deserto*, como se fosse carregada pelas *asas* de uma *grande águia*. Isso faz lembrar como Israel escapou dos egípcios e chegou ao monte Sinai (Êx 19.4; Dt 32.11,12). *Um tempo* provavelmente equivale a um ano; então, o período de proteção aqui é de três anos e meio, que corresponde ao período do testemunho das duas testemunhas em Apocalipse 11.3. É equivalente também ao período da autoridade da besta — *quarenta e dois meses* (Ap 13.5) —, que inclui a sua habilidade para *fazer guerra aos santos e vencê-los* (Ap 13.7; Dn 7.25; 12.7).

12.15,16 — O perigo da *água como um rio* para a *mulher* é afastado quando a *terra* se abre, talvez da mesma forma que se abriu para o rebelde Corá e seus seguidores em Números 16.30-33. Não há um modo de determinar se esse é o relato de uma enchente real ou a descrição figurativa de um ataque de Satanás contra os protegidos por Deus.

12.17 — Irado por sua incapacidade para destruir a *mulher*, Satanás — o *dragão* — apela para fazer *guerra* contra um grupo próximo. O *resto da semente* dela são os crentes em Cristo, já que são eles que *guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo*. Não está claro se são cristãos judeus (filhos naturais da mulher) ou cristãos gentios (filhos espirituais; Gl 3.29). Em desespero, o diabo opõe-se a todo e qualquer traço de fé orientada em Jesus.

13.1,2 — A descrição da primeira *besta* (com *sete cabeças, dez chifres e dez diademas*) é muito parecida com aquela do grande dragão (que é Satanás) descrito em Apocalipse 12.3. Apesar de os diademas estarem nas cabeças do dragão, eles estão nos *chifres* da besta de mar.

A besta de sete cabeças pode referir-se ao poder do mundo gentílico em relação a Israel, principalmente no fim dos tempos. As cabeças são identificadas tanto como montes como com reis (Ap 17.9,10).

Uma montanha é caracteristicamente um símbolo para um reino (Dn 2.34,35,44,45). As sete cabeças poderiam ser o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Grécia, a Pérsia, Roma e uma outra nação que representa o império romano restaurado. Os dez chifres podem tipificar a forma final do poder do mundo gentílico. A besta recebe seu poder do dragão.

O paralelo entre as quatro bestas (principalmente a quarta) em Daniel 7 e a explanação da besta dada em Apocalipse 17.8-11 faz parecer que a besta simboliza tanto um império romano renovado, que exerce uma autoridade universal, como um regente específico, que João chama de *anticristo*, em 1 João 2.18.

O nome de *blasfêmia* pode ser a alegação comum dos antigos imperadores romanos de serem divinos ou a blasfêmia contra o nome do verdadeiro Deus (v.5,6), como Daniel profetizou sobre o voluntarioso rei durante o período da tribulação (Dn 11.36).

13.3,4 — Uma de suas cabeças pode retratar um rei específico, porém, é mais provável que represente um império. A terra infiel é seduzida (Ap 12.9) por Satanás para seguir e adorar a besta. Aqueles que adoraram a besta também inconscientemente adoraram o dragão, que deu à besta o seu poder. Qualquer falsa adoração ou idolatria é, no final das contas, demoníaca e satânica (1 Co 10.20-22). A besta é adorada porque o mundo está convencido de que ninguém é semelhante a ela e de que ninguém pode batalhar contra ela de forma sucedida.

13.5-7 — Quarenta e dois meses é a duração da supremacia mundial da besta, de acordo com a profecia em Daniel 7.25. Ela recebeu toda a medida de poder depois de matar as duas testemunhas (Ap 11.7) ao final dos três anos e meio do ministério delas (v.3). Os dois números sucessivos somam sete anos, o período total da tribulação.

13.6,7 — Esse primeiro uso da palavra *tabernáculo* no Apocalipse (Ap 15.5; 21.3) pode lembrar a época quando o poder e a presença de Deus

eram evidentes porque a glória divina era claramente vista no tabernáculo no deserto. Também pode referir-se à época quando o tabernáculo do Senhor estará entre o Seu povo nos novos céus e na nova terra (Ap 21.1,3). Nesse meio tempo, não existe resposta evidente para a *blasfêmia* da besta. Ela parecerá ser vitoriosa sobre o povo de Deus.

13.8 — O Livro da Vida é o registro daqueles que receberão a vida eterna, em contraste com aqueles destinados ao lago de fogo (Ap 20.12,15). Como era o plano de Deus antes da fundação do mundo que Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, seria morto pelos pecados da humanidade, então os nomes dos crentes foram incluídos no Livro da Vida desde o início (Ap 17.8).

13.9 — A frase *se alguém tem ouvidos, ouça* parece indicar que tanto a declaração seguinte (v.10) quanto o contexto mais amplo têm significativa aplicação atual, e não apenas referência futura. Então, ilusão espiritual e blasfêmia, assim como perseguição e martírio, não deveriam surpreender os crentes em nenhum ponto da história.

13.10 — Mesmo quando os cristãos enfrentam o *cativo* ou são *mortos*, eles podem ter *paciência* e *fé*, sabendo que Deus os vingará (Rm 12.19) no dia da *ira* e do justo *juízo* (Rm 2.5).

13.11 — Outra significa outra da mesma espécie, falando da estreita relação entre essa besta da terra e a besta anterior, que emergiu do mar (v.1), mesmo que a aparência exterior delas seja acen-tuadamente diferente. Essas ações da besta descritas nos versículos 12-17 certificam, na prática, que ela é o falso profeta mencionado em Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10.

As duas bestas podem simbolizar também a união do poder secular e político com a religião durante os últimos dias. Esse é o único lugar no Apocalipse onde o *cordeiro* não se refere a Cristo.

Aqui, o cordeiro com dois chifres é um símbolo da adoração judaica e da autoridade religiosa. *Falava como o dragão* indica, provavelmente, que

O Livro da Vida é o registro
daqueles que receberão
a vida eterna, em contraste
com aqueles destinados
ao lago de fogo.

a segunda mensagem da besta vem de um dragão (Satanás), assim como a primeira recebeu seu poder e sua autoridade do dragão (Ap 13.2).

13.12-15 — *Grandes sinais*, como fazer *descer fogo do céu* e *dar espírito e fala à imagem* da primeira besta, são convincentes e muito parecidos com aqueles realizados pelas duas testemunhas (Ap 11.5,6). A operação de grandes sinais por meio do poder de Satanás é parte da decepção em massa profetizada por Paulo em 2 Tessalonicenses 2.8,9.

13.16,17 — O *sinal é o nome da besta, ou o número do seu nome*. Aparentemente, essa marca é algum tipo de prova identificável de propriedade e lealdade aplicada na *mão direita ou na testa*. Como não há evidência de tal prática na sociedade do primeiro século, essa marca parece ser uma falsificação maligna do selo na frente dos servos de Deus em Apocalipse 7.3; 14.1.

13.18 — Depois da descrição anterior da tirania da *besta*, é feito um comentário explicativo destinado a transmitir *sabedoria e entendimento* ao leitor. O *número* (o *nome* no versículo 17) da besta é *seiscentos e sessenta e seis*, descrito também como o *número de homem*. A besta é simplesmente um homem, não um deus, como os sinais poderiam sugerir. O número 6, logo abaixo do 7 (o número da perfeição), é intensificado pelo 666 — o número do homem que não é Deus. A identidade desse homem algum dia será conhecida em relação ao número 666. É vital para identificar o anticristo.

14.1 — O *monte Sião* é um sinônimo para a Jerusalém, colocando em evidência o local onde o templo foi construído. Existe alguma dificuldade em decidir se é uma referência ao monte Sião terrestre ou ao celestial (Hb 12.22). Os *cento e quarenta e quatro mil* trazem na frente escritos o nome de Deus, no lugar do nome da besta (Ap 13.17). Em Apocalipse 7.2-4, a proteção para esse grupo é citada como um selo na frente deles. O objetivo é que seja um contraste à marca da besta (Ap 13.16,17), ou pode ser um sinal visível apenas no céu, ou na nova terra e no novo céu (Ap 3.12; 22.4).

14.2,3 — O *cântico novo* provavelmente é aquele cantado *diante do trono* de Deus, em

Apocalipse 5.9,10. Como essa canção é sobre a redenção e a vitória em Cristo, parece que apenas os que já estão no céu e aqueles *comprados da terra*, como os *cento e quarenta e quatro mil*, têm permissão para *aprendê-lo*.

14.4 — *Virgens* simbolizam a pureza espiritual (2 Co 11.2). Os crentes redimidos não se comprometerão com o mal; eles rejeitarão a falsa doutrina e se recusarão a adorar a besta. No Novo Testamento, as *primícias* são a primeira parte de uma safra, indicando uma colheita muito maior a ser feita posteriormente (1 Co 16.15). De vez em quando, o termo enfatiza apenas a natureza santificada de um sacrifício (Tg 1.18). Certamente, o comprometimento dos 144 mil com Deus enfatiza que eles são santos, separados para o Senhor. No entanto, a oferta contínua do evangelho (Ap 14.15) também indica que muitos outros crerão em Jesus Cristo (v.12,13).

14.5 — Os 144 mil não eram livres de pecado em sua vida terrena (Rm 3.23), mas não se achava *engano* neles pois eram *irrepreensíveis* em relação ao seu testemunho de Cristo. Em especial, não tinham participação na falsidade, porque rejeitaram a mentira do anticristo (2 Ts 2). Eles eram irrepreensíveis e sem engano porque recusaram a marca da besta.

14.6,7 — O *anjo* que prega o *evangelho a toda nação, e tribo, e língua, e povo* ajuda a cumprir a promessa divina de que o evangelho *será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes* (Mt 24.14) antes da volta de Cristo. No Apocalipse, a palavra *evangelho*, que literalmente significa boas-novas, é usada apenas aqui. Mesmo nesse estágio do juízo de Deus, Ele continuava a oferecer *vida eterna* ao mundo (Jo 3.16).

A mensagem do evangelho, a essa altura, pede aos infiéis que *temam a Deus e deem glória a Ele*, para escaparem da *hora do seu juízo*. Anteriormente, algumas pessoas tinham respondido dessa maneira depois do milagre da ressurreição das duas testemunhas (Jo 11.11-13). A atividade desse anjo pode estar acontecendo nos “bastidores”, estimulando uma proclamação mundial do evangelho por aqueles que declararão a verdade até mesmo à custa de sua própria vida.



VOCE SABIA?

BABILÔNIA: UM SÍMBOLO DO MAL

Em Apocalipse, a Babilônia (Ap 14.8) representa, mais do que uma cidade, um sistema mundial inteiro em rebelião contra Deus. Os profetas do Antigo Testamento frequentemente profetizavam a queda da Babilônia, a capital de um império que destruiu Jerusalém e levou o povo do Senhor em cativeiro. Então, aqui, a Babilônia passa a representar uma sociedade que persegue os crentes, mas que o Altíssimo destruirá no final.

No primeiro século, a Babilônia pode ter sido uma palavra-código para Roma, construída sobre sete montes (Ap 17.9). Sob o domínio do imperador romano Domiciano (81—96 d.C.), os cristãos foram duramente perseguidos, principalmente por recusarem-se a participar do culto de adoração ao imperador. Cada menção à Babilônia feita em Apocalipse mostra que ela está associada ao mal e à resistência a Deus.

Historicamente, a Babilônia oprimiu e conquistou Judá. Da mesma maneira, a Babilônia metafórica de João oprime o povo do Senhor e os mantém em cativeiro abaixo de seu poderoso domínio. A história é uma guerra entre duas cidades: Babilônia, a capital da idolatria e da opressão, e Jerusalém, o centro da paz e da justiça de Cristo.

O desenvolvimento de João até o confronto desses dois litãs é épico em extensão e drama. O clima acontece no capítulo 14, onde o juízo finalmente se abate sobre a Babilônia, e as taças, as pragas e o vinho intoxicado da ira de Deus são derramados sobre ela. Uma terrível onda de lama do mal vai de um lado a outro na passagem, como as últimas grandes batalhas da Segunda Guerra Mundial. Mas o resultado é garantido: Cristo prevalecerá.

14.8 — Um segundo *anjo* proclama parte das más notícias do juízo àqueles entre *todas as nações* (Mt 28.19) que não receberão as boas novas do evangelho (v.6). A *Babilônia* é mencionada pela primeira vez em Apocalipse e passa a ser o foco do juízo divino na parte seguinte (Ap 16—18). A Babilônia é a *grande cidade*; anteriormente, esse termo foi usado para descrever a cidade onde nosso *Senhor foi crucificado* (Ap 11.8).

14.9-11 — Um *terceiro anjo* anuncia com uma grande voz o trágico destino eterno de quem rejeita a oferta do evangelho (v. 6,7) e *adora a besta* (Ap 13). Em Romanos, Paulo fala sobre a *ira de Deus* descendo dos céus (Rm 1.18) contra os infiéis, conforme o Altíssimo permite que eles recebam as justas consequências de seu comportamento pecaminoso. Em Apocalipse 6.17, o *grande Dia da sua ira* foi anunciado (Ap 11.18). Agora, será experimentado em toda a sua extensão por aqueles que seguiram a besta. Na recente fúria de Deus, os infiéis que adoram a besta serão *atormentados [...] para todo o sempre, sem repouso de dia e de noite*.

14.12 — A *paciência dos santos* repercute em Apocalipse 13.10, assim como o lugar de João como companheiro de seus leitores na *paciência*

de Jesus Cristo (Ap 1.9). Aqueles que *guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus*, mesmo em tempos de muita dificuldade (Ap 13), receberão uma *bênção divina especial* (v.13).

14.13 — A expressão *bem-aventurados* sinaliza a segunda das sete bem-aventuranças em Apocalipse (Ap 1.3; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14). Seis das sete bem-aventuranças estão agrupadas na última terça parte do livro de Apocalipse, talvez como promessa para encorajar respostas cristãs exemplares em tempos de circunstâncias de extrema dificuldade no fim dos tempos.

Desde agora pode significar a partir do ponto da tribulação ao qual João está referindo-se, ou desde a época em que João estava escrevendo aos seus leitores originais. *Descanso* espiritual está disponível a qualquer um que se achega a Jesus Cristo pela fé (Mt 11.28). O Senhor falou aos mártires abaixo do quinto selo que *repouzassem ainda um pouco de tempo* (Ap 6.11), até que o plano de Deus estivesse terminado. Aqui também é dito aos crentes que morreram *que descansem dos seus trabalhos*, sabendo que suas boas obras serão lembradas e recompensadas (1 Tm 5.25).

14.14,15 — A referência ao *Filho do Homem* com uma *coroa de ouro* na Sua cabeça indica que

a figura é Jesus Cristo (Ap 1.13; Dn 7). Algumas pessoas, no entanto, hesitam em fazer essa identificação, principalmente porque *outro anjo* dá a ordem para a primeira figura *ceifar*, o que parece impróprio se o *semelhante ao Filho do Homem* é Cristo. Ainda assim, não existe nenhuma impropriedade em ter um representante de Deus Pai transmitir em confiança juízo para o Filho do Homem (Jo 5.22). O Filho julgará a humanidade como aquele que compartilha a natureza humana.

Uma *foice aguda* de pedra ou ferro era a ferramenta básica para a antiga *ceifa* de grãos. Como as 144 mil testemunhas foram recebidas por Deus como as primícias (v.4) de Sua colheita, o restante da colheita *da terra*, com certeza, já está *maduro tanto* para a salvação (Mt 13.37-43) como para o juízo.

14.16 — O poder do Filho do Homem (Jesus Cristo) é demonstrado nisso: ao *meter a Sua foice* uma só vez, a colheita *da terra é ceifada*. Isso retrata os acontecimentos dos capítulos 16—19 como partes de uma rápida sucessão de juízos. Desse modo, esse juízo é experimentado pelos habitantes do mundo inteiro.

14.17,18 — *Outro anjo* é designado para a colheita dos *cachos da vinha* que também estão *maduros*, significando serem merecedores de juízo. O *outro anjo*, citado como tendo *poder sobre o fogo*, pode ser o anjo *no altar* em Apocalipse 8.3-5. Talvez o fogo queime o joio ou a palha separada na colheita (Mt 13.38-43).

14.19,20 — Um *lagar* era uma tina na qual os trabalhadores *pisavam* as uvas com os pés descalços, fazendo com que o suco escoasse para um barril. Esse sinal da *ira* e juízo de Deus (Is 63.3), comum no Antigo Testamento, aparentemente explica também como o *vinho da ira de Deus* (v.10) é produzido. A imagem do lagar é simbólica para uma quantidade inacreditável de *sangue* derramado. Essa descrição de um rio de sangue indica uma carnificina sem paralelo.

Mil e seiscentos estádios são, aproximadamente, 32km. Esse grande derramamento de sangue provavelmente é o resultado da vitória de Cristo sobre os exércitos humanos reunidos (Ap 19.17-19), já que Ele retorna antes da *ceia do grande*

Deus (v.17), que alguns associam à batalha do Armagedom (Ap 16.16).

15.1 — *Outro sinal* é um retrospecto de Apocalipse 12.1,3, onde o simbolismo da mulher e do dragão também apareceu *no céu*. Esse sinal é *grande e admirável*, aparentemente porque lida com as *sete últimas pragas* enviadas pelo Senhor. As pragas, as *taças da ira de Deus* (Ap 16.1), são muito mais fortes e mais difundidas do que os juízos das trombetas em Apocalipse 8.2—11.19. *A ira de Deus é consumada* com as sete últimas pragas (Ap 15.1—19.5), que são imediatamente seguidas pela segunda vinda de Jesus e pelas bodas do Cordeiro (Ap 19.6-21).

15.2 — Um *mar de vidro* é mencionado em Apocalipse 4.6 como um lugar de adoração diante do trono de Deus. Aqui, ele é *visto misturado com fogo*, o que geralmente é um sinal do juízo divino. O fogo mostra que a ira do Senhor, agindo em juízo, alcançou o seu auge. O mar de vidro também tipifica a vitória do Senhor para todos os Seus vencedores. Os que saíram vitoriosos sobre a besta são mártires fiéis a Cristo que *não amaram a sua vida até à morte* (Ap 12.11).

15.3,4 — O *cântico de Moisés* é uma referência a Êxodo 15.1-18, quando Israel celebrou a sua libertação da escravidão do Egito, principalmente do exército de faraó (Êx 14). Esse louvor, lembrando a grande redenção do Antigo Testamento, era entoado pelos judeus em suas reuniões do Sábado, assim como pelos primeiros cristãos na Páscoa.

O *cântico do Cordeiro* compara a obra consumada e redentora de Jesus Cristo com a libertação de Deus no êxodo. Talvez os que venceram no versículo 2 estejam seguros no outro lado, e os intensificados juízos dos capítulos anteriores sejam comparáveis à destruição culminante do exército de faraó quando o mar Vermelho se fechou sobre ele. Considerando as *grandes obras* e o caráter de Deus, cada pessoa deveria *temer* o Senhor e *glorificar* o Seu nome confiando em Jesus Cristo.

A expressão *todas as nações* é a mesma encontrada em Mateus 28.19 e Lucas 24.47, expressando a extensão da Grande Comissão, a ordem de Jesus para proclamar as boas-novas a todos os

povos. Adorar significa prostrar-se, trazendo à memória a descrição de Paulo da época em que todo joelho se dobrará diante de Jesus Cristo, o Senhor (Fp 2.10,11).

15.5 — O templo do tabernáculo associa a poderosa imagem do templo celestial em Apocalipse 11.19 com os fortes paralelos no capítulo 15 para o período do êxodo, quando a presença majestosa de Deus era claramente vista no tabernáculo. O tabernáculo do testemunho chama a atenção para a Lei ou para as tábuas do testemunho dadas a Moisés (Êx 31.18; 32.15). No novo céu e na nova terra, o tabernáculo de Deus estará com os crentes porque Ele habitará eternamente com eles (Ap 21.3).

15.6 — Sete anjos se apresentam para administrar as sete pragas, as quais são as últimas pragas (v.1) que Deus enviará antes de Cristo voltar.

Vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos com cintos de ouro. Como as suas vestimentas significam pureza e justiça, os anjos são representantes da justiça perfeita.

15.7 — As salvas (ou taças) de ouro cheias de ira lembram aquelas que, em Apocalipse 5.8, carregam incenso, representando as orações dos santos.

15.8 — A fumaça que encheu o templo tinha origem no poder e na glória de Deus e proibia o acesso ao Santo dos Santos. A fumaça significava a determinação de Deus para trazer juízo como uma expressão de Seu caráter e Sua autoridade. O juízo agora é irreversível, sem lugar para intercessão (Lm 3.44).

16.1 — A grande voz vinda do templo é como a voz de Deus, já que nenhum outro ser celestial podia entrar no santuário celestial até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos (Ap 15.8).

16.2 — O efeito da primeira taça sendo derramada é uma terrível chaga sobre todos que têm o sinal da besta (Ap 13.16,17). Os egípcios enfrentaram uma aflição parecida durante a sexta praga do êxodo (Êx 9.9-11). Assim como o grande poder de Deus não podia ser negado pelos egípcios e por seus magos (v.11), assim os infiéis serão incapazes de negar a justiça soberana de Deus à medida que as taças do juízo divino avançarem rapidamente (v.9,11,21).

16.3 — A segunda taça transforma o mar em sangue, assim como a segunda trombeta (Ap 8.8,9). No entanto, apenas um terço do mar foi afetado pela trombeta (v. 8,9). Tal taça traz a morte de toda alma vivente no mar. Esse versículo é parecido com Êxodo 7.17-21, no qual o rio Nilo é transformado em sangue; no entanto, o juízo aqui é infinitamente pior devido ao seu alcance global.

16.4 — A terceira taça, como a terceira trombeta (Ap 8.10), tem como objetivo os rios e as fontes das águas. Dessa vez, no entanto, o impacto é mundial (compare com versículos 10,11), e as fontes de água se tornam em sangue no lugar de apenas se transformarem em absinto (v.11).

16.5 — O anjo das águas provavelmente é o mesmo que derramou a terceira taça (v.4), e não outro. Como Deus é justo para sempre, Seu juízo sobre os habitantes da terra (v.10) e sobre suas obras violentas e injustas é perfeitamente justo.

16.6 — Deus força os infiéis impenitentes (v.9) que derramaram o sangue do povo de Deus a beber sangue, a fim de vingar a morte dos mártires, como alguns deles pediram em Apocalipse 6.10. Santos são aqueles que estão separados por causa de seu relacionamento com Jesus Cristo. Em Apocalipse,



EM FOCO

O TODO-PODEROSO (GR. PANTOKRATOR)

(Ap 4.8; 11.17; 15.3; 16.7,14; 19.6,15; 21.22; 2 Co 6.18)

A palavra grega significa *aquele que tem poder sobre todas as coisas* — em outras palavras, aquele que está no controle total. Deus controla todos os poderes no céu e na terra, e Ele é capaz de vencer todos os Seus adversários. O título Todo-poderoso aparece frequentemente no livro de Apocalipse à medida que revela o impressionante controle do Senhor sobre todo o universo e ao longo de toda a história.

os santos podem ser os cristãos em geral (Ap 5.8), ou aqueles crentes enfrentando perseguição e martírio (Ap 13.7). O termo *profetas* pode referir-se a todos os porta-vozes de Deus que foram mortos como resultado de perseguição, ou especificamente às duas testemunhas que profetizaram durante três anos e meio (Ap 11.3-13,18).

16.7 — Em Apocalipse 6.9,10, os santos martirizados clamam a Deus para que Ele mostre a Sua justiça julgando os maus. Como o Senhor está agindo assim agora, os santos afirmam que o Seu juízo é *verdadeiro e justo*.

16.8 — A quarta *taça* lembra a quarta trombeta em seu efeito sobre o *sol* (Ap 8.12). Porém, nessa praga, o calor do sol é intensificado, em vez de ser reduzido.

16.9 — Aqueles que seguiram a besta blasfemam o nome de Deus, assim como a própria besta fez (Ap 13.5,6). Eles não podem argumentar contra a existência ou o *poder* do Altíssimo, mas, mesmo assim, *não se arrependem* nem dão glória a Deus (Ap 16.11,21). As boas-novas de Cristo ainda estão em vigor até a iminência de Sua volta (Ap 19.11-21), embora Ele seja rejeitado praticamente por todos os infiéis que ainda estão vivos.

16.10,11 — A quinta *taça* se concentra contra o *trono da besta*, aparentemente em relação ao seu *reino* e à sua autoridade no mundo (Ap 13.7). A frase *o trono de Satanás* é usada em Apocalipse 2.13 para aludir à cultura satânica em Pérgamo como resultado do predomínio do culto ao imperador naquele lugar. (Todos os outros usos da palavra *trono* no Apocalipse referem-se ao trono do Senhor.)

A *escuridão* relatada em Apocalipse 6.12-17 fez com que até mesmo os líderes mundiais temessem

a *ira do Cordeiro* (Ap 6.16). Nesta data mais recente, a besta e seus seguidores ainda blasfemam o *Deus do céu* e recusam a *arrependerem-se das suas obras*.

Dores e *chagas* podem ser, em termos gerais, paralelos ao tormento sofrido pelos afligidos pelos gafanhotos demoníacos durante o juízo da quinta trombeta (Ap 9.5-10). No entanto, é mais provável que as *dores* se refiram ao abrasamento provocado pelo sol nos versículos 8 e 9, e *chagas*, aos efeitos da primeira taça (v.2).

16.12-14 — A sexta *taça* inclui o *rio Eufrates*, da mesma maneira que a sexta trombeta (Ap 9.14). Os dois juízos lidam com forças militares diabolicamente inspiradas. O exército de *duzentos milhões* (v.16) matará um terço de toda a humanidade (v.18); o exército nos versículos de 12 a 14 batalhará contra Deus (v.19-21).

16.12 — Com a *água do rio Eufrates* completamente *seca*, a invasão do oriente seria muito mais fácil. Os *reis* que vêm *do oriente* são entendidos como os exércitos partas que ameaçaram a metade do império romano oriental, embora qualquer força poderosa da Ásia combinasse com a redação desse versículo.

16.13,14 — *Espíritos imundos* espalharam palavras de autoridade *do dragão* (Satanás, Ap 12.9), *da besta* e do *falso profeta* — uma trindade diabólica. Haverá grande engano envolvido nos *sinais* (Ap 13.13,14) que são usados para convencer os *reis de todo o mundo* a reunirem-se para a batalha contra Deus.

Em Apocalipse 6.15,16, os reis da terra recuam de medo diante do julgamento do Cordeiro. Aqui, os governantes estão dispostos a guerrear contra o *Todo-poderoso*. A diferença parece ser a



EM FOCO

ARMAGEDOM (GR. ARMAGEDDON)

(Ap 16.16)

Esse termo grego, que aparece apenas aqui no Novo Testamento, parece ter origem na palavra *har*, que significa uma montanha, e na palavra *Megido*, nome de uma cidade em Manassés. Nessa área, Deus derrotou os reis de Canaã por meio da ajuda milagrosa de Débora e Baraque (Jz 4). Josias, o aliado da Babilônia, também foi derrotado e morto ali. O nome *Megido* vem de uma raiz hebraica cujo significado é arrancar, significando assim massacre (Ji 3.2,12,14). Apenas a menção da batalha de Armagedom para um judeu sugeriria um massacre terrível.

confiança deles no poder da besta, já que eles argumentam: Quem *poderá batalhar contra ela?* (Ap 13.4). A *batalha do grande Dia* acontece no Armagedom (v.16; 19.17-21).

16.15 — *Bem-aventurado* indica que essa é a terceira das sete bem-aventuranças em Apocalipse (1.3; 14.13; 19.9; 20.6; 22.7,14).

Venho como ladrão relembra o aviso de Jesus aos crentes para estarem vigilantes por causa da hora inesperada de Sua volta (Mt 24.43,44).

16.16 — O *lugar* da batalha falado no versículo 14 é o *Armagedom*, uma palavra hebraica que significa *colina de Megido*. Alguns acreditam que não é um local real, mas um símbolo da batalha final entre o bem e o mal.

16.17 — A sétima *taça* é o clímax de todos os juízos em Apocalipse.

Está feito. Esse é o ato final do juízo de Deus antes de Cristo voltar.

16.18 — Um *grande terremoto*, como *nunca tinha havido* antes, vai muito mais além das grandes destruições sismológicas ao longo da história e dos recentes terremotos em Apocalipse 6.12; 8.5; 11.13,19.

16.19,20 — A *grande cidade* da *Babilônia* (Ap 11.8) parece ser o epicentro do mais destrutivo terremoto que o mundo verá. O tremor parece ocorrer no mundo inteiro, levando destruição às *cidades das nações*.

A Babilônia não ficou esquecida diante de Deus. Aqui, Ele age de acordo com a Sua promessa anterior, de que a Babilônia cairia (Ap 14.8) e o *cálice da Sua ira* seria dispensado (v.10).

Babilônia, aqui, pode referir-se à reconstrução da antiga cidade, ou ser um nome simbólico para Roma (Ap 17.9). É possível que seja um modo de referir-se a qualquer sociedade humana cheia de orgulho que tente viver separada do Senhor. As clássicas manifestações de rebelião da Babilônia contra Deus são a Torre de Babel (Gn 11.1-9) e o império babilônio sob o comando de Nabucodonosor (Dn 4.30).

16.21 — *Saraiua* caindo do céu, com cada pedra pesando cerca de 35kg (*um talento*), seria extraordinariamente destrutivo. Ainda assim, os infiéis *blasfemaram de Deus*, em vez de arrependem-se

(Ap 16.9,11). A essa altura, aparentemente, o coração deles está tão endurecido, que eles não responderão de forma adequada ao Senhor, independente de Sua demonstração de poder e juízo.

17.1,2 — A referência a *um dos sete anjos que tinham as sete taças* marca essa passagem como uma continuação de Apocalipse 16.17-21. A referência à grande Babilônia (Ap 17.5) tem o mesmo efeito de ligação. *Muitas águas* são interpretadas no versículo 15 como *povos, multidões, nações e línguas*.

Embora a Babilônia seja chamada de *prostituta* nos versículos 1, 5 e 16 e em Apocalipse 19.2, a sua *prostituição* natural foi introduzida em Apocalipse 14.8, assim como a sua iminente e bem merecida *condenação*.

Tanto *os reis da terra* como *os que habitam na terra* são seduzidos a cometer adultério espiritual com a Babilônia. A indicação é que ela fez com que eles se *embriagassem* com poder, bens materiais, falsa adoração e orgulho.

O *vinho* da prostituição da Babilônia (Ap 14.8) é julgado rigorosamente e de forma final por Deus no *vinho da indignação da sua ira* (Ap 16.19).

17.3 — *Em espírito* descreve o arrebatamento de João que lhe permitiu receber as várias visões descritas em Apocalipse (Ap 1.10).

O *deserto* é onde a *mulher* identificada como *Babilônia, a mãe das prostituições* (v.5), é vista sentada sobre uma *besta de cor escarlate* (Ap 12.3; 13.1). Como essa mulher normalmente *está assentada sobre muitas águas* (Ap 17.1) e a mulher que deu à luz o Rei-Messias fugiu para o deserto como um lugar de proteção (Ap 12.6,14), talvez a Babilônia aqui seja vista associada ao dragão e à besta enquanto eles perseguem ferozmente o povo de Deus (v.13-16).

A descrição da besta cor de escarlate a associa claramente com a besta do mar — o Anticristo — em Apocalipse 13.1,5,6. Os *dez chifres* são interpretados no versículo 12 como dez reis; eles podem representar os dez dedos dos pés da visão de Nabucodonosor (Dn 2.41).

17.4 — A *mulher*, Babilônia, está vestida como uma rainha (Ap 18.7), com *púrpura, escarlata, ouro* e *pérolas*. Embora a aparência da *grande*

prostituta (v.1,5) seja majestosa, o seu *cálice de ouro* está cheio *das abominações e da imundícia*, idolatria e atos impuros que desagradam a Deus. Essa descrição é dada primeiro sob o ponto de vista do povo, que olha para a aparência exterior e, então da perspectiva de Deus, que conhece o coração (1 Sm 16.7).

17.5 — O nome na testa da Babilônia pode indicar que ela é subordinada à besta (Ap 13.16,17). *Mistério* pode ser a primeira parte do título para a *Grande Babilônia*. Mas, baseando-se no uso da palavra *mistério* no versículo 7, o texto aqui provavelmente deveria ser lido *na sua frente um nome misterioso foi escrito*. O título propriamente dito sugere que toda prostituição espiritual e todos os atos abomináveis na história são, de alguma forma, fruto da Babilônia.

17.6 — A *mulher* Babilônia está *embriagada do sangue dos santos* e dos mártires cristãos (Mt 24.21), assim como pelo *vinho da sua prostituição* (Ap 17.2). Dessa forma, as suas ações são duplamente repugnantes ao Senhor, assim como as ações de qualquer um que persiga o povo de Deus. O ódio da mulher pelo cristianismo é claramente retratado nesse versículo. Estar embriagada com o sangue dos santos indica uma época de um massacre fora do comum.

17.7 — O que o apóstolo João viu ainda precisa ser explicado detalhadamente. Como a revelação foi concedida a ele, não para confundi-lo, mas para instruí-lo, o anjo (compare com o versículo 1) promete esclarecer *o mistério da mulher e da besta*.

17.8 — A descrição da *besta* como aquela que *foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição* é um contraste consciente para a descrição de Deus, em Apocalipse 1.4,8.

Era, aparentemente, indica que a besta se manifestou no passado (Dn 7). *Não é* sugere que ela não estava agindo na época de João. *Há de subir [...] à perdição* sugere ruína ou punição eterna. Aqueles cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida (Ap 13.8; 20.12,15) são enganados pela besta porque não conhecem o seu destino certo e eterno. Tudo o que eles *veem* é alguém que uma vez existiu e agora faz uma reaparição incrível.

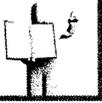
17.9,10 — O sentido *de que tem sabedoria*, possuir conhecimento espiritual divinamente ajudado, ter uma mente receptiva à verdade de Deus (Ap 1.3). Possivelmente, a frase pode estar conectada ao versículo 8 mais do que ao versículo 9 e pode referir-se especificamente à sabedoria e o conhecimento de quem é a besta. É possível que faça referência também aos versículos seguintes, à interpretação das cabeças, da besta, dos chifres, da *mulher* (v.1-6).

As *sete cabeças* da besta (v.3) simbolizam *sete montes* e *sete reis*. Como, na Nova Versão Internacional, a palavra *montes* também significa colinas, a maioria dos intérpretes entende que é uma referência às sete colinas ao longo do rio Tigre, uma designação bem conhecida da cidade de Roma. No entanto, a expressão *sete montes* pode referir-se também aos sucessivos impérios mundiais, já que montes são símbolos típicos de reinos e impérios da terra (Sl 30.7; Jr 51.25; Dn 2.44,45). De acordo com essa visão, *cinco* seriam reinos passados (talvez Egito, Assíria, Babilônia, império Medo-Persa e Grécia), com o sexto sendo o império romano e o sétimo outro que *ainda não é vindo*. Talvez seja um império romano restaurado. *Reis* podem fazer menção aos imperadores romanos, mas isso não é muito provável, já que mais de cinco reinaram antes de o livro de Apocalipse ser escrito.

17.11,12 — A besta é o *oitavo* [...] e é *dos sete*. A besta é associada ao sétimo rei, mas também tem uma identidade separada. O teor obscuro pode expressar a admiração mundial com o fato de a besta ser curada de uma ferida mortal para reger o mundo novamente (Ap 13.3). Parece que o oitavo império mundial é uma espécie de império romano revitalizado sobre o qual o Anticristo estabelece a autoridade imperial de um ditador. Ele vencerá três chifres, ou nações (Dn 7.20) e exigirá autoridade universal.

Uma hora. Um tempo limitado é designado para os *dez reis*, ou *dez chifres* (Ap 1.3; Dn 2.34,41,42), que *receberá autoridade* para reinar junto com a *besta* (Ap 18.10,17,19).

A soberania do Senhor não é ameaçada nessas declarações de sucessão e duração porque a besta



ENTENDENDO MELHOR

A CIDADE PECAMINOSA E O ANTICRISTO

A grande prostituta, identificada como a Babilônia (Ap 17.5), é um centro rico e poderoso da civilização humana que lidera os reis e toda a terra em rebelião contra Deus. Como a antiga Babilônia levou as pessoas para longe do Senhor e à idolatria e à maldade, assim a grande prostituta colocará as nações contra Ele.

Roma, no primeiro século, pode ter sido uma manifestação da prostituta; os *sete montes* (v.9) poderiam lembrar a cidade original de Roma, que foi construída sobre sete montes.

Outras sociedades e impérios na história da humanidade também pareceram estar em franca rebelião contra o Altíssimo.

Essa grande prostituta é autorizada pela besta, o Anticristo. A Igreja, ao contrário, é comparada a uma esposa unida ao seu Marido, Cristo, em Seu retorno (Ap 19.7,8).

A visão de João continua enquanto a besta e seus exércitos se preparam para uma batalha que não pode ser vencida. Cristo já assegurou a vitória. A besta e seu profeta são capturados, e seus exércitos são destruídos pela espada da boca de Cristo (v.15).

não pode mudar o fato de que ele, por causa do justo juízo de Deus, *vai à perdição*.

O tempo ajustado para esses acontecimentos pode ser concomitante com Apocalipse 16.14, onde as preparações para a batalha em Armagedom são descritas.

17.13 — Os dez reis que reinam por último sob a autoridade da besta (v.12) cooperam completamente e *entregam* de volta seu *poder e autoridade à besta*. Alguns estudiosos entendem que esses dez reis são líderes de províncias no império romano na época de João, enquanto outros acham que *dez* significa simbolicamente um grande número de poderes nacionais aliados à besta. Outros ainda veem uma confederação de dez nações, talvez um império romano atual restaurado (Dn 7.7,19,20,23,24).

17.14 — Os dez reis em aliança com a besta serão ousados que *combaterão contra o Cordeiro* (Cristo). Ele, o Todo-poderoso, o *Senhor dos senhores e o Rei dos reis* (Ap 19.16), irá *vencê-los* facilmente em Sua segunda vinda (v.19-21). O teor dessa passagem está em contraste direto com Apocalipse 13.7, onde a besta e seus exércitos recebem permissão divina para *fazer guerra aos santos e vencê-los*. Muitos daqueles que a besta derrotou e até mesmo matou são contados agora no exército vitorioso do Cordeiro. O exército do Senhor é composto dos *chamados, eleitos e fiéis* — provavelmente os soldados celestiais de Apocalipse 19.14.

17.15 — As *águas* de Apocalipse 17.1 são interpretadas como todos os *povos e nações* do mundo.

17.16,17 — Os *dez chifres* (os reis do versículo 12) odiarão a Babilônia, a prostituta. Como resultado, eles irão destruí-la totalmente. Como essa descrição é parecida com a do juízo de Deus sobre a Babilônia em Apocalipse 18.8, parece que o Senhor usa soberanamente os exércitos da besta como Seu instrumento de juízo sobre o reino do Anticristo (cap. 18) antes que eles mesmos sejam destruídos (Ap 19.19-21).

Com o advento da besta como um rei supremo devido ao autoendeusamento (Dn 11.36; Mt 24.15; 2 Ts 2), Satanás começou uma ordem completamente nova, a qual é tão radicalmente diferente da grande prostituta, que a besta, ou talvez o sistema político desse megaimpério, volta-se contra a prostituta destruindo o aspecto religioso da Babilônia.

17.18 — A *mulher* na visão de João (v.1-6) é a *grande cidade* da Babilônia (Ap 16.19) e também a *antiga mãe das prostituições* (Ap 17.5). Dessa forma, a influência Satânica dessa cidade sobre os líderes mundiais continuou desde Babel, através da Babilônia até Roma (v.9-10), sua clássica manifestação no primeiro século depois de Cristo.

18.1 — O anjo que João viu tinha *grande* (divino) *poder*, não apenas um poder de curto prazo como os *dez chifres* e a *besta* (Ap 17.12,13). Vindo da gloriosa moradia de Deus, esse anjo ainda reflete a *glória* do Senhor sobre a *terra* (Ap 15.8), talvez como a face de Moisés, que brilhou com a glória de Deus depois de estar na presença dele (2 Co 3.7-11).

18.2 — A expressão *caiu a grande Babilônia* dá continuidade ao pensamento introduzido em Apocalipse 14.8 e 16.19, descrevendo a destruição da cidade. A *morada de demônios* é o *poço do abismo* (Ap 9.1,2). Um *abrigo* é um lugar separado. Assim, a Babilônia, após a sua queda e juízo, irá tornar-se, na prática, um inferno na terra.

18.3 — Esse juízo de Deus, sem paralelo, aconteceu por causa da *prostituição* espiritual da Babilônia (idolatria e abominações; Ap 17.4) com os *reis da terra* fazendo com que os *mercadores se enriquecessem com a abundância de riquezas*.

18.4,5 — *Sai dela, povo meu* é uma ordem que faz coro com Isaías 52.11 e especialmente com Jeremias 51.45, profecias declaradas em uma época quando o império babilônico estava pronto para o juízo.

18.6-8 — Deus vingará a longa história de iniquidades e *obras pecaminosas* da Babilônia até as últimas consequências (*em dobro*; Is 51.19). Em vez de glorificar o Altíssimo, a Babilônia se *glorificou* (Ap 14.7; Rm 1.21) com um estilo real. Ela prosperou nos prazeres e excessos, mas, agora, o juízo iria deixá-la apenas com *tormento e pranto*. O clímax do juízo da antiga Babilônia também chegou apenas *num dia* (uma hora, nos versículos 10,17,19), quando Dario, o medo, invadiu a cidade e matou Belsazar (Dn 5.30,31).

18.9-19 — Essa parte é construída como um antigo *lamento* e é especialmente parecida em conteúdo com o lamento de Ezequiel por causa da destruição de Tiro (Ez 27).

18.9,10 — Os *reis da terra*, os parceiros ilícitos da Babilônia, a *chorarão e sobre ela prantearão*, provavelmente mais por causa de suas próprias perdas também. Eles, no entanto, a *chorarão e sobre ela prantearão, estarão de longe* (v.15) para escapar de seu *tormento*.

18.11-13 — As *mercadorias* incluem *púrpura*, um corante caro; *madeira odorífera*, material valioso para a construção de móveis e *mirra e incenso*, os quais os magos deram como presentes para o menino Jesus (Mt 2.11). *Corpos e almas* referem-se ao mercado de escravos.

18.14-16 — *Vestida e adornada*. A descrição da rica Babilônia é quase idêntica àquela da prostituta em Apocalipse 17.4.

18.17-19 — Aqueles que tiram o seu sustento *negociando no mar* também lamentam o juízo e o *incêndio* pelo o qual a Babilônia *foi assolada*. Eles *lançaram pó sobre a cabeça* como expressão de grande tristeza, que só foi vista em Ezequiel 27.30, no lamento sobre Tiro.

18.20 — Esse chamado para *alegrar-se* é uma introdução resumida para o cântico de louvor mais extenso em Apocalipse 19.1-5. O juízo por matar os *profetas* de Deus é mencionado em Apocalipse 16.6, mas esse é o único lugar no livro, além de Apocalipse 21.14, no qual os *apóstolos* de Cristo são mencionados.

Se apóstolos específicos estão em mente aqui, a morte de Pedro e de Paulo pelas mãos de Roma provavelmente se encaixa aqui. Se a Babilônia é um símbolo de todos os inimigos de Deus e de Seu povo, e não apenas as manifestações babilônicas e romanas, até mesmo a morte de Tiago em Atos 12.1,2 está sendo *vingada* aqui.

18.21,22 — O lamento final sobre a queda da *grande cidade* da Babilônia vem de um anjo poderoso o suficiente para lançar *no mar* uma grande *pedra* pesando toneladas, como uma ilustração da rapidez e do *ímpeto* do juízo da Babilônia.

18.23 — Desse ponto em diante do Apocalipse, a *voz de esposo e de esposa* é ouvida apenas em consideração às *bodas do Cordeiro* (Ap 19.7-9) e à Nova Jerusalém, *uma esposa ataviada para o seu marido* (Ap 21.2).

Feitiçarias (literalmente *artes mágicas*) são usadas em Apocalipse 9.21 para fazer referência aos pecados da humanidade de forma geral. Talvez a influência da Babilônia seja vista como corrompendo *todas as nações*.

18.24 — O *sangue* da matança parece referir-se a todos os mártires pela causa de Cristo ao longo da história (Ap 6.10; 17.6). No entanto, pode fazer referência especificamente àqueles que foram mortos durante a tribulação, principalmente durante o reinado da besta (Ap 13.7,15).

19.1 — A grande multidão aqui é a multidão, a qual ninguém podia contar, mencionada em Apocalipse 7.9. A referência à salvação (Ap 7.10) e a subsequente referência aos vinte e quatro anciãos e às quatro criaturas viventes (Ap 19.4; 7.11,13) parecem apoiar esse entendimento. No entanto, alguns estudiosos sustentam que multidão aqui se refere aos anjos.

Aleluia representa a palavra hebraica que significa louve ao Senhor. A palavra hebraica é bem conhecida no Antigo Testamento pelo seu uso frequente nos Salmos (*louve ao Senhor*, no Salmo 150.1,6). A transliteração grega dessa palavra aparece no Novo Testamento apenas em Apocalipse (Ap 19.1, 3,4,6).

19.2 — Deus provou que Sua Palavra é verdadeira e que justos são os Seus juízos (Ap 16.5,6) sobre a Babilônia, a grande prostituta (Ap 17.1,5,6). Todos os cristãos são servos do Senhor (Ap 1.1), mas alguns desses servos morreram como mártires. E todos podem aguardar ansiosamente para servir ao Altíssimo para sempre (Ap 22.3).

19.3 — *Aleluia*. Deus é louvado, porque a evidência do justo juízo sobre a Babilônia permanecerá eternamente.

19.4 — Os vinte e quatro anciãos e os quatro animais (ou criaturas viventes) adoram a Deus fielmente (Ap 4.2-11; 5.8-14; 11.16; 14.3). Os representantes do reino angelical louvam o Senhor pela destruição do sistema que se originou em um anjo caído, Satanás.

19.5 — Com tanto louvor e adoração preenchendo a cena, não se poderia esperar mais nenhuma convocação para louvar o Altíssimo e exaltá-lo. Mas, mesmo depois do terceiro *aleluia*, deu-se ênfase ao fato de que Deus é merecedor de nada menos do que o louvor eterno. Todos os servos do Senhor, de qualquer nível ou posição, tanto pequenos como grandes, são incluídos no convite para louvá-lo, pois o convite vem da sede do governo de Deus.

19.6 — A voz de muitas águas aponta, agora, para uma multidão celestial.

O Senhor, Deus Todo-poderoso entra em Seu reino após a destruição do pecado e do Anticristo (v.11-21).

Reina está no tempo verbal grego aorista (que expressa uma ação no passado sem especificar se a mesma foi concluída ou está acontecendo) e é geralmente traduzido como *reinava*. No entanto, aqui, parece mais significar que está começando a reinar. Um governo inteiramente novo e diferente está chegando; não uma democracia, mas uma teocracia — um governo divino pelo qual o Senhor Deus Todo-poderoso reinará em justiça (Is 11).

19.7 — Nesta passagem, o Senhor é glorificado principalmente porque as bodas do Cordeiro finalmente são vindas. Tanto no Antigo Testamento (Os 2.19,20) como no Novo Testamento (Ef 5.23,32), o povo de Deus é visto como a noiva ou esposa do Senhor. A noiva daquela época se *aprontava* banhando-se, passando óleo e usando perfumes. Seu cabelo seria especialmente penteado, e ela vestiria seu vestido de noiva.

19.8 — *Linho fino*. A noiva do Cordeiro usa uma veste de *linho fino* precioso, que simboliza as boas obras dos cristãos. O linho fino, limpo e branco, não se refere à justiça atribuída a Cristo, mas aos atos de justiça dos santos. A veste significa fidelidade em fazer as boas obras. Essa vestimenta deve ser usada pelo crente e consiste de boas obras realizadas na dependência do Espírito Santo. É um reflexo exterior do caráter e da conduta que são desenvolvidos nesta vida (Mt 22.11,12). A recompensa por tal caráter e conduta santos no tribunal de Cristo consiste nessa veste e em todos os direitos e privilégios que são prometidos ao vencedor. Os crentes não são apenas herdeiros de Deus e por isso terão uma morada no céu como prêmio (Jo 14.1,2; 1 Pe 1.3-5), mas os vencedores (aqueles que resistirem até o final dessa vida) e co-herdeiros com Cristo reinarão com Ele (Rm 8.17).

João nos admoesta a permanecermos em Jesus para, quando o encontrarmos, estarmos confiantes, e não envergonhados na Sua vinda (1 Jo 2.28).

*A chave para poder
participar do banquete
das bodas é a
fidelidade a Deus*

19.9 — A expressão *bem-aventurados* introduz a quarta das sete bem-aventuranças em Apocalipse (1.3; 14.13; 16.15; 20.6; 22.7,14).

A *ceia das bodas* da época de João começava a anoitecer do dia do casamento, mas a celebração poderia perdurar por dias. Essa festa aqui é um tempo de alegre banquete para ser aproveitado pela Igreja e, principalmente, pelos vencedores que reinarão com Cristo. A chave para poder participar do banquete das bodas é a fidelidade a Deus.

19.10 — *Adorar* qualquer pessoa ou objeto que não seja Deus é uma forma de idolatria (Êx 20.3-5). O anjo repreende João pelo seu erro (Ap 22.8,9) e lhe diz que o anjo é apenas um *conservo* dele e de seus irmãos.

O *testemunho de Jesus* aqui se refere ao testemunho sobre Jesus (Ap 1.2,9). A *profecia* bíblica expressa ou depende da obra de Cristo e de sua proclamação (1 Pe 1.12).

19.11 — Esse versículo responde a pergunta feita sobre a besta em Apocalipse 13.4: *Quem poderá batalhar contra ela?* Cristo tem poder para derrotá-la.

19.12 — *Olhos como chama de fogo* se comparam com a descrição de Cristo glorificado em Apocalipse 1.14. *Muitos diademas* indicam que Cristo é mais poderoso do que Satanás (Ap 12.3) ou a besta (Ap 13.1).

Na sociedade antiga, um *nome* era mais do que um título; ele revelava o caráter de uma pessoa.



APROFUNDE-SE

INTERPRETANDO O APOCALIPSE

Interpretar o Apocalipse tem causado muito debate, e pelo menos quatro métodos-padrões para interpretar o livro foram desenvolvidos: (1) os *preteristas* veem o livro como uma referência quase que exclusiva aos acontecimentos do primeiro século; (2) os *historicistas* veem-no como uma referência ao desenrolar da história da Igreja até a segunda vinda de Cristo; (3) os *idealistas* veem o livro simbolizando o conflito eterno entre o bem e o mal; e (4) os *futuristas* veem-no principalmente como uma referência ao fim dos tempos. Às vezes, intérpretes misturam uma ou duas dessas abordagens.

Além disso, os *mil anos* descritos em Apocalipse 20.2-6 têm sido a base de três diferentes opiniões sobre o *milênio* (a palavra latina para *mil anos*).

A interpretação do *amilenismo* (ausência de milênio) vê Cristo reinando espiritualmente na Igreja agora; Satanás foi amarrado ou, pelo menos, bloqueado durante a época atual da Igreja. De acordo com essa opinião, não haverá um reinado literal de mil anos; em vez disso, Cristo reina por meio da Igreja durante um número desconhecido de anos antes de retornar.

A interpretação *pós-milenista* (depois do milênio) entende que pela disseminação do evangelho o mundo se tornará progressivamente mais cristão. Quando o mundo se tornar completamente cristão haverá um milênio, então Jesus retornará em glória.

A visão *pré-milenista* (antes do milênio) sustenta que Jesus Cristo retornará à terra para estabelecer o Seu Reino visível. Nessa época, Satanás será amarrado por mil anos.

Aqueles que aceitam a posição pré-milenista tomam determinadas posições em relação a quando Cristo removerá os cristãos da terra antes de Sua volta (Ap 19.11-21). Uma comparação do simbolismo em comum em Daniel e Apocalipse — assim como referências de tempo em Daniel 7.25; 9.27; 12.7 junto com as de Apocalipse 11.2,3; 12.6,14; 13.5 — parece indicar que um período de sete anos (Dn 9.24-27), normalmente chamado de Tribulação, precederá a volta de Cristo.

Cinco diferentes opiniões têm tentado explicar o momento entre o arrebatamento da Igreja e a Tribulação: Os *pré-tribulacionistas* esperam que o Arrebatamento aconteça antes dos sete anos da Tribulação. Os *mid-tribulacionistas* dizem que o Arrebatamento ocorrerá na metade do período de sete anos. A visão do *pós-tribulacionismo* declara que a Igreja passará pela Tribulação, mas será na época segunda da segunda vinda de Cristo. A visão *pré-ira* posiciona o Arrebatamento entre os pontos mid e pós-tribulacionistas, antes do apogeu da ira divina.

Cada um desses posicionamentos depende de uma visão diferente sobre como o texto do Apocalipse deveria ser interpretado. É uma boa ideia ter isso em mente sempre que você tentar compreender um posicionamento ou conversar sobre isso com outras pessoas. A ideia central na qual todas essas visões concordam é que Cristo retornará em algum dia no futuro e que o Seu retorno será uma visão bem-vinda para o Seu povo. Nossa esperança e oração é a mesma do apóstolo João: *Vem, Senhor Jesus!* (Ap 22.20).

Pela expressão *ninguém sabia, senão ele mesmo*, parece que existem partes do caráter do eterno e ilimitado Deus (1 Tm 6.15,16) que apenas Ele próprio conhece, embora Cristo possa revelar esses assuntos em Sua segunda vinda.

19.13 — *Uma veste salpicada de sangue* pode falar da morte redentora de Cristo na Cruz (Ap 7.9) ou de seu pisar no *lagar do vinho do furor e da ira do Deus* (Ap 19.15; 14.19,20), ou ambos. A *Palavra de Deus* não pode ser o nome que ninguém conhece, a não ser Cristo (Ap 19.12), porque aquele nome é revelado em João 1.1,14.

19.14 — Os *exércitos que há no céu* podem ser legiões de anjos (Ap 5.11; Mt 26.53), mas Apocalipse 17.14 fala daqueles que estão com o Senhor na Sua vinda como sendo *chamados, eleitos e fiéis*, todos termos para cristãos (Rm 1.7; Ef 1.1; 1 Pe 2.9). Os vestidos *de linho fino*, como aqueles da noiva do Cordeiro em Apocalipse 19.8, sustentam essa interpretação. *Cavalos brancos*, um símbolo comum de vitória, seriam apropriados para aqueles que já são vitoriosos sobre a besta (Ap 15.2).

19.15 — A *aguda espada* que sai da boca de Cristo é aquela de dois gumes citada em Apocalipse 1.16. *Ferir as nações* pode ser uma declaração comum de juízo ou uma referência específica aos exércitos da terra sendo *mortos com a espada* em Apocalipse 19.21.

Cristo *regerá* (gr. *apascentará*) *com vara de ferro* em cumprimento das profecias messiânicas no Salmo 2.8,9 e em Isaías 11.4.

Pisar o *lagar do vinho do furor e da ira de Deus* lembra a ordem dada em Apocalipse 14.18-20: *juntar as uvas da terra para o lagar da ira de Deus*.

19.16 — *Rei dos reis* significa Aquele que é supremo sobre todos os reis da terra. A frase *o Senhor dos senhores e o Rei dos reis* é encontrada em Apocalipse 17.14, antecipando a segunda vinda.

19.17,18 — As *aves* são mandadas a *se ajuntarem* para o banquete nas carcaças dos exércitos derrotados reunidos em oposição a Cristo.

19.19-21 — Essa descrição da *besta* e de seus vastos exércitos já foi vista em Apocalipse 17.14 e é quase igual àqueles reunidos para a *batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso* (Ap 16.14), no Armagedom (v.16).

A besta (Ap 13.1-10) e o *falso profeta* (v.11-17) serão *lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre*, o destino eterno de todos os infiéis (Ap 20.10,14,15). Aparentemente, eles serão os primeiros a sofrerem o tormento do lago de *enxofre*. Os demais aliados serão *mortos com a espada* da besta que sai da *boca* do Cristo vitorioso.

20.1-3 — O *anjo* aqui pode ser o mesmo que tinha a *chave do abismo* mencionado em Apocalipse 9.1,2. O poço do abismo é, atualmente, o lugar de prisão de alguns demônios (Lc 8.31); ele será o lugar do qual a besta subirá (Ap 17.8). Assim, é adequado dizer que o *diabo* ficará preso lá durante *mil anos*.

O *dragão*, em Apocalipse 12.3,9, conhecido como *Satanás*, estava no controle da *serpente* no jardim do Éden (Gn 3). Deus tem um plano soberano para Satanás: este será *encerrado* no abismo durante mil anos e, então, será solto por um pouco de tempo *enganar as nações* uma última vez (v.7-9) antes de ser lançado no lago de fogo (v.10).

Importa que seja solto indica que Satanás não escapará do abismo, mas terá permissão para sair para cumprir o soberano plano de Deus.

20.4-6 — A interpretação do reinado de mil anos de Cristo tem sido objeto de muita controvérsia. Alguns estudiosos entendem *mil anos* como uma declaração específica de tempo, enquanto outros a interpretam de forma figurativa, para um período longo e indeterminado.

20.4 — A expressão *tronos [...] reinaram* indica que os crentes participarão de forma significativa *com Cristo* durante o Seu reino milenar (Ap 1.6; 2.26,27; 5.10), o que pode ser um cumprimento parcial da profecia de Daniel 7.18,27. A aparência de *juízo* durante o reinado é mencionado em 1 Coríntios 6.2-4.

No início do Reino, a autoridade é oficialmente transferida dos anjos para os homens (Hb 2.5,8). Uma nova ordem mundial é estabelecida com a vitória dos santos da era da Igreja reinando com Cristo em Seu Reino (Rm 8.17).

Aqueles que foram degolados são os santos martirizados pela besta (Ap 13.7,15), mas podem ser também a multidão vitoriosa que canta

louvoures ao Cordeiro em Apocalipse 15.2-4. João em breve poderia identificar-se com aqueles que perderam sua vida por causa do *testemunho de Jesus* e da *Palavra de Deus*, e o apóstolo já estava exilado na ilha de Patmos pelas mesmas razões (Ap 1.9).

20.5 — Falar que *não reviveram* indica que a *ressurreição* dos mortos não incluirá todas as pessoas ao mesmo tempo, como passagens como Daniel 12.2 e João 5.29 podem indicar também. Como I Coríntios 15.23,52, essa passagem indica que haverá uma *primeira ressurreição* dos crentes mortos antes dos *mil anos* do reinado de Cristo e uma *ressurreição final*, depois que o milênio tiver *acabado*, antes do juízo do *grande trono branco* (Ap 20.11-13).

20.6 — *Bem-aventurado* inicia a quinta das sete bem-aventuranças em Apocalipse. Todas as outras seis (Ap 1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 22.7,14) aguardam a vida com Cristo além da *primeira ressurreição* (Ap 20.5).

A primeira ressurreição é garantida a todos os crentes, mas a bem-aventurança mencionada aqui pertence mais precisamente àqueles que têm *parte* na primeira ressurreição. É possível que se refira apenas àqueles crentes que se qualificam para a função de reis-sacerdotes no Reino de Cristo. Pode ser isso a que Paulo se referiu quando falou sobre seu alvo de obter o prêmio de Cristo (1 Co 9.27; Fp 3.1-14).

A *segunda morte* é a morte de tormento eterno no lago de fogo para os infiéis que enfrentaram o juízo do grande trono branco (v.11-15). Jesus já havia declarado que *o que vencer não receberá o dano da segunda morte* (Ap 2.11).

20.7-9 — Ao término do reinado de mil anos de Cristo, *Satanás será solto* por Deus para *enganar as nações da terra* (v.2,3) mais uma vez, como ele tem feito ao longo da história (Ap 12.9). Como resultado do engano satânico, os exércitos mundiais se juntarão para batalhar contra Deus novamente, tal como fizeram antes da segunda vinda de Cristo (Ap 16.13,14; 19.19,20).

Gogue e *Magogue* eram uma designação comum para as nações em rebelião contra o Senhor, entre os rabinos, em Ezequiel 38 e 39. Alguns estudiosos



EM FOCO

DIABO (GR. *DIABOLOS*)

(Ap 2.10; 12.9,12; 20.2,10; Mt 4.1; At 10.38)

Satanás (gr. *Satanás*)

(Ap 20.2,7; Mt 4.10; Rm 16.20)

A palavra *diabolos* significa caluniador, aquele que acusa o outro — conseqüentemente: *o acusador de nossos irmãos* (Ap 12.10).

O termo *Satanás* significa adversário, aquele que mente esperando ou colocando-se em oposição a outro.

Esses e outras designações para o mesmo querubim caído apontam para diferentes características de seu caráter mau e de suas ações enganosas.

sustentam que a batalha nos versículos 8 e 9 é a mencionada em Ezequiel, mas existem grandes diferenças, assim como semelhanças, nas duas passagens.

O uso de *fogo do céu* para destruir os exércitos reunidos é visto também em Ezequiel 38.22; 39.6.

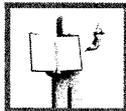
Arraial é usado em outro lugar para se referir a exércitos (Hb 11.34) ou às suas fortalezas (At 23.10). Alguns estudiosos interpretam o *arraial dos santos* como sendo um simbolismo da unidade do povo de Deus.

A *cidade amada* pode simbolicamente se referir à casa do povo do Senhor. No entanto, a Nova Jerusalém é normalmente chamada de *a cidade do meu Deus* (Ap 3.12) e *santa cidade* (Ap 21.2). A cidade, aqui, pode ser a restaurada Jerusalém terrena, pronta para abrir caminho para a glória eterna e sem pecado da Nova Jerusalém (Ap 21.1—22.5).

20.10 — Quando a rebelião final for sufocada pelo Senhor (v.8,9), o *diabo* se unirá à *besta* e ao *falso profeta* (Ap 19.20) em *tormento para todo o sempre* (Ap 14.10,11; Is 66.22-24; Mc 9.48).

20.11 — O *grande trono branco* é uma descrição do santo governo e juízo de Deus. Aquele visto ocupando o trono pode ser Deus Pai (1 Co 15.24-28) ou o Pai e o Cordeiro (Cristo) juntos, como na Nova Jerusalém (Ap 22.1,3).

A *terra e o céu fugiram* é uma forma poética de descrever a destruição, pelo fogo, dessa



ENTENDENDO MELHOR

O MILÊNIO

O termo *milênio* — do latim *mille*, mil — é usado para identificar o reinado de mil anos de Cristo com Seus santos (Ap 20.4-7). É o único lugar no Novo Testamento onde um período assim é descrito. Os cristãos se dividem sobre como interpretar o reinado de mil anos e os acontecimentos que o cercam.

Alguns acreditam que o aprisionamento de Satanás representa a vitória de Cristo na cruz. Os mil anos são, então, símbolo da era da Igreja durante a qual os santos reinarão espiritualmente com Cristo. A rebelião de Satanás no final dos mil anos será a sua última tentativa desesperada para desafiar Deus antes da volta de Cristo para julgar o mundo. Esse ponto de vista é chamado de amilenismo, porque não acredita no período milenar separado da era da Igreja.

Outros acreditam que as vitórias de Cristo (Ap 19.1-21) e o aprisionamento de Satanás (Ap 20.1-3) representam o triunfo gradual das boas-novas ao longo da era da Igreja. O milênio é, então, símbolo de um tempo indeterminado de harmonia na terra depois que a propagação do evangelho resultou na implementação do Reino de Deus na terra. Apenas depois desse tempo Cristo retornará para, finalmente, derrotar Satanás (Ap 20.7-10) e julgar o mundo (v.11-15). Esse ponto de vista é conhecido como pós-milenismo, porque ensina que Cristo não retornará até depois do milênio.

Outros cristãos acreditam que Apocalipse 19.1-21 descreve a segunda vinda de Cristo, que culminará no aprisionamento de Satanás (Ap 20.1-3), depois do que os santos ressuscitarão e reinarão com Cristo na terra por um tempo simbolizado pelos mil anos (v.4.5). No final desse período, Satanás será libertado para uma última rebelião e, então, destruído (v.7-10). Os infiéis serão ressuscitados, e todos serão julgados (v.11-15). Esse posicionamento é chamado de pré-milenismo, já que ensina a volta de Cristo antes do milênio.

criação e das obras relacionadas como é descrito em 2 Pedro 3.10-13.

Não se achou lugar para essa criação contaminada pelo pecado no novo céu e na nova terra (Ap 21.1—22.5).

20.12 — Os *mortos*, chamados de os *outros mortos* (v.5), são ressuscitados e colocados diante do trono do juízo de Deus. Para alguns, a primeira ressurreição (v. 5) inclui apenas os mártires (v. 4), para que tantos os crentes quanto os descrentes fiquem diante do grande trono branco. Outros mencionam as amplas promessas para os crentes reinarem com Cristo (Ap 1.6; 2.26,27; 5.10), no livro do Apocalipse, como evidência de que todos os fiéis experimentarão a primeira ressurreição e, assim, não terão de enfrentar o juízo do grande trono branco.

Os *livros* referem-se ao registro de todas as obras feitas nesta vida. Como todos pecaram e ficaram abaixo do padrão de Deus (Rm 3.23), a abertura desses livros certamente conduzirá a sentenças eternas no lago de fogo.

O *Livro da Vida*, o registro de Deus do nome daqueles que foram salvos (Ap 17.8), também será aberto. Então, embora ninguém seja julgado

aceitável com base em suas próprias obras (Ef 2.9), muitos serão salvos pela graça de Deus recebida pela fé em Jesus Cristo (v. 8).

20.13,14 — O *mar* é o lugar de descanso de corpos não enterrados.

A *morte e o inferno* referem-se não apenas à morte, mas também à existência além-túmulo (Ap 1.18; 6.8). A cena evocada aqui é de todos os lugares onde os corpos humanos foram sepultados sendo abertos com a ressurreição dos mortos para o juízo divino. Enquanto a humanidade infiel será julgada *segundo as suas obras*, a morte e o inferno, inimigos finais do Senhor (1 Co 15.26), também serão destruídos, sendo *lançados no lago de fogo*.

A *segunda morte* é espiritual e eterna, a justa punição daquele que é mau. A primeira morte é a física. Ambas estão incluídas no significado geral da morte que se abateu sobre a raça humana por causa do pecado de Adão e Eva (Gn 2.16,17; 3.1-19; Rm 5.12).

20.15 — Apenas os eleitos de Deus, aqueles cujos nomes estão *escritos no Livro da Vida*, escaparão do *lago de fogo*. A rejeição do evangelho eterno resulta em condenação eterna (Ap 14.6,7).

21.1,2 — *Novo* aqui sugere novidade, não apenas um segundo começo. É o cumprimento das profecias em Isaias 65.17; 66.22 e em 2 Pedro 3.13. Significativamente, essa renovação eterna já começou na vida do crente, porque, usando o mesmo termo, Paulo diz: *Se alguém está em Cristo, nova criatura é* (2 Co 5.17).

O céu e a terra atuais, incluindo o mar, serão queimados no juízo do grande trono branco (Ap 20.11,13) e, assim, passarão antes da chegada do novo céu e da nova terra. O fato de que haverá a continuação de alguns aspectos da atual criação no novo céu e na nova terra está implícito na descrição da *Nova Jerusalém* como a *cidade santa*, um título aplicado à atual Jerusalém em Apocalipse 11.2. Ainda assim, a drástica diferença no novo estado eterno é óbvia pelo fato de *não existir mais* o mar, que era uma grande parte da criação original (Gn 1.6-10).

É impossível dizer se a Nova Jerusalém estará na nova terra, já que as três referências a ela descrevem a cidade santa como *descendo do céu* (Ap 21.10; 3.12). *Adereçada como uma esposa* é, essencialmente, a imagem em Apocalipse 19.7,8, onde o povo de Deus — ou, mais especificamente, a Igreja de Cristo — está preparado para as *bodas do Cordeiro* (Ap 19.9). O *seu marido* se refere mais uma vez a Cristo, o Cordeiro (v.9), mas a esposa é a Nova Jerusalém, de acordo com os versículos 9 e 10. Em outras palavras, a esposa de Cristo são os habitantes redimidos da cidade santa (v.3-7, 24-27).

21.3 — Nesse versículo, Deus é descrito como habitando entre o Seu povo, o que lembra a encarnação, o fato de que Jesus *se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1.14), e é o cumprimento

da promessa em Apocalipse 7.15, de que Deus habitará entre o Seu povo redimido. Uma promessa quase idêntica foi feita a Israel em Ezequiel 37.27,28.

21.4,5 — *Limpará de seus olhos toda lágrima* cumpre a promessa em Apocalipse 7.17 e Isaias 25.8.

Não haverá mais morte [...], nem dor vai muito além da promessa anterior em Apocalipse 7.16, a qual assegura que não haverá mais fome, sede nem calor escaldante.

As primeiras coisas são passadas reproduz a ideia tanto em Apocalipse 21.1 como em 2 Coríntios 5.17. O renascimento do crente, por meio da fé em Cristo, traz renovação para a vida dele, mas apenas na eternidade é que Deus *fará novas todas as coisas*.

21.6 — *Está cumprido* reproduz a voz que vem do trono em Apocalipse 16.17, que proclama a ira de Deus sendo derramada sobre a Babilônia. Aqui, o foco é o término da nova criação por Ele, que é o *Alfa e o Ômega*, o Princípio e o Fim de todas as coisas. *Água da vida* pode apontar para as referências de Jesus à água viva em João 4.14; 7.38, em conexão com a vida eterna e a vida no Espírito Santo. Essa água é descrita mais adiante, em Apocalipse 22.1. Uma oferta parecida da graça de Deus *a quem quer que tenha sede espiritual* é repetida em Apocalipse 22.17.

21.7 — *Quem vencer* herdará não só as promessas específicas para as igrejas em Apocalipse 2.7,11,17,26-28; 3.5,12,21, mas também *todas as coisas*. A parte mais maravilhosa dessa herança é que o cristão *será um filho* (uma pessoa herdeira por direito) de Deus para sempre.

Filiação, como um conceito, abrange mais do que um relacionamento fundamentado em uma



EM FOCO

NOVA JERUSALÉM (GR. LERUSALEM KAINÉ)

(Ap 3.12; 21.2)

O termo grego significa *a Jerusalém nova em folha*. A Nova Jerusalém que desce do céu é, claramente, distinta da Jerusalém terrestre, a capital de Israel. Aquela, a celestial, é a cidade que Abraão procurava, a cidade que tem os fundamentos, cujo arquiteto e edificador é Deus (Hb 11.10). Essa cidade existe mesmo agora no céu, já que Paulo se refere a ela como a *Jerusalém que é de cima* (Gl 4.26).

natureza compartilhada. É uma honra especial associada ao concerto davídico, incluindo o privilégio da intimidade e autoridade de governo (2 Sm 7.14).

Enquanto a adoção de filhos é pela graça (Gl 4.5) e todos os cristãos são filhos adotivos pela virtude do nascimento espiritual, nem todos os filhos preenchem os requisitos de tal estado exaltado (Mt 5.9,43-45). Alguém pode ser filho e não necessariamente se comportar como tal. O verdadeiro filho reflete uma vida de obediência (Jr 7.23; 11.4). Uma disposição para render-se à liderança do Espírito Santo é uma característica dos filhos de Deus (Rm 8.14).

21.8 — Aqui, são descritas as características dos que não estão em Cristo por meio da fé — os *incrédulos*. Esses descrentes estão destinados ao *lago de fogo*, que é a *morte* eterna depois do juízo final de Deus (Ap 20.12-14). Todos cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida (v.15) serão julgados de acordo com as suas obras (v.12) e serão provados como merecedores da morte eterna (Rm 6.23). Em 1 Coríntios 6.9-11, Paulo trata praticamente do mesmo assunto.

21.9,10 — Como o início dessa passagem é parecida com o início do capítulo 17, parece que a *noiva do Cordeiro*, a Nova Jerusalém, está sendo contrastada com a Babilônia, a *grande prostituta* (Ap 17.1,5).

Em espírito é o estado exaltado no qual João recebeu as visões apocalípticas (Ap 1.10), a última das quais *o levou* (Ap 17.3) *a um grande e alto monte* com visão para Jerusalém.

21.11 — Essa descrição da cidade eterna, Nova Jerusalém, enfatiza a *glória* de Deus, a fonte

de *luz* para a cidade (Ap 21.23). A glória de Deus é como uma *pedra de jaspe* (Ap 4.3). A luz na Nova Jerusalém será parecida com o reflexo cristalino e brilhante do inestimável jaspe.

21.12,13 — A descrição do *grande e alto muro com doze portas* nomeadas como as *doze tribos de Israel* reproduz a ideia em Ezequiel 48.30-35. Comentaristas interpretam de maneira diversa essas doze portas como tipificando todo o povo de Deus, incluindo Israel e a Igreja, ou exclusivamente os israelitas.

21.14 — Os *doze fundamentos*, as enormes pedras sobre as quais o muro da Nova Jerusalém está assentado, contêm os *nomes dos doze apóstolos* de Cristo (Lc 6.13-16), trazendo à mente a imagem de Paulo dos apóstolos como a fundação da casa de Deus em Efésios 2.20 (promessa de Jesus para Seus apóstolos, a qual assegurava, em Mateus 19.28, que eles ocupariam um lugar de destaque em Seu Reino).

21.15-17 — A referência à *cana de ouro para medir* a cidade lembra Ezequiel 40; 41, assim como a referência em Apocalipse 11.1,2. A cidade parece ser quadrangular como um cubo — antigo símbolo de perfeição —, já que *o seu comprimento era tanto como a sua largura*. O Santo dos Santos no tabernáculo do Antigo Testamento e no templo tinham um desenho cúbico. As medidas simétricas da cidade são tão extensas (*doze mil estádios*, ou cerca de 2.250km), e o muro é tão grosso (*cento e quarenta e quatro côvados*, ou mais de seis metros), que superam a imaginação. A representação indica que a cidade é o lugar de habitação da presença de Deus, assim como o tabernáculo e o templo tinham sido. É impossível



EM FOCO

O ALFA E O ÔMEGA (GR. *TO A KAI TO W*)

(Ap 1.8; 21.6; 22.13)

Alfa e ômega são a primeira e a última letra do alfabeto grego. Em todos os contextos onde essa frase é usada, é difícil dizer se o título se aplica ao Pai ou a Cristo — ou, ainda, a ambos. Parece mais poder ser atribuído a ambos. Deus em Cristo abrange tudo, toas das coisas existentes entre o Alfa e o Ômega, assim como ser o Primeiro e o Último, expressando a plenitude, o entendimento e toda a compreensão de Deus. Ele é a Fonte de todas as coisas e trará todas as coisas ao seu devido fim.

ter certeza se medidas comuns poderiam ser aplicadas à condição eterna, embora a referência à *medida de homem* (aos padrões humanos) possa indicar que sim.

21.18 — Assim como os muros da Nova Jerusalém são largos (6m; v. 17), eles são transparentes como o cristalino *jaspe*. A própria cidade (v. 16), principalmente as suas praças (v. 21), são como *vidro puro*, embora sejam feitas de *ouro puro*. O efeito geral é de uma cidade transparente e incrivelmente bela, simbolizando glória e pureza sem fim.

21.19,20 — As *pedras* que servem de *fundamentos do muro* para a Nova Jerusalém receber o nome dos doze apóstolos (v.14), embora não se tenha como saber qual das pedras *preciosas* representa cada apóstolo. Enquanto a cor exata de algumas delas seja incerta, é possível que o *jaspe* seja incolor, a *safira* seja azul, a *calcedônia* seja verde ou azul-esverdeado, a *esmeralda* seja verde claro, a *sardônica* tenha veios vermelhos e brancos, o *sárdio* seja vermelho como sangue, o *crisólito* seja amarelo, o *berilo* seja azul ou turquesa, o *topázio* seja dourado, o *crisópraso* seja verde claro, o *jacinto* seja azul ou arroxeadado, e a *ametista* seja roxa ou violeta.

21.21 — As *doze portas* da cidade eterna, representando as doze tribos de Israel (v.12), são feitas *cada uma* de uma imensa *pérola*. O que se destaca imediatamente é que as *praças* na Nova Jerusalém são de *ouro* (v.18), porém, também é significativa que apenas uma delas seja mencionada (Ap 22.2).

21.22 — Não haverá um *templo* na Nova Jerusalém, porque o Pai e o Filho (*o Cordeiro*) estarão lá. Lembre-se de que Cristo se referiu ao Seu corpo como um templo (Jo 2.19,21) e de que a própria Igreja é chamada de *templo de Deus* (1 Co 3.16), *templo santo* e *morada de Deus* (Ef 2.21,22).

21.23 — Por causa da *luz* da *glória* de Deus e do *Cordeiro*, a cidade *não necessita de sol nem de lua* na condição eterna (contraste com Gênesis 1.14-19). Especula-se que a glória divina foi a fonte de luz mencionada antes da criação do sol e da lua em Gênesis (Gn 1.3-5).

21.24 — De todas as *nações* (Mt 28.19; Lc 24.47), Cristo resgatou Seu povo (Ap 5.9), chamando continuamente os infiéis a arrependem-se de seus pecados e a serem no Senhor (Ap 14.6,7). Grandes multidões, que podem estar no meio desse grupo na eterna Jerusalém, vieram à presença do Senhor em Apocalipse 7.9 e 15.1-4. Outros sustentam que as *nações*, aqui, referem-se aos crentes de *nações* que existiram durante o milênio (Ap 20.1-10).

21.25 — As *portas* da cidade eterna não precisarão ser *fechadas*, porque tudo o que podia ameaçar a cidade foi derrotado (v. 27) e lançado no lago de fogo (Ap 20.15).

21.26 — Esse versículo se apoia na verdade no 24. No entanto, repare na *glória*. Na adoração de Israel, nenhum gentio podia entrar nos limites santos sem sofrer sérias represálias. Lembre-se da perseguição que Paulo sofreu quando algumas pessoas pensaram que ele tinha levado um gentio para dentro do templo (At 21.22-29). Mas não haverá barreiras na Nova Jerusalém, pois todo ali serão santificados.

21.27 — Nunca mais o diabo (Ap 12.9), aquele por trás de toda *abominação e mentira* (Jo 8.44), poderá emergir para incitar o pecado (Gn 3). Seu destino eterno no lago de fogo é certo (Ap 20.10). Apenas os crentes, cujos nomes *estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro*, terão permissão divina para *entrar* na Nova Jerusalém.

22.1 — O *rio* fluindo com a *água da vida* lembra a água saindo do templo, em Ezequiel 47, assim como a expressão *rios de água viva* (Jo 7.38), usada por Jesus, simboliza o ministério da nova aliança pelo Espírito Santo (v.39).

22.2 — A *árvore da vida* na criação original ficava no meio do jardim do Éden (Gn 2.9), de onde toda a humanidade foi excluída depois que o pecado entrou no mundo (Gn 3.22-24). A visão apocalíptica de Ezequiel incluía árvores dando fruto a cada mês com folhas medicinais (Ez 47.12). Como apenas uma árvore da vida é mencionada aqui — embora seja nas duas margens do rio —, é possível que seja um paralelo com Gênesis 2, indicando que um novo, melhor e eterno Éden chegou.

22.3 — *Nunca mais haverá maldição* significa que a aflição do pecado, principalmente em relação à raça humana e à criação (Gn 3.14-19), será eliminada. Como Deus tinha comunhão com Adão e Eva antes de que eles cássem em pecado (v.8), assim o Senhor estará novamente com os Seus servos eternamente. Por sua vez, estes servirão a Ele com dedicação (Rm 12.11).

22.4 — A esperança do crente hoje é *ver* o Senhor *face a face* (1 Co 13.12), algo que nem Moisés ou qualquer outro ser humano jamais teve permissão para fazer (Êx 33.20).

Na sua testa estará o seu nome é um contraste com a marca da besta (Ap 13.16,17) e o cumprimento da promessa aos crentes fiéis da igreja da Filadélfia (Ap 3.12). A descrição pode ser extensiva às 144 mil testemunhas em Apocalipse 14.1.

22.5 — *Não haverá mais noite* [...] *nem lâmpada* cumpre a proclamação de Cristo sobre Ele mesmo como a *Luz do mundo* (Jo 8.12; 9.5; 12.46). Os habitantes eternos da Nova Jerusalém (Ap 21.27) *reinarão para todo o sempre* com o Senhor, como indicado em Apocalipse 1.6 e declarado em Daniel 7.18,27.

22.6,7 — As visões em Apocalipse são para informar aos servos de Deus, crentes verdadeiros que servirão e reinarão com o Senhor eternamente (v.3-5), as coisas que, em breve, *hão de acontecer*.

Bem-aventurado introduz a sexta das sete bem-aventuranças no Apocalipse (v.14; 1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6).

22.8,9 — *João* quase adora um *anjo* (Ap 19.10). Novamente, o anjo lembra João de que ele é apenas um *conservo* dele e o adverte a *adorar* apenas a Deus.

22.10 — Anteriormente, João foi ordenado a selar (isto é, não escrever) o pronunciamento dos sete trovões, em Apocalipse 10.4, como Daniel havia sido instruído a fazer (Dn 12.4,9). A razão pela qual João agora é ordenado a *selar o livro* é porque *o tempo* para o seu cumprimento, possivelmente, está muito próximo.

22.11 — *Injusto e sujo; justo e santo*. Esse versículo, superficialmente, parece ser uma previsão de que crentes e descrentes viverão sua vida fiel às suas naturezas até o julgamento final (Ap

20.12-15). No entanto, é quase certo um apelo evangelístico implícito e indireto com base na oferta contínua do evangelho em Apocalipse 22.17 e 14.6,7.

22.12,13 — A recompensa de cada crente de acordo com as suas obras é ensinada em 2 Coríntios 5.10. As recompensas de Cristo têm o propósito de fornecer um incentivo poderoso para uma vida de obediência. Não é de se admirar que o apóstolo Paulo disciplinasse rigorosamente a si mesmo de forma que não fosse desqualificado para a recompensa de reinar com Jesus (1 Co 9.24-27). O tribunal de Cristo pode ser um momento de grande remorso, ou pode ser uma ocasião de alegria extrema (2 Co 5.9-11). Depois da volta de Cristo, Ele dará recompensas aos seus. Isso é confiável porque Jesus está no controle de toda a história e da eternidade.

22.14,15 — A expressão *bem-aventurados* introduz a última das sete bem-aventuranças no Apocalipse (v.7; 1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6). Como a *árvore da vida* é literal, mas também é vista de modo figurado (Pv 3.18; 11.30; 13.12; 15.4), sugere uma qualidade de vida envolvendo uma comunhão íntima com Jesus Cristo, firmada em uma obediência persistente.

Esse pode ser um cumprimento da provisão de Cristo de vida e vida mais abundante (Jo 10.10). Como ninguém pode *entrar na cidade pelas portas*, a não ser que seu nome esteja escrito no Livro da Vida do Cordeiro (Ap 21.27), essa bem-aventurança está falando daqueles justificados pela fé que expressam essa fé em obediência (Ef 2.8-10). O vencedor obediente tem a promessa de receber a recompensa de entrar na Nova Jerusalém pelas portas da cidade, provavelmente um privilégio reservado para aqueles que compartilham do cortejo da vitória do Senhor.

22.15 — A expressão *cães* era comum usada pelos judeus para se referir aos gentios (Mt 15.26); aqui, no entanto, parece referir-se aos falsos mestres (Fp 3.2). Quem *ama e comete a mentira* demonstra ter uma vida dominada pela falsidade (Ap 21.8).

22.16 — *A Raiz e a Geração de Davi.* Jesus é tanto a Origem quanto o Filho de Davi, repetindo a palavra em Isaías 11.1,10. Jesus é maior do que Davi e o justo herdeiro do trono dele.

A *resplandecente Estrela da manhã* significa que, para o cristão, Jesus é a confortante Luz em um mundo escuro até o amanhecer de Sua volta (Ap 2.28).

22.17 — Esse convite feito pelo Espírito Santo permanece em aberto para que qualquer um *venha a Cristo*, pela fé, e aceite a graciosa oferta de vida eterna do Senhor.

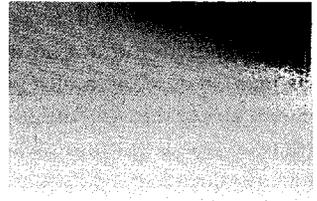
22.18,19 — O Apocalipse foi revelado para ser ouvido e obedecido (v.7; 1.3), e não adulterado. A pessoa que *acrescentar* ou *tirar* alguma coisa de seu conteúdo receberá de

Deus a mais grave punição, uma correção com consequências eternas. Esse assustador aviso é mais forte até do que o de Deuteronômio 4.2 e Provérbios 30.6.

22.20 — O fato de Jesus estar *voltando cedo*, dentro da extensão do plano global de Deus para esta criação, é um tema que se repete no Apocalipse (3.11; 22.7,12). João acrescenta a esperança de todos os crentes à declaração de Cristo, orando: *Vem, Senhor Jesus.*

22.21 — *A graça de nosso Senhor Jesus Cristo* inicia e conclui o livro do Apocalipse (Ap 1.4), indicando que a mensagem da graça e do dom da vida eterna em Cristo (Ef 2.8,9) — não apenas a mensagem de juízo sobre os infiéis — pode ser encontrada nesse livro.

Apêndices



DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS IMPORTANTES E A BÍBLIA

DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Nos últimos 150 anos, vimos o nascimento, crescimento e o magnífico desenvolvimento da ciência da arqueologia bíblica. Esta ciência nova desempenhou importante papel ao fornecer materiais históricos e ilustrar, esclarecer e, em muitos casos, confirmar a mensagem e o significado das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.

A arqueologia bíblica pode ser definida como um estudo baseado na escavação, decifração e avaliação crítica dos registros do passado segundo se relacionam à Bíblia. Se todo o campo da arqueologia já é fascinante, o campo da arqueologia bíblica o é muito mais, pois trata das Escrituras Sagradas. É este o motivo do entusiasmo cada vez maior pela arqueologia bíblica.

O interesse está na suprema importância da mensagem e do significado

bíblicos. As Escrituras, por seu caráter de revelação inspirada por Deus às pessoas, têm alcançado naturalmente um lugar de grande destaque nos interesses e na afeição destas. A arqueologia bíblica, ilustrando a Bíblia em seu contexto histórico e na vida contemporânea, atrai uma parte do interesse que existe pela própria Bíblia. Da mesma forma, esta ciência tem o ministério valioso de expandir os horizontes bíblicos no plano humano. Nenhum outro campo de pesquisas já ofereceu maior desafio nem maiores promessas do que a arqueologia bíblica.

ATÉ o início do século 19, sabia-se muito pouco sobre a época bíblica e os contextos bíblicos, exceto pelo que aparecia nas páginas do Antigo Testamento ou pelo que, por acaso, havia ficado preservado em escritos da

Antiguidade clássica. Existiam muitos destes escritos relativos à época do Novo Testamento, mas uma quantidade muito pequena deles era relativa ao período do Antigo Testamento. Isso se deve ao fato de os historiadores gregos e latinos terem catalogado pouquíssima informação antes do quinto século a.C.

O resultado disso é que pouco se conhecia do Antigo Testamento extrabíblicamente, e o que se sabia se restringia aos dados fornecidos pela Bíblia. Do ponto de vista da história secular contemporânea, estes dados eram esparsos. Resultado: antes do advento da ciência da moderna arqueologia, não havia praticamente nada para autenticar a história e a literatura do Antigo Testamento.

ASSIM, é possível imaginar o fervor entre os estudiosos bíblicos sérios por desvendar descobertas em terras bíblicas, especialmente desde cerca de 1800 até hoje. De fato, pode-se dizer que a arqueologia moderna tenha começado em 1798, quando as abundantes antiguidades do vale do Nilo foram abertas a estudos científicos pela expedição de Napoleão ao Egito.

Fundações descobertas no século 19

EMBORA as descobertas mais notáveis sobre a Bíblia e, em particular, sobre o Antigo Testamento não tenham sido feitas até o século 20, foram feitas descobertas fundamentais no século 19 que prepararam o terreno para a era moderna.

A Pedra de Roseta – a chave para o esplêndido passado do Egito

ESTE monumento importantíssimo foi descoberto em 1798 em Roseta (Rachid), próximo à foz mais ocidental do rio Nilo, por um integrante da expedição de Napoleão ao Egito. Era uma tábua de basalto negro com inscrições trilingues, que pode ser considerada a chave que destrancou a porta para conhecermos a língua e a literatura do Egito antigo e que acabou sendo a inscrição a inaugurar a era moderna da arqueologia bíblica científica.

Os três idiomas inscritos neste monumento eram o grego de 200 d.C. e duas formas de escrita egípcia — a mais antiga, que era uma complexa inscrição hieroglífica, e a mais recente, a escrita demótica simplificada e mais popular, que era a linguagem comum do povo. O grego pôde ser lido na mesma hora e deu as pistas para decifrar as duas outras inscrições egípcias.

SYLVESTER de Sacy, da França, e J. D. Akerblad, da Suécia, conseguiram decodificar o demótico egípcio identificando os nomes gregos de pessoas que constavam no monumento, a saber, Ptolomeu, Arsínoe e Berenice.

THOMAS Young, um inglês, dedicou-se então a identificar o nome de Ptolomeu na parte em hieróglifos, onde os grupos de caracteres dentro de formas ovais chamadas *cartuchos* já eram identificados como nomes de pessoas da realeza.

DESTE ponto em diante, o jovem francês Jean-François Champollion (1790—1832) conseguiu decifrar os hieróglifos do monumento, demonstrar a verdadeira utilidade dessa inscrição, fazer um dicionário, formular uma gramática e traduzir diversos textos egípcios, do ano 1818 a 1832.

O êxito de Champollion inaugurou formalmente a ciência da egiptologia. Daí em diante, os estudiosos puderam ler as inscrições e relevos dos monumentos egípcios. Desta época em diante, os tesouros literários do vale do Nilo foram abertos ao estudo dos sábios.

HOJE, muitas universidades mantêm cursos sobre a língua e a cultura do Egito antigo. Estes estudos abriram vastos campos históricos até então desconhecidos de forma que, dos princípios do Egito, por volta de 2800 a.C., a 63 d.C., quando Roma o conquistou, toda a história da terra do Nilo pudesse ser razoavelmente bem traçada.

TUDO isso teve grande peso na interpretação do histórico bíblico. O Egito tem amplo papel nas narrativas patriarcais, no livro de Êxodo e em todo o Pentateuco. O resultado é que o contexto da história de José e a estada dos filhos de Israel no Egito, sua libertação por intermédio de Moisés e boa parte de sua jornada pelo deserto e história posterior em Canaã agora podem ser encaixados no panorama da história egípcia.

PODE-SE dizer que todo o contexto da história do Antigo Testamento, basicamente de Abraão a Cristo, foi esclarecido imensamente graças aos rápidos avanços em nossos conhecimentos do Egito. Esta grande nação da Antiguidade interagiu com os poderosos impérios assírio-babilônicos no Tigre-Eufrates e com as forças hititas no Hális, por cima da pequena passagem que era a antiga Palestina.

A Inscrição de Behistun – portal para a antiguidade assírio-babilônica

ESTE monumento famoso foi a chave para os idiomas da Assíria e da Babilônia. Consiste em um grande painel em relevo que contém diversas colunas de inscrição, esculpidas profundamente na face de uma montanha que se eleva cerca de 800m acima da planície ao redor, Kermanshah, na velha rota das caravanas de Babilônia a Ecbátana.

DIFERENTE da *Pedra de Roseta*, inscrita com hieróglifos do Egito antigo, e depois com o demótico popular e com o grego do terceiro século a.C., a *Inscrição de Behistun* foi feita com os caracteres de ponta afiada da antiga Assíria-Babilônia. Continha cerca de 1200 linhas de inscrição.

As três línguas em que estava escrita estavam todas em caracteres cuneiformes, sendo elas o persa antigo, o elamita e o acádio. O terceiro idioma, o acádio, era o idioma escrito em pontas afiadas das antigas Assíria e Babilônia, língua na qual foram descobertas milhares de tabuletas de argila na região do Tigre—Eufrates.

As primeiras escavações revelaram uma grande quantidade de material em que aparecia esta curiosa escrita cuneiforme babilônico-acádia. Mas era uma charada ainda sem resposta. Quase nenhum progresso havia sido feito até que um jovem oficial inglês do exército persa, Henry C. Rawlinson, escalou o perigoso trecho até a *Inscrição de Behistun*, em 1835 e nos anos seguintes, fazendo cópias e moldes em gesso da mesma.

RAWLINSON conhecia o idioma persa moderno e passou a trabalhar para decifrar o persa antigo, a parte cuneiforme da inscrição. Depois de trabalhar

por uma década, ele finalmente conseguiu traduzir as cinco colunas, quase quatrocentas linhas da parte em persa antigo da *Inscrição de Behistun*, e enviou-as à Europa em 1845. A tradução do texto e os comentários sobre a tradução foram publicados em 1847 no *Journal of the Royal Asiatic Society*.

ALÉM da parte literária do monumento, havia uma figura de tamanho natural com diversos indivíduos se curvando perante ela. Descobriu-se que esta figura era a de Dario, o Grande (522—486 a.C.), o príncipe aquemênida que salvou o império persa de uma rebelião. A cena representa o rei, como demonstrado pela tradução de Rawlinson da parte persa da inscrição, recebendo vassalagem dos rebeldes. Retratou-se o imperador no topo do alto-relevo com dois acompanhantes. Seu pé está sobre a forma prostrada de um líder rebelde.

A mão esquerda do rei segura um arco, enquanto sua direita está erguida em direção ao disco alado que simboliza Aúra-Masda, o espírito do bem, que Dario, seguidor fervoroso de Zoroastro, idolatrava. Além do rebelde há uma procissão de líderes rebeldes, com uma corda unindo seus pescoços. Ao lado e abaixo do painel esculpido, aparecem as numerosas colunas de inscrição, relatando em três idiomas como Dario defendeu o trono e conteve a rebelião.

TRABALHANDO com o pressuposto de que as outras inscrições contavam a mesma história, logo os estudiosos puderam ler a segunda língua, que era o elamita ou susiano. Então, por último e mais importante, conseguiram decifrar o acádio ou assírio-babilônico. Foi uma grande descoberta, pois essa forma cuneiforme de escrever está registrada em numerosas relíquias literárias do vale do Tigre e do Eufrates. Inaugurou um campo novo e vasto de descobertas bíblicas, de forma que, hoje, como foi o caso da *Pedra de Roseta* com a egiptologia, a *Inscrição de Behistun* fez nascer a ciência da assiriologia.

ALÉM disso, tanto a egiptologia quanto a assiriologia oferecem grande auxílio para entendermos o contexto e a história bíblicos. Nenhum dicionário, manual ou comentário bíblico atualizados podem ignorar as grandes descobertas destas ciências.

A tarefa de decifração de escritas cuneiformes aumenta a cada década. Foram descobertas diversas bibliotecas cuneiformes desde a Antiguidade. Duas desenterradas em Nínive continham milhares de tabuletas de argila. A biblioteca de Assurbanipal (669—625 a.C.) continha cerca de 22 mil tabuletas.

DENTRE as tabuletas desenterradas nesta coleção e enviadas ao Museu Britânico constavam cópias assírias das histórias de criação e inundação babilônias. A identificação e decifração destas tabuletas específicas por George Smith, em 1872, deram azo à grande exaltação no mundo arqueológico.

NÃO só na Babilônia como em diversos outros locais foram descobertas grandes coleções de literatura cuneiforme. Por exemplo, as famosas *Cartas de Amarna*, do Egito, foram descobertas em 1886 em Tel el-Amarna, a cerca de 320km ao sul da atual Cairo.

APUROU-SE que estas tabuletas de Amarna são correspondência diplomática entre príncipes menores da Palestina no século 14 a.C. e a corte egípcia em Amarna. As *Cartas de Amarna* oferecem uma visão interna das condições palestinas pouco antes da conquista por Josué e os israelitas.

MUITOS sábios pensam mesmo que elas descrevem aspectos desta invasão. Um dos documentos do governador de Jerusalém (Urusalim) diz a Amenófis IV que os *habirus* (talvez os hebreus) estavam tomando muitas cidades na Palestina e não podiam ser contidos.

OUTRAS importantes coleções de literatura cuneiforme com relevância bíblica foram recuperadas em Bogazkoy e Kanish na Ásia Menor. Outras provêm de Susa e Elão, outras da cidade de Mari no médio Eufrates, outras de Ras Shamra (antiga Ugarit), mencionadas nas *Cartas de Amarna* e localizadas no norte da Síria. Outras provêm de vários locais de dentro e de fora da Babilônia.

A Pedra Moabita – uma sensacional descoberta literária

ESTA importante inscrição, descoberta em 1868, é outro exemplo das descobertas do século 19 que prepararam o terreno para as grandes descobertas do século 20. A inscrição data de

cerca de 850 a.C. Foi erigida por Mesa, rei de Moabe, e às vezes é chamada de *Pedra de Mesa*. Relata as guerras de Mesa de Moabe com Onri, rei de Israel, e os sucessores de Onri. Relata também a guerra de Mesa contra os edomeus.

O material registrado na *Pedra Moabita* é paralelo à história bíblica registrada em 2 Reis, capítulos 1 a 3. Diversos locais mencionados no Antigo Testamento ocorrem na estela (monumento inscrito). Dentre eles estão Arnom (Nm 21.13; Dt 2.24), Atarote (Nm 32.34), Baal-Meom ou Bete-Baal-Meom (Js 13.17), Bete-Bamote ou Bamote-Baal (Js 13.17), Bete-Diblataim (Jr 48.22), Bezer (Js 20.8), Dibom (Nm 32.34), Jaza (Js 13.18), Medeba (Js 13.9) e Nebo (Nm 32.38).

ESTE monumento inscrito ou estela mede 1,13m de altura, 70 cm de largura e 35 cm de espessura. Suas 34 linhas constituem a maior inscrição literária isolada já encontrada fora da Bíblia sobre a Palestina do período 900—600 a.C. Registra que Moabe fora conquistada por Onri e seu filho Acabe, mas foi liberta do jugo israelita pelo deus de Mesa, Quemós. Representa-se esta divindade como aquela que teria mandado o rei Mesa à guerra contra Israel. De acordo com o texto de 2 Reis 3.27, ele ofereceu seu filho mais velho como oferenda, queimando-o junto à muralha para apaziguar o deus Quemós e garantir sua proteção.

A *Pedra Moabita* foi escrita no idioma de Moabe, que era muito parecido com o hebraico da época de Onri e Acabe. Esta inscrição, portanto, é valiosíssima para mapearmos o desenvolvimento do hebraico ao longo dos séculos. Quando foi descoberta, a *Pedra de Mesa* não só era a inscrição fenício-hebraica mais extensa e antiga já encontrada, como também a única. Agora conhecemos o *Calendário de Gezer*, que data de 925 a.C. É um exercício de colegial escrito em perfeito hebraico clássico. Essa tabuinha de calcário, encontrada na velha localidade de Gezer, lança outra luz, acidental, sobre a agricultura palestina e a antiga escrita hebraica. Descobertas como o *Calendário de Gezer* e a *Pedra de Mesa* não só deixam entrever o contexto da Bíblia como também esclarecem importantes vínculos com a cultura e a história dos povos além dos domínios de Israel.

Grandes descobertas do século 20

EMBORA descobertas como a *Pedra de Roseta*, a *Inscrição de Behistun* e a *Pedra Moabita* sejam importantes para o seu tempo e tenham criado os alicerces da arqueologia científica no século 19, foi no século 20 que se produziram as mais diversas e empolgantes descobertas arqueológicas. Neste período, a arqueologia bíblica se tornou uma ciência refinada e precisa, estendendo as fronteiras do conhecimento bíblico no plano humano e contribuindo enormemente para o contexto histórico-cultural da Palavra de Deus escrita.

O Código de Hamurábi – luz sobre a Lei mosaica

HAMURÁBI (que na verdade se chamava Hamurápi), sexto rei da primeira dinastia da Babilônia, que governou a Babilônia de 1728 a 1676 a.C., nem sempre foi o grande potentado mundial que hoje conhecemos. Segundo os *Documentos de Mari* (consulte os Textos de Mari sob o título correspondente neste artigo), ele era um príncipe um tanto menor se comparado a outros seus contemporâneos no início do seu reinado. Mas ele entrou eternamente na história com a descoberta do *Código de Hamurábi*, em 1901.

O código, cuja cópia foi descoberta por Jacques de Morgan em Susa, em Elão, para onde tinha sido levado desde a Babilônia pelos elamitas, está inscrito em uma estela de diorita de mais de 2,10m de altura e de cerca de 1,80m de largura. Na estela, o código contém cerca de 250 leis ou regulamentos. No topo da estela há um baixo-relevo que mostra o rei recebendo o código legislativo do deus Chamach, o deus da justiça e da lei.

O código, que não é um código propriamente dito, e sim um agrupamento de leis escritas no final do reinado de Hamurábi, é importante porque fornece material histórico a ser comparado com outras legislações da Antiguidade. Naturalmente, ele fornece dados comparativos para se estudar a lei da Torá e do Pentateuco. Este tipo de código contém uma forma de lei conhecida

como lei casuística ou de casos, baseando-se em casos específicos da conduta humana.

A fórmula deste tipo de lei é: “Se alguém fizer isto a outro ser humano (e define-se a infração), a penalidade será (aquilo que está escrito no código)”. James West, em seu livro *Introduction to the Old Testament* [Introdução ao Antigo Testamento] (Macmillan, 1981, página 180) afirma:

As leis sociais, civis e penais do Pentateuco são descritas desta forma. Os assuntos incluem as diversas facetas de uma sociedade complexa, mas, em comparação com a legislação hebraica, os códigos extrabíblicos demonstram maior preocupação com direitos de propriedade, menor atenção rigorosa à pessoa e quase nenhuma regulamentação de religiões e cultos.

ALGUNS especialistas acreditam que o *Código de Hamurábi* não foi escrito para ser realmente usado na aplicação da lei, e sim mais para expressar ideias e ideais filosóficos, intelectuais ou literários que demonstram o pensamento legal e ético da época. Além disso, sabe-se que o código não foi escrito pelo próprio Hamurábi, e sim, provavelmente, pelos escribas a seu serviço, que inscreveram seu nome no documento.

O código tem valor para a tradição judaico-cristã porque nos permite compreender melhor certos escritos legais encontrados no Pentateuco, tais como o Código da Aliança (de Êxodo 21—23). Mas a legislação encontrada na Torá (Pentateuco) também difere em pontos distintos. Por exemplo, boa parte das leis da Torá é conhecida como leis apodíticas, que têm a forma de imperativo, tais como “Farás isso” ou “Não farás isso”. Bons exemplos de leis apodíticas são os Dez Mandamentos.

Os Papiros de Elephantina – luz sobre a era de Esdras e Neemias

DESCOBERTOS em 1903 na ilha de Elephantina na Primeira Catarata do Nilo no Egito, estes documentos importantes dão um panorama interessante de uma das regiões limítrofes do império

persa no final do quinto século antes de Cristo. Os *Papiros de Elefantina* provêm de uma colônia militar judaica estabelecida neste local.

INSCRITOS em aramaico, a linguagem da diplomacia e do comércio por toda a Ásia Oriental no período persa, que pouco a pouco substituiu o hebraico como língua cotidiana do povo judeu, têm conteúdo variado, desde a cópia da *Inscrição de Behistun* de Dario até documentos como um contrato de casamento judaico. As cartas nos falam do saque de um templo judaico em Elefantina em uma perseguição antijudaica por volta de 411 a.C. Os judeus desta colônia remota adoravam o Senhor, que chamavam pelo nome Yahu.

OUTRAS cartas de Elefantina que vieram a lume recentemente e foram publicadas pelo Museu Britânico demonstram que o templo foi reconstruído depois de ser destruído. Contêm menções de Yahu como “o deus que habita em Yeb, a fortaleza” (compare ao Salmo 31.3). Estes novos papiros demonstram que o Egito ainda estava dominado pela Pérsia nos primeiros anos de Artaxerxes II (404—359 a.C.).

Os *Papiros de Elefantina*, portanto, esclarecem o histórico geral do período de Esdras-Neemias e o do período persa anterior. Iluminam amplamente a vida da diáspora judaica em um local de fronteira remoto como Elefantina, no Egito. Também são inestimáveis por oferecerem ao especialista uma amostra do aramaico usado naquele período; além disso, diversos dos costumes e nomes que aparecem na Bíblia são ilustrados por estes importantes achados literários.

Os monumentos hititas de Bogazkoy – lembranças de um povo imperialista

EM 1906, o professor Hugo Winkler, de Berlim, começou a escavar em Bogazkoy, local a 145 km a leste de Ancara, na grande curva do rio Hális na Ásia Menor. Descobriu-se que esta foi uma antiga capital hitita. Diversas tabuletas de barro foram desenterradas, contendo seis idiomas diferentes. Grande número delas estava inscrito com os caracteres cuneiformes do idioma hitita. Enfim decifradas pelo trabalho de três homens, princi-

palmente do especialista tcheco Friedrich Hrozny, este idioma estabeleceu-se como a chave para grande parte do material histórico de interesse do estudioso bíblico.

ANTES das tabuletas de Bogazkoy revelarem os hititas como um dos povos da Antiguidade, as referências bíblicas a eles costumavam ser vistas, em meios críticos, como vazias de valor histórico. Nos cinco livros de Moisés, em diversos pontos (Êx 33.2; Dt 7.1; 20.17; Js 3.10; 24.11) há referências aos hititas como habitantes da terra de Canaã e um povo dentre os vários expulsos pelos israelitas. Nas várias listas a ordem muda, e não há alusão ao fato de uma referência ser ao nome de um povo imperialista poderoso e outra, a uma pequena tribo próxima. Há menos de um século, os hititas, ou heteus, significavam tão pouco para o leitor da Bíblia quanto os heveus, ou perizeus, significam.

SABIA-SE correntemente pelo registro bíblico que, quando Abraão se estabeleceu em Hebrom, seus vizinhos eram os hititas. Era do conhecimento de todos que um dos soldados importantes de Davi era Urias, um heteu. Mas quem teria pensado que os hititas eram mais importantes do que gaditas ou beerotitas?

AGORA se sabe que existiram dois grandes períodos de poderio hitita. O primeiro foi por volta de 1800 a.C., e o segundo por volta de 1400 a 1200 a.C. Neste período mais recente de supremacia hitita, os reis poderosos governavam a partir de Bogazkoy. Um deles se chamou Supiluliuma. Este grande conquistador estendeu seu império aos confins da Síria-Palestina. O grande Ramsés II do Egito, na famosa batalha de Cades, colidiu com o poderio heteu. Um tratado de paz com o faraó no vigésimo primeiro ano do seu reinado foi coroado por um casamento real.

POR volta de 1200 a.C., o grande império hitita ruuiu, e a cidade hitita de Bogazkoy foi tomada. Mas subsistiram grandes centros de poder hitita em Carquemish, Sengirli, Hamate e outros lugares no norte da Síria. Como resultado da escavação e decifração de diversos monumentos hititas, todo o contexto do antigo mundo bíblico foi esclarecido.

DEVIDO a este maior conhecimento histórico, alusões como estas aos *reis dos heteus* (1 Rs 10.29;

2 Cr 1.17) são melhor compreendidas. A forma pela qual a arqueologia esclareceu a vida dos antigos hititas é um bom exemplo da forma como esta importante ciência vem expandindo os horizontes bíblicos.

Os textos religiosos de Ras Shamra (Ugarit) – os cultos cananeus revelados

UMA das descobertas mais importantes do século 20 foi o resgate de centenas de tabuletas de argila que estavam armazenadas em uma biblioteca situada entre dois grandes templos, um dedicado a Baal e outro dedicado a Dagom, na cidade de *Ugarit* – a atual *Ras Shamra*, no norte da Síria. Estas tabuletas de argila datam do século 15 ao início do 14 a.C. Estão inscritas no alfabeto mais antigo conhecido, em sinais em forma de cunha. O professor H. Bower da Universidade de Halle reconheceu esta nova escrita como a semítica. Inúmeros especialistas, como E. Dhorme e Charles Virolleaud, começaram a trabalhar na decifração dessa nova linguagem semítica.

As primeiras sugestões da importância arqueológica da antiga cidade de Ugarit, desconhecida até 1928, ocorreram na primavera deste ano, quando um camponês sírio que arava o seu campo um pouco a norte da atual Minet el-Beida encontrou algumas antiguidades. Em 2 de abril de 1929, começou o trabalho em Minet el-Beida, sob a direção de Claude F. Schaffer. Depois do primeiro mês de trabalho, ele mudou para a colina de Ras Shamra, perto dali. Poucos dias depois, já estava comprovada a importância daquele novo sítio. Em 20 de maio, as primeiras tabuletas foram descobertas. Schaffer continuou a escavar de 1929 a 1937. Entre 1929 e 1933, a maioria dos textos religiosos significativos foi recuperada na biblioteca real da área. Muitos deles estavam inscritos em um antigo dialeto cananeu do final da Era do Bronze e início da Era do Ferro.

A cidade de Ugarit

ESTA cidade florescente do segundo milênio, que era conhecida pelos especialistas devido às

inscrições das *Cartas de Tel el-Amarna* e a documentos hititas, localizava-se na costa norte da Síria, do lado oposto à ilha de Quitim (atual Chipre), a cerca de 13 km a norte de Lataquia e a 80 km a sudoeste de Antioquia. Situava-se numa baía e tinha um porto que podia ser usado para navios comerciais de alto-mar. Era uma cidade portuária conhecida na época da Grécia como Leukos Linen, o porto branco. Agora é chamada Ras Shamra, *montanha de funcho*, porque lá cresce funcho.

A colina que contém as ruínas da velha cidade tem forma de trapézio cujo maior lado tem cerca de 610m a norte e a sul e cuja diagonal mais comprida tem cerca de 1000m. A colina tem cerca de 20m de altura. O local ficava no meio da importante rota comercial que acompanhava a costa do Egito até a Ásia Menor, que se conectava através de uma estrada a Alepo, a Mari no Eufrates, e à Babilônia. A rota marítima de Ugarit a Alashiya — ou seja, Chipre — era curta.

LOGO, Ugarit estabeleceu um ativo comércio com as ilhas do Egeu. Tornou-se um importante porto. Um dos principais artigos exportados era o cobre, usado na produção de bronze. O cobre era importado da Ásia Menor e de Chipre. O bronze era produzido em Ugarit. Sendo uma cidade fenícia, Ugarit, como suas cidades-irmãs, abastecia o Egito de madeira. Não só os cedros do interior eram exportados como também outros tipos de madeira. Também se fabricava tintura azul. Isso é indicado pelas grandes pilhas de conchas de murex. Essas conchas, muito abundantes ao longo da costa leste do Mediterrâneo, produzem uma tintura famosa na Antiguidade.

Importância literária dos textos

DEPOIS do trabalho inicial de muitos especialistas, Cyrus Gordon elaborou uma gramática ugarita e, mais tarde, publicou uma edição dos textos chamada *Ugaritic Literature*. Depois de decifrados, os textos demonstraram os importantes paralelos entre os estilos literários e vocabulários hebraicos e ugaritas. Em 1936, H. L. Ginsberg já havia formulado algumas observações perspicazes sobre elementos estruturais em comum. O estudo

de Ginsberg demonstrava que a poesia cananea, assim como a hebraica, era basicamente acentual, ou seja, consistia em diversos pés, sendo cada um deles acentuado. Como o idioma ugarita tem estreitas conexões com o hebraico bíblico, iluminou-se imensamente a lexicografia hebraica. Qualquer léxico hebraico recente deve levar em conta o vocabulário usado em Ugarit. Os futuros dicionários de hebraico incluirão muitas palavras até então mal compreendidas ou só parcialmente conhecidas.

POR exemplo, ficou demonstrado a partir dos idiomas ugarita e assírio que a palavra *beth-heber* (Pv 21.9; 25.24), até então traduzida como *casa*, significa especificamente *armazém*. Esses versículos poderiam, então, ser traduzidos como “Melhor é morar num canto de umas águas-furtadas do que com a mulher rixosa num armazém amplo”. É interessante notar que os provérbios egípcios de Amenemope, que possuem muitos paralelos com o livro bíblico de Provérbios, trazem uma designação para “armazém” com exatamente o mesmo sentido.

Significado religioso das inscrições ugaritas

A maior contribuição dos textos religiosos de *Ras Shamra* (Ugarit), de longe, é fornecer material contextual para o estudioso da Bíblia aprofundar-se nas religiões do Antigo Testamento. Os épicos expõem claramente o panteão cananeu. Sabemos hoje que esse panteão era liderado pelo deus El, suprema divindade cananea. Esse é um dos nomes pelo qual Deus é chamado no Antigo Testamento (confira Gn 33.20). Este nome, El, costuma aparecer na poesia do Antigo Testamento (Sl 18.31,32; Jó 8.3). Ocorre frequentemente também na prosa, em nomes compostos como *El Elyon*, o Deus Altíssimo (Gn 14.18); *El Shaddai*, Deus Todopoderoso (Gn 17.1); *El Hai*, o Deus vivo (Js 3.10). El é a designação comum semítica para Deus.

Escavações posteriores em Ugarit

DURANTE a Segunda Guerra Mundial, as escavações em *Ras Shamra* pararam. Foram retomadas

em 1948 e têm continuado sem parar. O trabalho sob a direção de C.F. Schaffer tem se concentrado em desenterrar o grande palácio. As descobertas mais importantes ligadas a esta estrutura eram os arquivos reais. Estes arquivos, descobertos no palácio, eram de natureza histórica, diferentes dos textos de rituais mitológicos dos primeiros anos, 1929 a 1937.

Os arquivos da ala oeste do prédio continham documentos administrativos basicamente relacionados aos imóveis reais. Os da ala leste continham documentos sobre a capital. Os do arquivo central eram, em sua maioria, textos legais. Quase todos os documentos estavam inscritos na língua comum destes séculos, o acádio. Alguns poucos foram escritos em hurrita e ugarita. Foram identificados 12 nomes de reis ugaritas nos documentos, que datam dos séculos 18 ao 13 a.C. Os selos dos editos reais são notáveis por terem um *design* idêntico no topo, não importando o nome do rei em exercício. O símbolo é muito conhecido na arte glífica babilônica e representa uma prestação de homenagem ao rei deificado.

INÚMEROS objetos sofisticados foram resgatados no local, especialmente os que faziam parte dos aposentos reais. De especial interesse, encontrou-se o enorme painel do pé do leito real, feito de mármore, talvez a maior peça de mármore esculpido já encontrada no Oriente Próximo. Outra peça notável encontrada na campanha de 1952—1953 foi o antigo alfabeto ugarita de 30 letras. Esta peça está atualmente no Museu Nacional de Damasco.

As tabuletas de Nuzi e os horeus bíblicos

DESTA cidade a leste da antiga Assur e a pouca distância a oeste de Arrapha, que floresceu nos séculos intermediários do segundo milênio a.C., provêm diversos textos cuneiformes. Estes textos, segundo se comprovou, têm imenso valor, ilustrando a ascensão dos hurritas e dos costumes patriarcais. O atual local de Nuzi é Jorgan-Tepe. É um aterro a 240 km ao norte de Bagdá, próximo à base das montanhas do sul do Curdistão. Nuzi foi escavada em 1925—1931 pela American

School of Oriental Research em Bagdá e a Universidade de Harvard. O nome *Nuzi* foi empregado durante sua ocupação pelos hurritas.

ANTES da ocupação pelos hurritas, o local de Nuzi era ocupado por outro grupo étnico, os subários. Nesse período anterior, a cidade se chamava Gasur, e sua ocupação mais antiga data da pré-história. Mas o grande interesse na aldeia reside na sua ocupação pelos hurritas e nos textos cuneiformes que foram desenterrados dela e da sua vizinha Arrapha, atual Kirkuk, a 14 km a leste.

As tabuletas de Nuzi e os hurritas

A moderna arqueologia não só ressuscitou os antigos heteus ou hititas, que permaneceram ignorados por séculos a fio, exceto por poucas referências nas páginas da Bíblia, como também os enigmáticos horeus. Nos livros do Pentateuco, há muitas referências a um povo desconcertante chamado horeu. Esse povo foi derrotado por Quedorlaomer e o exército invasor mesopotâmico (Gn 14.6). Era governado por chefes (Gn 36.20-30). Diz-se que foi destruído por descendentes de Esaú (Dt 2.12,22).

ESSE povo desconhecido costumava ser visto como um grupo local e restrito de moradores de cavernas. Pensava-se que o nome *horeu* provinha do hebraico *hor*, buraco, caverna. Para além dessa descrição etimológica, os horeus permaneciam na total obscuridade, não aparecendo fora do Pentateuco nem em qualquer literatura extrabíblica. Nos últimos 35 anos, porém, a arqueologia fez milagres para ressuscitar os antigos hurritas, os horeus da Bíblia. Descobriu-se que não se tratava de um povo local e restrito, e sim de um povo importante que teve um papel crucial na história antiga. Sabe-se agora que não só os horeus existiram como também tiveram um papel duradouro na história cultural do antigo Oriente Próximo. Como resultado da descoberta dos hurritas, a etimologia popular que os vinculava a *moradores de caverna* teve de ser abandonada.

Os hurritas ou horeus eram povos não semitas que, antes do princípio do segundo milênio a.C., migraram para o nordeste da Mesopotâmia. Sua

terra natal ficava na região sul do Cáucaso. Sua primeira aparição no horizonte histórico é em 2400 a.C. nos montes Zagros, a leste do rio Tigre. No período de cerca de 2000 a 1400 a.C., os hurritas eram muito comuns e estavam disseminados pela Alta Mesopotâmia.

As tabuletas de Nuzi e os patriarcas

O principal interesse das tabuletas de Nuzi está na elucidação da época e dos costumes patriarcais. Nas narrativas patriarcais, diversas práticas locais permaneciam obscuras para o leitor moderno. Diversas tabuletas de argila de Nuzi e da vizinha Arrapha elucidaram, em diversos pontos, estes costumes; assim, agora vemos de que forma eles existiram no contexto histórico geral da época. Embora as tabuletas de Nuzi datem dos séculos 15 e 16 a.C., pouco tempo após o período patriarcal (por volta de 2000—1800 a.C.), elas ilustram o tempo dos patriarcas. O motivo disso é que, quando os patriarcas saíram de Ur, passaram uma temporada em Harã e misturaram-se à sociedade hurrita ocidental, bem como aos hurritas orientais em Nuzi e Arrapha. Sendo assim, os resultados obtidos em Nuzi valem, por extensão, para os hurritas do ocidente, bem como para um período muito posterior aos dos patriarcas.

EM Gênesis 15.2, Abraão lamenta não ter filhos e o fato de que seu servo Eliézer herdaria o que era seu. Vendo essa situação, Deus garante ao patriarca que ele terá um filho seu para herdar sua propriedade. As tabuletas de Nuzi explicam esta difícil questão. Elas contam como um servo de confiança, aparentemente um estranho, poderia tornar-se herdeiro.

NA antiga Nuzi, era costume na sociedade hurrita o casal sem filhos adotar um filho para cuidar de seus pais adotivos enquanto vissem, assumir o patrimônio quando morressem e, depois, em troca por ter cumprido seus deveres filiais, tornar-se seu herdeiro. Mas é importante assinalar que, caso nascesse um filho legítimo, este acordo era anulado, pelo menos em parte, e o filho legítimo se tornava herdeiro. Eliézer poderia ter sido o filho

adotivo de Abraão. Mas o nascimento milagroso de Isaque como a posteridade prometida anulou essa hipótese.

Às vezes, em Nuzi, um contrato de casamento estipulava que uma determinada escrava seria encaminhada com a nova noiva, tal e qual no casamento de Léia (Gn 29.24) e Raquel (Gn 29.29). Outra disposição de matrimônio especificava que uma esposa de classe alta que não tivesse filhos deveria dar uma escrava a seu marido em concubinato. Nesse caso, porém, a esposa poderia considerar seu o filho da concubina. Esse termo esclarece a complicada afirmação de Gênesis 16.2 com seu duplo sentido: *porventura, terei filhos dela*, que significa *poderei ser elevada através dela*. É interessante observar que a lei de Hamurábi relacionada a esta, a do parágrafo 144, oferece um paralelo incompleto. Ali, a esposa é uma sacerdotisa, e não tem direito a reclamar os filhos da concubina como seus.

VÊ-SE, portanto, que na lei e na sociedade nuzitas, da qual os patriarcas participaram por certo tempo, o casamento era visto principalmente como um meio para gerar filhos, e não para ter companhia. De uma forma ou de outra, era considerado necessário que a família procriasse. Depois do nascimento de Isaque, a relutância de Abraão em obedecer ao pedido de Sara para que expulsasse o filho de Agar é ilustrada pela prática local de Nuzi. Caso a esposa-escrava tivesse um filho, ele não poderia ser mandado embora. No caso de Abraão, só a ordem divina revogou a lei humana e fez o patriarca responder positivamente ao pedido de sua esposa.

TAMBÉM se ilustram casos relativos aos direitos do primogênito como os que ocorrem em Gênesis. Na Bíblia, Esaú vende seu direito de nascença a Jacó. Nas tabuletas Nuzi, um irmão vende um bosque que havia herdado por três ovelhas. É claro que isso vale muito mais comparado à comida saborosa pela qual Esaú vendeu seus direitos.

NA sociedade hurrita, o direito de nascença não se devia tanto à questão de ser o primogênito, e sim à escolha paterna. Esta escolha estava acima de todas as outras quando realizada no leito de morte e precedida pela seguinte fórmula:

Eis que já agora estou velho. Esta situação ajuda a esclarecer Gênesis 27, capítulo que conta como Jacó roubou a bênção familiar.

Os obscuros *terafins* também são explicados pela lei nuzita. Agora sabemos que os *terafins* eram pequenas divindades do lar. Possuí-las deixava implícita a chefia da família. Em caso de uma filha casada, elas davam a seu marido o direito às propriedades do pai dela. Labão tinha filhos seus quando Jacó partiu para Canaã. Só eles tinham o direito aos deuses de seu pai. O furto desses importantes ídolos do lar por Raquel foi um grave delito (Gn 31.19,30,35). Ela simplesmente pretendia preservar o direito do seu marido aos bens de Labão.

Os textos de Arrapha e Nuzi forneceram, portanto, os detalhes que explicam esses complexos costumes. Em circunstâncias especiais, a propriedade podia passar ao marido de uma filha, mas só se o pai desta tivesse dado os deuses do lar ao seu genro como um sinal formal de que o acerto tinha sido devidamente aprovado.

OUTRO costume esclarecido é o de Gênesis 12.10-20; 20.2-6; 26.1-11, em que a esposa de um patriarca é apresentada como irmã, aparentemente sem nenhuma razão válida para tal. Os textos de Nuzi, porém, demonstram que entre os hurritas os laços do casamento eram soleníssimos, e a esposa tinha, legalmente, embora não necessariamente pelo sangue, o *status* simultâneo de irmã; portanto, os termos *irmã* e *esposa* podiam ser intercambiáveis no uso oficial em certas circunstâncias. Ao recorrer à relação esposa/meio-irmã, portanto, tanto Abraão como Isaque estavam valendo-se da proteção mais forte que a lei, na forma que então existia, podia oferecer-lhes.

Valor crítico

DESCOBERTAS como as de Nuzi e Arrapha estão obrigando altos críticos a abandonar diversas teorias radicais e indefensáveis. Por exemplo, há pouco tempo ainda era comum aos críticos enxergarem as histórias patriarcais como retrospectões de um período muito posterior e não como histórias legítimas da era mosaica, a saber, do século 15 a.C.

MAS agora surge a questão: como esses detalhes locais tão autênticos podem ter sido uma retrospectiva de uma era posterior?

As tabuletas de Nuzi prestaram um grande auxílio aos estudiosos da história da Bíblia não só atestando a influência dos costumes sociais na era patriarcal, e na mesma área da Mesopotâmia de onde vieram os patriarcas, mas também demonstrando que essas narrativas eram legitimamente de seu tempo. Tais descobertas acrescentam muito ao nosso saber histórico e permitem-nos, a partir de nossa época, desvendá-las em suas genuínas características locais e ambientação histórica.

As Cartas de Mari – elucidando o mundo dos patriarcas

UM dos locais histórica e arqueologicamente mais gratificantes já descobertos na Mesopotâmia e nas terras bíblicas foi a cidade de Mari, atual Tel el-Hariri no Médio Eufrates, a cerca de sete milhas a noroeste de Abu-Kamal, uma aldeia no lado sírio da fronteira sírio-iraquiana.

A velha cidade devia sua importância a ser um ponto de confluência para as rotas de caravana que atravessavam o deserto sírio e a ligar a cidade com a Síria e a costa do Mediterrâneo, além das civilizações da Assíria e Babilônia. Este local foi melhor identificado por William Foxwell Albright em 1932.

MARI começou a ser escavada em 1933 por Andre Parrot sob os auspícios do Museu do Louvre. Ali foi descoberta uma antiga cidade imperial de grande importância e esplendor. A Segunda Guerra Mundial interrompeu as escavações em 1939, depois que seis campanhas de grande êxito haviam sido realizadas. Em 1951, o trabalho foi retomado. Depois de mais quatro campanhas, o trabalho foi paralisado em 1956, devido aos desentendimentos sobre o canal de Suez.

DENTRE as descobertas mais importantes feitas em Mari está o grande *templo de Istar*, dedicado à deusa da propagação babilônica, e um templo-torre ou zigurate. O templo tinha pátios ao estilo sumério, colunas e uma câmara interior. O zigurate, ou templo-torre, era semelhante ao de Ur e

de outros locais mesopotâmicos. Descobriram-se estatuetas que ilustram a popularidade do culto de fertilidade de Istar. Um dos murais do palácio representa a crença de que o monarca que governava Mari teria recebido seu cetro e anel, símbolos de sua autoridade, da própria Istar.

OUTRA importante descoberta em Mari foi o *palácio real*. Estrutura extensa, contemporânea da primeira dinastia da Babilônia, foi construída no centro do aterro e continha quase 300 aposentos. A sala do trono forneceu alguns raros espécimes de pinturas de parede bem preservadas. Essa enorme estrutura, com suas pinturas e murais de belíssimas cores, seus aposentos reais, salas administrativas e escola de escribas, é considerada um dos palácios mais preservados do Oriente Médio. A estrutura foi construída por amoritas mais recentes, que adoravam as divindades Adad e Dagom. Na campanha posterior à guerra, a escavação concentrou-se principalmente em volta da camada mais antiga, que chega a apresentar prédios da era pré-sargônica, do tempo da dinastia da Acádia.

Os arquivos reais

AS descobertas mais interessantes, no entanto, foram as chamadas *Cartas de Mari*, cerca de 20 mil tabuletas de argila que foram desenterradas, revolucionando o conhecimento do mundo bíblico antigo. Estes documentos estavam escritos no dialeto da Velha Babilônia. Datam da era de Hamurábi, por volta de 1700 a.C., o mesmo monarca cujo código foi descoberto em 1901, em Susa.

ESSES registros constituem memorandos do rei e dos governadores da cidade-estado de Mari e pertencem à época dos reis Yasmah-Adad, sob cujo reinado iniciou-se a construção do palácio, e Zimri-Lim, sob cujo reinado se concluiu. Parte da correspondência é entre o rei Yasmah-Adad e seu pai, o vigoroso expansor de império Shamsi-Adad I da Assíria, bem como os representantes das províncias de seu reino. A correspondência do rei Zimri-Lim também figura nas trocas de correspondência diplomática com o rei Hamurábi da Babilônia, bem como o rei de Alepo e outros vassallos.

DUAS cartas postadas em Alepo a Zimri-Lim tratam de declarações proféticas feitas em nome do deus Adad de Alepo. O assunto e o teor dessas declarações lembram uma profecia bíblica.

O valor bíblico dos textos de Mari

ESTES registros têm grande valor para os estudiosos bíblicos porque provêm da região onde os patriarcas hebreus moraram muitos anos antes de partirem para Canaã. Na época da terceira dinastia de Ur, Mari era comandada pelos governantes dos reis de Ur. No fim, porém, um príncipe de Mari, Isbi-Irra, que subjugara a cidade-estado de Isin por volta de 2021 a.C., foi essencial para a queda da cidade de Ur.

NAOR, que figura com importância nas narrativas patriarcais (Gn 24.10), é mencionada frequentemente nas *Cartas de Mari*. Uma carta de Naor foi enviada de uma mulher dessa cidade ao rei e contém o seguinte:

DIZEI ao meu senhor, Thus Inib-Sharim, tua dama e serva. Quanto tempo devo permanecer ainda em Naor? A paz está selada, e a estrada, desbloqueada. Permita que meu senhor escreva e permita-me ser levada para ver o rosto de meu senhor, de quem estou separada. Permita que meu senhor, além disso, escreva-me uma tabuleta em resposta.

O termo *habiru*, muito importante, já que Abraão é a primeira pessoa na Bíblia a ser chamada de *hebreu* (Gn 14.13), aparece frequentemente nas *Cartas de Mari*, assim como nas tabuletas de Nuzi. Nos dois casos, o termo parece significar peregrino, aquele que vaga, ou aquele que passa de um lugar para outro. Esta explicação se encaixa bem em Abraão e nos primeiros patriarcas, pois eles eram viajantes nômades. Quando Abraão deixou Ur, no sul da Mesopotâmia, para migrar para Canaã, sem dúvida ele passou pela esplendorosa cidade de Mari. Quase não há dúvidas de que ele e Tera, com suas respectivas famílias, hospedaram-se em um caravanchará daquela área.

Talvez tenham passado dias ou semanas na famosa cidade e tenham visitado o palácio, de cuja grandiosidade ainda há traços visíveis ao arqueólogo moderno.

Valor histórico das Cartas de Mari

ESTES documentos determinam que Shamsi-Adad I da Assíria, que governou por volta de 1748—1716 a.C., e o Grande Hamurábi da Babilônia eram contemporâneos. Segundo esses fatos e outros detalhes fornecidos pelos documentos de Mari, a data de Hamurábi pode ser fixada por volta de 1728—1676 a.C. Esses e outros indícios obrigaram os estudiosos a desistir de identificar o Hamurábi da Babilônia com Anrafel (Gn 14.1).

HAMURÁBI tornou-se um forte líder militar e administrador. Fez parte da primeira dinastia da Babilônia, que reinou de 1830 a cerca de 1550 a.C. O poder desta dinastia atingiu seu ápice sob o reinado de Hamurábi. Hamurábi derrotou Rim-Sin de Larsa e estabeleceu seu domínio sobre todas as cidades-estado da Baixa Babilônia. Sua máquina militar em expansão permitiu-lhe destruir Mari. Foi seu código legislativo, como vimos, que foi descoberto em Susa em 1901. Esta famosa codificação permaneceu clássica na exemplificação e elucidação das leis israelitas.

FOI durante o reinado de Hamurábi que a história babilônica da criação foi escrita. O poema glorificava Marduque, deus padroeiro babilônio, que Hamurábi nomeara o deus nacional da Babilônia. Nesse período, o idioma sumério antigo caiu em desuso e o semítico-babilônico passou a ser o corrente.

As Cartas de Mari e os amoritas

POR volta de 2000 a.C., os povos semitas nômades, que viviam nos limites desérticos do Crescente Fértil, invadiram os centros das civilizações estabelecidas. Conhecidos como *ocidentais*, são preservados no Antigo Testamento como *amoritas*.

ESTADOS amoritas começaram a aparecer em toda a área mesopotâmica. Naor, Harã, Mari,

Qatna e Ugarit aparecem todas como cidades amoritas governadas por ugaritas. A própria Babilônia tornou-se capital de um estado amorita sob o domínio de Hamurábi. Esse fundamental fato histórico está plenamente presente nas *Cartas de Mari* e nos povos conhecidos como *amoritas*, ou *ocidentais*. Assim, a arqueologia vem pouco a pouco definindo o contexto histórico da era patriarcal. Descobertas como as *Cartas de Mari* tornam-se um amparo fundamental ao historiador do antigo mundo bíblico.

O óstraco de Laquis – revivendo a era de Jeremias

NAS escavações de Laquis, uma cidade do sudoeste da Palestina, a descoberta mais impressionante foi uma porção de cartas incrustadas em uma camada carvão e cinzas queimados. Eram 18 e estavam em hebraico escrito com o antigo alfabeto fenício. Foram descobertas mais três cartas desse tipo em campanhas posteriores, em 1938.

QUASE todas as cartas tinham sido escritas por alguém chamado Hosaías, aquartelado em algum posto militar avançado, a Yaosh, que evidentemente era um oficial mais graduado na guarnição de Laquis. Era o período do domínio babilônico sobre a Palestina, muitos anos antes da queda de Jerusalém em 586 a.C. Os babilônios tinham atacado e incendiado parcialmente Laquis havia cerca de dez anos, no reinado de Jeoaquim. Essas cartas específicas estavam na camada de cinzas que indicam a destruição final da cidade. Por isso, devem ser datadas de 587 a.C., quando Nabucodonosor estava fazendo seu cerco definitivo a Jerusalém e também a Laquis e a Azeca.

Identificação de Laquis

ESTE grande monte artificial, um dos maiores ocupados na Palestina, localiza-se a 48 km do litoral mediterrâneo, e a 80 km a oeste de Hebrom. É mencionado nas *Cartas de Amarna* e em fontes egípcias mais antigas. Sua importância estratégica fica patente por sua posição na rota principal da Palestina central ao Egito. Laquis tinha vista para a rica Sefelá (terreno que descia aos baixios cos-

teiros). A cidade-fortaleza era a barreira ideal entre as planícies da Palestina e o elevado país judeu. Foi uma das cidades-fortalezas mais importantes de Judá e um dos bastiões tomados pelos israelitas ao conquistarem a Palestina (Js 10.31-35). Primeiro, achava-se que o local de Umm-Lakis fosse o da antiga Laquis. Então, buscou-se a localização exata em Tel el-Hesi por Sir Flinders Petrie, um arqueólogo pioneiro. Por fim, William Foxwell Albright identificou-a corretamente com o monte artificial de Tel ed-Duweir.

NABUCODONOSOR capturou Laquis em 588—586 a.C. (Jr 34.7). Marcas de uma grande conflagração na estrada que conduz ao portão e na muralha adjacente mostram que os ofensores usavam muito fogo, porque oliveiras derrubadas ainda com frutos serviram como combustível.

Escavações em Laquis

A expedição arqueológica Wellcome-Marston em 1933 começou a trabalhar ali, sob a coordenação de J. L. Starkey. Em 1938, Starkey foi morto por bandoleiros árabes, e o trabalho prosseguiu com Lankester Harding e Charles H. Inge.

ALÉM de indícios de ocupação anterior, revelou-se em Laquis um assentamento pelos hicsos em 1720—1550 a.C. Esse povo dominou os egípcios nesse período. Uma típica trincheira ou fosso de defesa hicsa, com uma rampa de barro e visco que, aparentemente, servia de abrigo para seus cavalos, foi revelada. No fosso, foram escavados três templos egípcios cananitas construídos entre 1450 e 1225 a.C. Também foi encontrado um templo persa de um período muito posterior.

Os cemitérios de Laquis possuíam uma grande quantidade de louça, joias, escaravinhos e indícios de esqueletos. Um poço de 61m de profundidade foi encontrado na cidade, vestígio de uma enorme escavação de engenharia para armazenagem de água que não foi concluída. A perfuração vertical de 26m de profundidade termina em um retângulo de 24 x 21m cortado com uma profundidade de 24m. A meta era um sistema de água que seria muito maior do que o feito por Ezequias para Jerusalém no Túnel de

Siloé e comparável aos sistemas semelhantes de Gezer e Megido.

UMA boa quantidade de material inscrito foi retirada das escavações de Laquis. Uma adaga de bronze de aproximadamente 1700 a.C. contém quatro sinais pictográficos, exemplos da escrita primitiva. Uma tigela e uma jarra contêm espécimes da mesma escrita primitiva encontrada em Serabit el-Khadim. O nome *Gedalias* foi encontrado na alça de um jarro e pode ser o oficial a quem Nabucodonosor deu o comando da terra depois da queda de Jerusalém (ver Jr 40—42).

Conteúdo das Cartas de Laquis

MAS de todas as descobertas epigráficas de Laquis, as mais importantes são as *Cartas de Laquis*. Essas cartas podem ser descritas sucintamente da seguinte forma: a carta número um lista nomes cuja maioria é encontrada no Antigo Testamento.

As cartas dois e cinco consistem basicamente de saudações. A carta três, a mais comprida de todas, contém a maior parte das informações que dizem respeito a movimentos das tropas judaicas e também fazem uma menção interessante de um profeta e de suas palavras de alerta. A carta quatro afirma que Hosafás, embora observasse os sinais de Laquis, não enxergava os de Azeca. A cidade de Azeca pode ter sucumbido antes, pois esta carta declara: “Estamos observando a estação sinaleira de Laquis segundo todos os sinais que estais a dar, porque não conseguimos ver os sinais de Azeca”. A carta seis contém a expressão bíblica “enfraquecer as mãos do povo”. Isso traz à lembrança Jeremias, que usa uma expressão parecida (Jr 38.4).

Importância histórica das cartas

As *Cartas de Laquis* nos fornecem uma visão independente das condições em Judá nos últimos dias antes da queda de Jerusalém. Conforme o exército neobabilônico avançava, a destruição de Jerusalém ia sendo selada, contrastando com sua libertação pelos assírios, sob o rei Senaqueribe, conforme previsto por Isaiás (2 Rs 19.20,32-36).

Incansavelmente, Nabucodonosor atacou a cidade depois de sitiá-la por 18 meses em 587—586 a.C. As muralhas da cidade foram rompidas, as casas e o templo incendiados, e o povo levado para o exílio (2 Rs 25.1-12).

JEREMIAS realizou seu difícil ministério nesta época atribulada. Sua referência a Azeca e Laquis é muito interessante. *Quando o exército do rei de Babilônia pelejava contra Jerusalém, contra todas as cidades de Judá que ficaram de resto, contra Laquis e contra Azeca; porque estas fortes cidades foram as que ficaram dentre as cidades de Judá* (Jr 34.7).

TEL Zacaria, na região de Sefelá, foi identificada como Azeca. Em 1898, foi escavada por Frederick K. Bliss, do Fundo de Exploração da Palestina. Possuía uma maciça fortaleza interna guarnecida por oito grandes torres.

As *Cartas de Laquis* tratam do período pouco antes da tomada da cidade e apresentam as mesmas condições tumultuadas e confusas narradas pelo livro de Jeremias. Diversos nomes de lugar presentes na Bíblia são encontrados nessas cartas, bem como nomes de pessoas. Hosafás aparece em Jeremias 42.1 e Neemias 12.32. Trata-se de Deus pelas quatro letras YHWH, as consoantes do nome *Yahweh*. Também é interessante observar que muitos nomes masculinos terminam em *Yahweh*. Trata-se de um profeta como Jeremias nas cartas. Mas é muito provável que não se trate do Jeremias profeta bíblico.

A destruição pelos babilônios foi absoluta, por isso Judá levou muitos séculos para se recuperar. O remanescente que voltou era pequeno e frágil. O pequenino estado judaico estampava em suas moedas o nome *Yehud*, ou seja, *Judá*, mas só aparecem vestígios arqueológicos substanciais posteriores a 300 a.C., e mesmo assim são poucos. Com certeza, os babilônios cuidaram de devastar o local completamente, destruindo o poder judaico por vários séculos.

A importância paleográfica das cartas

INSCRITAS no mesmo hebraico bíblico das Escrituras do Antigo Testamento, e com estilística

e vocabulário parecidos com o do livro de Jeremias, estas cartas possuem grande importância paleográfica. Ajudam o estudioso a rastrear a evolução do alfabeto hebraico, observando a formação das letras e seu estilo. Também permitem ver qual era a aparência das Escrituras do Antigo Testamento, que foram escritas na mesma época.

É fato que este tipo de pesquisa, que torna possível ao especialista ter uma visão retroativa, ressuscitar o passado e ver como se desenvolvia a linguagem do Antigo Testamento, é fascinante. Têm sido feitos grandes progressos nesse campo de investigações. É um ponto verdadeiramente iluminado no campo dos estudos bíblicos originais. Esse modelo de estudo tem imenso valor na expansão dos contextos históricos e no esclarecimento das Santas Escrituras no plano humano.

Os manuscritos do mar Morto

NA metade do século 20, vimos a grande descoberta de manuscritos da era atual. Em 1947, um jovem pastor beduíno encontrou por acaso uma caverna ao sul de Jericó que continha diversos pergaminhos escritos em hebraico e aramaico e cerca de 600 inscrições fragmentadas.

ISSO causou um grande *frisson* no mundo arqueológico. Em 1952 foram encontradas novas cavernas contendo fragmentos de pergaminhos posteriores em hebraico, grego e aramaico. Essas surpreendentes novas descobertas de manuscritos foram seguidas da notícia de mais manuscritos em outras cavernas da área do mar Morto.

A data dos manuscritos

APÓS estudar intensamente os manuscritos da área do mar Morto, os estudiosos definem três períodos: 1. O período arcaico, por volta de 200—150 a.C.; 2. O período hasmoneu, por volta de 150—30 a.C.; e 3. o período de Herodes, por volta de 30 a.C.—70 d.C. A grande maioria se origina do segundo e do terceiro período, especialmente da última metade do segundo período e da última metade do terceiro.

EMBORA a antiguidade e a autenticidade desses manuscritos tenham sido contestadas, há dois fortes indícios que comprovam sua antiguidade. A prova da *contagem de radiocarbono*, um método de datação científica, situou o pano em que os pergaminhos estavam embrulhados em algum momento entre 175 a.C. e 225 d.C.

Os estudiosos que trabalharam com *indícios paleográficos* datam esses documentos pela forma das letras e pela forma em que estas foram escritas em comparação a outros períodos da escrita. Esses profissionais conseguiram demonstrar que elas vêm do período entre a escrita do terceiro século antes de Cristo e a de meados do primeiro século. W. F. Albright observa:

TODOS os estudiosos competentes de escrita que tiveram amplo contato com o material disponível e com o método paleográfico situam os pergaminhos na data de 250 anos antes de 70 d.C.

O conteúdo dos manuscritos

LITERALMENTE centenas de pergaminhos, e pedaços deles, foram encontrados na escavação de Qumran. Segue-se um resumo dessas descobertas:

NA Caverna 1, encontraram-se sete importantes manuscritos. Dentre eles constavam duas cópias de Isaías, uma completa e outra incompleta; o *Manual da Disciplina*; *Pesher sobre Habacuque* (um comentário); *Hinos de Ação de Graça*; *O Manuscrito da Guerra*; e *Gênesis Apócrifo*. Também foram encontrados nela mais fragmentos de outros manuscritos.

NA Caverna 2, descobriram-se 33 fragmentos. Na Caverna 3, resgataram-se 14 fragmentos. A Caverna 4 rendeu a maior parte dos materiais. Literalmente milhares de fragmentos de manuscritos foram encontrados ali, tanto bíblicos como sectários. Na Caverna 5, foram encontrados 25 fragmentos. A Caverna 6 continha cerca de 30 fragmentos. A Caverna 7 continha 19 fragmentos escritos em grego. Isso foi singular, já que a maioria dos outros pergaminhos e fragmentos de pergaminho estavam escritos em hebraico e aramaico.

Na Caverna 8, havia cinco fragmentos. A Caverna 9 só continha um fragmento. Da Caverna 10, os arqueólogos extraíram um pedaço de cerâmica inscrito. Por fim, na Caverna 11, foram descobertos cerca de 18 fragmentos.

FORAM encontradas ali cópias de todos os livros das Escrituras hebraicas, exceto do livro de Ester. Dentre os livros sectários encontrados, havia o *Manual da Disciplina*, a *Guerra entre os filhos da treva e os da luz*, *O Livro de Jubileus*, e *O Rolo de Cobre*. Desses manuscritos e fragmentos de manuscritos sectários pudemos descobrir muitas coisas sobre o judaísmo na Palestina do primeiro século e também sobre a seita dos essênios, os escribas que copiaram os *Manuscritos do mar Morto*. Os livros bíblicos encontrados são as cópias existentes mais antigas até hoje. Antes da descoberta dos *Manuscritos do mar Morto*, o manuscrito mais antigo das Escrituras hebraicas datava do nono século d.C.

MUITOS manuscritos estão escritos ou em hebraico ou em aramaico, mas temos alguns fragmentos de pergaminho escritos em grego. Os pergaminhos costumam vir escritos em um dos seguintes quatro alfabetos: arcaico, hasmoneu, herodiano ou ornamental.

Outros locais que continham manuscritos

EM 1952, foi descoberta uma caverna em Murabaat, noutra parte do deserto. Ela continha manuscritos principalmente do segundo século d.C. em hebraico, grego e aramaico, inclusive alguns textos de Gênesis, Êxodo, Deuteronômio e Isaías. Descobriram-se diversas cartas hebraicas do período de Simão ben Keseba, ou seja, Bar Kokhba, que liderou a revolta de 132—135 d.C. Uma exceção notável à data do segundo século d.C. desse material é um pedaço de papiro em hebraico arcaico, um palimpsesto, lista de nomes e números, datado do sexto século a.C.

NA mesma área, foram descobertas outras cavernas, um grupo em Khirbet Mird, a nordeste do monastério de mar Saba. Elas continham papiros em árabe, grego e documentos cristão-palestino-sírios, com fragmentos de códices bíblicos,

todos bizantinos tardios e árabes primitivos. Outro grupo de manuscritos data do período da maior parte do material de Murabaat. Dentre eles consta uma versão dos profetas menores em grego e uma coleção de papiros nabateus, ambos de grande importância bíblica e histórica.

As escavações de Khirbet Qumran

KHIRBET Qumran foi escavada entre 1951 e 1954. Essa comunidade essênica, com as cavernas próximas, estabeleceu-se como o centro que mais continha manuscritos. Membros dela copiavam os três manuscritos e preservavam-nos escondendo-os nas cavernas. Os essênios em Khirbet Qumran, a 11 km de Jericó, próximos às margens do mar Vermelho, eram os segundos em importância depois dos fariseus e saduceus no judaísmo sectário. Esse local se tornou um dos lugares mais famosos da Palestina por causa das magníficas descobertas de manuscritos nos montes pontilhados de cavernas.

As escavações em Khirbet Qumran comprovaram sem sombra de dúvida que esse local era o centro do judaísmo essênio. Devido à recuperação de moedas, louça e fragmentos arquitetônicos, agora podemos contar a história da ocupação de Qumran. Foram estabelecidos quatro períodos da história mais recente do local.

Período 1

O primeiro período se estende desde a sua fundação, por volta de 110 a.C. sob o comando de João Hircano. Foram desenterradas várias moedas desse rei, bem como de outros líderes hasmoneus como Antígono, 40—37 a.C., o último rei dessa linhagem, até o sétimo ano de Herodes, 31 a.C. Nesta época, ao que parece, um terremoto soterrou o local.

Período 2

O segundo período de Qumran data da sua reconstrução e ampliação por volta de 1 d.C. até

a destruição romana em junho de 68 d.C. Durante esta era, durante a vida de Jesus, de João Batista e dos primeiros apóstolos de Cristo, Qumran florescia, influenciando o judaísmo e a Igreja cristã primitiva. Encontraram-se moedas datadas do reinado de Arquelaus, 4 a.C. a 6 d.C., e da época dos procuradores romanos até o segundo ano da primeira revolta dos judeus em 66—70 d.C. O exército romano, que tomou Jericó em junho de 68 d.C., evidentemente também capturou Qumran. Uma moeda marcada com um X pertencia à Décima Legião. Com a escavação, encontraram-se pontas de seta de ferro em uma camada de cinza queimada.

Qumran ocupada pelos romanos

ALGUMAS moedas descrevem *Judaea Capta* (a captura da Judéia). Datam do reinado de Tito, 79—81 d.C., e marcam o Período 3, de ocupação romana após a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. Indícios de que as estruturas de Qumran foram convertidas em quartel do exército indicam que uma guarnição romana ficou aquartelada ali no período de 68 d.C. a 100 d.C. Nessa época o local parece ter sido abandonado.

Período 4

QUMRAN é notável pela reocupação do local durante a segunda revolta judaica, de 132—135 d.C. As moedas datadas desta era indicam que este era o último baluarte dos judeus para expulsar os romanos do seu país. Depois disso, Qumran caiu na obscuridade.

Fragmentos arquitetônicos em Qumran

A principal edificação de Qumran tem 30x36m e formava o centro comunitário e a entrada do complexo. No canto noroeste havia uma enorme torre defensiva com grossas muralhas reforçadas por taludes de pedras. Algumas moedas da época da segunda revolta judaica (132—135 d.C.) atestam seu uso como fortaleza contra os romanos.

CONTÍGUO ao salão de reuniões comunal há o maior salão do edifício principal. Nele ficava o *scriptorium*. Muitos tinteiros do período romano e até mesmo um pouco de tinta ressecada indicam que os manuscritos tinham sido copiados pelos escribas da comunidade.

No complexo também havia duas cisternas (reservatórios artificiais) cuidadosamente revestidas com gesso. Havia instalações para abluções e batismos. Das cerca de 40 cisternas e reservatórios, a maioria deles devia ser usada para armazenar água naquele clima tão quente e seco.

O cemitério oferece grande interesse, com cerca de mil túmulos. De Vaux escavou diversas dessas tumbas. São notáveis pela ausência de joias e de qualquer sinal de luxo.

Khirbet Qumran e os essênios

NÃO só as escavações de Khirbet Qumran demonstram que ela era o quartel-general do judaísmo essênio; três autoridades que foram testemunhas contemporâneas atestam o mesmo fato: Josefo, Plínio e Fílon. Plínio, por exemplo, localiza os essênios no preciso local onde é Qumran, ou seja, na banda oeste do mar Morto. Ele também diz que a cidade de En-Gedi se situa abaixo dos essênios.

JOSEFO trata de seu caráter altruísta, de sua diligência e vida comunitária. Ele louva seu amor pelo trabalho cotidiano simples, diz que os essênios se vestiam de branco e tratavam de seu período de experiência de três anos antes da admissão à seita, e outras fases de disciplina. Ele menciona também seus muitos rituais de purificação, dizendo que chegavam ao número de quatro mil. Josefo comenta o celibato deles, sua devoção, suas convicções sobre a imortalidade e sua crença em galardões pela retidão.

FÍLON descreve este grupo do judaísmo de maneira semelhante. A biblioteca de Qumran atesta seu pendor pela Bíblia e pela literatura. Isso fica evidente pela informação que Fílon e Josefo dão. Os essênios copiavam cuidadosamente as Santas Escrituras e preservavam-nas com extremíssimo cuidado.

Escavações recentes em Jerusalém

O jardim de Ofel

UMA das escavações mais instigantes que já aconteceram em Jerusalém nas três décadas passadas também é uma das mais recentes: a escavação ao sul do monte do templo, conhecido como jardim de Ofel. Ali encontramos uma coleção de prédios e estilos arquitetônicos representativos de diversas épocas, do período turco ao período muito anterior do rei Salomão.

As pedras encontradas ali foram usadas na construção de prédios do período do segundo templo, do templo de Herodes, o Grande. São as mesmas pedras retiradas das muralhas do templo pelos romanos quando destruíram o templo em 70 d.C.

O que faz esta escavação ser tão especial? Ela revela muralhas adicionais do templo do período do segundo templo (37 a.C.—70 d.C.). Até o início dos anos 1980, só tínhamos, do templo de Herodes, aquela pequena parte da muralha exterior conhecida como o Muro Ocidental, ou Muro das Lamentações; agora uma nova seção da parede a oeste e a sul foi aberta à visitação pública. Essa nova seção nos ajuda a ver e entender melhor a magnificência que o templo deve ter tido. Certas pedras descobertas aqui pesam aproximadamente 80 toneladas — um dos maiores blocos de construção já vistos em qualquer parte do mundo! Mas há ainda mais.

Os arqueólogos que supervisionaram a maior parte do trabalho são dois renomadíssimos especialistas israelenses, Benjamin Mazar e Meir Ben-Dov. Boa parte de seu trabalho foi publicada em uma excelente obra intitulada *In the Shadow of the Temple* (Jerusalém: Editora Keter, 1982). A riqueza de conhecimento de seu trabalho é tanta que é impossível fazer jus a esta escavação neste texto. Podemos apenas levantar certas descobertas de ambos.

EM primeiro lugar, com o trabalho deles ficamos sabendo de uma rua comprida que percorria toda a muralha ocidental do templo, de mais de

500m de extensão. Ao longo dessa muralha, junto à base, havia lojas, provavelmente para a venda de artigos religiosos usados em casa (tais como a menorá, a mezuzá, os tefilins ou o talit).

ALÉM disso, abaixo do chão, sob a quina sudoeste, encontrou-se uma pedra com a inscrição *lugar de toque de trombeta*. Ela deve ter caído do topo da muralha durante a destruição romana. Segundo os historiadores judeus, o *lugar de toque de trombeta* era conhecido como *pináculo do templo*, lugar de onde o *shofar* ou trombeta de chifre de cordeiro era soprada para anunciar o início e o fim do *Shabat*, da adoração diária do templo, de festivais, dias festivos e feriados. Esse é o mesmo lugar que é identificado com uma das tentações de Cristo contadas nos Evangelhos do Novo Testamento.

ATÉ esta descoberta, presumia-se que o pináculo do templo localizava-se na quina sudeste da muralha do templo, pois ela tinha vista para o vale de Cedrom. Isso não faria qualquer sentido, claro, pois as pessoas que precisavam ouvir o toque da trombeta viviam todas dentro da muralha na cidade baixa e próximas ao monte do templo.

EM segundo lugar, Mazar e Ben-Dov encontraram uma coleção de antigas tinas *miqvé* ou *miqvá* (banheiras de imersão usadas nos rituais judaicos), do primeiro século, na área da escadaria sul de entrada e saída do templo (que serão tratadas com mais detalhes adiante). Essas banheiras *miqvá* seriam usadas por homens que adentravam o templo para adorar e orar, especialmente sacerdotes, para cumprir os requisitos de purificação ritual, pelos quais os judeus tinham verdadeira paixão. Talvez até mesmo Jesus tenha usado essas tinas quando entrou no templo pelo sul.

EM terceiro lugar, ali se encontram duas séries de portões para entrada e saída do templo. Ambas as séries atualmente estão seladas ou fechadas. O portão oriental (conhecido como Portão Oriental de Hulda, chamado assim em homenagem à profetisa Hulda) servia para entrar no átrio dos gentios, o grande átrio que cercava o templo inteiro. O portão ocidental (conhecido como Portão Ocidental de Hulda) servia para sair do templo.

Mas havia uma regra segundo a qual a pessoa em luto podia entrar pela saída e sair pela entrada. Dessa forma, as pessoas sabiam que ela estava de luto e poderiam consolá-la.

POR fim, encontramos aqui as ruínas de uma gigantesca escadaria que levava à área do templo, mas também a um recinto onde os rabinos podiam ensinar reservadamente, de forma não tradicional. Quando um rabino ensinava em público, ensinava dentro do átrio dos gentios, em uma colunata conhecida como Pórtico Real. Essas sessões educativas eram caracterizadas por suas perguntas e respostas, comum estilo judeu de ensino, e eram abertas a qualquer um que quisesse ouvir ou dialogar.

ESSE ensino público acontecia no monte do templo. Mas caso um rabino quisesse ensinar com mais privacidade ou sem abrir para perguntas (noutras palavras: se ele quisesse dar uma palestra), isso aconteceria nos degraus do extremo sul do monte do templo, conhecidos coloquialmente como os Degraus do Ensino. Talvez tenha sido aqui que Jesus disse as palavras registradas em Mateus 23.

EM resumo, esta escavação aumentou grandemente nosso conhecimento destas áreas encontradas fora do monte do templo a sul e sudoeste e deu-nos uma ideia clara da vastidão do templo.

O bairro essênio

ONDE teria acontecido a última ceia? Essa pergunta foi objeto de um acalorado debate por séculos. Finalmente pensamos ter uma resposta! Por séculos, quando os peregrinos cristãos visitavam Jerusalém, eram levados a um “cenáculo” no atual monte Sião; e ali leriam ou contariam a história da última ceia. De fato, esse é um lugar tradicional que não pode ter data segura anterior ao período das Cruzadas, e essa sala era usada como local de oração pelos muçulmanos durante o período turco. Com certeza não é o lugar onde Jesus compartilhou a refeição da Páscoa com Seus discípulos na noite de Sua prisão. Esse local foi destruído há muito tempo.

SE este não foi o local da última ceia, então onde devemos procurá-lo? Nossa resposta está em duas fontes não relacionadas: o Novo Testamento e os escritos de Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século. Em Lucas 22.10-13, lemos:

Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até a casa em que ele entrar. E direis ao pai de família da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? Então, ele vos mostrará um grande cenáculo mobiliado; aí fazei os preparativos. E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a Páscoa.

PARA quem conhece um pouco da cultura judaica, há algo de estranho nesse trecho. No primeiro século, os homens não costumavam carregar água. Isso era visto como trabalho para mulheres. Por que um homem estaria carregando água? Talvez porque fosse um monge essênio.

JOSEFO nos diz que em 31 d.C. houve um grande terremoto, durante o qual o monastério essênio de Qumran foi destruído. Herodes, o Grande, concedeu um lugar na Cidade Alta de Jerusalém aos essênios, para que estabelecessem ali um monastério, e estes transferiram sua sede para Jerusalém.

ESSA área era conhecida como Bairro Essênio. Depois da morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C., os essênios voltaram ao deserto da Judéia e reconstruíram seu monastério em Qumran. Mas deixaram um pequeno grupo de monges para manter seu monastério em Jerusalém. Talvez tenha sido neste lugar que Jesus participou da última ceia, a Páscoa, com Seus discípulos. Não há explicação melhor do porquê deste homem estar carregando água e do porquê de Jesus querer que Seus discípulos seguissem o tal homem.

ONDE se localizava este monastério essênio de Jerusalém? Até a metade dos anos 1980, ninguém tinha qualquer ideia a esse respeito. Por volta desta época, porém, foram encontrados vestígios de um portão não muito longe do

cenáculo tradicional, atrás da Abadia da Dormição no monte Sião, com a inscrição: *Portão dos Essênios*. Agora sabemos onde se localizava o monastério. Uma nova escavação foi providenciada a fim de recuperar o lugar onde Jesus comeu a última ceia com Seus discípulos.

Ebla

O nome árabe atual para este aterro de 57 hectares no noroeste da Síria é Tel Mardikh. Arqueólogos da Universidade de Roma começaram a cavá-lo em 1964. Em 1968 encontraram uma inscrição que identificava este local como a antiga Ebla. Eles descobriram partes de antigas edificações da época dos patriarcas bíblicos (1900—1700 a.C.); e abaixo delas, havia palácios e templos do início da Era do Bronze (2400—2250 a.C.). Foi a descoberta de uma antiga civilização que era até então desconhecida.

DE 1974 a 1976, três quartos do palácio renderam quase sete mil tabuletas de argila bem preservadas e cerca de 13 mil fragmentos de outras tabuletas contendo escrita cuneiforme. Esse arquivo da antiga literatura suméria e cananita é importantíssimo. As tabuletas contêm registros econômicos, políticos e legais de Ebla. (Compreender as culturas dos vizinhos de Israel ajuda a interpretar a Bíblia.) Eles demonstram que Ebla era um império mercantilista. Seus líderes controlavam as rotas comerciais que chegavam ao vale Mesopotâmico, às montanhas da atual Turquia, e à beira do vale do Nilo.

MAIS importante, porém, é o fato de algumas tabuletas serem dicionários — os mais antigos conhecidos — fornecendo os significados das palavras usadas tanto no idioma sumério como no cananita primitivo (eblaíta). (Os idiomas ajudam os arqueólogos a entenderem a cultura dos povos). Diversas palavras cananitas em Ugarit e palavras hebraicas no Antigo Testamento foram compreendidas com mais precisão por também aparecerem nessas tabuletas primitivas.

MUITOS nomes de lugar aparecem nos registros de Ebla, inclusive nomes familiares aos leitores

da Bíblia: Harã, Damasco, Hazor, Bete-Seã, Siquém, Jope, Asquelom, Jerusalém, Dor — e certos sábios pensam que até Sodoma e Gomorra. Como a Bíblia apresenta tais locais como lugares reais, as tabuletas de Ebla ajudam a sustentar sua veracidade histórica.

CERCA de dez mil nomes de pessoas aparecem nessas tabuletas. Entre eles, há nomes bíblicos como Adão, Eva, Noé, Jubal, Abraão, Ismael, Agar, Quetura, Bilá, Israel, Miquéias, Miguel, Saul, Davi, Jeorão e Jonas. Embora esses nomes não se refiram a personagens bíblicos, demonstram que os nomes da Escritura são autênticos.

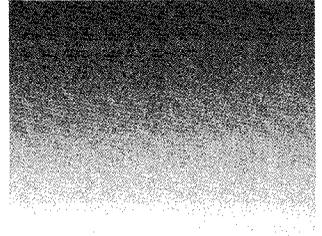
ÀS vezes, porém, as tabuletas contêm histórias míticas e legendárias que entram em conflito com as das Escrituras (por exemplo, relatos diferentes da criação). Casos como esse esclarecem a polêmica dos autores bíblicos contra visões de mundo pagãs.

O projeto de escavação continua até hoje e pode-se esperar dele ainda mais esclarecimentos sobre o significado e a veracidade da Bíblia.

A emocionante história da arqueologia bíblica ainda não está completa

OUTRAS grandes descobertas resultantes da pesquisa contínua das terras bíblicas prometem contribuições ainda maiores aos estudos bíblicos futuramente. Por exemplo, a recuperação de 13 códices coptas de Nag-Hammadi, no Alto Egito, desde 1945, praticamente rivalizou com a descoberta dos *Manuscritos do mar Morto* em importância bíblica prática. Incluem até mesmo o *Evangelho de Tomás*, apócrifo, e têm valor inestimável, especialmente de um ponto de vista crítico, para datar a literatura do Novo Testamento.

QUE novas descobertas interessantes sobre a Bíblia podemos esperar a seguir dos arqueólogos? Esta perspectiva deve gerar amor pelas Escrituras e o desejo de estudá-las pelo viés histórico, linguístico e arqueológico, sob a orientação do Espírito Santo, para uma compreensão mais precisa da Bíblia para a humanidade.



HISTÓRICO DA IGREJA ATUAL

COMO SE FORMARAM OS TRÊS PRINCIPAIS RAMOS DO CRISTIANISMO

A organizada Igreja dos tempos modernos se compõe de três ramificações principais: a ortodoxa, a católica romana e a protestante. Esses três segmentos do cristianismo se desenvolveram ao longo de quinze séculos. A Igreja cristã dos primeiros séculos era unificada estruturalmente e ainda não era dividida em três, conforme hoje a conhecemos. Somente pelos acontecimentos dos séculos seguintes estas designações particulares começaram.

ORIGINALMENTE, a Igreja primitiva possuía centros espalhados por todo o império romano, cada um presidido por um bispo que conduzia as atividades da Igreja em sua própria região. Os principais centros do segundo século eram Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Éfeso e Roma.

MAIS tarde, a influência de Éfeso decaiu, e a influência de Jerusalém se

reduziu após sua destruição em 70 d.C. e a paganização de Israel pelos romanos depois da revolta de Bar Kokhba em 135 a.C. Antes do sexto século, não existia bispo algum visto como superintendente de toda a Igreja de Cristo no império; em vez disso, havia cinco patriarcas independentes que partilhavam, equânimes, a supervisão.

ENTRETANTO, o bispo de Roma Gregório Magno começou a ser reconhecido como o principal de todos. Com base nisso, tem-se que a formalização da Igreja católica romana pode ter sido assinalada no final do sexto século. Enquanto isso, a igreja oriental desfrutava de considerável independência de Roma e acabou ficando conhecida como a Igreja ortodoxa. O seu líder era o bispo de Constantinopla, a capital oriental do império romano.

BREVE OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA IGREJA PROTESTANTE

PERÍODO	PESSOAS
ANTIGO IGREJA primitiva (30—100)	Os apóstolos; Clemente de Roma (30—100); Papias (60—130); Policarpo (69—160); Inácio de Antioquia (falecido em 117); Hermas (falecido em 140)
IGREJA emergente (100—325)	JUSTINO, o Mártir (100—165); Taciano (110—172); Irineu (130—200); Teófilo (falecido em 181); Clemente de Alexandria (150—215); Tertuliano (150—220); Hipólito (170—246); Orígenes (185—254); Ário (250—336); Eusébio de Cesaréia (263—339); Atanásio (296—373); Apolinário (310—390); Alexandre de Alexandria (falecido em 328)
IGREJA conquistadora (325—600)	HILÁRIO de Poitiers (315—368); Cirilo de Jerusalém (315—386); Constantino I (falecido em 337); Gregório de Nazianzo (330—389); Gregório de Nissa (331—395); Basílio Magno (339—379); Ambrósio de Milão (340—397); Cirilo de Alexandria (376—444); João Crisóstomo (345—407); Jerônimo (345—420); Agostinho de Hipona (354—430); Pelágio (360—420); João Cassiano (360—435); Nestório (falecido em 451); Patrício (387—461); Leão I (falecido em 461); Gregório Magno (540—604)
MEDIEVAL ASCENDÊNCIA da Igreja romana (600—1300)	MÁXIMO, o Confessor (580—662); Beda (673—735); Bonifácio (680—754); João Damasceno (676—754); Carlos Magno (747—814); Godescalco (falecido em 868); Anselmo (1033—1109); Pedro Abelardo (1079—1142); Bernardo de Clairvaux (1090—1153); Francisco de Assis (1181—1226); Tomás de Aquino (1225—1274); John Duns Scot (1265—1308); William de Ockham (1285—1349)
IGREJA da Reforma (1300—1550)	JOHN Wycliffe (1329—1384); João Huss (1370—1415); Martinho Lutero (1483—1546); Ulrich Zwingli (1484—1531); Johann Maier de Eck (1486—1543); William Tyndale (1490—1536); Menno Simons (1496—1561); Filipe Melâncton (1497—1560); Felix Manz (1498—1527); João Calvino (1509—1564); John Knox (1513—1572); Jacobus Arminius (1560—1609)
MODERNA IGREJA denominacional (1550—1800)	JOHN Cotton (1585—1652); Oliver Cromwell (1599—1658); John Milton (1608—1674); John Bunyan (1628—1688); George Fox (1624—1691); William Penn (1644—1718); Matthew Henry (1662—1714); Jonathan Edwards (1703—1758); John Wesley (1703—1791); George Whitefield (1714—1770); Frances Asbury (1745—1816); Timothy Dwight (1752—1817); William Wilberforce (1759—1833); William Carey (1761—1834); Alexander Campbell (1788—1866)
IGREJA global (1800—ATUALIDADE)	CHARLES G. Finney (1792—1875); John Darby (1800—1882); George Mueller (1805—1898); William Booth (1829—1912); J. Hudson Taylor (1832—1905); Charles H. Spurgeon (1834—1892); Dwight L. Moody (1837—1899); C. S. Lewis (1898—1963); Billy Graham (nascido em 1918); Martin Luther King, Jr. (1929—1968)

EVENTOS	FATORES
<p>DIA de Pentecostes (30); conversão de Paulo (35); Concílio de Jerusalém (49); martírio de Paulo e Pedro (67); destruição de Jerusalém (70); primeira grande perseguição pelo imperador Domiciano (90—96); morte do apóstolo João (100)</p>	<p>DESCE o Espírito Santo; escrevem-se os livros do Novo Testamento; judeus e gentios se unem na Igreja; gnosticismo primitivo</p>
<p>PRIMEIRA perseguição universal sob o imperador Décio (250); as igrejas começam a adquirir imóveis para suas reuniões; Constantino derrota Magêncio sob o signo da cruz (312); Édito de Milão legaliza o cristianismo (313); o cristianismo torna-se a religião oficial do império (321); concílio eclesiástico em Nicéia (325)</p>	<p>ESCLARECIMENTO das doutrinas da Trindade e da divindade de Jesus Cristo</p>
<p>CONSTRUÇÃO de Constantinopla; Concílios de Constantinopla (381 e 553); Concílio de Éfeso (431); Concílio de Calcedônia (451)</p>	<p>HERESIAS do: macedonianismo, nestorianismo, apolinarianismo, monotelitismo, monofisismo, eutiquianismo, pelagianismo; ensinamentos de Agostinho sobre pecado e predestinação; identificação da Igreja com o Estado</p>
<p>CONTROVÉRSIA iconoclasta; desenvolvimento do estilo de vida monástico; conversão de povos europeus; Concílio de Nicéia (787); cisma entre a Igreja ocidental e a oriental; reforma do papado (século 11); inquisição</p>	<p>DUPLA predestinação (Godescalco); era da Escolástica; emprego de ícones; passagem do pensamento platônico ao aristotélico; teologia natural de Tomás de Aquino</p>
<p>SURGIMENTO de grupos pré-Reforma como os valdenses e lollardistas; reforma na Alemanha, Suíça e Holanda; contrarreforma; Concílio de Trento</p>	<p>NACIONALISMO; sacerdócio dos crentes; justificação apenas pela fé; afirmação da autoridade da Escritura</p>
<p>SÍNODO de Dort; Guerra Civil Inglesa; migração puritana; ascensão do metodismo; o Grande Despertamento; início do movimento das missões modernas</p>	<p>DIVISÃO teológica calvinista/arminianista; socinianismo; ideias iluministas; governo republicano nos Estados Unidos; ceticismo</p>
<p>CISMA nas denominações americanas devido à Guerra Civil; ascensão do mormonismo, Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã; movimento ecumênico; Conselho Mundial de Igrejas; Associação Nacional de Evangélicos; cruzadas evangelistas em massa</p>	<p>LIBERALISMO teológico; pentecostalismo; fundamentalismo; neo-ortodoxia; ascensão das religiões orientais e da Nova Era; ressurgimento evangélico</p>

O ramo protestante do cristianismo separou-se da Igreja católica romana no século 16, depois da Reforma liderada por Martinho Lutero. A Reforma, que dava ênfase à Escritura e minimizava a tradição como o padrão da doutrina eclesiástica, concluiu uma separação de Roma que havia sido iniciada por cristãos dissidentes desde o século 13.

Fatos históricos que antecederam a Reforma protestante

Heresias

Os erros de doutrina surgiram na Igreja cristã quase ao mesmo tempo em que foi fundada. Os apóstolos contendiam com falsos ensinamentos sobre os requisitos para se ser justo perante Deus (legalismo) e sobre a natureza do corpo físico de Cristo e da própria realidade (formas primitivas do gnosticismo).

ENTRE o primeiro século e a era atual, surgiram diversas heresias: os ebionitas negavam a real divindade de Cristo, assim como os monarquianistas dinâmicos e os arianistas; os modalistas negavam a Trindade; os eutiquianos e os nestorianos não aceitavam a doutrina da pessoa de Cristo em Sua natureza humana. Estes são apenas alguns dos erros mais conhecidos, muitos dos quais se encontram em seitas contemporâneas. Outras heresias tratavam do problema do pecado humano (pelagianismo) e da natureza da expiação. A heresia teve sim o resultado positivo de forçar a Igreja a definir mais claramente a doutrina bíblica ortodoxa, que se expressou, em boa parte, em vários credos.

As perseguições

A Igreja primitiva passou por dez tipos de perseguições. As perseguições mais cruéis e difundidas foram a de Domiciano no final do século 1 (c. 90—96), a de Décio (249—51) em meio à celebração do milésimo aniversário da fundação de Roma, na qual existiu uma grande pressão para

se voltar às religiões antigas; e, finalmente, a mais severa de todas: a perseguição de Diocleciano (303—311). Mas a Igreja superou estas tribulações e fortaleceu-se ainda mais.

Constantino

LOGO após a perseguição de Diocleciano, um imperador que o sucedeu, Constantino, tornou-se cristão. Ele começou a usar a máquina de seu governo romano para fortalecer a fé a que se convertera, e por fim declarou o cristianismo a religião oficial do império. A mãe de Constantino, Helena, que também era cristã, ouviu falar da desatenção a muitos dos locais bíblicos na Terra Santa, e viajou até lá para garantir a sua proteção por meio da construção de santuários, alguns dos quais se situam abaixo de igrejas antigas. Constantino foi crucial na pregação da afirmação da divindade de Cristo no Concílio de Nicéia, conforme expresso pelo Credo de Nicéia.

Maomé

No sétimo século, um árabe chamado Maomé alegou ter tido revelações de Deus, que com o tempo originaram o Corão e a fé islâmica. Maomé alegou que sua fé era a revelação final de Deus, embora reconhecesse a validade de revelações anteriores concedidas a Moisés e a Jesus, os quais considerava grandes profetas. Ele fez valer essa nova fé por meio do fio de sua espada, e, por fim, acabou conquistando diversas terras que já haviam sido predominantemente cristãs. Esses acontecimentos acabaram originando as Cruzadas, que duraram do século 9 ao 13.

As Cruzadas

UM movimento para libertar a Terra Santa dos conquistadores muçulmanos iniciou-se no século 11. A primeira cruzada conseguiu capturar as principais cidades da Ásia Menor e a cidade de Jerusalém. Depois dessas, aconteceram diversas outras que, no fim, não obtiveram êxitos duradouros. Para atrair soldados para essas cruzadas,

oferecia-se aos candidatos a alistamento a entrada direta no céu caso morressem, ou o perdão de dívidas e a isenção dos impostos caso vivessem.

A Reforma

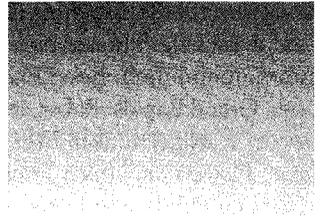
O ramo romano da Igreja desfrutava de influência irrestrita no Ocidente desde o século 6 até a Reforma do século 16, que buscava restaurar a antiga fé dos primeiros séculos. Os centros da Reforma foram a Alemanha, com Martinho Lutero; a Suíça, com João Calvino e Uldrych Zwingli; e a Escócia, com John Knox.

Como o cristianismo influenciou a história secular

COMO seria a vida se Cristo não tivesse vindo e o cristianismo não tivesse se espalhado pelo mundo? Provavelmente seria muito diferente.

Embora a Grécia tenha dado à civilização ocidental grande contribuição na arte, na filosofia e na literatura, e Roma tenha dado legislação e governo, foi a visão de mundo cristã que deu ensejo à ciência moderna, ao empenho em amenizar a pobreza, à educação universal e aos ideais de igualdade e liberdade consagrados nos documentos de tantos governos.

O Deus da ordem e da beleza deu ensejo à visão de que a natureza era previsível e ordenada. A crença cristã de que toda a humanidade foi criada por Deus serviu como alicerce à verdade axiomática da vida, da liberdade e da busca pela felicidade. Como as pessoas foram criadas à imagem de Deus, são valiosas independente de sua situação na vida, riqueza ou utilidade à sociedade. Ajudam-se, educam-se e protegem-se simplesmente porque foram feitas à imagem de Deus. A perda desses ideais cristãos certamente seria um trágico prejuízo ao bem-estar da humanidade.



BIBLIOGRAFIA GERAL

Atlas e mapas da Bíblia

AHARONI, Yohanan. *The MacMillan Bible Atlas*. New York: MacMillan Publishing, 1993.

BRISCO, Thomas V. *Holman Bible Atlas*. Nashville: Broadman and Holman, 1992.

DOWLEY, Tim (ed). *Atlas of the Bible and Christianity*. Grand Rapids: Baker, 1995.

FRANK, Harry T. *Atlas of the Bible Lands*. Nashville: Broadman and Holman, 1994.

JENKINS, Simon. *Nelson's 3-D BibleMapbook*. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

NELSON's *Complete Book of Bible Maps and Charts, Updated and Revised*. Nashville: Thomas Nelson, 1996.

PATERSON, John H., WISEMAN, Donald J., BIMSON, John J., and KANE, John P. *New Bible Atlas*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

PFEIFFER, Charles F. *Baker's Bible Atlas*. Grand Rapids: Baker, 1990.

PRITCHARD, James B. (ed). *The HarperCollins Concise Atlas of the Bible*. San Francisco: HarperCollins, 1994.

RASMUSSEN, Carl G. *Zondervan NIV Atlas of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

SMITH, Marsha E. *Holman Book of Biblical Charts, Maps, and Reconstructions*. Nashville: Broadman and Holman, 1994.

WRIGHT, G. Ernest, and FILSON, Floyd V. *Westminster Historical Maps of Bible Lands*. Louisville: Westminster-John Knox Press, 1995.

História, costumes e fatos abordados na Bíblia

ANDERSON, Ken. *Where to Find It In the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

ARCHER, Gleason. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

BATCHELOR, M. K. *Nelson's Illustrated Bible Companion*. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

BELL, Albert A. Jr. *Exploring the New Testament World*. Nashville: Thomas Nelson, 1998.

BIMSON, John J. (ed). *Baker Encyclopedia of Bible Places*. Grand Rapids: Baker, 1993.

HEPPER, F. Nigel. *Baker Encyclopedia of Bible Plants: Flowers and Trees, Fruits and Vegetables, Ecology*. Grand Rapids: Baker, 1992.

KEENER, Craig S. *The TVP Bible Background Commentary: New Testament*. Downers Grove: InterVarsity, 1997.

MILLARD, Alan. *Nelson's Illustrated Wonders and Discoveries of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1997.

PACKER, J.I., and TENNY, M.C. (eds). *Illustrated Manners and Customs of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1980.

PACKER, J.I., TENNY, M.C., and WHITE JR., William (eds). *Nelson's Illustrated Encyclopedia of Bible Facts*. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

SMITH, Jerome H. *The New Treasury of Scripture Knowledge*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

VOS, Howard F. *Nelson's New Illustrated Bible Manners & Customs*. Nashville: Thomas Nelson, 1999.

WALTON, John H. *The IVP Bible Background Commentary: Genesis—Deuteronomy*. Downers Grove: InterVarsity, 1997.

Concordâncias bíblicas

GOODRICK, Edward W., and KOHLENBERGCR, John R. *The NIV Exhaustive Concordance*. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

KOHLENBERGCR, John R. (ed). *The NRSV Concordance, Unabridged*. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

New King James Version Exhaustive Concordance. Nashville: Thomas Nelson, 1994.

STRONG, James (ed). *The New Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1994.

THOMAS, Robert L. (ed). *New American Standard Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville: Holman Bible Publishers, 1992.

YOUNG, Robert. *Young's Analytical Concordance to the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1989.

YOUNGBLOOD, Ronald R. *Nelson's New Comfort Print Bible Concordance*. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

----- . *Nelson's Quick Reference Bible Concordance*. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

Dicionários e enciclopédias bíblicas

DICTIONARY of the Later New Testament and his Development. Downers Grove: InterVarsity, 1997.

BROMILEY, G.W. (ed). *The International Standard Bible Encyclopedia*. 4 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

COUCH, Mai (ed). *Dictionary of Premillennial Theology*. Grand Rapids: Kregel, 1996.

DOUGLAS, J.D. *The NIV Compact Dictionary of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1989.

DRANE, John (ed). *Nelson's Illustrated Encyclopedia of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1998.

ELWELL, Walter A. (ed). *Evangelical Dictionary of Biblical Theology*. Grand Rapids: Baker, 1996.

----- . *Evangelical Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Baker, 1984.

GREEN, Joel B., MCKNIGHT, Scot, and HOWARD, Marshall I. (eds). *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

HAWTHORNC, Gerald R., MARTIN, Ralph, and REID, Daniel G. (eds). *Dictionary of Paul and His Letters*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

HOLMAN Concise Bible Dictionary. Nashville: Broadman and Holman, 1994.

HOWARD, Marshall I., MILLARD, A.R., PACKER, J.I., and WISEMAN, D.J. *New Bible Dictionary*. Downers Grove: InterVarsity, 1996.

NELSON'S Three-in-One Bible Reference Companion. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

RICHARDS, Lawrence O. *The Revell Bible Dictionary, Deluxe Color Edition, 2nd ed.* New York: Wynwood Press, 1994.

SMITH, William. *Smith's Bible Dictionary*. Nashville: Thomas Nelson, 1991.

TCNNY, Merrill C. *The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

YOUNGBLOOD, Ronald R., BRUCE, F.R., and HARRISON, R.K. *Nelson's New Illustrated Bible Dictionary*. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

Manuais bíblicos

BEERS, V. Gilbert. *The Victor Handbook of Bible Knowledge*. Colorado Springs: Cook Communications, 1995.

BOA, Kenneth, and WILKINSON, Bruce. *Talk Thru the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

BUTLER, Trent C. (ed). *Holman Bible Handbook*. Nashville: Broadman and Holman, 1996.

MILLER, Stephen M. *How to Get Into the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1998.

RICHARDS, Lawrence O. *Richards' Complete Bible Handbook*. Nashville: Thomas Nelson, 1987.

WIERSBE, Warren. *With the Word: The Chapter-by-Chapter Bible Handbook*. Nashville: Thomas Nelson, 1994.

Apresentações e teologias bíblicas básicas

GEISLER, Norman L., and MIX, William E. *A General Introduction to the Bible*. Chicago: Moody Press, 1991.

BARCLAY, William. *A Beginner's Guide to the New Testament*. Louisville: Westminster-John Knox, 1995.

GROMACKI, Robert G. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Baker, 1989.

GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction*. Revised Edition. Downers Grove: InterVarsity, 1990.

-----, *New Testament Theology*. Downers Grove: InterVarsity, 1981.

KAISER, Walter C. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

RYRIE, Charles C. *Biblical Theology of the New Testament*. Chicago: Moody Press, 1987.

SMITH, Ralph L. *Old Testament Theology: Its History, Method, and Message*. Nashville: Broadman and Holman, 1993.

ZUCK, Roy B. (ed). *A Biblical Theology of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1991.

ZUCK, Roy B. (ed). *A Biblical Theology of the New Testament*. Chicago: Moody Press, 1994.

Estudos etimológicos

BARCLAY, William. *New Testament Words*. Louisville: Westminster-John Knox, 1997.

BROMILEY, Geoffrey W. *Theological Dictionary of the New Testament: Abridged in One Volume*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.

HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L., and WALTKE, Bruce K. (eds). *Theological Wordbook of the Old Testament*. Vol. 2. Chicago: Moody Press, 1988.

RICHARDS, Lawrence O. *The Expository Dictionary of Bible Words*. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

STRONG, James. *The New Strong's Complete Dictionary of Bible Words*. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

VINE, W.E., UNGER, Merrill F., and WHITE JR., William. *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

WUEST, Kenneth. *Word Studies in the Greek New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

Referência bíblica eletrônica (CD-ROM)

NELSON'S *Electronic Bible Reference Library*. Nashville: Thomas Nelson, 1997.

Comentário de Gênesis

ATKISON, David. The Message of Genesis 1—11, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

BALDWIN, Joyce G. The Message of Genesis 12—50, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

BRISCOE, Stuart. Genesis, in: OGILVIE, Lloyd, J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

- DAVIS, John J. *Paradise to Prison: Studies in Genesis*. Grand Rapids: Baker, 1994.
- KIDNER, Derek. Genesis, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- ROSS, Allen P. *Creation and Blessing: A Guide to the Study and Exposition of Genesis*. Grand Rapids: Baker, 1988.
- STEVENS, Sherrill G. Genesis, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- VOS, Howard F. Genesis, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Êxodo

- CATE, Robert L. Exodus, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- COLE, R. Alan. Exodus, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- DUNNAM, Maxie D. Exodus, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- YOUNGBLOOD, Roland F. Exodus, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Levítico

- ALLEN, Ronald B. Numbers, in: GAEBELEIN, Frank E. (ed). *The Expositor's Bible Commentary*. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1990.
- DEMAREST, Gary D. Leviticus, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- HARRISON, R.K. Leviticus, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- HONEYCUTT, Roy L. Leviticus-Deuteronomy, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- SCHULTZ, Samuel. Leviticus, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press.

Comentário de Números

- JENSEN, Irving L. Numbers: Journey to God's Rest-Land, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- PHILIP, James. Numbers, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- WENHAM, Gordon J. Numbers, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

Comentário de Deuterônimo

- BROWN, Raymond. The Message of Deuteronomy, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.
- MAXWELL, John. Deuteronomy, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- SCHUTZ, Samuel. Deuteronomy, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- THOMPSON, J.A. Deuteronomy, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

Comentário de Josué

- HESS, Richard. Joshua, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- HUFFMAN, John. Joshua, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- JENSEN, Irving L. Joshua, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- KENT, Dan G. Joshua-Ruth, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- REDPATH, Alan. *Victorious Christian Living: Studies in the Book of Joshua*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993.

Comentário de Juízes e Rute

CUNDALL, Arthur E., and MORRIS, Leon. Judges and Ruth, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

DE HANN, M.R. *The Romance of Redemption: Studies in the Book of Ruth*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

JACKMAN, David. Judges, Ruth, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

LEWIS, Arthur. Judges and Ruth, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994

WILCOCK, Michael. The Message of Judges, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

WISEMAN, Luke H. *Practical Truths from Judges*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

WOOD, Leon. *Distressing Days of Judges*. Grand Rapids: Zondervan, 1975.

Comentário de 1 e 2 Samuel

BALDWIN, Joyce G. 1 and 2 Samuel, in: WISEMAN D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

CHAFIN, Kenneth L. 1, 2 Samuel, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

LEWIS, Joe O. 1 and 2 Samuel, 1 Chronicles, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

Comentário de 1 e 2 Reis

DILDAY, Russell. 1,2 Kings, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

HUBBARD, Robert L. 1 and 2 Kings, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

WISEMAN, Donald J. 1 and 2 Kings, in: WISEMAN D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

Comentário de 1 e 2 Crônicas

ALLEN, Leslie. 1,2 Chronicles, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

CATE, Robert L. 2 Chronicles, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

SAILHAMER, John. 1 and 2 Chronicles, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

SELMAN, Martin J. 1 and 2 Chronicles, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

WILCOCK, Michael. The Message of Chronicles, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Esdras, Neemias e Ester

ANDREWS, Gini. *Esther: The Star and the Sceptre*. Grand Rapids: Zondervan, 1980.

BALDWIN, Joyce G. Esther, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

KIDNER, Derek. Ezra and Nehemiah, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

LANEY, J. Carl. Ezra and Nehemiah, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

OWENS, Mary F. Ezra-Job, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

REDPATH, Alan. *Victorious Christian Service: Studies in the Book of Nehemiah*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993.

ROBERTS, Mark. Ezra-Nehemiah, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

WHITCOMB, John. Esther: Triumph of God's Sovereignty, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Jó

- ANDERSEN, Francis I. Job, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- ATKINSON, David. The Message of Job, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.
- MCKENNA, David. Job, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- ZUCK, Roy B. Job, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Salmos

- ALDEN, Robert. Psalms, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- KIDNER, Derek. Psalms 1—72, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- , Psalms 73—150, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- MCEACHERN, Alton H. Psalms, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- SCROGGIE, W. Graham. *A Guide to the Psalms*. Grand Rapids: Kregel, 1995.
- WILLIAMS, Donald. Psalms 1—72, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- , Psalms 73—150, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

Comentário de Provérbios

- ALDEN, Robert L. *Proverbs: A Commentary on an Ancient Book of Timeless Advice*. Grand Rapids: Baker, 1983.
- ARNOT, William. *Studies in Proverbs*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

- ATKINSON, David. The Message of Proverbs, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.
- HUBBARD, David A. Proverbs, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- IRONSIDE, Henry A. *Proverbs*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1997.
- JOHNSON, L.D. Proverbs-Song of Solomon, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.
- KIDNER, Derek. Proverbs, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

Comentário de Eclesiastes

- EATON, Michael. Ecclesiastes, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.
- GARRETT, Duane A. Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs, in: *The New American Commentary*. Nashville: Broadman and Holman, 1993.
- GLENN, Donald R. Ecclesiastes, in: *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*. Colorado Springs: Cook Communications, 1994.
- HUBBARD, David A. Ecclesiastes, Song of Solomon, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.
- KAISER, Walter. Ecclesiastes, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- KIDNER, Derek. The Message of Ecclesiastes, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Cantares

- CARR, G. Lloyd. The Song of Solomon, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

DILLOW, Joseph C. *Solomon on Sex*. Nashville: Thomas Nelson, 1982.

GLEDHILL, Tom. *The Message of the Song of Songs*, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

GLICKMAN, S. Craig. *A Song of Lovers*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

IRNSIDE, Henry A. *Song of Solomon*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1996.

Comentário de Isaías

BUTLER, Trent C. *Isaiah*, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

IRNSIDE, Henry A. *Isaiah*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1996.

MARTIN, Alfred. *Isaiah*, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

MCKENNA, David. *Isaiah 1—39*, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

-----, *Isaiah 40—66*, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

REDPATH, Alan. *Faith for the Times: Studies in the Book of Isaiah*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993.

VINE, W.E. *Vine's Expository Commentary on Isaiah*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

WEBB, Barry. *The Message of Isaiah*, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Jeremias e Lamentações

DALGLISH, Edward R. *Jeremiah and Lamentations*, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

GODDARD, Burton L. *Meet Jeremiah*. Grand Rapids: Kregel, 1990.

GUEST, John. *Jeremiah, Lamentations*, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

HARRISON, R.K. *Jeremiah and Lamentations*, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

HUEY, F.B. *Jeremiah, Lamentations*, in: *The New American Commentary*. Nashville: Broadman and Holman, 1993.

JENSEN, Irving. *Jeremiah and Lamentations*, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

KIDNER, Derek. *The Message of Jeremiah*, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Ezequiel

ALEXANDER, Ralph. *Ezekiel*, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

COOPER, Lamar E. *Ezekiel*, in: *The New American Commentary*. Nashville: Broadman and Holman, 1994.

FEINBERG, Charles L. *The Prophecy of Ezekiel: The Glory of the Lord*. Chicago: Moody Press, 1969.

HUEY, F.B. *Ezekiel-Daniel*, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

IRNSIDE, Henry A. *Ezekiel*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1997.

STUART, Douglas. *Ezekiel*, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

TAYLOR, John B. *Ezekiel*, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

Comentário de Daniel

ANDERSON, Sir Robert. *Daniel in the Critics Den*. Grand Rapids: Kregel, 1988.

BALDWIN, Joyce G. *Daniel*, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

DE HANN, M.R. *Daniel the Prophet*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

FERGUSON, Sinclair. Daniel, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

IRONSIDE, Henry A. *Daniel*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1996.

MCDOWELL, Josh. *Daniel in the Critics' Den: Historical Evidence for the Authenticity of the Book of Daniel*. San Bernardino: Here's Life Publishers, 1990.

MILLER, Stephen R. Daniel, in: *The New American Commentary*. Nashville: Broadman and Holman, 1994.

WALLACE, Ronald S. The Message of Daniel, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

WHITCOMB, John. Daniel, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

WOOD, Leon. *A Commentary on Daniel*. Grand Rapids: Zondervan, 1973.

Comentário de Oséias

COHEN, Gary C, and VANDERMEY, H. Ronald. Hosea, Amos, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

FEINBERG, Charles L. *The Minor Prophets*. Chicago: Moody Press, 1990.

HUBBARD, David A. Hosea, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

KIDNER, Derek. The Message of Hosea, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

OGILVIE, Lloyd J. Hosea, Joel, Amos, Obadiah, Jonah, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

SMITH, Billy K. Hosea-Jonah, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

Comentário de Joel e Amós

FINLEY, Thomas J. Joel, Obadiah, and Micah, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

HUBBARD, David A. Joel and Amos, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

MOTYER, J.A. The Message of Amos, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Obadias, Jonas e Miquéias

BAKER, David W., DESMOND, Alexander, and WALTKE, Bruce. Obadiah, Jonah, and Micah, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

KAISER, Walter C. Jr. Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zechariah, Malachi, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

KELLY, Page H. Micah-Malachi, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

Comentário de Naum, Habacuque e Sofonias

BAKER, David W. Nahum, Habakkuk, and Zephaniah, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

COGGINS, Richard J., and REEMI, S. Paul. *Nahum, Obadiah, and Esther: Israel Among the Nations*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

MAIER, Walter A. *The Book of Nahum*. Grand Rapids: Baker, 1992.

ROBERTSON, O. Palmer. *The Books of Nahum, Habakkuk, and Zephaniah*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Comentário de Ageu, Zacarias e Malaquias

BALDWIN, Joyce G. Haggai, Zechariah, and Malachi, in: WISEMAN, D.J. (ed). *Tyndale Old Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

KAISER, Walter C. *Malachi: God's Unchanging Love*. Grand Rapids: Baker, 1994.

LANEY, J. Carl. Zechariah, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

UNGER, Merrill F. *Zechariah: Prophet of Messiah's Glory*. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

WOLF, Herbert. *Haggai, Malachi: Rededication and Renewal*. Chicago: Moody Press, 1991.

WRIGHT, Charles H. *Zechariah and His Prophecies*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

Comentário de Mateus

AUGSBERGER, Myron S. Matthew, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

CRISSEY, Clair M. Matthew, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

FRANCE, R.T. Matthew, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

KEENER, Craig S. Matthew, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

STOTT, John R.W. The Message of the Sermon on the Mount, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

TOUSSAINT, Stanley D. *Behold the King: A Study of Matthew*. Portland: Multnomah Press, 1980.

WALVOORD, John F. *Matthew: Thy Kingdom Come*. Chicago: Moody Press, 1974.

Comentário de Marcos

COLE, R. Alan. Mark, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

EARLE, Ralph. Mark: Gospel of Action, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

ENGLISH, Donald. The Message of Mark, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

GARLAND, David E. Mark, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

GODWIN, Johnnie C. Mark, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

MCKENNA, David L. Mark, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

Comentário de Lucas

BENWARE, Paul. Luke: Gospel of the Son of Man, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

BOCK, Darrell L. Luke, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

DEAN, Robert J. Luke, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

LARSON, Bruce. Luke, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

MORRIS, Leon. Luke, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

WILCOCK, Michael. The Message of Luke, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de João

CARTER, James E. John in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

FREDERICKSON, Roger L. John, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

LANEY, J. Carl. John, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

MILNE, Bruce. The Message of John, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

TASKER, R.V.G. John, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

VINE, W.E. *Vine's Expository Commentary on John*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

Comentário de Atos dos Apóstolos

DE HANN, M.R. *Pentecost and After: Studies in the Book of Acts*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

AJITH, Fernando. Acts, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

LARKIN, William J. Acts, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

MARSHALL, I. Howard. Acts, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

MADDOX, Robert L. Acts, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

OGILVIE, Lloyd J. Acts, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

RAMSAY, William M. *Historical Commentary on Acts*. Grand Rapids: Kregel, 1989.

RYRIE, Charles R. Acts of the Apostles, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Romanos

BRISCOE, D. Stuart. Romans, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

BRUCE, F.F. Romans, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

HALDANE, Robert. *Commentary on Romans*. Grand Rapids: Kregel, 1989.

IRONSIDE, Henry A. *Romans*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1996.

JOHNSON, Alan. Romans: The Freedom Letter, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

MACGORMAN, J.W. Romans, 1 Corinthians, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

PRIDHAM, Arthur. *Notes on Romans*. Grand Rapids: Kregel, 1984.

Comentário de 1 Coríntios

BLOMBERG, Craig L. 1 Corinthians, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

CHAFIN, Kenneth L. 1, 2 Corinthians, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

DE HANN, M.R. *Studies in First Corinthians*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

MORRIS, Leon. 1 Corinthians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

PRIOR, David. The Message of 1 Corinthians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

REDPATH, Alan. *The Royal Route to Heaven: Studies in First Corinthians*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993.

Comentário de 2 Coríntios

BARNETT, Paul. The Message of 2 Corinthians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

BELLEVILLE, Linda L. 2 Corinthians, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

GEORGE, David C. 2 Corinthians-Ephesians, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

HUGHES, Robert B. 2 Corinthians, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

KRUSE, Colin. 2 Corinthians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

REDPATH, Alan. *Blessings Out of Buffetings: Studies in Second Corinthians*. Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1993.

Comentário de Gálatas

COLE, R. Alan. Galatians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

DE HANN, M.R. *Studies in Galatians*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

DUNNAM, Maxie D. Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, and Philemon, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

HENSEN, G. Walter. Galatians, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

McKNIGHT, Scot. Galatians, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

STOTT, John R.W. The Message of Galatians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

VINE, W.E. *Vine's Expository Commentary on Galatians*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

Comentário de Efésios

FOULKES, Francis. Ephesians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

LIEFIELD, Walter L. Galatians, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

SNODGRASS, Klyne. Ephesians, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

STOTT, John R.W. The Message of Ephesians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

Comentário de Filipenses

MARTIN, Ralph P. Philippians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

MOTYER, J.A. The Message of Philippians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

THIELMAN, Frank. Philippians, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

TOLBERT, Malcolm O. Philippians-Philemon, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

WALVOORD, John F. Philippians, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

Comentário de Colossenses e Filemom

GARLAND, David E. Colossians, Philemon, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

HARRISON, Everett F. Colossians, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

LUCAS, R.C. The Message of Colossians and Philemon, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

WALL, Robert W. Colossians and Philemon, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

WRIGHT, N.T. Colossians and Philemon, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Comentário de 1 e 2 Tessalonicenses

DEMAREST, Gary T. 1, 2 Thessalonians; 1, 2 Timothy; Titus, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

MORRIS, Leon. 1 and 2 Thessalonians, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

RYRIE, Charles R. 1 and 2 Thessalonians, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

STOTT, John R.W. The Message of 1 and 2 Thessalonians, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

VINE, W.E. *Vine's Expository Commentary on 1 and 2 Thessalonians*. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

Comentário de 1 e 2 Timóteo, Tito

GUTHRIE, Donald. The Pastoral Epistles, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

HIEBERT, D. Edmond. 2 Timothy, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

----- Titus and Philemon, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

STOCK, Eugene. *Practical Truths from the Pastoral Epistles*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

STOTT, John R.W. The Message of 2 Timothy, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

TOWNER, Philip H. 1,2 Timothy and Titus, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

Comentário de Hebreus

BROWN, Raymond. The Message of Hebrews, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

DE HANN, M.R. *Studies in Hebrews*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

EVANS, Louis H. Jr. Hebrews, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

GUTHRIE, Donald. Hebrews, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

HODGES, Zane C. Hebrews, in: *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*. Colorado Springs: Cook Communications, 1994.

PLIEIFER, Charles. Hebrews, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

STEDMAN, Ray C. Hebrews, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

VALENTINE, Foy. Hebrews, 1, 2 Peter, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

Comentário de Tiago

CEDAR, Paul A. James, 1,2 Peter, Jude, in: OGILVIE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

DOERKSCN, Vernon. James, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

HODGES, Zane C. The Epistle of James: Proven Character Through Testing, in: *The Grace New Testament Commentary Series*. Dallas: Redencion Viva Publishers, 1987.

MOO, Douglas. James, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

MOTYER, J.A. The Message of James, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

NYSTROM, David P. James, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

STULAC, George M. James, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

Comentário de 1 Pedro

- BARBIERI, Louis. 1 and 2 Peter, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- CLOWNEY, Edmund. The Message of 1 Peter, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.
- GRUDEM, Wayne. 1 Peter, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.
- MARSHALL, I. Howard. 1 Peter, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.
- MCKNIGHT, Scot. 1 Peter, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

Comentário de 2 Pedro e Judas

- CODER, S. Maxwell. Jude: Acts of the Apostles, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- GREEN, Michael. 2 Peter and Jude, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.
- LUCAS, David, and GREEN, Christopher. The Message of 2 Peter and Jude, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.
- MOO, Douglas J. 2 Peter, Jude, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

Comentário de 1, 2 e 3 João

- BURDICK, Donald. Epistles of John, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.
- BURGE, Gary M. The Letters of John, in: *The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

JACKMAN, David. The Message of John's Letters, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

HODGES, Zane C. 1, 2, and 3 John, in: *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*. Colorado Springs: Cook Communications, 1994.

HOWARD, Fred D. 1 John-Revelation, in: *Layman's Bible Book Commentary*. Nashville: Broadman, 1995.

PALMER, Earl F. 1, 2, 3 John, Revelation, in: OGILOVE, Lloyd J. (ed). *The Communicator's Commentary*. Dallas: Word Publishing, 1991.

STOTT, John R.W. The Letters of John, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

THOMPSON, Marianne M. 1-3 John, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

Comentário de Apocalipse

GREGG, Steven, ed. *Revelation: Four Views*. Nashville: Thomas Nelson, 1994.

IRONSIDE, Henry A. *Revelation*. Grand Rapids: Loizeaux Brothers, 1997.

MICHAELS, J. Ramsey. Revelation, in: BRISCOE, D. Stuart, and ROBINSON, Haddon (eds). *IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1992.

MORRIS, Leon. Revelation, in: MORRIS, Leon (ed). *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

RYRIE, Charles R. Revelation, in: *Everyman's Bible Commentary Series*. Chicago: Moody Press, 1995.

SEISS, Joseph A. *The Apocalypse: Exposition of the Book of Revelation*. Grand Rapids: Kregel, 1995.

WILCOCK, Michael. The Message of Revelation, in: MOTYER, J.A., and STOTT, John R.W. (eds). *The Bible Speaks Today Series*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

O Novo COMENTÁRIO BÍBLICO NOVO TESTAMENTO com recursos adicionais

O *Novo Comentário Bíblico Novo Testamento com recursos adicionais* foge ao padrão convencional, pois foi desenvolvido para os leitores de todos os níveis, tanto os leigos que querem enriquecer seus conhecimentos bíblicos e culturais, como estudantes da Bíblia, professores de escola dominical, pastores e líderes eclesiásticos.

Como resultado de pesquisas confiáveis e consistentes de mais de 40 renomados estudiosos da Bíblia, este comentário contém um estudo conciso da Bíblia, com considerações importantes sobre cada versículo, os personagens principais das histórias narradas, questões e temas relevantes, atuais e contextualizados. Tudo isto escrito em linguagem clara e direta. É a Palavra de Deus ao alcance de todos!

Recursos:

- Apresentação e esboço de cada livro da Bíblia.
- Mais de 500 notas comentando cada versículo ou grupos de versículos.
- Mais de 400 boxes, com estudos extras sobre a origem e o significado de palavras-chave em hebraico ou grego; cronologia; informações teológicas e históricas; princípios espirituais aplicáveis à vida cristã; tabelas e quadros relacionando personagens bíblicos, eventos narrados e fatores culturais; estudos sobre personalidade e caráter dos protagonistas bíblicos.
- Mais de 20 mapas das rotas percorridas na antiguidade pelos personagens bíblicos.
- Um artigo introdutório sobre o *Período Intertestamentário*.
- Um apêndice com artigos relevantes sobre a *arqueologia bíblica* e a *história da Igreja*.
- Uma vasta bibliografia para estudos.



Pedidos: (21) 2187-7000
www.editoracentralgospel.com

ISBN 857689142-5



9 788576 891420